O Visconde de Bragelonne

Le Vicomte de Bragelonne (1947)

Alexandre
DUMAS

Saraiva

Alexandre Dumas

O Visconde de Bragelonne

PUBLICADO EM 6 VOLUMES

Título do original francês: LE VICOMTE DE BRAGELONNE

Primeira publicação: 1847

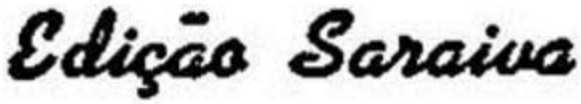
Ilustrações - NICO ROSSO e J.A. BEAUCÉ

Tradução e notas de OCTAVIO MENDES CAJADO

1963

A propriedade literária desta tradução, realizada na íntegra do texto original francês, foi adquirida por

SARAIVA S. A. LIVREIROS EDITORES — SÃO PAULO

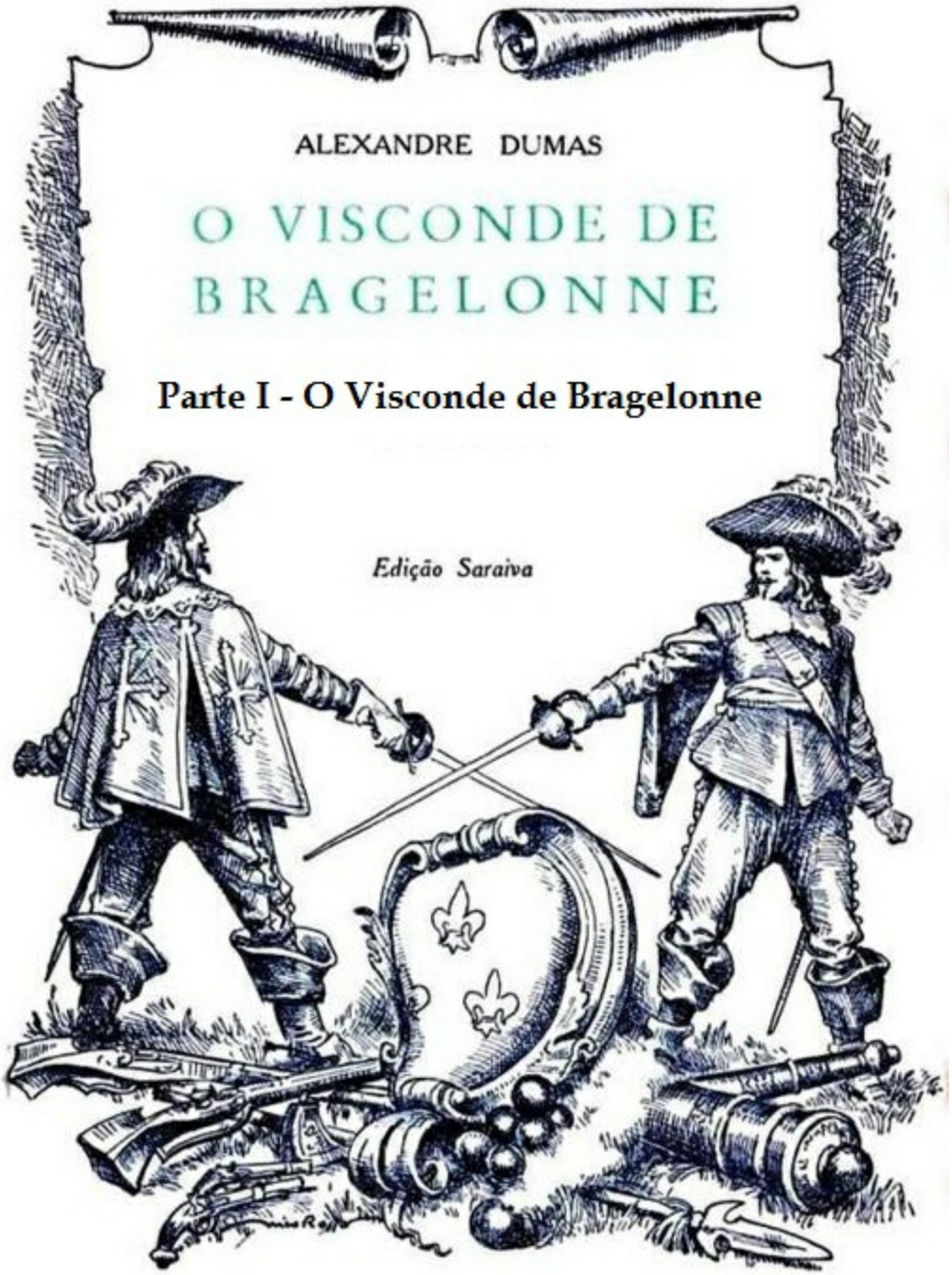


LE VICOMTE

DE

BRAGELONNE.

Parte I - O Visconde de Bragelonne
Parte II - Dez Anos Depois
Parte III - Luísa de La Vallière
Parte IV - O Homem da Máscara de Ferro


ALEXANDRE DUMAS
O VISCONDE DE BRAGELONNE
Parte I - O Visconde de Bragelonne
Edição Saraiva

Capítulo I - A carta

EM meados do mês de maio do ano de 1660, às nove horas da manhã, quando o sol, já quente, secava os goiveiros do castelo de Blois, pequena cavalgata, composta de três homens e dois pajens, tornava a entrar pela ponte da cidade sem produzir outro efeito sobre os que passeavam ao longo do cais que um primeiro movimento da mão à cabeça para saudar, e um segundo movimento da língua para exprimir esta idéia no mais puro francês que se fala em França:

— Eis Monsieur que volta da caça. E mais nada.

Entretanto, ao passo que os cavalos subiam o aclive que do rio conduz ao castelo, vários caixeiros de lojas se avizinharam do último cavalo, que trazia, pendurados no arção da sela, diversos pássaros presos pelo bico.

A essa vista, manifestaram os curiosos com rústica franqueza o seu desdém de tão magra presa, e após dissertarem sobre as desvantagens da caça ao vôo, tornaram às suas ocupações. Só um curioso, um rapaz gorducho, bochechudo e alegre, perguntou por que cargas d'água Monsieur, que podia divertir-se tanto, mercê de seus pingues rendimentos, se contentava de tão chôcha distração.

— Então, não sabes — responderam-lhe — que o principal divertimento de Monsieur é entediar-se?

O rapaz deu jovialmente de ombros, como quem diz:

— Nesse caso, prefiro ser João pançudo a ser príncipe. Entrementes, Monsieur continuava o seu caminho com ar tão melancólico e majestoso ao mesmo tempo, que teria por certo provocado a admiração dos espectadores, se os tivesse; mas os burgueses de Blois não perdoavam a Monsieur o ter escolhido a sua alegre cidade para nela aborrecer-se à vontade; e toda vez que avistavam o augusto enfastiado esquivavam-se bocejando ou retiravam a cabeça da janela, para fugir à soporífica influência daquele rosto pálido e comprido, daqueles olhos encovados e daquele porte langoroso. De sorte que o digno príncipe tinha a quase certeza de encontrar as ruas desertas sempre que nelas se arriscava.

Ora, isso constituía da parte dos habitantes de Blois criminosa irreverência, pois Monsieur, depois do rei, e talvez até antes do rei, era o fidalgo mais importante do reino. Com efeito, Deus que concedera a Luís XIV, então reinante, a aventura de ser filho de Luís XIII, concedera a Monsieur a honra de ser filho de Henrique IV. Por conseguinte não era, ou pelo menos não devia ser, pequeno motivo de orgulho para a cidade de Blois a preferência que lhe dera Gastão de Orléans, instalando a sua corte no antigo castelo dos Estados.

Mas era o destino desse grande príncipe despertar mediocremente, onde quer que se encontrasse, a atenção do público e a sua admiração. E, com o hábito, acabara Monsieur acostumando-se a isso Talvez fosse essa a razão de seu ar de tranqüilo fastio. Andara ocupadíssimo a vida inteira. Não podemos deixar que cortem a cabeça de uma dúzia de nossos melhores amigos sem que isso nos cause algum aborrecimento. Ora, como após o advento do Sr. Mazarino não se cortara a cabeça de ninguém, Monsieur já não tinha o que fazer e disto se lhe ressentia o moral.

A existência do pobre príncipe era, portanto, muito triste. Após a breve caçada matutina às margens do Beuvron ou nos bosques de Chiverny, Monsieur atravessava o Rio Loire, ia almoçar em Chambord com ou sem apetite, e a cidade de Blois não ouvia mais falar, até à caçada seguinte, de seu soberano e senhor.

Isso no tocante ao tédio *extramuros;* quanto ao tédio dentro de casa, daremos dele uma idéia ao leitor que acompanhar conosco a cavalgata e subir ao pórtico majestoso do castelo dos Estados.

Monsieur montava um cavalinho passeiro, arreado com sela grande de veludo vermelho de Flandres, e estribos em forma de borzeguins; o cavalo era arruivasiado; o gibão de Monsieur, feito de veludo carmesim, confundia-se com a capa do mesmo tom, com os arreios do cavalo e somente por esse conjunto avermelhado se podia reconhecer o príncipe entre os dois companheiros, que vestiam de roxo e de verde, respectivamente. O da esquerda, vestido de roxo, era o escudeiro; o da direita, vestido de verde, era o monteiro-mor.

Um dos pajens trazia dois gerifaltes num poleiro, o outro um corno de caça, no qual soprou, indiferente, a vinte passos do castelo. Tudo o que rodeava o príncipe indolente fazia com indolência o que tinha de fazer.

A esse sinal, oito guardas, que passeavam ao sol no pátio quadrado, foram buscar correndo as alabardas, e Monsieur fez a sua entrada solene no castelo.

Quando ele desapareceu sob as profundezas do pórtico, três ou quatro mandriões, que tinham subido da praça ao castelo atrás da cavalgata, mostrando uns aos outros os pássaros abatidos, dispersaram-se, tecendo também os comentários sobre o que acabavam de ver; depois, quando se foram, a rua, a praça e o pátio ficaram desertos.

Monsieur apeou sem dizer uma palavra, passou aos seus aposentos, onde um criado grave lhe trocou a roupa, e como Madame ainda não tivesse mandado anunciar o almoço, refestelou-se num canapé e dormiu com tão boa vontade como se fossem onze horas da noite.

Compreendendo que o seu serviço daquele dia terminara, os oito guardas se deitaram em bancos de pedra, ao sol; os palafreneiros desapareceram com os cavalos nas cocheiras e afora umas avezinhas que se espantavam umas às outras, com os chilros agudos, nas moitas de goiveiros, dir-se-ia que tudo no castelo estivesse dormindo como monsenhor.

De repente, no meio do silêncio tão doce, ouviu-se uma gargalhada nervosa, estridente, que levou alguns alabardeiros mergulhados no sono a abrirem um olho.

O frouxo de riso partia de uma janela do castelo, visitada naquele instante pelo sol, que a incluía num desses grandes ângulos desenhados antes do meio-dia, nos pátios, pelos perfis das chaminés.

Enfeitavam o balcãozinho de ferro cinzelado, contíguo à janela, um vaso de goivos encarnados, outro de primaveras, e uma roseira têmpora, cuja folhagem, de um verde magnífico, entremostrava diversas palhetas vermelhas, que anunciavam rosas.

No quarto iluminado pela janela via-se uma mesa quadrada, revestida de um pano antigo, em que se estampavam florões de Harlem; no centro da mesa um jarro de louça, de gargalo comprido, no qual mergulhavam lírios e açucenas; em cada ponta da mesa, uma menina.

Era singular a atitude das duas crianças: dir-se-iam duas pensionistas fugidas do convento. Uma, com os cotovelos apoiados sobre a mesa, uma pena na mão, estava escrevendo numa folha de papel de Holanda; a outra, de joelhos sobre uma cadeira, o que lhe permitia altear a cabeça e o busto por cima do espaltar e até sobre a mesa, via a companheira escrever. Daí mil gritinhos, mil gracejos, mil casquinadas, uma das quais, mais estridente do que as outras, espantara os passarinhos dos goiveiros e perturbara o sono dos guardas de Monsieur.

Já que estamos nos retratos, esperamos que nos perdoem os dois últimos deste capítulo.

A que se apoiara sobre a cadeira, isto é, a barulhenta, a folgazona, era uma linda rapariga de seus dezenove ou vinte anos, trigueira, de cabelo castanho, deslumbrante, pelos olhos acesos debaixo das sobrancelhas vigorosamente traçadas, e sobretudo pelos dentes, que rebrilhavam como pérolas sob os lábios de sangrento coral.

Cada um de seus movimentos parecia o resultado do jogo de um mimo; ela não vivia, cabriolava.

A outra, a que estava escrevendo, considerava a turbulenta companheira com olhos azuis, límpidos e puros como o céu daquele dia. O cabelo, de um loiro acinzentado, anelado com admirável bom gosto, caía-lhe em cachos sedosos sobre as faces nacaradas; passeava sobre o papel a mão fina, mas cuja magreza lhe traía a extrema juventude.

A cada cascalhada da amiga, erguia, como agastada, os ombros muito alvos, de forma poética e suave, mas a que faltava o luxo de vigor e de contornos que se lhe desejariam ver nos braços e nas mãos.

— Montalais! Montalais! — disse ela, afinal, com voz doce e cariciosa como um canto — ris muito alto, ris como um homem; não só chamarás a atenção dos senhores guardas, mas também não ouvirás o sino de Madame, quando Madame chamar.

Sem parar de rir e de gesticular, a jovem a que chamavam Montalais respondeu:

— Luísa, não dizes o que pensas, minha cara; sabes que os senhores guardas, como lhes chamas, já começam a dormir e nem o canhão poderia despertá-los; sabes que o sino de Madame se ouve desde a ponte de Blois e que, portanto, o ouvirei quando o serviço me chamar para junto de Madame. O que te arrelia é que rio quando escreves; o que receias é que a Sra. de Saint-Remy, tua mãe, suba até aqui, como acontece às vezes quando rimos demais; não queres que ela nos surpreenda e veja essa enorme folha de papel em que, há mais de um quarto de hora, só escreveste duas palavras: *Sr. Raul*. Ora, tens razão, minha querida Luísa, porque depois dessas palavras, Sr. Raul, podemos escrever tantas outras, tão significativas e tão incendiárias, que a Sra. de Saint-Remy, tua querida mãe, teria o direito de expedir fogo e chamas. Hein, não é isso mesmo?

E Montalais redobrava as risadas e provocações turbulentas.

A loira menina agastou-se de uma vez; rasgou o papel em que as palavras *Sr. Raul,* com efeito, tinham sido escritas com bonita letra e, amarrotando os pedaços com os dedos trêmulos, atirou-os pela janela.

— Pronto! — acudiu a Srta. de Montalais — o nosso cordeirinho, o nosso Menino Jesus, a nossa pomba se enfadou!... Não tenhas medo, Luísa; a Sra. de Saint-Remy não virá, e ainda que viesse, sabes que tenho os ouvidos aguçados. Além disso, nada mais natural do que escrever a um velho amigo de doze anos, mormente quando se começa a carta por estas palavras: *Sr. Raul*.

— Está bem, não escreverei — disse a menina.

— Ah! agora sim, Montalais está bem castigada! — exclamou, rindo sempre, a morena galhofeira.

— Vamos, vamos, outra folha de papel e terminemos depressa o nosso correio. Bom! o sino está tocando! Pois tanto pior! Madame esperará ou dispensará hoje cedo a sua primeira aia!

De fato, um sino tocava, anunciando que Madame acabara de vestir-se e esperava Monsieur, que lhe dava a mão para passarem do salão ao refeitório.

Executada com grande cerimônia essa formalidade, os dois esposos almoçavam e separavam-se até a hora do jantar, invariavelmente marcado para as duas da tarde.

O som do sino fez que se abrisse na copa, situada à esquerda do pátio, uma porta pela qual desfilaram dois mordomos, seguidos de oito moços da cozinha, que carregavam uma padiola cheia de iguarias cobertas de redomas de prata.

Um dos mordomos, que parecia o mais importante, tocou silenciosamente com a varinha um dos guardas que roncava sobre um banco; levou até a sua bondade a enfiar nas mãos desse homem, bêbedo de sono, a alabarda encostada no muro, perto dele; depois, sem pedir a menor explicação, o soldado escoltou ao refeitório a *vianda* de Monsieur, precedida de um pajem e dos dois mordomos.

Por onde quer que passasse a *vianda,* as sentinelas apresentavam armas.

A Srta. de Montalais e sua companheira tinham acompanhado da janela todos os pormenores do cerimonial, a que entretanto, já deviam estar acostumadas. Mas o caso é que olhavam com tanta curiosidade para ter ainda maior certeza de que não seriam incomodadas. E assim que passaram os bichos da cozinha, guardas, pajens e mordomos, voltaram a sentar-se à mesa, e o sol, que, no quadro da janela, alumiara por instantes os dois rostos encantadores, tornou a alumiar apenas os goivos, as primaveras e a roseira.

— Não faz mal! — disse Montalais, tornando ao seu lugar. — Madame almoçará sem mim.

— Oh! Montalais, serás punida — acudiu a companheira, sentando-se no seu.

— Punida? Ah! sim, quer dizer, ficarei sem passeio; pois é precisamente o que eu quero! Sair naquele coche enorme, empoleirada numa portinhola; virar à esquerda, virar à direita, por caminhos cheios de carris, em que a gente leva duas horas para andar uma légua; depois voltar direito para a ala do castelo em que está a janela de Maria de Medleis para que Madame possa dizer, invariavelmente: "Ninguém seria capaz de imaginar que foi por aí que fugiu a Rainha Maria!...

Quarenta e sete pés de altura!... A mãe, os dois príncipes e as três princesas!" Se isso é divertido, Luísa, quero ser punida todos os dias, mormente quando a punição consiste em ficar contigo e escrever cartas tão interessantes como as que escrevemos.

— Montalais! Montalais! temos obrigações que cumprir.

— Falas à vontade, meu coração, tu que vives livre no meio desta corte. És a única que recolhe as vantagens sem ter os encargos dela, tu que és mais aia de Madame do que eu mesma, pois recebes por tabela o afeto de Madame a teu padrasto; de sorte que entras nesta triste casa como os passarinhos nesta torre, respirando o ar, beijando as flores, mordiscando as sementes, sem ter o mínimo serviço que fazer, sem a menor maçada que suportar. Tu me falas em obrigações!

Pois sim, minha bela preguiçosa, e quais são as tuas, se não escrever ao belo Raul? E assim mesmo, como não lhe escreves, parece-me que também te descuidas um pouco das tuas obrigações.

Luísa reassumiu o ar sério, apoiou o queixo sobre a mão e, em tom cheio de candura:

— Censuras o meu bem-estar — disse ela. — Tens coragem? Tu, que tens um futuro, que pertences à corte; o rei, se casar, chamará Monsieur para junto de si; verás festas esplêndidas, verás o rei, que dizem tão belo, tão encantador.

— E verei Raul, que está junto do senhor príncipe — acrescentou, maliciosa, Montalais.

— Pobre Raul! — suspirou Luísa.

— Eis o momento de escrever-lhe, minha cara; vamos, recomecemos aquele célebre *Sr. Raul,* que brilhava no alto da página rasgada.

E, estendendo-lhe a pena, com encantador sorriso, apertou-lhe a mão, que logo traçou as palavras citadas.

— E agora? — perguntou a mais moça das duas.

— Agora, escreve o que pensas, Luísa — respondeu Montalais.

— Tens absoluta certeza de que penso alguma coisa?

— Pensas em alguém, o que dá no mesmo, ou antes, o que é muito pior.

— Achas, Montalais?

— Luísa, Luísa, os teus olhos azuis são profundos como o mar que vi em Bolonha no ano passado.

Não, engano-me, o mar é pérfido, os teus olhos são profundos como o firmamento que brilha lá em cima, sobre as nossas cabeças.

— Vou terminar, Montalais.

— Pois seja! Visto que lês tão bem nos meus olhos, dize-me o que penso, Montalais.

— Primeiro, não pensas no *Sr. Raul;* pensas no *Meu caro Raul.*

— Oh!

— Não cores por tão pouco. *Meu caro Raul,* dizíamos nós, vós me suplicais que vos escreva para Paris, onde vos retém o serviço do senhor príncipe. É preciso que vos enfastieis supinamente aí para buscardes distrações na lembrança de uma provinciana...

Ergueu-se Luísa de repente.

— Não, Montalais — disse ela, a sorrir — não, não penso nada disso. Eis o que penso.

E tomando, afoita, da pena, escreveu com mão firme as palavras seguintes:

> *"Eu me teria sentido extremamente infeliz se as vossas instâncias para obter de mim uma lembrança tivessem sido menos veementes. Tudo aqui me fala de nossos primeiros anos, que passaram tão depressa e tão docemente fugiram, que outros jamais conseguirão substituir-lhes o encanto em meu coração".*

Montalais, que observava o deslizar da pena, e lia à proporção que escrevia a amiga, interrompeu-a batendo palmas.

— Ainda bem! — disse ela — isso é franqueza, isso é coração, isso é estilo! Mostra a esses parisienses, minha cara, que Blois é a cidade em que melhor se fala a nossa língua.

— Ele sabe que para mim — respondeu a menina — Blois foi o paraíso.

— Era o que eu queria dizer, e falas como um anjo.

— Vou terminar, Montalais. — E de fato, continuou: — "Dizeis que pensais em mim, Sr. Raul; eu vos agradeço; mas isso não me pode surpreender, a mim que sei quantas vezes bateram juntos os nossos corações".

— Oh! oh! — sobreveio Montalais — toma cuidado, meu cordeiro, espalhas a tua lã e há muito lobo por aí.

Luísa ia responder quando se ouviu o galope de um cavalo sob o pórtico do castelo.

— Que é isso? — perguntou Montalais acercando-se da janela. — Que belo cavaleiro, sim, senhor!

— Oh! Raul! — exclamou Luísa, que fizera o mesmo movimento e, empalidecendo muito, foi cair palpitante ao pé da carta inacabada.

— Palavra que ainda não vi namorado mais hábil nem mais oportuno! — acudiu Montalais.

— Afasta-te, afasta-te, eu te suplico! — murmurou Luísa.

— Ora! ele não me conhece; deixa-me ver o que vem fazer aqui.

Capítulo II - O mensageiro

TINHA razão a Srta. de Montalais: o jovem cavaleiro era de encher o olho. Rapaz de vinte e quatro a vinte e cinco anos, alto, robusto, levava graciosamente sobre os ombros o encantador uniforme militar do tempo. As grandes botas afuniladas encerravam um pé de que não coraria a Srta. de Montalais se se disfarçasse de homem.

Com uma das mãos finas e nervosas sofreou o cavalo no meio do pátio e com a outra ergueu o chapéu de longas plumas, que lhe sombreava a fisionomia grave e ingênua ao mesmo tempo.

Ao estrépito do animal, os guardas acordaram e ergueram-se em pé.

O jovem deixou que um deles se aproximasse e, inclinando-se, com voz clara e precisa perfeitamente ouvida da janela em que se escondiam as duas meninas:

— Um mensageiro para Sua Alteza — disse ele.

— Ah! ah! — exclamou o guarda; — oficial, um mensageiro! Mas o bravo soldado sabia muito bem que não surgia nenhum oficial, visto que o único que poderia surgir morava nos fundos do castelo, num apartamentozinho que dava para o jardim. Daí que se apressasse em ajuntar:

— Meu fidalgo, o oficial está de ronda, mas, em sua ausência, mandaremos avisar o mordomo, o Sr. de Saint-Remy.

— O Sr. de Saint-Remy! — repetiu, enrubescendo, o cavaleiro.

— Vós o conheceis?

— Sim, sim... Avisai-o, por favor para que a minha visita seja anunciada o quanto antes a Sua Alteza.

— Parece que o negócio é urgente — atalhou o guarda, como se falasse consigo mesmo, mas na esperança de obter uma resposta.

O mensageiro fez um sinal afirmativo.

— Nesse caso — voltou o guarda — eu mesmo vou procurar o mordomo.

Entrementes, o rapaz apeou e ao passo que os outros soldados observavam, curiosos, cada movimento do belo cavalo, o soldado regressou dizendo:

— Perdão, meu fidalgo, mas o vosso nome, por favor?

— O Visconde de Bragelonne, da parte de Sua Alteza o Sr. Príncipe de Conde.

Fez o soldado profunda reverência, e como se o nome do vencedor de Rocroi e de Lens lhe desse asas, subiu rapidamente a escada para chegar às antecâmaras.

O Sr. de Bragelonne não tivera tempo sequer de amarrar o cavalo às grades de ferro do pátio, quando surgiu, sem fôlego, o Sr. de Saint-Remy, segurando o ventre enorme com uma das mãos enquanto fendia o ar com a outra como fende as águas o pescador manejando o remo.

— Ah! senhor visconde, estais em Blois! — exclamou. — Que maravilha! Bom-dia, Sr. Raul, bom-dia!

— Mil respeitos, Sr. de Saint-Remy.

— Como a Sra. de La Valli... quero dizer, como a Sra. de Saint-Remy, ficará contente em ver-vos! Mas vinde. Sua Alteza Real está almoçando; será preciso interrompê-lo? É coisa grave?

— Sim e não, Sr. de Saint-Remy. Contudo, um instante de atraso poderia acarretar alguns dissabores a Sua Alteza Real.

— Se assim é, transgridamos a ordem, senhor visconde. Vinde. Aliás, Monsieur está hoje de excelente humor. E, além disso, vós nos trazeis notícias, não é verdade?

— Grandes notícias, Sr. de Saint-Remy.
— Boas?
— Excelentes.
— Então vinde depressa, depressa! — exclamou o mordomo, que se compunha enquanto caminhava.
Raul seguiu-o com o chapéu na mão e um pouco assustado com o ruído solene que faziam as suas esporas sobre o soalho das salas imensas.
Tanto que desapareceu no interior do palácio, repovoou-se a janela do pátio e um cochichar animado traiu a comoção das duas meninas; não tardaram em tomar uma resolução, pois uma das figuras sumiu da janela: era a cabeça morena; a outra quedou atrás do balcão, escondida debaixo das flores, considerando atentamente, por entre as folhas, a escada pela qual entrara no palácio o Sr. de Bragelonne.
Entretanto, o objeto de tamanha curiosidade continuava seu caminho seguindo as pegadas do mordomo. Um ruído de passos apressados, uma fragrância de vinhos e de carnes, um tinido de cristais e de pratos lhe anunciaram o termo do percurso.
Reunidos na copa que precedia o refeitório, pajens, lacaios e oficiais acolheram o recém-chegado com a proverbial polidez da região; alguns conheciam Raul, quase todos o sabiam vindo de Paris. Poderia dizer-se que a sua chegada suspendeu, por instantes, o serviço.
O fato é que um pajem, que enchia o copo de Sua Alteza, ouvindo esporas no aposento vizinho, voltou-se como uma criança, sem perceber que continuava a deitar o líquido, não mais no copo do príncipe, mas na toalha.
Madame, que não estava tão preocupada quanto o seu glorioso esposo, observou a distração do pajem.
— E então? — disse ela.
— E então? — repetiu Monsieur — que aconteceu?
O Sr. de Saint-Remy, que enfiara a cabeça pela porta, aproveitou a ocasião.
— Por que me interrompem? — perguntou Gastão, transferindo para o seu prato belíssima posta de um dos maiores salmões que já subiram o Loire para se deixarem pescar entre Paimboeuf e Saint-Nazaire.
— Chegou um mensageiro de Paris. Oh! mas isso pode ficar para depois do almoço de monsenhor; temos tempo.
— De Paris! — exclamou o príncipe, deixando cair o garfo. — Dissestes um mensageiro de Paris? Da parte de quem?
— Da parte do senhor príncipe — apressou-se em dizer o mordomo.
Sabe-se que era assim chamado o Sr. de Conde.
— Um mensageiro do senhor príncipe? — tornou Gastão com um desassossego que não escapou a nenhum dos circunstantes e que, portanto, redobrou a curiosidade geral.
Monsieur cuidou-se talvez de novo no tempo das bem-aventuradas conspirações, quando o ruído das portas lhe produzia emoções, quando cada carta podia encerrar um segredo de Estado, quando toda mensagem servia a uma intriga sombria e complicadíssima. E o grande nome do senhor príncipe quiçá ressoasse também sob as abóbadas de Blois com as proporções de um abantesma.
Monsieur empurrou o prato.
— Faço esperar o enviado? — perguntou o Sr. de Saint-Remy. Um olhar de Madame animou Gastão, que replicou:
— Não, fazei-o entrar incontinenti; a propósito, quem é?

— Um fidalgo das redondezas, o Sr. Visconde de Bragelonne.
— Ah! sim, muito bem!... Trazei-o, Saint-Remy, trazei-o.
E depois de haver pronunciado essas palavras com a costumeira gravidade, Monsieur considerou de certo modo as pessoas de seu serviço, todas as quais, pajens, oficiais e escudeiros, largaram o guardanapo, a faca, o copo, e executaram, na direção do aposento contíguo, uma retirada tão rápida quão desordenada.
O pequeno exército separou-se em duas filas quando, precedido do Sr. de Saint-Remy, Raul de Bragelonne entrou no refeitório.
O breve momento de solidão em que o deixara a retirada havia permitido a monsenhor assumir uma atitude diplomática. Não se voltou, e esperou que o mordomo conduzisse à sua frente o mensageiro.
Raul estacou à altura da extremidade inferior da mesa, de modo que se colocou entre Monsieur e Madame. Daí fez a Monsieur rasgada cortesia e outra, humílima, a Madame. Em seguida, endireitou-se e esperou que Monsieur lhe dirigisse a palavra.
O príncipe, de seu lado, esperava que as portas fossem hermeticamente fechadas; não queria voltar-se para certificar-se disso, que seria descer da sua dignidade, mas era todo ouvidos ao ruído da fechadura, que lhe prometia, ao menos, uma aparência de sigilo.
Fechada a porta, Monsieur ergueu os olhos para o Visconde de Bragelonne e disse-lhe:
— Parece que chegais de Paris, senhor?
— Nesse instante, monsenhor.
— Como está passando o rei?
— Sua Majestade goza de perfeita saúde, monsenhor.
— E minha cunhada?
— Sua Majestade, a rainha-mãe, continua a sofrer do peito. Mas faz um mês que melhorou.
— Disseram-me que vínheis da parte do senhor príncipe. Foi engano, não foi?
— Não, monsenhor: o senhor príncipe encarregou-me de entregar a Vossa Alteza Real esta carta, cuja resposta esperarei.
Raul sentira-se um tanto comovido com a fria e meticulosa acolhida e a voz, insensivelmente, baixara-lhe de tom.
O príncipe esqueceu-se de que era ele a causa do mistério e voltou a sentir medo.
Recebeu com um olhar de espanto a carta do Príncipe de Conde, abriu-a como quem abre um embrulho suspeito, e, a fim de lê-la sem que ninguém pudesse observar o efeito por ela produzido em sua fisionomia, voltou-se.
Madame seguia com ansiedade quase igual à do marido cada uma das suas manobras.
Impassível, e já mais desacanhado pela atenção dos donos da casa, examinava Raul do seu lugar, através da janela aberta, os jardins e as estátuas que os povoavam.
— Ah! sim, senhor — exclamou de súbito Monsieur com um sorriso radiante — eis uma agradável surpresa e uma carta encantadora do senhor príncipe! Vede, senhora.
O tamanho da mesa não permitia que o braço do príncipe atingisse a mão da princesa; Raul deu-se pressa em servir-lhes de intermediário; fê-lo com uma graça que encantou a princesa e que lhe valeu um lisonjeiro agradecimento.
— Conheceis o conteúdo desta carta, sem dúvida? — perguntou Gastão a Raul.
— Conheço, monsenhor: o senhor príncipe me dera primeiro o recado verbalmente; depois Sua Alteza refletiu e tomou da pena.
— A letra é bonita — disse Madame — mas não posso ler.

— Fareis o obséquio de ler para Madame, Sr. de Bragelonne? — disse o duque.
— Lede, por favor.
Raul encetou a leitura, a que Monsieur tornou a emprestar toda a atenção.
A carta dizia deste teor:

> *"Monsenhor,*
> *"El-rei parte para a fronteira;*
> *"Vossa Alteza já terá sabido que vai concluir-se o casamento de Sua Majestade; el-rei fez-me a honra de nomear-me quartel-mestre para a viagem, e como sei da grande satisfação que teria Sua Majestade em passar um dia em Blois, atrevo-me a pedir a Vossa Alteza Real que me permita designar para tanto o seu castelo.*
> *"Se, porém, o imprevisto do pedido vier a causar a Vossa Alteza Real algum embaraço, suplico-lhe que me mande dizê-lo por intermédio do mensageiro que lhe envio, um de meus fidalgos, o Sr. Visconde de Bragelonne.*
> *"O meu itinerário dependerá da resolução de Vossa Alteza Real e, em vez de passar por Blois, indicarei Vendôme ou Romorantin. Ouso esperar que Vossa Alteza Real tome à boa parte o meu pedido, expressão do meu devotamento sem limites e do meu desejo de lhe ser agradável".*

— Não há nada mais lisonjeiro para nós — disse Madame, que consultara várias vezes, durante a leitura, os olhos do marido. — O rei aqui! — exclamou em tom porventura um pouco alto para que o segredo continuasse guardado.
— Senhor — disse por sua vez Sua Alteza, tomando a palavra — agradecereis ao Sr. Príncipe de Conde e lhe expressarei todo o meu reconhecimento pelo prazer que me proporciona.
Inclinou-se Raul.
— Em que dia chega Sua Majestade? — continuou o príncipe.
— El-rei, monsenhor, muito provavelmente, chegará esta noite.
— Mas como, então, ficariam sabendo da minha resposta se ela fosse negativa?
— Eu deveria, monsenhor, voltar a toda a pressa a Beaugency para dar contra-ordem ao correio, que, por sua vez, voltaria de rota batida para dar contra-ordem ao senhor príncipe.
— Quer dizer que Sua Majestade está em Orléans?
— Mais perto, monsenhor: Sua Majestade deve ter chegado a Meung neste momento.
— Acompanhado pela corte?
— Sim, monsenhor.
— A propósito, eu me esquecia de pedir-lhe notícias do senhor cardeal.
— Sua Eminência parece gozar de boa saúde, monsenhor.
— As sobrinhas acompanham-no, sem dúvida?
— Não, Monsenhor; Sua Eminência ordenou às Srtas. de Mancini que partissem para Brouage. Elas seguem a margem esquerda do Loire enquanto a corte vem pela margem direita.
— Como! A Srta. Maria de Mancini também vai deixar a corte? — perguntou Monsieur, cuja reserva começava a entibiar-se.
— Sobretudo a Srta. Maria de Mancini — respondeu discretamente Raul.
Fugitivo sorriso, vestígio imperceptível do velho espírito de intrigas sediciosas, iluminou as faces pálidas do príncipe.
— Obrigado, Sr. de Bragelonne — disse então Monsieur; — talvez vos recuseis a transmitir ao

senhor príncipe o recado que eu quisera confiar-vos, a saber, que o seu mensageiro me foi muito agradável; mas eu lho direi pessoalmente.

Raul inclinou-se para agradecer a Monsieur a honra que lhe fazia.

Monsieur fez um sinal a Madame, que premiu uma campainha colocada à sua direita.

Imediatamente entrou o Sr. de Saint-Remy e a sala se encheu de gente.

— Senhores — anunciou o príncipe — Sua Majestade faz-me a honra de vir passar um dia em Blois; espero que o rei, meu sobrinho, não tenha motivos para arrepender-se do favor que faz à minha casa.

— Viva o rei! — exclamaram com frenético entusiasmo os oficiais de serviço, secundados pelo Sr. de Saint-Remy.

Gastão abaixou a cabeça com sombria tristeza; durante toda a vida tivera de ouvir, ou melhor, de sofrer o grito de: Viva o rei! que passava por cima dele. Havia muito tempo que, não o ouvindo mais, os seus ouvidos descansavam; mas eis que uma realeza mais jovem, mais vivaz, mais brilhante, surgia diante dele como nova e mais dolorosa provocação.

Madame compreendeu os sofrimentos daquele coração tímido e suspeitoso; levantou-se da mesa; Monsieur imitou-a maquinalmente e todos os servidores, com um zunido de colmeia, rodearam Raul para interrogá-lo.

Madame viu o movimento e chamou o Sr. de Saint-Remy.

— Não é hora de papaguear, mas de trabalhar — disse ela no tom de uma ama de chaves que se agasta.

O Sr. de Saint-Remy apressou-se em romper o círculo de oficiais formado em torno de Raul, de sorte que este pôde chegar à antecâmara.

— Espero que o fidalgo seja bem tratado — disse Madame dirigindo-se ao Sr. de Saint-Remy.

O bom homem disparou no encalço de Raul.

— Madame encarregou-se de restaurar-vos as forças — disse ele; — além disso, há no castelo um aposento para vós.

— Obrigado, Sr. de Saint-Remy — respondeu Bragelonne — mas sabeis quanto anseio por apresentar os meus respeitos ao senhor conde meu pai.

— É verdade, é verdade, Sr. Raul, e eu vos suplico que lhe apresenteis os meus cumprimentos mais humildes.

Livrou-se Raul do velho fidalgo e continuou o seu caminho. Ao passar debaixo do pórtico, segurando o cavalo pelas rédeas, uma vozinha chamou-o do fundo de escuro corredor.

— Sr. Raul! — disse a voz.

Voltou-se o rapaz, surpreso, e viu uma rapariga morena, que apoiava um dedo nos lábios e lhe estendia a mão. Essa menina era-lhe inteiramente desconhecida.

Capítulo III - A entrevista

RAUL deu um passo na direção da jovem que assim o chamava.

— E o meu cavalo, senhora? — perguntou.

— Que grande dificuldade! Saí; há uma cocheira no primeiro pátio; amarrai o cavalo e vinde depressa.

— Obedeço, senhora.

Raul não levou quatro minutos para fazer o que lhe tinham recomendado; voltou à portazinha, onde, no escuro, encontrou a misteriosa condutora que o esperava nos primeiros degraus de uma escada em espiral.

— Tendes coragem para seguir-me, senhor cavaleiro errante? — perguntou a menina rindo-se do instante de hesitação que tivera Raul.

Este respondeu atirando-se-lhe empós pela escada acima. Subiram assim três andares, ele atrás dela, roçando com as mãos, quando procurava a balaustrada, um vestido de seda que roçava nas duas paredes da escada. A cada passo em falso de Raul, a condutora lhe gritava um *psiu!* severo e lhe estendia a mão doce e perfumada.

— Eu seria capaz de subir assim até ao torreão do castelo sem me cansar — disse Raul.

— Isso significa, senhor, que estais muito intrigado, muito cansado e muito inquieto; mas tranqüilizai-vos, que já chegamos.

A menina empurrou uma porta que, imediatamente, sem nenhuma transição, inundou de claridade o patamar da escada em que surgira Raul segurando o corrimão.

A menina continuava a caminhar, ele a seguiu; ela entrou num quarto, ele entrou com ela.

Tanto que caiu no laço, ouviu um grito, voltou-se, e viu, a dois passos de si, com as mãos juntas e os olhos cerrados, a formosa rapariga loira, de olhos azuis e ombros muito brancos, que, reconhecendo-o, lhe chamara Raul.

Viu e adivinhou tanto amor, tanta felicidade na expressão de seus olhos, que se deixou cair de joelhos no meio do quarto, murmurando de seu lado o nome de Luísa.

— Ah! Montalais! Montalais! — suspirou ela — é um pecado muito feio enganar os outros assim.

— Eu! Acaso te enganei?

— Sim, disseste que ias descer para saber das novidades e fazes subir este senhor.

— Era preciso. De que outra maneira receberia ele a carta que lhe escrevias?

E mostrava com o dedo a carta sobre a mesa.

Raul deu um passo a fim de apanhá-la; mais rápida, embora se houvesse movido com uma clássica hesitação assaz notável, Luísa estendeu a mão para contê-lo.

Raul encontrou, portanto, a mão trêmula e quente; tomou-as nas suas, e aproximou-a tão respeitosamente dos lábios que nela depôs antes um sopro que um beijo.

Nesse em meio, a Srta. de Montalais pegara na carta, dobrara-a com cuidado, como fazem mulheres, três vezes, e escondera-a no seio.

— Não tenhas medo, Luísa — disse ela; — este senhor não virá buscá-la aqui, da mesma forma que o finado Rei Luís XIII não tirava os bilhetes do corpinho da Srta. de Hautefort.

Corou Raul vendo o sorriso das duas meninas, e não notou que a mão de Luísa ficara entre as suas.

— Pronto! — disse Montalais — tu me perdoaste, Luísa, por haver trazido este senhor; vós, senhor, já não me quereis mal por me terdes seguido para ver esta senhorita. Por conseguinte, feitas

as pazes, conversemos como velhos amigos. Apresenta-me, Luísa, ao Sr. de Bragelonne.

— Senhor visconde — disse Luísa com graciosa seriedade e cândido sorriso — tenho a honra de apresentar-vos a Srta. Aura de Montalais, aia de Sua Alteza Madame, e, além disso, minha amiga, minha excelente amiga.

Raul cumprimentou cerimoniosamente.

— E eu, Luísa — disse ele — não me apresentais também à senhorita?

— Oh! ela vos conhecei ela sabe de tudo!

A ingenuidade da frase provocou uma risada de Montalais e um suspiro de felicidade de Raul, que a interpretara assim: *Ela sabe de todo o nosso amor*.

— Cumpriram-se as civilidades, senhor visconde — acudiu Montalais; — aqui está uma cadeira; dizei-me agora, bem depressa, a notícia que nos trouxestes com tanto açodamento.

— Já não-se trata de um segredo, senhorita. A caminho de Poitiers, el-rei pára em Blois a fim de visitar Sua Alteza Real.

— El-rei aqui! — bradou Montalais, batendo palmas; — vamos ver a corte! Já pensaste nisso, Luísa? A verdadeira corte de Paris? Oh! meu Deus! E quando, senhor?

— Talvez esta noite, senhorita; o mais tardar amanhã. Motalais esboçou um gesto de contrariedade.

— Não temos tempo de arrumar-nos! Não temos tempo de preparar um vestido! Estamos aqui atrasadas como polacas! Pareceremos retratos do tempo de Henrique IV... Ah! senhor, que má notícia nos trazeis!

— Sereis sempre belas, senhoritas.

— Isso não tem graça!... seremos sempre belas, sim, porque a natureza nos fez passáveis; mas seremos ridículas, porque a moda nos terá esquecido... Ai! ridícula! ver-me-ão ridícula, a mim?

— Quem? — perguntou ingenuamente Luísa.

— Quem? És esquisita, minha cara!... Isso é pergunta que se faça? Refiro-me a toda a gente, aos cortesãos, aos senhores, ao rei.

— Perdão, minha boa amiga, mas como aqui toda a gente se habituou a ver-nos como somos...

— De acordo; mas isso vai mudar, e pareceremos ridículas até para os de Blois; pois ao nosso lado verão as modas de Paris e compreenderão que ainda seguimos a moda de Blois! É de desesperar!

— Consolai-vos, senhorita.

— É isso mesmo! e os que não me acharem a seu gosto, que se danem! — retrucou filosoficamente Montalais.

— Terão de ser muito exigentes — tornou Raul, fiel ao seu método de galanteria sistemática.

— Obrigada, senhor visconde. Dizíamos, portanto, que o rei vem a Blois?

— Com toda a corte.

— E as Srtas. de Mancini também?

— Elas, precisamente, não.

— Como, se dizem que o rei não pode passar sem a Srta. Maria?

— Pois terá de passar, senhorita. Assim o quer o senhor cardeal. Mandou as sobrinhas para Brouage.

— Ele? Que hipócrita!

— Psiu! — interveio Luísa, colocando o dedo sobre os lábios vermelhos.

— Ora! ninguém pode ouvir-me. Digo que o velho Mazarino Mazarini é um hipócrita que morre por fazer da sobrinha rainha de França.

— Não, não, senhorita, visto que o senhor cardeal, pelo contrário, faz casar Sua Majestade com a Infanta Maria Teresa.

Montalais fitou os olhos em Raul e disse-lhe:

— Acreditais nessas histórias, vós, os parisienses? Pois nós, em Blois, já somos mais espertos.

— Senhorita, se o rei ultrapassa Poitiers e parte para a Espanha, se os artigos do contrato de casamento já foram concertados entre D. Luís de Haro e Sua Eminência, haveis de compreender que não se trata mais de brincadeira de crianças.

— Homessa! Mas o rei é o rei, imagino eu?

— Sem dúvida, senhorita, mas o cardeal é o cardeal.

— E o rei, então, não é homem? Já deixou de amar Maria de Mancini?

— Ele a adora.

— Pois então casará com ela; teremos guerra com a Espanha; o Sr. Mazarino gastará alguns dos milhões que pôs de lado; os nossos fidalgos farão proezas contra os valentes castelhanos, e muitos não voltarão coroados de louros, para que os coroemos de mirta. Eis como entendo a política.

— Montalais, tu és uma louquinha — disse Luísa — e toda exageração te atrai, como o fogo atrai as borboletas.

— Luísa, és tão sensata que nunca serás capaz de amar.

— Oh! — exclamou Luísa com terno reproche. — Procura compreender, Montalais! A rainha-mãe deseja casar o filho com a infanta; queres que o rei desobedeça à mãe? Será de um coração real como o dele dar mau exemplo? Quando os pais proíbem o amor, expulsemos o amor!

E Luísa suspirou; Raul, contrafeito, abaixou os olhos. Montalais pôs-se a rir.

— Pois eu não tenho pais — disse ela.

— Tendes, sem dúvida, notícias da saúde do Sr. Conde de La Fère — disse Luísa depois desse suspiro, que revelara tantos sofrimentos em sua eloqüente expansão.

— Não, senhorita — redarguiu Raul — ainda não fui visitar meu pai; mas eu ia à casa dele, quando a Srta. de Montalais teve a bondade de interromper-me; espero que o senhor conde esteja passando bem. Não ouvistes nada de desagradável, não é verdade?

— Nada, Sr. Raul, nada, graças a Deus!

Seguiu-se um silêncio, durante o qual duas almas que seguiam a mesma idéia se entenderam perfeitamente, mesmo sem a assistência de um único olhar.

— Ah! meu Deus! — exclamou de repente Montalais — vem vindo gente!...

— Quem será? — perguntou Luísa erguendo-se, inquieta.

— Senhoritas, eu vos constranjo; fui, sem dúvida, muito indiscreto — balbuciou Raul, inteiramente sem jeito.

— É um passo pesado — disse Luísa.

— Ah! Se for apenas o Sr. Malicorne — retorquiu Montalais — não nos incomodemos.

Entreolharam-se Luísa e Raul como a perguntarem quem' diabo seria o Sr. Malicorne.

— Não vos inquieteis — prosseguiu Montalais — ele não é ciumento.

— Mas, senhorita... — acudiu Raul.

— Compreendo... Pois bem! Ele é tão discreto quanto eu.

— Meu Deus! — exclamou Luísa, que encostara o ouvido à porta semicerrada — reconheço o passo de minha mãe!

— A Sra. de Saint-Remy! Onde me esconderei? — perguntou Raul, puxando o vestido de Montalais, que parecia ter perdido momentaneamente a cabeça.

— Sim — disse ela — reconheço também os patins que estalam. É a nossa excelente mãe!...

Senhor visconde, é pena que a janela dê para uma calçada a cinqüenta pés de altura.

Raul considerou o balcão com o semblante transtornado. Luísa segurou-lhe o braço e o reteve.

— Ora essa! Estarei ficando louca? — disse Montalais. — Tenho o meu armário de vestidos de cerimônia, que parece feito especialmente para isso.

Já não era sem tempo, visto que a Sra. de Saint-Remy subia mais depressa que de costume; chegou ao patamar no momento em que Montalais, como nas cenas de surpresa, fechava o armário apoiando o corpo na porta.

— Ah! — exclamou a Sra. de Saint-Remy — estás aqui, Luísa?

— Estou, sim, senhora — respondeu a interpelada, mais pálida do que estivesse convicta de um grande crime.

— Bom, bom!

— Sentai-vos, senhora — disse Montalais, oferecendo uma poltrona à Sra. de Saint-Remy, e colocando-a de modo que ela ficasse de costas para o armário.

— Obrigada, Srta. Aura, obrigada; vem depressa, minha filha, vamos.

— Aonde quereis que eu vá, senhora?

— Para casa, homessa! Precisamos arrumar o teu vestido.

— Como? — atalhou Montalais, preparando-se para simular surpresa, tanto receava que Luísa cometesse alguma tolice.

— Não sabeis a notícia? — perguntou a Sra. de Saint-Remy.

— Que notícia, senhora, quereis que saibam duas raparigas neste pombal?

— Como!... Não vistes ninguém?

— Senhora, falais por enigmas e nos fazeis morrer a fogo lento! — bradou Montalais, que, assustando-se ao ver Luísa cada vez mais pálida, não sabia de que santo socorrer-se.

Afinal, surpreendeu um olhar da companheira, um desses olhares que dariam inteligência a um muro. Luísa indicava à amiga o chapéu, o malfadado chapéu de Raul, que se pavoneava sobre a mesa.

Montalais atirou-se a ele e, postando-se na frente, apanhou-o com a mão direita, passou por trás para a esquerda e assim o escondeu, sem parar de falar.

— Pois bem! — disse a Sra. de Saint-Remy — chegou-nos um correio para anunciar a próxima vinda do rei. Portanto, senhoritas, a enfeitar-vos!

— Depressa! depressa! — exclamou Montalais — segue tua mãe, Luisa, e deixa-me ajustar o meu vestido de cerimônia.

Levantou-se Luísa, a mãe segurou-a pela mão e a conduziu ao patamar.

— Vem — disse ela. E em voz baixa:

— Já te proibi de frequentares Montalais; por que vens aqui?

— É minha amiga, senhora. De mais a mais eu estava chegando.

— Ela não escondeu ninguém em tua presença?

— Senhora!

— Pois eu te digo que vi um chapéu de homem: o daquele patife, daquele vadio!

— Senhora! — exclamou Luísa.

— Daquele vagabundo de Malicorne! Uma aia freqüentar assim... que horror!

E as vozes se perderam nas profundezas da escadazinha.

Montalais não perdera uma palavra do diálogo, que o eco lhe retransmitira como por um funil.

Deu de ombros, e, vendo Raul que deixara o esconderijo e também ouvira:

— Pobre Montalais! — disse ela — vítima da amizade! Pobre Malicorne!... vítima do amor!

Deteve-se ao ver a expressão tragicómica de Raul, que se maldizia por haver surpreendido tantos

segredos num dia só.

— Oh! senhorita — disse ele — como poderei agradecer-vos tanta bondade?

— Um dia acertaremos nossas contas — ripostou ela; — por enquanto, sebo nas canelas, Sr. de Bragelonne, pois a Sra. de Saint-Remy não é indulgente e qualquer indiscrição de sua parte poderia trazer aqui uma visita domiciliária desagradável para todos nós. Adeus!

— Mas Luísa... como saber?...

— Ide! Ide! O Rei Luís XI sabia muito bem o que fazia quando inventou o correio.

— Ai de mim! — suspirou Raul.

— E acaso não estou aqui, em que valho por todos os correios do reino? A cavalo, depressa! e se a Sra. de Saint-Remy tornar a subir para me pregar moral, não vos encontre mais aqui.

— Ela contaria a meu pai, não é verdade? — murmurou Raul.

— E levaríeis um pito! Ah! visconde, bem se vê que vindes da corte: sois medroso como o rei. Peste! em Blois não fazemos tanto caso do consentimento do papai! Perguntai a Malicorne.

E, dizendo essas palavras, a estouvada rapariga fez sair Raul empurrando-o pelos ombros; este se esgueirou ao longo do pórtico, encontrou o cavalo, montou-o e partiu como se lhe fossem na alheta os oito guardas de Monsieur.

Capítulo IV - Pai e filho

RAUL seguiu a estrada tão conhecida, tão grata à sua memória, que ia de Blois à casa do Conde de La Fère.

O leitor nos dispensará nova descrição da residência. Já penetrou conosco em outro tempo; conhece-a. Só que depois da última viagem que ali fizemos, os muros haviam assumido coloração mais cinzenta e os tijolos tons de cobre mais harmoniosos; as árvores tinham crescido, e aquelas que antanho estendiam os ramos enfezados por cima das sebes, agora, arredondadas, ramalhudas, luxuriantes, atiravam ao longe, com os galhos intumescidos de seiva, a sombra espessa das flores e dos frutos para o passante.

Raul avistou de longe o teto pontudo, as duas torrinhas, o pombal entre os olmeiros e os bandos de pombos que volteavam sem cessar, sem poder deixá-lo jamais, em torno do cone de tijolos, como as suaves lembranças volteiam à roda de uma alma serena.

Quando se aproximou, ouviu o ruído das polias que rangiam sob o peso dos sólidos baldes; figurou-se-lhe ouvir também o melancólico gemido da água que recai no poço, ruído triste, fúnebre, solene, que impressiona o ouvido da criança e do poeta, a que os ingleses chamam *splass,* os poetas árabes *gasgachau,* e que nós, que bem gostaríamos de ser poetas, só podemos traduzir por uma perífrase: *O barulho da água que cai na água.*

Fazia mais de um ano que Raul não visitava o pai.

Passara todo esse tempo junto do senhor príncipe.

Com efeito, depois das, comoções da Fronda, cujo primeiro período tentamos reproduzir outrora, Luís de Conde reconciliara-se com a corte, pública, solene e francamente. Durante o tempo da ruptura entre o senhor príncipe e o rei, o primeiro, que se afeiçoara havia muito a Bragelonne, debalde lhe oferecera todas as vantagens capazes de deslumbrar um rapaz. Mas, sempre fiel aos seus princípios de lealdade e realeza, expostos um dia diante do filho entre os túmulos de Saint-Denis, o Conde de La Fère, em nome do filho, recusara sempre. Mas, em lugar de seguir o Sr. de Conde em sua rebelião, seguira o visconde o Sr. de Turenne, que combatia pelo rei. Depois, quando o Sr. de Turenne, por sua vez, parecera desamparar a causa real, deixara o Sr. de Turenne como havia deixado o Sr. de Conde. E como nem Turenne nem Conde conseguiram vencer um ao outro senão quando pelejavam sob as bandeiras de França, resultara dessa norma invariável de proceder que Raul, embora ainda muito jovem, já tivesse dez vitórias inscritas em sua folha de serviços e nenhuma derrota que a bravura ou a consciência lhe pudessem reprochar.

Portanto, consoante os desejos do pai, servira Raul teimosa e passivamente a fortuna do Rei Luís XIV, a despeito de todas as tergiversações endêmicas e, pode dizer-se, inevitáveis na época.

Voltando às boas graças do rei, o Sr. de Conde tudo empregara, e primeiro que tudo o seu privilégio de anistia, para pedir de novo muitas coisas que lhe tinham sido concedidas, e, entre elas, Raul. Incontinenti o Sr. de La Fère, com o seu invariável bom senso, tornara a mandar Raul ao Príncipe de Conde.

Um ano, pois, decorrera desde a última separação entre pai e filho; algumas cartas haviam suavizado, mas não curado, as agruras da ausência. Vimos que Raul deixara em Blois outro amor além do amor filial.

Mas cumpre que lhe façamos justiça: não fossem o acaso e a Srta. de Montalais, dois demônios tentadores, transmitida a mensagem, teria Raul demandado a galope à casa paterna, virando a cabeça

sem dúvida, mas sem parar um instante, ainda que visse Luísa a estender-lhe os braços.

Daí que a primeira parte do trajeto consagrasse Raul às saudades do passado que acabava de deixar tão depressa, isto é, à namorada e a outra metade, ao amigo que ia encontrar, porém muito vagarosamente para o seu gosto.

Achando aberta a porta do jardim, atirou o cavalo pela alameda, sem atentar para a furiosa gesticulação de um velho colérico, que vestia roupa de ponto de meia, cor de violeta, e trazia na cabeça enorme e surrado gorro de veludo.

O velho, que mondava com os dedos um canteiro de roseiras anãs e margaridas, indignava-se de ver um cavalo correr assim pelas alamedas saibradas e limpas.

Chegou a arriscar um vigoroso *hum!* que fez voltar-se o cavaleiro. Verificou-se então uma mudança de cena; pois assim que viu o rosto de Raul, ergueu-se o velho e abriu a correr na direção da casa com grunhidos interrompidos que pareciam ser nele o paroxismo de louca alegria.

Raul chegou às cocheiras, entregou o cavalo a um lacaiozinho e galgou os degraus da escada com um ardor que teria deleitado profundamente o coração do pai.

Atravessou a antecâmara, a sala de jantar e o salão sem encontrar ninguém; por fim, chegando à porta do Sr. Conde de La Fère, bateu com impaciência e entrou quase sem esperar a ordem:

Entrai! que lhe deu uma voz grave e doce ao mesmo tempo.

Estava o conde sentado diante de uma mesa coberta de papéis e de livros: era ainda o mesmo nobre e belo fidalgo de outrora, embora o tempo lhe houvesse emprestado à nobreza e à beleza um caráter mais solene e mais distinto. Testa branca e lisa sob os longos cabelos mais brancos do que negros, olhar penetrante e suave sombreado por cílios de rapaz, bigode fino e apenas grisalho, emoldurando os lábios de traçado puro e delicado, como se nunca os tivesse crispado paixões mortais; corpo direito e flexível, mão irreprochável, mas emaciada, tal era ainda o preclaro fidalgo, que, sob o nome de Athos, fora elogiado por tantas bocas ilustres.

Entretinha-se, naquele momento, em corrigir as páginas de um caderno manuscrito, inteiramente redigido com a sua letra.

Raul agarrou o pai pelos ombros, pelo pescoço, como pôde, e beijou-o tão terna e tão rapidamente que o conde não teve forças nem tempo para livrar-se nem para disfarçar a comoção paterna.

— Tu aqui, tu aqui, Raul! — disse ele. — Será possível?

— Oh, senhor, senhor, que alegria em rever-vos!

— Não me respondeste, visconde. Obtiveste uma licença para estar em Blois, ou sucedeu alguma desgraça em Paris?

— Graças a Deus, senhor — replicou Raul, acalmando-se a pouco e pouco — só sucederam coisas boas; casa-se el-rei, como tive a honra de comunicar-vos na minha última carta, e parte para a Espanha. Sua Majestade passará por Blois.

— Para visitar Monsieur?

— Sim, senhor conde. Por isso mesmo, receando apanhá-lo de surpresa, ou desejando ser-lhe particularmente agradável, o senhor príncipe mandou-me na frente para preparar os alojamentos.

— Viste Monsieur? — perguntou vivamente o conde.

— Tive essa honra.

— No castelo?

— Sim, senhor — respondeu Raul abaixando os olhos, porque, sem dúvida, percebera na pergunta do conde algo mais que simples curiosidade.

— Ah! sim, visconde?... Pois eu te cumprimento.

Raul inclinou-se.

— Mas viste mais alguém em Blois.
— Senhor, vi Sua Alteza Real Madame.
— Muito bem. Não é de Madame que falo. Raul corou extremamente e não respondeu.
— Parece que não me entendeis, senhor visconde? — insistiu o Sr. de La Fère sem acentuar a pergunta, mas acentuando a expressão um pouco mais severa do olhar.
— Compreendo-vos perfeitamente, senhor — replicou Raul — e se preparo a resposta, não o faço para procurar uma mentira, bem o sabeis.
— Sei que não mentes nunca. Por isso mesmo espanta-me que leves tanto tempo para dizer: sim ou não.
— Só posso responder depois de haver-vos compreendido bem, e se bem vos compreendi, tomareis à má parte as minhas primeiras palavras. Desagrada-vos, sem dúvida, senhor conde, que eu tenha visto...
— A Srta. de La Vallière, não é?
— É dela que quereis falar, eu sei, senhor conde — tornou Raul com inexprimível doçura.
— E eu pergunto se a viste.
— Senhor, eu ignorava completamente, ao entrar no castelo, que lá estivesse a Srta. de La Vallière; foi somente ao voltar-me, concluída a minha missão, que o acaso nos pôs em presença um do outro. Tive a honra de apresentar-lhe os meus respeitos.
— E como se chama o acaso que te reuniu à Srta. de La Vallière?
— A Srta. de Montalais, senhor.
— Quem é a Srta. de Montalais?
— Uma senhorita que eu não conhecia, que nunca vi. Aia de Madame.
— Visconde, não levarei mais longe o interrogatório, que já lamento haver prolongado. Eu te havia recomendado que evitasses a Srta. de La Vallière e só a visses com minha autorização. Sei que me falaste a verdade e que não deste um passo para te aproximares dela. O acaso atrapalhou-me; não te acuso. Limitar-me-ei, portanto, a repetir o que já te disse a respeito dessa senhorita. Não lhe censuro nada, e Deus é testemunha disso; mas não está nos meus planos que lhe freqüentes a casa. Peço-te ainda uma vez, meu caro Raul, que o tenhas por entendido.
Dir-se-ia que o olhar tão límpido e puro de Raul se turvasse a essas palavras.
— Agora, meu amigo — continuou o conde com o sorriso doce e a voz costumeira — falemos de outra coisa. Voltarás, talvez, ao teu serviço?
— Não, senhor, posso ficar hoje o dia todo ao pé de vós. O senhor príncipe, felizmente, só me deu essa incumbência, tão de acordo, aliás, com os meus desejos.
— El-rei está passando bem?
— Às mil maravilhas.
— E o senhor príncipe também?
— Como sempre, senhor.
O conde esquecia Mazarino: era um velho hábito.
— Pois bem, Raul, já que és todo meu, dar-te-ei também o meu dia. Abraça-me... outra vez... outra vez... Estás em casa, visconde... Ah! eis o nosso velho Grimaud!... Vem, Grimaud, o senhor visconde quer abraçar-te também.

« Venez, Grimaud, M. le comte veut vous embrasser aussi. »

O velho alto não se fez de rogado; correu para o rapaz com os braços abertos. Raul poupou-lhe metade do caminho.

— Agora, queres passar ao jardim, Raul? Mostrar-te-ei o novo alojamento que mandei preparar para habitares durante as tuas licenças e, enquanto examinas as plantações deste inverno e os dois cavalos que troquei, dar-me-ás notícias dos amigos de Paris.

Fechou o conde o manuscrito, pegou no braço do rapaz e passou com ele ao jardim.

Melancólico, viu Grimaud afastar-se Raul, cuja cabeça roçava quase a padieira da porta, e, enquanto alisava a pêra branca, deixou escapar esta palavra profunda;

— Crescido!

Capítulo V - Em que se falará de Cropoli, de Cropole e de um grande pintor desconhecido

ENQUANTO o Conde de La Fère visita com Raul as novas construções que mandara erguer e os cavalos novos que mandara comprar, os leitores nos permitirão que os levemos de volta à cidade de Blois e os façamos assistir ao desusado movimento que agitava a cidade.

Era sobretudo nas hospedarias que mais se sentia a repercussão da notícia que trouxera Raul.

Com efeito, o rei e a corte em Blois, isto é, cem cavaleiros, dez carruagens, duzentos cavalos, um número de lacaios igual ao dos amos, onde se albergaria toda aquela gente, onde se alojariam todos os fidalgos das redondezas, que chegariam talvez dentro de duas ou três horas, assim que se propalasse a notícia, à maneira das circunferências crescentes que produz a queda de uma pedra na água de um lago tranqüilo?

Tão sossegada de manhã, como vimos, quanto o lago mais calmo do mundo, convertera-se Blois num centro de tumultos e agitações ao anúncio da visita real.

Todos os lacaios do castelo, sob a inspeção dos oficiais, iam à cidade buscar provisões, e dez correios a cavalo galopavam na direção das reservas de Chambord em busca de caça, dos pesqueiros do Beuvron à procura de peixe e das serras de Chaverny à cata de flores e de frutas.

Tiravam-se dos armários preciosas tapeçarias, lustres de correntes douradas; um exército de pobres varria os pátios e lavava as calçadas de pedra, ao passo que as mulheres vasculhavam os prados do outro lado do Loire para colher juncadas de verdura e flores silvestres. Toda a cidade, para não ficar atrás desse luxo de asseio, empavesava-se também com grandes reforços de escovas, vassouras e água.

Engrossados por essas lavagens contínuas, os riachos da cidade alta se mudavam em rios na cidade baixa, e as ruas, por vezes muito sujas, limpavam-se, cumpre dizê-lo, abrilhantando-se aos raios amigos do sol.

Em suma, preparavam-se músicas, esvaziavam-se gavetas; compravam-se nas lojas velas, fitas e laços para espadas; as donas de casa faziam provisões de pão, carnes e especiarias. Grande número de burgueses, que haviam abastecido as suas casas como se devessem sustentar um assédio, não tendo mais que fazer, já se adomingavam e dirigiam para a porta da cidade a fim de serem os primeiros a avistar ou a ver o cortejo. Sabiam muito bem que el-rei só chegaria à noite, talvez até na manhã seguinte. Mas que é a espera senão uma espécie de loucura, e que é a loucura senão um excesso de esperança?

Na cidade baixa, a uns cem passos, quando muito, do castelo dos Estados, entre a praça e o castelo, numa rua muito bonita que então se chamava Rua Velha, erguia-se venerável edifício, de empena esguia, formato sólido e largo, ornado de três janelas que davam para a rua no primeiro pavimento, duas no segundo e uma vigiazinha no terceiro.

Dos lados desse triângulo construíra-se recentemente um paralelogramo vastíssimo, que, sem nenhuma cerimônia, se projetava sobre a rua, consoante os usos familiares da edilidade do tempo. Com isso perdia a rua um quarto de largura, mas alargava-se a casa quase o dobro; não será, acaso, compensação suficiente?

Queria a tradição que essa casa tivesse sido habitada, no tempo de Henrique III, por um conselheiro de Estado que a Rainha Catarina fora, segundo uns, visitar e, segundo outros, esganar.

Fosse como fosse, a boa senhora deve ter posto um pé circunspecto no limiar do edifício.

Depois do conselheiro, morto por estrangulamento ou naturalmente, tanto faz, a casa fora vendida,

logo abandonada, por fim insulada das outras casas da rua. Só em meados do reinado de Luís XIII, um italiano chamado Cropoli, escapo das cozinhas do Marechal d'Ancre, fora estabelecer-se na casa, onde instalara um alberguezinho em que se fabricava um macarrão tão requintado que de muitas léguas em redor vinha gente comprá-lo ou comê-lo.

Ilustrara a casa o fato de ter a Rainha Maria de Médicis, prisioneira, como se sabe, no castelo dos Estados; mandado buscar um dia o célebre macarrão.

Fora precisamente na ocasião em que fugira pela tal janela. O prato de macarrão continuara sobre a mesa, apenas tocado pela boca real.

Desse duplo favor feito à casa triangular, de um estrangulamento e de um prato de macarrão, acudira ao pobre Cropoli a idéia de dar à hospedaria um título pomposo. Mas o fato de ser italiano não era boa recomendação naquele tempo, e os seus parcos cabedais, cuidadosamente guardados, não lhe permitiam exibir-se muito.

Quando se viu na iminência de morrer, o que lhe sucedeu em 1643, após a morte do Rei Luís XIII, mandou chamar o filho, jovem bicho da cozinha de belíssimas esperanças, e, com lágrimas nos olhos, recomendou-lhe que guardasse muito bem o segredo do macarrão, afrancesasse o nome, casasse com uma francesa, e, afinal, quando se houvessem dissipado no horizonte politico as nuvens que o toldavam — já se usava naquela época essa figura de retórica empregadíssima hoje em dia na Câmara dos Deputados — mandasse construir pelo ferreiro vizinho uma bela tabuleta, na qual famoso pintor que ele indicou traçaria dos retratos da rainha com a seguinte legenda: "AOS MÉDICIS".

Feitas as recomendações, o bom Cropoli mal teve forças para indicar ao jovem sucessor uma lareira debaixo de cuja laje escondera mil luíses de dez francos, e expirou.

Homem de rija têmpera, Cropoli júnior suportou a perda com resignação e o ganho sem insolência.

Começou por acostumar o público a fazer soar tão pouco o final do seu nome que, ajudado pela condescendência geral, passou a chamar-se Sr. Cropole, nome absolutamente francês.

Depois casou, pois tinha em mãos uma francesinha pela qual se enrabichara e de cujos pais arrancou um dote razoável, mostrando-lhes o que havia debaixo da laje da chaminé.

Feito isso, pôs-se à procura do pintor que devia pintar-lhe a tabuleta.

Não demorou em achá-lo.

Era um velho italiano, emulo de Rafael e de Carrache, mas emulo infeliz. Dizia pertencer à escola veneziana, sem dúvida por gostar muitíssimo da cor. Suas obras, que nunca vendera, chamavam a atenção a cem passos de distância e desagradavam tão formidavelmente aos burgueses que ele acabou não fazendo mais nada.

Gabava-se de ter pintado uma sala de banhos para a Sra. Marechala d'Ancre e lamentava que a sala se houvesse queimado quando fora o desastre do Marechal.

Como compatriota, Cropoli era indulgente com Pittrino. Tal era o nome do artista. Talvez tivesse visto as célebres pinturas da sala de banhos. O fato é que lhe consagrava tamanha estima, tamanha amizade, até, que o recolheu em casa.

Cheio de reconhecimento e de macarrão, aprendeu Pittrino a propagar a reputação do prato nacional e, ao tempo do seu fundador, já prestara com a língua incansável relevantes serviços ao estabelecimento Cropoli.

Envelhecendo, afeiçoou-se ao filho como ao pai, e, a pouco e pouco, se converteu numa espécie de guardião da casa em que a sua integra probidade, reconhecida sobriedade, proverbial castidade e mil outras virtudes que fora ocioso enumerar, lhe deram lugar permanente ao pé do lar, com direito de inspeção sobre os criados. De mais a mais, era ele quem provava o macarrão, para manter o gosto

puro da tradição antiga; releva dizer que não perdoava nem um grãozinho de pimenta a mais, nem um átomo de parmesão a menos.

Enorme foi a sua alegria no dia em que, chamado a compartir do segredo de Cropole júnior, lhe confiaram a pintura da célebre tabuleta.

Viram-no revolver com ardor uma caixa velha, onde tornou a encontrar uns pincéis meio comidos de ratos, mas ainda passáveis, umas tintas em bexigas mais ou menos ressecadas, óleo de linhaça numa garrafa e uma paleta que pertencera, em outro tempo, ao Bronzinho, esse *diou de la pittoure,* como dizia, no seu entusiasmo sempre juvenil, o artista ultramontano.

Sentiu-se engrandecido pela alegria de uma reabilitação.

Fez como fizera Rafael, trocou de estilo e pintou à maneira de Albano duas deusas em lugar de duas rainhas. Essas damas ilustres se mostravam tão graciosas na tabuleta, ofereciam aos olhares espantados tão extraordinária mistura de lírios e de rosas, resultado encantador da mudança de estilo de Pittrino; assumiam posturas de sereias tão anacreônticas, que o primeiro vereador, quando pôde ver a obra-prima na sala de Cropole, declarou incontinente que as damas eram formosas demais e de um encanto exageradamente animado para figurarem numa tabuleta à vista dos transeuntes.

Sua Alteza Real Monsieur, explicou ele a Pittrino, que vem a miúdo à nossa cidade, não gostaria muito de ver a senhora sua mãe tão escassamente vestida, e mandaria ferrolhar-vos num calabouço do castelo, pois nem sempre tinha o coração mole o glorioso príncipe. Apagai portanto as duas sereias ou a legenda. Isso no vosso interesse, Mestre Cropole, e no vosso também, Sr. Pittrino.

Que responder a esses argumentos? Era preciso agradecer ao vereador a fineza e foi o que fez Cropole.

Pittrino, porém, mostrou-se taciturno e desiludido.

Sabia o que ia acontecer.

Tão depressa saiu o vereador, Cropole, cruzando os braços:

— Então, mestre — perguntou — que faremos?

— Tiraremos a legenda — redarguiu tristemente Pittrino. — Tenho aqui excelentes pós de marfim; é coisa de pouco, e substituiremos os Médicis por *Ninfas* ou *Sereias,* como quiserdes.

— Não — voltou Cropole — assim não ficaria satisfeita a vontade de meu pai. Meu pai fazia questão...

— Vosso pai fazia questão das figuras — atalhou Pittrino.

— Das legendas — emendou Cropole.

— A prova de que fazia questão das figuras que as encomendou parecidas, e elas o são — tornou Pittrino, — Sim, mas se não fossem, quem as teria reconhecido sem a legenda? Hoje mesmo, que a memória dos habitantes de Blois se oblitera um pouco em relação a essas pessoas célebres, quem reconheceria Catarina e Maria sem as palavras: *Aos Médicis?*

— E que será das minhas figuras? — perguntou Pittrino, desesperado, pois compreendia que Cropole júnior tinha razão. — Não quero perder o fruto de meu trabalho.

— E eu não quero que vos metam na cadeia e a mim num calabouço.

— Apaguemos a palavra Médicis — suplicou Pittrino.

— Não — retrucou, firme, Cropole. — Tenho uma idéia, uma idéia sublime... a vossa pintura aparecerá, e a minha legenda também... Médici não quer dizer médico em italiano?

— Quer, no plural.

— Encomendareis, portanto, nova tabuleta no ferreiro; nela pintareis seis médicos e escrevereis por baixo: *Aos Médicis*... Faremos, ainda por cima, um bom trocadilho.

— Seis médicos! Impossível! e a composição? — bradou Pittrino.

— Isso é convosco; mas há de ser assim porque eu quero e é preciso. O meu macarrão está queimando.

Ante o argumento peremptório, Pittrino obedeceu.

Compôs a tabuleta dos seis médicos com a legenda; o vereador a aplaudiu e autorizou.

A tabuleta fez tremendo sucesso na cidade. O que prova que a poesia nunca se deu bem com os burgueses, como disse Pittrino.

Para compensar o pintor, Cropole pendurou no quarto de dormir as ninfas da tabuleta anterior, que faziam corar a Sra. Cropole toda vez que esta as olhava ao despir-se.

Aí está como ganhou uma tabuleta a casa da empena esguia e aí está como, prosperando, a hospedaria dos *Médicis* foi obrigada a dilatar-se com o quadrilátero que já pintamos. Eis como havia em Blois uma estalagem com esse nome, que tinha por proprietário mestre Cropole e por pintor oficial mestre Pittrino.

Capítulo VI - O desconhecido

ASSIM fundada e recomendada pela tabuleta, a hospedaria de mestre Cropole caminhava para uma sólida prosperidade.

Cropole não tinha em mente amealhar vultosos cabedais, mas esperava duplicar os mil luíses de ouro legados pelo pai, obter outros mil com a venda da casa e do fundo de comércio e, livre afinal, viver feliz como um burguês da cidade.

Cropole gostava de dinheiro e por isso acolheu com delirante alegria a notícia da chegada do Rei Luís XIV.

Ele, a mulher, Pittrino e dois bichos da cozinha atiraram-se imediatamente a todos os habitantes do pombal, do galinheiro, das coelheiras, de modo que se ouviram nos pátios da hospedaria tantas lamentações e tantos gritos quantos em Rama se ouviram outrora.

Cropole, naquele momento, tinha um viajante apenas.

Era um homem de trinta anos, belo, alto, austero, ou melhor, melancólico em todos os gestos e olhares.

Vestia um fato de veludo preto com enfeites de azeviche; a gola branca, simples como a dos mais severos puritanos, ressaltava-lhe o tom mate e fino do pescoço jovem; um pequeno bigode loiro mal lhe sombreava os lábios frementes e desdenhosos.

Dirigia-se às pessoas olhando-as de frente, sem afetação, é verdade, mas sem escrúpulos; de forma que o brilho de seus olhos azuis se tornava tão insuportável que mais de um olhar se abaixava diante do seu, como sucede à espada mais fraca num combate singular.

Nesse tempo em que os homens, criados iguais por Deus, se dividiam, mercê dos preconceitos, em duas castas distintas, o fidalgo e o plebeu, como efetivamente se dividem em duas raças, a negra e a branca, nesse tempo, dizíamos, a pessoa cujo retrato acabamos de bosquejar não podia deixar de ser tomada por fidalgo, e da melhor raça. Bastava, para tanto, consultar-lhe as mãos, longas, afiladas e brancas, cujos músculos e veias lhe transpareciam debaixo da pele ao menor movimento, e cujas falanges ruborejavam à menor crispação.

O fidalgo chegara só à estalagem de Cropole.

Tomara sem hesitar, e até sem refletir, o apartamento mais importante, que o estalajadeiro lhe indicara com um propósito de cobiça muito condenável, dirão alguns, muito louvável, dirão outros, admitindo que Cropole, fisionomista, julgasse os outros à primeira vista.

O apartamento ocupava toda a parte da frente da velha casa triangular: um grande salão alumbrado por duas janelas no primeiro andar, um quartinho ao lado e outro em cima.

Ora, desde que chegara, mal tocara o fidalgo na refeição que lhe tinham servido no quarto. Dissera apenas duas palavras ao hospedeiro a fim de preveni-lo de que deveria chegar um viajante chamado Parry e recomendar-lhe que o deixasse subir.

Em seguida, mergulhara em tão profundo silêncio que Cropole se sentira quase ofendido, ele que gostava das pessoas dadas.

Finalmente, levantara-se bem cedo na manhã do dia em que começa esta história e pusera-se à janela da sala, sentado sobre a borda e encostado na balaustrada do balcão, examinando, teimosa e tristemente, os dois lados da rua, à espera, com certeza, da chegada do viajante que mencionara ao albergueiro.

Vira, desse modo, passar o cortejozinho de Monsieur que voltava da caça e voltara a saborear o

profundo sossego da cidade, absorto na sua espera.

A súbitas, o reboliço dos pobres a caminho dos campos, dos correios que partiam, dos lavadores de calçadas, dos fornecedores da casa real, dos caixeiros alvorotados e tagarelas, das carroças em movimento, dos cabeleireiros atarefados e dos pajens em atividade; o tumulto e o alarido o haviam surpreendido, mas sem lhe afetar a suprema e impassível majestade que empresta à águia e ao leão o olhar sereno e desdenhoso no meio dos berros e sapateados dos caçadores e curiosos.

Logo, os gritos das vítimas esganadas no galinheiro, os passos apressadíssimos da Sra. Cropole na escadazinha de madeira tão estreita e tão sonora, os gestos frenéticos de Pittrino, que, naquela manhã, estivera fumando à porta com a fleuma de um holandês, tudo isso deu ao viajante um princípio de surpresa e de alvoroço.

E já se erguia para informar-se quando se abriu a porta do quarto. Cuidou o desconhecido que lhe traziam, sem dúvida, o viajante tão impacientemente esperado.

Deu, portanto, com certa precipitação, três passos na direção da porta.

Mas em vez da figura que esperava, surgia-lhe pela frente mestre Cropole e, pouco depois, na penumbra da escada, o rosto assaz gracioso, mas trivializado pela curiosidade, da Sra. Cropole, que dirigiu uma olhadela furtiva ao belo fidalgo e desapareceu.

Adiantou-se Cropole com ar sorridente, gorro na mão, mais curvado que inclinado.

— Senhor — disse Cropole — eu vinha perguntar-vos como... devo dizer: Vossa Senhoria, ou senhor visconde, ou senhor marquês?...

— Dizei *senhor,* e dizei-o depressa — retrucou o desconhecido com o tom sobranceiro que não admite réplica nem discussão.

— Eu vinha, portanto, saber como passou a noite e se Vossa Senhoria tencionava ficar com este apartamento.

— Tenciono.

— Mas é que surgiu um incidente, senhor, com o qual não contávamos.

— Qual?

— Sua Majestade Luís XIV chega hoje à nossa cidade e aqui ficará um ou dois dias talvez.

Uma expressão de espanto profundo contraiu o rosto do desconhecido.

— O rei de França vem a Blois?

— Está a caminho, senhor.

— Nesse caso, mais uma razão para que eu fique — tornou o desconhecido.

— Muito bem; mas ficará com todo o apartamento?

— Não vos compreendo. Por que teria eu hoje menos do que tive ontem?

— Porque, ontem, permita-me dizê-lo, quando Vossa Senhoria escolheu os seus aposentos, eu não quis fixar um preço que o levasse a crer-me capaz, de prejulgar os seus recursos... ao passo que hoje...

O desconhecido ruborizou-se. Acudiu-lhe imediatamente a idéia de que o supunham pobre e de que o insultavam.

— Ao passo que hoje — volveu ele, friamente — prejulgais?

— Senhor, sou homem de bem, graças a Deus! e por mais hoteleiro que possa parecer, corre-me nas veias sangue fidalgo; meu pai era servidor e oficial do finado Sr. Marechal d'Ancre. Deus o tenha consigo!...

— Não vos contesto esse ponto; mas desejo saber, e saber depressa, qual o propósito de vossas perguntas.

— Vossa Senhoria, tão razoável, saberá compreender que a nossa cidade é pequena, que será

invadida pela Corte, que as casas regurgitarão de habitantes, e os aluguéis, por conseguinte, terão um valor considerável.

Tornou a corar o desconhecido.

— Proponde as vossas condições — disse ele.

— Faço-o com escrúpulo, senhor, porque tenho tão-somente em mira um lucro honesto e quero fazer negócio sem ser incivil ou grosseiro em meus desejos... Ora, o apartamento que Vossa Senhoria ocupa é considerável, e Vossa Senhoria está só...

— Isso é comigo.

— Sem dúvida alguma; nem o estou despejando.

O sangue acudiu às têmporas do desconhecido; atirou ao pobre Cropole, descendente de um oficial do Sr. Marechal d'Ancre, um olhar que o teria feito entrar debaixo da famosa laje da chaminé, se Cropole não estivesse parafusado no lugar pelos seus interesses.

— Quereis que eu parta? — disse ele; — explicai-vos, mas sede breve.

— Vossa Senhoria não me compreendeu. É muito delicada a minha posição; mas não me expresso bem, ou talvez, como Vossa Senhoria é estrangeiro, pois reconheço pelo sotaque...

Falava, de feito, o desconhecido com o leve rotacismo que é o principal característico da pronúncia inglesa, mesmo entre os homens dessa nação que falam melhor o francês.

— Como Vossa Senhoria é estrangeiro — continuou ele — talvez não tenha apanhado as gradações das minhas palavras. Quero dizer que Vossa Senhoria poderia deixar uma ou duas das três peças que ocupa, o que diminuiria sensivelmente o aluguel e me aliviaria a consciência; com efeito, é duro aumentar desarrazoadamente o preço dos quartos, quando temos a honra de fixar-lhes um preço razoável.

— Quanto é o aluguel desde ontem?

— Um luís, senhor, com a comida e o trato do cavalo.

— Bem. E o de hoje?

— Aí é que está a dificuldade. Hoje é o dia da chegada do rei; se a Corte vier dormir aqui, conta-se o dia todo. Disso resulta que três quartos de dois luíses cada um são seis luíses. Dois luíses, senhor, não é nada, mas seis luíses é muita coisa.

De rubro, o desconhecido se tornara lívido.

Tirou da algibeira, com heróica bravura, uma bolsa com armas bordadas, que escondeu, cuidadoso, na palma da mão. A bolsa era de uma magreza, de uma flacidez, de uma leveza que não escaparam aos olhos de Cropole.

O desconhecido esgotou-a. Continha três luíses duplos, no valor de seis luíses, como pedira o estalajadeiro.

Cropole, porém, exigira sete.

Olhou para o desconhecido como se dissesse: E depois?

— Falta um luís, não é verdade, mestre albergueiro?

— Sim, senhor, mas...

O estrangeiro vasculhou o bolso dos calções e esvaziou-o; continha uma carteirinha, uma chave de ouro e algumas moedas de prata.

Com as moedas somou um luís.

— Obrigado, senhor — disse Cropole. — Agora, resta-me saber se Vossa Senhoria pretende ficar amanhã também no apartamento, pois, nesse caso, eu lho reservarei; ao passo que se Vossa Senhoria pretende deixá-lo, poderei prometê-lo aos membros da comitiva de Sua Majestade que vão chegar.

— É justo — concordou o desconhecido depois de longo silêncio — mas como já não tenho

dinheiro, como pudeste ver, e, apesar disso, quero ficar com o apartamento, tereis de vender este brilhante na cidade ou guardá-lo como penhor.

Cropole examinou durante tanto tempo o brilhante, que o outro se deu pressa em dizer:

— Prefiro que o vendais, senhor, pois vale trezentas pistolas. Um judeu, não há um judeu em Blois? vos dará duzentas por ele, ou até cento e cinqüenta; aceitai o que ele der, nem que seja apenas o valor do aluguel. Ide!

— Oh! senhor — exclamou Cropole, vexado da inferioridade em que o deixavam aquela entrega tão nobre e desinteressada e a inalterável paciência com que o hóspede suportara tanta chicana e tanta suspeita; — oh! senhor, espero que não o furtem em Blois como Vossa Senhoria parece crer, e valendo o brilhante o que diz Vossa Senhoria...

O estrangeiro fulminou Cropole com o olhar cerúleo.

— Não entendo disso, senhor, acredite — exclamou o estalajadeiro.

— Mas os joalheiros entendem, interrogai-os. Agora, creio que as nossas contas estão acertadas, não é verdade, senhor albergueiro?

— Sim, senhor, e com extremo pesar meu, pois receio ter ofendido Vossa Senhoria.

— De maneira nenhuma — replicou o desconhecido com a majestade da onipotência.

— Ou ter parecido esfolar um nobre viajante...

Mas atribua Vossa Senhoria tudo isso à necessidade.

— O assunto está encerrado, eu já disse, e fazei-me o favor de deixar-me a sós.

Cropole inclinou-se profundamente e saiu desnorteado, o que indicava nele excelente coração e remorso verdadeiro.

O desconhecido fechou a porta, examinou, quando ficou só, o fundo da bolsa, de onde tirara um saquinho de seda que encerrava o brilhante, seu único recurso.

Interrogou também o vazio das algibeiras, passou revista aos papéis da carteirinha e convenceu-se da absoluta penúria em que se encontrava.

Ergueu os olhos para o céu num sublime movimento de calma e desespero, enxugou com a mão trêmula algumas gotas de suor que lhe marejavam na testa nobre e devolveu à terra um olhar cheio, havia pouco, de divina majestade.

A tempestade passara longe dele; talvez tivesse orado com todas as veras de sua alma.

Tornou a abeirar-se da janela, voltou ao seu lugar no balcão, e lá permaneceu imóvel, sem expressão, morto, até o momento em que o céu principiou a escurecer, os primeiros archotes cruzaram a rua flagrante e deram o sinal da iluminação a todas as janelas da cidade.

Capítulo VII - Parry

ENQUANTO o desconhecido considerava com interesse as luzes e prestava atenção a todos os ruídos, entrou-lhe no quarto Mestre Cropole com dois criados, que puseram a mesa.

O estrangeiro nem deu pela presença deles. Mas, aproximando-se do hóspede, Cropole sussurrou-lhe ao ouvido com profundo respeito:

— Senhor, o brilhante foi avaliado.

— Ah! — disse o viajante. — E então?

— Então, o joalheiro de Sua Alteza Real dá por ele duzentas e oitenta pistolas.

— Tende-as conosco?

— Julguei dever recebê-las, senhor; todavia, impus como condição do negócio que, se Vossa Senhoria quisesse guardar o brilhante até prover-se de fundos... o brilhante lhe seria devolvido.

— De modo nenhum; eu vos disse que o vendêsseis.

— E eu obedeci, ou quase, visto que, sem o ter vendido definitivamente, recebi o dinheiro.

— Pagai-vos — ajuntou o desconhecido.

— Fá-lo-ei, senhor, porque Vossa Senhoria o exige. Triste sorriso aflorou aos lábios do gentil-homem.

— Colocai o dinheiro sobre esse baú — disse ele voltando-se e indicando o móvel com um gesto.

Cropole depôs no sítio ordenado um saco bem gordo, de cujo conteúdo retirou o preço do aluguel.

— Agora — disse ele — Vossa Senhoria não me dará o desgosto de não cear... O jantar já foi recusado; isso é ultrajante para o estabelecimento dos *Médicis*. Veja, senhor, a ceia está servida e ousarei acrescentar que tem bom aspecto.

O desconhecido pediu um copo de vinho, partiu um pedaço de pão e nem sequer se afastou da janela para comer e beber.

Logo se ouviu grande arruído de fanfarras e trombetas; gritos se ergueram ao longe, confuso clamor invadiu a parte baixa da cidade, e o primeiro som distinto que chegou aos ouvidos do estrangeiro foi o de patas de cavalos que se aproximavam.

— O rei! o rei! — repetia a multidão barulhenta e apressada.

— O rei! — repetiu Cropole, que deixou o hóspede e as suas idéias de delicadeza para satisfazer a curiosidade.

Com Cropole se chocaram e confundiram na escada a Sra. Cropole, Pittrino, os criados e os moços de cozinha.

Adiantava-se lentamente o cortejo, aclarado por milhares de archotes, quer da rua, quer das janelas.

Após uma companhia de mosqueteiros e um corpo cerrado de fidalgos, vinha a liteira do Sr. Cardeal Mazarino, tirada como um carro por quatro cavalos pretos.

Os pajens e criados do cardeal caminhavam atrás.

Em seguida vinha a carruagem da rainha-mãe, cujas aias se comprimiam nas portinholas e cujos fidalgos cavalgavam dos dois Lados.

Surgia depois el-rei, montado em belo cavalo de raça saxã, de abundante crina. O jovem príncipe mostrava, cumprimentando algumas janelas de onde partiam as aclamações mais entusiásticas, o rosto nobre e gracioso, alumiado pelos archotes dos pajens.

Ao lado do rei, mais dois passos atrás, o Príncipe de Conde, o Sr. Dangeau e vinte cortesãos,

seguidos de criados e bagagens, fechavam a marcha realmente triunfal.

Toda essa pompa tinha uma disposição militar.

Somente alguns áulicos, os mais velhos, vestiam trajos de viagem; quase todos envergavam o uniforme de guerra. Viam-se muitos com a gola e o gibão como no tempo de Henrique IV e de Luís XIII.

Quando el-rei passou diante dele, o desconhecido, que se inclinara sobre o balcão para enxergar melhor, e escondera o rosto no braço, sentiu o coração intumescer-se e transbordar de amarga inveja.

O clangorar das trombetas o inebriava, as aclamações populares ensurdeciam-no; por momentos perdeu a razão no meio do turbilhão de luzes, tumultos e imagens brilhantes.

— Ele é rei — murmurou, com um acento de desespero e de angústia que deve ter subido ao trono de Deus.

Depois, antes que tornasse em si dos seus sombrios devaneios, todo o ruído, todo o esplendor se dissiparam. Na esquina da rua, debaixo do estrangeiro, já não se ouviam senão algumas vozes discordantes, que esganiçavam, a trechos: Viva o rei!

Restavam também as seis velas seguras pelos habitantes da estalagem dos *Médicis,* a saber: duas com Cropole, uma com Pittrino e uma com cada bicho de cozinha.

O estalajadeiro não cessava de repetir:

— Como é bonito o rei e como se parece com o seu finado e ilustre pai!

— Mas é mais bonito.

— E que altivo semblante! — acrescentava a Sra. Cropole, que já se metera em promiscuidade de comentários com vizinhos e vizinhas.

Cropole repetia as suas observações pessoais, sem notar que um velho, a pé, mas puxando um cavalinho irlandês pela rédea, tentava romper o grupo de homens e mulheres diante dos *Médicis.*

Nesse momento se ouviu, à janela, a voz do estrangeiro.

— Fazei, senhor hoteleiro, de jeito que possam entrar em vossa casa.

Cropole voltou-se, deu com o velho e fez que lhe dessem passagem.

Fechou-se a janela.

Pittrino indicou o caminho ao recém-chegado, que entrou sem pronunciar uma palavra.

O desconhecido esperava-o no patamar; abriu os braços para o velho e conduziu-o a uma cadeira, mas este resistiu.

— Oh! não, não, milorde — disse ele. — Sentar-me diante de vós! nunca!

— Parry — bradou o fidalgo — eu te suplico... tu que vens da Inglaterra... de tão longe! Ah! não é na tua idade que uma pessoa deveria suportar fadigas como as que impõe o meu serviço. Descansa...

— Primeiro que tudo, milorde, preciso dar-vos a minha resposta.

— Parry... eu te conjuro, não me digas nada... pois se a notícia fosse boa, não começarias assim. Fazes um rodeio, a notícia é má.

— Milorde — disse o velho — não tenhais pressa em alarmarmos. Nem tudo está perdido, espero-o. É preciso vontade, perseverança, e, sobretudo, resignação.

— Parry — tornou o jovem — vim para cá sozinho, através de mil ciladas e mil perigos: acreditas na minha vontade? Meditei esta viagem dez anos, a despeito de todos os conselhos e de todos os obstáculos: acreditas na minha perseverança? Vendi hoje à noite o último brilhante de meu pai, porque já não tinha com que pagar o meu teto, e o estalajadeiro ia despejar-me.

Parry fez um gesto de indignação, a que o jovem respondeu por um aperto de mão e um sorriso.

— Ainda possuo duzentas e setenta e quatro pistolas, e considero-me rico; não desespero, Parry: crês na minha resignação?

O velho ergueu para o céu duas mãos trêmulas.
— Vejamos — disse o estrangeiro — não me ocultes nada: que aconteceu?
— A minha narrativa será curta, milorde; mas, pelo amor de Deus, não tremais assim!
— É de impaciência, Parry. Vejamos, que te disse o general?
— Em primeiro lugar, o general não quis receber-me.
— Tomou-te por algum espião.
— Sim, milorde, mas eu lhe escrevi uma carta.
— E então?
— Ele recebeu-a e leu-a, milorde.
— A carta explicava bem a minha posição, os meus desejos?
— Oh! sim — conveio Parry com triste sorriso... — pintava fielmente o vosso pensamento.
— E então, Parry?
— O general devolveu-me a carta por um ajudante de campo, mandando-me dizer que, no dia seguinte, se eu ainda me encontrasse na circunscrição do seu comando, mandar-me-ia prender.
— Prender! — murmurou o rapaz; — prender! a ti, ao meu servidor mais fiel!
— Sim, milorde.
— E, no entanto, assinaste *Parry!*
— Em todas as cartas, milorde; e o ajudante de campo me conheceu em Saint-James e — ajuntou com um suspiro — em White Hall!
Inclinou-se o rapaz, cismador e sombrio.
— Isso foi o que ele fez sentir diante da sua gente — murmurou, tentando iludir-se... — mas em secreto... entre ele e ti... que fez? Responde.
— Ai de mim! Milorde, mandou-me quatro cavaleiros que me deram o cavalo em que me vistes voltar. Esses cavaleiros conduziram-me sempre correndo ao pôrtozinho de Tenby, atiraram-me a bordo de um navio de pesca que se destinava à Bretanha, e eis-me aqui.
— Oh! — suspirou o rapaz apertando, com a mão nervosa, convulsivamente, a garganta a que subia um soluço... — É só, Parry-, só isso?
— Sim, milorde, é só.
Seguiu-se à breve resposta de Parry longo intervalo de silêncio; ouvia-se apenas o ruído dos saltos do rapaz, que atormentavam com fúria o piso da sala.
O velho procurou mudar de assunto, que levava a pensamentos sinistros demais.
— Milorde — perguntou — que barulhão foi esse que me precedeu? Quem era a gente que gritava: Viva o rei!... De que rei se trata e por que tantas luzes?
— Ah! Parry, tu não sabes — retrucou, irônico, o jovem — é o rei da França que visita a sua boa cidade de Blois; todas essas trombetas são dele, todas essas gualdrapas douradas são dele, são dele todos esses fidalgos armados. Sua mãe o precede numa carruagem magnificamente incrustada de prata e de ouro! Mãe feliz! Seu ministro lhe amontoa milhões e condu-lo a uma noiva rica. Por isso o povo está alegre, ama o seu rei, aclama-o e grita: Viva o rei! Viva o rei!
— Bem! bem! milorde! — disse Parry, mais inquieto com o tom da nova conversação que com o da outra.
— Sabes — tornou o desconhecido — que minha mãe, minha irmã, enquanto tudo isso se passa em honra do Rei Luís XIV, já não têm dinheiro, já não têm pão; sabes que serei miserável e vilipendiado dentro em quinze dias, quando toda a Europa souber o que me acabas de contar!... Parry... haverá exemplos de homens na minha condição que se tenham...
— Milorde, em nome do céu!

— Tens razão, Parry, sou um covarde, e se não faço nada por mim, que fará Deus? Não, não, tenho dois braços, Parry, tenho uma espada...

E bateu violentamente no braço com a mão e pegou na espada pendurada na parede.

— Que ides fazer, milorde?

— O que vou fazer, Parry? O que fazem todos na minha família: minha mãe vive da caridade pública, minha irmã mendiga para minha mãe, tenho por aí irmãos que mendigam também para si; eu, o mais velho, farei como todos eles, vou pedir esmola!

E, ditas essas palavras, que atalhou inesperadamente com um frouxo nervoso e terrível de riso, cingiu a espada, pegou no chapéu sobre o baú, embrulhou-se na capa preta que usara durante a viagem e, apertando as mãos do velho que o contemplava ansioso:

— Meu bom Parry — disse ele — manda que te façam fogo, come, bebe, dorme, sê feliz: sejamos bem felizes, meu fiel amigo, meu único amigo: somos ricos como reis!

Deu um murro no saco de pistolas, que caiu pesadamente ao chão, tornou a desferir a lúgubre casquinada que tanto assustara Parry e, ao passo que toda a casa gritava, cantava e preparava-se para receber e instalar os viajantes que tinham sido precedidos pelos respectivos lacaios, esgueirou-se pelo salão e dali saiu à rua, onde o velho, que assomara à janela, o perdeu de vista um minuto depois.

Capítulo VIII - O que era sua majestade Luís XIV aos vinte e dois anos

VIMOS pela narrativa que tentamos fazer, que a entrada do Rei Luís XIV na cidade de Blois fora ruidosa e brilhante, de sorte que o jovem monarca parecera satisfeito.

Chegando ao pórtico do castelo dos Estados, lá encontrou Sua Majestade, cercado de seus guardas e fidalgos, Sua Alteza Real o Duque Gastão de Orléans, cuja fisionomia, assaz majestosa de seu natural, se vira acrescentada, pela circunstância solene em que se encontrava, de novo lustre e nova dignidade.

De seu lado, ostentando grandes vestidos de cerimônia, esperava Madame num balcão interior a entrada do sobrinho. Todas as janelas do velho castelo, tão ermo e tão triste nos dias comuns, regurgitavam de damas e de archotes.

Foi, portanto, ao estardalhaço dos tambores, das trombetas e dos vivas que o jovem rei transpôs o limiar do castelo, em que Henrique III, setenta e dois anos antes, invocara o auxílio do assassínio e da traição com o fito de manter sobre a cabeça e em sua casa uma coroa que já lhe escorregava da testa para cair em outra família.

Depois de haverem admirado o jovem rei, tão belo, tão encantador, tão nobre, todos os olhos começaram a procurar o outro rei de França, muito mais rei que o primeiro, e tão velho, tão pálido, tão curvado, a quem chamavam o Cardeal de Mazarino.

Luís já reunia em si, naquela época, todos os dotes naturais que possui o perfeito gentil-homem: tinha o olhar brilhante e suave, de um azul puro e cérulo; mas os fisionomistas mais hábeis, esses escafandros da alma, fixando nele a vista, se a um vassalo fosse dado sustentar o olhar do rei, os mais hábeis fisionomistas, dizíamos nós, não teriam podido encontrar jamais o fundo desse abismo de suavidade.

Porque os olhos do rei possuíam a imensa profundeza dos azuis celestes, ou daqueles, ainda mais aterradores e quase tão sublimes, que o Mediterrâneo abre sob a quilha de seus navios num formoso dia de verão, gigantesco espelho em que o céu se compraz em refletir ora as suas estréias ora as suas tormentas.

Era o rei de pequena estatura, pois media apenas cinco pés e duas polegadas; a juventude, porém, desculpava-lhe ainda esse defeito, compensado, aliás, pela grande nobreza dos movimentos e por certa habilidade em todos os exercícios corporais.

Já era, de fato, o rei, e era muito ser o rei nesse tempo de respeito e dedicação tradicionais; mas como, até então, o tivessem muito pouco e muito parcamente exibido ao povo, e como aqueles a quem era exibido o vissem invariavelmente ao lado da mãe, mulher de elevada estatura, e do senhor cardeal, homem de bela presença, muitos o achavam tão pouco rei que diziam: O rei é menor que o senhor cardeal.

Sem embargo, todavia, dessas observações físicas que se faziam, sobretudo na capital, o jovem príncipe foi acolhido como um deus pelos habitantes de Blois, e quase como um rei pelo tio e pela tia, Monsieur e Madame, habitantes do castelo.

Cumpre dizer, entretanto, que, ao ver na sala de recepção cadeiras de tamanho igual para si, para sua mãe, para o senhor cardeal, para a tia e para o tio, disposição habilmente disfarçada pela forma semicircular da assembléia, Luís XIV rubejou de cólera e relanceou os olhos em torno para verificar, pela fisionomia dos assistentes, se aquela humilhação lhe fora adrede preparada; mas como não visse nada no rosto impassível do cardeal, nem no de sua mãe, nem no dos circunstantes, resignou-se e

sentou-se tendo o cuidado de sentar-se antes dos outros.

Préparatifs de la réception de Louis XIV à Blois.

Os fidalgos e as damas foram apresentados as Suas Majestades e ao senhor cardeal.

Observou o rei que sua mãe e ele raro conheciam o nome das pessoas que lhes eram apresentadas, ao passo que o cardeal, pelo contrário, com memória e presença de espírito admiráveis, nunca deixava de falar a cada uma de suas terras, de seus antepassados ou de seus filhos, alguns dos quais nomeava, o que encantava os dignos fidalgotes e lhes confirmava a idéia de que só é verdadeiramente rei aquele que conhece os súditos, pela mesma razão que o sol não tem rival, porque somente o sol aquece e alumia.

O exame do jovem monarca, principiado havia muito sem que ninguém se advertisse dele, continuava, portanto, e ele considerava, atento, querendo descobrir-lhes qualquer coisa na fisionomia, as figuras que a princípio lhe tinham parecido mais insignificantes e mais triviais.

Serviu-se uma refeição. Sem ousar reclamá-la da hospitalidade do tio, o rei esperava-a com impaciência. E dessa feita lhe foram prestadas todas as honras devidas, se não à sua dignidade, pelo menos ao seu apetite.

Quanto ao cardeal, contentou-se de roçar com os lábios murchos um caldo que lhe serviram em taça de ouro. O ministro todo-poderoso que arrancara à rainha-mãe a sua regência, ao rei a sua realeza, não pudera arrancar da natureza um bom estômago.

Sofrendo já do câncer que, seis ou oito anos depois, a levaria ao túmulo, Ana d'Áustria não comia muito mais do que Sua Eminência.

Quanto a Monsieur, atarantado ainda com o grande acontecimento que lhe revolucionara a existência provinciana, não tocava na comida.

Só Madame, como verdadeira lorena, fazia frente a Sua Majestade; de sorte que Luís XIV, que, sem parceira, teria comido praticamente sozinho, ficou muito agradecido primeiro à tia e depois ao Sr. de Saint-Remy, seu mordomo, que de fato se esmerara.

Terminada a refeição, a um sinal aprovativo do Sr. de Mazarino, ergueu-se o rei, e, a convite da tia, entrou a percorrer as fileiras da assembléia.

As damas observaram então, e há certas coisas que as damas observam tão bem em Blois quanto em Paris, que Luís XIV tinha o olhar pronto e atrevido, o que prometia um distinto apreciador aos atrativos de valor. Observaram os homens, de seu lado, que o príncipe era altivo e arrogante, que gostava de fazer baixar os olhos que o miravam demorada ou fixamente, o que parecia pressagiar um amo.

Luís XIV já fizera a terça parte da sua revista, mais ou menos, quando lhe soou aos ouvidos uma palavra pronunciada por Sua Eminência, que conversava com Monsieur.

Essa palavra era um nome de mulher.

Assim que a ouviu, Luís XIV não ouviu, ou melhor, não escutou mais nada, e, desprezando o arco do círculo que esperava a sua visita, preocupou-se apenas em despachar o mais depressa possível o arco da curva.

Como bom cortesão, Monsieur pedia a Sua Eminência notícias da saúde de suas sobrinhas.

Com efeito, cinco ou seis anos antes, três sobrinhas haviam chegado da Itália para o cardeal: as Srtas. Hortência, Olímpia e Maria de Mancini.

Monsieur informava-se, por conseguinte, da saúde das sobrinhas do cardeal; lamentava, dizia ele, não ter a ventura de recebê-las juntamente com o tio; elas haviam, com certeza, florescido em graças e formosura, como já o prometiam na primeira vez em que Monsieur O que primeiro impressionara o rei fora certo contraste na voz dos dois interlocutores. A voz de Monsieur era calma e natural, enquanto que a de Mazarino saltara, para responder-lhe, um tom e meio acima do diapasão costumeiro.

Dir-se-ia que ele desejasse que essa voz alcançasse na extremidade da sala um ouvido distante.

— Monsenhor — replicou ele — as Srtas. de Mazarino ainda precisam concluir a sua educação, cumprir certos deveres e lograr posição. A permanência numa corte jovem e brilhante as distrai um pouco.

A esse último epíteto, Luís sorriu com tristeza. A corte era jovem, de fato, mas a avareza do cardeal impedia-a de ser brilhante.

— Vossa Eminência, entretanto, não pretende — volveu Monsieur — enclaustrá-las nem fazê-las burguesas?

— De maneira alguma — redarguiu o cardeal, carregando no sotaque italiano de modo que, de doce e aveludada que era, a voz se lhe tornou aguda e vibrante; — de maneira alguma. Tenho, isso sim, a intenção de casá-las, e da melhor maneira possível.

— Não faltarão partidos, senhor cardeal — respondeu Monsieur com uma bonomia de comerciante que felicita um colega.

— É o que espero, monsenhor, tanto mais que Deus lhes deu, a um tempo, graça, juízo e beleza.

Durante essa conversação, conduzido por Madame, Luís XIV completava, como já dissemos, o círculo das apresentações.

— Srta. Arnoux — dizia a princesa apresentando a Sua Majestade uma loirona de vinte e dois anos, que, numa festa de aldeia, seria tomada por uma camponesa adomingada. — Srta. Arnoux, filha

da minha professora de música.

O rei sorriu. Madame ainda não conseguira tirar quatro notas certas da viola ou do cravo.

— Srta. Aura de Montalais — continuou Madame — moça de boa família e ótima açafata.

Dessa vez não era o rei quem ria, mas a jovem apresentada, porque, pela primeira vez em sua vida, ouvia a seu respeito, de Madame, que de ordinário não a mimava, tão honrosas referências.

De sorte que Montalais, nossa antiga conhecida, fez a Sua Majestade profunda reverência, pois precisava esconder certas contrações dos lábios risonhos que o rei poderia não atribuir ao verdadeiro motivo.

Precisamente nesse momento ouviu o rei a palavra que o fez estremecer.

— E chama-se a terceira? — perguntava Monsieur.

— Maria, monsenhor — respondia o cardeal.

Havia sem dúvida nesse nome algum mágico poder, pois ouvindo-o, como dissemos, o rei estremeceu e, arrastando Madame para o meio do círculo, como se quisesse fazer-lhe alguma pergunta confidencial, mas na verdade para acercar-se do cardeal:

— Senhora minha tia — disse ele rindo e a meia voz — o meu professor de geografia não me havia ensinado que Blois se achava a uma distância tão prodigiosa de Paris.

— Como assim, meu sobrinho? — perguntou Madame.

— É que, segundo parece, as modas levam anos e anos para transpor essa distância. Vede essas jovens.

— Eu as conheço.

— Algumas são bonitas.

— Não o diga muito alto, senhor meu sobrinho; ficariam loucas.

— Esperai, esperai, minha querida tia — tornou o rei, a sorrir — que a segunda parte da frase servirá de emenda à primeira. Pois bem, minha querida tia, algumas parecem velhas e outras parecem feias, graças às suas modas de dez anos atrás.

— Mas, Sire, Blois dista apenas cinco dias de Paris.

— Pois é isso mesmo — tornou o rei — dois anos de atraso por dia.

— Ah! é o que lhe parece? Pois é estranho, eu não tinha reparado nisso.

— Vede, minha tia — disse Luís XIV aproximando-se cada vez mais de Mazarino a pretexto de escolher o seu ponto de observação — vede, ao lado desses adornos antiquados e desses toucados pretensiosos, vede aquele simples vestido branco. Que ar singelo, que porte gracioso! É uma das açafatas de minha mãe, provavelmente, muito embora eu não a conheça. Ainda bem! pelo menos é mulher, enquanto que as outras não passam de manequins.

— Meu querido sobrinho — volveu, rindo-se, Madame — permita que eu lhe diga que, desta vez, a sua ciência divinatriz falhou. A pessoa que Vossa Majestade elogia não é parisiense, mas filha de Blois.

— Ah! minha tia! — tornou o rei com expressão de dúvida.

— Aproximai-vos, Luísa — ordenou Madame.

E a rapariga que já nos apareceu sob esse nome avizinhou-se, tímida, purpureada e quase curvada ao olhar real.

— Srta. Luísa Francisca de la Beaume-Leblanc, filha do Marquês de La Vallière — apresentou Madame cerimoniosamente.

Inclinou-se a jovem com tanta graça no meio da timidez profunda que lhe inspirava a presença do rei, que este perdeu, observando-a, algumas palavras da conversação entre o cardeal e Monsieur.

— Enteada — prosseguiu Madame — do Sr. de Saint-Remy, meu mordomo, que presidiu ao

preparo do excelente guisado com trufas que Vossa Majestade tanto apreciou.

Não havia graça, beleza nem mocidade que pudessem resistir a semelhante apresentação. O rei sorriu. Fossem as palavras de Madame ditas por gracejo ou por ingenuidade, o certo é que eram a implacável imolação de tudo o que Luís acabara de achar encantador e poético na menina.

Para Madame, e, por conseguinte, para o rei, a Srta. de La Vallière não era, naquele momento, mais que a enteada de um homem que possuía grande talento para o preparo de perus com trufas.

Mas assim são feitos os príncipes. Assim também eram os deuses no Olimpo. Diana e Vénus haviam de maltratar que farte a bela Alcmena e a pobre Io, quando, por distração, entre o néctar e a ambrósia, condescendiam em falar de belezas mortais à mesa de Júpiter.

Felizmente, porém, Luísa tanto se inclinara que não ouviu as palavras de Madame nem viu o sorriso do rei. Com efeito, se a pobre menina, cujo bom gosto lhe dera a idéia de vestir-se de branco entre todas as companheiras; se o seu coração de rola, tão facilmente acessível a todas as dores, fosse ferido pelas cruéis palavras de Madame, pelo sorriso egoísta e frio de rei, teria caído literalmente fulminada.

E nem a própria Montalais, a rapariga de idéias engenhosas, teria tentado reanimá-la, pois o ridículo tudo mata, inclusive a beleza.

Mas por felicidade, como dissemos, Luísa, que sentia uma zoada nos ouvidos e tinha um véu diante dos olhos, não viu nem ouviu coisa alguma, e o rei, cuja atenção não se desviava do colóquio entre o cardeal e o tio, deu-se pressa em voltar para junto deles.

Chegou exatamente no momento em que Mazarino terminava dizendo:

— Maria, como as irmãs, parte nesse momento para Brouage. Mandei que seguissem a margem do Loire oposta à que nós seguimos, e se os meus cálculos não me enganam, conforme as ordens que lhes dei, estarão amanhã à altura de Blois.

Essas palavras foram pronunciadas com o tacto, a medida, a segurança de tom, de intenção e de alcance, que faziam do *Signor* Giulio Mazarini o primeiro comediante do mundo.

Daí resultou que atingissem em cheio o coração de Luís XIV, e o cardeal voltando-se ao simples ruído dos passos de Sua Majestade, que se aproximava, viu-lhes o efeito imediato no rosto do aluno, efeito que um simples rubor traiu aos olhos de Sua Eminência. Aliás, que seria o descobrimento de tal segredo para aquele cuja astúcia iludira, durante vinte anos, todos os diplomatas europeus?

Desde logo pareceu, a essas últimas palavras, que o jovem rei tivesse recebido uma seta envenenada no coração. Aturdido, relanceou um olhar incerto, inexpressivo, morto, pela assembléia. Interrogou mais de vinte vezes o olhar da rainha-mãe, que, entregue ao prazer de praticar com a cunhada e, além disso, dominada pelos olhos de Mazarino, não pareceu compreender todas as súplicas contidas nos do filho.

A partir desse momento, música, flores, luzes, beleza, tudo se tornou odioso e insípido para Luís XIV. Depois de haver mordido cem vezes os lábios, esticado os braços e as pernas, como a criança bem-educada que, não se atrevendo a bocejar, esgota todas as formas possíveis de manifestar o seu tédio, sem ter implorado de novo, inutilmente, a mãe e o ministro, dirigiu a vista desesperada para a porta, isto é, para a liberdade.

Nessa porta, enquadrada pelo marco em que se encostara, viu, sobretudo, vigorosamente destacada, uma figura altiva e trigueira, de nariz aquilino, olhar duro mas brilhante, cabelo grisalho e comprido, bigode preto, verdadeiro tipo de beleza militar, cuja gola, mais resplandecente que um espelho, rompia todos os reflexos luminosos que nela se concentravam e os devolvia como raios. Esse oficial trazia na cabeça o chapéu cinzento com pluma vermelha, prova de que lá estava em serviço e não por prazer. Se lá estivesse por prazer, se fosse cortesão em vez de ser soldado, e visto

que é sempre necessário pagar pelo prazer um preço qualquer, levaria o chapéu na mão.

O que demonstrava ainda melhor que o oficial estava de serviço e cumpria uma tarefa habitual era a sua atitude, de braços cruzados, considerando com notável indiferença e apatia suprema, as alegrias e tédios da festa. Como filósofo, e todos os velhos soldados são filósofos, parecia compreender muitíssimo melhor os tédios que as alegrias; mas de uns tirava o seu proveito e sabia muito bem renunciar às outras.

Ora, lá estava ele, como dissemos, apoiado à ombreira esculpida da porta, quando os olhos tristes e cansados do rei deram, por acaso, com os seus.

Não era a primeira vez, segundo parece que os olhos do oficial encontravam os do rei, e ele devia conhecer-lhes a fundo o estilo e o pensamento, pois tanto que fitou o olhar na fisionomia de Luís XIV, e, através da fisionomia, leu o que se lhe passava no coração, isto é, o entejo que o oprimia, a tímida resolução de partir que se agitava no fundo daquela alma, compreendeu que precisava prestar serviço ao rei sem que este lho pedisse, prestar-lhe serviço quase malgrado seu, e, denodado, como se comandasse a cavalaria num dia de batalha:

— O serviço do rei! — gritou, com voz retumbante.

A essas palavras, que produziram o efeito de um trovão dominando a orquestra, os cantos, os sussurros e os passeios, o cardeal e a rainha-mãe olharam com surpresa para Sua Majestade.

Pálido mas decidido, sustentado pela intuição do próprio pensamento que encontrara no espírito do oficial de mosqueteiros, e que acabava de manifestar-se pela ordem dada, ergueu-se Luís XIV cia poltrona e deu um passo na direção da porta.

— Já vos retirais, meu filho? — perguntou a rainha, ao passo que Mazarino se contentava de interrogar com a vista, que teria parecido meiga, não fosse tão penetrante.

— Retiro-me, senhora — respondeu o rei; — sinto-me fatigado e, de mais a mais, gostaria de escrever esta noite.

Um sorriso errou pelos lábios do ministro, que pareceu, com uma inclinação de cabeça, consentir na saída do rei.

Monsieur e Madame apressaram-se então em dar as ordens aos oficiais que se apresentaram.

O rei cumprimentou, atravessou a sala e chegou à porta.

À porta, uma fieira de vinte mosqueteiros esperava Sua Majestade.

Na extremidade da fieira estava o oficial impassível, com a espada na mão.

O rei passou e todos se ergueram na ponta dos pés para vê-lo ainda.

Rompendo a multidão das antecâmaras e da escada, dez mosqueteiros abriam caminho para o jovem monarca.

Os dez outros cercavam o rei e Monsieur, que quisera acompanhar Sua Majestade.

O pessoal do serviço caminhava atrás.

O pequeno cortejo escoltou o soberano até o apartamento que lhe fora reservado.

Esse apartamento era o mesmo que ocupara o Rei Henrique III durante a sua estada no castelo dos Estados.

Monsieur dera as suas ordens. Conduzidos pelo oficial, embarafustaram os mosqueteiros pelo corredorzinho que põe em comunicação, paralelamente, as duas alas do castelo.

Esse corredor compunha-se primeiro de uma antecâmara pequena, quadrada e escura até nos dias ensolarados.

Monsieur deteve Luís XIV.

— Vossa Majestade está passando — disse ele — pelo mesmíssimo lugar em que o Duque de Guise recebeu a primeira punhalada.

Muito ignorante das coisas de história, o rei conhecia o fato mas desconhecia o local e os pormenores.

— Ah! — exclamou, arrepiado. E estacou.

Todos estacaram na frente e atrás dele.

— O duque, Sire — continuou Gastão — estava mais ou menos onde estou; caminhava no sentido em que caminha Vossa Majestade; O Sr. de Loignes achava-se no lugar em que se encontra neste momento o tenente de mosqueteiros de Vossa Majestade; o Sr. de Saint-Maline e os ordinários de Sua Majestade estavam atrás e à volta deles. Foi aí que o feriram.

Voltou-se o rei para o lado do seu oficial e viu como que uma nuvem passar-lhe pela fisionomia marcial e atrevida.

— Sim, pelas costas — murmurou o tenente com um gesto de supremo desdém.

E tentou reencetar a marcha, como se se sentisse mal entre aqueles muros outrora visitados pela traição.

Mas o rei, que parecia interessadíssimo em aprender, demorou ainda a vista no fúnebre lugar.

Gastão compreendeu o desejo do sobrinho.

— Veja, Sire — disse ele tomando um facho das mãos do Sr. de Saint-Remy — eis aqui onde ele foi cair. Flavia ali uma cama cujas cortinas rasgou agarrando-se nelas.

— Por que é que o soalho parece cavado neste lugar? — perguntou Luís.

— Porque foi nesse lugar que correu o sangue — respondeu Gastão — penetrou profundamente na madeira e só à força de raspá-la foi possível fazê-lo desaparecer; e apesar disso — ajuntou, aproximando a tocha do sítio indicado — essa coloração avermelhada resistiu a todas as tentativas que se fizeram para destruí-la.

Luís XIV ergueu a cabeça. Talvez pensasse no vestígio sangrento que um dia lhe haviam mostrado no Louvre, e que, para contrabalançar o de Blois, lá fora feito um dia pelo rei seu pai com o sangue de Concini.

— Vamos! — disse ele.

Reiniciou-se incontinenti a marcha, pois a comoção dera sem dúvida à voz do jovem príncipe um tom de comando que ninguém estava habituado a ouvir-lhe.

Chegado aos aposentos reservados ao rei, com os quais havia comunicação não só pelo corredorzinho que acabamos de seguir, mas também por uma escada comprida que dava para o pátio:

— Queira Vossa Majestade — disse Gastão — aceitar este apartamento, por indigno que seja de recebê-lo.

— Meu tio — respondeu o jovem príncipe — dou-vos graças pela vossa cordial hospitalidade.

Gastão cumprimentou o sobrinho, que o beijou, e saiu.

Dos vinte mosqueteiros que haviam acompanhado o rei, dez reconduziram Monsieur às salas de recepções, que não se tinham esvaziado apesar da saída de Sua Majestade.

Os dez outros foram colocados em seus postos pelo oficial, que explorou pessoalmente em cinco minutos todos os recantos com o olhar frio e seguro, que nem sempre se adquire pelo hábito, visto que pertence ao gênio.

Depois, quando viu cada qual em seu lugar, escolheu para seu quartel-general a antecâmara em que encontrou uma grande poltrona, uma lâmpada, vinho, água e pão seco.

Atiçou a lâmpada, bebeu meio copo de vinho, contraiu os lábios num sorriso expressivo, instalou-se na poltrona grande e tomou todas as disposições para dormir.

Capítulo IX - Em que o desconhecido da hospedaria dos Médicis perde o incógnito

SEM embargo do seu ar displicente, o oficial que dormia ou que se preparava para dormir fora encarregado de grave responsabilidade.

Tenente dos mosqueteiros do rei, comandava toda a companhia que viera de Paris, e essa companhia era formada de cento e vinte homens; mas, afora os vinte de que falamos, os outros cem ocupavam-se da guarda da rainha-mãe e principalmente da guarda do senhor cardeal.

O Sr. Giulio Mazarini economizava as despesas de viagem dos seus guardas e, por conseguinte, usava os do rei, e usava-os à larga, visto que tomava cinqüenta para si, particularidade essa que não teria deixado de parecer inconveniente a toda pessoa alheia aos hábitos da corte.

O que também não teria deixado de parecer, senão inconveniente pelo menos extraordinário a essa pessoa, era o fato de ser brilhante, cheia de luz, movimentada, a parte do castelo destinada ao senhor cardeal, cujas portas guardavam os mosqueteiros não deixando entrar ninguém, a não ser os correios que, mesmo em viagem, o seguiam para a sua correspondência.

Vinte homens se achavam de serviço ao pé da rainha-mãe; trinta descansavam para render os companheiros no dia seguinte.

Do lado do rei, pelo contrário, a obscuridade, o silêncio, a solidão. Fechadas as portas, acabavam-se as aparências de realeza. Todo o pessoal do serviço se retirara a pouco e pouco. O senhor príncipe mandara saber se Sua Majestade precisava de seus bons ofícios, e ao *não* trivial do tenente dos mosqueteiros, habituado à pergunta e à resposta, tudo principiava a adormecer como em casa de um bom burguês.

E, todavia, do corpo principal do edifício habitado pelo jovem rei, era fácil ouvir as músicas da festa e ver as janelas ricamente iluminadas do salão.

Dez minutos depois de instalado, por um movimento mais acentuado que o da sua saída, pôde reconhecer Luís XIV a saída do cardeal, que por sua vez se recolhia, com farta escolta de fidalgos e damas.

Para observar, aliás, esse movimento, bastou-lhe olhar pela janela, cujas portas tinham ficado abertas.

Sua Eminência atravessou o pátio, reconduzido pessoalmente por Monsieur, que lhe aclarava o caminho; em seguida passou a rainha-mãe, a quem dava Madame familiarmente o braço, e ambas caminhavam cochichando como velhas amigas.

Atrás dos dois casais tudo desfilou, grandes damas, pajens, oficiais; brandões alumbravam todo o pátio como num incêndio de reflexos móveis; depois o ruído dos passos e das vozes se perdeu nos pavimentos superiores.

E já ninguém se lembrava do rei, encostado à sua janela, e que vira, com tristeza, dissipar-se a luz e ouvira alongar-se o ruído; ninguém, a não ser o desconhecido da estalagem dos *Médicis,* que vimos sair envolto na sua capa preta.

Subira diretamente ao castelo e pusera-se a rondar, melancólica figura, os arredores do palácio, que o povo ainda rodeava; vendo que ninguém vigiava o portão nem o pórtico, visto que os soldados de Monsieur fraternizavam com os soldados reais, isto é, escorropichavam à discrição, ou melhor, à indiscrição, o *beaugency,* o desconhecido atravessou a multidão, cruzou o pátio e chegou ao patamar da escada que conduzia aos aposentos do cardeal.

O que, muito provavelmente, o incitava a dirigir-se para esse lado era o brilho dos archotes e o

aspecto azafamado dos pajens e dos homens de serviço.

Um movimento de mosquete e o grito de uma sentinela, porém, fizeram-no parar.

— Aonde ides, amigo? — perguntou a sentinela.

— Aos aposentos do rei — redarguiu, tranqüilo e sobranceiro, o desconhecido.

O soldado chamou um dos oficiais de Sua Eminência, que, no tom com que um contínuo de repartição se dirige ao pretendente do ministro, deixou cair estas palavras:

— A outra escada defronte.

E, sem fazer maior caso do desconhecido, reencetou o oficial a prática interrompida.

O estrangeiro, sem responder, guiou para a escada indicada.

Desse lado, nenhum ruído, nenhum facho.

A escuridão, no meio da qual se via errar uma sentinela, semelhante a uma sombra.

O silêncio, que permitia ouvir-lhe o ruído dos passos e o retinir das esporas nas lajes.

Essa sentinela era um dos vinte mosqueteiros destacados para o serviço do rei, que montava guarda com a rigidez e a consciência de uma estátua.

— Quem vem lá? — perguntou o guarda.

— Amigo — respondeu o desconhecido.

— Que desejais?

— Falar ao rei.

— Oh! oh! meu caro senhor, isso não é possível.

— Por quê?

— Porque o rei está deitado.

— J á ?

— Não importa, preciso falar-lhe.

— E eu vos digo que é impossível...

— Entretanto...

— Afastai-vos!

— É essa a ordem?

— Não tenho que vos dar satisfações. Afastai-vos!

E, dessa feita, a sentinela acompanhou o brado com um gesto de ameaça; o desconhecido, porém, não se moveu, como se os seus pés houvessem deitado raízes.

— Senhor mosqueteiro — disse ele — sois fidalgo?

— Tenho essa honra.

— Pois eu também sou, e entre fidalgos devemos algumas atenções uns aos outros.

A sentinela abaixou a arma, vencido pela dignidade com que tinham sido pronunciadas essas palavras.

— Falai, senhor — disse ele — e se me pedirdes uma coisa que esteja ao meu alcance...

— Obrigado. Tendes um oficial, não tendes?

— O nosso tenente.

— Pois bem, desejo falar com o vosso tenente.

— Ah! isso é outro caso. Subi, senhor.

O desconhecido saudou a sentinela e subiu a escada, enquanto que o grito: "Tenente, uma visita!" transmitido de sentinela a sentinela, o precedia, interrompendo o primeiro sono do oficial.

Arrastando as botas, esfregando os olhos e abotoando a capa, o tenente deu três passos na direção do estrangeiro.

— Em que vos posso ser útil, senhor? — perguntou.

— Sois o oficial de serviço, tenente dos mosqueteiros.
— Tenho essa honra — volveu o oficial.
— Senhor, é indispensável que eu fale ao rei.
O tenente considerou atentamente o desconhecido e nesse olhar, embora rápido, viu tudo o que queria ver, isto é, uma profunda distinção debaixo de um traje comum.
— Não creio que sejais um louco — retorquiu — e, no entanto, vós me pareceis em condições de saber, senhor, que ninguém entra assim no quarto de um rei sem o seu consentimento.
— Ele consentirá.
— Senhor, permiti que eu duvide; Sua Majestade recolheu-se há um quarto de hora e, neste momento, deve estar-se despindo. Aliás, as ordens são terminantes.
— Quando ele souber quem sou — respondeu o desconhecido erguendo a cabeça — dará contra-ordem.
O oficial sentia-se cada vez mais surpreso, cada vez mais subjugado.
— Se eu consentisse em anunciar-vos, posso ao menos saber quem anunciaria?
— Anunciaríeis Sua Majestade Carlos II, rei de Inglaterra, Escócia e Irlanda.
O oficial despediu um grito de espanto, recuou, e viu-se-lhe estampada no rosto pálido uma das mais pungentes emoções que um homem de energia já procurou conter no coração.
— Oh! sim, Sire; eu devia ter reconhecido Vossa Majestade.
— Vistes o meu retrato?
— Não, Sire.
— Então me vistes na corte, em outro tempo, antes que me expulsassem de França?
— Não, Sire, também não foi isso.
— Mas como, então, me teríeis reconhecido se não conhecíeis o meu retrato nem a minha pessoa?
— Sire, vi o pai de Vossa Majestade num momento terrível.
— No dia...
— Sim.
Sombria nuvem perpassou pela fronte do príncipe; logo, afastando-a com a mão:
— Vedes ainda alguma dificuldade para anunciar-me? — perguntou.
— Sire, perdoe-me — respondeu o oficial — mas eu não poderia adivinhar um rei debaixo de tão simples exterior; e, no entanto, eu tinha a honra de dizer há pouco a Vossa Majestade, que vi o Rei Carlos I... Mas, perdão, vou correndo prevenir o rei.
Porém detendo-se:
— Vossa Majestade deseja sem dúvida que a entrevista seja mantida em segredo? — perguntou.
— Não o exijo, mas se for possível guardá-lo...
— É possível, Sire, pois deixo de avisar o primeiro gentil-homem de serviço; para isso, entretanto, é preciso que Vossa Majestade consinta em entregar-me a sua espada.
— É verdade. Esquecia-me que ninguém entra armado nos aposentos do rei de França.
— Vossa Majestade fará exceção, se quiser, mas, nesse caso, terei de ressalvar a minha responsabilidade prevenindo o serviço do rei.
— Aqui está a minha espada, senhor; far-me-eis agora a fineza de anunciar-me a Sua Majestade?
— Incontinenti, Sire.
E o oficial correu sem demora bater à porta de comunicação, que o escudeiro lhe abriu.
— Sua Majestade o rei de Inglaterra! — disse o oficial.
— Sua Majestade o rei de Inglaterra! — repetiu o escudeiro.
A essas palavras, um gentil-homem escancarou a porta do quarto do rei, e viu-se Luís XIV, sem

chapéu e sem espada, com o gibão desapertado, adiantar-se dando sinais da maior surpresa.

— Meu irmão! Vossa Majestade em Blois! — bradou Luís XIV despedindo com um gesto o gentil-homem e o fidalgo, que passaram a um cômodo contíguo.

— Sire — respondeu Carlos II — eu dirigia-me a Paris na esperança de avistar-me com Vossa Majestade, quando soube da sua próxima chegada a esta cidade. Prolonguei então a minha estada, pois tenho algo de muito particular a comunicar-lhe.

— Convém-lhe este gabinete, meu irmão?

— Perfeitamente, Sire, pois creio que não podem ouvir-nos.

— Despedi o meu gentil-homem e o meu escudeiro: estão ambos no quarto pegado. Atrás desse tabique há um gabinete solitário que dá para a antecâmara, e na antecâmara Vossa Majestade só viu um oficial, não é verdade?

— Sim, Sire.

— Pois então fale, meu irmão, que eu o ouço.

— Começo, Sire, e digne-se Vossa Majestade compadecer as desgraças de nossa casa.

O rei de França corou e aproximou a poltrona da do rei de Inglaterra.

— Sire — disse Carlos II — não preciso perguntar-lhe se conhece os pormenores da minha deplorável história.

Luís XIV corou ainda mais que da primeira vez e, estendendo a mão sobre a do rei de Inglaterra:

— Meu irmão — disse ele — é vergonhoso dizê-lo, mas o cardeal raro fala em política diante de mim. Digo mais: antigamente, Laporte, meu escudeiro, lia para mim trechos de obras históricas, mas Sua Eminência ordenou que cessassem as leituras e tirou-me Laporte, de modo que peço a meu irmão Carlos que me conte todas essas coisas como a um homem que não soubesse de nada.

— Pois bem, Sire, começando pelo princípio terei um ensejo a mais para tocar o coração de Vossa Majestade.

— Fale, meu irmão, fale.

— Sabe Vossa Majestade que, chamado em 1650 a Edimburgo, durante a expedição de Cromwell à Irlanda, fui coroado em Stone. Um ano depois, ferido numa das províncias que havia usurpado, Cromwell arremessou-se contra nós. Encontrá-lo era o meu fito, sair da Escócia o meu desejo.

— Entretanto — volveu o jovem rei — a Escócia é quase a sua terra natal, meu irmão.

— Sim; mas os escoceses foram para mim compatriotas cruéis! Haviam-me obrigado a renegar a religião de meus pais, Sire; haviam enforcado Lord Montrose, o meu servidor mais dedicado, por não ser partidário do *Covenant,* e como o pobre mártir, a quem se oferecera um favor ao morrer, tinha pedido que lhe cortassem o corpo em tantos pedacinhos quantas cidades houvesse na Escócia, a fim de que em toda a parte se encontrassem provas da sua fidelidade, eu não podia sair de uma cidade nem entrar em outra sem passar por cima de algum pedaço desse corpo que trabalhara, combatera e respirara por mim.

"Atravessei, portanto, em marcha temerária, o exercito de Cromwell, e entrei na Inglaterra. O Protetor pôs-se ao encalço dessa fuga estranha, que tinha por alvo uma coroa. Se eu tivesse podido chegar a Londres antes dele, o prêmio da corrida sem dúvida seria meu, mas ele me alcançou em Worcester.

"O gênio de Inglaterra já não estava conosco, mas com ele. No dia 3 de setembro de 1651, Sire, aniversário da outra batalha de Dumbar, já tão fatal aos escoceses, fui vencido. Dois mil homens tombaram à minha volta sem que eu pensasse em dar um passo para trás. Afinal, precisei fugir.

"A partir de então a minha história converteu-se em romance. Encarniçadamente perseguido, cortei o cabelo, disfarcei-me em lenhador. Um dia que passei entre os ramos de um carvalho emprestou a

essa árvore o nome de carvalho real, que ainda lhe dão. As minhas aventuras no condado de Strafford de onde saí levando na garupa a filha do meu hospedeiro, ainda constituem o tema obrigatório de todos os serões e fornecerão assunto para uma balada. Um dia escreverei tudo isso, Sire, para a instrução dos reis meus irmãos.

"Direi como, chegando à casa do Sr. Noiton, encontrei um capelão da corte que assistia a um jogo da bola, e um velho servidor que pronunciou o meu nome rompendo em pranto desfeito, e cuja fidelidade por pouco não me matou como me mataria qualquer outro com a sua traição. Contarei, por fim, os meus terrores; os meus terrores, sim, quando um ferrador, que examinava os nossos cavalos em casa do Coronel Windham, declarou que eles haviam sido ferrados no Norte.

— É estranho — murmurou Luís XIV — eu ignorava tudo isso. Sabia apenas do seu embarque em Brighelmsted e do seu desembarque na Normandia.

— Oh! — exclamou Carlos — se permitirdes, meu Deus! que os reis ignorem assim a história uns dos outros, como quereis que se ajudem uns aos outros!

— Mas diga-me, meu irmão — continuou Luís XIV — como é possível que Vossa Majestade espere ainda alguma coisa desse desgraçado país e desse povo rebelde, já que foi tão mal recebido na Inglaterra?

— Oh! Sire! após a batalha de Worcester, as coisas por lá mudaram consideravelmente! Cromwell morreu depois de ter assinado com a França um tratado em que escreveu o seu nome acima da assinatura de Vossa Majestade. Morreu no dia 3 de setembro de 1658, novo aniversário das batalhas de Worcester e de Dumbar.

— Sucedeu-lhe o filho.

— Mas certos homens, Sire, têm família e não têm herdeiro. A herança de Olivério era pesada demais para Ricardo. Ricardo, que não era republicano nem realista; Ricardo, que deixava os seus guardas comerem-lhe o jantar e os seus generais governarem a república; Ricardo abdicou o protetorado no dia 22 de abril de 1659. Há pouco mais de um ano, Sire.

"A partir de então converteu-se a Inglaterra em casa de jogo em que cada qual disputa, com os dados, a coroa de meu pai. Os dois jogadores mais encarniçados são Lambert e Monck. Pois eu também, Sire, gostaria de meter-me no jogo, cujo prêmio foi atirado sobre o meu manto real. Sire, um milhão para corromper um desses jogadores, para convertê-lo em aliado meu, ou duzentos fidalgos de Vossa Majestade para expulsá-los do meu palácio de White Hall, como Jesus expulsou os vendilhões do templo.

— Por conseguinte — atalhou Luís XIV — Vossa Majestade vem pedir-me...

— Auxílio, Sire; isto é, não apenas o que devem os reis uns aos outros, mas o que devem uns aos outros os simples cristãos; o auxílio de Vossa Majestade, seja em dinheiro seja em homens; o auxílio de Vossa Majestade, Sire, e dentro de um mês, opondo Lambert a Monck, ou Monck a Lambert, terei reconquistado a herança paterna, sem haver custado um guinéu a meu país, uma gota de sangue aos meus súditos, porque eles estão bêbedos agora de revolução, de protetorado e de república e não querem outra coisa senão cair, cambaleantes, e adormecer nos braços da realeza; o auxílio de Vossa Majestade, Sire, e eu lhe deverei mais do que devo a meu pai. Pobre pai! que pagou tão caro a ruína de nossa casa! Veja Vossa Majestade quão desgraçado sou e quão desesperado me sinto, pois chego a acusar meu pai.

E o sangue afluiu ao rosto pálido de Carlos II, que escondeu por instantes a cabeça entre as mãos, como que cego por aquele sangue que parecia revoltar-se contra a blasfêmia filial.

O jovem rei não se sentia menos infeliz que o seu irmão mais velho; agitava-se na poltrona e não encontrava uma resposta.

Finalmente, Carlos II, a quem dez anos mais davam uma força superior para sopesar as emoções, foi o primeiro a falar.

— Sire — perguntou — qual é a resposta de Vossa Majestade? Espero-a como um condenado espera a sentença. Terei de morrer?

— Meu irmão — respondeu o príncipe francês a Carlos II — Vossa Majestade me pede um milhão, a mim! a mim, que nunca possuí sequer a. quarta parte dessa soma! Eu não possuo nada! Sou tanto rei de França quanto Vossa Majestade é rei de Inglaterra! Sou um nome, um algarismo vestido de veludo flor-de-lisado, mais nada. Estou sobre um trono visível, eis a minha única vantagem. Não tenho nada, não possuo nada.

— Será verdade? — bradou Carlos II.

— Meu irmão — prosseguiu Luís, abaixando a voz — sofri misérias que não sofreram os meus fidalgos mais nobres. Se o meu pobre Laporte estivesse ao meu lado, ele lhe diria que dormi entre lençóis rasgados, através dos quais passavam as minhas pernas; ele lhe diria que, depois, quando eu pedia as minhas carruagens, traziam-me carros já meio roídos pelos ratos de minhas cocheiras; ele lhe diria que, quando eu pedia o meu jantar, iam perguntar nas cozinhas do cardeal se havia comida para o rei. E hoje ainda, hoje que tenho vinte e dois anos, hoje que atingi a idade das grandes maioridades reais, hoje que eu devia ter a chave do tesouro, a direção da política, a supremacia da paz e da guerra, atire os olhos ao redor de mim, veja o que me deixam: este abandono, este desdém, este silêncio, ao passo que, lá embaixo, olhai, quantas atenções, quantas luzes, quantas homenagens! Lá, sim, lá está o verdadeiro rei de França, meu irmão.

— No quarto do cardeal?

— No quarto do cardeal.

— Então, Sire, estou condenado. Luís XIV não respondeu.

— Condenado, sim, pois nunca pedirei o que quer que seja àquele que teria deixado morrer de fome e de frio minha mãe e minha irmã, isto é, a filha e a neta de Henrique IV, se o Sr. de Retz e o parlamento não lhes tivessem mandado lenha e pão.

— Morrer! — murmurou Luís XIV.

— Pois bem — continuou o rei de Inglaterra — o pobre Carlos II, neto de Henrique IV como Vossa Majestade, Sire, não tendo parlamento nem o Cardeal de Retz, morrerá de fome como quase morreram sua irmã e sua mãe.

Luís franziu o cenho e amarfanhou violentamente as rendas dos punhos.

Essa atonia, essa imobilidade, que serviam de máscara a tão manifesta comoção, impressionaram o Rei Carlos, que pegou na mão do jovem.

— Obrigado — disse ele — meu irmão; Vossa Majestade apiedou-se de mim, era tudo o que eu podia exigir de Vossa Majestade na situação em que se encontra.

— Sire — disse de repente Luís XIV erguendo a cabeça — Vossa Majestade precisa de um milhão ou de duzentos fidalgos, não é isso?

— Sire, um milhão me bastará.

— É bem pouco.

— Oferecido a um homem só, é muito. Muitas convicções já se compraram por menos; mercanciarei apenas com venalidades.

— Duzentos fidalgos, pense bem, são pouco mais que uma companhia.

— Sire, há em nossa família uma tradição segundo o qual quatro homens, quatro fidalgos franceses, devotados a meu pai, quase salvaram meu pai, julgado por um parlamento, guardado por um exército, rodeado por uma nação.

— Portanto, se eu lhe obtiver um milhão ou duzentos fidalgos, Vossa Majestade ficará satisfeito e considerar-me-á bom irmão?

— Eu o considerarei meu salvador, e se voltar a subir ao trono de meu pai, a Inglaterra será, enquanto eu reinar, pelo menos, uma irmã para a França, como Vossa Majestade terá sido um irmão para mim.

— Pois bem, meu irmão — disse Luís, erguendo-se — o que Vossa Majestade hesita em pedir, eu pedirei! O que eu não quis fazer por mim, farei por si. Irei ter com o rei de França, o outro, o rico, o poderoso, e solicitarei esse milhão ou esses duzentos fidalgos, e veremos!

— Oh! — exclamou Carlos — Vossa Majestade é um nobre amigo, Sire, um coração criado por Deus! Vossa Majestade salva-me, e quando precisar da vida que me restitui, bastar-lhe-á pedir-ma.

— Silêncio! meu irmão, silêncio! — disse baixinho Luís. — Cuidado para que não o ouçam! Ainda não terminamos. Pedir dinheiro a Mazarino! é pior que atravessar a floresta encantada em cada uma de cujas árvores habita um demônio; é mais que sair à conquista de um mundo!

— Entretanto, Sire, quando Vossa Majestade pede...

— Eu já lhe disse que nunca peço nada — respondeu Luís com uma altivez que fez empalidecer o rei de Inglaterra.

E como este, à semelhança de um homem ferido, fizesse menção de retirar-se.

— Perdão, meu irmão — tornou ele: — não tenho uma mãe, uma irmã que sofrem; o meu trono é duro e nu, mas estou bem sentado no meu trono. Perdão, meu irmão, não me censure esta palavra: é a de um egoísta; por isso mesmo quero resgatá-la com um sacrifício. Vou ter com o senhor cardeal. Espere-me, por favor. Volto já.

D'Artagnan.

Capítulo X - A aritmética do Sr. Mazarino

ENQUANTO o rei carregava rapidamente para a ala do castelo ocupada pelo cardeal, levando consigo tão-somente o escudeiro, o oficial de mosqueteiros saía, como um homem que tivesse sido obrigado por muito tempo a conter a respiração, do gabinetezinho de que já falamos e que o rei supunha solitário. Esse gabinetezinho pertencera outrora ao quarto e dele estava separado apenas por tenuíssimo tabique. Daí que a separação, que só o era para os olhos, permitia aos ouvidos menos indiscretos ouvirem tudo o que se dizia no quarto.

Não havia duvidar, portanto, que o tenente dos mosqueteiros ouvira quanto se dissera no quarto de Sua Majestade.

Prevenido pelas últimas palavras do jovem rei, deixou o gabinete a tempo de saudá-lo à sua passagem e de acompanhá-lo com os olhos até que ele desapareceu no corredor.

Depois, quando o perdeu de vista, sacudiu a cabeça de um modo que lhe era peculiar e, com a voz que quarenta anos passados fora da Gasconha não tinha podido tirar o sotaque gascão: — Triste serviço! — disse ele — triste amo! E, pronunciadas essas palavras, voltou à poltrona, esticou as pernas e cerrou os olhos, como um homem que dorme ou que medita.

Durante o curto monólogo e a encenação que se lhe seguira, ao mesmo tempo que o rei, atravessando os longos corredores do velho castelo, se endereçava ao quarto do Sr. de Mazarino, uma cena de outro gênero se desenrolava nos aposentos do cardeal.

Mazarino enfiara-se na cama um tanto atormentado pela gota, mas como fosse urn homem ordenado, que se utilizava até do sofrimento, obrigava a sua vigília a ser a humílima serva do seu trabalho. Por conseguinte, mandara que Bernouin, seu escudeiro, lhe trouxesse uma pequena escrivaninha de viagem, a fim de que pudesse escrever na cama.

A gota, porém, não é adversário que se deixe vencer com tanta facilidade, e como, a cada movimento que fazia, a dor surda se mudava em aguda:

— Brienne não está aí? — perguntou a Bernouin.

— Não, monsenhor — respondeu o escudeiro. — O Sr. de Brienne, com licença de Vossa Eminência, foi deitar-se; mas se tal é o desejo de Vossa Eminência, não custa nada acordá-lo.

— Não, não vale a pena. Mas vejamos. Malditos algarismos! E o cardeal pôs-se a cismar, enquanto contava nos dedos.

— Oh! algarismos! — acudiu Bernouin. — Bom! se Vossa Eminência desanda a calcular, prometo-lhe para amanhã uma belíssima enxaqueca! E olhe que o Sr. Guénaud não está aqui.

— Tens razão, Bernouin. Pois bem, vais substituir Brienne, meu amigo. Em realidade, eu deveria ter trazido comigo o Sr. de Colbert. O rapaz vai bem, Bernouin, muito bem. Sabe o que faz!

— Não sei — volveu o escudeiro — mas não gosto da cara do tal rapaz que vai bem.

— Está certo, está certo, Bernouin! Não precisamos dos teus conselhos. Senta-te aí, pega na pena e escreve.

— Pronto, monsenhor. Que devo escrever?

— Isso. Agora, depois das duas linhas já traçadas...

— Pronto.

— Escreve. Setecentas e sessenta mil libras.

— Já escrevi.

— Sobre Lião... Parecia hesitar o cardeal.

— Sobre Lião — repetiu Bernouin.
— Três milhões e novecentas mil libras.
— Bem, monsenhor.
— Sobre Bordéus, sete milhões.
— Sete — repetiu Bernouin.
— Sim, sim — disse o cardeal, irritado — sete. — Logo, reportando-se, ajuntou: — Compreendes, Bernouin, tudo isso é dinheiro que precisamos gastar.
— Ora, monsenhor, pouco me importa que seja para gastar ou para amontoar, já que esses milhões não me pertencem.
— Esses milhões pertencem ao rei; é o dinheiro do rei que estou contando. Vejamos, que é que estávamos dizendo?... Tu me interrompes sempre!
— Sete milhões, sobre Bordéus.
— Ah! sim é verdade. Sobre Madri, quatro. Vou-te explicar direitinho de quem é esse dinheiro, Bernouin, visto que muita gente, estúpida, me julga milionário. Eu repilo a estupidez. Um ministro, aliás, não tem nada de seu. Vejamos, continua. Entradas gerais, sete milhões. Propriedades, nove milhões. Escreveste, Bernouin?
— Escrevi, monsenhor.
— Bolsa, seiscentas mil libras; valores diversos, dois milhões. Ah! Já me esquecia: mobiliar os diversos castelos...
— Devo acrescentar da coroa? — perguntou Bernouin, — Não, não, é inútil; está subentendido.
— Escreveste, Bernouin?
— Escrevi, monsenhor.
— E os algarismos?
— Estão escritos uns debaixo dos outros.
— Soma, Bernouin.
— Trinta e nove milhões, duzentas e sessenta mil libras, monsenhor.
— Ah! — exclamou o cardeal com uma expressão de enfado — ainda não há quarenta milhões!
Bernouin recomeçou a adição.
— Não, monsenhor, faltam setecentas e quarenta mil libras. Mazarino pediu a conta e reviu-a atentamente.
— Não importa — acudiu Bernouin — trinta e nove milhões, duzentas e sessenta mil libras representam uma bela quantia.
— Ah! Bernouin, eis o que eu desejava que tivesse o rei.
— Mas Vossa Eminência me disse que esse dinheiro pertencia a Sua Majestade...
— Sem dúvida, é claro, claríssimo, que pertence. Esses trinta e nove milhões estão empenhados e muito bem empenhados!
Sorriu Bernouin a seu modo, como quem acreditava apenas no que quer acreditar, ao mesmo tempo que preparava a beberagem noturna do cardeal e lhe arrumava o travesseiro.
— Oh! — disse Mazarino quando saiu o escudeiro — ainda não chega a quarenta milhões! No entanto, preciso atingir os quarenta e cinco milhões que fixei a mim mesmo. Mas, terei tempo para isso? Estou definhando, vou-me embora, não o conseguirei. Todavia, quem sabe se não encontrarei uns dois ou três milhões nos bolsos dos nossos bons amigos espanhóis? Essa gente descobriu o Peru, que diabo! E deve ainda restar-lhe alguma coisa.
Enquanto falava assim, absorto nos seus algarismos e esquecido da gota, espicaçado por uma preocupação que, nele, era a mais poderosa de todas as preocupações, Bernouin surgiu-lhe no quarto,

esbaforido.

— E então — perguntou o cardeal — que foi?

— O rei! Monsenhor, o rei!

— O rei, como? — perguntou Mazarino, escondendo, rápido, os papéis. — O rei aqui! O rei a esta hora? Eu o supunha deitado há muito tempo. Que aconteceu?

Luís XIV pôde ouvir-lhe as últimas palavras e ver o gesto sobressaltado do cardeal erguendo-se na cama, pois nesse momento entrava no quarto.

— Não há nada, senhor cardeal, ou, pelo menos, nada que possa alarmar Vossa Eminência; é uma comunicação importante que eu precisava fazer-lhe hoje mesmo, e só.

Mazarino pensou imediatamente na extraordinária atenção que o rei prestara às suas palavras sobre a Srta. de Mancini e cuidou que a comunicação fosse nesse sentido. Tranqüilizou-se, portanto, sem demora e assumiu o ar mais encantador, mudança de fisionomia que alegrou extremamente o rei; e, quando Luís se assentou:

— Sire — disse o cardeal — eu devia, sem dúvida, ouvir em pé Vossa Majestade, mas a violência do meu mal...

— Nada de etiquetas entre nós, meu caro senhor cardeal — disse Luís afetuosamente; — sou o discípulo de Vossa Eminência e não o rei, como sabe muito bem, sobretudo hoje à noite, em que venho procurá-lo como requerente, como solicitador, e como um solicitador muito desejoso de ser bem acolhido.

Vendo o rubor do rei, Mazarino julgou confirmada a primeira idéia, a saber, que havia um pensamento de amor naquele bonito palavreado.

O astuto político, dessa vez, apesar da astúcia, enganava-se: o rubor não era ocasionado pelos pudibundos transportes de uma paixão juvenil, mas tão-somente pela dolorosa contração do orgulho real.

Como bom tio, dispôs-se Mazarino a facilitar a confidência.

— Fale, Sire — disse ele — e visto que Vossa Majestade se digna esquecer por instantes que eu sou seu súdito para chamar-me mestre e preceptor, apresento a Vossa Majestade os protestos de todos os meus sentimentos dedicados e ternos.

— Obrigado, senhor cardeal — tornou o rei. — O que tenho de pedir-lhe é, aliás, pouca coisa para Vossa Eminência.

— Tanto pior — respondeu o cardeal — tanto pior, Sire. Eu quisera que Vossa Majestade me pedisse uma coisa importante e até um sacrifício... mas, seja o que for, estou pronto a aliviar-lhe o coração concedendo-lhe, meu querido Sire.

— Pois bem, o caso é o seguinte — prosseguiu o rei, cujo coração batia com precipitação só igualada pela do coração do ministro: — acabo de receber a visita de meu irmão, o rei de Inglaterra.

Mazarino deu um pulo na cama como se o tivessem posto em contato com a garrafa de Leyde ou a pilha de Volta, ao mesmo tempo que uma surpresa, ou melhor, uma decepção manifesta lhe acendia o rosto com tão vivo clarão de cólera que Luís XIV, embora não fosse diplomata, conheceu que o ministro esperara ouvir coisa muito diversa.

— Carlos III — bradou Mazarino com voz rouca e um desdenhoso movimento dos lábios. — Vossa Majestade recebeu a visita de Carlos III.

— Do Rei Carlos II — corrigiu Luís XIV, fazendo timbre em outorgar ao neto de Henrique IV o título que Mazarino se esquecia de dar-lhe. — Sim, senhor cardeal, esse príncipe infeliz tocou-me o coração contando-me os seus infortúnios. A sua aflição é grande, senhor cardeal, e pareceu-me doloroso, a mim, que precisei disputar o meu trono, que fui obrigado, nos dias de comoção, a deixar

a minha capital, a mim, que conheço a desgraça, deixar sem apoio um irmão despojado e fugitivo.

— Ora! — acudiu, com despeito, o cardeal — se ele tivesse como Vossa Majestade um Giulio Mazarino ao pé de si, a coroa lhe teria sido conservada intacta.

— Sei tudo o que a minha casa deve a Vossa Eminência — redarguiu altivamente o rei — e creia que, de minha parte, nunca o esquecerei. Mas é precisamente porque meu irmão o rei de Inglaterra não tem a seu lado o gênio poderoso que me salvou, é por isso que eu gostaria de conciliar-lhe o apoio desse mesmo gênio e pedir ao braço de Vossa Eminência que se estenda sobre a cabeça dele, convicto, senhor cardeal, de que a mão de Vossa Eminência, só com o tocar-lhe, tornaria a pôr-lhe na cabeça a coroa, caída ao pé do cadafalso de seu pai.

— Sire — replicou Mazarino — agradeço a Vossa Majestade a boa opinião que faz de mim, mas nós não temos nada que fazer lá embaixo: são uns alucinados que renegam Deus e cortam a cabeça de seus reis. São perigosos, Sire, e sujos de se tocarem depois que se espojaram no sangue real e na lama do *Covenant*. Nunca me conveio essa política e eu repilo-a.

— Por isso mesmo pode Vossa Eminência ajudar-nos a substituí-la por outra.

— Que outra?

— A restauração de Carlos II, por exemplo.

— Oh! meu Deus! — exclamou Mazarino — dar-se-á o caso que o pobre fidalgo alimente essa quimera?

— Claro — replicou o jovem rei, assustado com as dificuldades que parecia entrever no projeto o olhar tão seguro do ministro; — e para isso nos pede apenas um milhão.

— Pronto! Um milhãozinho só? — atolhou ironicamente o cardeal, acentuando o sotaque italiano. — Só um milhãozinho, meu irmão? Família de mendigos!

— Cardeal — disse Luís XIV reerguendo a cabeça — essa família de mendigos é um ramo de minha família.

— Vossa Majestade é suficientemente rico para dar milhões aos outros? Vossa Majestade possui milhões?

— Oh! — replicou Luís XIV com suprema angústia, que obrigou, todavia, pela força de vontade, a não se lhe manifestar no rosto — sim, senhor cardeal, eu sei que sou pobre mas, afinal, a coroa de França bem vale um milhão, e para praticar uma boa ação empenharei, se preciso for, a minha coroa. Encontrarei judeus que me emprestarão um milhão.

— Por conseguinte, Sire, diz Vossa Majestade que precisa de um milhão? — perguntou Mazarino.

— Digo, sim, senhor.

— Pois Vossa Majestade muitíssimo se engana, e precisa muito mais do que isso. Bernouin!...

Verá, Sire, de quanto precisa realmente Vossa Majestade... Bernouinl — Como! Cardeal — atalhou o rei — Vossa Eminência consultará um lacaio sobre os meus negócios?

— Bernouin! — tornou a gritar o cardeal sem parecer notar a humilhação do jovem príncipe. — Vem cá, e dize-me o total que eu te pedia há pouco, meu amigo.

— Cardeal, cardeal, Vossa Eminência não me ouviu? — tornou Luís, pálido de indignação.

— Não se encolerize, Sire; trato a descoberto os negócios de Vossa Majestade. Sabe-o em França toda a gente, os meus livros estão em dia. Que te mandei fazer há pouco, Bernouin?

— Vossa Eminência mandou-me fazer uma soma.

— Tu a fizeste, não é verdade?

— É, monsenhor.

— Para verificar a importância de que Sua Majestade precisava neste momento. Não foi isso o que eu te disse? Sê franco, meu amigo.

— Foi isso o que me disse Vossa Eminência.
— Pois bem! que importância queria eu?
— Quarenta e cinco milhões, se não me engano.
— E que importância encontraríamos reunindo todos os nossos recursos?
— Trinta e nove milhões, duzentos e sessenta mil francos.
— Está bem, Bernouin, era isso o que eu queria saber; agora deixa-nos — disse o cardeal fitando os olhos brilhantes no jovem rei, mudo de estupefação.
— Mas, entretanto... — balbuciou o rei.
— Ah! Vossa Majestade ainda duvida, Sire! — tornou o cardeal.
— Pois bem! aqui está a prova do que eu lhe dizia.
E Mazarino tirou de baixo do travesseiro o papel coberto de algarismos, que apresentou ao rei.
Este, porém, desviou a vista, tão profunda era a sua dor.
— Portanto, como Vossa Majestade deseja um milhão — e esse milhão não foi incluído aqui, é de quarenta e seis milhões que precisa Vossa Majestade. Pois bem, não há judeus no mundo que emprestem tamanha soma, ainda que seja sobre a coroa de França. Crispando os punhos, o rei afastou a poltrona.
— Está bem — disse ele — meu irmão o rei de Inglaterra morrerá de fome.
— Sire — respondeu no mesmo tom Mazarino — lembre-se Vossa Majestade deste provérbio que aqui lhe ofereço como expressão da política mais sadia: "Alegra-te de ser pobre quando é pobre também o teu vizinho".
Luís meditou alguns momentos, endereçando um olhar curioso ao papel cuja ponta saía por baixo do travesseiro.
— Então — perguntou ele — não é possível atender ao meu pedido de dinheiro?
— De maneira nenhuma, Sire.
— Pense em que isto fará dele um inimigo meu se, mais tarde, subir ao trono sem mim.
— Se Vossa Majestade não receia outra coisa, pode ficar tranqüilo.
— Está bem, já não insisto — assentiu Luís XIV.
— Terei, ao menos, convencido Vossa Majestade? — perguntou o cardeal colocando a mão sobre a do rei.
— Perfeitamente.
— Peça-me Vossa Majestade qualquer outra coisa, que eu terei a ventura de conceder-lha, visto que lhe recusei esta última.
— Qualquer outra coisa, senhor cardeal?
— Pois não vivo eu de corpo e alma consagrado ao serviço de Vossa Majestade? Olá! Bernouin, archotes e guardas para Sua Majestade! Sua Majestade volta aos seus aposentos.
— Ainda não, senhor, e desde que Vossa Eminência coloca a sua boa vontade à minha disposição, vou aproveitá-la.
— Para vossa Majestade? — perguntou o cardeal, esperando que, dessa feita, se tratasse da sobrinha.
— Não, senhor, para mim não — retrucou Luís — mas ainda para meu irmão Carlos.
Anuviou-se o rosto de Mazarino, e Sua Eminência resmungou qualquer coisa que o rei não pôde compreender.

Assez, Monsieur! dit Louis XIV en se levant. — Page 23.

Capítulo XI - A política do Sr. De Mazarino

EM lugar da hesitação com que interpelara, um quarto de hora antes, o cardeal, lia-se agora nos olhos do jovem rei essa vontade contra a qual se pode lutar, que talvez se quebre ante a própria impotência, mas que pelo menos guardará, como um gilvaz no coração, a lembrança da derrota.

— Desta vez, senhor cardeal, trata-se de coisa mais fácil de encontrar do que um milhão.

— Acha Vossa Majestade? — perguntou Mazarino considerando o rei com o olhar astuto que penetrava os mais íntimos recessos dos corações.

— Sim, acho que sim, e quando Vossa Eminência conhecer o objeto do meu pedido...

— E supõe Vossa Majestade que eu já não o conheça?

— Sabe, então, o que resta dizer-lhe ?

— Ouça, Sire, eis as palavras textuais do Rei Carlos...

— Homessa!

— Ouça. E se esse avaro, esse italiano salafrário, disse ele...

— Senhor cardeal!...

— É o sentido, se não as palavras. Oh! meu Deus! não lhe quero mal por isso, Sire; cada qual enxerga através de suas paixões. Ele disse, portanto: E se esse italiano salafrário recusar a Vossa Majestade o milhão que lhe pedimos, Sire, se formos obrigados, por falta de dinheiro, a renunciar à diplomacia, pois bem! pedir-lhe-emos quinhentos fidalgos...

O rei estremeceu, pois o cardeal se enganara apenas no tocante ao número.

— Não foi isso, Sire, não foi isso mesmo? — bradou o ministro com acento triunfante — em seguida ajuntou lindas palavras, dizendo: Tenho amigos do outro lado do estreito, a que faltam apenas um chefe e uma bandeira. Quando me virem, quando virem a bandeira de França, juntar-se-ão a mim, pois compreenderão que tenho o apoio de Vossa Majestade. As cores do uniforme francês valerão para mim o milhão que o Sr. de Mazarino nos terá recusado. (Pois ele sabia muito bem que eu lhe recusaria o milhão). Vencerei com esses quinhentos fidalgos, Sire, e todas as honras reverterão a Vossa Majestade. Eis o que ele disse, pouco mais ou menos, não é verdade? — envolvendo essas palavras com metáforas brilhantes, imagens pomposas, que a família é loquaz! O pai falou até no cadafalso.

O suor da vergonha marejava na testa de Luís.

Sentia que se não compadecia com a sua dignidade ouvir tais insultos a seu irmão, mas ainda ignorava como impor a sua vontade, sobretudo diante de quem vira curvar-se tudo, até mesmo sua mãe.

Afinal fez um esforço.

— Mas — disse ele — senhor cardeal, não são quinhentos, são duzentos homens.

— Vossa Majestade está vendo que adivinhei o que ele pediu.

— Nunca neguei, senhor, que Vossa Eminência tivesse muita penetração, e por isso mesmo cuidei que não recusaria a meu irmão Carlos uma coisa tão simples e tão fácil de conceder como a que lhe peço em seu nome, senhor cardeal, ou antes no meu.

— Sire — acudiu Mazarino — vai para trinta anos que manejo a política. Manejei-a primeiro como o Sr. Cardeal de Richelieu, depois sozinho. É preciso confessar que essa política nem sempre foi muito honesta; mas nunca foi desastrada. Ora, a que acabam de propor a Vossa Majestade é

desonesta e desastrada a um tempo.

— Desonesta, senhor!

— Sire, Vossa Majestade concluiu um tratado com Cromwell.

— Sim; e nesse mesmo tratado o Sr. Cromwell assinou o nome por cima do meu.

— E por que Vossa Majestade assinou tão baixo? O Sr. Cromwell encontrou um bom lugar e tomou-o; era um hábito dele. Voltemos, pois, ao Sr. Cromwell. Vossa Majestade fez um tratado com ele, isto é, com a Inglaterra, pois quando Vossa Majestade assinou o tratado o Sr. Cromwell era a Inglaterra.

— O Sr. Cromwell morreu.

— Acredita nisso, Sire?

— Naturalmente, visto que seu filho Ricardo sucedeu-lhe e até abdicou!

— Exatamente! Ricardo herdou por morte de Cromwell e a Inglaterra herdou por abdicação de Ricardo. O tratado fazia parte da herança, estivesse ele nas mãos do Sr. Ricardo ou nas mãos da Inglaterra. O tratado, portanto, continua em pé, continua tão válido quanto nunca. Por que haveria Vossa Majestade de iludi-lo? Em que se alterou a situação? Carlos II quer hoje o que não quisemos há dez anos; mas o caso está previsto. Vossa Majestade é aliado da Inglaterra, Sire, e não de Carlos II. É desonesto, sem dúvida, à luz das relações familiares, ter assinado um tratado com ura homem que mandou cortar a cabeça do cunhado do rei, pai de Vossa Majestade, e ter contratado uma aliança com um parlamento que lá denominam parlamento do Curanchim; é desonesto, concordo, mas não era desastrado sob o aspecto político, pois, graças a esse tratado, poupei a Vossa Majestade, ainda menor, o embaraço de uma guerra externa, que a Fronda... Vossa Majestade há de lembrar-se da Fronda (o jovem rei abaixou a cabeça), que a Fronda teria fatalmente complicado. E aí está como demonstro a Vossa Majestade que mudar agora de caminho sem prevenir os nossos aliados seria, ao mesmo tempo, desonesto e desastrado. Faríamos guerra colocando as sem-razões do nosso lado; fa-la-íamos, merecendo que no-la fizessem, e teríamos o ar de temê-la, embora a provocássemos; pois uma permissão a quinhentos homens, a duzentos homens, a cinqüenta homens, a dez homens, é sempre uma permissão. Um francês, é a nação; um uniforme, é o exército. Suponha, Sire, por exemplo, que Vossa Majestade tenha de lutar contra a Holanda, o que mais cedo ou mais tarde acabará forçosamente sucedendo, ou com a Espanha, o que sucederá talvez se se malograr o casamento de Vossa Majestade (Mazarino considerou profundamente o rei), e há mil causas que podem acarretar o malogro desse casamento; pois bem! aprovaria Vossa Majestade que a Inglaterra enviasse às Províncias Unidas ou à infanta um regimento, uma companhia, um esquadrão até de fidalgos ingleses? Parecer-lhe-ia que ela tivesse permanecido honestamente dentro dos limites do seu tratado de aliança?

Luís ouvia; figurava-se-lhe estranho que Mazarino invocasse a boa-fé, ele, autor de tantas trapaças políticas, as célebres mazarinadas.

— Mas, afinal — disse o rei — sem autorização manifesta, não posso impedir que fidalgos do meu Estado passem à Inglaterra se tal lhes aprouver.

— Vossa Majestade deveria obrigá-los a voltar, ou, pelo menos, protestar contra a presença deles, como inimigos, num país aliado.

— Mas vejamos, senhor cardeal: Vossa Eminência é um gênio tão profundo, procuremos um meio de ajudar esse pobre rei sem nos comprometermos.

— E eis precisamente o que não quero, Sire — volveu Mazarino; — se a Inglaterra agisse de acordo com os meus desejos não agiria melhor; se eu dirigisse daqui a política inglesa não a dirigiria de modo diverso. Governada como o está sendo, a Inglaterra constitui para a Europa uma fonte de

trapalhadas. A Holanda protege Carlos II; deixemos a Holanda; holandeses e ingleses acabarão brigando e passarão às vias de fato; são as duas únicas potências marítimas; deixemos que destruam reciprocamente as suas esquadras; construiremos a nossa com os destroços dos seus navios, e assim mesmo quando tivermos dinheiro para comprar os pregos.

— Oh! como tudo o que Vossa Eminência me diz é pobre e mesquinho, senhor cardeal!

— Sim, mas como é verdadeiro, Sire, confesse. Digo mais: admitamos por um momento a hipótese de que Vossa Majestade falte à sua palavra e viole o tratado; isso se faz com freqüência, mas quando nos impele a fazê-lo um grande interesse ou quando o contrato nos incomoda demais; pois bem! Vossa Majestade autorizará o alistamento requerido; a França, a sua bandeira, o que é a mesma coisa, cruzará o estreito e combaterá; a França será vencida.

— Por quê?

— Hábil general é Sua Majestade Carlos II e Worcester nos oferece belas garantias!

— Já não terá que lutar contra Cromwell, senhor.

— Mas terá que lutar contra Monck, que é bem mais perigoso. O bravo cervejeiro de que falamos era um iluminado, tinha momentos de exaltação, de desafogo, de soberba, durante os quais se rompia como um tonel demasiado cheio; escapavam-se então pelas brechas, constantemente, algumas gotas do seu pensamento e, pela amostra, conhecia-se o pensamento todo. Cromwell nos permitiu assim, mais de dez vezes, penetrar-lhe a alma quando se cria envolta essa alma num triplo bronze, como dizia Horácio. Mas Monck! Ah! Sire, Deus o livre de fazer política com Monck! Foi ele quem, neste último ano, me agrisalhou o cabelo! Monck, infelizmente, não é um iluminado, é um político; não se rompe, comprime-se. Há dez anos que tem os olhos fitos num alvo, e ninguém até hoje conseguiu adivinhar qual fosse. Todas as manhãs, como aconselhava Luís XI, ele queima o barrete com que dormiu. Por isso mesmo, no dia em que explodir esse plano lenta e solitariamente amadurecido, explodirá com todas as condições de bom êxito que sempre acompanham o imprevisto. "Aí está Monck, Sire, de que Vossa Majestade talvez nunca ouviu falar, cujo nome talvez nem sequer conhecesse antes que seu irmão Carlos II, que sabe quem ele é, o pronunciasse em presença de Vossa Majestade, isto é, uma maravilha de profundeza e de tenacidade, as duas únicas coisas contra as quais se embotam o espírito e o ardor. Eu tive ardor, Sire, quando era moço, e sempre tive espírito. Posso gabar-me dele, já que mo reprocham. Subi muito com essas duas qualidades, visto que, de filho de um pescador de Piscina, me tornei primeiro ministro do rei de França, e como tal, há de reconhecê-lo Vossa Majestade, prestei alguns serviços ao trono de Vossa Majestade. Pois bem, Sire, se eu tivesse encontrado Monck em seu caminho, em vez de encontrar o Sr. de Beaufort, o Sr. de Retz ou o senhor príncipe, estaríamos perdidos. Comprometa-se levianamente Vossa Majestade, e cairá nas garras desse soldado político. O capacete de Monck, Sire é um cofre de ferro em que ele encerra os seus pensamentos e cuja chave ninguém tem. Daí, que, perto dele, ou melhor, diante dele, eu me incline, Sire, eu que tenho apenas um barrete de veludo.

— E que julga Vossa Eminência que pretende Monck, então?

— Oh! se eu o soubesse, não diria a Vossa Majestade que desconfiasse dele, pois seria mais forte do que ele; mas com ele tenho medo de adivinhar; de adivinhar! Vossa Majestade compreende a expressão? Porque se eu julgasse ter adivinhado, deter-me-ia numa idéia e, mau grado meu, perseguiria essa idéia. Desde que esse homem subiu ao poder lá embaixo, vivo como aqueles condenados de Dante a quem Satanás torceu o pescoço, que andam para a frente e olham para trás: vou para o lado de Madri, mas não perco vista de Londres. Adivinhar, com esse diabo de homem, é enganar-se, e enganar-se é perder-se. Deus me livre de procurar jamais adivinhar o que ele deseja; limito-me, e já é o bastante, a espiar o que ele faz; ora, eu creio (compreende Vossa Majestade o

significado da palavra creio? eu creio, em relação a Monck, não me compromete em nada) eu creio que ele deseja, pura e simplesmente, suceder a Cromwell. Seu irmão Carlos II já lhe mandou dez pessoas com dez propostas diferentes; ele contentou-se em expulsar os dez intermediários sem lhes dizer outra coisa senão: "Parti ou mando-vos enforcar!" É um sepulcro esse homem! Neste momento, Monck finge-se devotado ao parlamento do Curanchim; mas eu é que não me deixo enganar por esse devotamento: Monck não quer ser assassinado. Um assassínio o deteria em meio à sua obra, e é preciso que a sua obra se realize; por isso creio, mas não creia Vossa Majestade no que eu creio; digo creio por hábito; creio que Monck está poupando o parlamento enquanto não dá cabo dele. Pedem espadas a Vossa Majestade para lutar contra Monck. Deus nos livre, Sire, de lutarmos contra Monck, pois Monck nos vencerá, e, se eu for vencido por Monck, nunca mais me consolarei. Estou para dizer, Sire, que há dez anos Monck previa essa vitória. Por Deus! Por amizade a Vossa Majestade, se não por consideração a si mesmo, Carlos II fique sossegado; Vossa Majestade lhe dará uma rendazinha e um de seus castelos. Oh! Mas, espere, espere! Lembra-me o tratado, o famoso tratado de que há pouco falávamos! Vossa Majestade não tem sequer o direito de dar-lhe um castelo!

— Como assim?

— Sim, sim, Vossa Majestade comprometeu-se a não dar hospitalidade ao Rei Carlos, comprometeu-se a fazê-lo sair de França. Foi por isso que o obrigamos a sair, e ei-lo que volta de novo. Sire, espero que Vossa Majestade convença seu irmão de que ele não pode ficar entre nós, que é impossível, que nos compromete; do contrário, eu mesmo...

— Basta, senhor! — bradou Luís XIV erguendo-se.

— Que Vossa Eminência me recuse um milhão é um direito que lhe assiste: os seus milhões lhe pertencem; que me recuse ainda duzentos fidalgos, é também um direito que lhe assiste, pois Vossa Eminência é primeiro ministro e arca, aos olhos da França, com a responsabilidade da paz e da guerra; mas que queira impedir-me, a mim, ao rei, de dar hospitalidade ao neto de Henrique IV, a meu primo-irmão, ao companheiro de minha infância! Aí termina o poder de Vossa Eminência e começa a minha vontade.

— Sire — disse Mazarino, satisfeito em livrar-se por tão pouco e que, aliás, só combatera com tanto ardor para chegar a esse ponto — Sire, eu me curvarei sempre ante a vontade do meu rei; conserve o meu rei ao pé de si ou num de seus castelos o rei de Inglaterra, saiba-o Mazarino, mas não o saiba o ministro.

— Boas-noites, senhor — disse Luís XIV — vou-me desesperado.

— Mas convencido, Sire, e é o quanto basta — replicou Mazarino.

O rei não respondeu e retirou-se pensativo, convencido, não de tudo o que lhe dissera Mazarino, mas de uma coisa, ao contrário, que se guardara de dizer-lhe, isto é, da necessidade de estudar seriamente os seus negócios e os da Europa, pois via-os difíceis e obscuros.

Luís encontrou o rei de Inglaterra sentado no mesmo lugar em que o deixara.

Vendo-o, ergueu-se o príncipe inglês; mas, ao primeiro olhar, surpreendeu o desalento escrito em letras sombrias na testa do primo.

E tomando primeiro a palavra, como para facilitar a Luís a penosa confissão que este teria de fazer-lhe, disse:

— Seja como for, jamais esquecerei a bondade e a amizade que Vossa Majestade demonstrou por mim.

— Ai de mim! — replicou surdamente Luís XIV — boa vontade estéril, meu irmão!

Carlos II empalideceu extremamente, passou a mão fria pela testa e lutou por alguns instantes contra uma vertigem que o fez cambalear.

— Compreendo — disse, afinal — já não há esperanças! Luís agarrou a mão de Carlos II.

— Espere, meu irmão — disse ele — não precipite as coisas, tudo pode mudar; são as resoluções extremas que arruínam as causas; acrescente, eu lhe suplico, mais um ano de provações aos anos que já sofreu. Não há, para decidi-lo a agir neste momento de preferência a qualquer outro, nem ocasião nem oportunidade; venha comigo, meu irmão, eu lhe darei uma de minhas residências, a que mais lhe agradar; observarei consigo os acontecimentos e juntos saberemos prepará-los; vamos, meu irmão, coragem!

Carlos II desvencilhou a mão da mão do rei e, recuando para saudar com mais cerimônia:

— Obrigado, Sire, obrigado de todo coração — retorquiu — mas supliquei sem resultado ao maior rei da terra; só me resta agora pedir um milagre a Deus.

E saiu sem querer ouvir mais nada, a testa alta, a mão fremente, o rosto nobre dolorosamente contraído, e essa profundeza do olhar que, já não encontrando esperanças no mundo dos homens, parece ultrapassá-lo para pedi-la a mundos desconhecidos.

Vendo-o passar lívido assim, o oficial de mosqueteiros quase que se pôs de joelhos para saudá-lo.

Em seguida, pegou num archote, chamou dois mosqueteiros e desceu com o rei desgraçado a escada deserta, segurando com a mão esquerda o chapéu, cuja pluma varria os degraus.

Chegado à porta, o oficial perguntou ao rei para que lado ia, a fim de mandar os mosqueteiros.

— Senhor — respondeu Carlos II a meia voz — vós que conhecestes meu pai, como dizeis, talvez tenhais rezado por ele. Se assim foi, não me olvideis também em vossas orações. Agora vou só e peço-vos que não me acompanheis nem me mandeis acompanhar por mais tempo.

Inclinou-se o oficial e ordenou aos mosqueteiros que voltassem ao palácio.

Mas quedou um instante debaixo do pórtico para ver afastar-se Carlos H e perder-se na sombra da rua.

— A este, como outrora ao pai — murmurou — Athos, se aqui estivesse, diria com razão: — Salve a Majestade caída!

Depois, subindo a escada: — Ah! Triste ofício o meu! — dizia, a cada degrau.

— Ah! Triste amo! A vida assim já não é suportável, e eu preciso, afinal, tomar uma decisão!... Já não há generosidade, já não há energia! — continuou. — O mestre foi bem sucedido e conseguiu atrofiar para sempre o discípulo. Com seiscentos diabos! Não agüento mais. Vamos — continuou, entrando na antecâmara — por que me fitais assim, senhores? Apagai estes fachos e tornai aos vossos postos! Ah! vós me guardáveis? Sim, sim, vós me guardais, não é verdade? Bravos idiotas! Eu não sou o Duque de Guise e ninguém vai assassinar-me no corredor. Aliás — ajuntou, em voz baixa — seria uma resolução, e já ninguém toma resolução depois que morreu o Sr. Cardeal de Richelieu. Ah! aquele, sim! aquele era um homem de verdade! Está decidido, jogo amanhã a casaca às urtigas.

Logo, voltando atrás: — Não — disse ele — ainda não! Tenho uma bela prova para fazer e hei de fazê-la; mas juro que será a última, com a breca!

Não havia terminado o monólogo quando uma voz partiu do quarto do rei.

— Senhor tenente! — disse a voz.

— Aqui estou — respondeu ele.

— O rei quer falar-vos.

— Vamos — disse o tenente — talvez seja para o que penso. E entrou no quarto do rei.

Capítulo XII - O rei e o tenente

QUANDO o rei viu o oficial ao seu lado, dispensou o escudeiro e o fidalgo. — Quem está de serviço amanhã? — perguntou. O tenente inclinou a cabeça com uma polidez de soldado e respondeu:

— Eu, Sire.

— Como, vós outra vez?

— Eu sempre.

— Como é possível isso, senhor?

— Sire, os mosqueteiros, em viagem, fornecem todas as guardas da casa de Vossa Majestade, isto é, as de Vossa Majestade, as da rainha-mãe e as do senhor cardeal, que tira do rei a melhor parte, ou melhor, a parte mais numerosa da guarda real.

— E as substituições?

— Não há substituições, Sire, senão para vinte ou trinta homens que descansam em cento e vinte. No Louvre é diferente, se eu estivesse no Louvre, descansaria no meu brigadeiro; mas em viagem, Sire, ninguém sabe o que pode acontecer, e gosto de fazer pessoalmente o serviço.

— Por conseguinte, estais de guarda todos os dias?

— E todas as noites, Sire.

— Senhor, não posso admitir uma coisa dessas; quero que descanseis.

— Está muito bem, Sire, mas eu não quero.

— Como? — exclamou o rei, que não compreendera logo o sentido da resposta.

— Digo, Sire, que não quero expor-me a um erro. Se o diabo quisesse pregar-me uma peça, Vossa Majestade compreende, como ele me conhece, escolheria o momento em que eu estivesse ausente. Antes de tudo o serviço e a paz de minha consciência.

— Mas, a continuardes assim, vós vos acabareis matando.

— Ah! Sire, há trinta e cinco anos que continuo assim, e sou o homem de França e de Navarra que possui a melhor saúde. De mais a mais, Sire, não se preocupe Vossa Majestade comigo, por favor; isso me pareceria demasiado estranho, visto que não estou acostumado a tanto.

— O rei cortou a conversação com outra pergunta.

— Estareis aqui amanhã cedo? — perguntou.

— Como agora, Sire.

O rei deu alguns passos pelo quarto; via-se que morria pot falar, mas que um temor qualquer o retinha.

Em pé, imóvel, chapéu na mão, um dos punhos na cintura, o tenente observava-lhe as evoluções e, enquanto o considerava, resmungava mordendo o bigode:

— Palavra de honra que ele não tem meia pistola de resolução. Aposto que não falará.

O rei continuava a caminhar, dirigindo, de quando em quando, um olhar de viés ao tenente.

— É o pai escarrado — continuava este último no monólogo secreto; — orgulhoso, pão-duro e tímido ao mesmo tempo. Porcaria de amo!

Deteve-se Luís.

— Tenente? — disse ele.

— Aqui estou, Sire.

— Por que, hoje à noite, gritastes lá embaixo, na sala: "Serviço do rei, os mosqueteiros de Sua

Majestade"?

— Porque Vossa Majestade mo havia ordenado, Sire.

— Eu?

— Vossa Majestade.

— Mas se eu não pronunciei uma palavra nesse sentido!

— Sire, a gente ordena com um sinal, com um gesto, com uma piscadela, tão franca e tão claramente como ordena com uma palavra. Um servidor que tivesse apenas ouvidos seria tão-somente meio servidor.

— Os vossos olhos são, então, muito penetrantes, senhor.

— Por que, Sire?

— Porque vêem o que não existe.

— Meus olhos são bons, de fato, Sire, embora tenham servido muito e há muito tempo o seu dono; por isso, sempre que têm qualquer coisa para ver, não perdem a ocasião. Ora, esta noite eles viram que Vossa Majestade se abraseava de tanta vontade de bocejar; que Vossa Majestade olhava com súplicas eloqüentes, primeiro para Sua Eminência, depois para Sua Majestade a rainha-mãe, afinal para a porta de saída; tão bem observaram tudo isso que acabo de dizer, que viram os lábios de Vossa Majestade articularem estas palavras: Quem me tirará daqui?

— Senhor!

— Ou, pelo menos, isto, Sire: Meus mosqueteiros! Então não hesitei. O olhar era para mim, as palavras eram para mim; gritei imediatamente: "Os mosqueteiros de Sua Majestade!" E, aliás, tanto isso é verdade, Sire, que Vossa Majestade não só não me repreendeu, mas também me deu razão partindo incontinenti.

Voltou-se o rei para sorrir; depois, volvidos alguns segundos, pousou de novo o límpido olhar naquela fisionomia tão inteligente, tão atrevida e tão firme, que se diria o perfil enérgico e altivo da águia diante do sol.

— Está bem — disse após curto silêncio, em que debalde tentou obrigar o oficial a abaixar os olhos.

Mas vendo que o rei não dizia mais nada, este girou sobre os calcanhares e deu três passos para sair, murmurando:

— Ele não falará, com seiscentos diabos! ele não falará.

— Obrigado, senhor — disse o rei.

— Francamente — prosseguiu o tenente — só me faltaria ser censurado por haver sido menos pateta do que os outros.

E chegou à porta, fazendo tinir militarmente as esporas. Atingindo, porém, o limiar, e sentindo que o desejo do rei o atraía para trás, voltou-se.

— Vossa Majestade já me disse tudo? — perguntou em tom que ninguém saberia imitar, e que, sem parecer provocar a confiança real, encerrava tanta franqueza persuasiva, que o rei replicou sem demora:

— Com efeito, senhor, aproximai-vos.

« Votre Majesté m'a tout dit? »

— Ainda bem — murmurou o oficial — ele vai falar!

— Ouvi-me.

— Sou todo ouvidos, Sire.

— Montareis a cavalo amanhã, senhor, às quatro da madrugada, e mandareis arrear um cavalo para mim.

— Das cavalariças de Vossa Majestade?

— Não, de um de vossos mosqueteiros.

— Muito bem, Sire. É só?

— E vós me acompanhareis.

— Sozinho?

— Sozinho.

— Virei buscar Vossa Majestade, ou devo esperá-lo?

— Vós me esperareis.

— Onde, Sire?

— À portazinha do parque.

Inclinou-se o tenente, compreendendo que o rei lhe dissera tudo o que tinha para dizer.

De fato, Luís dispensou-o com um gesto amável.

Saiu o oficial do quarto do rei e voltou a instalar-se filosoficamente na poltrona, onde, muito longe de dormir, como se poderia imaginar, em vista da hora adiantada, pôs-se a refletir mais

profundamente do que nunca o fizera na vida.

O resultado dessas reflexões não foi triste quanto o das reflexões precedentes.

— Ainda bem, já começou — disse entre si; — o amor o empurra, e ele marcha, marcha. O rei é nulo, mas o homem valerá talvez alguma coisa. Aliás, vê-lo-emos amanhã cedo... Oh! Oh! — exclamou de súbito, reerguendo-se — aí está uma idéia gigantesca, com os demônios! E pode ser que a minha fortuna esteja nessa idéia!

Proferida a exclamação, levantou-se e entrou a percorrer, com as mãos nos bolsos do gibão, a imensa antecâmara que lhe servia de aposento.

A vela ardia com fúria ao esforço de uma brisa fresca que, introduzindo-se pelas fisgas da porta e pelas frinchas da janela, cortava diagonalmente a sala. Projetava uma luz avermelhada, desigual, ora radiosa, ora baça, e via-se caminhar sobre a parede a grande sombra do tenente, desenhada como uma figura de Callot, com a espada em forma de espeto e o chapéu empenachado.

— Não há dúvida — murmurou — ou muito me engano ou o Mazarino preparou uma cilada para o jovem amoroso: o Mazarino deu esta noite uma indicação e um endereço com a mesma complacência com que o teria feito o próprio Sr. Dangeau. Eu ouvi e conheço o valor das palavras. "Amanhã cedo, disse ele, elas passarão à altura da ponte de Blois." Com a breca! isso é claro, claríssimo, sobretudo para um namorado! Daí o constrangimento, daí a hesitação, daí a ordem: senhor tenente de mosqueteiros amanhã a cavalo, às quatro horas da madrugada. O que é tão claro como se ele me tivesse dito: senhor tenente de mosqueteiros, amanhã a cavalo, às quatro horas da madrugada, na ponte de Blois, entendestes? Há, portanto, aí um segredo de Estado que eu, João-ninguém, conheço neste momento. E por que o conheço? Porque tenho bons olhos, como ainda há pouco dizia a Sua Majestade. Dizem que ele gosta furiosamente daquela bonequinha italiana! Dizem que se atirou aos pés da mãe suplicando que lhe permitisse desposá-la! Dizem que a rainha chegou a ponto de consultar a corte de Roma para saber se tal casamento, feito contra a sua vontade, seria válido! Oh! se eu tivesse ainda vinte e cinco anos! se tivesse, agora, a meu lado, os que já não tenho! se não desprezasse profundamente todo o gênero humano, intrigaria o Sr. de Mazarino com a rainha-mãe, a França com a Espanha, e faria uma rainha à minha moda; mas, qual!

E o tenente estalou os dedos em sinal de desdém.

— Esse italiano miserável, esse sacripanta, esse pão-duro dos diabos, que acaba de recusar um milhão ao rei de Inglaterra, não me daria talvez mil pistolas péla notícia que eu lhe levasse. Oh! com a breca! pareço criança outra vez! pareço burrol O Mazarino dar alguma coisa, há! há! há!

E casquinou uma formidável gargalhada.

— Durmamos — disse ele — durmamos, e já; tenho o cérebro cansado, amanhã ele enxergará mais claro do que hoje.

E, feita a si mesma essa recomendação, embrulhou-se na capa, chasqueando do real vizinho.

Cinco minutos depois dormia a sono solto, com os lábios entreabertos, deixando escapar, não um segredo, mas um ronco sonoro que se desenvolvia à vontade sob a abóbada majestosa da antecâmara.

Capítulo XIII - Maria de Mancini

MAL aclarava o sol com os seus primeiros raios os grandes bosques do parque e os altos cataventos do castelo, quando o jovem rei, acordado havia mais de duas horas, inteiramente entregue à insónia do amor, abriu a janela e lançou a vista curiosa para os pátios do castelo adormecido.

Viu que era a hora convencionada: o grande relógio do pátio marcava quatro e um quarto.

Não despertou o escudeiro, que dormia profundamente a alguma distância; vestiu-se sozinho, e quando o escudeiro, assustadíssimo, julgando ter perdido a hora, apareceu, Luís mandou-o deitar -se de novo recomendando-lhe o mais absoluto silêncio.

A seguir desceu a escadinha, saiu por uma porta lateral, e bispou ao longo do muro do parque um cavaleiro que segurava um cavalo pela rédea.

O cavaleiro tornara-se irreconhecível com o capote e o chapéu.

Quanto ao cavalo, arreado como o de um rico burguês, não oferecia nada de extraordinário à vista mais exercitada.

Luís empunhou as rédeas do cavalo; o oficial estendeu-lhe o estribo, sem desmontar, e pediu, com voz discreta, as ordens de Sua Majestade.

— Segui-me — respondeu Luís XIV.

O oficial seguiu-o, trotando, e assim desceram até à ponte.

— Senhor — disse o rei — far-me-eis o favor de galopar nesta direção até avistares uma carruagem; depois voltareis para avisar-me; ficarei esperando aqui.

— Dignar-se-á Vossa Majestade dar-me alguns sinais da carruagem que estou encarregado de encontrar?

— Uma carruagem em que vereis duas damas e, provavelmente também, as suas aias.

— Não quero enganar-me, Sire; não haverá outro sinal que me permita reconhecer a carruagem?

— Terá, segundo todas as probabilidades, as armas do senhor cardeal.

— Está bem, Sire — tornou o oficial, inteiramente esclarecido sobre o objeto do reconhecimento.

Pôs o cavalo a trote largo e picou de esporas na direção indicada pelo rei. Mas não dera ainda quinhentos passos quando viu quatro mulas e, logo, uma carruagem despontando atrás de um outeiro.

Atrás da carruagem vinha outra.

Bastou-lhe um olhar para certificar-se de que eram aqueles os carros que buscava.

Voltou incontinenti e, vizinhando-se do rei:

— Sire — disse ele — aí vêm as carruagens. Na primeira, com efeito, vêm duas damas com suas aias; na segunda, lacaios, provisões e bagagens.

— Bem, bem — respondeu o rei com voz comovida. — Fazei-me o favor de dizer a essas damas que um cavaleiro da corte deseja apresentar as suas homenagens, mas somente a elas.

Partiu o oficial à espora feita.

— Com trezentos diabos — dizia ao correr — eis aí um ofício novo e honroso, segundo espero! Eu queixava-me de não ser nada, agora sou confidente do rei. Um mosqueteiro! É de rebentar de orgulho!

Abeirou-se da carruagem e deu o recado como mensageiro galante e espirituoso.

Duas damas, com efeito, estavam no carro: uma de grande beleza, se bem um tanto magra; a outra menos favorecida pela natureza, mas viva, graciosa, e reunindo nas tênues rugas da testa todos os

sinais da vontade.

Os olhos vivos e penetrantes, sobretudo, falavam com mais eloqüência do que quaisquer frases amorosas em voga naqueles tempos galantes.

Foi a ela que se dirigiu d'Artagnan sem se enganar, embora, como dissemos, fosse talvez a outra mais bonita.

— Senhoras — disse ele — sou o tenente dos mosqueteiros, e há na estrada um cavaleiro que vos espera e que deseja apresentar-vos as suas homenagens.

D'Artagnan

A essas palavras, cujo efeito ele seguia com curiosidade, a dama dos olhos negros despediu um grito de alegria, inclinou-se para fora da portinhola e, vendo chegar o cavaleiro, estendeu os braços gritando:

— Ah! meu querido Sire!

E os seus olhos se orvalharam de grossas lágrimas.

O cocheiro sofreou os animais, as aias ergueram-se, atarantadas, do fundo do carro, e a segunda dama esboçou uma reverência rematando com o mais irônico sorriso que o ciúme já desenhou alguma vez em lábios de mulher.

— Maria! querida Maria! — exclamou o rei, pegando com as duas mãos na mão da dama de olhos negros.

E, abrindo a pesada portinhola, puxou-a para fora da carruagem com tamanho ardor que ela se viu nos braços dele antes de tocar o solo.

Postado do outro lado do veículo, o tenente via e ouvia sem ser observado.

O rei ofereceu o braço à Srta. de Mancini, e fez sinal aos cocheiros e lacaios para continuarem o caminho.

Eram cerca de seis horas; a estrada, fresca e encantadora; glandes árvores de folhagem ainda enrodilhada na crina de ouro filtravam o orvalho matutino suspenso como líquidos brilhantes nos ramos que palpitavam; abria-se a relva ao pé das sebes; as andorinhas, que tinham voltado havia poucos dias, descreviam círculos graciosos entre o céu e a água; uma brisa perfumada pelos bosques em flor corria ao longo da estrada e encrespava a toalha líquida do rio; todas essas belezas do dia, todos esses perfumes das plantas, todas essas aspirações da terra para o céu, embriagavam os dois namorados, que caminhavam lado a lado, apoiados um no outro, entreolhando-se, com as mãos enlaçadas, e que, demorando-se por um desejo comum, não se atreviam a falar, tantas coisas tinham para dizer.

Louis XIV et Marie de Mancini. — Page 37.

Percebeu o oficial que o cavalo abandonado vagueava de um lado para outro e inquietava a Srta. de Mancini. Aproveitou o pretexto para aproximar-se e segurar o cavalo, e a pé também entre as duas montarias que levava pela rédea, não perdeu uma palavra, um gesto dos dois apaixonados.

Foi a Srta. de Mancini quem começou.

— Ah! meu caro Sire — disse ela — Vossa Majestade não me desamparou?

— Não — respondeu o rei; — bem vedes, Maria.

— Todos, no entanto, me haviam dito e repetido: assim que nos separássemos, Vossa Majestade não pensaria mais em mim!

— Querida Maria, dar-se-á que só hoje percebestes que estamos cercados de gente interessada em iludir-nos?

— Mas, afinal, Sire, essa viagem, essa aliança com a Espanha? Casam-no!

Luís deixou pender a cabeça.

Ao mesmo tempo o oficial pôde ver luzirem ao sol os olhos de Maria de Mancini, brilhantes como adagas que saltassem da bainha.

— E Vossa Majestade não fez nada por nosso amor? — perguntou a jovem após um instante de silêncio.

— Ah! senhorita, como podeis acreditar numa coisa dessas! Atirei-me aos pés de minha mãe; pedi; supliquei; disse que toda a minha felicidade se resumia em vós; ameacei...

— E então? — perguntou vivamente Maria.

— Então, a rainha-mãe escreveu à corte de Roma e responderam-lhe que um casamento entre nós não teria valor algum e seria rompido pelo Santo Padre. Vendo, por fim, que já não havia esperanças para nós, pedi que pelo menos retardassem o meu casamento com a infanta.

— O que não impede que Vossa Majestade se dirija ao encontro dela.

— Que quereis? Aos meus pedidos, às minhas súplicas, às minhas lágrimas, responderam com razões de Estado.

— E daí?

— E daí? Que quereis que eu faça, senhorita, quando tantas vontades se ligam contra mim?

Foi a vez de Maria abaixar a cabeça.

— Terei, nesse caso, de dizer-lhe adeus para sempre — disse ela. — Sabe que me exilam, que me sepultam; sabe que fazem mais, que me casam também!

Luís empalideceu e levou a mão ao coração.

— Se se tratasse apenas da minha vida, eu teria cedido, pois fui muitíssimo perseguida; acreditei, porém, que se tratasse da sua, meu querido Sire, e lutei para conservar o bem de Vossa Majestade.

— Oh! sim, meu bem, meu tesouro — murmurou o rei, mais galante que apaixonado talvez.

— O cardeal teria cedido — disse Maria — se Vossa Majestade se tivesse dirigido a ele, se houvesse insistido. O cardeal chamar sobrinho ao rei de França! compreenda, Sire! ele teria feito tudo para isso, até a guerra! Certo de governar sozinho, sob o duplo pretexto de haver educado o rei e de lhe ter dado a sobrinha, teria combatido todas as vontades, derrubado todos os obstáculos. Oh! Sire, Sire, eu lho asseguro. Sou mulher e vejo claro em tudo o que é amor.

Essas palavras produziram no rei singular impressão. Dir-se-ia que em lugar de lhe exaltarem a paixão lha enfriassem. Diminuiu o passo e disse, com precipitação:

— Que quereis, senhorita! tudo falhou.

— Exceto a vontade do rei, não é verdade, meu querido Sire?

— Ai de mim! — tornou Luís, corando — terei acaso vontade?

— Oh! — deixou escapar dolorosamente a Srta. de Mancini, magoada.

— A única vontade do rei é a que lhe dita a política, é a que lhe impõe a razão de Estado.

— Oh! Vossa Majestade não me ama! — exclamou Maria; — se me amasse, Sire, teria vontade.

Pronunciando essas palavras, Maria ergueu os olhos para o seu apaixonado, que viu mais pálido e mais transtornado que um proscrito que deixasse para sempre o país natal.

— Acusai-me — murmurou o rei — mas não digais que não vos amo.

Longo silêncio sucedeu a essas palavras, que o jovem rei pronunciara com verdadeiro e profundo

sentimento.

— Não posso pensar, Sire — continuou Maria, tentando um derradeiro esforço — que amanhã, depois de amanhã não tornarei a vê-lo; não posso pensar que acabarei os meus tristes dias longe de Paris, que os lábios de um velho, de um desconhecido tocarão essa mão que Vossa Majestade retém entre as suas; não, não posso pensar em tudo isso, meu querido Sire, sem que o meu pobre coração estale de desespero.

E, de fato, Maria de Mancini rompeu em pranto desfeito. De seu lado, comovido, o rei levou o lenço aos lábios e abafou um soluço.

— Veja — disse ela — as carruagens pararam; minha irmã espera-me, a hora é suprema: o que Vossa Majestade decidir será decidido para toda a vida! — E, logo, com ímpeto: — Oh! Sire, quereis então que eu vos perca? Quereis então, Luís, que aquela a quem dissestes: "Eu te amo", pertença a outro que não seja o seu rei, o seu amo, o seu apaixonado? Oh! coragem, Luís! uma palavra, uma palavra só! dizei: "Eu quero!" e toda a minha vida será acorrentada à vossa, e todo o meu coração vos pertencerá para sempre.

O rei não respondeu.

Maria contemplou-o como Dido contemplou Enéias nos Campos Elíseos, fera e desdenhosa.

— Adeus, pois — disse ela — adeus vida, adeus amor, adeus céu! E deu um passo para afastar-se; o rei deteve-a, segurou-lhe a mão, colou-a nos lábios e, como o desespero vencesse a resolução que ele parecia haver tomado interiormente, deixou cair sobre a linda mão uma lágrima ardente de dor, que fez estremecer Maria, como se de fato a tivesse queimado.

Ela viu os olhos úmidos do rei, a fronte pálida, os lábios crispados e gritou com um acento que ninguém poderia descrever:

— Oh! Sire, Vossa Majestade é rei, chora, e eu parto! Por única resposta, o rei escondeu o rosto no lenço.

O oficial soltou como que um rugido, que espantou os dois cavalos.

Indignada, a Srta. de Mancini deixou o rei e voltou precipitadamente ao carro, gritando para o cocheiro: — Parti, depressa, parti!

O cocheiro obedeceu, chicoteou os cavalos e a pesada carruagem se agitou sobre os eixos barulhentos, ao passo que o rei de França, sozinho, abatido, aniquilado, não se atrevia a olhar para a frente nem para trás.

Capítulo XIV - Em que o rei e o tenente fazem ambos prova de memória

DEPOIS que o rei, como tqdos os enamorados do mundo, fitou longa e atentamente os olhos no horizonte em que se perdia o carro que lhe roubava a namorada, depois que se virou e tornou a virar cem vezes na mesma direção, e conseguiu por fim dominar em parte o alvoroço do coração e do pensamento, lembrou-se de que não estava só.

O oficial continuava segurando o cavalo pelas rédeas e ainda não perdera a esperança de ver o rei mudar de idéia.

— Resta-lhe ainda o recurso de montar outra vez e disparar atrás do carro: nada se terá perdido por esperar.

Mas a imaginação do tenente de mosqueteiros era demasiado brilhante e rica; deixou para trás a do rei, que bem se guardou de entregar-se a tamanho excesso de luxo.

Contentou-se de voltar para junto do oficial e, com voz dolente:

— Vamos — disse ele — já terminamos... a cavalo.

O oficial imitou-lhe o porte, o vagar, a tristeza, e escarranchou-se lenta e tristemente na sua montaria. O rei deu de esporas, seguiu-o o tenente.

Chegado à ponte, Luís voltou-se pela derradeira vez. Paciente como um deus que tem adiante e atrás de si a eternidade, esperou ainda o oficial um retorno de energia. Inutilmente, porém, visto que nada apareceu. Luís enveredou pela rua que conduzia ao castelo e entrou quando soavam sete horas.

Depois que o rei entrou e o mosqueteiro viu, ele que tudo via, erguer-se um canto da tapeçaria à janela do cardeal, deixou escapar um grande suspiro, como um homem liberto dos mais aflitivos embaraços, e disse a meia voz:

— Desta vez, meu oficial, espero que tudo esteja acabado. O rei chamou o seu fidalgo:

— Não receberei ninguém antes de duas horas — disse ele — compreendestes?

— Sire — volveu o fidalgo — há uma pessoa, no entanto, que deseja falar a Vossa Majestade.

— Quem?

— O tenente dos mosqueteiros de Vossa Majestade.

— O que me acompanhou?

— Sim, Sire.

— Ah! — exclamou o rei. — Fazei-o entrar.

Entrou o oficial.

O rei fez, um sinal, saíram o fidalgo e o escudeiro. Luís seguiu-os com os olhos até que eles fecharam a porta e, quando os reposteiros tornaram a cair:

— Vós me lembrais pela vossa presença, senhor — disse o rei — o que eu me esquecera de recomendar-vos, isto é, a mais absoluta discrição.

— Oh! Sire, por que se dá Vossa Majestade ao trabalho de fazer-me tal recomendação? Vê-se que Vossa Majestade não me conhece.

— Sim, senhor, é verdade; sei que sois discreto; mas como eu não tinha prescrito nada...

Inclinou-se o oficial.

— Vossa Majestade não tem mais nada para dizei-me? — perguntou ele.

— Não, senhor, e vós podeis retirar-vos.

— Obterei a permissão de não o fazer sem ter falado ao rei, Sire?

— Que tendes para dizer-me? Explicai-vos.

— Sire, uma coisa sem importância para Vossa Majestade, mas que me interessa enormemente. Perdoe-me, portanto, Vossa Majestade, que eu lhe tome o tempo. Não fossem a urgência e a necessidade e eu não o teria feito, teria desaparecido, mudo e pequeno, como sempre fui.

— Como! Desaparecido! Não vos compreendo.

— Sire, numa palavra — disse o oficial — venho pedir minha demissão a Vossa Majestade.

O rei esboçou um gesto de surpresa, mas o oficial permaneceu imóvel como uma estátua.

— A vossa demissão, senhor? E por quanto tempo, fazei-me o favor de dizer?

— Para sempre, Sire.

— Como, deixareis o meu serviço? — perguntou Luís com um movimento que não era apenas de surpresa.

— Lamento muito, Sire.

— Impossível.

— Não é, Sire: estou ficando velho; já vai para trinta e quatro ou trinta e cinco anos que levo esta vida; os meus pobres ombros andam cansados; sinto que é preciso dar lugar aos jovens. Não pertenço ao novo século e ainda tenho um pé seguro no antigo; daí resulta que, sendo tudo estranho aos meus olhos, tudo me espanta e tudo me atordoa. Em suma, tenho a honra de pedir a minha demissão a Vossa Majestade.

— Senhor — disse o rei considerando o oficial, que envergava a farda com um desembaraço que causaria inveja a um rapaz — sois mais forte e mais vigoroso do que eu.

— Oh! — respondeu o oficial com um sorriso de falsa modéstia — Vossa Majestade me diz isso porque ainda tenho a vista boa e o pé firme, porque monto bem e o meu bigode não embranqueceu; mas, Sire, tudo isso são vaidades, ilusões, aparências, fumaça! Pareço ainda moço, é verdade, mas no íntimo sou velho, e tenho certeza de que em menos de seis meses estarei quebrado, gotoso impotente. Portanto, Sire...

— Senhor — atalhou o rei — lembrai-vos das vossas palavras de ontem; dizíeis, nesse mesmíssimo lugar, que tínheis a melhor saúde de França, que o cansaço vos era desconhecido, que não vos incomodava passar dias e noites a fio em vosso posto. Dissestes ou não tudo isso? Fazei um apelo à vossa memória.

O oficial expeliu um suspiro.

— Sire — disse ele — a velhice é vaidosa, e deve-se perdoar aos velhos o auto-elogio, visto que ninguém o fará por eles. Eu disse isso, é possível; mas o fato, Sire, é que estou muito fatigado e peço a minha demissão.

— Senhor — disse o rei adiantando-se para o oficial com um gesto cheio de finura e majestade — não me dissestes a verdadeira razão: quereis deixar o meu serviço, é verdade, mas ocultais o motivo.

— Acredite Vossa Majestade...

— Acredito o que vejo, senhor; vejo um homem enérgico, vigoroso, cheio de presença de espírito, o melhor soldado de França, talvez, e esse personagem não me persuade de maneira alguma que tenha precisão de repouso.

— Ah! Sire — acudiu o tenente com azedume — quanto elogio! Vossa Majestade me confunde! Enérgico, vigoroso, espirituoso, bravo, o melhor soldado do exército! Mas Vossa Majestade exagera a tal ponto os meus poucos méritos que, por melhor opinião que eu tenha de mim mesmo, não me reconheço. Se eu tivesse a vaidade de acreditar na metade sequer das palavras de Vossa Majestade, eu me consideraria um homem precioso, indispensável; diria que um servidor, quando reúne tantas e tão brilhantes qualidades, é um tesouro sem preço. Ora, Sire, devo dizer-lhe que, durante toda a minha vida, exceto hoje, sempre fui apreciado, a meu ver, por muito menos do que valho. Repito-o,

Vossa Majestade exagera.

O rei franziu o cenho, pois via um motejo sorrir amargamente entre as palavras do oficial.

— Vejamos, senhor — disse ele — discutamos francamente o caso. Não vos apraz o meu serviço? Dizei-o. Nada de rodeios: respondei confiada, francamente, eu o quero.

O oficial, que, havia alguns instantes, revolvia contrafeito o chapéu entre as mãos, ergueu a cabeça a essas palavras.

— Oh! Sire — disse ele — isso já me deixa um pouco mais à vontade. A uma pergunta feita com tanta franqueza, responderei também francamente. Dizer verdade é boa coisa, tanto pelo prazer que a gente sente aliviando o coração, quanto pela raridade do fato. Direi, portanto, verdade a meu rei, suplicando-lhe que releve a franqueza de um velho soldado.

Luís contemplou o oficial com viva inquietação, que se manifestou pela agitação do gesto.

— Pois bem, falai — disse ele; — anseio por ouvir as verdades que tendes para dizer-me.

O oficial atirou o chapéu sobre uma mesa, e o seu rosto, já tão inteligente e tão marcial, assumiu de repente estranha expressão de grandeza e solenidade.

— Sire — disse ele — deixo o serviço do rei porque estou descontente. O lacaio, nos tempos que correm, pode aproximar-se respeitosamente do amo como estou fazendo, dar-lhe o emprego do seu trabalho, devolver-lhe as ferramentas, dar-lhe conta dos fundos confiados, e dizer: "Senhor, minha tarefa terminou, pagai-me, eu vos peço, e separemo-nos".

— Senhor, senhor! — bradou o rei, rubro de cólera.

— Ah! Sire — respondeu o oficial dobrando por um momento os joelhos — nunca foi servidor algum mais respeitoso do que o estou sendo diante de Vossa Majestade; mas Vossa Majestade me ordenou que dissesse a verdade. E já que principiei a dizê-la, terá de explodir, ainda que Vossa Majestade me ordene que a cale.

Tamanha era a resolução expressa nos músculos contraídos do rosto do oficial, que Luís XIV não precisou dizer-lhe que continuasse; ele continuou, portanto, ao passo que o rei o considerava com uma curiosidade mesclada de admiração.

— Sire, vai para trinta e cinco anos, como eu dizia, que sirvo a casa de França; pouca gente terá usado tantas espadas quanto eu nesse serviço, e as espadas de que falo eram boas, Sire. Eu era criança, ignorante de todas as coisas, quando o rei, pai de Vossa Majestade, adivinhou em mim um homem. Eu era um homem, Sire, quando o Cardeal de Richelieu, que entendia do assunto, adivinhou em mim um inimigo. E a história dessa inimizade, entre a formiga e o leão, teria podido lê-la Vossa Majestade, da primeira à última linha nos arquivos secretos de sua família. Se algum dia sentir o desejo de fazê-lo, não se prive; a história vale a pena, sou eu quem lho afiança. Lerá então Vossa Majestade que o leão, cansado, exausto, ofegante, acabou pedindo misericórdia, e, cumpre fazer-lhe justiça, também soube dispensá-la. Oh! foi um belo tempo, Sire, semeado de batalhas, como uma epopéia do Tasso ou do Ariosto! As maravilhas desse tempo, em que o presente se recusaria a acreditar, eram trivialidades para nós. Durante cinco anos, fui herói diariamente, pelo menos segundo afirmaram alguns personagens de mérito; e é bem longo, creia-o Vossa Majestade, um heroísmo de cinco anos! Mas acredito no que disseram, pois eram entendidos no assunto: chamavam-se o Sr. de Richelieu, o Sr. de Buckingham, o Sr. de Beaufort, o Sr. de Retz, um gênio e tanto na guerra das ruas; o Rei Luís XIII, e até a rainha, a augusta mãe de Vossa Majestade, que se dignou dizer-me um dia: *Obrigada!* Já não me lembra o serviço que tive a fortuna de prestar-lhe. Perdoe-me, Sire, que lhe fale tão confiadamente; mas o que estou contando, como já tive a honra de dizê-lo, pertence à história.

O rei mordeu os lábios e sentou-se, colérico, numa poltrona.

— Estou azoinando Vossa Majestade — disse o tenente. — Aí está, Sire, o que é a verdade! Uma

dura companheira, eriçada de ferros, que fere os que atinge e, muita vez, os que a dizem.

— Não, senhor — redarguiu o rei; — convidei-vos a falar: falai.

— Depois do serviço do rei e do cardeal, Sire, veio o serviço da regência; bati-me também na Fronda, embora menos bem que da primeira vez.

Os homens começam a diminuir de estatura.

Mas nem por isso deixei de conduzir os mosqueteiros de Vossa Majestade em certas ocasiões perigosas que ficaram na ordem do dia da companhia. Belo destino era então o meu!

Favorito do Sr. de Mazarino, só se ouvia: tenente para cá! tenente para lá! tenente à direita! tenente à esquerda! Não se distribuía um golpe em França sem que este humílimo servidor de Vossa Majestade fosse encarregado da distribuição; mas pouco depois o senhor cardeal já não se contentava com a França! enviou-me à Inglaterra por conta do Sr. Cromwell. Outro senhor que nada tinha de suave, Sire, eu lhe asseguro. Tive a honra de conhecê-lo e ocasião de apreciá-lo. Tinham-me prometido muita coisa com referência a essa missão; por isso mesmo, como fiz precisamente o contrário do que me haviam recomendado que fizesse, fui generosamente recompensado, pois afinal me nomearam capitão de mosqueteiros, isto é, deram-me o cargo mais invejado da corte, que confere primazia sobre os marechais de França; e é justo, pois quem diz capitão de mosqueteiros diz a flor dos soldados e o rei dos bravos!

— Capitão, senhor? — atalhou o rei; — estais enganado, quereis dizer tenente!

— Não, Sire, nunca me engano; acredite Vossa Majestade no que lhe digo: o Sr. de Mazarino deu-me a patente.

— E então?

— Mas o Sr. de Mazarino, e sabe-o Vossa Majestade melhor do que ninguém, não dá com freqüência e, às vezes, até retoma o que deu: retomou-ma quando se fez a paz e já não precisava de mim. Está visto que eu não era digno de substituir o Sr. de Tréville, de ilustre memória; mas, afinal, tinham-me prometido, tinham-me dado, por que me tomaram?

— É isso o que vos descontenta, senhor? Pois bem, tomarei informações. Amo a justiça, e a vossa reclamação, embora feita militarmente, não me desagrada.

— Oh! Sire — volveu o oficial — Vossa Majestade não me compreendeu direito, já não reclamo nada.

— Excesso de delicadeza, senhor; mas quero interessar-me pelos vossos negócios, e mais tarde...

— Oh! Sire, que expressão! Mais tarde! Há trinta anos que vivo dessa expressão cheia de bondade, pronunciada por tantos altos personagens, e que acaba de pronunciar, por seu turno, a boca de Vossa Majestade. Mais tarde! aí está como fui ferido vinte vezes e como cheguei aos cinqüenta e quatro anos sem ter tido jamais um luís no bolso e sem jamais ter encontrado um protetor em meu caminho, eu que protegi tanta gente! Por isso troco de fórmula, Sire, e quando me dizem: *Mais tarde,* respondo: *Já.* É o repouso que solicito, Sire. Bem me pode ser concedido, visto que não custará nada a ninguém.

— Eu não esperava essa linguagem, senhor, mormente da parte de um homem que sempre viveu entre os grandes. Esquecestes que falais ao rei, fidalgo de tão boa linhagem quanto a vossa, imagino eu, e quando digo mais tarde, no meu caso é uma certeza.

— Não duvido, Sire; mas aqui está o fim da terrível verdade que eu tinha que dizer a Vossa Majestade: ainda que eu visse em cima desta mesa o bastão de marechal, a espada de condestável, a coroa da Polônia, em vez de *mais tarde,* juro a Vossa Majestade que eu tornaria a dizer *já.* Oh! perdoe-me Vossa Majestade, sou da terra de seu antepassado Henrique IV: não falo sempre, mas, quando falo, falo tudo.

— Pelo que parece, senhor, o futuro do meu reinado não vos tenta muito? — atalhou Luís com sobranceria.

— Esquecimento, esquecimento em toda a parte! — exclamou o oficial com nobreza; — o amo esqueceu o servidor, e eis o servidor reduzido a esquecer o amo. Vivo num tempo desgraçado, Sire! Vejo a mocidade desanimada e medrosa, vejo-a tímida e despojada, quando devia ser rica e poderosa. Abro ontem à noite, por exemplo, a porta do rei de França a um rei de Inglaterra cujo pai, eu, pobre de mim, quase salvei se Deus não se tivesse posto contra mim, Deus, que inspirava Cromwell, seu eleito! Abro, repito, essa porta, isto é, o palácio de um irmão a um irmão, e vejo, Sire, com o coração alanceado, vejo o ministro desse rei expulsar o proscrito e humilhar o amo, condenando à miséria outro rei, seu igual; vejo, enfim meu príncipe, que o jovem, belo e bravo, que leva a coragem no coração e o relâmpago nos olhos, tremer diante de um padre que o chasqueia atrás das cortinas de sua alcova, onde digere, em seu leito, todo o ouro de França, que entesoura depois em cofres ignorados. Sim, compreendo o olhar de Vossa Majestade. O meu atrevimento chega às raias da loucura; mas que quer Vossa Majestade? Sou um velho, e digo a Vossa Majestade, meu rei, coisas que eu faria voltarem à garganta de quem as dissesse diante de mim. Vossa Majestade ordenou-me que esvaziasse o coração, Sire, e eu derramo a seus pés a bile que armazeno há trinta anos, como derramaria todo o meu sangue se Vossa Majestade mo ordenasse.

O rei enxugou, em silêncio, as torrentes de suor frio e copioso que lhe corriam das têmporas.

O minuto de mudez que se seguiu à crítica veemente representou para o que falara e para o que escutara séculos inteiros de sofrimento.

— Senhor — disse afinal o rei — pronunciastes a palavra esquecimento, e eu ouvi apenas essa palavra; responderei, portanto, tão-somente a ela. Outros podem ter sido esquecidos, mas eu não o sou, e a prova é que me lembro de que num dia de alvoroto, num dia em que o povo furioso, furioso e bramente como o oceano, invadia o Palais-Royal; num dia, enfim, em que eu fingia dormir em minha cama, só um homem, com a espada na mão, escondido atrás da cama, velava por minha vida, pronto a arriscar a sua por mim, como já a arriscara vinte vezes pelos meus. Não se chamava esse fidalgo, ao qual então perguntei o nome, o Sr. d'Artagnan? Dizei-me.

— Vossa Majestade tem boa memória — respondeu friamente o oficial.

— Vede por aí, senhor — continuou o rei — que, se guardo tais recordações da infância, outras poderei guardar na idade da razão.

— Vossa Majestade foi ricamente aquinhoado por Deus — disse o oficial no mesmo tom.

— Vejamos, Sr. d'Artagnan — continuou Luís com agitação febril — não sereis também tão paciente quanto eu? Não fareis o que estou fazendo?

— E que está fazendo Vossa Majestade?

— Estou esperando.

— Vossa Majestade pode fazê-lo, porque é jovem; mas eu, Sire, já não tenho tempo de esperar: a velhice bate-me à porta, e a morte a segue, vasculhando a minha casa. Vossa Majestade começa a vida, cheio de esperança e com um radioso futuro; mas eu, Sire, eu estou na extremidade oposta do horizonte, e nós encontramos tão longe um do outro, que nunca terei tempo de esperar que Vossa Majestade me alcance.

Luís deu uma volta pelo quarto, enxugando sempre o suor que teria apavorado os médicos, se os médicos pudessem vê-lo naquele estado.

— Está bem, senhor — disse com voz breve; — desejais a vossa dispensa? tê-la-eis. Ofereceis-me a vossa demissão do posto de tenente dos mosqueteiros?

— Deponho-a humildemente aos pés de Vossa Majestade.

— Basta. Mandarei que vos paguem a pensão.
— Ficarei mil vezes obrigado a Vossa Majestade.
— Senhor — disse ainda o rei fazendo um violento esforço sobre si mesmo — creio que perdeis um bom amo.
— E eu, Sire, tenho certeza disso.
— Encontrareis algum parecido?
— Oh! Sire, sei muito bem que Vossa Majestade é único no mundo; por isso, doravante, não servirei nenhum rei da terra, e não terei outro amo senão eu mesmo.
— Vós o dizeis?
— Juro-o.
— Guardo a vossa palavra. Inclinou-se d'Artagnan.
— E sabeis que tenho boa memória — continuou o rei.
— Sei, Sire, e, no entanto, eu desejaria que a memória lhe faltasse neste momento, a fim de que lhe esquecessem as misérias que fui obrigado a desvelar. Vossa Majestade está tão acima dos pobres e dos pequenos, que espero...
— A minha majestade, senhor, fará como o sol, que tudo vê, grandes e pequenos, ricos e miseráveis, dando luz a uns, calor a outros, a todos vida. Adeus, Sr. d'Artagnan, adeus, estais livre.
E com um rouco soluço que se lhe perdeu na garganta, passou rapidamente o rei para o quarto vizinho.
D'Artagnan apanhou o chapéu sobre a mesa em que o jogara, e saiu.

Capítulo XV - O proscrito

D'Artagnan não acabara de descer a escada quando o rei chamou o seu fidalgo.

— Tenho uma incumbência para vós — disse ele.
— Estou às ordens de Vossa Majestade.
— Esperai.
E o jovem rei pôs-se a escrever a seguinte carta, que lhe custou mais de um suspiro, embora, ao mesmo tempo, lhe brilhasse nos olhos uma expressão como de triunfo.

"Senhor cardeal,
"Graças aos bons conselhos de Vossa Eminência e sobretudo graças à sua firmeza, pude vencer e dominar uma fraqueza indigna de um rei. Vossa Eminência preparou com tamanha habilidade o meu destino que o reconhecimento me detém no momento de destruir-lhe a obra. Compreendi que errava querendo desviar a minha vida da rota que lhe traçou Vossa Eminência. E teriam sido, por certo, uma desgraça para a França e uma desgraça para minha familia possíveis desentendimentos entre mim e o meu ministro.
"Era isso, contudo, o que fatalmente sucederia se eu desposasse a sobrinha de Vossa Eminência.
"Compreendo-o perfeitamente e, de ora em diante, não oporei o menor entrave à realização do meu destino. Estou pronto, portanto, para receber-me com a infanta Maria Teresa. Vossa Eminência pode fixar desde já os preliminares das conferências.
"Seu afeiçoado, Luís."

Sua Majestade releu e selou a carta.

— Para o senhor cardeal — disse ele.
Partiu o fidalgo. À porta de Mazarino, encontrou Bernouin, que o esperava ansioso.
— E então? — perguntou o escudeiro do ministro.
— Senhor — disse o fidalgo — aqui está uma carta para Sua Eminência.
— Uma cartai Ah! já a esperávamos, depois da viagenzinha desta manhã.
— Ah! sabíeis que Sua Majestade...
— Como primeiro ministro, somos obrigados a saber tudo. E Sua Majestade, segundo presumo, pede, suplica... ?
— Não sei, mas suspirou muitas vezes ao escrever.
— Sim, sim, sabemos o que isso significa. A gente tanto suspira de felicidade quanto de tristeza.
— Mas, o rei não parecia muito feliz ao regressar.
— Com certeza não observastes bem. Aliás, só vistes Sua Majestade quando chegou, pois vinha acompanhado apenas do tenente de seus guardas. Mas eu, que estava com o telescópio de Sua Eminência, olhava quando o cardeal se cansava. E tenho certeza de que choravam os dois.
— E chorariam de alegria também?
— Não, mas de amor, trocando mil protestos de ternura, que o rei não quer senão manter. Ora, essa carta é um princípio de execução.
— E que pensa Sua Eminência desse amor, que, aliás, não é segredo para ninguém?

Bernouin pegou no braço do mensageiro de Luís e, enquanto subia a escada:

— Confidencialmente — replicou a meia voz — Sua Eminência confia no bom êxito do negócio. Sei perfeitamente que teremos guerra com a Espanha; mas, que importa? a guerra satisfará a nobreza. De mais a mais, o senhor cardeal dará à sobrinha um dote real, e até mais do que real.

Haverá dinheiro, festas e estocadas, e todos ficarão contentíssimos.

— Pois eu — voltou o fidalgo meneando a cabeça — parece-me que é muito leve esta carta para conter tudo isso.

— Amigo — respondeu Bernouin — tenho certeza do que digo: o Sr. d'Artagnan contou-me tudo.

— E que foi que ele disse? vamos a ver!

— Interpelei-o para pedir notícias da parte do cardeal, mas sem revelar os nossos intentos, bem entendido, pois o Sr. d'Artagnan tem um faro tremendo.

— Meu caro Sr. Bernouin — respondeu ele — o rei está loucamente apaixonado pela Srta. de Mancini. É tudo o que posso dizer-vos.

— Oh! — perguntei-lhe — e credes que o esteja tanto que passe por cima dos desígnios de Sua Eminência?

— Ah! não me interrogueis; creio que o rei é capaz de tudo. Tem uma cabeça de ferro e sabe querer. Se decidiu casar com a Srta. de Mancini, casará com ela.

— E, dizendo isso, afastou-se, foi às cavalariças, escolheu um cavalo, selou-o, montou-o e partiu como se o levasse o diabo.

— De sorte que, na vossa opinião?...

— Na minha opinião, o senhor tenente dos guardas sabe mais do que parece saber.

— E, a vosso parecer, o Sr. d'Artagnan...

— Está correndo, muito provavelmente, no encalço das duas exiladas para tomar todas as medidas necessárias ao triunfo do amor de Sua Majestade.

Assim praticando, haviam chegado os dois confidentes à porta do gabinete de Sua Eminência.

O cardeal, que já não sofria de gota, passeava ansioso pelo quarto, escutando atrás das portas e espiando pelas janelas.

Entrou Bernouin, seguido do fidalgo que recebera ordem para entregar a carta pessoalmente.

Mazarino pegou na carta; mas, antes de abri-la, compôs um sorriso de circunstância, cômodo processo para disfarçar as emoções que sentia, fossem de que gênero fossem. Desse modo, não lhe transpareceu no rosto reflexo nenhum da impressão que nele produziu a leitura da carta.

— Pois bem! — exclamou, depois de a ter lido e relido — magnífico, senhor. Anunciais ao rei que lhe agradeço a obediência aos desejos da rainha-mãe e que tudo farei para satisfazer-lhe a vontade.

O fidalgo saiu. Assim que a porta voltou a fechar-se, o cardeal, que não tinha máscaras para Bernouin, retirou a que lhe servira momentaneamente de cobrir a fisionomia, e em seu tom mais sombrio:

— Chama o Sr. de Brienne — ordenou. Cinco minutos depois entrava o secretário.

— Senhor — disse-lhe Mazarino — acabo de prestar um grande serviço à monarquia, o maior de quantos lhe prestei até hoje. Levareis esta carta, que o demonstra, a Sua Majestade a rainha-mãe e depois que ela a tiver restituído, colocá-la-eis na pasta B, que está cheia de peças e documentos relativos ao meu serviço.

Brienne partiu; e como a carta, tão interessante, estivesse aberta, não deixou de lê-la durante o caminho. Seria ocioso ajuntar que Bernouin, que se dava bem com todos, se achegou suficientemente do secretário para ler-lhe por cima do ombro. Espalhou-se a notícia no castelo com tamanha rapidez que Mazarino receou que ela chegasse aos ouvidos da rainha antes que o Sr. de Brienne lhe

entregasse a carta de Luís XIV.

Um momento depois eram dadas todas as ordens para a partida, e o Sr. de Conde, tendo ido cumprimentar o rei à sua pretensa levantada, inscreveu no canhenho a cidade de Poitiers como lugar de estada e repouso para Suas Majestades.

Assim se desatava, em poucos instantes, uma intriga que ocupara surdamente todas as diplomacias européias, mas que tivera, como claro e nítido resultado, privar um pobre tenente de mosqueteiros do seu posto e da sua fortuna.

Verdade é que, em troca, lhe dava a liberdade.

Saberemos dentro em pouco de que maneira a aproveitou o Sr. d'Artagnan. Por enquanto, se nos permite o leitor, devemos voltar ao albergue dos *Médicis,* uma de cujas janelas se abria no mesmo instante em que se preparava no castelo a partida do rei.

A janela pertencia a um dos quartos de Carlos. O desgraçado príncipe passara a noite pensando, com a cabeça entre as mãos e os cotovelos sobre a mesa, enquanto que Parry, enfermo e velho, adormecera num canto, fatigado de corpo e de espírito. Singular destino o daquele fiel servidor, que via recomeçar para a segunda geração a série apavorante de desgraças que tinham pesado sobre a primeira. Depois de haver remoído a nova derrota que acabava de sofrer, depois de ter compreendido o completo isolamento em que acabava de cair com a fuga da última esperança, sentiu uma espécie de vertigem e caiu para trás na ampla poltrona em cujo bordo se assentara.

Deus amiserou-se então do príncipe infeliz e mandou-lhe o sono, irmão inocente da morte, que só o deixou às seis e meia, isto é, quando o sol já resplandecia no quarto e Parry, imobilizado pelo receio de acordá-lo, considerava com tristeza profunda os olhos do rapaz, avermelhados pela vigília e as suas faces, emaciadas pelo sofrimento e pelas privações.

Por fim o barulho de algumas carroças pesadas que desciam na direção do Loire despertou Carlos.

Levantou-se, relanceou os olhos à sua volta como quem se tivesse esquecido de tudo, deu com Parry, apertou-lhe a mão e recomendou-lhe que acertasse as contas com o albergueiro. Obrigado a fazê-lo, mestre Cropole, cumpre que se diga, houve-se como homem honrado; limitou-se a repetir a observação habitual, a saber, que os viajantes não tinham comido nada, o que apresentava a dupla desvantagem de ser pouco lisonjeiro para a sua cozinha e forçá-lo a cobrar uma refeição não aproveitada, mas, sem embargo, esperdiçada. Parry não achou o que dizer e pagou.

— Espero — disse o rei — que não se tenha dado o mesmo com os cavalos. Seria um desastre para dois viajantes, que têm de fazer uma viagem longa, como nós, encontrarem as montarias enfraquecidas.

A essa dúvida, porém, Cropole assumiu o seu ar majestoso e respondeu que as cocheiras dos *Médicis* não eram menos hospitaleiras do que o seu refeitório.

O rei montou; o velho servidor imitou-o e tomaram ambos a direção de Paris, sem quase encontrar ninguém pelo caminho, nas ruas e nos arrabaldes da cidade.

Para o príncipe, tanto era mais cruel o golpe quanto representava um novo exílio. Os desgraçados se agarram às menores esperanças, como os venturosos às maiores fortunas, e quando precisam deixar o sítio em que essa esperança lhes acalentou o coração, sentem a tristeza mortal que experimenta o proscrito quando põe o pé no navio que há de conduzi-lo ao degredo. É que, aparentemente, o coração muito ferido sofre ao menor toque, e considera como um bem a ausência momentânea do mal, que é apenas a ausência da dor; é que, enfim, nos mais terríveis infortúnios, Deus atira a esperança como a gota d'água que o rico mau, no inferno, pedia a Lázaro.

A esperança de Carlos II fora mais que uma alegria fugitiva ao ver-se bem acolhido por seu irmão Luís. Nesse momento, tomara corpo e mudara-se em realidade; depois, de golpe, a recusa de

Mazarino fizera descer a realidade fictícia ao estado de sonho. A promessa de Luís XIV, tão depressa retirada, fora um escárnio. Escárnio como a sua coroa, como o seu cetro, como os seus amigos, como tudo o que lhe cercara a infância real e lhe desamparara a juventude proscrita.

Escárnio! era tudo escárnio para Carlos II, salvo o repouso frio e negro que lhe prometia a morte.

Tais as idéias do infortunado príncipe quando, deitado sobre o cavalo cujas rédeas abandonara, caminhava sob o sol quente e doce do mês de maio, em que a pesada misantropia do exilado via um derradeiro insulto à sua pena.

Capítulo XVI - I remember!

UM cavaleiro que passava rapidamente pela estrada de Blois, que ele acabava de deixar havia coisa de meia hora, cruzou-se com os dois viajantes e, embora parecesse apressadíssimo, desbarretou-se ao passar. O rei mal reparou nele, pois era um rapaz de vinte e quatro a vinte e cinco anos, que se voltava a trechos e fazia sinais de amizade a um homem parado no portão de uma bela casa branca e vermelha, isto é, de tijolos e pedras, com teto de ardósias, situada à esquerda da estrada seguida pelo príncipe.

O homem parado no portão, um velho alto e magro, de cabelo branco, respondia aos sinais com gestos de adeus ternos como os de um pai.

O rapaz acabou desaparecendo na primeira curva da estrada, ladeada de formosas árvores, e o velho já se dispunha a entrar, quando os dois viajantes, passando por ele, chamaram-lhe a atenção.

O rei, como já dissemos, ia cabisbaixo, braços inertes, deixando que a montada o conduzisse a passo e quase à sua mercê; enquanto Parry, atrás, para saborear melhor a tépida carícia do sol, tirara o chapéu e derramava os olhos à direita e à esquerda do caminho. Os seus olhares encontraram os do velho apoiado no portão; e este, como que impressionado por estranho espetáculo, soltou uma exclamação e deu um passo na direção dos dois viajantes.

De Parry, dirigiu a vista para o rei. Embora rápido, o exame refletiu-se, instantânea e manifestamente, nos traços do velho; pois tanto que reconheceu o mais moço dos viajantes, e dizemos reconheceu porque só um reconhecimento positivo explicaria semelhante gesto; tanto, dizíamos, que o reconheceu, juntou as mãos em sinal de respeitosa surpresa, e, tirando o chapéu da cabeça, executou uma reverência tão profunda que pareceu ajoelhar-se.

Por distraído, ou melhor, por absorto que estivesse em suas reflexões, o rei não pôde menos de reparar nessa demonstração. Sofreando o cavalo e voltando-se para Parry perguntou:

— Meu Deus! Parry, quem será esse homem que me saúda assim? Acaso me conhece?

Agitadíssimo, extremamente pálido, Parry aproximara o cavalo do portão.

— Ah! Sire — disse ele, estacando de repente a uns cinco ou seis passos do velho genuflexo — Vossa Majestade me vê assombrado, pois creio reconhecer o bravo homem. É, sim, é ele mesmo. Permite Vossa Majestade que eu lhe fale?

— Sem dúvida.

— Sois vós, Sr. Grimaud? — perguntou Parry.

— Sou eu, sim — retrucou o velho, erguendo-se de novo, mas sem perder a atitude respeitosa.

— Sire — disse então Parry — eu não me enganara: esse homem é o servidor do Conde de La Fère, e o Conde de La Fère, como Vossa Majestade deve estar lembrado, é o digno fidalgo de que tantas vezes lhe falei que a sua lembrança deve ter ficado, não só no espírito, mas também no coração de Vossa Majestade.

— O que assistiu meu pai em seus últimos momentos? — perguntou Carlos.

E estremeceu visivelmente a essa lembrança.

— Exatamente, Sire.

— Ai! — disse Carlos.

Logo, dirigindo-se a Grimaud, cujos olhos vivos e inteligentes pareciam procurar adivinhar-lhe o pensamento.

— Meu amigo — perguntou — o vosso amo, o Sr. Conde de La Fère, mora aqui?

— Lá — respondeu Grimaud apontando, com o braço esticado para trás, o portão da casa branca e vermelha.

— E o Sr. Conde de La Fère está em casa neste momento?

— No fundo, debaixo dos castanheiros.

— Parry — disse o rei — não quero perder essa ocasião, tão preciosa para mim, de agradecer ao fidalgo a que a nossa casa deve tão belo exemplo de dedicação e generosidade. Segurai-me o cavalo, meu amigo, por favor.

E, atirando as rédeas às mãos de Grimaud, entrou sozinho em casa de Athos, como um igual em casa de seu igual. Carlos fora informado pela explicação concisa de Grimaud: no fundo, debaixo dos castanheiros. Deixou, portanto, a casa à esquerda e encaminhou-se para a alameda indicada. Não havia dificuldade. O cimo dessas grandes árvores, já cobertas de folhas e de flores, ultrapassava o de todas as outras.

Chegando aos losangos luminosos e escuros que alternadamente matizavam o chão da alameda, segundo o capricho de suas cúpulas mais ou menos enfolhadas, avistou um fidalgo que passeava com as mãos nas costas e parecia imerso em sereno devaneio. Deveria ter exigido, sem dúvida, que lhe descrevessem muitas vezes o fidalgo, pois, sem hesitar, dirigiu-se a ele. Ao ruído de seus passos, o Conde de La Fère ergueu a cabeça e, vendo um desconhecido de porte elegante e nobre que se avizinhava, ergueu o chapéu e esperou. A poucos passos dele, por seu turno, Carlos II descobriu-se e, como se respondesse à muda interrogação do conde:

— Sr. Conde — disse ele — venho cumprir um dever para convosco. Há muito tempo que desejo transmitir-vos a expressão de profundo reconhecimento. Sou Carlos II, filho de Carlos Stuart, que reinou na Inglaterra e morreu no cadafalso.

A esse nome ilustre, sentiu Athos como que um frêmito percorrer-lhe as veias; mas à vista do jovem príncipe em pé, descoberto diante dele e estendendo-lhe a mão, duas lágrimas lhe turvaram por instantes o límpido azul dos olhos formosos.

Curvou-se, respeitoso; mas o príncipe, tomando-lhe a mão:

— Vede como sou desgraçado, senhor conde; foi preciso que o acaso me aproximasse de vós. Ai! por que não terei ao pé de mim as pessoas que amo e que honro? Estou, pelo contrário, reduzido a conservar-lhes os serviços no coração e os nomes na lembrança; e tanto assim é que, sem o vosso servidor, que reconheceu o meu, eu passaria pela vossa porta como pela de um estranho.

— É verdade — disse Athos, respondendo com a voz à primeira parte da frase do príncipe, e com uma reverência à segunda; — é verdade, Vossa Majestade já conheceu dias bem penosos.

— E os mais penosos, infelizmente — volveu Carlos — ainda estão por vir.

— Sire, esperemos!

— Conde, conde! — continuou Carlos sacudindo a cabeça — esperei até ontem à noite, e esperei de um bom cristão, posso jurar-vos.

Athos considerou o rei como se quisesse interrogá-lo.

— Oh! a história conta-se facilmente — acudiu o rei: — proscrito, despojado, desdenhado, resolvi-me, a despeito de todas as minhas repugnâncias, em tentar pela última vez a fortuna. Não está escrito lá em cima que, para a nossa família, toda ventura e toda desgraça vêm eternamente de França? Vós o sabeis, senhor, vós, um dos franceses que meu inditoso pai encontrou ao pé do patíbulo no dia de sua morte, depois de os haver encontrado à sua direita nos dias de batalha.

— Sire — retorquiu modestamente Athos — eu não estava só, e meus companheiros e eu cumprimos, nessa circunstância, tão-somente a nossa obrigação de fidalgos. Mas Vossa Majestade ia fazer-me a honra de contar...

— É verdade. Eu tinha a proteção, perdoai-me se hesito, conde, mas para um Stuart, como haveis de compreender, vós que tudo compreendeis, a palavra é dura de pronunciar-se; eu tinha, pois, a proteção de meu primo o *stathouder* da Holanda; mas, sem a intervenção, ou pelo menos sem a autorização da França, o *stathouder* não quer tomar a iniciativa. Vim, portanto, pedir essa autorização ao rei de França, que ma recusou.

— O rei recusou-a, Sire!

— Oh! ele, não: cumpre fazer justiça ao meu jovem irmão Luís; mas o Sr. de Mazarino.

Athos mordeu os lábios.

— Achais talvez que eu deveria esperar a recusa? — indagou o rei, que notara o gesto.

— Era, com efeito, o meu pensamento, Sire — replicou respeitosamente o conde; — conheço a fundo esse italiano.

— Decidi-me então a levar a coisa até ao fim e saber sem demora qual seria o meu destino; expliquei a meu irmão Luís que, para não comprometer a França nem a Holanda, eu tentaria pessoalmente a fortuna, como já o fiz, com duzentos fidalgos, se ele quisesse darmos, e um milhão, se mos quisesse emprestar.

— E então, Sire?

— Então, senhor, sinto neste momento algo estranho, é a satisfação do desespero. Há em certas almas, e acabo de perceber que a minha lhes pertence ao número, uma satisfação real na certeza de que tudo está perdido e de que soou, por fim, a hora de morrer.

— Oh! espero — acudiu Athos — que Vossa Majestade ainda não tenha chegado a essa extremidade.

— Para dizer-me isso, senhor conde, para tentar reavivar-se a esperança no coração, é preciso que não tenhais compreendido o que acabo de dizer-vos. Vim a Blois para pedir a meu irmão Luís a esmola de um milhão com o qual eu acalentava a esperança de restabelecer os meus negócios, e meu irmão recusou-ma. Como se vê, tudo está perdido.

— Vossa Majestade permitirá que eu lhe responda com uma opinião contrária.

— Conde, conde, tomais-me acaso por um espírito tão vulgar que não saiba avaliar a minha posição?

— Sempre vi, Sire, que é nas posições mais desesperadas que se verificam, de golpes, as grandes reviravoltas da fortuna.

— Obrigado, conde, é reconfortante encontrar corações como o vosso, isto é, tão confiantes em Deus e na monarquia que nunca desesperam de uma fortuna real, por mais que ela tenha caído. Mas, desgraçadamente, as vossas palavras são como os remédios que se dizem soberanos e que, todavia, só podendo curar as feridas curáveis, falham contra a morte. Agradeço a vossa perseverança em consolar-me; agradeço a vossa dedicada lembrança, mas sei o que posso esperar. Nada mais me salvará. E vede, meu amigo, eu estava tão convencido disso que havia tomado o caminho do degredo com o meu velho Parry; voltava para saborear os meus atrozes sofrimentos na ermidazinha que a Holanda me oferece. Lá, creia-me, conde, tudo se acabará depressa, e a morte não tardará; chamam-na com tanta freqüência este corpo que consome a alma e esta alma que aspira aos céus!

— Vossa Majestade tem mãe, irmã, irmãos; Vossa Majestade é o chefe da família, e deve, portanto, pedir a Deus vida longa em vez de pedir-lhe morte pronta. Vossa Majestade é proscrito, fugitivo, mas tem por si o direito; deve, pois, aspirar a combates, perigos, negócios, e não ao repouso dos céus.

— Conde — atalhou Carlos II com um sorriso de indefinível tristeza — já ouvistes falar de algum rei que houvesse reconquistado o seu reino com um servidor da idade de Parry e trezentos escudos no

bolso?

— Não, Sire; mas já ouvi dizer, e até por mais de uma vez, que um rei destronado recuperou o seu reino com vontade firme, perseverança, amigos e um milhão de francos bem empregados.

— Mas não me compreendestes? Pedi esse milhão a meu irmão Luís e ele recusou-mo.

— Sire — volveu Athos — Vossa Majestade pode conceder-me ainda alguns minutos para ouvir atentamente o que devo dizer-lhe ?

Carlos II considerou fixamente Athos.

— Com muito prazer.

— Nesse caso, vou mostrar-lhe o caminho — tornou o conde dirigindo-se para a casa.

E, conduzindo o rei ao seu gabinete, fê-lo sentar-se.

— Sire — principiou ele — disse-me há pouco Vossa Majestade que, no estado atual das coisas na Inglaterra, um milhão lhe bastaria para reconquistar o seu reino?

— Para tentá-lo, ao menos, e para morrer como rei se não o conseguir.

— Pois bem, Sire, digne-se Vossa Majestade, consoante a promessa que me fez, escutar com atenção o que me resta dizer-lhe.

Carlos fez com a cabeça um sinal de assentimento. Athos foi direto à porta, fechou-a a chave depois de ter verificado que ninguém estava escutando, e voltou.

— Sire — disse ele — houve por bem Vossa Majestade lembrar-se de que prestei assistência ao nobilíssimo e infelicíssimo Carlos I, quando os carrascos o conduziram de Saint-James a White-Hall.

— Lembrei-me, sim, e hei de lembrar-me sempre.

— Sire, é uma lúgubre história para os ouvidos de um filho, que já a terá ouvido muitas vezes; devo, porém, repeti-la a Vossa Majestade sem omitir uma única minúcia.

— Falai, senhor.

— Quando o rei, pai de Vossa Majestade, subiu ao cadafalso, ou antes, passou do quarto ao patíbulo armado do lado de fora da janela, estava tudo preparado para a sua fuga. Afastara-se o carrasco, abrira-se um buraco sob o soalho do seu apartamento, e eu mesmo estava debaixo da fúnebre abóbada, que ouvi estalar de repente aos seus passos.

— Parry contou-me essas terríveis particularidades. Inclinou-se Athos e continuou:

— Mas eis o que ele não pôde contar-lhe, Sire, pois o que vou dizer se passou entre Deus, o pai de Vossa Majestade e eu, e nunca o revelei a ninguém, nem sequer aos meus amigos mais caros: "Afasta-te, disse o augusto paciente ao carrasco mascarado, é só por um instante, e eu sei que te pertenço; lembra-te, porém, que só ferirás quando eu te der o sinal. Quero fazer livremente a minha oração".

— Perdão — sobreveio Carlos II empalidecendo; — mas vós, conde, que conheceis tantos pormenores desse funesto episódio, pormenores que não foram revelados a ninguém, como há pouco dissestes, não sabeis o nome desse carrasco infernal, desse covarde, que escondeu o rosto para assassinar impunemente um rei?

Athos empalideceu levemente.

— O seu nome? — disse ele; — sei-o, sim, mas não posso dizê-lo.

— E que foi feito dele?... pois ninguém na Inglaterra sabe do seu destino.

— Morreu.

— Mas não morreu na cama, não morreu de morte calma e suave, da morte dos homens honrados?

— Morreu de morte violenta, numa noite terrível, entre a cólera dos homens e a tempestade de Deus. Transfixado por um punhal, o corpo rolou-lhe na profundezas do oceano. Deus se amerceie do seu assassino!

— Então, prossigamos — disse o Rei Carlos II, vendo que o conde não queria dizer mais nada a esse respeito.

— Depois de haver, como eu disse, falado ao carrasco, ajuntou o rei de Inglaterra: "Só me ferirás, entendes? quando eu estender os braços dizendo: REMEMBER!"

— De fato — interveio Carlos com voz abafada — sei que foi essa a última palavra pronunciada por seu desditoso pai. Mas com que fim, para quem?

— Para o fidalgo francês postado debaixo do cadafalso.

— Para vós, então, senhor?

— Para mim, Sire, e cada uma das palavras que ele disse, através das tábuas do patíbulo, recobertas de um pano preto, ainda me ressoa aos ouvidos. O rei pôs um joelho em terra. "Conde de La Fère, perguntou, estais aí? — Estou, Sire", respondi. E o rei inclinou-se.

Palpitando de interesse, ardendo de dor, Carlos II inclinava-se também para Athos a fim de recolher, uma por uma, as palavras que pronunciasse o conde, cuja cabeça tocava com a sua.

— Então — continuou Athos — o rei se inclinou.

"Conde de La Fère, disse ele, não pude ser salvo por ti. Não o devia ser. Agora, ainda que cometa um sacrilégio, eu te direi: Sim, falei aos homens; sim, falei a Deus, e falo-te por último. Para sustentar uma causa que julguei sagrada, perdi o trono de meus pais e alienei a herança de meus filhos".

Carlos II escondeu o rosto entre as mãos e uma lágrima escaldante deslizou-lhe entre os dedos brancos e escarnados.

"— Resta-me um milhão em ouro — continuou o rei. Enterrei-o nos subterrâneos do castelo de Newcastle no momento em que deixei esta cidade".

Carlos ergueu a cabeça com uma expressão de alegria dolorosa, que teria arrancado soluços a quem lhe conhecesse o imenso infortúnio.

— Um milhão! — murmurou — oh! conde!

— Só tu sabes que existe esse dinheiro; utiliza-o quando julgares chegado o momento para o maior bem de meu filho mais velho. E agora, Conde de La Fère, dize-me adeus!

"— Adeus, adeus, Sire! — exclamei!"

Carlos II ergueu-se e foi apoiar a fronte abrasada na janela.

— Foi então — concluiu Athos — que o rei pronunciou a palavra REMEMBER! dirigida a mim. Como vê Vossa Majestade, eu me lembrei.

O rei não pôde resistir à comoção. Viu-lhe o conde o movimento dos ombros, que ondulavam convulsivamente. Ouviu os soluços que lhe estraçoavam o peito. Calou-se, sufocado também pela torrente de amargas lembranças que acabava de despejar sobre aquela cabeça real.

Com violento esforço, Carlos II afastou-se da janela, devorou as lágrimas e foi sentar-se de novo ao lado de Athos.

— Sire — disse o Conde de La Fère — até hoje eu não supunha chegada a hora de empregar este último recurso, mas, com os olhos cravados na Inglaterra, sentia que ela se aproximava. Amanhã, iria saber em que parte do mundo se encontrava Vossa Majestade e iria ter consigo. Vossa Majestade vem ter comigo, é sinal de que Deus está conosco.

— Senhor — tornou Carlos com voz ainda embargada pela emoção — sois para mim o que seria um anjo enviado por Deus; o meu salvador suscitado do túmulo por meu próprio pai; mas crede-me, faz dez anos que as guerras civis têm assolado o meu país, derrubando os homens, esburacando a terra; e muito provavelmente já não existe ouro nenhum nas entranhas de minha terra como não existe amor no coração de meus súditos.

— Sire, o lugar em que Sua Majestade escondeu o milhão, conhece-o muito bem, e tenho certeza de que ninguém pode tê-lo descoberto. Aliás, terá sido inteiramente desmantelado o castelo de Newcastle? Tê-lo-ão demolido pedra por pedra e arrancado do solo até a sua última fibra?

— Não, ainda está em pé, mas, nesse momento, é ocupado pelo General Monck, que nele acampou. Como vedes, o único lugar em que me espera um socorro, em que possuo um recurso, foi invadido por meus inimigos. O General Monck, Sire, não pode ter descoberto o tesouro a que aludo.

— Sim, mas deverei entregar-me a Monck para recuperá-lo? Ah! bem o vedes, conde, deixemos que se cumpra o destino, visto que ele me derruba cada vez que me levanto. Que fazer só com Parry, com Parry, que Monck já despediu uma vez? Não, não, conde, aceitemos o último golpe.

— O que Vossa Majestade não pode fazer, o que Parry não pode fazer, acredita Vossa Majestade que eu consiga?

— Vós, vós, conde, vós iríeis!

— Se for do agrado de Vossa Majestade — disse Athos saudando o rei — irei, Sire.

— Vós, tão feliz aqui, conde!

— Nunca me sinto feliz, Sire, enquanto me resta um dever para cumprir, e é um dever supremo que me legou o rei, pai de Vossa Majestade, velar-lhe sobre a fortuna a fazer um real emprego do seu dinheiro. Assim, faça-me Vossa Majestade um sinal, e parto consigo.

— Ah! senhor — disse o rei, inteiramente esquecido da etiqueta real e atirando-se ao pescoço de Athos — vós me provais que há Deus no céu, e que Deus envia, por vezes, mensageiros aos desgraçados que gemem na terra.

Comovido pelo entusiasmo do rapaz, Athos agradeceu-lhe com profundo respeito e, abeirando-se da janela, ordenou:

— Grimaud, os meus cavalos.

« Grimaud, dit-il, mes chevaux. »

— Como! assim, de repente? — exclamou o rei.

— Ah! senhor, sois, em realidade, um homem maravilhoso.

— Sire! — disse Athos — não conheço nada mais urgente do que o serviço de Vossa Majestade. Aliás — ajuntou sorrindo — é um hábito contraído há muito ao serviço da rainha, tia de Vossa Majestade, e do rei, pai de Vossa Majestade. Como haveria eu de perdê-lo no momento em que se trata do serviço de Vossa Majestade?

— Que homem! — murmurou o rei. E, após um instante de reflexão:

— Mas não, conde, não posso expor-vos a tais privações. Não tenho nada para recompensar tamanhos serviços.

— Ora! — exclamou, rindo, Athos — Vossa Majestade zomba de mim, visto que possui um milhão. Ah! se eu tivesse apenas a metade dessa soma, já teria levantado um regimento. Mas, graças a Deus! restam-me ainda alguns cartuchos de ouro e uns poucos brilhantes de família, que, espero-o, Vossa Majestade se dignará compartir com um servidor dedicado.

— Com um amigo. Sim, conde, mas com a condição de que esse amigo compartirá comigo depois.

— Sire — disse Athos abrindo um cofre, do qual tirou algum ouro e jóias — estamos agora mais do que ricos. Felizmente seremos quatro contra os ladrões.

A alegria devolveu o sangue às faces lívidas de Carlos II. Viu chegarem à porta dois cavalos de Athos, conduzidos por Grimaud, já vestido para a viagem.

— Blaisois, esta carta para o Visconde de Bragelonne. Dize a quem perguntar por mim que estou

em Paris. Confio-te a casa.

Blaisois inclinou-se, abraçou Grimaud e fechou o portão.

Capítulo XVII - Em que se procura Aramis e só se encontra Bazin

NÃO se haviam passado duas horas após a partida do dono da casa, que, à vista de Blaisois, tomara o caminho de Paris, quando um cavaleiro montado num bom cavalo malhado estacou diante do portão, e, com um olá! sonoro chamou os pa-lafreneiros, agrupados ainda, com os jardineiros, à volta de Blaisois, cronista oficial da criadagem do castelo. Esse "olá!" conhecido sem dúvida de mestre Blaisois, fê-lo virar a cabeça e gritar:

— Sr. d'Artagnan!... correi, correi depressa, para abrir-lhe a porta!

Um enxame de oito fere-folhas correu para o portão, que se abriu como se fosse de penas. E todos se desfizeram, à compita, em gentilezas, pois sabiam a acolhida que o amo costumava dispensar àquele amigo; para esse gênero de observações, aliás, sempre convém consultar as reações do criado.

— Ah! — disse com agradável sorriso o Sr. d'Artagnan, que se balançava no estribo para apear — onde está o querido conde?

— Vede, senhor, que falta de sorte a vossa — sobreveio Blaisois — e a do senhor conde, nosso amo, quando souber da vossa chegada! Não faz duas horas que partiu.

Não se afligiu d'Artagnan por tão pouco.

— Bom — disse ele — vejo que falas sempre a língua mais castiça do mundo; dar-me-ás uma lição de gramática e de boa linguagem enquanto espero pela volta de teu amo.

— Eis o que é impossível, senhor — disse Blaisois; — esperaríeis por muito tempo.

— Não volta hoje?

— Nem amanhã, senhor, nem depois de amanhã. O senhor conde partiu para uma viagem.

— Uma viagem! — bradou d'Artagnan. — Isso é patranha tua.

— Senhor, é a verdade pura e simples. O senhor conde fez-me a honra de recomendar-me a casa e acrescentou, com a sua voz tão cheia de autoridade e doçura... o que para mim dá no mesmo: "Dirás que vou a Paris".

— Pois então — exclamou D'Artagnan — já que vai a Paris, é o quanto me basta. Devias ter começado por aí, orelhudo... Leva ele, portanto, duas horas de vantagem.

— Sim, senhor.

— Não tardarei em alcançá-lo. Vai só?

— Não, senhor.

— Quem vai com ele?

— Um fidalgo que não conheço, um velho e o Sr. Grimaud.

— Não correrão mais depressa do que eu... vou-me embora...

— Quereis ouvir-me um instantinho? — acudiu Blaisois, segurando levemente as rédeas do animal.

— Sim, se não fizeres frases ou se as fizeres depressa.

— Pois bem, senhor, essa história de Paris me parece maranha.

— Oh! oh! — exclamou d'Artagnan, sério — maranha?

— Sim, senhor, e eu seria capaz de jurar que o senhor conde não vai a Paris.

— Por quê?

— Por isto: o Sr. Grimaud sabe sempre aonde vai o nosso amo, e ele me havia prometido, na primeira vez que fossem a Paris, levar algum dinheiro para minha mulher.

— Ah! tens mulher?

— Tinha; era daqui, mas o senhor conde achava-a tagarela e eu despachei-a; às vezes é incômodo, mas, outras, bem agradável.

— Compreendo, porém acaba: achas que o conde não vai a Paris?

— Não, senhor, pois nesse caso Grimaud teria faltado à palavra, teria perjurado, o que é impossível.

— O que é impossível — repetiu d'Artagnan, que se pusera a cismar, porque estava inteiramente convencido. — Muito bem, meu bravo Blaisois, obrigado.

Blaisois inclinou-se.

— Vejamos, sabes que não sou curioso... Preciso falar urgentemente com o teu amo... não podes... com uma palavrinha... tu que falas tão bem, dar-me a entender... Uma sílaba só... que eu adivinharei o resto.

— Palavra de honra, senhor, que eu não poderia... Ignoro completamente o motivo da viagem do senhor conde... Quanto a escutar atrás das portas, isso me repugna e, aliás, é proibido aqui.

— Meu caro — voltou d'Artagnan — eis um mau princípio para mim. Mas não faz mal, sabes pelo menos quando volta o conde?

— Sei tanto quanto o destino que leva.

— Vamos, Blaisois, vamos, procura.

— Duvidais da minha sinceridade, senhor! Ah! isso me mortifica cruelmente.

— O diabo lhe carregue a língua dourada! — resmungou d'Artagnan. — Que um lapuz valha mais com uma palavra!... Adeus!

— Senhor, tenho a honra de apresentar-vos os meus respeitos.

— Pedante! — disse d'Artagnan entre si. — É insuportável o traste.

Dirigiu um último olhar à casa, fez voltar o cavalo e partiu como quem não tivesse no espírito nada que o tolhesse ou preocupasse.

Chegado à extremidade do muro, onde já não podia ser visto:

— Vejamos — disse, respirando bruscamente. — Athos estava em casa?... Não. Todos esses mandriões de braços cruzados no pátio estariam suando em bica se o amo pudesse vê-los. Athos viajando?... é incompreensível. Ora, bolas! é misterioso como o diabo o homem... De mais a mais, não, não é a pessoa de que preciso. Preciso de um espírito sagaz, paciente. A solução está em Melun, em certo presbitério que conheço. Quarenta e cinco léguas! quatro dias e meio! Vamos, o tempo está bom e eu estou livre. Toca a engolir distâncias.

E pôs o cavalo a trote, na direção de Paris. No quarto dia apeava em Melun consoante o seu desejo.

D'Artagnan tinha por hábito nunca perguntar a ninguém o caminho nem pedir informações insignificantes. Para esse gênero de miudezas, salvo erro muito grave, confiava na perspicácia, que nunca lhe faltara, numa experiência de trinta anos e num grande hábito de ler as fisionomias das casas como as dos homens.

Em Melun, não tardou a encontrar o prebistério, uma casa encantadora de tijolos vermelhos rebocados, vides ainda virgens que trepavam ao longo dos algerozes, e uma cruz de pedra esculpida que encimava a empena do teto. Da sala baixa da casa subia um ruído, ou melhor, uma confusão de vozes, como gorjeio de passarinhos quando a ninhada acaba de sair da casca. Uma das vozes soletrava distintamente as letras do alfabeto. Outra voz, gorda e aflautada, ao mesmo tempo, repreendia os tagarelas e corrigia os erros do leitor.

D'Artagnan reconheceu a voz, e como a janela da sala estivesse aberta, inclinou-se debaixo dos

pâmpanos sem desmontar e gritou:

— Bazin, meu caro Bazin, bom-dia!

Um homem baixo, roliço, de cara chata, com o crânio ornado de uma coroa de cabelos grisalhos e curtos, simulando a tonsura, e recoberto de um velho solidéu de veludo preto, ergueu-se quando ouviu d'Artagnan. Aliás, não é *ergueu-se* que se deve dizer, mas pulou. Bazin pulou, de fato, derrubando a cadeirinha baixa, que as crianças quiseram erguer com batalhas mais movimentadas que as dos gregos quando tentaram arrancar aos troianos o corpo de Pátroclo. Bazin fez mais que pular, deixou cair o alfabeto e a palmatória.

— Vós! — disse ele — vós, Sr. d'Artagnan!

— Eu, sim. Onde está Aramis... isto é, o Sr. Cavaleiro d'Herblay... não, não, onde está o senhor vigário-geral?

— Ah! senhor — tornou Bazin, muito digno — monsenhor está na sua diocese.

— Como? — acudiu d'Artagnan. Bazin repetiu a frase.

— Ué! Mas, então, Aramis tem diocese?

— Tem, sim, senhor. Por que não?

— Quer dizer que ele é bispo?

— Mas de onde saístes — perguntou Bazin, irreverente — que o ignorais?

— Meu caro Bazin, nós, os pagãos, nós, os militares, sabemos que um homem é coronel, ou mestre de campo, ou marechal de França; mas que seja bispo, arcebispo ou papa... diabos me carreguem se a notícia nos chega antes de ter percorrido as três quartas partes da terra.

— Psiu! psiu! — pediu Bazin, arregalando os olhos — não me estragueis as crianças, às quais procuro inculcar tão bons princípios!

A petizada, com efeito, rodeava d'Artagnan, admirando-lhe o cavalo, a espada comprida, as esporas e o ar marcial. Admirava-lhe, sobretudo, o vozeirão grosso, e quando ele acentuou a praga, toda a escola gritou: Diabos me carreguem! com um estardalhaço medonho de risos, palmas e sapateados que alegrou profundamente o mosqueteiro e fez o velho pedagogo perder a cabeça.

— Pronto! — disse ele — silêncio, canalhada!... Pronto... chegais, Sr. d'Artagnan, e lá se vão todos os meus bons princípios... Enfim, convosco, como sempre, chega a desordem... Babel ressuscita!... Ah! meu Deus! ah! que danados!

E o digno Bazin descarregava palmatoadas à direita e à esquerda, que redobravam os gritos dos alunos modificando-lhes a natureza.

— Pelo menos — disse ele — não corrompereis mais ninguém aqui.

— Achas? — perguntou d'Artagnan com um sorriso que fez correr um arrepio pelos ombros de Bazin.

— Capaz disso ele é — murmurou o antigo sacristão.

— Onde é a diocese do teu amo?

— Monsenhor René é bispo de Vannes.

— Quem lhe conseguiu a nomeação?

— O senhor superintendente, nosso vizinho.

— Quem? O Sr. Fouquet?

— Claro.

— Aramis dá-se com ele?

— Monsenhor pregava todos os domingos em casa dele, em Vaux; depois caçavam juntos.

— Ah!

— E monsenhor corrigia freqüentemente as suas homílias... isto é, os seus sermões, com o senhor

superintendente.
— Quer dizer que prega em versos o digno bispo?
— Senhor, não zombeis das coisas religiosas, pelo amor de Deus!
— Ora, ora, Bazin! De modo que Aramis está em Vannes?
— Em Vannes, na Bretanha.
— És muito sonso, Bazin, isso é mentira.
— Vede, senhor, os aposentos do presbitério estão vazios.
— Ele tem razão — cuidou entre si d'Artagnan considerando a casa cujo aspecto denotava solidão.
— Mas monsenhor deve ter-vos comunicado a sua promoção.
— De quando data ela?
— De um mês.
— Oh! nesse caso não há tempo perdido. Aramis ainda não pode ter precisado de mim. Mas vejamos, Bazin, por que não segues o teu pastor?
— Não posso, tenho ocupações.
— O teu alfabeto?
— E os meus penitentes.
— Como! Já confessas? Virastes padre?
— Pouco mais ou menos. Tenho tanta vocação!
— E as ordens?
— Oh! — tornou Bazin, confiado — agora que monsenhor é bispo, terei minhas ordens ou, pelo menos, minhas dispensas.
E esfregou as mãos.
— Decididamente — murmurou d'Artagnan consigo só — não se pode desasnar essa gente.
— E logo, em voz alta — manda-me servir, Bazin.
— Nesse instante, senhor.
— Um frango, um caldo e uma garrafa de vinho.
— É que hoje é sábado, dia de abstinência — remenicou Bazin.
— Tenho uma dispensa — disse d'Artagnan.
Bazin considerou-o com ar de dúvida.
— Homessa, mestre papa-hóstias, por quem me tomas? — repontou o mosqueteiro; — se tu, que és o lacaio, esperas dispensas para cometer crimes, não terei eu, amigo do teu bispo, uma dispensa para passar bem segundo os desejos do meu estômago? Sê amável comigo, Bazin, ou juro que me queixo ao rei e jamais confessarás. Ora, sabes que a nomeação dos bispos pertence ao rei, e nisso sou o mais forte.
Bazin sorriu hipocritamente.
— Nós temos por nós o senhor superintendente — disse ele.
— Então, zombas do rei?
Bazin não respondeu, mas o seu sorriso era eloqüente.
— O meu jantar — disse d'Artagnan — já são quase sete horas.
Bazin voltou-se e ordenou ao mais velho dos alunos que fosse avisar a cozinheira.
Entrementes, d'Artagnan examinava o presbitério.
— Hum! — exclamou com desdém — monsenhor albergava muito mal a sua grandeza aqui.
— Temos o castelo de Vaux — acudiu Bazin.
— Que vale talvez o Louvre? — atalhou d'Artagnan, chocarreando.
— Que vale mais — respondeu Bazin com o maior sangue frio do mundo.

— Ah! — disse d'Artagnan.

Talvez tencionasse prolongar a discussão e sustentar a supremacia do Louvre; mas o tenente percebera que o seu cavalo ficara amarrado aos varões de uma porta.

— Diabo! — tornou ele — manda que tratem do meu cavalo. Teu amo o bispo não tem igual nas suas cocheiras.

Depois de um olhar de través dirigido ao cavalo, Bazin respondeu:

— O senhor superintendente nos deu quatro cavalos das suas cocheiras, e um só desses quatro vale quatro dos vossos.

Afluiu o sangue ao rosto de d'Artagnan. Sentiu cócegas na mão e procurou na cabeça de Bazin o lugar sobre o qual descarregaria o punho. Mas o relâmpago passou. Voltou a reflexão e d'Artagnan contentou-se em dizer:

— Diabo! diabo! fiz bem de ter deixado o serviço do rei. Dize-me, digno Bazin — ajuntou — quantos mosqueteiros tem o senhor superintendente?

— Terá todos os mosqueteiros do reino com o seu dinheiro — replicou Bazin fechando o livro e dispensando os alunos a poder de palmatoadas.

— Diabo! diabo! — disse ainda uma vez d'Artagnan.

E como lhe anunciassem que estava servido, seguiu a cozinheira, que o levou à sala de jantar, onde a comida o esperava.

D'Artagnan pôs-se à mesa e investiu bravamente contra o frango.

— Parece-me — disse ele, ferrando os dentes na ave que lhe haviam servido e que se esquecera manifestamente de engordar — parece-me que fiz mal de não ter ido imediatamente procurar serviço junto a esse amo. É um poderoso senhor, segundo parece, o tal superintendente. O fato é que nós, na corte, não sabemos de nada, e o sol nos tolhe de ver as estrelas graúdas, que também são sóis, mas apenas um pouco mais afastados da nossa terra.

Como D’Artagnan gostasse muito, por prazer e por sistema, de fazer falar os outros sobre as coisas que o interessavam, fez o possível para desatar a língua de Bazin; tudo embalde, porém, afora o elogio fatigante e hiperbólico do senhor Superintendente das Finanças, Bazin, que, de seu lado, se mantinha em guarda, não ofereceu senão trivialidades à curiosidade de d'Artagnan, o que levou o ex-mosqueteiro, muito mal-humorado, a recolher-se logo depois do jantar.

D'Artagnan foi introduzido por Bazin num quarto bem medíocre, onde achou uma cama bem ruinzinha; mas não era exigente. Disseram-lhe que Aramis levara as chaves dos seus aposentos particulares, e como soubesse que Aramis era um homem metódico e tinha, por via de regra, muita coisa para esconder no quarto, não se admirou. Atacou, portanto, a cama, embora esta lhe parecesse relativamente mais rija, com a mesma bravura com que atacara o frango, e como tivesse o sono tão bom quanto o apetite, não levou mais tempo para dormir do que levara para chupar o último ossinho do frango.

Desde que já não estava a serviço de ninguém, prometera a si mesmo ter o sono tão pesado quão leve o tivera antanho; mas por melhores intenções que o animassem ao fazer tal promessa e por maior vontade que tivesse de cumpri-la religiosamente, foi despertado no meio da noite por um barulhão de carros e lacaios a cavalo. Súbita claridade iluminou-lhe as paredes do quarto; saltou da cama e, ainda de camisa, correu à janela.

— Terá voltado o rei, por acaso? — pensou, esfregando os olhos — pois o fato é que essa comitiva só pode pertencer a uma pessoa real.

— Viva o senhor superintendente! — gritou, ou melhor, vociferou de uma janela do rés-do-chão uma voz em que reconheceu os pulmões de Bazin, o qual, sem parar de gritar, agitava um lenço com

uma das mãos e com a outra segurava uma vela.

Viu então d'Artagnan qualquer coisa que se lhe afigurou uma brilhante forma humana inclinada à portinhola do carro principal; ao mesmo tempo, longas e gostosas gargalhadas, provocadas sem dúvida pela estranha figura de Bazin, e que saíam do mesmo carro, deixavam como que um rastro de alegria à passagem do rápido cortejo.

— Eu devia ter visto — disse d'Artagnan — que não era o rei; ninguém ri tão gostoso quando o rei passa. Ó Bazin! — gritou ao vizinho, que projetara três quarto do corpo para fora da janela a fim de seguir por mais tempo o carro com a vista — que é isso?

— É o Sr. Fouquet — redarguiu Bazin com ar protetor.

— E essa gente toda?

— A corte do Sr. Fouquet.

— Oh! oh! — volveu D'Artagnan — que diria o Sr. de Mazarino se ouvisse isso?

E tornou a deitar-se, pensativo, perguntando a si mesmo como se dava que Aramis sempre obtivesse a proteção da pessoa mais poderosa do reino.

— Será que ele tem mais sorte do que eu, ou que eu sou mais burro do que ele? Ora!

Era a palavra final com que d'Artagnan, depois de criar juízo, rematava cada pensamento e cada período do seu estilo. Em outro tempo, dizia: Com seiscentos diabos! o que era um acicate, mas depois de ter envelhecido murmurava o *ora!* filosófico que serve de freio a todas as paixões.

Capítulo XVIII - Em que d'Artagnan procura Porthos e só encontra Mousqueton

QUANDO d'Artagnan se convenceu de que a ausência do Sr. Vigário-geral d'Herblay era real, e que o seu amigo não se encontrava em Melun nem nos arredores, deixou Bazin sem pesar, lançou um olhar disfarçado ao magnífico castelo de Vaux, que principiava a brilhar com o esplendor que lhe acarretaria a ruína, e, mordendo os lábios como um homem cheio de desconfiança e de suspeitas, esporeou o cavalo malhado dizendo:

— Não faz mal, é em Pierrefonds mesmo que encontrarei o melhor homem e o melhor cofre. E é disso apenas que preciso, visto que já tenho a idéia.

Pouparemos aos leitores os prosaicos incidentes da jornada de d'Artagnan, que chegou a Pierrefonds na manhã do terceiro dia, passando por Nanteuil-le-Haudoin e Crécy. De longe avistou o castelo de Luís de Orléans, convertido em domínio da coroa guardado por um velho porteiro. Uma dessas mansões maravilhosas da Idade Média, com muros de vinte pés de espessura e torres de cem de altura.

D'Artagnan costeou os muros, mediu as torres com a vista e desceu ao vale. De longe dominava o castelo de Porthos, situado à beira de vastíssimo lago, ao pé de magnífica floresta.

É o mesmo que já tivemos a honra de descrever aos nossos leitores e por isso nos limitaremos a indicá-lo. A primeira coisa que lobrigou d'Artagnan depois das belas árvores, depois do sol de maio que dourava os outeiros verdejantes, depois dos longos bosques empenachados que se perdiam na direção de Compiègne, foi uma grande caixa rolante, empurrada por dois lacaios e puxada por dois outros. Dentro da caixa havia uma enorme coisa verde e amarela que percorria, puxada e empurrada, as ridentes alamedas do parque. Essa coisa, de longe, era indeterminável e não significava absolutamente nada; mais perto, era um tonel forrado de pano verde agaloado; mais perto ainda, era um homem, ou melhor, um ídilo chinês cuja extremidade inferior, espalhando-se dentro da caixa, enchia-a completamente; e ainda mais perto, era Mousqueton, Mousqueton de cabelo branco e rosto vermelho como Polichinelo.

— Ah! por Deus! — bradou d'Artagnan — não é o querido Sr. Mousqueton.

— Ah! — gritou o gordalhudo indivíduo — ah! que felicidade! que alegria! é o Sr. d'Artagnan!... Parai, troca-tintas!

As últimas palavras dirigiam-se aos lacaios que o empurravam e puxavam. A caixa estacou, e os quatro lacaios, com precisão militar, tiraram ao mesmo tempo os chapéus agaloados e alinharam-se atrás da caixa.

— Oh! Sr. d'Artagnan — gemeu Mousqueton — não poder eu beijar-vos os joelhos! Mas fiquei tolhido, como vedes.

— Ora, meu caro Mousqueton, é a idade.

— Não, senhor, não é a idade: são os achaques, os desgostos.

— Tendes desgostos, vós, Mousqueton? — acudiu d'Artagnan, dando a volta da caixa — estais louco, meu amigo? Deus seja louvado! pareceis um carvalho de trezentos anos.

— Ah! as pernas, senhor, as pernas! — tornou a gemer o fiel servidor.

— Que é que têm as pernas?

— Já não querem carregar-me.

— Ingratas! Mas não será por falta de alimentá-las, Mousqueton, segundo me parece.

— Ai de mim! Elas, de fato, nada podem censurar-me nesse sentido — volveu Mousqueton com

um suspiro; — sempre fiz o que pude pelo meu corpo; não sou egoísta.

E suspirou de novo.

— Dar-se-á que Mousqueton também queira ser barão, para suspirar assim? — pensou d'Artagnan.

— Meu Deus! — continuou Mousqueton, libertando-se de sua triste cisma — meu Deus! como ficará alegre monsenhor por haverdes pensado nele.

— Bom Porthos! — exclamou d'Artagnan; — morro por abraçá-lo!

— Oh! — disse Mousqueton enternecido — hei de escrever-lhe sem falta, senhor.

— Como! — bradou d'Artagnan — tu lhe escreverás?

— Hoje mesmo.

— Mas ele não está aqui?

— Não está, não, senhor.

— E onde está? Perto? Longe?

— Que sei eu, senhor, que sei eu?

— Com seiscentos diabos! — gritou o mosqueteiro, batendo com o pé no chão — estou azarado! Porthos, tão caseiro!

— Não há ninguém mais sedentário do que monsenhor... mas...

— Mas o quê?

— Quando um amigo insta convosco...

— Um amigo?

— Sem dúvida; o digno Sr. d'Herblay.

— Foi Aramis quem instou com Porthos?

— Eis como se deu a coisa, Sr. d'Artagnan. O Sr. D'Herblay escreveu a monsenhor...

— Sim?

— Uma carta, uma carta tão urgente que pôs tudo aqui de pernas para o ar!

— Contai-me isso, caro amigo, mas primeiro mandai embora estes senhores.

Mousqueton trovejou um: Arredai, súcios! com pulmões tão vigorosos que teria bastado o sopro sem as palavras para pulverizar os quatro lacaios. D'Artagnan sentou-se no varão da caixa e fitou os ouvidos.

— Monsenhor — principiou Mousqueton — recebeu, pois, uma carta do Sr. Vigário-geral d'Herblay, há coisa de oito ou nove dias; era o dia dos prazeres... campestres; isso mesmo; portanto, numa quarta-feira.

— Como! — atalhou d'Artagnan — o dia dos prazeres campestres?

— Sim, senhor; temos tantos prazeres para saborear neste delicioso recanto que já estávamos ficando atrapalhados; de sorte que precisamos organizar-lhe a distribuição.

— Como nisso se reconhece bem a ordem de Porthos! A mim é que não ocorreria essa idéia. É verdade que os prazeres não me atrapalham muito, mas...

— Pois nós estávamos atrapalhados — sobreveio Mousqueton.

— E como conseguistes organizá-los? Vamos lá — tornou d'Artagnan.

— A História é meio comprida, senhor.

— Não faz mal, temos tempo, e falais tão bem, meu caro Mousqueton, que é um prazer ouvir-vos.

— É verdade — disse Mousqueton com um sinal de satisfação que provinha evidentemente da justiça que lhe era feita — é verdade que fiz grandes progressos na companhia de monsenhor.

— Estou esperando a distribuição dos prazeres, Mousqueton, e com impaciência; quero saber se cheguei num bom dia.

— Oh! Sr. D'Artagnan — redarguiu, melancólico, Mousqueton — depois que monsenhor partiu,

foram-se todos os prazeres!

— Pois bem, meu caro Mousqueton, reuni as vossas lembranças.

— Por que dia quereis que comecemos?

— Homessa! Começai pelo domingo, que é o dia do Senhor.

— O domingo?

— O domingo.

— Domingo, prazeres religiosos: monsenhor vai à missa, distribui pão bento, ouve discursos e instruções do seu capelão ordinário. Não é muito divertido, mas estamos esperando um carmelita de Paris, que substituirá o nosso capelão e que fala muito bem, segundo dizem; isso nos espertará, pois o capelão atual faz-nos dormir sistematicamente. Segunda-feira, prazeres mundanos.

— Ah! ah! — interrompeu d'Artagnan — que entendes por isso, Mousqueton? Vejamos os prazeres mundanos.

— Na segunda-feira, senhor, freqüentamos a sociedade; recebemos, retribuímos visitas; toca-se alaúde, dança-se, verseja-se e queima-se um pouco de incenso em homenagem às damas.

— Sim, senhor! galantíssimo — disse o mosqueteiro, que precisou apelar para todo o vigor dos seus músculos mastóides a fim de comprimir um enorme desejo de rir.

— Terça-feira, prazeres eruditos.

— Ah! bom! — aplaudiu d'Artagnan. — Quais? Conta-nos isso, meu caro Mousqueton.

— Monsenhor comprou uma esfera, que eu vos mostrarei, e que enche todo o perímetro da torre grande, menos uma galeria, mandada construir acima da esfera; há uns barbantinhos e uns araminhos em que estão pendurados o sol e a lua. O negócio vira; é muito bonito. Monsenhor mostra-me os mares e as terras longínquas; e nós juramos que nunca iremos conhecê-los. É interessantíssimo.

— Interessantíssimo, não há dúvida — conveio d'Artagnan. — E na quarta-feira?

— Prazeres campestres, como já tive a honra de dizer-vos, senhor cavaleiro: admiramos os carneiros e as cabras de monsenhor; fazemos dançar as pastoras com charamelas e gaitas de fole, como está escrito num livro que tem monsenhor em sua biblioteca, intitulado *Poesias Pastoris*. Não faz um mês que morreu o autor.

— O Sr. Racan, talvez? — perguntou d'Artagnan.

— O Sr. Racan, isso mesmo. Mas não é tudo. Pescamos com vara no canalzinho e depois jantamos coroados de flores. Isso na quarta-feira.

— Peste! — exclamou D'Artagnan — não está mal distribuída a quarta-feira. E a quinta? Que poderá ficar para a pobre quinta-feira?

— Não é pobre, não, senhor — ripostou Mousqueton, sorrindo. — Quinta-feira, prazeres olímpicos. Ah! senhor, como é bonito! Mandamos vir todos os jovens vassalos de monsenhor e fazemo-los lançar o disco, lutar, correr. Monsenhor lança o disco como ninguém. E quando aplica um murro, oh! que desgraça!

— Que desgraça, como?

— Ah! fomos obrigados a renunciar ao jogo.

Monsenhor quebrava as cabeças, arrebentava os queixos, afundava os peitos. É um jogo encantador, mas ninguém mais queria jogar com ele.

— Quer dizer que o punho...

— Mais sólido que nunca. Monsenhor já não é tão forte das pernas, e ele mesmo o confessa; mas o que perdeu nas pernas ganhou nos braços, de sorte que...

— De sorte que derruba os bois como antigamente.

— Melhor, senhor, melhor que isso, derruba paredes. Há pouco tempo, depois de haver jantado em

casa de um de seus rendeiros, sabeis como ele é popular e bom, depois do jantar, brincando, dá um murro na parede: a parede cai, o teto despenca, e ficam esmagados debaixo dele três homens e uma velha.

— Misericórdia, Mousqueton, e o teu amo?

— Oh! senhor, arranhou um pouquinho a cabeça. Lavamo-la com água que nos dão as religiosas. Mas nada no punho.

— Nada?

— Nada de nada.

— Mal hajam os prazeres olímpicos! Devem custar muito caro, pois afinal as viúvas e órfãos...

— Recebem pensões; um décimo das rendas de monsenhor é destinado a isso.

— Passemos à sexta-feira — disse d'Artagnan.

— Sexta-feira, prazeres nobres e guerreiros. Caçamos, esgrimimos, amestramos falcões, amansamos cavalos. Finalmente, sábado é o dia dos prazeres espirituais: mobiliámos o espírito, admiramos os quadros e estátuas de monsenhor, chegamos até a escrever e a traçar planos; enfim, disparamos os canhões de monsenhor.

— Traçais planos, disparais os canhões...

— Sim, senhor.

— Meu amigo — disse d'Artagnan — o Sr. du Vallon possui, na verdade, o espírito mais sutil e mais amável que conheço; mas há uma espécie de prazeres que esquecestes, se não me engano.

— Quais, senhor? — indagou Mousqueton, ansioso.

— Os prazeres materiais. Mousqueton ruborizou-se.

— Que entendeis por isso, senhor? — perguntou, abaixando os olhos.

— Entendo a mesa, o bom vinho, a noite ocupada com as evoluções da garrafa.

— Ah! senhor, esse prazeres não contam, praticamo-los todos os dias.

— Meu bravo Mousqueton — sobreveio d'Artagnan — perdoa-me; o fato é que fiquei tão embevecido com a tua narração cheia de encantos, que me esqueceu o ponto principal da nossa conversa, a saber, o que poderia ter escrito a teu amo o Sr. Vigário-geral d'Herblay.

— É verdade, senhor — anuiu Mousqueton — os prazeres nos distraíram. Pois bem, eis como foi a coisa toda.

— Sou todo ouvidos, meu caro Mousqueton.

— Quarta-feira...

— Dia dos prazeres campestres?

— Isso. Chega uma carta; ele recebe-a de minhas mãos. Eu tinha reconhecido a letra.

— E daí?

— Monsenhor lê a carta e grita: "Depressa, meus cavalos! minhas armas!”

— Ah! meu Deus — acudiu d'Artagnan — algum duelo outra vez?

— Não, senhor. Na carta havia apenas estas palavras:

"Caro Porthos, a caminho se quiseres chegar antes do equinócio. Espero-te".

— Com a breca! — murmurou d'Artagnan, pensativo. — Parece que o caso era urgente.

— Não duvido. De modo que monsenhor — continuou Mousqueton — partiu no mesmo dia com o secretário para tentar chegar a tempo.

— E terá chegado?

— Espero que sim. Monsenhor, que é esquentado, como sabeis, não cessava de repetir: "Raios me

partam! Que negócio de equinócio é esse? Mas não faz mal, é preciso que o safardana esteja muito bem montado para chegar antes de mim".

— E crês que Porthos chegou primeiro? — perguntou d'Artagnan.

— Tenho certeza. O tal equinócio, por mais rico que seja, não pode ter cavalos como os de monsenhor!

D'Artagnan reprimiu a vontade de rir, porque o laconismo da carta de Aramis lhe dava que pensar. Seguiu Mousqueton, ou melhor, a carreta de Mousqueton, até ao castelo; sentou-se a uma mesa suntuosa, cujas honras lhe foram feitas como a um rei, mas não pôde tirar mais nada de Mousqueton: o fiel servidor chorava desbragadamente, mas só.

Depois de uma noite passada em cama excelente, d'Artagnan pensou muito no sentido da carta de Aramis, preocupou-se com as relações possíveis entre o equinócio e os negócios de Porthos, e não entendendo patavina do caso, senão que se tratava de alguma aventurazinha amorosa do bispo, para a qual era mister que os dias fossem iguais às noites, partiu de Pierrefonds como partira de Melun, como partira do castelo do Conde de La Fère. Não o fez, contudo, sem alguma melancolia, que se podia considerar como um dos mais sombrios humores de D'Artagnan. Cabisbaixo, olhar fixo, deixava que lhe pendesse as pernas ao longo dos flancos do cavalo e dizia entre si, com o vago cismar que atinge, a reveses, a mais sublime eloqüência:

— Foram-se os amigos, foi-se o futuro, foi-se tudo! As minhas forças estão quebradas, como se quebrou o feixe de nossa passada amizade. Chega a velhice, fria, inexorável; envolve no seu manto fúnebre tudo o que outrora reluzia, tudo o que me perfumava a mocidade, depois atira esse doce fardo ao ombro e leva-o com o resto para o abismo sem fundo da morte.

Um calafrio sacudiu o coração do gascão, tão corajoso e tão forte contra todas as desgraças da vida, e durante alguns momentos as nuvens lhe parecerem negras, a terra escorregadia e gredosa como o chão dos cemitérios.

— Aonde vou?... — prosseguiu em seu monólogo — que vou fazer?... sozinho... inteiramente só, sem família, sem amigos... Ora, bolas! — gritou de repente.

E esporeou a cavalgadura, que não tendo achado nada de melancólico na aveia de Pierrefonds, aproveitou a permissão para mostrar a sua alegria num tempo de galope que absorveu duas léguas.

— A Paris! — bradou d'Artagnan. No dia seguinte chegava a Paris. Levara dez dias para fazer toda a viagem.

Capítulo XIX - O que ia d'Artagnan fazer em Paris

O TENENTE apeou diante de uma loja da Rua des Lombards, denominada *Pilão de ouro.* Um homem bem apessoado, que trazia um avental branco e acariciava o bigode grisalho com a manzorra, soltou um grito de alegria ao dar com o cavalo malhado.

— Senhor cavaleiro — disse ele — ah! sois vós!

— Bom-dia, Planchet! — respondeu d'Artagnan, empertigando-se todo para entrar na loja.

— Bonjour, Planchet, répondit d'Artagnan.

— Depressa, alguém — gritou Planchet — para o cavalo do Sr. d'Artagnan, alguém para o seu quarto, alguém para o seu jantar!

— Obrigado, Planchet! Bom-dia, meninos — disse d'Artagnan aos caixeiros açodados.

— Permitis que eu expeça este café melaço e estas passas cozidas? — perguntou Planchet. — São para a copa do senhor superintendente.

— Expede, expede.

— É coisa de um momento; depois jantaremos.

— Faz que jantemos sós — disse d'Artagnan; — preciso falar contigo.

Planchet considerou o antigo amo de modo significativo.

— Oh! tranqüiliza-te, que não é nada desagradável — disse d'Artagnan.
— Tanto melhor! tanto melhor!...
E Planchet respirou enquanto o mosqueteiro se instalava com a maior simplicidade na loja sobre um fardo de rolhas e correu de olhos o ambiente.
Estava a loja bem sortida; nela se respirava um perfume de gengibre, de canela e de pimenta moída que o fez espirrar.
Felizes por se verem ao lado de tão famoso guerreiro, de um tenente de mosqueteiros que privava com o rei, puseram-se os moços a trabalhar com entusiasmo quase delirante, e a servir a freguesia com desdenhosa precipitação, o que não deixou de ser notado por mais de um freguês.
Planchet recebia o dinheiro e fazia as contas entremeando-as de gentilezas dirigidas ao antigo amo. Tratava os clientes com o laconismo e a orgulhosa familiaridade do negociante rico que a todos serve mas que a ninguém atende.
D'Artagnan observou essa distinção com um prazer que analisaremos depois. Assistiu, pachorrento, ao cair da noite; e, afinal, conduzido a um quarto do primeiro andar, viu, entre fardos e caixas, uma mesa farta que esperava dois convivas.
D'Artagnan aproveitou um momento de folga para examinar a figura de Planchet, com o qual fazia mais de ano que não se encontrava. O inteligente Planchet embarrigara, mas não tinha o rosto inchado. Os olhos brilhantes se agitavam ainda com facilidade nas órbitas profundas, e a gordura, que nivela todas as saliências características do rosto humano, ainda não lhe tocara nas maçãs salientes, índice de astúcia e cupidez, nem no queixo pontudo, índice de finura e perseverança. Reinava na sala de jantar com a majestade com que dominava a loja. Ofereceu ao amo um repasto frugal, mas bem parisiense: carne assada no forno do padeiro, legumes, salada e sobremesa trazida da própria loja.
Estimou D'Artagnan que o merceeiro houvesse tirado de trás da lenha uma garrafa daquele vinho de Anjou, que durante toda a vida, fora o seu vinho predileto.
— Antigamente, senhor — observou Planchet com um sorriso cheio de bonomia — era eu quem bebia o vosso vinho; hoje tenho o prazer de ver-vos beber o meu.
— E, mercê de Deus, amigo Planchet, espero bebê-lo ainda por muito tempo, agora que estou livre.
— Livre! Estais de licença?
— Ilimitada!
— Deixastes o serviço? — perguntou Planchet, estupefato.
— Deixei, vou descansar.
— E o rei? — bradou Planchet, que não concebia que o rei pudesse dispensar os serviços de um homem como d'Artagnan.
— O rei buscará fortuna onde quiser... Mas nós jantamos bem, estás de bom humor, animas-me a fazer confidências, abre, pois, os ouvidos.
— Estão abertos.
E Planchet, com uma risada mais franca que maliciosa, destampou uma garrafa de vinho branco.
— Deixa-me apenas a razão.
— Oh! quando perderdes a cabeça, senhor...
— Agora, que a minha cabeça me pertence, pretendo poupá-la mais do que nunca. Primeiro tratemos de finanças... Como vai o nosso dinheirinho?
— Às mil maravilhas, senhor. As vinte mil libras que me entregastes continuam colocadas no meu comércio, onde dão nove por cento; dou-vos sete e fico com dois.

— E continuas contente?
— Encantado. Trouxestes mais algumas?
— Melhor do que isso... Mas estás precisando delas?
— Precisando, não. Todos agora me entregam o que têm. E eu entendo de negócios.
— Era o teu projeto.
— Faço uns negocinhos por fora... Compro as mercadorias dos colegas apertados, empresto dinheiro aos que precisam fazer pagamentos.
— Sem usura?...
— Oh! Senhor, na semana passada tive dois encontros no *boulevard* por causa dessa palavra.
— Como!
— Explico: tratava-se de um empréstimo... O homem a quem empresto o dinheiro deu-me como garantia uma partida de açúcar mascavo com a condição de que eu pudesse vendê-la se ele não me pagasse em dia certo. Empresto mil libras. Ele não me paga e eu vendo o açúcar por mil e trezentas. Sabendo disso, o homem reclama cem escudos. Eu, bem, recuso... alegando que só obtivera pela partida novecentas libras. Ele me chama de usurário. Peço-lhe que me repita isso atrás do *boulevard*. É um antigo guarda, e ele não falta; furo-lhe a coxa esquerda de lado a lado com a vossa espada.
— Cáspite! são esses os teus negocinhos por fora? — acudiu d'Artagnan.
— Acima de treze por cento bato-me — replicou Planchet; — nasci assim.
— Aceita doze só — volveu d'Artagnan — e chama ao resto prêmio e corretagem.
— Tendes razão, senhor. Mas qual é o vosso negócio?
— Ah! Planchet é comprido e difícil de dizer.
— Dizei sempre.
D'Artagnan coçou o bigode como se receasse fazer confidências e desconfiasse do confidente.
— É um emprego de capital?
— Naturalmente.
— Com um bonito lucro?
— Com um lindo lucro: quatrocentos por cento, Planchet. Planchet deu um murro sobre a mesa com tamanho vigor que as garrafas saltaram como se tivessem medo.
— Será possível, meu Deus!
— Creio que o lucro ainda será maior — tornou friamente d'Artagnan — mas prefiro não ser otimista.
— Ah! diabo! mas é magnífico, senhor!... — exclamou Planchet, aproximando-se. — Pode-se empregar muito dinheiro?
— Vinte mil libras cada um, Planchet.
— É tudo o que tendes. Por quanto tempo?
— Por um mês.
— E isso nos dará?
— Cinqüenta mil libras para cada um; conta.
— É monstruoso!... Teremos de bater-nos de verdade por uma coisa dessas?
— Creio, de fato, que teremos de bater-nos, e bastante — respondeu d'Artagnan com a mesma tranqüilidade; — mas desta vez, Planchet, somos dois e eu enfrentarei sozinho os golpes.
— Senhor, não admitirei...
— Não podes ir comigo, Planchet; terias de deixar o teu comércio.
— O negócio não se faz em Paris?
— Não.

— Ah! é no estrangeiro?
— Na Inglaterra.
— País de especulações, de fato — conveio Planchet... — país que conheço muito... Que espécie de negócio, senhor, se não for muita curiosidade?
— Planchet, trata-se de uma restauração.
— De monumentos?
— De monumentos. Restauraremos White-Hall.
— É importante... E acreditais que num mês?...
— Garanto que sim.
— Isso é convosco, senhor, e já que vos meteis...
— Sim, é comigo... estou a par de tudo... entretanto, gostaria de consultar-te.
— É muita honra... mas pouco entendo de arquitetura.
— Planchet... não tens razão, és ótimo arquiteto, tão bom quanto eu para esse caso.
— Obrigado...
— Confesso-te que tive a tentação de oferecer o negócio àqueles senhores, mas nenhum deles está em casa... É pena, porque não conheço homens mais atrevidos nem mais hábeis.
— Ah! parece, então, que haverá concorrência e que a empresa será disputada?
— Oh! sim, Planchet, sim...
— Estou louco por saber dos pormenores.
— Pois aqui estão eles, Planchet: fecha bem as portas.
— Sim, senhor.
E Planchet fechou a porta dando três voltas à chave.
— Agora, acerca-te de mim.
Planchet obedeceu.
— E abre a janela, para que o ruído dos que passam e das carroças ensurdeça os que poderiam escutar-nos.
Planchet abriu a janela como lhe haviam ordenado, e o bafo de tumulto que invadiu a sala, gritos, rodas, latidos e passos, ensurdeceu o próprio d'Artagnan, como ele o desejara. Foi então que bebeu um copo de vinho branco e principiou desta sorte:
— Planchet, tenho uma idéia.
— Ah! senhor, nisso vos reconheço — respondeu o merceeiro, arquejante de emoção.

Capítulo XX - Da sociedade que se forma na Rua des Lombards, no Pilão de Ouro, para explorar a idéia do Sr. d'Artagnan

APÓS um instante de silêncio, em que d'Artagnan pareceu recolher não uma idéia, mas todas as suas idéias:

— Dar-se-á, meu caro Planchet — disse ele — que não tenhas ouvido falar de Sua Majestade Carlos I, rei da Inglaterra?

— Como não, senhor? — redarguiu Planchet — visto que deixastes a França para ir socorrê-lo; e que, apesar do socorro, ele caiu e quase vos arrastou na queda.

— Precisamente; vejo que tens boa memória, Planchet.

— Peste! senhor, o espantoso seria que eu a tivesse perdido, por pior que fosse. Quem ouviu Grimaud, que quase não fala, como sabeis, contar como caiu a cabeça do Rei Carlos, como viajastes metade de uma noite num barco minado e vistes voltar à superfície da água aquele bom Sr. Mordaunt com certo punhal de cabo de ouro, enterrado no peito, não esquece essas coisas.

— Mas há pessoas que as esquecem, Planchet.

— Sim, os que não assistiram a elas ou não as ouviram contadas por Grimaud.

— Pois tanto melhor! já que te lembras de tudo isso, preciso apenas recordar-te uma coisa, a saber, que o Rei Carlos I tinha um filho.

— Tinha até dois, senhor, sem querer desmentir-vos — atalhou Planchet; — pois vi o segundo em Paris, o Sr. Duque de Iorque, num dia em que se destinava ao Palais-Royal e garantiram-me que era o segundo filho do Rei Carlos I. Quanto ao mais velho, tenho a honra de conhecê-lo de nome, mas não de vista.

— Eis precisamente, Planchet, aonde devemos chegar: ao filho mais velho, que se chamava outrora Príncipe de Gales e que hoje se chama Carlos II, rei de Inglaterra.

— Rei sem reino, senhor — respondeu sentenciosamente Planchet.

— Sim, Planchet, e podes acrescentar desgraçado príncipe, mais desgraçado que um homem do povo perdido no pior dos bairros de Paris.

Planchet fez um gesto cheio de compaixão banal que concedemos aos estranhos com os quais não imaginamos entrar um dia em contato.

Aliás, ele não via, nessa operação político-sentimental, surgir de maneira alguma a idéia comercial do Sr. d'Artagnan, e era essa idéia que o interessava acima de tudo. D'Artagnan, que tinha o hábito de compreender as coisas e os homens, compreendeu Planchet.

— Chegamos ao ponto — disse ele. — Esse jovem Príncipe de Gales, rei sem reino, como dizes muito bem, Planchet, interessou-me, a mim, d'Artagnan. Vi-o mendigar a ajuda de Mazarino, que é um salafrário, e o auxílio do Rei Luís, que é uma criança, e pareceu-me, a mim que conheço os homens, distinguir no olhar inteligente do rei destronado, na nobreza de toda a sua pessoa, nobreza que sobrepairou a todas as misérias, o estofo de um homem corajoso e de um rei.

Planchet aprovou tacitamente: nada disso, a seus olhos, esclarecia ainda a idéia de d'Artagnan. Este continuou:

— Eis, por conseguinte, o raciocínio que fiz. Ouve bem, Planchet, porque nos aproximamos da conclusão.

— Estou ouvindo.

— Os reis não andam espalhados em tão grande quantidade sobre a terra que os povos os

encontrem onde quer que precisem deles. Ora, esse rei sem reino é, a meu ver, uma semente reservada que florescerá numa estação qualquer, contanto que uma mão hábil, discreta e vigorosa, saiba semeá-la bem, escolhendo o solo, o céu e o tempo.

Planchet aprovava sempre com a cabeça, o que indicava que nem sempre compreendia.

— Pobre sementinha de rei, disse eu entre mim enternecendo-me deveras, Planchet; e isso levou-me a pensar que eu talvez estivesse matutando uma besteira. Daí que desejasse consultar-te, meu amigo.

Planchet corou de prazer e de orgulho.

— Pobre sementinha de rei! Apanho-te e vou atirar-te em terra boa.

— Ah! meu Deus! — exclamou Planchet, considerando fixamente o antigo amo, como se duvidasse da perfeita sanidade de sua razão.

— Então, que foi? — perguntou d'Artagnan. — Que é o que te incomoda?

— Nada, senhor.

— Disseste: "Ah! meu Deus!”

— Será?

— Tenho certeza. Já terias, acaso, compreendido?

— Confesso, Sr. d'Artagnan, que tenho medo...

— De compreender?

— É.

— De compreender que pretendo recolocar no trono o Rei Carlos II, que já não tem trono?

Planchet deu um salto prodigioso na cadeira.

— Ah! ah! — ejaculou, sobressaltado; — é a isso que chamais restauração?

— Sim, Planchet, não é assim que se chama a coisa?

— Sem dúvida, sem dúvida. Mas refletistes bem?

— No quê?

— No que há lá embaixo?

— Onde?

— Na Inglaterra.

— E que é que há na Inglaterra, Planchet?

— Primeiro, senhor, peço-vos que me perdoeis por meter-me nessas coisas, que não são do meu comércio; mas já que me propondes um negócio... pois é um negócio que me propondes, não é verdade?

— Magnífico, Planchet.

— Mas já que me propondes um negócio, tenho o direito de discuti-lo.

— Discute, Planchet; da discussão nasce a luz.

— Pois bem, com a vossa permissão, direi que lá embaixo, primeiro, há parlamentos.

— Muito bem. E depois?

— Depois o exército.

— Sei. Vês ainda alguma coisa?

— Vejo a nação.

— Só?

— A nação, que consentiu na queda e na morte do finado rei, pai desse aí, e que não quererá desmentir-se.

— Planchet, meu amigo — disse d'Artagnan — raciocinas como um queijo. A nação... a nação está cansada desses senhores que têm nomes bárbaros e que lhe cantam salmos. Cantar por cantar, meu

caro Planchet, já observei que as nações preferem cantar músicas brejeiras a cantar o cantochão. Lembra-te da Fronda; muito se cantou naquele tempo! Pois bem! era o bom tempo.

— Nem tanto, nem tanto; quase fui enforcado.

— Sim, mas não foste.

— Não.

— E começaste a enriquecer no meio de todas essas músicas?

— É verdade.

— Não tens, portanto, mais nada que dizer?

— Tenho, tenho! Volto ao exército e aos parlamentos.

— Eu já disse que tomo vinte mil libras emprestadas ao Sr. Planchet e que, de meu lado, emprego outras vinte mil; com essas quarenta mil libras levanto um exército.

Planchet juntou as mãos; vendo sério d'Artagnan, acreditou que o amo tivesse perdido o juízo.

— Um exército!... Ah! senhor — tornou ele com o mais encantador dos sorrisos, receoso de irritar o louco e enfurecê-lo. — Um exército... numeroso?

— De quarenta homens — disse d'Artagnan.

— Quarenta contra quarenta mil, não bastam. Valeis sozinho mil homens, Sr. d'Artagnan, não há dúvida, e eu sei disso; mas onde encontrareis trinta e nove homens que valham tanto quanto vós? Ou, se os encontrardes, quem fornecerá o dinheiro para pagá-los?

— Muito bem, Planchet... Ah, diabo! já te fazes cortesão.

— Não, senhor, digo o que penso, e aí está justamente porque, na primeira batalha campal que travardes com os vossos quarenta homens, tenho muito medo...

— Por isso mesmo não travarei nenhuma batalha campal, meu caro Planchet — atalhou, rindo, o gascão. — Temos, na antigüidade, belíssimos exemplos de retiradas, marchas e contramarchas sábias que consistiam em evitar o inimigo em lugar de enfrentá-lo. Deves sabê-lo, Planchet, tu que comandaste os parisienses no dia em que eles deviam bater-se contra os mosqueteiros, pois calculaste tão bem as marchas e contramarchas que não saíste da Place Royale.

Planchet desatou a rir.

— De fato — respondeu ele — se os vossos quarenta homens se esconderem sempre e não forem desastrados, talvez não sejam vencidos; mas, afinal, pretendeis alcançar um resultado qualquer?

— Sem dúvida nenhuma. Eis, portanto, a meu ver, o método que se empregará para recolocar prontamente Sua Majestade Carlos II no trono.

— Bom! — exclamou Planchet, redobrando de atenção — vejamos o método. Antes, porém, creio que estamos esquecendo alguma coisa.

— O quê?

— Pusemos de lado a nação, que prefere as canções brejeiras aos salmos, e o exército, que não combateremos; mas ainda ficam os parlamentos, que não cantam.

— E também não combatem. Como se dá que tu, Planchet, homem inteligente, te preocupes com uma recua de palradores que se chamam *Curanchins* e *descarnados!* Os parlamentos não me inquietam, Planchet.

— Bem! se não vos inquietam, passemos adiante.

— E cheguemos ao resultado. Não te lembras de Cromwell, Planchet?

— Ouvi falar muito nele, senhor.

— Era um tremendo guerreiro.

— E, principalmente, um terrível comedor.

— Como assim?

— Não engoliu a Inglaterra num bocado só?

— Pois bem, Planchet, que dirias se, no dia seguinte àquele em que o Sr. Cromwell engoliu a Inglaterra, alguém tivesse engolido o Sr. Cromwell?...

— Oh! senhor, é um dos primeiros axiomas da matemática que o continente deve ser maior que o conteúdo.

— Muito bem!... Aí está o nosso negócio, Planchet.

— Mas o Sr. Cromwell morreu, e o seu continente agora é o túmulo!

— Meu caro Planchet, vejo com prazer que, além de matemático, tu te tornaste filósofo também.

— No meu comércio de mercearia, senhor, utilizo muito papel impresso; isso me instrui.

— Bravo! Sabes, portanto, nesse caso... pois não aprendeste as matemáticas e a filosofia sem um pouquinho de história... que depois desse Cromwell tão grande veio um bem pequenino.

— Sei; esse chamava-se Ricardo, e fez o que fizestes, Sr. D'Artagnan: pediu demissão.

— Bem, muito bem! Depois do grande, que morreu; depois do pequenino, que pediu demissão, veio um terceiro. Chama-se Monck; general habilíssimo, pois nunca se bateu; fortíssimo diplomata, pois não fala nunca, e antes de dizer bom-dia a alguém, pensa doze horas e acaba dizendo boa-noite; o que nos leva a acreditar em milagre, pois dá certo.

— Fortíssimo, de fato — concordou Planchet; — mas também, conheço outro homem político muito parecido com esse.

— O Sr. de Mazarino, não é?

— Exatamente.

— Tens razão, Planchet; só que o Sr. de Mazarino não aspira ao trono de França; e isso, como vês, modifica tudo. Pois bem, o tal Sr. Monck, que já tem a Inglaterra assadinha no seu prato, e abriu a boca para engoli-la, o tal Sr. Monck, que diz aos homens de Carlos II e ao próprio Carlos II: *Néscio vos*...

— Não entendo inglês — disse Planchet.

— Pois eu entendo — volveu d'Artagnan. — *Néscio vos* significa: Não vos conheço. Pois o tal Sr. Monck, o homem importante da própria Inglaterra, que pretende engoli-la...

— Que é que tem? — perguntou Planchet.

— Pois bem, meu amigo, vou à Inglaterra e, com os meus quarenta homens rapto-o, encaixoto-o e trago-o à França, onde duas hipóteses se apresentam aos meus olhos deslumbrados.

— E aos meus também! — bradou Planchet transportado de entusiasmo. — Pomo-lo numa gaiola e exibimo-la por dinheiro.

— Pois olhas, Planchet, essa é uma terceira hipótese que não me havia ocorrido.

— E não vos parece boa?

— Muito boa; mas creio que as minhas são melhores.

— Então vejamos as vossas.

— 1.°: Exijo por ele um resgate.

— De quanto?

— Que diabo! Um homem como esse bem vale cem mil escudos.

— Claro.

— Como vês: 1.°, exijo um resgate de cem mil escudos.

— Ou então?...

— Ou então, o que é melhor ainda, entrego-o ao Rei Carlos, que, não tendo general nenhum que temer, nem diplomata que lograr, pode restaurar-se sozinho, e, depois de restaurado, dá-me os cem mil escudos de que falei. Aí está a idéia que tive; que achas, Planchet?

— Magnífica! magnífica, senhor! — bradou Planchet, tremendo de emoção. — E como vos ocorreu?

— Ocorreu-me certa manhã, à margem do Loire, enquanto Luís XIV, nosso rei muito amado, choramingava sobre a mão da Srta. de Mancini.

— Senhor, declaro que a idéia é sublime. Mas...

— Ah! existe um *mas*.

— Com licença. Mas ela é meio parecida com a pele daquele lindo urso, já sabeis, que se devia vender, mas que era preciso arrancar do urso vivo. Para prender o Sr. Monck haverá barulho.

— Sem dúvida, mas eu já te disse que levanto um exército!

— Ah! sim, compreendo: um ataque de surpresa. Oh! então, senhor, triunfareis, porque ninguém vos iguala nesse gênero de empresas.

— Tenho tido sorte, é verdade — concedeu d'Artagnan, com orgulhosa simplicidade; — compreendes que se eu tivesse para isso o meu querido Athos, o meu bravo Porthos e o meu astuto Aramis, a coisa estava feita; mas parece que estão perdidos, e ninguém sabe onde encontrá-los. Por conseguinte, darei o golpe sozinho. E agora? Achas bom o negócio e o emprego vantajoso?

— Demais! demais!

— Como assim?

— As coisas boas nunca chegam a esse ponto.

— Mas essa é infalível, Planchet, e a prova é que me meto nela. Será para ti um belíssimo lucro e para mim um golpe muito interessante. Dirão os pósteros: "Foi essa a velhice do Sr. D'Artagnan"; e eu terei um lugar nas histórias e até na história, Planchet. Pélo-me por honras.

— Senhor! — exclamou Planchet — quando penso que foi aqui, em minha casa, no meio do meu açúcar mascavo, das minhas ameixas e da minha canela que madurou esse projeto gigantesco, tenho a impressão de que a minha loja é um palácio.

— Muito cuidado, muito cuidado, Planchet; à menor suspeita, iremos para a Bastilha; cuidado, meu amigo, pois o que estamos fazendo é uma conjura: o Sr. Monck é aliado do Sr. de Mazarino; cuidado!

— Senhor, quando temos a honra de pertencer-vos, não temos medo, e quando temos a vantagem de partilhar dos vossos interesses, calamo-nos.

— Muito bem, isso te interessa mais do que a mim, visto que eu, dentro em oito dias, estarei na Inglaterra.

— Parti, senhor, parti; quanto mais cedo melhor.

— Está pronto o dinheiro?

— Estará pronto amanhã; amanhã o recebereis de minhas mãos. Quereis ouro ou prata?

— Ouro, é mais cômodo. Mas como arranjaremos isso? Vejamos.

— Oh! meu Deus, do modo mais simples: vós me dareis um recibo, e pronto.

— Não, não — atalhou com vivacidade d'Artagnan — é preciso ordem em tudo.

— Também acho... mas tratando-se de vós, Sr. d'Artagnan...

— E se morro lá embaixo, se me mata uma bala de mosquete, se arrebento por ter bebido cerveja?

— Senhor, fazei-me o favor de acreditar que, nesse caso, eu ficaria tão penalizado com a vossa morte que não pensaria no dinheiro.

— Obrigado, Planchet, mas isso não obsta. Vamos, como dois escreventes de cartório, redigir conjuntamente uma convenção, uma espécie de contrato que se poderia chamar um contrato de sociedade.

— Com muito prazer.

— Sei que é difícil redigi-lo, mas vamos tentar.

— Tentemos.
Planchet foi buscar pena, tinta e papel.
D'Artagnan pegou na pena, molhou-a na tinta e escreveu:

"Contrato que celebram o Sr. d'Artagnan, ex-tenente dos mosqueteiros do rei, ora residente à Rua Tiquetonne, hospedaria da Chevrette.
"E o Sr. Planchet, merceeiro, residente à Rua des Lombards, no Pilão de Ouro,
"Entre os quais se convencionou o que segue:
"Fica formada uma sociedade com o capital de quarenta mil libras com o fim de explorar uma idéia apresentada pelo Sr. D'Artagnan.
"O Sr. Planchet, que conhece a idéia e a aprova em todos os sentidos, entregará vinte mil libras ao Sr. D'Artagnan.
"Não exigirá o principal nem os juros dessa importância antes do regresso de uma viagem que o Sr. d'Artagnan fará à Inglaterra.
"De seu lado, o Sr. d'Artagnan se compromete a entregar vinte mil libras, que serão acrescentadas às vinte mil libras já entregues pelo Sr. Planchet.
"O primeiro utilizará a referida soma de quarenta mil libras como melhor lhe parecer, comprometendo-se, contudo, ao seguinte:
"No dia em que o Sr. d'Artagnan houver restabelecido por um meio qualquer Sua Majestade o Rei Carlos II no trono de Inglaterra, entregará ao Sr. Planchet a soma de..."

— A soma de cento e cinqüenta mil libras — rematou ingenuamente Planchet, vendo que d'Artagnan hesitava.
— Ah diabo! não — repontou d'Artagnan — a partilha não pode fazer-se pela metade, não seria justo.
— Entretanto, senhor, cada um de nós entra com a metade — objetou, tímido, Planchet.
— Sim, mas ouve a cláusula, meu caro Planchet, e se não te parecer equitativa em todos os pontos, depois de escrita, nós a riscaremos.
E escreveu:

"Entretanto, como o Sr. d'Artagnan fornece à sociedade, além do capital de vinte mil libras, o seu tempo, a sua idéia, a sua indústria e a sua pele, coisas que muito aprecio, mormente a última, ficará, das trezentas mil libras, com duzentas mil para si, o que elevará a sua parte para dois terços".

— Muito bem — concordou Planchet.
— Não é justo?
— Justíssimo.
— E ficarás contente com cem mil libras?
— Que dúvida! Cem mil por vinte mil!
— No prazo de um mês, não te esqueças.
— Como, de um mês?
— Sim, só te peço um mês.
— Senhor — declarou generosamente Planchet — dou-vos seis semanas.
— Obrigado — retrucou civilmente o mosqueteiro. Em seguida, os dois sócios releram o contrato.

— Está perfeito, senhor — disse Planchet — e o finado Sr. Coquenard, o primeiro marido da Sra. Baronesa du Vallon, não o teria feito melhor.

— Achas? Então, assinemos.

E ambos lançaram o jamegão no contrato.

— Desse modo — disse d'Artagnan — não deverei obrigação a ninguém.

— Mas eu vos ficarei obrigado — disse Planchet.

— Não, pois se bem eu a aprecie imensamente, Planchet, posso deixar a minha pele lá embaixo e, nesse caso, perderás tudo. A propósito, diabo! isso me faz pensar no principal, numa cláusula indispensável, que vou escrever:

> *"No caso de vir o Sr. d'Artagnan a sucumbir na empresa, a liquidação se fará automaticamente, e o Sr. Planchet dá desde já quitação à sombra do Sr. d'Artagnan das vinte mil libras por ele depositadas na caixa da referida sociedade".*

A última cláusula levou Planchet a carregar o cenho; mas quando viu o olhar tão brilhante, a mão tão musculosa, a espinha tão flexível e tão robusta do sócio, retomou coragem e, sem hesitar, sobranceiro, acrescentou um rabisco à sua assinatura. Assim se redigiu o primeiro contrato de sociedade que se conhece; é possível que, depois, se tenha abusado um pouco da forma e do fundo.

— Agora — disse Planchet, servindo um último copo de vinho de Anjou a d'Artagnan — agora, toca a dormir, meu caro amo.

— Nada disso — replicou d'Artagnan — que o mais difícil ainda está por fazer, e eu vou passar a noite pensando no mais difícil.

— Ora! — volveu Planchet — tenho tanta confiança em vós, Sr. d'Artagnan, que eu não daria minhas cem mil libras por noventa mil.

— E leve-me o diabo! — ajuntou d'Artagnan — se não creio que tens razão.

E, apoderando-se de uma vela, subiu para o quarto e deitou-se.

Capítulo XXI - Em que d'Artagnan se dispõe a viajar para a firma Planchet e companhia

D'ARTAGNAN pensou tão bem durante a noite que, no dia seguinte, já tinha esboçado o plano.

— Pronto! — disse sentando-se na cama e apoiando o cotovelo sobre o joelho e o queixo sobre a mão — pronto! Buscarei quarenta homens dignos de confiança e bem sólidos, recrutados entre pessoas um tanto comprometidas, mas que tenham hábitos de disciplina. Prometer-lhes-ei quinhentas libras por um mês, se voltarem; nada, se não voltarem, ou a metade para os colaterais. Quanto à cama e à mesa, isso é com os ingleses, que têm bois no pasto, toicinho na salgadeira, galinhas no galinheiro e trigo no celeiro. Apresentar-me-ei ao General Monck com esse corpo de tropa. Ele me aceitará. Obterei a sua confiança e abusarei dela o mais depressa possível.

Mas, sem ir mais longe, d'Artagnan sacudiu a cabeça e interrompeu-se.

— Não — continuou — eu não teria coragem de contar isso a Athos; donde se infere que o processo é pouco honroso. É mister empregar a violência — prosseguiu — é indispensável, mas sem comprometer em nada a minha lealdade. Com quarenta homens correrei os campos como guerrilheiros. Sim, e se eu encontrar, não quarenta mil ingleses, como dizia Planchet, mas quatrocentos? Serei derrotado, visto que entre os meus quarenta guerreiros haverá, pelo menos, dez amigos do copo, que se deixarão matar imediatamente por estupidez. Não, não, é impossível conseguir quarenta homens dignos de confiança; isso não existe. Preciso contentar-me com trinta. Com dez homens menos terei o direito de evitar o encontro à mão armada, por causa do pequeno número dos meus, e se este for inevitável, terei podido escolher melhor trinta homens do que quarenta. De mais a mais, economizo cinco mil francos, isto é, a oitava parte do meu capital, e o negócio vale a pena. Está dito, terei portanto trinta homens. Dividi-los-ei em três grupos, nós nos espalharemos pelo país com ordem de nos reunirmos a um dado momento; dessa maneira, de dez em dez, não despertaremos a menor suspeita, passaremos despercebidos. Sim, sim, trinta é um número maravilhoso. Três dezenas; três, número divino. Além disso, uma companhia de trinta homens, reunida, ainda terá qualquer coisa de imponente. Ah! desgraçado que sou — continuou d'Artagnan — preciso de trinta cavalos; estou arruinado! Onde diabo teria eu a cabeça quando me esqueci dos cavalos? E o certo é que não se pode pensar num golpe desses sem cavalos. Está bem, faremos o sacrifício, mas pegaremos os cavalos lá mesmo; aliás, não são maus os cavalos ingleses. No entanto, já me esquecia, peste! três grupos precisam de três comandantes e aí é que o carro pega: dos três comandantes tenho um, que sou eu; sim, mas os dois outros custarão, sozinhos, quase tanto quanto o resto da tropa. Não, decididamente, o ideal seria um tenente só. Nesse caso, terei de reduzir a tropa a vinte homens. Sei que não é muito; mas se com trinta eu estava decidido a evitar encontros, maior razão ainda para evitá-los com vinte. Vinte, conta redonda; isso, aliás, diminui de dez o número de cavalos, o que já não é pouco; e tendo um bom tenente... Com a breca! quanto valem a paciência e o cálculo! Eu, que ia embarcar-me com quarenta homens, estou agora reduzido a vinte e com as mesmas probabilidades de êxito. Dez mil libras poupadas de um golpe só e maior segurança ainda. É isso mesmo. Vejamos, portanto: trata-se apenas de encontrar o tenente; encontremo-lo e depois... Não é tão fácil assim, preciso de um homem bom e corajoso, um segundo eu mesmo. Sim, mas um tenente saberá o meu segredo, e como esse segredo vale um milhão e eu só lhe pagarei mil libras, mil e quinhentas no máximo, o meu tenente venderá o segredo a Monck. Nada de tenente, com seiscentos diabos! De mais disso, ainda que o homem fosse mudo como um discípulo de Pitágoras, teria na

tropa um soldado favorito e dele faria o seu sargento; o sargento conheceria o segredo do tenente, se este fosse honesto e não quisesse vendê-lo. E o sargento, menos probo e menos ambicioso, revelaria tudo por cinqüenta mil libras. Vamos, vamos! é impossível! Positivamente o tenente é impossível. Então, nada de frações", pois não posso dividir a minha tropa em duas partes e agir em dois pontos ao mesmo tempo sem um segundo eu... Mas para que agir em dois pontos, se temos de pegar um homem só? Para que enfraquecer um corpo metendo a direita aqui e a esquerda lá? Um corpo só, com a breca! um só, comandado por d'Artagnan; muito bem! Mas vinte homens marchando juntos são suspeitos a toda a gente; não se pode deixar que marchem vinte cavaleiros num grupo só, pois a primeira coisa que se faria era mandar-lhes uma companhia ao encontro para pedir-lhes a senha; e, diante do constrangimento dos vinte cavaleiros, a segunda coisa era fuzilar o Sr. d'Artagnan e seus homens como coelhos. Fico, portanto, reduzido a dez homens; dessa maneira, posso agir com simplicidade e unidade; serei obrigado à prudência, o que já é metade do caminho andado num negócio como o que empreendo: um número maior me teria levado talvez a alguma loucura. Dez cavalos se compram ou se pegam com a maior facilidade. Oh! excelente idéia, e que perfeita tranqüilidade me faz correr pelas veias! Acabam-se as suspeitas, acabam-se as senhas, acaba-se o perigo. Dez homens são lacaios ou caixeiros viajantes. Dez homens que conduzem dez cavalos carregados de mercadorias quaisquer, são tolerados, são bem recebidos em toda a parte. Dez homens que viajam para a firma Planchet e Companhia, de França. Não há o que dizer. Vestidos como jornaleiros, esses dez homens têm um bom facão de mato, um bom mosquete na garupa do cavalo, uma boa pistola nos coldres. Nunca são incomodados, porque não alimentam más intenções. Serão talvez, em secreto, meio contrabandistas, mas que é que tem isso, se o contrabando não é, como a poligamia, um caso de forca? O pior que nos pode acontecer é o confisco das mercadorias. Confiscadas as mercadorias, grande coisa! Vamos, vamos, é um plano soberbo! Dez homens só, dez homens que contratarei para o meu serviço, resolutos como quarenta, que me custarão como quatro, e aos quais, para maior segurança, não direi uma palavra sobre o projeto, mas direi apenas: "Meus amigos, vamos dar um golpe". Dessa maneira, terá de ser muito esperto o tinhoso para me pregar uma peça. Quinze mil libras poupadas em vinte! é uma maravilha!

Assim reconfortado pelo cálculo industrioso, d'Artagnan considerou definitivo o plano e decidiu não lhe alterar coisa alguma. Já escolhera, de uma lista fornecida pela memória inexaurível, dez homens ilustres entre os farejadores de aventuras, maltratados pela fortuna ou inquietados pela justiça. A essa altura, levantou-se e saiu a procurá-los no mesmo instante, dizendo a Planchet que não o esperasse para almoçar e nem talvez para jantar. Um dia e meio que passou percorrendo certos becos de Paris foi o suficiente para a sua colheita e, sem deixar que se comunicassem uns com os outros os seus aventureiros, corrigira, colecionara e reunira em menos de trinta horas, encantadora malta de caras patibulares, que falavam um francês menos puro do que o inglês de que se iam servir.

Eram, na maioria, guardas cujos méritos pudera apreciar d'Artagnan em diversas refregas, e que a embriaguez, as espadeiradas desastrosas, os lucros inesperados no jogo ou as reformas econômicas do Sr. de Mazarino tinham obrigado a buscar a sombra e a solidão, as duas grandes consoladoras das almas incompreendidas e machucadas.

Traziam na fisionomia e na indumentária os vestígios das penas do coração que haviam sofrido. Alguns tinham o rosto rasgado; todos levavam as roupas em tiras. D'Artagnan acudiu às mais urgentes dessas misérias fraternais com sábia distribuição dos escudos da sociedade; depois, certificando-se de que os escudos eram empregados no embelezamento físico da tropa, combinou um encontro com os recrutas no norte da França, entre Berghes e Saint-Omer, dando-lhes seis dias de prazo; conhecendo a boa vontade, e bom humor e a relativa probidade dos ilustres conscritos, tinha certeza

de que nenhum deles faltaria à chamada.

Dadas as ordens, combinado o encontro, foi apresentar as suas despedidas a Planchet, que lhe pediu notícias do seu exército. D'Artagnan não achou conveniente inteirá-lo da redução que fizera no pessoal, temendo abalar, pela confissão, a confiança do sócio. Planchet ficou satisfeitíssimo ao saber que o exército fora levantado, e que ele, Planchet, se convertera numa espécie de meio-rei, que, do seu trono-balcão, tinha a seu soldo um corpo de tropas destinado a guerrear a pérfida Albion, inimiga de todos os corações verdadeiramente franceses.

Planchet contou, portanto, vinte mil libras em belos luíses duplos e confiou-as a d'Artagnan, de sua parte dele, Planchet, e outras vinte mil, sempre em belos luíses duplos, da parte do próprio d'Artagnan. O ex-mosqueteiro pôs cada uma das vinte mil libras num saco e, pesando um saco em cada mão:

— É muito incômodo esse dinheiro, Planchet — disse ele; — sabes que isto pesa mais de trinta libras?

— Ora! o vosso cavalo carregará tudo como uma pluma. D'Artagnan meneou a cabeça.

— Não me digas essas coisas, Planchet; um cavalo sobrecarregado com trinta libras, além da bagagem e do cavaleiro, já não vadeia com tanta facilidade um rio, não salta com a mesma ligeireza um muro ou um fosso, e, acabando-se o cavalo, acaba-se o cavaleiro. É verdade que desconheces essas coisas, Planchet, tu que servistes a vida toda na infantaria.

— Então, senhor, como se há de fazer? — perguntou Planchet realmente embatucado.

— Escuta — propôs d'Artagnan — pagarei o meu exército quando ele voltar aos seus lares. Fica, portanto, com as minhas vinte mil libras, que farás render durante esse tempo.

— E as minhas?

— Levo-as comigo.

— A vossa confiança me honra — disse Planchet; — e se não voltardes?

— É possível, embora seja pouco provável. Mas então, Planchet, para o caso de eu não voltar, dá-me uma pena a fim de escrever o meu testamento.

D'Artagnan pegou numa pena e escreveu numa simples folha de papel:

> *"Eu, d'Artagnan, possuo vinte mil libras economizadas, soldo por soldo, durante os trinta e três anos que estive a serviço de Sua Majestade o rei de França. Lego cinco mil a Athos, cinco mil a Porthos e cinco mil a Aramis, para que ele as dêem, em meu nome e no deles, ao meu amiguinho Raul, Visconde de Bragelonne.*
> *"Lego as cinco mil restante a Planchet, para que distribua as outras quinze mil aos meus amigos com menos pesar.*
> *"E para constar assinei o presente.*
> *D'ARTAGNAN".*

Planchet parecia curiosíssimo de saber o que escrevera d'Artagnan.

— Aí está — disse o mosqueteiro a Planchet — lê.

Ao dar com as últimas linhas, Planchet sentiu os olhos cheios de lágrimas.

— Cuidais que eu não teria dado o dinheiro sem isso? Assim não quero saber das vossas cinco mil libras.

Sorriu d'Artagnan.

— Aceita, Planchet, aceita, e dessa maneira perderás apenas quinze mil em vez de vinte, e não serás tentado a negar a assinatura do teu amo e amigo para não perderes nada.

Como conhecia o coração dos homens e dos merceeiros, esse caro Sr. d'Artagnan!

Os que chamaram louco a Dom Quixote, porque marchava à conquista de um império na só companhia de Sancho, seu escudeiro, e os que chamaram louco a Sancho, porque marchava com seu amo à conquista do referido império, por certo não teriam feito outro juízo de d'Artagnan e de Planchet.

Não obstante, o primeiro era considerado um espírito sutil entre os mais finos espíritos da corte, e o segundo fizera jus à reputação de ser um dos cérebros mais fortes entre os merceeiros da Rua des Lombards, portanto de Paris e, portanto, de França.

Ora, considerando os dois homens apenas do ponto de vista de todos os homens, e os meios com que pretendiam repor um rei em seu trono apenas em relação a outros meios, o cérebro mais acanhado do país em que os cérebros são os mais acanhados do mundo se teria revoltado contra a presunção do tenente e a estupidez do sócio.

Felizmente, porém, d'Artagnan não era homem para dar atenção às baboseiras que se diziam à sua volta, nem aos comentários que se faziam a seu respeito. Adotara o lema: *Façamos bem e deixemos falar*. Planchet, de seu lado, adotara este outro: *Deixemos fazer e calemo-nos*. Daí resultava que, segundo o hábito de todos os gênios superiores, ambos se lisonjeavam *intra pectus* de ter razão contra todos os censuradores.

Para começar, d'Artagnan pôs-se a caminho num dia belíssimo, sem nuvens no céu, sem nuvens no espírito, alegre e forte, calmo e decidido, orgulhoso da sua resolução e levando consigo, por isso mesmo, uma dose decuplicada do fluido poderoso que as agitações da alma arrancam dos nervos e proporcionam à máquina humana uma força e uma influência que os séculos futuros, com toda a probabilidade, saberão avaliar aritméticamente muito melhor do que o sabemos hoje. Percorreu, como nos tempos passados, a estrada fecunda em aventuras que o conduzira a Bolonha e que ele seguia pela quarta vez. Assim, de caminho, quase pôde reconhecer os traços de seus pés nos pavimentos e os de seus punhos nas portas das hospedarias; sempre ativa e presente, a memória ressuscitava-lhe a mocidade que não teriam desmentido, trinta anos depois, nem o seu grande coração nem o seu punho de aço.

Que rica natureza a daquele homem! Tinha todas as paixões, todos os defeitos, todas as fraquezas, e o espírito de contrariedade, familiar à sua inteligência, mudava-lhe as imperfeições nas qualidades correspondentes. Graças à imaginação sempre errante, d'Artagnan sentia medo de uma sombra e, correndo-se de ter sentido medo, marchava contra ela e pracejava uma bravura extravagante se o perigo fosse real; daí que tudo nele fossem emoções e, portanto, prazer. Apreciava muito a sociedade dos outros, mas nunca se entediava na sua, e mais de uma vez, se alguém pudesse observá-lo quando estava só, vê-lo-ia rir das pilhérias que contava a si mesmo ou das grotescas fantasias que lhe acudiam cinco minutos antes do momento em que devia chegar o tédio.

D'Artagnan talvez não fosse tão alegre quanto teria ido se acalentasse a esperança de encontrar alguns bons amigos em Calais em vez dos dez sacripantas que deviam de estar à sua espera; a melancolia, porém, não o visitou mais de uma vez por dia, e foram cinco as visitas que recebeu da sombria divindade antes de avistar o mar em Bolonha e, assim mesmo, curtas.

Entretanto, logo que chegou, sentiu-se próximo da ação, e todos os sentimentos desapareceram para dar lugar apenas à confiança. De Bolonha, pelo litoral, foi a Calais.

Calais era o sítio indicado para a reunião geral, e em Calais designara a cada um dos alistados a estalagem do *Grande Monarca,* em que a diária não era cara, em que os marinheiros se divertiam, em que os espadachins, de bainha de ouro, bem entendido, encontravam cama, mesa, comida e todas as doçuras da vida por trinta soldos diários.

D'Artagnan propunha-se surpreendê-los em flagrante delito de vida errante e, pela primeira impressão, julgar se podia contar com eles como bons companheiros.

Chegou à tarde, às quatro e meia, a Calais.

Capítulo XXII - D’Artagnan viaja para a firma Planchet e companhia

ERGUIA-SE a estalagem do *Grande Monarca* numa ruazinha paralela ao porto, mas que não dava diretamente para ele, pois algumas betesgas cortavam, como os degraus cortam as duas paralelas de uma escada, as duas grandes retas do porto e da rua. Pelas betesgas a gente desemboca inopinadamente do porto na rua e da rua no porto.

D'Artagnan chegou ao porto, enfiou por uma das ruelas e surgiu, de súbito, diante da estalagem do *Grande Monarca.*

O momento fora bem escolhido e recordou-lhe a sua estréia na estalagem do *Franc-Meunier,* em Meung. Marinheiros que acabavam de jogar dados tinham brigado e ameaçavam-se com fúria. O hospedeiro, a hospedeira e dois moços observavam, ansiosos, o círculo dos maus jogadores, de cujo meio parecia prestes a lançar-se a guerra, eriçada de facas e machados. O jogo, todavia, continuava.

Num banco de pedra estavam sentados dois homens, que pareciam também vigiar a porta; quatro mesas colocadas no fundo da sala comum eram ocupadas por oito indivíduos. Nem os homens do banco nem os homens das mesas participavam da briga ou do jogo. D'Artagnan reconheceu os dez recrutas naqueles espectadores tão frios e indiferentes.

O desaguisado aumentava. À semelhança do mar, toda paixão tem a sua maré, que sobe e desce. No paroxismo da paixão, um marinheiro derrubou a mesa e o dinheiro que havia em cima dela. A mesa caiu, o dinheiro rolou. No mesmo instante todo o pessoal da estalagem se atirou sobre as apostas, e as moedas brancas foram apanhadas por gente que se safava, enquanto os marinheiros se entredizimavam.

Somente os dois homens do banco e os oito das mesas, embora parecessem inteiramente estranhos uns aos outros, davam a impressão de haver combinado manter-se impassíveis no meio dos gritos de furor e do tilintar de moedas. Dois apenas se contentaram de empurrar com o pé os combatentes que iam meter-se-lhes entre as pernas.

Outros dois, para não tomar parte no arranca-rabo, saíram com as mãos enfiadas nos bolsos; dois outros, enfim, treparam na mesa que ocupavam, como fazem, para não morrer afogadas, as pessoas surpreendidas por uma enchente.

— Vamos, vamos — disse consigo d'Artagnan, que não perdera um só dos pormenores que acabamos de referir — aí está uma bela coleção: circunspectos, calmos, habituados ao barulho, avezados aos golpes; peste! fui feliz na escolha.

De repente sentiu a atenção despertada para um ponto da sala.

Os dois homens que tinham empurrado com o pé os lutadores receberam uma saraivada de injúrias lançadas pelos marinheiros que acabavam de reconciliar-se.

Um deles, meio bêbedo de raiva e completamente bêbedo de cerveja, foi perguntar em tom assanhado ao menor dos dois sábios com que direito havia tocado com o pé criaturas de Deus que não eram cães. E, fazendo a interpelação, para torná-la mais direta, brandiu o punho enorme debaixo do nariz do recruta do Sr. d'Artagnan.

O homem empalideceu sem que se pudesse distinguir se empalidecia de medo ou de cólera; entendeu o marinheiro que era de medo e ergueu o punho com a manifesta intenção de deixá-lo recair sobre a cabeça do estranho. Mas sem parecer mexer-se, o homem ameaçado pespegou uma cotovelada tão violenta no estômago do marinheiro, que este rolou até à extremidade oposta da sala desferindo gritos pavorosos. No mesmo instante, reunidos, pelo espírito de grupo, todos os

companheiros do vencido caíram sobre o vencedor.

Este último, com o mesmo sangue frio que já demonstrara, sem cometer a imprudência de tocar em armas, empunhou um pote de cerveja com tampa de estanho e desancou um ou dois assaltantes; depois, como o vissem prestes a sucumbir ante o maior número dos adversários, os sete outros silenciosos das mesas, que não se tinham mexido, compreenderam que a sua causa estava em jogo e precipitaram-se em auxílio dele.

Ao mesmo tempo os dois indiferentes da porta se voltaram com sobrecenho indicativo de sua pronunciada intenção de atacar o inimigo pela retaguarda se este não cessasse a agressão.

O estalajadeiro, os moços e dois guardas noturnos que passavam e que, por curiosidade haviam entrado na sala, foram envolvidos no pega e moídos com pancadas.

Os parisienses golpeavam como ciclopes, com ritmo e tática admiráveis; afinal, obrigados a bater em retirada diante do maior número dos outros, entrincheiraram-se do lado oposto da mesa grande, erguida de comum acordo por quatro dentre eles, ao passo que dois outros se armavam cada qual de um cavalete, de sorte que, utilizando-os como gigantescos abatedores, deitaram por terra, de uma vez só, oito marinheiros sobre cujas cabeças tinham feito cair as monstruosas catapultas.

O solo estava, portanto, juncado de feridos e a sala cheia de gritos e de pó, quando d'Artagnan, satisfeito com a prova, se adiantou com a espada na mão e, abatendo com o punho as cabeças que ainda encontrou erguidas, soltou um vigoroso olá! que no mesmo instante pôs fim à luta. Fez-se um grande vazio no centro e d'Artagnan se viu isolado e ameaçador.

— Que aconteceu? — perguntou, em seguida, à assembléia, com o tom majestoso de Netuno pronunciando o *Quos ego...*

No mesmo instante, ao primeiro acento dessa voz, para continuarmos com a metáfora virgiliana, reconhecendo cada qual o seu soberano senhor, os recrutas do Sr. d'Artagnan, depuseram ao mesmo tempo a cólera, as bateduras de tábuas e os golpes de cavalete.

De seu lado, vendo aquela espada comprida e nua, aquele ar marcial e aquele braço ágil que surgiam em socorro dos inimigos na pessoa de um homem que parecia habituado a comandar, os marinheiros apanharam os seus feridos e os seus cantarinhos.

Os parisienses enxugaram a testa e fizeram uma zumbaia ao chefe.

D'Artagnan foi cumulado de felicitações pelo dono do *Grande Monarca.*

Recebeu-as como um homem que sabe que não lhe oferecem nada de mais e declarou que, enquanto esperava pela ceia, ia dar uma volta no porto.

Cada um dos conscritos compreendeu o apelo, apanhou o chapéu, escovou a roupa e seguiu-o.

Mas d'Artagnan, enquanto flanava, examinando tudo, nem sequer se deteve; dirigiu-se para a duna, e os dez homens, espantados de se acharem assim no encalço uns dos outros, inquietos por verem à direita, à esquerda e atrás de si companheiros com que não contavam, seguiram-no entre devorando-se com olhares furibundos.

Só ao chegar ao ponto mais baixo da duna mais profunda, sorrindo ao surpreendê-los separados, d'Artagnan voltou-se para eles e fazendo-lhes com a mão um sinal pacífico:

— Que é isso, senhores? — perguntou — não nos devoremos; fostes feitos para viver juntos, para vos entenderdes em tudo e não para vos devorardes.

Cessaram, então, as últimas hesitações; os homens respiraram como se tivessem sido tirados de um caixão e examinaram-se mutuamente com interesse. Feito o exame, alongaram a vista para o chefe, que, conhecendo havia muito tempo a grande arte de falar a homens dessa têmpera, improvisou-lhes o seguinte discursinho acentuado com energia realmente gascã.

— Senhores, sabeis todos quem sou. Alistei-vos, conhecendo que sois bravos, e querendo

associar-vos a uma expedição gloriosa. Suponde que, trabalhando para mim, trabalhareis para o rei. Previno-vos apenas de que se deixardes transparecer o que quer que seja dessa suposição, eu me verei obrigado a quebrar-vos imediatamente a cabeça da maneira que me parecer mais cômoda. Não ignorais, senhores, que os segredos de Estado são como um veneno mortal; enquanto permanece na caixa e a caixa permanece fechada, o veneno é inócuo; fora da caixa, mata. Agora, aproximai-vos de mim e sabereis do segredo o que posso revelar-vos.

Todos se aproximaram com um movimento de curiosidade.

— Aproximai-vos — continuou d'Artagnan — e que a ave que passa sobre a nossa cabeça, a lebre que brinca nas dunas, o peixe que salta fora d'água, não possam ouvir-nos. Trata-se de saber, e depois transmitir o que apuramos ao senhor superintendente das Finanças, qual o prejuízo que causa aos negociantes franceses o contrabando inglês. Entrarei em toda a parte e verei tudo. Somos pobres pescadores picardos atirados à costa por uma borrasca. Não será preciso dizer que venderemos peixe exatamente como pescadores de verdade. Todavia, como é possível que adivinhem quem somos e nos importunem, devemos estar em condições de defender-nos. Eis porque vos escolhi como homens inteligentes e corajosos. Levaremos boa vida e não correremos grande perigo, visto que temos atrás de nós um protetor poderoso, graças ao qual não haverá embaraços possíveis. Só uma coisa me contraria, mas espero que depois de curta explicação possais resolver-me a dificuldade. É ter de levar comigo uma equipagem de pescadores estúpidos, equipagem essa que nos atrapalhará enormemente, ao passo que, se acaso houvesse entre vós pessoas que conhecem o mar...

— Não seja essa a dificuldade! — sobreveio um dos recrutas de d'Artagnan; — fui prisioneiro dos piratas de Túnis durante três anos e conheço as manobras como um almirante.

— Vede — observou d'Artagnan — que coisa admirável é o acaso!

D'Artagnan pronunciou essas palavras com um tom indefinível de fingida bonomia; pois sabia muito bem que a vítima dos piratas era um antigo corsário e recrutara-o com pleno conhecimento de causa. Mas d'Artagnan nunca dizia mais do que o necessário para deixar as pessoas em dúvida. Satisfez-se, portanto, com a explicação e acolheu o efeito sem parecer preocupar-se com a causa.

— E eu — disse um segundo — tenho, por acaso, um tio que dirige os trabalhos do porto da Rochela. Quando era menino, brincava nos barcos; sei portanto manejar o leme e a vela melhor do que qualquer marinheiro.

Esse mentia tanto quanto o outro, pois remara seis anos nas galeras de Sua Majestade, em La Ciotat.

Dois outros foram mais francos; confessaram simplesmente que haviam servido num navio como soldados penitenciários e não se corriam disso. Viu-se, pois, d'Artagnan com dez soldados e quatro marinheiros às suas ordens, tendo ao mesmo tempo um exército de terra e de mar, o que teria levado ao auge o orgulho de Planchet, se Planchet conhecesse tal pormenor.

Restava apenas dar a ordem geral e deu-a d’Artagnan com precisão. Recomendou aos homens que estivessem prontos a partir para a Haia, seguindo, uns o litoral que conduz a Breskens, outros a estrada que conduz a Antuérpia.

Combinou-se o encontro, calculando cada dia de marcha, para quinze dias depois, na praça principal da Haia.

D’Artagnan recomendou-lhes que se agrupassem como bem entendessem, por simpatia, de dois em dois. Ele mesmo escolheu entre as figuras menos patibulares dois guardas que conhecera em outro tempo, e cujos únicos defeitos eram o jogo e a bebida. Esses homens conservavam ainda vestígios de civilização e, com trajos apropriados, os seus corações recomeçariam a bater.

Para não enciumar os outros, d'Artagnan mandou-os na frente. Guardou os preferidos, vestiu-os

com as próprias mãos e partiu com eles.

Foi a esses, que parecia honrar com uma confiança absoluta, que d'Artagnan fez uma falsa confidência destinada a assegurar o bom êxito da expedição. Confessou-lhes que se tratava, não de ver quanto prejuízo acarretava o contrabando inglês ao comércio francês, mas, ao contrário, quanto prejuízo acarretava ao comércio inglês o contrabando francês. Os homens pareceram convencidos; e estavam-no, efetivamente. D'Artagnan confiava em que, na primeira farra, quando estivessem inteiramente borrachos, um dos dois divulgaria o segredo capital a todo o bando. O estratagema pareceu-lhe infalível.

Quinze dias depois do que acabamos de ver passar-se em Calais, reunia-se na Haia toda a tropa.

La troupe de d'Artagnan.

Observou d'Artagnan que os seus homens, com notável inteligência, já se haviam disfarçado em marujos mais ou menos maltratados pelo mar.

Deixou-os dormindo numa espelunca de Newkerkestreet e alojou-se, adequadamente, no grande canal.

Soube que o rei de Inglaterra voltara para junto de seu aliado Guilherme II de Nassau, *stathouder* da Holanda. Soube também que a recusa do Rei Luís XIV esfriara um pouco a proteção que aquele lhe concedia e que, em conseqüência disso, se retirara para uma casinha na aldeia de Scheveningen, situada nas dunas, à beira-mar, a uma légua da Haia.

Aí, dizia-se, o infeliz desterrado consolava-se do exílio contemplando, com a melancolia peculiar aos príncipes de sua raça, o mar imenso do Norte, que o separava de sua Inglaterra, como outrora

separara Maria Stuart de França. Aí, atrás de algumas árvores do formoso bosque de Scheveningen, sobre a areia fina onde crescem as urzes douradas da duna, Carlos II vegetava como elas, mais infeliz do que elas, pois vivia da vida do pensamento, com alternativas de esperança e desespero.

D'Artagnan foi um dia a Scheveningen, para certificar-se dos rumores tocantes ao príncipe.

Viu de fato Carlos II, pensativo e só, sair por uma portazinha que dava para o bosque e ir passear na praia, ao sol poente, sem despertar sequer a atenção dos pescadores que, regressando à noite, como os antigos marujos do Arquipélago, arrastavam as barcas para a praia.

Reconheceu o rei. Viu-o fitar a vista sombria na imensa extensão das águas e absorver no rosto pálido os raios vermelhos do sol chanfrado pela linha negra do horizonte. A seguir, volveu Carlos à casa retirada, sempre só, vagaroso e triste, divertindo-se em fazer gritar, sob os pés, a areia friável e movediça.

Nessa mesma noite, d’Artagnan alugou por mil libras uma barca de pescador que valia quatro mil. Deu as mil libras em dinheiro e depositou as outras três mil em mãos do burgomestre. Depois embarcou, sem que fossem vistos durante a noite escura, os seis homens que formavam o seu exército de terra; e, ao subir a maré, às três da madrugada, fez-se ao largo, manobrando ostensivamente com os outros quatro, confiado na ciência do seu galeriano como se este fosse o primeiro piloto do porto.

Capítulo XXIII - Em que o autor é obrigado, malgrado seu, a fazer uma digressão histórica

ENQUANTO os reis e os homens assim se ocupavam da Inglaterra, que se governava sozinha, e que, releva dizê-lo em seu louvor, nunca fora tão mal governada, um homem em que Deus parara o olhar e pousara o dedo, um homem predestinado a escrever o próprio nome em letras luminosas no livro da história, continuava diante do mundo uma obra cheia de mistério e de audácia. Marchava, e ninguém sabia para onde, embora não somente a Inglaterra, mas também a França e a própria Europa lhe acompanhassem a marcha, com passo firme e cabeça erguida.

Diremos agora quanto se conhecia sobre esse homem.

Recentemente se declarara Monck pelo *Rump parliament,* ou, se preferirem, pelo parlamento do *Curanchim,* como lhe chamavam; parlamento que o General Lambert, à imitação de Cromwell, de quem fora tenente, para obrigá-lo a fazer-lhe a vontade, bloqueara tão apertadamente que nenhum membro, durante o bloqueio, dele pudera sair, e só um, Pedro Wentwort, nele conseguira entrar.

Tudo se resumia nesses dois homens, Lambert e Monck, o primeiro representante do despotismo militar, o segundo representante do republicanismo puro, únicos representantes políticos da revolução em que Carlos I perdera primeiro a coroa e depois a cabeça.

De resto, Lambert não dissimulava as suas intenções; tentava estabelecer um governo inteiramente militar e fazer-se chefe desse governo.

Monk.

Republicano rígido, diziam alguns, Monck pretendia manter o *Rump parliament,* representação visível, embora degenerada, da república. Ambicioso hábil, diziam outros, Monck pretendia apenas fazer desse parlamento, que simulava proteger, um degrau sólido por onde subisse ao trono que Cromwell deixara vazio, mas no qual não se atrevera a sentar-se.

Dessa maneira, perseguindo Lambert o parlamento e arvorando-se Monck em seu defensor, tinham-se mutuamente declarado inimigos um do outro.

Daí que Monck e Lambert pensassem, primeiro que tudo, em organizar um exército para si: Monck na Escócia, onde se encontravam os presbiterianos e realistas, isto é, os descontentes; Lambert em Londres, onde se encontrava sempre a mais forte oposição ao poder, constantemente posto diante dos olhos da capital.

Monck pacificara a Escócia, onde levantara um exército e encontrara um asilo: um guardava o outro; sabia que ainda não chegara o dia, marcado pelo Senhor, da grande reviravolta; por isso mesmo a sua espada se diria grudada na bainha.

Inexpugnável na rude e montanhosa Escócia, general absoluto, rei de um exército de onze mil soldados antigos, que mais de uma vez conduzira à vitória; tão bem ou melhor informado dos negócios de Londres do que o próprio Lambert, aquartelado na capital, tal era a posição de Monck quando, a cem léguas de Londres, se declarou pelo parlamento. Lambert, ao contrário, como dissemos, habitava a capital, centro de todas as operações, e onde reunia à sua volta os amigos e a arraia-miúda, eternamente propensa a favorecer os inimigos do poder constituído.

Foi, portanto, em Londres que Lambert veio a saber do apoio que, das fronteiras escocesas, Monck emprestava ao parlamento. Entendeu que não havia tempo para perder, e que o Tweed não era tão distante do Tâmisa que um exército não saltasse de um rio a outro, sobretudo quando bem comandado. Ao demais, compreendia que, à proporção que penetrassem na Inglaterra, os soldados de Monck formariam pelo caminho a bola de neve, emblema do globo da fortuna, que representa para o ambicioso um degrau cada vez maior a conduzi-lo ao seu objetivo. Reuniu, portanto o seu exército, formidável pela composição e pelo número, e correu ao encontro de Monck, que marchava, à semelhança de um navegador cauteloso entre arrecifes, em curtas etapas, nariz ao vento, escutando o ruído e cheirando o ar que vinha de Londres.

Avistaram-se os dois exércitos à altura de Newcastle; chegando primeiro, Lambert acampou na própria cidade.

Sempre circunspecto, Monck parou onde estava e instalou o seu quartel-general em Coldstream, sobre o Tweed.

A vista de Lambert espalhou o contentamento no exército de Monck, ao passo que a vista de Monck semeou a confusão no exército de Lambert. Até se diria que aqueles intrépidos batalhadores, que tinham feito tamanha algazarra nas ruas de Londres, se houvessem posto a caminho com a esperança de não encontrar ninguém, e, encontrando um exército que desfraldava diante deles, não somente uma bandeira, mas também uma causa e um princípio, até se diria, repetimos, que os intrépidos batalhadores tivessem começado a achar-se menos bons republicanos do que os soldados de Monck, visto que estes sustentavam o parlamento, enquanto que Lambert não sustentava coisa alguma, nem sequer a si mesmo.

Quanto a Monck, se teve de refletir ou refletiu, deve tê-lo feito com suma tristeza, pois refere a história, e essa pudicíssima dama, como se sabe, nunca mente, que no dia da sua chegada a Coldstream, debalde se procurou um carneiro por toda a cidade.

Se Monck comandasse um exército inglês, uma coisa dessas acarretaria a deserção de todo o

exército. Mas não se dá com os escoceses o que se dá com os ingleses, a quem a carne fluida a que chamamos sangue é absolutamente indispensável; raça pobre e sóbria, vivem os escoceses de uma pouca de cevada triturada entre duas pedras, diluída em água da fonte e cozida sobre uma laje bem quente.

Feita, por conseguinte, a distribuição de cevada, pouco se incomodaram os escoceses a saber se havia ou não havia carne em Coldstream.

Não familiarizado com bolos de cevada, Monck sentia fome, e o seu estado maior, pelo menos tão faminto quanto ele, examinava com ansiedade todos os cantos, procurando saber o que se preparava para a ceia.

Monck informou-se; ao chegarem, tinham encontrado os seus batedores a cidade deserta e os guarda-comidas vazios; de açougueiros e padeiros, nem vestígios. Daí que não se achasse sequer o menor pedacinho de pão para a mesa do comandante.

À proporção que se sucediam as informações, cada qual menos tranquilizadora, vendo o susto e o desalento estampados em todos os rostos, Monck declarou que estava sem fome; comeriam, aliás, no dia seguinte, pois Lambert teria provavelmente, a intenção de oferecer combate e, por conseguinte, ou deixaria as provisões em Newcastle se fosse vencido, ou libertaria para sempre da fome os soldados do adversário se vencesse.

Esse consolo só produziu o efeito desejado num pequeno grupo; Monck, porém, pouco se incomodou, pois era extraordinariamente despótico apesar de sua aparência de cordeiro.

Mister foi, portanto, que cada qual se sentisse ou, pelo menos, se mostrasse satisfeito. Tão faminto quanto a tropa, mas afetando a maior indiferença pelo carneiro ausente, Monck cortou um pedaço de fumo, do tamanho de meia polegada, de um rolinho pertencente a um sargento que fazia parte da sua comitiva, e pôs-se a mastigar o dito fragmento assegurando aos tenentes que a fome era uma ilusão e que ninguém sentia fome quando podia pôr qualquer coisa entre os dentes.

O chiste satisfez alguns dos que haviam resistido à primeira dedução de Monck relativa à proximidade de Lambert, e assim diminuiu o número dos recalcitrantes; instalou-se a guarda, as patrulhas entraram a funcionar e o general continuou o frugalíssimo repasto sob a tenda aberta.

Entre o seu acampamento e o do inimigo erguia-se a antiga abadia, de que hoje restam apenas algumas ruínas, mas que naquele tempo ainda se conservava em pé e se chamava a abadia de Newcastle, edificada em amplo terreno, independente ao mesmo tempo da planície e do rio, porque era quase um charco, alimentado pelas nascentes e abastecido pelas chuvas. Mas no meio das poças de água cobertas de altas ervas, juncos e caniços, viam-se trechos sólidos de terra consagrados outrora à horta, ao parque, ao jardim e a outras dependências da abadia, à semelhança de uma dessas grandes aranhas marinhas cujo corpo é redondo e cujas patas se afastam, em sentidos divergentes, da circunferência.

A horta, uma das patas mais compridas da abadia, estendia-se até ao acampamento de Monck.

Infelizmente, porém, como dissemos, corriam os primeiros dias de junho, e a horta, aliás, abandonada, pouca coisa oferecia.

Monck mandara guardar o lugar como o mais próprio para surpresas. Viam-se, adiante da abadia, os fogos do general inimigo; mas entre os fogos e a abadia passava o Tweed, desenrolando as escamas luminosas à sombra espessa de enormes carvalhos verdes.

Monck conhecia perfeitamente a posição, pois Newcastle e os seus arredores já lhe haviam servido mais de uma vez de quartel-general. Sabia que, à luz do sol, o inimigo poderia sem dúvida colocar esculcas entre as ruínas e provocar uma escaramuça, mas que se guardaria de fazê-lo durante a noite. Sentia-se, pois, em segurança.

Daí que os seus soldados pudessem vê-lo, depois do que ele chamou pomposamente a sua ceia, isto é, depois do exercício de mastigação descrito no princípio deste capítulo, como o fez Napoleão na véspera de Austerlitz, dormir sentado na cadeira de junco, em parte à luz da lâmpada, em parte à luz da lua, que principiava a subir aos céus.

O que significa que eram cerca de nove e meia da noite.

De improviso foi o general despertado do seu cochilo, talvez fictício, por uma tropa de soldados que, acorrendo com gritos de alegria, vinham tropeçar nas estacas da sua tenda, falando ao mesmo tempo para acordá-lo.

Não era necessário tão grande ruído. Monck abriu os olhos.

— E então, meus filhos, que aconteceu? — perguntou.

— General — responderam diversas vozes — general, ceareis.

— Já ceei, senhores — respondeu tranqüilamente Monck — e estava agora digerindo sossegadamente, como vedes; mas entrai, e dizei-me o que vos traz.

— Uma boa notícia, general.

— Qual! Lambert, acaso, manda-nos dizer que se baterá amanhã?

— Não, mas acabamos de capturar uma barca de pescadores que levava peixes ao acampamento de Newcastle.

— E fizestes mal, meus amigos. Esses senhores de Londres são delicados, gostam de comer bem; assim os deixareis de muito mau humor; hoje e amanhã serão implacáveis. Crede-me, seria de bom gosto devolver ao Sr. Lambert os seus peixes e os seus pescadores, a menos que...

O general refletiu por um instante.

— Dizei-me, por favor — continuou — que pescadores são esses?

— Marinheiros picardos que pescavam nas costas de França ou da Holanda, atirados ao nosso litoral por um vento muito forte.

— Alguns dentre eles falam a nossa língua?

— O chefe nos disse umas palavras em inglês.

A desconfiança do general aumentava à medida que ouvia as informações.

— Está bem — disse ele. — Quero ver esses homens, trazei-mos. Destacou-se imediatamente um oficial para ir buscá-los.

— Quantos são? — continuou Monck — e que espécie de barco tripulam?

— Dez ou doze, meu general, e tripulam em carroção, como lhe chamam, de construção holandesa, segundo nos pareceu.

— E dizeis que levavam peixes ao acampamento do Sr. Lambert?

— Sim, general. Parece até que fizeram excelente pescaria. Com efeito, no mesmo instante voltava o oficial trazendo o chefe dos pescadores, um homem de cinqüenta a cinqüenta e cinco anos, mais ou menos, mas bem parecido.

De mediana estatura, usava gibão de lã grossa, gorro enterrado até os olhos, peixeira, e andava com a hesitação própria dos marinheiros, que, não sabendo nunca, em virtude dos movimentos do barco, se porão o pé numa tábua ou no vácuo, dão cada passo com tanta cautela como se fincassem uma estaca.

Com o olhar fino e penetrante, considerou Monck por muito tempo o pescador, que lhe respondia com o sorriso meio finório, meio tonto, peculiar aos campônios franceses.

— Fala inglês? — perguntou Monck em excelente francês.

— Ah! muito mal, milorde — respondeu o pescador.

A resposta foi dada mais com a acentuação viva e sacudida dos habitantes de além-Loire do que

com o sotaque um tanto arrastado das regiões do oeste e do norte da França.
— Mas, afinal, falas — insistiu Monck para estudar-lhe ainda uma vez o sotaque.
— Ora! nós, gente do mar — respondeu o pescador — falamos um pouco todas as línguas.
— Quer dizer que és marinheiro pescador?
— Por enquanto, milorde, sou pescador, e, aliás, muito bom. Peguei um barbo que pesa pelo menos trinta libras, e mais de cinqüenta sargos; tenho também umas pescadinhas que ficarão perfeitas na frigideira.
— Tu me pareces ter pescado mais no golfo da Gasconha do que na Mancha — disse Monck sorrindo.
— De fato, sou do sul; mas isso me impede de ser bom pescador, milorde?
— Não, e eu te compro os peixes; mas fala com franqueza: a quem os levavas?
— Milorde, não vos ocultarei que me dirigia a Newcastle, seguindo o litoral, quando um troço de cavaleiros que vinha pela praia em sentido contrário fez sinal à minha barca para voltar ao vosso acampamento, sob pena de descarregar os mosquetes. E como eu não estivesse preparado para enfrentá-lo — ajuntou sorrindo o pescador — precisei obedecer.
— E por que procuravas Lambert e não a mim?
— Serei franco, milorde, se mo permitirdes.
— Permito, e até se for preciso ordeno-te que o sejas.
— Pois bem, milorde, eu procurava o Sr. Lambert porque esses senhores da cidade pagam bem, ao passo que vós, escoceses, puritanos, presbiterianos, partidários do *Covenant,* como quiserdes chamar-vos, comeis pouco, é verdade, mas não pagais coisa alguma.
Monck deu de ombros e, ao mesmo tempo, sorriu.
— E por que, sendo do sul, vens pescar em nossas costas?
— Porque caí na asneira de casar na Picardia.
— Sim; mas, afinal de contas, a Picardia não é a Inglaterra.
— Milorde, o homem empurra a barca para dentro d'água, mas Deus e o vento fazem o resto e empurram-na aonde bem entendem.
— Não tinhas a intenção de abicar aqui?
— Nunca.
— E que direção seguias?
— Voltávamos do Ostenda, onde haviam sido avistadas umas cavalas, quando um vento muito forte, que soprava do sul, nos fez derivar; percebendo que seria inútil lutar contra ele, velejamos à sua frente. Precisávamos, para não perder a pesca, muito boa, vendê-la no porto mais próximo de Inglaterra; ora, o porto mais próximo era Newcastle; ademais, disseram-nos que a ocasião seria propícia, pois havia excesso de população no acampamento e excesso de população na cidade, ambos cheios de fidalgos muito ricos e muito esfomeados; por isso me enderecei a Newcastle.
— E os teus companheiros, onde estão?
— Ficaram a bordo; são marinheiros sem nenhuma instrução.
— Ao passo que tu?... — disse Monck.
— Oh! eu — tornou rindo o patrão — viajei muito com meu pai, e sei como se diz um soldo, um escudo, uma pistola, um luís e um luís dobrado em todas as línguas da Europa; por isso mesmo, os meus homens me ouvem como um oráculo e me obedecem como a um almirante.
— Foste tu, então, quem escolheu o Sr. Lambert para freguês?
— Naturalmente. E sede franco, milorde, enganei-me?
— É o que verás mais tarde.

— Em todo o caso, milorde, se erro houve, o erro é meu, e não deveis por isso querer mal aos meus companheiros.

— Aí está sem dúvida um traste inteligente — pensou Monck. E, após alguns minutos de silêncio empregados no exame do pescador:

— Disseste que vens de Ostenda? — perguntou.

— Sim, milorde, em linha reta.

— Então ouviste falar dos negócios do dia, pois quero crer que todos se ocupem deles assim em França como na Holanda. Que faz aquele que se diz rei de Inglaterra?

— Oh! milorde — exclamou o pescador com expansiva e ruidosa franqueza — eis o que se chama uma pergunta feliz, e não poderíeis dirigir-vos a ninguém melhor do que a mim, pois na verdade posso dar-vos uma resposta cabal. Imaginai, milorde, que, arribando a Ostenda para vender as poucas cavalas que tínhamos pescado, vi o ex-rei passeando nas dunas, enquanto esperava os seus cavalos, que deviam levá-lo a Haia; é um homem alto, pálido, de cabelo preto e traços meio duros.

Aliás, não parece estar passando bem e creio que o ar da Holanda lhe faz mal.

Monck seguia com extrema atenção a palrice colorida, rápida e difusa do pescador, numa língua que não era a sua; felizmente, como já dissemos, falava-a com grande facilidade. O pescador, de seu lado, ora empregava um termo francês, ora um termo inglês, ora um termo que não parecia pertencer a idioma nenhum e que era um termo gascão. Mas os olhos falavam por ele com tanta eloqüência, que se podia perder uma palavra de sua boca, mas nunca uma intenção de seus olhos.

O general parecia cada vez mais satisfeito com o exame.

— Deves ter ouvido que esse ex-rei, como lhe chamas, se dirigia a Haia com um objetivo qualquer.

— Sim, sim, claro — volveu o pescador — ouvi dizer isso.

— E qual era o objetivo?

— O mesmo de sempre — tornou o pescador; — não tem ele a obsessão de voltar à Inglaterra?

— É verdade — assentiu Monck, pensativo.

— Sem contar — ajuntou o pescador — que o *stathouder*... sabeis, milorde, Guilherme II...

— Que é que tem?

— O ajudará com todo o seu poder.

— Ah! ouviste isso também?

— Não, mas é o que eu acho.

— Entendes de política, pelo que parece? — perguntou Monck.

— Oh! nós, marinheiros, milorde, que temos o hábito de estudar a água e o ar, isto é, as duas coisas mais mutáveis do mundo, raro nos enganamos quanto às outras.

— Vejamos — atalhou Monck, interrompendo a conversação — dizem que vais alimentar-nos bem.

— Farei o possível, milorde.

— Em primeiro lugar, por quanto nos vendes a pesca?

— Não caio na asneira de fazer preço, milorde.

— Por quê?

— Porque os meus peixes vos pertencem.

— Por que direito?

— Pelo direito do mais forte.

— Mas tenho a intenção de pagar-te.

— É muita generosidade vossa, milorde.

— E pagar o que valem.
— Não peço tanto.
— Que pedes, então?
— Licença para ir-me embora.
— Para onde? Para o acampamento do Sr. Lambert?
— Eu? — bradou o pescador — que iria eu fazer em Newcastle se já não tenho peixes?
— Em todo o caso, escuta-me.
— Estou escutando.
— Um conselho.
— Como! quereis pagar-me e ainda por cima dar-me um conselho! É muita bondade vossa.
Monck fitou com maior atenção a vista no pescador, de que ainda parecia suspeitar.
— Sim, quero pagar-te e dar-te um conselho, porque uma coisa procede da outra. Portanto, se voltares ao acampamento do Sr. Lambert...
O pescador fez um gesto com os ombros e a cabeça, como quem diz:
— Já que ele insiste, deixemo-lo.
— Não atravesses o charco — prosseguiu Monck; — levarás dinheiro e há no charco umas emboscadas de escoceses que lá coloquei. São pessoas muito intratáveis, que compreendem mal a língua que falas, embora esta me pareça composta de três línguas, e que poderiam tomar-te o que eu te houver dado; e quando voltasses a teu país, não deixarias de dizer que o General Monck tem duas mãos, uma escocesa e a outra inglesa, e que retoma com a escocesa o que dá com a inglesa.
— Oh, general, irei aonde quiserdes, ficai tranqüilo — disse o pescador com um receio demasiado expressivo para não ser exagerado. — Não peço mais do que ficar aqui, se quiserdes que eu fique.
— Acredito — retrucou Monck, com um sorriso imperceptível; — mas não posso conservar-te em minha tenda.
— Nem tenho eu essa pretensão, milorde, e desejo apenas que me indiqueis onde vos apraz que eu me instale. Não vos preocupeis, que uma noite passa depressa.
— Vou mandar, então, que te conduzam à tua barca.
— Como vos aprouver. Mas se quiserdes mandar reconduzir-me por um carpinteiro, eu vos ficaria imensamente reconhecido.
— Por quê?
— Porque os senhores do vosso exército, puxando a minha barca rio acima, com o cabo tirado pelos seus cavalos, estragaram-na um pouco de encontro às pedras da margem, de sorte que tenho pelo menos dois pés de água no porão, milorde.
— Mais uma razão para que vigies a tua barca, penso eu.
— Milorde, estou inteiramente às vossas ordens — respondeu o pescador. — Vou descarregar as minhas cestas onde quiserdes e depois me pagareis, se é esse o vosso desejo; em seguida me mandareis embora, se o julgardes conveniente. Como vedes, não sou exigente.
— És um bom sujeito — disse Monck, cujo olhar perscrutador não pudera encontrar uma única sombra nos olhos límpidos do pescador. — Olá! Digby! Surgiu um ajudante de campo.
— Conduzirás este rapaz e os companheiros às tendazinhas das cantinas, adiante do charco; dessa maneira, ficarão próximos da barca e não precisarão dormir dentro d'água esta noite. Que aconteceu, Spithead?
Spithead era o sargento a que Monck, para cear, pedira emprestado um pedaço de fumo.
Ora, entrando na tenda do general sem ser chamado, Spithead provocara a pergunta.
— Milorde — disse ele — um fidalgo francês acaba de apresentar-se aos postos avançados e

pede para falar com Vossa Senhoria.

Tudo isso, bem entendido, era dito em inglês.

Embora a conversação se travasse nessa língua, o pescador fez um leve movimento que Monck, entretido com o sargento, não observou.

— E quem é o fidalgo? — perguntou o general.

— Milorde — respondeu Spithead — ele me disse o nome; mas esses diabos de nomes franceses são tão difíceis de pronunciar para uma garganta escocesa, que não pude guardá-lo. De mais a mais, segundo afirmaram os guardas, é o mesmo que ontem se apresentou em nossa última etapa e que Vossa Senhoria não quis receber.

— É verdade, eu tinha um conselho de oficiais.

— Vossa Senhoria decidiu alguma coisa a respeito do fidalgo?

— Tragam-no aqui.

— Precisamos tomar precauções?

— Quais?

— Vendar-lhe os olhos, por exemplo?

— Para quê? Ele só verá o que eu quero que veja, isto é, que tenho à minha volta onze mil bravos que não desejam outra coisa senão deixar que lhes cortem o pescoço em honra do parlamento, da Escócia e da Inglaterra.

— E esse homem, milorde? — perguntou Spithead mostrando o pescador, que, durante a conversação, permanecera cm pé e imóvel, como quem tudo vê, mas não compreende nada.

— Ah, é verdade — lembrou-se Monck. Logo, voltando-se para o vendedor de peixe:

— Adeus, meu bravo homem — disse ele; — já escolhi pousada para ti. Digby, leva-o. Nada receies, daqui a pouco receberá o teu dinheiro.

— Obrigado, milorde — disse o pescador.

E, depois de haver cumprimentado, saiu acompanhado de Digby.

A cem passos da tenda encontrou os companheiros, que cochichavam com uma volubilidade não isenta de inquietação, mas fez-lhes um sinal que pareceu tranqüilizá-los.

— Olá! — disse o patrão — vinde por aqui: Sua Senhoria o General Monck teve a generosidade de pagar-nos os peixes e a bondade de dar-nos pousada por esta noite.

Os pescadores reuniram-se ao chefe, e, conduzida por Digby, a tropazinha dirigiu-se para as cantinas, posto que lhes fora designado, como devemos estar lembrados.

Caminhando, cruzaram-se os pescadores na sombra com o guarda que conduzia o fidalgo francês ao General Monck.

Ia o fidalgo a cavalo, embrulhado numa capa imensa, de sorte que o patrão não pôde vê-lo, embora fosse grande a sua curiosidade. Quanto ao gentil-homem, ignorando, que os outros eram compatriotas, nem sequer atentou para eles.

O ajudante de campo instalou os hóspedes numa tenda asseada da qual desalojou uma cantineira irlandesa, que foi dormir onde pôde com os seis filhos. Grande fogueira brilhava diante da tenda, que projetava a sua luz purpurina sobre as poças relvosas do charco, encrespadas pela brisa. Feita a instalação, o ajudante de campo desejou boas-noites aos marinheiros, observando-lhes que se avistavam da entrada da tenda os mastros da barca balouçando sobre o Tweed, prova de que ela ainda não fora ao fundo. Essa vista pareceu agradar infinitamente ao chefe dos pescadores.

Capítulo XXIV - O tesouro

O FIDALGO francês que Spithead anunciara a Monck, e que passara tão bem embrulhado na capa ao lado do pescador, saído da tenda do general cinco minutos antes, atravessou os diferentes postos sem sequer relancear os olhos à volta de si, com medo de parecer indiscreto.

Obedecendo às ordens dadas, conduziram-no à tenda do general. O fidalgo ficou só na antecâmara, à espera de Monck, e este só demorou em aparecer o tempo suficiente para ouvir as informações dos seus e examinar pela separação de tela o rosto do homem que solicitara a entrevista.

O relatório dos que haviam acompanhado o gentil-homem francês acentuou sem dúvida a discrição com que este se portara, pois a primeira impressão do estranho sobre o acolhimento que lhe fez o general foi mais favorável do que a que poderia esperar naquele momento, sobretudo de um homem tão desconfiado. Não obstante, segundo os seus hábitos, quando se viu diante do estrangeiro, Monck cravou nele os olhos penetrantes, que, de seu lado, o fidalgo sustentou sem parecer contrafeito nem preocupado. Volvidos alguns segundos, o general fez um gesto com a mão e com a cabeça para indicar que estava esperando.

— Milorde — disse o fidalgo em excelente inglês — solicitei uma entrevista a Vossa Senhoria para um negócio importante.

— Senhor — respondeu Monck em francês — falais com demasiada pureza a nossa língua para serdes filho do continente. Peço-vos perdão, que a pergunta é sem dúvida indiscreta, mas falais o francês com idêntica pureza?

— Não há nada de espantoso, milorde, em que eu fale inglês com fluência; quando moço, morei na Inglaterra e, depois disso, aqui estive por mais duas vezes.

Essas palavras foram ditas em francês e com uma pureza que indicava não só um francês, mas um francês dos arredores de Tours.

— E em que parte da Inglaterra morastes, senhor?

— Quando moço morei em Londres, milorde; depois, lá por 1635, fiz uma viagem de recreio à Escócia; por fim, em 1648, morei por algum tempo em Newcastle, no convento cujos jardins ora ocupa o exército de Vossa Senhoria.

— Desculpai-me, senhor, mas compreendeis estas perguntas, não é verdade?

— Eu me espantaria, milorde, se não fossem feitas.

— Agora, senhor, que posso fazer para servir-vos, e que desejais de mim?

— Explico, milorde; mas, primeiro, estamos sós?

— Absolutamente sós, a não ser a sentinela que nos guarda.

Dizendo essas palavras, Monck abriu a tenda e mostrou ao fidalgo que a sentinela estava postada a uns dez passos no máximo, e que ao primeiro chamado seria socorrido num segundo.

— Nesse caso, milorde — disse o gentil-homem com a calma com que se teria dirigido a um velho amigo — estou decidido a falar-lhe porque sei que Vossa Senhoria é um homem de bem. De resto, a comunicação que lhe farei provará que farte a estima que lhe consagro.

Espantado diante dessa linguagem, que estabelecia entre ele e o fidalgo francês pelo menos uma relação de igualdade, Monck tornou a fitar no estrangeiro a vista penetrante e, com uma ironia apenas perceptível na inflexão da voz, pois nem um músculo da fisionomia se lhe contraiu:

— Eu vos agradeço, senhor — disse ele; — mas, primeiro, dizei-me quem sois, por favor.

— Já declinei o meu nome ao seu sargento, milorde.
— Perdoai-o, senhor; mas, como escocês, teve dificuldade em guardá-lo.
— Chamo-me Conde de La Fère — disse Athos, inclinando-se.
— Conde de La Fère? — repetiu Monck, procurando lembrar-se. — Perdão, senhor, mas parece-me ouvir esse nome pela primeira vez.
Exerceis algum cargo na corte de França?
— Nenhum. Sou um simples gentil-homem.
— Alguma dignidade?
— O Rei Carlos I nomeou-me cavaleiro da Jarreteira, e a Rainha Ana d'Áustria deu-me o cordão do Espírito-Santo. São as minhas únicas dignidades, senhor.
— A Jarreteira! o Espírito-Santo! Sois cavaleiro das duas ordens?
— Sou.
— E em que ocasião vos foi concedida essa mercê?
— Por serviços prestados a Suas Majestades.
Monck examinou com espanto aquele homem, tão simples e tão grande ao mesmo tempo; em seguida, como se renunciasse a penetrar-lhe o mistério da simplicidade e da grandeza, sobre p qual o estrangeiro não parecia disposto a dar-lhe maiores informações:
— Fostes vós mesmo — perguntou ele — quem ontem se apresentou aos postos avançados?
— E a quem mandaram embora; fui eu mesmo, milorde.
— Muitos oficiais, senhor, não permitem a entrada de ninguém em seu acampamento, mormente na véspera de uma batalha provável; mas eu divirjo dos meus colegas e não gosto de deixar coisa alguma atrás de mim. Todo conselho me serve; todo perigo me é enviado por Deus, e eu peso-o na mão com a energia que ele me deu. Não fostes recebido ontem apenas porque eu reunira em conselho os meus oficiais. Hoje estou livre, falai.
— Milorde, Vossa Senhoria fez bem em receber-me, tanto mais que não se trata aqui da batalha que travará amanhã contra o General Lambert, nem do seu acampamento, e a prova é que virei o rosto para não ver os seus homens e fechei os olhos para não contar as suas tendas. Não, milorde, é por mim que venho falar-lhe.
— Falai, então, senhor — disse Monck.
— Ainda há pouco — continuou Athos — eu tinha a honra de dizer a Vossa Senhoria que morei muito tempo em Newcastle: foi no tempo do Rei Carlos I, quando os escoceses entregaram o finado rei ao Sr. Cromwell.
— Eu sei — acudiu friamente o general.
— Eu possuía nesse momento uma soma avultada em ouro e, na véspera da batalha, prevendo talvez como se passariam as coisas no dia seguinte, escondi-a na sepultura principal do convento de Newcastle, na torre cujo cimo prateado Vossa Senhoria pode enxergar daqui. Meu tesouro, portanto, foi enterrado lá e eu vim pedir a Vossa Senhoria que me permita retirá-lo antes que, por acaso estendendo-se a batalha para o lado de cá, uma mina ou qualquer outro engenho de guerra destrua o edifício e espalhe o meu ouro, ou o torne tão visível que os soldados se apoderem dele.
Monck conhecia os homens; via na fisionomia daquele toda a energia, toda a razão, toda a circunspecção possíveis; só podia, portanto, atribuir a uma confiança magnânima a revelação do fidalgo francês, e mostrou-se profundamente sensibilizado.
— Senhor — disse ele — fizestes, na verdade, bom conceito de mim. Mas valerá a soma a pena de vos expordes por ela? E acreditais que esteja ainda no lugar em que a deixastes?
— Está, sim, senhor, não duvide Vossa Senhoria.

— Essa é a resposta a uma pergunta; e à outra?...

Perguntei-vos se a soma era tão grande que por ela devêsseis expor-vos.

— A soma é grande, milorde; pois foi um milhão que lá guardei em dois barris.

— Um milhão! — bradou Monck, que, desta feita, por seu turno, Athos considerava fixa e longamente.

Monck percebeu-o e as suspeitas lhe voltaram.

— Eis aí — disse ele entre si — um homem que me arma uma cilada... Com que então — ajuntou em voz alta — pretendeis, se bem vos entendi, retirar a soma?

— Se Vossa Senhoria o permitir.

— Hoje?

— Esta noite, em virtude das circunstâncias que lhe expus.

— Mas, senhor — obtemperou Monck — o General Lambert está tão perto da abadia que vos interessa tanto quanto eu; por que não vos dirigistes a ele?

— Porque, milorde, quando agimos em circunstâncias importantes, precisamos consultar, primeiro que tudo, o instinto. Pois bem! O General Lambert não me inspira a confiança que me inspira Vossa Senhoria.

— Seja, senhor. Farei que torneis a encontrar o vosso dinheiro, se é que ele ainda existe, pois é possível que tenha desaparecido. De 1648 a esta parte doze anos decorreram e muitas coisas se passaram.

Monck insistia nesse ponto para ver se o fidalgo francês aproveitava a escapatória que lhe era oferecida; mas Athos nem pestanejou.

— Asseguro-lhe, milorde — disse ele com firmeza — que a minha convicção no que concerne aos barris é que não mudaram de lugar nem de dono.

A resposta dissipou uma suspeita de Monck, mas sugeriu-lhe outra.

Era, sem dúvida, o francês algum emissário enviado para induzir em falta o protetor do parlamento; o ouro não passava de um engodo; sem dúvida também, com o auxílio desse engodo, pretendia-se excitar a cupidez do general. O ouro não devia existir. Tratava-se, para Monck, de surpreender em flagrante delito de mentira e de astúcia o fidalgo francês, e de converter o mau passo a que os seus inimigos tencionavam movê-lo num triunfo para o seu renome. Depois de resolver o que havia de fazer:

— Senhor — disse ele — sem dúvida me dareis o prazer de cear comigo esta noite.

— Sim, milorde — respondeu Athos inclinando-se — pois é uma honra de que me sinto digno pela simpatia que lhe consagro.

— E é tanto mais gracioso de vossa parte aceitá-lo com tamanha franqueza, quanto os meus cozinheiros são pouco numerosos e pouco destros e os meus provedores voltaram esta noite com as mãos abanando; de tal sorte que, sem um pescador de vossa terra que se perdeu em meu acampamento, o General Monck dormiria hoje sem cear. Tenho, portanto, peixe fresco, segundo me disse o pescador.

— Milorde, é principalmente para ter a satisfação de passar alguns instantes mais com Vossa Senhoria.

Após a troca de cortesias, durante a qual Monck nada perdera da sua circunspecção, a ceia, ou coisa que a valha, foi servida numa mesa de pinho. Monck fez sinal ao Conde de La Fère para que se assentasse e instalou-se diante dele. Um único prato, coberto de peixe cozido, oferecido aos dois ilustres convivas, prometia mais aos estômagos famintos do que aos paladares exigentes.

Enquanto ceavam, isto é, enquanto comiam o peixe, regado de cerveja ordinária, Monck obteve

que lhe fossem referidos os últimos sucessos da Fronda, a reconciliação do Sr. de Conde com o rei, o provável casamento de Sua Majestade com a Infanta Maria Teresa; mas evitou, como o próprio Athos, toda e qualquer alusão aos interesses políticos que uniam, ou melhor, que desuniam naquele momento Inglaterra, França e Holanda.

Nessa conversação, convenceu-se Monck de uma coisa, que já observara desde as primeiras palavras trocadas, a saber, que tratava com um homem de suma distinção.

Não podia ser um assassino, e a Monck repugnava supô-lo um espião; mas havia, a um tempo, muita finura e muita firmeza em Athos para que pudesse considerá-lo um conspirador.

Quando se ergueram da mesa:

— Acreditais ainda no vosso tesouro? — perguntou Monck.

— Acredito, milorde.

— Seriamente?

— Muito seriamente.

— E acreditais que tornareis a encontrá-lo no sítio em que foi enterrado?

— À primeira inspeção.

— Pois bem, senhor — volveu Monck — vou acompanhar -vos por curiosidade; e é tanto mais necessário que eu vos acompanhe quanto encontraríeis as maiores dificuldades para circular no acampamento sem mim ou sem um dos meus tenentes.

— General, eu não admitiria que Vossa Senhoria se incomodasse se, de fato, não tivesse precisão da sua companhia; como, porém, reconheço que essa companhia me é, não só muito honrosa, mas também necessária, aceito.

— Desejais que levemos gente? — perguntou Monck a Athos.

— Creio que é inútil, general, a não ser que Vossa Senhoria entenda o contrário. Dois homens e um cavalo bastarão para transportar os dois barris à falua que me trouxe.

— Mas será preciso trabalhar, cavar, remover a terra, quebrai pedras, e vós não pretendeis fazer pessoalmente esse serviço, não é assim?

— General, não será preciso cavar nem utilizar ferramenta alguma. O tesouro está escondido no porão das sepulturas do convento, debaixo de uma laje que tem uma argola grossa de ferro e sob a qual existe uma escadinha de quatro degraus. Os dois barris lá estão, unidos pelas extremidades e recobertos de uma camada de gesso em forma de ataúde. De mais disso, há uma inscrição que deve servir-me para reconhecer a pedra; e como não quero, num caso de delicadeza e de confiança, ocultar segredos de Vossa Senhoria, direi que a inscrição é esta:

> *Hic jacet venerabilis Petrus Guillelmus Scott, Canon. Honorab. Conventus Novi Castelli.*
> *Obiit quarta et decima dic. Feb. ann. Dom., MCCVIII.*
> *Requiescat in pace.*

Monck não perdia uma palavra. Espantavam-no, assim, a maravilhosa duplicidade desse homem e a maneira superior com que desempenhava a sua parte, como a leal boa-fé com que fazia o seu pedido, numa situação em que aventurava um milhão contra uma punhalada, no meio de um exército que teria considerado o roubo como restituição.

— Está bem — disse ele — eu vos acompanho, e a aventura me parece tão maravilhosa que quero levar a tocha com minhas próprias mãos.

Pronunciando essas palavras, cingiu uma espada curta, pôs uma pistola na cinta, descobrindo nesse movimento, que lhe abriu o gibão, os finos anéis de uma cota de malhas destinada a protegê-lo contra

a primeira punhalada de um assassino.

Depois, agarrou um punhal escocês com a mão esquerda e, voltando-se para Athos:

— Estais pronto, senhor? — perguntou. — Eu estou.

Ao contrário do que acabava de fazer o general, Athos tirou o punhal, que colocou sobre a mesa, desatou o cinturão da espada, que colocou ao lado do punhal, e sem afetação, abrindo os colchetes do gibão como se nele procurasse um lenço, mostrou debaixo da camisa fina de cambraia o peito nu e sem armas ofensivas nem defensivas.

— Com efeito, que homem singular — disse Monck de si para si; — está sem arma nenhuma; prepara-se, então, alguma emboscada lá embaixo?

— General — acudiu Athos, como se adivinhasse o pensamento de Monck — quer Vossa Senhoria que estejamos sós, está. muito bem; mas um grande capitão nunca deve expor-se com temeridade: é noite, a travessia do charco pode oferecer perigos, ordene que o acompanhem.

— Tendes razão — anuiu Monck. E chamando:

— Digby!

Surgiu o ajudante de campo.

— Cinqüenta homens armados de espadas e mosquetes — disse ele.

E olhou para Athos.

— É muito pouco — observou Athos — se houver perigo; e demasiado, se não houver.

— Irei só — decidiu Monck. — Digby, não preciso de ninguém. Vinde, senhor.

Capítulo XXV - O charco

DIRIGINDO-SE do acampamento para o Tweed, Athos e Monck atravessaram a parte do terreno pelo qual Digby conduzira os pescadores que tinham vindo do Tweed ao acampamento. O aspecto desse lugar, o aspecto das mudanças que lhe haviam imposto os homens, eram de molde a produzir tremendo efeito sobre uma imaginação delicada e viva como a de Athos. Este olhava apenas para aqueles sítios ermos; Monck olhava apenas para Athos, que, com os olhos ora voltados para o céu, ora inclinados para a terra, procurava, pensava, suspirava.

Digby, que a última ordem do general, e principalmente o tom em que fora proferida, comovera um pouco, seguiu os noctámbulos durante uns vinte passos; mas havendo-se voltado o general, como que espantado ao ver que não lhe executavam as ordens, o ajudante de campo compreendeu que estava sendo indiscreto e recolheu à sua tenda.

Supôs que o general quisesse passar incógnito ao acampamento uma dessas revistas de vigilância que todo capitão experimentado sempre faz na véspera de um encontro decisivo, e assim explicava a presença de Athos, como um inferior explica tudo o que é misterioso da parte do chefe:

Athos podia ser, e aos olhos de Digby devia sê-lo, um espia que trouxera informações para o general.

Ao cabo de dez minutos de marcha, mais ou menos, entre as tendas e os postos, mais numerosos nas imediações do quartel-general, Monck enveredou por um caminho que se tripartia: o atalho da esquerdo conduzia ao rio, o do centro à abadia de Newcastle, sobre o charco, e o da direita atravessava as primeiras linhas do acampamento republicano, isto c, as linhas mais próximas do exército de Lambert. Do outro lado do rio colocara-se um posto avançado do exército de Monck, para vigiar o inimigo, composto de cento e cinqüenta escoceses. Tinham passado o Tweed a nado dando o alarma; como, porém, não havia ponte nesse lugar e os soldados de Lambert não se atiravam n'água com a presteza dos soldados de Monck, esses não pareciam muito inquietos.

Aquém do rio, a uns quinhentos passos da velha abadia, tinham os pescadores o seu domicílio no meio de um formigueiro de tendazinhas erguidas pelos soldados dos clãs vizinhos, que haviam trazido mulher e filhos.

Aos raios da lua apresentava toda essa mixórdia um aspecto impressionante; a penumbra enobrecia os pormenores, e a luz, lisonjeadora que só se detém no lado polido das coisas, buscava em cada mosquete enferrujado o ponto ainda intacto, em todo farrapo de tela a parte mais alva e menos suja.

Monck chegou, portanto, com Athos, atravessando a sombria paisagem iluminada por dupla claridade, a claridade argêntea da lua e a rubra claridade das fogueiras bruxoleantes na encruzilhada dos três atalhos. Lá estacou e, dirigindo-se ao companheiro:

— Senhor — perguntou — reconhecereis o caminho?

— Se não me engano, general, o atalho do meio conduz à abadia.

— É isso mesmo; mas precisaremos de luz para entrar no subterrâneo.

Monck voltou-se.

— Ah! Digby nos seguiu, segundo parece — observou; — tanto melhor, ele providenciará o que nos falta.

— Sim, general, há efetivamente lá embaixo um homem que, faz algum tempo, caminha atrás de nós.

— Digby! — gritou Monck — Digby! vem cá, por favor.

Mas, em vez de obedecer, a sombra fez um gesto de surpresa e, recuando em lugar de adiantar-se, curvou-se e sumiu ao longo do atalho da esquerda, dirigindo-se para o alojamento dos pescadores.

— Parece que não era Digby — disse Monck.

Ambos tinham visto a sombra desvanecer-se; mas não é coisa tão rara assim vaguear um homem às onze horas da noite num acampamento em que dormem dez a doze mil soldados para que Athos e Monck se preocupassem com o seu desaparecimento.

— Entretanto, como precisamos de um facho, de uma lanterna, de uma tocha qualquer para ver onde pomos os pés, procuremos o facho — disse Monck.

— General, o primeiro soldado que aparecer nos alumiará o caminho.

— Não — redarguiu Monck para verificar se não havia conivência entre o Conde de La Fère e os pescadores; — não, prefiro um desses marinheiros franceses que me vieram vender peixe hoje à tarde. Partem amanhã, e o segredo será melhor guardado por eles. Ao passo que, se se espalhar pelo exército escocês que se encontram tesouros na abadia de Newcastle, os meus *highlanders* acreditarão que há um milhão debaixo de cada laje e não deixarão pedra sobre pedra no edifício.

— Faça Vossa Senhoria como quiser, general — respondeu Athos em tom de voz tão natural que manifestamente tanto lhe fazia o soldado quanto o pescador, e que ele não tinha preferências.

Monck aproximou-se do atalho atrás do qual sumira o homem que tomara por Digby, e encontrou uma patrulha que, fazendo a ronda das tendas, se encaminhava para o quartel-general; detido com o companheiro, deu a senha e continuou o caminho.

Despertado pelo ruído, um soldado soergueu-se sobre o *plaid* para ver o que estava acontecendo.

— Perguntai-lhe — sugeriu Monck a Athos — onde estão os pescadores; se eu lhe fizesse a pergunta, ele me reconheceria.

Athos aproximou-se do soldado, que lhe indicou a tenda; imediatamente Monck e Athos rumaram para esse lado.

Pareceu ao general que, no momento em que se aproximava, uma sombra, semelhante à que já vira, entrava na barraca; mas, ao aproximar-se, reconheceu que se devia ter enganado, pois dormiam todos de cambulhada, e só se viam pernas e braços entrelaçados.

Receando que o supusessem conivente com algum dos compatriotas, Athos não entrou.

— Olá! — disse Monck em francês — toca a levantar! Dois ou três dorminhocos se mexeram.

— Preciso de um homem para aclarar-me o caminho — continuou Monck.

Todos fizeram um movimento, alguns soerguendo-se, outros erguendo-se completamente. O chefe foi o primeiro a levantar-se.

— Vossa Senhoria pode contar conosco — disse ele com uma voz que fez estremecer Athos. — Aonde é preciso ir?

— À seu tempo o saberás. Um facho! Vamos, depressa!

— Sim, senhor. Deseja Vossa Senhoria que eu o acompanhe?

— Tu ou qualquer outro, pouco importa, contanto que alguém me ilumine o caminho.

— É estranho — pensou Athos — que voz singular tem esse pescador!

— Venha a luz, rapazes! — gritou o pescador — vamos, depressa! Depois, baixinho, dirigindo-se ao companheiro mais próximo:

— Acende tu, Menneville — disse ele — e está preparado para o que der e vier.

Um dos pescadores tirou lume de uma pedra, inflamou um pedaço de isca e, com a ajuda da mecha, acendeu uma lanterna. A luz invadiu incontinente a tenda.

— Estais pronto, senhor? — perguntou Monck a Athos, que se voltara para não expor o rosto à

claridade.
— Estou, general — replicou ele.
— Ah! o fidalgo francês! — murmurou o chefe dos pescadores. — Peste! ainda bem que te encarreguei do serviço, Menneville, só faltava que ele me reconhecesse. Ilumina, ilumina!
Travava-se o diálogo no fundo da tenda e em voz tão baixa que Monck não pôde ouvir uma sílaba; estava, aliás, conversando com Athos.
Menneville preparava-se, ou melhor, recebia as ordens do chefe.
— E então? — perguntou Monck.
— Eis-me aqui, meu general — retrucou o pescador. Monck, Athos e o pescador saíram.
— É impossível — pensava Athos. — Que idéia absurda me passou pela cabeça! — Vai na frente, segue o atalho do meio e aperta o passo — ordenou Monck ao pescador.
Não tinham dado vinte passos, quando a mesma sombra que parecera entrar na tenda, saía, arrastava-se até às paliçadas e, protegida pela espécie de parapeito erguido nas proximidades do atalho, observava, curiosa, a marcha do general.
Os três desapareceram na bruma. Caminhavam na direção de Newcastle, cujas pedras, brancas como sepulcros, já lobrigavam.
Após uma parada de alguns segundos, entraram na abadia. A porta fora quebrada a golpes de machado.
Quatro homens dormiam, tranqüilamente, numa reentrância, tamanha era a certeza de que o ataque não se faria por aquele lado.
— Esses homens não estorvarão? — perguntou Monck a Athos.
— Pelo contrário, ajudarão a rolar os barris, se Vossa Senhoria o permitir.
— Tendes razão.
Embora estivessem dormindo, despertaram os quatro ao som dos primeiros passos no meio das sarças e das ervas que invadiam o pórtico. Monck deu a senha e penetrou no interior do convento, sempre precedido do archote. Caminhava por último, observando os menores movimentos de Athos, com o punhal escocês desembainhado sob a manga e pronto para enterrá-lo nos rins do fidalgo ao primeiro gesto suspeito que lhe surpreendesse. Mas Athos, com passo firme e seguro, atravessou as salas e os pátios.
Nem uma porta, nem uma janela no edifício. As portas haviam sido queimadas, algumas no lugar, e a madeira, convertida em carvão, ainda se via denteada pela ação do fogo, que se apagara sozinho, impotente sem dúvida para morder até ao fim as junturas maciças de carvalho reunidas por pregos de ferro. Quanto às janelas, todos os vidros tinham sido quebrados e viam-se-lhes fugir pelas abertas os pássaros noturnos que a claridade do facho assustava. Ao mesmo tempo, gigantescos morcegos puseram-se a traçar à volta dos dois importunos vastos círculos silenciosos, ao passo que à luz projetada sobre as altas paredes viam-se-lhes tremular as sombras. O espetáculo era tranqüilizador para quem raciocinasse.
Monck deduziu que não podia haver ali ninguém, pois lá se achavam ainda os bichos ariscos, que voavam à sua aproximação.
Depois de transpor os escombros e arrancar mais de uma hera, arvorada em guardiã da solidão, Athos chegou aos túmulos situados debaixo da sala grande, que se comunicava com a capela. Aí se deteve.
— Aqui estamos, general — disse ele.
— É esta a laje?
— É.

— De fato, reconheço a argola; mas ela abrange toda a circunferência.
— Precisaríamos de uma alavanca.
— É fácil.
Relanceando os olhos em derredor, Athos e Monck bisparam um freixo de umas três polegadas de diâmetro que crescera num dos ângulos da parede e subia até uma janela, que os seus ramos cegavam.
— Tens uma faca? — perguntou Monck ao pescador.
— Tenho, sim, senhor.
— Então, corta esta árvore.
O pescador obedeceu, mas não sem embotar o gume da faca. Arrancado o freixo e arrumando a modo de alavanca, os três homens penetraram no subterrâneo.
— Fica aí — ordenou Monck ao pescador indicando-lhe um canto; — vamos desenterrar pólvora e o teu archote seria perigoso.
Recuou o homem com uma espécie de terror e conservou-se fielmente no posto que lhe haviam designado, ao passo que Monck e Athos contornavam uma coluna, junto da qual, por um respiradouro, penetrava um raio de lua refletida precisamente pela pedra que o Conde de La Fère viera procurar de tão longe.
— Ei-la — anunciou Athos mostrando a inscrição latina.
— Sim — disse Monck.
Depois, como quisesse deixar ao francês uma última evasiva:
— Não vedes — continuou ele — que já foi invadido este túmulo e várias estátuas foram quebradas?
— Milorde, Vossa Senhoria já ouviu dizer sem dúvida que o respeito religioso dos seus escoceses costuma confiar à vigilância das estátuas dos mortos os objetos preciosos que eles possuíram em vida. Daí suporem os soldados que sob o pedestal das estátuas que ornavam a maior parte desses túmulos estivesse escondido um tesouro; quebraram, portanto, a estátua e o pedestal. Mas o túmulo do venerável cónego que nos interessa não se distingue por um monumento algum; é simples, e foi sempre defendido pelo terror supersticioso que os seus puritanos votam ao sacrilégio; nem um pedacinho desse túmulo se arrancou.
— É verdade — conveio Monck. Athos pegou na alavanca.
— Quereis que eu vos ajude? — perguntou o general.
— Obrigado, milorde, mas não quero que Vossa Senhoria ponha as mãos numa obra cuja responsabilidade talvez não quisesse assumir se lhe conhecesse as prováveis conseqüências.
Monck levantou a cabeça.
— Que quereis dizer, senhor? — perguntou.
— Quero dizer... Mas esse homem...
— Esperai — atalhou Monck — compreendo o vosso receio e vou fazer uma prova.
Voltou-se para o pescador, cuja silhueta se distinguia, aclarada pelo facho.
— *Come here, friend* — disse em tom de comando. O pescador não se mexeu.
— Está bem — continuou — ele não sabe inglês.
Falai-me em inglês, se vos praz.
— Milorde — respondeu Athos — vi muitos homens, em dadas circunstâncias, que tinham sobre si domínio suficiente para não responder a uma pergunta feita numa língua que eles compreendiam. O pescador é talvez mais esperto do que o supomos. Faça-me Vossa Senhoria o favor de mandá-lo embora, milorde.
— Decididamente — pensou Monck — ele quer ter-me sozinho neste túmulo. Não importa, vamos

até ao fim, um homem vale outro, e nós estamos sós... Meu amigo — disse Monck ao pescador — torna a subir a escada que acabamos de descer e vela para que ninguém nos moleste.

O pescador fez menção de obedecer.

— Deixa a tocha — disse Monck — pois ela trairia a tua presença e poderia proporcionar-te algum tiro assustado de mosquete.

O pescador pareceu apreciar o conselho, depôs o archote em terra e desapareceu escada acima.

Monck foi buscar o facho, que colocou ao pé da coluna.

— Ah! — disse ele — será mesmo dinheiro que está escondido nesse túmulo?

— É, milorde, e daqui a cinco minutos Vossa Senhoria não duvidará mais.

Ao mesmo tempo, descarregava um golpe violento sobre o gesso, que, fendendo-se, apresentou uma racha à ponta da alavanca. Athos introduziu a extremidade do freixo nessa racha e logo aluiu pedaços inteiros de gesso, que se erguiam como lajes arredondadas. Em seguida, pegou nas pedras e afastou-as com sacudidelas de que se não julgariam capazes as suas mãos tão delicadas.

— Milorde — acudiu o Conde de La Fère — está vendo a alvenaria de que lhe falei?

— Estou, mas ainda não vejo os barris — tornou Monck.

— Se eu tivesse um punhal — disse Athos olhando ao redor — logo os veria, milorde. Infelizmente esqueci o meu na sua tenda.

— Eu vos oferecia este aqui — disse Monck — mas a lâmina me parece muito frágil para o serviço que lhe destinais.

Athos pareceu procurar à sua volta um objeto qualquer que substituísse a arma desejada.

Monck não perdia nenhum movimento de suas mãos e nenhuma expressão de seus olhos.

— Por que não pedis a faca do pescador? — sugeriu Monck.

— Ele tinha uma faca.

— É verdade, visto que a empregou para cortar esta árvore. E aproximou-se da escada.

— Meu amigo — disse Athos ao pescador — atira-me a tua faca, por favor, que preciso dela.

A lâmina da arma retiniu sobre os degraus.

— Tomai — disse Monck — é um instrumento sólido, pelo que vi, e do qual uma mão firme pode sacar bom proveito.

Athos não pareceu emprestar às palavras do general senão o sentido natural e simples que se lhes deveria atribuir. Também não pareceu observar que, ao vizinhar-se de Monck, este se afastou levando a mão esquerda ao cabo da pistola; com a direita agarrara o punhal escocês.

Meteu, pois, mãos à obra, virando-lhe as costas e oferecendo-lhe a sua vida sem defesa possível. E bateu durante alguns segundos com tanta habilidade e precisão no gesso intermediário, que o separou em duas partes, e Monck pôde ver dois barris justapostos, imobilizados pelo próprio peso no invólucro de greda.

Alors il frappa si adroitement sur le plâtre, qu'il le sépara en deux parties. — Page 47

— Milorde — disse Athos — bem vê Vossa Senhoria que os meus pressentimentos não me haviam enganado.

— Sim, senhor — assentiu Monck — e tenho todas as razões para acreditar que estejais satisfeito, não é verdade?

— Sem dúvida; a perda desse dinheiro me teria sido dolorosíssima; mas eu estava certo de que Deus, que protege a boa causa, não teria consentido no desvio deste ouro, que a fará triunfar.

— Palavra de honra, senhor, sois um homem tão misterioso nas palavras quanto nos atos — disse Monci. — Ainda há pouco, não vos compreendi direito quando afirmastes que não queríeis colocar sobre os meus ombros a responsabilidade da obra que estamos executando.

— Eu tinha razões para dizê-lo, milorde.

— E agora me falais da boa causa. Que entendeis por essas palavras? Defendemos, neste momento, na Inglaterra cinco ou seis causas, o que não impede que cada qual considere a sua não só como a boa, mas também como a melhor. Qual é a vossa? Falai francamente para vermos se, nesse ponto, a que pareceis conceder tamanha importância, somos da mesma opinião.

Athos fitou em Monck um desses olhares profundos que parecem desafiar a pessoa encarada a esconder um só de seus pensamentos; depois, erguendo o chapéu, começou com voz solene, ao passo que o interlocutor com a mão longa e nervosa, afagava o bigode e a barba, enquanto passeava o olhar melancólico e vago pelas profundezas do subterrâneo.

Capítulo XXVI - Coração e o espírito

— MILORDE — disse o Conde de La Fère — Vossa Senhoria é um nobre inglês, um homem leal, e fala com um nobre francês, um homem de bem.

Eu lhe disse que o ouro contido nestes barris me pertence, e fiz mal; foi a primeira mentira que preguei em minha vida, embora momentânea; o ouro pertence ao Rei Carlos II, exilado de sua pátria, escorraçado de seu palácio, órfão ao mesmo tempo de pai e do trono e privado de tudo, até da triste ventura de beijar de joelhos a pedra sobre a qual a mão de seus matadores escreveu este epitáfio simples, que eterna vingança gritará contra eles: *"Aqui jaz o Rei Carlos I"*.

Monck empalideceu levemente, e um arrepio imperceptível encrespou-lhe a pele e eriçou-lhe o bigode grisalho.

— Eu — continuou Athos — eu, Conde de La Fère, o único, o último amigo que resta ao pobre príncipe desamparado, eu me ofereci para vir procurar o homem do qual depende hoje a sorte da realeza na Inglaterra, e vim, e me coloquei sob o olhar desse homem, e me pus nu e desarmado entre suas mãos dizendo-lhe ; "Milorde, aqui estão os últimos recursos de um príncipe que Deus fez o amo de Vossa Senhoria, que o nascimento fez o seu rei; de Vossa Senhoria dependem a vida e o futuro dele. Consente em empregar esse dinheiro para consolar a Inglaterra dos males que ela deve ter sofrido durante a anarquia, isto é, consente em ajudar, ou, se não ajudar, pelo menos em não tolher os passos do Rei Carlos II? Vossa Senhoria é o amo, Vossa Senhoria é o rei, amo o rei todo-poderoso, pois o acaso desfaz, às vezes, a obra do tempo e de Deus. Estou só consigo, milorde; se o assusta o triunfo partilhado, se lhe pesa a minha cumplicidade, Vossa Senhoria está armado, e eis aqui um túmulo já aberto; se, pelo contrário, o entusiasmo da sua causa o embriaga, se Vossa Senhoria é o que parece ser, se a sua mão, no que empreende, obedece ao seu espírito, e o seu espírito ao seu coração, aqui está o meio de perder para sempre a causa de seu inimigo Carlos Stuart: mate ainda o homem que tem diante dos olhos, pois esse homem não voltará para junto daquele que o enviou sem lhe levar o depósito que lhe confiou Carlos I, seu pai, e guarde o ouro que poderia servir para alimentar a guerra civil. — Ai! milorde, é a condição fatal desse príncipe inditoso. Corrompe ou mata; pois tudo lhe resiste, tudo o repele, tudo lhe é hostil e, no entanto, ele foi marcado pelo selo divino, e cumpre, para não mentir ao próprio sangue, que torne a subir ao trono ou pereça sobre o solo sagrado da pátria.

"Milorde, Vossa Senhoria me ouviu. A toda e qualquer pessoa que não fosse o homem ilustre que me ouve eu teria dito: Milorde, Vossa Senhoria é pobre; milorde, o rei lhe oferece este milhão como arras de um imenso mercado; tome-o, sirva Carlos II como eu servi Carlos I, e tenho certeza de que Deus, que nos ouve, que nos vê, que lê em seu coração fechado a todos os olhares humanos; tenho certeza de que Deus lhe dará uma venturosa vida eterna depois de uma morte feliz.

Mas ao General Monck, ao homem ilustre cuja altura creio haver medido, digo apenas:

"Milorde, há para Vossa Senhoria na história dos povos e dos reis um lugar brilhante, uma glória imortal, imperecível, se só, sem outro interesse que o bem de seu país e o interesse da justiça, Vossa Senhoria se converter no sustentáculo de seu rei. Outros foram conquistadores e usurpadores gloriosos. Vossa Senhoria, milorde, ter-se-á contentado de ser o mais virtuoso, o mais probo e o mais íntegro dos homens; terá tido uma coroa entre as mãos e, em lugar de ajustá-la à sua fronte, tê-la-á deposto sobre a cabeça daquele para quem foi feita. Oh! milorde, proceda assim c legará à posteridade o mais invejado dos nomes que alguma criatura humana possa orgulhar-se de assinar".

Interrompeu-se Athos. Durante todo o tempo em que falara o nobre fidalgo, Monck não fizera sequer um sinal de aprovação nem de desaprovação; mal se lhe haviam, durante a veemente alocução, animado os olhos com o brilho que indica a inteligência. O Conde de La Fère considerou-o tristemente e, vendo o rosto taciturno, sentiu o desalento invadir-lhe o coração.

Afinal, Monck pareceu animar-se e, rompendo o silêncio:

— Senhor — disse ele com voz doce e grave — vou, para responder-vos, servir-me de vossas próprias palavras. A qualquer outra pessoa eu responderia com a expulsão, com a prisão, ou até com coisa pior. Pois, ao cabo de contas, vós me tentais e violentais ao mesmo tempo. Mas sois um desses homens a que não se podem recusar a atenção e as considerações que merecem: sois um bravo fidalgo, senhor, digo-o e sei o que estou dizendo. Ainda há pouco me falastes num depósito que o finado rei deixou para o filho: não sereis, acaso, um dos franceses que, segundo ouvi dizer, tentaram raptar Carlos de White-Hall?

— Sim, milorde, era eu que me encontrava debaixo do cadafalso durante a execução; cu que, não tendo podido resgatá-lo, recebi sobre a fronte o sangue do rei mártir; mas recebi, ao mesmo tempo, a última palavra de Carlos I; foi a mim que ele disse REMEMBER! e ao dizer-me *Recorda-te!* fazia alusão a esse dinheiro que está aos pés de Vossa Senhoria.

— Tenho ouvido muita coisa a vosso respeito — disse Monck — mas alegro-me de haver-vos apreciado por minha própria inspiração e não por minhas lembranças. Dar-vos-ei portanto explicações que não dei a ninguém, e observareis a diferença que faço entre vós e as pessoas que até agora me foram enviadas.

Inclinou-se Athos, preparando-se para absorver avidamente as palavras que caíam, uma a uma, da boca de Monck, raras e preciosas como o orvalho no deserto.

— Vós me faláveis — disse Monck — do Rei Carlos II; mas dizei-me, por favor, que me faz, a mim, esse fantasma de rei? Envelheci na guerra e na política, hoje tão estreitamente ligadas que todo militar deve combater em virtude de seu direito ou de sua ambição, com um interesse pessoal, e não cegamente às ordens de um oficial, como nas guerras comuns. Eu talvez não deseje nada, mas receio muito. Na guerra, atualmente, reside a liberdade da Inglaterra, e quiçá a de cada inglês. Por que havereis de querer que eu, livre na posição que conquistei, estenda as mãos aos ferros de um estrangeiro? Carlos, para mim, não é outra coisa. Travou combates que perdeu, é mau capitão; não foi bem sucedido em negociação alguma, é mau diplomata; exibiu a sua miséria em todas as cortes da Europa, é um coração fraco e pusilânime. Nada de grande, nada de nobre, nada de forte saiu ainda desse gênio que aspira a governar um dos maiores reinos da terra. Por conseguinte, só o conheço sob maus aspectos, e quereis que eu, homem de bom senso, me torne gratuitamente escravo de uma criatura que me é inferior em capacidade militar, em política e em dignidade? Não, senhor; quando alguma ação grande e nobre me tiver ensinado a apreciá-lo, reconhecerei talvez os seus direitos a um trono do qual lhe derrubamos o pai, porque a este faltavam as virtudes que ainda faltam ao filho; mas até agora, em questão de direitos, só reconheço os meus: a revolução me fêz general, a minha espada me fará protetor se eu quiser. Mostre-se Carlos, apresente-se, arroste o concurso aberto ao gênio e, sobretudo, lembre-se de que pertence a uma raça à qual se pedirá muito mais do que a qualquer outra. Portanto, senhor, encerremos o assunto; não recuso nem aceito: reservo-me, espero.

— Monsieur, dit le roi à Monk, vous êtes libre. — Page 55.

Athos sabia que Monck era muitíssimo bem informado sobre quanto se relacionava com Carlos II para prolongar a discussão. Nem a hora nem o sítio eram propícios.

— Milorde — disse ele — só me resta, pois, agradecer a Vossa Senhoria.

— E de que, senhor? de me haverdes julgado bem e de haver eu procedido de acordo com o vosso juízo? Valerá a pena? Esse ouro que levareis ao Rei Carlos pô-lo-á à prova: vendo a aplicação que lhe dará, formarei decerto uma opinião que ora não tenho.

— Entretanto não se arreceia Vossa Senhoria de comprometer-se deixando partir uma soma destinada a servir as armas de seu inimigo?

— Meu inimigo, dizeis vós? Ora, senhor! eu não tenho inimigos. Estou a serviço do parlamento, que me manda combater o General Lambert e o Rei Carlos, inimigos dele e não meus; portanto combato. Se o parlamento, ao contrário, me mandasse embandeirar o porto de Londres, reunir os soldados no cais, receber o Rei Carlos II...

— Vossa Senhoria obedeceria? — bradou Athos, jubiloso.

— Perdoai-me — atalhou Monck, sorrindo; — eu, que já tenho o cabelo grisalho... sim, senhor! Onde estava com a cabeça? eu ia dizer uma tolice de rapaz.

— Não obedeceria, então? — insistiu Athos.

— Também não digo isso. Antes de tudo, a salvação do meu país. Deus, que houve por bem dar-me forças, quis sem dúvida que eu as empregasse para o bem de todos, e deu-me também discernimento. Se o parlamento me ordenasse uma coisa dessas, eu refletiria.

Athos franziu o cenho.

— Vamos — disse ele — vejo, decididamente, que Vossa Senhoria não se sente propenso a favorecer o Rei Carlos II.

— Vós me interrogais, sempre, senhor conde; permiti que eu também vos interrogue.

— Interrogue-me, senhor, e possa Deus inspirar a Vossa Senhoria a idéia de responder-me com a mesma franqueza com que eu lhe responderei!

— Quando houverdes levado esse milhão ao vosso príncipe, que conselho lhe dareis?

Athos fitou em Monck um olhar firme e decidido.

— Milorde — disse ele — com esse milhão, que outros empregariam talvez em negociar, quero aconselhar ao rei que organize dois regimentos, entre pela Escócia, que Vossa Senhoria acaba de pacificar e dê ao povo as liberdades que a revolução lhe prometeu, mas que ainda não deu completamente. Eu lhe aconselharei que comande pessoalmente esse exercitozinho, que aumentará, fique certo Vossa Senhoria, e que se deixe matar com a bandeira na mão e a espada na bainha, dizendo:

"Ingleses! eis o terceiro rei de minha raça que matais: acautelai-vos da justiça de Deus!”

Monck abaixou a cabeça e refletiu por um instante.

— Se ele fosse bem sucedido — continuou — o que é inverossímil, mas não impossível, pois tudo é possível neste mundo, que lhe aconselharíeis?

— Eu o aconselharia a pensar que a vontade de Deus lhe tirou a coroa, mas que a boa vontade dos homens lha restituiu.

Um sorriso irônico perpassou pelos lábios de Monck.

— Desgraçadamente, senhor — disse ele — os reis não sabem seguir um bom conselho.

— Ah! milorde, Carlos II não é um rei — replicou Athos, sorrindo também, mas com uma expressão muito diversa da de Monck.

— Vamos, terminemos, senhor conde... É esse o vosso desejo, não é verdade?

Athos inclinou-se.

— Vou dar ordens para que transportem aonde quiserdes os dois barris. Onde estais alojado?

— Num burgozinho, na embocadura do rio.

— Conheço o burgo: compõe-se de cinco ou seis casas, não é?

— Exatamente. Moro na primeira, em companhia de dois fabricantes de redes; foi a barca deles que me trouxe a terra.

— E o vosso navio?

— Está ancorado a um quarto de milha, no mar, e espera por mim.

— Mas não pretendeis partir imediatamente?

— Milorde, tentarei ainda uma vez convencer Vossa Senhoria.

— Não o conseguireis — replicou Monck; — mas precisais partir de Newcastle sem deixar de vossa passagem a menor suspeita que possa prejudicar-nos, a vós ou a mim. Amanhã, pensam os meus oficiais que Lambert me atacará. Eu, pelo contrário, garanto que nem se mexerá; a meu ver, é impossível. Lambert comanda um exército sem princípios homogêneos, e não há exército com tais elementos. Ensinei os meus soldados a subordinarem a minha autoridade a uma autoridade superior, e é por isso que, depois de mim, em torno de mim, abaixo de mim, sempre tentarão alguma coisa. Daí resulta que, no caso de minha morte, o que pode acontecer, o meu exército não se desmoralizará de pronto; daí resulta que, se me aprouvesse ausentar-me, por exemplo, como às vezes me apraz, não haveria no meu acampamento a sombra de uma inquietude ou de uma desordem. Sou o ímã, a força simpática e natural dos ingleses. Todos os ferros dispersos que atirarem contra mim eu os atrairei. Lambert comanda dezoito mil desertores; mas não falei nisso a meus oficiais, como haveis de

imaginar.

Nada é mais útil a um exército do que a perspectiva de uma batalha próxima: todos permanecem vigilantes, todos se acautelam. Digo isso para que vos sintais em segurança. Não vos apresseis, portanto, em atravessar o mar: daqui a oito dias haverá novidades, uma batalha, ou um acordo. E então, como me julgastes homem de bem e me confiastes o vosso segredo, e eu preciso agradecer-vos a confiança, irei visitar-vos ou mandarei chamar-vos. Não partais, portanto, sem falar comigo; insisto no convite.

— Prometo-o, general — bradou Athos, transportado de tão grande alegria que, a despeito de toda a sua circunspecção, não pôde impedir que os olhos despedissem uma centelha.

Monck surpreendeu-a e imediatamente a apagou com um desses sorrisos mudos que interrompiam sempre, nos interlocutores, o progresso que estes supunham haver feito em seu espírito.

— Por conseguinte, milorde — acudiu Athos — Vossa Senhoria me propõe uma demora de oito dias?

— Oito dias.

— E durante esse tempo, que farei?

— Se houver batalha, mantende-vos afastado, por favor. Sei que os franceses são curiosos desse gênero de distrações; gostaríeis de ver como nos batemos e poderíeis recolher alguma bala perdida; os nossos escoceses atiram muito mal, e não quero que um digno fidalgo como vós retorne, ferido, à terra de França. Não quero, enfim, ser obrigado a remeter pessoalmente ao vosso príncipe o milhão deixado por vós; pois nesse caso diriam, e com alguma razão, que pago o pretendente para mover guerra ao parlamento. Ide, pois, e faça-se entre nós o que ficou estipulado.

— Ah! milorde — disse Athos — que alegria seria a minha se fosse eu o primeiro a penetrar o nobre coração que pulsa debaixo dessa capa!

— Acreditais, então, positivamente, que tenho segredos — atalhou Monck, sem modificar a expressão quase jovial do rosto. — Ora, senhor! que segredo quereis que haja na cabeça oca de um soldado? Mas está ficando tarde, e a tocha vai-se apagando. Chamemos o nosso homem. Olá! — gritou Monck em francês; e, aproximando-se da escada: — Olá, pescador!

Entorpecido pelo frescor da noite, perguntou o pescador com voz roufenha o que lhe queriam.

— Vai até ao posto — disse Monck — e ordena ao sargento, da parte do General Monck, que venha aqui incontinenti.

Era uma comissão fácil de executar, pois, intrigado pela presença do general na abadia deserta, o sargento se aproximara a pouco e pouco e estava apenas a alguns passos do pescador.

A ordem do general chegou-lhe, portanto, diretamente, e ele acorreu.

— Toma um cavalo e dois homens — disse Monck.

— Um cavalo e dois homem? — repetiu o sargento.

— Sim — tornou Monck. — Poderás arrumar um cavalo com uma albarda ou uma cestas?

— Sem dúvida, a cem passos daqui, no acampamento dos escoceses.

— Bem.

— O que farei com o cavalo, general?

— Olha.

O sargento desceu os três ou quatro degraus que o separavam de Monck e surgiu no subterrâneo.

— Estás vendo — perguntou-lhe Monck — ali embaixo, onde se encontra aquele fidalgo?

— Estou, meu general, — Distingues os dois barris?

— Perfeitamente, — São dois barris que contém pólvora e balas; quero que sejam transportados ao burgozinho à margem do rio, que mandarei ocupar amanhã por duzentos mosquetes. Compreendes

que a comissão é secreta, pois é um movimento que pode decidir da sorte da batalha.

— Oh! meu general — murmurou o sargento.

— Bem! Coloca os barris sobre o cavalo o escolta-o, com mais dois homens, até a rasa desse fidalgo, que é meu amigo: mas vê lá, ninguém fique sabendo!

— Eu passaria pelo charco se conhecesse um caminho — disse o sargento, — Eu conheço um — sobreveio Athos; — não será muito largo mas é firme, pois foi feito sobre estacas, e com um pouco de precaução chegaremos.

— Faze o que te ordenar o cavaleiro — disse Monck.

— Oh! oh! os barris são pesados — observou o sargento tentando levantar um deles.

— Pesarão umas quatrocentas libras cada um, se contiveram o que devem conter, não é isso?

— Mais ou menos — confirmou Athos.

O sargento foi buscar o cavalo e os homens.

Ficando só com Athos, Monck falou-lhe apenas de coisas indiferentes, enquanto examinava, distraído, o subterrâneo. Logo, ouvindo os passos do cavalo:

— Deixo-vos com os vossos homens — disse ele — e regresso ao acampamento. Estais em segurança.

— Tornarei a vê-lo, portanto, milorde? — perguntou Alhos.

— É coisa decidida, senhor, e com grande prazer.

Monck estendeu a mão ao conde.

— Ah! Milord, se Vossa Senhoria quisesse! — murmurou Athos.

— Psiu! senhor — atalhou Monck — combinou-se que não falaríamos mais no assunto.

E, cumprimentando o fidalgo, tornou a subir, cruzando-se no meio da escada com os homens que desciam. Não dera vinte passos fora da abadia quando ouviu um assobio distante e prolongado, Monck prestou atenção; mas, não vendo mais nada, continuou o caminho. Lembrou-se então do pescador e procurou-o com os olhos: o pescador desaparecera. Se houvesse, porém, olhado com mais tempo, teria visto o homem curvado, deslizando como cobra ao longo das pedras e perdendo-se no meio da bruma, rente com a superfície do charco; e teria visto também, se buscasse penetrar a bruma, um espetáculo que lhe despertaria o interesse: os mastros da barca do pescador tinham mudado de lugar e se encontravam agora cosidos com a margem do rio.

Monck, todavia, não viu nada e, cuidando não ter o que temer, barafustou pelo atalho deserto que conduzia ao seu acampamento.

Foi então que o sumiço do pescador lhe pareceu estranho e uma suspeita real principiou a cutucar-lhe o espírito. Acabava de pôr às ordens de Athos o único posto que poderia protegê-lo. E ainda precisava percorrer uma milha pelo atalho para chegar às tendas.

O nevoeiro subia com tamanha intensidade que mal se distinguiam os objetos a uma distância de dez passos.

Monck supôs ouvir o ruído de um remo batendo surdamente na água do charco à sua direita.

— Quem vem lá? — Gritou.

Ninguém lhe respondeu. Armou a pistola, empunhou a espada e apertou o passo sem, contudo, querer chamar. O chamado, que não era tão urgente, pareceu-lhe indigno.

Capítulo XXVII - O dia seguinte

ERAM sete horas da manhã: os primeiros raios do dia iluminavam as poças, em que o sol se refletia como bola avermelhada, quando Athos, espertando e abrindo a janela do quarto de dormir que dava para as margens do rio, lobrigou a uns quinze passos de distância o sargento e os homens que o haviam acompanhados na véspera, e que, depois de terem colocado os barris em sua casa, tinham regressado ao acampamento pelo atalho da direita.

Por que, depois de terem saído, voltavam aqueles homens? Tal foi a pergunta que de golpe se lhe apresentou ao espírito.

De cabeça erguida, o sargento parecia espreitar o momento em que surgisse o fidalgo para interpelá-lo. Surpreso de encontrar ali os que vira afastarem-se na véspera, Athos não pôde menos de testemunhar-lhes o seu espanto.

— Isso não tem nada de surpreendente, senhor — volveu o sargento — pois ontem o general me recomendou que velasse pela vossa segurança, e eu tive de obedecer à ordem.

— O general está no acampamento? — perguntou Athos.

— Sem dúvida, senhor, pois ontem, quando vos despedistes, ia para lá.

— Pois bem! esperai-me; vou informá-lo da fidelidade com que desempenhastes a vossa missão e buscar minha espada, que esqueci sobre a mesa.

— Isso vem a calhar — tornou o sargento — pois íamos pedirmos que o fizésseis.

Athos cuidou surpreender certo ar de equívoca bonomia no rosto do sargento; mas a aventura do subterrâneo poderia ter excitado a curiosidade do homem, e não era de pasmar que o rosto lhe traísse alguns dos sentimentos que agitavam o seu espírito.

Fechou, portanto, cuidadosamente as portas, confiou as chaves a Grimaud, cujo domicílio era a própria alpendrada que conduzia ao celeiro onde estavam guardados os barris, e, escoltado pelo sargento, seguiu para o acampamento. Lá, outra guarda o esperava e rendeu os quatro homens que o tinham conduzido.

A nova guarda era comandada pelo ajudante de campo Digby, o qual, durante o trajeto, fitou no francês olhares tão pouco animadores, que este perguntou a si mesmo qual seria o motivo de tanta vigilância e tamanha severidade, quando na véspera o haviam deixado inteiramente livre.

Não interrompeu, todavia, a sua marcha na direção do quartel-general, guardando para si as observações que lhe sugeriam os homens e as coisas. Encontrou na tenda do general em que entrara na véspera três oficiais superiores: o tenente de Monck e dois coronéis. Reconheceu a espada; continuava sobre a mesa do general, onde a deixara na noite anterior.

Nenhum dos oficiais o vira e, por conseguinte, nenhum o conhecia. Perguntou então o tenente de Monck, diante do aspecto de Athos, se era aquele o fidalgo com que o general saíra da tenda.

— Sim, senhor — confirmou o sargento — é ele mesmo.

— Mas — acudiu Athos com altanaria — parece-me que não o estou negando; e agora, senhores, por meu turno, permiti que eu indague a razão de tantas perguntas e, sobretudo, que vos peça algumas explicações sobre o tom em que as formulastes.

— Senhor — retorquiu o tenente — se vos interrogamos é porque temos o direito de fazê-lo, e se o fazemos nesse tom é porque o tom, crede-nos, convém à situação.

— Senhores — tornou Athos — não sabeis quem sou, mas devo dizer-vos que aqui só reconheço por meu igual ao General Monck. Onde está ele? Conduzi-me à sua presença, e se ele tiver alguma

coisa para perguntar-me, responder-lhe-ei satisfatoriamente. Insisto, senhores, onde está o general?

— Homessa! — bradou o tenente — sabeis melhor do que nós onde ele está.

— Eu?

— Certamente.

— Senhor — disse Athos — não vos compreendo.

— Havereis de compreender-me; e, em primeiro lugar, falai mais baixo. Que vos disse ontem o general?

Sorriu Athos desdenhosamente.

— Não se trata de sorrir — bradou, colérico, um dos coronéis — trata-se de responder.

— E eu, senhores, vos declaro que só responderei em presença do general.

— Mas — insistiu o coronel que já falara — sabeis muito bem que pedis uma coisa impossível.

— É a segunda vez que me dão essa estranha resposta ao desejo que expresso — atalhou Athos.

— O general ausentou-se?

A pergunta de Athos foi feita com tamanha boa-fé e o fidalgo tinha o ar tão ingenuamente surpreso, que os três oficiais se entreolhavam. Tomou a palavra o tenente por uma espécie de convenção tácita entre os outros oficiais.

— Senhor — disse ele — o general deixou-vos ontem nas imediações do mosteiro?

— Deixou, sim, senhor.

— E fostes?...

— Não sou eu quem deve responder-vos, mas aqueles que me acompanharam. São vossos soldados, interrogai-os.

— E se nos aprouver interrogar-vos?

— Nesse caso me aprazerá responder-vos que não dependo aqui de ninguém, que só conheço o general e só a ele responderei.

— Seja, senhor, mas como somos os amos, nós nos constituiremos em conselho de guerra e, quando estiverdes diante dos juízes, ser-vos-á preciso responder.

O rosto de Athos exprimiu apenas o espanto e o desdém, em lugar do terror que os oficiais esperavam infundir-lhe com a ameaça.

— Juízes escoceses ou ingleses, para mim, súdito do rei de França! Para mim, que estou sob a salvaguarda da honra britânica! Enlouquecestes, senhores! — recalcitrou o fidalgo dando de ombros.

Entreolharam-se os oficiais.

— Então, senhor — perguntaram — pretendeis não saber onde está o general?

— A isso já respondi.

— Sim, mas respondestes uma coisa incrível.

— Porém verdadeira. As pessoas de minha condição não costumam mentir. Sou gentil-homem, como já vos declarei, e quando trago a meu lado a espada que, por um excesso de delicadeza, deixei ontem sobre esta mesa onde ainda se encontra, ninguém me diz coisas que não quero ouvir. Hoje, estou desarmado; se pretendeis ser meus juízes, julgai-me; se fordes apenas meus carrascos, matai-me.

— Mas, senhor?... — sobreveio com voz mais cortês o tenente, impressionado pela grandeza e pelo sangue frio de Athos.

— Senhor, eu tinha vindo para tratar com o vosso general, confidencialmente, de negócios importantes. A acolhida que ele me fez não foi uma acolhida qualquer. As informações de vossos soldados podem convencer-vos disso. Se me acolhia assim, saiba o general quais eram os meus títulos à sua estima. Ora, não suporeis que eu vos revele os meus segredos, e muito menos os dele.

— Mas, afinal, que continham os tais barris?
— Não fizestes a mesma pergunta aos soldados? Que disseram eles?
— Que continham pólvora e chumbo.
— De quem receberam a informação? Também vos devem ter dito isso.
— Do general; mas não nos deixamos enganar.
— Cuidado, senhor, já não é a mim que desmentis, mas ao vosso chefe.
Os oficiais entreolharam-se de novo. Athos continuou:
— Diante dos vossos soldados, disse-me o general que esperasse oito dias, pois, nesse prazo, me daria a resposta que me prometeu. Acaso fugi? Não, estou esperando.
— Ele vos disse que esperásseis oito dias? — insistiu o tenente.
— Tanto me disse, que tenho uma chalupa ancorada na embocadura do rio e poderia, se quisesse, embarcar-me ontem. Ora, se fiquei, fi-lo unicamente para conformar-me com os desejos do general, pois Sua Senhoria me recomendou que não partisse sem lhe pedir uma última audiência, que ele mesmo marcou para daqui a oito dias. Repito, portanto, que estou esperando.
Voltou-se o tenente para os outros oficiais e, em voz baixa:
— Se este fidalgo fala verdade, ainda há esperanças — disse ele. — O general terá precisado efetuar negociações tão secretas que teria julgado imprudente avisar alguém, até mesmo um de nós. Nesse caso, o tempo limitado para a sua ausência seria de oito dias.
Logo, voltando-se para o Conde de La Fère:
— Senhor — disse ele — a vossa declaração é da mais grave importância; estais disposto a repeti-la sob juramento?
— Senhor — respondeu Athos — sempre vivi num mundo em que a minha simples palavra tem valido pelo mais sagrado dos juramentos.
— Desta vez, entretanto, a circunstância é mais grave do que outra qualquer, visto que se trata da salvação de um exército inteiro. Pensai um pouco, o general desapareceu, estamos à sua procura. É natural o desaparecimento? Foi cometido algum crime? Devemos levar as nossas investigações aos últimos extremos? Devemos esperar com paciência? Neste momento, senhor, tudo depende da palavra que pronunciardes.
— Assim interrogado, já não hesito — respondeu Athos; — de fato, eu tinha vindo conversar confidencialmente com o General Monck e pedir-lhe uma resposta sobre certos assuntos; não podendo dá-la sem dúvida antes da batalha que se espera, pediu-me o general que ficasse mais oito dias na casa em que estou morando, prometendo receber-me depois desse prazo. Sim, tudo isso é verdade, e eu juro-o por Deus, senhor absoluto de minha vida e da vossa.
Athos pronunciou essas palavras com tanta grandeza e solenidade que os três oficiais se sentiram quase convencidos. Um dos coronéis, todavia, fez uma última tentativa:
— Senhor — disse ele — embora estejamos persuadidos da verdade do que dizeis, há em tudo isto um estranho mistério. O general é demasiado prudente para ter assim desamparado o seu exército na véspera de uma batalha, sem ter pelo menos avisado um de nós. Quanto a mim, confesso não poder acreditar que a causa do desaparecimento não tenha sido algum estranho sucesso. Ontem, pescadores estrangeiros aqui estiveram vendendo os seus peixes; foram alojados no acampamento dos escoceses, isto é, à beira do caminho seguido pelo general para ir convosco à abadia e de lá voltar. Foi um desses pescadores que acompanhou o general com um facho. E, hoje cedo, a barca e os pescadores desapareceram, levados durante a noite pela maré.
— Eu — interveio o tenente — não vejo nisso nada de extraordinário; porque, afinal de contas, os pescadores não eram prisioneiros.

— Não, mas repito que um deles iluminou o general e este senhor no subterrâneo da abadia, e Digby nos assegurou que o general suspeitava dessa gente. Ora, quem nos afiança que não havia um conluio entre eles e que, dado o golpe, este senhor, sem dúvida, corajoso, aqui não ficou para tranqüilizar-nos com a sua presença e iludir as nossas buscas?

O argumento impressionou os outros oficiais.

— Senhor — acudiu Athos — deixai-me ponderar que o vosso raciocínio, muito plausível na aparência, é, contudo, pouco sólido no que me diz respeito. Fiquei, dizeis vós, para afastar suspeitas. Pois as suspeitas, pelo contrário, acodem-me a mim como a vós, e eu vos digo: É impossível que o general, na véspera de uma batalha, tenha partido sem dizer nada a ninguém. Há qualquer coisa de estranho em tudo isso e, em lugar de ficar ociosos e esperar, deveis empregar toda a vigilância, toda a atividade possível. Sou vosso prisioneiro, sob palavra ou de outra forma qualquer. A minha honra está tão interessada em saber o que foi feito do General Monck, que se me dissésseis: Parti! Eu diria: Não, fico. E se me pedísseis a opinião, ajuntaria: Sim, o general foi vítima de uma conspiração, pois se pretendesse deixar o acampamento, ter-me-ia avisado. Portanto, procurai, vasculhai, vasculhai a terra, vasculhai o mar; o general não partiu ou, pelo menos, não partiu por sua livre e espontânea vontade.

O tenente fez sinal aos outros oficiais.

— Não, senhor — disse ele — não; agora sois vós quem vai longe demais. O general não pode ser vítima dos acontecimentos e, muito pelo contrário, deve tê-los dirigido. O que Monck está fazendo a esta hora, já o fez muitas vezes. Fazemos mal, portanto, de alarmar-nos; a sua desaparição será curta; por isso mesmo guardemo-nos, por uma pusilanimidade que ele nos reprocharia como um crime, de divulgar-lhe a ausência, que poderia desmoralizar o exército. Dá-nos Monck uma prova imensa de sua confiança em nós, mostremo-nos dignos dela. Senhores, cubra tudo isto o mais profundo silêncio como véu impenetrável; detenhamos este senhor, não por suspeitarmos dele, mas para garantir com maior eficácia o segredo do afastamento de Sua Senhoria; por isso, até segunda ordem, ficará alojado no quartel-general.

— Senhores — disse Athos — esqueceis que esta noite Sua Senhoria me confiou um depósito pelo qual devo velar. Dai-me a guarda que vos aprouver, acorrentai-me, se quiserdes, mas deixai-me como prisão a casa em que moro. Juro, à minha fé de gentil-homem, que o general, ao regressar, vos censuraria por havê-lo desagradado neste ponto.

Consultaram-se os oficiais; e, após a conferência:

— Seja, senhor — disse o tenente; — regressai à vossa casa.

A seguir, deram a Athos uma guarda de cinqüenta homens, que o encerrou dentro de casa, sem perdê-lo de vista um só instante.

O segredo continuou guardado, mas as horas, os dias se escoaram sem que o general voltasse e sem que ninguém tivesse notícias suas.

Capítulo XXVIII - A mercadoria de contrabando

DOIS dias após os sucessos que acabamos de referir, ao passo que a cada instante era embalde esperado o General Monck no acampamento, uma faluazinha holandesa, tripulada por dez homens, ancorou na praia de Scheveningen, obra de um tiro de canhão do litoral. Era noite fechada, escuríssima, e a maré subia na escuridão: hora excelente para o desembarque de passageiros e mercadorias.

A baía de Scheveningen forma um vasto crescente; pouco profunda e, sobretudo, pouco segura, lá só se vêem surtas grandes barcaças flamengas ou as canoas holandesas que os pescadores arrastam para a praia sobre rolos, como faziam os antigos, no dizer de Virgílio.

Quando a maré aumenta, sobe e empurra tudo para a terra, tornando arriscada a aproximação de qualquer navio, pois, soprando um vento fresco, a proa encalha na areia, que nesse lugar é esponjosa, isto é, agarra facilmente mas solta com dificuldade. Foi sem dúvida por essa razão que a chalupa se alongou da falua assim que esta lançou ferro, tripulada por oito marinheiros, no meio dos quais se distinguia um objeto de forma oblonga, espécie de cesta grande ou fardo.

A praia estava deserta: os poucos pescadores que habitavam a duna já se haviam recolhido. A única sentinela que guardava a costa (aliás muito mal guardada, visto que seria impossível o desembarque de um navio grande), sem ter podido seguir o exemplo dos pescadores que tinham ido para cama, até certo ponto os imitara, pois dormia no fundo da guarita tão profundamente quanto eles dormiam nas tarimbas. O único ruído que se ouvia era, portanto, o silvo da brisa noturna que perpassava pelas urzes. Mas deviam ser desconfiadas as pessoas que se avizinhavam, pois nem o silêncio real nem a aparente solidão bastaram a tranqüilizá-las; por isso mesmo a chalupa, visível apenas como um ponto mais escuro sobre o oceano, deslizou sem ruído e quase sem remos para não ser ouvida e foi abicar no sítio mais próximo da costa.

Assim que o fundo da canoa encontrou resistência, um homem saltou de dentro dela, depois de ter dado uma ordem breve, com voz que denotava hábitos do comando. Em conseqüência dessa ordem, reluziram de pronto vários mosquetes às tíbias claridades do mar, espelho do céu, e o fardo oblongo de que já falamos, que encerrava sem dúvida algum objeto de contrabando, foi transportado para a terra com infinitas precauções. Sem perder um segundo, o homem que desembarcara primeiro correu diagonalmente na direção da aldeia de Scheveningen, tocando-se para a ponta mais saliente do bosque. Lá encontrou uma casa que já tivemos ocasião de lobrigar entre as árvores e que designamos como a residência provisória, modestíssima, daquele a quem chamavam por cortesia rei de Inglaterra.

Como em toda a parte, dormia tudo na casa; só um canzarrão, da raça dos que os pescadores de Scheveningen jungem a carrocinhas para levarem os peixes a Haia, começou a desferir latidos formidáveis assim que se ouviram os passos do estrangeiro diante das janelas. Mas, em vez de assustar o desconhecido, essa vigilância pareceu causar-lhe, ao contrário, grande alegria, pois temendo que a sua voz fosse insuficiente para acordar os moradores da casa, supunha que tão sonoro auxiliar a tornaria quase inútil. Esperou o estrangeiro que os ladridos ruidosos e reiterados surtissem efeito, e arriscou uma chamada. À sua voz, pôs-se o cão a rugir com tamanha violência que logo se ouviu no interior da casa outra voz, buscando aquietar a do cachorro. Depois, quando este sossegou:

— Que quereis? — perguntou a segunda voz, fraca, quebrada e polida a um tempo.

— Procuro Sua Majestade, o Rei Carlos II — respondeu o estrangeiro.

— Que lhe quereis?
— Falar com ele.
— Quem sois?
— Ah! com seiscentos diabos! Isso já é muito perguntar! Não gosto de conversas através de portas.
— Dizei apenas o vosso nome.
— Também não gosto de dizer o meu nome ao ar livre; aliás, tranqüilizai-vos, não comerei o vosso cão e peço a Deus que ele tenha para comigo as mesmas intenções.
— Trazeis notícias, talvez, senhor? — tornou a voz, paciente e inquisitiva como a de um velho.
— Ora, se trago! Notícias que nunca poderíeis esperar! Abri, por favor!
— Senhor — continuou o velho — por vossa alma e por vossa consciência, acreditais que elas valham a pena de se acordar el-rei?
— Pelo amor de Deus! meu caro senhor, desaferrolhai a porta e juro que não dareis por mal empregado o trabalho. Valho o meu peso em ouro, palavra de honrai — Mas, senhor, não posso abrir enquanto não me disserdes o nome.
— É indispensável, então?
— São as ordens de meu amo.
— Pois bem! meu nome é o seguinte... mas previno que ele não vos esclarecerá coisa alguma.
— Não faz mal, dizei sempre.
— Pois bem! sou o Cavaleiro d'Artagnan. A voz soltou um grito.
— Ah! meu Deus! — bradou o velho do outro lado da porta — Sr. d'Artagnan! Que felicidade! bem dizia eu a mim mesmo que a voz não me era estranha.
— Ué! — disse d'Artagnan — conhecem-me a voz por aqui. É lisonjeiro.
— Oh! conhecem-na, sim — exclamou o velho abrindo a porta — e eis a prova.
E fez entrar na casa d'Artagnan, que, à luz da lanterna, reconheceu o obstinado interlocutor.
— Ah! com a breca! — exclamou ele — é Parry! Eu devia ter desconfiado.
— Parry, sim, meu caro Sr. d'Artagnan, sou eu mesmo. Quanta alegria de ver-vos!
— Dissestes bem: quanta alegria! — exclamou d'Artagnan apertando as mãos do velho. — Mas, agora, avisareis o rei, não é verdade?
— O rei está dormindo, meu caro senhor.
— Com os demônios! acordai-o e garanto que ele não vos ralhará por isso.
— Vindes da parte do conde?
— Que conde?
— O Conde de La Fère.
— Da parte de Athos? Não; venho da minha. Depressa, Parry, o rei! Preciso do rei.
Entendeu Parry que não devia resistir por mais tempo; conhecia d'Artagnan de longa data; sabia que, embora gascão, as suas palavras nunca prometiam mais do que podiam sustentar. Atravessou um pátio e um jardinzinho, acalmou o cachorro, seriamente inclinado a provar o gosto do mosqueteiro, e foi bater ao postigo de um quarto ao rés-do-chão de um pavilhãozinho.
Imediatamente um cachorrinho que morava no quarto respondeu ao canzarrão que morava no pátio.
— Pobre rei! — disse consigo só d'Artagnan — são esses os seus guardas de honra; é verdade que nem por isso está menos guardado.
— Que me querem? — perguntou o príncipe do fundo do quarto.
— Sire, é o Sr. Cavaleiro d’Artagnan que traz notícias.
Imediatamente se ouviu bulha; abriu-se uma porta e intensa claridade inundou o corredor e o

jardim.

O rei trabalhava à luz de uma lâmpada. Viam-se papéis espalhados sobre a escrivaninha, e ele principiara o rascunho de uma carta, cujas emendas, numerosas, indicavam o trabalho que tivera para escrevê-lo.

— Entrai, senhor cavaleiro — disse o rei, voltando-se. Logo, avistando o pescador:

— Que me disseste, Parry? Onde está o Sr. Cavaleiro d'Artagnan? — perguntou Carlos.

— Diante de Vossa Majestade, Sire — acudiu d'Artagnan.

— Com essas roupas?

— Com essas roupas. Olhe para mim, Sire: não me reconhece Vossa Majestade por me ter visto nas antecâmaras do Rei Luís XIV?

— De fato, senhor, e lembro-me até de que vos constituístes credor da minha estima.

Inclinou-se d'Artagnan.

— Era meu dever proceder como procedi, sabendo que se tratava de Vossa Majestade.

— Sois portador de notícias, cavaleiro?

— Exatamente, Sire.

— Da parte do rei de França, sem dúvida?

— Não, Sire — replicou d'Artagnan. — Vossa Majestade há de ter visto que o rei de França só se ocupa da Majestade dele.

Carlos ergueu os olhos para o céu.

— Não — continuou d'Artagnan — não, Sire. Trago notícias exclusivamente feitas de fatos pessoais. Contudo, ouso esperar que os ouça Vossa Majestade, latos e notícias, com algum favor.

— Falai, senhor.

— Se não me engano, Sire, Vossa Majestade descreveu com veemência em Blois o embaraço em que se encontram os seus negócios de Inglaterra.

Carlos corou.

— Senhor — disse ele — foi apenas ao rei de França que expus...

— Oh! Vossa Majestade não me compreendeu bem — atalhou friamente o mosqueteiro; — eu sei falar aos reis na desgraça; aliás, é só quando são desgraçados que eles me falam; felizes já nem olham para mim. Tenho, pois, por Vossa Majestade, não apenas o mais profundo respeito, mas também o mais absoluto devotamento, e acredite, Sire, isso em mim significa alguma coisa. Ora, ouvindo Vossa Majestade queixar-se do destino, achei-o nobre, generoso, e suficientemente grande para suportar com galhardia o infortúnio.

— Na verdade — sobreveio Carlos, espantado — não sei o que devo preferir, as vossas liberdades ou os vossos respeitos.

— Vossa Majestade escolherá daqui a pouco — replicou d'Artagnan. — Portanto, queixava-se Vossa Majestade a seu irmão Luís XIV da dificuldade que tinha para voltar à Inglaterra e recobrar o trono sem homens e sem dinheiro.

Carlos deixou escapar um movimento de impaciência.

— E o principal obstáculo que se antepunha a Vossa Majestade — prosseguiu d'Artagnan — era certo general que comandava os exércitos do parlamento e lá desempenhava o papel de outro Cromwell. Vossa Majestade não disse isso?

— Disse; mas repito, senhor, que essas palavras se destinavam tão-somente aos ouvidos do rei.

— E Vossa Majestade verá que felizmente caíram nos ouvidos do seu tenente de mosqueteiros. Esse homem tão incômodo para Vossa Majestade era o General Monck, se não me engano; ter-lhe-ei ouvido bem o nome, Sire?

— Sim, senhor; mas, ainda uma vez, a troco de que tais perguntas?

— Oh! Sei muito bem, Sire, que a etiqueta não permite que se interroguem os reis. Espero que daqui a pouco me perdoe Vossa Majestade a falta de etiqueta. Mas Vossa Majestade acrescentou que se, todavia, pudesse vê-lo, conferenciar com ele, tê-lo diante de si, acabaria triunfando, pela força ou pela persuasão, desse obstáculo, o único sério, o único insuperável, o único verdadeiro que se erguera em seu caminho.

— Tudo isso é verdade; o meu destino, o meu futuro, a minha obscuridade ou a minha glória dependem desse homem; mas que pretendeis concluir daí?

— Uma coisa só: que se o General Monck é tão grande estorvo, como diz Vossa Majestade, seria conveniente afastá-lo do caminho de Vossa Majestade ou convertê-lo em aliado seu.

— Senhor, um rei sem exército e sem dinheiro, visto que escutastes a minha conversação, não pode fazer nada contra um homem como Monck.

— Eu sei, Sire, era essa a sua opinião, mas, felizmente para Vossa Majestade, não era a minha.

— Que quereis dizer?

— Que sem exército e sem milhões fiz o que Vossa Majestade não cria poder fazer senão com um exército e um milhão.

— Como! Que dizeis? Que fizestes?

— O que fiz? Pois bem, Sire, fui buscar na Inglaterra esse homem tão incômodo para Vossa Majestade.

— Na Inglaterra?

— Precisamente, Sire.

— Fostes buscar Monck na Inglaterra?

— Terei feito mal, porventura?

— Estais louco!

— Nem um pouquinho, Sire.

— Prendestes Monck?

— Prendi, Sire.

— Onde?

— No meio do acampamento dele.

O rei estremeceu de impaciência e deu de ombros.

— E tendo-o prendido no caminho de Newcastle — concluiu simplesmente d'Artagnan — trago-o a Vossa Majestade.

— Vós mo trazeis! — bradou o rei quase indignado pelo que supunha uma mistificação.

— Sim, Sire — respondeu d'Artagnan no mesmo tom — trago-o a Vossa Majestade; há lá embaixo uma caixa grande, cheia de buraquinhos, para que ele possa respirar.

— Meu Deus!

— Oh! fique tranqüilo, Sire, tivemos com ele o máximo cuidado. Chega, portanto, o general em bom estado e muito bem acondicionado. Deseja Vossa Majestade vê-lo, conversar com ele, ou prefere mandar atirá-lo n'água?

— Oh! meu Deus! — repetiu Carlos — oh! Meu Deus! senhor, falais verdade? Não me estais insultando com algum indigno gracejo? Teríeis executado esse rasgo inaudito de audácia e de gênio? Impossível!

— Permite Vossa Majestade que eu abra a janela? — inquiriu d’Artagnan, abrindo-a.

O rei não teve tempo sequer de responder.

D'Artagnan desferiu um assobio agudo e prolongado, que repetiu três vezes no silêncio da noite.

— Pronto! — disse ele — vão trazê-lo a Vossa Majestade.

Capítulo XXIX - Em que d'Artagnan principia a recear ter mal empregado o seu dinheiro e o de Planchet

O REI não podia recobrar-se da surpresa, e ora fitava o rosto sorridente do mosqueteiro, ora a janela escura que se abria para a noite. Mas antes que tivesse coordenado as idéias, oito homens de d'Artagnan, pois dois tinham, ficado guardando a barca, trouxeram à casa, onde Parry o recebeu, o objeto de forma oblonga que encerrava, naquele instante, a sorte da Inglaterra.

Antes de sair de Calais, d'Artagnan mandara fabricar nessa cidade uma espécie de ataúde suficientemente alto e largo para que um homem pudesse mexer-se à vontade dentro dele.

Convenientemente acolchoados, o fundo e os lados formavam um leito assaz macio para que as sacudidelas não convertessem essa espécie de jaula em instrumento de tortura. A gradezinha de que d'Artagnan falara ao rei, semelhante à viseira de um elmo, fora colocada à altura do rosto do homem e feita de modo que, ao menor grito, súbita pressão abafasse o grito e, se fosse preciso, a pessoa que gritara.

D'Artagnan conhecia tão bem a sua equipagem e tão bem o seu prisioneiro, que, durante todo o trajeto, temera duas coisas: que o general preferisse a morte ao estranho cativeiro e se esganasse de tanto gritar, ou que os guardas se deixassem tentar pelos oferecimentos do prisioneiro e o pusessem a ele, d'Artagnan, dentro da caixa, em lugar de Monck.

Daí que tivesse passado os dois dias e as duas noites ao pé do cofre, sozinho com o general, oferecendo-lhe vinhos e alimentos que ele recusara e buscando eternamente tranqüilizá-lo sobre o destino que o esperava após o singular cativeiro. Duas pistolas sobre a mesa e a espada nua desapoquentavam-no em relação às indiscrições exteriores.

Chegando a Scheveningen, ficou inteiramente sossegado. Apavorava os seus homens a perspectiva de um conflito com os senhores da terra. Ademais, interessara em sua causa o homem que lhe servia moralmente de tenente, e que vimos responder ao nome de Menneville.

Não sendo um espírito vulgar esse homem tinha mais que perder do que os outros, porque tinha mais consciência do que eles. Acreditava futuroso para si o serviço de d'Artagnan e, por conseqüência, ter-se-ia feito picar em pedacinhos antes de violar a ordem dada pelo chefe. Por isso mesmo foi a ele que, desembarcando, confiara d'Artagnan a caixa e a respiração do general. Foi a ele também que recomendara mandasse transportar a caixa por sete homens assim que ouvisse o terceiro assobio. Vê-se que o tenente obedecera.

Introduzido o cofre em casa do rei, d'Artagnan dispensou os homens com um gracioso sorriso e disse-lhes:

— Senhores, prestastes um grande serviço a Sua Majestade o Rei Carlos II, que, dentro de seis semanas, será o rei de Inglaterra. Tereis dupla gratificação; ide esperar-me no navio.

Diante disso, todos se afastaram com transportes de alegria que assustaram o próprio cão.

D'Artagnan mandara colocar o esquife na antecâmara do rei. Fechou com o máximo cuidado as portas; depois, abriu a caixa e disse ao general:

— Meu general, tenho mil desculpas que pedir-vos; sei que os meus modos não foram dignos de um homem como vós; mas eu tinha necessidade de que me tomásseis pelo patrão de um barco. De mais a mais, a Inglaterra é um país muito incômodo no que concerne aos transportes. Espero, portanto, que tomeis tudo isso em consideração. Mas aqui, meu general — continuou d'Artagnan —

tendes liberdade para levantar-vos e caminhar.

Dito isso, cortou os liames que prendiam os braços e as mãos do general. Este se ergueu e sentou-se com a fisionomia de um homem que aguarda a morte.

D'Artagnan abriu a porta do gabinete de Carlos e anunciou-lhe:

— Sire, aqui está o inimigo de Vossa Majestade, o Sr. Monck; tomei a liberdade de fazer isto para o serviço de Vossa Majestade. Está feito, só lhe resta ordenar, Sire. Sr. Monck — acrescentou, voltando-se para o prisioneiro — estais diante de Sua Majestade o Rei Carlos II, soberano senhor da Grã-Bretanha.

Monck levantou para o jovem príncipe o olhar friamente estóico e respondeu:

— Não conheço aqui nenhum rei da Grã-Bretanha; não conheço sequer uma pessoa digna de usar o nome de fidalgo; pois foi em nome do Rei Carlos II que um emissário, que tomei por homem de bem, armou-me um laço infame. Caí no laço, pior para mim. Agora, vós, o tentador — disse ele ao rei; — vós, o executor — disse a d'Artagnan — recordai o que vou dizer-vos: tendes meu corpo, podereis matá-lo, insisto em que o façais, pois nunca tereis minha alma nem minha vontade. E não me pergunteis coisa alguma, pois, a partir desse momento, nem sequer abrirei a boca para gritar. Tenho dito.

Ele pronunciara essas palavras com a resolução feroz e inabalável do puritano mais ferrenho.

D'Artagnan considerou o prisioneiro como um homem que conhece o valor de cada palavra e que determina esse valor pelo tom em que é pronunciada.

— Na verdade — disse ele baixinho ao rei — o general é um homem decidido; não quer aceitar um naco de pão nem uma gota de vinho há dois dias. Mas como, a partir desse momento, Vossa Majestade decide do destino dele, lavo as minhas mãos, como diz Pilatos.

Em pé, resignado e pálido, Monck esperava com o olhar fixo e os braços cruzados.

D'Artagnan voltou-se para ele.

— Compreendeis, perfeitamente — disse-lhe — que a vossa frase, aliás, muito bonita, não pode satisfazer ninguém, nem a vós mesmo. Sua Majestade queria falar convosco, vós lhe recusastes a entrevista; por que agora, que vos defrontais, que estais aqui por uma força independente da vossa vontade, assumis atitude tão rigorosa, que considero inútil e absurda? Falai, que diabo, nem que seja para dizer não.

Monck não abriu a boca, Monck não virou os olhos, Monck afagou o bigode com ar preocupado, como a dizer que as coisas só poderiam piorar.

Durante esse tempo, Carlos II caíra em profunda reflexão. Pela primeira vez se via diante de Monck, isto é, do homem que tanto desejara ver, e, com o olhar que Deus concedeu às águias e aos reis, sondou-lhe o abismo do coração.

Via, portanto, Monck decidido a morrer sem falar, o que não era extraordinário da parte de homem tão considerável, cujo sofrimento havia de ser cruel naquele momento. Carlos II tomou no mesmo instante uma dessas determinações em que um homem comum joga a vida, um general a fortuna, um rei a coroa.

— Senhor — disse ele a Monck — tendes muita razão em certos pontos. Não vos peço, portanto, que me respondais, mas que me escuteis.

Seguiu-se um momento de silêncio, durante o qual o rei examinou Monck, que permaneceu impassível.

— Há pouco me fizestes uma dolorosa recriminação — continuou o rei. — Dissestes que um emissário meu fora a Newcastle armar-vos uma cilada, e isso, entre parênteses, não terá sido compreendido pelo Sr. D’Artagnan, que aqui está, e ao qual, antes de qualquer outra coisa, devo

agradecimentos muito sinceros pelo seu generoso, pelo seu heróico devotamento.

D'Artagnan fez uma respeitosa reverência. Monck nem pestanejou.

— Pois o Sr. D'Artagnan, e prestai atenção, Sr. Monck, que não digo isto para desculpar-me — prosseguiu o rei — pois o Sr. d'Artagnan foi à Inglaterra espontaneamente, sem interesse, sem ordem, sem esperança, como verdadeiro fidalgo que é, para fazer justiça a um rei desgraçado e acrescentar mais um belo feito às ilustres façanhas de uma existência tão cheia delas.

D'Artagnan corou um pouco e tossiu para recompor-se. Monck não se mexeu.

— Não acreditais no que vos digo, Sr. Monck? — tornou o rei. — Compreendo; semelhantes provas de dedicação são tão raras, que se poderia duvidar da sua realidade.

— Este senhor faria muito mal se não acreditasse em Vossa Majestade — exclamou d'Artagnan — pois o que Vossa Majestade acaba de dizer é a verdade exata, e tão exata que parece que fiz, indo buscar o general, alguma coisa que estraga tudo. E, em realidade, se assim for, fico desesperado.

— Sr. d'Artagnan — bradou o rei pegando na mão do mosqueteiro — crede que vos estou ainda mais reconhecido do que se tivésseis contribuído para o triunfo da minha causa, pois vós me revelastes um amigo ignorado ao qual serei eternamente grato e ao qual hei de querer toda a vida.

E o rei apertou-lhe cordialmente a mão.

— E — continuou, cumprimentando Monck — um inimigo que doravante estimarei pelo seu verdadeiro valor.

Os olhos do puritano lançaram uma chispa, mas uma só, e o rosto, momentaneamente iluminado por ela, voltou à taciturna impassibilidade.

— Portanto, Sr. d'Artagnan — continuou Carlos — eis o que ia acontecer: o Sr. Conde de La Fère, que conheceis, eu creio, partira para Newcastle...

— Athos? — interrompeu d'Artagnan.

— Sim, acho que é esse o seu nome de guerra. O Conde de La Fère, por conseguinte, partira para Newcastle, e ia talvez persuadir o general a aceitar uma conferência comigo ou com os meus partidários, quando interviestes violentamente, segundo parece, nas negociações.

— Com seiscentos diabos! — replicou d'Artagnan — era ele sem dúvida que entrava no acampamento na noite em que lá estive com os meus pescadores...

Um carregar imperceptível de cenho de Monck deu a entender a d'Artagnan que ele adivinhara.

— Sim, sim — murmurou — supus reconhecer-lhe o porte, supus ouvir-lhe a voz. Maldição! Oh! Sire, perdoe-me Vossa Majestade; e eu que julgava ter conduzido tão bem a minha barca!

— Não há nada de mal, senhor — atalhou o rei — a não ser que o general me acusa de lhe haver armado um laço, o que não é verdade. Não, general, não são essas as armas de que eu esperava servir-me convosco; vê-lo-eis dentro em pouco. Enquanto esperamos, empenho a minha fé de gentil-homem; crede-me, senhor, crede-me.

Agora, Sr. D'Artagnan, uma palavrinha.

— Escuto de joelhos, Sire.

— Sois realmente meu, não é assim?

— Vossa Majestade acaba de vê-lo. Inteiramente.

— Bem. De um homem como vós basta uma palavra. Aliás, ao lado da palavra estão os atos.

General, tende a bondade de seguir-me. Vinde conosco, Sr. d'Artagnan.

Muito surpreso, preparou-se d'Artagnan para obedecer. Carlos II saiu, Monck seguiu-o, d'Artagnan seguiu Monck. Carlos tomou o caminho que percorrera o mosqueteiro para ir ter com ele; pouco depois a fresca aragem do mar acariciava o rosto dos três noctâmbulos e, a uns cinqüenta passos de uma portinha que Carlos abriu, viram-se de novo na praia, diante do oceano, que, tendo deixado de

crescer, descansava sobre a areia como um monstro fatigado. Pensativo, cabisbaixo, Carlos II caminhava com as mãos sob a capa.

Monck seguia-o, com os braços livres e o olhar inquieto. D'Artagnan vinha logo a seguir, com o punho nos copos da espada.

— Onde está o navio que vos trouxe, senhores? — perguntou Carlos ao mosqueteiro.

— Lá embaixo, Sire; tenho sete homens e um oficial que me esperam naquela barquinha iluminada por uma fogueira.

— Ah! sim, a barca foi arrastada para a praia, estou vendo; mas com certeza não viestes de Newcastle nessa canoa?

— Não, Sire, fretei por minha conta uma falua que fundeou a um tiro de canhão das dunas. Nessa falua fizemos a viagem.

— Senhor — disse o rei a Monck — estais livre.

A despeito de toda a sua força de vontade, Monck não pôde conter uma exclamação. O rei confirmou-o com a cabeça e continuou:

— Vamos acordar um pescador desta aldeia, que ainda hoje deitará ao mar a sua embarcação e vos conduzirá aonde quiserdes. O Sr. d'Artagnan, aqui presente, vos escoltará. Coloco-o sob a salvaguarda de vossa lealdade, Sr. Monck.

Monck deixou escapar um murmúrio de surpresa, e d'Artagnan um suspiro profundo. Sem parecer advertir-se de nada, bateu o rei à cancela de pinho que fechava a cabana do primeiro pescador da duna.

— Olá, Keyser! — gritou — acorda!

— Quem me chama? — perguntou o pescador.

— Eu, Carlos, rei.

— Ah! Milorde — exclamou Keyser, levantando-se vestido da lona em que se deitara como numa rede — que posso fazer para servi-lo?

— Patrão Keyser — disse Carlos — far-te-ás à vela sem demora. Aqui está um viajante que aluga a tua barca e te pagará regiamente; serve-o bem.

E afastou-se alguns passos para que Monck conversasse livremente com o pescador.

— Quero passar à Inglaterra — explicou o general, que falava o suficiente do idioma holandês para fazer-se compreender.

— Agora mesmo — replicou o patrão: — agorinha mesmo, se quiserdes.

— Mas não será muito demorado?

— Menos de meia hora, Excelência. Meu filho mais velho já está aparelhando o barco, visto que devemos partir para a pesca às três da madrugada.

— E então, está tudo combinado? — perguntou Carlos, aproximando-se.

— Tudo, menos o preço — retrucou o pescador.

— Isso é comigo — volveu Carlos: — este senhor é meu amigo. Monck estremeceu e olhou para Carlos.

— Bem, milorde — replicou Keyser.

Nesse momento se ouviu o filho mais velho de Keyser, que, da praia, fazia soar uma buzina.

— E agora, senhores, parti — disse o rei.

— Sire — acudiu d'Artagnan — digne-se Vossa Majestade conceder-me ainda alguns minutos. Contratei alguns homens, vou partir sem eles, preciso avisá-los.

— Assobiai — sugeriu Carlos, sorrindo.

D'Artagnan assobiou, efetivamente, ao passo que o patrão Keysei respondia ao filho, e quatro

homens, conduzidos por Menneville, acorreram.

— Aqui está uma boa soma por conta — disse d'Artagnan, entregando-lhes uma bolsa que continha duas mil e quinhentas libras em ouro. — Ide esperar-me em Calais, onde sabeis.

E, soltando um suspiro profundo, depositou a bolsa nas mãos de Menneville.

— Como! vós nos deixais? — bradaram os homens.

— Por pouco tempo — retrucou d'Artagnan — ou por muito, quem sabe? Mas com estas duas mil e quinhentas libras e as duas mil e quinhentas que já recebestes, estais pagos segundo o combinado. Separemo-nos, portanto, meus filhos.

— E o navio?

— Não vos preocupeis com ele.

— Mas as nossas coisas estão a bordo.

— Ireis buscá-las e vos poreis incontinente a caminho.

— Sim, comandante.

D'Artagnan voltou para junto de Monck e disse-lhe:

— Senhor, aguardo as vossas ordens, pois vamos partir juntos, a menos que a minha companhia vos seja desagradável.

— Pelo contrário — respondeu Monck.

— Então, senhores, embarquemos! — gritou o filho de Keyser. Carlos saudou nobre e dignamente o general, dizendo-lhe:

— Vós me perdoareis o contratempo e a violência que sofrestes,, quando vos convencerdes de que não os causei.

Inclinou-se Monck profundamente, sem responder.

De seu lado, Carlos timbrou em não dizer nada em particular a d'Artagnan, mas exclamou em voz alta:

— Mais uma vez obrigado, senhor cavaleiro, obrigado pelos vossos serviços. Eles vos serão pagos por Deus Nosso Senhor, que reserva tão-somente a mim, segundo espero, as provações e o sofrimento.

Monck seguiu Keyser e o filho e embarcou-se com eles. Acompanhou-os d Artagnan, murmurando:

— Ah! meu pobre Planchet, receio muito que tenhamos feito um mau emprego de capital!

Capítulo XXX - Tornam a subir as ações de Planchet e companhia

DURANTE a travessia, Monck só se dirigiu a d'Artagnan nos casos de absoluta necessidade. Assim, quando o francês tardava em apresentar-se às refeições, pobres refeições compostas de peixe salgado, biscoito e genebra, Monck chamava-o e dizia-lhe:

— Para a mesa, senhor!

E nada mais. Precisamente porque era muitíssimo conciso nas grandes ocasiões, d'Artagnan não augurava bem desse laconismo para o resultado de sua missão. Ora, como lhe sobrasse muito tempo, quebrava sem cessar a cabeça conjeturando de que maneira Athos vira Carlos II, como conspirara com ele e como, afinal, entrara no acampamento de Monck; e o pobre tenente de mosqueteiros arrancava um pêlo do bigode quando pensava que era Athos sem dúvida o cavaleiro que acompanhava Monck na célebre noite do rapto.

Afinal, depois de duas noites e dois dias, o patrão Keyser abicou no lugar em que Monck, que dera todas as ordens durante a travessia, lhe ordenara o desembarque, precisamente na embocadura do riozinho ao pé do qual Athos elegera a sua habitação.

Declinava o dia; um belo sol, semelhante a um escudo de aço incandescente, mergulhava a extremidade inferior na linha cérula do mar. A falua corria sempre, subindo o rio, bem largo nesse sítio; mas Monck, impaciente, ordenou que tomassem terra, e Keyser desembarcou-o, em companhia de d'Artagnan, na beira lodacenta do rio, no meio das urzes.

Resignado à obediência, d'Artagnan seguia Monck exatamente como o urso acorrentado segue o amo; mas a sua posição humilhava-o por seu turno, e ele resmoneava baixinho que o serviço dos reis é amargo, e que o melhor de todos não vale nada.

Monck caminhava a passos largos. Dir-se-ia que ainda não tivesse absoluta certeza de haver reconquistado o solo inglês, e já se avistavam distintamente as primeiras casas de marujos e pescadores espalhadas sobre o cais do portozinho.

A súbitas, bradou d'Artagnan:

— Deus me perdoe, mas aquela casa está pegando fogo! Monck ergueu a vista. Era, de fato, um incêndio que principiava a lavrar numa casa. Fora ateado num telheirozinho pegado, cujo teto já começava a ser devorado pelas chamas, que o vento fresco da tarde açulava.

Os dois viajantes estugaram o passo, ouviram uma gritaria e viram, mais perto, soldados agitando armas e brandindo o punho na direção da casa incendiada. Essa ameaçadora ocupação impedira-os, sem dúvida, de observar a entrada da falua.

Monck estacou de improviso e, pela primeira vez, traduziu verbalmente o pensamento.

— Eh! — disse ele — talvez já não sejam os meus soldados, mas os de Lambert.

Essas palavras encerravam, ao mesmo tempo, um pesar, uma apreensão e um reproche, que d'Artagnan compreendeu perfeitamente. Durante a ausência do general, Lambert poderia ter oferecido combate, vencido, dispersado os parlamentares e desalojado com o seu exército o exército de Monck, privado de seu apoio mais firme. A essa dúvida, que passou do espírito do general para o seu, fez d'Artagnan o seguinte raciocínio:

— De duas uma: ou Monck acertou e só há lambertistas por aqui, isto é, inimigos que me receberão maravilhosamente, porque a mim deverão a vitória, ou nada mudou, e Monck, transportado de satisfação ao encontrar o seu acampamento no mesmo lugar, não se mostrará muito duro nas

represálias.

Assim pensando, adiantavam-se os dois viajantes e, a certa altura, viram-se no meio de um grupozinho de marujos que assistiam, confrangidos, ao incêndio da casa, mas que não se atreviam a protestar, assustados pelas ameaças dos soldados. Monck dirigiu-se a um dos marinheiros.

— Que aconteceu? — perguntou.

— Senhor — respondeu o homem, que não o reconhecera por oficial debaixo da espessa capa que o envolvia — aconteceu que essa casa era habitada por um estrangeiro, que se tornou suspeito aos soldados. Estes quiseram invadir-lhe a residência a pretexto de conduzi-lo ao acampamento; mas ele, sem se intimidar com o número dos outros, ameaçou de morte o primeiro que transpusesse a soleira da porta; e como um dos soldados não fizesse caso da ameaça, o francês derrubou-o com um tiro de pistola.

— Ah! É francês? — sobreveio d'Artagnan esfregando as mãos. — Bom!

— Como, bom? — acudiu o pescador.

— Não, eu queria dizer... depois... a minha língua se atrapalhou.

— Depois? Os outros ficaram furiosos como leões; deram mais de cem tiros de mosquete na casa; mas o francês se abrigara atrás do muro, e cada vez que alguém tentava entrar pela porta, recebia um tiro do lacaio dele, que atira bem, e cada vez que alguém ameaçava a janela, encontrava a pistola do amo. Contai, há sete homens estendidos no chão.

Chaque fois qu'on menaçait la fenêtre, on rencontrait le pistolet du maître.

— Ah! meu bravo compatriota! — bradou d'Artagnan — espera, espera, vou ter contigo e daremos

cabo de toda essa canalhada!

— Um instante, senhor — atalhou Monck — esperai.

— Muito tempo?

— Não, o necessário para fazer uma pergunta.

Logo, voltando-se para o marinheiro:

— Meu amigo — perguntou com certa comoção, que, apesar de todo o seu domínio sobre si mesmo, não conseguiu disfarçar — de quem são esses soldados?

— E de quem haveriam de ser se não daquele danado do Monck?

— Não se travou nenhuma batalha?

— Para quê? O exército de Lambert derrete como neve em abril. Tudo vem a Monck, oficiais e soldados. Daqui a oito dias, Lambert já não terá cinqüenta homens.

O pescador foi interrompido por nova descarga de tiros sobre a casa e por novo tiro de pistola que derrubou o mais atrevido dos agressores. A cólera dos soldados atingiu o auge.

O fogo subia sempre e um penacho de chamas e fumaça turbilhoava no telhado. D'Artagnan não se pôde conter por mais tempo.

— Com a breca! — disse ele a Monck olhando-o de través — sois general e deixais que os vossos soldados queimem as casas e assassinem os outros! E contemplais tudo isso tranqüilamente, esquentando as mãos ao lume do incêndio! Com a breca! Não sois um homem!

— Paciência, senhor, paciência — disse Monck sorrindo.

— Paciência! Paciência! Até que esse fidalgo tão valente morra grelhado?

E fez menção de precipitar-se.

— Ficai, senhor — ordenou imperiosamente Monck.

E endereçou-se à casa. Nesse mesmo instante um oficial acabava de aproximar-se dela e dizia ao assediado:

— A casa está ardendo, serás assado daqui a uma hora! Ainda há tempo; vamos, se nos disseres o que sabes sobre o General Monck, poupar-te-emos a vida. Responde, ou por São Patrício!...

O assediado não respondeu; sem dúvida carregava de novo a pistola.

— Fomos buscar reforços — continuou o oficial; — daqui a um quarto de hora haverá cem homens em torno dessa casa.

— Para responder — disse o francês — quero que toda a gente se afaste; quero sair livre e ir sozinho ao acampamento; em caso contrário, terei de matar-me aqui!

— Mil trovões! — bradou d'Artagnan — é a voz de Athos! Ah! Canalhas!

— Mille tonnerres! s'écria d'Artagnan, mais c'est la voix d'Athos! Ah! canaïlles.

E a espada fuzilou-lhe fora da bainha. Monck deteve-o; logo, com voz sonora:

— Olá! Que estão fazendo aqui? Digby, por que esse fogo? Por que esses gritos?

— O general! — gritou Digby deixando cair a espada.

— O general! — repetiram os soldados.

— E então? Que há nisso de espantoso? — perguntou Monck com voz calma.

E quando o silêncio se restabeleceu:

— Vejamos — disse ele — quem ateou o fogo? Os soldados abaixaram a cabeça.

— Como! Pergunto e não me respondem! — tornou Monck. — Censuro e não se corrigem os erros! O fogo ainda está ardendo, não está?

Imediatamente se atiraram os vinte homens em busca de baldes, jarros, tonéis, procurando apagar o incêndio com o mesmo entusiasmo com que minutos antes procuravam propagá-lo. Mas já, antes de tudo, e de todos, d'Artagnan encostara uma escada na casa, gritando:

— Athos! sou eu, eu, d'Artagnan! Não me mates, caro amigo! E minutos depois estreitava o conde nos braços.

Durante esse tempo, Grimaud, que conservava o ar pachorrento, desmantelara a fortificação do rés-do-chão e, tendo aberto a porta, cruzava tranqüilamente os braços sobre o limiar. Somente à voz de d'Artagnan soltara uma exclamação de surpresa.

Apagado o fogo, os soldados apresentaram-se confusos, precedidos por Digby.

— General — disse este último — perdoe-nos Vossa Senhoria. O que fizemos foi por amor de Vossa Senhoria, que supúnhamos perdido.

— Estais loucos, senhores! Perdido! Perde-se, acaso, um homem como eu? Dar-se-á que eu não possa ausentar-me sem avisar? Porventura me tomais por um burguês de Londres? E um fidalgo, meu amigo, hóspede meu, deve ser assediado, encurralado, ameaçado de morte, por que desconfiais dele? Que significa essa palavra, desconfiar? Deus me dane se não mando fuzilar os que escaparam ao bravo fidalgo!

— General — acudiu lastimosamente Digby — éramos vinte e oito e oito já se foram.

E minutos depois estreitava o conde nos braços.

— Pois eu autorizo o Sr. Conde de La Fère a mandar os vinte que restam juntarem-se aos oito — disse Monck.

E estendeu a mão a Athos.

— Todos para o acampamento — ordenou Monck.

— Sr. Digby, ficareis detido um mês.

— General...

— Isso vos ensinará, senhor, a não agir outra vez sem minha ordem.

— Recebi ordens do tenente, general.

— O tenente não pode dar ordens semelhantes, ficará preso em vosso lugar se efetivamente ordenou que queimassem o fidalgo.

— Ele não ordenou isso, general; ordenou que o levássemos ao acampamento; mas o senhor conde não quis seguir-nos.

— Eu não quis que entrassem em minha casa para saqueá-la — corrigiu Athos, dirigindo um olhar significativo a Monck.

— E fizestes muito bem. Ao acampamento, já vos disse! Os soldados afastaram-se, cabisbaixos.

— Agora que estamos sós — disse Monck a Athos — fazei-me o favor de explicar porque teimastes em ficar aqui, tendo a falua que...

— Eu o esperava, general — redarguiu Athos; — Vossa Senhoria não marcara encontro comigo dentro de oito dias?

Um olhar eloqüente de d'Artagnan deu a entender a Monck que aqueles dois homens, tão bravos e tão leais, não se tinham conluiado para raptá-lo.

Ele já o sabia.

— Senhor — disse ele a d'Artagnan — tínheis toda a razão. Por favor, deixai-me conversar um momento com o Sr. Conde de La Fère.

D'Artagnan aproveitou o intervalo para ir cumprimentar Grimaud.

Monck pediu a Athos que o conduzisse ao quarto que este habitava, ainda cheio de fumaça e destroços. Mais de cinqüenta balas haviam passado pela janela e mutilado as paredes. Lá encontraram mesa, tinteiro e tudo o que era preciso para escrever. Monck pegou numa pena, escreveu

uma linha, assinou, dobrou o papel, selou a carta com a sua chancela e entregou-a ao conde, dizendo-lhe:

— Senhor, levai, por favor, esta missiva ao Rei Carlos II, e parti sem demora, se nada mais vos detém aqui.

— E os barris?

— Os pescadores que me trouxeram vos ajudarão a transportados a bordo. Parti, se for possível, dentro de uma hora.

— Sim, general — disse Athos.

— Sr. D'Artagnan! — gritou Monck pela janela.

D'Artagnan subiu precipitadamente.

— Abraçai o vosso amigo e dizei-lhe adeus, que ele retorna à Holanda.

— À Holanda! — exclamou d'Artagnan — e eu?

— Podeis acompanhá-lo, se quiserdes; mas suplico que fiqueis — disse Monck. — Recusar-me-eis o pedido?

— Oh! não, general, estou às vossas ordens.

D'Artagnan abraçou Athos e mal teve tempo para dizer-lhe adeus. Monck observava-os. Dirigiu pessoalmente os preparativos da partida, o transporte dos barris, o embarque de Athos e, tomando pelo braço d'Artagnan, embasbacado e comovido, levou-o para Newcastle. E enquanto caminhava, de braço dado com Monck, murmurava o mosqueteiro consigo só:

— Ou muito me engano ou já estão subindo as ações da firma Planchet e companhia.

Capítulo XXXI - Revela-se Monck

EMBORA esperasse por um sucesso melhor, D'Artagnan não compreendera muito bem a situação. Constituía para ele grave tema de meditação a viagem de Athos à Inglaterra, as ligações entre o rei e Athos e o estranho entrelaçamento de seu plano com o do Conde de La Fère. O melhor era deixar correrem as coisas.

Cometera uma imprudência, e se bem tudo houvesse dado certo como desejara, via-se despojado das possíveis vantagens do bom êxito.

E já que tudo se perdera, não arriscava mais nada.

D'Artagnan seguiu Monck ao centro do acampamento. O regresso do general produzira um efeito maravilhoso, pois todos o cuidavam perdido. Monck, todavia, com a fisionomia austera e o porte glacial, parecia perguntar aos tenentes afobados e aos maravilhados soldados a causa de tanta alegria. E ao tenente que viera ao seu encontro e lhe dizia da inquietação que de todos se apoderara após a sua partida:

— Por quê? — perguntou. — Sou obrigado a dar-vos conta dos meus atos?

— Mas as ovelhas sem o pastor podem ter medo.

— Ter medo! — respondeu Monck com a voz calma e possante; — ah! senhor, que expressão!... Deus me dane! se as minhas ovelhas não têm dentes nem unhas, desisto de pastoreá-las. Tivestes medo, senhor!

— Por Vossa Senhoria, general.

— Metei-vos com o que vos diz respeito, e se não possuo o espírito que Deus concedeu a Olivério Cromwell, tenho o que ele me enviou; e esse me basta, por pequeno que seja.

O oficial não replicou, e havendo Monck silenciado assim os seus comandados, ficaram todos persuadidos de que ele realizara uma obra importante ou submetera-os a uma prova. Era conhecer muito pouco esse gênio escrupuloso e paciente. Se tinha a boa-fé dos puritanos, seus aliados, Monck devia ter agradecido com muita unção ao santo protetor que o tirara da caixa do Sr. d'Artagnan.

Enquanto se passavam essas coisas, não cessava de repetir o nosso mosqueteiro:

— Meu Deus! Fazei que o Sr. Monck não tenha tanto amor-próprio quanto eu; pois declaro que se alguém me enfiasse num caixão com essa gradinha para respirar, e assim me levasse mar afora, como um novilho, eu conservaria tão triste lembranças da minha lastimosa cara dentro do caixão e uma raiva tão feia de quem me tivesse prendido dentro dele; ficaria com tanto medo de ver surgir no rosto do malicioso um sorriso sarcástico, ou na sua atitude um grotesco arremedo de minha posição dentro da caixa, que, com seiscentos diabos!... eu lhe enterraria o punhal na garganta, em paga da grade, e o pregaria num esquife de verdade em lembrança do esquife de mentira em que me tivesse deixado mofar dois dias.

E d'Artagnan era sincero ao dizer tudo isso, pois tinha a epiderme sensível o nosso gascão. Monck, felizmente, pensava em outra coisa. Não abriu a boca do passado ao tímido vencedor, mas permitiu-lhe examinar de perto os seus trabalhos, levou-o consigo em alguns reconhecimentos, de modo que lograsse o que sem dúvida desejava com veemência: reabilitar-se no espírito de d'Artagnan. Este se houve como consumado lisonjeador: admirou a tática de Monck e a disposição do seu acampamento; motejou agradavelmente as circunvalações de Lambert, que, dizia, se dera ao trabalho inútil de fechar um acampamento para vinte mil homens quando, em realidade, uma geira de terra lhe bastaria para o cabo e os cinqüenta guardas que talvez lhe permanecessem fiéis.

Logo ao chegar, aceitara Monck a proposta de entrevista feita na véspera por Lambert, que os seus tenentes haviam recusado, alegando que o general estava doente. Não foi longa nem interessante a entrevista. Lambert exigiu do rival uma profissão de fé. Este declarou que a sua opinião era a opinião da maioria. Lambert perguntou se não seria mais interessante encerrar a pendência com uma aliança em vez de rematá-la com uma batalha. Monck pediu oito dias para refletir. Ora, Lambert não lho poderia recusar, embora houvesse começado por dizer que devoraria o exército de Monck. E quando, terminada a entrevista, que os comandados de Lambert haviam esperado com impaciência, nada se decidiu, nem tratado nem batalha, o exército rebelde começou, como o previra d'Artagnan, a preferir a boa causa à má, e o parlamento, apesar do *Curanchim,* ao vazio pomposo dos desígnios do General Lambert.

De mais a mais, lembravam-se os soldados das boas refeições de Londres, da profusão de cerveja e de *sherry* que o burguês da capital pagava a seus amigos; contemplavam com terror o pão preto da guerra, a água turva do Tweed, salgada demais para o copo, pouco salgada para a panela, e diziam: "Não estaríamos melhor do outro lado?

Os assados não se esquentam em Londres para Monck?"

A partir desse momento só se ouviu falar em deserção no exército de Lambert. Os soldados deixavam-se arrastar pela força dos princípios, que são, como a disciplina, o elo obrigatório de todo corpo constituído com uma finalidade qualquer. Monck defendia o parlamento, Lambert atacava-o. Monck não tinha mais vontade do que Lambert de sustentar o parlamento, mas ele o havia escrito em suas bandeiras, de sorte que os do partido contrário ficaram reduzidos a escrever nas suas: "*Rebelião"*, palavra que soava mal a ouvidos puritanos. Vieram, pois, de Lambert a Monck, como vêm os pecadores de Bal a Deus.

Monck calculou: a mil deserções por dia, Lambert resistiria vinte dias; mas há nas coisas que desabam tamanho acréscimo de peso e velocidade combinados, que cem partiram no primeiro dia, quinhentos no segundo, mil no terceiro. Cuidou o general que tivesse atingido a sua média. De mil, porém, a deserção passou logo a dois mil, depois a quatro mil e, oito dias depois, sentindo que já não poderia aceitar a batalha se lha oferecessem, Lambert tomou a sábia resolução de muscar-se durante a noite para voltar a Londres e antecipar-se a Monck reconstruindo uma potência com os destroços do partido militar.

Mas, livre e sem inquietudes, marchou Monck sobre Londres como vencedor, engrossando de caminho o seu exército com todos os partidos flutuantes que encontrava. Foi acampar em Barnet, isto é, a quatro léguas de distância, querido do parlamento, que supunha ver nele um protetor, e esperado pelo povo, que queria vê-lo definir-se antes de julgá-lo. Nem o próprio d'Artagnan pudera ajuizar-lhe da tática. Observava e admirava. Monck não poderia entrar em Londres como adepto de um partido qualquer sem desencadear a guerra civil. Contemporizou por algum tempo.

De súbito, inesperadamente, expulsou de Londres o partido militar, instalou-se na capital no meio dos burgueses por ordem do parlamento; depois, quando os burgueses já gritavam contra ele, quando os próprios soldados acusavam os chefe, Monck, vendo-se com a maioria, declarou ao parlamento do *Curanchim* que era preciso abdicar e dar lugar a um governo que não fosse uma farsa. Pronunciou a declaração apoiado em cinqüenta mil espadas, às quais, nessa mesma noite, se juntaram, com gritos de alegria delirante, quinhentos mil habitantes da boa cidade de Londres.

Afinal, no momento em que o povo, após o triunfo e os orgíacos banquetes em plena rua, procurava com os olhos o amo que lhe cumpria escolher, soube-se que um navio zarpara da Haia trazendo a bordo Carlos II e a sua fortuna.

— Senhores — disse Monck aos oficiais — vou ao encontro do rei legítimo. Quem for por mim,

siga-me.

Imensa aclamação acolheu-lhe as palavras, que D'Artagnan não ouviu sem um estremecimento de prazer.

— Com a breca! — disse ele a Monck — foi um golpe temerário, senhor!

— Acompanhar-me-eis? — perguntou Monck.

— Que dúvida, general! Mas dizei-me, por favor, o que escrevestes para Athos, isto é, para o Sr. Conde de La Fère... já sabeis... no dia da nossa chegada?

— Não tenho segredos para vós — replicou Monck; — escrevi estas palavras: *"Sire, espero Vossa Majestade daqui a seis semanas em Douvres"*.

— Ah! — exclamou d'Artagnan — já não digo que o golpe foi temerário; digo que foi muitíssimo bem dado. Um golpe de mestre.

— Como os vossos — replicou Monck.

Foi a primeira e última alusão feita pelo general à sua viagem a Haia.

Capítulo XXXII - De como Athos e d'Artagnan voltaram a encontrar-se na Estalagem do Chifre do Veado

O REI da Inglaterra fez a sua entrada triunfal em Douvres e depois em Londres. Mandara buscar os irmãos; levava consigo a mãe e a irmã. A Inglaterra estivera, havia tanto tempo, entregue a si mesma, isto é, à tirania, à mediocridade e ao desvario, que a volta de Carlos II, conhecido apenas dos ingleses como o filho do homem cuja cabeça haviam cortado, foi uma festa para os três reinos. Por isso, todos os votos, todas as aclamações que lhe acompanharam o regresso de tal maneira impressionaram o jovem rei, que este se inclinou ao ouvido de Jaime de Iorque, seu irmão, para dizer-lhe:

— Na verdade, Jaime, até parece que foi por querer que ficamos tanto tempo longe de um país em que somos tão amados.

Um tempo admirável favorecia o cortejo magnífico. Carlos recuperara a mocidade e o bom humor; dir-se-ia transfigurado; riam-lhe os corações como o sol.

Na ruidosa multidão de cortesãos e adoradores, que não pareciam lembrados de haver conduzido ao cadafalso de White-Hall o pai do novo rei, um homem, envergando o uniforme de tenente dos mosqueteiros, contemplava, com o sorriso nos lábios finos e espirituosos, ora o povo que vociferava as suas bênçãos, ora o príncipe que se fingia comovido e cumprimentava sobretudo as mulheres, cujos ramalhetes vinham cair-lhe aos pés do cavalo.

— Que belo ofício o de rei! — dizia esse homem, arrastado pela contemplação e tão absorto que parou no meio do caminho, deixando prosseguir o desfile. — Eis na verdade um príncipe carregado de ouro e pedrarias como um Salomão, esmaltado de flores como um prado na primavera; vai enfiar as mãos à vontade no imenso cofre em que os súditos, fidelíssimos hoje, ontem infidelíssimos, lhe entesouraram uma ou duas carroçadas de ouro.

Atiram-lhe tantas flores que poderiam cobri-lo com elas, quando, há dois meses, se ele se houvesse apresentado, lhe teriam desferido outras tantas balas e petardos. Decididamente já é alguma coisa nascer-se de certo modo, conquanto digam os vilões que pouco lhes faz terem nascido vilões.

O cortejo continuava a desfilar, e, com o rei, as aclamações começavam a afastar-se na direção do palácio, o que não impedia fosse o nosso oficial violentamente empurrado.

— Com seiscentos diabos! — continuava o pensador — eis aí uma multidão que me pisa nos pés e olha para mim como se eu fosse pouca coisa, ou melhor, nada, visto que são ingleses e eu sou francês. Se perguntassem a toda essa gente: "Quem é o Sr. d'Artagnan?" responderiam: *Néscio vós.* Mas se lhes dissessem: "Eis o rei que passa, eis o Sr. Monck que passa", urrariam: "Viva o rei! Viva o Sr. Monck!" até que os seus pulmões se recusassem a funcionar. Entretanto — ajuntou, vendo passar a multidão com o olhar tão inteligente e, às vezes, tão altivo — entretanto, refleti um pouco, boa gente, no que fez o vosso Rei Carlos, no que fez o Sr. Monck e, depois, pensai no que fez este pobre desconhecido a quem chamam o Sr. d'Artagnan. É verdade que o não sabeis, visto que é um desconhecido, mas isso não vos tolhe de refletir. Mas, ora! que importa! Nada impede que Carlos II seja um grande rei, embora tenha gramado um exílio de doze anos, e que o Sr. Monck seja um grande capitão, embora tenha ido à França dentro de uma caixa. E já que se reconhece que um é grande rei e o outro, grande capitão: *Hurrah for tke King Charles II! Hurrah for the captain Monck!*

E a voz misturou-se-lhe às dos milhares de espectadores, que dominou momentaneamente; e, para melhor representar o papel de homem dedicado, ergueu no ar o chapéu. Alguém o segurou no meio do

seu expansivo lealismo (assim se chamava em 1660 o que hoje se chama realismo).

— Athos! — exclamou d'Artagnan. — Tu aqui?

Abraçaram-se os dois amigos.

— Tu aqui! e, estando aqui — continuou o mosqueteiro — não estás no meio de todos os validos, meu caro conde? Tu, o herói da festa, não cavalgas do lado esquerdo de Sua Majestade restaurada, como o Sr. Monck cavalga do lado direito! Com efeito, não compreendo nada do teu caráter nem do caráter do príncipe que tanto te deve.

— Sempre irônico, meu caro d'Artagnan — observou Athos. — Nunca te corrigirás desse feio defeito?

— Mas, enfim, não fazes parte do cortejo?

— Não faço parte do cortejo porque não quero.

— E por que não queres?

— Porque não sou enviado, nem embaixador, nem representante do rei de França, e não me convém mostrar-me assim ao lado de outro rei, que Deus não me deu por amo.

— Homessa! Mas bem que te mostraste ao lado do rei seu pai.

— É outra coisa, amigo: aquele ia morrer.

— E, no entanto, o que fizeste por este...

— Fiz o que devia fazer. Mas sabes que lamento toda e qualquer ostentação. Que o Rei Carlos II, que já não precisa de mim, me deixe agora no meu sossego e na minha obscuridade, é quanto reclamo dele.

D'Artagnan suspirou.

— Que tens? — perguntou-lhe Athos; — até parece que o feliz regresso do rei a Londres te entristece, meu amigo, a ti que fizeste pelo menos tanto quanto eu por Sua Majestade.

— Não é verdade — respondeu d'Artagnan casquinando uma gargalhada de gascão — que fiz também muita coisa por Sua Majestade, sem que ninguém tenha dado por isso?

— Oh! sim — bradou Athos; — e o rei sabe-o, meu amigo.

— Sabe? — atalhou amargamente o mosqueteiro; — à minha fé! Que o não duvido; e neste mesmíssimo instante eu procurava esquecê-lo.

— Mas ele, meu amigo, não o esquecerá, eu te garanto.

— Dizes isso para consolar-me, Athos.

— Do quê?

— Homessa! De todas as despesas que fiz. Eu me arruinei, meu amigo, arruinei-me para a restauração desse jovem príncipe, que acaba de passar cabriolando sobre o seu cavalo Isabel.

— O rei não sabe que te arruinaste; mas sabe que te deve muito.

— E de que me adianta isso, Athos? Dize-o! Pois, afinal de contas, faço-te justiça, trabalhaste nobremente. Mas eu, eu que, na aparência, fiz malograr-se a vossa combinação, fui quem, na verdade, a fez triunfar. Acompanha-me o raciocínio: talvez não tivesses, pela persuasão e pela brandura, convencido o General Monck, ao passo que eu tratei tão mal o querido general que proporcionei ao teu príncipe ensejo de mostrar-se generoso; a generosidade foi-lhe inspirada pelo meu bem-aventurado estouvamento, e Carlos a vê recompensada pela restauração que Monck lhe propiciou.

— Tudo isso, caro amigo, é de uma veracidade impressionante — conveio Athos.

— Pois bem, por mais impressionante que seja, não é menos verdadeiro, caro amigo, que voltarei para casa muito querido do Sr. Monck, que me chama *my dear captain* o dia inteiro, embora eu não seja nem querido dele nem capitão, e muito apreciado pelo rei, que já esqueceu o meu nome; não é menos verdadeiro, dizia eu, que voltarei à minha formosa pátria amaldiçoado pelos soldados que

recrutei acenando-lhes com um pingue solto, e amaldiçoado pelo bravo Planchet, a quem pedi emprestada parte de sua fortuna.

— Como assim? E que diabo vem fazer Planchet em tudo isso?

— Pois é, meu caro: esse rei tão pimpão, tão sorridente, tão adorado, que o Sr. Monck imagina ter restaurado, que tu imaginas ter sustentado, que eu imagino ter feito regressar, que o povo imagina ter reconquistado, e cuja volta ao trono ele próprio imagina ter negociado, não fez nada disso. Tudo mentira. A verdade é esta: Carlos II, rei de Inglaterra, de Escócia e de Irlanda, foi recolocado no trono de seus pais por um merceeiro de França que mora na Rua des Lombards e se chama Planchet. Aí está o que é a grandeza! "Vaidade! diz a Escritura; vaidade! tudo é vaidade!”

Athos não pôde menos de achar graça no chiste do amigo.

— Meu caro d’Artagnan — disse ele apertando-lhe afetuosamente a mão — já deixaste, acaso, de ser filósofo? Já não é para ti uma satisfação ter-me salvado a vida como o fizeste chegando em tão boa hora com Monck, quando aqueles malditos parlamentares queriam assar-me vivo?

— Vamos, vamos — disse d’Artagnan — bem que merecias ser chamuscado, meu caro conde!

— Como! Por haver salvado o milhão do Rei Carlos?

— Que milhão?

— Ah! É verdade, nunca soubeste disso, meu amigo; mas não me queiras mal, o segredo não me pertencia. A palavra *Remember!* Que o Rei Carlos pronunciou no cadafalso...

— E que significa *recorda-te?*

— Exatamente. Essa palavra significa: recordar-te do milhão enterrado nas sepulturas de Newcastle, que pertence a meu filho.

— Ah! muito bem, já compreendo. Mas o que também compreendo, e acho medonho, é que toda vez que Sua Majestade Carlos II pensar em mim, dirá com os seus botões: "Eis aí um homem que quase me comprometeu a coroa. Felizmente fui generoso, grande, cheio de presença de espírito". Eis o que dirá de mim e de si o moço fidalgo de gibão preto muito surrado, que apareceu no castelo de Blois, de chapéu na mão, para pedir-me que o deixasse falar com o rei de França.

— D’Artagnan! D’Artagnan! — disse Athos pousando a mão no ombro do mosqueteiro — não és justo.

— Tenho esse direito.

— Não, pois ignoras o futuro.

D’Artagnan fitou os olhos nos do amigo e disparou a rir.

— Com efeito, meu caro Athos — disse ele — tens umas frases lindas que só ouvi de ti e do Sr. Cardeal Mazarino.

Athos fez um gesto.

— Perdão — continuou, rindo, d’Artagnan — perdão se te ofendo. O futuro! Pois sim! Como são encantadoras as palavras que prometem, e como enchem a boca na falta de outra coisa! Irra! Depois de haver encontrado tantas palavras que prometem, quando encontrarei alguma que dê? Mas deixemos isso — continuou d'Artagnan. — Que fazes aqui, meu caro Athos? És tesoureiro do rei?

— Como! Tesoureiro do rei?

— Sim, uma vez que o rei possui um milhão, precisa de um tesoureiro. O rei de França, que não possui um tostão, tem um superintendente de finanças, o Sr. Fouquet. É verdade que, em compensação, o Sr. Fouquet possui muitos milhões.

— Oh! faz tempo que se gastou o nosso milhão — tornou, rindo também, Athos.

— Compreendo, transmudou-se em cetim, pedrarias, veludos e plumas de todo gênero e cor. Esses príncipes e princesas precisavam muito de alfaiates e costureiras... Eh! Athos, não te lembras do que

gastamos para equipar-nos, quando foi a campanha da Rochela, e fazer também a nossa entrada a cavalo? Duas ou três mil libras, sim, senhor! E um trajo de rei é mais amplo e é preciso um milhão para comprar-lhe o pano. Mas, pelo menos, dize, Athos; se não és tesoureiro, estás bem na corte?

— Ora essa! não sabes?

— Palavra que não sei — respondeu simplesmente Athos.

— Não, não tornei a ver o rei depois de Douvres.

— Quer dizer que também te esqueceu, eira má lhe valha! É de regalar!

— Sua Majestade teve tanto que fazer!

— Oh! — bradou d'Artagnan com uma daquelas caretas espirituosas que só ele sabia compor — palavra que torno a apaixonar-me pelo *Signor* Giulio Mazarino. Como! Meu querido Athos, o rei não voltou a ver-te?

— Não.

— E não estás furioso?

— Eu! por quê? Imaginas, meu caro d'Artagnan, que foi pelo rei que fiz o que fiz? Não conheço esse rapaz. Defendi o pai, que representava um princípio sagrado para mim, e ajudei o filho por simpatia ao mesmo princípio. De resto, como deves estar lembrado, era o pai um digno fidalgo, uma nobre criatura mortal.

— De fato, bravo e excelente homem, que viveu mal, mas morreu muito bem.

— Pois, meu caro d'Artagnan, compreende o seguinte: a esse rei, a esse homem corajoso, a esse amigo do meu pensamento, se ouso dizê-lo, jurei, no momento supremo, conservar fielmente o segredo de um depósito que devia ser entregue ao filho para ajudá-lo na ocasião propícia; o rapaz foi procurar-me; contou-me a sua miséria, ignorando que eu fosse outra coisa para ele do que uma lembrança viva do pai; fiz em favor de Carlos II o que havia prometido a Carlos I, nada mais. Que me importa, pois, que ele seja ou não reconhecido? Foi a mim que prestei serviço, desobrigando-me da responsabilidade, e não a ele.

— Eu sempre disse — tornou d'Artagnan com um suspiro — que o desinteresse é a coisa mais bonita do mundo.

— E tu, caro amigo — continuou Athos — não estás na mesma situação? Se bem compreendi as tuas palavras, comoveu-te a desgraça desse moço; e isso de tua parte foi muito mais bonito que da minha, pois eu tinha um dever que cumprir, ao passo que tu, tu não devias absolutamente nada ao filho do mártir. Não tinhas que pagar-lhe o preço da preciosa gota de sangue que ele deixou cair sobre a minha testa do estrado do cadafalso. O que te levou a agir, a ti, foi tão-somente o coração, o coração nobre e bom que pulsa debaixo do teu aparente ceticismo, da tua sarcástica ironia; empenhaste a fortuna do teu servidor, e a tua quiçá, bem que o desconfio, benfazejo sovina! E ignoram-te o sacrifício. Que importa? Queres devolver a Planchet o dinheiro dele? Compreendo-o, meu amigo, pois não convém que um fidalgo tome emprestado de um inferior e não lhe devolva principal e juros. Venderei La Fère, se preciso for, ou, se não for preciso, alguma herdadezinha. Pagarás Planchet e eu te asseguro que ainda sobrará, nos meus celeiros, o suficiente para nós dois e para Raul. Desse modo, meu amigo, ficarás devendo apenas a ti mesmo, e se bem te conheço, não será para o teu espírito minguada satisfação a de poderes dizer: "Eu fiz um rei". Não tenho razão?

— Athos! Athos! — murmurou d'Artagnan, pensativo — eu já te disse uma vez; no dia em que sermoneares, irei ao sermão; no dia em que me afirmares que existe um inferno, por Deus! começarei a ter medo da grelha e dos tridentes. És melhor do que eu, ou antes, és melhor do que toda a gente, e só reconheço em mim um único mérito, o de não ser invejoso. Tirante esse defeito, Deus me dane! como dizem os ingleses, tenho todos os outros.

— Não conheço ninguém que valha d'Artagnan — replicou Athos; — mais eis-nos chegados, tranqüilamente, à casa em que moro. Não queres entrar, meu amigo?

— Ué! mas é a estalagem do *Chifre do Veado,* se não me falha a memorial — exclamou d'Artagnan.

— Confesso-te, meu amigo, que a escolhi um pouco por causa disso. Gosto das antigas relações, gosto de sentar-me neste lugar em que me deixei cair, prostrado de fadiga, alucinado de desespero, quando voltaste na noite do dia 31 de janeiro.

— Depois de haver descoberto a residência do carrasco mascarado? Sim, foi um dia terrível!

— Vem, então — insistiu Athos, interrompendo-o.

Entraram na sala outrora comum. A hospedaria em geral e aquela sala em particular haviam sofrido grandes transformações; o antigo hospedeiro enriquecera demais para continuar a ser um simples dono de estalagem, fechara as portas da albergaria e convertera a sala de que falamos num armazém de mercadorias coloniais.

Quanto ao resto da casa, alugava-o, trastejado, aos estrangeiros.

Foi com indizível emoção que d'Artagnan reconheceu os móveis do quarto do primeiro andar: as paredes lavradas, as tapeçarias, e até a carta geográfica que Porthos estudava com tanto amor nos momentos de folga.

— Faz onze anos! — bradou d'Artagnan. — Com a fortuna! parece-me que faz um século.

— E a mim, parece-me que faz um dia — acudiu Athos. — Vê a alegria que sinto, meu amigo, de pensar que te tenho aqui, que te aperto a mão, que posso lançar bem longe de mim a espada e o punhal, e tocar sem desconfiança nesta garrafa de xerez. Oh! essa alegria, na verdade, eu só poderia traduzi-la, se os nossos dois amigos estivessem lá, nos dois cantos daquela mesa, e Raul, meu queridíssimo Raul, na soleira da porta, a contemplar-nos com os seus grandes olhos tão brilhantes e tão meigos!

— Sim, sim — assentiu d'Artagnan, deveras comovido. — Aprovo principalmente a primeira parte do teu pensamento: é gostoso sorrir onde já estremecemos tão legitimamente, ao pensar que de um momento para outro poderia surgir o Sr. Mordaunt.

Nesse instante abriu-se a porta e d'Artagnan, apesar de toda a sua coragem, não pôde conter um gesto instintivo de terror. Athos compreendeu-o e explicou, sorrindo:

— É o dono da casa, que me traz alguma carta.

— Sim, milorde — disse o homem — trago de fato uma carta para Vossa Senhoria.

— Obrigado — respondeu Athos, pegando na missiva sem a examinar — Dizei-me, caro senhor, não reconheceis este fidalgo?

O velho ergueu a cabeça e considerou atentamente d'Artagnan.

— Não.

— Pois é um dos amigos de que vos falei, e que se hospedou aqui comigo há onze anos.

— Oh! — tornou o velho — tantos estrangeiros se hospedaram aqui!

— Mas foi no dia 30 de janeiro de 1641 — ajuntou Athos, julgando estimular com o esclarecimento a tarda memória do antigo estalajadeiro.

— É possível — respondeu ele sorrindo — mas faz tanto tempo! E, cumprimentando, saiu.

— Aí está — observou d'Artagnan: — realizai grandes feitos, fazei revoluções, tentai gravar o vosso nome na pedra ou no bronze com fortes espadas, sempre haverá algo mais rebelde, mais duro, mais esquecido que o ferro, o bronze e a pedra: o crânio avelhantado do primeiro botequineiro enriquecido no seu comércio; ele não me reconhece. Pois eu o teria reconhecido.

Athos, sorrindo, abria a carta.

— Ah! — exclamou — uma carta de Parry.
— Oh! oh! — acudiu d'Artagnan — lê, meu amigo, lê, que ela deve conter novidades.
Athos meneou a cabeça e leu:

"Senhor conde,
"El-rei ficou muito pesaroso de não vos ter hoje ao pé de si, à sua entrada: encarrega-me Sua Majestade de o dizer e de recomendá-lo à vossa lembrança. Sua Majestade estará à vossa espera esta noite, no palácio de Saint-James, entre nove e onze horas.
"Sou, com respeito, senhor conde,
"Vosso mui humilde e obediente criado, PARRY".

— Como vês, meu caro d'Artagnan — disse Athos — não devemos desesperar do coração dos reis.
— Não desesperes, tens razão — retorquiu d'Artagnan.
— Oh! caro, caríssimo amigo — volveu Athos, a quem não escapara o imperceptível azedume de d'Artagnan — perdão. Terei acaso ferido, sem querer, o meu melhor camarada?
— Estás louco, Athos, e a prova é que vou conduzir-te ao palácio, até à porta, bem entendido; isso me distrairá.
— Entrarás comigo, meu caro, quero lembrar a Sua Majestade...
— Ora, vamos! — recalcitrou d'Artagnan com verdadeira e pura altivez — se há algo pior do que a gente mendigar é fazer que outros mendiguem pela gente. Partamos, meu amigo, o passeio será encantador; quero, ao passar, mostrar-te a casa do Sr. Monck, que me está hospedando: uma belíssima casa, palavra! Ser general na Inglaterra rende mais do que ser marechal em França, não sabes?
Athos deixou-se levar, entristecido pela simulada alegria de d'Artagnan.
Toda a cidade rejubilava; os dois amigos topavam a cada momento com entusiastas, que lhes pediam, na sua exultação, que gritassem: "Viva o bom Rei Carlos!" D'Artagnan respondia com um resmungo e Athos com um sorriso. Chegaram assim à residência de Monck, diante da qual, como já dissemos, precisavam passar antes de chegar ao palácio de Saint-James.
Athos e d'Artagnan pouco falaram durante o trajeto, por isso mesmo que teriam muito que dizer se o fizessem. Athos pensava que, falando, daria a impressão de mostrar alegria, e que essa alegria talvez magoasse d'Artagnan. Este, por sua vez, receava, se falasse, deixar transparecer um azedume que o tornaria desagradável. Singular emulação de silêncio entre o contentamento e o mau humor! Foi d'Artagnan quem primeiro cedeu ao comichão que de hábito sentia na ponta da língua.
— Não te lembras, Athos — perguntou — do trecho das Memórias de d'Aubigné, em que esse dedicado servidor, gascão como eu, pobre como eu, e eu já ia dizer corajoso como eu, conta as sovinices de Henrique IV? Meu pai sempre dizia que d'Aubigné era mentiroso. No entanto, observa como todos os príncipes descendentes do grande Henrique puxaram por ele!
— Ora, ora, d'Artagnan, os reis de França sovinas? Estás louco, meu amigo.
— Nunca admites defeitos nos outros, tu que és perfeito. Mas, em realidade, Henrique IV era pão-duro e Luís XIII, filho dele, também; sabemo-lo por experiência própria, não é verdade? Gastão levava esse vício ao exagero e, por causa disso, fez-se detestado de tudo o que o rodeava. Henriqueta, pobre mulher! fez bem de ser tacanha, ela que não comia todos os dias nem se aquecia todos os anos; e é um exemplo que legou ao filho, Carlos II, neto do grande Henrique, miserável como a mãe e como o avô. Vejamos, está bem deduzida a genealogia dos forretas?

— D'Artagnan, meu amigo — exclamou Athos — és muito duro para com essa raça de águias que se chamam os Bourbons.

— E eu me esquecia do mais bonito!... o outro neto do bearnês, Luís XIV, meu ex-amo. Há de ser avaro também, pois não quis emprestar um milhão a seu irmão Carlos! Bom! Vejo que te enfadas. Eis-nos, felizmente, perto de minha casa, ou melhor, da casa do meu amigo o Sr. Monck.

— Querido d'Artagnan, tu não me enfadas, tu me entristeces; é uma crueldade, com efeito, ver um homem com os teus méritos afastado da posição que os teus serviços te deveriam ter conquistado; parece-me que o teu nome, caro amigo, é tão radioso quanto os mais belos nomes de guerra e de diplomacia. Dize-me se os Luynes, os Bellegardes e os Bassompierres mereceram como nós fortuna e honrarias; tens razão, cem vezes razão, meu amigo.

D'Artagnan suspirou e, sob o pórtico da casa de Monck:

— Permite — disse ele — que eu deixe a minha bolsa em casa; pois se, no meio da multidão, esses habilíssimos batedores de carteiras de Londres, tão gabados, até em Paris, me furtarem os caraminguás, não poderei regressar à França. Ora, contente saí de França e volto para lá louco de alegria, visto que recuperei todas as minhas velhas prevenções contra a Inglaterra, acrescentadas de muitas outras.

Athos não respondeu.

— Portanto, caro amigo — disse-lhe d'Artagnan — um segundo e vou contigo. Sei que tens pressa de ir buscar as tuas recompensas; mas, acredita, não tenho menos pressa de partilhar da tua alegria, ainda que de longe... Espera-me.

E d’Artagnan transpunha o vestíbulo, quando um homem, metade lacaio, metade soldado, que desempenhava em casa de Monck as funções de porteiro e de guarda, deteve o mosqueteiro e disse-lhe em inglês:

— Perdão, Milorde d’Artagnan.

— Que foi? — replicou o interpelado — que aconteceu? Dar-se-á que o general também me dispensa?... Só me faltava agora ser escorraçado por ele.

Ditas em francês, Essas palavras não impressionaram de maneira alguma a pessoa a quem eram dirigidas, que apenas falava um inglês misturado ao mais selvagem escocês. Mas Athos sentiu-se magoado ao ver que d’Artagnan principiava a parecer que tinha razão.

O inglês mostrou uma carta.

— *From the general* — disse ele.

— Bem, é isso; estou despedido — acudiu o gascão. — Será preciso ler, Athos?

— Deves estar enganado — disse Athos — pois, do contrário, as únicas pessoas de bem que conheço somos tu e eu.

D’Artagnan encolheu os ombros e abriu a carta, ao passo que o inglês, impassível, aproximava dele uma grande lanterna para facilitar-lhe a leitura.

— E então! que tens? — perguntou Athos, vendo modificar-se a fisionomia do leitor.

— Toma, lê — respondeu o mosqueteiro. Athos pegou na folha de papel e leu:

> *"Sr. D’Artagnan, el-rei sentiu muito que não tivésseis vindo a São Paulo com o seu cortejo.*
> *"Diz Sua Majestade que lhe fizestes tanta falta quanto me fizestes a mim, meu caro capitão. Só há um meio de reparar tudo isso. Sua Majestade espera-me às nove horas no palácio de Saint-James; quereis estar lá ao mesmo tempo?*
> *"Sua mui graciosa Majestade marcou essa hora para a audiência que vos concede".*

A carta era de Monck.

Capítulo XXXIII - A audiência

— ENTÃO — exclamou Athos com meiga censura quando d'Artagnan acabou de ler a carta. — Então! — atalhou D'Artagnan, corando de satisfação e um pouco de vergonha por se haver apressado tanto em acusar o rei e o general — é uma gentileza... que não compromete ninguém, é verdade... mas, enfim, é uma gentileza.

— Custava-me acreditar que o jovem príncipe fosse ingrato — disse Athos.

— O fato é que o seu presente ainda está muito próximo do seu passado — replicou d'Artagnan; — mas o caso é que, até agora, tudo indicava que eu tinha razão.

— Concordo, querido amigo, concordo. Ah! eis o teu bom olhar que volta. Não fazes idéia do quanto me sinto feliz.

— Por conseguinte — prosseguiu d'Artagnan — Carlos II recebe o Sr. Monck às nove horas e a mim recebe-me às dez; é uma grande audiência, das que chamamos no Louvre distribuição de água-benta da corte. Postemo-nos debaixo da goteira, caro amigo, vamos.

Athos não respondeu, e ambos se encaminharam, estugando o passo, para o palácio de Saint-James, que a multidão ainda invadia, tentando avistar, pelas janelas, as sombras dos áulicos e os reflexos da pessoa real.

Soavam as oito quando os dois amigos tomaram lugar na galeria cheia de cortesãos e solicitadores. Cada qual dirigiu um olhar àqueles trajos simples, de corte estrangeiro, àquelas duas cabeças tão nobres, tão cheia de caráter e de expressão. De seu lado, depois de medir a assembléia com dois olhares, Athos e d'Artagnan puseram-se de novo a conversar.

Ouviu-se, de repente, um barulhão nas extremidades da galeria: era o General Monck que entrava, seguido de mais de vinte oficiais, à espera de um sorriso seu, pois ele ainda fora na véspera o senhor de Inglaterra e todos vaticinavam um belo futuro ao restaurador da casa dos Stuarts.

— Senhores — disse Monck, voltando-se — lembrai-vos doravante, por favor, de que não sou mais nada. Ontem eu comandava o principal exército da república; esse exército hoje pertence ao rei, em cujas mãos deporei, cm obediência às suas ordens, o meu poder de ontem.

Grande surpresa pintou-se em todos os rostos, e o círculo de adoradores e suplicantes que apertava Monck a pouco e pouco se alargou e se acabou perdendo nas grandes ondulações da multidão. Monck ia esperar na antecâmara como os outros. d'Artagnan não pôde menos de chamar a atenção de Athos, que franziu o cenho.

A súbitas, abriu-se a porta do gabinete de Carlos e o jovem rei apareceu, precedido de dois oficiais de sua casa.

— Boa-noite, senhores — disse ele — o General Monck está aqui?

— Estou, Sire — replicou o velho cabo de guerra.

Carlos correu ao seu encontro e tomou-lhe as mãos com fervorosa amizade.

— General — anunciou em voz alta — acabo de assinar o vosso diploma; sois Duque de Albermale, e a minha intenção é de que ninguém vos iguale em poder e fortuna neste reino, onde, com a só exceção do nobre Montrose, ninguém vos igualou em lealdade, coragem e talento. Senhores, o duque é comandante geral de nossos exércitos de terra e mar, prestai pois as devidas homenagens à sua condição.

Ao passo que toda a gente voltava a comprimir-se, solícita, à roda do general, que recebia esse preito sem perder a impassibilidade ordinária, d'Artagnan disse a Athos:

— Quando a gente pensa que esse ducado, esse comando dos exércitos de terra e mar, todas essas grandezas, numa palavra, couberam numa caixa de seis pés de comprimento por três de largura!

— Amigo — retrucou Athos — grandezas bem mais imponentes cabem em caixas menores ainda, que guardam para sempre o seu conteúdo!...

De improviso avistou Monck os dois fidalgos que se mantinham apartados, à espera de que a multidão se retirasse. Abriu caminho entre os palacianos e dirigiu-se a eles, de sorte que os surpreendeu no meio de suas filosóficas reflexões.

— Faláveis de mim — disse, com um sorriso.

— Milorde — redarguiu Athos — falávamos de Deus também. Monck refletiu por instante e tornou, prazenteiro; — Senhores, falemos um pouco do rei, se vos praz: pois creio que tendes audiência com Sua Majestade.

— Às nove horas — disse Athos.

— Às dez — disse d'Artagnan.

— Entremos neste gabinete — respondeu Monck fazendo sinal aos dois companheiros que o precedessem, no que nenhum consentiu.

Durante esses debates puramente franceses, voltara o rei do centro da galeria.

— Oh! os meus franceses — disse ele no tom de descuidada alegria que, a despeito de tantas tristezas e reveses, não conseguira perder. — Os franceses, meu consolo!

Athos e d'Artagnan se inclinaram.

— Duque, conduzi estes senhores ao meu gabinete. Estou à vossa disposição — ajuntou em francês.

E dispensou prontamente a corte para voltar aos seus franceses, como lhes chamava.

— Sr. d'Artagnan — continuou, entrando no gabinete — folgo em rever-vos.

— Sire! não tem limites a minha alegria de saudá-lo em seu palácio de Saint-James.

— Senhor, quisestes prestar-me enorme serviço, e eu vos sou muitíssimo grato. Se não temesse usurpar os direitos do nosso comandante geral, oferecer-vos-ia algum posto digno de vós ao pé de nossa pessoa.

— Sire — replicou d'Artagnan — deixei o serviço do rei de França prometendo ao meu príncipe não servir outro rei.

— Pois isso — tornou Carlos — me entristece bastante; eu gostaria de fazer muito por vós.

— Sire...

— Vejamos — insistiu Carlos com um sorriso — não posso induzir-vos a faltar à vossa palavra? Duque, ajudai-me. E se vos oferecessem, isto é, e se eu vos oferecesse o comando geral dos meus mosqueteiros?

Inclinou-se d'Artagnan ainda mais que da primeira vez:

— Eu teria o desprazer de declinar do oferecimento de Vossa graciosa Majestade — disse ele; — um gentil-homem tem uma palavra só, e essa palavra, como tive a honra de dizer, foi empenhada ao rei de França.

— Então não se fala mais nisso — tornou o rei, voltando-se para Athos.

E deixou d'Artagnan mergulhado nas dores mais cruciantes da decepção.

— Ah! eu bem dizia! — murmurou o mosqueteiro; — palavras! água benta da corte! Os reis têm sempre um maravilhoso talento para oferecer-nos o que, sabem eles, não aceitaremos e para se mostrarem generosos sem risco. Burro!... burríssimo fui eu por haver esperado!

Durante esse tempo Carlos tratava da mão de Athos.

— Conde — disse ele — fostes para mim um segundo pai; o serviço que me prestastes não pode

pagar-se. Entretanto, pensei em recompensar-vos. Meu pai vos criou cavaleiro da Jarreteira; é uma ordem que nem todos os reis da Europa podem ostentar; criou-vos a rainha regente cavaleiro do Espírito-Santo, outra ordem não menos ilustre; junto a elas este Tosão de Ouro que me mandou o rei de França, a quem o rei de Espanha, seu sogro, entregou dois ao entregar-lhe a filha; mas, em troca, quero pedir-vos um serviço.

— Sire — acudiu Athos, confuso — o Tosão de Ouro para mim! quando o rei de França é o único, em minha terra, que já recebeu essa distinção!

— Quero que sejais em vossa terra e em toda a parte o igual daqueles que os soberanos hajam honrado com o seu favor — disse Carlos, tirando a corrente do pescoço; — e tenho certeza, conde, de que meu pai está sorrindo para mim do fundo de sua sepultura.

— E, todavia, é estranho — cuidou consigo só d'Artagnan, ao passo que o amigo recebia de joelhos a ordem eminente que lhe conferia o monarca — é incrível que eu tenha visto sempre cair a chuva das prosperidades sobre aqueles que me cercam, sem que uma gota me haja sequer atingido! Seria de arrancar os cabelos se eu fosse invejoso!

Ergueu-se Athos e Carlos abraçou-o ternamente.

— General — disse ele a Monck. Logo, emendando, com um sorriso:

— Perdão, eu queria dizer duque. Mas vede, se me engano é porque a palavra duque ainda é curta demais para mim... Vivo procurando um título que a encompride... Eu gostaria de ver-vos tão perto do meu trono que pudesse dizer-vos, como digo a Luís XIV: meu irmão. Oh! achei, e sereis quase meu irmão, pois ora vos faço vice-rei da Irlanda e da Escócia, meu caro duque... Assim, daqui por diante, nunca mais me enganarei.

O duque pegou na mão do rei, mas sem entusiasmo, sem alegria, como fazia todas as coisas. Entretanto, o último favor lhe tocara o coração. Manejando habilmente a sua generosidade, Carlos deixara-lhe tempo para desejar... se bem nunca tivesse podido desejar tudo o que lhe davam.

— Com seiscentos diabos! — grunhiu d'Artagnan — recomeça o dilúvio. Oh! é de perder a cabeça!

E voltou-se com ar tão contrito e tão comicamente lastimoso, que o rei não pôde conter um sorriso. Monck preparava-se para deixar o gabinete e despedir-se de Carlos.

— Mas como! meu fiel — disse o rei ao duque — partis?

— Se nisso consente Vossa Majestade; pois, em verdade, estou cansadíssimo... A emoção do dia deixou-me extenuado: preciso de repouso.

— Mas espero que não partais sem o Sr. D'Artagnan!

— Por que, Sire? — perguntou o velho guerreiro.

— Ora essa! bem sabeis porquê.

Monck fitou em Carlos dois olhos espantados.

— Peço perdão a Vossa Majestade — disse ele — mas não sei... o que quer dizer.

— É possível; mas se esquecestes, o Sr. d'Artagnan não esqueceu. Pintou-se o espanto no rosto do mosqueteiro.

— Vejamos, duque — tornou o rei — não estais alojado com o Sr. d'Artagnan?

— De fato, Sire, tenho a honra de oferecer minha casa ao Sr. d'Artagnan.

— E essa idéia foi única e exclusivamente vossa?

— Única e exclusivamente minha, Sire.

— Pois não poderia ser de outra maneira... o prisioneiro está sempre alojado com o seu vencedor.

Monck enrubesceu por sua vez.

— Ah! é verdade — disse ele — sou prisioneiro do Sr. d'Artagnan.

— Naturalmente, Monck, visto que ainda não pagastes o resgate; mas não vos preocupeis, fui eu quem vos arrancou das mãos do Sr. d'Artagnan, sou eu quem pagará.

Os olhos de d'Artagnan reassumiram a alegria e o brilho; o gascão principiava a compreender.

Carlos adiantou-se para ele.

— O general — disse-lhe — não é rico e, portanto, não poderia pagar-vos o que vale. Eu, sem dúvida, sou mais rico do que ele; mas agora que ele é duque, e se não é rei pouco falta, vale uma soma que nem eu talvez possa pagar. Vejamos, Sr. d'Artagnan, poupai-me: quanto vos devo?

Entusiasmado com o jeito que tomava a coisa, mas inteiramente senhor de si, respondeu o mosqueteiro:

— Sire, Vossa Majestade se assusta sem motivo. Quando tive a ventura de prender Sua Excelência, o Sr. Monck era apenas general; só me é devido, portanto, um resgate de general. Mas haja por bem o general entregar-me a sua espada e eu me darei por muito bem pago, pois não há nada no mundo, além da espada do general, que valha tanto quanto ele.

— *Odds-fish!* como dizia meu pai — exclamou Carlos II; — aí está uma resposta graciosa e um gracioso fidalgo, não é verdade, duque?

— À minha fé que sim, Sire — respondeu o duque. E tirou a espada.

— Senhor — disse ele a d'Artagnan — eis o que pedis. Muitas terão tido lâminas melhores; mas, por modesta que seja a minha, nunca a entreguei a ninguém.

D'Artagnan pegou com orgulho na espada que acabava de fazer um rei.

— Oh! oh! — exclamou Carlos II — como uma espada que me devolveu o trono sairia de meu reino e não figuraria, um dia, entre as jóias da coroa? Não, por minha alma! isso não há de ser! Capitão d'Artagnan, dou duzentas mil libras pela espada: se fôr pouco, dizei-mo.

— É muito pouco, Sire — replicou d'Artagnan com inimitável expressão de seriedade. — Em primeiro lugar, não quero vendê-la; mas Vossa Majestade a deseja, e isso é uma ordem. Portanto obedeço; mas o respeito que devo ao ilustre guerreiro que me ouve obriga-me a estimar em um terço a mais o penhor de minha vitória. Peço, por conseguinte, trezentas mil libras pela espada ou dou-a de graça a Vossa Majestade.

E, segurando-a pela ponta, apresentou-a ao rei.

Carlos pôs-se a rir a bandeiras despregadas.

— Homem de bem e alegre companheiro! *Odds fish,* não é verdade, duque? não é mesmo, conde? Agrada-me e eu gosto dele. Tomai, Cavaleiro d'Artagnan isto é vosso — disse ele.

E, dirigindo-se à mesa, pegou numa pena e redigiu uma ordem de pagamento de trezentas mil libras contra o seu tesoureiro. D'Artagnan recebeu-a e, voltando-se para Monck:

— Ainda assim pedi muito pouco — disse ele; — mas crede-me, senhor duque, eu teria preferido morrer a mostrar-me usurário.

O rei tornou a rir como o mais feliz dos *cokneys* de seu reino.

— Ver-me-eis de novo antes de partir, cavaleiro — disse ele; — precisarei de uma provisão de alegria, agora que se vão os meus franceses.

— Ah! Sire, não se dará com a alegria o que se deu com a espada do duque, e eu farei presente dela a Vossa Majestade — replicou d'Artagnan, cujos pés mal tocavam o solo.

— E vós, conde — ajuntou Carlos voltando-se para Athos — voltai também, tenho uma mensagem importante para confiar-vos. Vossa mão, duque.

Monck apertou a mão do rei.

— Adeus, senhores — disse Carlos, estendendo cada uma das mãos aos dois franceses, que nelas pousaram os lábios.

— E então? — perguntou Athos, quando saíram — estás contente?

— Psiu! — disse d'Artagnan, fremindo de alegria — ainda não voltei da casa do tesoureiro... a goteira pode cair-me na cabeça.

Capítulo XXXIV - Do estorvo das riquezas

D'ARTAGNAN não perdeu tempo, e assim que julgou a ocasião conveniente e oportuna, foi visitar o Sr. Tesoureiro de Sua Majestade.

Teve então o prazer de trocar um pedaço de papel, rabiscado com uma letra muito feia, por uma prodigiosa quantidade de escudos recentissimamente cunhados com a efígie de Sua mui graciosa Majestade Carlos II.

D'Artagnan dominava-se facilmente; nessa conjuntura, porém, não pôde menos de demonstrar uma alegria que o leitor talvez compreenda se tiver alguma indulgência por um homem que, desde o nascimento, nunca vira tantas moedas e rolos de moedas justapostos numa ordem realmente agradável à vista.

O tesoureiro guardou em sacos todos os rolos, fechou cada saco com a chancela das armas de Inglaterra, favor que os tesoureiros não dispensam a toda a gente.

A seguir, impassível e tão polido quanto devia mostrar-se para com um homem honrado com a amizade do rei, disse a d'Artagnan:

— Levai o vosso dinheiro, senhor. O vosso dinheiro! Essas palavras fizeram vibrar mil cordas que d'Artagnan nunca sentira no coração. Mandou colocar os sacos numa carrocinha e voltou para casa meditando profundamente. Um homem que possui trezentas mil libras não pode ter a testa desenrugada: e uma ruga por cada centena de mil libras não é demais.

D'Artagnan fechou-se no quarto, não jantou, não apareceu para ninguém, e, com a lâmpada acesa, a pistola armada sobre a mesa, velou a noite inteira, pensando no meio de impedir que os belos escudos, que do cofre real tinham passado para os seus cofres particulares, passassem dos seus cofres para os bolsos de um ladrão. O melhor meio que achou o gascão foi o de fechar o tesouro momentaneamente debaixo de sete chaves, com fechaduras tão sólidas que punho nenhum pudesse quebrá-las e tão complicadas que nenhuma chave comum pudesse abri-las.

Lembrou-se de que os ingleses são mestres consumados em mecânica e indústria conservadora; e decidiu procurar, ao romper do dia seguinte, um mecânico que lhe vendesse um cofre-forte.

Não precisou ir muito longe. O Sr. Will Jobson, domiciliado em Picadilly, ouviu-lhe as propostas, compreendeu-lhe as dificuldades e prometeu fabricar uma fechadura de segurança que o libertasse de quaisquer temores futuros.

— Eu vos darei — disse ele — um mecanismo novíssimo. A primeira tentativa mais ou menos séria que fizerem contra a vossa fechadura, uma chapa invisível se abrirá, um canhãozinho igualmente invisível disparará uma linda balinha de cobre com o peso de um marco, que deitará por terra o desastrado, com tremendo estardalhaço. Que vos parece?

— Que a idéia é engenhosíssima — respondeu d'Artagnan; — gosto imensamente da balinha de cobre. Muito bem, senhor mecânico, e as condições?

— Quinze dias para a execução e quinze mil libras no ato da entrega — respondeu o artista.

D'Artagnan carregou o sobrolho. Quinze dias eram um prazo suficiente para que todos os larápios de Londres fizessem desaparecer de sua casa a necessidade de um cofre-forte. Quanto às quinze mil libras, era pagar muito caro o que um pouco de vigilância lhe daria por nada.

— Vou refletir — disse ele; — obrigado, senhor.

Voltou correndo para casa; ninguém se aproximara ainda do tesouro.

Nesse mesmo dia, Athos foi visitar o amigo e encontrou-o tão preocupado que não pôde esconder

a sua surpresa.
— Como! — disse ele — estás rico e não estás alegre! Tu que tanto desejavas a riqueza...
— Meu amigo, os prazeres com os quais não estamos acostumados incomodam mais que os nossos pesares costumeiros. Um conselho, por favor. Posso pedir-to, pois sempre tiveste dinheiro: quando a gente tem dinheiro, que é que faz?
— Depende.
— Que fizeste do teu, para que ele não fizesse de ti nem avaro nem pródigo? Pois a avareza resseca o coração, e a prodigalidade afoga-o... não é verdade?
— Fabrício não o diria com maior justeza. Mas, em realidade, o meu dinheiro nunca me incomodou.
— Costumas empregá-lo?
— Não; sabes que tenho uma ótima casa e que essa casa representa o melhor dos meus haveres.
— Eu sei.
— De sorte que serás tão rico quanto eu, mais rico até quando o quiseres, pelo mesmo meio.
— E as rendas? Entesouras?
— Não.
— Que dizes de um esconderijo dentro de uma parede?
— Nunca o utilizei.
— Tens algum confidente, algum financista digno de confiança, que te paga juros a uma taxa razoável?
— De maneira nenhuma.
— Meu Deus! que fazes, então?
— Gasto o que tenho, e só tenho o que gasto, meu caro d'Artagnan.
— Ora, aí está! Mas tu és meio príncipe, e quinze ou dezesseis mil libras de rendas derretem-se em teus dedos; além disso, tens encargos, representação.
— Mas não vejo em que sejas menos fidalgo do que eu, meu amigo, e o teu dinheiro será para ti mais do que suficiente.
— Trezentas mil libras! Dois terços são supérfluos.
— Perdão, mas parece-me que disseste... pelo menos assim o entendi... cuidei que tinhas um sócio...
— Ah! com seiscentos diabos! é verdade! — exclamou d'Artagnan purpureando-se. — Ainda há Planchet. Palavra que me esquecia do Planchet! Pronto! lá se vão cem mil escudos... E é pena, porque a soma era redondinha, bem soante... É verdade, Athos, já não sou rico. Que memória tens!
— Bem boazinha, graças a Deus!
— O bravo Planchet — resmoneou d'Artagnan — não teve um mau sonho. Que belíssimo emprego de capital! Enfim, o que está dito, está dito.
— Quanto lhe dás?
— Oh! não é mau sujeito, eu me arranjarei com ele; tive trabalho, como sabes, gastos, e tudo isso deve ser levado em conta.
— Meu caro, tenho confiança em ti — volveu tranqüilamente Athos — e não receio pelo bom Planchet; os seus interesses estão melhor nas tuas mãos do que nas dele; mas agora que já não tens o que fazer aqui, acho melhor partimos.
Irás agradecer a Sua Majestade, pedir-lhe as suas ordens e, daqui a seis dias, poderemos avistar as torres de Notre-Dame.
— Meu amigo, ando roxo, de fato, por isso, e vou agora mesmo apresentar os meus respeitos ao

rei.
— Pois eu — disse Athos — vou despedir-me de algumas pessoas na cidade e depois estarei à tua disposição.
— Queres emprestar-me Grimaud?
— Com muito prazer... Que pretendes fazer com ele?
— Uma coisa simplíssima, que não o cansará: pedir-lhe que guarde as minhas pistolas, que estão em cima da mesa, ao lado destes cofres.
— Perfeitamente — replicou Athos, imperturbável.
— E ele não se afastará?
— Ficará imóvel como as próprias pistolas.
— Nesse caso, vou apresentar-me a Sua Majestade. Até logo. d'Artagnan chegou, de fato, ao palácio de Saint-James, onde Carlos II, que redigia a correspondência, o obrigou a esperar na antecâmara mais de uma hora.
Enquanto passeava pela galeria, indo das portas às janelas e das janelas às portas, cuidou ver d'Artagnan uma capa igual à de Athos atravessar os vestíbulos; mas no momento em que ia certificar-se, o porteiro chamou-o de parte de el-rei.
Carlos II esfregava as mãos enquanto recebia os agradecimentos do nosso amigo.
— Cavaleiro — disse ele — o vosso reconhecimento não tem razão de ser; não paguei sequer a quarta parte do que vale a história da caixa em que metestes o bravo general... digo, o excelente Duque de Albermale.
E Sua Majestade rompeu às gargalhadas.
Entendeu d'Artagnan que não devia interrompê-lo e manteve-se em atitude discreta.
— A propósito — continuou Carlos — perdoou-vos de verdade o meu querido Monck?
— Se me perdoou? Espero que sim, Sire.
— Bem... a brincadeira foi cruel... *odds-fish!* encaixotar como um arenque o primeiro personagem da revolução inglesa! Em vosso lugar, eu não confiaria muito, cavaleiro.
— Mas, Sire...
— Sei que Monck vos chama seu amigo... Mas ele tem o olhar muito penetrante para não ter memória, e o cenho bem alto para não ser muitíssimo orgulhoso; sabeis, *grande supercilium.*
— "Ainda acabo aprendendo latim" — disse d'Artagnan entre si.
— Uma idéia! — exclamou o rei, encantado — preciso arrumar a vossa reconciliação; hei de fazer as coisas de tal jeito...
D'Artagnan mordeu o bigode.
— Permite Vossa Majestade que eu lhe diga a verdade?
— Dizei-a, cavaleiro, dizei-a.
— Pois bem, Sire, Vossa Majestade me assusta horrivelmente... Se Vossa Majestade arrumar o meu caso, como parece ser o seu desejo, serei um homem perdido, o duque me mandará assassinar.
O rei casquinou nova gargalhada, que trocou em pavor o susto de d'Artagnan.
— Sire, pelo amor de Deus, prometa permitir que eu mesmo trate disso; e, de mais a mais, se Vossa Majestade já não precisa dos meus serviços...
— Não, cavaleiro. Desejais partir? — perguntou Carlos com uma hilaridade cada vez mais inquietante.
— Se Vossa Majestade não mandar outra coisa.
Carlos reassumiu uma expressão quase séria.
— Só uma. Procurai minha irmã, Lady Henriqueta. Ela vos conhece?

— Não, Sire; mas... um velho soldado como eu não é espetáculo agradável para uma jovem e alegre princesa.

— Pois eu quero que minha irmã vos conheça; quero que ela possa, em caso de necessidade, contar convosco.

— Sire, tudo o que é caro a Vossa Majestade será sagrado para mim.

— Bem... Parry! vem, meu bom Parry.

Abriu-se a porta lateral e Parry entrou, com o rosto radiante, assim que avistou o cavaleiro.

— Que está fazendo Rothester? — perguntou o rei.

— Está no canal com as damas — respondeu Parry.

— E Buckingham?

— Também.

— Ótimo. Apresentará o cavaleiro a Villiers... é o Duque de Buckingham, cavaleiro... e pedirás ao duque que apresente o Sr. d'Artagnan a Lady Henriqueta.

Inclinou-se Parry e sorriu para d'Artagnan.

— Cavaleiro — continuou o rei — esta é a vossa audiência de despedida; em seguida, podereis partir quando bem vos parecer.

— Obrigado, Sire!

— Mas não vos esqueçais de fazer as pazes com Monck.

— Oh! Sire...

— Sabeis que um de meus navios está à vossa disposição?

— Vossa Majestade me confunde, e nunca permitirei que os seus oficiais se incomodem por minha causa.

Bateu el-rei no ombro de d'Artagnan.

— Ninguém se está incomodando por vossa causa, cavaleiro, mas por um embaixador que envio à França e que de bom grado acompanhareis, creio eu, visto que o conheceis.

D'Artagnan olhou espantado para o soberano.

— É um certo Conde de La Fère... a quem chamais Athos — acrescentou o rei encerrando a conversação como a encetara, com uma alegre gargalhada. — Adeus, cavaleiro, adeus! Amai-me como eu vos amo.

— Adieu, chevalier, adieu. Aimez-moi comme je vous aime.

E, fazendo um sinal a Parry para perguntar-lhe se não estava alguém esperando no gabinete vizinho, o rei desapareceu nesse gabinete, deixando o cavaleiro espantadíssimo com a singular audiência.

O velho travou-lhe amistosamente do braço e levou-o para os jardins.

Capítulo XXXV - Sobre o canal

SOBRE o canal de águas de um verde opaco rodeado de bordas de mármore em que o tempo já semeara manchas negras e tufos de musgos, derivava, majestosa, comprida barcaça embandeirada com as armas de Inglaterra, encimada de um toldo e alfombrada de longos panos adamascados, cujas franjas se arrastavam na água. Manejando suavemente os remos, oito remeiros, faziam-na deslizar sobre o canal com a graciosa lentidão dos cisnes, que, perturbados em sua antiga possessão pela esteira da barca, viam passar de longe aquele esplendor e aquele ruído. Dizemos ruído porque iam na barcaça quatro tocadores de guitarra e de alaúde, dois cantores e vários cortesões, cobertos de ouro e pedrarias, que exibiam à compita os seus cientes alvos para agradar a Lady Stuart, neta de Henrique IV, filha de Carlos I, irmã de Carlos II, que ocupava sob o toldo da barca o lugar de honra.

Já conhecemos a jovem princesa, vimo-la no Louvre com a mãe, sem lenha e sem pão, alimentada pelo coadjutor e pelos parlamentos.

Tivera, pois, como os irmãos, uma dura juventude; e, de repente, acabara despertando do longo e horrível pesadelo, sentada sobre os degraus de um trono, rodeada de palacianos lisonjeadores. Como Maria Stuart ao sair da prisão, aspirava a liberdade, e a vida e, ademais, o poder e a riqueza.

Crescendo, convertera-se Lady Henriqueta numa beldade notável, que a recente restauração celebrizara. A desgraça despojara-a do brilho do orgulho, mas a prosperidade acabava de devolver-lho. Resplandecia no seu júbilo e no seu bem-estar, semelhante às flores de estufa que, esquecidas uma noite às primeiras geadas do outono, inclinam a cabeça, mas no dia seguinte, reaquecidas à atmosfera em que nasceram, tornam a erguer-se, mais esplêndidas que nunca.

Lord Villiers de Buckingham, filho daquele que desempenha um papel tão célebre nos primeiros capítulos desta história, Lord Villiers de Buckingham, formoso cavaleiro, melancólico ao pé das mulheres, risonho junto dos homens; e Vilmot de Rochester, risonho com ambos os sexos, estavam naquele momento em pé diante de Lady Henriqueta e disputavam o privilégio de fazê-la sorrir.

Buckingham.

Quanto à jovem e bela princesa, reclinada sobre um travesseiro de veludo bordado de ouro, com as mãos inertes e pendentes mergulhadas na água, ouvia displicente os músicos sem lhes prestar atenção, e prestava atenção aos dois cortesões sem parecer ouvi-los.

Criatura cheia de encantos, mulher que aliava as graças de França às de Inglaterra, ainda não amara e era, portanto, cruel em sua tafulice. Daí que o sorriso, ingênuo favor das raparigas, nem lhe aclarasse o rosto, e se ela, às vezes, erguia os olhos, era para fitá-los de tal sorte sobre um ou outro dos cavaleiros, que a galanteria deles, por atrevida que fosse habitualmente, se assustava e intimidava.

A barcaça, porém, continuava a vogar, os músicos tocavam com fúria e os cortesãos, como eles, principiavam a ofegar. O passeio, aliás, devia parecer monótono à princesa, pois, sacudindo subitamente a cabeça, impaciente:

— Vamos — disse ela — chega, senhores; voltemos.

— Ah! senhora — acudiu Buckingham — somos muito infelizes, visto que não conseguimos tornar agradável o passeio a Vossa Alteza.

— Minha mãe está-me esperando — respondeu Lady Henriqueta; — de mais a mais, serei franca: estou-me aborrecendo.

E ao passo que dizia essa frase cruel, tentava consolar com o olhar os dois jovens, que pareciam consternados diante daquela franqueza. O olhar surtiu efeito, os dois rostos se iluminaram; mas imediatamente, como se a real casquilha entendesse que fizera muito por simples mortais, virou as costas aos dois oradores e pareceu mergulhar num devaneio em que eles, evidentemente, não

representavam papel nenhum.

Buckingham mordeu os lábios, colérico, pois estava realmente apaixonado por Lady Henriqueta, e, como tal, levava tudo a sério.

Rochester mordeu também os seus; mas como o espírito nele dominasse o coração, fê-lo pura e simplesmente para reprimir uma gargalhada. A princesa apascentava os olhos na margem de belos e floridos relvados, depois de havê-los desviado dos rapazes. Avistou ao longe Parry e d'Artagnan.

— Quem vem lá? — perguntou.

Os dois fidalgos deram meia volta com a rapidez do raio.

— Parry — respondeu Buckingham — apenas Parry.

— Perdão — acudiu Rochester — mas, se não me engano, vejo com ele um companheiro.

— Isso em primeiro lugar — retrucou languidamente a princesa; — em segundo lugar, que significam estas palavras: "Apenas Parry?" Dizei, milorde.

— Significam, senhora — replicou Buckingham aguilhoado — que o fiel Parry, o errante Parry, o eterno Parry, não tem, a meu ver, grande importância.

— Enganai-vos, duque: Parry, o errante Parry, como dizeis, errou sempre a serviço de minha família, e a vista desse velho é sempre agradável para mim.

Lady Henriqueta seguia a progressão habitual das mulheres bonitas e, sobretudo das mulheres garridas: passava do capricho à contrariedade; o apaixonado sofrera o capricho, o cortesão devia curvar-se ao humor contrariante. Buckingham inclinou-se, mas não respondeu.

— É verdade, senhora — sobreveio Rochester, inclinando-se também — que Parry é o modelo dos servidores; mas já não é moço, e nós só nos rimos ao ver coisas alegres. Será tão alegre assim um velho?

— Basta, milorde — atalhou, seca, Lady Henriqueta. — O assunto não me agrada.

Logo, como se falasse consigo mesma:

— É realmente incrível — continuou — a pouca consideração que têm os amigos de meu irmão pelos servidores dele!

— Ah! Senhora — bradou Buckingham — Vossa Alteza transpassa-me o coração com um punhal forjado por suas próprias mãos.

— Que quer dizer essa frase a modo de madrigal francês, senhor duque? Não a compreendo.

— Que dizer, senhora, que Vossa Alteza mesma, tão boa, tão encantadora, tão sensível, já se riu alguma vez, perdão, quero dizer já sorriu alguma vez dos fúteis disparates do bom Parry, a cujo respeito Vossa Alteza se mostra hoje tão maravilhosamente suscetível.

— Pois bem! milorde — volveu Lady Henriqueta — se cheguei a esquecer-me a esse ponto, fizestes mal de recordar-mo.

E fez um gesto de impaciência.

— Creio que o bom Parry quer falar comigo. Sr. de Rochester, mandai parar a barca, por obséquio.

Rochester deu-se pressa em repetir a ordem da princesa. Um minuto depois a barcaça tocava em terra.

— Desembarquemos, senhores — disse Lady Henriqueta aceitando o braço que lhe oferecia Rochester, se bem que Buckingham estivesse mais perto e tivesse oferecido o seu. E Rochester, com mal dissimulado orgulho, que varou de lado a lado o coração do desditoso Buckingham, ajudou a princesa a atravessar a pontezinha que o pessoal da barca estendera entre esta e a margem.

— Aonde vai Vossa Alteza? — perguntou Rochester.

— Como vedes, milorde, vou ao encontro do bom Parry que erra, como dizia Milorde de

Buckingham, e me procura com os olhos amortecidos pelas lágrimas vertidas sobre os nossos infortúnios.

— Oh! meu Deus! — bradou Rochester — como Vossa Alteza está triste hoje! Devemos, em realidade, parecer-lhe dois loucos ridículos.

— Falai por vossa conta, milorde — interrompeu Buckingham, despeitado; — eu desagrado tanto a Sua Alteza que não lhe pareço absolutamente nada.

Nem Rochester nem a princesa responderam; viu-se apenas Lady Henriqueta arrastar o seu cavaleiro ainda mais rapidamente. Buckingham ficou para trás e aproveitou o isolamento para dar mordidas tão furiosas no lenço de cambraia que o deixou em tiras à terceira dentada.

— Parry, bom Parry — disse a princesa com a sua vozinha — vem por aqui; vejo que me procuras e espero-te.

— Ah! senhora — acudiu Rochester, acorrendo caridosamente em auxílio do companheiro, que, como vimos, ficara para trás — se Parry não enxerga Vossa Alteza, o homem que o acompanha é guia mais que suficiente, até para um cego; pois, na verdade, tem olhos de chama; é um farol de duas lâmpadas esse homem.

— Que alumia uma figura muito bonita e sumamente marcial — observou a princesa, decidida a provocar os dois a propósito de tudo.

Rochester inclinou-se.

— Uma dessas cabeças de soldado como só se vêem em França — acrescentou a princesa com a perseverança da mulher segura da sua impunidade.

Rochester e Buckingham entreolharam-se como se perguntassem:

— Mas que é que ela tem?

— Vede, Sr. de Buckingham, o que deseja Parry — disse Lady Henriqueta: — ide.

O rapaz, que considerava a ordem como um favor, recobrou coragem e correu ao encontro de Parry, que, seguido por d'Artagnan, se aproximava lentamente da nobre companhia.

Parry caminhava devagar por causa da idade.

D'Artagnan caminhava lenta e nobremente, como devia caminhar d'Artagnan acrescentado de um terço de milhão, isto é, sem ostentação, mas também sem timidez. Quando Buckingham, que se dera pressa em obedecer às intenções da princesa, parada ao pé de um banco de mármore, como se a tivessem fatigado os passos que acabara de dar, quando Buckingham, como dizíamos, chegou a alguns passos de Parry, este reconheceu-o.

— Ah! milorde — disse ele, esbaforido — quer Vossa Graça obedecer ao rei?

— Em que, Sr. Parry? — perguntou o jovem com certa frieza temperada pelo desejo de ser agradável à princesa.

— Sua Majestade pede a Vossa Graça que apresente este senhor a Lady Henriqueta Stuart.

— Em primeiro lugar, senhor o quê? — perguntou o duque com sobranceria.

D'Artagnan, como se sabe, abespinhava-se com facilidade; desagradou-lhe o tom de Milorde de Buckingham. Fitou os olhos nos olhos do cortesão e dois relâmpagos lhe fuzilaram debaixo do cenho franzido. Em seguida, fazendo um esforço para dominar-se:

— Sr. Cavaleiro d'Artagnan, milorde — respondeu, tranqüilamente.

— Perdão, senhor, mas esse nome me indica apenas o vosso nome, mais nada.

— Isso quer dizer?

— Que não vos conheço.

— Sou mais feliz do que vós, senhor — respondeu d’Artagnan, — pois tive a honra de conhecer bastante a vossa família e, particularmente, Milorde Duque de Buckingham, vosso ilustre pai.

— Meu pai? — volveu Buckingham. — De fato, senhor, creio agora que me recordo... Sr. Cavaleiro d'Artagnan, dissestes vós?

Inclinou-se d'Artagnan.

— Em pessoa.

— Perdão, mas não sois um daqueles franceses que tiveram com meu pai certas relações secretas?

— Precisamente, senhor duque, sou um daqueles franceses.

— Nesse caso, senhor, permiti que eu vos diga que é estranho que meu pai, durante a sua vida, nunca tivesse ouvido falar de vós.

— Não, senhor, mas ouviu falar de mim no momento de sua morte; fui eu que lhe mandei, pelo lacaio da Rainha Ana d'Áustria, o aviso do perigo que corria; desgraçadamente, porém, o aviso chegou tarde demais.

— Não importa! senhor — disse Buckingham — compreendo agora que, tendo tido a intenção de prestar um serviço ao pai, viestes reclamar a proteção do filho.

— Em primeiro lugar, milorde — retrucou, fleumático, d'Artagnan — não reclamo a proteção de ninguém. Sua Majestade o Rei Carlos II, a quem tive a honra de prestar alguns serviços (devo dizer-vos, senhor, que a minha vida se passou nessa ocupação), o Rei Carlos II, portanto, que se digna honrar-me com alguma benevolência, quis que eu fosse apresentado a Lady Henriqueta, sua irmã, a quem eu talvez venha a ter a ventura de ser útil no futuro. Ora, o rei sabia que estáveis, neste momento, ao pé de Sua, Alteza e dirigiu-me a vós, por intermédio de Parry. Não há outro mistério. Não vos peço absolutamente nada, e se não quiserdes apresentar-me a Sua Alteza, terei o pesar de dispensar a vossa intervenção e o atrevimento de apresentar-me pessoalmente.

— Pelo menos, senhor — replicou Buckingham, que fazia timbre em dizer a última palavra — não recuareis diante de uma explicação provocada por vós.

— Não recuo nunca, senhor — retorquiu d'Artagnan.

— Deveis saber então, já que tivestes relações secretas com meu pai, alguma particularidade especial?

— Essas relações já vão longe, senhor, pois ainda não havíeis nascido, e por algumas infelizes agulhetas de brilhantes que recebi de suas mãos e levei à França não vale a pena despertar tantas recordações.

— Ah! senhor — disse com vivacidade Buckingham aproximando-se de D'Artagnan e estendendo-lhe a mão — sois vós, então! vós que meu pai tanto procurou e que tanto podíeis esperar de nós!

— Esperar, senhor? De fato, é esse o meu forte, e não fiz outra coisa a vida inteira.

Durante esse tempo, cansada de não ver aproximar-se o estranho, a princesa se havia levantado e acercado do grupo.

— Pelo menos, senhor — disse Buckingham — não esperareis a apresentação que reclamais de mim.

Voltou-se e, inclinando-se ante Lady Henriqueta:

— Senhora — disse o rapaz — el-rei deseja que eu tenha a honra de apresentar a Vossa Alteza o Sr. Cavaleiro d'Artagnan.

— Para que tenha Vossa Alteza, em caso de necessidade, um apoio sólido e um amigo seguro — acrescentou Parry.

D'Artagnan inclinou-se.

— Tens ainda alguma coisa para dizer-me, Parry? — tornou Lady Henriqueta sorrindo para d'Artagnan enquanto dirigia a palavra ao velho servidor.

— Tenho, sim, senhora, el-rei deseja que Vossa Alteza guarde religiosamente na memória o nome

e se lembre dos méritos do Sr. d'Artagnan, a quem Sua Majestade deve, segundo diz, a recuperação de seu reino.

Buckingham, a princesa e Rochester entreolharam-se, espantados.

— Isso — acudiu d'Artagnan — é outro segredinho de que, muito provavelmente, não me gabarei ao filho de Sua Majestade o Rei Carlos II como, diante de vós, me gabei das agulhetas de brilhantes.

— Senhora — disse Buckingham — este senhor, pela segunda vez, acaba de recordar à minha memória um sucesso que de tal sorte me excita a curiosidade, que eu me atreveria a pedir a Vossa Alteza permissão para afastá-lo um instante, a fim de conversar com ele em particular.

— Fazei-o, milorde — consentiu a princesa — mas devolvei depressa à irmã o amigo tão dedicado ao irmão.

E ela tomou o braço de Rochester enquanto Buckingham tomava o de d'Artagnan.

— Oh! contai-me, cavaleiro — pediu Buckingham — toda a história dos brilhantes, que ninguém conhece na Inglaterra, nem mesmo o filho daquele que foi o seu herói.

— Milorde, uma única pessoa tinha o direito de contar essa história, como dizeis, e essa pessoa era vosso pai; ele achou melhor calar, eu vos pedirei licença para imitá-lo.

E d'Artagnan inclinou-se como homem que nenhuma instância lograria, manifestamente, demover do seu propósito.

— Já que é assim — tornou Buckingham — suplico-vos que me perdoeis a indiscrição; e se, algum dia, eu também for à França...

E voltou-se para dirigir um olhar à princesa, que não fazia caso dele, absorta que estava, ou parecia estar, na conversação de Rochester.

Buckingham suspirou.

— Então? — perguntou d'Artagnan.

— Eu dizia que, se algum dia também for à França...

— Ireis, milorde — voltou, sorrindo, d’Artagnan — sou eu quem vos garante.

— Por quê?

— Oh! tenho umas predições esquisitas, e quando predigo, raro me engano. Se, portanto, fordes à França?

— Pois bem, a vós, senhor, a quem os reis pedem a preciosa amizade que lhes devolve as coroas, ousarei pedir um pouco do grande interesse que votastes a meu pai.

— Milorde — respondeu d’Artagnan — crede que me sentirei muito honrado se, lá, ainda vos lembrardes de que me vistes aqui. E, agora, permiti...

Voltando-se então para Lady Henriqueta:

— Senhora — disse ele — Vossa Alteza é filha de França e, nessas condições, espero revê-la em Paris. Um de meus dias felizes será aquele em que Vossa Alteza me der uma ordem qualquer pela qual eu veja que não lhe esqueceram as recomendações de seu augusto irmão.

E inclinou-se diante da jovem princesa, que lhe deu a mão para beijar com graça real.

— Ah! senhora — disse baixinho Buckingham — que seria preciso fazer para obter de Vossa Alteza semelhante favor?

— Ora! milorde — respondeu Lady Henriqueta — perguntai ao Sr. D’Artagnan, que vo-lo dirá.

Capítulo XXXVI - De como d'Artagnan tirou, como o faria uma fada, uma casa de recreio de uma caixa de pinho

AS palavras do rei, no que respeitava ao amor-próprio de Monck, não tinham inspirado a d'Artagnan pequenas apreensões. Possuíra o tenente, a vida inteira, a grande arte de escolher os inimigos, e só os aceitava implacáveis e invencíveis quando lhe era totalmente impossível fazer outra coisa. Mas os pontos de vista modificam-se muito na vida, lanterna mágica cujos aspectos são, todos os anos, alterados pela vista do homem. Donde resulta que, do último dia de um ano em que só enxergávamos branco para o primeiro do ano em que só enxergamos preto, há apenas o espaço de uma noite.

Ora, ao partir de Calais com os dez sacripantas, tanto fazia a d'Artagnan brigar com Golias, Nabucodonosor ou Holofernes, quanto cruzar a espada com um recruta ou discutir com a estalajadeira. Lembrava o gavião que ataca em jejum o carneiro, cego de fome. Mas d'Artagnan farto, d'Artagnan rico, d'Artagnan vencedor, d'Artagnan orgulhoso de tão difícil triunfo, d'Artagnan tinha muito que perder para não contar, cifra por cifra, com a provável adversidade.

Remoía pois, ao regressar da apresentação, uma coisa só, a saber, o modo de poupar as suscetibilidades de um homem tão poderoso quanto Monck, um homem que Carlos, embora rei, poupava também; pois, apenas restaurado, poderia ainda o protegido precisar do protetor e, por conseguinte, não lhe recusaria, se preciso fosse, a satisfaçãozinha de deportar o Sr. d'Artagnan ou encarcerá-lo em alguma torre do Middlessex, ou afogá-lo um pouquinho no trajeto marítimo de Douvres a Bolonha. Essas espécies de satisfações sempre foram de uso entre reis e vice-reis, sem maiores conseqüências.

Nem seria preciso que o rei desempenhasse um papel ativo na contraparte da peça em que Monck se desforrasse. Limitar-se-ia o papel do rei a perdoar, pura e simplesmente, ao vice-rei da Irlanda, o que este houvesse feito contra d'Artagnan. Bastaria, para devolver a tranqüilidade à consciência do Duque de Albermale, um *te absolvo* dito entre duas cascalhadas ou um *Charles, the king,* rabiscado embaixo de um pergaminho; e com essas duas palavras pronunciadas ou essas três palavras escritas, o pobre d'Artagnan via-se para todo o sempre enterrado sob as ruínas de sua imaginação.

De mais disso, o que era assaz inquietante para um homem tão previdente quando o nosso mosqueteiro, via-se sozinho, e não lhe bastava a amizade de Athos para serená-lo. Está visto que, se se tratasse de uma boa distribuição de estocadas, o mosqueteiro teria contado com o amigo; mas numa troca de gentilezas com um rei, quando o *talvez* de um desastrado acaso viesse ajudar a justificação de Monck ou de Carlos II, d'Artagnan conhecia suficientemente Athos para ter certeza de que ele daria inteiro crédito à lealdade do sobrevivente e se contentaria em derramar copiosas lágrimas sobre o túmulo do morto e, se o morto lhe fosse caro em compor-lhe depois o epitáfio com os mais pomposos superlativos.

— Decididamente — pensava o gascão, e esse pensamento era o resultado das reflexões que acabara de fazer em voz baixa e nós acabamos de fazer em voz alta — decididamente preciso reconciliar-me com o Sr. Monck e obter a prova de sua perfeita indiferença ao passado. Se, o que Deus não permita, ele ainda estiver enfezado e reservado na expressão desse sentimento, entrego o meu dinheiro a Athos, que o levará consigo, e fico na Inglaterra o tempo suficiente para despistá-lo; depois, como tenho vista boa e pé ligeiro, musco-me assim que perceber o primeiro sinal de hostilidade, escondo-me em casa de Milorde de Buckingham, que, apesar dos pesares, me parece um

bom sujeito e, como prêmio à sua hospitalidade, conto-lhe a história inteirinha dos brilhantes, que já não pode comprometer senão uma rainha velha, que, sendo mulher de um ladrão deslavado como o Sr. de Mazarino, pode passar muito bem por ter sido amante de um belo fidalgo como Buckingham. Com a brecai Está dito, e esse Monck não me levará a melhor. Aliás, tenho uma idéia!

Sabe-se que, de um modo geral, não faltavam idéias a d'Artagnan. Mas, durante o monólogo, abotoara-se até ao pescoço e nada lhe espicaçava mais a imaginação do que esses preparativos para um combate qualquer. Chegou excitadíssimo à casa do Duque de Albermale.

Levaram-no à presença do vice-rei com uma presteza demonstrativa de que o consideravam de casa. Monck se achava em seu gabinete de trabalho.

— Milorde — disse-lhe d'Artagnan com a expressão de franqueza que sabia tão bem imprimir ao rosto astuto — milorde, venho pedir um conselho a Vossa Graça.

Tão moralmente abotoado quanto fisicamente se abotoara o oponente, Monck respondeu:

— Pedi, meu caro.

E o seu rosto apresentava uma expressão não menos franca que a de d'Artagnan.

— Antes de tudo, milorde, prometa-me Vossa Graça sigilo e indulgência.

— Prometo o que quiserdes. Que aconteceu? Dizei.

— Aconteceu, milorde, que não estou muito satisfeito com o rei.

— Ah! sim? E por que, meu caro tenente?

— Porque Sua Majestade se entrega, por vezes, a gracejos sumamente comprometedores para os que o servem, e o gracejo, milorde, é uma arma que fere fundo os militares como nós.

Monck fez todos os esforços para não trair o seu pensamento; mas d'Artagnan espreitava-o com tamanha atenção que lhe notou nas faces um rubor quase imperceptível.

— No que me diz respeito — redarguiu Monck com ar mais natural do mundo — não sou inimigo do gracejo, meu caro Sr. d'Artagnan; os meus próprios soldados vos dirão que, muita vez, no acampamento, eu ouvia com absoluta indiferença, e até com certo prazer, as canções satíricas que, do exército de Lambert, chegavam ao meu, e que teriam, com toda certeza, arrepiado os ouvidos de um general mais suscetível do que eu.

— Oh! milorde — volveu d'Artagnan — sei que Vossa Graça é um homem completo, que há muito tempo se colocou acima das misérias humanas, mas há gracejos e gracejos, e alguns têm o privilégio de irritar-me extraordinariamente.

— Pode-se saber quais são, *my dear?*

— Os gracejos dirigidos contra amigos meus ou contra as pessoas que respeito, milorde.

Monck fez um movimento apenas perceptível, mas que não escapou a d'Artagnan.

— E como se dá — perguntou Monck — como se dá que a alfinetada que arranha os outros pode fazer-vos cócegas na pele? Contai-me isso!

— Milorde, vou explicá-lo numa palavra: tratava-se de vós. Monck deu um passo na direção de d'Artagnan.

— De mim?

— Sim, e é isso que não alcanço entender; talvez por desconhecer-lhe o caráter. Como tem coragem o rei de zombar de um homem que lhe prestou tantos e tão relevantes serviços? Como compreender que ele se divirta em lançar um leão como vós contra um mosquito como eu?

— Daí que eu não veja nada disso — declarou Monck.

— Como não! Afinal de contas, o rei, que me devia uma recompensa, podia recompensar-me como a um soldado, sem imaginar essa história de resgate que o atinge, milorde.

— Não — tornou Monck, dando risada — juro que não me atinge de maneira alguma.

— Não em quanto a mim, compreendo; Vossa Graça me conhece, milorde, sou tão discreto que um túmulo pareceria tagarela ao pé de mim; mas... Vossa Graça compreende?

— Não — obstinou-se Monck.

— Se outra pessoa conhecesse o segredo que conheço...

— Que segredo?

— Ora, milorde, aquele desgraçado segredo de Newcastle.

— Ah! o milhão do Sr. Conde de La Fère?

— Não, milorde, não; o que se fez com a pessoa de Vossa Graça.

— Foi um golpe bem executado, cavaleiro, nada mais; e não há o que dizer sobre isso; sois um militar, corajoso e astuto ao mesmo tempo, que reúne as qualidades de Fábio e de Aníbal. Por conseguinte, utilizastes os vossos recursos, a força e a astúcia; não há o que dizer contra isso, e eu é que devia precaver-me.

— Eu sei, eu sei, milorde, e não esperava outra coisa de sua imparcialidade; aliás, se fosse apenas o rapto em si mesmo, com seiscentos diabos! não seria nada; mas é que há...

— O quê?

— As circunstâncias do rapto.

— Que circunstâncias?

— Vossa Graça sabe perfeitamente o que eu quero dizer, milorde.

— Deus me dane se o sei!

— Há... é que o diabo da história é muito difícil de dizer.

— Há?

— Pois que vá! Há o diabo da caixa. Monck enrubesceu visivelmente.

— A caixa indigna — continuou d'Artagnan — a caixa de pinho, lembra-se?

— Eu já a tinha esquecido.

— De pinho — continuou d'Artagnan — com buraquinhos para o nariz e a boca. Na verdade, milorde, o resto estava bem; mas a caixa! foi decididamente um gracejo de muito mau gosto.

Monck agitava-se em todos os sentidos.

— E, no entanto, que eu tenha feito isso — prosseguiu d'Artagnan — eu, um capitão de aventuras, é muito simples, porque, apesar da ação um tanto leviana que cometi, mas que a gravidade da situação poderia desculpar, sou circunspecto e reservado.

— Oh! atalhou Monck — estai certo de que vos conheço bem, Sr. D'Artagnan, e que vos aprecio.

Não o perdia de vista o mosqueteiro, que estudava tudo o que se passava no espírito do general à proporção que este falava.

— Mas não se trata de mim — tornou ele.

— Mas, afinal, de quem se trata? — perguntou Monck, que principiava a impacientar-se.

— Trata-se do rei, que nunca saberá refrear a língua.

— Muito bem, e ainda que ele fale, que é que tem? — balbuciou Monck.

— Milorde — tornou d'Artagnan — não dissimule, eu lhe suplico, diante de um homem que fala com a minha franqueza. Vossa Graça tem o direito de eriçar a sua suscetibilidade, por benigna que ela seja. Que diabo! não é lugar para um homem sério como Vossa Graça, um homem que brinca com cetros e coroas como brinca com bolas um boêmio; não é lugar para um homem sério, dizia eu, ficar fechado numa caixa, como uma curiosidade de história natural; pois, afinal de contas, isso bastaria para fazer estourar de risos todos os seus inimigos, e a Vossa Graça é tão grande, tão nobre, tão generoso, que os deve ter em grande quantidade. O segredo faria rebentar de riso a metade do gênero humano se Vossa Graça fosse representado no interior de tal caixa. Ora, não é decente que os outros

se riam assim do segundo personagem deste reino.

Monck perdeu inteiramente o sangue frio à idéia de se ver representado dentro da caixa.

O ridículo, como o previra judiciosamente d'Artagnan, produzira nele o que nem os acasos da guerra, nem os desejos da ambição, nem o medo da morte haviam conseguido produzir.

— "Bom! — pensou o gascão — ele tem medo; estou salvo."

— Oh! quanto ao rei — disse Monck — não receeis, meu caro Sr. d'Artagnan, juro-vos que o rei não zombará de Monck!

As chispas que despediram os seus olhos foram interceptadas de passagem por d'Artagnan.

Monck se acalmou imediatamente.

— O rei — continuou ele — é de seu natural muito nobre, tem um coração altamente colocado para querer mal a quem lhe faz bem.

— Oh! sem dúvida — exclamou d'Artagnan. — Partilho inteiramente da opinião de Vossa Graça no que concerne ao coração do rei, mas não no que diz respeito à sua cabeça; ele é bom, mas é leviano.

— O rei não será leviano com Monck, ficai tranqüilo.

— E Vossa Graça está tranqüilo, milorde?

— No tocante ao rei, estou: inteiramente.

— Oh! já compreendo. Vossa Graça está tranqüilo no tocante ao rei.

— Foi o que eu disse.

— Mas Vossa Graça não está tranqüilo também no tocante a mim?

— Eu cria ter-vos afirmado que acreditava na vossa lealdade e na vossa discrição.

— Sem dúvida, sem dúvida; mas é preciso pensar numa coisa...

— Que coisa?

— É que não estou só, tenho companheiros; e que companheiros!

— Oh! sim, já os conheço.

— Infelizmente, milorde, eles também o conhecem.

— E daí?

— Estão agora em Bolonha, onde esperam por mim.

— E receais?...

— Receio que, durante a minha ausência... Diabo! se eu estivesse junto deles, responderia pelo seu silêncio.

— Isso quer dizer que eu tinha razão quando disse que o perigo, se perigo houvesse, não viria de Sua Majestade, por mais inclinado que seja el-rei a gracejar, mas sim de vossos companheiros, como dizeis... Ser ridiculizado por um rei, ainda vá lá, mas por criados de soldados... *Goddam.*

— Sim, compreendo, é insuportável, e eis por que, milorde, eu vinha dizer-lhe: "Não acha Vossa Graça que devo partir para a França o mais cedo possível?

— Naturalmente, se entendeis que a vossa presença...

— Imporá silêncio àqueles patifes? Tenho certeza, milorde.

— Mas a vossa presença não impedirá que se espalhem os rumores se estes já transpiraram.

— Oh! não transpiraram ainda, eu lhe garanto, milorde. Em todo o caso, acredite que estou decidido a fazer uma coisa.

— Que coisa?

— A quebrar a cabeça do primeiro que os tiver propalado e do primeiro que os tiver ouvido. Depois voltarei à Inglaterra em busca de asilo e quiçá de emprego junto de Vossa Graça.

— Oh! voltai, voltai!

— Infelizmente, milorde, só conheço aqui Vossa Graça, e não tornarei a encontrá-lo ou Vossa Graça me terá esquecido no meio de suas grandezas.

— Ouvi, Sr. D'Artagnan — respondeu Monck — sois um gentil-homem encantador, cheio de espírito e de coragem; mereceis todas as fortunas deste mundo; vinde comigo à Escócia e juro que vos proporcionarei em meu vice-reinado uma sorte que todos invejarão.

— Oh! milorde, neste momento é impossível.

Neste momento, tenho um dever sagrado que cumprir: tenho que velar pela glória de Vossa Graça, tenho de impedir que algum indigno chocarreiro deslustre aos olhos dos contemporâneos, quem sabe? aos olhos da própria posteridade, o esplendor de seu nome.

— Da posteridade, Sr. D'Artagnan?

— Sem dúvida, milorde; cumpre que, para a posteridade, permaneçam envoltos em mistério todos os pormenores desta história; pois, enfim, admita Vossa Graça que se propale a desgraçada aventura da caixa de pinho, e haverá quem diga, não que Vossa Graça restaurou a monarquia lealmente, em virtude de seu livre arbítrio, mas em conseqüência de um conchavo tramado em Scheveningen entre Vossa Graça e o rei. E por mais que eu diga como se passou a coisa, eu que o sei, ninguém acreditará em mim e todos dirão que recebi a minha parte do bolo. Monck franziu o cenho.

— Glória, honra, probidade — disse ele — sois apenas vãs palavras.

— Bruma — replicou d'Artagnan — bruma através da qual nunca vemos bem claro.

— Pois ide à França, meu caro senhor — continuou Monck; — ide, e para tornar-vos a Inglaterra mais acessível e mais agradável, aceitai uma lembrança minha.

— Ora essa! — pensou d'Artagnan.

— Tenho às margens do Clyde — prosseguiu Monck — uma casinha debaixo de árvore, um *cottage,* como lhe chamamos aqui. A essa casa pertence uma centena de geiras de terra.

Aceitai-a.

— Oh! milorde...

— Por que não? Lá vos sentireis em casa e ela vos será o refúgio de que há pouco me faláveis.

— Mas eu lhe serei obrigado a esse ponto, milorde. Francamente, sinto-me até envergonhado!

— Não, senhor — volveu Monck com um sorriso fino — não, eu é que vos ficarei obrigado.

E, apertando a mão do mosqueteiro:

— Vou mandar redigir a escritura de doação — declarou. E saiu.

D'Artagnan viu-o afastar-se e quedou pensativo e até comovido.

— Afinal de contas — disse ele — aí está um homem de bem. É triste pensar que só procede assim porque tem medo e não porque gosta de mim. Pois bem! hei de fazê-lo gostar.

Logo, após um instante de reflexão mais profunda:

— Ora! — ajuntou — de que adianta isso? É um inglês! E saiu, por seu turno, meio aturdido desse combate.

— Por conseguinte — continuou — eis-me proprietário. Mas como diabo dividir o *cottage* com Planchet? A menos que eu lhe dê as terras e fique com o castelo, ou que ele fique com o castelo e eu... Mas que idéia! O Sr. Monck não me permitiria repartir com um merceeiro uma casa que ele habitou! É orgulhoso demais para isso! Aliás, por que revelar a história da doação?

Não foi com o dinheiro da sociedade que adquiri esse imóvel; foi tão-somente com a minha inteligência; por conseguinte, ele é meu. Vamos procurar Athos.

E rumou para a casa do Conde de La Fère.

Capítulo XXXVII - De como d'Artagnan regulou o passivo da sociedade antes de restabelecer-lhe o ativo

— DECIDIDAMENTE — disse entre si d'Artagnan — estou de sorte. A estrela que luz uma vez na vida de todo homem, que luziu para Jó e para Iro, o mais infeliz dos judeus e o mais pobre dos gregos, acaba, afinal, de luzir para mim. Não farei loucuras, saberei aproveitá-la; já tenho idade para criar juízo.

Nessa noite ceou de muito bom humor com o seu amigo Athos, não tocou na esperada doação, mas não pôde menos, enquanto comia, de interrogar o amigo sobre culturas, sementeiras, plantações.

Athos respondeu de boa vontade, como sempre.

Imaginava que d'Artagnan pretendesse tornar-se proprietário; mais de uma vez, entretanto, sentiu falta do humor tão vivo, dos ditos tão divertidos do alegre companheiro de outrora. D'Artagnan, com efeito, aproveitava o resto de gordura esfriada no prato para desenhar algarismos sobre ela e fazer umas somas surpreendentes.

A ordem, ou melhor, a permissão para o embarque chegou-lhes à noite. Ao passo que um mensageiro entregava o papel a Athos, outro estendia a d'Artagnan um pacote de pergaminhos enfeitados de todos os selos de que se adorna a propriedade imobiliária na Inglaterra. O prudente Monck, a quem outros teriam chamado o generoso Monck, convertera a doação em venda e afirmava ter recebido a soma de quinze mil libras pela propriedade.

Já se eclipsara o mensageiro. D'Artagnan continuava lendo, Athos contemplava-o sorrindo.

Surpreendendo um desses sorrisos por cima do ombro, d'Artagnan enfiou a papelada na carteira.

— Perdão — disse Athos.

— Oh! não és indiscreto, meu caro — replicou o mosqueteiro; — eu queria...

— Não, não me digas nada, por favor: ordens são coisas tão sagradas, que o encarregado delas não deve dizer uma palavra nem ao irmão, nem ao pai. Por isso, eu que te falo e que te quero com mais ternura que um pai, um irmão, e tudo no mundo...

— Fora o teu Raul?

— Gostarei ainda mais de Raul quando ele for um homem e eu lhe tiver apreciado as reações em todas as fases de seu caráter e de seus atos... como te apreciei a ti, meu amigo.

— Dizias, portanto, que também tinhas uma ordem e não ma comunicarias?

— Sim, meu caro d'Artagnan. Suspirou o gascão.

— Tempo houve — disse ele — em que terias estendido a ordem sobre a mesa, dizendo: "d'Artagnan, lê-nos este engrimanço, a Porthos, a Aramis e a mim".

— É verdade... Mas era a juventude, a confiança, a época generosa em que o sangue manda quando esquentado pela paixão!

— Pois bem! Athos, queres que eu te diga?

— Dize, amigo.

— Esse tempo adorável, essa época generosa, esse domínio do sangue esquentando, coisas belíssimas sem dúvida, já não me fazem falta. É exatamente como o tempo dos estudos... Sempre encontrei na vida um idiota para fazer-me o elogio da quadra das lições de castigo, das férulas, das côdeas de pão seco... É singular, mas nunca pude gostar disso; e se bem eu fosse ativo e sóbrio (e sabes que eu o era, Athos), embora parecesse tão simples nos meus trajos, nem por isso deixei de preferir os bordados de Porthos à minha fardinha porosa, que deixava passar o vento no inverno e o

sol no verão. Sempre desconfiarei, meu amigo, de quem disser que prefere o mal ao bem. Ora, nos tempos passados tudo correu mal para mim, quando cada mês via surgir um buraco a mais na minha pele e na minha farda, um escudo de ouro a menos na minha pobre algibeira; desse tempo execrável de gangorras e balanços, não tenho saudades de nada, nada, nada, senão da nossa amizade; pois há em mim um coração; e, por milagre, esse coração não foi ressecado pelo vento da miséria que passava pelos buracos da minha capa, nem traspassado pelas espadas de todo gênero que passavam pelos buracos da minha pobre carne.

— Por que terás saudades de nossa amizade, se ela só morrerá conosco? A amizade se compõe principalmente de lembranças e de hábitos, e se acabas de satirizar a minha porque hesito em revelar-te a minha missão em França...

— Eu?... ó céus! se soubesses, meu caro e bom amigo, como todas as missões do mundo, daqui por diante, me serão indiferentes!

E apertou os pergaminhos na imensa algibeira.

Athos ergueu-se da mesa e chamou o estalajadeiro para pagar a conta.

— Desde que sou vosso amigo — disse d'Artagnan — nunca paguei uma despesa. Porthos muitas vezes, Aramis algumas, e tu quase sempre puxastes pela bolsa à hora da sobremesa. Agora que sou rico quero verificar se há algum heroísmo em pagar.

— Está certo — anuiu Athos, enfiando a bolsa na algibeira. Em seguida guiaram os dois amigos para o porto, não sem que d'Artagnan virasse de vez em quando a cabeça para vigiar o transporte dos queridos escudos. A noite acabava de estender o véu espesso sobre a água amarela do Tâmisa; ouviam-se ruídos de tonéis e de polés, precursores do aparelhamento de um navio, que tantas vezes tinham feito pulsar o coração dos mosqueteiros, quando o perigo do mar era o menor dos riscos que tinham de enfrentar. Dessa feita embarcariam num navio grande que os esperava em Gravesend, e Carlos II, sempre delicado nas pequenas coisas, mandara levá-los um de seus iates, com doze homens de sua guarda escocesa, em homenagem ao embaixador que enviava à França. À meia-noite deixara o iate os passageiros a bordo do navio e, às oito horas da manhã, este largava o embaixador e o amigo diante do molhe de Bolonha.

Ao mesmo tempo que o conde e Grimaud se ocupavam dos cavalos para ir diretamente a Paris, corria D'Artagnan à estalagem onde, conforme as suas ordens, o seu exércitozinho devia esperá-lo.

Esses senhores almoçavam ostras, peixe e aguardente aromatizada, quando surgiu d'Artagnan. Estavam muito alegres, mas nenhum ultrapassara os limites da razão. Um grito de alegria acolheu o general.

— Aqui estou — disse d'Artagnan; — a campanha terminou. Venho trazer a cada um o suplemento de soldo prometido.

Os olhos brilharam.

— Garanto que já não há cem libras na sacola do mais rico dentre vós.

— É verdade! — gritaram todos em coro, — Senhores — disse então d'Artagnan — eis aqui a última ordem. Concluiu-se o tratado de comércio, graças ao golpe que nos tornou senhores do mais hábil financista de Inglaterra; pois, devo confessá-lo agora, o homem que se tratava de raptar era o tesoureiro do General Monck.

A palavra tesoureiro produziu certo efeito no seu exército. Observou d'Artagnan que somente os olhos de Menneville não demonstravam uma fé absoluta.

— Esse tesoureiro — continuou d'Artagnan — levei-o a um terreno neutro, a Holanda; fi-lo assinar o tratado, reconduzi-o pessoalmente a Newcastle, e, como ele devia estar satisfeito com as considerações que lhe dispensamos, como a caixa de pinho foi sempre carregada sem solavancos e

estava muito bem estofada, pedi para vós uma gratificação. Ei-la.

Atirou um saco assaz respeitável sobre a toalha.

Todos estenderam involuntariamente a mão.

— Um momento, meus cordeiros — disse d'Artagnan; — se há benefícios, há encargos também.

— Oh! oh! — murmurou a assembléia.

— Vamos encontrar-nos, meus amigos, numa situação que seria insustentável para gente sem miolo; falando francamente: estamos entre a forca e a Bastilha.

— Oh! oh! — repetiu o coro.

— É fácil compreender. Foi preciso explicar ao General Monck o desaparecimento do seu tesoureiro; aguardei, para isso, o momento absolutamente inesperado da restauração do Rei Carlos II, que é amigo meu...

O exército trocou um olhar satisfeito com o olhar orgulhoso de d'Artagnan.

— Restaurado o rei, devolvi ao Sr. Monck o financista, meio depenado, é verdade, mas devolvi-o. Ora, perdoando-me, pois ele me perdoou, o General Monck não pôde deixar de me dizer estas palavras que deveis gravar profundamente, aí, entre os olhos, debaixo da abóbada craniana: "Senhor, a piada é boa, mas eu, naturalmente, não gosto de piadas; se, alguma vez, uma palavra sequer do que fizestes (compreendestes, Sr. Menneville?) escapar de vossos lábios ou dos lábios de vossos companheiros, tenho no meu governo da Escócia e da Irlanda setecentas e quarenta e uma forcas de carvalho, cavilhadas de ferro e azeitadas semanalmente. Darei uma delas de presente a cada um de vós, e, prestai atenção, caro Sr. D'Artagnan, acrescentou ele (prestai atenção também, caro Sr. Menneville), ainda me ficarão setecentas e trinta para os meus pequenos divertimentos. Além disso...

— Ah! ah! — interromperam os auxiliares — ainda há mais?

— Uma coisinha à toa: "Sr. D'Artagnan, envio o tratado ao rei de França, pedindo-lhe que mande instalar provisoriamente na Bastilha e depois remeta para cá todos os participantes da expedição; e é um pedido que o rei satisfará sem dúvida nenhuma".

Um grito de pavor ergueu-se de todos os cantos da mesa.

— Um momento! um momento! — volveu d'Artagnan; — o bravo Sr. Monck esqueceu uma coisa, isto é, que não sabe o nome de nenhum de vós; só eu vos conheço, e não serei eu, como haveis de imaginar, quem vos traia. Para quê? Quanto a vós, não imagino que façais a estupidez de denunciar-vos sozinhos, pois nesse caso o rei, para poupar os gastos de alimentação e alojamento, vos enviaria à Escócia, onde estão as setecentas e quarenta e uma forcas. Aí está, senhores. E agora não tenho uma única palavra que juntar ao que tive a honra de dizer-vos. Tenho certeza de que me compreendestes perfeitamente, não é verdade, Sr. de Menneville?

— Perfeitamente — replicou o interpelado.

— Agora, os escudos! — anunciou d'Artagnan. — Fechai as portas.

Dizendo isso, abriu um saco sobre a mesa, de onde caíram vários e belos escudos de ouro. Cada qual fez um movimento na direção do assoalhado.

— Devagar! — bradou d'Artagnan; — ninguém se abaixe, que eu acertarei as nossas contas. Acertou-as, de fato, deu a cada um cinqüenta dos seus formosos escudos e recebeu uma bênção em troca de cada moeda.

— Agora — disse ele — se vos fosse possível endireitar a vida, se vos tornásseis bons e honestos burgueses...

— É muito difícil — acudiu um dos assistentes.

— Para que, capitão? — perguntou outro.

— Para que eu pudesse encontrar-vos de novo e, quem sabe? arranjar-vos uma prebenda de vez

em quando...

Fez sinal a Menneville, que escutava tudo aquilo com ar muito sério.

— Menneville — disse ele — vinde comigo. Adeus, meus valentes; não vos recomendo discrição.

Seguiu-o Menneville, ao passo que as saudações dos auxiliares se misturavam ao suave tilintar do ouro nos seus bolsos.

— Menneville — disse d'Artagnan quando se viram na rua — não sois bobo, cuidado para que não venhais a sê-lo; não me pareceis ter medo das forcas de Monck nem da Bastilha de Sua Majestade o Rei Luís XIV, mas far-me-eis a fineza de ter medo de mim. Escutai: à menor palavrinha que vos escapar, eu vos matarei como a um frango. Tenho no bolso a absolvição de nosso santo padre, o Papa.

— Juro que não sei absolutamente nada, meu caro Sr. d'Artagnan, e todas as vossas palavras são para mim artigos de fé.

— Eu sabia que éreis um rapaz inteligente — tornou o mosqueteiro; — faz vinte e cinco anos que vos julguei. Estes cinqüenta escudos que vos dou a mais serão a prova do conceito que faço de vós. Tomai.

— Obrigado, Sr. d'Artagnan — disse Menneville.

— Com isso podereis tornar-vos realmente homem de bem — continuou d'Artagnan, com a máxima seriedade. — Seria vergonhoso que um espírito como o vosso e um nome que já não tendes coragem de usar desaparecessem para sempre sob a ferrugem de uma vida má. Tornai-vos honrado, Menneville, vivei um ano com estes cem escudos de ouro, que são um belo lucro: duas vezes o soldo de um oficial superior. Daqui a um ano, procurai-me, e, com a fortuna farei de vós alguma coisa.

Jurou Menneville, como tinham feito os companheiros, que seria mudo como um túmulo.

E, todavia, alguém deve ter falado, e como sem dúvida não foram os nossos nove companheiros, como certamente não foi Menneville, só pode ter sido d'Artagnan, que, como gascão, tinha a língua muito próxima dos lábios. Pois, afinal de contas, se não foi ele, quem seria? E como se explicaria que o segredo da caixa de pinho cheia de buraquinhos tivesse chegado ao nosso conhecimento, e de maneira tão circunstanciada, que pudemos narrar a história em seus mais íntimos pormenores? pormenores que, de resto, projetam uma luz tão nova quanto inesperada sobre essa parte da história de Inglaterra, deixada até hoje na penumbra pelos nossos colegas historiadores?

Capítulo XXXVIII - Em que se vê que o merceeiro francês já se reabilitara no século XVII

ACERTADAS as contas e feitas as recomendações, tratou d'Artagnan de regressar a Paris o mais rapidamente possível. Athos, de sua parte, ansiava por voltar para casa e descansar um *pouco.* Por íntegros que tenham ficado o caráter e o homem, após as fadigas da viagem, observa com prazer o viajante, ao cair do dia, ainda que o dia tenha sido belo, que a noite lhe trará algum sono. Daí que, de Bolonha a Paris, cavalgando lado a lado, um tanto absortos em seus pensamentos individuais, os dois amigos não conversassem sobre coisas tão interessantes que valessem a pena de ser transmitidas ao leitor: entregue às suas reflexões pessoais, construindo a seu modo o futuro, cada qual se ocupou sobretudo de encurtar a distância pela rapidez. Athos e d'Artagnan chegaram na noite do quarto dia, após a partida de Bolonha, às barreiras de Paris.

— Aonde vais, caro amigo? — perguntou Athos. — Eu vou diretamente para casa.

— E eu vou diretamente para a casa do meu sócio.

— Para a casa de Planchet?

— Sim, o *Pilão de Ouro.*

— Tornaremos então a encontrar-nos?

— Se ficares em Paris, sim; pois eu fico.

— Não. Depois de abraçar Raul, com quem marquei encontro em minha casa, parto imediatamente para La Fère.

— Pois bem! Então adeus, meu caro e perfeito amigo.

— Dize antes até à vista, pois, afinal de contas, não sei por que não irás morar em Blois comigo. Estás livre, estás rico; comprarei para ti, se quiseres, uma bela propriedade nos arredores de Chiverny ou de Bracieux. Terás, de um lado, os bosques mais lindos do mundo, que se continuam com os de Chambord; de outro, pântanos admiráveis. Tu, que gostas de caçar, e que, de bom malgrado, és poeta, caro amigo, lá encontrarás faisões, galinholas, patos, sem contar o ocaso e passeios de barco que fariam' sonhar até Nemrod e Apolo. Enquanto não se realizar a transação, habitaras La Fère, e iremos caçar pegas, como fazia o Rei Luís XIII. É um apropriado divertimento para velhos como nós. D'Artagnan pegou nas mãos de Athos.

— Meu caro conde — exclamou — não te digo sim nem não. Deixa-me passar em Paris o tempo indispensável para acertar os meus negócios e acostumar-me aos poucos à pesadíssima e brilhantíssima idéia que me bate dentro do cérebro e me deslumbra. Estou rico, já sabes, e enquanto não me acostumar à riqueza, bem me conheço, serei um animal insuportável. Ora, ainda não estou imbecilizado a ponto de querer fazer feio diante de um amigo como tu, Athos. O trajo é bonito, o trajo é rico e dourado, mas é novo, e ainda me aperta nas cavas.

Athos sorriu.

— Seja — disse ele. — Mas, a propósito do trajo, meu caro d’Artagnan, queres que eu te dê um conselho?

— Com muito prazer.

— Não ficarás zangado?

— Ora essa!

— Quando a riqueza chega tarde e de repente para alguém, esse alguém, para não se modificar, deve tornar-se avarento, isto é, não gastar mais dinheiro que o que gastava outrora, ou tornar-se pródigo e fazer tantas dívidas que volte a ser pobre.

— Oh! Mas o que dizes muito se parece com um sofisma, meu caro filósofo.
— Não creio. Queres ficar avarento?
— Não, por Deus! Eu já o era, quando não tinha nada. Mudemos.
— Então, sê pródigo.
— Menos ainda, com a breca! As dívidas me apavoram. Os credores se me afiguram, por antecipação, aqueles diabos que reviram os condenados sobre a grelha, e como a paciência não é minha principal virtude, sinto-me sempre tentado a surrar os diabos.
— És o homem mais sensato que conheço, e não tens conselhos que receber de ninguém. Loucos serão os que julgarem poder ensinar-te alguma coisa. Mas não estamos na Rua Saint-Honoré?
— Sim, caro Athos.
— Vê lá embaixo, à esquerda, aquela casinha comprida e branca, é a estalagem em que me hospedo. Observarás que só tem dois andares. Habito o primeiro; o outro está alugado a um oficial cujo serviço o obriga a ausentar-se oito ou nove meses por ano, de sorte que estou nessa casa como se estivesse na minha, salvo a despesa.
— Oh! Como te arranjas bem, Athos! Quanta ordem e quanta largueza! Eis o que eu gostaria de reunir. Mas, que queres? é coisa que nasce com a gente, não se adquire.
— Lisonjeiro! Vamos! adeus, caro amigo. A propósito, dá lembranças minhas ao *seu* Planchet; continua sendo um rapaz inteligente, não é?
— Inteligente e bom, Athos. Adeus.
Separaram-se. Durante toda a conversação, d'Artagnan não perdera vista, um segundo sequer, de certo cavalo de carga em cujos cestos, debaixo do feno, descansavam os alforjes, e a mala. Nove horas da noite soavam em Saint-Merri; os empregados de Planchet fechavam a loja.
D'Artagnan deteve o postilhão que conduzia o cavalo de carga na esquina da Rua des Lombards, sob um alpendre e, chamando um empregado de Planchet, confiou-lhe à guarda não somente os cavalos mas também o postilhão; a seguir, entrou em casa do merceeiro, que acabava de cear e que, na sobreloja, consultava com certa ansiedade o calendário em que riscava, todas as noites, o dia que acabava de passar. No momento em que Planchet, consoante o seu hábito cotidiano, com as costas da pena, cancelava suspirando o dia escoado, d'Artagnan tropeçou no limiar da porta e o choque lhe fez tilintarem as esporas de ferro.
— Ah! meu Deus! — gritou Planchet.
O digno merceeiro não pôde dizer mais nada; acabava de avistar o sócio. D'Artagnan entrou com o corpo dobrado e o olhar triste. Tinha o gascão as suas idéias a respeito de Planchet.
— Misericórdia! — pensou o merceeiro observando o viajante — ele está triste!
Sentou-se o mosqueteiro.
— Caro Sr. D'Artagnan — disse Planchet com o coração a pulsar-lhe horrivelmente — estais aqui! e a saúde?
— Menos má, Planchet, menos má — disse d'Artagnan despedindo um suspiro.
— Não fostes ferido, não é verdade?
— Ora!
— Ah! pelo que vejo — continuou Planchet cada vez mais assustado — a expedição foi dura.
— Duríssima — respondeu d'Artagnan.
Um calafrio percorreu o corpo de Planchet.
— Eu gostaria de beber alguma coisa — declarou o mosqueteiro, erguendo lastimosamente a cabeça.
O próprio Planchet correu para o armário e serviu um copázio de vinho a d'Artagnan. O gascão

examinou a garrafa.

— Que vinho é esse? — perguntou.

— O que preferis, senhor — disse Planchet; — o bom vinho velho de Anjou que, um dia, tão caro nos ia custando a todos.

— Ah! — replicou d'Artagnan, com um sorriso melancólico; — ah! meu pobre Planchet, acaso poderei ainda beber bons vinhos?

— Vejamos, meu caro amo — disse Planchet fazendo um esforço sobre-humano, ao passo que todos os músculos contraídos, a palidez e o tremor denunciavam a mais tremenda angústia. — Vejamos, fui soldado e, por conseguinte, não me falta coragem: não me façais penar por mais tempo, meu caro Sr. d'Artagnan: foi-se o nosso dinheiro, não é verdade?

Antes de responder, esperou d'Artagnan um instante que pareceu um século ao pobre merceeiro. Entretanto, não fizera outra coisa senão virar-se na cadeira.

— E se assim fosse — perguntou ele pachorrentamente, meneando a cabeça de cima para baixo — que dirias tu, meu pobre amigo?

De pálido que estava, Planchet ficou amarelo. Dir-se-ia que fosse engolir a língua, de tal forma se lhe dilatava a garganta e tanto vermelhavam os seus olhos.

— Vinte mil libras! — murmurou — vinte mil libras!... Pescoço caído, pernas esticadas, mãos preguiçosas, semelhava d'Artagnan uma estátua do desalento. Planchet arrancou um doloroso suspiro das cavidades mais profundas do peito.

— Vamos — disse ele — já compreendi tudo. Sejamos homens. Acabou-se, não é assim? O principal, senhor, é que salvastes a vida.

— Sem dúvida, sem dúvida, a vida já é alguma coisa; mas o caso é que estou arruinado.

— Ora! senhor — acudiu Planchet — se assim é, não deveis desesperar-vos; sereis merceeiro como eu; eu vos associo ao meu comércio; repartiremos os lucros, e quando não houver lucros, que importa? Repartiremos as amêndoas, as passas e as ameixas, e tasquinharemos juntos o último bocado de queijo da Holanda.

D'Artagnan não pôde resistir por mais tempo.

— Com a fortuna! — bradou, comovidíssimo — és um bravo rapaz, palavra de honra, Planchet! Vejamos, não representaste, Planchet! Não viste lá embaixo, na rua, sob o telheiro, o cavalo dos alforjes?

— Que cavalo? que alforjes? — perguntou Planchet, que sentiu um aperto na garganta à idéia de que d'Artagnan enlouquecera.

— Os alforjes ingleses, ora essa! — exclamou d'Artagnan, radiante, transfigurado.

— Ah! Meu Deus! — articulou Planchet, recuando diante do fogo deslumbrante de seus olhos.

— Imbecil! — exclamou d'Artagnan — tu me crês louco. Com a breca nunca, pelo contrário, tive a cabeça mais sã e o coração mais alegre. Aos alforjes, Planchet, aos alforjes!

— Mas que alforjes, santo Deus? D'Artagnan empurrou Planchet para a janela.

— Debaixo do alpendre, lá embaixo — perguntou-lhe — não estás vendo um cavalo?

— Estou.

— Não lhe vês o lombo carregado?

— Vejo, vejo.

— Não distingues um de teus rapazes, que conversa com o postilhão?

— Distingo, distingo, distingo.

— Hás de saber o nome do rapaz, já que trabalha para ti. Chama-o.

— Abdon! Abdon! — vociferou Planchet da janela.

— Traz o cavalo — soprou d'Artagnan.

— Traz o cavalo! — urrou Planchet.

— Agora, dez libras para o postilhão — disse d'Artagnan no tom que teria empregado para comandar uma manobra; — dois rapazes para recolherem os dois primeiros alforjes, dois outros para os dois últimos, e fogo, que diabo! movimento!

Precipitou-se Planchet pela escada abaixo como se o diabo lhe mordesse os calcanhares. Um momento depois subiam os rapazes, curvados ao peso do fardo. Mandou-os de volta d'Artagnan à sua água-furtada, fechou cuidadosamente a porta e, dirigindo-se a Planchet, que estava enlouquecendo por sua vez:

— Agora, nós! — disse ele.

Estendeu no chão enorme coberta e esvaziou sobre ela a primeira sacola. Planchet fez o mesmo com a segunda; logo, fremindo, estripou d'Artagnan o terceiro alforje a golpes de faca.

Quando Planchet ouviu o tilintar provocante da prata e do ouro, quando viu fervilharem fora dos sacos os escudos reluzentes que saltavam *como* peixes fora da tarrafa, quando se sentiu atolado até à barriga das pernas naquela maré cada vez mais alta de moedas fulvas ou prateadas, teve uma vertigem, girou sobre si mesmo como um homem fulminado, e foi cair pesadamente sobre o montão de peças que o seu peso fez desabar com indiscritível estardalhaço.

Sufocado de alegria, Planchet perdera os sentidos.

D'Artagnan atirou-lhe ao rosto um copo de vinho branco e despertou-o incontinente.

— Ah! meu Deus! meu Deus! Ah! meu Deus! — repetia Planchet enxugando o bigode e a barba.

Nesse tempo, como hoje, usavam os merceeiros bigode de cavaleiro e barba de lansquenete; mas os banhos de prata, já muito raros naquele tempo, se tornaram hoje quase desconhecidos.

— Com seiscentos diabos! — bradou d'Artagnan — há aí cem mil libras para vós, senhor meu

sócio; contai as vossas, por favor, que eu vou contar as minhas.

— Mordioux ! il y a là cent mille livres à vous, monsieur mon associé. — Page 71.

Quando Planchet ouviu o tilintar provocante da prata e do ouro...

— Oh! que bela soma, Sr. D'Artagnan, que bela soma!

— Há meia hora eu chorava um pouco a soma que te pertence — disse d'Artagnan; — mas agora não choro mais, e tu és um bravo merceeiro, Planchet. E façamos boas contas, que as boas contas, segundo dizem, fazem bons amigos.

— Oh! contai-me primeiro a história — disse Planchet; — deve ser ainda mais bela do que o dinheiro.

— À minha fé — volveu d'Artagnan alisando o bigode — não digo que não, e se um historiador algum dia pensar em mim para informar-se, poderá dizer que não buscou uma fonte muito ruim. Escuta, Planchet, que eu vou contar.

— E eu vou empilhar as moedas. Começai, caro patrão.

— Começo — anunciou d'Artagnan tomando fôlego.

— Eu também — disse Planchet, ajuntando o primeiro punhado de escudos.

Capítulo XXXIX - O jogo do Sr. de Mazarino

NUM salão do Palais-Royal, forrado de veludo escuro, que realçava as molduras douradas de um grande número de quadros magníficos, via-se, na mesma noite em que chegavam os nossos dois franceses, toda a corte reunida diante da alcova do Sr. Cardeal Mazarino, que oferecia um jogo de cartas ao rei e à rainha.

Um paraventozinho separava três mesas preparadas na sala. Numa dessas mesas estavam sentados o rei e as duas rainhas. Colocado defronte da esposa, Luís XIV sorria para ela com uma expressão de felicidade muito real. Ana d'Áustria jogava contra o cardeal, e a nora ajudava-a no jogo quando não sorria para o marido. Quanto ao cardeal, deitado, com o rosto muito magro e uma expressão de infinito cansaço, jogava por ele a Condessa de Soissons, e Sua Eminência fitava nas cartas um olhar incessante, cheio de interesse e cupidez.

O cardeal mandara Bernouin pintar-lhe o rosto; mas o carmim, que só se lhe via nos pômulos, acentuava ainda mais a palidez doentia das faces e o amarelo luzidio da testa. Somente os olhos brilhavam com um fulgor mais intenso, e nesses olhos de doente se fitavam, de onde em onde, os olhares inquietos do rei, das rainhas e dos cortesãos.

O fato é que os dois olhos do Signor Mazarino eram as estrelas mais ou menos brilhantes em que a França do século XVII lia o seu destino todas as noites e todas as manhãs.

Monsenhor não ganhava nem perdia; por conseguinte, não estava triste nem alegre. Era uma estagnação em que não quisera deixá-lo Ana d'Áustria, cheia de compaixão por ele; para atrair, porém, a atenção do doente por algum sucesso notável, seria preciso ganhar ou perder. Ganhar era perigoso, pois Mazarino trocaria a indiferença por uma feia careta; perder era perigoso também, pois seria preciso trapacear, e a infanta, que observava o jogo da sogra, protestaria sem dúvida contra as suas boas intenções para com Mazarino.

Aproveitando a calma, conversaram os validos.

Quando não estava de mau humor, era o Sr. de Mazarino um príncipe bonachão, e ele, que não impedia ninguém de cantar, contanto que pagassem, não era tão tirano que impedisse os outros de falar, contanto que se dispusessem a perder.

Portanto, conversava-se. Na primeira mesa, o irmão mais moço do rei, Filipe, Duque de Anjou, admirava o belo rosto no espelho de uma caixa.

Apoiado sobre a poltrona do príncipe, o seu favorito, o Cavaleiro de Lorena ouvia com secreta inveja o Conde de Guiché, outro privado de Filipe, que narrava, em termos escolhidos, as diferentes vicissitudes de fortuna do rei aventureiro Carlos II.

Referia, como sucessos fabulosos, a história de suas peregrinações na Escócia, e os seus terrores quando os partidos inimigos o encalçavam; as noites passadas debaixo de árvores; os dias passados com fome e em combates. A pouco e pouco, a sorte do rei infeliz prendera o interesse do auditório a tal ponto que o jogo perdia o entusiasmo, até na mesa real, e o jovem rei, pensativo, a vista distraída, embora parecesse desatento, seguia as menores miudezas da odisséia, muito pitorescamente narrada pelo Conde de Guiché.

A Condessa de Saissons interrompeu o narrador:

— Confessai, conde — disse ela — que enfeitais a história.

— Senhora, estou recitando, como um papagaio, todas as anedotas que Vários ingleses me contaram. Direi até, para minha vergonha, que sou textual como uma cópia.

— Carlos II estaria morto se tivesse padecido tudo isso.

Luís XIV ergueu a cabeça altiva e inteligente.

— Senhora — disse ele com voz grave, que denunciava ainda a criança tímida — o senhor cardeal vos dirá que, durante a minha minoridade, os negócios de França andavam ao acaso... e que se eu fosse mais velho e obrigado a empunhar a espada, tê-lo-ia de fazer às vezes pela sopa do jantar.

— Graças a Deus! — acudiu o cardeal, que falava pela primeira vez — Vossa Majestade exagera, e o seu jantar sempre foi cozido pontualmente com o de seus servidores.

O rei corou.

— Oh! — exclamou Filipe, estouvado, de onde estava e sem deixar de mirar-se ao espelho — lembra-me até que uma vez, em Melun, não se cozinhara jantar para ninguém, e o rei comeu os dois terços de um pedaço de pão cujo último terço me deu.

Vendo sorrir Mazarino, toda a assembléia disparou a rir. Lisonjeiam-se os reis com a lembrança de um infortúnio passado como se lisonjeiam com a esperança de uma fortuna futura.

— Mas o caso é que a coroa de França sempre esteve bem assentada sobre a cabeça dos reis — apressou-se em dizer Ana d'Áustria — e que ela caiu da cabeça do rei de Inglaterra; e quando, por acaso, essa coroa oscilava um pouco, pois há às vezes tremores de trono como há tremores de terra; cada vez, dizia eu, que surgia a ameaça de uma rebelião, uma boa vitória nos devolvia a tranqüilidade.

— Com alguns florões a mais para a coroa — ajuntou Mazarino.

Calou-se o Conde de Guiché; o rei compôs a fisionomia e Mazarino trocou um olhar com Ana d'Áustria, como para agradecer-lhe a intervenção.

— Não, importa — disse Filipe alisando o cabelo — meu primo Carlos não é bonito, mas é muito valente e tem-se batido bravamente, e se continuar assim não há dúvida de que acabará ganhando uma batalha!... como Rocroy...

— Ele não tem soldados — interrompeu o Cavaleiro de Lorena.

— O rei da Holanda, seu aliado, lhos dará. Eu lhos teria dado, se fosse rei de França.

Luís XIV corou violentamente.

Mazarino fingiu observar o jogo com mais atenção do que nunca.

— À esta hora — tornou o Conde de Guiché — já se terá consumado o destino do inditoso príncipe. Se Monck o traiu, está perdido. A prisão, a morte, talvez, terminarão o que o exílio, as batalhas e as privações já tinham começado.

Mazarino franziu o cenho.

— É absolutamente certo — perguntou Luís XIV — que Sua Majestade Carlos II deixou a Haia?

— Certíssimo, Majestade — replicou o rapaz. — Meu pai recebeu uma carta em que se relatam pormenores; sabe-se até que o rei desembarcou em Douvres; uns pescadores viram-no entrar no porto; o resto continua sendo um mistério.

— Pois eu gostaria de saber o resto — bradou, impetuoso, Filipe. — Não o sabeis vós, meu irmão?

Luís XIV corou pela terceira vez no espaço de uma hora.

— Perguntai ao senhor cardeal — respondeu, num tom que obrigou Mazarino, Ana d'Áustria e toda a gente a levantar os olhos.

— O que quer dizer, meu filho — interrompeu, rindo-se, Ana d'Áustria — que o rei não gosta que se tratem assuntos de Estado fora do conselho.

Filipe aceitou de boa mente a repreensão e fez uma grande reverência, acompanhada de um sorriso, primeiro ao irmão e depois à mãe.

Viu Mazarino, porém, com o canto dos olhos, que se formava de novo um grupo num dos ângulos da sala, e que o Duque de Anjou com o Conde de Guiché e o Cavaleiro de Lorena, não podendo conversar em voz alta, poderiam dizer em voz baixa mais do que era necessário. Começava, portanto, a dirigir-lhes olhares cheios de desconfiança e de inquietude, convidando Ana d'Áustria a provocar alguma perturbação no conciliábulo, quando, de repente, Bernouin, surgindo entre a cama e a parede, veio dizer ao ouvido do amo:

— Monsenhor, um enviado de Sua Majestade o rei de Inglaterra.

Mazarino não pôde ocultar uma rápida comoção que o rei surpreendeu de relance. Para não ser indiscreto e, sobretudo, para não parecer inútil, Luís XIV ergueu-se de golpe e, aproximando-se de Sua Eminência, desejou-lhe boas-noites.

Ergueu-se toda a assembléia com grande estrépito de mesas e cadeiras empurradas.

— Deixe Vossa Majestade que aos poucos se afaste toda a gente — disse Mazarino baixinho a Luís XIV — e digne-se conceder-me alguns minutos. Estou concluindo um negócio que desejo, ainda hoje, comunicar-lhe.

— E às rainhas? — perguntou Luís XIV.

— E ao Sr. Duque de Anjou — acrescentou Sua Eminência.

Ao mesmo tempo, virou-se na sua *ruelle,* cujas cortinas, ao cair, esconderam o leito. O cardeal, todavia, não perdera vista dos conspiradores.

— Sr. Conde de Guiché! — chamou com voz trêmula, enquanto vestia, atrás das cortinas, o roupão que lhe estendia Bernouin.

— Eis-me aqui, monsenhor — respondeu o rapaz, aproximando-se.

— Tomai as minhas cartas; tendes sorte... Ganhai-me algum dinheiro destes senhores.

— Pois não, monsenhor.

Sentou-se o rapaz à mesa, da qual se afastou el-rei para conversar com as rainhas.

Teve início uma partida entre o conde e vários cortesãos ricos.

Entretanto, Filipe discutia adereços com o Cavaleiro de Lorena, e já não se ouvia atrás das cortinas da alcova o frolido das roupas de seda do cardeal.

Sua Eminência seguira Bernouin ao gabinete vizinho do quarto de dormir.

Capítulo XL - Negócio de Estado

ENTRANDO no gabinete, encontrou o cardeal o Conde de La Fère, que esperava, muito ocupado em admirar um belíssimo Rafael, colocado acima de um aparador enfeitado de obras-primas de ourivesaria.

Sua Eminência chegou manso e manso, leve e silencioso como uma sombra, e surpreendeu a fisionomia do conde, como tinha o hábito de fazer, querendo deduzir da simples inspeção do rosto do interlocutor o objeto da conversação.

Dessa feita, porém, não se realizou a expectativa de Mazarino; não leu coisíssima alguma no rosto de Athos, nem sequer o respeito que se avezara a ler em todas as fisionomias.

Athos vestia de preto com simples bordados de prata. Ostentava os cordões das ordens do Espirito-Santo, da Jarreteira e do Tosão de Ouro, três ordens de tamanha importância que somente um rei ou um comediante poderia reuni-las.

Longamente vasculhou Mazarino a memória um tanto perturbada com o fito de lembrar-se do nome que deveria dar àquela figura glacial e não o conseguiu.

— Eu soube — disse afinal — que me chegou uma mensagem de Inglaterra.

E sentou-se, despedindo Bernouin e Brienne, que se preparava, como secretário, a manejar a pena.

— Sim, Eminência, da parte de Sua Majestade o rei da Inglaterra.

— Falais um francês muito puro, senhor, para um inglês — observou graciosamente Mazarino examinando sempre, através dos dedos, os cordões do Espírito-Santo, da Jarreteira, do Tosão e, principalmente, o rosto do mensageiro.

— Não sou inglês, sou francês, senhor cardeal — respondeu Athos.

— Esquisito: o rei de Inglaterra escolhendo franceses para as suas embaixadas; excelente augúrio... O vosso nome, por obséquio?

— Conde de La Fère — replicou Athos cumprimentando com menos gravidade que a exigida pelo cerimonial e pelo orgulho do ministro todo-poderoso.

Mazarino encolheu os ombros como quem diz: "Não conheço esse nome".

Athos não pestanejou.

— E vindes, senhor — continuou Mazarino — para dizer-me...?

— Venho da parte de Sua Majestade o rei da Grã-Bretanha anunciar ao rei de França...

Mazarino carregou o cenho.

— Anunciar ao rei de França — prosseguiu, imperturbável Athos — a feliz restauração de Sua Majestade Carlos II no trono de seus pais.

Não escapou a cambiante ao astuto cardeal.

Mazarino conhecia demasiado os homens para não ver, na polidez fria e quase sobranceira de Athos, um indício de hostilidade que não era o clima habitual da serra quente que se chama o paço.

— Tendes credenciais, sem dúvida? — perguntou Mazarino em tom breve e provocador.

— Tenho... monsenhor.

A palavra *monsenhor* saiu com dificuldade dos lábios de Athos; dir-se-ia que os ferisse.

— Nesse caso, mostrai-mas.

Athos retirou de um saquinho de veludo bordado, que trazia debaixo do gibão, um despacho. O cardeal estendeu a mão.

— Perdão, monsenhor — disse Athos; — mas o meu despacho é para el-rei.

— Pardon, monseigneur, mais cette dépêche est pour le roi. — Page 74.

— Já que sois francês, senhor, deveis saber o que vale um primeiro ministro na corte de França.

— Tempo houve — replicou Athos — em que eu, de fato, me ocupava do que valem os primeiros ministros; mas tomei, há vários anos, a resolução de tratar apenas com Sua Majestade.

— Então, senhor — disse Mazarino, que principiava a irritar-se — não vereis nem o ministro nem o rei.

E levantou-se. Athos voltou a enfiar o despacho no saquinho, cumprimentou gravemente e deu alguns passos na direção da porta. Tamanho sangue frio exasperou Mazarino.

— Que estranhas maneiras diplomáticas! — exclamou. — Estaremos ainda no tempo em que o Sr. Cromwell nos enviava ferra-brases como embaixadores? Só vos faltam o capacete na cabeça e a Bíblia na cintura.

— Senhor — replicou secamente Athos — nunca tive, como Vossa Eminência, a honra de tratar com o Sr. Cromwell, e só vi os seus embaixadores com a espada na mão; ignoro, portanto, como se havia ele com os primeiros ministros. Quanto ao rei de Inglaterra, Carlos II, sei que, quando escreve a Sua Majestade o Rei Luís XIV, não escreve a Sua Eminência o Cardeal Mazarino; e nessa distinção não vejo diplomacia alguma.

— Ah! — bradou Mazarino, erguendo a cabeça emaciada e dando uma palmada na testa — agora me lembro!

Athos considerou-o espantado.

— Sim, é isso mesmo! — ajuntou o cardeal, continuando a contemplar o interlocutor; — é isso

mesmo... Agora vos reconheço. Ah! *diavolo!* já não me admira.

— Com efeito, eu é que me admirava de que Vossa Eminência, com a excelente memória que possui — respondeu sorrindo Athos — ainda não me tivesse reconhecido.

— Sempre recalcitrante e impertinente... Sr... Sr... Como vos chamavam? Esperai... um nome de rio... Potamos... não... um nome de ilha... Naxos... não, *per Jove!* um nome de montanha... Athos! achei! Folgo muito em rever-vos e não estais mais em Rueil, onde me obrigastes a pagar um resgate com os vossos malditos cúmplices... Fronda! sempre a Fronda! maldita Fronda! oh! que fermento! E por que, senhor, as vossas antipatias sobreviveram às minhas? Entretanto, se alguém possuía motivos de queixa creio que não seríeis vós, que saístes limpamente de tudo e ainda com o cordão do Espírito-Santo no pescoço.

— Senhor cardeal — respondeu Athos — permita Vossa Eminência que eu não entre em considerações dessa ordem. Tenho uma missão para cumprir... não me facilitaria Vossa Eminência os meios de cumpri-la?

— Muito me admira — volveu Mazarino, satisfeitíssimo por haver de novo encontrado a memória e cheio de pontas maliciosas; — muito me admira, Sr.... Athos... que um frondista como vós tenha aceitado uma missão junto do Mazarino, como se dizia nos bons tempos.

E pôs-se a rir, apesar da tosse dolorosa que lhe entrecortava as frases e as convertia em soluços.

— Aceitei apenas uma missão junto do rei de França, senhor cardeal — redarguiu o conde com menos aspereza, pois cria ter obtido vantagens suficientes para mostrar-se moderado.

— De qualquer maneira, será preciso, senhor frondista — tornou alegremente Mazarino — que, do rei, o negócio de que vos encarregastes...

— De que me encarregaram, monsenhor, pois não ando atrás de negócios.

— Seja! será preciso, digo eu, que essa negociação passe também pelas minhas mãos... Não percamos um tempo precioso.... dizei-me as condições.

— Tive a honra de assegurar a Vossa Eminência que somente a carta de Sua Majestade o Rei Carlos II continha a revelação do seu desejo.

— Aí está! Sois ridículo com a vossa intransigência, Sr. Athos. Bem se vê que andastes privando com os puritanos de lá... O vosso segredo, conheço-o melhor do que vós, e fizestes mal, talvez, de não ter tido certas considerações para com um homem muito velho e muito doente, que muitíssimo trabalhou na vida e sustentou árdua campanha em defesa de suas idéias, como vós defendestes as vossas... Não quereis dizer nada? bem; não quereis comunicar-me a vossa carta?... muito bem; vinde comigo ao meu quarto, falareis ao rei... e diante do rei... Mas, antes disso, outra pergunta: Quem vos deu o Tosão? Lembra-me ter ouvido dizer que tínheis a Jarreteira; mas quanto ao Tosão, eu não sabia...

— Recentemente, monsenhor, por ocasião do casamento de Sua Majestade Luís XIV, a Espanha enviou ao Rei Carlos II uma patente em branco do Tosão; Carlos II transmitiu-ma imediatamente, apondo-lhe o meu nome.

Mazarino levantou-se, e, apoiado no braço de Bernouin, tornou a entrar na sua *ruelle* no momento em que anunciavam no quarto: "O senhor príncipe!" O Príncipe de Conde, o primeiro príncipe de sangue, o vencedor de Rocroy, de Lens e de Nordlingen entrava, de feito, no quarto de Monsenhor Mazarino acompanhado de seus fidalgos, e já cumprimentava o rei quando o ministro ergueu a cortina.

Athos teve tempo de avistar Raul, que apertava a mão do Conde de Guiché, e de responder-lhe com um sorriso à respeitosa saudação.

Teve tempo também de ver a figura radiante do cardeal, quando percebeu diante de si, sobre a

mesa, um monte enorme de ouro ganho pelo Conde de Guiché, por um acaso feliz, desde que Sua Eminência lhe confiara as cartas. Assim, esquecendo-se do embaixador, da embaixada e do príncipe, o seu primeiro pensamento foi para o ouro.

— Como! — exclamou o velho — tudo isso... de lucro?

— Cerca de cinqüenta mil escudos; sim, monsenhor — retrucou, levantando-se, o Conde de Guiché. — Devo devolver o lugar a Vossa Eminência ou devo continuar?

— Devolvei, devolvei! Sois um louco. Tornaríeis a perder tudo o que ganhastes, peste!

— Monsenhor — disse o Príncipe de Conde cumprimentando.

— Boas-noites, senhor príncipe — respondeu o ministro em tom afável; — é muita amabilidade vossa visitar um amigo doente.

— Um amigo! — murmurou o Conde de La Fère, observando, estuporado, a monstruosa aliança de palavras; — amigo! quando se trata de Mazarino e de Conde.

Adivinhou Mazarino o pensamento do frondista, pois sorriu com ar de triunfo e, logo em seguida:

— Sire — disse ele ao rei — tenho a honra de apresentar a Vossa Majestade o Sr. Conde de La Fère, embaixador de Sua Majestade britânica... Assunto de Estado, senhores! — ajuntou, dispensando com um gesto os que se achavam no quarto e que, precedidos pelo Príncipe de Conde, num segundo se eclipsaram.

Após um derradeiro olhar dirigido ao Conde de La Fère, Raul acompanhou o Sr. de Conde.

Filipe de Anjou e a rainha pareceram entre consultar-se.

— Assunto de família — disse de improviso Mazarino, intimando-os com o gesto a permanecerem sentados. — Este senhor traz ao rei uma carta pela qual Carlos II, completamente restaurado em seu trono, solicita uma aliança entre Monsieur, irmão do rei, e a Srta. Henriqueta, neta de Henrique IV... Fazei o obséquio de entregar ao rei as vossas credenciais, senhor conde.

Athos quedou estupefato. Como poderia o ministro conhecer o conteúdo de uma carta que ainda não lhe saíra das mãos? Contudo, sempre senhor de si, estendeu o despacho ao jovem Rei Luís XIV, que o tomou purpurejando-se. Solene silêncio reinava no quarto do cardeal, apenas perturbado pelo ruído do ouro que Mazarino, com a mão amarela e seca, empilhava num cofrezinho durante a leitura do rei.

Capítulo XLI - A narrativa

AMALÍCIA do cardeal não deixava muita coisa que dizer ao embaixador; entretanto, a palavra restauração impressionara o rei, que, dirigindo-se ao conde, no qual fitara os olhos desde a sua entrada:

— Senhor — disse ele — tende a bondade de fornecer-nos alguns pormenores sobre a situação dos negócios na Inglaterra. Vindes de lá, sois francês, e as ordens que vejo brilhar em vossa pessoa anunciam, ao mesmo tempo, um homem de mérito e um homem de distinção.

— Este senhor — acudiu o cardeal voltando-se para a rainha-mãe — é um antigo servidor de Vossa Majestade, o Sr. Conde de La Fère.

Ana d'Áustria era esquecida como uma rainha cuja vida fora entressachada de borrascas e dias formosos. Contemplou Mazarino, cujo sorriso mau lhe prometia alguma perversidade; em seguida solicitou de Athos, com outro olhar, uma explicação.

— Este senhor — continuou o cardeal — era um mosqueteiro da companhia Tréville, a serviço do finado rei... Conhece perfeitamente a Inglaterra, aonde fez diversas viagens em diversas ocasiões; é um súdito de méritos extraordinários.

Estas palavras aludiam a todas as lembranças que Ana d'Áustria sempre temia evocar. A Inglaterra, era o seu ódio a Richelieu e o seu amor a Buckingham; um mosqueteiro da companhia Tréville, era a odisséia dos triunfos que tinham feito pulsar o coração da mulher e dos perigos que haviam abalado o trono da rainha.

Grande poder possuíam aquelas palavras, pois tornaram mudas e atentas todas as pessoas reais que, com sentimentos bem diversos, se puseram a recompor ao mesmo tempo os anos misteriosos que os jovens não tinham visto e que os velhos acreditavam apagados para sempre.

— Falai, senhor — disse Luís XIV, o primeiro que se recobrou da perturbação, das suspeitas e das lembranças.

— Sim, falai — acrescentou Mazarino a quem a maldadezinha feita a Ana d'Áustria devolvera a jovialidade e a energia.

— Sire — disse o conde — uma espécie de milagre modificou o destino do Rei Carlos II. O que os homens não tinham podido fazer até então, Deus resolveu executar.

Mazarino tossiu mexendo-se na cama.

— O Rei Carlos II — continuou Athos — deixou a Haia, não mais como fugitivo ou conquistador, mas como rei absoluto que, depois de longa viagem, regressa aos seus domínios entre as bênçãos de todos os vassalos.

— Grande milagre, com efeito — interrompeu Mazarino — pois a serem verdadeiras as notícias, o Rei Carlos II, que acaba de regressar entre bênçãos, saiu entre tiros de mosquete.

O rei permaneceu impassível.

Mais moço e mais frívolo, Filipe não soube disfarçar um sorriso, que lisonjeou Mazarino como um aplauso ao chiste.

— Realmente — observou o rei — milorde houve; mas Deus, que tanto faz pelos reis, senhor conde, costuma empregar as mãos dos homens para executar os seus desígnios. A que homens principalmente deve Carlos II o seu restabelecimento?

— Mas — interrompeu o cardeal, sem nenhuma atenção pelo amor-próprio do rei — não sabe Vossa Majestade que foi ao Sr. Monck?...

— Devo sabê-lo — replicou, resoluto, Luís XIV; — entretanto, pergunto ao Sr. Embaixador as causas da modificação do Sr. Monck.

— E Vossa Majestade toca precisamente o ponto — redarguiu Athos; — pois, sem o milagre de que tive a honra de falar, continuaria provavelmente o Sr. Monck inimigo irreconciliável do Rei Carlos II. Quis Deus que uma idéia estranha, engenhosa e temerária, caísse no espírito de certo homem, ao passo que uma idéia dedicada e corajosa caía no espírito de outro. A combinação das duas provocou tamanha mudança na posição do Sr. Monck que o transformou, de inimigo encarniçado, em amigo verdadeiro do monarca destronado.

— É esse precisamente o pormenor que eu pedia — disse o rei... — Quais são os dois homens de que falais?

— Dois franceses, Sire.

— Pois isso me enche de alegria.

— E as duas idéias? — exclamou Mazarino. — Sou mais curioso de idéias que de homens.

— Sim — murmurou o rei.

— A segunda, a idéia dedicada, sensata... a menos importante, Sire, era ir buscar um milhão em moedas de ouro enterrado pelo Rei Carlos I em Newcastle e comprar, com esse ouro, o concurso de Monck.

— Oh! oh! — bradou Mazarino, reanimado pela palavra milhão... — mas Newcastle não estava precisamente ocupada pelo mesmo Monck?

— Estava, senhor cardeal, e eis porque me atrevi a chamar à idéia, ao mesmo tempo, dedicada e corajosa. Tratava-se, pois, caso fossem recusadas as ofertas do negociador, de reintegrar o Rei Carlos II na posse do milhão, que devia ser arrancado à lealdade e não mais ao lealismo do General Monck... Isso se fez apesar de algumas dificuldades; o general foi leal e permitiu que se retirasse o ouro.

— Quero crer — observou o rei, tímido e pensativo — que Carlos II não tivesse conhecimento desse milhão durante a sua estada em Paris.

— Quero crer — emendou, malicioso, o cardeal — que Sua Majestade o rei da Grã-Bretanha soubesse perfeitamente da existência do milhão, mas preferisse dois milhões a um só.

— Sire — respondeu Athos com firmeza — Sua Majestade o Rei Carlos II viu-se em França tão pobre que nem tinha dinheiro para viajar pela posta; tão falto de esperanças, que várias vezes pensou em morrer. Ignorava tão completamente a existência do milhão de Newcastle, que sem um gentil-homem, súdito de Vossa Majestade, depositário moral do milhão, e que revelou o segredo a Carlos II, este príncipe vegetaria ainda no mais cruel esquecimento.

— Passemos à idéia estranha, engenhosa e temerária — interrompeu Mazarino, cuja sagacidade pressentia um revés. — Que idéia era essa?

— Ei-la. Como fosse o Sr. Monck o único obstáculo ao restabelecimento de Sua Majestade o rei destronado, um francês teve a idéia de suprimir o obstáculo.

— Oh! oh! mas esse francês é um celerado — disse Mazarino — e não é tão engenhosa a idéia que impeça o autor de ser enforcado ou rodado na Place de Greve por decreto do Parlamento.

— Engana-se Vossa Eminência — atalhou secamente Athos; — eu não disse que o tal francês tivesse decidido assassinar Monck, senão suprimi-lo. As palavras da língua francesa têm um valor que conhecem perfeitamente os fidalgos de França. De mais a mais, eram assuntos de guerra, e quando servimos os reis contra os seus inimigos, não temos por juiz o parlamento, mas Deus. Por conseguinte, esse fidalgo francês concebeu o plano de apoderar-se da pessoa de Monck, e executou-o.

Animava-se o rei ouvindo a narrativa de tão formosas ações. O irmão mais moço de Sua Majestade bateu com o punho na mesa, gritando:

— Ah! é lindo!

— Ele raptou Monck? — perguntou o rei. — Mas Monck estava em seu acampamento...

— E o fidalgo estava sozinho, Sire.

— É maravilhoso! — bradou Filipe.

— De fato, maravilhoso! — exclamou o rei.

— Pronto! aí estão soltos os dois leõezinhos — murmurou o cardeal.

E com um ar de despeito que não dissimulava:

— Eu ignorava esses detalhes, senhor — disse ele; — podeis assegurar-lhes a autenticidade?

— Tanto mais facilmente, senhor cardeal, que assisti aos acontecimentos.

— Vós?

— Sim, monsenhor.

O rei aproximara-se involuntariamente do conde; o Duque de Anjou dera meia volta e apertava Athos do outro lado.

— Depois, senhor, depois? — exclamaram ambos ao mesmo tempo.

— Sire, capturado pelo francês, o Sr. Monck foi levado à presença do Rei Carlos II, na Haia. O rei restituiu a liberdade ao Sr. Monck, e, o general, reconhecido, restituiu por sua vez a Carlos II o trono da Grã-Bretanha, pelo qual tanta gente corajosa combateu sem resultado.

Filipe bateu as mãos com entusiasmo. Mais refletido, voltou-se Luís XIV para o Conde de La Fère.

— Isso é exato — perguntou — em todos os pormenores?

— Exatíssimo, Sire.

— Um de meus fidalgos conhecia o segredo do milhão e guardara-o?

— Sim, Sire.

— O nome desse fidalgo?

— Este criado de Vossa Majestade — retrucou simplesmente Athos.

Um murmúrio de admiração dilatou o coração de Athos. Por muito menos já poderia sentir-se ufano.

O próprio Mazarino erguera os braços para o céu.

— Senhor — disse o rei — buscarei, tentarei achar um meio de recompensar-vos.

Athos fez um movimento.

— Oh! não pela vossa probidade; serdes pago por isso vos seria humilhante; mas eu vos devo uma recompensa por haverdes participado da restauração de meu irmão Carlos II.

— Decerto — conveio Mazarino.

— Triunfo de uma boa causa que enche de alegria toda a casa de França — ajuntou Ana d'Áustria.

— Continuo — prosseguiu Luís XIV. — É também exato que um homem só penetrou no acampamento de Monck e raptou-o?

— Esse homem tinha dez auxiliares escolhidos entre gente de classe inferior.

— Apenas?

— Apenas.

— E chama-se?

— O Sr. d'Artagnan, ex-tenente dos mosqueteiros de Vossa Majestade.

Ana d'Áustria corou, Mazarino amarelou de vergonha; Luís XIV ensombreceu-se, e uma gota de suor lhe caiu da fronte pálida.

— Que homens! — murmurou.

E, involuntariamente, lançou ao ministro um olhar que o teria apavorado, se Mazarino, naquele momento, não tivesse escondido o rosto debaixo do travesseiro.

— Senhor — exclamou o jovem Duque de Anjou, pousando a mão branca e fina como a de uma mulher no braço de Athos — dizei a esse bravo homem, por obséquio, que Monsieur, irmão do rei, brindará amanhã à sua saúde diante de cem dos melhores fidalgos de França.

E, ditas essas palavras, notando que o entusiasmo lhe desarrumara um dos punhos, ocupou-se em consertá-lo com o máximo cuidado.

— Falemos de negócios, Sire — interrompeu Mazarino, que não se entusiasmava e não tinha punhos.

Athos principiou e propôs, solenemente, a mão de Lady Henriqueta Stuart ao jovem príncipe irmão do rei.

Durou uma hora a conferência; depois, abriram-se para os cortesões as portas do quarto e eles voltaram a ocupar os seus lugares como se não tivessem sofrido interrupção as ocupações daquela noite.

Athos achou-se, então, a sós com Raul, e pai e filho puderam apertar a mão um do outro.

Capítulo XLII - Em que o Sr. de Mazarino se mostra pródigo

ENQUANTO Mazarino procurava recobrar-se do susto que tivera, Athos e Raul trocavam algumas palavras num canto do quarto.

— Estás, pois, em Paris, Raul? — perguntou o conde.

— Estou, sim, senhor, desde o regresso do senhor príncipe.

— Não podemos conversar neste lugar, em que nos observam, mas voltarei daqui a pouco para casa e lá ficarei à tua espera assim que to permita o serviço.

Raul inclinou-se. O senhor príncipe dirigia-se para ele.

Tinha o príncipe o olhar claro e profundo que distingue os pássaros de presa da espécie nobre; até a sua fisionomia apresentava diversos traços característicos de tal semelhança. Sabe-se que, no Príncipe de Conde, o nariz aquilino projetava-se agudo, incisivo, de uma testa levemente fugidia e mais baixa do que alta; o que, no dizer dos motejadores da corte, gente implacável até para o gênio, dava antes um bico de águia que um nariz humano ao herdeiro dos príncipes ilustres da casa de Conde.

O olhar penetrante, a imperiosa expressão da fisionomia perturbavam de ordinário os interlocutores do príncipe mais do que o teriam feito a majestade e a beleza regular do vencedor de Rocroy. De resto, tão depressa acudia a chama àqueles olhos salientes que toda e qualquer animação no rosto do senhor príncipe semelhava a cólera. Ora, em virtude de sua condição, toda a gente na corte respeitava-o, e muitos, vendo apenas o homem, levavam o respeito às raias do terror.

Luís de Conde, portanto, adiantou-se para o Conde de La Fère e Raul com a visível intenção de ser cumprimentado por um e de falar com o outro.

Ninguém sabia cumprimentar com graça mais reservada que o Conde de La Fère. Não se dignava de incluir numa reverência os matizes que o cortesão, de ordinário, tira da mesma cor: o desejo de agradar. Athos conhecia o próprio valor e saudava um príncipe como um homem, corrigindo com algo de simpático e indefinível o que pudesse ter de molesto para a classe suprema a inflexibilidade de sua atitude.

Ia o príncipe falar a Raul. Athos antecipou-se.

— Se o Sr. Visconde de Bragelonne — disse ele — não fosse um dos mui humildes servidores de Vossa Alteza, eu lhe pediria que pronunciasse o meu nome diante de Vossa Alteza... meu príncipe.

— Tenho a honra de falar com o Sr. Conde de La Fère — disse incontinenti o Sr. de Conde.

— Meu protetor — ajuntou Raul, carminando-se.

— Um dos homens mais honrados do reino — continuou o príncipe; — um dos primeiros fidalgos de França, e do qual tenho ouvido dizer tanto bem, que muita vez desejei contá-lo entre os meus amigos.

— Honra de que eu não seria digno, monsenhor — replicou Athos — senão pelo respeito e pela admiração que me merece Vossa Alteza.

— O Sr. de Bragelonne — disse o príncipe — é um oficial que, com se vê, cursou a boa escola. Ah! senhor conde, no vosso tempo os generais tinham soldados...

— É verdade, monsenhor; mas, hoje, os soldados têm generais. Esse cumprimento, que sabia tão pouco à lisonja, fez estremecer de alegria um homem que toda a Europa considerava como um herói e que já devia estar farto de elogios.

— Lamento muito — volveu o príncipe — que tenhais deixado o serviço, senhor conde; pois

dentro em pouco será mister que o rei se ocupe de uma guerra com a Holanda e de uma guerra com a Inglaterra, e não faltarão ocasiões para um homem como vós, que conheceis a Grã-Bretanha como a França.

— Creio poder afirmar, monsenhor, que fiz muito bem de deixar o serviço — retrucou Athos com um sorriso. — A França e a Grã-Bretanha viverão, daqui por diante, como duas irmãs, a não ser que me enganem os meus pressentimentos.

— Os vossos pressentimentos?

— Ouça, monsenhor, o que se diz lá embaixo à mesa do senhor cardeal.

— No jogo?

— No jogo... sim, monsenhor.

O cardeal, de fato, soerguera-se na cama e fez um sinal ao jovem irmão do rei, que dele se aproximou.

— Monsenhor — disse o cardeal — mande Vossa Alteza recolher, por favor, estes escudos de ouro.

E mostrava a pilha enorme de moedas fulvas e brilhantes que o Conde de Guiché amontoara, pouco e pouco, diante de si, mercê de uma sorte fabulosa.

— Para mim? — bradou o Duque de Anjou.

— Sim, monsenhor; os cinqüenta mil escudos são para Vossa Alteza.

— Vossa Eminência dá-mos?

— Joguei pensando em Vossa Alteza, monsenhor — replicou o cardeal enfraquecendo-se aos poucos, como se o esforço de dar lhe houvesse esgotado todas as faculdades físicas e morais.

— Oh! meu Deus — murmurou Filipe, quase doido de júbilo, — que belo dia!

E ele mesmo, fazendo uma paleta com as mãos, deixou cair parte da soma nos bolsos, enchendo-os... Entretanto, mais de um terço continuava sobre a mesa.

— Cavaleiro — disse Filipe ao valido, o Cavaleiro de Lorena — vem cá.

O favorito acorreu.

— Embolsa o resto — disse o jovem príncipe.

Esta cena singular não foi considerada por nenhum dos assistentes senão como uma festa tocante de família. Assumia o cardeal ares paternais em relação aos filhos de França, e os dois jovens príncipes tinham-lhe crescido debaixo das asas. Ninguém imputou, portanto, ao orgulho nem sequer à impertinência, como o faríamos hoje, a liberalidade do primeiro ministro.

Os palacianos contentaram-se de invejar... O rei virou a cabeça.

— Nunca tive tanto dinheiro — disse alegremente o jovem príncipe atravessando o quarto com o seu favorito para sair. — Nunca, nunca... Como pesam cento e cinqüenta mil libras!

— Mas por que dá o senhor cardeal todo esse dinheiro de uma vez só? — perguntou baixinho o senhor príncipe ao Conde de La Fère.

— Estará tão doente assim o querido cardeal?

— Muito doente, sem dúvida, monsenhor; está, aliás, com má cara, como Vossa Alteza pode ver.

— De fato... Mas isso o matará!... Cento e cinqüenta mil libras!... Não é crível! Vejamos, conde, por quê? Encontrai-nos uma razão.

— Um pouco de paciência, monsenhor, eu lhe peço; aí está o Sr. Duque de Anjou que vem para cá conversando com o Cavaleiro de Lorena; não me surpreenderá que me poupem o dissabor de ser indiscreto. Ouça-os Vossa Alteza.

Com efeito, dizia ao príncipe o cavaleiro a meia voz:

— Monsenhor, não é natural que o Sr. de Mazarino dê tanto dinheiro assim a Vossa Alteza...

Cuidado, não deixe cair as moedas, monsenhor... Que lhe quer o cardeal para ser tão generoso?

— Eu não dizia? — murmurou Athos ao ouvido do senhor príncipe; — agora virá talvez a resposta à pergunta de Vossa Alteza.

— E então, monsenhor? — insistiu, impaciente, o cavaleiro, calculando, pelo peso da algibeira, a quota da soma que lhe coubera por tabela.

— Presente de casamento, meu caro cavaleiro.

— Como, presente de casamento!

— Exatamente, caso-me! — replicou o Duque de Anjou, sem perceber que passava nesse instante diante do senhor príncipe e diante de Athos, que lhe fizeram profunda vénia.

O cavaleiro dirigiu ao duque um olhar tão estranho, tão cheio de ódio, que o Conde de La Fère estremeceu.

— Casa-se Vossa Alteza? — repetiu. — É impossível! Seria uma loucura!

— Não sou eu quem a faz; obrigam-me a fazê-la — replicou o Duque de Anjou. — Mas vem depressa; vamos gastar o dinheiro.

E desapareceu com o outro, risonho e tagarela, ao passo que as frontes se curvavam à sua passagem. Disse então o senhor príncipe a Athos:

— É esse o segredo?

— Não fui eu quem o revelou a Vossa Alteza.

— Ele casa com a irmã de Carlos II?

— Creio que sim.

O príncipe refletiu um momento e os seus olhos despediram uma chispa.

— Então — disse lentamente, como se falasse consigo só — voltam as espadas aos cabides... por muito tempo!

E suspirou.

Somente Athos adivinhou, pois só ele o ouviu, tudo o que aquele suspiro encerrava de ambições surdamente sufocadas, de ilusões extintas, de malogradas esperanças.

O senhor príncipe despediu-se imediatamente; el-rei partia.

Athos repetiu, com um sinal, o convite que fizera a Bragelonne no princípio desta cena.

Aos poucos foi-se o quarto tornando deserto, e Mazarino ficou só, presa de padecimentos que já não curava de esconder.

— Bernouin! Bernouin! — gritou com voz alquebrada.

— Que deseja monsenhor?

— Guénaud... chamem Guénaud — disse Sua Eminência; — parece que vou morrer.

Atarantado, correu Bernouin ao gabinete a fim de dar uma ordem, e o correio que saiu disparado à procura do médico cruzou o carro do rei na Rua Saint-Honoré.

Capítulo XLIII - Guénaud

A ORDEM do cardeal era urgente; Guénaud não se fez esperar. Encontrou o doente caído sobre o leito, com as pernas inchadas, lívido, o estômago comprimido. Mazarino acabava de sofrer um acesso terrível de gota. padecia horrivelmente e com a impaciência de um homem não habituado às resistências. A chegada de Guénaud:

— Ah! — disse ele — estou salvo!

Guénaud era um médico sapientíssimo e sumamente circunspecto, que não precisava das críticas de Boileau para ter uma grande reputação. Quando se via diante de uma doença, ainda que personificada num rei, tratava o paciente com extremo rigor. Não respondeu, portanto, a Mazarino com as palavras que o ministro esperava ouvir: "Chega o médico; vai-se a doença!" Mas, pelo contrário, examinando o paciente com ar muito grave:

— Oh! oh! — disse ele.

— Que foi, Guénaud?... Que cara tens hoje!

— Tenho a cara que é preciso para ver o mal de Vossa Eminência, um mal perigosíssimo.

— A gôta... Oh! sim, a gôta.

— Com complicações, Monsenhor.

Soergueu-se Mazarino e, interrogando com o olhar, com o gesto:

— Que me dizes? Estarei mais doente do que eu mesmo suponho?

— Monsenhor, - respondeu Guénaud assentando-se ao pé da cama. — Vossa Eminência trabalhou muito em sua vida, Vossa Eminência sofreu muito.

— Mas parece-me que não estou tão velho assim... O finado

Sr. de Richelieu tinha apenas dezessete meses a menos do que eu quando passou, vítima duma enfermidade mortal. Sou moço ainda. Guénaud, reflete um pouco: tenho apenas cinquenta e dois anos.

— Oh! Monsenhor, Vossa Eminência tem muito mais do que isso... Quanto tempo durou a Fronda?

— Por que essa pergunta, Guénaud?

— Por causa de um cálculo médico.

— Creio que durou uns dez anos... mais ou menos.

— Muito bem; conte Vossa Eminência três anos por cada ano da Fronda... são trinta; ora, vinte e mais cinquenta e dois são setenta e dois. Vossa Eminência tem setenta e dois anos, Monsenhor é uma idade avançada.

Dizendo isso, tomava o pulso do paciente. E encontrou-o tão cheio de tristes prognósticos que prosseguiu imediatamente a despeito das interrupções do enfermo:

— Multipliquemos por quatro os anos da Fronda: Vossa Eminência viveu oitenta e dois anos.

Mazarino empalideceu extremamente e foi com voz apagada que perguntou:

— Falas sério, Guénaud?

— Infelizmente, Monsenhor.

— Buscas um rodeio para anunciar-me que estou muito doente?

— Sim, Monsenhor, e com um homem que tem o espírito e a coragem de Vossa Eminência, não se deviam usar rodeios.

Respirava o cardeal com tamanha dificuldade que penalizou até o implacável facultativo.

— Há doenças e doenças, - tornou Mazarino — E nem todas são mortais.

— De fato, Monsenhor.

— Não é mesmo? — exclamou Mazarino quase alegre; — pois, afinal de contas, de que serviriam o poder, a força de vontade? De que serviria o gênio, o teu gênio, Guénaud? De que servem por fim, a ciência e a arte, se o doente que dispõe de tudo isso não pode salvar-se do perigo?

Guénaud ia abrir a boca. Mazarino continuou:

— Pensa, — disse ele, — em que sou o mais confiante dos teus clientes, pensa em que te obedeço cegamente, e que, portanto...

— Sei disso.

— Quer dizer que vou sarar?

— Monsenhor, não há força de vontade, nem poder, nem gênio, nem ciência que resistam ao mal que Deus envia ou atira à terra com plenos poderes para matar e destruir os homens. Quando o mal é mortal, mata, e não há o que lhe resista...

— O meu mal... é... mortal? — perguntou Mazarino.

— É, Monsenhor.

Sua Eminência deixou-se cair por um momento, como o infeliz de uma coluna acaba de esmagar... Mas era uma alma de muito boa têmpera, ou melhor, um espírito bem sólido, o espírito do Sr. de Mazarino.

— Guénaud, — disse ele, tomando a erguer-se, — permitirás que eu apele da tua sentença. Quero reunir os homens mais sábios da Europa, quero consultá-los... quero, enfim, viver em virtude de qualquer remédio que seja.

— Não suporá Vossa Eminência, — retorquiu Guénaud, — que eu tenha a pretensão de me haver pronunciado sozinho sobre uma existência preciosa como a sua; já reuni todos os bom médicos e práticos de França e da Europa... Eram doze.

— E concluíram?...

— Concluíram que Vossa Eminência sofre de uma enfermidade mortal, trago na pasta a consulta assinada. Se Vossa Eminência quiser, poderá ler a lista de todas as doenças incuráveis que descobrimos. Em primeiro lugar...

— Não! não! — bradou Mazarino, repelindo o papel. - Não,

Guénaud, rendo-me, rendo-me!

E um silêncio profundo, durante a qual Sua Eminência recobrou a coragem e reparou as forças, sucedeu às agitações da cena anterior.

— Há outra coisa, — murmurou Mazarino. — há os empíricos, os charlatões. Na minha terra, os desenganados pelos médicos entregam-se às mãos de um vendedor de drogas, que dez vezes os mata, mas cem vezes os salva.

— Não notou Vossa Eminência que lhe troquei, neste mês, dez vezes os remédios?

— Sim... Que é que tem?

— Tem que gastei cinquenta mil libras para comprar os segredos de todos esses patifes; esgotou-se a lista; a minha bolsa também. Vossa Eminência não está curado e sem a minha arte estaria morto.

— Acabou-se — murmurrou o cardeal — acabou-se.

Relanceou o olhar sombrio pelas suas riquezas.

— Terei de deixar tudo isso! — suspirou. Estou morto, Guénaud! estou morto!

— Ainda não, Monsenhor, — disse o médico.

Mazarino agarrou-lhe a mão.

— Daqui a quanto tempo? — perguntou, cravando dois olhos enormes e fixos no rosto impassível do esculápio.

— Isso nunca se diz, Monsenhor.

— Aos homens comuns, não; mas a mim... a mim, cujos médicos valem tesouros, dize-mo, Guénaud, dize-mo!

— Não, não, Monsenhor.

— Eu o quero, dize. Oh! dá me um mês, e por cada um desses trinta dias eu te pagarei cem mil libras.

— Monsenhor, — replicou Guénaud com voz firme, — é Deus quem lhe dá os dias de graça, e não eu. Deus, portanto, ainda lhe dá quinze dias!

Despediu o cardeal doloroso suspiro e tornou a cair sobre o travesseiro murmurrando:

— Obrigado, Guénaud, obrigado!

Ia afastar-se o médico; voltou a erguer-se o moribundo:

— Silêncio! — exigiu, com olhos chamejantes. — silêncio!

— Monsenhor, faz dois meses que conheço esse segredo, Vossa Eminência bem vê que eu soube guardá-lo.

— Vai. Guénaud, vai, que eu cuidarei da tua fortuna; vai, e dize a Brienne que me mande um mensageiro; chamem o Sr. Colbert. Vai.

Capítulo XLIV - Colbert

COLBERT não estava longe. Passara a noite num corredor, conversando com Bernouin, com Brienne, e comentando, com a habilidade ordinária dos palacianos, as notícias que se desenhavam como bolhas de ar à superfície de cada acontecimento. Já é tempo, sem dúvida, de traçar em poucas palavras um dos retratos mais interessantes do século XVII, e de traçá-lo talvez com a mesma precisão com que puderam fazê-lo os pintores contemporâneos. Colbert foi um homem sobre o qual têm direitos iguais o historiador e o moralista.

Era treze anos mais velho do que Luís XIV, seu futuro amo. De estatura mediana, mais magro que gordo, tinha olhos encovados, rosto escuro, cabelo grosso, preto e escasso, o que levou, dizem os biógrafos do tempo, a usar muito cedo a calota. Olhar severo, duro; uma espécie de rigidez que, para os inferiores, era orgulho, e para os superiores, afetação de virtuosa dignidade; arrogância sobre todas as coisas, até quando, sozinho, se mirava a um espelho. Tudo isso quanto ao exterior do personagem.

Quanto ao moral, gabava-se-lhe a profundeza do talento para os cálculos e a capacidade de tirar leite de pedra.

Colbert imaginara obrigar os governadores das praças das fronteiras a alimentarem as guarnições sem soldo com a verba que tirassem das contribuições. Tão preciosa qualidade sugeriu ao Sr. Cardeal Mazarino a idéia de substituir Joubert, seu intendente que acabava de morrer, pelo Sr. Colbert, que tão bem comprimia as despesas.

Manso e manso, introduzira-se na corte, apesar da mediocridade de seu nascimento, pois era filho de um comerciante de vinhos, que depois traficara em panos e, a seguir, em sedas.

Destinado a princípio ao comércio, fora caixeiro de um negociante de Lião, que deixara para entrar no escritório de um procurador chamado Biterne, em Paris. Assim aprendera a formar uma conta e a arte infinitamente mais preciosa de embaralhá-la.

A inflexibilidade de Colbert fôra-lhe utilíssima, pois. o fato é que a fortuna, quando se encapricha, semelha as mulheres da antigüidade cuja fantasia não repelia nada que observasse no físico e no moral das coisas e dos homens.

Colocado em casa de Miguel Letellier, secretário de Estado em 1648, por seu primo Colbert, Sr. de Saint-Pouange, que o favorecia, recebeu Colbert do ministro, um belo dia, uma incumbência junto do Cardeal Mazarino.

Sua Eminência gozava então de saúde invejável, e os anos maus da Fronda, para ele, ainda não tinham sido multiplicados por três nem por quatro. Estava em Sedan, profundamente enredado numa intriga palaciana em que Ana d'Áustria parecia querer desertar-lhe a causa.

Letellier dirigia os fios da intriga.

Acabava de receber uma carta de Ana d'Áustria, muito preciosa para ele e muito comprometedora para Mazarino; mas como já desempenhasse o duplo papel que tão bem lhe serviu, e manejasse sempre dois inimigos para sacar proveito de um ou do outro, indispondo-os ainda mais ou reconciliando-os, Miguel Letellier quis mandar a Mazarino a carta de Ana d'Áustria, a fim de que o cardeal tomasse conhecimento dela e lhe ficasse obrigado pelo serviço tão galantemente prestado.

Mandar a carta, era fácil; recobrá-la após a comunicação é que era difícil. Letellier lançou os olhos em derredor e, dando com o empregado escuro e magro, de sobrecenho, que rabiscava em seus escritórios, preferiu-o ao melhor gendarme para levar a cabo o seu desígnio.

Colbert.

Colbert teve ordem de partir para Sedan, mostrar a carta a Mazarino e trazê-la de volta a Letellier.

Ouviu as instruções com escrupulosa atenção, pediu que lhe repetissem por duas vezes o teor delas, insistiu sobre se tornar a trazê-la era tão necessário quanto mostrá-la, e ouviu em resposta:

— Mais necessário.

Partiu, viajou como um correio que não se preocupa com o corpo, e entregou a Mazarino, primeiro uma carta de Letellier que anunciava ao cardeal o envio da carta preciosa e, a seguir, a própria carta.

Mazarino ficou muito vermelho vendo a missiva de Ana d'Áustria, dirigiu um gracioso sorriso a Colbert e despediu-o.

— Para quando a resposta, monsenhor? — perguntou, humílimo, o correio.

— Para amanhã.

— Amanhã cedo?

— Sim, senhor.

O empregado girou sobre os calcanhares depois de executar a sua mais nobre reverência.

No dia seguinte achava-se no posto desde as sete horas. Mazarino fê-lo esperar até às dez.

Colbert nem pestanejou na antecâmara; chegada a sua vez, entrou.

Mazarino entregou-lhe um pacote lacrado, em cujo invólucro se liam estas palavras:

"Ao Sr. Miguel Letellier, etc."

Colbert examinou o pacote com suma atenção; o cardeal considerou-o com encantadora amabilidade e empurrou para a porta.

— E a carta da rainha-mãe, monsenhor? — perguntou Colbert.

— Está com o resto, no pacote — replicou Mazarino.

— Ah! muito bem — tornou Colbert.

E, segurando o chapéu entre os joelhos, pôs-se a desamarrar o pacote.

Mazarino soltou um grito.

— Que estais fazendo? — perguntou, brutalmente.

— Desamarrando o pacote, monsenhor.

— Suspeitais de mim, senhor pedante? Onde já se viu tamanha impertinência!

— Oh! monsenhor, não se zangue comigo! Não é decerto a palavra de Vossa Eminência que ponho em dúvida, Deus me livre!

— O que é, então?

— A eficiência da sua chancelaria, monsenhor. Que é uma carta? Um pedaço de papel. Ora, um pedaço de papel não pode ser esquecido?... Pode. E veja, monsenhor, veja se eu não tinha razão. Os seus secretários esqueceram o pedaço de papel: a carta não está no pacote.

— Sois um insolente e não vistes coisa alguma! — bradou Mazarino, irritado; — retirai-vos e esperai as minhas ordens!

Dizendo essas palavras com uma sutileza bem italiana, arrancou o pacote das mãos de Colbert e voltou aos seus aposentos. Mas a cólera não podia durar tanto que não fosse um dia substituída pelo raciocínio.

Toda manhã, ao abrir a porta do gabinete, dava Mazarino com a cara de Colbert de sentinela atrás do banco, e essa figura desagradável lhe pedia, humilde mas tenazmente, a carta da rainha-mãe.

Mazarino não agüentou e teve de devolvê-la.

Acompanhou a restituição com violentíssima reprimenda, durante a qual se contentou Colbert de examinar, revirar e até cheirar o papel, as letras e a assinatura, exatamente como se tratasse com o maior falsário do reino. Mazarino tratou-o mais rudemente ainda, e Colbert, impassível, tendo obtido a certeza de que a carta era a verdadeira, partiu como se fosse surdo.

Esse procedimento valeu-lhe mais tarde o posto de Joubert, pois Mazarino, em vez de lhe guardar rancor, admirou-o e quis conquistar para si tamanha fidelidade.

A anedota revela o que era o espírito de Colbert.

Desenrolando-se aos poucos, os acontecimentos deixarão funcionar livremente todas as molas desse espírito.

Não demorou Colbert em granjear as boas graças do cardeal: tornou-se-lhe indispensável.

Conhecia-lhe todas as contas, sem que o cardeal lhe tivesse jamais falado nelas. Esse segredo entre eles, era um poderoso liame, e eis porque, na iminência de apresentar-se ao senhor de outro mundo, queria Mazarino aconselhar-se e decidir o que faria dos bens que forçoso lhe seria deixar neste mundo.

Após a visita de Guénaud, chamou Colbert, fê-lo sentar-se e disse-lhe:

— Conversemos, Sr. Colbert, e seriamente, pois estou doente e pode ser que venha a morrer.

— O homem é mortal — replicou Colbert.

— Sempre me lembrei disso, Sr. Colbert, e trabalhei com esse pensamento... Sabeis que juntei alguma coisinha...

— Sei, monsenhor.

— Em quanto a avaliais, mais ou menos, Sr. Colbert?

— Em quarenta milhões, cento e sessenta mil e duzentas libras, nove soldos e oito dinheiros — respondeu Colbert.

Despediu o cardeal um suspiro profundo e considerou Colbert com admiração; mas não conteve um sorriso.

— Dinheiro conhecido — acrescentou Colbert em resposta ao sorriso.

O cardeal deu um pulo na cama.

— Que dizeis? — perguntou.

— Digo — exclareceu Colbert — que além dos quarenta milhões, cento e sessenta mil e duzentas libras, nove soldos e oito dinheiros, há mais treze milhões que ninguém conhece.

— Uf! — suspirou Mazarino — que homem!

Nesse momento surgiu no vão da porta a cabeça de Bernouin.

— Que aconteceu? — perguntou Mazarino — e por que me perturbam?

— O padre teatino, diretor espiritual de Vossa Eminência, que mandaram chamar para hoje à noite; ele só poderá voltar depois de amanhã.

Mazarino olhou para Colbert, que pegou imediatamente no chapéu dizendo:

— Voltarei, monsenhor. Mazarino hesitou.

— Não, não — disse ele — preciso tanto de vós quanto dele. Aliás, sois também meu confessor... e o que digo a um, o outro pode ouvir. Ficai, Colbert.

— Mas, monsenhor, não havendo segredo de penitência, consentirá o diretor?

— Não vos preocupeis com isso, entrai na *ruelle*.

— Posso esperar lá fora, monsenhor.

— Não, não, convém que ouçais a confissão de um homem de bem.

Inclinou-se Colbert e entrou na *ruelle*.

— Faze entrar o padre teatino — ordenou Mazarino fechando as cortinas.

Capítulo XLV - A confissão de um homem de bem

O TEATINO entrou deliberadamente, sem se espantar em demasia com o ruído e o movimento que as inquietações tocantes à saúde do cardeal haviam despertado na casa.

— Vinde, reverendo — disse Mazarino depois de um último olhar dirigido à *ruelle;* — vinde e aliviai-me.

— É o meu dever, monsenhor — replicou o teatino.

— Começai por assentar-vos comodamente, pois vou principiar por uma confissão geral; logo depois me dareis uma boa absolvição, e eu me sentirei mais tranqüilo.

— Monsenhor — acudiu o reverendo — Vossa Eminência não está tão doente que seja urgente uma confissão geral... E tenha cuidado, que há de ser cansativa!

— Imaginais que seja muito comprida, reverendo?

— Como supor outra coisa de uma pessoa que viveu tão intensamente quanto Vossa Eminência?

— Ah! é verdade... Sim, a narração pode ser longa.

— A misericórdia de Deus é grande — fanhoseou o teatino.

— Vede — continuou Mazarino — já começo a assustar-me por haver deixado passar tanta coisa que o Senhor poderia reprovar.

— Não é verdade? — observou ingenuamente o teatino afastando da lâmpada o rosto fino e pontudo como o de uma toupeira. — Os pecadores são assim: esquecidos antes e depois escrupulosos, quando já é demasiado tarde.

— Pecadores ou pescadores? — replicou Mazarino. — Pronunciais a palavra com ironia e para censurar-me todas as genealogias que mandei fazer a meu respeito... eu, filho de pescador?

— Hum! — resmungou o teatino.

— Aí está um primeiro pecado, reverendo; pois, enfim, permiti que me fizessem descender dos velhos cônsules de Roma, T. Geganius Macerinus I, Macerinus II e Próculos Macerinus III, de que fala a crônica de Haolander... De Macenirus a Mazarino, a proximidade era tentadora. Macerinus, diminutivo, quer dizer magricela. Oh! reverendo, Mazarino hoje bem pode significar, no aumentativo, magro como um Lázaro. Vêde! E descobriu os braços descarnados e as pernas devoradas pela febre.

— Em que Vossa Eminência tenha nascido de uma família de pescadores — volveu o teatino — não vejo nada de desagradável para si... pois, afinal de contas, São Pedro era pescador, e se Vossa Eminência é príncipe da Igreja, ele foi o seu chefe supremo. Adiante, por favor.

— Tanto mais que ameacei trancafiar na Bastilha certo Bounet, padre de Avinhão, que queria publicar uma genealogia da *Casa Mazarini* maravilhosa demais.

— Para ser verossímil? — perguntou o teatino.

— Oh! se eu o tivesse feito com essa idéia, reverendo, teria cometido um pecado de orgulho...

— Qual o quê! Simples demasia de espírito, que nunca se pode censurar a ninguém. Adiante, adiante.

— Eu estava no orgulho... Como vedes, reverendo, procuro dividir a confissão pelos pecados capitais.

— Gosto das divisões bem feitas.

— Ainda bem. Deveis saber que em 1630... ai! faz hoje trinta e um anos!

— Tinha Vossa Eminência vinte e nove.

— Idade fogosa. Eu assumia ares de soldado atirando-me entre as arcabuzadas de Casal, para

mostrar que montava tão bem quanto um oficial. É verdade que levei a paz aos espanhóis e aos franceses. Isso me redime um pouco do meu pecado.

— Não vejo pecado nenhum em mostrar-se alguém bom cavaleiro — disse o teatino; — é um exercício de extraordinário bom gosto, que honra a nossa roupeta. Como cristão aprovo que Vossa Eminência tenha obstado à efusão de sangue; como religioso, ufano-me da bravura demonstrada por um colega.

Mazarino fez um humilde cumprimento com a cabeça.

— Sim — disse ele — mas as conseqüências!

— Que conseqüências?

— Ora! esse maldito pecado de orgulho tem raízes sem fim... Depois que me atirei assim entre dois exércitos, que senti o cheiro da pólvora e percorri as linhas de soldados, olhava com certo desprezo para os generais.

— Ah!

— Aí está o mal... De sorte que não consegui encontrar um único general suportável depois disso.

— O fato — conveio o teatino — é que os nossos generais não eram grande coisa.

— Oh! — exclamou Mazarino — havia o senhor príncipe.... que mortifiquei bastante!

— Ele não tem de que se queixar; granjeou muitas glórias e muitas riquezas.

— Vá lá quanto ao senhor príncipe; mas o Sr. de Beaufort, por exemplo... que tanto fiz sofrer no castelo de Vincennes?

— Ah! era um rebelde, e a segurança do Estado exigia que Vossa Eminência fizesse o sacrifício. Adiante.

— Creio que o orgulho está esgotado. Há outro pecado que tenho medo de qualificar...

— Eu o qualificarei... Diga sempre, monsenhor.

— Um pecado muito grande, reverendo.

— Veremos, monsenhor.

— Deveis ter ouvido falar em certas relações que eu teria mantido... com Sua Majestade a rainha-mãe... Os perversos...

— Os perversos, monsenhor, são uns tolos... Não era preciso, para o bem do Estado e para o interesse do jovem rei, que Vossa Eminência vivesse em boa inteligência com a rainha-mãe? Adiante, adiante.

— Vós me tirais do peito um peso terrível.

— Ninharias!... Procure Vossa Eminência as coisas sérias.

— Muita ambição, reverendo...

— É a marcha das grandes coisas, monsenhor.

— Até a veleidade da tiara?

— Ser papa é ser o primeiro dos cristãos... Por que não o teria desejado Vossa Eminência?

— Escreveu-se que, para consegui-lo, vendi Cambrai aos espanhóis.

— Vossa Eminência mesmo já não fez alguns panfletos sem perseguir demasiado os panfletários?

— Então, reverendo, tenho o coração bem limpo. Restam apenas uns pecadilhos.

— Diga.

— O jogo.

— É um tanto mundano; mas, enfim, Vossa Eminência era obrigado, por dever de grandeza, a ter casa posta.

— Eu gostava de ganhar...

— Não há jogador que jogue para perder.

— Eu trapaceava um pouco...
— É do jogo. Adiante.
— Pois bem! reverendo, já não sinto nada na consciência. Dai-me a absolvição, e a minha alma poderá, quando Deus a chamar, subir sem dificuldades até ao seu trono.
O teatino não mexeu os braços nem os lábios.

La confession de Mazarin.

— Que esperais, reverendo? — perguntou Mazarino.
— Espero o fim.
— O fim do quê?
— Da confissão, monsenhor.
— Mas já acabei!
— Oh! não! Engana-me Vossa Eminência.
— Que eu saiba, não.
— Procure bem.
— Procurei o melhor que pude.
— Vou ajudar-lhe a memória.
— Vamos a ver.
O teatino tossiu várias vezes.
— Vossa Eminência não falou da avareza, outro pecado capital, nem dos milhões — disse ele.

— Que milhões, reverendo?
— Os que Vossa Eminência possui, monsenhor.
— Meu pai, se esse dinheiro é meu, por que hei de falar nele?
— Mas no caso diferem as nossas opiniões. Diz Vossa Eminência que o dinheiro é seu, e eu creio que é um pouco dos outros.
Mazarino levou a mão fria à testa marejada de suor.
— Como assim? — balbuciou.
— Explico. Vossa Eminência ganhou muito dinheiro a serviço de el-rei.
— Hum! muito... não é demais.
— Seja como for, de onde vinha o dinheiro?
— Do Estado.
— O Estado é o rei.
— Mas qual é a conclusão, reverendo? — perguntou Mazarino, que principiava a tremer.
— Não posso chegar a conclusão nenhuma sem uma lista dos bens que possui Vossa Eminência. Contemos um pouco, por favor: Vossa Eminência possui o bispado de Metz?
— Possuo.
— As abadias de Saint-Clément, de Saint-Arnoud e de Saint-Vincenti, também em Metz?
— Possuo.
— Possui a abadia de Saint-Denis, em França, uma bela propriedade.
— Possuo, reverendo.
— Possui a abadia de Cluny, que é rica!
— Possuo.
— A de Saint-Métard, em Soissons, que dá cem mil libras de renda!
— Não o nego.
— A de Saint-Victor, em Marselha, uma das melhores do Sul!
— Sim, meu pai.
— Um bom milhão por ano. Com os emolumentos do cardinalato e do ministério, talvez dois milhões por ano.
— Eh!
— Em dez anos, vinte milhões... e vinte milhões colocados a cinqüenta por cento, dão, por progressão, outros vinte milhões em dez anos.
— Como contais, para um teatino!
— Desde que Vossa Eminência colocou a nossa ordem no convento que ocupamos perto de Saint-Germaind-des-Prés, em 1644, sou em quem faz as contas da sociedade.
— E as minhas, pelo que vejo, reverendo.
— É preciso saber um pouco de tudo, monsenhor.
— Muito bem! concluí.
— Concluo que a bagagem é grande demais para que Vossa Eminência consiga passar pela porta do paraíso.
— Serei condenado?
— Se não restituir, será.
Mazarino soltou um grito lamentável.
— Restituir! mas a quem, meu Deus?
— Ao dono do dinheiro, ao rei!
— Mas se foi o rei quem me deu tudo!...

— Um momento! o rei não assina as ordens de pagamento! Mazarino passou dos suspiros aos gemidos.

— A absolvição — pediu ele.

— Impossível, monsenhor... Restitua, restitua — insistiu o teatino.

— Mas, afinal, vós me absolvestes de todos os pecados; por que não desse?

— Porque — respondeu o confessor — absolvê-lo por esse motivo é um pecado de que o rei nunca me absolveria, monsenhor.

Dizendo isso, o confessor deixou o penitente com expressão muito compungida e saiu com o mesmo passo com que tinha entrado.

— Oh! meu Deus — gemeu o cardeal... — Vinde, Colbert; estou muito doente, meu amigo!

Capítulo XLVI - A doação

RESSURGIU Colbert debaixo das cortinas.

— Ouvistes? — perguntou Mazarino.

— Ouvi, monsenhor.

— Terá razão o teatino? E todo esse dinheiro será dinheiro mal ganho?

— Um teatino, monsenhor, é mau juiz em matéria de finanças — respondeu friamente Colbert. Entretanto pode ser que, à luz de suas idéias teológicas, Vossa Eminência tivesse algumas culpas. A gente sempre tem culpas... quando morre.

— E a primeira delas é morrer, Colbert.

— De fato, monsenhor. Todavia, para com quem acha o teatino que Vossa Eminência é culpado? Para com o rei.

Mazarino encolheu os ombros.

— Como se eu não tivesse salvado o Estado e as finanças dele!

— Isso não admite controvérsias, monsenhor.

— Não é mesmo? Por conseguinte, ganhei muito legitimamente o meu salário, a despeito do meu confessor.

— Sem dúvida.

— E poderia guardar para minha família, tão necessitada, boa parte... o total até do que ganhei!

— Não vejo nisso impedimento algum, monsenhor.

— Eu tinha certeza de ouvir um conselho sábio se vos consultasse, Colbert — replicou Mazarino muito alegre.

Colbert fez a sua careta de pedante.

— Monsenhor — disse ele — é preciso verificar, contudo, se o que diz o teatino não é um laço.

— Não! um laço... por quê? O teatino é homem de bem.

— Ele o supôs às portas da morte, visto que Vossa Eminência o consultou... Não lhe ouvi dizer: "Distinga o que lhe deu o rei daquilo que Vossa Eminência deu-se a si mesmo..." Procure bem, monsenhor, se ele não lhe disse mais ou menos isso; seria bem uma frase de teatino.

— É possível.

— Nesse caso, monsenhor, eu consideraria Vossa Eminência como intimado pelo religioso...

— A restituir? — exclamou Mazarino, esquentado.

— Não digo que não.

— Restituir tudo? Ora, adeus... Falais como o confessor.

— Restituir uma parte, isto é, a parte de Sua Majestade, pode ter os seus perigos, monsenhor. Vossa Eminência é um político muito hábil para ignorar que, neste momento, o rei não possui cinqüenta mil libras líquidas em seus cofres.

— Não tenho nada com isso — objetou Mazarino, triunfante; — isso é com o Sr. Superitendente Fouquet, cujas contas, nestes últimos meses, vos dei para verificar.

Ao simples nome de Fouquet, Colbert mordeu os lábios.

— Sua Majestade — disse ele entre dentes — não tem outro dinheiro que o que entesoura o Sr. Fouquet; o dinheiro de Vossa Eminência, monsenhor, seria para ele um delicioso manjar.

— Mas, afinal, eu não sou o superintendente das finanças do rei; tenho a minha bolsa... Está visto que farei, pela felicidade de Sua Majestade... alguns legados..., mas não posso espoliar minha

família...
— Um legado parcial desonra Vossa Eminência e ofende o rei. Uma parte legada a Sua Majestade é a confissão de que essa parte inspirou a Vossa Eminência algumas dúvidas quanto à legitimidade da sua aquisição.
— Sr. Colbert!
— Supus que Vossa Eminência me fazia a honra de pedir um conselho.
— Sim, mas ignorais os pormenores da questão.
— Não ignoro nada, monsenhor; vai para dez anos que passo revista a todas as colunas de algarismos que se fazem em França, e se as encaixei penosamente na cabeça, lá estão agora tão bem gravadas, que desde o cargo do Sr. Letellier, que é sóbrio, até às liberalidadezinhas secretas do Sr. Fouquet, que é pródigo, eu recitaria, cifra por cifra, todo o dinheiro que se gasta de Marselha a Cherburgo.
— Queríeis então que eu jogasse tudo o que tenho nos cofres do rei! — exclamou ironicamente Mazarino, a quem a gota arrancava ao mesmo tempo suspiros dolorosos. — De fato, o rei não me censuraria nada, mas caçoaria de mim comendo os meus milhões, e teria toda razão.
— Vossa Eminência não me compreendeu. Não pretendi, absolutamente, que el-rei pudesse gastar-lhe o dinheiro, monsenhor.
— Mas é o que me dizeis, segundo parece, quando me aconselhais a dar-lho.
— Ah! — replicou Colbert — é que Vossa Eminência, absorto pela sua doença, perde vista do caráter de Sua Majestade Luís XIV.
— Como assim?
— Creio que esse caráter, se me permite dizê-lo, muito se assemelha ao que Vossa Eminência confessava há pouco ao teatino.
— Permito; é?...
— O orgulho. Perdão, monsenhor; a altivez, queria eu dizer. Os reis não têm orgulho, que é uma paixão humana.
— O orgulho, sim, tendes razão; e depois?...
— Pois bem! Monsenhor, ou muito me engano ou Vossa Eminência deve entregar já, já, todo o seu dinheiro ao rei.
— Mas por quê? — perguntou Mazarino, muito intrigado.
— Porque o rei não o aceitará.
— Um rapaz sem dinheiro e roído pela ambição?
— Seja.
— Um rapaz que deseja a minha morte?...
— Monsenhor...
— Deseja, sim, Colbert, para herdar-me; sim, ele deseja a minha morte para herdar-me. Como sou burro! Mas hei de impedi-lo.
— Precisamente. Tal seja a forma da doação, ele a recusará.
— Ora!
— É positivo. Um rapaz que nunca fez nada, que anseia por ilustrar-se e reinar, só, não há de querer nada feito; há de querer construir. Esse príncipe, monsenhor, não se contentará com o Palais-Royal, que lhe legou o Sr. de Richelieu, nem com o palácio Mazarino que Vossa Eminência tão magnificamente edificou, nem com o Louvre que habitaram os seus antepassados, nem com o de Saint-Germain, onde nasceu. Desdenhará tudo o que não proceder dele, eu o garanto.
— E garantis que se eu der os meus quarenta milhões ao rei...

— Dizendo-lhe certas coisas, garanto que os recusará.
— Essas coisas... são?
— Eu as escreverei, se Vossa Eminência quiser ditar-mas.
— Mas, afinal, que vantagem levo nisso?
— Uma vantagem enorme. Ninguém mais poderá acusar Vossa Eminência de injusta avareza que os panfletários reprocharam ao espírito mais brilhante deste século.
— Tens razão, Colbert, tens razão; vai procurar o rei de minha parte e leva-lhe o meu testamento.
— Uma doação, monsenhor.
— E se ele aceitar? e se ele aceitar?
— Nesse caso, ainda ficariam para a família de Vossa Eminência treze milhões, que representam uma linda soma.
— Mas serias um traidor ou um tolo, nesse caso.
— E não sou uma coisa nem outra, monsenhor...
Vossa Eminência parece recear muito que o rei aceite... Oh! receio antes que ele não aceite...
— Se ele não aceitar, quero assegurar-lhe os meus treze milhões de reserva... sim... hei de fazê-lo... sim... Mas aí está a dor que volta; vou desfalecer... Estou doente, Colbert estou perto do fim.
Colbert estremeceu.
Estava, de fato, muito mal o cardeal: suava em bicas no leito de dor, e a palidez apavorante do rosto molhado era um espetáculo que o prático mais endurecido não teria suportado sem compaixão. Colbert sentiu-se decerto muito comovido, pois saiu do quarto chamando Bernouin para ao pé do moribundo e passou ao corredor.
Aí, andando de um lado para outro com uma expressão meditativa que lhe emprestava certa nobreza à cabeça vulgar, aos ombros arredondados, ao pescoço esticado, aos lábios entreabertos pelos quais fugiam farrapos descosidos de pensamentos incoerentes, animou-se a dar o passo que desejava tentar, enquanto que a dez jardas dele, separado apenas por uma parede, o amo debatia-se entre padecimentos que lhe arrancavam gritos lamentáveis, já não pensando nos tesouros da terra nem nas venturas do paraíso, mas tão-somente nos horrores do inferno.
Ao passo que os panos escaldantes, os tópicos, os revulsivos e Guénaud, novamente chamado à cabeceira do cardeal, funcionavam com atividade cada vez maior, Colbert, segurando entre as mãos a cabeçorra, para nela comprimir a febre dos projetos engendrados pelo cérebro, meditava no teor da doação que faria Mazarino escrever na primeira folga que lhe desse a moléstia. Dir-se-ia que todos os gritos do cardeal e todas as tentativas da morte sobre aquele representante do passado fossem estimulantes para o gênio do pensador de sobrancelhas cerradas, que já se voltava para o nascedouro do novo sol de uma sociedade regenerada.
Colbert tornou à presença de Mazarino quando a razão voltou ao enfermo e persuadiu-o a ditar uma doação nos seguintes termos:
"Na iminência de apresentar-me diante de Deus, senhor dos homens, rogo ao rei, meu senhor sobre a terra, aceite os bens que me concedeu a sua bondade e que minha família folgará de ver passar a mãos tão ilustres. O inventário deles estará lavrado à primeira requisição de Sua Majestade, ou ao derradeiro suspiro de seu servidor mais dedicado.
JÚLIO, Cardeal de Mazarino".
O cardeal assinou suspirando; Colbert lacrou o pergaminho e levou-o incontinenti ao Louvre, aonde el-rei acabava de voltar. Em seguida, recolheu-se, esfregando as mãos com a confiança de um operário que empregou bem o seu dia.

Capítulo XLVII - De como Ana d'Áustria deu um conselho ao filho e de como o Sr. Fouquet lhe deu outro

JÁ circulava a notícia da extremidade em que se encontrava o cardeal, e atraía pelo menos tanta gente ao Louvre quando a nova do casamento de Monsieur, irmão do rei, oficialmente anunciado.

Assim que recolheu Luís XIV aos seus aposentos, pensando ainda nas coisas que vira ou ouvira dizer aquela noite, anunciou o camarista que a mesma chusma de palacianos, que, de manhã, acorrera ao seu levantar, surgia agora ao seu deitar, favor insigne que a corte, muito pouco discreta em suas preferências, concedera ao ministro desde que ele principiara a reinar, sem grande preocupação de desagradar ao rei.

Mas o ministro tivera, como já dissemos, um grave acesso de gota, e a maré da lisonja subia agora para o trono.

Têm os cortesãos o maravilhoso instinto de farejar de longe os acontecimentos; possuem eles a ciência suprema: são diplomatas no esclarecer os grandes desenlaces das circunstâncias difíceis, capitães no adivinhar a sorte das batalhas, médicos no curar as doenças.

Luís XIV, a quem sua mãe ensinara esse axioma, entre outros, compreendeu que Sua Eminência o Cardeal Mazarino estava muito doente.

Assim que Ana d'Áustria conduziu a jovem rainha aos seus aposentos e aliviou-lhe a fronte do toucado de cerimônia, foi ter com o filho, que, taciturno e só em seu gabinete, o coração ulcerado, devorava, como para exercitar a própria vontade, uma dessas cóleras surdas e terríveis, cóleras de rei, que geram acontecimentos quando explodem, mas que, em Luís XIV, mercê do seu maravilhoso poder sobre si mesmo, se tornaram em benignas tempestades; que a sua cólera mais fogosa, a única, que Saint-Simon, espantado, assinalou, explodiu cinqüenta anos mais tarde a propósito de um esconderijo do Sr. Duque do Maine, e teve como resultado uma chuva de bengaladas aplicadas às costas de um pobre lacaio que roubara um biscoito.

Encontrava-se, pois, o jovem rei, como dissemos, presa de dolorosa sobre-excitação e dizia, mirando-se a um espelho: — ó rei!... rei de nome, e não de fato... fantasma, vão fantasma que és!... estátua inerte que não tens outro poder que o de provocar uma saudação da parte dos áulicos, quando poderás erguer o teu braço de veludo, apertar a tua mão de seda? quando poderás abrir para outra coisa se não para suspirar ou sorrir os teus lábios condenados à estúpida imobilidade dos mármores de tua galeria?

Em seguida, passando a mão pela testa, ofegante, avizinhou-se da janela e viu, lá embaixo, alguns cavaleiros, que conversavam e uns grupos timidamente curiosos.

Os cavaleiros representavam uma fração da ronda; os grupos eram formados de basbaques, de gente para a qual um rei é sempre uma coisa curiosa, como um rinoceronte, um crocodilo ou uma serpente.

Bateu na testa com a palma da mão, bradando:

— Rei de França! que título! Povo de França! que massa de criaturas! Volto para o meu Louvre; os meus cavalos, apenas desaparelhados, resfolegam ainda, e o interesse que desperto não chega a atrair sequer vinte pessoas para me verem passar... Vinte... que digo! não, não há sequer vinte curiosos para o rei de França, não há sequer dez arqueiros para guardarem a minha casa: arqueiros, povo, guardas, está tudo no Palais-Royal. Por que, meu Deus? Eu, o rei, não tenho acaso o direito de perguntar-vos

isso?

— Porque — disse uma voz que respondia à sua e que se ouviu do outro lado da porta do gabinete; — porque no Palais-Royal está todo o ouro, isto é, todo o poder de quem quer reinar.

Voltou-se Luís precipitadamente. A voz que acabava de pronunciar essas palavras era a de Ana d'Áustria. O rei estremeceu e, adiantando-se para a mãe:

— Espero — disse ele — que não tenhais prestado atenção às vãs declamações de que a solidão e o tédio familiar aos reis dão idéia aos caracteres mais felizes!

— Só prestei atenção numa coisa, meu filho: é que vós vos lastimáveis.

— Eu? de maneira alguma — tornou Luís XIV; — não, não; engano vosso, senhora.

— Que fazíeis então, Sire?

— Parecia-me estar sob a férula do professor e desenvolvia um tema de composição.

— Meu filho — tornou Ana d'Áustria meneando a cabeça — fazeis mal de não vos fiardes em minha palavra; fazeis mal de não me concederdes a vossa confiança. Dia virá, e talvez não demore, em que precisareis recordar este axioma: "O ouro é a onipotência, e só são verdadeiramente reis os onipotentes".

— Mas a vossa intenção — atalhou o príncipe — não era censurar os ricos deste século?

— Não — retrucou vivamente Ana d'Áustria — não, Sire; os ricos deste século, sob o vosso reinado, são ricos porque vós o quisestes, e não alimento contra eles rancor nem inveja; serviram-vos sem dúvida muito bem para que lhes tenhais permitido recompensarem-se a si mesmos. Eis o que quero dizer com as palavras que pareceis reprochar-me.

— Deus me livre, senhora, de reprochar o que quer seja a minha mãe!

— Aliás — prosseguiu Ana d'Áustria — o Senhor só concede temporariamente os bens desta terra; como corretivos para as honras e riquezas, deu-nos o sofrimento, a doença, a morte, e ninguém — ajuntou, com doloroso sorriso, a provar que aplicava a si mesma o fúnebre preceito — ninguém leva os seus bens nem a sua grandeza para o túmulo. Daí resulta que os moços colhem os frutos da fecunda messe preparada pelos velhos.

Luís ouvia com atenção cada vez maior as palavras acentuadas por Ana d'Áustria com o fito manifesto de consolá-lo.

— Senhora — disse ele encarando fixamente com a mãe — dir-se-ia, na verdade, que tendes mais alguma coisa para anunciar-me.

— Não tenho absolutamente nada, meu filho; mas observastes esta noite que o senhor cardeal está muito doente?

Luís fitou-a, atento, procurando uma emoção em sua voz, uma dor em sua fisionomia. O rosto de Ana d'Áustria parecia levemente alterado; mas esse sofrimento tinha um caráter inteiramente pessoal. A sua alteração talvez fosse causada pelo câncer que principiava a morder-lhe o seio.

— Sim, senhora — disse o rei. — O Sr. de Mazarino está muito doente.

— E seria uma grande perda para o reino se Sua Eminência viesse a ser chamado por Deus. Não concordais comigo, meu filho? — perguntou Ana d'Áustria.

— Sem dúvida, senhora, sem dúvida, seria uma grande perda para o reino — respondeu Luís, carminando-se; — parece-me, contudo, que não é tão grande o perigo e o senhor cardeal ainda é moço.

O rei acabava de falar quando um contínuo correu o reposteiro e quedou em pé, com um papel na mão, esperando que o soberano o interrogasse.

— Que é isso? — perguntou el-rei.

— Uma mensagem do Sr. de Mazarino — respondeu o continuo.

— Dai-ma — disse Luís.

E pegou no papel. Mas ia abri-lo quando se ouviu, ao mesmo tempo, um estrépido na galeria, nas antecâmaras e no pátio.

— Ah! ah! — exclamou Luís XIV que certamente reconheceu o triplo ruído — que dizia eu? que só há um rei em França? enganei-me, há dois.

Nesse momento abriu-se a porta e o superintendente das finanças Fouquet surgiu diante do rei. Era ele quem fazia o barulho na galeria; eram os seus lacaios que faziam o barulho nas antecâmaras: eram os seus cavalos que faziam o barulho no pátio. Além disso, ouvia-se um longo murmúrio à sua passagem, que só se extinguia muito tempo depois. Era o murmúrio que Luís XIV lastimava não ouvir ao passar.

— Esse não é precisamente um rei como o supondes — disse Ana d'Áustria ao filho; — é um homem rico demais, apenas.

E ao pronunciar essa frase, um sentimento amargo deu às palavras da rainha a sua expressão mais odienta; ao passo que a fronte de Luís, calmo e senhor de si, não apresentava a sombra sequer de uma ruga.

Cumprimentou, portanto, livremente Fouquet com a cabeça, enquanto continuava a desenrolar o papel entregue pelo contínuo. Fouquet viu o movimento e, com uma polidez ao mesmo tempo desembaraçada e respeitosa, aproximando-se de Ana d'Áustria para deixar ao rei a máxima liberdade.

Luís desenrolara o papel, mas não lia.

Ouvia os adoráveis e graciosos cumprimentos que fazia Fouquet à rainha sobre as suas mãos e os seus braços.

Desanuviou-se o rosto de Ana d'Áustria, que quase sorriu.

Fouquet notou que o rei, em vez de ler, o contemplava e escutava; deu meia volta e, continuando, por assim dizer, a pertencer a Ana d'Áustria, virou-se para o jovem monarca.

— Sabeis, Sr. Fouquet — disse Luís XIV — que Sua Eminência está passando muito mal?

— Sei, Sire, sei disso — respondeu Fouquet; — Sua Eminência, de fato, está muito mal. Eu achava-me em minha quinta de Vaux quando me chegou a notícia, tão urgente que deixei tudo.

— Saístes de Vaux esta noite?

— Faz hora e meia, Majestade — redarguiu Fouquet, consultando um relógio cravejado de brilhantes.

— Hora e meia! — exclamou o rei, capaz de dominar a cólera, mas incapaz de esconder o pasmo.

— Compreendo, Sire, Vossa Majestade duvida de minha palavra, e tem razão; mas se vim assim foi quase por milagre. Tinham-me mandado de Inglaterra três parelhas de cavalos muito fogosos, segundo me asseguraram; dispu-los de quatro em quatro léguas e experimentei-os esta noite. Eles percorreram, de fato, a distância entre Vaux e o Louvre numa hora e meia e, como vê Vossa Majestade, não fui enganado.

A rainha-mãe sorriu com secreta inveja.

Adiantou Fouquet a esse mau pensamento.

— Por isso mesmo, senhora — apressou-se em dizer — tais cavalos devem pertencer, não a súditos, mas a reis, pois os reis não podem ceder o passo a quem quer que seja, no que quer que seja.

Luís XIV ergueu a cabeça.

— Entretanto — interrompeu Ana d'Áustria — não sois rei, que eu saiba, Sr. Fouquet!

— Por isso mesmo, senhora, os cavalos esperam apenas um sinal de Sua Majestade para entrar nas cavalariças do Louvre; e se me atrevi a experimentá-los fi-lo apenas movido do receio de oferecer

ao rei alguma coisa que não fosse de todo maravilhosa.

Luís corou intensamente.

— Sabeis, Sr. Fouquet — disse a rainha — que não é costume na corte de França que um vassalo ofereça alguma coisa ao seu rei?

Luís fez um gesto.

— Eu esperava, senhora — acudiu Fouquet, muito agitado — que o meu amor a Sua Majestade e o meu incessante desejo de agradar-lhe servissem de contrapeso a essa razão de etiqueta. Aliás, não era um presente que me atrevia a oferecer, mas um tributo que pagava.

— Obrigado, Sr. Fouquet — disse polidamente o rei — e eu vos agradeço a intenção, pois aprecio realmente os bons cavalos; sabeis, entretanto, que sou muito pouco rico; haveis de sabê-lo melhor do que ninguém, vós, o superintendente de minhas finanças. Eu não poderia, portanto, ainda que o quisesse, comprar animais tão caros.

Fouquet lançou um olhar cheio de altivez à rainha-mãe, que parecia exultar com a falsa posição do ministro, e respondeu:

— O luxo é a virtude dos reis, Sire; o luxo os torna semelhantes a Deus; pelo luxo são eles mais que os outros homens. Com o luxo, um rei sustenta e honra os seus súditos. Sob o doce calor desse luxo real nasce o luxo dos particulares, fonte de riquezas para o povo. Aceitando o mimo de seis cavalos incomparáveis, teria Sua Majestade espicaçado o amor-próprio dos criadores de nosso país, do Limousin, do Perche, da Normandia; a emulação traria benefícios a todos... Mas o rei se cala e, por conseguinte, me condena.

Durante esse tempo, para melhor dominar-se, Luís XIV dobrava e desdobrava o papel de Mazarino, sobre o qual ainda não lançara os olhos. A sua vista encontrou-o, por fim, e ele despediu um grito desde a primeira linha.

— Que foi, meu filho? — perguntou Ana d'Áustria aproximando-se rapidamente.

— Da parte do cardeal? — tornou o rei continuando a leitura.

— Sim, sim, é da parte dele.

— Está pior?

— Lede — concluiu o soberano passando o pergaminho a sua mãe, como se cuidasse que somente a leitura poderia convencê-la de uma coisa tão espantosa como a que se continha naquele pedaço de papel.

Ana d'Áustria leu-o por sua vez. À proporção que lia, cintilavam-lhe os olhos de uma alegria mais viva, que em vão tentava disfarçar e que atraiu os olhares de Fouquet.

— Oh! uma doação em regra — disse ela.

— Uma doação? — repetiu Fouquet.

— Sim, — disse o rei respondendo particularmente ao superintendente das finanças; — na iminência de morrer, o senhor cardeal doa-me todos os seus bens.

— Quarenta milhões! — exclamou a rainha. — Ah! meu filho, aí está um belo gesto da parte do senhor cardeal, que vai contradizer muitos rumores perversos; quarenta milhões lentamente entesourados e que voltam de um tiro, em massa, ao tesouro real, é sem dúvida um ato de súdito fiel e de verdadeiro cristão.

E tendo lançado mais uma vez os olhos ao documento, devolveu-o a Luís XIV, que fremira ao anúncio daquela soma enorme.

Fouquet dera alguns passos para trás e mantinha-se calado.

O rei considerou-o e estendeu-lhe o pergaminho.

O superintendente pousou nele o olhar altivo por um segundo apenas.

Depois, inclinando-se:
— De fato, Sire — disse ele — uma doação, estou vendo.
— É preciso responder, meu filho — exclamou Ana d'Áustria; — é preciso responder imediatamente.
— Responder como, senhora?
— Por uma visita ao cardeal.
— Mas ainda não faz uma hora que deixei Sua Eminência!
— Escrevei, então, Sire.
— Escrever! — tornou o jovem rei com repugnância.
— Afinal de contas — volveu Ana d'Áustria — parece-me que um homem que acaba de fazer um presente desses tem o direito de esperar que lho agradeçam com alguma pressa.
Logo, voltando-se para o superintendente:
— Não é essa a vossa opinião, Sr. Fouquet?
— O presente, na verdade, vale a pena, senhora — replicou o superintendente com uma nobreza que não escapou ao rei.
— Aceitai, pois, e agradecei — insistiu Ana d'Áustria.
— Que diz o Sr. Fouquet? — perguntou Luís XIV.
— Vossa Majestade quer conhecer minha opinião?
— Quero.
— Agradeça-lhe, Sire...
— Ah! — exclamou Ana d'Áustria.
— Mas não aceite — concluiu Fouquet.
— E por quê? — perguntou Ana d'Áustria.
— Vossa Majestade mesma o disse, senhora — replicou Fouquet — porque os reis não devem e não podem receber presentes de seus vassalos.
El-rei permanecia mudo entre as duas opiniões tão opostas. — Mas quarenta milhões! — bradou Ana d'Áustria no mesmo tom em que a pobre Maria Antonieta diria mais tarde: "Vós me direis outro tanto!”
— Eu sei — disse Fouquet, rindo-se — quarenta milhões são uma bela soma, que poderia tentar até uma consciência real.
— Mas, senhor — tornou Ana d'Áustria — em vez de dissuadirdes o rei de receber o presente, observai a Sua Majestade, pois tal é a vossa função, que os quarenta milhões representam para ele uma fortuna.
— É precisamente, senhora, porque os quarenta milhões representam uma fortuna para o rei, que lhe direi: "Sire, se não é decente aceitar um rei de um vassalo seis cavalos de vinte mil libras, é desonroso dever a sua fortuna a outro vassalo mais ou menos escrupuloso na escolha dos materiais empregados na edificação dessa fortuna".
— Não vos compete de maneira alguma — tornou Ana d'Áustria — dar lições ao rei; tentai antes arranjar-lhe quarenta milhões, que substituam os que o fazeis perder.
— O rei os terá quando quiser — disse, inclinando-se, o superintendente das finanças.
— Sim, oprimindo os povos — atalhou Ana d'Áustria.
— E não foram oprimidos os povos, senhora — respondeu Fouquet — quando se lhes arrancaram os quarenta milhões doados por esse documento?
De resto, Sua Majestade pediu-me a opinião, ei-la; quando Sua Majestade me pedir o auxílio, dá-lo-ei também.

— Vamos, vamos, aceitai, meu filho — instou Ana d'Áustria; — estais acima dos rumores e das interpretações.

— Recuse, Sire — disse Fouquet. — Enquanto vive, tem o rei por único nível a sua consciência, por único juiz o seu desejo; depois de morto, tem a posteridade que o aplaude ou acusa.

— Obrigado, minha mãe — replicou Luís, cumprimentando respeitosamente a rainha. — Obrigado, Sr. Fouquet — ajuntou, dispensando civilmente o superintendente.

— Aceitais? — perguntou ainda Ana d'Áustria.

— Refletirei — replicou o rei, olhando para Fouquet.

Capítulo XLVIII - Agonia

NO mesmo dia em que a doação fora enviada ao rei, fizera-se o cardeal transportar a Vincennes. O rei e a corte haviam-no seguido. Os últimos clarões desse facho despediam ainda brilho suficiente para absorver, em sua irradiação, todas as outras luzes. De resto, como se vê, satélite fiel do ministro, marchava o jovem Luís XIV, até o momento derradeiro, no sentido de sua gravitação. O mal, segundo os prognósticos de Guénaud, agravara-se; já não era um acesso de gota, era um acesso de morte. Ademais, havia uma coisa que tornava aquele agonizante mais agonizante ainda: a ansiedade que lhe punha no espírito a doação enviada ao rei, e que no dizer de Colbert, Sua Majestade devolveria ao cardeal sem aceitar. Tinha Mazarino muita confiança, como vimos, nas predições do secretário; mas a soma era grande, e por maior que fosse o gênio de Colbert, de tempos a tempos pensava o cardeal que o teatino poderia ter-se enganado e que haveria pelo menos tantas probabilidades de que ele não fosse para o inferno, quantas havia de que Luís XIV lhe devolvesse os milhões.

Aliás, quanto mais tardava em voltar a doação tanto mais achava Mazarino que quarenta milhões bem valiam a pena que por eles se arriscasse alguma coisa, sobretudo uma coisa tão hipotética como a alma.

Como cardeal e primeiro ministro, Mazarino era mais ou menos ateu e inteiramente materialista.

Cada vez que se abria a porta, voltava-se ansioso para ela, cuidando ver entrar a desgraçada doação; depois, iludido na sua esperança, tornava a deitar-se com um suspiro e encontrava os seus padecimentos tanto mais fortes quanto os havia esquecido por um instante.

Ana d'Áustria seguira também o cardeal; e se bem a idade a houvesse tornado egoísta, o coração não podia furtar-se a manifestar ao moribundo uma tristeza que ela lhe devia como mulher, dizem uns, ou como soberana, dizem outros.

Ela, de certo modo, vestira antecipad3mente o luto da fisionomia, e toda a corte a imitava.

Para não mostrar no rosto o que se passava na alma, obstinava-se Luís em manter-se enclaustrado em seus aposentos, onde somente a ama lhe servia de companhia; mais se julgava próximo do momento em que todo e qualquer constrangimento cessaria para ele, mais se fazia humilde e paciente, concentrado em si mesmo, como todos os homens fortes que têm algum desígnio, a fim de acumular energias para o momento decisivo.

Em secreto se administrara a extrema-unção ao cardeal, que, fiel aos seus hábitos de dissimulação, lutava contra as aparências e até contra a realidade, recebendo os outros deitado como se apenas sofresse de um mal passageiro.

De um lado, guardava Guénaud o mais absoluto segredo: interrogado, perseguido por instâncias e perguntas, não respondia nada, senão: "Sua Eminência tem ainda muita mocidade e muita força; mas Deus sabe o que quer, e quando decide abater um homem, é mister que esse homem seja abatido".

Essas palavras, que semeava com discrição, reserva e preferência, duas pessoas as comentavam com sumo interesse: o rei e o cardeal.

Apesar da profecia de Guénaud, Mazarino se iludia sempre, ou melhor, desempenhava tão bem o seu papel, que os mais astutos, dizendo que ele se iludia, mostravam que os iludidos eram eles.

Afastado do cardeal havia dois dias, com os olhos fitos na doação que tanto preocupava o ministro, Luís não sabia exatamente em que estado se achava Mazarino. Seguindo as tradições paternas, fora o filho de Luís XIII tão pouco rei até aquele momento, que, embora desejasse

ardentemente a realeza, desejava-a com o terror que sempre acompanha o desconhecido. E, tendo tomado a sua decisão, que, aliás, não comunicou a ninguém, resolveu solicitar uma entrevista a Mazarino. Foi Ana d'Áustria quem, sempre assídua ao pé do cardeal, ouviu primeiro a solicitação do rei e decidiu transmiti-la ao moribundo, que ela fez estremecer.

Com que finalidade lhe pedia Luís XIV a entrevista? Para devolver, como predissera Colbert? Para guardar e agradecer, como pensava Mazarino? Não obstante, sentido o cardeal que a incerteza lhe acrescentava os padecimentos, não hesitou um instante.

— Sua Majestade será bem-vindo, muito bem-vindo — exclamou fazendo a Colbert, sentado ao pé da cama, um sinal que este compreendeu perfeitamente. — Senhora — continuou Mazarino — teria Vossa Majestade a bondade de testemunhar pessoalmente ao rei a sinceridade do que acabo de dizer?

Levantou-se Ana d'Áustria; ela também ardia por conhecer o destino que seria dado aos quarenta milhões, idéia fixa de todos.

Tendo saído a rainha, Mazarino fez um grande esforço e, dirigindo-se a Colbert:

— Pois bem! Colbert — disse ele — já se passaram dois dias desgraçados! dois dias mortais e, como vês, nada voltou lá de baixo.

— Paciência, monsenhor — disse Colbert.

— Estás louco, infeliz! tu me aconselhas paciência! Oh! Colbert, zombas de mim: estou morrendo e me dizes que esperei — Monsenhor — obtemperou Colbert com o sangue frio habitual — é impossível que as coisas não se verifiquem como afirmei. Sua Majestade vem visitar Vossa Eminência, e isso significa que lhe traz pessoalmente a doação.

— Acreditas nisso? Pois eu, pelo contrário, tenho certeza de que Sua Majestade vem para agradecer-me.

Ana d'Áustria tornou a entrar nesse momento; ao sair à procura do filho, encontrara nas antecâmaras um novo empírico.

Tratava-se de um pó que deveria salvar o cardeal.

A rainha trazia uma amostra do pó.

Fizera-se o cardeal transportar a Vincennes.

Mas não era isso o que Mazarino esperava; daí que nem a quisesse ver, afirmando que a vida não valia os esforços que se faziam para conservá-la. Mas, enquanto proferia esse axioma filosófico, o seu segredo, tão longamente contido, lhe escapou.

— Nisso, senhora — disse ele — nisso não reside o ponto interessante da situação. Fiz ao rei, há coisa de dois dias, uma doaçãozinha; até agora, sem dúvida por delicadeza, Sua Majestade não quis falar nela; mas é chegado o momento das explicações e suplico a Vossa Majestade que me diga se o rei tem alguma decisão tomada sobre o assunto.

Ana d'Áustria fez um movimento para responder.

Deteve-a Mazarino.

— A verdade, senhora — disse ele; — em nome do céu, a verdade! Não queira Vossa Majestade

lisonjear um moribundo com uma esperança vã.

Nesse ponto o interrompeu um olhar de Colbert, dizendo-lhe que ia por mau caminho.

— Eu sei — disse Ana d'Áustria pegando na mão do cardeal — eu sei que Vossa Eminência fez generosamente, não uma doaçãozinha, como diz com tanta modéstia, mas uma dádiva magnífica; eu sei quanto lhe seria penoso que o rei...

Mazarino escutava, embora estivesse morrendo, como não teriam podido fazê-lo dez pessoas vivas.

— Que o rei? — repetiu, interrogativamente.

— Que o rei — continuou Ana d'Áustria — não aceitasse de boa mente o que Vossa Eminência tão nobremente lhe oferece.

Deixou-se Mazarino recair sobre o travesseiro como Pantalon, isto é, com o desespero do homem que se entrega ao naufrágio; mas conservou ainda força e presença de espírito suficientes para atirar a Colbert um desses olhares que valem dez sonetos, ou seja, dez longos poemas.

— Não é verdade — ajuntou a rainha — que Vossa Eminência teria considerado a recusa do rei como uma espécie de injúria?

Mazarino rolou a cabeça sobre o travesseiro sem articular uma sílaba. A rainha iludiu-se, ou fingiu iludir-se, com essa demonstração.

— Por isso mesmo — prosseguiu ela — procurei persuadi-lo por meio de bons conselhos, e como certos espíritos, invejosos sem dúvida da glória que Vossa Eminência granjeará com tamanha generosidade, procurassem demonstrar ao rei que ele devia recusar a doação, lutei em favor de Vossa Eminência, e tão bem lutei, que Vossa Eminência, espero-o, não terá de sofrer essa contrariedade.

— Ah! — murmurou Mazarino com os olhos amortecidos — Ah! eis um serviço que não esquecerei um minuto sequer nas poucas horas que me restam de vida!

— Aliás, devo dizer-lhe — continuou Ana d'Áustria — que não foi sem muito custo que o prestei a Vossa Eminência.

— Ah! peste! bem o creio. Oh!

— Que tem Vossa Eminência, santo Deus?

— Tenho que estou ardendo.

— Sofrendo minto?

— Como um condenado.

Colbert sentia vontade de sumir debaixo do assoalho.

— De sorte que Vossa Majestade — tornou Mazarino — acha que o rei... (deteve-se por alguns segundos) que o rei vem aqui para agradecer-me?

— Acho que sim — disse a rainha.

Mazarino fulminou Colbert com o seu derradeiro olhar.

Nesse momento os contínuos anunciaram a presença de el-rei nas antecâmaras cheias de gente. O anúncio produziu um alvoroço de que se valeu Colbert para escapulir-se pela porta da *ruelle.* Ana d'Áustria levantou-se, em pé, esperou o filho. Luís XIV assomou à entrada do quarto, olhos fitos no moribundo, que já nem se dava ao trabalho de mexer-se diante daquela Majestade de que supunha não ter mais nada que esperar.

Um contínuo arrastou uma poltrona para junto da cama. Luís cumprimentou a mãe, o cardeal, e sentou-se. A rainha sentou-se por seu turno.

Depois, como o rei tivesse olhado para trás, o contínuo compreendeu o olhar, fez um sinal, e os cortesãos que ainda se achavam à porta se retiraram.

Recaiu o silêncio no quarto com as cortinas de veludo. Muito moço ainda e muito tímido diante daquele que fora seu amo desde que nascera, Luís respeitava-o ainda mais na majestade suprema da morte, e não ousava encetar a conversação, sentindo que cada palavra deveria ter um alcance determinado, não somente sobre as coisas deste mundo, mas também sobre as do outro.

Quanto ao cardeal, só tinha uma idéia naquele momento: a doação. Não eram os padecimentos que lhe davam o ar abatido e o olhar apagado; era a espera do agradecimento que ia sair da boca do rei e cortar cerce quaisquer esperança de restituição.

Foi Mazarino quem primeiro rompeu o silêncio.

— Vossa Majestade — perguntou ele — veio estabelecer-se em Vincennes?

Luís fez um sinal com a cabeça.

— É um gracioso favor — continuou Mazarino — que concede a um moribundo, e que lhe tornará a morte mais suave.

— Espero — respondeu o rei — que eu tenha vindo visitar, não um moribundo, mas um doente suscetível de cura.

Mazarino fez um movimento com a cabeça que significava: "Vossa Majestade é muito bom; mas sobre isso eu estou melhor informado".

— A última visita, Sire — disse ele — a última.

— Se assim fosse, senhor cardeal — disse Luís XIV — eu viria ainda uma vez para ouvir os conselhos de um guia a quem tudo devo.

Mulher, Ana d'Áustria não pôde conter as lágrimas. O próprio Luís mostrou-se comovidíssimo, e Mazarino ainda mais que os dois visitantes, mas por outros motivos. A essa altura recomeçou o silêncio. A rainha enxugou o rosto e Luís recobrou a firmeza.

— Eu dizia — prosseguiu o rei — que devia muito a Vossa Eminência.

Os olhos do cardeal devoraram Luís XIV, pois sentia aproximar-se o momento supremo.

— E — continuou o rei — o principal objeto de minha visita era agradecer-lhe muito sinceramente a última prova de amizade que Vossa Eminência teve a gentileza de enviar-me.

Encovaram-se as faces do cardeal, os seus lábios se entreabriram, e o mais lamentável suspiro que ele já desferira preparou-se para sair-lhe do peito.

— Sire — disse ele — terei despojado minha família; terei arruinado os meus, o que talvez me possa ser censurado; mas pelo menos não se dirá que me recusei a sacrificar tudo por meu rei.

Ana d'Áustria recomeçou a chorar.

— Caro Sr. Mazarino — disse o rei em tom mais grave do que se poderia esperar de sua juventude — Vossa Eminência não me compreendeu bem, pelo que vejo.

Mazarino ergueu-se sobre um cotovelo.

— Não se trata aqui de arruinar-lhe a família, nem de despojar-lhe os servidores; oh! não, isso não acontecerá.

— Ele vai devolver-me umas quireras — pensou Mazarino; — tiremos, portanto, o maior bocado possível.

— O rei vai enternecer-se e fazer-se de generoso — pensou a rainha; — não o deixemos empobrecer-se; nunca mais se apresentará ensejo igual de fortuna.

— Sire — disse em voz alta o cardeal — a minha família é numerosa e minhas sobrinhas ficarão sem nada, quando eu lhes faltar.

— Oh! — apressou-se em atalhar a rainha — não tenha preocupação alguma no tocante à sua família, meu caro Sr. Mazarino; não teremos amigos mais preciosos do que os seus amigos; as suas sobrinhas serão minhas filhas, irmãs de Sua Majestade, e se algum favor se distribuir em França, há

de ser para aqueles que ama Vossa Eminência.

— Fumaças! — pensou Mazarino, que conhecia melhor do que ninguém o crédito que se pode dar às promessas dos reis.

Luís leu-lhe no rosto o pensamento.

— Tranqüilize-se, meu caro Sr. de Mazarino — disse ele com um meio sorriso irônico e triste — as Srtas. de Mazarino perderão, com perdê-lo, o seu bem mais precioso, mas nem por isso deixarão de ser as herdeiras mais ricas de França; e visto que Vossa Eminência quis dar-me o dote delas...

O cardeal ofegava.

— Eu o devolvo a elas — anunciou Luís tirando do peito e estendendo na direção do cardeal o pergaminho que continha a doação, que, havia dois dias, tantas borrascas levantara no espírito de Mazarino.

— Eu não lhe disse, monsenhor? — murmurou na *ruelle* uma voz que passou como um sopro.

— Vossa Majestade me devolve a doação! — bradou Mazarino tão perturbado pelo júbilo que esqueceu o papel de benfeitor.

— Vossa Majestade restitui os quarenta milhões! — bradou Ana d'Áustria, tão estupefata, que esqueceu o papel de aflita.

— Sim, senhor cardeal, sim senhora — respondeu Luís XIV rasgando o pergaminho que Mazarino ainda não se atrevera a segurar. — Sim, anulo este ato, que espolia uma família inteira. Os bens adquiridos por Sua Eminência a meu serviço pertencem a ele e não a mim.

— Mas, Sire — exclamou Ana d'Áustria — já pensou Vossa Majestade que não tem sequer dez mil escudos em seus cofres?

— Senhora, acabo de praticar a minha primeira ação real, e espero que ela inaugurará dignamente o meu reinado.

— Ah! Sire, tem razão! — bradou Mazarino — é realmente grande, é realmente generoso o que Vossa Majestade acaba de lazer.

E examinava, um por um, os pedaços do documento espalhados sobre a cama, para certificar-se de que haviam rasgado o original, e não uma cópia.

Afinal, os seus olhos encontraram a parte correspondente à assinatura; e, reconhecendo-a, deixou-se cair transportado de alegria sobre o travesseiro.

Sem forças para esconder o seu pesar, Ana d'Áustria erguia as mãos e os olhos para o céu.

— Ah! Sire — exclamou Mazarino — ah! Sire, Vossa Majestade será abençoado; meu Deus! como será querido por toda a minha família! *Per Baccho!* se alguma vez os meus lhe causarem algum dissabor, Sire, carregue o cenho e eu sairei da sepultura.

Essa pantalonada não produziu o efeito com que contara Mazarino. Luís já passara a considerações de ordem mais elevada; e, quanto a Ana d'Áustria, não podendo suportar, sem se entregar à cólera que sentia rugir em si mesma, a magnanimidade do filho e a hipocrisia do cardeal, levantou-se e saiu do quarto, não se incomodando de trair assim o seu luto.

Mazarino adivinhou tudo e, receando quê Luís XIV mudasse de idéia, principiou, para dirigir os espíritos cm outro sentido, a gritar como ao depois haveria de lazer Scapin na sublime farsa que Boileau, ralhador e grave, ousou reprochar a Molière.

Entretanto, aos poucos se acalmaram os gritos, e quando Ana d'Áustria saiu do quarto, cessaram de todo.

— Senhor cardeal — perguntou o rei — tem agora Vossa Eminência alguma recomendação para fazer-me?

— Sire — retorquiu Mazarino — Vossa Majestade já é a própria sabedoria, a prudência em

pessoa; quanto à generosidade, nem se fala; o que Vossa Majestade acaba de fazer ultrapassa o que já fizeram os homens mais generosos da antigüidade e dos tempos modernos.

El-rei ouviu com frieza o elogio.

— Com que, então — disse ele — Vossa Eminência limita-se a um agradecimento, e a sua experiência, muito mais conhecida que a minha sabedoria, a minha prudência e a minha generosidade, não lhe fornece um conselho amigo que me sirva para o futuro?

Mazarino refletiu um momento.

— Vossa Majestade — disse ele — acaba de fazer muito por mim, isto é, pelos meus, Sire.

— Não falemos nisso — disse o rei.

— Pois bem! — continuou Mazarino — quero dar-lhe alguma coisa em troca dos quarenta milhões que Vossa Majestade abandona tão realmente.

Luís XIV fez um movimento indicando que todas aquelas lisonjas o faziam sofrer.

— Quero — tornou Mazarino — dar-lhe um conselho; um conselho, sim, e um conselho mais precioso do que esses quarenta milhões.

— Senhor cardeal! — interrompeu Luís XIV.

— Sire, ouça o conselho.

— Estou ouvindo.

— Aproxime-se, Majestade, que me sinto enfraquecer... Mais perto, Sire, mais perto.

Curvou-se o rei sobre o leito do moribundo.

— Sire — disse Mazarino em voz tão baixa que somente o sopro de suas palavras chegou como recomendação do túmulo aos ouvidos atentos do rei — Sire, nunca tenha um primeiro ministro.

Luís ergueu-se de novo, espantado. O conselho era uma confissão. E era sem dúvida um tesouro essa confissão sincera de Mazarino. O legado do cardeal ao jovem monarca se compunha apenas de cinco palavras; mas cinco palavras, como dissera Mazarino, que valiam quarenta milhões.

Luís ficou um instante como aturdido. Quanto ao cardeal, parecia ter dito uma coisa naturalíssima.

— Agora, além de sua família — perguntou o jovem rei — tem Vossa Eminência alguém para recomendar-me, Sr. Mazarino?

Ouviu-se um arranhãozinho ao longo das cortinas da *ruelle.* Mazarino compreendeu.

— Tenho, sim! — exclamou com vivacidade — tenho, Sire; recomendando-lhe um homem avisado, um homem de bem, um homem hábil.

— Diga-lhe o nome, senhor cardeal.

— O nome dele ainda é quase desconhecido, Sire; é o Sr. Colbert, meu intendente. Oh! experimente-o — ajuntou com voz acentuada; — tudo o que ele me predisse aconteceu; tem visão, nunca se enganou, nem sobre as coisas, nem sobre os homens, o que é ainda muito mais surpreendente. Devo muito a Vossa Majestade, mas creio desobrigar-me dando-lhe o Sr. Colbert.

— Seja — disse francamente Luís XIV; pois, como dissera Mazarino, o nome de Colbert lhe era de todo desconhecido, e ele considerava o entusiasmo do cardeal como desvario de moribundo.

O cardeal recaíra sobre o travesseiro.

— E agora, adeus, Sire... adeus — murmurou Mazarino... — estou cansado, e ainda tenho muito que fazer antes de apresentar-me ao meu novo amo... Adeus, Sire.

Sentiu o jovem rei que as lágrimas lhe assomavam aos olhos. Inclinou-se sobre o agonizante, já meio cadáver, e afastou-se precipitadamente.

Capítulo XLIX - Primeira aparição de Colbert

PASSOU-SE a noite em angústias comuns ao moribundo e ao rei; o moribundo esperava a libertação, o rei, a liberdade. Luís não se deitou. Uma hora depois de haver deixado o quarto do cardeal, soube que o agonizante, recobrando algumas forças, mandara que o vestissem, pintassem, toucassem e quisera receber os embaixadores. À semelhança de Augusto, considerava sem dúvida o mundo como um grande teatro e queria desempenhar cabalmente o ato final da sua comédia.

Ana d'Áustria não tornou ao quarto do cardeal, onde já não tinha o que fazer. As conveniências foram o pretexto da ausência. De resto, o cardeal não perguntou por ela; o conselho que a rainha dera ao filho ficara-lhe atravessado na garganta.

Cerca de meia-noite, pintado ainda, entrou Mazarino em agonia. Revira o testamento e, como se tratasse da expressão exata de sua vontade, temendo que uma influência interessada se aproveitasse da sua fraqueza para modificá-lo, dera as ordens necessárias a Colbert, que passeava no corredor contíguo ao quarto de Sua Eminência como vigilante sentinela.

Encerrado em seu apartamento, enviava o rei, de hora em hora, a sua ama ao quarto de Mazarino, a fim de que lhe trouxesse informações exatas sobre o estado do cardeal.

Depois de haver sabido que Mazarino se vestira, pintara, toucara, e recebera os embaixadores, Luís ficou sabendo que se tinham iniciado para o cardeal as preces dos agonizantes.

À uma hora da madrugada, tentara Cuénaud o derradeiro remédio, chamado remédio heróico.

Eram restos dos velhos hábitos daquele tempo de combates singulares, que já ia desaparecendo, a suposição de que se pudesse guardar contra a morte algum bote secreto irresistível.

Depois de haver tomado o remédio, respirou Mazarino durante uns dez minutos. Nesse ínterim, ordenou que se divulgasse em toda a parte e sem demora o boato de uma crise feliz. A essa notícia, o rei sentiu como um suor frio marejar-lhe da testa; depois de entrever o dia da liberdade, a escravidão se lhe afigurava mais sombria e menos aceitável do que nunca. Mas o boletim seguinte modificou inteiramente o aspecto das coisas. Mazarino quase não respirava e mal seguia as orações que fanhoseava ao pé de si o pároco de Saint-Nicolas-des-Champs. Voltou o rei a caminhar agitado pelo quarto e a consultar, enquanto caminhava, documentos tirados de um cofrezinho cuja chave só ele possuía. Volveu pela terceira vez a ama. O Sr. de Mazarino acabava de fazer um trocadilho e mandara que envernizassem de novo a sua Flora de Ticiano.

Afinal, lá pelas duas da madrugada, o rei não pôde mais resistir ao cansaço; fazia vinte e quatro horas que não dormia. O sono, tão poderoso na sua idade, apossou-se dele e subjugou-o durante uma hora, mais ou menos.

Mas não se deitou; dormiu numa poltrona.

Seriam umas quatro horas da manhã quando a ama, tornando a entrar no quarto, o despertou.

— Que foi? — perguntou o rei.

— Meu caro Sire — disse a ama juntando as mãos com ar compungido — ele morreu.

Levantou-se o rei de golpe e como que movido por uma mola de aço.

— Morreu! — exclamou.

— Infelizmente, sim.

— Tens certeza?

— Tenho.

— A notícia é oficial?
— É.
— Já foi divulgada?
— Ainda não.
— E quem te disse que o cardeal morreu?
— O Sr. Colbert.
— O Sr. Colbert?
— Sim.
— E ele tinha certeza do que estava dizendo?
— Acabava de sair do quarto onde conservara, durante alguns minutos, um espelho diante dos lábios do senhor cardeal.
— Ah! — exclamou o rei — e que é do Sr. Colbert?
— Deixou neste instante o quarto de Sua Eminência.
— Para ir aonde?
— Para acompanhar-me.
— De sorte que ele está...
— Aqui, meu querido Sire, aguardando as ordens da Vossa Majestade.
Precipitou-se Luís para a porta, abriu-a pessoalmente e avistou no corredor Colbert, em pé, esperando. O rei estremeceu diante daquela estátua vestida de preto.
Saudando com profundo respeito, Colbert deu dois passos na direção de Sua Majestade.
Luís voltou ao quarto, fazendo-lhe sinal que o seguisse. Colbert entrou; Luís dispensou a ama, que fechou a porta ao sair; Colbert ficou discretamente em pé ao lado da porta.
— Que vindes anunciar-me, senhor? — perguntou Luís, perturbando-se ao ver adivinhado o seu pensamento mais íntimo, que não lograva esconder de todo.
— Que o senhor cardeal acaba de passar, Sire, e que trago a Vossa Majestade o seu último adeus.
Pensativo, o rei considerava atentamente o interlocutor; era manifesto que não lhe saía do espírito o derradeiro pensamento do cardeal.
— Sois vós o Sr. Colbert? — perguntou.
— Eu mesmo, Sire.
— Fiel servidor de Sua Eminência, segundo lhe ouvi dos próprios lábios?
— Exatamente, Sire.
— Depositário de parte dos seus segredos?
— De todos.
— Os amigos e servidores do finado cardeal me serão caros, senhor, e terei o cuidado de colocar-vos em minhas secretarias.
Inclinou-se Colbert.
— Sois financista, se não me engano?
— Sou-o, Sire.
— E o senhor cardeal vos confiava a administração de seus bens?
— Ele fazia-me essa honra, Sire.
— Mas nunca fizestes nada pela minha casa?
— Perdão, Sire; fui eu quem teve a ventura de dar ao senhor cardeal a idéia de uma economia que deixa trezentos mil francos por ano nos cofres de Vossa Majestade.
— Que economia? — perguntou Luís XIV.
— Sabe Vossa Majestade que os cem suíços têm rendas de prata de cada lado das faixas?

— Sei.
— Pois bem, Sire, fui eu quem propôs que se pusessem nessas faixas rendas de prata falsa; isso nem se nota, e cem mil escudos representam a manutenção de um regimento durante um semestre, o preço de dez mil bons mosquetes, ou ainda o valor de uma charrua com dez canhões, pronta para zarpar.
— É verdade — conveio Luís XIV, considerando com mais atenção o personagem — e à minha fé que é uma economia bem pensada; aliás, seria ridículo usarem os soldados rendas iguais às dos fidalgos.
— Folgo em merecer a aprovação de Vossa Majestade.
— Era esse o único emprego que tínheis junto ao cardeal?
— Fui encarregado por Sua Eminência de examinar as contas da superintendência, Sire.
— Ah! — exclamou Luís XIV, que se dispunha a dispensar Colbert, e que essa declaração interessou — ah! fostes vós o encarregado por Sua Eminência de controlar o Sr. Fouquet! E o resultado do controle?
— Há um déficit, Sire; mas se Vossa Majestade se dignar permitir-me...
— Falai, Sr. Colbert.
— Preciso dar antes certas explicações.
— De maneira nenhuma; verificastes as contas, dizei-me o resultado final.
— É fácil, Sire... Está tudo vazio, não há dinheiro em parte alguma.
— Cuidado, senhor! Atacais violentamente a gestão do Sr. Fouquet; no entanto, segundo ouvi dizer, trata-se de um homem hábil.
Colbert corou, depois empalideceu, sentindo que a partir daquele momento entrava em luta com um homem cujo poderio era quase tão grande como o daquele que acabava de morrer.
— Habilíssimo, Sire — anuiu Colbert, inclinando-se.
— Mas se é tão hábil o Sr. Fouquet e, apesar dessa habilidade, não há dinheiro, de quem é a culpa?
— Não acuso, Sire; consigno.
— Está bem; fazei as contas e apresentai-mas. Há déficit, dizeis? Um déficit pode ser passageiro; o crédito volta, voltam os fundos.
— Não, Sire.
— Neste ano, talvez não, compreendo; mas no ano que vem?
— O ano que vem, Sire, está tão comprometido quanto este.
— E o ano seguinte?
— Como o ano que vem.
— Que me dizeis, Sr. Colbert?
— Digo que há quatro anos antecipadamente empenhados.
— Far-se-á um empréstimo.
— Nem que se façam três, Sire.
— Criarei cargos, demitirei os adquirentes e guardaremos o dinheiro deles.
— Impossível, Sire, pois já houve uma infinidade de cargos criados, cujos provimentos são entregues em branco, de modo que os adquirentes os fruem sem exercê-los. Eis por que Vossa Majestade não pode demitir ninguém. De mais a mais, em cada contrato, o senhor superintendente abateu um terço do preço, de sorte que o povo é explorado sem que isso aproveite a Vossa Majestade.
O rei fez um gesto.

— Explicai-me essa história, Sr. Colbert.
— Formule Vossa Majestade claramente o seu pensamento e diga-me o que quer que eu lhe explique.
— Tendes razão; clareza, não é?
— Clareza, sim, Sire. Deus é Deus principalmente porque fez a luz.
— Pois bem! Por exemplo — tornou Luís XIV — agora que está morto o senhor cardeal e que posso considerar-me rei, suponhamos que eu precise de dinheiro.
— Não o terá Vossa Majestade.
— Oh! Mas isso é muito esquisito! Então o meu superintendente não me dará dinheiro?
Colbert sacudiu a cabeçorra.
— Como! — volveu o rei — estarão a tal ponto gravadas as rendas do Estado que já não são rendas?
— Precisamente, Sire. O rei franziu o cenho.
— Seja — disse ele; — reunirei as ordens de pagamento para obter dos portadores um abatimento, uma liquidação barata.
— Impossível, visto que as ordens de pagamento foram convertidas em títulos, títulos esses que, para comodidade de cálculo e facilidade de transação, são cortados em tantas partes que já se tornou irreconhecível o original.
Agitadíssimo, passeava Luís de um lado para outro, com sobrecenho.
— Mas se as coisas fossem como dizeis, Sr. Colbert — tornou ele, estacando de improviso — eu estaria arruinado antes até de reinar.
— E de fato o está, Sire — respondeu o impassível ordenador de cifras.
— Mas o dinheiro, senhor, há de encontrar-se em algum lugar?
— Sem dúvida, Sire, e para começar trago a Vossa Majestade um inventário dos bens que o Sr. Cardeal Mazarino não quis incluir no testamento nem em documento algum, e que me confiou.
— A vós?
— A mim, Sire, com ordem de entregá-los a Vossa Majestade.
— Como! além dos quarenta milhões do testamento?
— Sim, Sire.
— O Sr. de Mazarino ainda possuía outros cabedais? Inclinou-se Colbert.
— Mas era um saco sem fundo esse homem! — murmurou o rei. — O Sr. de Mazarino de um lado, o Sr. Fouquet de outro; mais de cem milhões talvez entre os dois; não admira que os meus cofres estejam vazios.
Colbert esperava sem se mexer.
— E a soma que me trazeis, vale a pena? — perguntou o rei.
— Vale, Sire, que é boazinha.
— E monta?
— A treze milhões de libras. Sire.
— Treze milhões! — exclamou Luís XIV, fremente de alegria; — treze milhões, Sr. Colbert?
— Treze milhões, Majestade.
— De que ninguém sabe?
— De que ninguém sabe.
— Que estão em vossas mãos?
— Em minhas mãos, Sire.
— E posso receber?

— Dentro de duas horas.
— Mas onde estão elas?
— No porão de uma casa que o senhor cardeal possuía na cidade, e que me deixou por uma cláusula especial do seu testamento.
— Conheceis o testamento do cardeal?
— Tenho uma duplicata dele, assinada por sua mão.
— Uma duplicata?
— Ei-la, Sire.
Colbert tirou simplesmente o documento do bolso e mostrou-o ao rei.
O rei leu o artigo relativo à doação da casa.
— Vejo referência à casa, mas nenhuma ao dinheiro.
— Perdão, Sire, a referência ao dinheiro guardo-a na consciência.
— E o Sr. de Mazarino confiou-se de vós?
— Por que não, Sire?
— Ele, o homem desconfiado por excelência?
— Não desconfiava de mim, como Vossa Majestade pode ver. Luís parou com admiração o olhar naquela cabeça vulgar, mas expressiva.
— Sois um homem honrado, Sr. Colbert — disse o rei.
— Isso não é virtude, Sire, é dever — respondeu friamente Colbert.
— Mas — ajuntou Luís XIV — o dinheiro não pertence à família?
— Se pertencesse à família, seria incluído no testamento do cardeal como o resto de seus haveres. Se pertencesse à família, eu, que redigi a doação em favor de Vossa Majestade, teria acrescentado os treze milhões aos quarenta que lhe eram oferecidos.
— Como! — bradou Luís XIV — fostes vós quem redigiu a doação, Sr. Colbert?
— Fui eu, Sire.
— E o cardeal vos queria bem? — acudiu ingenuamente o rei.
— Eu tinha respondido a Sua Eminência que Vossa Majestade não aceitaria — tornou Colbert no mesmo tom pachorrento que já lhe notamos e que, até nos hábitos cotidianos, tinha o que quer que fosse de solene.
Luís passou a mão pela testa.
— Como sou jovem — murmurou baixinho — para governar os homens!
Colbert esperava o fim desse monólogo interior.
Viu-o reerguer a cabeça.
— A que horas mandarei o dinheiro a Vossa Majestade? — perguntou.
— Esta noite, às onze. Não quero que ninguém saiba que o possuo.
Como se a observação não lhe fosse dirigida, Colbert não respondeu.
— É em barras ou em ouro cunhado?
— Em ouro cunhado, Sire.
— Bem.
— Para onde o mandarei?
— Para o Louvre. Obrigado, Sr. Colbert. Colbert inclinou-se e saiu.
— Treze milhões! — exclamou Luís XIV quando se viu sozinho — mas isso é um sonho!
A seguir, deixou pender a testa entre as mãos, como se estivesse efetivamente dormindo.
Ao cabo de um instante, porém, tornou a levantar a cabeça, sacudiu a formosa cabeleira e, abrindo violentamente a janela, mergulhou a fronte escaldante na fria atmosfera da manhã, que lhe trazia o

odor acre das árvores e o doce perfume das flores.

Esplendente aurora erguia-se no horizonte, e os primeiros raios do sol inundaram de chamas a fronte do jovem rei.

— É a aurora do meu reinado — murmurou Luís XIV. — Será um presságio que me enviais, Deus todo-poderoso?...

Capítulo L - O primeiro dia de realeza de Luís XIV

PELA manhã espalhou-se no castelo a nova da morte do cardeal, e do castelo passou à cidade.

Os Ministros Fouquet, Lyonne e Letellier reuniram-se na sala de sessões para celebrar conselho. O rei mandou-os chamar imediatamente.

— Senhores — disse ele — o senhor cardeal passou. Deixei-o dirigir os meus negócios; agora, porém, pretendo dirigi-los pessoalmente. Dar-me-eis conselhos quando eu vo-los pedir. Ide!

— Messieurs, tant que M. le cardinal a vécu, je l'ai laissé gouverner mes affaires; mais, à présent, j'entends les gouverner moi-même. — Page 87.

Entreolharam-se, surpresos, os ministros. Só com muito esforço conseguiram disfarçar um sorriso, pois sabiam que o príncipe, educado na inteira ignorância dos negócios, se encarregava, por amor-próprio, de um fardo pesado demais para as suas forças.

Fouquet despediu-se dos colegas na escada dizendo-lhes:

— Senhores, eis-nos aliviados de um servição. E tomou, muito alegre, o seu carro.

Um tanto inquietos com o rumo que tomariam os acontecimentos, os outros voltaram juntos a Paris.

Às dez horas, foi ter o rei com sua mãe e manteve com ela uma entrevista muito íntima; depois, terminado o jantar, tomou um carro fechado e guiou diretamente para o Louvre, onde recebeu muita

gente e se comprouve em observar a hesitação de todos e a curiosidade de cada um.

À noite, ordenou que se fechassem as portas do Louvre, com exceção de uma só, que dava para o cais. Postou como sentinelas nesse lugar duzentos suíços que não falavam uma palavra de francês, com ordens terminantes para deixarem entrar todo e qualquer fardo, mas nada mais, e não deixarem sair coisa alguma.

Às onze horas, precisamente, ouviu rodar uma carroça pesada debaixo da abóbada, depois outra, depois uma terceira. Em seguida, girou pesadamente o portão sobre os gonzos, fechando-se.

Volvido um instante, alguém arranhou com a unha a porta do gabinete. O próprio rei foi abri-la, e viu Colbert, cujas primeiras palavras foram estas:

— O dinheiro está no porão do palácio.

— L'argent est dans les caves de Votre Majesté. — Page 88.

Luís desceu e foi examinar pessoalmente as barricas de ouro e prata, que, sob os cuidados de Colbert, quatro homens de confiança acabavam de colocar num subterrâneo cuja chave o rei mandara entregar a Colbert na manhã daquele dia.

Concluída a revista, seguido de Colbert, que não aquecera a sua frieza imóvel com o menor calor de satisfação pessoal, tornou Luís aos seus aposentos.

— Senhor — perguntou o rei — que quereis que eu vos dê em recompensa de tanta dedicação e probidade?

— Absolutamente nada, Sire.

— Nada, como? nem sequer a ocasião de servir-me?

— Ainda que Vossa Majestade não me fornecesse a ocasião, eu não deixaria de servi-lo. É impossível para mim não ser o melhor servidor do rei.
— Sereis intendente das finanças, Sr. Colbert.
— Mas não há um superintendente, Sire?
— Há.
— Sire, o superintendente é o homem mais poderoso do reino.
— Ah! — exclamou Luís acarminando-se — é essa a vossa opinião?
— Ele me esmagará em oito dias, Sire. Vossa Majestade, afinal de contas, dá-me um controle para o qual é indispensável a força. Ora, ser intendente sob as ordens de um superintendente, é ser-lhe inferior.
— Quereis apoios... não confiais em mim?
— Já tive a honra de dizer a Vossa Majestade que o Sr. Fouquet, enquanto vivia o Sr. Mazarino, era o segundo personagem do reino; mas agora que morreu o Sr. Mazarino, o Sr. Fouquet passou a ser o primeiro.
— Senhor, hoje ainda permito que me digais o que quiserdes; mas amanhã, tomai tento, não o permitirei.
— Serei então inútil a Vossa Majestade?
— Já o sois, visto que receais comprometer-vos.
— Receio apenas que me tolham as possibilidades de servir a Vossa Majestade.
— Que quereis então?
— Que Vossa Majestade me dê auxiliares no trabalho da intendência.
— O lugar não ficaria menos importante?
— Mas ficaria mais seguro.
— Escolhei os vossos colegas.
— Os Srs. Breteuil, Marin, Hervard.
— Amanhã serão nomeados.
— Obrigado, Sire!
— Não me pedis mais nada?
— Peço, Sire; outra coisa ainda...
— Qual?
— Deixe-me formar uma corte de justiça.
— Para quê?
— Para julgar os contratadores e atravessadores que, de dez anos a esta parte, têm prevaricado.
— E... que se fará com eles?
— Três serão enforcados e, diante disso, os outros restituirão o que houverem tirado.
— Não posso iniciar o meu reinado com execuções, Sr. Colbert.
— Pode, Sire, para não o encerrar com suplícios. O rei não respondeu.
— Vossa Majestade consente? — insistiu Colbert.
— Vou refletir.
— Será demasiado tarde quando houver refletido.
— Por quê?
— Porque temos de haver-nos com gente mais forte do que nós, mormente se estiver prevenida.
— Formai a corte de justiça, senhor.
— Muito bem.
— É só?

— Não, Sire; há ainda outra coisa importante... Que direitos concede Vossa Majestade à intendência?

— Eu... não sei... os costumeiros...

— Sire, é mister que lhe seja restituído o direito de examinar a correspondência de Inglaterra.

— Impossível, pois a correspondência de Inglaterra é examinada pelo conselho; era o próprio senhor cardeal quem o fazia.

— Entendi que Vossa Majestade havia declarado hoje cedo que dispensava o conselho.

— De fato, declarei.

— Digne-se então Vossa Majestade ler pessoalmente e sozinho a sua correspondência, sobretudo a de Inglaterra; faço muita questão desse ponto.

— Senhor, tê-la-eis e dela me dareis conta.

— Agora, Sire, que farei das finanças?

— Tudo o que não fizer o Sr. Fouquet.

— Era o que eu estava pedindo a Vossa Majestade. Obrigado, parto tranqüilo.

E, ditas essas palavras, realmente partiu. Luís viu-o sair. Colbert não estava a cem passos do Louvre quando chegou um correio de Inglaterra. Depois de haver observado, examinado o invólucro, o monarca abriu-o com gestos precipitados e deu, primeiro, com uma carta do Rei Carlos II. Eis o que escrevera a seu real irmão o príncipe inglês:

"Vossa Majestade deve estar muito inquieto com a doença do Sr. Cardeal Mazarino; mas o excesso do perigo só lhe pode aproveitar. O cardeal foi condenado pelo seu médico. Agradeço a Vossa Majestade a graciosa resposta à minha comunicação tocante a Lady Henriqueta Stuart, minha irmã, e dentro em oito dias partirá a princesa com a sua corte para Paris.

"E para mim sumamente agradável reconhecer a paternal amizade com que Vossa Majestade se houve comigo, e chamar-lhe mais justamente ainda meu irmão. E para mim agradável, sobretudo, provar-lhe o quanto me ocupo do que pode comprazer a Vossa Majestade. Vossa Majestade tem mandado fortificar, em secreto, Belle-Isle-en-Mer. É um erro. Nunca haverá guerras entre nós. Essa precaução não me inquieta; entristece-me... Vossa Majestade está gastando milhões inúteis; repita-o a seus ministros e creia que a minha polícia está bem informada; preste-me os mesmos serviços, meu irmão, em se oferecendo o ensejo".

O rei tocou violentamente a campainha e o criado grave apareceu.

— O Sr. Colbert acaba de sair e não pode estar longe... Mandai chamá-lo — gritou.

O criado ia executar a ordem quando o soberano o deteve.

— Não — disse ele — não... Enxergo perfeitamente a trama desse homem. Belle-Isle pertence ao Sr. Fouquet; Belle-Isle fortificada significa uma conspiração do Sr. Fouquet... O descobrimento da conspiração é a ruína do superintendente, e esse descobrimento resulta da correspondência de Inglaterra; aí está porque tanto queria Colbert examiná-la. Oh! mas não posso, entretanto, dar toda a minha força a esse homem; ele é apenas a cabeça, preciso do braço.

Luís soltou de repente um grito de alegria.

— Eu não tinha — perguntou — um tenente de mosqueteiros?

— Tinha, Sire; o Sr. d'Artagnan.

— Ele não deixou temporariamente o serviço?

— Deixou, Sire.

— Procurem-no e dizei-lhe que esteja aqui, amanhã, ao meu levantar.

O criado inclinou-se e saiu.

— Treze milhões no porão — disse então o rei; — Colbert gerindo a minha bolsa e d'Artagnan

levando a minha espada: sou rei!

Capítulo LI - Uma paixão

O voltar do Palais-Royal, no mesmo dia da sua chegada, recolheu Athos, como vimos, à hospedaria da Rua Saint-Honoré.

Lá encontrou o Visconde de Bragelonne que o esperava conversando com Grimaud.

Não era coisa muito fácil conversar com o velho servidor; dois homens apenas possuíam esse segredo: Athos e d'Artagnan. O primeiro o conseguia porque era o próprio Grimaud quem o interrogava; d'Artagnan, pelo contrário, porque sabia desatar a língua de Grimaud.

Entretinha-se Raul em fazê-lo contar a viagem à Inglaterra, e Grimaud o fizera com certo número de gestos e oito palavras, nem mais nem menos.

Indicara primeiro, por um movimento ondulatório da mão, que o amo e ele haviam cruzado o mar.

— Para alguma expedição? — perguntara Raul.

Abaixando a cabeça, respondera Grimaud:

— Sim.

— Em que o senhor conde arrostou perigos? — inquiriu Raul. Grimaud ergueu levemente os ombros, como quem diz: "Mais ou menos".

— Mas que perigos? — insistiu o rapaz.

Grimaud indicou a espada; indicou o fogo e um mosquete pendurado na parede.

— O senhor conde tinha lá um inimigo? — bradou Raul.

— Monck — replicou Grimaud.

— É estranho — observou Raul — que o senhor conde persista em considerar-me um noviço e não me faça compartir da honra ou dos riscos de seus encontros.

Grimaud sorriu.

Nesse momento voltou Athos.

O dono da casa iluminava-lhe a escada, e, reconhecendo os passos do amo, Grimaud correu-lhe ao encontro, interrompendo a entrevista.

Mas Raul não se deu por achado; tendo principiado o interrogatório, prosseguiu nele e, travando das mãos do conde com ternura extrema, porém respeitosa:

— Como se dá, senhor — perguntou — que partis para uma viagem perigosa sem me dizer adeus, sem me pedir a ajuda de minha espada, a mim, que devo ser para vós um apoio, desde que tenho forças; a mim, que me educastes como um homem? Ah! senhor, quereis expor-me, acaso, à cruel provação de nunca mais vos rever?

— Quem te disse, Raul, que a minha viagem foi perigosa? — replicou o conde colocando a capa e o chapéu nas mãos de Grimaud, que lhe desafivelara a espada.

— Eu — acudiu Grimaud.

— E por quê? — indagou severamente Athos.

Grimaud enleava-se; acudiu-lhe Raul, respondendo por ele.

— É natural, senhor, que o bom Grimaud me diga a verdade sobre o que vos toca. Por quem seríeis querido, sustentado, se não por mim?

Athos não replicou. Fez um gesto amistoso que afastou Grimaud e sentou-se numa poltrona, ao passo que Raul permanecia em pé à sua frente.

— O caso — continuou Raul — é que a vossa viagem era uma expedição... e que o ferro e o fogo vos ameaçaram.

— Não falemos mais nisso, visconde — atalhou com brandura Athos; — parti de improviso, é verdade, mas o serviço do Rei Carlos II exigia uma rápida partida. Quanto à tua preocupação, agradeço-ta, e sei que posso contar contigo... Não te faltou nada na minha ausência?

— Não, senhor, obrigado.

— Ordenei a Blaisois que te entregasse cem pistolas se precisasses de dinheiro.

— Não vi Blaisois.

— Tinhas dinheiro?

— Restavam-me, senhor, trinta pistolas da venda dos cavalos que apresei na última campanha, e o senhor príncipe teve a bondade de fazer-me ganhar duzentas no jogo, há três meses.

— Jogas?... Não gosto disso, Raul.

— Não jogo nunca, senhor; foi o senhor príncipe quem me ordenou que lhe segurasse as cartas em Chantilly... uma noite em que chegara um correio do rei, e eu obedeci; depois ordenou-me que embolsasse o lucro.

— Isso é hábito da casa, Raul? — perguntou Athos carregando o sobrolho.

— É, sim senhor; toda semana, por uma razão qualquer, o senhor sempre concede uma vantagem semelhante a um fidalgo. Há cinqüenta fidalgos em casa de Sua Alteza; e naquela noite foi a minha vez.

— Bem! Então foste à Espanha?

— Fui, sim, senhor; fiz uma viagem muito bonita e muito interessante.

— E voltaste há um mês?

— Voltei, senhor.

— E durante esse mês?

— Durante esse mês...

— Que fizeste?

— O meu serviço.

— Não estiveste em minha casa, em La Fère.

Raul corou. Athos considerou-o com o olhar fixo e tranqüilo.

— Fazeis mal em não acreditar em mim — disse Raul; — coro e sinto-o perfeitamente; mas coro malgrado meu. A vossa pergunta me desperta muitas emoções. Coro por estar comovido e não por estar mentindo.

— Eu sei, Raul, que nunca mentes.

— Não, senhor.

— Aliás, meu amigo, farias mal; o que eu queria dizer-te...

— Eu sei. Queríeis perguntar-me se não estive em Blois.

— Precisamente.

— Não estive; nem sequer avistei a pessoa a que aludis.

Tremia a voz de Raul ao pronunciar essas palavras. Juiz soberano em todas as questões de delicadeza, Athos acrescentou incontinente:

— Raul, tu me respondes com visível e penosa comoção; estás sofrendo.

— Muito, senhor; vós me proibistes de ir a Blois e de rever a Srta. de La Vallière.

A essa altura deteve-se o rapaz. O doce nome, tão encantador de se pronunciar, rasgava-lhe o coração acariciando-lhe os lábios.

— E fiz bem, Raul — atalhou Athos. — Não sou um pai bárbaro nem injusto; respeito o amor verdadeiro; mas penso num futuro para ti... num futuro imenso. Um novo reinado esplenderá como uma aurora; a guerra chama o jovem rei, cheio de espírito cavalheiresco. Só falta a esse ardor

heróico um batalhão de tenentes, jovens e livres, que se atirem às estocadas com entusiasmo e caiam gritando: Viva o rei! em vez de gritar: Adeus, minha esposa!... Compreendes isso, Raul.

Por mais brutal que possa parecer o meu raciocínio, eu te conjuro que acredites em mim e que afastes o olhar dos primeiros dias da mocidade em que te habituaste a amar, dias de lânguida indolência que enternecem o coração e o tornam incapaz de apreciar os fortes licores amargos que se chamam a glória e a adversidade.

Portanto, Raul, repito: vê no meu conselho tão somente o desejo de te ser útil, tão-somente a ambição de te ver próspero. Creio-te capaz de seres um homem notável. Marcha sozinho, e marcharás melhor e mais depressa.

— Vós ordenastes, senhor — replicou Raul — e eu obedeço.

— Ordenei! — exclamou Athos. — É assim que me respondes! Eu te ordenei! Oh! como deturpas as minhas palavras, como desconheces as minhas intenções! Não ordenei, pedi.

— Não, senhor, ordenastes — insistiu Raul, obstinado; — mas ainda que me tivésseis feito apenas um pedido, o vosso pedido é mais eficaz do que uma ordem. Não revi a Srta. de La Vallière.

— Mas tu sofres! tu sofres! — volveu Athos.

Raul não respondeu.

— Vejo-te pálido, triste... Será tão forte assim esse sentimento?

— É uma paixão — respondeu Raul.

— Não... é um hábito.

— Senhor, sabeis que viajei muito, que passei dois anos longe dela. Qualquer hábito se rompe em dois anos, creio eu... Ora, ao voltar, eu a queria não mais do que antes, pois seria impossível, mas tanto quanto antes. A Srta. de La Vallière é para mim a companheira ideal; mas vós, para mim, sois Deus na terra... Por vós serei capaz de todos os sacrifícios.

— E não terias razão — redarguiu Athos; — não tenho mais direito algum sobre ti. A idade emancipou-te; já nem sequer precisas do meu consentimento. Aliás, eu não o recusaria depois de tudo o que acabas de dizer-me. Desposa a Srta. de La Vallière, se é esse o teu desejo.

Raul fez um movimento: disse de sopetão:

— Sois bom, senhor — disse ele — e a vossa anuência me sensibiliza; mas não a aceitarei.

— Agora recusas?

— Recuso, sim, senhor.

— Não te serei grato por isso. Raul.

— Mas sois intimamente contrário a esse casamento; não o escolhestes.

— É verdade.

— Basta isso para que eu não persista: esperarei.

— Toma cuidado, Raul! o que dizes é sério.

— Eu sei; mas repito: esperarei.

— O quê? que eu morra? — perguntou Athos, comovido.

— Oh! senhor! — bradou Raul com lágrimas nos olhos — será possível que assim me dilacereis o coração, a mim que nunca vos dei um motivo de queixa?

— Querido filho, é verdade — murmurou o conde apertando violentamente os lábios para conter a emoção que principiava a subjugá-lo. — Não, não quero afligir-te; mas não sei o que pretendes esperar... Esperarás que não me queiras mais?

— Ah! isso é que não, senhor; esperarei que mudeis de idéia.

— Pois quero fazer uma prova, Raul; quero ver se a Srta. de La Vallière esperará como tu.

— Imagino que sim.

— Cuidado Raul! E se ela não esperar? Tu és moço, confiante, leal... As mulheres são inconstantes.

— Nunca me falastes mal das mulheres, senhor; nunca tivestes razões de queixa contra elas; por que o fareis agora, a propósito da Srta. de La Vallière?

— É verdade — anuiu Athos, abaixando a vista — nunca te falei mal das mulheres; nunca tive razões de queixa contra elas; a Srta. de La Vallière nunca deu azo a uma suspeita sequer; mas quando prevemos, precisamos chegar às exceções, às improbabilidades! E se, repito-o, a Srta. de La Vallière não te esperasse?

— Como, senhor?

— Se voltasse as suas vistas para outro lado?

— Os seus olhos para outro homem, quereis dizer? — acudiu Raul, pálido de angústia.

— Isso mesmo.

— Pois bem! senhor, eu mataria esse homem — tornou com simplicidade o rapaz — e todos os homens que a Srta. de La Vallière escolhesse, até que um deles me matasse ou que ela me restituísse o seu amor.

Athos estremeceu.

— Se não me engano — disse com voz surda — tu me chamaste há pouco o teu deus, a tua lei neste mundo?

— Oh! — exclamou, trêmulo, Raul — vós me proibiríeis o duelo?

— E se eu o proibisse?

— Vós me proibiríeis de esperar, senhor, e, por conseguinte, não me proibiríeis de morrer.

Athos ergueu os olhos para o visconde.

Raul pronunciara essas palavras com sombria inflexão, acentuada pelo mais sombrio dos olhares.

— Basta — disse Athos depois de longo silêncio — deixemos esse triste assunto, em que ambos exageramos. Vive o dia que passa, Raul; faze o teu serviço, ama Srta. de La Vallière, numa palavra, procede como homem, já que tens idade de homem; mas não te esqueças de que te quero muito e de que afirmas querer-me também.

— Ah! senhor conde! — bradou Raul, apertando ao coração a mão de Athos.

— Bem, meu querido filho, deixa-me, preciso de repouso. A propósito, o Sr. d'Artagnan voltou comigo de Inglaterra; tu lhe deves uma visita.

— Irei fazê-la, senhor, com muitíssima alegria; gosto tanto do Sr. d'Artagnan!

— Tens razão: é um homem de bem e um bravo cavaleiro.

— Que vos estremece! — ajuntou Raul.

— Disso tenho certeza... Sabes o seu endereço?

— Há de ser no Louvre, no Palais-Royal, onde estiver el-rei. Não é o comandante dos mosqueteiros?

— Não, presentemente o Sr. d'Artagnan está de folga; está descansando... Não o procures, portanto, nos postos de serviço. Terás notícias dele em casa de certo Sr. Planchet.

— O antigo lacaio?

— Precisamente; mas transformado em merceeiro.

— Eu sei; Rua des Lombards?

— Uma coisa assim... ou Rua des Areis.

— Hei de achá-lo, senhor, hei de achá-lo.

— Tu lhe darás lembranças minhas e o trarás para jantar antes de minha partida para La Fère.

— Sim, senhor.

— Boa noite, Raul.

— Senhor, estou vendo uma ordem que não vos conhecia; aceitai os meus cumprimentos.

— O Tosão?... é verdade... Bobagem, meu filho... que já nem sequer diverte uma criança velha como eu... Boa noite, Raul!

Capítulo LII - A lição de d'Artagnan

RAUL não encontrou o Sr. d'Artagnan no dia seguinte, como esperava. Encontrou apenas Planchet, que se mostrou contentíssimo em rever o rapaz, e soube fazer-lhe dois ou três cumprimentos guerreiros que de maneira alguma cheiravam a mercearia. Mas como, no outro dia, voltasse de Vincennes trazendo cinqüenta dragões que lhe confiara o senhor príncipe, avistou, na Praça Baudoyer, um homem que, de nariz no ar, examinava uma casa como examinamos um cavalo que pretendemos comprar.

Esse homem, que ostentava um trajo burguês abotoado como o gibão de um militar, um chapeuzinho na cabeça e, à cinta, uma espada comprida guarnecida de chagrém, virou a cabeça assim que ouviu os passos dos cavalos e deixou de olhar para casa a fim de olhar para os dragões.

Era pura e simplesmente o Sr. d'Artagnan; o Sr. d'Artagnan a pé; o Sr. d'Artagnan com as mãos nas costas, passando revista aos dragões depois de havê-la passado aos edifícios. Nem um homem, nem uma agulhêta, nem um casco de animal lhe escapou à inspeção. Raul cavalgava ao lado da tropa; d'Artagnan viu-o por último.

— Eh! — bradou — eh! com a breca!

— Não me engano? — disse Raul incitando o cavalo.

— Não, não te enganas; bom dia! — replicou o antigo mosqueteiro.

E Raul foi apertar com efusão a mão do velho amigo.

— Toma cuidado, Raul — disse d'Artagnan — o segundo cavalo da quinta fileira estará desferrado antes de chegar ao Pont Marie; só tem dois cravos na mão esquerda.

— Esperai-me — disse Raul — volto já.

— Deixas o teu destacamento?

— O porta-estandarte aí está para substituir-me.

— Jantas comigo?

— Com muito prazer, Sr. d'Artagnan.

— Então, avia-te, desmonta ou arranja um cavalo para mim.

— Prefiro voltar a pé convosco.

Apressou-se Raul em avisar o porta-estandarte, que o substituiu; a seguir, descalvagou, entregou a montaria a um dos dragões, e, muito alegre, pegou no braço do Sr. d'Artagnan, que o considerava depois de todas essas evoluções com a satisfação de um entendido.

— Vens de Vincennes? — perguntou ele primeiro.

— Venho, senhor cavaleiro.

— O cardeal?...

— Está muito doente; dizem até que já morreu.

— Estás bem como o Sr. Fouquet? — perguntou d'Artagnan, mostrando, por um desdenhoso dar de ombros, que a morte de Mazarino pouco o impressionava.

— Com o Sr. Fouquet? — disse Raul. — Não o conheço.

— Tanto pior, tanto pior, pois um novo rei procura sempre aliciar adeptos.

— Oh! o rei não me quer mal — retorquiu o rapaz.

— Não te falo da coroa — disse d'Artagnan — mas do rei... O rei é o Sr. Fouquet, agora que morreu o cardeal. Precisas estar bem com o Sr. Fouquet, se não quiseres bolorar a vida inteira, como eu... É verdade que, felizmente, tens outros protetores.

— Em primeiro lugar, o senhor príncipe.
— Sovado, sovado, meu amigo.
— O Sr. Conde de La Fère.
— Athos? oh! esse é diferente; sim, Athos... e se quiseres progredir na Inglaterra, não podes escolher mais eficiente protetor. Posso até dizer-te, modéstia à parte, que eu mesmo gozo de algum crédito na corte de Carlos II. Esse, pelo menos, é um rei.
— Ah! — exclamou Raul com a ingênua curiosidade dos moços bem-nascidos ouvindo falarem a experiência e o valor.
— Sim, um rei que se diverte, é verdade, mas que soube empunhar a espada e apreciar os homens úteis. Athos está bem com Carlos II.
Arranja por lá algum serviço e deixa esses contratadores pedantes que roubam tão bem com mãos francesas como com dedos italianos; deixa o reizinho choramingas, que nos dará um reinado de Francisco II. Conheces história, Raul?
— Conheço, senhor cavaleiro.
— Sabes, então, que Francisco II vivia com dor de ouvido?
— Não, não sabia.
— Que Carlos IV vivia com dor de cabeça?
— Ah!
— E que Henrique III vivia com dor de barriga?
Raul desatou a rir.
— Pois bem! meu caro amigo, Luís XIV vive com dor no coração; é lamentável ver-se um rei que suspira o dia inteiro e não diga uma vez sequer: "Com os demônios!" ou: "Com a fortuna!" qualquer coisa, enfim, que desperte.
— Foi por isso, senhor cavaleiro, que deixastes o serviço? — perguntou Raul.
— Foi.
— Mas vós mesmo, senhor cavaleiro, pondes o carro adiante dos bois; assim não ficareis rico.
— Oh! eu — replicou d'Artagnan em tom displicente — estou arranjado. Herdei uns cobrinhos de minha família.
Raul enfitou-se nele. Era proverbial a pobreza de d'Artagnan. Gascão, exagerava, no terreno do caiporismo, todas as gasconadas de França e de Navarra; Raul ouvira cem vezes unidos os nomes de Jó e d'Artagnan como se unem os de Rómulo e Remo.
Surpreendeu-lhe d'Artagnan o olhar espantado.
— Além disso, teu pai deve ter-te contado que estive na Inglaterra?
— Contou, senhor cavaleiro.
— E que tive lá um encontro feliz?
— Não, senhor; disso eu não sabia.
— Pois tive; um de meus bons amigos, um grande fidalgo, o vice-rei da Escócia e da Irlanda, proporcionou-me o descobrimento de uma herança.
— Uma herança?
— Bem redondinha.
— De sorte que estais rico?
— Bem...
— Aceitai os meus sinceros cumprimentos.
— Obrigado... Olha, aí está minha casa.
— Na Praça da Greve?

— É; não gostas do bairro?
— Pelo contrário: a água é bonita de ver-se... Que linda casa antiga!
— A Imagem de Nossa Senhora é uma velha tasca que converti em residência há dois dias.
— Mas a tasca continua aberta?
— Naturalmente!
— E onde morais?
— Eu? Moro em casa de Planchet.
— Mas agora mesmo me dissestes: "Aí está minha casa!”
— Disse porque a casa, de fato, é minha... comprei-a.
— Ah! — exclamou Raul.
— Por uma tuta e meia, Raul; um negócio da China!... Comprei a casa por trinta mil libras; tem um jardim que dá para a Rua de la Mortellerie; aluga-se a tasca por mil libras com o primeiro andar; o sótão, ou segundo andar, por quinhentas.
— Não pode ser.
— Claro que pode.
— Um sótão por quinhentas libras? Mas se nem habitável é!
— Por isso mesmo ninguém o habita; mas, como vês, tem duas janelas que dão para o largo.
— Tem.
— Pois bem, cada vez que se roda, enforca, esquarteja ou queima alguém, as duas janelas se alugam até por vinte pistolas.
— Oh! — bradou Raul, horrorizado.
— Repugnante, não achas?
— Oh! — repetiu Raul.
— É repugnante, mas é assim... Esses basbaques parisienses são, às vezes, verdadeiros antropófagos. Não me entra na cabeça que homens, cristãos, possam fazer semelhantes especulações.
— É verdade.
— Quanto a mim — continuou d'Artagnan — se eu morasse na casa, fecharia, nos dias de execução, até o buraco das fechaduras; mas não moro.
— E alugais por quinhentas libras o sótão?
— Ao feroz bodegueiro que, por sua vez, o subloca... Eu dizia, portanto, mil e quinhentas libras.
— Juros naturais do dinheiro — ajuntou Raul — à taxa de cinco por cento.
— Exatamente. Ainda me ficam os fundos: lojas, compartimentos e porões, que no inverno se inundam, duzentas libras; e o jardim, muito bonito, muito bem plantado, muito escondido pelos muros e à sombra do portal de Saint-Gervais e de Saint-Protais, mil e trezentas.
— Mil e trezentas libras! mas é maravilhoso...
— Ouve a história. Ando muito desconfiado de um cônego da paróquia (esses cônegos são uns cresos) que, a meu ver, alugou o jardim para as suas patuscadas. O locatário deu o nome de Godard... Pode ser um nome falso ou um nome verdadeiro; se for verdadeiro, é um cónego; se for falso, é um desconhecido qualquer; que importa? Ele paga adiantado. Daí que me acudisse há pouco, quando te encontrei, a idéia de comprar, na Praça Baudoyer, uma casa cujos fundos dessem para o meu jardim, formando assim uma propriedade magnífica. Os teus dragões afugentaram-me a idéia. Olha, tomemos pela Rua de la Vannerie, vamos diretamente à casa de mestre Planchet.
D'Artagnan estugou o passo e conduziu efetivamente Raul à casa de Planchet, onde ocupava um quarto que o merceeiro cedera ao antigo amo. Planchet saíra, mas o jantar estava na mesa. Ainda conservava o merceeiro uns restos da regularidade, da pontualidade militar.

D'Artagnan conduziu a conversação para o capítulo do futuro de Raul.
— Teu pai trata-te com severidade? — perguntou.
— Com justiça, senhor cavaleiro.
— Oh! sei que Athos é justo; mas deve ser meio rigoroso?
— Extremamente liberal, Sr. d'Artagnan.
— Não te acanhes, menino, se alguma vez precisares de umas pistolas; aqui tens o velho mosqueteiro.
— Meu caro Sr. d'Artagnan...
— Sempre jogas um pouco?
— Nunca.
— Tens sorte com mulheres, então?... Ficaste vermelho... Oh! Aramisinho! Meu amigo, isso custa mais caro ainda do que o jogo. É verdade que a gente se bate quando perde, é uma compensação. O reizinho choramingas faz pagarem multa as pessoas que puxam da espada. Que reinado, meu pobre Raul, que reinado! Quando penso que no meu tempo os mosqueteiros eram assediados nas casas, como Heitor e Príamo na cidade de Tróia; e as mulheres choravam, e as paredes se riam, e quinhentos patifes batiam palmas e gritavam: "Mata! mata!" quando não se tratava de um mosqueteiro! Com a fortuna! não vereis essas coisas, vós, os moços de hoje.
— Sois muito rigoroso com o rei, meu caro Sr. d'Artagnan, e mal o conheceis.
— Eu? Escuta, Raul: dia por dia, hora por hora, toma boa nota de minhas palavras, predigo-te o que ele fará. Quando morrer o cardeal, chorará; pois é o que fará de menos tolo, sobretudo se nenhuma de suas lágrimas for sincera.
— E depois?
— Depois, pedirá ao Sr. Fouquet que lhe pague uma pensão e irá fazer versos em Fontainebleau para umas Mancinis quaisquer, cujos olhos serão arrancados pela rainha. Além de espanhola, a rainha tem por sogra a Sra. Ana D'Áustria.
Conheço bem as espanholas da casa d'Áustria.
— E depois?
— Depois, depois de ter mandado arrancar os galões de prata dos suíços porque os bordados custam muito caro, fará que os mosqueteiros andem a pé, porque a aveia e o feno de um cavalo custam cinco soldos por dia.
— Oh! não digais uma coisa dessas.
— Que me importa? já não sou mosqueteiro, não é verdade? Andem eles a cavalo ou a pé, andem de lardeadeira, de espeto, de espada ou de coisa nenhuma, que me importa?
— Meu caro Sr. d'Artagnan, suplico-vos, não continueis a falar mal do rei... Estou quase a serviço dele, e meu pai ficaria zangadíssimo se soubesse que ouvi, mesmo de vossa boca, palavras ofensivas à Sua Majestade.
— Teu pai?... Eh! é um paladino de toda causa mal parada. Sim, teu pai é um bravo, um César, eu sei; mas não tem visão.
— Ora, ora! cavaleiro — acudiu, rindo-se, Raul — agora falareis mal de meu pai, daquele a quem chamáveis o grande Athos; estais hoje de mau humor, e a riqueza vos torna rabugento, como faz a pobreza com os outros.
— Tens razão! com a breca! Sou um tratante e disparato; sou um desgraçado envelhecido, uma corda desfiada, uma couraça furada, uma bota sem sola, uma espora sem roseta; mas faze-me um favor, dize apenas uma coisa.
— Que coisa, meu querido Sr. d'Artagnan?

— Dize isto: "Mazarino era um bigorrilhas".
— Ele talvez esteja morto.
— Mais uma razão; eu disse era; se o imaginasse vivo, pedir-te-ia que dissesses: "Mazarino é um bigorrilhas". Dize, vamos, dize, se me queres bem.
— Com muito prazer.
— Dize!
— Mazarino era um bigorrilhas — repetiu Raul, sorrindo para o mosqueteiro, que se divertia como nos seus belos tempos.
— Um momento — acudiu este último. — Enunciaste a primeira proposição; eis a conclusão. Repete, Raul, repete: "Mas eu sentirei falta de Mazarino".
— Cavaleiro!
— Tu não queres dizer, di-lo-ei duas vezes por ti... Mas tu sentirás falta de Mazarino.
Riam-se ainda, discutindo a forma dessa declaração de princípios, quando entrou um dos empregados da mercearia.
— Uma carta — disse ele — para o Sr. d'Artagnan.
— Obrigado... Olha!... — exclamou o mosqueteiro.
— A letra do senhor conde — volveu Raul.
— Sim, sim.
E d'Artagnan abriu-a.

> *"Meu caro amigo* — dizia Athos — *acabam de pedir-me da parte de el-rei que te mande procurar... "*

— A mim? — exclamou d'Artagnan, deixando cair o papel debaixo da mesa.
Raul apanhou-o e continuou a leitura em voz alta: "Apressa-te... Sua Majestade precisa muito falar contigo e espera-te no Louvre."
— A mim? — repetiu ainda o mosqueteiro.
— Eh! eh! — disse Raul.
— Oh! oh! — respondeu d'Artagnan. — que será isso?

Capítulo LIII - O rei

PASSADO o primeiro momento de surpresa, d'Artagnan releu o bilhete de Athos.

— É esquisito — observou — que o rei me mande chamar.

— Por quê? — atalhou Raul. — Não acreditais, senhor, que el-rei sinta falta de um servidor como vós?

— Oh! oh! — exclamou o oficial, rindo sem entusiasmo — és muito otimista, mestre Raul. Se o rei sentisse a minha falta, não me teria deixado partir. Não, não, vejo aí coisa melhor, ou pior, se quiseres.

— Pior! O que, por exemplo, senhor cavaleiro?

— És moço, és confiante, és admirável... Como eu gostaria de ser ainda o que és! Ter vinte e quatro anos, a testa sem rugas e o cérebro sem nada, a não ser uma mulher, o amor, ou meia dúzia de boas intenções... Oh! Raul! enquanto não tiveres recebido os sorrisos dos reis e as confidências das rainhas; enquanto não tiveres visto os cadáveres de dois cardeais ao pé de ti, um tigre e o outro raposa; enquanto não tiveres... Mas para que tanta bobagem? Precisamos separar-nos, Raul.

— Como me dizeis isso! Que ar grave!

— A coisa não é para menos... Escuta: quero fazer-te uma recomendação importante.

— Estou escutando, meu caro Sr. d'Artagnan. Avisarás teu pai de minha partida.

— Partis?

— Homessa!... Tu lhe dirás que fui para a Inglaterra e que estou morando na minha casinha de campo.

— Para a Inglaterra!... E as ordens do rei?

— Acho-te cada vez mais ingênuo: imaginas que vou, sem mais nem menos, ao Louvre colocar-me à disposição desse lobinho coroado?

— Lobinho! o rei? Mas, senhor cavaleiro, estais louco!

— Pelo contrário, nunca fui tão avisado. Não sabes então o que quer fazer de mim esse digno filho de Luís, o Justo?... Com seiscentos diabos, é a política... Quer mandar-me embastilhar, pura e simplesmente. Estás compreendendo?

— Mas a troco de quê? — bradou Raul, apatetado com o que ouvia.

— A troco do que eu lhe disse certo dia em Blois... Fui atrevido; e ele deve lembrar-se.

— Vós lhe dissestes?

— Que era um forreta, um moleque, um bobo alegre.

— Santo Deus!... — exclamou Raul; — será possível que tais palavras tenham saído de vossa boca?

— Não repeti talvez literalmente o meu discurso; mas o sentido, pelo menos, é esse.

— O rei vos teria mandado prender incontinente.

— Por quem? Eu comandava os mosqueteiros; ele teria precisado ordenar a mim mesmo que me recolhesse à cadeia; e eu nunca teria consentido nisso; teria resistido a mim mesmo... Depois, fui para a Inglaterra... acabou-se d'Artagnan... Hoje, o cardeal está morto, ou quase: sabe-se que estou em Paris; prendem-me.

— O cardeal era vosso protetor?

— O cardeal me conhecia; sabia de certas particularidades minhas; e eu sabia também de certas particularidades dele: nós nos apreciávamos mutuamente... De mais a mais, ao entregar a alma ao

diabo, ele deve ter aconselhado Ana d'Áustria a mandar-me para lugar seguro. Vai ter, portanto, com teu pai, conta-lhe o que aconteceu, e adeus!

— Meu caro Sr. d'Artagnan — disse Raul muito comovido depois de ter olhado pela janela — nem fugir podereis.

— Por quê?

— Porque há lá embaixo um oficial de suíços à vossa espera.

— E que é que tem isso?

— Tem que ele vos prenderá.

D'Artagnan despediu uma gargalhada homérica.

— Oh! sei muito bem que vós lhe resistireis, que chegareis a combatê-lo; sei também que o vencereis; mas isso é rebelião, e vós, como oficial, conheceis a disciplina.

— Diabo de menino! como isso é elevado, como é lógico! — resmoninhou d'Artagnan.

— Concordais comigo, não é verdade?

— Concordo. Em vez de passar pela rua em que me espera esse babaquara, vou escapulir-me simplesmente pelos fundos. Tenho um cavalo na cocheira; é um bom cavalo; arrebentá-lo-ei de tanto correr, que as minhas finanças o permitem; e de cavalo arrebentado em cavalo arrebentado, chegarei a Bolonha em onze horas; conheço o caminho... Dize apenas mais uma coisa a teu pai.

— O quê?

— Que... o que ele sabe está colocado em casa de Planchet, menos um quinto, e...

— Mas, meu caro Sr. d'Artagnan, tende cautela; se fugirdes, dirão duas coisas.

— Quais, meu querido amigo?

— Primeiro, que tivestes medo.

— Quem dirá isso?

— El-rei antes de qualquer outro.

— Pois bem!... não dirá senão a verdade. Tenho medo.

— Segundo, que vos sentíeis culpado.

— Do quê?

— Dos crimes que quiserem imputar-vos.

— Também é verdade... Aconselhas-me então que me deixe embastilhar?

— O Sr. Conde de La Fère o aconselharia como eu.

— Sei disso! — acudiu d'Artagnan, pensativo; — tens razão, não fugirei. E se me encafuarem na Bastilha?

— Tirar-vos-emos de lá — respondeu Raul com ar tranqüilo e calmo.

— Com seiscentos diabos! — bradou d'Artagnan pegando-lhe na mão — disseste isso lindamente, Raul; é puro Athos. Pois bem! vou. Não esqueças a minha última recomendação.

— Salvo um quinto — disse Raul.

— Sim, és um belo menino e quero que acrescentes outra coisa.

— Dizei.

— E' que, se não me tirardes da Bastilha e eu morrer por lá... o que não seria de estranhar... pois eu, que fui um homem passável, serei um detestável prisioneiro... nesse caso, dou três quintos a ti e o quarto a teu pai.

— Cavaleiro!

— Homessa! se quiserdes gastar o dinheiro mandando dizer missas em minha intenção, ninguém o impede.

Dito isso, desprendeu o talabarte da parede, cingiu a espada, pegou no chapéu de pluma nova e

estendeu a mão a Raul, que se lhe atirou nos braços.

Descendo à loja, considerou os empregados, que assistiam à cena com um misto de orgulho e inquietação; depois, enfiando a mão numa caixa de passas de Corinto, encaminhou-se para o oficial, que esperava filosoficamente diante da porta da mercearia.

Essa cara!... Ser vós, Sr. de Friedisch? — exclamou alegremente o mosqueteiro. — Eh! eh! já estamos prendendo os amigos?

— Prendendo! — murmuraram, à uma, os moços. Eh! eh! já estamos prendendo os amigos?

— Ser eu — respondeu o suíço. — Pons tias, monsier d'Artagnan.

— Preciso dar-vos a minha espada? Previno-vos de que é pesada e comprida. Deixai-a comigo até ao Louvre; sinto-me idiota quando não carrego espada pelas ruas, e vós vos sentireis mais idiota do que eu carregando duas!

— O rei não ter dito — replicou o suíço — guardai a fossa esbada.

— Pois é muita gentileza da parte do rei. Partamos depressa. O Sr. de Friedisch não era tagarela e d'Artagnan tinha tanto em que pensar que também não o poderia ser. Da loja de Planchet ao Louvre não mediava grande distância; chegaram em dez minutos. A noite já descera.

O Sr. de Friedisch fez menção de entrar por uma portinhola.

— Não — contrariou d'Artagnan — perdereis muito tempo por aí: ide pela escada particular.

Fez o suíço o que lhe recomendava d'Artagnan e conduziu-o ao vestíbulo do gabinete de Luís XIV.

Lá chegado, cumprimentou o prisioneiro e, sem uma palavra, tornou ao seu posto.

D'Artagnan não tivera tempo ainda para perguntar a si mesmo por que não lhe tiravam a espada, quando se abriu a porta do gabinete e um criado grave chamou:

— Sr. d'Artagnan!

D'Artagnan assumiu a posição de parada e entrou, com olhos muito abertos, rosto calmo, bigode eriçado. Sentado à mesa, o rei estava escrevendo.

Não se mexeu quando soou sobre o pavimento o passo do mosqueteiro; nem sequer virou a cabeça. Adiantou-se d'Artagnan até ao meio da sala e, vendo que o rei não lhe dava atenção, compreendeu que aquilo não passava de afetação, uma espécie de preâmbulo desagradável para a explicação que se preparava; virou as costas ao príncipe e começou de examinar os afrescos da cornija e as rachas do teto.

A manobra foi acompanhada deste breve e tácito monólogo:

— Ah! queres humilhar-me, a mim, que te vi pequenino, que salvei como se fosses meu filho, que servi como se fosses meu Deus, isto é, por nada... Espera, espera; verás o que pode fazer um homem

que já assobiou a dança de roda dos huguenotes nas barbas do senhor cardeal, o verdadeiro cardeal!

Nesse momento voltou-se Luís XIV.

— Estais aí, Sr. d'Artagnan? — perguntou.

D'Artagnan viu o movimento e imitou-o.

— Estou, Sire.

— Bem; fazei o favor de esperar que eu termine esta soma.

D'Artagnan não respondeu; apenas se inclinou.

— Isso foi delicado — pensou — e não há o que se lhe dizer. Luís fez um traço violento com a pena e atirou-a de si, colérico.

— Isso! enfeza para que te embales — cuidou o mosqueteiro; — tu me deixarás à vontade: aliás, no outro dia, em Blois, eu não disse tudo o que queria.

Luís ergueu-se, passou a mão pela testa; em seguida, detendo-se diante de d'Artagnan, considerou-o com expressão imperiosa e benevolente ao mesmo tempo.

— Que me quer ele? Acabemos logo com isto — pensou o mosqueteiro.

— Senhor — disse o rei — sabeis, sem dúvida, que o senhor cardeal faleceu?

— Era o que eu supunha, Sire.

— Sabeis, por conseguinte, que agora sou eu quem manda em minha casa?

— Isso não é coisa que date da morte do cardeal, Sire; qualquer um pode mandar em sua casa: basta querer.

— Sim, mas não vos lembrais de tudo o que me dissestes em Blois?

— Agora é que são elas — disse entre si d'Artagnan; — eu não me enganara. Pois tanto melhor! É sinal de que o meu faro continua bom.

— Não me respondeis? — insistiu Luís.

— Sire, creio lembrar-me.

— Credes?

— Faz tanto tempo!

— Se não vos lembrais, lembro-me eu. Eis o que me dissestes: escutai com atenção.

— Oh! sou todo ouvidos, Sire; pois muito provavelmente a conversa tomará uma feição interessante para mim.

Luís olhou de novo para o mosqueteiro, que alisou a pluma do chapéu, depois o bigode, e ficou esperando, intrepidamente.

— Deixastes o meu serviço, senhor, depois de me haver dito toda a verdade?

— Sim, Majestade.

— Isto é, depois de haver declarado tudo o que supúnheis verdadeiro sobre o meu modo de pensar e de proceder. É sempre um mérito. Começastes dizendo que servíeis minha família havia trinta e quatro anos e que estáveis cansado.

— Exatamente, Sire.

— E confessastes depois que o cansaço era um pretexto e que a verdadeira causa era o descontentamento.

— Eu estava descontente, com efeito, Sire; mas esse descontentamento não se traiu em parte alguma, que eu saiba, e, se tive a coragem de falar em voz alta diante de Vossa Majestade, nem sequer pensei a mesma coisa diante de qualquer outro.

— Não vos escuseis, Sr. d'Artagnan, e continuai a ouvir-me. A censura do vosso descontentamento respondi com uma promessa; eu vos disse: "Esperai", não é verdade?

— Tão verdadeiro, Sire, como o que eu dizia a Vossa Majestade.

— Vós me respondestes: "Mais tarde? Não; já!...” Não vos desculpeis, repito-o... Era natural; mas não fostes caridoso com o vosso príncipe, Sr. d'Artagnan.

— Sire... caridoso!... com um rei, da parte de um pobre soldado!

— Vós me compreendeis; sabíeis muito bem que eu precisava de caridade; sabíeis muito bem que eu não era o amo; sabíeis muito bem que as minhas esperanças residiam no futuro. Ora, vós me respondestes, quando vos falei nesse futuro: "Minha demissão... imediatamente!”

D'Artagnan mordeu o bigode.

— É verdade — murmurou.

— Não me lisonjeastes na minha aflição — ajuntou Luís XIV.

— Mas — retorquiu d'Artagnan erguendo a cabeça com um gesto nobre — se não lisonjeei Vossa Majestade pobre, também não o traí. Derramei por nada o meu sangue; fiquei de guarda à porta, como um cão, sabendo muito bem que não me jogariam pão, nem osso. Pobre também, não pedi outra coisa que a demissão de que fala Vossa Majestade.

— Sei que sois homem de bem; mas eu era um menino, devíeis poupar-me... Que tínheis vós que reprochar ao rei? deixar Carlos II sem socorro?... digamos mais... não casar com a Srta. de Mancini?

Dizendo isso, fitou o rei no mosqueteiro um olhar profundo.

— Ah! ah! — pensou este último — ele não só recorda, como adivinha... Diabo!

— O vosso julgamento — continuou Luís XIV — caía sobre o rei e caía sobre o homem... Mas, Sr. d'Artagnan... essa fraqueza, pois vós o consideráveis como fraqueza...

D'Artagnan não respondeu.

— Vós ma censuráveis também em relação ao finado senhor cardeal; pois não foi ele quem me educou, sustentou?... elevando-se e sustentando-se ao mesmo tempo, eu sei; mas o caso é que o benefício ficou. Se eu fosse ingrato e egoísta, ter-me-íeis querido mais, servido melhor?

— Sire...

— Não falemos mais nisso: seria penalizar-vos e mortificar-me demasiado.

D'Artagnan não estava convencido. Assumindo diante dele um tom sobranceiro, o jovem rei não melhorava a situação.

— Refletistes depois disso? — volveu Luís XIV.

— Em que, Sire? — perguntou polidamente d'Artagnan.

— Em tudo o que estou dizendo.

— Refleti, Sire, sem dúvida...

— E esperastes a primeira oportunidade para mudar de idéia?

— Sire...

— Parece-me que hesitais...

— Não compreendo muito bem o que Vossa Majestade me faz a honra de dizer.

Luís carregou o aspecto.

— Queira perdoar-me, Sire; tenho o espírito particularmente espesso... só com dificuldade penetram nele as coisas; é verdade que depois de entrarem não saem...

— Sim, parece-me que tendes boa memória.

— Quase tão boa quanto a de Vossa Majestade.

— Então, respondei-me depressa... O meu tempo é precioso. Que fazeis depois que vos demitistes?

— A minha fortuna, Sire.

— A palavra é dura, Sr. d'Artagnan.

— Vossa Majestade toma-a à má parte, com certeza. Sinto pelo rei profundíssimo respeito, e,

ainda que me mostrasse incivil, o que pode ser revelado em razão dos muitos anos que passei em casernas e acampamentos, Sua Majestade está muito acima de mim para ofender-se com uma palavra inocentemente escapada a um soldado.

— De fato, sei que praticastes brilhante façanha na Inglaterra. Lamento apenas que tenhais faltado à vossa promessa.

— Eu? — exclamou d'Artagnan.

— Sem dúvida... Vós me havíeis prometido não servir príncipe nenhum ao deixar o meu serviço... Ora, foi pelo Rei Carlos II que participastes do rapto maravilhoso do Sr. Monck.

— Perdoe-me Vossa Majestade; foi por mim.

— Fostes bem sucedido?

— Como os capitães do século XV em seus golpes e aventuras.

— A que chamais bom sucesso? Ao dinheiro?

— A cem mil escudos, Sire, que possuo: representam, numa semana, o triplo do que ganhei em cinqüenta anos.

— A soma é bela..., mas sois ambicioso, não sois?

— Eu, Sire? A quarta parte dela me pareceria um tesouro, e juro a Vossa Majestade que não penso em aumentá-la.

— Pretendeis continuar de braços cruzados?

— Pretendo, Sire.

— Deixar a espada?

— Já a deixei.

— Impossível, Sr. d'Artagnan — atalhou Luís com resolução.

— Mas, Sire...

— Que é?

— Por quê?

— Porque não quero! — declarou o jovem príncipe com voz tão grave e imperiosa, que d'Artagnan fez um gesto de surpresa e até de inquietação.

— Vossa Majestade permite-me responder? — perguntou.

— Dizei.

— Essa resolução, eu já a tomara quando era pobre e não tinha onde cair morto.

— Muito bem. E depois?

— Ora, hoje que pude assegurar, industriosamente, o meu bem-estar, Vossa Majestade me privaria da liberdade, Vossa Majestade me condenaria ao menos depois de haver eu conseguido o mais?

— Quem vos permitiu, senhor, sondar os meus desígnios e contar comigo? — volveu Luís com voz quase irada — quem vos disse o que farei, e mesmo o que fareis?

— Sire — volveu tranqüilamente o mosqueteiro — pelo que vejo, a franqueza foi abolida da conversação, como no dia em que nos explicamos em Blois.

— Foi, sim, senhor; está tudo mudado.

— Apresento a Vossa Majestade os meus sinceros cumprimentos; mas...

— Não acreditais?

— Embora não seja um grande estadista, entendo alguma coisa de negócios; ora, não os vejo exatamente como os vê Vossa Majestade. O reinado de Mazarino terminou, Sire, mas começa agora o dos financistas. Eles têm dinheiro: Vossa Majestade não o terá muito amiúde. Viver na dependência desses lobos esfaimados é duro para um homem que contava com a independência.

Nesse momento alguém arranhou a porta do gabinete; o rei ergueu a cabeça orgulhosa.

— Perdão, Sr. d'Artagnan — disse ele; — é o Sr. Colbert que vem trazer-me um relatório. Entrai, Sr. Colbert.

Afastou-se d'Artagnan. Colbert entrou com papéis na mão e aproximou-se do rei.

Fora ocioso dizer que o gascão não perdeu o ensejo para fitar a vista penetrante e arguta na nova figura que se apresentava.

— Fez-se o processo? — perguntou o rei a Colbert.

— Já, Sire.

— E a opinião dos juízes?

— Que os acusados merecem o confisco e a morte.

— Ah! ah! — tornou o rei sem pestanejar, dirigindo um olhar de través a d'Artagnan... — E a vossa opinião, Sr. Colbert? — perguntou.

Colbert examinou d'Artagnan por seu turno.

Aquela figura incômoda lhe detinha a palavra nos lábios. Luís XIV compreendeu.

— Não vos inquieteis — disse ele — é o Sr. d'Artagnan; não reconheceis o Sr. d'Artagnan?

Olharam-se os dois homens: d'Artagnan, com o olhar franco e flamejante; Colbert, com o olhar meio velado. A franca intrepidez de um desagradou ao outro; a cautelosa circunspeção do financista desaprouve ao soldado.

— Ah! ah! foi este senhor que praticou aquele belo feito na Inglaterra! — pensou Colbert.

E cumprimentou levemente d'Artagnan.

— Ah! ah! — pensou o gascão — foi este o senhor que roeu a prata dos galões dos suíços... Louvável economia!

E cumprimentou profundamente.

O financista imaginou atrapalhar o mosqueteiro; mas o mosqueteiro varava de lado a lado o financista.

— Sr. d'Artagnan — tornou o rei, que não observara todas as nuanças, nenhuma das quais teria escapado a Mazarino — trata-se de contratadores que me roubaram, que mandei prender e cuja sentença de morte vou assinar.

D'Artagnan estremeceu.

— Oh! oh! — exclamou.

— Dizeis?

— Nada, Sire; não tenho nada com isso.

O rei já empunhara a pena e aproximava-a do papel.

— Sire — disse Colbert a meia voz — previno a Vossa Majestade que se é verdade que um exemplo é necessário, também é verdade que a sua execução pode apresentar algumas dificuldades.

— Como? — acudiu Luís XIV.

— Tenha Vossa Majestade em mente — continuou, tranqüilo, Colbert — que tocar nos contratadores é tocar na superintendência. Os dois infelizes, os dois culpados de que falamos são amigos pessoais de um poderoso personagem e, no dia do suplício, que aliás pode ser abafado no Châtelet, sem dúvida surgirão desordens.

Luís corou e voltou-se para d'Artagnan, que mastigava calmamente o bigode, não sem um sorriso de compaixão para o financista e para o rei, que o escutara tanto tempo.

Luís XIV pegou na pena e, com um movimento tão rápido que lhe fez tremer a mão, assinou os dois documentos apresentados por Colbert; em seguida, olhando francamente para este último:

— Sr. Colbert — disse ele — quando me falardes de negócios, evitai quanto possível pronunciar a palavra dificuldade; quanto à palavra impossível, riscai-a do vosso vocabulário.

Inclinou-se Colbert, humilhadíssimo por haver levado uma lição em presença do mosqueteiro; fez menção de sair; mas, desejoso de reparar a derrota:

— Esquecia-me de anunciar a Vossa Majestade — acrescentou — que os confiscos se elevam à soma de cinco milhões de libras.

— Bonito — pensou d'Artagnan.

— De sorte que tenho em meus cofres?... — perguntou o rei.

— Dezoito milhões de libras, Sire — respondeu Colbert, inclinando-se.

— Com a breca! — resmuneou d'Artagnan — que beleza!

— Sr. Colbert — ajuntou o rei — fazei-me o favor de passar pela galeria em que está esperando o Sr. de Lyonne e dizei-lhe que traga o que redigiu... por ordem minha.

— Agora mesmo, Sire; Vossa Majestade não precisa mais de mim esta noite?

— Não, senhor; adeus! Saiu Colbert.

— Voltemos ao nosso caso, Sr. d'Artagnan — continuou Luís XIV, como se nada tivesse acontecido. — No tocante ao dinheiro, como vedes, a mudança foi considerável.

— Como de zero a dezoito — retorquiu alegremente o mosqueteiro. — Ah! eis o que teria precisado Vossa Majestade no dia em que Sua Majestade Carlos II foi a Blois. Os dois estados não estariam brigados hoje; pois, cumpre dizê-lo, vejo aí novo tropeço.

— Em primeiro lugar — respondeu Luís — sois injusto; se a Providência me tivesse permitido dar naquele dia o milhão a meu irmão, não teríeis deixado o meu serviço e, por conseguinte, não teríeis feito fortuna... como há pouco dissestes... Mas além dessa felicidade, tenho outra, e a minha briga com a Grã-Bretanha não deve preocupar-vos.

Um criado grave interrompeu o rei e anunciou o Sr. de Lyonne.

— Entrai, senhor — disse o rei; — sois pontual, isso é de bom servidor. Vejamos a vossa carta a meu irmão Carlos II.

D'Artagnan fitou os ouvidos.

— Um momento, senhor — disse negligentemente Luís ao gascão; — preciso mandar a Londres a minha anuência ao casamento de meu irmão, o Sr. Duque de Orléans, com Lady Henriqueta Stuart.

— Parece que ele está-me vencendo — murmurou d'Artagnan, ao passo que o rei assinava a carta e dispensava o Sr. de Lyonne: — mas palavra que, quanto mais vencido for, tanto mais contente ficarei.

O rei seguiu com a vista do Sr. de Lyonne, até que a porta se fechou; chegou a dar três passos, como se quisesse acompanhar o ministro. Mas, dados os três passos, parou, fez uma pausa e voltou-se para o mosqueteiro:

— Agora, senhor — disse ele — terminemos. Dizíeis-me outro dia em Blois que não éreis rico.

— Sou-o agora, Sire.

— Sim, mas isso não me interessa; tendes o vosso dinheiro, não o meu; é coisa que não me diz respeito.

— Não compreendo muito bem o que está dizendo Vossa Majestade.

— Então, em vez de deixar que vos arranquem as palavras, falai espontaneamente. Ficaríeis satisfeito com vencimentos fixos de vinte mil libras por ano?

— Mas, Sire... — disse d'Artagnan arregalando os olhos.

— Ficaríeis satisfeito com quatro cavalos ajaezados e alimentados, e um suprimento da verba segundo as ocasiões e necessidades; ou preferiríeis uma remuneração fixa que seria, digamos, de quarenta mil libras? Respondei.

— Sire, Vossa Majestade...

— Estais surpreso, é natural, e eu esperava por isso; mas respondei, ou passarei a crer que perdestes a agilidade mental que sempre vos admirei.
— É certo, Sire, que vinte mil libras por ano são uma bela soma; mas...
— Nada de mas. Sim ou não; é ou não é uma honrosa retribuição?
— Naturalmente...
— Ficareis satisfeito com ela? Muito bem. É melhor, aliás, contar à parte as despesas extraordinárias; sobre isso vos entendereis com Colbert; agora, passemos a coisa mais importante.
— Mas, Sire, eu tinha dito a Vossa Majestade...
— Que desejáveis descansar, eu sei; entretanto, já vos respondi que eu não queria... Sou ou não sou o amo?
— É, Sire.
— Ainda bem! Desejáveis outrora ser nomeado capitão de mosqueteiros?
— Sim, Sire.
— Pois bem! aqui está, a vossa patente assinada. Ponho-a na gaveta. No dia em que voltardes de certa expedição que vos cometerei, nesse dia a tirareis da gaveta com as vossas próprias mãos.
D'Artagnan hesitava ainda e continuava cabisbaixo.
— Ora, senhor — volveu o rei — quem vos visse diria que não sabeis que na corte do rei cristianíssimo o capitão geral dos mosqueteiros tem primazia sobre os marechais de França.
— Eu o sei, Sire.
— Dir-se-ia, então, que não confiais na minha palavra.
— Oh! Sire, nunca... não acredite Vossa Majestade em tais coisas.
— Eu quis provar-vos que vós, tão bom servidor, havíeis perdido um bom amo; sou, afinal, o amo que vos convém?
— Começo a pensar que sim, Majestade.
— Então, senhor, reassumireis as vossas funções. A vossa companhia está inteiramente desorganizada desde que partistes, e os homens andam vagabundando e freqüentando bodegas onde se batem, apesar dos meus éditos e dos de meu pai. Reorganizareis o serviço o mais depressa possível.
— Perfeitamente, Sire.
— Nunca mais saireis do meu lado.
— Bem.
— E marchareis comigo para o exército, onde acampareis ao pé da minha tenda.
— Então, Sire — disse d'Artagnan — se é para me impor um serviço desses, Vossa Majestade não precisa dar-me vinte mil libras, que eu não ganharei.
— Quero que tenhais um bom padrão de vida; quero que tenhais boa mesa; quero que o meu capitão de mosqueteiros seja um personagem.
— E eu — repontou bruscamente d'Artagnan — não gosto de dinheiro achado; quero dinheiro ganho! Vossa Majestade dá-me um ofício de vagabundo, que qualquer um desempenhará por quatro mil libras.
Luís XIV pôs-se a rir.
— Sois um gascão espero, Sr. d'Artagnan; arrancais-me o segredo do coração.
— Oh! Vossa Majestade tem um segredo?
— Tenho, sim, senhor.
— Nesse caso aceito as vinte mil libras, pois guardarei o segredo, e a discrição não tem preço pelos tempos que correm. Vossa Majestade quer falar?

— Calçareis as botas, Sr. d'Artagnan, e montareis a cavalo.
— Já?
— Nos próximos dois dias.
— Ainda bem, Sire; pois tenho uns negócios que arrumar antes de partir, mormente se for caso de pancadarias.
— Pode ser que seja.
— Saberemos enfrentá-las. Mas, Sire, Vossa Majestade falou à avareza, à ambição; Vossa Majestade falou ao coração do Sr. d'Artagnan; entretanto, esqueceu uma coisa.
— Que coisa?
— Vossa Majestade não falou à vaidade: quando serei cavaleiro das ordens do rei?
— Isso vos preocupa?
— Naturalmente. O meu amigo Athos anda todo agaloado e ofusca-me.
— Sereis cavaleiro das minhas ordens um mês depois de haverdes recebido a patente de capitão.

— Vous serez chevalier de mes ordres un mois après avoir pris le brevet de capitaine. — Page 95.

— Ah! ah! — tornou o oficial, pensativo — depois da expedição?
— Precisamente.
— Aonde me envia Vossa Majestade?
— Conheceis a Bretanha?
— Não, Sire.
— Não tendes amigos por lá?

— Na Bretanha? Não.
— Tanto melhor. Entendeis de fortificações? Sorriu d'Artagnan.
— Creio que sim, Sire.
— Isto é, podeis estremar uma fortaleza de uma simples fortificação como as que permitimos aos castelões, nossos vassalos?
— Distingo um forte de um baluarte como se distingue uma couraça de uma crosta de empada, Sire. É suficiente?
— É. Partireis, portanto.
— Para a Bretanha?
— Sim?
— Sozinho?
— Absolutamente só. Isto é, nem criado podereis levar.
— Posso perguntar a Vossa Majestade a razão?
— A razão é que vós mesmo senhor, tereis de disfarçar-vos, de vez em quando, em criado de casa nobre. O vosso rosto é conhecidíssimo em França, Sr. d'Artagnan.
— E depois, Sire?
— Passeareis pela Bretanha e examinareis com o máximo cuidado as fortificações da região.
— Do litoral?
— E das ilhas também.
— Ah!
— Começareis por Belle-Isle-en-Mer.
— Que pertence ao Sr. Fouquet? — perguntou d'Artagnan em tom sério, erguendo para Luís XIV o olhar inteligente.
— Creio que tendes razão, e que Belle-Isle pertence, com efeito, ao Sr. Fouquet.
— Quer então Vossa Majestade que eu saiba se Belle-Isle é uma boa praça?
— Quero.
— Se as fortificações são novas ou velhas?
— Precisamente.
— Se, por acaso, os vassalos do senhor superintendente são em número bastante para formar guarnição?
— Eis o que vos peço; pusestes o dedo na questão, senhor.
— E se não houver fortificações, Sire?
— Passeareis pela Bretanha, ouvindo e julgando.
D'Artagnan coçou o bigode.
— Estou convertido em espia do rei?
— Não, senhor.
— Perdão, Sire, mas se espio por conta de Vossa Majestade...
— Ireis aos descobrimentos, senhor. Nesse caso, se marchásseis à frente dos meus mosqueteiros, de espada em punho, para observar um sítio qualquer ou uma posição do inimigo...
A essas palavras, estremeceu d'Artagnan imperceptivelmente.
— Vós vos julgaríeis — continuou o rei — um espia?
— Não, não! — respondeu d'Artagnan, meditativo; — a coisa muda de figura quando observamos o inimigo; somos então apenas um soldado... E se estiverem fortificando Belle-Isle? — ajuntou incontinenti.
— Traçareis um plano exato da fortificação.

— Deixar-me-ão entrar?
— Isso não é comigo, é convosco. Não me ouvistes dizer que eu vos reservaria um suprimento de vinte mil libras por ano, se o quisésseis?
— Ouvi, Sire; e se não estiverem fortificando?
— Regressareis tranqüilamente, sem cansar o cavalo.
— Sire, estou pronto.
— Começareis amanhã procurando o senhor superintendente para receber o primeiro quarto da pensão que vos dou. Conheceis o Sr. Fouquet?
— Muito pouco, Sire; observo, porém, a Vossa Majestade que não é muito urgente que eu o conheça.
— Perdão, senhor; mas ele vos recusará o dinheiro, e é essa recusa que eu espero.
— Ah! — exclamou d'Artagnan. — E depois, Sire?
— Recusado o dinheiro, ireis recebê-lo do Sr. Colbert. A propósito, tendes um bom cavalo?
— Tenho um cavalo excelente, Sire.
— Quanto pagastes por ele?
— Cento e cinqüenta pistolas.
— Compro-o. Aqui está um vale de duzentas pistolas.
— Mas não precisarei do cavalo para viajar, Sire?
— Que é que tem isso?
— Se Vossa Majestade fica com ele...
— Não fico: dou-o, pelo contrário. Mas, sendo meu e não vosso, tenho certeza de que o não poupareis.
— Vossa Majestade tem tanta pressa assim?
— Muita.
— Que é que me obriga, então, a esperar dois dias?
— Duas razões que eu sei.
— Isso é outra coisa. O cavalo pode recuperar os dois dias nos oito que tem de correr; de mais a mais, há a posta.
— Não, não, a posta compromete muito, Sr. d'Artagnan. Ide e lembrai-vos de que me pertenceis.
— Sire, não fui eu que o esqueci! A que horas me despedirei de Vossa Majestade depois de amanhã?
— Onde morais?
— De agora em diante devo morar no Louvre.
— Não. Conservareis o vosso alojamento na cidade, que eu pagarei. Quanto à partida, convém que se faça à noite, visto que deveis partir sem ser visto de ninguém, ou, se fordes visto, sem que ninguém saiba que estais a meu serviço... Bico calado, senhor.
— Vossa Majestade estraga tudo o que disse com a última recomendação.
— Perguntei onde morais porque não posso mandar buscar-vos sempre em casa do Sr. Conde de La Fère.
— Moro em casa do Sr. Planchet, merceeiro, Rua des Lombards, no Pilão de Ouro.
— Saí pouco, mostrai-vos menos ainda e esperai as minhas ordens.
— Mas preciso ir receber, Sire.
— É verdade; entretanto, para irdes à superintendência, aonde vai tanta gente, misturai-vos à multidão.
— Faltam-me os vales, Sire.

— Aqui estão. O rei assinou.
D'Artagnan examinou-os para certificar-se da sua exatidão.
— É dinheiro — explicou ele — e o dinheiro lê-se ou conta-se.
— Adeus, Sr. d'Artagnan; penso que me compreendestes bem?
— Compreendi que Vossa Majestade me envia a Belle-Isle, mais nada.
— Para saber?...
— Para saber como vão os trabalhos do Sr. Fouquet; mais nada.
— Bem; admitamos que sejais preso.
— Eu não o admito — replicou, desabusado, o gascão.
— Admitamos que sejais morto — prosseguiu o rei.
— Não é provável, Sire.
— No primeiro caso, não falareis; no segundo, não levareis documentos que falem por vós.
D'Artagnan encolheu os ombros sem cerimônia e despediu-se do rei dizendo:
— A chuva de Inglaterra continua! continuemos debaixo da goteira.

Capítulo LIV - As casas do Sr. Fouquet

NO passo que d'Artagnan voltava para a casa de Planchet, com a cabeça cheia e pesada em razão de tudo o que acabava de suceder-lhe, outra cena se passava, de gênero totalmente diverso, e que todavia não é estranha à conversação mantida com o rei pelo nosso mosqueteiro; esta cena, porém, desenrolava-se fora de Paris, numa casa que possuía o Superintendente Fouquet na aldeia de Saint-Mandé.

O ministro acabava de chegar à casa de campo, seguido do primeiro secretário, que sobraçava enorme pasta cheia de papéis para serem examinados ou assinados.

Como fossem umas cinco horas da tarde, os amos já tinham jantado: preparava-se a ceia para vinte convivas subalternos.

Não se deteve o superintendente: descendo do carro, transpôs num salto o limiar da porta, atravessou os salões e chegou ao gabinete, onde anunciou que ficaria trabalhando e proibiu que o incomodassem, fosse pelo que fosse, a não ser por ordem de Sua Majestade.

De fato, dada essa ordem, fechou-se Fouquet no gabinete e dois criados ficaram de sentinela à porta. Em seguida, acionando um ferrolho, deslocou um quadro que tapava a entrada e impedia que fosse visto ou ouvido o que quer que se passasse no gabinete. Mas, por improvável que o pareça, era realmente para fechar-se que assim se fechava Fouquet; pois dirigiu-se à escrivaninha, sentou-se, abriu a pasta e entrou a remexer na massa enorme de papéis que ela continha.

Não fazia dez minutos que havia entrado e tomado todas as precauções referidas, quando o ruído repetido de várias pancadinhas iguais lhe chegou aos ouvidos e pareceu despertar-lhe a atenção. Fouquet ergueu a cabeça, fitou os ouvidos e escutou.

As pancadinhas continuaram. Levantou-se o ministro com um leve movimento de impaciência e encaminhou-se para um espelho atrás do qual uma mão ou algum mecanismo invisível dava tais pancadas.

Era um espelho grande encaixado num quadro.

Três outros espelhos absolutamente iguais completavam a simetria do aposento. Nada distinguia aquele dos outros.

As pancadinhas reiteradas constituíam sem dúvida, um sinal; pois no momento em que Fouquet se aproximou do espelho, repetiu-se o ruído, no mesmo diapasão.

— Oh! — murmurou surpreso o superintendente — quem estará lá embaixo? Não estou esperando ninguém.

E para responder, provavelmente, ao sinal que fora feito, puxou um prego dourado do mesmo espelho e sacudiu-o três vezes. Logo, voltando ao seu lugar e tornando a sentar-se:

— Esperem, se quiserem — disse ele.

Tornando a mergulhar no oceano de papéis estendidos à sua frente, não pareceu preocupar-se senão com o trabalho. De fato, com incrível rapidez, com lucidez maravilhosa, decifrava os documentos mais extensos, as letras mais complicadas, corrigindo-os, anotando-os com uma pena que se diria movida pela febre, e, fundindo-se-lhe o trabalho entre os dedos, assinaturas, algarismos, chamadas, tudo se multiplicava como se trabalhassem ao mesmo tempo dez secretários, isto é, cem dedos e dez cérebros, e não apenas os cinco dedos e o espírito daquele homem.

De quando em quando, apenas, absorto no trabalho, erguia a cabeça para dirigir um olhar furtivo ao relógio colocado à sua frente.

Era o próprio superintendente quem marcava a sua tarefa; e, marcada essa tarefa, ele fazia numa hora o que outro qualquer não faria num dia inteiro, com a plena convicção de terminá-la ao cabo do prazo fixado pela sua atividade devoradora, sempre que não fosse incomodado.

Mas, no meio desse trabalho ardente, os toques secos da campainha colocada atrás do espelho voltaram a tinir, mais urgentes e, por conseguinte, mais instantes.

— Parece que a dama se impacienta — disse Fouquet; — vamos, vamos, calma, deve ser a condessa; mas não pode ser, a condessa está passando três dias em Rambouillet. Então, a presidenta. Oh! a presidenta não assumiria esses ares tão importantes; tocaria muito humildemente e ficaria esperando que eu me dignasse abrir. O certo é que não posso saber quem é, mas sei muito bem quem não é. E já que não sois vós, marquesa, já que isso é impossível, mal hajam as outras!

E continuou a trabalhar, a despeito dos toques reiterados da campainha. Entretanto, ao termo de um quarto de hora, a impaciência dominou o próprio Fouquet; concluiu como pôde o resto do trabalho, tornou a enfiar na pasta os documentos e, atirando um olhar ao espelho, enquanto os tinidos continuavam mais urgentes do que nunca:

— Oh! oh! — disse ele — de onde vem tanta fúria? Que terá acontecido? E quem será a Ariadne que me espera com tamanha impaciência? Vejamos.

Empurrou com a ponta do dedo o prego paralelo ao que já puxara. Imediatamente o espelho se moveu como a folha de uma porta e descobriu um retábulo profundo, no qual desapareceu o superintendente como em vastíssima caixa. Aí, empurrou outra mola, que abriu, não uma prancha, mas um bloco de parede, e saiu pela abertura, deixando a porta fechar-se sozinha.

A seguir, desceu uma vintena de degraus, que afundavam circularmente na terra e, achou-se num comprido subterrâneo lajeado e aclarado por seteiras invisíveis. Os muros do subterrâneo eram revestidos de lajes e o piso, de tapetes.

Passava o subterrâneo debaixo da própria rua que separava a casa de Fouquet do parque de Vincennes. Na extremidade oposta via-se nova escada em espiral, paralela à primeira, pela qual descera Fouquet. Subiu por ela, entrou, com o auxílio de outra mola, num retábulo semelhante ao do gabinete e, daí, passou a um quarto em que não havia ninguém, embora trastejado com suprema elegância.

Depois de entrar, verificou com cuidado se o espelho de novo se fechava sem deixar vestígios de sua passagem e, satisfeito sem dúvida com a observação, foi abrir, com uma chavinha de prata dourada, a tripla fechadura de uma porta cerrada diante dele.

Desta feita, abriu-se a porta para um formoso gabinete suntuosamente mobiliado, no qual se achava assentada, sobre travesseiros, uma mulher de extraordinária beleza, que, ao ruído da chave, se precipitou para Fouquet.

— Ah! meu Deus! — exclamou o ministro, recuando de espanto: — a Sra. Marquesa de Bellière! Vós! Vós aqui!

— Sim — murmurou a marquesa; — eu mesma, senhor.

— Marquesa, querida marquesa — acrescentou Fouquet, fazendo menção de prosternar-se. — Ah! meu Deus! mas como viestes? E eu que vos fiz esperar!

— Bastante tempo, senhor! bastante tempo.

— Terei tido a ventura de que essa espera vos durasse, marquesa?...

— Uma eternidade! Toquei mais de vinte vezes; não ouvistes?

— Marquesa, estais pálida, estais trêmula.

— Não ouvistes que vos chamavam?

— Ouvi, sim, ouvi muito bem, senhora; mas não podia vir. Como supor que fôsseis vós, depois de

vossos rigores, depois da vossa recusa? Se eu suspeitasse sequer da boa fortuna que me aguardava, crede-me, teria largado tudo para vir cair aos vossos joelhos, como o faço neste momento.

Olhou a marquesa à sua volta.

Se achava assentada, sobre travesseiros, uma mulher.

— Estamos inteiramente sós? — perguntou.

— Sommes-nous bien seuls? demanda la marquise. — Page 98.

— Sim, senhora, eu vo-lo asseguro.

— Com efeito — disse ela tristemente.

— Suspirais?

— Quanto mistério, quanta precaução — tornou a dama com leve azedume — e como se vê que temeis que suspeitem dos vossos amores!

— Preferiríeis que eu os divulgasse?

— Oh! não, e essa reserva é delicada — voltou, sorrindo, a marquesa.

— Vamos, vamos, não me censureis, eu vos suplico.

— Terei o direito de censurar-vos alguma coisa?

— Infelizmente não; mas dizei-me, vós, a quem amo há mais de um ano sem correspondência e sem esperança...

— Enganai-vos: sem esperança, é verdade; mas sem correspondência, não.

— Para mim, o amor tem apenas uma prova, e essa prova ainda não me foi dada.

— Pois eu venho trazer-vo-lá, senhor.

Fouquet fez menção de enlaçá-la nos braços, mas ela se desvencilhou com um gesto.

— Dar-se-á que sempre vos enganeis, e não me aceiteis a única coisa que posso dar-vos: dedicação?

— Então não me quereis; a dedicação é uma virtude, o amor é uma paixão.

— Ouvi-me, senhor, eu vos suplico; pensai em que eu não teria voltado sem um motivo grave.

— Pouco importa o motivo, visto que estais aqui, visto que vos falo, visto que vos vejo.

— Sim, tendes razão, o principal é que eu tenha vindo, sem que ninguém me visse, e que eu possa falar-vos.

Fouquet deixou-se cair de joelhos.

A marquesa olhou para o homem a seus pés e brilhou-lhe nos olhos estranha expressão de amor e

melancolia.

— Oh! — murmurou afinal — como eu quisera ser a que tem o direito de ver-vos a cada minuto, de falar-vos a cada instante! Como eu gostaria de ser a que vela por vós, que não precisa de aparelhos complicados para chamar, para fazer surgir como um silfo o homem amado, para contemplá-lo uma hora e vê-lo depois sumir nas trevas de um mistério ainda mais estranho ao sair que ao entrar. Há de ser muito feliz essa mulher.

— Porventura, marquesa — perguntou Fouquet a sorrir — falais de minha esposa?

— Está claro que falo.

— Pois bem, não lhe invejeis a sorte; de todas as mulheres que conheço, a Sra. Fouquet é a que menos me vê, a que menos fala e a quem faço menos confidências.

— Mas, como quer que seja, não se vê obrigada, como eu, a comprimir um enfeite cie espelho para fazer-vos aparecer; não lhe respondeis por esse ruído misterioso, apavorante, de uma campainha cujo maquinismo vem não sei de onde; nunca lhe tereis proibido que tente decifrar o segredo dessas comunicações, sob pena de ver romperem-se para sempre as vossas ligações com ela, como proibistes às que vieram aqui antes de mim e proibireis às que vierem depois.

— Ah! marquesa querida, como sois injusta, e como sabeis pouco o que estais fazendo ao censurar o mistério! Somente o mistério nos permite amar sem preocupações, e somente o amor despreocupado nos dá felicidade. Mas voltemos a nós, à dedicação de que faláveis; ou melhor, iludi-me, marquesa, e deixai-me acreditar que essa dedicação é amor.

— Ainda há pouco — tornou a marquesa fitando os olhos na mão esculpida segundo os mais suaves contornos da arte clássica — ainda há pouco eu estava pronta para falar, as minhas idéias eram nítidas, ousadas; agora, sinto-me confusa, perturbada, trêmula; receio ter vindo trazer-vos uma notícia má.

— Se é a essa má notícia que devo a vossa presença, marquesa, seja ela bem-vinda; ou melhor, já que estais aqui e me confessais que não vos sou de todo indiferente, deixai de lado a notícia má e falemos apenas de vós.

— Não, não, pelo contrário, perguntai-ma; exigi que eu a revele agora mesmo, que não me deixe influir por sentimento algum; Fouquet, meu amigo, ela é importantíssima.

— Vós me espantais, marquesa; direi até que me meteis medo, ou quase, tão séria, tão refletida, tão conhecedora da sociedade em que vivemos. Há de ser grave o caso.

— Gravíssimo!

— Em primeiro lugar, como viestes até aqui?

— Sabê-lo-eis daqui a pouco; primeiro, ao mais urgente.

— Dizei, marquesa, dizei! Compadecei a minha impaciência.

— Sabeis que o Sr. Colbert foi nomeado intendente das finanças?

— Quem? Colbert, o Colbertzinho?

— Sim, Colbert, o Colbertzinho.

— O factótum do Sr. de Mazarino?

— Precisamente.

— E então? Que haverá nisso de apavorante, querida marquesa? O Colbertzinho intendente é espantoso, concordo, mas não é terrível.

— Cuidais que o rei, sem motivos graves, tenha nomeado para esse cargo o homem a quem chamáveis o pequeno pedante?

— Em primeiro lugar, será verdade que o rei o tenha nomeado?

— Dizem.

— Quem diz?
— Toda a gente.
— Toda a gente não c ninguém; citai-me alguém que esteja bem informado.
— A Sra. Vanel.
— Ah! começais realmente a assustar-me — exclamou Fouquet dando risada; — de fato, se alguém está bem informado, ou deve estar, é a pessoa que nomeastes.
— Não faleis mal da pobre Margarida, que ainda vos ama.
— Será? Não deve ser verdade. Eu supunha que o Colbertzinho, como há pouco dizíeis, houvesse passado por cima desse amor e o tivesse borrado com uma mancha de tinta ou uma nódoa de gordura.
— Fouquet, Fouquet, assim tratais as mulheres que abandonais?
— Ora! não tomareis a defesa da Sra. Vanel, marquesa?
— Hei de tomá-la, sim; pois, repito-o: ela ainda vos ama, e a prova é que vos salva.
— Por vosso intermédio, marquesa; aliás, foi hábil. Anjo nenhum me poderia ser mais agradável nem conduzir-me com maior segurança à salvação. Mas, primeiro, conheceis Margarida?
— É minha amiga de convento.
— E ela vos anunciou que o Sr. Colbert foi nomeado intendente?
— Anunciou.
— Pois bem, esclarecei-me, marquesa; digamos que o Sr. Colbert seja intendente. De que maneira um intendente, isto é, um subordinado meu, um secretário meu, pode ameaçar-me ou prejudicar-me, ainda que seja o Sr. Colbert?
— Parece que não refletis.
— Em quê?
— Nisto: o Sr. Colbert vos odeia.
— A mim! — bradou Fouquet. — Oh! meu Deus! marquesa, mas de onde vindes? Toda a gente me odeia, e esse tanto quanto os outros.
— Mais do que os outros.
— Mais do que os outros, seja.
— É ambicioso.
— E quem não o é, marquesa?
— Sim; mas a sua ambição não conhece limites.
— É o que presumo, visto que tentou suceder-me junto da Sra. Vanel.
— E conseguiu-o; acautelai-vos.
— Terá ele a pretensão de passar de intendente a superintendente?
— Já não vos acudiu esse receio?
— Oh! Oh! — exclamou Fouquet — suceder-me ao pé da Sra. Vanel é uma coisa; mas suceder-me ao pé do rei, é coisa inteiramente diversa. A França não se compra com tanta facilidade quanto a esposa de um contador.
— Ora! Senhor, tudo se compra; quando não pelo dinheiro, pela intriga.
— Sois prova do contrário, senhora, vós a quem ofereci milhões.
— Seria preciso, em lugar desses milhões, Fouquet, ter-me oferecido um amor verdadeiro, único, absoluto: eu teria aceitado. Vedes que tudo se compra, se não de um jeito, pelo menos de outro.
— Por conseguinte o Sr. Colbert, na vossa opinião, está tentando comprar-me o cargo de superintendente? Tranqüilizai-vos, marquesa, ele ainda não tem dinheiro para tanto.
— E se o roubar?
— Isso é outra coisa. Infelizmente, porém, antes de chegar a mim, isto é, ao corpo principal do

edifício, terá de destruir, de abrir uma brecha nas fortificações avançadas, e eu estou admiravelmente fortificado, marquesa.

— E o que denominais fortificações avançadas são os vossos adeptos, os vossos amigos?

— Precisamente.

— O Sr. d'Eymeris é um deles?

— É.

— O Sr. Lyodot é outro?

— Também.

— O Sr. de Vanin?

— Ah! com esse podem fazer o que quiserem, mas...

— Mas?...

— Não me toquem nos outros.

— Pois bem, se não quiserdes que toquem nos Srs. d'Eymeris e Lyodot, já é tempo de mexer-vos.

— Quem os ameaça?

— Quereis ouvir-me agora?

— Sempre, marquesa.

— Sem me interromperdes?

— Falai.

— Hoje cedo, Margarida mandou-me chamar.

— Ah!

— Mandou.

— E que pretendia?

— "Não tenho coragem de procurar pessoalmente o Sr. Fouquet" — disse-me ela.

— Ora! por quê? pensará, acaso, que eu lhe teria feito reproches? Pobre mulher; como se engana, meu Deus!

— "Procurai-o, e dizei-lhe que se guarde do Sr. de Colbert."

— Como! ela manda-me dizer que me guarde do seu amante?

— Repito que ela ainda vos ama.

— E depois, marquesa?

— "O Sr. de Colbert", ajuntou ela, "há duas horas, veio anunciar-me que era intendente."

— Já expliquei, marquesa, que o Sr. de Colbert não poderia estar melhor do que sob as minhas vistas.

— Sim, mas isso não é tudo: Margarida é amiga, como sabeis, da Sra. d'Eymeris e da Sra. Lyodot.

— Eu sei.

— Pois bem, o Sr. de Colbert fez-lhe muitas perguntas sobre os haveres desses dois senhores, sobre o grau de dedicação que vos consagram.

— Oh! por esses respondo eu; seria preciso matá-los para impedir que fossem meus amigos.

— Depois, como a Sra. Vanel se visse obrigada, para receber uma visita, a deixar por instantes o Sr. Colbert, e este não pára, assim que se viu só, tirou um lápis do bolso e, encontrando papel sobre a mesa, começou a tomar notas.

— Notas sobre d'Eymeris e Lyodot?

— Exatamente.

— Eu gostaria de conhecer-lhes o teor.

— É precisamente o que vim trazer-vos.

— A Sra. Vanel tirou as notas de Colbert e manda-mas?

— Não, mas por um acaso que parece milagre, obteve uma duplicata das notas.
— Como assim?
— Eu não disse que Colbert achou papel sobre a mesa?
— Dissestes.
— Que tirou um lápis do bolso?
— Também.
— Que escreveu nesse papel?
— De fato.
— Pois a ponta do lápis era de chumbo e, por conseguinte, dura: escrevendo na primeira folha, deixou a marca das letras, em branco, na segunda.
— E depois?
— Rasgando a primeira folha, nem pensou na segunda.
— E daí?
— Daí que na segunda se pôde ler o que ficou escrito na primeira: a Sra. Vanel leu-o e mandou-me chamar.
— Ah!
— Em seguida, depois de haver-se certificado de que eu era vossa amiga dedicada, deu-me o papel e explicou-me o segredo desta casa.
— E esse papel? — perguntou Fouquet, já um tanto perturbado.
— Aqui está, senhor; lêde-o.
Fouquet leu:

> *"Nomes dos contratadores que devem ser condenados pela corte de justiça: d'Eymeris, amigo do Sr. F... ; Lyodot, amigo do Sr. F... ; de Vanin, indif."*

— D'Eymeris! Lyodot! — exclamou Fouquet, relendo.
— Amigos do Sr. F..., — indicou a marquesa com o dedo.
— Mas que querem dizer estas palavras: "Que devem ser condenados pela corte de justiça?"
— Ora, essa! parece-me claro — tornou a marquesa. — Mas não lestes até ao fim. Continuai, continuai.
Prosseguiu Fouquet:

> *"Os dois primeiros à morte e o terceiro ao degredo, com os Srs. d'Hautemont e de La Valette, cujos bens serão confiscados."*

— Santo Deus! — bradou Fouquet — à morte, à morte, Lyodot e d'Eymeris! Mas ainda que a corte de justiça os condenasse à morte, o rei não ratificaria a sentença, e ninguém pode ser executado sem a assinatura do rei.
— Foi o rei quem nomeou o Sr. Colbert.
— Oh! — exclamou Fouquet, como se entrevisse um abismo inesperado sob os pés — impossível! impossível! Mas quem passou um lápis sobre os traços do Sr. Colbert?
— Eu! Receei que os primeiros se apagassem.
— Hei de saber tudo.
— Não sabereis nada; votais demasiado desprezo ao vosso inimigo.
— Perdoai-me, querida marquesa, perdoai-me; o Sr. de Colbert é meu inimigo, eu o creio; o Sr. de

Colbert é um homem temível, reconheço-o. Mas tenho tempo e, visto que estais aqui, visto que me provastes o vosso devotamento, visto que me deixastes vislumbrar o vosso amor, visto que estamos sós...

— Eu vim para salvar-vos, Sr. Fouquet, não para prender-me — retrucou, erguendo-se, a marquesa; — portanto, acautelai-vos...

— Em realidade, marquesa, o vosso temor é exagerado, e a menos que não seja um pretexto...

— Tem um coração profundo o tal Sr. Colbert! acautelai-vos... Ergueu-se Fouquet também.

— E eu? — perguntou.

— Oh! vós, tendes apenas um nobre coração. Cautela!

— Portanto?

— Fiz o que devia fazer, meu amigo, com risco de desacreditar-me. Adeus!

— Adeus, não; até à vista!

— Talvez.

E dando a mão a Fouquet, que a beijou, encaminhou-se tão resolutamente a marquesa para a porta que o superintendente não se atreveu a tolher-lhe os passos.

Quanto a Fouquet, desandou, com a cabeça baixa e o olhar anuviado, o caminho do comprido subterrâneo ao longo do qual corriam os fios de metal que comunicavam uma casa com a outra, transmitindo, nas costas dos dois espelhos, os desejos e chamados dos dois correspondentes.

Capítulo LV - O abade Fouquet

FOUQUET apressou-se em voltar ao gabinete pelo subterrâneo e acionar a mola do espelho. Assim que entrou, ouviu baterem à porta; ao mesmo tempo, gritava uma voz muito sua conhecida:

— Abri, monsenhor, abri, por favor!

Com movimentos rápidos, restituiu Fouquet alguma ordem a quanto pudesse trair-lhe a agitação e a ausência; espalhou os papéis sobre a mesa, pegou numa pena e, através da porta, para ganhar tempo:

— Quem é? — perguntou.

— Como! monsenhor não me reconhece? — respondeu a voz.

— Reconheço — disse Fouquet entre si — reconheço, meu amigo, reconheço-te muito bem!

E em voz alta:

— Não és Gourville?

— Sou, monsenhor.

Fouquet levantou-se, lançou um último olhar a um dos espelhos, foi até à porta, girou a chave na fechadura, e Gourville entrou.

— Ah! Monsenhor, monsenhor — disse ele — que crueldade!

— Por quê?

— Há um quarto de hora que estou pedindo para abrirdes e nem sequer me respondeis.

— De uma vez por todas, sabes muito bem que não quero ser incomodado enquanto trabalho. Ora, se bem constituas uma exceção, Gourville, quero, por causa dos outros, que a minha ordem seja respeitada.

— Neste momento, monsenhor, eu teria quebrado, derrubado, arrombado ordens, portas, fechaduras e muros. Tudo!

— Ah! ah! trata-se então de um grande acontecimento? — perguntou Fouquet.

— Posso afiançar-vos que sim, monsenhor! — retorquiu Gourville.

— E que acontecimento é esse? — volveu Fouquet, comovendo-se ante a aflição do seu mais íntimo confidente.

— Há uma corte secreta de justiça, monsenhor.

— Eu sei; mas reúne-se a tal corte, Gourville?

— Não somente se reúne, como também já proferiu uma sentença...

— Uma sentença! — repetiu o superintendente com um estremecimento e uma palidez que não pôde disfarçar. — Uma sentença! Contra quem?

— Contra dois amigos vossos.

— Lyodot e d'Eymeris, não é isso?

— Isso mesmo.

— Mas sentença de quê?

— De morte.

— Já proferida! Oh! é engano teu, Gourville, não é possível — Eis a cópia da sentença que o rei deve assinar hoje, se já não a assinou.

Fouquet pegou no papel, leu-o e devolveu-o a Gourville.

— O rei não assinará — disse ele. Gourville sacudiu a cabeça.

— O Sr. Colbert, monsenhor, é um atrevido conselheiro; não fieis disso.

— Ainda o Sr. Colbert! — exclamou Fouquet; — homessa! por que virá esse nome, nestes últimos três dias, atormentar-me os ouvidos a propósito de tudo? É dar muita importância, Gourville, a um sujeito tão reles. Apareça o Sr. Colbert, e eu o enfrentarei; levante a cabeça, e eu o esmagarei; mas tens de compreender que é preciso pelo menos uma aspereza para deter-me o olhar, uma superfície onde pouse o meu pé.

— Paciência, monsenhor; não sabeis o que vale Colbert... Estudai-o depressa; acontece com esse financista sinistro o que acontece com os meteoros que nunca enxergamos direito antes do seu desastroso aparecimento; quando os vemos, estamos mortos.

— Oh! Gourville, é demais — replicou Fouquet sorrindo; — permite, meu amigo, que eu não me assuste com tamanha facilidade; meteoro o Sr. Colbert! Pois sim! Ouviremos o meteoro... Vejamos: atos, e não palavras. Que fez ele?

— Encomendou duas forcas ao carrasco de Paris — respondeu simplesmente Gourville.

Fouquet levantou a cabeça e um relâmpago passou-lhe pelos olhos.

— Tens certeza? — exclamou.

— Aqui está a prova, monsenhor.

E Gourville estendeu ao superintendente uma nota transmitida por um secretário do Paço Municipal, amigo de Fouquet.

— Sim, é verdade — murmurou o ministro — ergue-se o cadafalso... mas o rei não assinou, Gourville, nem assinará.

— Ficarei sabendo daqui a pouco.

— Como?

— Se assinou, as forcas serão enviadas esta noite ao Paço Municipal a fim de serem instaladas amanhã cedo.

— Mas não, não! — bradou mais uma vez Fouquet; — todos vós vos enganais e me enganais; anteontem cedo Lyoclot veio ver-me; e faz três dias que recebi um vinho de Siracusa do pobre d'Eymeris.

— Que prova isso — acudiu Gourville — se não que a corte de justiça se reuniu secretamente, deliberou à revelia dos acusados, e que o processo estava pronto quando eles foram detidos?

— Mas estão presos?

— Sem dúvida.

— Onde, quando, como foram presos?

— Lyodot, ontem ao romper do dia; d'Eymeris, anteontem à noite, ao voltar da casa. da amante; o desaparecimento deles não inquietara ninguém; mas Colbert, de repente, levantou a máscara e mandou publicar a história, que está sendo alardeada neste instante, aos quatro ventos, em todas as ruas de Paris e a verdade, monsenhor, é que somente vós não sabeis ainda o que se passou.

Fouquet pôs-se a caminhar pela sala com uma inquietação cada vez mais dolorosa.

— Que decidis, monsenhor? — perguntou Gourville.

— Se é assim, vou procurar o rei — bradou Fouquet. — Mas, antes de ir ao Louvre, quero passar pelo Paço Municipal. Se a sentença foi assinada, veremos!

Gourville deu de ombros.

— Incredulidade — disse ele — és a praga de todos os grandes espíritos.

— Gourville!

— Sim — prosseguiu o outro — e tu os perdes, como o contágio liquida as saúdes mais rijas, isto é, num ai.

— Partamos — disse Fouquet; — manda abrir, Gourville.

— Cuidado, que o Sr. Abade Fouquet está aí.

— Ah! meu irmão — replicou o superintendente contrariado — está aqui? Saberá, sem dúvida, alguma notícia má que terá o prazer de comunicar-me, como é de seu hábito. Diabo! se meu irmão está aqui, os meus negócios vão mal, Gourville; por que não me disseste logo? Eu me teria deixado convencer com mais facilidade.

— Vós o caluniais, monsenhor — tornou Gourville a rir; — se veio, não foi com má intenção.

— Agora te pões a desculpá-lo — exclamou Fouquet; — um rapaz sem coração, sem juízo, um saco sem fundo.

— Ele vos sabe rico.

— E deseja a minha ruína.

— Não; deseja a vossa bolsa. Mais nada.

— Basta! basta! Cem mil escudos por mês durante dois anos! Irra! sou eu quem paga, Gourville, e conheço as minhas cifras.

Gourville pôs-se a rir com ar silencioso e matreiro.

— Eu sei, queres dizer que quem paga é o rei — atalhou o superintendente; — ah! Gourville, o chiste é maldoso e inoportuno.

— Não vos zangueis, monsenhor.

— Bem. Mandem embora o Abade Fouquet que não tenho dinheiro.

Gourville deu um passo na direção da porta.

— Ele ficou um mês sem me ver — continuou Fouquet; — por que não ficaria dois?

— É que se arrepende de viver em má companhia — acudiu Gourville — e prefere a vossa à de todos os seus bandidos.

— Obrigado pela preferência. Desempenhas hoje o papel de um estranho advogado, Gourville... advogado do Abade Fouquet!

— Mas todas as coisas e todos os homens têm o seu lado bom, o seu lado útil, monsenhor.

— Os bandidos que vivem e se emborracham à custa do abade têm o seu lado útil? Demonstra-mo.

— Apresente-se a ocasião, monsenhor, e dar-vos-eis por muito feliz de tê-los à vossa disposição.

— Aconselhas-me, então, a reconciliar-me com o senhor abade? — perguntou, irônico, Fouquet.

— Eu vos aconselho, monsenhor, a não brigar com cem ou cento e vinte patifes que, encostando as chanfanas uma na outra, pelas pontas, formariam um cordão de aço capaz de encerrar três mil homens.

Fouquet dirigiu a Gourville um olhar profundo e, passando-lhe à frente:

— Está bem; introduza-se o Sr. Abade Fouquet — ordenou aos lacaios. — Tens razão, Gourville.

Dois minutos depois assomava o abade, com grandes reverências, ao limiar da porta.

Era um homem de quarenta a quarenta e cinco anos, meio padre, meio soldado, híbrida mistura de espadachim e sacerdote; via-se que não carregava espada à cinta, mas adivinhava-se que trazia pistolas.

Fouquet cumprimentou-o menos como ministro que como irmão mais velho.

— Em que posso servir-vos, senhor abade?

— Oh! oh! como me dizeis isso, meu irmão!

— Digo-o como homem apressado, senhor.

O abade olhou maliciosamente para Gourville, ansiosamente para Fouquet, e respondeu:

— Preciso pagar trezentas pistolas ao Sr. de Bregi esta noite... Dívida de jogo, dívida sagrada.

— E depois? — inquiriu corajosamente Fouquet, compreendendo que o abade não o teria incomodado por uma ninharia daquelas.

— Mil ao carniceiro, que já não me fornece carne.
— E depois?
— Mil e duzentos ao alfaiate... — continuou o abade — o velhaco obrigou-me a ficar com sete uniformes do meu pessoal, o que me comprometeu as librés e deu à minha amante pretexto para ameaçar substituir-me por um contratador, o que seria humilhante para a Igreja.
— Que mais? — continuou Fouquet.
— Observareis, senhor — voltou, humilde, o abade — que não pedi nada para mim.
— É muita delicadeza vossa — replicou Fouquet; — por isso mesmo, como vedes, estou esperando.
— E não peço nada... Não que não precise... bem entendido. O ministro refletiu um momento.
— Mil e duzentas pistolas para o alfaiate — disse ele; — é muito uniforme, não é verdade?
— Sustento cem homens! — retrucou, orgulhoso, o abade — é uma responsabilidade, creio eu.
— Cem homens por quê? — atalhou Fouquet; — sois, acaso, um Richelieu ou um Mazarino para terdes cem homens de guarda? De que vos servem eles? Falai!
— Vós mo perguntais — exclamou o Abade Fouquet; — é possível que me façais semelhante pergunta? Por que sustento cem homens? Ah!
— Sim, senhor; e repito a pergunta: que pretendeis fazer com os cem homens?
— Ingrato! — continuou o abade, enternecendo-se cada vez mais.
— Explicai-vos.
— Para mim, senhor superintendente, preciso apenas de um criado grave; digo mais: se eu fosse só, não precisaria de ninguém; mas vós, que tendes tantos inimigos... nem cem homens me bastam para defender-vos. Cem homens!... eu precisaria de dez mil. Sustento-os, pois, para que, nos lugares públicos, nas assembléias, ninguém levante a voz contra o senhor superintendente; e, não fosse isso, senhor, seríeis crivado de imprecações, seríeis comido vivo, não duraríeis oito dias; nem oito dias, compreendestes?
— Ah! eu não sabia que me fôsseis tão brioso campeão, senhor abade.
— Duvidais! — exclamou o abade. — Pois sabereis o que aconteceu. Ainda ontem, à Rua de la Huchette, um homem negociava um frango.
— Muito bem! e em que poderia isso prejudicar-me, abade?
— Nisto. O frango não era gordo. O comprador não quis dar por ele dezoito soldos, alegando que não pagaria tanto pela pele de um frango cuja gordura fora inteiramente papada pelo Sr. Fouquet.
— E depois?
— A chocarrice fez rir — continuou o abade — rir à vossa custa, com seiscentos mil diabos! e a arraia miúda principiou a juntar-se. O chocarreiro acrescentou estas palavras: "Dai-me um frango alimentado pelo Sr. Colbert, esse sim! e pagarei por ele o que quiserdes". Toda a gente bateu palmas. Escândalo medonho! é claro; escândalo que obriga um irmão a velar o rosto.
Fouquet purpurejou-se.
— E velastes o vosso? — perguntou.
— Não; pois eu tinha precisamente — prosseguiu o abade — um dos meus homens no meio do populacho; um novo recruta chegado da província, um tal Sr. Menneville, que aprecio muito. Ele rompeu a multidão, e interpelou o chalaceiro:
— Com a breca! Sr. Engraçadinho, uma estocada ao Colbert! — E outra ao Fouquet! — replicou o pândego. "Dizendo isso, puxaram das espadas diante da pastelaria, com uma cerca de basbaques em roda e quinhentos curiosos às janelas.
— E daí? — perguntou Fouquet.

— Daí, senhor, o meu Menneville espetou o chistoso para grande pasmo da assembléia e disse ao pasteleiro:

— Levai este peru, meu amigo, que é mais gordo que o vosso frango.

— Eis aí, senhor — concluiu triunfalmente o abade — no que gasto os meus rendimentos; defendo a honra da família! Fouquet abaixou a cabeça.

— E tenho cem como esse — prosseguiu o abade.

— Bem — disse Fouquet; — pedi a Gourville a importância que desejais e ficai aqui esta noite.

— Ceamos?

— Ceamos.

— Mas a caixa está fechada?

— Gourville vo-la abrirá. Ide, senhor abade, ide.

O abade fez uma reverência.

— Estamos amigos? — perguntou.

— Estamos amigos. Vem, Gourville.

— Pretendeis sair? Não ceareis?

— Logo estarei de volta, sossegai. E baixinho, a Gourville:

— Manda-me atrelar os cavalos ingleses, e vamos ao Paço Municipal.

Capítulo LVI - O vinho do Sr. de La Fontaine

OS carros já traziam os convivas do Sr. Fouquet a Saint-Mandé; aquecia-se toda a casa com os preparativos para a ceia, quando o superintendente atirou à estrada de Paris os seus cavalos rápidos, e, tomando o caminho dos cais para encontrar menos gente, chegou ao Paço Municipal. Faltava um quarto para as oito.

Fouquet desceu na esquina da Rua du Long-Pont, dirigiu-se para a Praça da Greve, a pé, com Gourville.

Ao chegarem à praça, viram um homem vestido de preto e roxo, simpático, que se preparava para tomar um carro de aluguel, dizendo ao cocheiro que parasse em Vincennes. Tinha diante de si uma cesta enorme, cheia de garrafas, que acabava de comprar na taberna da Imagem de Nossa Senhora.

— Ora, essa! é Vatel, o meu mordomo! — disse Fouquet a Gourville.

— É ele mesmo, monsenhor.

— Que virá fazer na Imagem de Nossa Senhora?

— Comprar vinho, com certeza.

— Como! o meu vinho é comprado em taberna? — exclamou Fouquet. — Deve andar bem chinfrim a minha adega!

E adiantou-se para o mordomo, que arrumava as garrafas no carro com minucioso cuidado.

— Olá, Vatel! — chamou, autoritário.

— Tende cuidado, monsenhor — observou Gourville — sereis reconhecido.

— Que me importa? Vatel!

Voltou-se o homem vestido de preto e roxo.

Era uma cara boa e meiga, inexpressiva, uma cara de matemático, tirante o orgulho. Certo fogo brilhava-lhe nos olhos, um sorriso inteligente lhe pairava nos lábios; mas logo teria notado o observador que esse fogo e esse sorriso não tinham objeto, não esclareciam coisa alguma.

Ria-se Vatel como distraído, ou ocupava-se como criança. Ao som da voz que o interpelava, voltou-se.

— Oh! — exclamou. — Monsenhor?

— Sim, sim. Que diabo estás fazendo aí, Vatel?... Vinho! Compras vinho numa bodega da Praça da Greve! Ainda se fosse na Pomme de Pin ou nos Barreaux-Verts!

— Mas, monsenhor — disse tranqüilamente Vatel, depois de haver dirigido a Gourville um olhar hostil — que é que têm os outros com isso? Andará mal dirigida a minha adega?

— Não, decerto que não, Vatel; mas...

— Mas o quê?... — replicou Vatel. Gourville tocou no braço do superintendente.

— Não vos zangueis, Vatel; eu supunha que a minha adega, que a vossa adega estivesse suficientemente sortida para não precisardes recorrer à Imagem de Nossa Senhora.

— Ora! senhor — disse Vatel, passando do monsenhor ao senhor com certo desdém — está tão bem sortida a vossa adega, que, quando algumas pessoas vão jantar em casa, não bebem.

Surpreso, Fouquet olhou para Gourville e depois para Vatel.

— Que estais dizendo?

— Estou dizendo que o vosso despenseiro não tinha vinhos para todos os gostos, senhor, e que o Sr. de La Fontaine, o Sr. Pellisson e o Sr. Conrart não bebem quando jantam convosco. Esses senhores não gostam de bom vinho: que se há de fazer?

— E então?
— Então, há por aqui um vinho de Joigny que eles apreciam. Sei que vêm bebê-lo na Imagem de Nossa Senhora uma vez por semana. Estou fazendo a minha provisão.
Fouquet já não tinha o que dizer... Sentia-se quase comovido. Vatel, porém, ainda tinha muito que dizer, e principiava manifestamente a esquentar-se.
— Seria o mesmo que me censurardes, monsenhor, porque vou à Rua Planche-Mibray procurar a cidra que bebe o Sr. Loret quando vai jantar em casa.
— Loret bebe cidra em minha casa? — bradou Fouquet, dando uma gargalhada.
— Bebe, sim, senhor, e ai está por que gosta tanto de jantar convosco.
— Vatel — exclamou Fouquet apertando a mão do mordomo — és um homem! Eu te agradeço por haveres compreendido que em minha casa o Sr. de La Fontaine, o Sr. Conrart e o Sr. Loret não são menos do que duques e pares, nem menos do que príncipes, e são mais do que eu. És um bom servidor, Vatel, e eu dobro-te o ordenado.
Vatel nem sequer agradeceu; deu levemente de ombros murmurando esta frase magnífica:
— Ser recompensado por haver cumprido o dever, é humilhante.
— Ele tem razão — disse Gourville, atraindo a atenção de Fouquet para outro ponto com um gesto.
Mostrava-lhe, com efeito, uma carroça baixa, tirada por dois cavalos, sobre a qual se agitavam duas forcas ferradas, ligadas uma à outra pelas costas por meio de correntes; ao passo que um arqueiro, sentado sobre a trave, agüentava como podia, com expressão contrariada, os comentários de uma centena de vagabundos que farejavam o destino das forcas e as escoltavam ao Paço Municipal.
Fouquet estremeceu.
— Está decidido, como vedes — disse Gourville.
— Mas ainda não está feito — replicou Fouquet.
— Oh! não vos enganeis, monsenhor; se assim vos adormeceram a amizade, a desconfiança, se as coisas chegaram a este ponto, não as desfareis.
— Mas ainda não ratifiquei a sentença.
— O Sr. Lyonne ratificá-la-á por vós.
— Vou ao Louvre.
— Não ireis.
— Tu me aconselhas essa covardia! — bradou Fouquet — tu me aconselhas a desamparar os meus amigos, tu me aconselhas, podendo combater, a lançar de mim as armas que possuo?
— Não vos aconselho nada disso, monsenhor; podeis renunciar à superintendência neste momento?
— Não.
— Pois bem! e se o rei quiser substituirmos?
— Tanto poderá fazê-lo de longe como de perto.
— Sim, mas não o tereis irritado.
— Mas terei sido covarde; ora, eu não quero que morram os meus amigos, e eles não morrerão.
— E para isso é necessário que vades ao Louvre?
— Gourville!
— Tomai cuidado... indo ao Louvre, sereis obrigado a defender em voz alta os vossos amigos, isto é, a fazer uma profissão de fé, ou sereis obrigado a desampará-los para todo o sempre.
— Nunca!
— Perdoai-me... o rei vos proporá forçosamente a alternativa, ou vós mesmo lha proporeis.
— Isso é verdade...

— Eis por que urge evitar o conflito... Voltemos a Saint-Mandé, monsenhor.

— Gourville, não sairei deste lugar onde se há de perpetrar o crime, onde se há de consumar a minha vergonha; não sairei, repito-o, enquanto não achar um meio de combater os meus inimigos.

— Monsenhor — redarguiu Gourville — eu sentiria pena de vós se não soubesse que sois um dos homens inteligentes deste mundo. Possuís cento e cinqüenta milhões, sois tanto quanto o rei pela posição, cento e cinqüenta vezes mais do que ele pelo dinheiro. O Sr. Colbert não teve sequer a inteligência de fazê-lo aceitar o testamento de Mazarino. Ora, quando um homem é o mais rico de um reino e está disposto a gastar, se não faz o que quer, é porque não passa de um pobre coitado. Voltemos, repito, a Saint-Mandé.

— Para consultar Pellisson? Sim.

— Não, monsenhor, para contar o vosso dinheiro.

— Vamos! — disse Fouquet com os olhos injetados; — sim! sim! a Saint-Mandé!

Tornou a subir no carro e Gourville subiu com ele. No trajeto, à saída do bairro de Saint-Antoine, encontraram a equipagenzinha de Vatel, que transportava tranqüilamente o vinho de Joigny.

Lançados à desfilada, os cavalos pretos assustaram, ao passar, o tímido cavalo do mordomo, que, enfiando a cabeça pela portinhola, gritou, desesperado:

— Cuidado com as minhas garrafas!

Capítulo LVII - A galeria de Saint-Mandé

CINQÜENTA pessoas aguardavam o superintendente. Sem perder tempo sequer em arrumar-se um pouco, este passou da escada ao primeiro salão, onde, reunidos, conversavam os seus amigos. O intendente preparava-se para mandar servir a ceia; mais do que todos, porém, o Abade Fouquet esperava o regresso do irmão e já se dispunha a fazer as honras da casa em sua ausência.

Um murmúrio de alegria e de ternura se elevou à chegada do superintendente. Magnífico, afável e bem-humorado, Fouquet era querido de seus poetas, de seus artistas e de seus homens de negócio. Mas naquela noite, a sua testa, em que liam os amigos, como na fronte de um deus, todos os movimentos de sua alma, para se nortearem por eles, a sua testa, que os negócios nunca toldavam, estava mais pálida que de costume e mais de um olhar afetuoso lhe notou a palidez. Instalou-se Fouquet no centro da mesa e presidiu alegremente à ceia. Contou a expedição a La Fontaine.

Contou a história de Menneville e do frango magro a Pellisson, de tal sorte que toda a mesa a ouvisse.

Ergueu-se uma tempestade de risos e chacotas que só amainou a um gesto grave e triste de Pellisson.

Não sabendo porque encetara o irmão a conversa sobre o assunto, o Abade Fouquet era todo ouvidos e procurava no rosto de Gourville ou no do superintendente uma explicação que ninguém lhe fornecia.

Pellisson tomou a palavra.

— Fala-se, então, do Sr. Colbert? — perguntou.

— E porque não — replicou Fouquet — se é verdade, como dizem, que o rei o nomeou intendente?

Assim que Fouquet deixou fugir essas palavras, pronunciadas com acentuada intenção, os convivas explodiram.

— Um avarento! — disse um.

— Um vilão! — disse outro.

— Um hipócrita! — disse um terceiro.

Pellisson trocou um olhar profundo com Fouquet.

— Senhores — declarou ele — estamos falando mal de um homem que ninguém conhece: isso não é caritativo nem sensato, e aqui está o senhor superintendente que, tenho certeza, concorda comigo.

— Inteiramente — replicou Fouquet. — Deixemos os frangos gordos do Sr. Colbert, e ocupemo-nos hoje tão-somente dos faisões com trufas do Sr. Vatel.

Essas palavras detiveram a nuvem sombria que se precipitava sobre os comensais.

Gourville animou tão bem os poetas com o vinho de Joigny; o abade, inteligente como um homem que precisa dos escudos alheios, animou tão bem os financistas e militares, que, nos vapores da alegria e nos rumores da conversação desapareceu de todo o objeto de tantas inquietações.

O testamento do Cardeal Mazarino foi o tema da palestra no segundo prato e à sobremesa; em seguida ordenou Fouquet que as travessas de doces e os frascos de licores fossem levados ao salão contíguo à galeria. E para lá se dirigiu, conduzindo pela mão uma mulher, que a sua preferência, aquela noite, elegera rainha.

Em seguida cearam os músicos e principiaram os passeios na galeria e no jardim, sob um céu de primavera, suave e perfumado.

Pellisson aproximou-se do superintendente e perguntou-lhe:
— Alguma coisa vos mortifica, monsenhor?
— Muito — respondeu o ministro; — pede a Gourville que te conte a história.
Voltando-se, Pellisson encontrou La Fontaine, que lhe pisava nos pés. Foi-lhe preciso ouvir um verso latino que o poeta compusera sobre Vatel.
Fazia uma hora que La Fontaine escandia o verso em todos os cantos e procurava um ouvinte digno dele.
Cuidou apanhar Pellisson, mas este fugiu-lhe.
Voltou-se para Loret, que acabava de compor uma quadra em honra da ceia e do anfitrião.
La Fontaine quis debalde recitar o verso; Loret queria recitar a quadra.
Foi obrigado a retroceder diante do Sr. Conde de Chanost, que Fouquet tomara pelo braço.
O Abade Fouquet percebeu que o poeta, distraído como sempre, ia seguir os dois; interveio.
La Fontaine agarrou-se imediatamente a ele e recitou-lhe o verso.
O abade, que não sabia latim, balançava a cabeça, cadenciadamente, a cada movimento oscilatório que La Fontaine imprimia ao corpo, segundo as ondulações dos dáctilos ou espondeus.
Durante esse tempo, atrás dos pratos de doces, Fouquet narrava o acontecido ao Sr. de Chanost, seu genro.
— É preciso mandar os inúteis aos fogos de artifício — disse Pellisson a Gourville — enquanto conversamos aqui.
— Seja — retrucou Gourville, que disse quatro palavrinhas a Vatel.
Viu-se então este último arrastar para os jardins a maior parte dos casquilhos, das damas e dos palradores; ao passo que os homens passeavam na galeria, iluminada por trezentas velas de cera, à vista de todos os amantes dos fogos de artifício, entretidos em percorrer as alamedas.
Gourville aproximou-se de Fouquet. E disse-lhe:
— Monsenhor, estamos todos aqui.
— Todos?
— Todos. Contai.
Voltou-se o superintendente e contou. Havia oito pessoas.
Pellisson e Gourville caminhavam de braço dado, como se falassem de coisas vagas e sem importância.
Loret e dois oficiais imitavam-nos, andando em sentido contrário.
O Abade Fouquet passeava sozinho.
Em companhia do Sr. de Chanost, Fouquet também caminhava como se estivesse absorto no que lhe dizia o genro.
— Senhores — recomendou ele — ninguém levante a cabeça ao andar nem pareça prestar atenção no que digo; continuai a caminhar; estamos sós; ouvi-me.
Fez-se um grande silêncio, apenas perturbado pelos gritos longínquos dos convivas que se instalavam nos bosquetes para melhor apreciar os fogos.
Era um estranho espetáculo o daqueles homens que pareciam andar aos grupos, como que ocupados em alguma coisa, e todavia atentos à palavra de um só, que, por sua vez, parecia falar apenas com o vizinho.
— Senhores — principiou Fouquet — observastes, sem dúvida, que dois amigos nossos faltaram esta noite à reunião de quarta-feira... Pelo amor de Deus! abade, não te detenhas, que isso não é necessário para ouvir; anda, por favor, com os teus gestos naturais e, como tens a vista penetrante, coloca-te à janela aberta; se alguém se aproximar da galeria, avisa-nos tossindo.

O abade obedeceu.

— Não reparei nos ausentes — disse Pellisson, que tinha as costas voltadas para Fouquet e caminhava em sentido inverso.

— Pois eu — disse Loret — não vejo o Sr. Lyodot, que me fornece a pensão.

— E eu — acudiu o abade, da janela — não vejo o meu caro d'Eymeris, que me deve mil e cem libras de nossa última partida.

— Loret — continuou Fouquet, taciturno e inclinado — nunca mais receberás a pensão de Lyodot; e tu, abade, nunca mais verás as mil e cem libras de d'Eymeris, pois ambos vão morrer.

— Morrer? — gritou a assembléia, que interrompera malgrado seu o passeio ouvindo a palavra terrível.

— Reportai-vos, senhores — disse Fouquet — que talvez nos espreitem... Eu disse: morrer.

— Morrer! — repetiu Pellisson — esses homens que vi, não faz seis dias, cheios de saúde, de alegria, de esperanças. Que é então o homem, santo Deus! para que uma doença o derrube de repente?

— Não se trata de doença — disse Fouquet.

— Então há remédio — atalhou Loret.

— Nenhum remédio. Os Srs. Lyodot e d'Eymeris estão na véspera do seu último dia.

— Mas de que morrem, afinal, esses senhores? — exclamou um oficial.

— Perguntai a quem os mata — replicou Fouquet.

— Quem os matai? Vão matá-los? — bradou o coro estuporado.

— Melhor ainda. Vão enforcá-los! — murmurou Fouquet com voz sinistra, que soou como um dobre a finados na esplêndida galeria, rebrilhante de quadros, de flores, de veludo e de ouro.

Involuntariamente cada qual se deteve; o abade arredou-se da janela; os primeiros fogos de artifício começavam a ultrapassar o cimo das árvores.

Um grito longo, partido dos jardins, chamou a atenção do superintendente para o espetáculo.

Aproximou-se de uma janela e atrás dele se colocaram os amigos, atentos aos menores desejos.

— Senhores — anunciou Fouquet — o Sr. Colbert mandou prender, julgar e mandará executar os meus dois amigos: que me convém fazer?

— Com a breca! — exclamou primeiro o abade — convém mandar estripar o Sr. Colbert.

— Monsenhor — acudiu Pellisson — convém falar com Sua Majestade.

— O rei, meu caro Pellisson, assinou a ordem de execução.

— Pois bem — atalhou o Conde de Chanost — é preciso que a execução não se realize!

— Impossível — sobreveio Gourville — a menos que se corrompam os carcereiros.

— Ou o diretor — alvitrou Fouquet.

— Esta noite, podemos fazer que se evadam os prisioneiros.

— Qual dentre vós se encarregará da transação?

— Eu — disse o abade — levarei o dinheiro.

— Eu — ofereceu-se Pellisson — levarei a proposta.

— A proposta e o dinheiro — disse Fouquet — quinhentas mil libras ao diretor da Conciergerie, é o quanto basta; mas gastaremos um milhão, se for preciso.

— Um milhão! — bradou o abade — por menos da metade meterei a saque a metade de Paris.

— Nada de tumultos — interveio Pellisson; — conquistado o governador, os dois prisioneiros se evadem; depois, livres de perigo, amotinam os inimigos de Colbert e demonstram ao rei que a sua jovem justiça não é infalível, como todas as exagerações.

— Vai, portanto, a Paris, Pellisson — disse Fouquet — e traze as duas vítimas; amanhã, veremos.

Gourville, dá as quinhentas mil libras a Pellisson.

— Cuidado para que o vento não vos carregue — observou o abade; — quanta responsabilidade, peste! Deixai-me ajudar-vos um pouco.

— Silêncio! — ordenou Fouquet; — vem vindo gente. Ah! os fogos de artifício são de um efeito mágico!

Nesse momento caiu, em catadupas, nos ramos do bosque vizinho, uma chuva de centelhas.

Pellisson e Gourville saíram juntos pela porta da galeria; Fouquet desceu ao jardim com os cinco últimos conjurados.

Capítulo LVIII - Os epicuristas

COMO desse Fouquet, ou parecesse dar, toda a atenção às iluminações brilhantes, à música langorosa dos violinos e oboés, às girândolas cintilantes dos artifícios que, abrasando o céu com reflexos fulvos, acentuavam, atrás das árvores, os sombrios contornos do castelo de Vincennes; como, dizíamos, sorrisse o superintendente para as damas e para os poetas, a festa não foi menos alegre que de costume, e Vatel, cujo olhar inquieto, ciumento mesmo, interrogava com insistência o olhar do amo, não se mostrou descontente com o efeito produzido pela organização do sarau.

Esgotados os fogos, a sociedade dispersou-se pelos jardins e sob os pórticos de mármore, com a displicente liberdade que revela, no dono da casa, tanto esquecimento da grandeza, tão cortês hospitalidade, tão magnífica indiferença.

Espalharam-se os poetas, de braço dado, pelos bosquetes; alguns se estenderam sobre leitos de musgo, em grande detrimento dos trajos de veludo e dos penteados, nos quais se introduziam folhinhas secas e hastes de capim.

Em número reduzido, ouviam as damas os cantos dos artistas e os versos dos poetas; outras ouviam a prosa, desenvolvida com muita arte, dos homens que não eram comediantes nem poetas, mas a quem a juventude e a solidão emprestavam desusada eloqüência, que lhes parecia preferível a qualquer outra.

— Por que — perguntou La Fontaine — o nosso mestre Epicuro não desceu ao jardim? Epicuro nunca abandonava os discípulos; o mestre faz mal.

— Senhor — disse-lhe Conrart — erroneamente persistis em adornar-vos com o nome de epicúreo; em realidade, aqui não há nada que lembre a doutrina do filósofo de Gargettos.

— Ora! — replicou La Fontaine — não está escrito que Epicuro comprou um jardim muito grande e nele viveu tranqüilamente com os amigos?

— Está.

— Pois bem! O Sr. Fouquet não comprou um grande jardim em Saint-Mandé, e aqui não vivemos nós, muito tranqüilamente, com ele e com os nossos amigos?

— Não há dúvida; infelizmente, porém, nem o jardim nem os amigos justificam a aproximação.

Em que se parece a doutrina do Sr. Fouquet com a de Epicuro?

— Nisto: "O prazer dá a felicidade".

— E depois?

— Depois? Não creio que sejamos infelizes; eu, pelo menos, não o sou. Um bom jantar, vinho de Joigny, que vão buscar para mim na minha taberna predileta; nenhuma falha numa ceia de uma hora, apesar da presença de dez milionários e de vinte poetas.

— Alto lá! Falastes em vinho de Joigny e num bom jantar; persistis nisso?

— Persisto, antecho, como dizem em Port-Royal.

— Lembrai-vos então de que o grande Epicuro vivia e fazia viverem os discípulos de pão, legumes e água pura.

— Isso não é lá muito certo — tornou La Fontaine — e bem poderíeis confundir Epicuro com Pitágoras, meu caro Conrart.

— Lembrai-vos também de que o filósofo antigo era mau amigo dos deuses e dos magistrados.

— São coisas que não podemos tolerar — atalhou La Fontaine, nem eu, nem Epicuro, nem o Sr.

Fouquet.
— Não o compareis ao senhor superintendente — acudiu Conrart, com voz comovida — pois, do contrário, ratificareis os rumores que já correm a respeito dele e nosso.
— Que rumores?
— Que somos maus franceses, remissos ao rei, surdos à lei.
— Nesse caso, volto ao meu texto — continuou La Fontaine. — Ouvi, Conrart, eis a moral de Epicuro... o qual, aliás, devo dizer, considero um mito. Tudo o que há meio truncado na antigüidade é mito. Júpiter, se atentarmos bem, é a vida, Alcides é a força. Aí estão as palavras para dar-me razão: Zeus é zen, viver; Alcides e alce, vigor. Epicuro é a meiga vigilância, é a proteção; ora, quem vela melhor pelo Estado e quem melhor protege os indivíduos do que o Sr. Fouquet?
— Isso é etimologia, não é moral: repito que nós, epicuristas modernos, somos péssimos cidadãos.
— Oh! — exclamou La Fontaine — se nos tornamos péssimos cidadãos não será por seguirmos as máximas do mestre. Ouvi um de seus principais aforismas.
— Estou ouvindo.
— "Desejais bons chefes.”
— E então?
— E então? Que nos diz o Sr. Fouquet todos os dias? "Quando seremos governados?" Não é isso? Vamos, Conrart, sede franco.
— É verdade.
— Pois aí está: doutrina de Epicuro.
— Sim, mas não deixa de ser um tanto sedicioso.
— Como! será sedicioso o desejo de sermos governados por bons chefes?
— Claro que sim, quando os que temos são maus.
— Paciência! tenho resposta para tudo.
— Até para o que eu acabo de dizer?
— Escutai: "Submetei-vos àqueles que governam mal... " Oh! está escrito: *Cacas politeu ousi...* Não está certo?
Naturalmente! Falais grego como Ésopo, meu caro La Fontaine.
Não será isso alguma perversidade, meu caro Conrart?
— Deus me livre e guardei — Então, voltemos ao Sr. Fouquet. Que nos dizia ele o dia inteiro? "Que grandíssimo pedante é esse Mazarino! que azêmola! que sanguessuga! Todavia, temos de obedecer ao patife!..." Vamos, Conrart, é ou não é verdade que o dizia?
— Confesso que sim, e talvez até com certo exagero.
— Como Epicuro, meu amigo, sempre como Epicuro; repito-o, somos epicuristas, e é divertidíssimo.
— Sim, mas receio muito que se levante, ao nosso lado, uma seita com a de Epicteto; sabeis quem foi: o filósofo de Hierápolis, que chamava luxo ao pão, prodigalidade aos legumes e embriaguez à água pura; aquele que, espancado pelo amo, dizia-lhe resmungando um pouco, é verdade, mas sem se zangar: "Aposto que me quebrastes a perna!" e ganhava a aposta.
— Era um cretino o tal Epicteto.
— De acordo; mas não seria impossível que voltasse a estar de moda trocando simplesmente o nome dele pelo de Colbert.
— Ora! — replicou La Fontaine — isso é inadmissível; nunca encontrareis Colbert em Epíteto.
— Tendes razão, eu encontraria... Coluber, quando muito.
— Ah! derrotei-vos, Conrart; já vos refugiais nos trocadilhos. Pretende o Sr. Arnauld que não

tenho lógica... pois tenho mais que o Sr. Nicole. Sim — volveu Conrart — tendes lógica, mas sois jansenista.

Essa peroração foi acolhida por imensa gargalhada. A pouco e pouco, os que passeavam tinham sido atraídos pelas exclamações dos dois altercadores à volta do bosquete debaixo do qual discutiam. Toda a argumentação fora religiosamente ouvida, e o próprio Fouquet, que mal se continha, dava o exemplo da moderação.

Mas o desfecho da cena deixou-o fora de si; explodiu. Todos explodiram como ele, e crivaram os dois filósofos de felicitações.

La Fontaine, contudo, foi declarado vencedor, por causa de sua erudição profunda e da sua lógica irretorquível.

Conrart obteve as compensações que se concedem a um combatente infeliz; louvaram-lhe a lealdade das intenções e a pureza da consciência.

No momento em que essa alegria se manifestava pelas mais vivas demonstrações; no momento em que as senhoras reprochavam aos dois adversários o não terem incluído as mulheres no sistema da felicidade epicúrea, surgiu Gourville na extremidade oposta do jardim, aproximou-se de Fouquet, que o devorava com os olhos, e, com a sua simples presença, obrigou-o a destacar-se do grupo.

O superintendente conservou no rosto o riso e os traços da indiferença; mas assim que se viu longe da vista dos outros, deixou cair a máscara.

— E então? — perguntou, ansioso — onde está Pellisson? Que está fazendo Pellisson?

— Pellisson voltou de Paris.

— Trouxe os prisioneiros?

— Nem conseguiu falar com o diretor da prisão.

— Como! ele não disse que ia por ordem minha?

— Disse; mas o diretor mandou responder-lhe o seguinte: "Quem vem por ordem do Sr. Fouquet, deve trazer uma carta do Sr. Fouquet".

— Oh! — exclamou o superintendente — se se trata apenas de dar-lhe uma carta...

— Não, não — sobreveio Pellisson, que se aproximava também — não, monsenhor... Ide pessoalmente e falai em vosso próprio nome.

— Sim, tens razão; torno a entrar em casa como se fosse trabalhar; deixa os cavalos atrelados, Pellisson. Detém os meus amigos, Gourville.

— Um último conselho, monsenhor — volveu este último.

— Fala, Gourville.

— Procurai o diretor apenas em última instância; seria ousado, mas não seria hábil. Perdoai-me, Sr. Pellisson, se difiro do vosso parecer; mas crede-me, monsenhor, fazei ainda as propostas por intermédio de outrem a esse diretor, que é um bom homem; mas não as façais pessoalmente.

— Pensarei nisso — disse Fouquet; — de resto, temos a noite inteira.

— Não conteis muito com o tempo, ainda que fosse o dobro do que temos — acudiu Pellisson; — nunca é um erro chegar cedo demais.

— Adeus — disse o superintendente; — vem comigo, Pellisson. Gourville, recomendo-te os meus convidados.

E partiu.

Nem deram os epicuristas pela ausência do mestre; os violinos soaram a noite toda.

Capítulo LIX - Um quarto de hora de atraso

SAINDO de casa pela segunda vez naquele dia, sentiu-se Fouquet menos pesado e menos perturbado do que se poderia supor.

Voltou-se para Pellisson, que remoía gravemente num canto do carro alguma boa argumentação contra os assomos de Colbert.

— Meu caro Pellisson — disse Fouquet — é pena que não sejas mulher.

— Creio, pelo contrário, monsenhor, que é uma felicidade — redarguiu Pellisson — pois, afinal de contas, sou feio como o diabo.

— Pellisson! Pellisson! — voltou, rindo-se, o superintendente — repetes demais que és feio para não acreditarem os outros que isso te mortifica muito.

— Muito, de fato, monsenhor; não existe ninguém mais infeliz do que eu; eu era bonito, a varíola deixou-me horroroso; fiquei privado de um grande meio de sedução; sou o vosso primeiro secretário, ou coisa que o valha; ocupo-me dos vossos interesses, e se, neste momento, eu fosse uma mulher bonita, poderia prestarmos um serviço importante.

— Qual?

— Iria ter com o diretor da prisão, seduzi-lo-ia, pois é cavalheiro e metido a conquistador; e traria os nossos dois prisioneiros.

— Espero poder fazê-lo eu mesmo, embora não seja mulher bonita — replicou Fouquet.

— De acordo, monsenhor; mas vós vos comprometeis demasiado.

— Oh! — exclamou de repente Fouquet, com um desses transportes secretos como os que produz no coração o sangue generoso da mocidade ou a lembrança de alguma doce emoção — conheço uma mulher que desempenhará junto do tenente governador da Conciergerie o papel do personagem de que precisamos.

— E eu conheço cinqüenta, monsenhor, cinqüenta trombetas que divulgarão aos quatro ventos a vossa generosidade, o vosso devotamento aos amigos e, por conseguinte, perdendo-se, vos perderão mais cedo ou mais tarde.

— Não me refiro a essas mulheres, Pellisson; falo de uma nobre e bela criatura que alia à inteligência do seu sexo o valor e o sangue frio do nosso; falo de uma mulher tão bela que os muros da prisão se inclinariam para saudá-la, e tão discreta que ninguém ficaria sabendo quem a mandara.

— Um tesouro — conveio Pellisson; — daríeis assim um magnífico presente ao senhor governador da Conciergerie. Peste! monsenhor, pode ser que lhe cortassem a cabeça, mas ele teria conhecido antes de morrer uma felicidade que ninguém conhecera antes dele.

— E acrescento — disse Fouquet — que o diretor da prisão não teria a cabeça cortada, pois eu lhe daria os meus cabelos para salvá-lo, e quinhentas mil libras para viver honradamente na Inglaterra; e note-se que a mulher, minha amiga, não lhe daria mais que os cabelos e o dinheiro. Vamos procurá-la, Pellisson.

O superintendente estendeu a mão para o cordão de seda e ouro colocado no interior do carro. Deteve-o Pellisson.

— Monsenhor — disse o secretário — perdereis em buscá-la o tempo que levou Colombo para descobrir o Novo Mundo. Ora, só nos restam duas horas para fazer alguma coisa; depois que o diretor se tiver recolhido, como poderemos encontrá-lo sem estardalhaço? Depois que houver amanhecido, como esconder as nossas diligências? Ide, ide, monsenhor, ide pessoalmente, e não

procureis anjo nem mulher esta noite.
— Mas, caro Pellisson, eis-nos diante da casa dela.
— Diante da casa do anjo?
— Exatamente.
— Mas este é o palácio da Sra. de Bellière!
— Psiu!
— Ah! meu Deus! — exclamou Pellisson.
— Que tens para dizer contra ela?
— Nada, infelizmente e é isso que me desespera. Nada, absolutamente nada... Pudesse eu dizer-vos, pelo contrário, coisas tão más que vos impedissem de entrar!

— Voulez-vous prendre la peine d'entrer dans mon carrosse

Mas Fouquet já mandara parar o carro, que estacara.
— Impedir-me! — tornou o superintendente — nenhum poder no mundo me impediria de cumprimentar a Sra. du Plessis-Bellière; — aliás, quem sabe se não precisaremos dela? Sobes comigo?
— Não, monsenhor, não.
— Mas não quero que me esperes, Pellisson, — replicou Fouquet, sinceramente cortês.
— Mais uma razão, monsenhor; sabendo que me fazeis esperar, ficareis menos tempo lá em cima... cuidado! há um carro no pátio; ela tem visitas.
Inclinou-se Fouquet para o estribo da carruagem.

— Uma palavrinha ainda: — gritou Pellisson — procurai essa senhora quando regressardes da Conciergerie, por favor!

— Cinco minutos só, Pellisson — respondeu Fouquet, apeando na própria entrada do prédio.

Pellisson deixou-se ficar, taciturno, no fundo do carro.

Fouquet subiu, disse ao lacaio o seu nome, que se desfez em demonstrações de apreço e de respeito, prova do hábito que tomara a dona de fazer que esse nome fosse respeitado e amado entre os seus.

— Senhor superintendente! — exclamou a marquesa adiantando-se, muito pálida, para Fouquet. — Quanta honra! e que surpresa!

Logo, em voz baixa:

— Cuidado! — ajuntou — Margarida Vanel está aqui.

— Senhora — respondeu Fouquet, perturbado — eu vim tratar de um negócio... Uma palavrinha só.

E entrou no salão.

A Sra. Vanel levantara-se mais pálida, mais lívida que a própria inveja. Fouquet dirigiu-lhe em vão um cumprimento dos mais encantadores, dos mais pacíficos; ela respondeu apenas por um olhar terrível, endereçado à marquesa e a Fouquet. O olhar acerado de uma mulher ciumenta é um estilete que descobre o defeito de todas as couraças; Margarida Vanel atingiu com ele o coração dos dois confidentes. Fez uma reverência à sua amiga, outra mais profunda ao ministro, e despediu-se, pretextando uma infinidade de visitas para fazer antes que a marquesa, estatelada, ou Fouquet, preocupado, pensassem sequer em retê-la.

Assim que ela partiu, ficando a sós com a marquesa, Fouquet pôs-se de joelhos sem pronunciar uma palavra.

— Eu vos esperava — disse a marquesa, com terno sorriso.

— Oh! não — acudiu ele — pois nesse caso teríeis mandado embora essa mulher.

— Não faz um quarto de hora que ela chegou, e eu não poderia supor que viesse esta noite.

— Sempre me amais um pouco, marquesa?

— Não é disso que se trata, senhor, mas dos perigos que correis; em que pé estão os vossos negócios?

— Vou arrancar esta noite dois amigos às prisões do palácio.

— Como assim?

— Comprando, seduzindo o governador.

— Ele é meu amigo; posso ajudar-vos sem vos prejudicar?

— Oh! marquesa, seria um assinalado serviço; mas como empregar-vos e não vos comprometer? Ora, nem a minha vida, nem o meu poder, nem a minha própria liberdade serão jamais resgatados se for preciso que uma lágrima caia de vossos olhos, que uma pena tolde a vossa fronte.

— Monsenhor, não torneis a dizer-me essas palavras que me embriagam; sou culpada de haver querido servir-vos, sem calcular o alcance do passo que dei. Eu vos amo, de fato, como uma terna amiga, e sou-vos reconhecida pela vossa delicadeza; mas, ai!... nunca tereis em mim uma amante.

— Marquesa!... — bradou Fouquet com voz desesperada — por quê?

— Porque sois amado demais — disse baixinho a marquesa — porque sois amado por demasiada gente... porque o brilho da glória e da fortuna me fere os olhos, ao passo que a dor sombria os atrai; porque, enfim, eu que vos repeli nas vossas faustosas magnificências, que mal vos olhei quando resplandecíeis, fui, como uma mulher perdida, atirar-me, por assim dizer, em vossos braços quando vi uma desgraça pairar sobre a vossa cabeça... Agora me compreendeis, monsenhor... Voltai a ser

feliz para que eu volte a ser casta de coração e pensamento: o vosso infortúnio me perderia.

— Oh! senhora — respondeu Fouquet com uma emoção que nunca sentira — ainda que eu me encontrasse no último grau da miséria humana, se ouvisse de vossos lábios a palavra que me recusais, nesse dia, senhora, o vosso nobre egoísmo se iludiria; nesse dia, creríeis consolar o mais desgraçado dos homens e diríeis "Eu te amo!" ao mais ilustre, ao mais sorridente, ao mais triunfante dos felizes deste mundo!

Ele ainda estava aos pés dela e beijava-lhe a mão, quando Pellisson entrou, precipite, bradando, quase colérico:

— Monsenhor! senhora! pelo amor de Deus, marquesa, perdoai-me... Monsenhor, faz meia hora que estais aqui... Oh! não olheis para mim com ar de reproche... Senhora, dizei-me, por favor, quem era a dama que saiu daqui ao entrar monsenhor?

— A Sra. Vanel — respondeu Fouquet.

— Pronto! — bradou Pellisson — eu tinha certeza!

— De quê?

— Ela subiu, muito pálida, em seu carro.

— Que me importa?

— Sim, mas importa-vos o que ela disse ao cocheiro.

— O que, santo Deus? — exclamou a marquesa.

— Para a casa do Sr. Colbert! — volveu Pellisson com voz rouca.

— Misericórdia! parti! parti! monsenhor! — respondeu a marquesa empurrando Fouquet para fora da sala, ao passo que Pellisson o puxava pela mão.

— Com efeito! — disse o superintendente — serei, acaso, uma criança para que me metam medo com uma sombra?

— Sois um gigante — volveu a marquesa — que uma víbora procura morder no calcanhar.

Pellisson continuava a arrastar Fouquet para a carruagem.

— Ao palácio, a toda a bridai — gritou Pellisson ao cocheiro.

Partiram os cavalos como um raio; nenhum tropeço lhes retardou a marcha por um só instante. Na arcada de São João, todavia, quando pretendiam desembocar na Praça da Greve, longa fila de cavaleiros, que barrava a passagem estreita, deteve o carro do superintendente. Não houve meio de forçar a barreira; foi preciso esperar que os arqueiros da ronda, pois eram eles, passassem com o carro fechado que escoltavam e que subia rapidamente para a Praça Baudoyer.

Fouquet e Pellisson só prestaram atenção a esse incidente para lamentar o minuto de atraso que tiveram de sofrer. Chegaram ao palácio cinco minutos depois.

O diretor da prisão passeava ainda no primeiro pátio.

Ao nome de Fouquet, pronunciado ao seu ouvido por Pellisson, aproximou-se pressuroso do carro e, de chapéu na mão, multiplicou os seus rapapés.

— Que honra para mim, monsenhor! — disse ele.

— Uma palavrinha, senhor governador. Quereis dar-vos ao trabalho de subir no meu carro?

O oficial sentou-se diante de Fouquet, no interior do pesado veículo.

— Senhor — principiou Fouquet — quero pedir-vos um serviço.

— Falai, monsenhor.

— Serviço que talvez vos comprometa, mas que vos conciliará para sempre a minha proteção e amizade.

— Se me fosse preciso atirar-me por vós a uma fogueira, monsenhor, eu não hesitaria.

— Bem — tornou Fouquet; — o que vos peço é mais simples.

— Nesse caso está feito, monsenhor; de que se trata?
— De conduzir-me aos quartos dos Srs. Lyodot e d'Eymeris.
— Dignai-vos explicar-me porque, monsenhor.
— Eu vo-lo direi na presença deles e vos darei, ao mesmo tempo, todos os meios para dissimular a evasão.
— A evasão! Mas ainda não sabeis, monsenhor?
— O quê?
— Os Srs. Lyodot e d'Eymeris já não estão aqui.
— Desde quando? — exclamou, trêmulo, Fouquet.
— Faz um quarto de hora.
— E para onde foram?
— Para o castelo de Vincennes.
— Quem os tirou daqui?
— Uma ordem do rei.
— Desgraça! — bradou Fouquet batendo na testa — desgraça! E sem pronunciar outra palavra, dispensou o governador com o desespero na alma e a morte no rosto.
— E então? — perguntou Pellisson com ansiedade.
— Os nossos amigos estão perdidos! Colbert mandou-os para Vincennes. Foi com eles que nos cruzamos debaixo da arcada de São João.
Como fulminado por um raio, Pellisson não replicou. Se proferisse uma censura, teria matado o amo.
— Monsenhor aonde vai? — pergunto o lacaio.
— Para casa, em Paris; tu, Pellisson, volta a Saint-Mandé e traze-me o Abade Fouquet daqui a uma hora. Vai!

Capítulo LX - Plano de batalha

A NOITE já ia adiantada quando o Abade Fouquet chegou à casa do irmão.

Acompanhava-o Gourville. Pálidos ante a perspectiva dos futuros acontecimentos, os três homens pareciam menos três poderosos da época do que três conspiradores unidos pelo mesmo pensamento de violência.

Fouquet passeou muito tempo, com o olhar fito no assoalho, apertando as mãos.

Afinal, recobrando coragem no meio de um grande suspiro:

— Abade — disse ele — tu me falaste hoje mesmo nuns homens que sustentas?

— Falei — replicou o abade.

— Exatamente, quem são essas pessoas? O abade hesitava.

— Vamos! não temas, que não estou ameaçando; não impostures, que não estou gracejando.

— Já que me pedis a verdade, senhor, ei-la: tenho cento e vinte amigos ou companheiros de prazer que vos são dedicados como ladrões à forca.

— E podes contar com eles?

— Inteiramente.

— Não te comprometerás?

— Nem sequer figurarei entre eles.

— É gente resoluta?

— Queimarão Paris se eu lhes prometer que não serão queimados.

— Ils brûleront Paris, si je leur promets qu'ils ne seront pas brûlés.

— O que te peço, abade — disse Fouquet enxugando o suor que lhe caía do rosto — é que atires os teus cento e vinte homens sobre as pessoas que eu te designar, em determinado momento... É possível?

— Não será a primeira vez que terão feito coisa semelhante.

— Bem; mas esses bandidos atacarão... homens armados?

— É o hábito deles.

— Reúne os teus cento e vinte bandoleiros, abade.

— Muito bem! Onde?

— No caminho de Vincennes, amanhã, às duas horas em ponto.

— Para raptar Lyodot e d'Eymeris?... Haverá pancadaria?

— Muita. Tens medo?

— Por mim, não, mas por vós.

— Os teus homens saberão o que estão fazendo?

— São inteligentes demais para não o adivinharem. Ora, um ministro que se amotina contra o rei... expõe-se.

— Que te importa, se pago?... Aliás, se eu cair, cairás comigo.

— Nesse caso seria mais prudente ficarmos de braços cruzados e deixarmos que o rei se divirta um pouco.

— Pensa bem nisto, abade: Lyodot e d'Tymeris em Vincennes são o prelúdio da ruína de minha casa. Repito-o, se eu for detido, serás preso; se eu for preso, serás exilado.

— Senhor, estou às vossas ordens. Tendes alguma para dar-me?
— A que já dei: quero que amanhã os dois financistas que se procura vitimar, quando há tanto criminoso impune, sejam arrancados ao furor dos meus inimigos. Toma as decisões que julgares necessárias. É possível?
— É possível.
— Indica-me o teu plano.
— Simplíssimo: a guarda comum nas execuções é de doze arqueiros.
— Haverá cem amanhã.
— Estou contando com isso; digo mais, haverá duzentos.
— Mas crês que te bastem cento e vinte homens?
— Perdoai-me. Em toda multidão composta de cem mil espectadores, há dez mil bandidos ou cortadores de bolsas, que, todavia, não se atrevem a tomar iniciativas.
— E então?
— Haverá portanto amanhã na Praça da Greve, que escolho para terreno de operações, dez mil auxiliares para os meus cento e vinte homens. O ataque iniciado por estes será terminado por aqueles.
— Bem! e que se fará dos prisioneiros na Praça da Greve?
— Isto: serão levados a uma casa qualquer da praça; seria então necessário um assédio para recapturá-los... Vede, outra idéia, mais sublime ainda: certas casas têm duas entradas, uma pela praça e outra pela Rua de la Mortellerie, ou de la Vannerie, ou de la Tixeranderie. Entrando por uma, os prisioneiros sairão pela outra.
— Mas dize qualquer coisa de positivo.
— Estou procurando.
— E eu — exclamou Fouquet — encontrei. Ouve bem o que me ocorre neste momento.
— Estou ouvindo.
Fouquet fez sinal a Gourville, que pareceu compreender.
— Um de meus amigos empresta-me, às vezes, as chaves de uma casa que aluga na Rua Baudoyer, e cujos amplos jardins se comunicam com outra casa da Praça da Greve.
— Está resolvido o assunto — declarou o abade.
— Que casa?
— Uma taberna muito afreguezada, cuja tabuleta representa a imagem de Nossa Senhora.
— Conheço-a — disse o abade.
— Essa taberna tem duas janelas que dão para a praça e uma saída para um pátio, que se continua com os jardins do meu amigo por uma porta de comunicação.
— Bom!
— Entra pela taberna, faz que entrem os prisioneiros, e defende a porta enquanto fogem pelo jardim da Rua Baudoyer.
— Em verdade, senhor, seríeis um excelente general, como o senhor príncipe.
— Compreendeste?
— Perfeitamente.
— De quanto precisarás para emborrachar os teus bandidos com vinho e contentá-los com ouro?
— Oh! senhor, que expressão! Se vos ouvissem! Alguns são muito suscetíveis.
— É mister que estejam amanhã incapazes de distinguir o céu da terra, pois lutarei contra o rei e, quando luto, quero vencer, entendeste?
— A coisa se fará... Dizei-me, senhor, as vossas outras idéias.

— Isso é contigo.
— Dai-me a vossa bolsa.
— Gourville, conta cem mil libras para o abade.
— Bom... e não pouparemos nada?
— Nada.
— Ainda bem.
— Monsenhor — objetou Gourville — se a história se propala, nela perdemos a cabeça.
— Ora! Gourville — replicou Fouquet, rubro de cólera — tu me dás pena; fala por ti, meu caro. Mas a minha cabeça não me balança desse jeito sobre os ombros. Então, abade, está feito?
— Está feito.
— Amanhã, às duas horas?
— Ao meio-dia, pois agora é preciso preparar de maneira secreta os nossos auxiliares.
— É verdade: não poupes o vinho do taberneiro.
— Não lhe pouparei o vinho nem a casa — tornou o abade, largando uma risadinha de escárnio. — Tenho um plano, já disse; deixai-me trabalhar, e vereis.
— Onde ficarás?
— Em toda a parte e em parte alguma.
— E como serei informado?
— Por um correio a cavalo, postado no próprio jardim do vosso amigo. A propósito, o nome desse amigo?
Fouquet olhou ainda para Gourville. Este acorreu em auxílio do amo dizendo:
— Acompanharei o senhor abade por várias razões; mas a casa se reconhece facilmente: a imagem de Nossa Senhora na frente, e um jardim, o único do quarteirão, atrás.
— Bom, bom. Vou prevenir os meus soldados.
— Acompanha-o, Gourville — disse Fouquet — e dá-lhe o dinheiro. Um momento, abade... um momento, Gourville... Que feitio daremos a esse rapto?
— Um feitio bem natural, senhor... O de um motim.
— Um motim a propósito de quê? Afinal de contas, se o povo de Paris se dispõe, alguma vez, a cortejar o rei, é quando este manda enforcar financistas.
— Darei um jeito nisso... — disse o abade.
— Sim, mas darás um mau jeito e os outros adivinharão.
— Não, não... tenho outra idéia.
— Fala.
— Os meus homens gritarão: "Colbert! viva Colbert!" e se atirarão sobre os prisioneiros como se quisessem fazê-los pedaços e arrancá-los à forca, suplício demasiado suave.
— Aí está uma idéia, com efeito — sobreveio Gourville. — Peste, senhor abade, que imaginação!
— Somos digno da família, senhor! — respondeu, ufano, o abade.
— Salafrário! — murmurou Fouquet. E, logo, ajuntou:
— É engenhoso! Fazei-o e não derrameis sangue. Gourville e o abade partiram juntos, muito azafamados.
O superintendente se estendeu sobre uns coxins, cismando em parte nos sinistros projetos do dia seguinte, em parte sonhando amores.

Capítulo LXI - A taberna da imagem de nossa senhora

AS duas horas, no outro dia, cinqüenta mil espectadores se aglomeravam na Praça da Greve, em torno de duas forcas erguidas entre o cais da praça e o cais Pelletier, uma após a outra, arrimadas ao parapeito do rio.

Naquela manhã, todos os pregoeiros da boa cidade de Paris haviam percorrido os bairros da capital, sobretudo o mercado e os arrabaldes, anunciando com vozes roucas e infatigáveis a exemplar justiça feita por el-rei a dois prevaricadores, dois ladrões, exploradores do povo. E esse povo, cujos interesses eram tão calorosamente defendidos, para não faltar com o respeito ao seu soberano, deixava lojas, balcões, oficinas, para ir mostrar algum reconhecimento a Luís XIV, exatamente como convidados que temessem incorrer numa descortesia não indo à casa da pessoa que os tivesse convidado.

Consoante o teor da sentença, que liam alto e mal os pregoeiros, dois contratadores, atravessadores de dinheiro, dilapidadores do erário real, concussionários e falsários, sofreriam a pena capital na Praça da Greve, "com os nomes afixados sobre as cabeças".

Quanto a esses nomes, não os mencionava a sentença.

Estava no auge a curiosidade dos parisienses e, como dissemos, imensa multidão esperava com impaciência febril a hora marcada para a execução. Já se divulgara a notícia de que os prisioneiros, transferidos para o castelo de Vincennes, seriam conduzidos dessa prisão à Praça da Greve. Daí que o bairro e a Rua de Santo Antônio fervilhassem de gente, pois a população de Paris, nos dias de grande execução, divide-se em duas categorias: a dos que querem ver passar os condenados, tímidos e meigos corações, mas curiosos de filosofia, e a dos que querem vê-los morrer, corações ávidos de emoções.

Nesse dia, o Sr. d'Artagnan recebera as últimas instruções do rei e despedira-se dos amigos, momentaneamente reduzidos à só pessoa de Planchet; em seguida, traçara os planos da jornada, como há de fazer todo homem ocupado, que conta os seus instantes, em razão da importância que lhes dá.

— A partida — disse ele — está fixada para o romper do dia, às três da madrugada; tenho, portanto, quinze horas diante de mim.

Descontemos às seis horas de sono que me são indispensáveis, seis; uma de refeição, sete; uma para visitar Athos, oito; duas para o imprevisto, dez.

"Sobram, portanto, cinco horas.

"Uma hora para cobrar, isto é, para que o Sr. Fouquet me recuse o dinheiro; outra para ir buscá-lo em casa do Sr. Colbert e aturar-lhe as perguntas e caretas; uma hora para examinar as armas, as roupas, e mandar engraxar as botas.

Restam-me ainda duas horas. Diabo! como sou rico!

E, dizendo isso, sentiu uma estranha alegria, uma alegria de juventude, um perfume dos formosos e felizes anos de outrora subir-lhe à cabeça e embriagá-lo.

— Durante essas duas horas irei — disse o mosqueteiro — receber o meu aluguel da Imagem de Nossa Senhora. Será delicioso.

— Trezentas e setenta e cinco libras! Com a breca! Que coisa espantosa! Se o pobre, que só tem uma libra no bolso, tivesse uma libra e doze dinheiros, seria justo, seria excelente; mas o pobre nunca enxerga um lucro desses. O rico, pelo contrário, recebe rendimentos do próprio dinheiro, no qual nunca toca... Eis aí trezentas e setenta e cinco libras que me caem do céu.

"Irei, portanto, à Imagem de Nossa Senhora e beberei com o meu locatário um copo de vinho de Espanha, que ele não deixará de oferecer-me.

"Mas é preciso ordem, Sr. d'Artagnan, é preciso ordem.

"Organizemos, portanto, o nosso tempo e repartamos-lhe o emprego.

"Art 1 ° Athos.

"Art 2.° A Imagem de Nossa Senhora.

"Art 3.° Sr. Fouquet.

"Art 4.° Sr. Colbert.

"Art 5.° Cear.

"Art 6.° Roupas, botas, cavalos, mala.

"Art 7.° e último. Sono.

Em conseqüência dessa disposição, guiou imediatamente d'Artagnan para a casa do Conde de La Fère, ao qual, modesta e ingenuamente, contou parte de suas boas aventuras.

Desde a véspera se sentia Athos meio preocupado com a visita de d'Artagnan ao rei; quatro palavras, porém, bastaram a esclarecê-lo.

Adivinhou que Luís encarregara o mosqueteiro de alguma missão importante e nem sequer tentou arrancar-lhe o segredo. Recomendou-lhe que se poupasse e ofereceu-se discretamente para acompanhá-lo, se fosse possível.

— Mas eu, querido amigo — disse d'Artagnan — não vou partir.

— Como! vens dizer-me adeus e não partes?

— Oh! sim, sim — replicou d'Artagnan corando um pouco — vou-me apenas para realizar uma compra.

— Isso é outra coisa e eu modifico a fórmula. Em vez de dizer: "Não te deixes matar", direi: "Não te deixes roubar".

— Meu amigo, mandarei avisar-te se encontrar alguma propriedade a meu gosto; e tu me farás o obséquio de aconselhar-me.

— Como não! — conveio Athos, delicado demais para saborear a compensação de um sorriso.

Raul imitava a reserva paterna. Compreendeu d'Artagnan que seria demasiado misterioso deixar os amigos sob um pretexto qualquer sem lhes dizer ao menos que caminho tomaria.

— Escolhi o Mans — disse ele a Athos. — É boa região?

— Excelente, meu amigo — replicou o conde, sem lhe observar que o Mans ficava na direção da Turena e que, se esperasse dois dias, quando muito, viajariam juntos.

Mas d'Artagnan, mais encalistrado do que o conde, aumentava a cada nova explicação o atoleiro em que aos poucos se atascava.

— Partirei amanhã ao romper d'alva — disse afinal. — Até então, Raul, queres ficar comigo?

— Quero, senhor cavaleiro — retrucou o rapaz — se o senhor conde não precisar de mim.

— Não, Raul; tenho audiência hoje com Monsieur, irmão do rei.

Raul pediu a espada a Grimaud, que lha trouxe incontinente.

— Então — acrescentou d'Artagnan, abrindo os dois braços para Athos — adeus, meu caro amigo!

Athos abraçou-o longamente, e o mosqueteiro, que lhe compreendeu a discrição, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Negócio de estado!

Ao que Athos respondeu apenas por um aperto de mão ainda mais significativo.

Separaram-se. Raul travou do braço do velho amigo, que o conduziu pela Rua Saint-Honoré.

— Levo-te à casa do deus Pluto — disse d'Artagnan ao rapaz; — prepara-te; verás o dia inteiro

empilharem-se os escudos. Como estou mudado, meu Deus!

— Oh! oh! quanta gente na rua! — observou Raul.

— Há procissão hoje? — perguntou d'Artagnan a um transeunte.

— Há enforcação, senhor — replicou o transeunte.

— Como! enforcação — bradou d'Artagnan — na Praça da Greve?

— Sim, senhor.

— Maldito seja o maroto que se deixa enforcar no dia em que preciso receber o aluguel! — exclamou d'Artagnan. — Raul, já viste um enforcamento?

— Nunca, senhor... graças a Deus!

— Eis o que é a mocidade... Se estivesses de guarda na trincheira, como eu estive, e um espia... Mas perdoa, Raul, que disparato... Tens razão, é medonho assistir a um enforcamento...

A que horas será, por obséquio?

— Senhor — tornou o transeunte, pressuroso, encantado por entabular conversação com dois militares — deve ser às três.

— Oh! não são duas horas ainda, apertemos o passo, que chegaremos em tempo de receber as minhas trezentas e setenta e cinco libras e partir antes que chegue o paciente.

— Os pacientes, senhor — corrigiu o burguês — visto que são dois.

— Senhor, eu vos dou mil graças — disse d'Artagnan, que, depois de velho, se tornara de uma Requintada polidez.

E, arrastando Raul, abalou para o bairro da Greve.

Não fosse o grande hábito da multidão que tinha o mosqueteiro e o punho irresistível ao qual juntava extraordinária agilidade de ombros, e nenhum dos dois viajantes teria chegado ao seu destino.

Seguiam o cais, que haviam alcançado ao deixar a Rua Saint-Honoré, depois de se despedirem de Athos.

D'Artagnan caminhava na frente: o cotovelo, o punho e o ombro formavam três cunhas que ele sabia enfiar com arte nos magotes para arrebentá-los e dispersá-los como lascas de madeira.

Muitas vezes usava, à guisa de reforço, a guarda de ferro da espada. Introduzia-a entre as costelas mais rebeldes e, manejando-a como alavanca ou alçaprema, separava o esposo da esposa, o tio do sobrinho, o irmão do irmão.

Tudo isso tão naturalmente e com sorrisos tão graciosos, que seria preciso ter costelas de bronze para não pedir misericórdia quando a guarda entrava em ação, ou coração de diamante para não se sentir encantado quando aflorava o sorriso aos lábios do mosqueteiro.

Seguindo o amigo, Raul poupava as mulheres, que lhe admiravam a beleza, continha os homens, que lhe sentiam a rigidez dos músculos, e ambos fendiam, graças a essa manobra, a onda um tanto compacta e um tanto lodosa do populacho.

Viram-se defronte das duas forcas, e Raul apartou os olhos com repugnância. D'Artagnan, contudo, nem sequer as viu; a sua casa de teto pontudo, de janelas cheias de curiosos, atraía, absorvia toda a atenção de que ele era capaz.

Distinguiu na praça e à volta das casas grande número de mosqueteiros de folga, que, em companhia de mulheres ou de amigos, esperavam o instante da cerimônia.

O que sobretudo o alegrou foi ver que o taberneiro, seu locatário, não sabia a quem atender.

Três criados não tinham mãos a medir servindo os bebedores, espalhados pela sala, pelos quartos e até pelo pátio.

D'Artagnan observou a Raul essa afluência e ajuntou:

— O patife não terá desculpas para não pagar o aluguel. Observa os bebedores, Raul, parecem gente boa. Com seiscentos diabos! Mas não há um lugar por aqui! D'Artagnan, entretanto, conseguiu agarrar o tasqueiro pela ponta do avental e deu-se a conhecer.

— Ah! senhor cavaleiro — disse o bodegueiro meio louco — ura minuto, pelo amor de Deus! Tenho aqui cem alucinados que me põem a adega de pernas para o ar.

— A adega, sim, mas a burra, não.

— Oh! senhor, as vossas trinta e sete pistolas e meia estão lá em cima, contadinhas, no meu quarto; mas há nesse quarto trinta pândegos chupando as aduelas de um barrilzinho de vinho do Porto, que abri hoje cedo... Dai-me um minuto, um minutinho só.

— Seja, seja.

— Eu vou-me embora — disse Raul em voz baixa a d'Artagnan; — essa alegria é ignóbil.

— Senhor — replicou, severo, d'Artagnan — far-me-eis o obséquio de ficar aqui. O soldado deve familiarizar-se com todos os espetáculos. Há nos olhos, quando são jovens, certas fibras que é preciso saber endurecer, e só nos tornamos realmente generosos e bons quando temos os olhos endurecidos e o coração capaz ainda de ternura. Aliás, meu querido Raul, queres deixar-me sozinho? Isso não se faz. Vê, há um pátio lá embaixo, e uma árvore no pátio; vamos para a sombra, respiraremos melhor do que nesta atmosfera quente de vinhos derramados.

Do lugar em que se tinham colocado, ouviam os dois novos hóspedes da Imagem de Nossa Senhora, o murmúrio cada vez mais forte das vagas de povo, e não perdiam um grito nem um gesto dos beberrazes amesendados na taberna ou espalhados pelos quartos.

Se d'Artagnan tivesse querido postar-se de sentinela para uma expedição, não o teria feito tão bem.

A árvore debaixo da qual Raul e ele se haviam assentado cobria-os de espessa folhagem. Era um castanheiro atarracado, de galhos pensos, que despejava a sua sombra sobre uma mesa tão arrebentada, que os borrachões haviam desistido de utilizá-la.

Dizemos que desse posto d'Artagnan via tudo.

Observava, com efeito, as idas e vindas dos moços, a chegada de novos bebedores, a acolhida ora amistosa, ora hostil, que faziam a certos recém-chegados certos instalados.

Observava para matar o tempo, pois as trinta e sete pistolas e meia tardavam em chegar.

Raul chamou-lhe a atenção.

— Senhor — disse ele — não apressais o locatário e daqui a pouco chegarão os pacientes. Haverá tamanho aperto nessa ocasião, que não poderemos sair.

— Tens razão — disse o mosqueteiro. — Olá! oh! venha alguém, com seiscentos diabos!

Mas por mais que gritasse e batesse nos destroços da mesa, que se desmantelava debaixo do seu punho, ninguém apareceu.

Preparava-se d'Artagnan para ir procurar pessoalmente o taberneiro e forçá-lo a uma explicação definitiva, quando a porta do pátio em que ele se encontrava com Raul, porta que comunicava com o jardim dos fundos, se abriu guinchando sobre os gonzos oxidados, e do jardim saiu um homem de roupas fidalgas, espada na bainha, mas não à cinta, que atravessou o pátio sem fechar a porta e, tendo dirigido um olhar oblíquo a d'Artagnan e ao companheiro, enveredou para a taberna relanceando à sua volta dois olhos que pareciam atravessar os muros e as consciências.

— Ué — disse d'Artagnan — os meus locatários comunicam-se... Será, com certeza, mais algum curioso do enforcamento.

Nesse momento, os gritos e o estardalhaço dos beberrões cessaram nos quartos superiores. O silêncio em tais circunstâncias surpreende como um redobramento de barulho. D'Artagnan quis conhecer a causa da súbita calma.

Viu então que o homem de roupas fidalgas acabava de entrar na sala principal e arengava os bebedolas, que o escutavam com extraordinário interesse. D'Artagnan lhe teria ouvido a alocução, não fosse o ruído dominante do clamor popular, que formava como um formidável acompanhamento à peroração do orador. Mas esta logo cessou, e todas as pessoas que se encontravam na tasca saíram umas atrás das outras, em grupinhos; de tal sorte que na sala só ficaram seis; um desses seis, o homem que trazia espada, chamou à parte o taberneiro, entretendo-o com discursos mais ou menos sérios, ao passo que os outros acendiam um fogo muito grande no fogão; coisa muito de espantar em dia tão bonito e tão quente.

— É singular — disse d'Artagnan a Raul; — mas eu conheço essa gente.

— Não achais — volveu Raul — que há por aqui cheiro de fumaça?

— Acho mais que há cheiro de conspiração — replicou d'Artagnan.

Não acabara de pronunciar essas palavras quando quatro homens desceram ao pátio e, sem aparência de más intenções, montaram guarda nas proximidades da porta de comunicação, dirigindo, a reveses, a d'Artagnan, olhares que significavam muitas coisas.

— Com a breca! — disse d'Artagnan baixinho a Raul — há qualquer coisa. És curioso, Raul?

— Depende, senhor cavaleiro.

— Pois eu sou curioso como uma velha. Chega-te um pouco mais para a frente, daremos uma vista de olhos à praça. E aposto o que quiseres que essa vista de olhos será interessante.

— Mas sabeis, senhor cavaleiro, que não quero ser espectador passivo e indiferente da morte de dois pobres diabos.

— E eu, então, crês que eu seja algum selvagem? Tornaremos a entrar quando nos convier. Vem!

Encaminharam-se para o corpo principal do edifício e colocaram-se ao pé da janela, que, coisa mais estranha ainda, permanecera desocupada.

Os dois últimos borrachos, em vez de olharem pela janela, ocupavam-se de atiçar o fogo.

E vendo entrarem d'Artagnan e seu amigo:

— Ah! ah! reforço — murmuraram. D'Artagnan acotovelou Raul.

— Sim, meus bravos, reforço — disse ele; — que belo fogo... Quem vai ser cozinhado?

Os dois homens despediram uma gargalhada jovial e, em vez de responder, puseram mais lenha no fogo. D'Artagnan não se cansava de observá-los.

— Vejamos — disse um dos foguistas — fostes enviados para dizer-nos o momento, não é?

— Sem dúvida — respondeu d'Artagnan, que queria saber o que estava acontecendo. — Por que estaria eu aqui se não fosse por isso?

— Então, colocai-vos à janela, por favor, e observai.

D'Artagnan sorriu por baixo do bigode, fez sinal a Raul e pôs-se complacentemente à janela.

Capítulo LXII - Viva Colbert!

PAVOROSO espetáculo apresentava a Greve naquele momento. Niveladas pela perspectiva, as cabeças estendiam-se ao longe, espessas e móveis, como espigas em dilatada planície. De tempos a tempos, um barulho desconhecido, um rumor longínquo, fazia oscilar as cabeças e cintilar milhares de olhos.

Por vezes havia grandes refluxos. Todas as espigas se curvavam e convertiam em vagas mais movediças que as do oceano, rolando das extremidades para o centro, e iam atirar-se, como outras tantas marés, contra a fileira de arqueiros que circundavam as forcas.

Nessas ocasiões os cabos das alabardas se abaixavam sobre a cabeça ou os ombros dos temerários invasores; às vezes, também, o ferro substituía a madeira e fazia-se um largo círculo vazio em torno da guarda: espaço conquistado às expensas das extremidades que sofriam, por sua vez, a opressão do refluxo, que as empurrava contra os parapeitos do Sena.

Do alto da janela, que dominava a praça, viu d'Artagnan, com satisfação interior, que os mosqueteiros e guardas envolvidos pela multidão sabiam defender-se à força de murros e espadeiradas.

Observou que tinham até conseguido, em razão do espírito de grupo que duplica as forças do soldado, reunir-se num grupo de uns cinqüenta homens; e que, exceto uma dúzia de desgarrados que ainda rolavam aqui e ali, o núcleo estava completo e ao alcance de sua voz. Mas não foram apenas os mosqueteiros e guardas que atraíram a atenção de d'Artagnan.

Em torno das forcas e, sobretudo, nas proximidades da arcada de São João, agitava-se um turbilhão ruidoso, turbulento, ativo; figuras atrevidas, rostos decididos se desenhavam aqui e ali, entre figuras idiotas e rostos indiferentes; trocavam-se sinais, mãos se tocavam. D'Artagnan observou nos grupos, e até nos mais animados, a figura do cavaleiro que vira entrar pela porta de comunicação do jardim e que subira ao primeiro pavimento para exortar os vinagreiros, organizando esquadras e distribuindo ordens.

— Com a fortuna! — exclamou d'Artagnan — eu não me enganava! Conheço esse homem, é Menneville. Que diabo estará fazendo aqui?

Um murmúrio surdo, que aumentava gradativamente, interrompeu-lhe a reflexão e atraiu-lhe os olhares para outro lado. Esse murmúrio era causado pela chegada dos pacientes; forte piquete de arqueiros os precedia e surdiu no ângulo da arcada. A multidão inteira pôs-se a berrar, e os berros, reunidos, formavam um bramido imenso.

D'Artagnan viu Raul empalidecer; aplicou-lhe violento safanão no ombro.

Ouvindo o grito, os foguistas voltaram-se e perguntaram o que havia acontecido.

— Chegaram os condenados — disse d'Artagnan.

— Bem — responderam, espevitando a chama do fogão. D'Artagnan considerou-os, inquieto; era evidente que aqueles homens que faziam tamanho fogo, sem nenhuma utilidade, alimentavam estranhas intenções.

Os condenados despontaram na praça. Vinham a pé, precedidos pelo carrasco; cinqüenta arqueiros formavam uma fileira de cada lado, à direita e à esquerda. Pálidos mas resolutos, ambos trajavam de preto.

Olhavam com impaciência por cima das cabeças, erguendo-se a cada passo.

Reparou-lhes d'Artagnan no movimento.

— Com a breca! — disse ele — estão com muita pressa de enxergar a forca.

Raul recuava mas não tinha forças suficientes para alongar-se da janela. O terror também tem a sua atração.

— À morte! à morte! — gritaram cinqüenta mil vozes.

— Sim, à morte! — urrou uma centena de furiosos, como se a grande massa lhes tivesse dado a réplica.

— À forca! à forca! — regougou a multidão; — viva o rei!

— Ué — murmurou d'Artagnan — esquisito! eu teria jurado que era o Sr. Colbert quem os mandava enforcar.

Verificou-se nesse momento um refluxo que deteve por instantes a marcha dos condenados.

As pessoas de expressão atrevida e resoluta que haviam chamado a atenção de d'Artagnan, de tanto se apertar, e empurrar, e erguer, tinham quase chegado à fileira de arqueiros.

Pôs-se de novo em marcha o cortejo.

De súbito, aos gritos de: "Viva Colbert!" os homens que d'Artagnan não perdia de vista se atiraram sobre a escolta, que debalde tentou lutar.

Atrás desses homens seguia a multidão.

E começou então, no meio de um estrépito medonho, medonha confusão.

Desta feita, os gritos já não são de impaciência nem de alegria, são gritos de dor.

De fato, as alabardas batem, as espadas furam, os mosquetes principiam a atirar.

Seguiu-se estranho turbilhonar, no meio do qual d'Artagnan não viu mais nada.

Em seguida, daquele caos surgiu de repente como que uma intenção visível, como que uma vontade determinada.

Os condenados tinham sido arrebatados aos guardas e eram arrastados para a taberna da Imagem de Nossa Senhora.

Os raptores ululavam: "Viva Colbert!”

Hesitava o povo, sem saber se dava sobre os arqueiros ou sobre os agressores.

Hesitava porque os que gritavam: "Viva Colbert!” começavam a gritar ao mesmo tempo: "Nada de forca! abaixo o baraço! ao fogo! ao fogo! queimemos os ladrões! queimemos os exploradores!”

Desferido em conjunto, esse rugido gerou uma centelha de entusiasmo.

O populacho fora assistir a um suplício e via ensejar-se-lhe ocasião de levá-lo a cabo com suas próprias mãos.

Nada poderia ser mais agradável à turbamulta.

Por conseguinte, colocou-se imediatamente ao lado dos raptores contra os arqueiros, gritando com a minoria, que, dessarte, se convertera em compacta maioria:

— Sim, sim, ao fogo! ao fogo os ladrões! viva Colbert!

— Com seiscentos diabos! — exclamou d'Artagnan — isso me parece que está ficando sério.

Um dos homens que se achava ao pé do fogão abeirou-se da janela com uma acha na mão.

— Ah! ah! — disse ele — o negócio está esquentando. Logo, voltando-se para o companheiro:

— Eis o sinal!

E súbito encostou o tição ardente na guarnição de madeira de uma das paredes.

A taberna da Imagem de Nossa Senhora não era uma casa inteiramente nova; por isso mesmo não se fez de rogada para pegar fogo.

Um segundo depois, estalam as tábuas e a chama sobe crepitando. Um urro de fora responde aos gritos dos incendiários.

D'Artagnan, que não viu nada porque está olhando para a praça, sente ao mesmo tempo a fumaça

que o sufoca e o fogo que o chamusca.

— Olá! — exclama, virando-se — o fogo é aqui? estais furiosos ou loucos, meus senhores?

Entreolham-se os dois homens com ar espantado.

— Como — perguntam a d'Artagnan — não foi isso o que ficou combinado?

— Ficou combinado que me queimaríeis a casa? — vocifera d'Artagnan arrancando o tição das mãos do incendiário e encostando-lho ao rosto.

O outro quer socorrer o camarada; mas Raul o empolga, levanta-o do chão e atira-o pela janela, ao passo que d'Artagnan empurra o seu pela escada abaixo.

Raul, o primeiro que se vê com as mãos livres, arranca a madeira queimada da parede e joga-a pelo quarto, fumegante ainda.

Num relance de olhos, compreendeu d'Artagnan que o fogo já não oferece perigo e corre para a janela.

O tumulto está no auge. Bramam todos ao mesmo tempo:

— Ao fogo! ao assassínio! à forca! à fogueira! viva Colbert e viva o rei!

O grupo que arrancou os pacientes às mãos dos arqueiros aproxima-se da casa, que parece o destino a que os arrastam.

Menneville está à testa do grupo e grita mais alto que os outros:

— Ao fogo! ao fogo! viva Colbert!

D'Artagnan começa a compreender. Querem queimar os condenados, e a sua casa é a fogueira que lhes preparam.

— Alto lá! — estrondeja com a espada na mão e um pé sobre a janela. — Menneville, que queres?

— Sr. d'Artagnan — grita o interpelado — deixai-nos passar, deixai-nos passar!

— Ao fogo! ao fogo, os ladrões! viva Colbert! — urra a multidão.

Esses gritos exasperam d'Artagnan.

— Com seiscentos diabos! queimar os pobres diabos que só foram condenados à forca, é infame!

Entrementes, diante da porta, a massa de curiosos, comprimida contra as paredes, é mais espessa e intercepta o caminho.

Menneville e seus homens, que arrastam os pacientes, estão a dez passos da porta.

Menneville faz um derradeiro esforço.

— Deixai-nos passar! deixai-nos passar! — chama, com a pistola em punho.

— Queimemos, queimemos! — repete a multidão.

— O fogo está na Imagem de Nossa Senhora. Queimemos os ladrões! queimemos os dois na Imagem de Nossa Senhora. Desta feita já não há dúvidas, é a casa de d'Artagnan o alvo do povoléu. Lembra-se d'Artagnan do velho grito que sempre despedira com tanta eficácia.

— A mim, mosqueteiros!... — troveja com voz de gigante, uma dessas vozes que dominam o canhão, o mar, a tempestade; — a mim, mosqueteiros!...

E, suspendendo-se pelo braço ao balcão, deixa-se cair no meio do povo, que principia a afastar-se daquela casa de onde chovem homens.

Raul chega ao solo ao mesmo tempo. Ambos empunham a espada. Todos os mosqueteiros da praça ouviram o grito que os chamava; todos se voltaram ao ouvi-lo e reconheceram d'Artagnan.

— Ao capitão! ao capitão! — berram todos por sua vez.

E a turba se abre diante deles como diante da proa de um navio. Nesse momento se defrontam d'Artagnan e Menneville.

— Deixai-me passar! deixai-me passar! — grita Menneville, vendo que lhe basta estender o braço para tocar a porta.

— Ninguém passa! — opõe-se d'Artagnan.

— Toma! — ruge Menneville desfechando um tiro de pistola quase à queima-roupa.

Mas antes que o outro desse ao gatilho, d'Artagnan lhe havia levantado o braço com o punho da espada e, com a lâmina, lhe traspassara o corpo.

— Eu bem te disse que ficasses quietinho — diz d'Artagnan a Menneville, que rola a seus pés.

— Deixai-nos passar! deixai-nos passar! — gritam os companheiros de Menneville, a princípio aterrados, mas que de pronto se tranqüilizam vendo que têm de lutar apenas com dois homens.

Mas esses dois homens são dois gigantes de cem braços, cuja espada lhes revoluteia entre as mãos como o gládio flamejante do arcanjo. Fura com a ponta, bate com as costas, fere com os lados.

Cada golpe derruba um homem.

— Pelo rei! — grita d'Artagnan a cada homem que fere, isto é, a cada homem que cai.

— Pelo rei! — repete Raul.

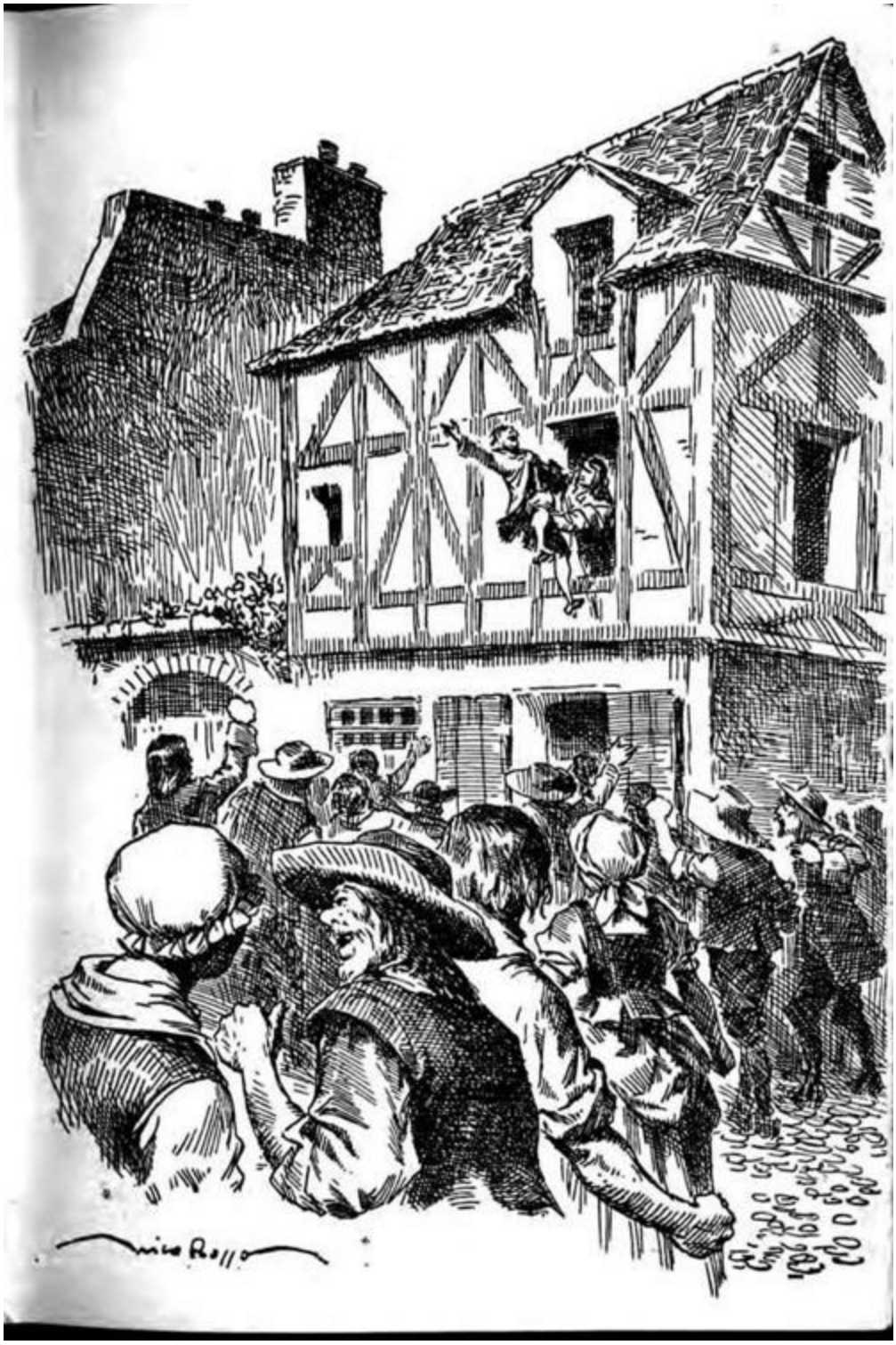
Esse grito converte-se na palavra de ordem dos mosqueteiros, que, orientados por ele, se reúnem a D'Artagnan.

Durante esse tempo, cobram ânimo os arqueiros, carregam os agressores pela retaguarda e, com a regularidade de moinhos, derrubam e abatem tudo o que encontram.

A multidão, que vê reluzirem as espadas, voarem pelo ar gotas de sangue, a multidão foge e esmaga-se sozinha.

Soam, afinal, os gritos de misericórdia e desespero; é o adeus dos vencidos.

Os dois condenados tornam a cair nas mãos dos arqueiros. D'Artagnan aproxima-se deles e, vendo-os pálidos e moribundos: levanta-o do chão e atira-o pela janela...



— Consolai-vos, pobre gente — conforta-os — não sofrereis o suplício medonho que esses miseráveis queriam infligir-vos. O rei vos condenou a serdes enforcados. Portanto, sereis apenas enforcados.

Já não há mais nada na Imagem de Nossa Senhora. Extingue-se o fogo com dois tonéis de vinho à falta de água. Fogem os conjurados pelo jardim. Os arqueiros arrastam os pacientes às forcas.

O suplício não demora muito a partir desse momento. Pouco empenhado em respeitar as fórmulas da arte, o executor avia-se e despacha os dois infelizes num minuto.

Todos, porém, se reúnem à volta de d'Artagnan para felicitá-lo e acariciá-lo. Ele enxuga a testa de onde escorre o suor, a espada de onde goteja o sangue, dá de ombros ao ver Menneville que se contorce a seus pés nas últimas convulsões da agonia. E ao passo que Raul desvia os olhos, compadecido, mostra aos mosqueteiros as forcas carregadas de seus tristes frutos.

— Pobres diabos! — exclama — espero que tenham morrido abençoando o meu nome, pois eu os salvei de boa.

Essas palavras chegam aos ouvidos de Menneville, no momento em que este vai exalar o último suspiro. Um sorriso irônico e sombrio lhe perpassa pelos lábios. Quer responder, mas o esforço que faz acaba de extinguir-lhe a vida. Expira.

— Oh! tudo isso é horrível — murmura Raul; — partamos, senhor cavaleiro.

— Não estás ferido? — pergunta d'Artagnan.

— Não, obrigado.

— Pois bem! és um bravo, com os diabos! É a cabeça do pai e o braço de Porthos. Ah! se tivesse estado aqui, Porthos se teria divertido.

Logo, a jeito de lembrança:

— Mas onde diabo andará o bravo Porthos? — pergunta d'Artagnan.

— Vinde, cavaleiro, vinde — insiste Raul.

— Um minutinho só, meu amigo, para que eu vá buscar as trinta e sete pistolas e meia, e estarei às tuas ordens. A casa rende bem — acrescenta d'Artagnan, revoltando à Imagem de Nossa Senhora; — mas, decididamente, ainda que fosse menos rendosa, eu quisera antes que estivesse em outro bairro.

Capítulo LXIII - De como o brilhante do Sr. d'Eymeris passou para as mãos de d'Artagnan

NO passo que esta cena tumultuaria e sangrenta se passava na Greve, vários homens, entrincheirados atrás da porta de comunicação do jardim, repunham a espada na bainha, ajudavam um deles a montar num cavalo arreado que esperava no jardim e, como bando de pássaros assustados, fugiam em todas as direções, escalando muros e precipitando-se pelas portas com o ardor do pânico.

O que montou a cavalo e arremessou-o com tamanha brutalidade que o animal quase saltou por cima do muro, cruzou a Praça Baudoyer, passou como um raio pela multidão, esmagando, atropelando, derrubando tudo, e dez minutos depois chegou às portas da superintendência ainda mais ofegante que o cavalo.

Ao ruído das ferraduras sobre o pavimento, assomou o Abade Fouquet a uma janela do pátio e, antes que o cavaleiro apeasse:

— Então, Danicamp? — perguntou, estendendo metade do corpo para fora da janela.

— Então! acabou-se — respondeu o cavaleiro.

— Acabou-se! — gritou o abade — estão salvos?

— Não, senhor — replicou o cavaleiro — estão enforcados.

— Enforcados! — repetiu o abade, empalidecendo.

Uma porta lateral se abriu de repente, e Fouquet surgiu no quarto, pálido, assombrado, com os lábios entreabertos por um grito de dor e de cólera.

Deteve-se no limiar, escutando o que se dizia do pátio à janela.

— Miseráveis! — exclamou o abade — então não vos batestes?

— Como leões.

— Como covardes!...

— Senhor!

— Cem homens de guerra, com a espada na mão, valem dez mil arqueiros num ataque de surpresa. Onde está Menneville, o fanfarrão, o parlapatão, que só voltaria morto ou vencedor?

— Cumpriu a sua palavra, senhor. Está morto.

— Morto! quem o matou?

— Um demónio disfarçado de homem, um gigante armado de dez espadas chamejantes, um alucinado que de um golpe só apagou o fogo, abafou o motim e fez brotarem cem mosqueteiros das pedras da Praça da Greve.

Fouquet ergueu a fronte empapada de suor.

— Oh! Lyodot e d'Eymeris! — murmurou — mortos! mortos! mortos! e eu desonrado.

Voltou-se o abade e, avistando o irmão, esmagado, lívido:

— Vamos! vamos! — disse ele — foi uma fatalidade, senhor, não vos lastimeis assim. Se a tentativa gorou foi porque Deus...

— Cala-te, abade, cala-te! — gritou Fouquet; — as tuas desculpas são blasfêmias. Manda subir aqui esse homem, para que nos conte o horrível acontecimento.

— Mas, meu irmão...

— Obedecei, senhor!

O abade fez um sinal e, meio minuto depois, ouvia-se o passo do homem na escada.

Ao mesmo tempo, surgiu Gourville atrás de Fouquet, como o anjo da guarda do superintendente,

com um dedo nos lábios, a pedir-lhe que moderasse os próprios transportes de dor.

O ministro recobrou a serenidade que as forças humanas ainda podiam permitir a um coração dilacerado pelo sofrimento.

Surgiu Danicamp.

— Contai-nos o que houve — ordenou Gourville.

— Senhor — respondeu o mensageiro — tínhamos recebido ordem para raptar os prisioneiros e gritar: "Viva Colbert!" enquanto o fazíamos.

— Para queimá-los vivos, não é mesmo, abade? — interrompeu Gourville.

— Sim! sim! a ordem fora dada a Menneville. Menneville sabia o que tinha de fazer, e Menneville morreu.

A notícia pareceu tranqüilizar Gourville em lugar de entristecê-lo.

— Para queimá-los vivos? — repetiu o mensageiro, como se duvidasse de que essa ordem, a única aliás que lhe fora dada, fosse verdadeira.

— Para queimá-los vivos, claro! — retorquiu, brutalmente, o abade.

— De acordo, senhor, de acordo — tornou o homem procurando com a vista na fisionomia dos dois interlocutores o que poderia haver de triste ou vantajoso para si em narrar a verdade.

— Agora, falai — voltou Gourville.

— Os prisioneiros — continuou Danicamp — por conseguinte, deviam ser conduzidos à Greve, e o povo, enfurecido, queria que fossem queimados em lugar de serem enforcados.

— O povo tem as suas razões — observou o abade; — continua.

— Mas — prosseguiu o homem — no momento em que os arqueiros acabavam de ser desbaratados, no momento em que o fogo lavrava numa das casas da praça destinada a servir de fogueira para os culpados, um furioso, o demônio, o gigante de que vos falei, e que nos disseram ser o proprietário da tal casa, ajudado de um rapaz que o acompanhava, atirou pela janela os que atiçavam o fogo, chamou em seu auxílio os mosqueteiros espalhados no meio do povo, saltou do primeiro andar à praça e brandiu com tamanho desespero a espada, que devolveu a vitória aos arqueiros, recapturou os presos e matou Menneville. Recapturados, os prisioneiros foram executados em três minutos.

Apesar de todo o seu domínio sobre si, Fouquet não logrou reprimir um gemido surdo.

— E esse homem, o proprietário da casa — volveu o abade — como se chama?

— Não sei, porque não pude vê-lo; o meu posto tinha sido designado no fundo do jardim e eu fiquei no meu posto; os outros é que me contaram a história. Eu tinha ordem, assim que o estrupício acabasse, de vir anunciar-vos a toda a pressa como acabara. Obedecendo à ordem, parti a galope, e eis-me aqui.

— Muito bem, senhor, não temos outra coisa que perguntar-vos — disse o abade, cada vez mais aterrado à proporção que se aproximava o momento de conversar a sós com o irmão.

— Fostes pago? — perguntou Gourville.

— Recebi alguma coisa por conta — respondeu Danicamp.

— Aí estão vinte pistolas. Ide, senhor, e não vos esqueçais de defender sempre, como desta vez, os verdadeiros interesses do rei.

— Sim, senhor — disse o homem inclinando-se e apertando o dinheiro no bolso.

E saiu.

Assim que ele se distanciou, Fouquet, que permanecera imóvel, adiantou-se com passo rápido e viu-se entre o abade e Gourville.

Os dois abriram a boca ao mesmo tempo para falar.

— Nada de escusas! — disse ele — nada de recriminações contra quem quer que seja. Se eu não fosse mau amigo, não teria confiado a ninguém o cuidado de libertar Lyodot e d'Eymeris. Sou o único culpado, só a mim, portanto, cabem as censuras e os remorsos. Deixa-me, abade.

— Entretanto, senhor, não me impedireis — respondeu o interpelado — de mandar procurar o miserável que se intrometeu, a serviço do Sr. Colbert, naquele golpe tão bem preparado; pois se é de boa política querer muito bem aos amigos, não reputo má a de perseguir encarniçadamente os inimigos.

— Chega de política, abade; vai-te, por favor, e não me apareças até segunda ordem; creio que precisaremos agora de muito silêncio e muita circunspeção. Tendes um terrível exemplo diante de vós, senhores; nada de represálias, eu o proíbo.

— Não há ordens. — resignou o abade — que me impeçam de vingai uma injúria feita à minha família.

— E eu — bradou Fouquet, com a voz imperativa diante da qual sentimos que não há o que responder — se tiveres um pensamento, um só, que não seja a expressão absoluta de minha vontade, mandarei jogar-te na Bastilha duas horas depois que esse pensamento se manifestar. Pensa bem nisso, abade.

Inclinou-se o abade, acarminando-se.

Fouquet fez sinal a Gourville que o seguisse, e já se dirigia para o gabinete, quando o contínuo anunciou em voz alta:

— O Sr. Cavaleiro d'Artagnan.

— Quem é? — perguntou negligentemente Fouquet a Gourville.

— Um ex-tenente dos mosqueteiros de Sua Majestade — respondeu Gourville no mesmo tom.

Fouquet não se deu sequer ao trabalho de refletir e pôs-se de novo a caminhar.

— Perdão, monsenhor! — disse então Gourville; — pensando bem, esse bravo rapaz deixou o serviço do rei e vem, provavelmente, receber o trimestre de uma pensão qualquer.

— Ele que vá para o diabo! — disse Fouquet — por que escolheu tão mal a hora?

— Permiti, monsenhor, que eu converse com ele; pois é conhecido meu e, nas circunstâncias atuais, trata-se de um homem que é melhor ter por amigo do que por inimigo.

— Responde o que quiseres — disse Fouquet.

— Oh! meu Deus! — exclamou o abade cheio de rancor, como um eclesiástico — respondei que não há dinheiro, principalmente para mosqueteiros.

Mal terminara o abade a frase imprudente, quando a porta entreaberta se abriu de todo e d'Artagnan apareceu.

— Eh! Sr. Fouquet — disse ele — eu sabia que não havia dinheiro para os mosqueteiros. Por isso mesmo não vim para que mo dessem, se não para que mo recusassem. Muito agradecido. Desejo-vos bons dias e vou daqui à casa do Sr. Colbert.

E saiu depois de uma zumbaia.

— Gourville — ordenou Fouquet — corre atrás desse homem e traze-o de volta.

Gourville obedeceu e alcançou d'Artagnan na escada.

Ouvindo passos atrás de si, voltou-se d'Artagnan e avistou o intendente.

— Com os diabos! meu caro senhor — disse ele — tristes modos têm os senhores financistas; venho à procura do Sr. Fouquet para cobrar uma quantia por ordem de Sua Majestade, e sou recebido como um mendigo que viesse pedir esmola, ou como um ladrão que viesse furtar uma alfaia.

— Mas pronunciastes o nome do Sr. Colbert, querido Sr. d'Artagnan; dissestes que íeis à casa dele?

— Claro que vou, nem que seja para pedir-lhe contas da gente que teima em queimar as casas dos outros gritando: "Viva Colbert!”

Gourville fitou os ouvidos.

— Oh! oh! aludis ao que acaba de passar-se na Greve?

— Naturalmente.

— E no que pode isso interessar-vos?

— Como! perguntais em que pode interessar-me que o Sr. Colbert converta minha casa numa fogueira?

— Quer dizer que a vossa casa... Era vossa a casa que queriam queimar?

— Como não!

— A taberna da Imagem de Nossa Senhora vos pertence?

— Faz hoje oito dias.

— E sois o bravo capitão, a valente espada que dispersou os que pretendiam queimar os condenados?

— Meu caro Sr. Gourville, colocai-vos em meu lugar: sou agente da força pública e proprietário. Como capitão, corre-me o dever de velar por que se cumpram as ordens do rei. Como proprietário, tenho interesse em que não me queimem as propriedades. Obedeci, portanto, ao mesmo tempo, às leis do interesse e do dever restituindo os Srs. Lyodot e d'Eymeris às mãos dos arqueiros.

— E fostes vós quem atirou um homem pela janela?

— Eu mesmo — replicou, modesto, d'Artagnan.

— Quem matou Menneville?

— Tive essa desgraça — tornou d'Artagnan, cumprimentando como um homem felicitado.

— Fostes vós, enfim, quem levou os dois condenados a serem enforcados?

— Em vez de serem queimados, sim, senhor, e glorio-me disso. Arranquei os pobres diabos a torturas inimagináveis. Sabeis, meu caro Sr. Gourville, que tencionavam queimá-los vivos? Isso ultrapassa qualquer imaginação.

— Ide, meu caro Sr. d'Artagnan, ide — pediu Gourville, querendo poupar a Fouquet a vista de um homem que acabava de causar-lhe tão profundo pesar.

— Não — acudiu Fouquet, que ouvira da porta da antecâmara; — não, Sr. d'Artagnan, vinde, pelo contrário.

D'Artagnan alimpou um derradeiro vestígio de sangue do punho da espada que escapara à sua investigação e entrou.

Tornou a ver-se diante dos três homens, em cujos rostos se estampavam três expressões bem distintas: no do abade a cólera, no de Gourvílle o estupor, no de Fouquet o abatimento.

— Perdão, senhor ministro — disse d'Artagnan — mas o meu tempo é contado, preciso passar pela intendência a fim de explicar-me com o Sr. Colbert e receber o meu trimestre.

— Mas, senhor — disse Fouquet — há dinheiro aqui. D'Artagnan, espantado, encarou no superintendente.

— Deram-vos uma resposta inconsiderada, senhor, eu sei, eu ouvi — tornou o ministro; — um homem com os vossos méritos deveria ser conhecido de toda a gente.

Inclinou-se d'Artagnan.

— Tendes a ordem de pagamento? — perguntou Fouquet.

— Tenho, sim, senhor.

— Dai-ma, que eu mesmo vos pagarei; vinde.

Fez sinal a Gourville e ao abade, que ficaram na sala, e conduziu d'Artagnan ao gabinete. Assim

que chegou:
— Quanto vos devem, senhor?
— Cinco mil libras, monsenhor.
— De soldos atrasados?
— Por um trimestre.
— Um trimestre de cinco mil libras! — disse Fouquet fitando no mosqueteiro o olhar profundo; — são, portanto, vinte mil libras por ano que vos dá el-rei?
— São, monsenhor, são vinte mil libras; parece-vos demais?
— A mim! — exclamou Fouquet, e sorriu amargamente. — Se eu conhecesse os homens, se fosse, em vez de um espírito leviano, inconseqüente e vão, um espírito prudente e refletido; se, numa palavra, tivesse sabido, como certas pessoas, arrumar a minha vida, não receberíeis vinte mil libras por ano, mas cem mil, e estaríeis ao meu serviço, e não ao serviço do rei!
D'Artagnan corou levemente.
Há na forma de um elogio, na voz que elogia, no seu tom, um veneno tão capitoso, que o mais forte dos homens deixa-se, às vezes, embriagar por ele.
O superintendente terminou a alocução abrindo uma gaveta, de onde tirou quatro rolos que pôs defronte de d'Artagnan.
O gascão abriu um deles.
— Ouro! — exclamou.
— Ser-vos-á menos pesado, senhor.
— Mas aqui estão vinte mil libras!
— Exatamente.
— Mas só me devem cinco!
— Quero poupar-vos o trabalho de passar quatro vezes pela superintendência.
— Vós me cumulais de gentilezas!
— Faço o que devo, senhor cavaleiro, e espero que não me guardeis rancor pela acolhida de meu irmão. É um espírito violento e caprichoso.
— Senhor — volveu d'Artagnan — crede que nada me enfadaria mais do que ouvir uma desculpa vossa.
— Por isso mesmo não me desculparei e contentar-me-ei de pedir-vos um favor.
— Oh! senhor.
Fouquet tirou do dedo um brilhante que valeria cerca de mil pistolas.
— Senhor — disse ele — esta pedra foi-me dada por um amigo de infância, um homem a quem prestastes relevante serviço.
A voz de Fouquet alterou-se sensivelmente.
— Um serviço, eu! — tornou o mosqueteiro; — eu prestei um serviço a um amigo vosso?
— Não podeis tê-lo esquecido, senhor, pois foi hoje mesmo.
— E esse amigo se chamava?
— O Sr. d'Eymeris.
— Um dos condenados?
— Uma das vítimas... Pois bem! Sr. d'Artagnan, em paga do serviço que lhe prestastes, peço que aceiteis este brilhante. Fazei-o por mim.

— Eh bien! monsieur d'Artagnan, je vous prie d'accepter ce diamant. — Page 111.

— Senhor...

— Aceitai-o. O dia de hoje me é infausto. Mais tarde sabereis porque; hoje perdi um amigo; pois bem! procuro achar outro.

— Mas, Sr. Fouquet...

— Adeus, Sr. d'Artagnan, adeus! — exclamou o ministro com o coração alanceado — ou melhor, até à vista!

E saiu do gabinete deixando nas mãos do mosqueteiro o anel e as vinte mil libras.

— Oh! oh! — murmurou d'Artagnan após um momento de sombria reflexão; — terei compreendido? Com a fortuna! se compreendi, eis ai um homem extraordinário!... Vou pedir ao Sr. Colbert que me explique isso.

E saiu.

Capítulo LXIV - A diferença notável que encontrou d'Artagnan entre o senhor intendente e monsenhor superintendente

O SR. Colbert habitava uma casa na Rua Neuve-des-Petits-Champs, que pertencera a Beautru.

As pernas de d'Artagnan fizeram o trajeto em menos de quinze minutos.

Quando chegou à residência do novo favorito, encontrou o pátio cheio de arqueiros e de gente da polícia que vinham felicitá-lo ou escusar-se, segundo fossem acolhidos com um elogio ou uma censura. O sentimento da lisonja é instintivo nas pessoas de condição abjecta, que possuem o sentido dela, como o animal selvagem possui os da audição e do olfato. Essas pessoas, ou o seu chefe, tinham portanto compreendido que poderiam agradar ao Sr. Colbert contando-lhe como fora pronunciado o seu nome durante o turumbamba.

D'Artagnan apresentou-se no momento exato em que o chefe da ronda fazia o seu relatório. Deixou-se ficar perto da porta, atrás dos arqueiros.

O oficial tomou à parte Colbert, apesar da resistência e do sobrecenho do intendente.

— Se realmente desejáveis, senhor, que o povo justiçasse os dois traidores, devíeis ter-nos avisado; pois, afinal de contas, a despeito da nossa repugnância de desagradar-vos ou de contrariar os vossos desejos, precisávamos cumprir as nossas ordens.

— Cretino! — gritou Colbert, furioso, sacudindo o cabelo espesso e negro como uma crina — que me dizes? Como! eu, eu teria tido a idéia do motim? Estás louco ou bêbedo?

— Mas, senhor, todos gritavam: "Viva Colbert!" — retrucou o chefe da ronda muito comovido.

— Um punhado de conspiradores...

— Não, não, a massa popular!

— Oh! com efeito — disse Colbert, cujo rosto se expandiu — a massa popular gritava: "Viva Colbert"? Tens certeza?

— Bastava abrir os ouvidos, ou melhor, fechá-los, tão fortes eram os gritos.

— E era o povo, o verdadeiro povo?

— Sim, senhor; o mesmo povo que nos derrotou.

— Oh! muito bem — continuou Colbert, que seguia o fio dos próprios pensamentos. — Cuidas então que era só o povo quem queria queimar os condenados?

— Só o povo.

— Isso é outra coisa... E resististes?

— Tivemos três homens asfixiados.

— Mas não matastes ninguém, pelo menos?

— Senhor, ficaram no chão alguns arruaceiros e, entre outros, um homem de certa posição.

— Quem?

— Um tal Menneville, que a polícia, havia muito, procurava.

— Menneville! — bradou Colbert; — aquele que matou, na Rua de la Huchette, um bravo homem que queria comprar um frango gordo?

— Ele mesmo.

— E esse Menneville também gritava: "Viva Colbert"?

— Mais alto do que os outros; como um energúmeno.

A fronte de Colbert ensombreceu-se e enrugou-se.

A auréola ambiciosa que lhe aclarava o rosto extinguiu-se como o fogo dos vagalumes que esmagamos na granal.

— Dizias então — continuou o intendente decepcionado — que a iniciativa partia do povo? Menneville era meu inimigo; eu o teria mandado enforcar, e ele o sabia; Menneville estava a serviço do Abade Fouquet... o negócio todo vem de Fouquet; ignora-se, acaso, que os condenados eram seus amigos de infância?

"É verdade, pensou d'Artagnan, e com isso se esclarecem as minhas dúvidas. Pois repito, o Sr. Fouquet pode ser o que quiserem, mas é um gentil-homem."

— E tens certeza? — prosseguiu Colbert — de que esse Menneville está morto?

Entendeu d'Artagnan que era chegado o momento de apresentar-se.

— Perfeitamente — declarou, adiantando-se de sobressalto.

— Ah! sois vós? — disse Colbert.

— Em pessoa — replicou o mosqueteiro em tom deliberado; — parece que tínheis em Menneville um valente inimigozinho?

— Não era eu, senhor, quem tinha o inimigo — respondeu Colbert — era o rei.

— Grandíssima besta! — disse entre si d'Artagnan — usas comigo de arrogância e hipocrisia... Pois bem! — continuou em voz alta — folgo muito de haver prestado tão grande serviço ao rei; podeis encarregar-vos de dizê-lo a Sua Majestade, senhor intendente?

— Qual é o vosso recado, e de que me encarregais, senhor? Sede mais preciso, por favor — respondeu Colbert com voz áspera e prenhe de hostilidade.

— Não vos dou recado algum — tornou d'Artagnan com a calma que nunca desampara os chocarreiros. — Cuidei que vos seria fácil anunciar a Sua Majestade que eu, achando-me casualmente por lá, justicei o Sr. Menneville e restabeleci a ordem.

Colbert arregalou os olhos e com eles interrogou o chefe da ronda.

— É verdade — confirmou o outro — foi este senhor quem nos salvou.

— Por que não dissestes logo que vínheis contar-me isso? — acudiu Colbert com inveja — tudo se explicaria, e melhor para vós que para outro qualquer.

— Estais enganado, senhor intendente, não vim contar-vos coisíssima nenhuma.

— Mas foi uma proeza! — Oh! — redarguiu o mosqueteiro, displicente — os hábitos inveterados insensibilizam a gente.

— A que devo então a honra de visita?

— Simplesmente ao seguinte: el-rei ordenou-me que viesse procurar-vos.

— Ah! — disse Colbert, reaprumando-se, pois via d'Artagnan tirar um papel do bolso — para pedir-me dinheiro?

— Precisamente.

— Tendes a bondade de esperar; estou recebendo o relatório da ronda.

D'Artagnan girou sobre os calcanhares insolentissimamente e, vendo-se diante de Colbert após o primeiro giro, saudou-o como o teria feito Arlequim; em seguida, fazendo segunda evolução, dirigiu-se à porta em passos largos.

Colbert ficou impressionado com aquela vigorosa resistência a que não estava habituado. De ordinário, quando o procuravam, os militares precisavam tanto de dinheiro, que, ainda que os seus pés ameaçassem deitar raízes no mármore, a paciência deles não se esgotava.

Iria d'Artagnan diretamente à presença do rei? Iria queixar-se de uma recepção pouco amistosa ou contar a sua façanha? O assunto exigia reflexão.

Em todo o caso, era mal escolhido o momento para mandá-lo embora, viesse ele da parte do rei,

viesse da sua. O monsenhor prestara um esplêndido serviço havia muito pouco tempo, para que este já tivesse caído no esquecimento.

Daí refletir Colbert que seria melhor deixar de parte a arrogância e chamar de novo d'Artagnan.

— Eh! Sr. d'Artagnan — gritou — como! é assim que me deixais?

Voltou-se o mosqueteiro.

— E por que não? — respondeu tranqüilamente; — não temos mais nada que dizer, não é verdade?

— Vós, pelo menos, tendes dinheiro para cobrar, visto que trazeis uma ordem de pagamento?

— Eu? de maneira alguma, meu caro Sr. Colbert.

— Mas, afinal, senhor, trazeis um vale! E assim como dais uma estocada pelo rei quando se apresenta a ocasião, eu pago, quando me apresentam uma ordem de pagamento. Apresentai-ma.

— Seria inútil, meu caro Sr. Colbert — disse d'Artagnan, que se deliciava intimamente com o alvoroço das idéias de Colbert; — o vale já foi pago.

— Pago! por quem?

— Pelo superintendente. Colbert empalideceu.

— Explicai-vos, então — volveu com voz abafada; — se fostes pago, por que me mostrais o papel?

— Por causa da ordem de que há pouco faláveis tão engenhosamente, meu caro Sr. Colbert; o rei me disse para cobrar um trimestre da pensão que houve por bem conceder-me...

— Em minha casa?... — interrompeu Colbert.

— Não precisamente. Disse-me el-rei: "Ide à casa do Sr. Fouquet: o superintendente talvez não tenha dinheiro; ireis então à casa do Sr. Colbert".

Iluminou-se momentaneamente o rosto de Colbert; mas dava-se com a sua desgraçada fisionomia o que se dá com um céu de tempestade, ora radioso, ora escuro como a noite, segundo fuzila o relâmpago ou passa uma nuvem.

— E... havia dinheiro em casa do superintendente? — perguntou.

— Havia, e bastante — replicou d'Artagnan... — Pelo menos devia haver, pois o Sr. Fouquet, em lugar de pagar-me um trimestre de cinco mil libras...

— Um trimestre de cinco mil libras! — exclamou Colbert, impressionado como o próprio Fouquet pelo vulto da soma destinada a pagar os serviços de um soldado; — são vinte mil libras por ano!

— Exatamente, Sr. Colbert! Contais como o finado Pitágoras; vinte mil libras, sim, senhor.

— Dez vezes os honorários de um intendente das finanças. Pois eu vos felicito — voltou Colbert com um sorriso venenoso.

— Oh! o rei escusou-se — continuou D'Artagnan — por dar-me tão pouco; e prometeu ressarcir-me mais tarde, quando for rico... Mas vamos ao fim, que tenho pressa...

— Sim, e apesar das previsões do rei, o superintendente vos pagou?

— Como, apesar das previsões do rei, recusastes pagar-me.

— Não recusei, não, senhor, apenas pedi que esperásseis. E dizeis que o Sr. Fouquet vos pagou as cinco mil libras?

— Oh! isso teríeis feito vós; e ainda assim, não sei... ele fez mais, meu caro Sr. Colbert.

— Que foi o que ele fez?

— Pagou-me polidamente a totalidade da soma, dizendo que, para o rei, as caixas estão sempre cheias.

— A totalidade da soma! O Sr. Fouquet vos pagou vinte mil libras em vez de cinco mil?

— Pagou, sim, senhor.

— E por quê?

— Para poupar-me três visitas à caixa da superintendência; por conseguinte, tenho vinte mil libras aqui, no bolso, em lindo e novíssimo ouro. Vedes, portanto, que posso ir andando, pois não preciso absolutamente de vós, e só vos procurei por mera questão de formalidade.

E d'Artagnan bateu nos bolsos dando uma gargalhada, que mostrou a Colbert trinta e dois magníficos dentes, brancos como dentes de vinte e cinco anos, que pareciam dizer em sua linguagem: "Dai-nos trinta e dois Colbertzinhos e nós os paparemos com prazer".

A cobra é tão valente quanto o leão, o gavião tão corajoso quanto a águia, e isso é incontestável.

Nem sequer os animais tidos por covardes deixam de ser bravos quando se defendem. Colbert não teve medo dos trinta e dois dentes de d'Artagnan; empertigou-se e, de chofre:

— Senhor — disse ele — o senhor superintendente não tinha o direito de fazer o que fez.

— Que me dizeis? — replicou d'Artagnan.

— Digo que a vossa conta... Quereis fazer-me o obséquio de mostrar a vossa conta?

— Com muito prazer; ei-la.

Colbert apoderou-se do papel com uma rapidez que o mosqueteiro não observou sem inquietação e, sobretudo, sem algum pesar de havê-lo entregue.

— Pois bem! senhor — disse Colbert — reza a ordem de pagamento real:

> *"À vista, ordeno que se pague ao Sr. d'Artagnan a soma de cinco mil libras, que apresentam a quarta parte da pensão que lhe concedi".*

— Está escrito, de fato — conveio d'Artagnan, simulando calma.

— Pois bem! o rei só vos devia cinco mil libras; que tinha o Sr. Fouquet de dar-vos mais?

— Deu porque podia dispor de mais e queria dar mais; ninguém tem nada com isso.

— É natural — acudiu Colbert com orgulhosa desenvoltura — que ignoreis as normas da contabilidade; mas, senhor, quando tendes mil libras para pagar, que fazeis?

— Nunca tenho mil libras para pagar — replicou d'Artagnan.

— Ora!... — exclamou Colbert irritado — se tivésseis que fazer um pagamento, pagaríeis tão-somente o que devêsseis.

— Isso prova apenas uma coisa — tornou d'Artagnan: — tendes os vossos hábitos particulares em matéria de contabilidade, e o Sr. Fouquet tem os seus.

— Os meus, senhor, são os bons.

— Não digo que não.

— E vós recebestes o que não vos deviam.

O olhar de d'Artagnan despediu uma chispa.

— O que não me deviam ainda, é o que quereis dizer, Sr. Colbert; pois se eu receber o que absolutamente não me deviam, teria cometido um roubo.

Colbert não respondeu a essa sutileza.

— Deveis, portanto, quinze mil libras à caixa — insistiu, movido de invejoso ardor.

— Nesse caso, podereis debitá-las na minha conta — replicou d'Artagnan com imperceptível ironia.

— De maneira nenhuma.

— Homessa! como assim?... Quereis retomar os meus três rolos?

— Vós os restituireis à minha caixa.

— Eu? Ah! Sr. Colbert, não espereis por isso...

— O rei precisa do seu dinheiro, senhor.

— E eu, senhor, preciso do dinheiro do rei.

— Seja; mas vós restituireis.

— Em hipótese alguma. Sempre ouvi dizer que, em matéria de contabilidade, como dizeis, um bom caixeiro nunca devolve e nunca retoma.

— Nesse caso, senhor, veremos o que dirá o rei, a quem mostrarei esta conta, prova de que o Sr. Fouquet não só paga o que não deve, como nem guarda recibo do que paga.

— Ah! agora compreendo — bradou d'Artagnan — porque me tomasses o papel, Sr. Colbert.

Colbert nem sequer imaginou quantas ameaças encerrava o seu nome pronunciado daquela maneira.

— Vereis mais tarde a utilidade dele — replicou, agitando a ordem de pagamento entre os dedos.

— Oh! — exclamou d'Artagnan, recuperando o papel com gesto rápido — compreendo-o perfeitamente, Sr. Colbert, e não preciso esperar.

E enfiou no bolso o papel que acabava de arrebatar.

— Senhor, senhor! — bradou Colbert... — essa violência...

— Ora! levareis a sério os modos de um soldado? — volveu o mosqueteiro; — recebei os meus salamaleques, Sr. Colbert!

E saiu cascalhando nas fuças do ministro.

— Esse homem vai-me adorar — murmurou; — é pena que eu já não possa fazer-lhe companhia.

Capítulo LXV - Filosofia do coração e do espírito

PARA quem já se vira em situações muito mais melindrosas, a posição de d'Artagnan em face de Colbert era apenas cômica.

O mosqueteiro, portanto, não desdenhou a satisfação de rir-se às expensas do senhor intendente desde a Rua Neuve-des-Petits-Champs até à Rua des Lombards.

A distância é grande. D'Artagnan, por conseguinte, riu durante muito tempo.

Ria-se ainda quando lhe surgiu Planchet, rindo também, à porta de sua casa.

Desde a volta do amo, desde a entrada dos guinéus ingleses, passava Planchet a maior parte da vida fazendo o que d'Artagnan acabara de fazer entre a Rua Neuve-des-Petits-Champs e a Rua des Lombards.

— Estais chegando, meu amo? — perguntou o merceeiro.

— Não, meu amigo — replicou o oficial — estou partindo, e depressa, isto é, vou cear, deitar-me, dormir cinco horas e, ao alvorecer, montarei a cavalo... Deram ração e meia ao meu animal?

— Ora, meu querido amo — replicou Planchet — sabeis muito bem que o vosso cavalo é o ai-Jesus da casa, que os meus empregados cobrem-no de beijos o dia inteiro e lhe dão de comer o meu açúcar, as minhas avelãs e os meus biscoitos. Perguntais se lhe deram a ração de aveia? Perguntai antes se não lhe deram com que estourar dez vezes.

— Bem, Planchet, bem. Passemos ao que me concerne. A ceia?

— Está pronta: um assado fumegante, vinho branco, lagostins, cerejas frescas. Coisa fina.

— És um homem amável, Planchet; ceemos, pois, que preciso deitar-me.

Durante a ceia, observou d'Artagnan que Planchet esfregava repetidamente a testa como se quisesse facilitar a saída de uma idéia que se lhe aninhara o cérebro.

Considerou com expressão afetuosa o digno companheiro dos reveses de outrora e, tocando-lhe no copo com o seu.

— Vejamos — disse ele — amigo Planchet, vejamos o que tanto te custa anunciar-me; com a fortuna! fala com franqueza, que falarás depressa.

— É o seguinte — respondeu Planchet: — vós me pareceis empenhado numa expedição qualquer.

— Não digo que não.

— Nesse caso tereis tido alguma idéia nova.

— É possível, Planchet.

— Haverá, então, novos capitais para arriscar? Emprego minhas cinqüenta mil libras na vossa idéia.

E Planchet esfregou as mãos com a velocidade que proporcionara uma grande alegria.

— Planchet — replicou d'Artagnan — só há um inconveniente.

— Qual?

— A idéia não é minha... Não posso explorá-la.

Estas palavras arrancaram profundo suspiro do coração de Planchet. Ardente conselheira é a avareza; arrebata o homem como Satanás a Jesus na montanha e, depois de ter mostrado a um infeliz todos os reinos da terra, pode descansar, pois sabe muito bem que deixa sua companheira, a inveja, para morder-lhe o coração.

Planchet provara a riqueza fácil e já não podia limitar os seus desejos; mas, como fosse um bom coração, apesar da avidez, e adorasse d'Artagnan, não pôde menos de fazer-lhe mil e uma

recomendações, qual mais afetuosa.

Também não se teria zangado se conseguisse apanhar um restinho qualquer do segredo que tão bem ocultava o amo: astúcias, momices, conselhos e estratagemas, foi tudo em vão; d'Artagnan não lhe revelou nada de confidencial.

Assim andaram as horas. Terminada a ceia, ocupou-se d'Artagnan da mala; deu uma volta pela cocheira, acariciou o cavalo, examinando-lhe as ferraduras e as pernas; depois, tendo contado de novo o dinheiro, enfiou-se na cama e, como aos vinte anos, porque não tinha inquietações nem remorsos, fechou as pálpebras cinco minutos depois de ter apagado a lâmpada.

Muitos acontecimentos, todavia, poderiam tê-lo mantido acordado. As idéias fervilhavam-lhe no cérebro, as conjeturas abundavam, e d'Artagnan era um grande tirador de horóscopos; mas, com a fleuma impertubável que vale ao gênio mais que a fortuna e a felicidade às pessoas de ação, deixou a reflexão para o dia seguinte, com receio, disse entre si, de não se sentir repousado no momento.

Raiou o dia. A Rua des Lombards recebeu a sua parte das carícias da aurora de dedos cor-de-rosa, e d'Artagnan levantou-se com a aurora.

Não acordou ninguém, enfiou a mala debaixo do braço, desceu a escada sem fazer ranger um único degrau, sem perturbar um só dos roncos sonoros que se ouviam do sótão ao porão; depois, tendo selado o cavalo, fechado o estábulo e a loja, encetou a passo a expedição da Bretanha.

Tivera razão de não pensar na véspera em todos os assuntos políticos e diplomáticos que lhe solicitavam o espírito, pois de manhã, na frescura e suavidade do crepúsculo matutino, sentiu que as idéias se lhe desenvolviam puras e fecundas.

Em primeiro lugar, passou diante da casa de Fouquet e atirou na imensa caixa do correio à porta do superintendente o bendito papel que, no dia anterior, tanto lhe custara arrancar aos dedos ganchosos do intendente.

Metido num sobrescrito com o endereço de Fouquet, o papel não fora sequer adivinhado por Planchet, que, em matéria de adivinhação, valia Calcas e Apolo pítico.

D'Artagnan remetia, pois, o recibo a Fouquet, sem se comprometer e sem ter o que exprobrar a si mesmo.

Feita a cômoda restituição:

— Agora — disse ele — sorvamos muito ar matinal, muita indiferença, muita saúde, deixemos que respire o cavalo Zéfiro, que entumesce os flancos como se quisesse aspirar um hemisfério, e sejamos muito engenhosos nas nossas combinaçõezinhas.

"Já é tempo — prosseguiu — de traçar um plano de campanha e, segundo o método do Sr. de Turenne, que tem a cabeçorra cheia de bons avisos, antes do plano de campanha convém traçar um retrato tão exato quanto possível dos generais inimigos que teremos de enfrentar.

"Em primeiro lugar apresenta-se o Sr. Fouquet. Mas quem é, afinal, o Sr. Fouquet?

"O Sr. Fouquet — respondeu a si mesmo d'Artagnan — é um homem bem parecido, adorado pelas mulheres; um gentil-homem, que ama os poetas; um homem de espírito execrado pelos borra-botas.

"Não sou mulher, nem poeta, nem borra-botas; por conseguinte, não amo nem odeio o senhor superintendente: encontro-me na mesmíssima posição em que se encontrou o Sr. de Turenne quando lhe foi preciso vencer a batalha das Dunas. Não odiava os espanhóis, mas derrotou-os completamente.

"Não; há exemplo melhor ainda, que diabo! Estou na posição em que se encontrou o próprio Sr. de Turenne quando teve pela frente o Príncipe de Conde em Jargeau, em Gien e no bairro de Santo Antônio. Ele não execrava o senhor príncipe, é verdade, mas obedecia ao rei. O senhor príncipe é um homem encantador, mas o rei é o rei; Turenne soltou um suspiro muito profundo, chamou Conde de

"meu primo" e desbaratou-lhe o exército.

"Agora, que quer el-rei? Isso não é comigo.

"Que quer o Sr. Colbert? Oh! isso já é outra coisa. O Sr. Colbert quer tudo o que não quer o Sr. Fouquet.

"Que quer, então, o Sr. Fouquet? Oh! oh! isso é grave. O Sr. Fouquet quer precisamente tudo o que quer el-rei."

Concluído o monólogo, d'Artagnan pôs-se novamente a rir, fazendo assobiar a chibata. Já estava em plena estrada, espantando os pássaros nas sebes, ouvindo os luíses que lhe tilintavam a cada solavanco na bolsa de couro, e, confessemo-lo, cada vez que d'Artagnan se via em semelhantes condições, não era a ternura o seu vício preponderante.

— Vamos — disse ele — a expedição não é tão perigosa assim, e a minha viagem será como aquela peça que o Sr. Monck me levou a ver em Londres, e que se chamava, se não me engano: Muita bulha por nada.

Capítulo LXVI - Viagem

SERIA, porventura, a qüinquagésima vez, desde o dia em que principiamos esta história, que aquele homem de coração de bronze e músculos de aço deixava casa e amigos, tudo enfim, para sair em busca da fortuna e da morte. Uma, isto é, a morte, recuara costantemente diante dele, como se o temesse; a outra, isto é, a fortuna, só um mês antes se aliara de fato com ele.

Se bem não fosse um grande filósofo, à maneira de Epicuro ou de Sócrates, era uma inteligência vigorosa, que tinha a prática da vida e do pensamento. Ninguém é bravo, nem aventuroso, nem destro como d'Artagnan sem ser, ao mesmo tempo, meio sonhador.

Conservara, portanto, umas poucas máximas do Sr. de La Rochefoucault, dignas de serem postas em latim pelos senhores de Port-Royal, e colecionara de passagem, privando com Athos e Aramis, muitos passos de Séneca e de Cícero, traduzidos por eles e aplicados aos fatos da vida comum.

O desprezo das riquezas, que o nosso gascão observara como artigo de fé durante os primeiros trinta e cinco anos de sua vida, fora muito tempo considerado por ele como o artigo primeiro do código da bravura.

— Artigo 1.°, dizia:

"Somos bravos porque não temos nada.

"Não temos nada porque desprezamos as riquezas".

Em face desses princípios, que, como dissemos, lhe haviam regido os trinta e cinco primeiros anos de existência, assim que se viu rico teve d'Artagnan de perguntar a si mesmo se, a despeito da riqueza, continuava a ser bravo.

A essa pergunta, para qualquer outra pessoa, teria servido de resposta o acontecido na Praça da Greve, que satisfaria muitas consciências; mas d'Artagnan era suficientemente bravo para perguntar a si próprio, sincera e conscienciosamente, se de fato o era.

Daí que a esta reflexão:

— Parece-me que puxei da espada com suficiente rapidez e esgrimi com suficiente propriedade na Praça da Greve para estar convencido da minha bravura.

D'Artagnan respondesse a si mesmo:

— Devagar, capitão! isto não é resposta que se dê. Fui bravo nesse dia porque me queimavam a casa, e aposto cem e até mil contra um que, se aos tais senhores amotinados não tivesse ocorrido essa infeliz idéia, teria triunfado o seu plano de ataque, ou pelo menos não seria eu quem se lhe opusesse.

"Agora, que tentarão contra mim? Não tenho casa para queimar na Bretanha; não possuo tesouro que possam arrebatar-me.

"Não, mas tenho a minha pele; a preciosa pele do Sr. d'Artagnan, que vale todas as casas e tesouros do mundo; uma pele que prezo acima de tudo porque é, afinal de contas, a encadernação de um corpo em que bate um coração muito quente e muito satisfeito de bater e, portanto, de viver.

"Por conseguinte, desejo viver, e em verdade vivo bem melhor, bem mais intensamente, depois que fiquei rico. Quem foi que disse que o dinheiro estraga a vida? Que chapadíssima besteira! Parece-me, ao contrário, que agora absorvo dupla quantidade de ar e de sol. Com a breca! que acontecerá então se eu duplicar a fortuna e se, em vez da varinha que levo na mão, levar algum dia o bastão de marechal?

"Não sei se haverá, a partir desse momento, ar e sol suficientes para mim.

"Na verdade, não é apenas um sonho; quem diabo se oporia a que o rei me fizesse duque e

marechal, como seu pai, o Rei Luís XIII, fez duque e condestável Alberto de Luynes? Não serei, acaso, tão bravo e muito mais inteligente do que o imbecil do Vitry?

"Ah! eis precisamente o que se oporá à minha promoção: sou inteligente demais.

"Contudo, se houver justiça neste mundo, a fortuna me deve algumas compensações. Deve-me, sem dúvida, uma recompensa por tudo o que fiz por Ana d'Áustria e uma indenização por tudo o que ela deixou de fazer por mim.

"Neste momento, portanto, estou bem com um rei, e com um rei que parece querer reinar.

"Deus o mantenha nesse ilustre caminho! Pois se quiser reinar, precisará de mim e, se precisar de mim, terá de dar-me o que me prometeu. Calor e luz. Por conseguinte, caminho hoje, relativamente, como caminhava outrora: do nada para o tudo.

"Mas o nada de hoje é o tudo de outros tempos; foi essa a única alteraçãozinha em minha vida.

"E agora, vejamos! tratemos do coração, visto que há pouco falamos nele.

E o gascão levou a mão ao peito, como se de fato o procurasse.

— Ah! desgraçado! — murmurou, sorrindo com azedume. — Ah! pobre diabo! esperaste não ter coração, e estás vendo que o tens, cortesão gorado e sedicioso!

"Um coração que te fala em favor do Sr. Fouquet.

"Mas quem é o Sr. Fouquet, afinal de contas, quando se trata do rei? Um conspirador, um verdadeiro conspirador, que nem sequer se deu ao trabalho de esconder-te que conspirava; por isso mesmo, que linda arma não terias contra ele, se a sua afabilidade e o seu espírito não tivessem feito uma bainha para essa arma!

"A revolta à mão armada!... pois o caso é que o Sr. Fouquet planeou uma revolta à mão armada.

"Dessarte, quando o rei desconfia vagamente de uma surda rebelião do Sr. Fouquet, eu sei e posso provar que o Sr. Fouquet fez derramar o sangue dos súditos do rei.

"Vejamos agora: sabendo tudo isso e calando-o, que mais quer este coração tão compadecido por um gesto amável do Sr. Fouquet, por um adiantamento de quinze mil libras, por um brilhante de mil pistolas, por um sorriso em que havia tanto azedume quanta benevolência?

Salvo-lhe a vida.

"Agora espero — continuou o mosqueteiro — que esse coração palerma fique quieto e sinta-se inteiramente quite com o Sr. Fouquet.

"Portanto, o rei é hoje o meu sol, e como tenho o coração quite com o Sr. Fouquet, ai daquele que se meter diante do meu sol. Para a frente por Sua Majestade Luís XIV, para a frente!”

Essas reflexões eram os únicos impedimentos que poderiam retardar a marcha de d'Artagnan.

Ora, assim que as concluiu, apertou o passo da cavalgadura.

Mas, por melhor que fosse o cavalo Zéfiro, não poderia andar eternamente. No dia seguinte à partida de Paris, ficou em Chartres, em casa de um velho amigo de d'Artagnan, um estalajadeiro da cidade.

A partir desse momento, viajou o mosqueteiro em cavalos de posta e assim atravessou o espaço que separa Chartres de Chateaubriant.

Nessa última cidade, ainda muito afastada do litoral para que alguém adivinhasse que o mosqueteiro se destinava ao mar e muito afastada de Paris para que alguém suspeitasse que viera de lá, o mensageiro de Sua Majestade Luís XIV, que d'Artagnan chamara o seu sol sem imaginar que o jovem monarca, pobre estrelinha no céu da realeza, faria um dia desse astro o seu emblema; o mensageiro de Luís XIV, dizemos, deixou a posta e comprou um cavalicoque muito mambembe, uma dessas montarias que um oficial de cavalaria seria incapaz de aceitar, com medo de desonrar-se.

Tirante o pêlo, a nova aquisição lembrava-lhe extraordinariamente o célebre cavalo cor de laranja

com o qual, ou melhor, sobre o qual entrara em cena no princípio desta história.

Cumpre dizer, a bem da verdade, que desde o momento em que se escarranchou sobre o matungo, já não era d'Artagnan quem viajava, mas um burguês ostentando gibão cor de ferrugem, bragas cor de castanha, meio termo entre o padre e o leigo; próximo sobretudo do eclesiástico pelo barrete de veludo cotiado que enfiara na cabeça e sobre o qual pusera um chapelão preto; não levava espada: carregava apenas um porrete preso por uma corda ao antebraço, ao qual juntaria, como auxiliar inesperado, em caso de precisão, um bom punhal de dez polegadas escondido sob a capa.

O canivete comprado em Châteaubriant completava a diferença. Chamava-se, ou melhor, d'Artagnan lhe pusera o nome de Furet.

— Se de Zéfiro saiu Furet — disse d'Artagnan — preciso tirar do meu nome um diminutivo qualquer.

"Portanto, em vez de d'Artagnan, serei apenas Agnan; é uma concessão que devo naturalmente à minha roupa cor de cinza, ao meu chapéu redondo e ao meu barrete cotiado.

O Sr. Agnan viajou sem muito sacolejar sobre o dorso de Furet, que ia a passo travado e ainda assim percorria galhardamente as suas doze léguas por dia, graças a quatro pernas secas como fusos, cujo aprumo e segurança adivinhara a vista exercitada do mosqueteiro sob o manto espesso de pêlos que vos cobria.

De caminho, o viajante tomava notas, estudava a região severa e fria, procurando ao mesmo tempo o pretexto mais plausível para ir a Belle-Isle-en-Mer e ver tudo sem despertar suspeitas.

Dessa maneira, pôde persuadir-se da importância que assumia o caso à medida que se aproximava.

Naquela região afastada, naquele antigo ducado da Bretanha que não era francês nessa época, e ainda não o é hoje em dia, o povo não conhecia o rei de França.

Não o conhecia nem queria conhecê-lo.

Um fato, um único fato sobrenadava, manifesto, na corrente da política. Já não governavam os antigos duques, mas a Bretanha era um vácuo: nada mais. Em lugar do duque soberano, reinavam discricionariamente os senhores das paróquias.

E, acima desses senhores, Deus, que nunca foi esquecido na Bretanha.

Entre esses suzeranos de castelos e campanários, o mais poderoso, o mais rico e, sobretudo, o mais popular era o Sr. Fouquet, senhor de Belle-Isle.

Até na região, até em face da ilha misteriosa, as lendas e tradições lhe consagravam as maravilhas.

Nem todos tinham acesso a ela; medindo seis léguas de comprimento por seis de largura, constituía a ilha uma propriedade senhorial que o povo respeitara por muito tempo, visto que a cobria o nome de Retz, tão temido naquelas redondezas.

Pouco após a elevação da senhoria a marquesado por Carlos IX, Belle-Isle passara ao Sr. Fouquet.

A sua celebridade não datava da véspera: o seu nome, ou melhor, a sua qualificação, remontava à mais alta antigüidade; os antigos chamavam-lhe Kalonèse, nome composto de duas palavras gregas que significam ilha bela.

Dessa maneira, mil oitocentos anos antes, ela possuía, em outro idioma, o nome atual.

Era, portanto, alguma coisa em si mesma a propriedade do senhor superintendente, além de estar situada a seis léguas do litoral francês, situação que a tornava soberana em sua solidão marítima, como um navio majestoso que, desprezando as abras, houvesse fundeado, orgulhoso, no meio do oceano.

D'Artagnan ficou sabendo tudo isso sem dar a mínima demonstração de espanto: ficou sabendo também que o melhor meio de informar-se era ir a Roche-Bernard, cidade importante na embocadura

do Vilaine.

Talvez lá pudesse embarcar-se. Em caso negativo, atravessando os pântanos salinos, iria a Guérande ou a Croisic, onde aguardaria ensejo de seguir para Belle-Isle. De resto, percebera, desde que partira de Chateaubriant, que nada seria impossível a Furet impulsionado pelo Sr. Agnan, e nada seria impossível ao Sr. Agnan inspirado por Furet.

Preparou-se, pois, para zampar uma cerceta e uma torta numa estalagem de La Roche-Bernard, e mandou vir da adega, a fim de regar as duas iguarias bretãs, uma cidra que, ao tocar simplesmente com a extremidade dos lábios, verificou ser infinitamente mais bretã que o resto.

Capítulo LXVII - De como d'Artagnan travou relações com um poeta que se fizera impressor para imprimir os seus versos

ANTES de pôr-se à mesa, d'Artagnan tomou, como de hábito, as suas informações; mas é um axioma de curiosidade que todo homem que deseja ser bem sucedido num interrogatório deve deixar-se primeiro interrogar.

Procurou, portanto, com a costumeira habilidade, um útil inquiridor na estalagem de La Roche-Bernard.

Havia precisamente nessa casa, no primeiro andar, dois viajantes que também se entretinham com os preparativos do jantar ou com o jantar propriamente dito.

D'Artagnan vira-lhes na cocheira a montaria e, na sala, a bagagem.

Um viajava com um lacaio, como se fosse um personagem, e dois jumentos do Perche, bonitos e redondos, que lhes serviam de montada.

O outro, insignificante companheiro, viajeiro de magra aparência, vestia cobre-tudo empoeirado, roupa branca surrada, botas mais cansadas pelo calçamento das ruas que pelos estribos; viera de Nantes numa carroça puxada por um cavalo tão parecido com Furet na cor, que d'Artagnan teria de andar mais de cem léguas para encontrar parelha mais emparelhada.

A carroça trazia uns pacotes muito grandes embrulhados em panos velhos.

— Esse viajante — disse em si d'Artagnan — é dos meus. Agrada-me e convém-me. Devo agradar-lhe e convir-lhe. O Sr. Agnan, de gibão cor de cinza e barrete surrado não é indigno de jantar com o senhor de botas velhas e velhíssimo cavalo.

Dito isso, chamou o estalajadeiro e ordenou-lhe que levasse a cerceta, a torta e a cidra ao quarto do homem modesto.

E subindo, com o prato na mão, a escada de madeira que conduzia ao quarto, bateu à porta.

— Entrai! — disse o desconhecido.

D'Artagnan entrou com o coração na boca, o prato debaixo do braço, o chapéu numa das mãos e a vela na outra.

— Senhor — exordiou — desculpai-me; sou, como vós, um viajante; não conheço ninguém na estalagem, e tenho o mau vezo de aborrecer-me quando como sozinho; de sorte que o jantar me parece ordinário e não me aproveita. A vossa pessoa, que avistei há pouco quando descestes para pedir que vos abrissem as ostras, a vossa pessoa me agradou muitíssimo. De mais a mais, observei que o vosso cavalo é parecidíssimo com o meu, e que o estalajadeiro, por causa da semelhança, com certeza, colocou-os lado a lado na cocheira, onde ficaram encantados em companhia um do outro. Ora, não vejo, senhor, porque hão de estar separados os amos, estando os cavalos reunidos. Em conseqüência, venho solicitar-vos o prazer de ser admitido à vossa mesa. Chamo-me Agnan, Agnan para servir-vos, indigno intendente de um rico fidalgo que tenciona comprar salinas nesta região e mandou-me visitar as suas futuras aquisições.

Na verdade, senhor, eu quisera que a minha pessoa vos agradasse tanto quanto a vossa me agradou, pois sou um criado para servir-vos.

O estranho, que o mosqueteiro via pela primeira vez, pois, apenas o entrevira, tinha os olhos pretos e brilhantes, tez amarelada, testa enrugada pelo peso de uns cinqüenta anos, bonomia no conjunto dos traços, e inteligência no olhar.

— Quem o visse diria — cuidou d'Artagnan entre si — que esse camarada nunca utilizou outra

coisa senão a parte superior da cabeça, os olhos e o cérebro. Deve ser um homem de ciência: a boca, o nariz e o queixo não dizem absolutamente nada.

— Senhor — replicou o homem cujos pensamentos e cuja pessoa eram assim escudrinhados — vós me concedeis uma grande honra; não que eu me aborrecesse — ajuntou, sorrindo — pois tenho uma companhia que sempre me distrai; mas não importa, folgo muitíssimo de receber-vos.

Todavia, pronunciando essas palavras, o homem das botas gastas dirigiu um olhar inquieto para a mesa, de onde haviam desaparecido as ostras e onde não restava senão um pedaço de toucinho salgado.

— Senhor -— apressou-se em dizer d'Artagnan — o estalajadeiro vai trazer-me uma linda cerceta assada e uma torta magnífica.

Lera d'Artagnan no olhar do outro, por fugidio que fosse o receio de haver-se com um parasita.

Adivinhara: ouvindo a última informação, desenrugaram-se os traços do homem modesto.

De fato, como se estivesse apenas esperando um sinal para entrar, o estalajadeiro apareceu incontinenti com os pratos anunciados.

Tendo sido acrescentados a torta e a cerceta ao naco de toucinho grelhado, d'Artagnan e o conviva se cumprimentaram e assentaram, rosto a rosto, e como dois irmãos partilharam o toucinho e os mais pratos.

— Senhor — disse d'Artagnan — confessai que é maravilhosa coisa a associação.

— Por quê? — perguntou o estranho com a boca cheia.

— Por quê? Eu vou dizer-vos — respondeu d'Artagnan.

O desconhecido interrompeu os movimentos das mandíbulas para escutar melhor.

— Primeiro — continuou d'Artagnan — em vez de uma vela que tinha cada um de nós, temos duas.

— É verdade — conveio o companheiro, impressionado pela extrema justeza da observação.

— Depois, vejo que comeis de preferência a minha torta ao passo que eu, de preferência, como o vosso toucinho.

— Também é verdade.

— Enfim, acima do prazer de estarmos melhor iluminados e de comermos o de que mais gostamos, coloco o prazer da sociedade.

— Na verdade, senhor, sois jovial — acudiu, afável, o desconhecido.

— Naturalmente, senhor; jovial como todos os que não têm nada na cabeça. Oh! já não se dá o mesmo convosco, e vejo em vossos olhos todas as sortes de gênio.

— Oh! senhor...

— Confessai-me uma coisa.

— O quê?

— Sois um sábio.

— Palavra, senhor...

— Hein?

— Quase.

— Eu não disse?

— Sou autor.

— Aí está! — bradou d'Artagnan maravilhado, batendo palmas. — Eu não me enganara! É um milagre...

— Senhor...

— Como! — continuou d'Artagnan — terei acaso a ventura de passar a noite em companhia de um autor, de um autor célebre talvez?

— Oh! — atalhou o desconhecido corando — célebre, senhor, não é bem o termo.
— Modesto! — exclamou d'Artagnan extasiado — ele é modesto!
Logo, voltando-se para o estranho com repentina expressão de bonomia:
— Mas dizei-me, pelo menos, o nome de vossas obras, pois tereis observado que não me dissestes o vosso e fui obrigado a adivinhar o que sois.
— Chamo-me Jupenet — disse o autor.
— Bonito nome! — exclamou d'Artagnan — bonito nome, palavra! e não sei porque, perdoai-me o equívoco, se é que estou equivocado, mas creio tê-lo ouvido pronunciar algures.
— Andei fazendo uns versinhos — confessou modestamente o poeta.
— Sem dúvida os li.
— Uma tragédia.
— Devo ter assistido a ela. Corou novamente o poeta.
— Não creio, pois os meus versos nunca se imprimiram.
— Então! Eu não disse? Foi a tragédia que me deu a conhecer o vosso nome.
— Outro engano, pois os senhores comediantes do palácio de Borgonha recusaram-na — disse o poeta com o sorriso cujo segredo só conhecem certos orgulhos.
D'Artagnan mordeu os lábios.
— Portanto, senhor — continuou o poeta — vós vos enganastes, como vedes, a meu respeito, e, não me conhecendo de maneira alguma, não podeis ter ouvido falar de mim.
— Eis o que me confunde. E, no entanto, o nome Jupenet parece-me lindo e digno de ser conhecido, tanto quanto os dos Srs. Corneille, Rotrou ou Garnier. Espero que me façais a fineza de contar-me um pouco a vossa tragédia, à sobremesa. Será assim uma espécie de torrada com açúcar, que diabo! Perdão, senhor, é uma imprecação que me escapa, por ser habitual ao meu senhor e amo. Tomo a liberdade de usurpar-lhe às vezes, pois me parece de bom gosto. Só tomo essa liberdade na ausência dele, bem entendido, pois é claro que em sua presença... Mas na verdade, senhor, esta cidra é abominável; não sois da minha opinião? E, de mais a mais, o pote tem um formato tão irregular que não pára quieto em cima da mesa.
— E se o calcássemos?
— Claro: mas com quê?
— Com esta faca.
— E a cerceta, com que a trincharemos? Não pretendeis, acaso, tocar na cerceta?
— Está visto que pretendo.
— Bem, então...
— Esperai.
O poeta vasculhou os bolsos e deles tirou um pedacinho oblongo de chumbo, quadrangular, com a espessura aproximada de uma linha e com uma polegada e meia de comprimento.
Mas assim que o pedacinho de chumbo apareceu, cuidou o poeta haver cometido uma imprudência e fez um gesto para enfiado de novo no bolso. D'Artagnan percebeu-o; nada lhe escapava.
Estendeu a mão para o pedacinho de chumbo.
— É bonitinho esse negócio — disse ele; — pode-se ver?
— Claro — redarguiu o poeta, receando ter cedido muito depressa ao primeiro movimento — claro que se pode ver; mas por mais que o examineis — ajuntou com ar satisfeito — se eu não vos disser para que serve, nunca o sabereis.
D'Artagnan interpretara como confissão as hesitações do poeta e a sua pressa de esconder o pedacinho de chumbo que um primeiro movimento o levara a tirar do bolso.

Despertada a sua curiosidade para esse ponto, encerrou-se numa circunspeção que sempre lhe emprestava uma posição de superioridade. Aliás, apesar do que lhe dissera o Sr. Jupenet, à simples inspeção do objeto, reconhecera-o perfeitamente.

Era um tipo de impressão.

— Não adivinhais o que é? — continuou o poeta.

— Não! — disse d'Artagnan; — palavra que não!

— Pois bem, senhor — declarou mestre Jupenet — esse pedacinho de chumbo é um tipo de impressão.

— Ora!

— Uma maiúscula.

— Ora, sim, senhor! — exclamou o Sr. Agnan arregalando uns olhos muito ingênuos.

— Um J maiúsculo, a primeira letra do meu nome.

— Isso é uma letra?

— É.

— Pois bem, vou confessar-vos uma coisa.

— O quê?

— Não! porque direi outra asneira.

— Não creio — acudiu mestre Jupenet com ar protetor.

— Pois bem! não compreendo, se isso for uma letra, como se pode formar uma palavra.

— Uma palavra?

— Sim, para imprimi-la.

— É muito fácil.

— Vejamos.

— Estais interessado?

— Enormemente.

— Pois bem! vou explicar-vos como é. Esperai!

— Estou esperando.

— Pronto.

— Bom!

— Olhai bem.

— Estou olhando.

D'Artagnan, com efeito, parecia absorto na contemplação. Jupenet tirou do bolso mais sete ou oito pedacinhos de chumbo, porém menores.

— Ah! Ah! — exclamou d'Artagnan.

— O quê?

— Tendes uma tipografia completa no bolso?

Peste! é curioso, de fato.

— Não é?

— Quantas coisas se aprendem viajando, meu Deus!

— À vossa saúde — brindou Jupenet encantado.

— À vossa, com os diabos, à vossa! Mas esperai, com cidra não. É uma bebida abominável e indigna de um homem que se dessedenta ao Hipocrene: não é assim que vós, os poetas, chamais à vossa fonte?

— Sim, senhor, a nossa fonte chama-se assim. O nome vem de duas palavras gregas, hippos, que quer dizer cavalo... e...

— Senhor — interrompeu d'Artagnan — vou fazer-vos tomar um licor que vem de uma palavra francesa só, mas que nem por isso é inferior: a palavra uva; esta cidra me enjoa e incha ao mesmo tempo. Permiti que eu indague do nosso hospedeiro se não tem algumas garrafas de beaugency ou de vinho de Céran atrás das grossas achas da sua adega.

Com efeito, o hospedeiro chamado subiu incontinente.

— Senhor — atalhou o poeta — cuidado, não teremos tempo de beber o vinho, a não ser que nos apressemos, pois devo aproveitar a maré para tomar o navio.

— Que navio?

— O navio que parte para Belle-Isle.

— Ah! para Belle-Isle? — disse o mosqueteiro. — Bom!

— Ora! tereis muito tempo, senhor — interveio o bodegueiro abrindo a garrafa; — o navio só parte daqui a uma hora.

— Mas quem me avisará? — perguntou o poeta.

— O vosso vizinho.

— Mal o conheço...

— Quando o ouvirdes sair, saireis com ele.

— Também vai a Belle-Isle?

— Vai.

— O tal senhor que tem um lacaio? — perguntou d'Artagnan.

— O tal senhor que tem um lacaio.

— Algum fidalgo, sem dúvida?

— Não sei.

— Como, não sabeis?

— Não. A única coisa que sei é que ele bebe este mesmo vinho.

— Peste! Quanta honra para nós! — disse d'Artagnan enchendo o copo de Jupenet, ao passo que o taberneiro se afastava.

— Portanto — volveu o poeta, tornando à suas idéias dominantes — nunca vistes imprimir?

— Nunca.

— Vede, pegam-se assim as letras que formam a palavra: AB; agora, aqui está um R, dois EE e um G.

E reuniu as letras com rapidez e habilidade que não escaparam ao olhar de d'Artagnan.

— Abrégé — disse ele, terminando.

— Bom! — acudiu d'Artagnan; — as letras estão reunidas; mas como ficam juntas?

E tornou a encher o copo do poeta.

O Sr. Jupenet sorriu como um homem que tem resposta para tudo; tirou do mesmo bolso uma réguazinha de metal, composta de duas partes em forma de esquadro, e sobre ela reuniu e alinhou os tipos, segurando-os com o polegar esquerdo.

— E como se chama essa regüinha de ferro? — perguntou d'Artagnan; — pois tudo, afinal, deve ter um nome.

— Chama-se componedor — disse Jupenet. — É com ela que se formam as linhas.

— Vamos, vamos, sustento o que disse; tendes uma tipografia no bolso — exclamou d'Artagnan com um riso tão alvar que o poeta se deixou iludir completamente.

— Não — replicou ele — mas tenho preguiça de escrever, e quando me acode um verso à cabeça, componho-o incontinenti. É uma economia de trabalho.

"Com a fortuna! — pensou em si d'Artagnan — preciso esclarecer isso.”

E com um pretexto que não lhe foi difícil encontrar, pois era fértil em expedientes, deixou a mesa, desceu a escada, correu ao alpendre debaixo do qual estava a carrocinha, escarafunchou com a ponta do punhal o pano e os invólucros de um dos pacotes e encontrou-o cheio de tipos de chumbo semelhantes aos que o poeta impressor trazia no bolso.

— Bem! — disse d'Artagnan — ainda não sei se o Sr. Fouquet tenciona fortificar materialmente Belle-Isle; mas aqui estão, em todo o caso, munições espirituais para o castelo.

Enriquecido com esse descobrimento, voltou à mesa. Sabia d'Artagnan o que queria saber.

Nem por isso, porém, deixou de fazer companhia ao poeta até o momento em que se ouviu no quarto contíguo o reboliço de um homem preparando-se para partir.

O impressor ergueu-se imediatamente; ordenara que lhe atrelassem o cavalo. A carroça esperava-o à porta. O segundo viajante já estava no pátio com o lacaio.

D'Artagnan seguiu Jupenet até ao porto; ajudou-o a pôr a carroça e o cavalo no navio.

Quanto ao viajante opulento, fez o mesmo com os dois animais e o criado. Mas por maiores esforços que empregasse d'Artagnan para saber-lhe o nome, não ficou sabendo coisa alguma.

Entretanto, observou-lhe atentamente o rosto, de modo que este se lhe gravasse para sempre na memória.

Sentia muita vontade de embarcar-se com os dois passageiros, mas um interesse mais poderoso que o da curiosidade, o do bom êxito, afastou-o do porto e levou-o de volta à estalagem.

Entrou suspirando e deitou-se incontinente a fim de estar pronto no dia seguinte cedinho com idéias frescas e os conselhos do travesseiro.

Capítulo LXVIII - D'Artagnan prossegue em suas investigações

NO primeiro alvor da manhã, o próprio d'Artagnan selou Furet, que se regalara a noite inteira e devorara sozinho os restos das provisões dos companheiros.

O mosqueteiro arrancou as informações que pôde ao hospedeiro, que lhe pareceu inteligente, desconfiado e dedicado de corpo e alma ao Sr. Fouquet.

Daí que, para não despertar suspeitas no espírito do homem, insistisse na fábula da provável aquisição de algumas salinas.

Embarcar para Belle-Isle em La Roche-Bernard seria expor-se a comentários que talvez já tivessem sido feitos e que seriam levados ao castelo.

Demais disso, era singular que o viajante e o seu lacaio continuassem sendo um segredo para d'Artagnan a despeito de todas as perguntas feitas por ele ao bodegueiro, que, aliás, parecia conhecê-lo perfeitamente.

Informou-se, portanto, sobre as salinas e tomou o caminho dos paludes, deixando o mar à direita e penetrando na planície imensa e erma que semelha um mar de lama, com ondulações, aqui e ali, prateadas por montículos de sal.

Furet trotava maravilhosamente com os pésinhos nervosos pelos caminhos de um pé de largura, que dividem as salinas. Tranqüilizado sobre as possíveis conseqüências de uma queda, que redundaria num banho frio, d'Artagnan deixava-o à vontade, contentando-se de observar no horizonte os três rochedos agudos que emergiam como ferros de lança do seio da planície sem verdura.

Pirial, o burgo de Batz e Croisic, parecidos uns com os outros, lhe atraíam e suspendiam a atenção. Se o viajante se voltasse para orientar-se melhor, veria do outro lado três outros campanários no horizonte: Guérande, Poulinghen, Saint-Joachim, que, fechando o círculo, davam a impressão de um jogo de paulitos, cuja bola sem destino fossem ele e o cavalo.

Piriac era o primeiro portozinho à direita. Para lá se dirigiu, com o nome dos principais salineiros na ponta da língua.

No momento em que entrava no porto, cinco chatas enormes, carregadas de pedras, metiam-se ao mar.

Estranhou d'Artagnan que saíssem pedras de um país em que elas não existem. Socorreu-se de toda a amenidade do Sr. Agnan para perguntar à gente do porto a causa daquela singularidade.

Um velho pescador respondeu ao Sr. Agnan que as pedras não vinham de Piriac, nem dos pântanos, bem entendido.

— De onde vêm então?

— De Nantes e de Paimboeuf, senhor.

— E para onde vão?

— Para Belle-Isle.

— Ah! Ah! — exclamou d'Artagnan no mesmo tom que assumira para dizer ao impressor que os seus tipos o interessavam... — Trabalha-se então em Belle-Isle?

— Claro! Todos os anos o Sr. Fouquet manda consertar os muros do castelo.

— Está em ruínas o castelo?

— Está velho.

— Muito bem.

— O fato — disse consigo só d'Artagnan — é que não há nada mais natural, e todo proprietário

tem o direito de mandar consertar a sua propriedade. É como se me viessem dizer, a mim, que estou fortificando a Imagem de Nossa Senhora, quando me for pura e simplesmente preciso fazer nela alguns reparos. Em realidade, creio que deram informações errôneas a Sua Majestade, que pode ter-se enganado... — Mas convireis comigo, meu bom senhor — continuou em voz alta dirigindo-se ao pescador, pois o papel de homem desconfiado lhe era imposto pela finalidade da própria missão — em que essas pedras viajam de maneira muito esquisita.

— Por quê? — voltou o pescador.

— Vêm de Nantes ou de Paimboeuf pelo Loire, não é assim?

— Descendo rio.

— Eu sei; mas por que não vão diretamente de Saint-Nazaire a Belle-Isle?

— Porque as chatas são más embarcações, e não se agüentam no mar.

— Isso não é razão.

— Perdoai-me, senhor, vê-se que nunca navegastes — tornou o pescador com uma ponta de desdém.

— Explicai-me direito, por favor. A mim me parece que vir de Paimboeuf a Piriac, para ir de Piriac a Belle-Isle é o mesmo que ir de La Roche-Bernard a Nantes e de Nantes a Piriac.

— Por água seria o caminho mais curto — respondeu, imperturbável, o pescador.

— Mas não é preciso dar uma volta? O pescador sacudiu a cabeça.

— O caminho mais curto entre um ponto e outro é a linha reta — insistiu d'Artagnan.

— Esqueceis a corrente, senhor.

— Seja! admitamos a corrente.

— E o vento.

— Ah! Bom!

— Claro; a corrente do Loire empurra os barcos quase até Croisic. Se necessitam de consertos ou de refrescar a equipagem, vêm a Piriac contornando a costa; em Piriac, encontram nova corrente contrária que os leva à ilha Dumet, a duas léguas e meia de distância.

— De acordo.

— Lá, a corrente do Vilaine atira-os em outra ilha, a ilha de Hõedic.

— Sei, sei.

— Pois dessa ilha a Belle-Isle, senhor, o caminho é uma reta. Detido rio acima e rio abaixo, o mar passa como um canal, como um espelho entre as duas; e as chatas deslizam sobre ele como os marrecos sobre o Loire, aí está!

— Não importa — volveu o teimoso Sr. Agnan — é um caminho muito comprido.

— Ah... o Sr. Fouquet é quem quer! — rematou o pescador tirando o gorro de lã ao pronunciar o nome respeitável.

Um olhar de d'Artagnan, vivo e penetrante como a lâmina de uma espada, só encontrou no coração do velho uma ingênua confiança e nos seus traços uma expressão satisfeita e indiferente. Ele dizia: "O Sr. Fouquet o quer", como teria dito: "Deus o quis!”

Voltara d'Artagnan a exorbitar; aliás, afastando-se as chatas, só ficava em Piriac um barco, o do velho, que não parecia muito disposto a fazer-se ao mar sem longos preparativos.

Por isso mesmo, acariciou Furet, que, dando mais uma prova de sua índole encantadora, pôs-se de novo em marcha com os pés nas salinas e o focinho ao vento muito seco, que dobra os tojos e as magras urzes da região.

Chegou cerca das cinco horas a Croisic.

Se d'Artagnan fosse poeta, seria para ele formoso espetáculo o daqueles imensos areais, de mais

de uma légua, recobertos pelo mar nas enchentes, e que, na vasante, surgem acinzentados, desolados, juncados de pólipos e algas mortas, com seixos esparsos e brancos, como as ossadas de um grande cemitério.

Mas o soldado, o político, o ambicioso, não têm sequer a doce consolação de contemplar o céu para ler nele uma esperança ou um aviso.

O céu vermelho significa para eles vento e tormenta. As nuvens brancas e achumaçadas no azul do firmamento prometem apenas que o mar será manso e igual.

D'Artagnan achou o céu azul, a brisa perfumada de odores salinos e disse entre si:

— Embarcar-me-ei na primeira maré, ainda que seja numa casca de noz.

Em Croisic, como em Piriac, observara montes enormes de pedras alinhadas sobre a areia.

Aquelas muralhas gigantescas, desmanteladas a cada maré pelos transportes que se faziam para Belle-Isle, foram aos olhos do mosqueteiro a seqüência e a prova do que tão bem adivinhara em Piriac.

Seria um muro que reconstruía o Sr. Fouquet?

Seria uma edificação que ele mandava erguer?

Para sabê-lo, tinha de ver.

D'Artagnan levou Furet à cocheira, ceou, deitou-se e, no dia seguinte, ao romper da alva, passeava sobre o porto, ou melhor, sobre os seixos da praia.

Croisic tem um porto de uns cinqüenta pés e uma vigia semelhante a enorme brioche erguida num prato.

Os areais chatos são o prato. Cem montes de terra solidificada pelos seixos e arredondadas em cone com as alamedas sinuosas são a brioche e a vigia ao mesmo tempo.

Hoje é assim, assim era há cento e oitenta anos; a brioche talvez fosse menos grossa e não se veriam provavelmente à volta dela os balaústres que a enfeitam e que a edilidade do pobre e piedoso burgo plantou ao longo das alamedas espiraladas que desembocam no terracinho.

Sobre os seixos, três ou quatro pescadores conversavam a respeito de sardinhas e camarões.

Com o olhar animado de ingênua alegria, o sorriso nos lábios, o Sr. Agnan aproximou-se dos pescadores.

— Pesca-se hoje? — perguntou.

— Sim, senhor — respondeu um deles. — Estamos esperando a maré.

— Onde pescais, meus amigos?

— Ao longo das praias.

— E quais são os sítios melhores?

— Ah! depende; à volta das ilhas, por exemplo.

— Mas não ficam longe as ilhas?

— Não muito; quatro léguas.

— Quatro léguas! É uma viagem!

O pescador disparou a rir nas fuças do Sr. Agnan.

— Dizei-me — tornou este com a sua ingênua estupidez — a quatro léguas perde-se vista da costa, não se perde?

— Bem... nem sempre...

— Mas o caso é que é longe... muito longe; não fosse isso e eu vos pediria para levar-me a bordo e mostrar-me o que nunca vi.

— O quê?

— Um peixe de mar, vivo.

— Sois do interior? — interveio um dos pescadores.
— Sou de Paris.
O bretão deu de ombros; logo:
— Vistes o Sr. Fouquet em Paris? — perguntou.
— Muitas vezes — respondeu Agnan.
— Muitas vezes? — exclamaram os pescadores apertando o círculo à roda do parisiense. — Conhecei-lo?
— Um pouco; ele é amigo íntimo de meu amo.
— Ah! — disseram os pescadores.
— E — ajuntou d'Artagnan — conheço todos os seus castelos de Saint-Mandé e de Vaux, e o seu palácio em Paris.
— Bonitos?
— Magníficos.
— Não são tão bonitos quanto Belle-Isle — acudiu um pescador.
— Ora! — replicou o Sr. Agnan com uma gargalhada escarninha, que enfureceu os assistentes.
— Vê-se por aí que nunca estivestes em Belle-Isle — replicou o mais furioso dos pescadores. — Sabeis que tem seis léguas de comprimento e árvores como não se vêem no fosso de Nantes?
— Árvores, no mar? — bradou d'Artagnan. — Pois eu gostaria muito de ver isso!
— É fácil, vamos pescar na ilha de Hõedic; vinde conosco. De lá avistareis, como num paraíso, as árvores negras de Belle-Isle contra o céu; vereis a linha branca do castelo, que corta o horizonte do mar.
— Oh! — tornou d'Artagnan — deve ser lindo. Mas sabeis que há cem campanários no castelo do Sr. Fouquet em Vaux?
O bretão levantou a cabeça com admiração profunda; entretanto, não se deu por vencido.
— Cem campanários! — disse ele; — não faz mal, Belle-Isle é mais bonita. Quereis conhecê-la?
— É possível? — perguntou o Sr. Agnan.
— Sim, com licença do governador.
— Eu não conheço o governador.
— Visto que conheceis o Sr. Fouquet, direis o vosso nome.
— Oh! meus amigos, não sou nenhum fidalgo!
— Qualquer um entra em Belle-Isle — continuou o pescador na sua linguagem forte e pura — contando que não queira mal a Belle-Isle nem ao seu dono.
Ligeiro frêmito percorreu o corpo do mosqueteiro.
— É verdade — pensou. Logo, reportando-se: — Se eu tivesse certeza — disse ele — de não enjoar...
— Em cima disto? — exclamou o pescador mostrando, ufano, o seu lindo barco de construção redonda.
— Vamos! vós me persuadistes — exclamou o Sr. de Agnan; — irei a Belle-Isle; mas não me deixarão entrar.
— Pois nós entramos sem dificuldade.
— Vós? por quê?
— Homessa!... para vender peixe aos corsários.
— Que dizeis? Corsários?
— Digo que o Sr. Fouquet mandou construir dois corsários para dar caça a holandeses ou ingleses, e nós vendemos peixe às suas tripulações.

— Sim, senhor!... — cuidou d'Artagnan entre si — o negócio vai de vento em popa! uma tipografia, bastiões, corsários!... Com efeito, o Sr. Fouquet não é um inimigo medíocre, como eu pensara. Vale a pena a gente mexer-se para vê-lo de perto.

— Partimos às cinco e meia — acrescentou em tom grave o pescador.

— Estou à vossa disposição, não vos largo mais.

De fato, viu d'Artagnan os pescadores alarem com um torniquete as barcas até ao mar; este subiu, o Sr. Agnan deixou-se escorregar para bordo, não sem muitos gestos de pavor que provocaram a hilaridade dos grumetes que o observavam com os grandes olhos inteligentes.

Deitou-se sobre uma vela dobrada em quatro, deixou que se fizessem os aprestos da partida, e a barca, com a sua grande vela quadrada, emarou-se duas horas depois.

Ocupados com a manobra, não perceberam os pescadores que o passageiro não empalidecera, não gemera, não sofrera; que apesar do horrível balanço do barco, a que mão nenhuma conseguia imprimir direção, o marujo novato conservara a presença de espírito e o apetite.

Pescavam, e a pesca era abundante. Nas linhas iscadas com camarões vinham morder, com muitos sobressaltos, linguados e patruças. Duas linhas já tinham sido arrebentadas por congros e trochoelas de um peso enorme; três enguias do mar agitavam-se no fundo da embarcação com sinuosidades limosas e contorsões agônicas.

D'Artagnan lhes trouxera sorte, disseram os pescadores. O soldado achou o serviço tão divertido, que pôs mãos à obra, isto é, às linhas, e soltava rugidos de alegria e imprecações que espantariam os próprios mosqueteiros cada vez que uma sacudidela dada à linha por uma presa conquistada vinha rasgar-lhe os músculos do braço e solicitar-lhe o emprego da força e da destreza.

O divertimento fizera-o esquecer a missão diplomática. E ele se entretinha em lutar com um congro medonho, agarrado à bordagem com uma das mãos para puxar o focinho escancarado do antagonista, quando lhe disse o patrão:

— Cuidado para que não vos vejam de Belle-Isle!

Essas palavras produziram em d'Artagnan o efeito da primeira bala que silva num dia de batalha: largou a linha e o congro e, este puxando aquela, voltaram ambos para dentro d'água.

D'Artagnan acabava de avistar a meia légua, se tanto, os contornos azulados e acentuados dos rochedos de Belle-Isle, dominada pela alva linha majestosa do castelo.

Ao longe, a terra, com florestas e prados verdejantes; nos pastos, o gado.

Eis o que, de início, lhe chamou a atenção.

Chegado ao quarto do firmamento, o sol dardejava raios de ouro sobre o mar e fazia esvoaçar uma poeira resplendente em volta da ilha encantada, da qual só se viam, graças à luz deslumbradora, os pontos achanados; toda e qualquer sombra ressaltava duramente e punha uma faixa de trevas na tela luminosa do prado ou das muralhas.

— Eh! eh! — cuidou em si d'Artagnan ao aspecto daquelas massas de rochas negras — lá estão, segundo me parece, fortificações que não precisam de engenheiro para dificultar um desembarque. Onde diabo se poderá descer nessa terra que Deus defendeu com tanta generosidade?

— Por aqui — anunciou o patrão do barco mudando a vela e dando ao leme um golpe que colocou o esquife na direção de um lindo portozinho, todo taful, todo redondo, todo ameado de novo.

— Que diabo estou vendo lá? — perguntou d'Artagnan.

— Vedes Locmaria — replicou o pescador.

— E lá embaixo?

— Bangos.

— E mais adiante?

— Saujeu... e depois o palácio.

— Com a breca! é um mundo. Ah! estou vendo soldados.

— Há mil e setecentos homens em Belle-Isle, senhor — tornou com orgulho o pescador. — Sabeis que a menor guarnição é de vinte e duas companhias de infantaria?

— Com a fortuna! — exclamou d'Artagnan batendo o pé — Sua Majestade talvez tenha razão.

O barco abicou no porto.

Capítulo LXIX - Em que o leitor se sentirá sem dúvida tão espantado quanto se sentiu d'Artagnan ao encontrar um antigo conhecido

HÁ sempre num desembarque, seja embora no do menor esquife, um reboliço e uma confusão que tiram ao espírito a liberdade necessária para estudar, ao primeiro volver de olhos, o sítio novo que se lhe apresenta.

A ponte móvel, o marinheiro agitado, o ruído da água sobre os seixos, os gritos e apertos dos que esperam na praia, são os múltiplos pormenores da mesma sensação, que se resume num único resultado: a hesitação.

Por conseguinte, só depois que desembarcou e se deixou ficar alguns minutos na praia, viu d'Artagnan no porto e maiormente no interior da ilha agitar-se um mundo de operários.

A seus pés, reconheceu as cinco chatas carregadas de pedras que vira partir de Piriac. As pedras eram levadas à terra por meio de uma corrente formada de vinte e cinco ou trinta campônios.

As maiores colocavam-se em carretas, que as conduziam na mesma direção das pedras de alvenaria, isto é, às obras cujo valor e cuja extensão d'Artagnan ainda não pudera calcular.

Em toda a parte reinava uma atividade igual à que observou Telêmaco desembarcando em Salento.

D'Artagnan tinha muita vontade de aprofundar-se pela ilha dentro; mas não podia, sob pena de despertar suspeitas, deixar transparecer curiosidade. Adiantava-se, portanto, manso e manso, mal ultrapassando a linha formada pelos pescadores na praia, observando tudo, não dizendo nada, e imaginando tudo o que poderia resultar de uma pergunta cretina ou de um cumprimento polido.

Todavia, ao passo que os companheiros se entregavam ao seu comércio, dando ou vendendo peixes a operários e habitantes da cidade, d'Artagnan ganhara terreno paulatinamente e, tranqüilizado com a pouca ou nenhuma atenção que despertava, começou a fazer um exame inteligente e seguro dos homens e das coisas que surgiam a seus olhos.

De resto, os primeiros olhares de d'Artagnan encontraram movimentos de terreno diante dos quais a vista de um soldado não poderia enganar-se.

Nas duas extremidades do porto, a fim de que os fogos se cruzassem sobre o grande eixo da elipse formada pela bacia, tinham-se erguido em primeiro lugar duas baterias evidentemente destinadas a receber canhões de costa, pois d'Artagnan viu os operários terminarem as plataformas e disporem a semicircunferência de madeira sobre a qual deve girar a roda dos canhões móveis acima do parapeito.

Ao lado de cada uma das baterias, outros operários guarneciam de gibões cheios de terra o revestimento de nova bateria, provida de canhoneiras, e um feitor chamava sucessivamente os homens que, com fios de arame, ligavam as cabeças de foguetes ou cortavam os losangos e retângulos de relva destinados a segurar os juncos das canhoneiras.

Pela atividade empregada nos trabalhos, já adiantados, estes podiam considerar-se concluídos; os canhões ainda não estavam nos lugares, mas as plataformas tinham as peças e pranchas aparelhadas; batida com cuidado, a terra consolidara-as, e, supondo-se que a artilharia estivesse na ilha, em menos de dois ou três dias o porto poderia ser completamente armado.

O que espantou d'Artagnan ao transferir a vista das baterias de costa para as fortificações da cidade, foi notar que Belle-Isle era defendida por um sistema completamente novo, sobre o qual já ouvira dizer mais de uma vez ao Conde de La Fère que se tratava de um grande progresso, se bem ainda não o tivesse visto aplicado.

Essas fortificações não pertenciam ao método holandês de Marolláis nem ao método francês do Cavaleiro Antônio de Ville, senão ao sistema de Manesson Mallet, hábil engenheiro que, cerca de seis ou oito anos antes, deixara o serviço de Portugal para entrar ao serviço de França.

O seu característico mais notável consistia em que, em vez de se erguerem as obras acima da superfície da terra, como os antigos reparos destinados a defender a cidade das escaladas, eram elas, pelo contrário, cavadas no próprio seio da terra; e a profundidade dos fossos substituía a altura das muralhas.

Não precisou d'Artagnan de muito tempo para reconhecer a imensa superioridade de semelhante sistema, que não expunha coisa alguma ao canhão.

De mais a mais, como os fossos ficassem abaixo do nível do mar, podiam ser inundados por meio de comportas subterrâneas.

As obras, aliás, estavam quase concluídas, e um grupo de trabalhadores, dirigido por um homem que parecia ser o superintendente, ocupava-se em colocar as últimas pedras.

Uma ponte de tábuas atirada sobre o fosso, para proporcionar maior comodidade às manobras com as carretas, ligava o interior ao exterior.

D'Artagnan perguntou com ingênua curiosidade se lhe era permitido atravessar a ponte, ao que lhe responderam que nenhuma ordem lho vedava. Conseqüentemente, atravessou-a e acercou-se do grupo dominado pelo tal homem em que já reparara, e que parecia ser o engenheiro-chefe. Via-se um mapa estendido sobre uma pedra muito grande, que servia de mesa, e a alguns passos do homem funcionava uma grua.

O engenheiro, que, em razão da sua importância, devia atrair primeiro a atenção de d'Artagnan, ostentava um gibão que, pela suntuosidade, não se lhe harmonizava com o serviço; este exigiria antes um uniforme de pedreiro que o trajo de um fidalgo.

Era, além disso, de elevada estatura, ombros largos e quadrados, e trazia um chapéu inteiramente empenachado. Gesticulava com extraordinário entono, e parecia, pois só se lhe viam as costas, vituperar a inércia ou a fraqueza dos operários.

D'Artagnan continuava a aproximar-se.

Nesse momento, o homem de penacho parara de gesticular e, com as mãos apoiadas nos joelhos, seguia, meio curvado sobre si mesmo, o esforço de seis operários que tentavam levantar uma pedra de cantaria à altura de uma peça de madeira destinada a sustentá-la, de modo que se pudesse passar por baixo dela a corda do guindaste.

Agrupados numa das faces da pedra, os seis homens conjugavam os seus esforços para erguê-la umas oito ou dez polegadas acima do solo, suando e ofegando, ao mesmo passo que um sétimo se preparava para enfiar por baixo, assim que pudesse, o cilindro que havia de sustentá-la. Mas por duas vezes já lhes fugira a pedra das mãos antes de chegar a uma altura suficiente.

Não é preciso dizer que, todas as vezes que a pedra lhes escapava, davam os homens um salto para trás a fim de que ela, ao cair, não lhes triturasse os pés.

E, cada vez, a pedra largada afundava ainda mais na terra fofa, dificultando progressivamente a operação.

Um terceiro esforço não teve outro resultado que o de aumentar o desânimo dos trabalhadores.

E, no entanto, quando os seis homens se haviam inclinado sobre a pedra, o homem do penacho, com voz possante, articulara a ordem: "Firmei" que preside a todas as manobras de força.

E tornara a erguer-se.

— Oh! oh! que é isso? estarei tratando com bonecos de palha?... Irra! afastai-vos e vereis como se faz.

— Peste! — disse d'Artagnan — terá ele a pretensão de erguer o rochedo? Está aí uma coisa que eu quero ver.

Interpelados pelo engenheiro, os operários se arredaram de orelha murcha, meneando a cabeça, com exceção do que segurava o cilindro e se dispunha a executar o seu ofício.

O homem do penacho aproximou-se da pedra, abaixou-se, enfiou as mãos sob a face que repousava na terra, entesou os músculos hercúleos e, sem sacudiduras, num movimento lento como o de uma máquina, ergueu o rochedo a um pé da terra.

O operário que segurava o cilindro aproveitou a brecha para enfiá-lo debaixo da pedra.

— Pronto! — disse o gigante, sem deixar recair o rochedo, mas colocando-o sobre o suporte.

— Com a breca! — bradou d'Artagnan — só conheço um homem capaz de tamanha proeza.

— Como? — acudiu o colosso, voltando-se.

— Porthos! — murmurou d'Artagnan estuporado — Porthos em Belle-Isle!

Por seu turno, o homem do penacho parou os olhos no falso intendente e, a despeito do seu disfarce, reconheceu-o.

— D'Artagnan! — exclamou. E purpureou-lhe o rosto.

— Psiu! — disse ele a d'Artagnan.

— Psiu! — disse-lhe o mosqueteiro.

Com efeito, se Porthos acabava de ser descoberto por d'Artagnan, d'Artagnan acabava de ser descoberto por Porthos.

O interesse do segredo particular de cada um ditou-lhes a primeira reação.

Não obstante, o primeiro movimento dos dois homens foi atirarem-se nos braços um do outro.

O que eles queriam esconder dos assistentes não era a sua amizade, eram os seus nomes.

Mas depois do abraço veio a reflexão.

— Por que diabo estará Porthos em Belle-Isle, erguendo pedras? — inquiriu d'Artagnan.

A pergunta, porém, foi feita baixinho.

Menos diplomata que o amigo, Porthos pensou em voz alta.

— Por que estás em Belle-Isle? — perguntou a d'Artagnan; — que vieste fazer aqui?

Era preciso responder sem hesitar.

Porthos

Hesitar em responder a Porthos seria um revez de que nunca se consolaria o amor-próprio de d'Artagnan.

— Homessa! meu caro, estou em Belle-Isle porque tu estás aqui.

— Ora! — redarguiu Porthos, visivelmente atordoado com o argumento e procurando compreendê-lo com a lucidez de raciocínio que lhe conhecemos.

— Claro — continuou d'Artagnan, que não queria dar ao amigo o tempo necessário para recobrar-se; — fui procurar-te em Pierrefonds.

— Deveras?

— Fui.

— E não me encontraste lá?

— Não, mas encontrei Mouston.

— Ele vai bem?

— Se vai!

— Mas, afinal, Mouston não te disse que eu estava aqui.

— Por que não haveria de dizer? Acaso já não mereço a confiança de Mouston?

— Mereces; mas ele não sabia.

— Oh! aí está uma razão que, pelo menos, não me fere o amor-próprio.

— E como fizeste para encontrar-me?

— Ora, meu caro! um grão senhor como tu sempre deixa vestígios da sua passagem, e eu me teria em péssima conta se não soubesse seguir os traços dos amigos.

Por lisonjeira que fosse, a explicação não satisfez integralmente a Porthos.

— Mas eu não posso ter deixado traços, pois vim disfarçado! — disse o gigante.

— Ah! vieste disfarçado?

— Vim.

— De quê?

— De moleiro.

— Mas um gentil-homem como tu, Porthos, pode lá afetar os modos comuns a ponto de iludir os outros?

— Pois bem! eu juro-te, meu amigo, que toda a gente se iludiu, tão bem desempenhei o meu papel.

— Mas não tão bem que me impedisse de te alcançar e descobrir.

— Justamente. Como foi que me alcançaste e descobriste?

— Espera. Vou contar-te a coisa. Imagina que Mouston...

— Ah! foi aquele patife do Mouston! — bradou Porthos curvando os dois arcos de triunfo que lhe serviam de sobrancelhas.

— Mas espera, que diabo! espera. Mouston não teve culpa, visto que não sabia onde estavas.

— Sem dúvida. Eis por que tenho tanta pressa de compreender.

— Oh! como és impaciente, Porthos!

— Quando não compreendo, sou terrível.

— Vais compreender. Aramis não te escreveu para Pierrefonds?

— Escreveu.

— Não te disse que chegasses antes do equinócio?

— Disse.

— Pois então! aí está — disse d'Artagnan, esperando que essa razão bastasse.

Porthos pareceu entregar-se a violento trabalho mental.

— Oh! sim — disse ele — compreendo. Como Aramis me dizia para chegar antes do equinócio, percebeste que era para vir ter com ele. Tu te informaste do paradeiro de Aramis, dizendo: "Onde estiver Aramis, estará Porthos". Soubeste que Aramis estava na Bretanha, e disseste: "Porthos está na Bretanha".

— Exatamente. Na verdade, Porthos, não sei como não te fizeste adivinho. Depois, já sabes: chegando a La Roche-Bernard, soube dos belos trabalhos de fortificação que se faziam em Belle-Isle. O que me disseram a esse respeito despertou-me a curiosidade. Embarquei-me num barco de pesca, sem saber absolutamente que estavas aqui. Vim, vi um rapagão que levantava uma pedra que nem Ajax teria tirado do lugar. Entusiasmado, gritei: "Só o Barão de Bracieux seria capaz de uma proeza dessas". Tu me ouviste, tu te voltaste, tu me reconhecestes, nós nos abraçamos, e, palavra, meu caro, se não te opões, tornaremos a abraçar-nos.

— Eis como tudo se explica, de fato — conveio Porthos.

E abraçou d'Artagnan com tamanha ternura que o mosqueteiro perdeu a respiração durante cinco minutos.

— Vamos, vamos, mais forte do que nunca — observou d'Artagnan — e sempre dos braços, felizmente.

Porthos cumprimentou d'Artagnan com um gracioso sorriso.

Durante os cinco minutos em que estivera sem respiração, refletira o mosqueteiro que tinha um papel muito difícil para representar.

Cumpria-lhe perguntar sempre e nunca responder. Quando a respiração lhe voltou, estava traçado o seu plano de campanha.

Capítulo LXX - Em que as idéias de d'Artagnan, a princípio muito confusas, começam a esclarecer-se

D'ARTAGNAN tomou imediatamente a ofensiva.

— Agora que eu te disse tudo, querido amigo, ou melhor, que tudo adivinhaste, dize-me o que estás fazendo aqui, coberto de pó e de lama?

Porthos enxugou a testa e, relanceando os olhos à sua volta com orgulho:

— Mas parece-me — disse ele — que podes ver o que estou fazendo aqui!

— Claro, claro; andas carregando pedras.

— Oh! para mostrar o que é um homem a esses vagabundos! — disse Porthos com desdém. — Mas tu compreendes...

— Sim, não é teu ofício carregar pedras, embora muita gente faça disso o seu e não as carregue tão bem como tu. Eis, portanto, o que me levou a perguntar-te há pouco: "Que estás fazendo aqui, barão?"

— Estudo topografia, cavaleiro.

— Estudas topografia?

— Sim; e tu, que estás fazendo aqui, disfarçado em burguês?

D'Artagnan reconheceu que cometera um erro deixando dominar-se pelo espanto, do que se aproveitara Porthos para responder com outra pergunta.

Felizmente, porém, d'Artagnan a esperava.

— Ora, essa! — tornou ele — sabes muito bem que sou um burguês; o trajo não tem nada de espantoso quando está de acordo com a condição.

— Pois sim! és mosqueteiro!

— Enganas-te, meu amigo; já pedi demissão.

— Não pode ser!

— Digo-te que sim!

— E deixaste o serviço?

— Deixei.

— Deixaste o rei?

— Completamente.

Porthos ergueu os braços para o céu como um homem que ouve uma notícia incrível.

— Oh! sim, senhor! eis o que me confunde — disse ele.

— Mas é assim mesmo.

— E que te levou a fazer isso?

— O rei me desgostou; Mazarino desgostava-me havia muito tempo, como sabes; atirei o uniforme às urtigas.

— Mas Mazarino não morreu?

— Está visto que sim; entretanto, na ocasião de sua morte, a demissão fora pedida e aceita havia dois meses. Foi então que, achando-me livre, corri a Pierrefonds para ver o meu querido Porthos. Eu tinha ouvido falar da feliz divisão que fizeste do teu tempo, e desejava, durante uns quinze dias, dividir o meu da mesma forma.

— Meu amigo, sabes que não é por quinze dias que a minha casa está aberta para ti: é por um ano, é por dez anos, é para a vida inteira.

— Obrigado, Porthos.

— Ah, sim! não precisas de dinheiro? — perguntou Porthos fazendo soar uns cinqüenta luíses guardados no bolso do relógio. — Se precisas, já sabes.

— Não, não preciso de nada; coloquei as minhas economias nas mãos de Planchet, que me paga juros.

— As tuas economias?

— Sem dúvida — respondeu d'Artagnan; — por que imaginas que eu não tenha feito economias como outro qualquer, Porthos?

— Eu! eu não imagino coisa alguma; pelo contrário, sempre desconfiei... isto é, Aramis sempre desconfiou que tivesses economias. Eu, como vês, não me meto em negocinhos domésticos; mas o que presumo é que as economias de um mosqueteiro não sejam grande coisa.

— Naturalmente, em relação a ti, Porthos, que és milionário; mas vais julgar o meu caso. Eu tinha posto de lado vinte e cinco mil libras.

— Nada mau — disse Porthos com ar amável.

— Depois — continuou d'Artagnan — acrescentei-lhes, no dia 28 do mês passado, duzentas mil.

Porthos arregalou uns olhos enormes, que perguntavam eloqüentemente ao mosqueteiro:

"Mas onde diabo roubaste tamanha soma, querido amigo?”

— Duzentas mil libras! — exclamou, afinal.

— Sim, e reunidas às vinte e cinco mil que eu tinha e às vinte mil que trago, perfazem uma soma de duzentas e quarenta e cinco mil libras.

— Mas, vejamos, de onde vem essa fortuna?

— Ah! isso é outra história, que te contarei mais tarde, querido amigo; como, porém, tens muita coisa que me contar primeiro, deixemos a minha narrativa para depois.

— Bravo! — disse Porthos — eis-nos todos ricos. Mas que é que eu tenho para te contar?

— Tens para contar-me como é que Aramis foi nomeado...

— Ah! já sei: bispo de Vannes.

— Exatamente, bispo de Vannes. O querido Aramis! Sabes que ele está subindo?

— Como não! Sem contar que não ficará nisso.

— Como! acreditas que ele não se contentará com as meias roxas e ainda queira o chapéu vermelho?

— Psiu! já lho prometeram.

— Quem? o rei?

— Alguém mais poderoso do que o rei.

— Ah, diabo! Porthos, tu me dizes coisas incríveis, meu amigo!

— Incríveis por quê? Então não houve sempre em França alguém mais poderoso do que o rei?

— De fato. No tempo de Luís XIII, era o Duque de Richelieu; no tempo da regência, era o Cardeal Mazarino; no tempo de Luís XIV é o Sr...

— Dize!

— É o Sr. Fouquet.

— Certo! Acertaste da primeira vez.

— Foi então o Sr. Fouquet quem prometeu o chapéu a Aramis? Porthos assumiu uns ares reservados.

— Querido amigo — disse ele — Deus me livre de ocupar-me dos negócios alheios e sobretudo de revelar segredos que os outros talvez desejem guardar. Quando vires Aramis, ele te dirá o que entender que deve dizer-te.

— Tens razão, Porthos, e és um cadeado em matéria de segurança. Voltemos, pois, a ti.

— Voltemos — assentiu Porthos.
— Disseste-me que estavas aqui para estudar topografia?
— Exatamente.
— À fé! meu amigo, que lindas coisas farás!
— Como assim?
— Estas fortificações são admiráveis.
— Achas?
— Que dúvida! Na verdade, a não ser por um cerco com todos os ff e rr, Belle-Isle é inexpugnável.
Porthos esfregou as mãos.
— É o que eu penso — disse ele.
— Mas quem diabo fortificou assim esse cochicholo?
Porthos empertigou-se.
— Eu não te disse?
— Não.
— E não desconfias?
— Não; a única coisa que posso dizer é que foi um homem que estudou todos os sistemas e que me parece ter optado pelo melhor.
— Psiu! — disse Porthos — poupa-me a modéstia, caro d'Artagnan.
— Deveras! — respondeu o mosqueteiro; — serias tu... quem?... Oh!
— Por favor, meu amigo.
— Tu que imaginaste, traçaste e combinastes estes bastiões, estes redentes, estas cortinas, estas meias-luas, e que preparas este caminho subterrâneo?
— D'Artagnan...
— Tu que edificaste estes reparos com os seus ângulos reentrantes e os seus ângulos salientes?
— Meu amigo...
— Tu que deste à luz das tuas canhoneiras esta inclinação com a qual proteges tão eficazmente os artilheiros?
— Oh! meu Deus, fui eu, sim.
— Oh! Porthos, Porthos, precisamos inclinar-nos diante de ti, precisamos admirar-te! Mas sempre nos escondestes o teu belo gênio! Espero, meu amigo, que me mostres tudo isso por miúdo.
— Nada mais fácil. Aqui está o meu plano.
— Deixa-me ver.
Porthos conduziu d'Artagnan à pedra que lhe servia de mesa e na qual se achava estendido o plano. Embaixo dos desenhos escrevera a letra formidável de Porthos, a que já tivemos ocasião de aludir:

> *"Em lugar de servir-nos do quadrado ou do retângulo, como se fez até hoje, imaginai a vossa praça encerrada num hexágono regular, polígono esse que tem a vantagem de oferecer maior número de ângulos do que o quadrilátero. Cada lado do vosso hexágono, cujo comprimento determinareis em função das dimensões tomadas no lugar, será dividido em duas partes, e no centro erguereis uma linha perpendicular ao centro do polígono, que terá o comprimento da sexta parte do lado. Das extremidades de cada lado do polígono, partirão duas diagonais que irão cortar a perpendicular. Essas duas retas formarão as linhas de defesa".*

— Diabo! — murmurou d'Artagnan interrompendo-se a essa altura da demonstração — mas isso é um sistema completo, Porthos!

— Inteirinho — conveio Porthos. — Queres continuar?

— Não, já li o suficiente; mas visto que és tu, meu caro Porthos, quem dirige pessoalmente as obras, que necessidade tens de expor o teu sistema por escrito?

— Oh! meu caro, a morte!

— Que é que tem a morte?

— Ué! somos todos mortais.

— Isso é verdade — anuiu d'Artagnan; — tens resposta para tudo, meu amigo.

E tornou a colocar o plano sobre a pedra.

Mas por menos tempo que o tivesse entre as mãos, pudera distinguir, debaixo da caligrafia enorme de Porthos, uma letrinha muito mais miúda que lhe recordava certas cartas escritas a Maria Michon, de que tivera conhecimento na mocidade. Mas a borracha passara e repassara sobre essa letra, que teria escapado a uma vista menos exercitada que a do nosso mosqueteiro.

— Bravo, meu amigo, bravo! — aplaudiu d'Artagnan.

— E, agora, sabes tudo o que querias saber, não é verdade? — indagou Porthos, pavoneando-se.

— Oh! meu Deus, sei; mas quero apenas que me faças uma última fineza, caro amigo.

— Fala; sou o dono aqui.

— Faze-me o favor de dizer o nome daquele senhor que está passeando lá embaixo.

— Onde, lá embaixo?

— Atrás dos soldados.

— Seguido de um lacaio?

— Precisamente.

— Em companhia de um biltre vestido de preto?

— Isso mesmo!

— É o Sr. Gétard.

— E quem é o Sr. Gétard, meu amigo?

— O arquiteto da casa.

— De que casa?

— Da casa do Sr. Fouquet.

— Ah! ah! — exclamou d'Artagnan; — pertences então à casa do Sr. Fouquet, Porthos?

— Eu! por quê? — indagou o topógrafo enrubescendo até à ponta superior das orelhas.

— Ué! dizes a casa, falando de Belle-Isle, como se falasses do castelo de Pierrefonds.

Porthos mordeu os lábios... conduziu d'Artagnan à pedra que lhe servia de mesa.

— Meu caro — disse ele — Belle-Isle pertence ao Sr. Fouquet, não pertence?

— Pertence.

— Como Pierrefonds me pertence a mim?

— Decerto.

— Foste a Pierrefonds?

— Eu já te disse que não faz dois meses que estive lá.

— Não viste um senhor que costuma passear com uma régua na mão?

— Não; mas poderia tê-lo visto, se ele de fato estivesse passeando.

— Pois bem! esse senhor é o Sr. Boulingrin.

— Quem é o Sr. Boulingrin?

— Aí é que está a coisa. Se, quando esse senhor passeia com uma régua na mão, alguém me pergunta: "Quem é o Sr. Boulingrin?" eu respondo: "É o arquiteto da casa". Pois bem! O Sr. Gétard é o Boulingrin do Sr. Fouquet. Mas ele não tem nada que ver com as fortificações, que só competem a mim, entendes? nada de nada.

— Ah! Porthos — exclamou d'Artagnan deixando pender os braços como um vencido que entregasse a espada; — ah! meu amigo, és não somente um topógrafo hercúleo, mas também um dialético de primeira ordem.

— Não é verdade — acudiu Porthos — que a minha argumentação é muito vigorosa?

E bufou como bufara o congro que d'Artagnan deixara escapar.

— E agora — continuou d'Artagnan — o biltre que acompanha o Sr. Gétard também pertence à

casa do Sr. Fouquet?
— Oh! — replicou Porthos com desdém — é um tal Sr. Jupenet ou Juponet, metido a poeta.
— Que vem estabelecer-se aqui?
— Creio que sim.
— Eu pensei que o Sr. Fouquet já tivesse poetas demais lá embaixo: Scudéri, Loret, Pellisson, La Fontaine. Para dizer-te a verdade, Porthos, esse poeta aí te desonra.
— Eh! meu amigo, o que nos salva é que ele não está aqui como poeta.
— Está como quê?
— Como impressor, e até me fazes lembrar que preciso dizer-lhe uma palavrinha.
— Dize-a.
Porthos fez sinal a Jupenet, que reconhecera d'Artagnan e não queria aproximar-se; o que, naturalmente, obrigou Porthos a fazer novo sinal.
Este último era tão imperativo que exigia imediata obediência. Jupenet aproximou-se.
— Muito bem — disse Porthos — desembarcastes ontem e já fizestes das vossas.
— Como assim, senhor barão? — perguntou Jupenet, que tremia como varas verdes.
— O vosso prelo gemeu a noite inteira, senhor — disse Porthos — e não me deixastes dormir, com seiscentos diabos!
— Senhor... — objetou timidamente Jupenet.
— Ainda não tendes nada que imprimir; por conseguinte, não deveis fazer funcionar o prelo. Que imprimistes esta noite?
— Uma poesia ligeira de minha lavra.
— Ligeira! Não pode ser, senhor, que a máquina gritava de dar dó. Não vos aconteça mais isso, entendestes?
— Entendi, sim, senhor.
— Prometei-lo?
— Prometo-o.
— Bem; por esta vez vos perdôo. Ide!
O poeta retirou-se com novas demonstrações de humildade.
— Muito bem! agora que já passamos uma boa descompostura nesse animal, almocemos — alvitrou Porthos.
— Sim — concordou d'Artagnan — almocemos.
— Entretanto — volveu Porthos — observo-te, meu amigo, que só temos duas horas para o almoço.
— Que se há de fazer? Faremos que nos bastem.
Mas por que temos somente duas horas?
— Porque a maré sobe à uma e, com a maré, parto para Vannes. Mas como devo regressar amanhã, caro amigo, fica em minha casa como se fosse tua. Tenho um bom cozinheiro e uma boa adega.
— Não, não — interrompeu-o d'Artagnan — farei coisa melhor.
— O quê?
— Disseste que vais a Vannes?
— Disse.
— Para ver Aramis?
— Claro.
— Pois bem, meu amigo, eu que vim de Paris expressamente para vê-lo...
— É verdade.

— Partirei contigo.

— Isso mesmo!

— Só que eu devia começar vendo Aramis e depois a ti. Mas o homem põe e Deus dispõe. Terei começado por ti e acabarei por Aramis.

— Muito bem!

— Em quantas horas vais daqui a Vannes?

— Oh! meu Deus! em seis horas. Três por mar, daqui a Sarzeau e três por terra, de Sarzeau a Vannes.

— Como é cômodo! E vais freqüentemente a Vannes, já que ficas tão perto do bispado?

— Uma vez por semana. Mas espera que eu apanhe o meu plano.

Porthos apanhou o plano, dobrou-o com cuidado e enfiou-o no bolso enorme.

— Bom! — disse consigo só d'Artagnan — creio que já sei agora quem é o verdadeiro fortificador de Belle-Isle.

Duas horas depois, aproveitando a enchente, Porthos e d'Artagnan partiam para Vannes.

Capítulo LXXI - Procissão em Vannes

A TRAVESSIA de Belle-Isle a Sarzeau fez-se muito rapidamente graças a um dos pequenos corsários de que haviam falado a d'Artagnan durante a sua viagem, e que, fabricados para a corrida e destinados à caça, abrigavam-se momentaneamente na enseada de Locmaria, onde um deles, com a quarta parte da tripulação de guerra, fazia o serviço entre Belle-Isle e o continente.

D'Artagnan teve ocasião de persuadir-se mais uma vez de que Porthos, embora engenheiro e topógrafo, não estava muito enfronhado nos segredos de Estado.

A sua perfeita ignorância, aliás, teria parecido a qualquer outro sábia dissimulação. Mas d'Artagnan conhecia bem demais todas as dobras e escaninhos de Porthos para não encontrar nele um segredo, se o houvesse, como esses velhos solteirões ordenados e meticulosos que sabem encontrar, de olhos fechados, tal livro numa prateleira da biblioteca, tal peça de roupa numa gaveta da cômoda.

Portanto, se nada encontrara o astuto d'Artagnan volvendo e revolvendo Porthos, era porque, na realidade, este último nada continha.

— Seja — disse d'Artagnan; — saberei mais em Vannes em meia hora do que soube Porthos em Belle-Isle em dois meses. Entretanto, para que eu me inteire de alguma coisa, é preciso que Porthos não se utilize do único estratagema que deixo à sua disposição. É preciso que ele não previna Aramis da minha chegada.

Todos os cuidados do mosqueteiro limitaram-se, portanto, naquele momento, a vigiar Porthos.

E, apressemos-nos em dizer, Porthos não merecia tal excesso de desconfiança. Não alimentava nenhuma tenção má. Pode ser que, a primeira vista, d'Artagnan lhe tivesse inspirado alguma desconfiança; mas quase imediatamente reconquistara o mosqueteiro naquele bom e corajoso coração o seu lugar de sempre, e nem a menor das nuvens toldava os olhos muito grandes de Porthos que, de tempos a tempos, se fixavam no amigo com ternura.

Ao desembarcar, Porthos procurou saber se os seus cavalos o esperavam, e, com efeito, não tardou em avistá-los no cruzeiro do caminho que passa ao largo de Sarzeau e, sem atravessar a cidadezinha, se dirige a Vannes.

Eram dois os cavalos: o do Sr. du Vallon e o do seu escudeiro.

Porthos arranjara um escudeiro desde que Mosqueton só se locomovia com o auxílio da carreta.

Receou d'Artagnan que Porthos se lembrasse de mandar na frente o escudeiro num cavalo para trazer outro e já se dispunha a combater a idéia.

Mas não se lhe concretizaram os receios. Porthos ordenou simplesmente ao servidor que apeasse e ficasse esperando por ele em Sarzeau, enquanto d'Artagnan montaria o seu animal.

Dito e feito.

— És um homem precavido, meu caro Porthos — disse d'Artagnan, depois que se viu instalado no cavalo do escudeiro.

— Sim; mas isso é uma fineza de Aramis. Não tenho aqui as minhas equipagens. Daí que Aramis pusesse as suas cocheiras ao meu dispor.

— Como cavalos de bispo, são magníficos, com todos os diabos! — observou d'Artagnan. — É verdade que Aramis é um bispo daquela moda.

— É um santo homem — respondeu Porthos em tom quase fanhoso e erguendo os olhos para o céu.

— Então deve ter mudado muito — disse d'Artagnan — pois nós o conhecemos bem profano.

— A graça tocou-o — explicou Porthos.
— Bravo! — tornou d'Artagnan — isso redobra o meu desejo de vê-lo.
E picou de esporas o cavalo, que saiu à carreira.
— Peste! — exclamou Porthos — se formos nessa marcha, levaremos uma hora em vez de duas.
— Para fazer um percurso de quanto, Porthos?
— De quatro léguas e meia.
— Boa média.
— Eu poderia, caro amigo, fazer-te embarcar no canal; mas o diabo queira saber de remeiros e cavalos de tiro! Os primeiros vão como tartarugas, os segundos como lesmas; e quando se pode pôr um animal ligeiro entre os joelhos, mais vale um bom cavalo que remeiros ou qualquer outra coisa.
— Tens toda a razão, principalmente tu, Porthos, que ficas soberbo a cavalo.
— Um tanto pesadão, meu amigo; andei-me pesando ultimamente.
— E quanto pesas?
— Trezentas! — respondeu Porthos com orgulho.
— Bravo!
— De sorte que para mim só servem cavalos de lombo reto e largo, pois do contrário, arrebento-os em duas horas.
— Sim, cavalos de gigantes, não é verdade, Porthos?
— És muito bom, meu amigo — replicou o engenheiro com afetuosa majestade.
— Com efeito, meu caro — replicou d'Artagnan — parece-me que a tua montaria já está suando.
— É que faz um calor dos diabos! Ah! ah! estás vendo Vannes?
— Estou, perfeitamente. Parece uma cidade muito bonita.
— Encantadora, no dizer de Aramis; mas eu acho-a negra; é verdade que os artistas parecem gostar do preto, o que, aliás, me desespera.
— Por que, Porthos?
— Porque mandei pintar de branco o meu castelo de Pierrefonds, que estava cinzento de velhice.
— Hum! — acudiu d'Artagnan; — o branco, de fato, é mais alegre.
— Sim, mas é menos augusto, pelo que diz Aramis. Felizmente há fabricantes de preto também: vou mandar repintar Pierrefonds de preto, e pronto. Se o cinzento é bonito, hás de convir em que o preto deve ser maravilhoso.
— A conclusão me parece lógica.
— Nunca estivestes em Vannes, d'Artagnan?
— Nunca.
— Então não conheces a cidade?
— Não.
— Pois olha — disse Porthos erguendo-se sobre os estribos, movimento que obrigou o cavalo a dobrar as pernas dianteiras — estás vendo ao sol, lá embaixo, aquela flecha?
— Estou.
— É a catedral.
— Que se chama?
— São Pedro. Agora, olha, lá, à esquerda, estás vendo outra cruz?
— Estou.
— É São Paterno, a paróquia predileta de Aramis.
— Ah!
— Sem dúvida. São Paterno, meu amigo, parece ter sido o primeiro bispo de Vannes. É verdade

que Aramis sustenta que não. E também é verdade que ele é tão sábio, que isso poderia ser um paro... um para...

— Um paradoxo — emendou d'Artagnan.

— Precisamente. Obrigado, a minha língua atrapalhou-se. Faz tanto calor!

— Meu amigo — disse d'Artagnan — continua, por favor, a tua interessante demonstração. Que é aquele edifício grande e branco, cheio de janelas?

— Ah! aquele é o colégio dos jesuítas. Por Deus! tens boa vista. Não estás vendo perto do colégio um casarão com campanariozinhos e torrinhas, de um belo estilo gótico, como diz o cretino do Sr. Gétard?

— Estou, estou vendo. Que é que tem?

— Pois é lá que mora Aramis.

— Como! ele não mora na sede do bispado?

— Não; a sede do bispado está em ruínas. Aliás, fica na cidade, e Aramis prefere os arrabaldes. Eis porque ele, como eu te disse, gosta de São Paterno: porque São Paterno fica num arrabalde. De mais a mais, há nesse arrabalde um jogo de malha, um jogo de péla e uma casa de dominicanos. Olha, aquela que ergue para o céu um bonito campanário.

— Já vi.

— Depois, como sabes, o arrabalde é uma cidade à parte; tem os seus muros, as suas torres, os seus fossos; o próprio cais chega até lá, e os navios encostam no cais. Se o nosso corsariozinho não deslocasse oito pés de água, chegaríamos com ele às janelas de Aramis.

— Porthos, Porthos, meu amigo — bradou d'Artagnan — és um poço de ciência, uma fonte de reflexões engenhosas e profundas. Porthos, já não me surpreendes, confundes-me.

— Chegamos — anunciou Porthos, mudando de assunto com a modéstia habitual.

— E não era sem tempo — pensou consigo d'Artagnan — pois o cavalo de Aramis está-se derretendo como se fosse de gelo.

Entraram quase ao mesmo tempo no bairro, mas não tinham dado cem passos quando os surpreenderam as ruas juncadas de folhas e flores.

Das velhas paredes de Vannes pendiam as mais velhas e estranhas tapeçarias de França.

Dos balcões de ferro caíam longos estofos brancos cheios de rosas.

As ruas estavam desertas; percebia-se que toda a população se reunira num ponto só.

Através das cerradas gelosias, o frescor invadia as casas abrigadas pelas tapeçarias, que projetavam grandes sombras escuras entre as suas saliências e os muros.

De repente, ao virarem uma esquina, cânticos lhes soaram aos ouvidos. Uma multidão adomingada apareceu entre os vapores do incenso que subia ao céu em flocos azulados, e nuvens de folhas de roseiras esvoaçavam até ao primeiro andar das casas.

Acima de todas as cabeças distinguiam-se a cruz e os estandartes, símbolos sagrados da religião.

Depois, debaixo da cruz e dos estandartes, e como que protegidas por eles, uma infinidade de raparigas vestidas de branco e coroadas de centáureas.

De ambos os lados da rua, fechando o cortejo, marchavam os soldados da guarnição, com ramalhetes nos canos dos fuzis e na ponta das lanças.

Era uma procissão.

Ao passo que d'Artagnan e Porthos observavam com muito apropriado fervor, que lhes disfarçava a estrema impaciência, um pálio magnífico aproximou-se, precedido de cem jesuítas e cem dominicanos, e escoltado por dois arcediagos, um tesoureiro, um penitenciário e doze cónegos.

Um chantre de voz fulminante, sem dúvida escolhido entre todas as vozes de França, como o era o

tambor-mor da guarda imperial entre todos os gigantes do império, um chantre, escoltado de quatro outros, que pareciam apenas encarregados de acompanhá-lo, percutia os ares e fazia vibrarem as vidraças de todas as casas.

Sob o pálio adiantava-se uma figura pálida e nobre, de cabelos pretos entremeados de fios de prata, boca fina e circunspecta, queixo saliente e anguloso. A cabeça, majestosa, era coberta pela mitra episcopal, que lhe emprestava, além do selo da soberania, o do ascetismo e da meditação evangélica.

— Aramis! — bradou involuntariamente o mosqueteiro quando a figura sobranceira passou diante dele.

Estremeceu o prelado; parecia ter ouvido a voz como um redivivo escuta a palavra do Salvador.

Ergueu os grandes olhos negros de cílios compridos e dirigiu-os sem hesitar para o ponto de onde partira a exclamação.

Na mesma volta de olhos, enxergou Porthos e d'Artagnan.

De seu lado, graças à acuidade do olhar, d'Artagnan vira tudo e tudo compreendera. O retrato de corpo inteiro do prelado penetrara-lhe a memória para nunca mais a deixar.

Uma coisa sobretudo impressionara-o.

Ao vê-lo, Aramis corara e, no mesmo instante, concentrara sob as pálpebras o fogo do olhar do amo e a imperceptível afetuosidade do olhar do amigo.

Era evidente que fazia a si mesmo, em voz baixa, esta pergunta:

— Por que estará d'Artagnan com Porthos, e que vem fazer em Vannes? Compreende Aramis o que se passa no espirito de d'Artagnan olhando-o pela segunda vez e vendo que ele não abaixa os olhos. Conhece a finura e a inteligência do amigo; teme que transluza o segredo de seu rubor e de seu espanto. É sempre o mesmo Aramis, como um eterno segredo para dissimular.

Dessarte, para dar cabo do olhar inquisitivo que é mister abater a todo custo, como a todo custo o general extingue o fogo de uma bateria que o incomoda, Aramis estende a mão formosa, muito alva, em que reluz a ametista do anel pastoral, rasga o ar com o sinal da cruz e fulmina os dois amigos com a sua bênção.

Distraído sonhador, ímpio malgrado seu, talvez d'Artagnan não se tivesse abaixado sob aquela santa bênção; mas Porthos percebe-lhe a distração e, apoiando amistosamente a mão nas costas do companheiro, esmaga-o.

D'Artagnan curva-se: pouco lhe falta para cair de bruços.

Entrementes, passa Aramis.

D'Artagnan, como Anteu, mal toca a terra, volta-se para Porthos, já inflamado.

Mas não há engano possível no que concerne à intenção do bravo Hércules: é um sentimento de decoro religioso que o anima.

A palavra, aliás, para Porthos, em vez de disfarçar o pensamento, completa-o sempre.

— Foi muita gentileza dele — observa ofegante — ter-nos dado assim uma bênção especial. Decididamente, é um homem bom e um santo homem.

Menos convencido que Porthos, d'Artagnan não responde.

— Observa, caro amigo — continua Porthos — ele nos viu e, em lugar de prosseguir ao passo da procissão, ei-lo que se apressa. Vês como o cortejo redobra de velocidade? Está com pressa de ver-nos e abraçar-nos, o querido Aramis.

— É verdade — responde d'Artagnan em voz alta. E, baixinho:

— O fato é que ele me viu, o raposão, e terá tempo de preparar-se para receber-me.

Mas a procissão passou; o caminho está livre.

D'Artagnan e Porthos guiam diretamente para o palácio episcopal, que enorme multidão rodeia, à espera do prelado.

Observa d'Artagnan que essa multidão é sobretudo composta de burgueses e militares.

Reconhece na natureza dos adeptos a habilidade do amigo.

Com efeito, Aramis não era homem que cortejasse uma popularidade inútil. Pouco lhe fazia ser querido de pessoas que de nada lhe servissem.

Mulheres, crianças e velhos, isto é, o cortejo ordinário dos pastores, não eram o seu.

Dez minutos depois de terem os dois amigos transposto o limiar do palácio episcopal, regressou Aramis triunfalmente; os soldados lhe apresentavam armas como a um superior; os burgueses saudavam-no menos como chefe religioso que como amigo e senhor.

Possuía Aramis qualquer coisa dos senadores romanos, cujas portas viviam achusmadas de clientes.

Antes de subir a escadaria do palácio, teve uma conferência de meio minuto com um jesuíta, que, para falar-lhe mais discretamente, enfiou a cabeça por baixo do capelo.

Depois subiu; tornaram a fechar-se lentamente as portas e a multidão se dispensou; ressoavam ainda os cânticos e orações.

Era um lindo dia. Perfumes da terra misturavam-se aos perfumes do ar e do mar. A cidade respirava felicidade, alegria, força.

D'Artagnan sentiu como que a presença de uma mão invisível que houvesse, todo-poderosa, criado essa força, essa alegria, essa felicidade, e houvesse espalhado esses perfumes.

— Oh! Oh! — disse entre si — Porthos engordou; mas Aramis cresceu.

Capítulo LXXII - A grandeza do bispo de Vannes

PORTHOS e d'Artagnan haviam entrado no palácio episcopal por uma porta particular, só conhecida dos íntimos da casa.

Fora ocioso dizer que Porthos servira de guia a d'Artagnan. Em toda a parte se comportava o digno barão como se estivesse em casa.

Entretanto, fosse reconhecimento tácito da santidade da pessoa de Aramis e de seu caráter; fosse o hábito de respeitar os que moralmente se lhe impunham, digno hábito que sempre fizera de Porthos um soldado modelo e um espírito excelente, por todas essas razões, dizemos nós, Porthos conservou, no palácio de Sua Reverendíssima o Bispo de Vannes, uma espécie de reserva que d'Artagnan não tardou em observar-lhe na atitude perante os criados e comensais.

Essa reserva, todavia, não ia a ponto de privar-se de perguntas. Porthos perguntou.

Soube então que Sua Reverendíssima acabava de entrar em seus aposentos e dispunha-se a aparecer, na intimidade, menos majestoso do que em público.

De fato, volvido um quarto de hora, ocupado por d'Artagnan e Porthos em entreolhar-se girando os polegares nas diferentes evoluções que vão do norte ao sul, abriu-se uma porta da sala e surgiu Sua Reverendíssima ostentando o trajo habitual de prelado.

Aramis trazia a cabeça alta, como um homem que tem o hábito de mandar, a batina roxa arregaçada de um lado e o punho na cintura.

Além disso, conservara o bigode fino e a mosca à Luís XIII.

Aramis, évêque de Vannes.

Exalou, ao entrar, o perfume delicado que, nos homens elegantes, nas mulheres da alta sociedade, nunca se modifica e parece haver-se incorporado à pessoa de que se torna emanação natural.

Dessa feita, porém, o perfume encerrava qualquer coisa da sublimidade religiosa do incenso. Já não embriagava, penetrava; não inspirava desejo, inspirava respeito.

Entrando na sala, Aramis não vacilou um momento e, sem pronunciar uma palavra que, fosse qual fosse, teria parecido fria naquela ocasião, encaminhou-se diretamente ao mosqueteiro tão bem disfarçado sob os trajos do Sr. Agnan, e abraçou-o com uma ternura em que nem o mais desconfiado dos homens teria entrevisto a mínima frieza ou afetação.

D'Artagnan, por seu turno, abraçou-o com idêntico entusiasmo.

Porthos apertou a mão delicada de Aramis em suas manoplas, e d'Artagnan observou que Sua Reverendíssima lhe dava a mão esquerda, provavelmente por hábito, visto que Porthos já lhe devia ter esmagado umas dez vezes os dedos ornados de anéis. Alertado pela dor, Aramis só entregava carnes para amassar e não dedos para triturar contra aros de ouro ou facetas de brilhantes.

Entre dois abraços, Aramis encarou com d'Artagnan, ofereceu-lhe uma cadeira e sentou-se na penumbra, de modo que a luz incidisse no rosto do interlocutor.

Essa manobra, familiar aos diplomatas e às mulheres, assemelha-se muito à vantagem da guarda que procuram tomar, segundo a sua habilidade ou costume, os adversários num duelo.

D'Artagnan não se deixou iludir; fingiu, porém, não ter reparado nela; sentia-se preso; mas, justamente porque estava preso, sentia-se a caminho das revelações, e pouco lhe importava, velho

condotiero, deixar-se aparentemente vencer contanto que tirasse da pretensa derrota vantagens de vitória.

Foi Aramis quem encetou a conversação.

— Ah! querido amigo! meu bom d'Artagnan! — disse ele — que excelente acaso!

— É um acaso, reverendo companheiro — respondeu d'Artagnan — a que chamarei amizade. Procuro-te, como sempre te procurei, desde que tenho alguma grande empresa para oferecer-te ou algumas horas livres para dar-te.

— Ah! — tornou Aramis sem explosão — tu me procuras?

— Procura, sim, meu caro Aramis — disse Porthos — e a prova é que foi descobrir-me em Belle-Isle. Amável, não achas?

— Ah! — disse Aramis — certamente, em Belle-Isle...

— Pronto! — disse d'Artagnan com os seus botões — a besta do Porthos, sem querer, já deu o primeiro tiro de canhão.

— Em Belle-Isle — acudiu Aramis — naquele buraco, naquele deserto! Amável, de fato.

— E fui eu quem lhe disse que estavas em Vannes — continuou Porthos no mesmo tom.

D'Artagnan apertou os lábios, dando-lhes uma finura quase irônica.

— Eu já o sabia; mas quis verificar — emendou ele.

— Verificar o quê?

— Se a nossa velha amizade subsistia ainda; se, ao rever-nos, o nosso coração, apesar de empedernido pela idade, deixava ainda escapar o bom grito de alegria que saúda a vinda de um amigo.

— Então deves ter ficado satisfeito — volveu Aramis.

— Mais ou menos.

— Como?

— Sim, Porthos me disse: "Psiu!" e tu...

— E eu?...

— Tu, tu me deste a tua bênção.

— Que queres! meu amigo — tornou, sorrindo, Aramis — é o que um pobre prelado como eu tem de mais precioso.

— Ora, ora! meu caro.

— Sem dúvida.

— Dizem, no entanto, que o bispado de Vannes é um dos melhores de França.

— Ah! falas dos bens temporais? — atalhou Aramis com ar displicente.

— Claro que falo. Até faço questão de falar.

— Nesse caso, falemos — concedeu Aramis com um sorriso.

— Confessas que és um dos prelados mais ricos de França?

— Meu caro, já que queres saber das minhas contas, dir-te-ei que o bispado de Vannes vale vinte mil libras de renda, nem mais nem menos. A diocese compreende cento e sessenta paróquias.

— Interessante — conveio d'Artagnan.

— Soberbo — exclamou Porthos.

— Entretanto — volveu d'Artagnan cobrindo Aramis com a vista — não te enterraste aqui para sempre?

— Perdoa-me. Não concordo com a palavra enterrar.

— Mas quero crer que, a esta distância de Paris, a gente esteja enterrado, ou pouco menos.

— Meu amigo, estou envelhecendo — retrucou Aramis; — o barulho e o movimento da cidade já

me incomodam. Aos cinqüenta e sete anos, devemos procurar a calma e a meditação. Encontrei-as aqui. Que haverá, porventura, de mais belo e severo ao mesmo tempo que esta velha Armórica? Aqui tenho, meu querido d'Artagnan, exatamente o contrário do que buscava outrora, e isso é que é preciso no fim da vida, o contrário do começo. Um pouco do meu prazer de antanho vem cumprimentar-me de quando em quando sem me distrair da salvação. Pertenço ainda a este mundo mas, a cada passo que dou, chego mais perto de Deus.

— Eloqüente, prudente, discreto, és um prelado perfeito — disse d'Artagnan — e eu te felicito.

— Mas — voltou, sorrindo, Aramis — não foi apenas para fazer-me cumprimentos que vieste, querido amigo... Fala, que te traz? Serei acaso tão venturoso que precises de mim?

— Mercê de Deus, não, meu caro — disse d'Artagnan — não é nada disso. Estou rico e livre.

— Rico?

— Para mim; não para ti nem para Porthos, bem entendido. Mas tenho umas quinze mil libras de renda.

Aramis considerou-o com ar desconfiado. Não podia acreditar, sobretudo vendo o humilde aspecto de d'Artagnan, que ele tivesse podido fazer tão polpuda fazenda.

— Compreendendo que soara o momento das explicações, contou o mosqueteiro a sua história de Inglaterra.

Durante a narrativa, viu por duas vezes brilharem os olhos e fremirem os dedos do prelado.

Quanto a Porthos, não era admiração que manifestava pelo amigo, era entusiasmo, era delírio. Quando d'Artagnan acabou de falar:

— E daí? — perguntou Aramis.

— Como vês — disse d'Artagnan — possuo na Inglaterra amizades e imóveis e, em França, um tesouro. Se os quiserdes, são vossos. Eis porque vim.

Por firme que fosse o seu olhar, não pôde sustentar o de Aramis. Desviou, portanto, a vista para Porthos, como a espada que cede a uma pressão todo-poderosa e procura outro rumo.

— Como quer que seja — disse o bispo — arranjaste uma roupa de viagem muito esquisita.

— Horrível! eu sei. Mas eu não queria viajar como fidalgo nem como cavalheiro. Depois que fiquei rico, virei pão duro.

— E dizes que foste a Belle-Isle? — perguntou Aramis sem transição.

— Fui — replicou d'Artagnan — pois sabia que lá vos encontraria a ambos.

— A mim! — bradou Aramis. — A mim! Há um ano que estou aqui e nem uma vez me embarquei.

— Oh! — tornou d'Artagnan — eu não te conhecia tão caseiro.

— Ah! caro amigo, preciso dizer-te que já não sou o homem de antes. O cavalo me incomoda, o mar fatiga-me; sou um pobre sacerdote enfermiço, sempre a queixar-se, resmungando sempre, inclinado às austeridades, que me parecem acordos com a velhice, negociações com a morte. Fixo-me, querido d'Artagnan, fixo-me.

— Pois tanto melhor, meu caro: provavelmente seremos vizinhos.

— Ora! — disse Aramis, não sem alguma surpresa, que nem tentou dissimular — tu, meu vizinho?

— Sim, senhor.

— Como assim?

— Vou comprar umas salinas estupendas, situadas entre Piriac e Croisic. Imagina, meu caro, uma exploração que rende doze por cento líquidos; sem desvalorizações, sem despesas supérfluas; fiel e regular, de seis em seis horas, traz o oceano a sua contribuição à minha caixa. Sou o primeiro parisiense que já imaginou especulação semelhante. Não me divulgueis o segredo da mina; por favor, e dentro em pouco nos comunicaremos. Por trinta mil libras comprarei três léguas de terra.

Aramis dirigiu um olhar a Porthos como se quisesse perguntar-lhe se tudo aquilo era verdadeiro, se não se ocultaria algum laço debaixo daquela aparente pachorra. Logo, porém, como se se corresse de haver consultado tão fraco auxiliar, reuniu todas as forças para novo assalto ou nova defesa.

— Tinham-me assegurado — disse ele — que te havias desavido com a corte, mas que saíste como sabes sair de tudo, meu caro d'Artagnan, com as honras da batalha.

— Eu? — exclamou o mosqueteiro casquinando uma gargalhada, insuficiente, aliás, para dissimular-lhe o enleio; pois as palavras de Aramis davam a entender que ele estava inteirado de suas mais recentes relações com o rei; — eu? Ah! conta-me isso, Aramis.

— Sim, tinham-me garantido, a mim, pobre bispo perdido no meio das landas, que o rei te havia tomado por confidente dos seus amores.

— Com quem?

— Com a Srta. de Mancini. D'Artagnan respirou.

— Ah, não digo que não — respondeu.

— Parece que o rei te levou certa manhã à ponte de Blois para conversar com a dama dos seus pensamentos?

— É verdade — confessou d'Artagnan. — Ah! sabes disso? Mas, então, deves saber também que, no mesmo dia, pedi demissão.

— Sincera?

— Sinceríssima.

— E foste depois à casa do Conde de La Fère?

— Fui.

— E à minha?

— Fui.

— E à de Porthos?

— Fui.

— Para visitar-nos?

— Não; eu não vos sabia comprometidos, e queria levar-vos à Inglaterra.

— Compreendo; e executaste sozinho, homem maravilhoso, o que nos querias propor aos quatro. Bem desconfiei que havias participado dessa bela restauração, quando me disseram que foras visto nas recepções do Rei Carlos, que te falava como a um amigo, ou melhor, como um homem obrigado.

— Mas como diabo soubeste de tudo isso? — perguntou d'Artagnan, receoso de que as investigações de Aramis se estendessem mais longe do que lhe convinha.

— Meu caro d'Artagnan — respondeu o prelado — a minha amizade semelha um pouco a solicitude do guarda-noturno que temos na torrinha do dique, na extremidade do cais. O bravo homem acende todas as noites uma lanterna para aclarar os barcos que vêm do mar.

Escondido na guarita, os pescadores não o vêem; mas ele os segue com interesse; adivinha-os, chama-os, condu-los ao porto. Pois eu pareço esse guarda; de tempos a tempos chegam-me notícias e recordam-me tudo o que eu amava.

Sigo então os amigos de outrora sobre o mar tempestuoso do mundo, eu, pobre vigia, a quem Deus teve a bondade de emprestar uma guarita.

— E depois da Inglaterra — continuou d'Artagnan — que fiz eu?

— Ah! pois sim! — tornou Aramis — queres forçar-me a vista. Não sei mais nada depois do teu regresso, d'Artagnan; tenho os olhos toldados. Lastimei que não pensasses mais em mim. Chorei o teu esquecimento. Enganei-me. Revejo-te, e tudo isso é para mim uma festa, uma grande festa, juro-te... Como vai Athos?

— Muito bem, obrigado.
— E o nosso jovem pupilo?
— Raul?
— É.
— Parece ter herdado a habilidade do pai e a força de Porthos.
— Quando pudeste comprová-lo?
— Na véspera de minha partida.
— Sim?
— Havia execução na Praça da Greve, e, como conseqüência, verificou-se um motim. Vimo-nos metidos no barulho e, em resultado do barulho, tivemos de esgrimir um pouco. Pois ele saiu-se maravilhosamente.
— Que foi o que ele fez? — perguntou Porthos.
— Primeiro jogou um homem pela janela, como teria jogado um fardo de algodão.
— Oh! muito bem! — bradou Porthos.
— Depois puxou da espada e estoqueou, como fazíamos nos belos tempos.
— E a troco de que o motim? — perguntou Porthos.
D'Artagnan observou no rosto de Aramis completa indiferença à pergunta de Porthos.
— A troco — disse ele fitando os olhos no bispo — de dois contratadores que o rei obrigara a restituir o que haviam furtado, dois amigos do Sr. Fouquet, condenados à forca.
Um rápido franzir de sobrancelhas foi o único sinal de que o prelado ouvira a última frase.
— Oh! oh! — exclamou Porthos — e como se chamavam esses amigos do Sr. Fouquet?
— Os Srs. d'Eymeris e Lyodot — replicou d'Artagnan. — Conhecias, Aramis?
— Não — respondeu, desdenhoso, o interpelado; — parecem nomes de financistas.
— Exatamente.
— E o Sr. Fouquet deixou que lhe enforcassem os amigos? — exclamou Porthos.
— E por que não? — atalhou Aramis.
— É o que me parece...
— Se enforcaram os infelizes, foi por ordem do rei. Ora, pelo simples fato de ser superintendente das finanças, o Sr. Fouquet não tem, penso eu, direito de vida e morte.
— Não faz mal — resmungou Porthos — no lugar do Sr. Fouquet...
Aramis compreendeu que Porthos ia largar uma asneira. Mudou de assunto.
— Agora — disse ele — meu caro d'Artagnan, depois de tanto falarmos dos outros, falemos um pouco de ti.
— De mim? de mim já sabes tudo o que eu poderia dizer. Pelo contrário, falemos de ti, Aramis.
— Pois se há pouco te confessei, meu amigo, que em mim já não existe Aramis!
— Nem sequer o Padre d'Herblay?
— Nem sequer o Padre d'Herblay. Estás vendo um homem que Deus tomou pela mão e conduziu a uma posição que ele não devia nem ousava esperar.
— Deus? — inquiriu d’Artagnan.
— Deus.
— Esquisito! A mim me disseram que foi o Sr. Fouquet.
— Quem te disse isso? — atalhou Aramis, que, apesar de todo o poder de sua vontade, não pôde impedir que um leve rubor lhe colorisse as faces.
— Bazin.
— O idiota!

— Não digo, é verdade, que seja um homem genial; mas repito o que ele me contou.

— Nunca vi o Sr. Fouquet — respondeu Aramis com um olhar tão calmo e tão puro como o de uma virgem que jamais houvesse mentido.

— Mas ainda que o tivesses visto e conhecido, não haveria nisso nada de mal; é um homem extraordinário — replicou d'Artagnan.

— Ah!

— Um grande político.

Aramis fez um gesto de indiferença.

— Um ministro todo-poderoso.

— Não dependo senão do rei e do papa — declarou Aramis.

— Escuta — continuou d'Artagnan no tom mais ingênuo possível — só digo isso porque toda a gente aqui jura pelo Sr. Fouquet. A planície é do Sr. Fouquet, as salinas que comprei são do Sr. Fouquet, a ilha em que Porthos virou topógrafo é do Sr. Fouquet, a guarnição é do Sr. Fouquet, as galeras são do Sr. Fouquet. Confesso, portanto, que não me teria surpreendido a tua enfeudação, ou antes, a enfeudação da tua diocese, ao Sr. Fouquet. É um amo diferente do rei, sem dúvida, mas tão poderoso quanto um rei.

— Graças a Deus não estou enfeudado a ninguém; não pertenço a ninguém e sou dono de todo o meu nariz — respondeu Aramis, que, durante a conversação, seguia com o rabo dos olhos cada gesto de d'Artagnan e cada piscadela de Porthos.

Mas d'Artagnan permanecia impassível, e Porthos imóvel; os golpes habilmente desferidos eram parados por um hábil adversário; nenhum atingiu o alvo.

Não obstante, todos sentiam o esforço da luta, e o anúncio da ceia foi recebido como um alívio.

A refeição mudou o curso da conversa. Aliás, todos haviam compreendido que, vigilantes como estavam os contendores, ninguém lograria maiores informações.

Porthos não compreendera coisa alguma.

Mantivera-se imóvel porque Aramis lhe fizera sinal que não se mexesse. Daí que a ceia não fosse para ele mais do que a ceia. O que, para Porthos, não era pouco.

A ceia, portanto, decorreu admiravelmente.

D'Artagnan foi de uma alegria esfuziante.

Aramis não poderia ser mais afável.

Porthos comeu como o finado Pélope.

Falou-se de guerra e finanças, artes e amores.

Aramis simulava espanto a cada palavra sobre política arriscada por d'Artagnan. Essa longa série de surpresas aumentou a desconfiança do mosqueteiro, como a eterna desconfiança de d'Artagnan provocava as suspeitas de Aramis.

Afinal d'Artagnan deixou cair, propositadamente, o nome de Colbert. Reservara esse golpe para o fim.

— Quem é Colbert? — perguntou o bispo.

— Oh! francamente — cuidou entre si o mosqueteiro — isso também já é demais. Vigiemos, com a breca! vigiemos.

E deu sobre Colbert todas as informações que Sua Reverendíssima poderia desejar.

A ceia, ou melhor, a conversação prolongou-se até uma hora da madrugada entre d'Artagnan e Aramis.

Às dez horas em ponto Porthos adormeceu na cadeira e principiou a roncar como um órgão.

À meia-noite, acordaram-no e mandaram-no para a cama.

— Hum! — disse ele; — creio que cochilei um pouco; mas era interessantíssimo o que dizíeis.

À uma hora, Aramis conduziu d'Artagnan ao quarto que lhe destinara, o melhor do palácio episcopal.

Dois criados foram postos às suas ordens.

— Amanhã, às oito horas — disse o bispo despedindo-se do mosqueteiro — faremos, se quiseres, um passeio a cavalo com Porthos.

— Às oito horas? — acudiu d'Artagnan — tão tarde assim?

— Sabes que preciso de sete horas de sono.

— É justo.

— Boa noite, caro amigo!

E abraçou o mosqueteiro com cordialidade.

D'Artagnan deixou-o partir.

— Bom! — disse este, quando a porta se fechou atrás do outro — às cinco estarei em pé.

Tomada essa resolução, enfiou-se na cama e, como vulgarmente se diz, dormiu como um justo.

Capítulo LXXIII - Em que Porthos principia a zangar-se por ter vindo com d'Artagnan

ASSIM que d'Artagnan apagou a vela, Aramis, que espreitava através das cortinas o último bruxoleio da luz na recamara do amigo, atravessou o corredor pé ante pé e foi para o quarto de Porthos.

Deitado havia uma hora e meia, mais ou menos, refestelado no edredão, saboreava o gigante o sossego feliz do primeiro sono que, nele, resistia ao barulho dos sinos e do canhão; nadava-lhe a cabeça no suave balanço que lembra o movimento gostoso de um navio. Mais um minuto, e começaria a sonhar.

A porta do quarto abriu-se devagarinho sob a delicada pressão da mão de Aramis.

O bispo aproximou-se do dorminhoco. Espesso tapete lhe abafava o ruído dos passos; aliás, Porthos roncava de tal maneira que abafava todos os ruídos.

Pousou a mão no ombro dele.

— Vamos — disse — vamos, meu caro Porthos.

A voz de Aramis era doce e afetuosa, mas encerrava mais que uma sugestão, encerrava uma ordem. A mão era leve, mas indicava um perigo.

Porthos ouviu a voz e sentiu a pressão dos dedos no meio do sono.

Estremeceu.

— Quem vem lá? — Perguntou com voz estentórea.

— Psiu! sou eu — disse Aramis.

— Tu, querido amigo! E por que diabo me acordas?

— Para dizer-te que precisas partir.

— Partir?

— É.

— Para onde?

— Para Paris.

Porthos deu um pulo na cama e recaiu sentado, cravando os olhos enormes e pasmados.

— Para Paris?

— É.

— Cem léguas! — exclamou.

— Cento e quatro — corrigiu o bispo.

— Ah! meu Deus! — suspirou Porthos tornando a deitar-se, como as crianças que lutam com a ama para ganhar mais uma ou duas horas de sono.

— Trinta horas a cavalo — ajuntou resoluto, Aramis. — Sabes que há boas mudas.

Porthos mexeu uma perna e soltou um gemido.

— Vamos! vamos! querido amigo — insistiu o prelado com certa impaciência.

Porthos tirou a outra perna para fora da cama.

— É absolutamente necessário que eu parta?

— Indispensável.

Porthos saltou da cama e começou a sacudir o pavimento e as paredes com os seus passos de estátua.

— Psiu! pelo amor de Deus, meu caro Porthos! — disse Aramis; — assim acordas alguém.

— Ah! é verdade — trovejou Porthos; — eu me esquecia; mas sossega, que tomarei cuidado.

E, dizendo essas palavras, deixou cair uma cinta era que estavam penduradas a espada, as pistolas e uma bolsa cujos escudos se esparramaram pelo chão com um ruído vibrante e prolongado.

O barulho fez referver o sangue de Aramis, mas provocou em Porthos formidável gargalhada.

— Que coisa engraçada! — disse ele com a mesma voz.

— Mais baixo, Porthos, mais baixo!

— É verdade.

E, de fato, abaixou-a meio-tom.

— Eu estava dizendo — continuou Porthos — que é engraçado que a gente quanto mais pressa tem tanto mais anda devagar, e é tanto mais barulhento quanto mais silencioso quer ser.

— Sim, sim; mas desmintamos o provérbio, Porthos: apressemo-nos e calemo-nos. Estás vendo que faço o possível — disse Porthos, enfiando as bragas.

— Muito bem. O negócio é urgente?

— É mais do que urgente, é grave, Porthos.

— Oh! oh!

— D'Artagnan andou fazendo perguntas, não andou?

— A mim?

— Sim, em Belle-Isle.

— Nenhuma.

— Tens certeza?

— Que dúvida!

— Impossível. Procura lembrar-te.

— Ele me perguntou o que eu estava fazendo e respondi: "Estudando topografia". Aliás, eu queria empregar outra palavra, que empregaste uma vez.

— Castrametação?

— Isso, mas não consegui lembrar-me dela.

— Tanto melhor! Que mais te perguntou?

— Quem era o Sr. Gétard.

— E depois?

— Quem era o Sr. Jupenet.

— Ele não viu o nosso plano de fortificações, viu?

— Claro que sim.

— Ah, diabo!

— Descansa, que apaguei a tua letra com borracha. Ninguém poderá supor que tenhas tido a bondade de dar-me alguns conselhos.

— O nosso amigo tem olhos de lince.

— Que receias, afinal?

— Que tudo esteja descoberto, Porthos; trata-se, pois, de prevenir uma grande desgraça. Ordenei à minha gente que fechasse todas as portas. Não deixarão sair d'Artagnan antes do romper do dia. O teu cavalo está arreado; chegarás com ele à primeira muda; às cinco da madrugada já terás percorrido quinze léguas. Vem.

Pôs-se então Aramis a vestir Porthos peça por peça com a presteza do mais hábil criado grave.

Meio confuso, meio aturdido, Porthos não se lhe opunha e confundia-se em escusas.

Quando o viu pronto, Aramis pegou-lhe na mão e puxou-o, fazendo-o colocar o pé com precaução em cada degrau da escada, impedindo-o de esbarrar nos batentes das portas, virando-o e revirando-o como se ele, Aramis, fosse o gigante e Porthos o pigmeu.

A alma de um incendiava e erguia a matéria do outro.

Um cavalo, de fato, esperava, selado, no pátio.

Porthos montou-o.

O próprio Aramis segurou o animal pelas rédeas e guiou-o por sobre o estrume espalhado no chão, com a intenção evidente de abafar-lhe o ruído dos passos beliscando-lhe as ventas de vez em quando, para que não relinchasse...

Depois, chegado à porta exterior, aconchegou de si Porthos, que se dispunha a partir sem perguntar por quê:

— Agora, amigo Porthos, vai sem parar até Paris — disse-lhe ao ouvido; — come a cavalo, bebe a cavalo, dorme a cavalo, mas não me percas um minuto.

— Irei sem parar.

— Entrega esta carta ao Sr. Fouquet, custe o que custar; é preciso que ele a receba amanhã antes do meio-dia.

— Há de recebê-la.

— E pensa numa coisa, caro amigo.

— O quê?

— Que estarás correndo empós da tua patente de duque e par.

— Oh! oh! — exclamou Porthos com olhos flamejantes — nesse caso chegarei em vinte e quatro horas.

— Procura fazê-lo.

— Então larga as rédeas. Para a frente, Golias!

Aramis largou efetivamente, não as rédeas, mas as narinas do cavalo. Porthos cumprimentou, picou de esporas e o animal, furioso, partiu como um raio.

Enquanto pôde ver Porthos na escuridão, Aramis seguiu-o com os olhos; depois, perdendo-o de vista, retornou ao pátio.

Nada se mexera no quarto de D'Artagnan.

O criado colocado como sentinela diante da porta não vira luz alguma, não ouvira ruído nenhum. Aramis fechou de novo a porta com cuidado, mandou o criado dormir e enfiou-se na cama também.

D'Artagnan, de fato, não desconfiava de nada; por isso mesmo entendeu que era sua a vitória quando acordou no dia seguinte, às quatro e meia da madrugada.

De camisola, correu à janela. A janela dava para o pátio. Amanhecia.

O pátio estava deserto; nem as galinhas haviam deixado os poleiros.

Não viu um criado sequer.

Todas as portas continuavam cerradas.

— Bom! calma perfeita — disse entre si d'Artagnan. — Não importa, fui o primeiro a acordar em toda a casa. Vistamo-nos; ganharemos mais algum tempo ainda.

E vestiu-se.

Dessa vez, porém, fê-lo com cuidado para não dar à andaina do Sr. Agnan a rigidez burguesa e quase eclesiástica de antes; soube, apertando-se um pouco mais, abotoando-se de certo modo e pondo o chapéu um pouco mais de lado, devolver à sua pessoa algo do porte militar cuja falta inquietara Aramis.

Isso feito, houve-se, ou melhor, fingiu haver-se sem-cerimônia com o dono da casa e invadiu-lhe improvisamente os aposentos.

Aramis dormia ou fingia dormir.

Um grande livro estava aberto sobre a estante; uma vela ardia ainda sobre a bandeja de prata.

Era mais do que o suficiente para demonstrar a d'Artagnan a inocência da noite do prelado e as boas intenções do seu despertar.

O mosqueteiro fez precisamente ao bispo o que o bispo fizera a Porthos.

Bateu-lhe no ombro.

Era manifesto que Aramis simulava dormir, pois em vez de acordar de repente, ele, de sono tão leve, deixou que o outro repetisse o gesto.

— Ah! ah! és tu — tartamudeou esticando os braços. — Que boa surpresa! À minha fé, o sono fez-me esquecer que tenho a ventura de hospedar-te. Que horas são?

— Não sei — respondeu d'Artagnan, encalistrado.

— Creio que ainda é cedo. Mas, sabes, o maldito costume militar de acordar com as galinhas não me deixou.

— Quererás, porventura, sair agora? — perguntou Aramis. — Parece-me cedíssimo.

— Como quiseres.

— Combinamos passear a cavalo somente às oito.

— É possível; mas eu tinha tanta vontade de ver-te, que disse entre mim: quanto mais cedo, melhor.

— E as minhas sete horas de sono? — acudiu Aramis. — Eu estava contando com elas e, se perder algumas, terei de recuperá-las.

— Mas parece-me que eras outrora menos dorminhoco, meu amigo; tinhas o sangue pronto e ninguém te achava na cama.

— E é precisamente por causa disso que hoje gosto tanto de ficar deitado.

— Confessa que não foi para dormir que me pediste folga até às oito.

— Receei que caçoasses de mim se te dissesse a verdade.

— Dize-a sempre.

— Pois bem, das seis às oito, tenho o hábito de fazer minhas devoções.

— As tuas devoções?

— Sim.

— Eu não imaginava que um bispo tivesse obrigações tão severas.

— Um bispo, caro amigo, precisa respeitar com mais rigor as aparências do que um simples clérigo.

— Com seiscentos diabos! Aramis, aí está uma palavra que me reconcilia com Sua Reverendíssima. As aparências! isso, sim, é uma expressão de mosqueteiros! Vivam as aparências, Aramis!

— Em vez de me felicitares por ela, perdoa-me, d'Artagnan. Foi uma expressão mundana que me escapou.

— Devo deixar-te?

— Necessito de recolhimento, querido amigo.

— Bom. Deixo-te; mas por esse pagão que se chama d'Artagnan, abrevia as devoções; tenho sede de tuas palavras.

— Pois bem! d'Artagnan, prometo que daqui a uma hora e meia...

— Uma hora e meia de devoção? Ah! meu amigo, deixa-o mais barato, por mim!

Aramis pôs-se a rir.

— Sempre encantador, sempre jovem, sempre alegre — disse ele. — Vieste à minha diocese para inimizar-me com a graça.

— Ora!

— E sabes perfeitamente que nunca resisti às tuas seduções; tu me danarás, d'Artagnan.
D'Artagnan mordeu os lábios.
— Assumo a responsabilidade do pecado — disse ele. — Faze-me um sinal da cruz bem cristão, reza-me um Pater e partamos.
— Psiu! — sobreveio Aramis — já não estamos sós; ouço estranhos que sobem.
— Manda-os embora.
— Impossível; marquei ontem um encontro com eles: é o principal do colégio dos jesuítas e o superior dos dominicanos.
— O teu estado-maior; seja.
— Que vais fazer?
— Vou acordar Porthos e esperaremos juntos que termines as tuas conferências.
Aramis não se mexeu, não pestanejou, não fez um gesto nem disse uma palavra mais precipitada.
— Vai — assentiu.
D'Artagnan aproximou-se da porta.
— A propósito, sabes onde Porthos está dormindo?
— Não; mas posso informar-me.
— Toma o corredor e abre a segunda porta à esquerda.
— Obrigado! até já.
E d'Artagnan afastou-se na direção indicada pelo bispo. Dez minutos depois voltava.
Encontrou Aramis sentado entre o superior dos dominicanos e o principal do colégio dos jesuítas, na mesma posição em que o surpreendera, uma vez, na estalagem de Crèvecoeur.
A companhia não assustou o mosqueteiro.
— Que foi? — perguntou tranqüilamente Aramis.
— Parece-me que tens alguma coisa para dizer-me, caro amigo?
— Porthos — respondeu d'Artagnan encarando em Aramis — não está no quarto dele.
— Ué! — redarguiu Aramis com calma; — tens certeza?
— Homessa! venho de lá.
— Onde estará, então?
— É o que te pergunto — E não procuraste informar-te?
— Procurei.
— Que te disseram?
— Que Porthos costuma sair de manhã sem avisar ninguém, e provavelmente saiu.
— E que fizeste depois?
— Fui à cocheira — respondeu com indiferença d'Artagnan.
— Para quê?
— Para saber se saiu a cavalo.
— E?...
— Está faltando um cavalo na baia n.° 5, Golias.
Todo esse diálogo, como se há de compreender, não era isento de certa afetação da parte do mosqueteiro e de absoluta complacência da parte do bispo.
— Oh! já sei o que foi: — exclamou Aramis depois de haver refletido um momento — Porthos saiu para fazer-nos uma surpresa.
— Uma surpresa?
— Sim. O canal que vai de Vannes ao mar vive cheio de cerceias e narcejas; é a caça favorita de Porthos; ele nos trará uma dúzia para o almoço.

— Achas? — perguntou d’Artagnan.
— Tenho certeza. Aonde queres que tenha ido? Garanto que levou uma espingarda.
— É possível.
— Faze uma coisa, querido amigo, monta a cavalo e vai ter com ele.
— Boa idéia — concordou d'Artagnan.
— Queres que te acompanhem?
— Não, obrigado. Porthos é reconhecível. Acharei o caminho.
— Levas um arcabuz?
— Obrigado.
— Manda arrear o cavalo que quiseres.
— O que montei ontem vindo de Belle-Isle.
— Seja; usa desta casa como se fosse tua.
Aramis tocou a campainha e ordenou que selassem o cavalo escolhido pelo Sr. d'Artagnan.
D'Artagnan seguiu o criado encarregado da execução da ordem.
Chegado à porta, o criado afastou-se para deixá-lo passar.
Nesse momento o seu olhar encontrou o do amo.
Um franzir de sobrancelhas deu a entender ao lacaio que d'Artagnan ia fazer o que se queria que fizesse.
D'Artagnan montou a cavalo; Aramis ouviu o ruído das ferraduras percutindo as lajes do pátio.
Um instante depois, voltava o criado.
— E então? — perguntou o bispo.
— Monsenhor, ele se dirige para o mar seguindo o canal — respondeu o criado.
— Bem! — disse Aramis.
Com efeito, afugentando todas as suspeitas, d'Artagnan corria para o oceano, esperando sempre divisar nas landas ou na praia os colossais contornos do seu amigo Porthos.
O mosqueteiro obstinava-se em reconhecer passos de cavalo em cada poça d’água.
De onde em onde supunha ouvir a detonação de uma arma de fogo.
Essa ilusão durou três horas.
Durante as duas primeiras d'Artagnan procurou Porthos. Na terceira, voltou para casa.
— Decerto nos desencontramos — disse ele — e os dois convivas estão à minha espera.
Enganava-se. Não encontrou Porthos no palácio episcopal como não o encontrara à beira do canal.
Aramis esperava-o no topo da escada com uma expressão de desespero.
— Não te acharam, meu querido d'Artagnan? — gritou de longe, assim que avistou o mosqueteiro.
— Não. Mandaste alguém à minha procura?
— Estou desolado, meu amigo, desolado por te haver feito correr inutilmente; mas, lá pelas tantas, o capelão de São Paterno apareceu; encontrara du Vallon, que, não querendo acordar ninguém aqui em casa, lhe pediu me dissesse que, temendo alguma arte do Sr. Gétard em sua ausência, aproveitaria a maré para dar um pulo a Belle-Isle.
— Parece-me, entretanto, que Golias não pode ter atravessado as quatro léguas de mar! — Quatro não, que são seis — disse Aramis.
— Menos ainda.
— Por isso mesmo, caro amigo — tornou o prelado com um meigo sorriso — Golias está na cocheira, e garanto que satisfeitíssimo por ter-se livrado de Porthos.
Com efeito, o cavalo fora trazido da estação de mudas por ordem do prelado, ao qual nenhum pormenor escapava.

D'Artagnan pareceu contentar-se com a explicação.

Começava a proceder com uma dissimulação que convinha perfeitamente às suspeitas mais e mais acentuadas que lhe ocorriam.

Almoçou entre o jesuíta e Aramis, tendo o dominicano à sua frente e sorrindo para ele, extremamente agradado da sua figura gordanchuda.

Longo e lento foi o almoço: excelente vinho da Espanha, lindas ostras de Morbihan, peixes deliciosos da embocadura do Loire, camarões enormes de Paimboeuf e caça delicada das landas.

D'Artagnan comeu muito e bebeu pouco.

Aramis não bebeu coisa alguma ou, pelo menos, só bebeu água.

E, terminado o almoço:

— Tu me ofereceste um arcabuz?

— Ofereci.

— Empresta-mo.

— Queres caçar?

— Enquanto espero Porthos, creio que é o melhor que tenho para fazer.

— Tira o que quiseres do troféu.

— Virás comigo?

— Ai! caro amigo, iria com grande prazer, mas a caça é vedada aos bispos.

— Ah! — voltou d'Artagnan — eu não sabia.

— Aliás — continuou Aramis — estarei ocupado até ao meio-dia.

— Irei sozinho, então?

— Infelizmente. Mas volta para jantar.

— Que dúvida! Come-se tão bem em tua casa que eu não deixaria de voltar por nada deste mundo.

D'Artagnan despediu-se do hospedeiro, saudou os convivas e foi buscar o arcabuz; mas, em vez de ir à caça, guiou diretamente para o portozinho de Vannes.

Olhou em derredor para verificar se o seguiam; não viu nada nem ninguém.

Alugou um barquinho de pesca por vinte e cinco libras e partiu às onze e meia, persuadido de que não fora acompanhado.

É verdade que o não tinham seguido. Mas, encarapitado no alto do campanário da sua igreja, desde a manhã, com o auxílio de excelente luneta, um jesuíta lhe observara todos os passos.

Às onze horas e três quartos, Aramis era avisado de que d'Artagnan vogava para Belle-Isle.

A viagem foi rápida: um bom vento nor-nordeste empurrava-o para a ilha.

À proporção que se aproximava, os seus olhos interrogavam a costa. Procurava lobrigar, quer na praia, quer acima das fortificações, o trajo resplandecente de Porthos e a sua vasta estatura destacados contra um céu levemente toldado.

D'Artagnan buscou em vão; desembarcou sem ter visto nada, e soube do primeiro soldado inquirido por ele que o Sr. du Vallon não regressara de Vannes.

Sem perda de um instante, ordenou ao naviozinho que aproasse para Sarzeau.

Todos sabem que o vento varia segundo as diferentes horas do dia; passando de nordeste a sudeste era, por conseguinte, quase tão bom para o regresso a Sarzeau quanto o fora a viagem a Belle-Isle. Três horas depois, d'Artagnan abicava no continente; outras duas lhe bastaram para chegar a Vannes.

A despeito da rapidez da travessia, só a coberta do barco, sobre a qual sapateou durante três horas, poderia contar a história da impaciência e da raiva que possuíram o mosqueteiro.

D'Artagnan transpôs de um salto a distância que separava o cais do palácio episcopal.

Esperava aterrar Aramis com a presteza de seu regresso e queria reprochar-lhe a duplicidade, com

reserva, é claro, mas com suficiente calor para fazê-lo compreender todas as suas conseqüências e arrancar-lhe parte do segredo.

Confiava, por fim, em que, mercê do vigor de expressão que está para os mistérios como a carga de baioneta está para os redutos, obrigaria o misterioso Aramis a uma revelação qualquer.

Encontrou, porém, no vestíbulo do palácio o criado grave que lhe barrava o caminho com um sorriso e uma expressão de beatitude.

— Onde está monsenhor? — gritou d'Artagnan tentando arredado com a mão.

Momentaneamente abalado, o lacaio recuperou o equilíbrio.

— Monsenhor? — repetiu.

— Sem dúvida; não me reconheces, imbecil?

— Perfeitamente; sois o Cavaleiro d'Artagnan.

— Então, deixa-me passar.

— Não adianta.

— Não adianta por quê?

— Porque Sua Reverendíssima não está.

— Como! Sua Reverendíssima não está! Onde foi, então?

— Foi-se embora.

— Foi-se embora?

— Sim, senhor.

— Para onde?

— Não sei; mas talvez o tenha dito ao senhor cavaleiro.

— Como? Onde? De que maneira?

— Nesta carta que me mandou entregar-vos. E tirou uma carta do bolso.

— Dá-me, depressa, bisbórria! — gritou d'Artagnan, arrancando-lha das mãos. — Oh! sim, continuou depois de ler a primeira linha; — compreendo, compreendo!

E leu a meia voz:

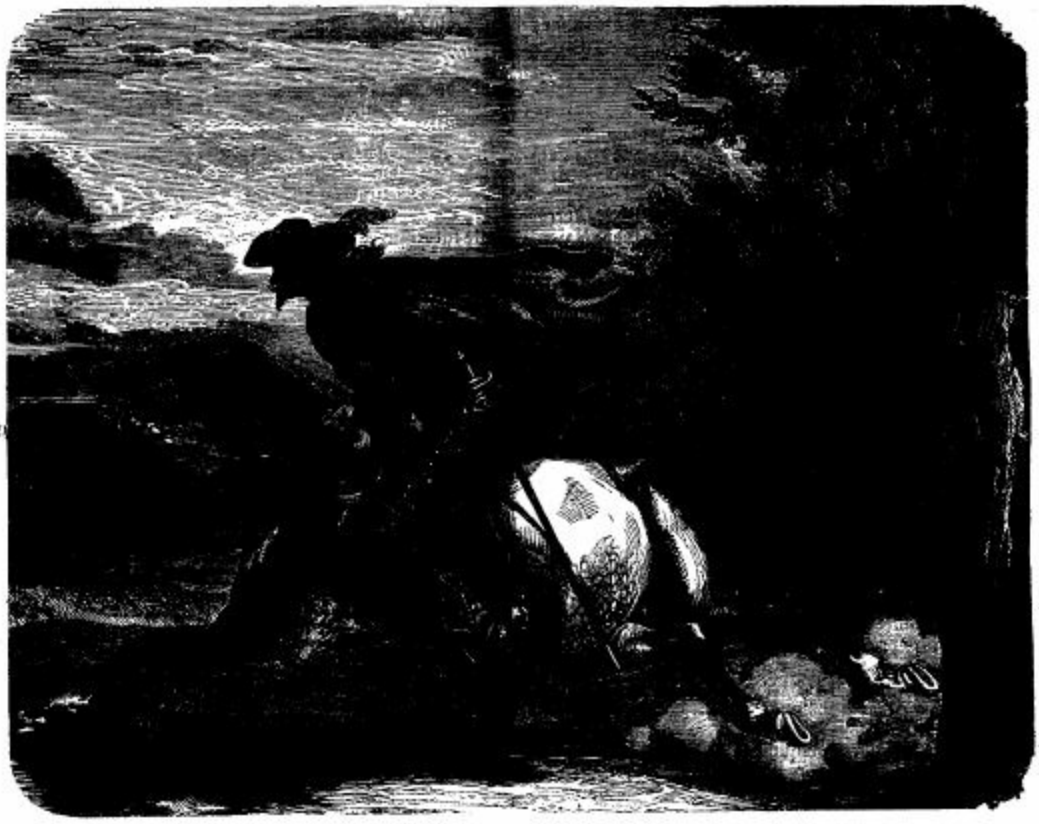
> *"Querido amigo.*
> *"Um negócio dos mais urgentes reclama a minha presença numa das paróquias da diocese. Eu esperava ver-te antes de sair; mas perco a esperança ao refletir que passarás sem dúvida uns dois ou três dias em Belle-Isle com o nosso querido Porthos.*
> *"Diverte-te bastante, mas não tentes competir com ele à mesa; é um conselho que eu não daria nem a Athos nos seus melhores e mais belos tempos.*
> *"Adeus, caro amigo; acredita que lamento muitíssimo não ter aproveitado melhor e por mais tempo a tua excelente companhia".*

— Com todos os demônios! — exclamou d’Artagnan — fui logrado. Ah! burro, estúpido, cretino que sou! mas rirá melhor quem rir por último. Oh! logrado, logrado como um macaco a que se 'dá uma noz vazia!

E, pespegando um murro no focinho sempre risonho do criado, precipitou-se para fora do palácio episcopal.

Por melhor trotador que fosse, Furet não estava à altura das circunstâncias.

D'Artagnan chegou, portanto, à estação de muda e lá escolheu um cavalo ao qual mostrou, com boas esporas e mão ríspida, que os cervos não são os melhores corredores da criação.



D'Artagnan fit voir à son cheval que les cerfs ne sont pas les plus habiles coureurs de la création. (Page 124.)

Capítulo LXXIV - Em que d'Artagnan corre, em que Porthos ressona, em que Aramis aconselha

TRINTA e cinco horas após os acontecimentos que acabamos de narrar, quando o Sr. Fouquet, segundo os seus hábitos, após declarar que não receberia ninguém, trabalhava no gabinete de sua casa de Saint-Mandé, que já conhecemos, um carro tirado por quatro cavalos empapados de suor entrou a galope no pátio.

Era o carro provavelmente esperado, pois três ou quatro lacaios se atiraram à portinhola, que abriram. Ao passo que o Sr. Fouquet se erguia da escrivaninha e corria para a janela, um homem apeou penosamente, descendo com dificuldade os três degraus do estribo e pôs-se a caminhar arrimado ao ombro dos lacaios.

Assim que ele disse o seu nome, um dos lacaios subiu correndo a escadaria e desapareceu no vestíbulo.

O homem corria para avisar o amo; mas não precisou bater à porta.

Encontrou Fouquet, em pé, no limiar.

— Sua Reverendíssima o Bispo de Vannes! — anunciou o lacaio.

— Bem! — respondeu Fouquet.

Depois, inclinado sobre o corrimão da escada, cujos primeiros degraus Aramis principiava a subir:

— Vós, caro amigo — disse ele — vós, tão cedo!

— Eu mesmo, sim; mas moído, alquebrado, como vedes.

— Oh! pobre — disse Fouquet apresentando-lhe o braço, em que Aramis se apoiou, ao mesmo tempo que os servidores se afastavam, respeitosos.

— Ora! — respondeu Aramis — não é nada, visto que estou aqui; o principal era chegar, e eu cheguei.

— Falai depressa — disse Fouquet, fechando a porta do gabinete.

— Estamos sós?

— Completamente.

— Ninguém pode escutar? Ninguém pode ouvir-nos?

— Tranqüilizai-vos; ninguém.

— O Sr. du Vallon chegou?

— Chegou.

— E recebestes a minha carta?

— Sim, o caso parece grave, pois exige a vossa presença em Paris, num momento em que ela era tão urgente lá embaixo.

— Tendes razão, é gravíssimo.

— Obrigado, obrigado! De que se trata? Mas, pelo amor de Deus, e antes de qualquer outra coisa, respirai, caro amigo; estais lívido!

— Não me sinto bem, de fato; mas, por favor! não presteis atenção em mim. O Sr. du Vallon não vos disse nada ao entregar a carta?

— Não; ouvi um barulhão, corri à janela; vi, ao pé da escada, uma espécie de cavaleiro de mármore; desci, ele estendeu-me a Carta, o cavalo caiu morto.

— E o cavaleiro?

— Caiu com o cavalo; ergueram-no e transportaram-no aos seus aposentos; depois de ler a carta, eu quis subir ao quarto para ter notícias mais amplas: mas ele dormia de tal modo que foi impossível acordá-lo. Fiquei com pena e ordenei que lhe tirassem as botas e o deixassem em paz.

— Bem; mas vamos agora ao que interessa, monsenhor. Vistes o Sr. d'Artagnan em Paris, não vistes?

— Vi, é um homem inteligente e até generoso, muito embora tenha causado a morte dos nossos queridos amigos Lyodot e d'Eymeris.

— Ai! eu sei; encontrei em Tours o correio que me levava a carta de Gourville e os despachos de Pellisson. Refletistes bem no acontecido, senhor?

— Refleti.

— E compreendestes que se trata de um ataque direto à vossa soberania?

— É a vossa opinião?

— É.

— Pois bem! confesso que essa idéia sombria também me ocorreu.

— Não vos iludais, senhor, pelo amor de Deus; ouvi... volto a d'Artagnan.

— Falai.

— Em que circunstâncias o conhecestes?

— Veio buscar dinheiro.

— Com ordem de quem?

— Com um vale do rei.

— Direto?

— Assinado por Sua Majestade.

— Aí está! Pois d'Artagnan foi a Belle-Isle; foi disfarçado, representando o papel de um intendente qualquer encarregado pelo amo de comprar salinas. Ora, d'Artagnan não tem outro amo além do rei; foi, portanto, como enviado do rei. Viu Porthos.

— Quem é Porthos?

— Perdão, enganei-me. Viu o Sr. du Vallon em Belle-Isle e sabe, como vós e como eu, que Belle-Isle está fortificada.

— E acreditais que o rei o tenha mandado? — indagou Fouquet, pensativo.

— Decerto.

— E d'Artagnan nas mãos do rei é um instrumento perigoso?

— O mais perigoso de todos.

— Eu soube, então, julgá-lo à primeira vista.

— Como assim?

— Tentei conquistá-lo para mim.

— Se julgastes que é, em toda a França, o homem mais corajoso, mais inteligente e mais hábil, soubestes julgá-lo.

— Precisamos conquistá-lo a todo custo.

— D'Artagnan?

— Não é essa a vossa opinião?

— É; mas não o conseguireis.

— Por quê?

— Porque deixamos passar o tempo. Ele se desaveio com a corte, devíamos ter aproveitado a desavença; depois foi à Inglaterra, contribuiu vigorosamente para a restauração, ganhou uma fortuna e tornou ao serviço do rei. Pois bem! se voltou ao serviço do rei, foi porque lhe pagaram muito bem.

— Nós lhe pagaremos melhor.
— Oh! senhor, permiti; d'Artagnan tem uma palavra só, e, depois de dá-la, não a tira.
— Que concluís de tudo isso? — perguntou, inquieto, Fouquet.
— Que, por enquanto, se trata de aparar um golpe terrível.
— E como o apararéis?
— Esperai... D'Artagnan voltará para dar parte ao rei da sua missão.
— Temos tempo para pensar nisso.
— Como assim?
— Não saístes com boa dianteira sobre ele?
— Umas dez horas, mais ou menos.
— Pois bem! em dez horas... Aramis sacudiu a cabeça pálida.
— Vede as nuvens que correm pelo céu, as andorinhas que fendem o ar: d'Artagnan anda mais depressa do que a nuvem e do que o pássaro; d'Artagnan é o vento que os carrega.
— Ora!
— Eu vos digo que esse homem é qualquer coisa de sobre-humano; tem a minha idade, e faz trinta e cinco anos que o conheço.
— E então?
— Então? Escutai o meu cálculo, senhor: eu vos mandei o Sr. du Vallon às duas da madrugada; o Sr. du Vallon saiu oito horas antes de mim. Quando chegou?
— Há umas quatro horas, aproximadamente.
— Como vedes, ganhei quatro horas sobre ele e, no entanto, Porthos é um tremendo cavaleiro: matou oito cavalos pelo caminho, cujos cadáveres encontrei. Cavalguei cinqüenta léguas, mas sofro de gota, de areias na bexiga, que sei lá? de sorte que o cansaço me mata. Precisei descer em Tours; depois, rolando de carro, meio morto, meio deitado, muitas vezes arrastado pelos flancos, às vezes no tejadilho do coche, sempre ao galope de quatro cavalos furiosos, cheguei, cheguei ganhando quatro horas sobre Porthos; mas d'Artagnan não pesa trezentas libras como Porthos, d'Artagnan não sofre de gota nem de areias, como eu: d'Artagnan não é um cavaleiro, é um centauro; tendo partido para Belle-Isle quando eu partia para Paris, apesar das dez horas de avanço que tenho sobre ele, chegará duas horas depois de mim.
— Mas, enfim, os acidentes?...
— Não há acidentes para ele.
— Se faltarem cavalos?
— Correrá mais depressa do que os cavalos.
— Que homem, santo Deus!
— Sim, é um homem que amo e admiro; amo-o, porque é bom, grande, leal; admiro-o, porque representa para mim o ponto culminante do poder humano; mas, embora o ame, embora o admire, temo-o e acautelo-me. Resumindo, senhor: dentro em duas horas, d'Artagnan estará aqui; antecipai-vos, correi ao Louvre, vede o rei antes que ele veja d'Artagnan.
— Que direi ao rei?
— Nada; dai-lhe Belle-Isle.
— Oh! Sr. d'Herblay! Sr. d'Herblay! — bradou Fouquet — quantos projetos gorados de repente!
— Depois de um projeto que se malogra, há sempre outro que pode ser levado a cabo. Não desesperemos nunca, e ide, senhor, ide depressa.
— Mas a guarnição tão cuidadosamente escolhida! O rei a mandará substituir incontinenti.
— Essa guarnição, senhor, pertencia ao rei quando entrou em Belle-Isle; hoje vos pertence: o

mesmo se dará com todas as guarnições depois de quinze dias de ocupação. Não vos incomodeis; vedes algum inconveniente em ter um exército ao termo de um ano em lugar de um ou dois regimentos? Não compreendeis que a vossa guarnição de hoje vos aliciará adeptos na Rochela, em Nantes, em Bordéus, em Tolosa, onde quer que vá? Ide à presença do rei, senhor, ide, que o tempo passa e d'Artagnan, enquanto perdemos tempo, voa como flecha pela estrada.

— Sr. d'Herblay, sabeis que toda palavra vossa é um germe que frutifica no meu espírito; vou ao Louvre.

— Agora mesmo?

— Só vos peço o tempo para mudar de roupa.

— Lembrai-vos de que d'Artagnan não precisa passar por Saint-Mandé, mas irá diretamente ao Louvre: é uma hora que precisamos deduzir da dianteira que nos resta.

— D'Artagnan pode ter tudo, exceto os meus cavalos ingleses; estarei no Louvre daqui a vinte e cinco minutos.

E, sem perder um segundo, Fouquet ordenou a partida. Aramis só teve tempo de dizer-lhe:

— Voltai o mais depressa possível, que vos espero com impaciência.

Porthos.

Cinco minutos depois, o superintendente voava em direção a Paris.

Aramis pediu que lhe mostrassem o quarto em que descansava Porthos.

À porta do gabinete de Fouquet, caiu nos braços de Pellisson, que soubera da sua chegada e deixava os escritórios para vê-lo.

Com a dignidade amistosa que tão bem sabia assumir, Aramis recebeu-lhe os cumprimentos, respeitosos e ternos; mas, de repente, detendo-se na escada:

— Que ouço lá em cima? — perguntou.

Ouvia-se, com efeito, um bramido surdo semelhante ao de um tigre faminto ou de um leão impaciente.

— Não é nada — respondeu sorrindo Pellisson.

— Mas, afinal?...

— É o Sr. du Vallon que ronca.

— De fato — observou Aramis — só ele mesmo seria capaz de fazer tanto barulho. Permites, Pellisson, que eu vá saber se precisa de alguma coisa?

— E permitis que eu vos acompanhe?

— Como não!

Entraram os dois no quarto.

Achava-se Porthos estendido sobre a cama, com o rosto menos vermelho que arroxeado, os olhos empapuçados, a boca aberta. O rugido que lhe saía das profundas cavernas do peito fazia vibrar as vidraças das janelas.

Aos músculos tensos e esculpidos em alto relevo no rosto, aos cabelos encharcados de suor, aos enérgicos movimentos do queixo e dos ombros, não se poderia recusar certa admiração: o vigor levado àquele extremo era algo quase divino.

Inchando, as pernas e os pés hercúleos de Porthos haviam arrebentado as botas de couro; toda a força de seu corpo enorme se convertera em pétrea rigidez. Porthos permanecia tão imóvel quanto o gigante de granito deitado na planície de Agrigento.

Por ordem de Pellisson, um criado cortou-lhe as botas, pois não haveria força no mundo capaz de arrancar-lhas.

Quatro lacaios debalde o tentaram, puxando-as como cabrestantes.

Não conseguiram sequer despertar-lhes o dono.

Tiraram-lhe as botas aos pedaços, e as pernas tornaram a cair sobre a cama; cortaram-lhe o resto das roupas, levaram-no para um banho, onde o deixaram pelo espaço de uma hora, vestiram-lhe roupas brancas novas e puseram-no entre lençóis aquecidos, tudo isso com esforços e dificuldades que teriam incomodado um morto, mas que nem o fizeram abrir os olhos e nem interromperam o órgão formidável dos seus roncos.

Natureza seca e nervosa, revestida de excepcional coragem, Aramis também tentou desafiar a fadiga e trabalhar com Gourville e Pellisson; mas desmaiou na cadeira em que se obstinara em ficar.

Carregaram-no para um quarto vizinho, onde o repouso do leito não tardou em restituir-lhe a serenidade.

Capítulo LXXV - Em que o Sr. Fouquet age

ENTRETANTO, corria Fouquet para o Louvre, levado a galope pelas parelhas inglesas. O rei trabalhava com Colbert. De repente Sua Majestade ficou pensativo. As duas sentenças de morte que assinara ao subir ao trono voltavam-lhe, por vezes, à memória.

Eram duas manchas de luto que via com os olhos abertos; duas nódoas de sangue que via com os olhos cerrados.

— Senhor — disse ele de improviso ao intendente — parece-me às vezes que esses dois homens que fizestes condenar não eram tão grandes culpados.

— Sire, foram escolhidos no rebanho dos contratantes, que precisava ser dizimado.

— Escolhidos por quem?

— Pela necessidade, Sire — respondeu friamente Colbert.

— A necessidade! grande palavra! — murmurou o jovem rei.

— Grande deusa, Sire.

— Eram amigos dedicadíssimos do superintendente, não é verdade?

— Exatamente. Sire, amigos que teriam dado a vida pelo Sr. Fouquet.

— E deram-na, senhor — disse o rei.

— De fato; mas, felizmente, deram-na em vão, o que decerto não pretendiam.

— Quanto dinheiro haviam dilapidado esses homens?

— Uns dez milhões, dos quais seis lhes foram confiscados.

— E esse dinheiro está nos meus cofres? — perguntou o rei com certa repugnância.

— Está, Sire; mas o confisco, embora ameaçasse o Sr. Fouquet, não o atingiu.

— E concluís, Sr. Colbert?...

— Concluo, Sire, que o Sr. Fouquet, se levantou contra Vossa Majestade uma tropa de facciosos para arrancar os amigos ao suplício, levantará um exército quando quiser subtrair-se ao castigo.

El-rei dirigiu ao confidente um desses olhares que lembram o sombrio fulgor de um relâmpago de tempestade; um desses olhares que iluminam as trevas das consciências mais profundas.

— Muito me estranha — disse ele — que, pensando tudo isso a respeito do Sr. Fouquet, não me tenhais dado um conselho.

— Que conselho, Sire?

— Dizei-me primeiro, clara e precisamente, o que pensais, Sr. Colbert.

— Sobre o quê?

— Sobre o procedimento do Sr. Fouquet.

— Penso, Sire, que o Sr. Fouquet, não contente de atrair para si o dinheiro, como fazia o Sr. de Mazarino, cerceando dessarte o poder de Vossa Majestade, quer também atrair todos os amantes da vida fácil e dos prazeres, ou seja, os amantes do que os vagabundos chamam poesia, e os políticos, corrupção; penso que, assalariando os súditos de Vossa Majestade, ele usurpa as prerrogativas reais, e não pode, a continuar assim, menos de relegar Vossa Majestade à classe dos fracos e obscuros.

— Como se qualificam esses projetos, Sr. Colbert?

— Os projetos do Sr. Fouquet, Sire?

— Sim.

— Crimes de lesa-majestade.

— E que se faz aos criminosos de lesa-majestade?

— Prendem-se, julgam-se e punem-se.
— Tendes absoluta certeza de que o Sr. Fouquet planeou as iniquidades que lhe imputais?
— Direi mais, Sire, direi que lhes deu um princípio de execução.
— Pois bem! torno ao que eu dizia, Sr. Colbert.
— E Vossa Majestade dizia?
— Dai-me um conselho.
— Perdão, Sire, mas antes disso preciso acrescentar uma coisa.
— Dizei.
— Uma prova manifesta, palpável, material de traição.
— Qual?
— Acabo de saber que o Sr. Fouquet mandou fortificar Belle-Isle-en-Mer.
— Ah! deveras?
— Sem dúvida nenhuma.
— Tendes certeza?
— Absoluta, Sire; sabe Vossa Majestade se há soldados em Belle-Isle?
— Não, não sei; e vós?
— Também não, Sire; eu queria, portanto, propor a Vossa Majestade que enviasse alguém a Belle-Isle.
— Quem?
— Eu, por exemplo.
— E que iríeis fazer em Belle-Isle?
— Saber se é verdade que, à imitação dos antigos senhores feudais, o Sr. Fouquet mandou amear as suas muralhas.
— E com que finalidade faria isso?
— Com a de defender-se um dia contra o rei.
— Mas se é assim, Sr. Colbert — disse Luís — é preciso fazer imediatamente o que dizeis: prender o Sr. Fouquet.
— Impossível 1 — Creio já vos ter dito, senhor, que suprimi essa palavra no meu serviço.
— O serviço de Vossa Majestade não pode impedir que o Sr. Fouquet seja superintendente-geral.
— E daí?
— E que, em razão do cargo, tenha ele por si o parlamento, como tem o exército por suas liberalidades, a literatura por suas mercês, a nobreza por seus presentes.
— Então não posso fazer nada contra o Sr. Fouquet?
— Absolutamente nada; ao menos por enquanto, Sire.
— Sois um conselheiro estéril, Sr. Colbert.
— Oh! não, Sire, pois não me limitarei a mostrar o perigo a Vossa Majestade.
— Muito bem! Por onde se pode solapar o colosso? Vejamos! E o rei pôs-se a rir com azedume.
— Ele cresceu pelo dinheiro; mate-o Vossa Majestade pelo dinheiro.
— Tirando-lhe o cargo?
— Mau processo.
— E o bom? qual é o bom?
— Arruíne-o, Sire, é o que digo a Vossa Majestade.
— Como?
— Não lhe faltarão ocasiões; aproveite todas elas, Sire.
— Indicai-mas.

— A primeira: Sua Alteza Real, Monsieur, vai casar e as suas bodas devem ser magníficas. É uma bela ocasião para que Vossa Majestade peça um milhão ao Sr. Fouquet; o Sr. Fouquet, que paga vinte mil libras de uma vez, quando deve pagar apenas cinco, encontrará facilmente esse milhão quando Vossa Majestade lho pedir.

— Está bem, vou pedir-lhe — declarou Luís XIV.

— Se Vossa Majestade assinar a ordem de pagamento, eu mesmo mandarei buscar o dinheiro.

Colbert colocou uma folha de papel diante do rei e apresentou-lhe uma pena.

Nesse momento, o contínuo entreabriu a porta e anunciou o senhor superintendente.

Luís empalideceu.

Colbert deixou cair a pena e afastou-se do rei, sobre o qual estendia as suas negras asas de anjo mau.

Entrou o superintendente como um palaciano, a que basta um relancear de olhos para apreciar a situação.

A situação não era tranquilizadora para ele, fosse qual fosse a consciência da própria força. Os olhinhos pretos de Colbert, dilatados pela inveja, e os olhos límpidos de Luís XIV, inflamados pela cólera, indicavam perigo iminente.

São os palacianos, no tocante aos rumores do paço, como os velhos soldados, que distinguem, através dos rumores do vento e da folhagem, o longínquo percutir dos passos de uma tropa; sabem mais ou menos, depois de ter escutado, quantos soldados marcham, quantas armas retinem, quantos canhões se aproximam.

A Fouquet bastava, portanto, interrogar o silêncio que se fizera à sua entrada: sentiu-o cheio de ameaçadoras revelações.

El-rei deu-lhe tempo para adiantar-se até ao meio da sala. O seu pudor adolescente ordenava-lhe a momentânea abstenção. Fouquet aproveitou-se, temerário, da ocasião.

— Sire — disse ele — eu estava ansioso por ver Vossa Majestade.

— Por quê? — perguntou Luís.

— Para dar-lhe uma boa notícia.

Excetuadas a grandeza da pessoa e a generosidade do coração, Colbert tinha muita coisa parecida com Fouquet. A mesma penetração, o mesmo conhecimento dos homens e, além disso, o grande poder de contração que dá aos hipócritas o tempo de refletir e preparar novo ataque.

Adivinhou que Fouquet se adiantava ao golpe que pretendia desferir-lhe. Brilharam-lhe os olhos.

— Que notícia? — perguntou o rei.

Fouquet depôs um rolo de papel sobre a mesa.

— Queira Vossa Majestade passar pela vista este trabalho — disse ele.

El-rei desenrolou pachorrentamente o papel.

— Planos? — perguntou.

— Exatamente, Sire.

— E que planos são esses?

— Uma nova fortificação, Sire.

— Queira Vossa Majestade passar pela vista este trabalho.

— Ah! ah! — exclamou o rei — com que então vos ocupais de táticas e estratégias, Sr. Fouquet?

— Ocupo-me de tudo o que possa ser útil ao reinado de Vossa Majestade.

— Bonitas figuras! — disse o rei observando o desenho.

— Vossa Majestade compreende, sem dúvida — acudiu Fouquet inclinando-se sobre o papel: — aqui está o cinturão de muralhas, aqui os fortes, aqui as obras avançadas.

— E que vejo lá, senhor?
— O mar.
— O mar em toda a roda?
— Sim, Sire.
— E que sítio é este cujos planos me mostrais?

— Belle-Isle-en-Mer — respondeu Fouquet com simplicidade. A essa palavra, a esse nome, Colbert fez um gesto tão expressivo, que o rei se voltou para recomendar-lhe discrição.
Fouquet não pareceu impressionar-se com o gesto de Colbert nem com o sinal do rei.
— Senhor — continuou Luís — mandastes fortificar Belle-Isle?
— Mandei, Sire, e trago o orçamento e as contas a Vossa Majestade — replicou Fouquet; — gastei

um milhão e seiscentas mil libras nessa operação.

— Com que fim? — retrucou friamente Luís, que haurira forças no olhar rancoroso do intendente.

— Com um fim muito fácil de compreender-se — respondeu Fouquet. — Vossa Majestade estava de relações estremecidas com a Grã-Bretanha.

— Sim; mas após a restauração do Rei Carlos II, celebrei uma aliança com ela.

— Isso faz um mês, Sire; há cerca de seis meses foram iniciadas as fortificações de Belle-Isle.

— Nesse caso, tornaram-se inúteis.

— Fortificações nunca são inúteis, Sire. Mandei fortificar Belle-Isle contra os Srs. Monck e Lambert e todos os burgueses de Londres que brincavam de soldados. Belle-Isle estará fortificada contra os holandeses, que Vossa Majestade ou a Inglaterra não poderão deixar de combater.

Calou-se de novo o rei e olhou de soslaio para Colbert.

— Belle-Isle, creio eu — disse Luís depois de uma pausa — vos pertence, Sr. Fouquet?

— Não, Sire.

— A quem pertence, então?

— A Vossa Majestade.

Colbert sentiu-se aterrado como se se abrisse um abismo debaixo de seus pés.

Luís fremiu de admiração, ou pelo gênio, ou pela dedicação de Fouquet.

— Explicai-vos, senhor — disse ele.

— Nada mais fácil, Sire. Belle-Isle é propriedade minha; fortifiquei-a com o meu dinheiro. Mas como não há no mundo nada que impeça um vassalo de dar um humilde presente ao seu soberano, ofereço a Vossa Majestade a propriedade da terra, cujo usufruto Vossa Majestade me deixaria. Belle-Isle, praça de guerra, deve ser ocupada pelo rei: Vossa Majestade, doravante, poderá manter nela uma guarnição segura.

Colbert quase caiu ao chão. Para não cair, teve de agarrar-se às saliências da parede.

— Nisso destes prova, senhor, de grande habilidade militar — observou Luís XIV.

— A iniciativa, Sire, não foi minha — respondeu Fouquet; — foi-me inspirada por diversos oficiais. E os planos, traçou-os um distintíssimo engenheiro.

— O nome dele?

— O Sr. du Vallon.

— O Sr. du Vallon? Não o conheço. É lamentável, Sr. Colbert — continuou o rei — que eu ignore o nome dos homens de talento que honram o meu reinado.

E, dizendo essas palavras, voltou-se para Colbert.

Este sentia-se arrasado; o suor escorria-lhe da testa, as palavras fugiam-lhe dos lábios; o intendente padecia um martírio inexprimível.

— Guardareis esse nome — ajuntou Luís XIV.

Inclinou-se Colbert, mais pálido que as rendas de Flandres dos seus punhos.

Fouquet prosseguiu:

— As obras de alvenaria são de betume romano, fabricado por arquitetos de acordo com documentos antigos.

— E os canhões? — perguntou Luís.

— Oh! Sire, isso é com Vossa Majestade; não me compete instalar canhões em minha propriedade, sem que Vossa Majestade me tenha dito que está em sua casa.

Luís começava a flutuar, indeciso, entre o ódio que lhe inspirava aquele homem tão poderoso e a compaixão que lhe inspirava o outro, tão abatido, que se diria a contrafacção do primeiro.

Mas a consciência dos deveres do rei estrangulou os sentimentos do homem.

Estendeu um dedo sobre o papel.
— Esses planos devem ter-vos custado muito dinheiro — disse ele.
— Eu supunha ter tido a honra de haver anunciado a importância a Vossa Majestade.
— Repeti-a, que me esqueceu.
— Um milhão e seiscentas mil libras.
— Um milhão e seiscentas mil libras! Sois enormemente rico, Sr. Fouquet.
— Vossa Majestade é que é rico — disse o superintendente — visto que Belle-Isle lhe pertence.
— Sim, obrigado; mas por mais rico que eu seja, Sr. Fouquet... Interrompeu-se o rei.
— Sire?... — acudiu o superintendente.
— Prevejo o momento em que me faltará dinheiro.
— A Vossa Majestade?
— A mim, sim.
— E quando isso?
— Amanhã, por exemplo.
— Faça-me Vossa Majestade a honra de explicar-se.
— Meu irmão se recebe com a Sra. Henriqueta de Inglaterra.
— E então... Sire?
— Então, devo fazer à jovem princesa uma recepção digna da neta de Henrique IV.
— É muito justo, Sire.
— Para isso preciso de dinheiro.
— Sem dúvida.
— E me seria necessário...
Luís XIV hesitou. A soma que ia pedir era a mesma que fora obrigado a recusar a Carlos II.
— Ser-me-ia necessário amanhã... — repetiu, olhando para Colbert.
— Um milhão — rematou brutalmente este último, encantado por tomar a sua desforra.
Fouquet virou as costas para o intendente a fim de ouvir o rei. Nem sequer se voltou, e esperou que o rei repetisse, ou melhor, murmurasse:
— Um milhão.
— Oh! Sire — respondeu Fouquet com desdém — um milhão! que fará Vossa Majestade com um milhão?
— Parece-me, entretanto... — disse Luís XIV.
— É o que se gasta nas bodas do menor dos príncipes alemães.
— Senhor...
— Vossa Majestade precisa, pelo menos, de dois milhões. Só os cavalos custarão quinhentas mil libras. Terei a honra de enviar esta noite um milhão e seiscentas mil libras a Vossa Majestade.
— Como — disse o rei — um milhão e seiscentas mil libras!
— Espere, Sire — acudiu Fouquet sem se voltar para Colbert — sei que faltam quatrocentas mil. Mas este senhor da intendência (e por cima do ombro, com o polegar, indicava Colbert, que empalidecia atrás dele) este senhor da intendência... tem na sua caixa novecentas mil libras.
Voltou-se o rei para observar Colbert.
— Mas... — balbuciou o intendente.
— Este senhor — prosseguiu Fouquet falando sempre indiretamente a Colbert — recebeu, há oito dias, um milhão e seiscentas mil libras; pagou cem mil aos guardas, setenta e cinco mil aos hospitais, vinte e cinco mil aos suíços, cento e trinta mil de víveres, mil de armamentos e dez mil de despesas pequenas; por conseguinte, não me engano quando afirmo que restam novecentas mil.

Logo, voltando-se a meio para Colbert, como um chefe desdenhoso para o inferior:

— Fazei, senhor — disse ele — que essas novecentas mil libras sejam entregues esta noite, em ouro, a Sua Majestade.

— Mas — atalhou o rei — assim serão dois milhões e quinhentas mil libras! — Sire, as quinhentas mil libras a mais destinam-se às despesas miúdas de Sua Alteza Real. Entendestes, Sr. Colbert? Esta noite, antes das oito.

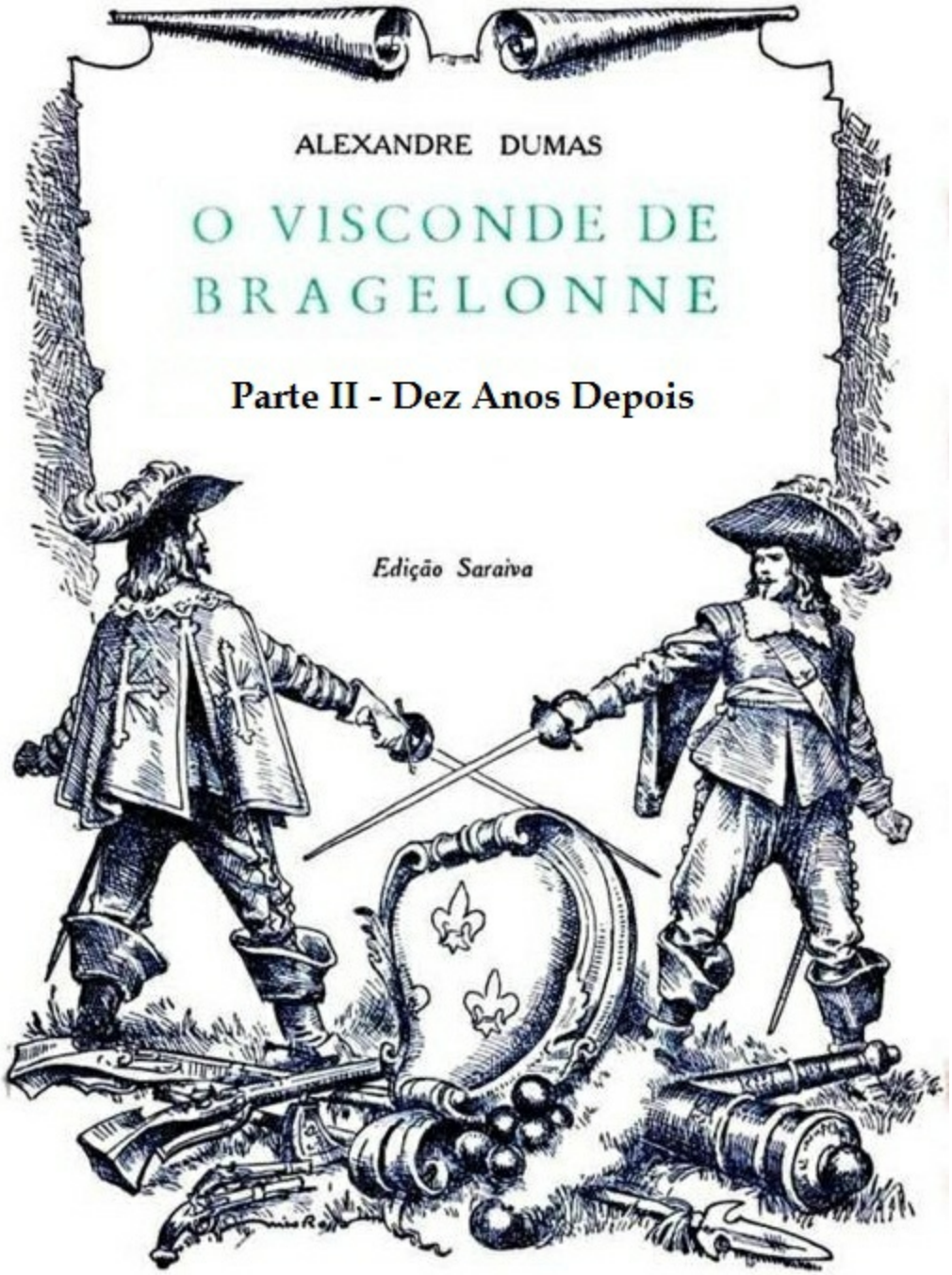
Ditas essas palavras, saudou respeitosamente o rei e saiu recuando, sem honrar sequer com um olhar o invejoso a quem acabava de rapar metade da cabeça.

Colbert rasgou, de raiva, as rendas de Flandres e mordeu os lábios até fazê-los sangrar.

Fouquet não chegara ainda à porta do gabinete quando o contínuo, passando por ele, gritou:

— Um correio da Bretanha para Sua Majestade.

— O Sr. d'Herblay tinha razão — murmurou o ministro consultando o relógio: — uma hora e quarenta e cinco minutos. Escapei por pouco!


ALEXANDRE DUMAS
O VISCONDE DE BRAGELONNE
Parte II - Dez Anos Depois
Edição Saraiva

Capítulo I - Em que d'Artagnan acaba agarrando a sua patente de capitão

SABE o leitor muito bem quem anunciava o contínuo quando anunciou o mensageiro da Bretanha. Nem seria custoso reconhecê-lo. Era d'Artagnan, com as roupas empoeiradas, o rosto inflamado, os cabelos imundos de suor, as pernas enrijecidas; levantava com dificuldade os pés à altura de cada degrau em que lhe ressoavam as esporas ensangüentadas.

Avistou no limiar, no momento de transpô-lo, o superintendente.

Fouquet cumprimentou com um sorriso o homem que, uma hora antes, lhe teria provocado a ruína ou a morte.

D'Artagnan encontrou na bondade de sua alma e no seu inesgotável vigor físico a presença de espírito necessária para lembrar-se da boa acolhida daquele homem; respondeu, portanto, ao cumprimento, porém mais por benevolência e piedade que por consideração.

Sentiu na ponta da língua a palavra tantas vezes repetida ao Duque de Guise: — Fugi!

Mas pronunciá-la fora trair uma causa; dizê-la no gabinete do rei, em presença de um contínuo, fora perder-se gratuitamente sem salvar ninguém.

Contentou-se, portanto, de cumprimentar Fouquet em silêncio e entrou.

Naquele mesmo instante, flutuava el-rei entre a surpresa que lhe haviam provocado as últimas palavras de Fouquet e o prazer que lhe dava o regresso de d'Artagnan.

Embora não fosse cortesão, tinha d'Artagnan o olhar rápido e seguro dos palacianos.

Leu, ao entrar, a tremenda humilhação impressa no rosto de Colbert.

Chegou a ouvir as palavras do soberano:

— Ah! Sr. Colbert, tínheis então novecentas mil libras na superintendência?

Sufocado, Colbert inclinava-se mas não respondia.

A cena, portanto, penetrou o espírito de d'Artagnan pelos olhos e pelos ouvidos a um tempo.

A primeira palavra de Luís XIV ao mosqueteiro, como se quisesse estabelecer contraste com o que estava dizendo naquele momento, foi um bom dia afetuoso.

Com a segunda, dispensou Colbert.

Este último saiu do gabinete, lívido e cambaleante, ao passo que d'Artagnan retorcia as pontas do bigode.

— Gosto de ver nessa desordem os meus servidores — disse o rei, admirando a sujeira marcial dos trajos do enviado.

— Com efeito, Sire — replicou d'Artagnan — julguei a minha presença tão urgente no Louvre que me apresento assim diante de Vossa Majestade.

— Trazei-me então, grandes notícias? — perguntou o rei com um sorriso.

— Sire, eis a coisa em duas palavras: Belle-Isle está fortificada, admiravelmente fortificada; tem um duplo contorno de muralhas e fossos, uma cidadela, dois fortes destacados; o seu porto abriga três corsários, e as suas baterias de costa estão apenas à espera do canhão.

— Eu sei de tudo isso, senhor — respondeu o rei.

— Ah! Vossa Majestade sabe de tudo isso? — acudiu o mosqueteiro, estupefato.

— Tenho o plano das fortificações de Belle-Isle.

— Vossa Majestade tem o plano?...

— Ei-lo.

— Com efeito, Sire, é isso mesmo, e lá examinei outro igualzinho.

Ensombreceu-se o rosto de d'Artagnan.

— Ah! compreendo, Vossa Majestade não se fiou apenas de mim, e mandou alguém — disse em tom cheio de censuras.

— Que importa, senhor, a maneira por que fiquei sabendo, visto que sei?

— Seja, Sire — tornou o mosqueteiro, sem dissimular o descontentamento; — mas tomarei a liberdade de dizer a Vossa Majestade que não valia a pena fazer-me correr tanto, arriscar-me vinte vezes a quebrar os ossos, para receber-me com uma notícia dessas. Sire, quando desconfiamos dos outros, quando os julgamos ineptos, não os empregamos.

E, com um movimento militar, juntou os calcanhares e deixou cair no soalho uma poeira sangrenta.

O rei observava-o e saboreava intimamente o seu primeiro triunfo.

— Senhor — disse ele ao cabo de um instante — não somente conheço Belle-Isle como também possuo Belle-Isle.

— Muito bem, muito bem, Sire. E não peço mais nada a Vossa Majestade senão a minha demissão — retorquiu d'Artagnan.

— Como? a vossa demissão?

— Sem dúvida. Sou demasiado orgulhoso para comer o pão do rei sem ganhá-lo ou ganhando-o mal. A minha demissão, Sire!

— Oh! Oh!

— A minha demissão, ou demito-me.

— Ficastes zangado, senhor?

— E não é para menos, com todos os demônios!

Passo montado numa sela trinta e seis horas, corro noite e dia, realizo prodígios de rapidez, chego duro como um enforcado, e outro chega antes de mim! Sou uma besta. A minha demissão, Sire.

— Sr. d'Artagnan — disse Luís XIV apoiando a mão branca no braço poento do mosqueteiro — o que acabo de dizer-vos em nada prejudicará o que vos prometi. Palavra dada, palavra cumprida.

E o jovem rei, encaminhando-se para a mesa, abriu uma gaveta e dela tirou uma folha de papel dobrada em quatro partes.

— Eis aqui a vossa patente de capitão dos mosqueteiros; ganhaste-a — disse ele — Sr. d'Artagnan.

D'Artagnan desdobrou com impaciência a folha de papel e leu-a duas vezes. Não podia crer no que lia.

— E essa patente — continuou o rei — vos é dada, não só pela viagem a Belle-Isle, mas também pela vossa corajosa intervenção na Praça da Greve.

Lá, com efeito, me servistes valentemente.

— Ah! ah! — disse d'Artagnan, sem que o seu domínio sobre si mesmo pudesse impedir que certo rubor lhe incendesse os olhos. — Vossa Majestade também sabe isso?

— Sei.

Possuía el-rei o olhar penetrante e o juízo infalível quando precisava ler numa consciência.

— Tendes qualquer coisa — disse ele ao mosqueteiro — qualquer coisa para dizer, que não dizeis. Vejamos, falai francamente; eu já vos disse, uma vez por todas, que deveis usar comigo de absoluta franqueza.

— Pois bem! Sire, o que tenho, é que gostaria muito mais de ser nomeado capitão dos mosqueteiros por haver carregado à testa de minha companhia, inutilizado uma bateria ou tomado uma cidade, do que por ter levado à forca dois pobres diabos.

— É verdade o que dizeis?

— E por que suspeitaria Vossa Majestade que dissimulo?
— Porque, se bem vos conheço, não podeis arrepender-vos de haver puxado da espada por mim.
— Pois é nisso que se engana, e muito, Vossa Majestade; sim, arrependo-me de haver puxado da espada em face das conseqüências que esse gesto produziu; os coitados que morreram, Sire, não eram inimigos de Vossa Majestade, nem meus, e não se defenderam.
O rei guardou um momento de silêncio.
— E o vosso companheiro, Sr. d'Artagnan, compartilha do vosso arrependimento?
— O meu companheiro?
— Sim. Não estáveis só, segundo me parece.
— Só? Onde?
— Na Praça da Greve.
— Não, Sire, não — disse d'Artagnan, corando ao supor que o rei pudesse imaginá-lo capaz de reivindicar para si a glória de Raul; — não, com seiscentos diabos! e, como diz Vossa Majestade, eu tinha um companheiro, um bom companheiro.
— Um rapaz?
— Um rapaz, Sire. Oh! mas congratulo-me com Vossa Majestade, que está tão bem inteirado dos sucessos do exterior como do interior. Foi o Sr. Colbert quem lhe contou essas lindas histórias?
— O Sr. Colbert só me falou bem de vós, Sr. d'Artagnan, e teria sido mal recebido se falasse outra coisa.
— Ainda bem!
— Mas também elogiou muito o rapaz.
— E só lhe fez justiça — atalhou o mosqueteiro.
— Enfim, parece que é um bravo — disse Luís XIV, para atiçar em d'Artagnan o sentimento que supunha ser de despeito.
— Um bravo, Sire — repetiu d'Artagnan, encantado, por seu turno, de poder falar ao rei sobre Raul.
— Sabeis como se chama?
— Mas eu penso...
— Conhecei-lo então?
— Há cerca de vinte e cinco anos, Sire.
— Mas se ele tem apenas vinte e cinco anos! — exclamou o rei.
— Pois bem, Sire, conheço-o desde que nasceu, aí está.
— Deveras?
— Sire — disse d'Artagnan — Vossa Majestade me interroga com uma desconfiança em que reconheço um caráter muito diferente do seu. O Sr. Colbert, que tão bem instruiu Vossa Majestade, terá porventura esquecido de dizer-lhe que esse rapaz é filho de um íntimo amigo meu?
— O Visconde de Bragelonne?
— Decerto, Sire: o Visconde de Bragelonne é filho do Sr. Conde de La Fère, que tão vigorosamente auxiliou a restauração do Rei Carlos II. Oh! Bragelonne vem de uma raça de valentes, Sire.
— É filho, então, daquele senhor que veio procurar-me, ou antes, que veio procurar o Sr. de Mazarino, da parte do Rei Carlos II, para oferecer-nos a sua aliança?
— Precisamente.
— E dizeis que é um bravo o Conde de La Fère?
— Sire, é um homem que arrancou da espada pelo pai de Vossa Majestade mais vezes do que os

dias que já teve a existência feliz de Vossa Majestade.

Foi Luís XIV quem mordeu os lábios por seu turno.

— Bem, Sr. d'Artagnan, bem! E o Sr. Conde de La Fère é vosso amigo?

— Há uns bons quarenta anos, Sire. Veja Vossa Majestade que não falo de coisas recentes.

— Gostaríeis de ver esse rapaz, Sr. d'Artagnan?

— Imensamente, Sire.

O rei tocou a campainha. Um contínuo apareceu.

— Chamai o Sr. de Bragelonne — disse o monarca.

— Ah! Ah! Ele está aqui? — perguntou d'Artagnan.

— Está de guarda no Louvre com a companhia de fidalgos do senhor príncipe.

Mal acabara de falar o rei quando Raul se apresentou, e, vendo d'Artagnan, dirigiu-lhe o sorriso encantador que só aflora aos lábios da mocidade.

— Vamos, vamos — disse familiarmente d'Artagnan a Raul — o rei permite que me abraces; mas, primeiro, diz a Sua Majestade que lhe agradeces.

— Allons, allons, le roi permet que tu m'embrasses.

Inclinou-se Raul tão graciosamente, que Luís, a quem todas as superioridades sabiam agradar quando não ameaçavam a sua, admirou-lhe a beleza, o vigor e a modéstia.

— Senhor — disse o rei dirigindo-se a Raul — eu pedi ao senhor príncipe o favor de ceder-vos para o meu serviço; já lhe recebi a resposta; vós me pertenceis, portanto, desde hoje cedo. O senhor príncipe era bom amo; espero, porém, que não perdereis com a troca.

— Sim, sim, Raul, descansa, o rei tem muito de bom — disse d'Artagnan, que adivinhara o caráter de Luís e brincava com o seu amor-próprio dentro de certos limites, bem entendido, respeitando sempre as aparências e lisonjeando, até quando parecia chasquear.

— Sire — disse então Bragelonne com a voz doce e encantadora e a elocução natural e fácil que herdara do pai; — não é de hoje, Sire, que pertenço a Vossa Majestade.

— Oh! sei disso — tornou o rei — e decerto aludis à vossa proeza na Praça da Greve. Nesse dia, com efeito, vós me pertencestes.

— Sire, também não falo desse dia; não me ficaria bem recordar tão mínimo serviço em presença de um homem como o Sr. d'Artagnan; eu aludia a uma circunstância que marcou época em minha vida, e que me consagrou, desde os dezesseis anos, ao serviço de Vossa Majestade.

— Ah! ah! — acudiu o rei — e que circunstância foi essa? Falai, senhor.

— Ei-la... Quando parti para a minha primeira campanha, isto é, para entrar no exército do senhor príncipe, o Sr. Conde de La Fère foi levar-me a Saint-Denis, onde os restos do Rei Luís XIII esperam, sobre os últimos degraus da basílica fúnebre, um sucessor que, espero-o, Deus só lhe mandará daqui a muitos anos. O senhor conde fez-me jurar, sobre a cinza de nossos amos, que serviria a realeza, representada por Vossa Majestade, encarnada em Vossa Majestade, Sire, que a serviria em pensamentos, palavras e ação.

Eu jurei, Deus e os mortos receberam o meu juramento. E faz anos, Sire, que não tenho tido, com a freqüência desejada, o ensejo de cumpri-lo: sou um soldado de Vossa Majestade, mais nada, e chamando-me para ao pé de si Vossa Majestade não me faz mudar de amo, mas apenas de guarnição.

Raul interrompeu-se e inclinou-se.

— Com a breca! — exclamou d'Artagnan — isso foi bem dito, não foi, Majestade? Boa raça, Sire, grande raça!

— Sim — murmurou o rei comovido, mas sem se atrever a manifestar emoção, nascida apenas do contato de uma natureza eminentemente aristocrática. — Sim, senhor, falais verdade; onde quer que estivésseis, pertencíeis ao rei. Mas crede que mudando de guarnição, encontrareis uma promoção a que fazeis jus.

Raul percebeu que aí terminava o que tinha o rei para dizer-lhe. E com o tato perfeito que caracterizava aquela natureza extraordinária, inclinou-se e saiu.

— Mais alguma coisa para comunicar-me, senhor? — perguntou o rei quando se viu a sós com d'Artagnan.

— De fato, Sire, e deixei essa notícia para o fim porque é triste e vestirá de luto a realeza européia.

— Que me dizeis?

— Passando por Blois, uma frase, uma triste frase, eco do palácio, chegou-me aos ouvidos.

— Vós me assustais, Sr. d'Artagnan.

— Sire, essa frase foi pronunciada por um batedor que trazia crepe no braço.

— Meu tio Gastão de Orléans, talvez?

— Exalou o seu último suspiro.

— E eu não fui avisado! — bradou o rei, cuja suscetibilidade real via nisso um insulto.

— Oh! não se enfade Vossa Majestade — acudiu d'Artagnan — os correios de Paris e do mundo inteiro não correm como este servidor de Vossa Majestade; o correio de Blois chegará daqui a duas horas, e corre bem, posso assegurá-lo, visto que só o alcancei adiante de Orléans.

— Meu tio Gastão — murmurou Luís apoiando a mão na testa e encerrando nessas três palavras todos os sentimentos contraditórios que o nome lhe recordava.

— De fato, Sire, assim é — sobreveio filosoficamente d'Artagnan, respondendo ao pensamento real; — o passado foge.

— É verdade, senhor, é verdade; mas resta-nos, graças a Deus, o futuro, e faremos por não o tornar demasiado sombrio.

— Quanto a isso, fio-me de Vossa Majestade — disse o mosqueteiro inclinando-se. — E agora...

— Sim, tendes razão, senhor, esqueço-me das cento e dez léguas que acabastes de correr. Ide, tratai bem de um dos meus melhores soldados e, quando houverdes repousado, vinde colocar-vos às minhas ordens.

— Sire, ausente ou presente, estou sempre às ordens de Vossa Majestade.

D'Artagnan inclinou-se e saiu.

Depois, como se tivesse apenas chegado de Fontainebleau, pôs-se a vasculhar o Louvre à cata de Bragelonne.

Le vicomte de Bragelonne.

Capítulo II - Um apaixonado e uma namorada

O passo que os círios ardiam no castelo de Blois à volta do corpo inanimado de Gastão de Orléans, último representante do passado; ao passo que os burgueses da cidade lhe compunham o epitáfio, que estava longe de ser um panegírico; ao passo que Madame já deslumbrada de que na mocidade amara aquele rígido cadáver, a ponto de fugir do palácio paterno para segui-lo, fazia, a vinte passos da sala fúnebre, os seus calculozinhos de interesse, e os seus sacrificiozinhos de orgulho; outros interesses e outros orgulhos se agitavam em todas as partes do castelo onde pudesse penetrar uma alma viva.

Nem o lúgubre dobrar dos sinos, nem a voz dos chantres, nem o brilho das velas através das vidraças, nem os preparativos do enterro teriam podido distrair duas pessoas colocadas à janela de um pátio interno, janela que já conhecemos e que iluminava um quarto pertencente aos chamados aposentozinhos.

De resto, um raio alegre de sol, pois o sol parecia muito pouco preocupado com a perda que acabava de sofrer a França; um raio de sol, dizemos, descia sobre elas, roubando os perfumes das flores vizinhas e animando as próprias paredes.

Essas duas pessoas tão entretidas, não com a morte do duque, mas com a conversação resultante dessa morte, eram uma rapariga e um rapaz.

Este último personagem, moço de seus vinte e cinco ou vinte e seis anos, de expressão ora esperta, ora sonsa, movendo a propósito dois olhos imensos recobertos de cílios muito longos, era miúdo e trigueiro; sorria com uma boca enorme, mas bem mobiliada, e o queixo pontudo, que parecia possuir uma mobilidade que a natureza raro concede a essa parte do rosto, estendia-se às vezes amorosamente para a sua interlocutora, que, cumpre dizê-lo, nem sempre recuava com a rapidez exigida pelas mais vigorosas normas do decoro.

A rapariga, que já conhecemos, pois vimo-la a essa mesma janela, à luz desse mesmo sol, oferecia uma singular mistura de finura e reflexão: era encantadora quando ria, bela quando séria; mas, força é confessá-lo, parecia mais amiúde encantadora do que bela.

As duas pessoas deviam ter atingido o ponto culminante da discussão, entre chocarreira e grave.

— Vejamos, Sr. Malicorne — dizia a rapariga — não me fareis o favor de falar sério?

— Cuidais que é fácil, Srta. Aura — replicou o rapaz — fazer o que se quer quando só é dado fazer o que se pode...

— Bom! ei-lo que se embrulha com as frases.

— Eu?

— Vós, sim; deixai essa lógica de procurador.

— Outra coisa impossível. Sou um amanuense, Srta. de Montalais.

— E eu, uma açafata, Sr. Malicorne.

— Ai de mim! sei-o muito bem, e a distância me oprime; portanto, nada vos direi.

— Não, ninguém vos oprime; dizei o que tendes para dizer-me; exijo-o!

— Pois bem! obedeço.

— Ainda bem!

— Monsieur morreu.

— Grande novidade! De onde vindes para contar-nos isso?

— De Orléans, senhorita.

— É a única notícia que trazeis?
— Oh! não... Venho também dizer-vos que a Srta. Henriqueta de Inglaterra vai chegar para nupciar-se com o irmão de Sua Majestade.
— Em verdade, Malicorne, sois insuportável com as vossas novidades do século passado; se adquirirdes também o mau vezo de chasquear, mandarei jogar-vos no olho da rua.
— Oh!
— Sim, pois me exasperais.
— Paciência, paciência, senhorita!
— Quereis vender-vos caro. E sei muito bem por quê...
— Dizei, que responderei francamente se é verdade ou não, — Sabeis o quanto desejo o lugar de dama de honor que tive a tolice de pedir-vos, e vós poupais o vosso crédito.
— Eu?
Malicorne abaixou as pálpebras, juntou as mãos e assumiu um ar dissimulado.
— E qual é o crédito que poderia ter um pobre amanuense de procurador?
— Não é à toa que vosso pai tem vinte mil libras de renda, Sr. Malicorne.
— Fortuna provinciana, Srta. de Montalais.
— Não é à toa que vosso pai conhece os segredos do senhor príncipe.
— Vantagem que tão-somente se resume em dar-lhe dinheiro emprestado.
— Numa palavra: não é à toa que sois o mais finório dos compadres de província.
— Lisonjeais-me.
— Eu?
— Sim, vós.
— Como?
— Afirmo que não tenho crédito, e vós afirmais o contrário.
— Mas, afinal, e a minha carta de mercê?
— Que é que tem a vossa carta de mercê?...
— Tê-la-ei ou não?
— Tê-la-eis.
— Quando?
— Quando quiserdes.
— Onde é que ela está?
— No meu bolso.
— No vosso bolso?
— Está.
E, de fato, com um sorriso sonso, Malicorne tirou do bolso a carta, de que Montalais se apossou como de uma presa, e leu com avidez.
À proporção que lia, iluminava-se-lhe o rosto.
— Malicorne! — gritou, depois de haver lido — sois um bom rapaz.
— Por que, senhorita?
— Porque poderíeis exigir que vos pagassem isto, e não o exigistes.
E soltou uma gargalhada, imaginando desconcertar o amanuense. Malicorne, porém, sustentou valentemente o ataque.
— Não vos compreendo — disse ele. Montalais, por seu turno, embatucou.
— Declarei-vos os meus sentimentos — continuou Malicorne. — Vós me dissestes três vezes, rindo, que não me amáveis; uma vez me beijastes sem rir, e isso me basta.

— Só isso? — tornou a altiva e casquilha Montalais num tom em que transparecia o orgulho ferido.
— Absolutamente só, senhorita — replicou Malicorne.
— Ah!
O monossílabo indicava tanta cólera quanta gratidão poderia esperar o rapaz.
Ele meneou tranqüilamente a cabeça.
— Escutai, Montalais — retrucou, sem indagar se a familiaridade desgostaria ou não a dama dos seus pensamentos — não discutamos sobre isso.
— Por quê?
— Porque faz um ano que vos conheço e me teríeis escorraçado vinte vezes se eu vos desagradasse.
— Deveras! E a troco de que vos teria escorraçado?
— Tenho sido suficientemente atrevido para merecê-lo.
— Isso é verdade!
— Como vedes, fostes obrigada a confessá-lo — disse Malicorne.
— Sr. Malicorne!
— Não nos zanguemos; portanto, se me conservastes não foi sem motivo.
— Mas pelo menos não foi porque vos amo! — exclamou Montalais.
— De acordo. Direi até que, neste momento, me execrais.
— Oh! nunca dissestes verdade tão verdadeira.
— Pois bem! Eu vos detesto.
— Ah! Tomo nota.
— Isso. Achais que sou bruto e burro; pois eu acho que tendes a voz dura e o rosto desfigurado pela cólera. Neste momento, preferiríeis atirar-me pela janela a permitir que eu vos beijasse a ponta do dedo; e eu preferiria atirar-me do alto do campanário a tocar-vos na fímbria do vestido. Mas daqui a cinco minutos vós me amareis e eu vos adorarei. É sempre assim.
— Duvido.
— Tenho certeza.
— Presunçoso!
— De mais a mais, não é essa a verdadeira razão; precisais de mim, Aura, e eu preciso de vós. Quando vos apraz ser alegre, faço-vos rir; quando me convém ser apaixonado, olho para vós. Dei-vos a comissão de dama de honor que desejáveis; vós me dareis daqui a pouco uma coisa que eu desejarei.
— Eu?
— Vós! Mas, neste momento, minha querida Aura, declaro que não desejo absolutamente nada; por isso, tranqüilizai-vos.
— Sois um homem odioso, Malicorne; eu ia alegrar-me com essa comissão, e vós me tirais toda a alegria.
— Bom! Mas nem por isso se perde o tempo; alegrar-vos-eis quando eu partir.
— Então, parti...
— Seja; antes, porém, um conselho...
— Qual?
— Recobrai o bom humor; a zanga vos enfeia.
— Grosseiro!
— Isso, digamos as verdades, já que começamos.

— Ó Malicorne! Ó coração de pedra!
— Ó Montalais! Ó ingrata!
E o rapaz arrimou-se ao parapeito da janela.
Montalais tomou de um livro e abriu-o.
Malicorne tornou a erguer-se, escovou o chapéu com a manga e compôs o perpoém preto.
Fingindo ler, Montalais examinava-o com o rabo dos olhos.
— Bom! — bradou ela, furiosa — ei-lo que assume os seus ares respeitosos. Ficará emburrado durante oito dias.
— Quinze, senhorita — corrigiu Malicorne, inclinando-se. Montalais ergueu para ele o punho crispado.
— Monstro! — disse ela. — Oh! se eu fosse homem!
— Que me faríeis?
— Eu vos esganaria!
— Ah! muito bem — disse Malicorne; — creio que começo a desejar alguma coisa.
— E que desejais, Sr. Demônio? Que eu perca a minha alma pela cólera?
Malicorne rolava respeitosamente o chapéu entre os dedos; súbito, porém, deixou cair o chapéu, agarrou a menina pelos ombros, aproximou-a de si e apoiou-lhe nos lábios dois lábios ardentes demais para um homem que afetava tamanha indiferença.
Aura qüis soltar um grito, mas o grito foi estrangulado pelo beijo. Nervosa e irritada, a rapariga empurrou Malicorne contra a parede.
— Bom! — disse filosoficamente Malicorne — agora já tenho o suficiente para seis semanas; adeus, senhorita! aceitai os meus humílimos cumprimentos.
E deu três passos para retirar-se.
— Pois bem! não saireis! — bradou Montalais batendo os pés; — ficai! eu vo-lo ordeno!
— Vós o ordenais?
— Sim; não sou eu quem manda?
— Em minha alma e em meu espírito, sem dúvida nenhuma.
— Grande coisa, francamente! A alma é tola e o espírito é seco.
— Cuidado, Montalais, eu vos conheço — disse Malicorne; — ainda acabareis apaixonada pelo vosso servidor.
— Pois é verdade! — conveio ela, atirando-se ao pescoço dele, menos com voluptuoso abandono que com indolência infantil; — é verdade, pois, afinal, preciso agradecer-vos.
— O quê?
— Esta comissão; não é todo o meu futuro?
— E o meu também. Montalais encarou com ele.
— É horrível — disse ela — não poder saber se falais sério ou não.
— Nunca falei mais sério na vida; eu ia a Paris, vós ides a Paris, nós iremos a Paris.
— Foi esse, então, o único motivo que vos levou a servir-me?
— Que quereis, Aura, não posso viver sem vós!
— Pois bem! em realidade, é como eu; mas força é confessar que tendes um coração bem mau!
— Aura, minha querida Aura, cuidado! Se voltardes às injúrias, sabeis o efeito que me produzem, e eu vou adorar-vos.
E, dizendo essas palavras, Malicorne tornou a conchegar de si a rapariga.
No mesmo instante soaram passos na escada.
Estavam os dois jovens tão próximos um do outro que teriam sido surpreendidos abraçados se

Montalais não tivesse empurrado violentamente Malicorne; este foi dar com as costas na porta, que se abria naquele momento.

Ouviu-se imediatamente um grito, seguido de injúrias.

Era a Sra. de Saint-Remy quem desferia o grito e proferia as injúrias; o inditoso Malicorne quase a esmagara entre a parede e a porta que ela entreabrira.

— É esse mandrião outra vez! — bradou a velha — sempre aqui!

— Ah! senhora — respondeu Malicorne com voz respeitosa — faz oito dias que não ponho os pés nesta casa!

Capítulo III - Em que reaparece enfim a verdadeira heroína desta história

ATRÁS da Sra. de Saint-Remy subia a Srta. de La Valliére. Ouvira a explosão da cólera materna e, adivinhando-lhe a causa, entrou muito trêmula no quarto onde avistou o infeliz Malicorne, cuja expressão de desespero teria enternecido ou divertido quem quer que o observasse com sangue frio.

Com efeito, entrincheirara-se rapidamente atrás de uma poltrona, como para evitar os primeiros assaltos da Sra. de Saint-Remy; não esperava aplacá-la com palavras, pois ela falava mais alto e mais depressa do que ele, mas confiava na eloqüência dos seus gestos.

A velha senhora não via nem ouvia' coisa alguma; fazia muito tempo que antipatizava supinamente com Malicorne.

A sua cólera, porém, era tanta que transbordou de Malicorne à cúmplice.

Montalais recebeu também a sua cota-parte.

— E vós, senhorita, cuidais que não direi a Madame o que se passa nos aposentos de uma de suas açafatas?

— Oh! minha mãe — exclamou a Srta. de La Valliére — por misericórdia, poupai...

— Cala-te, e não te canses inutilmente intercedendo por criaturas indignas; que uma moça honesta como tu tenha de sofrer o mau exemplo, já é, sem dúvida, grande desgraça; mas que o autorize com a sua indulgência, não admito.

— Mas, em realidade — interveio Montalais, rebelando-se afinal — não sei por que motivo me tratais assim; creio que não fiz nada de mal!

— E esse grandíssimo vagabundo — tornou a Sra. de Saint-Remy indicando Malicorne — estará aqui para fazer o bem?

— Não veio para o bem, nem para o mal, senhora; apenas veio ver-me.

— Pois sim, pois sim — disse a Sra. de Saint-Remy; — Sua Alteza Real o saberá e julgará.

— Em todo caso — respondeu Montalais — não vejo porque será vedado ao Sr. Malicorne ter pretensões a meu respeito, se as suas pretensões forem honestas.

— Pretensões honestas com essa cara! — exclamou a Sra. de Saint-Remy.

— Agradeço-vos em nome da minha cara, senhora — interveio Malicorne.

— Vem, minha filha, vem — continuou a Sra. de Saint-Remy; — vamos avisar Madame que enquanto ela chora um marido, enquanto nós choramos um amo neste velho castelo de Blois, mansão da dor, há pessoas que se divertem e regozijam.

— Oh! — bradaram, a um tempo, os dois acusados.

— Uma açafata! Uma açafata! — exclamou a velha senhora erguendo os braços para o céu.

— Pois bem! é nisso que vos enganais, senhora — disse Montalais exasperada; — já não sou açafata, pelo menos de Madame.”

— Pedistes demissão, senhorita? Muito bem! Não posso deixar de aplaudir semelhante resolução, e aplaudo-a.

— Não pedi demissão, não, senhora; vou para outro serviço, nada mais.

— Entre burgueses ou gente de toga? — perguntou com desdém a Sra. de Saint-Remy.

— Sabei, senhora — disse Montalais — que não sou moça para servir burguesas nem mulheres de magistrados, e que em lugar da corte miserável em que vegetais, habitarei uma corte quase real.

— Ah! ah! uma corte real — acudiu a Sra. de Saint-Remy forcejando para rir; — uma corte real;

que achas, Luísa?

E voltava-se para a Srta. de La Vallière, que ela queria a todo o transe afastar de Montalais que, em vez de ceder aos empuxões da Sra. de Saint-Remy, volvia os formosos olhos conciliadores ora para a mãe, ora para a amiga.

— Eu não disse corte real — redarguiu Montalais — porque a Sra. Henriqueta de Inglaterra, que vai ser esposa de Sua Alteza Real Monsieur, não é rainha. Eu disse quase real, e não errei, visto que ela será cunhada de Sua Majestade. Se um raio caísse no castelo de Blois não teria atordoado tanto a Sra. de Saint-Remy quanto a última frase de Montalais.

— Que dissestes de sua Alteza Real, a Sra. Henriqueta? — balbuciou.

— Digo que vou entrar para o seu serviço como dama de honor.

— Como dama de honor! — bradaram ao mesmo tempo a Sra. de Saint-Remy com desespero e a Srta. de La Vallière com alegria.

— Sim, senhora, como dama de honor.

A velha abaixou a cabeça como se o golpe tivesse sido demasiado contundente.

Entretanto, quase ao mesmo tempo, tornou a erguer-se para endereçar o derradeiro projétil à adversária.

— Oh! oh! — disse ela — prometem-se muitas coisas antecipadamente, alimentam-se muitas esperanças loucas, mas quando se trata de cumprir as promessas ou de realizar as esperanças, converte-se em fumaça o grande crédito valedor.

— Oh! senhora, o crédito do meu protetor é incontestável, e as suas promessas valem, por atos.

— E seria acaso indiscrição perguntar-vos o nome de tão poderoso personagem?

— Oh! Meu Deus, não é éste senhor que aqui está — disse Montalais mostrando Malicorne que, durante a cena, conservara o mais imperturbável sangue frio e a mais cômica dignidade.

— Este senhor! — exclamou a Sra. de Saint-Remy, desatando a rir sem tom nem som — este senhor é o vosso protetor! O homem de tamanho crédito, cujas promessas valem por atos, é o Sr. Malicorne?

Malicorne cumprimentou.

Montalais tirou, por única resposta, a folha de papel do bolso e, mostrando-o:

— Eis a carta de mercê — disse ela.

Esse último golpe foi definitivo. Assim que percorreu com a vista o bem-aventurado pergaminho, a boa senhora juntou as mãos, indizível expressão de inveja e desespero lhe contraiu o rosto, e ela foi obrigada a sentar-se para não desfalecer.

Montalais não era tão má que se regozijasse demais com a vitória e tripudiasse sobre o inimigo vencido, mormente quando esse inimigo era a mãe de sua amiga; usou, portanto, mas não abusou do triunfo.

Malicorne foi menos generoso; assumiu atitudes nobres ao pé da poltrona e refestelou-se nela com uma familiaridade que, duas horas antes, lhe teria valido a ameaça de uma coça.

— Dama de honor da jovem Madame! — repetia a Sra. de Saint-Remy, ainda não de todo convencida.

— Sim, senhora, e pela proteção do Sr. Malicorne.

— É incrível! — repetia a velha senhora; — não é verdade, Luísa, que é incrível?

Luísa, porém, não respondia; inclinada, pensativa, quase aflita, levara a mão à fronte encantadora e suspirava.

— Mas, afinal, senhor — perguntou de repente a Sra. de Saint-Remy — que fizestes para obter essa comissão?

— Pedi-a, senhora.
— A quem?
— A um amigo meu.
— E tendes amigos assim tão influentes na corte, capazes de dar-vos tais provas de crédito?
— Parece que sim.
— E pode saber-se o nome desses amigos?
— Eu não disse que tinha vários amigos, disse que tinha um.
— E chama-se ele?

— Diabo! senhora, como andais depressa! Quando possuímos um amigo tão poderoso quanto o meu, não o alardeamos aos quatro ventos para que no-lo roubem.

— Tendes razão, senhor, de calar-lhe o nome, pois creio que vos seria difícil decliná-lo.
— Em todo o caso — sobreveio Montalais — se o amigo não existe, existe a carta de mercê, e isso liquida o assunto.
— Suponho então — disse a Sra. de Saint-Remy com o sorriso gracioso do gato que vai agadanhar — quando há pouco achei aqui este senhor...
— Que é que tem?
— Que ele vos trazia o diploma?
— Exatamente, senhora, adivinhastes.
— Mas isso não tem nada de imoral.
— É o que eu penso.
— E parece-me que fiz mal em repreender-vos.
— Muito mal, senhora; mas estou tão habituada às vossas repreensões, que as perdôo.
— Nesse caso, vamos embora, Luísa; não temos mais que fazer aqui. E então?
— Senhora! — respondeu La Vallière estremecendo — que dissestes?
— Pelo visto, não estavas escutando, minha filha?
— Não, senhora, eu estava pensando.
— Em quê?
— Em mil coisas.
— Mas tu não me queres mal, Luísa? — perguntou Montalais apertando-lhe a mão.
— E por que haveria eu de querer-te mal, Aura? — respondeu a menina com voz doce e musical.
— Homessa! — acudiu a Sra. de Saint-Remy — ainda que isso acontecesse, coitadinha! Luísa teria as suas razões.
— Quais, santo Deus?
— Quero crer que ela seja de tão boa família e tão bonita quanto vós.
— Minha mãe! — bradou Luísa.
— Cem vezes mais bonita, senhora; de melhor família, não; mas isso não explica por que haveria de zangar-se comigo.
— Imaginais que seja agradável para ela enterrar-se em Blois, indo vós brilhar em Paris?
— Senhora, não sou eu quem a impede de seguir-me; pelo contrário, eu gostaria muito que ela também fosse.
— Parece-me que o Sr. Malicorne, que é todo-poderoso na corte...
— Ah! senhora, que se há de fazer? — exclamou Malicorne. — Cada um por si neste pobre mundo.
— Malicorne! — disse Montalais. Logo, inclinando-se para o rapaz:
— Entretende-vos com a Sra. de Saint-Remy, seja brigando, seja fazendo as pazes; preciso conversar com Luísa.
E, ao mesmo tempo, um suave aperto de mão recompensava Malicorne de sua futura obediência.
O rapaz aproximou-se resingando da Sra. de Saint-Remy, ao passo que Montalais dizia à amiga, atirando-lhe um braço à volta do pescoço:
— Que tens? Vamos a ver! Será verdade que não gostarias de que eu brilhasse, como diz tua mãe?
— Oh! não — respondeu a menina, mal contendo as lágrimas; — a tua felicidade, pelo contrário, me deixa muitíssimo alegre.
— Alegre! quem te visse dirias que estás chorando.
— Só choramos de inveja?
— Ah! sim, compreendo: vou a Paris, e a palavra Paris recorda-te certo cavaleiro.

— Aura!
— Certo cavaleiro que, antigamente, morava em Blois, e hoje mora em Paris.
— Não sei, de fato, o que tenho, mas o caso é que sufoco.
— Chora, então, já que não podes sorrir.
Luísa ergueu os olhos dulcíssimos, que as lágrimas, correndo em fio, iluminavam como brilhantes.
— Vamos, confessa — insistiu Montalais.
— Que queres que eu confesse?
— O que te faz chorar; ninguém chora sem motivo. Sou tua amiga; tudo o que quiseres que eu faça, fá-lo-ei. Malicorne é mais poderoso do que supomos. Queres ir a Paris?
— Ai de mim! — suspirou Luísa.
— Queres ir a Paris?
— Ficar sozinha aqui, neste castelo tão velho, eu que tinha o doce hábito de ouvir as tuas canções, de apertar-te as mãos, de correr contigo pelo parque; oh! como vou aborrecer-me, como vou morrer depressa!
— Queres ir a Paris?
Luísa despediu um suspiro.
— Não respondes.
— Que hei de responder?
— Sim ou não; creio que não é tão difícil.
— Oh! como és feliz, Montalais!
— Vamos, isso quer dizer que gostarias de estar no meu lugar? Calou-se Luísa.
— Teimosa! — volveu Montalais; — onde já se viu ter segredos para uma amiga! Mas confessa que queres ir a Paris, que morres por voltar a ver Raul!
— Não posso confessá-lo.
— Fazes mal.
— Por quê?
— Por que... Estás vendo esta carta?
— Claro que sim.
— Eu te arranjaria outra igual.
— Por intermédio de quem?
— De Malicorne.
— Aura, é verdade? será possível?
— Como não! Malicorne está aí, e o que fez por mim, fará por ti.
Malicorne ouvira duas vezes pronunciado o seu nome; exultou com o ensejo de livrar-se da Sra. de Saint-Remy e voltou-se.
— Que foi, senhorita?
— Vinde cá, Malicorne — ordenou Montalais com gesto imperativo.
Malicorne obedeceu.
— Uma carta igual.
— Como assim?
— Uma carta igual a esta; é claro.
— Mas...
— Preciso dela!
— Oh! oh! precisais dela?
— Preciso.

— É impossível, não é verdade, Sr. Malicorne? — perguntou Luísa com voz meiga.
— Homem! se é para vós, senhorita...
— Para mim! Sim, Sr. Malicorne, seria para mim.
— E se a Srta. de Montalais também pede...
— A Srta. de Montalais não pede, exige.
— Pois bem! far-se-á por obedecer-vos, senhorita.
— E obtereis a sua nomeação?
— Tentar-se-á.
— Nada de respostas evasivas. Luísa de La Vallière será dama de honor da Sra. Henriqueta dentro de oito dias.
— Como sois apressado!
— Dentro de oito dias, ou então...
— Ou então?
— Ficareis com a vossa carta de mercê, Sr. Malicorne; não desamparo minha amiga.
— Querida Montalais!
— Muito bem, guardai a vossa carta; a Srta. de La Vallière será dama de honor — prometeu Malicorne.
— Verdade?
— Verdade.
— Posso então esperar que irei a Paris?
— Podeis contar com isso.
— Oh! Sr. Malicorne, muito, muito obrigada! — bradou Luísa, juntando as mãos e pulando de alegria.
— Sonsinha! — disse Montalais — experimenta de novo fazer-me acreditar que não estás apaixonada pelo teu Raul.
Purpureou-se Luísa como a rosa de maio; mas, em vez de responder, foi beijar a mãe.
— O Sr. Malicorne é um príncipe disfarçado — acudiu a velha senhora; — tem todos os poderes.
— Não quereis também ser dama de honor? — perguntou Malicorne à Sra. de Saint-Remy. — Já que estou com a mão na massa, posso obter a nomeação de todo o mundo.
E, dizendo isso, saiu, deixando a pobre senhora desferrada, como diria Tallemant des Réaux.
— Pronto — murmurou Malicorne descendo a escada — pronto, isso vai-me custar outra nota de mil libras; mas a gente precisa conformar-se; o meu amigo Manicamp não faz nada de graça.

Capítulo IV - Malicorne e Manicamp

A INTRODUÇÃO dos dois novos personagens nesta história, e a sua misteriosa afinidade de nomes e sentimentos merecem certa atenção da parte do historiador e do leitor.

Forneceremos, portanto, alguns pormenores sobre o Sr. Malicorne e o Sr. Manicamp.

Malicorne, como se sabe, fora a Orléans buscar a carta de mercê da Srta. de Montalais, que acabava de surtir tamanho efeito no castelo de Blois.

Em Orléans se encontrava, naquela ocasião, o Sr. de Manicamp. Singular personagem entre os que mais o foram, o tal Sr. de Manicamp: rapaz inteligente, vivia sem dinheiro, sempre necessitado, embora não tirasse as mãos da bolsa do Sr. Conde de Guiché, uma das mais recheadas daquele tempo.

É o que o Sr. Conde de Guiché tivera por companheiro de infância o Sr. de Manicamp, pobre fidalgote nascido na dependência dos Grammonts.

E o Sr. de Manicamp, com a sua inteligência, soubera criar para si um rendimento que lhe proporcionava a opulenta família do marechal.

Desde a infância, por um cálculo muito superior à sua idade, emprestara ele o seu nome e a sua condescendência às loucuras do Conde de Guiché. O nobre companheiro roubava uma fruta destinada à senhora marechala, quebrava um espelho, furava os olhos de um cachorro? De Manicamp assumia a culpa do crime cometido e recebia o castigo, que não era menos rigoroso por fulminar o inocente.

Em compensação, tudo isso lhe era pago. Em vez de trajar roupas medíocres como as que lhe teria permitido a fortuna paterna, podia mostrar-se deslumbrante, soberbo, como um jovem senhor de cinqüenta mil libras de renda.

Não que tivesse o caráter vil ou o espírito humilde; mas era filósofo, ou melhor, tinha a indiferença, a apatia e a propensão aos devaneios que expulsam do homem qualquer noção de hierarquia. A sua única ambição consistia em gastar dinheiro.

Nesse sentido, porém, era uma voragem o Sr. de Manicamp.

Três ou quatro vezes por ano, regularmente, esgotava o Conde de Guiché; e quando o Conde de Guiché, completamente esgotado, virava a revirava os bolsos e a bolsa diante dele e declarava que precisaria pelo menos de quinze dias para que a munificência paterna lhe tornasse a encher a bolsa e os bolsos, de Manicamp perdia toda a energia, deitava-se, ficava na cama, deixava de comer e vendia as suas lindas roupas legando que, deitado, não precisaria delas.

Durante essa prostração de forças e inteligência, enchia-se outra vez a bolsa do Conde de Guiché e, depois de cheia, transvasava na de Manicamp, que comprava outras roupas, vestia-se de novo e recomeçava a existência anterior.

Essa mania de vender as roupas pela quarta parte do que valiam celebrizara o nosso herói em Orléans, cidade em que nos seria dificílimo dizer porque era a escolhida por ele para passar os seus dias de penitência.

Libertinos de província, peralvilhos de seiscentas libras anuais repartiam entre si os despojos de sua opulência.

Entre os admiradores desses trajos esplêndidos brilhava o nosso amigo Malicorne, filho de um síndico da cidade, a quem o Sr. Príncipe de Conde, sempre necessitado como todo verdadeiro Conde, vivia pedindo dinheiro emprestado a juros altíssimos.

Era o Sr. Malicorne quem administrava a caixa paterna.

Isto é, naqueles tempos de moral fácil, ele defendia-se também, seguindo o exemplo do pai, e emprestava dinheiro com grande usura, o que lhe proporcionava uma renda de mil e oitocentas libras, à parte as seiscentas que lhe fornecia a generosidade do síndico, de sorte que surgia como o rei dos peraltas de Orléans, com duas mil e quatrocentas libras para dilapidar, esbanjar, desperdiçar em loucuras de todo o gênero.

Mas, ao contrário de Manicamp, Malicorne era horrivelmente ambicioso. Amava por ambição, gastava por ambição, ter-se-ia arruinado por ambição.

Decidira subir a qualquer preço; e, para isso, por mais que lhe custasse, conquistara uma namorada e um amigo.

A namorada, a Srta. de Montalais, mostrava-se-lhe cruel no que respeita aos últimos favores do amor; mas era uma rapariga nobre, e isso bastava a Malicorne.

O amigo não lhe tinha amizade, mas era o favorito do Conde de Guiché, que, por sua vez, privava com Monsieur, irmão do rei, e isso bastava a Malicorne.

Entretanto, no capítulo das despesas, a Srta. de Montalais custava-lhe por ano:

Fitas, luvas e doces, mil libras.

De Manicamp custava-lhe, em dinheiro emprestado e nunca devolvido, de mil e duzentas a mil e quinhentas libras anuais.

Não sobrava nada para Malicorne. Ah! sim, enganamo-nos, sobrava-lhe a caixa paterna.

Utilizou-se o rapaz de um processo a cujo respeito guardou o mais profundo sigilo e que consistia em retirar antecipadamente, da caixa do síndico, a pensão de meia dúzia de anos, isto é, umas quinze mil libras, jurando a si mesmo, bem entendido, cobrir o desfalque assim que se lhe ajeitasse o lanço.

O lanço devia de ser a obtenção de um belo cargo na casa de Monsieur, quando fosse organizada a casa, na ocasião do casamento.

Chegara a ocasião e a casa ia ser organizada.

Um bom cargo junto de um príncipe de sangue, proporcionado pelo crédito e pela recomendação de um amigo como o Conde de Guiché, representa pelo menos doze mil libras anuais, e, com o hábito que tinha Malicorne de fazer frutificar as suas rendas, doze mil libras poderiam converter-se em vinte.

Depois, titular do cargo, Malicorne desposaria a Srta. de Montalais, descendente de uma família cujo ventre enobrecia, não somente traria um dote mas também afidalgaria o marido.

Entretanto, para que a Srta. de Montalais, que não possuía muitos bens patrimoniais, embora filha única, fosse convenientemente dotada, precisava pertencer a uma grande princesa tão pródiga quanto a viúva de Gastão era forreta.

E para que marido e mulher não vivessem apartados, situação que apresenta graves inconvenientes, sobretudo em se tratando de caracteres como os dos futuros cônjuges, imaginara Malicorne estabelecer como ponto central de reunião a própria casa de Monsieur, irmão do rei.

A Srta. de Montalais seria dama de honor de Madame, o Sr. Malicorne seria oficial de Monsieur.

Vê-se que o plano saíra de uma boa cabeça e vê-se também que estava sendo rigorosamente executado.

Malicorne pedira a Manicamp que pedisse ao Conde de Guiché um diploma de dama de honor.

O Conde de Guiché pedira o diploma a Monsieur, que lho concedeu sem hesitação.

O plano intelectual de Malicorne, pois temos de convir em que as combinações de um espírito tão ativo quanto o seu não se limitavam ao presente, mas abrangiam o futuro, o plano intelectual de Malicorne, dizíamos, era o seguinte:

Fazer entrar para o serviço de Madame Henriqueta uma mulher que, sendo-lhe dedicada, fosse

inteligente, jovem, bonita e intrigam-te; saber, por intermédio dessa mulher, todos os segredos femininos do jovem casal, ao passo que ele, Malicorne, e o seu amigo Manicamp, saberiam de todos os mistérios masculinos da jovem comunidade.

Era assim que se logravam rápidas e esplêndidas fortunas.

Malicorne era um feio nome e ao seu portador, inteligente, não escapara essa verdade; mas comprava-se uma propriedade, e Malicorne de qualquer coisa, ou Malicorne só, passaria a soar fidalgamente.

Aliás, não seria impossível encontrar no nome de Malicorne uma origem das mais aristocráticas.

Com efeito, não poderia ele provir de uma terra em que um touro de cornos mortais houvesse causado grandes males e batizado o solo com o sangue que derramara?

O plano apresentava-se eriçado de dificuldades; mas a maior de todas era a própria Srta. de Montalais.

Caprichosa, inconstante, sonsa, leviana, libertina, hipócrita, virgem armada de garras, Erígone borrada de uvas, derrubava às vezes, com um simples movimento dos dedos brancos ou com um sopro dos lábios risonhos, o edifício que a paciência de Malicorne levara um mês para construir.

À parte o amor, Malicorne era feliz; mas esse amor, que ele não podia deixar de sentir, escondia-o com cuidado, persuadido de que ao menor relaxamento dos liames com que arrochara o seu Proteu feminino, o demônio o deitaria por terra e motejaria.

Humilhava a namorada desdenhando-a. Ardendo em desejos quando ela se adiantava para tentá-lo, tinha a arte de parecer de gelo, certo de que, se lhe abrisse os braços, ela fugiria escarnecendo-o.

De seu lado, embora acreditasse Montalais não amar Malicorne, amava-o. Repetia-lhe o rapaz tantas vezes os seus protestos de indiferença, que ela, de tempo a tempo, acabava de dar-lhes crédito e, nesses momentos, cuidava detestá-lo.

Mas tentasse reconquistá-lo com casquilhices e ele se mostrava mais sécio do que ela.

Mas o que ligava Montalais indissoluvelmente a Malicorne era o fato de Malicorne andar sempre cheio de notícias frescas da corte e da cidade, e trazer constantemente a Blois uma moda, um segredo, um perfume, sem nunca solicitar uma entrevista, mas, pelo contrário, fazendo-se rogar para receber os favores que ardia por obter.

Por seu turno, Montalais não era avara de histórias. Por intermédio dela, sabia Malicorne de quanto se passava em casa de Madame, e transmitia-o a Manicamp em forma de contos engraçadíssimos, que este, preguiçoso, levava prontinhos ao Sr. de Guiché, que os carreava a Monsieur.

Eis aí, em duas palavras, a trama dos interêssezinhos e das conspiracõezinhas que uniam Blois a Orléans e Orléans a Paris, e que levaria para esta última cidade, onde produziria tão grande revolução, a pobre pequena La Vallière, ainda bem longe de suspeitar, ao correr exultante para os braços da mãe, do estranho futuro que a aguardava.

Quanto ao velho Malicorne (referimo-nos ao síndico de Orléans), não via mais claro no presente do que viam os outros no futuro e, ao exibir todos os dias, das três às cinco horas, após o jantar, na Praça de Santa Catarina, a sua andaina côr de cinza à Luís XIII e os seus sapatos de pano com grandes borlas, nem sequer desconfiava de que era ele quem pagava todas as gargalhadas, todos os beijos furtivos, todos os cochichos, todas as fitas e todos os projetos sussurrados que formavam uma cadeia de quarenta e cinco léguas do palácio de Blois ao Palais-Royal.

Capítulo V - Manicamp e Malicorne

PARTIU, portanto, Malicorne, como dissemos, e foi encontrar o seu amigo Manicamp em momentâneo retiro na cidade de Orléans.

Chegou no momento exato em que o jovem fidalgo se preparava para vender a última roupa mais ou menos limpa que lhe restava.

Quinze dias antes arrancara do Conde de Guiché cem pistolas, as únicas que poderiam ajudá-lo a pôr-se a campo para ir receber Madame, que vinha da Inglaterra.

Tirara de Malicorne, três dias antes, cinqüenta pistolas, preço da carta de mercê obtido para Montalais.

E como houvesse esgotado todos os recursos, não lhe restava outra coisa senão vender um lindo fato de lã e cetim, todo bordado e passamanado de ouro, que havia sido admiradíssimo na corte.

Mas, para poder vender o fato, o último que lhe ficara, como fomos obrigados a confessá-lo ao leitor, vira-se Manicamp na contingência de meter-se na cama.

Acabara-se o lume, acabara-se o dinheiro miúdo, acabara-se o dinheiro para os passeios, e só lhe restava o sono para substituir refeições, companhias e bailes.

Dizem: "Quem dorme janta"; mas ninguém diz:

"Quem dorme joga", ou "Quem dorme dança".

Vendo-se impossibilitado de jogar ou de dançar, pelo menos durante oito dias, Manicamp sentia-se muito triste. Esperava um usurário e viu entrar Malicorne.

Escapou-lhe um grito de angústia.

— Como! — disse ele num tom intraduzível — és tu outra vez, caro amigo?

— Como és delicado! — observou Malicorne.

— É que eu esperava dinheiro e, em vez do dinheiro, chegas tu.

— E se eu te trouxesse dinheiro?

— Oh! isso é outra coisa. Sê bem-vindo, caro amigo. E estendeu a mão, não a Malicorne, mas à sua bolsa. Malicorne fingiu enganar-se e deu-lhe a mão.

— E o dinheiro? — perguntou Manicamp.

— Meu caro amigo, se o queres, ganha-o.

— Que é preciso fazer?

— Ganhá-lo, homessa!

— E como?

— Oh! é difícil, já te aviso!

— Diabo!

— É preciso pular da cama e ir procurar imediatamente o Sr. Conde de Guiche.

— Eu, levantar-me? — volveu Manicamp espreguiçando-se voluptuosamente. — Isso é que não!

— Vendestes todas as tuas roupas?

— Ainda me resta uma, a mais bonita, mas estou esperando comprador.

— E calçados?

— Parece-me que estão em cima daquela cadeira.

— Pois bem! já que te ficaram calçados e um gibão, calça os primeiros, enfia o segundo, manda arrear um cavalo e põe-te a caminho.

— De maneira nenhuma.

— Por quê?
— Claro! então não sabes que o Sr. de Guiche está em Étampes?
— Não, eu supunha-o em Paris; melhor ainda: percorrerás quinze léguas em vez de trinta.
— És encantador! Se eu andar quinze léguas com o meu trajo, ficará emporcalhado, e em vez de vendê-lo por trinta pistolas serei obrigado a entregá-lo por quinze.
— Entrega-o por quanto quiseres, mas preciso de uma segunda carta de mercê.
— Bom! para quem? será dupla a Montalais?
— Perverso! duplo és tu. Engoles duas fortunas: a minha e a do Sr. Conde de Guiche.
— Poderias dizer pelo menos a do Sr. de Guiche e a tua.
— Tens razão, a César o que é de César; mas volto à minha carta.
— E fazes mal.
— Prova-mo.
— Meu amigo, Madame terá apenas doze damas de honor; já consegui para ti o que mil e duzentas mulheres pleiteam, e para isso, foi-me preciso empregar uma diplomacia...
— Sim, eu sei que foste heróico, caro amigo.
— Sabemos arranjar-nos — disse Manicamp.
— A quem o dizes! Por isso mesmo, quando eu for rei, prometo-te uma coisa.
— Qual? chamares-te Malicorne!?
— Não, nomear-te meu superintendente das finanças; mas não é disso agora que se trata.
— Infelizmente.
— Trata-se de conseguir outro cargo de dama de honor.
— Meu amigo, ainda que me prometesses o céu, eu não me abalaria daqui neste momento.
Malicorne fez soar o bolso.
— Tenho vinte pistolas — disse ele.
— E que pretendes fazer com vinte pistolas, santo Deus?
— Ué! — bradou Malicorne um tanto agastado — nem que fosse para acrescentá-las às quinhentas que já me deves!
— Tens razão — conveio Manicamp estendendo novamente a mão — e, sendo assim, posso aceitá-las. Dá-mas.
— Um instante, que diabo! não se trata apenas de estender a mão; se eu te der as vinte pistolas, terei a carta de mercê?
— Sem dúvida.
— Logo?
— Hoje mesmo.
— Oh! tomai cuidado, Sr. de Manicamp! vós vos comprometeis demasiado e eu não vos peço tanto. Trinta léguas num dia só é muita coisa, e vós vos matareis.
— Para servir um amigo não acho nada impossível.
— És heróico.
— Onde estão as vinte pistolas?
— Aqui — disse Malicorne mostrando-as.
— Bem.
— Mas, meu caro Manicamp, tu as devorarás só em cavalos de posta.
— Não; tranqüiliza-te.
— Ouve: quinze léguas daqui a Étampes...
— Catorze.

— Sejam; catorze léguas são sete postas; a vinte soldos a posta, sete libras; sete libras de correio, catorze; outras tantas para voltar, vinte e oito; comida e pousada, mais vinte e oito; umas sessenta libras te custará o favor.

Manicamp estendeu-se como uma cobra na cama e fitando os olhos muito grandes em Malicorne:

— Tens razão — disse ele — só poderei estar de volta amanhã. E pegou nas vinte pistolas.

— Então, parte.

— Visto que só poderei voltar amanhã, temos tempo.

— Tempo para quê?

— Para jogar.

— Que queres jogar?

— As tuas vinte pistolas, ora essa!

— Não, que ganhas sempre.

— Aposto-as, então.

— Contra quê?

— Contra vinte outras.

— E qual será o objeto da aposta?

— Escuta. Dissemos catorze léguas para ir a Étampes.

— Sim.

— Catorze para voltar.

— Sim.

— Por conseguinte, vinte e oito léguas.

— Sem dúvida.

— Não me dás catorze horas para percorrer essas vinte e oito léguas?

— Dou.

— Uma hora para encontrar o Conde de Guiché?

— Seja.

— E uma hora para fazê-lo escrever a carta a Monsieur?

— Certo.

— Ao todo, dezesseis horas.

— Contas como o Sr. Colbert.

— É meio-dia?

— E meia.

— Tens um lindo relógio!

— Dizias?... — perguntou Malicorne enfiando o relógio no bolso.

— Ah! é verdade; aposto vinte pistolas contra as que me emprestaste como terás a carta do Conde de Guiché em...

— Em quanto tempo?

— Em oito horas.

— Tens algum cavalo alado?

— Isso é comigo. Apostas ou não?

— Terei a carta do conde em oito horas?

— Terás.

— Assinada?

— Assinada.

— Em mãos?

— Em mãos.
— Apostado! — disse Malicorne, curioso por saber como se arranjaria o vendedor de roupas.
— Feito?
— Feito.
— Dá-me pena, tinta e papel.
— Aqui estão.
— Ah!
Ergueu-se Manicamp com um suspiro e, arrimado ao braço esquerdo, traçou, com a sua melhor caligrafia, as linhas que seguem:

> *"Vale um cargo de dama de honor de Madame que o Sr. Conde de Guiché se encarregará de obter à vista deste.*
> *DE MANICAMP".*

Executado o penoso trabalho, Manicamp voltou a deitar-se.
— E então? — perguntou Malicorne — que quer dizer isso?
— Quer dizer que se tens pressa de receber a carta do Conde de Guiché para Monsieur, eu ganhei a aposta.
— Como assim?
— É claro como água; tomas este papel.
— Sei.
— Partes no meu lugar.
— Ah!
— Picas de espora os teus cavalos.
— Bom!
— Daqui a seis horas estás em Étampes; daqui a sete, tens a carta do conde, e eu ganho a aposta sem sair da cama, o que me convém admiravelmente, e a ti também, presumo eu.
— Decididamente, Manicamp, és um grande homem.
— Eu sei.
— Parto, portanto, para Étampes.
— Partes.
— Vou procurar o Conde de Guiché com este vale.
— ele te dá outro igual para Monsieur.
— Corro a Paris.
— Procuras Monsieur com o vale do Conde de Guiché.
— Monsieur aprova.
— Imediatamente.
— E eu recebo o meu diploma.
— Recebes.
— Ah!
— Sou ou não sou gentil?
— Adorável!
— Obrigado.
— Fazes do Conde de Guiché tudo o que queres, meu caro Manicamp?
— Tudo, exceto dinheiro.

— Diabo! a exceção é desagradável; mas, enfim, se em vez de lhe pedires dinheiro, tu lhe pedisses...
— O quê?
— Uma coisa importante.
— Que é o que chamas de importante?
— Enfim, se um amigo te pedisse um favor?
— Eu não lho faria.
— Egoísta!
— Ou pelo menos perguntaria que favor receberia em troca.
— Ainda bem! Pois esse amigo está falando contigo.
— És tu, Malicorne?
— Sou eu.
— Ah! estás então muito rico?
— Tenho ainda cinqüenta pistolas.
— Exatamente a soma de que preciso. Onde estão as cinqüenta pistolas?
— Aqui — disse Malicorne batendo no bolso.
— Então fala, meu caro; de que precisas?
Malicorne pegou de novo na tinta, na pena e no papel e apresentou-os a Manicamp.
— Escreve — disse ele.
— Dita.
— "Vale um cargo na casa de Monsieur."
— Oh! — exclamou Manicamp erguendo a pena — um cargo na casa de Monsieur por cinqüenta pistolas?
— Ouviste mal, meu caro.
— Que disseste?
— Eu disse quinhentas.
— E as quinhentas?
— Estão aqui.
Manicamp devorou o dinheiro com os olhos; mas, dessa feita, Malicorne manteve-o a distância.
— E então? Que achas? Quinhentas pistolas...
— De graça, meu caro! — respondeu Manicamp empunhando novamente a pena — e tu utilizarás o meu crédito; dita.
Malicorne continuou:
— "Que o meu amigo Conde de Guiché obterá de Monsieur para o meu amigo Malicorne."
— Pronto — disse Manicamp.
— Perdão, mas esqueceste de assinar.
— Ah! é verdade. E as quinhentas pistolas?
— Aqui estão duzentas e cinqüenta.
— E as outras duzentas e cinqüenta?
— Quando eu for nomeado.
Manicamp fez uma careta.
— Nesse caso, devolve-me a recomendação.
— Para quê?
— Para que eu lhe acrescente uma palavra.
— Uma palavra?

— Uma só.
— Qual?
— Urgente.
Malicorne devolveu a recomendação: Manicamp acrescentou a palavra.
— Bom! — disse Malicorne retomando o papel.
Manicamp pôs-se a contar as pistolas.
— Faltam vinte — disse ele.
— Como assim?
— As vinte que ganhei.
— Quando?
— Quando apostei que receberias a carta do Duque de Guiché em oito horas.
— É justo.
E deu-lhe as vinte pistolas.
Manicamp pegou no ouro às mãos cheias e fê-lo cascatear sobre a cama.
— Eis um segundo cargo — murmurou Malicorne deixando secar o papel — que, à primeira vista, parece custar-me mais caro que o primeiro; mas...
Interrompeu-se, pegou na pena por seu turno e escreveu a Montalais:

> *"Senhorita, anunciai à vossa amiga que não tardará em receber a sua nomeação; parto em busca da assinatura: são oitenta e seis léguas que terei percorrido por amor de vós..."*

Depois, com o seu sorriso de demônio, tornando à frase interrompida:
— Eis aí — disse ele — um cargo que, à primeira vista, parece custar-me mais caro que o primeiro; mas... espero que o lucro seja proporcional à despesa, e a Srta. de La Vallière me fará ganhar mais do que a Srta. de Montalais, ou então, ou então, já não me chamo Malicorne. Adeus, Manicamp.

Capítulo VI - O pátio do palácio de Grammont

QUANDO Malicorne chegou a Étampes, soube que o Conde de Guiché acabava de partir para Paris.

Malicorne descansou duas horas e preparou-se para continuar o caminho.

Chegou a Paris à noite, apeou numa estalagenzinha onde costumava hospedar-se em suas viagens à capital, e no dia seguinte, às oito horas, apresentou-se no palácio de Grammont.

Chegava em tempo.

Preparava-se o Conde de Guiché para despedir-se de Monsieur antes de partir para o Havre, onde a fina flor da nobreza de França ia buscar Madame à sua chegada de Inglaterra.

Malicorne pronunciou o nome de Manicamp e foi introduzido imediatamente.

Estava o Conde de Guiché no pátio do palácio de Grammont, examinando as suas equipagens, que picadores e escudeiros faziam desfilar diante dele.

O conde elogiava ou criticava diante dos fornecedores e servidores os trajos, os cavalos e os arneses que lhe haviam trazido, quando, no meio dessa importante ocupação, ouviu pronunciado o nome de Manicamp.

— Manicamp? — exclamou. — Entre, ora essa! entre. E deu quatro passos na direção da porta.

Malicorne esgueirou-se pela porta entreaberta e, olhando para o Conde de Guiché, que se surpreendeu ao ver um desconhecido em lugar do amigo:

— Perdão, senhor conde — disse ele — mas creio que houve um engano: anunciaram-vos Manicamp pessoalmente e é apenas o seu enviado.

— Ah! ah! — disse o Conde de Guiché um tanto arrefecido — e me trazeis?

— Uma carta, senhor conde.

Malicorne apresentou o primeiro vale e observou o rosto do conde.

Este leu e pôs-se a rir.

— Outra! — exclamou — outra dama de honor! Homessa! mas esse patife do Manicamp protege todas as damas de honor de França?

Malicorne cumprimentou.

— E por que não veio pessoalmente?

— Porque está na cama.

— Oh diabo! Sem dinheiro? De Guiché encolheu os ombros.

— Mas que faz ele, afinal, do dinheiro?

Malicorne fez um movimento como quem diz que, a esse respeito, ignorava tanto quanto o conde.

— Valha-se então do seu crédito — continuou de Guiché.

— Ah! Mas acredito uma coisa.

— Qual?

— Manicamp só tem crédito junto de vós, senhor conde.

— Quer dizer que ele não irá ao Havre? Outro movimento de Malicorne.

— É impossível, toda a gente irá!

— Espero, senhor conde, que ele não deixe de aproveitar tão bela ocasião.

— Mas já devia estar em Paris.

— Cortará caminho para recuperar o tempo perdido.

— E onde está ele?

— Em Orléans.
— Senhor — disse de Guiché cumprimentando — vós me pareceis um homem de bom gosto.
Malicorne galhardeava a indumentária de Manicamp. Cumprimentou por seu turno.
— Vós me fazeis grande honra, senhor — disse ele.
— Com quem tenho o prazer de falar?
— Chamo-me Malicorne, senhor.
— Sr. de Malicorne, que vos parecem os coldres destas pistolas?
Malicorne era inteligente; compreendeu a situação. Aliás, o de colocado antes de seu nome acabava de elevá-lo à altura do interlocutor.
Observou os coldres como entendido, e, sem hesitar:
— Um pouco pesados, senhor.
— Vede — disse de Guiché ao seleiro — este senhor, que é homem de bom gosto, acha pesados os vossos coldres: que vos dizia eu há pouco?
O seleiro desculpou-se.
— E este cavalo, que tal? — perguntou de Guiché. — É outra compra que acabo de fazer.
— À primeira vista, parece-me perfeito, senhor conde, mas eu precisaria montá-lo para dar-vos a minha opinião.
— Pois bem! montai-o, Sr. de Malicorne, e dai duas ou três voltas pelo picadeiro.
O pátio do palácio fora, de fato, construído de modo que servisse de picadeiro em caso de precisão.
Desembaraçadamente, reuniu Malicorne as rédeas e o bridão, segurou a crina com a mão esquerda, colocou o pé no estribo, ergueu-se e montou.
Na primeira vez obrigou o cavalo a dar volta a passo.
Na segunda vez, a trote.
Na terceira, a galope.
Parou depois ao pé do conde, apeou e jogou as rédeas nas mãos de um palafreneiro.
— E então? — insistiu o conde. — Que vos parece, Sr. de Malicorne?
— Senhor conde — respondeu Malicorne — esse cavalo é de raça meclemburguesa. Ao verificar se o freio descansava bem sobre as cambas, notei que ele deve ter uns sete anos. É a idade em que se deve preparar o cavalo de guerra. A parte dianteira é leve. Dizem que cavalo de cabeça chata não cansa a mão do cavaleiro. A agulha é um pouco baixa. A inclinação da garupa faz-me duvidar da pureza da raça alemã. Deve ter sangue inglês. O cavalo é firme, mas no trote escorrega; há de cortar-se. Atenção para a ferradura. De resto, é dócil. Nas voltas e mudanças de passo pareceu-me obediente.
— Bem julgado, Sr. de Malicorne — disse o conde. — Sois entendido.
Logo:
— Tendes um trajo encantador — continuou. — Imagino que não venha da província; não se costura tão bem em Tours nem em Orléans.
— Não, senhor conde, o trajo vem, realmente, de Paris.
— Está-se vendo... Mas voltemos ao nosso negócio... Manicamp, por conseguinte, quer nomear outra dama de honor?
— Vedes o que ele vos escreveu, senhor conde.
— Quem era a primeira?
Malicorne sentiu que o sangue lhe afluía ao rosto.
— Uma jovem encantadora — apressou-se em responder — a Srta. de Montalais.

— Ah! ah! conhecei-la?
— Conheço; é minha noiva, ou quase.
— Isso é outra coisa... Mil cumprimentos! — exclamou de Guiché, em cujos lábios já esvoaçava um gracejo de cortesão e ao qual o título de noiva dado por Malicorne à Srta. de Montalais recordou o respeito devido às mulheres.
— E o segundo diploma para quem é? — perguntou de Guiché. — Será para a noiva de Manicamp?... Nesse caso, lastimo-a. Pobre moça! terá um péssimo marido.
— Não, senhor conde... O segundo diploma é para a Srta. La Baume Le Blanc de La Vallière.
— Desconhecida — observou de Guiché.
— Desconhecida? Sim, senhor — assentiu Malicorne, sorrindo por seu turno.
— Bom! vou falar nisso a Monsieur. A propósito, é moça de família nobre?
— De família muito boa; é dama de honor de Madame viúva.
— Muito bem! Quereis acompanhar-me à presença de Monsieur?
— Com muito prazer se me fizerdes essa honra.
— Trouxestes o vosso carro?
— Não, vim a cavalo.
— Com essa roupa?
— Não, senhor; cheguei de Orléans pela posta e troquei o fato de viagem por este para apresentar-me em vossa casa.
— Ah! é verdade, já me dissestes que chegáveis de Orléans. E enfiou no bolso, amarrotando-a, a carta de Manicamp.
— Senhor — acudiu timidamente Malicorne — creio que não lestes tudo.
— Como, não li tudo?
— Não, senhor, há dois bilhetes no mesmo invólucro.
— Ah! ah! tendes certeza?
— Absoluta.
— Vejamos.
O conde tornou a abrir a sobrecarta.
— É verdade — disse ele.
E desdobrou o pedaço de papel que ainda não lera.
— Eu já desconfiava: — outro vale para um cargo em casa de Monsieur; oh! mas é uma voragem esse Manicamp. O celerado deu de chatinas com cargos?
— Não, senhor conde, ele quer dar um de presente.
— A quem?
— A mim.
— Por que não o dissestes logo, meu querido Sr. de Mauscornos?
— Malicorne!
— Ah! Perdão; é o latim que me atrapalha, o medonho vezo das etimologias. Por que diabo hão de ensinar latim aos rapazes de boas famílias? Mala: maus. Como vedes, é a mesma coisa. Vós me perdoais, não é verdade, Sr. de Malicorne?
— A vossa bondade me sensibiliza, senhor; mas é uma razão para que eu vos diga imediatamente uma coisa.
— Que coisa, senhor?
— Não sou gentil-homem; tenho bom coração, alguma inteligência, mas sou Malicorne sem *de*.
— Pois bem! — exclamou de Guiché observando a expressão maliciosa do interlocutor — vós me

pareceis, senhor, um homem amável. Gosto do vosso jeito, Sr. Malicorne; é mister que tenhais qualidades extraordinárias para que o egoísta do Manicamp se agrade de vós. Sede franco, sois algum santo que desceu à terra.

— Por quê?

— Homessa! Para ele dar-vos alguma coisa!... Não dissestes que Manicamp pretendia fazer-vos presente de um cargo na casa do rei?

— Perdão, senhor conde; se obtenho o cargo, não me terá sido dado por ele, mas por vós.

— E talvez ele não o dê inteiramente de graça?

— Senhor conde...

— Esperai: há um Malicorne em Orléans. Ora essa! É isso mesmo! Que empresta dinheiro ao senhor príncipe.

— Creio que é meu pai, senhor.

— Aí está! O senhor príncipe tem o pai e Manicamp, o medonho devorador, tem o filho. Cuidado, senhor, que o conheço; ele vos roerá até aos ossos.

— Eu empresto sem juros — tornou, sorrindo, Malicorne.

— Eu bem dizia que éreis um santo ou coisa parecida, Sr. Malicorne. Tereis o vosso cargo ou nisso perderei o meu nome.

— Oh! senhor conde, muitíssimo agradecido! — bradou Malicorne, transportado.

— Vamos à casa do príncipe, meu caro Sr. Malicorne, vamos à casa do príncipe.

E de Guiché encaminhou-se para a porta fazendo sinal a Malicorne que o seguisse.

Mas no momento em que iam cruzar a soleira, surgiu do outro lado um rapaz.

Era um cavaleiro de vinte e quatro a vinte e cinco anos, de rosto pálido, lábios finos, olhos brilhantes, sobrancelhas e cabelos trigueiros.

— Eh! bom dia — disse ele de repente, tornando a empurrar de Guiché, por assim dizer, para o interior do pátio.

— Ah! ah! estás aqui, de Wardes. De botas, esporas e chicote!

— É a indumentária que convém a um homem que parte para o Havre. Amanhã, já não haverá ninguém em Paris.

E o recém-chegado cumprimentou, cerimonioso, Malicorne, a quem o lindo trajo dava ares principescos.

— O Sr. Malicorne — apresentou de Guiché ao amigo. De Wardes cumprimentou.

— O Sr. de Wardes — apresentou de Guiché a Malicorne. Malicorne cumprimentou por seu turno.

— Vejamos, de Wardes — continuou de Guiché — dize-nos isso, tu que estás a par desse gênero de coisas: quais são os cargos ainda vagos na corte, ou melhor, na casa de Monsieur?

— Na casa de Monsieur? — repetiu de Wardes erguendo os olhos como quem procura recordar-se. — Espera... o de escudeiro-mor, creio eu.

— Oh! — exclamou Malicorne — não falemos de cargos semelhantes, senhor; a minha ambição não chega sequer à quarta parte do caminho.

De Wardes tinha o olhar muito mais suspeitoso que de Guiché: identificou Malicorne imediatamente.

— O fato — disse ele, encarando-o com desdém — é que para ocupar esse cargo é mister ser duque e par.

— A única coisa que eu quero — acudiu Malicorne — é um cargozinho muito humilde; sou pouca coisa e não pretendo ser mais do que sou.

— O Sr. Malicorne, que estás vendo — disse de Guiché a de Wardes — é um rapaz encantador

cuja única infelicidade consiste em não ser fidalgo. Mas, como sabes, faço pouco do homem, que é apenas fidalgo.

— De acordo — disse de Wardes; — mas eu te observarei apenas, meu caro conde, que, sem qualificações, ninguém pode aspirar razoadamente a entrar para a casa de Monsieur.

— É verdade — assentiu o conde — a etiqueta é formal. Diabo! diabo. Não tínhamos pensado nisso.

— Aí é uma grande desgraça para mim — acudiu Malicorne, empalidecendo levemente — uma grande desgraça, senhor conde.

— Que eu espero não seja irremediável — respondeu de Guiché.

— Ora essa! — atalhou de Wardes — o remédio é muito simples; far-vos-ão fidalgo, meu caro senhor: Sua Eminência o Cardeal Mazarino não fazia outra coisa da manhã à noite.

— Silêncio! silêncio! de Wardes! — obtemperou o conde — nada de graçolas; não é entre nós que convém gracejar com isso; a nobreza pode comprar-se, é verdade, mas isso é uma desgraça tão grande que os nobres não deviam satirizá-la.

— À minha fé! que és bem puritano, como dizem os ingleses.

— O Sr. Visconde de Bragelonne — anunciou um criado no pátio como o teria feito numa sala.

— Ah! querido Raul, vem, vem. Também trazes botas e esporas! Partes, então?

Acercou-se Bragelonne do grupo de rapazes e cumprimentou com o ar grave e meigo que lhe era peculiar. O seu cumprimento dirigiu-se principalmente a de Wardes, que ele não conhecia, e cujos traços se tinham armado de estranha frieza ao vê-lo surgir.

— Meu amigo — disse ele a de Guiché — venho buscar-te a companhia. Não partimos para o Havre?

— Tanto melhor! esplêndido! Faremos uma viagem maravilhosa. Sr. Malicorne, Sr. de Bragelonne. Ah! quero apresentar-te também o Sr. de Wardes.

Trocaram os jovens um cumprimento rigoroso.

As duas naturezas pareciam, ao primeiro contato, propensas a desentender-se. De Wardes era flexível, fino, dissimulado; Raul, sério, rígido, inteiriço.

— Põe-nos de acordo, a de Wardes e a mim, Raul.

— A propósito de quê?

— A propósito da nobreza.

— Quem entenderá disso melhor do que um Grammont?

— Não te peço cumprimentos, peço-te a opinião.

— Mas preciso conhecer o objeto da disputa.

— De Wardes pretende que se abusa dos títulos; eu pretendo que o título é inútil ao homem.

— E tens razão — disse tranqüilamente Bragelonne.

— Mas eu também — volveu de Wardes com uma espécie de obstinação — eu também, senhor visconde, pretendo ter razão.

— Que dizíeis, senhor?

— Eu dizia que se faz o que se pode em França para humilhar os gentis-homens.

— Quem faz isso? — perguntou Raul.

— O próprio rei; cerca-se de pessoas que nunca poderão dar provas de quatro costados.

— Ora essa! — interveio de Guiché — não sei onde diabo descobriste isso, de Wardes.

— Um exemplo só.

E de Wardes cobriu Bragelonne com o olhar.

— Dizei.

— Sabes quem acaba de ser nomeado capitão-general dos mosqueteiros, cargo que vale mais do que o pariato, cargo que dá precedência sobre os marechais de França?

Raul começou a corar, pois via aonde queria chegar de Wardes.

— Não; quem foi que ele nomeou? Em todo o caso, não deve fazer muito tempo; pois há oito dias o cargo ainda não fora ocupado; e a prova disso é que o rei o recusou a Monsieur, que o queria para um protegido.

— Pois bem! meu caro, el-rei recusou ao protegido de Monsieur para dá-lo ao Cavaleiro d'Artagnan, um caçula da Gasconha que arrastou a espada trinta anos pelas antecâmaras.

— Perdão, senhor, se vos interrompo — disse Raul lançando um olhar cheio de severidade a de Wardes; — mas vós me dais a impressão de não conhecer a pessoa de quem estais falando.

— Eu não conheço o Sr. d'Artagnan! Oh! meu Deus! quem não o conhece?

— Os que o conhecem, senhor — volveu Raul com mais calma e frieza — sentem-se obrigados a dizer que, se ele não é tão bom fidalgo quanto o rei, o que não é culpa sua, iguala todos os reis do mundo em coragem e lealdade. Aí está a minha opinião, senhor, e, graças a Deus! conheço o Sr. d'Artagnan desde que nasci.

De Wardes ia replicar, mas de Guiché interrompeu-o.

Capítulo VII - O retrato de madame

DE GUICHÉ compreendera perfeitamente que a discussão se azedaria.

Com efeito, havia no olhar de Bragelonne uma instintiva hostilidade.

Havia no de de Wardes como que uma intenção agressiva. Sem compreender os diversos sentimentos que agitavam os seus dois amigos, decidiu de Guiché parar o golpe que um ou outro, ambos talvez, iam desferir.

— Senhores — disse ele — devemos separar-nos, preciso passar em casa de Monsieur. Combinemos o que se há de fazer: tu, de Wardes, vem comigo ao Louvre; tu, Raul, fica aqui, a casa é tua, e como nela só se faz o que merece a tua aprovação, dá uma última espiada nos meus aprestos de viagem.

Raul, como homem que não procura nem teme rixas, fez com a cabeça um sinal de assentimento e sentou-se num banco, ao sol.

— Está bem — disse de Guiché — fica aí, Raul, e manda que te mostrem os dois cavalos que acabo de comprar; tu me dirás a tua opinião, pois só os comprei com a condição de que ratifiques a compra. A propósito, perdão! esquecia-me de pedir-te notícias do Sr. Conde de La Fère.

E enquanto pronunciava essas últimas palavras, observava de Wardes e tentava supreender o efeito que produziria nele o nome do pai de Raul.

— Obrigado — respondeu o rapaz — o senhor conde está passando bem.

Um relâmpago de ódio passou pelos olhos de de Wardes. De Guiché não pareceu observar o fúnebre clarão e, indo apertar a mão de Raul:

— Está combinado, não está, Bragelonne — disse ele — irás encontrar-te conosco no pátio do Palais-Royal?

Depois, fazendo sinal a de Wardes, que ora se balançava num pé, ora no outro:

— Partamos — disse ele; — vinde, Sr. Malicorne.

Esse nome fez estremecer Raul.

Afigurou-se-lhe tê-lo ouvido uma vez, mas não conseguiu lembrar-se da ocasião. Enquanto procurava, entre pensativo e irritado pela conversação com de Wardes, endereçaram-se os três rapazes ao Palais-Royal, onde morava Monsieur.

Malicorne compreendeu duas coisas.

Primeiro, que os rapazes queriam conversar.

Segundo, que não devia caminhar a par com eles.

Ficou para trás.

— Estás louco? — perguntou de Guiché ao companheiro, quando se distanciaram alguns passos do palácio de Grammont; — atacas o Sr. d'Artagnan diante de Raul!

— E que é que tem isso? — perguntou de Wardes.

— Que é que tem isso, como?

— Claro: será, acaso, proibido atacar o Sr. d'Artagnan?

— Mas sabes perfeitamente que o Sr. d'Artagnan é um dos quatro personagens daquele grupo tão glorioso e tão temível a que chamavam os Mosqueteiros.

— Seja; mas não vejo em que isso me impeça de abominá-lo.

— Que te fez ele?

— A mim, nada.

— Então, por que o abominas?

— Perguntado à sombra de meu pai.

— Na verdade, meu caro de Wardes, tu me espantas: o Sr. d'Artagnan não é desses homens que deixam após si contas não saldadas. Teu pai, segundo me disseram, era um homem arrogante. Ora, não há inimizades tão ferrenhas que se não lavem no sangue de uma boa e leal estocada.

— Que queres, meu amigo, o ódio existia entre meu pai e o Sr. d'Artagnan; quando eu era pequenino, ele me falou muitas vezes nisso, e é um legado particular que me deixou no meio de sua herança.

— E esse ódio tinha por único objeto o Sr. d'Artagnan?

— Oh! o Sr. d'Artagnan estava tão bem misturado com os três amigos que as sobras haviam de forçosamente recair sobre eles; e é tamanho, acredita, que os outros, em se apresentando a ocasião, não poderão queixar-se de sua parte.

De Guiché tinha os olhos fitos em de Wardes; estremeceu ao ver o pálido sorriso do rapaz. Algo como um pressentimento fez-lhe estremecer o pensamento; disse entre si que já se fora o tempo das grandes espadeiradas entre fidalgos, mas que o ódio, concentrando-se no fundo do coração em vez de espalhar-se para fora, não era por isso menos intenso; que o sorriso, às vezes, era tão sinistro quanto a ameaça, e que, numa palavra, depois dos pais, que haviam odiado com o coração e combatido com os braços, viriam os filhos, que também se odiariam com o coração, mas combateriam apenas com a intriga ou a traição.

Ora, como não fosse Raul que ele supunha capaz de intrigas ou traições, foi por ele que de Guiché estremeceu.

Mas ao passo que estes sombrios pensamentos anuviavam a fronte do conde, redobrara de Wardes o inteiro domínio de si mesmo.

— De resto — disse ele — não tenho nada pessoalmente contra o Sr. de Bragelonne; nem o conheço.

— Em todo o caso, de Wardes — volveu de Guiché com certa severidade — não te esqueças de uma coisa: Raul é o meu melhor amigo.

De Wardes inclinou-se.

E nisso parou a conversação, apesar de todos os esforços de de Guiché para arrancar-lhe o segredo do coração; mas, tendo decidido não dizer mais nada, de Wardes permaneceu impenetrável.

De Guiché decidiu pedir maiores explicações a Raul.

Nesse comenos, chegaram ao Palais-Royal, cercado de uma chusma de curiosos.

A casa de Monsieur esperava-lhe as ordens para montar a cavalo e escoltar os embaixadores encarregados de trazer a jovem princesa.

O luxo de cavalos, armas e libréias compensava, naquele tempo, graças à boa vontade dos povos e às tradições de respeitosa afeição aos reis, as enormes despesas cobertas pelo imposto.

Dissera Mazarino: "Deixai-os cantar, contanto que paguem".

Luís XIV dizia: "Deixai-os ver".

A vista substituíra a voz; ainda se podia olhar, mas já não se podia cantar.

O Sr. de Guiché deixou de Wardes e Malicorne na escadaria principal; mas ele, que partilhava dos favores de Monsieur com o Cavaleiro de Lorena (que o tratava com suma urbanidade, mas não o tolerava), subiu diretamente aos aposentos de Monsieur.

Encontrou o jovem príncipe mirando-se a um espelho enquanto carminava o rosto.

Monsieur, frère du roi.

Num dos cantos do gabinete, deitado sobre coxins, o Sr. Cavaleiro de Lorena, que acabara de mandar frisar os longos cabelos loiros, brincava com eles como o faria uma mulher.

O príncipe voltou-se ao ruído e, avistando o conde:

— Ah! és tu, Guiché — disse ele; — vem cá e dize-me a verdade.

— Pois não, monsenhor, sabeis que é esse o meu defeito.

— Figura-te, Guiché, que aquele perverso cavaleiro me magoa. O cavaleiro deu de ombros.

— E como assim? — perguntou de Guiché. — Não é esse o hábito do senhor cavaleiro.

— Pois ele afirma — continuou o príncipe — ele afirma que a Srta. Henriqueta é mais bonita como mulher do que eu como homem.

— Cuidado, monsenhor — disse de Guiché franzindo o cenho — vós me pedistes a verdade.

— Sim — respondeu Monsieur quase a tremer.

— Pois bem! vou dizê-la.

— Não te apresses, Guiché — bradou o príncipe — tens tempo; olha para mim com atenção e lembra-te bem de Madame; aliás, aqui tens um retrato dela; vê.

E estendeu-lhe a finíssima miniatura.

De Guiché pegou no retrato e considerou-o longamente.

— À minha fé — disse ele — aí está, monsenhor, uma adorável figura.

— Mas olha também para mim, olha para mim — bradou o príncipe, tentando reconquistar a atenção do conde, inteiramente absorto no retrato.

— Realmente, é maravilhoso! — murmurou de Guiché.

— Homessa! — continuou Monsieur — até parece que nunca viste essa menina!

— Vi-a, monsenhor, é verdade, há uns cinco anos; mas grandes mudanças se operam entre uma criança de doze e uma menina de dezessete.

— Mas, afinal, qual é a tua opinião? Fala.

— A minha opinião é o que o retrato deve favorecê-la muito, monsenhor.

— Oh! em primeiro lugar — tornou o príncipe triunfante — isso é verdade; mas, enfim, supõe que ela não esteja favorecida e dize-me o que achas.

— Monsenhor, Vossa Alteza é muito feliz por ter uma noiva tão encantadora.

— Seja, é o teu parecer sobre ela; e sobre mim?

— Meu parecer, monsenhor, é que sois bonito demais para um homem.

O Cavaleiro de Lorena desatou a rir a bandeiras despregadas. Monsieur compreendeu as restrições implicadas na opinião do Conde de Guiché.

Carregou o senho.

Le chevalier de Lorraine.

— Tenho amigos pouco benévolos — disse ele.

De Guiché tornou a olhar para o retrato; mas, após alguns segundos de contemplação, devolvendo-o com esforço a Monsieur:

— Decididamente, monsenhor — disse ele — eu quisera antes contemplar dez vezes Vossa Alteza

a contemplar Madame outra vez.

Viu sem dúvida o cavaleiro algo de misterioso naquelas palavras, que o príncipe não compreendeu, pois exclamou:

— Pois casai-vos, então!

Monsieur continuava a carminar as faces; depois, quando terminou, observou de novo o retrato, voltou a mirar-se ao espelho e sorriu.

A comparação satisfizera-o decerto.

— Aliás, foste muito gentil vindo aqui — disse ele a de Guiché; — eu temia que partisses sem te despedires de mim.

— Vossa Alteza me conhece que farte para saber-me incapaz de tamanho indecoro.

— E queres pedir-me alguma coisa antes de sair de Paris?

— Vossa Alteza adivinhou; tenho, de fato, um pedido que lhe fazer.

— Bom! fala.

O Cavaleiro de Lorena fitou os olhos e os ouvidos; parecia-lhe que toda graça obtida por outrem era um roubo praticado contra si. E como de Guiché hesitasse:

— Será dinheiro? — perguntou o príncipe. — Isso cairia às mil maravilhas, pois estou riquíssimo; o senhor superintendente das finanças mandou-me entregar cinqüenta mil pistolas.

— Agradeço a Vossa Alteza; mas não se trata de dinheiro.

— E de que se trata então? Vejamos.

— De um diploma de dama de honor.

— Ora, essa! Guiché, que protetor me saíste! — exclamou o príncipe com desdém; — já não sabes falar-me em outra coisa senão em sirigaitas?

O Cavaleiro de Lorena sorriu: proteger as damas era desgostar monsenhor.

— Monsenhor — disse o conde — não sou eu quem protege diretamente a pessoa de que venho falar-lhe ; é um amigo meu.

— Ah! isso é outra coisa; e como se chama a protegida do teu amigo?

— A Srta. de la Baume Le Blanc de La Vallière, que já é dama de honor de Madame viúva.

— Uma capenga! — atalhou o Cavaleiro de Lorena, ajeitando-se nos coxins.

— Uma capenga! — repetiu o príncipe. — Madame teria isso diante de si? Não, não, seria muito perigoso para as suas gestações.

O Cavaleiro de Lorena soltou uma gargalhada.

— Senhor cavaleiro — sobreveio de Guiché — não é generoso o que fazeis: eu solicito e vós me prejudicais.

— Ah! perdão, senhor conde — replicou o Cavaleiro de Lorena inquieto pelo tom com que o conde acentuara as palavras — tal não era a minha intenção e, de fato, creio que estou confundindo essa senhorita com outra.

— Sem dúvida alguma; afianço-vos que estais realmente confundido.

— Fazes muita questão disso, de Guiché? — perguntou o príncipe.

— Muita, monsenhor.

— Pois bem! concedido; mas não me peças mais diplomas, que já não lá lugares.

— Ah! — exclamou o cavaleiro — é meio-dia, hora marcada para a partida.

— Expulsai-me, senhor? — perguntou de Guiché.

— Oh! conde, como me maltratais hoje! — respondeu, afetuoso, o cavaleiro.

— Por Deus! conde; por Deus! cavaleiro — acudiu Monsieur — não discutais assim; não vedes que isso me entristece?

— A minha assinatura? — perguntou de Guiché.
— Tira um diploma dessa gaveta.
De Guiché pegou no diploma indicado com uma das mãos e, com a outra, apresentou a Monsieur uma pena já molhada na tinta. O príncipe assinou.
— Toma — disse ele, devolvendo-lhe o diploma; — mas com uma condição.
— Qual?
— A de que farás as pazes com o cavaleiro.
— Com muito prazer — aquiesceu de Guiché.
E estendeu a mão ao cavaleiro com uma indiferença muito próxima do desprezo.
— Ide, conde — acudiu o cavaleiro sem dar mostra nenhuma de haver reparado no desdém do outro; — ide, e trazei-nos uma princesa menos eloqüente do que o seu retrato.
— Sim, parte e faze diligência... A propósito, quem levas contigo?
— Bragelonne e de Wardes.
— Dois bravos companheiros.
— Bravos demais — observou o cavaleiro; — fazei por trazê-los de volta.
— Perverso! — murmurou de Guiché; — fareja o mal em tudo e antes de tudo.
Depois, cumprimentando Monsieur, saiu. Ao chegar debaixo do vestíbulo, ergueu o diploma no ar. Precipitou-se Malicorne e recebeu-o trêmulo de alegria. Mas, depois de havê-lo recebido, verificou de Guiché, que ele ainda esperava alguma coisa.
— Paciência, senhor, paciência — disse ao seu cliente; — mas o senhor cavaleiro estava lá e receei ser mal sucedido se pedisse muita coisa ao mesmo tempo. Esperai, portanto, o meu regresso. Adeus!
— Adeus, senhor conde; muitíssimo agradecido — disse Malicorne.
— E mandai-me Manicamp. A propósito, é verdade, senhor, que a Srta. de La Vallière é coxa?
No momento em que ele pronunciava essas palavras, um cavalo estacava atrás dele.
Voltou-se e viu empalidecer Bragelonne, que, naquele momento, entrava no pátio.
O pobre enamorado ouvira a pergunta.
Já o mesmo não se dera com Malicorne, que não estava mais ao alcance de sua voz.
— Por que falarão aqui de Luísa? — perguntou Raul aos seus botões — oh! nunca se atreva aquele de Wardes, que sorri lá embaixo, pronunciar uma palavra sobre ela diante de mim!
— Vamos, vamos, senhores! — gritou o Conde de Guiché — a caminho.
Nesse momento, o príncipe, cuja toucagem terminara, assomou à janela.
A escolta prorrompeu em aclamações e, dez minutos depois, bandeiras, charpas e plumas flutuavam no ar, ao galope dos palafréns.

Capítulo VIII - No Havre

TODA aquela corte, tão brilhante, tão álacre, tão animada de sentimentos diversos, chegou ao Havre quatro dias após a partida de Paris. Seriam umas cinco horas da tarde; não se tinham ainda notícias de Madame.

Procuraram-se acomodações; mas, desde esse momento, reinou grande confusão entre os amos e surgiram tremendos cocorés entre os lacaios. No meio do turumbamba, o Conde de Guiché supôs reconhecer Manicamp.

Era ele mesmo; como, entretanto, Malicorne lhe houvesse tomado o mais belo trajo, readquirira, como último recurso, um fato de veludo roxo bordado de prata.

De Guiché reconheceu-o tanto pelo indumento quanto pelo jeito. Vira muitas vezes Manicamp com aquelas roupas roxas nos seus momentos de maior aflição.

Apresentou-se Manicamp sob uma abóbada de fachos que iluminavam menos do que incendiavam o pórtico de acesso do Havre, ao pé da torre de Francisco I.

Vendo a expressão macambúzia do amigo, o conde não pôde menos de rir-se.

— Oh! meu pobre Manicamp — disse ele — como estás roxo! Que é isso? puseste luto?

— Pus luto, sim — respondeu Manicamp.

— Por quem ou por quê?

— Pela minha fatiota azul e ouro, que desapareceu, e em lugar da qual só encontrei esta aqui; e ainda assim me foi preciso economizar para reavê-la.

— Deveras?

— Isso! finge-te espantado; tu me deixas sem dinheiro.

— Mas afinal estás aqui, e é o principal.

— Por estradas abomináveis.

— Onde te alojaste?

— Onde me alojei?

— Sim.

— Eu não me alojei.

De Guiché pôs-se a rir.

— Onde te alojarás?

— Onde te alojares.

— Então não sei.

— Como, não sabes?

— Claro que não; como queres tu que eu saiba onde me alojarei?

— Não reservaste uma estalagem?

— Eu?

— Tu ou Monsieur?

— Nem ele nem eu pensamos nisso. Imagino que o Havre seja grande, e contanto que haja uma cocheira para doze cavalos e uma casa limpa e bem situada...

— Oh! há casas limpíssimas.

— Pois então...

— Mas não para nós.

— Não para nós, como? Para quem?

— Para os ingleses, ora essa!
— Para os ingleses?
— Sim, todas as casas foram alugadas.
— Por quem?
— Pelo Sr. de Buckingham.
— Como? — acudiu de Guiché, cuja atenção fora espicaçada por esse nome.
— Pois sim, meu caro, pelo Sr. de Buckingham. Sua Graça mandou na frente um correio; esse correio chegou há três dias, e reservou todos os alojamentos habitáveis que encontrou na cidade.
— Vamos, vamos, Manicamp, entendamo-nos.
— Cáspite! o que digo me parece bem claro.
— Mas o Sr. de Buckingham não ocupa o Havre inteiro, que diabo!
— Não ocupa, de fato, porque ainda não desembarcou; mas, assim que desembarcar, ocupará.
— Oh! oh!
— Bem se vê que não conheces os ingleses; têm a mania de açambarcar.
— Um homem que tem uma casa inteira contenta-se com ela e não toma duas.
— Sim, e dois homens?
— Duas casas; quatro, seis, dez, se quiseres; mas não haverá cem casas no Havre?
— Há, mas as cem estão alugadas.
— Impossível!
— Como és teimoso! Pois se eu já te disse que o Sr. de Buckingham alugou todas as casas que cercam o edifício em que deverão descer Sua Majestade a Rainha viúva de Inglaterra e a princesa sua filha!
— Ora, sim senhor! que coisa mais esquisita! — observou de Wardes, alisando o pescoço do cavalo.
— Pois assim é!
— Tendes absoluta certeza, Sr. de Manicamp?
E, ao fazer essa pergunta olhava dissimuladamente para de Guiché, como a perguntar-lhe se era possível confiar na sanidade mental do seu amigo.
Durante esse tempo, descera a noite, e brandões, pajens, lacaios, escudeiros, cavalos e carruagens atulhavam a porta e a praça: os archotes refletiam-se no canal inundado pela maré, ao passo que, do outro lado do molhe, viam-se mil figuras curiosas de marinheiros e burgueses, que não queriam perder pormenor algum do espetáculo.
Durante todas essas hesitações, como se fosse alheio a elas, Bragelonne se mantivera a cavalo um pouco atrás de de Guiché, e considerava os jogos de luzes refletidos na água ao mesmo tempo que respirava, deliciado, o perfume salino da vaga que rola barulhenta sobre a areia, os seixos e as algas, atirando ao ar a espuma e ao espaço os mugidos.
— Mas, afinal — bradou de Guiché — que motivos teve o Sr. de Buckingham para fazer essa provisão de alojamentos?
— Sim — perguntou de Wardes — que motivos?
— Oh! um motivo excelente — respondeu Manicamp.
— Sabes qual é?
— Creio que sim.
— Então fala.
— Inclina-te.
— Diabo! será coisa que só se pode dizer em voz baixa?

— Tu mesmo o julgarás.
— Bom.
Inclinou-se de Guiché.
— O amor — disse Manicamp.
— Já não compreendo.
— Dize que não compreendes ainda.
— Explica-te.
— Pois bem! fala-se à boca pequena que Sua Alteza Real Monsieur será o mais infortunado dos maridos.
— Como! o Duque de Buckingham?...
— Esse nome azarento para os príncipes da casa de França.
— Então, o duque?...
— Estaria loucamente apaixonado pela jovem Madame, segundo afirmam, e não quer que ninguém se aproxime dela, exceto ele.
De Guiché corou.
— Bem! bem! obrigado — disse, apertando a mão de Manicamp. Logo, tornando a erguer-se:
— Pelo amor de Deus! — continuou, dirigindo-se ainda a Manicamp — faze por que esse projeto do Duque de Buckingham não chegue a ouvidos franceses, pois do contrário, Manicamp, brilharão ao sol destes sítios, espadas que não se temem da têmpera inglesa.
— Afinal de contas — volveu Manicamp — esse amor para mim não está provado e talvez não passe de balela.
— Não — tornou de Guiché — deve ser verdade.
E, mau grado seu, estarrincava os dentes.
— Pois bem! ao cabo de contas, que te faz isso a ti, que me faz isso a mim, que Monsieur venha a ser o que foi o finado rei? Buckingham pai, para a rainha; Buckingham filho, para a jovem Madame; nada, para todo o mundo.
— Manicamp! Manicamp!
— Eh! que diabo! é um fato ou, pelo menos, é o que dizem.
— Silêncio! — tornou o conde.
— Silêncio por quê? — sobreveio de Wardes; — é um fato sobremodo honroso para a nação francesa. Não concordais comigo, Sr. de Bragelonne?
— Sobre o quê? — perguntou tristemente Bragelonne.
— Sobre a homenagem que assim prestam os ingleses à beleza de vossas rainhas e princesas...
— Perdão, não estou a par do que se diz; explicai-vos, por favor.
— Com prazer; foi preciso que o Sr. de Buckingham pai viesse a Paris para que Sua Majestade o Rei Luís XIII percebesse que a esposa era uma das mais formosas mulheres da corte de França; é preciso agora que o Sr. de Buckingham filho consagre por sua vez, pelo preito que lhe rende, a beleza de uma princesa de sangue francês. Será doravante diploma de beleza o haver inspirado uma paixão de além-mar.
— Senhor — respondeu Bragelonne — não gosto de ouvir chocarrices sobre esses assuntos. Nós, os fidalgos, somos os guardiões da honra das rainhas e das princesas. Se rirmos delas, que farão os lacaios?
— Oh! oh! senhor — atalhou de Wardes, cujas orelhas se avermelharam — como devo tomar isso?
— Como quiserdes, senhor — respondeu friamente Bragelonne.
— Bragelonne! Bragelonne! — murmurou de Guiché.

— Sr. de Wardes — bradou Manicamp vendo o rapaz conduzir o cavalo para junto de Raul.

— Senhores! Senhores! — insistiu de Guiché — não deis semelhante exemplo em público, na rua! De Wardes, não tens razão.

— Não tenho razão? No quê?

— Em que falais sempre mal de alguma coisa ou de alguém — replicou Raul com o seu implacável sangue frio.

— Indulgência, Raul — pediu baixinho de Guiché.

— E não brigueis antes de haverdes descansado; não fareis nada que preste — aconselhou Manicamp.

— Vamos, vamos! — acudiu de Guiché — para a frente, senhores, para a frente!

E, dizendo isso, afastando cavalos e pajens, abriu caminho até o centro da multidão, na praça, atraindo após si o cortejo de franceses.

Um portão que dava para um pátio estava aberto; de Guiché entrou nesse pátio; Bragelonne, de Wardes, Manicamp e mais três ou quatro fidalgos o seguiram.

Lá se reuniu uma espécie de conselho de guerra; deliberou-se sobre os meios que era mister empregar para salvar a dignidade da embaixada.

Bragelonne foi de opinião que se respeitasse o direito de prioridade.

De Wardes propôs saquear a cidade.

A sugestão pareceu um tanto violenta a Manicamp.

Este alvitrou que primeiro dormissem: era o mais sensato.

Infelizmente, para que aceitassem o alvitre, precisavam apenas de duas coisas:

Uma casa e camas.

De Guiché pensou durante algum tempo; logo, em voz alta:

— Quem me quiser bem, siga-me — bradou.

— Os criados também? — perguntou um pajem que se acercara do grupo.

— Todos! — gritou o fogoso gentil-homem. — Vamos, Manicamp, leva-nos à casa que Madame deve ocupar.

Sem nada adivinhar dos projetos do conde, os amigos foram-lhe na alheta, escoltados por uma chusma de gente cujas aclamações e cuja alegria constituíam feliz presságio para o projeto ainda desconhecido que tentava aquela impetuosa mocidade.

O vento soprava ruidosamente do porto em violentas rajadas.

Capítulo IX - No mar

LEVANTOU-SE o dia seguinte um pouco mais calmo, se bem o vento continuasse a soprar.

Entrementes, surgira o sol numa dessas nuvens vermelhas, que lhe recortam os raios ensangüentados sobre a crista das ondas escuras.

Do alto das vigias, as sentinelas espreitavam com impaciência.

Cerca das onze horas da manhã, avistou-se um navio, que se aproximava a todo o pano, seguido de outros dois à distância de meio nó.

Vinham como flechas disparadas por vigoroso arqueiro; o mar, todavia, estava tão agitado, que a rapidez da marcha não obstava ao jogo que lançava os barcos, ora à direita, ora à esquerda.

Pouco depois a forma das embarcações e a cor dos galhardetes permitiram distinguir-se a frota inglesa. À frente vinha o navio que trazia a princesa a bordo, ostentando o pavilhão do almirantado.

Imediatamente se espalhou a notícia de que Sua Alteza estava chegando. Toda a nobreza de França concorreu ao porto; o povo apinhou-se no cais e nos molhes.

Duas horas depois, os outros barcos tinham alcançado o navio almirante, e os três, temendo sem dúvida arriscar-se à acanhada goleta do porto, ancoraram entre o Havre e a Hève.

Concluída a manobra, a nau capitanea saudou a França com doze tiros de canhão, que lhe foram retribuídos, tiro por tiro, pelo forte de Francisco I.

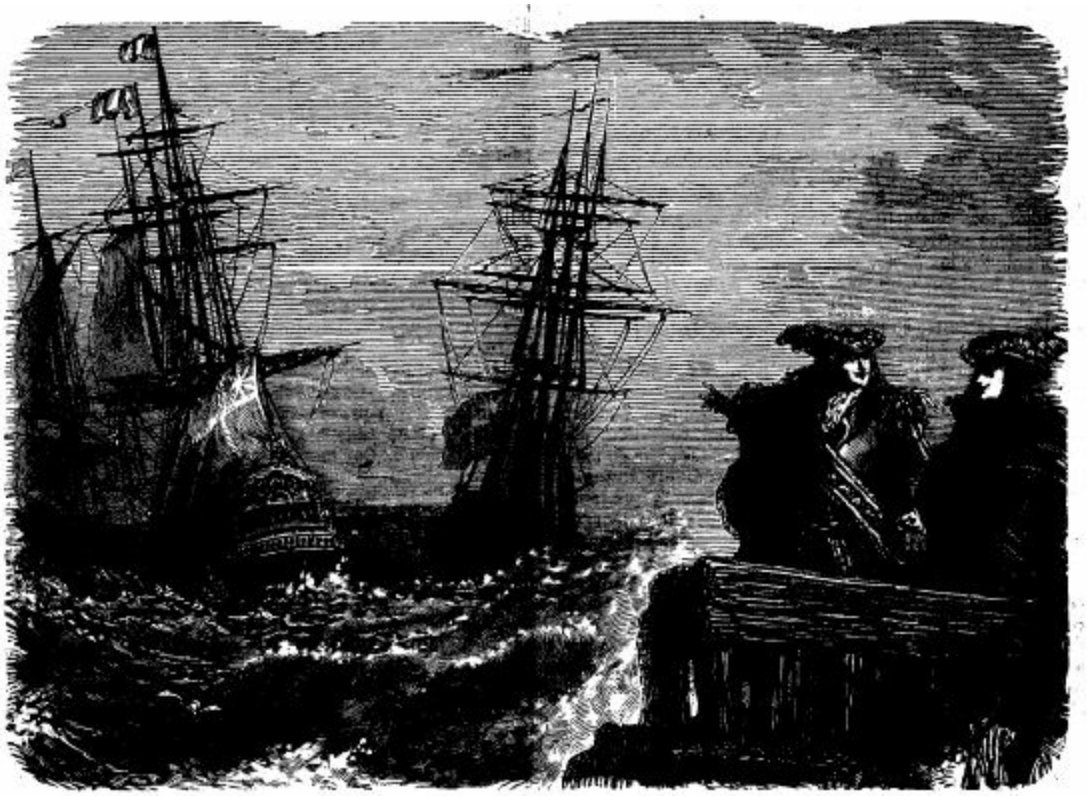
Incontinente cem embarcações lançaram-se ao mar, alfombradas de riquíssimos panos; destinavam-se a transportar os fidalgos franceses aos navios surtos.

Mas ao vê-los jogar violentamente, e ao ver adiante do molhe erguerem-se as vagas à altura de montanhas e quebrarem-se na praia com rugidos terríveis, compreenderam todos perfeitamente que nenhuma daquelas barcas percorreria, sem virar, a quarta parte sequer da distância que as separava dos navios.

Entretanto, um barco dos pilotos da barra, a despeito do vento e do mar, aparelhava-se para deixar o porto a fim de colocar-se à disposição do almirante inglês.

De Guiché procurava entre todas as embarcações alguma que lhe parecesse mais forte do que as outras e lhe permitisse chegar aos Dateis ingleses, quando viu aprestar-se a lancha do piloto.

— Raul — disse ele — não achas vergonhoso que criaturas inteligentes e fortes como nós recuem diante da força brutal do vento e da água?



Ne trouves-tu pas qu'il est honteux de reculer devant cette force brutale du vent et de l'eau? — Page 139.

— Era precisamente a reflexão que eu estava fazendo em voz baixa — respondeu Bragelonne.

— E então? vamos tomar a lancha e tocar para a frente? Vamos, de Wardes?

— Cuidado, que vos afogareis — disse Manicamp.

— E a troco de nada — acudiu de Wardes — pois com o vento assim não chegareis aos navios.

— Recusas?

— Claro! Perderei de bom grado a vida num combate entre homens — disse ele observando Bragelonne de través; — mas bater-me a remadas contra montanhas de água salgada, isso é que não!

— E eu — tornou Manicamp — ainda que tivesse certeza de chegar aos navios, não quero perder a única farpeia decente que possuo; a água salgada respinga e mancha.

— Também recusas? — bradou de Guiché.

— Formalissimamente: segue o meu conselho, meu amigo.

— Mas vede — exclamou de Guiché; — vê, de Wardes, vê, Manicamp; lá embaixo, na duneta da nave almirante, as princesas estão olhando para nós.

— Mais uma razão para não tomarmos um banho ridículo diante delas.

— É a tua última palavra, Manicamp?

— É.

— É a tua última palavra, de Wardes?

— É.

— Então irei sozinho.

— Não — acudiu Raul — irei contigo; parece-me que é coisa combinada.

O fato é que Raul, livre de toda paixão, medindo os riscos com sangue frio, percebia o perigo iminente; mas de bom grado se abalançava a uma aventura diante da qual recuara de Wardes.

O barco ia zarpar; de Guiché chamou o piloto.

— Olá da barca — gritou ele — precisamos de dois lugares! E embrulhando cinco ou seis pistolas num pedaço de papel, atirou-as do cais à lancha.

— Parece que não tendes medo da água salgada, meus jovens amos? — disse o patrão.

— Não temos medo de nada — respondeu de Guiché.

— Vinde, então, meus fidalgos.

O piloto aproximou-se e, um depois do outro, com idêntica ligeireza, saltaram no barco os dois rapazes.

— Coragem, meninos — disse de Guiché; — há vinte pistolas ainda nesta bolsa e, se chegarmos ao navio almirante, serão vossas.

Os remeiros inclinaram-se imediatamente sobre os remos e a lancha saltou para o cimo das vagas.

Toda a gente se interessara pela arrojadíssima partida; a população do Havre acotovelava-se nos molhes; não havia um olhar que se não fitasse na embarcaçãozinha.

A reveses, ficava ela como suspensa nas lombas espumosas e, logo depois, escorregava para o fundo de um bramante precipício, como tragada pelo abismo.

Não obstante, após uma hora de luta, alcançou as águas da nau capitânea, da qual se destacaram dois botes para acudir-lhe.

No galhardo da popa da nave almirante, abrigadas por um pálio de veludo e arminho sustentado por vigorosos calabres, a rainha-mãe e a jovem Madame, tendo ao pé de si o almirante Conde de Norfolk, observavam com terror a barquinha ora erguida para o céu, ora precipitada aos infernos, ao lado de cuja vela escura refulgiam, como duas luminosas aparições, as nobres figuras dos fidalgos franceses.

Arrimada aos paveses e empoleirada nos ovéns, a tripulação aplaudia a bravura dos dois intrépidos, a destreza do piloto e a força dos marinheiros.

Um hurra triunfal saudou-lhes a chegada.

O Conde de Norfolk, belo rapaz de vinte e seis a vinte e oito anos, adiantou-se para eles.

De Guiché e Bragelonne subiram, lestos, a escada de estibordo e, conduzidos pelo conde, que retomou o seu lugar ao pé delas, foram render preito e homenagem às princesas.

O respeito, e sobretudo certo receio de que ele próprio não dava tento, haviam impedido até então o Conde de Guiché de encarar na jovem Madame.

Esta, pelo contrário, distinguira-o desde o princípio e perguntara à mãe:

— Não é Monsieur que vemos naquela barca?

A Sra. Henriqueta, que conhecia Monsieur melhor do que a filha, sorrira àquela ilusão do seu amor-próprio e respondera:

— Não, é apenas o Sr. de Guiché, seu favorito.

A essa resposta, vira-se a princesa obrigada a reprimir a instintiva benevolência provocada pela audácia do conde.

Foi no momento em que Madame fazia essa pergunta que de Guiché, atrevendo-se afinal a erguer os olhos, pôde comparar o original ao retrato.

Quando viu o rosto pálido, os olhos animados, os adoráveis cabelos castanhos, a boca fremente e o gesto tão real que parecia animar e agradecer ao mesmo tempo, subjugou tamanha comoção, que sem Raul, que o segurou, teria cambaleado.

O olhar espantado do amigo, o gesto benévolo da rainha, fizeram-no tornar em si.

Em poucas palavras explicou a sua missão, declarou ser o enviado de Monsieur, e cumprimentou, segundo a qualidade e a acolhida que lhe dispensaram, o almirante e os diversos senhores ingleses agrupados à roda das princesas.

Raul foi apresentado por seu turno e graciosamente recebido; todos sabiam da parte que tomara o Conde de La Fère na restauração do Rei Carlos II; além disso, fora ainda o conde o encarregado das negociações do casamento que devolvia à França a neta de Henrique IV.

Raul falava perfeitamente o inglês; constituiu-se no intérprete do amigo junto dos jovens fidalgos ingleses não familiarizados com o idioma francês.

Nesse momento surgiu um rapaz de extraordinária beleza e esplêndida riqueza de trajos e de armas.

Aproximou-se das princesas, que conversavam com o Conde de Norfolk e, com voz que mal lhe disfarçava a impaciência:

— Vamos, senhoras, é preciso desembarcar — disse ele.

A esse convite, ergueu-se a jovem Madame e ia aceitar a mão que o rapaz lhe estendia com uma vivacidade cheia de expressões diversas, quando o almirante se interpôs:

— Um momento, por favor, Milorde de Buckingham; o desembarque, neste momento, é impraticável. O mar está muito agitado; lá pelas quatro horas é provável que o vento amaine; só desembarcaremos, portanto, ao cair da tarde.

— Permiti, milorde — redarguiu Buckingham com uma irritação que não procurou sequer dissimular.

— Retendes estas senhoras sem que vos assista o direito de fazê-lo. Uma delas, ai de mim! pertence à França, e, como vedes, a França a reclama pela voz dos seus embaixadores.

E, com a mão, mostrou de Guiché e Raul, que cumprimentava ao mesmo tempo.

— Não imagino — volveu o almirante — que seja intenção destes senhores expor a vida das princesas.

— Milorde, esses senhores vieram apesar do vento; acredito que o perigo não será maior para elas, que se irão com o vento.

Estes senhores são muito corajosos — atalhou o almirante. — Vistes que havia muita gente no porto e ninguém se atreveu a imitá-los. Além disso, o desejo que os possuía de apresentarem quanto antes as suas homenagens a Madame e à sua ilustre mãe, De Guiché e Bragelonne subiram, lestos, a escada.. levou-os a desafiar o mar, que hoje está péssimo, até para marinheiros.

— Mas estes senhores, que apresentarei, por exemplo, ao meu estado maior, não o devem ser para senhoras.

Um olhar furtivo de Madame surpreendeu o rubor que coloria as faces do conde.

Esse olhar escapou a Buckingham, que só tinha olhos para vigiar Norfolk. Era manifesto que sentia ciúmes dele e morria por arrancar as princesas ao móvel pavimento do navio sobre o qual reinava o almirante como senhor absoluto.

— De resto — volveu Buckingham — apelo para a própria Madame.

— E eu, milorde — respondeu o almirante — apelo para a minha consciência e para a minha responsabilidade. Prometi entregar Madame sã e salva à França, e cumprirei a promessa.

— Entretanto, senhor...

— Milorde, permiti-me recordar-vos que somente eu mando aqui.

— Milorde, sabeis o que estais dizendo? — atalhou, sobranceiro, Buckingham.

— Perfeitamente, e repito-o: somente eu mando aqui, milorde, e tudo me obedece: o mar, o vento,

os navios e os homens.

Essa frase fora grande e nobremente pronunciada.

Raul observou-lhe o efeito em Buckingham, que estremeceu visivelmente e agarrou-se numa das amarras da tenda para não cair; injetaram-se-lhe os olhos de sangue, e a mão livre empolgou o punho da espada.

— Milorde — sobreveio a rainha — permiti-me dizer-vos que estou plenamente de acordo com o Conde de Norfolk; e ainda que o tempo, em vez de toldar-se como acontece neste momento, estivesse perfeitamente puro e favorável, devemos pelo menos algumas horas ao oficial que tão felizmente nos conduziu e com tamanha solicitude às costas de França, onde deve deixar-nos.

Em vez de responder, Buckingham consultou o olhar de Madame.

Meio escondida sob as cortinas de veludo e ouro que a abrigavam, Madame não ouvira uma palavra da discussão, ocupada em olhar para o Conde de Guiché, que conversava com Raul.

Novo golpe para Buckingham, que julgou descobrir no olhar de Madame um sentimento mais profundo que o da curiosidade.

Afastou-se cambaleante e foi de encontro ao mastro principal.

— O Sr. de Buckingham não tem pés de marinheiro — disse em francês a rainha-mãe; — aí está sem dúvida porque tanto deseja sentir-se em terra firme.

O rapaz ouviu-lhe as palavras, empalideceu, deixou cair as mãos com desalento ao longo do corpo e retirou-se confundindo, num suspiro, os antigos amores e os ódios novos.

O almirante, contudo, sem lhe dar maior atenção, conduziu as damas ao salão da popa, onde fora servido o jantar com magnificência digna dos convivas.

Colocou-se o almirante à direita de Madame e o Conde de Guiché à sua esquerda.

Era o lugar ocupado de ordinário por Buckingham.

Dessarte, quando este último entrou na sala, foi-lhe novo sofrimento ver-se relegado pela etiqueta, outra rainha a quem devia respeito, a uma posição inferior à que sempre ocupara.

De seu lado, de Guiché, mais pálido ainda de felicidade que o seu rival, de cólera, sentou-se estremecendo ao lado da princesa, cujo vestido de seda, roçando-lhe o corpo, produzia em todo o seu ser arrepios de volúpia que nunca experimentara.

Terminada a refeição, Buckingham adiantou-se para oferecer a mão a Madame.

Foi quando de Guiché deu também a sua lição zinha ao duque.

— Milorde — disse ele — tende a bondade, a partir deste momento, de não vos interpordes entre Sua Alteza Real e mim. Doravante, com efeito, Sua Alteza Real pertence à França; e é a mão de Monsieur, irmão do rei, que toca a mão da princesa quando Sua Alteza Real me faz a honra de tocar a minha.

E, ao pronunciar essas palavras ofereceu a mão à jovem Madame com tão visível timidez e, ao mesmo tempo, com nobreza tão corajosa, que os ingleses despediram um murmúrio de admiração, ao passo que Buckingham deixava escapar um suspiro de dor.

Raul amava; Raul compreendeu tudo.

Fitou no conde um desses olhares profundos que só o amigo ou a mãe dirigem como proteção ou vigilância à criança ou ao amigo que desatina.

Cerca de duas horas, afinal, surgiu o sol, o vento amainou, o mar tornou-se liso como toalha imensa de cristal, e rasgou-se a bruma, que cobria as costas, como véu que se desfaz em tiras.

O risonho litoral de França apareceu então com os milhares de casinhas brancas, que se destacavam contra o verde das árvores ou contra o azul do céu.

Capítulo X - As tendas

O ALMIRANTE, como vimos, decidira não dar atenção aos olhares ameaçadores e aos convulsivos transportes de Buckingham. Com efeito, desde que partira de Inglaterra, tinha-se, manso e manso, habituado a eles. De Guiché não reparara ainda na animosidade que o jovem lorde parecia votar-lhe ; mas não sentia, por instinto, simpatia alguma pelo privado de Carlos II. Com maior experiência e um bom senso mais frio, a rainha-mãe dominava a situação e, compreendendo-lhe os perigos, preparava-se para intervir quando chegasse o momento. O momento chegou. Restabelecera-se a calma em toda a parte, exceto no coração de Buckingham, e este, na sua impaciência, repetia a meia voz à jovem princesa:

— Madame, Madame, pelo amor de Deus, desembarquemo-nos, eu vo-lo suplico! Não vedes que esse presunçoso Conde de Norfolk me mata com os cuidados e adorações que vos dispensa?

Henriqueta ouviu essas palavras; sorriu e, sem se voltar, dando apenas à voz a inflexão de meigo reproche e lânguida impertinência com que a garridice sabe aquiescer e parece defender-se ao mesmo tempo:

— Meu querido lorde — murmurou — eu já vos disse que sois louco.

Nenhum desses pormenores, como já observamos, escapava a Raul; ouvira a súplica de Buckingham e a resposta da princesa; vira Buckingham dar um passo para trás ao receber a resposta, soltar um suspiro e passar a mão pela fronte; e não tendo véu nenhum sobre os olhos nem à volta do coração, compreendeu tudo e fremiu ao perceber o estado das coisas e dos espíritos.

Por fim, com estudada lentidão, deu o almirante as últimas ordens para a partida dos botes.

Buckingham acolheu-as com transportes tais, que um estranho teria podido acreditar que o rapaz tivesse o cérebro conturbado.

À voz do Conde de Norfolk, uma grande chalupa empavezada desceu lentamente dos flancos do navio almirante: tinha capacidade para vinte remadores e quinze passageiros.

Tapetes de veludo, mantos bordados com as armas de Inglaterra, grinaldas de flores, pois nesse tempo assaz se cultivava a parábola entre as alianças políticas, constituíam o principal ornamento da barca verdadeiramente real.

Assim que a chalupa oscilou sobre a superfície das ondas, assim que os remeiros empunharam os remos, esperando, como soldados em continência, o embarque da princesa, Buckingham correu para a escada a fim de ocupar o seu lugar ao lado dela.

Deteve-o, porém, a rainha.

— Milorde — observou — não convém que nos deixeis, a minha filha e a mim, desembarcar sem que estejam convenientemente preparados os nossos alojamentos. Peço-vos, portanto, que nos precedais no Havre e verifiqueis se tudo está em ordem antes de chegarmos.

Novo golpe para o duque, tanto mais terrível quanto inesperado.

Ele balbuciou, purpureou-se, mas não pôde responder.

Imaginara ficar ao lado de Madame durante a travessia e saborear assim, até o último, os momentos que lhe proporcionava a sorte. Mas a ordem era expressa.

O almirante, que a ouvira, gritou incontinente:

— O bote pequeno ao mar! A ordem foi executada com a rapidez característica das manobras dos vasos de guerra.

Desolado, Buckingham dirigiu um olhar de desespero à princesa, um olhar de súplica à rainha, um

olhar de cólera ao almirante.

A princesa fingiu não o ter visto.

A rainha virou a cabeça.

O almirante desatou a rir.

Diante desse riso, esteve Buckingham para enviar-se a Norfolk. A rainha-mãe levantou-se.

— Parti, senhor — ordenou com autoridade.

Deteve-se o jovem duque.

Mas olhando à sua volta e tentando um derradeiro esforço:

— E vós, senhores — perguntou, sufocado por tantas comoções diversas — vós, Sr. de Guiché; vós, Sr. de Bragelonne, não me acompanhais?

Inclinou-se de Guiché.

— Eu estou, como o Sr. de Bragelonne, às ordens da rainha — disse ele; — o que ela ordenar, será feito.

E olhou para a jovem princesa, que abaixou os olhos.

— Perdão, Sr. de Buckingham — disse a rainha — mas o Sr. de Guiché representa Monsieur; é ele quem nos deve fazer as honras de França, como vós nos fizestes as de Inglaterra; por. conseguinte, não pode menos de acompanhar-nos, e nós, de nossa parte, bem lhe devemos esse pequenino favor à coragem com que veio receber-nos a despeito do mau tempo.

Buckingham abriu a boca para responder; mas, ou porque não encontrasse uma idéia ou porque não lhe ocorressem palavras para formulá-la, nenhum som lhe saiu dos lábios, e, voltando-se como num delírio, saltou do navio para o bote.

Mal tiveram tempo os remadores de segurá-lo e de se segurarem, pois o peso e o contragolpe por pouco não desequilibraram a canoa.

— Decididamente, milorde está louco — disse em voz alta o almirante a Raul.

— Receio, por ele, que tenhais razão — respondeu Bragelonne.

Durante o tempo todo que levou o bote para chegar à costa, não cessou o duque de cobrir com os olhos o navio almirante, como faria o avaro a quem lhe arrancassem o cofre, como faria a mãe que afastassem da filha para conduzi-la à morte.

Mas nada respondeu aos seus sinais, às suas manifestações, às suas lamentáveis atitudes.

Sentiu-se Buckingham tão aturdido, que se deixou cair sobre um banco, enfiando a mão entre os cabelos, enquanto que os marinheiros, indiferentes, faziam voar o bote sobre as ondas.

Ao chegar, tão grande era o torpor que o dominava que, se não tivesse encontrado no porto o mensageiro a quem confiara as atribuições de quartel-mestre, mandando-o na frente, não teria encontrado o caminho.

Entrando na casa que reservara para si, nela se encerrou como Aquiles em sua tenda.

Nesse comenos, a chalupa que conduzia as princesas afastava-se da nau capitânea.

Seguia-se-lhe uma barca cheia de oficiais, cortesãos e solícitos amigos.

Embarcando-se à pressa em cascos de pesca, barcaças e compridas lanchas normandas, toda a população do Havre adiantou-se para receber a chalupa real.

O canhão dos fortes ribombava; o navio almirante e os outros dois trocavam salvas, e nuvens subiam das bocas escancaradas em flocos enchumaçados de fumaça, por sobre as vagas, desvanecendo-se pouco depois no azul do céu.

A princesa galgou a escada do cais. Uma música alegre a esperava em terra e acompanhava cada um de seus passos.

Ao mesmo tempo que ela, aproximando-se do centro da cidade, pisava com os pés delicados as

ricas tapeçarias e as flores que juncavam as ruas, de Guiché e Raul, furtando-se ao grupo dos ingleses, metiam-se pela cidade e adiantavam-se rapidamente para o lugar destinado à residência de Madame.

— Vamos depressa — dizia Raul a de Guiché — pois, com o gênio que lhe conheço, esse Buckingham será capaz de alguma asneira vendo o resultado de nossa deliberação de ontem.

— Oh! — redarguiu o conde — lá temos de Wardes, que é a firmeza em pessoa, e Manicamp, que é a doçura personificada.

Nem por isso deixou de Guiché de apressar-se e, cinco minutos depois, avistavam o paço municipal.

O que primeiro lhes chamou a atenção foi a grande quantidade de pessoas reunidas na praça.

— Bom! — disse de Guiché — parece que os nossos alojamentos estão construídos.

Com efeito, diante do paço, na mesma praça, erguiam-se oito tendas elegantíssimas, enfeitadas com os pavilhões de França e de Inglaterra entrelaçados.

Dir-se-ia que cercasse o edifício um cinto colorido; dez pajens e doze soldados de cavalaria ligeira que escoltavam os embaixadores montavam guarda diante das tendas.

Curioso e estranho, o espetáculo parecia tirado de um conto de fadas.

Aquelas habitações improvisadas tinham-se erguido durante a noite. Revestidas por dentro e por fora dos estofos mais ricos que de Guiché conseguira encontrar no Havre, rodeavam completamente o paço municipal, isto é, o alojamento da jovem princesa; ligavam-se umas às outras por meio de simples cabos de seda, estendidos e guardados por sentinelas, de sorte que o plano de Buckingham fora inteiramente inutilizado, se é que esse plano consistia, de fato, em guardar para si e para os seus ingleses as proximidades da casa da câmara.

A única passagem que dava acesso à escada do edifício, e que não era fechada pela sedosa barricada, guardava duas tendas a modo de pavilhões, cujas portas se abriam de ambos os lados da entrada.

Essas duas tendas pertenciam a de Guiché e Raul, e deviam estar sempre ocupadas, até na ausência deles: a de de Guiché por de Wardes; a de Raul por Manicamp.

Em toda a volta das oito tendas, uma centena de oficiais, fidalgos e pajens, reluzentes de seda e ouro, pareciam abelhas zumbindo em torno da colméia.

Além disso, levavam espada à cinta, prontos para obedecer a um sinal de de Guiché ou de Bragelonne, chefes da embaixada.

No instante em que despontavam os dois jovens na extremidade de uma rua que dava para a praça, avistaram, cruzando a mesma praça a galope, um jovem fidalgo de maravilhosa elegância, que fendia a chusma de mirões e que, à vista das construções improvisadas, soltou um grito de cólera e desespero.

Era Buckingham, Buckingham saído de seu estupor, deslumbrantemente trajado, que viera esperar Madame e a rainha no paço municipal.

Mas, à entrada das tendas, tolheram-lhe o passo e forçoso lhe foi deter-se.

Exasperado, ergueu o chicote; dois oficiais lhe seguraram o braço.

Dos dois guardas, só um se encontrava lá.

Instalado na casa da câmara, de Wardes transmitia as ordens de de Guiché.

Ao ruído feito por Buckingham, Manicamp, indolentemente deitado sobre os coxins de um dos pavilhões, soergueu-se com a pachorra costumeira e, percebendo que o ruído continuava, surgiu debaixo das cortinas.

— Que aconteceu — perguntou com suavidade — e quem está fazendo esse barulhão?

Quis o acaso que, no momento em que ele principiou a falar, de chofre se restabelecesse o silêncio, e embora fosse o tom suave e moderado, todos ouviram a pergunta.

Buckingham virou-lhe, viu-lhe o corpo escanifrado e o rosto indolente.

É provável que a pessoa do nosso fidalgo, vestida, aliás, com extrema simplicidade, como já dissemos, não lhe inspirasse muito respeito, pois respondeu, desdenhoso:

— Quem sois vós, senhor?

Arrimou-se Manicamp ao braço de um gigantesco soldado de cavalaria, teso como um pilar de catedral, e respondeu no mesmo tom sossegado:

— E vós, senhor?

— Eu, sou Milorde Duque de Buckingham. Aluguei todas as casas que rodeiam o paço municipal, onde tenho interesses; ora, já que estas casas estão alugadas, elas me pertencem, e já que as aluguei para ter a passagem livre ao edifício da câmara, não tendes o direito de tolher-me o passo.

— Mas, senhor, quem vos impede de passar?

— As vossas sentinelas.

— Porque pretendeis passar a cavalo, e elas têm ordem de só permitir a passagem de pedestres.

— Ninguém tem o direito de dar ordens aqui, exceto eu — volveu Buckingham.

— Como assim, senhor? — perguntou Manicamp com voz suave. — Fazei-me a fineza de explicar esse enigma.

— Como já vos disse, aluguei todas as casas da praça.

— Sabemo-lo perfeitamente, visto que só nos ficou a praça propriamente dita.

— Enganai-vos, a praça é minha como as casas.

— Oh! perdão, senhor, o engano é vosso. Costumamos dizer aqui o calçamento do rei; ora, a praça está calçada; logo, a praça é do rei; e como somos os embaixadores do rei, a praça é nossa.

— Senhor, ainda não vos perguntei quem sois? — insistiu Buckingham, exasperado pelo sangue frio do interlocutor.

— Chamam-me Manicamp — respondeu o rapaz com voz eólia, de tão suave e harmoniosa.

Buckingham encolheu os ombros.

— Em resumo — disse ele — quando aluguei as casas que circundam o paço municipal, a praça estava livre; essas barracas obstruem a minha vista, tirai-mas!

Um murmúrio surdo e ameaçador percorreu a multidão de ouvintes.

Chegava de Guiché nesse momento; afastou o populacho que o separava de Buckingham, e, seguido de Raul, surgiu por um lado, ao passo que de Wardes surgia pelo outro.

— Perdão, milorde — disse ele; — mas se tendes alguma reclamação que fazer, dignai-vos de fazê-la a mim, visto que fui eu quem traçou os planos desta construção.

— De mais a mais, cumpre-me observar que a palavra barraca é sempre tomada à má parte — ajuntou graciosamente Manicamp.

— Dizíeis senhor? — continuou de Guiché.

— Eu dizia, senhor conde — tornou Buckingham com acentos de cólera ainda sensíveis, conquanto temperados pela presença de um igual — eu dizia que é impossível que essas tendas permaneçam onde estão.

— Impossível — perguntou de Guiché — por quê?

— Porque me incomodam.

De Guiché deixou escapar um movimento de impaciência, mas um olhar frio de Raul o reteve.

— Elas devem incomodar-vos menos, senhor, do que esse abuso de prioridade que praticastes.

— Abuso!

— Naturalmente. Mandais para cá um mensageiro que aluga, em vosso nome, toda a cidade do Havre, sem se preocupar com os franceses que devem receber Madame. É pouco fraternal, senhor duque, para com o representante de uma nação amiga.

— A terra é do primeiro que a ocupa — ripostou Buckingham.

— Mas não em França, senhor.

— E por que não em França?

— Porque é o país da polidez.

— Que quereis dizer com isso? — bradou Buckingham de maneira tão violenta que os circunstantes recuaram, certos de assistir a uma colisão imediata.

— Quero dizer, senhor — respondeu de Guiché empalidecendo — que mandei construir esse alojamento para mim e para os meus amigos, como asilo dos embaixadores de França, como o único abrigo que a vossa exigência nos deixou na cidade, e que nesse alojamento habitaremos, eu e os meus, a menos que uma vontade mais poderosa e sobretudo mais soberana do que a vossa nos expulse daqui.

— Isto é, que nos rejeite os embargos, como se diz em palácio — acudiu suavemente Manicamp.

— Conheço uma, senhor, e espero que seja tal e qual a desejais — revidou Buckingham levando a mão aos copos da espada.

Nesse momento, quando a deusa Discórdia, inflamando os espíritos, já ia virar espadas contra peitos humanos, Raul colocou docemente a mão no ombro de Buckingham.

— Uma palavrinha, milorde — disse ele.

— O meu direito! primeiro o meu direito! — exclamou o fogoso rapaz.

— É precisamente sobre esse ponto que terei a honra de entreter-vos.

— Seja, mas nada de longos discursos.

— Uma pergunta apenas; como vedes, não se pode ser mais breve.

— Falai, que escuto.

— Sois vós ou o Sr. Duque de Orléans quem se casa com a neta do Rei Henrique IV?

— Como? — perguntou Buckingham recuando, perturbadíssimo.

— Respondei-me, por favor — insistiu tranqüilamente Raul.

— Escarneceis-me, senhor? — inquiriu Buckingham.

— Já é uma resposta, e basta-me. Confessais, portanto, que não sois vós o futuro marido da princesa de Inglaterra.

— Sabei-lo muito bem, segundo me parece.

— Perdão; mas, diante do vosso procedimento, fiquei em dúvida.

— Vamos ao que interessa: que pretendeis dizer?

Voltou Raul a aproximar-se.

— Tendes — disse ele abaixando a voz — transportes furiosos que sugerem ciúmes; não o sabíeis, milorde? Ora, esses ciúmes, a propósito de uma mulher, não ficam bem a quem não é seu amante nem seu marido; com muito mais razão, e tenho certeza de que me compreendeis, milorde, quando essa mulher é uma princesa.

— Senhor — bradou Buckingham — estais insultando Madame?

— Sois vós — respondeu friamente Bragelonne — sois vós que a insultais, milorde, tende cautela. Ainda há pouco, a bordo da nau capitanea, exasperastes a rainha e esgotastes a paciência do almirante. Eu vos observava, milorde, e a princípio vos julguei maluco; mas depois adivinhei o verdadeiro caráter dessa loucura.

— Senhor?

— Esperai, pois quero acrescentar uma palavra. Creio ser o único entre os franceses que o tenha adivinhado.

— Mas sabeis, senhor — tornou Buckingham, estremecendo de cólera e inquietação ao mesmo tempo — sabeis que falais uma linguagem que merece repressão?

— Pesai as vossas palavras, milorde — disse Raul com altivez; — não sou de uma raça cujas vivacidades se deixam reprimir; ao passo que vós, pelo contrário, pertenceis a uma estirpe cujas paixões são suspeitas aos bons franceses; repito, portanto, pela segunda vez: acautelai-vos.

— Contra o quê? Porventura ameaçais?

— Sou filho do Conde de La Fère, Sr. de Buckingham, e nunca ameaço, porque firo antes. Por isso, entendamo-nos, a ameaça que vos dirijo é a seguinte...

Buckingham crispou os punhos; mas Raul continuou como se não desse tino de nada.

— À primeira palavra menos decorosa que vos permitirdes dirigir a Sua Alteza Real... Oh! tende um pouco de paciência, Sr. de Buckingham; bem vedes que a tenho, eu.

— Vós?

— Sem dúvida. Enquanto Madame esteve em solo inglês, calei-me; agora, porém, que tocou o solo de França, agora, que a recebemos em nome do príncipe, ao primeiro insulto que, movido pela vossa estranha dedicação, dirigirdes à casa real francesa, só poderei fazer duas coisas: ou denunciar diante de toda a gente a loucura que neste momento vos domina e mandar-vos, corrido, para a Inglaterra; ou, se o preferirdes, enterrar-vos um punhal na garganta, em plena assembléia. De resto, o segundo meio me parece mais conveniente, e creio que optarei por ele.

Tornara-se Buckingham mais pálido que os folhos de rendas que lhe envolviam o pescoço.

— Sr. de Bragelonne — disse ele — será um fidalgo quem fala?

— É; mas esse fidalgo fala com um louco. Curai-vos, milorde, e ele vos falará outra linguagem.

— Oh! Sr. de Bragelonne — murmurou o duque com voz estrangulada, levando a mão à garganta — bem vedes que morro!

— Se isso acontecesse neste momento, senhor — prosseguiu Raul com o seu inalterável sangue frio — eu o consideraria realmente como grande felicidade, pois calaria toda a sorte de maledicências a vosso respeito e a respeito das pessoas ilustres que a vossa dedicação compromete tão loucamente.

— Oh! tendes razão, tendes razão — tornou o rapaz desesperado; — sim, sim, morrer! mais vale morrer do que sofrer o que estou sofrendo neste momento.

E levou a mão a um lindo punhal de cabo cravejado de pedras preciosas, que arrancou a meio do peito. Raul afastou-lhe a mão.

— Tomai tento, senhor — disse ele; — se não vos matardes, praticareis um ato ridículo; se vos matardes, manchareis de sangue o vestido nupcial da princesa de Inglaterra.

— Si vous ne vous tuez pas, vous faites un acte ridicule; si vous vous tuez, vous tachez de sang la robe nuptiale de la princesse. — Page 143.

Buckingham permaneceu um minuto ofegante.

Durante esse minuto, viram-se-lhe os lábios tremer, as faces fremir, os olhos vacilar, como num delírio.

Depois, a súbitas:

— Sr. de Bragelonne — disse ele — não conheço espírito mais nobre do que o vosso; sois o digno filho do mais perfeito gentil-homem que existe. Habitai as vossas tendas!

E atirou os braços à volta do pescoço de Raul.

Maravilhada por esse gesto que ninguém poderia esperar, em vista das frenéticas sapateadas de um dos adversários e da tenaz insistência do outro, a assembléia pôs-se a bater palmas, e mil vivas, mil aplausos alegres subiram para o céu.

De Guiché abraçou também Buckingham, um tanto a contragosto, é verdade, mas abraçou-o.

Foi o sinal: ingleses e franceses, que até então se haviam considerado com inquietude, confraternizaram no mesmo instante.

Neste ensejo surgiu o cortejo das princesas, que, não fora a intervenção de Bragelonne, teria encontrado dois exércitos em luta e as suas flores tintas de sangue.

Tudo se recompôs à vista das bandeiras.

Capítulo XI - A noite

VOLTARA a sentar-se a concórdia no meio das tendas. Ingleses e franceses rivalizavam em galanterias ao pé das ilustres viajantes e em finezas entre si.

Os ingleses enviaram aos franceses as flores que haviam guardado para festejar a jovem princesa; os franceses convidaram os ingleses a uma ceia que ofereceriam no dia seguinte.

Madame recolheu, portanto, à sua passagem, felicitações unânimes. Surgia como rainha, em razão do respeito de todos; como ídolo, por causa da adoração de alguns.

A rainha-mãe dispensou aos franceses a acolhida mais afetuosa. A França era o seu país, e ela fora muito infeliz na Inglaterra para que a Inglaterra pudesse fazê-la esquecer a França. Ensinava pois à filha o amor do país onde haviam ambas encontrado hospitalidade, e onde achariam a fortuna de um brilhante futuro.

Após a entrada, quando os espectadores se espalharam um pouco e principiaram a afastar-se as fanfarras e o rumor da multidão, quando a noite desceu, envolvendo com o manto estrelado o mar, o porto, a cidade e a planície ainda comovida pelo grande acontecimento, de Guiché revoltou à sua tenda e sentou-se num amplo escabelo, com tamanha expressão de sofrimento, que Bragelonne o seguiu com o olhar até que o viu suspirar; nesse momento aproximou-se. Deixara-se o conde cair sobre o mocho e tinha o ombro encostado na parede da tenda, a testa entre as mãos, o peito ofegante e o joelho inquieto.

— Sofres, amigo? — perguntou-lhe Raul.

— Cruelmente.

— Do corpo?

— Do corpo, sim.

— O dia foi extenuante, de fato — continuou o rapaz com os olhos cravados no outro.

— Sim, e o sono me restauraria.

— Queres que eu te deixe?

— Não, preciso falar contigo.

— Só te deixarei falar depois de interrogar-te, de Guiché.

— Interroga.

— Mas sê franco.

— Como sempre.

— Sabes por que Buckingham estava tão furioso?

— Desconfio.

— Ele está apaixonado por Madame, não é isso?

— Pelo menos assim o juraria quem o visse.

— Pois não está.

— Oh! desta vez te enganas, Raul, e eu li perfeitamente o sofrimento nos seus olhos, no seu gesto, em toda a sua vida desde hoje cedo.

— És poeta, meu caro conde, e vês poesia em toda a parte.

— Vejo sobretudo o amor.

— Onde ele não existe.

— Onde existe.

— Vejamos, de Guiché, creio que te enganas.

— Oh! tenho certeza! — exclamou com vivacidade o conde.
— Dize-me, conde — indagou Raul com olhar profundo — que é o que te faz tão clarividente?
— Ora essa! — replicou de Guiché hesitando — o amor-próprio!
— O amor-próprio! é uma palavra bem comprida, de Guiché.
— Que queres dizer?
— Quero dizer, meu amigo, que, de ordinário, não pareces tão triste como esta noite.
— É o cansaço.
— O cansaço?
— Sim.
— Escuta, querido amigo, fizemos companha juntos, vimo-nos a cavalo durante dezoito horas seguidas; caíram três animais, arrasados de fadiga ou mortos de fome, e nós continuamos rindo. Não é o cansaço que te entristece, conde.
— Então, é a contrariedade.
— Que contrariedade?
— A desta noite.
— A loucura de Lord Buckingham?
— Sem dúvida! Não é supinamente desagradável, para nós, franceses, que representamos o nosso amo, ver um inglês cortejar a nossa futura senhora, a segunda dama do reino?
— Sim, tens razão; creio, porém, que Lord Buckingham não é perigoso.
— Mas é importuno. Chegando aqui, não esteve a ponto de entornar o caldo entre os ingleses e nós, e sem ti, sem a tua prudência admirável e a tua estranha firmeza, não teríamos puxado da espada em plena cidade?
— Mas, como vês, ele mudou.
— Eu sei; daí a minha estupefação. Tu lhe falaste em voz baixa; que lhe disseste? Crês que ele a ame; como tu mesmo dizes, uma paixão não cede com tanta facilidade; ele, portanto, não está apaixonado por ela!
E de Guiché pronunciou essas palavras com expressão tal, que Raul ergueu a cabeça.
O rosto nobre do rapaz exprimia visível descontentamento.
— O que eu lhe disse, conde — respondeu Raul — vou repetir-to. Ouve bem, que foi isto: "Senhor, encarais com ar de desejo, com ar de injuriosa cobiça, a irmã de vosso príncipe, que não é vossa noiva, que não é nem pode ser vossa amante; fazeis portanto uma afronta àqueles que, como nós, vêm buscar uma jovem para conduzi-la ao esposo".
— Tu lhe disseste isso? — perguntou de Guiché corando.
— Com essas mesmas palavras; e fui mais longe ainda. De Guiché fez um movimento.
— Eu lhe disse: "Com que olhos veríeis entre nós um homem que tivesse a insensatez e a deslealdade de alimentar outros sentimentos que o mais puro respeito por uma princesa destinada a nosso amo?”
Essas palavras se dirigiam tão diretamente a de Guiché, que este empalideceu, e, tomado de súbito tremor, não pôde senão estender maquinalmente a mão a Raul, cobrindo com a outra os olhos e a fronte.
— Mas — continuou Raul sem se deter ante essa demonstração do amigo — graças a Deus! embora tidos por levianos, indiscretos e irrefletidos, os franceses sabem aplicar juízo seguro e sã moral ao exame das questões de alta conveniência.
"Sim, acrescentei, nós, fidalgos de França, servimos os nossos reis sacrificando por eles, ao mesmo tempo, as nossas paixões, a nossa fortuna e a nossa vida; e quando, por acaso, o demônio nos

sugere um desses maus pensamentos que incendeiam o coração, apagamos a chama, ainda que para isso precisemos esfriá-la com o nosso sangue. Dessa maneira, salvamos três honras a um tempo: a de nosso país, a de nosso amo e a nossa. Eis aí, Sr. de Buckingham, como agimos; eis como deve agir todo homem de bem". E aí está, meu caro de Guiché — continuou Raul — como falei ao Sr. de Buckingham, que cedeu sem resistência às minhas razões.

Curvado até então sob as palavras de Raul, de Guiché tornou a erguer-se, com o olhar altivo e a mão febril; agarrou a mão de Raul; depois de estarem frios como o gelo, os pômulos de seu rosto pareciam de fogo.

— E falaste muito bem — disse com voz estrangulada; — és um grande amigo, Raul, obrigado; agora, suplico-te, deixa-me sozinho.

— Queres?

— Quero, preciso de repouso. Muitas coisas hoje me abalaram a cabeça e o coração; amanhã, quando voltares, já não serei o mesmo homem.

— Pois bem! seja, eu deixo-te — acedeu Raul, retirando-se.

O conde deu um passo para o amigo e estreitou-o cordialmente nos braços.

Mas, nesse abraço amistoso, Raul adivinhou o frêmito de uma grande paixão combatida.

Estava a noite fresca, estrelada, esplêndida; após a tempestade, o calor do sol a tudo devolvera a vida, a alegria e a segurança. Tinham-se formado no céu algumas nuvens compridas e finas, cuja azulada alvura prometia uma série de formosos dias temperados por uma brisa do leste. Na praça da câmara, grandes sombras cortadas de longos raios luminosos formavam um como gigantesco mosaico de lajens brancas e negras.

Pouco depois adormeceu a cidade; só ficou uma luzinha no apartamento de Madame, que dava para a praça, e essa doce claridade da lâmpada amortecida parecia a imagem do sono calmo de uma menina, cuja vida mal se manifesta, mal principia, e cuja flama se tempera também quando o corpo adormece.

Bragelonne saiu à porta de sua tenda com o passo lento e medido do homem curioso de ver mas que não quer ser visto.

Abrigado pelas cortinas espessas, abrangendo todo o largo com a vista, percebeu, volvido um instante, que as cortinas da tenda e de Guiché se entreabriam e agitavam.

Atrás delas se desenhava a sombra do conde, cujos olhos ardiam na escuridão, cravados no salão de Madame, suavemente iluminado pela luz interior do aposento.

A doce claridade que coloria as vidraças era a estrela do conde. Via-se-lhe subir aos olhos a aspiração de toda a sua alma. Perdido na sombra, adivinhava Raul todos os pensamentos apaixonados que estabeleciam entre a tenda do jovem embaixador e o balcão da princesa um mágico e misterioso liame de simpatia; liame formado de pensamentos acentuados por tamanha vontade, por tão grande obsessão, que decerto solicitavam aos sonhos de amor que descessem ao leito perfumado que o rapaz devorava com os olhos da alma.

Mas não eram de Guiché e Raul os únicos que velavam. A janela de uma das casas da praça estava aberta; era a janela da casa habitada por Buckingham.

Contra o clarão que projetava esta última, destacava-se, vigoroso, o perfil do duque, languidamente apoiado ao peitoril esculpido e guarnecido de veludo, que enviava assim ao balcão de Madame os seus desejos e as loucas visões do seu amor.

Bragelonne não pôde menos de sorrir.

— Aí está um pobre coração bem assediado — disse ele, pensando em Madame.

Depois, lembrando-se, compadecido, de Monsieur:

— E aí está um pobre marido bem ameaçado — ajuntou; — bem é que seja um grande príncipe e tenha um exército para guardar o que é seu.

Bragelonne espiou durante algum tempo o manejo dos dois suspiradores, ouviu o ronco sonoro, descortês, de Manicamp, que roncava com tanta sobranceria como se envergasse o trajo azul em vez de envergar o trajo roxo, e voltou-se para a brisa que lhe trazia o canto longínquo de um rouxinol; em seguida, após haver feito a sua provisão de melancolia, outra enfermidade noturna, retornou ao interior da tenda para deitar-se imaginando, por sua própria conta, que talvez quatro ou seis olhos tão ardentes quanto os de de Guiché e de Buckingham estivessem fitos no seu ídolo dele no castelo de Blois.

— E a Srta. de Montalais não é lá uma guarnição muito sólida — disse baixinho, mas suspirando alto.

Capítulo XII - Do Havre a Paris

NO dia seguinte, realizaram-se as festas com toda a pompa e todo o júbilo que os recursos da cidade e a disposição dos espíritos poderiam emprestar-lhes. Durante as últimas horas passadas no Havre, preparara-se a partida.

Depois de haver feito as suas despedidas à frota inglesa e saudado pela última vez a pátria saudando-lhe o pavilhão, Madame tomou a carruagem no meio de brilhante escolta.

Esperava de Guiché que o Duque de Buckingham voltasse com o almirante para a Inglaterra; Buckingham, porém, logrou persuadir a rainha de que seria indecoroso deixar chegar Madame quase sozinha a Paris.

Decidido esse ponto, a saber, que Buckingham acompanharia Madame, o jovem duque escolheu para si uma corte de fidalgos e oficiais destinados a formar-lhe um cortejo; de sorte que foi um exército que se endereçou a Paris, semeando ouro e esbanjando fulgurâncias pelas cidades e aldeias que atravessava.

O tempo estava lindo. Bela de ver-se era a França, mormente da estrada que percorria a comitiva. A primavera atirava as suas flores e folhagens perfumadas entre os passos daquela juventude.

Toda a Normandia, de exuberantes vegetações, horizontes azuis, rios de prata, apresentava-se como um paraíso aos olhos da nova irmã do rei.

Por todo o caminho era um suceder-se de festas e arrebatamentos. De Guiché e Buckingham esqueciam tudo: de Guiché para reprimir as novas tentativas do inglês, Buckingham para despertar no coração da princesa uma lembrança mais viva da pátria a que se ligavam recordações de dias felizes.

Desgraçadamente, porém, o pobre duque notava que a imagem de sua querida Inglaterra se apagava cada vez mais no espírito de Madame, à proporção que nele se imprimia com maior intensidade o amor da França.

Percebia, com efeito, que nenhum dos seus pequeninos cuidados provocava o menor reconhecimento, e por mais graciosamente que cavalgasse um fogoso corcel de Yorkshire, somente por acaso nele se fitavam os olhos da princesa.

Debalde tentava, para prender-lhe um dos olhares distraídos ou absortos em outras coisas, espicaçar no animal tudo o que este pudesse reunir de força, vigor, cólera e destreza; debalde, sobreexcitando o cavalo de narinas de fogo, atirava-o, com risco de arrebentar-se mil vezes de encontro às árvores ou precipitar-se nos fossos, por cima das barreiras e pelo declive de rápidas colinas. Atraída pelo ruído, Madame virava momentaneamente a cabeça e logo, sorrindo vagamente, voltava aos seus guardiães fiéis, Raul e de Guiché, e me cavalgavam sossegados às portinholas do carro.

Sentia-se então Buckingham supliciado por todas as torturas do ciúme; um sofrimento desconhecido, inaudito, abrasante, metia-se-lhe pelas veias e ia assediar-lhe o coração; e para provar que compreendia a própria loucura e desejava resgatar pela mais humilde submissão os seus desatinos, dominava o cavalo e obrigava-o, alagado de suor, a morder o freio perto da carruagem, entre os mais cortesãos.

As vezes obtinha como recompensa uma palavrinha de Madame e essa palavrinha ainda lhe sabia a censura.

— Bem! Sr. de Buckingham — dizia ela — agora estais ajuizado. Ou uma observação de Raul:

— Matareis o cavalo, Sr. de Buckingham.

E Buckingham ouvia Raul com paciência, pois sentia instintivamente, sem precisar de provas, que era Raul o moderador dos sentimentos de de Guiché, e que, sem Raul, um gesto impensado do conde, ou dele, Buckingham, já teria provocado uma ruptura, um escândalo, o exílio talvez.

Depois da célebre conversação que os dois rapazes tinham tido entre as tendas do Havre e em que Raul mostrara ao duque a inconveniência de suas manifestações, sentira-se Buckingham, malgrado seu, atraído pelo visconde.

Entabulava a miúdo conversação com ele, e quase sempre para falar-lhe de seu pai ou de d'Artagnan, amigo comum de ambos, que Buckingham admirava quase tanto quanto Raul.

Raul procurava principalmente tocar nesse assunto em presença de de Wardes, que durante toda a viagem se sentira ferido pela superioridade de Bragelonne, e sobretudo pela sua influência sobre o espírito de de Guiché. Tinha de Wardes o olhar fino e inquisitivo das naturezas más; notara imediatamente a tristeza de de Guiché e os sentimentos que lhe inspirava a princesa.

Em vez de tratar o caso com a reserva de Raul, em vez de respeitar dignamente como este as conveniências e obrigações, de Wardes feria, resoluto, no conde a corda sempre sonora da audácia juvenil e do orgulho egoísta.

Ora, aconteceu que uma noite, durante uma parada em Mantes, de Guiché e de Wardes conversavam encostados numa barreira, Buckingham e Raul se entretinham passeando, Manicamp cortejava as princesas, que já o tratavam sem muita cerimônia em razão da maleabilidade do seu espírito, da bonomia cortês de seus modos e do seu temperamento conciliador:

— Confessa — disse de Wardes ao conde — que estás bem doente e que o teu pedagogo não te cura.

— Não te compreendo — disse o conde.

— E é tão fácil: estás ficando seco de amor.

— Sandice, de Wardes, sandice!

— Seria, de fato, uma sandice se Madame fosse indiferente ao teu martírio; mas ela o observa de tal maneira que se compromete, e receio muito que, em chegando a Paris, o teu pedagogo, o Sr. de Bragelonne, te denuncie.

— De Wardes! de Wardes! outro ataque a Bragelonne!

— Vamos, deixemo-nos de infantilidades — atalhou a meia voz o gênio mau do conde; — sabes tão bem quanto eu o que quero dizer; vês perfeitamente, aliás, que o olhar da princesa se ameiga quando te fala; percebes pelo som de sua voz que ela gosta de ouvir a tua; sentes que ela escuta os versos que lhe recitas e não negarás que, toda manhã, ela te confessa haver dormido mal à noite.

— É verdade, de Wardes, é verdade; mas para que me dizes tudo isso?

— Não devemos ver claramente as coisas?

— Não, quando as coisas que vemos podem enlouquecer-nos. E voltou-se, inquieto, para o lado da princesa, como se, ao mesmo tempo que repelia as insinuações de de Wardes, quisesse encontrar-lhes a confirmação nos olhos dela.

— Olha! olha! — disse de Wardes — ela chama-te, não ouves? Aproveita a ocasião, o pedagogo não está aqui.

De Guiché não resistiu. Invencível atração puxava-o para a princesa.

De Wardes viu-o afastar-se sorrindo.

— Enganais-vos, senhor — disse de repente Raul saltando a barreira onde, momentos antes, conversava com o duque; — o pedagogo está aqui e ouviu tudo.

À voz de Raul, que ele reconheceu sem ter precisão de olhar, de Wardes fez menção de puxar da espada.

— Deixai a vossa espada — disse Raul; — sabeis muito bem que, durante a viagem que estamos fazendo, qualquer demonstração desse gênero seria inútil. Guardai a espada, mas guardai a língua também. Por que verteis no coração de quem chamais vosso amigo todo o fel que consome o vosso? A mim, quereis fazer-me odiar um homem honrado, amigo de meu pai e dos meus! ao conde, quereis fazê-lo amar uma mulher destinada ao vosso amo. Em verdade, senhor, seríeis um traidor e um covarde a meus olhos se, muito mais acertadamente, eu não vos tivesse por louco.

— Senhor — bradou de Wardes exasperado — eu não me havia enganado quando vos chamei pedagogo! O tom que assumis, a forma que empregais, são os de um jesuíta açoitador e não os de um fidalgo. Deixai, portanto, em relação a mim, essa forma e esse tom. Odeio o Sr. d'Artagnan porque ele cometeu uma covardia com meu pai.

— É mentira, senhor — declarou friamente Raul.

— Oh! — exclamou de Wardes — vós me desmentis?

— E por que não, se o que dizeis é falso?

— Desmentis-me e não desembainhais a espada?

— Senhor, prometi a mim mesmo que só vos matarei depois de havermos entregue Madame a seu esposo.

— Matar-me? Oh! as vossas varas de marmelo não matam assim, senhor pedante.

— Não — replicou friamente Raul — mas a espada do Sr. d'Artagnan mata; e não somente possuo essa espada, como também foi ele quem me ensinou a manejá-la, e é com ela que vingarei oportunamente o seu nome ultrajado por vós.

— Senhor! senhor! — bradou de Wardes — tomai tento! se não me derdes explicações imediatas, não escolherei meios para vingar-me.

— Oh! oh! senhor! — acudiu Buckingham, surgindo de improviso no teatro da cena — eis aí uma ameaça que cheira a assassínio e que, portanto, é de muito mau gosto para um gentil-homem.

— Dizeis, senhor duque? — perguntou de Wardes voltando-se.

— Digo que pronunciastes palavras que soam mal aos meus ouvidos ingleses.

— Pois bem! senhor, se o que dizeis é verdade — exclamou de Wardes exasperado — tanto melhor! encontrarei pelo menos em vós um homem que não me fugirá por entre os dedos. Tomai as minhas palavras como quiserdes.

— Tomo-as como devem ser tomadas, senhor — respondeu Buckingham com o tom sobranceiro que lhe era peculiar e que dava, até na conversação comum, um tom de desafio a tudo o que dizia; — o Sr. de Bragelonne é meu amigo, vós insultais o Sr. de Bragelonne, dar-me-eis satisfações desse insulto.

De Wardes lançou um olhar a Bragelonne, que, fiel ao seu papel, se mantinha calmo e frio, mesmo diante do desafio do duque.

— Aliás, parece que não insulto o Sr. de Bragelonne, visto que o Sr. de Bragelonne, que traz uma espada à cinta, não se considera insultado.

— Mas, afinal, insultais alguém?

— Sim, insulto o Sr. D'Artagnan — tornou de Wardes, observando que esse nome era o único acicate com que lograva espertar a cólera de Raul.

— Isso, então — volveu Buckingham — é outra coisa.

— Não é mesmo? — disse de Wardes. — Compete, portanto, aos amigos do Sr. d'Artagnan defendê-lo.

— Estou inteiramente de acordo convosco, senhor — respondeu o inglês, que recobrara a sua fleuma; — pelo Sr. de Bragelonne ofendido, eu não podia, razoadamente, tomar-lhe o partido, uma

vez que ele está aqui; mas, visto que se trata do Sr. d'Artagnan...

— Cedeis-me o passo, não é verdade? — atalhou de Wardes.

— Não, pelo contrário, puxo da espada — disse Buckingham tirando a espada da bainha — pois se o Sr. d'Artagnan ofendeu o senhor vosso pai, prestou, ou tentou prestar, grande serviço ao meu.

De Wardes fez um gesto de estupor.

— O Sr. d'Artagnan — prosseguiu Buckingham — é o mais bizarro fidalgo que conheço. Eu gostaria imensamente, devendo-lhe obrigações pessoais, de pagar-lhas com uma estoucada que vos desse.

E, ao mesmo tempo, arrancou graciosamente da espada, cumprimentou Raul e pôs-se em guarda.

De Wardes deu um passo para cruzar os ferros.

— Ora! oral senhores — interveio Raul adiantando-se e colocando, por seu turno, a espada nua entre os combatentes — nada disso vale a pena que a gente se degole quase à vista da princesa. O Sr. de Wardes fala mal do Sr. d'Artagnan, mas nem sequer conhece o Sr. d'Artagnan.

— Oh! Oh! — refilou de Wardes rangendo os dentes e tocando com a ponta da espada a ponta da bota; — dizeis que não conheço o Sr. d'Artagnan?

— Não, não o conheceis — replicou friamente Raul — e até ignorais onde está.

— Eu! ignoro onde ele está?

— Com certeza, visto que procurais, por causa dele, brigas com estranhos, em vez de ir procurá-lo pessoalmente.

De Wardes empalideceu.

— Pois bem! vou dizer-vos, senhor, onde ele está — continuou Raul; — o Sr. d'Artagnan esta em Paris; mora no Louvre quando de serviço, e na Rua des Lombards quando de folga; pode ser facilmente encontrado em qualquer um desses domicílios; por conseguinte, tendo tantas razões de queixa contra ele, não procedereis corretamente se não fordes procurá-lo para tomar-lhe as satisfações que pareceis tomar a toda a gente, menos a ele.

De Wardes enxugou a testa, de onde lhe escorria o suor.

— *Apre!* Sr. de Wardes — continuou Raul — não fica bem bancar o espadachim quando temos éditos contra os duelos. Pensai nisso; el-rei sé desgostaria da nossa desobediência, principalmente num momento destes, e teria razão.

— Desculpas! — murmurou de Wardes — pretextos!

— Vamos, vamos — acudiu Raul — disparatais, meu caro Sr. de Wardes; sabeis muito bem que o Sr. Duque de Buckingham é um bizarro gentil-homem que já puxou dez vezes pela espada e que se baterá pela décima primeira. A tanto o obriga o nome, que diabo! Quanto a mim, não é mesmo? sabeis perfeitamente que me bato também. Bati-me em Sens, em Blénau, nas Dunas, na frente dos canhões, a cem passos adiante das nossas linhas, enquanto vós, entre parênteses, ficastes a cem passos atrás. É verdade que havia lá tanta gente que talvez não vos notassem a bravura, e por isso a escondestes; ao passo que aqui seria um espetáculo, um escândalo, e, como quereis que falem de vós, pouco vos fazem os meios. Pois bem! não conteis comigo, Sr. de Wardes, para ajudar-vos nesse projeto, que não vos darei esse prazer.

— Isso tudo é muito sensato — sobreveio Buckingham embainhando novamente a espada — e peço-vos perdão, Sr. de Bragelonne, por haver cedido ao primeiro impulso.

Mas, ao contrário, furioso, de Wardes deu um salto para a frente e, com a espada levantada, ameaçava Raul, que só teve tempo de cair numa parada de quarta.

— Eh! Senhor — disse tranqüilamente Bragelonne — cuidado, que assim me vazais um olho.

— Mas vós não quereis bater-vos! — exclamou o Sr. de Wardes.

— Por enquanto não; mas eis o que vos prometo assim que chegarmos a Paris: levar-vos-ei ao Sr. d'Artagnan, ao qual contareis os motivos de queixa que tendes contra ele. O Sr. d'Artagnan pedirá permissão a el-rei para dar-vos uma espadeirada, el-rei lha concederá e, depois que a receberdes, meu caro Sr. de Wardes, meditareis com espírito mais calmo os preceitos do Evangelho que ordenam o esquecimento das injúrias.

— Ah! — bradou de Wardes furioso com tanto sangue frio — bem se vê que sois meio bastardo, Sr. de Bragelonne!

Raul ficou pálido como a gola da camisa; os seus olhos despediram uma chispa que fez recuar de Wardes.

O próprio Buckingham sentiu-se ofuscado, e atirou-se entre os dois adversários, que supunha ver engalfinhados.

De Wardes reservara essa injúria para o fim; segurava convulsivamente a espada e esperava o choque.

— Tendes razão, senhor — disse Raul fazendo violento esforço sobre si mesmo — conheço apenas o nome de meu pai; mas sei quanto é homem de bem e de honra o Sr. Conde de La Fère para temer, por um único instante, como pareceis dizê-lo, que haja uma nódoa em meu nascimento.

Essa ignorância em que me encontro do nome de minha mãe, portanto, é para mim apenas um infortúnio e não um opróbrio. Ora, careceis de lealdade, senhor; careceis de cortesia reprochando-me uma desgraça. Não importa, o insulto existe e, desta feita, considero-me insultado. Portanto, está combinado: depois de haverdes decidido a vossa rixa com o Sr. d'Artagnan, tereis de haver-vos comigo.

— Oh! oh! — respondeu de Wardes com um sorriso amargo — admiro a vossa prudência; ainda há pouco me prometíeis uma estocada do Sr. d'Artagnan, e é depois dessa estocada, já recebida por mim, que me ofereceis a vossa.

— Não vos inquieteis — respondeu Raul com cólera surda; — o Sr. d'Artagnan é um homem destro no manejo das armas e eu lhe pedirei o obséquio de fazer convosco o que fez com o senhor vosso pai, isto é, que não vos mate de todo, a fim de me deixar o prazer, quando tiverdes sarado, de matar-vos seriamente, pois sois um perverso, Sr. de Wardes, e, em verdade, seriam poucas todas as precauções que se tomassem contra vós.

— Tomá-las-ei contra vós também — replicou de Wardes — descansai.

— Senhor — sobreveio Buckingham — permiti que eu traduza as vossas palavras por um conselho que darei ao Sr. de Bragelonne: Sr. de Bragelonne, encouraçai-vos.

De Wardes fechou os punhos.

— Ah! compreendo — disse ele — estes senhores esperam o momento em que tenham tomado essa precaução para medir-se comigo.

— Vamos! Senhor — gritou Raul — já que tanto vos empenhais, acabemos com isto.

E deu um passo para de Wardes estendendo a espada.

— Que fazeis? — perguntou Buckingham.

— Tranqüilizai-vos — respondeu Raul — será um minuto. De Wardes caiu em guarda: cruzaram-se as lâminas.

De Wardes se atirou com tamanha precipitação sobre Raul, que ao primeiro tilintar dos ferros Buckingham percebeu que Bragelonne poupava, manifestamente, o adversário.

Buckingham deu um passo para trás e pôs-se a apreciar a luta.

Raul estava calmo como se, em vez de bater-se, floreteasse; desvencilhou a espada travada até ao punho dando um passo para trás, aparou os três ou quatro botes que lhe atirou de Wardes; em

seguida, após uma ameaça em quarta baixa que de Wardes aparou, travou-lhe da espada e atirou-a vinte passos do outro lado da barreira.

Depois, como de Wardes permanecesse desarmado e aturdido, Raul embainhou a sua arma, agarrou-o pela gola e pela cintura e jogou-o do outro lado da barreira, fremindo e urrando de cólera.

— Até à vista! Até à vista! — murmurou de Wardes tornando a erguer-se e apanhando a espada.

— Homessa! — gritou Raul — há mais de uma hora que não vos repito outra coisa.

Logo, voltando-se para Buckingham:

— Duque — disse ele — nem uma palavra sobre o que se passou, por favor; envergonho-me de haver chegado a esse extremo, mas a cólera cegou-me. Perdoai-me e esquecei-o.

— Ah! querido visconde — volveu o duque apertando-lhe a mão tão vigorosa e tão leal ao mesmo tempo — vós me permitireis, pelo contrário, não o esquecer, e permitireis que eu vos recorde o meu conselho: esse homem é perigoso, ele vos matará.

— Meu pai — respondeu Raul — viveu vinte anos sob a ameaça de um inimigo muito mais temível, e não morreu. Sou de uma raça favorecida de Deus, senhor duque.

— Vosso pai tinha bons amigos, visconde.

— Sim — suspirou Raul — amigos como já não existem.

— Oh! não digais isso, por favor, no momento em que vos ofereço a minha amizade. — E abriu os braços para Bragelonne, que recebeu com alegria a aliança oferecida. — Na minha família — acrescentou Buckingham — morremos por aqueles que amamos, bem o sabeis, Sr. de Bragelonne.

— Sim, duque, eu o sei — retorquiu Raul.

nico Rollo

Capítulo XIII - O que o cavaleiro de Lorena pensava de madame

NADA mais perturbou o sossego da viagem.

Com um pretexto que não chamou a atenção de ninguém, o Sr. de Wardes abalou na frente do outros. Levou consigo Manicamp, cujo temperamento sereno e reflexivo lhe servia de contrapeso.

É muito de notar que os espíritos briguentos e inquietos se associam com pessoas meigas e tímidas, como se uns procurassem no contraste repouso para a violência e outros, defesa contra a própria fraqueza.

Iniciando de Guiché em sua amizade, Buckingham e Bragelonne formavam pelo caminho um concerto de louvores em honra da princesa.

Bragelonne, todavia, obtivera que esse concerto fosse dado por trios em vez de solos, como de Guiché e o rival pareciam perigosamente habituados a fazê-lo.

Tal método de harmonia agradou sobremodo à Sra. Henriqueta, a rainha-mãe; entretanto, já foi menos apreciado pela jovem princesa, casquilha como o diabo, que, com destemor, buscava as ocasiões de perigo. Possuía ela, com efeito, um desses corações valentes e temerários, que se comprazem nos extremos da delicadeza e procuram o ferro com certo apetite da ferida.

Dessarte, os seus olhares, os seus sorrisos, o seu modo de trajar, projéteis inesgotáveis, choviam sobre os três rapazes, crivavam-nos, e desse arsenal sem fundo ainda partiam olhadelas, beija-mãos e milhares de outras delícias que iam ferir à distância os fidalgos da escolta, os burgueses, os oficiais das cidades atravessadas, os pajens, o povo, os lacaios: era um estrago gera), uma universal devastação.

Quando Madame chegou a Paris, deixara pelo caminho cem mil apaixonados, e levava à capital meia dúzia de loucos e dois alienados.

Só Raul, adivinhando todo o poder de sedução daquela mulher, e porque tivesse cheio o coração, sem um lugarzinho sequer por onde passasse uma flecha, só Raul chegou frio e desconfiado.

Às vezes, durante o percurso, falava à rainha de Inglaterra do encanto embriagador que deixara Madame ao redor de si, e a mãe, a que tantos infortúnios e decepções haviam dado experiência, respondia:

— Henriqueta seria uma mulher ilustre, quer nascesse num trono, quer nascesse na obscuridade; pois tem imaginação, capricho e vontade.

Batedores e correios, de Wardes e Manicamp tinham anunciado a chegada da princesa. O cortejo viu, em Nanterre, surgir brilhante escolta de cavaleiros e carruagens.

Era Monsieur, seguido do Cavaleiro de Lorena e dos seus favoritos, acompanhados, por seu turno, de parte da casa militar do rei, que vinha cumprimentar a noiva real.

Desde Saint-Germain, a princesa e a mãe haviam trocado o coche de viagem, um tanto pesado, um tanto cansado da estrada, por um rico e elegante cupê tirado por seis cavalos ajaezados de branco e ouro.

Nessa espécie de caleça aparecia como sobre um trono sob o guarda-sol de seda bordada, com longas franjas de plumas, a jovem e bela princesa, cujo rosto radiante recebia os róseos reflexos que tanto lhe favoreciam a pele nacarada.

Ao abeirar-se da carruagem, sentiu-se Monsieur impressionado por aquele esplendor; e manifestou a sua admiração em termos tão explícitos que o Cavaleiro de Lorena deu de ombros no grupo de

cortesãos e o Conde de Guiché e Buckingham se sentiram feridos no coração.

Feitas as civilidades e terminado o cerimonial, todo o cortejo retomou, porém mais lentamente, o caminho de Paris.

As apresentações tinham sido feitas à ligeira. O Sr. de Buckingham fora apresentado a Monsieur com os outros fidalgos ingleses.

Monsieur dispensara a todos rapidíssima atenção.

Mas, durante a viagem, vendo manifestar o duque a ardorosa solicitude de sempre à portinhola da caleça:

— Quem é aquele cavaleiro? — perguntou ao Cavaleiro de Lorena, seu inseparável.

— Foi agora mesmo apresentado a Vossa Alteza; é o belo Duque de Buckingham.

— Ah! é verdade!

— É o chichisbéu de Madame — acrescentou o favorito com uma expressão e um tom que só os invejosos sabem dar às suas frases.

— Como! que queres dizer? — recalcitrou o príncipe, sempre cavalgando.

— Eu disse chichisbéu.

— Terá Madame porventura, um chichisbéu?

— Ué! parece-me que Vossa Alteza está vendo tão bem quanto eu; observe como riem, como doidejam, como se derretem os dois.

— Os três.

— Que três?

— Claro; bem vês que de Guiché faz parte do grupo.

— Decerto!... Sim, vejo-o muito bem... Mas que prova isso?... Que Madame tem dois chichisbéu em vez de um.

— Empeçonhas tudo, víbora.

— Não empeçonho coisíssima nenhuma... Ah! monsenhor, como Vossa Alteza tem o espírito mal feito! Fazem-se as honras do reino de França à sua esposa, e Vossa Alteza não está contente.

O Duque de Orléans temia a veia satírica do cavaleiro, quando a sentia chegar a certo ponto.

Atalhou-a.

— A princesa é bonita — disse com negligência, como se se tratasse de uma estranha.

— É — replicou no mesmo tom o cavaleiro.

— Dizes esse é como se dissesses não é. Ela tem olhos negros muito bonitos.

— Pequenos.

— Sim, mas brilhantes. Tem bom corpo.

— Meio estragado, monsenhor.

— Não digo que não. Mas o ar é nobre.

— E o rosto é magro.

— Os dentes me pareceram admiráveis.

— Muito à mostra. A boca é grandalhona, graças a Deus! Decididamente, monsenhor, eu me enganava; Vossa Alteza é muito mais bonito que sua esposa.

— E achas também que sou mais bonito do que Buckingham? Dize.

— Oh! sim, e ele bem que o percebe, pois redobra de cuidados ao pé de Madame para que Vossa Alteza não o ofusque.

Monsieur fez um movimento de impaciência; mas, vendo um sorriso de triunfo aflorar aos lábios do cavaleiro, pôs novamente o cavalo a passo.

— Na verdade — disse ele — por que haverei de ocupar-me por mais tempo de minha prima?

Então não a conheço? não fui educado com ela? não a vi menininha no Louvre?

— Ah! perdão, meu príncipe, operou-se nela uma mudança — redarguiu o cavaleiro. — Na época de que fala Vossa Alteza, a princesa era um pouco menos brilhante e, sobretudo, muito menos orgulhosa; principalmente naquela noite, não se recorda Vossa Alteza? em que o rei não quis dançar com ela, por achá-la feia e mal vestida?

Essas palavras fizeram o Duque de Orléans carregar o sobrolho. Em realidade, pouco o lisonjeava desposar uma princesa de que o rei não fizera muito caso na sua mocidade.

Ele talvez respondesse, mas, nesse momento, de Guiché se alongou da carruagem para aproximar-se do príncipe.

De longe, vira-o em companhia do cavaleiro, e parecia, com o ouvido inquieto, querer adivinhar as palavras que acabavam de trocar Monsieur e o seu valido.

Este último, fosse perfídia, fosse impudência, não se deu ao trabalho de dissimular.

— Conde — disse ele — tendes bom gosto.

— Obrigado pelo cumprimento — respondeu de Guiché; — mas a troco de que me dizeis isso?

— Homessa! invoco o testemunho de Sua Alteza.

— Sem dúvida — disse Monsieur — e Guiché sabe muito bem que o considero um perfeito gentil-homem.

— Isto posto, continuo, conde; faz oito dias que estais ao lado de Madame, não é verdade?

— Sem dúvida — respondeu de Guiché, corando malgrado seu.

— Pois bem! dizei-nos francamente o que pensais da sua pessoa.

— Da sua pessoa? — repetiu de Guiché estupefato.

— Sim, de sua pessoa, de seu espírito, dela, enfim... Aturdido com a pergunta, de Guiché hesitou em responder.

— Vamos! vamos, de Guiché! — tornou, rindo, o cavaleiro — dize o que pensas, sê franco: Monsieur o ordena.

— Sim, sim, sê franco — repetiu o príncipe.

De Guiché balbuciou algumas palavras ininteligíveis.

— Sei que o assunto é delicado — volveu Monsieur; — mas, afinal de contas, sabes que a mim tudo se pode dizer. Que te parece ela?

Para esconder o que se passava dentro em si mesmo, recorreu de Guiché à única defesa de que pode valer-se o homem apanhado de surpresa: mentiu.

— Madame não me parece — disse ele — bonita nem feia; entretanto, será mais bonita que feia.

— Eh! querido conde — exclamou o cavaleiro — vós que tivestes tantos arroubos e destes tantos gritos à vista do retrato dela!

De Guiché corou até à raiz dos cabelos. Mas o seu cavalo, felizmente, um tanto fogoso, cabriolou, e isso lhe serviu para dissimular o rubor.

— O retrato!... — murmurou, tornando a aproximar-se — que retrato?

O cavaleiro não desfitara os olhos dele.

— O retrato, sim. Então não era parecida a miniatura?

— Não sei. Esqueci o retrato; apagou-se-me do espírito.

— E, contudo, causou-vos impressão bem forte — volveu o cavaleiro.

— É possível.

— Mas ela, pelo menos, é inteligente? — perguntou o duque.

— Creio que sim, monsenhor.

— E o Sr. de Buckingham, também? — acudiu o cavaleiro.

— Não sei.

— Pois acho que deve ser — continuou o cavaleiro — visto que faz rir Madame, e ela parece apreciar muitíssimo a companhia dele, o que nunca sucede a uma mulher inteligente quando se vê em companhia de um néscio.

— Então ele é inteligente — respondeu ingenuamente de Guiché, em cujo auxílio acorreu de súbito Raul ao vê-lo nas garras do perigoso interlocutor, que açambarcou, obrigando a mudar de assunto.

A entrada na capital foi alegre e brilhante.

Querendo homenagear o irmão, ordenara el-rei que tudo se fizesse magnificamente. Madame e a rainha desceram no Louvre, no mesmo Louvre em que, durante o período do exílio, haviam suportado ambas tão penosamente a obscuridade, a miséria, as privações.

O palácio tão pouco hospitaleiro para a desgraçada filha de Henrique IV, as paredes nuas, os soalhos podres, os tetos forrados de teias de aranha, as enormes lareiras de mármore esborcinadas, os átrios frios que a esmola do parlamento mal aquecera para elas, tudo mudara de aspecto.

Tapeçarias esplêndidas, espessas alfombras, lájeas reluzentes, quadros recentes com grandes molduras de ouro; em toda a parte, candelabros, espelhos, móveis suntuosos; em toda a parte guardas de altivo porte, penachos flutuantes, uma chusma de criados e cortesãos nas antecâmaras e nas escadas.

Nos pátios onde outrora crescia a relva, como se o ingrato Mazarino entendesse de bom alvitre demonstrar aos parisienses que a solidão e a desordem deviam ser, com a miséria e o desespero, o cortejo das monarquias abatidas; nos pátios imensos, mudos, desolados, pavoneavam-se cavaleiros cujos cavalos arrancavam das pedras luzentes milhares de faíscas.

Daí que a Sra. Henriqueta revoltasse ao Louvre com o coração mais cheio de dor e de amargas lembranças do que a filha, esquecediça e variável, retornou com triunfo e alegria.

Ela sabia muito bem que a brilhante acolhida se destinava à mãe feliz de um monarca reposto no segundo trono da Europa, ao passo que a acolhida má se destinava a ela, filha de Henrique IV, castigada por ter sido infeliz.

Depois de se instalarem as princesas, depois de descansarem um pouco, os homens, que também se haviam restaurado, retomaram os seus hábitos e quefazeres.

Bragelonne começou procurando o pai.

Athos voltara para Blois.

Foi então à procura do Sr. d'Artagnan.

Ocupado com a organização da nova casa militar do rei, este não se encontrava em parte alguma.

Voltou-se para de Guiché.

O conde, porém, mantinha com os seus alfaiates e Manicamp conferências que lhe absorviam todo o tempo. Com Buckingham a coisa era pior ainda.

O duque comprava cavalos e mais cavalos, brilhantes sobre brilhantes, monopolizando as bordadeiras, lapidários e alfaiates de Paris.

Travava-se entre ele e de Guiché um duelo mais ou menos cortês para cujo bom êxito se dispunha o inglês a esbanjar um milhão, ao passo que o Marechal de Grammont dera apenas sessenta mil libras ao filho. Ria-se Buckingham e dilapidava o seu milhão.

De Guiché suspirava e, sem os conselhos de de Wardes, teria arrancado os cabelos.

— Um milhão! — repetia todos os dias; — não agüentarei. Por que se recusa o senhor marechal a adiantar-me a legítima?

— Porque a devorarias — tornava Raul.

— E que lhe importa? Se eu tiver de morrer por causa disso, morrerei. Depois não precisarei de

mais nada.
— Mas que necessidade tens de morrer? — perguntava Raul.
— Não quero ser vencido em elegância por um inglês.
— Meu caro conde — dizia então Manicamp — a elegância não é uma coisa cara, é apenas uma coisa difícil.
— Sim, mas as coisas difíceis custam muito dinheiro, e só possuo sessenta mil libras.
— Homessa! — acudia de Wardes — não sei por que te preocupas; gasta tanto quanto Buckingham; são apenas novecentas e quarenta mil libras de diferença.
— Onde encontrá-las?
— Faze dívidas.
— Já as tenho.
— Mais uma razão.
Esses conselhos acabaram excitando de tal sorte de Guiché, que este se pôs a fazer loucuras quando Buckingham só fazia despesas.
O rumor de tantas prodigalidades iluminava o rosto de todos os tratantes de Paris, e do palácio de Buckingham ao palácio de Grammont só se sonhavam maravilhas.
Entrementes, Madame descansava e Raul escrevia à Srta. de La Vallière.
Quatro cartas já lhe haviam escapado da pena, sem que. ele tivesse recebido resposta, quando, na própria manhã da cerimónia nupcial, que devia realizar-se na capela do Palais-Royal, Raul, enquanto se vestia, ouviu o criado anunciar:
— O Sr. de Malicorne.
— Que me quererá esse Malicorne? — pensou Raul. — Manda que espere — disse ao criado.
— É um senhor de Blois — tornou o lacaio.
— Ah! faz entrar! — exclamou Raul com vivacidade. Malicorne entrou, belo como um astro, pompeando uma espada soberba.
Depois de haver cumprimentado graciosamente:
— Sr. de Bragelonne — disse ele — eu vos trago mil recomendações da parte de uma dama.
Raul purpurizou-se.
— De uma dama — disse ele — de uma dama de Blois?
— Sim, senhor, da Srta. de Montalais.
— Ah! obrigado, senhor, agora vos reconheço — disse Raul. — E que deseja de mim a Srta. de Montalais?
Malicorne tirou do bolso quatro cartas, que estendeu a Raul.
— As minhas cartas! será possível? — disse o rapaz empalidecendo; — as minhas cartas ainda fechadas!
— Senhor, essas cartas não encontraram em Blois os respectivos destinatários; por isso vos são devolvidas.
— A Srta. de La Vallière partiu de Blois? — bradou Raul.
— Faz hoje oito dias.
— E onde está ela?
— Deve estar em Paris, senhor.
— Mas como se soube que as cartas eram minhas?
— A Srta. de Montalais reconheceu a letra e o selo — replicou Malicorne.
Raul corou e sorriu.
— Foi muita gentileza da Srta. Aura — disse ele; — é uma criatura sempre boa e encantadora.

— Sempre, senhor.
— Mas devia ter-me dado informações precisas sobre a Srta. de La Vallière. Não posso procurá-la nesta imensa Paris.
Malicorne tirou do bolso outro sobrescrito.
— Talvez — disse ele — encontreis aqui o que desejais saber. Raul abriu precipitadamente o invólucro. A letra era da Srta. Aura, e eis o que dizia a carta:

"Paris, Palais-Royal, no dia da bênção nupcial".

— Que significa isso? — perguntou Raul a Malicorne; — sabei-lo, senhor?
— Sei, senhor visconde.
— Dizei-mo, então, por favor.
— Impossível.
— Por quê?
— Porque a Srta. Aura mo proibiu.
Raul encarou no singular personagem e permaneceu em silêncio.
— Pelo menos — volveu ele — será coisa boa ou má para mim?
— Vós o vereis.
— Sois rigoroso nas vossas discrições.
— Senhor, um obséquio.
— Em troca do que não me fazeis?
— Precisamente.
— Falai!
— Tenho muitíssima vontade de assistir à cerimonia e não logrei convite, apesar de todos os meus esforços. Poderíeis fazer-me entrar?
— Claro.
— Fazei-o por mim, senhor visconde, eu vos suplico.
— Com muito prazer; acompanhai-me.
— Senhor, sou vosso humilde servidor.
— Eu vos supunha amigo do Sr. de Manicamp.
— Sou-o, sim, senhor. Mas hoje cedo, enquanto o via entrajar-se, deixei-lhe cair uma garrafa de verniz sobre a roupa nova, e ele correu atrás de mim com a espada na mão, de sorte que precisei raspar-me. Eis porque não lhe pedi o convite. O Sr. de Manicamp me teria estripado.
— O que, aliás, se concebe — assentiu Raul. — Considero Manicamp capaz de matar um homem que tenha tido a infelicidade de cometer o crime de que vos acusais; entretanto, repararei o mal no que vos diz respeito; abotôo a minha capa e estou pronto para servir-vos de guia e introdutor.

Capítulo XIV - A surpresa da Srta. de Montalais

O CASAMENTO de Madame realizou-se na capela do Palais-Royal, diante de um círculo de cortesãos severamente escolhidos.

Todavia, a despeito da alta mercê que representava um convite, fiel à sua promessa, Raul fez entrar Malicorne, desejoso de apreciar o curioso espetáculo.

Assim que deixou o companheiro, Raul aproximou-se de de Guiché, que, em contraste com a sua esplêndida indumentária, mostrava um rosto tão transtornado pela dor, que só o Duque de Buckingham poderia rivalizar com ele em palidez e abatimento.

— Cuidado, conde — disse Raul abeirando-se do amigo e preparando-se para ampará-lo, no momento em que o arcebispo abençoava os dois esposos.

Com efeito, via-se o Sr. Príncipe de Conde considerando com curiosidade aquelas duas imagens da desolação, em pé, como cariátides, ao lado da nave.

O conde observou-se com mais cautela.

Concluída a cerimônia, passaram o rei e a rainha ao salão, onde lhes foi apresentada Madame e o seu séquito.

Notou-se que o rei, que parecera maravilhado à vista da cunhada, lhe fez os mais sinceros cumprimentos.

Notou-se que a rainha-mãe, fitando em Buckingham longo olhar pensativo, se inclinou para a Sra. de Motteville e perguntou:

— Não achais que se parece com o pai?

Notou-se, por fim, que Monsieur observava toda a gente e parecia agastadíssimo.

Após a recepção aos príncipes e embaixadores, Monsieur pediu ao rei permissão para apresentar-lhe os membros de sua nova casa.

— Sabeis, visconde — perguntou baixinho o senhor príncipe a Raul — se a casa foi organizada por pessoa de bom gosto e se veremos algumas caras apresentáveis?

— Ignoro-o completamente, monsenhor — respondeu Raul.

— Oh! fingis ignorá-lo.

— Como assim, Monsenhor?

— Sois amigo de de Guiché, que é um dos amigos do príncipe.

— É verdade, monsenhor, mas como o assunto não me interessasse, não interroguei de Guiché; e, não sendo interrogado, de Guiché não se abriu comigo.

— E Manicamp?

— Vi, realmente, o Sr. de Manicamp no Havre e durante o trajeto, mas tive o cuidado de manter com ele a mesma reserva que mantive com de Guiché. Aliás, saberá alguma coisa de tudo isso o Sr. de Manicamp, que não passa de um personagem secundário?

— Ora! meu caro visconde, de onde saís? — tornou o príncipe; — são precisamente os personagens secundários que, nessas ocasiões, têm maior influência, e a prova é que quase tudo se fez através da apresentação do Sr. Manicamp a de Guiché, e de de Guiché a Monsieur.

— Pois bem! Monsenhor, eu o ignorava completamente — disse Raul — e é uma novidade que Vossa Alteza me faz a honra de comunicar-me.

— Quero crê-lo, embora pareça incrível; aliás, não teremos muito que esperar: eis aí o esquadrão volante que surge, como dizia a boa Rainha Catarina. Céus! que lindas carinhas!

Um grupo de meninas adiantava-se, com efeito, sob as ordens da Sra. de Navailles e, devemos dizê-lo em honra de Manicamp, se de fato desempenhara nessa eleição a parte que lhe atribuía o Príncipe de Conde, constituía espetáculo capaz de encantar os que eram, como o senhor príncipe, bons apreciadores de todos os gêneros de beleza. Uma rapariga loira, que andaria nos seus vinte ou vinte e um anos, e cujos grandes olhos azuis despediam, ao abrir-se, chamas ofuscantes, caminhava na frente e foi apresentada em primeiro lugar.

— A Srta. de Tonnay-Charente — disse a Monsieur a velha Sra. de Navailles.

E Monsieur repetiu, cumprimentando Madame.

— A Srta. de Tonnay-Charente.

— Ah! ah! essa me parece bem boazinha — disse o senhor príncipe voltando-se para Raul... — Uma.

— De fato — conveio Raul — é bonita, embora tenha uma expressão um tanto soberba.

— Ora! nós conhecemos esses ares, visconde; daqui a três meses estará domesticada; mas olhai, que aí vem outra beldade.

— Ora essa! — acudiu Raul — uma beldade que eu conheço!

— A Srta. Aura de Montalais — anunciou a Sra. de Navailles. Nome e prenome foram escrupulosamente repetidos por Monsieur.

— Justos céus! — exclamou Raul, cravando dois olhos arregalados na porta da entrada.

— Que aconteceu? — perguntou o príncipe; — terá sido a Srta. Aura de Montalais que vos arrancou esse justos céus?

— Não, monsenhor, não — respondeu Raul, muito pálido e trêmulo.

— Então, se não foi a Srta. Aura de Montalais, foi aquela encantadora loirinha que a segue. Lindos olhos, palavra! Meio magrinha, mas muito interessante.

— A Srta. de la Baume Le Blanc de La Vallière — disse a Sra. de Navailles.

Como esse nome lhe repercutisse até no fundo do coração, uma nuvem subiu do peito aos olhos de Raul.

De sorte que não viu nem ouviu mais nada; de sorte que o senhor príncipe, encontrando nele apenas um eco mudo de suas troças, arredou-se dali para ver melhor as formosas raparigas que o seu primeiro olhar já miudeara.

— Luísa, aqui! Luísa, dama de honor de Madame! — murmurava Bragelonne.

E os seus olhos, que não bastavam a convencer-lhe a razão, erravam de Luísa à Montalais.

Esta última, de resto, já despira a timidez que simulava, timidez que só devia servir-lhe no momento da apresentação e das reverências.

Do cantinho em que se metera, a Srta. de Montalais examinava com afoiteza todos os presentes e, tendo encontrado Raul, divertia-se com o pasmo profundo em que a sua presença e a de sua amiga haviam deixado o pobre apaixonado.

Aquele olhar esperto, malicioso, irônico, que Raul desejara evitar, mas que sem cessar interrogava, dava-lhe tratos.

Quanto a Luísa, fosse por natural timidez, fosse por qualquer outra razão com que Raul não atinava, conservava os olhos baixos, e, intimidada, deslumbrada, tresfolegante, buscava apartar-se quanto possível dos outros, impassíveis até às cotoveladas de Montalais.

Tudo isso constituía para Raul verdadeiro enigma, cuja chave teria dado muitas coisas para encontrar.

Mas não estava lá ninguém que pudesse dar-lha, nem sequer Malicorne, que, preocupado ao ver-se no meio de tantos fidalgos, e já encalistrado com os olhares escarninhos de Montalais, descrevera um

círculo e fora colocar-se a alguns passos do senhor príncipe, atrás do grupo das damas de honor, quase ao alcance da voz da Srta. Aura, planeta à cuja volta, humílimo satélite, parecia gravitar irremediavelmente.

Tornando em si, cuidou Raul reconhecer à sua esquerda algumas vozes.

Eram, de fato, de Wardes, de Guiché e o Cavaleiro de Lorena, que conversavam.

Mas conversavam tão baixo, que mal se lhes ouvia o sopro das palavras na sala imensa.

Falar assim de seu lugar, sem se mexer, sem se inclinar, sem olhar para o interlocutor, era um talento cuja sublimidade não poderiam atingir, de pronto, os recém-iniciados. Daí que se fizesse mister um longo estudo dessas palestras, que, sem olhares, sem meneios de cabeça, pareciam uma conferência de estátuas.

Efetivamente, nas grandes assembléias do rei e das rainhas, ao passo que Suas Majestades falavam e todos pareciam ouvir em religioso silêncio, travava-se uma infinidade desses colóquios silenciosos em que a adulação não era a nota preponderante.

Mas de tal arte se adestrara Raul nesse estudo de pura etiqueta que, só pelo movimento dos lábios, conseguia, muita vez, adivinhar o sentido das palavras.

— Quem é essa Montalais? — perguntava de Wardes. — Quem é essa La Vallière? Que província é essa, que nos chega?

— A Montalais — respondeu o Cavaleiro de Lorena — conheço-a: é uma boa rapariga que divertirá a corte. A La Vallière é uma encantadora manquinha.

— Chi! — disse de Wardes.

— Não a desdenheis, de Wardes; há sobre as manquinhas axiomas latinos muito engenhosos e sobretudo muito expressivos.

— Senhores, senhores — acudiu de Guiché, olhando, inquieto, para Raul — comedi-vos, por favor.

Mas a inquietação do conde, pelo menos aparentemente, era inoportuna. Raul mantinha-se firme e indiferente, se bem não houvesse perdido uma palavra. Dir-se-ia que tomasse nota das insolências e liberdades dos dois provocadores para acertar com eles as suas contas quando chegasse a ocasião.

De Wardes adivinhou-lhe, sem dúvida, o pensamento, e continuou:

— Quem são os amantes dessas senhoritas?

— Da Montalais? — perguntou o cavaleiro.

— Sim, da Montalais primeiro.

— Ué! vós, eu, de Guiché, quem quiser, homessa!

— E da outra?

— Da Srta. de La Vallière?

— É.

— Cautela, senhores — atalhou de Guiché para cortar a resposta de de Wardes; — cautela, que Madame está ouvindo.

Raul enfiara o punho no gibão e estracinhava o peito e as rendas.

Mas precisamente a sanha que via levantar-se contra as pobres meninas fê-lo tomar uma decisão séria..

— Essa pobre Luísa — disse em si — veio aqui com um propósito honroso e sob honrosa proteção; mas preciso conhecer esse propósito; preciso saber quem a protege.

E, imitando a manobra de Malicorne, dirigiu-se para o grupo das damas de honor.

Logo terminou a apresentação. El-rei, que não cessara de contemplar e admirar Madame, ausentou-se da sala de recepções com as duas rainhas.

O Cavaleiro de Lorena voltou a ocupar o seu lugar ao pé de Monsieur, e, enquanto o acompanhava, derramou-lhe aos ouvidos algumas gotas do veneno que havia uma hora entesourava, ao ver caras novas e ao suspeitar da felicidade que reinava em certos corações.

Ao sair, levara após si o rei parte dos assistentes; mas os que, entre os palacianos, faziam profissão de independência ou galanteria, abeiraram-se das damas.

O senhor príncipe cumprimentou a Srta. de Tonnay-Charente. Buckingham namoriscou a Sra. de Chalais e a Sra. de Lafayette, que Madame já distinguira com o seu afeto. Quanto ao Conde de Guiché, abandonando Monsieur desde que podia aproximar-se sozinho de Madame, entretinha-se alegremente com a Sra. de Valentinois, sua irmã, e as Srtas. de Créquy e de Châtillon.

No meio daqueles interesses políticos e amorosos, quis Malicorne apoderar-se de Montalais, mas esta preferiu conversar com Raul, ainda que apenas para saborear-lhe as perguntas e surpresas.

Raul acercara-se da Srta. de La Vallière e cumprimentara-a com profundíssimo respeito.

Vendo-o, Luísa corou e balbuciou; Montalais, porém, apressou-se em acudir-lhe.

— Pois bem! — disse ela — eis-nos aqui, senhor visconde.

— Estou vendo — tornou Raul com um sorriso — e é precisamente sobre a vossa presença que venho pedir-vos uma explicaçãozinha.

Malicorne aproximou-se com o seu mais encantador sorriso.

— Afastai-vos, Sr. Malicorne — disse Montalais. — Na verdade, sois muito indiscreto.

Malicorne mordeu os lábios e deu dois passos para trás sem pronunciar uma palavra.

Modificou, porém, o sorriso, que de franco se tornou zombeteiro.

— Quereis uma explicação, Sr. Raul? — perguntou Montalais.

— Decerto, que me parece valer a pena; a Srta. de La Vallière, dama de honor de Madame!

— Por que não seria ela dama de honor tanto quanto eu? — perguntou Montalais.

— Aceitai os meus cumprimentos, senhoritas — disse Raul, imaginando que elas não quisessem responder-lhe diretamente.

— Dizei-lo com ar muito cerimonioso, senhor visconde.

— Eu?

— E quem haveria de ser? Luísa que o diga.

— Entende talvez o Sr. de Bragelonne que o cargo está muito acima de minha condição — balbuciou Luísa.

— Oh! não, senhorita — replicou Raul com vivacidade; — sabeis muito bem que não é isso o que penso; não me espantaria que ocupásseis o lugar de uma rainha, quanto mais este aqui. Só me admira tê-lo sabido apenas hoje e assim mesmo por acaso.

— Ah! é verdade — respondeu Montalais com o costumeiro estouvamento. — Não compreendes nada disso e não tens nada que compreender, Luísa. O Sr. de Bragelonne te escreveu quatro cartas, mas só tua mãe ficara em Blois; era mister evitar que as cartas lhe caíssem nas mãos; interceptei-as e devolvi-as ao Sr. Raul, de modo que ele te supunha em Blois quando estavas em Paris, e não sabia da tua elevação.

— Não mandaste avisar o Sr. Raul como te pedi que fizesses? — exclamou Luísa.

— Pois sim! para que ele se mostrasse austero, pronunciasse uma porção de máximas e desfizesse o que havíamos feito com tanto trabalho? Ah! isso é que não.

— Sou tão severo assim? — perguntou Raul.

— As coisas, aliás — prosseguiu Montalais — convinham-me dessa maneira. Eu partia para Paris, vós não estáveis lá, Luísa chorava a mais não poder; interpretai-o como quiserdes; pedi ao meu protetor, que já me obtivera a carta de mercê, outra igual para Luísa; a carta chegou.

Luísa partiu para encomendar vestidos; eu fiquei, pois já tinha os meus; recebi as vossas cartas, devolvi-as, acrescentando-lhes uma palavrinha que vos prometia uma surpresa. A vossa surpresa, meu caro senhor, aí está; parece-me boa, não deveis pedir mais nada. Vamos, Sr. Malicorne, já é tempo de deixarmos a sós esses dois jovens, que têm muita coisa para dizer-se. Dai-me a vossa mão: sabei que é uma grande honra que vos fazem, Sr. Malicorne.

— Perdão, senhorita — sobreveio Raul detendo a leviana rapariga e dando às suas palavras uma entoação cuja gravidade contrastava com o tom frívolo de Montalais; — perdão, mas não poderia eu saber o nome desse protetor? pois se vos protegem, e com toda a razão...

Inclinou-se Raul.

— Daí não se segue que a Srta. de La Vallière também deva ser protegida.

— Meu Deus! Sr. Raul — disse ingenuamente Luísa — a coisa é muito simples e não sei porque não a direi eu mesma... O meu protetor é o Sr. Malicorne.

Raul, estuporado, perguntou a si mesmo se não estariam brincando com ele; em seguida, voltou-se para interpelar Malicorne. Este, porém, arrastado por Montalais, já ia longe.

A Srta. de La Vallière fez menção de acompanhar a amiga; mas Raul a reteve com meiga autoridade.

— Suplico-vos, Luísa — disse ele — um instantinho só.

— Mas, Sr. Raul — volveu a menina muito vermelha — estamos sozinhos... Toda a gente saiu... Darão pela nossa falta e virão procurar-nos.

— Não tenhais medo — replicou sorrindo o rapaz — não somos, nem vós nem eu, personagens tão importantes que a nossa ausência seja notada.

— E o meu serviço, Sr. Raul?

— Tranqüilizai-vos, senhorita, conheço as usanças da corte; o vosso serviço começará somente amanhã; restam-vos portanto alguns minutos, durante os quais podereis prestar-me o esclarecimento que terei a honra de pedir-vos.

— Como estais sério, Sr. Raul! — observou Luísa, muito agitada.

— A circunstância é séria, senhorita. Estais ouvindo?

— Estou; mas repito, senhor, que estamos muito sós.

— Tendes razão — concordou Raul.

E, oferecendo-lhe a mão, conduziu a menina à galeria contígua à sala de recepções, cujas janelas davam para a praça.

Toda a gente se comprimia na janela do meio, que tinha um balcão exterior, de onde se podiam apreciar, em todos os pormenores, os lentos preparos da partida.

Raul abriu uma das janelas laterais, e lá, a sós com a Srta. de La Vallière:

— Luísa — disse ele — sabeis que, desde a minha infância eu vos quis como a uma irmã; fostes confidente de todas as minhas penas e depositária de todas as minhas esperanças.

— Sim — respondeu ela baixinho — sim, Sr. Raul, eu sei.

— Tínheis o hábito, de vossa parte, de manifestar-me a mesma amizade, a mesma confiança; por que, nesta ocasião, não fostes minha amiga? por que desconfiastes de mim?

La Vallière não respondeu.

Pourquoi vous êtes-vous délivée de moi? (Page 151.)

— Eu cuidava que me amásseis — prosseguiu Raul, cuja voz se tornava cada vez mais trêmula; — eu cuidava que houvésseis consentido em todos os planos que fizemos juntos pela nossa felicidade, quando passeávamos nas grandes alamedas de Cour-Cheverny e sob os álamos da avenida que conduz a Blois. Não respondeis, Luísa?

Ele interrompeu-se.

— Será o caso — perguntou, mal respirando — que já não me quereis?

— Não digo isso — replicou baixinho Luísa.

— Oh! dizei-mo, por favor; em vós depositei toda a esperança de minha vida, a vós escolhi pelos vossos hábitos suaves e singelos. Não vos deixeis deslumbrar, Luísa, agora que estais na corte, em que tudo o que é puro se corrompe, em que tudo o que é jovem depressa envelhece. Cerrai os ouvidos para não ouvir as palavras, fechai os olhos para não ver os exemplos, apertai os lábios para não respirar os sopros corruptores. Sem mentiras, sem rodeios, Luísa, devo acreditar na Srta. de Montalais? Viestes a Paris porque eu já não estava em Blois?

La Vallière acarminou-se e escondeu o rosto entre as mãos.

— Sim, não é mesmo? — bradou Raul, exaltado — foi por isso que viestes? Oh! amo-vos como nunca vos amei! Obrigado, Luísa, por essa dedicação; mas preciso tomar uma resolução que vos coloque ao abrigo de todo insulto, que vos defenda de qualquer nódoa; uma dama de honor, Luísa, na corte de uma jovem princesa, nesta quadra de costumes fáceis e amores inconstantes, uma dama de honor está colocada no centro de todos os ataques, sem defesa alguma; não vos convém a situação: cumpre que estejais casada para que vos respeitem.

— Casada?
— Sim.
— Meu Deus!
— Aqui está minha mão, Luísa, deixai cair nela a vossa.
— E vosso pai?
— Meu pai dá-me liberdade.
— Entretanto...
— Compreendo esse escrúpulo, Luísa; consultarei meu pai.
— Oh! Sr. Raul, refleti, esperai.
— Esperar é impossível; refletir, Luísa, refletir, quando se trata de vós! seria insultar-vos; a vossa mão, querida Luísa,-sou o dono de meus atos; meu pai consentirá, eu vo-lo prometo; a vossa mão, não me façais esperar assim, respondei depressa uma palavra, uma só, pois senão crerei que, para mudar-vos completamente, bastou o primeiro passo no palácio, o primeiro sopro do favor, o primeiro sorriso das rainhas, o primeiro olhar do rei.

Raul não articulara ainda a última palavra e La Vallière se cobrira de palidez mortal, sem dúvida pelo receio de ver exaltar-se o rapaz.

Num gesto rápido como o pensamento, atirou as duas mãos nas de Raul.

Depois fugiu sem acrescentar uma sílaba e desapareceu sem olhar para trás.

Raul sentiu fremir-lhe todo o corpo ao contato daquela mão. Recebeu o gesto como um juramento solene arrancado pelo amor à timidez virginal.

Capítulo XV - O consentimento de Athos

RAUL deixara o Palais-Royal com idéias cuja execução não sofria delongas.

Montou a cavalo no próprio pátio e tomou a estrada de Blois, ao passo que se realizavam, para grande alegria dos cortesãos e grande tristeza de de Guiché e Buckingham, as bodas de Monsieur e da princesa de Inglaterra.

Raul não perdeu tempo; dezoito horas depois chegava a Blois.

Preparara de caminho os seus melhores argumentos.

A febre é também um argumento sem réplica, e Raul tinha febre.

Achava-se Athos no gabinete, acrescentando algumas páginas às suas memórias, quando Raul entrou conduzido por Grimaud.

Bastou ao clarividente fidalgo uma volta de olhos para adivinhar algo de insólito na atitude do filho.

— Tu me pareces ter vindo para negócio de importância — disse ele mostrando uma cadeira a Raul depois de havê-lo beijado.

— Sim, senhor — respondeu o mancebo — e suplico-vos que me presteis a atenção amiga que nunca me recusastes.

— Fala, Raul.

— Senhor, eis aqui o fato despido de qualquer preâmbulo indigno de vós: a Srta. de La Vallière está em Paris como dama de honor de Madame; consultei seriamente o meu coração: amo a Srta. de La Vallière acima de tudo e não me convém deixá-la num lugar em que a sua reputação e a sua virtude podem correr riscos; desejo, pois, receber-me com ela e venho pedir o vosso consentimento para esse enlace.

Athos conservara, durante a comunicação, uma reserva e um silêncio absolutos.

Raul encetara o discurso afetando sangue frio, mas acabara deixando transluzir em cada palavra uma violenta comoção.

Athos fitou em Bragelonne um olhar profundo, velado por certa tristeza.

— Então, refletiste bem? — perguntou.

— Refleti, sim, senhor.

— Parece-me que eu já te disse o que penso dessa aliança.

— Eu sei, senhor — respondeu Raul em voz muito baixa; — mas dissestes também que se eu insistisse...

— E tu insistes?

Bragelonne balbuciou um sim quase ininteligível.

— É preciso, de fato — continuou tranqüilamente Athos — que a tua paixão seja muito forte, visto que, a despeito de minha repugnância a essa união, persistes em desejá-la.

Raul passou pela testa a mão trêmula, enxugando o suor que a inundava.

Athos considerou-o e a piedade lhe desceu ao fundo do coração. Levantou-se.

— Está bem — disse ele — os meus sentimentos pessoais nada significam, desde que se trata dos teus; tu me solicitas, estou às tuas ordens. Que queres de mim?

— Oh! a vossa indulgência, senhor, primeiro a vossa indulgência — disse Raul travando-lhe das mãos.

— Tu te enganas sobre os meus sentimentos para contigo, Raul; há mais do que isso em meu

coração — replicou o conde.

Raul beijou a mão que segurava como o teria feito o mais terno dos amantes.

— Vamos, vamos — tornou Athos; — dize, Raul, estou pronto: que é preciso assinar?

— Nada, senhor, nada; eu gostaria apenas de que vos désseis ao trabalho de escrever ao rei e pedir por mim a Sua Majestade, a quem pertenço, permissão para desposar a Srta. de La Vallière.

— Pensaste bem, Raul. Porque, de fato, depois de mim, ou melhor, antes de mim, tens um amo; esse amo é o rei; tu te submetes, portanto, a uma dupla prova, é leal.

— Oh! senhor!

— Vou satisfazer imediatamente o teu pedido.

Acercou-se da janela e, inclinando-se levemente para fora:

— Grimaud! — gritou.

Grimaud mostrou a cabeça através de um caramanchão de jasmins, que estava podando.

— Os meus cavalos! — continuou o conde.

— Que significa essa ordem, senhor?

— Que partimos dentro de duas horas.

— Para onde?

— Para Paris.

— Como, para Paris! Ides a Paris?

— El-rei não está em Paris?

— Está.

— Pois então! Não precisamos ir até lá? Já perdeste a razão?

— Mas, senhor — disse Raul quase assustado com a condescendência paterna — não vos peço tamanho incômodo, e uma simples carta...

— Raul, tu te iludes com a minha importância; não convém que um simples gentil-homem como eu escreva ao seu rei. Quero e devo falar a Sua Majestade. Hei de fazê-lo. Partiremos juntos, Raul.

— Oh! quanta bondade, senhor!

— Quais são as disposições de Sua Majestade na tua opinião?

— Para comigo?

— Sim.

— Muito boas.

— Ele to disse?

— De sua própria boca.

— Em que ocasião?

— Após uma recomendação do Sr. d'Artagnan, penso eu, e a propósito de um incidente na Praça da Greve em que tive a sorte de arrancar da espada por Sua Majestade. Tenho portanto motivos para crer, sem presunção, que Sua Majestade me aprecia.

— Tanto melhor.

— Mas, eu vos conjuro — continuou Raul — não me faleis com tanta seriedade e discrição, não me façais arrepender-me de haver escutado um sentimento mais forte do que tudo.

— É a segunda vez que me dizes isso, Raul, e não era preciso; queres um consentimento formal, eu dou-to, está acabado. Vem ver as minhas novas plantações.

Sabia o rapaz que após a expressão de uma vontade do conde, não havia lugar para controvérsias.

Abaixou a cabeça e acompanhou o pai ao jardim.

Athos mostrou-lhe despreocupadamente os enxertos, os brotos e os quincôncios.

Essa tranqüilidade desconcertava cada vez mais o moço; o amor que lhe enchia o coração parecia-

lhe tão grande que o mundo mal lograria contê-lo.

Como poderia o coração de Athos permanecer vazio e fechado à sua influência?

Reunindo todas as forças, Bragelonne exclamou de repente:

— Senhor, é impossível que não tenhais alguma razão para repelir a Srta. de La Vallière, tão boa, tão meiga, tão pura, que o vosso espírito, cheio de suprema sabedoria, devera apreciar quanto vale. Em nome do céu! existirá entre vós e a família dela alguma inimizade secreta, algum ódio hereditário?

— Vê, Raul, que bonito canteiro de lírios — disse Athos — vê como lhes fazem bem a sombra e a umidade, mormente a sombra das folhas do sicômoro, por cujos recortes se coa o calor, mas não a chama do sol.

Deteve-se Raul, mordendo os lábios; depois, sentindo que o sangue lhe afluía às têmporas:

— Senhor — exclamou corajosamente — uma explicação, pelo amor de Deus! não podeis esquecer que o vosso filho é um homem.

— Então — respondeu Athos, reerguendo-se com severidade — prova-me que és homem, visto que não me provaste que és filho. Eu te pedi que esperasses uma aliança ilustre, pois eu teria encontrado para ti uma mulher entre as primeiras da nobreza rica; eu queria que brilhasses com o duplo brilho que dão a glória e a fortuna: tens a nobreza da raça.

— Senhor — exclamou Raul arrebatado pelo primeiro impulso — censuraram-me outro dia por não conhecer minha mãe.

Athos empalideceu; logo, franzindo o cenho como o Deus supremo da antigüidade:

— Ainda não me dissestes o que haveis respondido, senhor — declarou, majestoso.

— Oh! perdão... perdão!... — murmurou o rapaz caindo do alto de sua exaltação.

— Que respondestes, senhor? — perguntou o conde batendo o pé.

— Senhor, eu estava com a espada na mão, o homem que me insultava pusera-se em guarda, atirei-lhe a espada por cima de uma barreira e atirei-o depois atrás da espada.

— Por que não o matastes?

— Sua Majestade proíbe o duelo e eu era, naquele momento, embaixador de Sua Majestade.

— Está bem — disse Athos — mais uma razão para que eu vá falar com o rei.

— Que lhe pedireis?

— Autorização para puxar da espada contra o homem que vos fez esse agravo.

— Senhor, se não procedi como devia, perdoai-me, pelo amor de Deus!

— Quem te censura, Raul?

— Essa autorização que desejais pedir ao rei...

— Raul, pedirei a Sua Majestade que assine o teu contrato de casamento.

— Senhor...

— Com uma condição...

— Não precisais impor-me condições: ordenai, que obedecerei.

— Com a condição — continuou Athos — de que me dirás o nome de quem assim falou de tua mãe.

— Mas, senhor, que necessidade tendes de saber esse nome? Fui eu o agravado e, obtida a permissão de Sua Majestade, a mim compete a vingança.

— Seu nome, senhor?

— Não permitirei que vos exponhais.

— Tomais-me por algum Dom Diego? O nome dele?

— Exigi-lo?

— Quero-o.

— O Visconde de Wardes.

— Ah! — disse tranqüilamente Athos — está bem, conheço-o. Mas os nossos cavalos estão prontos; em vez de partir daqui a duas horas, partiremos já. A cavalo, a cavalo!

Capítulo XVI - Monsieur tem ciúmes do Duque de Buckingham

NO passo que o Sr. Conde de La Fère se dirigia a Paris, acompanhado de Raul, o Palais-Royal era teatro de uma cena a que Molière teria chamado uma boa comédia.

Quatro dias após o casamento, depois de haver almoçado à pressa, Monsieur passou às antecâmaras de nariz torcido e sobrolho carregado.

Não fora alegre o almoço. Madame ordenara que a servissem em seu apartamento.

Monsieur, por conseguinte, almoçara com uns poucos amigos.

Somente o Cavaleiro de Lorena e Manicamp haviam assistido à refeição, que durara três quartos de hora sem que fosse pronunciada uma palavra.

Muito menos adiantado na intimidade de Sua Alteza Real que o Cavaleiro de Lorena, debalde buscava Manicamp ler nos olhos do príncipe o motivo que o deixava tão carifranzido.

O Cavaleiro de Lorena, que não precisava adivinhar coisa alguma, visto que sabia tudo, comia com o apetite extraordinário que lhe davam os desaires alheios, e gozava-se a um tempo do despeito de Monsieur e da perturbação de Manicamp.

Divertia-se retendo à mesa, pois não acabava de comer, o príncipe impaciente, que morria por sair.

A reveses Monsieur se arrependia da ascendência que deixara tomar sobre ele o Cavaleiro de Lorena, que o eximia do protocolo.

Achava-se Monsieur num daqueles momentos; mas temia o cavaleiro quase tanto quanto lhe queria, e contentava-se com enraivecer-se por dentro.

De tempos a tempos, erguia Monsieur os olhos para o céu, depois abaixava-os para as tortas de que se empanturrava o cavaleiro; por fim, não ousando explodir, entregou-se a uma pantomina de que Arlequim teria tido inveja.

Afinal, incapaz de reportar-se por mais tempo, levantou-se com sobrecenho, como dissemos, e deixou o Cavaleiro de Lorena terminando o almoço como bem entendesse.

Vendo erguer-se Monsieur, Manicamp se levantou muito teso, com o guardanapo na mão.

Monsieur correu para a antecâmara e, encontrando um contínuo, disse-lhe qualquer coisa em voz baixa.

Logo, dando uma volta, para não passar pela sala de jantar, atravessou os gabinetes, na intenção de ir procurar a rainha-mãe em seu oratório, onde ela ficava habitualmente.

Seriam umas dez horas da manhã.

Ana d'Áustria estava escrevendo quando entrou Monsieur.

A rainha-mãe gostava muito daquele filho, bonito de rosto e meigo de índole.

Monsieur, com efeito, era mais terno e, se quiserem, mais efeminado que o rei.

Conquistara a mãe com pequenas sensibilidades femininas, que sempre agradam às mulheres; Ana d'Áustria, que teria gostado muito de ter uma filha, quase encontrava naquele filho as atenções, cuidados e mimos de uma criança de doze anos.

Anne d'Autriche.

Dessarte, empregava Monsieur todo o tempo que passava junto dela em admirar-lhe os formosos braços, em dar-lhe conselhos sobre pomadas e receitas de essências, de que Ana se mostrava exímia conhecedora; depois, beijava-lhe as mãos e os olhos com adorável meiguice, tinha sempre uma guloseima para oferecer-lhe, algum novo atavio para recomendar-lhe.

Ana d'Áustria amava o rei, ou melhor, a realeza no filho mais velho: Luís XIV representava para ela a legitimidade divina. Era a rainha-mãe para o rei; mas era apenas mãe para Filipe.

E este último sabia que, de todos os abrigos, é o seio materno o mais doce e o mais seguro.

Daí que, ainda criança, o procurasse quando surgiam borrascas entre ele e o irmão; muitas vezes, depois dos bofetões que, de sua parte, constituíam crimes de lesa-majestade, depois dos combates a punhadas e unhadas, que o rei e o seu vassalo muito insubmisso travavam de camisola sobre uma cama contestada, tendo por único juiz o criado grave Laporte, Filipe, vitorioso, mas apavorado com o triunfo, ia pedir reforços à mãe, ou pelo menos a certeza de um perdão que Luís XIV só lhe concedia a muito custo e a distância.

Ana conseguira, por esse hábito de intervenção pacífica, conciliar todas as pendências entre os filhos e participar, por isso mesmo, de todos os seus segredos.

Um pouco enciumado da materna solicitude que se estendia sobre o irmão, sentia-se o rei propenso, em relação a Ana d'Áustria, a mostrar uma submissão e atenções que se não coadunavam com o seu temperamento.

Ana d'Áustria empregara principalmente essa política em relação à nova rainha; reinava

despoticamente sobre o casal real, e já dispunha todas as suas baterias para reinar com o mesmo absolutismo sobre a casa do segundo filho.

Sentia-se quase orgulhosa quando via entrar no quarto um rosto chupado, umas faces muito pálidas e uns olhos muito vermelhos, sinais de que lhe cumpria acudir ao mais fraco ou ao menos dócil.

Ela estava escrevendo, dizíamos, quando surgiu Monsieur no oratório, não com os olhos vermelhos nem com as faces pálidas, mas inquieto, irado, agastado.

Beijou distraído o braço da mãe e sentou-se antes que ela o autorizasse a fazê-lo.

Com os hábitos de etiqueta estabelecidos na corte de Ana d'Áustria, esse esquecimento das conveniências era indício de perturbação, sobretudo da parte de Filipe, que tão prazeroso se entregava à adulação do respeito.

Mas, se ele faltava tão notoriamente aos seus princípios, a causa devia de ser grave.

— Que tendes, Filipe? — perguntou Ana d'Áustria voltando-se para o filho.

— Ah! senhora, muitas coisas — murmurou o príncipe com ar dolente.

— Pareceis, de fato, um homem ocupadíssimo — disse a rainha repondo a pena no tinteiro.

Filipe franziu o cenho mas não respondeu.

— Dentre todas as coisas que vos ocupam o espírito — disse Ana d'Áustria — uma haverá, sem dúvida, que vos ocupe mais do que as outras.

— Uma, com efeito, me ocupa mais do que as outras, senhora.

— Estou ouvindo.

Filipe abriu a boca para dar vazão a todos os motivos de queixa acumulados em seu espírito e que pareciam esperar apenas uma saída.

Mas, de repente, calou e tudo o que lhe ia no coração resolveu-se num suspiro.

— Vamos, Filipe, firmeza! — tornou a rainha-mãe.

— Uma coisa de que nos queixamos é quase sempre uma pessoa que nos incomoda, não é verdade?

— Não digo isso, senhora.

— De quem quereis falar? Vamos, vamos, abreviai.

— Mas é que, em verdade, senhora, o que eu teria de dizer é assaz discreto.

— Ah! meu Deus!

— Sem dúvida; pois, afinal, uma mulher...

— Quereis falar de Madame? — perguntou a rainha-mãe com a curiosidade espevitada.

— De Madame?

— De vossa esposa.

— Sim, sim, já entendi.

— E então? Se é de Madame que quereis falar, meu filho, não vos embaraceis. Sou vossa mãe, e Madame não é para mim senão uma estranha.

Entretanto, como se trata de minha nora, tende certeza de que ouvirei com interesse, nem que fosse apenas por vós, o que me disserdes.

— Vós mesma, senhora — perguntou Filipe — não observastes alguma coisa?

— Alguma coisa, Filipe?.... As vossas palavras são assustadoramente vagas... Alguma coisa? Que espécie de coisa seria essa?

— Afinal de contas, Madame é bonita.

— É.

— Embora não seja nenhuma beldade.

— Não, mas desenvolvendo-se ainda, poderá ficar muito mais bonita. Já vistes as mudanças que

uns poucos anos lhe trouxeram ao rosto. Pois bem! ela se desenvolverá cada vez mais, pois tem apenas dezesseis anos. Aos quinze, eu também era magérrima; não obstante, tal como é, Madame já é formosa.

— Por conseguinte, pode ter despertado atenções.

— Sem dúvida; se até as mulheres comuns despertam atenções, que fará uma princesa?

— Ela foi bem educada, não foi?

— A Sra. Henriqueta, sua mãe, é uma mulher um tanto fria, um tanto pretensiosa, mas cheia de belos sentimentos. A educação da jovem princesa pode ter sido negligenciada, mas, quanto aos princípios, creio que são bons; tal era pelo menos a minha opinião durante a sua estada em França; depois, voltou à Inglaterra e não sei o que se passou.

— Que quereis dizer?

— Oh! meu Deus, quero dizer que certas cabeças, quando levianas, mudam facilmente com a prosperidade.

— Pois bem, senhora, vós o dissestes; creio, de fato, que a princesa é meio leviana.

— Cuidado para não exagerardes, Filipe: ela tem espírito e certa garridice, aliás muito natural numa moça; mas, meu filho, nas pessoas altamente colocadas esse defeito é uma vantagem no que concerne à corte. Uma princesa casquilha reúne de ordinário uma corte brilhante à sua volta; um sorriso dela faz desabrochar em toda a parte o luxo, o espírito, a própria inteligência; a nobreza bate-se melhor por um príncipe cuja esposa é bela.

— Muitíssimo obrigado, minha mãe — tornou Filipe com despeito; — na verdade, traçais-me uns quadros bem alarmantes.

— Como assim? — perguntou a rainha com simulada ingenuidade.

— Sabeis, senhora — disse Filipe tristemente — o quanto repugnei o casamento.

— Ah! mas agora me assustais! Tendes algum motivo sério de queixa contra Madame?

— Não digo que seja sério.

— Deixai então essa fisionomia transtornada. Se vos mostrardes assim em casa, passareis por um marido muito infeliz.

— Na verdade — respondeu Filipe — não sou um marido satisfeito e estimo que o saibam.

— Filipe! Filipe!

— À minha fé! senhora, dir-vos-ei francamente que não compreendi a vida que me impingiram.

— Explicai-vos.

— Minha mulher não me pertence, essa é que é a verdade; escapa-me em todas as circunstâncias. De manhã, são visitas, correspondências, toucagens; à noite, bailes e concertos.

— Tendes ciúmes, Filipe!

— Eu? Deus me livre! Deixo para os outros o triste papel de marido ciumento; mas estou contrariado.

— Filipe, são coisas inteiramente inocentes que censurais à vossa esposa e, enquanto não tiverdes nada mais importante...

— Escutai, senhora: mesmo sem ser culpada, uma mulher pode causar apreensões; há certas frequentações, certas preferências que as mulheres estadeiam e que bastam para deixar alucinado o menos ciumento dos maridos.

— Ah! chegamos finalmente ao ponto; não foi sem custo. As frequentações, as preferências, bom! Há uma hora que divagamos e agora, afinal, tocais a verdadeira questão.

— Pois bem! sim...

— Isto já é mais sério. Madame vos teria dado, acaso, preocupações nesse sentido?

— Precisamente!

— Como! vossa esposa, quatro dias depois do casamento, já teria manifestado preferências por alguém, já freqüentaria alguém? Tomai tento, Filipe, exagerais as faltas dela; à força de querer provar, acabamos não provando coisa alguma.

Assustado com o tom sério de sua mãe, o príncipe quis responder, mas não pôde senão balbuciar palavras ininteligíveis.

— Agora recuais — disse Ana d'Áustria; — prefiro isso; é um reconhecimento de vossas injustiças.

— Não! — bradou Filipe — não, não recuo, e vou prová-lo. Eu disse preferências, não disse? Eu disse frequentações, não disse? Pois bem! ouvi.

Dispôs-se Ana d'Áustria, complacente, a ouvir com o prazer comadresco que a melhor das mulheres, a melhor das mães, ainda que rainha, encontra sempre que se imiscui em arrufos de casais.

— Dizei-me uma coisa — continuou Filipe.

— Que coisa?

— Por que razão mantém minha mulher uma corte inglesa? Dizei!

E Filipe cruzou os braços encarando na mãe, persuadido de que ela não encontraria resposta para essa censura.

— Mas — volveu Ana d'Áustria — é simplíssimo: porque os ingleses são seus compatriotas, gastaram muito dinheiro para acompanhá-la à França e seria pouco polido, e até pouco político, dispensar repentinamente uma nobreza que não recuou diante de nenhum devotamento, diante de nenhum sacrifício.

— Ora! minha mãe, grande sacrifício, em verdade, sair de um lugar horrível para vir a um belo país, onde se obtém, com um escudo, muito mais do que em qualquer outro com quatro! Belo devotamento, com efeito, cavalgar cem léguas para acompanhar a dama de seus pensamentos!

— A dama de seus pensamentos, Filipe! Pensastes no que estais dizendo?

— Se pensei!

— E Madame é a dama dos pensamentos de quem?

— Do belo Duque de Buckingham... Cuido que não o defendereis também, minha mãe!

Ana d'Áustria corou e sorriu. O nome do Duque de Buckingham lhe trazia ao espírito lembranças a um tempo tão doces e tão tristes!

— O Duque de Buckingham? — murmurou.

— Sim, um desses queridinhos de alcova, como dizia — meu avô Henrique IV.

— Os Buckingham são bravos e leais — tornou corajosamente Ana D'Áustria.

— Muito bem! agora minha mãe defende contra mim o amante de minha mulher! — bradou Filipe tão exasperado que a sua fragilidade se resolveu em lágrimas, — Meu filho! meu filho! — exclamou Ana d'Áustria — a expressão não é digna de vós. Vossa esposa não tem amante e, se o tivesse, não seria o Sr. de Buckingham: os homens dessa raça, repito-o, são leais e discretos; a hospitalidade, para eles, é sagrada.

— Ora! — volveu Filipe, no mesmo tom — o Sr. de Buckingham é inglês, e os ingleses respeitarão acaso, tão religiosamente, a propriedade dos príncipes franceses?

Ana acarminou-se pela segunda vez e voltou-se com o pretexto de tirar a pena do tinteiro; mas, em realidade, para esconder o rubor aos olhos do filho.

Na verdade, Filipe — disse ela — encontrais palavras que me confundem, e a cólera vos cega e me apavora; refleti, meu filho!

— Não preciso refletir, vejo.

— E vedes?

— Que o Sr. de Buckingham não se arreda de minha mulher. Atreve-se a dar-lhe presentes, e ela se atreve a aceitá-los. Ontem, ela falou em saquitéis de violetas; ora, os nossos perfumistas franceses, e vós o sabeis, senhora, vós que lhos encomendastes tanta vez sem poder obtê-los, nunca puderam encontrar esse perfume. Pois bem, o duque também trazia consigo um saquitel de violetas. É dele, portanto, que procede o de minha mulher.

— Na verdade, Filipe — disse Ana d'Áustria — edificais pirâmides sobre pontas de alfinetes! Que mal haverá portanto, pergunto eu, em que um compatriota dê uma receita cie essência nova à sua compatriota? Essas ideias estranhas me recordam com pesar vosso pai, que mintas vezes me fez sofrer injustamente.

— O pai do Sr. de Buckingham havia de ser, sem dúvida, mais reservado, mais respeitoso do que o filho — disse estouvadamente Filipe, sem perceber que feria o coração de sua mãe.

A rainha empalideceu e levou ao peito a mão crispada; mas, recobrando-se depressa:

— Afinal — perguntou — viestes aqui com uma intenção qualquer?

— Sem dúvida.

— Explicai-vos, então.

— Vim, senhora, com a intenção de queixar-me energicamente, e previnir-vos que não tolerarei coisa alguma da parte do Sr. de Buckingham.

— Não tolerareis coisa alguma?

— Não.

— Que fareis?

— Apresentarei queixa ao rei.

— E que quereis que vos responda o rei?

— Pois bem — disse Monsieur com uma expressão de firmeza feroz que contrastava singularmente com a suavidade habitual de sua fisionomia — se isso também não adiantar, farei justiça por minhas próprias mãos.

— Ã que chamais fazer justiça por vossas próprias mãos? — insistiu Ana d'Áustria com certo temor.

— Quero que o Sr. de Buckingham se afaste de Madame, quero que o Sr. de Buckingham se ausente de França, e mandarei significar-lhe a minha vontade.

— Não mandareis significar coisíssima nenhuma, Filipe — tornou a rainha; — pois se o fizerdes, se violardes a esse ponto a hospitalidade, invocarei contra vós a severidade do rei.

— Ameaçais-me, minha mãe! — choramingou Filipe — ameaçais-me quando me queixo!

— Não, não vos ameaço, reporto os vossos desmandos. Tomar contra o Sr. de Buckingham ou qualquer outro inglês uma medida rigorosa; empregar processos pouco civis, é arrastar a França e a Inglaterra a penosíssimas divisões. Como! um príncipe, o irmão do rei de França, não saberia dissimular uma injúria, ainda que verdadeira, diante de uma injunção política!

Filipe fez um movimento.

— Aliás — continuou a rainha — a injúria não é verdadeira nem possível, e trata-se apenas de um ciúme ridículo.

— Senhora, eu sei o que sei.

— E eu, saibais o que souberdes, aconselho-vos paciência.

— Não sou paciente.

Ergueu-se a rainha cerimoniosamente rígida e fria.

— Exponde, então, as vossas vontades.

— Não tenho vontades, senhora; mas exprimo os meus desejos. Se o Sr. de Buckingham não se apartar espontaneamente de minha casa, eu lha interditarei.

— Essa é uma questão que ao rei compete decidir — atalhou Ana d'Áustria com o coração amargurado e a voz comovida.

— Mas, senhora — bradou Filipe batendo as mãos uma contra a outra — sede minha mãe e não rainha, já que vos falo como filho; entre o Sr. de Buckingham e mim bastará uma entrevista de quatro minutos.

— E é precisamente dessa entrevista que vos defendo, senhor — declarou a rainha reassumindo a sua autoridade; — isso não é digno de vós.

— Pois bem, seja, não aparecerei, mas certificarei Madame de minhas vontades.

— Oh! — exclamou Ana D'Áustria com melancolia — nunca tiranizeis uma mulher, meu filho; nunca lhe ordeneis coisa alguma em voz muito alta nem muito imperativa. Mulher vencida nem sempre é mulher convencida.

— Que fazer então?... Consultarei os meus amigos.

— Sim, os vossos hipócritas conselheiros, o vosso Cavaleiro de Lorena, o vosso de Wardes... Deixai-me tratar desse caso, Filipe; desejais que o Duque de Buckingham se afaste, não é assim?

— O mais cedo possível.

— Pois bem, mandai-me o duque, meu filho!

Sorride para ele, não mostreis nada a vossa esposa, ao rei, a ninguém. Conselhos, recebei-os só de mim. Eu sei, infelizmente! o que é a vida de um casal perturbada por conselheiros.

— Obedecerei, minha mãe.

— E ficareis satisfeito, Filipe. Achai-me o duque.

— Oh! não será difícil.

— Onde imaginais que esteja?

— Homessa! à porta de Madame, cujo levantar espera: nem há dúvida.

— Bem! — tornou, calma, Ana d'Áustria. — Dizei-lhe que desejo vê-lo.

Filipe beijou-lhe a mão e saiu à procura do Sr. de Buckingham.

Capítulo XVII - Forever!

CIENTE do convite da rainha-mãe, Milorde Buckingham foi ter com ela meia hora depois de haver saído o Duque de Orléans.

Quando o contínuo lhe pronunciou o nome, a rainha, que se apoiara a uma mesa, com a cabeça entre as mãos, ergueu-se e recebeu com um sorriso o cumprimento cheio de graça e de respeito que lhe dirigia o duque.

Ana d'Áustria era formosa ainda. Sabe-se que nessa idade já provecta, os seus compridos cabelos côr de cinza, as suas lindas mãos, os seus lábios purpurinos, despertavam ainda admiração.

Nesse momento, entregue a uma lembrança que lhe revolvia na alma o passado, surgia tão bela como na quadra da mocidade, quando o seu palácio se abria para receber, apaixonado e jovem, o pai daquele Buckingham, o infortunado que vivera por ela, que morrera pronunciando-lhe o nome.

Ana d'Áustria fitou em Buckingham um olhar muito meigo, em que se mesclavam a complacência do afeto materno e qualquer coisa como a garridice da amante.

— Vossa Majestade — perguntou Buckingham com respeito — queria falar comigo?

— Sim, duque — replicou a rainha em inglês. — Tende a bondade de sentar-vos.

Essa mercê que Ana d'Áustria fazia ao rapaz, a carícia do idioma do país de que o duque se vira privado desde que chegara à França, tocou-lhe profundamente a alma. Adivinhou incontinenti que a rainha desejava pedir-lhe o que quer que fosse.

Volvidos os primeiros momentos de insuperável opressão que sentira, reassumiu Ana d'Áustria o seu ar risonho.

— Senhor — perguntou ela em francês — que tal vos parece a França?

— Um lindo país, senhora — replicou o duque.

— Já a conhecíeis?

— Estive aqui uma vez, senhora.

— Mas, como todo bom inglês, preferis a Inglaterra?

— Prefiro minha pátria à pátria de um francês — tornou o duque; — mas se vossa Majestade me perguntasse onde me agradaria mais residir, se em Londres ou em Paris, eu diria que em Paris.

Observou Ana d'Áustria o tom cheio de calor com que essas palavras tinham sido pronunciadas.

— Tendes, segundo me disseram, lindos cães em vossa casa; habitais um palácio rico e antigo?

— O palácio de meu pai — redarguiu Buckingham abaixando os olhos.

— Vantagens e lembranças inestimáveis — observou a rainha, revolvendo malgrado seu recordações de que ninguém se separa porque quer.

— Com efeito — disse o duque sofrendo a melancólica influência desse preâmbulo — quem tem coração tanto sonha com o passado ou o futuro quanto sonha com o presente.

— É verdade — conveio a rainha em voz baixa.

— Daí procede — ajuntou — que vós, milorde, que tendes coração... logo deixareis a França... para voltardes às vossas riquezas e às vossas relíquias.

Buckingham levantou a cabeça.

— Não creio, senhora — disse ele.

— Como?

— Creio, pelo contrário, que deixarei a Inglaterra para habitar a França.

Ana d'Áustria não dissimulou o espanto.

— Como! não gozais, porventura, do favor do novo rei?
— Pelo contrário, senhora, Sua Majestade honra-me com uma benevolência ilimitada.
— Não pode ser — continuou a rainha — que a vossa fortuna tenha diminuído; diziam-na considerável.
— Minha fortuna, nunca foi mais florescente.
— Será, então, algum motivo secreto?
— Não, senhora — respondeu com vivacidade Buckingham — não há nada de secreto nos motivos de minha determinação. Gosto de morar em França, aprecio-lhe a corte, cheia de bom gosto e polidez; agradam-me, enfim, senhora, os prazeres quase sérios que não são os do meu país e que se encontram em França.
Ana d'Áustria sorriu com finura.
— Prazeres sérios! — disse ela; — já refletistes, Sr. de Buckingham, na seriedade deles?
O duque balbuciou.
— Não há prazer tão sério — prosseguiu a rainha — que deva impedir um homem de vossa classe...
— Senhora — atalhou o duque — parece-me que Vossa Majestade insiste muito nesse ponto.
— Parece-vos, duque?
— É a segunda vez, e não se agaste com isso Vossa Majestade, que me encarece os atrativos de Inglaterra em detrimento dos encantos de França.
Aproximou-se Ana d'Áustria do rapaz e, colocando a mão formosa sobre o seu ombro, que estremeceu a esse contato:
— Senhor — disse ela — crede-me, não há nada que valha os momentos que passamos em nossa terra natal. A mim sucedeu-me, não poucas vezes, ter saudades da Espanha. Vivi muito, milorde, vivi até demais para uma mulher, e confesso que ainda não se passou um ano em que eu não sentisse falta da Espanha.
— Nem um ano, senhora! — tornou friamente o jovem duque; — nem um daqueles anos em que Vossa Majestade reinou pela beleza, como, aliás, ainda reina?
— Oh! deixemos de lisonjas, duque; sou uma mulher que poderia ser vossa mãe!
Essas últimas palavras foram ditas com um acento e uma doçura tais que penetraram o coração de Buckingham.
— Sim — prosseguiu a rainha — eu poderia ser vossa mãe e aí está por que vos dou um bom conselho.
— O de voltar para Londres?
— Sim, milorde.
O duque juntou as mãos com ar assustado, que não podia menos de tocar aquela mulher, predisposta a sentimentos ternos por ternas recordações.
— É preciso — ajuntou ela.
— Como! — tornou ele — dizem-me seriamente que preciso partir, que preciso exilar-me, que preciso fugir!
— Exilar-vos, dissestes? Ah! milorde, dir-se-ia que a França fosse a vossa pátria.
— Senhora, o país das pessoas que amam é o país das pessoas amadas.
— Nem mais uma palavra, milorde — atalhou a rainha — esquecestes com quem estais falando!
Buckingham pôs-se de joelhos.
— Senhora, senhora, Vossa Majestade é um manancial de espírito, de bondade, de clemência; Vossa Majestade não é apenas a primeira dama deste reino, é a primeira dama do mundo pelas

qualidades que a tornam divina; eu não disse nada. Terei dito alguma coisa a que Vossa Majestade pudesse responder-me com tanta crueldade? Ter-me-ia traído?

— Vós vos traístes — murmurou a rainha.

— Eu não disse nada! eu não sei de nada!

— Esquecestes que haveis falado, pensado diante de.uma mulher, e aliás...

— Aliás — interrompeu ele com vivacidade — ninguém sabe que Vossa Majestade está-me ouvindo.

— Pelo contrário, duque, sabem; tendes os defeitos e as qualidades da juventude.

— Traíram-me! denunciaram-me!

— Quem?

— Os que já no Havre, com infernal perspicácia, leram em meu coração como em livro aberto.

— Não sei a quem vos referis.

— Ao Sr. de Bragelonne, por exemplo.

— É um nome que conheço sem lhe conhecer o portador. Não, o Sr. de Bragelonne não me disse nada.

— Quem foi, então? Oh, senhora, se alguém tivesse tido a audácia de ver em mim o que eu mesmo não quero ver...

— Que faríeis, duque?

— Há segredos que matam os que os descobrem.

— Aquele que descobriu o vosso segredo, louco que sois, não se matou ainda; digo mais, nem vós o matareis, porque ele tem por si todos os direitos: é um marido, é um ciumento, é o segundo gentil-homem de França, é meu filho, o Duque de Orléans.

O duque empalideceu.

— Como Vossa Majestade é cruel!

— Eis-vos agora, Buckingham — volveu Ana d'Áustria com melancolia — passando de um extremo a outro e combatendo nuvens, quando vos seria muito mais fácil manter a vossa paz interior.

— Quando guerreamos, senhora, morremos sobre o campo de batalha — replicou suavemente o rapaz, entregando-se ao mais doloroso abatimento.

Ana correu para ele e tomou-lhe as mãos.

— Villiers — disse ela em inglês, com veemência irresistível — que me pedis? À mãe, que sacrifique o filho; à rainha, que consinta na desonra de sua casa! Sois uma criança, não refletis no que estais dizendo! Como! para poupar-vos uma lágrima eu cometeria esses dois crimes, Villiers? Falastes nos mortos; os mortos, pelo menos, foram respeitosos e submissos; os mortos inclinavam-se ante uma ordem de exílio; levavam o desespero como uma riqueza no coração, porque o desespero vinha da mulher amada, porque a morte, assim mentirosa, era como um dom, como um favor.

Buckingham levantou-se com os traços alterados, as mãos no coração.

— Vossa Majestade tem razão — disse ele; — mas aqueles a que se refere receberam a ordem de exílio de uma boca adorada; ninguém os expulsava; apenas lhes pediam que se fossem, não os escarneciam.

— Não, recordavam-nos! — murmurou Ana d'Áustria. — Mas quem vos diz que vos expulsam, que vos exilam? Quem vos diz que ninguém se lembrará da vossa dedicação? Não falo pelos outros, Villiers, falo por mim, parti!

Prestai-me esse serviço, fazei-me essa graça; que eu deva mais esse favor a alguém de vossa casa.

— É então por Vossa Majestade?

— Exclusivamente por mim.

— Não ficará atrás de mim ninguém para rir, príncipe nenhum para dizer: "Eu o quis!”

— Duque, escutai-me.

O semblante augusto da velha rainha assumiu uma expressão solene.

— Juro que aqui ninguém ordena, senão eu; juro que não só ninguém rirá, que ninguém se gabará, como também ninguém faltará com o dever que impõe a vossa qualidade. Fiai-vos de mim, duque, como eu me fiei de vós.

— Vossa Majestade não se explica; estou ulcerado, roído do desespero; a consolação, por doce e completa que seja, não me parecerá suficiente.

— Amigo, conhecestes vossa mãe? — replicou a rainha com um sorriso carinhoso.

— Muito pouco, senhora; lembro-me apenas de que essa nobre dama me cobria de beijos e de lágrimas quando eu chorava.

— Villiers! — murmurou a rainha passando o braço pelo pescoço do rapaz — sou uma mãe para vós e, crede-me, ninguém fará jamais chorar meu filho.

— Obrigado, senhora, obrigado! — disse o rapaz enternecido e sufocado — sinto que ainda havia lugar em meu coração para um sentimento mais doce e mais nobre do que o amor.

A rainha-mãe encarou com ele e apertou-lhe a mão.

— Ide — disse ela.

— Quando deverei partir? Ordene Vossa Majestade!

— Esperai o tempo que fôr conveniente, milorde — volveu a rainha; — partireis, mas escolhereis o dia... Portanto, em vez de partir hoje, como sem dúvida o desejais; ou amanhã, como os outros o esperam, parti depois de amanhã, à noite; mas anunciai desde já o vosso desejo.

— O meu desejo? — murmurou o mancebo.

— Sim, duque.

— E... nunca mais voltarei à França?

Ana d'Áustria refletiu um momento e absorveu-se na dolorosa gravidade dessa meditação.

— Ser-me-ia doce — disse ela — tornar a ver-vos no dia em que eu fôr dormir eternamente em Saint-Denis, ao lado do rei meu esposo.

— Que tanto a fez sofrer! — disse Buckingham.

— Que era o rei de França — replicou a rainha.

— Senhora, Vossa Majestade é muito bondosa, está vivendo um período de prosperidade, uma quadra jubilosa; longos anos ainda lhe são prometidos.

— Pois bem, voltareis mais tarde — respondeu a rainha, tentando sorrir.

— Não voltarei — tornou tristemente Buckingham — eu que sou jovem.

— Oh! mercê de Deus...

— A morte, senhora, não conta os anos; é imparcial: morremos embora jovens, vivemos embora velhos.

— Nada de idéias sombrias, duque; vou alegrar-vos. Voltai daqui a dois anos. Vejo em vosso rosto encantador que as idéias que hoje vos tornam tão lúgubre estarão decrépitas em menos de seis meses; e, por conseguinte, mortas e esquecidas no prazo que vos concedo.

— Creio que Vossa Majestade me julgava melhor ainda há pouco — replicou o rapaz — quando dizia que, sobre nós, os da casa de Buckingham, o tempo não tem poder.

— Silêncio! oh! silêncio! — exclamou a rainha beijando-lhe a testa com uma ternura que não pôde reprimir; — ide! ide! não me enterneçais, não torneis a esquecer-vos. Sou rainha, sois vassalo do rei de Inglaterra; o Rei Carlos vos espera; adeus, Villiers! *farewell*, Villiers!

— *Forever!* — replicou o mancebo. E fugiu, devorando as lágrimas.

Ana levou as mãos à fronte; logo, mirando-se no espelho:

— Por mais que se diga — murmurou — a mulher é sempre jovem; temos sempre vinte anos num cantinho qualquer do coração.

Capítulo XVIII - Em que sua majestade Luís XIV não acha a Srta. de La Vallière suficientemente rica nem suficientemente bela para um fidalgo como o Visconde de Bragelonne

RAUL e o Conde de La Fère entraram em Paris na noite do dia em que Buckingham tivera a entrevista com a rainha-mãe.

Assim que chegou, por intermédio de Raul, o conde solicitou uma audiência ao rei.

Sua Majestade passara parte do dia examinando com Madame e as damas da corte estofos de Lião com que pretendia presentear a cunhada.

Seguira-se a isso o jantar, depois o jogo, e o rei, consoante os seus hábitos, deixara o jogo às oito horas e passara ao gabinete para trabalhar com os Srs. Colbert e Fouquet.

Raul estava na antecâmara quando saíram os dois ministros, e o rei enxergou-o pela porta entreaberta.

— Que quer o Sr. de Bragelonne? — perguntou.

O rapaz aproximou-se.

— Sire — replicou ele — uma audiência para o Sr. Conde de La Fère, que chegou de Blois ansioso por falar com Vossa Majestade.

— Tenho uma hora antes do jogo e da ceia — disse o rei. — O Sr. de La Fère está pronto?

— O senhor conde está lá embaixo, às ordens de Vossa Majestade.

— Dizei-lhe que suba.

Cinco minutos depois entrava Athos no gabinete de Luís XIV, acolhido pelo amo com a graciosa benevolência que Luís, com um tato superior à idade, empregava para captar as simpatias dos homens que se não conquistam com favores ordinários.

— Conde — disse o rei — deixai-me acalentar a esperança de que tenhais vindo pedir-me alguma coisa.

— Não mentirei a Vossa Majestade — replicou o conde; — venho, de fato, solicitar.

— Vejamos! — exclamou o rei, jubiloso.

— Não é para mim, Sire.

— Tanto pior! mas, enfim, pelo vosso protegido, conde, farei o que não me deixais fazer por vós.

— Vossa Majestade consola-me... Venho falar ao rei pelo Visconde de Bragelonne.

— É a mesma coisa.

— Não é bem assim, Sire... O que desejo obter de Vossa Majestade de nada me serviria. O visconde pensa em casar.

— É muito moço ainda; mas que importa?... É um homem distinto, hei de encontrar-lhe esposa.

— Ele já a encontrou, Sire, e não deseja senão o assentimento de Vossa Majestade.

— Ah! trata-se apenas de assinar um contrato de casamento? Athos inclinou-se.

— A noiva é rica e de nobreza que vos satisfaça?

Athos hesitou um momento.

— A noiva é de família fidalga — replicou; — mas quanto a ser rica, não é.

— É um mal que poderemos remediar.

— Vossa Majestade me cumula de gentilezas; permitirá, porém, que eu lhe faça uma observação.

— Fazei-a, conde.

— Vossa Majestade parece ter declarado a intenção de dotar essa moça?

— Naturalmente.

— E a minha vinda ao Louvre teria esse resultado? Ser-me-ia penoso, Sire.
— Nada de falsas delicadezas, conde; como se chama a noiva?
— É — disse Athos friamente — a Srta. de La Vallière de La Baume Le Blanc.
— Ah! — exclamou o rei vasculhando a memória — conheço o nome; um Marquês de La Vallière...
— Precisamente, Sire: é filha dele.
— Ele não morreu?
— Morreu, Sire.
— E a viúva casou segunda vez com o Sr. de Saint-Remy, mordomo de Madame viúva?
— Vossa Majestade está bem informado.
— É isso, é isso!... E há mais: essa moça é dama de honor da jovem Madame.
— Vossa Majestade conhece a história melhor do que eu.
O rei tornou a refletir e, observando com o rabo dos olhos o rosto preocupado de Athos:
— Conde — disse ele — parece-me que não é muito formosa a senhorita.
— Não sei bem — respondeu Athos.
— Já olhei para ela: não me impressionou.
— Tem um ar meigo e modesto, Sire, mas não muita beleza.
— Os cabelos loiros são bonitos.
— Creio que sim.
— E os olhos azuis também.
— Exatamente.
— Portanto, no que toca à beleza, o partido não é lá grande coisa. Passemos à fazenda.
— De quinze a vinte mil libras de dote, quando muito, Sire; os apaixonados, porém, são desinteressados; eu mesmo não faço grande estimação do dinheiro.
— Do supérfluo, bem entendido; mas o necessário é indispensável. Com quinze mil libras de dote, sem apanágios, uma mulher não pode freqüentar a corte. Mas isto se remedeia; quero fazê-lo por Bragelonne.
Athos inclinou-se. Tornou o rei a observar-lhe a frieza.
— Passemos da fazenda à qualidade — prosseguiu Luís XIV; — filha do Marquês de La Vallière, está bem; mas aquele bom Saint-Remy atrapalha um pouco... pelo ramo feminino, eu sei, mas o fato é que atrapalha; e vós, conde, creio que tendes em muito preço a vossa casa.
— Agora, Sire, só tenho em preço o meu devotamento a Vossa Majestade.
Tornou o rei a interromper-se.
— Francamente, senhor — disse ele — surpreendeis-me muitíssimo desde o princípio desta audiência. Vindes fazer-me um pedido de casamento e o projeto, no entanto, parece contrariar-vos. Oh! raro me iludo, apesar de moço, pois, em relação a uns, ponho a amizade a serviço da inteligência; em relação a outros, a desconfiança, que duplica a perspicácia. Repito-o, não fazeis o pedido de boa vontade.
— Com efeito, Sire.
— Então, não vos compreendo; recusai.
— Não, Sire: quero muito a Bragelonne; apaixonado pela Srta. de La Vallière, ele sonha com paraísos futuros; não sou dos que se comprazem de destroçar as ilusões da mocidade. Esse casamento me desagrada, mas suplico a Vossa Majestade que consinta nele o mais depressa possível e, assim, faça a felicidade de Raul.
— Mas vejamos, conde: ela o ama?

— Se Vossa Majestade quer que eu lhe diga a verdade, não creio no amor da Srta. de La Vallière; é menina, é criança, está inebriada; a satisfação de ver-se na corte, a honra de achar-se a serviço de Madame, neutralizarão em sua cabeça a ternura que poderia ter no coração; será, portanto, um casamento como os que Vossa Majestade já se habituou a ver na corte; mas Bragelonne o quer; seja.

— Não vos vejo, entretanto, como um desses pais sem energia, escravizados pelos filhos...

— Sire, tenho energia contra os maus, não a tenho contra pessoas de bem. Raul está sofrendo, anda triste; o seu espírito, que de ordinário é livre, tornou-se pesado e sombrio; não quero privar Vossa Majestade dos serviços que ele pode prestar-lhe.

— Compreendo-vos — disse o rei — e compreendo sobretudo o vosso coração.

— Então — volveu o conde — não preciso dizer a Vossa Majestade que o meu propósito é fazer a felicidade dessas crianças, ou melhor, dessa criança.

— E eu quero, como vós, a felicidade do Sr. de Bragelonne.

— Nesse caso, Sire, não espero senão a assinatura de Vossa Majestade. Raul terá a honra de apresentar-se a Vossa Majestade e receber-lhe-á o consentimento.

— Enganai-vos, conde — respondeu com firmeza o rei; — acabo de dizer-vos que desejo a felicidade do visconde; portanto me oponho, neste instante, ao seu casamento.

— Mas, Sire — exclamou Athos — Vossa Majestade me prometeu...

— Não, conde; não prometi, visto que isso contraria os meus propósitos.

— Compreendo tudo o que a iniciativa de Vossa Majestade encerra de benevolente e generoso para mim; mas tomo a liberdade de recordar-lhe que me dispus a vir como embaixador.

— Um embaixador, conde, pede muitas vezes e nem sempre obtém.

— Ah Sire, que golpe para Bragelonne!

— Eu darei o golpe, eu falarei com o visconde.

— O amor, Sire, é uma força irresistível.

— Mas resistimos ao amor; eu vo-lo asseguro, conde.

— Quando temos a alma de um rei, a alma de Vossa Majestade.

— Não vos preocupeis mais com isso. Tenho planos para Bragelonne; não digo que ele não desposará a Srta. de La Vallière; mas não quero que se case tão moço; não quero que a tome por esposa sem que ela tenha feito fortuna e que ele, por seu turno, justifique as mercês que pretendo conceder-lhe. Numa palavra, conde, quero que esperem.

— Sire, ainda uma vez...

— Conde, dissestes ter vindo pedir-me um favor?

— Disse, Majestade.

— Então fazei-me outro, mudemos de assunto. É possível que, dentro em pouco, eu faça guerra; preciso de fidalgos livres à minha volta, pois vacilaria em mandar contra as balas e contra o canhão um homem casado, um pai de família; vacilaria também, por Bragelonne, em dotar, sem maiores razões, uma jovem desconhecida: isso provocaria ciúmes entre os meus fidalgos.

Athos inclinou-se e não respondeu.

— Era só isso que me queríeis pedir? — ajuntou Luís XIV.

— Só isso, Sire, e despeço-me de Vossa Majestade. Mas devo prevenir Raul?

— Poupai-vos esse trabalho e essa contrariedade. Dizei ao visconde que amanhã, à hora do meu levantar, quero falar-lhe ; mas esta noite, conde, ficareis para o jogo.

— Estou com roupas de viagem, Sire.

— Dia virá, espero eu, que não me deixareis.

Dentro em pouco, conde, a monarquia será organizada de modo que ofereça digna hospitalidade a

todos os homens que reúnam os vossos méritos.

— Sire, contanto que um rei seja grande no coração dos súditos, pouco importa o palácio que ele habita, pois é adorado num templo.

E, dizendo essas palavras, Athos deixou o gabinete e encontrou Bragelonne, que o esperava.

— Então, senhor? — perguntou o rapaz.

— Raul, o rei é muito bom para nós; não, talvez, no sentido que imaginas, mas é bom e generoso para a nossa casa.

— Senhor, as notícias são más — tornou Raul, empalidecendo.

— O rei te dirá amanhã cedo que não se trata de más notícias.

— Mas, afinal, o rei não assinou?

— O rei quer fazer pessoalmente o teu contrato, Raul; e quer fazê-lo tão grande, que lhe falta tempo. Censura antes a tua impaciência que a boa disposição de Sua Majestade.

Consternado, pois conhecia a franqueza do conde e ao mesmo tempo a sua habilidade, Raul permaneceu mergulhado em triste assombro.

— Não vais comigo para casa? — perguntou Athos.

— Perdoai-me, senhor, que vos sigo — balbuciou ele. E desceu a escada com o pai.

— Oh! Já que estou aqui — perguntou, de repente, o conde — não poderei ver o Sr. D'Artagnan?

— Quereis que eu vos conduza aos aposentos dele? — ofereceu-se Bragelonne.

— Quero, sim.

— Então é pela outra escada.

E mudaram de caminho; mas chegados ao patamar da grande galeria, Raul avistou um lacaio com a libré do Conde de Guiché, que correu para ele ao ouvir-lhe a voz.

— Que foi? — perguntou Raul.

— Este bilhete, senhor. Sabendo que estáveis de volta, o senhor conde escreveu-vos imediatamente; faz uma hora que vos procuro.

Raul tornou a aproximar-se de Athos para abrir a carta.

— Permitis? — perguntou.

— Naturalmente.

"Caro Raul — dizia o Conde de Guiché — tenho um negócio importante para tratar incontinenti; sei que chegaste; vem depressa."

Mal acabava de ler, quando surgiu da galeria outro lacaio, com a libré de Buckingham, e, reconhecendo-o, aproximou-se dele, respeitoso.

— Da parte de milorde duque — declarou.

— Ah! — exclamou Athos — vejo, Raul, que já estás ocupado como um general de exército; deixo-te, vou procurar sozinho o Sr. d'Artagnan.

— Tende a bondade de escusar-me — pediu Raul.

— Sim, sim, escuso-te; adeus, Raul. Encontrar-me-ás em casa até amanhã; durante o dia, partirei para Blois, se não receber contra-ordem.

— Senhor, amanhã vos apresentarei os meus respeitos. Athos partiu.

Raul abriu a carta de Buckingham.

"Sr. de Bragelonne

— dizia o duque —

"de todos os franceses que conheci, sois vós o que mais me agradou; vou precisar de vossa amizade.

"Chegou-me certa mensagem escrita em bom francês. Sou inglês, e receio não a compreender muito bem. A carta é assinada por um nome ilustre, e é quanto sei. Peço-vos a fineza de vir ver-me, pois informaram-me que chegastes de Blois.

"Vosso dedicado,

"VILLIERS, DUQUE DE BUCKINGHAM."

— Vou procurar teu amo — disse Raul ao lacaio de de Guiché, dispensando. — E daqui a uma hora irei ter com o Sr. de Buckingham — acrescentou fazendo com a mão um sinal ao mensageiro do duque.

Capítulo XIX - Uma série de estocadas inúteis

DIRIGINDO-SE à casa de de Guiché, Raul encontrou-o conversando com de Wardes e Manicamp.

Desde a aventura da barreira, de Wardes tratava-o como se fosse um estranho.

Dir-se-ia que nada se passara entre eles; davam a impressão de não se conhecerem.

Raul entrou, de Guiché aproximou-se.

Enquanto apertava a mão do amigo, dirigiu o conde rápido olhar aos dois rapazes, esperando ler-lhes no rosto o que se lhes agitava no espírito.

De Wardes se mantinha frio e impenetrável.

De Wardes.

Manicamp parecia perdido na contemplação de um adorno, que o absorvia.

De Guiché levou Raul para um gabinete vizinho e fê-lo sentar-se.

— Como estás bem disposto!

— É esquisito — respondeu Raul — pois não me sinto nada satisfeito.

— É como eu, não é, Raul? O amor vai mal.

— No teu caso, tanto melhor, conde; a pior notícia, a que mais poderia entristecer-me, seria uma boa notícia.

— Então, não te aflijas, pois não somente sou muito desgraçado, mas tropeço com gente feliz ao

meu lado.
— Eis o que não compreendo — respondeu Raul; — explica-te, meu amigo, explica-te.
— Vais compreender. Em vão combati o sentimento que viste nascer em mim, crescer em mim, apoderar-se de mim; apelei, ao mesmo tempo, para todos os conselhos e para toda a minha força; refleti muito na desgraça que afrontava; sondei-a: é um abismo, bem sei; mas não importa, seguirei o meu caminho.
— Insensato! Não podes dar mais um passo sem querer hoje a tua ruína, amanhã a tua morte.
— Embora!
— De Guiché!
— Já foi tudo pensado e repensado; escuta.
— Crês que serás bem sucedido, crês que Madame te amará?
— Não creio nada, Raul, espero, que a esperança está no homem e acompanha-o à sepultura.
— Mas admitamos que obtenhas a felicidade que desejas: a tua perdição será ainda mais certa.
— Suplico-te, Raul, não me interrompas: não me convencerias, pois não quero convencer-me; andei tanto que já não posso recuar, sofri tanto que a morte, para mim, seria uma bênção. Não estou apenas delirantemente apaixonado, sinto um ciúme furioso.
Raul bateu as mãos uma na outra com um movimento que parecia de cólera.
— Bem! — disse ele.
— Bem ou mal, pouco importa. Eis o que quero de ti, de meu amigo, de meu irmão. Há três dias que Madame vive em festas, num delírio. No primeiro dia, não tive coragem de fitá-la; odiei-a por não ser tão infeliz quanto eu. No dia seguinte, não pude perdê-la de vista; e de seu lado, pelo menos supus notá-lo, Raul, ela me fitou, se não com alguma piedade, ao menos com certa meiguice. Mas entre os seus olhares e os meus interpôs-se uma sombra; o sorriso de outro homem provoca-lhe o sorriso. Junto do seu cavalo galopa eternamente um cavalo que não é o meu; vibra-lhe aos ouvidos, incessante, uma voz cariciosa que não é a minha. Há três dias, Raul, que a minha cabeça anda em chamas; são chamas que me percorrem as veias. Essa sombra, tenho de espantá-la; esse sorriso, tenho de extingui-lo; essa voz, tenho que abafá-la.
— Queres matar Monsieur? — bradou Raul.
— Não, não. Não tenho ciúme de Monsieur; não tenho ciúme do marido, tenho ciúme do amante.
— Do amante?
— Mas não observaste aqui, tu que no Havre eras tão clarividente?
— Tens ciúme do Sr. de Buckingham?
— Morro de ciúme!
— Outra vez!
— Mas desta feita a coisa será fácil de acertar-se entre nós; já tomei a iniciativa de mandar-lhe um bilhetinho.
— Tu lhe escreveste? Foste tu?
— Como sabes?
— Sei porque ele me contou. Vê.
E estendeu a de Guiché a carta que recebera quase ao mesmo tempo que a dele. Leu-a de Guiché com avidez.
— Isto é de um homem corajoso e, sobretudo, fidalgo — observou o conde.
— De fato, o duque é um gentil-homem; não preciso perguntar-te se lhe escreveste em termos semelhantes.
— Mostrar-te-ei minha carta quando fores procurá-lo de minha parte.

— Mas é quase impossível.
— O quê?
— Que eu vá procurá-lo.
— Como?
— O duque me consulta, e tu também.
— Espero que me dês preferência! Escuta, eis o que desejo que digas a Sua Graça... É simplíssimo... Num destes dias, hoje, amanhã, depois de amanhã, quando lhe convier, quero encontrar-me com ele em Vincennes.
— Reflete.
— Se não me engano, já te declarei que todas as reflexões estavam feitas.
— O duque é estrangeiro; a sua missão torna-o inviolável... E Vincennes é muito perto da Bastilha.
— Isso é comigo.
— Mas a razão do encontro? Que razão lhe darei?
— Sossega, que ele não te pedirá nenhuma... O duque deve estar tão farto de mim quanto eu dele; deve odiar-me tanto quanto eu o odeio. Portanto, rogo-te, vai procurá-lo, e se for preciso suplicar-lhe que aceite a minha proposta, hei de fazê-lo.
— É inútil... O duque mandou-me avisar que queria falar comigo. Está jogando com o rei... Vamos para lá. Chamá-lo-ei de parte na galeria. Ficarás à distância. Duas palavras bastarão.
— Está bem. Levarei de Wardes para que me ajude a reportar-me.
— E por que não Manicamp? De Wardes irá de qualquer jeito, ainda que o deixemos aqui.
— É verdade.
— Ele não sabe de nada?
— Absolutamente nada. Continuais estremecidos?
— Ele não te contou a história?
— Que história?
— Não gosto desse homem e, como jamais gostei, decorre dessa antipatia que estamos tão estremecidos hoje quanto estávamos ontem.
— Então partamos.
Desceram os quatro. O carro de Guiché esperava-o à porta e conduziu-os ao Palais-Royal.
Durante o trajeto, Raul traçou os seus planos.
Único depositário dos dois segredos, não desesperava de concluir um acordo entre as partes.
Conhecia a sua influência sobre Buckingham e a sua ascendência sobre de Guiché: dai que as coisas não lhe parecessem desesperadas.
Chegando à galeria, resplandecente de luz, onde as mulheres mais formosas e mais ilustres da corte se agitavam como astros em sua atmosfera de chamas, Raul não pode menos de esquecer momentaneamente de Guiché para contemplar Luísa, que, no meio das companheiras, semelhante a uma pomba fascinada, devorava com os olhos o círculo real, refulgente de brilhante e de ouro.
Os homens mantinham-se em pé; só el-rei estava sentado.
Raul avistou Buckingham.
Achava-se a dez passos de Monsieur, num grupo de franceses e ingleses, que lhe admiravam o entono da pessoa e a incomparável magnificência dos trajos.
Alguns velhos cortesãos lembravam-se de ter visto o pai, e a lembrança não desmerecia o filho.
Buckingham conversava com Fouquet. Fouquet falava-lhe, em voz alta, de Belle-Isle.
— Não posso interrompê-lo agora — disse Raul.
— Espera e escolhe a ocasião, mas acaba com isso de uma vez. Sinto-me arder.

— Olha, aí vem o nosso salvador — acudiu Raul avistando d'Artagnan, magnífico em seu novo uniforme de capitão dos mosqueteiros, que acabava de entrar na galeria como um conquistador.

E dirigiu-se para o gascão.

— O Conde de La Fère vos procurava, cavaleiro — disse Raul.

— Eu sei — respondeu d'Artagnan — acabo de deixá-lo.

— Imaginei que passásseis juntos parte da noite.

— Já marcamos encontro para depois.

E enquanto respondia a Raul, relanceava o olhar distraído à direita e à esquerda, procurando alguém na multidão ou qualquer coisa na sala.

De súbito, o olhar tornou-se-lhe fixo como o da águia que lobriga a presa.

Raul seguiu-lhe a direção. Viu que de Guiché e d'Artagnan se cumprimentavam. Mas não pôde distinguir a quem se dirigia o olhar tão curioso e tão altivo do capitão.

— Senhor cavaleiro — tornou Raul — somente vos podereis prestar-me um serviço.

— Qual, meu querido visconde?

— Trata-se de interromper o Sr. de Buckingham, a quem preciso dizer duas palavrinhas; e como o Sr. de Buckingham está conversando com o Sr. Fouquet, compreendereis que não sou eu quem pode imiscuir-se na conversa.

— Ah! ah! o Sr. Fouquet está aqui? — perguntou d'Artagnan.

— Não o vedes? Lá.

— É verdade.

— E crês que eu tenha maiores direitos do que tu?

— Sois um homem muito mais importante.

— Ah! é verdade, sou capitão dos mosqueteiros; faz tanto tempo que me prometiam esse cargo e tão pouco tempo que o tenho, que vivo esquecendo a minha dignidade.

— Prestar-me-eis o serviço, não é assim?

— O Sr. Fouquet, diabo!

— Tendes qualquer coisa contra ele?

— Não, ele é que poderia ter alguma coisa contra mim; mas, enfim, é preciso que um dia ou outro...

— Vede, creio que está olhando para vós; ou seria, acaso...?

— Não, não te enganas, é a mim mesmo que ele faz essa honra.

— A ocasião é boa.

— Achas?

— Ide, por favor.

— Já vou.

De Guiché não perdia vista de Raul; Raul fez-lhe sinal que estava tudo arranjado.

D'Artagnan foi direito ao grupo e cumprimentou cortesmente o Sr. Fouquet como os outros.

— Bom dia, Sr. d'Artagnan. Falávamos de Belle-Isle-en-Mer — disse Fouquet com o trato social e a ciência do olhar que exigem meia existência para serem bem aprendidos, e que certas pessoas, a despeito de todos os estudos, não aprendem nunca.

— De Belle-Isle-en-Mer? Ah! ah! — retrucou d'Artagnan. — É propriedade vossa, se não me engano, Sr. Fouquet?

— O Sr. Fouquet acaba de dizer-me que a deu de presente ao rei — sobreveio Buckingham. — Um criado às vossas ordens, Sr. D'Artagnan.

— Conheceis Belle-Isle, cavaleiro? — perguntou Fouquet ao mosqueteiro.

— Lá estive uma vez, senhor — respondeu d'Artagnan, com finura e graça.
— E demorastes muito tempo?
— Um dia, monsenhor.
— Vistes muita coisa?
— O que se pode ver num dia.
— É o bastante para quem tem os vossos olhos.

— C'est beaucoup d'un jour quand on a votre regard, monsieur.

D'Artagnan inclinou-se.
Durante esse tempo, Raul fazia sinais a Buckingham.
— Senhor superintendente — disse Buckingham — deixo-vos o capitão, que entende mais do que eu de bastiões, escarpas e contra-escarpas, e vou ter com um amigo, que me chama. Compreendeis...
Buckingham de fato, alongou-se do grupo e acercou-se de Raul, não sem se deter um instante ao pé da mesa em que jogavam Madame, a rainha-mãe, a rainha e o rei.
— Vamos, Raul — disse de Guiché — ei-lo; firme e rápido! Efetivamente, depois de haver dirigido um cumprimento a Madame, Buckingham continuou a aproximar-se de Raul.
Raul adiantou-se. De Guiché ficou onde estava.
Seguia-os com os olhos.
A manobra fora concertada de modo que os dois rapazes se encontrassem no espaço vazio entre o grupo do jogo e a galeria onde passeavam, parando a espaços para conversar, alguns fidalgos sisudos.

Mas no momento em que iam unir-se as duas linhas, rompeu-as uma terceira.

Era Monsieur que se abeirava do Duque de Buckingham. Monsieur trazia nos lábios cor-de-rosa e empomadados o mais encantador de seus sorrisos.

— Oh! meu Deus! — disse ele com afetuosa polidez — será verdade o que acabam de dizer-me, caro duque?

Buckingham voltou-se: não vira Monsieur; apenas lhe ouvira a voz.

Sem querer, estremeceu. Leve palidez desmaiou-lhe as faces.

— Monsenhor — perguntou — que foi o que disseram a Vossa Alteza e que parece haver-lhe causado tão grande surpresa?

— Uma coisa que me desespera — tornou o príncipe — uma coisa que enlutará toda a corte.

— Ah! é muita bondade de Vossa Alteza — disse Buckingham — pois vejo que se refere à minha partida.

— Precisamente.

— Ai de mim! Monsenhor, estando em Paris há cinco ou seis dias apenas, a minha partida só poderá ser lutuosa para mim.

De Guiché, que tudo ouvira, também estremeceu.

— A sua partida! — murmurou. — Que é que ele está dizendo? Filipe continuou com o mesmo ar gracioso:

— Que o rei da Grã-Bretanha vos chame de volta, senhor, concebe-se; ninguém ignora que Sua Majestade Carlos II, que sabe apreciar fidalgos, não pode passar sem vós. Mas que vos percamos sem tristeza é o que se não pode conceber; recebei, portanto, a expressão da minha.

— Monsenhor — disse o duque — creia Vossa Alteza que se deixo a corte de França...

— É porque vos chamam, compreendo; mas, enfim, se entendeis que os meus desejos podem alguma coisa no ânimo do rei, ofereço-me para suplicar a Sua Majestade Carlos II que vos deixe conosco mais algum tempo.

— Tamanha gentileza me confunde, monsenhor — respondeu Buckingham; — recebi, todavia, ordens precisas. A minha estada em França era limitada; prolonguei-a arriscando-me a desgostar o meu gracioso soberano. Só hoje me recordo de que devera ter partido há quatro dias.

— Oh! — acudiu Monsieur.

— Sim — ajuntou Buckingham, erguendo a voz de modo que pudessem ouvi-lo as princesas — mas eu pareço-me com aquele homem do Oriente que, durante vários dias, andou fora de si por ter tido um lindo sonho e, uma bela manhã, acordou curado, isto é, ajuizado. A corte de França possui encantos que lembram esse sonho, monsenhor, mas a gente acaba despertando e parte. Por conseguinte, não me seria possível prolongar a minha estada como me pede Vossa Alteza.

— E quando partis? — perguntou Filipe com ar solícito.

— Amanhã, monsenhor... Há três dias que tenho pronta a bagagem.

O Duque de Orléans meneou a cabeça como quem diz: Já que é uma resolução tomada, duque, não há mais nada que dizer.

Buckingham ergueu os olhos para as rainhas; o olhar encontrou o de Ana d'Áustria, que significou com um gesto o seu agradecimento e a sua aprovação.

Buckingham retribuiu-lhe o gesto escondendo, sob um sorriso, o confrangimento do coração.

Monsieur afastou-se na direção em que viera.

Ao mesmo tempo, porém, do lado oposto, adiantava-se de Guiché.

Raul teve medo de que o rapaz, impaciente, fizesse pessoalmente a proposta e embargou-lhe o passo.

— Não, não, Raul, tudo é inútil agora — disse de Guiché estendendo as duas mãos ao duque e arrastando-o para trás de uma coluna... — Oh! duque, duque — continuou de Guiché — perdoai-me o que vos escrevi; fui um louco! Devolvei-me a carta!

— É verdade — retorquiu o jovem duque com um sorriso melancólico — já não me podeis querer mal.

— Oh! duque, duque, desculpai-me... Minha amizade, minha amizade eterna...

— Efetivamente, conde, por que me haveríeis de querer mal, se a deixo, se nunca mais tornarei a vê-la?

Raul ouviu essas palavras e, compreendendo que a sua presença era inútil entre os dois mancebos, que só tinham coisas-amigas para dizer, recuou alguns passos.

Esse movimento aproximou-o de de Wardes.

De Wardes referia-se à partida de Buckingham. O seu interlocutor era o Cavaleiro de Lorena.

— Sábia retirada! — dizia de Wardes.

— Por quê?

— Porque poupa uma estocada ao querido duque.

E ambos desataram a rir.

Indignado, voltou-se Raul com sobrecenho, têmporas incendidas, boca desdenhosa.

O Cavaleiro de Lorena deu meia volta e muscou-se; de Wardes esperou-o a pé firme.

— Senhor — disse Raul a de Wardes — não perdereis mesmo o hábito de insultar os ausentes? Ontem, era o Sr. d'Artagnan; hoje, é o Sr. de Buckingham.

— Senhor — tornou de Wardes — sabeis perfeitamente que, às vezes, insulto os presentes também.

De Wardes estava junto de Raul, os ombros de ambos tocavam-se, os rostos se inclinavam um para o outro como se quisessem inflamar-se mutuamente no fogo de seu hálito e de sua cólera.

Percebia-se que um deles atingira o auge do ódio e o outro, as raias da paciência.

De repente ouviram uma voz graciosa e polida, que dizia:

— Parece-me que pronunciaram o meu nome.

Voltaram-se; era d'Artagnan que, de olhos brilhantes e lábios sorridentes, acabava de pousar a mão no ombro de de Wardes.

Raul afastou-se um pouco para dar lugar ao mosqueteiro.

De Wardes sentiu um estremecimento pelo corpo inteiro, empalideceu, mas não arredou pé.

Sempre sorrindo, d’Artagnan ocupou o lugar que Raul lhe deixara.

— Obrigado, meu querido Raul — disse ele. — Sr. de Wardes, preciso conversar convosco. Não te vás, Raul; toda a gente pode ouvir o que preciso dizer ao Sr. de Wardes.

Logo, o sorriso desvaneceu-se e o olhar se tornou frio e agudo como lâmina de aço.

— Estou às vossas ordens — declarou de Wardes.

— Senhor — volveu d'Artagnan — faz muito tempo que eu procurava ocasião para conversar convosco; somente hoje a encontrei. Convenho em que o sítio é impróprio; mas, se quiserdes dardos ao trabalho de ir ao meu quarto, este fica logo ao pé da escada que desemboca na galeria.

— Sigo-vos — aquiesceu de Wardes.

— Estais só? — perguntou d'Artagnan.

— Não, estou com os Srs. Manicamp e de Guiché, dois amigos meus.

— Bem — disse d'Artagnan; — mas duas pessoas é pouco. Encontrareis mais algumas, não é verdade?

— Claro! — respondeu o rapaz, ignorando aonde queria chegar d’Artagnan. — Quantas quiserdes.

— Amigos?
— Sim, senhor.
— Bons amigos?
— Sem dúvida.
— Pois bem, fazei sortimento deles, por favor. E tu, Raul, vem... Traze também o Sr. de Guiché; e traze o Sr. de Buckingham, por obséquio.
— Oh! meu Deus, quanto barulho, senhor! — respondeu de Wardes tentando sorrir.
O capitão fez-lhe, com a mão, um sinalzinho recomendando paciência.
— Eu continuo impassível. Estarei à vossa espera — disse ele.
— Podeis esperar-me.
— Até já!
E guiou para os lados do seu apartamento.

Capítulo XX - Uma série de estocadas inúteis (continuação)

O QUARTO de d'Artagnan não se achava vazio: o Conde de La Fère esperava, sentado no vão de uma janela.

— E então? — perguntou a d'Artagnan, vendo-o voltar.

— Então — respondeu o interpelado — o Sr. de Wardes é servido honrar-me com uma visitinha, em companhia de alguns amigos, dele e nossos.

Com efeito, atrás do mosqueteiro surgiram de Wardes e Manicamp.

Acompanhavam-nos de Guiché e Buckingham, muito espantados, sem saber o que lhes queriam.

Raul vinha a seguir, ao lado de dois ou três fidalgos. Ao entrar, relanceou a vista por todo o aposento. Avistou o conde e foi postar-se junto dele.

D'Artagnan recebia as visitas com a máxima cortesia.

Conservara a fisionomia calma e polida.

Todos os circunstantes eram homens de distinção e ocupavam na corte um posto qualquer.

Em seguida, após haver apresentado a cada qual escusas pelo incômodo que lhe causava, voltou-se para de Wardes, que, a despeito do seu domínio sobre si mesmo, não podia impedir que na fisionomia se estampasse um misto de surpresa e inquietude.

— Senhor — disse ele — agora que estamos fora do palácio do rei e podemos conversar em voz alta sem faltar às conveniências, vou explicar-vos porque tomei a liberdade de pedir que viésseis aqui e convocar, ao mesmo tempo, estes senhores. Fiquei sabendo, por intermédio do Sr. Conde de La Fère, dos rumores injuriosos que espalháveis a meu respeito; declarastes considerar-me vosso inimigo mortal, visto que fui, dissestes, inimigo mortal de vosso pai.

— É verdade, senhor, eu disse isso — tornou de Wardes, cuja palidez se coloriu de uma chama fugaz.

— Por conseguinte, acusais-me de um crime, de uma falta ou de uma covardia. Fazei-me o favor de precisar a acusação.

— Diante de testemunhas?

— Diante de testemunhas, sim, senhor; como vedes, escolhi-as entendidas em questões de honra.

— Não apreciais a minha delicadeza. Acusei-vos, é verdade; mas guardei segredo sobre a acusação. Não pormenorizei, limitei-me a expressar o meu ódio diante de pessoas que tinham quase por obrigação revelar-vo-lo. Não destes o devido apreço à minha discrição, embora estivésseis interessado no meu silêncio. Não vejo nisso a vossa habitual prudência, Sr. D'Artagnan.

D'Artagnan mordeu a ponta do bigode.

— Senhor — tornou ele — já tive a honra de pedir-vos que articulásseis as vossas razões de queixa contra mim.

— Em voz alta?

— Homessa!

— Vou falar.

— Falai, senhor — disse d'Artagnan, inclinando-se — todos queremos ouvir-vos.

— Pois bem, trata-se, não de um agravo feito a mim, mas de um agravo feito a meu pai.

— Já o dissestes.

— Sim, mas há questões que só se tocam com certa hesitação.

— Se for verdadeira a hesitação, rogo-vos que a domineis.

— Mesmo em se tratando de um ato vergonhoso?
— Em qualquer caso.
As testemunhas da cena principiaram a entreolhar-se com certa inquietação.
Tranqüilizaram-se, porém, vendo que o rosto de d'Artagnan não exprimia comoção alguma.
De Wardes continuava em silêncio.
— Falai, senhor — insistiu o mosqueteiro. — Vedes perfeitamente que nos fazeis esperar.
— Pois bem, escutai. Meu pai amava uma mulher, uma mulher nobre; essa mulher amava meu pai.
D'Artagnan trocou um olhar com Athos. De Wardes continuou.
— O Sr. D'Artagnan interceptou cartas que marcavam um encontro, disfarçou-se, pôs-se no lugar da pessoa esperada e abusou da escuridão.
— É verdade — confessou d'Artagnan.
Leve murmúrio se ouviu entre os assistentes.
— De fato, cometi essa feia ação. Mas devíeis ter acrescentado, senhor, já que sois tão imparcial, que ao passar-se o fato que me censurais, eu não completara ainda vinte e um anos.
— Nem por isso é o ato menos vergonhoso — ajuntou de Wardes — e basta a um gentil-homem a idade da razão para impedido de cometer uma indelicadeza.
Novo murmúrio se ouviu, porém de espanto e quase de dúvida.
— Foi, com efeito, uma fraude vergonhosa — aquiesceu d'Artagnan — e não esperei que o Sr. de Wardes ma censurasse para que eu mesmo o fizesse, e bem amargamente. A idade me tornou mais sensato, mais probo, sobretudo, e eu expiei essa falta com longos remorsos. Mas apelo para vós, senhores; isso se passava em 1626, num tempo que, felizmente para vós, só conheceis por tradição, num tempo em que o amor não era escrupuloso e as consciências não destilavam, como hoje, veneno e mirra. Éramos jovens soldados, sempre combatendo, sempre combatidos, sempre com a espada fora da bainha, ou quase; sempre entre duas mortes; a guerra nos tornava duros e o cardeal, apressados. Enfim, arrependi-me, e o que é mais, ainda me arrependo, Sr. de Wardes.
— E bem o compreendo, senhor, pois a falta exigia o arrependimento; mas nem por isso deixastes de causar a perdição de uma mulher, visto que a pessoa de que falais, velada pela vergonha, curvada ao peso da afronta, fugiu, saiu de França, e nunca mais se soube o que foi feito dela...
— Oh! — atalhou o Conde de La Fère estendendo o braço para de Wardes com um sorriso sinistro — soube-se, sim, senhor, e aqui há algumas pessoas que, sabendo-o, poderão reconhecê-la pelo retrato que vou traçar-lhe. Era uma mulher de vinte e cinco anos, fina, pálida e loira, que se casara na Inglaterra.
— Era casada? — acudiu de Wardes.
— Ah! não sabíeis que era casada? Estamos, como vedes, mais bem informados do que vós, Sr. de Wardes. Sabíeis que habitualmente lhe chamavam *Milady,* sem ajuntar qualquer outro nome a esse apelativo?
— Sabia, sim, senhor.
— Meu Deus! — murmurou Buckingham.
— Pois bem, essa mulher, que vinha de Inglaterra, voltou à Inglaterra, depois de haver tramado por três vezes a morte do Sr. d'Artagnan. Era de justiça, não era? Estou em que o fosse, visto que o Sr. d'Artagnan a insultara. Mas o que não é de justiça é que, na Inglaterra, pelas suas seduções, essa mulher conquistasse um rapaz que estava a serviço de Lorde de Winter, chamado Felton. Empalideceis, Milorde de Buckingham? os vossos olhos se acendem, ao mesmo tempo, de cólera e de dor? Concluí então a narrativa, milorde, e dizei ao Sr. de Wardes quem era a mulher que pôs a faca na mão do assassino de vosso pai.

Um grito fugiu de todas as bocas. O jovem duque passou um lenço pela fronte marejada de suor.

Profundo silêncio desceu sobre os circunstantes.

— Vedes, Sr. de Wardes — disse d'Artagnan, tanto mais impressionado pela narrativa quanto as suas próprias lembranças se reavivavam ao som das palavras de Athos — vedes que o meu crime não foi a causa de perder-se uma alma, e que essa alma já estava inteiramente perdida antes dos meus remorsos. Trata-se, pois, de um ato de consciência. Ora, dito isto, resta-me, Sr. de Wardes, pedir-vos humildemente perdão do ato vergonhoso, como eu teria pedido, sem dúvida, ao senhor vosso pai, se ele ainda vivesse, e se eu o tivesse encontrado quando voltei à França após a morte de Carlos I.

— Mas isso é demais, Sr. d'Artagnan — gritaram várias vozes.

— Não, senhores — respondeu o capitão. — Agora, Sr. de Wardes, espero que tudo esteja acabado entre nós e que nunca mais vos suceda falar mal de mim. Está liquidado o assunto, não está?

De Wardes inclinou-se, balbuciando.

— Espero também — continuou d'Artagnan voltando a aproximar-se do rapaz — que não tornareis a falar mal de ninguém, como tendes o triste costume de fazer; pois um homem tão consciencioso, tão perfeito quanto vós, que censurais a um velho soldado um pecadilho de mocidade, trinta anos depois; vós, dizia eu, que arvorais tamanha pureza de consciência, assumis o tácito compromisso de não fazer o que quer que seja contra a consciência e a honra. Ora, ouvi bem o que ainda quero dizer-vos, Sr. de Wardes. Guardai-vos de que uma história em que figure o vosso nome chegue aos meus ouvidos.

— Senhor — disse de Wardes — é inútil ameaçar à toa.

— Ainda não terminei, Sr. de Wardes — volveu d'Artagnan — e estais condenado a ouvir-me um pouco mais.

Reaproximou-se, curioso, o círculo.

— Faláveis há pouco da honra de uma mulher e da honra de vosso pai; alegrastes-nos falando assim, pois é deleitoso pensar que esse sentimento de delicadeza e probidade, que, segundo parece, não existia em nossa alma, existe na alma de nossos filhos, e é belo de ver-se um rapaz, na idade em que nos tornamos, de hábito, ladrões da honra das mulheres, é belo de ver-se um rapaz que a respeite e defenda.

De Wardes apertava os lábios e os punhos, evidentemente ansioso por saber como terminaria aquele discurso cujo exórdio se anunciava tão mal.

— Como se explica, então, Sr. de Wardes — continuou d'Artagnan — que tenhais tomado a liberdade de dizer ao Sr. Visconde de Bragelonne que ele não conhecia sua mãe?

Fuzilaram os olhos de Raul.

— Oh! — bradou o rapaz, precipitando-se — senhor cavaleiro, senhor cavaleiro, este assunto é meu, só meu!

De Wardes sorriu maldosamente. D'Artagnan afastou Raul com o braço.

— Não me interrompas.

E, dominando de Wardes com o olhar:

— Trato aqui uma questão que não se decide pela espada — prosseguiu. — Trato-a diante de homens de honra, que já se bateram mais de uma vez. Escolhi-os acinte. Ora, sabem estes senhores que todo segredo que provoca um duelo deixa de ser segredo. Reitero, portanto, a minha pergunta ao Sr. de Wardes: a propósito de que ofendestes este moço, ofendendo-lhe, ao mesmo tempo, o pai e a mãe?

— Parece-me — retrucou de Wardes — que as palavras são livres quando a gente se oferece para sustentá-las por todos os meios à disposição de um homem de brio.

— Ah! senhor, quais são os meios, dizei-me, com que um homem de brio pode sustentar uma infâmia?

— A espada.

— Afirmando uma coisa dessas demonstrais falta não só de lógica, mas de religião e de honra; arriscais a vida de vários homens, sem falarmos na vossa, que me parece bem exposta. Ora, toda moda passa, senhor, e a moda dos encontros singulares já passou, sem contarmos os éditos de Sua Majestade que proíbem o duelo. Portanto, para serdes conseqüente com as vossas idéias de cavalaria, apresentareis as vossas escusas ao Sr. Raul de Bragelonne; dir-lhe-eis que lamentais haver proferido uma leviandade; que a nobreza e a pureza de sua raça estão escritas não somente em seu coração mas também em todos os atos de sua vida. Fareis isso, Sr. de Wardes, como eu o fiz ainda há pouco, eu, velho capitão, diante do vosso bigode de pirralho.

— E se o não fizer? — perguntou de Wardes.

— Acontecerá...

— O que imaginais impedir — emendou de Wardes casquinando uma risada — acontecerá que a vossa lógica de conciliação redundará numa violação dos éditos reais.

— Não, senhor — disse tranqüilamente o capitão — estais muito enganado.

— Que acontecerá então?

— Acontecerá que irei à presença do rei, com quem estou muito bem; o rei, a quem tive a ventura de prestar alguns serviços que datam de um tempo em que ainda não éreis nascido; o rei, enfim, que, a pedido meu, acaba de mandar-me uma ordem em branco para o Sr. Baisemeaux de Montlezun, governador da Bastilha; e eu lhe direi:

"Sire, um homem insultou covardemente o Sr. de Bragelonne na pessoa de sua mãe. Escrevi o nome desse homem na carta régia que Vossa Majestade foi servido dar-me, de sorte que o Sr. de Wardes está na Bastilha por três anos".

E, tirando do bolso a ordem assinada pelo rei, estendeu-a a de Wardes.

Mas, percebendo que o rapaz não estava inteiramente convencido, e tomava a advertência por uma ameaça vã, encolheu os ombros e dirigiu-se friamente a uma mesa sobre a qual se via um tinteiro e uma pena, cujo cumprimento teria apavorado o topógrafo Porthos.

Compreendeu de Wardes que a ameaça não poderia ser mais séria; a Bastilha, naquele tempo, já era uma coisa apavorante. Deu um passo na direção de Raul e, com voz quase ininteligível:

— Senhor — disse ele — apresento-vos as escusas que ainda há pouco me ditou o Sr. d'Artagnan, e que me vejo forçado a apresentar-vos.

— Um instante, um instante, senhor — acudiu o mosqueteiro com o maior sossego; — houve um engano de vossa parte no que toca aos termos. Eu não disse: "E que me vejo forçado a apresentar-vos". Eu disse: "E que a minha consciência me leva a apresentar-vos". Crede que a segunda fórmula é bem melhor do que a primeira; e tanto melhor quanto é uma expressão mais verdadeira de vossos sentimentos.

— Aquiesço — disse de Wardes; — mas, em verdade, senhores, confessai que uma espadeirada pelo corpo adentro, como as que outrora se distribuíam, era preferível a esta tirania.

— Não, senhor — respondeu Buckingham — pois a espadeirada não significa, se a receberdes, que estais ou não com a razão; significa apenas que sois mais ou menos destro.

— Senhor! — bradou de Wardes.

— Ah! Ides proferir alguma asneira — atalhou d'Artagnan cortando a palavra de de Wardes — e eu vos presto serviço interrompendo-vos.

— E isso é tudo? — perguntou de Wardes.

— É tudo — respondeu d'Artagnan; — assim estes senhores como eu estamos satisfeitos convosco.
— Crede, senhor — tornou de Wardes — não são felizes as vossas reconciliações!
— Por quê?
— Porque sou capaz de apostar que o Sr. de Bragelonne e eu vamos separar-nos mais inimigos do que nunca.
— Estais enganado em quanto a mim — acudiu Raul; — não conservo contra vós um átomo sequer de fel no coração.
Esse último golpe esmagou de Wardes. Atirou os olhos à volta de si como um homem desvairado.
D'Artagnan cumprimentou graciosamente os fidalgos que haviam presenciado a explicação e cada qual se retirou apertando-lhe a mão.
Ninguém estendeu a mão a de Wardes.
— Oh! — exclamou o rapaz, entregando-se à raiva que lhe consumia o coração; — não encontrarei ninguém para vingar-me!
— Eu estava aqui — disse-lhe ao ouvido uma voz carregada de ameaças.
De Wardes voltou-se e deu com o Duque de Buckingham, que, tendo ficado sem dúvida com essa intenção, avizinhara-se dele.
— Vós, senhor! — bradou de Wardes.
— Eu, sim. Não sou vassalo do rei de França; não fico em território dele, visto que parto para a Inglaterra. Também armazenei muito desespero e muita raiva. Por isso, *como* vós, preciso vingar-me.
Concordo inteiramente com os princípios do Sr. D'Artagnan, mas não me sinto obrigado a aplicá-los em relação a vós. Sou inglês e venho propor-vos, por meu turno, o que debalde propusestes aos outros.
— Senhor duque!
— Vamos, Sr. de Wardes, já que estais tão zangado aceitai-me por estafermo. Estarei em Calais daqui a trinta e quatro horas. Vinde comigo, que, juntos, a viagem nos parecerá menos longa.
Arrancaremos da espada lá embaixo, na areia coberta pela maré, que, durante seis horas por dia, é território de França, mas nas seis horas seguintes é território de Deus.
— Está bem — replicou de Wardes; — aceito.
— Por Deus! — volveu o duque — se me matardes, meu caro Sr. de Wardes, garanto que me prestareis assinalado serviço.
— Farei o que puder para ser-vos agradável, duque — prometeu de Wardes.
— Então, está combinado, ireis comigo.
— Estarei às vossas ordens. Eu precisava, para acalmar-me, de um bom perigo, de um risco mortal.
— Pois creio que encontrastes o que buscáveis.
Um criado ao vosso dispor, Sr. de Wardes; amanhã cedo o meu lacaio vos dirá a hora exata da partida; viajaremos juntos como bons amigos. De ordinário viajo depressa. Adeus!
Buckingham cortejou de Wardes e voltou ao salão.
Exasperado, de Wardes saiu do Palais-Royal e tomou rapidamente o caminho da casa em que morava.

Capítulo XXI - Baisemeaux de Montlezun

APÓS a lição um tanto dura ministrada a de Wardes, Athos e d'Artagnan desceram juntos a escada que conduzia ao pátio do Palais-Royal.

— Como vês — dizia Athos a d'Artagnan — Raul não poderá fugir, mais cedo ou mais tarde, a esse duelo com de Wardes; e de Wardes é tão corajoso quanto mau.

— Conheço esses patifes — replicou d'Artagnan; — tratei com o pai. Naquele tempo eu tinha bons músculos e uma selvagem afoiteza; pois declaro-te que o pai me deu que fazer. E era preciso ver como eu floreteava. Ah! meu amigo, já não se dão botes assim hoje em dia; minha mão não parava um instante, era uma mão de azougue, como sabes, Athos, pois tu me viste em ação. Minha espada já não era um simples pedaço de aço, era uma cobra que assumia todas as formas e todos os tamanhos para poder colocar convenientemente a cabeça, isto é, a picada; eu tinha seis pés, depois três, apertava o inimigo em corpo a corpo, em seguida me atirava a dez passos de distância. Não havia força humana capaz de resistir a esse ardor feroz. Pois bem, de Wardes pai, com a sua bravura de raça, a sua bravura intratável, tomou-me muito tempo, e lembro-me de que, no fim do combate, senti os dedos cansados.

— Por isso mesmo, como eu te dizia — volveu Athos — o filho não deixará de procurar Raul e acabará por encontrá-lo, pois Raul se encontra facilmente quando procurado.

— De acordo, meu amigo, mas Raul calcula bem; não tem raiva de de Wardes, como ele mesmo afirmou: esperará ser provocado e se verá, dessa maneira, em boa posição. O rei não poderá zangar-se; aliás, encontraremos jeito de acalmá-lo.

Mas por que esses temores, essas inquietações num homem como tu, que dificilmente se assusta?

— Por isto: tudo me preocupa. Raul irá saber amanhã do rei a sua decisão sobre certo casamento. Apaixonado como está, Raul ficará exasperado, e, se se encontrar com de Wardes nesse estado de espírito, a bomba explodirá.

— Impediremos a explosão, querido amigo.

— Eu não, pois quero voltar a Blois. Essa elegância empomadada da corte, essas intrigas, tudo me enjoa. Não. sou criança para pactuar com as mesquinharias de hoje. Li no grande livro de Deus muitas coisas tão belas e amplas que não podem interessar-me as palavrinhas cochichadas por esses homens entre si quando querem iludir o próximo. Numa palavra, aborreço-me em Paris onde quer que não esteja contigo, e como não posso estar sempre ao teu lado, quero voltar a Blois.

— Oh! como te enganas, Athos! como mentes à tua origem e ao destino de tua alma! Os homens de tua têmpera foram feitos para chegar ao derradeiro dia de vida na plenitude de suas faculdades. Vê a minha velha espada da Rochela, a minha lâmina espanhola; serviu-me, perfeita, trinta anos; num dia de inverno, caiu sobre o mármore do Louvre e quebrou-se, meu caro. Dela me fizeram um facão de mato que durará cem anos ainda. Tu, Athos, com a tua lealdade, a tua franqueza, a tua coragem fria e a tua sólida instrução, és o homem indicado para aconselhar e dirigir os reis. Fica aqui: o Sr. Fouquet durará menos que a minha lâmina espanhola.

— Pronto — retrucou Athos, sorrindo — aí está d'Artagnan que, depois de me haver elevado às nuvens, fazendo de mim uma espécie de deus, atira-me ao cimo do Olimpo e achata-me sobre a terra. As minhas ambições são muito maiores, amigo. Ser ministro, ser escravo, muito obrigado! Não sou, acaso, maior do que isso? Não sou nada. Lembra-me ouvir-te chamar-me, algumas vezes, o grande Athos. Ora, se eu fosse ministro, duvido muito que repetisses o epíteto. Não, não, eu não me entrego

assim.
— Então não falemos mais nisso; renuncia a tudo, até à fraternidade!
— Oh! querido amigo, é quase duro o que acabas de dizer-me! D'Artagnan apertou com ardor a mão de Athos.
— Não, não, renuncia sem medo. Raul pode passar sem ti, eu fico em Paris.
— Pois então voltarei a Blois. Esta noite me dirás adeus; amanhã, bem cedinho, montarei a cavalo.
— Não podes voltar sozinho à tua casa; por que não trouxeste Grimaud?
— Meu caro, Grimaud está dormindo; deita-se com as galinhas. O meu pobre velho cansa-se facilmente. Veio comigo de Blois e eu o obriguei a ficar em casa; pois se lhe fosse preciso, para retomar fôlego, desandar as quarenta léguas que nos separam de Blois, morreria sem se queixar. Mas quero muito ao meu Grimaud.
— Dar-te-ei um mosqueteiro para carregar o archote. Olá! venha alguém.
E d'Artagnan se inclinou sobre o corrimão dourado.
Surgiram sete ou oito cabeças de mosqueteiros.
— Um voluntário para escoltar o Sr. Conde de La Fère — gritou d'Artagnan.
— Obrigado pelo vosso zelo, senhores — disse Athos. — Mas não quero incomodar-vos.
— Eu o escoltaria com muito prazer — disse alguém — se não precisasse falar com o Sr. D'Artagnan.
— Quem está aí? — perguntou d'Artagnan perscrutando a sombra.
— Eu, meu caro Sr. D'Artagnan.
— Macacos me mordam se não é a voz de Baisemeaux!
— Exatamente, senhor.
— Eh! Meu caro Baisemeaux, que fazeis aí no pátio?
— Espero as vossas ordens, meu caro Sr. d'Artagnan.
— Ah! desgraçado de mim! — murmurou d'Artagnan; — é verdade, fostes avisado de uma detenção; mas por que viestes pessoalmente em vez de enviar um escudeiro?
— Porque precisava falar convosco.
— E não mandastes avisar-me?
— Eu estava esperando — retorquiu, tímido, o Sr. Baisemeaux.
— Deixo-te. Adeus, d'Artagnan — disse Athos ao amigo.
— Quero primeiro apresentar-te o Sr. Baisemeaux de Montlezun, governador da Bastilha.
Baisemeaux inclinou-se e Athos fez o mesmo.
— Mas devíeis conhecer-vos — ajuntou d'Artagnan.
— Tenho uma vaga lembrança deste senhor — confessou Athos.
— Sabes quem é, caro amigo: Baisemeaux, aquele guarda do rei, nosso companheiro de pândegas no tempo do cardeal.
— Perfeitamente — disse Athos, despedindo-se com afabilidade.
— O Sr. Conde de La Fère, cujo nome de guerra era Athos — murmurou d'Artagnan ao ouvido de Baisemeaux.
— Sim, sim, um gentil-homem, um dos quatro famosos — tornou Baisemeaux.
— Precisamente. Mas, então, meu caro Baisemeaux, conversamos?
— Como não!
— Primeiro, quanto às ordens, está acabado, não há mais ordens. El-rei desistiu de prender a pessoa.
— Ah! tanto pior — disse Baisemeaux com um suspiro.

— Tanto pior, como? — exclamou d'Artagnan, desatando a rir.
— Claro — volveu o governador da Bastilha — os meus presos são as minhas rendas.
— É verdade! Eu não via as coisas por esse prisma.
— Então, não há mais ordens?
E Baisemeaux tornou a suspirar.
— Vós — disse ele — é que tendes uma bela posição: capitão-tenente dos mosqueteiros!
— Muito boa, de fato. Mas não vejo por que ma' invejaríeis: governador da Bastilha, o primeiro castelo da França!
— Eu sei — concordou tristemente Baisemeaux.
— Dizei-lo como um penitente, com seiscentos diabos! Quereis trocar as minhas rendas pelas vossas?
— Não falemos em rendas — tornou Baisemeaux. — se não quiserdes cortar-me o coração.
— Olhais para a direita e para a esquerda como se tivésseis medo de ser preso, vós que guardais os que se prendem!
— Estou vendo se nos vêem ou se nos ouvem, e creio que seria mais seguro conversarmos num sítio apartado, por favor!
— Baisemeaux! Baisemeaux! esquecestes, então, que nos conhecemos há trinta e cinco anos? Deixai esses ares contritos. Ficai à vontade. Não como crus os governadores da Bastilha.
— Prouvera a Deus!
— Vejamos, vinde para o pátio, iremos de braço dado; o luar está lindo e, ao longo dos carvalhos, debaixo das árvores, contar-me-eis a vossa lúgubre história. Vinde.
Arrastou para o pátio o dolente governador, travou-lhe do braço, como prometera e, com a sua intempestiva bonomia:
— Vamos, espada em riste! — disse ele — desembuchai, Baisemeaux: que quereis dizer-me?
— É uma história comprida.
— Preferis lastimar-vos? Creio que seria mais comprido ainda. Garanto que vos rendem cinqüenta mil libras as vossas pombinhas da Bastilha.
— E ainda que rendessem, meu caro Sr. d'Artagnan?
— Surpreendeis-me, Baisemeaux; mirai-vos num espelho, meu caro. Assumis uns ares contritos, mas a verdade é que estais nédio, florido, gordo e rotundo como um queijo; tendes uns olhos que parecem carvões acesos e, não fora essa ruga feia que vos estraga a testa, ninguém vos daria cinqüenta anos. Ora, completastes sessenta, não é verdade?
— Tudo isso é verdade...
— Homessa! sei muito bem que é verdade, tão verdade quanto as cinqüenta mil libras de rendas.
O pequeno Baisemeaux bateu com o pé no chão.
— Esperai! — disse d'Artagnan — farei as contas; éreis capitão dos guardas do Sr. de Mazarino: doze mil libras por ano; recebeste-las durante doze anos, ou sejam, cento e quarenta mil.
— Doze mil libras! Estais louco? — atalhou Baisemeaux. — O velho sovina nunca me deu mais do que seis mil, e as despesas do cargo subiam a seis mil e quinhentas. O Sr. Colbert, que me havia cortado as seis mil libras restantes, dignava-se de dar-me cinqüenta pistolas a título de bonificação, de sorte que, sem a minha propriedadezinha de Montlezun, que rende doze mil libras, eu não poderia ter saldado sequer os meus compromissos.
— Está bem, calculei mal, passemos às cinqüenta mil libras da Bastilha. Lá, imagino eu, tendes casa e comida de graça, além de seis mil libras de ordenado.
— Seja.

— Um ano pelo outro, cinqüenta prisioneiros, que, em média, vos rendem mil libras cada um.
— Não digo que não.
— Aí estão cinqüenta mil libras por ano; ocupais o cargo há três anos, do que se infere que possuis cento e cinqüenta mil libras.
— Esquece-vos um pormenor, meu querido Sr. D'Artagnan.
— Qual?
— Recebestes o cargo de capitão das mãos do rei.
— Eu sei.
— Eu recebi o de governador dos Srs. Tremblay e Louvière.
— De fato, e Tremblay não era homem para entregar-vo-lo de mão beijada.
— Nem Louvière. Daí resulta que dei setenta e cinco mil libras a Tremblay pela sua parte.
— Que beleza!... E a Louvière?
— Outro tanto.
— À vista?
— Seria impossível. O rei não quis, ou melhor, o Sr. de Mazarino não quis dar a impressão de que destituía os dois finórios, saídos da barricada; permitiu, portanto que impusessem, para exonerar-se, condições leoninas.
— Que condições?
— Tremei!... as rendas de três anos a título de luvas.
— Diabo! de modo que as cento e cinqüenta mil libras passaram para as mãos deles?
— Justo.
— E, além disso?
— Uma soma de quinze mil escudos ou cinqüenta mil pistolas, como quiserdes, em três pagamentos.
— É exorbitante.
— E não é tudo.
— Não pode ser!
— Se eu deixar de cumprir uma das condições, tornarão a ocupar o cargo. Obrigaram o rei a consentir nisso.
— É enorme! é inacreditável!
— Aí é que está.
— Lastimo-vos, meu pobre Baisemeaux. Mas então, caro amigo, por que diabo vos concedeu o Sr. de Mazarino esse pretenso favor? Seria mais simples recusá-lo.
— Oh! sim! mas forçou-o a isso o meu protetor.
— Vosso protetor! Quem?
— Homessa! um de vossos amigos, o Sr. d'Herblay.
— O Sr. d'Herblay? Aramis?
— Aramis, precisamente; ele foi boníssimo comigo.
— Boníssimo! Fazendo-vos passar debaixo dessas forças?
— Ouvi! eu queria deixar o serviço do cardeal. O Sr. d'Herblay falou por mim a Louvière e a Tremblay; ambos resistiram; eu ambicionava o lugar, pois sei o que pode render; abri-me com o Sr. d'Herblay sobre as minhas dificuldades; ele ofereceu-se para responder por mim a cada pagamento.
— Aramis? Mas isso me estupefica! Aramis respondeu por vós?
— Cavalheirescamente. Obteve a assinatura; Tremblay e Louvière demitiram-se; tenho pago vinte e cinco mil libras de rendas por ano a cada um desses senhores; e todo ano, em maio, o Sr. d'Herblay

tem ido pessoalmente à Bastilha levar-me duas mil e quinhentas pistolas para distribuir aos meus crocodilos.

— Então, deveis cento e cinqüenta mil libras a Aramis?

— Aí é que está o meu desespero: só lhe devo cem mil!

— Não vos compreendo.

— Mas é claríssimo! Ele só apareceu nos dois primeiros anos. Estamos no dia 31 de maio, ainda não deu o ar de sua graça, e o vencimento é amanhã, ao meio-dia. E amanhã, se eu não tiver pago, os tais senhores, segundo os termos do contrato, voltarão aos seus cargos; ficarei despojado e terei trabalhado três anos e dado duzentas e cinqüenta mil libras à toa, meu caro Sr. d'Artagnan, absolutamente à toa.

— Que coisa esquisita! — murmurou d'Artagnan.

— Concebeis agora que eu tenha uma ruga na testa?

— Oh! Sim.

— Concebeis que, a despeito desta redondez de queijo e deste frescor de maçã, apesar dos olhos brilhantes como carvões acesos, eu receei não encontrar um queijo nem uma maçã para comer e ter olhos apenas para chorar?

— É desolador.

— Vim, portanto, procurar-vos, Sr. D'Artagnan, porque só vós podereis salvar-me.

— Como assim?

— Conheceis o Padre d'Herblay?

— Que pergunta!

— Conhecei-lo misterioso?

— Muito.

— Podeis dar-me o endereço do seu presbitério? Procurei-o em Noisy-le-Sec e não o encontrei.

— Perfeitamente! Ele é bispo de Vannes.

— Vannes, na Bretanha?

— Sim.

O homenzinho pôs-se a arrepelar os cabelos.

— Ai de mim! — gemeu — como chegar a Vannes até ao meio-dia de amanhã?... Sou um homem perdido. Vannes! Vannes! — gritava Baisemeaux.

— O vosso desespero me faz mal. Considerai que um bispo não está sempre na sua diocese; Monsenhor d'Herblay pode não estar tão longe quanto o receais.

— Oh! dizei-me o endereço.

— Eu não sei, meu amigo.

— Decididamente, estou perdido! Vou-me atirar aos pés do rei.

— Mas, Baisemeaux, vós me surpreendeis! Se a Bastilha pode produzir cinqüenta mil libras, por que não a arrochastes para arrancar-lhe cem mil?

— Porque sou um homem honesto, caro Sr. d'Artagnan, e os meus prisioneiros são alimentados como potentados.

— Isso! assim se resolve o vosso caso: tomai uma boa indigestão com os banquetes fornecidos aos presos e estourai até amanhã ao meio-dia.

— Cruel! Ele ainda tem coragem de rir.

— Não, vós me afligis... Vejamos, Baisemeaux, tendes palavra de honra?

— Oh! capitão!

— Pois bem, dai-me a vossa palavra que não repetireis a quem quer que seja o que vou dizer-vos.

— Nunca! nunca!
— Quereis encontrar Aramis?
— Custe o que custar!
— Pois bem, procurai o Sr. Fouquet.
— Que relação...?
— Como sois tapado!... Onde fica Vannes?
— Diabo!...
— Vannes fica na diocese de Belle-Isle, ou Belle-Isle fica na diocese de Vannes. Belle-Isle pertence ao Sr. Fouquet: foi por obra graça do Sr. Fouquet que o Sr. d'Herblay é hoje bispo de Vannes.
— Abris-me os olhos e devolveis-me a vida.
— Tanto melhor. Ide, pois, dizer simplesmente ao Sr. Fouquet que desejais falar com o Sr. d'Herblay.
— É verdade! é verdade! — bradou, transportado, Baisemeaux.
— E — atalhou d'Artagnan detendo-o com um olhar severo — e a palavra de honra?
— Oh! sagrada! — replicou o homenzinho preparando-se para sair correndo.
— Aondes ides?
— À casa do Sr. Fouquet.
— Não, o Sr. Fouquet está jogando com o rei. Ide amanhã cedinho à casa dele, é o mais que podeis fazer.
— Irei; obrigado!
— Felicidades!
— Obrigado!
— Aí está uma história engraçada — murmurou d’Artagnan, que, depois de haver deixado Baisemeaux, tornou a subir lentamente a escada.
— Que diabo de interesse poderá ter Aramis em obrigar assim Baisemeaux? Hein!... haveremos de sabê-lo um dia destes.

Capítulo XXII - O jogo do rei

FOUQUET assistia, como dissera d'Artagnan, ao jogo do rei. Dir-se-ia que a partida de Buckingham houvesse despejado um bálsamo em todos os corações ulcerados da véspera.

Radiante, Monsieur fazia mil sinaizinhos afetuosos a sua mãe.

O Conde de Guiché não podia separar-se de Buckingham e, enquanto jogava, discutia com ele as eventualidades da viagem.

Sonhador e afetuoso como um gentil-homem que houvesse tomado a sua resolução, Buckingham ouvia o conde e dirigia, de tempos a tempos, a Madame um olhar de mágoa e pungente ternura.

No auge do embevecimento, repartia ainda a princesa os seus pensamentos entre o rei, que jogava com ela; Monsieur, que lhe censurava ternamente os ganhos consideráveis; e de Guiché, que demonstrava extravagante alegria.

Quanto a Buckingham, pouco se ocupava dele; para ela, o fugitivo, o exilado, era uma lembrança, já não era um homem.

Assim são feitos os corações levianos; inteiramente votados ao presente, rompem violentamente com tudo o que possa perturbar-lhes os calculozinhos de bem-estar egoísta.

Madame teria apreciado os sorrisos, as gentilezas, os suspiros de Buckingham presente; mas de longe, suspirar, sorrir, ajoelhar-se, para quê?

O vento dos estreitos, que ergue os navios pesados, para onde varre os suspiros? Quem sabe?

O duque percebeu a mudança, que lhe feriu mortalmente o coração.

Natureza delicada, altiva e capaz de profundo afeto, maldisse o dia em que o amor se lhe entranhara no coração.

Os olhares que dirigia a Madame enfriaram-se a pouco e pouco ao sopro gelado do seu pensamento. Ainda não poderia desprezá-la, mas teve forças para impor silêncio aos gritos tumultuosos de sua alma.

À proporção que Madame dava tento da mudança, redobrava a atividade para recuperar o esplendor que lhe fugia; a princípio indeciso, desabotou-se-lhe o espírito em cintilantes fulgurações; era preciso a todo o transe que ela fosse notada acima de tudo, acima do próprio rei.

E foi. As rainhas, sem embargo da dignidade; o rei, não obstante os respeitos da etiqueta, eclipsaram-se.

Tesas e empertigadas, as rainhas desde logo se humanizaram e riram. A Sra. Henriqueta, a rainha-mãe, sentiu-se deslumbrada pelo brilho que revertia à sua raça, graças ao espírito da neta de Henrique IV.

O rei, tão zeloso como homem, tão zeloso como rei de todas as superioridades que o cercavam, não pôde deixar de abater as armas diante daquela petulância francesa, cuja energia realçava o humor inglês. Sentiu-se cativo, como criança, da radiosa beleza que suscitava o espírito.

Os olhos de Madame despediam chispas. A alegria escapava-se-lhe dos lábios purpurinos como a persuasão dos lábios do velho grego Nestor.

À volta das rainhas e do rei, toda a corte, sujeita aos seus amavios, notava, pela primeira vez, que se podia rir diante do maior rei do mundo, como pessoas dignas de se chamarem as mais polidas e engenhosas do mundo.

Obteve Madame, a partir dessa noite, um triunfo capaz de aturdir quem não tivesse nascido nas sublimadas regiões que cercam o trono e que estão ao abrigo de semelhantes vertigens, sem

impedimento da altitude.

A partir desse momento, Luís XIV passou a considerar Madame como um personagem.

Buckingham, como uma sécia, digna dos suplícios mais cruéis.

De Guiché, como uma divindade.

Os cortesãos, como um astro cuja luz devia converter-se no foco de todas as mercês, de todos os poderes.

Alguns anos antes, porém, nem sequer se dignara Luís XIV de dar a mão àquele *feiume* para um bailado.

Entretanto, Buckingham adorara, de joelhos, a sécia.

Entretanto, de Guiché considerara a divindade como simples mulher.

Entretanto, os cortesãos não tinham ousado aplaudir a passagem do astro com receio de desgostar o rei, a quem o astro desgostara outrora.

Eis o que se passava, naquele sarau memorável, no jogo do rei.

Embora espanhola e sobrinha de Ana d'Áustria, a rainha amava o rei e não sabia dissimular.

Observadora como toda mulher e imperiosa como toda rainha, sentiu Ana d'Áustria o poder de Madame e imediatamente se inclinou, o que levou a nora a levantar acampamento e recolher-se.

Mal se advertiu o rei da partida, apesar dos afetados sintomas de indisposição que a acompanham.

Estribado nas leis de etiqueta que principiava a introduzir em sua corte como elemento de toda e qualquer relação, não se comoveu; ofereceu a mão a Madame sem olhar para Monsieur, seu irmão, e conduziu a jovem princesa até à porta de seus aposentos.

Observou-se que, à soleira da porta, liberto de todos os constrangimentos ou incapaz de sobrepor-se à situação, Sua Majestade deixou escapar enorme suspiro.

As mulheres, que tudo observam, como a Srta. de Montalais, por exemplo, não deixaram de dizer às companheiras:

— O rei suspirou.

— Madame suspirou. Era verdade.

Madame suspirava sem ruído, mas com um acompanhamento muito mais perigoso para o repouso do rei.

Madame suspirava cerrando os formosos olhos negros, tornara a abri-los e, carregados como estavam de indizível tristeza, reerguera-os para o rei, cujo rosto, nesse momento, se acarminara visivelmente.

Resultava do rubor, dos suspiros trocados e de todo esse movimento real, que Montalais cometera uma indiscrição, e que essa indiscrição afetara sem dúvida a companheira, pois a Srta. de La Vallière, de certo menos perspicaz, amarelou quando o rei corou, e, como o serviço a chamasse ao quarto de Madame, entrou muito trêmula atrás da princesa, sem pensar em calçar as luvas, como o exigia o cerimonial.

É verdade que a provinciana poderia justificar-se com a perturbação que lhe causava a majestade real. Com efeito, entretida em fechar a porta, a Srta. de La Vallière cravava os olhos sem querer no rei, que caminhava às arrecuas.

Entrou el-rei na sala de jogo; quis falar com algumas pessoas, mas viu-se que não tinha o espírito muito assente.

Embrulhou diversas contas, de que se aproveitaram vários senhores, que, desde o Sr. de Mazarino, haviam conservado o hábito da má memória aliada à boa aritmética.

Assim Manicamp, distraído como quem mais o fosse, e dizemo-lo para que o leitor não o leve a mal, pois era o homem mais honesto do mundo, recolheu pura e simplesmente vinte mil libras

espalhadas sobre a mesa e cuja propriedade legítima não fora reclamada por ninguém.

Assim o Sr. de Wardes, que os sucessos da noite haviam desnorteado, deixou sessenta luíses duplos que ganhara do Sr. de Buckingham, e que este, incapaz como o pai de sujar as mãos com uma moeda qualquer, largou no castiçal.

O rei só se reaprumou um pouco no momento em que o Sr. Colbert, que estava espreitando havia alguns instantes se avizinhou e, sem dúvida com muito respeito, mas com insistência, verteu um conselho no ouvido ainda zonzo de Sua Majestade.

Ouvindo o conselho, Luís prestou-lhe maior atenção e, logo, relanceando os olhos em torno:

— O Sr. Fouquet — perguntou — não está mais aqui?

— Estou, Sire — replicou a voz do superintendente, que se entretinha com Buckingham.

E aproximou-se. O rei deu um passo na sua direção com uma expressão encantadora e negligente.

— Perdão, senhor superintendente, se atrapalho a conversação — disse Luís; — mas reclamo a vossa presença onde quer que precise de vós.

— Os meus serviços estão sempre ao dispor do rei — replicou Fouquet.

— E sobretudo a vossa caixa — ajuntou o soberano com um sorriso falso.

— A minha caixa mais do que o resto — disse friamente Fouquet.

— O caso, senhor, é que desejo dar uma festa em Fontainebleau. Quinze dias. Preciso de...

Olhou de soslaio para Colbert. Fouquet esperou sem. se perturbar.

— De...? — repetiu.

— Quatro milhões — disse o rei, respondendo ao sorriso cruel de Colbert.

— Quatro milhões? — tornou Fouquet inclinando-se profundamente.

E as unhas, entrando-lhe no peito, nele rasgaram um sulco sangrento sem que se alterasse por um momento sequer a serenidade do rosto.

— Sim, senhor — disse o rei.

— Quando, Sire?

— Bem... isso não tem pressa... Ou melhor... não... o mais cedo possível.

— Preciso de tempo.

— De tempo! — bradou Colbert triunfante.

— Tempo para contar os escudos — atalhou o superintendente com majestoso desdém; — não se pode separar e pesar mais de um milhão por dia.

— Quatro dias, então — volveu Colbert.

— Oh! — replicou Fouquet dirigindo-se ao rei — os meus auxiliares fazem prodígios para o serviço de Vossa Majestade. A soma estará pronta em três dias.

Colbert empalideceu por seu turno. Luís considerou-o espantado.

Retirou-se Fouquet sem fanfarrice, sem fraqueza, sorrindo para os numerosos amigos em cujo olhar só ele sabia distinguir a verdadeira amizade, o interesse próximo da compaixão.

Não se poderia julgar Fouquet pelo sorriso; Fouquet levava, em realidade, a morte no coração.

Algumas gotas de sangue manchavam, debaixo das vestes, o fino tecido que lhe envolvia o peito.

As vestes escondiam o sangue; o sorriso, a raiva.

Pela maneira por que tomou o carro, adivinharam os seus que o amo não estava de bom humor.

Disso resultou que as ordens se executaram com a precisão de manobras que se verifica num vaso de guerra comandado durante a tempestade por um capitão irritado.

O carro não rodou, voou.

Mal teve tempo Fouquet de concentrar-se durante o trajeto. Chegando, subiu aos aposentos de Aramis. Aramis ainda não se deitara.

Quanto a Porthos, jantara muito convenientemente uma perna de carneiro assada na brasa, dois faisões assados no forno e uma montanha de lagostins; mandara depois que lhe besuntassem o corpo de óleos perfumados, ao jeito dos lutadores antigos; por fim, terminada a besuntadela, estendera-se entre flanelas e fizera-se transportar a um leito aquecido.

Aramis, já o dissemos, não se deitara. À vontade num roupão de veludo, escrevia cartas sobre cartas, com a letrinha miúda e apertada que numa página encerra um quarto de volume.

Abriu-se a porta precipitadamente; o superintendente surgiu, pálido, agitado, perplexo.

Aramis ergueu a cabeça.

— Boa noite, querido hospedeiro! — disse ele.

E o seu olhar observador adivinhou a tristeza, a íntima desordem do outro.

— Que tal o jogo do rei? — perguntou, para entabular conversação.

Sentou-se Fouquet e, com o gesto, mostrou a porta ao lacaio que o seguira.

Depois, quando o lacaio se retirou:

— Muito bonito! — disse ele.

E Aramis, que o seguia com a vista, viu-o estender-se, com impaciência febril, sobre almofadas.

— Perdestes, como sempre? — perguntou Aramis com a pena na mão.

— Mais do que sempre — replicou Fouquet.

— Mas sabe-se que podeis arcar com os prejuízos.

— Às vezes.

— Que é isso? O Sr. Fouquet virou mau jogador?

— Há jogos e jogos, Sr. d'Herblay.

— Quanto perdestes, monsenhor? — perguntou Aramis com certa inquietude.

Recolheu-se momentaneamente Fouquet para dominar a voz e, logo, sem traço algum de comoção:

— O sarau me custa quatro milhões — disse ele.

E um riso amargo perdeu-se na última vibração dessas palavras. Aramis não esperava tamanha soma; deixou cair a pena.

— Quatro milhões! — repetiu. — Jogastes quatro milhões? Impossível!

— O Sr. Colbert estava com as minhas cartas — respondeu o superintendente com o mesmo riso sinistro.

— Ah! compreendo, monsenhor. Novo pedido de fundos?

— Sim, meu amigo.

— Do rei?

— De sua própria boca. É impossível esmagar um homem com um sorriso mais encantador.

— Diabo!

— Que pensais de tudo isso?

— Homessa! Que querem arruinar-vos: é claro.

— Ainda pensais assim?

— Ainda e sempre. Aliás, não há nisso nada de assombroso, pois já o havíamos previsto.

— Sim, mas eu não esperava pelos quatro milhões.

— A soma, de fato, é pesada; mas, afinal, quatro milhões não são a morte de um homem, é o caso de dizer-se, maiormente quando esse homem se chama Fouquet.

— Se conhecêsseis o fundo do cofre, meu caro d'Herblay, estaríeis menos tranqüilo.

— E prometestes?

— Que queríeis que eu fizesse?

— É verdade.

— No dia em que eu recusar, Colbert achará o dinheiro; onde? não sei; mas achará e eu estarei perdido.
— Incontestavelmente. E em quantos dias prometestes os quatro milhões?
— Em três dias. O rei parecia muito apressado.
— Em três dias!
— Oh! meu amigo — tornou Fouquet — quando penso que ainda há pouco, na rua, gritavam ao ver-me passar: "Aí vai o rico Sr. Fouquet!" Em realidade, caro d'Herblay, é de se perder a cabeça!
— Oh! não, monsenhor, alto lá! que a coisa não vale a pena, tornou, fleumático, Aramis, despejando pó sobre a carta que acabara de escrever.
— Então um remédio, um remédio para esse mal sem remédio!
— Só há um: pagai.
— Mas terei pouco mais do que isso. Tudo deve de estar esgotado; pagou-se Belle-Isle; pagou-se a pensão; o dinheiro, depois da sindicância dos contratadores, tem escasseado. Admitamos que se pague desta vez: como se pagará da próxima?
Pois, crede-me, ainda não chegamos ao fim!
Depois de sentirem o gosto do dinheiro, os reis são como os tigres que provaram o gosto da carne: devoram! Um belo dia terei de dizer: "Impossível, Sire!" Nesse dia, estarei perdido.
Aramis deu levemente de ombros.
— Um homem na vossa posição, monsenhor — disse ele — só está perdido quando quer perder-se.
— Um homem, seja qual for a sua posição, não pode lutar contra um rei.
— Ora! na minha mocidade, bem que lutei contra o Cardeal de Richelieu, que era o rei de França; mais, era cardeal!
— Acaso terei exércitos, tropas, tesouros? Já não tenho sequer Belle-Isle!
— A necessidade é a mãe da invenção. Quando julgardes tudo perdido...
— Sei?...
— Descobriremos algo inesperado, que salvará tudo.
— E quem descobrirá essa maravilha?
— Vós.
— Eu? Peço a minha demissão de descobridor.
— Nesse caso, eu.
— Seja, mas ponde mãos à obra.
— Temos tempo.
— Matais-me com a vossa fleuma, d'Herblay — voltou o superintendente passando o lenço pela testa.
— Esquecestes, porventura, o que vos disse um dia?
— Que me haveis dito?
— Que não vos inquietásseis se tivésseis coragem. Tende-la?
— Creio que sim.
— Então, não vos inquieteis.
— Portanto, está dito: no momento supremo vireis em meu auxílio, d'Herblay?
— Não farei mais que restituir o que vos devo.
— É a função dos financistas satisfazer as necessidades de homens como vós, d'Herblay.
— Se a obsequiosidade é função dos financistas, a caridade é virtude dos eclesiásticos. Mas, desta feita, ainda, monsenhor, despojai-vos. Não descestes o suficiente; no derradeiro momento, veremos.

— Veremos dentro em pouco, então.
— Seja. Agora, permiti-me dizer-vos que, pessoalmente, lamento muito que estejais tão desprovido de dinheiro.
— Por quê?
— Porque eu ia pedir-vo-lo, ora essa!
— Para vós?
— Para mim ou para os meus, para os meus ou para os nossos.
— Quanto?
— Oh! tranqüilizai-vos; uma soma redondinha, com efeito, mas pouco exorbitante.
— Dizei a importância!
— Cinqüenta mil libras.
— Ninharia!
— Deveras?
— Claro, sempre temos cinqüenta mil libras. Ah! por que será que esse salafrário que se chama Colbert não se contenta, como vós, de pouca coisa? Eu estaria bem menos atrapalhado. Para quando precisais?
— Para amanhã cedo.
— Bem, e?...
— Ah! sim, quereis saber-lhe o destino?
— Não, cavaleiro, não; dispenso explicações.
— Não importa; amanhã não é 1.° de junho?
— E daí?
— Vence-se uma de nossas obrigações.
— Com quem então temos obrigações?
— Sem dúvida, pagamos amanhã a nossa última prestação.
— Prestação do quê?
— Das cento e cinqüenta mil libras de Baisemeaux.
— Baisemeaux! Quem é?
— O governador da Bastilha.
— Ah! sim, é verdade; vós me fazeis pagar cento e cinqüenta mil francos por esse homem.
— Exatamente.
— Mas a troco de quê?
— A troco do cargo que ele comprou, ou melhor, que nós compramos de Louvières e de Tremblay.
— Tudo isso anda muito vago no meu espírito.
— Não admira, tendes tantos negócios! Não creio, todavia, que tenhais algum mais importante do que este.
— Dizei-me então por que compramos o cargo.
— Para nos ser útil.
— Ah!
— Primeiro a ele.
— E depois?
— Depois a nós.
— Como, a nós? Estais caçoando.
— Monsenhor, há momentos em que um governador da Bastilha é uma esplêndida amizade.
— Felicito-me por não vos compreender, d'Herblay.

— Monsenhor, temos os nossos poetas, o nosso engenheiro, o nosso arquiteto, os nossos músicos, o nosso impressor, os nossos pintores; precisávamos ter o nosso governador da Bastilha.

— Ah! sim?

— Não nos iludamos, monsenhor; estamos muito expostos a ir para a Bastilha, meu caro Sr. Fouquet — ajuntou o prelado, mostrando debaixo dos lábios pálidos os dentes que eram ainda os lindos dentes adorados trinta anos antes por Maria Michon.

— E não achais que cento e cinqüenta mil libras sejam muito para isso, d'Herblay? Parece-me que de ordinário colocais melhor o vosso dinheiro.

— Dia virá em que reconhecereis o vosso erro.

— Meu caro d'Herblay, no dia em que entrarmos na Bastilha, o passado deixará de proteger-nos.

— Não deixará, se as obrigações assumidas estiverem perfeitamente em ordem; de mais disso, crede-me, o excelente Baisemeaux não tem alma de cortesão. Estou certo de que me será sempre muito grato pelo dinheiro; sem contar, monsenhor, que os títulos estão comigo.

— Que diabo de negócio! Usura em matéria de beneficência!

— Monsenhor, monsenhor, não vos metais nisso; se há usura, sou eu quem a faz, embora nos aproveite a ambos.

— Alguma intriga, d'Herblay?

— Não digo que não.

— Com a cumplicidade de Baisemeaux?

— Há piores. Posso contar amanhã com as cinco mil pistolas?

— Querei-las esta noite?

— Melhor ainda, pois desejo sair bem cedo; o pobre Baisemeaux, que não sabe o que é feito de mim, deve estar sobre brasas.

— Tereis a soma daqui a uma hora. Ah! d'Herblay, os juros dos vossos cento e cinqüenta mil francos nunca pagarão os meus quatro milhões — disse, erguendo-se, Fouquet.

— Por que não, monsenhor?

— Boa noite, preciso falar com os meus amanuenses antes de deitar-me.

— Boa noite, monsenhor!

— D'Herblay, desejais-me o impossível.

— Terei esta noite as cinqüenta mil libras?

— Tereis.

— Dormi, então, sossegado, sou eu quem vo-lo diz. Boa noite, monsenhor!

A despeito da afirmativa e do tom em que fora feita, afastou-se Fouquet sacudindo a cabeça e exalando um suspiro.

Capítulo XXIII - As contazinhas do Sr. Baisemeaux de Montlezun

SETE horas soavam em São Paulo, quando Aramis, a cavalo, vestido como um burguês, isto é, com roupas de cor, levando por único sinal de distinção uma espécie de faca de mato à cinta, passou diante da Rua du Petit-Musc e foi deter-se na Rua des Tournelles, à porta do castelo da Bastilha.

Guardavam-na duas sentinelas.

Não opuseram nenhuma dificuldade à entrada de Aramis, que passou a cavalo, como estava, conduzido por um gesto a um longo corredor ladeado de edifícios à direita e à esquerda.

O corredor desembocava na ponte levadiça, isto é, na entrada propriamente dita.

A ponte levadiça fora abaixada; começava o serviço da praça.

A sentinela do corpo da guarda exterior deteve Aramis e perguntou-lhe em tom grosseiro o que desejava.

Aramis explicou-lhe, com a polidez habitual, que desejava falar com o Sr. Baisemeaux de Montlezun.

A primeira sentinela chamou outra sentinela, postada numa guarita.

Esta enfiou a cabeça pelo postigo e examinou com suma atenção o recém-chegado.

Aramis reiterou a expressão dos seus desejos.

A sentinela chamou incontinente um oficial subalterno que passeava num pátio espaçoso, o qual, ciente do que sucedia, foi procurar um oficial do estado-maior do governador.

La sentinelle du corps de garde extérieur arrêta Aramis et lui demanda d'un ton brusque quelle était la cause qui l'amenait.

Este último, depois de ouvir o pedido de Aramis, rogou-lhe que esperasse um momento, deu alguns passos e voltou para perguntar-lhe o nome.

— Não posso dizê-lo, senhor — retrucou Aramis; — mas tenho coisas tão importantes para comunicar ao senhor governador, que posso garantir-vos de antemão que o Sr. Baisemeaux ficará encantado de ver-me. Digo mais, quando lhe disserdes que sou a pessoa que ele espera no dia 1.° de junho, virá receber-me correndo.

Não podia conceber o oficial que um homem tão importante quanto o senhor governador saísse de seus cômodos para acolher outro homem tão pouco importante como era, sem dúvida, aquele burguesinho a cavalo.

— Pois isto vem, a calhar. O senhor governador vai sair, e daqui podeis ver-lhe o carro no pátio; não lhe será preciso, portanto, vir receber-vos, pois ao passar vos verá.

Aramis fez com a cabeça um sinal de assentimento: não queria dar de si mesmo uma idéia demasiado elevada; esperou, paciente e silencioso, inclinado sobre o arção da sela.

Dez minutos não se haviam escoado quando principiou a mover-se o carro do governador, aproximando-se da porta. Surgiu o governador e tomou o carro, que partiu.

Nesse momento, porém, ocorreu com a pessoa do governador o mesmo que ocorreria com a pessoa de um estranho suspeito: a sentinela da guarita adiantou-se quando a sege ia passar debaixo da abóbada, e o governador abriu a portinhola para obedecer às ordens existentes.

Dessarte, pôde convencer-se a sentinela de que ninguém saía fraudulentamente da Bastilha.

O veículo passou.

Mas, ao abrir-se o portão, o oficial aproximou-se do carro, detido por segunda vez, e disse algumas palavras ao governador.

Este pôs a cabeça para fora da portinhola e viu Aramis a cavalo, na extremidade oposta da ponte levadiça.

Desferiu instantaneamente um grito de alegria, saiu, ou melhor, precipitou-se da carruagem, e foi, correndo, travar das mãos de Aramis, balbuciando mil e uma desculpas. Pouco faltou para que as beijasse.

— Quanta dificuldade para entrar na Bastilha, senhor governador! Dar-se-á com os que são mandados para cá a contragosto o mesmo que se dá com os que vêm espontaneamente?

— Que de mal pour entrer à la Bastille, monsieur le gouverneur!

— Perdão, perdão. Ah! monsenhor, quanto me alegra ver Vossa Grandeza!

— Psiu! Que é isso, meu caro Sr. de Baisemeaux? Que pensarão os outros vendo um bispo vestido como estou?

— Ah! perdão, mil escusas, eu não havia pensado... O cavalo deste senhor para a cocheira! — gritou Baisemeaux.

— Não, não — atalhou Aramis — peste!

— Por quê?

— Porque há cinco mil pistolas no porta-manta.

Tão radiante se tornou o rosto do governador, que os prisioneiros, se o tivessem visto, cuidariam

que lhe estivesse chegando um príncipe de sangue.

— Sim, sim, tendes razão, o cavalo para o pátio.

Quereis, meu caro Sr. d'Herblay, que tomemos o carro para chegar à minha sala?

— Tomar um carro para atravessar um pátio, senhor governador! Imaginais, porventura, que eu seja um inválido? A pé, senhor governador, a pé.

Baisemeaux ofereceu o braço, mas o prelado dispensou o apoio. Assim chegaram à diretoria, Baisemeaux esfregando as mãos e olhando de soslaio para o cavalo, Aramis examinando as paredes negras e nuas.

Um vestíbulo grandioso, uma escada reta de pedras brancas, conduziam aos aposentos do governador.

Este atravessou a antecâmara, a sala de jantar, onde já se preparava o almoço, abriu uma portazinha secreta, e encerrou-se com o hóspede num amplo gabinete de janelas que se abriam obliquamente para os pátios e cavalariças.

Baisemeaux instalou o prelado com a obsequiosa polidez cujo segredo só conhecem os homens bons ou os homens agradecidos.

A poltrona, os coxins para os pés, a mesa para apoiar a mão, tudo foi preparado pelo próprio governador.

Ele mesmo colocou sobre a mesa, com religioso cuidado, o saco de ouro que um dos soldados trouxera com o respeito de um sacerdote carregando o Santíssimo.

Saiu o soldado. Baisemeaux foi fechar a porta, correu uma cortina da janela, e interrogou os olhos de Aramis para saber se o prelado não precisava de mais nada.

— Então! Monsenhor — começou, sem se assentar — continuais a ser o mais pontual dos homens de palavra?

— Em negócios, caro Sr. de Baisemeaux, a pontualidade não é virtude, é obrigação.

— Sim, em negócios, compreendo; mas não é um negócio que fazeis comigo, monsenhor, é um serviço que me prestais.

— Vamos, vamos, caro Sr. Baisemeaux, confessai que, apesar da minha pontualidade, não deixastes de sentir alguma inquietude.

— A respeito de vossa saúde, sim, naturalmente — tartamudeou Baisemeaux.

— Eu quis vir ontem, mas não pude, pois estava cansado demais — continuou Aramis.

Baisemeaux apressou-se em enfiar outra almofada debaixo dos rins do hóspede.

— Mas — tornou Aramis — prometi a mim mesmo visitar-vos hoje, bem cedinho.

— Sois excelente, monsenhor.

— E quero crer que a minha pressa tenha sido oportuna.

— Como assim?

— Claro, íeis sair.

Baisemeaux corou.

— Com efeito — assentiu — eu ia sair.

— Quer dizer que vos incomodo?

Era manifesto o enleio do governador.

— Incomodo, sim — prosseguiu Aramis, fitando o olhar incisivo no pobre homem. — Se eu soubesse disso, não teria vindo.

— Ah! monsenhor, não digais uma coisa dessas! Nunca poderíeis incomodar-me!

— Veio à procura de dinheiro.

— Não! — balbuciou Baisemeaux; — não, juro que ia...

— O senhor governador ainda vai à casa do Sr. Fouquet? — gritou, do pátio, a voz do major.

Baisemeaux correu como um louco para a janela.

— Não, não — berrou, desesperado. — Quem foi que falou no Sr. Fouquet? Estais bêbedos aí embaixo? Por que me perturbais quando estou ocupado?

— Íeis à casa do Sr. Fouquet — disse Aramis mordendo os lábios; — do padre ou do superintendente?

Baisemeaux tinha muita vontade de mentir; faltou-lhe, porém, coragem.

— Do senhor superintendente — confessou.

— Vedes, então, que precisáveis de dinheiro, visto que íeis à procura de quem o fornece.

— Não, monsenhor.

— Ora, desconfiais de mim.
— Meu caro senhor, a só incerteza, a só ignorância em que eu me achava do vosso endereço...
— Teríeis obtido dinheiro do Sr. Fouquet, meu caro Sr. Baisemeaux, pois é um homem de mão aberta.
— Juro que eu nunca ousaria pedi-lo ao Sr. Fouquet. Queria apenas pedir-lhe o vosso endereço.
— O meu endereço ao Sr. Fouquet? — exclamou Aramis arregalando os olhos malgrado seu.
— Naturalmente — respondeu Baisemeaux perturbado pelo olhar do prelado.
— Não há nisso mal nenhum, meu caro Sr. Baisemeaux; só pergunto a mim mesmo por que pediríeis o meu endereço ao Sr. Fouquet.
— Para escrever-vos.
— Compreendo — volveu, sorrindo, Aramis; — mas não era isso o que eu queria dizer; não vos pergunto porque procuráveis o meu endereço, pergunto porque vos dirigíeis ao Sr. Fouquet.
— Ah! — redarguiu Baisemeaux — porque sendo Belle-Isle do Sr. Fouquet...
— Que é que tem?
— Belle-Isle pertence à diocese de Vannes, e sendo vós bispo de Vannes...
— Meu caro Sr. de Baisemeaux, visto que sabíeis que eu era bispo de Vannes, não tínheis necessidade de pedir o meu endereço ao Sr. Fouquet.
— Enfim, senhor — exclamou Baisemeaux, atarantado — terei cometido alguma asneira?
Nesse caso, perdoai-me!
— Ora, essa! E que asneira poderíeis ter cometido? — perguntou tranqüilamente Aramis.
E enquanto resserenava o rosto e sorria para o governador, perguntava aos seus botões de que maneira Baisemeaux, que não sabia o seu endereço, poderia saber que Vannes era a sua diocese. "Hei de esclarecê-lo", disse consigo só.
Depois, em voz alta:
— Então, meu caro governador, vamos às nossas continhas?
— Às vossas ordens, monsenhor. Antes, porém, dizei-me...
— O quê?
— Não me fareis a honra de almoçar comigo, como de costume?
— Com muito prazer!
— Ainda bem!
Baisemeaux tocou três vezes a campainha.
— Isso significa? — perguntou Aramis.
— Que tenho alguém para almoçar e que se devem tomar as medidas correspondentes.
— Ah! diabo! E tocais três vezes! Sabeis, meu caro governador, que me dais a impressão de estar fazendo cerimônia comigo?
— Oh! francamente! Aliás, o menos que posso fazer é receber-vos o melhor que posso.
— A troco de quê?
— De que príncipe nenhum teria feito por mim o que fizestes!
— Nem penseis nisso!
— Não, não...
— Falemos de outra coisa. Ou melhor, dizei-me, tendes obtido algum lucro na Bastilha?
— Tenho.
— Os prisioneiros rendem?
— Não muito.
— Diabo!

— O Sr. de Mazarino não era suficientemente rigoroso.
— Ah! sim, precisáveis de um governo suspeitoso, do nosso antigo cardeal.
— No tempo daquele, as coisas iam bem. O irmão de Sua Eminência parda encheu-se aqui.
— Crede, meu cargo governador — acudiu Aramis reaproximando-se de Baisemeaux — um rei moço nada fica a dever um cardeal velho. A mocidade tem as suas desconfianças, as suas cóleras, as suas paixões, como a velhice tem os seus ódios, as suas precauções, os seus temores. Pagastes os três anos de rendas a Louvières e a Tremblay?
— Paguei, sim, senhor.
— De sorte que só vos falta dar as cinqüenta mil libras que vos trago?
— Só.
— E não poupastes nada?
— Ah! monsenhor, dando cinqüenta mil libras a esses senhores, juro-vos que lhes dou quanto ganho. Era o que eu dizia ainda ontem ao Sr. d'Artagnan.
— Ah! — exclamou Aramis, cujos olhos fuzilaram, mas se apagaram no mesmo instante — ah! vistes ontem d'Artagnan!... E como está passando o querido amigo?
— Admiravelmente.
— E que lhe dizíeis, Sr. de Baisemeaux?
— Eu lhe dizia — continuou o governador sem dar tento da irreflexão — eu lhe dizia que alimento bem demais os meus prisioneiros.
— Quantos tendes? — perguntou, com negligência, Aramis.
— Sessenta.
— A soma é redonda.
— Ah! monsenhor, já houve anos de duzentos.
— Mas um mínimo de sessenta não é nada mau. Afinal, não tendes muitas razões de queixa.
— Não, sem dúvida, pois qualquer outro em meu lugar teria arrancado de cada um cento e cinqüenta pistolas.
— Cento e cinqüenta pistolas!
— Como não! calculai: por um príncipe de sangue, por exemplo, recebo cinqüenta libras por dia.
— Mas não tendes nenhuma príncipe de sangue, segundo suponho — tornou Aramis com leve tremor na voz.
— Não, graças a Deus! isto é, infelizmente.
— Como, infelizmente?
— Pois é claro, a minha situação seria melhorada.
— É verdade.
— Um príncipe de sangue, cinqüenta libras.
— Sei.
— Um marechal de França, trinta e seis.
— Mas não tendes nenhum marechal de França como não tendes nenhum príncipe de sangue?
— Desgraçadamente, não; é verdade que os tenentes-generais e os brigadeiros me dão vinte e quatro libras cada um, e desses tenho dois.
— Ah! ah!
— Vêm, depois, os conselheiros do Parlamento, que me rendem quinze.
— Quantos conselheiros?
— Quatro.
— Eu não sabia que os conselheiros rendessem tanto.

— Sim, mas de quinze libras passo imediatamente para dez.
— Para dez?
— Um juiz ordinário, um advogado e um eclesiástico, dez libras.
— E tendes sete? Bom negócio!
— Pelo contrário: mau!
— Por quê?
— Como quereis que eu deixe de tratar esses pobres coitados, que afinal são alguma coisa, como trato um conselheiro do Parlamento?
— De fato, tendes razão, não vejo as cinco libras de diferença entre eles.
— Um peixe bonito custa-me quatro ou cinco libras; um bonito frango, libra e meia. É verdade que engordo muita criação, mas preciso comprar milho e não fazeis idéia do exército de ratos que temos aqui.
— Muito bem! e por que não lhes opondes meia dúzia de gatos?
— Gatos? Pois sim! os ratos os comem; precisei desistir dos bichanos; calculai agora como avançam no milho. Sou obrigado a ter cachorros de caça, que mando vir de Inglaterra, para esganar os ratos. Mas os cachorros têm um apetite feroz; comem quanto um prisioneiro de quinta classe, sem contar que me esganam às vezes coelhos e galinhas.
Escutava ou não escutava Aramis? Ninguém teria podido dizê-lo: os olhos baixos indicavam o homem atento, a mão inquieta anunciavam o homem absorto.
Aramis meditava.
— Eu vos dizia, portanto — continuou Baisemeaux — que um frango me fica, aproximadamente, numa libra e meia e um bom peixe me custa quatro ou cinco libras. Fazem-se três refeições na Bastilha; e como os prisioneiros não têm que fazer, vivem comendo; um homem de dez libras custa-me sete libras e dez soldos.
— Mas afirmastes que tratais os de dez libras como os de quinze?
— Exatamente.
— Muito bem! então ganhais sete libras e meia em cada um dos de quinze?
— É preciso que uma coisa compense a outra — declarou Baisemeaux, vendo que se deixara apanhar.
— Tendes razão, caro governador; mas não possuís prisioneiros de menos de dez libras?
— Possuo, sim: o bacharel e o burguês.
— Ainda bem. A quanto?
— Cinco libras.
— E esses, comem alguma coisa?
— Se comem! Está visto, porém, que não se pode dar-lhes todos os dias um linguado ou um frango magro, nem vinhos espanhóis às refeições; mas, enfim, saboreiam, três vezes por semana, um bom prato ao jantar.
— Mas isso já é filantropia, meu querido governador, e acabareis arruinado!
— Não. O negócio é assim: quando o de quinze libras deixa um pouco de frango no prato, ou o de dez libras deixa um bom resto, mando-o ao de cinco libras; é um banquete para o pobre coitado. Que quereis! precisamos ser caridosos.
— E quanto vos sobra, mais ou menos, dos de cinco libras?
— Trinta soldos.
— Muito bem, sois um homem honesto, Baisemeaux!
— Obrigado!

— Não, falo sério!
— Obrigado, obrigado, monsenhor. Mas creio que tendes razão. Sabeis o que me faz sofrer?
— Não.
— Os pequenos burgueses e amanuenses, taxados a três libras. Esses sim, não vêm muito amiúde carpas do Reno nem esturjões da Mancha.
— E os de cinco libras, por acaso, não deixam restos?
— Oh! monsenhor, não imagineis que eu seja tão sovina assim; faço a felicidade do pequeno burguês ou do amanuense dando-lhe uma asinha de perdiz, um filé de cabrito, um pedacinho de empada de trufas, iguarias que nunca viu senão em sonhos; enfim, são os restos dos de vinte e quatro libras; ele come, bebe e grita à sobre-mesa: Viva o rei! E bendiz a Bastilha: com duas garrafas de um ótimo vinho de Champanha, que me custa cinco soldos, embebedo-o todos os domingos. Oh! esses me abençoam, esses têm saudades da prisão depois de soltos. Sabeis o que já observei?
— Não.
— Pois bem! observei... É uma felicidade para a minha casa!... Observei que certos prisioneiros libertados fazem por ser presos de novo quase imediatamente. Por que o fariam, se não para saborear a minha cozinha? Nem há dúvida!
Aramis sorriu com ar de dúvida.
— Não acreditais?
— Não.
— Pois temos nomes três vezes registrados no espaço de dois anos.
— Era preciso que eu visse para crer.
— Oh! posso mostrar-vo-lo, embora seja proibido mostrar os registros de presos a estranhos.
— Acredito.
— Mas vós, monsenhor, se fazeis empenho de ver a coisa com os vossos próprios olhos...
— Confesso que gostaria muitíssimo.
— Pois bem, seja!
Baisemeaux dirigiu-se a um armário e dele retirou um livro enorme de registro.
Aramis seguia-o sofregamente com a vista.
Baisemeaux voltou, colocou o livro sobre a mesa, folheou-o por instantes, e parou na letra M.
— Pronto — disse ele — aqui, por exemplo, está um.
— Quem?
— "Martinier, janeiro de 1659. Martinier, junho de 1660. Martinier, março de 1661, panfletos, mazarinadas, etc." Haveis de compreender que isso é apenas um pretexto; ninguém vinha para a Bastilha por causa de mazarinadas; o compadre ia denunciar-se a si mesmo para que o embastilhassem. E com que fito, senhor? Com o fito de voltar a provar da minha cozinha de três libras.
— De três libras! o infeliz!
— Sim, monsenhor; o poeta está classificado no último grau, no do pequeno burguês e do amanuense; mas, como eu vos disse, é precisamente a esses que faço surpresas.
E Aramis, maquinalmente, virava as folhas do registro, continuando a ler sem parecer interessar-se pelos nomes que lia.
— Em 1661, como vedes — disse Baisemeaux — oitenta registros; em 1659, outro tanto.
— Ah! Séldon — exclamou Aramis; — parece-me que conheço o nome. Não fostes vós quem me falou num rapaz?
— Fui eu, sim! um pobre diabo de estudante que fez... Como se chama aquilo, dois versos latinos

que se tocam?
— Um dístico.
— Isso mesmo.
— Coitado! Por um dístico!
— Peste! Não vos precipiteis! Sabeis que ele fez o dístico contra os jesuítas?
— Embora, a punição me parece demasiado severa.
— No ano passado, parecestes interessar-vos por ele.
— De fato.
— Pois bem! como o vosso interesse é aqui todo-poderoso, monsenhor, desde esse dia comecei a tratá-lo como um de quinze libras.
— Então, é como este — atalhou Aramis, que continuara a folhear e se detivera num dos nomes inscritos após o de Martinier.
— Exatamente.
— Será italiano o tal Marchiali? — perguntou Aramis mostrando com a ponta do dedo o nome que lhe chamara a atenção.
— Caluda! — acudiu Baisemeaux.
— Caluda, por quê? — perguntou Aramis crispando involuntariamente a mão.
— Eu supunha já vos ter falado nesse Marchiali.
— Não, é a primeira vez que lhe ouço o nome.
— Pode ser; devo, então, ter falado nele sem o nomear.
— E será, porventura, algum velho pecador? — perguntou Aramis tentando sorrir.
— Não, pelo contrário, é muito moço.
— Ah! ah! o seu crime, então, foi enorme?
— Imperdoável!
— Matou?
— Não.
— Incendiou?
— Não.
— Caluniou?
— Também não. É aquele que...
E Baisemeaux inclinou-se ao ouvido de Aramis fazendo das mãos uma trompa acústica.
— É aquele que se atreve a parecer com...
— Ah! sim, sim — disse Aramis. — De fato me falastes nele o ano passado; mas o crime parecera-me tão pequeno...
— Pequeno!
— Ou melhor, tão involuntário...
— Monsenhor, não é involuntariamente que surpreendemos tal parecença.
— Enfim, eu a havia esquecido, aí é que está.
Mas prestai atenção, meu caro hospedeiro — disse Aramis fechando o registro — creio que nos estão chamando.
Baisemeaux pegou no registro, levou-o rapidamente para o armário, fechou-o e pôs a chave no bolso.
— Vamos almoçar, monsenhor? — perguntou. — Não vos enganastes, chamam-nos para o almoço.
— Como quiserdes, meu caro governador. E passaram à sala de jantar.

Capítulo XXIV - O almoço do Sr. de Baisemeaux

ARAMIS, de ordinário, era sóbrio; desta feita, porém, conquanto não bebesse muito, honrou o almoço de Baisemeaux, que, aliás, estava excelente. Este, por sua vez, sentia-se animado de festiva alegria; o aspecto das cinco mil pistolas, para as quais voltava os olhos de vez em quando, desafogava-lhe o coração.

A reveses, olhava também para Aramis com meigo enternecimento.

Refestelado na cadeira, o prelado tocava com a ponta dos lábios umas gotas de vinho que saboreava como entendido.

— Não me venham mais falar mal da comida da Bastilha — disse ele, piscando os olhos; — felizes os prisioneiros que têm por dia meia garrafa deste borgonha!

— Todos os de quinze francos bebem dele — afirmou Baisemeaux. — É um velhíssimo *volnay*.

— Por conseguinte o nosso pobre estudante, o pobre Séldon, também saboreia este excelente *volnay?*

— Não! não!

— Não dissestes que ele era tratado como um de quinze libras?

— ele? Nunca! Um homem que faz distritos...

Como se chama aquilo?

— Dísticos.

— Quinze libras! Pois sim! O vizinho é que é tratado como um de quinze libras.

— O vizinho?

— É.

— Qual?

— O outro; o segundo Bertaudière.

— Meu caro governador, perdão, mas falais uma língua que exige certo aprendizado.

— É verdade; segundo Bertaudière é o que ocupa o segundo andar da torre da Bertaudière.

— Ah! a Bertaudière, então, é o nome de uma torre da Bastilha? Ouvi dizer, de fato, que cada torre tinha o seu nome. E onde fica?

— Vede, vede — explicou Baisemeaux, aproximando-se da janela. — É aquela à esquerda, a segunda.

— Muito bem. E lá está o prisioneiro de quinze libras?

— Está.

— Há quanto tempo?

— Há uns sete ou oito anos, mais ou menos.

— Mais ou menos, como? Não tendes certeza de vossas datas?

— Não é do meu tempo, meu caro Sr. d'Herblay, — Mas Louvières, Tremblay, devem ter-vos informado.

— Oh! meu caro senhor... Perdão, perdão, monsenhor.

— Não faz mal. Dizíeis?...

— Eu dizia que os segredos da Bastilha não se transmitem com as chaves da diretoria.

— Ah! ah! será então um mistério esse prisioneiro, um segredo de Estado?

— Segredo de Estado não creio que seja; mas é um segredo como tudo o que se faz na Bastilha.

— Muito bem — disse Aramis; — por que, então, falais mais livremente de Séldon, que de?...

— Que do segundo Bertaudière?
— Sim.
— Porque, na minha opinião, o crime de um homem que faz um dístico é menor que o daquele que se parece com...
— Compreendo, compreendo; mas os carcereiros...
— Que é que têm os carcereiros?
— Conversam com os presos.
— Sem dúvida.
— E os presos devem dizer-lhes que não são culpados.
— Não dizem outra coisa, é a fórmula geral, é a antífona universal.
— Sim, mas a semelhança de que há pouco me faláveis?
— Sei?
— Não pode impressionar os carcereiros?
— Oh! meu caro Sr. d'Herblay, só mesmo um palaciano como vós poderia lembrar-se de tantos pormenores.
— Tendes mil vezes razão, meu caro Sr. de Baisemeaux. Outra gotinha do *volnay,* por favor.
— Uma gotinha, não: um copo.
— Não, não. Continuaste mosqueteiro até à ponta dos cabelos, ao passo que eu me tornei bispo. Uma gota para mim, um copo para vós.
— Seja.
Aramis e o governador tocaram os copos um no outro.
— Além disso — tornou Aramis fitando o olhar brilhante no rubi em fusão erguido à altura dos olhos, como se quisesse gozar por todos os sentidos ao mesmo tempo; — além disso, o que para vós é uma semelhança, para outro não o seria.
— Oh! como não! Para qualquer outro que conhecesse a pessoa com que ele se parece.
— Creio, meu caro Sr. de Baisemeaux, que se trata apenas de uma ilusão de vossa parte.
— Palavra que não.
— Escutai — continuou Aramis: — vi muita gente parecer-se com a pessoa de que falamos, mas, por uma questão de respeito, ninguém tocava no assunto.
— Há parecença e parecença; esta é impressionante, e se o vísseis...
— Se eu o visse?
— Ficaríeis convencido.
— Se eu o visse — tornou Aramis com expressão indiferente; — mas, provavelmente, não o verei.
— Por quê?
— Porque bastaria que eu pusesse o pé numa dessas celas horríveis para julgar-me definitivamente enterrado.
— Não, não! o quarto é bom.
— Não creio.
— Como, não credes?
— Não creio que o seja.
— Com licença, não faleis mal da segunda Bertaudière: é um bom quarto, bem mobiliado, com tapete e tudo.
— Diabo!
— É, sim! teve sorte o rapaz, o melhor alojamento da Bastilha é seu.
— Ora, ora — tornou friamente Aramis — nunca me fareis acreditar que haja bons quartos na

Bastilha; e quanto aos vossos tapetes...
— Muito bem! Que é que têm os meus tapetes?...
— Só existem na vossa imaginação: vejo teias de aranha, vejo ratos, vejo até sapos.
— Sapos? Nos calabouços, não digo que não.
— Mas vejo poucos móveis e nenhum tapete.
— Sois homem para convencer-vos por vossos próprios olhos? — perguntou Baisemeaux com arrebatamento.
— Não! por Deus, não!
— Nem sequer para certificar-vos da semelhança, que negais como os tapetes?
— Será algum espectro, alguma sombra, algum moribundo infeliz.
— Não! não! É um mocetão que passa tão bem quanto a Ponte Nova.
— Triste, macambúzio?
— Nada disso: alegre.
— Ora!
— É o termo. E já que o disse, não o retiro.
— Impossível!
— Vinde.
— Aonde?
— Comigo.
— Para quê?
— Para dar uma volta pela Bastilha.
— Como?
— Vereis, vereis pessoalmente, vereis com os vossos próprios olhos.
— E o regulamento?
— Não tem importância. É dia de saída do meu major; o tenente está fazendo a ronda nos bastiões; somos os donos da casa.
— Não, meu caro governador; só de pensar no ruído dos ferrolhos que é preciso abrir, sinto arrepios.
— Ora, ora!
— Poderíeis esquecer-me nalguma terceira ou quarta Bertaudière... Brrr!...
— Quereis caçoar?
— Não, falo sério.
— Recusais uma ocasião única. Sabeis que para obter o favor que vos proporciono de graça, certos príncipes de sangue chegaram a oferecer cinqüenta mil libras?
— Francamente! será tão curioso assim?
— O fruto proibido, monsenhor! O fruto proibido! Vós, que pertenceis à igreja, deveis sabê-lo.
— Se eu sentisse alguma curiosidade seria pelo pobre estudante do dístico.
— Pois vejamos aquele; mora justamente na terceira Bertaudière.
— Por que dizeis justamente?
— Porque eu, se tivesse alguma curiosidade, seria pelo bonito quarto alfombrado e pelo seu locatário.
— Móveis são coisas vulgares; e uma figura insignificante não tem interesse nenhum.
— Um de quinze libras, monsenhor, um de quinze libras é sempre interessante.
— Esquecia-me de perguntar-vos sobre isso. Por que quinze libras para esse e três libras apenas para o pobre Séldon?

— Ah! é soberba a distinção, meu caro senhor, e por aí se vê quanto é grande a bondade do rei...
— Do rei?
— Do cardeal, quero dizer. "Esse infeliz, terá dito consigo mesmo o Sr. de Mazarino, esse infeliz está destinado a passar o resto da vida na prisão."
— Por que?
— Homessa! porque o seu crime é eterno e, por conseqüência, o castigo deve sê-lo também.
— Eterno?
— Evidentemente. Se ele não tiver a ventura de apanhar varíola, compreendeis... e até essa possibilidade é remota, pois são muito salubres os ares da Bastilha.
— O vosso raciocínio não poderia ser mais engenhoso, meu caro Sr. de Baisemeaux.
— Não é mesmo?
— Quereis dizer, portanto, que o infeliz deverá sofrer sem tréguas e sem fim...
— Sofrer, não digo, monsenhor; um de quinze libras não sofre.
— Sofrer a prisão, pelo menos.
— Sem dúvida, é uma fatalidade; mas esse sofrimento, nós lho amenizamos. Afinal de contas convireis em que o patife não veio ao mundo para comer todas as boas coisas que come. Por Deus! vereis: temos aqui esta empada intacta, estes lagostins em que mal tocamos, lagostins do Marne, grandes como lagostas. Tudo isso tomará o caminho da segunda Bertaudière, com uma garrafa do vornay, que tanto apreciais. Depois de ver, espero que não torneis a duvidar.
— Não, meu caro governador, está visto que não; mas o caso é que só pensais nas benditas quinze libras, e esqueceis o pobre Séldon, meu protegido.
— Seja! em atenção a vós, um dia de festa para ele: receberá biscoitos, geléias e este frasco de vinho do Porto.
— Sois um homem de bem, já vos disse e torno a repeti-lo, meu caro Baisemeaux.
— Partamos, partamos — atalhou o governador meio atordoado, em parte pelo vinho que bebera, em parte pelos elogios de Aramis.
— Lembrai-vos de que só vos acompanho para obsequiar-vos — disse o prelado.
— Agradecer-me-eis na volta.
— Então, partamos.
— Esperai que eu avise o porta-chaves.
Baisemeaux tocou duas vezes a campainha; surgiu um homem — Vou às torres! — gritou o governador. — Nada de guardas, nada de tambores, nada de barulho!
— Se eu não deixasse aqui a minha capa — disse Aramis simulando medo — acreditaria que vou espontaneamente para a prisão.
O porta-chaves precedeu o governador; Aramis tomou-lhe a direita; alguns soldados espalhados no pátio imobilizaram-se como estacas à passagem do chefe.
Baisemeaux fez o hóspede subir alguns degraus que conduziam a uma espécie de esplanada; de lá, chegaram à ponte levadiça, onde as sentinelas receberam o governador e o reconheceram.
— Senhor — disse Baisemeaux voltando-se para o lado de Aramis e falando-lhe de modo que os soldados não perdessem uma só de suas palavras; — tendes boa memória, não tendes?
— Por que? — perguntou Aramis.
— Por causa dos vossos planos e medidas: não é permitido, nem aos arquitetos, entrar nas celas com papel, penas ou lápis.
— Bom! — disse entre si Aramis — agora parece que virei arquiteto. Não será outra brincadeira de d'Artagnan, que me viu engenheiro em Belle-Isle?

Logo, em voz alta:

— Tranqüilizai-vos, senhor governador; no meu ofício, bastam o olhar e a memória.

Baisemeaux nem pestanejou; os guardas tomaram Aramis pelo que parecia ser.

— Pois bem! vamos primeiro à Bertaudière — disse Baisemeaux, sempre com a intenção de ser ouvido pelas sentinelas.

— Vamos — respondeu Aramis. Depois, dirigindo-se ao porta-chaves:

— Aproveitarás o ensejo — determinou-lhe o governador — para levar ao número 2 os pratos que indiquei.

— O número 3, caro Sr. de Baisemeaux, o número 3, esquecei-lo sempre.

— É verdade.

Subiram.

O que havia em matéria de ferrolhos, grades e fechaduras para aquele único pátio bastaria à segurança de uma cidade inteira.

Aramis não era um sonhador nem um homem sensível; fizera versos na mocidade; mas tinha seco o coração, como todo homem de cinqüenta e cinco anos que muito amou as mulheres, ou melhor, que foi por elas muito amado.

Mas, quando pousou o pé sobre os degraus de pedra esborcelados, pelos quais haviam passado tantos infortúnios, quando se sentiu impregnado da atmosfera das abóbadas sombrias, úmidas de lágrimas, comoveu-se manifestamente, pois inclinou-se-lhe a fronte, perturbaram-se-lhe os olhos e ele seguiu Baisemeaux sem pronunciar uma palavra.

Capítulo XXV - O segundo da Bertaudière

NO segundo pavimento, fosse cansaço, fosse comoção, faltou fôlego ao visitante.

Arrimou-se à parede.

— Quereis começar por aqui? — sugeriu Baisemeaux. — Já que vamos de um a outro, pouco importa, a meu ver, que subamos do segundo ao terceiro, ou que desçamos do terceiro ao segundo. Alias, há também certas reparações para fazer neste quarto — apressou-se em dizer a fim de ouvi-lo o carcereiro, que se encontrava ao alcance de sua voz.

— Não! não! — exclamou com vivacidade Aramis; — mais alto, mais alto, senhor governador, por favor; o outro é mais urgente.

Continuaram a subir.

— Pedi as chaves ao carcereiro — susurrou Aramis.

— Pois não.

Baisemeaux pegou nas chaves a abriu a porta do terceiro quarto. O porta-chaves entrou na frente e colocou sobre a mesa as provisões que o bom governador denominava iguarias.

Depois saiu.

O prisioneiro não tinha feito um movimento. A seguir entrou Baisemeaux, ao passo que Aramis se detinha no limiar.

Daí viu um rapaz, uma criança de dezoito anos, que, erguendo a cabeça ao ruído insólito, e vendo o governador, precipitou-se da cama, juntou as mãos e pôs-se a gritar:

— Minha mãe! minha mãe!

Le prisonnier de la Bastille. — Page 174.

O tom do rapaz encerrava tanta dor, que Aramis fremiu malgrado seu.

— Meu querido hóspede — disse-lhe Baisemeaux tentando sorrir — trago-vos ao mesmo tempo uma distração e um extraordinário, a distração para o espírito e o extraordinário para o corpo. Este senhor tomará algumas medidas vossas e aqui estão uns docinhos para a sobremesa.

— Oh! senhor! senhor! — tornou o rapaz — deixai-me sozinho durante um ano, deixai-me a pão e água durante um ano, mas dizei-me que ao cabo desse ano sairei daqui, dizei-me que reverei minha mãe!

— Mas, meu caro amigo — volveu Baisemeaux — eu mesmo vos ouvi que ela era pobríssima e que estáveis muito mal alojado em casa, ao passo que aqui, peste!

— Se ela é pobre, senhor, mais uma razão para que lhe devolvam o seu sustento. Mal alojado em casa? Oh! senhor, estamos sempre bem alojados quando somos livres.

— Enfim, se vós mesmo dizeis que fizestes apenas aquele desgraçado dístico...

— E sem intenção, senhor, sem intenção alguma, juro-o! Eu lia *Marcial* quando me veio a idéia. Oh! castiguem-me, cortem-me a mão com que o escrevi, trabalharei com a outra; mas restituí-me minha mãe.

— Meu filho — atalhou Baisemeaux — isso não depende de mim; a única coisa que posso fazer é aumentar a vossa ração, dardos um copinho de vinho do Porto, enfiar-vos um biscoitinho entre dois pratos.

— Ó meu Deus! meu Deus! — gritou o rapaz, caindo para trás e rolando no chão.

Incapaz de suportar por mais tempo a cena, Aramis encaminhou-se para o patamar da escada.

— Infeliz! — murmurou, baixinho.

— Bem infeliz, coitado! Mas a culpa é dos pais.
— Como assim?
— Claro... Por que lhe ensinaram latim?... Muita erudição, como vedes, prejudica... Eu, por exemplo, não sei ler nem escrever: por isso mesmo não estou na cadeia.
Aramis considerou o homem para o qual ser carcereiro da Bastilha não era estar na cadeia.
Vendo o pequeno efeito surtido pelos seus conselhos e pelo seu vinho do Porto, Baisemeaux saiu perturbadíssimo.
— A porta! a porta! — gritou o carcereiro — esquecestes de fechar a porta.
— É verdade — confessou Baisemeaux. — Aí tens as chaves.
— Solicitarei o perdão dessa criança — disse Aramis.
— E se não o obtiverdes — acudiu Baisemeaux — pedi ao menos que o elevem para dez francos, pois assim ganharemos ambos.
— Se o outro prisioneiro chamar também pela mãe, prefiro não entrar, tomarei as medidas de fora.
— Oh! oh! — sobreveio o carcereiro — não tenhais medo, senhor arquiteto, o outro é manso como um cordeiro; para chamar a mãe, seria preciso que falasse, e ele não fala.
— Entremos — atalhou, surdamente, Aramis.
— Oh! senhor — tornou o porta-chaves — sois arquiteto de prisões?
— Sou.
— E não estais habituado a estas coisas? É surpreendente! Percebeu Aramis que, para não despertar suspeitas, precisava pedir o auxílio de todas as suas forças.
Baisemeaux, que estava com as chaves, abriu a porta.
— Fica de fora — ordenou ao porta-chaves — e espera-nos embaixo da escada.
O porta-chaves obedeceu e retirou-se.
Baisemeaux passou na frente e abriu a segunda porta.
Viu-se então, no quadrilátero de luz filtrada pela janela gradeada, um formoso mancebo de pequena estatura, cabelos curtos, barba despontando; estava assentado num mocho, com o cotovelo numa poltrona, em que apoiava as costas.
Os trajos, atirados sobre a cama, eram de finíssimo veludo preto, e ele aspirava o ar fresco que ia abismar-se-lhe no peito coberto por uma linda camisa de cambraia.
Quando entrou o governador, o rapaz voltou a cabeça com gesto lânguido e, reconhecendo Baisemeaux, levantou-se e cumprimentou-o cortesmente.
Mas, quando os seus olhos se fitaram em Aramis, que permanecera na sombra, este estremeceu; ficou muito pálido, e o chapéu, que segurava, escapou-lhe da mão, como se todos os seus músculos se houvessem relaxado ao mesmo tempo.
Habituado à presença do prisioneiro, Baisemeaux parecia não experimentar nenhuma das sensações que agitavam Aramis; estendia sobre a mesa a empada e os lagostins, como o teria feito um zeloso mordomo. Assim entretido, não observava a perturbação do hóspede.
Mas, quando terminou, dirigindo a palavra ao jovem prisioneiro:
— Tendes boa cara — disse ele — a coisa vai bem.
— Muito bem, senhor, obrigado — respondeu o rapaz.
Pouco faltou para que a voz derrubasse Aramis.
Contra a vontade deu um passo para a frente, com os lábios trêmulos.
Foi tão visível o movimento que não escapou a Baisemeaux, a despeito da sua preocupação.
— Aqui está um arquiteto que vai examinar-vos a chaminé — disse Baisemeaux; — ela não deita fumo?

— Não, senhor.
— Afirmastes que ninguém pode ser feliz na prisão — volveu o governador, esfregando as mãos; — no entanto, aqui está um prisioneiro feliz. Tendes algum motivo de queixa?
— Nenhum.
— Não vos enfastiais? — perguntou Aramis.
— Nunca.
— Hein? — tornou, baixinho, Baisemeaux — eu tinha ou não tinha razão?
— Que quereis, meu caro governador! É preciso ceder à evidência. Pode-se interrogá-lo?
— Quanto quiserdes.
— Pois bem! Fazei-me a fineza de perguntar-lhe se sabe por que está aqui.
— Este senhor me encarregou de perguntar-vos — disse Baisemeaux — se conheceis o motivo de vossa reclusão?
— Não, senhor — tornou simplesmente o rapaz — não o conheço.
— Mas é impossível! — bradou Aramis, sem conseguir dominar-se. — Se ignorásseis o motivo de vossa reclusão, estaríeis furioso.
— Estive, de fato, nos primeiros dias.
— E por que mudastes?
— Porque refleti.
— É estranho — observou Aramis.
— Eu não vos disse que ele é assombroso? — acudiu Baisemeaux.
— E em que refletistes? — perguntou Aramis. Pode-se saber?
— Refleti que, não tendo cometido crime algum, Deus não poderia castigar-me.
— Mas que é, afinal, a prisão se não um castigo?
— Ai! — tornou o rapaz — não sei; só posso dizer-vos que penso hoje exatamente o contrário do que pensava há sete anos.
— Quem vos ouvisse, e observasse a vossa resignação, seria levado a crer que gostais do cárcere.
— Suporto-o.
— Na certeza de ser livre um dia?
— Não tenho certeza nenhuma, senhor; tenho esperança, mais nada; e confesso que, cada dia, essa esperança diminui.
— Mas, afinal, por que não seríeis livre, se já o fostes?
— É precisamente essa — respondeu o mancebo — a razão que me impede de esperar a liberdade; por que me teriam prendido se tencionavam libertar-me depois?
— Que idade tendes?
— Não sei.
— Como vos chamais?
— Esqueci o nome que me davam.
— Os vossos pais?
— Não os conheci.
— E as pessoas que vos criaram?
— Não me chamavam de filho.

— Gostáveis de alguém antes de vir para cá?
— Eu gostava da minha ama e das minhas flores.
— Só?
— Gostava também do meu criado.
— Tendes saudades da ama e do criado?
— Chorei muito quando morreram.
— Morreram antes de virdes para cá ou depois?
— Na véspera do dia em que me trouxeram.
— Os dois ao mesmo tempo?
— Os dois ao mesmo tempo.
— E como vos trouxeram?

— Um homem foi buscar-me, fez-me subir num carro, que depois se fechou com chave, e trouxe-me para cá.
— Seríeis capaz de reconhecê-lo?
— ele usava máscara.
— Não é uma história extraordinária? — perguntou baixinho Baisemeaux a Aramis.
Aramis mal conseguia respirar.
— Extraordinária, sim — murmurou.
— Mas o mais extraordinário ainda é que ele nunca me disse tanta coisa!
— Talvez porque nunca o interrogastes.
— É possível — respondeu Baisemeaux — não sou curioso. De resto, vedes o quarto: bonito, não é?
— Muito.
— Um tapete...
— Soberbo.
— Aposto que ele não tinha um igual antes de vir para cá.
— Creio que não.
Logo, voltando-se para o rapaz:
— Não vos lembrais de ter sido visitado alguma vez por um estranho ou uma estranha? — perguntou Aramis.
— Oh! sim; fui três vezes visitado por uma mulher, que parava com o carro à porta e entrava, coberta de um véu, que só retirava quando nos via fechados e sozinhos.
— Lembrai-vos dela?
— Sim.
— Que vos dizia?
O rapaz sorriu tristemente.
— Perguntava-me o que vós me perguntais, se eu era feliz ou se me aborrecia.
— E quando chegava ou partia?
— Apertava-me nos braços, conchegava-me do peito, beijava-me.
— Lembrai-vos da sua fisionomia?
— Perfeitamente.
— Pergunto se lhe recordais os traços do rosto?
— Recordo.
— Seríeis capaz de reconhecê-la se o acaso vos apresentasse ou vos conduzisse a ela?
— Sem dúvida nenhuma.
Um relâmpago de fugitiva satisfação passou pelo rosto de Aramis.
Nesse momento Baisemeaux ouviu o porta-chaves, que tornava a subir.
— Vamos sair? — sugeriu rapidamente ao prelado. Aramis, decerto, já sabia o que queria saber.
— Quando quiserdes.
Vendo-os dispostos a partir, o rapaz cumprimentou-os polidamente.
Baisemeaux respondeu com uma simples inclinação de cabeça. Respeitoso, sem dúvida, perante a desgraça, Aramis cumprimentou profundamente o preso.
Saíram. Baisemeaux fechou a porta.
— Então! — inquiriu Baisemeaux na escada — que me dizeis de tudo isso?
— Descobri o segredo, meu caro governador — respondeu o interpelado.
— E que segredo é esse?

— Foi cometido um assassínio naquela casa.
— Não pode ser!
— Refleti: a ama e o criado mortos no mesmo dia?
— E daí?
— Veneno.
— Ah! ah!
— Que achais?
— Que bem poderia ser verdade... Mas, então, o rapaz seria um assassino?
— E quem vos diz isso? Como quereis que a pobre criança seja um assassino?
— Era o que eu pensava.
— O crime foi cometido na casa; é o suficiente; pode ser que ele tenha visto os criminosos, e receia-se que dê com a língua nos dentes.
— Diabo! se eu soubesse disso...
— Que faríeis?
— Redobraria de vigilância.
— Ele não parece desejoso de fugir.
— Não conheceis os prisioneiros.
— Tem livros?
— Nunca; proibição absoluta de dar-lhos.
— Absoluta?
— Do próprio punho do Sr. Mazarino.
— E conservastes a nota?
— Conservei-a, monsenhor; quereis vê-la quando fordes buscar a vossa capa?
— Quero, gosto muito de autógrafos.
— Pois este é de uma soberba exatidão; tem apenas uma emenda.
— Ah! ah! uma emenda! e a propósito de quê?
— A propósito de um algarismo.
— De um algarismo?
— Sim. Eis o que estava escrito primeiro:

pensão de 50 libras.

— Como os príncipes de sangue, então?
— Mas o cardeal, com certeza, percebeu que se enganara: riscou o zero e pôs um 1 diante do 5. Mas a propósito...
— O quê?
— Não me falastes na semelhança.
— Não falo nela, meu caro Sr. de Baisemeaux, por uma razão muito simples; não falo nela, porque ela não existe.
— Oh! francamente!
— Ou, se existe, existe apenas na vossa imaginação. E ainda que fosse real, creio que não devíeis tocar no assunto.
— Por quê?
— O Rei Luís XIV, como haveis de compreender, ficaria mortalmente zangado convosco se soubesse que contribuís para espalhar o boato de que um de seus súditos tem a audácia de parecer-se

com ele.

— É verdade, é verdade — assentiu Baisemeaux, muito assustado — mas só falei nisso convosco, e compreendereis, monsenhor, que me fio muito da vossa discrição.

— Tranqüilizai-vos.

— Ainda quereis ver a nota? — perguntou Baisemeaux, abalado.

— Sem dúvida.

Assim conversando, tinham voltado à sala; Baisemeaux tirou do armário um registro particular semelhante ao que já mostrara a Aramis, mas fechado com chave.

A chave que abria a fechadura estava numa penca que o governador trazia sempre consigo.

Em seguida, colocando o livro sobre a mesa, abriu-o na letra M e mostrou a nota na coluna das observações:

> *"LIVROS NUNCA, roupa de baixo a mais fina possível, trajes esmerados: NADA DE PASSEIOS, SEMPRE O MESMO CARCEREIRO, NENHUMA COMUNICAÇÃO.*
> *"Instrumentos de música; tudo o que fôr necessário ao bem-estar, 15 libras de pensão. O Sr. de Baisemeaux poderá reclamar se as 15 libras não lhe bastarem."*

— Aí está — disse Baisemeaux — agora me lembrei: vou reclamar.

Aramis tornou a fechar o livro.

— De fato — confirmou — foi escrito pelo próprio Sr. de Mazarino; reconheço a letra. E agora, meu caro governador — prosseguiu como se a última comunicação lhe houvesse esgotado o interesse — passemos, se quiserdes, aos nossos negocinhos.

— Muito bem, qual é o prazo que me dais? Dizei-o.

— Não marquemos prazo; assinai-me pura e simplesmente uma confissão de dívida de cento e cinqüenta mil libras.

— Vencível?

— Quando eu quiser. Mas, bem entendido, só hei de querê-lo quando vós o quiserdes.

— Está certo — disse Baisemeaux, sorrindo; — mas já vos entreguei dois recibos.

— Que eu rasgo, como vedes.

E, tendo mostrado os dois recibos ao governador, efetivamente os rasgou.

Vencido por tamanha mostra de confiança, Baisemeaux assinou sem titubear uma confissão de dívida de cento e cinqüenta mil francos, vencível à discrição do prelado.

Aramis, que seguira o curso da pena por cima do ombro do governador, pôs a confissão no bolso sem parecer tê-la lido, o que acabou de tranqüilizar Baisemeaux.

— Agora — disse Aramis — não ficareis zangado comigo se eu vos tirar algum prisioneiro?

— Como assim?

— Obtendo-lhe o perdão. Não vos declarei que o pobre Séldon me interessava?

— É verdade!

— E então?

— Isso é convosco; fareis o que quiserdes. Vejo que tendes o braço comprido e a mão larga.

— Adeus! adeus!

E Aramis abalou, levando consigo as bênçãos do governador.

Capítulo XXVI - As duas amigas

NA hora em que o Sr. de Baisemeaux mostrava a Aramis os prisioneiros da Bastilha, parava um carro à porta da Sra. de Bellière e, apesar da hora matinal, depunha na entrada uma jovem senhora toucada de seda.

Quando anunciaram a Sra. Vanel à Sra. de Bellière, esta se entretinha, ou melhor, se absorvia na leitura de uma carta, que escondeu precipitadamente.

Mal acabara de compor-se; as criadas ainda estavam no quarto pegado.

Ouvindo o nome e os passos de Margarida Vanel, a Sra. de Bellière correu-lhe ao encontro e cuidou distinguir nos olhos da amiga um brilho que não era o da saúde nem o da alegria.

Margarida beijou-a, apertou-lhe as mãos, mal lhe deu tempo para falar.

— Querida — disse ela — tu me esqueces? Estás assim tão absorvida pelos prazeres da corte?

— Nem sequer assisti às festas do casamento.

— Que fazes então?

— Apronto-me para ir a Bellière.

— A Bellière?

— Sim.

— Viraste campesina. Gosto de ver-te com estas disposições. Mas estás pálida.

— Não, sinto-me admiravelmente.

— Tanto melhor, eu estava preocupada. Sabes o que me disseram?

— Dizem tanta coisa!

— Mas essa é extraordinária.

— Como sabes impacientar o teu auditório, Margarida! — Vou dizer. É que tenho medo de irritar-te.

— Oh! nunca. Tu mesma admiras a serenidade do meu temperamento.

— Pois bem! diz-se... Ah! francamente, nunca poderei repetir-to.

— Então falemos de outra coisa — acudiu a Sra. de Bellière, que adivinhava uma perversidade naquele preambular, mas que se sentia devorada de curiosidade.

— Pois bem! minha querida marquesa, dizem que, de uns tempos para cá, tens sentido muito menos falta do Sr. de Bellière, o pobre!

— É um boato falso, Margarida; sinto e sentirei sempre a falta de meu marido; mas faz agora dois anos que morreu; tenho apenas vinte e oito, e o pesar de sua perda não pode dominar todos os atos, todos os pensamentos de minha vida. E direi que tu, tu, Margarida, a mulher por excelência, não dás crédito a esses rumores.

— E por que não? Tens um coração tão terno! — replicou, maldosa, a Sra. Vanel.

— O teu também o é, Margarida, e não te deixaste abater pelo sofrimento quando sentiste o coração ferido.

Essas palavras eram uma alusão à ruptura de Margarida com o superintendente. Eram também uma censura velada, posto que direta, dirigida ao coração da outra.

— Como se estivesse apenas à espera desse sinal para desferir a seta, Margarida exclamou:

— Pois bem! Elisa, dizem que estás apaixonada.

E devorou com o olhar a Sra. de Bellière, que se purpureou malgrado seu.

— Ninguém é condenado por caluniar mulheres — replicou a marquesa após um instante de

silêncio.
— Mas ninguém te caluniou, Elisa.
— Como! dizem que estou apaixonada, e não me caluniam?
— Em primeiro lugar, se é verdade, não há calúnia, há apenas maledicência; além disso, não me deixas concluir, o público não diz que te entregas à paixão. Pinta-te, muito ao contrário, como virtuosa apaixonada, armada de garras e dentes, encerrada em casa como numa fortaleza, bem menos expugnável que a de Dânae, se bem a torre de Dânae fosse de bronze.
— Tens graça, Margarida — disse, trêmula, a Sra. de Bellière.
— Sempre me lisonjeaste, Elisa... Em suma, dizem-te incorruptível e inacessível. Por aí podes ver que não te caluniam... Mas em que estás pensando?
— Eu?
— Sim, ficaste vermelha e muda.
— Procuro — tornou a marquesa erguendo os formosos olhos em que principiava a luzir uma chispa de cólera — procuro saber a que aludiste, tu, tão entendida em mitologia, comparando-me a Dânae.
— Ah! Ah! — respondeu Margarida, rindo — procuras isso?
— Sim; não te recordas do convento, quando resolvíamos problemas de aritmética... Ah! é erudito também o que vou dizer-te, mas agora é a minha vez... Não te recordas de que, dado um dos termos, tínhamos de achar o outro? Procura, procura.
— Não atino com o que queres dizer.
— Pois não há nada mais simples. Dizes que estou apaixonada, não é?
— Foi o que me disseram.
— Pois bem! ninguém diz que eu esteja apaixonada por uma abstração. Não há um nome nesse boato?
— É claro que há um nome.
— Pois bem, minha cara, não é de espantar que eu deva procurá-lo, visto que não mo revelas.
— Vendo-te corar, minha querida marquesa, supus que não procurarias por muito tempo.
— Foi a tua Dânae que me surpreendeu. Quem diz Dânae diz chuva de ouro, não diz?
— Isto é, o Júpiter de Dânae mudou-se, por ela, em chuva de ouro.
— Então o meu amante... o que tu me dás...
— Perdão! Sou tua amiga e não te dou ninguém.
— Seja!... mas os inimigos.
— Queres que eu te diga o nome?
— Há meia hora que me fazes esperar.
— Vais ouvi-lo. Não te espantes, é um homem poderoso.
— Bom!
A marquesa enterrava nas mãos as unhas afiadas, como o paciente à aproximação do fogo.
— É um homem riquíssimo — continuou Margarida — o mais rico talvez. É, enfim...
A marquesa fechou os olhos por um instante.
— É o Duque de Buckingham — disse Margarida, rindo a bandeiras despregadas. A perfídia fora calculada com incrível habilidade.
Esse nome, soando falso em lugar do nome que esperava a marquesa, produzia na pobre mulher o efeito dos cutelos mal amolados que haviam retalhado, sem os matar, os Srs. de Chalais e de Thou no cadafalso.
Não obstante, recompôs-se.

La marquise de Bellières.

— Eu tinha carradas de razão — exclamou — quando afirmei que tens graça; fazes-me passar momentos agradabilíssimos. A brincadeira é deliciosa... Nunca vi o Sr. de Buckingham.

— Nunca? — perguntou Margarida contendo as gargalhadas.

— Não pus os pés fora de casa desde que o duque está em Paris.

— Oh! — volveu a Sra. Vanel estendendo o pé indócil para um papel que se agitava perto da janela, sobre o tapete. — A gente pode não se ver, mas escreve.

A marquesa estremeceu. Aquele papel era o invólucro da carta que estivera lendo à chegada da amiga. E nesse invólucro se estampavam as armas do superintendente.

Recuando no sofá em que se assentara, a Sra. de Bellière conseguiu fazer que caíssem sobre o papel as amplas dobras do vestido de seda e assim o escondeu.

— Vejamos — disse ela, então — vejamos, Margarida, foi para dizer-me essas loucuras que vieste tão cedo?

— Não, em primeiro lugar vim para te ver e recordar os nossos velhos hábitos, tão doces e tão bons, quando íamos passear em Vincennes, e, debaixo de um carvalho, num bosque, conversávamos sobre aqueles que amávamos e que nos amavam.

— Tu me propões um passeio?

— Tenho o meu carro e três horas de liberdade.

— Não estou vestida, Margarida... e... se queres conversar, sem ir ao bosque de Vincennes, encontraremos no meu jardim uma bonita árvore, alamedas arborizadas, um gramado cheio de

malmequeres, e todas as violetas cujo perfume sentimos daqui.

— Minha querida marquesa, lamento que recuses... Eu tinha precisão de desafogar contigo.

— Repito-te, Margarida, o meu coração é teu, assim nesta sala, assim aqui perto, debaixo das tílias do meu jardim, como lá embaixo, sob um carvalho no bosque.

— Para mim, já não é a mesma coisa...

Aproximando-me de Vincennes, marquesa, eu aproximaria os meus suspiros do alvo a que se destinam há alguns dias.

A marquesa ergueu a cabeça de repente.

— Espanta-te, não é verdade... que eu ainda pense em Saint-Mandé?

— Em Saint-Mandé! — exclamou a Sra. de Bellière.

E os olhares das duas mulheres cruzaram-se como duas espadas inquietas na primeira escaramuça.

— Tu, tão altiva?... — exclamou, com desdém, a marquesa.

— Eu... tão altiva!... — replicou a Sra. Vanel. — Sou assim... Não perdôo o esquecimento, não suporto a infidelidade. Quando abandono e choram, sinto-me tentada a amar ainda; mas, quando me abandonam e riem, amo desesperadamente.

A Sra. de Bellière fez um movimento involuntário.

— Ela está com ciúme — disse Margarida entre si.

— Então — continuou a marquesa — amas perdidamente... o Sr. de Buckingham... não, engano-me... o Sr. Fouquet?

Sentindo o golpe, todo o sangue lhe afluiu ao coração.

— E querias ir a Vincennes... a Saint-Mandé!

— Não sei o que eu queria, talvez me tivesses aconselhado.

— A propósito de quê?

— Já o fizeste muitas vezes.

— De fato, mas não nesta ocasião; pois não perdôo como tu. Amo menos, talvez; mas quando me ferem o coração, é para sempre.

— O Sr. Fouquet não te feriu — atalhou com virginal candura Margarida Vanel.

— Compreendes perfeitamente o que quero dizer-te. O Sr. Fouquet não me feriu; não o conheço através de favores nem de injúrias, mas tu te queixas dele. És minha amiga, e eu, por isso mesmo, não te daria o conselho que queres ouvir.

— Ah! prejulgas?

— Os suspiros de que falaste são mais do que injúrias.

— Arrasas-me — disse, de repente, a jovem reunindo todas as forças como o lutador que se apresta para desferir o último golpe; — contas apenas com as minhas paixões más e as minhas fraquezas. Quanto aos sentimentos generosos e puros que tenho, nem aludes a eles. Se me sinto atraída neste momento pelo senhor superintendente, se chego a dar um passo na sua direção, como provavelmente o farei, é porque a sorte do Sr. Fouquet me toca profundamente, e ele, a meu ver, é um dos homens mais desgraçados que existem.

— Ah! — exclamou a marquesa levando a mão ao coração — surgiu alguma novidade?

— Ainda não sabes?

— Não sei de nada — respondeu a Sra. de Bellière com a palpitação da angústia que suspende o pensamento e a palavra, que suspende a própria vida.

— Minha cara, em primeiro lugar, todo o valimento do Sr. Fouquet se transferiu para o Sr. Colbert.

— Sim, é o que dizem.

— Naturalmente, após o descobrimento da conspiração de Belle-Isle.
— Garantiram-me que esse descobrimento redundou em honra para o Sr. Fouquet.
Margarida abriu a rir de maneira tão cruel, que a Sra. de Bellière, naquele momento, lhe teria enterrado jubilosa um punhal no coração.
— Minha cara — prosseguiu Margarida — agora já nem se trata da honra do Sr. Fouquet; trata-se da sua salvação. Daqui a três dias estará consumada a ruína do superintendente.
— Oh! — acudiu a marquesa sorrindo por seu turno — isso é ir muito depressa.
— Digo três dias porque gosto de iludir-me com uma esperança. Mas com toda a certeza a catástrofe se verificará dentro de vinte e quatro horas.
— Por quê?
— Pela mais humilde de todas as razões: o Sr. Fouquet já não tem dinheiro.
— Em finanças, minha querida Margarida, quem não tem dinheiro hoje, recebe milhões amanhã.
— Isso poderia acontecer quando tinha o Sr. Fouquet dois amigos ricos e hábeis que entesouravam para ele e arrancavam dinheiro de todos os cofres; mas esses amigos estão mortos.
— Os escudos não morrem, Margarida; estão escondidos, procuram-se, compram-se, encontram-se.
— Vês as coisas por um prisma cor-de-rosa, melhor para ti. E é pena que não sejas a Egéria do Sr. Fouquet, pois poderias indicar-lhe a fonte em que ele fosse buscar os milhões que ontem lhe pediu el-rei.
— Milhões? — repetiu a marquesa com pavor.
— Quatro... é um número par.
— Infame! — murmurou a Sra. de Bellière torturada por aquela alegria feroz... — Mas acredito que o Sr. Fouquet tenha quatro milhões — replicou, corajosamente.
— Se tem os que o rei lhe pede hoje — tornou Margarida — talvez não tenha os que o rei lhe pedirá daqui a um mês.
— O rei tornará a pedir-lhe dinheiro?
— Sem dúvida, e eis por que te digo que a ruína desse pobre Sr. Fouquet é infalível. Por orgulho, fornecerá dinheiro, e, quando não tiver mais, cairá.
— É verdade — anuiu a marquesa, estremecendo; — o plano é forte... Dize-me, o Sr. Colbert odeia muito o Sr. Fouquet?
— Creio que não gosta dele... Ora, o Sr. Colbert é um homem poderoso, que ganha em ser conhecido de perto: tem concepções gigantescas, vontade, discrição; irá longe.
— Será superintendente?
— É provável... Eis porque, minha boa marquesa, eu me sentia comovida em favor desse pobre homem que me amou, que me adorou; eis porque, vendo-o tão infeliz, eu lhe perdoei a infidelidade... de que ele está arrependido, como tenho razões para crer; eis porque eu seria capaz de levar-lhe um consolo, um bom conselho; ele compreenderia a minha atitude e me teria agradecido. É bom ser amada, minha cara. Os homens apreciam muito o amor quando não os cega o poder.
Aturdida, esmagada por esses ataques atrozes, calculados com a justeza e a precisão de um tiro de canhão, a marquesa já não sabia o que responder, já não sabia o que pensar.
A voz da perfídia assumira as entoações mais afetuosas; falava como mulher e escondia os instintos da pantera.
— Pois bem! — disse a Sra. de Bellière, com a vaga esperança de que Margarida cessasse de acometer o inimigo vencido; — pois bem! por que não vais procurar o Sr. Fouquet?
— Decididamente, marquesa, tu me fizeste refletir. Não, seria inconveniente que eu desse o

primeiro passo. O Sr. Fouquet ama-me decerto, mas é orgulhoso demais. Posso expor-me a um agravo... De mais disso, preciso pensar em meu marido. Não dizes nada? Não faz mal! consultarei o Sr. Colbert.

Ergueu-se sorrindo, como para despedir-se. A marquesa não teve forças para imitá-la.

Margarida deu alguns passos a fim de saborear ainda o humilhante sofrimento em que mergulhara a rival; logo, de improviso:

— Não me levas até à porta? — perguntou.

Ergueu-se a marquesa, pálida e fria, sem mais se preocupar com a sobrecarta que tanto a inquietara no princípio da conversação e que o seu primeiro passo revelara.

Abriu a porta do oratório, e, sem virar sequer a cabeça para o lado de Margarida Vanel, entrou e fechou-se nele.

Margarida pronunciou, ou melhor, balbuciou três ou quatro palavras que a Sra. de Bellière não ouviu.

Mas, assim que a marquesa desapareceu, a invejosa inimiga não pôde resistir ao desejo de certificar-se da exatidão de suas suspeitas; alongou-se como uma pantera e agarrou a sobrecarta.

— Ah! — murmurou estarrincando os dentes — era, de fato, uma carta do Sr. Fouquet que ela estava lendo quando cheguei!

E, por seu turno, saiu, precipite, da sala.

Nesse em meio, arrimada à porta, sentia a marquesa que as forças a desamparavam: por um instante ficou tesa, pálida e imóvel como um estátua; depois, como uma estátua que um vento de tempestade sacode pela base, cambaleou e caiu sem sentidos sobre o tapete.

O ruído da queda ecoou ao mesmo tempo que o rodar do carro de Margarida ao sair do palácio.

Capítulo XXVII - A baixela da Sra. de Bellière

O GOLPE fora tanto mais doloroso quanto menos esperado: a marquesa levou, pois, algum tempo para recobrar os sentidos; mas, tendo-os recobrado, entrou imediatamente a refletir no sucedido.

Retomou, embora sentisse estalarem-lhe no peito as cordas do coração, o fio das idéias que a fizera seguir a implacável amiga.

Traição, seguida de negras ameaças veladas sob a aparência do interesse público, eis o que significavam as manobras de Colbert.

Odiosa alegria de uma queda próxima, esforços incessantes para alcançar esse fim, seduções não menos culposas do que o próprio crime: eis o que punha por obra Margarida.

Triunfavam os átomos aduncos de Descartes; ao homem sem entranhas unira-se a mulher sem coração.

A marquesa viu, com mais tristeza que indignação, que o rei compartia de uma conjura em que se patenteavam a duplicidade de Luís XIII velho e a avareza de Mazarino ainda não fartado do ouro francês.

Não tardou, porém, que o espírito da mulher corajosa recuperasse a energia e deixasse as especulações retrospectivas da compaixão.

A marquesa não era das que choram quando devem agir e perdem tempo lastimando uma desgraça que podem atenuar.

Apoiou, durante uns dez minutos, a fronte nas mãos geladas; depois, erguendo a testa, tocou a campainha com mão firme e gesto enérgico.

A sua resolução estava assentada.

— Está tudo preparado para a minha partida? — perguntou a uma das moças que entrava.

— Está, sim, senhora; mas todas esperavam que a senhora marquesa só partisse para Bellière daqui a três dias.

— Todas as jóias e valores estão guardados?

— Estão, sim, senhora; mas costumamos deixar tudo isso em Paris, pois a senhora marquesa não usa levar para a província as suas pedrarias.

— E dizes que está tudo arrumado?

— No gabinete da senhora marquesa.

— E a baixela de ouro?

— Nos cofres.

— E a de prata?

— No armarião de carvalho.

Calou-se a marquesa; logo, com voz tranqüila:

— Mandai chamar o meu ourives — disse ela.

As mulheres desapareceram para executar a ordem.

Entretanto, a marquesa entrara no gabinete e, com o máximo cuidado, considerava os escrínios.

Nunca dera muita atenção às suas riquezas, que constituem o orgulho de uma mulher; nunca perdera com as jóias senão o tempo necessário para escolhê-las de acordo com os engastes e as cores. Agora admirava o tamanho dos rubis e a limpidez dos brilhantes; consternava-se ante uma jaça ou um defeito; achava o ouro muito fraco e as pedras miseráveis.

O ourives surpreendeu-a nessa ocupação.
— Sr. Faucheux — disse ela — fostes vós quem forneceu a minha baixela de ouro?
— Fui eu, senhora marquesa.
— Já não me lembro a quanto montava a nota.
— A primeira ou a que o Sr. de Bellière vos deu quando casou? Forneci as duas.
— Pois bem! a segunda.
— Senhora, os jarros, os copos e os pratos com os respectivos estojos, o centro de mesa, os almofarizes de sorvete, as salvas de doces e os vasos, custaram à senhora marquesa sessenta mil libras.
— Só isso, meu Deus?
— A senhora marquesa achou bem cara a minha conta...
— É verdade! é verdade! Lembro-me de que, de fato, era caro; o trabalho, não foi?
— Sim, senhora: gravuras, cinzeladuras, formas novas.
— E por quanto entrou no preço o trabalho? Não hesiteis.
— Um terço do valor, senhora. Mas...
— Temos ainda o outro serviço, o velho, o de meu marido?
— Oh! é bem menos trabalhado que esse. Valerá, quando muito, umas trinta mil libras.
— Setenta! — murmurou a marquesa. — Mas, Sr. Faucheux, há ainda a baixela de prata de minha mãe; sabeis qual é, a das peças que eu não quis vender por causa do valor estimativo!
— Ah! aí está um esplêndido recurso para as pessoas que, como a senhora marquesa, não pudessem conservar a sua baixela. Naqueles tempos o trabalho era muito mais pesado do que hoje. Empregavam-se lingotes. Mas essa baixela já não é apresentável; apenas pesa.
— Pois é disso mesmo que preciso. Quanto pesa?
— Cinqüenta mil libras, pelo menos. Não me refiro aos vasos enormes do aparador, que pesam cinco mil libras cada um: ou sejam, dez mil os dois.
— Cento e trinta! — murmurou a marquesa. — Tendes certeza desses algarismos, Sr. Faucheux?
— Absoluta, senhora. Aliás, seria facílimo pesar de novo.
— Está tudo assentado nos meus livros.
— Nisso se reconhece o espírito de ordem da senhora marquesa.
— Passemos a outra coisa — disse a Sra. de Bellière. E abriu um escrínio.
— Lembro-me destas esmeraldas — exclamou o ourives — fui eu quem as mandou montar; são as mais bonitas da corte; isto é, não: as mais bonitas pertencem à Sra. de Châtillon, que as recebeu dos Srs. de Guise; mas estas, senhora, são as segundas.
— Valem?
— Montadas?
— Não; suponde que eu quisesse vendê-las.
— Sei muito bem quem as compraria! — exclamou o Sr. Faucheux.
— Pois é precisamente o que quero saber. Serão vendáveis?
— Todas as vossas pedras são vendáveis; sabe-se que tendes a mais bela coleção de Paris. Não sois dessas mulheres que mudam; quando comprais, comprais coisa boa; e quando possuís, guardais.
— Por conseguinte, eu poderia obter por estas esmeraldas?
— Cento e trinta mil libras.
A marquesa anotou, num caderninho, a soma enunciada pelo ourives.
— E este colar de rubis? — perguntou.
— Rubis balais?

— Estes aqui.
— São lindos, são magníficos! Eu não os conhecia.
— Avaliai.
— Duzentas mil libras. Só o do meio vale cem.
— Sim, sim, era o que eu pensava — disse a marquesa. — Os brilhantes, os brilhantes! oh! tenho uma quantidade deles: anéis, correntes, pingentes e arrecadas, broches, agulhetas. Avaliai, Sr. Faucheux, avaliai.
O ourives pegou na lente e na balança, pesou, olhou, e baixinho, somando:
— Aqui estão pedras — disse ele — que podem dar à senhora marquesa quarenta mil libras de rendas.
— Avaliais tudo isso em oitocentas mil libras?
— Mais ou menos.
— Era o que eu supunha. Mas os engastes à parte.
— Como sempre. E se eu fosse encarregado de vendê-las ou comprá-las, contar-me ia, a título de comissão, com o ouro das montagens, que me renderia umas boas vinte e cinco mil libras.
— Bom negócio!
— Sim, senhora, muito bom negócio.
— Aceitaríeis a comissão com a condição de converter as pedras em dinheiro de contado?
— Mas, senhora — exclamou o ourives atônito — cuido que não vendereis os brilhantes?
— Silêncio, Sr. Faucheux, não vos preocupeis com isso, respondei-me apenas. Sois homem de bem, fornecedor de minha casa há trinta anos, conhecestes meu pai e minha mãe, que vosso pai e vossa mãe serviram. Falo-vos como a um amigo; aceitais o ouro dos engastes em troca de uma soma em dinheiro que me entregareis?
— Oitocentas mil libras! é muita coisa!
— Eu sei.
— Impossível de encontrar-se.
— Impossível não é.
— Mas, senhora, pensai na repercussão que teria a notícia da venda de vossas pedras!
— Ninguém ficaria sabendo... Mandar-me-eis fazer outras tantas imitações. Não insistais: eu o quero. Vendei separadamente, vendei apenas as pedras.
— Assim, é fácil... Monsieur anda à procura de escrínios, de pedras soltas para os vestidos de Madame. Há concorrência. Vendê-las-ei facilmente a Monsieur por seiscentas mil libras. Tenho certeza de que os vossos são os mais bonitos.
— Quando?
— Dentro de três dias.
— Pois bem! vendei o resto a particulares. Por enquanto, assinai-me um contrato de venda garantido... pagável daqui a quatro dias.
— Senhora, senhora, refleti, eu vos suplico...
Perdereis cem mil libras, se vos apressardes.
— Perderei duzentas, se for preciso. Quero que tudo se faça esta noite. Aceitais?
— Aceito, senhora marquesa... Não nego que ganharei na transação cinco mil pistolas.
— Tanto melhor. Como terei o dinheiro?
— Em ouro ou em notas do banco de Lião, pagáveis pelo Sr. Colbert.
— Aceito — disse rapidamente a marquesa; — voltai para casa e trazei-o logo, em notas, entendestes?

— Sim, senhora; mas, por favor...

— Nem mais uma palavra, Sr. Faucheux. A propósito, a baixela de prata, que eu esquecia... Quanto terei por ela?

— Cinqüenta mil libras, senhora.

— É um milhão — disse baixinho a marquesa — Sr. Faucheux, mandareis buscar também as baixelas de ouro e de prata. Pretextarei uma refundição para mandar fazer modelos mais do meu gosto... Fundi, digo eu, e dai-me o valor em ouro... imediatamente.

— Muito bem, senhora marquesa.

— Poreis o ouro num cofre; mandareis um empregado vosso acompanhá-lo sem que o veja o meu pessoal; esse empregado me esperará num carro.

— O carro da Sra. Faucheux? — sugeriu o ourives.

— Boa idéia; irei tomá-lo em vossa casa.

— Sim, senhora marquesa.

— Levai três criados meus para carregarem a baixela.

— Sim, senhora.

A marquesa tocou a campainha.

— O furgão — disse ela — à disposição do Sr. Faucheux.

Saiu o ourives ordenando que o furgão o seguisse de perto e anunciando pessoalmente que a marquesa mandava refundir a baixela para que se lhe fizesse outra mais moderna.

Três horas depois, ia a Sra. de Bellière à casa do Sr. Faucheux e recebia oitocentas mil libras em notas do banco de Lião e duzentas e cinqüenta mil libras em ouro, encerradas num cofre penosamente carregado por um moço, que o colocou no carro da Sra. Faucheux.

Pois a Sra. Faucheux tinha um carro. Filha de um presidente do Tribunal de Contas, trouxera trinta mil escudos ao marido, síndico dos ourives. Em vinte anos os trinta mil escudos haviam frutificado.

O ourives era milionário e modesto. Comprara um venerável coche, fabricado em 1648, dez anos após o nascimento do rei. Esse coche, ou melhor, essa casa rodante, era objeto da admiração de todo o bairro pelas pinturas alegóricas e nuvens semeadas de estrelas de ouro e prata dourada que o recobriam.

Nesse veículo, o seu tanto grotesco, subiu a nobre senhora, sentando-se defronte do empregado, que dissimulava os joelhos com medo de roçar o vestido da marquesa.

E foi esse mesmo empregado que disse ao cocheiro, orgulhoso de conduzir uma marquesa:

— Caminho de Saint-Mandé!

Capítulo XXVIII - O dote

OS cavalos do Sr. Faucheux eram honestos cavalos do Perche, de joelhos grossos e pernas meio inchadas. Como o carro, pertenciam à outra metade do século. Não corriam como os cavalos ingleses do Sr. Fouquet. Por isso mesmo levaram duas horas para chegar a Saint-Mandé. Pode-se afirmar que caminhavam majestosamente. A majestade exclui o movimento.

Deteve-se a marquesa diante de uma porta muito conhecida, se bem a tivesse visto apenas uma vez, como devemos lembrar-nos, em circunstância não menos penosa que a atual.

Tirou do bolso uma chave, introduziu-a com a mãozinha branca na fechadura, empurrou a porta, que cedeu sem ruído, e deu ordem ao empregado para levar o cofre ao primeiro andar.

Mas tamanho era o seu peso, que o empregado precisou pedir o auxílio do cocheiro.

O cofre foi colocado no gabinetezinho, antecâmara, ou melhor, toucador, pegado ao salão em que vimos o Sr. Fouquet aos pés da marquesa.

A Sra. de Bellière deu um luís ao cocheiro, um sorriso encantador ao empregado e dispensou-os.

Quando saíram, fechou a porta e esperou, entrincheirada e só. Nenhum criado apareceu.

Mas todas as coisas estavam dispostas como se um gênio invisível adivinhasse as necessidades e desejos do hóspede, ou antes, da hóspeda aguardada.

O lume atiçado, as velas nos candelabros, os refrescos no aparador, os livros nas mesas, as flores frescas nos vasos do Japão.

Dir-se-ia uma casa encantada.

A marquesa acendeu os candelabros, aspirou o perfume das flores, sentou-se e logo mergulhou em profunda cisma.

A cisma, porém, embora melancólica, era impregnada de certa doçura.

Via diante de si um tesouro exposto na sala. Um milhão que arrancara de sua fortuna como a ceifeira arranca uma centáurea de sua coroa.

Entretecia os mais doces sonhos.

Pensava sobretudo e antes de tudo em como deixaria o dinheiro ao Sr. Fouquet sem que este pudesse saber de onde vinha o presente. Era o meio que se lhe apresentara naturalmente em primeiro lugar ao espírito.

Mas, conquanto, ao refletir, a coisa lhe parecesse difícil, não desesperava de lográ-la.

Tocaria a campainha chamando o Sr. Fouquet, e fugiria mais feliz do que se, em vez de dá-lo, houvesse achado um milhão.

Mas, desde que chegara, desde que vira o toucador tão garrido, como se uma criada acabasse de varrer-lhe o último átomo de pó; ao dar com o salão tão mimoso, como se ela, ao chegar, houvesse afugentado as fadas que o habitavam, perguntava a si mesma se os olhos dos fugitivos, gênios, fadas, duendes ou criaturas humanas não a haviam reconhecido.

E Fouquet, nesse caso, saberia de tudo; o que não soubesse, adivinharia; recusaria como dádiva o que talvez aceitasse como empréstimo, e, assim, a empresa não alcançaria o objetivo.

Era preciso que tudo se fizesse seriamente para dar certo. Era preciso que o superintendente compreendesse a gravidade de sua posição para submeter-se ao generoso capricho de uma mulher.

Era preciso, enfim, para persuadi-lo, o encanto de uma eloqüente amizade, e, se isso ainda não bastasse, a embriaguez de um amor ardente que nada afastaria do seu desejo absoluto de convencer.

Com efeito, conhecido como homem de rara delicadeza e dignidade, consentiria o superintendente em locupletar-se com os despojos de uma mulher? Não. Resistiria, e se voz no mundo houvesse capaz de vencer-lhe a resistência, essa voz era a da mulher amada.

Mas outra dúvida, dúvida cruel que atravessava o coração da Sra. de Bellière com a dor e o frio agudo de um punhal, acudiu-lhe.

Amaria ele?

O espírito leviano, o coração inconstante deixar-se-ia fixar por um momento, ainda que fosse para contemplar um anjo?

Não se dava com Fouquet, a despeito de todo o seu gênio, sem embargo de toda a sua probidade, o que se dá com os conquistadores que choram no campo de batalha depois de conquistarem a vitória?

— Pois é isso que preciso esclarecer, é nisso que preciso julgá-lo — disse era si a marquesa. — Quem sabe se esse coração tão cobiçado não é um coração vulgar e cheio de impurezas, quem sabe se esse espírito não se revelará, quando eu o experimentar, trivial e inferior?... Vamos! vamos! — exclamou — é muito duvidar, é muito hesitar, a prova! a prova!

Consultou o relógio.

— Sete horas; ele deve ter chegado; é a hora das assinaturas. Vamos!

E, levantando-se com febril impaciência, dirigiu-se ao espelho, em que se viu sorrir com o sorriso enérgico do devotamento; fez funcionar a mola e apertou o botão da campainha.

Depois, como que antecipadamente esgotada pela luta que acabava de travar, foi ajoelhar-se desvairada numa poltrona imensa, onde mergulhou a cabeça entre as mãos trêmulas.

Dez minutos depois, ouviu ranger a mola da porta.

A porta rodou sobre gonzos invisíveis.

Surgiu Fouquet.

Muito pálido, parecia curvado ao peso de um pensamento amargo.

Não vinha correndo; vinha, apenas.

Cumpria que a preocupação fosse muito poderosa para que o homem inteiramente devotado ao prazer, para quem o prazer era tudo, atendesse tão moroso a um chamamento daqueles.

Com efeito, fecunda em sonhos dolorosos, a noite lhe amaciara os traços de ordinário displicentes e lhe traçara à volta dos olhos órbitas de bistre.

Era sempre belo, sempre nobre, e a expressão melancólica da boca, tão rara naquele homem, dava-lhe à fisionomia um caráter novo, que a rejuvenescia.

Vestido de preto, o peito inchado de rendas amarrotadas pela mão inquieta, deteve-se o superintendente com o olhar cismarento à beira do quarto em que tantas vezes fora encontrar a ventura esperada.

A triste doçura, a tristeza sorridente que substituíam a exaltação da alegria, produziram na Sra. de Bellière, que o considerava de longe, indizível efeito.

O olhar de uma mulher sabe ler o orgulho ou o sofrimento nos traços do homem amado; dir-se-ia que Deus, em razão da fraqueza delas, quis dar às mulheres mais do que dá às outras criaturas.

Elas podem esconder do homem os seus sentimentos; o homem não pode esconder-lhes os seus.

A marquesa adivinhou, de relance, a extensão da desgraça do superintendente.

Adivinhou uma noite de vigília, um dia de decepções.

Sentiu-se forte, sentiu que o amava acima de todas as coisas.

Ergueu-se e, aproximando-se:

— Vós me escrevestes hoje cedo — disse ela — que principiáveis a esquecer-me, e que eu, que não vos tinha revisto, deixara sem dúvida de pensar em vós. Venho desmentir-vos, senhor, e isso

tanto mais seguramente que leio uma coisa em vossos olhos.

— Qual, senhora? — perguntou Fouquet, espantado.

— Que nunca me amastes tanto quanto agora; assim como deveis ler nos meus atos que não vos esqueci.

— Oh! vós, marquesa — exclamou Fouquet com o rosto nobre momentaneamente iluminado por um brilho de alegria — sois um anjo, e os homens não têm o direito de duvidar de vós. Só podem humilhar-se e pedir-vos perdão.

— Pois o perdão vos seja concedido! Fouquet fez menção de ajoelhar-se.

— Não — disse ela — sentai-vos ao meu lado. Ah! eis um mau pensamento que vos aflora ao espírito!

— E em que vedes isso, senhora?

— Em vosso sorriso, que vos altera o semblante.

Vejamos, em que pensais? Dizei-o, sede franco, nada de segredos entre amigos.

— Pois bem! senhora, por que esse rigor de três ou quatro meses?

— Esse rigor?

— Sim, não me proibistes de visitar-vos?

— Ai de mim! meu amigo — tornou a Sra. de Bellière com profundo suspiro — porque a vossa visita à minha casa vos causou uma grande desgraça, porque a minha casa anda vigiada, porque os mesmos olhos que vos viram poderiam ver-vos de novo, porque me parece menos perigoso para vós eu vir aqui do que irdes vós à minha casa; enfim, porque me pareceis tão desgraçado que não quero aumentar-vos a desgraça...

Fouquet estremeceu.

Essas palavras recordavam-lhe as preocupações da superintendência, a ele que, nos últimos minutos, só se lembrava das esperanças do amante.

— Desgraçado, eu? — tornou, tentando sorrir. — Em verdade, marquesa, a vossa tristeza seria capaz de persuadir-me disso. Só se fitam em mim esses formosos olhos para lastimar-me? Oh! espero deles outro sentimento.

— Não sou eu quem está triste, senhor: mirai-vos nesse espelho; sois vós.

— Marquesa, estou pálido, é verdade, mas por excesso de trabalho; ontem o rei pediu-me dinheiro.

— Quatro milhões; eu sei.

— Sabei-lo! — exclamou Fouquet, surpreso. — E como o sabeis? Foi no fim do jogo, depois que as rainhas haviam partido e em presença de uma única pessoa, que o rei...

— Vedes que sei; isso basta, não basta? Pois bem, continuai, meu amigo: foi que o rei vos pediu...

— Pois então! Foi preciso arrecadar o dinheiro, depois mandá-lo contar, registrar, e isso demora.

Após a morte do Sr. de Mazarino anda meio cansado e confuso o serviço das finanças. A minha administração tem sido sobrecarregada, e aí está porque velei esta noite.

— De sorte que tendes a soma? — perguntou a marquesa, inquieta.

— Seria muito engraçado, marquesa — replicou alegremente Fouquet — que um superintendente das finanças não tivesse quatro milhões em seus cofres.

— Sim, creio que os tendes ou que os tereis.

— Que os terei, como?

— Não faz muito tempo, o rei vos pediu dois.

— Parece-me, ao contrário, que faz um século, marquesa; mas, por favor, não falemos em dinheiro.

— Pelo contrário, falemos, meu amigo.

— Oh!
— Não vim para outra coisa.
— Mas, afinal, que quereis dizer? — perguntou o superintendente, cujos olhos exprimiam inquieta curiosidade.
— Senhor, a superintendência é cargo inamovível?
— Marquesa!
— Vedes que vos respondo, e com toda a franqueza.
— Vós me surpreendeis; falais como um comanditário!
— É muito simples; desejo confiar-vos algum dinheiro e, naturalmente, quero certificar-me' das garantias.
— Em realidade, marquesa, eu perco-me e já não sei aonde pretendeis chegar.
— Seriamente, meu caro Sr. Fouquet, tenho uns fundos que me estorvam. Estou cansada de comprar terras e quero encarregar um amigo de fazer render o meu dinheiro.
— Mas isso não tem pressa, imagino? — acudiu Fouquet.
— Ao contrário, tem muita pressa.
— Pois bem! falaremos mais tarde no assunto.
— Não, mais tarde, não, que o dinheiro está aqui.
A marquesa indicou o cofre ao superintendente, e, abrindo-o, mostrou-lhe os maços de notas e o ouro.
Levantara-se Fouquet ao mesmo tempo que a Sra. de Bellière; quedou um instante pensativo; depois, de repente, recuou, muito pálido, e deixou-se cair numa cadeira escondendo o rosto entre as mãos.
— Oh! marquesa! marquesa! — murmurou.
— Que foi?
— Em que conceito me tendes para fazer-me semelhante oferecimento?
— Em que conceito vos tenho?
— Claro.
— Que vos parece? Vejamos.
— Esse dinheiro, vós o trouxestes para mim: trouxeste-lo por saber-me em dificuldades. Não o negueis. Eu adivinho. Não conheço, acaso, o vosso coração?
— Pois bem! Se conheceis o meu coração, vedes que é o coração que vos ofereço.
— Então adivinhei! — bradou Fouquet. — Oh! senhora, nunca vos dei o direito de insultar-me assim.
— Insultar-vos! — disse ela empalidecendo. — Estranha delicadeza humana! Dissestes que me amais. Pedistes em nome desse amor a minha reputação, a minha honra. E agora que vos ofereço o meu dinheiro, recusai-lo!
— Marquesa, marquesa, tivestes liberdade de guardar o que denominais a vossa reputação e a vossa honra! Deixai-me a liberdade de guardar as minhas. Deixai que eu me arruíne, que sucumba ao peso dos ódios que me rodeiam, ao fardo dos erros que cometi, à carga dos meus próprios remorsos; mas, pelo amor de Deus! marquesa, não me esmagueis sob esse último golpe.
— Ainda há pouco vos faltou espírito, Sr. Fouquet — disse ela.
— É possível, senhora.
— E agora vos falta coração.
Fouquet comprimiu com a mão crispada o peito ofegante.
— Esmagai-me, senhora — disse ele — não tenho o que responder.

— Eu vos ofereci minha amizade, Sr. Fouquet.
— Sim; mas não fostes além.
— O meu gesto é de amiga.
— Sem dúvida.
— E recusais essa prova de amizade?
— Recuso-a.
— Olhai para mim, Sr. Fouquet.
Os olhos da marquesa despediam chispas.
— Ofereço-vos o meu amor.
— Oh! senhora — disse Fouquet.
— Eu vos amo, entendeis, há muito tempo; as mulheres têm como os homens a sua falsa delicadeza. Há muito tempo que vos amo, mas não queria confessá-lo.
— Oh! — bradou Fouquet, juntando as mãos.
— Pois bem! agora o confesso. Vós me pedistes esse amor de joelhos, e eu recusei-o; eu estava cega como vós há pouco. O meu amor, sou eu agora quem vo-lo oferece.
— Sim, o vosso amor, o vosso amor apenas.
— Meu amor, minha pessoa, minha vida! tudo, tudo, tudo!
— Oh! meu Deus! — exclamou Fouquet deslumbrado.
— Não o quereis?
— Oh! vós me esmagais ao peso de tanta felicidade!
— Sereis feliz? Dizei-o, dizei-o... se eu for vossa, inteiramente vossa?
— É a felicidade suprema!
— Então, tomai-me. Mas, se vos sacrifico um preconceito, sacrificai-me um escrúpulo.
— Senhora, senhora, não me tenteis!
— Meu amigo, meu amigo, não me recuseis!
— Refleti no que propondes!
— Fouquet, uma palavra... Não!... e abro esta porta. E indicou a porta que dava para a rua.
— E nunca mais me vereis. Outra palavra... Sim!... e eu vos seguirei aonde quiserdes, com os olhos fechados, sem defesa, sem recusa, sem remorsos.
— Elisa!... Elisa!... Mas esse cofre?...
— É o meu dote.
— É a vossa ruína! — bradou Fouquet, derrubando o ouro e as notas; — aqui há um milhão...
— Exatamente... Minhas pedras, que de nada me servirão se não me amardes; e que também de nada me servirão se me amardes como vos amo!
— Oh! é demais! é demais! — exclamou Fouquet.
— Eu cedo, eu cedo: nem que fosse para consagrar tamanho devotamente Aceito o dote...
— E aqui está a mulher — disse a marquesa atirando-se-lhe nos braços.

Capítulo XXIX - A terra de Deus

DURANTE esse tempo, como bom companheiro e em perfeita harmonia, Buckingham e de Wardes percorriam o trajeto de Paris a Calais.

Buckingham apressara as despedidas, de sorte que atropelara a melhor parte delas.

As visitas a Monsieur e a Madame, à rainha e à rainha viúva tinham sido coletivas.

Previdência da rainha-mãe, que lhe poupava a pena de conversar em particular com Monsieur e o perigo de rever Madame.

Buckingham abraçou de Guiché e Raul; apresentou ao primeiro os protestos de toda a sua consideração; ao segundo, os de uma constante amizade, destinada a triunfar de todos os obstáculos e a não se deixar abalar pela distância nem pelo tempo.

Os furgões já haviam partido; ele partiu à noite, de coche, com toda a sua gente.

Melindrado pelo fato de ir, por assim dizer, a reboque do inglês, de Wardes procurara em seu espírito sutil todos os meios de fugir àquele acorrentamento; nenhum, porém, se lhe ofereceu, e precisou arcar com as conseqüências da própria causticidade.

As pessoas com que se poderia ter aberto eram pessoas de espírito e o teriam remoqueado pela superioridade do duque.

As outras, mais pesadas, porém, mais sensatas, lhe teriam citado as ordens do rei, que defendiam o duelo.

As outras, enfim, e eram as mais numerosas, que, por caridade cristã ou amor-próprio nacional, lhe teriam prestado assistência, não se exporiam a um desastre e, na melhor das hipóteses, preveniriam os ministros de uma partida que talvez degenerasse numa chacinazinha.

Daí resultou que, depois de calcular tudo muito bem, de Wardes fez a mala, escolheu dois cavalos e, seguido de um lacaio apenas, guiou para a Barreira onde devia recolhê-lo o coche de Buckingham.

O duque recebeu o adversário como teria recebido o mais amável dos conhecidos, afastou-se para dar-lhe lugar junto de si, ofereceu-lhe guloseimas, estendeu sobre ele a manta de marta zibelina atirada sobre o banco da frente. Depois conversaram: Da corte, sem falar de Madame; De Monsieur, sem falar de sua vida matrimonial; Do rei, sem falar da cunhada; Da rainha-mãe, sem falar da nora: Do rei de Inglaterra, sem falar da irmã; Do estado do coração de cada um dos viajantes, sem pronunciar nenhum nome perigoso.

E a viagem, que se fazia por pequenas tiradas, decorreu encantadora.

Verdadeiramente francês pelo espírito e pela educação, Buckingham felicitou-se por haver escolhido tão bem o companheiro.

Em boas refeições mal petiscadas, exercícios eqüestres nos formosos prados que atravessara a estrada, caçadas de lebres, pois o duque levava os seus galgos, passou-se o tempo.

Villiers semelhava, de certo modo, o Sena formoso, que beija mil vezes a França em seus meandros amorosos antes de lançar-se ao mar.

Mas, ao deixar a França, era sobretudo da nova francesa por ele trazida a Paris que Buckingham sentia falta; não havia um único pensamento seu que não fosse uma lembrança e, portanto, uma saudade.

Por isso mesmo, quando, apesar do seu domínio sobre si mesmo, se abismava às vezes em pensamentos, de Wardes o deixava entregue aos seus devaneios.

Essa delicadeza teria, sem dúvida, sensibilizado Buckingham e modificado as suas disposições

para com o marquês, se este, calado, tivesse o olhar menos mau e o sorriso menos falso.

Os ódios do instinto, porém, são inflexíveis; nada os extingue; uma pouca de cinza recobre-os por vezes, mas debaixo da cinza eles crepitam mais acesos.

Depois de haverem esgotado todas as distrações que propiciava a estrada, chegaram, como dissemos, a Calais.

Declinava o sexto dia.

Desde a véspera, a gente do duque, adiantando-se aos demais, alugara uma embarcação para conduzir os viajantes a bordo do iatezinho que velejava de um lado a outro, à vista do porto, ou ancorava, quando sentia as brancas velas cansadas, a dois ou três tiros de canhão do molhe.

Essa embarcação destinava-se a transportar a bordo a bagagem do duque.

Os cavalos tinham sido embarcados, içados da barca ao convés do iate em cestas apropriadas, e acolchoadas de tal maneira que os seus membros, até nas crises mais violentas de terror ou de impaciência, não deixavam o macio apoio dos encostos e nem sequer se lhes arrepiava o pêlo.

Oito cestas, justapostas, enchiam o cais. É sabido que, durante as travessias curtas, os cavalos, trêmulos, não comem e estremecem diante dos melhores alimentos que possam desejar em terra.

A pouco e pouco, toda a bagagem foi transferida para bordo, e a gente do duque anunciou-lhe que tudo estava a postos e, quando quisesse embarcar-se com o fidalgo francês, bastava-lhe avisar.

Pois ninguém supunha que o gentil-homem francês tivesse que acertar com milorde-duque senão contas de amizade.

Buckingham respondeu ao capitão do iate que estivesse prevenido, mas, estando lindo o mar e prometendo a tarde um ocaso maravilhoso, só pretendia embarcar-se à noite e queria aproveitar o crepúsculo para um passeio na praia.

De resto, acrescentou, estava em excelente companhia e não tinha pressa nenhuma de partir.

Dizendo isso, mostrava às pessoas que o cercavam o magnífico espetáculo do céu purpureado no horizonte e o anfiteatro de nuvens flocosas que subiam do disco do sol ao zênite, afetando as formas de uma cadeia de montanhas de cumes empilhados uns sobre os outros.

Todo o anfiteatro fora tingido na base por uma espécie de espuma sangrenta, que se fundia em tons de opala e de nácar à proporção que o olhar subia da base ao ápice; o mar, de seu lado, coloria-se dos mesmos reflexos, e sobre cada cimo de onda azul dançava um ponto luminoso como um rubi exposto ao reflexo de uma lâmpada.

Na tarde morna espalhavam-se os perfumes salinos caros às imaginações sonhadoras e um vento de leste, espesso, soprava em rajadas harmoniosas. Ao longe, destacava-se o iate aprestado contra o céu purpurino e, aqui e ali, no horizonte as velas latinas curvadas sob o azul do firmamento como a asa de uma gaivota que mergulha, completavam o admirável espetáculo. A multidão de mirões seguiu os lacaios dourados, entre os quais, vendo o intendente e o secretário, cria ver o amo e seu amigo.

Quanto a Buckingham, simplesmente vestido de um casaco de cetim cor de cinza e gibão roxo, chapéu desabado sobre os olhos, sem ordens nem bordados, não foi mais notado que de Wardes, vestido de preto como um procurador.

O pessoal do duque recebera ordem de manter um barco pronto no porto e vigiar o embarque do amo, sem, todavia, aproximar-se, antes que ele ou o amigo os chamassem.

— Vissem o que vissem — ajuntou, acentuando as palavras de modo que fossem compreendidas.

Depois de ter dado alguns passos na praia:

— Creio, senhor — disse Buckingham a de Wardes — que precisaremos despedir-nos. Vedes que a maré está subindo; daqui a dez minutos, terá embebido de tal sorte a areia que pisamos, que não poderemos sentir o solo.

— Milorde, estou às vossas ordens; mas...
— Mas ainda estamos em terras do rei, não é verdade?
— Sem dúvida.
— Pois bem! vinde; há lá em baixo, como vedes, uma espécie de ilha cercada de um grande charco circular; o charco vai aumentando e a ilha desaparecendo de minuto a minuto. Essa ilha há de pertencer a Deus, pois fica entre dois mares e o rei não a tem em seus mapas. Vêde-la?
— Vejo. Agora mesmo não poderemos alcança-la sem molhar os pés.
— Sim; mas observai que forma uma eminência bastante elevada e que o mar sobe de cada lado, poupando-lhe o cimo. Ficaremos, portanto, maravilhosamente sobre esse teatrinho. Que vos parece?
— Estarei muito bem onde quer que a minha espada tenha a honra de cruzar-se com a vossa, milorde.
— Pois vamos. Sinto-me desesperado por obrigar-vos a molhar os pés, Sr. de Wardes; mas é necessário, creio eu, que possais dizer ao rei: "Sire, não me bati em terras de Vossa Majestade". Será talvez um tanto sutil, mas desde o advento de Port-Royal nadais em sutilezas. Oh! não nos lastimemos, que isso vos empresta um feitio encantador, exclusivamente vosso. Se quiserdes, vamos bater-nos, Sr. de Wardes, pois a maré está subindo e a noite está descendo.
— Se não ando mais depressa, milorde, é para não passar à frente de Vossa Graça. Ainda caminhais no seco, senhor duque?
— Por enquanto, sim. Mas olhai-me lá para baixo: temendo ver-nos afogar, os meus patifes dirigem-se de barco para cá. Vede como dançam na ponta das ondas, é curioso; mas isso me dá enjôo. Permitireis que eu lhes volte as costas?
— Se lhe voltardes as costas, o sol vos baterá no rosto, milorde.
— Oh! o sol está fraco e desaparecerá depressa; não vos preocupeis com isso.
— Como quiserdes, milorde; só toquei no assunto por delicadeza.
— Eu sei, Sr. de Wardes e aprecio a vossa observação. Despimos o gibão?
— Como quiserdes, milorde.
— É mais cômodo.
— Então, pronto!
— Dizei-me sem cerimônia, Sr. de Wardes, se vos sentis mal sobre a areia molhada ou se vos imaginais ainda em território francês? Poderemos bater-nos na Inglaterra ou no meu iate.
— Estamos muito bem aqui, milorde; terei apenas a honra de observar-vos que, como a maré está subindo, mal teremos tempo...
— Buckingham fez um sinal de assentimento, tirou o gibão e jogou-o sobre a areia.
De Wardes imitou-o.
Os dois corpos, brancos como dois fantasmas para os que os contemplavam da praia, destacavam-se contra a sombra de um vermelho arroxeado que descia do céu.
— À minha fé, senhor duque, nem podemos investir — disse de Wardes. — Não sentis os pés grudados na areia?
— O meu está enterrado até o tornozelo — respondeu Buckingham — sem contar que a água já nos está alcançando.
— A mim já me alcançou... Quando quiserdes, senhor duque. De Wardes pôs ã espada na mão.
O duque imitou-o.
— Sr. de Wardes — disse então Buckingham — uma última palavra, por favor... Bato-me convosco porque não vos aprecio, porque me cortastes o coração, escarnecendo uma paixão que sinto, que confesso neste momento, e pela qual eu gostaria de morrer. Sois um homem mau, Sr. de

Wardes, e empregarei todos os meus esforços para matar-vos; pois algo me diz que, se não morrerdes agora, ainda fareis de futuro muito mal aos meus amigos. Eis o que eu tinha para dizer-vos.

E Buckingham cumprimentou.

— E eu, milorde, eis o que vos respondo: eu não vos odiava; mas, agora que me adivinhastes, odeio-vos, e farei quanto puder para matar-vos.

— E de Wardes cumprimentou.

No mesmo instante cruzaram-se os ferros; dois relâmpagos juntaram-se na noite.

As espadas se buscavam, adivinhavam, tocavam.

Eram ambos hábeis esgrimistas; os primeiros botes não tiveram resultado algum.

A noite descera rapidamente; e tão escura, que os adversários atacavam e defendiam-se por instinto.

De repente de Wardes sentiu que a sua lâmina encontrava resistência; acabava de atingir o ombro de Buckingham.

A espada do duque abaixou-se-lhe com o braço.

Le terrain de Dieu. — Page 182.

— Oh! — exclamou.

— Atingido, não é verdade, milorde? — perguntou de Wardes recuando dois passos.

— Sim, senhor, mas levemente.

— Entretanto, abandonastes a guarda.

— É o primeiro efeito do frio do ferro, mas já me restabeleci. Recomecemos, se voz praz, senhor.

E, desembaraçando a espada, com um sinistro embate de lâminas, rasgou o peito do marquês.

— Atingido também — disse ele.

— Não — respondeu de Wardes sem arredar pé.

— Perdão; mas ao ver-vos a camisa vermelha... — disse Buckingham.

— Então — volveu de Wardes, furioso — então... a vós!

E, caindo a fundo, atravessou o antebraço de Buckingham. A espada passou entre os dois ossos.

Buckingham sentiu o braço direito paralisado; esticou o esquerdo, empolgou a espada, prestes a cair-lhe da mão inerte e, antes que de Wardes se pusesse de novo em guarda, transfixou-lhe o peito.

De Wardes cambaleou, curvaram-se-lhe os joelhos, e, deixando ainda a lâmina enterrada no braço do duque, caiu dentro d'água, que se tingiu de um reflexo mais real que o das nuvens.

De Wardes não estava morto. Sentiu o perigo medonho que o ameaçava: a maré subia.

O duque também o percebeu. Com um esforço e um grito de dor, arrancou o ferro entalado no braço; depois, voltou-se para de Wardes:

— Estais morto, marquês? — perguntou.

— Não — replicou de Wardes com a voz abafada pelo sangue que lhe afluía dos pulmões à garganta — mas pouco falta.

Buckingham ergueu-o sobre um joelho.

— Impossível — respondeu o outro. Depois, tornando a cair:

— Chamai a vossa gente — disse ele — ou morrerei afogado.

— Olá! — gritou Buckingham; — olá da barca! nadai depressa, nadai!

A barca redobrou de velocidade.

Mas a maré subia mais depressa do que a barca progredia.

Buckingham viu de Wardes na iminência de ser coberto por uma vaga: com o braço esquerdo, são, envolveu-o e ergueu-o.

A onda subiu-lhe até à cintura, mas não o abalou.

Pôs-se o duque imediatamente a caminhar na direção da terra.

Não dera dez passos quando segunda vaga, mais alta, mais ameaçadora e mais furiosa do que a primeira, batendo-lhe no peito, derrubou-o e envolveu-o.

Em seguida, levada pelo refluxo, deixou por instantes descobertos o duque e de Wardes, inanimados sobre a areia.

De Wardes perdera os sentidos.

Nesse momento, compreendendo o perigo, quatro marinheiros do duque atiraram-se ao mar e, um segundo depois, chegaram ao pé do amo.

Grande foi o seu terror quando o viram cobrir-se de sangue à proporção que a água que o empapava lhe escorria para os joelhos e para os pés.

Quiseram levá-lo.

— Não, não! — bradou o duque; — à terra! à terra, o marquês!

— À morte! à morte, o francês! — gritaram surdamente os ingleses.

— Miseráveis! — gritou o duque erguendo-se com um gesto soberbo, que os borrifou de sangue — obedecei. O Sr. de Wardes em terra, o Sr. de Wardes em segurança antes de tudo ou mando-vos enforcar!

Entrementes, a barca se aproximara. O secretário e o intendente saltaram n'água e acercaram-se do marquês, que já não dava sinais de vida.

— Recomendo-vos esse homem; a vossa cabeça responderá por ele — disse o duque. — À praia! O Sr. de Wardes à praia!

Alguns homens o ergueram e transportaram-no para a areia seca, onde a maré não chegava.

Alguns curiosos e cinco ou seis pescadores se haviam agrupado na praia, atraídos pelo singular espetáculo de dois homens duelando com água pelos joelhos.

Vendo aproximar-se o grupo que carregava o ferido, os pescadores, por seu turno, entraram no mar até à altura das canelas.

Os ingleses entregaram-lhes de Wardes no momento em que este principiava a abrir os olhos.

A água salgada do mar e a areia fina, haviam-se-lhe introduzido nas feridas e causavam-lhe sofrimentos atrozes.

O secretário do duque tirou da algibeira uma bolsa cheia e entregou-a ao que lhe pareceu o mais importante.

— Da parte de meu amo, Milorde Duque de Buckingham — disse ele — para que se prestem ao Sr. Marquês de Wardes todos os cuidados imagináveis.

E apartou-se, seguido dos seus, voltando à barca que Buckingham alcançara com muita dificuldade, depois de ter visto de Wardes fora de perigo.

A maré já estava alta; as roupas bordadas e os cintos de seda haviam sido carregados pela água.

Muitos chapéus tinham desaparecido.

Quanto aos trajos do duque e aos do marquês, o fluxo os lançara à praia.

Os pescadores envolveram de Wardes nas roupas de Buckingham, cuidando que fossem suas, e transportaram-no em braços para a cidade.

Capítulo XXX - Triplo amor

APÓS a partida de Buckingham, entendeu de Guiché que a terra lhe pertencia indivisa.

Monsieur, que já não tinha o menor motivo de ciúme e, aliás, se deixava açambarcar pelo Cavaleiro de Lorena, dava em sua casa tanta liberdade quanta poderiam desejar os mais exigentes.

De seu lado, o rei, que começara a apreciar a sociedade de Madame, fantasiava prazeres sobre prazeres para alegrar a estada em Paris, de sorte que não se passava um dia sem uma festa no Palais-Royal ou uma recepção em casa de Monsieur.

O rei mandara preparar Fontainebleau para receber a corte, e toda a gente ambicionava participar da viagem. Madame levava uma vida ocupadíssima. A voz e a pena não lhe paravam um instante.

As conversações com de Guiché assumiam, a pouco e pouco, o interesse que caracteriza os prelúdios das grandes paixões.

Quando os olhos enlanguescem numa discussão sobre a cor de certos estofos, quando se passa uma hora analisando os méritos e o perfume de um saquitel ou de uma flor, há nesse gênero de conversação palavras que todos ouvem, mas há gestos e suspiros que nem todos vêem.

Depois de haver conversado muito tempo com o Sr. de Guiché, Madame conversava com o rei, que a visitava todos os dias. Brincava-se, versejava-se, escolhiam-se divisas e emblemas; aquela primavera não era apenas a primavera da natureza, era a mocidade de todo um povo, cuja cabeça representava a corte.

Belo, jovem, galantíssimo, o rei amava com ternura todas as mulheres, inclusive a sua.

Entretanto, o grande monarca era o homem mais tímido ou mais reservado do reino enquanto não confessasse a si mesmo os sentimentos que o possuíam.

A timidez retinha-o entre os limites da simples cortesia, e mulher nenhuma poderia gabar-se de ser preferida a qualquer outra.

Previa-se que, no momento em que ele se declarasse, raiaria a aurora de uma nova soberania. Mas el-rei não se declarava. E o Sr. de Guiché aproveitava-se disso para reinar incontestado sobre a corte amorosa.

Tinham-no dito muito às boas com a Srta. de Montalais, tinham-no dito muito assíduo ao pé da Srta. de Châtillon; agora, porém, nem civil se mostrava com elas. Só tinha olhos e ouvidos para uma.

Daí que tomasse insensivelmente o seu lugar em casa de Monsieur, que o apreciava e guardava o maior tempo possível.

Selvagem de seu natural, afastava-se demais antes de chegar Madame; mas depois que Madame chegava, já não se afastava o suficiente.

E isso, que toda gente observou, observou-o também o gênio mau da casa, o Cavaleiro de Lorena, a quem Monsieur queria muito bem porque era de temperamento alegre, até nas perversidades, e nunca lhe escasseavam idéias para empregar o tempo.

Vendo que de Guiché ameaçava suplantá-lo, recorreu o Cavaleiro de Lorena ao grande meio.

Desapareceu, deixando Monsieur embaraçadíssimo.

No primeiro dia do seu desaparecimento, Monsieur quase não o procurou, porque lá estava de Guiché, que, salvante as horas dedicadas a Madame, consagrava heroicamente ao príncipe o resto do dia e da noite.

No segundo dia, porém, não encontrando ninguém ao pé de si, Monsieur perguntou onde estava o

cavaleiro. Responderam-lhe que não sabiam.

Depois de haver passado a manhã escolhendo bordados e franjas com Madame, de Guiché foi consolar Filipe. Mas, após o jantar, ainda havia tulipas e ametistas para avaliar; de Guiché retornou ao gabinete de Madame.

Monsieur ficou só; era a hora em que se amanhava; achou-se o mais desgraçado dos homens e voltou a perguntar se não havia notícias do cavaleiro.

— Ninguém sabe onde se encontra o senhor cavaleiro — foi a resposta.

Não sabendo aonde levar o seu tédio, dirigiu-se Monsieur, toucado e de roupão, aos aposentos da Madame.

Havia lá um grande círculo de pessoas que riam e cochichavam em todos os cantos: aqui um grupo de mulheres à volta de um homem, entre risinhos abafados; ali, Manicamp e Malicorne, assediados por Montalais, a Srta. de Tonnay-Charente e duas outras trocistas.

Mais adiante, reclinada sobre coxins, Madame examinava um punhado de pérolas que de Guiché, de joelhos a seu lado, estendera-lhe à frente, e indicava com o dedo fino e branco as que mais lhe agradavam.

Em outro canto, um tocador de guitarra trauteava umas seguidilhas espanholas que Madame adorava desde que as ouvira cantadas com certa melancolia pela rainha; mas o que a espanhola cantara com lágrimas nas pálpebras, a inglesa cantarolava com um sorriso que lhe mostrava os dentes nacarados.

O gabinete apresentava, assim, a mais risonha imagem do prazer.

Ao entrar, melindrou-se Monsieur ao ver tanta gente que se divertia sem ele. Sentiu-se tão despeitado, que não pôde menos de dizer, como criança:

— Como! vós vos divertis aqui e eu me aborreço sozinho!

A sua voz produziu o efeito do trovão que interrompe o chilreio das aves sob a folhagem.

Profundo silêncio envolveu os presentes.

De Guiché, num relance, ergueu-se em pé.

Malicorne escondeu-se atrás das saias de Montalais.

Manicamp empertigou-se e assumiu os seus grandes ares cerimoniosos.

O guitarreiro enfiou a guitarra debaixo da mesa e puxou o tapete para escondê-la aos olhos do príncipe.

Só Madame não mexeu e, sorrindo para o marido, respondeu-lhe:

— Não é esta a hora da vossa *toilette?*

— Que os outros escolhem para divertir-se — resmungou o príncipe.

A frase infeliz foi o sinal para a debandada: fugiram as mulheres como bando de pássaros assustados; o guitarrista desvaneceu-se como uma sombra; sempre protegido por Montalis, que estufava o vestido, Malicorne enfiou-se atrás de um reposteiro. Manicamp, porém, acorreu em auxílio de de Guiché, que, naturalmente, se mantinha ao lado de Madame, e ambos sustentaram corajosamente o choque em companhia da princesa. O conde, felicíssimo, não podia ter raiva do marido; Monsieur, todavia, estava com raiva da mulher.

Faltava-lhe um motivo de briga; procurou-o, e a partida precipitada daquela gente, tão alegre antes de sua chegada e tão perturbada pela presença, serviu-lhe de pretexto.

— Por que fogem quando chego? — perguntou, em tom áspero. Madame replicou friamente que, todas as vezes que o amo aparecia, a família se afastava, respeitosa.

E, ao pronunciar essas palavras, fez uma careta tão engraçada e tão graciosa, que de Guiché e Manicamp não puderam conter-se. Caíram na gargalhada; Madame imitou-os; o acesso tomou conta

do próprio Monsieur, que se viu obrigado a sentar-se, porque, rindo, perdia muito da sua gravidade.

Afinal, parou de rir; a raiva aumentara. Sentia-se ainda mais furioso por ter rido que por ter visto rirem os outros.

Considerava. Manicamp com sobrecenho, mas não ousava mostrar a sua cólera a de Guiché.

A um sinal, porém, que fez com despeito, Manicamp e de Guiché saíram.

De sorte que Madame, ficando só, pôs-se a apanhar tristemente as pérolas, deixando de rir e deixando sobretudo de falar.

— Folgo muito de ver — disse o duque — que me tratam como a um estranho ao pé de vós, senhora.

E saiu, exasperado.

No caminho, encontrou Montalais, que vigiava na antecâmara.

— Faz gosto visitar-vos — disse ele — mas da porta.

Montalais executou o mais rasgado salamaleque.

— Não compreendo bem — disse ela — o que Vossa Alteza Real é servido dizer-me.

— Digo, senhorita, que quando vos divertis todos juntos no apartamento de Madame, é mal vindo o que não fica de fora.

— Vossa Alteza Real não pensa e não fala por si, com certeza?

— Pelo contrário, senhorita, é por mim que falo e é em mim que penso. Não posso lisonjear-me com as recepções que me fazem. Num dia em que há nos salões de Madame, nos meus salões, música e reunião, num dia em que espero divertir-me um pouco também, todos se afastam!... Dar-se-á que receiam ver-me, visto que se põem em fuga diante de mim?... Faz-se, acaso, o que não se deve quando estou ausente?...

— Mas não se fez hoje, monsenhor — tornou Montalais — senão o que se faz todos os dias.

— Como todos os dias há divertimentos assim?

— Há, monsenhor.

— Todos os dias há reuniões como a que acabo de ver?

— Exatamente iguais, monsenhor.

— E há zangarreios todos os dias?

— Monsenhor, a guitarra é de hoje; mas, quando não temos guitarras, temos violinos e flautas; há mulheres que se entediam sem música.

— Peste! e os homens?

— Que homens, monsenhor?

— O Sr. de Guiché, o Sr. de Manicamp e os outros.

— Todos pertencem à casa de Vossa Alteza Real.

— É... tendes razão, senhorita.

E o príncipe revoltou aos seus aposentos com ar meditativo. Atirou-se na mais funda de suas poltronas, sem se mirar no espelho.

— Onde estará o cavaleiro? — perguntou.

Havia um criado perto do príncipe, que lhe ouviu a pergunta.

— Ninguém sabe, monsenhor.

— Outra vez essa resposta!... O primeiro que me responder "Não sei", será escorraçado.

A essas palavras, toda a gente fugiu do quarto de Monsieur como fugira do quarto de Madame.

Teve então o príncipe um acesso intraduzível de cólera. Deu um pontapé num movelzinho, que rolou no chão feito pedaços.

Depois, com o maior sangue frio, foi às galerias e derrubou, um sobre o outro, um vaso de esmalte,

um gomil de pórfiro e um candelabro de bronze, que, ao cair, fizeram medonho estardalhaço.

Toda a gente acorreu às portas.

— Monsenhor deseja alguma coisa? — arriscou-se a perguntar, timidamente, o capitão dos guardas.

— Estou tocando música — replicou monsenhor rangendo os dentes.

O capitão dos guardas mandou buscar o médico de Sua Alteza Real.

Contudo, antes do médico, chegou Malicorne, que disse ao príncipe:

— Monsenhor, o Sr. Cavaleiro de Lorena vem vindo atrás de mim.

O duque olhou para Malicorne e agraciou-o com um sorriso. O cavaleiro entrou.

Capítulo XXXI - O ciúme do Sr. de Lorena

O DUQUE de Orléans deu um grito de satisfação ao avistar o Cavaleiro de Lorena.

— Ah! muito bem — disse ele — que bons ventos vos trazem? Não havíeis sumido, como se dizia?

— Havia, monsenhor.

— Algum capricho?

— Um capricho! Eu, ter caprichos com Vossa Alteza? O respeito...

— Deixa de lado o respeito, a que faltas todos os dias. Absolvo-te. Por que partiste?

— Porque eu era perfeitamente inútil a Vossa Alteza.

— Explica-te.

— Monsenhor tem ao pé de si pessoas muito mais divertidas. E como eu não me sentisse com forças para lutar, retirei-me.

— Essa reserva toda não tem pés nem cabeça. Quais são as pessoas com que não queres lutar? Guiché?

— Não nomeio ninguém.

— É absurdo! Guiché incomoda-te?

— Não digo isso, monsenhor; não devo falar; sabe muito bem Vossa Alteza que de Guiché é um dos nossos bons amigos.

— Então, quem?

— Por favor, monsenhor, fiquemos nisto, suplico-lhe. Sabia perfeitamente o cavaleiro que a curiosidade se irrita como a sede, quando se afasta a bebida ou a explicação.

— Não, quero saber porque desapareceste.

— Pois bem! vou dizer-lhe ; mas não o tome Vossa Alteza à má parte.

— Fala.

— Percebi que eu estava incomodando.

— Quem?

— Madame.

— Como assim? — tornou o duque, espantado.

— É muito simples: Madame tem ciúme, talvez, da afeição que vossa Alteza me dedica.

— Ela já to demonstrou?

— Monsenhor, Madame nunca me dirige a palavra, principalmente depois de certa ocasião.

— Que ocasião?

— Depois que o Sr. de Guiché, tendo-lhe agradado mais do que eu, é por ela recebido a toda hora.

O duque rosou-se.

— A toda hora... Que quer dizer isso, cavaleiro? — perguntou, severo.

— Vossa Alteza bem vê que lhe desagradei; eu tinha certeza.

— Não me desagradas, mas dizes as coisas com certa leviandade. Em que prefere Madame de Guiché a ti?

— Não direi mais nada — respondeu o cavaleiro com um cumprimento cheio de cerimônia.

— Ao contrário, espero que fales. Se tu te retiraste por isso, estás muito enciumado?

— Quem ama tem ciúme, monsenhor; Vossa Alteza, acaso, não tem ciúme de Madame? se Vossa Alteza visse constantemente alguém ao lado de Madame, acolhido com todas as mostras de favor, não

ficaria desconfiado? Amamos os nossos amigos como os nossos amores. Vossa Alteza Real fez-me algumas vezes a honra insigne de chamar-me seu amigo.

— Sim, sim, mas disseste ainda uma palavra equívoca; tens a prosa infeliz, cavaleiro.

— Que palavra, monsenhor?

— Disseste: Acolhido com todas as mostras de favor... Que entendes por esse *favor?*

— Uma coisa simplíssima, monsenhor — tornou o cavaleiro com suma bonomia. — Assim, por exemplo, quando um marido vê a mulher chamar de preferência tal ou tal homem para junto de si; quando esse homem se encontra sempre à cabeceira do leito dela ou à portinhola de seu carro; quando há um lugarzinho permanente para o pé desse homem na circunferência dos vestidos da mulher; quando se reúnem longe dos outros; quando o ramalhete dela é da cor das fitas dele; quando as músicas se tocam no apartamento e os jantares se servem na *ruelles*; quando, em surgindo o marido, tudo silencia ao redor da mulher; quando o marido percebe, de repente, que tem por companheiro o mais assíduo e o mais afetuoso dos homens, que, oito dias antes, parecia tão longe dele... então...

— Então, concluí.

— Então, monsenhor, digo que um homem talvez se enciúme; mas nenhum desses pormenores cabe no caso, nem é disso que estamos falando.

O duque, manifestamente, se agitava e travava um combate íntimo.

— Não me dizes — acabou exclamando — porque te foste. Há pouco afirmaste que receavas incomodar, acrescentando que tinhas observado da parte de Madame interesse pela companhia de um de Guiché.

— Ah! monsenhor, eu não disse isso.

— Disseste.

— Se disse, não foi porque visse algo de mal.

— Mas sempre vias alguma coisa?

— Vossa Alteza me confunde.

— Que importa! fala. Se falas verdade, por que te confundes?

— Sempre falo verdade, monsenhor, mas também hesito sempre quando se trata de repetir o que murmuram os outros.

— Ah! repetes... Que dizer que andam falando?

— Confesso que me falaram.

— Quem?

O cavaleiro assumiu um ar quase zangado.

— Monsenhor — disse ele — Vossa Alteza me submete a um interrogatório, trata-me como a um acusado no banco dos réus... e os rumores que roçam, passando, o ouvido de um gentil-homem não se demoram nele. Vossa Alteza quer que eu dê a um rumor a importância de um acontecimento.

— Enfim — bradou o duque exasperado — o fato é que te retiraste por causa desse rumor.

— Devo contar a verdade: falaram-me das assiduidades do Sr. de Guiché ao pé de Madame, nada mais; prazeres inocentes, repito-o, e, além disso, permitidos; mas não seja injusto, monsenhor, e não tome as coisas à má parte. Isso não lhe interessa.

— Não me interessa que murmurem das assiduidades de de Guiché ao pé de Madame?...

— Não, monsenhor, não; e o que eu lhe digo, di-lo-ei ao próprio de Guiché, tanto não vejo mal na corte que faz a Madame; di-lo-ei à própria Madame. Vossa Alteza não compreende o meu temor? Receio passar por ciumento de favores quando, na verdade, sou apenas ciumento de amizade. Conheço-lhe o fraco, monsenhor, e sei que, quando ama, Vossa Alteza é exclusivista. Ora, Vossa

Alteza ama Madame e, aliás, quem não a amaria? Faça-me a fineza de acompanhar o meu raciocínio: Madame distinguiu entre os amigos de Vossa Alteza o mais belo e o mais atraente; e tamanho será o prestígio dele por causa disso que Vossa Alteza desprezará os demais. O desdém de Vossa Alteza me mataria; já me custa muitíssimo suportar o de Madame. Tomei, portanto, monsenhor, a resolução de ceder o lugar ao favorito, cuja felicidade invejo, embora lhe consagre sincera amizade e admiração sincera. Vejamos, pode Vossa Alteza exprobrar qualquer coisa a esse raciocínio? Não é o raciocínio de um homem de brio? O meu procedimento não é o de um bom amigo? Responda ao menos Vossa Alteza, que tanto me interrogou.

O duque sentara-se, escondera a cabeça entre as mãos e revolvia a cabeleira. Após um silêncio suficientemente longo para que o cavaleiro pudesse apreciar todo o efeito de suas combinações oratórias, monsenhor tornou a erguer-se.

— Vejamos — disse ele — sê franco.

— Como sempre.

— Sabes que já notamos qualquer coisa a respeito daquele extravagante Buckingham.

— Oh! monsenhor, não acuse Madame ou despeço-me de Vossa Alteza. Como! Vossa Alteza recorre a esses sistemas? Vossa Alteza desconfia?

— Não, não, cavaleiro, não desconfio de Madame; mas, afinal... vejo... comparo...

— Buckingham era um louco!

— Um louco sobre o qual tu me abriste perfeitamente os olhos.

— Não! não! — tornou, com vivacidade, o cavaleiro — não fui eu quem lhe abriu os olhos, foi de Guiché. Não confundamos.

E casquinou um risinho estridente, que lembrava o silvo de uma cobra.

— Sim, sim, de fato... disseste qualquer coisa, mas Guiché se mostrou mais enciumado.

— Bem o creio — continuou o cavaleiro no mesmo tom; — ele combatia pelo altar e pelo lar.

— Como? — bradou o duque, imperioso, revoltado com o pérfido gracejo.

— Claro! o Sr. de Guiché não é o primeiro fidalgo da casa de Vossa Alteza?

— Enfim — replicou o duque, um pouco mais calmo — a paixão de Buckingham foi notada?

— Decerto!

— Pois bem! e diz-se, acaso, que a do Sr. de Guiché também tem sido notada?

— Vossa Alteza torna ao ponto de partida; ninguém diz que o Sr. de Guiché esteja apaixonado!

— Está bem! está bem!

— Veja, monsenhor, que seria melhor, cem vezes melhor, deixar-me no meu retiro do que forjar com os meus escrúpulos suspeitas que Madame haverá por criminosas, e com razão.

— Que farias tu?

— Uma coisa razoável.

— Qual?

— Não daria a mínima importância à sociedade desses novos epicúreos, e, dessa maneira, os rumores se extinguiriam.

— Verei, pensarei no caso.

— Oh! Vossa Alteza tem tempo, o perigo não é grande, e, de mais a mais, não há aí perigo nem paixão; há tão-somente o meu receio de ver entibiar-se a amizade que Vossa Alteza me dedica.

Desde que Vossa Alteza ma restitui com tão graciosa segurança, já não tenho outro pensamento no cérebro.

O duque bamboou a cabeça, como quem diz: "Se já não tens pensamentos, eu os tenho".

Chegando, porém, a hora do jantar, monsenhor mandou avisar Madame. Foi-lhe respondido que

Madame, não podendo comparecer ao jantar, jantaria no quarto.

— Não é minha culpa — disse o duque; — hoje cedo, caindo no meio de todas as suas músicas, mostrei-me enciumado e agora zangam-se comigo.

— Jantaremos sós — tornou o cavaleiro com um suspiro; — sinto falta de de Guiché.

— Oh! de Guiché não ficará amuado por muito tempo, tem bom natural.

— Monsenhor — acudiu de repente o cavaleiro — tive uma idéia; há pouco, em nossa conversação, eu talvez haja irritado Vossa Alteza e incutido algumas suspeitas contra ele. Convém que eu sirva de mediador... Sairei à procura do conde e trá-lo-ei comigo.

— Ah! cavaleiro, és uma boa alma.

— Vossa Alteza diz isso como se estivesse surpreendido.

— Homessa! não te mostras assim todos os dias.

— Seja; mas sei reparar as faltas que cometo; confesse, monsenhor.

— Confesso.

— Vossa Alteza me fará a graça de esperar um momento?

— Com prazer, vai... Experimentarei os meus trajos de Fontainebleau.

O cavaleiro saiu, chamou a sua gente com muito cuidado e distribuiu algumas ordens.

Cada qual partiu numa direção diversa; mas ele reteve o criado grave.

— Fica sabendo — disse — e depressa, se o Sr. de Guiché não está no quarto de Madame. Como poderás informar-te?

— Facilmente, senhor cavaleiro; perguntá-lo-ei a Malicorne, que o saberá da Srta. de Montalais. Devo dizer, porém, que a pergunta será inútil, pois todos os criados do Sr. de Guiché partiram: o amo há de ter partido com eles.

— Não obstante, informa-te.

Não se tinham escoado dez minutos, quando voltou o criado grave. Levou misteriosamente o cavaleiro para uma escada de serviço e fê-lo entrar num quartinho que dava para o jardim.

— Que há? — perguntou o cavaleiro; — por que tantas preocupações?

— Olhai, senhor — disse o criado grave.

— O que?

— Sob o castanheiro, lá embaixo.

— Bem... Ah! meu Deus! vejo Manicamp, que espera; que é que ele está esperando?

— É o que vereis, se o tiverdes paciência... Pronto! Estais vendo, agora?

— Vejo um, dois, quatro músicos com os seus instrumentos e, atrás deles, empurrando-os, de Guiché em pessoa.

— Exatamente.

— Mas que é que ele está fazendo lá?

— Esperando que lhe abram a portinha da escada das damas de honor; por ela subirá ao quarto de Madame, onde se tocará durante o jantar.

— É magnífico o que estás dizendo.

— Não é mesmo, senhor?

— E foi o Sr. Malicorne quem te contou?

— Em pessoa.

— Ele gosta de ti?

— Ele gosta de Monsieur.

— Por quê?

— Porque quer pertencer-lhe à casa.

— Com os diabos! há de pertencer. Quanto te deu por isso?
— O segredo que vos estou vendendo, senhor.
— Pago-te cem pistolas por ele. Toma!
— Obrigado, senhor... Vede, a portinha se entreabre, uma mulher introduz os músicos...
— É a Montalais?
— Devagar, senhor, não lhe griteis o nome; quem diz Montalais diz Malicorne. Se brigardes com um, ficareis mal com a outra.
— Bem, não vi coisa alguma.
— E eu, não recebi nada — disse o criado levando a bolsa. Tendo a certeza de que de Guiché entrara, voltou o cavaleiro aos aposentos de Monsieur, que encontrou esplendidamente vestido e radiante de alegria e de beleza.
— Dizem — exclamou — que o rei escolheu o sol por emblema; em verdade, porém, monsenhor, a Vossa Alteza quadraria muito melhor a divisa.
— E Guiché?
— Não se acha em parte alguma! Fugiu, evaporou-se. A descompostura de Vossa Alteza hoje cedo deve tê-lo assustado. Não o encontraram em casa.
— Esse louquinho é capaz de ter tomado a posta e abalado para as suas terras. Pobre rapaz! depois o chamaremos. Vamos jantar.
— Hoje, monsenhor, é o dia das idéias; tive outra.
— Qual?
— Madame está zangada com Vossa Alteza, e tem razão. Vossa Alteza deve-lhe um despique. Vá jantar com ela.
— Oh! isso seria de um marido palerma.
— Seria de um bom marido. A princesa entedia-se: chorará sobre o prato, ficará com os olhos vermelhos. E torna-se odioso o marido que avermelha os olhos da mulher. Vamos, monsenhor, vamos!
— Não, mandei que me trouxessem o jantar aqui.
— Ora, monsenhor, ficaremos todos tristes; sentirei o coração apertado ao lembrar-me de que Madame está só; Vossa Alteza, por mais feroz que queira ser, acabará suspirando. Leve-me para jantar com Madame, será uma surpresa encantadora. Aposto que vamos divertir-nos; Vossa Alteza errou hoje cedo.
— Pode ser.
— Pode ser, não; é um fato.
— Cavaleiro, cavaleiro! tu me aconselhas mal.
— Eu o aconselho bem, monsenhor; Vossa Alteza reúne agora todas as vantagens: essa roupa bordada de ouro fica-lhe divinamente. Madame se sentirá mais subjugada pelo homem que pelo gesto. Vamos a ver, monsenhor.
— Tu me decides, partamos.
O duque saiu com o cavaleiro do seu quarto e dirigiu-se para o de Madame.
O cavaleiro murmurou estas palavras ao ouvido do criado grave:
— Põe gente diante da portinha! Ninguém pode fugir por lá! Corre.
E, seguindo o duque, chegou às antecâmaras de Madame. Os contínuos iam anunciar.
— Ninguém se mexa — disse, rindo, o cavaleiro. — Monsieur quer fazer uma surpresa.

Capítulo XXXII - Monsieur tem ciúme de Guiché

MONSIEUR entrou de repente, como quem leva uma boa intenção e supõe causar um prazer, ou como quem espera surpreender um segredo, triste fortuna dos ciumentos.

Embriagada pelos primeiros compassos da música, Madame rodopiava desvairadamente, deixando o jantar começado.

O seu par era o Sr. de Guiché, que tinha os braços no ar, os olhos semicerrados, o joelho em terra, como os bailarinos espanhóis de olhares voluptuosos e gesto caricioso.

A princesa corrupiava em torno dele com o mesmo sorriso e a mesma sedução provocantes.

Montalais admirava. Sentada num canto, La Vallière contemplava, pensativa.

Seria impossível exprimir o efeito causado sobre aquela gente feliz pela presença de Monsieur. E seria igualmente impossível traduzir o efeito que produziu sobre Filipe a vista daquela gente feliz.

O Conde de Guiché não teve forças para levantar-se; Madame imobilizou-se no meio de um passo e de uma atitude, sem poder articular uma palavra.

Encostado ao alisar da porta, sorria o Cavaleiro de Lorena como um homem imerso na mais ingênua admiração.

A palidez do príncipe, o convulsivo tremer-lhe das mãos e das pernas foi o primeiro sintoma que impressionou os assistentes. Profundo silêncio sucedeu ao ruído da dança.

O Cavaleiro de Lorena aproveitou o intervalo para cumprimentar respectivamente Madame e de Guiché, simulando confundi-los nas reverências, como se fossem eles os donos da casa.

Monsieur, aproximando-se por seu turno:

— Estou encantado — disse ele com voz rouca; — vim aqui supondo encontrar-vos doente e triste e encontro-vos entregue a novos prazeres; que bom! Minha casa é a casa mais alegre do universo.

Voltando-se para de Guiché:

— Conde — disse ele — eu não vos sabia tão bom dançarino.

E, retornando à mulher:

— Sede melhor para mim — disse com um azedume que lhe disfarçava a cólera; — cada vez que vos divertirdes aqui, convidai-me também... Sou um príncipe muito abandonado.

De Guiché recobrara o domínio de si mesmo e, com uma altivez natural que lhe ficava bem:

— Monsenhor — exclamou — sabe perfeitamente Vossa Alteza que toda a minha vida lhe pertence; quando se tratar de dá-la, estou pronto; mas como hoje só se trata de dançar ao som dos violinos, danço.

— E tendes razão — tornou friamente o príncipe.

— De mais a mais, Madame — continuou — não observais que as vossas damas me tiram os amigos: o Sr. de Guiché não vos pertence a vós, pertence-me a mim. Se quiserdes jantar sem mim, tendes as vossas damas. Quando janto só, tenho os meus fidalgos; não me despojeis de tudo.

Madame compreendeu a censura e a lição. O rubor subiu-lhe, de repente, até aos olhos.

— Senhor — replicou ela — eu não sabia, ao vir para a corte de França, que as princesas de minha qualidade devem ser tratadas como turcas. Não sabia que me fosse vedado ver homens; mas, desde que tal é a vossa vontade, com ela me conformo; não vos embaraceis se quiserdes mandar gradear as minhas janelas.

Essa resposta, que fez sorrir Montalais e de Guiché, devolveu ao coração do príncipe a cólera, boa parte da qual acabava de evaporar-se em palavras.

— Muito bem! — disse em tom concentrado — eis como sou respeitado em minha casa!
— Monsenhor! Monsenhor! — murmurou o Cavaleiro de Lorena ao ouvido de Monsieur, de jeito que todos percebessem que ele o moderava.
— Vem! — replicou o duque como única resposta, arrastando-o e piruetando arrebatadamente, com risco de colidir com Madame.
O cavaleiro seguiu o amo até aos seus aposentos, onde o príncipe, tanto que se assentou, deu livre curso ao furor.
O cavaleiro erguia os olhos para o céu, juntava as mãos e não dizia uma palavra.
— A tua opinião? — bradou Monsieur.
— Sobre o que, monsenhor?
— Sobre tudo o que se passa aqui.
— Oh! monsenhor, é grave.
— É odioso! A vida não pode continuar assim.
— Veja Vossa Alteza que desgraça! — voltou o cavaleiro.. — Esperávamos ter sossego após a partida daquele insensato Buckingham.
— E agora está pior!
— Não digo isso, monsenhor.
— Não, mas eu digo, pois Buckingham nunca teria ousado fazer a quarta parte do que vimos.
— O quê?
— Esconder-se para dançar, simular uma indisposição para jantar com ela.
— Oh! monsenhor, não! não!
— Sim, sim! — gritou o príncipe, excitando-se a si próprio como as crianças voluntariosas; — mas não tolerarei mais isso, é preciso que todos saibam o que se passa.
— Monsenhor, um escândalo...
— Homessa! devo preocupar-me, acaso, quando os outros se preocupam tão pouco comigo? Espera-me aqui, cavaleiro, espera-me!
Desapareceu o príncipe no quarto contíguo e perguntou ao contínuo se a rainha-mãe já voltara da capela.
Ana d'Áustria sentia-se feliz: a paz devolvida ao lar da família, um povo inteiro encantado pela presença de um soberano jovem e inclinando a grandes cometimentos, dilatadas as rendas do Estado, a paz exterior assegurada, tudo lhe pressagiava um tranqüilo futuro.
Retratava-se às vezes ao lembrar-se do pobre rapaz que recebera como mãe e, como madrasta, expulsara.
Um suspiro rematava-lhe o pensamento. De repente o Duque de Orléans entrou-lhe no quarto.
— Minha mãe — exclamou ele, fechando rapidamente a porta — as coisas não podem continuar assim.
Ana d'Áustria ergueu os olhos formosos e, com inalterável placidez:
— De que coisas quereis falar? — perguntou.
— Quero falar de Madame.
— Vossa esposa?
— Sim, minha mãe.
— Aposto que o insensato Buckingham lhe escreveu uma cartinha despedindo-se.
— Pois sim! minha mãe, não se trata de Buckingham.
— E de quem se trata, então? O pobre rapaz era bem injustamente alvo de vossos zelos, e eu cuidava...

— Minha mãe, Madame já substituiu o Sr. de Buckingham.
— Filipe, que dizeis? Isso são leviandades.
— Não, não. Madame fez a coisa tão bem feita, que ainda sinto ciúme.
— E de quem, santo Deus?
— Como! Não observastes?
— Não.
— Não vistes que o Sr. de Guiché está sempre no quarto dela, sempre com ela?
A rainha bateu palmas e desatou a rir.
— Filipe — disse ela — já não é um defeito que tendes; é uma doença.
— Defeito ou doença, senhora, faz-me sofrer.
— E pretendeis que se cure um mal que existe apenas em vossa imaginação? Quereis que vos aprovem, ciumento, quando não tem razão de ser os vossos zelos?
— Pronto! recomeçais a dizer por este o que dizíeis por aquele.
— É que, meu filho — tornou secamente a rainha — o que fizestes por aquele recomeçais a fazer por este.
Inclinou-se o príncipe, um tanto irritado.
— E se eu citar fatos — disse ele — acreditareis?
— O que quer que me digais que se não refira a ciúme, acreditarei sem precisão de fatos; mas, no tocante ao ciúme, não vos prometo nada.
— Então, é como se Vossa Majestade me mandasse calar e me dispensasse por néscio.
— De maneira nenhuma; sois meu filho e eu vos devo a indulgência que devem as mães.
— Completai o vosso pensamento: vós me deveis a indulgência que merecem os loucos.
— Não exagereis, Filipe, e não me representeis vossa esposa como um espírito depravado...
— Mas os fatos!
— Quais são, afinal?
— Hoje cedo, tocavam música no quarto de Madame, às dez horas.
— É coisa inocente.
— O Sr. de Guiché conversava a sós com ela... Ah! esqueci-me de dizer-vos que, nos últimos oito dias, ele a tem seguido como a sua própria sombra.
— Meu filho, se quisessem fazer algum mal, buscariam esconder-se.
— Bom! — exclamou o duque; — era isso que eu queria ouvir de vossos lábios. Prestai atenção no que vou dizer. Hoje cedo os surpreendi e manifestei claramente a minha contrariedade.
— Tendes certeza de que será o suficiente; talvez até vos tenhais demasiado. Essas moças são desconfiadas. Censurar-lhes um mal que não fizeram é, muita vez, dizer-lhes que poderiam fazê-lo.
— Bem, bem, esperai. Guardai também o que acabais de dizer: "A lição de hoje cedo devera ser suficiente, e se eles quisessem fazer algum mal, buscariam esconder-se".
— Foi o que eu disse.
— Ora, ainda há pouco, arrependido do que fizera pela manhã, e sabendo que de Guiché, agastado, ficara em casa, fui aos aposentos de Madame. Adivinhai o que encontrei? Novas músicas, danças, e Guiché; foi lá que o esconderam.
Ana d'Áustria franziu o cenho.
— É imprudente — aquiesceu ela. — Que disse Madame?
— Nada.
— E Guiché?
— Nada... Minto... balbuciou algumas impertinências.

— Que concluís, Filipe?
— Que fui enganado, que Buckingham era apenas um pretexto, e que o verdadeiro culpado é Guiché.
Ana deu de ombros.
— E então?
— Quero que Guiché deixe a minha casa, como Buckingham, e hei de pedi-lo ao rei, a menos que...
— A menos que?
— ... tomeis a peito a comissão, senhora, vós que sois tão inteligente e tão boa.
— Pois não o farei.
— Como, minha mãe!
— Escutai, Filipe, não estou disposta a destratar os outros todos os dias; tenho alguma autoridade sobre essa juventude, mas não poderia abusar dela sem perdê-la; aliás, nada prova que o Sr. de Guiché seja culpado.
— Ele me desagradou.
— Isso é convosco.
— Então já sei o que vou fazer — tornou o príncipe, impetuoso. Ana considerou-o, inquieta.
— Que fareis? — perguntou.
— Mandarei afogá-lo no banheiro a primeira vez que ele fôr à minha casa.
E, depois de tamanha ferocidade, o príncipe esperou uma reação de pavor. A rainha continuou impassível.
— Ótimo — disse ela.
Filipe era fraco como uma mulher; pôs-se a urrar.
— Estão-me traindo, ninguém gosta de mim! Agora é minha mãe que se bandeia para os meus inimigos!
— Vossa mãe enxerga mais longe do que vós e nem sequer vos aconselha, visto que não a escutais.
— Irei ter com o rei.
— Era o que eu ia propor-vos. Estou esperando Sua Majestade aqui, pois é hora de sua visita; explicai-vos.
Ela ainda não acabara de falar quando Filipe ouviu abrir-se ruidosamente a porta da antecâmara.
Teve medo. Distinguia-se o passo do rei, cujos sapatos rangiam sobre o tapete.
Escapuliu-se o duque por uma portinha, deixando Ana d'Áustria só.
Ana d'Áustria pôs-se a rir e ria-se ainda quando surgiu o rei.
— Este vinha, muito afetuosamente, saber notícias da saúde, já abalada, da rainha-mãe. Vinha anunciar-lhe também que estavam terminados os preparativos para a viagem de Fontainebleau.
Vendo-a rir, sentiu diminuir a inquietação, e interrogou-a, risonho também.
Ana d'Áustria pegou-lhe na mão, e, com voz cheia de graça:
— Sabeis — disse ela — que me orgulho de ser espanhola?
— Por que, senhora?
— Porque as espanholas valem, pelo menos, mais do que as inglesas.
— Explicai-vos.
— Desde que vos casastes, tendes alguma coisa que censurar à rainha?
— Absolutamente nada.
— E já faz algum tempo que estais casado. Vosso irmão, pela contrário, está casado há quinze dias...
— E daí?

— Veio queixar-se de Madame pela segunda vez.
— Como! Buckingham de novo?
— Não, outro.
— Quem?
— Guiché.
— Ora, essa! Será Madame, porventura, tão namoradeira?
— Receio que sim.
— Meu pobre irmão! — disse o rei desatando a rir.
— Desculpais a casquilhice, pelo que vejo?
— Em Madame, sim; intimamente, Madame não é casquilha.
— Seja; mas com isso vosso irmão perde a cabeça.
— Que é que ele quer?
— Afogar de Guiché.
— É violento.
— Não caçoeis, ele está exasperado. Alvitrai qualquer coisa.
— Para salvar Guiché, com muito prazer.
— Oh! se vosso irmão vos ouvisse, conspiraria contra vós, como fazia vosso tio, Monsieur, contra o rei, vosso pai.
— Não, Filipe gosta muito de mim e eu também gosto muito dele; viveremos como bons amigos. Em suma, qual é o pedido?
— Que impeçais Madame de ser namoradeira e Guiché de ser amável.
— Só isso? Meu irmão faz uma idéia muito elevada do poder real... corrigir uma mulher! Ainda se fosse um homem...
— Como o conseguiríeis?
— Dizendo uma palavrinha a Guiché, que é um rapaz inteligente, eu o persuadiria.
— E Madame?
— É mais difícil; uma palavrinha não bastará; comporei uma homília; catequizá-la-ei.
— A coisa é urgente.
— Empregarei a maior diligência possível. Temos ensaio de bailados hoje à tarde.
— Catequizareis dançando?
— Sim, senhora.
— Prometeis convertê-la?
— Extirpar-lhe-ei a heresia pela convicção ou pelo fogo.
— Ainda bem! Não quero meter-me nisso, que Madame nunca me perdoaria; e, sogra, preciso viver com minha nora.
— Senhora, o rei assumirá toda a responsabilidade. Mas estou pensando...
— Em que?
— Em que talvez fosse melhor procurar Madame em seu apartamento.
— Seria um pouco solene.
— Sim, mas a solenidade não fica mal aos pregadores; além disso, os violinos, durante os bailados, comeriam metade dos meus argumentos. De mais a mais, cumpre evitar alguma violência de meu irmão... Mais vale um pouco de precipitação... Madame estará em seus aposentos?
— Creio que sim.
— Os motivos de queixa, por favor?
— Em duas palavras: Música perpétua... assiduidade de Guiché... suspeitas de segredinhos e

conspirações...

— Provas?

— Nenhuma.

— Esta bem; vou procurar Madame.

E o rei pôs-se a examinar, nos espelhos, a indumentária, que era rica e o rosto, que resplandecia como os seus brilhantes.

— Monsieur tem sido evitado? — perguntou.

— O fogo e a água não se evitam mais deliberadamente.

— Isso basta. Minha mãe, beijo-vos as mãos... as mais belas mãos de França.

— Sede bem sucedido, Sire... Sede o pacificador do casal.

— Não emprego embaixadores — replicou Luís. — É a maior garantia de que terei bom êxito.

Saiu casquinando e durante todo o percurso não fez outra coisa senão sacudir, cuidadoso, o pó de suas roupas.

Capítulo XXXIII - O mediador

QUANDO o rei apareceu no quarto de Madame, todos os cortesãos, que a notícia de uma cena conjugal espalhara à volta dos apartamentos, principiaram a alimentar as mais graves apreensões.

Assim se formava uma borrasca, cujos elementos o Cavaleiro de Lorena, no meio dos grupos, analisava com alegria, aumentando os mais fracos e manobrando, segundo os seus maus desígnios, os mais fortes, a fim de produzir os piores efeitos imagináveis.

Como o previra Ana d'Áustria, a presença do rei emprestou um caráter solene ao acontecimento.

Não era coisa à toa, em 1662, o descontentamento de Monsieur contra Madame, e a intervenção do rei nos negócios particulares do irmão.

Dessarte, viram-se os mais temerários, que cercavam o Conde de Guiché desde o principio, afastar-se dele com uma espécie de pavor; e o próprio conde, dominado pelo pânico geral, voltou sozinho para casa.

Entrou o rei no apartamento de Madame cumprimentando, como o fazia habitualmente. As damas de honor haviam-se enfileirado à sua passagem pela galeria.

Por mais preocupado que estivesse Sua Majestade, dirigiu um olhar senhoril às duas fileiras de jovens e encantadoras mulheres que baixavam modestamente os olhos.

Todas estavam vermelhas por sentir sobre si olhar real. Uma só, cujos cabelos compridos se enrodilhavam em cachos sedosos sobre a mais linda pele do mundo, muito pálida, mal se mantinha em pé, apesar das cotoveladas da companheira.

Era La Vallière, que Montalais sustinha, soprando-lhe baixinho a coragem de que possuía tão fartas provisões.

O rei não pôde menos de voltar-se. Todas as frontes, que já se haviam reerguido, tornaram a abaixar-se; mas a mesma cabeça loira permaneceu imóvel, como se se houvessem esgotado todos os seus restos de força e inteligência.

Ao entrar no quarto de. Madame, Luís encontrou a cunhada reclinada sobre os coxins do gabinete. Ela ergueu-se e fez uma reverência profunda, balbuciando alguns agradecimentos pela honra que recebia.

Depois tornou a sentar-se, vencida por uma fraqueza, sem dúvida afetada, pois um delicioso colorido lhe animava as faces, e os olhos, ainda avermelhados por umas poucas lágrimas recentemente vertidas, tinham um brilho duplo.

Quando o rei se assentou e notou, com a segurança de observação que o caracterizava, a desordem do quarto e a desordem, não menor, do rosto de Madame, assumiu um ar risonho.

— Minha irmã — disse ele — a que horas desejais que ensaiemos o bailado?

E Madame, meneando lenta e languidamente a cabeça encantadora:

— Ah! Sire — disse ela — queira Vossa Majestade dispensar-me do ensaio; eu ia mandar avisá-lo de que não poderia...

— Como! — tornou o rei, com moderada surpresa — estaríeis indisposta, minha irmã?

— Estou, Sire.

— Mandarei chamar os vossos médicos.

— Não, que os médicos nada podem contra o meu mal.

— Vós me assustais!

— Sire, quero pedir a Vossa Majestade permissão para regressar à Inglaterra.

O rei fez um gesto.

— À Inglaterra! Sabeis o que estais dizendo, senhora?

— Digo-o a contragosto, Sire — replicou, resoluta, a neta de Henrique IV.

E despediram chispas os seus belos olhos negros.

— Sim, lamento fazer a Vossa Majestade confidências desse gênero; mas sinto-me muito infeliz na corte de Vossa Majestade; quero voltar para a minha família.

— Senhora! senhora! E o rei aproximou-se.

— Ouça-me, Sire — continuou Henriqueta assumindo a pouco e pouco sobre o interlocutor a ascendência que lhe davam a beleza e a natureza nervosa; — estou acostumada a sofrer. Jovem ainda, fui humilhada, fui desdenhada. Oh! não me desminta, Sire — ajuntou, com um sorriso.

Purpureou-se o rei.

— Nessa ocasião, acreditei que Deus me fizera nascer para isso, a mim, filha de um rei poderoso; e, visto que ele ferira a vida em meu pai, poderia perfeitamente ferir em mim o orgulho. Sofri muito, e causei muito sofrimento a minha mãe; mas jurei que, se Deus me desse algum dia uma posição independente, ainda que fosse a da operária que ganha a vida com seu trabalho, nunca mais toleraria a menor humilhação. Esse dia chegou; recuperei a fortuna devida à minha posição, à minha origem; tornei a alcançar os degraus do trono; entendi que, aliando-me a um príncipe francês, encontraria nele um parente, um amigo, um igual; percebo, todavia, que só encontrei um amo, e revolto-me, Sire. Minha mãe não saberá de nada, e Vossa Majestade, que eu respeito e que... eu amo...

O rei estremeceu; voz nenhuma lhe fizera assim tais cócegas no ouvido.

— Vossa Majestade, digo eu, que sabe tudo, visto que veio cá, talvez me compreenda. Se não tivesse vindo, eu teria ido procurá-lo. É a autorização para partir livremente que desejo. Cometo à delicadeza de Vossa Majestade, homem por excelência, a tarefa de me justificar e proteger.

— Minha irmã! minha irmã! — balbuciou o rei curvado ante o ataque violento — já ponderastes nas enormes dificuldades desse projeto?

— Sire, eu não reflito, sinto. Atacada, repilo instintivamente o ataque; nada mais.

— Mas, afinal, que vos fizeram?

A princesa, como se vê, por essa manobra peculiar às mulheres, não só evitara qualquer censura mas, principalmente, formulara outra, muito mais grave, e de acusada se convertia em acusadora. Sinal infalível de culpabilidade; desse mal evidente, todavia, as mulheres, até as menos hábeis, sempre souberam tirar proveito.

Não percebeu o rei que fora ter com ela para perguntar-lhe:

— Que fizestes a meu irmão?

E, em vez disso, limitava-se a perguntar:

— Que vos fizeram?

— Que me fizeram? — repetiu Madame. — Oh! é preciso ser mulher para compreendê-lo, Sire: fizeram-me chorar.

E com o dedo que não conhecia rival em delicadeza e alvura nacarada, mostrou os olhos brilhantes cheios de lágrimas.

— Minha irmã, suplico-vos — disse o rei adiantando-se para pegar-lhe na mão, que ela entregou, úmida e palpitante.

— Primeiro, Sire, privaram-me da presença de um amigo de meu irmão. Milorde de Buckingham era para mim um hóspede agradável, alegre, um compatriota que conhecia os meus hábitos, quase direi um companheiro, tantos dias passamos juntos com outros amigos em minhas águas de Saint-

James.

— Mas, minha irmã, Villiers não se enamorara de vós?

— Pretexto! E que importa — tornou ela, muito séria — que o Sr. de Buckingham se tenha ou não enamorado de mim? Será, acaso, perigoso para mim um homem apaixonado?... Ah! Sire, não basta que um homem nos ame.

E sorriu tão ternamente, tão finamente, que o rei sentiu o coração pulsar e desfalecer no peito.

— Mas, afinal, se meu irmão tinha ciúme? — atalhou o rei.

— Bem, concordo, é uma razão; e escorraçaram o Sr. de Buckingham.

— Escorraçaram!... oh! não.

— Expulsaram, afastaram, dispensaram, se Vossa Majestade prefere; um dos primeiros fidalgos da Europa viu-se obrigado a deixar a corte do rei de França, de Luís XIV, como um vilão, por causa de um olhar ou de um ramalhete. É pouco digno da corte mais galante... Perdão, Sire, esquecia-me que, falando assim, eu atentava contra o soberano poder de Vossa Majestade.

— À minha fé que não, minha irmã, não fui eu quem dispensou o Sr. de Buckingham... Eu gostava dele.

— Não foi Vossa Majestade? — acudiu habilmente Madame. — Ah! tanto melhor!

E acentuou o *tanto melhor* como se, em lugar dessa expressão, houvesse pronunciado *tanto pior*.

Seguiu-se um silêncio de alguns minutos. Ela continuou:

— Após a partida do Sr. de Buckingham... agora sei porque foi e quem a ocasionou... eu cria haver recobrado o sossego... Qual... Eis que Monsieur encontra novo pretexto; eis que...

— Eis que — emendou o rei, jovialmente — outro se apresenta. E é natural; sois bela, senhora; os homens vos amarão sempre.

— Então — bradou a princesa — terei de impor a solidão à minha volta? É isso o que querem, é isso o que me preparam? Não, não, prefiro voltar a Londres. Lá me conhecem e apreciam. Terei meus amigos sem temor de que ousem chamar-lhes meus amantes. Francamente! É uma suspeita indigna, sobretudo da parte de um gentil-homem!

Monsieur perdeu tudo no meu conceito desde que o vejo, desde que ele se revelou, ante mim, como tirano de uma mulher.

— Ora! ora! meu irmão só é culpado de amar-vos.

— De amar-me! Monsieur me ama? Ah! Sire... E despediu uma gargalhada.

— Monsieur nunca amará mulher alguma; Monsieur ama-se demais a si próprio; não, desgraçadamente para mim, Monsieur pertence à pior espécie dos ciumentos: a dos ciumentos sem amor.

— Confessai, todavia — disse o rei, que principiava a animar-se com a entrevista, variada, ardente — confessai que de Guiché vos ama.

— Ah! Sire, não sei de nada.

— Pois deveis saber. Um homem que ama se trai.

— O Sr. de Guiché não se traiu.

— Minha irmã, minha irmã, defendeis o Sr. de Guiché.

— Eu! esta é boa; eu? Oh! Sire, só faltava à minha desgraça uma suspeita de Vossa Majestade.

— Não, senhora, não — tornou arrebatadamente o rei. — Não vos aflijais. Oh! estais chorando! Acalmai-vos, pelo amor de Deus!

Ela estava chorando, realmente, e as lágrimas, grossas, lhe caíam sobre as mãos. O rei pegou numa delas e sorveu-lhe uma lágrima.

Ela considerou-o com tanta tristeza e tanta ternura, que ele sentiu alcançado o coração.

— Não sentis nada por Guiché? — perguntou, mais inquieto do que se poderia esperar do seu papel de mediador.

— Absolutamente nada.

— Nesse caso, posso tranqüilizar meu irmão.

— Oh! Sire, nada o tranqüilizará. Não acredite Vossa Majestade que ele seja ciumento. Monsieur ouviu maus conselhos e possui um temperamento inquieto.

— O que não é de estranhar em se tratando de vós. Madame abaixou os olhos e calou-se. O rei imitou-a. Continuava a segurar-lhe os dedos.

Esse minuto de silêncio durou um século.

Madame retirou suavemente a mão. Já estava segura do triunfo. O campo de batalha pertencia-lhe.

— Queixa-se Monsieur — disse timidamente o rei — que preferis ao trato dele, à companhia dele, outras companhias.

— Sire, Monsieur passa a vida a remirar-se num espelho e a urdir perversidades contra mulheres com o Sr. Cavaleiro de Lorena.

— Oh! ides um pouco longe.

— Digo o que é. Observe, Sire, e verá que tenho razão.

— Observarei. Mas, enquanto espero, que satisfação darei a Filipe?

— A minha partida.

— Repetis essa palavra! — exclamou imprudentemente o rei, como se, nos últimos dez minutos, a mudança operada na situação de ambos bastasse a modificar todas as idéias de Madame.

— Sire, já não posso ser feliz aqui — disse ela. — O Sr. de Guiché incomoda Monsieur. Mandá-lo-ão embora também?

— Se for preciso, por que não? — respondeu, sorrindo, Luís XIV.

— Muito bem! e depois do Sr. de Guiché?... o qual, de resto, Sire, me fará falta.

— Ah! sentireis falta dele?

— Decerto; é amável, aprecia-me, distrai-me.

— Ah! se Monsieur vos ouvisse! — acudiu o rei, agastado. — Sabeis que eu não me encarregaria de reconciliar-vos e nem sequer o tentaria?

— Sire, de agora em diante, podereis impedir Monsieur de ter ciúme do primeiro que aparecer?

E, todavia, o Sr. de Guiché não está nesse caso.

— Outra vez! Cuidado! Como bom irmão, acabarei sentindo horror do Sr. de Guiché.

— Ah! Sire — disse Madame — não partilhe, suplico-lhe, nem as simpatias nem os ódios de Monsieur. Continue Vossa Majestade a ser o rei; será melhor para si e para todos.

— Sois uma adorável motejadora, senhora, e compreendo que as próprias vítimas dos vossos motejos vos adorem.

— E eis porque Vossa Majestade, Sire, que eu teria escolhido por defensor, vai unir-se aos que me perseguem — disse Madame.

— Eu, perseguir-vos? Deus me livre!

— Então — continuou ela, languidamente — conceda-me Vossa Majestade o que lhe peço.

— Que me pedis?

— Permissão para regressar à Inglaterra.

— Oh! isso, nunca! nunca — bradou Luís XIV.

— Sou, então, prisioneira?

— Em França, sim.

— E que devo fazer?

— Vou dizer-vos, minha irmã!
— Ouço-o como serva muito humilde.
— Em vez de entregar-vos a intimidades um tanto inconseqüentes, em vez de alarmar-vos com o vosso isolamento, aparecei-nos sempre, não nos deixeis, vivamos em família. É verdade que o Sr. de Guiché é amável; mas, enfim, se não temos o espírito dele...
— Oh! Sire, Vossa Majestade sabe muito bem que está sendo modesto.
— Juro que não. Podemos ser rei e sentir que temos menos probabilidades de agradar do que este ou aquele fidalgo.
— Aposto que Vossa Majestade não acredita numa única palavra do que está dizendo, Sire.
O rei considerou ternamente Madame.
— Quereis prometer-me uma coisa? — perguntou.
— Que coisa?
— Nunca perderdes em vosso gabinete, com estranhos, o tempo que nos deveis. Façamos contra o inimigo comum uma aliança ofensiva e defensiva!
— Uma aliança com Vossa Majestade, Sire?
— Por que não? Não sois uma potência?
— Mas Vossa Majestade será aliado fiel?
— Vereis, senhora.
— E de quando datará a aliança?
— De hoje.
— Redigirei o tratado?
— Perfeitamente.
— E Vossa Majestade o assinará?
— De olhos fechados.
— Oh! nesse caso, Sire, prometo-lhe maravilhas; Vossa Majestade é o astro da corte, e quando me aparecer...
— Sei?...
— Tudo resplandecerá.
— Oh! senhora, senhora — tornou Luís XIV — toda luz nasce de vós, e se tomo por divisa o sol, este não passa de um emblema.
— Sire, Vossa Majestade lisonjeia a sua aliada; por conseguinte, quer enganá-la — disse Madame ameaçando o rei com o dedo travesso.
— Como! cuidais que vos engano quando vos certifico de minha afeição?
— Cuido.
— E que vos faz duvidar?
— Uma coisa.
— Só uma?
— Só.
— Qual? Serei muito infeliz se não triunfar de uma coisa só.
— Essa coisa não está no poder de Vossa Majestade, nem sequer no poder de Deus.
— E que é?
— O passado.
— Senhora, não compreendo — disse o rei, precisamente por haver compreendido muito bem.
A princesa segurou-lhe a mão.
— Sire — disse ela — tive a desventura de desagradar por tanto tempo a Vossa Majestade, que

me cabe hoje quase o direito de perguntar a mim mesma como pôde Vossa Majestade aceitar-me por cunhada.

— Desagradar-me! vós me desagradastes?

— Não negue, Sire.

— Permiti...

— Não, não, que me recordo.

— A nossa aliança data de hoje — exclamou o rei com veemência; — não vos recordais do passado, nem eu, mas recordo-me do presente. Tenho-o debaixo dos olhos, ei-lo; olhai.

E levou a princesa para diante de um espelho, onde ela se viu purpurejada e tão bela que danaria um santo.

— Não faz mal — murmurou — de qualquer maneira não será muito sólida a aliança.

— Precisarei jurar? — perguntou o rei, arroubado pelo tom voluptuoso que assumira a entrefala.

— Não recuso um bom juramento — disse Madame. — É mais uma aparência de garantia.

Ajoelhou-se o rei e pegou numa das mãos de Madame.

Com um sorriso que um pintor não conseguiria pintar e que um poeta só lograria imaginar, ela entregou-lhe as duas, em que ele escondeu a fronte escaldante.

Nenhum dos dois pôde achar uma palavra.

Sentiu o rei que Madame retirava as mãos roçando-lhe as faces.

Ergueu-se incontinente e deixou a recâmara.

Os cortesãos observaram-lhe o rubor e dele concluíram que a cena fora tempestuosa.

Mas o Cavaleiro de Lorena apressou-se em dizer:

— Não, senhores, tranqüilizai-vos. Quando Sua Majestade se encoleriza, empalidece.

Capítulo XXXIV - Os conselheiros

O REI afastou-se de Madame num estado de agitação que dificilmente teria podido explicar a si mesmo. Com efeito, é impossível compreender o jogo secreto das estranhas simpatias que súbito se acendem, sem motivo, depois de muitos anos passados na maior das calmas, na maior indiferença entre dois corações destinados a amar-se.

Por que havia Luís, outrora, desprezado e quase odiado Madame? Por que lhe parecia agora tão bela e tão desejável aquela mulher, e por que não somente se interessava, mas se interessava tanto por ela? Por que, finalmente, demonstrava Madame, cujos olhos e cujo espírito eram solicitados de outro lado, nos últimos oito dias, uma aparência de favor pelo rei que sugeria as mais perfeitas intimidades?

Não se deve crer que Luís maquinasse um plano de sedução: os laços que uniam Madame a seu irmão eram, ou pelo menos pareciam-lhe, barreira intransponível; e ele próprio se achava ainda tão longe dessa barreira que nem lhe atentara para a existência. Mas no resvaladouro das paixões com que se nos alegra o coração e às quais nos impele a juventude, ninguém pode dizer onde se deterá, por mais que haja, de antemão, calculado todas as probabilidades de triunfo ou de malogro.

Quanto a Madame, facilmente se explica a sua inclinação pelo rei: jovem, loureira, aspirava, sobretudo, a ser admirada.

Era uma dessas naturezas de impetuosos transportes, que, num teatro, pisaria em brasas ardentes para arrancar um grito de aplauso aos espectadores.

Não admirava, portanto, que, seguindo uma progressão, depois de haver sido adorada por Buckingham, por Guiché, superior a Buckingham, ainda que apenas pelo grande mérito, tão grato às mulheres, da novidade; não admirava, dizíamos, que a princesa ambicionasse enfeitiçar o rei, não só o primeiro homem do reino, senão também um dos mais apostos e brilhantes.

Quanto à súbita paixão de Luís pela cunhada, a fisiologia poderia explicá-la por vulgaridades, e a natureza por algumas afinidades misteriosas.

Madame possuía os mais belos olhos negros do mundo, Luís os mais belos olhos azuis. Madame era alegre e expansiva, Luís, melancólico e discreto. Chamadas a encontrar-se pela primeira vez no terreno de um interesse e de uma curiosidade comuns, as duas naturezas opostas se haviam inflamado ao contato das asperezas recíprocas. Voltando aos seus aposentos, Luís percebeu que Madame era a mulher mais sedutora da corte. Ficando só, Madame compreendeu, satisfeitíssima, que produzira no rei viva impressão.

Nela, porém, o sentimento havia de ser passivo, ao passo que no rei não poderia deixar de manifestar-se com toda a veemência natural ao espírito inflamável de um rapaz, e de um rapaz a quem basta querer para ver realizados os seus desejos.

O rei anunciou primeiro a Monsieur que estava tudo pacificado: que Madame lhe consagrava o mais profundo respeito, a mais sincera afeição; mas, sendo uma natureza altiva, desconfiada, cumpria poupar-lhe cuidadosamente as suscetibilidades. Monsieur replicou no tom agridoce com que falava de ordinário com o irmão, que não entendia direito as suscetibilidades de uma mulher cujo procedimento, no seu entender, poderia dar margem a censuras e, se alguém tinha o direito de sentir-se magoado, a ele, Monsieur, cabia incontestavelmente esse direito.

Mas o rei lhe respondeu em tom áspero, prova manifesta do interesse que lhe despertava a cunhada:

— Madame está acima das censuras, graças a Deus!

— Dos outros, sim, concordo — acudiu Monsieur — mas das minhas, não.

— Pois bem — disse o rei — a vós, meu irmão, direi que o procedimento de Madame não merece censuras. É, sem dúvida muito moça, muito distraída e muito estranha, mas demonstra possuir os melhores sentimentos. O temperamento inglês nem sempre é bem compreendido em França, e a liberdade dos costumes ingleses surpreende, às vezes, os que não lhes conhecem a inteira inocência.

— Ah! tornou Monsieur, cada vez mais despeitado — uma vez que Vossa Majestade absolve minha mulher, que eu acuso, minha mulher deixa de ser culpada, e já não tenho o que dizer.

— Meu irmão — atalhou com vivacidade o rei, ouvindo a voz da consciência murmurar-lhe baixinho que Monsieur tinha alguma razão; — meu irmão, o que digo e sobretudo o que faço é pela vossa felicidade. Eu soube que vos havíeis queixado de falta de confiança ou de atenções da parte de Madame, e não quis que a vossa inquietação se prolongasse por mais tempo. Corre-me o dever de zelar pela vossa casa como pela do meu súdito mais humilde. Verifiquei, portanto, com o maior dos prazeres, que as vossas apreensões não têm fundamento algum.

— E — continuou Monsieur em tom inquisitivo, encarando no irmão — o que Vossa Majestade reconheceu no tocante a Madame, e eu inclino-me diante da real sabedoria de Vossa Majestade, reconheceu-o também no tocante aos que foram a causa do escândalo de que me queixo?

— Tendes razão — disse o rei; — tratarei disso.

Essas palavras encerravam uma ordem e, ao mesmo passo, um consolo. Percebendo-o o príncipe, retirou-se.

Quanto a Luís, saiu à procura de sua mãe; sentia-se precisado de uma absolvição mais completa que a concedida pelo irmão.

Ana d'Áustria não tinha pelo Sr. de Guiché as mesmas razões de indulgência que tivera por Buckingham.

Notou, desde as primeiras palavras, que Luís não se dispunha à severidade; dispôs-se ela.

Era uma das artes habituais da boa rainha para descobrir a verdade.

Luís, contudo, já ultrapassara a fase do aprendizado: havia quase um ano que era rei.

Durante esse ano, aprendera a dissimular.

Escutando Ana d'Áustria, a fim de deixá-la manifestar todo o seu pensamento, aprovando-a apenas com o olhar e com o gesto, convenceu-se, por certos olhares profundos, por certas insinuações hábeis, que a rainha, tão perspicaz em matéria de galanteria, se não lhe adivinhara pelo menos suspeitara a inclinação por Madame.

De todas as suas auxiliares, Ana d'Áustria devia de ser a mais importante: de todas as suas inimigas, seria a mais perigosa.

Alterou, portanto, as manobras ideadas.

Acusou Madame, absorveu Monsieur, ouviu o que a mãe dizia de de Guiché como ouvira o que ela dissera de Buckingham.

Depois, quando notou que ela supunha ter obtido uma vitória completa, deixou-a.

Toda a corte, isto é, todos os favoritos e familiares, que eram numerosos, visto que já se contavam cinco amos, reuniram-se à noite para o ensaio do bailado.

Esse intervalo fora ocupado pelo pobre de Guiché em receber algumas visitas.

Entre elas, uma havia que ele esperava e receava com igual ansiedade. Era a do Cavaleiro de Lorena. Cerca das três horas da tarde, o Cavaleiro de Lorena entrou no quarto de de Guiché.

Trazia um semblante dos mais tranqüilizadores.

Monsieur, disse ele a de Guiché, estava de muito bom humor e ninguém diria que a menor das

nuvens houvesse cruzado o céu conjugal.

De resto, Monsieur não sabia guardar rancor!

Estando havia muito tempo na corte, percebera o Cavaleiro de Lorena que, dos dois filhos de Luís XIII, Monsieur herdara o caráter paterno, oscilante, irresoluto; bom às vezes, intimamente mau, nulo para os amigos.

Reanimara, sobretudo de Guiché mostrando-lhe que Madame, muito brevemente, conseguiria dominar o marido, e, por conseguinte, gostaria Monsieur quem alcançasse governar Madame.

Ao que de Guiché, com muita desconfiança e presença de espírito, respondera:

— Sim, cavaleiro; mas acho Madame perigosíssima.

— Em que?

— Em que percebeu que Monsieur não é uma criatura muito apaixonada pelas mulheres.

— É verdade — anuiu, rindo, o Cavaleiro de Lorena.

— E então...

— O que?

— Madame escolhe o primeiro que aparece para fazer dele o objeto de suas preferências e reconduzir o marido pelo ciúme.

— Profundo! profundo! — exclamou o cavaleiro.

— Verdadeiro! — tornou de Guiché.

E nenhum do dois dizia o que pensava.

No momento em que atacava assim o caráter de Madame, de Guiché pedia-lhe perdão do íntimo de sua alma.

Enquanto admirava a profundeza de apreciação de de Guiché, o cavaleiro conduzia-o de olhos fechados ao precipício.

De Guiché interrogou-o sobre o efeito produzido pela cena da manhã, e sobre o efeito ainda mais sério produzido pela cena do jantar.

— Pois se vos digo que todos agora se riem disso — respondeu o Cavaleiro de Lorena — a começar por Monsieur!

— Entretanto — arriscou de Guiché — falaram-me de uma visita do rei a Madame.

— Precisamente: Madame era a única que não se ria e o rei procurou-a para fazê-la rir.

— De sorte quê?

— De sorte que nada se modificou no programa de hoje.

— E ensaia-se o bailado esta noite?

— Decerto.

— Tendes certeza?

— Absoluta.

A essa altura da conversação dos dois rapazes, entrou Raul com expressão preocupada.

Avistando-o, o cavaleiro, que lhe consagrava, como a todo caráter nobre, um ódio secreto, ergueu-se.

— Vós me aconselhais, então?... — perguntou de Guiché ao cavaleiro.

— Eu vos aconselho a dormir sossegado, meu caro conde.

— E eu, de Guiché — acudiu Raul — dar-te-ia um conselho inteiramente diverso.

— Qual, amigo?

— O de montar a cavalo e partir para uma de tuas propriedades; lá chegado, se quiserdes seguir o conselho do cavaleiro, dormiras tão longa e sossegadamente quanto quiseres.

— Como, partir? — exclamou o cavaleiro, fingindo surpresa; — e por que partiria de Guiché?

— Porque, e não deveis ignorá-lo, principalmente vós, porque toda a gente já comenta uma cena que se teria passado aqui entre Monsieur e de Guiché.

De Guiché empalideceu.

— Absolutamente — respondeu o cavaleiro — absolutamente, e fostes mal informado, Sr. de Bragelonne.

— Fui perfeitamente informado, pelo contrário — retorquiu Raul — e o conselho que dou a de Guiché é um conselho de amigo.

Durante esse diálogo, de Guiché, meio aterrado, alternava os olhos entre os dois conselheiros.

Percebia intimamente que um jogo importante para o resto de sua vida se jogava naquele momento.

— Não é verdade — acudiu o cavaleiro interpelando o próprio conde — não é verdade, de Guiché, que a cena não foi tão tempestuosa como parece imaginar o Sr. Visconde de Bragelonne, que, aliás, não a presenciou?

— Senhor — insistiu Raul — mais ou menos tempestuosa, não é precisamente à cena que me refiro, mas às conseqüências que pode ter. Sei que Monsieur ameaçou; sei que Madame chorou.

— Madame chorou? — exclamou, imprudentemente, de Guiché, juntando as mãos.

— Sim, senhor! — tornou, rindo, o cavaleiro — aí está um pormenor que eu ignorava. Estais decididamente melhor informado do que eu, Sr. de Bragelonne.

— E porque estou melhor informado do que vós, cavaleiro, insisto em que de Guiché se ausente.

— Não, não, lamento contradizer-vos, senhor visconde, mas a partida é inútil.

— É urgente.

— Por que deveria ele ausentar-se? Vamos a ver.

— E o rei? o rei?

— O rei! — exclamou de Guiché.

— Pois é o que te digo, o rei tomou o caso a peito.

— Ora! — voltou o cavaleiro — o rei gosta de de Guiché e, sobretudo, do pai dele; além disso, partindo, o conde confessará que fez alguma coisa reprovável.

— Como assim?

— É claro! quando a gente foge, ou tem culpa ou tem medo.

— Ou está magoado, como um homem acusado injustamente — tornou Bragelonne; — atribuamos à sua partida o motivo da mágoa, é facílimo; diremos ter feito ambos o possível para retê-lo, e vós pelo menos não mentireis. Vamos! vamos! de Guiché, és inocente; a cena de hoje deve ter-te ferido; parte, parte, de Guiché.

— Não, não, de Guiché, ficai — volveu o cavaleiro — ficai, justamente, como dizia o Sr. de Bragelonne, porque sois inocente. Perdão mais uma vez, visconde; mas a minha opinião é inteiramente contrária à vossa.

— Pensareis o que quiserdes; mas notai que o exílio que de Guiché se imporá a si próprio será curto. Terminá-lo-á quando quiser, e, ao voltar de um desterro voluntário, encontrará um sorriso em todas as bocas; em caso contrário, o mau humor do rei pode provocar uma borrasca de conseqüências imprevisíveis O cavaleiro sorriu.

— Homessa! é isso mesmo o que eu quero! — murmurou baixinho, entre si.

Ao mesmo tempo, dava de ombros.

Esse movimento não escapou ao conde; temia, deixando a corte, dar a impressão de ceder a um sentimento de medo.

— Não, não — exclamou; — está decidido. Fico, Bragelonne.

— Eu sou profeta — disse tristemente Raul. — Aí de ti, de Guiché, ai de ti!

— Também sou profeta, mas não profeta de desgraças; ao contrário, conde, ficai, ficai, digo eu.
— Sempre se ensaia o bailado? — perguntou de Guiché — tendes certeza?
— Absoluta.
— Estás vendo, Raul — tornou de Guiché tentando sorrir; — estás vendo? não há de ser muito sombria nem muito inclinada às guerras intestinas uma corte em que se dança com tanta assiduidade. Vamos, confessa-o.
Raul sacudiu a cabeça.
— Já não tenho o que dizer-te — replicou.
— Mas, afinal — perguntou o cavaleiro, curioso de saber em que fonte colhera Raul as informações cuja exatidão reconhecia interiormente — vós vos dizeis bem informado, senhor visconde; como o seríeis melhor do que eu, que sou íntimo do príncipe?
— Senhor — respondeu Raul — diante de tal declaração, inclino-me. Reconheço que deveis estar perfeitamente informado, e, como um homem de honra é incapaz de afirmar o que não sabe e dizer o que não pensa, caio-me, dou-me por vencido, e deixo-vos o campo de batalha.
E, efetivamente, como um homem que parece desejar apenas o repouso, afundou-se em amplíssima poltrona, ao passo que o conde chamava os criados para o vestirem.
O cavaleiro sentia escoar-se o tempo e desejava sair; mas temia que Raul, ficando só com de Guiché, o persuadisse a partir.
Empregou, portanto, o último recurso.
— Madame estará resplandecente — disse ele; — experimentará hoje a sua fantasia de Pomona.
— Ah! é verdade — exclamou o conde.
— Sim, sim — continuou o cavaleiro; — ela acaba de dar ordens nesse sentido. Sabeis, Sr. de Bragelonne, que é o rei quem desempenha a parte de Primavera?
— Será admirável — disse de Guiché — e aí está uma razão melhor do que as outras para ficar; como represento Vertumno e preciso dançar com Madame, não posso afastar-me sem ordem do rei, visto que a minha partida desorganizaria o bailado.
— E eu — acudiu o cavaleiro — sou um simples egipã; é verdade que danço mal e tenho a perna mal feita. Senhores, até à vista. Não esqueçais o cesto de frutas que devo oferecer a Pomona, conde.
— Não esquecerei nada, ficai tranqüilo — disse de Guiché, arrebatado.
— Agora tenho certeza de que não partirá — murmurou ao sair o Cavaleiro de Lorena.
Tendo saído o cavaleiro, Raul nem sequer tentou despersuadir o amigo; sabia que era tempo perdido.
— Conde — disse-lhe apenas com voz triste e melodiosa — conde, tu te embarcas numa paixão terrível. Conheço-te; em tudo és extremado; a que amas também é... Ora, admitamos por um instante que ela venha a amar-te....
— Nunca — bradou de Guiché.
— Por quê?
— Porque seria uma grande desgraça para ambos.
— Então, caro amigo, em vez de considerar-te como um imprudente, permite que eu te considere como um louco.
— Louco?
— Responde francamente: estás bem certo de nada desejar da mulher que amas?
— Certíssimo.
— Então, ama-a de longe.
— De longe, como?

— Claro; que te importa a presença ou a ausência, visto que dela não desejas nada? Ama um retrato, ama uma recordação.

— Raul!

— Ama uma sombra, uma ilusão, uma quimera; ama o amor, emprestando um nome qualquer à tua idealidade. Ah! viras a cabeça? Os teus criados vêm vindo, não digo mais nada. Na ventura ou na desgraça, conta comigo, de Guiché.

— Homessa! está visto que conto.

— Pois bem! era isso o que eu precisava dizer-te. Faze-te belo, de Guiché, faze-te belíssimo. Adeus!

— Não assistirás ao ensaio do bailado, visconde?

— Não, preciso fazer uma visita. Dá-me um abraço, de Guiché, Adeus!

A reunião realizava-se nos aposentos do rei.

Primeiro as rainhas, depois Madame, algumas damas de honor escolhidas, certo número de cortesãos escolhidos também, preludiavam os exercícios dançarinos com as admiráveis conversações palacianas daquele tempo.

Nenhuma das convidadas vestira fantasia, como predissera o Cavaleiro de Lorena; mas falava-se muito nos trajos ricos e engenhosos desenhados por vários pintores para o *bailado dos semideuses*.

Assim se chamavam os reis e as rainhas cujo Panteão seria Fontainebleau.

Monsieur chegou trazendo na mão o desenho que representava o seu personagem; ainda tinha o rosto um pouco preocupado; o seu cumprimento à rainha e à mãe foi cortês e afetuoso. Cumprimentou quase grosseiramente Madame e virou-lhe as costas com uma pirueta. O seu gesto e a sua frieza não escaparam a ninguém.

O Sr. de Guiché indenizou a princesa com um olhar carregado de chamas, e Madame, força é dizê-lo, erguendo as pálpebras, retribuiu-lho com juros.

Cumpre notar que de Guiché nunca fora tão belo, pois o olhar de Madame iluminara de certo modo o rosto do filho do Marechal de Grammont. Sentia a cunhada do rei que uma tempestade lhe pairava sobre a cabeça; sentia também que, naquele dia, tão fecundo de acontecimentos futuros, ela cometera, em relação a quem a amava com tanto ardor e tamanha paixão, uma injustiça, se não uma felonia.

Parecia-lhe chegado o momento de prestar contas ao pobre sacrificado da injustiça da tarde. Naquele momento falava o coração de Madame, e falava em nome de de Guiché. O conde era sinceramente lastimado, e, portanto, avantajava-se a todos.

Já não se tratava de Monsieur, do rei, de Milorde de Buckingham. De Guiché, naquele instante, reinava sem rivais.

Entretanto, Monsieur também estava lindo; mas era impossível compará-lo ao conde. Sabe-se, visto que o dizem todas as mulheres, que há sempre enorme diferença entre a beleza do amante e a do marido.

Ora, na situação presente, diante da atitude de Monsieur, após a saudação cortês e afetuosa à rainha e à rainha-mãe, após o cumprimento rápido e grosseiro dirigido a Madame, em que todos os cortesãos haviam reparado, colocara-se o amante em posição superior à do marido.

Monsieur era demasiado importante para observar esse pormenor. Não há nada mais eficaz do que a convicção da própria superioridade para assegurar a inferioridade de um homem.

Chegou o rei. Toda a gente buscou adivinhar os acontecimentos iminentes no olhar que principiava a agitar o mundo como o sobrolho de Júpiter Tonante.

Luís não tinha nada da tristeza do irmão; resplandecia.

Depois de examinar a maior parte dos desenhos que todos lhe mostravam, deu conselhos ou fez

críticas, distribuindo tristezas e alegrias com uma palavrinha.

De repente, o seu olhar, que sorria obliquamente para Madame, observou a muda correspondência estabelecida entre a princesa e o conde.

Morderam-se os lábios reais e, quando de novo se abriram, deixaram passar umas frases vulgares:

— Senhoras — disse o rei adiantando-se para as rainhas — recebi a notícia de que está tudo preparado segundo as minhas ordens em Fontainebleau.

Um murmúrio de satisfação ergueu-se dos grupos.

Leu o rei em todos os rostos o desejo ardente de receber um convite para as festas.

— Partirei amanhã — acrescentou. Silêncio profundo na assembléia.

— E convido — terminou o rei — as pessoas presentes a acompanhar-me.

Um sorriso iluminou todas as fisionomias. Só a de Monsieur se conservou emburrada.

Viram-se então desfilar sucessivamente diante do rei as damas e os senhores que se afanavam em agradecer a Sua Majestade a honra do convite.

Chegou a vez de Guiché:

— Ah senhor — disse-lhe o rei — eu não vos tinha visto. O conde cumprimentou.

Madame empalideceu.

De Guiché ia abrir a boca para formular o seu agradecimento.

— Conde — prosseguiu o rei — chegou o tempo das segundas semeaduras. Tenho certeza de que os vossos rendeiros da Normandia vos acolherão com prazer em vossas terras.

E o rei, depois da frase brutal, virou as costas ao infeliz.

Foi a vez de de Guiché empalidecer; deu dois passos para o soberano, esquecido de que ninguém se dirige a Sua Majestade sem ser interrogado.

— Eu talvez não tenha compreendido bem — balbuciou.

O rei voltou rapidamente a cabeça e, com o olhar frio e fixo que mergulhava como espada inflexível no coração dos desvalidos:

— Eu disse em vossas terras — repetiu lentamente, deixando cair as palavras, uma a uma.

— J ai dit vos terres, répéta-t-il en laissant tomber ces paroles une à une.

Um suor frio subiu à testa do conde, abriram-se-lhe as mãos e deixaram cair o chapéu que ele segurava entre os dedos trêmulos.

Luís procurou o olhar de sua mãe, como para mostrar-lhe que era o amo. Procurou o olhar triunfante do irmão, como para perguntar-lhe se a vingança lhe agradava.

Afinal, parou os olhos em Madame.

A princesa sorria e conversava com a Sra. de Noailles.

Não ouvira nada, ou melhor, fingira não ter ouvido nada.

O Cavaleiro de Lorena olhava também com uma dessas insistências inimigas que parecem dar ao olhar de um homem a força da alavanca quando ergue, arranca e atira longe o obstáculo.

O Sr. de Guiché ficou sozinho no gabinete do rei; toda a gente se evaporara. Diante dos olhos do infortunado dançavam sombras.

De súbito, arrancou-se ao desespero fixo que o dominava, e correu a fechar-se em casa, onde o esperava ainda Raul, tenaz em seus sombrios pressentimentos.

— E então? — murmurou este último vendo entrar o amigo com a cabeça descoberta, o olhar desvairado, a marcha titubeante.

— Sim, sim, é verdade, sim...

E de Guiché não pôde dizer mais nada; caiu esgotado sobre os coxins.

— E ela?... — perguntou Raul.

— Ela! — bradou o desventurado erguendo para o céu um punho crispado pela cólera. — Ela!...

— Que disse ela?
— Que o seu vestido lhe cai bem.
— E que está fazendo?
— Está rindo.

E um acesso de riso extravagante sacudiu todos os nervos do proscrito, que pouco depois se deixava cair, aniquilado.

Capítulo XXXV - Fontainebleau

HAVIA quatro dias que todos os encantos reunidos nos magníficos jardins de Fontainebleau transformavam o castelo num sítio deleitosíssimo.

O Sr. Colbert multiplicava-se... De manhã, as contas das despesas da noite; durante o dia, programas, ensaios, inventários, pagamentos.

O Sr. Colbert reunira quatro milhões e dispunha deles com sábia economia.

Apavoravam-no os gastos a que conduz a mitologia. Cada Silvano, cada dríade, não ficava em menos de cem libras por dia. O trajo custava trezentas.

A pólvora e o enxofre que se queimavam nos fogos de artifício subiam, cada noite, a cem mil libras.

Havia, além disso, iluminações nas margens do lago que montavam a trinta mil libras por noite.

Decorriam as festas magnificamente. Colbert não cabia em si de contente.

Via a todos os momentos Madame e o rei saírem para caçadas ou para a recepção de personagens fabulosos, solenidades que havia quinze dias se improvisavam e nas quais cintilavam o espírito de Madame e a munificência do rei.

Pois Madame, heroína de festa, agradecia as arengas daquelas deputações de povos desconhecidos, garamantes, citas, hiperbóreos, caucásios e patagões, que pareciam sair da terra para vir felicitá-la, e a cada representante desses povos dava o rei um brilhante ou algum móvel de valor.

Comparavam os deputados, em versos mais ou menos grotescos, o rei ao Sol, Madame a Febe, sua irmã, e ninguém aludia às rainhas nem a Monsieur, como se o rei houvesse desposado Henriqueta de Inglaterra e não Maria Teresa d'Áustria.

Madame Henriette d'Angleterre.

De mãos dadas, apertando imperceptivelmente os dedos um do outro, o par feliz sorvia, em longos haustos, o dulcíssimo elixir da lisonja, que realçavam a juventude, a beleza, o poder e o amor.

Cada qual se espantava em Fontainebleau do grau de influência que Madame adquirira tão rapidamente sobre o rei.

Cada qual dizia em voz baixa que era Madame, verdadeiramente, a rainha.

E, com efeito, o rei proclamava essa estranha verdade em cada um de seus pensamentos, em cada uma de suas palavras, em cada um de seus olhares.

Hauria os seus desejos, buscava as suas inspirações nos olhos de Madame, e embriagava-se de alegria quando Madame se dignava sorrir.

Madame, por sua vez, embriagar-se-ia, acaso, de poder, vendo toda a gente a seus pés? Ela mesma não saberia dizê-lo; sabia, porém, que nenhum desejo lhe aflorava ao coração, sabia que se achava plenamente feliz.

Resultava de todas essas transposições, cuja fonte residia na vontade real, que Monsieur, em lugar de ser o segundo personagem do reino, passara a ser o terceiro.

Daí que a sua situação fosse muito pior que a do tempo em que de Guiché zangarreava no quarto de Madame, quando Monsieur tinha, pelo menos, a satisfação de amedrontar o homem que o incomodava.

Mas, após a partida do inimigo expulso pela sua aliança com o rei, sentia Monsieur sobre os ombros um jugo bem mais pesado que o anterior.

Todas as noites, Madame regressava extenuada.

Os passeios a cavalo, os banhos no Sena, os espetáculos, os jantares debaixo das árvores, os bailes à beira do grande canal, os concertos, teriam bastado para matar, não uma mulher delicada e frágil, mas o suíço mais robusto do castelo.

É verdade que em matéria de danças, concertos, passeios, a mulher é bem mais forte que o mais vigoroso dos filhos dos treze cantões.

Por maiores, todavia, que sejam, as energias femininas têm um limite e não poderiam agüentar muito tempo semelhante regime.

Quanto a Monsieur, não tinha sequer a satisfação de ver Madame abdicar de sua realeza à noite.

A noite, passava-a Madame no pavilhão real com a rainha e a rainha-mãe.

Fora ocioso dizer que o Cavaleiro de Lorena não deixava Monsieur e vertia a sua gotinha de fel em cada ferida que este recebia.

Disso resultara que Monsieur, a princípio jubiloso e remoçado com a partida de de Guiché, recaíra na melancolia três dias depois de instalar-se a corte em Fontainebleau.

Ora, um dia, cerca das duas horas, Monsieur, que se levantara tarde e se amanhara ainda com maior cuidado, não tendo ouvido coisa alguma sobre o programa da tarde, concebeu o projeto de reunir a sua corte e levar Madame a cear em Moret, onde possuía uma linda casa de campo.

Dirigiu-se, portanto, ao pavilhão das rainhas, e entrou, muito surpreso por não encontrar ninguém do serviço real.

Entrou sozinho no apartamento.

Uma porta se abria à esquerda para o quarto de Madame, e outra à direita para o quarto da rainha.

Monsieur ficou sabendo, por uma arrumadeira que estava trabalhando, no quarto de Madame, que toda a gente partira às onze horas para ir banhar-se no Sena, que o passeio se convertera em grande festa, que todas as caleças se haviam reunido nas portas do parque, e que a partida se realizara havia mais de uma hora.

— Bom! — disse Monsieur consigo só — a idéia é boa, está fazendo um calor danado, tornarei um banho com muito prazer.

E chamou a sua gente... Ninguém apareceu.

Chamou a gente de Madame. Todo o mundo saíra. Desceu às cocheiras.

Um palafreneiro informou-lhe que não havia caleças nem carruagens.

Ordenou o príncipe que lhe selassem dois cavalos, um para si e outro para o seu criado grave.

Respondeu-lhe polidamente o palafreneiro que não havia cavalos.

Pálido de cólera, Monsieur voltou ao pavilhão das rainhas.

Chegou a entrar no oratório de Ana d'Áustria.

Do oratório, através de um reposteiro entreaberto, avistou a cunhada de joelhos diante da rainha-mãe, e, aparentemente, banhada em lágrimas. Ele não fora visto nem pressentido.

Acercou-se manso e manso da fresta e escutou: o espetáculo daquele sofrimento espertava-lhe a curiosidade.

A rainha não somente chorava, mas também se queixava.

— Sim — dizia ela — o rei descuida de mim, só pensa em prazeres, e em prazeres de que não participo.

— Paciência, paciência, minha filha — replicava Ana d'Áustria em espanhol.

Depois, sempre em espanhol, acrescentava uns conselhos que Monsieur não entendia.

Respondia a rainha com acusações misturadas de lágrimas e suspiros, entre os quais Monsieur distinguia freqüentemente a palavra *baños,* que Maria Teresa acentuava com o despeito da cólera.

— Os banhos — dizia Monsieur entre si — os banhos. Parece que é dos banhos que ela não gosta.
E tentava recoser os fragmentos de frases que apanhava, de quando em quando.
Era fácil, contudo, adivinhar que a rainha se queixava amargamente, e que, se Ana d'Áustria não a consolava, pelo menos tentava fazê-lo.
Temendo ser surpreendido à escuta, Monsieur decidiu tossir. Viraram-se as duas rainhas ao ruído.
Monsieur entrou.
À vista do príncipe, a rainha ergueu-se precipitadamente e enxugou os olhos.
Monsieur conhecia perfeitamente as normas da sociedade e as regras da polidez; não fez a menor pergunta e, sem dizer nada, cumprimentou.
A rainha-mãe sorriu-lhe agradavelmente.
— Que quereis, meu filho? — perguntou.
— Eu?... Nada... — balbuciou Monsieur; — estava procurando...
— O que?
— Minha mãe, eu estava procurando Madame.
— Madame foi aos banhos.
— E o rei? — perguntou Monsieur num tom que fez estremecer a rainha.
— O rei também, toda a corte também — replicou Ana d'Áustria.
— Menos vós, senhora? — indagou Monsieur.
— Oh! eu — acudiu a rainha — sou o espantalho de todas as pessoas que se divertem.
— E eu também, segundo parece — retrucou Monsieur.
Ana d'Áustria fez um mudo sinal à nora, que se retirou debulhada em lágrimas.
Monsieur carregou o cenho.
— Aí está uma triste casa — disse ele; — que dizeis vós, minha mãe?
— Não... não... todos aqui procuram as suas distrações.
— E é precisamente isso que entristece os que sofrem por causa delas.
— Como dizeis isso, meu querido Filipe!
— Ora essa! minha mãe, digo como penso.
— Explicai-vos; que há?
— Perguntai-o à minha cunhada, que ainda há pouco vos contava as suas penas.
— Suas penas?... como?...
— Sim, eu estava escutando; por acaso, confesso-o, mas o caso é que escutei... Pois bem! ouvi que farte minha irmã queixar-se dos famosos banhos de Madame.
— Tolices...
— Não, não, não, quando choramos nem sempre somos tolos... *Baños,* dizia a rainha; isso não quer dizer banhos?
— Repito, meu filho, que vossa cunhada tem uns zelos pueris — acudiu Ana d'Áustria.
— Nesse caso, senhora — respondeu o príncipe — humildemente me acuso do mesmo defeito.
— Vós também, meu filho?
— Decerto.
— Também tendes ciúme desses banhos?
— Pudera!
— Oh!
— Como! O rei vai banhar-se com minha mulher e não leva a rainha? Madame vai banhar-se com o rei, e não me fazem a honra de prevenir-me? E quereis que minha cunhada esteja satisfeita? E quereis que eu esteja satisfeito?

— Mas, meu caro Filipe — disse Ana d'Áustria — disparatais; fizestes expulsar o Sr. de Buckingham, fizestes exilar o Sr. De Guiché; pretendeis agora escorraçar o rei de Fontainebleau?

— Não é essa a minha pretensão, senhora — recalcitrou Monsieur com desabrimento. — Mas posso perfeitamente retirar-me, e é o que vou fazer.

— Com ciúme do rei! com ciúme de vosso irmão!

— Com ciúme de meu irmão! do rei! sim, senhora, ciumento! ciumento! ciumento!

— Palavra, senhor — exclamou Ana d'Áustria simulando indignação e cólera — começo a crer-vos louco e inimigo confesso do meu repouso. E deixo-vos sozinho, pois não tenho defesa contra tais imaginações.

E, dizendo isso, levantou-se e deixou Monsieur entregue ao mais furioso arrebatamento.

Monsieur quedou um instante atordoado; logo, tornando em si, para concentrar todas as forças, desceu de novo à cocheira, encontrou o palafreneiro, pediu-lhe de novo um carro, pediu-lhe de novo um cavalo; e diante da dupla resposta de que não havia cavalo nem carro, arrancou um chicote das mãos de um moço das cavalariças e pôs-se a perseguir o pobre diabo com grandes vergastadas ao redor do pátio de serviço, apesar dos seus gritos e desculpas; logo, tresfolegante, empapado de suor, com todos os membros trêmulos, retornou aos seus aposentos, fez em pedaços as mais encantadoras porcelanas, e deitou-se, de botas e esporas, na cama, berrando:

— Socorro! socorro! socorro!

Capítulo XXXVI - O banho

EM Valvins, sob as arcadas impenetráveis de caniços em flor, de chorões, que, inclinando as comas verdes, mergulhavam as extremidades da folhagem na onda azul, uma barca, comprida e chata, com escadas recobertas de longas cortinas azuis, servia de refúgio às Dianas banhistas, espreitadas à saída da água por vinte Acteões empenachados, que galopavam, ardorosos e cobiçosos, à beira musquenta e perfumada do rio.

Mas Diana, a própria Diana pudica, em sua ampla clâmide, era menos casta, menos impenetrável do que Madame, jovem e bela como a deusa. Pois, a despeito da fina túnica da caçadora, via-se-lhe o joelho redondo e alvo; apesar dos carcás sonoro, viam-se-lhe os ombros trigueiros; ao passo que um longo véu, cem vezes dobrado, envolvia Madame, quando se entregava aos braços de suas mulheres, e tornava-a inacessível aos olhares mais indiscretos e penetrantes.

Quando a princesa galgou de novo a escada, os poetas presentes, e todos eram poetas em se tratando de Madame, os vinte poetas galopantes se detiveram, e, a uma voz, gritaram que não eram gotas de água, mas pérolas que caíam do corpo de Madame e iam perder-se no rio feliz.

Centro dessas poesias e dessas homenagens, o rei impôs silêncio aos amplificadores cujo estro não se teria estancado, e afastou-se, com medo de ofender, até sob as cortinas de seda, o recato da mulher e a dignidade da princesa.

Fez-se, portanto, um grande vazio na cena e um grande silêncio na barca. Pelos movimentos, pelas ondulações das cortinas, pelo suceder-se das dobras, adivinhavam-se as idas e vindas das mulheres azafamadas.

O rei ouvia sorrindo o que lhe diziam os fidalgos, mas perceberia quem o contemplasse que não tinha a atenção presa ao discurso deles.

Com efeito, assim que o ruído das argolas sobre os suportes das cortinas anunciou que Madame estava vestida e que a deusa ia surgir, o rei, voltando-se de pronto e acorrendo às margens, deu o sinal a quantos eram chamados, pelo serviço ou pelo interesse, para junto de Madame.

Precipitaram-se os pajens, trazendo consigo os cavalos pela rédea; as caleças, que tinham ficado debaixo das árvores, aproximaram-se da tenda, seguidos pela nuvem de criados, carregadores e aias que, durante o banho dos amos, haviam trocado à parte as suas observações, as suas críticas, as suas discussões de interesse, jornal fugitivo dessa quadra, de que ninguém se lembra, nem sequer as vagas, espelho dos personagens, eco dos seus discursos; as vagas, testemunhas que Deus precipitou na imensidade, como precipitou os atores na eternidade.

Toda aquela gente que achusmava a borda do rio, sem contar a multidão de camponeses atraídos pelo desejo de ver o rei e a princesa, toda essa gente foi, durante oito ou dez minutos, a mais desordenada, a mais agradável mistura que se possa imaginar.

O rei apeara: todos os cortesãos o haviam imitado; oferecera a mão a Madame, cujo corpo elegante realçava o rico trajo de amazona, de lã fina, bordado de prata.

Os cabelos, úmidos ainda, e mais escuros do que o jade, molhavam-lhe o colo puríssimo e lácteo. A alegria e a saúde cintilavam-lhe nos olhos formosos; descansada, mas nervosa, aspirava o ar em longos haustos sob o guarda-sol bordado que lhe carregava um pajem.

Nada de mais terno, de mais gracioso, de mais poético do que aquelas duas figuras mergulhadas na sombra cor-de-rosa do guarda-sol; o rei, cujos dentes brancos refulgiam num sorriso perpétuo; Madame, cujos olhos negros brilhavam como carbúnculos ao reflexo micáceo da seda cambiante.

Quando Madame se aproximou da montaria, soberba hacanéia andaluza, alvíssima, um tanto pesada talvez, mas de cabeça inteligente e fina, em cujas veias circulava o sangue árabe tão felizmente associado ao sangue espanhol, e cuja cauda, comprida, varria a terra; como a princesa se mostrasse preguiçosa para alcançar o estribo, o rei tomou-a nos braços, de tal modo que o braço de Madame se lhe dispôs como círculo de fogo em torno do pescoço.

Ao retirar-se, Luís roçou involuntariamente com os lábios o braço que não se afastava. Depois, tendo a princesa agradecido ao real escudeiro, toda a gente cavalgou ao mesmo tempo.

O rei e Madame se afastaram para deixar passar as caleças, os batedores, os correios.

Libertados do jugo da etiqueta, muitos cavaleiros deram rédeas às suas montadas e atiraram-se empós dos carros que levavam as damas de honor, frescas como outras tantas árcades à volta de Diana, e, risonhos, ruidosos, tagarelas, fugiram os turbilhões. O rei e Madame mantiveram os cavalos a passo.

Atrás de Sua Majestade e da princesa, sua cunhada, mas a respeitosa distância, os cortesãos graves ou desejosos de ficar sob as vistas do monarca, seguiram, sofreando as montarias impacientes, regulando-lhes o passo pelo dos corcéis do rei e de Madame, e entregues às doçuras e prazeres que apresenta o comércio dos engenhosos, que sabem dizer, com inexcedível cortesia, mil e uma perversidades.

Entre os risinhos abafados, entre as reticências daquela sardônica hilaridade, Monsieur, o pobre ausente, não foi poupado.

Mas todos lamentaram, lastimaram a sorte de de Guiché e, releva confessá-lo, a compaixão nesse caso não era sem propósito.

Tendo, porém, fustigado os cavalos e repetido cem vezes tudo o que lhes punham na boca os cortesãos que os faziam falar, o rei e Madame abriram a correr a meio galope, e ouviram-se ressoar à passagem da cavalgata as profundas alamedas da floresta.

Aos diálogos em voz baixa, aos discursos em forma de confidências, às palavras trocadas com certo mistério, sucederam os brados ruidosos; dos batedores aos príncipes, a alegria propagou-se.

Toda a gente começou a rir e a gritar. Viram-se pegas e gaios fugir aos gritos guturais, sob as abóbadas ondulantes dos carvalhos, o cuco interrompeu a queixa monótona no fundo dos bosques, tentilhões e melharucos levantaram vôo em bandos, ao passo que os gamos, cabritos e corças cabriolavam, assustados, no meio das sarças.

Essa multidão, que irradiava alegria, ruído e luz à sua passagem, chegou, para assim dizer, ao castelo precedida do própria eco.

O rei e Madame entraram na cidade, saudados pelas aclamações universais da multidão.

Madame apressou-se em procurar Monsieur.

Compreendia instintivamente que o excluíra por muito tempo dos seus divertimentos.

O rei foi procurar as rainhas; sabia dever-lhes, principalmente a uma delas, uma compensação por tão longa ausência.

Madame, porém, não foi recebida por Monsieur.

Disseram-lhe que Monsieur estava dormindo.

O rei, em lugar de encontrar Maria Tereza sorridente como sempre, encontrou na galeria Ana d'Áustria que, espreitando-lhe a chegada, aproximou-se dele, pegou-lhe na mão e conduziu-o ao seu quarto.

O que disseram, ou antes, o que a rainha-mãe disse a Luís XIV, ninguém soube jamais; mas não seria difícil adivinhá-lo pelo rosto contrariado do rei ao termo da entrevista.

Mas nós, a quem corre o dever de interpretar e dar conta ao leitor do que interpretamos,

faltaríamos à nossa obrigação deixando-o na ignorância dos resultados da conferência.

Estes se encontrarão satisfatoriamente desenvolvidos, supomo-lo, no capítulo seguinte.

Capítulo XXXVII - A caça às borboletas

ENTRANDO em seus aposentos para dar algumas ordens e coordenar as idéias, encontrou o rei sobre o toucador um bilhetinho cuja letra parecia disfarçada. Abriu-o e leu:

"Venha depressa, tenho mil coisas para dizer-lhe ".

Não fazia muito tempo que o rei e Madame se haviam separado, para que essas mil coisas fossem a continuação das três mil que se tinham dito no trajeto de Valvins a Fontainebleau.

Daí que a confusão do bilhete e a sua precipitação dessem muito que pensar ao rei.

Ocupou-se um pouco da indumentária e saiu para visitar Madame.

A princesa, que não quisera dar a impressão de que o esperava, descera ao jardim com todas as damas.

Quando soube que Madame deixara os seus aposentos para passear, reuniu o rei todos os fidalgos que encontrou à mão e convidou-os a segui-lo ao jardim.

Madame caçava borboletas sobre amplo relvado guarnecido de heliotrópios e giestas.

Via correrem as mais intrépidas e mais jovens de suas damas, e, de costas voltadas para a alameda, esperava com impaciência a chegada do rei, com o qual marcara encontro.

O ranger de alguns passos sobre a areia fê-la voltar-se. Luís XIV vinha sem chapéu; derrubara com a bengala uma borboleta, que o Sr. de Saint-Aignan erguera, atordoada, do chão.

— Vede, senhora — disse o rei — que também caço para vós. E aproximou-se.

— Senhores — disse ele voltando-se para os fidalgos que lhe formavam o séquito — ide buscar algumas para estas damas.

Aquilo era dispensar toda a gente.

Viu-se então um espetáculo curioso; os velhos cortesões, os cortesões obesos, abalaram atrás das borboletas perdendo os chapéus e investindo, de bengala em riste, mirtas e giestas como se fossem espanhóis.

O rei ofereceu a mão a Madame e escolheu com ela por centro de observação um banco protegido por uma coberta de musgo, espécie de chalezinho concebido pelo gênio tímido de algum jardineiro, que inaugurara o pitoresco e a fantasia no estilo severo da jardinagem do tempo.

Esse abrigo, enfeitado de capuchinhas e trepadeiras, recobria um banco sem encosto, de modo que os espectadores, isolados no meio da grama, viam e eram vistos de todos os lados, mas não podiam ser ouvidos sem ver os curiosos que se aproximassem.

Desse lugar, em que se colocaram os dois interessados, o rei fez um sinal de incentivo aos caçadores; depois, como se conversasse com Madame sobre a borboleta transfixada por um alfinete de ouro e presa ao seu chapéu:

— Não estamos bem aqui para conversar? — perguntou.

— Estamos, Sire, pois eu precisava ser ouvida apenas de Vossa Majestade e vista de toda a gente.

— E eu também — disse Luís.

— O meu bilhete surpreendeu-o?

— Apavorou-me! Mas o que preciso dizer-vos é mais importante.

— Oh! não. Sabe Vossa Majestade que Monsieur me fechou a sua porta?

— Por que?

— Não o adivinha?
— Ah! Madame, tínhamos ambos então a mesma coisa para dizer-nos?
— Que lhe sucedeu, Sire?
— Quereis que eu comece?
— Quero. Eu já disse tudo.
— Então é a minha vez. Sabei que, ao chegar, encontrei minha mãe, que me levou para o seu quarto.
— Oh! a rainha-mãe! — observou Madame, inquieta. — A coisa é séria.
— Se é! Eis o que ela me disse... Mas, primeiro, consenti que eu faça um preâmbulo.
— Fale, Sire.
— Monsieur nunca vos falou de mim?
— Muitas vezes.
— Monsieur nunca vos falou dos seus zelos?
— Mais vezes ainda.
— A propósito de mim?
— Não, mas a propósito...
— Sim, eu sei, de Buckingham, de Guiché.
— Precisamente.
— Pois bem, Madame, Monsieur entendeu agora de ter ciúmes de mim.
— Que idéia! — replicou, sorrindo com malícia, a princesa.
— Afinal, segundo me parece, nunca demos motivos...
— Nunca! eu pelo menos... Mas como soube Vossa Majestade do ciúme de Monsieur?
— Minha mãe contou-me que Monsieur lhe entrou furioso no quarto, exalou mil e uma queixas contra a vossa... Perdoai-me...
— Diga, diga.
— Contra a vossa garridice. Parece que Monsieur também sabe ser injusto.
— Vossa Majestade é muito bom.
— Minha mãe tranqüilizou-o; mas ele declarou que o tranqüilizavam muito amiúde e que já não queria ser tranqüilizado.
— Não seria melhor que Monsieur não se preocupasse com coisa alguma?
— Foi o que eu disse.
— Convenha, Sire, em que o mundo é bem mau. Como! um irmão e uma irmã não podem conversar, não podem gostar da companhia um do outro sem dar pretexto a comentários e a suspeitas? Pois, afinal, Sire, não estamos fazendo mal nenhum, não temos nenhuma vontade de fazer mal.
E considerou o rei com o olhar altivo e provocante que ateia as chamas do desejo nos mais frios e nos mais sérios.
— Com efeito — suspirou Luís.
— Sabe Vossa Majestade que, se isso continuar, serei obrigada a fazer um escândalo? Vejamos, examine o nosso procedimento, Sire: é ou não é um procedimento normal?
— Perfeitamente normal.
— Sós muitas vezes, porque gostamos das mesmas coisas, poderíamos incorrer em alguma falta; mas acaso o fizemos?... Para mim, Vossa Majestade é um irmão, nada mais.
O rei carregou o sobrolho. Ela continuou:
— A mão de Vossa Majestade, que tantas vezes toca na minha, não me produz esses

estremecimentos, essa emoção... que dois amantes, por exemplo...

— Oh! basta, basta, eu vos conjuro! — acudiu o rei, supliciado. — Sois implacável e matais-me!

— Por quê?

— Claro... dizeis francamente que não vos inspiro nada!

— Oh! Sire... não digo isso... a minha afeição...

— Henriqueta... basta... torno a rogar-vo-lo... Se imaginais que sou de mármore, como vós, desenganai-vos.

— Não compreendo.

— Está bem — suspirou o rei abaixando os olhos.

— Por conseguinte, os nossos encontros, os nossos apertos de mão... os nossos olhares trocados... Perdão, perdão... Sim, tendes razão, e sei o que quereis dizer.

Ele escondeu a cabeça entre as mãos.

— Cuidado, Sire — disse rapidamente Madame — o Sr. de Saint-Aignan está olhando para cá.

— É verdade! — exclamou Luís, furioso; — nem uma sombra de liberdade, nenhuma sinceridade nas relações... Julgo achar um amigo, acho apenas um espião... uma amiga, e encontro apenas... uma irmã.

Madame calou-se e abaixou a vista.

— Monsieur tem zelos! — murmurou ela num tom de doçura e encanto intraduzíveis.

— Oh! — bradou subitamente o rei — tendes razão.

— Vossa Majestade bem vê — disse ela, considerando-o de modo que lhe abrasava o coração — Vossa Majestade é livre; não inspira suspeitas e ninguém envenena a alegria de sua casa, Sire.

— Ai! não sabeis ainda de nada: a rainha também tem zelos.

— Maria Teresa?

— Zelos desvairados, e deles nasceram os de Monsieur; ela chorava, queixava-se a minha mãe, censurava-nos os banhos no rio, tão doces para mim.

— Para mim — disse o olhar de Madame.

— De repente, Monsieur, que estava escutando, surpreendeu a palavra *baños,* que a rainha pronunciava com azedume; compreendeu tudo.

Entrou sobressaltado, meteu-se na conversa e brigou tanto com minha mãe que ela precisou fugir-lhe ; de sorte que tendes agora um marido enciumado e eu verei erguer-se diante de mim, perpetuamente, inexoravelmente, o espectro do ciúme de olhos inchados, faces emaciadas, boca sinistra.

— Pobre rei! — murmurou Madame tocando levemente com a mão a destra de Luís.

Ele segurou-a e, para apertá-la sem despertar suspeitas nos espectadores, que não procuravam tão bem as borboletas quanto procuravam novidades e a solução de algum mistério na conversa entre o rei e Madame, aproximou da cunhada a borboleta que expirava: os dois inclinaram-se como se quisessem contar os milhares de olhos de suas asas ou os grãos de sua poeira de ouro.

Mas nenhuma deles falou; os cabelos de ambos se tocavam, os hálitos se confundiam, as mãos ardiam uma na outra.

Cinco minutos se passaram assim.

Capítulo XXXVIII - O que se apanha ao caçar borboletas

OS dois permaneceram com a cabeça inclinada sob esse duplo pensamento de amor nascente que faz brotarem tantas flores nas imaginações de vinte anos. A Sra. Henriqueta considerava Luís de soslaio. Era uma dessas naturezas bem organizadas que sabem, ao mesmo tempo, olhar dentro em si mesmas e olhar dentro dos outros.

Via o amor no fundo do coração de Luís, como o hábil mergulhador vê a pérola no fundo do mar.

Compreendeu que Luís hesitava, ou duvidava, e que lhe era preciso empurrar-lhe para a frente o coração preguiçoso ou tímido.

— Portanto?... — inquiriu, interrogando ao mesmo tempo que rompia o silêncio.

— Que quereis dizer? — perguntou Luís depois de haver esperado um instante.

— Quero dizer que precisarei voltar à resolução que eu havia tomado.

— Qual?

— A mesma que já submeti à apreciação de Vossa Majestade.

— Quando?

— No dia em que nos explicamos a propósito da ciumeira de Monsieur.

— Que me dissestes nesse dia? — perguntou Luís, inquieto.

— Vossa Majestade já não se lembra?

— Ai! Se fôr outra desgraça, sempre será cedo demais para recordá-la.

— É uma desgraça apenas para mim, Sire — respondeu Henriqueta; — mas é uma desgraça necessária.

— Meu Deus!

— E eu a sofrerei.

— Mas, afinal, que desgraça é essa?

— A ausência!

— Oh! insistis nessa iníqua resolução?

— Acredite Vossa Majestade que só a tomei depois de haver lutado violentamente contra mim mesma... Acredite, Sire, preciso voltar para a Inglaterra.

— Nunca! Nunca permitirei que deixeis a França! — clamou o rei.

— E no entanto — disse Madame simulando uma doce e triste firmeza — entretanto, Sire, não há nada mais urgente; e estou persuadida de que é essa vontade da rainha-mãe.

— A vontade! — bradou o rei. — Oh! oh! querida irmã, pronunciastes uma estranha palavra diante de mim!

— Mas — respondeu sorrindo Henriqueta — Vossa Majestade não aceita com prazer as vontades de uma boa mãe?

— Basta, eu vos conjuro; espedaçais-me o coração.

— Eu?

— Sem dúvida, falais dessa partida com uma tranqüilidade...

— Não nasci para ser feliz, Sire — respondeu melancolicamente a princesa — e adquiri, desde cedo, o hábito de ver contrariados os meus pensamentos mais caros.

— Dizeis verdade? A vossa partida contraria um pensamento que vos é caro?

— Se eu lhe respondesse afirmativamente, Vossa Majestade sofreria menos?

— Cruel!

— Cuidado, Sire, vem vindo gente.
— Não — disse ele, depois de olhar em derredor.
Logo, voltando-se para Madame.
— Vejamos, Henriqueta, em vez de combater o ciúme de Monsieur com uma partida que me mataria...
Henriqueta encolheu levemente os ombros, como se duvidasse.
— Que me mataria, sim — prosseguiu Luís. — Vejamos, em vez dessa partida, a vossa imaginação... ou melhor, o vosso coração não sugere outra coisa?
— E que quer Vossa Majestade que surgira o meu coração, santo Deus?
— Mas, afinal, dizei, como se prova a uma pessoa que os seus zelos são infundados?
— Em primeiro lugar, Sire, não lhe dando motivo algum de ciúme, isto é, amando apenas essa pessoa.
— Eu esperava coisa melhor.
— Que esperava Vossa Majestade?
— Que respondêsseis simplesmente que se tranqüilizam os ciumentos disfarçando a afeição consagrada ao objeto do seu ciúme.
— Dissimular é difícil, Sire.
— Mas é transpondo obstáculos que se logram as venturas. Juro que desmentirei quem quer que tenha ciúme de mim, se fôr preciso, simulando tratar-vos como às outras.
— Mau processo, fraco processo — disse a princesa meneando a cabeça encantadora.
— Tudo vos parece mau, querida Henriqueta — disse Luís descontente. — Destruís quanto proponho. Ponde, pelo menos alguma coisa no lugar. Vamos, procurai. Confio muito nas invenções das mulheres. Inventai também.
— Pois achei isto... Vossa Majestade está escutando?
— Que pergunta! Falais de minha vida ou de minha morte e perguntais se estou escutando!
— Julgo por mim mesma. Se se tratasse de iludir-me sobre as intenções de meu marido acerca de outra mulher, uma coisa me tranqüilizaria acima de tudo.
— Que coisa?
— Primeiro, ver que ele não se interessa por ela.
— Pois era precisamente o que eu vos dizia há pouco.
— Seja. Mas, para ficar plenamente sossegada, eu quisera vê-lo ainda interessar-se por outra.
— Ah! compreendo — respondeu Luís sorrindo.
— Mas dizei-me, querida Henriqueta...
— O que?
— Se o meio é engenhoso, não é nada caritativo.
— Por que?
— Ao tempo que curais a ferida no espírito do ciumento, produzis outra em seu coração. ele já não tem medo, é verdade; mas sofre, e isso me parece bem pior.
— De acordo; mas, pelo menos, não surpreende, não suspeita do inimigo real, não estorva o amor; concentra todas as suas forças do lado em que essas forças não prejudicarão nada nem ninguém. Numa palavra, Sire, o meu sistema, que me admira ver combatido por Vossa Majestade, faz mal aos ciumentos, confesso-o, mas faz bem aos amantes. Ora, pergunto eu, Sire, tirante talvez Vossa Majestade, quem jamais pensou em compadecer os ciumentos?
Não são, acaso, animais melancólicos, sempre e igualmente infelizes com motivo ou sem ele?
Tire-se o motivo, não se lhes destrói a aflição. A enfermidade existe na imaginação, e, como todas

as enfermidades imaginárias, é incurável.

Ouça, ocorre-me a propósito, querido Sire, um aforisma do meu pobre médico Dawley, um doutor inteligente e sábio, que, não fosse por meu irmão, incapaz de passar sem ele, estaria neste momento ao pé de mim: "Quando sofrerdes de dois males, escolhei o que menos vos incomoda, que vo-lo deixarei; pois esse me é soberanamente útil, para eu poder extirparmos o outro".

— Bem dito, bem julgado, querida Henriqueta — respondeu o rei sorrindo.

— Temos gente muito hábil em Londres, Sire.

— E essa gente hábil tem discípulos adoráveis; o tal Daley, Darley... com se chama ele?

— Dawley.

— Pois bem, receberá de minha parte, a partir de amanhã, uma pensão pelo aforisma; vós, Henriqueta, fazei-me o favor de começar escolhendo o menor de vossos males. Não respondeis, sorrides; pois adivinho: o menor de vossos males não é a vossa estada em França? Deixar-vos-ei esse mal e, a fim de iniciar a cura do outro, buscarei desde hoje um motivo de divagação para os ciumentos de ambos os sexos que nos perseguem.

— Psiu! Desta vez, vem vindo gente mesmo — disse Madame. E abaixou-se para colher uma pervinca no meio da grama.

De fato vinha gente, pois súbito surgiram, no cabeço do outeirinho várias raparigas seguidas pelos cavaleiros; a causa da irrupção era uma linda borboleta de asas superiores semelhantes à plumagem do mocho e de asas inferiores parecidas com folhas de rosa.

A presa magnífica enredara-se nas malhas da Srta. de Tonnay-Charente, que a mostrava com orgulho às rivais, menos hábeis caçadoras do que ela.

A rainha da caçada foi assentar-se a uns vinte passos, mais ou menos, do banco em que se encontravam Luís e Madame, arrimou-se a um carvalho magnífico revestido de hera, e espetou a borboleta na ponta do junco que trazia a modo de bengala.

A Srta. de Tonnay-Charente era belíssima; daí que os homens desertassem as outras para rodeá-la, a pretexto de elogiar-lhe a destreza.

O rei e a princesa consideravam dissimuladamente a cena como espectadores mais velhos assistem aos brinquedos das crianças.

— Estão-se divertindo lá embaixo — disse o rei.

— Muito, Sire; tenho observado que a gente sempre se diverte ao lado da mocidade e da beleza. Que dizeis da Srta. de Tonnay-Charente, Henriqueta — perguntou o rei.

— Digo que é meio loira — respondeu Madame, caindo, ao primeiro relance, sobre o único defeito que se poderia censurar à beleza quase perfeita da futura Sra. de Montespan.

— Um pouco loira, seja; mas linda, apesar disso.

— É essa a sua opinião, Sire?

— É.

— Pois então é a minha também.

— E requestada, como vedes.

— Oh! quanto a isso, não há dúvida: os apaixonados pululam. Se fizéssemos uma caçada de adoradores em vez de fazermos uma caçada de borboletas, veja Vossa Majestade quanta coisa apanharíamos à volta dela.

— E então, Henriqueta, que diriam se o rei se misturasse a todos esses admiradores e voltasse a vista para esse lado? Ainda teriam ciúme?

— Oh! Sire, a Srta. de Tonnay-Charente é um remédio eficacíssimo — tornou Madame com um suspiro; — curaria o ciumento, é verdade, mas produziria uma ciumenta.

— Henriqueta! Henriqueta! — exclamou Luís — encheis-me o coração de alegria! Sim, sim, tendes razão, a Srta. de Tonnay-Charente é bela demais para servir de manto.

— Manto de rei — tornou, sorrindo, a princesa; — um manto de rei deve ser belo.

— E vós mo aconselhais?

— Oh! que lhe direi eu, Sire, se não que dar um conselho semelhante seria forjar armas contra mim? Só a loucura ou o orgulho poderiam aconselhá-lo a escolher por objeto de um amor simulado uma mulher mais formosa do que a mulher pela qual diz sentir Vossa Majestade um amor verdadeiro.

O rei procurou a mão de Madame com as mãos, os olhos com os olhos, e balbuciou umas palavras tão ternas, mas em voz tão sumida, que o historiador, que deve ouvir tudo, não ouviu nada.

Logo, em voz alta:

— Pois bem — disse ele — escolhei vós mesma a que deverá curar os zelos que despertamos. A ela dedicarei todos os meus cuidados, todas as minhas atenções, todo o tempo que roubar aos negócios; a ela, Henriqueta, à flor que colherei para vós, consagrarei os pensamentos de ternura que provocardes em mim; a ela dirigirei o olhar que não ousarei dirigir-vos, e que deverá sacudir-vos a indiferença. Mas escolhei-a bem, a fim de que desejando pensar nela, ofertando-lhe a rosa colhida com os meus dedos, eu não seja vencido por vós mesma, e os olhos, as mãos e os lábios não se voltem imediatamente para vós, ainda que o universo inteiro devesse adivinhar-me o segredo.

Ao passo que essas palavras saíam da boca do rei, como torrente de amor, Madame corava, palpitava, feliz, orgulhosa, embriagada; não achou o que responder, pois o seu orgulho e a sua sede de homenagens estavam satisfeitos.

— Serei mal sucedida — murmurou ela, erguendo os olhos formosos — mas não como quer Vossa Majestade, pois todo esse incenso que Vossa Majestade deseja queimar no altar de outra deusa também me dará zelos, e quero que volte para mim, e dele não se perca um átomo pelo caminho. Portanto, Sire, escolherei, com a sua real permissão, a que me parecer a menos capaz de distraí-lo e de apagar a imagem na alma de Vossa Majestade.

— Felizmente — disse o rei — o vosso coração não é mal formado, pois, em caso contrário, eu estremeceria ante a ameaça que me fazeis; tomamos sobre esse ponto as devidas precauções, e em torno de vós, como em torno de mim, seria difícil encontrar um rosto desagradável.

Enquanto o rei falava, erguera-se Madame e, depois de correr com a vista o relvado, num exame cuidadoso e mudo, chamou o rei para junto de si:

— Veja, Sire — mostrou ela — veja na vertente da colina, debaixo daquela moita de espinheiros pretos viburnos, a formosa retardada, que vai sozinha, de cabeça baixa, braços pendentes, interrogando as flores que pisa, como todos os que perderam o seu pensamento...

Voyez-vous cette belle arriérée qui va seule, tête baissée? (Page 198.)

— A Srta. de La Vallière?
— É.
— Oh!
— Não lhe convém, Sire?
— Mas vêde-me a pobrezinha: é magra, quase descarnada!
— Acaso serei gorda?
— Mas é horrivelmente triste!
— Contrastará comigo, que acusam de ser alegre demais.
— Ela capenga!
— Acha Vossa Majestade?
— Sem dúvida. Observai, deixou passar toda a gente, com medo de que lhe notem o defeito.
— Correrá menos do que Dafne e não poderá fugir de Apolo.
— Henriqueta! Henriqueta! — disse o rei aborrecido — fostes procurar justamente a mais defeituosa de vossas damas de honor.
— Sim, mas é uma de minhas damas de honor, Sire.
— Que quereis dizer?
— Quero dizer que, para visitar a nova divindade, Vossa Majestade não poderá deixar de ver-me e, impedindo a decência ao seu ardor, Sire, manter um contato particular com a deusa, será obrigado a vê-la ao meu lado e falar-lhe falando comigo. Quero dizer, enfim, que os ciumentos não poderão acreditar que Vossa Majestade me procura por minha causa, visto que me procura por causa da Srta.

de La Vallière.
— Que capenga.
— Muito pouco.
— Que nunca abre a boca.
— Mas, quando abre, mostra uns dentes encantadores.
— Que pode servir de modelo aos osteologistas.
— O amor de Vossa Majestade lhe dará carnes.
— Henriqueta! — Afinal, Vossa Majestade não me deixou decidir?
— Infelizmente, deixei.
— Pois bem, é a minha escolha; imponho-a. Sofra-a, Sire.
— Oh! eu sofreria uma das Fúrias, se ma impusésseis.
— La Vallière é doce como um cordeiro; não receie, Sire, que ela o contradiga quando lhe disser que a ama.
E Madame desatou a rir.
— Não receais que eu lho diga com muita insistência, não é verdade?
— Estou no meu direito.
— Seja.
— Está feito o tratado?
— Assinado.
— Vossa Majestade me dedicará uma amizade de irmão, uma assiduidade de irmão, uma galanteria de rei?
— Dedicar-vos-ei um coração que já não sabe pulsar senão por ordem vossa.
— E Vossa Majestade vê assegurado o futuro dessa maneira?
— Espero que sim.
— A rainha-mãe deixará de haver-me por inimiga?
— Claro!
— Maria Teresa deixará de falar em espanhol diante de Monsieur, que tem horror aos colóquios em língua estrangeira, porque receia que estejam falando mal dele?
— E não é verdade? — murmurou o rei ternamente.
— E, para terminar — continuou a princesa — acusarão porventura o rei de pensar em afeições ilegítimas, quando a verdade é que não sentimos um pelo outro senão uma simpatia estreme de qualquer segunda intenção?
— Sim, sim — balbuciou o rei. — Mas dirão outra coisa ainda.
— E que dirão, Sire? Nunca teremos sossego?
— Dirão — continuou o rei — que tenho péssimo gosto. Mas que é o amor-próprio diante da vossa tranqüilidade?
— Da minha honra, Sire, e da honra de nossa família, quer dizer Vossa Majestade. Aliás, creia-me, não se apresse em assanhar-se contra La Vallière; ela manca, é verdade, mas não lhe falta certo bom senso. De mais a mais, tudo o que toca o rei se converte em ouro.
— Enfim, Madame, tende certeza de que ainda vos sou reconhecido; poderíeis fazer-me pagar mais caro a vossa permanência em França.
— Sire, aproximam-se.
— E daí?
— Mais uma palavrinha.
— Qual?

— Vossa Majestade é prudente e avisado, mas precisará apelar para toda a sua prudência e toda a sua sabedoria.

— Oh! — exclamou Luís, rindo-se — começarei a desempenhar o meu papel a partir desta noite, e vereis se tenho ou não vocação para representar pastores. Temos passeio na floresta após a merenda, depois ceia e bailado às dez horas.

— Eu sei.

— Ora, o meu ardor estourará hoje mesmo mais alto que os fogos de artifício, brilhará mais claro do que os lampiões do nosso amigo Colbert; resplandecerá de tal sorte que a rainha e Monsieur terão os olhos queimados.

— Cuidado, Sire, cuidado!

— Oh! meu Deus, que foi que eu disse?

— Daqui a pouco retirarei os cumprimentos que lhe fiz... Vossa Majestade prudente! Vossa Majestade avisado! disse eu... Mas já começa com loucuras abomináveis! Acaso se acende dessa maneira uma paixão, como uma tocha, num segundo? Acaso, sem quaisquer preparativos, um rei como Vossa Majestade cai aos pés de uma rapariga como La Vallière?

— Oh! Henriqueta! Henriqueta! Henriqueta! apanhei-vos... Ainda não principiamos a campanha e já me saqueais!

— Não, mas reconduzo-o às idéias sãs. Acenda progressivamente a chama em vez de fazê-la refulgir assim de repente. Júpiter, trovoa e relampeja, antes de incendiar os palácios. Todas as coisas têm o seu prelúdio. Se Vossa Majestade se esquentar assim, ninguém o julgará apaixonado e todos o cuidarão sandeu. A não ser que o adivinhem. Os outros são, às vezes, menos tolos do que parecem.

O rei foi obrigado a convir em que Madame era um anjo de sabedoria e um demônio de inteligência. Inclinou-se.

— Está bem — disse ele — ruminarei o meu plano de ataque; os generais, o meu primo de Conde, por exemplo, empalidecem sobre os seus mapas estratégicos antes de mover um só dos piões que se chamam corpos de exército; quero elaborar um plano completo. Sabeis que o Terno é subdividido em desvairadas circunscrições. Pois bem, deter-me-ei na aldeia das Atençõezinhas, no vilarejo dos Bilhetinhos, antes de tomar a estrada do Amor-Visível; o caminho está traçado, como o sabeis, e a pobre Srta. de Scudéry não me perdoaria se eu não lhe respeitasse os pousos.

— Eis-nos de volta ao bom caminho, Sire. Agora, não quer Vossa Majestade que nos separemos?

— Infelizmente será preciso; pois em verdade nos separam.

— Ah! — disse a Sra. Henriqueta — trazem-nos, de fato, a borboleta da Srta. de Tonnay-Charente, com os toques de trompa que usam os grandes caçadores.

— Então, está combinado: esta tarde, durante o passeio, entrarei na floresta e, topando com La Vallière sozinha...

— Eu a afastarei. Isso é comigo.

— Muito bem! Procurá-la-ei no meio das companheiras e lançarei a primeira seta.

— Seja hábil, Sire — tornou, rindo, Madame — acerte no coração.

E despediu-se do rei para sair ao encontro do bando gárrulo, que se aproximava com muitas cerimônias e fanfarras de caça entoadas por todas as bocas.

Mademoiselle de Tonnay-Charente.

Capítulo XXXIX - O bailado das estações

APÓS a merenda, servida às cinco horas, entrou o rei em seu gabinete, onde o aguardavam os alfaiates. Tratava-se de provar afinal a célebre fantasia da Primavera, que custara tanta imaginação, tantos esforços mentais aos desenhistas e decoradores da corte.

Quanto ao bailado propriamente dito, todos o conheciam e participavam dele. O rei decidira convertê-lo num objeto de surpresa. E tanto que terminou a conferência e revoltou aos seus aposentos, mandou chamar os dois mestres de cerimônia, Villeroy e Saint-Aignan.

Responderam ambos que esperavam apenas a ordem real, e que tudo estava pronto para começar; para que fosse, porém, dada a ordem seriam necessários bom tempo e noite propícia.

O rei abriu a janela; a poeira de ouro da tarde caía no horizonte pelas frinchas da folhagem; branca de neve, já se desenhava a lua no céu.

Nem uma ruga sobre a superfície das águas verdes; os próprios cisnes, repousando sobre as asas fechadas como navios surtos, pareciam deixar-se penetrar pelo calor do ar, pelo frescor da água, pelo silêncio da tarde maravilhosa.

Tendo visto todas essas coisas e contemplado o quadro magnífico, o rei deu a ordem que esperavam os Srs. de Villeroy e de Saint-Aignan.

Mas, para que fosse regiamente executada, fazia-se mister um derradeiro quesito; Luís XIV formulou-o aos dois fidalgos:

— Tendes dinheiro?

— Sire — respondeu Saint-Aignan — nós nos entendemos com o Sr. Colbert.

— Ah! Muito bem.

— E o Sr. Colbert declarou que se apresentaria a Vossa Majestade assim que Vossa Majestade manifestasse a intenção de dar seguimento às festas cujo programa forneceu.

— Dizei-lhe então que venha.

Como se estivesse escutando atrás da porta, Colbert entrou assim que o rei pronunciou o seu nome diante dos dois cortesãos.

— Ah! muito bem, Sr. Colbert — disse Sua Majestade. — A postos, senhores!

Saint-Aignan e Villeroy despediram-se. Sentou-se o rei numa poltrona ao pé da janela.

— Danço esta noite o meu bailado, Sr. Colbert — disse ele.

— Amanhã, então, Sire, pagarei as contas?

— Como assim?

— Prometi aos fornecedores pagá-los no dia imediato ao do bailado.

— Seja; se prometestes, pagai.

— Muito bem, Sire; mas, para pagar, como dizia o Sr. de Lesdiguières, é preciso dinheiro.

— Como! os quatro milhões prometidos pelo Sr. Fouquet não foram entregues? Esqueci-me de perguntar-vos.

— Estavam nos cofres de Vossa Majestade na hora marcada.

— E então?

— Então, Sire, os vidros de côr, os fogos de artifício, os violinos e os cozinheiros comeram os quatro milhões em oito dias.

— Inteirinhos?

— Até o último soldo. Cada vez que Vossa Majestade ordenava que se iluminassem as margens do

grande canal, era preciso queimar tanto óleo quanta água existe nos tanques.

— Bem, bem. Então, já não tendes dinheiro?

— Eu já não tenho, mas o Sr. Fouquet ainda tem.

E o rosto de Colbert iluminou-se de uma alegria sinistra.

— Que quereis dizer? — perguntou Luís.

— Sire, já arrancamos ao Sr. Fouquet seis milhões. Ele deu-os de tão boa mente que dará outros se preciso forem. Ora, hoje são precisos; portanto, é mister que ele se sacrifique.

O rei carregou o cenho.

— Sr. Colbert — exclamou, acentuando o nome do financista — não é essa a minha intenção, não quero empregar contra um servidor métodos coercivos que o atalhem e lhe entravem o serviço. O Sr. Fouquet deu seis milhões em oito dias, é uma soma respeitável.

Colbert empalideceu.

— Entretanto — disse ele — Vossa Majestade não falava essa linguagem há algum tempo; quando as notícias de Belle-Isle chegaram, por exemplo.

— Tendes razão, Sr. Colbert.

— E, no entanto, nada se modificou; pelo contrário.

— No meu espírito, senhor, tudo se modificou.

— Como, Vossa Majestade já não acredita nas intentonas?

— Os meus negócios me dizem respeito, senhor subintendente, e já vos declarei que os dirijo pessoalmente.

— Vejo, então, que tive a desventura — disse Colbert trêmulo de raiva e medo — de incorrer no desagrado de Vossa Majestade.

— Absolutamente; vós me sois, pelo contrário, muito agradável.

— Eh! Sire — tornou o ministro com o arrebatamento afetado e hábil que empregava para lisonjear o amor-próprio de Luís — de que me vale ser agradável a Vossa Majestade se já não lhe posso ser útil?

— Reservo os vossos serviços para melhor ocasião, e, crede-me, não perdereis nada com isso.

— Por conseguinte, o plano de Vossa Majestade nesse assunto?...

— Tendes precisão de dinheiro, Sr. Colbert?

— De setecentas mil libras, Sire.

— Tirás-las-eis do meu tesouro particular.

Inclinou-se Colbert.

— E — ajuntou Luís — como me parece difícil, a despeito de vossa economia, que possais satisfazer com soma tão exígua as despesas que planejo, assinarei um vale de três milhões.

O rei pegou numa pena e assinou imediatamente. Depois, entregando o papel a Colbert:

— Ficai sossegado — disse ele — o plano que adotei é um plano de rei, Sr. Colbert.

E, ditas essas palavras, com toda a majestade que o jovem príncipe sabia assumir, dispensou o financista para receber os alfaiates.

A ordem do rei espalhara-se por todo o palácio de Fontainebleau; sabia-se que o monarca estava provando o seu trajo e que o bailado seria dançado à noite.

Correu a notícia com a rapidez do raio e, à sua passagem, acendeu todas as casquilhices, todos os desejos, todas as loucas ambições.

No mesmo instante e como por encanto, quem quer que soubesse segurar uma agulha e distinguir um gibão de umas bragas, como diz Molière, foi convocado para auxiliar os elegantes e as damas.

O rei acabou de vestir-se às nove horas; apareceu num carro descoberto, ornado de folhagens e

flores.

As rainhas haviam-se instalado sobre uma plataforma admiravelmente colocada, à beira da piscina, num teatro de maravilhosa elegância.

Em cinco horas, reuniram os carpinteiros todas as peças de marchetaria do teatro; os tapeceiros tinhas estendido as tapeçarias, erguido as poltronas e, como ao sinal de uma varinha de condão, mil braços, ajudando-se uns aos outros em vez de se atrapalharem, haviam erguido o edifício ao som de músicas, ao mesmo passo que os encarregados dos fogos de artifício iluminavam o teatro e os bordos da piscina com um número incalculável de velas.

Como o céu estrelasse e não tivesse uma nuvem, como não se sentisse uma aragem sequer nos grandes bosques, como se a própria natureza se houvesse conformado com a fantasia do príncipe, deixara-se o fundo do teatro descoberto. De sorte que, atrás dos primeiros planos do cenário, via-se o formoso céu resplandecente de estrelas, a superfície de água abrasada de fogos que nela se refletiam e os contornos azulados dos bosques de cimos arredondados.

Quando o rei apareceu, a sala, à cunha, rebrilhava de pedrarias e de ouro, entre os quais o primeiro olhar não poderia distinguir fisionomia alguma.

A pouco e pouco, à proporção que a vista se habituava a tamanho brilho, surgiam as belezas mais raras como no firmamento surgem as estrelas, uma por uma, ante dois olhos cerrados que se tornam a abrir.

O teatro representava um bosquezinho; alguns faunos, erguendo os pés caprinos saltitavam aqui e ali; uma dríade, que surgia, incitava-os à perseguição; outras juntavam-se a ela para defendê-la, e todos se debatiam dançando.

Súbito apareciam, a fim de restabelecer a ordem e a paz, a Primavera e sua corte.

Os elementos, as potências subalternas da mitologia com os seus atributos, precipitavam-se no encalço da graciosa soberana.

As Estações, aliadas da Primavera, formavam a seu lado uma quadrilha, que, depois de algumas palavras mais ou menos lisonjeiras, iniciavam a dança. A música, de oboés, flautas e violinos, debuxava os prazeres campestres.

Entrou o rei no meio de um trovejar de aplausos.

Vestia uma túnica de flores, que realçava, em lugar de apresentá-lo, o corpo esbelto e bem feito. Relevava-lhe as pernas, das mais elegantes da corte, um par de meias de seda cor de carne, tão finas e transparentes que pareciam ser a própria carne.

Carpins encantadores de cetim roxo-claro, com tufos de folhas e de flores, lhe aprisionavam os pés miúdos.

O busto harmonizava-se com a base; opulentos cabelos ondeados, um ar de frescura realçado pelo brilho dos formosos olhos azuis que abrasavam suavemente os corações, uma boca de lábios apetentes, que se dignavam abrir para um sorriso: tal era o príncipe do ano, que se poderia, sobretudo naquela noite, apelidar o rei de todos os Amores.

Havia em sua marcha algo da leve majestade de um deus. Ele não dançava, planava.

A sua entrada, portanto, causou brilhantíssimo efeito. De repente, viu-se o Conde de Saint-Aignan tentar aproximar-se do rei ou de Madame.

Vestindo longo brial, diáfano e leve como as redes mais finas que tecem as sábias malinenses, com o joelho por vezes desenhado sob as pregas da túnica, o pezinho calçado de seda, Madame adiantava-se radiosa com o cortejo de bacantes, e chegava ao lugar em que devia dançar.

Duraram tanto os aplausos, que o conde conseguiu aproximar-se do rei.

— Que foi, Saint-Aignan? — perguntou a Primavera.

— Meu Deus! Sire — replicou o cortesão, muito pálido — Vossa Majestade se esqueceu do trecho das Frutas.

— Não me esqueci; foi suprimido.

— Não, Sire. Vossa Majestade não disse nada e a orquestra conservou-o.

— Oh! diabo — murmurou o rei. — E não pode ser tocado, porque o Sr. de Guiché não está.

Será preciso suprimi-lo.

— Oh! Sire, um quarto de hora de música sem danças, bastará para matar o bailado.

— Mas, conde, então...

— A grande desgraça não reside nisso; pois, afinal de contas, a orquestra poderia deixar de tocá-lo, de um jeito ou de outro, se fosse necessário; mas...

— Mas o quê?

— O Sr. de Guiché está aqui.

— Aqui? — replicou o rei carregando o cenho; — aqui... Tendes certeza?...

— Vestido a caráter, Sire.

Sentiu o rei que um rubor lhe subia às faces.

— Deve ser engano teu — disse ele.

— Não é, Sire. E tanto não é que Vossa Majestade pode olhar para a direita. O conde está esperando.

Luís voltou-se rapidamente para o lado indicado; e, com efeito, à sua direita, resplandecente de beleza no trajo de Vertumno, de Guiché esperava um olhar do rei para dirigir-lhe a palavra.

Traduzir a estupefação do rei, a de Monsieur que se agitou em sua frisa, os cochichos, a oscilação das cabeças na sala, a estranha comoção de Madame ao ver o seu par, é tarefa que deixamos a penas mais hábeis.

O rei, boquiaberto, olhava para o conde.

Este se aproximou, respeitoso, curvado:

— Sire — disse ele — o mais humilde servidor de Vossa Majestade vem prestar-lhe hoje um serviço como nos dias de batalha. Suprimindo o trecho dos frutos, o rei perderia a mais bela cena do seu bailado. Eu não quisera que tamanho desastre empanasse, por minha causa, a beleza, a destreza e as boas graças de Sua Majestade; deixei os meus rendeiros a fim de acorrer em auxílio do meu príncipe.

Cada uma dessas palavras caía, medida, harmoniosa, eloqüente, nos ouvidos de Luís XIV.

A lisonja agradou-lhe tanto quanto o surpreendeu a coragem. Contentou-se de responder:

— Eu não vos disse que voltásseis, conde.

— Sem dúvida, Sire; mas Vossa Majestade não me disse que ficasse.

O rei sentia correr o tempo. A cena, prolongando-se, poderia estragar tudo. Uma única sombra naquele quadro poria tudo a perder.

De resto, fervilhavam no coração do rei os bons sentimentos; acabava de haurir nos olhos tão eloqüentes de Madame nova inspiração.

O olhar de Henriqueta dissera-lhe:

— Visto que outros têm ciúme de Vossa Majestade, divida as suspeitas, Sire; quem desconfia de dois rivais não desconfia de nenhum.

Com essa hábil diversão, Madame levou a melhor. O rei sorriu para de Guiché.

De Guiché não compreendeu uma única palavra da linguagem muda de Madame. Viu apenas que ela afetava não olhar para ele Obtida a sua graça, o conde a imputou ao coração da princesa. O rei sentiu-se agradecido a todos.

Só Monsieur não compreendeu.

O bailado começou; foi esplêndido.

Quando os violinos arrebataram, com os seus transportes, os ilustres dançarinos, quando a ingênua pantomima daquela época, muito mais ingênua ainda pelo desempenho medíocre dos augustos histriões, atingiu o ponto culminante do triunfo, a sala quase desabou sob o calor dos aplausos.

De Guiché brilhou como um sol, mas um sol palaciano que se resigna ao segundo papel.

Desdenhoso desse triunfo, pelo qual Madame não lhe mostrava reconhecimento algum, desistiu de reconquistar a ostensiva preferência da princesa.

Ela não lhe concedeu um único olhar.

A pouco e pouco toda a sua alegria, todo o seu brilho se desvaneceram na dor e na inquietude; de sorte que as pernas se lhe tornaram moles, os braços pesados, a cabeça zonza.

A partir desse momento, foi o rei, efetivamente, o primeiro bailarino da quadrilha.

Dirigiu um olhar de través ao rival subjugado.

De Guiché deixara de ser até cortesão; dançava mal, sem lisonja; logo, cessou inteiramente de dançar.

O rei e Madame triunfaram.

Capítulo XL - As ninfas do parque de Fontainebleau

O REI saboreou durante algum tempo o seu triunfo, tão completo quanto possível.

Em seguida, voltou-se para Madame a fim de admirada também um pouquinho.

Os moços amam talvez com mais vivacidade, com mais ardor, com mais paixão que as pessoas de idade madura; mas têm ao mesmo tempo todos os sentimentos desenvolvidos proporcionalmente à mocidade e ao vigor, e como neles o amor-próprio equivale quase sempre ao amor, este último sentimento, combatido pelas leis da ponderação, jamais atinge o grau de perfeição que alcança nos homens e nas mulheres de trinta a trinta e cinco anos.

Luís pensava, portanto, em Madame, mas só depois de haver pensado muito em si mesmo, e Madame pensava muito em si mesma, sem pensar acaso um instante no rei.

A vítima, no meio dos amores reais, próprios ou não, era de Guiché.

Dessarte, toda a gente pôde observar, ao mesmo tempo, a agitação e o abatimento do pobre fidalgo, e esse abatimento, sobretudo, era tanto mais notável quanto raro era verem-se-lhe os braços pendentes, a cabeça pesada, os olhos sem brilho. De ordinário, ele não causava preocupação a ninguém em questões de elegância e bom gosto.

Por essas razões, a derrota de de Guiché foi atribuída, pela maioria, à sua habilidade de cortesão.

Mas outros também, e há muitos olhares clarividentes na corte, outros lhe notaram a palidez e a atonia, que não se podiam fingir nem esconder, de onde concluíram, e com razão, que de Guiché não estava representando.

Esses sofrimentos, esses triunfos, esses comentários, foram envolvidos e confundidos no rumor dos aplausos, em que se perderam.

Mas quando as rainhas se mostraram satisfeitas e os espectadores, entusiasmados;* quando o rei voltou ao camarim para trocar de roupa; quando Monsieur, vestido de mulher, dançava também, de Guiché, tornando em si, aproximou-se de Madame, que estava esperando a segunda cena sentada no fundo do teatro, insulada no meio da multidão, como a premeditar os seus efeitos coreográficos.

Compreende-se que, absorta pela grave meditação, não visse ou fingisse não ver o que se passava à sua volta.

Encontrando-a só ao pé de uma moita de tela pintada, de Guiché aproximou-se.

Vendo-o chegar, duas damas de honor, vestidas de hamadríades, recuaram, respeitosas.

De Guiché adiantou-se e cumprimentou Sua Alteza Real.

Mas, houvesse ou não observado o cumprimento, Sua Alteza Real nem sequer virou a cabeça.

Um calafrio percorreu as veias do desgraçado; não esperava encontrar tão completa indiferença, pois nada vira, de nada soubera e, por conseqüência, nada poderia adivinhar.

Notando que o seu cumprimento não obtinha resposta, deu mais um passo e, com voz que debalde tentava emitir despreocupada:

— Tenho a honra — disse ele — de apresentar os meus humílimos respeitos a Madame.

Dessa feita Sua Alteza Real houve por bem voltar os olhos langorosos para o conde.

— Ah! Sr. de Guiché — disse ela — sois vós; bom dia! E tornou a virar-lhe as costas.

A paciência do conde estava por um fio.

— Vossa Alteza Real dançou admiravelmente há pouco — disse ele.

— Achais? — tornou, com negligência, Madame.

— Sim, a personagem é exatamente a que convém ao caráter de Sua Alteza Real.

Voltou-se Madame completamente e, considerando de Guiché com o olhar claro e fixo:
— Como assim? — perguntou.
— Sem dúvida.
— Explicai-vos.
— Vossa Alteza Real representa uma divindade, bela, desdenhosa e inconstante.
— Aludis a Pomona, senhor conde?
— Aludo à deusa que representa Vossa Alteza Real. Madame permaneceu um instante com os lábios crispados.
— Mas vós também, senhor — volveu ela — não sois porventura um dançarino perfeito?
— Oh! Madame, sou daqueles que se não distinguem e, quando distinguidos alguma vez, logo se esquecem.
E com tais palavras, acompanhadas de um desses suspiros profundos que fazem estremecer as últimas fibras do ser, o coração pejado de angústias e palpitações, a cabeça abrasada, o olhar vacilante, inclinou-se e foi postar-se atrás da moita de pano.
Por única resposta, Madame deu levemente de ombros.
E como as suas damas de honor se houvessem, como dissemos, retirado por discrição durante o colóquio, tornou a chamá-las com o olhar.
Eram as Srtas. de Tonnay-Charente e de Montalais.
Ambas, ao sinal de Madame, acorreram.
— Ouvistes, senhoritas? — perguntou a princesa.
— O que, senhora?
— O que disse o Sr. Conde de Guiché?
— Não.
— Em verdade, é notável — continuou a princesa com acentos de compaixão — o quanto pôde o exílio apesentar o espírito do pobre Sr. de Guiché.
E mais alto ainda, para que o desgraçado não perdesse uma palavra:
— Primeiro, dançou mal; depois, só disse sensaborias.
Em seguida, levantou-se, trauteando a ária a cujo ritmo ia dançar.
Guiché ouvira tudo. O dardo penetrou-lhe no âmago do coração e lacerou-o.
Arriscando-se a subverter a ordem da festa com o seu despeito, fugiu, fazendo pedaços o belo trajo de Vertumno e semeando pelo caminho os pâmpanos, as amoras, as folhas de amendoeira e todos os pequenos atributos artificiais de sua divindade.
Um quarto de hora depois retornava ao teatro.
Mas é fácil compreender que somente um poderoso esforço da razão sobre a loucura pudera reconduzi-lo; ou talvez o próprio coração contraditório lhe vedasse ficar por muito tempo longe de quem o lancinava.
Madame terminava a sua parte.
Viu-o, mas não olhou para ele; e o moço, irritado, furioso, voltou-lhe as costas por seu turno quando ela passou escoltada por suas ninfas e seguida de cem aduladores.
Durante esse tempo, no extremo oposto do teatro, ao pé da piscina, assentara-se uma mulher com os olhos fitos numa das janelas do teatro.
Essa janela jorrava torrentes de luz.
Era a janela do camarim real.
Deixando o teatro, à procura de ar, de que tanto precisava, de Guiché passou por ela e saudou-a.
Avistando o rapaz, erguera-se a jovem como se a tivessem surpreendido com idéias que quisera

esconder de si mesma.

Guiché reconheceu-a e deteve-se.

— Boa noite, senhorita! — disse, com vivacidade.

— Boa noite, senhor conde!

— Ah! Srta. de La Vallière — continuou de Guiché — quanto prazer em ver-vos!

— E eu também, senhor conde, tenho muito prazer em ver-vos — respondeu a menina fazendo menção de retirar-se.

— Oh! não! não! não me deixeis — bradou de Guiché estendendo a mão para ela; — pois desmentireis assim as boas palavras que dissestes. Ficai, por favor; a noite está linda. Evitais o ruído, apreciais a vossa própria companhia! Pois eu o compreendo; todas as mulheres que têm coração fazem o mesmo. Nunca se verá uma delas entediar-se longe do torvelinho dos prazeres ruidosos! Oh! senhorita! senhorita!

— Mas, que tendes, senhor conde? — perguntou La Vallière com certo temor. — Pareceis agitado.

— Eu? Não, não.

— Então, Sr. de Guiché, permiti que eu vos apresente os agradecimentos que pretendia apresentar-vos na primeira ocasião. Sei que vos devo o ter sido admitida entre as damas de honor de Madame.

— Ah! sim, realmente, agora me lembro e felicito-me por isso. Amais alguém?

— Eu?

— Oh! perdão, já nem sei o que digo; mil vezes perdão. Madame tinha razão, muita razão; o exílio brutal transtornou-me completamente o espírito.

— Mas o rei vos recebeu muito bem, senhor conde!

— Achai-lo?... recebeu-me bem... talvez... sim...

— Sem dúvida! Pois, afinal, voltastes sem a sua permissão?

— É verdade, e creio que tendes razão, senhorita. Mas não vistes por aqui o Sr. Visconde de Bragelonne?

Ouvindo o nome de Raul, La Vallière estremeceu.

— Por que essa pergunta?

— Oh! meu Deus! ter-vos-ei magoado de novo? — exclamou de Guiché. — Nesse caso, sou bem infeliz, bem digno de pena!

— Sim, bem infeliz, bem digno de pena, Sr. de Guiché, pois pareceis sofrer horrivelmente.

— Oh! senhorita, tivesse eu uma irmã dedicada, uma amiga verdadeira!

— Tendes bons amigos, Sr. de Guiché, e o Sr. Visconde de Bragelonne, de que há pouco faláveis, parece-me que é um deles.

— Sim, sim, com efeito, é um de meus bons amigos. Adeus, senhorita, adeus! aceitai a expressão de todos os meus respeitos.

E fugiu como um louco para os lados da piscina. A sua sombra negra esgueirava-se, cada vez maior, entre os teixos luminosos e as amplas crispações resplendentes da água. La Vallière considerou-o algum tempo compadecida.

— Oh! sim, sim — murmurou — ele está sofrendo e começo a compreender porquê.

Apenas concluíra o pensamento quando as companheiras, as Srtas. de Montalais e de Tonnay-Charente, apareceram.

Terminado o serviço, haviam despido os trajos de ninfas, e jubilosas da noite tão linda, do magnífico êxito da festa, vinham reunir-se à amiga.

— Como, já! — exclamaram. — Imaginávamos chegar primeiro.

— Estou aqui há um quarto de hora — respondeu La Vallière.

— A dança não te divertiu?
— Não.
— E o espetáculo?
— Também não. Em matéria de espetáculos prefiro o desses bosques negros no fundo dos quais brilha, aqui e ali, uma luz que passa como um olho vermelho, ora aberto, ora fechado.
— É poetisa, a La Vallière — disse Tonnay-Charente.
— Isto é, insuportável — emendou Montalais. — Todas as vezes que se trata de rir ou distrair-se um pouco, La Vallière chora; todas as vezes que se trata de chorar, por causa de um vestido estragado, do amor-próprio ofendido, de uma jóia sem efeito, La Vallière ri.
— Oh! quanto a mim, não posso ser assim — acudiu a Srta. de Tonnay-Charente. — Sou mulher, e mulher como não são as outras; quem me ama lisonjeia-me, quem me lisonjeia agrada-me pela lisonja, e quem me agrada...
— E então? não terminas? — perguntou Montalais.
— É muito difícil — replicou a Srta. de Tonnay-Charente caindo na gargalhada. — Termina por mim, tu que és tão inteligente.
— E a ti, Luísa — perguntou Montalais — agradam-te?
— Isso não é da conta de ninguém — retrucou a rapariga erguendo-se do banco de musgo em que permanecera reclinada durante o bailado. — Agora, senhoritas, concebemos o projeto de divertir-nos esta noite sem vigilantes nem comitivas.
Somos três, damo-nos bem, o tempo está maravilhoso; olhai lá para baixo, vede a lua que escala lentamente o céu e prateia os cimos dos castanheiros e dos carvalhos. Que belo passeio!
Que formosa liberdade! Como é linda a relva fina dos bosques e como é doce o favor da vossa amizade. De braço dado, procuremos as grandes árvores. Neste instante, toda a gente está ocupada, preparando-se para um passeio aparatoso; selam-se os cavalos, aparelham-se os carros, as mulas da rainha, as quatro éguas brancas de Madame. Vamos depressa para algum sítio em que olhar nenhum nos adivinhe, em que não topemos ninguém pelo caminho. Não te lembras, Montalais, dos bosques de Chaverny e de Chambord, dos choupos sem fim de Blois? Lá trocamos muitas esperanças.
— E muitas confidências também.
— Sim.
— Eu — disse a Srta. de Tonnay-Charente — também penso muito; mas, cuidado...
— Não diz nada — atalhou Montalais — de sorte que o que pensa a Srta. de Tonnay-Charente, só Atenais o sabe.
— Caluda! — exclamou a Srta. de La Vallière — ouço passos que se aproximam.
— Depressa! depressa! para as roseiras — bradou Montalais; — abaixa-te, Atenais, és muito alta.
A Srta. de Tonnay-Charente abaixou-se efetivamente.
Logo depois se distinguiram, com efeito, dois fidalgos que caminhavam, cabisbaixos, de braço dado, pisando a areia fina da alameda paralela à margem.
As mulheres fizeram-se pequeninas, imperceptíveis.
— É o Sr. de Guiché — disse Montalais ao ouvido da Srta. de Tonnay-Charente.
— É o Sr. de Bragelonne — disse esta última ao ouvido de La Vallière.
Os dois rapazes continuavam a aproximar-se conversando com voz animada.
— Aqui estava ela ainda há pouco — disse o conde. — Se eu a tivesse apenas visto, diria que era uma aparição; mas falei-lhe.
— Tens certeza?
— Tenho; mas é possível também que a amedrontasse.

— Como assim?
— Oh meu Deus! eu ainda estava louco pelo que sabes, de sorte que ela não deve ter compreendido nada do que eu disse e terá ficado com medo.
— Oh! — tornou Bragelonne — não te preocupes, meu amigo. Ela é boa, saberá desculpar-te; é inteligente, compreenderá.
— Sim; mas se compreendeu, compreendeu bem demais.
— E daí?
— Pode falar.
— Não conheces Luísa, conde — tornou Raul. — Luísa tem todas as virtudes e nenhum defeito.
E os dois rapazes passaram; e, à proporção que se afastavam, as suas vozes se perdiam entre as árvores.
— Como! La Vallière — sobreveio a Srta. de Tonnay-Charente — o Sr. Visconde de Bragelonne chamou-te Luísa! Como é isso?
— Fomos criados juntos — respondeu a Srta. de La Vallière; — conhecemo-nos desde crianças.
— E, de mais a mais, o Sr. de Bragelonne é teu noivo; ninguém o ignora.
— Pois eu não sabia. É verdade, La Vallière?
— Isto é — respondeu Luísa, corando — isto é, o Sr. de Bragelonne fez-me a honra de pedir a minha mão... mas...
— Mas o quê?
— Mas parece que o rei...
— Que é que tem o rei?
— Não quer consentir no casamento.
— Por que o rei? Quem é o rei? — exclamou Aura com acrimônia. — Terá o rei, acaso, o direito de meter-se nessas coisas, santo Deus?... "A *poulitica* é a *poulitica,* como dizia o Sr. de Mazarino, mas *1'amor* é *1'amor*". Se, portanto, amas o Sr. de Bragelonne, e se ele te ama, casai-vos. Eu vos dou o meu consentimento.
Atenais pôs-se a rir.
— Estou falando sério — respondeu Montalais — e a minha opinião nesse caso vale tanto quanto a do rei, suponho. Não é verdade, Luísa?
— Vamos, vamos, aqueles senhores passaram — tornou La Vallière; — aproveitemos a solidão para atravessar o prado e entremos no bosque.
— Tanto mais — disse Atenais — que vejo luzes que partem do teatro e do castelo, e, se não me engano, devem preceder alguma ilustre companhia.
— Corramos — disseram as três.
E arregaçando graciosamente as amplas dobras dos vestidos de seda, transpuseram, lestas, o espaço que se estendia entre a piscina e a parte mais frondosa do parque.
Montalais, ligeira como uma gazela; Atenais, ardente como uma loba nova, saltavam sobre a erva seca, e um Acteão temerário teria podido perceber, a reveses, na penumbra, uma perna pura e atrevida desenhada sob o espesso contorno das saias de cetim.
Mais delicada e mais pudica, La Vallière deixou flutuar as roupas; retardada assim pela fraqueza do pé, não tardou em pedir misericórdia.
Ficando para trás, obrigou as companheiras a esperá-la.
Nesse momento, um homem, escondido num fosso cheio de renovos de salgueiros, escalou rapidamente o aclive do fosso e pôs-se a correr na direção do castelo.
As três mulheres, de seu lado, chegavam aos confins do parque, cujas alamedas conheciam.

Grandes aléias floridas beiravam os fossos; barreiras fechadas rotegiam desse lado os passeantes contra a invasão dos cavalos e as caleças.

Com efeito, ouviam-se rodar ao longe, sobre o solo firme dos aminhos, as carruagens das rainhas e de Madame. Vários cavaleiros seguiam-nas com o ruído tão bem imitado pelos versos cadenciados de Virgílio.

Algumas músicas longínquas respondiam ao ruído e, quando passavam as melodias, o rouxinol, cantor cheio de orgulho, enviava o grupo que sabia reunido sob a folhagem, os cantos mais complicados, mais suaves e mais sábios.

À volta do cantor brilhavam, no fundo negro das grandes árvores, os olhos de algum mocho sensível à harmonia.

De maneira que a festa da corte era também a festa dos hóspedes misteriosos dos bosques; pois seguramente a corça ouvia entre as ramagens, o faisão no seu galho, a raposa no seu covil.

Adivinhava-se a vida da população noturna e invisível pelos repentinos movimentos que, de improviso, agitavam as folhas.

Então as ninfas dos bosques soltavam um gritinho; mas, tranqüilizando-se logo, riam-se e reiniciavam a marcha.

E assim chegaram ao carvalho real, resto venerável de um carvalho que, na mocidade, ouvira os suspiros de Henrique II pela formosa Diana de Poitiers e, mais tarde, os de Henrique IV pela sedutora Gabriela d'Estrées.

Debaixo do carvalho, os jardineiros haviam acumulado musgo na relva de tal modo que nenhuma poltrona jamais descansara melhor os membros fatigados de um rei.

O tronco da árvore formava nodoso espaldar, suficientemente amplo para quatro pessoas.

Debaixo dos ramos obliquamente engastados no tronco, perdiam-se as vozes coadas para o céu.

Capítulo XLI - O que se dizia debaixo do carvalho real

HAVIA na doçura do ar, no silencio da folhagem, um mudo convite às jovens para imprimirem à conversação ligeira um tom mais sério. E foi precisamente a de índole mais brejeira, Montalais, quem primeiro sugeriu a mudança.

Começou suspirando profundamente.

— Que alegria — disse ela — sentirmo-nos aqui, livres, sós, com o direito de sermos francas, sobretudo em relação a nós mesmas!

— Sim — acudiu a Srta. de Tonnay-Charente; — pois a corte, por mais brilhante que seja, esconde sempre uma mentira sob as dobras de veludo ou sob a refulgência dos brilhantes.

— Eu — sobreveio La Vallière — não minto nunca; quando não posso falar verdade, calo-me.

— Não terás valimento que muito te dure, minha cara — disse Montalais; — aqui não é como em Blois, onde contávamos à velha Madame os nossos despeitos e as nossas invejas. Madame tinha dias em que se lembrava de ter sido jovem. Nesses dias, quem quer que conversasse com ela encontrava uma amiga sincera. Contava-nos os seus amores com Monsieur, e nós lhe contávamos os seus amores com outros, ou pelo menos os boatos que corriam sobre as suas galanterias. Pobre mulher! tão ingênua! Ela ria-se e nós também; onde estará agora?

— Ah! Montalais, risonha Montalais — exclamou La Vallière — de novo suspiras; os bosques te inspiram e estás quase ajuizada esta noite.

— Senhoritas — atalhou Atenais — não deveis ter tantas saudades da corte de Blois que não vos considereis felizes entre nós. A corte é o sítio a que acorrem homens e mulheres para conversar sobre coisas que as mães e os tutores, e sobretudo os confessores, proíbem com severidade. Na corte dizem-se essas coisas com o beneplácito do rei e das rainhas; não é agradável?

— Oh! Atenais — disse Luísa, corando.

— Atenais está franca esta noite — observou Montalais — aproveitemos.

— Sim, aproveitai, que hoje podereis arrancar-me os segredos mais íntimos do coração.

— Ah! se o Sr. de Montespan estivesse aqui! — disse Montalais.

— Cuidais que eu ame o Sr. de Montespan? — murmurou a formosa rapariga.

— Ele é bonito, não é?

— É; e essa, a meu ver, não é pequena vantagem.

— Evidentemente.

— Digo mais, de todos os homens que se vêem por aqui, é ele o mais bonito e o mais...

— Que barulho foi esse? — perguntou La Vallière, fazendo um rápido movimento sobre o banco de musgo.

— Alguma corça que foge entre os ramos.

— Só tenho medo dos homens — confessou Atenais.

— Quando não se parecem com o Sr. de Montespan?

— Acaba com essa brincadeira... O Sr. de Montespan tem sido muito atencioso comigo, mas isso em nada me compromete. Não temos aqui o Sr. de Guiché que é atenciosíssimo com Madame?

— Pobre, pobre rapaz! — disse La Vallière.

— Pobre por que?... Madame é suficientemente bela e suficientemente nobre, creio eu.

La Vallière sacudiu, pesarosa, a cabeça.

— Quando amamos — disse ela — não amamos a bela nem a grande dama; minhas queridas

amigas, amamos apenas o coração e os olhos do homem ou da mulher amada.

Montalais casquinou uma gargalhada.

— Coração, olhos! oh! quanta pieguice — disse ela.

— Falo por mim — replicou La Vallière.

— Nobres sentimentos! — exclamou Atenais com ar protetor, mas frio.

— Não os tens, Atenais? — perguntou Luísa.

— Claro que sim; mas continuo: como se pode lastimar um homem que ama uma mulher como Madame? Se há desproporção esta penderá para o conde.

— Oh! não, não — disse La Vallière — penderá para Madame.

— Explica-te.

— É muito fácil. Madame não tem sequer o desejo de conhecer o amor. Brinca com esse sentimento como brincam as crianças com fogos de artifício, uma de cujas faíscas bastaria para incendiar um palácio. Brilha, e basta-lhe. De alegria e de amor é o tecido com que ela tenciona urdir a trama de sua vida. O Sr. de Guiché amará essa dama ilustre; ela não lhe retribuirá o sentimento.

Atenais cascalhou, desdenhosa.

— E, acaso, amamos? — perguntou. — Onde estão os teus nobres sentimentos de há pouco? Não reside a virtude de uma mulher na corajosa recusa de toda intriga que possa ter conseqüências? Uma mulher bem organizada e dotada de um coração generoso deve olhar para os homens, fazer-se amar, adorar até, e dizer uma vez quando muito na vida: "Francamente! quero crer que, se eu não fosse o que sou, teria detestado este menos do que os outros".

— Então — bradou La Vallière juntando as mãos — é isso o que prometes ao Sr. de Montespan?

— Claro! a ele como a outro qualquer. Eu já te disse que lhe reconheço certa superioridade, e isso, acaso, não basta? Minha cara, somos mulheres, isto é, rainhas durante o tempo que nos concede a natureza para ocuparmos essa realeza, dos quinze aos trinta e cinco anos. Depois, poderás ter coração, quando já não tiveres outra coisa.

— Oh! oh! — murmurou La Vallière.

— Perfeito! — exclamou Montalais — aí está uma mulher e tanto! Irás longe, Atenais!

— Não me aprovas?

— Com os pés e com as mãos! — disse a galhofeira.

— Estás mangando, não é verdade, Montalais? — perguntou Luísa.

— Não, não, aprovo tudo o que Atenais acaba de dizer; só que...

— Só quê?...

— Não posso executá-lo. Possuo os princípios mais perfeitos; tomo resoluções, perto das quais os projetos de *stathouder* e os do rei de Espanha são brincadeiras de crianças; mas, no dia da execução, nada.

— Fraquejas? — inquiriu Atenais com desdém.

— Indignamente.

— Natureza infeliz — volveu Atenais. — Mas, pelo menos, escolhes.

— Não... não escolho. O destino se compraz em contrariar-me em tudo: sonho com imperadores e dou com...

— Aura! Aura! — bradou La Vallière — por piedade, não sacrifiques ao prazer de um conceito os que te amam com tão entranhada afeição.

— Oh! tanto me faz: os que me amam já se dão por muito felizes quando não os escorraço. Pior para mim se tenho uma fraqueza; mas pior para ele se me vingo. E palavra que me vingo!

— Aura!

— Tens razão — acudiu Atenais — e talvez chegues ao mesmo fim. Isso se chama ser loureira, senhoritas, não o sabíeis? Os homens, que são uns tolos em muita coisa, são-no principalmente quando confundem com garridice a altivez e a inconstância de uma mulher. Sou altiva, isto é, inconquistável, e maltrato os pretendentes sem nenhuma pretensão de conservá-los. Dizem os homens que sou casquilha, porque o amor-próprio fá-los acreditarem que os desejo. Outras mulheres, por exemplo, Montalais, deixam-se levar pelas adulações; e estariam perdidas sem a mola ditosa do instinto que as impele a mudar de repente e a castigar o impertinente cujas homenagens aceitavam na véspera.

— Sábia dissertação! — observou Montalais em tom de gastrônomo satisfeito.

— Odiosa! — murmurou Luísa.

— Graças a essa garridice, pois nisso consiste a verdadeira garridice — prosseguiu a Srta. de Tonnay-Charente — o apaixonado, que impava, orgulhoso, uma hora antes, perde num minuto a empáfia do amor-próprio. Assumia ares triunfais, e recua; ia proteger-nos, e prosterna-se de novo.

Disso resulta que, em lugar de termos um marido ciumento, incómodo, saciado, temos um amante sempre trêmulo, sempre cobiçoso, sempre submisso, pela única razão do ver ante si uma amante sempre nova. Eis aí, sem dúvida, senhoritas, o que vale a garridice. Com isso nos tornamos rainhas entre as mulheres, quando não recebemos de Deus a faculdade tão preciosa de governarmos o coração e o espírito.

— Como és hábil — disse Montalais — e como compreendes bem o dever das mulheres!

— Forjo para mim uma felicidade particular — declarou Atenais com modéstia; — defendo-me, como todos os amorosos fracos, contra a opressão dos mais fortes.

— La Vallière não diz uma palavra.

— Talvez não nos aprove.

— Nem sequer vos compreendo! — respondeu Luísa. — Falais como criaturas que não fossem obrigadas a viver sobre a terra.

— É muito bonita, a tua terra! — observou Montalais.

— Uma terra — continuou Atenais — em que o homem incensa a mulher para fazê-la cair e que a insulta quando a vê caída!

— Quem vos fala em cair? — clamou Luísa.

— Ah! essa teoria é nova, minha cara; indica-me, por favor, o teu meio de não seres vencida quando te deixas arrebatar pelo amor.

— Oh! — exclamou a menina erguendo para o firmamento negro os formosos olhos úmidos — se soubésseis o que é o coração, eu vos explicaria e convenceria; o coração que ama é mais forte do que a vossa casquilhice e a vossa altivez. Creio, e Deus está-me ouvindo, que uma mulher nunca é amada, que um homem nunca ama com idolatria quando não se sente amado. Deixai aos velhos da comédia a ilusão de serem adorados por loureiras.

O jovem sabe distinguir e não se ilude; pode sentir pela sécia um desejo, uma efervescência, uma fúria, e vedes que vos deixo o campo vasto e livre; numa palavra, a sécia pode ensandecê-lo, mas nunca o terá apaixonado. O amor, como o concebo, é um sacrifício incessante, absoluto, inteiro; mas não é o sacrifício de uma parte só. É a abnegação completa de duas almas que querem fundir-se numa alma. Se eu amar alguma vez, suplicarei ao meu amor que me deixe livre e pura; dir-lhe-ei, e ele o compreenderá, que a minha alma se confrange com a minha recusa; e ele, que me amará, sentindo a dolorosa grandeza do meu sacrifício, sacrificar-se-á como eu, respeitar-me-á, não procurará fazer-me cair para insultar-me quando eu estiver caída, como há pouco dizias blasfemando contra o amor. Eis aí como amo.

Vinde agora dizer-me que o meu apaixonado me desprezará; desafio-o a fazê-lo, a menos que seja o mais vil dos homens, e o meu coração é penhor de que saberei escolhê-lo. O meu olhar lhe pagará os sacrifícios ou lhe imporá virtudes que ele nunca supôs ter.

— Mas, Luísa — exclamou Montalais — dizes isso e não o praticas!

— Como assim?

— És adorada de Raul de Bragelonne, amada de joelhos. O pobre rapaz é vítima da tua virtude, como o seria, mais do que o seria, da minha garridice ou da altivez de Atenais.

— Isso não passa de uma subdivisão da garridice — interveio Atenais — e La Vallière, pelo que vejo, pratica-a sem perceber.

— Oh! — exclamou a menina.

— Sim, a isso chama-se instinto: sensibilidade perfeita, admirável afetação de sentimentos, exibição perpétua de arroubos apaixonados que nunca se concluem. Oh! é muito hábil e eficacíssimo também. Pensando melhor, eu talvez prefira essa tática à minha altivez para combater os homens, porque ela oferece a vantagem de fazer crer, às vezes, numa convicção; mas, desde já, sem condenar de todo a minha própria teoria, declaro-a superior à casquilhice pura de Montalais.

As duas raparigas puseram-se a rir.

Somente La Vallière calou e sacudiu a cabeça.

Mas, volvido um instante:

— Se me disséssеis a quarta parte do que acabastes de dizer diante de um homem — afirmou ela — ou se eu estivesse persuadida de que assim pensais, morreria aqui mesmo de vergonha e de dor.

— Pois morre, terna criatura: — respondeu a Srta. de Tonnay-Charente — se aqui não há homens, há pelo menos duas mulheres, tuas amigas, que te declaram sécia por instinto, sécia ingênua; isto é, a mais perigosa espécie de sécia que existe no mundo.

— Oh! — exclamou La Vallière, corando e a pique de chorar. As duas companheiras de novo desataram a rir.

— Pois bem, pedirei informações a Bragelonne.

— A Bragelonne? — perguntou Atenais.

— Sim, sim, a esse belo rapaz, corajoso como César, fino e espirituoso como o Sr. Fouquet, a esse pobre rapaz que há doze anos te conhece e ama, e, no entanto, a crermos no que dizes, nunca te beijou sequer a ponta dos dedos.

— Explicai-nos essa crueldade, tu, mulher-coração — pediu Atenais a La Vallière.

— Explicarei com uma palavra apenas: a virtude.

Negareis, acaso, a virtude?

— Vamos, Luisa, não mintas — acudiu Aura pegando-lhe na mão.

— Mas que quereis então que eu vos diga? — exclamou La Vallière.

— O que quiseres. Mas apesar de tudo o que disseres, persisto na minha opinião a teu respeito.

Sécia por instinto, sécia ingênua, isto é, disse-o e repito, a mais perigosa de todas as sécias.

— Não, não, por misericórdia! Não acredites nisso.

— Como! doze anos de rigor absoluto?

— Há dozes anos eu tinha cinco. O procedimento de uma criança não pode ser reprochado a uma moça.

— Pois bem, tens dezessete; serão três anos, em lugar de doze. Há três anos tens sido constante e inteiramente cruel. Tens contra ti as mudas folhagens de Blois, os encontros em que se contam as estrelas, as sessões noturnas sob os plátanos, os vinte anos dele falando aos teus catorze anos, o fogo de seus olhos falando ao teu coração.

— Seja; mas o caso é que é assim.
— Não é possível!
— Por que, santo Deus?
— Dize-nos coisas críveis, minha cara, e acreditaremos.
— Mas, enfim, suponde uma coisa.
— Qual? Vejamos.
— Termina, ou suporemos muito mais do que desejas.
— Suponhamos, pois; suponhamos que eu julgasse amar e que não ame.
— Como, não amas?
— Que queres! se fui diferente das outras quando amam, é porque não amo; é que a minha hora ainda não chegou.
— Luísa! Luísa! — acudiu Montalais — toma cuidado, vou contradizer-te com as tuas próprias palavras. Raul não está aqui, não o esmagues em sua ausência; sê caridosa e se chegares, pensando bem, à conclusão de que o não amas, confessa-lho, pobrezinho!
E pôs-se a rir.
— La Vallière lamentava há pouco o Sr. de Guiché — volveu Atenais; — como explicar a indiferença por um e a compaixão pelo outro?
— Esmagai-me, esmagai-me — disse tristemente La Vallière — visto que não me compreendeis.
— Oh! oh! — respondeu Montalais — irritação, tristeza, lágrimas; estamos brincando, Luísa, e asseguro-te que não somos os monstros que imaginas; olha para Atenais, a altiva, como lhe chamam, que não ama o Sr. de Montespan, é verdade, mas ficaria desesperada se o Sr. de Montespan não a amasse... Olha para mim, que caçoo do Sr. Malicorne; mas o pobre Malicorne de que zombo sabe muito bem, quando quer, levar minha mão aos lábios. Além disso, a mais velha dentre nós não tem vinte anos... que futuro!
— Loucas! Que loucas sois! — murmurou Luísa.
— É verdade — retorquiu Montalais — só tu disseste coisas sensatas.
— Certas!
— De acordo — respondeu Atenais. — Então, decididamente, não amas o pobre Sr. de Bragelonne?
— Talvez! — sobreveio Montalais; — ela ainda não está muito segura. Mas, em todo o caso, escuta, Atenais: se o Sr. de Bragelonne ficar livre, dou-te um conselho de amiga.
— Qual?
— Olha bem para ele antes de optares pelo Sr. de Montespan.
— Oh! sob esse aspecto, minha cara, o Sr. de Bragelonne não é o único que se pode olhar com prazer. O Sr. de Guiché, por exemplo, também é interessante.
— Pois ele não brilhou esta noite — observou Montalais — e sei de boa fonte que Madame o achou odioso.
— Mas brilhou o Sr. de Saint-Aignan, e estou certa de que muita gente que o viu dançar não o esquecerá tão cedo. Não é, La Vallière?
— Por que me diriges essa pergunta? Não o vi, nem o conheço.
— Não viste o Sr. de Saint-Aignan? Não o conheces?
— Não.
— Ora, ora, não simules uma virtude mais selvagem do que as nossas altivezas; tens dois olhos, não tens?
— Excelentes.

— Viste, então, os bailarinos desta noite.
— Mais ou menos.
— Eis aí um mais ou menos pouco lisonjeiro para eles.
— Interpreta-o como quiseres.
— Pois bem, entre todos os fidalgos que viste mais ou menos, qual deles preferes?
— Sim — disse Montalais — sim, o Sr. de Saint-Aignan, o Sr. de Guiché, o Sr....
— Não prefiro nenhum, acho-os igualmente gentis.
— Então no meio daquela assembléia brilhante, daquela corte, a primeira do mundo, ninguém te agradou?
— Eu não disse isso.
— Pois fala! Vamos, conta-nos qual é o teu ideal.
— Não é um ideal.
— Então, existe?
— Francamente! — exclamou La Vallière, que já não se agüentava — não entendo mais nada. Tendes um coração como eu, tendes dois olhos como eu, e falais no Sr. de Guiché, no Sr. de Saint-Aignan, no Sr.... não sei quem, estando lá o rei?
Pronunciadas com precipitação numa voz conturbada e ardente, essas palavras provocaram de ambos os lados da menina uma exclamação que a amedrontou.
— O rei! — exclamaram, ao mesmo tempo, Montalais e Atenais. La Vallière deixou pender a cabeça entre as mãos.
— Oh! sim, o rei! o rei! — murmurou; — já vistes alguém como o rei?
— Não mentias ao dizer há pouco que tens dois olhos excelentes; enxergas longe, longe demais até. Infelizmente, o rei não é homem sobre o qual os nossos pobres olhos tenham o direito de fixar-se.
— É verdade, é verdade! — bradou La Vallière; — nem todos os olhos podem encarar com o sol; mas hei de encarar com ele, ainda que isso me cegue.
Nesse momento, e como provocado pelas palavras de La Vallière, um rumorejar de folhas e um rugir de sedas se ouviu atrás da moita vizinha.
As raparigas ergueram-se, apavoradas. Viram distintamente mexer as folhas, embora não vissem o objeto que as sacudia.
— Um lobo! Um javali! — gritou Montalais. — Fujamos, fujamos!
E as três meninas puseram-se a correr à desfilada, presas de indizível terror, tomando pela primeira alameda que se lhes antolhou e só se detiveram na orla do bosque.
Lá, resfolegantes, apoiadas umas nas outras, sentindo mutuamente palpitarem os corações, tentaram recobrar alento, mas só o conseguiram ao cabo de alguns instantes. Afinal, avistando luzes do lado do castelo, decidiram-se a caminhar para elas.
La Vallière estava exausta.
Aura e Atenais amparavam-na.
— Escapamos de boa! — disse Montalais.
— Pois eu — acudiu La Vallière — tenho muito medo de que seja coisa pior do que um lobo. Confesso que preferia ter corrido o risco de ser comida por um animal feroz, a ter sido ouvida e surpreendida. Oh! louca! louca! Como posso ter pensado, como posso ter dito aquelas coisas!
E dizendo isso, inclinou-se-lhe a cabeça como a fronte de uma rosa; sentiu fraquejarem-lhe as pernas e, desamparada de todas as forças, escorregou, quase inanimada, dos braços das companheiras para a relva da alameda.

Capítulo XLII - A inquietação do rei

DEIXEMOS a pobre La Vallière semidesfalecida entre as amigas, e voltemos às proximidades do carvalho real. As três meninas não tinham dado vinte passos, fugindo, quando o ruído que tanto as assustara redobrou no meio da folhagem.

Desenhando-se com mais nitidez à proporção que afastava a folhagem da moita, surgiu a forma na clareira do bosque, e, não vendo ninguém, despediu uma gargalhada.

Fora inútil dizer que essa forma pertencia a um jovem e belo fidalgo, que, incontinenti, fez sinal a outro, que também se mostrou.

— Então, Sire? — perguntou a segunda forma adiantando-se com timidez — Vossa Majestade terá posto em fuga as nossas jovens admiradoras?

— Oh! meu Deus, sim — respondeu o rei; — vem sem susto, Saint-Aignan.

— Mas, Sire, cautela, Vossa Majestade pode ser reconhecido.

— Eu já te disse que fugiram.

— Eis aí um feliz encontro, Sire, e se eu me atrevesse a dar um conselho a Vossa Majestade, sugeriria que as perseguíssemos.

— Devem estar longe.

— Mas deixar-se-iam alcançar facilmente, sobretudo sabendo quem são os perseguidores.

— Como assim, senhor presunçoso?

— Pois se uma me acha a seu gosto e outra comparou Vossa Majestade ao sol!

— Mais uma razão para continuarmos escondidos Saint-Aignan. O sol não aparece de noite.

— À minha fé, Sire, Vossa Majestade não é curioso. Se eu estivesse em seu lugar, gostaria de saber quem são as duas ninfas, as duas dríades, as duas hamadríades que fazem de nós tão bom conceito.

— Garanto que as reconhecerei sem lhes correr atrás.

— Como assim?

— Pela voz, homessa! Pertencem à corte; e a que falava de mim tem uma voz encantadora.

— Ah! Vossa Majestade já se deixa influenciar pela lisonja.

— Pois não se dirá que é o método que empregas.

— Perdão, Sire, eu sou uma besta.

— Vem, e busquemos onde eu te disse.

— E a paixão que Vossa Majestade me confiou, já a esqueceu, Sire?

— Está visto que não. Como queres que se esqueçam dois olhos como os da Srta. de La Vallière?

— Mas a outra tem uma voz tão encantadora!

— Qual?

— A que gosta do sol.

— Sr. de Saint-Aignan!

— Perdão, Sire.

— Aliás, não aprecio menos as vozes suaves do que os olhos formosos. Conheço-te, és um tagarela de marca maior, e amanhã pagarei pela confiança que depositei em ti.

— Como assim?

— Amanhã saberá toda a gente que me interesso pela pequena La Vallière; mas, toma tento, Saint-Aignan, só a ti confiei o meu segredo, e se alguém me falar dele, saberei quem o traiu.

— Oh! quanto ardor, Sire!
— Deves compreender que não quero comprometer a pobre menina.
— Vossa Majestade pode ficar tranqüilo.
— Prometes-me?
— Dou-lhe a minha palavra, Sire.
— Bom! — pensou o rei, rindo-se intimamente — toda a gente ficará sabendo amanhã que hoje à noite andei correndo atrás de La Vallière.
Logo, tentando orientar-se:
— Ora essa! mas nós nos perdemos — disse ele.
— Sim, mas sem grande risco.
— Aonde se vai por esta aléia?
— À praça.
— Aonde íamos quando ouvimos as vozes?
— Exatamente, Sire, e o final de conversa em que tive a honra de ouvir pronunciado o meu nome ao lado do nome de Vossa Majestade.
— Insistes muito nesse ponto, Saint-Aignan.
— Perdoe-me Vossa Majestade, mas fiquei encantado ao saber que uma mulher pensou em mim sem que eu o soubesse e sem que eu tivesse feito coisa alguma para isso. Vossa Majestade não compreende essa satisfação, pois a sua posição e os seus méritos forçam a atenção e obrigam ao amor.
— Pois olha, Saint-Aignan, acreditarás se quiseres — tornou o rei apoiando-se familiarmente no braço de Saint-Aignan e tomando o caminho que julgava dever conduzi-lo ao castelo — mas essa ingênua confidência, essa preferência desinteressada de uma mulher que nunca talvez me chamará a atenção... numa palavra, o mistério dessa aventura me aguilhoa, e, em verdade, se eu não estivesse tão obcecado por La Vallière...
— Oh! não seja isso empecilho para Vossa Majestade.
— Não entendo.
— Dizem que La Vallière é muito rigorosa.
— Tu me incitas, Saint-Aignan, e tenho pressa de vê-la. Vamos, vamos.
O rei mentia, pois não tinha pressa nenhuma, pelo contrário; mas precisava representar o seu papel.
E pôs-se a caminhar rapidamente. Saint-Aignan seguiu-o, mantendo-se a certa distância.
De repente, estacando o rei, o cortesão imitou-o.
— Saint-Aignan — perguntou Luís — não ouves gemidos?
— Eu?
— Sim, escuta.
— De fato; e, se não me engano, ouço gritos também.
— É deste lado — disse o rei indicando uma direção.
— Dir-se-iam lágrimas, soluços de mulher — observou o Sr. de Saint-Aignan.
— Corramos!
E o rei e o favorito, enveredando por um atalho, abriram a correr sobre a relva.
À proporção que corriam, os gritos se tornavam mais distintos.
— Socorro! socorro! — gritavam duas vozes. Os dois redobraram de velocidade.
À medida que se aproximavam, os suspiros convertiam-se em gritos.
— Socorro! socorro! — repetiam.

E os gritos aligeiravam a corrida do rei e do companheiro.

De improviso, do outro lado de um fosso, debaixo de alguns chorões descabelados, avistaram uma mulher de joelhos amparando outra mulher desfalecida.

A alguns passos de distância, uma terceira gritava por socorro no meio do caminho.

Lobrigando os dois fidalgos, cuja identidade ignorava, os gritos da mulher que chamava por socorro tornaram-se mais agudos.

O rei passou à frente do companheiro, transpôs o fosso, e viu-se ao pé do grupo no momento em que, pela extremidade da alameda que conduzia ao castelo corria uma dúzia de pessoas atraídas pelos mesmos gritos.

— Que aconteceu, senhoritas? — perguntou Luís.

— O rei! — exclamou a Srta. de Montalais largando, no seu estupor, a cabeça de La Vallière, que caiu inanimada sobre a relva.

— Sim, o rei. Mas isso não é razão para desampararde a vossa companheira. Quem é ela?

— É a Srta. de La Vallière, Sire.

— A Srta. de La Vallière!

— Que acaba de perder os sentidos...

— Ah! meu Deus — disse o rei — pobre criança! Depressa, depressa, um cirurgião!

Mas apesar do açodamento com que o rei pronunciou essas palavras, faltara-lhe suficiente domínio de si mesmo para evitar que parecessem, como o gesto que as acompanhava, um tanto frias ao Sr. de Saint-Aignan, que ouvira a confidência do grande amor que, fulminava Sua Majestade.

— Saint-Aignan — continuou o rei — toma conta da Srta. de La Vallière, por favor. Chama um cirurgião. Vou avisar Madame do acidente que acaba de suceder à sua dama de honor.

Com efeito, ao passo que o Sr. de Saint-Aignan providenciava a remoção da Srta. de La Vallière para o castelo, o rei partia na frente, jubiloso com a ocasião que se lhe ensejava de aproximar-se de Madame e de falar-lhe com um pretexto especioso.

Felizmente, passava um carro; fizeram sinal ao cocheiro, e as pessoas que ocupavam a caleça, sabendo do acidente, apressaram-se em ceder o lugar à Srta. de La Vallière.

A corrente de ar provocada pela rapidez da carreira prontamente reanimou a desfalecida.

Chegada ao castelo, pôde ela, embora se sentisse muito fraca, descer do veículo e chegar, com o auxílio de Atenais e Montalais, aos aposentos interiores.

Fizeram-na sentar-se numa sala pegada aos salões do rés-do-chão.

Em seguida, como o caso não tivesse produzido muito efeito sobre os passeantes, o passeio continuou.

Nesse entremeio, o rei encontrara Madame sob um quincôncio; sentara-se ao lado dela e o seu pé procurou mansamente o da princesa por baixo da cadeira.

— Cuidado, Sire — disse-lhe baixinho Henriqueta — Vossa Majestade não parece um homem indiferente.

— Ai de mim! — respondeu Luís XIV no mesmo tom de receio muito que tenhamos feito um pacto superior às nossas forças.

Logo, em voz alta:

— Soubestes do acidente? — perguntou.

— Que acidente?

— Oh! meu Deus! ao ver-vos esqueci-me de que vim expressamente para contá-lo. Entretanto, impressionou-me dolorosamente; uma de vossas damas de honor, a pobre La Vallière, teve um desmaio.

— Ah! coitadinha — disse plácidamente a princesa; — por quê? Em seguida, baixinho:

— Mas Vossa Majestade se esqueceu? Quer fazer crer que está apaixonado por essa moça, e fica aqui enquanto ela estrebucha lá embaixo?

— Ah! Madame, Madame — tornou, suspirando o rei — quão melhor do que eu representais o vosso papel e pensais em tudo!

E levantou-se.

— Madame — disse em voz alta, para que todos o ouvissem — permiti que eu vos deixe; a minha inquietação é grande e quero certificar-me pessoalmente de que lhe prestaram os necessários cuidados.

E o rei partiu para saber de La Vallière, ao passo que todos os assistentes lhe comentavam a frase: "A minha inquietação é grande".

Capítulo XLIII - O segredo do rei

NO caminho, Luís tornou a encontrar o Conde de Saint-Aignan.

— Então, Saint-Aignan — perguntou com afetação — como está a doente?

— Envergonho-me de dizê-lo, Sire — balbuciou Saint-Aignan — mas também não sei.

— Como, não sabes? — repontou o rei, fingindo levar a sério tamanha falta de cuidado pelo objeto de sua predileção.

— Perdoe-me, Sire, mas acabo de encontrar uma de nossas três conversadoras, e confesso que isso me distraiu.

— Ah! Encontraste? — perguntou, interessadíssimo, o rei.

— A que se dignou falar tão generosamente de mim; e, tendo achado a minha, eu procurava a sua, Sire, quando tiver a felicidade de topar com Vossa Majestade.

— Está bem; mas, antes de tudo, a Srta. de La Vallière — disse o rei, fiel ao seu papel.

— Oh! eis aí uma beldade interessante — volveu Saint-Aignan — e o seu desmaio foi oportuníssimo, visto que Vossa Majestade já estava interessado por ela.

— E o nome da tua bela, Saint-Aignan, pode-se saber?

— Sire, isso devia constituir segredo, e segredo até muito grande; mas, para o rei, sabe perfeitamente Vossa Majestade que não existem segredos. — como se chama, então?

— É a Srta. de Tonnay-Charente.

— Bela?

— Belíssima, Sire, e reconheci a voz que tão ternamente pronunciava o meu nome. Aproximei-me dela, interroguei-a quando me foi possível no meio da multidão, e ela me disse, sem desconfiar de nada, que estivera pouco antes ao pé do carvalho grande com duas amigas, quando o aparecimento de um lobo ou de um ladrão as apavorara e pusera em fuga.

— Mas — perguntou vivamente o rei — como se chamam as duas amigas?

— Sire — respondeu Saint-Aignan — mande-me Vossa Majestade trancafiar na Bastilha.

— Por quê?

— Porque sou um egoísta e um tolo. Tão grande foi a minha surpresa ante uma conquista semelhante e um descobrimento tão feliz, que não perguntei mais nada. Aliás, não acreditei que, preocupado como estava com a saúde da Srta. de La Vallière, Vossa Majestade desse grande importância ao que ouvira; além disso, a Srta. de Tonnay-Charente me deixou de repente a fim de voltar para junto da Srta. de La Vallière.

— Pois esperemos que eu tenha uma sorte igual à tua. Vem, Saint-Aignan.

— O meu rei é ambicioso, pelo que vejo, e não quer permitir a nenhuma conquista que lhe fuja. Pois bem, prometo-lhe investigar minuciosamente; aliás, por uma das três Graças saberemos o nome das outras e, pelo nome, o segredo.

— A mim também — disse o rei — basta-me ouvir-lhe a voz para reconhecê-la. Vamos, encerremos o assunto e leva-me à pobre La Vallière.

— Sim, senhor! — pensou Saint-Aignan — eis uma paixão que se esboça; o extraordinário é que seja por essa rapariga; eu nunca teria acreditado.

E como, pensando nisso, mostrasse ao rei a sala onde estava La Vallière, o rei entrara Saint-Aignan seguiu-o.

Numa câmara baixa, ao lado de ampla janela que dava para os canteiros, instalada em vastíssima

poltrona, aspirava La Vallière em longos sorvos o ar balsâmico da noite.

Do peitilho descingido caíam as rendas amarrotadas de mistura com anéis dos formosos cabelos loiros esparsos sobre os ombros.

Com o olhar amortecido, carregado de fogos mal extintos, pejado de grossas lágrimas, ela vivia apenas como as belas visões de nossos sonhos, que perpassam, pálidas e poéticas, ante os olhos cerrados pelo sono, entreabrindo as asas sem movê-las e os lábios sem falar.

A nacarada palidez de La Vallière tinha um encanto indescritível; o sofrimento do espírito e do corpo lhe havia emprestado ao meigo semblante nobre e dolorosa harmonia; a inércia absoluta dos braços e do busto dava-lhe maior semelhança de morta que de viva; ela não parecia ouvir os cochichos das companheiras nem o ruído longínquo das festas que se prolongavam. Entretinha-se consigo mesma, e as suas formosas mãos, compridas e finas, estremeciam de tempos a tempos como ao contato de pressões invisíveis. O rei entrou sem que ela desse por isso, tão absorta se achava em seus devaneios.

Ele viu de longe o rosto adorável em que a lua ardente vertia a luz pura de sua lâmpada de prata.

— Meu Deus! — exclamou, com não fingido susto — ela está morta!

— Não, não, Sire — disse baixinho Montalais — está melhor, pelo contrário. Não é verdade, Luisa, que estás melhor?

La Vallière não respondeu.

— Luísa — continuou Montalais — é o rei que se digna interessar-se pela tua saúde.

— O rei! — bradou Luísa, erguendo-se de improviso, como se uma fonte de chamas lhe houvesse subido das extremidades ao coração — o rei se interessa pela minha saúde?

— Sim — confirmou Montalais.

— O rei está aqui? — perguntou La Vallière sem se atrever a olhar.

— A voz! a voz! — disse vivamente Luís ao ouvido de Saint-Aignan.

— Vossa Majestade tem razão — replicou Saint-Aignan — é a apaixonada do sol.

— Psiu! — disse o rei.

A seguir, aproximando-se de La Vallière:

— Estais indisposta, senhorita? Ainda há pouco, no parque, desmaiastes. Como foi isso?

— Sire, — balbuciou a pobre criança, trêmula e sem cor — eu nem saberia dizê-lo.

— Caminhastes demais — volveu o rei — e talvez a fadiga...

— Não, Sire — replicou rapidamente Montalais respondendo pela outra — não pode ter sido a fadiga, pois passamos parte da noite sentadas debaixo do carvalho real.

— Debaixo do carvalho real? — tornou o rei, estremecendo. — Eu não me enganava, é isso mesmo.

E dirigiu ao conde um olhar de inteligência.

— Ah! sim — acudiu Saint-Aignan — debaixo do carvalho real, com a Srta. de Tonnay-Charente.

— Como o sabeis? — perguntou Montalais.

— Da maneira mais simples possível: a Srta. de Tonnay-Charente me contou.

— Então sabeis também a causa do desmaio de La Vallière?

— Ela me falou num lobo ou num ladrão, já nem sei direito. La Vallière ouvia com olhos fitos, respiração ofegante, como se pressentisse parte da verdade, graças a um redobramento de inteligência. Luís interpretou-lhe a atitude e a agitação como seqüência do susto mal extinto.

— Não temais, senhorita — sobreveio com um princípio de comoção que não podia esconder; — esse lobo que vos causou tanto medo era simplesmente um lobo de duas pernas.

— Era um homem! Era um homem! — bradou Luísa; — havia então um homem escutando?

— E então, senhorita? Que grande mal haverá em que vos tenham escutado? Teríeis dito, acaso, coisas que não podiam ser ouvidas?

La Vallière bateu as mãos uma contra a outra e levou-as rapidamente à testa cujo rubor tentava esconder assim.

— Oh! — perguntou — pelo amor de Deus, quem estava escondido? Quem foi que ouviu?

Adiantou-se o rei para tomar-lhe a mão.

— Eu, senhorita — disse ele, inclinando-se com terno respeito; — acaso vos amedronto?

La Vallière despediu um grito agudo; pela segunda vez as forças lhe faltaram e, fria, gemebunda, desesperada, tornou a cair sem sentidos na poltrona.

Mal teve tempo o rei de estender o braço, de sorte que ela se viu em parte sustentada por ele.

A dois passos do rei e de La Vallière, imóveis e como petrificadas pela lembrança da conversação, as Srtas. de Tonnay-Charente e de Montalais não pensavam sequer em acudir-lhe, tolhidas pela presença do rei, que, com um joelho no chão, amparava La Vallière.

— Vossa Majestade ouviu? — murmurou Atenais.

Mas o rei não respondeu; tinha a vista cravada nos olhos semi-cerrados de La Vallière e, com a sua, segurava-lhe a mão pendente, — Pudera! — replicou Saint-Aignan, que esperava também o desmaio da Srta. de Tonnay-Charente e já se adiantava com os braços abertos — não perdemos uma única palavra.

Mais le roi ne répondit pas; il avait les yeux fixés sur les yeux à moitié fermés de la Vallière

Mas a altiva Atenais não era mulher para desmaiar assim; fulminou Saint-Aignan com um olhar terrível e muscou-se.

Mais corajosa, Montalais adiantou-se rapidamente para Luísa e recebeu-a das mãos do rei, que já começava a perder a cabeça ao sentir no rosto os cabelos perfumados da desfalecida.

— Ainda bem — disse Saint-Aignan — eis aí uma aventura, e se eu não fôr o primeiro a contá-la, não o será por minha culpa.

O rei aproximou-se dele, com voz trêmula, mão exagitada.

— Conde — disse ele — nem uma palavra.

Esquecia-se o pobre rei de que, uma hora antes, fizera ao mesmo homem idêntica recomendação, mas com a intenção oposta, isto é, de que esse homem fosse indiscreto.

Daí que a segunda fosse tão supérflua quanto a primeira.

Meia hora depois, todos os hóspedes de Fontainebleau sabiam que a Srta. de La Vallière travara, debaixo do carvalho real, uma conversação com Montalais e Tonnay-Charente e, nessa conversação, confessara o amor que dedicava ao rei.

Sabia-se também que o rei, depois de haver expressado a muita inquietude que lhe inspirava o estado da Srta. de La Vallière, empalidecera e tremera ao receber nos braços a bela desfalecida; de sorte que ficou tacitamente assente entre os cortesãos, que o maior acontecimento do tempo acabara de ocorrer: Sua Majestade amava a Srta. de La Vallière e, por conseqüência, Monsieur podia dormir sossegado.

Foi, de resto, o que a rainha-mãe, tão surpresa quanto os outros pela súbita reviravolta, se apressou em declarar à rainha e a Filipe de Orléans.

Entretanto, disse a cada um deles uma coisa diferente.

À nora:

— Vede, Teresa, como não tínheis razão nenhuma para acusar o rei; já lhe dão hoje outra amante; ora, por que seria a de hoje mais verdadeira que a de ontem, e a de ontem que a de hoje?

E a Monsieur, contando-lhe a aventura do carvalho real:

— Não são absurdos os vossos zelos, meu caro Filipe? Sabe-se que o rei perdeu a cabeça pela pequena La Vallière. Nem uma palavra a vossa esposa; a rainha ficaria sabendo imediatamente.

Essa última confidência teve ressalto imediato.

Resserenado, triunfante, Monsieur foi procurar Madame, e como ainda não houvesse batido meia-noite e a festa devesse durar até às duas horas da manhã, ofereceu-lhe a mão para o passeio.

Mas, ao cabo de alguns passos, a primeira coisa que fez foi desobedecer à mãe.

— Não digais à rainha, pelo menos, o que se conta do rei — disse, misteriosamente.

— E que é o que se conta? — perguntou Madame.

— Que meu irmão se deixou tomar, de repente, por uma paixão estranha.

— Por quem?

— Pela pequena La Vallière.

Estava escuro, Madame pôde sorrir à vontade.

— Ah! — disse ela — e desde quando?

— Desde alguns dias, parece. Mas eram apenas fumos e só esta noite se revelou a chama.

— O rei tem bom gosto — observou Madame — e, na minha opinião, a menina é encantadora.

— Pareceis estar caçoando, queridíssima.

— Eu! como assim?

— Vous avez bien l'air de vous moquer, ma toute chère.

— Em todo o caso, essa paixão sempre fará a felicidade de alguém, nem que seja a de La Vallière.

— Mas — tornou a princesa — falais, senhor, como se tivésseis lido no íntimo da alma de minha dama de honor. Quem vos diz que ela consente em retribuir a paixão do rei?

— E quem vos diz que não retribuirá?

— Ela ama o Visconde de Bragelonne.

— Parece-vos?

— Pois se é noiva dele!

— Era.

— Como?

— Quando foram pedir ao rei permissão para concluir o casamento, ele recusou-a.

— Recusou?

— Sim, senhora, se bem o pedido fosse feito pelo próprio Conde de La Fère, a quem o rei, como sabeis, consagra muita estima pelo papel que desempenhou na restauração de vosso irmão, e em outros sucessos ocorridos há muito tempo.

— Pois bem, os pobres apaixonados esperarão que o rei haja por bem mudar de idéia; são jovens, têm tempo.

— Ah! minha amiga — disse Filipe rindo por seu turno — vejo que não sabeis o melhor da história.

— Não.

— O que mais profundamente tocou o rei.
— O rei ficou profundamente tocado?
— Em pleno coração.
— Mas por quê? Dizei-o depressa!
— Por uma aventura ultra-romanesca.
— Sabeis quanto aprecio essas aventuras, e vós me fazeis esperar — insistiu a princesa, impaciente.
— Pois bem, foi assim...
E Monsieur fez uma pausa.
— Estou ouvindo.
— Debaixo do carvalho real... Sabeis onde está o carvalho real?
— Não importa: debaixo do carvalho real, dizíeis.
— Pois bem, julgando-se sozinha com duas amigas, a Srta. La Vallière confidenciou-lhes a sua paixão pelo rei.
— Ah! — exclamou Madame com um princípio de desassossego — a sua paixão pelo rei?
— Sim.
— E quando foi isso?
— Há uma hora. Madame estremeceu.
— E essa paixão, ninguém a conhecia?
— Ninguém.
— Nem Sua Majestade?
— Nem Sua Majestade. A menina guardava zelosamente o segredo quando, de repente, o segredo, mais forte do que ela, escapou-lhe.
— E como soubestes esse absurdo?
— Como toda a gente.
— E como o soube toda a gente?
— Da própria La Vallière, que confessava o seu amor à Montalais e à Tonnay-Charente, suas companhias.
Deteve-se Madame e, com gesto rápido, largou a mão do marido.
— Há uma hora que ela fez a confissão?
— Mais ou menos.
— E o rei ficou sabendo?
— Pois aí é que está o romanesco da coisa: o rei se achava com Saint-Aignan atrás do carvalho real e ouviu toda a conversa, do princípio ao fim, sem perder uma palavra.
Madame sentiu-se ferida no coração.
— Mas eu estive com o rei depois disso — exclamou ela, estouvadamente — e ele não me disse nadai — Pudera! — tornou Monsieur, ingênuo como um marido que triunfa — ele é que não havia de falar-vos, pois recomendou a todos que não vos dissessem coisa alguma.
— Como? — exclamou Madame irritada.
— Queriam esconder-vos a história.
— E por que haveriam de esconder-ma?
— Pelo receio de que a vossa amizade vos levasse a repeti-la à rainha.
Madame abaixou a cabeça; sentia-se mortalmente ferida.
A partir desse momento não teve um minuto de sossego enquanto não falou com o rei.
Sendo um rei, muito naturalmente, o último do reino a saber o que dele se diz, sendo o apaixonado

o único a ignorar o que se fala da dama dos seus pensamentos, quando o rei avistou Madame, que o procurava, aproximando-se dela um tanto perturbado, mas sempre solícito e gracioso.

Esperou Madame que ele se referisse primeiro à La Vallière.

Depois, como ele não o fizesse:

— E a pequena? — perguntou.

— Que pequena? — tornou o rei.

— La Vallière... Não me disse Vossa Majestade que ela havia desmaiado?

— Ainda está passando mal — respondeu o rei simulando a maior indiferença.

— Mas isso prejudicará o boato que Vossa Majestade devia propalar.

— Que boato?

— O de que Vossa Majestade se interessa por ela.

— Oh! espero que se propale da mesma forma — respondeu o rei, distraído.

Madame esperou mais um pouco, ansiosa por saber se o rei aludiria à aventura do carvalho real. Mas o rei não aludiu.

Madame, de seu lado, também não tocou no assunto, de sorte que o rei se despediu sem lhe fazer a menor confidência.

Assim que ela o viu afastar-se, procurou Saint-Aignan. Saint-Aignan era fácil de encontrar-se, pois semelhava as embarcações que andam sempre na esteira dos grandes navios.

Era exatamente o homem de que precisava Madame no estado de espírito em que se encontrava.

O fidalgo buscava apenas um ouvido mais digno do que os outros para referir circunstanciadamente o sucedido.

Não perdoou a Madame uma única palavra.

Depois, ao concluir:

— Convenha Vossa Alteza em que aí está um lindo conto.

— Conto, não; história. Mas, conto ou história, confessai que apenas repetis o que vos contaram; não estáveis presente.

— Estava, Madame; por minha honra o juro.

— E acreditais que essas confissões tenham impressionado o rei?

— Como as da Srta. de Tonnay-Charente me impressionaram; pois se a Srta. de La Vallière comparou o rei ao sol, Madame! É lisonjeiro!

— O rei não se deixaria levar por tais lisonjas.

— Madame, o rei, pelo menos, é tanto homem quanto sol, e bem o observei ainda há pouco, quando La Vallière lhe caiu nos braços.

— La Vallière caiu nos braços do rei?

— Um quadro graciosíssimo! Imagine Vossa Alteza que La Vallière estava caída, e que...

— E então, que vistes? Dizei, falai.

— Vi o que outras dez pessoas viram ao mesmo tempo: no instante em que La Vallière lhe caiu nos braços, vi que o rei quase desmaiou.

Madame soltou um gritinho, única manifestação de sua cólera surda.

— Obrigada — disse ela, rindo convulsivamente — sois um delicioso narrador, Sr. de Saint-Aignan.

E saiu correndo, sufocada e só, para o castelo.

Capítulo XLIV - Correrias noturnas

MONSIEUR deixara a princesa muitíssimo bem-humorado e, como se sentisse cansado, retornara ao seu apartamento, deixando que cada qual terminasse a noite como bem entendesse.

No quarto, absorveu-se Monsieur na toucagem noturna com uma atenção redobrada pelos seus paroxismos de júbilo.

Cantava, enquanto trabalhavam os criados graves, as árias principais do bailado que os violinos haviam tocado e el-rei dançara.

Em seguida, chamou os alfaiates, ordenou que lhe mostrassem os trajos do dia seguinte e, sentindo-se muito satisfeito, distribuiu algumas gratificações.

Afinal, havendo o Cavaleiro de Lorena, que o vira recolher-se, recolhido também, Monsieur desfez-se em amabilidades com o favorito.

Depois de haver cumprimentado o príncipe, o cavaleiro permaneceu em silêncio por algum tempo, como um capitão de artilharia que estuda o ponto em que começará a atirar; logo, parecendo decidir-se:

— Monsenhor não observou uma coisa singular? — perguntou.

— Que coisa?

— A má acolhida que Sua Majestade dispensou aparentemente ao Conde de Guiché.

— Aparentemente?

— Sem dúvida, pois, em realidade, lhe devolveu a sua privança.

— Pois eu não vi nada disso — retorquiu o príncipe.

— Como! Vossa Alteza não viu que, em vez de mandá-lo de volta para o exílio, como seria natural, o rei lhe ratificou a estranha resistência, permitindo-lhe retomar o seu lugar no bailado?

— E achas que o rei fez mal, cavaleiro? — perguntou Monsieur.

— Vossa Alteza não é do meu parecer?

— Inteiramente, não, meu caro cavaleiro, e aprovo o rei por não se haver encarniçado contra um infeliz, mais insensato que mal intencionado.

— Pois confesso que essa magnanimidade me surpreende.

— Por quê? — perguntou Filipe.

— Porque eu supunha o rei mais ciumento — replicou maldosamente o cavaleiro.

Já sentira o príncipe algo de irritante sob as palavras do seu favorito; a última acendeu o rastilho.

— Ciumento! — bradou o príncipe — ciumento!

— Que significa isso? Ciumento de que, ciumento de quem? — Percebeu o cavaleiro que deixara fugir uma dessas palavras maldosas como às vezes doía fazer.

Tentou, portanto, apanhá-la de novo, enquanto era tempo.

— Ciumento de sua autoridade — completou ele com afetada candura; — de que quer Vossa Alteza que o rei tenha ciúme?

— Ah! — disse monsenhor — muito bem.

— Acaso teria Vossa Alteza Real — continuou o cavaleiro — solicitado o perdão do querido Conde de Guiché?

— Não, não! — respondeu Monsieur — Guiché é um rapaz inteligente e corajoso, mas foi leviano com Madame, e não lhe quero mal nem bem.

O cavaleiro empeçonhara o espírito de Monsieur em relação a de Guiché como tentara fazê-lo em relação ao rei; mas julgou perceber que o momento era de indulgência, e até da mais absoluta indiferença, e, para esclarecer a questão, forçoso lhe seria encostar a lâmpada no nariz do marido.

Com essa brincadeira queimamos, por vezes, os outros, mas amiúde nos queimamos também.

— Está bem, está bem — disse em si o cavaleiro — esperarei de Wardes, que fará num dia mais do que posso fazer num mês, pois creio, e Deus me perdoe! ou melhor, Deus lhe perdoe! que ele é ainda mais ciumento do que eu. E, além disso, não é de de Wardes que necessito, mas de um acontecimento, e em tudo isto não vejo nenhum.

Que de Guiché tenha voltado após ter sido expulso, é grave, sem dúvida; mas toda gravidade desaparece quando se reflete que de Guiché voltou no momento em que Madame já não se interessa por ele. De fato, Madame se interessa pelo rei, é claro. Mas, além de não saberem nem precisarem os meus dentes morder o rei, Madame não se poderá interessar durante muito tempo ainda pelo rei, se é que o rei, como dizem, já não se interessa por Madame. De tudo isso decorre que devemos ficar quietos e esperar o advento de um novo capricho, que nos dirá o que fazer.

E o cavaleiro estendeu-se com resignação na poltrona em que Monsieur lhe permitia sentar-se em sua presença, e, como não tivesse outras maldades para dizer, verificou-se que o Cavaleiro de Lorena já não tinha espírito.

Muito felizmente, possuía Monsieur a sua provisão de bom humor, como dissemos, e possuiu-a por dois até o momento em que, dispensando lacaios e oficiais, passou ao quarto de dormir.

Recolhendo-se, encarregou o cavaleiro de apresentar os seus cumprimentos a Madame e dizer-lhe que, estando a noite fresca, receava estragar os dentes e não voltaria ao parque.

O cavaleiro entrou no quarto da princesa no momento em que esta entrava também.

Deu conta do recado como fiel mensageiro, e logo notou a perturbação com que Madame acolheu a comunicação do marido.

Isso lhe pareceu encerrar alguma novidade.

Se Madame estivesse saindo dos seus aposentos com aquele ar estranho, ele a teria seguido.

Mas Madame estava entrando; não havia, portanto, o que fazer; girou sobre os calcanhares como uma garça desocupada, interrogou o ar, a terra e água, sacudiu a cabeça e orientou-se maquinalmente na direção dos canteiros.

Não dera ainda cem passos quando topou com dois rapazes que andavam de braço dado, cabisbaixos, empurrando com o pé as pedrinhas que encontravam pelo caminho e, com esse vago divertimento, acompanhando o fio dos próprios pensamentos. Eram os Srs. de Guiché e de Bragelonne.

A vista deles produziu como sempre no Cavaleiro de Lorena um efeito de instintiva repulsa.

Nem por isso deixou de fazer-lhes rasgado cumprimento, que lhe foi retribuído com juros.

Depois, vendo que o parque se esvaziava, que as iluminações principiavam a apagar-se, que a brisa da manhã começava a soprar, tomou à esquerda e voltou ao castelo pelo pátio de serviço. Os dois amigos tomaram à direita e continuaram o caminho para o parque.

No momento em que o cavaleiro subia a escadinha que conduzia à entrada secreta, viu uma mulher, seguida de outra, surgir debaixo da arcada que estabelecia comunicação entre os dois pátios.

As duas mulheres apressavam a marcha que o rugir dos vestidos de seda traía na noite escura.

A forma do mantelete, o talhe elegante, o porte misterioso e altivo ao mesmo tempo que caracterizavam as duas mulheres, principalmente a que ia na frente, impressionaram o cavaleiro.

— Eis aí duas damas que sem dúvida conheço — disse ele, parando no último degrau da escada.

Depois, quando o instinto de sabujo o incitava a segui-las, um de seus lacaios, que o procurava,

deteve-o.
— Senhor — disse ele — o correio chegou.
— Bom! bom! — respondeu o cavaleiro. — Temos tempo; vê-lo-emos amanhã.
— Mas há cartas urgentes, que talvez vos interessem.
— Ah! — tornou o cavaleiro; — e de onde vêm elas?
— Uma vem de Inglaterra e outra, de Calais; esta chegou por estafeta e parece importantíssima.
— De Calais! E quem diabo me escreve de Calais?
— Creio haver reconhecido a letra de vosso amigo, o Conde de Wardes.
— Oh! nesse caso vou subir — exclamou o cavaleiro, esquecido do projeto de espionagem.
E subiu, com efeito, ao passo que as duas damas desconhecidas desapareciam na extremidade do pátio oposta àquela pela qual haviam entrado.
São elas que vamos seguir, deixando o cavaleiro entregue à sua correspondência.
Chegada ao quincôncio, a primeira parou, meio ofegante, e, erguendo com precaução a coifa:
— Ainda estamos longe da tal árvore? — perguntou.
— Oh! sim, Madame, a mais de quinhentos passos; mas descanse um pouquinho, Madame; Vossa Alteza não poderia andar por muito tempo nesse passo.
— Tendes razão.
E a princesa, pois era ela mesma, arrimou-se a uma árvore.
— Vejamos, senhorita — tornou, depois de haver respirado profundamente — não me oculteis nada, dizei-me a verdade.
— Oh! Madame, Vossa Alteza já está zangada — retrucou a rapariga com voz comovida.
— Não, minha querida Atenais; tranqüilizai-vos, que não vos quero mal nenhum por isso. Afinal de contas, não tenho nada com a história. Estais preocupada com o que podereis ter dito debaixo do carvalho; receais haver magoado o rei, e eu quero tranqüilizar-vos verificando pessoalmente se podíeis ou não ser ouvida.
— Oh! sim, Madame, o rei estava tão perto de nós!
— Mas, afinal, falastes tão alto que nenhuma palavra se terá perdido?
— Madame, nós nos julgávamos inteiramente sós.
— E éreis três?
— Éramos La Vallière, Montalais e eu.
— De sorte que vós, pessoalmente, aludistes impensadamente ao rei?
— Receio que sim. Mas, nesse caso, Vossa Alteza teria a bondade de fazer as minhas pazes com Sua Majestade, não é verdade, Madame?
— Se for necessário, prometo fazê-lo. Entretanto, como eu vos dizia, o melhor é não ir ao encontro do mal sem ter certeza de que o mal foi feito. A noite está escura, e mais escura ainda nesses bosques enormes. Talvez não fôstes reconhecida pelo rei. Preveni-lo agora seria denunciar-vos.
— Oh! Madame! Madame! se reconheceram La Vallière, reconheceram-me também. Aliás, o Sr. de Saint-Aignan não me deixou dúvida alguma a esse respeito.
— Mas, então, dizíeis coisas pouco lisonjeiras para o rei?
— Absolutamente, Madame, absolutamente. Era outra quem dizia coisas lisonjeiras demais e, assim, as minhas palavras terão contrastado com as dela.
— Essa Montalais é tão sem juízo! — disse Madame.
— Não foi Montalais. Montalais, não disse nada, foi La Vallière.
Madame estremeceu como se já não o soubesse.
— Oh! não, não — disse ela — o rei não deve ter ouvido. Aliás, faremos a prova que projetamos.

Mostrai-me o carvalho.
E Madame continuou a caminhar.
— Sabeis onde está? — prosseguiu.
— Infelizmente, sei, Madame.
— E sabereis encontrá-lo?
— De olhos fechados.
— Ótimo; sentareis no banco em que estáveis, no banco em que estava La Vallière e repetireis, no mesmo tom, as mesmas coisas; ficarei escondida na moita para saber se se pode ouvir o que disserdes.
— Sim, Madame.
— E se de fato falastes em tom suficientemente alto para que o rei pudesse ouvir-vos, então...
Atenais pareceu esperar com ansiedade a conclusão da frase começada.
— Então — repetiu Madame com voz entrecortada sem dúvida pela rapidez da marcha — eu vos defenderei...
E estugou ainda mais o passo. De súbito, deteve-se.
— Tenho uma idéia — disse ela.
— Será uma boa idéia, seguramente — respondeu a Srta. de Tonnay-Charente.
— Montalais deve estar tão preocupada quanto vós outras?
— Nem tanto; pois, tendo falado menos, não se comprometeu como nós.
— Mas sempre vos ajudará com uma mentirinha?...
— Oh! Sim, sobretudo sabendo que Madame se digna interessar-se por mim.
— Pois creio ter encontrado a solução, minha filha.
— Que felicidade!
— Direis que todas sabíeis da presença do rei e do Sr. de Saint-Aignan atrás da tal árvore, ou da tal moita, já não sei bem.
— Sim, Madame.
— Pois não vos enganeis, Atenais, Saint-Aignan tem-se gabado de algumas palavras muito lisonjeiras para ele que teríeis pronunciado.
— Oh! Madame, Vossa Alteza bem vê que se pode ouvir — exclamou Atenais — visto que o Sr. de Saint-Aignan ouviu.
Percebendo que dissera uma leviandade, Madame mordeu os lábios.
— Oh! sabeis muito bem como é Saint-Aignan! — disse ela; — a privança do rei o ensandece, e ele fala, fala a torto e a direito; muitas vezes chega a inventar. Nisso, aliás, não reside a questão. O que é preciso saber é se o rei ouviu ou não ouviu.
— Ouviu, Madame! — bradou Atenais desesperada.
— Então, fazei o que eu dizia; sustentai afoitamente que as três, entendestes? as três, porque se duvidarem de uma duvidarão de todas; sustentai, digo eu, que sabíeis da presença do rei e do Sr. de Saint-Aignan, e quisestes divertir-vos à custa dos abelhudos.
— Ah! Madame, à custa do rei! Nunca nos atreveremos a dizer isso!
— Mas é uma brincadeira, brincadeira pura!
Brincadeira inocente, permitida a mulheres que os homens pretendem surpreender. Desse modo tudo se explica. O que Montalais disse de Malicorne, brincadeira; o que dissestes do Sr. de Saint-Aignan, brincadeira; o que La Vallière pode ter dito...
— E que bem quisera engolir de novo...
— Tendes certeza?

— Oh! absoluta!

— Mais uma razão, foi tudo brincadeira; o Sr. de Malicorne não terá motivos para zangar-se. O Sr. de Saint-Aignan será confundido, e todos caçoarão dele em vez de caçoar de vós. Finalmente, o rei será punido pela curiosidade pouco digna de sua posição. Deixai que caçoem um pouco de Sua Majestade nesta circunstância e não creio que ele se queixe disso.

— Ah! Madame, Vossa Alteza é, de fato, um anjo de bondade e inteligência.

— O interesse é meu.

— Como assim?

— Perguntais por que me interessa poupar às minhas damas de honor gracejos, dissabores, calúnias talvez? Infelizmente, minha filha, a corte não tem indulgência com esse gênero de pecadilhos. Mas já faz tempo que caminhamos; ainda falta muito para chegarmos?

— Uns cinqüenta ou sessenta passos. Viremos à esquerda, Madame, por favor.

— Por conseguinte, confiais em Montalais? — perguntou a princesa.

— Oh! sim.

— Ela fará tudo o que quiserdes?

— Tudo. E com imenso prazer.

— E quanto a La Vallière?... — arriscou Henriqueta.

— Essa já será mais difícil, Madame; Luísa não gosta de mentir.

— Entretanto, quando verificar que nisso vai o seu interesse...

— Receio que nem o interesse a persuada.

— Eu sei, eu sei — tornou Madame — já me tinham falado nisso; é uma preciosa, uma dessas presumidas que põem Deus na frente para esconderem-se atrás dele. Mas, se não quiser mentir, ficará exposta às graçolas de toda a corte e irritará o rei por uma confissão tão ridícula quanto indecente; por isso mesmo a Srta. de La Baume Le Blanc de La Vallière achará de bom aviso que eu a mande de volta para as suas pombas, a fim de que lá, na Touraine ou no Blaisois, não sei onde, possa fingir-se à vontade de pastora sentimental.

Essas palavras foram ditas com uma veemência e uma dureza surpreendentes para a Srta. de Tonnay-Charente, que a si mesma prometeu mentir quanto fosse preciso.

Nessas boas disposições chegaram Madame e sua companheira às proximidades do carvalho real.

— Aqui estamos — disse Tonnay-Charente.

— Pois agora veremos se se ouve ou não — respondeu a princesa.

— Psiu! — tornou a rapariga detendo Madame com uma vivacidade muito pouco protocolar.

Henriqueta parou.

— Vossa Alteza bem vê que se ouve — disse Atenais.

— Como assim?

— Escute.

Reteve Madame a respiração e de fato se ouviram estas palavras, ditas por uma voz suave e triste; — Oh! digo-te, visconde, digo-te que a amo desvairadamente; digo-te que morro por ela.

Madame estremeceu e, debaixo do mantelete, um brilho de alegria iluminou-lhe o rosto.

Ela também deteve a companheira e, manso e manso, recuando uns vinte passos, até deixar de ouvir completamente a voz, disse-lhe:

— Ficai aqui, minha querida Atenais, e que ninguém possa surpreender-nos. Penso que falam de vós.

— De mim, Madame?

— De vós, sim... ou melhor, da vossa aventura.

Vou escutar: se o fizéssemos as duas, seríamos descobertas. Ide buscar Montalais e ficai esperando por mim na orla do bosque.

Logo, como Atenais hesitasse:

— Ide! — ordenou a princesa, em tom que não admitia observações.

A menina arregaçou, portanto, as saias barulhentas e, por um atalho que cortava a moita, voltou ao jardim.

Quanto a Madame, acaçapou-se atrás da moita, arrimada a um gigantesco castanheiro, cujo primeiro galho fora cortado à altura de uma cadeira.

E lá, cheia de ansiedade e de medo:

— Vejamos — disse ela — vejamos, visto que daqui se ouve, o que dirá de mim ao Sr. de Bragelonne esse outro louco apaixonado que se chama Conde de Guiché.

Le comte de Guiche.

Capítulo XLV - Em que madame se certifica de que se ouve, escutando, tudo o que se diz

SEGUIU-SE um instante de silêncio, como se todos os ruídos misteriosos da noite se houvessem calado para ouvir ao mesmo tempo que Madame a juvenil e amorosa confidência.

Era a vez de Raul falar.

Encostou-se preguiçosamente no tronco do carvalho grande e respondeu com a voz doce e harmoniosa:

— Ai! meu querido de Guiché, é uma grande desgraça.

— Oh! sim — exclamou este último — bem grande!

— Não me entendes, de Guiché. Digo que te sucede uma grande desgraça, não por amares, mas por não saberes disfarçar o teu amor.

— Como assim? — exclamou de Guiché.

— Sim, não reparas em que já não é ao teu único amigo, ao homem capaz de morrer para não te trair, que confidencias a tua paixão, mas ao primeiro que aparece.

— Ao primeiro que aparece! — bradou de Guiché; — estás louco, Bragelonne?

— Pois assim é.

— Impossível! De que maneira terei cometido tamanha indiscrição?

— Quero dizer, meu amigo, que os teus olhos, os teus gestos, os teus suspiros falam malgrado teu; toda paixão exagerada conduz e arrasta o homem para fora de si mesmo. Esse homem, então, já não se pertence e cede a uma loucura que o leva a contar penas às árvores, aos cavalos, ao ar quando não encontra uma criatura inteligente ao alcance da voz. Ora, meu pobre amigo, lembra-te disso: é muito raro que não haja sempre por aí alguém para ouvir principalmente as coisas que não devem ser ouvidas.

De Guiché soltou um profundo suspiro.

— Vê — continuou Bragelonne; — neste momento sinto pena de ti; desde que voltaste, cem vezes e de cem maneiras diferentes contaste o teu amor; e, ainda que não tivesses dito nada, só o teu regresso seria uma indiscrição terrível.

Concluindo, portanto: se não te observares melhor, mais dia menos dia verificar-se-á uma explosão. Nesse momento, quem te salvará? Dize, responde! Quem a salvará a ela? Pois, por inocente que seja, o teu amor será nas mãos dos seus inimigos uma arma contra ela.

— Meu Deus! — murmurou de Guiché.

E novo e profundíssimo suspiro acompanhou-lhe as palavras.

— Isso não é responder, de Guiché.

— É.

— Pois bem, que respondes?

— Respondo que, nesse dia, meu amigo, não estarei mais morto do que hoje.

— Não compreendo.

— Sim; todas essas alternativas deram cabo de mim. Já não sou uma criatura que pensa, que age; não valho sequer o mais medíocre dos homens; as minhas últimas forças se acabaram, as minhas últimas resoluções se desvaneceram, e eu renuncio à luta. Quando estamos no campo de batalha, como já estivemos, e partimos só à cata de alguma escaramuça, encontrando às vezes um grupo de cinco ou seis salteadores, defendemo-nos; depois, surgem mais seis; exasperados, perseveramos; mas se surgirem outros seis, oito ou dez, picamos de espora o cavalo, se ainda vive, ou deixamo-nos

matar para não fugir. Pois bem: nesse ponto estou eu: primeiro lutei contra mim mesmo; depois, contra Buckingham. Agora, surgiu o rei; não lutarei contra o rei, nem mesmo que me deixasse o campo livre, como também não lutarei contra a índole dessa mulher. Oh! não me iludo: depois de entrar ao serviço desse amor, far-me-ei matar por ele.

— Não é a ela que deves dirigir as tuas censuras — respondeu Raul — é a ti.

— Por quê?

— Naturalmente! Sabendo que a princesa é leviana, grande amante de novidades, sensível à lisonja, ainda que proceda de um cego ou de uma criança, pegas fogo a ponto de te consumires? Contempla a mulher, ama-a; quem quer que não tenha o coração preso a outros laços não pode vê-la sem amá-la. Mas, amando-a embora, respeita nela, primeiro, a posição do marido, depois o próprio marido, e, finalmente, a tua segurança.

— Obrigado, Raul.

— Por quê?

— Porque, vendo-me sofrer por essa mulher, tu me consolas, e dizes todo o bem que pensas dela e talvez até o que não pensas.

— Oh! — acudiu Raul — enganas-te, de Guiché; nem sempre digo o que penso, mas, nessas ocasiões, calo-me; quando falo, porém, não sei fingir nem enganar, e o que me ouvirem pode ser crido.

Durante esse tempo, com o pescoço esticado, ouvidos atentos, olhos dilatados, procurando enxergar na obscuridade, Madame aspirava com avidez o menor sopro coado pelos ramos.

— Oh! Então a conheço melhor do que tu! — bradou de Guiché.

— Ela não é leviana, é frívola; não é amante de novidades, é sem memória e sem fé; não é pura e simplesmente sensível à lisonja, mas requintada e cruelmente sécia. Mortalmente sécia! oh! sim, eu sei. Acredita, Bragelonne, sofro todos os tormentos do inferno; corajoso, apaixonado pelo perigo, encontro um perigo maior do que a minha força e a minha coragem. Mas o fato, Raul, é que me reservo uma vitória que lhe custará muitas lágrimas.

Raul considerou o amigo e, como este, quase sufocado de comoção, apoiasse a cabeça no tronco da árvore.

— Uma vitória! — tornou — qual?

— Qual?

— Sim.

— Um dia, hei de procurá-la; um dia, lhe direi: "Eu era moço, estava ébrio de amor; o meu respeito, porém, era tão grande que eu cairia a vossos pés e aí ficaria, com a testa no chão, se os vossos olhos não me tivessem erguido até a vossa mão. Imaginei compreendê-los, ergui-me, e, sem que eu tivesse feito senão amar-vos ainda mais, se possível, deixastes-me cair, alegremente, por capricho, mulher sem coração, mulher sem fé, mulher sem amor! Não sois digna, embora princesa de sangue real, não sois digna do amor de um homem de bem; e eu castigo-me com a morte por haver-vos amado demais, e morro odiando-vos".

— Oh! — bradou Raul assustado com o acento de profunda verdade que transluzia nas palavras do rapaz — bem disse eu, de Guiché, que eras louco.

— Sim, sim — exclamou de Guiché perseguindo a sua idéia — visto que já não temos guerras aqui, irei para o Norte, pedir serviço ao Império, e algum húngaro, algum croata, algum turco me fará a caridade de uma bala.

De Guiché não terminara, ou melhor, acabara de falar quando um ruído o fez estremecer e pôs Raul incontinenti em pé.

Mas o conde, absorto nas suas palavras e nos seus pensamentos, permaneceu sentado, com a cabeça comprimida entre as mãos.

Afastaram-se os ramos da moita e uma mulher apareceu diante dos dois, pálida, em desordem.

Com uma das mãos, afastava os ramos que lhe teriam fustigado o rosto e, com a outra, erguia o capucho do mantelete que lhe cobria os ombros.

Diante do olhar úmido e resplandecente, diante do entono do gesto soberano e, muito mais do que tudo isso, pelo pulsar do próprio coração, de Guiché, reconheceu Madame, e, desferindo um grito, levou as mãos das têmporas aos olhos.

Trêmulo, desarvorado, Raul girava o chapéu entre as mãos, balbuciando algumas fórmulas vagas de respeito.

— Sr. de Bragelonne — disse a princesa — tende a bondade de ver se as minhas damas não estão por aí, entre as alamedas ou nos quincôncios. E vós, senhor conde, ficai; estou cansada, dar-me-eis o braço.

Se um raio caísse aos pés do desditoso moço, tê-lo-ia aterrado menos do que aquelas palavras frias e severas.

Não obstante, como fosse corajoso, segundo dissera, como acabasse, no íntimo do coração, de tomar as últimas determinações, de Guiché levantou-se e, vendo a hesitação de Bragelonne, dirigiu-lhe um olhar cheio de resignação e de supremo agradecimento.

Em vez de responder no mesmo instante a Madame, deu um passo para o visconde, e, estendendo-lhe a mão que a princesa lhe pedira, apertou a destra lealíssima do amigo com um suspiro, em que parecia dar à amizade quanto lhe restava de vida no coração.

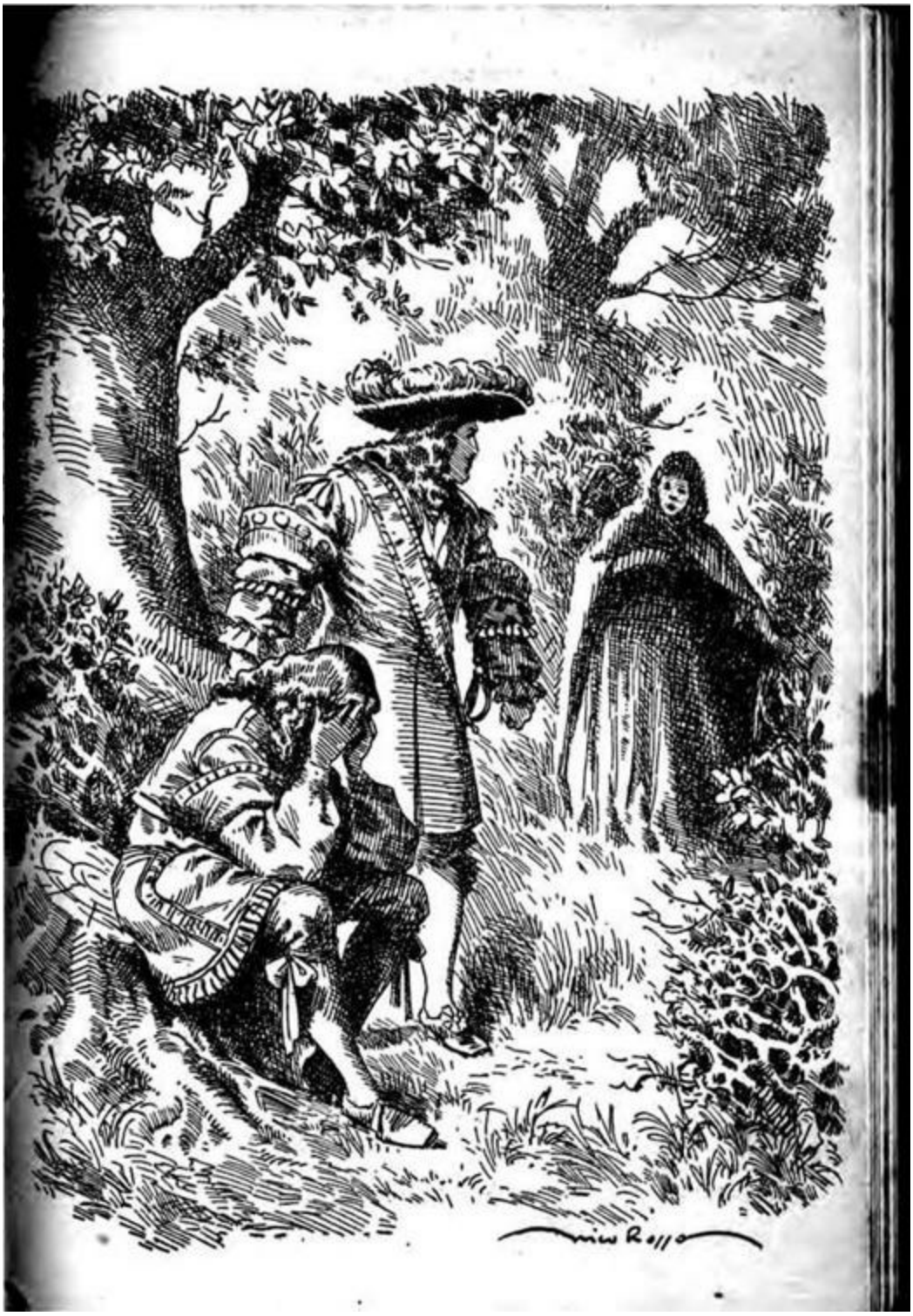
A despeito da sua sobranceria, a despeito de não saber esperar, Madame esperou que se concluísse o mudo colóquio.

Sua mão, sua mão real ficou suspensa no ar e, quando Raul partiu, recaiu sem cólera, mas não sem comoção, na mão de de Guiché.

Estavam sós no meio da floresta escura e muda, onde só se ouviam os passos de Raul, que se afastava com precipitação pelos atalhos umbrosos.

Sobre eles estendia-se a abóbada espessa e odorante da folhagem da floresta, através de cujas frinchas se viam brilhar, aqui e ali, algumas estrelas.

Madame conduziu suavemente de Guiché a uma centena de jardas de distância da árvore indiscreta que ouvira "e deixara ouvir tanta coisa naquela noite e, levando-o para uma clareira vizinha que lhe permitia ver em torno de si:



— Trago-vos aqui — disse ela fremente — porque onde estávamos todas as palavras se ouvem.
— Todas as palavras se ouvem, dizeis vós, Madame? — repetiu maquinalmente o rapaz.
— Sim.
— O que quer isso dizer? — murmurou de Guiché.
— Quer dizer que ouvi tudo o que dissestes.
— Oh! meu Deus! meu Deus! só me faltava isso! — balbuciou de Guiché.
E abaixou a cabeça, como o nadador cansado sob a onda que o engole.
— Por conseguinte — disse ela — pensais de mim o que acabastes de dizer?
De Guiché empalideceu, virou a cabeça e não respondeu; sentia-se prestes a desmaiar.
— Está muito bem — continuou a princesa com voz cheia de doçura; — prefiro essa franqueza que me magoa a uma lisonja que me enganasse.

Seja! a vosso parecer, portanto, Sr. de Guiché, sou sécia e vil.

— Vil! — bradou o moço — vil? Eu decerto não disse isso, não posso ter dito que fosse vil o que há no mundo de mais precioso para mim! Não, não, não é possível!

— Uma mulher que vê perecer um homem consumido pelo fogo que ela mesma ateou e não extingue esse fogo é, a meu ver, uma mulher vil.

— Oh! que vos importa o que eu disse? — tornou o conde — quem sou eu, meu Deus! ao pé de vós, e como poderá sequer interessar-vos a minha existência?

— Sr. de Guiché, sois homem como eu sou mulher, e conhecendo-vos como vos conheço, não quero expor-vos à morte; mudarei convosco de procedimento e de caráter. Serei, não franca, que sempre o fui, mas verdadeira. Suplico-vos, portanto, senhor conde: não continueis a amar-me e esquecei que vos dirigi, alguma vez, uma palavra ou um olhar.

De Guiché voltou-se, cobrindo Madame com o olhar apaixonado.

— Vós — disse ele — vós vos desculpais, vós me suplicais!

— Sem dúvida; já que fiz o mal, devo repará-lo.

Portanto, senhor conde, está combinado. Perdoareis a minha frivolidade, a minha garridice. Não me interrompais. Em troca vos perdoarei o me haverdes chamado frívola e sécia, ou coisa pior; renunciareis à idéia de morte e conservareis para a vossa família, para o rei e para as damas um cavaleiro que todos estimam e a que muitos querem bem.

Madame pronunciou as últimas palavras com tamanho acento de franqueza e até de ternura, que o coração do rapaz pareceu a ponto de saltar-lhe do peito.

— Oh! Madame, Madame!... — balbuciou.

— Não terminei — prosseguiu ela. — Quando houverdes renunciado a mim, primeiro por necessidade, e depois para atender ao meu pedido, sabereis julgar-me melhor, e tenho certeza de que substituireis esse amor, perdão, essa loucura, por uma amizade sincera que vireis oferecer-me, e que prometo aceitar cordialmente.

Com o suor na fronte, a morte no coração, um calafrio nas veias, de Guiché mordia os lábios, batia com os pés no chão, numa palavra, devorava todos os seus sofrimentos.

— Madame — disse ele — o que me ofereceis é impossível, e eu não posso aceitá-lo.

— Como! — tornou Madame — recusais a minha amizade?...

— Não! não! amizade, não! Madame! Prefiro morrer de amor a viver de amizade.

— Senhor conde!

— Oh! Madame — exclamou de Guiché — cheguei ao momento supremo em que já não há lugar para outra consideração, para outro respeito que a consideração e o respeito de um homem de bem para com uma mulher adorada. Expulsai-me, maldizei-me, denunciai-me, e sereis justa; queixei-me de vós, embora só me queixasse tão amargamente porque vos amo; afirmei que ia morrer, morrerei; vivo, vós me esquecereis; morto, tenho certeza de que vos lembrareis de mim.

Mas ela, que continuava em pé e meditava, tão agitada quanto ele, virou rapidamente a cabeça, como o rapaz, pouco antes, virava a dele.

E, após um silêncio:

— Amais-me tanto assim? — perguntou.

— Perdidamente! A ponto de morrer, como dissestes. A ponto de morrer, ainda que me escuteis, ainda que continueis a ouvir-me.

— Então, é um mal sem esperança — disse ela com ar jovial; — um mal que convém tratar com lenitivos. Dai-me a vossa mão... Está gelada!

Ajoelhou-se de Guiché, colando a boca nas duas mãos ardentes de Madame.

— Amai-me, então — disse a princesa — visto que não pode ser de outro modo.

Allons, aimez-moi donc, dit la princesse, puisqu'il ne saurait en être autrement. (Page 214.)

E apertou-lhe os dedos quase imperceptivelmente, erguendo-o, em parte como o faria uma rainha, e em parte como o faria uma amante.

O corpo inteiro de de Guiché estremeceu.

Madame sentiu o frêmito percorrer as veias do rapaz, e compreendeu que era verdadeiro aquele amor.

— O vosso braço, conde, e voltemos.

— Ah!

Madame — disse-lhe o conde cambaleante, deslumbrado, com uma nuvem de fogo nos olhos. — Descobristes um terceiro método para matar-me.

— Mas, felizmente, mais longo, não é verdade? — replicou ela. E arrastou-o para o quincôncio.

Capítulo XLVI - A correspondência de Aramis

O PASSO que o caso de de Guiché, consertado de improviso sem que ele pudesse atinar com a causa do conserto, assumia o feitio inesperado que lhe observamos, Raul compreendendo o convite de Madame, afastara-se para não perturbar a explicação cujos resultados estava longe de adivinhar, e fora ter com as damas de honor espalhadas pelo jardim.

Nesse comenos, tendo voltado ao seu apartamento, o Cavaleiro de Lorena lia com surpresa a carta de de Wardes, que lhe contava pela mão do criado grave a espadeirada recebida em Calais e todas as minúcias da aventura, sugerindo que se comunicasse a de Guiché e a Monsieur tudo o que, nesse acontecimento, pudesse ser particularmente desagradável a cada um deles.

De Wardes insistia sobretudo na violência do amor de Buckingham a Madame, e rematava a carta afirmando que supunha retribuída essa paixão.

À leitura do último parágrafo, o cavaleiro deu de ombros; de Wardes, como vimos, estava realmente atrasado.

Ainda estava em Buckingham.

O cavaleiro atirou o papel por cima do ombro sobre a mesa mais próxima e, em tom desdenhoso:

— Em realidade — disse ele — é incrível; no entanto, o pobre de Wardes era um rapaz inteligente; mas parece que perdeu o espírito; como a gente se bestifica depressa na província! O diabo carregue o babaquara, que devia escrever-me coisas importantes e só me escreve bobagens! Em lugar desta carta ordinaríssima que nada significa, eu teria encontrado lá embaixo, nos quincôncios, uma intrigazinha capaz de comprometer uma mulher, ou de redundar numa estocada para um homem, que divertiria Monsieur durante três dias.

Consultou o relógio.

— Agora, já é muito tarde. Uma hora da manhã: toda a gente deve estar nos salões do rei, onde terminará a noitada; vamos, perdi a pista, e a não ser um acaso extraordinário...

E, dizendo isso, como se quisesse invocar a sua boa estrela, abeirou-se, despeitado, da janela, que dava para um trecho ermo do jardim.

Logo, como se um gênio mau estivesse às suas ordens, avistou, voltando para o castelo em companhia de um homem, um mantelete escuro de seda, e reconheceu o porte que o impressionara meia hora antes.

— Oh! meu Deus! — pensou, batendo palmas — Deus me dane! como diz o nosso amigo Buckingham, aí está o meu mistério.

E precipitou-se escada abaixo na esperança de chegar ao pátio a tempo de reconhecer a mulher do mantelete e o companheiro.

Ao chegar; contudo, à porta do pátio de serviço, quase encontrou Madame, cujo rosto radiante surgia repleto de encantadoras revelações debaixo do agasalho que a abrigava mas não a escondia.

Infelizmente, Madame estava só.

Compreendeu o cavaleiro que, tendo-a visto, não fazia cinco minutos, em companhia de um gentil-homem, este não poderia estar muito longe.

Em conseqüência, perdeu apenas o tempo necessário para cumprimentar a princesa, arredando-se a fim de deixá-la passar; e depois que ela deu alguns passos com a rapidez da mulher que teme ser reconhecida, tão preocupada consigo mesmo que não poderia ocupar-se dele, correu ao jardim,

olhando rapidamente para todos os lados e abarcando com o olhar a maior extensão possível de horizonte.

Chegava a tempo: o gentil-homem que acompanhara Madame ainda estava ao alcance de sua vista; adiantava-se, porém, para uma das alas do castelo, atrás da qual desapareceria.

Não havia um minuto para perder; atirou-se-lhe no encalço, pensando em moderar o passo antes de alcançá-lo; mas, por mais que se apressasse, o desconhecido virou a esquina antes dele.

Entretanto, como o objeto da perseguição caminhasse evidentemente devagar, pensativo, com a cabeça inclinada sob o peso da tristeza ou da felicidade, depois de virar a esquina, a não ser que entrasse por uma porta qualquer, o cavaleiro não poderia deixar de alcançá-lo.

E isso teria sem dúvida acontecido se, ao fazê-lo, o cavaleiro não se atirasse sobre duas pessoas que vinham em sentido contrário.

Já se dispunha a destratá-las quando, erguendo a cabeça, reconheceu o senhor superintendente.

Fouquet vinha acompanhado de uma pessoa que o cavaleiro via pela primeira vez.

Essa pessoa era Sua Grandeza o bispo de Vannes.

Detido pela importância do personagem e forçado pelas conveniências a pedir desculpas quando esperava recebê-las, o cavaleiro deu um passo para trás; e como o Sr. Fouquet granjeara se não a amizade pelo menos os respeitos de todos; como o próprio rei, embora fosse mais seu inimigo que amigo, o tratasse como um homem importantíssimo, o cavaleiro fez o que faria o rei, cumprimentou o Sr. Fouquet, que o saudara com benévola polidez, ao ver que o fidalgo o atropelara sem querer.

Depois, quase imediatamente, reconhecendo o Cavaleiro de Lorena, fez-lhe alguns cumprimentos, a que o outro foi obrigado a responder.

Por mais curto que fosse o diálogo, viu o Cavaleiro de Lorena, com mortal desprazer, o desconhecido perder-se e desaparecer na sombra, a pouco e pouco.

Resignou-se o cavaleiro e, resignado, ocupou-se inteiramente do Sr. Fouquet, — Ah! senhor — disse ele — chegais muito tarde.

Comentou-se muito aqui a vossa ausência, e ouvi Monsieur espantar-se de que, tendo sido convidado pelo rei, ainda não tivésseis aparecido.

— Não me foi possível, senhor, e, assim que pude, corri para cá.

— Paris está em ordem?

— Perfeitamente. Paris recebeu muito bem o último imposto.

— Ah! compreendo agora que tenhais querido certificar-vos das boas disposições dos parisienses antes de participar das nossas festas.

— Nem por isso chego menos tarde. Desejo, portanto, senhor, perguntar-vos se o rei está no jardim ou no castelo, e se poderei vê-lo esta noite ou deverei esperar até amanhã.

— Perdemos vista do rei há cerca de meia hora — respondeu o cavaleiro.

— Estará talvez nos aposentos de Madame? — perguntou Fouquet.

— Não creio que esteja, pois acabo de encontrar Madame entrando pela escada de serviço; e, a menos que o gentil-homem com o qual vos cruzastes há pouco fosse o rei em pessoa...

E o cavaleiro se deteve, esperando saber assim o nome do vulto que perseguira.

Mas Fouquet, tivesse ou não reconhecido de Guiché, contentou-se de responder:

— Não, senhor, não era ele.

Decepcionado, o cavaleiro cumprimentou; mas, enquanto cumprimentava, tendo relanceado um derradeiro olhar à sua volta e avistando o Sr. Colbert no meio de um grupo:

— Pronto, senhor — disse ele ao superintendente — lá, embaixo das árvores, está alguém que poderá informar-vos melhor do que eu.

— Quem? — perguntou Fouquet, cuja vista fraca não penetrava as sombras.
— O Sr. Colbert — respondeu o cavaleiro.
— Ah! muito bem. A pessoa que está falando com aqueles tocheiros é o Sr. Colbert?
— É ele mesmo. Está dando as ordens para amanhã aos encarregados da iluminação.
— Obrigado, senhor.
E Fouquet fez um movimento com a cabeça como a dizer que já sabia o que desejava saber.
O cavaleiro, que, pelo contrário, não soubera nada, retirou-se depois de profunda reverência.
Assim que ele se afastou, Fouquet, carregando o cenho, perdeu-se em muda cisma.
Aramis considerou-o por um instante com uma espécie de tristeza penalizada.
— Então — disse-lhe — o simples nome dessa criatura vos comoveu. Como! o homem triunfante e alegre de há pouco ensombra-se ao aspecto desse medíocre fantasma! Vejamos, senhor, não acreditais na vossa fortuna?
— Não — respondeu tristemente Fouquet.
— Por quê?
— Porque sou demasiado feliz neste momento — replicou, com voz trêmula. — Ah! meu caro d'Herblay, vós que sois tão sábio, deveis conhecer a história de certo tirano de Samos. Que posso eu lançar ao mar para afastar a desgraça que há de vir? Repito-o, meu amigo, sou demasiado feliz! tão feliz que não desejo mais nada além do que tenho... Subi tão alto... Conheceis a minha divisa: *QUO non ascendam.* Subi tão alto, que agora só posso descer. Não acredito, portanto, no progresso de uma fortuna que já é mais do que humana.
Aramis sorriu, fitando em Fouquet o olhar carinhoso e inteligente.
— Se eu vos conhecesse a felicidade — disse ele — recearia talvez a vossa desgraça; mas vós me julgais como verdadeiro amigo, isto é, achais que presto apenas para o infortúnio. Sei que isso já é imenso e precioso; em verdade, porém, tenho o direito de pedir-vos que me confieis de quando em quando as coisas felizes que vos sucedem e das quais participarei, como sabeis, mais que daquelas que a mim mesmo sucedessem.
— Meu caro prelado — disse, rindo, Fouquet — os meus segredos são demasiado profanos para que eu os confie a um bispo, por mundano que seja.
— Oral em confissão?
— Eu coraria muito se fosseis meu confessor. E Fouquet pôs-se a suspirar.
Aramis limitou-se a considerá-lo com um sorriso.
— Sim — murmurou — grande virtude é a discrição.
— Silêncio! — disse Fouquet. — Aí vem o animal peçonhento que me reconheceu e que se aproxima de nós.
— Colbert?
— Afastai-vos, meu caro d'Herblay; não quero que esse fâmulo vos veja comigo; ele passaria a odiar-vos.
Aramis apertou-lhe a mão.
— Que precisão tenho eu da amizade dele? — respondeu; — não estais aqui?
— Mas pode dar-se que eu não esteja sempre — tornou, melancólico, Fouquet.
— Nesse dia, se esse dia raiar alguma vez — volveu tranqüilamente Aramis — optaremos entre dispensar a amizade e desafiar a inimizade do Sr. Colbert. Mas dizei-me, caro Sr. Fouquet, em vez de conversar com esse fâmulo, como lhe fazeis a honra de chamar-lhe, conversação cuja utilidade não percebo, por que não ides ter, senão com o rei, pelo menos com Madame?
— Com Madame? — repetiu o superintendente distraído pelas suas lembranças.

— Deveis estar lembrado — continuou Aramis — de que fomos inteirados do grande favor de que goza Madame de uns dois ou três dias a esta parte. Creio que entra em vossa política e em nossos planos uma corte assídua às amigas de Sua Majestade. É o meio de contrarrestar a autoridade crescente do Sr. Colbert. Procurai, portanto, Madame quanto antes e conquistai-a por aliada.

— Mas — obtemperou Fouquet — tendes certeza de que é realmente nela que estão fitos os olhos do rei?

— Se a agulha virou, só pode ter virado depois de hoje cedo. Sabeis que tenho a minha polícia.

— Irei agora mesmo e, seja como fôr, levarei a minha carta de apresentação: um magnífico par de camafeus antigos engastados em brilhantes.

— Já os vi; não há mimo mais rico nem mais real.

Interrompeu-os nesse momento um lacaio que escoltava um correio.

— Para o senhor superintendente — anunciou em voz alta o correio, apresentando uma carta a Fouquet.

— Para Monsenhor Bispo de Vannes — disse em voz baixa o lacaio, entregando uma carta a Aramis.

E, como o lacaio trouxesse uma tocha, colocou-se entre o superintendente e o bispo, a fim de que os dois pudessem ler ao mesmo tempo.

Ao aspecto da letra miúda e apertada do sobrescrito, Fouquet estremeceu de alegria; somente os que amam ou já amaram lhe compreenderão, primeiro o desassossego e, depois, a felicidade.

Abriu rapidamente a carta, que continha apenas estas palavras:

"Faz um hora que te deixei, faz um século que não te digo: eu te amo".

Mais nada.

Fazia uma hora, com efeito, que a Sra. de Bellière se despedira de Fouquet depois de haver passado dois dias com ele. E, receosa de que a sua lembrança não se demorasse muito tempo no coração cuja falta já sentia, mandava-lhe o portador da importante missiva.

Fouquet beijou a carta e pagou-a com um punhado de ouro. De seu lado, como dissemos, lia Aramis com mais frieza e reflexão, o seguinte bilhete:

"O rei recebeu esta noite um golpe estranho: é amado. Soube-o por acaso, surpreendendo a conversação de uma menina com as companheiras, de sorte que está inteiramente voltado para esse novo capricho. Chama-se ela Srta. de La Vallière e a sua beleza é assaz medíocre, de modo que esse capricho dificilmente se converterá em grande paixão. "Cuidado com a Srta. de La Vaillière!"

Nem uma palavra sobre Madame. Aramis tornou a dobrar o bilhete e pô-lo no bolso. Quanto a Fouquet, não se cansava de aspirar os perfumes da sua carta.

— Monsenhor! — disse Aramis tocando o braço de Fouquet.

— Hein? — perguntou o interpelado.

— Tive uma idéia. Conheceis alguma menina que se chame La Vallière?

— Que eu saiba, não.

— Procurai bem.

— Ah! sim, creio que é dama de honor de Madame.
— Deve ser isso.
— Muito bem, e depois?
— Depois, monsenhor, é ela que deveis visitar esta noite.
— Como?
— E, além disso, é a ela que deveis dar os vossos camafeus.
— Ora, essa!
— Sabeis, monsenhor, que sou de bom conselho.
— Mas esse imprevisto...
— Isso é comigo. Uma corte em regra, depressa, à pequena La Vallière, monsenhor. Afiançarei à Sra. de Beüière que se trata de uma corte inteiramente política.
— Que *dizeis, meu amigo?* — exclamou, vivamente, Fouquet.
— Que nome pronunciastes?
— Um nome que deve provar-vos, senhor superintendente, que, bem informado em vosso benefício, também posso estar bem informado em benefício alheio. Cortejai a pequena La Vallière.
— Cortejarei quem quiserdes — respondeu Fouquet com o paraíso no coração.
— Vamos, vamos, descei novamente à terra, viajor do sétimo céu — disse Aramis; — aí vem o Sr. Colbert. Oh! andou recrutando gente enquanto estivemos lendo; vem cercado, louvado, cumprimentado; decididamente, é uma potência.
Com efeito, Colbert se adiantava escoltado por todos os cortesãos que ainda se achavam no jardim, e cada qual lhe fazia, sobre a organização da festa, cumprimentos que o deixavam inchado a ponto de arrebentar.
— Se La Fontaine estivesse aqui — disse, sorrindo, Fouquet — que bela ocasião para recitar-lhe a fábula da *Rã que queria ficar do tamanho do Boi*.
Colbert chegou num círculo refulgente de luz; Fouquet esperava-o impassível e levemente escarninho.
Colbert sorria-lhe também; fazia quase um quarto de hora que vira o inimigo e aproximava-se tortuosamente.
O sorriso de Colbert pressagiava hostilidade.
— Oh! oh! — disse Aramis baixinho ao superintendente — o safardana vai pedir-vos ainda alguns milhões para pagar os seus fogos de artifício e os seus vidros coloridos.
Colbert dirigiu-lhe um cumprimento que buscava tornar respeitoso.
Fouquet mal lho retribuiu.
— Então, monsenhor — perguntou Colbert — que dizem os vossos olhos? Tivemos bom gosto?
— Um gosto perfeito — respondeu Fouquet, sem que se lhe pudesse notar nas palavras a menor intenção de mofa.
— Oh! — volveu Colbert, maldoso — estais sendo indulgente... Nós, os do rei, somos pobres, e Fontainebleau não pode comparar-se a Vaux.
— É verdade — retrucou, fleumático, Fouquet, que dominava todos os atores da cena.
— Que quereis, monsenhor! — continuou Colbert — fizemos o possível dentro de nossos parcos recursos!
Fouquet assentiu com o gesto.
— Mas — prosseguiu Colbert — seria digno de vossa magnificência, monsenhor, oferecer a Sua Majestade uma festa nos vossos maravilhosos jardins... nos jardins que vos custaram sessenta milhões.

— Setenta e dois — corrigiu Fouquet.

— Mais uma razão — tornou Colbert. — Haveria de ser um deslumbramento! — Acreditais, senhor — perguntou Fouquet — que Sua Majestade se digne aceitar-me o convite?

— Não tenho dúvida nenhuma — exclamou vivamente Colbert — e comprometo-me a consegui-lo.

— Sois muito amável — acudiu Fouquet. — Posso, então, contar com isso?

— Pode, monsenhor, naturalmente.

— Então, vou pensar — respondeu Fouquet.

— Aceitai, aceitai — disse baixinho e vivamente Aramis.

— Pensar? — repetiu Colbert.

— Sim — retorquiu Fouquet — pensar no dia em que poderei fazer o convite ao rei.

— Oh! hoje mesmo, monsenhor, hoje mesmo.

— Combinado — declarou o superintendente. — Senhores, eu quisera convidar-vos; mas sabeis que, aonde quer que vá, o rei está em sua casa; Sua Majestade, portanto, fará os convites.

Ergueu-se do grupo um rumor alegre. Fouquet cumprimentou e afastou-se.

— Miserável orgulhoso! — disse Colbert — aceitas e sabes que isso te custará dez milhões.

— Arruinastes-me — disse baixinho Fouquet a Aramis.

— Salvei-vos — replicou este último, ao passo que Fouquet subia a escada e mandava saber se o rei ainda podia recebê-lo.

— Oui, répondit Fouquet, pour savoir quel jour je pourrai faire mon invitation au roi.

Capítulo XLVII - O administrador

DESEJOSO de ficar a sós consigo para estudar o que se passava no próprio coração, recolhera o rei aos seus aposentos, onde o Sr. de Saint-Aignan fora ter com ele após a conversação com Madame que já referimos.

Orgulhoso de sua dupla importância e sentindo que, havia duas horas, fora elevado à categoria de confidente real, o favorito começava, embora respeitoso, a tratar com certa superioridade os negócios da corte e, do ponto em que se colocara, ou melhor, em que o colocara o acaso, só via amor e grinaldas à sua volta.

O amor do rei a Madame, o de Madame ao rei, o de de Guiché a Madame, o de La Vallière ao rei, o de Malicorne a Montalais, o cia Srta. de Tonnay-Charente a ele, Saint-Aignan, não bastariam realmente a virar a cabeça de um cortesão?

Ora, Saint-Aignan era o modelo dos cortesãos passados, presentes e futuros.

De resto, mostrou-se tão bom narrador e observador tão sutil, que o rei o ouviu com sumo interesse, sobretudo quando se referiu à veemência com que Madame lhe pedira informações sobre os negócios da Srta. de La Vallière.

Ainda que a princesa já não dissesse mais nada ao coração do rei, o ardor com que ela buscara tais informes não podia menos de exaltar-lhe o amor-próprio. Sua Majestade experimentou, portanto, essa satisfação, mas nada mais e o seu coração não cogitou sequer do que Madame poderia ou não pensar da aventura.

Mas, quando Saint-Aignan terminou, o rei, que já se preparava para deitar-se, perguntou:

— Agora, Saint-Aignan, sabes quem é a Srta. de La Vallière, não sabes?

— Não somente quem é, mas também quem será.

— Que queres dizer?

— Quero dizer que ela é tudo o que uma mulher pode desejar ser, isto é, amada de Vossa Majestade; e será tudo o que a Vossa Majestade quiser que seja.

— Não é isso o que pergunto... Não quero saber o que ela é hoje nem o que será amanhã: tu o disseste, isso é comigo; mas quero saber o que era ontem. Repete-me o que dizem dela.

— Dizem que é casta.

— Oh! — exclamou o rei corando — são boatos.

— Muito raros na corte, Sire; por isso merecem mais crédito ainda.

— Talvez tenhas razão, meu caro... De boa família?

— Muito boa: filha do Marquês de La Vallière e enteada daquele excelente Sr. de Saint-Remy.

— Ah! sim, o mordomo de minha tia... Lembro-me disso e agora me recordo: eu a vi em Blois, quando foi apresentada às rainhas. Lamento não lhe haver prestado, naquele momento, a atenção que ela merecia.

— Oh! Sire, Vossa Majestade saberá recuperar o tempo perdido.

— E, segundo consta, a Srta. de La Vallière não tem amante?

— Pelo menos não creio que Vossa Majestade deva temer rivalidades.

— Espera, espera — exclamou o rei de improviso, em tom muito sério.

— Que foi, Sire?

— Agora me lembro.

— Ah!

— Se ela não tem amante, tem noivo.
— Noivo!
— Como! não sabes disso, conde?
— Não.
— Tu, o homem das novidades!
— Vossa Majestade me escusará. E el-rei conhece o noivo?
— Pudera! o pai dele veio pedir-me que assinasse o contrato: é...
Luís, sem dúvida, ia pronunciar o nome do Visconde de Bragelonne, quando se deteve com sobrecenho.
— É?... — repetiu Saint-Aignan.
— Já não me recordo — respondeu o rei, tentando esconder a emoção, que disfarçava com dificuldade.
— Posso ajudar Vossa Majestade? — perguntou o Conde de Saint-Aignan.
— Não; pois já nem sei de quem desejava falar; lembro-me, porém muito vagamente, de que uma das damas de honor devia casar com... esquece-me o nome.
— Seria, porventura, a Srta. de Tonnay-Charente? — perguntou Saint-Aignan.
— Talvez — respondeu o rei.
— O futuro, nesse caso, era o Sr. de Montespan; mas creio que a Srta. de Tonnay-Charente não se referiu a ele de modo que afugentasse outros pretendentes.
— Enfim — disse o rei — ignoro tudo ou quase tudo sobre a Srta. de La Vallière. Saint-Aignan, ficas encarregado de colher informações sobre ela.
— Perfeitamente, Sire, e quando terei a honra de rever Vossa Majestade para fornecer-lhas?
— Quando as tiveres colhido.
— Logo as terei, se as puder obter tão depressa quanto o meu desejo de rever o rei.
— Bem falado! A propósito, Madame não disse nada contra a pobre menina?
— Nada, Sire.
— Nem ficou zangada?
— Não sei; sei apenas que não parou de rir.
— Muito bem; mas parece-me ter ouvido rumores nas antecâmaras; vêm anunciar-me, com certeza, algum correio.
— Com efeito, Sire.
— Informa-te, Saint-Aignan.
O conde correu para a porta e trocou algumas palavras com o contínuo.
— Sire — anunciou, voltando — é o Sr. Fouquet que acaba de chegar, por ordem do rei, diz ele.
Apresentou-se, mas o adiantado da hora faz que nem sequer insista em obter audiência esta noite; contenta-se de anunciar a sua presença.
— O Sr. Fouquet! Escrevi-lhe às três horas dizendo-lhe que estivesse em Fontainebleau amanhã cedo; ele chega às duas da madrugada, já é ser zeloso! — exclamou o rei radiante por se ver tão bem obedecido. — Pois, muito pelo contrário, o Sr. Fouquet terá a sua audiência.
Mandei chamá-lo, vou recebê-lo. Faze que o introduzam. E tu, conde, às informações, e até amanhã!
O rei ergueu um dedo à altura dos lábios e Saint-Aignan abalou exultante, ordenando ao contínuo que introduzisse o Sr. Fouquet.
Entrou Fouquet no aposento real e Luís XIV levantou-se para recebê-lo.
— Boa noite, Sr. Fouquet — disse o rei com amável sorriso. — Felicito-vos pela pontualidade; o

meu recado, entretanto, deve ter-vos chegado tarde?

— Às nove da noite, Sire.

— Trabalhastes muito ultimamente, Sr. Fouquet, pois asseguraram-me que faz três ou quatro dias que não deixais o vosso gabinete de Saint-Mandé.

— Encerrei-me, de fato, Sire, por três dias — replicou Fouquet, inclinando-se.

— Sabeis, Sr. Fouquet, que eu tinha muitas coisas para dizer-vos? — continuou o rei com o seu ar mais afável.

— Vossa Majestade me confunde, e já que é tão bom para mim, permita-me recordar-lhe uma promessa de audiência que me fez.

— Ah! sim, para um prelado qualquer que se julga na obrigação de agradecer-me, não é isso?

— Precisamente, Sire. A hora é talvez mal escolhida, mas o tempo dele é precioso, e como Fontainebleau fica no caminho de sua diocese...

— Mas quem é?

— O último bispo de Vannes, a quem Vossa Majestade, a pedido meu, deu posse há três meses.

— É possível — disse o rei, que assinara sem ler — e ele está aí?

— Está, Sire; Vannes é uma diocese importante: as ovelhas desse pastor têm necessidade de sua palavra divina; são selvagens que necessitam permanentemente de polimento e instrução, e o Sr. d'Herblay não tem quem se lhe compare nessa casta de missões.

— O Sr. d'Herblay! — disse o rei, vasculhando a memória, como se o nome, ouvido havia muito tempo, não lhe fosse desconhecido.

— Oh! — acudiu com vivacidade Fouquet — Vossa Majestade não conhece o nome obscuro de um de seus mais fiéis e preciosos servidores?

— Confesso que não... E ele quer voltar para a sua diocese?

— Recebeu hoje umas cartas que talvez o obriguem a partir; de sorte que, antes de se pôr a caminho para o país perdido que se chama Bretanha, desejaria apresentar os seus respeitos a Vossa Majestade.

— E está esperando?

— Está aí, Sire.

— Mandai-o entrar.

Fouquet fez sinal ao contínuo, que esperava atrás do reposteiro. Abriu-se a porta, Aramis entrou.

Esperou el-rei que ele cumprimentasse, cravando um longo olhar sobre aquela fisionomia inesquecível para quem a tivesse visto uma vez.

— Vannes! — disse o monarca — sois bispo de Vannes, senhor?

— Sou, Majestade.

— Vannes fica na Bretanha? Aramis inclinou-se.

— Perto do mar?

Aramis tornou a inclinar-se.

— A algumas léguas de Belle-Isle?

— Sim, Majestade — respondeu Aramis; — a seis léguas, se não me engano.

— Seis léguas é um passo — tornou Luís XIV.

— Não para nós outros, pobres bretões, Sire — disse Aramis; — seis léguas, pelo contrário, é uma distância, quando são seis léguas de terras; e é uma imensidade, quando são seis léguas de mar. Ora, como tive a honra de dizer, contam-se seis léguas de mar do rio a Belle-Isle.

— Dizem que o Sr. Fouquet tem lá uma casa lindíssima — observou o rei.

— Dizem, com efeito, Sire — respondeu Aramis considerando plácidamente Fouquet.

— Como, dizem? — exclamou o rei.
— Sim, Sire.
— Confesso, Sr. Fouquet, que uma coisa me espanta.
— Qual?
— Tendes à testa de vossas paróquias um homem como o Sr. d'Herblay, e ainda não lhe mostrastes Belle-Isle?
— Oh! Sire — replicou o bispo sem dar a Fouquet tempo de responder — nós, pobres prelados bretões, não costumamos sair de nossas dioceses.
— Sr. de Vannes — disse o rei — castigarei o Sr. Fouquet pela sua negligência.
— Como assim, Sire?
— Vou modificar-vos.
Fouquet mordeu os lábios, Aramis sorriu.
— Quanto rende Vannes? — continuou o rei.
— Seis mil libras, Sire — retorquiu Aramis.
— Ah! meu Deus! Tão pouca coisa! Tendes posses, Sr. de Vannes?
— Não tenho nada, Sire; mas o Sr. Fouquet me dá mil e duzentas libras por ano pela sua capela privativa.
— Vamos, vamos, Sr. d'Herblay, prometo-vos coisa melhor.
— Sire...
— Pensarei em vós. Aramis inclinou-se.
De seu lado, o rei cumprimentou-o quase respeitosamente, como, aliás, cumprimentava sempre as mulheres e os sacerdotes.
Compreendeu Aramis que a audiência terminara; despediu-se com uma frase das mais singelas, verdadeira frase de pastor campônio, e desapareceu.
— Eis aí uma figura notável — disse o rei seguindo-o com os olhos enquanto pôde vê-lo e, de certo modo, até depois de perdê-lo de vista.
— Sire — respondeu Fouquet — se esse bispo tivesse maiores estudos, nenhum prelado do reino faria jus, como ele, às primeiras distinções.
— Ele não tem os estudos regulares?
— Trocou a espada pela batina, e já um pouco tarde. Mas não importa, se Vossa Majestade me permite recordar-lhe o Sr. de Vannes oportunamente...
— É um favor que me fareis. Mas antes disso, falemos de vós, Sr. Fouquet.
— De mim, Sire?
— Sim, tenho mil cumprimentos para fazer-vos.
— Pois, em verdade, não sei exprimir a Vossa Majestade a alegria que sinto.
— Compreendo, Sr. Fouquet. Já estive prevenido contra vós.
— Eu era então muito infeliz, Sire.
— Mas isso passou. Não percebestes nada?...
— Percebi, Sire; mas esperava com resignação o dia da verdade.
— Ah! sabíeis haver incorrido no meu desagrado?
— Sabia, Sire.
— E sabíeis por quê?
— Perfeitamente; o rei julgava-me um dilapidador.
— Oh! não.
— Ou antes, um administrador medíocre. Enfim, cuidava Vossa Majestade que, se os povos não

tivessem dinheiro, o rei também não o teria.
— Sim, acreditei nisso; mas já me desenganei.
Inclinou-se Fouquet.
— E nenhuma rebelião, nenhuma queixa?
— É muito dinheiro.
— O fato é que fostes pródigo comigo no mês passado.
— Ainda tenho mais, não só para todas as necessidades, senão para todos os caprichos de Vossa Majestade!
— Mercê de Deus! Sr. Fouquet — replicou o rei em tom sério — não vos porei à prova. Nestes dois meses não quero pedir-vos nada.
— Aproveitá-los-ei para ajuntar cinco ou seis milhões que lhe servirão de primeiros fundos em caso de guerra.
— Cinco ou seis milhões!
— Apenas para a casa de Vossa Majestade, bem entendido.
— Acreditais em guerra, Sr. Fouquet?
— Acredito que, se Deus concedeu à águia um bico e duas garras, ela deve utilizá-las para demonstrar a própria realeza.
O rei corou de prazer.
— Gastamos muito nestes últimos dias, Sr. Fouquet; não me ralhareis?
— Sire, Vossa Majestade ainda tem vinte anos de mocidade e um bilhão para gastar.
— Um bilhão! é muito, Sr. Fouquet — disse o rei.
— Economizarei, Sire... Aliás, Vossa Majestade tem no Sr. Colbert e em mim dois homens preciosos. Um o fará gastar o seu dinheiro, e serei eu, se os meus serviços ainda forem agradáveis a Vossa Majestade; o outro economizará, e será o Sr. Colbert, — O Sr. Colbert? — tornou o rei, espantado.
— Sem dúvida, Sire; o Sr. Colbert sabe calcular.
A esse elogio do inimigo feito pelo próprio inimigo, sentiu-se o rei penetrado de confiança e admiração.
É que, de fato, não vira na voz nem no olhar de Fouquet nada que destruísse uma letra sequer das palavras que pronunciara; não elogiava para ter o direito de censurar.
O rei compreendeu e, entregando as armas a tanta generosidade e tanto espírito:
— Elogiais o Sr. Colbert? — perguntou.
— Elogio-o, Sire; pois além de ser um homem de mérito, julgo-o muito dedicado aos interesses de Vossa Majestade.
— E assim o julgais porque ele, muitas vezes contrariou as vossas opiniões? — tornou o rei, sorrindo.
— Precisamente, Sire.
— Explicai-me isso.
— É muito simples. Sou o homem necessário para fazer entrar o dinheiro; ele, o homem necessário para impedi-lo de sair.
— Vamos, vamos, senhor superintendente, que diabo! dir-me-eis alguma coisa para emendar esse bom conceito.
— Administrativamente, Sire?
— Sim.
— Não direi coisa alguma, Sire.

— Deveras?

— Asseguro-lhe que não conheço em França melhor administrador.

Essa palavra não tinha, em 1661, a significação que hoje lhe emprestamos; agora, passando pela boca do Sr. Fouquet, que o rei acabava de chamar senhor superintendente, assumia o que quer que fosse de humilde e pequeno que punha admiravelmente Fouquet e Colbert em seus respectivos lugares.

— Pois bem — disse Luís XIV — foi ele, entretanto, quem, apesar de econômico, organizou as minhas festas de Fontainebleau; e eu vos asseguro, Sr. Fouquet, que absolutamente não impediu o meu dinheiro de sair.

Fouquet inclinou-se, mas não respondeu.

— Não é esse o vosso parecer? — perguntou o rei.

— Parece-me, Sire — respondeu ele — que o Sr. Colbert fez as coisas com infinita ordem, e merece, nesse sentido, todos os louvores de Vossa Majestade.

A palavra ordem emparelhava com a palavra administrador.

Nenhuma organização possuía, como a do rei, a viva sensibilidade, a finura de tacto que percebe e apreende a ordem das sensações antes das próprias sensações.

Luís XIV compreendeu, portanto, que o administrador tivera, na opinião de Fouquet, demasiada ordem, isto é, que as festas tão esplêndidas de Fontainebleau poderiam ter sido mais esplêndidas ainda.

Sentiu, por conseguinte, que os seus divertimentos eram passíveis de crítica; sentiu algum despeito por aquele provinciano que, engalanado com os trajos mais sublimes do seu guarda-roupa, chega a Paris, onde o homem elegante olha muito ou muito pouco para ele.

Essa parte da conversação, tão sóbria, mas tão fina de Fouquet, incutiu no rei maior estima ainda pelo caráter do homem e pela capacidade do ministro.

Despediu-se Fouquet às duas da manhã, e o soberano deitou-se um tanto inquieto, um tanto confuso pela velada lição que acabara de receber; e dois bons quartos de hora empregou-os em memorar os ornatos, as tapeçarias, as listas de pratos das refeições, a arquitetura dos arcos de triunfo, a disposição das iluminações e dos fogos de artifício imaginados por ordem do administrador Colbert.

Daí resultou que o rei, relembrando quanto se passara nos últimos oito dias, encontrou alguns senões nas festas.

Pela polidez, pelo tom gracioso de suas palavras e pela generosidade, Fouquet prejudicara Colbert no espírito do rei muito mais do que este com a sua perfídia, a sua maldade e o seu ódio perseverante já conseguira prejudicá-lo.

Capítulo XLVIII - Fontainebleau às duas horas da manhã

COMO vimos, Saint-Aignan deixara o quarto do rei no momento em que entrava o superintendente. Encarregado de uma missão urgente, faria o possível para tirar o melhor proveito do seu tempo.

Era um homem precioso, o amigo do rei; um desses cortesãos inestimáveis cuja vigilância e cuja clareza de intenções fariam sombra a todo e qualquer valido, passado ou futuro, e compensava, pela exatidão, o servilismo de Dangeau.

Por isso mesmo Dangeau não era favorito, era o comprazedor do rei.

De Saint-Aignan buscou orientar-se.

Entendeu que as primeiras informações lhe seriam fornecidas por de Guiché.

Correu, portanto, no encalço de de Guiché.

De Guiché, que vimos desaparecer numa esquina do castelo, aparentemente decidido a recolher-se, não se recolhera.

De Saint-Aignan saiu-lhe no rasto.

Depois de ter virado e revirado tudo, lobrigou uma como forma humana encostada numa árvore.

A forma tinha a imobilidade das estátuas e parecia absorta na contemplação de uma janela, se bem as cortinas dessa janela estivessem hermeticamente fechadas.

Como a janela fosse de Madame, supôs de Saint-Aignan que a forma fosse de de Guiché.

Aproximou-se de mansinho e viu que não se enganava.

De Guiché trouxera da entrevista com Madame tamanho fardo de ventura, que nem todas as forças de sua alma bastavam a carregá-lo.

De seu lado, Saint-Aignan sabia que de Guiché desempenhara uma parte qualquer na apresentação de La Vallière a Madame; um cortesão sabe tudo e de tudo se recorda. Só não sabia porque nem como concedera de Guiché sua proteção à menina. Mas visto que interrogando muito, raro deixamos de aprender um pouco, de Saint-Aignan esperava saber alguma coisa inquirindo de Guiché com a delicadeza, e, ao mesmo tempo, com a insistência de que fosse capaz.

Era o seguinte o seu plano:

Se as informações fossem boas, diria com efusão ao rei que este pusera a mão numa pérola e reclamaria o direito de encastoá-la, na coroa real.

Se fossem más, o que afinal de contas era possível, examinaria, a que ponto chegava o interesse do rei por La Vallière, e faria o seu relatório de modo que obtivesse a expulsão da rapariga, para que os méritos dessa expulsão revertessem a ele no conceito de todas as mulheres que aspirassem ao coração do rei, a começar por Madame e a acabar pela rainha.

Se se mostrasse o rei obstinado nos seus desejos, dissimularia as notas más; daria a entender a La Vallière que essas notas más, sem exceção, moravam numa gaveta secreta da memória do confidente, e assim se apresentaria generoso aos olhos da desditosa menina, mantendo-a perpetuamente suspensa pelo reconhecimento e pelo medo a fim de tê-la por amiga na corte, interessada como uma cúmplice em obter a fortuna de seu cúmplice enquanto obtivesse a sua.

No dia em que a bomba do passado explodisse, supondo que explodisse um dia, de Saint-Aignan tomaria todas as precauções para simular ignorância diante do rei.

Junto de La Vallière representaria nessa mesma ocasião, um papel generosíssimo.

Foi com todas essas idéias, desabrochadas em meia hora ao fogo da cobiça, que de Saint-Aignan,

o melhor filho do mundo, como diria La Fontaine, saiu com a intenção de desatar a língua de de Guiché, isto é, de perturbá-lo em sua felicidade, felicidade, aliás, que Saint-Aignan desconhecia.

Era uma hora da manhã quando avistou de Guiché em pé, imóvel, arrimado ao tronco da árvore, com os olhos pregados na luminosa janela.

Uma hora da manhã: isto é, a hora mais doce da noite, que os pintores coroam de murtas e papoulas nascentes, a hora de olhos pisados, coração palpitante, cabeça pesada, que atira ao dia escoado um olhar de saudade e dirige ao dia que nasce uma saudação amorosa.

Para de Guiché, era a aurora de uma ventura inefável: teria dado um tesouro ao mendigo que lhe surgisse no caminho para que lhe não perturbasse os sonhos.

Foi justamente nesse momento que Saint-Aignan, mal-aconselhado, pois o egoísmo aconselha sempre mal, lhe bateu no ombro quando ele murmurava uma palavra, ou antes, um nome.

— Ah! — exclamou pesadamente — eu vos buscava.

— A mim? — tornou de Guiché, estremecendo.

— Sim, e encontro-vos sonhando com a lua. Estaríeis, acaso, meu caro conde, acometido do mal da poesia e faríeis versos?

O rapaz obrigou a sua fisionomia a sorrir, ao passo que mil e uma contradições resmungavam contra Saint-Aignan no íntimo do coração.

— Talvez — disse ele. — Mas que feliz acaso?

— Ah! eis a prova de que não me ouvistes.

— Como assim?

— Comecei dizendo que vos procurava.

— Vós me procuráveis?

— Sim, e vos surpreendo.

— Fazendo o quê?

— Cantando Fílis, ora essa.

— É verdade, não vos contradigo — disse, rindo, de Guiché; — sim, meu caro conde, estou cantando Fílis.

— Isso vos é permitido.

— A mim?

— A vós, como não! A vós, intrépido protetor de toda mulher bonita e inteligente.

— Que diabo me dizeis?

— Verdades reconhecidas, bem o sei. Mas esperai, estou apaixonado.

— Vós?

— Sim.

— Tanto melhor, caro conde. Vinde e contai-me isso.

E, receando um pouco tarde, talvez, que Saint-Aignan reparasse na janela iluminada, tomou o braço do conde e tentou arrastá-lo.

— Oh! — disse o outro, resistindo — não me leveis para os lados daqueles bosques escuros. Há muita umidade por lá. Fiquemos aqui, à luz da lua, não é melhor?

E, ao mesmo passo que cedia à pressão do braço de de Guiché, ficou entre os canteiros que vizinhavam o castelo.

— Muito bem — disse de Guiché, resignado — levai-me aonde quiserdes e perguntai-me o que vos aprouver.

— Não se pode ser mais encantador. Logo, após um segundo de silêncio:

— Caro conde — continuou de Saint-Aignan — eu quisera que me dissésseis duas palavrinhas

sobre certa pessoa que protegestes.
— E que vós amais?
— Não digo que sim nem que não, caríssimo... Haveis de compreender que não se pode empenhar assim o coração numa empresa vitalícia sem tomar primeiro algumas precauções.
— Tendes razão — conveio de Guiché com um suspiro; — o coração é precioso.
— Sobretudo o meu, que é terno.
— Oh! sois conhecido, conde. E depois?
— Aqui está. Trata-se, pura e simplesmente, da Srta. de Tonnay-Charente.
— Ah! meu caro Saint-Aignan, creio que estais ficando louco!
— Por quê?
— Porque nunca protegi a Srta. de Tonnay-Charente.
— Ora!
— Nunca!
— Não fôstes vós quem proporcionou à Srta. de Tonnay-Charente o ingresso na casa de Madame?
— A Srta. de Tonnay-Charente, e deveis sabê-lo melhor do que ninguém, meu caro conde, é de família suficientemente boa para que a desejem e, com maior razão ainda, para que a admitam.
— Mangais comigo.
— Palavra que não; nem sei o que quereis dizer.
— Portanto, não influístes na admissão dela?
— De nenhum modo.
— Não a conheceis?
— Vi-a pela primeira vez no dia de sua apresentação a Madame. Portanto, como não a protegi, nem a conheço, não saberei dar-vos sobre ela, meu caro conde, as informações que desejais.
E de Guiché fez menção de afastar-se.
— Não! não! — acudiu Saint-Aignan; — um instante, meu caro conde; não me escapareis assim.
— Perdão, mas parece-me que já é hora de recolhermos.
— Mas não recolhereis depois que vos encontrei, ou melhor, que vos achei.
— Aliás, meu caro conde, se tendes mais alguma coisa para dizer-me, coloco-me à vossa disposição.
— E fazeis bem. Afinal, com meia hora mais ou menos as vossas rendas não ficarão nem mais nem menos amarrotadas. Jurai-me que não tendes más informações para dar-me a respeito dela e que essas possíveis más informações não são a causa do vosso silêncio.
— Oh! pobre menina, julgo-a pura como um cristal.
— Encheis-me de alegria. Entretanto, não quero dar-vos a impressão de que sou um homem tão mal informado como pareço. É certo que fornecestes as damas de honor para a casa da princesa. Compôs-se até uma canção a respeito desse fornecimento.
— Sabeis, caro amigo, que se compõem canções a respeito de tudo.
— Já a conheceis?
— Não, mas cantai-ma, que a ficarei conhecendo.
— Não sei como começa, mas sei como termina.
— Já é alguma coisa.
Das damas de honor Guiché foi nomeado fornecedor.
— A idéia é pífia e a rima é fraca.
— Ah! que quereis, meu caro, isso não é de Racine, nem de Molière, é de La Feuillade, e um fidalgo não pode rimar como um pé-rapado.

— É pena que só vos lembreis do fim.
— Esperai, esperai, eis o começo da segunda copla que me acode.
— Estou ouvindo. Ele encheu a volière, Montalais e...
— Ora, essa! e La Vallière! — exclamou de Guiché impacientado e sobretudo ignorando completamente aonde queria chegar Saint-Aignan.
— Sim, sim, é isso, La Vallière. Encontrastes a rima, meu caro.
— Belo achado!
— Montalais e La Vallière, é isso mesmo. São as duas meninas que protegestes.
E Saint-Aignan pôs-se a rir.
— Portanto, não encontrais na canção a Srta. de Tonnay-Charente? — perguntou de Guiché.
— Não.
— Estais satisfeito?
— Sem dúvida; mas encontro Montalais — disse Saint-Aignan rindo sempre.
— Encontrá-la-eis em toda a parte. É uma senhorita muito buliçosa.
— Conhecei-la?
— Por intermédio de outrem. Era protegida de certo Malicorne, que é protegido de Manicamp; Manicamp fez-me pedir um lugar de dama de honor para Montalais em casa de Madame, e um lugar de oficial para Malicorne em casa de Monsieur. Eu pedi; sabeis muito bem que tenho um fraco pelo patife do Manicamp.
— E conseguistes?
— Para Montalais, sim; para Malicorne, sim e não: por enquanto, está sendo apenas tolerado. Era isso o que queríeis saber?
— Falta a rima.
— Que rima?
— A rima que achastes.
— La Vallière?
— É.
E Saint-Aignan tornou a largar a risadinha que tanto agastava de Guiché.
— Pois bem — disse este último — fi-la entrar em casa de Madame, é verdade.
— Ah! ah! ah! — exclamou de Saint-Aignan.
— Mas — continuou de Guiché com o seu ar mais frio — far-me-eis imenso favor, querido conde, não brincando com esse nome. A Srta. La Baume Le Blanc de La Vallière é uma moça absolutamente séria.
— Absolutamente séria?
— Sim, senhor.
— Então, não conheceis o novo boato? — bradou Saint-Aignan.
— Não, e prestar-me-eis um serviço, meu caro conde, guardando-o para vós e para os que o fazem correr.
— Ora, ora! tomais a coisa tão a sério assim?
— Tomo; a Srta. de La Vallière é amada por um de meus melhores amigos.
Saint-Aignan estremeceu.
— Oh! oh! — exclamou.
— Sim, conde — continuou de Guiché. — Haveis de compreender, portanto, vós que sois o homem mais polido de França, que não posso permitir que o meu amigo fique em posição ridícula.
— Naturalmente!

E Saint-Aignan roía as unhas, em parte por despeito, em parte por curiosidade frustrada.
De Guiché fez-lhe um belo cumprimento.
— Mandais-me embora — lastimou-se de Saint-Aignan, que morria por saber o nome do amigo.
— Não vos mando embora, queridíssimo... Termino os meus versos a Fílis.
— E esses versos?...
— São uma quadra. Compreendeis, não é verdade? Uma quadra é sagrada.
— Compreendo.
— E como, dos quatro versos de que deve compor-se ainda me faltam três, além de um hemistíquio, preciso de todas as minhas faculdades.
— Isso é compreensível. Adeus, conde!
— Adeus!
— A propósito...
— Que foi?
— Tendes facilidade?
— Muita.
— Tereis terminado os três versos e meio amanhã cedo?
— Espero que sim.
— Então, até amanhã.
— Até amanhã.
Saint-Aignan tinha, forçosamente, de aceitar a despedida; aceitou-a e desapareceu atrás dos bordos.
A conversação arrastara os dois fidalgos para longe do castelo.
Todo matemático, todo poeta e todo sonhador tem as suas distrações; Saint-Aignan, portanto, quando de Guiché o deixou, viu-se nos limites do quincôncio, no lugar em que começam as cavalariças e onde, atrás dos grandes grupos de acácias e castanheiros cujos cachos se cruzam debaixo de montes de clematite e videira, se ergue o muro que separa os bosques do pátio de serviço.
Ficando só, Saint-Aignan tomou o caminho das cavalariças; de Guiché, o caminho oposto. Um voltava, portanto, para os jardins, o outro se dirigia para os muros.
Caminhava Saint-Aignan debaixo de uma abóbada impenetrável de sorveiras, lilases e gigantescos pilriteiros, pisando a areia macia, escondido na sombra, abafado entre musgos.
Ruminava uma desforra que lhe parecia difícil de tomar, desferrado, como diria Tallemant des Réaux, por não ter colhido maiores informações sobre La Vallière, a despeito da tática engenhosa que empregara.
Súbito, um sussurro de vozes humanas chegou-lhes aos ouvidos. Eram como cochichos, queixas femininas mescladas de interpelações; eram risinhos, suspiros, gritinhos abafados de surpresa; mas, acima de tudo, a voz feminina dominava.
Saint-Aignan parou para orientar-se; reconheceu, espantadíssimo, que as vozes vinham, não da terra, mas do cimo das árvores.
Ergueu a cabeça, esgueirando-se por baixo da alameda, e avistou no topo de um muro uma mulher encarapitada numa escada, em ativíssima comunicação de gestos e palavras com um homem empoleirado numa árvore, do qual só se via a cabeça, pois o corpo se perdia na sombra de um castanheiro.
A mulher estava aquém do muro; o homem, além dele.

Capítulo XLIX - O labirinto

DE Saint-Aignan buscava informações e topava com uma aventura. Era um felizardo.

Curioso de saber porque e sobretudo de que o homem e a mulher conversavam àquela hora e em tão singular posição, fez-se pequenino e aproximou-se quanto pôde da escada.

Em seguida, procurando instalar-se da maneira mais cômoda possível, apoiou-se a uma árvore e ficou ouvindo. Ouviu o diálogo seguinte. Era a mulher quem falava.

— Em verdade, Sr. Manicamp — dizia ela com voz que, entre as censuras, conservava um singular acento de garridice — em verdade, sois de uma indiscrição perigosíssima. Não poderemos conversar por muito tempo assim sem sermos surpreendidos.

— É provável — respondeu o homem com o tom mais calmo e mais fleumático.

— E que dirão? Oh! se alguém me visse, juro que morreria de vergonha.

— Seria muita infantilidade vossa e não vos julgo capaz disso.

— Ainda se houvesse alguma coisa entre nós, vá lá! Mas a gente prejudicar-se gratuitamente, é uma tolice muito grande. Adeus, Sr. de Manicamp!

— Bom! conheço o homem; agora quero ver a mulher; — disse entre si de Saint-Aignan, espiando por baixo da escada a extremidade de duas pernas elegantemente calçadas com sapatos de cetim azul-celeste e meias côr de carne.

— Oh! por misericórdia, minha querida Montalais — exclamou de Manicamp — não fujais, que diabo! tenho ainda coisas importantíssimas para dizer-vos.

— Montalais! — pensou baixinho de Saint-Aignan; — a terceira! Cada uma das três comadres tem a sua aventura; entretanto, parecia-me que a aventura desta se chamava Malicorne e não de Manicamp.

Ao chamado do interlocutor, Montalais se deteve em meio da descida.

Viu-se então o infortunado Manicamp subir mais um andar do castanheiro, fosse para aproximar-se, fosse para combater o cansaço da incômoda posição.

— Vamos — disse ele — ouvi-me; sabeis muito bem, espero eu, que não tenho más intenções.
— Sem dúvida... Mas, enfim, por que me escrevestes aquela carta, apelando para a minha gratidão? Por que esta entrevista, a esta hora e neste lugar?
— Apelei para a vossa gratidão, recordando que fui eu quem proporcionou o vosso ingresso em casa de Madame, porque, desejando muitíssimo a entrevista que tivestes a bondade de conceder—me, empreguei, para obtê-la, o meio que me pareceu mais seguro. Por que a pedi a esta hora e neste sítio? Porque a hora me pareceu discreta e o sítio, solitário. Ora, eu precisava perguntar-vos coisas que reclamam, ao mesmo tempo, discrição e solidão.
— Sr. de Manicamp!
— Quem quer os fins quer os meios, querida senhorita.
— Sr. de Manicamp, creio que devo retirar-me.
— Escutai-me; em caso contrário, pulo do meu ninho no vosso. Cuidado! Não me desafieis, pois há neste momento, exatamente, um galho do castanheiro que me incomoda e incita a praticar excessos. Não imiteis o galho e escutai-me.
— Seja, consinto em ouvir-vos; mas sede breve, pois se tendes um galho que vos provoca, eu tenho um degrau triangular enfiado na planta dos pés. E os meus sapatos estão furados.
— Fazei-me a fineza de me dar a mão, senhorita.
— Por quê?
— Dai-ma.
— Eis a minha mão; mas que estais fazendo?
— Vou puxar-vos para perto de mim.
— Para quê? Pretendeis que eu vá fazer-vos companhia nessa árvore?
— Não, mas desejo que vos senteis sobre o muro; isso! o lugar é grande e belo e eu daria tudo para poder sentar-me ao vosso lado. Posso?
— Não! Estais muito bem aí; seríamos vistos.
— Parece-vos? — perguntou Manicamp com voz insinuante.
— Tenho certeza.
— Seja! Fico no meu castanheiro, embora não possa ser pior a minha situação.
— Sr. Manicamp! Sr. Manicamp! Estamos fugindo do assunto.
— É verdade.
— Escrevestes-me?
— Escrevi.
— Por quê?
— Imaginai que hoje, às duas horas, de Guiché partiu.
— E daí?
— Vendo-o partir, segui-o, como costumo fazer.
— Bem se vê, já que estais aqui.
— Esperai... Sabíeis que o pobre de Guiché mergulhara, até ao pescoço, no desagrado real?
— Sabia.
— Era, portanto, o cúmulo da imprudência da parte dele vir encontrar em Fontainebleau os que o haviam exilado em Paris, e sobretudo aqueles de que o queriam afastado.
— Raciocinais como o finado Pitágoras, Sr. Manicamp.
— Ora, de Guiché é cabeçudo como todo apaixonado; não ouviu nenhum dos meus argumentos. Pedi, supliquei, fez-me ouvidos de mercador... Ah, diabo!
— Que foi?

— Perdão, senhorita, mas o maldito galho de que já tive a honra de falar-vos acaba de rasgar-me os calções.

— Está escuro — replicou Montalais dando risada: — continuemos, Sr. Manicamp.

— De Guiché partiu, portanto, à espora feita, e eu o segui, mas a passo. Compreendeis que só um cretino ou um louco pode atirar-se à água com um amigo tão depressa quanto ele. Deixei, portanto, que de Guiché tomasse a dianteira e caminhei com sábia lentidão, persuadido de que o infeliz não seria recebido, ou, se o fosse, daria meia volta à primeira cacetada, e eu o veria retroceder mais depressa do que viera, antes que me fosse preciso chegar a Ris ou Melun, e convireis em que não era pouco onze léguas para ir e outras tantas para voltar.

Montalais encolheu os ombros.

— Ride à vontade, senhorita; mas se, em lugar de estardes muito bem sentada nesse muro, estivésseis a cavalo sobre este galho, seríeis como Augusto, aspiraríeis a descer.

— Um pouco de paciência, meu caro Sr. Manicamp! Um instante passa depressa: dizíeis, portanto, que havíeis chegado a Ris e Melun.

— Sim, cheguei a Ris e Melun; continuei a caminhar, sempre espantado pelo não ver regressar; enfim, eis-me em Fontainebleau; peço informações, interrogo toda a gente sobre de Guiché; ninguém o viu, ninguém falou com ele na cidade: chegou à desfilada, entrou no castelo e sumiu. Desde as oito horas da noite estou em Fontainebleau, perguntando por de Guiché a todos os ecos; nada! Morro de desassossego!

Compreendeis que eu não ia atirar-me na boca do lobo, entrando também no castelo, como fez o meu imprudente amigo; vim diretamente para as cavalariças e fiz que vos entregassem uma carta.

Agora, senhorita, pelo amor de Deus, tirai-me desta aflição.

— Não será difícil, meu caro Sr. Manicamp; o vosso amigo de Guiché foi admiravelmente recebido.

— Ora!

— O rei lhe fez festas.

— O rei, que o exilou!

— Madame lhe sorriu; Monsieur parece querer-lhe mais do que antes.

— Ah! ah! — exclamou Manicamp — isto explica porque e como ficou. E não falou de mim?

— Nem uma palavra.

— Pois fez muito mal. Que está fazendo neste momento?

— Muito provavelmente, está dormindo; se não estiver dormindo, está sonhando.

— E que se fez durante a noite?

— Dançou-se.

— O famoso bailado? Como se houve de Guiché?

— Admiravelmente.

— Querido amigo! Agora, perdão, senhorita, mas só me resta passar de onde estou para onde estais.

— Como assim?

— É fácil compreender: não tenho a pretensão de que me abram a porta do castelo a esta hora, e, quanto a dormir sobre este galho, seria muito bom, mas declaro que não sou papagaio.

— Mas eu, Sr. Manicamp, não posso introduzir assim um homem por cima de um muro!

— Dois, senhorita — disse outra voz, com acento tão tímido, porém, que o proprietário manifestamente percebia a inconveniência do pedido.

— Misericórdia! — bradou Montalais procurando mergulhar a vista até o pé do castanheiro; —

quem falou comigo?
— Eu, senhorita.
— Eu, quem?
— Malicorne, vosso humílimo servidor.
E, dizendo essas palavras, ergueu-se Malicorne do chão aos primeiros galhos e dos primeiros galhos à altura do muro.
— Sr. Malicorne!... Santo Deus! estais loucos furiosos os dois!
— Como tendes passado, senhorita? — perguntou Malicorne com suma gentileza.
— Era só isso que me faltava! — exclamou Montalais,- desesperada.
— Oh! senhorita — murmurou Malicorne — não sejais tão cruel, eu vos suplico!
— Afinal de contas, senhorita, somos vossos amigos, e não se pode desejar a morte dos amigos. Ora, deixar-nos passar a noite onde estamos é condenar-nos à morte.
— Oh! — disse Montalais — o Sr. Malicorne é robusto, e não morrerá por haver passado uma noite ao relento.
— Senhorita!
— Seria uma justa punição para a sua imprudência.
— Seja! Arranje-se, pois, Malicorne como quiser; mas eu passo — declarou Manicamp.
E, dobrando o célebre galho contra o qual apresentava queixas tão amargas, acabou, com o auxílio das mãos e dos pés, sentando-se ao lado de Montalais.
Montalais quis empurrar Manicamp, Manicamp procurou manter-se onde estava.
Esse conflito, que durou alguns segundos, teve o seu lado pitoresco, muito bem aproveitado, sem dúvida, pela vista do Sr. de Saint-Aignan.
Manicamp, porém, acabou vencendo. Senhor da escada, nela pousou o pé e, galante, ofereceu a mão à inimiga.
Nesse intervalo, Malicorne instalara-se no castanheiro, no lugar deixado por Manicamp, decidido a suceder-lhe no lugar que este passara a ocupar.
Manicamp e Montalais desceram alguns degraus, Manicamp insistindo, Montalais rindo e defendendo-se.
Ouviu-se então a voz de Malicorne, que suplicava:
— Senhorita, não me abandoneis, pelo amor de Deus! A minha posição é falsa, e não posso alcançar o outro lado do muro sem quebrar o pescoço; que Manicamp rasque as suas roupas, não faz mal: ele tem as do Sr. de Guiché; mas eu não terei sequer as de Manicamp, que estarão rasgadas.
— Sou de opinião — disse Manicamp sem se ocupar das lamentações de Malicorne — sou de opinião que o melhor é ir procurar de Guiché incontinenti. Mais tarde, talvez, não poderei entrar no quarto dele.
— É também o meu parecer — replicou Montalais; — ide, Sr. Manicamp.
— Muito obrigado! Até à vista, senhorita — disse Manicamp, saltando para o chão. — Não se pode ser mais amável do que vós.
— Sr. de Manicamp, às vossas ordens; vou livrar-me agora do Sr. Malicorne.
Malicorne soltou um suspiro.
— Ide, ide — continuou Montalais.
— A propósito, senhorita — acudiu Manicamp, voltando, depois de dar alguns passos, para o pé da escada — por onde se vai aos aposentos do Sr. de Guiché?
— Ah! é verdade... Nada mais simples. Seguireis a estacada...
— Muito bem.

— Chegareis à encruzilhada verde.
— Sei.
— Encontrareis quatro alamedas...
— Ótimo.
— Tomareis por uma delas...
— Qual?
— A da direita.
— A da direita?
— Não, a da esquerda.
— Ah! diabo!
— Não, não... esperai...
— Não pareceis muito segura. Procurai lembrar-vos, por favor.
— A do meio.
— Há quatro.
— É verdade. Só sei que, das quatro, uma conduz diretamente aos aposentos de Madame; essa, eu conheço.
— Mas o Sr. de Guiché não está nos aposentos de Madame, está?
— Credo! Claro que não.
— Por conseguinte, a que conduz aos aposentos de Madame não me serve, e eu gostaria de trocá-la pela que conduz aos aposentos do Sr. de Guiché.
— Sim, decerto, e eu conheço-a também; mas, quanto a indicada daqui, parece-me impossível.
— Mas, enfim, senhorita, suponhamos que eu encontre a bendita alameda.
— Nesse caso, tereis chegado.
— Ótimo.
— Só vos faltará atravessar o labirinto.
— Só? Diabo! Há, então, um labirinto?
— Há, e muito complicado; até durante o dia a gente se perde nele; são voltas e voltas sem fim; é preciso primeiro dar três voltas à direita, depois duas à esquerda, depois uma... uma ou duas? Esperai! O fato é que, saindo do labirinto, encontrareis uma avenida de sicômoros, e essa avenida vos conduzirá diretamente ao pavilhão que habita o Sr. de Guiché.
— Senhorita — disse Manicamp — eis aí uma admirável indicação, e tenho certeza de que, orientado por ela, me perderei imediatamente. Quero, portanto, pedir-vos um servicinho.
— Qual?
— O de me oferecerdes o braço e guiardes pessoalmente como outra... como outra... Parece mentira, mas eu tinha os meus conhecimentos de mitologia; a gravidade dos acontecimentos fez-me esquecê-los. Vinde, pois, suplico-vos.
— E eu? — exclamou Malicorne. — E eu? Abandonam-me assim?
— Impossível, senhor!... — respondeu Montalais a Manicamp — podem ver-me convosco a estas horas e pensai no que dirão.
— Tereis por vós a vossa consciência, senhorita — sentenciou Manicamp.
— Impossível, impossível!
— Então, deixa-me ajudar Malicorne a descer; é um rapaz muito inteligente e possui um faro extraordinário; ele me guiará, e, se nos perdemos, perder-nos-emos juntos e um salvará o outro. Juntos, se nos encontrarem, pareceremos alguma coisa; ao passo que, sozinho, parecerei um amante ou um ladrão. Vem, Malicorne, aí está a escada.

— Sr. Malicorne — bradou Montalais — estais proibido de deixar essa árvore, sob pena de incorrerdes em a minha cólera.

Malicorne já estendera para a borda do muro uma perna, que recolheu tristemente.

— Psiu! — disse baixinho Manicamp.

— Que foi? — perguntou Montalais.

— Ouço passos.

— Oh! meu Deus!

Com efeito, os passos suspeitados converteram-se em ruído manifesto, abriu-se a folhagem e de Saint-Aignan apareceu, de olhos risonhos e mão estendida, surpreendendo cada qual na posição em que se achava: Malicorne na árvore, de pescoço esticado, Montalais trepada na escada, Manicamp no chão, prestes a pôr-se a caminho.

— Boa noite, Manicamp — disse o conde — sê bem-vindo, caro amigo; tu nos fizeste falta esta noite, e perguntou-se por ti. Srta. de Montalais, vosso... vosso humílimo criado!

Montalais corou.

— Ah! meu Deus! — balbuciou ela, escondendo a cabeça entre as mãos.

— Senhorita — disse de Saint-Aignan — tranqüilizai-vos, sou testemunha da vossa inocência e hei de proclamá-la. Manicamp, segue-me. A estacada, a encruzilhada e o labirinto me conhecem; serei a tua Ariadne. Hein! achamos o teu nome mitológico.

— É verdade! obrigado, conde!

— Mas, ao mesmo tempo, conde, levai também o Sr. Malicorne — disse Montalais.

— Não, não — contrariou Malicorne. — O Sr. Manicamp conversou convosco quanto quis; agora é a minha vez; tenho muitas coisas para dizer-vos relativas ao nosso futuro.

— Ouvistes? — tornou, hílare, o conde; — ficai com ele, senhorita. Não sabeis que esta é a noite dos segredos?

E, pegando no braço de Manicamp, arrastou-o com passo rápido na direção do caminho que Montalais conhecia tão bem e indicava tão mal.

Montalais seguiu-os com os olhos enquanto pôde avistá-los.

Mademoiselle de Montalais.

Capítulo L - De como Malicorne foi desalojado da estalagem do “Beau-Paon“

ENQUANTO Montalais seguia com os olhos o conde e Manicamp, Malicorne, aproveitando-se da distração dela, conseguira acomodar-se numa posição mais tolerável. Quando ela se voltou, a diferença que se operara na posição de Malicorne lhe chamou, portanto, imediatamente a atenção.

Instalara-se Malicorne como um macaco, com o assento no muro e os pés no primeiro degrau.

Os pâmpanos selvagens e as madressilvas cobriam-lhe a cabeça como a de um fauno, e os torçais da videira lhe figuravam perfeitamente os pés de bode.

Quanto a Montalais, nada lhe faltava para que a tomassem por uma dríade.

— Isso — disse ela, subindo mais um degrau — fazei-me infeliz, persegui-me, tirano!

— Eu? — exclamou Malicorne — eu, tirano?

— Comprometeis-me constantemente, Sr. Malicorne; sois um monstro de maldade.

— Eu?

— Que tínheis que fazer em Fontainebleau? Dizei? Não é em Orléans o vosso domicílio?

— Perguntais o que tenho que fazer aqui? Homessa! Tenho que ver-vos.

— Bela necessidade!

— Não para vós, talvez, senhorita, mas para mim. Quanto ao meu domicílio, sabeis muito bem que o deixei, e que de agora em diante o meu será o vosso. Ora, sendo o vosso domicílio momentaneamente Fontainebleau, a Fontainebleau vim eu.

Montalais deu de ombros.

— Quereis ver-me, não é?

— Claro!

— Pois já me vistes; estais satisfeito, parti!

— Oh! não — redarguiu Malicorne.

— Oh! não, como?

— Não vim apenas para ver-vos; vim para conversar convosco.

— Conversaremos mais tarde e em outro lugar.

— Mais tarde! Sabe Deus se vos encontrarei mais tarde em outro lugar! Nunca acharemos lugar mais favorável do que este.

— Mas esta noite não posso, agora não posso!

— Por quê?

— Porque aconteceram mil coisas esta noite.

— Pois com a minha serão mil e uma.

— Não, não, a Srta. de Tonnay-Charente espera-me no quarto para uma comunicação importantíssima.

— Há muito tempo?

— Há uma hora, pelo menos.

— Nesse caso — volveu tranqüilamente Malicorne — esperará mais alguns minutos.

— Sr. Malicorne — disse Montalais — vós vos esqueceis de quem sois.

— Isto é, vós me esqueceis, senhorita, e eu impaciento-me com o papel que represento aqui! Há oito dias vago entre vós outras, sem que vos tenhais dignado uma única vez dar pela minha presença.

— Vagais em Fontainebleau há oito dias?

— Como um lobisomem; queimado aqui pelos fogos de artifício, que já me chamuscaram duas perucas, afogado mais adiante pela umidade dos vimes ou pelo vapor dos chafarizes, sempre faminto, sempre derreado, ante a perspectiva de um muro ou a necessidade de uma escalada. Com os demônios, senhorita! Isso não é vida para uma criatura que não é esquilo, nem salamandra, nem lontra; mas, visto que levais a vossa desumanidade a ponto de obrigar-me a regenerar a minha condição de homem, eu a proclamo, Homem sou, com seiscentos diabos! e homem serei, até contra-ordens superiores.

— Pois bem, vejamos, que desejais, que quereis, que exigis? — perguntou Montalais submissa.

— Não direis que ignoráveis a minha presença em Fontaineblau!

— Eu...

— Sede franca.

— Eu tinha as minhas dúvidas.

— Pois bem, nestes oito dias, não podíeis ver-me, pelo menos, uma vez por dia?

— Fui sempre impedida, Sr. Malicorne.

— Histórias!

— Perguntai às minhas companheiras, se não acreditais em mim.

— Nunca pergunto coisas que conheço melhor do que os outros.

— Acalmai-vos, Sr. Malicorne, isso mudará.

— Bem é que mude.

— Sabeis, quer vos vejam, quer não vos vejam, que pensam em vós — disse Montalais com ar meigo.

— Pensam em mim...

— Palavra de honra.

— E nada de novo?

— Sobre o quê?

— Sobre o meu cargo em casa de Monsieur?

— Ah! meu caro Sr. Malicorne, ninguém pôde aproximar-se de Sua Alteza Real nestes últimos dias.

— E agora?

— Agora, é outra coisa; desde ontem, ele já não tem ciúme.

— E como foi que lhe passou o ciúme?

— Surgiu uma diversão.

— Contai-me isso.

— Propalou-se o rumor de que o rei volvera os olhos para outra mulher, e Monsieur acalmou-se imediatamente.

— E quem propalou esse rumor? Montalais abaixou a voz.

— Aqui entre nós — sussurrou ela — creio que Madame e o rei se entendem.

— Ah! ah! — disse Malicorne — era o único meio.

E o Sr. de Guiché, o pobre enamorado?

— Já foi inteiramente substituído.

— Escreveram-se?

— Não; há oito dias não vejo ninguém com uma pena na mão.

— As vossas relações com Madame?

— Magníficas.

— E com o rei?

— O rei sorri para mim quando passo.
— Muito bem! E quem é a mulher sobre a qual propalaram o tal rumor?
— La Vallière.
— Oh! oh! pobre menina! Mas é preciso impedi-lo, minha amiga!
— Por quê?
— Porque o Sr. Raul de Bragelonne a matará ou se matará se tiver alguma suspeita.
— Raul! O bom Raul! Crede-lo?
— As mulheres têm a pretensão de entender de paixões — disse Malicorne — e nem sabem ler o que pensam nos próprios olhos ou no próprio coração. Pois eu vos declaro que o Sr. de Bragelonne ama La Vallière a tal ponto que, se ela quiser enganá-lo, ele se matará ou a matará.
— O rei a defenderá — disse Montalais.
— O rei? — bradou Malicorne.
— Sem dúvida.
— Raul matará o rei como um soldado.
— Misericórdia! — exclamou Montalais — enlouquecestes, Sr. Malicorne!
— Não; o que vos digo, pelo contrário, é muito sério, minha amiga, e também sei de uma coisa.
— Qual?
— Avisarei Raul da brincadeira.
— Psiu! infeliz! — bradou Montalais, subindo outro degrau para chegar-se mais — nem uma palavra a esse pobre Bragelonne!
— Por quê?
— Porque ainda não sabeis de nada.
— Mas que aconteceu?
— Aconteceu que esta noite... Ninguém está ouvindo?
— Não.
— Aconteceu que esta noite, debaixo do carvalho real, La Vallière disse em voz alta e com toda a ingenuidade, estas palavras: "Não concebo que, tendo visto o rei, a gente possa amar outro homem".
Malicorne deu um pulo sobre o muro.
— Ah! meu Deus! — acudiu ele — disse isso, a desgraçada?
— Palavra por palavra.
— E pensa assim?
— La Vallière sempre pensa o que diz.
— Mas isso clama por vingança! as mulheres são serpentes! — rebradou Malicorne.
— Acalmai-vos, meu caro Malicorne, acalmai-vos!
— Não! Cortemos o mal pela raiz, ao contrário. Avisemos Raul enquanto é tempo.
— Desastrado! Acontece justamente que já não é tempo — tornou Montalais.
— Como assim?
— Essa frase de La Vallière...
— Sei.
— Essa frase em relação ao rei...
— Sei, sei.
— Chegou ao seu destino.
— O rei a conhece? Alguém lha repetiu?
— O rei ouviu-a.
— *Ohimé!* como dizia o senhor cardeal.

— O rei estava justamente escondido na moita mais próxima do carvalho real.
— Do que resulta — afirmou Malicorne — que, daqui por diante, o plano do rei e de Madame irá de vento em popa, passando sobre o corpo do pobre Bragelonne.
— Vós o dissestes.
— Ê medonho!
— Mas é assim.
— À minha fé! — tornou Malicorne após um minuto de silêncio consagrado à meditação — entre um carvalho grande e um grande rei, não metamos a nossa pessoinha, minha amiga, que seríamos esmagados.
— Era o que eu queria dizer-vos.
— Pensemos em nós.
— Era o que eu estava pensando.
— Abri, portanto, os vossos lindos olhos.
— E vós, as vossas orelhonas.
— Aproximai a vossa boquinha para uma beijoca.
— Ei-la — disse Montalais, que pagou imediatamente em espécie sonante.
— Agora, vejamos. Temos o Sr. de Guiché que ama Madame, La Vallière, que ama o rei; o rei, que ama Madame e La Vallière Monsieur, que não ama ninguém senão a si mesmo. Entre todos esses amores, um imbecil se arranjaria e, com maior razão ainda, duas pessoas inteligentes como nós.
— Voltais aos vossos sonhos.
— Às minhas realidades. Deixai-vos levar por mim, minha amiga, pois até agora não fostes mal sucedida, não é verdade?
— Não.
— Pois bem, o passado responde pelo futuro. E visto que cada qual só pensa em si, pensemos em nós.
— É mais do que justo.
— Mas somente em nós.
— Seja!
— Aliança ofensiva e defensiva!
— Estou pronta para jurar.
— Estendei a mão; é isso mesmo: Tudo por Malicorne!
— Tudo por Malicorne!
— Tudo por Montalais! — acudiu Malicorne estendendo a mão também.
— E, agora, que é preciso fazer?
— Ter os olhos sempre abertos, os ouvidos sempre abertos, juntar armas contra os outros, e nunca deixar alguma que possa servir contra nós.
— Combinado.
— Concertado.
— Jurado. E agora que o pacto está feito, adeus.
— Adeus, como?
— Claro. Voltai à vossa estalagem.
— À minha estalagem?
— Sim; não estais alojado na estalagem do Beau-Paon?
— Montalais! Montalais! por aí se vê que sabíeis da minha presença em Fontainebleau.
— E que prova isso? Que me interesso por vós mais do que o mereceis, ingrato!

— Hum!
— Voltai portanto ao *Beau-Paon*.
— Pois aí é que está!
— Está o quê?
— A coisa tornou-se impossível.
— Não tínheis um quarto?
— Ter, tinha; mas já não tenho.
— Não o tendes? Quem o tomou?
— Esperai... Ainda há pouco, depois de correr atrás de vós, eu voltava sem fôlego à hospedaria, quando vi uma padiola em que quatro campônios carregavam um monge enfermo.
— Um monge?
— Sim, um velho franciscano de barba grisalha. Enquanto contemplo o monge, entram na estalagem. Levam-no escada acima; sigo-o; chego ao patamar da escada, e vejo que o fazem entrar no meu quarto.
— No vosso quarto?
— Sim, no meu quarto. Supondo tratar-se de um engano, interpelo o hospedeiro: o hospedeiro me declara que o quarto alugado por mim havia oito dias, fora alugado para o nono dia ao franciscano.
— Oh! oh!
— Foi exatamente o que fiz: Oh! oh! Fiz mais até, quis zangar-me. Tornei a subir. Dirigi-me ao próprio franciscano. Quis mostrar-lhe o inconveniente do seu procedimento; mas o monge, com toda a aparência de moribundo, soergueu-se na maca, fitou em mim dois olhos fuzilantes, e, com voz que lhe teria servido admiravelmente para dirigir uma carga de cavalaria, ordenou:
"Jogai-me esse beldroegas no olho da rua". A ordem foi executada incontinenti pelo hospedeiro e pelos quatro carregadores, que me obrigaram a descer a escada um pouco mais depressa do que eu queria. E aí está, querida amiga, como já não tenho pousada.
— Mas quem é o tal franciscano? — perguntou Montalais. — Algum general?
— Justamente; parece-me que foi esse o título que lhe deu um carregador falando-lhe em voz baixa.
— De sorte que?...
— De sorte que já não tenho quarto, nem estalagem, nem pouso, e estou tão decidido quanto estava ainda há pouco o meu amigo Manicamp a não dormir ao relento.
— Como fazer? — exclamou Montalais.
— Aí está! — disse Malicorne.
— Nada mais simples — disse outra voz.
Montalais e Malicorne soltaram um grito simultâneo. Apareceu de Saint-Aignan.
— Caro Sr. Malicorne — continuou de Saint-Aignan — um feliz acaso traz-me aqui para tirar-vos dessa entaladela. Vinde, ofereço-vos um quarto nos meus aposentos e juro que, desse, nenhum franciscano vos porá para fora. Quanto a vós, querida senhorita, tranqüilizai-vos: já tenho o segredo da Srta. de La Vallière, o da Srta. de Tonnay-Charente, e agora acabais de confiar-me o vosso; obrigado. Guardarei os três tão bem quanto guardaria um só.
Malicorne e Montalais entreolharam-se como dois estudantes pilhados em plena gazeta; mas, como, afinal de contas, visse Malicorne grande vantagem na proposta, fez a Montalais um sinal de resignação, que esta lhe retribuiu.
Em seguida, desceu a escada degrau por degrau, refletindo em cada um no meio de arrancar, pedaço por pedaço, ao Sr. de Saint-Aignan o que este soubesse sobre o famoso segredo.

Montalais já partira, ligeira como gazela, e nem encruzilhada nem labirinto tiveram poder de enganá-la.

De Saint-Aignan conduziu de fato Malicorne aos seus aposentos, cumulando-o de gentilezas, encantado por ter à mão os dois homens que, se de Guiché não quisesse falar, lhe poderiam, fornecer as melhores informações sobre as damas de honor.

Capítulo LI - O que em realidade se passara na estalagem do "Beau-Paon”

PRIMEIRO, daremos aos nossos leitores alguns pormenores sobre a estalagem do *Beau-Paon;* em seguida, passaremos a descrever-lhes os viajantes que a habitavam.

A estalagem do *Beau-Paon* devia o nome, como toda estalagem, à sua tabuleta.

Essa tabuleta representava um pavão de cauda aberta.

Entretanto, ao contrário de alguns pintores que deram o rosto de um formoso mancebo à serpente que tenta Eva, o pintor da tabuleta dera ao belo pavão um rosto de mulher.

Essa estalagem, epigrama vivo contra a metade do gênero humano que dá encanto à vida, diz o Sr. Legouvé, erguia-se em Fontainebleau na primeira travessa que corta a grande artéria que, vinda de Paris, forma, sozinha, toda a cidade de Fontainebleau.

Chamava-se a travessa naquele tempo Rua de Lião, com certeza porque, geograficamente, se orientava na direção da segunda capital do reino.

Compunha-se de duas casas burguesas, separadas uma da outra por grandes jardins cercados de sebes.

Aparentemente, porém, parecia haver três casas na rua; expliquemos como, a despeito das aparências, só havia duas.

A hospedaria do *Beau-Paon* tinha a frontaria voltada para a rua principal; mas, formando esquina, dois corpos do edifício, separados por pátios, davam para a Rua de Lião, encerrando grandes alojamentos destinados a receber quaisquer viajantes, viessem a pé, a cavalo e até de carro, e a fornecer não somente quarto e comida, mas também passeios e solidão aos mais ricos cortesãos, quando, após um revés na corte, desejavam encasular-se para devorar o agravo ou meditar a vingança.

Das janelas desse corpo, avistavam os viajantes primeiro a rua, com a relva que crescia entre as pedras e a pouco e pouco as separava.

Em seguida, as formosas sebes de sabugueiros e espinheiros que encerravam, como entre dois braços verdes e floridos, as casas burguesas de que falamos.

Depois, nos intervalos das casas, formando os longes do quadro e desenhando-se como um horizonte intransponível, uma linha de bosques copados, luxuriantes, primeiras sentinelas da vasta floresta que se desenrola diante de Fontainebleau.

Podia, portanto, quem tivesse um quarto de esquina, assistir, na Rua de Paris, ao espetáculo dos transeuntes e das festas, e, na Rua de Lião, apreciar a vista e a quietude da campanha.

De mais disso, num caso de urgência, enquanto batessem à porta principal da Rua de Paris, o hóspede poderia escapulir-se pela portinha da Rua de Lião e, cosendo-se com os jardins das casas burguesas, alcançar as primeiras árvores da floresta.

Malicorne, que, devem recordá-lo os leitores, foi quem primeiro nos falou da estalagem do *Beau-Paon* para lamentar a sua expulsão, preocupado com os próprios negócios, estava muito longe de haver dito a Montalais tudo o que se poderia dizer sobre a curiosa hospedaria.

Tentaremos, pois, suprir a triste lacuna deixada por Malicorne.

Malicorne esquecera-se de dizer, por exemplo, de que maneira entrara na estalagem do *Beau-Paon.*

Além do mais, tirante o franciscano a que se referira superficialmente não dera informação alguma sobre os viajantes que habitavam a hospedaria.

O modo por que haviam entrado, a maneira como viviam, as dificuldades que se opunham aos viajantes para entrar no albergue sem conhecer o santo e a senha, e lá ficar sem algumas precauções preparatórias, deveriam ter impressionado, como, de fato, impressionaram Malicorne.

Mas, já o dissemos, tinha Malicorne as suas preocupações pessoais, que o impediam de observar muitas coisas.

Com efeito, ocupavam todos os aposentos do *Beau-Paon* uns estranhos sedentários, de um comércio muito calmo, com rostos obsequiosos, nenhum dos quais era conhecido de Malicorne.

Todos haviam chegado à albergaria depois que ele chegara, e cada qual entrara com uma espécie de senha, que, a princípio, o preocupara; mas, tendo-se informado diretamente, soube Malicorne que o hospedeiro justificava dessa espécie de vigilância pelo fato de estar a cidade cheia de ricos fidalgos, devendo estar, por conseguinte, cheia também de hábeis e voracíssimos gatunos.

Era, portanto, indispensável à reputação de uma casa honesta como o *Beau-Paon* não permitir que os hóspedes fossem roubados.

Daí que Malicorne perguntasse, de vez em vez, a sós consigo, quando sondava a sua posição na estalagem do *Beau-Paon,* como o haviam deixado entrar, se, após a sua entrada, vira fechar-se a porta no nariz de tanta gente.

Perguntava sobretudo por que artes Manicamp, que lhe parecia um fidalgo nobilíssimo, tendo querido que o seu cavalo se refocilasse no *Beau-Paon,* fora desde o principio recusado, mais a montaria, com um *néscio vos* de poucos amigos.

Tudo isso representava um problema para ele, que, de resto, ocupado com intrigas amorosas e ambiciosas, não se deteve em aprofundá-lo.

E ainda que tivesse querido fazê-lo, apesar da inteligência que lhe reconhecemos, não ousaríamos afirmar que fosse bem sucedido.

Algumas palavras provarão ao leitor que só o mesmo Édipo resolveria o enigma.

Nos últimos oito dias haviam entrado no albergue sete viajantes, todos chegados no dia seguinte à tarde bem-aventurada em que Malicorne lançara as suas vistas para o *Beau-Paon.*

Os sete personagens, acompanhados de um séquito razoável, eram:

Primeiro, um brigadeiro dos exércitos alemães, com o secretário, o médico, três lacaios e sete cavalos.

Chamava-se o brigadeiro Conde de Wostpur.

Um cardeal espanhol com dois sobrinhos, dois secretários, um oficial de sua casa e doze cavalos.

O cardeal se chamava Monsenhor Herrebia.

Um rico negociante de Brema com o lacaio e dois cavalos.

O negociante chamava-se *meinheer* Bonstett.

Um senador veneziano com a mulher e a filha, ambas lindíssimas.

O nome do senador era *signor* Marini.

Um *laird* escocês, com sete montanheses, do seu clã; todos a pé. Chamava-se o *laird* Mac Cumnor.

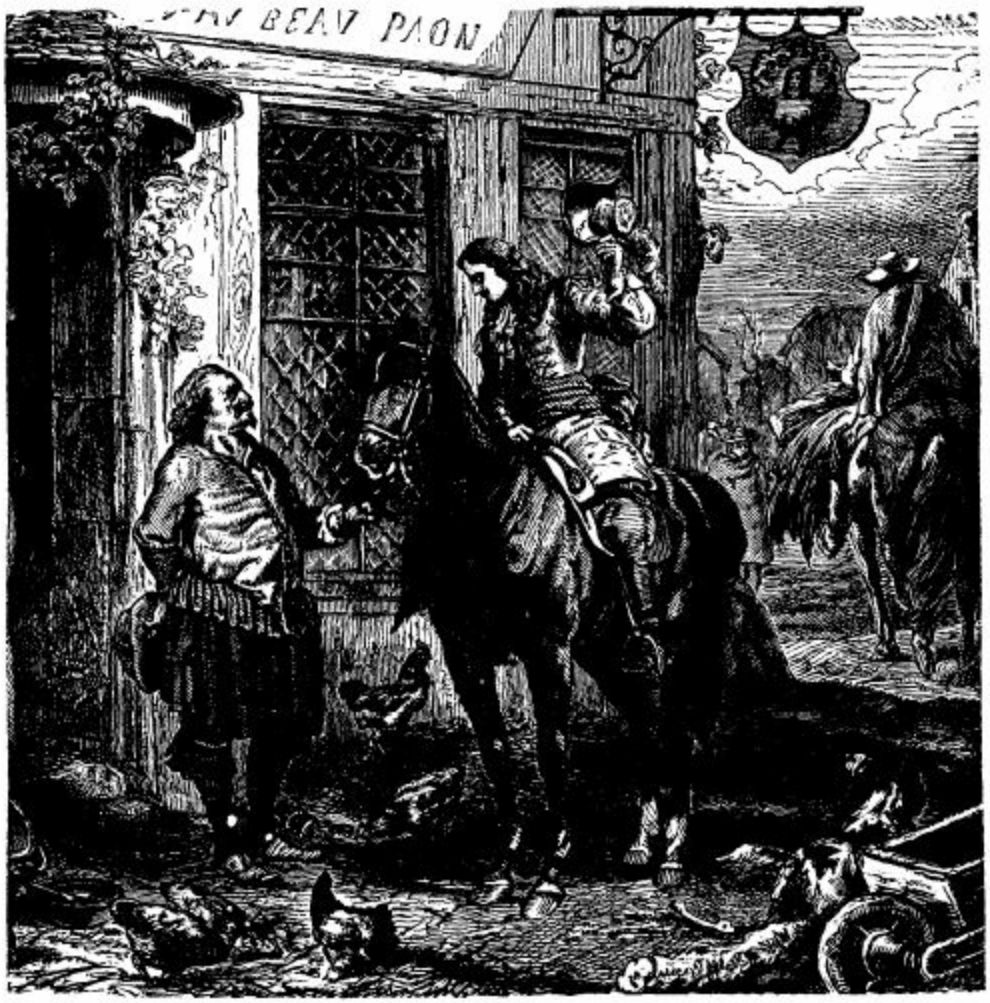
Um austríaco de Viena, sem título nem brasão, que viera de carro, com muito de padre e algo de soldado. Chamavam-lhe conselheiro.

Por fim, uma dama flamenga, com lacaio, criada de quarto e dama de companhia. Grande séquito, grandes ares, grandes cavalos. Apelidavam-na a senhora flamenga.

Todos esses viajantes tinham-se apresentado no mesmo dia e, sem embargo, a sua chegada não causara transtorno algum na hospedaria, nenhum reboliço na rua, pois os alojamentos haviam sido reservados com antecipação por intermédio de correios ou secretários, na véspera ou naquela manhã.

Na véspera, montando um cavalo magro e carregando uma maleta mais magra ainda, Malicorne

fizera-se anunciar ao albergueiro do *Beau-Paon* como amigo de um senhor curioso de assistir às festas, o qual, por sua vez, deveria chegar a qualquer momento.



L'hôte, à ces paroles, avait souri comme s'il connaissait beaucoup Malicorne. — Page 227.

A essas palavras, sorrira o hospedeiro como se conhecesse muito, ou Malicorne, ou o senhor seu amigo, e dissera-lhe:

— Escolhei, senhor, os aposentos que vos convierem, pois sois o primeiro.

Acentuava-lhe a frase a obsequiosidade tão significativa nos estalajadeiros, que quer dizer:

"Ficai descansado, senhor, sabemos com quem estamos tratando, e sereis tratado como o mereceis".

As palavras e o gesto pareceram afáveis, mas pouco claros a Malicorne. Ora, como não quisesse gastar muito e, pedindo um quarto pequeno, seria fatalmente recusado em razão de sua pouca importância, apanhou no ar as palavras do dono da estalagem e buscou iludi-lo com a sua própria astúcia.

Por isso mesmo, sorrindo como um homem que recebe o tratamento a que faz jus:

— Meu caro hospedeiro — disse ele — tomarei os aposentos melhores e mais alegres.

— Com cocheira?

— Com cocheira.

— Para que dia?

— Para hoje mesmo, se possível.

— Muito bem.

— Mas — apressou-se em ajuntar Malicorne — não ocuparei incontinenti os aposentos maiores.
— Bom! — conveio o albergueiro com ar de inteligência.
— Certas razões, que compreendereis mais tarde, obrigam-me a ocupar apenas o quartinho.
— Sei, sei, sei — disse o outro.
— O meu amigo, quando chegar, ficará com o apartamento, e naturalmente se entenderá diretamente convosco.
— Muito bem! muito bem! era isso mesmo o que estava combinado.
— Era isso mesmo o que estava combinado?
— Palavra por palavra.
— É extraordinário — murmurou Malicorne. — Portanto, compreendestes?
— Perfeitamente.
— É o quanto basta. Agora que compreendestes... pois compreendestes, não é verdade?
— É verdade.
— Mostrar-me-eis o quarto.
O proprietário do *Beau-Paon* pôs-se a caminhar na frente de Malicorne, com o gorro na mão.
Malicorne instalou-se e ficou muito surpreendido ao ver que o albergueiro, a cada subida e a cada descida, lhe dava umas piscadelas indicativas da mais perfeita inteligência.
— Há nisso um engano qualquer — dizia em si Malicorne; — mas, enquanto não se esclarece, aproveito-o, e é o que de melhor se pode fazer.
E do seu quarto se atirava como um sabujo na pista das novidades e diz-que-diz-ques da corte, deixando-se cozinhar aqui e afogar mais adiante, como afirmara à Srta. de Montalais.
No dia seguinte à instalação, vira chegas sucessivamente os sete viajantes que enchiam a casa.
Ao aspecto de toda aquela gente, daquelas equipagens e daqueles séquitos, esfregou as mãos refletindo que, por um dia, não teria encontrado cama em que descansasse ao voltar de suas explorações.
Depois de alojar os estranhos, o dono da pensão entrou-lhe no quarto, e, com a delicadeza habitual:
— Meu caro senhor — disse-lhe — ainda vos resta o apartamento do terceiro pavilhão; sabei-lo?
— Está visto que sei.
— É um verdadeiro presente que vos faço.
— Obrigado!
— De modo que, ao chegar o vosso amigo...
— Que é que tem?
— Ficará satisfeito comigo, pois, do contrário, há de ser muito exigente.
— Perdão! Posso dizer algumas palavras sobre o meu amigo?
— Dizei, como não! sois o amo.
— Ele devia vir, como sabeis...
— E há de vir.
— Mas pode ter mudado de idéia.
— Não.
— Tendes certeza?
— Tenho.
— Se acaso tivésseis alguma dúvida...
— Sei?...
— Eu vos diria: não garanto que ele venha.

— Mas ele não disse?...
— Está claro que disse; no entanto, como sabeis, o homem propõe e Deus dispõe, *verba volant, scripta manent*.
— O que quer dizer?
— Que as palavras voam e os escritos ficam, e como ele não me escreveu, e apenas me falou, autorizar-vos-ei, sem todavia insistir... não sei, é muito embaraçoso...
— A quê?
— Homessa! a alugar-lhe o quarto, se achardes quem vos pague bem.
— Eu?
— Vós.
— Nunca, senhor! Nunca farei uma coisa dessas. Se ele não vos escreveu, a vós...
— Não.
— Escreveu-me, a mim.
— Ah!
— Sim, senhor.
— E em que termos? Vejamos se a carta combina com as palavras.
— O texto é mais ou menos este:

> *"Senhor proprietário da estalagem do Beau-Paon.*
> *"Deveis estar prevenido do encontro marcado em vossa estalagem por alguns personagens importantes; faço parte da sociedade que se reúne em Fontainebleau. Reservai, portanto, ao mesmo tempo, um quarto pequeno para um amigo que chegará antes ou depois de mim..."*

— O amigo sois vós? — perguntou, interrompendo-se, o dono do *Beau-Paon*.
Malicorne inclinou-se modestamente. O estalajadeiro continuou:

> *"E um quarto grande para mim. O quarto grande correrá por minha conta; mas desejo que o preço do pequeno seja módico, pois destina-se a um pobre diabo"*.

— Sois vós mesmo? — insistiu o hospedeiro.
— Decerto — respondeu Malicorne.
— Então, estamos de acordo: o vosso amigo pagará o preço do apartamento, e vós pagareis o preço do quarto.
— Macacos me mordam — disse consigo só Malicorne — se entendo alguma coisa do que me acontece.
Logo, em voz alta:
— E ficastes satisfeito com o nome?
— Que nome?
— O nome que assinava a carta. Apresentava as necessárias garantias?
— Era o que eu ia perguntar-vos — disse o estalajadeiro.
— Como! A carta não estava assinada?
— Não — redarguiu o outro, esbugalhando os olhos cheios de mistério e curiosidade, — Então — volveu Malicorne, imitando o gesto e o mistério — se ele não se identificou...
— Não...

— Há de ter tido razões para isso.
— Sem dúvida.
— E eu, o amigo, eu, o confidente, não posso revelar-lhe o incógnito.
— É justo, senhor. Por isso mesmo, não insisto.
— Aprecio a vossa delicadeza. Quanto a mim, como disse o meu amigo, o meu quarto é à parte.
— Já está combinado.
— Compreendeis, as boas contas fazem os bons amigos. Portanto, contemos.
— Não há pressa.
— Contemos sempre. Quarto e refeições para mim, cocheira e comida para o cavalo; quanto por dia?
— Quatro libras.
— Por conseguinte, doze libras pelos três dias que já passaram?
— Doze libras; sim, senhor..
— Aqui estão as doze libras.
— Ora! Por que pagar já?
— Porque — disse Malicorne abaixando a voz e recorrendo ao misterioso, desde que o vira bem sucedido — porque, se eu tiver de partir de repente, safar-me de um momento para outro, as contas já estarão feitas.
— Senhor, tendes razão.
— Portanto, estou em minha casa.
— Estais em vossa casa.
— Ainda bem. Adeus! Retirou-se o hospedeiro.
Ficando só, Malicorne fez o seguinte raciocínio:
— Só o Sr. de Guiché ou Manicamp são capazes de ter escrito ao dono do albergue; o Sr. de Guiché, porque deseja ter um alojamento para o caso de um triunfo ou de um malogro; Manicamp, porque terá sido encarregado dessa tarefa pelo Sr. de Guiché.
"Eis, portanto, o que imaginaram o Sr. de Guiché ou Manicamp: o apartamento para receber convenientemente alguma dama velada, com reserva, para a dita dama, de dupla saída para uma rua mais ou menos deserta, que desemboca na floresta.
"O quarto pequeno para abrigar momentaneamente Manicamp, confidente do Sr. de Guiché e guardião vigilante da porta, ou o próprio Sr. de Guiché, que, nesse caso, para maior segurança, desempenharia os papéis de amo e confidente, ao mesmo tempo.
"E a tal reunião que há de realizar-se, que, efetivamente se realizou na hospedaria?
"São, com certeza, pessoas que devem ser apresentadas ao rei.
"E o pobre diabo a quem se destina o quarto pequeno?
"Artifício para melhor esconder de' Guiché ou Manicamp.
"Se assim é, como provavelmente será, o mal não é tão grande: de Manicamp a Malicorne, há apenas a bolsa.”
Depois desse raciocínio, dormira Malicorne como um justo, deixando os sete estrangeiros ocuparem e percorrerem em todos os sentidos os sete alojamentos da estalagem do *Beau-Paon.*
Quando nada o preocupava na corte, quando se cansava de excursões e inquisições, quando desanimava de rabiscar bilhetinhos, que nunca chegavam à destinatária, recolhia ao bem-aventurado quartinho e, debruçado no balcão enfeitado de capuchinhas e cravos, entretinha-se em observar os estranhos viajantes para os quais Fontainebleau não parecia ter luzes, nem festas, nem alegrias.
As coisas continuaram assim até ao sétimo dia, que miudamente descrevemos com a respectiva

noite nos capítulos precedentes.

Nessa noite, Malicorne tomava a fresca na janela, cerca de uma da madrugada, quando surgiu a cavalo Manicamp, com o nariz ao vento, a expressão preocupada e aborrecida.

— Bom! — disse consigo só Malicorne, reconhecendo-o à primeira vista — eis aí o homem que vem reclamar os seus aposentos, ou seja, o meu quarto.

E chamou Manicamp.

Manicamp ergueu a cabeça e, por seu turno, reconheceu Malicorne.

— Ah! com a fortuna! — disse o cavaleiro, desanuviando-se — sê bem-vindo, Malicorne.

Vagueio por Fontainebleau à procura de três coisas que não consigo encontrar: de Guiché, um quarto e uma cocheira.

— Quanto ao Sr. de Guiché, não posso dar-te boas nem más notícias, pois não lhe pus os olhos em cima; mas, quanto ao teu quarto e à cocheira, é outra coisa.

— Ah!

— Claro! não é aqui que foram reservados?

— Reservados por quem?

— Por ti, segundo me parece.

— Por mim?

— Não reservaste um alojamento?

— Eu não.

Nesse momento, surgiu à porta o albergueiro.

— Um quarto? — pediu Manicamp.

— Reservaste-lo, senhor?

— Não.

— Então, não há quarto.

— Se é assim, reservei — continuou Manicamp.

— Um quarto ou um apartamento?

— O que quiserdes.

— Por carta? — perguntou o dono da estalagem.

Malicorne, com a cabeça, fez um sinal afirmativo a Manicamp.

— Por carta, naturalmente! — respondeu Manicamp. — Não recebestes minha carta?

— Datada de quando? — perguntou o hospedeiro, que principiara a desconfiar ante as "hesitações de Manicamp.

Manicamp coçou a cabeça e olhou para a janela de Malicorne; Malicorne, porém, saíra da janela e descia a escada para acudir ao amigo.

Nesse mesmo instante, um viajor, embuçado em comprida capa espanhola, assomou à entrada do pórtico, de onde ouviu o colóquio.

— Pergunto-vos quando me escrevestes a carta reservando aposentos em minha casa? — insistiu o estalajadeiro.

— Na última quarta-feira — disse com voz suave e polida o estranho misterioso, batendo no ombro do dono da estalagem.

Manicamp recuou, e Malicorne, que chegara à porta, coçou a cabeça por seu turno. O hospedeiro saudou o recém-chegado como se reconhecesse o verdadeiro viajante.

— Senhor — disse-lhe — os vossos aposentos vos esperam, como as vossas cocheiras. Só que...

Relanceou os olhos em redor.

— Os vossos cavalos? — perguntou.

— Os meus cavalos virão ou não virão. Isso pouco vos importa, não é verdade, contanto que vos paguem o que foi reservado?

O albergueiro fez uma vênia ainda mais rasgada.

— Reservastes também — continuou o desconhecido — o quarto pequeno que vos pedi?

— Ai! — exclamou Malicorne, tentando esconder-se.

— Senhor, faz oito dias que o vosso amigo tem-no ocupado — disse o dono da hospedaria mostrando Malicorne, que procurava encolher-se o mais possível.

Erguendo a capa à altura do nariz, o viajante dirigiu um rápido olhar a Malicorne.

— Este senhor não é meu amigo. O estalajadeiro deu um pulo.

— Não o conheço — continuou o viajante.

— Como! — exclamou o proprietário, dirigindo-se a Malicorne — como! não sois o amigo deste senhor?

— Que vos importa, contanto que vos paguem? — redarguiu Malicorne, parodiando, majestoso, o estranho.

— Tanto me importa — replicou o hoteleiro, principiando a perceber que houvera substituição de personagens — que vos peço, senhor, desocupeis o quarto reservado por outra pessoa.

— Mas, afinal — bradou Malicorne — este senhor não precisa, ao mesmo tempo, de um quarto no primeiro e de um apartamento no segundo... Se ele ficar com o quarto, ficarei com o apartamento; se ele preferir o apartamento, continuarei no quarto.

— Lamento muitíssimo, senhor — acudiu o viajante com voz suave; — mas preciso, ao mesmo tempo, do quarto e do apartamento.

— Mas, afinal, para quem? — perguntou Malicorne.

— Do apartamento, para mim.

— Seja; e o quarto?

— Olhai — disse o viajante estendendo a mão para uma espécie de cortejo que se aproximava.

Malicorne seguiu com o olhar a direção indicada e viu chegar numa padiola o franciscano cuja instalação em seu quarto, com alguns pormenores acrescentados por ele, referira a Montalais.

O resultado da chegada do viajante desconhecido e do franciscano doente foi a expulsão de Malicorne, mantido sem nenhuma consideração fora da albergaria pelo dono e pelos camponeses que tinham carregado o frade.

Já conhece o leitor as conseqüências de expulsão, a conversação de "Manicamp com Montalais, que Manicamp, mais hábil do que Malicorne, soubera encontrar para ter notícias de de Guiché; conhece também a conversação subseqüente entre Montalais e Malicorne; e conhece, finalmente, a dupla pousada cedida a Manicamp e a Malicorne pelo Conde de Saint-Aignan.

Resta-nos contar aos leitores quem eram o viajante embuçado, locatário principal do duplo apartamento cuja menor porção fora ocupada por Malicorne, e o franciscano, igualmente misterioso, cuja chegada, combinada com a do viajante da capa, atrapalhara as combinações dos dois amigos.

Capítulo LII - Um jesuíta do décimo primeiro ano

PARA saciar a curiosidade do leitor, dar-nos-emos pressa em responder à primeira pergunta. O viajante embuçado era Aramis, que, depois de haver deixado Fouquet e tirado da mala um fato completo de cavaleiro, saíra do castelo e dirigia-se à hospedaria onde, por carta, sete dias antes, como dissera o estalajadeiro, reservara um quarto e um apartamento.

Logo após a expulsão de Malicorne e de Manicamp, aproximou-se Aramis do franciscano e perguntou-lhe qual dos aposentos preferia.

O franciscano perguntou onde estavam situados um e outro. Responderam-lhe que o quarto ficava no primeiro e o apartamento no segundo andar.

— Prefiro o quarto — disse ele.

Aramis não insistiu e, com inteira submissão:

— O quarto — indicou ao dono da casa.

E, cumprimentando com respeito, retirou-se para o apartamento.

O franciscano foi imediatamente conduzido ao quarto.

Ora, não será espantoso esse respeito de um prelado por um simples frade, frade de uma ordem mendicante, ao qual se dava assim, sem que o pedisse, um quarto que constituía a ambição de tantos viandantes?

De mais disso, como explicar a chegada inesperada de Aramis à estalagem do *Beau-Paon,* se ele, tendo entrado no castelo com o Sr. Fouquet, poderia alojar-se em companhia do superintendente?

O franciscano suportou o transporte escada acima sem um gemido, embora fosse manifestamente grande o seu sofrimento, e a cada esbarrão da maca no muro ou no corrimão da escada, sacudia-lhe todo o corpo terrível abalo.

Enfim, quando chegou ao quarto:

— Ajudai-me a sentar nessa poltrona — pediu aos carregadores. Estes depuseram a padiola no chão, e, erguendo o enfermo com a maior delicadeza, colocaram-no na poltrona que ele designara, à cabeceira da cama.

— Agora — ajuntou o frade com grande suavidade de gestos e palavras — dizei-me ao hospedeiro que suba.

Os outros obedeceram.

Cinco minutos depois, assomava ao limiar da porta o proprietário do *Beau-Paon.*

— Meu amigo — disse-lhe o franciscano — fazei-me o favor de dispensar essa boa gente; são vassalos do Conde de Melun. Encontraram-me desmaiado na estrada, por causa do calor e, sem indagar sequer se o trabalho lhes seria pago, quiseram conduzir-me às suas casas. Mas sei quanto custa aos pobres a hospitalidade concedida a um doente, e preferi a estalagem, onde, aliás, me esperavam.

O hospedeiro considerou com espanto o franciscano. O monge fez com o polegar e de certo modo o sinal da cruz sobre o peito.

O hospedeiro respondeu com o mesmo sinal no ombro esquerdo.

— Sim, é verdade — disse ele — éreis esperado, meu pai; mas supúnhamos que chegásseis em melhor estado.

E como os camponeses considerassem com assombro o soberbo estalajadeiro que, inopinadamente, se mostrava tão humilde em presença de um pobre monge, o franciscano tirou do

bolso duas ou três peças de ouro.

— Aqui está, meus amigos — disse ele — o suficiente para pagar os cuidados que me prestarem. Por conseguinte, tranqüilizai-vos e não receeis deixar-me aqui. A minha companhia, para a qual viajo, não quer que eu mendigue: entretanto, como os vossos desvelos também merecem recompensa, aceitai-me estes dois luíses e retirai-vos em paz.

Os campônios não se atreviam a recebê-los; o hoteleiro pegou nas duas moedas e pô-las na mão de um deles.

Afastaram-se os quatro carregadores, escancarando cada vez mais os olhos.

Fechada a porta, ao passo que o estalajadeiro se mantinha, respeitoso, ao lado dela, o franciscano recolheu-se momentaneamente.

Em seguida, passou pela fronte amarelecida a mão ressecada da febre e, com dedos crispados, esfregou, trêmulo, os anéis grisalhos da barba.

Os olhos, muito grandes, afundados pela moléstia e pela agitação, pareciam seguir no espaço alguma idéia dolorosa e inflexível.

— Quantos médicos tendes em Fontainebleau? — perguntou, afinal.

— Três, meu pai.

— Como se chamam?

— O primeiro, Luiniguet.

— E depois?

— Um carmelita chamado Irmão Humberto.

— E depois?

— Um secular chamado Grisart.

— Ah! Grisart! — murmurou o frade. — Chamai depressa o Sr. Grisart.

O estalajadeiro fez um movimento de zelosa obediência.

— A propósito, que padres temos aqui à mão?

— Que padres?

— Sim, de que ordens?

— Jesuítas, agostinhos e franciscanos menores; mas, meu pai, os jesuítas são os que estão mais perto. Chamarei, portanto, um jesuíta, não é assim?

— É, ide.

Saiu o albergueiro.

Adivinha-se que, ao sinal da cruz trocado entre eles, o dono da estalagem e o doente se haviam reconhecido como dois filiados à temível companhia de Jesus.

Ficando só, o franciscano retirou do bolso um maço de papéis, alguns dos quais percorreu com escrupulosa atenção. Todavia, a força do mal venceu-lhe a coragem: vidraram-se-lhe os olhos, um suor frio começou a escorrer-lhe da testa, e ele se deixou cair quase sem sentidos, com a cabeça para trás, e os braços inertes.

Havia cinco minutos que estava sem movimento algum, quando o hospedeiro entrou, conduzindo o médico, ao qual dera apenas tempo suficiente para vestir-se.

O sonido que fizeram ao entrar, a corrente de ar que provocou a abertura da porta, espertaram os sentidos do doente. Reuniu depressa os papéis esparsos e, com a mão comprida e descarnada, escondeu-os debaixo das almofadas da poltrona.

O hospedeiro saiu, deixando juntos o doente e o médico.

— Vamos a ver — disse o franciscano ao doutor — vamos a ver, Sr. Grisart, aproximai-vos, que não há tempo para perder; apalpai, auscultai, julgai e pronunciai a sentença.

— O nosso estalajadeiro — respondeu o médico — assegurou-me que eu tinha a felicidade de prestar assistência a um afiliado.

— A um afiliado, sim — anuiu o franciscano. — Dizei-me, portanto, a verdade; sinto-me muito mal; parece-me que vou morrer.

O médico pegou na mão do frade e apalpou-lhe o pulso.

— Oh! oh! — disse ele — febre perigosa.

Que entendeis por febre perigosa? — perguntou o enfermo m olhar imperioso.

— A um afiliado do primeiro ou do segundo ano — respondeu o médico interrogando o monge com os olhos — eu diria que *é* uma febre curável.

— E a mim? — insistiu o franciscano. O médico hesitou.

— Olhai para os meus cabelos grisalhos e para a minha fronte cheia de pensamentos — continuou ele; — examinai as rugas pelas quais conto as minhas provas; sou um jesuíta do décimo primeiro ano, Sr. Grisart.

O médico estremeceu.

Com efeito, um jesuíta do décimo primeiro ano era um homem iniciado em todos os segredos da ordem, um homem para quem a ciência já não tem segredos, a sociedade, barreiras, a obediência temporal, liame de espécie alguma.

— Portanto — disse Grisart saudando com respeito — vejo-me diante de um mestre?

— Sim.

— E que quereis saber?...

— A minha verdadeira situação.

— Pois bem — disse o médico — é uma febre cerebral, ou seja, uma meningite aguda no ponto mais agudo de intensidade.

— Então, não há esperanças, não é verdade? — perguntou o franciscano em tom breve.

— Não digo isso — respondeu o doutor; — entretanto, em vista da desordem do cérebro, da brevidade do fôlego, da precipitação do pulso, da incandescência da febre terrível que vos devora...

— E que hoje me tirou os sentidos por três vezes — disse o frade.

— Por isso lhe chamo terrível. Mas por que não ficastes no caminho?

— Eu era esperado aqui, precisava chegar.

— Com risco de morrer?

— Com risco de morrer.

— Pois bem, em face de todos os sintomas, dir-vos-ei que a situação é quase desesperadora.

Sorriu o franciscano de modo estranho.

— O que me dizeis bastaria a um afiliado, até do décimo primeiro ano; mas para mim, Mestre Grisart, é muito pouco, e tenho o direito de exigir mais. Sejamos ainda mais francos do que isso, como se falássemos com Deus. Aliás, já mandei chamar um confessor.

— Oh! apesar de tudo ainda tenho esperanças — balbuciou o médico.

— Respondei — exigiu o doente mostrando com gesto digno um anel de ouro, cujo engaste mantivera até então voltado para dentro, e no qual se via gravado o signo representativo da sociedade de Jesus.

Grisart deixou fugir uma exclamação.

— O geral! — bradou.

— Silêncio! — disse o franciscano; — como vedes, deveis ser exato.

— Senhor, senhor, chamai o confessor — murmurou Grisart; — pois, dentro em duas horas, ao primeiro redobro, sereis presa do delírio, e expirareis na crise.

— Ainda bem — murmurou o doente, franzindo momentaneamente o cenho; — tenho portanto duas horas?

— Sim, sobretudo se tomardes a poção que vou mandar-vos.

— E ela me dará duas horas?

— Duas horas.

— Tomá-la-ei, ainda que seja veneno, pois essas duas horas são necessárias não somente a mim, mas à glória da ordem.

— Oh! que perda! — murmurou o médico — que catástrofe para nós!

— É a perda de um homem, nada mais — respondeu o franciscano — e Deus há de fazer que o pobre monge que vos deixa encontre um digno sucessor. Adeus, Sr. Grisart; já foi muita bondade do

Senhor permitir que eu topasse convosco. Um médico não afiliado à nossa santa congregação ter-me-ia mantido na ignorância do meu estado, e, contando ainda com alguns dias de existência, eu não poderia tomar as precauções necessárias. Sois proficiente, Sr. Grisart, e isso a todos nos honra: repugnar-me-ia saber que um dos nossos é medíocre em sua profissão. Adeus, Mestre Grisart, adeus! e mandai-me depressa o cordial.

— Abençoai-me, pelo menos, monsenhor!

— Com o espírito, sim... ide... com o espírito, digo eu... *Animo* Mestre Grisart... *viribus impossibile.*

E recaiu sobre a poltrona, quase desfalecido de novo.

Mestre Grisart hesitou, sem saber se lhe acudiria ou se correria para preparar-lhe o cordial prometido. Optou, com certeza, pelo cordial, pois atirou-se para fora do quarto e desapareceu na escada.

Capítulo LIII - O segredo de estado

MOMENTOS após a saída do Dr. Grisart, chegou o confessor.

Assim que transpôs o limiar da porta, o franciscano cravou nele o olhar profundo. Logo, sacudindo a cabeça pálida:

— Eis um pobre espírito — murmurou — e espero que Deus me perdoe morrer sem o socorro dessa enfermidade viva.

O confessor, de seu lado, olhava com espanto, quase com terror, para o moribundo. Nunca vira olhos tão ardentes no momento de se fecharem, olhares tão terríveis no momento de se extinguirem.

O franciscano fez com a mão um sinal rápido e imperativo.

— Assentai-vos aí, meu pai — disse ele — e ouvi-me.

O confessor jesuíta, bom padre, simples e ingênuo, que dos mistérios da ordem só conhecia a iniciação, obedeceu à superioridade do penitente.

— Há nesta hospedaria várias pessoas — continuou o franciscano.

— Mas — atalhou o jesuíta — eu cria ter vindo para uma confissão. É uma confissão que me fazeis?

— Por que essa pergunta?

— Para saber se devo guardar segredo das vossas palavras.

— As minhas palavras são termos de confissão; confio-as ao vosso dever de confessor.

— Muito bem! — disse o padre instalando-se na poltrona que o franciscano acabava de deixar com muito esforço para estender-se no leito.

O franciscano continuou.

— Há, dizia eu, várias pessoas nesta hospedaria.

— Eu ouvi.

— Essas pessoas devem ser em número de oito.

O jesuíta fez sinal que compreendia.

— A primeira com quem desejo falar — disse o moribundo — é um alemão de Viena, que se chama Barão de Wotspur. Far-me-eis o favor de procurá-lo e dizer-lhe que a pessoa que ele estava esperando chegou.

Espantado, o confessor considerou o penitente: parecia-lhe singular a confissão.

— Obedecei — tornou o franciscano com o tom irresistível do comando.

Inteiramente subjugado, o bom jesuíta levantou-se e saiu do quarto.

Tendo saído o jesuíta, o franciscano tornou a pegar nos papéis que uma crise de febre o obrigara a largar havia poucos instantes.

— O Barão de Wotspur? Bom! — disse ele; — ambicioso, néscio, apoucado.

Voltou a dobrar os papéis, que meteu debaixo do travesseiro.

Ouviam-se passos rápidos na extremidade oposta do corredor.

Entrou de novo o confessor, seguido do Barão de Wotspur, que andava com a cabeça erguida, como se quisesse furar o teto com o penacho.

E, à vista do frade de olhar sombrio e da simplicidade do quarto:

— Quem me chama? — perguntou o alemão.

— Eu! — redarguiu o franciscano.

Em seguida, voltando-se para o confessor:

— Bom padre, deixai-nos sós; quando este senhor sair, tornareis a entrar.
Saiu o jesuíta, e sem dúvida aproveitou o momentâneo exílio para pedir ao dono do albergue explicações sobre o estranho penitente, que tratava o confessor como se trata um criado grave.
O barão aproximou-se da cama e quis falar, mas, com um gesto, o franciscano lhe impôs silêncio.
— Os momentos são preciosos — disse, rapidamente. — Viestes para o concurso?
— Sim, padre.
— Esperais ser eleito geral?
— Espero-o.
— Sabeis em que condições pode alguém chegar a essa altíssima posição, que faz de um homem o amo dos reis e o igual dos papas?
— Quem sois vós — perguntou o barão — para submeter-me a este interrogatório?
— Sou aquele que esperais.
— O eleito geral?
— Sou o eleito.
— Sois... ?
O franciscano não lhe deu tempo de terminar; estendeu a mão descarnada, em que brilhava o anel do geralado.
O barão recuou, espantadíssimo; logo, porém, inclinando-se com profundo respeito:
— Como! — exclamou — vós aqui, monsenhor?
Neste quarto pobre, neste leito miserável, vós, procurando e escolhendo o geral futuro, isto é, o vosso sucessor?
— Não vos preocupeis com isso; cumpri depressa a condição principal, que é a de fornecer à ordem um segredo de tamanha importância que uma das maiores cortes européias, por vosso intermédio, fique para sempre enfeudada à ordem. Pois bem, tendes esse segredo, como o afirmastes no pedido endereçado ao grande conselho?
— Monsenhor...
— Procedamos com ordem... Sois realmente o Barão de Wotspur?
— Sim, monsenhor.
— Esta carta é realmente vossa?
O geral dos jesuítas tirou um papel do maço e apresentou-o ao barão.
O barão passou-o pelos olhos e, com um sinal afirmativo:
— Sim, monsenhor, essa carta é realmente minha — afiançou.
— E podeis mostrar-me a resposta que vos enviou o secretário do grande conselho?
— Ei-la, monsenhor.
O barão estendeu ao franciscano um papel que continha apenas este endereço:

"A Sua Excelência o Barão de Wotspur".

E esta frase:

"Do dia 15 ao dia 22 de maio, Fontainebleau, estalagem do Beau-Paon. A M D G."

— Bem! — disse o franciscano — eis-nos apresentados, falai.
— Tenho um corpo de tropas de cinqüenta mil homens; todos os oficiais são nossos. Estou acampado sobre o Danúbio. Posso, em quatro dias, derrubar o imperador, que se opõe, como o

sabeis, ao progresso de nossa ordem, e substituí-lo pelo príncipe da sua família que a ordem indicar.
O franciscano escutava sem dar sinais de vida.
— É só? — perguntou.
Há uma revolução européia no meu plano — disse o barão.
— Está bem, Sr. de Wotspur, recebereis a resposta; recolhei aos vossos aposentos e deixai Fontainebleau dentro de um quarto de hora.
O barão saiu recuando, e tão obsequioso como se se despedisse do mesmo imperador que ia trair.
— Isso não é segredo — murmurou o franciscano — é uma conjura... Aliás — ajuntou após um momento de reflexão — o futuro da Europa não está hoje na casa de Áustria.
E, com um lápis vermelho que tinha na mão, riscou da lista o nome do Barão de Wotspur.
— Ao cardeal, agora — disse ele; — do lado da Espanha, teremos coisa mais séria.
Erguendo os olhos, deu com o confessor, que lhe esperava as ordens, submisso como um escolar.
— Ah! ah! — disse ele, notando a submissão — falastes com o dono da estalagem?
— Falei, monsenhor, e com o médico também.
— Com Grisart?
— Sim.
— Ele está aí?
— Está esperando, com a poção prometida.
— Pois bem! se for preciso, chamá-lo-ei; agora, compreendeis toda a importância de minha confissão, não é verdade?
— Sim, monsenhor.
— Então, ide buscar-me o cardeal espanhol Herrebia. Apressai-vos. Mas desta vez, como sabeis o de que se trata, ficareis ao pé de mim, pois sinto desfalecimentos, — Devo chamar o médico?
— Ainda não, ainda não... Só o cardeal espanhol... Ide.
Cinco minutos depois, entrava o cardeal, pálido e inquieto, no quartinho.
— Fiquei sabendo, monsenhor... — balbuciou.
— Aos fatos — disse o franciscano com voz apagada.
E mostrou-lhe uma carta escrita pelo cardeal ao grande conselho.
— É a vossa letra? — perguntou.
— É; mas...
— E a vossa convocação?
O cardeal hesitava em responder. Revoltava-se-lhe a púrpura contra o burel do frade.
O moribundo estendeu a mão e mostrou o anel.
O anel surtiu efeito, tanto maior quanto maior era o personagem sobre o qual se exercia a autoridade do monge..
— O segredo, o segredo, depressa! — pediu o doente, apoiando-se no confessor.
— *Coram istif* — perguntou o cardeal, inquieto.
— Falai em castelhano — tornou o frade prestando a maior atenção.
— Sabeis, monsenhor — disse o cardeal, continuando a conversação em castelhano — que a condição do casamento da infanta com o rei de França é uma renúncia completa aos direitos da dita infanta, como também aos do Rei Luís, a todo e qualquer apanágio da coroa de Espanha?
O franciscano fez um sinal afirmativo.
— Daí resulta — continuou o cardeal — que a paz e a aliança entre os dois reinos dependem da observância dessa cláusula do contrato.
Novo e idêntico sinal do franciscano.

— Não somente a França e a Espanha — disse o cardeal — mas também a Europa toda seriam abaladas pela infidelidade de umas das partes.

Terceiro movimento da cabeça do enfermo.

— Donde se conclui — prosseguiu o orador — que quem pudesse prever os acontecimentos e ter como certo o que é apenas nuvem no espírito do homem, isto é, a idéia do bem ou do mal futuros, preservaria o mundo de imensa catástrofe e dirigiria em proveito da ordem o acontecimento adivinhado no próprio cérebro de quem o prepara.

— *Pronto! pronto!* — murmurou o franciscano, que, lívido, se inclinou sobre o padre.

Aproximou-se o cardeal do ouvido do moribundo.

— Pois bem, monsenhor — disse ele — sei que o rei de França, ao primeiro pretexto, uma morte por exemplo, seja a do rei de Espanha, seja a de um irmão da infanta, decidiu que a França reividicará, com as armas na mão, a herança, e já tenho preparado o plano político elaborado por Luís XIV nessa ocasião.

— E o plano? — perguntou o franciscano.

— Ei-lo.

— Por quem foi redigido?

— Por mim.

— Não tendes mais nada que dizer?

— Creio já ter dito muito, monsenhor.

— De fato, prestastes um grande serviço à ordem. Mas como obtivestes os pormenores que vos permitiram traçar o plano? Tenho a meu soldo os criados subalternos do rei de França, e eles me entregaram todos os documentos sem importância poupados pelo fogo.

— É engenhoso — murmurou o franciscano tentando sorrir. — senhor cardeal, partireis desta hospedaria dentro de um quarto de hora; recebereis uma resposta, ide!

Retirou-se o cardeal.

— Chamai-me Grisart, e procurai-me o veneziano Marini — ordenou o doente.

Enquanto o confessor obedecia, o franciscano, em vez de riscar o nome do cardeal, como riscara o do barão, traçou-lhe uma cruz ao lado.

Em seguida, extenuado pelo esforço, recaiu sobre o leito murmurando o nome do Dr. Grisart.

Quando tornou em si, bebera a metade de uma poção cujo resto ficara no copo, amparado pelo médico, ao passo que o veneziano e o confessor esperavam, imóveis, à porta.

Passou o veneziano pelas mesmas formalidades por que haviam passado os primeiros concorrentes, hesitou como eles à vista dos dois estranhos e, tranqüilizado pela ordem do geral, revelou que o papa, aterrado com o poder da ordem, urdia um plano de expulsão total dos jesuítas e procurava as cortes européias com o fito de obter-lhes a ajuda. Indicou os auxiliares do pontífice, os seus meios de ação, e indicou o sítio do Arquipélago para onde, por um golpe de força, dois cardeais adeptos do décimo primeiro ano, e, portanto, chefes superiores, seriam deportados com trinta e dois dentre os principais afiliados de Roma.

O franciscano agradeceu ao Signor Marini. Não era pequeno o serviço prestado à sociedade com a denúncia do projeto pontifício.

A seguir, o veneziano recebeu ordem de partir dali a um quarto de hora, e afastou-se radiante, como se já tivesse o anel, insígnia do comando da sociedade.

Mas, ao passo que ele se alongava, murmurava na cama o franciscano:

— Todos esses homens são espiões ou esbirros, nenhum é geral; todos descobriram uma conspiração, nenhum possui um segredo. Não é com a ruína, com a guerra, com a força que há de

governar a sociedade de Jesus, senão com a influência misteriosa que empresta a autoridade moral. Não, o homem ainda não foi encontrado e, por cúmulo de desgraça, Deus me fere e eu morro.

Oh! terá de cair comigo a Sociedade por falta de uma coluna? Terá a morte, que me espera, de devorar comigo o futuro da ordem? Esse futuro que em dez anos de vida eu teria eternizado, pois surge, radioso e esplêndido, com o reinado do novo rei!

Tais palavras, entre pensadas e articuladas, ouvia-as com terror o bom jesuíta como se ouvem as divagações de um homem que delira, ao passo que Grisart, espírito mais elevado, as devorava como revelações de um mundo desconhecido em que mergulhava o olhar sem poder alcançá-lo com a mão.

De repente se ergueu o franciscano.

— Terminemos — disse ele — a morte está-me vencendo. Oh! ainda há pouco, eu morria tranqüilo, eu esperava... Agora caio desesperado, a menos que entre os que faltam... Grisart!

Grisart! faze-me viver uma hora ainda!

Grisart aproximou-se do moribundo e deu-lhe algumas gotas, não da poção que estava no copo, mas do conteúdo de um frasco que trazia consigo.

— Chamai o escocês! — exclamou o franciscano; — chamai o comerciante de Brema! Chamai! chamai! Jesus! eu morro! Jesus! sufoco!

Precipitou-se o confessor em busca de socorro, como se existisse força humana capaz de erguer o dedo da morte que caía sobre o doente; mas, no limiar da porta, encontrou Aramis, que, com o indicador nos lábios, qual estátua de Harpócrates, deus do silêncio, fê-lo recuar de novo até ao fundo do quarto.

Todavia, depois de se haverem consultado com os olhos, o médico e o confessor fizeram menção de afastar o recém-chegado. Mas este, com dois sinais diferentes da cruz, que executou, pregou-os em seus lugares.

— Um chefe! — murmuraram ambos.

Aramis penetrou lentamente no quarto em que o moribundo se debatia nas primeiras vascas da morte.

Quanto ao franciscano, ou porque o elixir surtisse efeito, ou porque a aparição de Aramis lhe devolvesse as forças, fez um movimento, e, com os olhos em chamas, a boca entreaberta, os cabelos empapados de suor, ergueu-se sobre o leito.

Sentiu Aramis que a atmosfera do quarto sufocava; todas as janelas estavam fechadas, ardia o lume na lareira, duas velas de cera amarela derretiam-se sobre os candelabros de cobre e esquentavam ainda mais o ar com o seu vapor espesso.

Abriu a janela, e, fitando no moribundo um olhar agudo e respeitoso:

— Monsenhor — disse-lhe — peço-vos perdão por apresentar-me sem ter sido chamado, mas o vosso estado me assusta, e pensei que poderíeis morrer antes de ver-me, pois ocupo o sexto lugar na vossa lista.

O moribundo estremeceu e examinou a lista.

— Sois, portanto, aquele que outrora se chamou Aramis e depois Cavaleiro d'Herblay?

— Sois o bispo de Vannes?

— Sim, monsenhor.

— Já vos conheço, já vos vi.

— No último jubileu, na residência do Santo Padre.

— Ah! sim, é verdade, lembra-me agora. E sois um dos pretendentes?

— Monsenhor, ouvi dizer que a ordem precisava de um grande segredo de Estado, e, sabendo que, por modéstia, havíeis renunciado antecipadamente as vossas funções em favor de quem o trouxesse,

escrevi que estava disposto a concorrer, pois possuo sozinho um segredo que considero importante.
— Falai — disse o franciscano; — estou pronto para ouvir-vos e para julgar-lhe da importância.
— Monsenhor, um segredo com o valor do que terei a honra de confiar-vos não se diz com palavras. Toda idéia, depois de sair dos limbos do pensamento e expressar-se através de uma manifestação qualquer, já não pertence nem àquele que a gerou. A palavra pode ser recolhida por um ouvido atento e inimigo; não se deve, pois, espalhá-la ao acaso, pois o segredo, assim, deixaria de ser segredo.
— E como pensais transmiti-lo? — inquiriu o moribundo. Aramis fez com a mão um sinal ao médico e ao confessor que se afastassem, e, com a outra, estendeu ao franciscano um papel recoberto por duplo invólucro.
— E a escrita — perguntou o franciscano — não é mais perigosa que a palavra?
— Não, monsenhor — respondeu Aramis — pois encontrareis nesse invólucro caracteres que somente vós e eu podemos compreender.
O franciscano contemplava Aramis com assombro cada vez maior.
— É o código — continuou este último — que possuíeis em 1655, e que só o vosso secretário, Juan Jujan, que está morto, poderia decifrar se voltasse ao mundo.
— Conheceis o código?
— Fui eu quem lho forneceu.
E, inclinando-se com respeitosa elegância, dirigiu-se para a porta, fazendo menção de sair.
Mas um gesto do franciscano, acompanhado de um grito, o reteve.
— Jesus! — bradou ele; — *ecce homo!*[1] Logo, relendo segunda vez o papel:
— Vinde depressa — disse — vinde!
Reaproximou-se Aramis do franciscano com o mesmo rosto calmo e o mesmo ar respeitoso.
O monge, com o braço esticado, queimava na chama de uma vela o pedaço de papel.
Depois, pegando na mão de Aramis e puxando-o para si:
— Como e por quem soubestes do segredo? — indagou.
— Pela Sra. de Chevreuse, amiga íntima e confidente da rainha.
— E a Sra. de Chevreuse?
— Morreu.
— E ninguém mais o conhecia?
— Somente um homem e uma mulher do povo.
— Quem eram?
— Os que o educaram.
— Que foi feito deles?
— Também morreram... Este segredo queima como fogo.
— Sobrevivestes?
— Ninguém sabe que o conheço.
— Há quanto tempo conhecei-lo?
— Há quinze anos.
— Guardaste-lo?
— Eu queria viver.
— E dai-lo à ordem, sem ambição, sem recompensa?
— Dou-o à ordem com ambição e com recompensa — disse Aramis; — pois, se viverdes, monsenhor, fareis de mim, agora que me conheceis, o que posso, o que devo ser.
— E como vou morrer — bradou o franciscano — faço de ti meu sucessor... Tomai.

— Et comme je meurs, s'écria le franciscain, je fais de toi mon successeur...

E, arrancando o anel, passou-o para o dedo de Aramis. Em seguida, voltando-se para os dois circunstantes:

— Sede testemunhas — disse ele — e atestai-o quando chegar a ocasião, de que, enfermo de corpo, mas são de espírito, livre e voluntariamente entreguei este anel, insígnia do poder supremo, a Monsenhor d'Herblay, o bispo de Vannes, que nomeio meu sucessor, e diante do qual, eu, humilde pecador, prestes a aparecer diante de Deus, sou o primeiro a inclinar-me, para dar o exemplo a todos.

E o franciscano inclinou-se efetivamente, ao passo que o médico e o jesuíta caíam de joelhos.

Mais pálido que o próprio agonizante, Aramis relanceou sucessivamente a vista pelos atores daquela cena. A ambição satisfeita afluía-lhe com o sangue ao coração.

— Apressemo-nos — volveu o franciscano; — o que eu tinha que fazer aqui urge-me, devora-me! Jamais o conseguirei.

— Eu o farei — prometeu Aramis.

— Está bem.

Em seguida, dirigindo-se ao jesuíta e. ao médico:

— Deixai-nos sozinhos — ordenou o frade. Ambos obedeceram.

— Com este sinal — disse ele — sois o homem indicado para sacudir a terra; com este sinal derrubareis; com este sinal edificareis: — *In hoc signo vinces!* Fechai a porta.

Aramis correu os ferrolhos e voltou a abeirar-se do frade.

— O papa conspirou contra a ordem — declarou o franciscano — o papa deve morrer.

— Morrerá — tornou placidamente Aramis.

— Devem-se setecentas mil libras a um comerciante de Brema, chamado Donstett, que veio aqui procurar a garantia da minha assinatura.

— Será pago — prometeu Aramis.

— Seis cavaleiros de Malta, cujos nomes aqui estão, descobriram, pela indiscrição de um afiliado do décimo primeiro ano, os terceiros mistérios; cumpre saber o que fizeram do segredo, recuperá-lo e extingui-lo.

— Muito bem.

— Três afiliados perigosos devem ser recambiados para o Tibete, para morrer; estão condenados. Eis aqui os seus nomes.

— Farei executar a sentença.

— Finalmente, há uma dama de Antuérpia, sobrinha segunda de Ravaillac, que possui alguns papéis comprometedores para a ordem. Recebe a família, há cinqüenta e um anos, uma pensão de cinqüenta mil libras. A pensão é pesada; a ordem não é rica... Urge recuperar os papéis mediante uma soma final, ou, em caso de recusa, suprimir a pensão... sem risco.

— Pensarei nisso.

— Um navio procedente de Lima deve ter entrado, a semana passada, no porto de Lisboa; vem ostensivamente carregado de chocolate, mas, em realidade, traz ouro. Cada barra está escondida sob uma camada de chocolate. O navio pertence à ordem; vale dezessete milhões de libras, que reclamareis: aqui estão os conhecimentos.

— A que porto o chamarei?

— A Baiona. Se não soprarem ventos contrários, daqui a três semanas estará em Baiona. É só?

O franciscano fez um sinal afirmativo com a cabeça, pois já não podia falar; o sangue lhe invadia a garganta e o rosto, e jorrou-lhe da boca, das narinas e dos olhos. O desgraçado só teve tempo de apertar a mão de Aramis, e caiu, contorcendo-se, da cama no chão.

Aramis pôs a mão no coração do frade; o coração deixara de bater.

Abaixando-se, observou que um fragmento do papel entregue ao franciscano escapara às chamas.

Apanhou-o e queimou-o até o último pedacinho.

A seguir, tornando a chamar o confessor e o médico:

— O vosso penitente está com Deus — disse ao confessor; — já não precisa senão de orações e da sepultura dos mortos. Preparai tudo para um enterro simples, como convém a um pobre monge... Ide.

O jesuíta saiu.

Logo, voltando-se para o médico, e vendo-lhe o rosto pálido e ansioso:

— Sr. Grisart — disse-lhe baixinho — esvaziai o copo e limpai-o; ainda há nele muito do que o grande conselho vos ordenou que lhe pusésseis.

Atordoado, aterrado, esmagado, Grisart quase caiu de costas. Aramis encolheu os ombros em sinal de piedade, tomou o copo, e despejou-lhe o conteúdo nas cinzas da lareira.

Depois saiu, levando consigo os papéis do morto.

— Votre pénitent est avec Dieu, il n'a plus besoin que des prières et de la sépulture des morts.

---

[1] *Ecce homo* = Eis o homem. São as palavras de Pilatos aos judeus, apresentando-lhe o Nazareno: *"Saiu pois Jesus, trazendo uma coroa de espinhos e um vestido de púrpura. E Pilatos lhes disse: Eis aqui o homem"* (S. João 19,5). (N. do T.)

Capítulo LIV - Missão

NO dia seguinte, ou melhor, no mesmo dia, pois os, acontecimentos que acabamos de relatar só tiveram fim às três horas da madrugada, antes do almoço, havendo o rei partido para a missa com as duas rainhas, havendo Monsieur, com o Cavaleiro de Lorena e outros familiares, montado a cavalo para ir ao rio, a fim de tomar um daqueles banhos que tanto apreciavam as damas, havendo, enfim, permanecido sozinha no castelo Madame, que, pretextando uma indisposição, não quisera sair, viu-se, ou antes, não se viu Montalais esgueirar-se para fora do quarto das damas de honor, levando consigo La Vallière, que se escondia o mais possível; e ambas, esquivando-se pelos jardins, chegaram, não sem olhar para todos os lados, aos quincôncios.

O tempo estava brusco; um vento quente curvava as flores e os arbustos; a poeira abrasante, arrancada aos caminhos, subia, em turbilhões, pelas árvores.

Montalais, que, durante a marcha, desempenhara as funções de hábil batedor, deu mais alguns passos e, voltando-se para certificar-se de que ninguém as olhava nem escutava:

— Graças a Deus! — disse ela — estamos sozinhas. Desde ontem, toda a gente por aqui anda espreitando, e forma um círculo em torno de nós como se fossemos pestilentas.

La Vallière abaixou a cabeça e exalou um suspiro.

— Enfim, é incrível! — continuou Montalais. — Desde o Sr. Malicorne até o Sr. de Saint-Aignan, toda a gente quer conhecer-nos o segredo. Vamos, Luísa, entendamo-nos, a fim de que se saiba o que fazer.

La Vallière ergueu para a companheira os formosos olhos puros e profundos como o azul de um céu de primavera.

— E eu — disse ela — quero perguntar-te porque fomos chamadas aos aposentos de Madame; porque dormimos no quarto dela em vez de dormir, como sempre, em nosso quarto; porque entraste tão tarde e de onde vêm as medidas de vigilância que hoje cedo se tomaram contra nós?

— Minha querida Luísa, respondes à minha pergunta por outra pergunta, ou melhor, por dez perguntas, e isso não é responder. Eu to direi mais tarde, e como são coisas de somenos importância, podes esperar. O que te pergunto, pois tudo depende disso, é se há ou não há segredo?

— Não sei se há segredo — disse La Vallière — mas sei que houve, pelo menos de minha parte, imprudência depois das bobagens que falei e do meu desmaio, mais bobo ainda; todos agora fazem comentários sobre nós.

— Fala por ti, minha cara — tornou, rindo, Montalais — por ti e por Tonnay-Charente, que ontem fizestes declarações às nuvens, mas que, desgraçadamente, foram interceptadas.

La Vallière abaixou a cabeça.

— Em realidade — disse ela — tu me suplicias.

— Eu?

— Sim, essas brincadeiras me matam.

— Escuta, escuta, Luísa. Não são brincadeiras, não; pelo contrário, não há nada mais sério do que isso. Não te arranquei do castelo, não faltei à missa, não fingi uma enxaqueca, como Madame, que, aliás, tem tanta enxaqueca quanto eu; enfim, não pus em prática uma diplomacia dez vezes maior que a herdada pelo Sr. Colbert do Sr. de Mazarino e aplicada contra o Sr. Fouquet, para lamuriarmos juntas e eu deixar-me embair por ti. Não, não, acredita, se te interrogo, não o faço por curiosidade, mas porque, de fato, a situação é crítica. Todos sabem o que disseste ontem e todos se divertem com

o texto, bordando-o com as flores da sua fantasia; tiveste a honra esta noite e ainda a tens hoje cedo de interessar toda a corte, minha cara, e a quantidade de coisas ternas e inteligentes que te atribuem matariam de despeito a Srta. de Scudéry e o irmão, se lhes fossem fielmente transmitidas.

— Ora! minha boa Montalais — disse a pobre menina — sabes melhor do que ninguém o que eu disse, visto que foi diante de ti que falei.

— Eu sei. A questão não é essa. Não esqueci uma palavra tua; mas foste sincera?

Luísa perturbou-se.

— Novas perguntas? — bradou. — Santo Deus! eu daria tudo no mundo para esquecer o que disse... Por que tanto se empenham todos em recordar-mo? Que coisa horrível!

— Que é que é horrível?

— Ter uma amiga que devia poupar-me, que me poderia aconselhar, ajudar, salvar, e que me mata, me assassina!

— Ora! ora! — acudiu Montalais — depois de teres falado muito pouco, agora falas demais. Ninguém está pensando em matar-te ou roubar-te, nem mesmo o teu segredo: todos o querem de boa mente, e não de outro modo; pois não é apenas dos teus negócios que se trata, mas dos nossos; e Tonnay-Charente te diria a mesma coisa se aqui estivesse. Pois, afinal, ontem à noite ela me pedira uma entrevista em nosso quarto, e eu me dirigia para lá, depois dos meus colóquios manicampianos e malicornianos, quando fiquei sabendo, um pouco tarde, é verdade, que Madame seqüestrara as damas de honor e nós deveríamos dormir no quarto dela, em vez de dormirmos no nosso. Ora, Madame seqüestrou as damas de honor para que elas não tivessem tempo de se concertarem, e, hoje cedo, fechou-se com Tonnay-Charente com o mesmo intuito. Dize-nos, querida amiga, até onde Atenais e eu podemos confiar em ti e nós te diremos até onde podes confiar em nós.

— Não compreendo a pergunta que me fazes — respondeu Luísa, agitadíssima.

— Hum! pareces, pelo contrário, compreendê-la muito bem. Mas quero precisar as minhas perguntas, a fim de que não tenhas a desculpa da menor falsa. Portanto, ouve: *Amas o Sr. de Bragelonne?* Isso está claro, não está?

A essa pergunta, que caiu como o primeiro projétil de um exército obsidiante na praça obsidiada, Luísa fez um movimento.

— Se amo Raul! — exclamou — meu amigo de infância, meu irmão!

— Eh! não, não, não! Escapas-me de novo, ou melhor, queres escapar-me. Não te pergunto se amas Raul, teu amigo de infância, teu irmão; pergunto se amas o Sr. Visconde de Bragelonne, teu noivo!

— Oh! meu Deus — disse Luísa — quanta severidade nas palavras!

— Nada disso, não sou mais nem menos severa que de costume. Faço-te uma pergunta; responde.

— O fato — respondeu Luísa com voz entrecortada — é que não me falas como amiga, mas eu te responderei como amiga sincera.

— Vamos a ver.

— Tenho o coração cheio de escrúpulos e de ridículos orgulhos a respeito do que uma mulher deve guardar secreto e, nesse sentido, ninguém descobriu jamais o fundo de minha alma.

— Eu sei. Se eu tivesse descoberto, não te interrogaria; dir-te-ia apenas: "Minha boa Luisa, tens a fortuna de conhecer o Sr. de Bragelonne, guapo rapaz e vantajoso partido para uma moça sem haveres. O Sr. de La Fère deixará umas quinze mil libras de renda ao filho. Terás, portanto, um dia, quinze mil libras de renda como esposa desse filho; é admirável! Não vás, pois, nem para a direita nem para a esquerda, vai francamente para o Sr. de Bragelonne, isto é, para o altar a que ele deve conduzir-te. E depois? Depois, segundo o caráter dele, serás emancipada ou escrava, isto é, terás o direito de cometer todas as loucuras que cometem as pessoas muito livres ou muito escravas". Eis aí,

minha querida Luísa, o que eu te diria se tivesse lido no fundo do teu coração.

— E eu te agradeceria — balbuciou Luísa — se bem o conselho não me pareça muito bom.

— Espera, espera... Mas logo após dizer isso, eu acrescentaria: "Luísa, é perigoso passar dias inteiros com a cabeça inclinada sobre o seio, as mãos inertes, o olhar vago; é perigoso procurar as alamedas escuras e não sorrir aos divertimentos que alegram o coração de todas as raparigas; é perigoso, Luísa, escrever com a ponta do pé, na areia, letras que debalde tentas apagar, pois aparecem ainda debaixo do salto, sobretudo quando semelham mais um L do que um B; é perigoso, enfim, meter na cabeça mil fantasias esdrúxulas, frutos da solidão e da enxaqueca; essas fantasias nos descarnam as faces ao mesmo tempo que nos descarnam o cérebro: de sorte que não é raro, nessas ocasiões, Ver a mais agradável das pessoas converter-se na mais macambúzia, e a mais inteligente, na mais aparvalhada".

— Obrigada, minha Aura querida — respondeu meigamente La Vallière; — é de teu feitio falar-me assim, e eu te agradeço por me falares segundo o teu feitio.

— E olha que me refiro a abstrações; não tomes portanto de minhas palavras senão o que julgares que te cabe. Já não sei que história me acode à memória sobre uma rapariga vaporosa ou melancólica, visto que o Sr. Dangeau me explicava outro dia que melancolia se deve, gramaticalmente, escrever *melancholia,* com *h,* pois vem de duas palavras gregas, uma das quais quer dizer *preto* e a outra, *bile.* Eu pensava, portanto, nessa moça que morreu de *bile preta* por haver imaginado que o príncipe, o rei ou o imperador... não sei, adorava-a; ao passo que o príncipe, o rei ou o imperador... como quiseres, gostava manifestamente de outra, e, coisa singular, em que ela não reparava, mas que toda a gente percebia, utilizava-se dela como de um guarda-vento de amor. Ris, como eu, dessa pobre louca, não é verdade, La Vallière?

— Rio, sim — balbuciou Luísa, pálida como um cadáver; — está visto que rio.

— E tens razão, que é divertido. A história, ou conto, como quiseres, agradou-me; eis porque a retive e agora te conto. Serás capaz de imaginar, minha boa Luísa, os estragos que produziria no teu cérebro, por exemplo, uma melancholia, com *h,* dessa espécie? Quanto a mim, resolvi contar-te o caso; pois, se nos sucedesse a uma de nós, a vítima deveria estar persuadida desta verdade: hoje, um laço; amanhã, uma chacota; depois, a morte.

La Vallière estremeceu e ficou, se possível, ainda mais pálida.

— Quando um rei se interessa por nós — continuou Montalais — não o esconde de nós, e, se formos o bem que ele cobiça, sabe poupar-nos. Vês, portanto, Luísa, que, em semelhantes circunstâncias, entre raparigas expostas a tamanho perigo, precisamos pôr as cartas na mesa, a fim de que os corações não melancólicos vigiem os corações inclinados à melancolia.

— Silêncio! silêncio! — exclamou La Vallière — vem vindo alguém.

— De fato — disse Montalais; — mas quem será? Toda a gente está na missa com o rei ou no banho com Monsieur.

No extremo da alameda, as duas meninas avistaram, sob a arcada verdejante, o passo gracioso e a robusta estatura de um rapaz que, com a espada debaixo do braço e uma capa por cima dele, calçando botas e esporas, cumprimentava-as de longe com meigo sorriso.

— Raul! — exclamou Montalais.

— O Sr. de Bragelonne! — murmurou Luísa.

— É um juiz naturalíssimo que chega para a nossa pendência — observou Montalais.

— Oh! Montalais! Montalais, por piedade! — rebradou La Vallière — depois de teres sido cruel, não sejas inexorável!

Essas palavras, pronunciadas com o ardor de uma prece, apagaram do rosto, se não do coração de

Montalais, os últimos vestígios de ironia.

— Estais belo como Amadis, Sr. de Bragelonne! — gritou ela para Raul — e armado e calçado como ele.

— Mil respeitos, senhoritas — respondeu Bragelonne, inclinando-se.

— Mas, afinal, por que essas botas? — repetiu Montalais, ao passo que La Vallière, embora considerasse Raul com espanto igual ao da companheira, não pronunciava uma palavra.

— Por quê? — perguntou Raul.

— Sim — arriscou La Vallière por seu turno.

— Porque vou partir — respondeu Bragelonne olhando para Luísa.

Assaltada por supersticioso terror, a menina cambaleou.

— Partis, Raul! — exclamou; — para onde?

— Minha querida Luísa — disse o rapaz com a placidez que lhe era natural — vou à Inglaterra.

— E que ides fazer à Inglaterra?

— Vou a mandado do rei.

— Do rei! — exclamaram, à uma, Luísa e Aura, que involuntariamente se entreolharam, lembradas ao mesmo tempo do diálogo interrompido.

Raul interceptou a troca de olhares, mas não a compreendeu. Atribuiu-a, portanto, muito naturalmente, ao interesse que lhe consagravam as duas meninas.

— Sua Majestade — disse ele — houve por bem recordar-se de que o Sr. Conde de La Fère é bem visto pelo Rei Carlos II. Hoje cedo, portanto, ao partir para a missa, vendo-me diante de si, o rei fez-me um sinal com a cabeça. Aproximei-me. "Sr. de Bragelonne, disse ele, procurareis o Sr. Fouquet, que recebeu cartas minhas para o rei da Grã-Bretanha; essas cartas, vós a levareis.” Inclinei-me. "Ah! antes de partirdes, acrescentou, fareis o obséquio de perguntar a Madame se quer alguma coisa para o rei seu irmão.”

— Meu Deus! — murmurou Luísa, agitada e reflexiva a um tempo.

— Tão depressa! Recebestes ordem de partir tão depressa? — perguntou Montalais, apalermada pelo estranho acontecimento.

— Para bem obedecermos às pessoas que respeitamos — disse Raul — temos de obedecer depressa. Dez minutos depois de haver recebido a ordem, eu estava pronto. Avisada, Madame está escrevendo a carta que me fará a honra de confiar-me. Nesse meio de tempo, informado pela Srta. de Tonnay-Charente de que devíeis estar entre os quincôncios, vim para cá e encontrei-vos.

— E ambas sofrendo, como vedes — disse Montalais para acudir a Luísa, cuja fisionomia se alterara visivelmente.

— Sofrendo! — repetiu Raul apertando com terna curiosidade a mão de Luísa de La Vallière. — Oh! de fato, a vossa mão está gelada.

— Não é nada.

— Esse frio não chega ao coração, não é verdade, Luísa? — perguntou o rapaz com meigo sorriso.

Luísa ergueu vivamente a cabeça, como se a pergunta, inspirada por uma suspeita, houvesse provocado um remorso.

— O meu coração — disse ela com esforço — nunca será frio para um amigo como vós, Sr. de Bragelonne.

— Obrigado, Luísa. Conheço o vosso coração e a vossa alma, e sei que não é ao contato da mão que se julga uma ternura como a vossa. Sabeis o quanto vos amo, Luísa, com quanta confiança e desprendimento vos entreguei minha vida; não me perdoareis uma confissão de criança?

— Falai, Sr. Raul — retrucou Luísa, cujo corpo todo fremia; — falai, que vos escuto.

— Não posso afastar-me de vós levando comigo um tormento, absurdo, bem o sei, mas que, não obstante, me tortura.

— Ficareis muito tempo? — perguntou La Vallière com voz sufocada, ao passo que Montalais virava a cabeça.

— Não, e provavelmente nem me demorarei quinze dias. La Vallière apoiou a mão no coração, que se confrangia.

— É estranho — prosseguiu Raul contemplando, melancólico, a menina; — muitas vezes vos deixei para arrostar situações perigosas, e partia contente, com o coração despejado, o espírito bêbedo de alegrias futuras, de futuras esperanças, e, no entanto, ia enfrentar as balas dos espanhóis ou as rijas alabardas do valões. Hoje, sem perigo nenhum, sem nenhuma inquietude, vou buscar pelo caminho mais fácil do mundo uma bela recompensa que me promete o favor real, vou talvez conquistar-vos; que outra recompensa mais preciosa do que vós mesma poderia conceder-me él-rei? Pois bem, Luísa, não sei porque, mas toda essa felicidade, todo esse futuro me foge diante dos olhos como fumaça vã, como sonho quimérico, e tenho aqui, aqui no fundo do coração, uma grande tristeza, um inexprimível abatimento, qualquer coisa de lúgubre, de inerte e de morto, como um cadáver. Oh! e eu sei porque, Luísa; é porque nunca vos amei tanto como agora. Oh! meu Deus! meu Deus!

A essa última exclamação, partida de um coração alanceado, Luísa prorrompeu em pranto desfeito e deixou-se cair entre os braços de Montalais.

Esta, se bem não fosse um modelo de pieguice, sentiu molharem-se-lhe os olhos e apertar-se-lhe o coração num círculo de ferro.

Raul viu as lágrimas da noiva. O seu olhar não penetrou, nem tentou penetrar aquelas lágrimas.

Dobrou um joelho em terra e beijou-lhe ternamente a mão.

— Levantai-vos, levantai-vos — disse-lhe Montalais, a pique de chorar também — que Atenais vem vindo.

Raul limpou o joelho com o reverso da manga, sorriu ainda uma vez para Luísa, que já não olhava para ele, e, tendo apertado com efusão a mão de Montalais, voltou-se para cumprimentar a Srta. de Tonnay-Charente, cujo vestido de seda já se ouvia roçar o saibro da alameda.

— Madame terminou a carta? — perguntou-lhe, quando a jovem chegou ao alcance de sua voz.

— Terminou, senhor visconde, a carta está pronta, selada, e Sua Alteza Real vos espera.

Ouvindo isso, Raul cumprimentou Atenais, lançou um derradeiro olhar a Luísa, fez um último sinal a Montalais, e alongou-se na direção do castelo.

Mas, enquanto se afastava, tornava a olhar para trás.

Afinal, ao dobrar a alameda principal, não viu mais nada.

De seu lado, as três meninas, com sentimentos bem diversos, tinham-no acompanhado com a vista.

— Enfim — disse Atenais, quebrando o silêncio — eis-nos sós, livres para falarmos sobre o grande caso de ontem e chegarmos a um acordo quanto ao procedimento que devemos seguir. Ora, se quiserdes ouvir-me — continuou, olhando para todos os lados — vou explicar-vos o mais brevemente possível, primeiro o nosso dever como o entendo, e se não me compreenderdes, a vontade de Madame.

E a Srta. de Tonnay-Charente acentuou as últimas palavras, de modo que não deixasse dúvidas no espírito das companheiras sobre o caráter oficial de sua missão.

— A vontade de Madame! — exclamaram, a um tempo, Montalais e Luísa.

— Um ultimato! — replicou diplomaticamente a Srta. de Tonnay-Charente.

— Mas, meu Deus! — murmurou La Vallière — Madame sabe de alguma coisa?...

— Madame sabe mais do que dissemos — articulou nitidamente Atenais. — Portanto, senhoritas,

ponhamo-nos de acordo.

— Oh! sim — anuiu Montalais. — Sou toda ouvidos. Fala, Atenais.

— Meu Deus! meu Deus! — murmurou Luísa, a tremer — sobreviverei àquela noite cruel?

— Oh! não te assustes tanto — disse Atenais — temos o remédio. E, sentando-se entre as companheiras, travou-lhes das mãos e começou.

Ao sussurro de suas primeiras palavras, ouviu-se o ruído de um cavalo que percutia as pedras da estrada, a galope, fora do castelo.

Capítulo LV - Feliz como um príncipe

RETORNANDO ao castelo, Bragelonne encontrara de Guiché. Mas, antes de ter sido encontrado por Bragelonne, de Guiché encontrara Manicamp, que, por sua vez, encontrara Malicorne.

De que maneira Malicorne encontrara Manicamp?

Nada mais simples: esperara-o à volta da missa, a que assistira em companhia do Sr. de Saint-Aignan.

Reunidos, tinham-se congratulado de sua boa fortuna, e Manicamp aproveitara a circunstância para perguntar ao amigo se não lhe haviam sobrado alguns escudos no fundo do bolso.

Este, sem se admirar da pergunta, que talvez já esperava, respondera que todo bolso de que se tira sempre e em que nunca se põe coisa alguma semelha os poços que fornecem água ainda durante o inverno, mas que os jardineiros esgotam no verão; que o seu bolso dele, Malicorne, era sem dúvida profundo, e teria prazer em sondá-lo em tempo de fartura, mas, infortunadamente, o abuso acabara provocando a esterilidade.

Ao que Manicamp, pensativo, replicara:

— É justo.

— Trata-se, portanto, de enchê-lo — ajuntara Malicorne.

— Sem dúvida; mas como?

— Nada mais fácil, meu caro Sr. Manicamp.

— Bom! Que é?

— Um cargo na casa de Monsieur, e o bolso voltará a encher-se.

— E já tens o cargo?

— Por enquanto tenho o nome do cargo.

— E então?

— O nome sem o cargo é o bolso sem dinheiro.

— É justo — respondera pela segunda vez Manicamp.

— Persigamos o cargo — insistira Malicorne.

— Caro, caríssimo — suspirara Manicamp — um cargo em casa de Monsieur é uma das graves dificuldades da nossa situação.

— Oh! oh!

— Sem dúvida, não podemos pedir-lhe coisa alguma neste momento.

— Por quê?

— Porque estamos estremecidos.

— Absurdo — articulara nitidamente Malicorne.

— Ora! e se cortejássemos Madame — lembrara Manicamp — conseguiríamos, realmente, agradar a Monsieur?

— Se cortejássemos Madame, e soubéssemos fazê-lo, seríamos adorados por Monsieur.

— Hum!

— Ou seríamos uns tolos! Vamos, Manicamp, tu que és grande político, afana-te em fazer as pazes entre o Sr. de Guiché e Sua Alteza Real.

— Que te disse, a ti, o Sr. de Saint-Aignan, Malicorne?

— A mim? Nada; apenas me interrogou.

— Pois comigo foi bem menos discreto.
— Que te contou ele?
— Que o rei está loucamente apaixonado pela Srta. de La Vallière.
— Isso é mais do que sabido! — replicara, irônico, Malicorne — e cada qual se empenha em propalá-lo com maior fúria do que os outros; mas, entrementes, faze, por favor, o que eu te disse: fala com o Sr. de Guiché, e procura persuadi-lo a chegar-se a Monsieur. Que diabo! Bem o deve ele a Sua Alteza Real!
— Mas seria preciso encontrar de Guiché.
— Não haverá nisso grande dificuldade. Faze, para vê-lo, o que fiz para te ver; espera-o; sabes que ele é passeador de seu natural.
— Sim, mas onde passeia?
— Que pergunta! ele não está apaixonado por Madame?
— Dizem.
— Pois bem, há de passear do lado dos aposentos de Madame.
— Isso mesmo! Meu caro Malicorne, não te enganavas: ei-lo que se aproxima.
— E por que querias que eu me enganasse? Observaste, porventura, ser esse o meu hábito? O caso, meu caro, é entendermo-nos. Precisas de dinheiro?
— Ah! — respondera lamentavelmente Manicamp.
— E eu preciso do cargo. Se Malicorne tiver o cargo, Malicorne terá dinheiro. É simples.
— Pois bem, sossega. Farei o possível.
— Faze.
Aproximava-se de Guiché; Malicorne se afastara e Manicamp se aferrara ao conde.
Este vinha pensativo e triste.
— Dize-me que rima procuras, meu caro conde — começara Manicamp. — Tenho uma excelente para emparelhar com a tua, principalmente se for em *âme*[1].
De Guiché sacudia a cabeça e, reconhecendo o amigo, pegara-lhe no braço.
— Meu caro Manicamp — dissera — estou procurando outra coisa.
— Que estás procurando?
— E vais ajudar-me a achar o que procuro — continuara o conde — tu que és um preguiçoso e, portanto, um engenho sutil.
— Vou polir o meu engenho, conde.
— O caso é este: quero reaproximar-me de uma casa onde tenho interesses.
— É só ir para o lado dessa casa — respondera Manicamp.
— Sim, mas a casa é habitada por um marido ciumento.
— Mais ciumento que o cão Cérbero?
— Mais, não; mas tanto quanto ele.
— E tem três goelas também, como esse guarda desesperante dos infernos? Oh! não dês de ombro, meu caro conde; faço a pergunta muito a sério, visto que os poetas pretendem, para abrandar o meu Cérbero, que o viajante precisa levar-lhe um bolo. Ora, eu, que vejo as coisas pelo prisma da prosa, isto é, pelo prisma da realidade, digo: um bolo é muito pouco para três goelas. Se o teu ciumento tem três goelas, conde, levaria três bolos.
— Manicamp, conselhos como esse posso obtê-lo do Sr. Beautru.
— Para obtê-los melhores, conde — volvera Manicamp com faceta expressão de seriedade — exporás com mais clareza o que pretendes.
— Ah! se Raul estivesse aqui — dissera de Guiché — haveria de compreender-me.

— Não duvido, sobretudo se lhe dissesses: Eu gostaria muito de ver Madame mais de perto, mas tenho medo de Monsieur, que é ciumento.

— Manicamp! — bradara o conde, encolerizado, tentando esmagar o chocarreiro com o olhar.

Mas o chocarreiro não parecera experimentar a mais mínima comoção.

— Que aconteceu, meu caro conde? — perguntara Manicamp.

— Como! é assim que blasfemas os nomes mais sagrados?

— Que nomes?

— Monsieur! Madame! Os primeiros nomes do reino!

— Meu caro conde, enganas-te redondamente, e eu não aludi aos primeiros nomes do reino. Aludi a um marido ciumento, que não me nomeastes, mas que tem necessariamente uma esposa; eu te respondi: Para ver Madame, reaproxima-te de Monsieur.

— Engraçadinho — tornara sorrindo, o conde — foi isso o que disseste?

— Exatamente.

— Então, está certo.

— Agora — ajuntara Manicamp — se queres que se trate da senhora duquesa... e do senhor duque... está bem, e eu te direi: Reaproximemo-nos da casa, seja ela qual for; pois é uma tática que, em nenhum caso, pode ser desfavorável ao teu amor.

— Ah! Manicamp, encontra-me um pretexto, um bom pretexto!

— Um pretexto! Com a breca! Cem pretextos, mil pretextos. Se Malicorne estivesse aqui, já te teria arrumado cinqüenta mil pretextos excelentes.

— Quem é Malicorne? — perguntara de Guiché piscando os olhos como quem procura lembrar-se.

— Parece-me que já ouvi esse nome...

— Está claro que o ouviste; deves trinta mil escudos ao pai dele.

— Ah! sim; é aquele digno rapaz de Orléans...

— A quem prometeste um cargo em casa de Monsieur; não o marido ciumento, o outro.

— Pois bem, já que é tão inteligente o teu amigo Malicorne, dize-lhe que me encontre um meio de ser adorado de Monsieur, que me encontre um pretexto para congraçar-nos.

— Seja, falarei com ele.

— Mas quem vem vindo?

— O Visconde de Bragelonne.

— Raul? Sim, com efeito.

E de Guiché aproximou-se rapidamente do rapaz.

— És tu, meu caro Raul? — perguntou.

— Sim, eu procurava-te para despedir-me, caro amigo! — replicou Raul apertando a mão do conde. — Bom dia, Sr. Manicamp.

— Como! Vais partir, visconde?

— Vou... Missão do rei.

— Aonde te mandam?

— A Londres. Irei ter agora com Madame, que deve entregar-me uma carta para Sua Majestade o Rei Carlos II.

— Tu a encontrarás sozinha, pois Monsieur saiu.

— Para ir?...

— Para ir ao banho.

— Então, caro amigo, tu que pertences à casa de Monsieur, encarrega-te de apresentar-lhe as minhas despedidas. Eu o teria esperado para receber-lhe as ordens, se o Sr. Fouquet, em nome de

Sua Majestade, não me tivesse significado que devo partir imediatamente.

Manicamp acotovelou de Guiché.

— Eis o pretexto — disse ele.

— Qual?

— As despedidas do Sr. de Bragelonne.

— Muito chôcho — respondeu de Guiché.

— Excelente, se Monsieur não estiver com raiva de ti; mau como outro qualquer se Monsieur estiver zangado.

— Tens razão, Manicamp; um pretexto, seja qual for, é quanto me basta. Portanto, boa viagem, caro Raul!

E os dois amigos se abraçaram.

Cinco minutos depois, Raul entrava nos aposentos de Madame. Madame ainda estava sentada à mesa em que escrevera a carta. Ardia à sua frente a vela cor-de-rosa de que se servira para a selar.

Mas, na sua preocupação, pois Madame parecia preocupadíssima, esquecera-se de apagá-la.

Bragelonne era esperado: foi anunciado assim que se apresentou.

Personificação da elegância, era impossível vê-lo uma vez sem recordá-lo sempre; e não somente Madame já o vira, mas também, como os leitores devem estar lembrados, fora ele um dos primeiros que a haviam cumprimentado no Havre, de onde a acompanhara a Paris.

Madame conservara, portanto, excelente lembrança de Bragelonne.

— Ah! — disse-lhe — estais aqui, senhor; vereis meu irmão, que gostará de pagar ao filho parte da dívida de gratidão que contraiu com o pai.

— O Conde de La Fère, Madame, já foi largamente recompensado do pouco que teve a ventura de fazer em favor do rei pelas mercês que Sua Majestade lhe dispensou, e sou eu quem vai levar-lhe o penhor do respeito, da dedicação e do reconhecimento do pai e do filho.

— Conheceis meu irmão, senhor visconde?

— Não, Alteza; é a primeira vez que terei a felicidade de ver Sua Majestade.

— Não será preciso recomendar-vos a ele. Mas, afinal, se duvidardes do vosso valor pessoal, tomai-me ousadamente por fiadora, que não vos desmentirei.

— Oh! é muita bondade de Vossa Alteza.

— Não, Sr. de Bragelonne. Viajamos juntos e lembro-me de ter observado a vossa grande sensatez entre as supremas loucuras que faziam à vossa direita e à vossa esquerda, dois dos maiores loucos deste mundo, os Srs. de Guiché e de Buckingham. Mas não falemos deles; falemos de vós. Ides à Inglaterra a fim de estabelecer-vos? Perdoai-me a pergunta: não é a curiosidade, é o desejo de servir-vos que a formula.

— Não, Madame; vou à Inglaterra desempenhar uma missão que Sua Majestade se dignou confiar-me, nada mais.

— E pretendeis voltar à França?

— Concluída a missão, a menos que Sua Majestade o Rei Carlos II me ordene outra coisa.

— Tenho certeza de que ele vos pedirá, pelo menos, que fiqueis a seu lado o maior tempo possível.

— Nesse caso, como eu não saberia recusar, peço de antemão a Vossa Alteza Real o favor de lembrar ao rei de França que ele tem longe de si um de seus servidores mais dedicados.

— Não vos suceda que, ao receberdes a ordem de regresso, ela vos pareça um abuso de poder.

— Não compreendo, Madame.

— A corte de França é incomparável, eu sei; mas temos também lindas mulheres na corte de

Inglaterra.
Raul sorriu.
— Oh! — tornou Madame — eis um sorriso que não pressagia nada de bom para as minhas compatriotas. É como se lhes dissésseis, Sr. de Bragelonne: "Venho ter convosco, mas deixo o coração do outro lado do estreito". Não é isso que significa o vosso sorriso?
— Vossa Alteza tem o dom de ler até no mais íntimo recesso das almas; há de, portanto, compreender porque, neste momento, uma estada prolongada na corte de Inglaterra me seria penosa.
— E preciso perguntar se o amor de tão bravo cavaleiro é retribuído?
— Madame, cresci com a mulher que amo, e creio que ela me consagra os mesmos sentimentos que lhe consagro.
— Pois bem, parti logo, Sr. de Bragelonne, voltai logo, e, quando regressardes, veremos um casal feliz, pois imagino que não haja obstáculo nenhum à vossa felicidade?
— Há um grande obstáculo, Madame.
— Ora! Qual?
— A vontade do rei.
— A vontade do rei!... El-rei se opõe ao vosso casamento?
— Pelo menos, adiou-o. Pedi ao rei o seu consentimento por intermédio do Conde de La Fère e, embora não houvesse recusado de todo, Sua Majestade afirmou, categoricamente, que era preciso esperar.
— A pessoa que amais é indigna de vós?
— É digna do amor de um rei, Madame.
— Quero dizer: Será de uma nobreza inferior à vossa?
— A família é excelente.
— Jovem, bela?
— Dezessete anos; e, para mim, maravilhosa! — Está na província ou em Paris?
— Está em Fontainebleau, Madame.
— Na corte?
— Sim.
— Eu conheço-a?
— Ela tem a honra de pertencer à casa de Vossa Alteza Real.
— O seu nome? — perguntou a princesa com ansiedade — a menos — ajuntou, reportando-se logo — a menos que seja um segredo.
— Não, Madame, o meu amor é suficientemente puro para que eu não faça dele segredo a ninguém, e com razão maior ainda a Vossa Alteza, tão boa para mim. É a Srta. Luísa de La Vallière.
Madame não pôde conter um grito, no qual havia mais do que espanto.
— Ah! — disse ela — La Vallière... a que ontem...
Deteve-se.
— Sim, Madame, só hoje cedo vim a saber do acidente que lhe ocorreu.
— E não a vistes antes de vir para cá?
— Tive a honra de apresentar-lhe as minhas despedidas.
— E dizeis — tornou Madame fazendo um esforço sobre si mesma — que o rei... adiou o vosso casamento com essa menina?
— Adiou, Alteza.
— E deu alguma razão para o adiamento?
— Nenhuma.

— Faz muito tempo que o Conde de La Fère lhe fez o pedido?
— Faz mais de um mês, Madame.
— É estranho — observou a princesa.
E algo como uma nuvem passou-lhe pelos olhos.
— Um mês? — repetiu.
— Mais ou menos.
— Tendes razão, senhor visconde — acudiu a princesa com um sorriso em que Bragelonne teria podido observar algum constrangimento — é preciso que meu irmão não vos guarde por muito tempo ao pé de si; por conseguinte, parti logo e, na primeira carta que eu escrever para a Inglaterra, prometo reclamar-vos em nome do rei.
E Madame levantou-se para colocar a carta nas mãos de Bragelonne. Raul compreendeu que a audiência terminara; pegou na carta, inclinou-se diante da princesa e saiu.
— Um mês! — murmurou Henriqueta — terei sido tão cega assim e dar-se-á que ele a ame há um mês?
E como não tivesse nada que fazer, começou a escrever ao irmão a carta cujo pós-escrito chamaria de volta Bragelonne.
O Conde de Guiché, como vimos, cedera às instâncias de Manicamp e deixara-se arrastar por ele às cocheiras, onde mandaram selar os cavalos; em seguida, pela pequena alameda que já descrevemos aos leitores, saíram ao encontro de Monsieur, que, depois, do banho, voltava satisfeito para o castelo, trazendo no rosto um véu de mulher, a fim de que o sol, já quente, não lhe ofendesse a pele.
Achava-se Monsieur numa das crises de bom humor que lhe inspirava, a reveses, a admiração da própria beleza. Dentro d'água, pudera comparar a alvura do seu corpo à do corpo dos cortesãos e, graças aos cuidados que tomava consigo, ninguém pudera, nem sequer o Cavaleiro de Lorena, suportar o confronto.
Monsieur, de mais a mais, nadara bastante, e todos os seus nervos, sabiamente tendidos pela salutar imersão na água fresca, lhe mantinham o corpo e o espírito em feliz equilíbrio.
Assim, à vista de de Guiché, que se aproximava a meio galope num soberbo cavalo branco, o príncipe não pôde conter uma exclamação de júbilo.
— Parece-me que a coisa vai bem — disse Manicamp, que supôs distinguir uma expressão de cordialidade na fisionomia de Sua Alteza Real.
— Ah! bom dia, Guiché, bom dia, meu pobre Guiché — exclamou o príncipe.
— Salve, monsenhor! — respondeu de Guiché, animado pelo tom de voz de Filipe; — saúde, alegria, ventura e prosperidade a Vossa Alteza!
— Sê bem-vindo, Guiché, e toma a minha direita, mas sofreia o cavalo, que pretendo voltar a passo debaixo destas frescas abóbadas.
— Às ordens de Vossa Alteza.
E de Guiché colocou-se à direita do príncipe, como este o determinara.
— Vejamos, meu caro de Guiché — disse o príncipe — vejamos, dá-me notícias daquele de Guiché que conheci outrora e que namorava minha mulher?
O conde corou até à raiz dos cabelos, ao passo que Monsieur soltava uma gargalhada como se tivesse dito a coisa mais graciosa do mundo.
Os poucos privilegiados que cercavam Monsieur julgaram-se na obrigação de imitá-lo, se bem não lhe tivessem ouvido as palavras, e puseram-se, do primeiro ao último, a rir a bandeiras despregadas.
Apesar do rubor, entretanto, de Guiché não se deu por achado: Manicamp observava-o.

— Ah! monsenhor — respondeu de Guiché — seja caritativo com um desgraçado; não queira imolar-me ao Cavaleiro de Lorena!
— Como assim?
— Se ele ouvir Vossa Alteza debicar-me, há de querer imitá-lo, e me debicará sem misericórdia.
— Por causa do teu amor à princesa?
— Oh! monsenhor, por piedade!
— Vamos, vamos, de Guiché, confessa que arrastaste a asa a Madame.
— Jamais confessarei uma coisa dessas, monsenhor.
— Por quê? Respeito por mim? Liberto-te do respeito, de Guiché. Confessa, como se se tratasse da Srta. de Chalais ou da Srta. de La Vallière.
Logo, interrompendo-se:
— Pronto! — disse ele, recomeçando a rir — já estou brincando com uma espada de dois gumes.
Firo-te e firo meu irmão: Chalais e La Vallière, tua noiva e a futura dele.
— Com efeito, monsenhor — acudiu o conde — Vossa Alteza está hoje de adorável humor.
— É verdade! sinto-me bem, e a tua vista me dá prazer.
— Obrigado, monsenhor.
— Estavas zangado comigo?
— Eu, monsenhor?
— Tu, sim.
— Mas por que, santo Deus?
— Porque interrompi as tuas sarabandas e espanholadas.
— Oh! Alteza!
— Vamos, não negues. Saíste aquele dia furibundo do quarto da princesa; isso te deu azar, meu caro, e dançaste o bailado de ontem lamentavelmente. Não emburres, de Guiché; ficas tão feio que pareces um urso. Se a princesa te viu ontem, tenho certeza de uma coisa...
— Que coisa, monsenhor? Vossa Alteza me assusta.
— Deve ter-te abrenunciado.
E o príncipe tomou novas barrigadas de riso.
"Decididamente — pensou Manicamp — a posição não influi, e são todos iguaizinhos." O príncipe continuou:
— Enfim, estás de volta; há esperanças de que o cavaleiro torne a mostrar-se amável.
— Como assim, monsenhor? Por que milagre terei essa influencia sobre o Sr. de Lorena?
— É muito simples, ele tem ciúmes de ti.
— Deveras?
— É o que te digo.
— É muita honra para mim.
— Quando estás perto, ele me agrada; quando partes, martiriza-me. Reino por gangorra. Além disso, sabes o que me ocorreu?
— Não faço a menor idéia, monsenhor.
— Pois bem, quando estavas no exílio, pois foste exilado, meu pobre Guiché...
— Se fui! e de quem a culpa, monsenhor? — atalhou de Guiché com ar emburrado.
— Minha é que não foi, meu caro conde — replicou Sua Alteza Real. — Não pedi ao rei que te exilasse, palavra de príncipe!
— Vossa Alteza, não, eu sei; mas...
— Madame. Oh! quanto a isso, não digo que não. Mas, afinal, que diabo fizeste a Madame?

— Em realidade, monsenhor...
— Sei que as mulheres são rancorosas, e a minha não foge à regra. Mas se ela te mandou exilar, eu, pelo menos, não tenho raiva de ti.
— Então, monsenhor — disse de Guiché — sou apenas meio infeliz.
Manicamp, que cavalgava atrás de Guiché e não perdia uma palavra, escondeu a cabeça atrás do pescoço do cavalo para disfarçar o riso que não podia reprimir.
— Aliás, o teu exílio me fez brotar um projeto na cabeça.
— Bom!
— Quando o cavaleiro, sem a tua sombra, cuidava reinar sozinho e maltratava-me, e vendo, ao contrário desse mau rapaz, minha mulher, que negligencio, tão amável e tão boa para mim, acudiu-me a idéia de converter-me em marido-modelo, raridade, curiosidade da corte; acudiu-me a idéia de amar minha mulher.
De Guiché considerou o príncipe com um ar de estupefação que não tinha nada de fingido.
— Oh! — balbuciou, trêmulo — Vossa Alteza não pode ter levado a sério a idéia?
— Está claro que sim! Possuo alguma coisa que meu irmão me deu no dia do meu casamento; ela tem dinheiro, e não pouco, visto que recebe ao mesmo tempo do irmão e do cunhado, da Inglaterra e da França. Pois bem, deixaríamos a corte.
Recolheríamos ao castelo de Villers-Cotterets, meu apanágio, no meio de uma floresta, no qual viveríamos o amor perfeito nos mesmos sítios em que o viveu com a formosa Gabriela meu avô Henrique IV... Que dizes da idéia, de Guiché?
— Digo que é de estarrecer, monsenhor — respondeu de Guiché, efetivamente estarrecido.
— Ah! vejo que não suportarias segundo exílio.
— Eu, monsenhor?
— Portanto, não te levarei conosco, como a princípio achei que devia fazer.
— Como assim, monsenhor?
— Sim, se me voltar a idéia de fugir da corte.
— Oh! monsenhor, não seja por isso, acompanharei Vossa Alteza até ao fim do mundo.
— Desastrado! — resmungou Manicamp atirando o cavalo sobre de Guiché, de modo que o sacudiu.
Em seguida, passando perto dele como se não conseguisse dominar a montaria:
— Mas pensa, ao menos, no que estás dizendo! — murmurou-lhe, baixinho.
— Então — disse o príncipe — está combinado; visto que és tão meu amigo, levo-te.
— A qualquer lugar, monsenhor, a qualquer lugar — replicou alegremente de Guiché; — a qualquer lugar. Vossa Alteza está pronto?
E, rindo-se, afrouxou de Guiché as rédeas do cavalo, que deu dois saltos para a frente.
— Um instante, um instante — atalhou o príncipe; — passemos pelo castelo.
— Para quê?
— Para pegar minha mulher, homessa!
— Como? — perguntou de Guiché.
— Naturalmente, visto que é um projeto de amor conjugal! Tenho de levá-la.
— Então, monsenhor — tornou o conde — sinto muito, mas de Guiché não vai.
— Ora!
— Claro. Por que tem de ir Madame?
— Ué! porque vejo agora que a amo.
De Guiché empalideceu levemente, se bem conservasse a aparência de alegria.

— Se Vossa Alteza ama Madame — disse ele — o amor deve bastar-lhe e já não precisa dos amigos.
— Nada mau, nada mau — murmurou Manicamp.
— Aí estás de novo com medo de Madame — replicou o príncipe.
— Pense bem, monsenhor, tenho motivos para isso: uma mulher que me desterrou!
— Oh! meu Deus! que péssima índole tens, meu amigo! Como és rancoroso!
— Eu gostaria de vê-lo, monsenhor, em meu lugar.
— Decididamente, foi por isso que dançaste ontem tão mal; querias vingar-te, obrigando Madame a errar. Ah! de Guiché, fôste mesquinho, e eu o direi a Madame.
— Vossa Alteza poderá dizer-lhe o que quiser. Madame não me detestará mais do que já me detesta.
— Ora, ora! estás exagerando! Por uns magros quinze dias de retiro forçado que ela te impôs!
— Monsenhor, quinze dias são quinze dias, mas quando os passamos em companhia do tédio, são uma eternidade.
— De sorte que não lho perdoarás?
— Nunca.
— Vamos, vamos, de Guiché, sê bom rapaz, quero fazer as tuas pazes com ela; freqüentando-a, reconhecerás que não é má e é muito inteligente.
— Monsenhor...
— Verás que sabe receber como princesa e rir como burguesa; verás que faz, quando quer, escoarem-se as horas como se fossem minutos. De Guiché, meu amigo, precisas mudar de opinião sobre minha mulher.
"Decididamente — disse entre si Manicamp — aí está um marido a quem o nome da esposa dará azar, e o finado Rei Candaules era um verdadeiro tigre ao pé de monsenhor"[2].
— Enfim — ajuntou o príncipe — mudarás de idéia a respeito dela, de Guiché, eu to garanto. Preciso, porém, mostrar-te o caminho. Ela não é vulgar, e não é bem sucedido quem lhe quer mal ao coração.
— Monsenhor...
— Não resistas, de Guiché, ou ficaremos zangados — replicou o príncipe.
— Já que ele insiste — murmurou Manicamp ao ouvido de de Guiché — aceita.
— Monsenhor — disse o conde — obedecerei.
— E para começar — tornou monsenhor — joga-se esta noite no apartamento de Madame, jantarás comigo e iremos juntos.
— Oh! nesse particular — objetou de Guiché — Vossa Alteza permitirá que eu resista.
— Outra vez! mas isso já é rebelião! — Madame recebeu-me ontem muito mal diante de toda a gente.
— Deveras? — tornou o príncipe, rindo.
— A tal ponto, que nem sequer me respondeu quando lhe dirigi a palavra; pode ser bom não ter amor-próprio, mas muito pouco também é muito pouco, como se diz.
— Conde, após o jantar, irás arrumar-te e virás buscar-me; ficarei à tua espera.
— Já que Vossa Alteza o ordena absolutamente...
— Absolutamente.
— Ele não cederá — disse Manicamp — e essas coisas são as que se aferram com mais obstinação às cabeças dos maridos. Ah! por que não estaria aqui o Sr. Molière? Teria posto a cena em verso.

O príncipe e sua corte, assim praticando, entraram nos aposentos mais frescos do castelo.
— A propósito — disse de Guiché no limiar da porta — eu tinha um recado para Vossa Alteza Real.
— Dá-mo.
— O Sr. de Bragelonne partiu para Londres com uma ordem do rei, e encarregou-me de apresentar os seus respeitos a monsenhor.
— Bem! boa viagem ao visconde, que aprecio muito. Vamos, vai-te vestir, de Guiché, e volta. E se não voltares...
— Que acontecerá, monsenhor?
— Mando-te jogar na Bastilha.
— Positivamente — observou de Guiché, rindo — Vossa Alteza Real é a antítese de Madame. Madame manda-me exilar porque não gosta bastante de mim; Vossa Alteza manda-me prender porque gosta demais. Obrigado, Monsieur! Obrigado, Madame!
— Vamos, vamos — disse o príncipe — és um amigo encantador e sabes muito bem que não posso viver sem ti. Volta depressa.
— Seja. Mas agora também quero fazer uma fitinha, monsenhor.
— Ora!
— Só virei buscar Vossa Alteza com uma condição.
— Qual?
— Prometi um favor ao amigo de um amigo.
— Como se chama?
— Malicorne.
— Que nome feio!
— Mas muito bem levado, monsenhor.
— Seja. Que é que há?
— Há que devo ao Sr. Malicorne um cargo em casa de Vossa Alteza.
— Um cargo de quê?
— Um cargo qualquer; uma superintendência, por exemplo.
— Pois isso vem a calhar; ontem dispensei o vedor-mor.
— Seja o vedor-mor, monsenhor. Que é que ele faz?
— Nada: vê e informa.
— Polícia interna?
— Exatamente.
— Oh! como isso calha bem a Malicorne — arriscou-se a dizer Manicamp.
— Conheceis a pessoa de que se trata, Sr. Manicamp? — perguntou o príncipe.
— Intimamente, monsenhor. É meu amigo.
— E a vossa opinião?
— É de que Vossa Alteza nunca terá um vedor igual.
— Quanto rende o cargo? — perguntou o conde ao príncipe.
— Não sei; mas sempre me disseram que tem um valor inestimável quando bem provido.
— A que chama Vossa Alteza ser bem provido?
— Ao ter um funcionário inteligente.
— Então, monsenhor ficará contente, pois Malicorne é inteligente como o diabo.
— Bom! o cargo, nesse caso, me custará caro — replicou o príncipe, rindo. — Tu me fazes aí um verdadeiro presente, conde.

— Assim o creio, monsenhor.
— Pois bem, vai anunciar ao teu Sr. Mélicorne...
— Malicorne, monsenhor.
— Nunca me habituarei a esse nome.
— Mas Vossa Alteza diz muito bem Manicamp.
— E direi também perfeitamente Manicorne. O hábito me ajudará.
— Diga, diga, monsenhor, e prometo-lhe que o seu vedor-mor não se zangará; ele possui a melhor índole do mundo.
— Pois bem, meu caro de Guiché, anuncia-lhe a nomeação... Mas, espera...
— O que, monsenhor?
— Quero vê-lo primeiro. Se for tão feio quanto o nome, dou o dito por não dito.
— Monsenhor o conhece.
— Eu?
— Sem dúvida. Já o viu no Palais-Royal; por sinal que fui eu quem lho apresentou.
— Ah! sim, sim, agora me lembro... Peste! é um rapaz encantador!
— Eu sabia que Vossa Alteza havia reparado nele.
— É isso mesmo! Sabes, de Guiché, não quero que nem minha mulher nem eu tenhamos feiúras diante dos olhos. Minha mulher só terá por damas de honor meninas bonitas; eu só terei fidalgos bem apessoados. Desse modo, de Guiché, se eu fizer filhos, estes serão filhos de uma boa inspiração, e se os fizer minha mulher, fa-los-á por belos modelos.
— Vigoroso raciocínio, monsenhor — acudiu Manicamp, aprovando com os olhos e a voz ao mesmo tempo.
De Guiché, talvez não achasse o raciocínio tão feliz assim, pois opinou apenas com o gesto, e esse próprio gesto revelava acentuada indecisão.
Manicamp foi dar a boa nova a Malicorne.
De Guiché afastou-se como a contragosto para ir trocar de roupa.
Cantando, rindo e mirando-se no espelho, Monsieur esperou o jantar num estado de espírito que teria justificado o provérbio: "Feliz como um príncipe".

---

[1] Ame, que rima com Madame, é um substantivo feminino que significa alma. (N. do T.)

[2] Candaules foi um rei da Lídia, tão orgulhoso da beleza de sua esposa que teve a idéia, um dia, de mostrá-la no banho ao seu favorito Giges. Sabedora disso, a rainha obrigou Giges a matar Candaules, desposou-o e fê-lo rei. (N. do T.)

Capítulo LVI - História de uma náiade e de uma dríade

TODA a gente fizera a colação no castelo e, após a colação, vestira-se para a noite.

A merenda realizava-se, de ordinário, às cinco horas.

Ponhamos uma hora de colação e duas para o amanhar-se. Todos se viram prontos, portanto, pelas oito horas da noite.

Às oito começaram a apresentar-se no apartamento de Madame.

Pois, já o dissemos, era Madame quem recebia aquela noite.

E aos saraus de Madame ninguém faltava; as horas passavam-se ao pé dela com o encanto que a rainha, piedosa e excelente princesa, não conseguia emprestar às suas reuniões. É infelizmente uma das vantagens dos bons divertirem muito menos do que os maus.

E, todavia, apressemo-nos em dizê-lo, a maldade não era atributo que se pudesse irrogar a Madame.

A sua natureza de escol encerrava muita generosidade verdadeira, muitos anseios nobres e distintíssimas reflexões para que se pudesse argüi-la de má.

Madame, contudo, possuía o dom da resistência, tantas vezes fatal aos seus portadores, que se partem onde outros se teriam dobrado; daí resultava que os golpes não se perdiam nela como na consciência almofadada de Maria Teresa.

Ressaltava-lhe o coração a cada bate, e, como os estafermos agressivos do jogo das argolas, Madame, quando não a atordoavam, devolvia golpe por golpe ao imprudente que se abalançasse a medir forças com ela, fosse quem fosse.

Seria maldade? Seria apenas malícia? Somos de opinião que as naturezas ricas e vigorosas são as que, semelhantes à árvore da ciência, produzem ao mesmo tempo o bem e o mal, duplo ramo sempre florido, sempre fecundo, cujos frutos bons sabem distinguir os que têm fome deles, e cujos frutos maus matam, comidos, os inúteis e parasitas, o que aliás não é um mal.

Por conseguinte, Madame, que trazia o seu plano de segunda rainha, ou até de primeira, bem traçado no espírito, Madame, dizemos nós, tornava o seu salão agradável pela conversação, pelos encontros, pela perfeita liberdade que a todos concedia para dizerem a sua palavrinha, contanto, porém, que essa palavrinha fosse útil ou bonita. E, ainda que pareça incrível, mas talvez por isso mesmo, falava-se menos nas reuniões de Madame que em qualquer outra.

Madame abominava os tagarelas e vingava-se deles cruelmente. Deixava-os falar.

Detestava também a presunção e não perdoava esse defeito nem sequer ao rei.

Era a doença de Monsieur, e a princesa pusera ombros à tarefa ingente de curá-lo.

De resto, poetas, homens inteligentes, mulheres bonitas, a todos acolhia como a senhora acolhe os escravos, suficientemente sonhadora no meio das travessuras para fazer sonhar os poetas; suficientemente dona de seus encantos para brilhar entre as mais belas; suficientemente inteligente para que os mais notáveis a escutassem com prazer.

Concebe-se que reuniões como essas atraíssem muita gente: a mocidade acorria para lá. Quando o rei é jovem, toda a corte é jovem.

Por isso mesmo viam-se amuadas as velhas damas, luminares da Regência ou do último reinado; mas respondia a juventude a esses amuos rindo-se das veneráveis senhoras que haviam levado o autoritarismo a ponto de comandar troços de soldados na guerra da Fronda, a fim, dizia Madame, de não perderem o império sobre os homens[1].

Às oito horas em ponto entrou no salão Sua Alteza Real com as damas de honor, e encontrou diversos cortesãos que esperavam haviam mais de dez minutos.

Entre todos os precursores da hora marcada, procurou o que supunha devesse chegar antes de todos. Não o encontrou.

Mas no momento em que rematava a muda investigação, Monsieur foi anunciado.

Monsieur era um espetáculo. Todas as pedrarias do Cardeal Mazarino, que o ministro, bem entendido, não pudera menos de deixar,- todas as pedrarias da rainha-mãe, e até algumas da esposa, pompeava Monsieur naquela noite. Por isso mesmo, fulgurava como um sol.

Aussi Monsieur brillait-il comme un soleil.

Atrás dele, a passo lento e com ar de compunção perfeitamente simulado, vinha de Guiché, que vestia um trajo de veludo cor de pérola, bordado de prata, com fitas azuis.

Galhardeava, além disso, malinas tão belas no gênero quanto, no seu, as pedras de Monsieur.

A pluma do chapéu era vermelha.

Madame exibia várias cores.

Gostava do vermelho nos jogos de tapeçarias, da cor de pérola nos trajos, do azul nas flores.

Assim vestido, revelava o Sr. de Guiché incomparável donaire. Certa palidez interessante, certo langor no olhar, mãos alvíssimas debaixo das grandes rendas, boca melancólica; bastava, de fato, vê-lo para concluir que poucos homens na corte de França podiam competir com ele.

Disso resultou que Monsieur, que tivera a pretensão de eclipsar uma estrela, se uma estrela sê houvesse posto ao seu lado, foi, pelo contrário, inteiramente eclipsado em todas as imaginações, que são juízes muito silenciosos, mas muito independentes em seus juízos.

Madame olhara vagamente para de Guiché; entretanto, por vago que fosse o olhar, trouxera-lhe à fronte um rubor delicioso. Madame com efeito, achara de Guiché tão belo e tão elegante, que estava quase a ponto de não lamentar a perda, que sentia iminente, de sua conquista real.

O coração deixou, malgrado seu, refluir-lhe todo o sangue para as faces.

Assumindo o seu ar altivo, Monsieur aproximou-se dela. Não vira o rubor da princesa, ou, se o vira, estava muito longe de atribuí-lo à verdadeira causa.

— Madame — disse ele beijando a mão da esposa — há aqui um desvalido, um exilado infeliz

que desejo recomendar-vos. Reparai, por favor, em que se trata de um de meus melhores amigos, e que a vossa acolhida me sensibilizará muitíssimo.

— Que exilado? Que desvalido? — perguntou Madame, relanceando os olhos em torno de si e detendo-os tanto no conde quanto nos outros.

Era o momento de apresentar o protegido.

Afastou-se o príncipe e deixou passar de Guiché, que, com ar muito encalistrado, se aproximou de Madame e fez-lhe uma reverência.

— Como! — perguntou Madame, simulando extraordinário assombro — é o Sr. de Guiché o desvalido, o exilado?

— Sim, senhora! — tornou o duque.

— Mas é ele — volveu Madame — quem mais se vê por aqui!

— Ah! Madame, sois injusta — disse o príncipe.

— Eu?

— Vós, sim. Vamos, perdoai ao pobre rapaz.

— Perdoar-lhe o quê? Que é que eu tenho que perdoar ao Sr. de Guiché?

— Isso é verdade, Guiché. Que queres que te perdoem? — perguntou o príncipe.

— Ai de mim! Sua Alteza Real sabe-o muito bem — replicou hipocritamente o interpelado.

— Vamos, vamos, dai-lhe a vossa mão, Madame — disse Filipe.

— Se isso vos dá prazer, Monsieur...

E, com indescritível movimento de olhos e de ombros, Madame estendeu a bela mão perfumada ao jovem, que nela apoiou os lábios.

Madame tendit sa belle main parfumée au jeune homme, qui y appuya ses lèvres.

É de crer-se que os apoiasse longamente e que Madame não retirasse logo a mão, pois o duque ajuntou:

— De Guiché não é mau, Madame, e, com certeza, não vos morderá.

Os que se achavam nas galerias aproveitaram o pretexto que lhes fornecia a frase, talvez não muito chistosa, para rir sem tom nem som.

Era, de fato, notável a situação e algumas boas almas já o haviam observado.

Monsieur, por conseguinte, gozava-se ainda do efeito de sua frase quando anunciaram o rei.

Tentaremos descrever o aspecto do salão nesse momento.

No centro, diante da lareira atochada de flores, encontrava-se Madame, com as damas de honor distribuídas em duas filas, à volta das quais esvoaçavam as borboletas da corte.

Outros grupos ocupavam os vãos das janelas, como fazem em seus turnos recíprocos os postos da mesma guarnição, e, dos respectivos lugares, ouviam as palavras que se diziam no grupo principal.

Num deles, o mais próximo da lareira, Malicorne, promovido, durante a sessão, por Manicamp e de Guiché ao posto de vedor-mor; Malicorne, cuja roupa de oficial estava pronta havia dois meses, refulgia nas suas douraduras e projetava sobre Montalais, à extrema esquerda de Madame, o fogo de seus olhos e os reflexos do seu veludo.

Madame conversava com a Srta. de Châtillon e a Srta. de Créqui, suas vizinhas, e respondia algumas palavras a Monsieur, que se apagou tanto que foi anunciado:

— El-rei!

A Srta. de La Vallière estava, como Montalais, à esquerda de Madame, isto é, no penúltimo lugar da fila; à sua direita, fora colocada a Srta. de Tonnay-Charente. Achava-se, portanto, na situação dos corpos de tropa de cuja fraqueza se suspeita e por isso se colocam entre duas forças experimentadas.

Ladeada, assim pelas companheiras de aventuras, ou porque a entristecesse a partida de Raul, ou porque a comovessem ainda os recentes sucessos que principiavam a popularizar-lhe o nome entre os cortesãos, La Vallière escondia atrás do leque os olhos avermelhados, e parecia prestar muita atenção às palavras que Montalais e Atenais lhe murmuravam, alternadamente, num e noutro ouvido.

Quando soou o nome do rei, fez-se um grande movimento no salão.

Como dona da casa, levantou-se Madame para receber o real visitante; mas, ao levantar-se, por preocupada que estivesse, dirigiu um olhar à direita, e esse olhar, que o presunçoso de Guiché interpretou como lhe sendo destinado, deteve-se, depois de dar a volta do círculo, em La Vallière, observando-lhe o vivo rubor e a inquieta emoção.

Entrou o rei no meio do grupo, que se generalizou por um movimento naturalmente operado da periferia para o centro.

Todas as frontes se abaixaram diante de Sua Majestade, e as mulheres se inclinaram como frágeis e magníficos lírios diante do Rei Aquilo.

Sua Majestade não tinha nada de feroz, e até poderíamos dizer, nada de real naquela noite, senão a mocidade e a beleza.

Certo ar de viva alegria e boa disposição que nele se notava espertou todos os cérebros; e disseram todos entre si que o sarau seria encantador diante do manifesto desejo que revelava Sua Majestade de divertir-se ao lado de Madame.

Se havia quem pudesse, pela hilariância e pelo bom humor, emparelhar com o rei, este seria o Sr. de Saint-Aignan, que pompeava trajos, rosto, fitas e sobretudo idéias cor-de-rosa; e, naquela noite, o Sr. de Saint-Aignan tinha uma infinidade de idéias.

A causa da nova enfloração de todas as idéias que lhe germinavam no espírito risonho, era o ter ele percebido que a Srta. de Tonnay-Charente se vestira também de cor-de-rosa. Não diríamos que o astuto cortesão ignorasse que a bela Atenais ostentaria essas cores, pois conhecia a fundo a arte de obrigar um costureiro ou uma criada a darem com a língua nos dentes sobre os projetos de sua ama.

Dirigiu, pois, tantos olhares assassinos à Srta. Atenais quantas eram as fitas que lhe exornavam os sapatos e o gibão, isto é, endereçou-lhe furiosa quantidade deles.

Depois de haver el-rei cumprimentado Madame, convidando-a a sentar-se, formou-se imediatamente o círculo.

Luís pediu a Monsieur notícias dos banhos; contou, sem tirar os olhos das senhoras, que alguns poetas se ocupavam de pôr em verso o galante divertimento dos banhos de Valvins, e um deles sobretudo, o Sr. Loret, teria recebido confidências de uma ninfa das águas, tantas verdades dissera em suas rimas.

Mais de uma dama se julgou na obrigação de corar.

O rei aproveitou esse momento para olhar à sua vontade; só Montalais não corara o suficiente para esconder o rosto e viu-o devorar com a vista a Srta. de La Vallière.

Essa atrevida dama de honor, que se chamava Montalais, obrigou el-rei a abaixar os olhos e, dessarte, salvou Luísa de La Vallière de um fogo simpático que talvez a incendiasse através desse olhar! Luís fora açambarcado por Madame, que o crivava de perguntas, e ninguém no mundo sabia interrogar como ela.

Ele, porém, buscava generalizar a conversação e, para conseguido, redobrou de espírito e de galanteria.

Madame ansiava por cumprimentos; decidida a obtê-los a qualquer preço, disse, dirigindo-se ao rei:

— Sire, Vossa Majestade, que sabe tudo o que se passa em seu reino, deve saber os versos contados ao Sr. Loret pela ninfa; Vossa Majestade não quer repeti-los?

— Madame — replicou o rei com perfeita graça — não me atrevo... É certo que vós, pessoalmente, ficaríeis enleada ouvindo certas minúcias... Mas de Saint-Aignan conta muito bem e decora versos admiravelmente; quando não os decora, improvisa-os. Asseguro-vos que é poeta reforçado.

Posto em cena, viu-se obrigado Saint-Aignan a exibir-se com todas as vantagens possíveis.

Entretanto, infelizmente para Madame, só pensava em seus negócios particulares, e, dessa maneira, em vez de endereçar à princesa os cumprimentos que ela prelibava, decidiu pavonear-se um pouco com a sua conquista.

Dirigindo, pois, o centésimo olhar à bela Atenais, que não deixara de pôr em prática a teoria da véspera, isto é, não se dignava de olhar para o seu adorador:

— Sire — disse ele — Vossa Majestade me perdoará, sem dúvida, o não haver guardado na memória os versos ditados a Loret pela ninfa; mas se el-rei não os guardou, como poderia guardá-los eu, mesquinho?

Madame acolheu com pouco favor essa derrota de cortesão.

— Ah! Madame — ajuntou de Saint-Aignan — é que hoje pouco monta o que dizem as ninfas de água doce. Em realidade, chegamos quase a acreditar que não se faz mais nada de interessante nos reinos líquidos. É em terra, Madame, que ocorrem os grandes sucessos. É em terra, Madame, que narrativas cheias de...

— Bom! — atalhou a princesa — que é o que se passa em terra?

— Deve-se perguntá-lo às dríades — replicou o conde; — as dríades habitam os bosques, como o sabe Vossa Alteza Real.

— E sei também que são naturalmente tagarelas, Sr. de Saint-Aignan.

— É verdade, Madame; mas quando dizem coisas lindas, não é justo acusá-las de tagarelice.

— Dizem coisas lindas? — perguntou, negligente, a princesa. — Em verdade, Sr. de Saint-Aignan, aguçais a minha curiosidade, e, fosse eu o rei, ordenaria imediatamente que nos contásseis as lindas coisas que dizem as Sras. Dríades, porque só vós aqui pareceis conhecer-lhes a linguagem.

— Oh! Madame, estou inteiramente às ordens de Sua Majestade — replicou o conde.

— Ele entende a linguagem das dríades? — acudiu Monsieur. — Como é feliz o Saint-Aignan!

— Tão bem quanto o francês, monsenhor.

— Então, contai — disse Madame.

O rei sentiu-se embaraçado; o seu confidente ia, sem dúvida, embarcá-lo numa empresa arriscada.

Pressentiu-o na atenção universal provocada pelo preâmbulo de Saint-Aignan, provocada também pela atitude especial de Madame. Os mais discretos pareciam prestes a devorar cada palavra que pronunciasse o conde.

Alguns tossiram, todos se reaproximaram, olhando de esguelha para certas damas de honor, que, desejando sustentar-lhes com mais compostura ou mais firmeza o olhar pesado e inquisitivo, compuseram os leques, assumindo atitudes de duelista que experimenta a força do adversário.

Naquele tempo, tão generalizado era o hábito das conversações brilhantes e das narrativas espinhosas que numa circunstância em que um salão moderno adivinharia escândalo, barulho, tragédia, e fugiria de pavor, os convivas de Madame se acomodavam nos lugares, a fim de não perder uma palavra, um gesto da comédia composta em seu proveito pelo Sr. de Saint-Aignan, e cujo

desenlace, fossem quais fossem o estilo e a intriga, seria necessariamente uma obra-prima de calma e observação.

O conde era conhecido por homem polido e narrador perfeito. Começou, portanto, corajosamente no meio de um silêncio profundo, e, portanto, temível para qualquer outro.

— Madame, permite el-rei que eu me dirija primeiro a Vossa Alteza Real, visto que é Vossa Alteza quem demonstra maior curiosidade; terei, portanto, a honra de dizer-lhe que as dríades habitam principalmente o oco dos carvalhos, e, como são formosas criaturas mitológicas, habitam árvores formosas, isto é, as mais grossas que possam encontrar.

A esse exórdio, que lembrava, sob um véu translúcido, a célebre história do carvalho real, que provocara tão grande reboliço na véspera, tantos corações bateram de alegria ou de inquietação que, se de Saint-Aignan não tivesse a voz clara e sonora, a batida dos corações lha teria abafado.

— Deve haver dríades em Fontainebleau — acudiu Madame em tom perfeitamente calmo — pois nunca em minha vida encontrei carvalhos tão bonitos como no parque real.

E, dizendo essas palavras, endereçou a de Guiché um olhar de que este não pôde queixar-se como se queixara do precedente, em que notara o que quer que fosse de vago, assaz penoso para um coração tão apaixonado.

— Precisamente, Madame, é de Fontainebleau que eu ia falar a Vossa Alteza Real — disse de Saint-Aignan — pois a dríade cuja narrativa nos interessa mora no parque do castelo de Sua Majestade.

O enredo estava esboçado; a ação ia começar: ouvintes e narrador, já ninguém poderia retroceder.

— Ouçamos — disse Madame — pois a história, se não me engano, tem não somente o entanto de um episódio nacional, mas também o de uma crônica contemporânea.

— Devo começar pelo começo — voltou o conde.

— Portanto, em Fontainebleau, numa choupana de linda aparência, moram pegureiros.

"Um deles é o pastor Tírsis, a quem pertencem os mais opulentos domínios, havidos por herança de seus pais. "Tírsis é jovem e belo, e as suas boas qualidades fazem dele o primeiro dentre os zagais da região. Pode-se dizer, portanto, que ele é o rei dessa região.

Um leve murmúrio aprovativo animou o narrador, que prosseguiu:

— Sua força iguala a sua coragem; nenhum é mais hábil na caça aos animais selvagens, ninguém é mais avisado nos conselhos. Quando manobra um corcel nas belas planícies de seus domínios, manda conduz aos jogos de destreza e de vigor os pegureiros que lhe obedecem, dir-se-ia o deus Marte agitando a lança nas campanhas da Trácia, ou melhor ainda, Apolo, deus do dia, arremessando sobre a terra os dardos inflamados.

Todos compreenderão que esse retrato alegórico do rei não era o pior exórdio que o contador poderia escolher. Por isso mesmo não deixou de surtir efeito sobre os circunstantes, que, por dever e prazer, romperam em aplausos frenéticos; nem sobre o próprio rei, que apreciava os louvores delicados, e apreciava-os até exagerados. De Saint-Aignan continuou:

— Não foi somente, senhoras, nos jogos gloriosos que o zagal Tírsis logrou o renome que fez dele o rei dos pastores.

— Dos pastores de Fontainebleau — ajuntou o rei, sorrindo para Madame.

— Oh! — exclamou Madame — Fontainebleau foi o sítio arbitrariamente escolhido pelo poeta; eu diria: dos pastores do mundo inteiro.

O rei esqueceu o seu papel de ouvinte passivo e inclinou-se.

— É ao pé das beldades sobretudo — prosseguiu de Saint-Aignan no meio de um murmúrio lisonjeiro — que se torna manifesto o mérito desse rei de pastores. Tão fino de espírito quanto puro

de coração, sabe dizer um cumprimento com graça que invencivelmente seduz, sabe amar com discrição que promete às suas amáveis e felizes conquistas a sorte mais invejável do mundo.

Nenhum escândalo, nenhum esquecimento. Quem quer que tenha visto Tírsis e o tenha ouvido, há de forçosamente amá-lo; quem quer que o ame e dele seja amado, conhece a felicidade.

De Saint-Aignan fez uma pausa; saboreava o prazer dos cumprimentos, e esse retrato, por mais grotescamente empolado que fosse, fora bem recebido principalmente por alguns circunstantes, para os quais os méritos do pegureiro não pareciam exagerados. Madame convidou o orador a continuar.

— Tírsis — disse o conde — possuía um fiel companheiro, ou melhor, um dedicado servidor que se chamava... Amintas.

— Ah! vamos a ver o retrato de Amintas! — acudiu, maliciosa, a princesa — sois tão bom pintor, Sr. de Saint-Aignan!

— Madame.

— Conde de Saint-Aignan, não me sacrifiqueis, por favor, o pobre Amintas! Eu nunca o perdoaria.

— Madame, Amintas é de condição tão inferior, principalmente ao lado de Tírsis, que a sua pessoa não pode ter a honra de um paralelo. Certos amigos são como aqueles servidores da antigüidade, que se faziam enterrar vivos aos pés do amo. Aos pés de Tírsis, tal é o lugar de Amintas; nem ele quer saber de outro, e, se, às vezes, o ilustre herói...

— O ilustre pastor, quereis dizer? — tornou Madame, fingindo corrigir o Sr. de Saint-Aignan.

— Vossa Alteza Real tem razão, enganei-me — redarguiu o conde; — se, digo eu, o pastor Tírsis digna-se às vezes chamar Amintas seu amigo e abrir-lhe o coração, é um favor insigne, que este último considera como a maior das venturas.

— Tudo isso — interrompeu Madame — demonstra o mais absoluto devotamento de Amintas a Tírsis, mas não dá o retrato de Amintas. Conde, não o lisonjeeis, se não o quiserdes, mas pintai-o; quero o retrato de Amintas.

De Saint-Aignan conformou-se e, depois de se haver inclinado profundamente diante da cunhada de Sua Majestade.

— Amintas — disse ele — é um pouco mais velho do que Tírsis; não é um pastor inteiramente esquecido pela natureza; dizem até que as Musas se dignaram sorrir-lhe ao nascimento como Hebe lhe sorri à juventude. Não o anima a ambição de brilhar; ambiciona, apenas, ser amado, e talvez não se mostrasse indigno de sê-lo se o conhecessem melhor.

Reforçado por um olhar mortífero, foi o último parágrafo diretamente enviado à Srta. de Tonnay-Charente, que suportou o choque sem se comover.

Mas a modéstia e a habilidade da alusão haviam produzido bom efeito; Amintas recolheu-lhes o fruto em forma de aplausos; a própria cabeça de Tírsis incitou-os com um consentimento cheio de benevolência.

— Ora — continuou de Saint-Aignan — Tírsis e Amintas passeavam um dia na floresta conversando sobre as suas penas de amor. Observai que já é a dríade quem fala, senhoras; de outra maneira não se teria podido saber o que diziam Tírsis e Amintas, os dois pastores mais discretos da terra. Dirigiam-se, portanto, ao sítio mais denso da floresta para isolar-se e confidenciar com maior liberdade as suas coitas, quando, de repente, lhes chegou aos ouvidos um rumor de vozes.

— Ah! ah! — exclamaram os circunstantes. — A história está ficando interessantíssima.

A essa altura, à maneira do general vigilante que inspeciona o exército, Madame reaprumou com o olhar Montalais e Tonnay-Charente, que davam mostras de vergar sob o esforço.

— Essas vozes harmoniosas — tornou de Saint-Aignan — eram as de algumas zagalejas que também tinham querido gozar o frescor das sombras, e, sabendo o lugar desfreqüentado, quase

inatingível, lá se haviam reunido para trocar idéias sobre o pastoreio.

Uma gargalhada imensa, provocada pela frase de Saint-Aignan, um sorriso imperceptível do rei olhando para Tonnay-Charente, tais foram os resultados do motete.

— Assegura a dríade — continuou Saint-Aignan — que as pastoras eram três, e que as três eram jovens e belas.

— Os seus nomes? — perguntou Madame tranqüilamente.

— Os seus nomes? — repetiu de Saint-Aignan, rebelando-se contra a indiscrição.

— Claro! Chamastes aos pastores Tírsis e Amintas; dai às pastoras um nome qualquer.

— Oh! Madame, não sou um inventor, um troveiro, como se dizia antigamente; apenas repito o que me disse a dríade.

— Quais foram os nomes que a dríade deu às pastoras? Realmente, eis aí uma memória bem rebelde. Dar-se-ia caso que essa dríade estivesse de mal com a deusa Mnemósina?

— Madame, essas pastoras... Observai que revelar nomes de mulheres é crime!

— Crime de que outra mulher vos absolve, se nos disserdes o nome das pastoras.

— Chamavam-se Fílis, Amarílis e Galatéia.

— Ainda bem. E não perderam por esperar — disse Madame — pois os três nomes são encantadores. Agora, os retratos.

De Saint-Aignan fez outro movimento.

— Oh! vamos por ordem, por favor, conde! — volveu Madame.

— Não é verdade, Sire, que desejamos os retratos das pastoras?

O rei, que já esperava por essa insistência, e principiava a sentir alguma inquietação, achou de bom alvitre não irritar uma inquisidora tão perigosa. Cuidava, aliás, que de Saint-Aignan em seus retratos encontraria meios de incluir alguns traços delicados que pudessem lisonjear os ouvidos que Sua Majestade fazia timbre de agradar. Foi com essa esperança e com esse temor que Luís autorizou de Saint-Aignan a traçar o retrato das zagaias Fílis, Amarílis e Galatéia.

— Pois bem, seja! — disse de Saint-Aignan como um homem que se decide.

E começou.

---

[1] Alusão às grandes damas da mais alta nobreza de França que, durante a Fronda dos príncipes, tomaram parte ativa nos acontecimentos, entre as quais a Grande Mademoiselle, filha de Monsieur. Gastão de Orléans, que chegou a capitanear tropas frondistas. (N. do T.)

Capítulo LVII - Fim da história de uma náiade e de uma dríade

— FÍLIS — disse Saint-Aignan dirigindo um olhar provocativo a Montalais, mais ou menos como faz num assalto um mestre de esgrima convidando um rival digno dele a pôr-se em guarda — Fílis não é loira nem morena, grande nem pequena, fria nem exaltada; embora pastora, tem o espírito de uma princesa e a garridice de um demônio.

"Possui vista excelente e tudo o que abarca a sua vista o seu coração deseja. É como um passarinho, que, chilreando sempre, ora voa rente à grama, ora se ergue, esvoaçando, no encalço de uma borboleta, ora se empoleira no galho mais alto de uma árvore, e de lá desafia os passarinhos a irem pegá-lo ou apanhá-lo em suas redes."

Tão parecido era o retrato, que todos se voltaram para Montalais, que, de olhos muito abertos e nariz ao vento, ouvia o Sr. de Saint-Aignan como se este se referisse a uma pessoa que lhe fosse de todo em todo estranha.

— É só, Sr. de Saint-Aignan? — perguntou a princesa.

— Oh! Alteza, o retrato está apenas esboçado e ainda se poderiam dizer muitas coisas. Mas receio fatigar a paciência de Vossa Alteza ou ferir a modéstia da pastora, de modo que passo à sua companheira Amarílis.

— Muito bem, anuiu Madame — passai, a Amarílis, Sr. de Saint-Aignan, que vos seguimos.

— Amarílis é a mais velha das três; e, todavia — apressou-se em dizer o contador — ainda não completou vinte anos.

A fronte da Srta. de Tonnay-Charente, que se anuviara no principio da narrativa, desanuviou-se com leve sorriso.

— Alta, possui compridos cabelos, que prende ao jeito das estátuas gregas; tem o andar majestoso e o porte sobranceiro: por isso mesmo, antes parece uma deusa que uma simples mortal, e, entre as deusas, é a Diana caçadora que mais semelha; com a única diferença de que a pastora cruel, tendo um dia furtado a aljava de Amor enquanto o pobre Cupido dormia num maciço de roseiras, em vez de dirigir os seus dardos contra os habitantes das florestas, atira-os, implacável, sobre todos os pobres pastores que lhe passam ao alcance do arco e dos olhos.

— Oh! que pastora má! — disse Madame — não se ferirá ela um dia com uma das setas que atira tão inplacavelmente a torto e a direito?

— É a esperança de todos os pastores em geral — declarou de Saint-Aignan.

— E a do pastor Amintas em particular? — tornou Madame.

— O pastor Amintas é tão tímido — replicou de Saint-Aignan com o ar mais modesto que pôde assumir — que, se nutre essa esperança, ninguém o soube jamais, pois ele a esconde no âmago do coração.

Um murmúrio dos mais lisonjeiros acolheu a profissão de fé do narrador.

— E Galatéia? — perguntou Madame. — Anseio por ver um pincel tão hábil retomar o retrato no ponto em que Virgílio o deixou, e rematá-lo diante de nós.

— Madame — respondeu de Saint-Aignan — ao pé do grande Virgilius Maro, o humilde servidor de Vossa Alteza é um poeta muito chinfrim; entretanto, animado pela ordem de Vossa Alteza, fará o possível.

— Estamos ouvindo — disse Madame. Saint-Aignan esticou o pé, a mão e os lábios.

— Branca como o leite, dourada com as espigas, ela agita no ar os perfumes da loira cabeleira. E

perguntam os que a vêem se não é a formosa Europa que deu amor a Júpiter, quando folgava com as companheiras nos prados em flor.

"Dos olhos, azuis como o azul do céu nos dias mais lindos de verão, desprende-se doce chama, que o cismar alimenta e o amor esparge. Quando franze o cenho ou inclina a fronte para a terra, cobre-se o sol em sinal de luto.

"Quando sorri, pelo contrário, torna a alegrar-se a natureza, e as aves, momentaneamente emudecidas, recomeçam a cantar no seio das árvores.

"Essa, principalmente — ajuntou de Saint-Aignan concluindo — essa é digna das adorações do mundo; e se, algum dia, o seu coração se entregar a alguém, feliz será o mortal que o seu amor consentir em converter num deus!"

Ouvindo o retrato, que todos ouviram como ela, contentou-se Madame de significar a sua aprovação nos passos mais poéticos por alguns acenos da cabeça; mas seria impossível dizer se esses sinais de assentimento se referiam ao talento do narrador ou à semelhança do retrato.

Daí resultou que, não tendo Madame aplaudido abertamente, ninguém se atreveu a fazê-lo, nem mesmo Monsieur, a cujo parecer de Saint-Aignan se alongava demais nos retratos das pastoras, depois de haver passado com certa ligeireza pelos dos pastores.

A assembléia, por conseguinte, pareceu gelada.

O conde, que esgotara a retórica e os pincéis matizando o esboço da Galatéia, e que julgava, depois da acolhida dispensada aos primeiros, que o último provocaria verdadeiro delírio, sentiu-se ainda mais gelado que o rei e os outros.

Seguiu-se um instante de silêncio, afinal rompido por Madame.

— Então, Sire — perguntou — que diz Vossa Majestade dos três debuxos?

O rei quis socorrer Saint-Aignan, mas sem se comprometer.

— A meu ver — disse ele — Amarílis é bela.

— Pois eu prefiro Fílis — disse Monsieur; — é uma boa ninfa, ou melhor, um bom ninfo.

Todos desataram a rir.

Dessa feita, os olhares foram tão diretos, que Montalais sentiu o rubor subir-lhe ao rosto em chamas roxas.

— Portanto — volveu Madame — diziam as pastoras?... Ferido, porém, no amor-próprio, não se achava de Saint-Aignan em condições de sustentar um ataque de tropas frescas e descansadas.

— Madame — disse ele — as pastoras confessavam reciprocamente as suas inclinaçõezinhas.

— Muito bem, muito bem, Sr. de Saint-Aignan, sois uma torrente de poesia pastoral — disse Madame com um sorriso amável, que reconfortou algum tanto o narrador.

— Diziam que o amor é um perigo, mas que a ausência do amor é a morte do coração.

— E concluíram?... — perguntou Madame.

— Concluíram que é preciso amar.

— ótimo! E estabeleceram condições?

— A condição de escolher — respondeu de Saint-Aignan. — Devo até acrescentar, e é sempre a dríade quem fala, que uma das zagaias, Amarílis, se não me engano, se opunha abertamente ao amor e, todavia, não negou com muita firmeza que houvesse acolhido no coração a imagem de certo pastor.

— Amintas ou Tírsis?

— Amintas, Madame — retrucou modestamente Saint-Aignan. — Mas de pronto Galatéia, a suave Galatéia de olhos puros, respondeu que nem Amintas, nem Alfesibeu, nem Títiro, nenhum dos pastores mais belos da região poderiam comparar-se a Tírsis, que eclipsava todos os homens, como o carvalho eclipsa pela altura todas as árvores, e o lírio, pela majestade, todas as flores. E traçou de

Tírsis tal retrato, que o pegureiro, que a escutava, deve ter-se sentido lisonjeado apesar de sua grandeza. Dessarte, Tírsis e Amintas foram distinguidos por Amarílis e Galatéia, e o segredo de dois corações foi revelado sob o manto da noite e no segredo dos bosques.

"Eis aí, Madame, o que a dríade me contou, ela que sabe tudo o que se passa no ôco dos carvalhos e nos tufos de relva; que conhece os amores dos pássaros e percebe o que significam os seus cantos; que compreende, enfim, a linguagem do vento entre os ramos e o zunzum dos insetos de ouro ou de esmeralda na corola das flores selvagens; e o que ela me disse, repeti.

— E terminastes, não é verdade, Sr. de Saint-Aignan? — perguntou Madame com um sorriso que fez estremecer o rei.

— Terminei, Madame — retrucou de Saint-Aignan; — feliz, se logrei distrair Vossa Alteza por alguns instantes.

— Instantes demasiado curtos — respondeu a princesa — pois contastes perfeitamente o que sabíeis; mas, meu caro Sr. de Saint-Aignan, tivestes a desdita de interrogar apenas uma dríade, não foi?

— Sim, Madame, confesso que foi uma só.

— Daí se segue que passastes ao lado de uma naiadezinha de aspecto inocente mas que sabia muito mais do que a vossa dríade, meu caro conde.

— Uma náiade? — repetiram várias vozes, principiando a desconfiar que a história teria seguimento.

— Sem dúvida: ao lado do carvalho de que falais, e que se chama o carvalho real, pelo menos segundo creio, não é assim, Sr. de Saint-Aignan?...

— Sim, Madame — respondeu de Saint-Aignan.

— Há uma linda fontezinha que rumoreja entre pedras, miosótis e margaridas.

— Creio que Madame tem razão — disse o rei sempre inquieto e preso aos lábios da cunhada.

— Oh! que há, há, sou eu quem vos afianço — tornou Madame; — e a prova é que a náiade que reina sobre a tal fonte me deteve ao passar, a mim que vos falo.

— Ora! — exclamou Saint-Aignan.

— Sim — continuou a princesa — para -contar-me uma porção de coisas que o Sr. de Saint-Aignan não incluiu na sua narrativa.

— Oh! contai-o vós mesma — disse Monsieur — sabeis fazê-lo de maneira encantadora.

Inclinou-se a princesa ante o cumprimento conjugal.

— Não terei a poesia do conde nem o seu talento para realçar os pormenores.

— Não sereis ouvida com menos interesse — acudiu o rei, sentindo de antemão algo de hostil na história da cunhada.

— Falo, de resto — continuou Madame — em nome da pobre naiadezinha, a mais encantadora semideusa que já me foi dado encontrar. E ela ria-se tanto ao falar que, em virtude daquele axioma médico: "O riso é contagioso", peço permissão para rir também um pouco ao lembrar-me de suas palavras.

O rei e de Saint-Aignan, que viram desabrochar-se em muitas fisionomias um princípio de hilariedade semelhante à que Madame anunciava, acabaram por entreolhar-se, perguntando com os olhos se não haveria em tudo aquilo uma conspiraçãozinha. Madame, porém, estava decidida a virar e revirar a faca na ferida; e prosseguiu com o seu ar de ingênua candura, isto é, com o mais perigoso de seus ares:

— Portanto, eu passava por lá — disse ela — e, encontrando debaixo dos pés muitas flores recém-desabrochadas, não duvidei que Fílis, Amarílis, Galatéia e todas as vossas pastoras houvessem

palmilhado aquele caminho antes de mim.

O rei mordeu os lábios. O relato se tornava cada vez mais ameaçador.

— A minha náiade — continuou Madame — arrulhava a sua cançãozinha sobre o leito do regato; como eu a visse puxar-me pela fímbria do vestido, não quis destratá-la, mesmo porque uma divindade, embora de segunda ordem, sempre vale mais que uma princesa mortal. Portanto, aproximei-me dela, e eis o que lhe ouvi, entre frouxos de riso:

"— Imaginai, princesa...

"Vossa Majestade compreende, é a náiade quem fala.

"— Imaginai, princesa, que as margens do meu riacho acabam de presenciar um espetáculo dos mais divertidos. Dois pastores curiosos, indiscretamente curiosos, deixaram-se mistificar de maneira engraçadíssima por três ninfas ou três pastoras..." Perdão, mas já não me lembra se ela disse ninfas ou pastoras. Mas isso não tem importância, não é verdade? Passemos adiante.

Ouvindo o preâmbulo, o rei corou visivelmente, e de Saint-Aignan, inteiramente desmontado, pôs-se a esbugalhar os olhos com visível ansiedade.

"— Os dois pastores, prosseguiu a minha naiadezinha às gargalhadas, seguiam o rastro das três meninas... " Não, das três ninfas; perdão, enganei-me, das três pastoras. Ora, isso nem sempre é de bom aviso, pois pode constranger as pessoas seguidas. Apelo para todas estas senhoras, e tenho certeza de que nenhuma delas me desmentirá.

Encalistrado pelo curso que tomava a história o rei anuiu com o gesto.

"— Mas, continuou a náiade, as pastoras tinham visto Tírsis e Amintas entrar no bosque; e, com o auxílio da lua, tinham-nos reconhecido através dos quincôncios... " Ah! estais rindo — ajuntou Madame. — Esperai, esperai, que ainda não chegamos ao fim.

O rei empalideceu; de Saint-Aignan enxugou a fronte úmida de suor.

Ouviam-se nos grupos das mulheres risinhos abafados, cochichos furtivos.

— Vendo a indiscrição dos dois pastores, dizia eu, as pastoras foram sentar-se ao pé do carvalho real e, quando perceberam que os indiscretos ouvintes estavam a uma distância em que não poderiam perder uma única palavra do que dissessem, dirigiram-lhes candidamente, com a maior inocência deste mundo, uma declaração incendiária, cujos termos pareceram raios de mel ao amor-próprio natural a todos os homens, e até aos pastores mais sentimentais.

A essas palavras, que a assembléia não pôde escutar sem rir, o rei deixou escapar um relâmpago dos olhos.

Pendendo a cabeça sobre o peito, de Saint-Aignan velou, sob uma gargalhada amaríssima, o profundo despeito que sentia.

— Oh! — acudiu o rei, empertigando-se — eis aí uma brincadeira deliciosa que contastes, Madame, de maneira não menos encantadora: mas, em realidade, entendeis a língua das náiades?

— Não assevera o conde que compreende a das dríades? — perguntou, incontinenti, Madame.

— Sem dúvida — disse o rei. — Mas, como sabeis, o conde tem a fraqueza de visar à Academia, de sorte que estudou, com esse fito, muitas coisas que felizmente ignorais, e pode dar-se que a língua da ninfa das águas esteja incluída entre as últimas.

— Vossa Majestade compreenderá — volveu Madame — que, diante de tais fatos, ninguém se fia de si; o ouvido de uma mulher não é infalível, já o disse Santo Agostinho; por isso mesmo desejei ouvir outras opiniões além da minha, e sendo a náiade, como deusa, poliglota... não é assim que se diz, Sr. de Saint-Aignan?

— Perfeitamente, Madame — confirmou de Saint-Aignan, desferrado de todo.

— E sendo a náiade, como deusa — continuou a princesa — poliglota, falou-me primeiro em

inglês; receei, porém, como diz Vossa Majestade, haver compreendido mal, e mandei chamar as Srtas. de Montalais, de Tonnay-Charente e La Vallière, pedindo à minha náiade que repetisse em francês a história que me contara em inglês.

— E ela repetiu? — perguntou o rei.

— Oh! é a divindade mais condescendente do mundo... Sim, Majestade, ela repetiu a história. De sorte que já não restam dúvidas sobre o caso. Não é verdade, senhoritas — perguntou a princesa voltando-se para a esquerda do seu exército — não é verdade que a náiade contou exatamente o que acabo de contar, e que não omiti coisíssima nenhuma?... Fílis?... Perdão! enganei-me... Srta. Aura de Montalais, não é verdade?

— Perfeitamente, Madame — articulou, com absoluta nitidez, a Srta. de Montalais.

— Não é verdade, Srta. de Tonnay-Charente?

— É a pura verdade — respondeu Atenais com voz não menos firme, porém menos inteligível.

— E vós, La Vallière? — perguntou Madame.

A pobre menina sentia o olhar ardente do rei cravado nela; não se atrevia a negar, não se atrevia a mentir; abaixou a cabeça em sinal de aquiescência.

Não tornou, porém, a erguer a cabeça, semienregelada por um frio mais doloroso que o da morte.

O triplo testemunho esmagou o rei. Saint-Aignan, de sua parte, nem sequer tentava dissimular o desespero, e, sem saber o que dizia, tartamudeava:

— Excelente gracejo! Muito bem representado, senhoras pastoras!

— Justa punição da curiosidade — acudiu o rei com voz rouca. — Quem se arriscará, após o castigo de Tírsis e Amintas, quem se arriscará jamais a tentar surpreender o que se passa no coração das pastoras? Eu é que não o farei... E vós, senhores?

— Nem eu! nem eu! — repetiu o grupo de cortesãos. Triunfava Madame do despeito do rei: divertia-se, cuidando que o seu relato fora ou havia de ser o desfecho de tudo.

Quanto a Monsieur, que rira da dupla história sem lhe compreender patavina, voltou-se para de Guiché.

— Então, conde — interpelou-o — não dizes nada; não encontras nada para dizer? Acaso terias pena do Srs. Tírsis e Amintas?

— Uma pena imensa — respondeu de Guiché; — pois, em realidade, o amor é uma quimera tão doce, que o perdê-lo, apesar de quimera, é perder mais do que a vida. Portanto, se os dois pastores se julgaram amados, se essa idéia lhes deu felicidade, e em vez de felicidade encontraram não só o vazio igual à morte, mas uma zombaria do amor igual a cem mil mortes... digo que Tírsis e Amintas são os dois homens mais infelizes que conheço.

— E tendes razão, Sr. de Guiché — disse o rei; — pois, afinal, a morte é um castigo muito duro por um pouco de curiosidade.

— Isso quer dizer, então, que a história da minha náiade não agradou ao rei? — perguntou, candidamente, Madame.

— Oh! Madame, desenganai-vos — disse Luís pegando na mão da princesa; — a vossa náiade tanto mais me agradou quanto mais verídica se mostrou, pois devo confessar que a sua narrativa é comprovada por testemunhos irrecusáveis.

E essas palavras caíram sobre La Vallière com um olhar que ninguém, desde Sócrates até Montaigne, conseguiu definir perfeitamente.

O olhar e as palavras acabaram de esmagar a infeliz menina, que, apoiada ao ombro de Montalais, parecia ter perdido os sentidos.

Levantou-se el-rei sem reparar no incidente, a que ninguém, aliás, prestou atenção; e, contra os

seus hábitos, pois de ordinário se demorava até tarde no apartamento de Madame, despediu-se para recolher aos seus aposentos.

Seguiu-o de Saint-Aignan, tão desesperado ao sair quão jubiloso pareceu ao entrar.

Menos sensível do que La Vallière às emoções, a Srta. de Tonnay-Charente não se assustou nem desmaiou.

Entretanto, o supremo olhar de Saint-Aignan fora bem mais majestoso que o último olhar do rei.

Capítulo LVIII - Psicologia real

LUÍS XIV entrou com passo rápido no quarto.

Talvez caminhasse tão depressa para não cambalear. Deixava atrás de si como a esteira de um luto misterioso.

A alegria que todos lhe haviam observado a princípio, e que a todos alegrara, ninguém talvez lhe tivesse aprofundado o verdadeiro sentido; mas a partida tempestuosa, o rosto transtornado, cada qual os compreendeu ou, pelo menos, julgou compreendê-los facilmente.

A leviandade de Madame, os seus gracejos um tanto rudes para uma índole suspeitosa e, sobretudo, para uma índole de rei; a assimilação demasiado familiar, sem dúvida, desse rei a um homem comum; eis as razões que a assembléia emprestou à saída precipitosa e inesperada do monarca.

Se bem mais clarividente, a própria Madame, de início, não viu nisso outra coisa. Bastava-lhe haver infligido uma torturazinha ao amor-próprio de quem, esquecendo-se tão prontamente dos compromissos assumidos, parecia haver-se empenhado em desdenhar sem razão as mais nobres e ilustres conquistas.

Não era de todo destituído de importância para Madame, na situação em que se encontravam as coisas, mostrar ao rei a diferença que havia entre amar alguém altamente colocado ou correr atrás de aventuras como um caçula provinciano.

Com esses grandes amores, que sabiam à realeza e à onipotência, que tinham de certo modo a sua etiqueta e a sua ostentação, um rei, não somente não se deslustrava, mas ainda achava repouso, segurança, mistério, respeito.

No aviltamento dos amores vulgares, ao contrário, encontrava, até nos súditos mais humildes, a crítica e o sarcasmo; deixava de ser infalível e inviolável. Descendo à região das pequenas misérias humanas, sofria as tempestadezinhas que a assolam.

Numa palavra, converter o rei-deus num simples mortal e feri-lo no coração, ou melhor, no próprio rosto, como o último de seus vassalos, era desferir-lhe um golpe terrível no orgulho do sangue generoso: cativava-se Luís mais ainda pelo amor-próprio que pelo amor. Madame calculara sabiamente a vingança; e, como vimos, vingara-se.

Não se creia, contudo, que a princesa tivesse as paixões terríveis das heroínas da Idade Média e visse as coisas sob o seu aspecto sombrio; pelo contrário: jovem, graciosa, inteligente, séria, enamorada, mas com amores inspirados mais pela fantasia, pela imaginação, pela ambição que pelo próprio coração, Madame inaugurava a quadra dos prazeres fáceis e passageiros que assinalou os cento e vinte anos transcorridos entre a metade do século XVII e os três quartos do século XVIII.

Via, por conseguinte, ou cria ver as coisas à sua verdadeira luz; sabia que o rei, seu augusto cunhado, fora o primeiro a rir da humilde La Vallière, e, segundo os seus hábitos, não viria a adorar a pessoa de que já motejara, ainda que por um instante.

De mais a mais, não estava lá o amor-próprio, o demônio assoprador que desempenha papel tão grande na comédia dramática que é a vida de uma mulher? Não dizia o amor-próprio, em voz alta, em voz baixa, a meia voz, em todos os tons possíveis, que ela, princesa, jovem, bela, rica, nunca poderia ser posta em paralelo com a pobre La Vallière, tão jovem quanto ela, é verdade, mas bem menos formosa e pobre como um rato? Nem é isso muito de pasmar da parte de Madame; todos sabemos que os mais vigorosos caracteres são os que mais se lisonjeiam quando se comparam com os outros, ou

quando comparam os outros consigo.

Perguntará porventura o leitor o que queria Madame com esse ataque tão sabiamente combinado? Qual era o motivo do emprego de tantas forças, se não se tratava seriamente de desalojar o rei de um coração novinho em folha em que ele pretendia instalar-se? Teria, acaso, Madame necessidade de dar tamanha importância a La Vallière, se não a temia?

Não, Madame não temia La Vallière à luz a que um historiador que conhece as coisas vê o futuro, ou antes, o passado. Não sendo profeta nem sibila, Madame não podia, como ninguém pode, ler no livro terrível e fatal do porvir, que guarda em suas páginas mais secretas os mais sérios acontecimentos.

Não, Madame queria, pura e simplesmente, castigar o rei por lhe haver ocultado, muito femininamente, um segredinho; queria demonstrar-lhe, com a máxima clareza, que, se ele se utilizava desse gênero de armas ofensivas, ela, mulher de espírito e de raça, também sabia encontrar no arsenal de sua imaginação armas defensivas à prova dos próprios golpes de um rei.

Demais disso, queria demonstrar-lhe que, nesse gênero de guerras, já não existem reis, ou que os reis, combatendo por sua conta e risco como os homens comuns, podem ver cair a coroa ao primeiro embate; que, enfim, se ele esperara ser adorado instantaneamente, à primeira vista, por todas as mulheres da corte, era uma pretensão humana, temerária, insultante para algumas damas mais altamente colocadas do que as outras, e a lição oportuna, caindo-lhe sobre a fronte real, altaneira e orgulhosa demais, seria eficaz.

Eram essas, certamente, as reflexões de Madame a respeito do rei.

O acontecido era uma consideração à parte.

Vê-se, portanto, que ela influíra sobre o espírito de suas damas de honor e preparara em todos os pormenores a comédia que se acabava de representar.

O rei saíra atordoado. Desde que escapara ao Sr. de Mazarino, era aquela a primeira vez em que o tratavam como homem.

Tamanha severidade, da parte de seus súditos, lhe teria fornecido matéria para resistência. As forças agigantam-se na luta.

Mas declarar-se contra mulheres, ser atacado por elas, ludibriado por umas provincianazinhas chegadas de Blois expressamente para isso, era o cúmulo da desonra para um jovem rei cheio da vaidade que lhe inspiravam, ao mesmo tempo, os seus dotes pessoais e o seu poder real.

Não havia o que fazer: nem censuras, nem exílios, nem sequer amuos.

Amuar-se, fora confessar que havia sido atingido, como Hamlet, por uma arma desembolada, a arma do ridículo.

Amuar-se contra mulheres! Que humilhação!

Mormente quando essas mulheres têm o riso por vingança.

Oh! se, em vez de deixar a mulheres toda a responsabilidade, algum palaciano se houvesse metido nessa intriga, com que alegria teria Luís XIV aproveitado a ocasião para utilizar a Bastilha!

Mas aí se detinha a cólera real, reprimida pelo raciocínio.

Possuir um exército, prisões, um poder quase divino, e empenhar essa onipotência a serviço de um miserável rancor, era indigno, não só de um rei, mas também de um homem.

Cumpria-lhe, pois, pura e simplesmente, devorar em silêncio a afronta e afivelar no rosto a máscara da mansuetude e da urbanidade costumeiras.

Cumpria-lhe tratar Madame como amiga. Como amiga!... E por que não?

Ou Madame fora a instigadora do incidente, ou nem participara dele.

Se ela o instigara, mostrara-se muito temerária, mas, afinal, não era aquele o seu papel natural?

Quem a fora procurar no mais suave momento de sua lua de mel para dizer-lhe palavras de amor? Quem ousara calcular as probabilidades do adultério, e mais ainda, do próprio incesto?

Quem, acobertado pela onipotência real, lhe dissera: "Nada temas, ama o rei de França, que está acima de todos; um gesto de sua mão armada do cetro proteger-te-á contra todos, até contra os teus remorsos"?

A mulher, portanto, obedecera às palavras reais, cedera-lhe à voz corruptora, e depois de fazer o sacrifício moral de sua honra, via-se paga desse sacrifício por uma infidelidade tanto mais humilhante quanto tinha por causa outra mulher, bem inferior à que a princípio se julgara amada.

Portanto, se fora Madame a instigadora da vingança, Madame tivera razão.

Se, pelo contrário, o seu papel era passivo em todos aqueles acontecimentos, por que haveria o rei de lhe querer mal?

Deveria ela, ou melhor, poderia deter o impulso de algumas línguas provincianas? Deveria, por um excesso de zelo mal-entendido, reprimir, com o risco de empeçonhá-la, a impertinência das três raparigas?

Tais raciocínios eram outras tantas ferrotoadas dolorosas para o orgulho do monarca; mas depois de haver passado circunstanciada revista a todos esses agravos no espírito, espantava-se Luís XIV de que, feitas as reflexões, isto é, pensada a ferida, ainda sentisse outras dores, surdas, insuportáveis, desconhecidas.

E eis o que não se atrevia a confessar nem a si mesmo: essas dores tinham sede no coração.

E, com efeito, é preciso que o historiador o confesse ao leitor, como o rei o confessava a si próprio: deixara que a ingênua declaração de La Vallière lhe tocasse o coração: acreditara no amor puro, no amor ao homem, no amor divorciado de todo e qualquer interesse; e a sua alma, mais jovem e sobretudo mais ingênua do que ele mesmo a supunha, saltara ao encontro dessa outra alma que acabava de revelar-se-lhe pelas suas aspirações.

A coisa menos comum na história tão complexa do amor, é a dupla inoculação do amor em dois corações: assim como não existe igualdade, assim também não existe simultaneidade; um dos dois ama quase sempre antes do outro, e um deles acaba quase sempre de amar depois do outro. Daí que se estabeleça a corrente elétrica na razão direta da intensidade da primeira paixão acendida. Quanto maior o amor revelado pela Srta. de La Vallière, tanto maior o amor sentido pelo rei.

E era precisamente isso que assombrava Sua Majestade.

Pois fora-lhe que farte demonstrado que nenhuma corrente simpática pudera abrasar-lhe o coração, visto que aquela confissão não era amor, era apenas um insulto feito ao homem e ao rei, era, enfim, tão-somente a palavra causticante como ferro em brasa: mistificação.

Por conseguinte, a menina a quem, a rigor, tudo se poderia recusar, beleza, nobreza, inteligência, escolhida por Madame em razão da própria humildade, tinha não só provocado o rei, mas também desdenhado o rei, isto é, um homem a quem, como um sultão asiático, bastava procurar com os olhos, estender a mão, deixar cair o lenço.

E, desde a véspera, interessara-se por essa menina a ponto de pensar apenas nela, de sonhar com ela; desde a véspera, a sua imaginação se comprouvera em adornar-lhe a imagem de todos os encantos que ela não possuía; reclamado por tantos negócios, chamado por tantas mulheres, consagrara, desde a véspera, todos os minutos de sua vida, todas as batidas de seu coração, a esse único sonho.

Em realidade, ou era demais ou era demasiado pouco.

E, esquecida de todas as coisas, entre as quais a presença de Saint-Aignan, a indignação do rei exalava-se nas mais violentas imprecações.

Verdade é que de Saint-Aignan se alapardara num canto e, desse canto, via passar a tempestade.

A sua decepção parecia-lhe miserável ao pé da cólera real.

Confrontava o seu pequeno amor-próprio com o orgulho imenso daquele rei ofendido, e, conhecendo o coração dos reis em geral e o dos poderosos em particular, perguntava aos seus botões se o peso de tanto furor, suspenso até então sobre o vácuo, não acabaria caindo sobre ele, precisamente porque outros eram culpados e ele, inocente.

Efetivamente, o rei, de súbito, interrompeu a marcha descompassada e, fitando em de Saint-Aignan um torvo olhar:

— E tu, de Saint-Aignan? — bradou.

De Saint-Aignan fez um movimento que significava:

— Eu, o que, Sire?

— Fôste tão néscio quanto eu, não é verdade?

— Sire — balbuciou de Saint-Aignan.

— Tu te deixaste ludibriar por essa grosseira chocarrice.

— Sire — redarguiu de Saint-Aignan, cujos membros começavam a tremer — não se encolerize Vossa Majestade: sabe que as mulheres são criaturas imperfeitas criadas para o mal; daí que o exigir delas o bem é exigir-lhes o impossível.

O rei, que tinha um profundo respeito de si mesmo, e principiava a assumir sobre as paixões o domínio que sobre elas conservou a vida inteira, percebeu que se aviltava mostrando tamanho' ardor por tão mesquinho objeto.

— Não — disse ele rapidamente — não, tu te enganas, Saint-Aignan, não me encolerizo; apenas me admira que tenhamos sido iludidos com tanta habilidade e audácia por duas meninas. Admira-me sobretudo que, podendo informar-nos, tenhamos feito a loucura de louvar-nos em nossos próprios corações.

— Oh! o coração, Sire, o coração, é um órgão que se deve necessariamente limitar às suas funções físicas e destituir de quaisquer funções morais. Quanto a mim, confesso que, ao ver o coração de Vossa Majestade tão interessado por essa pequena...

— Interessado, eu? O meu coração interessado? O meu espírito, talvez... mas o meu coração... estava...

Percebeu Luís que, ainda dessa feita, para cobrir um falha, ia descobrir outra.

— De resto — ajuntou — nada tenho que censurar a essa criança. Eu sabia muito bem que ela amava outro.

— Sim, o Visconde de Bragelonne. Eu avisei Vossa Majestade.

— Sem dúvida. Mas não fôste o primeiro. O Conde de La Fère me havia pedido a mão da Srta. de La Vallière para o filho. Pois bem, quando ele voltar de Inglaterra, casá-los-ei, visto que se amam.

— Em verdade, reconheço nisso toda a generosidade do rei.

— Ouve, Saint-Aignan, não nos ocupemos mais dessas coisas — disse Luís.

— Sim, digiramos a fronta, Sire — anuiu o cortesão resignado.

— Aliás, não será difícil — tornou o rei modulando um suspiro.

— E para começar, eu... — disse Saint-Aignan.

— Tu?

— Vou compor um bom epigrama sobre o trio.

Chamar-lhe-ei: *Náiade* e *Dríade;* isso dará prazer a Madame.

— Sim, Saint-Aignan, sim — murmurou o rei. — Tu me lerás os teus versos, que me distrairão. Ah! não importa, não importa, Saint-Aignan — acrescentou o rei como um homem que mal respira —

o golpe exige uma força sobre-humana para ser dignamente sustentado.

E como dissesse isso com expressão de angélica paciência, um contínuo arranhou a porta do quarto.

De Saint-Aignan, respeitoso, afastou-se.

— Entrai — ordenou el-rei.

O contínuo entreabriu a porta.

— Que foi? — perguntou Luís.

O contínuo mostrou uma carta dobrada em forma de triângulo.

— Para Vossa Majestade.

— Da parte de quem?

— Não sei; foi-me entregue por um dos oficiais de serviço.

O rei fez um sinal, o contínuo trouxe o bilhete.

O rei acercou-se das velas, abriu o bilhete, leu a assinatura e deixou escapar um grito.

Saint-Aignan era suficientemente respeitoso para não olhar; mas, sem olhar, via e ouvia.

Le roi s'approcha des bougies, ouvrit le billet, lut la signature et laissa échapper un cri.

Acorreu.

O rei, com um gesto, dispensou o contínuo.

— Oh! meu Deus! — exclamou o rei, lendo.

— Vossa Majestade sente-se indisposto? — perguntou Saint-Aignan com os braços estendidos.

— Não, não, Saint-Aignan; lê! E entregou-lhe o bilhete.
Os olhos de Saint-Aignan deram com a assinatura.
— La Vallière! — exclamou ele. — Oh! Sire!
— Lê! Lê!
E Saint-Aignan leu:

> *"Sire, perdoe-me Vossa Majestade a minha importunação, perdoe-me sobretudo a ausência de formalidades que acompanha esta carta; um bilhete me parece mais urgente e mais instante que um despacho; atrevo-me, portanto, a endereçar um bilhete a Vossa Majestade.*
> *"Recolho-me alquebrada de dor e de fadiga, Sire, e imploro a Vossa Majestade o favor de uma audiência em que eu possa dizer a verdade a meu rei.*
> *LUÍSA DE LA VALLIÈRE."*

— E então? — perguntou o rei tirando a carta das mãos de Saint-Aignan, atordoado com o que acabava de ler.
— E então? — repetiu Saint-Aignan.
— Que pensas de tudo isso?
— Nem sei.
— Mas, afinal?
— Sire, 'a menina deve ter ouvido ribombar o trovão e terá ficado com medo.
— Medo de quê? — perguntou nobremente Luís.
— Que quer Vossa Majestade! Vossa Majestade tem mil e um. motivos para querer mal à autora ou às autoras de uma brincadeira tão sem graça, e a memória de Vossa Majestade, espertada, é uma eterna ameaça para a imprudente.
— Saint-Aignan, não vejo como tu.
— El-rei há de ver melhor do que eu.
— Pois bem, vejo nestas linhas: sofrimento, constrangimento, e agora que me lembram certas particularidades da cena que se desenrolou esta noite nos aposentos de Madame... Enfim...
O rei interrompeu-se e não completou a frase.
— Enfim — tornou Saint-Aignan — Vossa Majestade concederá a audiência, é o que há de mais claro em tudo isso.
— Farei coisa melhor, Saint-Aignan.
— Que fará Vossa Majestade?
— Pega na tua capa.
— Mas, Sire...
— Sabes onde é o quarto das damas de Madame?
— Sei.
— Conheces um meio de entrar nele?
— Oh! Isso, não.
— Mas, afinal, deves conhecer alguém por lá!
— Com efeito, Vossa Majestade é a fonte de todas as boas idéias.
— Conheces alguém?
— Conheço.
— Quem? Vamos a ver.
— Conheço um rapaz que se dá muito bem com uma das damas.

— De honor?
— De honor, Sire.
— Com Tonnay-Charente? — perguntou Luís, rindo-se.
— Infelizmente, não; com Montalais.
— E chama-se?
— Malicorne.
— Bom! E podes confiar nele?
— Creio que sim, Majestade. Ele deve ter alguma chave... E se tiver, como lhe prestei um serviço... ele ma dará.
— Ótimo. Partamos!
— Estou às ordens de Vossa Majestade.
Atirou el-rei a sua própria capa sobre os ombros de Saint-Aignan, e pediu-lhe a dele. Em seguida, passaram os dois para o vestíbulo.

Capítulo LIX - O que não tinham previsto nem a náiade nem a dríade

DE Saint-Aignan se deteve ao pé da escada que, no entressolho, conduzia aos aposentos das damas de honor no primeiro andar, ao apartamento de Madame.

De lá, por um criado que passava, mandou avisar Malicorne, que ainda se achava com Monsieur.

Ao cabo de dez-minutos, chegou Malicorne, farejando a sombra. Retrocedeu o rei, escondendo-se na parte mais escura do vestíbulo.

De Saint-Aignan, pelo contrário, adiantou-se. Mas às primeiras palavras com que formulou o seu desejo, Malicorne recuou.

— Oh! oh! — bradou — quereis, que eu vos introduza no quarto das damas de honor?

— Oh! oh! dit-il, vous me demandez à être introduit dans la chambre des filles d'honneur?

— Quero.

— Mas não posso fazer uma coisa dessas sem primeiro conhecer as vossas, intenções.

— Infelizmente, meu caro Sr. Malicorne, não me é possível dar-vos explicação alguma; cumpre, portanto, que confieis em mim como num amigo que ontem vos prestou um favor e hoje vos pede outro.

— Mas eu, senhor, disse o que queria; e eu só queria não passar a noite ao relento; ora, todo

homem de bem pode ter um desejo semelhante; ao passo que vós não dizeis coisa alguma.

— Crede, meu caro Sr. Malicorne — insistiu de Saint-Aignan — que, se me fosse possível explicar-me, eu me explicaria.

— Nesse caso, não posso permitir que entreis no quarto da Srta. de Montalais.

— Por quê?

— Sabei-lo melhor do que ninguém, pois ontem me surpreendestes num muro cortejando a Srta. de Montalais. Ora, convireis em que seria muita complacência de minha parte, requestando-a, abrir-vos a porta do seu quarto.

— E quem vos diz que é por ela que vos peço a chave?

— Por quem é, então?

— Suponho que ela não durma sozinha.

— Claro que não.

— Dorme com a Srta. de La Vallière?

— Dorme; todavia, tendes tanto que tratar com a Srta. de La Vallière quanto com a Srta. de Montalais, e só há aqui dois homens a quem eu daria essa chave: ao Sr. Bragelonne, se ma pedisse; ao rei, se mo ordenasse.

— Pois bem, dai-me a chave, senhor, que vo-lo ordeno — sobreveio o rei saindo da sombra e entreabrindo a capa. — A Srta. de Montalais descerá convosco e nós iremos ter com a Srta. de La Vallière: é com ela, de fato, que desejamos falar.

— O rei! — exclamou Malicorne curvando-se à altura dos joelhos reais.

— O rei, sim — tornou Luís sorrindo — que se agrada tanto de vossa resistência quanto de vossa capitulação. Levantai-vos, senhor; prestai-nos o serviço que pedimos.

— Sire, estou às ordens de Vossa Majestade — prontificou-se Malicorne subindo a escada.

— Fazei descer a Srta. de Montalais — disse o rei — e nem uma palavra sobre a minha visita.

Inclinou-se Malicorne em sinal de obediência e continuou a subir.

Mas, refletindo depressa, o rei acompanhou-o com tanta celeridade que, se bem Malicorne já levasse uma dianteira de vários degraus, chegou ao mesmo tempo que ele ao quarto.

Viu, então, pela porta que ficara entreaberta à passagem de Malicorne, La Vallière estendida numa poltrona, e, no canto oposto, Montalais, penteando os cabelos, de roupão, defronte de um espelho muito grande, enquanto parlamentava com Malicorne.

O rei abriu repentinamente a porta e entrou.

Montalais soltou um grito e, reconhecendo o rei, muscou-se.

La Vallière, de seu lado, ergueu-se como um cadáver galvanizado e recaiu na poltrona.

Adiantou-se o rei lentamente para ela.

— Quereis uma audiência, senhorita — disse com frieza; — aqui estou para ouvir-vos. Falai.

Fiel ao seu papel de surdo, cego e mudo, colocara-se em Saint-Aignan num vão da porta, sobre um escabelo que o acaso lhe deparara acinte.

Oculto pela tapeçaria que servia de reposteiro, encostado à parede, ouvia sem ser visto, resignado ao papel de cão de guarda, que espera e vigia sem incomodar o amo.

Aterrada do aspecto irritado do rei, levantou-se La Vallière pela segunda vez e, em postura sempre humilde e suplicante:

— Sire — balbuciou — perdoe-me.

— Que quereis que eu vos perdoe, senhorita? — perguntou Luís XIV.

— Sire, cometi uma falta; mais que uma falta, um crime.

— Vós?

— Ofendi Vossa Majestade.
— De maneira nenhuma — respondeu o monarca.
— Sire, pelo amor de Deus, não conserve diante de mim essa terrível gravidade, indicativa da cólera muito legítima do rei. Sei que o ofendi; mas preciso mostrar-lhe que não o ofendi por minha vontade.
— Em primeiro lugar, senhorita — volveu o rei — por que me teríeis ofendido? Não o percebo. Terá sido por uma brincadeira de menina, aliás, muito inocente? Zombastes de um moço crédulo: é muito natural; qualquer outra, em vosso lugar, faria o mesmo.
— Oh! Vossa Majestade esmaga-me com essas palavras.
— Por quê?
— Porque, se a brincadeira fosse minha, não teria sido inocente.
— Mas, afinal, senhorita — tornou o rei — era só isso o que me queríeis dizer ao pedir uma audiência?
E o rei deu quase um passo para trás.
Com voz rápida e entrecortada, com os olhos enxutos pelo fogo das lágrimas, La Vallière, por sua vez, deu um passo na direção do rei.
— Vossa Majestade ouviu tudo? — perguntou.
— Tudo o quê?
— Tudo o que eu disse ao pé do carvalho real?
— Não perdi uma palavra, senhorita.
— E depois de ter-me ouvido, acreditou que eu houvesse abusado de sua credulidade?
— Credulidade, sim; é isso mesmo; esse é o termo.
— E Vossa Majestade não suspeitou que uma pobre rapariga como eu pode às vezes ser obrigada a ceder à vontade de outrem?
— Perdão, mas eu não compreenderia jamais que uma jovem cuja vontade parecia expressar-se tão livremente sob o carvalho real se deixasse influir a tal ponto pela vontade alheia.
— A ameaça, Sire!
— A ameaça!... Quem vos ameaçava? Quem se atrevia a ameaçar-vos?
— Os que têm o direito de fazê-lo, Sire.
— Não concedo a ninguém o direito de ameaça em meu reino.
— Perdoe-me, Sire, mas há ao pé de Vossa Majestade pessoas tão altamente colocadas que têm, ou julgam ter, o direito de perder uma rapariga sem futuro, sem fortuna, que apenas possui a sua reputação.
— Perdê-la como?
— Comprometendo-lhe a reputação por uma expulsão vergonhosa.
— Oh! senhorita — disse o rei com profundo azedume — aprecio muito as pessoas que se desculpam sem incriminar os outros.
— Sire!
— E confesso que me é penoso ver uma justificação tão fácil, como poderia ser a vossa, complicar-se com uma série de censuras e imputações.
— Às quais Vossa Majestade não dá crédito? — exclamou La Vallière.
Manteve-se o rei em silêncio.
— Diga, Sire! — repetiu La Vallière com veemência.
— Sinto muito confessá-lo — confirmou o rei, inclinando-se com frieza.
A menina expediu uma exclamação profunda e, batendo as mãos uma na outra:

— Vossa Majestade, portanto, não acredita em mim? — perguntou.

O rei não respondeu.

O silêncio real alterou o semblante de La Vallière.

— E supõe que eu — continuou ela — urdi essa trama ridícula e infame para zombar com tanta imprudência de Vossa Majestade?

— Oh! meu Deus! não é ridícula nem infame — tornou o rei; — não é sequer uma trama: é apenas uma brincadeira mais ou menos agradável.

— Oh! — murmurou, desesperada, a menina — o rei não acredita, o rei não quer acreditar em mim.

— Não, não quero acreditar em vós.

— Meu Deus! meu Deus!

— Escutai: não pode haver, com efeito, coisa mais natural. O rei me segue, escuta e espia; quer, talvez, divertir-se à minha custa; pois bem, divirtamo-nos à custa dele, e já que o rei é um homem de coração, levemo-lo pelo coração.

La Vallière escondeu a cabeça entre as mãos abafando um soluço. Implacável, o soberano continuou; vingava-se na pobre vítima de tudo o que sofrera.

— Façamos de conta que eu o amo e distingo. O rei é tão ingênuo e orgulhoso ao mesmo tempo, que acreditará; depois contaremos a ingenuidade do rei e riremos dela.

— Oh! — rebradou La Vallière — pensar isso, pensar isso, é horrível!

— E — prosseguiu Luís XIV — não é tudo: se esse príncipe orgulhoso tomar a sério a brincadeira, se tiver a imprudência de manifestar publicamente certa alegria, humilhá-lo-ei diante de toda a corte; e será, um dia, uma história encantadora para contar ao meu amante, uma parte do dote que levarei a meu marido, a ventura do rei iludido por uma rapariga maliciosa.

— Sire! — exclamou La Vallière desvairada, delirante — nem mais uma palavra, pelo amor de Deus! Vossa Majestade não vê que me mata?

— Brincadeira — murmurou o rei, que principiava, todavia, a comover-se.

La Vallière caiu de joelhos com tanta violência que se lhe ouviu o baque dos joelhos no soalho. Logo, juntando as mãos:

— Sire — disse ela — prefiro a vergonha à traição.

— Que fazeis? — perguntou o rei, embora não esboçasse um gesto sequer para reerguê-la.

— Sire, depois que eu lhe tiver sacrificado a minha honra e a minha razão, Vossa Majestade acreditará talvez na minha lealdade. A história que Madame lhe contou em seu apartamento é mentirosa; o que eu disse debaixo do carvalho grande...

— ?...

— Era verdade.

— Senhorita! — Sire — bradou La Vallière arrebatada pela violência de suas sensações — Sire, ainda que eu deva morrer de vergonha neste lugar em que deitaram raízes os meus joelhos, hei de repeti-lo a Vossa Majestade até que me falte a voz: eu disse que o amava... pois bem: eu o amo!

— Vós?

— Amo-o, Sire, desde o dia em que o vi, desde que em Blois, onde eu vegetava, o olhar real de Vossa Majestade caiu sobre mim, luminoso e vivificante; amo-o, Sire! Sei que é crime de lesa-majestade uma pobre rapariga como eu amar o seu rei e dizer-lho. Castigue-me a audácia, despreze-me pela imprudência; mas não diga nunca, não creia nunca que o escarneci, que o traí. Sou de um sangue fiel à realeza, Sire; e amo... amo o meu rei!... Oh! vou morrer!

E súbito, sem forças, sem voz, sem fôlego, caiu, dobrada sobre si mesma, como a flor de que fala

Virgílio, tocada pela gadanha do segador.

A essas palavras, à súplica veemente, tinham-se de todo desvanecido o rancor e as dúvidas do rei; o seu coração parecia aberto ao sopro ardente daquele amor que falava uma linguagem tão nobre e tão corajosa.

Ouvindo a apaixonada confissão de amor, fraquejou e escondeu o rosto com as mãos.

Quando, porém, sentiu as mãos de La Vallière agarradas às suas, quando a tépida pressão da amorosa menina lhe penetrou as artérias, inflamou-se também e, enlaçando-a pela cintura, ergueu-a e conchegou-a ao coração.

Mas ela, que se morria, deixara perder a cabeça vacilante sobre os ombros dele.

Assustado, chamou de Saint-Aignan.

O favorito, que levara a discrição a ponto de permanecer imóvel no canto, fingindo enxugar uma lágrima, acudiu ao chamado real.

Ajudado pelo rei, conduziu-a a uma poltrona, esfregou-lhe as mãos, borrifou-a com água da rainha da Hungria, repetindo-lhe:

— Senhorita! Senhorita! Pronto, o rei acredita em vós, o rei vos perdoa. Cuidado! cuidado! acabareis comovendo demasiado o rei; Sua Majestade é sensível, Sua Majestade tem coração. Ah diabo! Cuidado! O rei está muito pálido!

O rei, com efeito, empalidecia visivelmente.

La Vallière, porém, não se mexia.

— Senhorita! senhorita! — continuava de Saint-Aignan — recobrai os sentidos, pelo amor de Deus; se o rei se sentir mal, serei obrigado a chamar-lhe o médico. Ah! que situação, santo Deus! Senhorita, querida senhorita, recobrai os sentidos, fazei um esforço, depressa, depressa! Seria difícil empregar eloqüência mais persuasiva; mas foi preciso um estímulo mais enérgico e mais ativo ainda para despertar La Vallière.

Ajoelhara-se o rei diante dela e depunha-lhe na palma da mão os beijos ardentes que são para as mãos o que o beijo dos lábios é para o rosto. Ela tornou em si, reabriu languidamente os olhos e, com a vista amortecida:

— Oh! Sire — murmurou — Vossa Majestade me perdoou? O rei não respondeu... estava ainda comovidíssimo.

De Saint-Aignan julgou dever afastar-se de novo...

Adivinhara a chama que despediam os olhos de Sua Majestade.

Ergueu-se La Vallière.

— E agora, Sire — disse ela com coragem — que espero ter-me justificado perante Vossa Majestade, permita que eu me recolha a um convento. Lá abençoarei o meu rei pelo resto de meus dias e morrerei amando a Deus, que me deu um dia de felicidade.

— Não, não — respondeu o rei — não, vivereis aqui abençoando Deus, pelo contrário, mas amando a Luís, que vos dará uma existência inteira de venturas, Luís que vos ama, Luís que vo-lo jura!

— Oh! Sire, Sire!...

A essa dúvida de La Vallière se tornaram tão ardentes os beijos do rei, que de Saint-Aignan se julgou na obrigação de passar para o outro lado do reposteiro.

Mas os beijos, que ela, a princípio, não pudera repelir, começaram a queimá-la.

— Oh! Sire — exclamou — não deixe que eu me arrependa de ter sido tão leal, pois assim provaria Vossa Majestade que ainda me despreza.

— Senhorita — disse o rei, retrocedendo, respeitoso — não há nada no mundo que eu mais honre e

ame do que vós, e juro por Deus que ninguém em minha corte será mais estimado daqui por diante; perdoai-me, portanto, este arrebatamento, nascido de um excesso de amor; mas, para provar que vos amarei ainda mais, respeitar-vos-ei quando quiserdes ser respeitada.

Depois, inclinando-se diante dela e travando-lhe da mão:

— Senhorita — perguntou-lhe — dar-me-eis a honra de aceitar o beijo que deponho em vossa mão?

E os lábios do rei pousaram, respeitosos e leves, na destra fremente da jovem.

— Doravante — ajuntou Luís erguendo-se e cobrindo La Vallière com o olhar — doravante estais sob a minha proteção. Não faleis a ninguém do mal que vos fiz e perdoai aos outros o mal que vos fizeram. De futuro, estareis tão acima deles, que, longe de atemorizar-vos, nem sequer vos inspirarão piedade.

E cumprimentou religiosamente, como à saída de um templo.

Em seguida, chamando de Saint-Aignan, que se aproximou, humílimo:

— Conde — disse ele — espero que a Srta. de La Vallière haja por bem conceder-vos um pouco da sua amizade em troca da muita que lhe jurei para sempre.

De Saint-Aignan pôs um joelho no chão diante de La Vallière.

— Que alegria para mim — murmurou — se a Srta. de La Vallière me fizer tamanha honra!

— Mandarei a vossa companheira — disse o rei. — Adeus, senhorita, ou melhor, até à vista: não me esqueçais em vossas orações.

— Oh! Sire — respondeu La Vallière — fique tranqüilo: Vossa Majestade está com Deus em meu coração.

Essa última frase inebriou o rei, que, exultante, arrastou de Saint-Aignan escada abaixo.

Madame não previra tal desfecho: nem a náiade nem a dríade lhe haviam falado nele.

Capítulo LX - O novo geral dos jesuítas

O PASSO que La Vallière e o rei confundiam em sua primeira confissão de amor as torturas do passado, a ventura do presente e as esperanças do futuro, Fouquet, recolhido aos aposentos que lhe haviam sido reservados no castelo, ocupava-se com Aramis de tudo o que o rei precisamente negligenciava naquele momento.

— Vós me direis — principiou Fouquet, depois de instalar o hóspede numa poltrona e assentar-se ao lado dele — vós me direis, Sr. d'Herblay, em que pé está o negócio de Belle-Isle; recebestes notícias?

— Senhor superintendente — respondeu Aramis — desse lado vai tudo como desejamos; as despesas foram liquidadas e nada transpirou de nossos desígnios.

— E as guarnições que o rei pretendia mandar para lá?

— Fiquei sabendo hoje cedo que chegaram há quinze dias.

— E foram tratadas?

— A vela de libra.

— Que foi feito da guarnição antiga?

— Desembarcou em Sarzeau e seguiu imediatamente para Quimper.

— Os novos soldados?...

— A esta hora já são nossos.

— Tendes certeza do que dizeis, meu caro Sr. de Vannes?

— Absoluta; vereis, aliás, como se passaram as coisas.

— Entretanto, sabeis que, de todas as guarnições, a de Belle-Isle é precisamente a pior.

— Sei disso e procedo de acordo com o que sei; pouco espaço, pouquíssimas comunicações, nada de mulheres e nada de jogo; ora, hoje em dia — prosseguiu Aramis com um sorriso único — dá pena ver o ardor com que os jovens procuram divertir-se e, conseqüentemente, a gratidão que manifestam por quem lhes proporciona divertimentos.

— E se eles se divertirem em Belle-Isle?

— Se se divertirem à custa do rei, serão gratos ao rei; mas se se entediarem por causa do rei e se divertirem à custa do Sr. Fouquet, serão gratos ao Sr. Fouquet.

— E prevenistes o meu intendente para, assim que chegassem...

— Não; durante oito dias, deixamo-los aborrecerem-se à vontade; mas, ao cabo de oito dias, reclamaram, dizendo que os últimos oficiais se divertiam mais do que eles. Respondeu-se-lhes então que os antigos oficiais tinham conquistado a amizade do Sr. Fouquet, e, sabendo-os seus amigos, o Sr. Fouquet passara a querer-lhes tanto que não lhes permitia entediarem-se em suas terras. Eles refletiram. Mas imediatamente acrescentou o intendente que conhecia o amo e sabia que todo e qualquer fidalgo a serviço do rei interessava ao Sr. Fouquet e, sem prejulgar-lhe as ordens, tinha certeza de que este, embora não conhecesse os recém-chegados, faria por eles o que fizera pelos outros.

— Magnífico! E os efeitos sucederam às promessas? Não quero que alguém prometa em meu nome sem cumprir o que prometeu.

— Colocaram-se à disposição dos oficiais os nossos dois corsários e os vossos cavalos; deram-se-lhes as chaves da casa principal; de sorte que eles organizam caçadas e passeios com as senhoras que encontram em Belle-Isle e as que arrebanham nos arredores, destemerosas do enjôo de mar.

— E há muitas em Sarzeau e em Vannes, Reverendíssimo?
— Em todo o litoral — respondeu tranqüilamente Aramis.
— E quanto aos soldados?
— Sabeis que tudo é relativo; para os soldados, bom vinho, bons víveres, bom soldo.
— Muito bem; de onde se conclui?...
— De onde se conclui que podemos contar com essa guarnição, que já é melhor do que a outra.
— Ótimo.
— E, consentindo Deus em que os nossos soldados sejam assim substituídos de dois em dois meses, ao cabo de três anos o exército inteiro terá passado por Belle-Isle e, em vez de termos um regimento, teremos cinqüenta mil homens.
— Eu sabia perfeitamente — acudiu Fouquet — que não poderia encontrar amigo tão precioso quanto vós, Sr. d'Herblay; mas, com tudo isso — ajuntou, rindo — esquecemos o nosso amigo du Vallon: que foi feito dele? Durante os três dias que passei em Saint-Mandé, confesso que o esqueci.
— Mas eu não o esqueço — tornou Aramis. — Porthos está em Saint-Mandé, com todas as articulações azeitadas, fartando-se de comer e de beber, dando os seus passeios no parquezinho, até hoje reservado apenas para vós. Recomeçou a andar; exercita a sua força dobrando os olmeiros novos ou arrebentando os carvalhos velhos, como fazia Milon de Crotona; e, não havendo leões no parque, é provável que o encontremos incólume w.
E um bravo o nosso Porthos.
— Sim, mas, enquanto espera, vai aborrecer-se.
— Nunca!
— Fará perquirições.
— Não vê ninguém.
— Mas, afinal, há de esperar alguma coisa?
— Dei-lhe uma esperança, que se poderá realizar brevemente, e ele vive dela.
— Qual?
— A de ser apresentado ao rei.
— Oh! oh! Como quê?
— Como engenheiro de Belle-Isle!
— Será possível?
— É verdade.
— E não seria melhor que ele voltasse agora a Belle-Isle?
— Indispensável; estou pensando em mandá-lo para lá quanto antes. Porthos é muito ornamental; é um homem cujo fraco só d'Artagnan, Athos e eu conhecemos. Nunca se trai; com a sua dignidade, diante dos oficiais, produzirá o efeito de um paladino do tempo das cruzadas. Embebedará o estado-maior sem se embebedar e será para todos um objeto de admiração e simpatia; de mais a mais, se precisarmos mandar executar uma ordem, Porthos é uma ordem viva, e ninguém passa senão por onde ele quer.
— Fazei-o voltar.
— É minha intenção, mas só daqui a alguns dias, pois preciso dizer-vos uma coisa.
— Que coisa?
— Desconfio de d’Artagnan. Não está em Fontainebleau, como pudestes observar, e d'Artagnan nunca está ausente ou ocioso à toa. Por isso mesmo, agora que os meus negócios se resolveram, vou procurar inteirar-me dos negócios dele.
— Os vossos negócios se resolveram?

— Perfeitamente.
— Sois um homem feliz, e eu gostaria de poder dizer o mesmo.
— Espero que já não tenhais preocupações!
— Hum!
— El-rei vos recebe admiravelmente.
— Sim.
— E Colbert vos deixa em paz?
— Mais ou menos.
— Nesse caso — disse Aramis com a seqüência lógica de idéias que constituía a sua força — já podemos pensar no que eu ontem vos dizia a respeito da pequena.
— Que pequena?
— Esquecestes?
— Esqueci.
— A respeito de La Vallière.
— Ah! é verdade.
— Tendes repugnância em cortejá-la?
— Somente num ponto.
— Qual?
— É que, tendo o coração interessado por outra, não sinto nada por ela.
— Oh! oh! — atalhou Aramis; — tendes o coração ocupado?
— Tenho.
— Diabo! é preciso tomar cuidado.
— Por quê?
— Porque é terrível ter o coração ocupado para quem, como vós, precisa tanto da cabeça.
— De fato. Por isso mesmo, ao vosso primeiro chamado, larguei tudo. Mas voltemos à pequena. Que utilidade haverá em que eu a requeste?
— Ei-la: dizem que o rei anda encaprichado por ela. Pelo menos é a atoada que corre.
— E vós, que sabeis tudo, sabeis a verdade?
— Sei que o rei mudou muito depressa; antes de ontem, estava apaixonadíssimo por Madame; há alguns dias, Monsieur queixou-se dessa paixão à rainha-mãe; houve arrufos conjugais, descomposturas maternas.
— Como viestes a sabê-lo?
— Eu sei.
— E daí?
— Em conseqüência dos arrufos e das descomposturas, el-rei nunca mais dirigiu a palavra nem prestou atenção a Sua Alteza Real.
— E depois?
— Passou a interessar-se pela Srta. de La Vallière.
A Srta. de La Vallière é dama de honor de Madame. Sabeis o que em amores se chama segurar a vela?
— Claro que sei.
— Pois bem, a Srta. de La Vallière segura a vela para Madame. Aproveitai a situação. Não tendes necessidade disso. Mas, afinal, o amor-próprio ferido tornará mais fácil a conquista; a pequena conhecerá o segredo do rei e de Madame. Não sabeis o que um homem inteligente pode fazer com um segredo.

— Mas como hei de aproximar-me?
— Perguntais-mo?
— Naturalmente, não posso perder tempo com isso.
— Ela é pobre e humilde, vós lhe dareis uma posição: e quer subjugue ela o rei como amante, quer se aproxime dele apenas como confidente, tereis conquistado mais uma adepta.
— Está bem — conveio Fouquet. — Que faremos?
— Quando desejastes uma mulher, que fizestes, senhor superintendente?
— Escrevi-lhe. Fiz protestos de amor, Acrescentei-lhes os meus oferecimentos de serviço, e assinei.
— E nenhuma resistiu?
— Só uma. Mas faz quatro dias que cedeu, como as outras.
— Quereis dar-vos ao trabalho de escrever? — acudiu Aramis, apresentando-lhe a pena.
Fouquet tomou-lha.
— Ditai — disse ele. — Tenho o espírito tão absorto em outras coisas, que não saberia traçar duas linhas.
— Seja — anuiu Aramis. — Escrevei. E ditou:

> *"Senhorita, vi-vos, e não estranhareis que eu vos tenha achado bela.*
> *"Todavia, enquanto não tiverdes uma posição digna de vós, apenas vegetareis na corte.*
> *"O amor de um homem de bem, se alguma ambição vos anima, poderia servir de auxiliar ao vosso espírito e aos vossos encantos.*
> *"Deponho o meu amor a vossos pés; mas como um amor, por humilde e discreto, pode comprometer o objeto de seu culto, não convém que uma pessoa com os vossos méritos comprometa inutilmente o seu futuro.*
> *"Se houverdes por bem corresponder ao meu afeto, este vos provará a sua gratidão tornando-vos livre e independente para sempre".*

Depois de ter escrito isso, Fouquet encarou com Aramis.
— Assinai — disse o prelado.
— Será necessário?
— A vossa assinatura debaixo desta carta vale um milhão; pareceis esquecê-lo, meu caro superintendente.
Fouquet assinou.
— Agora, por quem mandareis a carta? — perguntou Aramis.
— Por um lacaio excelente.
— Digno de confiança?
— É o meu criado habitual.
— Muito bem.
— De resto, estamos fazendo um jogo pouco oneroso.
— Como?
— Se é verdade o que dizeis sobre as complacências da pequena com o rei e com Madame, o rei lhe dará todo o dinheiro que ela possa desejar.
— Mas o rei tem dinheiro?
— Deve ter, visto que já não o pede.
— Tornará a pedi-lo, descansai.

— Digo mais, julguei que me falasse na tal festa de Vaux.
— E não falou?
— Não.
— Falará.
— Oh! atribuís ao rei muita crueldade, meu caro d'Herblay.
— A ele, não.
— É jovem; portanto, é bom.
— É jovem; portanto, é fraco ou apaixonado; e o Sr. Colbert tem presas em suas garras a fraqueza ou as paixões do rei.
— Por si se vê que também o temeis.
— Não o nego.
— Então, estou perdido.
— Como assim?
— A minha força junto ao rei era o dinheiro.
— E então?...
— Estou arruinado.
— Não.
— Como, não? Sabeis dos meus negócios melhor do que eu?
— Talvez.
— E se ele me pedir essa festa?
— Dar-lha-eis.
— E o dinheiro?
— Faltou-vos alguma vez?
— Oh! se soubésseis quanto me custou conseguir o último!
— O próximo não vos custará nada.
— Quem mo dará?
— Eu.
— Vós me dareis seis milhões?
— Sim.
— Seis milhões?
— Dez até, se for preciso.
— Em verdade, meu caro d'Herblay — disse Fouquet — a vossa confiança me apavora mais do que a cólera do rei.
— Ora!
— Quem sois, afinal?
— Se não me engano, vós me conheceis.
— Seja; mas que quereis?
— Quero ver no trono de França um rei dedicado ao Sr. Fouquet, e quero que o Sr. Fouquet me seja dedicado.
— Oh! — exclamou Fouquet apertando-lhe a mão — quanto a ser-vos dedicado, sabeis que o sou; mas, crede-lo, meu caro d'Herblay, estais iludido.
— Sobre o quê?
— Sobre a dedicação do rei por mim.
— Eu não disse que o rei vos seria dedicado.
— Foi o que acabastes de dizer.

— Não me refiro ao rei. Referi-me a um rei.
— Não é a mesma coisa?
— Pelo contrário, é muito diferente.
— Não compreendo.
— Compreendereis. Imaginai que esse rei não seja Luís XIV; que seja outro homem.
— Outro homem?
— Sim; que vos deva quanto tiver.
— Impossível.
— Até o trono.
— Enlouquecestes! Não há outro homem que possa assentar-se no trono de França a não ser Luís XIV. Não vejo nenhum.
— Pois eu vejo.
— A menos de ser Monsieur — disse Fouquet considerando Aramis, inquieto... — Mas Monsieur...
— Não é Monsieur.
— Como quereis que um príncipe que não seja da mesma raça; como quereis que um príncipe que não tenha direito algum... ?
— O meu rei, ou melhor, o vosso rei, será tudo o que é preciso que seja, ficai descansado.
— Cuidado, cuidado, Sr. d'Herblay, vós me fazeis estremecer, vós me dais vertigens.
Aramis sorriu.
— Estremeceis e tendes vertigens por pouca coisa — replicou.
— Repito que me apavorais. Aramis sorriu.
— Rides? — perguntou Fouquet.
— Quando chegar o dia, rireis como eu; agora, porém, devo rir sozinho.
— Explicai-vos.
— Quando chegar o dia, explicar-me-ei, sossegai. Não sois São Pedro e eu não sou Jesus; contudo, vos direi: "Homem de pouca fé, por que duvidais?”
— Oh! meu Deus! duvido... duvido porque não vejo.
— Então sois cego: já não vos tratarei como a São Pedro, mas como a São Paulo, e vos direi: "Dia virá em que os teus olhos se abrirão".
— Como eu gostaria de acreditar! — exclamou Fouquet.
— Não acreditais? Dez vezes, no entanto, a minha mão vos ajudou a transpor o abismo em que sozinho vos teríeis precipitado; não acreditais, e de procurador-geral passastes a intendente, de intendente a primeiro ministro, e de primeiro ministro passareis a mordomo-mor do paço. Não, não... — acrescentou, com o seu eterno sorriso — não podeis ver e, portanto, não podeis acreditar. E levantou-se para sair.
— Uma última palavra — disse Fouquet; — nunca me falastes assim, nunca vos mostrastes tão confiante, ou melhor, tão temerário.
— Para falar alto é preciso ter a voz livre.
— E tende-la?
— Tenho.
— Faz pouco tempo?
— Desde ontem.
— Oh! Sr. d'Herblay, tomai cuidado, que a vossa confiança já é audácia.
— Podemos ser audazes quando somos poderosos.

— Sois poderoso?
— Não vos ofereci dez milhões? Torno a oferecê-los.
Fouquet levantou-se também, perturbadíssimo.
— Vejamos — disse ele — vejamos: falastes em derrubar soberanos e substituí-los por outros. Deus, me perdoei, mas, se não estou louco, foi o que dissestes há pouco.
— Não estais louco, e foi realmente o que eu disse.
— Por quê?
— Porque podemos falar em tronos derrubados e reis criados, quando estamos acima dos reis e dos tronos... deste mundo.
— Sois, então, todo-poderoso? — bradou Fouquet.
— Eu vo-lo disse e repito-o — declarou Aramis com o olhar brilhante e os lábios trêmulos.
Fouquet tornou a cair na poltrona e deixou pender a cabeça entre as mãos.
Aramis considerou-o como teria considerado o anjo dos destinos humanos a um simples mortal.
— Adeus — disse-lhe — dormi tranqüilo, e remetei a vossa carta a La Vallière. Amanhã, tornaremos a ver-nos, não é verdade?
— Sim, amanhã — respondeu Fouquet sacudindo a cabeça como um homem que torna em si; — mas onde?
— No passeio do rei, se quiserdes.
— Muito bem. E separaram-se.

Capítulo LXI - A tempestade

O DIA amanheceu escuro e triste e, como todos soubessem da inclusão do passeio no programa real, todos, abrindo os olhos, enviaram-nos para o céu.

Acima das árvores pairava um vapor espesso e ardente, que mal conseguira erguer-se a uns trinta pés de altura sob os raios do sol, pouco discernível através de uma nuvem densa e pesada.

Durante a noite não orvalhara. Os relvados continuavam secos, as flores, com sede. Os pássaros cantavam menos que de ordinário na folhagem imóvel e morta. Os murmúrios estranhos, confusos, cheios de vida, que parecem nascer e existir por causa do sol, a respiração da natureza que fala, incessante, no meio de todos os outros ruídos, não se ouvia: nunca fora tão grande o silêncio.

A tristeza do céu feriu os olhos do rei quando, ao levantar-se, chegou à janela.

Mas como todas as ordens tivessem sido dadas para o passeio, como todos os preparativos estivessem feitos, e como Luís contasse, o que era muito mais decisivo, com esse passeio para responder às promessas de sua imaginação e, já podemos dizê-lo, às necessidades de seu coração, resolveu sem hesitar que o céu não tinha nada com aquilo, e o passeio, decidido, se faria com qualquer tempo.

De resto, há em certos impérios, horas em que se creria que a vontade do ser humano influi sobre a vontade divina. Augusto tinha Virgílio para dizer-lhe: *Nocte placet tota redeunt spectacula mane.*

Luís XIV tinha Boileau, que lhe diria coisa muito diferente, e Deus, que se mostraria quase tão complacente com ele quanto Júpiter se mostrara com Augusto.

Luís ouviu missa como de costume, mas, releva confessá-lo, um tanto distraído da presença do Criador pela lembrança da criatura. Ocupou-se durante o ofício em calcular mais de uma vez o número dos minutos e, depois, dos segundos que o separavam do bem-aventurado momento em que principiasse o passeio, isto é, do momento em que Madame se pusesse a caminho, seguida das suas damas de honor.

Aliás, fora ocioso dizer que toda a gente ignorava no castelo a entrevista realizada na véspera entre La Vallière e o rei. Com a sua bacharelice habitual, Montalais talvez a tivesse propalado; mas, nessa circunstância, Montalais era atalhada por Malicorne, que lhe fechara os lábios com o cadeado do interesse comum.

Quanto a Luís XIV, sentia-se tão feliz, que já perdoara, ou quase, a Madame a perversidadezinha da véspera. Com efeito, antes lhe sobravam razões para felicitar-se que para queixar-se dela. Sem essa perversidade, não teria recebido a carta de La Vallière; sem a carta, não teria havido audiência e, sem a audiência, persistiria a sua indecisão. Entrava-lhe, portanto, muita felicidade na alma para que nela pudesse continuar o rancor, pelo menos naquele momento.

Por conseguinte, em vez de carregar o cenho ao ver a cunhada, resolveu manifestar-lhe maior amizade ainda e dispensar-lhe uma acolhida mais graciosa que a habitual.

Isso, porém, com uma condição: que ela não se demorasse.

Aí estão as coisas em que pensava Luís durante a missa e, força é dizê-lo, o deslembravam durante o santo exercício daquelas em que deveria pensar como rei cristianíssimo e filho mais velho da Igreja.

Mas Deus é tão bom para os erros dos moços, e todo amor, inclusive o amor censurável, tanto lhe agrada aos olhos paternais, que, ao sair da missa, erguendo os olhos para o céu, Luís distinguiu, através das frinchas de uma nuvem, um pedacinho da alfombra azul em que pisam os pés do Senhor.

Tornou ao castelo e, como o passeio só estivesse marcado para o meio-dia, e fossem apenas dez horas, pôs-se a trabalhar afincadamente com Lyonne e Colbert.

Enquanto trabalhava, ia da mesa à janela, que se abria para o pavilhão de Madame, e assim avistou no pátio o Sr. Fouquet, mais incensado que nunca após o favor da véspera, que vinha, por seu turno, com ar afável e perfeitamente feliz, incensar o soberano.

Vendo Fouquet, voltou-se o monarca instintivamente para Colbert.

Colbert sorria e parecia também cheio de amenidade e júbilo, depois que um de seus secretários lhe entregara uma carteira, que ele, sem abrir, introduzira na ampla algibeira de suas bragas.

Mas como houvesse sempre algo de sinistro na alegria de Colbert, Luís, entre os dois sorrisos, optou pelo de Fouquet.

Fez sinal ao superintendente que subisse; logo, voltando-se para Lyonne e Colbert:

— Terminai o trabalho e deixai-o sobre a minha secretária. Quero examiná-lo com a cabeça fresca.

E saiu.

Ao sinal do rei, apressara-se Fouquet a subir.

Aramis, que acompanhava o superintendente, metera-se no meio dos cortesãos vulgares e entre eles se perdera sem ter sido notado.

O rei e Fouquet se encontraram no topo da escada.

— Sire — disse Fouquet vendo a graciosa acolhida que lhe preparava Luís; — Sire, faz alguns dias que Vossa Majestade me tem penhorado muitíssimo. Já não é um jovem rei, é um jovem deus que reina sobre a França, o deus do prazer, da felicidade e do amor.

O rei corou. - Embora lisonjeiro, o cumprimento não deixava de ser o seu tanto direto.

Luís conduziu Fouquet a uma saleta que separava o gabinete de trabalho do quarto de dormir.

— Sabeis por que vos chamo? — perguntou, assentando-se no peitoril da janela, a fim de não perder o que se passasse entre os canteiros para os quais dava a segunda entrada do pavilhão de Madame.

— Não, Sire..., mas, a julgar pelo gracioso sorriso de Vossa Majestade, tenho certeza de que será por alguma coisa boa.

— Ah! Pré-julgais?

— Não, Sire, olho e vejo.

— Estais enganado.

— Eu, Sire?

— Chamo-vos, ao contrário, para brigar convosco.

— Comigo, Sire?

— Sim, e muito seriamente.

— Em verdade, Vossa Majestade assusta-me... e, não obstante, confio na sua justiça e na sua bondade.

— Disseram-me, Sr. Fouquet, que preparais uma grande festa em Vaux?

Fouquet sorriu, como o faria um doente ao primeiro arrepio da febre esquecida, que volta.

— E não me convidais? — continuou o rei.

— Sire — respondeu Fouquet — eu não havia pensado nessa festa, e só ontem à noite um *amigo meu* (Fouquet acentuou a expressão) houve por bem sugerir-ma.

— Mas ontem à noite estivemos juntos e não me dissestes nada, Sr. Fouquet.

— Sire, como poderia eu esperar que Vossa Majestade descesse das altíssimas regiões em que vive para honrar minha casa com a sua real presença?

— Desculpas, Sr. Fouquet; não me falastes na festa.

— Repito que não falei nela a Vossa Majestade, primeiro porque ainda não havia nada decidido e, segundo, porque temia uma recusa.

— E por que temíeis a recusa, Sr. Fouquet? Tomai cuidado, que estou disposto a saber de tudo.

— Sire, o desejo profundo de vê-lo aceitar o meu convite.

— Pois bem, Sr. Fouquet, podemos entender-nos com muita facilidade. Desejais convidar-me para a vossa festa e eu desejo assistir a ela; convidai-me, que eu irei.

— Como! Vossa Majestade se dignará aceitar? — murmurou o superintendente.

— Em realidade, senhor — acudiu o rei, a rir — creio que faço mais do que aceitar; creio que eu mesmo me convido.

— Vossa Majestade cumula-me de honra e de alegria! — exclamou Fouquet; — mas serei obrigado a repetir o que o Sr. de La Vieuville dizia ao antepassado de Vossa Majestade, Henrique IV:

Domine, non sum dignus.

— A minha resposta a isso, Sr. Fouquet, é que, se derdes uma festa, irei à vossa festa, convidado ou não.

— Oh! obrigado, obrigado, meu rei! — exclamou Fouquet erguendo a cabeça a essa mercê, que, em seu entender, era a sua ruína. — Mas como foi avisado Vossa Majestade?

— Fui avisado pelo rumor público, Sr. Fouquet, que diz maravilhas de vós e milagres de vossa casa. Ficaríeis envaidecido, Sr. Fouquet, se o rei vos invejasse?

— Eu seria o homem mais feliz do mundo, Sire, pois no dia em que o rei tiver inveja de Vaux, terei alguma coisa digna para oferecer-lhe.

— Pois bem, Sr. Fouquet, preparai a festa e escancarai as portas de vossa casa.

— Marque o dia, Sire — volveu Fouquet.

— De hoje a um mês.

— Vossa Majestade não deseja mais nada?

— Mais nada, senhor superintendente, senão, daqui por diante, ver-vos amiúde.

— Terei a honra de participar do passeio de Vossa Majestade.

— Muito bem; vou sair, de fato, Sr. Fouquet, e aí vêm as damas, que também vão.

A essas palavras, com ardor, não só de um rapaz, mas de rapaz apaixonado, afastou-se da janela para receber as luvas e a bengala que lhe estendia o criado grave.

Ouvia-se, fora, o estrupido dos cavalos e o rodar das rodas sobre a areia do pátio.

O rei desceu. No momento em que assomou à entrada, todos pararam. Encaminhou-se diretamente para a rainha. A rainha-mãe, cada vez mais prostrada pela enfermidade que a subjugava, não quisera sair.

Maria Teresa subiu no carro com Madame, e perguntou ao rei onde desejava que se realizasse o passeio.

Luís, que acabava de ver La Vallière, pálida ainda após os sucessos da véspera, tomar uma caleça com três companheiras, respondeu que não tinha preferências e que estaria bem onde quer que ela estivesse.

Ordenou, então, a rainha aos batedores que se tocassem para Apremont.

Os batedores partiram na frente.

O rei montou a cavalo. Seguiu durante alguns minutos, à portinhola, o carro da rainha e de Madame.

O tempo, a pouco e pouco, se desembruscara; entretanto, uma espécie de véu poento, semelhante a

uma gaza suja, se estendia sobre a superfície do céu; o sol fazia reluzirem átomos micáceos no périplo de seus raios.

O ar abochornava.

Mas, como o rei não parecesse prestar atenção ao firmamento, ninguém pareceu inquietar-se com ele, e o passeio, em obediência às ordens dadas pela rainha, foi dirigido para Apremont.

A tropa de cortesãos era ruidosa e alegre e cada qual procurava, manifestamente, esquecer e fazer esquecerem os outros as ácidas discussões da véspera.

Madame, sobretudo, mostrava-se encantadora.

De feito, vendo o rei à sua portinhola e não imaginando que ele lá estivesse por causa da rainha, supunha que o seu príncipe tivesse voltado.

Mas, ao termo de um quarto de légua, mais ou menos, com gracioso sorriso, o rei cumprimentou e sofreou o cavalo, deixando passar a carruagem da rainha, depois a das primeiras damas de honor, depois as outras, que, vendo-o parar, queriam parar também.

Mas o monarca fazia-lhes sinal que continuassem.

Quando passou o carro de La Vallière, o rei aproximou-se.

Saudou as damas e já se dispunha a segui-lo, como seguira o de Madame, quando a fila de veículos subitamente se deteve.

Inquieta sem dúvida com o afastamento do rei, a rainha ordenara a parada.

Há de lembrar ao leitor que a direção do passeio lhe fora outorgada.

O rei mandou perguntar-lhe que pretendia ela.

— Andar a pé — respondeu Maria Teresa.

De certo esperava a rainha que o rei, que seguia a cavalo a caleça das damas de honor, não se atrevesse a seguir a pé as próprias damas de honor.

Estavam no meio da floresta.

O passeio, na verdade, prometia ser belo, sobretudo para sonhadores ou apaixonados.

Três formosas aléias, compridas, umbrosas e acidentadas, partiam da encruzilhada em que os carros se haviam detido, verdeando entre musgos e entremostrando pelo rendilhado da folhagem pedacinhos chanfrados de céu.

No fundo das alamedas, passavam e repassavam, com sinais manifestos da inquietude, os esquilos assustados, que, depois de pararem um instante no meio do caminho e erguerem a cabeça, abalavam como flechas, voltando, num salto, à espessura dos bosques, onde desapareciam, ao passo que, de longe em longe, um coelho filósofo, sentado no chão, esfregava o focinho com as patas dianteiras e parecia perguntar a si mesmo se toda aquela gente que se aproximava e assim lhe perturbava as meditações, a merenda e os amores, não era seguida de algum cachorro cambaio ou não trazia uma espingarda debaixo do braço.

Todos, aliás, haviam apeado ao verem apear a rainha.

Maria Teresa pegou no braço de uma dama de honor, e, depois de um olhar de revés ao marido, que parecia não reparar naquele exame, enfiou-se na floresta pelo primeiro atalho que se lhe deparou.

Dois batedores caminhavam na frente de Sua Majestade, com bengalas, erguendo os ramos ou afastando as sarças que pudessem empecer o caminho.

Ao saltar em terra, viu Madame a seu lado o Sr. de Guiché, que se inclinou diante dela e colocou-se à sua disposição.

Entusiasmado com o banho da antevéspera, declarara Monsieur que optava pelo rio, e, dispensando de Guiché, ficara no castelo com o Cavaleiro de Lorena e Manicamp.

Já não sentia a menor sombra de ciúme.

Tinham-no, portanto, inutilmente procurado no cortejo; mas como fosse Monsieur um príncipe muito individualista, que de hábito concorria pouquíssimo para o prazer coletivo, a sua ausência era antes motivo de satisfação que de pesar.

Cada qual seguira o exemplo dado pela rainha e por Madame, conformando-se ao acaso ou acomodando-se conforme as suas inclinações particulares.

Já dissemos que o rei ficara ao pé de La Vallière, e, descendo do cavalo no momento em que se abriu a portinhola do carro, oferecera-lhe a mão.

Imediatamente Montalais e Tonnay-Charente se haviam afastado, a primeira por cálculo, a segunda por discrição.

Mas havia uma diferença entre elas: ao passo que uma se alongava com o desejo de ser agradável ao rei, a outra o fazia com o desejo de lhe ser desagradável.

Durante a primeira meia hora o tempo também tomara as suas disposições: como se o empurrasse um vento quente, o véu, que a princípio recobrira o céu, adensara-se no ocidente; depois, tangido por uma corrente contrária, adiantara-se, lento e pesado.

Sentia-se a aproximação da tempestade; mas como o rei não a visse, ninguém se cria com o direito de vê-la.

O passeio, portanto, continuou; alguns espíritos inquietos erguiam, a reveses, os olhos para o céu.

Outros, mais tímidos ainda, não se distanciavam das carruagens, onde esperavam abrigar-se em caso de borrasca.

No entanto, vendo o soberano entrar corajosamente na floresta com La Vallière, a maior parte do cortejo seguiu-o.

Diante disso, o rei pegou na mão de La Vallière e arrastou-a por uma aléia lateral, onde, dessa feita, ninguém se atreveu a acompanhá-lo.

Capítulo LXII - A chuva

ENTREMENTES, na mesma direção que haviam tomado o rei e La Vallière, enveredando pelo meio do bosque em vez de seguir o atalho, dois homens se adiantavam, despreocupados da ameaça do céu.

Iam cabisbaixos, como pessoas que refletem em coisas muito graves.

Não tinham visto de Guiché, nem Madame, nem o rei, nem La Vallière.

Súbito, qualquer coisa cruzou o ar como um bafo de chamas, seguido de surdo e longínquo ribombo.

— Ah! — disse um deles, erguendo a cabeça — aí vem a tempestade. Voltemos aos carros, meu caro d'Herblay?

Aramis levantou os olhos e interrogou o tempo.

— Oh! — respondeu — ainda não há pressa.

E, retomando o fio da conversa, no ponto em que sem dúvida a deixara:

— Dizeis, portanto, que a carta que escrevemos ontem à noite deve ter, a esta hora, chegado ao seu destino?

— Digo que chegou com certeza.

— Por quem a mandastes entregar?

— Pelo meu criado, como já tive a honra de dizer-vos.

— E ele trouxe a resposta?

— Não tornei a vê-lo; a pequena, sem dúvida, estaria ocupada nos aposentos de Madame, ou talvez no quarto, vestindo-se, e mandou-o esperar. Chegou a hora da partida e partimos. Não posso, portanto, saber o que aconteceu.

— Vistes o rei antes de partir?

— Vi.

— Que tal vos pareceu?

— Perfeito ou infame, segundo terá sido sincero ou hipócrita.

— E a festa?

— Realizar-se-á daqui a um mês.

— Ele convidou-se?

— Com uma insistência em que reconheci a mão de Colbert.

— Bem.

— A noite não vos dissipou as ilusões?

— A respeito de quê?

— Do auxílio que podeis prestar-me nesta circunstância?

— Não, passei a noite escrevendo e todas as ordens foram dadas.

— A festa custará vários milhões, não vos iludais.

— Conseguireis seis... Procurai obter, de vosso lado, uns dois ou três, para o que der e vier.

— Sois um homem milagroso, meu caro d'Herblay.

Aramis sorriu.

— Mas — perguntou Fouquet com uns restos de inquietude — já que podeis dispor assim de milhões, por que, há alguns dias, não destes do vosso bolso, os cinqüenta mil francos a Baisemeaux?

— Porque, há alguns dias, eu era pobre como Jó.

— E hoje?
— Hoje sou mais rico do que o rei.
— Muito bem — tornou Fouquet; — conheço os homens. Sei-vos incapaz de faltar com a palavra; não quero arrancar-vos o segredo: não se fala mais nisso.
Nesse momento, surdo estampido se ouviu, que súbito explodiu em violentíssimo trovão.
— Oh! oh! — observou Fouquet — eu bem o dizia.
— Voltemos aos carros — anuiu Aramis.
— Não teremos tempo — disse Fouquet; — eis a chuva.
De fato, como se o céu se tivesse aberto, um aguaceiro de grossas gotas percutiu repentinamente a abóbada da floresta.
— Temos tempo de voltar aos carros antes que a folhagem se inunde — volveu Aramis.
— Melhor seria — objetou Fouquet — abrigarmo-nos em alguma gruta.
— Sim, mas onde estará essa gruta?
— Conheço uma a dez passos daqui — confessou Fouquet com um sorriso.
Em seguida, orientando-se:
— Sim — disse ele — é isso mesmo.
— Que felicidade ter uma memória assim! — tornou Aramis sorrindo também; — mas não receais que, ante a nossa ausência, o cocheiro imagine que tenhamos tomado outro caminho e siga os carros da corte?
— Oh! — disse Fouquet — não há perigo; quando coloco o meu cocheiro e o meu carro num lugar qualquer, só uma ordem expressa do rei poderá fazê-lo sair; aliás, não parece que somos os únicos que chegamos tão longe. Ouço passos e um ruído de vozes.
E, dizendo essas palavras, voltou-se Fouquet, afastando com a bengala a folhagem que lhe ocultava o caminho.
O olhar de Aramis mergulhou ao mesmo tempo que o seu pela aberta.
— Uma mulher! — disse Aramis.
— Um homem! — disse Fouquet.
— La Vallière!
— O rei!
— Oh! oh! — acudiu Aramis — dar-se-á que o rei também conheça a vossa caverna? Não seria de admirar; parece-me que ele mantém um comércio bem assíduo com as ninfas de Fontainebleau.
— Não importa — volveu Fouquet — vamos até lá; se a não conhece, veremos o que sucede; se a conhece, como ela tem duas saídas, quando ele entrar por uma, sairemos pela outra.
— Ainda fica longe? — perguntou Aramis. — A chuva já está atravessando as folhas.
— Chegamos.
Fouquet afastou alguns ramos e pôde avistar-se uma escavação na rocha, completamente escondida pela folhagem. Fouquet mostrou o caminho. Seguiu-o Aramis.
No momento de penetrar na gruta, Aramis voltou-se.
— Oh! oh! disse ele — ei-los que entram no bosque e se dirigem para cá.
— Pois bem, cedamos-lhes o lugar — atalhou Fouquet sorrindo e puxando Aramis pela capa; — embora não creia que o rei conheça a minha gruta.
— De fato — prosseguiu o prelado — procuram alguma coisa, mas apenas uma árvore mais copada.
Aramis não se enganava: o rei olhava para cima e não à sua volta.
Tinha o braço de La Vallière debaixo do seu, e a mão dela na sua.

La Vallière principiava a escorregar sobre a relva úmida.

Luís tornou a olhar com maior atenção em torno de si, e, avistando um carvalho enorme e copado, arrastou La Vallière para baixo dele.

A pobre menina olhava de redor; parecia, a um tempo, recear e desejar que a seguissem.

O rei fê-la arrimar-se ao tronco da árvore, cuja vasta circunferência, protegida pela espessura da folhagem, estava completamente seca, como se naquele mesmo instante não estivesse diluviando.

Com a cabeça descoberta, colocou-se diante dela.

Ao cabo de alguns momentos, várias gotas se coaram pelas folhas e foram cair sobre a cabeça do rei, que nem sequer deu tento delas.

— Oh! Sire! — murmurou La Vallière, empurrando o chapéu do rei.

Mas o rei se inclinou e recusou-se obstinadamente a cobrir-se.

— Agora ou nunca é a hora de oferecermos o lugar — disse Fouquet ao ouvido de Aramis.

— Agora ou nunca é a hora de escutarmos o que vão dizer — respondeu Aramis ao ouvido de Fouquet.

E os dois, com efeito, calando-se, puderam ouvir a voz do rei.

— C'est le cas ou jamais d'écouter, dit Aramis à l'oreille de Fouquet.

— Oh! meu Deus! senhorita — disse o monarca — vejo, ou melhor, adivinho a vossa inquietação; crede que lamento muito sinceramente ter-vos apartado dos outros e arrastado a um sítio em que sereis molestada pela chuva. Já estais molhada; sentis frio, talvez?

— Não, Sire.
— Mas estais tremendo!
— É o temor, Sire, de que interpretem mal a minha ausência num momento em que toda a gente deve estar reunida.
— Eu vos proporia de bom grado que voltássemos às carruagens, senhorita; mas olhai, escutai, e dizei-me se é possível tentar a menor corrida neste momento?
O trovão, de feito, ribombava e a chuva caía, torrencial.
— Aliás — continuou o rei — não há interpretação possível em vosso desfavor. Não estais em companhia do rei de França, isto é, do primeiro fidalgo do reino?
— Sem dúvida, Sire — respondeu La Vallière — e é uma grande honra para mim; nem é por mim que receio as más interpretações.
— Por quem é, então?
— Por Vossa Majestade.
— Por mim, senhorita? — volveu o rei, sorrindo. — Não compreendo.
— Já não se lembra Vossa Majestade do que ontem se passou no salão de Sua Alteza Real?
— Oh! esqueçamos isso, por favor, ou antes, permiti que eu me lembre apenas para agradecer-vos ainda uma vez a carta, e...
— Sire — interrompeu La Vallière — a chuva está caindo e Vossa Majestade continua descoberto.
— Por favor, ocupemo-nos apenas de vós, senhorita.
— Eu — voltou La Vallière, sorrindo — sou uma campônia habituada a correr pelos prados do Loire e pelos jardins de. Blois, com qualquer tempo. E, quanto aos meus vestidos — prosseguiu, considerando o seu trajo singelo de musselina — Vossa Majestade bem vê que pouco arrisca.
— Com efeito, senhorita, já observei mais de uma vez que deveis quase tudo a vós mesma e nada aos vestidos. Não sois casquilha, e isso é para mim uma grande qualidade.
— Sire, não me faça Vossa Majestade melhor do que sou, e diga apenas: Não podeis ser casquilha.
— Por quê?
— Porque — tornou, a sorrir, La Vallière — não sou rica.
— Confessais então que vos agradam as coisas bonitas — exclamou vivamente o rei.
— Sire, só me parecem bonitas as coisas que se acham ao meu alcance. Tudo o que está alto demais para mim...
— É-vos indiferente?
— É-me estranho, por me ser defeso.
— E eu, senhorita — disse o rei — parece-me que não ocupais em minha corte a posição a que tendes direito. Com certeza não fui suficientemente informado sobre os serviços prestados por vossa família. A fortuna de vossa casa foi cruelmente negligenciada por meu tio.
— Oh! não, Sire, Sua Alteza Real, o Duque de Orléans sempre se mostrou boníssimo com o Sr. de Saint-Remy, meu padrasto. Os serviços eram humildes, e pode dizer-se que fomos pagos segundo as nossas obras. Nem toda a gente tem a dita de topar ocasiões para servir o seu rei com brilho. Naturalmente, não duvido que, se se apresentasse a ocasião, minha família tivesse o coração tão grande quanto o desejo de servir, mas não lhe foi dada essa ventura.
— Pois bem, senhorita, cumpre aos reis corrigirem o acaso, e eu me encarrego muito gostosamente de reparar, com a máxima urgência, em relação a vós, os desacertos da fortuna.
— Não, Sire — exclamou vivamente La Vallière — Vossa Majestade deixará, por favor, as coisas como estão.

— Recusais o que devo, o que quero fazer por vós?

— Já se fez tudo o que eu desejava, Sire, quando tive a honra de ser aceita em casa de Madame.

— Mas, se recusais para vós, aceitai ao menos para os vossos.

— Sire, a intenção tão generosa de Vossa Majestade me deslumbra e assusta, pois, fazendo por minha casa o que a sua bondade o induz a fazer, Vossa Majestade criará invejosos para nós e inimigos para si. Deixe-me, Sire, a mediocridade; deixe a todos os sentimentos que eu possa experimentar a alegre delicadeza do desinteresse.

— Eis aí uma linguagem admirável — disse o rei.

— É verdade — murmurou Aramis ao ouvido de Fouquet — e ele não deve estar habituado a ouvi-la.

— E se ela — acudiu Fouquet — der uma resposta semelhante ao meu bilhete?

— Não prejulguemos e esperemos o fim — tornou Aramis.

— De mais a mais, meu caro Sr. d'Herblay — acrescentou o superintendente, pouco propenso a acreditar nos sentimentos que acabava de exprimir La Vallière — muitas vezes é um cálculo hábil mostrar-se a gente desinteressado diante dos reis.

— Era exatamente o que eu estava pensando — disse Aramis. — Escutemos.

Reaproximou-se o rei de La Vallière, e, como a água escorresse cada vez mais pela folhagem do carvalho, ficou segurando o chapéu sobre a cabeça da menina.

Le roi tint son chapeau suspendu au-dessus de la tête de la jeune fille. — Page 254.

La Vallière ergueu os formosos olhos azuis para o chapéu real que a abrigava e sacudiu a cabeça,

expedindo um suspiro.

— Oh! meu Deus! — disse o rei — que triste pensamento pode chegar-vos ao coração quando faço para ele uma trincheira com o meu?

— Vou dizê-lo, Sire. Eu já havia tocado essa questão, tão difícil de discutir para uma rapariga de minha idade, mas Vossa Majestade me impôs silêncio. Vossa Majestade, Sire, não pertence a si mesmo; Vossa Majestade é casado; qualquer sentimento que o arredasse da rainha, levando-o a interessar-se por mim, seria para a rainha fonte de profundo pesar.

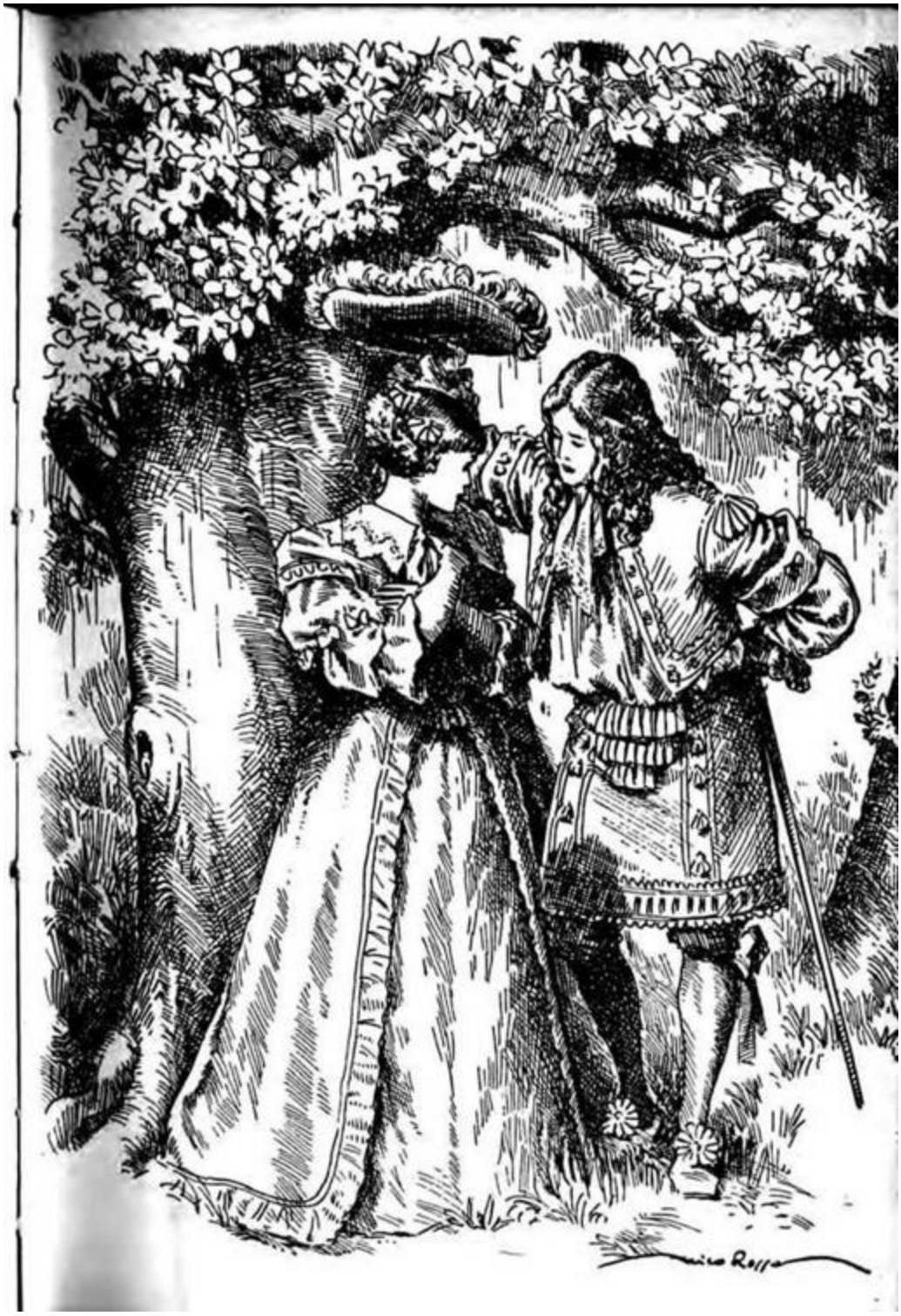
O rei tentou interrompê-la, mas ela continuou, com gesto súplice:

— A rainha ama-o com uma ternura compreensível, a rainha segue-o com os olhos a cada passo que dela o afasta. Tendo tido a ventura de encontrar tal esposo, pede ao céu, debulhada em lágrimas, que lho conserve, e tem ciúme do menor movimento do coração de Vossa Majestade.

O rei quis falar novamente, mas ainda desta vez La Vallière ousou impedi-lo:

— Não seria uma ação bem censurável, ante tão profunda e tão nobre ternura, dar Vossa Majestade à rainha um motivo de ciúme? Oh! perdoe-me a palavra, Sire! Sei que é impossível, ou melhor, que devia ser impossível à maior rainha do mundo ter ciúme de uma pobre rapariga como eu. Mas essa rainha é mulher e, como o de uma simples mulher, o seu coração pode abrir-se a suspeitas que os maus envenenariam. Pelo amor de Deus! Sire, não se ocupe de mim, que o não mereço.

— Senhorita — bradou o rei — não percebeis que, falando assim, mudais a minha estima em admiração?



— Vossa Majestade toma as minhas palavras pelo que não são; Vossa Majestade me vê melhor do que sou; Vossa Majestade me faz maior do que me fez Deus. Tenha pena de mim, Sire! pois se eu não soubesse que o rei é o homem mais generoso do reino, acreditaria que ele deseja zombar de mim.

— Oh! tenho certeza de que não receareis uma coisa dessas! — exclamou Luís.

— Serei obrigada a acreditá-lo se Vossa Majestade continuar a falar-me assim.

— Sou então um príncipe muito infeliz — disse o rei com uma tristeza que nada tinha de fingida — o príncipe mais infeliz da cristandade, visto que não posso dar fé às minhas palavras diante da pessoa que mais amo no mundo e que me parte o coração quando se recusa a acreditar no meu amor.

— Oh! Sire — tornou La Vallière afastando suavemente o rei, que dela se aproximara ainda mais — parece-me que a tempestade está-se acalmando e que a chuva parou.

Mas, no preciso instante em que a pobre menina, para fugir ao seu pobre coração, sem dúvida

perfeitamente de acordo com o do rei, pronunciava essas palavras, a tempestade encarregou-se de desmenti-la; um relâmpago azulado iluminou a floresta com um reflexo fantástico, e o trovão, semelhante a uma desgraça de artilharia, explodiu sobre a cabeça dos dois jovens, como se a altura do carvalho que os abrigava o tivesse provocado.

A rapariga não pôde reter um grito de pavor.

Com uma das mãos, o rei conchegou-a ao peito e estendeu a outra sobre a cabeça dela como para defendê-la do raio.

Houve um momento de silêncio em que esse grupo, encantador como tudo o que é jovem e amado, permaneceu imóvel, ao passo que Fouquet e Aramis o contemplavam, não menos imóveis do que ele.

— Oh! Sire! Sire! — murmurou La Vallière — Vossa Majestade está ouvindo?

E deixou pender a cabeça sobre o ombro do monarca.

— Sim — retorquiu o rei; — como vedes, a tempestade não está passando.

— É um aviso, Sire. O rei sorriu.

— Sire, é a voz de Deus, que ameaça.

— Pois bem — tornou Luís — aceito efetivamente o trovão por aviso e até por ameaça se, durante os próximos cinco minutos ele se repetir com a mesma força e idêntica violência; mas, em caso contrário, deixai-me pensar que a tempestade é a tempestade, e nada mais.

Ao mesmo tempo ergueu a cabeça como para interrogar o céu.

Mas, como se o céu fosse cúmplice do rei, durante os cinco minutos de silêncio seguintes à explosão que espavorira os dois namorados, nenhum ribombo se ouviu, e, quando o trovão voltou a estrondar, fê-lo já bem mais longe, e, como se, durante aqueles cinco minutos, a tempestade, em fuga, tivesse percorrido dez léguas, chicoteada pela asa do vento.

— Então, Luísa — disse baixinho o príncipe — ainda quereis ameaçar-me com a cólera celeste? E visto que quisestes fazer do trovão um pressentimento, acreditais ainda que seja um pressentimento de desgraça?

A menina ergueu a cabeça; nesse em meio, a água atravessara a abóbada de folhagem e escorria pelo rosto do rei.

— Oh! Sire, Sire! — disse ela com um acento de medo irresistível, que o comoveu profundamente.

— E é por mim — murmurou — que Vossa Majestade fica assim descoberto e exposto à chuva? Mas quem sou eu?

— Sois, como vedes — respondeu ele — a divindade que afugenta a borrasca, a deusa que reconduz a bonança.

Com efeito, filtrando-se através da floresta, um raio de sol deixava cair, como outros tantos brilhantes, as gotas de água que rolavam sobre as folhas ou caíam verticalmente nos interstícios dos ramos.

— Sire — disse La Vallière quase vencida, mas fazendo um esforço supremo — Sire, pela última vez, pense nos tormentos que terá de suportar Vossa Majestade por minha causa. Neste momento, meu Deus! estão-no chamando, estão-no procurando. A rainha há de estar inquieta, e Madame, oh! Madame... — bradou a menina com um sentimento vizinho do pavor.

Esse nome produziu algum efeito sobre o rei; estremeceu e largou La Vallière, que até então mantivera unida a si.

Depois, aproximou-se do caminho, examinou-o e voltou quase preocupado para ao pé da menina.

— Madame, dissestes? — perguntou.

— Madame, sim; Madame, que também tem ciúme — repetiu La Vallière com acento profundo.

E os seus olhos tão tímidos, tão castamente fugitivos, ousaram interrogar os olhos do rei.

— Mas — volveu Luís fazendo um esforço sobre si mesmo — parece-me que Madame não tem motivo algum para sentir ciúme de mim, não tem nenhum direito...

— Ai! — murmurou La Vallière.

— Acaso pensais também que a irmã tem o direito de sentir ciúme do irmão? — voltou o rei em tom de quase reproche.

— Sire, não me cabe penetrar os segredos de Vossa Majestade.

— Oh! acreditai-lo como os outros! — bradou o rei.

— Creio que Madame tem ciúme, Sire — respondeu com firmeza La Vallière.

— Meu Deus! — exclamou o rei, inquieto — percebeste-lo na sua maneira de tratar-vos? Madame vos terá feito algo que possais atribuir ao ciúme?

— De maneira nenhuma, Sire; sou tão pouca coisa!

— Oh! se assim fosse... — exclamou Luís com singular energia.

— Sire — interrompeu a menina — parou de chover; creio que vem vindo gente.

E, esquecendo toda etiqueta, travou do braço do rei.

— Pois bem — replicou o monarca — deixemos que venha. Quem ousaria censurar-me por haver feito companhia à Srta. de La Vallière?

— Por piedade! Sire; parecerá estranho que estejais molhado assim, que vos tenhais sacrificado por mim.

— Não fiz senão a minha obrigação de gentil-homem — disse Luís — e ai daquele que não cumprir a sua, criticando o procedimento do rei!

De feito, viram-se despontar nesse momento, na alameda, algumas cabeças solícitas e curiosas, que davam a impressão de procurar o que quer que fosse, e, tendo avistado o rei e La Vallière, pareceram ter achado o que procuravam.

Eram os enviados da rainha e de Madame, que tiraram os chapéus, mostrando que tinham visto Sua Majestade.

Mas Luís não abandonou, por maior que fosse a confusão de La Vallière, a atitude respeitosa e terna.

E depois que todos os cortesãos se reuniram na aléia e viram as mostras de deferência dadas à rapariga pelo rei, que ficara em pé e descoberto diante dela durante a tempestade, Sua Majestade ofereceu-lhe o braço, conduziu-a ao grupo que estava esperando, respondeu com uma inclinação de cabeça ao cumprimento de todos, e, sempre de chapéu na mão, conduziu-a à caleça.

E como a chuva continuasse a cair, último adeus da tormenta que se distanciava, as outras damas, que o respeito impedira de tomarem o carro antes do rei, recebiam, sem capa e sem mantelete, a chuva de que Sua Majestade, com o chapéu, protegia quanto possível a mais humilde dentre elas.

A rainha e Madame viram, como as outras, a exagerada cortesia do rei; Madame perdeu a serenidade a ponto de acotovelar a rainha, dizendo-lhe:

— Veja, veja!

A rainha fechou os olhos como se sentisse uma vertigem. Levou a mão ao rosto e subiu para o carro. Madame imitou-a.

O rei tornou a cavalgar, sem se demorar de preferência ao pé de nenhuma portinhola, e voltou a Fontainebleau largando as rédeas no pescoço do cavalo, absorto e pensativo.

Quando a multidão se afastou, depois de ouvirem o estrupido dos cavalos e dos carros que se distanciavam, quando tiveram certeza de que ninguém poderia vê-los, Aramis e Fouquet saíram da gruta.

A seguir, em silêncio, alcançaram a alameda.

Aramis mergulhou o olhar, não só no caminho que se estendia à sua frente e atrás dele, mas também na espessura dos bosques.

— Sr. Fouquet — disse ele quando se certificou de que estavam inteiramente sós — é preciso, a todo custo, recuperar a carta que escrevestes a La Vallière.

— Será fácil — disse Fouquet — se o criado ainda não a entregou.

— Em todo o caso, é indispensável que seja possível, compreendeis?

— Sim, o rei está apaixonado pela menina, não está?

— Está e o pior é que a menina também está apaixonada pelo rei.

— Isso quer dizer que mudamos de tática?

— Sem dúvida; não tendes tempo para perder; é mister que procureis La Vallière e, sem mais pensar em requestá-la, o que é impossível, vos declareis seu mais caro amigo e mais humilde servidor.

— É o que farei — respondeu — Fouquet — e sem repugnância; essa criança me parece ter coração.

— Ou astúcia — disse Aramis; — nesse caso, mais uma razão. E acrescentou, volvido um instante de silêncio:

— Ou muito me engano ou será a grande paixão do rei. Tomemos a sege e voltemos a mata-cavalos ao Castelo.

Capítulo LXIII - Tobias

DUAS horas depois que a carruagem do superintendente partira por ordem de Aramis, levando-os a Fontainebleau com a rapidez das nuvens que corriam no céu ao derradeiro sopro da tormenta, La Vallière, no quarto, envolta num simples roupão de musselina, terminava a sua colação sobre uma mesinha de mármore.

De repente a porta se abriu e um criado grave anunciou que o Sr. Fouquet pedia licença para apresentar-lhe as suas homenagens.

Por duas vezes precisou o criado repetir o anúncio; a pobre menina só conhecia de nome o Sr. Fouquet e sentia-se incapaz de adivinhar o que poderia ter em comum com ela o superintendente das finanças.

Entretanto, como poderia vir da parte do rei, o que depois da conversação que referimos, não seria impossível, ela dirigiu um olhar ao espelho, alisou ainda os longos cabelos encacheados e ordenou que o introduzissem.

La Vallière, entretanto, não podia menos de sentir-se perturbada. A visita do superintendente não era um sucesso vulgar na vida de uma mulher da corte. Famoso pela generosidade, pela galanteria, pela delicadeza para com as mulheres, eram muito mais numerosos os convites que recebia do que as audiências que solicitava.

Em muitas casas, a presença do superintendente fora sinônimo de fortuna. Em muitos corações, significara amor.

Fouquet entrou, respeitoso, no quarto de La Vallière, apresentando-se com a graça que distinguia os homens eminentes daquele século, e que hoje não mais se compreende, nem sequer nos retratos do tempo, em que o pintor procurou ressuscitá-los.

La Vallière respondeu ao cumprimento cerimonioso de Fouquet por uma reverência de pensionista, e indicou-lhe um assento.

Mas Fouquet, inclinando-se:

— Não me sentarei, senhorita — disse ele — enquanto não me tiverdes perdoado.

— Eu? — perguntou La Vallière.

— Vós, sim.

— Perdoado o que, meu Deus?

Fouquet parou na menina o seu olhar mais penetrante e não julgou distinguir-lhe no rosto senão o mais ingênuo dos espantos.

— Vejo, senhorita — disse ele — que tendes tanta generosidade quanto inteligência, e leio-vos nos olhos o perdão que eu requeria. Mas previno-vos de que não me basta o perdão dos lábios, quero também o do coração e da inteligência.

— Juro, senhor — respondeu La Vallière — que não vos compreendo.

— É outra delicadeza que me encanta — tornou Fouquet; -percebo que não quereis que eu core diante de vós.

— Corar! Corar diante de mim! Mas, afinal, por que haveríeis de corar?

— Estarei enganado — acudiu Fouquet — e terei sido tão feliz que o meu procedimento não vos desagradou?

La Vallière deu de ombros.

— Decididamente, senhor — disse ela — falais por enigmas, e parece que sou demasiado

ignorante para compreender-vos.

— Seja — volveu Fouquet — não insistirei. Dizei-me apenas, por favor, que posso confiar em vosso pleno e inteiro perdão.

— Senhor — tornou La Vallière com certa impaciência — só posso dar-vos uma resposta, e espero que ela vos satisfaça. Se conhecesse o agravo que me fizestes, eu vo-lo perdoaria. Com muito mais razão, naturalmente, não o conhecendo...

Fouquet contraiu os lábios como o teria feito Aramis.

— Então — disse ele — posso esperar que, sem embargo do que aconteceu, continuaremos em boa inteligência, e me fareis a graça de acreditar em minha respeitosa amizade?

La Vallère acreditou que principiava a compreender. "Oh! — disse entre si — eu não julgaria o Sr. Fouquet tão sequioso de buscar a origem de tão recente favor!" Logo, em voz alta:

— A vossa amizade, senhor? Ofereceis-me a vossa amizade? Mas isso é uma grande honra para mim, e vós me confundis.

— Eu sei, senhorita — respondeu Fouquet — que a amizade do amo pode parecer mais brilhante e mais desejável que a do servidor; mas afianço-vos que esta será igualmente dedicada e fiel, e absolutamente desinteressada.

Inclinou-se La Vallière: havia, com efeito, muita convicção e real devotamento na voz do superintendente. Ela estendeu-lhe a mão.

— Creio em vós — disse a menina.

Fouquet apoderou-se vivamente da mão estendida.

— Então — ajuntou — não oporeis nenhuma dificuldade em devolver-me aquela malfadada carta?

— Que carta? — perguntou La Vallière.

Fouquet interrogou-a, como já o fizera, com toda a força do olhar.

A mesma ingenuidade no semblante, a mesma candura no rosto.

— Diante dessa negativa, senhorita — disse ele — sou obrigado a confessar que o vosso sistema é o mais delicado do mundo, e eu seria um lapuz se temesse alguma coisa de uma mulher tão generosa como vós.

— Em realidade, Sr. Fouquet — respondeu La Vallière — é com profundo pesar que me vejo forçada a repetir-vos que não compreendo o que dizeis.

— Dais-me a vossa palavra que não recebestes nenhuma carta minha, senhorita?

— Dou-vos a minha palavra que não recebi — respondeu La Vallière com firmeza.

— Está bem, isso me basta. Permiti que eu vos reitere os protestos de toda a minha estima e todo o meu respeito.

Em seguida, inclinando-se, saiu para encontrar-se com Aramis que o esperava, deixando La Vallière a indagar mentalmente se o superintendente havia enlouquecido.

— E então? — perguntou Aramis, impaciente — gostastes da favorita?

— Encantado — retrucou Fouquet — é uma mulher muito generosa e muito inteligente.

— Ela não se zangou?

— Longe disso; nem sequer pareceu compreender.

— Compreender o quê?

— Que eu lhe tivesse escrito.

— Entretanto, deve ter compreendido para devolver-vos a carta, pois imagino que a tenha devolvido.

— Não devolveu.

— Mas, pelo menos, queimou-a?

— Meu caro Sr. d'Herblay, faz uma hora que estou brincando com palavras cruzadas, e começo a enjoar da brincadeira, por divertida que seja.

Procurai compreender-me: a menina fingiu não entender o que eu lhe dizia; negou ter recebido qualquer carta; portanto, tendo negado peremptoriamente a recepção, não ma podia devolver nem queimar.

— Oh! oh! — tornou Aramis, preocupado — que me dizeis?

— Digo que ela jurou pelos seus deuses que não recebeu carta nenhuma.

— Mas isso é demais! E não insististes?

— Insisti; fui até impertinente.

— E ela continuou a negar?

— Continuou.

— E não se desmentiu?

— Nem um instante sequer.

— Mas então, meu caro, deixastes a carta nas mãos dela?

— Pudera! Não havia outro meio.

— Foi um erro gravíssimo.

— Que teríeis feito em meu lugar?

— De fato, não se poderia obrigá-la; mas isso é inquietante; uma carta daquelas pode ser utilizada contra nós.

— Oh! A pequena é generosa.

— Se ela a tivesse recebido, tê-la-ia entregue.

— Repito que é generosa; vi-lhe os olhos, e entendo disso.

— Crede-la, então, de boa-fé?

— De todo o coração.

— Pois eu creio que nós nos enganamos.

— Como assim?

— Creio que ela, efetivamente, não recebeu a carta.

— Como! Não recebeu a carta?

— Não.

— Imaginaríeis... ?

— Imagino que, por um motivo qualquer, o vosso criado não lha entregou.

Fouquet tocou a campainha. Um criado apareceu.

— Manda aqui Tobias — ordenou-lhe.

Decorrido um instante, surgiu um homem de olhar inquieto, boca fina, braços curtos, meio corcunda.

Aramis cravou nele dois olhos acerados.

— Permitis que eu o interrogue? — perguntou.

— Pois não.

Aramis fez menção de dirigir a palavra ao lacaio, mas reportou-se.

— Não — disse ele; — perceberia que emprestamos demasiada importância à sua resposta; interrogai-o vós mesmo; fingirei que estou escrevendo.

Instalou-se, de fato, diante de uma mesa, com as costas voltadas para o lacaio, cujos olhares e gestos observava através de um espelho paralelo.

— Vem cá, Tobias — disse Fouquet. Aproximou-se o lacaio com passo firme.

— Como deste o meu recado? — perguntou-lhe o superintendente.

— Como sempre, monsenhor — redarguiu o homem.
— Mas dize como foi.
— Entrei no quarto da Srta. de La Vallière, que estava assistindo à missa, e coloquei o bilhete sobre o toucador. Não foi o que me mandastes fazer?
— Foi; mais nada?
— Mais nada, monsenhor.
— Não estava ninguém?
— Ninguém.
— E tu te escondeste, como eu havia dito?
— Escondi-me.
— Ela voltou?
— Dez minutos depois.
— E ninguém pode ter apanhado a carta?
— Não, pois ninguém entrou.
— Isso de fora; e de dentro?
— Do lugar em que eu estava escondido, podia ver todo o quarto.
— Escuta — volveu Fouquet, encarando fixamente no lacaio — se essa carta não chegou ao seu destino, confessa-mo; pois se houve algum engano, tu o pagarás com a tua cabeça.
Tobias estremeceu, mas de pronto recobrou o sangue frio.
— Monsenhor — disse ele — coloquei a carta onde eu já disse e peço apenas meia hora para provar-vos que ela está nas mãos da Srta. de La Vallière ou para trazer-vo-la.
Curioso, Aramis observava o lacaio.
Fouquet era um homem de boa-fé; Tobias servira-o bem durante vinte anos.
— Vai — disse-lhe ; — mas traze-me a prova. O lacaio saiu.
— Então, que vos parece? — perguntou Fouquet a Aramis.
— Parece-me que é preciso, de qualquer maneira, sabermos a verdade. A carta chegou ou não chegou às mãos de La Vallière; no primeiro caso, é mister que ela a devolva ou nos dê a satisfação de queimá-la em vossa presença; no segundo, é mister recuperá-la, custe o que custar. Não é essa a vossa opinião?
— É; não obstante, meu caro bispo, creio que exagerais.
— Cego! Como sois cego! — murmurou Aramis.
— La Vallière, que tomamos por uma política de primeira ordem, não passa de uma sécia que espera ser requestada porque já o foi, e, agora que viu confirmado o amor do rei, imagina poder governar-me com a carta. É natural.
Aramis bamboou a cabeça.
— Não vos parece isso? — perguntou Fouquet.
— Ela não é sécia.
— Permiti...
— Oh! eu entendo do assunto.
— Meu amigo! Meu amigo!
— Faz muito tempo que fiz os meus estudos, eu sei. Mas as mulheres não mudam.
— Mudam os homens, e estais hoje mais desconfiado que ontem. Logo, abrindo a rir:
— Ora — disse ele — se La Vallière quer dar-me um terço de amor e dois terços ao rei, não vos parece aceitável a condição?
Levantou-se Aramis com impaciência.

— La Vallière — afirmou ele — nunca amou e nunca amará senão o rei.
— Mas, afinal, que faríeis vós?
— Perguntai-me antes o que eu teria feito.
— Muito bem: que teríeis feito?
— Em primeiro lugar, não teria deixado sair esse homem.
— Tobias?
— Tobias é um traidor.
— Oh!
— Tenho certeza! Não o teria deixado sair sem que ele me confessasse a verdade.
— Ainda há tempo.
— Como?
— Tornemos a chamá-lo, e vós o interrogareis.
— Seja!
— Mas garanto que é tudo inútil. ele está comigo há vinte anos jamais cometeu o menor engano; o que, aliás — ajuntou, rindo, Fouquet — não seria difícil.
— Chamai-o sempre. Hoje cedo, se não me falha a memória, vi essa cara em grandes conferências com um dos homens do Sr. Colbert.
— Onde?
— Diante das cavalariças.
— Ora! Os meus criados nem podem ver os desse patife.
— Pois repito que o vi! E a cara dele, que me devia ser desconhecida quando aqui chegou, impressionou-me desagradavelmente.
— Por que não dissestes nada quando o interroguei?
— Porque só agora enxergo claro em minhas lembranças.
— Oh! oh! assustais-me — disse Fouquet. E de novo tocou a campainha.
— Tomara que já não seja muito tarde! — murmurou Aramis. Fouquet tornou a tocar.
O criado de quarto apareceu.
— Tobias! — disse Fouquet — manda vir Tobias. O criado voltou a fechar a porta.
— Tenho carta branca? — perguntou Aramis.
— Sim.
— Posso empregar todos os meios para descobrir a verdade?
— Todos.
— Até a intimidação?
— Nomeio-vos procurador-geral em meu lugar.
Esperaram dez minutos, porém inutilmente.
Impacientado, Foüquet voltou a tocar a campainha.
— Tobias! — gritou.
— Está sendo procurado, monsenhor — disse o criado grave.
— Não pode estar longe, pois não o encarreguei de coisa alguma.
— Vou ver, monsenhor. E o criado tornou a sair.
Nesse comenos, Aramis passeava, impaciente mas silencioso, pelo gabinete.
Mais dez minutos se escoaram.
Fouquet tocou a campainha com a força capaz de espertar uma necrópole inteira.
O criado de quarto voltou, tremendo, como um portador de más notícias.
— Monsenhor se engana — disse ele, antes que Fouquet o interrogasse — monsenhor deve ter

encarregado Tobias de um recado qualquer, pois ele foi às cavalariças, escolheu o cavalo mais ligeiro, selou-o e...

— E depois?

— Saiu.

— Saiu?... — bradou Fouquet. — Correi, detende-o!

— Pronto! Pronto! — disse Aramis tomando-o pela mão. — Calma! Agora o mal está feito.

— O mal está feito?

— Naturalmente. Mas é preciso não despertar suspeitas; calculemos o resultado do golpe e aparemo-lo, se for possível.

— Afinal de contas — disse Fouquet — o mal não será tão grande assim.

— Parece-vos? — perguntou Aramis.

— Sem dúvida. Um homem bem pode escrever uma carta de amor a uma mulher.

— Um homem, pode; um súdito, não; principalmente quando a mulher é a amada do rei.

— Ora! meu amigo, o rei não amava La Vallière há oito dias; não a amava ontem, e a carta é de ontem; eu não podia adivinhar o amor do rei, quando esse amor ainda não existia.

— Seja — replicou Aramis; — mas a carta, infelizmente, não tem data. Eis o que me aflige. Ah! se ela estivesse ao menos datada de ontem, não haveria o menor motivo de inquietação.

Fouquet deu de ombros.

— Estarei, acaso, sob tutela — sobreveio ele — e será o rei, porventura, rei do meu cérebro e da minha carne?

— Tendes razão — replicou Aramis; — não demos às coisas uma importância que não lhes convém dar; além disso... se formos ameaçados, saberemos defender-nos.

— Ameaçados! — exclamou Fouquet; — incluís essa picada de formiga entre as ameaças capazes de comprometer-me a fortuna e a vida?

— Pensai bem, Sr. Fouquet, a picada de uma formiga pode matar um gigante, se a formiga fôr venenosa.

— Mas o poder absoluto de que me falastes, ter-se-á desvanecido?

— Sou todo-poderoso, não há dúvida; mas não sou imortal.

— Vejamos, parece-me que o mais urgente é reencontrar Tobias. Não concordais comigo?

— Quanto a isso, perdei as ilusões: não tornareis a encontrá-lo — disse Aramis; — e se ele vos era precioso, chorai-o desde já.

— Mas, afinal, há de estar em algum lugar!

— Pode ser; deixai-me pensar — respondeu Aramis.

Capítulo LXIV - As quatro oportunidades de madame

A RAINHA Ana mandara pedir à nora que fosse visitá-la. Fazia já algum tempo que, doente, caindo do alto de sua beleza e de sua mocidade, com a rapidez do declínio que assinala a decadência das mulheres que muito lutaram, Ana d'Áustria via juntar-se ao mal físico o suplício de ser apenas uma lembrança viva entre as jovens beldades, os jovens espíritos e as jovens potências de sua corte.

Os conselhos do médico, os do espelho, entristeciam-na muito menos que os avisos inexoráveis da sociedade dos cortesãos que, à semelhança dos ratos de um navio, o desamparam ao vê-lo fazer água, desmantelado pela velhice.

Não se satisfazia Ana d'Áustria com o tempo que lhe concedia o filho mais velho.

Bom filho, mais por afetação que por afeição, ia o rei passar ao pé de sua mãe uma hora de manhã e outra de tarde; mas, desde que se encarregara dos negócios do Estado, a visita da manhã e a da tarde haviam sido reduzidas a meia hora; depois, a pouco e pouco, a meia hora fora suprimida.

Viam-se à missa; até a visita da tarde fora substituída por uma entrevista, ora nas assembléias reunidas perante o rei, ora nos aposentos de Madame, que a rainha condescendia em freqüentar por amor dos dois filhos.

Daí advinha a enorme ascendência que Madame conquistara sobre a corte, e que lhe convertia o apartamento no verdadeiro centro das reuniões reais.

Ana d'Áustria percebia-o.

Vendo-se enferma e condenada pela enfermidade a retiros freqüentes, previu, desolada, que a maior parte de seus dias e de suas noites decorreria solitária, inútil, desesperada.

Lembrava-se com terror do isolamento em que a deixava outrora o Cardeal de Richelieu, as noites fatais e insuportáveis, embora avesse ainda o consolo da mocidade e da beleza, sempre acompanhadas da esperança.

Concedeu então o projeto de transportar a corte para junto de si e atrair Madame e sua brilhante escolta às salas escuras e já tristes em que a viúva e mãe de um rei de França, se via reduzida a consolar de sua viuvez antecipada a esposa choramingas de um rei de França.

Ana reflexionou.

Urdira muitas intrigas na vida. No bons tempos, quando o seu espírito moço engendrava projetos sempre felizes, tinha ao pé de si, para estimular-lhe a ambição e o amor, uma amiga mais ardente, mais ambiciosa do que ela, uma amiga que a amara, o que é raro no paço, e que mesquinhas considerações haviam afastado.

Mas depois de tantos anos, exceto a Sra. de Motteville, exceto a Molena, a aia espanhola, transformada em confidente por ser compatriota e por ser mulher, quem poderia gabar-se de ter dado um bom conselho à rainha?

E quem, no meio de tantas cabeças jovens, poderia memorar-lhe o passado, única razão de ser de sua existência?

Lembrou-se Ana d'Áustria da Sra. de Chevreuse, a princípio exilada mais por sua vontade dela, rainha, que pela de el-rei, e morta no exílio como esposa de um fidalgo obscuro.

Perguntou a si mesma o que lhe teria sugerido outrora a Sra. de Chevreuse num caso semelhante, entre as suas complicadíssimas intrigas, e, após alguns momentos de séria meditação, pareceu-lhe que a mulher astuta, experiente e sagaz, lhe respondia com a voz irônica:

— Toda essa gentinha é pobre e ávida. Precisa de ouro e de rendas para alimentar os seus prazeres; segurai-a pelo interesse. Ana d'Áustria adotou o plano.

Tinha a bolsa bem provida; dispunha de uma soma considerável entesourada por Mazarino e guardada em lugar seguro.

Possuía as mais belas pedras de França e, sobretudo, pérolas de um tamanho tal que faziam suspirar o rei cada vez que as via, porque as pérolas da coroa eram grãozinhos de milho miúdo perto delas.

Ana d'Áustria já não tinha beleza nem encantos à sua disposição. Rica, acenou, à guisa de chamariz para os que a procurassem, ora com bons escudos de ouro que podiam ser ganhos no jogo, ora com pingues dotações habilmente feitas nos dias de bom humor, ora com sobras de rendas que solicitava ao rei, a fim de sustentar o seu crédito.

Experimentou primeiro esse método em relação a Madame, cuja posse lhe era a mais preciosa de todas.

A despeito da intrépida confiança de seu espírito e de sua juventude, Madame caiu de olhos fechados na esparrela. Enriquecida aos poucos por presentes, por dádivas, acabou gostando daquelas heranças antecipadas.

Ana d'Áustria utilizou o mesmo processo em relação a Monsieur e ao próprio rei.

Organizou loterias.

No dia a que chegamos, haveria *meia-noite* nos aposentos da rainha-mãe, que prometera sortear na loteria dois belíssimos braceletes de brilhantes, admiravelmente trabalhados.

Os medalhões eram representados por camafeus antigos e valiosíssimos; em dinheiro, o seu valor não seria considerável, mas tais eram a originalidade e a raridade do trabalho, que não podendo possuí-los, os cortesãos desejavam pelo menos vê-los nos braços da rainha; aliás, nos dias em que ela os trazia, era um favor especial a permissão de admirá-las ao beijar-lhe as mãos.

Sobre o assunto, haviam chegado os palacianos a adotar variantes de galanteria, estabelecendo o aforisma segundo o qual os braceletes perderiam o valor se tivessem a desventura de não estar em contato com braços como os da rainha.

O cumprimento tivera a honra de ser traduzido em todas as línguas da Europa, e mais de mil dísticos latinos e franceses circulavam a respeito.

A data marcada por Ana d'Áustria para sorteá-los era um momento decisivo: fazia dois dias que o rei não visitava sua mãe. Madame ficara amuada depois da grande cena das dríades e das náiades.

O rei não amuara; mas uma distração poderosíssima erguia-o acima das tempestades e dos prazeres da corte.

Operou Ana d'Áustria a diversão aprazando a célebre loteria em seus aposentos para a noite imediata.

Por causa disso, pediu à nora que a visitasse de manhã.

— Minha filha — disse ela — dou-vos uma boa notícia. Disse-me o rei a vosso respeito uma infinidade de coisas ternas. O rei é jovem e mudável. Mas, enquanto permanecerdes ao pé de mim, ele não se atreverá a afastar-se de vós, a quem o liga, aliás, vivíssima ternura. Esta noite, haverá loteria aqui: vireis?

— Disseram-me — respondeu a jovem rainha com uma espécie de tímido reproche — que Vossa Majestade tenciona sortear os seus belos braceletes. São tão raros que não devíamos deixá-los sair dos armários da coroa, ainda que fosse apenas por terem pertencido a Vossa Majestade.

— Minha filha — sobreveio Ana d'Áustria, entrevendo o pensamento da nora e querendo consolá-la por não lhe dar o mimo — preciso atrair definitivamente Madame para junto de mim.

— Madame? — repetiu, corando, a rainha.

— Sem dúvida; não preferis ter ao pé de vós uma rival, que podeis vigiar e dominar, a saber o rei ao lado dela, sempre disposto a cortejar e a ser cortejado? Essa loteria é o chamariz de que me sirvo para isso: censurais-me?

— Oh! não! — bradou Maria Teresa, batendo palmas, com a infantilidade cia alegria espanhola.

— E não tornareis a lamentar, querida, que eu não vos tenha dado os braceletes, como era, a princípio, minha intenção?

— Oh! Não, não, minha boa mãe!...

— Pois bem, minha querida filha, enfeitai-vos e esperemos que a nossa *meia-noite* seja brilhante: quanto mais alegre vos mostrardes, tanto mais encantadora sereis, e eclipsareis todas as mulheres assim pelo brilho como pela posição.

Maria Teresa saiu entusiasmada.

Uma hora depois, Ana d'Áustria recebia Madame e, cobrindo-a de carícias:

— Boas-novas! — dizia ela — o rei está entusiasmado com a minha loteria.

— Pois eu — tornou Madame — não estou tão entusiasmada assim; não me conformo em ver braceletes maravilhosos como estes nos braços de outra mulher.

— Ora! ora! — disse Ana d'Áustria disfarçando sob um sorriso a dor vivíssima que acabava de sentir — não vos revolteis... nem tomeis as coisas pelo lado pior.

— Ah! senhora, o destino é cego... e, segundo me disseram, Vossa Majestade tem duzentos bilhetes?

— Mais ou menos. Mas não sabeis que haverá apenas um contemplado?

— Sem dúvida. E quem será? Pode dizê-lo Vossa Majestade? — perguntou Madame, aflita.

— Recordais-me um sonho que tive esta noite...

Ah! os meus sonhos são bons... durmo tão pouco!

— Que sonho?... Vossa Majestade está sofrendo?

— Não — replicou a rainha dominando, com admirável constância, a tortura de nova picada no seio. — Sonhei, portanto, que o rei ganhava os braceletes.

— O rei?

— Perguntar-me-eis o que poderá fazer o rei com os braceletes, não é verdade?

— É.

— Bem é que o rei os ganhe, pois, tendo-os, será obrigado a presentear alguém com eles.

— A devolvê-los a Vossa Majestade, por exemplo.

— Nesse caso, eu tornaria a dá-los imediatamente; pois não imaginareis — continuou, rindo, a rainha — que eu sorteie os braceletes por precisar de dinheiro; faço-o para oferecê-los sem provocar ciumadas; mas, se o acaso não quisesse resolver-me o problema, eu corrigiria o acaso... e sei perfeitamente a quem os ofereceria.

Essas palavras foram acompanhadas de um sorriso tão expressivo, que Madame teve de pagá-las com um beijo de agradecimento.

— Mas — acrescentou Ana d'Áustria — sabeis tão bem quanto eu que o rei não me devolveria os braceletes se viesse a ganhá-los.

— Dá-los-ia à rainha.

— Também não; pela mesma razão por que não mos devolveria; visto que, se eu tivesse querido dá-los à rainha, não precisaria dele para isso.

Madame atirou um olhar de soslaio aos braceletes, que, aninhados no escrínio, cintilavam sobre uma consola vizinha.

— Como são lindos! — disse, suspirando. — Mas o fato é que o sonho de Vossa Majestade não passa de um sonho.

— Pois eu ficaria muito admirada se ele me enganasse — retorquiu Ana d'Áustria; — isso me aconteceu pouquíssimas vezes.

— Nesse caso, Vossa Majestade poderia ser profetisa.

— Eu já disse, filha, que raro sonho; mas coincide tão estranhamente esse sonho com as minhas idéias! Entra tão bem nas minhas combinações!

— Que combinações?

— A de ganhardes os braceletes, por exemplo.

— Então, não seria o rei.

— Oh! — tornou Ana d'Áustria — não há uma distância tão grande entre o coração de Sua Majestade e o vosso... vós, que sois a sua irmãzinha querida... Não há, repito, tão grande distância que se possa acoimar o sonho de mentiroso. Refleti nas vossas oportunidades; contai-as bem.

— Estou contando.

— Primeiro, a do sonho. Se o rei ganhar, é certo que vos dará os braceletes.

— Admito que seja uma.

— Se o ganhardes, serão vossos.

— Naturalmente; também é admissível.

— Enfim, se Monsieur os ganhar...

— Oh! — acudiu Madame, entre frouxos de riso — ele os dará ao Cavaleiro de Lorena.

Ana d'Áustria pôs-se a rir como a nora, isto é, tão à farta, que a dor reapareceu e fê-la empalidecer no meio do acesso de riso.

— Que tem Vossa Majestade? — perguntou Madame, assustada.

— Nada, nada, a pontada do lado... Ri demais... Estávamos na quarta oportunidade.

— Essa não vejo.

— Perdão, eu também posso ganhar, e, nesse caso podereis confiar em mim.

— Obrigada! Obrigada! — exclamou Madame.

— Tendes sorte, e espero que o sonho comece agora a assumir os sólidos contornos da realidade.

— Vossa Majestade deixa-me, de fato, esperançosa e confiante — disse Madame — e os braceletes ganhos dessa maneira serão para mim cem vezes preciosos.

— Até à noite, portanto.

— Até à noite.

E as princesas separaram-se.

Depois de haver saído a nora, disse em si Ana d'Áustria, examinando os braceletes:

— São, de fato, muito preciosos, visto que, por intermédio deles, conquistarei esta noite um coração e, ao mesmo tempo, adivinharei um segredo.

Logo, voltando-se para a alcova deserta:

— Era assim que terias feito, minha pobre Chevreuse? — perguntou ao espaço... — Era, não é verdade?

E, como um perfume de antanho, toda a juventude, toda a desvairada imaginação, toda a felicidade lhe voltaram com o eco da invocação.

Capítulo LXV - A loteria

ESSA noite, às oito horas, reunira-se a corte nos aposentos da rainha-mãe.

Em traje de cerimônia, aformoseada com os restos de sua beleza e com os recursos que põe a casquilhice entre mãos hábeis, Ana d'Áustria dissimulava, ou melhor, tentava dissimular diante dos jovens cortesãos que a cercavam e admiravam ainda, graças às combinações a que aludimos no capítulo precedente, os estragos já visíveis da enfermidade que deveria levá-la alguns anos depois.

Madame, quase tão casquilha quanto Ana d'Áustria, e a rainha, sempre desafetada e simples, sentadas a seu lado, disputavam-lhe as boas graças.

Reunidas em corpo de exército para resistirem com mais força e êxito melhor aos maliciosos comentários dos moços fidalgos, as damas de honor prestavam umas às outras o auxílio de uma boa guarda e de um bom revirete.

Experimentada nessas escaramuças, Montalais protegia toda a linha com o fogo incessante que dirigia sobre o inimigo.

Desesperado com o rigor, cuja obstinação chegava à insolência, da Srta. de Tonnay-Charente, tentava Saint-Aignan virar-lhe as costas: vencido, porém, pelos dois grandes olhos da bela, vinha a cada instante confirmar a derrota com novas submissões, às quais a Srta. de Tonnay-Charente não deixava de responder com novas impertinências.

De Saint-Aignan não sabia de que santo se havia de socorrer.

Se bem não tivesse uma corte, já recebia La Vallière as primeiras atenções de alguns palacianos.

Esperando por essa manobra atrair sobre si os olhos de Atenais, de Saint-Aignan fora cumprimentar a menina com um respeito que induziu alguns espíritos retardatários a acreditarem no seu desejo de vingar-se de Atenais por intermédio de Luísa.

Estes, porém, não tinham visto nem ouvido contar a cena da chuva. Como, entretanto, a maioria já estivesse informada, e muito bem informada, o manifesto valimento dela atraíra-lhe não só os mais hábeis senão os mais tolos da corte.

Os primeiros, porque diziam, como Montaigne:

"Que sei eu?”

Os outros, porque diziam, como Rabelais: "Quem sabe?”

A maior parte seguira estes últimos, como, numa caçada, cinco ou seis sabujos espertos seguem, sozinhos, o rasto da caça, enquanto o resto da matilha segue apenas o rasto dos sabujos.

Madame e as rainhas examinavam os vestidos das aias e damas de honor, assim como os das outras damas; e dignavam-se esquecer que eram rainhas para se lembrarem de que eram mulheres.

O que quer dizer que cortavam, implacáveis, quem quer que usasse saias, como diria Molière.

Os olhares das duas princesas caíram simultaneamente sobre La Vallière, que já o dissemos, tinha muita gente à sua volta. Madame foi impiedosa.

— Na verdade — disse ela, inclinando-se para a rainha-mãe — se o destino fosse justo, favoreceria essa pobre La Vallière.

— Não é possível — disse, sorrindo, a rainha-mãe.

— Por quê?

— Só há duzentos bilhetes, de sorte que nem todos figuram na lista.

— Ela, então, não foi inscrita?

— Não.
— Que pena! Teria podido ganhá-los e vendê-los.
— Vendê-los? — exclamou a rainha.
— Sim, obteria dessa maneira um dote, e não seria obrigada a casar sem enxoval, como é provável que aconteça.
— Deveras? Pobrezinha! — tornou a rainha-mãe.
— A coitada não tem roupas?
E Ana pronunciou essas palavras como mulher que nunca tivesse conhecido a mediocridade.
— Veja Vossa Majestade: Deus me perdoe, mas creio que ela traz a mesma saia que usou hoje cedo no passeio, e que só não se estragou mercê dos cuidados do rei para abrigá-la da chuva.
No momento em que Madame pronunciava essas palavras, entrou o rei.
As duas princesas não teriam, talvez, reparado na chegada, tão entretidas se achavam em falar mal dos outros. Madame, porém, viu de repente La Vallière, defronte da galeria, perturbar-se e dizer qualquer coisa aos cortesãos que a cercavam, e que imediatamente se afastaram. O movimento dirigiu-lhe os olhos para a porta. Nesse instante, o capitão dos guardas anunciou o rei.
Ouvindo-o, La Vallière, que tivera até então os olhos pregados na galeria, abaixou-os de golpe.
O rei entrou.
Vestira-se com magnificência e bom gosto, e conversava com Monsieur e com o Duque de Roquelaure, que o acompanhavam, respectivamente, à direita e à esquerda.
Adiantou-se primeiro para as rainhas, que saudou com gracioso respeito. Pegou na mão de sua mãe, que beijou, dirigiu alguns cumprimentos a Madame sobre a elegância de seus trajos, e começou a percorrer a assembléia.
La Vallière foi cumprimentada como as outras, nem mais nem menos do que as outras.
Em seguida, voltou Sua Majestade para ao pé de sua mãe e de sua esposa.
Vendo que o rei dirigira apenas uma frase trivial à menina tão requestada de manhã, os cortesãos tiraram dessa frieza uma conclusão imediata: el-rei tivera um capricho, mas o capricho desaparecera.
Entretanto, escapou-lhes uma coisa, a saber, que ao pé de La Vallière, no meio dos cortesãos, se achava o Sr. Fouquet, cuja respeitosa polidez servira de apoio à menina, entre as diferentes comoções que visivelmente a agitavam.
Preparava-se, de resto, o Sr. Fouquet para conversar mais intimamente com La Vallière, quando o Sr. Colbert se aproximou, e, depois de ter feito a sua vénia a Fouquet, segundo todas as normas da mais respeitosa polidez, pareceu decidido a instalar-se ao lado da jovem para conversar com ela. Fouquet se afastou.
Todo esse manejo era devorado com os olhos por Montalais e Malicorne que trocavam mudamente as suas observações.
Postado num vão de janela, de Guiché só via Madame. Mas como Madame de sua parte, não raro volvesse o olhar para La Vallière, os olhos de de Guiché, guiados pelos de Madame, também se dirigiam, de vez em vez, à rapariga.
Instintivamente sentiu La Vallière pesarem sobre si aqueles olhares, carregados alguns de interesse, outros de inveja. E para compensar-lhe o suplício não recebia sequer uma palavra de interesse das companheiras nem um olhar de ternura do rei.
Daí que ninguém pudesse descrever o que sofria a pobre menina. A rainha-mãe ordenou que aproximassem o velador em que se achavam os bilhetes da rifa, em número de duzentos, e pediu à Sra. de Motteville que lesse o rol dos eleitos.
Fora ocioso dizer que a lista havia sido organizada em obediência às leis da etiqueta: primeiro o

rei, depois a rainha-mãe, depois a rainha, depois Monsieur, depois Madame, e assim por diante.

Palpitavam os corações ouvindo a leitura. Havia pelo menos trezentos convidados nos salões da rainha. E cada qual perguntava a si mesmo se estaria o seu nome entre os privilegiados.

Ouvia o rei com a mesma atenção dos outros.

Pronunciado o último nome, percebeu que La Vallière não fora incluída na relação.

Todos, aliás, notaram a omissão.

O rei purpureou-se, como lhe sucedia quando o contrariavam.

Suave e resignada, La Vallière não demonstrou coisa alguma.

Durante a leitura, os olhos do monarca não a haviam deixado; dilatava-se a menina sob a feliz influição que sentia irradiar-se em torno de si, alegre e pura demais para que um pensamento que não fosse de amor se lhe aninhasse no espírito ou no coração.

Pagando com a demora de sua atenção essa abnegação tocante, mostrava o rei à dama de seus pensamentos que lhe compreendia a delicadeza e a profundidade.

Concluída a leitura, todos os rostos de mulheres omitidas ou esquecidas manifestaram o seu desapontamento.

Entre os homens, Malicorne também fora deslembrado, e a sua careta dizia claramente a Montalais, olvidada também:

— Não daremos um jeito para que a fortuna também não nos esqueça?

— Claro que sim — respondia-lhe o sorriso inteligente da Srta. Aura.

Distribuíram-se os bilhetes segundo os respectivos números.

O rei recebeu primeiro o seu, depois a rainha-mãe, depois Monsieur, depois a rainha e Madame, e assim por diante.

Ana d'Áustria abriu então um saco de couro de Espanha, no qual se achavam duzentos números gravados em bolas de nácar e apresentou o saco aberto à mais jovem das damas de honor para que tirasse uma bola.

No meio de todos os preparativos morosos, a expectativa era menos curiosa que aflita.

De Saint-Aignan inclinou-se ao ouvido da Srta. de Tonnay-Charente:

— Visto que temos ambos um número, senhorita — disse-lhe — unamos as nossas probabilidades. Para vós o bracelete, se eu ganhar; para mim, se ganhardes, um olhar apenas de vossos belos olhos.

— Não — recalcitrou Atenais; — para vós o bracelete, se o ganhardes. Cada um por si.

— Sois implacável — disse de Saint-Aignan — e vou castigar-vos com uma quadra:

Aos meus desejos, bela Íris,

Sois demasiado rebelde...

— Silêncio! — acudiu Atenais — não me deixareis ouvir o número premiado.

— Número 1 — anunciou a menina que tirara a bola de nácar do saco de couro de Espanha.

— O rei! — exclamou a rainha-mãe.

— O rei ganhou — repetiu, alegre, a rainha.

— O rei! O sonho de Vossa Majestade! — murmurou ao ouvido de Ana d'Áustria Madame, exultante.

Somente o contemplado não demonstrou satisfação alguma.

Limitou-se a agradecer à fortuna o que fizera por ele dirigindo um pequeno cumprimento à menina escolhida por mandatária da ligeira deusa.

Logo, recebendo das mãos de Ana d'Áustria, entre os cobiçosos murmúrios da assembléia, o escrínio que encerrava os braceletes:

— São bonitos mesmo? — perguntou.

— Examinai-os — disse Ana d'Áustria — e julgai-os. O rei considerou-os.

— De fato — conveio — eis aí um admirável medalhão. Que acabamento!

— Que acabamento! — repetiu Madame.

A Rainha Maria Teresa percebeu facilmente e ao primeiro relance de olhos que o rei não lhe ofereceria os braceletes; mas, como ele também não parecesse inclinado a ofertá-los a Madame, deu-se por satisfeita, ou quase.

Sua Majestade sentou-se.

Os palacianos mais familiares foram sucessivamente admirar de perto a maravilha, que logo, com a permissão do rei, passou de mão em mão.

E todos, à uma, conhecedores ou não, prorromperam em exclamações de surpresa e cumularam-no de felicitações.

Tinham todos, de fato, o que admirar: alguns, os brilhantes; outros, a cinzeladura.

As damas se mostraram visivelmente impacientes por ter sido o tesouro açambarcado pelos cavaleiros.

— Senhores, senhores — disse o rei a quem nada escapava — dir-se-ia até que usais braceletes como os sabinos: deixai que os vejam as damas, que fazem jus à pretensão de conhecê-los melhor do que vós.

— Messieurs, dit le roi, on dirait que vous portez des bracelets comme les Sabins ; passez-les donc un peu aux dames.

Entendeu Madame que tais palavras eram o princípio de uma decisão que ela aguardava.

Bebia, aliás, essa bem-aventurada crença nos olhos da rainha-mãe.

O cortesão que os segurava no momento em que o rei falou, apressou-se a depô-los nas mãos da Rainha Maria Teresa, que, sabendo, pobrezinha! que não lhe seriam destinados, mal os contemplou e passou-os a Madame.

Esta última e, ainda mais do que ela, Monsieur, dirigiram aos braceletes um longo e cobiçoso olhar.

Em seguida, entregou as jóias às damas vizinhas, pronunciando apenas esta palavra, mas em tom que valia por uma longa frase:

— Magníficos!

As damas que haviam recebido os braceletes de Madame levaram o tempo que entenderam conveniente para examiná-los, e logo os fizeram circular, passando-os para a direita.

Nesse em meio, o rei conversava tranqüilamente com de Guiché e Fouquet.

E mais os deixava falar que os escutava.

Avezados a certas entoações, os seus ouvidos, como os de todos os homens que exercem sobre os outros incontestável superioridade, só recolhiam dos discursos esparsos a palavra indispensável que merece resposta.

A sua atenção, todavia, estava alhures.

Errava-lhe com os olhos.

A Srta. de Tonnay-Charente era a última das damas inscritas na lista, e, como se tivesse assumido uma posição consonante com a inscrição, tinha ao pé de si apenas Montalais e La Vallière.

Quando os braceletes chegaram às duas últimas, ninguém mais pareceu interessar-se por eles.

A humildade das mãos que manuseavam momentaneamente as jóias parecia quitar-lhes toda importância.

Não obstante, Montalais estremeceu de alegria, de inveja e de cupidez à vista das belas pedras, mais ainda que do magnífico lavor.

É evidente que, intimada a optar entre o valor pecuniário e a beleza artística, Montalais teria preferido, sem hesitar, os brilhantes aos camafeus.

Foi, portanto, com grande pesar que os passou à companheira. La Vallière dirigiu às jóias um olhar quase indiferente.

— Oh! Como são ricos! Magníficos! — exclamou Montalais. — Não te extasias com eles, Luísa? Não és mulher?

— Sou — respondeu a menina em tom de adorável melancolia. — Mas por que desejarmos o que não pode pertencer-nos?

Com a cabeça inclinada para a frente, escutava el-rei o que ia dizer a rapariga.

Assim que a vibração daquela voz lhe feriu os ouvidos, ergueu-se, radiante, e, atravessando o círculo para chegar aonde se achava La Vallière:

— Senhorita — disse ele — estais enganada: sois mulher, e toda mulher tem direito às jóias de mulheres.

— Oh! Sire — tornou La Vallière — Vossa Majestade recusa-se mesmo a acreditar na minha modéstia?

— Acredito que tendes todas as virtudes e, entre elas, a franqueza; dizei, portanto, francamente, o que pensais desses braceletes.

— Penso que são belos, Sire, e que só podem ser oferecidos a uma rainha.

— Folgo em que seja essa a vossa opinião; são vossos os braceletes e o rei vos pede que os aceite.

— Mademoiselle, les bracelets sont à vous, et le roi vous prie de les accepter.

E como, num movimento que se diria de pavor, La Vallière estendesse rapidamente o escrínio para o rei, este empurrou suavemente com a mão a mão trêmula da jovem.

Um silêncio de espanto, mais fúnebre que um silêncio de morte, caiu sobre a assembléia. No entanto, ao lado das rainhas, ninguém ouvira o que ele dissera, nem compreendera o que ele fizera.

Uma caridosa amiga encarregou-se de propalar a notícia.

Foi de Tonnay-Charente, a quem Madame fizera sinal que se aproximasse.

— Ah! meu Deus! — exclamou de Tonnay-Charente — que sorte tem essa La Vallière! O rei acaba de dar-lhe os braceletes.

Madame mordeu os lábios com tanta força, que o sangue lhe brotou à surperfície da pele.

A rainha alternou os olhos entre La Vallière e Madame, e pôs-se a rir.

Ana d'Áustria apoiou o queixo sobre a mão formosa e branca e longo tempo quedou absorta numa suspeita que lhe mordia o espírito e numa dor que lhe mordia o coração.

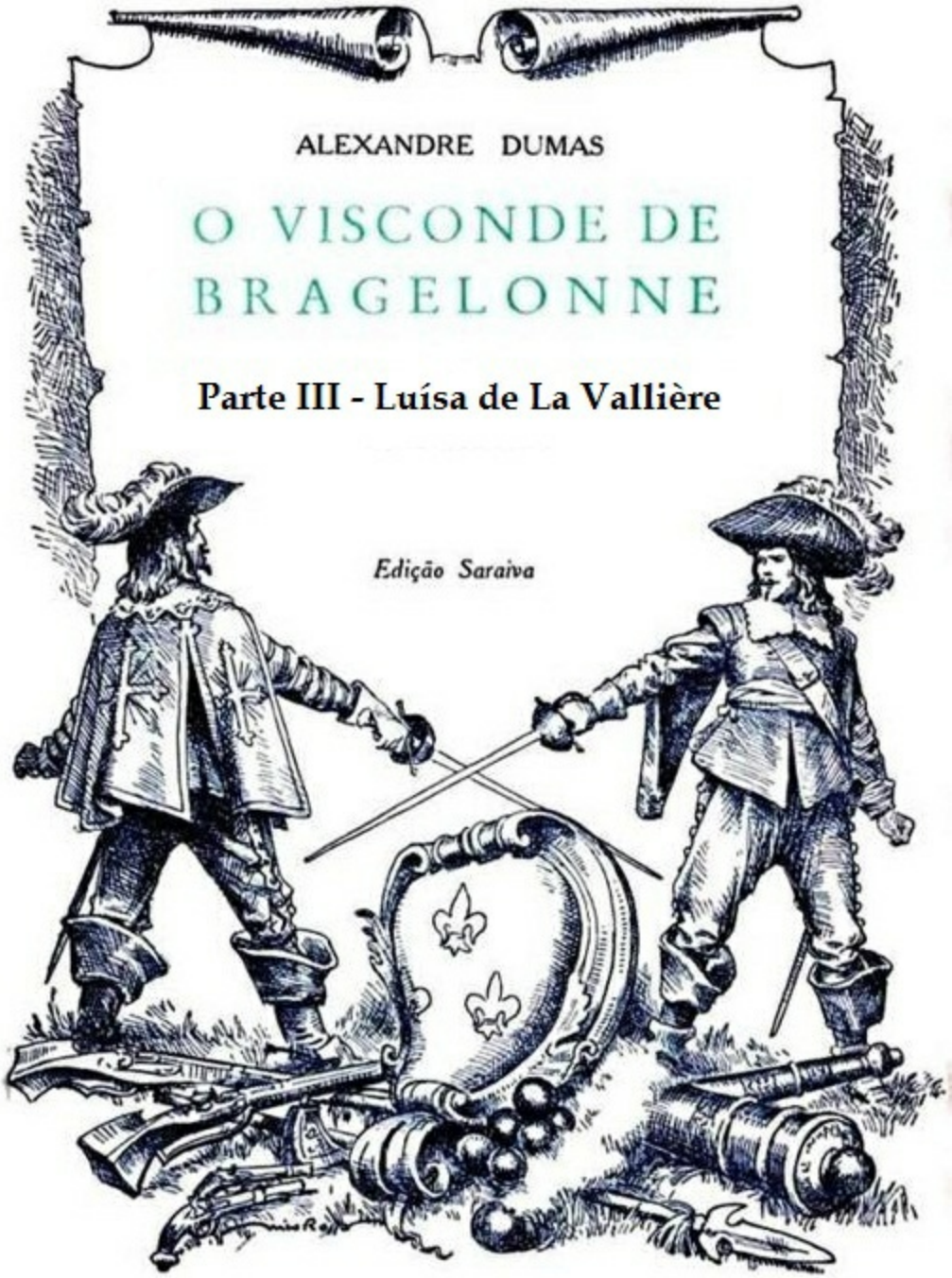
Vendo empalidecer Madame, e adivinhando-lhe a causa da palidez, de Guiché deixou precipitadamente a assembléia e desapareceu.

Malicorne pôde então esgueirar-se até onde se achava Montalais, e, protegido pelo tumulto geral das conversações:

— Aura — disse-lhe — tens ao teu lado a nossa fortuna e o nosso futuro.

— Eu sei — respondeu a interpelada.

E beijou ternamente La Vallière, que, no íntimo, sentia ganas de estrangular.


ALEXANDRE DUMAS
O VISCONDE DE BRAGELONNE
Parte III - Luísa de La Vallière
Edição Saraiva

Capítulo I - Málaga

DURANTE esse longo e violento embate das ambições da corte com os anseios do coração, um de nossos personagens, o que menos talvez podíamos descurar, sentia-se muito descurado, muito esquecido e muito infeliz.

Com efeito, d'Artagnan, pois cumpre chamá-lo pelo nome para que os leitores se lembrem de que existiu, d'Artagnan não tinha nada que fazer naquela sociedade brilhante e leviana. Depois de haver seguido o rei por dois dias a Fontainebleau, assistindo a todas as pastorais e a todas as fantasias herói-cômicas do soberano, sentira o mosqueteiro que aquilo não era suficiente para encher-lhe a vida.

Interpelado a cada instante por pessoas que lhe perguntavam:

— Como achais que me fica esta roupa, Sr. d'Artagnan? Ele respondia-lhes com a voz tranqüila e escarninha:

— Acho que estais tão bem vestido como o mais lindo macaquinho da feira de São Lourenço.

Era o cumprimento que fazia d'Artagnan quando não queria fazer outros: e, de bom ou mau grado, os interlocutores tinham de engoli-lo.

E, quando lhe perguntavam:

— Sr. D'Artagnan, como vos vestireis esta noite?

Ele retrucava.

— Eu me despirei.

O que provocava hilaridade entre as mesmas damas.

Mas, decorridos dois dias assim, vendo que nada de sério se agitava debaixo de tudo aquilo, e que o rei esquecera completamente ou parecia ter completamente esquecido Paris, Saint-Mandé e Belle-Isle. Que o Sr. Colbert só pensava em lampiões e fogos de artifício; Que as damas tinham provisão de um mês, pelo menos, de olhares mortíferos para dar e receber; D'Artagnan pediu licença ao rei para tratar de alguns negócios de família.

No momento em que d'Artagnan lhe fazia o pedido, o rei estava-se deitando, exausto de tanto dançar.

— Quereis deixar-me, Sr. d'Artagnan? — perguntou, com ar espantado.

Luís XIV era incapaz de compreender que alguém se afastasse dele quando podia ter a insigne honra de ficar ao seu lado.

— Sire — respondeu d'Artagnan — deixo Vossa Majestade porque não lhe sirvo para nada. Ah! se eu pudesse segurar a maromba enquanto Vossa Majestade baila, seria outra coisa.

— Mas, meu caro Sr. D'Artagnan — respondeu gravemente 0 rei — ninguém dança com maromba!

— Ué! — exclamou o mosqueteiro, insistindo em sua insensível ironia. — Dessa eu não sabia!

— Não me vistes dançar? — perguntou o rei.

— Vi; mas pensei que a coisa fosse num crescendo cada vez maior. Enganei-me: mais uma razão para que me afaste. Repito, Sire, que Vossa Majestade não precisa de mim; aliás, se precisasse, saberia onde encontrar-me.

— Está bem — disse o rei. E concedeu a licença.

Não procuraremos, portanto, d'Artagnan em Fontainebleau, que seria inútil; mas, com licença dos leitores, vamos encontrá-lo à Rua des Lombards, no *Pilão de Ouro,* em casa do nosso venerável amigo Planchet.

São oito horas da noite, está fazendo calor e só se vê uma janela aberta: a de um quarto da sobreloja.

Um perfume de especiarias, misturado ao perfume menos exótico, porém mais penetrante, da vasa das ruas, sobe ao nariz do mosqueteiro.

Refestelado numa cadeira imensa de espaldar chato, com as pernas, não esticadas, mas colocadas sobre um escabelo, forma d'Artagnan o ângulo mais obtuso que se pode imaginar.

Os olhos, tão penetrantes e tão móveis de seu natural, estão fixos, quase velados, invariavelmente cravados num cantinho de céu azul lobrigado pelas frestas das chaminés; há de azul exatamente o necessário para remendar um dos sacos de lentilhas ou de feijão que constituem o principal ornato do armazém do rés-do-chão.

Assim estendido, aparvalhado na observação transfenestral, d'Artagnan já não é o cabo-de-guerra, já não é o cortesão, é o burguês imobilizado entre o jantar e a ceia, entre a ceia e a hora de dormir; um desses bravos cérebros ossificados que não têm mais lugar para uma idéia sequer, tal a ferocidade com que a matéria espreita à porta da inteligência e vigia o contrabando que se poderia estabelecer com a introdução no crânio de um sintoma de pensamento.

Dissemos que a noite descera; iluminavam-se as lojas e fechavam-se as janelas dos aposentos superiores; uma patrulha de soldados da ronda fazia ouvir o soído irregular de seus passos.

D'Artagnan continuava não ouvindo nada e enxergando apenas o cantinho azul do céu.

A dois passos dele, inteiramente no escuro, deitado num saco de milho, de borco sobre o saco, com os dois braços debaixo do queixo, Planchet via-o pensar, sonhar ou dormir de olhos abertos.

Já fazia muito tempo que durava a observação.

Planchet começou fazendo:

— Hum! hum! D'Artagnan não se mexeu.

Planchet percebeu que era mister recorrer a um processo mais eficaz: após maduras reflexões, o que lhe pareceu mais engenhoso naquelas circunstâncias foi deixar-se cair do saco no chão murmurando contra si mesmo a palavra:

— Imbecil!

A despeito, porém, da bulha produzida pela queda de Planchet, d'Artagnan, que, no decurso de sua existência, ouvira bulhas muito diferentes, não pareceu fazer o menor caso dessa.

Aliás, enorme carreta, carregada de pedras, que vinha da Rua Saint-Médéric, absorveu no estrépito de suas rodas o ruído da queda de Planchet.

Entretanto, como sinal de aprovação tácita, cuidou Planchet vê-lo sorrir imperceptivelmente à palavra imbecil. Animando-se, perguntou:

— Estais dormindo, Sr. D'Artagnan?

— Não, Planchet, nem dormir eu durmo — respondeu o mosqueteiro.

— Desespera-me, senhor, ou vir-vos essa frase — volveu Planchet.

— Por quê? Está errada a frase, *seu* Planchet?

— Não, Sr. D'Artagnan.

— E então?

— Ela me aflige.

— Explica-me a tua aflição, Planchet — disse d'Artagnan.

— Dizendo que nem dormir dormis dizeis que não tendes sequer o consolo de dormir. Ou melhor, dizeis, em outras palavras: Planchet, estou-me aborrecendo infinitamente.

— Planchet, sabes que nunca me aborreço.

— Exceto hoje e anteontem.

— Ora!
— Sr. D'Artagnan, faz oito dias que voltastes de Fontainebleau; faz oito dias que não tendes ordens para dar, nem soldados para comandar. Falta-vos o barulho dos mosquetes, dos tambores, de toda a realeza; aliás, eu, que já carreguei um mosquete, compreendo-o muito bem.
— Planchet — redarguiu d'Artagnan — afianço-te que não me aborreço coisíssima nenhuma.
— Então, que fazeis aí, deitado como um defunto?
— Meu caro Planchet, havia no cerco da Rochela, quando eu lá estava, quando tu lá estavas, quando nós lá estávamos, enfim, havia no cerco da Rochela um árabe famoso pelo modo por que apontava as colubrinas. Era um rapaz inteligente, embora tivesse uma cor esquisita, a cor das tuas azeitonas. Pois bem, esse árabe, depois de comer ou trabalhar, deitava-se como estou deitado neste momento, e fumava não sei que folhas mágicas num tubo comprido de ponta de âmbar; e se algum chefe, ao passar, o censurava por estar sempre dormindo, respondia tranqüilamente: "É melhor estar sentado que em pé, deitado que sentado, morto que deitado".
— Era um árabe lúgubre, pela cor e pelas sentenças — observou Planchet. — Lembro-me dele perfeitamente. Cortava a cabeça dos protestantes com muita satisfação.
— Precisamente; e embalsamava-as, quando valiam a pena.
— Sim, e quando trabalhava no embalsamento com as suas ervas e as suas plantas, parecia um cesteiro fazendo cestos.
— Exatamente, Planchet, é isso mesmo.
— Também tenho memória.
— Não duvido; mas que dizes do raciocínio dele?
— Senhor, acho-o perfeito num sentido, mas estúpido em outro.
— Explica-te, Planchet, explica-te.
— De fato, senhor, é melhor estar sentado que em pé, sobretudo quando estamos cansados, em determinadas circunstâncias... (E Planchet sorriu com ar safado). É melhor estar sentado que deitado; mas, quanto à última afirmação: é melhor estar morto que deitado, declaro que me parece absurda; que a minha preferência incontestável é pela cama, e se não sois do meu parecer, é porque, como tenho a honra de dizer, estais infinitamente aborrecido.
— Planchet, conheces o Sr. La Fontaine?
— O boticário da esquina da Rua Saint-Médéric?
— Não, o fabulista.
— Ah! mestre urubu?
— Justamente; pois eu sou como a lebre dele.
— ele também tem lebre?
— Tem tudo quanto é bicho.
— Muito bem, e que faz a lebre dele?
— Sonha.
— Ah! ah!
— Planchet, sou como a lebre do Sr. La Fontaine: sonho.
— Sonhais? — perguntou Planchet, inquieto.
— Sonho; a tua casa, Planchet, é tão triste que convida à meditação; nisso convirás comigo.
— Entretanto, senhor, a vossa janela dá para a rua.
— E parece-te isso muito recreativo?
— Mas também não deixa de ser verdade que, se morásseis nos fundos, ficaríeis entediado... Isto é, sonharíeis ainda mais.

— Palavra que não sei, Planchet.
— Se ao menos os vossos sonhos fossem do gênero daquele que vos levou à restauração do Rei Carlos II...
E Planchet casquinou uma risadinha significativa.
— Ah! Planchet, meu amigo — disse d'Artagnan — estás ficando ambicioso.
— Não haverá por aí outro rei para restaurar, Sr. d'Artagnan, outro Monck para encaixotar?
— Não, meu caro Planchet, todos os reis estão nos respectivos tronos... menos bem, talvez, do que eu nesta cadeira; mas o fato é que estão.
E d'Artagnan despediu um suspiro.
— Sr. D'Artagnan — acudiu Planchet — tenho pena de vós.
— És muito bom, Planchet.
— Tenho uma desconfiança, Deus me perdoe.
— Qual?
— Estais emagrecendo, Sr. d'Artagnan.
— Oh! — bradou d'Artagnan percutindo o tórax, que ressoou como couraça vazia — impossível, Planchet!
— Ah! — volveu Planchet, efusivo — é que, se emagrecêsseis em minha casa...
— Que é que tem?
— Eu faria uma asneira.
— Ora!
— Faria.
— Que farias tu? Vamos a ver.
— Iria procurar o causador da vossa tristeza.
— Pronto, agora já tenho uma tristeza.
— Que a tendes nem há dúvida!
— Não, Planchet, não.
— Pois eu vos afianço que sim; tendes uma tristeza e estais emagrecendo.
— Estou emagrecendo? Tens certeza?
— A olhos vistos... Málaga! se continuardes a emagrecer, pego na minha chanfana e vou direitinho cortar o pescoço do Sr. d'Herblay.
— Hein! — gritou d'Artagnan dando um pulo na cadeira — que estás dizendo, Planchet? E que faz o nome do Sr. d'Herblay no teu armazém?
— Bom! bom! Zangai-vos, injuriai-me, se quiserdes; mas, com a breca, eu sei o que sei.
Durante a última frase de Planchet, colocara-se d'Artagnan de modo que não lhe perdesse um único olhar, isto é, sentara-se com as mãos apoiadas sobre os joelhos e o pescoço esticado na direção do digno merceeiro.
— Vamos, explica-te — tornou ele — e dize-me porque proferiste uma blasfêmia dessa ordem. O Sr. d'Herblay, teu antigo chefe, meu amigo, um eclesiástico, um mosqueteiro convertido em bispo!
Serias capaz de levantar a espada contra ele, Planchet?
— Sou capaz de levantar a espada contra meu pai quando vos vejo nesse estado.
— O Sr. d'Herblay, um fidalgo!
— Que me faz, a mim, que seja fidalgo? Ele vos provoca sonhos negros, eis a verdade. E, sonhando sonhos negros, a gente acaba emagrecendo. Málaga! Não quero que o Sr. d'Artagnan saia de minha casa mais magro do que entrou.
— E como é que ele me provoca sonhos negros? Vamos, explica-te!

— Há três noites que tendes pesadelos.
— Eu?
— Vós, sim, e nos vossos pesadelos repetis: "Aramis! dissimulado Aramis!”
— Eu disse isso? — perguntou d'Artagnan, inquieto.
— Palavra de Planchet!
— Muito bem, e que tem uma coisa com outra? Conheces o provérbio, meu amigo: "Todo sonho é mentiroso".
— Não, pois nos últimos três dias, cada vez que saístes, nunca deixastes de perguntar-me ao voltar: "Viste o Sr. d'Herblay?" Ou então: "Não chegaram cartas do Sr. d'Herblay para mim?”
— Mas parece-me naturalíssimo que eu me interesse por esse querido amigo — disse d'Artagnan.
— De acordo, mas não a ponto de emagrecer.
— Engordarei, Planchet; dou-te a minha palavra de honra!
— E eu aceito-a, senhor; pois sei que quando dais a vossa palavra de honra, é sagrado...
— Não tornarei a sonhar com Aramis.
— Muito bem!
— Não tornarei a perguntar-te se chegaram cartas do Sr. d'Herblay.
— Perfeitamente.
— Mas tu me explicarás uma coisa.
— Dizei, senhor.
— Sou observador...
— Eu sei.
— E há pouco proferiste uma praga esquisita...
— ?...
— Que não te é habitual.
— Málaga! É isso?
— É.
— É a minha praga desde que tenho armazém de secos e molhados.
— Sem dúvida, é um nome de uva passa.
— É a minha praga feroz; depois de dizer Málaga! deixo de ser homem.
— Eu não te conhecia.
— Tendes razão; deram-ma.
E, pronunciando essas palavras, Planchet piscou um olho, acabando de chamar a atenção de d'Artagnan.
— Eh! eh! — disse ele. Planchet repetiu:
— Eh! eh!
— Ué! Ué! Sr. Planchet!
— Ué, senhor — tornou Planchet — não sou como vós, não passo a vida sonhando.
— Fazes mal.
— Quero dizer, aborrecendo-me; temos pouco tempo para viver, por que não o aproveitamos?
— És um filósofo epicurista.
— Por que não? A mão é boa, a gente escreve e pesa o açúcar e as especiarias; o pé é firme, a gente dança ou passeia; o estômago tem, dentes, a gente devora e digere; o coração não está muito seco; e a gente...
— O que, Planchet?
— Isso mesmo!... concluiu o merceeiro, esfregando as mãos. D'Artagnan cruzou uma perna sobre a

outra.
— Planchet, meu amigo — disse ele — tu me bestificas.
— Por quê?
— Porque me apareces sob um prisma inteiramente novo. Lisonjeadíssimo, Planchet continuou a esfregar as mãos com força capaz de arrancar a epiderme.
— Ah! ah! — disse ele — porque não passo de uma besta, acreditais que eu seja um imbecil?
— Muito bem, Planchet, isso é que é raciocínio!
— Segui a minha idéia, senhor. Eu disse cá com os meus botões: sem prazer não há felicidade sobre a terra.
— É bem verdadeiro o que dizes, Planchet! — atalhou d'Artagnan.
— Portanto, busquemos, se não o prazer, que é coisa pouco comum, pelo menos algumas consolações.
— E consolas-te?
— Justamente.
— Explica-me a tua maneira de consolar-te.
— Levo um escudo para combater o tédio. Regulo o meu tempo de paciência e, na véspera do dia em que percebo que vou entediar-me, divirto-me.
— É tão fácil assim?
— É.
— E descobriste isso sozinho?
— Sozinho.
— Parece milagre.
— Que tal?
— A tua filosofia não tem igual no mundo.
— Então, segui o meu exemplo.
— É tentador.
— Fazei como faço.
— Eu não desejaria outra coisa; mas acontece que nem todas as almas têm a mesma têmpera e pode ser que, se me divertisse como tu, eu me acabaria aborrecendo horrivelmente.
— Ora! tentai...
— Que fazes? Vejamos.
— Não notastes que me ausento?
— Notei.
— De certo modo?
— Periodicamente.
— É isso mesmo! Já o observastes?
— Meu caro Planchet, hás de compreender que entre duas pessoas, que se vêm quase todos os dias, quando uma delas se ausenta, a outra lhe sente a falta! Não te faço falta, porventura, quando estou fora?
— Uma falta imensa! Pareço um corpo sem alma.
— Dito isto, continuemos.
— Em que época me ausento?
— No dia 15 e no dia 30 de cada mês.
— E regresso?
— Dois, três ou quatro dias depois.

— E cuidais que faço?...
— Cobranças.
— E, quando volto, parece-vos o meu rosto?...
— Satisfeitíssimo.
— Vós o dizeis: sempre satisfeito. E atribuís a satisfação?...
— À prosperidade do teu comércio; às tuas boas compras de arroz, de ameixas secas, de açúcar mascavo, de peras cristalizadas e de melaço. Sempre tiveste um caráter muito pitoresco, Planchet; por isso mesmo não me surpreendeu ver-te optar pelo comércio dos secos e molhados, que é um dos mais variados e mais doces, visto que nele só se manejam coisas doces e perfumadas.
— Falastes muito bem, senhor; mas como estais enganado!
— Estou enganado?
— Quando acreditais que saio de quinze em quinze dias para cobrar ou para comprar. Oh! oh! senhor, como pudestes imaginar uma coisa dessas? Oh! oh! oh!
E Planchet desatou a rir de modo que inspirava a d'Artagnan as dúvidas mais injuriosas sobre a sua própria inteligência.
— Confesso — disse o mosqueteiro — que não estou à tua altura.
— É verdade.
— É verdade?
— Tem de ser verdade, visto que o dizeis; mas isso não vos desmerece em meu conceito.
— Ainda bem!
— Não, sois um homem de gênio; e, quando se trata de guerra, surpresas, táticas e golpes, com seiscentos diabos! os reis são pouca coisa ao pé de vós; mas, para o repouso da alma, os cuidados do corpo, as guloseimas da vida, se assim se pode dizer, ah! senhor, não me faleis nos homens de gênio, que são os seus próprios verdugos.
— Planchet — acudiu d'Artagnan, fremente de curiosidade — tu me deixas interessadíssimo.
— Já vos aborreceis muito menos, que há pouco?
— Eu não me aborrecia; entretanto, depois que começaste a falar-me, divirto-me muito mais.
— Ótimo! Bom começo! Garanto que hei de curar-vos.
— Não desejo outra coisa.
— Quereis que eu experimente?
— Incontinenti.
— Seja! Tendes cavalos aqui?
— Tenho: dez, vinte, trinta.
— Não são precisos tantos; dois, bastam.
— Estão à tua disposição, Planchet.
— Nesse caso, ireis comigo.
— Quando?
— Amanhã.
— Aonde?
— Ah! isso já é muito perguntar.
— Mas convirás em que preciso saber aonde vou.
— Apreciais o campo?
— Mais ou menos, Planchet.
— Gostais da cidade?
— Depende.

— Pois bem, vou levar-vos a um sítio que é metade campo, metade cidade.
— Bom!
— A um lugar em que tenho certeza de que ireis divertir-vos.
— Magnífico!
— E, o que é mais engraçado, a um lugar de onde viestes porque lá vos entediáveis.
— Eu?
— Mortalmente.
— Fontainebleau?
— Fontainebleau.
— Vais a Fontainebleau?
— Vou.
— E que vais fazer a Fontainebleau, santo Deus?
Planchet respondeu a d'Artagnan com uma piscadela maliciosa.
— Tens por lá alguma propriedade, miserável!
— Oh! uma coisinha à-toa, um cochicholo.
— Apanhei-te.
— Mas palavra de honra que o lugar é bonito!
— Eu vou às terras de Planchet! — bradou d'Artagnan.
— Quando quiserdes.
— Não combinamos amanhã?
— Amanhã, seja; aliás, amanhã é 14, véspera do dia em que tenho medo de aborrecer-me; portanto, está combinado.
— Combinado.
— Emprestais-me um cavalo?
— O melhor.
— Prefiro o mais manso; nunca fui muito bom cavaleiro, como sabeis, e aqui na loja ainda fiquei mais enferrujado; além disso...
— Além disso, o quê?
— Além disso — ajuntou Planchet com outra piscadela — não quero cansar-me.
— Por quê? — arriscou-se a perguntar d'Artagnan.
— Porque não poderia divertir-me — respondeu Planchet.
E levantou-se do saco de milho, espreguiçando-se todo e fazendo estalar os ossos, um depois do outro, com certa harmonia.
— Planchet! Planchet! — exclamou d’Artagnan — declaro que não há na terra sibarita que se compare contigo. Ah! Planchet, bem se vê que ainda não comemos juntos um barril de sal.
— Por que, senhor?
— Porque ainda não te conheço — disse d’Artagnan — e, decididamente, volto a adotar a idéia que me ocorreu por instantes no dia em que, em Boulogne, esganaste, ou quase, Lubin, o lacaio do Sr. de Wardes: Planchet, és um homem de recursos.
Planchet despediu um risinho fátuo, desejou boas noites ao mosqueteiro e desceu aos fundos da loja, onde dormia.
D’Artagnan reassumiu a primitiva posição na cadeira e a testa, momentaneamente desfranzida, tornou-se mais pensativa do que nunca.
Já lhe haviam esquecido as loucuras e os sonhos de Planchet.
— Sim — disse consigo só, retomando o fio de seus pensamentos, interrompidos pelo agradável

colóquio que acabamos de referir ao público; — sim, tudo se resume nisto: "1.° Saber o que Baisemeaux queria de Aramis; "2.° Saber porque Aramis não me dá notícias; "3.° Saber onde está Porthos. "Nesses três pontos se acha o mistério.

"Ora — continuou d'Artagnan — visto que os amigos não nos confessam nada, recorramos à nossa pobre inteligência. Faz-se o que se pode, com a breca! ou Málaga! como diz Planchet".

Capítulo II - A carta do Sr. de Baisemeaux

FIEL ao seu plano, d'Artagnan, no dia seguinte cedo, foi visitar o Sr. de Baisemeaux.

Era dia de limpeza na Bastilha: os canhões estavam escovados, brunidos, as escadas esfregadas; os porta-chaves pareciam empenhados em polir as próprias chaves.

Os soldados da guarnição passeavam nos pátios com o pretexto de estarem suficientemente limpos.

O Comandante Baisemeaux recebeu d'Artagnan mais que polidamente; mas com tamanha reserva, que toda a sagacidade do mosqueteiro não vingou arrancar-lhe uma sílaba sequer.

Quanto mais se mantinha ele dentro de seus limites, mais aumentava a desconfiança do visitante.

Este último calculou que o comandante assim procedia em virtude de uma recomendação recente.

Baisemeaux não se mostrara no Palais-Royal, diante de d'Artagnan, o homem frio e impenetrável que o mosqueteiro encontrou na Bastilha.

Quando quis obrigá-lo a falar sobre os negócios tão urgentes de dinheiro que o tinham levado à procura de Aramis e que, a despeito de tudo, o haviam tornado tão expansivo naquela noite, Baisemeaux desculpou-se, dizendo que precisava dar umas ordens na fortaleza e deixou d'Artagnan esperando tanto tempo, que o nosso capitão, persuadido de que não obteria nem mais uma palavra, saiu da Bastilha sem que o comandante houvesse voltado da inspeção.

Mas d'Artagnan tinha uma suspeita e, nessas ocasiões, o seu espírito não dormia.

Ele era para os homens o que é o gato para os quadrúpedes: o emblema da inquietude e da impaciência.

Um gato inquieto não se imobiliza mais do que o floco de seda agitado pelo vento. Um gato que espreita morre no posto de observação, e nem a fome nem a sede podem arrancá-lo à meditação.

D'Artagnan, que ardia de impaciência, lançou de si, subitamente, esse sentimento como uma capa incômoda. E disse com os seus botões que o que lhe escondiam era precisamente o que lhe cumpria saber.

Refletiu que Baisemeaux não deixaria de mandar aviso a Aramis, se este lhe houvesse feito alguma recomendação. E foi o que aconteceu.

Mal tivera o comandante tempo material para voltar da fortaleza, e d'Artagnan se emboscara ao pé da Rua du Petit-Musc, de maneira que pudesse ver quem quer que saísse da Bastilha.

Depois de ficar uma hora na *Herse-d'Or,* debaixo do toldo em que havia um pouco de sombra, viu surgir um soldado da guarda.

Ora, não poderia haver indício melhor. Todo guarda ou porta-chaves tem os seus dias de saída e até as suas horas de folga na Bastilha, visto que a nenhum é permitido ter mulher ou alojamento no castelo; pode, portanto, sair sem despertar curiosidade.

Mas todos sabem, e d'Artagnan sabia-o melhor do que ninguém, que um soldado aquartelado fica preso vinte e quatro horas quando está de serviço.

Aquele soldado, por conseguinte, só poderia sair uniformizado em virtude de ordem expressa e urgente.

O soldado, dizemos nós, deixou a Bastilha e pôs-se a caminhar sem pressa, como um feliz mortal que, em vez do quarto diante de um insípido corpo da guarda, ou num bastião não menos aborrecido, recebe a incumbência de passear à guisa de serviço. Dirigiu-se para o bairro de Santo Antônio, sorvendo o ar, o sol, e observando as mulheres.

D'Artagnan seguiu-o de longe. Ainda não decidira o que havia de fazer.

— Preciso primeiro — disse entre si — ver a cara do malandro. Homem visto é homem julgado.

Apertou o passo e sem dificuldade alcançou o soldado. Não só lhe viu o rosto, inteligente e decidido, mas também o nariz, um tanto ou quanto vermelho.

— O malandro gosta da pinga — murmurou com os seus botões. Ao mesmo tempo que via o nariz vermelho, via no cinto do soldado um papel branco.

— Bom! Leva uma carta — ajuntou d'Artagnan. — Ora, deve estar tão alegre por ter sido escolhido para estafeta pelo Sr. de Baisemeaux que não me venderá a carta.

Enquanto d'Artagnan roía os punhos, o soldado continuava a caminhar pelo bairro de Santo Antônio.

— Vai, com certeza, a Saint-Mandé — disse em si o mosqueteiro — e eu não ficarei sabendo o que há na carta. Era de se perder a cabeça.

— Se eu estivesse de uniforme — continuou a monologar mentalmente d'Artagnan — mandaria prender o patife com a carta. O primeiro corpo da guarda que aparecesse me ajudaria. Mas não posso dar o meu nome num negócio desses. Se eu o fizer beber, ele suspeitará de mim e depois me embriagará... Com a fortuna! já perdi o espírito, e estou liquidado. Atacar o desgraçado, fazê-lo puxar da espada, matá-lo por causa da carta... Se fosse a carta de uma rainha a um lorde, ou de um cardeal a uma rainha, vá lá! Mas, santo Deus! Sacrificar a vida de um homem pelas ordinaríssimas intrigas dos Srs. Aramis e Fouquet com o Sr. Colbert, que não valem dez escudos!

Enquanto assim filosofava roendo as unhas e o bigode, avistou um grupinho de arqueiros e um comissário, arrastando um homem de boa aparência, que se debatia como um leão.

Os arqueiros lhe haviam rasgado as roupas e o levavam de rastos. ele pedia que o conduzissem com consideração, dizendo-se fidalgo e militar.

Vendo o soldado na rua, gritou-lhe:

— Soldado, a mim!

O soldado dirigiu-se para o homem que o interpelava e a multidão seguiu-o.

Uma idéia ocorreu então a d'Artagnan.

Era a primeira; e, como se há de ver, não era má.

Ao passo que o fidalgo lamuriava, dizendo que fora preso numa casa como ladrão, embora fosse apenas um amante, o soldado, compadecido, aconselhava-o com a gravidade que o militar francês

põe a serviço do amor-próprio e do espírito corporativo. D'Artagnan esgueirou-se por trás do soldado comprimido pela multidão e surrateou-lhe o papel do cinto.

Como, nesse momento, o fidalgo rasgado se agarrasse ao soldado e o comissário se agarrasse ao fidalgo, d'Artagnan pôde trabalhar sem a menor dificuldade.

Escondeu-se atrás do pilar de uma casa e leu o endereço:

"Ao Sr. du Vallon, aos cuidados do Sr. Fouquet, em Saint-Mandé".

— Bom — disse ele.

E abriu, sem rasgar, o invólucro, do qual tirou uma folha de papel, dobrada em quatro, em que se liam apenas estas palavras:

"Caro Sr. du Vallon, tende a bondade de dizer ao Sr. d'Herblay que ele esteve na Bastilha e fez perguntas.
"Vosso dedicado,
"DE BAISEMEAUX".

— Ainda bem — exclamou d'Artagnan — agora está tudo claro. Porthos faz parte da trama.

E, sabendo o que desejava saber:

— Com a breca! — pensou — eis aí um pobre soldado a quem o danado e sonso do Baisemeaux fará pagar caro a minha astúcia... Se ele voltar sem a carta... que lhe farão? Em realidade, já não preciso dela; chupado o ovo, de que serve a casca?

Viu d'Artagnan que o comissário e os arqueiros tinham convencido o soldado e continuavam a levar o prisioneiro.

Este, cercado pela multidão, prosseguia em suas jeremiadas.

D'Artagnan aproximou-se do grupo e deixou cair a carta sem que ninguém o visse, e logo se afastou rapidamente. O soldado reiniciara a caminhada na direção de Saint-Mandé, pensando muito no fidalgo que lhe implorara a proteção.

Súbito, pensou uni pouco na carta e, olhando para o cinto, viu-o sem ela. O seu grito de pavor agradou a d'Artagnan.

O pobre soldado atirou os olhos em redor de si, angustiado, e, a uns vinte passos atrás, deu com o bem-aventurado subscrito. Caiu sobre ele como o falcão sobre a presa.

O invólucro estava meio sujo, meio amarfanhado, mas a carta fora reencontrada.

Percebeu d'Artagnan que o lacre rompido dava muito que pensar ao bravo homem. Este, todavia, acabou por consolar-se e tornou a colocar o papel no cinto.

— Vai — disse d'Artagnan — agora tenho tempo; precede-me. Parece que Aramis não está em Paris, visto que Baisemeaux escreve a Porthos. Querido Porthos, que alegria revê-lo... e conversar com ele!

E, acertando o passo pelo do soldado, decidiu chegar um quarto de hora depois dele à casa do Sr. Fouquet.

Capítulo III - Em que o leitor verá com prazer que Porthos nada perdeu de sua força

COMO de hábito, calculara d'Artagnan que toda hora vale sessenta minutos e todo minuto sessenta segundos. Mercê desse cálculo, perfeitamente exato, de minutos e segundos, chegou à casa do superintendente no momento em que de lá saía o soldado com o cinto vazio.

D'Artagnan apresentou-se à porta, que um bordadíssimo porteiro lhe entreabriu.

O mosqueteiro teria preferido entrar sem se nomear, mas não lhe foi possível. Nomeou-se.

A despeito dessa concessão, que devia suprimir todas as dificuldades, pelo menos no entender de d'Artagnan, o porteiro hesitou; entretanto, ao título repetido pela segunda vez de capitão dos guardas do rei, o porteiro, sem dar completamente passagem, deixou de barrá-la completamente.

Compreendeu d'Artagnan que o outro obedecia a uma ordem severíssima.

Decidiu-se, portanto, a mentir, o que, aliás, pouco lhe custava quando via ao cabo da mentira a salvação do Estado ou, pura e simplesmente, o seu interesse pessoal.

Acrescentou, portanto, às primeiras declarações, que o soldado que acabava de trazer uma carta ao Sr. du Vallon era seu mensageiro, e que a missiva tinha por finalidade anunciar a chegada dele, d'Artagnan.

Diante disso, nada mais se lhe opôs à entrada, e ele entrou.

Um criado fez menção de acompanhá-lo, mas o nosso herói declarou que era inútil o trabalho, visto que sabia perfeitamente onde se achava o Sr. du Vallon.

Não havia o que responder a um homem tão instruído.

Deixaram-no à vontade.

Entradas, saídas, salões, jardins, a tudo passou revista o mosqueteiro. Caminhou um quarto de hora por aquela casa mais do que real, que encerrava tantas maravilhas quantos móveis, e tantos servidores quantas colunas e portas.

— Decididamente — resmoneou a sós consigo — esta casa tem por limites os próprios limites da terra. Terá tido Porthos a idéia de voltar a Pierrefonds sem sair da casa do Sr. Fouquet?

Afinal, chegou a uma parte recuada do castelo, cingida de um muro de pedras de cantaria sobre as quais trepava uma quantidade de plantas gordas, pejadas de flores, grandes e sólidas como frutos.

De onde em onde, sobre o muro, erguiam-se umas estátuas em posturas tímidas ou misteriosas.

Eram vestais escondidas sob o peplo de amplas dobras; ágeis vigias encerrados em seus véus de mármore, que dirigiam ao palácio olhares furtivos.

Um Hermes com o dedo na boca, uma íris de asas abertas, uma Noite regada de papoulas, dominavam os jardins e os edifícios lobrigados atrás das árvores; todas as estátuas, muito brancas, contrastavam com os negros e longos ciprestes, que erguiam para o céu a coma escura.

À volta dos ciprestes enrolavam-se roseiras seculares, que enlaçavam com os anéis floridos cada forquilha dos ramos e despejavam sobre os galhos inferiores e sobre as estátuas um chuveiro de flores perfumadas.

Tais encantamentos pareceram ao espírito do mosqueteiro o supremo esforço do espírito humano. Sentia-se inclinado à poesia. A idéia de que Porthos habitava aquele Éden, deu-lhe do amigo uma idéia mais elevada, tanto é verdade que os espíritos mais altos não se furtam à influência do ambiente.

D'Artagnan achou a porta e, na porta, uma espécie de mola, que fez funcionar. A porta se abriu.

Entrou, tornou a fechar a porta e penetrou num pavilhão circular, no qual não se ouvia outro som

que o cascatear de fontes e o gorjear de pássaros.

À porta do pavilhão topou com um lacaio.

— É aqui — disse sem hesitar d’Artagnan — que mora o Sr. Barão du Vallon, não é?

— É, sim, senhor — respondeu o lacaio.

— Avisai-o de que o Sr. Cavaleiro d'Artagnan, capitão dos mosqueteiros de Sua Majestade, o espera.

D’Artagnan foi introduzido num salão.

Não esperou muito tempo: um passo conhecidíssimo sacudiu o soalho da sala contígua, uma porta se abriu, ou melhor, escancarou-se, e Porthos veio atirar-se nos braços do amigo com certo enleio que não lhe ficava mal.

— Tu aqui? — bradou.

— E tu? — replicou d’Artagnan. — Ah! sonso!

— Sim — disse Porthos com um sorriso de embaraço — tu me encontras em casa do Sr. Fouquet, e isso te espanta um pouco, não é verdade?

— Não; por que não serias amigo do Sr. Fouquet? O Sr. Fouquet tem muitos amigos, sobretudo entre os homens inteligentes.

Porthos teve a modéstia de não tomar o cumprimento para si.

— Além disso — continuou — tu me viste em Belle-Isle.

— Mais uma razão que me leva a crer que és amigo do Sr. Fouquet.

— O fato é que o conheço — tornou Porthos com algum enleio.

— Ah! meu amigo — disse d'Artagnan — procedeste mal comigo.

— Como assim?

— Concluis uma obra admirável como a das fortificações de Belle-Isle, e nem me avisas!

Porthos purpurejou-se.
— E há mais — continuou d'Artagnan — tu me viste lá; sabes que estou a serviço do rei, e não adivinhas que o rei, desejoso de conhecer o homem extraordinário que realizou uma obra a cujo respeito lhe contam as maiores maravilhas, mandou-me saber quem era esse homem?
— Como! O rei te mandou para saberes... ?
— Claro! Mas não falemos mais nisso.
— Com a breca! — bramiu Porthos — pelo contrário, falemos, sim; o rei sabia que Belle-Isle estava sendo fortificada?
— E o rei, acaso, não sabe de tudo?
— Mas não sabia quem a fortificava?
— Não; suspeitava apenas, em face do que lhe haviam dito sobre as obras, que devia de ser um ilustre militar.
— Diabo! — disse Porthos — se eu soubesse disso...
— Não terias fugido de Vannes, não é verdade?
— Não. Que disseste quando não me encontraste mais?
— Refleti, meu caro.
— Ah! sim, tu refletes... E que ganhaste refletindo?
— Adivinhei a verdade.
— Ah! Adivinhaste?
— Adivinhei.
— Que adivinhaste? Vamos a ver — perguntou Porthos, repotreando-se na poltrona e assumindo ares de esfinge.
— Adivinhei, primeiro, que estavas fortificando Belle-Isle.
— Isso não era tão difícil, pois me viste em ação.
— Espera; adivinhei também outra coisa: que estavas fortificando Belle-Isle por ordem do Sr. Fouquet. É verdade.
— E não é só. Quando começo a adivinhar, não paro no caminho.
— Querido d'Artagnan!
— Adivinhei que o Sr. Fouquet desejava manter o máximo sigilo sobre as fortificações.
— Era, de fato, a intenção dele, segundo me parece — confessou Porthos.
— E sabes por que desejava manter sigilo?
— Homessa! Para que a coisa não transpirasse!
— Em primeiro lugar. Mas esse desejo obedecia à idéia de uma galanteria...
— Com efeito — conveio Porthos. — Já ouvi dizer que o Sr. Fouquet era muito galante.
— À idéia de uma galanteria que ele pretendia fazer ao rei.
— Oh! oh!
— Isso te espanta?
— Claro.
— Não sabias ainda?
— Não.
— Pois eu já sei.
— És feiticeiro.
— De maneira nenhuma.
— Como o soubestes?
— Aí é que está! De uma forma simplíssima! Ouvi o próprio Sr. Fouquet dizê-lo ao rei.

— Dizer-lhe o quê?
— Que mandara fortificar Belle-Isle pensando nele e que lhe dava Belle-Isle de presente.
— Ah! Ouviste o Sr. Fouquet dizer isso ao rei?
— Palavra por palavra. ele até acrescentou:
"Belle-Isle foi fortificada por um engenheiro meu amigo, homem de muito mérito, que pedirei permissão para apresentar a Vossa Majestade".
"O nome dele?" perguntou o rei. "Barão du Vallon", respondeu o Sr. Fouquet. "Muito bem", disse o rei, "apresentar-mo-eis".
— O rei disse isso?
— Palavra de d'Artagnan!
— Oh! oh! — exclamou Porthos. — Então por que não me apresentaram?
— Não te disseram nada sobre a apresentação?
— Disseram; mas continuo a esperá-la.
— Descansa, que ela virá.
— Hum! hum! — resmungou Porthos.
D'Artagnan fingiu não ouvir e, mudando de assunto:
— Mas parece-me que moras num sítio bem solitário, querido amigo — observou, — Sempre gostei da solidão. Sou melancólico — respondeu Porthos com um suspiro.
— Ué! É esquisito — acudiu d'Artagnan; — eu não o havia notado.
— Isso aconteceu depois que me dediquei aos estudos — volveu Porthos com ar preocupado.
— Mas espero que os trabalhos do espírito não tenham prejudicado a saúde do corpo?
— De maneira nenhuma.
— Vão sempre bem as forças?
— Bem demais, meu amigo, bem demais!
— Ouvi dizer que, nos primeiros dias da tua chegada...
— Eu não podia mexer-me, não é isso?
— Como e por que — perguntou d'Artagnan com um sorriso — não te podias mexer?
Porthos compreendeu que dissera uma asneira e quis emendá-la.
— Sim, vim de Belle-Isle para cá em péssimos cavalos e cheguei fatigado.
— Não me admira, pois eu, que vinha atrás de ti, achei sete ou oito arrebentados na estrada.
— Sou pesado — explicou Porthos.
— Chegaste moído?
— Fundiu-se-me a gordura e essa fusão me fez mal.
— Ah! pobre Porthos!... E Aramis, como se houve contigo em tudo isso?
— Muito bem... Mandou-me tratar pelo próprio médico do Sr. Fouquet. Mas imagina que, ao cabo de oito dias, eu já nem respirava.
— Como?
— O quarto era pequeno demais; eu absorvia muito ar.
— Deveras?
— Foi, pelo menos, o que me disseram... E transferiram-me para outro alojamento.
— Onde respiravas?
— Muito melhor; mas nenhum exercício, nada que fazer. Dizia o médico que eu não devia mexer-me; eu, pelo contrário, me sentia mais forte do que nunca. Daí nasceu um grave acidente.
— Que acidente?
— Imagina, caro amigo, que me revoltei contra as prescrições desse médico imbecil e resolvi sair,

quer isso lhe conviesse, quer não. Em conseqüência, ordenei ao criado que trouxesse as minhas roupas.

— Estavas pelado, meu pobre Porthos?

— Não, não, eu tinha um magnífico roupão. O lacaio obedeceu; tornei a vestir as minhas roupas, que tinham ficado largas demais; o esquisito, porém, é que os meus pés também tinham ficado muito largos.

— Sei, sei, compreendo.

— E as minhas botas, muito estreitas.

— Os teus pés haviam inchado.

— Adivinhaste.

— E era esse o acidente que me querias contar?

— Era. Mas não fiz a mesma reflexão que tu. Disse entre mim: "Se os meus pés entraram dez vezes nas minhas botas, não há razão nenhuma para que não entrem onze".

— Dessa vez, meu caro Porthos, deixa-me dizê-lo, careceste de lógica.

— Em resumo, eu estava diante de um tabique; tentei calçar a bota direita; puxei-a com as mãos, empurrei-a com o calcanhar, fazendo esforços tremendos, quando, de repente, as duas orelhas das botas me ficaram nas mãos; o pé me partiu como catapulta.

— Catapulta! Como estás entendido em fortificações, meu caro Porthos!

— O pé partiu como catapulta e, encontrando o tabique, arrebentou-o. Meu amigo, acreditei, como Sansão, que havia demolido o templo. E é incrível a quantidade de quadros, porcelanas, vasos, flores, tapeçarias e paus de cortina que vieram abaixo!

— Não me digas!

— Sem contar que do outro lado do tabique havia uma prateleira carregada de porcelanas.

— Que derrubaste?

— Que foi cair no lado oposto do quarto. Porthos desatou a rir.

— De fato, como dizes, é incrível.

E d'Artagnan pôs-se a rir como Porthos.

Porthos, imediatamente, começou a rir mais que d'Artagnan.

— Quebrei — disse Porthos com voz entrecortada pela crescente hilaridade — mais de três mil francos de porcelanas, oh! oh! oh!...

— Bom! — disse d'Artagnan.

— Arrebentei mais de quatro mil francos de cristais, oh! oh! oh!...

— Excelente!

— Sem contar um lustre que me caiu na cabeça e se espatifou em mil pedacinhos, oh! oh! oh!...

— Na cabeça? — perguntou d'Artagnan, que rinchavelhava.

— Em cheio!

— Mas não quebraste a cabeça?

— Pois se te digo que foi o lustre que se quebrou!

— O lustre era de cristal?

— De cristal de Veneza; uma raridade, meu caro, uma jóia que não tinha igual, uma peça que pesava duzentas libras.

— E que te caiu na cabeça?

— Na... na... cabeça!... Imagina um globo de cristal todo dourado, todo incrustado, cheio de perfumes que ardiam em cima e de bicos que lançavam chamas, quando estavam acesos.

— Bem entendido; mas não estavam?

— Felizmente não, pois eu me teria incendiado.
— E ficaste apenas achatado?
— Não.
— Como, não?
— O lustre me caiu sobre o crânio. Temos, segundo parece, no cocuruto da cabeça, uma crosta excessivamente sólida.
— Quem te disse isso, Porthos?
— O médico. Uma espécie de cúpula capaz de suportar a igreja de Notre-Dame de Paris.
— Ora!
— É, sim, parece que temos o crânio feito desse jeito.
— Fala por ti, querido amigo; o teu crânio é feito assim, mas não o dos outros.
— Pode ser — tornou Porthos enfatuado; — e tanto isso é verdade que, quando o lustre me caiu sobre a cúpula que tenho no cocuruto da cabeça, ouvi um barulhão medonho, semelhante ao detonar de um canhão; partiu-se o cristal e eu caí, todo ensopado.
— De sangue, pobre Porthos!
— Não, de perfumes, que cheiravam gostoso como cremes; era excelente, mas o cheiro, bom demais, parece que me deixou meio tonto; nunca sentiste coisa parecida, d'Artagnan?
— Já, respirando lírios; isso quer dizer, meu pobre amigo, que fôste derrubado pelo choque e entontecido pelo cheiro.
— Mas o mais notável, e o médico jurou que nunca vira coisa igual...
— Não ficaste ao menos com um galo? — interrompeu d'Artagnan.
— Fiquei com cinco.
— Por que cinco?
— Espera: o lustre, na extremidade inferior, tinha cinco enfeites dourados e pontudos.
— Ai!
— Esses cinco enfeites me penetraram nos cabelos, que são muito espessos, como vês.
— Felizmente.
— E imprimiram-se na minha pele. Mas observa que coisa estranha, que só a mim me acontece! Em vez de fazerem buracos, fizeram galos. O médico nunca soube explicar-me o fato de modo satisfatório.
— Pois bem, eu vou explicar-to.
— Prestar-me-ás um serviço — disse Porthos piscando os olhos, o que representava nele a atenção elevada ao mais alto grau.
— Depois que aplicaste o cérebro a altos estudos, a cálculos importantes, a cabeça aproveitou; de sorte que tens hoje uma cabeça abarrotada de ciência.
— Achas?
— Tenho certeza. Daí resulta que, em vez de deixar penetrar um corpo estranho no interior da cabeça, a tua caixa óssea, que está cheia demais, aproveita as aberturas eventuais para deixar escapar os excessos.
— Ah! — exclamou Porthos, a quem essa explicação parecia mais clara que a do médico.
— As cinco protuberâncias causadas pelos cinco enfeites do lustre eram, decerto, bolas científicas projetadas exteriormente pela força das coisas.
— De fato — concordou Porthos — e a prova é que isso me doía mais por fora que por dentro. Confesso até que, ao pôr o chapéu na cabeça, enterrando-o com a graciosa energia que possuímos, nós, os militares, se não calculava perfeitamente a punhada, eu sentia dores horríveis.

— Acredito, Porthos.
— Por isso, meu bom amigo — prosseguiu o gigante — o Sr. Fouquet decidiu, ante a pouca solidez da casa, dar-me outro alojamento. E puseram-me aqui.
— É o parque reservado, não é?
— É.
— O parque dos encontros? Tão famoso nas histórias misteriosas do superintendente?
— Não sei: aqui não tive ainda encontros nem histórias misteriosas; mas autorizaram-me a exercitar os músculos e aproveito a permissão arrancando árvores.
— Para quê?
— Para dar que fazer às mãos e pegar ninhos de passarinhos: acho isso mais fácil que trepar nas árvores.
— És pastoral como Tírsis, meu querido Porthos.
— Sim, gosto dos ovinhos; gosto deles muito mais que dos ovos comuns. Não imaginas como é delicada uma fritada de quatrocentos ou quinhentos ovos de verdelhão, de tentilhão, de estorninho, de melro e de tordo.
— Quinhentos ovos! Mas isso é monstruoso!
— Cabem numa saladeira — disse Porthos.
D'Artagnan admirou Porthos durante cinco minutos, como se o visse pela primeira vez.
Quanto a Porthos, pavoneou-se gostosamente sob o olhar do amigo.
Ficaram assim alguns instantes, d'Artagnan olhando, Porthos pavoneando-se.
D'Artagnan buscava evidentemente dar outro rumo à conversação.
— Tu te divertes muito aqui, Porthos? — perguntou, afinal, depois de encontrar, sem dúvida, o que buscava.
— Nem sempre.
— Compreendo; mas quando te aborreces demais, que fazes?
— Oh! não estou aqui por muito tempo. Aramis está esperando que me desapareça o último galo para apresentar-me ao rei, que não tolera galos, segundo me disseram.
— Aramis, então, está em Paris?
— Não.
— Onde está ele?
— Em Fontainebleau.
— Sozinho?
— Com o Sr. Fouquet.
— Muito bem. Mas sabes de uma coisa?
— Não. Dize-ma a ficarei sabendo.
— Creio que Aramis te esqueceu.
— Crês?
— La em Fontainebleau todos riem, dançam, festam, bebem os vinhos do Sr. de Mazarino. Sabes que há bailados todas as noites?
— Diabo! diabo!
— Pois garanto que o teu querido Aramis te esqueceu.
— Impossível não é; já pensei nisso.
— A menos que ele não te haja traído, o sonso!
— Oh!
— Sabes que Aramis é uma raposa velha.

— Sim, mas trair-me...
— Escuta; primeiro, seqüestra-te.
— Ele me seqüestra? Como? Estou seqüestrado?
— Homessa!
— Pois eu gostaria muito que me provasses isso.
— Nada mais fácil. Sais daqui?
— Nunca.
— Montas a cavalo?
— Nunca.
— Deixam que os amigos se aproximem de ti?
— Nunca.
— Meu caro, não sair nunca, nunca montar a cavalo, nunca ver os amigos, é estar seqüestrado.
— E por que haveria de seqüestrar-me Aramis? — perguntou Porthos.
— Vamos a ver — disse d'Artagnan — sê franco, Porthos.
— Como o ouro.
— Foi Aramis quem fez o plano das fortificações de Belle-Isle, não foi?
Porthos enrubesceu.
— Foi — disse ele — mas também só fez isso.
— Justamente, e, na minha opinião, não fez muita coisa.
— É o que eu acho.
— Bem; folgo muito em verificar que somos da mesma opinião.
— Ele nem sequer apareceu em Belle-Isle.
— Estás vendo?
— Era eu quem ia a Vannes, como pudeste ver.
— Dize como vi. Pois bem, nisso precisamente reside o ponto, meu caro Porthos. Aramis, que fez tão-somente os planos, gostaria de passar pelo engenheiro; ao passo que a ti, que construíste, pedra por pedra, a muralha, a cidadela e os bastiões, ele quisera relegar-te ao plano de construtor.
— De construtor, quer dizer, de pedreiro?
— De pedreiro, isso mesmo.
— De meia colher?
— De meia colher.
— De servente?
— Isso.
— Oh! oh! querido Aramis, acaso te julgas sempre com vinte e cinco anos?
— E não é tudo: ele te supõe com cinqüenta.
— Eu gostaria de vê-lo trabalhando.
— Eu também.
— Um sujeito que sofre de gota.
— Pois é.
— Que tem areia nos rins. —. Isso mesmo.
— Que já perdeu três dentes.
— Quatro.
— Ao passo que eu, olha!
E Porthos, abrindo os beiços, exibiu duas fileiras de dentes um pouco menos brancos do que a neve, mas tão perfeitos, tão duros e tão sadios quanto o marfim.

— Não imaginas, Porthos — acudiu d'Artagnan — o caso que o rei faz dos dentes. Os teus me decidem; vou apresentar-te ao rei.
— Tu?
— Por que não? Imaginas que eu tenha menos valimento na corte que Aramis?
— Pelo contrário.
— Acreditas que eu tenha alguma pretensão sobre as fortificações de Belle-Isle?
— Está visto que não.
— Por conseguinte, só o teu interesse me anima.
— Não duvido.
— Pois bem, sou amigo íntimo do rei, e a prova é que, havendo algo desagradável para dizer-lhe, sou eu que me encarrego de fazê-lo.
— Mas, querido amigo, se tu me apresentas...
— Que é que tem?
— Aramis ficará zangado.
— Comigo?
— Não, comigo.
— Ora, seja ele ou seja eu quem te apresenta, já que deves ser apresentado, é o mesmo.
— Deviam mandar fazer-me algumas roupas.
— As tuas são esplêndidas.
— As que eu tinha encomendado eram bem mais bonitas.
— Cuidado, o rei aprecia a simplicidade.
— Então serei simples. Mas que dirá o Sr. Fouquet ao saber que saí?
— Estás preso sob palavra?
— Não é bem isso. Mas prometi não me afastar sem avisá-lo.
— Espera, voltaremos a isso. Tens alguma coisa que fazer aqui?
— De importante, nada.
— A menos que sejas o intermediário de Aramis em assuntos graves.
— Palavra que não.
— Se te digo isso, compreende, é no teu interesse. Suponho, por exemplo, que estejas encarregado de mandar a Aramis certas cartas.
— Ah! cartas, sim. Eu mando-lhe algumas.
— Aonde?
— A Fontainebleau.
— E tens dessas cartas?
— Mas...
— Deixa-me falar. Tens dessas cartas?
— Acabo justamente de receber uma.
— Interessante?
— Suponho que sim.
— Não as lês?
— Não sou curioso.
E Porthos tirou do bolso a carta do soldado que Porthos não lera, mas que lera d’Artagnan.
— Sabes o que é preciso fazer? — perguntou d'Artagnan.
— Homessa! O que sempre faço: mandá-la.
— Não, senhor.

— Guardá-la?
— Também não. Não te disseram que a carta era importante?
— Importantíssima.
— Pois bem, deves levá-la pessoalmente a Fontainebleau.
— A Aramis?
— Claro.
— É verdade.
— E já que o rei lá está...
— Aproveitarás o ensejo?...
— Aproveitarei o ensejo para apresentar-te a ele.
— Ah! Cáspite! D'Artagnan, não há ninguém como tu para encontrar expedientes.

— Je profiterai de cela pour vous présenter au roi.
— Ah! corne de bœuf! d'Artagnan, il n'y a en vérité que vous pour trouver des expédients.

— Portanto, em vez de mandar ao nosso amigo mensageiros mais ou menos fiéis, nós lhe levaremos pessoalmente a carta.
— Eu nem havia pensado nisso; e é tão simples!
— Eis por que urge, meu caro Phortos, que partamos.
— De fato — conveio o gigante — quanto mais cedo partirmos tanto mais cedo chegará a carta de Aramis.
— Continuas a raciocinar vigorosamente e a lógica, em ti, secunda a imaginação.

— Parece-te? — perguntou Porthos.
— É o resultado dos estudos sólidos — respondeu d'Artagnan. — Vamos, vem.
— E a minha promessa ao Sr. Fouquet?
— Qual?
— A de não sair de Saint-Mandé sem avisá-lo.
— Ah! meu caro Porthos, como és jovem!
— Como?
— Chegas a Fontainebleau, não chegas?
— Chego.
— Lá encontras o Sr. Fouquet?
— Encontro.
— Nos aposentos do rei, provavelmente.
— Nos aposentos do rei — repetiu, majestoso, Porthos.
— E tu lhe dizes: "Sr. Fouquet, tenho a honra de avisar-vos que acabo de deixar Saint-Mandé".
— E — voltou Porthos com a mesma majestade — vendo-me em Fontainebleau, nos aposentos do rei, o Sr. Fouquet não poderá dizer que estou mentindo.
— Meu caro Porthos, eu ia abrir a boca para afirmá-lo; tu me antecedes em tudo. Oh! Porthos! Que feliz natural é o teu! A idade nem te mordeu.
— Não muito.
— Então, está dito tudo.
— Creio que sim.
— Já não tens escrúpulos?
— Creio que não.
— Levo-te comigo.
— Perfeitamente; vou mandar arrear os meus cavalos.
— Tens cavalos aqui?
— Tenho cinco.
— Que mandaste vir de Pierrefonds?
— Que o Sr. Fouquet me deu.
— Meu querido Porthos, não precisamos de cinco cavalos para dois cavaleiros; aliás, já tenho três em Paris, seriam oito; é demais.
— Não seria demais se o meu pessoal estivesse aqui; mas, infelizmente, não está.
— Sentes falta do teu pessoal?
— Sinto falta de Mousqueton. Tenho saudade dele.
— Coração excelente! — acudiu d'Artagnan — mas, crê-me, deixa os teus cavalos aqui, como deixaste lá embaixo Mousqueton.
— Por quê?
— Porque, mais tarde...
— Que é que tem?
— Mais tarde, talvez seja interessante para ti não teres recebido nada do Sr. Fouquet.
— Não compreendo — retrucou Porthos.
— Não precisas compreender.
— Entretanto...
— Depois te explicarei, Porthos.
— Aposto que se trata de política.

— E da mais sutil.
Porthos abaixou a cabeça à palavra política; logo, após um momento de cisma, ajuntou:
— Confesso, d'Artagnan, que não sou político.
— Eu sei disso.
— Oh! ninguém sabe; tu mesmo o disseste, tu, o bravo dos bravos.
— Que foi o que eu disse, Porthos?
— Que todos temos os nossos dias. Tu o disseste e já o comprovei. Há dias em que temos menos satisfação em ser espadeirados.
— É o que eu penso.
— É o que eu penso também, embora não acredite nas cutiladas que matam.
— Diabo! nunca mataste?
— Já, mas nunca fui morto.
— A razão é boa.
— Portanto, creio que nunca morrerei pela lâmina de uma espada ou pela bala de uma espingarda.
— Então, não tens medo de nada?... Ah! da água, talvez?
— Nado como uma lontra.
— Da febre amarela?
— Nunca tive e creio que nunca a terei; mas confessar-te-ei uma coisa...
E Porthos abaixou a voz.
— Qual? — perguntou d'Artagnan pondo-se no diapasão de Porthos.
— Confessar-te-ei — repetiu Porthos — que tenho um medo horrível da política.
— Ora! — exclamou d'Artagnan.
— Devagar! — disse Porthos com voz estentórea. — Vi Sua Eminência o Sr. Cardeal de Richelieu e Sua Eminência o Sr. Cardeal de Mazarino; um tinha uma política vermelha, o outro, uma política negra. Nenhuma delas me agradava: a primeira cortou a cabeça do Sr. de Marcillac, do Sr. de Thou, do Sr. de Cinq-Mars, do Sr. de Chalais, do Sr. de Boutteville, do Sr. de Montmorency; a segunda retalhou uma porção de frondistas, aos quais pertencíamos, meu caro.
— Aos quais, pelo contrário, não pertencíamos — corrigia d'Artagnan.
— Como não? Pois se eu puxava da espada pelo cardeal, acutilava pelo rei.
— Querido Porthos!
— Concluo. O meu medo da política, portanto, é tamanho, que, se houver política nisso, prefiro voltar a Pierrefonds.
— E terias razão, se assim fosse; mas comigo, meu caro, nada de políticas. Trabalhaste na fortificação de Belle-Isle; o rei quis saber o nome do hábil engenheiro que fez os trabalhos; és tímido como todos os homens de valor; pode ser que Aramis queira esconder-te. Pois eu te pego, anuncio e apresento; o rei te recompensa, e aí está a minha política!
— E a minha também, com os diabos! — disse Porthos estendendo a mão a d'Artagnan.
Mas d'Artagnan conhecia a mão de Porthos; sabia que, aprisionada entre os cinco dedos do barão, uma mão comum não sairia ilesa.
Estendeu, portanto, não a mão, mas o punho.
Porthos nem sequer percebeu a troca. E saíram ambos de Saint-Mandé.
Os guardas cochicharam um pouco e disseram ao ouvido uns dos outros algumas palavras que d'Artagnan compreendeu, mas não deixou que Porthos compreendesse.
— O nosso amigo — disse entre si — era positivamente prisioneiro de Aramis. Vamos a ver o que resultará da libertação deste conspirador.

Capítulo IV - O rato e o queijo

D'ARTAGNAN e Porthos voltaram a pé, como viera d'Artagnan.

Quando o mosqueteiro, entrando primeiro na mercearia do *J'ilon d'Or,* anunciou a Planchet que o Sr. du Vallon seria um dos viajantes privilegiados; quando Porthos, entrando no armazém, fez tilintarem com o penacho as velas de madeira suspensas no toldo, algo como um doloroso pressentimento perturbou a alegria que Planchet prelibava.

Mas tinha um coração de ouro o nosso merceeiro, preciosa relíquia dos bons tempos, que são sempre e sempre foram para os que envelhecem o tempo da mocidade e, para os moços, o da velhice de seus avós.

A despeito do frêmito interior, sentido e incontinenti reprimido, Planchet recebeu Porthos com um misto de respeito e terna cordialidade.

Um pouco teso, a princípio, em razão da distância social que, naquela quadra, separava um barão de um merceeiro, Porthos acabou-se humanizando diante da boa vontade e das atenções extraordinárias de Planchet.

Sensibilizou-o sobretudo a liberdade que lhe foi dada, ou melhor, oferecida, de mergulhar as manoplas nas caixas de frutas, passas e confeitos, nos sacos de amêndoas e avelãs, nas gavetas cheias de gulodices.

Por isso mesmo, apesar dos convites de Planchet para subir à sobreloja, escolheu por habitação favorita, durante a noite que devia passar em casa do merceeiro, a loja, onde os seus dedos encontravam sempre o que o seu nariz cheirava e os seus olhos viam.

Belos figos da Provença, avelãs do Forest, ameixas da Turena, constituíram para Porthos o objeto de uma distração que ele saboreou durante cinco horas ininterruptas.

Debaixo de seus dentes, como debaixo de mós, trituravam-se os caroços, cujos destroços juncavam o chão e gritavam sob os sapatos dos que iam e vinham; Porthos desbagoava entre os lábios, de golpe, as ricas uvas moscatéis, de cores roxas, meia libra das quais lhe passava assim, de escantilhão, da boca para o estômago.

Num canto do armazém, os moços, apavorados, entreolhavam-se sem ousar abrir a boca.

Não conheciam Porthos, nunca o tinham visto. A raça dos titãs que vestiram as couraças de Hugo Capeto, de Filipe-Augusto e de Francisco I começava a desaparecer. Perguntavam, portanto, mentalmente a si mesmos se não seria aquele o ogro dos contos da carochinha que ia fazer desaparecer no estômago insaciável o armazém inteiro de Planchet, sem operar a menor transferência dos tonéis e das caixas.

Trincando, mastigando, partindo, mascando, chupando e engolindo, dizia Porthos, de vez em vez, ao merceeiro:

— Tendes aqui um lindo comércio, amigo Planchet.

— Não haverá mais nada daqui a pouco se isso continua — grunhiu o primeiro caixeiro, que obtivera de Planchet promessa de suceder-lhe.

E, no seu desepero, aproximou-se de Porthos, que ocupava toda a passagem entre a loja e os fundos. Esperava que Porthos se levantasse e que o movimento o distraísse das idéias devoradoras.

— Que quereis, meu amigo? — perguntou Porthos, afável.

— Eu desejaria passar, senhor, se não lhe fosse muito incômodo. E, ao mesmo tempo, ergueu o moço pela cintura e colocou-o suavemente do outro lado.

Porthos prit le garçon par la ceinture, l'enleva de terre et le posa doucement de l'autre côté. — Page 274

Tudo isso sem deixar de sorrir, com a mesma afabilidade.

As pernas faltaram ao rapaz espavorido no momento em que Porthos o depôs no chão, de sorte que ele caiu sentado numa pilha de cortiças.

Vendo, porém, a suavidade do gigante, arriscou-se de novo.

— Ah! senhor — disse ele — tomai cuidado.

— Com o que, meu amigo? — perguntou Porthos.

— Poreis fogo no corpo.

— Como assim, meu bom amigo?

— Todos estes alimentos esquentam.

— Quais?

— Uvas, avelãs, amêndoas.

— Sim, mas se as uvas, avelãs e amêndoas esquentam...

— É incontestável.

— O mel refresca.

E estendendo a mão para um barrilzinho aberto de mel, no qual mergulhava a espátula com que se serve aos fregueses, Porthos engoliu boa meia libra de mel.

— Meu amigo — disse Porthos — eu agora aceitaria um pouco d'água.

— Num balde? — perguntou ingenuamente o moço. — Não, numa garrafa; uma garrafa bastará —

redarguiu Porthos com bonomia.

E, levando a garrafa aos lábios, como faz um corneteiro com a corneta, esvaziou-a num sorvo.

Planchet sentia estremecerem-lhe todas as fibras que correspondem aos sentimentos de propriedade e amor-próprio.

Entretanto, hospedeiro digno da hospitalidade antiga, fingia conversar atentamente com d'Artagnan, e repetia-lhe sem cessar:

— Ah! senhor, que alegria!... Ah! senhor, que felicidade!

— A que horas jantaremos, Planchet? — perguntou Porthos. — Estou com fome.

O primeiro caixeiro juntou as mãos.

Os outros dois se enfiaram por baixo dos balcões, receando que Porthos sentisse o cheiro de carne fresca.

— Aqui faremos apenas uma merendazinha — disse d'Artagnan — e quando chegarmos às terras de Planchet, jantaremos.

— Ah! vamos às vossas terras, Planchet? — disse Porthos. — Tanto melhor.

— É muita bondade vossa, senhor barão.

Senhor barão produziu tremendo efeito nos moços, que associaram a um homem da mais alta distinção um apetite daquela espécie.

O título, de resto, tranqüilizou-os. Nunca tinham ouvido dizer que a um ogro se chamasse *senhor barão*.

— Levarei alguns biscoitos para a viagem — anunciou, displiscente, Porthos.

E, dizendo isso, despejou um boião inteiro de biscoitos anizados na imensa algibeira do gibão.

— A minha loja está salva — bradou Planchet.

— Sim, como o queijo — acudiu o primeiro caixeiro.

— Que queijo?

— Aquele queijo da Holanda em que entrou um rato e do qual só achamos a casca.

Planchet correu de olhos o armazém e, à vista do que escapara aos dentes de Porthos, achou exagerada a comparação.

O primeiro caixeiro percebeu o que se passava no espírito do patrão.

— Cuidado com a volta! — disse-lhe.

— Não tendes frutas em casa? — perguntou Porthos subindo à sobreloja, onde acabava de ser anunciada a merenda.

— Ai de mim! — pensou o merceeiro, dirigindo a d'Artagnan um olhar carregado de súplicas, que o mosqueteiro, em parte, compreendeu.

Terminada a colação, puseram-se a caminho.

Era tarde quando os três cavaleiros, saindo de Paris cerca das seis horas, chegaram a Fontainebleau.

O trajeto fizera-se alegremente.

Porthos interessava-se pela sociedade de Planchet, porque este lhe demonstrava muito respeito e lhe falava com amor de seus prados, de seus bosques e de suas coelheiras.

Porthos tinha os gostos e o orgulho do proprietário.

Quando viu entretidos os dois companheiros, d'Artagnan tomou pelo lado oposto da estrada e, deixando as rédeas soltas no pescoço do animal, divorciou-se do mundo inteiro.

Deslizava mansamente a lua através da folhagem azulada da floresta. Os perfumes da planície subiam, balsâmicos, às narinas dos cavalos, que resfolgavam com grandes cabriolas de alegria.

Porthos e Planchet entraram a cavaquear sobre fenos.

Planchet confessou a Porthos que, na idade madura de sua existência, descurara de fato a agricultura, dedicando-se ao comércio, mas que passara a infância na Picardia, entre as formosas luzernas que lhe chegavam aos joelhos, debaixo das macieiras verdes de maçãs vermelhas; daí que houvesse jurado a si mesmo, tanto que fizesse fortuna, revoltar à natureza, e acabar os seus dias como os começara, o mais perto possível da terra, para onde vão todos os homens.

— Eh! eh! — observou Porthos — então, meu caro Sr. Planchet, o vosso retiro está próximo?

— Como assim?

— Sim, pois, segundo vejo, estais juntando uma fortunazinha.

— Bem, sempre se guarda alguma coisa.

— Vejamos, quanto ambicionais e com quanto dinheiro pretendeis retirar-vos?

— Senhor — disse Planchet, sem responder à pergunta, por interessante que fosse — senhor, há uma coisa que me entristece muito.

— Que coisa? — perguntou Porthos olhando para trás como se procurasse a coisa que entristecia Planchet para livrá-lo dela.

— Antigamente — prosseguiu o merceeiro — vós me chamáveis Planchet apenas e me teríeis perguntado: "Quanto ambicionas, Planchet, e com quanto dinheiro pretendes retirar-te?”

— Decerto, decerto, antigamente eu teria dito isso — replicou o honrado Porthos com delicado enleio; — mas antigamente...

— Antigamente eu era lacaio do Sr. d'Artagnan, não é isso o que quereis dizer?

— É.

— Pois bem, se já não sou lacaio dele, sou ainda seu servidor; e, de mais a mais, depois disso...

— Que aconteceu, Planchet?

— Depois disso, tive a honra de ser seu sócio.

— Oh! oh! — bradou Porthos. — D'Artagnan também se meteu no comércio de secos e molhados?

— Não — sobreveio d'Artagnan, arrancado aos devaneios por essas palavras e que aplicou o espírito à conversação com a habilidade e a rapidez que lhe distinguiam todas as operações do espírito e do corpo. — Não foi d'Artagnan quem se meteu no comércio de secos e molhados, foi Planchet quem se meteu em politicai — Sim — disse Planchet com orgulho e satisfação ao mesmo tempo — fizemos juntos uma operaçãozinha que me rendeu, a mim, cem mil libras, e ao Sr. d'Artagnan, duzentas mil.

— Oh! oh! exclamou Porthos com admiração.

— De sorte que vos peço, senhor barão — continuou o merceeiro — que torneis a chamar-me Planchet, como outrora, e me trateis por tu.

Não imaginais o prazer que isso me dará.

— Hei de fazê-lo, se assim é, meu caro Planchet — prometeu Porthos.

E como se achasse perto de Planchet, ergueu a mão para bater-lhe no ombro em sinal de cordial amizade.

Mas um movimento providencial do cavalo interrompeu o gesto do cavaleiro, de sorte que a mão lhe caiu sobre a garupa do cavalo de Planchet.

O animal dobrou as pernas traseiras.

D’Artagnan pôs-se a rir e a pensar em voz alta.

— Toma tento, Planchet; pois, se Porthos se apaixonar por ti, ele te agradará; e se ele te agradar, achar-te-á: Porthos ainda é fortíssimo, como vês.

— Oh! — disse Planchet — Mousqueton ainda está vivo, e, no entanto, o senhor barão gosta muito dele.

— É verdade— anuiu Porthos com um suspiro que fez empinarem-se ao mesmo tempo os três cavalos — e ainda hoje cedo eu falava a d'Artagnan na falta que ele me faz. Mas dize-me, Planchet?

— Obrigado, senhor barão, obrigado.

— És um bom rapaz. Quantas jeiras tem o teu parque?

— O meu parque?

— Sim, depois contaremos os prados e as matas.

— Onde, senhor?

— No teu castelo.

— Mas, senhor barão, não tenho castelo, nem parque, nem prados, nem matas.

— Mas que tens, então — perguntou Porthos — e por que chamas a isso as tuas terras?

— Eu não falei em terras, senhor barão — replicou Planchet um tanto humilhado — mas apenas numa casinha de recreio.

— Ah! ah! — exclamou Porthos — já compreendo; queres fazer-me uma surpresa.

— Não, senhor barão, estou falando verdade: tenho dois quartos de hóspede, mais nada.

— Mas onde passeiam, então, os teus hóspedes?

— Primeiro, na floresta do rei, que é muito bonita.

— A floresta, de fato, é bonita — confirmou Porthos — quase tão bonita quanto a minha no Berri.

Planchet arregalou os olhos.

— Tendes uma floresta no gênero da de Fontainebleau, senhor barão? — balbuciou ele.

— Tenho até duas; mas a do Berri é a minha favorita.

— Por quê? — perguntou graciosamente Planchet.

— Primeiro, porque não lhe conheço o fim; segundo, porque anda cheia de caçadores furtivos.

— E de que maneira essa profusão de caçadores furtivos pode tornar-vos tão agradável a floresta?

— Da seguinte maneira: os caçadores caçam a minha caça e eu caço os caçadores. E isso, para mim, em tempo de paz, guardadas as devidas proporções, é um simulacro de guerra.

Haviam chegado a esse ponto da conversação quando Planchet, erguendo a cabeça, avistou as primeiras casas de Fontainebleau, que contrastavam vigorosamente com o céu, ao passo que acima do casario compacto e informe se erguiam os tetos agudos do castelo, cujas ardósias reluziam à luz da lua como as escamas de um peixe enorme.

— Senhores — declarou Planchet — tenho a honra de anunciar-vos que chegamos a Fontainebleau.

Capítulo V - As terras de Planchet

OS cavaleiros ergueram a cabeça e certificaram-se de que o honrado Planchet dizia verdade.

Dez minutos depois, estavam na Rua de Lião, do outro lado da estalagem do *Beau-Paon.*

Uma grande sebe de sabugueiros ramalhudos, de pilriteiros e lúpulos, cercava, impenetrável e negra, uma casa branca e coberta de telhas.

Duas janelas da casa davam para a rua. As duas estavam escuras.

Entre elas, uma porta, encimada de um telhadinho sustentado por pilares, dava acesso ao interior.

Chegava-se à porta por uma escada minúscula.

Planchet apeou como se fosse bater; depois, mudando de idéia, segurou o cavalo pelas rédeas e caminhou cerca de trinta passos.

Seguiram-no os dois companheiros.

O merceeiro parou diante de um portão, a uns trinta passos de distância, e, erguendo uma tranca de madeira, que o fechava, empurrou-lhe uma das folhas.

Em seguida entrou na frente, puxou o cavalo pelas rédeas e conduziu-o a um patiozinho cercado de montes de esterco, cujo perfume traía a vizinhança de um estábulo.

— Que cheiro gostoso! — trovejou Porthos, apeando por seu turno — tenho a impressão de estar nas minhas cocheiras de Pierrefonds.

— Tenho uma vaca só — atalhou modestamente Planchet.

— E eu tenho trinta — tornou Porthos — ou melhor, nem sei quantas tenho.

Os dois cavaleiros tinham entrado; Planchet fechou o portão.

Durante esse tempo, d'Artagnan, que desmontara com a ligeireza habitual, sorvia o ar, e, alegre como um parisiense diante de um pouco de verdura, arrancava uma haste de madressilva com uma das mãos e uma rosa com a outra.

Porthos pusera as mãos nas ervilhas que trepavam ao longo das varas e comia, ou melhor, devorava as vagens e sementes.

Em seguida, Planchet despertou um campônio, velho e alquebrado, que dormia debaixo de um alpendre, sobre um monte de musgos recobertos por uma camisola.

Reconhecendo Planchet, o campônio chamou-lhe nosso *amo,* para grande satisfação do merceeiro.

— Levai os cavalos à manjedoura, meu velho, e dai-lhes comida que farte — ordenou Planchet.

— Oh! Sim! Que belos animais! — disse o camponês. — Comerão até arrebentar.

— Devagar, devagar, meu amigo! — sobreveio d'Artagnan. — Peste! Vamos devagar: aveia e uma bota de palha, mais nada.

— E água pura para o meu — bradou Porthos — pois me parece que está com muito calor.

— Oh! nada receeis, senhores — respondeu Planchet — o tio Celestino é um velho gendarme de Ivry. Conhece o estábulo; vamos para a casa.

Conduziu os dois amigos por uma alameda coberta que atravessava uma horta, depois uma luzerneira, e afinal desembocava num jardinzinho atrás do qual se erguia a casa, cuja frontaria se avistava da rua.

À proporção que se aproximavam, puderam distinguir os recém-chegados, por duas janelas abertas no rés-do-chão, que davam acesso à sala, o interior, os penetrais de Planchet.

Suavemente alumiada por uma lâmpada colocada sobre a mesa, surgia a sala, no fundo do jardim, como risonha imagem da tranqüilidade, do bem-estar, da ventura.

Onde quer que caíssem os raios destacados do centro luminoso, numa faiança antiga, num móvel reluzente de asseio, numa arma pendurada na parede, a claridade pura encontrava um puro reflexo, e a gota de fogo ia dormir sobre o objeto agradável à vista.

Essa lâmpada, que iluminava a sala, ao mesmo passo que a folhagem dos jasmineiros e das aristolóquias caía da moldura das janelas, aclarava esplendidamente uma toalha adamascada, alva como um retângulo de neve.

Dois talheres tinham sido colocados sobre a toalha. Um vinho amarelado rolava os seus rubins no cristal facetado da garrafa comprida, e um pote grande de faiança azul, de tampa de prata, continha uma cidra escumosa.

Perto da mesa, numa poltrona de alto espaldar, dormia uma mulher de trinta anos, de rosto sadio e viçoso.

E sobre os joelhos da fresca criatura, um gato gordo e suave, embolando o corpo sobre as patas dobradas, expedia o ronronar característico, que, com o semicerrar dos olhos, significa, nos hábitos felinos:

— Sinto-me perfeitamente feliz.

Detiveram-se os dois amigos diante da janela, apatetados de surpresa.

Notando-lhes o pasmo, suave alegria comoveu Planchet.

— Ah! Planchet malandro! — disse d'Artagnan. — Compreendo as tuas ausências.

— Oh! oh! Isso é que é toalha branca! — estrondeou Porthos.

Ao ruído dessa voz, o gato safou-se, a dona da casa acordou sobressaltada, e Planchet, assumindo um ar gracioso, introduziu os dois companheiros na sala em que estavam postos os dois talheres.

— Permiti — disse ele — minha cara, que eu vos apresente o Sr. Cavaleiro d'Artagnan, meu protetor.

D'Artagnan pegou na mão da dama como um cortesão, com as mesmas cavalheirescas mesuras com que teria pegado na de Madame.

— O Sr. Barão du Vallon de Bracieux de Pierrefonds — acrescentou Planchet.

Porthos fez uma saudação que teria satisfeito Ana d'Áustria, a menos que esta fosse demasiado exigente.

A seguir, foi a vez de Planchet.

Beijou francamente a dama, não sem ter feito um sinal em que parecia pedir a permissão de d'Artagnan e de Porthos. Permissão que lhe foi concedida, bem entendido. D'Artagnan cumprimentou Planchet.

— Aí está — disse ele — um homem que sabe viver.

— Senhor — respondeu, rindo Planchet — a vida é um capital que se deve colocar o mais engenhosamente possível...

— E dela tiras juros magníficos — acudiu Porthos, rindo como um trovão.

Planchet voltou à dona da casa.

— Minha querida amiga — disse ele — aí estão os dois homens que conduziram parte da minha existência. Já vos falei muitas vezes em ambos.

— E em outros dois ainda — volveu a dama com pronunciado sotaque flamengo.

— A senhora é holandesa? — perguntou d'Artagnan. Porthos acariciou o bigode, o que não escapou a d'Artagnan, que observava tudo.

— Sou de Antuérpia — respondeu a dama.

— E chama-se Gechter — disse Planchet.
— Mas não lhe chamas assim — acudiu d'Artagnan.
— Por quê?
— Porque seria envelhecê-la.
— Não, chamo-lhe Trüchen.
— Nome encantador — atalhou Porthos.
— Trüchen — continuou Planchet — chegou-me de Flandres com a sua virtude e dois mil florins.
Fugia de um marido odioso, que a surrava. Como picardo, sempre gostei das artesianas. Do Artois a Flandres há um passo apenas. Ela foi chorar em casa do padrinho, meu predecessor da Rua des Lombards; colocou em meu estabelecimento os dois mil florins, que fiz frutificar e lhe renderam dez mil.
— Bravo, Planchet!
— É livre e rica; tem uma vaca, uma criada e o tio Celestino; fia-me as camisas, tece-me as meias de lã, só me vê de quinze em quinze dias, e jura que é feliz.
— Sou feliz, efetivamente... — confessou Trüchen com graciosa negligência.
Porthos acariciou o outro hemisfério do bigode.
— Diabo! Diabo! — pensou d'Artagnan. — Dar-se-á que Porthos tenha más intenções?
Enquanto esperava, compreendendo o que era preciso fazer, Trüchen apressara a cozinheira, ajuntara dois talheres e colocara sobre a mesa pratos deliciosos, que fazem de um jantar um banquete e de um banquete um festim.
Manteiga fresca, carne salgada, anchovas e atum, toda a mercearia de Planchet.
Frangos, legumes, salada, peixe de lago, peixe de rio, caça do mato, todos os recursos da província.
Além disso, voltou Planchet do celeiro carregado de dez garrafas cujo vidro desaparecia debaixo de espessa camada de pó cor de cinza.
A vista das garrafas alegrou o coração de Porthos.
— Estou com fome — disse ele.
E sentou-se ao pé de D. Trüchen com um olhar assassino. D'Artagnan sentou-se do outro lado.
Discreta e alegremente, colocou-se Planchet defronte dela.
— Não vos preocupeis — disse ele — se, durante o jantar, Trüchen se erguer várias vezes da mesa; está dirigindo a arrumação dos quartos.
Com efeito, a dona da casa fazia viagens sem número e ouviam-se, no primeiro andar, gemer a madeira e gritar os roletes dos móveis sobre o ladrilho.
Nesse meio de tempo, os três homens comiam e bebiam, sobretudo Porthos.
Era maravilhoso vê-los.
As dez garrafas se haviam convertido em dez sombras quando Trüchen tornou a descer trazendo o queijo.
D'Artagnan conservara a dignidade.
Porthos, pelo contrário, perdera parte da sua.
Cantavam-se batalhas, falava-se em canções.
D'Artagnan aconselhou segunda viagem à adega e como Planchet não caminhasse com a habitual regularidade do *sçavant fantassin,* o capitão de mosqueteiros decidiu acompanhá-lo.
Partiram, portanto, trauteando canções que fariam medo aos diabos mais flamengos.
Trüchen ficou à mesa, ao lado de Porthos.
Ao passo que os dois gastrônomos escolhiam garrafas atrás dos feixes de lenha, ouviu-se o estalo

seco e sonoro que produzem, fazendo o vácuo, dois lábios numa face.

— Porthos se julga na Rochela — pensou d'Artagnan. Tornaram a subir, sobraçando as garrafas.

De tanto cantar, Planchet não via mais nada.

D'Artagnan, que via sempre, observou que a face esquerda de Trüchen estava mais vermelha que a direita.

Ora, Porthos sorria à esquerda de Trüchen e acariciava, com as duas mãos, os dois lados do bigode.

Trüchen sorria também para o magnífico fidalgo.

O vinho cintilante de Anjou fez dos três homens três demónios primeiro e, logo, três palermas.

D'Artagnan mal teve forças para erguer um castiçal e alumiar a escada para o próprio Planchet.

Planchet arrastou Porthos, que empurrava Trüchen, jovialíssima também.

Foi d'Artagnan quem encontrou os quartos e descobriu as camas. Porthos mergulhou na sua, despido pelo amigo mosqueteiro. D'Artagnan atirou-se na dele, dizendo:

— Com seiscentos diabos! E eu havia jurado não provar desse vinho amarelo que tem gosto de pederneira! Que vergonha se os mosqueteiros me vissem neste estado!

E, correndo as cortinas da cama:

— Mas felizmente não verão — ajuntou.

Planchet foi arrebatado pelos braços de Trüchen, que o despiu e fechou cortinas e portas.

— É divertido, o campo — disse Porthos esticando as pernas, que, passando através da madeira da cama, produziram enorme desabamento, de que ninguém se advertiu, tamanho fora o regabofe nas terras de Planchet.

Às duas horas da noite, todos roncavam.

Capítulo VI - O que se vê da casa de Planchet

O DIA seguinte encontrou os três heróis dormindo a bom dormir.

Trüchen fechara as portas das janelas, receando, para os olhos pesados, a primeira visita do sol nascente.

Por isso mesmo ainda era noite escuríssima sob as cortinas de Porthos e debaixo do baldaquino de Planchet, quando d'Artagnan, despertado antes dos outros por um raio indiscreto que penetrava as janelas, saltou da cama como se quisesse chegar primeiro à refrega.

Tomou de assalto o quarto de Porthos, pegado ao seu.

O digno Porthos dormia como ribomba o trovão; orgulhoso, no escuro, exibia o dorso gigantesco e o punho, inchado, lhe pendia da cama sobre o tapete.

D'Artagnan acordou Porthos, que esfregou os olhos sem relutância.

Nesse ínterim, Planchet se vestira e viera receber, às portas dos quartos, os dois hóspedes ainda vacilantes da véspera.

Apesar da hora matinal, toda a casa já estava em pé. A cozinheira, impiedosa, talava o galinheiro e o tio Celestino colhia cerejas no jardim.

Já espertinho, estendeu Porthos a mão a Planchet, e d'Artagnan pediu licença para beijar D. Trüchen.

Esta, que não guardava rancor dos vencidos, aproximou-se de Porthos, ao qual foi concedido idêntico favor.

Porthos beijou D. Trüchen com um suspiro.

Planchet pegou os dois amigos pela mão.

— Vou mostrar-vos a casa — disse ele; — ontem à noite, entramos aqui como num forno e não pudemos ver nada; mas, de dia, tudo muda de aspecto e ficareis satisfeitos.

— Comecemos pela vista — disse d'Artagnan; — a vista me encanta sobremodo; sempre morei em casas reais, e os príncipes não escolhem muito mal os seus mirantes.

— Eu — acudiu Porthos — sempre fiz questão da vista. No meu castelo de Pierrefonds, mandei abrir quatro alamedas que desembocam numa perspectiva variadíssima.

— Vereis a minha perspectiva — prometeu Planchet. E conduziu os dois hóspedes a uma janela.

— Ah! sim, é a Rua de Lião — reconheceu d'Artagnan.

— É. Tenho duas janelas aqui, pois a vista é insignificante; vê-se a estalagem, sempre movimentada e ruidosa; é uma vizinhança desagradável. As janelas eram quatro e só conservei a metade.

— Continuemos — disse d'Artagnan.

Entraram no corredor que dava acesso aos quartos e Planchet abriu os postigos.

— Ué! Ué! — exclamou Porthos. — Que é aquilo, lá embaixo?

— A floresta — explicou Planchet. — É o horizonte, uma linha sempre espessa, amarelada na primavera, verde no verão, vermelha no outono e branca no inverno.

— Muito bem; mas é uma cortina que não deixa ver mais longe.

— Sim — concedeu Planchet; — mas daqui até lá, vê-se...

— Ah! aquele campo grande!... — volveu Porthos.

— Ué!... que é que eu estou vendo ali?... Cruzes, pedras...

— Ora essa! É o cemitério! — exclamou d'Artagnan.

— Exatamente — confirmou Planchet; — e afianço-vos que é curiosíssimo. Não se passa um dia em que não se enterre alguém. Fontainebleau tem muita gente. Ora são raparigas de branco com estandartes, ora são vereadores ou burgueses ricos com os chantres e a fábrica da paróquia, ora são oficiais da casa do rei.

— Pois eu não gosto disso — declarou Porthos.

— Não é muito divertido — sentenciou d'Artagnan.

— Pois eu vos garanto que o espetáculo produz santos pensamentos — replicou Planchet.

— Não digo que não; — Mas — continuou Planchet — devemos morrer um dia e há, não sei onde, esta máxima, que guardei: "O pensamento da morte é um pensamento salutar".

— Não digo o contrário — acudiu Porthos.

— Mas — objetou d'Artagnan — também é salutar o pensamento da verdura, das flores, dos rios, dos horizontes azuis, das largas planícies sem fim...

— Se eu os tivesse, não os afastaria — disse Planchet; — mas, tendo apenas este cemiteriozinho, florido também, musgoso, sombreado e calmo, contento-me com ele e penso nos citadinos que moram à Rua des Lombards, por exemplo, e que ouvem o rodar de duas mil carretas por dia e o patinhar na lama de cinqüenta mil pessoas.

— Mas vivas — atalhou Porthos — vivas! — Por isso mesmo — continuou Planchet, timidamente — é que é um descanso para mim ver uns poucos mortos.

— O diabo desse Planchet — observou d'Artagnan — nasceu para ser poeta como é merceeiro.

— Senhor — disse Planchet — sou um desses indivíduos crédulos e simples que Deus fez para se animarem durante certo tempo e para acharem boas todas as coisas que lhes acompanham a estada na terra.

D'Artagnan sentou-se perto da janela e, parecendo-lhe sólida a filosofia de Planchet, entrou a ruminá-la.

— Com a breca! — exclamou Porthos — agora justamente vão proporcionar-nos uma comédia. Não estou ouvindo uns cantos?

— De fato, estão cantando — disse d'Artagnan.

— É um enterro de última classe — acudiu Planchet, desdenhoso. — Só estão o padre oficiante, o sacristão e o coroinha. Como vedes, senhores, o defunto ou a defunta não era príncipe.

— Ninguém lhe acompanha o caixão.

— Acompanha, sim — objetou Porthos; — estou vendo um homem.

— É verdade, um homem envolto numa capa — confirmou d'Artagnan.

— Isso não vale a pena de ver-se — acudiu Planchet.

— Pois isso me interessa — tornou vivamente d'Artagnan, debruçando-se na janela.

— Estais começando a gostar — disse, alegre, Planchet; — é como eu; nos primeiros dias, ficava triste por fazer o sinal da cruz o dia inteiro, e os cânticos me entravam como cravos na cabeça; depois, comecei a embalar-me com os cânticos e já não vejo passarinhos mais bonitos que os do cemitério.

— Pois eu — sobreveio Porthos — não me divirto mais, prefiro descer.

Planchet deu um salto; ofereceu a mão a Porthos para conduzi-lo ao jardim.

— Ficas aí? — perguntou Porthos a d'Artagnan, voltando-se.

— Fico, meu amigo; daqui a pouco irei ter convosco.

— Eh! Eh! O Sr. D'Artagnan tem razão — disse Planchet; — já estão enterrando?

— Ainda não.

— Ah! sim, o coveiro espera que as cordas sejam amarradas em torno do caixão... Ué! Apareceu

uma mulher no extremo oposto do cemitério!...

— Sim, sim, meu caro Planchet — tornou rapidamente d'Artagnan; — mas deixa-me, deixa-me; começo a entregar-me a meditações salutares; não me perturbes.

Planchet saiu, e d'Artagnan pôs-se a devorar com os olhos, atrás do postigo entreaberto, o que se passava diante dele.

Os dois carregadores do cadáver haviam desatado os loros da padiola e deixaram escorregar o fardo na fossa.

A alguns passos, o homem da capa, único espectador da cena lúgubre, arrimado a um cipreste muito alto, escondia inteiramente o rosto dos coveiros e dos padres. O corpo do defunto foi sepultado em cinco minutos.

Enchida a fossa, os padres voltaram-se. O coveiro dirigiu-lhes algumas palavras e partiu atrás deles.

O homem da capa cumprimentou-os ao passarem e pôs uma moeda na mão do coveiro.

— Com seiscentos diabos! — murmurou d'Artagnan; — esse homem é Aramis!

Aramis, com efeito, ficou só, pelo menos daquele lado; pois, assim que virou a cabeça, ouviu no caminho, a pouca distância, um passo de mulher e um roçagar de seda.

Voltou-se incontinenti e tirou o chapéu com um grande respeito de cortesão; conduziu a dama a um abrigo de castanheiros e tílias, que davam sombra a um túmulo faltoso.

— Ora, essa! — disse d'Artagnan — o Bispo de Vannes marcando encontros! É sempre o Abade Aramis, galanteando em Noisy-le-Sec. Sim — ajuntou — mas, num cemitério, o encontro é sagrado!

E pôs-se a rir.

A conversação durou meia-hora.

D'Artagnan não podia ver o rosto da dama, pois ela estava de costas; mas, pela tesura dos dois interlocutores, pela simetria de seus gestos, pelo modo compassado, industrioso com que se miravam, como se atacassem ou defendessem, era manifesto que não falavam de amor.

Concluída a conversação, levantou-se a dama, e inclinou-se profundamente diante de Aramis.

— Oh! oh! — murmurou d'Artagnan — mas isso acaba como um encontro de amor!... O cavaleiro ajoelha-se no princípio; subjugada durante a conversação, a dama acaba suplicando... Quem será? Eu daria uma unha para vê-la.

Mas era impossível. Aramis saiu primeiro; a dama cobriu-se com a coifa e saiu depois.

D'Artagnan não agüentou: correu para a janela da Rua de Lião. Aramis acabava de entrar na estalagem.

A dama dirigia-se em sentido contrário. Muito provavelmente para um carro de dois cavalos que se via na orla da floresta.

Caminhava devagar, cabisbaixa, absorta em profunda cisma.

— Com a breca! Com a breca! Preciso conhecer essa mulher — disse ainda o mosqueteiro.

E, sem mais vacilar, saiu no encalço dela.

Enquanto caminhava, cogitava num meio de forçá-la a erguer o véu.

— Não é jovem — disse ele; — é uma mulher da alta sociedade. O diabo me carregue se não lhe conheço o porte!

Enquanto corria, o ruído das esporas e das botas sobre o chão batido da rua produzia um ruído estranho; e deparou-se-lhe uma oportunidade com a qual não contava.

O ruído inquietou a dama; crendo que a seguissem ou perseguissem, o que era exato, voltou-se.

D'Artagnan deu um pulo como se tivesse recebido nos calcanhares uma carga de chumbo miúdo; logo, dando meia volta:

— A Sra. de Chevreuse! — murmurou.

Mas não quis voltar para casa sem se inteirar de tudo. Pediu ao tio Celestino perguntasse ao coveiro quem era o morto que haviam enterrado naquela manhã.

— Um pobre mendicante franciscano — replicou este último — que não tinha sequer um cão que o amasse neste mundo e o seguisse à última morada.

"Se assim fosse — pensou d'Artagnan — Aramis não teria acompanhado o enterro. O Sr. Bispo de Vannes não é nenhum cão no que toca ao devotamente se bem o seja em quanto ao farol".

Capítulo VII - De como Porthos, Trüchen e Planchet se separaram amigos, graças a d'Artagnan

COMEU-SE e bebeu-se descompassadamente em casa de Planchet. Porthos quebrou uma escada e duas cerejeiras, despiu os framboeseiros, mas não pôde chegar aos morangos por causa, disse ele, do cinturão.

Trüchen, que já se familiarizara com o gigante, respondeu-lhe:

— Não é o cinturão, é a barriga.

E Porthos, entusiasmado, beijou Trüchen, que colhia morangos a mancheias e dava-lhos de comer na mão. D'Artagnan, que chegava nesse momento, censurou a Porthos a preguiça e lamentou em voz baixa Planchet.

Porthos almoçou bem; quando terminou:

— Eu gostaria daqui — disse ele, olhando para Trüchen. Trüchen sorriu.

Planchet fez o mesmo, porém com certo acanhamento. Disse d'Artagnan a Porthos:

— As delícias de Cápua não devem deslembrar-te, meu amigo, da verdadeira finalidade de nossa viagem a Fontainebleau.

— A minha apresentação ao rei?

— Precisamente. Vou dar uma volta na cidade para preparada. Não saias daqui, por favor.

— Oh! não — exclamou Porthos. Planchet considerou d'Artagnan com receio.

— Saireis por muito tempo?

— Não, meu amigo, e hoje à noite prometo livrar-te de dois hóspedes meio pesados.

— Oh! Sr. d'Artagnan, não podeis dizer uma coisas dessas!

— Posso; o teu coração, Planchet, é excelente, mas a tua casa é pequena. Há quem, possuindo apenas duas jeiras, pode hospedar um rei e fazê-lo felicíssimo; mas não nasceste fidalgo, meu caro.

— O Sr. Porthos também não — murmurou Planchet.

— Mas afildagou-se; há vinte anos que é dono de cem mil libras de renda e, há cinqüenta que é dono de dois punhos e um espinhaço que ainda não conheceram rivais neste belo reino de França. Ao pé de ti, meu filho, Porthos é um grande fidalgo e... Não te direi mais nada; sei que és inteligente.

— Não, não, senhor; explicai-me...

— Contempla o teu pomar pelado, o teu guarda-comidas vazio, a tua cama quebrada, a tua adega seca, contempla... a Sra. Trüchen...

— Ah! meu Deus! — gemeu Planchet.

— Porthos, meu caro, é senhor de trinta aldeias que encerram trezentas vassalas brejeiras, e é um homem muito bem posto!

— Ah! meu Deus! — repetiu Planchet.

— A Sra. Trüchen é uma criatura excelente — continuou d'Artagnan; — guarda-a para ti, entendes?

E bateu-lhe no ombro.

Nesse momento, o merceeiro viu Trüchen e Porthos ao longe, debaixo de um caramanchão.

Com uma graça muito flamenga, Trüchen fazia brincos de cerejas para as orelhas de Porthos e este ria-se, amorosamente, como Sansão ao pé de Dalila.

Planchet apertou a mão de d'Artagnan e correu para o caramanchão.

Façamos justiça a Porthos: ele não se perturbou...

Não julgava, decerto, que estivesse procedendo mal.

Trüchen também não se perturbou, e isso agastou Planchet; mas como já tivesse visto muita e muita coisa na sua loja, não se deu por achado.

Planchet travou do braço de Porthos e propôs-lhe examinarem os cavalos.

Porthos respondeu que estava cansado.

Planchet sugeriu ao Barão du Vallon que experimentassem um creme de nozes que ele mesmo fazia e que ninguém fazia como ele. O barão aceitou.

Foi assim que, durante todo o dia, Planchet conseguiu ocupar o inimigo. Sacrificou o guarda-comidas em favor do amor-próprio. D'Artagnan voltou duas horas depois.

— Está tudo pronto — anunciou; — vi Sua Majestade quando saía para caçar: o rei nos espera esta noite.

— O rei me espera! — bradou Porthos, empertigando-se.

E, força é confessá-lo, o coração do homem é uma onda móvel; a partir desse momento, Porthos já não olhou para D. Trüchen com a graça tocante que amolecera o coração da antuerpina.

Planchet espicaçou-lhe como pôde as disposições ambiciosas. Referiu, ou melhor, recordou os esplendores do último reinado; as batalhas, os cercos, as cerimônias. Falou no luxo dos ingleses, nos ganhos obtidos pelos três bravos companheiros, de que d'Artagnan, o mais humilde no princípio, se acabara tornando chefe.

Entusiasmou Porthos mostrando-lhe a sua juventude desaparecida; gabou como pôde a castidade do grande fidalgo e o seu religioso respeitosa amizade; foi eloqüente, foi hábil.

Encantou Porthos, fez tremer Trüchen e fez sonhar d'Artagnan.

Às seis horas, o mosqueteiro ordenou que se aprestassem os cavalos e obrigou Porthos a vestir-se.

Agradeceu a Planchet a boa hospitalidade, disse-lhe umas palavras vagas sobre um cargo que lhe poderiam arrumar na corte, o que fez crescer imediatamente Planchet no conceito de Trüchen, em que o pobre merceeiro, tão bom, tão generoso, tão dedicado, havia diminuído desde o advento e o confronto dos dois grandes fidalgos.

Pois são assim as mulheres: ambicionam o que não têm e desdenham, depois de tê-lo, o que ambicionavam.

Tendo prestado esse serviço a Planchet, d'Artagnan disse baixinho a Porthos:

— Meu amigo, tens um lindo anel no dedo.

— Trezentas pistolas — declarou Porthos.

— A Sra. Trüchen guardará de ti uma lembrança bem melhor se lhe deixares o anel — tornou d'Artagnan.

Porthos hesitou.

— Achas que não é suficientemente belo? — continuou o mosqueteiro. — Compreendo; um grande fidalgo como tu não se hospeda em casa de um antigo servidor sem lhe pagar regiamente a hospitalidade; mas, acredita, Planchet tem um coração tão bom que nem se lembrará de que possuis cem mil libras de rendas.

— Tenho muita vontade — confessou Porthos, inchado por esse discurso — de dar à Sra. Trüchen o meu casalzinho de Bracieux; é também um lindo anel... doze jeiras.

— Isso já é demais, meu bom Porthos, ao menos por enquanto... Guarda-o para depois.

Tirou-lhe o brilhante do dedo e, aproximando-se de Trüchen:

— Minha senhora — disse-lhe — o senhor barão não sabe como pedir-vos que aceiteis, por amor dele, este anel. O Sr. du Vallon é um dos homens mais generosos e mais discretos que conheço. Ele quisera oferecer-vos um casal que possui em Bracieux; eu o despersuadi.

— Oh! — exclamou Trüchen devorando o brilhante com o olhar.

— Senhor barão! — bradou Planchet, enternecido.

— Meu bom amigo! — balbuciou Porthos, encantado ao ver-se tão bem traduzido por d'Artagnan.

Todas essas exclamações, cruzando-se, deram um remate patético àquele dia, que poderia terminar de modo grotesco.

Mas d'Artagnan estava lá, e onde quer que d'Artagnan dirigisse os acontecimentos, estes só terminavam de acordo com os seus gostos e os seus desejos.

Todos se beijaram, e Trüchen, recolocada em sua verdadeira posição pela munificência do barão, enxergou-se, e ofereceu apenas a fronte corada e tímida ao grande senhor com o qual tanto se familiarizara na véspera.

O próprio Planchet sentiu-se penetrado de humildade.

Inclinado à generosidade, o Barão Porthos teria de bom grado esvaziado os bolsos nas mãos da cozinheira e de Celestino.

Mas deteve-o d'Artagnan.

— Agora é a minha vez — disse ele.

E deu uma pistola à mulher e duas ao homem.

Foi um coro de bênçãos capazes de alegrar o coração de Harpagão e torná-lo pródigo.

D'Artagnan fez-se conduzir por Planchet ao castelo e introduziu Porthos em seus aposentos de capitão, onde entrou sem ter sido visto pelos que receava encontrar.

Capítulo VIII - A apresentação de Porthos

ESSA mesma noite, às oito horas, o rei dava audiência a um embaixador das Províncias-Unidas no salão principal.

A audiência durou um quarto de hora.

Depois, recebeu os novos apresentados e algumas damas, que passaram na frente.

Num canto do salão, atrás da coluna, Porthos e d'Artagnan conversavam, esperando a sua vez.

— Sabes da novidade? — perguntou o mosqueteiro ao amigo.

— Não.

— Pois bem, olha.

Porthos levantou-se na ponta dos pés e viu o Sr. Fouquet, em traje de cerimônia, conduzindo Aramis ao rei.

— Aramis! — disse Porthos.

— Apresentado ao rei pelo Sr. Fouquet, — Ah! — disse Porthos.

— Por haver fortificado Belle-Isle — continuou d'Artagnan.

— E eu?

— Tu? Como já tive a honra de dizer-te, és o bom Porthos, bom como um deus; por isso mesmo te pedem que fiques um pouco em Saint-Mandé.

— Ah! — repetiu Porthos.

— Mas eu, felizmente, estou aqui — disse d'Artagnan — e dentro em pouco chegará a minha vez.

Nesse momento, Fouquet se dirigia ao rei:

— Sire — disse ele — tenho um favor que pedir a Vossa Majestade. O Sr. d'Herblay não é ambicioso, mas sabe que pode ser útil. Vossa Majestade precisa de um agente em Roma e de um agente poderoso; podemos obter-lhe um chapéu.

O rei fez um movimento.

— Não peço com muita freqüência a Vossa Majestade — insistiu Fouquet.

— Este é um caso — respondeu o rei, que traduzia sempre assim as suas hesitações.

Diante disso, ninguém tinha o que responder.

Fouquet e Aramis se entreolharam. Voltou o rei:

— O Sr. d'Herblay pode também servir-nos em França: um arcebispado, por exemplo.

— Sire — objetou Fouquet com a graça que lhe era peculiar — Vossa Majestade penhora muitíssimo o Sr. d'Herblay. o arcebispo pode ser nas boas graças do rei o complemento do chapéu; um não exclui o outro.

O rei admirou-lhe a presença de espírito e sorriu.

— D'Artagnan não teria respondido melhor — disse ele. Assim que ouviu o seu nome, d'Artagnan apresentou-se.

— Vossa Majestade está-me chamando? Aramis e Fouquet deram um passo para trás.

— Permita Vossa Majestade — acudiu vivamente d'Artagnan, descobrindo Porthos — permita Vossa Majestade que eu lhe apresente o Sr. Barão du Vallon, um dos mais intrépidos fidalgos de França.

À vista de Porthos, Aramis empalideceu; Fouquet crispou os punhos debaixo das rendas.

D'Artagnan sorriu para ambos, ao passo que Porthos se inclinava, manifestamente comovido, diante da majestade real.

— Porthos aqui! — murmurou Fouquet ao ouvido de Aramis.
— Psiu! É uma traição — replicou o prelado.
— Sire — continuou d'Artagnan — faz seis anos que eu devia ter apresentado o Sr. du Vallon a Vossa Majestade; mas certos homens parecem estrelas: não andam sem o cortejo dos amigos. A plêiade não se dessume, e eis por que escolhi, para apresentar-lhe o Sr. du Vallon, o momento em que Vossa Majestade visse ao lado dele o Sr. d'Herblay.
Aramis quase perdeu o sangue frio. Considerou d'Artagnan com altanaria, como que aceitando o desafio que este parecia atirar-lhe.
— Ah! esses senhores são amigos? — perguntou o rei.
— Excelentes, Sire, e um responde pelo outro.
Pergunte Vossa Majestade ao Sr. de Vannes como foi fortificada Bêlle-Isle?
Fouquet deu mais um passo para trás.
— Belle-Isle — respondeu friamente Aramis — foi fortificada por este senhor.
E indicou Porthos, que se inclinou segunda vez.
Luís admirava e desconfiava.
— Sim — tornou d'Artagnan; — mas pergunte Vossa Majestade ao senhor barão quem o auxiliou em seus trabalhos?
— Aramis — disse Porthos francamente.
E indicou o bispo.
— Que diabo significa tudo isto — pensou o prelado — e que desfecho terá esta comédia?
— Como! — inquiriu o rei — o senhor cardeal... quero dizer, o senhor bispo... chama-se Aramis?
— Nome de guerra — disse d'Artagnan.
— Nome de amizade — disse Aramis.
— Nada de modéstias — exclamou d'Artagnan; — sob as vestes deste padre, Sire, esconde-se o mais brilhante oficial, o mais destemido fidalgo, o teólogo mais sábio do reino de Vossa Majestade.
Luís ergueu a cabeça.
— E um engenheiro! — disse ele, admirando a fisionomia de Aramis, realmente admirável naquele momento.
— Engenheiro por acaso, Sire — atalhou o bispo.
— Meu companheiro de farda, Sire — prosseguiu com calor d'Artagnan — o homem cujos conselhos ajudaram mais de cem vezes os ministros do pai de Vossa Majestade... O Sr. d'Herblay, numa palavra, com o Sr. du Vallon, comigo e com o Sr. Conde de La Fère, que Vossa Majestade conhece... formava a quadrilha que teve algum renome ao tempo do finado rei e durante a minoridade de Vossa Majestade.
— E fortificou Belle-Isle — repetiu o rei com acento profundo. Aramis adiantou-se.
— Para servir o filho — disse ele — como servi o pai. D'Artagnan cravou os olhos em Aramis, ouvindo-o pronunciar essas palavras. Nelas reconheceu tanto respeito verdadeiro, tão grande e calorosa dedicação, tanta convicção incontestável, que ele, d'Artagnan, o eterno duvidador, o infalível, deixou-se iludir.
— Um mentiroso não falaria desse jeito — murmurou. Luís sentiu-se tocado.
— Nesse caso — disse a Fouquet, que esperava, ansioso, o resultado da prova — está concedido o chapéu. Sr. d'Herblay, é vossa a primeira promoção. Agradecei ao Sr. Fouquet.
Essas palavras foram ouvidas por Colbert e rasgaram-lhe o coração.
Saiu precipitadamente da sala.
— Vós, Sr. du Vallon — disse o rei — pedi...

Gosto de recompensar os servidores de meu pai.

— Sire — começou Porthos... E não pôde ir mais longe.

— Sire — exclamou d'Artagnan — este digno fidalgo sente-se inibido ante a majestade da pessoa real, ele que sustentou com desassombro o olhar e o fogo de mil inimigos. Mas sei o que está pensando, e eu, mais habituado a olhar para o sol... vou traduzir-lhe o pensamento: o Sr. du Vallon não precisa de nada e não deseja senão a felicidade de contemplar Vossa Majestade durante um quarto de hora.

— Jantareis comigo esta noite — disse o rei cumprimentando Porthos com um gracioso sorriso.

Porthos ficou escarlate de alegria e de orgulho. O rei dispensou-o, e d'Artagnan empurrou-o pela sala depois de tê-lo abraçado.

— Põe-te ao meu lado à mesa — sussurrou Porthos ao seu ouvido.

— Sim, meu caro.

— Aramis está agastado comigo, não está?

— Aramis nunca te quis tanto bem. Pois se acabo de conseguir-lhe o chapéu de cardeal!

— É verdade — concordou Porthos. — A propósito, o rei gosta de que se coma bem à mesa dele?

— Será lisonjeá-lo — respondeu d'Artagnan — pois tem um apetite real.

— Tu me encantas — disse Porthos.

Capítulo IX - Explicações

ARAMIS fizera uma hábil diversão para aproximar-se de d'Artagnan e de Porthos.

Acercou-se deste último atrás da coluna e, apertando-lhe a mão:

— Escapaste da minha prisão? — perguntou-lhe.

— Não o censures — acudiu d'Artagnan; — fui eu, caro Aramis, quem lhe deu as chaves.

— Ah! meu amigo — replicou Aramis, olhando para Porthos — dar-se-á que esperaste com menos paciência?

D'Artagnan acudiu em auxílio de Porthos, que já tresfolegava.

— Vós outros, eclesiásticos — disse a Aramis — sois grandes políticos. Nós outros, militares, vamos diretamente ao fim. Eis os fatos. Fui visitar o querido Baisemeaux.

Aramis fitou os ouvidos.

— A propósito! — sobreveio Porthos — isso me faz lembrar que tenho uma carta de Baisemeaux para ti, Aramis.

— Tiens! dit Porthos, vous me faites souvenir que j ai une lettre de Baisemeaux pour vous, Aramis

E Porthos estendeu ao bispo a carta que já conhecemos.

Aramis pediu licença para ler, e leu-a, sem que d'Artagnan parecesse tolhido pela circunstância, que, de resto, já previra.

Aliás, o próprio Aramis se houve com tanta serenidade que d'Artagnan o admirou mais do que nunca.

Lida a carta, o prelado pô-la no bolso com ar perfeitamente calmo.

— Dizias, meu caro capitão? — perguntou.

— Eu dizia — continuou o mosqueteiro — que fui visitar Baisemeaux por questões de serviço.

— Por questões de serviço?

— Exatamente. E está visto que falamos de ti e dos nossos amigos. Devo dizer que Baisemeaux me recebeu com frieza. Despedi-me. Ora, eu já estava de volta quando um soldado se aproximou e pediu-me (sem dúvida me conhecia, embora eu estivesse à paisana): "Capitão, quereis fazer-me o favor de ler o nome escrito neste envelope?" Li:

"Ao Sr. du Vallon, em Saint-Mandé, aos cuidados do Sr. Fouquet".

Com a fortuna! disse eu entre mim, Porthos não voltou, como eu estava pensando, a Pierrefonds ou a Belle-Isle; está em Saint-Mandé, em casa do Sr. Fouquet. O Sr. Fouquet não está em Saint-Mandé. Porthos, portanto, está sozinho ou está com Aramis; vamos vê-lo. E fui ver Porthos.

— Muito bem! — disse Aramis pensativo.

— Não me tinhas contado isso — observou Porthos.

— Não tive tempo, meu amigo.

— E trouxeste Porthos a Fontainebleau?

— À casa de Planchet.

— Planchet está morando em Fontainebleau? — perguntou Aramis.

— Perto do cemitério! — exclamou Porthos, estouvadamente.

— Perto do cemitério? — inquiriu Aramis, desconfiado. "Bom! — pensou o mosqueteiro — visto que há confusão, aproveitemos a confusão".

— Do cemitério, sim — disse Porthos. — Não há dúvida que Planchet é um rapaz excelente, que faz doces excelentes, mas tem janelas que dão para o cemitério. É entristecedor! Hoje cedo...

— Hoje cedo?... — repetiu Aramis, cada vez mais agitado. D'Artagnan virou as costas e foi tamborilar na vidraça um compasso de marcha.

— Hoje cedo — continuou Porthos — vimos o enterro de um cristão.

— Ah! ah!

— É entristecedor! Eu, por mim, seria incapaz de viver numa casa de onde se vêem continuamente os mortos... Mas d'Artagnan, pelo contrário, parece gostar muito disso.

— Ah! D'Artagnan também viu?

— Viu, não; devorou com os olhos.

Aramis estremeceu e virou-se para examinar o mosqueteiro; mas este entabulara animadíssima conversa com o Sr. de Saint-Aignan.

Aramis continuou a interrogar Porthos; depois, quando espremeu todo o suco daquele gigantesco limão, lançou de si a casca. Voltou-se para d'Artagnan e, batendo-lhe no ombro:

— Amigo — disse ele depois que de Saint-Aignan se afastou, pois fora anunciado o jantar do rei.

— Caro amigo — replicou d'Artagnan.

— Não jantaremos hoje com o rei.

— Como não! Eu, janto.

— Mas não podes conversar dez minutos comigo?
— Vinte. Sua Majestade levará mais do que isso para pôr-se à mesa.
— Onde queres que conversemos?
— Aqui mesmo, nestes bancos; o rei saiu, a sala está vazia, podemos sentar-nos.
— Sentemo-nos, então.
Sentaram-se. Aramis pegou numa das mãos de d'Artagnan.
— Confessa, caro amigo — disse ele — que levaste Porthos a desconfiar um pouco de mim.
— Confesso que sim, mas não como o supões. Vi Porthos entediar-se mortalmente e quis, apresentando-o ao rei, fazer por ele e por ti o que nunca serias capaz de fazer.
— O quê?
— O teu elogio.
— Fizeste-o nobremente; obrigado!
— E aproximei de ti o chapéu que recuava.
— É verdade — conveio Aramis com singular sorriso; — és, de fato, um homem único para fazer a fortuna dos amigos.
— Viste, portanto, que não agi apenas em benefício de Porthos.
— Oh! Eu também me havia encarregado dele; mas tens o braço mais comprido do que nós.
Foi a vez de d'Artagnan sorrir.
— Vamos a ver — continuou Aramis — devemos ser sinceros: sempre gostas de mim, meu caro d'Artagnan?
— Como outrora — respondeu d'Artagnan, sem se comprometer demasiado com a resposta.
— Obrigado; e já que estamos falando com franqueza: foste a Belle-Isle para o rei?
— Claro.
— Querias, então, tirar-nos o prazer de oferecer Belle-Isle fortificada a Sua Majestade?
— Meu amigo, para que eu pudesse tirar-vos esse prazer era mister primeiro que eu conhecesse a vossa intenção.
— Foste a Belle-Isle sem saber de nada?
— Sobre ti, nada! Como diabo queres tu que eu imagine Aramis convertido em engenheiro a ponto de fortificar como Políbio ou Arquimedes?
— É verdade. Entretanto, adivinhaste que eu estava metido naquilo?
— Adivinhei.
— E Porthos também?
— Caríssimo, não adivinhei que Aramis fosse engenheiro. Também não podia adivinhar que Porthos o fosse. Um latino disse: "A gente nasce poeta, mas torna-se orador". Mas ninguém disse nunca: "A gente nasce Porthos e torna-se engenheiro".
— Tens sempre o mesmo espírito encantador — disse friamente Aramis. — Continuo.
— Continua.
— Quando descobriste o nosso segredo, voltaste correndo para dizê-lo ao rei?
— Corri, meu bom amigo, porque vos vi correr mais do que eu. Quando um homem que pesa duzentas e cinqüenta e oito libras, como Porthos, corre pela posta; quando um prelado gotoso (perdão, mas tu mesmo o disseste), quando um prelado devora distâncias, sou obrigado a supor que esses dois amigos, que saíram sem me avisar, tinham coisas importantíssimas para esconder de mim, e palavra! corri... corri quanto me permitiam a magreza e a falta de gota.
— Caro amigo, não refletiste que nos poderias ter prestado, a Porthos e a mim, um triste serviço?
— Pensei; mas vós me havíeis feito representar, Porthos e tu, um triste papel em Belle-Isle.

— Perdoa-me — disse Aramis.
— Desculpa-me — disse d'Artagnan.
— De sorte que agora — prosseguiu Aramis — sabes de tudo?
— À minha fé que não.
— Sabes que tive de avisar imediatamente o Sr. Fouquet para que ele falasse com o rei antes de ti?
— Pois aí é que está o busílis.
— Absolutamente. Hás de reconhecer que o Sr. Fouquet tem inimigos.
— Eu sei.
— Principalmente um.
— Perigoso?
— Mortal. Pois bem, para combater a influência desse inimigo, o Sr. Fouquet teve de dar provas, perante o rei, de grande devotamento e grandes sacrifícios. Fez uma surpresa a Sua Majestade oferecendo-lhe Belle-Isle. Se chegasses primeiro a Paris, adeus surpresa... Daríamos a impressão de estar cedendo ao medo.
— Compreendo.
— Nisso se resume o mistério — concluiu Aramis, satisfeito por haver convencido o mosqueteiro.
— Entretanto — atalhou este último — teria sido muito mais simples chamar-me de parte em Belle-Isle e dizer-me: "Caro amigo, estamos fortificando Belle-Isle para oferecê-la ao rei...
Faz-nos o obséquio de dizer-nos por quem és. És amigo do Sr. Colbert ou do Sr. Fouquet?" Eu talvez não respondesse; mas terias acrescentado: "És meu amigo?" E eu teria respondido: "Sou".
Aramis inclinou a cabeça.
— Desse modo — continuou d'Artagnan — tu me paralisavas e eu vinha dizer ao rei: "Sire, o Sr. Fouquet está fortificando Belle-Isle, e muito bem; mas aqui está uma palavrinha que o senhor governador de Belle-Isle me pediu para transmitir a Vossa Majestade". Ou então: "Eis o que posso dizer sobre as intenções do Sr. Fouquet". Eu não teria representado papel de idiota; teríeis a vossa surpresa e nós não precisávamos olhar de través um para o outro.
— Ao passo que hoje — replicou Aramis — procedestes como amigo do Sr. Colbert. És amigo dele?
— Não, mil vezes não! — bradou o capitão. — O Sr. Colbert é um pedante, e eu o odeio como odiava Mazarino, se bem não o tema.
— Pois eu — disse Aramis — gosto do Sr. Fouquet e estou com ele. Conheces a minha posição... Não tenho bens... Por intermédio do Sr. Fouquet obtive benefícios, um bispado; o Sr. Fouquet me penhorou como um gentil-homem e ainda me lembro suficientemente dos usos da sociedade para ser grato aos favores recebidos.
Por conseguinte, o Sr. Fouquet me conquistou o coração, e eu coloquei-me a seu serviço.
— Ótimo! Tens aí um bom amo. Aramis apertou os lábios.
— O melhor, creio eu, de quantos se possam ter.
E fez uma pausa.
D'Artagnan guardou-se de interrompê-lo.
— Soubeste sem dúvida de Porthos como foi que ele se meteu em tudo isto?
— Não — replicou d'Artagnan; — sou curioso, é verdade, mas nunca interrogo um amigo quando ele quer esconder-me um segredo.
— Pois eu vou contá-lo.
— Não vale a pena, se a confidência me compromete.
— Não tenhas medo; Porthos é o homem de que mais gosto, porque é simples e bom; é um espírito

reto. Desde que sou bispo, tenho procurado as naturezas simples, que me fazem amar a verdade e odiar a intriga.

D'Artagnan alisou o bigode.

— Vi e procurei Porthos; ele andava ocioso, e a sua presença lembrava-me os belos dias de outrora, sem me obrigar a tresvariar no presente. Chamei-o a Vannes. O Sr. Fouquet, que gosta de mim, tendo sabido que Porthos me quer bem, prometeu-lhe a ordem na primeira promoção; aí está o segredo.

— Não abusarei dele — prometeu d'Artagnan.

— Eu sei, caro amigo; ninguém possui mais do que tu a verdadeira honra.

— Gabo-me disso, Aramis.

— Agora...

E o prelado enfiou os olhos pelo amigo até chegar-lhe ao fundo da alma.

— Agora, falemos de nós. Não queres ser amigo do Sr. Fouquet? Não me interrompas antes de saberes o que isso significa.

— Estou escutando.

— Não queres ser marechal de França, par, duque, e possuir um ducado de um milhão?

— Mas, meu caro — replicou d'Artagnan — que é preciso fazer para conseguir tudo isso?

— Pertencer ao Sr. Fouquet.

— Eu pertenço ao rei, caro amigo.

— Com exclusividade?

— Oh! d'Artagnan é um só.

— Assim como tens um grande coração, hás de ter uma ambição qualquer, suponho eu.

— Tenho.

— Qual?

— Desejo ser marechal de França; mas o rei me fará marechal, duque, par; o rei me dará tudo isso.

Aramis fitou em d'Artagnan o seu límpido olhar.

— Acaso o rei não será o amo? — perguntou d'Artagnan.

— Ninguém o contesta; mas Luís XIII também era o amo.

— Oh! caro amigo, mas entre Richelieu e Luís XIII não havia um Sr. d'Artagnan — redarguiu plácidamente o mosqueteiro.

— À volta do rei — acudiu Aramis — há muitos obstáculos.

— Não para o rei.

— Sem dúvida; mas...

— Ouve, Aramis: vejo que toda a gente pensa em si e nunca nesse principezinho; pois eu hei de manter-me mantendo-o.

— E a ingratidão?

— Os fracos têm medo dela!

— Tens muita confiança em ti.

— Creio que sim.

— Mas o rei pode não precisar de ti.

— Pelo contrário, creio que precisará mais do que nunca; e olha, meu caro, se fosse necessário prender outro Conde, quem o prenderia? Isto... só isto em toda a França.

E bateu na espada.

— Tens razão — conveio Aramis, empalidecendo. Levantou-se e apertou a mão de d'Artagnan.

— Eis o último chamado para o jantar — disse o capitão dos mosqueteiros; — se me dás licença...

Aramis passou o braço pelo pescoço do mosqueteiro, e disse-lhe:
— Um amigo como tu é a mais bela jóia da coroa real. Em seguida, separaram-se.
— Eu bem dizia — pensou d'Artagnan — que havia alguma coisa.
— É preciso pôr fogo na pólvora — disse entre si Aramis; — d'Artagnan já descobriu a mecha.

Capítulo X - Madame e de Guiché

VIMOS que o Conde de Guiché saíra da sala no dia em que Luís XIV oferecera com tanta galanteria a La Vallière os maravilhosos braceletes ganhos na loteria.

O conde passeou durante algum tempo pelos jardins do palácio, com o espírito devorado por desconfianças e inquietudes.

Depois, viram-no espreitando no terraço, diante dos quincôncios, a saída de Madame.

Meia hora se passou. Sozinho, naquele momento, o conde não poderia ter idéias muito alegres.

Tirou do bolso um canhenho e decidiu-se, após mil hesitações, a escrever estas palavras:

> *"Madame, suplico-vos que me concedais um momento de atenção. Não vos alarme este pedido, que não tem nada de estranho ao profundo respeito com que sou, etc, etc."*

Estava assinando a súplica singular, dobrada como um bilhete de amor, quando viu saírem do castelo diversas mulheres, depois alguns homens, enfim, quase todo o círculo da rainha.

Viu La Vallière e, logo, Montalais conversando com Malicorne.

Viu o último dos convivas que, pouco antes, achusmavam o gabinete da rainha-mãe.

Madame não passara; precisaria, contudo, atravessar o pátio para retornar aos seus aposentos, e, do terraço, de Guiché devorava o pátio com os olhos.

Finalmente, viu sair Madame com dois pajens que carregavam tochas. Ela caminhava depressa e, chegada à sua porta, gritou:

— Pajens ide procurar-me o Sr. Conde de Guiché. Ele precisa dar contas de uma comissão.

Se estiver livre, pedi-lhe que venha ver-me.

De Guiché permaneceu mudo e escondido na sombra; mas, assim que Madame entrou, desceu correndo a escada do terraço; assumiu o ar mais indiferente do mundo para deixar-se encontrar pelos pajens, que já se dirigiam ao seu apartamento.

— Ah! Madame mandou-me procurar! — disse, comovido, a sós consigo.

E amarrotou o bilhete, já inútil.

— Conde — exclamou um dos pajens avistando-o — folgamos de encontrar-vos.

— Que há, senhores?

— Uma ordem de Madame.

— Uma ordem de Madame? — repetiu de Guiché, com ar de surpresa.

— Sim, conde, Sua Alteza Real mandou chamar-vos; deveis, disse-nos ela, dar-lhe contas de uma comissão. Estais livre?

— Estou inteiramente às ordens de Sua Alteza Real.

— Fazei, então, o favor de acompanhar-nos.

Levado à presença da princesa, de Guiché encontrou-a pálida e agitada.

À porta se achava Montalais, um tanto inquieta pelo que se passava no espírito da ama. De Guiché apareceu.

— Ah! sois vós, Sr. de Guiché — disse Madame; — entrai, por favor... Srta. de Montalais, o vosso serviço terminou.

Ainda mais intrigada, Montalais cumprimentou e saiu. Ficaram sós os dois interlocutores.

Todas as vantagens pertenciam ao conde; fora Madame quem mandara chamá-lo. Mas como lhe seria possível utilizar-se delas? Madame era uma criatura tão extravagante! Era um caráter tão mudável o de Sua Alteza Real!

Ela não tardou em demonstrá-lo; pois, encetando de improviso a conversação:

— Então — perguntou — não tendes nada para dizer-me?

Cuidou o conde que ela lhe houvesse adivinhado o pensamento; cuidou, pois os apaixonados são crédulos e cegos como poetas ou profetas, que ela conhecesse o seu desejo de vê-la e a razão desse desejo.

— Sim, Madame — disse ele — e acho tudo isso muito estranho.

— O caso dos braceletes, não é? — exclamou vivamente a princesa.

— É Madame.

— Acreditais que o rei esteja apaixonado?

De Guiché longamente a contemplou; ela abaixou os olhos sob o olhar, que lhe chegava ao coração.

— Acredito — disse ele — que o rei tenha tido o desejo de atormentar alguém; não fosse isso, e não se mostraria solícito como se mostrou; não se arriscaria a comprometer de boa mente uma mentira até então inatacável.

— Ora! Aquela sirigaita? — atalhou, sobranceira, a princesa.

— Posso afirmar a Vossa Alteza Real — disse de Guiché com respeitosa firmeza — que a Srta. de La Vallière é amada por um homem que convém respeitar, pois é um intrépido fidalgo.

— Bragelonne, talvez?

— Meu amigo. Sim, Madame.

— E ainda que fosse vosso amigo, que importa isso ao rei?

— O rei sabe que Bragelonne é noivo da Srta. de La Vallière; e, como Raul tem servido bravamente o rei, Sua Majestade não provocará uma desgraça irreparável.

Madame casquinou uma gargalhada que produziu em de Guiché dolorosa impressão.

— Repito, Madame, que não creio o rei apaixonado por La Vallière, e a prova de que o não creio está em que eu queria perguntar a Vossa Alteza quem é a pessoa cujo amor-próprio Sua Majestade pretende ferir nesta circunstância. Vossa Alteza conhece toda a corte e poderá ajudar-me a encontrá-la com tanto maior segurança quanto dizem que Vossa Alteza goza da intimidade do rei.

Madame mordeu os lábios, e, não tendo o que dizer, mudou de assunto.

— Provai-me — disse ela dirigindo-lhe um desses olhares em que parece passar toda a alma — provai-me que pretendíeis interrogar-me, se fui eu quem vos mandou chamar.

De Guiché tirou gravemente do canhenho a página escrita e mostrou-a.

— Simpatia — disse ela.

— Sim — conveio o conde com extrema ternura — simpatia; mas já expliquei como e porque procurava Vossa Alteza; Vossa Alteza, porém, ainda não me disse porque me mandou chamar.

— É verdade. E ela hesitou.

— Esses braceletes ainda me farão perder a cabeça — disse de repente.

— Vossa Alteza esperava que o rei lhos oferecesse? — tornou de Guiché.

— Por que não?

— Mas antes de Vossa Alteza, que é a sua cunhada, o rei não tinha a rainha?

— Antes de La Vallière — bradou a princesa, ulcerada — o rei não me tinha, a mim? Não tinha toda a corte?

— Eu lhe asseguro, Madame — disse respeitosamente o conde — que, se a ouvissem falar assim,

se lhe vissem os olhos vermelhos, e, Jesus me perdoe! essa lágrima que lhe reluz entre os cílios, toda a gente diria que Vossa Alteza está enciumada.

— Enciumada! — recalcitrou a princesa com entono — enciumada de La Vallière?

Ela esperava dominar de Guiché com o gesto altivo e o tom soberbo.

— De La Vallière, sim, Madame — repetiu o conde, corajoso.

— Creio, senhor — balbuciou ela — que vos atreveis a insultar-me.

— Não o creio eu, Madame — replicou o conde um tanto agitado, mas decidido a domar-lhe a cólera fogosa.

— Saí — ordenou a princesa no auge da exasperação, de tal maneira a desvairavam o sangue frio e o mudo respeito de de Guiché.

De Guiché recuou um passo, fez uma demorada reverência, tornou a erguer-se, branco como as rendas de seus punhos e, com voz levemente alterada:

— Não me valeu a pena apressar-me tanto — disse ele — para sofrer este injusto desfavor.

E voltou as costas sem precipitação.

Não dera ainda cinco passos quando Madame se atirou, felina, sobre ele e, segurando-o pela manga da casaca, fê-lo voltar-se:

— O respeito que simulais — disse, trêmula de furor — é mais insultuoso do que o insulto.

Vamos, injuriai-me! Mas, pelo menos, falai!

— E Vossa Alteza, Madame — tornou suavemente o conde arrancando da espada — transpasse-me o coração mas não me faça morrer a fogo lento.

Pelo olhar cheio de amor, de resolução e até de desespero, ela compreendeu que um homem, tão calmo na aparência, seria capaz de transfixar o peito com a espada se ela dissesse mais uma palavra.

Arrancou-lhe o ferro das mãos e, apertando-lhe o braço com um delírio que poderia passar por ternura:

— Conde — disse — poupai-me. Vedes que estou sofrendo e não tendes piedade.

As lágrimas, última fase do acesso, lhe abafaram a voz. Vendo-a chorar, de Guiché tomou-a nos braços e levou-a até à poltrona; Madame sufocava.

— Por que — murmurou, ajoelhado diante dela — não me confessais as vossas penas? Amais alguém? Dizei-mo. Isso talvez me mate, mas eu vos poderei aliviar, consolar e até servir.

— Oh! tanto me amais! — replicou ela, vencida.

— Tanto vos amo, Madame. Ela deu-lhe as mãos.

— Amo, sim — murmurou, tão baixo que ninguém teria podido ouvi-la.

Mas ele ouviu.

— O rei? — perguntou.

Ela meneou suavemente a cabeça, e o seu sorriso foi como uma abertas de nuvens pelas quais, depois da tormenta, julgamos entrever o paraíso.

— Mas — ajuntou ela — há outras paixões num coração bem nascido. O amor é a poesia; mas a vida desse coração é o orgulho. Conde, nasci num trono, tenho orgulho e zelo de minha posição. Por que deverá o rei cercar-se de criaturas indignas?

— Ainda! — retrucou o conde; — agora maltratais a pobre menina que será esposa do meu amigo.

— Tendes a ingenuidade de acreditar numa coisa dessas?

— Se não acreditasse nela — tornou ele, muito pálido — se imaginasse que essa pobre La Vallière esqueceu as juras que fez a Raul, Bragelonne seria prevenido amanhã. Mas não, seria uma covardia trair o segredo de uma mulher; seria um crime perturbar o repouso de um amigo.

— Acreditais — perguntou a princesa com uma gargalhada selvagem — que a ignorância é a

felicidade?
— Acredito — replicou ele.
— Provai-o! Provai-o!
— É fácil: Madame, diz-se no paço, à boca pequena, que o rei vos amava e que amáveis o rei.
— E então? — atalhou ela, respirando com dificuldade.
— Admitamos que Raul, meu amigo, tivesse vindo dizer-me: "Sim, o rei ama Madame; o rei tocou o coração de Madame". Eu talvez o tivesse matado!
— Seria preciso — volveu a princesa com a obstinação das mulheres que se sentem inconquistáveis — que o Sr. de Bragelonne possuísse provas para falar-vos assim.
— Todavia — respondeu de Guiché com um suspiro — não tendo sido prevenido, não aprofundei coisa alguma, e hoje a ignorância salvou-me a vida.
— Levaríeis o egoísmo e a frieza — tornou Madame — a ponto de deixar que esse desgraçado moço continue amando La Vallière?
— Até o dia em que La Vallière se me revelar culpada, Madame.
— E os braceletes?
— Ora, Madame, se até vós esperáveis recebê-los, que teria eu podido dizer?
Era vigoroso o argumento; a princesa sentiu-se esmagada. Não tornou a insistir.
Mas como tivesse a alma cheia de nobreza, o espírito ardente e fino, compreendeu a delicadeza de de Guiché.
Leu-lhe claramente no coração que ele suspeitava do amor do rei a La Vallière e, contudo, não se utilizava do expediente vulgar, que consiste em arruinar um rival no espírito de uma mulher, tentando persuadi-la de que esse rival corteja outra.
Adivinhou que ele desconfiava de La Vallière, e, para lhe dar tempo de converter-se e impedir que ela se perdesse definitivamente, esperava um procedimento direto ou algumas observações mais exatas.
Leu, numa palavra, tanta grandeza, tanta generosidade no coração daquele homem, que sentiu abrasar-se o seu ao contato de chama tão pura.
Continuando a ser, a despeito do seu temor de desagradá-la, coerente e dedicado, de Guiché assumia as proporções de herói e reduzia-a à condição de mulher enciumada e mesquinha.
O amor dela por tal arte se avivou, que não pôde menos de expressá-lo.
— Quantas palavras perdidas! — disse, pegando-lhe na mão. — Suspeitas, inquietudes, desconfianças, sofrimentos, creio que pronunciamos todas elas.
— Infelizmente, Madame.
— Apagai-as do coração como eu as apago do meu. Conde, ame ou não ame ao rei essa La Vallière, ame ou não ame à La Vallière o rei, façamos, a partir deste momento, uma distinção em nossos papéis. Arregalais os olhos; aposto que não me compreendeis?
— Sois tão viva, Madame, que sempre receio desagradar-vos.
— Vede como treme, o belo assustado! — disse ela com graciosa jovialidade. — Sim, senhor, tenho dois papéis para representar. Sou irmã do rei, cunhada da mulher dele. Como tal, devo ou não devo ocupar-me das intrigas do casal?
— O menos possível, Madame.
— De acordo, mas é uma questão de dignidade; depois, sou esposa de Monsieur.
De Guiché suspirou.
— E isso — disse ela ternamente — deve exortar-vos a falar-me sempre com o mais soberano respeito.

— Oh! — exclamou ele, caindo-lhe aos pés, que beijou como os de uma divindade.
— Com efeito — murmurou a princesa — creio que tenho mais um papel. Esquecia-me.
— Qual? Qual?
— Sou mulher — disse ela mais baixo ainda. — Amo.
Ele se ergueu. Ela abriu-lhe os braços; os lábios de ambos se tocaram.
Ouviu-se um passo atrás da tapeçaria.
Montalais bateu.
— Que há, senhorita? — perguntou Madame.
— Estão procurando o Sr. de Guiché — respondeu Montalais, que teve tempo de ver a desordem dos atores daqueles quatro papéis, pois de Guiché não deixara também de representar heroicamente o seu.

Capítulo XI - Montalais e Malicorne

MONTALAIS tinha razão. Chamado por todos os lados, o Sr. de Guiché se expunha pela própria multiplicação dos casos, a não responder em parte alguma.

E tamanha é a força das situações fracas, que Madame, apesar do orgulho ferido, apesar da cólera interior, não pôde censurar o que quer que fosse, pelo menos momentaneamente, a Montalais, que tão atrevidamente violara a ordem quase real de afastar-se.

De Guiché também perdeu a cabeça, ou melhor, já a tinha perdido antes de chegar Montalais; pois assim que ouviu a voz da rapariga, sem se despedir de Madame, como o exigiria a mais simples das normas de polidez, mesmo entre iguais, fugiu com o coração ardente, a cabeça louca, deixando a princesa com a mão erguida num gesto de adeus.

Mas de Guiché poderia dizer o que disse Querubim cem anos depois: levava nos lábios ventura suficiente para uma eternidade.

Montalais encontrou, portanto, os dois enamorados em grande desordem; havia desordem no que fugia, havia desordem na que ficara.

Daí que murmurasse, relanceando à sua volta o olhar interrogativo:

— Creio que, desta vez, sei tanto quanto poderia querer saber a mais curiosa das mulheres.

Madame sentiu-se confusa diante daquele olhar inquisitivo; e, como se tivesse ouvido o aparte de Montalais, não disse uma palavra à dama de honor, mas, abaixando os olhos, entrou em seu quarto de dormir.

Vendo isso, Montalais pôs-se à escuta.

Ouviu Madame correr os ferrolhos do quarto.

Compreendeu que a noite lhe pertencia, e, fazendo do lado da porta que acabava de fechar-se um gesto *muito irrespeitoso,* que queria dizer:

"Boas noites, princesa!" desceu à procura de Malicorne, que, naquele momento se entretinha em seguir com os olhos um correio coberto de pó saído dos aposentos de de Guiché.

Montalais compreendeu que Malicorne estava empenhado em alguma tarefa importante; deixou-o estender os olhos, esticar o pescoço, e, quando o viu voltar à posição natural, bateu-lhe no ombro:

— Então — perguntou Montalais — que há de novo?

— O Sr. de Guiché ama Madame — disse Malicorne.

— Bela novidade! Pois eu sei de uma um pouquinho mais fresca.

— Qual?

— Madame ama o Sr. de Guiché.

— Uma coisa decorre da outra.

— Nem sempre, meu belo senhor.

— O axioma aplica-se a mim?

— Os presentes são sempre excetuados.

— Obrigado — tornou Malicorne. — E do outro lado? — continuou ele, interrogando.

— Esta noite, depois da loteria, o rei quis ver a Srta. de La Vallière.

— E viu?

— Não viu.

— Não?

— A porta estava fechada.

— De sorte que...
— De sorte que voltou corrido, como um ladrão que tivesse esquecido as ferramentas.
— Muito bem.
— E do terceiro lado? — perguntou Montalais.
— O correio que chegou ao Sr. de Guiché foi remetido pelo Sr. de Bragelonne.
— Bom! — exclamou Montalais batendo palmas.
— Bom, por quê?
— Porque temos ocupação. Se nos aborrecermos agora é porque somos muito azarados.
— Cumpre dividir o trabalho — declarou Malicorne — a fim de não estabelecer confusão.
— Nada mais simples — replicou Montalais. — Três intrigas bem esquentadas, bem dirigidas, produzem, uma pela outra, na pior das hipóteses, três bilhetes por dia.
— Oh! — exclamou Malicorne, dando de ombros — que idéia, minha cara! Três bilhetes por dia produzem os amores burgueses. Um mosqueteiro de serviço, uma menina no convento, trocam bilhetinhos cotidianamente no topo de uma escada ou pelo buraco de um muro.
No bilhete se encerra toda a poesia desses pobres coraçõezinhos. Mas entre nós... Como conheceis mal o Terno real, minha cara!
— Vamos, terminai — disse Montalais, impaciente. — Pode vir alguém.
— Terminar! Não passei da exposição. Tenho ainda três pontos para desenvolver.
— Esse homem me acabará matando com a sua fleuma de flamengo — bradou Montalais.
— E vós ainda me fareis perder a cabeça com as vossas vivacidades de italiana. Eu vos dizia, portanto, que os nossos amorosos escreverão volumes inteiros; mas aonde pretendeis chegar?
— A isto: nenhuma de nossas damas pode guardar as cartas que receber.
— Sem dúvida.
— O Sr. de Guiché também não se atreverá a guardar as suas.
— É provável.
— Pois bem, eu guardarei tudo isso.
— Eis precisamente o que é impossível — afirmou Malicorne.
— Por quê?
— Porque não estais em casa; o vosso quarto é também o de La Vallière; freqüentemente se fazem visitas e buscas nos quartos das damas de honor; tenho muito medo da rainha, que é ciumenta como uma espanhola, da rainha-mãe, que é ciumenta como duas espanholas, e, enfim, de Madame, que é ciumenta como dez espanholas.
— Esquecestes alguém.
— Quem?
— Monsieur.
— Eu só me referia às mulheres. Numeremo-los, portanto. Monsieur, n.° l.
— N.° 2, de Guiché.
— N.° 3, o Visconde de Bragelonne.
— N.° 4, o rei.
— O rei?
— Naturalmente! O rei será não só o mais ciumento, mas também o mais poderoso de todos. Ah! minha cara!
— E depois?
— Em que vespeira vos metestes!
— Ainda posso ir mais longe, se quiserdes seguir-me.

— Está claro que vos seguirei. Entretanto...
— Entretanto...?
— Enquanto é tempo, creio que seria prudente voltarmos atrás.
— Pois eu, pelo contrário, creio que o mais prudente é mergulharmos de ponta cabeça em todas essas intrigas.
— Não dareis conta delas.
— Convosco, darei conta de dez. É o meu elemento. Nasci para viver na corte, como a salamandra nasceu para viver entre as chamas.
— A vossa comparação pouco me tranqüiliza, querida amiga. Ouvi dizerem sábios muito sábios que não há salamandras, e, ainda que houvesse, sairiam perfeitamente grelhadas, perfeitamente assadas do fogo.
— Os vossos sábios podem ser muito sábios em matéria de salamandras. Mas não vos dirão isto, que vos digo: Aura de Montalais está destinada a ser, dentro de um mês, a primeira diplomata da corte de França!
— Seja; com a condição, porém, de que o segundo diplomata serei eu.
— Combinado: aliança ofensiva e defensiva!
— Entretanto, cuidado com as cartas.
— Dar-vo-las-ei à proporção que me forem entregues.
— Que diremos ao rei sobre Madame?
— Que Madame continua a amar o rei.
— Que diremos a Madame sobre o rei?
— Que ela fará muito mal se o não poupar.
— Que diremos a La Vallière sobre Madame?
— O que quisermos. La Vallière é nossa.
— Nossa?
— Duplamente.
— Como assim?
— Primeiro, pelo Visconde de Bragelonne.
— Explicai-vos.
— Já vos esquecestes de que o Sr. de Bragelonne escreveu muitas cartas à Srta. de La Vallière?
— Não me esqueço de nada.
— Essas cartas, era eu quem as recebia, era eu quem as escondia.
— E, por conseguinte, estão convosco?
— Sempre.
— Onde? Aqui?
— Aqui, não. Tenho-as em Blois, no quartinho que sabeis.
— Quartinho querido, quartinho amoroso, antecâmara do palácio em que vos farei morar um dia. Mas, perdão, dizeis que estão todas no quartinho?
— Estão.
— Não as guardáveis num cofre?
— Claro! no mesmo cofre em que guardava as vossas cartas e guardava as minhas quando os vossos negócios ou os vossos prazeres vos tolhiam de comparecer ao encontro marcado.
— Ah! muito bem — disse Malicorne.
— Por que tanta satisfação?
— Porque vejo a possibilidade de não ir a Blois para buscá-las. Tenho-as aqui.

— Trouxestes o cofre?
— Ele me era caro, pois vinha-me de vós.
— Mas tomai cuidado com ele, pelo menos; o cofre contém originais que ainda serão de grande valor.
— Eu sei, eu sei! E é por isso que estou rindo, de todo o coração.
— Agora, uma última palavra.
— Ultima por quê?
— Precisamos de auxiliares?
— Nenhum.
— Lacaios, criadas?
— Mau, detestável! Dareis e recebereis pessoalmente as cartas. Nada de orgulhos; se o Sr. Malicorne e a Srta. Aura não fizerem pessoalmente os seus negócios, terão de permitir que os façam outros.
— Tendes razão; mas que estará acontecendo no quarto do Sr. de Guiché?
— Nada; ele abriu a janela.
— Desapareçamos.
E os dois desapareceram; entabulara-se a conjura. A janela que acabava de abrir-se era, de fato, a do Conde de Guiché.
Mas, como teriam podido cuidar os ignorantes, não era apenas para entrever a sombra de Madame através das cortinas que ele se punha à janela e na sua preocupação não havia exclusivamente amor.
Acabava, como dissemos, de receber um correio; o correio fora-lhe mandado por Bragelonne.
Bragelonne escrevera a de Guiché.
O conde lera e relera a carta, que lhe causara profunda impressão.
— Estranho! estranho! — murmurava. — Por que vigorosos meios o destino arrasta os homens ao seu fim?
E, afastando-se da janela para abeirar-se da luz releu terceira vez a carta, cujas linhas lhe queimavam, a um tempo, o espírito e os olhos.

"Calais.

"Meu caro conde, "Encontrei em Calais o Sr. de Wardes, gravemente ferido num encontro com o Sr. de Buckingham.

"E um homem corajoso, como sabes, mas odioso e mau.

"Falou-me de ti, por quem, diz ele, o seu coração tem muito interesse; de Madame que acha bela e amável.

"Adivinhou o teu amor à pessoa que sabes.

"Falou-me também de alguém que amo, e procurou mostrar-se meu amigo, lamentando-me muito, tudo isso com obscuridades que a principio me assustaram, mas que acabei considerando resultantes de seus hábitos de mistério.

"Eis os fatos:

"Ele deve ter recebido notícias da corte. O correspondente, sem dúvida, terá sido o Sr. de Lorena.

"Fala-se muito, dizem as suas notícias, numa alteração verificada nos afetos do rei.

"Compreendes a alusão.

"Em seguida, diziam ainda as suas notícias, fala-se numa dama de honor que dá motivo à maledicência.

"Essas frases vagas não me deixaram dormir. Lamento desde ontem que o meu caráter reto e fraco, a despeito de certa obstinação, não me tenha permitido responder a tais insinuações.

"Numa palavra, o Sr. de Wardes estava de malas prontas para Paris; não lhe retardei a partida com pedidos de explicações; de mais disso, confesso que não me pareceu generoso submeter a um interrogatório um homem cujas feridas mal se fecharam.

"Em resumo, partiu para uma viagem de pequenos lanços, partiu para assistir, diz ele, ao curioso espetáculo que a corte lhe oferecerá, sem dúvida, muito brevemente.

"Acrescentou a essas palavras certas felicitações, depois certas condolências. Não as compreendi, nem umas nem outras. Sentia-me aturdido pelos meus pensamentos e por uma desconfiança em relação a esse homem, que, como sabes melhor do que ninguém, nunca pude vencer.

"Mas, depois que ele partiu, abriu-se-me o espírito.

"É impossível que um caráter como o de de Wardes não tivesse infiltrado um pouco de sua maldade nas conversas que tivemos.

"Ê impossível, portanto, que, em todas as palavras misteriosas que ele me disse, não haja um sentido misterioso aplicável a mim ou àquela que sabes.

"Obrigado a partir prontamente para obedecer ao rei, não me acudiu a idéia de correr-lhe atrás para obter a explicação das suas reticências; mando-te, porém, um correio e escrevo-te esta carta, que te exporá minhas dúvidas. Tu e eu somos um só: pensei, agirás.

"O Sr. de Wardes não deve tardar; fica sabendo o que ele quis dizer, se o já não sabes.

"De resto, ele afirmou que o Sr. de Buckingham deixara Paris depois de conhecer a felicidade nos braços de Madame, essa afirmativa me teria levado a desembainhar imediatamente a espada não fosse a contingência em que julgo achar-me de sobrepor o serviço do rei a toda e qualquer pendência.

"Queima esta carta, que te será entregue por Olivain.

"Olivain é sinônimo de confiança.

"Faze-me o favor, meu caro conde, de recomendar-me à Srta. de La Vallière, cujas mãos beijo

respeitosamente. "A ti, abraço-te.

"VISCONDE DE BRAGELONNE."

"P. S. — Se alguma coisa grave ocorrer, pois tudo deve prever-se, manda-me um correio com esta palavra apenas: "Vem", e estarei em Paris trinta e seis horas depois de haver recebido a tua carta."

De Guiché suspirou, dobrou a carta pela terceira vez, e, em lugar de queimá-la, como lhe recomendara Raul, pô-la no bolso. Precisava lê-la e relê-la outras vezes.

— Quanta perturbação e quanta confiança ao mesmo tempo — murmurou o conde; — toda a alma de Raul está nesta carta; nela esquece o Conde de La Fère e fala de seu respeito a Luísa!

Previne-me por mim e suplica-me por si. Ah! — continuou, com gesto ameaçador — vós vos meteis em meus negócios, Sr. de Wardes? Pois bem, vou meter-me nos vossos. Quanto a ti, meu caro Raul, o teu coração deixa-me um depósito sagrado; velarei por ele, não temas.

Feita essa promessa, mandou pedir a Malicorne que fosse ter com ele assim que pudesse.

Malicorne atendeu ao convite com uma presteza que era o primeiro resultado de sua conversação com Montalais.

E quanto mais de Guiché, que se julgava seguro, interrogou Malicorne, tanto mais este último, que trabalhava na sombra, adivinhou o que pretendia o seu interrogador.

Disso adveio que, após um quarto de hora de conversação, em que de Guiché supôs descobrir toda a verdade em relação ao rei, não ficou sabendo senão o que já tinham visto os seus olhos; ao passo que Malicorne soube ou adivinhou, como quiserem, que Raul, de longe, suspeitava e de Guiché se propusera velar pelo tesouro das Hespérides.

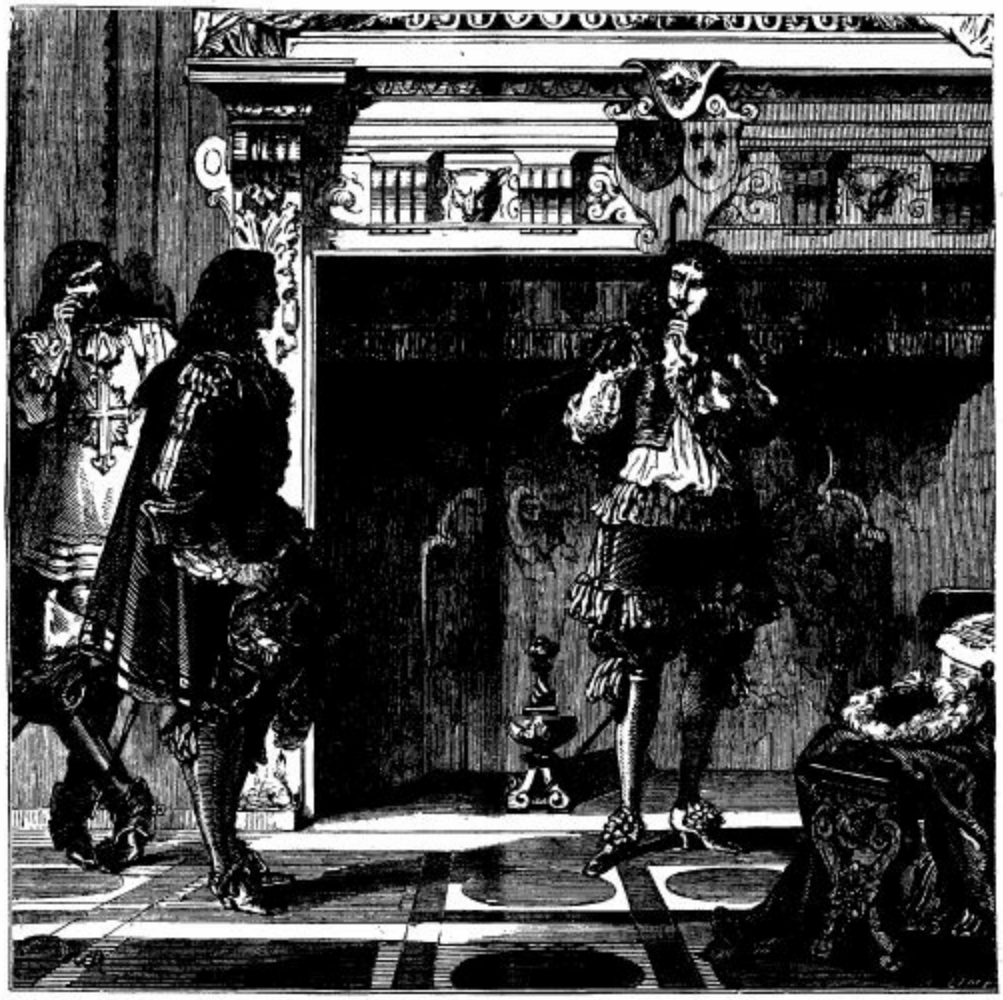
Malicorne aceitou o papel de dragão.

Julgando ter feito tudo pela amigo, ocupou-se o conde apenas de si mesmo.

Anunciou-se para o dia seguinte a volta de de Wardes e a sua primeira visita ao rei.

Em seguida, o convalescente deveria visitar Monsieur.

De Guiché dirigiu-se aos aposentos de Monsieur antes da hora.



Interrogatoire de Manicamp. — Page 195.

Capítulo XII - Como de Wardes foi recebido na corte

MONSIEUR acolhera de Wardes com o favor insigne que o arejo do espírito leva todo caráter leviano a conceder à novidade que chega.

De Wardes, que estivera ausente um mês, representava, de fato, o fruto novo. Agradá-lo era, em primeiro lugar, uma infidelidade aos antigos, e uma infidelidade tem sempre os seus encantos; além disso, devia-se-lhe uma reparação. Monsieur tratou-o, portanto, com extrema urbanidade.

O Sr. Cavaleiro de Lorena, que muito se temia do rival, mas respeitava-lhe a natureza, em tudo semelhante à sua, mais a coragem, recebeu de Wardes com carícias ainda mais ternas que as de Monsieur.

De Guiché lá estava, como dissemos; mantinha-se, porém, um tanto apartado, esperando, paciente, que os abraços terminassem.

Enquanto falava com os outros e com o próprio Monsieur, de Wardes não o perdera de vista; o instinto dizia-lhe que o conde lá se encontrava por sua causa.

Dirigiu-se a de Guiché assim que acabou de cumprimentar os outros.

Trocaram ambos os cumprimentos mais corteses; em seguida, de Wardes voltou para ao pé de Monsieur e dos mais fidalgos.

No meio das boas-vindas, anunciou-se Madame.

Madame soubera da chegada de de Wardes.

Conhecia todos os pormenores de sua viagem e do seu duelo com Buckingham. Não lhe desagradava poder ouvir as primeiras palavras que pronunciasse o homem que ela sabia seu inimigo.

Acompanhavam-na duas ou três damas de honor.

De Wardes dirigiu a Madame as saudações mais graciosas, e, logo em seguida, iniciando as hostilidades, anunciou que estava pronto para dar notícias do Sr. de Buckingham aos amigos.

Era uma resposta direta à frieza com que Madame o acolhera.

Ante o ataque vigoroso, Madame sentiu o golpe, se bem não parecesse tê-lo recebido. Dirigiu rapidamente a vista a Monsieur e a de Guiché.

Monsieur corou, de Guiché empalideceu.

Só Madame não mudou de fisionomia; mas, compreendendo quantos dissabores poderia suscitar-lhe aquele inimigo diante das duas pessoas que o ouviam, inclinou-se com um sorriso para o lado do viajante.

De Wardes estava falando de outra coisa.

Madame era corajosa, era até imprudente; um recuo do adversário fazia-a avançar. Após o primeiro aperto do coração, voltou à refrega.

— Doeram muito as vossas feridas, Sr. de Wardes? — perguntou. — Soubemos que tivestes a infelicidade de ser ferido.

— Não, Madame — disse ele — quase nada.

— Entretanto, com esse calor horrível...

— O ar do mar é fresco, Madame, além disso, eu tinha um consolo.

— Oh! tanto melhor!... Qual?

— O de saber que o meu adversário estava sofrendo mais do que eu.

— Ah! ele ficou mais ferido do que vós? Eu não sabia — tornou a princesa com absoluta

insensibilidade.

— Oh! Madame, Vossa Alteza se engana, ou melhor, finge enganar-se com as minhas palavras. Não digo que o corpo dele tenha sofrido mais do que o meu; mas o seu coração foi atingido.

De Guiché compreendeu ao que tendia a luta; arriscou um sinal a Madame, suplicando-lhe que renunciasse ao combate.

Mas ela, sem responder, sem parecer tê-lo visto, sempre sorrindo:

— Como! — perguntou — o Sr. de Buckingham foi atingido no coração? Pois até hoje eu não acreditava que uma ferida no coração pudesse curar-se.

— Ai! Madame — respondeu graciosamente de Wardes — todas as mulheres pensam assim e é o que lhes dá sobre nós a superioridade da confiança.

— Compreendestes mal, minha amiga! — acudiu o príncipe, impaciente. — O Sr. de Wardes não quer dizer que o Duque de Buckingham foi atingido no coração por uma espada.

— Ah! bem! bem! — exclamou Madame. — É uma brincadeira do Sr. de Wardes; muito bem; eu só quisera saber se o Sr. de Buckingham gostaria da brincadeira. Em verdade, é pena que não esteja aqui, Sr. de Wardes.

Um relâmpago passou pelos olhos do rapaz.

— Eu também quisera que estivesse — murmurou, entre dentes. De Guiché não se mexeu.

Madame parecia esperar que ele acudisse em seu auxílio. Monsieur hesitava.

O Cavaleiro de Lorena adiantou-se e tomou a palavra.

— Madame — disse ele — de Wardes sabe muito bem que, para um Buckingham, ser atingido no coração não é novidade; não seria a primeira vez.

— Em lugar de um aliado, dois inimigos — murmurou Madame — dois inimigos ligados, encarniçados!

E mudou de assunto.

Mudar de assunto, como se sabe, é um direito dos príncipes, que a etiqueta manda respeitar.

O resto da prática foi, portanto, moderado; os principais atores haviam terminado os seus papéis.

Madame retirou-se cedo, e Monsieur, que desejava interrogada, deu-lhe a mão.

O cavaleiro receava muitíssimo que se estabelecesse boa inteligência entre marido e mulher e, dessarte, não podia deixá-los tranqüilamente juntos.

Endereçou-se, portanto, aos aposentos de Monsieur para surpreendê-lo à sua volta e destruir, com três palavrinhas, todas as boas impressões que Madame lhe houvesse semeado no coração. De Guiché deu um passo para de Wardes, que muita gente cercava.

Indicava-lhe assim o seu desejo de conversar com ele. Com os olhos e com a cabeça, de Wardes fez-lhe sinal que o compreendia.

Esse sinal, para os estranhos, não era mais que amistoso.

De Guiché voltou-se e esperou.

Não esperou por muito tempo. Livrando-se dos interlocutores, de Wardes aproximou-se de de Guiché e ambos, depois de novo cumprimento, puseram-se a caminhar lado a lado.

— Fizestes boa viagem de regresso, meu caro de Wardes? — perguntou o conde.

— Excelente, como vedes.

— E o vosso espírito continua muito alegre?

— Mais do que nunca.

— É uma grande felicidade.

— Que quereis! É tudo tão cômico neste mundo, tudo tão grotesco à nossa volta!

— Tendes razão.

— Ah! Pensais também como eu?
— Pudera! E não nos trouxestes novidades de lá?
— Não. Vim procurá-las aqui.
— Mas vistes alguém em Bolonha, um de nossos amigos, e não faz muito tempo.
— Vi alguém... um... um de nossos amigos?
— Tendes memória curta.
— Ah! é verdade: Bragelonne?
— Justamente.
— Que ia encarregado de uma missão junto do Rei Carlos?
— Isso mesmo. E não vos disse ele, ou não lhe dissestes?...
— Confesso que já não sei direito o que lhe disse; mas o que não lhe disse, eu sei.
De Wardes era a personificação da finura. Sentia perfeitamente, pela atitude de de Guiché, cheia de frieza e dignidade, que a conversação assumia um tom perigoso. Decidiu deixá-la correr e manter-se em guarda.
— Que foi, então, por favor, o que não lhe dissestes? — perguntou de Guiché.
— O que diz respeito a La Vallière.
— La Vallière... Que é isso? E que notícia tão estranha soubestes em Bolonha, se Bragelonne, que estava aqui, não soube de nada?
— Seriamente?
— Muito seriamente.
— Como! Vós, o homem da corte, que vive ao lado de Madame, o comensal da casa, o amigo de Monsieur, o favorito da nossa bela princesa?
De Guiché ficou vermelho de cólera.
— De que princesa estais falando? — perguntou.
— Ora, essa! Só conheço uma, meu caro. Estou falando de Madame. Acaso amais outra princesa?
De Guiché ia precipitar-se sobre o adversário; mas percebeu a finta.
Estava por um fio a briga entre os dois rapazes.
De Wardes, porém, só a queria em nome de Madame, ao passo que de Guiché só a aceitaria em nome de La Vallière. Era, a partir desse momento, um jogo de tretas, que duraria até que um deles fosse tocado.
De Guiché recobrou, portanto, o sangue frio.
— Aqui não se trata absolutamente de Madame, meu caro de Wardes — disse de Guiché — senão do que acabastes de dizer.
— E que acabei eu de dizer?
— Que havíeis escondido certas coisas a Bragelonne.
— Que conheceis tão bem quanto eu — replicou de Wardes.
— Não, palavra de honra!
— Ora!
— Se me disserdes o que é, ficarei sabendo. Do contrário, não; juro-vos!
— Como! Acabo de fazer uma viagem de sessenta léguas; vós não saístes daqui; vistes com os vossos próprios olhos o que a voz do povo me contou lá longe, e quereis persuadir-me seriamente de que o não sabeis? Oh! conde, não sois caritativo.
— Será como quiserdes, de Wardes; mas repito que não sei de nada.
— Afetais de discreto; é prudente.
— Então, não me direis nada, a mim, como não dissestes a Bragelonne?

— Fazei-vos de surdo e estou convencido de que nem Madame seria tão senhora de si.

"Ah! refinado hipócrita", — murmurou de Guiché, "voltas ao teu terreno.”

— Então — continuou de Wardes — já que nos é tão difícil entender-nos sobre La Vallière e Bragelonne, conversemos sobre os vossos casos pessoais.

— Não tenho casos pessoais — tornou de Guiché. — Suponho que não tenhais dito nada a Bragelonne, a meu respeito, que não possais repetir-me?

— Não. Mas sabeis, de Guiché? Tanto quanto ignoro certas coisas, tanto conheço outras. Se se tratasse, por exemplo, de falarmos das relações do Sr. de Buckingham em Paris, eu, que viajei com o duque, poderia contar-vos coisas interessantíssimas. Não quereis ouvi-las?

De Guiché passou a mão pela fronte úmida de suor.

— Não, cem vezes não, não tenho curiosidade alguma pelo que não me concerne. O Sr. de Buckingham é para mim um simples conhecido, ao passo que Raul é um amigo íntimo. Não tenho, portanto, curiosidade alguma em saber o que aconteceu ao Sr. de Buckingham, ao passo que me interessa muitíssimo saber o que sucedeu a Raul.

— Em Paris?

— Em Paris ou em Bolonha. Como compreendeis, estou presente: se algum sucesso ocorre, aqui estou para enfrentá-lo; ao passo que Raul, ausente, só me tem a mim para representá-lo; portanto, os negócios de Raul antes dos meus.

— Mas Raul voltará.

— Sim, depois da sua missão. Nesse meio de tempo, convireis em que não podem correr maus rumores sobre ele sem que eu os examine.

— Tanto mais que ele deverá permanecer algum tempo em Londres — disse de Wardes, escarninho.

— Parece-vos? — perguntou ingenuamente de Guiché.

— Homessa! Acreditais que o tenham mandado a Londres para fazê-lo ir e vir, apenas? Não; mandaram-no para ficar.

— Ah! conde — disse de Guiché empolgando com força a mão de de Wardes — eis aí uma suspeita bem desagradável para Bragelonne e que justifica perfeitamente o que ele me escreveu de Bolonha.

De Wardes voltou à frieza anterior; o amor da chacota espicaçara-o e ele, imprudente, se expusera.

— Muito bem, vamos a ver: que foi o que ele escreveu? — perguntou.

— Que lhe fizestes algumas insinuações pérfidas contra La Vallière e parecestes zombar da sua grande confiança nessa menina.

— Sim, fiz tudo isso — confessou de Wardes — e esperava, ao fazê-lo, ouvir do Visconde de Bragelonne o que diz um homem a outro quando este lhe desagrada. Assim, por exemplo, se eu quisesse brigar convosco, dir-vos-ia que Madame, depois de haver distinguido o Sr. de Buckingham, passa neste momento por haver maridado embora o belo duque em vosso benefício.

— Oh! isso não me feriria de maneira alguma, caro de Wardes — tornou de Guiché sorrindo apesar do frêmito que lhe percorria as veias como injeção de fogo. — Peste! tamanho favor não é de se desprezar!

— De acordo; mas se eu quisesse, a todo o custo, brigar convosco, provocaria um desmentido, e falar-vos-ia de certo bosquete em que vos encontrastes com essa ilustre princesa, de certas genuflexões, de certos beija-mãos; e vós, que sois um homem reservado, vivo e pendenciador...

— Pois juro-vos que não — interrompeu-o de Guiché com um sorriso nos lábios, embora julgasse que ia morrer; — juro-vos que isso não me afetaria, e não vos daria desmentido algum.

Que quereis, meu caro conde? Sou assim; para o que me diz respeito, sou de gelo. Mas a coisa muda muito de figura quando se trata de um amigo ausente, de um amigo que, ao partir, me confiou os seus interesses. Por esse amigo, de Wardes, vede bem, sou de fogo!

— Compreendo-vos, Sr. de Guiché; entretanto, por mais que insistais, não pode tratar-se neste momento, entre nós, nem de Bragelonne nem dessa rapariga sem importância que se chama La Vallière.

Nesse instante, alguns jovens da corte atravessavam o salão, e, tendo ouvido as palavras já pronunciadas, poderiam ouvir também as que iam pronunciar-se.

Percebeu-o de Wardes e continuou.

— Oh! Se La Vallière fosse uma sécia como Madame, cujas provocações, embora muito inocentes, redundaram primeiro no afastamento do Sr. de Buckingham e, depois, no vosso exílio... pois, afinal de contas, vós vos deixastes embair pelas suas provocações, não é verdade?

Aproximaram-se os fidalgos, encabeçados por de Saint-Aignan e seguidos de Manicamp.

— Que quereis, meu caro? — tornou, rindo, de Guiché — sou um presunçoso, e toda a gente o sabe. Levei a sério uma brincadeira e fiz que me exilassem. Mas percebi o meu erro, abati a minha vaidade aos pés de quem de direito, e obtive que me chamassem de volta, fazendo confissão pública do meu delito e prometendo a mim mesmo curar-me desse defeito; e, como vedes, curei-me tão bem que hoje me faz rir o que, há quatro dias, me pungia o coração. Raul, porém, é amado; não se ri dos rumores que podem perturbar-lhe a felicidade, dos rumores de que vos tornastes intérprete conquanto soubésseis muito bem, como eu, como estes senhores, como toda a gente, que os rumores eram apenas calúnia.

— Calúnia! — gritou de Wardes, furioso por se ver atirado ao laço que lhe armara o sangue frio de de Guiché.

— Calúnia, sim. Aqui está a sua carta, em que ele me diz que falastes mal da Srta. de La Vallière, e me pede que vos pergunte se o que dissestes sobre essa moça é exato. Quereis que eu constitua juízes estes senhores, de Wardes?

E, com o maior sangue frio, de Guiché leu em voz alta o parágrafo da carta que aludia a La Vallière.

— E agora — continuou de Guiché — ficou demonstrado que quisestes perturbar o repouso do meu querido Bragelonne e que as vossas palavras eram maldosas.

De Wardes relanceou os olhos em torno para verificar se obteria o apoio de alguém; mas, à idéia de que ele insultara, direta ou indiretamente, a mulher que era o ídolo do dia, cada qual bamboou a cabeça e de Wardes só viu em derredor homens dispostos a censurá-lo.

— Senhores — declarou de Guiché, adivinhando instintivamente o sentimento geral — a nossa discussão com o Sr. de Wardes versa um assunto tão delicado, que ninguém pode ouvir mais do que já ouvistes a respeito. Guardai, pois, as portas, por favor, e deixai-nos terminá-la entre nós, como convém a dois fidalgos, um dos quais foi desmentido pelo outro.

— Senhores! Senhores! — exclamaram os assistentes.

— Achais que fiz mal defendendo a Srta. de La Vallière? — perguntou de Guiché. — Nesse caso, aceito a condenação e retiro as palavras ofensivas que possa ter dito contra o Sr. de Wardes.

— Peste! — acudiu de Saint-Aignan — não!... — A Srta. de La Vallière é um anjo.

— A virtude, a virtude personificada — sobreveio Manicamp.

— Como vedes, Sr. de Wardes, não sou eu apenas quem toma a defesa da pobre menina — continuou de Guiché. — Senhores, pela segunda vez, suplico-vos que nos deixeis. Vedes que não poderíamos estar mais calmos do que estamos.

Os cortesãos não queriam outra coisa: afastaram-se; uns dirigiram-se a uma das portas, outros à outra.

Os dois rapazes ficaram sós.

— Bem representado — disse de Wardes ao conde.

— Não foi mesmo? — respondeu o interpelado.

— Que quereis? Enferrujei-me na província, meu caro, ao passo que o domínio que lograstes sobre vós mesmo me confunde, conde; a gente ganha sempre alguma coisa na sociedade das mulheres; aceitai, portanto, os meus cumprimentos.

— Aceito-os.

— E eu os reverterei para Madame.

— Oh! meu caro Sr. de Wardes, agora podemos falar tão alto quanto quiserdes.

— Não me provoqueis.

— Provoco, sim, por que não? Sois um homem reconhecidamente mau; se recuardes passareis por covarde, e Monsieur mandará enforcar-vos hoje à noite na aldraba de sua janela. Falai, meu caro de Wardes, falai!

— Estou vencido.

— Sim, mas não tanto quanto seria necessário.

— Gostaríeis de derrotar-me completamente?

— Mais ainda.

— Diabo! É que, neste momento, meu caro conde, a ocasião não é oportuna; depois do duelo que travei, não posso travar outro tão cedo. Perdi sangue demais em Bolonha: ao menor esforço as minhas feridas se reabririam, e, em verdade, eu seria para vós uma presa muito fácil.

— De fato — conveio de Guiché — e, no entanto, ao chegar, fizestes alarde de vosso bom aspecto e do vigor de vossos braços.

— É verdade, os braços ainda vão; mas as pernas são fracas, e não peguei num florete desde aquele miserável duelo; ao passo que vós esgrimis, com certeza, todos os dias, preparando a vossa emboscadazinha.

— Palavra de honra, senhor — respondeu de Guiché: — faz meio ano que não me exercito.

— Não, conde; pensando bem, não me baterei; pelo menos, não me baterei convosco. Esperarei Bragelonne, visto que é Bragelonne quem quer haver-se comigo, segundo dizeis.

— Oh! não, não esperareis Bragelonne — bradou de Guiché fora de si; — Bragelonne pode demorar e, nesse em meio, o vosso espírito maldoso concluirá o que encetou.

— Entretanto, terei uma desculpa. Tomai cuidado!

— Dou-vos oito dias para acabardes de sarar.

— Muito bem. Daqui a oito dias, veremos.

— Compreendo: em oito dias, pode-se fugir ao inimigo. Não, nem um, nem um.

— Estais louco senhor — disse de Wardes recuando um passo.

— E vós sois um miserável se não vos baterdes de boa mente!

— E daí?

— Denunciar-vos-ei ao rei por não terdes querido bater-vos depois de insultardes La Vallière.

— Ah! — acudiu de Wardes — sois perigosamente pérfido, senhor homem de bem.

— Nada mais perigoso do que a perfídia de um homem leal.

— Devolvei-me as pernas, ou fazei-vos sangrar para que se igualem as nossas oportunidades.

— Não, tenho idéia melhor.

— Dizei-a.

— Montaremos a cavalo e trocaremos três tiros de pistola. Atirais muito bem. Já vos vi matar andorinhas a bala e a galope. Não o negueis.

— Creio que tendes razão — disse de Wardes; — assim, é possível que eu vos mate.

— Prestar-me-íeis um grande favor.

— Farei o possível.

— Combinado?

— Dai-me a vossa mão.

— Ei-la... Mas com uma condição.

— Qual?

— Jurai que não direis nem mandareis dizer nada ao rei.

— Juro.

— Vou buscar o meu cavalo.

— E eu, o meu.

— Aonde iremos?

— Ao campo; conheço um lugar excelente.

— Partiremos juntos?

— Por que não?

E, encaminhando-se para as cavalariças, passaram os dois debaixo das janelas de Madame, suavemente iluminadas; uma sombra se projetava atrás das cortinas de rendas.

— Eis aí uma mulher — disse de Wardes sorrindo — que não desconfia de que vamos para a morte por causa dela.

Capítulo XIII - O combate

DE WARDES escolheu um cavalo e de Guiché outro.

Depois cada qual selou o seu com uma sela guarnecida de coldres.

De Wardes não tinha pistolas. De Guiché possuía dois pares.

Foi buscá-los em seu quarto, carregou-os e deu-os a de Wardes para que os estremasse.

De Wardes optou pelas pistolas de que se servira vinte vezes, as mesmas com que de Guiché o vira matar andorinhas ao vôo.

— Não vos admirareis — disse ele — de que eu tome todas as precauções. Conheceis as vossas armas. Por conseguinte, procuro apenas igualar as oportunidades.

— A observação é inútil — respondeu de Guiché; — estais no vosso direito.

— Agora — disse de Wardes — ajudai-me, por favor, a montar, pois sinto ainda alguma dificuldade em fazê-lo.

— Nesse caso deveríamos bater-nos em pé.

— Não; montado, sou tão bom quanto outro qualquer.

— Como quiserdes.

E de Guiché auxiliou-o a cavalgar.

— Agora — continuou o rapaz — em nossa fúria de extermínio, esquecemos uma coisa.

— Qual?

— Já é noite e teremos de matar-nos às apalpadelas.

— Não faz mal, o resultado será sempre o mesmo.

— Entretanto, é preciso pensar em outra coisa ainda: os homens de bem não se batem sem companheiros.

— Oh! — exclamou de Guiché — desejais tanto quanto eu que tudo corra em ordem.

— Sim; mas não quero que possam dizer que vós me assassinastes, como não quero, no caso de vir eu a matar-vos, que me acusem de um crime.

— Porventura se disse alguma coisa semelhante sobre o vosso duelo com o Sr. de Buckingham?

No entanto, realizou-se nas mesmas condições em que vai realizar-se o nosso.

— Bom! Ainda era dia e tínhamos água pelas coxas; de resto, havia na praia um sem-número de espectadores, que nos olhavam.

De Guiché refletiu; firmou-se-lhe, porém, no espírito a convicção de que de Wardes queria testemunhas para trazer de novo a conversação sobre Madame e dar outro feitio ao combate.

Não respondeu coisa alguma, e como de Wardes o interrogasse pela última vez com o olhar, respondeu-lhe com um aceno de cabeça em que significava que era melhor continuarem como estavam.

Puseram-se, portanto, a caminho os dois adversários e saíram do castelo pela porta que já conhecemos por termos visto junto dela Montalais e Malicorne.

Como se quisesse combater o calor que fizera durante o dia, a noite juntara todas as nuvens, que empurrava, pesada e silenciosamente, do ocidente para o oriente. Essa abóbada, sem abertas e sem trovões aparentes, pesava sobre a terra e começava a esburacar-se graças aos esforços do vento, *como* tela imensa destacada de um lambril.

As gotas de água caíam mornas e grossas sobre a terra, onde aglomeravam o pó em glóbulos rolantes.

Ao mesmo tempo, das sebes que aspiravam a tempestade, das flores sedentas, das árvores descabeladas, exalavam-se mil odores aromáticos que traziam ao cérebro doces lembranças, idéias de mocidade, de vida eterna, de felicidade e de amor.

— A terra tem um cheiro gostoso — observou de Wardes; — é uma garridice de sua parte para atrair-nos a ela.

— A propósito — replicou de Guiché — acudiram-me diversas idéias e quero expô-las.

— Sobre?

— Sobre o nosso combate.

— De fato, parece-me que já podemos ocupar-nos dele.

— Será um combate comum e regular segundo o costume?

— Qual é o vosso costume?

— Apearemos numa boa planície, amarraremos os cavalos no primeiro sítio que se apresentar, juntar-nos-emos sem armas e cada um de nós se afastará cento e cinqüenta passos para depois investir.

— Bom! foi assim que matei o pobre Follivent, há três semanas, na festa de São Diniz.

— Perdão, esquecestes um pormenor.

— Qual?

— Em vosso duelo com Follivent caminhastes a pé um sobre o outro, com a espada nos dentes e a pistola em punho.

— É verdade.

— Desta vez, ao contrário, como não posso andar, tornamos a montar e atacamos; e o primeiro que quiser atirar, atira.

— É o melhor, sem dúvida, mas já está escuro; os tiros perdidos serão mais numerosos que durante o dia.

— Cada qual poderá dar três tiros: dois que estão carregados e um terceiro por carregar.

— Ótimo! Onde se realizará o combate?

— Tendes alguma preferência?

— Não.

— Vedes o bosquezinho que se estende diante de nós?

— O bosque Rochin? Perfeitamente.

— Conhecei-o?

— Muito bem.

— Sabeis, então, que tem uma clareira no centro?

— Sei.

— Alcancemos a clareira.

— De acordo.

— É uma espécie de estacada natural, com toda a sorte de caminhos, atalhos, picadas, fossos, voltas, alamedas; lá estaremos admiravelmente.

— Muito bem. Chegamos?

— Já. Vede que belo espaço existe na rotunda. A pouca claridade que cai das estrelas, como diz Corneille, concentra-se nela; os limites naturais são o bosque e suas barreiras.

— Seja!

— Terminemos então as condições.

— Eis as minhas; se tiverdes o que contestar, contestai.

— Estou escutando.

— Cavalo morto obriga o cavaleiro a combater a pé.
— É claro, visto que não temos cavalos de reserva.
— Mas não obriga o adversário a desmontar.
— O adversário fará o que entender.
— Se os adversários tornarem a reunir-se, não precisam separar-se de novo, e, por conseguinte, podem atirar à queima-roupa.
— Aceito.
— Três cargas só?
— Creio que bastam. Aqui estão pólvora e balas para as vossas pistolas; medi três cargos, tomai três balas; farei o mesmo; depois, espalharemos a pólvora e jogaremos fora as balas.
— E juraremos pelo Cristo — ajuntou de Wardes — que não temos mais pólvora nem balas?
— Eu juro. — De Guiché estendeu a mão para o céu. De Wardes imitou-o — e agora, meu caro conde — disse ele — deixai-me dizer que não me iludistes. Sois, ou sereis, amante de Madame. Descobri o segredo e receais que eu o propale; quereis matar-me para garantir o silêncio, é lógico, e eu, em vosso lugar, faria o mesmo. De Guiché abaixou a cabeça.
— Entretanto — continuou de Wardes triunfante — valia a pena atirar-me ainda nos braços essa encrenca de Bragelonne? Cuidado, meu caro amigo! Acuado, o javali se enraiva; perseguida, a raposa tem a ferocidade do jaguar. Daí resulta que, encurralado por vós, eu defendo-me até à morte.
— É um direito vosso.
— Sim, mas cautela, que farei o mal que puder; por isso mesmo, para começar deveis ter adivinhado que não cometi a asneira de guardar para mim o meu segredo, ou melhor, o vosso segredo. Tenho um amigo, um amigo inteligente, que conheceis, e que o conhece; por conseguinte, não vos iludais: se me matardes, a minha morte não vos será de muita valia; se eu, pelo contrário, vos matar... afinal de contas, tudo é possível...
De Guiché estremeceu.
— Se eu vos matar — continuou de Wardes — tereis conquistado para Madame dois inimigos que tudo farão para perdê-la.
— Oh! senhor — bradou de Guiché, furioso — não vos fiéis assim da minha morte; desses dois inimigos, espero matar um deles imediatamente e o outro na primeira ocasião que se apresentar.
De Wardes respondeu por uma gargalhada tão diabólica que teria assustado um homem supersticioso. Mas de Guiché não era impressionável.
— Creio — disse ele — que está tudo acertado, Sr. de Wardes; portanto, tomai distância, por obséquio, a menos de preferirdes que eu o faça.
— Não — replicou de Wardes — folgo muito em poupar-vos o trabalho.
E, pondo o cavalo a galope, atravessou a clareira em toda a extensão e foi postar-se no ponto oposto àquele em que de Guiché se detivera.
De Guiché permaneceu imóvel.
À distância de cem passos, mais ou menos, os dois adversários eram absolutamente invisíveis um ao outro, perdidos na sombra espessa dos olmos e castanheiros.
Escoou-se um minuto no meio de profundíssimo silêncio.
Ao cabo desse minuto, cada qual, na sombra em que se escondera, ouviu o duplo estalido do cão ressoando na bateria.
Seguindo a tática ordinária, de Guiché picou de esporas o animal, persuadido de que encontraria uma dupla garantia de segurança na ondulação do movimento e na velocidade da corrida.
Correu em linha reta para o ponto em que, a seu ver, estaria o adversário.

Na metade do caminho, esperava encontrar de Wardes: enganava-se.

Continuou a correr, supondo que de Wardes o esperasse imóvel.

Mas já percorrera dois terços da clareira quando viu a encruzilhada iluminar-se de súbito e uma bala cortou-lhe, silvando, a pluma do chapéu.

Quase ao mesmo tempo, e como se o fogo do primeiro tiro houvesse servido para alumiar o outro, novo tiro ressoou, e a segunda bala foi aninhar-se na cabeça da montaria de de Guiché, pouco acima do ouvido.

O animal caiu.

Os dois tiros vinham de uma direção muito diversa daquela em que ele esperava encontrar de Wardes e colheram-no de surpresa; mas, como tivesse muito sangue frio, calculou a queda, o que não impediu, porém, que a bota lhe ficasse presa debaixo do corpo do cavalo.

Felizmente, contudo, na sua agonia, o animal fez um movimento e de Guiché pôde livrar a perna.

Levantou-se, apalpou-se; não estava ferido.

No momento em que sentira o animal fraquejar, colocará as duas pistolas nos coldres, temendo que a queda provocasse a descarga de uma delas, ou das duas, o que o teria desarmado inutilmente.

Erguendo-se, tornou a tirar as pistolas dos coldres e adiantou-se para o lugar em que, à luz da chama, vira surgir de Wardes. Desde o primeiro momento, compreendera a manobra do adversário, aliás muito simples.

Em vez de correr sobre de Guiché ou de ficar à espera dele, de Wardes, dera uns quinze passos mais ou menos, seguindo o círculo de sombra que o ocultava da vista do adversário, e, no momento em que este lhe apresentou o flanco na carreira, atirara, mirando à vontade, mais beneficiado que prejudicado pelo galope do cavalo.

Viu-se que, a despeito da obscuridade, a primeira bala passara apenas a uma polegada e meia da cabeça de de Guiché.

De Wardes tinha tanta certeza do seu tiro que julgara ver cair o adversário. Grande foi o seu espanto quando, pelo contrário, viu que o cavaleiro continuava montado.

Na pressa de dar o segundo tiro, desviou-se-lhe imperceptivelmente a mão e matou o cavalo.

Seria um desazo feliz se de Guiché ficasse preso debaixo do animal. Antes que pudesse soltar-se, de Wardes recarregaria a pistola para o terceiro tiro e o teria à sua mercê.

Mas, pelo contrário, de Guiché se erguera e tinha três tiros para dar.

De Guiché compreendeu a situação... Precisava ser mais rápido que de Wardes. Pôs-se a correr, a fim de alcançá-lo antes que o outro acabasse de recarregar a pistola.

De Wardes viu-o chegar como uma tempestade.

A bala, justa, resistia à vareta. Carregar mal era expor-se a perder o último tiro. Carregar bem era perder tempo, ou melhor, perder a vida.

Obrigou o cavalo a piruetar.

De Guiché girou sobre si mesmo e, no momento em que o cavalo tornou a cair, o tiro partiu, arrancando o chapéu de de Wardes.

De Wardes compreendeu que lhe restava um instante; aproveitou-se dele para acabar de carregar a pistola.

Le coup partit enlevant le chapeau de de Wardes. — Page 290.

Não vendo tombar o adversário, de Guiché lançou de si a primeira pistola, que se tornara inútil, e caminhou para de Wardes erguendo a segunda.

Mas, no terceiro passo que deu, de Wardes apontou e o tiro partiu.

Um rugido de cólera respondeu à detonação; o braço do conde crispou-se e abateu-se. A pistola caiu.

De Wardes viu o conde abaixar-se, apanhar a pistola com a mão esquerda, e dar mais um passo para a frente.

O momento era supremo.

— Estou perdido — murmurou de Wardes — o ferimento não foi mortal.

Mas no momento em que de Guiché erguia a pistola para de Wardes, os ombros e as pernas do conde se dobraram. Soltando um suspiro doloroso, foi cair aos pés do cavalo do contendor.

— Ainda bem! — balbuciou este último.

E, apanhando as rédeas, picou de esporas a montaria.

O animal saltou sobre o corpo inerte e levou rapidamente o cavaleiro ao castelo.

Lá chegado, de Wardes passou um quarto de hora refletindo.

Na impaciência por deixar o campo de batalha, esquecera-lhe verificar se de Guiché estava morto.

Dupla hipótese apresentava-se-lhe ao espírito exagitado.

Ou de Guiché estava morto ou estava apenas ferido.

Se estava morto, devia-se acaso deixar-lhe o cadáver aos lobos? Era uma crueldade inútil, porque, morto, decerto não falaria.

Se não estava morto e ele o desamparasse, à míngua de recursos, passaria por um selvagem incapaz de generosidade.

A última consideração decidiu-o.

De Wardes procurou saber de Manicamp.

Contaram-lhe que Manicamp, depois de haver perguntado por de Guiché, não sabendo onde

encontrá-lo, fora deitar-se.

De Wardes acordou o dorminhoco e contou-lhe o caso, que Manicamp ouviu em silêncio, mas com uma expressão de energia crescente, de que se lhe teria julgado incapaz a fisionomia.

Quando de Wardes terminou, Manicamp pronunciou apenas uma palavra:

— Vamos!

Enquanto caminhavam, Manicamp dava rédeas à imaginação, e, ao passo que de Wardes lhe referia o acontecido, o semblante se lhe anuviava cada vez mais.

— Então — disse ele quando de Wardes terminou — julgai-o morto?

— Infelizmente, sim.

— E vós vos batestes assim, sem testemunhas?

— Ele o quis.

— É singular!

— É singular, como?

— Isso está muito pouco de acordo com o caráter do Sr. de Guiché.

— Imagino que não duvidais da minha palavra?

— Eh! eh!

— Duvidais?

— Um pouco... Mas duvidarei muito mais se encontrar morto o pobre rapaz.

— Sr. Manicamp!

— Sr. de Wardes!

— Parece que me insultais!

— Como quiserdes. Eu sou assim: nunca apreciei as pessoas que vêm dizer-nos: "Matei o Sr. fulano em tal lugar; é uma desgraça, mas eu o matei lealmente". A noite está muito escura para esse advérbio, Sr. de Wardes!

— Silêncio, chegamos.

Com efeito, já se percebia a clareirazinha e, no espaço vazio, a massa imóvel do cavalo morto.

À direita do cavalo, sobre a relva escura, jazia, com o rosto na terra, o pobre conde banhado no próprio sangue.

Ficara no mesmo lugar e não parecera ter feito um movimento.

Manicamp ajoelhou-se, soergueu-o e achou-o frio e ensangüentado.

Deixou-o cair de novo.

Depois, tateando ao lado dele, procurou a pistola de de Guiché.

— Com a fortuna! — bradou, erguendo-se, pálido como um espectro, de pistola em punho; — com a fortuna! Não vos enganastes; ele está bem morto!

— Morto? — repetiu de Wardes.

— Sim, e a pistola continua carregada — ajuntou Manicamp interrogando a caçoleta com o dedo.

— Mas eu não vos disse que o atingi quando ele caminhava e que atirei no momento em que ele apontava contra mim?

— Tendes absoluta certeza, Sr. de Wardes, de vos haverdes batido? Confesso que tenho muito medo de que o tenhais assassinado. Oh! não griteis! Destes os vossos três tiros e a pistola dele está carregada! Mataste-lhe o cavalo, e ele, ele, de Guiché, um dos melhores atiradores de França, não vos tocou nem tocou sequer o vosso cavalo? Vede, Sr. de Wardes, fostes infeliz trazendo-me aqui; todo este sangue me subiu à cabeça; estou meio bêbedo, e creio, palavra de honra! visto que se apresenta a ocasião, que vou estourar-vos os miolos. Sr. de Wardes, recomendai a vossa alma a Deus!

— Sr. de Manicamp, não estais falando sério!
— Estou, pelo contrário, e muito.
— Seríeis capaz de assassinar-me?
— Sem remorsos, pelo menos por enquanto.
— Sois gentil-homem.
— Fui pajem; portanto, fiz as minhas provas.
— Deixai-me, então, defender a vida.
— Para que façais a mim o que fizestes ao pobre de Guiché? E Manicamp, erguendo a pistola, encostou-a, com o braço estendido e o cenho carregado, no peito de de Wardes.

De Wardes nem sequer tentou fugir; estava aterrado. Naquele medonho silêncio de segundos, que pareceu um século para de Wardes, ouviu-se um suspiro.

— Oh! — bradou de Wardes. — ele está vivo! Ele está vivo! A mim, Sr. de Guiché, querem assassinar-me!

Manicamp recuou e, entre os dois rapazes, ergueu-se o conde com dificuldade sobre uma das mãos.

Manicamp atirou a pistola a dez passos de distância, e correu para o amigo soltando um grito de alegria.

De Wardes enxugou a testa inundada de gélido suor.

— Já era tempo! — murmurou.

— Que tens? — perguntou Manicamp a de Guiché — e como te feriste?

De Guiché mostrou a mão mutilada e o peito ensangüentado.

— Conde! — gritou de Wardes — estão-me acusando de havermos assassinado! Falai, eu vos conjuro! Dizei que combati lealmente!

— É verdade — confirmou o ferido — o Sr. de Wardes combateu lealmente e quem disser o contrário será meu inimigo.

— Eh! senhor — acudiu Manicamp — ajudai-me primeiro a transportar este pobre rapaz, e, depois, vos darei todas as satisfações que exigirdes, ou, se tiverdes muita pressa façamos coisa melhor: pensemos o conde com os nossos lenços e, visto que ainda restam dois tiros, aproveitemo-los.

— Obrigado — replicou de Wardes. — Duas vezes numa hora vi a morte muito próxima: a morte é feia demais; prefiro as vossas escusas.

Manicamp pôs-se a rir, e de Guiché também, apesar de suas dores.

Os dois rapazes quiseram carregá-lo, mas ele declarou que se sentia perfeitamente capaz de andar sozinho. A bala espatifara-lhe dois dedos da mão e deslizara sobre uma costela, mas não lhe penetrara no peito. Donde se concluía que de Guiché fora fulminado menos pela gravidade dos ferimentos que pela dor.

Manicamp passou-lhe um braço por baixo do ombro, de Wardes um braço por baixo do outro, e assim o conduziram a Fontainebleau, à casa do médico que assistira, no leito de morte, o franciscano predecessor de Aramis.

Capítulo XIV - O jantar do rei

O REI amesendara-se durante esse tempo, e os convidados, em número reduzido, sentaram-se ao lado dele, após o gesto habitual com que ordenava aos outros que se acomodassem.

Desde essa época, se bem a etiqueta não estivesse ainda regulada como ao depois o foi, a corte de França rompera inteiramente com as tradições de bonomia e de patriarcal afabilidade que ainda se encontravam no tempo de Henrique IV e que o espírito desconfiado de Luís XIII a pouco e pouco apagara, substituindo-as por hábitos faustosos de grandeza que ele se desesperava por não poder alcançar.

Jantava, portanto, o rei numa mesinha separada, que dominava, como a secretária de um presidente, as mesas vizinhas; mesinhas, dissemos nós: apressemo-nos, porém, em ajuntar que era ainda maior do que as outras.

Além disso, era também a mesa em que se reunia prodigiosa quantidade de variadas iguarias, peixes, caça, carnes de animais domésticos, frutas, legumes e conservas.

Jovem e vigoroso, grande caçador, afeito a todos os exercícios violentos, tinha o rei, de mais a mais, o calor natural do sangue comum a todos os Bourbons, que coze rapidamente as digestões e renova a apetite.

Conviva temível, Luís XIV gostava de criticar os cozinheiros; mas, quando lhes fazia honra, essa honra era gigantesca.

Começava o rei comendo de várias sopas, ao mesmo tempo, numa espécie de macedónia, ou separadamente, entremeando, ou melhor, separando cada uma delas com um copo de vinho generoso.

Comia depressa e com avidez.

Porthos, que desde o princípio, respeitoso, esperara uma cotovelada de d'Artagnan, ao ver o rei repastar-se daquele jeito, voltou-se para o mosqueteiro, e disse-lhe a meia-voz:

— Parece-me que podemos começar. Sua Majestade está dando o exemplo. Olha.

— O rei come — respondeu d'Artagnan — mas conversa ao mesmo tempo; vê se te arranjas de modo que, se ele te dirigir a palavra, não te apanhe com a boca cheia, o que seria desgracioso.

— O melhor meio, então — volveu Porthos — é não jantar. Entretanto, confesso que estou com fome e tudo isto tem um cheiro deleitosíssimo, que me excita, ao mesmo tempo, o olfato e o apetite.

— Não te metas a não comer — disse d'Artagnan — pois Sua Majestade ficaria zangado. O rei costuma dizer que quem trabalha bem come bem, e não gosta de gente enjoada à sua mesa.

— Então, como evitarei ter a boca cheia quando estou comendo?

— Simplesmente — respondeu o capitão de mosqueteiros — engolindo o que tiveres na boca quando o rei te fizer a honra de dirigir-te a palavra.

— Muito bem.

E, a partir desse momento, Porthos começou a comer com polido entusiasmo.

De tempos a tempos, o rei erguia os olhos para o grupo e, como entendido, aplaudia as disposições do conviva.

— Sr. du Vallon! — disse ele.

Porthos atacava um guisado de coelho e procurava engolir-lhe meio lombo.

Assim pronunciado, o seu nome fê-lo estremecer, e, com um vigoroso esforço da garganta, absorveu o bocado inteiro.

— Sire — respondeu Porthos com voz abafada mas, sem embargo, suficientemente inteligível.

— Passai ao Sr. du Vallon esses lombos de carneiro — disse o rei. — Gostais das carnes amarelas, Sr. du Vallon?

— Gosto de tudo, Sire — replicou Porthos.

Sire, j'aime tout, dit Porthos. — Page 292.

E d'Artagnan a soprar-lhe:

— Tudo o que me manda Vossa Majestade.

Porthos repetiu:

— Tudo o que me manda Vossa Majestade.

O rei, com a cabeça, fez um sinal de satisfação.

— Come bem quem trabalha bem — tornou o rei, encantado por ter diante de si um comedor da força de Porthos.

Porthos recebeu a travessa com o carneiro e transferiu um pedaço para o prato.

— E então? — perguntou o rei.

— Delicioso! — respondeu tranqüilamente Porthos.

— Serão tão finos assim os carneiros na vossa província, Sr. du Vallon? — continuou o rei.

— Sire — retrucou Porthos — creio que em minha província, como em toda parte, o que há de melhor pertence primeiro ao rei; mas, o fato é que não como carneiro do modo que o come Vossa Majestade.

— Ah! ah! E como o comeis?

— De ordinário, mando preparar um carneiro inteiro.

— Inteiro?
— Sim, Sire.
— E de que maneira?
— Da maneira seguinte: o meu cozinheiro (o patife é alemão), o meu cozinheiro recheia o dito carneiro de salsichinhas, que manda vir de Estrasburgo; de chouriços, que manda vir de Troyes; de calhandras, que manda vir de Pithiviers; não sei como, desossa o carneiro, como o faria com um frango, deixando-lhe a pele, que forma à volta do animal uma casca tostada; corta-o depois em belas fatias, como um enorme salsichão, e dele se desprende um suco róseo que é, ao mesmo tempo, agradável à vista e delicioso ao paladar.
E Porthos fez estalar a língua.
O rei arregalou os olhos fascinados e, ao mesmo passo que entrava num faisão estufado que lhe apresentavam:
— Aí está, Sr. du Vallon, um prato que eu gostaria de experimentar — disse ele. — O carneiro inteiro!
— Inteirinho, Sire.
— Passai os faisões ao Sr. du Vallon; vejo que é um entendido. Executou-se a ordem.
Logo, voltando ao carneiro:
— E não fica muito gordo?
— Não, Sire; a gordura cai com o suco e sobrenada; nesse momento, o meu trinchante a retira com uma colher de prata, que mandei fazer de propósito.
— E onde morais? — perguntou o rei.
— Em Pierrefonds, Sire.
— Em Pierrefonds; onde fica isso, Sr. du Vallon?
Perto de Belle-Isle?
— Oh! não, Sire; Pierrefonds fica no Soissonais.
— Pensei que me falásseis nesses carneiros por causa dos pastos salgados.
— Não, Sire; possuo pastos que não são salgados, é verdade, mas nem por isso são inferiores.
O rei passou aos *entrements,* mas sem perder vista de Porthos, que continuava a tasquinhar com entusiasmo.
— Tendes um belo apetite, Sr. du Vallon — disse ele — e sois um bom conviva.
— Ah! à minha fé! Sire, se Vossa Majestade fosse um dia a Pierrefonds, haveríamos de comer sozinhos o nosso carneiro, pois Vossa Majestade também tem apetite.
D'Artagnan desferiu um pontapé em Porthos por baixo da mesa. Porthos corou.
— Na idade feliz de Vossa Majestade — continuou Porthos, emendando — eu estava entre os mosqueteiros e nada conseguia saciar-me. Vossa Majestade tem um belo apetite, como tive a honra de dizer-lho, mas escolhe com tanta delicadeza que não pode ser taxado de glutão.
O rei pareceu encantado com a polidez do antagonista.
— Experimentareis estes cremes? — perguntou a Porthos.
— Sire, Vossa Majestade penhora-me tanto que preciso dizer-lhe toda a verdade.
— Falai, Sr. du Vallon, falai.
— Em matéria de doces, Sire, só conheço maçãs, e ainda assim é preciso que sejam bem compactas; todas essas espumas me enchem o estômago e ocupam um lugar que me parece demasiado precioso para ser tão mal ocupado.
— Ah! Senhores — disse o rei mostrando Porthos — eis aí um verdadeiro modelo de gastronomia.
Assim comiam os nossos pais, que sabiam comer tão bem — ajuntou Sua Majestade — ao passo

que nós apenas lambiscamos.

E, dizendo essas palavras, estendeu a mão para um prato de cabidela branca com presunto.

Porthos, de seu lado, serviu-se de um alguidar de ralos e perdigotos.

O escanção encheu alegremente o copo de Sua Majestade.

— Dai do meu vinho ao Sr. du Vallon — disse o rei.

Era uma das grandes honras que se concediam à mesa de Sua Majestade.

D'Artagnan empurrou o joelho do amigo.

— Se conseguires engolir a metade daquela cabeça de javali que estou vendo lá — disse ele a Porthos — vejo-te duque e par em menos de um ano.

— Daqui a pouco — disse, fleumático, Porthos — tratarei disso. A vez da cabeça de javali, efetivamente, não tardou em chegar, pois o rei se comprazia em provocar o esplêndido conviva, e não deixava passar os pratos a Porthos sem os haver provado: degustou, portanto, a cabeça de javali. Porthos mostrou-se bom jogador, e em vez de comer-lhe a metade, como dissera d'Artagnan, comeu-lhe três quartos.

— É impossível — disse o rei a meia voz — que um gentil-homem que janta tão bem todos os dias, e possui dentes tão bonitos, não seja o homem mais honrado do meu reino.

— Estás ouvindo? — perguntou d'Artagnan ao ouvido do amigo.

— Sim, creio que o rei está gostando de mim — disse Porthos balançando-se na cadeira.

— Oh! vais de vento em popa. Sim! sim! sim!

O rei e Porthos continuaram a comer, para grande satisfação dos convidados, alguns dos quais, por emulação, haviam tentado acompanhá-los, mas tinham parado, exaustos, no meio do caminho.

O rei começava a ficar vermelho, e a reação do sangue em seu rosto anunciava o princípio da plenitude.

Era então que Luís XIV, em vez de alegrar-se, como todos os bebedores, se entristecia e ficava taciturno.

Porthos, ao contrário, tornava-se vivo e expansivo.

O pé de d'Artagnan precisou recordar-lhe mais de uma vez essa particularidade.

Surgiu a sobremesa.

O rei já não pensava em Porthos; virava os olhos para a porta da entrada e ouviram-no perguntar algumas vezes porque tardava tanto em chegar o Sr. de Saint-Aignan.

Afinal, no momento em que Sua Majestade terminava um pote de geléia de ameixas com um grande suspiro, o Sr. de Saint-Aignan apareceu.

Os olhos do rei, que se haviam gradativamente apagado, voltaram a brilhar incontinente.

Dirigiu-se o conde para a mesa do rei e, à sua aproximação, Luís XIV se ergueu.

Toda a gente o imitou, inclusive Porthos, que acabava de engolir um nogado capaz de colar as mandíbulas de um crocodilo. Terminara o jantar.

Capítulo XV - Depois do jantar

O REI travou do braço de Saint-Aignan e passou à sala vizinha. — Como demoraste, conde! — observou. — Eu queria trazer a resposta, Sire — replicou o valido.

— E ela demorou tanto assim para responder ao que lhe escrevi?

— Sire, Vossa Majestade houve por bem fazer versos; a Srta. de La Vallière quis pagar ao rei com a mesma moeda, isto é, com ouro.

— Versos, de Saint-Aignan!... — exclamou o rei, extasiado. — Dá-mos, dá-mos.

E Luís rompeu o invólucro de uma cartinha que encerrava, efetivamente, versos que a história nos conservou, mas muito melhores pela intenção que pelo valor poético.

Não obstante, assim mesmo, fascinaram o rei, cuja alegria se manifestou em transportes nada equívocos; mas o silêncio geral preveniu Luís, tão cioso da compostura, que o seu contentamento poderia dar lugar a más interpretações.

Voltou-se e meteu o bilhete no bolso; depois; quando um passo que o aproximou do limiar da porta, onde se achavam os hóspedes:

— Sr. du Vallon — disse ele — tive muitíssimo prazer em conhecer-vos, e hei de rever-vos com um prazer sempre novo.

Porthos inclinou-se, como o teria feito o colosso de Rodes, e saiu às arrecuas.

— Sr. d'Artagnan — continuou o rei — esperareis as minhas ordens na galeria; muito obrigado por me terdes apresentado o Sr. du Vallon.

Senhores, volto amanhã a Paris, para a partida dos embaixadores da Espanha e da Holanda.

Até amanhã, portanto.

Esvaziou-se imediatamente a sala.

O rei pegou no braço de Saint Aignan e fê-lo reler outra vez os versos de La Vallière.

— Que te parecem? — perguntou.

— Sire... encantadores!

— De fato me encantam, e se fossem conhecidos...

— Oh! os poetas ficariam com inveja; mas eles não os conhecerão.

— Deste-lhe os meus?

— Oh! Sire, ela devorou-os.

— Receio que fossem fracos.

— Não foi o que disse a Srta. de La Vallière.

— Ela gostou?

— Tenho certeza, Sire...

— Então, preciso responder.

— Oh! Sire... agora... depois do jantar... Vossa Majestade se cansará.

— Tens razão: o trabalho depois da refeição é prejudicial.

— Principalmente o trabalho do poeta; demais, neste momento, a Srta. de La Vallière deve estar preocupada.

— Preocupada, como?

— Ah! Sire, como todas as damas.

— Por quê?

— Por causa do acidente do pobre de Guiché.

— Ah! meu Deus! Aconteceu alguma desgraça a de Guiché?
— Aconteceu, Sire: ficou sem uma das mãos, tem um buraco no peito, e está morrendo.
— Santo Deus! E quem te disse isso?
— Manicamp levou-o há poucos instantes a um médico de Fontainebleau, e a notícia chegou até aqui.
— Levou-o? Pobre de Guiché! E como foi que isso lhe aconteceu?
— Ah! aí é que está, Sire! Como foi que isso lhe aconteceu?
— Tu me falas com um ar singularíssimo, de Saint-Aignan. Dá-me os pormenores... Que diz ele?
— Ele não fiz nada, Sire, os outros é que dizem.
— Que outros?
— Os que o levaram a Fontainebleau.
— Quem são?
— Não sei, Sire; mas o Sr. de Manicamp há de saber, pois é amigo dele.
— Como toda a gente — observou o rei.
— Oh! não — tornou de Saint-Aignan — Vossa Majestade se engana; nem todos são precisamente amigos do Sr. de Guiché.
— Como o sabes?
— Quer o rei que eu me explique?
— Naturalmente!
— Pois bem, Sire, creio ter ouvido falar numa briga entre dois fidalgos.
— Quando?
— Esta noite mesmo, antes do jantar de Vossa Majestade.
— Isso não prova nada. Promulguei decretos tão severos sobre os duelos que ninguém, suponho eu, ousará infringi-los.
— Por isso mesmo Deus me livre de escusar quem quer que seja! — exclamou de Saint-Aignan. — Vossa Majestade me ordenou que falasse, eu estou falando.
— Dize então como foi ferido o Conde de Guiché.
— Parece que numa espera, Sire.
— Esta noite?
— Esta noite.
— Ficou sem a mão! Um buraco no peito! Quem estava na espera com o Sr. de Guiché?
— Não sei, Sire... Mas o Sr. de Manicamp sabe ou deve saber.
— Estás-me escondendo qualquer coisa, de Saint-Aignan.
— Nada, Sire, nada.
— Então, explica-me o acidente; foi um mosquete que arrebentou?
— Talvez. Mas, refletindo bem, não, Sire, porque encontraram perto de de Guiché a pistola ainda carregada.
— A pistola? Mas ninguém vai a uma espera de pistola, penso eu.
— Acrescentam, Sire, que o cavalo de de Guiché foi morto e que o cadáver do cavalo ainda está na clareira.
— O cavalo? De Guiché vai a uma espera a cavalo? De Saint-Aignan, não compreendo nada do que me dizes. Onde se passou a história?
— No bosque Rochin, Sire, na rotunda.
— Muito bem. Chama o Sr. d'Artagnan.
De Saint-Aignan obedeceu. Entrou o mosqueteiro.

— Sr. d'Artagnan — disse o rei — saireis pela portinha da escada secreta.
— Sim, Majestade.
— Montareis a cavalo.
— Sim, Majestade.
— E ireis à rotunda do bosque Rochin. Conheceis o lugar?
— Lá me bati duas vezes, Sire.
— Como! — exclamou o rei, aturdido pela resposta.
— No tempo dos éditos do Sr. Cardeal de Richelieu, Sire — respondeu d'Artagnan com a fleuma habitual.
— É diferente, senhor. Ireis, portanto, e examinareis cuidadosamente o lugar. Lá foi ferido um homem e lá encontrareis um cavalo morto. Dir-me-eis o que pensardes sobre o ocorrido.
— Muito bem, Sire.
— É necessário frisar que desejo a vossa opinião, e não a de outro qualquer.
— Vossa Majestade a terá daqui a uma hora, Sire.
— Estais proibido de comunicar-vos com quem quer que seja.
— Exceto com a pessoa que me dará uma lanterna — disse d'Artagnan.
— Sim, bem entendido — respondeu o rei, rindo-se da liberdade, que só tolerava no seu capitão de mosqueteiros.
D'Artagnan saiu pela escada secreta.
— Agora, chamem o meu médico — ajuntou Luís.
Dez minutos depois chegava, tresfolegante, o médico do rei.
— Senhor — disse o soberano — acompanhareis o Sr. de Saint-Aignan aonde ele vos conduzir, e me dareis conta do estado do doente que vereis na casa a que sereis conduzido.
O médico obedeceu sem pestanejar, como já começavam nessa ocasião a obedecer a Luís XIV, e saiu na frente de Saint-Aignan.
— Tu, de Saint-Aignan, manda-me Manicamp, antes que o médico possa falar com ele.
De Saint-Aignan saiu também.

Capítulo XVI - De como d'Artagnan executou a missão que lhe cometera el-Rei

ENQUANTO o rei tomava essas últimas disposições para descobrir a verdade, d'Artagnan, sem perder um segundo, corria às cavalariças, tirava a lanterna da parede, selava pessoalmente o cavalo e dirigia-se para o local designado por Sua Majestade.

Conforme prometera, não vira nem encontrara ninguém e, como dissemos, levara o escrúpulo a fazer, sem a ajuda dos moços das cavalariças e dos palafreneiros, o que entendia necessário.

D'Artagnan era desses que se picam, nos momentos difíceis, de redobrar o próprio valor.

Depois de galopar cinco minutos, chegou ao bosque, amarrou o cavalo na primeira árvore que encontrou e foi a pé até à clareira.

Em seguida, pôs-se a palmilhar, com a lanterna na mão, toda a superfície da rotunda; foi, voltou, viu, mediu, examinou, e, após meia hora de investigações, montou silenciosamente a cavalo e voltou refletindo, passo a passo, a Fontainebleau.

Luís esperava-o no gabinete: estava só e rabiscava num pedaço de papel umas linhas, que ao primeiro relance de olhos, d'Artagnan percebeu serem desiguais e cheias de emendas.

Disso concluiu que haviam de ser versos.

O monarca levantou a cabeça e avistou d'Artagnan.

— Então, senhor — perguntou — trazeis-me notícias?

— Trago, Sire.

— Que vistes?

— Eis o que provavelmente aconteceu, Sire — disse d'Artagnan.

— Foi uma certeza que vos pedi.

— Aproximar-me-ei dela quanto puder, Sire; o tempo era favorável às investigações do gênero das que acabo de fazer: choveu esta noite e os caminhos estavam molhados...

— Aos fatos, Sr. d'Artagnan.

— Sire, Vossa Majestade me disse que havia um cavalo morto na encruzilhada do bosque Rochin; comecei, portanto, por estudar os caminhos.

"Digo os caminhos, visto que se chega ao centro da encruzilhada por quatro caminhos.

"O que eu segui era o único que apresentava alguns vestígios frescos. Dois cavalos o haviam percorrido lado a lado: as oito patas estavam nitidamente impressas na terra.

"Um dos cavaleiros ia mais apressado que o outro.

Os passos de um estão sempre na frente do outro por meio corpo.

— Tendes certeza, então, de que eram dois? — perguntou o rei.

— Tenho, Sire. Os cavalos são dois grandes animais, de passo igual, habituados às manobras, pois rodearam com perfeição a barreira da rotunda.

— E depois, senhor?

— Lá, os cavaleiros se demoraram um instante acertando as condições do combate; os cavalos se impacientavam. Um dos cavaleiros falava, o outro ouvia e limitava-se a responder. O seu cavalo escarvava a terra com a pata, o que prova que, preocupado em escutar, o cavaleiro lhe soltara as rédeas.

— Então, houve combate?

— Sem dúvida alguma.

— Continuai; sois um hábil observador.

— Um dos cavaleiros ficou no lugar, o que estava escutando; o outro atravessou a clareira e, a princípio, se colocou defronte do adversário.

Então, aquele que ficara no lugar transpôs a rotunda a galope e percorreu dois terços da distância que, supunha, o separava do contendor; este, porém, seguira a circunferência do bosque.

— Ignorais os nomes, não é verdade?

— Completamente, Sire. Mas o que seguiu a circunferência do bosque montava um cavalo preto.

— Como o sabeis?

— Alguns pêlos da cauda aderiram às sarças que guarnecem o bordo do fosso.

— Continuai.

— Quanto ao outro cavalo, não me foi preciso descobrir-lhe os sinais, pois caiu e ficou, morto, no campo de batalha.

— E de que morreu o cavalo?

— De uma bala que lhe furou a fonte.

— A bala era de pistola ou de espingarda?

— De pistola, Sire. De resto, o ferimento do cavalo indicou-me a tática usada por quem o matou.

Percorreu a circunferência do bosque para apanhar o adversário de flanco. Aliás, segui-lhe os passos na relva.

— Os passos do cavalo preto?

— Exatamente, Sire.

— Continuai, Sr. d'Artagnan.

— Agora que Vossa Majestade está vendo a posição dos dois adversários, preciso deixar o cavaleiro estacionário para ocupar-me do cavaleiro que passa a galope.

— Muito bem.

— O cavalo do cavaleiro que investia foi morto imediatamente.

— Como o sabeis?

— O cavaleiro não teve tempo sequer de apear e caiu com ele. Vi-lhe os traços da perna, que ele retirou com dificuldade de baixo do cavalo.

Oprimida pelo peso do animal, a espora fez um sulco na terra.

— Muito bem. E que fez ele ao levantar-se?

— Arrancou diretamente contra o adversário.

— Sempre colocado na orla do bosque?

— Sempre, Sire. Depois, chegado a uma boa distância, parou solidamente, pois os dois calcanhares estão marcados um ao lado do outro, atirou no adversário e errou.

— Como sabeis que errou?

— Encontrei o chapéu com um furo de bala.

— Uma prova! — exclamou o rei.

— Insuficiente, Sire — respondeu friamente d’Artagnan; — é um chapéu sem iniciais e sem armas; tem uma pluma vermelha, como todos os chapéus; o próprio galão não mostra nada de especial.

— E o homem do chapéu furado deu o segundo tiro?

— Oh! Sire, ele já havia dado dois tiros.

— Como o soubestes?

— Encontrei as buchas da pistola.

— E que foi feito da bala que não matou o cavalo?

— Cortou a pluma do chapéu do contendor visado e foi quebrar uma betulazinha do outro lado da clareira.

— Então, o homem do cavalo preto estava desarmado, ao passo que o adversário ainda tinha um tiro.

— Sire, enquanto o cavaleiro desmontado se erguia, o outro recarregava a sua arma. Mas estava muito nervoso ao fazê-lo e a mão lhe tremia.

— Como o sabeis?
— Metade da carga caiu ao chão e ele atirou fora a vareta, por não ter tempo de recolocá-la na pistola.
— Sr. D'Artagnan, o que dizeis é maravilhoso.
— Simples resultado da observação, Sire, e qualquer batedor de estrada faria o mesmo.
— Basta-me a vossa descrição para ver perfeitamente a cena.
— Reconstruí-a, de fato, no espírito, com pouquíssimas variantes.
— Mas voltemos ao cavaleiro desmontado. Dizíeis que ele caminhou sobre o adversário ao passo que este recarregava a pistola?
— Sim; mas no momento em que fazia pontaria, o outro atirou.
— Oh! — exclamou o rei — e o tiro?
— O tiro foi terrível, Sire; o cavaleiro desmontado caiu de borco no chão depois de haver dado três passos, cambaleando.
— Onde foi ferido?
— Em dois lugares: na mão direita primeiro e, depois, no peito.
— Mas como podeis adivinhar tudo isso? — perguntou o rei cheio de admiração.
— É muito simples: o cabo da pistola estava ensangüentado, e nele se via o sinal da bala com os fragmentos de um anel quebrado. Teve o ferido, portanto, muito provavelmente, dois dedos arrancados.
— Convenho em quanto à mão; e o peito?
— Sire, havia duas poças de sangue no chão, separadas por uma distância de uns dois pés e meio. Numa das poças, a grama fora arrancada pela mão crispada; na outra, a grama fora apenas esmagada pelo peso do corpo.
— Pobre de Guiché! — exclamou o rei.
— Ah! era o Sr. de Guiché? — acudiu tranqüilamente o mosqueteiro. — Eu estava desconfiado; mas não me atrevia a dizê-lo a Vossa Majestade.
— Por que desconfiastes?
— Reconheci as armas dos Grammonts nos coldres do cavalo morto.
— E acreditai-o gravemente ferido?
— Muito gravemente, visto que ele caiu logo e quedou muito tempo no mesmo lugar; entretanto, pôde caminhar, afastando-se, amparado por dois amigos.
— Encontraste-o ao voltar?
— Não; mas encontrei os passos de três homens; o homem da direita e o homem da esquerda caminhavam livremente, facilmente; mas os passos do outro eram pesados e, aliás, acompanhados de traços de sangue.
— Agora, senhor, que tão bem vistes o combate, que nenhum pormenor vos escapou, dizei-me duas palavras sobre o adversário de de Guiché.
— Não o conheço, Sire.
— Mas vedes tão bem as coisas!
— De fato, Sire, vejo tudo; mas não digo tudo o que vejo, e, visto que o pobre diabo escapou, permita-me Vossa Majestade dizer-lhe que não serei eu quem o denunciará.
— Mas é culpado, senhor, quem se bate em duelo.
— Não para mim, Sire — replicou friamente d'Artagnan.
— Senhor — bradou o rei — sabeis o que estais dizendo?
— Perfeitamente, Sire; a meus olhos, porém, um homem que se bate é um homem corajoso. Eis aí a

minha opinião. Vossa Majestade pode ter outra; é natural, Vossa Majestade é o amo.
— Sr. d'Artagnan; entretanto, dei ordens...
D'Artagnan interrompeu o rei com um gesto respeitoso.
— Vossa Majestade ordenou-me que colhesse informações sobre um combate, Sire; já as tem.
Se Vossa Majestade me ordenar que prenda o adversário do Sr. de Guiché, obedecerei; mas não me ordene que o denuncie, pois, nesse caso, não obedecerei.
— Pois bem, prendei-o.
— Diga-me Vossa Majestade o nome dele. Luís bateu o pé.
Logo, após um instante de reflexão:
— Tendes razão, dez, vinte, cem vezes razão — disse ele.
— É o que eu penso, Sire; e folgo muito em que Vossa Majestade pense o mesmo.
— Mais uma coisa... Quem socorreu de Guiché?
— Não sei.
— Mas falastes em dois homens... Haveria, acaso, uma testemunha?
— Não havia testemunha. Digo mais... Depois que o Sr. de Guiché caiu, o adversário fugiu sem lhe prestar auxílio.
— Que miserável!
— Ora, Sire! É o efeito dos decretos de Vossa Majestade. Depois que a gente se bate e consegue escapar à primeira morte, quer escapar à segunda. Lembra-se do Sr. de Bouttevílle... Peste!
— E torna-se covarde.
— Não, torna-se prudente.
— Ele, portanto, fugiu?
— Fugiu, e tão depressa quanto pôde levá-lo o cavalo.
— Em que direção?
— Na direção do castelo.
— E depois?
— Depois, como tive a honra de dizer a Vossa Majestade, dois. homens, a pé, foram buscar o Sr. de Guiché.
— Que provas tendes vós de que esses dois homens chegaram depois do combate?
— Uma prova manifesta; no momento do combate, a chuva acabara de cair, o chão não tivera tempo ainda de absorvê-la e ficara úmido: os passos afundam; mas depois do combate, durante o tempo em que o Sr. de Guiché ficou sem sentidos, a terra consolidou-se e os passos se impregnam com menos profundidade.
Luís bateu palmas em sinal de admiração.
— Sr. D'Artagnan — disse ele — sois, em realidade, o homem mais hábil do meu reino.
— Era o que pensava o Sr. de Richelieu e era o que dizia o Sr. de Mazarino, Sire.
— Agora, resta-nos saber se a vossa sagacidade não vos induziu em erro.
— Oh! Sire, o homem engana-se: *Errare humanum est* — disse filosoficamente o mosqueteiro.
— Então não pertenceis ao gênero humano, Sr. d'Artagnan, pois creio que nunca vos enganais.
— Dizia Vossa Majestade que íamos ver.
— De fato.
— De que maneira, por favor?
— Mandei chamar o Sr. de Manicamp, e o Sr. de Manicamp deve chegar a qualquer momento.
— E o Sr. de Manicamp sabe o segredo?
— O Sr. de Guiché não tem segredos para o Sr. de Manicamp. d'Artagnan meneou a cabeça.

— Repito que ninguém assistiu ao combate e, a menos que o Sr. de Manicamp seja um dos dois homens que o trouxeram...

— Psiu! — disse o rei — ei-lo que vem: ficai aqui e prestai atenção.

— Muito bem, Sire.

Nesse instante, assomavam ao limiar da porta Manicamp e de Saint-Aignan.

Capítulo XVII - A espera

O REI fez um sinal ao mosqueteiro e outro a de Saint-Aignan. O sinal era imperioso e significava:

— Pela vossa vida, calai-vos! Como um soldado, d'Artagnan foi colocar-se num dos ângulos do gabinete.

Como um favorito, de Saint-Aignan se encostou ao espaldar da poltrona do rei.

Manicamp, com a perna direita para a frente, sorriso nos lábios, mãos brancas e graciosas, adiantou-se para fazer a reverência ao rei.

Sua Majestade retribuiu a saudação com a cabeça, — Boas noites, Sr. de Manicamp.

— Vossa Majestade fez-me a honra de mandar-me chamar — disse Manicamp.

— Sim, para inteirar-me de todos os pormenores do acidente infeliz ocorrido com o Conde de Guiché.

— Oh! Sire, é doloroso.

— Estáveis presente?

— Presente, propriamente, não.

— Mas chegastes ao local do acidente instantes depois que ele ocorreu?

— De fato, Sire, cerca de meia hora depois.

— E onde se verificou?

— Creio, Sire, que o lugar se chama a rotunda do bosque Rochin.

— Sim, um lugar destinado a caçadas.

— Isso mesmo, Sire.

— Pois bem, contai-me os pormenores que conheceis, Sr. de Manicamp. Contai.

— Vossa Majestade talvez já esteja informado e eu receio fatigá-lo com repetições.

— Não, não receeis.

Manicamp olhou à sua volta; não viu ninguém senão d'Artagnan arrimado às guarnições da parede, d'Artagnan calmo, benevolente, plácido, e de Saint-Aignan, que o trouxera, encostado à poltrona do rei com um semblante igualmente gracioso.

Decidiu-se a falar.

— Vossa Majestade não ignora — disse ele — que os acidentes são comuns em caçadas?

— Em caçadas?

— Sire, Sire, quero dizer em caçadas de espera.

— Ah! ah! foi numa espera que se deu o caso?

— Foi, Sire — arriscou-se Manicamp; — Vossa Majestade não sabia?

— Mais ou menos — disse o rei, depressa, pois sempre lhe repugnava mentir; — foi, portanto, numa espera que o acidente ocorreu?

— Infelizmente, Majestade. O rei fez uma pausa.

— Espera de que animal? — perguntou.

— Do javali, Sire.

— Mas que idéia teve de Guiché de ir assim, sozinho, postar-se à espera de um javali? Isso é exercício de camponês, e serve, quando muito, para quem não tem, como o Marechal de Grammont, cães e batedores para caçar como fidalgo.

Manicamp curvou os ombros.

— A mocidade é temerária — disse, sentencioso.
— Enfim!... continuai — ordenou o rei.
— E tanto é assim — continuou Manicamp, não ousando aventurar-se e colocando uma palavra depois da outra, como faz com os pés um salineira num charco — e tanto é assim, Sire, que o pobre de Guiché foi, sozinho, colocar-se à espera do javali.
— Sozinho! Que belo caçador! E não sabe o Sr. de Guiché que o javali, ferido, investe com o caçador?
— Foi exatamente o que aconteceu, Sire.
— Mas ele soubera da presença do bicho?
— Soubera, Sire. Uns camponeses o tinham visto em suas plantações de batatas.
— E que bicho era?
— Um javali de dois anos.
— Mas devíeis prevenir-me, senhor, de que de Guiché tinha idéias suicidas; pois, afinal de contas, já o vi caçar, é um caçador experimentado. Quando atira ao animal acuado, cercado pelos cachorros, toma todas as precauções, e atira com carabina; desta vez, no entanto, vai enfrentar sozinho o javali com duas pistolas!
Manicamp estremeceu.
— Pistolas de luxo, excelentes para um duelo com um homem e não com um javali, que diabo!
— Há coisas, Sire, que não se explicam muito bem.
— Tendes razão, e o caso que nos interessa é uma delas. Continuai.
Durante a narrativa, de Saint-Aignan, que devera ter feito sinal a Manicamp para não se comprometer, fora imobilizado pelo olhar obstinado do rei.
Havia, portanto, entre ele e Manicamp, impossibilidade de comunicar-se. Quanto a d'Artagnan, a estátua do Silêncio, em Atenas, seria mais ruidosa e mais expressiva do que ele.
Manicamp continuou, pois, seguindo o caminho que tomara, a meter os pés pelas mãos.
— Sire — disse ele — eis, provavelmente, como se passaram as coisas. De Guiché estava esperando o javali.
— A cavalo ou a pé?
— A cavalo. Atirou contra o animal e errou o tiro.
— Que desastrado!
— O animal enristou com ele.
— E o cavalo morreu?
— Ah! Vossa Majestade sabe disso?
— Disseram-me que foi encontrado um cavalo morto na encruzilhada do bosque Rochin. Imaginei que fosse o cavalo de de Guiché.
— Era ele mesmo, Sire.
— Isso quanto ao cavalo, está bem; e de Guiché?
— Desmontado, de Guiché foi atacado pelo javali e ferido na mão e no peito.
— É um acidente horrível; mas, cumpre dizê-lo, a culpa é dele. Onde já se viu esperar um bicho desses armado de pistolas! Esqueceu-lhe, então, a fábula de Adônis?
Manicamp coçou a cabeça.
— É verdade — conveio — grandíssima imprudência.
— Podeis explicar uma coisa dessas, Sr. de Manicamp?
— Sire, o que está escrito está escrito.
— Ah! sois fatalista!

Manicamp se agitava, encalistradíssimo.
— Estou aborrecido convosco, Sr. de Manicamp — continuou o rei.
— Comigo, Sire?
— Naturalmente! Sois o amigo de de Guiché, sabeis que ele é sujeito a essas loucuras e não o detendes! Manicamp já não sabia o que fazer; o tom do rei não era precisamente o de um homem crédulo.
De outro lado, não tinha nem a severidade do drama, nem a insistência do interrogatório.
Era mais escarninho que ameaçador.
— E dizeis então — continuou o rei — que foi o cavalo de de Guiché que encontraram morto?
— Exatamente.
— E isso não vos espantou?
— Não, Sire. Na última caçada, o Sr. de Saint-Maure, como Vossa Majestade deve estar lembrado, perdeu um cavalo nas mesmas condições.
— Sim, mas estripado.
— Sem dúvida, Sire.
— Se o cavalo de de Guiché tivesse sido estripado como o do Sr. de Saint-Maure, eu também não me espantaria, ora, essa! Manicamp arregalou os olhos.
— Mas o que me admira — continuou o rei — é que o cavalo de de Guiché, em vez de ter a barriga rasgada, tenha a cabeça furada.
Manicamp perturbou-se.
— Estarei enganado? — tornou o rei. — Não foi na cabeça que se feriu o cavalo de de Guiché? Convinde, Sr. de Manicamp, em que o caso é singularíssimo.
— Sire, Vossa Majestade não ignora que o cavalo é um animal muito inteligente e terá tentado defender-se.
— Mas o cavalo se defende com as patas traseiras e não com a cabeça.
— Assustado, o cavalo terá caído — disse Manicamp — e o javali, Vossa Majestade compreende, o javali...
— Sim, compreendo o que respeita ao cavalo; e o cavaleiro?
— É muito simples: largando o cavalo, o javali arremeteu ao cavaleiro, e, como já tive a honra de dizê-lo a Vossa Majestade, esmagou a mão de de Guiché no momento em que este ia desfechar-lhe o segundo tiro de pistola; depois, com uma focinhada, furou-lhe o peito.
— Na verdade, Sr. de Manicamp, a história não pode ser mais verossímil; fazeis mal em desconfiar da vossa eloqüência e contais maravilhosamente.
— Vossa Majestade é muito bom — disse Manicamp fazendo uma reverência das mais encabuladas.
— Mas, a partir de hoje, proibirei aos meus fidalgos irem à caça de espera. Peste! seria o mesmo que permitir-lhes o duelo.
Manicamp estremeceu e fez menção de retirar-se.
— Vossa Majestade está satisfeito? — perguntou.
— Encantado; mas não vos retireis ainda, Sr. de Manicamp — disse Luís — preciso falar convosco.
"Vamos, vamos — pensou d'Artagnan — mais um que não é da nossa força.”
E arrancou do peito um suspiro, que poderia significar: "Oh! onde estarão agora os homens da nossa força?”
Nesse momento, um contínuo ergueu o reposteiro e anunciou o médico do rei.

— Ah! — exclamou Luís — aí está precisamente o Sr. Valot que acaba de visitar o Sr. de Guiché. Teremos notícias do ferido.
Sentiu-se Manicamp mais atrapalhado do que nunca.
— Dessa maneira, pelo menos — ajuntou o rei — teremos a consciência tranqüila.
E olhou para d'Artagnan, que nem pestanejou.

Capítulo XVIII - O médico

O SR. Valot entrou. A cena ainda era a mesma: o rei sentado, de Saint-Aignan sempre encostado à poltrona real, d'Artagnan sempre arrimado à parede, Manicamp sempre em pé.

— Então, Sr. Valot — perguntou o rei — obedecestes às minhas ordens?

— Eh bien! monsieur Valot, fit le roi, m'avez-vous obéi?

— Com solicitude, Sire.
— Fôstes à casa do vosso confrade de Fontainebleau?
— Fui, Sire.
— E lá encontrastes o Sr. de Guiché?
— Lá encontrei o Sr. de Guiché.
— Em que estado? Dizei-o francamente.
— Num estado muito pouco lisonjeiro, Sire.
— Mas, afinal de contas, o javali não o devorou?
— Devorou quem?
— Guiché.

— Que javali?
— O javali que o feriu.
— O Sr. de Guiché foi ferido por um javali?
— Pelo menos, é o que dizem.
— Antes um caçador furtivo...
— Como, um caçador furtivo?
— Algum marido enciumado, algum amante traído, que, para vingar-se, o houvesse arcabuzado.
— Que estais dizendo, Sr. Valot? Os ferimentos do Sr. de Guiché não foram produzidos pelas presas de um javali?
— Os ferimentos do Sr. de Guiché foram produzidos por uma bala, que lhe esmagou dois dedos da mão direita e foi, depois, alojar-se nos músculos intercostais do peito.
— Uma bala! Tendes certeza de que o Sr. de Guiché foi ferido por uma bala?... — exclamou o rei, simulando surpresa.
— Tenho tanta certeza — disse Valot — que ela está aqui, Sire. E apresentou ao rei uma bala amolgada.
O rei considerou-a sem tocá-la.
— O pobre moço tinha isso no peito? — perguntou.
— No peito, propriamente, não. A bala não lhe penetrou no tórax, amolgou-se, como vê Vossa Majestade, no guarda-mato da pistola ou no lado direito do esterno.
— Santo Deus! — acudiu o rei em tom sério — e não me dizíeis nada disso, Sr. de Manicamp?
— Sire...
— E, afinal, que invenção foi essa do javali, da espera, da caçada noturna? Vamos, dizei.
— Ah! Sire...
— Parece-me que tendes razão — disse o rei voltando-se para o capitão de mosqueteiros: — houve combate.
Tinha o rei, mais do que ninguém, a faculdade concedida aos grandes de comprometer e dividir os inferiores.
Manicamp dirigiu ao mosqueteiro um olhar cheio de censuras.
D'Artagnan compreendeu o olhar e não quis ficar sob o peso da acusação.
Deu um passo.
— Sire — disse ele — Vossa Majestade me ordenou que explorasse a encruzilhada do bosque Rochin e lhe dissesse depois o que eu achava do caso. Dei notícia a Vossa Majestade de minhas observações, mas sem denunciar ninguém. Foi Vossa Majestade mesmo quem, primeiro, pronunciou o nome do Sr. Conde de Guiché.
— Bem! bem! — tornou o rei com entono; — cumpristes o vosso dever e eu estou satisfeito convosco; isso deve bastar-vos. Mas vós, Sr. de Manicamp, não cumpristes o vosso, pois mentistes.
— Menti, Sire! A palavra é dura.
— Achai-me outra.
— Sire, não a procurarei. Já tive a desventura de desagradar a Vossa Majestade e o melhor que posso fazer é aceitar humildemente os reproches que Vossa Majestade entender que deve dirigir-me.
— Tendes razão, senhor, sempre me desagradam quando me escondem a verdade.
— Às vezes, Sire, ignora-se a verdade.
— Não torneis a mentir, que dobro a pena.
Manicamp inclinou-se, empalidecendo.
D'Artagnan deu mais um passo, decidido a intervir, se a cólera, sempre crescente, do rei, atingisse

certos limites.
— Senhor — continuou o rei — como vedes, é inútil negar por mais tempo. O Sr. de Guiché bateu-se.
— Não digo que não, Sire, e Vossa Majestade foi generoso não obrigando um fidalgo à mentira.
— Obrigando? Quem vos obrigava?
— Sire, o Sr. de Guiché é meu amigo. Vossa Majestade proibiu os duelos sob pena de morte. Uma mentira salva o meu amigo. Eu minto.
— Bem — murmurou d'Artagnan — esse é dos meus, com a breca!
— Senhor — volveu o rei — em vez de mentir, era preciso impedi-lo de bater-se.
— Oh! Sire, Vossa Majestade, que é o mais perfeito gentil-homem de França, sabe muito bem que nós, os homens de espada, nunca consideramos o Sr. de Boutteville desonrado por ter morrido na Praça da Greve. O que desonra, é evitar o inimigo e não enfrentar o carrasco.
— Pois bem, seja — disse Luís XIV — quero proporcionar-vos um meio de reparar tudo.
— Se for um meio que não desmereça um gentil-homem, Sire, empregá-lo-ei com satisfação.
— O nome do adversário do Sr. de Guiché?
— Oh! oh! — murmurou d'Artagnan — estaremos continuando Luís XIII?...
— Sire!... — recalcitrou Manicamp em tom de censura.
— Não quereis nomeá-lo, segundo parece? — perguntou o rei.
— Não o conheço, Sire.
— Bravo! — exclamou d'Artagnan.
— Sr. de Manicamp, entregai a espada ao capitão.
Manicamp inclinou-se graciosamente, tirou a espada da cinta e, sorrindo, estendeu-a ao mosqueteiro.
Mas de Saint-Aignan se adiantou vivamente entre d'Artagnan e ele.
— Sire — acudiu — com a permissão de Vossa Majestade.
— Pois não — disse o rei, Intimamente encantado, talvez, ao ver que alguém se antepunha à cólera que o dominara.
— Manicamp, sois um bravo, e o rei apreciará o vosso procedimento; mas querer servir bem demais aos amigos, é prejudicá-los. Sabeis o nome que Vossa Majestade vos pede?
— Sei.
— Então, dizei-o.
— Se eu devesse dizê-lo, já o teria feito.
— Nesse caso, quem o dirá sou eu, que não estou, como vós, interessado nessas probidades.
— Oh! Vós tendes liberdade de fazê-lo; entretanto...
— Chega de magnanimidade; não vos deixarei ir assim para a Bastilha. Falai, ou falo eu.
Inteligente, Manicamp compreendeu que já fizera o bastante para dar de si uma perfeita opinião; agora, só lhe restava perseverar nela reconquistando as boas graças do rei.
— Falai, senhor — disse a de Saint-Aignan. — Creio ter feito quanto a consciência me ordenava que fizesse, e bem alto — ajuntou, voltando-se para o rei — visto que ela prevaleceu sobre as ordens de Sua Majestade; mas espero que Sua Majestade me perdoe quando souber que eu procurava zelar pela honra de uma dama.
— De uma dama? — perguntou o rei, inquieto.
— Sim, Sire.
— Foi uma dama a causa do combate? Inclinou-se Manicamp.
O rei levantou-se e, aproximando-se dele:

— Se a pessoa é importante — declarou — não me desagradará que tenhais tomado essas cautelas, pelo contrário.

— Sire, tudo o que se relaciona com a casa de el-rei, ou com a casa de seu irmão, é importante a meus olhos.

— À casa de meu irmão? — repetiu Luís com certa hesitação... — A causa do combate foi uma dama da casa de meu irmão?

— Ou de Madame.

— Ah! de Madame?

— Sim, Sire.

— Portanto, essa dama...

— É dama de honor da casa de Sua Alteza Real a Sra. Duquesa de Orléans.

— E dizeis que por ela se bateu o Sr. de Guiché?

— Sim, e desta vez não estou mentindo, Sire.

Perturbado, Luís fez um gesto.

— Senhores — disse ele voltando-se para os espectadores da cena — fazei-me o favor de afastar-vos por um instante, que preciso ficar a sós com o Sr. de Manicamp. Sei que ele tem coisas importantíssimas para dizer-me em sua justificação e não se atreve a fazê-lo diante de testemunhas... Guardai a vossa espada, Sr. de Manicamp.

Manicamp recolocou a espada à cinta.

— O patife, decididamente, tem muita presença de espírito — murmurou o mosqueteiro travando do braço de de Saint-Aignan e retirando-se com ele.

— Há de safar-se da enrascada — disse o favorito ao ouvido de d'Artagnan.

— E honrosamente, conde.

Manicamp dirigiu aos dois um olhar de gratidão que o rei não percebeu.

— Vamos, vamos — tornou d'Artagnan transpondo a soleira da porta — eu tinha em mau conceito a nova geração. Pois confesso que me enganava: esses pirralhos também têm o seu valor.

Valot precedia o favorito e o capitão.

O rei e Manicamp ficaram sós no gabinete.

M. de Mancamp.

Capítulo XIX - Em que d'Artagnan reconhece que se enganara, e que Manicamp tinha razão

CERTIFICOU-SE pessoalmente o rei, indo até à porta, de que ninguém estava escutando, e voltou depressa para ao pé do interlocutor.

— Muito bem — disse ele — agora que estamos sós, Sr. de Manicamp, explicai-vos.

— Com a máxima franqueza, Sire — respondeu o rapaz.

— Antes de tudo, ficai sabendo que nada me interessa tanto quanto a honra das damas.

— Eis precisamente porque busquei poupar a delicadeza de Vossa Majestade.

— Sim, agora compreendo tudo. Dizeis, portanto, que se tratava de uma dama de minha cunhada, e que a tal pessoa, o adversário de de Guiché, o homem, enfim, que não quereis nomear...

— Mas que o Sr. de Saint-Aignan nomeará, Sire...

— Sim; dizeis que esse homem ofendeu alguém da casa de Madame.

— A Srta. de La Vallière, Sire.

— Ah! — exclamou o rei, como se já o esperasse, mas como se o golpe, não obstante, lhe tivesse traspassado o coração — ah, era a Srta. de La Vallière que estava sendo ultrajada?

— Não digo propriamente que estivesse sendo ultrajada, Sire.

— Mas, enfim...

— Digo que se falava dela em termos pouco convenientes.

— Em termos pouco convenientes da Srta. de La Vallière? E não me direis quem foi o insolente?...

— Sire, eu cria que fosse coisa concertada e que Vossa Majestade houvesse desistido de fazer de mim um denunciante.

— É justo, tendes razão — tornou o rei, reportando-se; — aliás, saberei sempre cedo demais o nome do homem que é preciso castigar.

Percebeu Manicamp que o obstáculo fora contornado.

De sua parte, notou o rei que se deixara levar muito longe.

Daí que emendasse:

— E hei de castigá-lo, não porque se trate da Srta. de La Vallière, se bem eu a estime particularmente; mas porque o objeto da briga era uma mulher. Ora, quero que em minha corte se respeitem as mulheres e que não haja brigas.

Manicamp inclinou-se.

— Agora, vejamos, Sr. de Manicamp — continuou o rei — que se dizia da Srta. de La Vallière?

— Não o adivinha Vossa Majestade?

— Não.

— Vossa Majestade sabe muito bem qual é o gênero de brincadeiras que se permitem rapazes.

— Dizia-se, com certeza, que ela amava alguém — arriscou o rei.

— É provável.

— Mas a Srta. de La Vallière tem o direito de amar quem melhor lhe parecer — disse o rei.

— Era justamente o que sustentava de Guiché.

— E foi por isso que ele se bateu?

— Foi, Sire, só por isso. O rei corou.

— E... não sabeis mais nada?

— A respeito de que, Sire?

— A respeito do caso interessantíssimo que estais referindo.

— E que quer Vossa Majestade que eu saiba?
— Por exemplo: o nome do homem que La Vallière ama e que o adversário de de Guiché lhe contestava o direito de amar?
— Sire, não sei nada, não ouvi nada, não surpreendi nada; mas considero de Guiché um bizarro fidalgo, e se ele tomou momentaneamente as dores do protetor de La Vallière, é que esse protetor se acha em tão elevada posição que não pode defendê-la pessoalmente.
As palavras eram mais do que transparentes; por isso mesmo fizeram corar o rei, mas, dessa feita, de prazer.
O monarca bateu amistosamente no ombro de Manicamp.
— Sois não somente um rapaz inteligente, Sr. de Manicamp, mas também um bravo fidalgo, e considero o vosso amigo de Guiché um paladino perfeitamente a meu gosto; dir-lho-eis, não é verdade?
— Vossa Majestade me perdoa?
— Completamente.
— E eu estou livre?
O rei sorriu e estendeu-lhe a mão. Manicamp beijou-a.
— Além disso — prosseguiu o rei — contais admiravelmente.
— Eu, Sire?
— Narrastes com perfeição o acidente ocorrido com de Guiché. Vejo o javali saindo do bosque, vejo o cavalo caindo, vejo a fera saltando do cavalo para o cavaleiro. Não contais, senhor, pintais.
— Sire, creio que Vossa Majestade se digna zombar de mim.
— Ao contrário — redarguiu Luís XIV, sério — e tanto isso não é verdade que desejo, Sr. de Manicamp, que conteis a toda a gente essa aventura.
— A aventura da espera?
— Sim, exatamente como ma contastes, sem tirar nem pôr, compreendestes?
— Compreendi, Sire.
— E contá-la-eis?
— Agora mesmo.
— Pois bem, chamai o Sr. D'Artagnan; espero que já não tenhais medo dele.
— Oh! Sire, desde que tenho certeza das boas graças de Vossa Majestade, não tenho medo de nada.
— Então, chamai-o. Manicamp abriu a porta.
— Senhores — disse ele — o rei vos chama.
D'Artagnan, Saint-Aignan e Valot voltaram.
— Senhores — declarou o rei — mandei-vos chamar para dizer que a explicação do Sr. de Manicamp me satisfez inteiramente.
D'Artagnan dirigiu a Valot, de um lado, e a de Saint-Aignan, de outro, um olhar que significava: "Eu não disse?"
O rei arrastou Manicamp para os lados da porta e disse-lhe, baixinho:
— Dizei ao Sr. de Guiché que se trate e, sobretudo, que sare depressa; quero agradecer-lhe em nome de todas as damas; mas ele que nunca mais faça isso!
— Ainda que deva morrer cem vezes, Sire, fá-lo-á cem vezes, sempre que se trate da honra de Vossa Majestade.
Era direto. Mas, como já o dissemos, o Rei Luís XIV gostava de incenso, e, contanto que lho ofertassem, não fazia muita questão da qualidade.

— Está bem, está bem — exclamou, dispensando Manicamp — verei de Guiché pessoalmente e saberei demovê-lo.

Manicamp saiu às arrecuas.

E o rei, voltando-se para os três espectadores da cena:

— Sr. D'Artagnan?

— Sire.

— Dizei-me como se dá que tenhais a vista tão má, se, de ordinário, a tendes tão boa?

— Tenho vista má, Sire?

— Péssima.

— Deve ser verdade, visto que é Vossa Majestade quem o diz. Mas a troco de quê, Sire?

— A troco do sucedido no bosque Rochin.

— Ah! Ah!

— Claro! Vistes marcas de dois cavalos, passos de dois homens, encontrastes vestígios de um combate. Nada disso existiu; pura ilusão!

— Ah! ah! — repetiu d'Artagnan.

— É como os tais calçamentos do cavalo, os tais indícios de luta. Luta de de Guiché contra o javali, nada mais; luta, porém, longa e terrível, segundo parece.

— Ah! ah! — continuou d'Artagnan.

— E quando penso que cheguei a acreditar numa coisa dessas! Mas falastes com tanta segurança!

— Com efeito, Sire, devo ter tido um obumbramento — disse d'Artagnan com um bom humor que encantou o rei.

— Estais, então, de acordo comigo?

— Homessa! É claro que estou, Sire!

— De sorte que, agora, vedes como se passaram as coisas?

— De modo muito diverso do que via há meia hora.

— E atribuís a diferença de opinião?...

— A uma coisa simplíssima, Sire; há meia hora, eu estava voltando do bosque Rochin, onde só tinha para alumiar o caminho uma ordinaríssima lanterna de cocheira...

— Ao passo que agora?...

— Agora tenho os candelabros todos do gabinete de Vossa Majestade, e, de mais a mais, os dois olhos de el-rei, que iluminam como sóis.

O rei pôs-se a rir e de Saint-Aignan a cascalhar.

— É como o Sr. Valot — disse d'Artagnan, reencetando a exposição do rei; — não só imaginou que o Sr. de Guiché foi ferido por uma bala, mas também que lhe retirou a bala do peito.

— À minha fé! — disse Valot — confesso...

— Não é verdade que acreditastes nisso? — tornou d'Artagnan.

— Não só acreditei — replicou Valot — mas seria até capaz de jurar.

— Pois bem, meu caro doutor, foi tudo um sonho.

— Eu sonhei?

— O ferimento do Sr. de Guiché, sonho! A bala, sonho!... Portanto, não se fala mais no caso.

— Bem dito — acudiu o rei; — o conselho que vos dá d'Artagnan é bom. Não conteis a ninguém o vosso sonho, Sr. Valot, e, palavra de gentil-homem! não vos arrependereis. Boas noites, senhores. Oh! que triste coisa é esperar um javali.

— Que triste coisa — ecoou d'Artagnan a plenos pulmões — é esperar um javali!

E repetiu a frase em todas as salas por onde passou. E saiu do castelo, arrastando Valot.

— Agora que estamos sós — perguntou o rei a de Saint-Aignan — como se chama o adversário de de Guiché?

De Saint-Aignan olhou para o rei.

— Não hesites — disse o rei — sabes muito bem que preciso perdoar.

— De Wardes — declarou de Saint-Aignan.

— Bem.

Depois, entrando no quarto, vivamente:

— Perdoar não é esquecer — bradou Luís XIV.

Capítulo XX - Quanto vale ter duas cordas no arco

MANICAMP saiu do gabinete do rei felicíssimo por haver sido tão bem sucedido; chegado, porém, ao pé da escada, ao passar diante de um reposteiro, sentiu, de repente, que lhe puxavam uma das mangas.

Voltou-se e reconheceu Montalais, que o esperava no corredor, e, misteriosamente, com o corpo inclinado para a frente e a voz baixa, lhe disse:

— Senhor, vinde depressa, por favor.

— Aonde, senhorita? — perguntou Manicamp.

— Em primeiro lugar, um gentil-homem não me teria feito essa pergunta, ter-me-ia seguido sem precisar de explicações.

— Pois bem, senhorita — afirmou Manicamp — estou pronto para conduzir-me como um gentil-homem.

— Não, é muito tarde e perdestes o mérito. Vamos aos aposentos de Madame; vinde.

— Ah! ah! — disse Manicamp. — Vamos aos aposentos de Madame.

E seguiu Montalais, que corria diante dele com a leveza de Galatéia.

— Desta vez — dizia consigo mesmo Manicamp — não creio que sejam oportunas as histórias de caçadas. Tentaremos, porém; e, se fôr preciso... se for preciso, acabaremos achando qualquer coisa.

Montalais continuava a correr.

— Como é fatigante — pensou Manicamp — precisar ao mesmo tempo da inteligência e das pernas!

Afinal, chegaram.

Madame acabara de vestir-se para deitar-se; envergava um penteador elegante, mas era manifesto que se amanhara antes de experimentar as comoções que a agitavam.

Estava esperando com visível impaciência.

Montalais e Manicamp acharam-na em pé, junto da porta.

Ao ruído dos passos de ambos, Madame adiantara-se.

— Ah! — disse ela — afinal!

— Aqui está o Sr. de Manicamp — respondeu Montalais.

Inclinou-se Manicamp respeitosamente.

Madame fez sinal a Montalais que se retirasse. A menina obedeceu.

Madame seguiu-a com os olhos em silêncio, até que a porta se fechou; logo, voltando-se para Manicamp:

— Que aconteceu e que foi o que me contaram, Sr. de Manicamp? — perguntou ela. — Há alguém ferido no castelo?

— Há, Madame, infelizmente... O Sr. de Guiché.

— Sim, o Sr. de Guiché — tornou a princesa. — Ouvi a notícia, mas não a confirmação. Então foi realmente ao Sr. de Guiché que sucedeu esse infortúnio?

— A ele mesmo, Madame.

— Sabeis, Sr. de Manicamp — tornou vivamente a princesa — que Sua Majestade desama os duelos?

— Naturalmente, Madame; mas um duelo com uma fera não pode ser punido por Sua Majestade.

— Oh! não me fareis a injúria de impingir-me essa fábula absurda, propalada não sei com que

propósito, de que o Sr. de Guiché foi ferido por um javali. Não, não, senhor; já se conhece a verdade e, neste momento, além do dissabor de estar ferido, o Sr. de Guiché tem a liberdade comprometida.

— É verdade, Madame, bem o sei — disse Manicamp; — mas que fazer?

— Vistes Sua Majestade?

— Vi, Madame.

— Que lhe dissestes?

— Contei-lhe que o Sr. de Guiché havia saído à caça do javali, que este saltara do bosque Rochin, que o Sr. de Guiché atirara nele e o animal, furioso, investira com o atirador, matara-lhe o cavalo e ferira-o gravemente.

— E o rei acreditou em tudo isso?

— Perfeitamente.

— Vós me surpreendeis, Sr. de Manicamp, vós me surpreendeis muitíssimo.

E Madame começou a passear de um lado para outro, dirigindo de vez em vez um olhar interrogativo a Manicamp, que permanecia impassível e imóvel no lugar em que se postara ao entrar. Afinal, ela se deteve.

— Entretanto — exclamou — toda a gente é unânime em atribuir outra causa ao ferimento.

— Que causa, Madame? — perguntou Manicamp. — Posso, sem indiscrição, fazer a pergunta a Vossa Alteza?

— Vós, o amigo íntimo do Sr. de Guiché, o seu confidente, perguntais uma coisa dessas?

— Oh! Madame, amigo íntimo, sim: mas confidente, não. De Guiché é um desses homens que podem ter segredos, que o terão por certo, mas que os não revelam. De Guiché é discreto, Madame.

— Pois bem, então, os segredos que o Sr. de Guiché não revela, sou eu quem terá o prazer de revelar-vos — tornou a princesa despeitada; — pois, em realidade, o rei poderia interrogar-vos outra vez e, dessa feita, se lhe repetísseis o conto da primeira, ele talvez não ficasse satisfeito.

— Creio que Vossa Alteza está enganada no que concerne ao rei. Juro que Sua Majestade ficou satisfeitíssima comigo.

— Então, Sr. de Manicamp, permiti que eu vos diga que isso só prova uma coisa: Sua Majestade contenta-se com muita facilidade.

— Creio que Vossa Alteza faz mal em persistir nessa opinião. Todos sabem que Sua Majestade só se satisfaz com boníssimas razões.

— E acreditais que ele apreciará a vossa oficiosa mentira quando souber, amanhã, que o Sr. de Guiché brigou por causa do amigo, o Sr. de Bragelonne, e que essa briga degenerou em duelo?

— Brigou por causa do Sr. de Bragelonne? — tornou Manicamp com a expressão mais cândida do mundo; — que me faz a honra de dizer Vossa Alteza?

— Que há nisso de surpreendente? O Sr. de Guiché é suscetível, irritável e encoleriza-se facilmente.

— Considero, pelo contrário, Madame, o Sr. de Guiché muito paciente e tenho para mim que ele só se mostra suscetível e irritável diante de motivos fortíssimos.

— Não é a amizade um motivo forte? — perguntou a princesa.

— Sem dúvida, Madame, sobretudo para um coração como o dele.

— Pois bem, o Sr. de Bragelonne é amigo do Sr. de Guiché; negareis o fato?

— Amicíssimo.

— O Sr. de Guiché tomou o partido do Sr. de Bragelonne, e, como o Sr. de Bragelonne estivesse ausente e não pudesse bater-se, bateu-se por ele.

Manicamp sorriu e fez dois ou três movimentos com a cabeça e com os ombros, como quem diz:

"Bem! se Vossa Alteza faz questão absoluta...”

— Mas, afinal — exclamou a princesa, impaciente — falai.

— Eu?

— Sem dúvida; vê-se que não sois da minha opinião e que tendes alguma coisa para dizer-me.

— Só tenho uma coisa para dizer, Madame.

— Dizei-a!

— Não compreendo patavina do que Vossa Alteza me faz a honra de contar.

— Como! Não compreendeis patavina da briga entre o Sr. de Guiché e o Sr. de Wardes? — bradou a princesa, quase irritada.

Calou-se Manicamp.

— Briga — continuou ela — provocada por uma afirmação mais ou menos maldosa e mais ou menos fundada sobre a virtude de certa dama?

— Ah, de certa dama? Isso é outra coisa — disse Manicamp.

— Começais a compreender, não é verdade?

— Vossa Alteza me escusará, mas não me atrevo...

— Não vos atreveis? — tornou Madame, exasperada. — Pois bem, esperai que me atrevo eu.

— Madame, Madame! — exclamou Manicamp como se estivesse assustado — prestai atenção no que direis.

— Ah! pelo que parece, se eu fosse homem, vós vos bateríeis comigo, apesar dos éditos de Sua Majestade, como o Sr. de Guiché se bateu com o Sr. de Wardes, pela virtude da Srta. de La Vallière.

— Da Srta. de La Vallière! — bradou Manicamp de sobressalto, como se nunca esperasse ouvir aquele nome.

— Oh! Que tendes, Sr. de Manicamp, para saltar assim? — perguntou Madame com ironia; — teríeis, acaso, a impertinência de duvidar dessa virtude?

— Mas em tudo isso não se trata, absolutamente, da virtude da Srta. de La Vallière, Madame!

— Como! Depois que dois homens estouram os miolos por causa de uma mulher, dizeis que ela não tem nada com isso e que não se trata dela? Ah! eu não vos supunha tão bom cortesão, Sr. de Manicamp!

— Perdão, perdão, Madame — atalhou o rapaz — mas assim não nos entendemos. Vossa Alteza me faz a honra de falar numa língua e eu, segundo parece, falo em outra.

— Como?

— Supus compreender que Vossa Alteza quisesse dizer-me que os Srs. de Guiché e de Wardes se bateram pela Srta. de La Vallière.

— Isso mesmo.

— Pela Srta. de La Vallière? — repetiu Manicamp.

— Oh! meu Deus, não digo que o Sr. de Guiché se interessasse pessoalmente pela Srta. de La Vallière, senão que se interessou por procuração.

— Por procuração!

— Ora, renunciai ao papel de homem assustado! Acaso se ignora que o Sr. de Bragelonne é noivo da Srta. de La Vallière, e, partindo para a missão que el-rei lhe confiou em Londres, encarregou o amigo, o Sr. de Guiché, de velar por essa interessante pessoinha?

— Não digo mais nada: Vossa Alteza está perfeitamente informada.

— De tudo.

Pôs-se a rir Manicamp, quase exasperando a princesa, que não era, como se sabe, muito paciente de seu natural.

— Madame — volveu o discreto Manicamp saudando a princesa — enterremos esse negócio, que nunca será perfeitamente esclarecido.

— Oh! quanto a isso, não há mais nada que fazer, e os esclarecimentos são completos.

Saberá o rei que de Guiché tomou o partido dessa aventureirazinha, que assume ares de grande dama; saberá que o Sr. de Bragelonne nomeou por sentinela do jardim das Hespérides o seu amigo, Sr. de Guiché, e este pespegou uma dentada no Marquês de Wardes, que ousava estender a mão para o pomo de ouro.

Ora, não podeis menos de saber, Sr. de Manicamp, vós que sabeis tudo, que o rei, de sua parte, cobiça o célebre tesouro, e talvez lhe desagrade ver constituir-se em defensor dele o Sr. de Guiché. Estais agora suficientemente informado, ou desejais maiores esclarecimentos?

— Não, Madame, não quero saber mais nada.

— Sabei, todavia, pois é preciso, Sr. de Manicamp, sabei que a indignação de Sua Majestade produzirá efeitos terríveis. Nos príncipes que têm um temperamento como o do rei, a cólera amorosa é um furacão.

— Que Vossa Alteza amainará, Madame.

— Eu! — bradou a princesa com um gesto de violenta ironia; — eu! A troco de quê?

— A troco de que Vossa Alteza desadora as injustiças.

— E seria uma injustiça impedir o rei de ter aventuras de amor?

— Vossa Alteza intercederá em favor do Sr. de Guiché.

— Desta vez ensandecestes, senhor — tornou a princesa com extrema sobranceria.

— Pelo contrário, Madame, estou perfeitamente lúcido, e repito que Vossa Alteza defenderá o Sr. de Guiché junto do rei.

— Eu?

— Sim.

— E por quê?

— Porque a causa do Sr. de Guiché é a causa de Vossa Alteza — tornou baixinho e com ardor Manicamp, cujos olhos acabavam de iluminar-se.

— Que quereis dizer?

— Digo, Madame, que, na pessoa de La Vallière, a propósito da defesa tomada pelo Sr. de Guiché em nome do Sr. de Bragelonne ausente, muito me admira que Vossa Alteza não tenha adivinhado um pretexto.

— Um pretexto?

— Sim.

— Mas um pretexto de quê? — repetiu, balbuciando, a princesa, que principiava a entrever a verdade nos olhos de Manicamp.

— Agora, Madame — disse o rapaz — cuido ter dito o suficiente para impedir Vossa Alteza de fazer carga, em presença do rei, contra o pobre de Guiché, sobre o qual recairão todas as inimizades fomentadas por certo partido muito oposto ao de Vossa Alteza.

— Quereis dizer, pelo contrário, que todos os que não gostam da Srta. de La Vallière e até alguns dos que gostam, ficarão com raiva do conde?

— Oh! Madame, por que há de levar Vossa Alteza tão longe a obstinação, e por que não abre os ouvidos às palavras de um amigo dedicado? Será mister que eu me exponha a desagradar-lhe, será preciso que eu lhe nomeie, malgrado meu, a pessoa que foi a verdadeira causa do duelo?

— A pessoa! — murmurou Madame enrubescendo.

— Será preciso — prosseguiu Manicamp — que eu lhe mostre o pobre de Guiché irritado, furioso,

exasperado por todos os rumores que correm sobre essa pessoa? Será mister, se Vossa Alteza se obstinar em desconhecê-la e o respeito me impedir de nomeá-la, será mister que eu recorde as cenas de Monsieur com Milorde de Buckingham e as insinuações feitas a propósito do exílio do duque? Será necessário que eu memore os cuidados do conde em agradar, em observar, em proteger essa pessoa, que é a sua única razão de ser? Pois bem, hei de fazê-lo, e depois que eu lhe tiver relembrado tudo isso, talvez compreenda Vossa Alteza que o conde, cuja paciência se esgotara, atormentado há muito por de Wardes, à primeira palavra menos lisonjeira que este pronunciou sobre essa pessoa, inflamou-se e pensou apenas em vingar-se.

A princesa escondeu o rosto entre as mãos.

— Senhor! senhor! — exclamou — sabeis o que estais dizendo e a quem o dizeis?

— Então, Madame — prosseguiu Manicamp como se não tivesse ouvido a exclamação de Henriqueta — nada mais a surpreenderá, nem o ardor do conde em procurar a briga, nem a sua maravilhosa habilidade em transferi-la para um terreno alheio aos interesses de Vossa Alteza.

Isso, principalmente, foi um prodígio de habilidade e sangue frio; e se a pessoa pela qual o Conde de Guiché se bateu e derramou o seu sangue, deve, em realidade, algum reconhecimento ao pobre ferido, não será pelo sangue que ele perdeu, pelas dores que sofreu, mas pelo que fez por uma honra que lhe é mais cara do que a dele.

— Oh! — exclamou Madame como se estivesse sozinha; — oh! terá sido realmente por minha causa?

Manicamp pôde respirar; conquistara bravamente o repouso: respirou.

Madame quedou-se durante algum tempo imersa em doloroso devaneio. Adivinhava-se-lhe a agitação pelo arfar precipitado do seio, pela enlanguescer dos olhos, pelo premir freqüente do coração com a mão.

Nela, porém, a garridice não era uma paixão inerte; pelo contrário, era um fogo que buscava alimentos e sabia encontrá-los.

— Nesse caso — disse ela — o conde terá penhorado duas pessoas ao mesmo tempo, pois o Sr. de Bragelonne também deve ao Sr. de Guiché um grande favor; tanto maior quanto, sempre e em toda a parte, a Srta. de La Vallière passará por ter sido defendida por esse generoso campeão.

Compreendeu Manicamp que ainda havia um restinho de dúvida no coração da princesa e o espírito inflamou-se-lhe ante a resistência.

— Belo serviço, com efeito — retorquiu — o que ele prestou à Srta. de La Vallière! Belo serviço o que prestou ao Sr. de Bragelonne! O duelo provocou um escândalo que até certo ponto desonra essa rapariga, um escândalo que o indisporá necessariamente com o visconde. De onde se conclui que o tiro de pistola do Sr. de Wardes terá três resultados em vez de um: mata, a um tempo, a honra de uma mulher e a felicidade de um homem e talvez fira mortalmente um dos melhores fidalgos de França! Ah! Madame! é bem fria a lógica de Vossa Alteza: condena sempre, não absolve nunca!

As últimas palavras de Manicamp puseram em fuga a derradeira dúvida que ainda ficara, não no coração, mas no espírito de Madame. Já não era uma princesa com os seus escrúpulos nem uma mulher com as suas desconfianças, era um coração que acabava de sentir a dor fulgurante de uma ferida.

— Mortalmente ferido! — murmurou ela, ofegante; — oh! Sr. de Manicamp, dissestes mortalmente ferido?

Manicamp respondeu apenas com um profundíssimo suspiro.

— Dizeis, portanto, que o conde está muito ferido? — continuou a princesa.

— Ficou com a mão estraçalhada e recebeu uma bala no peito, Madame!

— Meu Deus! meu Deus! — tornou a princesa com a excitação da febre — é horrível, Sr. de Manicamp! A mão estraçalhada, dizeis? Uma bala no peito, santo Deus? E foi aquele covarde, aquele miserável, aquele assassino, de Wardes, quem fez isso? Decididamente, o céu não é justo.

Manicamp parecia dominado por violenta comoção. Empregara, de fato, muita energia na última parte do seu arrazoado.

Quanto a Madame, já não estava sequer em condições de respeitar as conveniências; quando nela falavam a paixão, a cólera ou a simpatia, nada mais lhe sopitava os transportes.

Aproximou-se de Manicamp, que se deixara cair numa cadeira, como se o sofrimento fosse uma desculpa suficiente para aquela infração das leis da etiqueta.

— Senhor — disse ela tomando-lhe a mão — sede franco. Manicamp ergueu de novo a cabeça.

— O Sr. de Guiché — continuou Madame — está em perigo de vida?

— Duplamente, Madame — retrucou ele; — primeiro, por causa da hemorragia que se manifestou, pois foi ofendida uma artéria da mão; segundo, por causa da ferida do peito, que teria, conforme os receios do médico, ofendido algum órgão essencial.

— Então, pode morrer?

— Pode, Madame, e sem ter sequer o consolo de saber que Vossa Alteza lhe conheceu o devotamento.

— Vós lho direis.

— Eu?

— Não sois amigo dele?

— Eu? Oh! não, Madame, nada direi ao Sr. de Guiché, se o coitado estiver ainda em condições de ouvir-me, só lhe direi o que vi, isto é, a crueldade de Vossa Alteza para com ele.

— Senhor! não cometereis tamanha barbaridade!

— Dir-lhe-ei a verdade, Madame; pois, afinal de contas, a natureza é vigorosa num homem da sua idade. Os médicos são competentes, e se, porventura, o pobre conde sobreviver ao ferimento, eu não quisera vê-lo morrer da ferida do coração depois de escapar à ferida do corpo.

Ditas essas palavras, Manicamp levantou-se e, com o mais profundo respeito, fez menção de despedir-se.

— Pelo menos, senhor — acudiu Madame retendo-o com ar quase súplice — far-me-eis o favor de dizer em que estado se encontra o doente; qual é o médico que está tratando dele?

— Malíssimo, Madame; isso, no que toca ao seu estado. No que concerne ao médico, é o próprio médico de Sua Majestade, o Sr. Valot, assistido pelo colega a cuja casa foi transportado o Sr. de Guiché.

— Como! Ele não está no castelo? — perguntou Madame.

— Ai! Madame, o pobre rapaz achava-se tão mal que não pôde ser transportado para cá.

— Dai-me o endereço, senhor — disse vivamente a princesa — que mandarei saber de suas notícias.

— Rua du Feurre; uma casa de tijolos com postigos brancos. O nome do médico está escrito na porta.

— Voltareis para junto do ferido, Sr. de Manicamp?

— Voltarei, sim, senhora.

— Podeis, então, prestar-me um serviço.

— Estou às ordens de Vossa Alteza.

— Fazei o que queríeis fazer, voltai para ao pé do Sr. de Guiché, afastai todos os circunstantes; e, por favor, afastai-vos também.

— Madame...

— Não percamos tempo com explicações inúteis. Eis os fatos; não busqueis neles o que neles não há, não procureis ir além do que eu vos digo. Mandarei uma de minhas damas, duas talvez, por causa do adiantamento da hora; não quero que elas vos vejam, ou, mais francamente, não quero que as vejais: são escrúpulos que deveis compreender; sobretudo vós, Sr. de Manicamp, que tudo adivinhais.

— Oh! Madame, perfeitamente; posso até fazer coisa melhor, irei adiante das mensageiras de Vossa Alteza; será, ao mesmo tempo, um meio de indicar-lhes com segurança o caminho e de protegê-las se quiser o acaso, o que é pouquíssimo provável, que elas nescessitem de proteção.

— E por esse meio, além do mais, não encontrarão dificuldade para entrar?

— Decerto, Madame, pois, indo na frente, afastarei as dificuldades, se porventura existirem.

— Muito bem; ide, Sr. de Manicamp, e esperai embaixo da escada.

— Eu vou, Madame.

— Um momento. Manicamp estacou.

— Quando ouvirdes descerem duas mulheres, saí e tomai, sem virar a cabeça para trás, o caminho que leva à casa em que está o pobre conde.

— E se acaso descerem duas outras pessoas? Que farei para não me enganar?

— Elas baterão palmas três vezes, de mansinho.

— Sim, Madame.

— Ide, ide.

Manicamp voltou-se, cumprimentou pela última vez e saiu contentíssimo. Sabia, com efeito, que a presença de Madame seria o melhor bálsamo para as chagas do ferido.

Não se escoara ainda um quarto de hora quando o rumor de uma porta que se abria e de novo se fechava com precaução lhe chegou aos ouvidos.

Em seguida, ouviu uns passos muito leves descendo a escada; depois as três palmas, isto é, o sinal convencionado.

Saiu imediatamente, e, fiel à sua palavra, sem voltar a cabeça, guiou através das ruas de Fontainebleau, para a residência do médico.

Capítulo XXI - O Sr. Malicorne, arquivista do reino de França

ENVOLTAS em suas capas e com o rosto coberto por meia máscara de veludo preto, duas mulheres seguiam, tímidas, os passos de Manicamp. No primeiro andar, atrás das cortinas de damasco vermelho, brilhava a suave claridade de uma lâmpada sobre um bufete.

Na extremidade oposta do quarto, numa cama de colunas retorcidas, cercada de cortinas semelhantes às que atenuavam a claridade da lâmpada, repousava de Guiché, com a cabeça apoiada num travesseiro duplo, os olhos mergulhados em espesso nevoeiro; compridos cabelos pretos, anelados, soltos sobre o leito, abrilhantavam com a sua desordem as têmporas secas e pálidas do rapaz. Percebia-se que a febre era a hóspeda principal do quarto. De Guiché sonhava. O seu espírito seguia, pelas trevas afora, um desses sonhos delirantes que Deus coloca no caminho da morte para os que vão cair no universo da eternidade.

Duas ou três manchas de sangue ainda líquido enodoavam o soalho.

Manicamp subiu precipite os degraus; à entrada do quarto, porém, se deteve, empurrou devagarinho a porta, enfiou por ela a cabeça, e, vendo que tudo estava tranqüilo, aproximou-se, na ponta dos pés, da grande poltrona de couro, traste do reinado de Henrique IV; mas, notando que a enfermeira nela adormecera naturalmente, despertou-a e pediu-lhe que se retirasse para o quarto pegado.

Em seguida, em pé à cabeceira do leito, por breves instantes, perguntou a si mesmo se deveria acordar de Guiché para dar-lhe a boa notícia.

Mas como, atrás do reposteiro, principiasse a ouvir o sedoso rugir dos vestidos e o respirar ofegante das companheiras de viagem, como visse erguer-se o reposteiro impaciente, esgueirou-se ao longo do leito e seguiu a enfermeira ao cômodo contíguo.

No momento exato em que ele desapareceu, o reposteiro ergueu-se de todo e as duas mulheres entraram no quarto que ele acabava de deixar.

A que entrara primeiro fez à companheira um sinal imperioso que a pregou num mocho ao lado da porta.

A seguir, adiantou-se, resoluta, para o leito, correu as cortinas e atirou-lhes as dobras flutuantes atrás da cabeceira da cama.

Viu, então, o pálido rosto do conde; viu-lhe a mão direita envolta num pedaço de pano alvinitente desenhar-se sobre a coberta de ramagens escuras, que em parte recobria o leito de dor.

Elle vit alors la figure pâlie du comte. — Page 332.

Estremeceu ao ver uma gota vermelha principiando a alastrar-se pelo pano.

O peito branco do rapaz estava descoberto, como se o ar fresco da noite devesse ajudá-lo a respirar. Uma atadurazinha prendia-lhe os apósitos da ferida, à cuja volta se alargava um círculo azulado de sangue extravasado.

Profundo suspiro exalaram os lábios da princesa.

Apoiou-se à coluna do leito e contemplou, pelos orifícios da máscara, o doloroso espetáculo.

Um sopro rouco e estridente passava como o estertor da morte pelos dentes cerrados do conde.

A dama mascarada pegou na mão esquerda do ferido. A mão queimava como carvão ardente.

No momento, porém, em que a tocou a mão gelada da princesa, foi tamanha a ação desse frio que de Guiché abriu os olhos e procurou voltar à vida.

A primeira coisa que viu foi o fantasma erguido diante da coluna da cama.

A essa vista, os seus olhos se esbugalharam, embora neles não fulgisse a chama pura da inteligência.

A dama fez então um sinal à companheira, que ficara ao lado da porta; esta, sem dúvida, já sabia a lição, pois, com voz claramente acentuada, e sem qualquer hesitação, pronunciou estas palavras:

— Senhor conde, Sua Alteza Real, Madame, quis saber como suportais as dores desse ferimento e testemunhar-vos por meu intermédio o pesar que sente ao ver-vos sofrer.

À palavra Madame, de Guiché fez um movimento; ainda não reparara na pessoa a que pertencia a voz.

Voltou-se, pois, naturalmente, para o seu ponto de partida.

Como, entretanto, a mão gelada não o tivesse largado, tornou a fitar os olhos no fantasma imóvel.

— Sois vós que me falais, senhora — perguntou com voz enfraquecida — ou haverá convosco outra pessoa neste quarto?

— Sim — respondeu o fantasma com voz quase ininteligível, abaixando a cabeça.

— Então — volveu o ferido com esforço — obrigado. Dizei a Madame que já não me pesa morrer, visto que ela se lembrou de mim.

À palavra *morrer,* pronunciada por um moribundo, a dama de máscara não pôde conter as lágrimas, que lhe escorreram por baixo da máscara e lhe apareceram sobre a face no lugar em que o pano deixava de cobri-la.

Se fosse mais senhor de seus sentidos, de Guiché as teria visto rolar como pérolas brilhantes e cair sobre a cama.

Esquecendo-se de que trazia máscara, a dama levou a mão aos olhos para enxugá-los, e, encontrando sob a mão o veludo irritante e frio, arrancou-o com raiva e atirou-o no chão.

Diante da inesperada aparição, que se lhe afigurava saída de uma nuvem, de Guiché soltou um grito e estendeu os braços.

As palavras, porém, morreram-lhe nos lábios como a força nas veias.

A mão direita, que seguira o impulso da vontade sem calcular as próprias energias, recaiu na cama, e, imediatamente, o pano alvíssimo se tingiu de uma nódoa de sangue mais larga.

Nesse em meio, os olhos do rapaz se abriam e fechavam como se principiasse a lutar com o anjo indomável da morte.

Em seguida, após alguns movimentos sem vontade, a cabeça imobilizou-se no travesseiro.

De pálida, tornara-se lívida.

A dama teve medo; mas, dessa vez, ao contrário do habitual, o medo atraiu-a.

Inclinou-se para o rapaz, devorando com o hálito o rosto frio e sem cor, que quase tocou; e, logo, depôs um rápido beijo na mão esquerda de de Guiché, que, sacudido como por uma descarga elétrica, despertou segunda vez, arregalou os olhos sem pensamento e recaiu em profundo delíquio.

— Vamos — disse ela à companheira — não podemos ficar mais tempo; eu acabaria fazendo uma loucura.

— Madame! Madame! Vossa Alteza esqueceu-se da máscara — observou a vigilante companheira.

— Trazei-a — respondeu a ama esgueirando-se, desvairada, pela escada abaixo.

E, como a porta da rua tivesse ficado entreaberta, por ela passaram as duas ligeiras avezitas e, com passo rápido, voltaram ao palácio.

Uma das damas subiu aos aposentos de Madame, onde desapareceu.

A segunda entrou no apartamento das damas de honor, isto é, no entressolho.

Chegada ao seu quarto, sentou-se diante de uma mesa e, sem tomar fôlego sequer, começou de escrever o seguinte bilhete:

> *"Esta noite, Madame foi visitar o Sr. de Guiché.*
> *"Vai tudo às mil maravilhas por este lado. "Vigiai o vosso e, sobretudo, queimai este papel".*

Ato contínuo, dobrou a carta dando-lhe uma forma alongada e,' saindo do quarto manso e manso, atravessou um corredor que conduzia aos aposentos dos fidalgos de Monsieur.

Aí se deteve diante de uma porta e, depois de ter dado duas batidas secas, enfiou o papel por baixo da porta e muscou-se.

Voltando ao quarto, eliminou com cuidado os vestígios da saída e do bilhete.

No meio das investigações a que se entregava, com a finalidade que acabamos de apontar, avistou sobre a mesa a máscara de Madame, que trouxera em obediência às ordens da princesa, mas que se olvidara de entregar-lhe.

— Oh! oh! — murmurou — não esqueçamos de fazer amanhã o que esquecemos de fazer hoje.

Pegou na máscara pela parte de veludo e, sentindo o polegar úmido, examinou-o.

Estava não somente úmido, mas avermelhado.

A máscara caíra numa das nódoas de sangue que manchavam o soalho e, da extremidade preta, posta pelo acaso em contato com ele, o sangue passara ao interior e sujara a cambraia branca.

— Oh! oh! — continuou Montalais, que os leitores já devem ter reconhecido pelas manobras que descrevemos — oh! oh! não lha devolverei, pois agora é preciosa demais.

E, levantando-se, correu a um cofrezinho de madeira, que encerrava diversos objetos de toucador e perfumaria.

Logo, após um momento de silêncio e com expressivo sorriso:

— Bela máscara — ajuntou — tinta do sangue do bravo cavaleiro, irás fazer companhia, no armazém das maravilhas, às cartas de La Vallière, às de Raul, e a toda a coleção amorosa com que um dia se escreverá a história de França e a história da realeza. Ficarás sob a guarda do Sr. Malicorne — continuou rindo-se, a louca, ao passo que principiava a despir-se — do digno Sr. Malicorne — ajuntou, apagando a vela com um sopro — que julga ser apenas vedor-mor de Monsieur, mas que hei de fazer arquivista e historiógrafo da casa de Bourbon e das melhores casas do reino. Queixe-se agora, se puder, o emburrado Malicorne!

E, cerrando as cortinas, adormeceu.

Capítulo XXII - A viagem

NO dia imediato, indicado para a partida, às onze horas em ponto, desceu o rei com as rainhas e Madame a escadaria principal para tomar a carruagem, tirada por seis cavalos, que escarvavam o chão com as patas ao pé da escada.

Toda a corte esperava na Ferradura com trajos de viagem; e era brilhante espetáculo aquela quantidade de cavalos selados, de carros atrelados, de homens e mulheres cercados de seus oficiais, de seus lacaios, de seus pajens.

O rei subiu no carro com as duas rainhas.

Madame fez o mesmo com Monsieur.

As damas de honor imitaram-nos e acomodaram-se, de duas em duas, nas caleças que lhes eram destinadas.

A sege do rei saiu na frente, depois a de Madame, depois as outras, segundo a etiqueta.

Fazia calor; a leve aragem, que de manhã se julgara suficiente para refrescar a atmosfera, foi logo abrasada pelo sol, escondido pelas nuvens, e passava, através do vapor quente que se erguia do chão, como vento escaldante que levantava uma poeira fina e fustigava os viajantes apressados.

Madame foi a primeira a queixar-se do calor.

Monsieur respondeu-lhe deixando-se cair dentro do carro como um homem que vai desmaiar e inundou-se de sais e águas de cheiro, arrancando do peito profundos suspiros.

Disse-lhe então Madame com a sua expressão mais amável:

— Em realidade, Monsieur, eu vos supunha tão galante, com o calor que está fazendo, que deixásseis o carro para mim e terminásseis a viagem a cavalo.

— A cavalo! — bradou o príncipe, aterrado, mostrando o quanto estava longe de aderir ao estranho projeto; — a cavalo! Não sabeis o que estais dizendo, Madame! Toda a minha pele se arruinaria ao contato desse vento de fogo.

Madame pôs-se a rir.

— Levareis a minha sombrinha — disse ela.

— E o trabalho de segurá-la? — tornou Monsieur com o maior sangue frio — de mais a mais, não tenho cavalo.

— Como! Não tendes cavalo? — replicou a princesa, que, se não obtinha o apartamento, conseguia pelo menos arreliar o marido. — Não tendes cavalo? Engano vosso, pois vejo lá embaixo o vosso baio favorito.

— O meu cavalo baio? — exclamou o príncipe, tentando executar na direção da portinhola um movimento tão penoso que só o realizou pela metade, dando-se pressa a voltar à imobilidade.

— Sim — tornou Madame — o vosso cavalo, puxado pelo Sr. de Malicorne.

— Pobre bicho! — replicou o príncipe. — Como vai sentir calor! E, ditas essas palavras, cerrou os olhos, qual moribundo que expira.

De seu lado, estendeu-se Madame preguiçosamente no canto oposto da caleça e fechou os olhos também, não para dormir, mas para sonhar mais à vontade.

Entretanto, sentado no banco da frente do carro, cujo assento traseiro cedera às rainhas, sentia o rei a viva contrariedade dos apaixonados inquietos, que, sem saciarem jamais a sede ardente, desejam permanentemente a vista do objeto amado e depois se afastam com um meio contentamento, sem perceberem que a sede se tornou mais ardente ainda.

Indo na frente, como dissemos, não podia, de onde estava, enxergar os carros das damas de honor, que vinham por último.

Cumpria-lhe, de resto, responder às eternas interpelações da rainha, que, felicíssima por ter junto de si o *seu querido marido,* como dizia, esquecida da etiqueta real, acometia-o com o seu amor, agrilhoava-o com os seus cuidados, receosa de que lho tomassem ou que ele sentisse desejos de deixá-la.

Absorta nas surdas guinadas que, de tempos a tempos, sentia no seio, Ana d'Áustria conservava, todavia, o semblante alegre, e, se bem adivinhasse a impaciência do rei, prolongava-lhe maliciosamente o suplício por inesperados reinícios de conversação, quando o monarca, recaindo em si, começava a acarinhar mentalmente os seus secretos amores.

Tudo isso, atençõezinhas da rainha, arrelias de Ana d'Áustria, acabou parecendo insuportável ao rei, que não sabia dominar os impulsos do coração.

Queixou-se primeiro do calor; era o prólogo de outras queixas.

Fê-lo, porém, com tanta habilidade que Maria Teresa não lhe adivinhou o intento.

Tomando, pois, o que dizia o marido ao pé da letra, pôs-se a abaná-lo com as suas plumas de avestruz.

Mas, passado o calor, Sua Majestade queixou-se de câimbras e de impaciência nas pernas e como, precisamente naquele momento, a carruagem parasse para mudar os cavalos:

— Quereis que eu desça convosco? — perguntou a rainha. — Também sinto as pernas inquietas. Caminharemos um pouco e, quando os carros nos alcançarem, retomaremos o nosso lugar.

O rei franziu o cenho; dura provação inflige ao seu infiel a mulher ciumenta que, embora dominada pelo ciúme, não dá pretexto à cólera.

Não obstante, el-rei não podia recusar: aceitou o alvitre, desceu, ofereceu o braço à rainha e deu com ela alguns passos, enquanto se trocavam os cavalos.

Dirigiu um olhar de inveja aos cortesãos que tinham a ventura de fazer o percurso a cavalo.

A rainha não tardou em perceber que a caminhada agradava tão pouco ao marido quanto a viagem de carro. Pediu, portanto, para voltar à sege.

O rei conduziu-a até ao estribo, mas não subiu com ela. Deu três passos para trás e procurou, na fila de carros, reconhecer o que tanto lhe interessava.

À portinhola do sexto assomava o rosto branco de La Vallière.

Enquanto o rei, imóvel no lugar, se perdia em cismas sem se advertir de que tudo estava pronto e de que só se esperava por ele, ouviu, a três passos, uma voz que o interpelava, respeitosa. Era o Sr. de Malicorne, em trajo completo de escudeiro, segurando debaixo do braço esquerdo as rédeas de dois cavalos.

— Vossa Majestade pediu um cavalo? — perguntou.

— Um cavalo! Teríeis acaso um de meus cavalos? — indagou o rei, tentando reconhecer o gentil-homem, com cujo rosto ainda não se familiarizara.

— Sire — respondeu Malicorne — tenho pelo menos um cavalo a serviço de Vossa Majestade.

E indicou o cavalo baio de Monsieur, que chamara a atenção de Madame.

O ginete era soberbo e estava regiamente ajaezado.

— Mas não é um dos meus animais? — perguntou o rei.

— Sire, *é* um cavalo das cocheiras de Sua Alteza Real. Mas Sua Alteza Real não monta com esse calor.

O rei não respondeu, mas aproximou-se do corcel, que golpeava a terra com as patas.

Malicorne fez menção de oferecer o estribo; Sua Majestade já estava sobre a sela.

Com a alegria que lhe devolvera aquele feliz acaso, Luís correu, sorridente, para o carro das rainhas que o esperavam, e, a despeito do ar assustado de Maria Teresa:

— Ah! — disse ele — encontrei este cavalo e vou aproveitá-lo. Eu estava sufocando no carro. Até à vista, senhoras.

Depois, inclinando-se graciosamente sobre o pescoço arredondado da montaria, desapareceu.

Inclinou-se Ana d'Áustria para segui-lo com a vista; não o seguiu muito longe, pois, chegado ao sexto carro, el-rei sofreou o ginete e tirou o chapéu.

Cumprimentou La Vallière, que, vendo-o, soltou um gritinho de surpresa e corou de prazer.

Montalais, que ocupava o outro canto do carro, dirigiu ao rei profunda vénia. Depois, como mulher inteligente, fingiu absorver-se na contemplação da paisagem e encolheu-se no canto da esquerda.

A conversação entre o rei e La Vallière principiou como todas as conversações de namorados, por olhares eloqüentes e palavras a princípio sem sentido. O rei explicou que sentira tanto calor dentro do carro que o cavalo lhe parecera uma bênção.

— E — ajuntou — o meu benfeitor é um homem inteligentíssimo, pois adivinhou os meus desejos.

Agora, só quero saber quem é o fidalgo que tão habilmente serviu ao rei, salvando-o do tédio cruel que o supliciava.

Durante esse colóquio, que desde o princípio a espertara, voltara Montalais a aproximar-se, colocando-se de modo que encontrasse o olhar do rei quando este concluísse a frase.

Daí resultou que, olhando o rei tanto para ela quanto para La Vallière ao formular a pergunta, Montalais pôde crer que, sendo também interrogada, podia responder.

Foi o que fez.

— Sire — disse ela — o cavalo montado por Vossa Majestade é um dos cavalos de Monsieur, conduzido pelas rédeas por um dos fidalgos de Sua Alteza Real.

— E como se chama o fidalgo, por favor, senhorita?

— O Sr. de Malicorne, Sire.

O nome produziu o efeito de sempre. — Malicorne? — repetiu o rei sorrindo.

— Sim, Sire. É este cavaleiro que galopa à minha esquerda — respondeu Aura.

E indicou o nosso Malicorne, que trotava, com expressão beatífica, à portinhola da esquerda, sabendo perfeitamente que falavam dele naquele instante, mas imóvel na sela como se fosse surdo-mudo.

— É esse mesmo — disse o rei; — lembro-me do rosto dele e hei de lembrar-me do seu nome.

E olhou ternamente para La Vallière.

Aura não podia fazer mais nada; deixara cair, como semente, o nome de Malicorne; o terreno era bom; só lhe restava, portanto, aguardar que o nome brotasse e que o incidente produzisse os seus frutos.

Em conseqüência disso, tornou a encolher-se no canto com o direito de fazer para o Sr. de Malicorne quantos trejeitos agradáveis quisesse, visto que o Sr. de Malicorne tivera a felicidade de agradar ao rei. E, como não é de admirar, não se fez de rogada. Com o ouvido aguçado e o olhar sonso, Malicorne recolheu estas palavras: "Vai tudo bem", acompanhadas de uma pantomina que encerrava um simulacro de beijo.

— Ai de mim! senhorita — disse afinal o rei — a nossa liberdade vai acabar; o vosso serviço junto de Madame será mais rigoroso, e não tornaremos a ver-nos.

— Vossa Majestade gosta tanto de Madame — respondeu Luísa. — que há de querer visitá-la com freqüência; é quando Vossa Majestade atravessar a sala...

— Ah! — atalhou o rei com voz terna e em tom cada vez mais baixo — avistar-se não é ver-se; e,

no entanto, parece que isso vos satisfaz.

Luísa não respondeu; um suspiro dilatava-lhe o coração, mas conseguiu abafá-lo.

— Tendes extraordinário domínio sobre vós mesma — disse o rei.

La Vallière sorriu, melancólica.

— Empregai essa força em amar — continuou ele — e eu abençoarei a Deus pela haver-vos dado.

La Vallière continuou em silêncio, mas ergueu para o rei um olhar cheio de amor.

Como se o devorasse aquele olhar ardente, Luís passou a mão pela testa e, apertando o cavalo com os joelhos, obrigou-o a dar alguns passos para a frente.

Ela, reclinada no assento, com os olhos semicerrados, não perdia vista do guapo cavaleiro, cujas plumas se agitavam ao vento: amava-lhe os braços graciosos; as pernas, finas e nervosas, que comprimiam os flancos da montaria; o perfil realçado pelos formosos cabelos anelados, que às vezes se erguiam para mostrar uma linda orelha cor-de-rosa.

Enfim, a pobre criança amava e o seu amor a embriagava. Volvido um instante, tornou o rei para junto dela. E disse-lhe:

— Não vedes que o vosso silêncio me fere o coração? Oh! senhorita, como deveis ser implacável quando vos decidirdes a um rompimento! Além disso, creio que sois volúvel...

Enfim, tenho medo deste amor profundo que começais a inspirar-me.

— Oh! Sire, Vossa Majestade se engana — disse La Vallière; — quando eu amar, será para toda a vida.

— Quando amardes! — exclamou o rei com altivez. — Então não amais?

Ela escondeu o rosto entre as mãos.

— Estais vendo, estais vendo? — insistiu o rei. — Eu tinha razão de acusar-vos. Sois volúvel, caprichosa, casquilha talvez! Oh! meu Deus! meu Deus!

— Não — obtemperou ela; — descanse Vossa Majestade; não, não, não!

— Sereis sempre a mesma para mim?

— Sempre, Sire.

— Nunca tereis essas durezas que partem o coração, essas súbitas mudanças que seriam capazes de matar-me?

— Não! oh! não.

— Pois bem, eu gosto de promessas, gosto de colocar sob a garantia do juramento, isto é, sob a salvaguarda de Deus, tudo o que interessa ao meu coração e ao meu amor. Prometei-me, ou melhor, jurai-me, jurai-me que, nesta vida que vamos começar, cheia de sacrifícios, de mistérios, de sofrimentos, feita de contratempos e mal-entendidos, jurai-me que, se nos enganarmos, se nos compreendermos mal, se procedermos mal um com o outro, e isso em amor é crime, jurai-me, Luísa!...

Ela estremeceu até ao fundo do coração; era a primeira vez que ouvia assim o próprio nome pronunciado pelo seu real apaixonado.

Luís, descalçando a luva, estendeu a mão na direção do carro.

— Jurai-me — continuou — que em todas as nossas brigas, estando separados, nunca deixaremos passar uma noite após uma desavença sem que uma visita ou, pelo menos, um recado de um leve ao outro a consolação e o repouso.

La Vallière tomou entre as mãos frias a mão escaldante do rei e apertou-a suavemente, até que um movimento do cavalo, assustado pela rotação da roda próxima, lhe arrancou essa felicidade.

Ela jurara.

— Volte, Sire — disse ela — volte para ao pé das rainhas; pressinto lá embaixo uma tempestade,

uma tempestade que ameaça o meu coração.

Luís obedeceu, cumprimentou a Srta. de Montalais e partiu a galope para aproximar-se do carro das rainhas. Ao passar, viu Monsieur, que estava dormindo. Madame, porém, continuava acordada.

E ela disse ao rei, à sua passagem:

— Que bom cavalo, Sire!... Não é o cavalo baio de Monsieur? Quanto à rainha, pronunciou tão-somente estas palavras:

— Estais melhor, meu querido Sire?

Capítulo XXIII - Triunfeminato

CHEGANDO a Paris, dirigiu-se o rei ao conselho e trabalhou parte do dia. A rainha ficou em seus aposentos com a rainha-mãe e rompeu em soluços depois de se haver despedido do marido.

— Ah! minha mãe — carpia-se ela — o rei já não me ama. Que será de mim, Santo Deus?

— Um marido ama sempre uma esposa como vós — respondeu Ana d'Áustria.

— Mas pode chegar o momento, minha mãe, em que ele comece a amar outra mulher.

— A que chamais amar?

— Ao pensar constantemente em alguém, ao buscar sempre essa pessoa.

— Já vistes o rei fazer essas coisas? — perguntou Ana d'Áustria.

— Não, senhora — respondeu a rainha, hesitando.

— Então, Maria!

— No entanto, minha mãe, convinde em que o rei me descura.

— O rei, minha filha, pertence inteiramente ao seu reino.

— E aí está porque já não me pertence; aí está porque me verei, como tantas rainhas, abandonada, esquecida, ao passo que o amor, a glória e as honras serão para os outros. Oh! minha mãe, o rei é tão belo! Quantas lhe dirão que o amam, quantas, por certo, o amarão!

— É raro que as mulheres amem o homem no rei. Mas ainda que isso acontecesse, o que eu duvido, querei antes, Maria, que essas mulheres o amem deveras. Em primeiro lugar, o amor devotado da amante é um elemento de dissolução rápida para o amor do amante; amando, perde a amante o seu domínio sobre o amante, cujo poder e cuja riqueza ela não deseja, pois só lhe pretende o amor. Desejai, portanto, que o rei não ame, mas que a sua amante o adore!

— Oh! minha mãe, é tão grande o poder de um amor profundo!

— E dizeis que sois abandonada?

— É verdade, é verdade, eu disparato... Mas há um suplício, minha mãe, a que eu não saberia resistir.

— Qual?

— O de uma escolha feliz, o de um lar que se estabelecesse ao lado do nosso; o de uma família que ele viesse a encontrar ao pé de outra mulher. Oh! se eu visse um dia filhos do rei... eu morreria!

— Maria! Maria! — replicou a rainha-mãe com um sorriso, pegando na mão da nora — lembrai-vos do que vou dizer-vos e que isso vos sirva sempre de consolo: O rei não pode ter um delfim sem vós, e vós podeis tê-lo sem ele.

A essas palavras, acompanhadas de um frouxo expressivo de riso, a rainha-mãe deixou a nora a fim de receber Madame, cuja entrada no gabinete acabava de ser anunciada por um pajem.

Madame mal tivera tempo de trocar de roupa.

Chegava com uma dessas fisionomias agitadas, que revelam um plano cuja execução preocupa e cujo resultado inquieta.

— Eu vinha ver — disse ela — se. Vossas Majestades sentiram algum cansaço após a nossa viagenzinha.

— Nenhum — respondeu a rainha-mãe.

— Algum — replicou Maria Teresa.

— Pois eu, senhoras, senti principalmente uma contrariedade.

— Que contrariedade? — perguntou Ana d'Áustria.
— A fadiga que deve ter sentido o rei correndo a cavalo como correu.
— Ora! Isso lhe fez bem.
— E eu mesma lho aconselhei — acudiu Maria Teresa, empalidecendo.
Madame não respondeu, mas um daqueles seus sorrisos peculiares desenhou-se-lhe nos lábios sem, contudo, passar para o resto da fisionomia; e, mudando incontinenti de assunto:
— Viemos encontrar Paris exatamente igual à Paris que deixamos: cheia de intrigas, de tramas, de garridices.
— Intrigas!... Que intrigas? — perguntou a rainha-mãe.
— Fala-se muito no Sr. Fouquet e na Sra. Plessis-Bellière.
— Que assim ocupa o décimo milésimo lugar na fila? — observou a rainha-mãe. — E as tramas?
— Temos, pelo que parece, encrencas com a Holanda.
— Como assim?
— Monsieur contou-me a história das medalhas.
— Ah! — exclamou a rainha — as medalhas cunhadas na Holanda... em que se vê uma nuvem passar sobre o sol do rei. Não devíeis chamar a isso uma trama; é uma injúria.
— Tão desprezível, que o rei a desprezará — concluiu a rainha-mãe. — Mas, que dizíeis das garridices? Aludis acaso à Sra. d'Olonne?
— Não, não; eu estava procurando mais perto de nós.
— *Casa de usted* — murmurou a rainha-mãe, sem mover os lábios, ao ouvido da nora.
Madame, que não ouvira, continuou:
— Vossas Majestades souberam da notícia medonha?
— Oh! sim, o ferimento do Sr. de Guiché.
— E atribuem-no, como toda a gente, a acidente de caça?
— Naturalmente — retrucaram as duas rainhas, desta feita interessadas.
Madame chegou-se mais a elas.
— Um duelo — disse, baixinho.
— Ah! — tornou, severa, Ana d'Áustria, a cujos ouvidos soava mal a palavra *duelo,* proscrita em França desde que principiara a reinar.
— Um duelo lamentável, que quase custou, a Monsieur, dois de seus melhores amigos; e ao rei, dois bons servidores.
— E por que o duelo? — perguntou a rainha, movida por um instinto secreto.
— Garridices — repetiu triunfalmente Madame. — Esses senhores dissertaram sobre a virtude de uma dama; um deles achou que Palas era pouca coisa ao lado dela; entendeu o outro que ela parecia Vênus provocando Marte, e o caso é que os dois combateram como Heitor e Aquiles.
— Vênus provocando Marte? — repetiu consigo só a rainha, sem se atrever a aprofundar a alegoria.
— Quem é a dama? — perguntou sem rebuços Ana d'Áustria. — Dissestes, creio eu, uma dama de honor?
— Eu disse? — volveu Madame.
— Dissestes, sim. Creio mesmo ter-lhe ouvido o nome.
— Sabeis que uma mulher dessa espécie é funesta numa casa real?
— É a Srta. de La Vallière? — perguntou a rainha-mãe.
— Exatamente, é aquela feinha.
— Eu a supunha noiva de um fidalgo que não é o Sr. de Guiché nem o Sr. de Wardes...

— É possível, senhora.

A rainha pegou num bordado e principiou a desfazê-lo com aparência de tranqüilidade, traída pelo tremor dos dedos.

— Falastes de Vênus e de Marte — insistiu a rainha-mãe. — Haverá um *Marte?*

— Ela gaba-se disso.

— Ela gaba-se disso?

— Pois se foi a causa do combate!

— E o Sr. de Guiché sustentou a causa de Marte?

— Naturalmente, como bom servidor.

— Como bom servidor! — bradou a rainha, esquecida de todo e qualquer comedimento para deixar escapar o ciúme; — servidor de quem?

— Marte — replicou Madame — não podendo ser defendido senão à custa de Vênus, o Sr. de Guiché proclamou a inocência absoluta de Marte e sem dúvida afirmou que Vênus se gabava sem motivo.

— E o Sr. de Wardes — acudiu Ana d'Áustria — sustentava que Vênus tinha razão? "Ah! de Wardes" — pensou Madame — "pagareis caro o que fizestes ao mais nobre dos homens!"

E passou a atacá-lo com o maior encarniçamento, pagando assim a dívida do ferido e a sua, na certeza de que cavava, para o futuro, a ruína do inimigo. E tanto falou que Manicamp, se lá estivesse, se teria arrependido de haver servido tão bem o amigo, visto que disso resultava a ruína do infeliz adversário.

— Em tudo isso — disse Ana d'Áustria, só vejo uma peste: a tal La Vallière.

A rainha reencetou o bordado com absoluta frieza.

Madame não disse nada.

— Não é a vossa opinião? — perguntou Ana d'Áustria. — Não atribuís a ela a causa da briga e do combate?

Madame respondeu por um gesto que tanto poderia ser negativo quanto afirmativo.

— Então não compreendo direito o que me dissestes sobre os perigos da garridice — volveu Ana d'Áustria.

— É verdade — apressou-se em dizer Madame — que, se a tal pessoinha não fosse garrida, Marte não se teria interessado por ela.

A palavra *Marte* devolveu um fugitivo rubor ao rosto da rainha; não obstante, prosseguiu no trabalho encetado.

— Não quero que em minha corte se armem assim os homens uns contra os outros — disse fleumaticamente Ana d'Áustria. — Esses costumes talvez fossem úteis numa quadra em que a nobreza, dividida, encontrava na galanteria o seu único toque de reunir. Naquele tempo as mulheres, que reinavam sós, tinham o privilégio de alimentar o valor dos gentis-homens com exercícios freqüentes. Mas hoje, mercê de Deus! só há um senhor em França. A esse senhor é devido o concurso de todas as forças e de todos os pensamentos. Não permitirei que tirem de meu filho um único servidor.

E voltou-se para a rainha.

— Que se há de fazer com essa La Vallière? — perguntou.

— La Vallière? — tornou a rainha surpreendida. — Não conheço o nome.

E a resposta foi acompanhada de um desses gélidos sorrisos que somente assentam bem em bocas reais.

Madame era também uma grande princesa, pelo espírito, pelo nascimento e pelo orgulho; sem

embargo disso, o peso daquela resposta esmagou-a; foi obrigada a esperar um pouco para recuperar-se.

— É uma das minhas damas de honor — replicou, com uma vênia.

— Então — retrucou Maria Teresa, no mesmo tom — o problema é vosso, minha irmã... e não nosso.

— Perdão — sobreveio Ana d'Áustria — o problema é meu. E compreendo muito bem — ajuntou, dirigindo a Madame um olhar de inteligência — compreendo porque Madame me disse o que acaba de dizer-me.

— O que emana de Vossa Majestade — respondeu a princesa inglesa — sai da boca da Sabedoria.

— Podia-se recambiar a menina — disse Maria Teresa com suavidade — e dar-lhe uma pensão.

— Do meu cofre! — exclamou com vivacidade Madame.

— Não, não, Madame — interrompeu Ana d'Áustria — nada de escândalos, por favor. O rei não quer que se dêem motivos a murmurações contra as damas. Tudo isto, por obséquio, deve acabar em família.

— Madame, far-me-eis a fineza de mandar aqui essa rapariga. E vós, minha filha, tereis a bondade de recolher-vos por um instante ao vosso quarto.

Os pedidos da velha rainha eram ordens. Maria Teresa levantou-se para recolher aos seus aposentos, e Madame para mandar chamar La Vallière por intermédio de um pajem.

Capítulo XXIV - Primeira rusga

LA VALLIÈRE entrou à presença da rainha-mãe sem a menor desconfiança de que se tramava contra ela perigoso conluio. Supunha tratar-se de questões de serviço e a rainha-mãe nunca se mostrara má em tais circunstâncias. De mais disso, como não estivesse imediatamente sujeita à autoridade de Ana d'Áustria, só podia manter com ela relações oficiosas, a que a sua própria vontade de agradar e a posição da augusta princesa faziam-na julgar-se na obrigação de emprestar a melhor graça possível.

Adiantou-se, portanto, para a rainha-mãe com o sorriso plácido e suave que era o traço preponderante de sua beleza.

Como se detivesse a alguns passos, Ana d'Áustria fez-lhe sinal que se aproximasse da poltrona em que estava sentada.

Nesse instante voltou a entrar Madame, e, com ar perfeitamente tranqüilo, instalou-se perto da sogra, retomando o trabalho principiado por Maria Teresa.

Em vez da ordem que esperava receber, advertiu-se La Vallière desses preâmbulos e interrogou, curiosa, se não inquieta, o rosto das duas princesas.

Ana refletia.

Madame continuava a simular uma indiferença que teria alarmado pessoas menos tímidas.

— Senhorita — disse de súbito a rainha-mãe sem moderar o sotaque espanhol, o que só deixava de fazer quando se encolerizava — conversemos um pouco sobre vós, visto que o fazem todos.

— Sobre mim? — exclamou La Vallière empalidecendo.

— Fingi que o ignorais, minha bela; não soubestes do duelo entre o Sr. de Guiché e o Sr. de Wardes?

— Meu Deus! senhora, só ontem me chegaram os rumores a esse respeito — respondeu La Vallière juntando as mãos.

— E não os havíeis pressentido?

— Por que haveria eu de pressenti-los, Madame?

— Porque dois homens nunca se batem sem motivo, e não vos deviam ser alheios os motivos de animosidade dos adversários.

— Eu os ignorava completamente, senhora.

— A negação perseverante é um sistema de defesa um tanto vulgar, e vós, que sois uma moça inteligente, senhorita, deveríeis evitar as vulgaridades. Vamos a outra coisa.

— Meu Deus! Vossa Majestade me apavora com esse ar gelado. Terei tido a desventura de incorrer no desagrado de Vossa Majestade?

Madame principiou a rir. La Vallière considerou-a, estupefata. Ana prosseguiu:

— No meu desagrado!... Incorrer no meu desagrado! Não sabeis o que estais dizendo, Srta. de La Vallière! É preciso que eu pense em alguém para que esse alguém incorra no meu desagrado.

Só penso em vós porque andais um tanto falada, e não gosto de que falem das damas de minha corte.

— Vossa Majestade me faz a honra de dizer-mo — replicou La Vallière, assustada; — mas não compreendo porque se ocuparão os outros de mim.

— Pois eu vou dizer-vos. O Sr. de Guiché, segundo parece, viu-se na obrigação de defender-vos.

— A mim?

— Exatamente. O gesto é próprio de um cavaleiro, e as belas aventureiras gostam de que os cavaleiros se batam por elas. Mas como aborreço os combates aborreço principalmente as aventuras, e... interpretai-o como quiserdes.

La Vallière ajoelhou-se aos pés da rainha, que lhe virou as costas. Estendeu as mãos para Madame, que se riu dela. Um sentimento de orgulho reergueu-a.

— Senhoras — disse ela — perguntei qual é o meu crime; Vossa Majestade deve dizer-mo; pelo que vejo, porém, Vossa Majestade me condena sem permitir que eu me justifique.

— Eh! — bradou Ana d'Áustria — vede que belas frases, Madame, que belos sentimentos! Essa rapariga é uma infanta, é uma das aspirantes do grande Ciro... é um poço de ternura e de fórmulas heróicas. Vê-se por aí, minha beldade, que cultivamos o espírito no trato das cabeças coroadas.

La Vallière sentiu-se mordida no coração; já não estava pálida, estava branca como um lírio, e as forças lhe faleciam.

La Vallière se sentit mordue au cœur; elle devint non plus pâle, mais blanche comme un lis, et toute sa force l'abandonna. — Page 307.

— Eu queria dizer-vos — atalhou, desdenhosa, a rainha-mãe — que, se continuardes a nutrir tais sentimentos, acabar-nos-eis humilhando, a nós, mulheres, a tal ponto que nos sentiremos envergonhadas de figurar ao pé de vós. Voltai à singeleza, senhorita. A propósito, que foi o que me disseram? Que éreis noiva, se não me falha a memória?

La Vallière comprimiu o coração, que um sofrimento novo acabava de alancear.

— Respondei quando vos falam.

— Sim, senhora. — De um fidalgo.

— Que se chama?

— O Sr. Visconde de Bragelonne.

— Sabeis que é uma felicidade para vós, senhorita? Sem fortuna, sem posição... sem grandes atributos pessoais, deveríeis abençoar o céu que vos proporciona um futuro como esse.

La Vallière não respondeu.

— E onde está o Visconde de Bragelonne? — continuou a rainha.

— Na Inglaterra — acudiu Madame — onde os rumores das conquistas da noiva não tardarão em chegar-lhe aos ouvidos.

— Ó céus! — murmurou La Vallière, desvairada.

— Pois bem, senhorita — disse Ana d'Áustria — faremos que volte esse rapaz, e sereis enviada para um lugar qualquer em companhia dele. Se não vos agrada a perspectiva, pois as raparigas têm, às vezes, umas idéias esquisitas, fiai-vos de mim, que vos reconduzirei ao bom caminho; já o fiz por outras que não tinham os vossos merecimentos.

La Vallière não ouvia. Implacável, a rainha ajuntou:

— Mandar-vos-ei sozinha para algum lugar, onde podereis refletir maduramente. A reflexão acalma os ardores do sangue e devora as ilusões da juventude. Compreendestes?

— Senhora! Senhora!

— Nem mais uma palavra.

— Senhora, sou inocente de tudo o que Vossa Majestade pode imaginar. Veja o meu desespero. Amo, respeito tanto Vossa Majestade!

— Melhor seria que não me respeitásseis — volveu a rainha com fria ironia. — Melhor seria que não fôsseis inocente. Imaginais, acaso, que eu me limitaria a falar, se tivésseis cometido algum erro?

— Oh! senhora, Vossa Majestade me mata.

— Nada de comédias, por favor; pois do contrário, eu me encarrego do desfecho. Ide, voltai aos vossos aposentos, e a minha lição vos aproveite.

— Madame — disse La Vallière à Duquesa de Orléans, pegando-lhe nas mãos — pedi por mim, vós que sois tão boa!

— Eu? — replicou a interpelada com uma alegria insultante. — Eu, boa?... Ah! senhorita. Não sabeis o que estais dizendo.

E repeliu duramente a mão da menina.

Esta, em vez de sucumbir, como talvez inferissem de sua palidez e de suas lágrimas as duas princesas, recobrou, de súbito, a calma e a dignidade; fez uma reverência profunda e saiu.

— Então — perguntou Ana d'Áustria a Madame — acreditais que ela continue?

— Desconfio muito dos caracteres dóceis e pacientes — replicou Madame. — Não há nada mais corajoso do que um coração paciente, e nada mais seguro de si do que um espírito dócil.

— Pois eu vos garanto que ela pensará mais de uma vez antes de voltar os olhos para o deus Marte.

— A menos que se sirva do escudo dele — retorquiu Madame.

Um olhar altivo da rainha-mãe respondeu a essa objeção, não destituída de finura, e as duas damas, mais ou menos certas da vitória, foram ter com Maria Teresa, que as aguardava disfarçando a impaciência.

Eram seis e meia da tarde, e o rei terminara a merenda. Não perdeu tempo; concluída a refeição, encerrados os trabalhos, tomou de Saint-Aignan pelo braço e ordenou-lhe que o conduzisse aos aposentos de La Vallière. O cortesão recalcitrou.

— Que é que tem isso? — tornou o rei; — é um hábito que precisa ser tomado, e, para tomar um hábito, uma vez há de ser a primeira.

— Mas, Sire, o apartamento das damas de honor, aqui, é uma lanterna: toda a gente vê os que entram e os que saem. Parece-me que um pretexto... Este, por exemplo...

— Qual?

— Se Vossa Majestade consentisse em esperar que Madame se recolhesse...

— Chega de pretextos! Chega de esperas! Chega de contratempos e de mistérios! Não vejo em que se desonra o rei de França privando com uma dama inteligente. *Honni soit qui mal y pense!*

— Sire, Sire, Vossa Majestade me perdoará um excesso de zelo...

— Fala.

— E a rainha?

— É verdade! É verdade! Quero que a rainha seja sempre respeitada. Pois bem, esta noite ainda irei aos aposentos da Srta. de La Vallière, e, depois, arranjarei todos os pretextos que quiserdes. Amanhã, procuraremos; mas hoje não tenho tempo.

De Saint-Aignan não replicou; desceu a escada à frente de Sua Majestade e atravessou os pátios com uma vergonha que a honra insigne de servir de escudo ao rei não atenuava.

De Saint-Aignan não queria ver-se diminuído no conceito de Madame e das duas rainhas.

Tampouco desejava desagradar à Srta. de La Vallière; e o caso é que, para fazer tanta coisa bonita ao mesmo tempo, difícil lhe fora não topar com alguma dificuldade.

Ora, as janelas da rainha, as da rainha-mãe e as da mesma Madame davam para o pátio das damas de honor. Ser visto a conduzir o rei era romper com as três grandes princesas, com três mulheres de crédito inamovível em troca do fraco atrativo de um crédito efêmero de amante.

O infeliz de Saint-Aignan, que tinha tanta coragem para proteger La Vallière debaixo dos quincôncios ou no parque de Fontainebleau, já não se sentia corajoso em plena luz: achava mil defeitos na rapariga e ardia por transmitir ao rei as suas impressões.

Mas o seu suplício terminou; atravessaram-se os pátios. Nem uma cortina se ergueu, nem uma janela se abriu. O rei caminhava depressa: não só por causa da própria impaciência, mas também por causa das pernas compridas de de Saint-Aignan, que o precedia.

À porta, de Saint-Aignan quis eclipsar-se; o monarca deteve-o.

Era uma delicadeza que o cortesão dispensaria de bom grado.

Teve de segui-lo ao quarto de La Vallière.

À chegada do soberano, a menina acabava de enxugar os olhos; mas fê-lo tão precipitadamente que o rei o notou. Interrogou-a como amante interessado; apertou com ela.

— Não tenho nada, Sire.

— Mas, afinal, estáveis chorando.

— Oh! não, Sire.

— Olha, de Saint-Aignan: estou enganado?

De Saint-Aignan devia responder; mas sentia-se profundamente encalistrado.

— Enfim, tendes os olhos vermelhos, senhorita — disse o rei.

— Foi a poeira da estrada, Sire.

— Não, não, perdestes o ar de satisfação que vos torna tão bela e tão atraente. Nem olhais para mim.

— Sire!

— Que digo? Evitais os meus olhares. Ela, de fato, virara o rosto.

— Mas, pelo amor de Deus, que há? — perguntou Luís, cujo sangue principiara a ferver.

— Torno a dizer-lhe que não há nada, Sire; e estou pronta para mostrar a Vossa Majestade que o meu espírito continua tão livre quanto o deseja Vossa Majestade.

— O vosso espírito livre, se vos vejo inteiramente enleada, até no gesto? Ter-vos-ão ferido, magoado?

— Não, não, Sire.

— Oh! se assim fôr, preciso sabê-lo! — disse o jovem príncipe com olhos fuzilantes.

— Ninguém, Sire, ninguém me ofendeu.

— Tornai a assumir, então, a sonhadora alegria ou a alegre melancolia que tanto me agradou hoje cedo... por favor!

— Sim, Sire, sim!

O rei bateu com o pé no chão.

— É inexplicável tamanha mudança! — disse ele.

E olhou para de Saint-Aignan, que também reparara na triste languidez de La Vallière e na impaciência do rei.

Por mais que ele pedisse, por mais que se empenhasse em combater aquela disposição fatal, a menina estava alquebrada; o próprio aspecto da morte não a teria despertado do seu torpor.

Viu-lhe o rei na facilidade negativa um mistério pouco lisonjeiro para si; pôs-se a olhar à sua volta com ar suspeitoso.

Havia precisamente no quarto de La Vallière um retrato em miniatura de Athos.

O rei descobriu o retrato, que se parecia muitíssimo com Bragelonne, pois fora feito durante a mocidade do conde.

Fitou na pintura os olhos ameaçadores.

No estado de opressão em que se achava, a cem léguas de pensar no retrato, não pôde La Vallière adivinhar a preocupação do soberano.

A Luís, contudo, acudira uma lembrança terrível que, mais de uma vez, lhe preocupara o espírito, mas que ele sempre afastara.

Rememorava a intimidade dos dois jovens desde que haviam nascido.

Rememorava o noivado que dela se seguira.

Rememorava a audiência em que Athos fora pedir-lhe a mão de La Vallière para Raul.

Imaginou que, de volta a Paris, La Vallière tivesse recebido notícias de Londres e que essas notícias houvessem contra-arrestado a influência que ele pudera assumir sobre ela.

Quase imediatamente sentiu picar-lhe as têmporas o tavão selvagem que se chama ciúme.

Interrogou de novo, com azedume.

La Vallière não podia responder: precisaria dizer tudo, precisaria acusar a rainha, precisaria acusar Madame.

Era uma luta aberta que teria de sustentar contra duas grandes e poderosas princesas.

Além disso parecia-lhe que, não fazendo nada para esconder ao rei o que nela se passava, o rei deveria ler-lhe no coração através do seu silêncio.

Se ele realmente a amasse, compreenderia, adivinharia tudo.

Que era então a simpatia se não a chama divina que alumbra o coração e dispensa da palavra os verdadeiros apaixonados?

Calou-se, portanto, contentando-se de suspirar, de chorar, de esconder a cabeça entre as mãos.

Esses suspiros, essas lágrimas, que a princípio haviam enternecido e depois assustado Luís XIV, agora o irritavam.

Não tolerava a oposição, fosse a dos suspiros e das lágrimas, fosse outra qualquer.

As palavras tornaram-se-lhe acres, urgentes, agressivas. Era um novo sofrimento que se juntava aos mais sofrimentos da menina.

Ela encontrou, no que considerava como injustiça da parte do amado, forças para resistir não somente aos outros, mas a ele também.

Entrou o rei a acusar diretamente.

La Vallière nem sequer tentou defender-se; suportou todas as acusações meneando apenas a

cabeça, sem pronunciar outras palavras senão estas, que escapam dos corações profundamente aflitos:

— Meu Deus! Meu Deus!

Mas, em vez de acalmar a irritação do rei, esse grito de dor a aumentava; era um apelo a um poder superior ao seu, a um ser que poderia defender La Vallière contra ele.

De resto, sentia-se secundado por de Saint-Aignan. De Saint-Aignan, como já dissemos, via avolumar-se a borrasca; ignorava a intensidade do amor que Luís XIV poderia experimentar; pressentia os golpes das três princesas, a ruína da pobre La Vallière, e o seu cavalheirismo não chegava a ponto de deixar-se arrastar por essa ruína.

De Saint-Aignan respondia, portanto, às interpelações do rei apenas com palavras pronunciadas a meia voz ou com gestos entrecortados, que visavam a empeçonhar as coisas e provocar um rompimento que o libertasse da preocupação de atravessar os pátios, em pleno dia, para seguir o seu ilustre companheiro ao quarto de La Vallière.

Nesse entanto, exaltava-se o rei cada vez mais.

Deu três passos para sair e voltou.

A menina não erguera a cabeça, embora o ruído dos passos a advertisse de que ele ia sair.

Deteve-se Luís um instante diante dela, com os braços cruzados.

— Pela última vez, senhorita — disse ele — não quereis falar? Não quereis explicar a causa dessa mudança, dessa versatilidade, desse capricho?

— Que deseja Vossa Majestade que eu lhe diga, santo Deus? — murmurou La Vallière. — Vossa Majestade bem vê que estou esmagada neste momento! Bem vê que não tenho mais vontade, nem pensamento, nem palavras!

— Mas será tão difícil assim dizer a verdade? Com a metade das palavras que pronunciastes já a teríeis dito!

— Mas, a verdade sobre quê?

— Sobre tudo.

A verdade subiu, com efeito, do coração aos lábios de La Vallière. Os seus braços fizeram um movimento para abrir-se, mas a boca permaneceu muda, os braços tornaram a cair. A pobre menina ainda não se sentia tão infeliz que se atrevesse a tamanha revelação.

— Não sei nada — balbuciou.

— Oh! isso é mais que garridice — bradou o rei; — é mais que capricho; é traição!

E, dessa feita, sem que nada o detivesse, sem que os espasmos do coração pudessem fazê-lo retroceder, precipitou-se para fora do quarto com gesto desesperado.

Seguiu-o de Saint-Aignan, que não queria outra coisa senão sair.

Luís XIV só parou na escada, e, agarrando-se ao corrimão:

— Vê — disse ele — fui cruelmente enganado.

— Como assim, Sire? — perguntou o favorito.

— De Guiché bateu-se pelo Visconde de Bragelonne. E esse Bragelonne!...

— Que é que tem?

— Ela ainda o ama! E, à minha fé, de Saint-Aignan, morrerei de vergonha se, dentro em três dias, ainda existir um átomo desse amor em meu coração.

E recomeçou a correr na direção dos seus aposentos particulares.

— Ah! eu bem disse a Vossa Majestade — murmurou de Saint-Aignan, continuando a seguir o rei e olhando timidamente para todas as janelas.

Desgraçadamente, porém, não ocorreu na saída o que sucedera à chegada.

Uma cortina se ergueu; atrás da cortina estava Madame.

Madame vira o rei deixar o apartamento das damas de honor.

Levantou-se quando o rei passou, saiu precipitadamente do quarto e subiu, dois a dois, os degraus que conduziam ao quarto de onde acabava de sair Luís XIV.

Capítulo XXV - Desespero

APÓS a partida do rei, erguera-se La Vallière com os braços estendidos, como para o seguir, como para o deter; depois, quando além das portas fechadas por ele se perdeu o ruído de seus passos, tivera apenas forças suficientes para cair aos pés do crucifixo.

Lá permaneceu, aniquilada, esmagada, imersa no sofrimento, sem atentar para outra coisa que a própria dor, só compreendida, aliás, pelo instinto e pela sensação.

No meio do tumulto de seus pensamentos ouviu reabrir-se a porta. Estremeceu. Voltou-se, cuidando que fosse o rei que regressava.

Enganava-se: era Madame.

Que lhe importava Madame? Tornou a cair, com a cabeça sobre o genuflexório. Era Madame, comovida, irritada, ameaçadora. Mas que dizia ela?

— Senhorita — começou a princesa parando diante de La Vallière — convenho em que é muito bonito ajoelhar, rezar, brincar de religião; mas, por mais submissa que vos mostreis perante o rei do céu, convém que obedeçais um pouco aos príncipes da terra.

La Vallière ergueu penosamente a cabeça em sinal de respeito.

— Ainda há pouco, se não me engano — continuou Madame — fizeram-vos uma recomendação, não foi?

O olhar fixo e desvairado, ao mesmo tempo, da menina revelava-lhe a ignorância e o esquecimento.

— A rainha vos recomendou — prosseguiu Madame — que procedêsseis de modo que ninguém pudesse propalar rumores a vosso respeito.

O olhar de La Vallière tornou-se interrogativo.

— Pois bem — tornou Madame — acaba de sair daqui alguém cuja presença é uma acusação.

La Vallière continuou muda.

— A minha casa — insistiu Madame — que é a casa da primeira princesa de sangue, não pode dar mau exemplo à corte; ora, seríeis vós a causa desse mau exemplo. Declaro-vos, portanto, senhorita, na ausência de toda e qualquer testemunha, porque não quero humilhar-vos; declaro-vos que podeis partir desde já e podeis voltar para a casa da senhora vossa mãe.

La Vallière não podia cair mais do que caíra; não podia sofrer mais do que sofrera.

Não se lhe alterou o semblante; as mãos continuaram juntas sobre os joelhos como as da divina Madalena.

— Ouvistes? — perguntou Madame.

Um frêmito apenas, que percorreu o corpo da menina, respondeu por ela.

E como a vítima não desse outro sinal de existência, Madame saiu.

No coração suspenso, no sangue como coagulado nas veias, sentiu La Vallière, a pouco e pouco, sucederem-se as pulsações, cada vez mais rápidas, nos punhos, no pescoço, nas têmporas.

Aumentando progressivamente, logo se trocaram em febre vertiginosa, em cujo delírio viu turbilhonarem todas as figuras de seus amigos em luta contra os seus inimigos.

Ouvia entrechocarem-se, a um tempo, nos ouvidos ensurdecidos, palavras de ameaça e palavras de amor; já não se lembrava da própria identidade; sentia-se como arrebatada de sua primeira existência pelas asas de furibunda tempestade, e, no horizonte do caminho a que a arrastava o desmaio, via erguer-se a pedra do túmulo, que entremostrava o interior sombrio e formidável da noite eterna.

Mas essa dolorosa obsessão de sonhos acabou-se acalmando, para dar lugar à resignação habitual de seu temperamento.

Um raio de esperança penetrou-lhe o coração como um raio de sol penetra a masmorra do prisioneiro.

Reviu a estrada de Fontainebleau, o rei a cavalo à portinhola do carro, dizendo-lhe que a amava, pedindo-lhe amor, fazendo-a prometer e prometendo que não se passaria uma noite após uma rusga sem que uma visita, uma carta, um sinal substituísse a inquietação da tarde pelo repouso da noite. O próprio rei tivera essa idéia, fizera-a jurar e jurara também. Era impossível, portanto, que faltasse à promessa por ele mesmo reclamada, a menos de ser um déspota que exigia amor como exigia obediência, a menos de ser um indiferente que o primeiro obstáculo detivesse.

O rei, o doce protetor, que podia, com uma palavra, uma única palavra, afugentar-lhe todas as penas, o rei juntava-se aos seus perseguidores!

Mas a sua cólera não podia durar! Ficando só, sofreria tudo o que ela mesma estava sofrendo.

Mas ele não estava preso como ela; podia agir, mover-se, ir e vir; a ela, porém, só lhe restava esperar.

E esperava com toda a sua alma, pobrezinha; pois era impossível que o rei não viesse. Soaram dez horas e meia.

Ele viria, escreveria ou mandaria dizer-lhe uma palavrinha amiga pelo Sr. de Saint-Aignan.

Se viesse, oh! ela se atiraria nos braços dele!

Repulsaria essa delicadeza que achava agora mal-entendida! E lhe diria: "Não sou eu quem não lhe tem amor; elas é que não querem que eu o ame".

E, à proporção que refletia, cumpre dizê-lo, Luís se lhe afigurava menos culpado. De fato, ele ignorava tudo. Que teria pensado da obstinação dela em silenciar? Impaciente, irritável, como todos o sabiam, o extraordinário é que houvesse conservado por tanto tempo o sangue frio. Ela, sem dúvida, não teria procedido assim: teria compreendido, adivinhado tudo. Mas era uma pobre rapariga, não era um grande rei!

Oh! se ele viesse! se ele viesse!... Ela lhe perdoaria o que ele acabara de fazê-la sofrer! Ela o amaria ainda mais por haver sofrido!

E a cabeça estendida para a porta e os lábios entreabertos esperavam, Deus lhe perdoe a idéia profana! o beijo que os lábios do rei destilavam tão suavemente pela manhã ao pronunciar a palavra amor.

Se o rei não viesse, pelo menos escreveria; era a segunda probabilidade, menos doce, menos feliz do que a outra, mas que não demonstraria menor amor, senão um amor mais tímido. E ela devoraria a carta! Afanar-se-ia em responder-lhe ! E depois que houvesse partido o mensageiro, beijaria, releria, aconchegaria do coração o bem-aventurado papel que lhe traria o repouso, o sossego, a felicidade!

Enfim, o rei não vinha; e se não escrevesse, era impossível que não mandasse de Saint-Aignan ou que de Saint-Aignan não viesse pessoalmente. A um terceiro, diria tudo! A majestade real já não estaria presente para gelar-lhe a palavra nos lábios e, depois disso, nenhuma dúvida poderia subsistir no coração do rei.

Tudo em La Vallière, coração e olhar, matéria e espírito, voltou-se para a espera.

Disse mentalmente que tinha ainda uma hora de esperança; que, até à meia-noite, o rei poderia vir, escrever ou mandar alguém; que só à meia-noite qualquer expectativa seria inútil, toda esperança estaria perdida.

Enquanto ouviu algum ruído no palácio, cuidou a pobre ser a causa desse ruído; enquanto passou gente pelo pátio, imaginou que fossem mensageiros do rei a procurá-la.

Onze horas soaram; depois, onze e um quarto; depois, onze e meia.

Escoavam-se lentamente os minutos nessa ansiedade e, contudo, lhe parecia que fugiam depressa demais. Bateram onze e três quartos.

Meia-noite! Meia-noite! A última, a suprema esperança desvaneceu-se também.

Com a derradeira batida do relógio, a última luz se extinguiu; com a última luz, a derradeira esperança.

Dessarte, o próprio rei a enganara; fora o primeiro a faltar ao juramento que fizera naquele mesmo dia; doze horas entre a jura e o perjúrio! Não lhe conservara por muito tempo a ilusão.

Portanto, não somente o rei não amava, mas também desprezava a criatura que todos acabrunhavam; desprezava-a tanto que a deixava entregue à vergonha de uma expulsão equivalente a uma sentença ignominiosa; e, todavia, era ele, ele, o rei, a causa primeira dessa ignomínia.

Um sorriso amargo, o único sintoma de cólera que, durante a longa luta, passou pelo rosto angélico da vítima, um sorriso amargo lhe aflorou aos lábios.

Para ela, com efeito, que lhe restava na terra depois do rei? Nada. Só Deus no céu.

Pensou em Deus.

— Meu Deus! — disse ela — vós me ditareis o que devo fazer. É de vós que tudo espero, é de vós que devo esperar tudo.

E olhou para o crucifixo, cujos pés beijou com amor.

— Eis um amo — continuou — que não esquece nem desampara os que o não desamparam nem esquecem; e só a ele deve a gente sacrificar-se.

Nesse momento, para quem tivesse podido mergulhar a vista naquele quarto, teria sido evidente que a desesperada tomava uma última resolução, traçava um plano supremo no espírito, subia, enfim, a grande escada de Jacó que conduz as almas da terra para o céu.

E como se aos joelhos lhe faltassem forças para sustentá-la, deixou-se cair a pouco e pouco sobre os degraus do genuflexório, com a cabeça arrimada à madeira da cruz e, de olhos fixos, respiração ofegante, ficou espiando pela vidraça os primeiros alvores do dia.

Às duas horas da manhã foram encontrá-la nesse desvario, ou antes, nesse êxtase. Já não pertencia a si mesma.

E quando viu que o alvor arroxeado da manhã descia sobre os tetos do palácio e vagamente debuxava os contornos do Cristo de marfim que ela abraçava, levantou-se, beijou os pés do divino mártir, desceu a escada do quarto e envolveu a cabeça numa capa enquanto descia.

Chegou à porta no momento em que a abria a ronda de mosqueteiros para deixar entrar o primeiro posto de suíços.

Esgueirando-se por trás dos homens da guarda, chegou à rua antes que ao chefe da patrulha ocorresse sequer perguntar quem era aquela rapariga que tão cedo escapulia do palácio.

Capítulo XXVI - A fuga

LA VALLIÈRE saiu atrás da patrulha.

A patrulha dirigiu-se à direita pela Rua Saint-Honoré e La Vallière, maquinalmente, virou à esquerda.

A sua decisão estava tomada, o seu plano, traçado; ia à procura das carmelitas de Chaillot, cuja superiora tinha uma reputação de severidade que fazia estremecerem as mundanas da corte.

La Vallière nunca vira Paris, nunca saíra a pé, e não teria achado o caminho ainda que estivesse num estado de espírito mais calmo. Daí que subisse a Rua Saint-Honoré em vez de descê-la.

Ansiava por afastar-se do Palais-Royal.

Ouvira apenas dizer que o convento de Chaillot dava para o Sena; dirigia-se, portanto, para o Sena.

Entrou pela Rua du Coq e, não podendo atravessar o Louvre, guiou para a igreja de Saint-Germain-1'Auxerrois, contornando o terreno em que Perrault edificou depois o seu peristilo.

Logo chegou ao cais.

Caminhava depressa e agitada. Mal sentia a fraqueza que, de tempos a tempos, lhe recordava, obrigando-a a coxear um pouquinho, o pé que torcera em menina.

Noutra hora do dia, o seu rosto teria despertado as suspeitas das pessoas menos clarividentes e atraído os olhares dos transeuntes menos curiosos.

Mas, às duas e meia da manhã, as ruas de Paris estão desertas, ou quase, e nelas só se encontram os artesãos laboriosos que vão ganhar o pão de cada dia, ou os vagabundos perigosos que regressam a casa depois de uma noite agitada e devassa.

Para os primeiros, o dia começa; para os outros, acaba.

La Vallière teve medo daqueles rostos em que a sua ignorância dos tipos parisienses não lhe permitia distinguir a probidade do cinismo. Para ela, a miséria era um espantalho; e todas as pessoas que encontrava pareciam miseráveis.

O seu vestuário, da véspera, parecia rebuscado, apesar da negligência, pois era o mesmo com que entrara à presença da rainha-mãe; além disso, sob a capa erguida para que pudesse ver o caminho, a sua palidez e os seus formosos olhos falavam uma linguagem desconhecida àqueles homens do povo, e, sem o saber, a pobre fugitiva provocava a brutalidade de uns e a piedade dos outros.

La Vallière caminhou assim, numa tirada, ofegante e precipite, até à altura da Praça da Greve.

De onde em onde parava, levava a mão ao coração, apoiava-se num muro, retomava fôlego e reencetava a caminhada, mais rápida ainda.

Chegada à Praça da Greve, viu-se diante de um grupo de três homens descompostos, cambaleantes, avinhados, que saiam de um barco surto no porto.

Vinha o barco carregado de vinhos e eles tinham, manifestamente, honrado a mercadoria.

Cantavam as suas báquicas proezas em três tons diferentes, quando, ao chegarem à extremidade da ladeira que dava para o cais, atalharam de súbito a marcha da rapariga.

La Vallière se deteve.

Eles, por seu turno, ao aspecto daquela mulher com trajos de corte, fizeram alto e, de comum acordo, dando as mãos, rodearam-na cantando:

Vós que vos entediais sozinha, Vinde, vinde folgar conosco.

Compreendeu La Vallière que os três homens se dirigiam a ela e queriam impedi-la de passar; fez

vários esforços para fugir, mas em vão.

Fraquejaram-lhe as pernas, compreendeu que ia cair e soltou um grito de pavor.

No mesmo instante, porém, o círculo que a rodeava abriu-se em resultado de uma pressão vigorosa.

Um dos insultadores foi atirado para a esquerda, o outro rolou à direita até a borda da água e o terceiro vacilou sobre as pernas.

Um oficial de mosqueteiros achava-se diante da rapariga, com sobrecenho, boca ameaçadora, mão erguida para executar a ameaça.

Esquivaram-se os bêbedos à vista do uniforme e, maiormente, da prova de força que acabara de dar o seu portador.

— Com seiscentos diabos! — bradou o oficial — é a Srta. de La Vallière!

Atordoada com o que acabara de passar-se, estupefata ao ouvir pronunciando o seu nome, La Vallière ergueu os olhos e reconheceu d'Artagnan.

— Sim, senhor — disse ela — sou eu mesma. E apoiava-se no braço dele.

— Vós me protegereis, não é verdade, Sr. d'Artagnan? — ajuntou com voz súplice.

— Está claro que vos protegerei; mas aonde ides, a esta hora, santo Deus?

— Vou a Chaillot.

— A Chaillot pela Rapée? Mas, em realidade, senhorita, caminhais em sentido contrário!

— Então, tende a bondade de reconduzir-me e acompanhar-me durante alguns passos.

— Com muito prazer!

— Mas como se dá que eu vos encontre aqui? Por que favor do céu pudestes socorrer-me? Até parece que estou sonhando, que estou ficando louca!

— Estou aqui, senhorita, porque tenho uma casa na Praça da Greve, na *Image-de-Notre-Dame;* ontem fui cobrar os alugueres e acabei dormindo lá. Mas quis chegar cedinho ao palácio para inspecionar os meus postos.

— Obrigada! — disse La Vallière.

"Sim, eis o que eu estava fazendo", disse entre si d'Artagnan, "mas que estaria fazendo ela, e por que vai a Chaillot a estas horas?”

E ofereceu-lhe o braço.

Tomou-o La Vallière e pôs-se a caminhar com precipitação. Essa precipitação, contudo, escondia uma grande fraqueza. Sentiu-o d'Artagnan e propôs-lhe que descansasse; ela não quis.

— Ignorais onde fica Chaillot? — perguntou d'Artagnan.

— Sim, ignoro-o.

— Fica muito longe.

— Pouco importa!

— A uma légua daqui, pelo menos.

— Percorrerei essa légua.

D'Artagnan não replicou; reconhecia, pelo tom, as resoluções verdadeiras.

Carregou mais do que acompanhou a menina.

Afinal, avistaram os arredores.

— Que casa procurais, senhorita? — perguntou d'Artagnan.
— O convento das carmelitas.
— O convento das carmelitas! — repetiu d'Artagnan, espantado.
— Sim; e visto que Deus vos enviou a mim para sustentar-me no caminho, aceitai os meus agradecimentos e as minhas despedidas.
— No convento das carmelitas! As vossas despedidas! Tencionais professar? — bradou d'Artagnan.
— Tenciono, sim, senhor.
— Vós!!!
Havia naquele *vós,* que enfeitamos de três pontos de exclamação para torná-lo tão expressivo quanto possível, havia naquele *vós* todo um poema; recordava a La Vallière, ao mesmo tempo, as suas antigas reminiscências de Blois e as suas novas lembranças de Fontainebleau; e dizia-lhe: *"Vós,* que poderíeis ser feliz com Raul, *vós,* que poderíeis ser poderosa com Luís, *vós* professareis?"
— Sim, senhor — disse ela. — Quero tornar-me serva do Senhor; renuncio a tudo neste mundo.
— Mas não vos enganais na vocação? Não vos enganais com a vontade de Deus?
— Não, visto que Deus me permitiu encontrar-vos. Sem vós, eu sucumbiria de certo à fadiga, e uma vez que Deus vos coloca em meu caminho é porque ele quer que eu chegue ao fim.
— Oh! — tornou d'Artagnan em tom de dúvida — isso me parece um tanto sutil.
— Seja como for — tornou a menina — estais inteirado agora do que fiz e do que pretendo fazer. Mas tenho um último pedido para dirigir-vos, ao mesmo tempo que vos agradeço de todo coração.
— Dizei, senhorita.
— O rei não sabe que fugi do Palais-Royal.
D'Artagnan fez um movimento.
— O rei — continuou La Vallière — não sabe o que vou fazer.
— O rei não sabe?... — exclamou d'Artagnan. — Tomai cuidado, senhorita; não calculais o alcance do vosso gesto. Ninguém deve fazer nada que o rei ignore, principalmente as pessoas da corte.
— Já não pertenço à corte, senhor.
D'Artagnan considerou a jovem com espanto cada vez maior.
— Oh! não vos inquieteis — continuou ela — tudo foi calculado, e ainda que o não fosse, agora já seria muito tarde para voltar atrás; o que está feito, está feito.
— Muito bem; vejamos, então, o que desejais?
— Senhor, pela piedade que se deve à desgraça, pela generosidade de vossa alma, pela vossa fé de gentil-homem, suplico-vos que me façais um juramento.
— Um juramento?
— Sim.
— Qual?
— Jurai-me, Sr. D'Artagnan, que não direis ao rei que me vistes, nem que estou nas carmelitas.
D'Artagnan bamboou a cabeça.
— Não — contraveio ele.
— Por quê?
— Porque conheço o rei, porque vos conheço, porque me conheço e porque conheço todo o gênero humano; não, não jurarei uma coisa dessas.
— Então — exclamou La Vallière com uma energia de que ninguém a julgaria capaz — em vez das bênçãos de que eu vos cobriria até à morte, sede maldito! pois vós me tornais a mais desgraçada das

criaturas!

Dissemos que d'Artagnan conhecia todos os acentos que vinham do coração; não pôde resistir a esse.

Viu o degradar-se dos traços; viu o tremer dos membros; viu o cambalear do corpo frágil e delicado, sacudido pelas comoções; compreendeu que uma resistência a mataria.

— Faça-se, então, como o quereis — consentiu ele. — Descansai, senhorita, nada direi ao rei.

— Oh! obrigada! obrigada! — exclamou La Vallière; — sois o mais generoso dos homens.

E, num transporte de alegria, travou das mãos de d'Artagnan e apertou-as entre as suas.

O mosqueteiro sentiu-se comovido.

— Com a breca! — murmurou — aqui está uma que começa por onde acabam as outras: é tocante.

E La Vallière, que, no paroxismo da dor, caíra sentada numa pedra, levantou-se e caminhou para o convento das carmelitas, que se via erguer à luz nascente. D'Artagnan seguiu-a de longe.

A porta do locutório estava aberta; a menina esgueirou-se por ela como uma sombra pálida e, agradecendo a d'Artagnan com um aceno de mão, desapareceu.

Quando d'Artagnan se viu inteiramente só, pensou e repensou no que acabava de acontecer.

— Eis aí, francamente! o que se chama uma falsa posição — disse com os seus botões. — Guardar segredo desses é ter no bolso um carvão ardente e esperar que não se queime a fazenda. Revelar o segredo, depois de ter jurado guardá-lo, é de um homem sem honra. Geralmente, as boas idéias me acodem quando corro; mas, dessa vez, ou muito me engano, ou preciso correr como um louco, para encontrar a solução do negócio... Correr para onde? Homessa! na direção de Paris; é a boa direção... Mas corramos depressa... Entretanto, para correr depressa, mais valem quatro pernas do que duas... Um cavalo! como ouvi dizer no teatro de Londres; minha coroa por um cavalo!... Pensando bem, não me será tão difícil topá-lo... Há um posto de mosqueteiros na barreira da Conferência e nele, sem dúvida, encontrarei dez.

Em virtude dessa resolução, tomada com a rapidez habitual, d'Artagnan afastou-se, chegou ao posto, escolheu o mais rápido animal que encontrou e, dez minutos depois, estava em palácio.

Cinco horas batia o relógio do Palais-Royal.

D'Artagnan informou-se do rei.

Sua Majestade deitara-se à hora do costume, depois de haver trabalhado com o Sr. Colbert, e, muito provavelmente, ainda estava dormindo.

— Vamos — disse entre si — a menina falou verdade, o rei não sabe de nada; se soubesse da metade do que aconteceu, o Palais-Royal estaria, a estas horas, de pernas para o ar.

Capítulo XXVII - Como passara Luís, de seu lado, das dez e meia à meia-noite

O deixar o apartamento das damas de honor, o rei encontrará em seus aposentos Colbert, que o esperava para ouvir-lhe as ordens sobre a cerimônia do dia seguinte.

Tratava-se, como já dissemos, de uma recepção aos embaixadores holandeses e espanhóis.

Luís XIV tinha graves motivos de descontentamento contra a Holanda; os Estados já haviam tergiversado várias vezes em suas relações com a França, e, sem se advertirem ou sem se temerem de um rompimento, deixavam ainda uma vez a aliança com o rei cristianíssimo para tramarem toda a sorte de intrigas com a Espanha.

Ao subir ao trono, isto é, ao morrer Mazarino, Luís XIV encontrara esboçada essa questão política.

Era ela de solução difícil para um moço; mas como, naquele tempo, a nação inteira se resumisse no rei, tudo o que resolvesse a cabeça o corpo executaria prontamente.

Um pouco de cólera, a invasão do cérebro por uma onda de sangue novo e vivo, bastava para transformar uma antiga liga política e criar outro sistema.

O papel dos diplomatas daquele tempo limitava-se ao preparo dos golpes de Estado de que pudessem necessitar os seus soberanos.

Luís não se achava em estado de espírito capaz de ditar-lhe uma politica sábia.

Comovido ainda pela briga com La Vallière, percorria o gabinete em todos os sentidos, ansioso por achar uma ocasião de explodir, depois de se haver contido por tanto tempo.

Vendo o rei, Colbert, num relance, percebeu a situação e adivinhou as intenções do monarca.

Decidiu recorrer aos rodeios.

Quando o amo perguntou o que se devia fazer no dia seguinte, o subintendente começou estranhando que Sua Majestade não tivesse sido informado pelo Sr. Fouquet.

— O Sr. Fouquet — disse ele — está a par de todo esse negócio da Holanda: é ele quem recebe diretamente a correspondência.

Acostumado a ouvir o Sr. Colbert desancar o Sr. Fouquet, o rei não replicou; mas prestou atenção.

Colbert viu o efeito que produzira e apressou-se em voltar atrás dizendo que o Sr. Fouquet talvez não fosse tão culpado quanto parecia à primeira vista, já que o assoberbavam naquele momento gravíssimas preocupações. O rei ergueu a cabeça.

— Que preocupações? — perguntou.

— Sire, os homens são apenas homens, e o Sr. Fouquet tem defeitos ao lado de suas grandes qualidades.

— Ah! e quem não os tem, Sr. Colbert?...

— Tem-nos que farte Vossa Majestade — arriscou-se a dizer Colbert, que sabia disfarçar uma lisonja pesada numa leve censura, como a seta que sulca o ar apesar do peso, graças às fracas plumas que a sustentam.

Sorriu el-rei.

— Então, qual é o defeito do Sr. Fouquet? — perguntou.

— Sempre o mesmo, Sire; dizem-no apaixonado.

— Apaixonado por quem?

— Não sei, Sire; não entendo de galanterias.

— Mas, afinal, deveis saber, visto que falais?

— Ouvi pronunciar...
— O quê?
— Um nome.
— Qual?
— Já não me lembro.
— Dizei sempre.
— Creio que é o de uma das damas de honor de Madame. O rei estremeceu.
— Sabeis mais do que dizeis, Sr. Colbert — murmurou.

— Vous en savez plus que vous ne voulez dire, monsieur Colbert.

— Oh! Sire, asseguro-lhe que não.
— Mas, afinal, as damas de honor de Madame são conhecidas; e se eu lhes disser os nomes, encontrareis talvez o que buscais.
— Não, Sire.
— Tentai.
— Seria inútil, Sire. Quando se trata do nome de damas comprometidas, a minha memória é um cofre de bronze cuja chave se perdeu.
Uma nuvem perpassou pelo espírito e pela fronte do rei; depois, querendo mostrar-se senhor de si e, sacudindo a cabeça:

— Vejamos esse negócio da Holanda — disse ele.
— Em primeiro lugar, Sire, a que horas quer Vossa Majestade receber os embaixadores?
— Bem cedo.
— Às onze?
— É muito tarde... Às nove.
— É muito cedo.
— Entre amigos, isso não tem importância; sempre se faz o que se quer dos amigos; mas entre inimigos, tanto melhor se se ofenderem. Confesso que não me desagradaria dar cabo de todos esses pássaros de charco que me azucrinam com os seus gritos.
— Sire, far-se-á como quiser Vossa Majestade... Às nove horas, portanto... Darei as ordens necessárias. Será solene a audiência?
— Não, quero explicar-me com eles e não desejo empeçonhar as coisas, como sempre sucede quando há muita gente; mas, ao mesmo tempo, quero falar-lhes claro, para não ter de recomeçar.
— Vossa Majestade designará as pessoas que assistirão à recepção.
— Farei a lista... Falemos dos embaixadores: que querem eles?
— Aliados à Espanha, não ganham nada; aliados à França, perdem muito.
— Como assim?
— Aliados à Espanha, vêem-se cercados e protegidos pelas possessões do seu aliado; não podem mordê-las, a despeito da gana que têm de fazê-lo. Da Antuérpia a Roterdã, é um passo pelo Escaut e pelo Mosa. Se quiserem meter o dente no bolo espanhol, Vossa Majestade, genro do rei de Espanha, em dois dias, pode levar daqui a Bruxelas a cavalaria. Tencionam, portanto, indispor-se com Vossa Majestade e fazerem-no suspeitar da Espanha para que Vossa Majestade não se meta nos negócios espanhóis.
— Não seria então muito mais simples — respondeu o rei — fazer comigo uma sólida aliança, em que eu ganharia alguma coisa e eles tudo?
— Não; pois se chegassem, por acaso, a vizinhar com Vossa Majestade, o rei de França não é um vizinho cômodo; jovem, ardente, belicoso, pode desferir tremendos golpes na Holanda, sobretudo se a contiguar.
— Compreendo perfeitamente, Sr. Colbert, e o caso está bem explicado; mas a conclusão, por favor?
— A sabedoria nunca falta às decisões de Vossa Majestade.
— Que me dirão esses embaixadores?
— Dirão a Vossa Majestade que desejam ardentemente a sua aliança, o que é mentira; dirão aos espanhóis que as três potências devem unir-se contra a prosperidade da Inglaterra, o que é mentira; pois a aliada natural de Vossa Majestade, hoje, é a Inglaterra, que tem navios, que Vossa Majestade não tem; é a Inglaterra, que pode contrabalançar o poderio dos holandeses na Índia; é a Inglaterra, enfim, país monárquico, em que Vossa Majestade tem alianças de consangüinidade.
— Bem; mas que responderíeis?
— Eu responderia, Sire, com muita moderação, que a Holanda não está muito bem disposta em relação ao rei de França, que os sintomas do espírito público, entre os holandeses, são alarmantes para Vossa Majestade; que certas medalhas foram cunhadas com emblemas injuriosos.
— Para mim? — bradou o jovem rei, exaltado.
— Oh não, Sire; injuriosos não é o termo, enganei-me. Eu queria dizer excessivamente lisonjeiros para os batavos.
— Oh! se assim é, pouco me faz o orgulho dos batavos — disse o rei suspirando.

— Vossa Majestade tem mil vezes razão. Entretanto, nunca *é* um mal político, e o rei o sabe melhor do que eu, mostrar-se injusto para obter vantagens. Queixando-se dos batavos com suscetibilidade, Vossa Majestade lhes parecerá muito mais considerável.

— Que medalhas são essas? — perguntou Luís; — para falar nelas, preciso saber o que estou dizendo.

— Palavra, Sire, que não sei direito... algum emblema presunçoso... Esse é o sentido, as palavras pouco importam.

— Bem, pronunciarei a palavra medalha, e eles compreenderão, se quiserem.

— Compreenderão, sim. Vossa Majestade poderá também aludir a certos panfletos que correm.

— Nunca! Os panfletos sujam mais os seus autores do que os seus objetos. Sr. Colbert, muito obrigado, podeis retirar-vos.

— Sire!

— Adeus! Não esqueçais a hora e estai presente.

— Sire, espero a lista de Vossa Majestade.

— É verdade.

Pôs-se o rei a devanear; não pensava absolutamente na lista. O relógio dava onze horas e meia.

Lia-se no rosto do príncipe o combate terrível entre o orgulho e o amor.

A conversação política diminuíra sensivelmente a irritação de Luís, e o rosto pálido, alterado de La Vallière falava-lhe à imaginação uma linguagem bem diferente da dos panfletos batavos ou das medalhas holandesas.

Durante dez minutos perguntou a si mesmo se devia ou não voltar ao quarto de La Vallière; mas tendo Colbert insistido respeitosamente na lista, envergonhou-se o rei de pensar em amor quando os negócios lhe exigiam a atenção.

Ditou, portanto:

— A rainha-mãe... a rainha... Madame... a Sra. de Motteville... a Srta. de Châtillon... a Sra. de Navailles. Dos homens:

Monsieur... o Sr. Príncipe... o Sr. Grammont... o Sr. de Manicamp... o Sr. de Saint-Aignan... e os oficiais de serviço.

— E os ministros? — perguntou Colbert.

— É evidente, e os secretários.

— Sire, vou preparar tudo: amanhã estará tudo em ordem.

— Dizei hoje — replicou tristemente Luís. Soava meia-noite.

Era a hora em que morria, de tristeza e dor, a pobre La Vallière.

Entraram os criados do rei para despi-lo; havia uma hora que a rainha estava esperando.

Luís entrou no quarto dela com um suspiro; mas, enquanto suspirava, aplaudia-se de sua coragem. Felicitava-se pela sua firmeza no amor como na política.

Capítulo XXVIII - Os embaixadores

COM muita dificuldade soubera d'Artagnan de tudo o que acabamos de referir; pois eram amigos seus todas as pessoas úteis da casa, servidores oficiosos, que se orgulhavam de ser cumprimentados pelo capitão dos mosqueteiros, pois o capitão era uma potência; além disso, à parte a ambição, orgulhavam-se de ser distinguidos por um homem tão corajoso quanto d'Artagnan.

Dessa maneira, inteirava-se d'Artagnan, todas as manhãs, do que não pudera saber na véspera, pois não era ubiqüista, de sorte que, das suas observações e das informações alheias, fazia um feixe que desatava à proporção de suas necessidades, retirando dele as armas que entendia necessárias.

Nessas condições, os dois olhos de d'Artagnan lhe prestavam o mesmo serviço que os cem olhos de Argo.

Segredos políticos, segredos de *ruelles,* frases proferidas pelos cortesãos à saída das antecâmaras; dessarte, d'Artagnan sabia tudo e tudo encerrava no vasto e impenetrável túmulo da memória, ao lado dos segredos reais tão custosamente comprados e tão fielmente guardados.

Soube, portanto, da entrevista com Colbert; soube da audiência concedida aos embaixadores; soube, naturalmente, que nela se trataria das medalhas; e, reconstituindo a conversação com a ajuda das poucas palavras que lhe repetiram, foi ocupar o seu posto nos aposentos reais para estar pronto quando o rei acordasse.

O rei acordou muito cedo; prova de que ele também, de seu lado, dormira muito mal. Seriam umas sete horas quando entreabriu devagarinho a porta.

D'Artagnan estava em seu posto.

Pálido, Sua Majestade parecia cansado; de resto, não acabara de vestir-se.

— Mandai chamar o Sr. de Saint-Aignan — disse ele.

De Saint-Aignan, sem dúvida, esperava ser chamado; pois quando foram buscá-lo, já estava vestido.

Apressando-se em obedecer, entrou nos aposentos reais.

Um instante depois, passaram o rei e de Saint-Aignan; o rei caminhava na frente.

D'Artagnan postara-se à janela que dava para os pátios; não precisou sair de seus cômodos para seguir o rei com a vista. Dir-se-ia que houvesse adivinhado de antemão aonde iria Sua Majestade.

O rei dirigia-se ao apartamento das damas de honor.

Não se surpreendeu d'Artagnan. Se bem La Vallière não lhe tivesse dito nada, suspeitava que Sua Majestade tivesse algumas injustiças para reparar.

De Saint-Aignan seguia-o como na véspera, mas um pouco menos inquieto, um pouco menos agitado; pois esperava que, às sete horas da manhã, só ele e o rei estivessem acordados entre os augustos hóspedes do castelo.

D'Artagnan estava à sua janela, despreocupado e calmo. Dir-se-ia que não visse nada e ignorasse completamente a identidade daqueles dois aventureiros que cruzavam os pátios envoltos em suas capas.

E, contudo, se bem parecesse não olhar para eles, não os perdia de vista, e, enquanto assobiava a velha marcha dos mosqueteiros que só lhe acudia à memória nas grandes ocasiões, adivinhava e previa a tempestade de gritos e de cóleras que se ergueria quando voltassem.

Com efeito, entrando no quarto de La Vallière e vendo-o vazio, com a cama feita, o rei, assustado,

chamou Montalais.

Montalais não tardou; o seu espanto, porém, foi igual ao do monarca.

Só pôde dizer a Sua Majestade que lhe parecera ter ouvido La Vallière chorar durante parte da noite; mas, sabendo que el-rei voltara, não se atrevera a informar-se.

— Mas aonde imaginais que tenha ido? — perguntou Luís.

— Sire — respondeu Montalais — Luísa é uma criatura muito sentimental, e muitas vezes já a vi levantar-se de madrugada e ir para o jardim; talvez lá esteja agora.

A coisa pareceu provável ao rei, que desceu incontinente à procura da fugitiva.

D'Artagnan viu-o ressurgir, pálido, conversando animadamente com o companheiro.

Dirigia-se para os jardins.

De Saint-Aignan seguia-o, esbaforido.

D'Artagnan não se afastava da janela, assobiando sempre, como se não visse nada, mas vendo tudo.

— Vamos, vamos — murmurou quando o rei desapareceu — a paixão de Sua Majestade é mais forte do que eu supunha; parece-me que ele está fazendo coisas que não faria pela Srta. de Mancini.

Um quarto de hora depois, volveu o rei; vasculhara tudo, estava sem fôlego.

Naturalmente não encontrara coisa alguma.

Seguia-o de Saint-Aignan, abanando-se com o chapéu, e perguntando, com voz alterada, a todas as pessoas que encontrava, se sabiam de alguma coisa.

A certa altura, topou com Manicamp, que viera de Fontainebleau em pequenas jornadas. Fizera em vinte e quatro o percurso que os outros faziam em seis horas.

— Vistes a Srta. de La Vallière? — indagou de Saint-Aignan. Ao que Manicamp, sonhador e distraído, respondeu, supondo que lhe perguntassem por de Guiché:

— Obrigado, o conde vai um pouco melhor.

E continuou o seu caminho até à antecâmara, onde encontrou d'Artagnan, a quem pediu explicações sobre o ar sobressaltado que se lhe afigurava ter notado no rei.

Respondeu-lhe d'Artagnan que ele se enganara; o rei, pelo contrário, estava numa alegria doida.

Entrementes, bateram oito horas.

O rei, de ordinário, desjejuava nesse momento.

Determinava o código da etiqueta que o rei tivesse fome, invariavelmente, às oito horas.

Mandou que o servissem numa mesinha no quarto de dormir e comeu depressa.

De Saint-Aignan, de quem não queria separar-se, atendeu-o. Em seguida, liquidou em pouco tempo algumas audiências militares.

Durante as audiências, ordenou ao valido que prosseguisse nas buscas.

Depois, sempre ocupado, sempre ansioso, espreitando sempre a volta do favorito, que pusera toda a sua gente em atividade e dela participava também, esperou que soassem as nove.

Nesse momento, passou ao gabinete.

À primeira batida do relógio entraram os embaixadores.

À última batida, surgiram as rainhas e Madame.

Os embaixadores eram três pela Holanda e dois pela Espanha.

O rei considerou-os e fez uma vénia.

Nesse instante, entrou também de Saint-Aignan.

Era para o rei uma entrada muito mais importante que a dos embaixadores, sem embargo da quantidade deles e dos países que representavam.

Por isso mesmo, antes de começar, fez-lhe um aceno interrogativo, a que de Saint-Aignan

respondeu por um sinal francamente negativo.

O rei quase perdeu o alento; mas como os olhos das rainhas, dos grandes e dos embaixadores estivessem fitos nele, fez um esforço violento e convidou os últimos a falarem.

Um dos deputados espanhóis iniciou um longo espiche, em que exaltava as vantagens da aliança espanhola. O rei interrompeu-o dizendo:

— Senhor, espero que o bom para a França seja ótimo para a Espanha.

A frase e, sobretudo, o seu tom peremptório fizeram empalidecer o embaixador e corarem as duas rainhas, que, espanholas ambas, se sentiram, com a resposta, feridas no orgulho de família e de nacionalidade.

O embaixador holandês tomou a mão por seu turno e queixou-se das prevenções que manifestava el-rei contra o governo do seu país.

O soberano interrompeu-o:

— Senhor — disse ele — é estranho que vos queixeis quando sou eu quem tem motivos de queixa; no entanto, como vedes, não me lastimo.

— Queixar-se Vossa Majestade? — tornou o holandês. — De que, Sire?

O rei sorriu com azedume.

— Acaso me censurais, senhor — disse ele — as prevenções contra um governo que autoriza e protege os insultadores públicos?

— Sire!...

— Digo-vos — continuou o rei, exacerbado menos pela questão política do que pelas suas aflições pessoais — digo-vos que a Holanda acoita quem quer que me odeie e principalmente quem quer que me insulte.

— Oh! Sire!...

— Ah! quereis provas, não é verdade? Pois bem, teremos facilmente essas provas. De onde vêm os panfletos insolentes que me representam como um soberano sem glória e sem autoridade?

Os vossos prelos os imprimem. Se aqui estivessem os meus secretários, eu citaria os títulos das obras e os nomes dos impressores.

— Sire — respondeu o embaixador — um panfleto não pode ser obra de uma nação. Será justo que um grande rei, como Vossa Majestade, responsabilize um grande povo pelo crime de alguns furiosos que estão morrendo de fome?

— Seja, concedo-vos isso. Mas quando a casa da moeda de Amsterdã cunha medalhas vexativas para mim, será também o crime de alguns mortos de fome?

— Medalhas? — balbuciou o embaixador.

— Medalhas — repetiu o rei olhando para Colbert.

— Fora preciso — arriscou o holandês — que Vossa Majestade tivesse absoluta certeza...

O rei continuava a olhar para Colbert; mas Colbert fingia não compreender e calava-se, apesar das provocações do rei.

Aproximou-se d'Artagnan e, tirando do bolso uma moeda que depôs nas mãos do rei:

— Essa é a medalha que Vossa Majestade está procurando — declarou.

O rei pegou dela.

Viu, então, com os olhos que, desde o seu verdadeiro ascendimento, não faziam mais do que pairar, uma imagem insolente representando a Holanda, que detinha o sol, como Josué, com esta legenda:

In conspectu meo, stetit sol.

— Diante de mim, o sol parou — bradou o rei, furioso. — Espero que não torneis a negar!

— E o sol — disse d'Artagnan — é este.

E mostrou, nos painéis do gabinete, o astro-rei, emblema multiplicado e resplandecente, a ostentar em toda a parte a soberba divisa:

Nec pluribus impar.

Aumentada pelas guinadas de sua dor particular, não precisava desse alimento a cólera de Luís para devorar tudo. Via-se-lhe nos olhos o ardor de uma exasperação na iminência de explodir.

Um olhar de Colbert conteve a tormenta.

O embaixador arriscou umas desculpas.

Disse que a vaidade dos povos não tinha importância; que a Holanda se orgulhava de ter mantido, com escassíssimos recursos, o seu papel de grande nação, até contra grandes reis, e, se um pouco de fumo embriagara os seus compatriotas, suplicava-se ao rei que lhes desculpasse a embriaguez.

O rei pareceu pedir conselho. Olhou para Colbert, que continuou impassível.

Olhou para d'Artagnan.

D'Artagnan deu de ombros.

Esse movimento foi uma comporta que se ergueu e pela qual se desencadeou a cólera real, contida havia muito tempo.

Como fossem imprevisíveis as conseqüências daquela cólera, permaneceram todos em contrito silêncio.

O segundo embaixador aproveitou-o para apresentar também as suas desculpas.

Ao passo que ele falava e o rei, voltando gradativamente às suas preocupações pessoais, lhe ouvia a voz perturbadíssima como um homem distraído ouve o murmúrio de uma caçada, d'Artagnan, que tinha à sua esquerda de Saint-Aignan, aproximou-se dele e, com voz perfeitamente calculada para chegar aos ouvidos do rei:

— Sabeis a notícia, conde? — perguntou.

— Que notícia?

— Sobre La Vallière.

O rei estremeceu e, sem querer, deu um passo na direção dos dois conversadores.

— Que aconteceu à La Vallière? — perguntou de Saint-Aignan em tom facilmente imaginável.

— Pobrezinha! — disse d'Artagnan — vai entrar para um convento.

— Para um convento? — bradou de Saint-Aignan.

— Para um convento? — bradou o rei no meio do discurso do embaixador.

Logo, sob o império da etiqueta, reportou-se, embora continuasse a ouvir.

— Em que convento? — perguntou de Saint-Aignan.

— No das Carmelitas de Chaillot.

— Quem vos disse isso?

— Ela mesma.

— Viste-a?

— Fui eu quem a levou às carmelitas.

O rei não perdia uma palavra; fervia por dentro e começava a rugir.

— Mas por que essa fuga? — perguntou de Saint-Aignan.

— Porque a pobre menina foi ontem escorraçada do paço — retrucou d'Artagnan.

Ainda não concluíra a frase quando o rei fez um gesto peremptório.

— Basta, senhor — disse ao embaixador — basta! Logo, dirigindo-se ao capitão:

— Quem foi que disse — bradou — que La Vallière está num convento?

— O Sr. d'Artagnan — redarguiu o favorito.

— E é verdade o que dizeis? — tornou o rei, voltando-se para o mosqueteiro.
— Verdade verdadeira.
O rei cerrou os punhos e empalideceu.
— Acrescentastes ainda alguma coisa, Sr. d'Artagnan.
— Que já me esqueceu, Sire.
— Acrescentastes que a Srta. de La Vallière foi escorraçada do paço.
— De fato, Sire.
— E isso também é verdade?
— Informe-se Vossa Majestade.
— De quem?
— Oh! — exclamou d'Artagnan como um homem que se recusa. O rei deu um pulo, deixando de lado embaixadores, ministros, cortesãos, políticos.
A rainha-mãe levantou-se: ouvira tudo e, o que não pudera ouvir, adivinhara.
Desfalecendo de cólera e de medo, Madame tentou levantar-se também; mas tornou a cair na poltrona, que, por um movimento instintivo, empurrou para trás.
— Senhores — disse o rei — a audiência terminou; comunicarei a minha resposta, ou melhor, a minha vontade à Espanha e à Holanda.
E, com gesto imperioso, dispensou os embaixadores.
— Cuidado, meu filho — acudiu a rainha-mãe, indignada; — cuidado; parece-me que já não sois senhor de vós mesmo.
— Ah! senhora — rugiu o jovem leão com gesto apavorante — se não sou senhor de mim, prometo que o serei daqueles que me ultrajam. Vinde comigo, Sr. D'Artagnan, vinde!
E saiu da sala no meio da estupefação e do terror de todos. O rei desceu a escada e dispôs-se a atravessar o pátio.
— Sire — disse d'Artagnan — Vossa Majestade está errando o caminho.
— Vou às cavalariças.
— Inútil, Sire; tenho cavalos prontos para Vossa Majestade.
O rei respondeu ao servidor apenas por um olhar; mas esse olhar prometia mais do que a ambição de três d'Artagnans teria ousado esperar.

Capítulo XXIX - Chaillot

EMBORA não fossem chamados, Manicamp e Malicorne haviam seguido o rei e d'Artagnan.

Eram dois homens muito inteligentes; Malicorne, porém, muita vez se adiantava por ambição; e Manicamp, muita vez, se atrasava por preguiça.

Dessa feita, porém, chegaram ambos na hora.

Cinco cavalos estavam preparados.

Dois foram tomados pelo rei e por d'Artagnan; dois por Manicamp e Malicorne.

Um pajem das cavalariças montou no quinto. A cavalgata partiu a galope.

D'Artagnan soubera escolher os animais; eram verdadeiras montarias de apaixonados aflitos: não corriam, voavam.

Dez minutos depois, os cavaleiros, num turbilhão de pó, chegaram a Chaillot.

Atirou-se o rei, literalmente, de cima do cavalo.

Mas, embora fosse rápida a manobra, encontrou d'Artagnan segurando as rédeas do seu animal.

O rei fez ao mosqueteiro um sinal de agradecimento e lançou as rédeas às mãos do pajem.

Ato contínuo, precipitou-se no vestíbulo e, empurrando violentamente a porta, entrou no locutório.

Manicamp, Malicorne e o pajem não entraram; d'Artagnan seguiu o amo.

Chegado o rei ao locutório, o primeiro objeto que lhe chamou a atenção foi Luísa, não de joelhos, mas deitada aos pés de um grande crucifixo de pedra.

A menina se estendera sobre as lajens úmidas e era quase invisível na penumbra da sala, unicamente iluminada por estreita janela gradeada e abafada por trepadeiras.

Estava só, inanimada e fria, como a pedra sobre a qual repousava.

Vendo-a assim, o rei supô-la morta e despediu um grito terrível, que fez acorrer d'Artagnan.

Luís passara um braço à volta do corpo dela.

D'Artagnan ajudou-o a erguer a pobre mulher, que o entorpecimento da morte já senhoreara.

O rei tomou-a completamente nos braços e reaqueceu-lhe com beijos as mãos e as têmporas geladas.

Le roi la prit alors entièrement dans ses bras. — Page 316.

D'Artagnan pendurou-se na corda do sino da torre.

Acudiram as monjas.

A superiora acorreu também.

Entretanto, mais afeito aos usos palacianos que as mulheres da corte, a despeito de sua austeridade, logo reconheceu o rei pelo respeito que lhe testemunhavam os assistentes, como também pelo entono com que punha de pernas para o ar a comunidade inteira.

À vista do monarca, recolhera aos seus aposentos, a fim de não comprometer a própria dignidade.

Mandou, porém, por intermédio das religiosas, toda a sorte de cordiais, águas da rainha da Hungria, de melissa, etc., etc., ordenando também que se fechassem as portas.

Já não era sem tempo: o sofrimento do rei principiava tornar-se ruidoso e desesperado.

Luís parecia decidido a mandar buscar o seu médico quando La Vallière tornou em si.

Ao descerrar os olhos, a primeira coisa que viu foi o monarca a seus pés. Decerto não o reconheceu, pois soltou um suspiro doloroso.

Ele a envolvia com um olhar ardente.

Afinal, os seus olhos errantes se fitaram no rei.

Reconhecendo-o, fez um esforço para desvencilhar-se de seus braços.

— Como! — murmurou — o sacrifício ainda não se consumou?

— Oh! não, não! — exclamou o real apaixonado — nem se consumará, sou eu que vo-lo juro.

Embora fraca, e alquebrada, a menina se reergueu.

— Mas é preciso! — disse ela — é preciso! Vossa Majestade não deve deter-me.
— E deixarei que vos sacrifiqueis? — bradou Luís.
— Nunca! Nunca!
— Bom! — murmurou d'Artagnan; — já está na hora de sair. Visto que começam a falar, safemo-nos.
Saiu d'Artagnan e os dois apaixonados ficaram sós.
— Sire — continuou La Vallière — nem mais uma palavra, eu lhe suplico. Não comprometa o único futuro que espero, a minha salvação, nem o futuro de Vossa Majestade, a sua glória, por um capricho.
— Um capricho? — exclamou o rei.
— Oh! agora — disse La Vallière — vejo claro no coração de Vossa Majestade.
— Vós, Luísa?
— Eu, sim.
— Explicai-vos.
— Um arrebatamento incompreensível, sem razão, pode parecer-lhe de momento desculpa suficiente; mas Vossa Majestade tem deveres incompatíveis com o seu amor a uma pobre rapariga. Esqueça-me.
— Eu, esquecer-vos?
— Vossa Majestade já me esqueceu.
— Prefiro morrer!
— Sire, Vossa Majestade não pode amar uma criatura que deixou morrer esta noite tão cruelmente.
— Que me dizeis? Explicai-vos.
— Vossa Majestade não me pediu ontem cedo que o amasse? E, em troca, que me prometeu? Que nunca deixaria passar a meia-noite sem me oferecer uma reconciliação quando estivesse zangado comigo.
— Oh! perdoai-me, perdoai-me, Luísa! Eu estava louco de ciúme.
— O ciúme, Sire, é um mau pensamento, que volta como o joio depois de segado. Vossa Majestade tornará a ter ciúme e acabará de matar-me. Deixe-me morrer, por piedade!
— Mais uma palavra como essa e me vereis expirar a vossos pés.
— Não, não, Sire, sei perfeitamente o que valho.
Acredite em mim, e não se perca Vossa Majestade por uma desgraçada que todos desprezam.
— Oh! dizei-me quem são os que vos desprezam, dizei-me quem são!
— Não me queixo de ninguém, Sire; só me acuso a mim mesma. Adeus, Sire! Vossa Majestade se compromete falando-me assim.
— Cuidado, Luísa! Ainda me levareis ao desespero! Cuidado!
— Oh! Sire! Sire! Deixe-me com Deus, eu lhe suplico!
— Hei de arrebatar-vos ao próprio Deus!
— Mas, antes — bradou a pobre menina — arrebata-me então aos inimigos ferozes que conspiram contra a minha vida e contra a minha honra. Se Vossa Majestade tem forças bastantes para amar-me, tenha bastante poder para defender-me; a mulher que Vossa Majestade diz amar é insultada, escarnecida, escorraçada.
E inofensiva criança, que o sofrimento obrigara a acusar, retorcia os braços e soluçava.
— Escorraçaram-vos! — bramiu o rei. — É a segunda vez que ouço essa palavra.
— Ignominiosamente, Sire. Vossa Majestade bem vê, Deus é o meu único protetor, a oração é o meu último consolo, o claustro é o meu derradeiro asilo.

— Tereis o meu palácio, tereis a minha corte. Não receeis mais nada, Luísa; aqueles, ou melhor, aquelas que vos escorraçaram ontem tremerão amanhã diante de vós. Amanhã? Não, hoje mesmo já trovejei, já ameacei. Posso deixar fugir o raio que ainda retenho. Luísa! Luísa! Sereis cruelmente vingada. Lágrimas de sangue resgatarão as vossas lágrimas. Dizei-me apenas o nome de vossos inimigos.

— Nunca! nunca!

— Como quereis então que eu fira?

— Sire, os que seria preciso ferir fariam recuar a mão de Vossa Majestade.

— Oh! não me conheceis! — bradou Luís, exasperado. — Antes de recuar, queimarei o meu reino e amaldiçoarei minha família. Sim, ferirei até este braço, se ele tiver a covardia de não aniquilar quanto for contrário à mais suave das criaturas.

E, com efeito, dizendo essas palavras, Luís desferiu um murro no tabique de carvalho, que expediu um lúgubre murmúrio.

Espavoriu-se La Vallière. A cólera daquele jovem todo-poderoso tinha qualquer coisa de imponente e de sinistro, porque, como a da tempestade, podia ser mortal.

Ela, cujo sofrimento cria não ter igual, sentiu-se pequenina ante aquele sofrimento que se manifestava pela ameaça e pela violência.

— Sire — disse — pela última vez, afaste-se, eu lhe suplico; o sossego deste retiro já me reconfortou; sinto-me mais calma sob a mão de Deus. Deus é um protetor diante do qual se esboroam as mesquinhas maldades humanas.

Sire, ainda uma vez, deixe-me com Deus.

— Então — bradou Luís — dizei francamente que nunca me amastes, dizei que a minha humildade, o meu arrependimento lisonjeiam o vosso orgulho, mas que não vos aflige a minha dor. Dizei que o rei de França já não é para vós um apaixonado cuja ternura poderia dar-vos a felicidade, mas um déspota cujo capricho rompeu em vosso coração a última fibra da sensibilidade. Não digais que buscais a Deus, dizei que fugis ao rei. Não, Deus não é cúmplice das resoluções inflexíveis; Deus admite a penitência e o remorso; Deus perdoa e quer amor entre os homens.

Luísa retorcia-se de dor ouvindo essas palavras, que lhe vertiam fogo no mais profundo das veias.

— Mas Vossa Majestade não ouviu? — perguntou.

— O quê?

— Não ouviu que fui escorraçada, que sou desprezada e desprezível?

— Farei de vós a mulher mais respeitada, mais adorada, mais invejada de minha corte.

— Prove-me Vossa Majestade que não deixou de amar-me.

— Como?

— Fuja de mim.

— Hei de prová-lo não vos deixando mais.

— Acredita Vossa Majestade que eu possa admitir uma coisa dessas, Sire? Que o deixarei declarar guerra a toda a sua família? Que o deixarei lançar de si, por minha causa, mãe, esposa e irmã?

— Ah, finalmente as nomeastes; foram elas que vos fizeram mal? Pois juro por Deus todo-poderoso que hei de castigá-las!

— Aí está porque me aterra o futuro, porque recuso tudo, porque não quero que Vossa Majestade se vingue. Basta de lágrimas, meu Deus! Basta de dores, basta de queixas assim. Oh! nunca serei causa de queixas, dores nem lágrimas a quem quer que seja. Gemi demais, chorei demais, sofri demais!

— E as minhas lágrimas, as minhas penas, as minhas queixas, não representam nada para vós?

— Não me fale assim, Sire, pelo amor de Deus! Preciso de toda a minha coragem para levar a cabo o sacrifício.

— Luísa, Luísa, suplico-te! Manda, ordena, vinga-te, ou perdoa; mas não me deixes!

— Ai de mim! precisamos separar-nos, Sire.

— Mas, então, não me amas?

— Oh! Deus sabe quanto!

— Mentira! Mentira!

— Se eu não o amasse, Sire, consentiria em que Vossa Majestade me vingasse; aceitaria em troca do insulto que me fizeram, o doce triunfo do orgulho que Vossa Majestade me propõe! Mas bem vê que recuso até a suave compensação do seu amor, do seu amor que é a minha vida, visto que desejei morrer quando imaginei que Vossa Majestade já não me queria.

— Pois bem, agora o sei, agora o reconheço; sois a mais santa, a mais venerável das mulheres.

Nenhuma é digna, como vós, não só do meu amor e do meu respeito, mas também do amor e do respeito de todos; por isso mesmo, nenhuma será amada como vós, Luísa, nenhuma exercerá sobre mim o império que exerceis. Juro que eu estraçoaria neste momento o mundo, como se fosse de vidro, se o mundo me incomodasse. Ordenais que eu me acalme, que perdoe? Seja, acalmar-me-ei. Quereis reinar pela doçura e pela clemência? Serei clemente e doce. Dizei-me o que devo fazer, que obedecerei.

— Ah! meu Deus! Quem sou eu, pobre rapariga, para ditar uma sílaba sequer a um rei como Vossa Majestade?

— Sois a minha vida e a minha alma! Não é a alma que governa o corpo?

— Oh! Vossa Majestade ama-me, então, meu querido Sire?

— De joelhos, de mãos postas, com todas as forças que Deus pôs em mim. Tanto vos amo que vos daria a minha vida sorrindo se ma pedísseis.

— Vossa Majestade me ama?

— Oh! sim.

— Então, já não tenho o que desejar no mundo... Dê-me a sua mão, Sire, e despeçamo-nos! Já conheci nesta vida a felicidade que me estava destinada.

— Não, não digas que a tua vida está começando! A tua felicidade não é de ontem, é de hoje, é de amanhã, é de sempre! O futuro pertence-te! Tudo o que é meu te pertence! Acabaram-se as idéias de separação, acabaram-se os sombrios desesperos: o amor é nosso Deus, é a necessidade de nossas almas. Viverás para mim e eu viverei para ti.

E, prosternando-se diante dela, beijou-lhe os joelhos com intraduzíveis transportes de alegria e gratidão.

— Oh! Sire! Sire! tudo isto é um sonho.

— Sonho por quê?

— Porque não posso voltar à corte. Exilada, como poderei revê-lo? Não será melhor optar pelo claustro para nele enterrar, no bálsamo do amor de Vossa Majestade, os últimos transportes do seu coração e a sua derradeira confissão?

— Exilada, vós? — bradou Luís XIV. — Quem exila quando eu chamo?

— Oh! Sire, alguma coisa que reina acima dos reis: o mundo e a opinião. Vossa Majestade não pode amar uma mulher expulsa, que a mãe de Vossa Majestade manchou com uma suspeita, que a irmã de Vossa Majestade difamou com um castigo, uma mulher indigna de Vossa Majestade.

— Indigna, a que me pertence?

— Por isso mesmo, Sire; desde que lhe pertence, a amante de Vossa Majestade é indigna.
— Tendes razão, Luísa, em vós residem todas as delicadezas. Mas não sereis exilada.
— Bem se vê que Vossa Majestade não ouviu Madame.
— Apelarei dela para minha mãe.
— Oh! Vossa Majestade não viu sua mãe.
— Ela também? Pobre Luísa! Estavam todos contra vós?
— Sim, sim, pobre Luísa, que já vergava sob a força da tormenta quando Vossa Majestade acabou de quebrá-la.
— Oh! perdão!
— Portanto, Vossa Majestade não dobrará nem uma, nem outra; creia, Sire, o mal não tem remédio, pois nunca lhe permitirei empregar a violência nem a autoridade.
— Para provar-vos quanto vos amo, Luísa, vou fazer uma coisa: procurarei Madame.
— Vossa Majestade?
— Obrigá-la-ei a revogar a sentença.
— Obrigá-la? Oh! não, não!
— Está bem: persuadi-la-ei. Luísa meneou a cabeça.
— Suplicarei, se for preciso — disse Luís. — Acreditareis no meu amor depois disso?
Luísa ergueu a cabeça.
— Nunca, nunca se humilhe por mim, Sire! Prefiro morrer.
Luís refletiu, o rosto assumiu-lhe uma sombria expressão.
— Amarei quanto amastes — disse ele; — sofrerei quanto sofrestes; será a minha expiação aos vossos olhos. Afastemos essas considerações mesquinhas; sejamos grandes como a nossa dor, sejamos fortes como o nosso amor!
E, dizendo isso, tomou-a nos braços e formou para ela um cinto com as duas mãos.
— Meu único bem! Minha vida! Vem comigo — disse ele. Ela fez um derradeiro esforço, em que concentrou, não mais a vontade, já vencida, mas todas as forças.
— Não! — replicou fracamente — não, não! Eu morreria de vergonha!
— Voltareis como rainha. Ninguém sabe da vossa saída... Só d'Artagnan...
— Ele também me traiu?
— Como assim?
— Tinha jurado...
— Eu tinha jurado não dizer nada ao rei — acudiu d'Artagnan enfiando a cabeça pela porta entreaberta — e cumpri o juramento. Falei com o Sr. de Saint-Aignan; não tenho culpa se o rei ouviu; não é verdade, Sire?
— É verdade; não lhe perdoareis? — tornou o rei.
La Vallière sorriu e estendeu ao mosqueteiro a mão frágil e branca.
— Sr. d'Artagnan — disse o rei, encantado — mandai buscar um carro para a senhorita.
— Sire — respondeu o capitão — o carro já está esperando.
— Oh! tenho aí o modelo dos servidores! — exclamou o rei.
— Levaste muito tempo para percebê-lo — murmurou d'Artagnan, se bem o desvanecesse a lisonja.
Vencida, após algumas hesitações, La Vallière deixou-se levar, quase inanimada, pelo seu real apaixonado.
Mas, à porta do locutório, no momento de sair, arrancou-se aos braços do rei e voltou ao crucifixo de pedras, que beijou, dizendo:

— Meu Deus! vós me chamastes; meu Deus! vós me afastastes; mas a vossa graça é infinita. Quando eu voltar, esqueçai-vos de que me afastei; pois, quando eu voltar, nunca mais vos deixarei.

O rei despediu um soluço.

D'Artagnan enxugou uma lágrima.

Luís arrastou a menina, ergueu-a quase à altura do carro e colocou o mosqueteiro ao lado dela.

E, montando a cavalo, saiu à desfilada na direção do Palais-Royal, onde, assim, que chegou, mandou avisar Madame de que lhe solicitava uma audiência.

Capítulo XXX - Nos aposentos de madame

PELO modo por que o rei deixara os embaixadores, os menos clarividentes haviam adivinhado uma guerra. Pouco inteirados da crônica íntima, os próprios embaixadores haviam interpretado contra si mesmos a frase célebre: "Se não sou senhor de mim, sê-lo-ei daqueles que me ultrajam".

Felizmente para os destinos da França e da Holanda, Colbert seguira-os e dera-lhes algumas explicações; mas as rainhas e Madame, muito bem informadas de quanto se fazia em suas casas, tendo ouvido a frase cheia de ameaças, haviam-se retirado temerosas e despeitadas.

Madame, principalmente, sentia que a cólera real cairia sobre ela, e, como fosse destemida e excessivamente orgulhosa, em vez de ir pedir apoio à rainha-mãe, recolhera aos seus aposentos, se não sem inquietude, pelo menos sem intenção de fugir ao combate. De tempos a tempos, Ana d'Áustria mandava mensageiros indagarem se o rei já voltara.

O silêncio que reinava no castelo sobre o caso e o desaparecimento de Luísa eram presságio de uma série de desgraças para quem conhecesse o temperamento altivo e irascível do rei.

Resistindo, porém, a todos os rumores, Madame fechou-se no quarto, chamou Montalais para ao pé de si e, com a voz menos comovida, ordenou à rapariga que dissesse o que sabia sobre o sucedido. No momento em que a eloqüente Montalais concluía com toda a sorte de precauções oratórias e recomendava a Madame tolerância com garantia de reciprocidade, o Sr. Malicorne apresentou-se para solicitar a audiência em nome do rei.

O digno amigo de Montalais trazia no rosto os sinais de vivíssima comoção. Ninguém poderia enganar-se: a entrevista solicitada pelo rei seria um dos capítulos mais interessantes daquela história do coração dos reis e dos homens.

Madame sentiu-se perturbada pela chegada do cunhado; não o esperava tão cedo; não esperava, principalmente, que Luís tomasse medidas drásticas.

Ora, as mulheres, que tão bem se saem das guerras indiretas, são sempre menos hábeis e menos fortes quando precisam aceitar uma batalha frente a frente.

Madame, como dissemos, não era das que recuam: possuía o defeito, ou qualidade contrária.

Demasiava-se em valentias; daí que a solicitação do rei, trazida por Malicorne, representasse para ela a trombeta que conclama para a luta. Ergueu altivamente a luva.

Cinco minutos depois, Sua Majestade subia a escada.

Estava corado por haver corrido. As suas roupas empoeiradas e em desordem contrastavam com a indumentária tão fresca e tão cuidada de Madame, que empalidecia sob o carmim.

Luís não perdeu tempo com preâmbulos; sentou-se. Montalais escamugiu-se.

Sentou-se Madame diante do rei.

— Minha irmã — disse Luís — sabeis que a Srta. de La Vallière fugiu de seus aposentos hoje cedo e foi levar a um claustro a sua dor e o seu desespero?

Pronunciando essas palavras, a voz do rei patenteava singular comoção.

— É Vossa Majestade quem me dá notícia disso — replicou Madame.

— Eu cria que o houvésseis sabido hoje cedo, quando foi a recepção aos embaixadores.

— Pela comoção de Vossa Majestade adivinhei que se passava algo de extraordinário, mas não pude precisar o que fosse.

O rei, que era franco, e ia diretamente às do cabo:

— Minha irmã — perguntou — por que mandastes embora a Srta. de La Vallière?

— Porque o seu serviço me desagradava — respondeu secamente Madame.

Purpurejou-se o rei e em seus olhos fuzilou uma chama que a grande coragem de Madame mal conseguiu sustentar. Conteve-se, porém, e ajuntou:

— É necessária uma razão muito forte, minha irmã, para que uma mulher boa como vós expulse e desonre não só uma menina, senão toda a família dessa menina. Sabeis que a cidade tem os olhos abertos para o procedimento das mulheres do paço. Despedir uma dama de honor é atribuir-lhe um crime ou, pelo menos, uma falta. Qual foi o crime, qual foi a falta da Srta. de La Vallière?

— Visto que Vossa Majestade se constitui protetor da Srta. de La Vallière — replicou friamente Madame — dar-vos-ei explicações que eu teria o direito de recusar.

— Até ao rei? — exclamou Luís, cobrindo-se com um gesto de cólera.

— Vossa Majestade chamou-me sua irmã — disse Madame — e eu estou em minha casa.

— Não importa! — voltou o jovem monarca, corrido de haver-se encolerizado — não podeis dizer, Madame, e ninguém pode dizer neste reino que tem o direito de recusar-me explicações.

— Já que Vossa Majestade o toma nesse tom — disse Madame com uma cólera sombria — só me resta inclinar-me e calar-me.

— Não, não nos equivoquemos.

— A proteção que Vossa Majestade dispensa à Srta. de La Vallière me impõe respeito.

— Não nos equivoquemos; sabeis muito bem que, chefe da nobreza de França, devo prestar contas a todos da honra das famílias. Expulsais a Srta. de La Vallière ou qualquer outra...

Movimento de ombros de Madame.

— Ou qualquer outra, repito-o — continuou o rei — e, como desonrais essa pessoa procedendo assim, peço-vos uma explicação, a fim de confirmar ou revogar a sentença.

— Revogar a minha sentença? — redarguiu Madame com altivez. — Como! depois de eu haver expulsado de minha casa uma criada, Vossa Majestade me ordenaria que a recebesse de novo?

Calou-se o rei.

— Isso já não seria um excesso de poder, Sire; seria um indecoro.

— Madame!

— Eu me revoltaria, como mulher, contra um abuso indigno; deixaria de ser uma princesa do sangue de Vossa Majestade, uma filha de reis; seria a última das criaturas, mais humilde que a criada despedida.

El-rei, furioso, deu um salto.

— Não é um coração — bradou ele — que bate em vosso peito; se assim vos haveis comigo, deixai-me proceder com o mesmo rigor.

Às vezes, uma bala perdida surte efeito numa batalha. Essa frase, que o rei não dissera com intenção, atingiu Madame e momentaneamente a abalou: ela poderia, um dia ou outro, recear represálias.

— Explique-se Vossa Majestade.

— Pergunto-vos, Madame, o que fez contra vós a Srta. de La Vallière?

— É a mais astuta medianeira de intrigas que conheço; obrigou dois amigos a se baterem, permitiu que falassem dela em termos tão vergonhosos, que toda a corte franze o cenho ao simples som do seu nome.

— Ela? Ela? — perguntou o rei.

— Debaixo desse invólucro tão meigo e tão hipócrita — prosseguiu Madame — esconde um espírito sumamente astuto e negro.

— Ela?
— Vossa Majestade pode enganar-se; mas eu a conheço: ela é capaz de incitar à guerra os melhores parentes e os mais íntimos amigos. Veja, Sire, a discórdia que já semeou entre nós.
— Protesto... — atalhou o rei.
— Sire, examine bem o seguinte: vivíamos em boa inteligência e, com os seus diz-que-diz-ques, as suas queixas artificiosas, ela indispôs Vossa Majestade contra mim.
— Juro — disse o rei — que nunca lhe saiu dos lábios uma palavra amarga; juro que, até nos meus transportes, ela nunca me deixou ameaçar ninguém; juro que não tendes amiga mais dedicada nem mais respeitosa.
— Amiga? — tornou Madame com expressão de supremo desdém.
— Tomai cuidado, Madame — disse o rei — esquecei-vos de que me compreendestes e que, assim, tudo se iguala. A Srta. de La Vallière será o que eu quiser que ela seja, e amanhã, se tal me aprouver, poderá até sentar-se num trono.
— Mas, pelo menos, não terá nascido nele, e se Vossa Majestade pode fazer tudo para o futuro, não poderá fazer nada pelo passado.
— Madame, tenho sido convosco extremamente complacente e civil; não me recordeis que sou o amo.
— Sire, Vossa Majestade já mo repetiu duas vezes. Tive a honra de dizer-lhe que me inclinava.
— Permitireis, então, que a Srta. de La Vallière retorne à vossa casa?
— Para que, se Vossa Majestade pode dar-lhe um trono? As minhas forças não bastam a proteger tamanha potência.
— Deixai esse espírito mau e escarninho. Concedei-me o seu perdão.
— Nunca!
— Forçais-me à guerra em minha família?
— Também tenho a minha, onde me refugiarei.
— Ameaçais? Chegais a esse ponto? Cuidais que, se recorrerdes à injúria, os vossos parentes vos apoiarão?
— Espero que Vossa Majestade não me obrigue a nada que seja indigno de minha posição.
— Pois eu esperava que vos lembrásseis de nossa amizade, que me tratásseis como irmão.
Madame deteve-se um momento.
— Não é deixar de reconhecê-lo por irmão — disse ela — recusar uma injustiça a Vossa Majestade.
— Uma injustiça?
— Oh! Sire, se eu contasse a todos o procedimento de La Vallière, se as rainhas soubessem,..
— Vamos, vamos, Henriqueta, deixai falar o coração; lembrai-vos de que me amastes, lembrai-vos de que o coração dos homens deve ser tão misericordioso quanto o coração do Senhor. Não sejais inflexível; perdoai a La Vallière.
— Não posso; ela me ofendeu.
— E eu, eu?
— Por Vossa Majestade farei tudo no mundo, menos isso.
— Então, só me deixais o desespero... Reduzis-me ao último recurso dos fracos; aconselhais-me a cólera e o escândalo?
— Aconselho reflexão a Vossa Majestade.
— Reflexão?... Minha irmã, já não posso refletir.
— Sire, por favor!

— Minha irmã! por piedade! É a primeira vez que suplico; minha irmã, a minha única esperança reside em vós.

— Vossa Majestade está chorando?

— De raiva, de humilhação! Depois de ter sido obrigado a suplicar, eu o rei! Durante toda a existência detestarei este momento. Minha irmã, vós me fizestes sofrer num segundo piores aflições que os que já previ nas mais duras contingências desta vida.

E o rei, levantando-se, deu livre curso às suas lágrimas, que eram efetivamente, lágrimas de cólera e de vergonha.

Sentiu-se Madame, não tocada, que a melhor das mulheres não tem piedade no orgulho, mas receosa de que aquelas lágrimas arrastassem consigo quanto houvesse de humano no coração do rei.

— Ordene Vossa Majestade — disse ela; — e, visto que prefere a minha humilhação à sua, se bem a minha seja pública e a sua tenha a mim por única testemunha, fale, que obedecerei ao rei.

— Não, não, Henriqueta! — bradou Luís, transportado de reconhecimento. — Tereis cedido ao irmão.

— Já não tenho irmão, visto que obedeço.

— Quereis o meu reino como prova de gratidão?

— Como ama Vossa Majestade — disse ela — quando ama! Ele não respondeu. Pegara na mão de Madame e cobria-a de beijos.

— Portanto — disse ele — recebereis a pobre menina, perdoar-lhe-eis, reconhecereis a doçura e a retidão de sua alma?

— Conservá-la-ei em minha casa.

— Não, restituir-lhe-eis a vossa amizade, minha querida irmã.

— Nunca fui amiga dela.

— Por minha causa, tratá-la-eis bem, não é verdade, Henriqueta?

— Seja! Tratá-la-ei como amante de Vossa Majestade.

Ergueu-se o rei. Com essa palavra, que tão funestamente lhe escapara, destruíra Madame todo o mérito do seu sacrifício. O rei já não lhe devia coisa alguma.

Ulcerado, mortalmente ferido, ele replicou:

— Obrigado, Madame, lembrar-me-ei eternamente do serviço que me prestastes.

E, cumprimentado com afetação de cerimônia, despediu-se.

Passando diante de um espelho, deu com os olhos vermelhos e bateu, colérico, com o pé no chão.

Mas era muito tarde: colocados à porta, Malicorne e d'Artagnan viram-lhe o rosto.

— El-rei chorou — pensou Malicorne. D'Artagnan aproximou-se, respeitoso, do soberano.

— Sire — disse, baixinho — Vossa Majestade deve tomar a escada secreta para voltar aos seus aposentos.

— Por quê?

— Porque a poeira do caminho deixou vestígios no rosto de Vossa Majestade.

"Vá, Sire, vá. Com a fortuna!" pensou, depois que o rei lhe obedeceu como criança "ai daqueles que fizerem chorar a que faz chorar o rei!”

Capítulo XXXI - O lenço da Srta. de La Vallière

MADAME não era má: era apenas arrebatada.

O rei não era imprudente: mas estava apaixonado.

Assim que concluíram essa espécie de pacto, que redundara na reaceitação de La Vallière, cada qual buscou tirar o melhor proveito possível do acordo.

O rei queria ver La Vallière a cada instante.

Madame, que notava o despeito do soberano desde a cena das súplicas, não queria entregar La Vallière sem resistir.

Por conseguinte, opunha toda a sorte de dificuldades aos passos do monarca.

Com efeito, para chegar à presença da dama de seus pensamentos, via-se o rei obrigado a cortejar a cunhada.

Desse plano derivava toda a política de Madame.

Escolhera uma pessoa para ajudá-la e, como essa pessoa fosse Montalais, via-se o rei bloqueado cada vez que entrava no apartamento de Madame. Todos o cercavam e ninguém o largava.

Nessas ocasiões, Madame fazia praça de um pico e de um espírito irresistíveis.

Montalais sucedia-lhe. Não tardou que se tornasse insuportável aos olhos do rei.

Era o que ela esperava.

A essa altura, pôs em cena Malicorne, que, aproximando-se do rei, contou-lhe que havia no paço uma jovem muito infeliz.

Perguntou-lhe o rei quem era a jovem.

— A Srta. de Montalais, Sire — respondeu Malicorne.

Redarguiu o rei que era bem feito que uma pessoa se sentisse infeliz quando tornava infelizes os outros.

Malicorne explicou que a Srta. de Montalais cumpria ordens.

O rei abriu os olhos: observou que Madame, assim que surgia Sua Majestade, aparecia também; ficava nos corredores até que o rei se afastava; e reconduzia-o sempre com receio de que ele se comunicasse, nas antecâmaras, com alguma de suas damas.

Uma noite, foi mais longe ainda.

Estava o monarca sentado entre as damas e segurava, debaixo do punho de rendas, um bilhete que tencionava passar às mãos de La Vallière.

Madame adivinhou a intenção e o bilhete. Ser-lhe-ia dificílimo impedir o rei de ir aonde bem lhe parecesse.

Entretanto, cumpria evitar que se aproximasse de La Vallière, que a cumprimentasse, que lhe deixasse cair o bilhete sobre os joelhos, atrás do leque ou no lenço.

O rei também estava observando e desconfiou de que lhe armavam um laço.

Levantou-se e moveu a poltrona para junto da Srta. de Châtillon, com a qual se pôs a gracejar.

Faziam-se desafios rimados; da Srta. de Châtillon, dirigiu-se ele para Montalais, depois para a Srta. de Tonnay-Charente.

Por meio dessa hábil manobra, viu-se sentado defronte de La Vallière, escondendo-a inteiramente com o corpo.

Madame fingia-se ocupadíssima; consertava um desenho de flores num bastidor.

O rei mostrou a ponta do bilhete branco a La Vallière, e esta estendeu o lenço, tom um olhar que

significava: "Ponha o bilhete dentro do lenço".

Depois, colocando o seu lenço dele sobre a poltrona em que estava sentado, Luís jogou-o habilmente no chão.

La Vallière por sua vez colocou sorrateiramente o lenço dela na poltrona.

O rei apanhou-o à socapa embrulhou com ele o bilhete e recolocou-o na poltrona.

Restava a La Vallière o tempo exato para esticar a mão e apanhar o lenço com o seu precioso conteúdo.

Madame, porém, não perdera um gesto.

E disse a Srta. de Châtillon:

— Châtillon, apanhai o lenço do rei, por favor, que está no tapete.

E tendo a menina obedecido precipitadamente: tendo o rei mudado de posição e tendo-se perturbado La Vallière, viu-se outro lenço na poltrona.

— Ah! perdão! Vossa Majestade tem dois lenços — disse ela. Dessa maneira, viu-se obrigado o rei a enfiar no bolso o lenço da La Vallière com o seu. Ganhava assim uma lembrança da mulher amada, mas esta perdia uma quadra que o rei levara dez horas fazendo, e que talvez valesse, sozinha, um longo poema.

Daí a cólera do rei e o desespero de La Vallière.

Seria coisa impossível de descrever-se.

Pouco depois, entretanto, ocorreu uma coisa inacreditável.

Quando o rei saiu para voltar aos seus aposentos, Malicorne, avisado ninguém sabe como, se achava na antecâmara.

As antecâmaras do Palais-Royal são naturalmente escuras, e, à noite, havia pouca cerimônia nas de Madame; eram mal iluminadas.

O rei gostava dessa penumbra. Por via de regra, o amor, cujo espírito e cujo coração flamejam constantemente, não aprecia a luz senão no espírito e no coração.

A antecâmara, portanto, estava escura; um pajem apenas carregava o brandão diante de Sua Majestade.

Caminhava o rei com passo lento, ruminando a sua cólera.

Malicorne passou muito perto dele, quase o encontrou, e pediu-lhe perdão com perfeita humildade; mas o rei, de muito mau humor, destratou Malicorne, que se escafedeu.

Luís deitou-se, depois de brigar um pouquinho com a rainha e, no dia seguinte, no momento de passar ao gabinete, acudiu-lhe o desejo de beijar o lenço de La Vallière.

Chamou o criado grave.

— Trazei-me — disse ele — a roupa que vesti ontem; mas tomai cuidado para não tocar em nada que esteja guardado nela.

A ordem foi executada e o rei vasculhou pessoalmente o bolso da casaca.

Encontrou apenas um lenço, o seu; o de La Vallière desaparecera.

Enquanto se perdia em suspeitas e conjeturas, trouxeram-lhe uma carta de La Vallière, que dizia deste teor:

> *"Como fostes amável, meu caro senhor, mandando-me estes formosos versos! Como é engenhoso e perseverante o vosso amor! Como não haveríeis de ser amado?"*

— Mas que significa isto? — pensou o rei. — Aqui há engano. Procurai bem — disse ao criado grave — um lenço que devia estar no meu bolso. Se não o encontrardes e se tiverdes mexido nele...

Reportou-se. Converter em assunto de Estado a perda de um lenço era dar motivo a uma crônica inteira. Acrescentou:

— Eu tinha nesse lenço uma nota importante que se havia insinuado entre as suas dobras.

— Mas, Sire — tornou o criado grave — Vossa Majestade só tinha um lenço, que é este.

— É verdade — replicou o rei rangendo os dentes — é verdade. Oh! pobreza, como te invejo. Feliz é o homem que pode tirar pessoalmente do bolso os seus lenços e os seus bilhetes.

Releu a carta de La Vallière buscando saber por que cargas d'água chegara a quadra ao seu destino. A carta continha um pós-escrito:

"Remeto pelo vosso mensageiro esta resposta tão pouco digna dos versos".

— Ainda bem! Vou ficar sabendo de alguma coisa — disse ele com alegria. — Quem está aí e quem me trouxe este bilhete?

— O Sr. Malicorne — respondeu timidamente o criado grave.

— Fazei-o entrar. Malicorne entrou.

— Vindes da parte da Srta. de La Vallière? — perguntou o rei com um suspiro.

— Venho, Sire.

— Levastes à Srta. de La Vallière alguma coisa de minha parte?

— Eu, Sire?

— Sim, vós.

— Não, Sire, absolutamente.

— A Srta. de La Vallière declara-o formalmente.

— Oh! Sire, a Srta. de La Vallière deve estar enganada. O rei carregou o cenho.

— Que brincadeira é esta? — perguntou. — Explicai-vos. Por que vos chama a Srta. de La Vallière meu mensageiro?... Que entregastes a ela? Falai depressa, senhor.

— Sire, entreguei à Srta. de La Vallière um lenço, nada mais.

— Um lenço... Que lenço?

— No momento em que tive, ontem, a desventura de esbarrar na pessoa de Vossa Majestade, desventura que lamentarei pelo resto de minha vida, principalmente depois do descontentamento que Vossa Majestade manifestou; nesse momento, Sire, fiquei imobilizado pelo desespero; Vossa Majestade já estava muito longe para ouvir as minhas escusas; senão quando, vi no chão qualquer coisa branca.

— Ah! — exclamou o rei.

— Abaixei-me, era um lenço. Cuidei, por um instante, que, encontrando Vossa Majestade, eu contribuíra para que o lenço lhe saísse do bolso; mas, ao apalpá-lo com todo o respeito, senti um monograma, que examinei: era o monograma da Srta. de La Vallière; presumi que, ao chegar, ela houvesse deixado cair o lenço e apressei-me em devolver-lho à saída. Foi apenas isso que entreguei à Srta. de La Vallière; suplico a Vossa Majestade que o creia.

Malicorne parecia tão cândido, tão desolado, tão humilde, que o rei o ouviu com extraordinária satisfação.

Agradeceu-lhe o acaso como agradeceria o maior dos serviços prestados.

— São dois, com este, os encontros felizes que tive convosco, senhor — disse ele; — podeis contar com a minha amizade.

Voilà déjà deux heureuses rencontres que j'ai avec vous, monsieur, dit-il, vous pouvez compter sur mon amitié. — Page 320.

O fato é que, pura e simplesmente, Malicorne surripiara o lenço do bolso do soberano com a galanteza com que o teria feito um corta-bôlsas da boa cidade de Paris.

Madame nunca soube dessa história. Montalais, porém, fez que dela suspeitasse La Vallière e La Vallière, ao depois, contou-a ao rei, que se riu a bandeiras despregadas e proclamou Malicorne um grande político.

Luís XIV tinha razão, e todos sabem que ele conhecia os homens.

Capítulo XXXII - Em que se trata de jardineiros, de escadas e de damas de honor

INFELIZMENTE, os milagres não podiam durar sempre, ao passo que durava sempre o mau humor de Madame.

Ao cabo de oito dias, o rei chegara a ponto de não poder olhar para La Vallière sem que se cruzasse com o seu olhar suspeitoso.

Quando se alvitrava um passeio, para evitar que se repetisse a cena da chuva ou a do carvalho real, Madame já tinha preparadas várias indisposições: graças a elas, Madame não saía e as suas damas de honor ficavam em casa.

Visitas noturnas, nenhuma; eram impraticáveis.

Nesse sentido, aliás, desde os primeiros dias, conhecera o rei penoso malogro.

Como em Fontainebleau, levara consigo de Saint-Aignan e quisera dirigir-se aos aposentos de La Vallière. Mas encontrara apenas a Srta. de Tonnay-Charente, que principiara a gritar desesperadamente por socorro, de sorte que acudiu uma legião de criadas, vigilantes e pajens, e, ficando sozinho para salvar a honra do amo, que escapulira, de Saint-Aignan sofrera severíssima repreensão da rainha-mãe e de Madame.

Além disso, recebera, no dia seguinte, dois desafios da família de Mortemart.

Foi preciso que o rei interviesse.

O engano proviera de que Madame, imprevistamente, ordenara que as damas de honor trocassem de quarto, indo La Vallière e Montalais dormir no próprio gabinete de sua ama.

Nada mais, portanto, era possível, nem sequer a troca de cartas: escrever sob os olhos de um argos tão feroz, de tão variável doçura quanto Madame, era expor-se aos maiores perigos.

Calcule-se por aí o estado de irritação contínua e de cólera crescente em que essas alfinetadas deixavam o leão.

O rei quebrava a cabeça procurando meios, e, como não pudesse abrir-se nem com Malicorne nem com d'Artagnan, não os encontrava.

Malicorne, com efeito, deu algumas investidas heróicas para animar o rei a fazer-lhe uma confidência completa.

Mas, fosse vergonha, fosse desconfiança, o rei mordia a isca a princípio mas logo a largava.

Assim, por exemplo, num dia em que o rei atravessava o jardim e olhava com tristeza para as janelas de Madame, Malicorne tropeçou numa escada debaixo de uma sebe e disse a Manicamp, que caminhava com ele atrás do rei e não tropeçara em nada nem vira coisa alguma:

— Não viste que tropecei numa escada e quase caí?

— Não — respondeu Manicamp, distraído como sempre; — mas não caíste, segundo parece?

— Não importa! Nem por isso é menos perigoso deixar escadas largadas por aí.

— De fato; a gente pode machucar-se, principalmente quando anda distraído.

— Não é isso; quero dizer que é perigoso largar escadas assim debaixo das janelas das damas de honor.

Luís estremeceu imperceptivelmente.

— Como assim? — perguntou Manicamp.

— Fala mais alto — soprou-lhe Malicorne, empurrando-lhe o braço.

— Como assim? — perguntou mais alto Manicamp. O rei prestou atenção.

— Aqui está, por exemplo — disse Malicorne — uma escada que tem dezenove pés de

comprimento e chega à altura da cornija das janelas.
Em vez de responder, Manicamp devaneava.
— Pergunta-me de que janelas — soprou-lhe Malicorne.
— Mas de que janelas estás falando? — repetiu em voz alta Manicamp.
— Das janelas de Madame.
— Eh!
— Oh! não digo que alguém se atreva a subir aos aposentos de Madame; mas no gabinete de Madame, separado por um simples tabique, dormem as Srtas. de La Vallière e de Montalais, que são duas moças bonitas.
— Por um simples tabique?. — repetiu Manicamp.
— Olha, aquela é a luz brilhante dos aposentos de Madame, estás vendo as duas janelas?
— Estou.
— E aquela janela pegada às outras, mas menos iluminada, não vês?
— Também vejo.
— Pois é a das damas de honor. Está fazendo calor, e a Srta. de La Vallière, precisamente abriu a sua; ah! quantas coisas poderia dizer-lhe um namorado atrevido, se desconfiasse da existência desta escada de dezenove pés que chega até à cornija.
— Mas não disseste que ela não está só, que a Srta. de Montalais dorme com ela?
— A Srta. de Montalais não tem importância; é amiga de infância, inteiramente dedicada, verdadeiro poço em que se podem jogar todos os segredos que se querem perder.
Nem uma palavra do diálogo escapara ao rei.
Malicorne observou que o rei chegara a diminuir o passo para dar-lhe tempo de acabar.
Por isso mesmo, à porta, o monarca dispensou toda a gente, exceto Malicorne.
O fato não surpreendeu ninguém; sabia-se que o rei estava apaixonado e desconfiava-se de que fizesse versos à lua.
E se bem a lua não tivesse aparecido aquela noite, Sua Majestade poderia querer praticar.
Partiram todos.
Voltou-se o rei para Malicorne que esperava, respeitoso, que o soberano lhe dirigisse a palavra.
— Que dizíeis há pouco sobre uma escada, Sr. Malicorne? — perguntou Luís.
— Eu falei em escada, Sire?
E Malicorne ergueu os olhos para o céu como se quisesse reaver as palavras perdidas.
— Sim, de uma escada de dezenove pés.
— Ah! de fato, Sire, mas eu estava falando com o Sr. de Manicamp, e não teria dito nada se soubesse que Vossa Majestade poderia escutar-nos.
— Por que não teríeis dito nada?
— Porque eu não quisera ver repreendido o jardineiro que a esqueceu... pobre diabo!
— Não o receeis... Vejamos, que escada é essa?
— Vossa Majestade quer vê-la?
— Quero.
— Nada mais fácil; ela está lá, Sire.
— Na sebe?
— Exatamente.
— Mostrai-ma.
Malicorne desandou o caminho percorrido e conduziu o rei à escada.
— Ei-la, Sire.

— Puxai-ma um pouco para cá.

O rei caminhou no sentido do comprimento da escada.

— Hum! — murmurou... — Dizeis que tem dezenove pés?

— Tem, Sire.

— Dezenove pés, é muito: não me parece tão comprida.

— Vê-se mal dessa maneira, Sire. Se a escada estivesse em pé, apoiada numa árvore ou num muro, por exemplo, poder-se-ia ver melhor, visto que a comparação ajudaria muito.

— Não importa, Sr. Malicorne, custa-me acreditar que tenha dezenove pés.

— Sei que Vossa Majestade tem o olhar seguro; não obstante, eu seria capaz de apostar.

O rei sacudiu a cabeça.

— Há um meio infalível de verificação — disse Malicorne.

— Qual?

— Todos sabemos, Sire, que o rés-do-chão do palácio mede dezoito pés.

— De fato.

— Pois bem, encostando-se a escada na parede, poder-se-ia julgar.

— É verdade.

Malicorne ergueu a escada como uma pluma e encostou-a no muro.

Escolheu, ou melhor, o acaso escolheu a própria janela do gabinete de La Vallière para a experiência.

A escada chegou precisamente à ponta da cornija, isto é, quase ao parapeito da janela, onde um homem colocado no penúltimo degrau, um homem de estatura mediana, como o rei, poderia facilmente comunicar-se com os habitantes, ou melhor, com as habitantes do quarto.

Assim que se colocou a escada, deixando de lado a comédia que representava, o rei começou de subir, ao passo que Malicorne segurava os degraus. Mal chegara, porém, à metade do percurso aéreo quando apontou no jardim uma patrulha de suíços, que foi direto à escada.

Une patrouille de Suisses parut dans le jardin.

O rei precipitou-se pelos degraus abaixo e foi esconder-se num maciço de verdura.

Malicorne compreendeu que precisava sacrificar-se. Se também se escondesse, os suíços procurariam até encontrá-lo, a ele ou ao rei, talvez aos dois.

Melhor seria que o encontrassem sozinho.

Por conseguinte, escondeu-se tão mal que logo o prenderam.

Preso, foi conduzido ao posto; chegado ao posto, nomeou-se; nomeado, reconheceram-no.

Entrementes, de maciço em maciço, o rei voltou à porta dos fundos do seu apartamento, muito humilhado e, sobretudo, desapontadíssimo.

Tanto mais que o ruído ocasionado pela detenção atraíra La Vallière e Montalais à janela, e a própria Madame assomara à sua entre duas velas, perguntando o que acontecera.

Nesse entanto, Malicorne mandou chamar d'Artagnan. D'Artagnan acudiu.

Mas em vão tentou expor as suas razões, em vão as compreendeu d'Artagnan; em vão aqueles dois espíritos, tão finos e inventivos, deram uma explicação à aventura; não restou a Malicorne outro recurso que o de passar por haver tentado entrar no quarto da Srta. de Montalais, como o Sr. de Saint-Aignan passara por haver tentado forçar a porta da Srta. de Tonnay-Charente.

Mostrou-se Madame duplamente inflexível: em primeiro lugar porque, se o Sr. Malicorne quisera realmente entrar, de noite, em seus aposentos, pela janela e com o auxílio de uma escada, para avistar-se com Montalais, a tentativa de Malicorne merecia castigo e devia de ser castigada.

Em segundo lugar porque, se Malicorne, em vez de fazê-lo por sua conta, o fizera como intermediário entre La Vallière e uma pessoa que ela não queria nomear, o seu crime era muito maior, pois não tinha sequer a justificativa da paixão, que tudo justifica.

Madame entrou a dar, portanto, altos gritos e fez expulsar Malicorne da casa de Monsieur, sem refletir, pobre cega, que Malicorne e Montalais a tinham presa em suas mãos pela visita ao Sr. de Guiché e por muitos outros fatos igualmente comprometedores.

Furiosa, quis Montalais vingar-se imediatamente; Malicorne, porém, demonstrou-lhe que o apoio do rei o compensava de todas as desgraças do mundo e que era belo sofrer pelo rei.

Malicorne tinha razão. E, embora fosse mulher, dez vezes mulher, Montalais concordou com ele.

De mais a mais, apressemo-nos em dizê-lo, o rei não lhe regateou consolações.

Primeiro, mandou dar-lhe cinqüenta mil libras de indenização pelo cargo perdido.

Em seguida, colocou-o em sua própria casa, feliz de vingar-se dessa maneira de tudo o que Madame os fizera padecerem, a ele e a La Vallière.

Mas, já não tendo Malicorne para roubar-lhe os lenços e medir-lhe as escadas, o pobre apaixonado sentia-se baldo de recursos.

Perdia as esperanças de reaproximar-se de La Vallière, enquanto esta continuasse no Palais-Royal.

Nem todas as dignidades e somas do mundo lograriam remediar tamanho infortúnio.

Felizmente, Malicorne velava.

E fez as coisas tão bem feitas que se encontrou com Montalais. Verdade seja dita que, de seu lado, Montalais fazia o possível para encontrar-se com Malicorne.

— Que fazeis à noite, no quarto de Madame? — perguntou ele à menina.

— Durmo, ora essa! — replicou ela.

— Dormis?

— Claro!

— Pois fazeis muito mal; não convém que uma pessoa durma quando sofre o que estais sofrendo.

— Que é que eu estou sofrendo?

— Não ficastes desesperada com a minha ausência?

— Não, visto que recebestes cinqüenta mil libras e um cargo na casa do rei.

— Não importa, estais aflitíssima por não poderdes ver-me como antigamente; estais desesperada, sobretudo porque perdi a confiança de Madame; é ou não é verdade?

— Oh! sim, é verdade.

— Pois essa aflição não vos deixa dormir de noite: soluçais, suspirais, assoais violentamente o nariz, tudo isso dez vezes por minuto.

— Mas, meu caro Malicorne, Madame não tolera o menor barulhinho perto de si.

— Sei perfeitamente que ela não suporta coisa alguma; por isso vos digo que, ante uma dor tão profunda, ela não tardará em expulsar-vos do seu quarto.

— Compreendo.

— Ainda bem.

— E que acontecerá depois?

— Acontecerá que La Vallière, separada de vós, passará a noite gemendo e lamentando-se de tal maneira que o seu desespero valerá por dois.

— E será mandada para outro quarto.

— Sim, mas qual?

— Qual? Eis-vos atrapalhado, senhor inventor.

— Absolutamente; seja qual fôr o quarto, sempre será melhor que o de Madame.

— De fato.

— Pois bem, começai-me as jeremiadas esta noite.

— Sem falta.

— E avisai La Vallière.
— Descansai, que ela já chora baixinho.
— Pois que chore bem alto. E separaram-se.

Capítulo XXXIII - Em que se trata de marcenaria, e em que se dão algumas explicações sobre o modo de furar escadas

O CONSELHO dado a Montalais foi transmitido a La Vallière, que lhe reconheceu a discrição e, depois de alguma resistência, nascida menos da frieza que da timidez, determinou-se a pô-lo por obra.

A história das duas mulheres chorando e enchendo de ruídos lamentáveis o quarto de dormir de Madame, foi a obra-prima de Malicorne.

E como nada é mais verdadeiro que o inverossímil, nem mais natural que o romanesco, essa espécie de conto das *Mil e uma noites*, surtiu o efeito desejado.

Madame afastou primeiro Montalais.

Três dias depois, ou melhor, três noites depois, afastou La Vallière.

Destinou-se a esta última um quarto na mansarda, que ficava em cima dos apartamentos dos fidalgos.

Um andar, isto é, um assoalho, separava as damas de honor dos oficiais e gentis-homens.

Uma escada particular, colocada sob a vigilância da Srta. de Navailles, conduzia ao quarto delas.

Para maior segurança, a Srta. de Navailles, que ouvira falar das tentativas anterior de Sua Majestade, mandara gradear as janelas do quarto e as aberturas das lareiras.

Cercara-se, portanto, da máxima segurança a honra da Srta. de La Vallière, cujo quarto mais parecia uma gaiola que outra coisa qualquer.

Quando estava no quarto, o que era freqüente, pois Madame não lhe utilizava os serviços depois que a sabia sob a vigilância da Srta. de Navailles, a Srta. de La Vallière tinha por única distração espiar pelas grades da janela. Ora, certa manhã em que estava espiando, como de hábito, avistou Malicorne numa janela paralela à sua.

Ele trazia na mão um prumo de carpinteiro; examinava os edifícios e adicionava fórmulas algébricas num pedaço de papel.

Lembrava, dessarte, os engenheiros que, no canto de uma trincheira, anotam os ângulos de um bastião ou calculam a altura dos muros de uma fortaleza.

La Vallière reconheceu Malicorne e cumprimentou-o.

Malicorne, por sua vez, respondeu com um rasgado cumprimento e desapareceu da janela.

Surpreendeu-a aquela aparente frieza, que não condizia com o temperamento sempre igual de Malicorne; lembrou-se, porém, de que o pobre rapaz perdera o emprego por causa dela e não devia sentir muito boas disposições a seu respeito,- dado que, muito provavelmente, ela nunca se veria em condições de restituir-lhe o que ele perdera.

Ela sabia perdoar as ofensas e, com muito maior razão, compartir da desgraça alheia.

La Vallière se teria aconselhado com Montalais, se Montalais estivesse presente; mas não estava.

Era a hora em que Montalais tratava da correspondência.

De repente, La Vallière viu um objeto, atirado da janela em que aparecera Malicorne, cruzar o espaço, passar através das barras da janela e rolar sobre o piso do quarto.

Curiosa, dirigiu-se para o objeto e apanhou-o.

Era um desses carretéis em que se doba a seda.

Entretanto, em vez de seda, havia um papelzinho enrolado na bobina.

La Vallière desenrolou-o e leu:

"Senhorita,
"Estou preocupado em saber duas coisas:
"Primeiro, se o piso do vosso quarto é de madeira ou de ladrilhos.
"Segundo, a que distância da janela está colocada a vossa cama.
"Desculpai-me a importunidade e dignai-vos de responder-me pela mesma via que vos levou a minha carta, isto é, pela via do carretel.
"Entretanto, em vez de atirá-lo no meu quarto, como o atirei no vosso, o que seria para vós mais difícil que para mim, fazei-me o favor de deixá-lo cair.
"Crede-me, principalmente, senhorita, vosso muito humilde e respeitoso criado,
"MALICORNE."
"Escrevei a resposta, por favor, na própria carta."

— Ah! pobre moço! — exclamou La Vallière. — Deve ter ficado louco.

E dirigiu para o lado do correspondente, que se entrevia na penumbra do quarto, um olhar de afetuosa compaixão.

Malicorne compreendeu e sacudiu a cabeça como para responder-lhe:

— Não, não, não estou louco, ficai descansada.

Ela sorriu com ar de dúvida.

— Não, não — tornou ele com um gesto — a cabeça está boa. E mostrou a cabeça.

Logo, agitando a mão como um homem que escreve rapidamente:

— Vamos, escrevei — suplicou, com uma espécie de mímica. Ainda que ele estivesse louco, não via La Vallière inconveniente algum em fazer o que Malicorne lhe pedia; pegou num lápis e escreveu:

"Madeira".

Depois contou dez passos da janela à cama e escreveu também:

"Dez passos".

Feito isso, olhou para o lado de Malicorne, que a saudou e acenou-lhe que desceria.

Compreendeu La Vallière que ele pretendia recolher a bobina. Aproximou-se da janela e, consoante as instruções, deixou-a cair.

O carretel corria ainda sobre as lájeas quando Malicorne, precipitando-se, alcançou-o, descascou-o, como um macaco descasca nozes, e correu primeiro para o alojamento do Sr. de Saint-Aignan.

De Saint-Aignan escolhera, ou melhor, solicitara um alojamento bem próximo do rei, como essas plantas que buscam os raios do sol para se desenvolverem melhor.

Compunha-se o alojamento de duas peças, no próprio edifício ocupado por Luís XIV.

O Sr. de Saint-Aignan orgulhava-se da proximidade, que lhe propiciava acesso fácil aos aposentos de Sua Majestade e, de mais disso, o favor de alguns encontros inesperados.

Entretinha-se, no momento em que nos ocupamos dele, em mandar alcatifar magnificamente as duas peças, esperando a honra de algumas visitas do rei; pois Sua Majestade, depois da paixão que lhe inspirara La Vallière, elegera de Saint-Aignan por confidente e não o largava, nem de dia nem de noite.

Fez Malicorne que o levassem à presença do conde, no que não encontrou dificuldade, pois

conciliara as boas graças do rei e o crédito de um é sempre uma isca para o outro.

De Saint-Aignan perguntou ao visitante se trazia alguma notícia.

— Uma grande — respondeu o recém-chegado.

— Ah! ah! — exclamou de Saint-Aignan, curioso como um favorito; — qual?

— A Srta. de La Vallière mudou de quarto.

— Como assim? — perguntou de Saint-Aignan arregalando os olhos.

— Pois é isso mesmo.

— Ela não estava no gabinete de Madame?

— Estava. Madame, todavia, enfarou a vizinhança e instalou-a num quarto situado precisamente em cima do vosso futuro apartamento.

— Como, *lá em cima?* — exclamou de Saint-Aignan com surpresa, indicando com o dedo o pavimento superior.

— Não — tornou Malicorne — *lá em baixo.*

E mostrou o edifício que se erguia defronte deles.

— Por que dizeis então que o quarto dela fica em cima do meu?

— Porque tenho certeza de que o vosso apartamento, muito naturalmente, deve ficar em baixo do quarto de La Vallière.

A essas palavras, fitou de Saint-Aignan no pobre Malicorne um daqueles olhares que La Vallière já lhe dirigira quinze minutos antes. Isto é, julgou-o louco varrido.

— Senhor — disse-lhe Malicorne — peço licença para responder ao vosso pensamento.

— Ao meu pensamento?...

— Sem dúvida; parece-me que não compreendestes perfeitamente o que eu queria dizer.

— Confesso que não.

— Pois bem, não ignorais que, debaixo das damas de honor de Madame estão alojados os fidalgos do rei e de Monsieur.

— Exatamente, pois Manicamp, de Wardes e outros lá estão.

— Isso mesmo. Pois bem, senhor, admirai a singularidade da coincidência: os dois quartos destinados ao Sr. de Guiché ficam logo abaixo dos quartos ocupados pela Srta. de Montalais e pela Srta. de La Vallière.

— Muito bem, e depois?

— Depois?... Esses dois quartos estão vagos, visto que o Sr. de Guiché, ferido, continua em Fontainebleau.

— Juro-vos, meu caro senhor, que não vos compreendo.

— Ah! Se eu tivesse a ventura de chamar-me de Saint-Aignan, já teria compreendido.

— E que faríeis?

— Trocaria imediatamente os quartos que ocupo pelos que o Sr. de Guiché não ocupa.

— Que idéia! — volveu de Saint-Aignan com desdém; — desprezar o primeiro posto de honra, a vizinhança do rei, um privilégio que só se concede aos príncipes de sangue, aos duques e pares?... Deixai-me dizer-vos, meu caro Sr. de Malicorne, que enlouquecestes.

— Senhor — respondeu gravemente o rapaz — cometestes dois enganos: chamo-me apenas Malicorne, sem o *de,* e não enlouqueci.

Logo, tirando do bolso um pedaço de papel:

— Escutai o que vou dizer-vos — continuou; — depois vos mostrarei isto aqui.

— Estou escutando.

— Sabeis que Madame vigia La Vallière como Argos vigiava a ninfa Io.

— Sei.
— Sabeis que o rei tentou, mas debalde, falar com a prisioneira, e nem vós nem eu conseguimos proporcionar-lhe essa ventura.
— Vós, principalmente, sabei-o melhor do que ninguém, meu pobre Malicorne.
— Pois bem que imaginais que suceda a quem descobrir o meio de aproximar os apaixonados?
— Oh! o rei não se mostraria mesquinho no seu reconhecimento.
— Sr. de Saint-Aignan!...
— Dizei.
— Não gostaríeis de provar um pouco do reconhecimento real?
— Decerto — respondeu de Saint-Aignan; — um favor de meu amo, pelo meu dever cumprido, me seria precioso.
— Então, examinai este papel, senhor conde.
— Que é isso? Um plano?
— O plano dos dois quartos do Sr. de Guiché, que, muito provavelmente, serão os vossos.
— Isso é que não, aconteça o que acontecer!
— Por quê?
— Porque os meus dois quartos são cobiçados por muitos fidalgos, a quem não os deixarei por nada deste mundo: pelo Sr. de Roquelaure, pelo Sr. de La Ferté, pelo Sr. Dangeau.
— Então, com licença, senhor conde, vou oferecer a um deles o plano que vos apresentei e as vantagens correspondentes.
— Mas por que não as guardais para vós? — perguntou de Saint-Aignan, desconfiado.
— Porque o rei nunca me fará a honra de visitar-me ostensivamente, ao passo que poderá visitar qualquer um desses senhores.
— Como! O rei visitaria um desses senhores?
— Que dúvida! Dez vezes por dia! Perguntais-me se o rei visitará um apartamento que poderá aproximá-lo da Srta. de La Vallière?
— Bela aproximação... com um piso de permeio.
Malicorne desdobrou o papelzinho do carretel.
— Senhor conde — disse ele — observai, por favor, que o piso do quarto da Srta. de La Vallière é um simples soalho de madeira.
— E daí?
— Contratareis um carpinteiro, que, encerrado em vosso quarto sem saber onde está, fará um buraco no vosso forro e, por conseguinte, no soalho da Srta. de La Vallière.
— Ah! meu Deus — exclamou de Saint-Aignan, como deslumbrado.
— Que foi? — perguntou Malicorne.
— Digo que essa idéia é sumamente atrevida.
— Pois eu vos garanto que parecerá mesquinha ao rei.
— Os apaixonados não refletem no perigo.
— Que perigo temeis, senhor conde?
— A abertura de um buraco desses fará um barulho tremendo, que todo o castelo ouvirá!
— Oh! Senhor conde, tenho certeza de que o operário que eu vos indicar não fará o menor ruído. Serrará um quadrilátero de seis pés com uma serra abafada por uma estopa, e ninguém, nem sequer os vizinhos, saberão que ele está trabalhando.
— Ah! meu caro Sr. Malicorne, vós me atordoais, vós me bestificais!
— Continuo — respondeu tranqüilamente Malicorne: — no quarto cujo forro tiverdes aberto...

estais entendendo?...
— Estou.
— Colocareis uma escada que permita à Srta. de La Vallière descer aos vossos aposentos ou a Sua Majestade subir aos aposentos da Srta. de La Vallière.
— Mas essa escada será visível!
— Não; do vosso lado ficará escondida por um tabique sobre o qual estendereis uma tapeçaria igual às que já guarnecem o resto do cômodo; do lado da Srta. de La Vallière, desaparecerá debaixo de um alçapão, formado pelo próprio soalho, que se abrirá debaixo da cama.
— De fato — conveio de Saint-Aignan, cujos olhos principiavam a reluzir.
— Agora, senhor conde, não me será preciso persuadir-vos de que o rei visitará amiúde o quarto em que exista uma escada assim. Creio que o Sr. Dangeau, principalmente, ficará impressionado com a minha idéia e eu vou expor-lha.
— Ah! caro Sr. Malicorne! — bradou de Saint-Aignan — foi comigo que falastes primeiro; por conseguinte, tenho os direitos da prioridade.
— Quereis a preferência?
— Se quero! Naturalmente!
— O fato, Sr. de Saint-Aignan, é que a minha idéia significa para vós uma fita azul na primeira promoção e talvez até algum bom ducado.
— É, pelo menos — respondeu de Saint-Aignan rubro de contentamento — uma ocasião de mostrar ao rei que ele não se engana quando me chama, às vezes, seu amigo; ocasião, caro Sr. Malicorne, que vos ficarei devendo.
— E não a esquecereis um pouquinho? — perguntou Malicorne sorrindo.
— Hei de gloriar-me dela, senhor.
— Eu, senhor, não sou amigo do rei, sou apenas seu servidor.
— Sim, e se cuidais que há para mim uma fita azul nessa escada, cuido que haverá para vós um canudo de cartas régias.
Malicorne inclinou-se.
— Só me resta agora mudar-me — disse de Saint-Aignan.
— Não creio que o rei se oponha à mudança; ide pedir-lhe a permissão.
— Vou procurá-lo agora mesmo.
— E eu vou procurar o operário de que precisamos.
— Quando o terei?
— Esta noite.
— Não olvideis as precauções.
— Trá-lo-ei de olhos vendados.
— E eu vos mandarei um carro.
— Sem brasões.
— Com um dos meus lacaios sem libré.
— Muito bem, senhor conde.
— E La Vallière?
— Que é que tem ela?
— Que dirá quando vir a operação?
— Garanto que se mostrará interessadíssima.
— Bem o creio.
— Tenho até certeza de que se o rei não tiver a coragem de subir, ela terá a curiosidade de descer.

— Esperemos — disse de Saint-Aignan.
— Esperemos — repetiu Malicorne.
— Vou ter com Sua Majestade.
— Fareis muito bem.
— A que horas chegará o meu carpinteiro?
— Às oito da noite.
— E quanto tempo imaginais que levará para serrar o quadrilátero?
— Umas duas horas; depois, precisará de mais algum tempo para as últimas demãos. Uma noite e uma parte do dia seguinte: com a escada, dois dias.
— Dois dias é muito.
— Diabo! quando a gente se mete a abrir uma porta no paraíso, cumpre, ao menos, que essa porta seja decente.
— Tendes razão; até já, meu caro Sr. Malicorne. A minha mudança estará pronta depois de amanhã à noite.

Capítulo XXXIV - O passeio à luz das tochas

ENTUSIASMADO com o que acabara de ouvir, encantado com o que entrevia, de Saint-Aignan guiou, quase a correr, para os quartos de de Guiché. Ele, que, pouco antes, não teria dado o seu apartamento por um milhão, estava pronto para comprar, por um milhão, os dois aposentos bem-aventurados que agora cobiçava.

Mas não topou com tantas exigências. O Sr. de Guiché ainda ignorava onde se alojaria, e, de resto, achava-se tão mal que. não podia ocupar-se dessas coisas.

De Saint-Aignan ficou com os dois quartos de de Guiché. De seu lado, o Sr. Dangeau ficou com os dois quartos do Sr. de Saint-Aignan, mediante seis mil libras de luvas, que deu ao intendente do conde, certo de que fazia um negócio da China.

M. de Saint-Aignan.

Os dois quartos de Dangeau seriam o futuro alojamento de de Guiché, embora não possamos afirmar com muita certeza que, nessa mudança geral, foram esses precisamente os dois quartos que de Guiché ao depois habituou.

Quanto ao Sr. Dangeau, sentia-se tão exultante, que nem sequer se deu ao trabalho de conjeturar o interesse que poderia ter em mudar-se o Sr. de Saint-Aignan.

Pelo tanto, uma hora depois da sua nova resolução, estava de Saint-Aignan de posse dos dois quartos. E, volvidos dez minutos, entrava Malicorne em seus novos aposentos escoltado de

tapeceiros.

Nesse em meio, o rei mandava chamar de Saint-Aignan; correram os criados ao quarto do conde e lá encontraram Dangeau; Dangeau mandou que o procurassem no quarto de de Guiché e, lá, finalmente, encontraram o favorito.

Mas houvera demora, e o rei já fizera dois ou três movimentos de impaciência quando, esbaforido, de Saint-Aignan entrou à presença do amo.

— Abandonas-me também? — perguntou Luís XIV, com o mesmo tom lamentável com que César, mil e oitocentos anos antes, devera ter proferido o *Tu quoque.*

— Sire — disse de Saint-Aignan — não abandono o rei, pelo contrário; mas ocupo-me da minha mudança.

— De que mudança? Eu a supunha terminada há três dias.

— De fato, Sire. Mas não me sinto bem onde estou e mudo-me para o edifício fronteiro.

— Eu não dizia que também me abandonavas? — bradou o rei. — Mas isso ultrapassa todos os limites! Só uma mulher interessava ao meu coração: toda a minha família se une para arrebatar-ma. Eu tinha um amigo a quem confiava as minhas penas e que me ajudava a suportar-lhes o peso: esse amigo se cansa das minhas lamentações e deixa-me sem se despedir.

De Saint-Aignan pôs-se a rir.

Adivinhou o rei que havia algum mistério naquela falta de respeito.

— Que aconteceu? — perguntou, esperançoso.

— Aconteceu, Sire, que esse amigo, que o rei calunia, vai tentar restituir ao seu soberano a felicidade que ele perdeu.

— Far-me-ás ver La Vallière? — bradou o rei.

— Sire, ainda não garanto; mas...

— Mas?...

— Espero que sim.

— Oh! Como? Como? Dize-me, de Saint-Aignan. Quero conhecer o teu projeto, quero ajudar-te com todo o meu poder.

— Sire — volveu de Saint-Aignan — ainda não sei direito o que farei para alcançar esse fim; mas tenho motivos para acreditar que, a partir de amanhã...

— Amanhã?

— Sim, Sire.

— Oh! que felicidade! Mas por que te mudas?

— Para melhor servir a Vossa Majestade.

— E de que modo, mudando, podes melhor servir-me?

— Sabe Vossa Majestade onde estão situados os dois quartos destinados ao Conde de Guiché?

— Sei.

— Pois, então, sabe para onde vou.

— Continuo na mesma.

— Como! Não compreende Vossa Majestade que acima desses quartos há outros dois?

— Quais?

— Um é o da Srta. de Montalais, e o outro...

— O outro é o da Srta. de La Vallière, de Saint-Aignan?

— Exatamente, Sire.

— Oh! de Saint-Aignan, é verdade, sim, é verdade. Eis aí uma feliz idéia, uma idéia de amigo, de poeta; reaproximando-me dela quando o universo nos separa, és mais amigo meu que Pílades o foi de

Orestes, que Pátroclo de Aquiles.

— Sire — acudiu de Saint-Aignan com um sorriso — duvido muito que, se Vossa Majestade conhecesse os meus projetos em toda a sua extensão, continuasse a dar-me qualificativos tão pomposos. Conheço alguns mais triviais, que certos puritanos do paço não deixarão de aplicar-me quando souberem o que pretendo fazer por Vossa Majestade.

— De Saint-Aignan, estou morrendo de impaciência! De Saint-Aignan, estou ficando seco! De Saint-Aignan, não esperarei até amanhã... Amanhã! O amanhã é uma eternidade.

— E, no entanto, Sire, Vossa Majestade se dignará sair daqui a pouco e distrair essa impaciência com um bom passeio.

— Contigo, sim; conversaremos sobre os teus projetos, falaremos dela.

— Comigo, não, Sire: eu fico.

— Com quem sairei, então?

— Com as damas.

— Isso é que não, de Saint-Aignan!

— É necessário, Sire.

— Não, não! Mil vezes não! Não tornarei a expor-me ao suplício horrível de estar a dois passos dela, de vê-la, de roçar-lhe o vestido e não lhe dizer nada. Renuncio a esse martírio que supões uma ventura e que não passa de um tormento que me queima os olhos, que me devora as mãos, que me esmaga o coração; vê-la em presença de estranhos e não lhe dizer que a amo, quando todo o meu ser lhe revela esse amor e me trai diante de todos! Não, jurei a mim mesmo que não tornaria a fazê-lo e cumprirei o juramento.

— Entretanto, ouça bem Vossa Majestade.

— Não ouço nada, de Saint-Aignan.

— Nesse caso, continuo. É urgente, Sire, compreenda bem, é urgente, urgentíssimo, que Madame e suas damas de honor se ausentem por duas horas.

— Tu me confundes, de Saint-Aignan.

— É duro para mim dar ordens ao meu rei; mas, nesta circunstância, sou obrigado a fazê-lo, Sire: preciso de uma caçada ou de um passeio.

— Mas esse passeio, essa caçada, seria um capricho, uma esquisitice! Dando mostras de tais impaciências, descubro diante de toda a corte um coração que já não me pertence. Já não se diz e repete por aí que sonho com a conquista do mundo mas, antes, deveria pensar em conquistar-me a mim mesmo?

— Os que dizem isso, Sire, são impertinentes e facciosos; sejam, porém, o que forem, se Vossa Majestade prefere escutá-los, não tenho mais nada que dizer. E o dia de amanhã será adiado *sine dia.*

— De Saint-Aignan, sairei esta noite... Irei dormir em Saint-Germain, à luz das tochas; lá almoçarei amanhã cedo e estarei de volta a Paris às três horas, mais ou menos. Está bem?

— Esplêndido.

— Partirei às oito.

— Vossa Majestade adivinhou o minuto.

— E não queres dizer-me nada?

— Não posso, Sire. A indústria consegue alguma coisa neste mundo; contudo, o acaso desempenha nele papel tão importante, que costumo deixar-lhe sempre a parte mais estreita, certo de que ele acabará tomando a maior.

— Fio-me de ti.

— E Vossa Majestade tem razão.

Assim reconfortado, guiou diretamente el-rei para os aposentos de Madame, onde anunciou o projetado passeio.

Madame julgou descobrir imediatamente, no passeio improvisado, um estratagema do rei para aproximar-se de La Vallière, quer na estrada, favorecido pela sombra, quer de outra maneira; teve, porém, o cuidado de não o revelar ao cunhado e aceitou o convite com um sorriso nos lábios.

Ordenou, em voz alta, às damas de honor que a seguissem, esperando fazer à noite o que lhe parecesse mais indicado para contrariar os amores de Sua Majestade.

Em seguida, quando se viu só e o pobre apaixonado pôde crer que a Srta. de La Vallière participaria do passeio, no momento talvez em que ele antegozava mentalmente a triste ventura dos amantes perseguidos, que consiste em experimentar, pela vista apenas, todas as alegrias da posse proibida, nesse momento, entre as damas de honor, dizia Madame:

— Bastam-me esta noite duas damas: a Srta. de Tonnay-Charente e a Srta. de Montalais.

La Vallière previra o golpe e, por conseguinte, já o esperava; mas a perseguição fortalecera-a.

Não deu a Madame o prazer de surpreender-lhe no rosto o efeito do golpe que sentia no coração.

Ao contrário, sorrindo com a inefável meiguice que lhe dava uma expressão angélica à fisionomia:

— Então, Madame, estou livre esta noite? — perguntou.

— Naturalmente.

— Aproveitá-la-ei para adiantar o bordado que Vossa Alteza se dignou notar, e que tive a honra de oferecer-lhe.

E, depois de respeitosa reverência, recolheu ao quarto. As Srtas. de Montalais e de Tonnay-Charente fizeram o mesmo. A notícia do passeio saiu com elas do quarto de Madame e espalhou-se pelo castelo. Dez minutos depois, Malicorne sabia da resolução de Madame e fazia passar por baixo da porta de Montalais um bilhetinho que rezava assim:

"É preciso que L. V. passe a noite com Madame".

Segundo as convenções estipuladas, Montalais começou por queimar o papel e depois entrou a refletir.

Rapariga cheia de expedientes, não tardou em traçar o seu plano.

À hora em que ela devia apresentar-se a Madame, isto é, às cinco, atravessou correndo o pátio e, chegando a dez passos de um grupo de oficiais, soltou um grito, caiu graciosamente sobre um joelho, tornou a levantar-se e continuou a andar, mas capengando.

Acudiram-lhe os fidalgos para ampará-la.

Montalais sofrera uma entorse.

Sem embargo disso, fiel ao seu dever, continuou a subir aos aposentos de Madame.

— Que aconteceu? Por que estais mancando? — perguntou-lhe a princesa. — Pensei que fôsseis La Vallière.

Contou Montalais que, ao correr para chegar mais depressa, torcera o pé.

Madame pareceu compadecê-la e quis mandar chamar, no mesmo instante, o cirurgião.

Mas ela, afirmando que o acidente não tinha gravidade alguma:

— Madame — declarou — a única coisa que me aflige é faltar ao meu serviço, e eu teria pedido à Srta. de La Vallière que me substituísse...

Madame franziu o cenho.

— Mas não pedi — concluiu Montalais.

— Por que não? — perguntou Madame.

— Porque a pobre La Vallière parecia tão feliz por ter a tarde e a noite livres, que não tive coragem de propor-lhe a substituição.

— Ela parece tão feliz assim? — perguntou Madame, impressionada com essas palavras.

— Está louca de alegria! Ela, que é sempre tão melancólica, chegou a cantar! De resto, sabe Vossa Alteza que La Vallière aborrece a sociedade e o seu temperamento encerra um grãozinho de selvageria.

— Oh! oh! — pensou Madame — essa grande alegria não me parece natural.

— Ela já fez os seus preparativos — continuou Montalais — para jantar no quarto, em companhia de um de seus livros prediletos. De mais a mais, tem Vossa Alteza seis outras damas de honor que terão imenso prazer em acompanhá-la; por isso mesmo não propus nada à Srta. de La Vallière.

Calou-se Madame.

— Terei feito bem? — continuou Montalais, sentindo apertar-se levemente o coração ao ver tão mal sucedida a astúcia de guerra de que tanto se fiara que não entendera necessário procurar outra. — Vossa Alteza não me aprova?

Refletiu Madame que, durante a noite, o rei poderia deixar Saint-Germain e, como houvesse apenas quatro léguas e meia entre Saint-Germain e Paris, estar de volta numa hora.

— Dizei-me — inquiriu — ao saber-vos ferida, La Vallière não vos ofereceu pelo menos a sua companhia?

— Oh! ela ainda não conhece o meu acidente; mas, ainda que o conhecesse, eu seria incapaz de pedir-lhe o que quer que lhe estorvasse os planos. Imagino que ela queira fazer sozinha, esta noite, o que fazia o finado rei quando propunha ao Sr. de Saint-Mars: "Entediemo-nos, Sr. de Saint-Mars, entediemo-nos à farta".

Persuadiu-se Madame de que escondia algum mistério amoroso tanta sede de solidão. Esse mistério só poderia ser o regresso noturno de Luís. Não havia duvidar: La Vallière fora avisada desse regresso e daí a sua alegria por ficar no Palais-Royal.

Era um plano antecipadamente traçado.

"Não serei enganada por eles", pensou Madame.

E tomou uma determinação definitiva.

— Srta. de Montalais — disse ela — tende a bondade de avisar vossa amiga, a Srta. de La Vallière, que sinto muitíssimo perturbar-lhe os projetos de solidão; mas, em vez de entediar-se sozinha no quarto, como ela o desejava, irá entediar-se conosco em Saint-Germain.

— Ah! pobre La Vallière — observou Montalais com o semblante entristecido mas com o coração a saltar-lhe de alegria dentro do peito.

— Oh! Madame, não haveria um meio de Vossa Alteza...

— Basta — atalhou Madame — eu o quero! Prefiro a companhia da Srta. La Baume Le Blanc a todas as outras. Enviai-ma, e ide tratar da perna.

Montalais não se fez de rogada. Revoltou ao seu alojamento, escreveu a resposta a Malicorne e meteu-a debaixo do tapete. *IRÁ*, dizia a resposta.

Uma espartana não teria sido mais lacônica.

"Desse modo", pensou Madame, "durante o passeio, poderei vigiá-la; durante a noite, dormirá perto de mim; e muito hábil será Sua Majestade se conseguir trocar uma palavra com a Srta. de La Vallière."

La Vallière recebeu a ordem de partir com a mesma doçura indiferente com que recebera a ordem

de ficar.

Intimamente, porém, a sua alegria foi grande, e considerou a mudança de idéia da princesa como um lenitivo que lhe enviava a Providência.

Menos penetrante do que Madame, atribuía tudo ao acaso.

Ao passo que toda a gente, com exceção dos desvalidos, dos doentes e dos que haviam torcido o pé, se encaminhava para Saint-Germain, Malicorne introduzia o operário num carro do Sr. de Saint-Aignan e conduzia-o ao quarto correspondente ao de La Vallière.

Atiçado pela esplêndida recompensa prometida, o homem pôs mãos à obra.

Tinham sido requisitadas dos engenheiros da casa do rei as melhores ferramentas, entre as quais uma dessas serras de dentes invisíveis que servem de serrar dentro d'água pranchões de carvalho duros como ferro, de sorte que o trabalho foi feito com rapidez, e um pedaço quadrado do forro, escolhido entre duas vigas, caiu nos braços de Saint-Aignan, de Malicorne, do operário e de um lacaio de confiança, personagem que viera ao mundo para ver tudo, ouvir tudo e calar.

Entretanto, em virtude de um novo plano de Malicorne, o buraco se abriu no canto.

Eis por quê:

Não havendo quarto de vestir no alojamento de La Vallière, esta pedira e obtivera, naquela manhã, um paravento grande destinado a servir de tabique.

Era o bastante para esconder perfeitamente a abertura, que, aliás, seria dissimulada por todos os artifícios da carpintaria.

Aberto o buraco, o operário esgueirou-se entre as vigas e viu-se no quarto de La Vallière.

Lá chegado, serrou retangularmente o soalho e, com as próprias tábuas, fez um alçapão que se adaptava tão bem à brecha, que a vista mais exercitada não veria nele senão os interstícios obrigatórios de uma soldadura.

Malicorne previra tudo. Uma alça e duas dobradiças, previamente compradas, foram adaptadas à folha de madeira.

Uma escadinha de caracol, como as que se começavam a colocar nos entressolhos, havia sido adquirida pelo industrioso Malicorne, por duas mil libras, já completa.

A escada era mais alta que o necessário; mas o carpinteiro suprimiu-lhe alguns degraus e adaptou-a às suas necessidades.

Destinada a receber um peso tão ilustre, fixou-a à parede por dois grampos apenas.

Quanto à base, prendeu-a no próprio soalho por duas cavilhas rosqueadas; o rei e todo o conselho poderiam subi-la e descê-la sem receio algum.

Todo martelo batia numa almofadinha de estopa, toda lima mordia com o punho recoberto de lã e a lâmina embebida em óleo. Aliás, o trabalho mais barulhento fora feito durante a noite e pela manhã, isto é, na ausência de La Vallière e de Madame.

Quando, cerca das duas horas, a corte voltou ao Palais-Royal, e La Vallière subiu para o seu quarto, tudo estava no lugar, e nem a menor partícula de serradura, nem a apara mais insignificante poderiam atestar a violação de domicílio.

Só de Saint-Aignan, que desejara auxiliar o trabalho, furara os dedos e rasgara a camisa, além de gastar muito suor ao serviço do seu rei.

A palma das mãos, principalmente, ficara cheia de bolhas. Essas bolhas lhe advinham de ter segurado a escada para Malicorne.

De mais a mais, carregara, um por um, os cinco pedaços da escada, formado cada qual de dois degraus.

Enfim, podemos dizer que, se o tivesse visto trabalhando com tanto afinco, el-rei lhe teria jurado eterna gratidão.

Como o previra Malicorne, o homem das medidas exatas, o operário concluiu a empreitada em vinte e quatro horas.

L'ouvrier termina toutes ses opérations en vingt quatre heures.

Recebeu vinte e quatro luíses e partiu exultante: era o seu salário de seis meses.

Ninguém tinha a menor suspeita do que se passara debaixo do apartamento da Srta. de La Vallière.

Mas, na tarde do segundo dia, quando La Vallière acabava de deixar o círculo de Madame e recolhia ao seu quarto, ouviu, no fundo, um estalidozinho.

Espantada, olhou na direção do ruído. O estalido recomeçou.

— Quem está aí? — perguntou, medrosa.

— Eu — respondeu a voz tão conhecida do rei.

— Vossa Majestade!... — bradou a menina, que momentaneamente se julgou sob o império de um sonho. — Mas onde?... Onde, Sire?

— Aqui — replicou o rei desdobrando uma das folhas do guarda-vento e surgindo como uma sombra no fundo da alcova.

La Vallière despediu um grito e caiu, a tremer, numa poltrona.

Capítulo XXXV - A aparição

A MENINA prontamente se recobrou da surpresa; mostrava-se o rei tão respeitoso que lhe devolvia, com a sua presença, maior confiança que a que lhe tirara com a sua aparição.

Vendo, porém, que a inquietude dela resultava principalmente do modo que ele penetrara no quarto, explicou-lhe o sistema da escada oculta pelo guarda-vento, protestando sobretudo que não era nenhuma aparição sobrenatural.

— Oh! Sire — disse-lhe a menina meneando a cabeça loira com um sorriso encantador — presente ou ausente, Vossa Majestade está sempre diante do meu espírito.

— E isso quer dizer, Luísa?...

— Oh! bem o sabe Vossa Majestade: isso quer dizer que não se passa um instante sem que a pobre rapariga, cujo segredo surpreendeu el-rei em Fontainebleau e que ele foi buscar de novo aos pés da cruz, pense em Vossa Majestade.

— Luísa, penetrais-me o coração de alegria e de felicidade. La Vallière sorriu tristemente e continuou:

— Mas, Sire, já pensou Vossa Majestade em que a sua engenhosa invenção não nos poderá ser útil?

— Por quê?

— Porque este quarto em que durmo não está ao abrigo de buscas; pelo contrário; Madame pode vir por acaso; a cada instante do dia, as minhas companheiras aparecem; fechar a porta por dentro seria denunciar-me tão claramente como se eu escrevesse nela: "Não entreis, que o rei está aqui". E olhe, Sire, neste mesmo instante, nada impede que a porta se abra, e Vossa Majestade seja surpreendido ao meu lado.

— Nesse caso — disse, rindo, o rei — é que eu seria realmente tomado por um fantasma, pois ninguém pode dizer por onde passei. Ora, só os fantasmas atravessam paredes ou pisos.

— Oh! Sire, que aventura! Que escândalo! Nunca se terá dito nada semelhante sobre damas de honor, se bem a maldade não poupe as pobres criaturas.

— E concluís de tudo isso, minha querida Luísa?...

— Que é preciso, infelizmente!... Perdoe-me, Sire, a conclusão é dura...

Luís sorriu.

— Vejamos — disse ele.

— É preciso que Vossa Majestade suprima a escada, as maquinações e as surpresas; pois a desgraça de sermos surpreendidos aqui, pense bem, seria maior que a felicidade de nos encontrarmos.

— Pois bem, querida Luísa — retorquiu o rei com amor — em vez de suprimir a escada, pela qual eu subo, há um meio mais simples que não vos ocorreu.

— Um meio?... outro?...

— Outro, sim. Oh! não me amais tanto quanto vos amo, Luísa, pois sou mais inventivo do que vós.

Ela encarou nele. Luís estendeu-lhe a mão, que a menina apertou suavemente.

— Dizeis — continuou o rei — que serei surpreendido vindo a um lugar onde todos podem entrar à vontade?

— Neste mesmo instante em que Vossa Majestade está falando, receio...

— Seja; mas não seríeis surpreendida se descêsseis esta escada para chegar aos quartos que ficam

lá embaixo.
— Sire, Sire, que está dizendo Vossa Majestade? — bradou La Vallière, assustada.
— Não me compreendestes, Luísa, visto que, às minhas primeiras palavras, ficastes tão perturbada; em primeiro lugar, sabeis a quem pertencem esses quartos?
— Ao Sr. Conde de Guiché.
— Não, senhora, ao Sr. de Saint-Aignan.
— Deveras! — exclamou La Vallière.
E essa palavra, que escapara ao coração alegre da menina, luziu como um clarão de suave presságio no coração jubiloso do-monarca.
— Sim, a de Saint-Aignan, ao nosso amigo — disse ele.
— Mas, Sire, tanto não posso ir ao quarto de um quanto ao de outro — arriscou o anjo voltando a ser mulher.
— Por que não, Luísa?
— Impossível! Impossível!
— Parece-me, Luísa, que, sob a salvaguarda do rei, tudo é possível.
— Sob a salvaguarda do rei? — repetiu ela com um olhar cheio de amor.
— Acreditais na minha palavra, não é verdade?
— Acredito, Sire, quando Vossa Majestade não está; mas, quando está, quando me fala, quando o vejo, não acredito em mais nada.
— Que será preciso para tranqüilizar-vos, meu Deus?
— Sei que é falta de respeito duvidar assim do rei; mas, para mim, não sois o rei.
— Espero que não! Ouvi: a presença de um terceiro vos tranqüilizaria?
— A presença do Sr. de Saint-Aignan? Sim.
— Alanceais-me o coração com tais suspeitas, Luísa.
La Vallière não respondeu; limitou-se a fitar nele o claro olhar que penetrava até ao fundo dos corações, e disse baixinho:
— Ai de mim! ai de mim! Não é de Vossa Majestade que desconfio, não é sobre Vossa Majestade que recaem as minhas suspeitas.
— Aceito — volveu o rei, suspirando — e prometo que o Sr. de Saint-Aignan, que tem o feliz privilégio de tranqüilizar-vos, estará sempre presente às nossas entrevistas.
— Deveras, Sire?
— Palavra de gentil-homem! E vós?...
— Esperai! Não é tudo.
— Falta ainda alguma coisa, Luísa?
— Decerto; não se canse tão depressa Vossa Majestade, que ainda não chegamos ao fim, Sire.
— Vamos, acabai de traspassar-me o coração.
— Vossa Majestade compreenderá que essas entrevistas devem ter, pelo menos, para o próprio Sr. de Saint-Aignan, um pretexto razoável.
— Um pretexto razoável! — tornou o rei em tom de meiga censura.
— Sem dúvida. Reflita, Sire.
— Oh! tendes todas as delicadezas, e crede, o meu único desejo consiste em igualar-vos nesse ponto. Pois bem, Luísa, far-se-á como o quereis. As nossas entrevistas terão um pretexto razoável, e eu já o encontrei.
— De modo que, Sire?... — volveu, sorrindo, La Vallière.
— De modo que, a partir de amanhã, se quiserdes...

— Amanhã?
— É muito tarde? — exclamou o rei, apertando entre as suas a mão ardente de La Vallière.
Nesse momento se ouviram passos no corredor.
— Sire, Sire — exclamou La Vallière — vem vindo gente! Aproxima-se alguém, Vossa Majestade não ouve? Fuja, pelo amor de Deus, Sire!
O rei, num salto, escondeu-se atrás do guarda-vento.
Já era tempo; o monarca desdobrava uma das folhas, quando girou a maçaneta da porta e Montalais assomou ao limiar.
Fora ocioso dizer que ela entrou naturalmente e sem nenhuma cerimônia.
Sabia muito bem, a astuta, que bater discretamente à porta em vez de abri-la, seria demonstrar a La Vallière uma desconfiança pouco lisonjeira.
Entrou, portanto, e, depois de rápido olhar, que lhe mostrou duas cadeiras muito próximas uma da outra, levou tanto tempo para fechar a porta, enguiçada não se sabe como, que o rei teve tempo para erguer o alçapão e descer aos aposentos de Saint-Aignan.
Um ruído imperceptível para um ouvido menos fino que o dela, avisou Montalais do desaparecimento do príncipe; conseguiu então fechar a porta rebelde e aproximou-se de La Vallière.
— Conversemos, Luísa — disse ela — conversemos seriamente. Queres?
Dominada pela comoção, Luísa não ouviu sem um terror secreto esse *seriamente,* que Montalais acinte acentuara.
— Meu Deus! Minha querida Aura — murmurou — que aconteceu de novo?
— Aconteceu, querida amiga, que Madame desconfia de tudo.
— De tudo o quê?
— Temos necessidade de explicar-nos e não compreendes o que quero dizer? Vejamos: deves ter percebido as flutuações de Madame há vários dias; deves ter notado que ela te colocou ao seu lado, depois te dispensou, depois te retomou.
— É estranho, de fato; mas estou habituada a essas esquisitices.
— Espera. Observaste depois que Madame após haver-te excluído do passeio de ontem, ordenou-te que participasses dele.
— Está claro que observei!
— Pois bem, parece que Madame tem agora informações suficientes, pois foi diretamente ao fim, já não tendo o que opor em França a essa torrente que rompe todos os diques; sabes a quem aludo quando falo em torrente?
La Vallière escondeu o rosto entre as mãos.
— Aludo — prosseguiu Montalais, implacável — à torrente que arrombou a porta das carmelitas de Chaillot e pôs por terra os preconceitos da corte, tanto em Fontainebleau quanto em Paris.
— Ai de mim! ai de mim! — murmurou La Vallière, sempre velada pelos dedos, que lhe coavam as lágrimas.
— Oh! não te aflijas assim, que ainda não chegaste ao cabo de tuas penas.
— Meu Deus! — exclamou a menina com ansiedade — há mais ainda?
— O caso é este. Desprovida de auxiliares em França, pois já se utilizou sucessivamente das duas rainhas, de Monsieur e de toda a corte, lembrou-se Madame de certa pessoa que tem sobre ti pretensos direitos.
La Vallière ficou branca como uma estátua de cera.
— Essa pessoa — continuou Montalais — não está em Paris neste momento.
— Oh! meu Deus! — murmurou Luísa.

— Essa pessoa, se não me engano, está na Inglaterra.
— Sim, sim — suspirou La Vallière, sucumbida.
— Não está na corte do Rei Carlos II essa pessoa? Dize.
— Está.
— Pois bem, esta tarde, uma carta saiu do gabinete de Madame endereçada a Saint-James, com ordem para o correio de chegar, numa tirada só, a Hampton-Court, que parece ser uma residência real situada a doze milhas de Londres!
— Sim, e depois?
— Ora, como Madame se corresponde regularmente com Londres de quinze em quinze dias, e o correio ordinário foi enviado à Inglaterra há três dias apenas, entendi que só uma circunstância grave poderia pôr uma pena nas mãos de Madame, que, como sabes, é preguiçosa em escrever.
— Eu sei.
— Alguma coisa me diz, portanto, que essa carta foi escrita por tua causa.
— Por minha causa? — exclamou a infeliz menina com a docilidade de um autômato.
— E eu, que a vi na escrivaninha de Madame, antes de lacrar-se, creio ter lido...
— Crês ter lido?...
— Pode ter sido engano.
— O quê?... Vejamos.
— O nome de Bragelonne.
Ergueu-se La Vallière, presa da mais penosa agitação.
— Montalais — disse ela, com voz entrecortada de soluços — já se desvaneceram todos os sonhos ridentes da juventude e da inocência. Não tenho mais o que esconder, nem de ti nem de ninguém. Minha vida se abre como um livro em que toda a gente pode ler, desde o rei até o primeiro que passa. Aura, minha querida Aura, que fazer? Que fazer?
Montalais aproximou-se.
— Consulta-te — disse ela.
— Pois bem, não amo o Sr. de Bragelonne; quando digo que o não amo, compreende bem: amo-o como pode amar um bom irmão a mais terna das irmãs; não é isso, porém, o que ele quer de mim, e não foi isso o que lhe prometi.
— Enfim, amas o rei — disse Montalais — e a desculpa é suficiente.
— Sim, amo o rei — murmurou surdamente a menina — e paguei muito caro o direito de proclamá-lo. Pois bem, fala, Montalais; que podes fazer por mim ou contra mim na situação em que me encontro?
— Explica-te mais claramente.
— Que te direi?
— Não há nada de mais particular?
— Não — respondeu Luísa com surpresa.
— É, pois, um simples conselho que me pedes?
— É.
— Sobre o Sr. Raul?
— Exatamente.
— É delicado — replicou Montalais.
— Não, não há nisso nada delicado. Devo casar com ele para cumprir a promessa que lhe fiz? Devo continuar ouvindo o rei?
— Sabes muito bem que me colocas numa posição difícil — tornou Montalais, sorrindo. —

Perguntas-me se deves casar com Raul, cuja amiga sou, e a quem darei um desgosto mortal se me pronunciar contra ele. Perguntas-me depois se deves continuar ouvindo o rei, cuja súdita sou, e a quem ofenderei conforme o conselho que te der. Ah! Luísa, Luísa, pões a barato uma situação bem difícil!

— Não me compreendestes, Aura — atalhou La Vallière, magoada pelo tom levemente escarninho que empregara Montalais: — falo em casar com o Sr. de Bragelonne porque posso desposá-lo sem lhe causar o menor agravo; mas, pela mesma razão, se falo em ouvir o rei, deverei torná-lo usurpador de um bem assaz medíocre, é verdade, mas ao qual o amor empresta certa aparência de valor? O que te peço, portanto, é que me ensines um meio de sair-me honrosamente, seja de um lado, seja de outro; ou melhor, de que lado, pergunto, me poderei sair mais honrosamente?

— Minha querida Luísa — respondeu Montalais após um instante de silêncio — não sou um dos sete sábios da Grécia e não possuo normas invariáveis de procedimento; em troca, porém, tenho alguma experiência, e posso dizer-te que mulher nenhuma pede um conselho como este sem estar muitíssimo perplexa. Ora, fizeste uma promessa solene, tens honra; se, portanto, estás indecisa, embora tenhas feito tal promessa, não seria o conselho de uma estranha (e tudo é estranho para um coração cheio de amor), não seria, repito, o meu conselho que poderia resolver o teu problema. Por conseguinte, não to darei, tanto mais que em teu lugar eu me sentiria mais perplexa depois do que antes do conselho. A única coisa que posso fazer é repetir-te o que já te disse: Queres que eu te ajude?

— Se quero!

— Pois bem, é só... Dize-me como queres que te ajude; por quem e contra quem. Dessa maneira não haverá enganos possíveis.

— Mas, primeiro — atalhou La Vallière apertando a mão da companheira — por quem ou contra quem te declaras tu?

— Por ti, se fores realmente minha amiga...

— Não és confidente de Madame?

— Mais uma razão para te ser útil; se eu não soubesse nada desse lado, não poderia ajudar-te, e não sacarias proveito algum da minha amizade. As amizades vivem dessas espécies de benefícios mútuos.

— Daí resulta que continuarás sendo, ao mesmo tempo, amiga de Madame?

— Evidentemente. Isso te desagrada?

— Não — tornou La Vallière, pensativa, pois aquela cínica franqueza lhe parecia uma ofensa feita à mulher e um prejuízo causado à amiga.

— Ainda bem — disse Montalais; — pois, em caso contrário, serias muito tola.

— Portanto, tu me servirás?

— Com devotamento, sobretudo se também me servires.

— Dir-se-ia que não me conheces o coração — acudiu La Vallière fitando em Montalais os olhos espantados.

— Homessa! Desde que estamos na corte, minha querida Luísa, mudamos tanto!

— Como assim?

— É muito simples: eras, acaso, em Blois, a segunda rainha de França?

La Vallière abaixou a cabeça e pôs-se a chorar.

Montalais considerou-a de modo indefinível e murmurou estas palavras:

— Pobre menina! Logo, reportando-se:

— Pobre rei! — disse ela.

Beijou a fronte de Luísa e voltou ao seu quarto, onde a esperava Malicorne.

Capítulo XXXVI - O retrato

NA enfermidade a que chamamos *amor,* sucedem-se os acessos em intervalos cada vez menores desde que o mal principia.

Depois, os acessos distanciam-se à proporção que se aproxima a cura.

Isto posto como axioma em geral e cabeça de capítulo em particular, continuemos a nossa narrativa.

No dia seguinte, fixado pelo rei para a primeira entrevista nos aposentos de de Saint-Aignan, ao abrir o guarda-vento, encontrou La Vallière no assoalho um bilhete do próprio punho do rei.

Subira o pedacinho de papel do andar inferior ao superior pela abertura do soalho. Nenhuma mão indiscreta, nenhum olhar curioso poderia chegar aonde chegava o singelo bilhetinho.

Era uma das idéias de Malicorne. Vendo o quanto de Saint-Aignan ia tornar-se necessário ao rei em virtude do seu alojamento, não quisera que o cortesão se tornasse indispensável como mensageiro, e reservara para si esse mister.

La Vallière leu avidamente o bilhete, que lhe marcava as duas horas da tarde para o encontro, e lhe indicava o meio de erguer o alçapão.

"Fazei-vos bela", ajuntava o pós-escrito.

As últimas palavras surpreenderam a menina, mas, ao mesmo tempo, tranqüilizaram-na.

Caminhavam as horas lentamente. Todavia, o momento aprazado acabou chegando.

Pontual como a sacerdotisa Hero, Luísa ergueu o alçapão ao soar a última badalada das duas e viu nos primeiros degraus o rei, que a esperava, respeitoso, para dar-lhe a mão.

Essa delicada deferência tocou-a.

Em baixo da escada, encontraram os dois enamorados o conde, com um sorriso e uma reverência do melhor bom gosto, que agradeceu a La Vallière a honra que ela lhe fazia.

Logo, voltando-se para o rei:

— Sire — disse ele — o nosso homem chegou.

Inquieta, La Vallière olhou para Luís.

— Senhorita — disse o rei — se vos pedi que me fizésseis a honra de descer aqui, foi por interesse. Mandei chamar um pintor excelente, que fixa perfeitamente as similitudes, e desejo que o autorizeis a pintar-vos. De resto, se o exigirdes, o retrato ficará convosco.

La Vallière corou.

— Como vedes — continuou o rei — já não somos três apenas: somos quatro. Oh! Meu Deus, visto que não estaremos sós, seremos quantos quiserdes.

La Vallière apertou suavemente a ponta dos dedos do real apaixonado.

— Passemos ao quarto vizinho, se praz a Vossa Majestade — sugeriu de Saint-Aignan.

Abriu a porta e deixou passar os hóspedes.

Caminhava o rei atrás de La Vallière e devorava-lhe com os olhos o colo branco de nácar, sobre o qual se enrodilhavam os densos e crespos anéis do argênteo cabelo da menina.

Ostentava La Vallière um vestido de seda espessa, cor de pérola, com enfeites cor-de-rosa; um colar de azeviche realçava-lhe a alvura da pele; as mãos diáfanas e finas seguravam um ramalhete de amores-perfeitos, rosas de Bengala e clematites de folhagem finamente recortada, entre as quais se

alteava, como esguio frasco de perfumes, uma tulipa de Harlem de tons cinzentos e roxos, puro e maravilhoso espécime, que custara cinco anos de experiências ao jardineiro e cinco mil libras ao rei.

O ramalhete, colocara-o Luís entre as mãos de La Vallière ao cortejá-la.

No quarto, cuja porta de Saint-Aignan acabava de abrir, estava um rapaz com trajo de veludo, formosos olhos negros e cabelos castanhos compridos.

Era o pintor.

A tela estava pronta; a paleta, preparada.

Inclinou-se diante da Srta. de La Vallière com a grave curiosidade do artista que estuda o modelo, cumprimentou discretamente o rei, como se o não conhecesse, como teria cumprimentado outro fidalgo.

A seguir, conduzindo a Srta. de La Vallière à cadeira disposta para ela, convidou-a a sentar-se.

A menina acomodou-se graciosamente, com singeleza, as mãos ocupadas, as pernas estendidas sobre coxins, e para que os seus olhares nada tivessem de vago ou de afetado, pediu-lhe o pintor que escolhesse uma ocupação.

Sorrindo, Luís XIV foi sentar-se aos pés de sua amada.

De sorte que ela, inclinada para trás, sobre o espaldar da poltrona, com as flores na mão, e ele, com os olhos erguidos para ela, devorando-a com a vista, formavam um grupo encantador, que o artista contemplou, satisfeito, vários minutos, ao passo que de Saint-Aignan o contemplava com inveja.

O pintor bosquejou rapidamente; depois, às primeiras pinceladas, surdiu do fundo cinzento a lânguida e poética figura de olhos meigos e faces róseas emolduradas por cabelos de puríssima prata.

Entretanto, os dois apaixonados falavam pouco e contemplavam-se muito; às vezes os seus olhos se tornavam tão lânguidos, que o pintor se via obrigado a interromper o trabalho para não representar uma Ericina em vez de uma La Vallière.

Nesses momentos, de Saint-Aignan lhe acudia; recitava versos ou repetia uma daquelas historietas que contava Patru, ou que contava, melhor ainda, Tallemant des Réaux.

Ou La Vallière se queixava de cansaço, e todos repousavam.

Imediatamente uma bandeja de porcelana chinesa, com as mais belas frutas que se poderiam encontrar, o vinho de xerez, destilando topázios na prata cinzelada, serviam de acessórios ao quadro, de que o pintor só devia retratar a figura mais efêmera.

Luís embriagava-se de amor; La Vallière, de felicidade; de Saint-Aignan, de ambição.

O pintor reunia lembranças para a velhice.

Duas horas volveram assim; logo, tendo batido as quatro, La Vallière se ergueu e fez sinal ao rei.

Luís levantou-se, aproximou-se do quadro, e dirigiu alguns cumprimentos lisonjeiros ao artista.

De Saint-Aignan gabava a parecença, no seu entender já conseguida.

La Vallière, por seu turno, agradeceu ao pintor enrubescendo, e passou ao cômodo contíguo, aonde o rei a seguiu, depois de haver chamado de Saint-Aignan.

— Até amanhã, não é assim? — disse ele a La Vallière.

— E se forem procurar-me no quarto e não me encontrarem, Sire?

— Que é que tem isso?

— Que será de mim?

— Sois muito medrosa, Luísa!

— Mas, afinal, se Madame mandar-me chamar?...

— Oh! — replicou o rei — não chegará o dia em que vós mesma me direis que afronte tudo para nunca mais vos deixar?

— Nesse dia, Sire, eu seria uma insensata e Vossa Majestade não deveria acreditar em mim.
— Até amanhã, Luísa.
La Vallière suspirou; depois, sem forças que opor ao pedido real:
— Já que Vossa Majestade o quer, Sire, até amanhã — repetiu. E, dizendo essas palavras, galgou, célere, a escada e desapareceu aos olhos do rei.
— E então, Sire?... — perguntou de Saint-Aignan depois que ela se foi.
— Então, de Saint-Aignan, eu ontem me julgava o mais feliz dos homens.
— E hoje — tornou, sorrindo, o conde — acaso se julga Vossa Majestade o mais infeliz?
— Não; mas esse amor é uma sede inextinguível; em vão dessedento, em vão devoro as gotas de água que me proporciona a tua indústria: quanto mais bebo, tanto maior é a minha sede.
— A culpa é um pouco sua, Sire; e foi Vossa Majestade quem criou a situação em que se encontra.
— Tens razão.
— Portanto, num caso desses, Sire, o meio de ser feliz é julgar-se satisfeito e esperar.
— Esperar! Sabes, acaso, o que significa essa palavra?
— Ora, Sire! Não se amofine. Já procurei, tornarei a procurar.
O rei sacudiu a cabeça com ar desesperado.
— Como! Vossa Majestade não está mais contente?
— Estou, estou, meu caro de Saint-Aignan; mas acha, meu Deus! acha.
— Sire, prometo procurar; é o máximo que posso dizer.
O rei ainda quis rever o retrato, não podendo ver o original. Indicou algumas alterações ao pintor e saiu. De Saint-Aignan dispensou o artista.
Os cavaletes, as tintas e o pintor ainda não haviam desaparecido, quando Malicorne enfiou a cabeça entre os dois reposteiros.
De Saint-Aignan recebeu-o de braços abertos, mas com alguma tristeza. A nuvem que passara pelo sol real velava, por seu turno, o fiel satélite.
Malicorne percebeu, ao primeiro volver de olhos, a sombra que se estendia sobre o rosto de de Saint-Aignan.
— Oh! senhor conde — disse ele — como estais negro!
— Tenho motivos para estar assim, meu caro Sr. Malicorne; seríeis capaz de acreditar que el-rei não está contente?
— Não está contente com a sua escada?
— Não, pelo contrário, a escada lhe agradou muito.
— Não achou a seu gosto a decoração dos quartos?
— Oh! nem pensou nisso. Não, o que desagradou ao rei...
— Eu vou dizer-vos, senhor conde: foi ter vindo, em companhia de mais duas pessoas, a um encontro de amor. Não o adivinhastes ainda?
— Mas como poderia eu tê-lo adivinhado, caro Sr. Malicorne, se não fiz mais que seguir à risca as suas instruções?
— Sua Majestade quis mesmo, à viva força, ter-vos ao pé de si?
— Positivamente.
— E quis ter também o senhor pintor, que encontrei lá em baixo?
— Exigiu-o, Sr. Malicorne, exigiu-o!
— Compreende-se, então, que Sua Majestade tenha ficado descontente.
— Descontente por terem sido escrupulosamente obedecidas as suas ordens?
Não vos percebo.

Malicorne coçou a cabeça.
— A que horas — perguntou — disse o rei que estaria em vosso quarto?
— Às duas.
— E ficastes aqui esperando o rei?
— Desde a uma e meia.
— Ah, com efeito!
— Diabo! Seria o cúmulo se eu me mostrasse impontual! Apesar do respeito que lhe impunha de Saint-Aignan, Malicorne não pôde menos de dar de ombros.
— E o tal pintor — continuou ele — também devia estar aqui às duas horas?
— Não, mas segurei-o desde o meio-dia. Haveis de compreender que é melhor um pintor esperar duas horas do que o rei um minuto.
Malicorne pôs-se a rir silenciosamente.
— Vejamos, caro Sr. Malicorne — disse Saint-Aignan — ride menos e falai mais.
— É uma exigência?
— É uma súplica.
— Pois bem, senhor conde, se quiserdes que o rei se mostre um pouco mais contente na próxima vez em que vier...
— Virá amanhã.
— Pois bem, se quiserdes que o rei se mostre um pouco mais contente amanhã...
— *Ventre saint-gris!* como dizia o avô dele, se quero! Está visto que quero!
— Pois amanhã, no momento em que deve chegar Sua Majestade, ocupai-vos de uma coisa qualquer, inadiável, indispensável.
— Oh! oh!
— Durante vinte minutos.
— Deixar o rei sozinho vinte minutos? — exclamou de Saint-Aignan assustado.
— Milito bem, façamos de conta que eu não disse nada — volveu Malicorne aproximando-se da porta.
— Como não! Como não! caro Sr. Malicorne!
Pelo contrário, terminai, estou começando a compreender. E o pintor, o pintor?
— O pintor precisa chegar meia hora atrasado.
— Meia hora? Parece-vos?
— Parece-me.
— Meu caro senhor, farei o que dizeis.
— E creio que sereis bem sucedido; posso vir informar-me amanhã?
— Naturalmente.
— Tenho a honra de colocar-me às vossas ordens, Sr. de Saint-Aignan.
E Malicorne saiu às arrecuas.
— Esse rapaz, positivamente, é mais inteligente do que eu — disse entre si de Saint-Aignan, arrebatado pela sua convicção.

Capítulo XXXVII - Hampton-Court

A REVELAÇÃO que vimos Montalais fazer a La Vallière, no fim do penúltimo capítulo, conduz-nos, muito naturalmente, ao herói principal desta história, pobre cavaleiro errante ao sopro do capricho de um rei.

Se o leitor for servido seguir-nos, cruzaremos com ele o estreito mais tormentoso da Europa, que separa Calais de Dover; atravessaremos a verde e fertilíssima campanha de mil riachos, que cinge Charing, Maidstone e dez outras cidades, qual mais pitoresca, e chegaremos finalmente a Londres.

De lá, como sabujos que seguem uma pista, depois de sabermos que Raul se deteve primeiro em White-Hall e, logo, em Saint-James; que foi recebido por Monck e apresentado à melhor sociedade da corte de Carlos II; correremos no seu encalço até uma das residências de verão de Carlos II, perto da cidade de Kingston, em Hampton-Court, banhada pelo Tamisa.

Não é ainda o rio, a essa altura, a líquida via orgulhosa que transporta meio milhão de viajantes por dia, e atormenta as suas águas negras como as do Cocito, dizendo: "Eu também sou mar".

Não, ainda não passa de um meigo e verde ribeiro de margens musgosas, extensos espelhos que refletem os salgueiros e as faias, em que uma ou outra barca de madeira seca dorme, aqui e ali, entre roseirais, numa enseada de amieiros e miosotes.

Estendem-se em derredor as paisagens, serenas e ricas; a casa de tijolos transpassa com as chaminés, de fumaças azuis, a espessa couraça de azevinhos flavos e verdes; a criança, de blusão vermelho, aparece e desaparece entre as ervas altas, como papoula que se curva ao sopro do vento.

Gordos carneiros brancos ruminam fechando os olhos à sombra das faias achaparradas, e, de longe em longe, o martim-pescador, de flancos de esmeralda e ouro, corre como bala mágica à superfície da água e encrespa estouvadamente a linha do seu confrade, o homem-pescador, que espera, sentado na canoa, a tenca e o sável.

Sobre esse paraíso, feito de sombra escura e luz suave, alteia-se a mansão de Hampton-Court, edificada por Volsey, residência que o orgulhoso cardeal criara desejável até para um rei e fora obrigado, como tímido cortesão, a doar a seu amo Henrique VIII, que franzira o cenho de inveja e de cobiça à simples vista do castelo novo.

Hampton-Court, de muros de tijolos, janelões, belas grades de ferro; Hampton-Court, com os mil gonzos, as agulhas singulares, os passeios discretos e as fontes interiores que lembram as do Alhambra; Hampton-Court é o berço das rosas, dos jasmins e das clematites; é a alegria dos olhos e do olfato, a moldura mais encantadora do quadro de amor que representou Carlos II entre as pinturas voluptuosas do Ticiano, do Pordenome, de Van Dyck, ele que conservava em sua galeria o retrato de Carlos I, o rei mártir, e sobre as guarnições das paredes os orifícios das balas puritanas desfechadas pelos soldados de Cromwell, no dia 24 de agosto de 1648, depois de haverem conduzido o real prisioneiro a Hampton-Court.

Lá reunia a sua corte o rei permanentemente embriagado de prazeres; o rei poeta pelo desejo; o infeliz de outrora que a si mesmo pagava, com dias de volúpia, os minutos antanho escoados na angústia e na miséria.

Não era o suave relvado de Hampton-Court, tão macio que a gente parece caminhar sobre veludo; não era o quadrilátero de flores tufosas, que cinge o tronco de cada árvore e forma um leito para as roseiras de vinte pés de altura, desabrochadas em pleno céu como estréias de um fogo de artifício; não eram as grandes tílias, cujos ramos despencam no chão como chorões, e protegem o amor e o

devaneio debaixo de sua sombra, ou melhor, debaixo de sua cabeleira; não era nada disso que Carlos II amava no formoso palácio de Hampton-Court.

Seriam, porventura, as belas águas, ruivas como as do mar Cáspio, águas imensas, encrespadas pelo vento fresco, à imitação da cabeleira de Cleópatra, água alfombradas de agriões e brancos nenúfares de bulbos vigorosos que se entreabrem para mostrar, como o ôvo, o gérmen de ouro rútilo no fundo do invólucro leitoso, águas misteriosas e murmuras, que sulcam os cisnes pretos e os marrequinhos ávidos, frágil ninhada de penugem de seda, perseguindo a mosca verde sobre os gladíolos e a rã nos seus abrigos de musgo?

Seriam, porventura, os enormes azevinhos de folhagem bicolor, as pontes risonhas atiradas sobre os canais, as corças que bramem nas alamedas sem fim, as alvéolas que volitam entre os canteiros de buxos e trevos?

Pois há de tudo isso em Hampton-Court; e há também espaleiras de rosas brancas que trepam ao longo dos altos caniçados para deixarem recair no chão a sua neve odorífera; há no parque velhos sicômoros de troncos verdejantes, que banham os pés num mofo poético e luxuriante.

Não, o que Carlos II amava em Hampton-Court eram as sombras encantadoras que corriam à tarde sobre os terraços, depois de posarem, no enorme gabinete, para um dos pincéis inteligentes do século, que sabiam reter em suas telas um raio fugido de tantos olhos lindos que irradiavam amor.

No dia em que chegamos a Hampton-Court, o céu está quase suave e claro como num dia de França; impregna o ar uma tepidez úmida, e os gerânios, as ervilhas de cheiro, as silindras e heliotrópios, atirados aos milhões pelos canteiros, exalam os seus aromas embriagadores.

É uma hora. Voltando da caçada, o rei jantou, fez uma visita à Duquesa de Castelmaine, a amante oficial, e, após essa demonstração de fidelidade, pode ser-lhe infiel a seu talante até à noite.

Toda a corte folga e ama. É a quadra em que as damas perguntam seriamente aos fidalgos que sentimento lhes inspira tal ou tal pé mais ou menos encantador, segundo calça meias de seda cor-de-rosa ou meias de seda verde.

É o período em que Carlos II declara não haver salvação para uma mulher que não tenha um par de meias de seda verde, pois Miss Lucy Stewart as usa dessa cor.

Ao mesmo passo que o rei procura comunicar as suas preferências, vemos na alameda de faias, defronte do terraço, uma jovem com trajo de côr severa caminhando ao lado de outra que vestia roxo e azul-escuro.

Atravessaram o gramado, em cujo centro se erguia linda fonte de sereias de bronze e passaram, conversando, ao terraço, para o qual se abriam, do muro de tijolos, vários e variados gabinetes, que se comunicavam com o parque; mas como esses gabinetes estivessem quase todos ocupados, continuaram as duas jovens: uma corava e a outra devaneava.

Afinal, chegaram à extremidade que dominava o Tâmisa, e, encontrando um abrigo fresco, sentaram-se.

— Aonde vamos, Stewart? — perguntou a mais moça à companheira.

— Minha querida Graffton, vamos, como vês, aonde nos levas.

— Eu?

— Tu, sim! À extremidade do palácio, àquele banco em que o jovem francês espera e suspira.

Miss Mary Graffton estacou.

— Não, não — murmurou — não vou lá.

— Por quê?

— Voltemos, Stewart.

— Pelo contrário, continuemos e expliquemo-nos.

— Sobre o quê?
— Sobre o fato de participar o Visconde de Bragelonne de todos os passeios que dás, como participas de todos os passeios que ele dá.
— E disso concluis que ele me ame ou que eu o ame?
— Por que não? É um fidalgo encantador. Espero que ninguém esteja a ouvir-me — disse Miss Lucy Stewart voltando-se com um sorriso, que indicava, aliás, não ser muito grande a sua inquietude.
— Não, não — volveu Mary — o rei está no gabinete oval com o Sr. de Buckingham.
— A propósito do Sr. de Buckingham, Mary...
— Que foi?
— Parece-me que ele se declarou teu cavaleiro depois que voltou de França; como vai o teu coração desse lado?
Mary Graffton deu de ombros.
— Bom, bom! Perguntá-lo-ei ao belo Bragelonne — disse Stewart rindo; — vamos ter com ele depressa.
— Para quê?
— Preciso falar-lhe.
— Ainda não; antes disso, uma palavrinha. Vamos a ver, Stewart, tu que conheces os segredinhos do rei...
— Achas?
— Ora, essa! Se não os souberes, ninguém os saberá. Dize, por que veio à Inglaterra o Sr. de Bragelonne e que está fazendo aqui?
— O que faz todo fidalgo enviado por um rei a outro rei.
— Mas, seriamente, embora a política não seja o nosso forte, sabemos o suficiente para compreender que a missão do Sr. de Bragelonne não tem nada de importante.
— Escuta — voltou Stewart com afetada gravidade — trairei por ti um segredo de Estado.
Queres que eu te repita o conteúdo da carta de recomendação dada pelo Rei Luís XIV ao Sr. de Bragelonne e dirigida a Sua Majestade, o Rei Carlos II?
— Quero.
— Ei-la: "Meu irmão, envio-vos um fidalgo de minha corte, filho de alguém que apreciais. Peço-vos que o trateis bem e o façais amar a Inglaterra".
— Havia isso na carta?
— Isso... ou coisa que o valha. Não respondo pela forma, mas respondo pelo fundo.
— E que deduziste dela, ou melhor, que deduziu dela o rei?
— Que o rei francês tinha razões para afastar o Sr. de Bragelonne, e casá-lo... longe de França.
— De sorte que, em virtude dessa carta?...
— O Rei Carlos II recebeu como sabes o Sr. de Bragelonne, esplêndida e amistosamente; deu-lhe o quarto mais bonito de White-Hall, e, como és a pessoa mais preciosa de sua corte, visto que lhe recusaste o coração... vamos, não cores... quis incutir-te simpatia pelo francês e dar a ele esse belíssimo presente. Eis por que te pôs a ti, herdeira de trezentas mil libras, a ti, futura duquesa, a ti, bela e boa, em todos os passeios de que participava o Sr. de Bragelonne. Foi um conluio, uma espécie de conspiração. Se lhe quiseres pôr fogo, entrego-te a mecha.
Miss Mary sorriu com uma expressão encantadora, que lhe era familiar, e, apertando o braço da companheira:
— Agradece ao rei — disse ela.
— Sim, sim; mas o Sr. de Buckingham está enciumado. Toma cuidado! — replicou Stewart.

Mal haviam sido proferidas essas palavras, o Sr. de Buckingham saiu de um dos pavilhões do terraço e, aproximando-se das duas jovens com um sorriso:

— Engano vosso, Miss Lucy — disse ele; — não, não estou enciumado; e a prova, Miss Mary, é que está lá embaixo aquele que deveria ser a causa do meu ciúme, o Visconde de Bragelonne, pensativo e só. Pobre rapaz! Permiti que eu lhe abandone a vossa graciosa companhia durante alguns minutos, já que preciso conversar com Miss Lucy Stewart.

E, inclinando-se para Lucy:

— Concedei-me a honra — disse ele — de aceitar a minha mão para irmos cumprimentar o rei, que nos espera.

E, dizendo essas palavras, sempre rindo, pegou na mão de Miss Lucy Stewart e afastou-se com ela.

Ficando só, a cabeça inclinada sobre o ombro, com a graciosa languidez peculiar às jovens inglesas, Mary Graffton permaneceu um instante imóvel, olhos fitos em Raul, mas como indecisa no que havia de fazer. Afinal, depois que as suas faces, empalidecendo e corando alternativamente, revelaram o combate que se lhe travava no coração, pareceu tomar uma determinação e adiantou-se com passo firme para o banco em que Raul estava sentado, absorto em seus cismares.

Por leve que fosse sobre o gramado verde, o ruído dos passos de Miss Mary despertou Raul; ele virou a cabeça, avistou a menina e adiantou-se para receber a companheira que o seu feliz destino lhe mandava.

— Enviam-me a vós, senhor — disse Mary Graffton; — aceitais-me?

— E a quem devo agradecer tamanha felicidade, senhorita? — perguntou Raul.

— Ao Sr. de Buckingham — replicou Mary, afetando alegria.

— Ao Sr. de Buckingham, que procura tão apaixonadamente a vossa preciosa companhia? Devo acreditar-vos?

— Com efeito, senhor, como vedes, tudo conspira para que passemos juntos a melhor, ou antes, a mais longa parte dos nossos dias. Ontem, era o rei quem mandava instalar-vos ao pé de mim, à mesa; hoje, é o Sr. de Buckingham que me pede para vir sentar-me ao pé de vós, neste banco.

— E ele está tão longe que me deixa o lugar livre? — perguntou, Raul, enleado.

— Olhai para lá, na volta da alameda, ei-lo que desaparece em companhia de Miss Stewart. Também se vêem dessas condescendências em França, senhor visconde?

— Senhorita, eu não poderia dizer-vos com autoridade o que se faz em França, pois quase não sou francês. Vivi em vários países e quase sempre como soldado; além disso, passei muito tempo na província; sou um selvagem.

— Não vos agrada a Inglaterra, não é verdade?

— Não sei — redarguiu Raul distraído, exalando um suspiro.

— Como, não sabeis?

— Perdão — volveu o jovem sacudindo a cabeça e afastando os próprios pensamentos. — Perdão, eu não tinha ouvido.

— Oh! — tornou a menina suspirando também — como fez mal o Duque de Buckingham mandando-me aqui!

— Mal? — acudiu Raul, vivamente. — Tendes razão: minha companhia é desagradável e vós vos entediais comigo. O Sr. de Buckingham fez mal.

— Pois é precisamente porque não me entedio convosco — disse a menina com voz séria e vibrante — que ele fez mal.

Raul corou por seu turno.

— Mas — tornou — como se dá que o Sr. de Buckingham vos mande para mim, e como se dá que

o façais, se o Sr. de Buckingham vos ama e vós o amais?...

— Não — respondeu gravemente Mary — não! O Sr. de Buckingham não me ama, pois ama a Sra. Duquesa de Orléans; e, em quanto a mim, não tenho ao duque amor algum.

Raul considerou a menina com espanto.

— Sois amigo do Sr. de Buckingham, visconde? — perguntou ela.

— O senhor duque faz-me a honra de chamar-me seu amigo, depois que nos conhecemos em França.

— Sois, então, apenas conhecidos?

— Não; pois o Sr. Duque de Buckingham é amigo íntimo de um fidalgo a quem quero como a um irmão.

— Do Sr. Conde de Guiché.

— Precisamente.

— Que ama a Sra. Duquesa de Orléans?

— Oh! que estais dizendo?

— E que é amado por ela — continuou plácidamente a jovem. Raul abaixou a cabeça; Miss Mary Graffton continuou, suspirando:

— São bem felizes!... Vamos, deixai-me, Sr. de Bragelonne, pois o Sr. de Buckingham vos deu um encargo desagradável oferecendo-vos a minha companhia. O vosso coração está longe, e mal me fazeis a esmola do vosso espírito. Confessai, confessai... Será mal feito, visconde, se o não confessardes.

— Senhorita, confesso. Ela o contemplou.

Ele era tão simples e tão belo, havia em seu olhar tanta limpidez, tanta meiga franqueza e tanta resolução, que não poderia ocorrer ao espírito de uma criatura como Miss Mary que o rapaz fosse um lapuz ou um tolo.

Viu apenas que ele amava outra mulher com toda a sinceridade do seu coração.

— Sim, compreendo — murmurou. — Deixastes um amor em França.

Raul inclinou-se.

— O duque conhece esse amor?

— Ninguém o conhece.

— Então, por que mo revelastes?

— Senhorita...

— Vamos, dizei.

— Não posso.

— Nesse caso, devo adiantar-me à explicação; não me quereis dizer nada porque, agora, estais convencido de que não amo o duque, porque vedes que eu talvez chegasse a amar-vos, porque sois um fidalgo generoso e delicado, e em lugar de tomardes, ainda que para distrair-vos um momento, a mão que aproximam da vossa, em vez de sorrirdes para a minha boca que vos sorri, preferistes, vós que sois jovem, dizer-me, a mim que sou bela: "Tenho um amor em França!”

Obrigada, Sr. de Bragelonne, sois um nobre fidalgo, e eu vos quero ainda mais por isso... como amiga. E agora, não falemos mais de mim, falemos de vós. Esquecei o que eu vos disse e contai-me porque estais triste, e porque a vossa tristeza se acentuou nos últimos dias?

Sentiu-se Raul profundamente comovido pelo tom melancólico e doce daquela voz; não achou uma palavra sequer para responder; a menina acudiu-lhe mais uma vez.

— Lastimai-me — disse ela. — Minha mãe era francesa.

Posso dizer, portanto, que sou francesa pelo sangue e pela alma. Mas sobre o ardor latino pairam,

incessantes, a névoa e a tristeza de Inglaterra. Tenho, às vezes, sonhos de ouro e magnificas venturas; de repente, porém, chega a bruma e estende-se sobre o sonho, que ela apaga.

Desta vez, também foi assim. Perdão, mudemos de assunto; dai-me a vossa mão e contai as vossas coisas a uma amiga.

— Dissestes que sois francesa, francesa pela alma e pelo sangue?

— Sim, e repito-o: não somente minha mãe era francesa, mas meu pai, amigo do Rei Carlos I, exilou-se em França durante o processo do príncipe e durante a vida do Protetor, de sorte que me eduquei em Paris; quando foi a restauração do Rei Carlos II, meu pai voltou à Inglaterra, onde morreu pouco depois, o pobre! O Rei Carlos fez-me duquesa e completou-me a legítima.

— Tendes ainda parentes em França? — perguntou Raul com profundo interesse.

— Tenho uma irmã, sete ou oito anos mais velha do que eu, que se casou em França e já enviuvou; é a Sra. de Bellière.

Raul fez um movimento.

— Conhecei-a?

— Já lhe ouvi o nome.

— Ela também ama, e as suas últimas cartas ressumam felicidade; portanto, é amada. Mas, como eu vos dizia, Sr. de Bragelonne, tenho a metade de sua alma, mas não tenho a metade de sua dita. Falemos, porém, de vós. Quem amais em França?

— Uma menina meiga e alva como um lírio.

— Mas, se ela vos ama, por que estais triste?

— Disseram-me que já não me ama.

— E acreditastes?

— O meu correspondente não assinou a carta.

— Uma denunciação anônima! Oh! Há de ser alguma traição — exclamou Miss Graffton.

— Lede — disse Raul mostrando à menina um bilhete que ele lera cem vezes.

Mary Graffton pegou no bilhete e leu:

"Visconde"

dizia a carta,

"tendes razão de divertir-vos aí com as belas damas do Rei Carlos II; pois na corte do Rei Luís XIV está sendo assediado o castelo de vossos amores. Por conseguinte, pobre visconde, ficai para sempre em Londres ou voltai logo a Paris".

— Sem assinatura? — perguntou Miss Mary.

— Nenhuma.

— Portanto, não acrediteis.

— Sim; mas há outra carta.

— De quem?

— Do Sr. de Guiché.

— Oh! isso é outra coisa! E que vos diz a outra carta?...

"Meu amigo, estou ferido, doente. Regressa, Raul, regressa!
"DE GUICHÉ."

— E que tencionais fazer? — perguntou a menina com o coração apertado.
— A minha intenção, ao receber a carta, era pedir imediatamente ao rei que me deixasse partir.
— E quando a recebestes?...
— Anteontem.
— Ela foi datada em Fontainebleau.
— É estranho, não é? A corte está em Paris.
Enfim, eu teria partido de qualquer maneira. Mas, quando falei ao rei sobre a minha partida, ele pôs-se a rir e perguntou-me: "Senhor embaixador, como se dá que partis? O vosso amo vos chama?"
Fiquei vermelho, encalistrado; pois, de fato, o rei mandou-me para cá e ainda não recebi ordem de regresso.
Mary franziu o cenho, pensativa.
— E ficais? — perguntou.
— Preciso ficar, senhorita.
— E a pessoa que amais?...
— Sim?...
— Não vos escreve?
— Nunca.
— Nunca! Então, não vos ama?
— Pelo menos, não me escreveu desde que parti.
— Mas, antes, escrevia?
— Às vezes... Oh! espero que tenha surgido um impedimento qualquer.
— Eis o duque: silêncio.
Com efeito, Buckingham reaparecia na extremidade da alameda, sorridente e só; vinha devagar e estendia a mão para os dois conversadores.
— Chegastes a um acordo? — perguntou.
— Sobre o quê? — indagou Mary Graffton.
— Sobre o que pode tornar-vos feliz, querida Mary, e a Raul menos infeliz?
— Não vos compreendo, milorde — disse Raul.
— Eis o que penso, Miss Mary. Posso dizê-lo diante dele? E sorria.
— Se quereis dizer — atalhou a menina com altivez — que eu me sentia inclinada a amar o Sr. de Bragelonne, é inútil, pois eu já lho disse.
Buckingham refletiu e, sem se embaraçar, como ela esperava:
— Porque sei que tendes um espírito delicado e, sobretudo, uma alma leal, deixei-vos com o Sr. de Bragelonne, cujo coração enfermo pode curar-se entre as mãos de um médico como vós — declarou.
— Mas, milorde, antes de falar-me no coração do Sr. de Bragelonne, vós me falastes no vosso. Quereis, porventura, que eu cure dois corações a um tempo?
— É verdade, Miss Mary; far-me-eis, porém, a justiça de convir em que não tardei a desistir de uma perseguição inútil, ao reconhecer que o meu ferimento é incurável.
Mary meditou um instante.
— Milorde — disse ela — o Sr. de Bragelonne é feliz. Ama e é amado. Por conseguinte, não tem

precisão de um médico como eu.

— O Sr. de Bragelonne — disse Buckingham — está na iminência de cair gravemente enfermo, e precisa, mais do que nunca, de que lhe tratem do coração.

— Explicai-vos, milorde — acudiu vivamente Raul.

— Não, explicar-me-ei aos poucos; mas, se o quiserdes, posso dizer a Miss Mary o que não podeis ouvir.

— Milorde, torturáis-me: sabeis alguma coisa.

— Sei que Miss Mary Graffton é a criatura mais encantadora que um coração enfermo pode encontrar em seu caminho.

— Milorde, eu já vos disse que o coração do Visconde de Bragelonne está longe daqui — insistiu a menina.

— Pois faz mal.

— Sabei-o, então, senhor duque? Sabeis que faço mal?

— Sei.

— Mas quem é que ele ama, afinal? — exclamou a menina.

— Uma mulher indigna — afirmou tranqüilamente Buckingham, com a fleuma que só um inglês encontra na cabeça e no coração.

Miss Mary Graffton deu um grito que, tanto quanto as palavras pronunciadas por Buckingham, trouxe às faces de Bragelonne a palidez de um calafrio e o frêmito do terror.

— Duque — bradou o rapaz — pronunciastes tais palavras que, sem demora de um segundo, vou procurar-lhes a explicação em Paris.

— Ficareis aqui — disse Buckingham.

— Eu?

— Sim, vós.

— Por quê?

— Porque não tendes o direito de partir e porque não se deixa o serviço de um rei pelo de uma mulher, ainda que a mulher seja digna de ser amada como Mary Grafiton.

— Então, esclarecei-me.

— Com prazer. Mas ficareis?

— Sim, se me falardes com franqueza.

Haviam chegado a esse ponto e Buckingham, sem dúvida, ia contar, não tudo o que acontecera, mas tudo o que sabia, quando um lacaio do rei surgiu no extremo oposto do terraço e adiantou-se para o gabinete em que se achava o soberano em companhia de Miss Lucy Stewart.

Esse homem precedia um correio coberto de pó, que parecia haver apeado naquele instante.

— O correio de França! O correio de Madame! — exclamou Raul reconhecendo a libré da duquesa.

O homem e o correio mandaram avisar Sua Majestade, ao passo que o duque e Miss Graffton trocavam um olhar de inteligência.

Capítulo XXXVIII - O correio de madame

CARLOS II estava provando ou tentando provar a Miss Stewart que só se interessava por ela; em conseqüência, prometia-lhe um amor semelhante àquele que seu avô Henrique IV dedicara a Gabriela.

Infelizmente, porém, Carlos II escolhera um mau dia, um dia em que Miss Stewart acordara com a idéia de enciumá-lo.

Daí que, diante da promessa, em vez de enternecer-se como o esperava Carlos II, ela casquinasse uma gargalhada.

— Oh! Sire, Sire — exclamou, a rir — se eu tivesse a desdita de pedir-lhe uma prova desse amor, ser-me-ia facílimo verificar que Vossa Majestade está mentindo.

— Ouvi — disse Carlos — conheceis os meus desenhos de Rafael; sabeis o quanto os aprecio; sabeis também que o mundo inteiro mos inveja: foi Van Dyck quem os comprou, incumbido por meu pai. Quereis que eu os mande levar hoje mesmo ao vosso quarto?

— Oh! não! — respondeu a jovem. — Guarde-se de fazê-lo, Sire, que o meu quarto é muito acanhado para alojar tais hóspedes.

— Dar-vos-ei Hampton-Court para que nele guardeis os desenhos.

— Seja menos generoso, Sire, e ame por mais tempo, é quanto lhe peço.

— Amar-vos-ei sempre; não basta?

— Vossa Majestade está rindo.

— Quereis que eu chore?

— Não; mas eu queria vê-lo um pouco mais melancólico.

— Ah! isso é que não, minha bela! Fui melancólico durante muito tempo: catorze anos de exílio, de pobreza e de miséria; quero crer que a dívida esteja paga; de mais a mais, a melancolia enfeia.

— Não; veja, por exemplo, o francesinho.

— Oh! o Visconde de Bragelonne! Vós também! Deus me dane! Ainda ficarão todas loucas por ele, umas depois das outras. Aliás, sobram-lhe razões para ser melancólico.

— Por quê?

— Agora já quereis que eu vos revele segredos de Estado!

— Vossa Majestade o fará se eu o quiser, visto que já declarou estar pronto para fazer quanto eu quisesse.

— Pois bem, ele se entedia aqui. Estais satisfeita?

— Ele se entedia?

— Sim, prova de que é bobo.

— Bobo, como?

— Bobo, sim. Não o compreendeis? Permito-lhe amar Miss Mary Graffton, e ele se entedia!

— Bom! Já me parece que se Vossa Majestade não fosse amado de Miss Lucy Stewart, haveria de consolar-se amando Miss Mary Graffton?

— Não digo isso: em primeiro lugar, sabeis perfeitamente que Mary Graffton não me ama; ora, só nos consolamos de um amor perdido com um amor achado. Mas, torno a dizê-lo, não é de mim que se trata, é desse rapaz. Dir-se-ia até que a mulher que ele deixou em França é uma Helena, uma Helena antes de Paris, bem-entendido.

— Mas ele deixou alguém em França?

— Dizei antes que ela o deixou.
— Pobre rapaz! Aliás, bem feito!
— Como, bem feito?
— Sim; por que veio para cá?
— Acreditais que veio porque quis?
— Foi, então, obrigado?
— Por uma ordem, minha querida Stewart; saiu de Paris por uma ordem.
— Ordem de quem?
— Adivinhai.
— Do rei?
— Justamente.
— Ah! Vossa Majestade abre-me os olhos.
— Mas, pelo menos, não o repitais a ninguém.
— Sabe Vossa Majestade que, em matéria de discrição, valho por um homem. Então o rei mandou-o embora?
— Mandou.
— E, durante a sua ausência, tomou-lhe a amante?
— Sim; e o pior é que o rapaz, em vez de agradecer ao rei, lamenta-se!
— Agradecer ao rei por lhe haver tomado a amante? O que Vossa Majestade está dizendo não é nada galante para as mulheres em geral e muito menos para as amantes em particular!
— Mas procurai entender, minha cara! Se a mulher que o rei lhe tomou fosse uma Miss Graffton ou uma Miss Stewart, eu pensaria como ele e ficaria até mais desesperado do que ele; mas é uma magricela capenga... O diabo carregue a fidelidade! como se diz em França. Recusar a rica pela pobre, a que o ama pela que o engana! Onde já se viu uma coisa dessas?
— Acredita Vossa Majestade que Mary deseje seriamente agradar ao visconde, Sire?
— Acredito que sim.
— Pois então o visconde se habituará à Inglaterra.
Mary sabe o que quer e sabe querer.
— Minha querida Miss Stewart, cuidado, que o visconde dificilmente se aclimará entre nós: não faz muito tempo, anteontem ainda, veio pedir licença para deixar-nos.
— E Vossa Majestade recusou-lha?
— Naturalmente! O rei meu irmão empenha-se muito em que ele esteja ausente, e, quanto a mim, é uma questão de amor-próprio; não se dirá que ofereci a esse *young man* a isca mais doce e mais nobre de Inglaterra...
— Vossa Majestade é galante — atalhou Miss Stewart com um muchôcho encantador.
— Não estou contando Miss Stewart — disse o rei — que é uma isca real, e, visto que a mordi, espero que ninguém mais se lembre de mordê-la; digo, portanto, que não terei agradado inutilmente esse rapaz; ele ficará conosco, casará entre nós, ou Deus me danei...
— E espero que, depois de casado, em vez de querer mal a Vossa Majestade, ele se mostre agradecido; pois toda a gente se afana em agradar-lhe, até o Sr. de Buckingham, que, por incrível que pareça, se ofusca diante dele.
— E até Miss Stewart, que lhe chama cavaleiro encantador.
— Ouça, Sire: Vossa Majestade já gabou que farte Miss Graffton, permita-me gabar um pouco também o Sr. de Bragelonne. Mas, a propósito, Vossa Majestade tem dado provas, de uns tempos para cá, de uma bondade que me surpreende; pensa nos ausentes, perdoa os agravos, está quase

perfeito. Por que será?...
Carlos pôs-se a rir.
— É porque vos deixais amar — disse ele.
— Oh! deve de haver outra razão.
— Homessa! Obsequeio meu irmão Luís XIV.
— Dê-me outra ainda.
— Pois bem, o verdadeiro motivo foi que Buckingham me recomendou o rapaz e me disse: "Sire, começo renunciando, em favor do Visconde de Bragelonne, Miss Graffton; faça como eu".
— O duque é realmente um bizarro fidalgo.
— Isso! Ponde agora Buckingham nas nuvens. Parece que hoje me quereis danar.
Nesse momento, arranharam a porta.
— Quem se atreve a perturbar-nos? — bradou Carlos com impaciência.
— Em verdade, Sire — atalhou Stewart — eis aí um *quem se atreve* extremamente fátuo, e para puni-lo...
Ela mesma foi abrir a porta.
— Ah! é um mensageiro de França — anunciou Miss Stewart.
— Um mensageiro de França! — exclamou Carlos.
— De minha irmã, talvez?
— Sim, Sire — disse o contínuo; — um mensageiro extraordinário.
— Entrai, entrai — ordenou Carlos. O correio entrou.
— Trazeis uma carta da Sra. Duquesa de Orléans? — perguntou o rei.
— Trago, Sire — respondeu o correio — e tão urgente, que levei apenas vinte e seis horas para trazê-la a Vossa Majestade, embora houvesse perdido três quartos de hora em Calais.
— O vosso zelo será reconhecido — prometeu o rei. E abriu a carta.
Logo, casquinando uma gargalhada:
— Com efeito — disse ele — não entendo mais nada. E releu a carta pela segunda vez.
Miss Stewart afetava extrema reserva e continha a sua ardente curiosidade.
— Francis — disse o rei ao lacaio — fazei que se restaure e descanse este rapaz e, amanhã, quando ele acordar, encontre à sua cabeceira um saquinho de cinqüenta luíses.
— Sire!
— Vai, meu amigo, vai! Minha irmã tinha razão de recomendar-te urgência.
E ria-se a bandeiras despregadas.
O mensageiro, o lacaio e a própria Miss Stewart não sabiam o que fazer.
— Ah! — continuou o rei, atirando-se para trás na poltrona — quando penso que arrebentaste... quantos cavalos?
— Dois.
— Dois cavalos para trazer esta notícia! Está bem; vai, meu amigo, vai.
O correio saiu com o contínuo.
Carlos II dirigiu-se à janela, abriu-a e, inclinando-se para fora:
— Duque — gritou — meu caro Buckingham, vem.
Acudiu o duque; mas, chegado à soleira da porta, avistando Miss Stewart, hesitou em entrar.
— Entra, e fecha a porta, duque.
O duque obedeceu e, vendo o rei tão bem-humorado, aproximou-se com um sorriso.
— Muito bem, meu caro duque, como estás agora em relação ao teu francês?
— Desesperado, Sire, desesperadíssimo.

— Por quê?
— Porque a adorável Miss Graffton quer casar com ele, e ele não quer.
— Mas esse francês é um beócio! — exclamou Miss Stewart — diga *sim,* ou diga *não,* mas acabe com isso de uma vez.
— Deveis saber, ou sabeis, senhora — tornou gravemente Buckingham — que o Sr. de Bragelonne está apaixonado por outra pessoa.
— Então — acudiu o rei vindo em auxílio de Miss Stewart — nada mais simples; diga não.
— Mas eu lhe demonstrei que faria mal se não dissesse sim.
— Contaste-lhe, então, que a sua La Vallière o enganava?
— Claramente!
— E que fez ele?
— Deu um pulo como se quisesse transpor o estreito.
— Pelo menos — sobreveio Miss Stewart — fez alguma coisa: ainda bem!
— Mas eu o detive — continuou Buckingham: — pu-lo de acordo com Miss Mary, e espero que agora não parta, como parecia desejoso de fazer.
— Ele parecia desejoso de partir? — bradou o rei.
— Houve um momento em que duvidei de que algum poder humano lograsse retê-lo; mas os olhos de Miss Mary estão cravados nele: ficará.
— Pois agora te enganas, Buckingham — disse o rei cascalhando; — esse infeliz está predestinado.
— Predestinado ao quê?
— A ser enganado, o que não é nada; e a presenciá-lo, o que é muito.
— A distância, e com o auxílio de Miss Graffton, o golpe será aparado.
— Pois não será; não haverá distância nem auxílio de Miss Graffton. Bragelonne partirá para Paris daqui a uma hora.
Buckingham estremeceu, Miss Stewart arregalou os olhos.
— Mas, Sire, Vossa Majestade sabe que isso é impossível — disse o duque.
— Não, meu caro Buckingham, o impossível agora é que suceda o contrário.
— Sire, esse rapaz é um leão.
— Acredito, Villiers.
— E a sua cólera é terrível.
— Não digo que não, caro amigo.
— Se ele vir de perto a sua desgraça, ai do autor da sua desgraça!
— Mas que queres que eu faça?
— Ainda que fosse o rei — exclamou Buckingham — eu não responderia por ele.
— Oh! o rei tem mosqueteiros para guardá-lo — disse Carlos plácidamente; — sei-o por experiência própria, eu que esperei em sua antecâmara em Blois. Tem o Sr. d'Artagnan. Peste! aquilo é que é guarda! Eu não me incomodaria, vê tu, com vinte cóleras iguais às do teu Bragelonne, se tivesse quatro guardas como o Sr. d'Artagnan.
— Mas Vossa Majestade, que é tão bom, reflita! — pediu Buckingham.
— Aí está! — disse Carlos apresentando a carta ao duque — lê e responde tu mesmo. Que farias, se estivesses em meu lugar?
Buckingham pegou lentamente na carta de Madame e leu estas palavras, trêmulo de comoção:

"Por vós, por mim, pela honra e pela salvação de todos, fazei que regresse imediatamente

à França o Sr. de Bragelonne.
"Vossa irmã dedicada,
"HENRIQUETA."

— Que te parece, Villiers?
— À minha fé! Sire, não digo nada — respondeu o duque estupefato.
— Ainda insistirás — volveu o rei com afetação — em aconselhar-me a desobedecer a minha irmã quando ela me fala nesses termos?
— Não, Sire! E contudo...
— Não leste o pós-escrito, Villiers; ficou dobrado e, a princípio, a mim também me escapou: lê.
O duque ergueu efetivamente, uma dobra que escondia esta linha:

"Mil lembranças àqueles que me amam".

A pálida fronte do duque abaixou-se para o solo; tremeu-lhe a folha nos dedos, como se o papel se houvesse trocado em chumbo espesso.
O rei esperou um instante e, vendo que Buckingham permanecia em silêncio:
— Siga ele o seu destino, como seguimos o nosso — continuou o rei; — todos sofremos a nossa paixão neste mundo: eu sofri a minha, sofri a dos meus, carreguei uma dupla cruz. Mas, agora, o diabo carregue as preocupações! Vai, Villiers, vai buscar-me o rapaz.
O duque abriu a porta gradeada do gabinete e, mostrando ao rei Raul e Mary que caminhavam lado a lado:
— Oh! Sire, que crueldade para essa pobre Miss Graffton!
— Vamos, vamos, chama — insistiu Carlos, carregando o cenho; — toda a gente aqui ficou sentimental? Agora é Miss Stewart quem enxuga os olhos. Maldito francês!
O duque chamou Raul e, pegando da mão de Miss Graffton, trouxe-a para o gabinete do rei.
— Sr. de Bragelonne — disse Carlos II — não me pedistes, anteontem, permissão para regressar a Paris?
— Pedi, Sire — respondeu Raul, estuporado por aquele intróito.
— E eu, meu caro visconde, recusei-a, não é verdade?
— De fato, Sire.
— Não me quisestes mal por isso?
— Não, Sire; pois Vossa Majestade a recusaria decerto por excelentes motivos; Vossa Majestade é muito avisado e muito bom para não fazer bem tudo o que faz.
— Aleguei, se não me engano, em apoio da recusa, que o rei de França não vos havia chamado.
— Com efeito, Sire, foi isso que Vossa Majestade me respondeu.
— Pois bem, refleti, Sr. de Bragelonne; se o rei, com efeito, não fixou prazo para o vosso regresso, recomendou-me que vos tornasse agradável a estada na Inglaterra; ora, se pedistes permissão para partir, disso se colhe que a estada na Inglaterra não vos agradou.
— Eu não disse tal, Sire.
— Não; mas o vosso pedido significa, ao menos, que outros sítios vos seriam mais agradáveis do que estes.
Nesse momento, Raul se voltou para a porta a cuja ombreira se arrimara Miss Graffton, pálida e desfigurada. Pousara o braço livre no braço de Buckingham.
— Não respondeis — prosseguiu Carlos; — o provérbio francês é positivo: "Quem cala

consente". Pois bem, Sr. de Bragelonne, vejo-me em condições de satisfazer-vos; podeis, quando quiserdes, partir para a França; tendes a minha autorização.

— Sire!... — exclamou Raul.

— Oh! — murmurou Mary, apertando o braço de Buckingham.

— Podeis estar esta noite em Dover — continuou o rei; — a maré sobe às duas da madrugada.

Estupefato, Raul balbuciou algumas palavras, em que havia um misto de agradecimento e de escusa.

— Portanto, despeço-me de vós, Sr. de Bragelonne, e desejo-vos toda a sorte de prosperidades — tornou o rei, levantando-se; — far-me-eis o favor de guardar, como lembrança minha, este brilhante, que eu destinava a uma corbelha de noiva.

Miss Graffton parecia a pique de perder os sentidos. Raul recebeu o brilhante; mas sentiu que lhe tremiam os joelhos.

Dirigiu alguns cumprimentos ao rei, outros a Miss Stewart, e procurou Buckingham para dizer-lhe adeus.

O rei aproveitou esse momento para afastar-se.

Raul encontrou o duque entretido em alentar Miss Grafitou.

— Dizei-lhe que fique, senhorita, eu vo-lo suplico — murmurava Buckingham.

— Dir-lhe-ei que parta — respondeu Miss Graffton reaniman-do-se. — Não sou dessas mulheres que têm menos coração que orgulho; se ele é amado em França, volte para lá e me abençoe, a mim, que o terei aconselhado a partir em busca da felicidade. Se, pelo contrário, não é amado, volte, que o amarei ainda, e o seu infortúnio não o amesquinhará a meus olhos. Há nas armas de minha casa o que Deus me gravou no coração: *Habenti parum, egenti cuncta.* "Aos ricos, pouco; aos pobres, tudo."

— Duvido, amigo — disse Buckingham — que encontreis em França o equivalente do que deixais aqui.

— Creio, ou pelo menos espero — tornou Raul com ar sombrio — que o objeto do meu amor seja digno de mim; mas, se é verdade que é indigno, como me destes a entender, senhor duque, arrancá-lo-ei do coração, ainda que deva arrancar, com o amor, o coração.

Mary Graffton fitou nele os olhos com expressão de indefinível piedade.

Raul sorriu tristemente.

— Senhorita — disse ele — o brilhante que o rei me deu vos era destinado; permiti que eu vo-lo ofereça; se eu me casar em França, vós mo enviareis; em caso contrário, guardai-o.

E, cumprimentando, afastou-se.

— Que quer ele dizer? — pensou Buckingham, ao passo que Raul apertava respeitosamente a mão gelada de Miss Mary.

Miss Mary compreendeu o olhar de Buckingham.

— Se fosse um anel de noivado — disse ela — eu não o aceitaria.

— E, no entanto, aceitá-lo-íeis se ele voltasse.

— Oh, duque — exclamou a menina entre soluços — uma mulher como eu não serve nunca de consolo para um homem como ele.

— Cuidais, então, que não voltará?

— Nunca! — declarou Miss Graffton com voz estrangulada.

— Pois eu vos digo que ele encontrará em França a felicidade destruída, a noiva perdida... a própria honra comprometida... Que lhe restará, então, que valha o vosso amor? Dizei-o, Mary!...

Miss Graffton pousou a mão branca no braço de Buckingham, e, ao passo que Raul fugia vertiginosamente pela avenida de tílias, cantou com voz moribunda estes versos de *Romeu e Julieta:*

E mister partir e viver,
Ou ficar e morrer.

Quando pronunciou a última palavra, Raul desaparecera.

Il faut partir et vivre,
Ou rester et mourir

Miss Graffton recolheu aos seus aposentos mais pálida e silenciosa do que uma sombra.

Buckingham aproveitou o correio que trouxera a carta ao rei para escrever a Madame e ao Conde de Guiché.

O rei fora exato. Às duas horas da manhã, a maré estava alta e Raul se embarcava para França.

Capítulo XXXIX - Saint-Aignan segue o conselho de Malicorne

O REI vigiava o retrato de La Vallière com um zelo que procedia tanto do desejo de que saísse parecido quanto da intenção de prolongá-lo por muito tempo. Era de vê-lo seguindo o pincel, esperando a conclusão de um plano ou o resultado de um matiz e aconselhando ao pintor diversas alterações, que este aceitava com respeitosa docilidade.

Depois, quando o pintor, seguindo o conselho de Malicorne, se atrasava um pouco e Saint-Aignan se ausentava por alguns instantes, eram de ver, e ninguém os via, os silêncios cheios de expressão que uniam num suspiro duas almas sumamente inclinadas a compreender-se e muito desejosas de calma e de meditação.

Escoavam-se os minutos como por efeito de mágica. O rei aproximava-se da sua deusa e vinha queimá-la com o fogo do seu olhar e o contato do seu hálito.

Bastava que um ruído se ouvisse na antecâmara, que o pintor chegasse, que Saint-Aignan voltasse com uma série de desculpas, para que o rei começasse a falar e La Vallière a responder-lhe precipitadamente, ao passo que os olhos dela, confessavam ao conde que, durante a sua ausência, eles tinham vivido um século.

Numa palavra: filósofo involuntário, Malicorne soubera dar ao rei apetite na abundância e o desejo na certeza da posse. O que La Vallière receava não aconteceu. Ninguém adivinhou que, durante o dia, ela saía durante duas ou três horas do quarto.

Fingia ter uma saúde irregular. Os que iam procurá-la batiam antes de entrar. Malicorne, o homem das invenções engenhosas, imaginara um mecanismo acústico pelo qual La Vallière, no apartamento de Saint-Aignan, se inteirava das visitas que lhe faziam.

E, dessa maneira, sem sair, sem ter confidentes, ela tornava a recolher-se, despistando os outros por uma aparição tardia talvez, mas que, não obstante, combatia vitoriosamente as suspeitas dos céticos mais encarniçados.

Malicorne voltara no dia seguinte para pedir notícias a Saint-Aignan. O conde fora obrigado a confessar que aquele quarto de hora dera ao rei um humor jovialíssimo.

— Será preciso dobrar a dose — replicara Malicorne — mas insensivelmente: esperai que o desejem.

E tão bem o desejaram que, à tarde do quarto dia, no momento em que o pintor se preparava para sair sem que Saint-Aignan tivesse voltado, este entrou e surpreendeu no rosto de La Vallière uma sombra de contrariedade que ela não pôde dissimular. Menos secreto, o rei manifestou o seu desagrado por um movimento de ombros muito significativo. La Vallière corou.

— Bom! — exclamou de Saint-Aignan entre si — o Sr. Malicorne ficará encantado esta noite.

Naquela noite, efetivamente, Malicorne ficou encantado.

— É mais do que evidente — disse ele ao conde — que a Srta. de La Vallière esperava que tardásseis pelo menos dez minutos.

— E o rei, meia hora, caro Sr. Malicorne.

— Seríeis um mau servidor de Sua Majestade — replicou o outro — se lhe recusásseis essa meia hora de satisfação.

— E o pintor? — objetou Saint-Aignan.

— Eu me encarrego dele — prometeu Malicorne; — entretanto, deixai-me estudar primeiro os rostos e as circunstâncias; nelas se estribam as minhas operações de mágica, e enquanto os feiticeiros

calculam pelo astrolábio a altura do sol, da lua e das constelações, limito-me a verificar se os olhos têm olheiras ou se a boca descreve um arco convexo ou côncavo.

— Estudai, então!

— Ficai descansado.

E o astuto Malicorne pôde observar a seu talante.

Nessa mesma noite o rei se dirigiu aos aposentos de Madame com as rainhas, e fez uma cara tão triste, despediu suspiros tão profundos e olhou para La Vallière com olhos tão lânguidos, que Malicorne disse a Montalais:

— Até amanhã!

E foi procurar o pintor em sua casa da Rua des Jardins-Saint-Paul, para rogar-lhe que adiasse a sessão por dois dias.

Saint-Aignan não estava no quarto quando La Vallière, já familiarizada com o pavimento inferior, ergueu o alçapão e desceu.

O rei, como sempre, esperava-a na escada e segurava um ramalhete na mão; vendo-a, tomou-a nos braços.

Profundamente comovida, La Vallière olhou à sua volta e, avistando apenas o rei, não reclamou.

Sentaram-se.

Deitado à beira das almofadas em que a menina repousava, com a cabeça inclinada sobre os joelhos dela, instalado como num asilo de que ninguém poderia expulsá-lo, Luís a contemplava e, como se fosse chegado o momento em que nada poderia interpor-se entre aquelas duas almas, ela, por seu turno, pôs-se a devorá-lo com o olhar.

Elle se mit à le dévorer du regard. — Page 338.

De seus olhos, tão doces e tão puros, principiou a desprender-se uma chama cada vez mais intensa, cujos raios iam procurar o coração do real apaixonado para aquecê-lo a princípio e, depois, abrasá-lo.

Afogueado pelo contato dos joelhos trêmulos, fremente de felicidade quando a mão de Luísa lhe descia pelos cabelos, o rei deixava-se entorpecer naquela voluptuosidade e esperava, a qualquer momento, ver entrar o pintor ou de Saint-Aignan.

Nessa dolorosa previsão, forcejava às vezes por fugir à sedução que se lhe infiltrava nas veias, chamava o sono do coração e dos sentidos e afastava a realidade para correr empós da sombra.

Mas a porta não se abriu para de Saint-Aignan nem para o pintor; nem sequer os reposteiros estremeceram. Um silêncio de mistério e de volúpia entorpeceu os próprios pássaros na gaiola de ouro.

Vencido, o rei virou a cabeça e colou a boca ardente nas duas mãos juntas de La Vallière; perdendo a razão, ela premiu sobre os lábios dele as duas palmas convulsivas.

Genuflexo, cambaleante, Luís voltou-se e como La Vallière não tivesse mudado a posição da cabeça, a testa do rei se achou à altura dos lábios dela, que, no seu arroubo, depôs um beijo lânguido e furtivo nos cabelos perfumados que lhe acariciavam as faces.

O rei cingiu-a com os braços e, sem que ela resistisse, trocaram o primeiro beijo, o beijo ardente que muda o amor em delírio.

Nem o pintor nem de Saint-Aignan voltaram nesse dia.

Uma espécie de embriaguez lenta e suave, que refresca os sentidos e deixa circular o sono qual

lento veneno pelas veias, o sono impalpável, lânguido como a vida feliz, senhoreou-os, separando da vida passada a vida futura dos dois amantes.

No meio desse sono entretecido de sonhos, um ruído continuado no andar superior, a princípio inquietou La Vallière, sem contudo despertar.

Entretanto, como o ruído não cessasse, tornando-se cada vez mais nítido, chamando à realidade a jovem bêbeda de ilusão, ela se ergueu, precipite, desalinhada e bela.

— Alguém está-me chamando lá em cima. Luís! Luís! Não estais ouvindo?

— Pois não sois aquela que eu espero? — objetou o rei com ternura. — Deixai que os outros, doravante, vos esperem.

Mas ela, sacudindo meigamente a cabeça:

— Ventura escondida!... — murmurou entre duas lágrimas — poder escondido... O meu orgulho deve calar-se como o meu coração.

O ruído recomeçou.

— Estou reconhecendo a voz de Montalais — disse ela. E subiu precipitadamente a escada.

Subiu o rei com ela, recusando-se a deixá-la e cobrindo-lhe de beijos a mão e a fímbria do vestido.

— Sim, sim — repetiu La Vallière, que já abrira o alçapão — é a voz de Montalais que está chamando; deve ter acontecido alguma coisa.

— Ide, então, querido amor — murmurou o rei; — mas voltai depressa.

— Oh, hoje não. Adeus! adeus!

E abaixou-se ainda uma vez para beijar o amante; em seguida, fugiu.

Montalais, com efeito, estava à sua espera, muito agitada, muita pálida.

— Depressa, depressa, que ele vem subindo — disse ela.

— Ele, quem? Quem é que vem subindo?

— Ele! Eu bem o previra.

— Mas ele, quem? Tu me matas!

— Raul — murmurou Montalais.

— Sim, eu, sim — bradou uma voz alegre, já no patamar da escada.

La Vallière soltou um grito terrível e caiu para trás.

— Eis-me aqui, eis-me aqui, minha querida Luísa — exclamou Raul, que se aproximava correndo. — Eu sabia, eu sabia que continuáveis a amar-me.

La Vallière fez um gesto de terror e outro de maldição; forcejou por falar e só conseguiu articular uma palavra:

— Não! não! — balbuciou.

E caiu nos braços de Montalais, murmurando:

— Não vos aproximeis de mim!

Montalais fez sinal a Raul, que, petrificado no limiar da porta, nem sequer deu um passo para transpô-lo.

Logo, atirando os olhos para os lados do guarda-vento:

— Oh! — murmurou a jovem — que imprudência! O alçapão nem está fechado!

E dirigiu-se para o ângulo do quarto a fim de fechar primeiro o guarda-vento e, atrás dele, o alçapão.

Mas desse alçapão surgiu el-rei, que ouvira o grito de La Vallière e acorria em seu auxílio.

Luís ajoelhou-se diante dela crivando de perguntas Montalais, que principiava a perder a cabeça.

Mas no momento em que o soberano caía de joelhos, ouviu-se um grito de dor à entrada do quarto

e o rumor de passos no corredor. O rei quis correr para ver quem gritara e reconhecer a pessoa que se afastava.

Montalais tentou retê-lo. Em vão.

Deixando La Vallière, Luís chegou à porta; mas Raul já ia longe, de sorte ele só viu uma espécie de sombra virando o ângulo do corredor.

Capítulo XL - Dois velhos amigos

O PASSO que, na corte, cada qual tratava de seus negócios particulares, um homem se dirigia misteriosamente, atrás da Praça da Greve, a uma casa que já conhecemos por tê-la visto assediada num dia de motim por d'Artagnan.

A entrada principal dessa casa dava para a Praça Baudoyer.

Muito grande, circundada de jardins, cercada na Rua Saint-Jean por ferrarias que a defendiam dos olhares curiosos, encerrava-a a tríplice muralha de pedras, de barulho e de verdura, como encerra a múmia perfumada a sua tresdobrada caixa, O homem de que falamos caminhava com passo firme, se bem já não fosse muito moço. Ao ver-lhe a capa cor de muro e a espada comprida, ninguém deixaria de reconhecer o homem à cata de aventuras; e se lhe examinassem com mais vagar os bigodes retorcidos, a pele fina e lisa que surgia debaixo do sombrero, todos acreditariam que as aventuras fossem galantes.

Com efeito, assim que o cavaleiro entrou na casa, oito horas soaram em Saint-Gervais.

E dez minutos depois uma dama, seguida de um lacaio armado, veio bater à mesma porta, que uma velha criada lhe abriu incontinente.

Ao entrar, a dama ergueu o véu. Já não era uma beldade, mas ainda era mulher; já não era moça, mas era ainda viva e bem parecida. Sob uma vestimenta rica e de bom gosto, dissimulava uma idade que só Ninon de 1'Enclos afrontou sorrindo.

Assim que a viu entrar no vestíbulo, o cavaleiro, cujos traços tentamos debuxar, aproximou-se, estendendo-lhe a mão.

— Querida duquesa — disse ele. Bom dia.

— Bom dia, meu caro Aramis — replicou a duquesa.

E conduziu-a a um salão elegantemente trastejado, em cujas altas janelas ainda se demoravam os sangüíneos reflexos dos últimos fogos do dia, coados pelos cimos negros de alguns abetos.

Sentaram-se ambos lado a lado.

Nem um nem outro teve sequer a lembrança de pedir luz, e assim se sepultaram na sombra como se quisessem mutuamente sepultar-se no esquecimento.

— Cavaleiro — disse a duquesa — não tornastes a dar-me sinal de vida desde a nossa entrevista de Fontainebleau, e confesso que a vossa presença, no dia da morte do franciscano, a vossa iniciação em certos segredos me causaram a maior de quantas surpresas já tive em minha vida.

— Posso explicar-vos a minha presença e posso explicar-vos a minha iniciação — disse Aramis.

— Mas, antes disso — tornou vivamente a duquesa — falemos um pouco de nós. Há muito tempo que somos bons amigos.

— Sim, senhora; e, se Deus quiser, o seremos, se não por muito tempo, ao menos para sempre.

— Isso é certo, cavaleiro, e a minha visita o comprova.

— Já não temos agora, senhora duquesa, os mesmos interesses de outrora — volveu Aramis sorrindo sem receio naquela penumbra, pois ninguém poderia dizer que o seu sorriso fosse então menos agradável e menos fresco que antigamente.

— Hoje, cavaleiro, temos outros interesses. Cada idade tem os seus; e, como nos compreendemos, conversando, tão bem como nos compreendíamos antes sem falar, conversemos.

— Duquesa, estou às vossas ordens. Ah! Perdão, como conseguistes descobrir o meu endereço? E por quê?

— Por quê? Eu já vo-lo disse. Pura curiosidade. Eu queria saber o que sois para esse franciscano, com o qual eu tinha negócios, e que morreu de maneira tão estranha. Sabeis que em nossa entrevista de Fontainebleau, naquele cemitério, ao pé daquele túmulo, recentemente fechado, ficamos ambos tão comovidos que chegamos a não dizer nada um ao outro.

— Sim, senhora.

— Pois bem, assim que me despedi de vós, senti-me arrependida. Sempre gostei de instruir-me; sabeis que a Sra. de Longueville se parece comigo, não é verdade?

— Não sei — respondeu discretamente Aramis.

— Lembrei-me portanto — continuou a duquesa — de que não havíamos dito nada no cemitério, nem vós sobre o que éreis para o franciscano, cuja inumação presenciastes, nem eu o que fui para ele. Daí que tudo aquilo me parecesse indigno de dois bons amigos como nós, e busquei ocasião de reaproximar-me para provar-vos que sou inteiramente vossa, e que Maria Michon, a pobre morta, deixou na terra uma sombra cheia de recordações.

Inclinou-se Aramis sobre a mão da duquesa e nela depôs um beijo galante.

— Deveis ter tido algumas dificuldades para encontrar-me — disse ele.

— Oh! — tornou ela, contrariada por se ver reconduzida ao ponto que interessava a Aramis — eu vos sabia amigo do Sr. Fouquet e, por isso, fui procurar-vos junto dele.

— Amigo? Oh! — bradou o cavaleiro — exagerais, senhora. Em relação ao Sr. Fouquet, não passo de um pobre poeta favorecido pelo generoso protetor, um coração reconhecido e fiel.

— Ele não vos fez bispo?

— Fez, duquesa.

— Pois essa, belo mosqueteiro, é a vossa aposentadoria. "Como a tua é a intriga política", pensou Aramis. — Com que, então — ajuntou — indagastes do Sr. Fouquet?

— Facilmente. Tínheis estado em Fontainebleau com ele, tínheis feito uma viagenzinha à vossa diocese, Belle-Isle-en-Mer, se não me engano.

— Não, não, senhora — disse Aramis. — A minha diocese é Vannes.

— Era o que eu queria dizer. Imaginei apenas que Belle-Isle-en-Mer...

— É uma propriedade do Sr. Fouquet, mais nada.

— Mas disseram-me que Belle-Isle-en-Mer foi fortificada; ora, como sei que sois militar, meu amigo...

— Desaprendi tudo desde que pertenço à Igreja — tornou Aramis, irritado.

— Basta... Eu soube, portanto, que havíeis regressado de Vannes, e mandei pedir informações a um amigo, o Sr. Conde de La Fère.

— Ah! — exclamou Aramis.

— Esse é discreto: respondeu-me que não sabia o vosso endereço.

"O mesmo Athos", pensou o bispo: "o que é bom é sempre bom."

— Então... sabeis que não posso mostrar-me, pois a rainha-mãe ainda tem qualquer coisa contra mim.

— Sei, e confesso-me surpreendido.

— Oh! Há uma série de razões. Mas passemos... Sou obrigada a esconder-me; felizmente, porém, encontrei o Sr. d'Artagnan, um de vossos antigos amigos, não é verdade?

— Um de meus amigos atuais, duquesa.
— Pois ele me deu informações; mandou-me ao Sr. de Baisemeaux, governador da Bastilha.
Aramis estremeceu, e os seus olhos desprenderam na sombra uma chama que não pôde esconder à sua clarividente amiga.
— O Sr. de Baisemeaux! — repetiu. — Por que haveria d'Artagnan de mandar-vos ao Sr. de Baisemeaux?
— Não sei.
— Que significa isso? — disse o bispo, reunindo as suas forças intelectuais para sustentar dignamente o combate.
— D'Artagnan me contou que o Sr. de Baisemeaux vos devia favores.
— É verdade.
— E não sabemos tão bem o endereço de um credor como o de um devedor?
— Também é verdade. E Baisemeaux vos indicou?...
— Saint-Mandé, para onde escrevi uma carta.
— Que aqui está, e que me é preciosa — disse Aramis — visto que lhe devo o prazer de ver-vos.
Satisfeita por haver transposto sem maior perigo todas as dificuldades dessa exposição delicada, respirou. Aramis não respirou.
— Estávamos — insistiu ele — em vossa visita a Baisemeaux.
— Não — disse ela, rindo — mais longe.
— Então, no vosso rancor à rainha-mãe!
— Mais longe ainda, mais longe! Estávamos no terreno das relações... É simples — volveu a duquesa, decidindo-se. — Sabeis que estou vivendo com o Sr. Laicques?
— Sei.
— Um quase marido?
— É o que dizem.
— Em Bruxelas?
— Sim.
— Sabeis que meus filhos me arruinaram e despojaram?
— Que miséria, duquesa!
— É medonho! Precisei engenhar meios para viver e, sobretudo, para não vegetar.
— Imagino.
— Eu tinha ódios que explorar, amizades que servir; mas não tinha créditos nem protetores.
— Vós, que protegestes tanta gente! — observou, suavemente, Aramis.
— É sempre assim, cavaleiro. Avistei-me nessa ocasião com o rei de Espanha.
— Ah!
— Que acabava de nomear um geral dos jesuítas, como é costume.
— É costume?
— Não o sabíeis?
— Perdão, eu estava distraído.
— Com efeito, devíeis sabê-lo, vós que éreis tão íntimo do franciscano.
— O geral dos jesuítas?
— Precisamente... Vi, portanto, o rei de Espanha. Ele me queria bem, mas não podia fazer nada. Entretanto, recomendou-nos em Flandres, a mim e a Laicques, e fez que me dessem uma pensão tirada dos fundos da ordem.
— Dos jesuítas?

— Sim. O geral, quero dizer, o franciscano, foi-me enviado.
— Muito bem.
— Mas, para regularizar a situação, de acordo com os estatutos da ordem, eu devia prestar serviços. Sabeis que é a regra?
— Não.
Deteve-se a Sra. de Chevreuse para considerar Aramis: a escuridão, porém, era completa.
— Pois é a regra — tornou ela. — Eu devia, portanto, dar a impressão de ter uma utilidade qualquer. Propus-me viajar para a ordem, e fui incluída entre os afiliados viajantes. Era uma simulação e uma formalidade.
— Perfeitamente.
— Recebi a pensão, aliás muito conveniente.
— Meu Deus! O que me dizeis é uma punhalada para mim, duquesa! Vós, obrigada a viver de uma pensão dos jesuítas!
— Não, cavaleiro, da Espanha.
— Pondo de parte o caso de consciência, convireis em que é a mesma coisa.
— De forma nenhuma.
— Mas, afinal, daquela formosa fortuna, ainda resta...
— Resta-me Dampierre. Mais nada.
— Não é pouco.
— Sim, mas Dampierre onerada, hipotecada, quase arruinada como a proprietária.
— E a rainha-mãe vê tudo isso sem chorar? — perguntou Aramis com um olhar curioso que só encontrou trevas.
— Ela esqueceu-se de tudo.
— Tentastes, se não me engano, reaproximar-vos?
— Tentei; mas, por uma singularidade inominável, eis que herda o reizinho a antipatia que o seu querido pai dedicava a minha pessoa. Direis, sem dúvida, que sou agora uma mulher que se odeia e não mais uma mulher que se ama.
— Querida duquesa, vamos depressa ao que vos traz, pois creio que poderemos ser úteis um ao outro.
— Foi o que pensei. Fui, portanto, a Fontainebleau com um duplo propósito. Em primeiro lugar, a mandado do franciscano que conheceis... A propósito, como o conhecestes? Já vos contei a minha história, mas não me contastes a vossa.
— Conheci-o de um modo muito natural, duquesa. Estudei teologia com ele em Parma; ficamos amigos, mas os negócios, as viagens, a guerra, nos separaram.
— E sabíeis que ele era geral dos jesuítas?
— Eu tinha as minhas desconfianças.
— Mas, afinal, por que estranha casualidade vos hospedastes também naquela estalagem em que se reuniam os afiliados viajantes?
— Oh! — tornou Aramis com voz calma — por mero acaso. Eu ia a Fontainebleau, à procura do Sr. Fouquet, para obter uma audiência do rei; eu estava passando; eu era um ilustre desconhecido; topei no caminho com o pobre moribundo e reconheci-o. Sabeis o resto: ele expirou em meus braços.
— Sim, mas deixou-vos no céu e na terra um poder tão grande que destes em seu nome ordens soberanas.
— Ele me cometeu, efetivamente, alguns encargos.
— E para mim?

— Já vos contei: uma soma de doze mil libras. Creio ter-vos dado a autorização necessária para a receberdes. Não a recebestes?

— Recebi, recebi. Oh meu caro prelado, disseram-me que dais essas ordens com tão grande mistério e tão augusta majestade que todos vos julgam sucessor do querido defunto.

Aramis corou de impaciência. A duquesa continuou:

— Informei-me — disse ela — com o rei de Espanha, e ele esclareceu as minhas dúvidas nesse sentido. Todo geral dos jesuítas é nomeado por ele e deve ser espanhol, segundo os estatutos da ordem. Não sois espanhol e não fostes nomeado pelo rei de Espanha.

Aramis respondeu apenas estas palavras:

— Como vedes, duquesa, estáveis enganada, visto que o rei de Espanha vos disse isso.

— Sim, querido Aramis; mas pensei também em outra coisa.

— Que coisa?

— Sabeis que penso um pouquinho em tudo.

— Oh! sim, duquesa.

— Falais castelhano?

— Todo francês que participou da Fronda fala castelhano.

— Vivestes em Flandres?

— Três anos.

— Estivestes em Madri?

— Quinze meses.

— Estais, portanto, em condições de naturalizar-vos espanhol quando o quiserdes.

— Parece-vos? — perguntou Aramis com uma bonomia que iludiu a duquesa.

— Sem dúvida... Dois anos de permanência e o conhecimento do idioma são requisitos indispensáveis. Tendes três anos e meio... quinze meses mais que o necessário.

— Aonde quereis chegar, querida senhora?

— A isto: estou bem com o rei de Espanha. "E eu não estou mal", pensou Aramis.

— Quereis — continuou a duquesa — que eu peça para vós, ao rei, a sucessão do franciscano?

— Oh! duquesa!

— Porventura já a tendes? — perguntou ela.

— Não, palavra que não.

— Pois eu posso prestar-vos esse serviço.

— Por que não o prestastes ao Sr. de Laicques, duquesa? É um homem talentoso, que amais.

— Sim, de fato; mas não se cogitou disso. Enfim, respondei, com Laicques ou sem ele, querei-o?

— Não, obrigado, duquesa! Ela calou-se.

"Ele foi nomeado", pensou.

— Se assim o recusais — tornou a Sra. de Chevreuse — não me animais a pedir para mim.

— Oh! pedi, pedi.

— Pedir!... Não posso, se não estiverdes em condições de atender-me.

— Por menos que eu possa, pedi sempre.

— Preciso de dinheiro para reedificar Dampierre.

— Ah! — replicou friamente Aramis — dinheiro?... Vejamos, duquesa, quanto seria?

— Uma boa soma.

— Tanto pior! Sabeis que não sou rico?

— Vós, não; mas a ordem é. Se fôsseis geral...

— Sabeis que o não sou?

— Nesse caso, tendes um amigo que deve de ser rico: o Sr. Fouquet.
— O Sr. Fouquet? Já perdeu mais da metade do que possuía.
— Foi o que me disseram, mas eu não quis acreditar.
— Por que, duquesa?
— Porque tenho umas cartas do Cardeal Mazarino, isto é, tem-nas Laicques, que dão notícia de umas contas esquisitas.
— Que contas?
— A propósito de rendas vendidas, de empréstimos feitos, já não me lembro. O caso é que o subintendente, segundo as cartas de Mazarino, teria tirado uns trinta milhões dos cofres do Estado. O fato é grave.
Aramis enfiou as unhas na mão.
— Como! — disse ele — tendes cartas assim e não as mostrastes ao Sr. Fouquet?
— Ah! — replicou a duquesa — essas coisas são reservas que se guardam. Quando chega o dia da necessidade, tiram-se do armário.
— E o dia da necessidade chegou? — indagou Aramis.
— Chegou, meu caro.
— E mostrareis essas cartas ao Sr. Fouquet?
— Prefiro entender-me convosco.
— Deveis estar muito precisada de dinheiro, minha pobre amiga, para recorrer a tais expedientes, vós que tínheis em tão mau conceito a prosa do Sr. de Mazarino.
— Estou, de fato, precisada de dinheiro.
— De mais a mais — continuou Aramis em tom frio — deve ter-vos custado muito optar esse recurso. É cruel.
— Oh! se eu tivesse querido fazer o mal e não o bem — tornou a Sra. de Chevreuse — em vez de pedir ao geral da ordem ou ao Sr. Fouquet as quinhentas mil libras de que preciso...
— Quinhentas mil libras!
— Mais nada. Parece-vos muito? Preciso disso, pelo menos, para reerguer Dampierre.
— Muito bem.
— Digo, portanto, que, em vez de pedir essa importância, eu teria ido procurar a minha antiga amiga, a rainha-mãe; as cartas de seu marido, o signor Mazarini, ter-me-iam servido de introdutor diplomático, e eu lhe pediria essa bagatela, dizendo-lhe: "Senhora, quero ter a honra de receber Vossa Majestade em Dampierre; permita que eu reponha Dampierre em condições de recebê-la".
Aramis não respondeu.
— Então — disse ela — em que estais pensando?
— Estou somando — retrucou Aramis.
— E o Sr. Fouquet subtraiu. Eu procuro multiplicar. Que belos calculadores somos nós! Como poderíamos entender-nos!
— Permitireis que eu reflita? — perguntou Aramis.
— Não... A uma proposta como esta, entre pessoas como nós, a resposta é precisa e imediata.
"É uma cilada", pensou o bispo; "uma mulher dessas não pode ser ouvida por Ana d'Áustria."
— E então? — inquiriu a duquesa.
— Muito me admiraria, senhora, que o Sr. Fouquet pudesse dispor de quinhentas mil libras neste momento.
— Então não se fala mais nisso — acudiu a duquesa — e Dampierre será restaurada como puder.
— Oh! suponho que não estejais tão atrapalhada assim?

— Não; nunca estou atrapalhada.
— E a rainha fará certamente por vós — continuou o bispo — o que o superintendente não pode fazer.
— Oh! sim... Mas não quereis, acaso, que eu mesma fale ao Sr. Fouquet sobre essas cartas?
— Fareis a esse respeito, duquesa, o que bem entenderdes; mas o Sr. Fouquet sente-se ou não se sente culpado; se for culpado, o seu orgulho o impedirá de confessá-lo; se não fôr, ficará profundamente ofendido com a vossa ameaça.
— Racionais sempre como um anjo. E a duquesa levantou-se.
— Por conseguinte, denunciareis o Sr. Fouquet à rainha? — perguntou Aramis.
— Denunciar?... Oh! que palavra tão feia! Não o denunciarei, meu caro amigo; conheceis muito bem a política e sabeis como se fazem essas coisas; tomarei partido contra o Sr. Fouquet, mais nada.
— É justo.
— E, numa guerra de partidos, uma arma é sempre uma arma.
— Sem dúvida.
— Voltando às boas com a rainha-mãe, posso tornar-me perigosa.
— É um direito que vos assiste, duquesa.
— Saberei utilizá-lo, meu caro amigo.
— Não ignorais que o Sr. Fouquet mantém ótimas relações com o rei de Espanha, duquesa?
— Imagino que sim.
— Se lhe moverdes uma guerra de partido, como dizeis, o Sr. Fouquet vos moverá outra.
— Que se há de fazer?
— É também um direito que lhe assiste, não é?
— Naturalmente.
— E como ele está bem com a Espanha, fará dessa amizade outra arma.
— Quereis dizer que ele está bem com o geral dos jesuítas, meu caro Aramis.
— Pode ser, duquesa.
— E, nesse caso, seria suprimida a pensão que a ordem me paga?
— Receio muito que sim.
— Haverei de consolar-me. Ora, meu caro, depois de Richelieu, depois da Fronda, depois do exílio, que poderá temer ainda a Sra. de Chevreuse?
— Sabeis que a pensão monta a quarenta e oito mil libras.
— Ai de mim! bem o sei.
— De mais a mais, numa guerra de partido, ferem-se também os amigos do inimigo.
— Ah! Cairão sobre o pobre Laicques?
— É quase inevitável, duquesa.
— ele só recebe doze mil libras de pensão.
— Sim, mas o rei de Espanha tem crédito; consultado pelo Sr. Fouquet, pode mandar encerrar o Sr. Laicques em alguma fortaleza.
— Não tenho muito medo disso, meu bom amigo, pois graças a uma reconciliação com Ana d'Áustria, conseguirei que a França peça a liberdade de Laicques.
— É verdade. Nesse caso, teríeis outra coisa que temer.
— O quê? — exclamou a duquesa afetando espanto e medo.
— Sabereis, e já o sabeis, que, depois de afiliado à ordem, ninguém a deixa sem dificuldade. Os segredos que nela se descobrem são malsãos, e leva consigo os germes da desgraça quem quer que os revele.

A duquesa refletiu.

— Isso já é mais sério — disse ela; — pensarei no caso.

E, apesar da escuridão profunda, sentiu Aramis um olhar ardente como ferro em brasa despedir-se dos olhos de sua amiga para vir enterrar-se-lhe no coração.

— Recapitulemos — disse Aramis, pondo-se em cautela e enfiando a mão por baixo do gibão, em que trazia escondido o punhal.

— Isso, recapitulemos: das boas contas nascem os bons amigos.

— A supressão de vossa pensão...

— Quarenta e oito mil libras, somadas à de Laicques, que é de doze, perfazem sessenta mil; não era o que queríeis dizer?

— Exatamente, e procuro descobrir o que poderá compensar-vos dessa perda.

— Quinhentas mil libras, que me dará a rainha.

— Ou que não vos dará.

— Conheço o meio de consegui-los — retrucou estouvadamente a duquesa.

Essas palavras aguçaram a atenção do cavaleiro.

A partir desse erro da adversária, o espírito dele se pôs de tal maneira em guarda, que não mais foi apanhado de surpresa, ao passo que ela, pelo contrário, perdeu as vantagens obtidas.

— Admito que obtenhais o dinheiro — tornou ele — mas perdereis o dobro, pois teríeis cem mil francos de pensão em vez de sessenta mil durante dez anos.

— Não; sofrerei a diminuição de renda tão-somente enquanto durar o ministério do Sr. Fouquet; ora, estou que ele dure, no máximo, dois meses.

— Ah! — exclamou Aramis.

— Sou franca, como vedes.

— Agradeço-vos, duquesa; mas faríeis mal supondo que, após a desgraça do Sr. Fouquet, a ordem recomeçaria a pagar-vos.

— Conheço o meio de obrigá-la a pagar, como conheço o meio de obrigar a rainha-mãe a contribuir.

— Então, duquesa, somos todos forçados a arriar bandeira diante de vós. É vossa a vitória! É vosso o triunfo! Sede clemente, pelo amor de Deus! Soai, clarins!

— Como é possível — tornou a duquesa, sem prestar atenção à ironia — que recueis diante de quinhentas mil desgraçadas libras, quando se trata de vos poupar, quero dizer, de poupar ao vosso amigo, perdão, ao vosso protetor, os dissabores de uma guerra de partido?

— Explico porque, duquesa: depois das quinhentas mil libras, o Sr. de Laicques pedirá a sua parte, que serão outras quinhentas mil libras, não é verdade? E depois da parte do Sr. de Laicques e da vossa, virá a parte de vossos filhos, a de vossos pobres, a de toda a gente, e umas cartas, por comprometedoras que sejam, não valem três ou quatro milhões. Bofe! duquesa, as agulhetas da rainha de França valiam muito mais do que esses papéis sujos que levam o nome de Mazarino, e, no entanto, não custaram um quarto do que pedis para vós.

— É verdade, é verdade! Mas o negociante dá à sua mercadoria o preço que entende. Ao comprador incumbe comprá-la ou recusá-la.

— Muito bem, duquesa: quereis saber por que não comprarei as vossas cartas?

— Dizei-o.

— Porque são falsas.

— Ora!

— Naturalmente; seria, pelo menos, estranho que, malquistada com a rainha por obra do Sr.

Mazarino, mantivésseis com este último um comércio íntimo. Isso cheiraria a paixão, a espionagem, a... não quero dizer a palavra.

— Dizei-a sempre.

— A condescendência.

— Tudo isso é exato; mas não o é menos o que está na carta.

— Juro-vos, duquesa, que não podereis servir-vos dela junto da rainha.

— Como não? Posso servir-me de tudo junto da rainha. "Bom!", pensou Aramis. "Canta, abutre!" Silva, víbora!" Mas a duquesa dissera o suficiente; deu dois passos na direção da porta.

Aramis reservara-lhe uma surpresa... a imprecação que solta o vencido atrás do carro do triunfador. Tocou a campainha. Luzes se acenderam na sala.

Viu-se então o bispo num círculo de lâmpadas que resplandeciam no rosto desfigurado da duquesa.

Aramis fitou um longo e sardónico olhar nas faces pálidas e murchas, nos olhos cujo brilho saía de duas pálpebras nuas, na boca cujos lábios escondiam com cuidado os dentes escurecidos e raros.

Estendeu, afetadamente, a perna vigorosa e pura, a cabeça altiva e luminosa, sorriu para entremostrar os dentes, que ainda conservavam algum brilho. A velha faceira compreendeu o galante escarninho; ela estava justamente colocada defronte de um espelho grande em que toda a sua decrepitude, tão cuidadosamente dissimulada, era realçada pelo contraste.

E, sem cumprimentar sequer Aramis, que se inclinava, encantador e ágil como o mosqueteiro de outrora, saiu com passo vacilante e apesentado pela precipitação.

Aramis deslizou como um zéfiro sobre o soalho para acompanhá-la até à porta.

A Sra. de Chevreuse fez sinal ao lacaio, que tornou a pegar no mosquete, e deixou aquela casa, onde dois amigos tão ternos não se tinham entendido por se haverem compreendido demasiado bem.

Capítulo XLI - Em que se vê que um negócio que não se pode fazer com um pode fazer-se com o outro

ARAMIS adivinhara; logo depois de sair da residência da Praça Baudoyer, a Sra. Duquesa de Chevreuse ordenara que a levassem para casa.

Temia sem dúvida que a seguissem e, por isso, procurou dar um aspecto inocente ao seu passeio; mas tanto que entrou em casa, certa de que ninguém a seguiria, mandou abrir a porta do jardim que dava para outra rua, e dirigiu-se à Rua Croix-des-Petits-Champs, onde residia o Sr. Colbert.

Dissemos que a tarde descera; devêramos ter dito a noite, uma noite espessa; tornando à calma, Paris ocultava na sombra indulgente a nobre duquesa que tramava a sua intriga política, e a simples burguesa que, retardada após uma ceia na cidade, tomava pelo braço de um amante o caminho mais comprido para volver ao lar conjugal.

Conhecendo que farte os hábitos da política noturna, sabia a Sra. de Chevreuse que um ministro nunca se furta, nem mesmo em sua casa, às jovens e belas damas que se arreceiam da poeira das secretárias ou às velhas damas muito sábias que se temem do eco indiscreto dos ministérios.

Um lacaio recebeu a duquesa debaixo do peristilo, e, digamo-lo, recebeu-a muito mal. O homem chegou a dizer-lhe, depois de lhe ter visto o rosto, que não era àquela hora nem com aquela idade que uma mulher podia dar-se ao luxo de interromper o último trabalho do Sr. Colbert.

Sem se zangar, porém, a Sra. de Chevreuse escreveu o nome numa folha de seu canhenho, um nome ruidoso, que tantas vezes soara desagradavelmente aos ouvidos de Luís XIII e do grande cardeal.

Escreveu-o com os enormes garranchos ignorantes dos grandes fidalgos daquele tempo, dobrou o papel de um modo que lhe era peculiar, e entregou-o ao lacaio sem acrescentar uma palavra, mas com uma fisionomia tão imperiosa, que o patife, habituado a conhecer os outros pelo faro, adivinhou a presença de uma princesa, abaixou a cabeça e foi avisar o Sr. Colbert.

Fora ocioso dizer que o ministro soltou um gritinho ao desdobrar o papel, e que esse gritinho bastou a inteirar o lacaio do interesse que lhe cumpria tomar pela visita misteriosa; daí que voltasse correndo para buscar a duquesa.

Ela subiu, portanto, com dificuldade ao primeiro andar da bela casa nova, deteve-se no patamar para não entrar ofegante, e surgiu diante do Sr. Colbert, que fora abrir pessoalmente a porta.

Estacou a duquesa na soleira a fim de examinar melhor o homem com quem havia de tratar.

À primeira vista, a cabeça redonda, pesada, espessa, as sobrancelhas grossas, a expressão desgraciosa daquele rosto esmagado por um barrete quase eclesiástico, formavam um conjunto que prometia à duquesa poucas dificuldades nas negociações mas também pouco interesse no debate dos artigos.

Ninguém poderia supor que aquele natural grosseiro fosse sensível aos encantos de uma vingança requintada ou de alguma ávida ambição.

Mas depois de observar melhor os olhinhos pretos e penetrantes, a ruga longitudinal da fronte arqueada e severa, a imperceptível crispação dos lábios, em que os observadores vulgares só enxergavam bonomia, a Sra. de Chevreuse mudou de idéia e disse entre si: "Achei o meu homem".

— A que devo a honra de vossa visita, senhora? — perguntou o intendente das finanças.

— À precisão que tenho de vós, senhor — respondeu a duquesa — e à que tendes de mim.

— Encanta-me, senhora, a primeira parte da vossa frase; mas, quanto à segunda...

A Sra. de Chevreuse instalou-se na poltrona que lhe adiantava Colbert.
— Sois intendente das finanças, Sr. Colbert?
— Sou, sim, senhora.
— E não aspirais à superintendência?
— Senhora!
— Não o negueis; seria prolongar inutilmente a nossa conversação.
— Entretanto, senhora, por maior boa vontade, por maior polidez que me inspire uma dama de vossos méritos, nada me fará confessar que tenciono suplantar meu superior.
— Não falei em suplantar, Sr. Colbert. Terei, acaso, pronunciado essa palavra? Não o creio. A palavra substituir é menos agressiva e gramaticalmente mais adequada, como dizia o Sr. de Voiture. Digo, portanto, que aspirais a substituir o Sr. Fouquet.
— A fortuna do Sr. Fouquet, senhora, é das que resistem. O senhor superintendente representa neste século o papel do colosso de Rodes: passam os navios por baixo dele e não o derrubam.
— Eu me teria precisamente servido dessa comparação. De fato, o Sr. Fouquet desempenha o papel do colosso de Rodes; mas lembra-me ter ouvido contar ao Sr. Conrart... um acadêmico, se não me engano... que, tendo caído o colosso de Rodes, o tratante que o mandara derrubar... um simples tratante, Sr. Colbert... carregou quatrocentos camelos com os seus destroços. Um tratante! Muito menos forte que um intendente das finanças.
— Posso garantir-vos, senhora, que nunca derrubarei o Sr. Fouquet.
— Pois bem, Sr. Colbert, visto que teimais em mostrar-vos sensível diante de mim, como se ignorásseis que me chamo Sra. de Chevreuse e que sou velha, isto é, que tratais com uma mulher que politicou com o Sr. de Richelieu e já não tem tempo para perder; visto que, dizia eu, cometeis essa imprudência, vou procurar pessoas mais inteligentes e mais ambiciosas.
— Em que sentido, senhora?
— Dais-me, senhor, uma triste idéia das negociações de hoje. Sou capaz de jurar que, no meu tempo, se uma mulher se apresentasse ao Sr. de Cinq-Mars, que, aliás, não era nenhum luminar, e lhe dissesse a respeito do cardeal o que acabo de dizer-vos a respeito do Sr. Fouquet, o Sr. de Cinq-Mars, a esta hora, já teria posto mãos à obra.
— Um pouco de indulgência, senhora.
— Consentis, então, em substituir o Sr. Fouquet?
— Se o rei dispensar o Sr. Fouquet, naturalmente.
— Outra afirmação desnecessária; é claro que, se ainda não obtivestes a dispensa do Sr. Fouquet, foi porque não lograstes obtê-la. E eu seria uma grandíssima idiota se viesse procurar-vos sem trazer o que vos falta para isso.
— Lamento muito insistir — volveu Colbert depois de um silêncio que permitira à duquesa sondar-lhe toda a profundeza da dissimulação; — mas devo prevenir-vos de que, há seis anos, têm-se sucedido as denúncias contra o Sr. Fouquet sem que se tenha alterado de maneira alguma a situação do senhor superintendente.
— Há tempo para tudo, Sr. Colbert; os denunciantes não se chamavam Sra. de Chevreuse, nem tinham provas equivalentes a seis cartas do Sr. de Mazarino em que se configura o delito em apreço.
— O delito?
— O crime, se assim o preferis.
— Um crime! Cometi pelo Sr. Fouquet?
— Nem mais nem menos... Mas é estranho, Sr. Colbert: vós, que tendes o rosto frio e pouco expressivo, estais completamente iluminado.

— Um crime?
— Folgo muito em que isso vos produza algum efeito.
— Oh! mas a palavra encerra tanta coisa, senhora!
— Encerra uma carta régia de superintendente das finanças para vós e uma ordem de exílio ou de prisão para o Sr. Fouquet.
— Perdoai-me, senhora duquesa, mas é quase impossível que o Sr. Fouquet seja exilado; preso e desvalido já é muito!
— Eu sei o que estou dizendo — retrucou friamente a Sra. de Chevreuse. — Não vivo tão longe de Paris que não esteja inteirada do que aqui se passa. O rei não gosta do Sr. Fouquet e ele o perderá de boa mente se lhe propiciarem o ensejo.
— É preciso que o ensejo seja bom.
— Ótimo. Daí que eu o avalie em quinhentas mil libras.
— Como assim? — perguntou Colbert.
— Quero dizer, senhor, que, tendo nas mãos esse ensejo, só o deporei nas vossas por quinhentas mil libras.
— Muito bem, senhora, compreendo. Mas, já que fixastes o preço da venda, vejamos o valor da mercadoria.
— Oh! isso é o de menos: seis cartas, como eu já vos disse, do Sr. de Mazarino; cartas que não seriam, decerto, muito caras se provassem de maneira irrecusável que o Sr. Fouquet desviou importâncias consideráveis para apropriar-se delas.
— De maneira irrecusável — repetiu Colbert com os olhos cintilantes de alegria.
— Irrecusável! Quereis lê-las?
— Com muito prazer! A cópia, bem entendido.
— Bem entendido.
A senhora duquesa tirou do seio um macinho de papéis amarrotado pelo peitilho de veludo.
— Lede — disse ela.
Colbert atirou avidamente os olhos pelos papéis e devorou-os.
— Magnífico! — bradou.
— É bem claro, não é?
— É, sim, senhora; o Sr. de Mazarino teria entregue dinheiro ao Sr. Fouquet, e este o teria embolsado. Mas que dinheiro?
— Que dinheiro? Aí está: se fizermos negócio, acrescentarei a estas cartas uma sétima, que vos dará os últimos esclarecimentos.
Colbert refletiu.
— E os originais?
— A pergunta é inútil. É como se eu vos perguntasse: Sr. Colbert, os sacos de dinheiro que me dareis estarão cheios ou vazios?
— Muito bem, senhora.
— Está fechado?
— Não.
— Como?
— Há um pormenor em que nenhum de nós refletiu.
— Qual?
— Não se pode perder o Sr. Fouquet nesta ocorrência senão por um processo.
— Eu sei.

— Por um escândalo público.
— Sim. E daí?
— Acontece que não se pode fazer nem o processo nem o escândalo.
— Por quê?
— Porque ele é procurador-geral no Parlamento; porque tudo, em França, administração, exército, justiça, comércio, está mutuamente ligado por uma corrente de boa vontade que se chama espírito de corporação. Por conseguinte, minha senhora, o Parlamento nunca permitirá que o seu chefe seja arrastado às barras de um tribunal. E ainda que o seja por ordem do rei, nunca será condenado.
— Ah! Sr. Colbert, eu não tenho nada com isso.
— Pois sim, minha senhora, mas eu tenho, e esse fato diminui o valor de vossa mercadoria. De que pode servir-me a prova de um crime sem possibilidade de condenação?
— Bastará uma suspeita para que o Sr. Fouquet perca a superintendência.
— Grande coisa! — exclamou Colbert, cujos traços sombrios de repente se aclararam com uma expressão de ódio e vingança.
— Ah! ah! Sr. Colbert — acudiu a duquesa — perdoai-me, eu não vos sabia tão impressionável. Está muito bem! E visto que não tenho tudo o que vos é preciso, não falemos mais nisso.
— Falemos, sim, senhora, falemos. Mas já que baixaram os vossos valores, abatei também as vossas pretensões.
— Regateais?
— É uma necessidade para quem deseja pagar lealmente.
— Quanto me ofereceis?
— Duzentas mil libras.
A duquesa casquinou uma gargalhada; logo, de improviso:
— Esperai — disse ela.
— Concordais?
— Ainda não, mas sugiro outra coisa.
— Dizei.
— Dar-me-eis trezentas mil libras.
— Não! Não!
— É pegar ou largar... De mais a mais, não é tudo.
— Mais ainda?... Sois impossível, senhora duquesa.
— Menos do que o supondes; já não é dinheiro que vos peço.
— Que é, então?
— Um serviço. Sabeis que sempre gostei muitíssimo da rainha.
— E então?
— Desejo ter uma entrevista com Sua Majestade.
— Com a rainha?
— Sim, Sr. Colbert, com a rainha, que já não é minha amiga, há muito tempo, mas que pode voltar a sê-lo se lhe ensejarmos a ocasião.
— Sua Majestade não recebe mais ninguém. Está sofrendo muito. Não ignorais que as crises da sua moléstia se repetem com freqüência cada vez maior.
— Aí está precisamente porque desejo uma entrevista com ela. Imaginai que em Flandres é muito freqüente essa enfermidade.
— O câncer? É uma doença horrorosa, incurável.
— Não acreditais nisso, Sr. Colbert. O camponês flamengo, até certo ponto, é o homem da

natureza; não tem precisamente uma mulher, tem uma fêmea.

— E daí, senhora?

— Pois bem, Sr. Colbert, enquanto ele fuma o seu cachimbo, a mulher trabalha; tira água do poço, carrega a mula ou o burro, carrega-se a si mesma.

Não se poupando, machuca-se aqui e ali, e muitas vezes é até espancada. O câncer pode nascer de uma contusão.

— É verdade.

— Pois as flamengas não morrem por causa disso. Quando estão sofrendo muito, saem à procura do remédio. E as beguinas de Bruges são médicos admiráveis para todas as moléstias. Têm águas preciosas, tópicos, específicos; dão à doente um frasco e um círio, proporcionando lucros ao clero e servindo a Deus pela exploração de suas duas mercadorias. Levarei, portanto à rainha a água das beguinas de Bruges. Sua Majestade ficará boa e acenderá tantas velas quantas julgar convenientes. Como vedes, Sr. Colbert, impedir-me de ver a rainha é quase um regicídio.

— Senhora duquesa, sois uma mulher inteligente demais e por isso me confundis; sem embargo, adivinho perfeitamente que essa grande caridade encobre um interessezinho pessoal.

— Acaso me empenho em ocultá-lo, Sr. Colbert? Falastes, se não me engano, num interessezinho pessoal? Pois sabei que se trata de um grande interesse e vou demonstrá-lo em poucas palavras. Se me fizerdes entrar à presença de Sua Majestade, contentar-me-ei com trezentas mil libras; em caso contrário, guardarei as minhas cartas e só as entregarei se me derdes, imediatamente, quinhentas mil.

E, erguendo-se após a incisiva declaração, a velha duquesa deixou o Sr. Colbert desagradavelmente perplexo.

Negociar já não era possível; deixar de fazê-lo, era perder muito mais.

— Senhora — disse ele — terei a satisfação de entregar-vos cem mil escudos.

— Oh! — exclamou a duquesa.

— Mas como receberei as cartas verdadeiras?

— Da maneira mais simples, meu caro Sr. Colbert... De quem vos confiais?

O grave financista pôs-se a rir em silêncio, de sorte que as suas grossas sobrancelhas pretas subiam e desciam como duas asas de morcego sobre o sulco profundo da testa amarela.

— De ninguém — respondeu.

— Mas fareis uma exceção em vosso favor, Sr. Colbert.

— Como assim, senhora duquesa?

— Quero dizer que, se vos derdes ao trabalho de ir comigo aonde estão as cartas, elas vos serão entregues pessoalmente, e as podereis verificar e examinar.

— É verdade.

— Levareis convosco cem mil escudos, porque eu também não toe fio de ninguém.

O Sr. Intendente Colbert corou até à raiz dos cabelos. Como todos os mestres na arte dos algarismos, era de uma probidade insolente e matemática.

— Levarei comigo, senhora — disse ele — a soma prometida em duas ordens de pagamento, pagáveis em minha caixa. Está bem assim?

— Quisera eu que fossem de dois milhões as vossas ordens de pagamento, senhor intendente!... Terei, portanto, a honra de mostrar-vos o caminho.

— Permiti que eu mande atrelar os meus cavalos.

— Tenho um carro esperando, senhor.

Tossiu Colbert como um homem irresoluto.

Ocorreu-lhe, num relance, que a proposta da duquesa era uma cilada; que talvez estivessem à sua

espera na rua; que aquela dama, cujo segredo acabava de vender-se por cem mil escudos a Colbert, devera ter oferecido o mesmo segredo a Fouquet por quantia idêntica.

Como ele hesitasse muito, a duquesa encarou-o.

— Preferis o vosso carro? — perguntou.

— Confesso que sim.

— Cuidais que eu vos conduza a alguma emboscada?

— Senhora duquesa, tendes um temperamento galhofeiro; e eu, que sou naturalmente tão grave, não posso ver-me comprometido por uma brincadeira.

— Enfim, tendes medo? Muito bem, tomai o vosso carro e levai quantos lacaios quiserdes...

Entretanto, pensai bem... o que ambos fizermos, só nós o saberemos; o que vir um terceiro, todo o mundo ficará sabendo. A mim, pouco me importa: o meu carro seguirá o vosso e não se me dará de ir em vossa sege à presença da rainha.

— À presença da rainha?

— Já o esquecestes? Esquecestes uma cláusula de tamanha importância para mim? Se eu soubesse que ela representava tão pouco para vós, teria pedido o dobro!

— Já decidi, senhora duquesa; não vos acompanharei.

— Deveras!... Por quê?

— Porque tenho em vós uma confiança ilimitada.

— Penhorais-me!... Mas, como farei para receber os cem mil escudos?...

— Ei-los.

O intendente rabiscou algumas palavras num pedaço de papel e entregou-o à duquesa.

— Estais paga — disse ele.

— O gesto é belo, Sr. Colbert, e eu vou recompensar-vos. Dizendo essas palavras, pôs-se a rir.

O riso da Sra. de Chevreuse era um murmúrio sinistro; todo homem que sente no coração a mocidade, a fé, o amor e a vida prefere o pranto a esse riso lamentável.

A duquesa abriu o peitilho e tirou do seio avermelhado um macinho de papéis amarrados com uma fita cor de fogo. As presilhas tinham cedido à pressão brutal das mãos nervosas.

Arranhada pela extração e pelo atrito dos papéis, surgiu a pele sem pudor aos olhos do intendente, intrigadíssimo por aqueles preâmbulos estranhos.

A duquesa continuava a rir.

— Eis aqui — disse ela — as verdadeiras cartas do Sr. de Mazarino. Agora as tendes e, demais disso, a Duquesa de Chevreuse despiu-se diante de vós, como se fôsseis... Não quero citar nomes que vos encheriam de orgulho ou de ciúme. Pronto, Sr. Colbert — prosseguiu, apresilhando e fechando com rapidez o peitilho — a vossa fortuna está feita; acompanhai-me à presença da rainha.

— Não, senhora; se tornásseis a incorrer no desfavor de Sua Majestade e soubessem no Palais-Royal que fui eu o vosso introdutor, a rainha nunca mais mo perdoaria. Não. Tenho amigos dedicados no palácio e eles vos farão entrar sem me comprometer.

— Como quiserdes, contanto que eu entre.

— Como chamais às damas religiosas de Bruges que curam os doentes?

— Beguinas.

— Sois uma beguina.

— Pois bem; mas precisarei deixar de sê-lo.

— Isso é convosco.

— Perdão, perdão! Não quero expor-me a ser despedida.

— Isso também é convosco, senhora. Ordenarei ao primeiro lacaio do fidalgo de serviço nos

aposentos de Sua Majestade que deixe entrar uma beguina com um remédio eficaz para aliviar os padecimentos de Sua Majestade. Levareis a minha carta e ficarão a vosso cargo o remédio e as explicações. Responsabilizo-me pela beguina, mas renego a Sra. de Chevreuse.

— Não seja por isso.

— Eis a carta de apresentação, minha senhora.

Capítulo XLII - A pele do urso

COLBERT entregou a carta à duquesa e afastou delicadamente a cadeira que estava diante dela. A Sra. de Chevreuse cumprimentou e saiu. Colbert, que reconhecera a letra de Mazarino e contara as cartas, chamou o secretário e ordenou-lhe que fosse buscar o Sr. Vanel, conselheiro do Parlamento. Replicou o secretário que, fiel aos seus hábitos, o conselheiro acabava de chegar para relatar ao intendente os pormenores mais importantes dos trabalhos parlamentares daquele dia.

Colbert aproximou-se das lâmpadas, releu as cartas do finado cardeal, sorriu diversas vezes ao reconhecer o valor das peças que lhe entregara a Sra. de Chevreuse, e, sustentando por vários minutos a cabeçorra nas mãos, refletiu profundamente.

Durante esses minutos, um homem alto e gordo, de rosto anguloso, olhos fixos, nariz adunco, entrara no gabinete de Colbert com modesta confiança, que revelava ao mesmo tempo um caráter flexível e resoluto, flexível em relação ao amo que poderia atirar-lhe o osso, resoluto em relação aos cães que pudessem disputar-lho.

O Sr. Vanel sobraçava uma pasta volumosa, que colocou sobre a mesma secretária em que os dois cotovelos de Colbert lhe sustentavam a cabeça.

— Bom dia, Sr. Vanel — disse o intendente despertando da meditação.

— Bom dia, monsenhor — respondeu naturalmente Vanel.

— Monsenhor, não; senhor — corrigiu suavemente Colbert.

— Chama-se monsenhor aos ministros — tornou Vanel com imperturbável sangue frio; — e vós sois ministro!

— Ainda não!

— Entretanto, continuarei a chamar-vos monsenhor; de mais a mais, sois o meu senhor, e isso me basta; se não vos agrada que eu assim vos chame diante dos outros, deixai-me fazê-lo em particular.

Colbert ergueu a cabeça à altura das lâmpadas e leu ou procurou ler no rosto de Vanel quanta sinceridade haveria naqueles protestos de devotamento.

Mas o conselheiro sabia sustentar o peso de um olhar, ainda que fosse o de monsenhor.

Colbert suspirou. Não lera coisa alguma no rosto de Vanel; Vanel poderia ser sincero. Colbert refletiu que o inferior lhe era superior numa coisa: tinha uma esposa infiel.

No instante em que ele se amiserava da sorte do homem, Vanel tirou friamente da algibeira um bilhete perfumado, fechado com lacre de Espanha e estendeu a monsenhor.

— Que é isso, Vanel?

— Uma carta de minha mulher, monsenhor.

Colbert tossiu. Pegou da carta, abriu-a, leu-a e enfiou-a no bolso, enquanto Vanel folheava, impassível, os seus processos.

— Vanel — perguntou de repente o protetor ao protegido — sois um homem de trabalho?

— Sou, monsenhor.

— Doze horas por dia não vos assustam?

— Trabalho quinze.

— Impossível! Um conselheiro não trabalharia mais de três para o Parlamento.

— Oh! Faço relatórios para um amigo do Tribunal de Contas e, como ainda me sobra algum tempo, estudo hebraico.

— Sois muito considerado no Parlamento, Vanel?
— Creio que sim, monsenhor.
— Seria uma lástima vegetardes para sempre numa cadeira de conselheiro.
— Como poderei evitá-lo?
— Comprando um cargo.
— Qual?
— Alguma coisa grande. As pequenas ambições são as mais difíceis de se satisfazerem.
— As bolsas pequenas, monsenhor, são as mais difíceis de se encherem.
— E que cargo seria esse? — tornou Colbert.
— Não vejo nenhum.
— Pois eu vejo. Mas só o rei poderia comprá-lo sem sacrifício; ora, creio que ao rei não ocorrerá comprar um cargo de procurador-geral.
Ouvindo essas palavras, fitou Vanel em Colbert o olhar humilde e terno ao mesmo tempo.
Colbert perguntou a si mesmo se o pensamento daquele homem adivinhara ou apenas encontrara o seu.
— Falais, monsenhor, no cargo de procurador-geral do Parlamento? — acudiu Vanel. — Não conheço outro senão o do Sr. Fouquet.
— Precisamente, meu caro conselheiro.
— Sois otimista, monsenhor; mas para comprar-se uma mercadoria não é preciso que ela esteja à venda?
— Creio, Sr. Vanel, que esse cargo estará à venda dentro em pouco...

— Je crois, monsieur Vanel, que cette charge-là sera sous peu à vendre.

— À venda?... O cargo de procurador do Sr. Fouquet?

— É o que dizem.

— À venda!... O cargo que o torna inviolável? Oh! oh! E Vanel pôs-se a rir.

— Teríeis medo desse cargo? — perguntou gravemente Colbert.

— Medo? Não...

— Nem o desejais?

— Monsenhor está zombando de mim — retrucou Vanel; — como não desejaria um conselheiro do Parlamento ser procurador-geral?

— Então, Sr. Vanel!... Repito que o cargo será posto à venda.

— Di-lo monsenhor.

— É o que consta.

— Pois não pode ser; um homem nunca lançaria de si o escudo que lhe defende a honra, os bens e a vida.

— Há loucos que se julgam acima de todos os perigos, Sr. Vanel.

— Sim, Monsenhor, mas esses loucos não fazem as suas loucuras em proveito dos pobres Vanels que existem neste mundo.

— Por que não?

— Porque os Vanels são pobres.

— É verdade que o cargo do Sr. Fouquet pode custar um dinheirão. Quanto daríeis por ele, Sr. Vanel?

— Tudo o que possuo, monsenhor.
— Quanto é isso?
— De trezentas a quatrocentas mil libras.
— E quanto vale o cargo?
— Um milhão e meio, pelo menos. Sei de gente que ofereceu um milhão e setecentas mil libras sem persuadir o Sr. Fouquet a vendê-lo. Ora, se o Sr. Fouquet acaso decidisse fazê-lo, o que não creio, a despeito do que me disseram...
— Ah! disseram-vos alguma coisa? Quem?
— O Sr. de Gourville... o Sr. Pellisson. Mas muito por alto.
— Pois bem, se o Sr. Fouquet decidisse vendê-lo?...
— Nem assim eu poderia comprá-lo, visto que o senhor superintendente só venderá por dinheiro de contado, e ninguém possui um milhão e meio para atirar sobre uma mesa.
Nesse momento, Colbert interrompeu o conselheiro com uma pantomina imperiosa.
Recomeçara a refletir.
Vendo a atitude séria do amo, vendo-lhe a perseverança em reconduzir a conversação para esse assunto, o Sr. Vanel esperou uma sugestão sem ousar provocá-la.
— Explicai-me direito — disse então Colbert — os privilégios do cargo de procurador-geral.
— O direito de acusar todo e qualquer súdito francês que não seja príncipe de sangue; o direito de anular qualquer acusação contra todo francês que não seja rei nem príncipe. O procurador-geral é o braço direito do rei para fulminar um culpado, mas é também o seu braço para apagar o facho da justiça. Daí que o Sr. Fouquet possa sustentar-se contra o próprio rei amotinando os parlamentos; daí que ao rei convenha poupar o Sr. Fouquet apesar de tudo para que se registrem os seus éditos sem contestação. O procurador-geral pode ser um instrumento muito útil ou muito perigoso.
— Quereis ser procurador-geral, Vanel? — perguntou de repente Colbert adoçando o olhar e a voz.
— Eu? — exclamou o interpelado. — Mas já tive a honra de mostrar-vos que faltam pelo menos um milhão e cem mil libras à minha caixa!
— Pedireis emprestada essa quantia aos amigos.
— Não tenho amigos ricos.
— Um homem honesto!
— Se toda a gente pensasse como vós, monsenhor!...
— Eu penso, e basta. Aliás, se for preciso, responderei por vós.
— Cuidado com o provérbio, monsenhor!
— Qual?
— Quem responde paga.
— Não seja por isso.
Ergueu-se Vanel, perturbadíssimo por aquele oferecimento tão súbito, tão inopinado, de um homem que os mais frívolos levavam a sério.
— Não brinqueis comigo, monsenhor.
— Não percamos tempo, Sr. Vanel. Dizíeis que o Sr. Gourville vos falou do cargo do Sr. Fouquet?
— O Sr. Pellisson também.
— Oficial ou oficiosamente?
— Eis o que disseram: "Essa gente do Parlamento é ambiciosa e rica; deveria cotizar-se para oferecer dois ou três milhões ao Sr. Fouquet, seu protetor, seu guia".
— E respondestes?

— Respondi que, de minha parte, eu daria dez mil libras se fosse preciso.
— Ah! gostais, então, do Sr. Fouquet? — atalhou o Sr. Colbert com um olhar de ódio.
— Não; mas o Sr. Fouquet é nosso procurador-geral; endivida-se, afoga-se; cumpre-nos salvar a honra da corporação.
— Eis porque o Sr. Fouquet estará sempre são e salvo enquanto ocupar o seu cargo — acudiu Colbert.
— Em seguida — prosseguiu Vanel — o Sr. Gourville ajuntou: "Oferecer uma esmola ao Sr. Fouquet é humilhante, e ele a recusará; por que não se cotiza o Parlamento para comprar dignamente o cargo do seu procurador-geral? Salvam-se, assim, a honra da corporação e o orgulho do Sr. Fouquet".
— Isso já é quase uma proposta de negócio.
— Foi o que me pareceu, monsenhor.
— Pois bem, Sr. Vanel, procurareis imediatamente o Sr. Gourville ou o Sr. Pellisson; conheceis outro amigo do Sr. Fouquet?
— Conheço muito o Sr. de La Fontaine.
— La Fontaine, o rimador?
— Precisamente; ele fazia versos a minha mulher quando o Sr. Fouquet era nosso amigo.
— Procurai-o, então, para obterdes uma entrevista com o senhor superintendente.
— Com muito prazer; e a quantia?
— No dia e na hora aprazados, Sr. Vanel, havereis de recebê-la; não vos inquieteis.
— Tamanha munificência, monsenhor! Sobrepujais o rei, ultrapassais o Sr. Fouquet.
— Um momento... entendamo-nos bem. Não vos dou um milhão e quatrocentas mil libras, Sr. Vanel: tenho filhos.
— Eu sei, monsenhor, emprestais-mas; isso basta.
— Empresto-as.
— Estipulai os juros e garantias que quiserdes. Estou pronto para tudo, monsenhor, e quando os vossos desejos estiverem satisfeitos, repetirei ainda que ultrapassais os reis e sobrepujais o Sr. Fouquet em munificência. Quais são as vossas condições?
— Prazo de oito anos.
— Ótimo!
— Hipoteca do próprio cargo.
— Perfeitamente; só?
— Esperai. Reservo-me o direito de tornar a comprar-vos o cargo com um lucro de cento e cinqüenta mil libras se não procederdes, no desempenho dele, de acordo com os interesses do rei e com os meus desígnios.
— Ah! ah! — disse Vanel, comovido.
— Esta cláusula encerra alguma coisa que não vos agrada, Sr. Vanel? — perguntou friamente Colbert.
— Não, não — redarguiu Vanel com vivacidade.
— Muito bem, assinaremos o contrato quando quiserdes. Procurai os amigos do Sr. Fouquet.
— Vou já...
— E obtende uma entrevista com o superintendente.
— Sim, monsenhor.
— Fazei as concessões que forem necessárias.
— Perfeitamente.

— E quando estiver tudo combinado?...

— Farei que ele assine.

— Nada disso!... Nunca faleis em assinatura ao Sr. Fouquet, nem em multa, nem sequer em palavra, entendestes? Poríeis tudo a perder!

— E então, monsenhor, que fazer? É muito difícil...

— Obtende apenas que o Sr. Fouquet vos aperte a mão... Ide!

Colbert leva la tête.

Capítulo XLIII - Nos aposentos da rainha-mãe

ESTAVA a rainha-mãe em seu quarto de dormir no Palais-Royal com a Sra. de Motteville e a señora Molina. Esperado até à noite, el-rei não aparecera; impaciente, a rainha mandara saber notícias dele por várias vezes.

O tempo estava carregado. Cortesãos e damas evitavam-se nas antecâmaras e nos corredores para não tocar em assuntos que pudessem comprometê-los.

Monsieur acompanhara o rei desde cedo a uma caçada. Arrufada, Madame permanecera em seu apartamento. Quanto à rainha-mãe, depois de ter feito as orações em latim, conversava com as duas amigas em castelhano puro.

A Sra. de Motteville, que compreendia admiravelmente essa língua, respondia em francês.

Depois que as três damas esgotaram todas as fórmulas da dissimulação e da polidez para chegar à conclusão de que o procedimento do rei matava de tristeza a rainha, a rainha-mãe e toda a parentela; depois que, em termos escolhidos, se fulminaram todas as imprecações imagináveis contra a Srta. de La Vallière, rematou Ana d'Áustria as recriminações com estas palavras, que lhe encerravam o pensamento e o caráter:

— *Estos hijos!* — disse à Molina. O que quer dizer:

— Estes filhos! Palavras profundas na boca de uma mãe; palavras terríveis na boca de uma rainha que guardava, com ela, segredos tão singulares na alma sombria.

— Sim — replicou Molina — estes filhos! pelos quais toda mãe se sacrifica.

— Pelo quais — continuou a rainha — uma mãe tudo sacrificou.

E não terminou a frase. Pareceu-lhe, ao erguer os olhos para o retrato de corpo inteiro do pálido Luís XIII, que voltavam a cintilar os olhos baços do marido e a cólera lhe dilatava as narinas de tela. Animava-se o retrato; não falava, mas ameaçava. Um silêncio profundo sucedeu às últimas palavras da rainha. A Molina entrou a remexer as fitas e rendas de um cesto enorme.

Surpreendida pelo brilho que iluminara simultaneamente o olhar da confidente e o da ama, a Sra. de Motteville abaixou os olhos, discreta, e, renunciando a ver, fitou os ouvidos.

Surpreendeu apenas um "Hum" significativo da aia espanhola, imagem da circunspecção.

Surpreendeu também um suspiro arrancado como um sopro do seio da rainha.

Ergueu imediatamente a cabeça.

— Vossa Majestade está sofrendo? — perguntou.

— Não, Motteville, não; por que perguntas?

— Vossa Majestade gemeu.

— De fato, tens razão; estou sofrendo um pouco, sim.

— O Sr. Valot está aqui perto, nos aposentos de Madame, se não me engano.

— Nos aposentos de Madame, por quê?

— Madame está nervosa.

— Bela doença! O Sr. Valot não devia estar nos aposentos de Madame, quando outro médico seria capaz de curá-la...

A Sra. de Motteville tornou a erguer os olhos surpresos.

— Outro médico? — perguntou. — Quem?

— O trabalho, Motteville, o trabalho... Ah! se há alguém doente é a minha pobre filha.

— Vossa Majestade também.

— Menos esta noite.
— Não se fie nisso, senhora!
E como para justificar a ameaça da Sra. de Motteville, uma dor lancinante mordeu o coração da rainha, fê-la empalidecer e derrubou-a sobre uma poltrona com todos os sintomas de um súbito desmaio.
— As minhas gotas! — murmurou ela.
— Já! já! — replicou a Molina, que, sem se apressar, foi tirar de um armário dourado um frasco grande de cristal de rocha e trouxe-o, aberto.
A rainha aspirou-o, frenética, várias vezes e murmurou:
— Assim me matará o Senhor. Seja feita a sua santa vontade.
— Ninguém morre por sentir dores — acrescentou a Molina, recolocando o frasco no armário.
— Vossa Majestade sente-se bem agora? — perguntou a Sra. de Motteville.
— Melhor.
E a rainha levou um dedo aos lábios para recomendar discrição à favorita.
— É estranho — disse, após um silêncio, a Sra. de Motteville.
— Que é o que é estranho? — perguntou a rainha.
— Não se lembra Vossa Majestade do dia em que essa dor apareceu pela primeira vez?
— Lembro-me de que foi um dia muito triste, Motteville.
— Mas esse dia nem sempre foi triste para Vossa Majestade.
— Por quê?
— Porque, vinte e três anos antes, senhora, el-rei que hoje reina, o glorioso filho de Vossa Majestade, nascia nessa mesma hora.
A rainha desferiu um grito, pousou a fronte nas mãos e assim quedou alguns segundos.
Seria lembrança ou reflexão? Seria acaso a própria dor?
A Molina atirou à Sra. de Motteville um olhar quase furioso, tanto semelhava um reproche, e a digna mulher, não compreendendo, ia fazer uma pergunta por descargo de consciência quando Ana d'Áustria, levantando-se de repente, exclamou:
— 5 de setembro! Sim, a minha dor apareceu no dia 5 de setembro. Grande júbilo num dia, grande sofrimento no outro. Grande sofrimento — ajuntou baixinho — expiação de uma alegria exagerada!
E, a partir desse momento, Ana d'Áustria, que parecia haver perdido a memória e a razão, permaneceu impenetrável, o olhar apagado, o pensamento vago, as mãos pendentes.
— Precisamos deitar-nos — sobreveio a Molina.
— Daqui a pouco, Molina.
— Deixemos a rainha — ajuntou a tenaz espanhola.
A Sra. de Motteville levantou-se; lágrimas brilhantes e grossas como lágrimas de criança corriam, lentas, pelas faces brancas da rainha.
Percebendo-o, Molina fitou em Ana d'Áustria o olhar negro e vigilante.
— Sim, sim — tornou, de improviso, a viúva de Luís XIII. — Deixa-nos, Motteville. Vai.
A palavra *nos* soou desagradavelmente aos ouvidos da favorita francesa. Significava que ia processar-se uma troca de segredos ou de lembranças. Significava que havia uma pessoa de mais na fase mais interessante da conversação.
— Molina bastará ao serviço de Vossa Majestade? — perguntou a francesa.
— Bastará, sim — respondeu a espanhola.
Inclinou-se a Sra. de Motteville. Súbito, uma velha aia, vestida como se vestira na corte de Espanha em 1620, abriu os reposteiros e, surpreendendo a rainha em prantos, a Sra. de Motteville

fazendo menção de retirar-se, e a Molina diplomática:
— O remédio! o remédio! — gritou, alegre, para a rainha, aproximando-se confiadamente do grupo.
— Que remédio, Chica? — perguntou Ana d'Áustria.
— Para a moléstia de Vossa Majestade — retrucou a recém-chegada.
— Quem o traz? — perguntou vivamente a Sra. de Motteville; — o Sr. Valot?
— Não, uma dama de Flandres.
— Uma dama de Flandres? Uma espanhola? — inquiriu a rainha.
— Não sei.
— Quem a envia?
— O Sr. Colbert.
— Como se chama?
— Não me disse.
— A sua qualidade?
— Ela o dirá.
— O seu rosto?
— Está de máscara.
— Vê quem é, Molina! — bradou a rainha.
— Não é preciso — retrucou, de chofre, uma voz firme e doce ao mesmo tempo, saída do lado oposto dos reposteiros, uma voz que sobressaltou as outras damas e fez estremecer a rainha.
Simultaneamente assomou entre as cortinas uma mulher mascarada.
E antes que a rainha abrisse a boca:
— Sou uma beguina de Bruges — prosseguiu a desconhecida — e trago, com efeito, o remédio que há de curar Vossa Majestade.
Calaram-se todas. A beguina continuou no mesmo lugar.
— Falai — disse a rainha.
— Quando estivermos sós — redarguiu a desconhecida.
Ana d'Áustria dirigiu um olhar às companheiras, que se retiraram.
A beguina deu três passos na direção da rainha e fez-lhe profunda reverência.
Ana d'Áustria examinou com desconfiança a mulher que também a examinava, com olhos brilhantes, pelos orifícios da máscara.
— Estará tão doente assim a rainha de França — perguntou a primeira — que se sabe, entre as beguinas de Bruges, que ela necessita de remédios?
— Vossa Majestade, graças a Deus! não é uma doente sem recursos.
— Mas, afinal, como soubestes que estou passando mal?
— Vossa Majestade tem amigos em Flandres.
— E esses amigos vos enviaram?
— Sim, senhora.
— Dizei-me quem são.
— Impossível e inútil, senhora, visto que a memória de Vossa Majestade não foi despertada pelo seu coração.
Ana d'Áustria ergueu a cabeça, buscando descobrir sob a sombra da máscara e sob o mistério da palavra o nome da mulher que se exprimia com tanta familiaridade.
Logo, de surpresa, cansada de uma curiosidade que lhe feria os hábitos de orgulho:
— Senhora — disse ela — ignorais com certeza que ninguém se dirige às pessoas reais com

máscara no rosto.

— Sirva-se Vossa Majestade de escusar-me — replicou, humilde, a beguina.

— Não posso escusar-vos; posso perdoar-vos se retirardes a máscara.

— Foi um voto que fiz, senhora, de socorrer aflitos ou doentes sem nunca deixar que me vejam o rosto. Eu poderia proporcionar algum alívio ao corpo e à alma de Vossa Majestade; mas, desde que Vossa Majestade mo defende, retiro-me. Adeus, senhora, adeus.

Essas palavras foram pronunciadas com harmonia e respeito tão encantadores que destruíram a cólera e a desconfiança da rainha sem lhe diminuir a curiosidade.

— Tendes razão — disse ela — não convém às pessoas que sofrem desdenhar das consolações que Deus lhes envia. Falais, senhora, e oxalá possais, como acabais de dizê-lo, trazer alívio ao meu corpo... Ai de mim! creio que Deus se prepara para experimentá-lo cruelmente.

— Falemos um pouco da alma, por favor — tornou a beguina — da alma que há de estar sofrendo também.

— A minha alma?

— Há cancros devoradores cuja pulsação é invisível. Esses, rainha, deixam à pele a sua alvura de marfim e não jaspeiam a carne com os seus vapores azulados; o médico que se inclina sobre o seio do doente não ouve ranger nos músculos, debaixo do fluxo de sangue, o dente insaciável desses monstros; nem o ferro nem o fogo lograram matar ou desarmar alguma vez a raiva desses flagelos mortais; eles moram no pensamento e corrompem-no; agigantam-se no coração e fazem-nos estourar: aí estão, senhora, outros cancros fatais às rainhas; não padeceis desses males?

Ana ergueu lentamente o braço, que sempre tivera alvíssimo e puro.

— Esses males de que falais — disse ela — são a condição da nossa vida, da vida dos grandes da terra, a quem Deus comete o encargo de almas. Quando são muito pesados, o Senhor os mitiga no tribunal da penitência, onde depomos o fardo e o segredo. Mas não olvideis que esse mesmo soberano Senhor afina as provações com as forças das criaturas, e as minhas forças não são inferiores ao fardo; para os segredos alheios, basta-me a discrição que Deus me deu; para os meus, não me basta a do meu confessor.

— Vejo-a corajosa como sempre contra os seus inimigos, senhora; mas não a sinto confiante em relação aos amigos.

— As rainhas não têm amigos; se não tendes outra coisa para dizer-me, se apenas vos sentis inspirada por Deus, como profetisa, retirai-vos, que o futuro me amedronta.

— Eu acreditava — tornou, resoluta, a beguina — que o passado vos amedrontasse.

Ela não terminara a frase quando a rainha, endireitando-se:

— Falai! — bradou em tom breve e imperioso — falai! Explicai-vos clara, nítida, completamente; se não...

— Não ameace, rainha — volveu a beguina com extrema doçura; — procurei-a cheia de respeito e compaixão; vim de parte de uma amiga.

— Provai-o, então! Aliviai em vez de irritar.

— Facilmente; e verá Vossa Majestade se se trata ou não de uma amiga.
— Vejamos.
— Que desgraça sucedeu a Vossa Majestade de vinte e três anos a esta parte?...
— Ora essa!... grandes desgraças: acaso não perdi o rei?
— Não me refiro a esse gênero de desgraças. Quero perguntar-lhe se, depois... do nascimento do rei... uma indiscrição de amiga causou algum sofrimento a Vossa Majestade?
— Não vos compreendo — replicou a rainha apertando os dentes para ocultar a emoção.
— Far-me-ei compreender. Recorda-se Vossa Majestade de que o rei nasceu no dia 3 de setembro de 1638, às onze horas e um quarto?
— Sim — balbuciou a rainha.
— Ao meio-dia e meia — continuou a beguina — já batizado pelo Bispo de Meaux sob os olhos do rei e os de Vossa Majestade, era o delfim reconhecido como herdeiro da coroa de França. O rei se dirigiu à capela do velho castelo de Saint-Germain para ouvir o *Te Deum.*
— Tudo isso é verdade — murmurou a rainha.
— O parto de Vossa Majestade fizera-se em presença do finado Monsieur, dos príncipes, das damas da corte. O médico do rei, Bouvard, e o cirurgião Honoré ficaram na antecâmara. Vossa Majestade dormiu das três às sete horas, mais ou menos, não é verdade?
— Sem dúvida; mas apenas me contais o que toda a gente sabe, como vós e como eu.
— Estou chegando, senhora, ao que poucas pessoas conhecem. Poucas? Ai de mim! eu pudera dizer duas, pois havia somente cinco outrora, e, faz alguns anos, o segredo se salvou pela morte dos principais participantes. O rei nosso senhor dorme com seus pais; a parteira Péronne seguiu-o de perto, Laporte já está esquecido.
A rainha abriu a boca para responder; mas encontrou sob a mão gelada, com que acariciava o rosto, as gotas de um suor ardente.
— Eram oito horas — prosseguiu a beguina; — o rei, alegríssimo, ceava; à sua volta, toda a gente gritava e bebia, jubilosa; berrava o povo debaixo dos balcões; os suíços, os mosqueteiros e os guardas erravam pela cidade, carregados em triunfo pelos estudantes bêbedos.
"Esses rumores formidáveis do regozijo público faziam gemer suavemente nos braços da Sra. de Hausac, sua aia, o delfim, o futuro rei de França, cujos olhos, quando se abrissem, deveriam avistar duas coroas no fundo do berço. A súbitas, Vossa Majestade despediu um grito agudo, e a Sra. Péronne tornou a surgir-lhe à cabeceira.
"Jantavam os médicos numa sala afastada. Ermo à força de ser invadido, o palácio já não tinha sentinela nem guardas. Depois de haver examinado o estado de Vossa Majestade, a parteira soltou uma exclamação de surpresa e, carregando-a nos braços, desfeita em lágrimas, louca de dor, mandou Laporte avisar o rei de que a rainha queria vê-lo em seu quarto. Sabe Vossa Majestade que Laporte era um homem calmo e inteligente. Não se aproximou do rei como o servidor assustado, que se sente importante e quer assustar também; aliás, não tinha nada de aterradora a notícia que esperava o soberano. O caso é que Laporte surgiu, com um sorriso nos lábios, ao pé da cadeira do rei e disse-lhe:
"— Sire, a rainha está muito bem, mas sentir-se-ia ainda melhor se visse Vossa Majestade".
"Nesse dia, Luís XIII teria dado a coroa a um pobre por um Deus o guarde! Álacre, leve, muito vivo, levantou-se da mesa dizendo, no tom que poderia ter empregado Henrique IV:
"— Senhores, vou ver minha mulher".
"Chegou ao quarto de Vossa Majestade no momento em que a Sra. Péronne lhe estendia um segundo príncipe, belo e forte como o primeiro, dizendo-lhe:

"— Sire, Deus não quer que o reino de França caia entre mãos femininas".

"Em seu primeiro movimento, saltou o rei para a criança e gritou:

"— Obrigado, meu Deus!”

Interrompeu-se a beguina a essa altura ao ver o sofrimento da rainha. Largada na poltrona, a cabeça pendente, os olhos parados, Ana d'Áustria escutava sem ouvir, e os seus lábios se agitavam convulsivamente para uma oração a Deus ou para uma imprecação contra aquela mulher.

— Ah! não acrediteis — exclamou a beguina — que, se há apenas um delfim em França, se a rainha deixou vegetar essa criança longe do trono, não acrediteis que ela não tenha sido mãe. Oh! não... Há pessoas que sabem quantas lágrimas derramou; há pessoas que puderam contar os beijos ardentes dados por ela à pobre criatura em troca da vida de miséria e de sombra a que as razões de Estado condenavam o irmão gêmeo de Luís XIV.

— Meu Deus! meu Deus! — murmurou fracamente a rainha.

— Sabe-se — continuou a beguina com vivacidade — que, vendo dois filhos iguais em idade e pretensões, el-rei tremeu da ruína de França, da intranqüilidade do seu Estado. Sabe-se que o Sr. Cardeal de Richelieu, mandado chamar expressamente por Luís XIII, refletiu mais de uma hora no gabinete de Sua Majestade, e pronunciou esta sentença: "Há um rei nascido para suceder a Sua Majestade. Deus nos deu outro para suceder ao primeiro rei; mas, por enquanto, só precisamos do que nasceu primeiro; escondamos o segundo da França como Deus o escondera dos próprios pais". Um príncipe é a paz e a segurança do Estado; dois competidores são a guerra civil e a anarquia.

Ergueu-se de súbito a rainha, muito pálida, com os punhos crispados.

— Sabeis demais — disse ela com voz surda — visto que tocais em segredos de Estado. Quanto aos amigos que vo-los revelaram, são falsos e covardes. Sois cúmplice deles no crime que hoje se perpetra. Agora, tirai a máscara, ou mando-vos prender pelo capitão dos meus guardas. Esse segredo não me amedronta! Descobriste-lo, haveis de devolver-mo! Ele gelará em vosso sangue; nem ele nem a vossa vida vos pertencem a partir deste momento!

Acrescentando o gesto à ameaça, Ana d'Áustria deu dois passos na direção da beguina.

— Aprenda Vossa Majestade — tornou a interpelada — a conhecer a fidelidade, a honra, a discrição de seus amigos abandonados.

E arrancou inopinadamente a máscara.

— A Sra. de Chevreuse! — exclamou a rainha.

— A única sabedora do segredo, além de Vossa Majestade!

— Ah! — murmurou Ana d'Áustria — vinde beijar-me, duquesa. Ai! é matar os amigos brincar assim com as suas penas mortais.

E, apoiando a cabeça no ombro da velha duquesa, a rainha deixou fugir dos olhos uma torrente de lágrimas amargas.

— Como Vossa Majestade é jovem ainda! — observou a duquesa com voz surda — Vossa Majestade está chorando!

Capítulo XLIV - Duas amigas

A RAINHA considerou com altivez a Sra. de Chevreuse.

— Creio — disse ela — que pronunciastes a palavra feliz falando de mim. Até agora, duquesa, acreditei ser impossível que se pudesse encontrar uma criatura humana menos feliz do que a rainha de França.

— Senhora, Vossa Majestade tem sido, efetivamente, uma *Mater dolorosa.* Mas, ao lado dessas misérias ilustres de que há pouco falávamos, nós, velhas amigas; ao lado, repito, desses infortúnios reais, Vossa Majestade tem conhecido as alegrias pouco sensíveis, é verdade, mas muito invejadas deste mundo.

— Quais? — tornou com azedume a rainha. — Como podeis pronunciar a palavra alegria, duquesa, se ainda há pouco reconhecíeis que o meu corpo e o meu espírito necessitam de remédios?

Recolheu-se por um momento a Sra. de Chevreuse.

— Como os reis andam longe dos outros homens! — murmurou.

— Que quereis dizer?

— Quero dizer que vivem tão afastados do vulgo que esquecem, em relação aos outros, todas as necessidades da vida. Como o habitante da montanha africana que, do meio dos seus planaltos verdejantes refrescados pelos regatos de neve, não compreende que o habitante da planície morra de sede e de fome em suas chãs calcinadas pelo sol.

Corou levemente a rainha; compreendera.

— Fizestes mal — disse ela — de vos haverdes afastado de nós.

— Oh! senhora, dizem que o rei herdou o ódio que me votava seu pai. Mandar-me-ia expulsar se me soubesse no Palais-Royal.

— Não digo que o rei esteja bem disposto em vosso favor, duquesa — replicou a rainha; — mas eu poderia... secretamente...

A duquesa deixou transparecer um sorriso desdenhoso que inquietou a interlocutora.

— De resto — apressou-se de ajuntar a rainha — fizestes muito bem de vir aqui.

— Obrigada, senhora!

— Nem que fosse apenas para dar-nos a alegria de desmentir — Propalou-se, efetivamente, que eu havia morrido?

— Em toda a parte.

— Meus filhos, entretanto, não puseram luto.

— Ah! sabeis, duquesa, que a corte viaja com freqüência; raro vemos o Sr. Alberto de Luynes, e muitas coisas nos escapam no meio das nossas constantes preocupações.

— Vossa Majestade não deveria ter acreditado no boato da minha morte.

— Por que não? Infelizmente somos todos mortais; não vedes que eu, vossa irmã caçula, como dizíamos outrora, já me inclino para a sepultura?

— Se Vossa Majestade acreditou que eu estava morta deveria espantar-se de não ter recebido notícias minhas.

— A morte, às vezes, surpreende, duquesa.

— Oh! Majestade! As almas carregadas de segredos como aquele a que há pouco nos referimos sempre têm uma necessidade de expansão que precisam satisfazer antecipadamente. Entre os preparativos para a eternidade inclui-se também a ordenação dos papéis.

A rainha estremeceu.
— Vossa Majestade — continuou a duquesa — saberá com certeza o dia da minha morte.
— Como assim?
— Vossa Majestade receberá no dia seguinte, dentro de um quádruplo invólucro, tudo o que escapou de nossas correspondenciazinhas tão misteriosas de antigamente.
— Não as queimastes? — bradou Ana com pavor.
— Oh! Majestade — replicou a duquesa — só os traidores queimam uma correspondência real.
— Os traidores?
— Sem dúvida; ou melhor, fingem queimá-la, mas guardam-na ou vendem-na.
— Santo Deus!
— Os fiéis, pelo contrário, escondem zelosamente esses tesouros; depois, um dia, vão ter com a sua rainha e dizem-lhe: "Senhora, estou velha, sinto-me doente; há perigo de morte para mim, perigo de revelação para o segredo de Vossa Majestade; guarde Vossa Majestade este papel perigoso e queime-o pessoalmente".
— Um papel perigoso? Qual?
— Comigo só existe um, é verdade, mas muito perigoso.
— Oh! duquesa, dizei, dizei!
— É o bilhete... datado de 2 de agosto de 1644, em que Vossa Majestade me recomendava que fosse a Noisy-le-Sec para ver aquele querido e infeliz menino. Nele escreveu Vossa Majestade, com a sua letra, estas palavras:

"Querido e infeliz menino".

Profundo silêncio se fez nesse momento: a rainha sondava o abismo, a Sra. de Chevreuse armava o seu laço.
— Infeliz, sim, muito infeliz! — murmurou Ana d'Áustria — que triste existência levou o coitadinho para, afinal, acabar de maneira tão cruel!
— Morreu? — exclamou vivamente a duquesa com uma curiosidade cujo tom sincero não escapou à rainha.
— Morreu de consumação, morreu esquecido, depauperado, morreu como as pobres flores dadas por um amante e que a amante deixa fenecerem numa gaveta para escondê-las de toda a gente.
— Morreu! — repetiu a duquesa com um ar de desalento que teria alegrado a rainha se o não temperasse um misto de dúvida. — Em Noisy-le-Sec?
— Nos braços do preceptor, pobre servidor honesto, que não lhe sobreviveu por muito tempo.
— Acredito: é tão pesado carregar um luto e um segredo semelhantes!
A rainha não se deu ao trabalho de rebater a ironia da reflexão. A Sra. de Chevreuse continuou.
— Pois eu, senhora, estive há alguns anos em Noisy-le-Sec, onde procurei informar-me do destino do pobrezinho. E lá me disseram que o não tinham por morto; eis porque não me afligi desde logo com Vossa Majestade. Está visto que, se eu acreditasse nisso, nunca teria feito uma alusão sequer ao deplorável acontecimento, para não despertar as dores tão legítimas de Vossa Majestade.
— Dizeis que a criança não era tida por morta em Noisy?
— Não, senhora.
— Que se dizia dela, então?
— Dizia-se... Um engano, sem dúvida.
— Não faz mal.

— Dizia-se que uma noite, cerca de 1645, uma dama cuja formosura e majestade se notavam a despeito do véu e do manto que a escondiam, uma dama de altíssima qualidade, chegara num carro à encruzilhada do caminho, no mesmo sítio em que eu esperava as notícias do jovem príncipe, quando Vossa Majestade era servida mandar-me.

— E daí?

— Que o preceptor levara o menino a essa dama.

— E depois?

— Que o preceptor e o menino, no dia seguinte, desapareceram do lugar.

— Como vedes, há alguma verdade em tudo isso, visto que, efetivamente, o pobrezinho morreu de um desses males repentinos, que, no dizer dos médicos, mantêm suspensa por um fio a vida das crianças até aos sete anos.

— Oh! o que diz Vossa Majestade é exato; ninguém o sabe melhor do que Vossa Majestade e ninguém acredita nisso mais do que eu. Admire, porém, a estranheza...

"Que haverá ainda?" pensou a rainha.

— A pessoa que me referiu esses pormenores, que fora inteirar-se da saúde do menino...

— Destes a alguém essa incumbência? Oh! duquesa!

— Alguém tão mudo quanto Vossa Majestade, quanto eu; digamos que fosse eu mesma, senhora. Esse alguém, passando tempos depois pela Turena...

— Pela Turena?

— Reconheceu o preceptor e o menino, perdão! cuidou reconhecê-los, ambos vivos, alegres, felizes e florescentes, o primeiro na sua velhice ainda vigorosa, o segundo na sua juventude em flor! Julgue Vossa Majestade, diante disso, o que são boatos e fie-se do que quer que aconteça neste mundo. Mas eu a estou cansando. Não é essa a minha intenção; despedir-me-ei de Vossa Majestade depois de lhe haver reiterado os protestos de meu respeitoso devotamento.

— Cessai, duquesa; falemos um pouco de vós.

— De mim? Oh! senhora, não abaixe tanto Vossa Majestade os seus olhares.

— E por que não? Não sois, acaso, a minha amiga mais antiga? Estais sentida comigo, duquesa?

— Eu! Por que motivo, meu Deus? Teria eu vindo procurar Vossa Majestade se tivesse razões para estar sentida?

— Duquesa, os anos nos vencem; devemos ligar-nos contra a morte, que ameaça.

— Vossa Majestade me penhora com essas palavras tão doces.

— Ninguém, até hoje, me amou e serviu como vós, duquesa.

— Lembra-se ainda Vossa Majestade?

— Lembro-me sempre... Duquesa, uma prova de amizade.

— Ah! senhora, todo o meu ser pertence a Vossa Majestade.

— Vejamos a prova!

— Qual?

— Pedir-me qualquer coisa.

— Pedir?

— Oh! sei que sois uma alma infinitamente desinteressada, grande, real!

— Não me louve demais, senhora — tornou a duquesa, inquieta.

— Nunca vos louvarei quanto o mereceis.

— A velhice e as desgraças nos modificam muito, senhora.

— Deus vos ouça, duquesa!

— Como assim?

— Claro! a duquesa de outrora, a bela, a altiva, a adorada Chevreuse me teria respondido ingratamente: "Não quero nada de Vossa Majestade". Bem hajam as desgraças, se chegaram, visto que vos mudaram, e talvez me respondais: "Aceito".

Adoçou a duquesa, o olhar e o sorriso; fascinada, já não se escondia.

— Falai, querida — insistiu a rainha — que desejais?

— Devo, então, explicar-me?

— Sem hesitação.

— Pois bem, Vossa Majestade pode proporcionar-me uma alegria indizível, incomparável.

— Vamos a ver o que é — tornou a rainha, algo arrefecida pela inquietação. — Mas, antes de mais nada, minha boa Chevreuse, lembrai-vos de que dependo hoje de meu filho como dependia outrora de meu marido.

— Hei de poupá-la, querida rainha.

— Chamai-me Ana, como outrora; será um doce eco de nossa bela mocidade.

— Seja. Pois bem, minha venerada ama, Ana querida...

— Ainda falas o castelhano?

— Como sempre.

— Pede-me, então, em castelhano.

— Muito bem: Fazei-me a honra de ir passar alguns dias em Dampierre.

— Só isso? — bradou a rainha estupefata.

— Só.

— Nada mais?

— Santo Deus! Cuidais, acaso, que esse não seja o maior benefício que eu poderia pedir-vos? A ser assim, já não me conheceis. Aceitais?

— Aceito, de todo o coração.

— Oh! obrigada!

— E eu me sentirei feliz — prosseguiu a rainha, desconfiada — se a minha presença vos for útil em alguma coisa.

— Útil? — exclamou, rindo, a duquesa. — Oh! não, não; agradável, doce, deliciosa, sim, mil vezes sim. Está, então, prometido?

— Jurado.

Atirou-se a duquesa à mão formosíssima da rainha e cobriu-a de beijos.

"É uma boa mulher intimamente", pensou a rainha, "e... generosa de espírito".

— Vossa Majestade — continuou a duquesa — consentiria em dar-me quinze dias?

— Naturalmente. Por quê?

— Porque — disse a duquesa — conhecendo a minha desvalia, ninguém se atreve a emprestar-me os cem mil escudos de que preciso para restaurar Dampierre. Quando, porém, se souber que eles se destinam à recepção de Vossa Majestade, todos os fundos de Paris afluirão à minha casa.

— Ah! — volveu a rainha meneando mansamente a cabeça com inteligência — cem mil escudos! São precisos cem mil escudos para a restauração de Dampierre?

— Exatamente.

— E ninguém quer emprestá-los?

— Ninguém.

— Pois eu os emprestarei, se o quiserdes, duquesa.

— Oh! eu não me atreveria a aceitar.

— Faríeis mal.

— Deveras?

— Palavra de rainha!... Cem mil escudos não são, realmente, grande coisa.

— É o que eu penso.

— Não. Oh! sei que nunca exigistes pela vossa discrição o que ela vale. Aproximai-me essa mesinha, duquesa, para que eu vos faça uma ordem de pagamento contra o Sr. Colbert; não, contra o Sr. Fouquet, que é muito mais cavalheiro.

— E ele pagará?

— Se não pagar, pagarei eu; mas será a primeira vez que ele me recusa alguma coisa.

A rainha escreveu, entregou a cédula à duquesa, e dispensou-a depois de havê-la beijado alegremente.

Capítulo XLV - De como João de La Fontaine fez o seu primeiro conto

ESGOTARAM-SE todas essas intrigas; tão multifário em suas manifestações, o espírito humano pôde desenvolver-se a seu talante nos três quadros que lhe ofereceu a nossa narrativa.

Talvez se trate ainda de política e de intrigas no quadro que preparamos, mas as suas molas estarão por tal arte ocultas, que só se verão flores e imagens, exatamente como nos teatrinhos de feira em que surge em cena um colosso, que caminha movido pelas perninhas e braços franzinos de uma criança escondida sob a sua carcaça.

Voltamos a Saint-Mandé, onde o superintendente recebe, como de hábito, a sua seleta sociedade de epicúrios.

Faz já algum tempo que o dono da casa tem conhecido severas provações. Não há quem não ressinta a aflição do ministro. Já não se realizam as grandes e loucas reuniões. A finança fora um pretexto para Fouquet, e nunca houve, como diz espirituosamente Gourville, pretexto mais falaz; de finanças, nem sombra.

O Sr. Vatel esfalfa-se em sustentar a reputação da casa. Entretanto os jardineiros, que alimentam as copas, queixam-se de um ruinoso atraso. Os exportadores de vinhos de Espanha expedem faturas freqüentes, que ninguém paga. Os pescadores, que o superintendente contrata nas costas da Normandia, calculam que, se fossem pagos, o dinheiro recebido lhes daria para se aposentarem. A maré, que, mais tarde, matará Vatel, não chega nunca.

Entretanto, no dia da recepção comum, os amigos de Fouquet se apresentam mais numerosos que de ordinário. Gourville e o Abade Fouquet versam finanças, isto é, o abade pede algumas pistolas emprestadas a Gourville. Sentado, com as pernas cruzadas, Pellisson termina a peroração de um discurso com que Fouquet deve reabrir o Parlamento.

E esse discurso é uma obra-prima, pois Pellisson o faz para o amigo, isto é, põe nele tudo o que, sem dúvida, não procuraria para si mesmo. Pouco depois, discutindo sobre rimas fáceis, chegam do fundo do jardim Loret e La Fontaine.

Os pintores e os músicos, por seu turno, se dirigem para a sala de jantar. Quando derem oito horas será servida a ceia.

O superintendente nunca se faz esperar.

São sete e meia; anuncia-se o apetite mui galantemente.

Quando todos os convivas se reúnem, Gourville se aproxima de Pellisson, arranca-o dos seus devaneios e condu-lo a um salão cujas portas fechou.

— E então? — pergunta. — Que há de novo?

E Pellisson, erguendo a cabeça inteligente e meiga:

— Tomei emprestadas vinte e cinco mil libras de minha tia. Ei-las!

— Bem — respondeu Gourville — só nos faltam agora cento e noventa e cinco mil libras para o primeiro pagamento.

— Pagamento de quê? — perguntou La Fontaine no tom em que costumava perguntar: "Já lestes Baruc?”

— Aí está de novo o meu distraído — disse Gourville. — Como! pois se fostes tu quem nos contou que a propriedadezinha de Corbeil ia ser vendida por um credor do Sr. Fouquet; foste tu quem propôs que se cotizassem todos os amigos de Epicuro; foste tu quem nos declarou que venderias uma

parte de tua casa de Château-Thierry para fornecer o teu contingente, e vens dizer hoje: "O pagamento de quê?”

Uma gargalhada geral acolheu essas palavras e fez corar La Fontaine.

— Perdão, perdão — disse ele — é verdade, eu não tinha esquecido, não; mas é que...

— Mas é que já não te lembravas — acudiu Loret.

— Eis a verdade. Ele tem razão. Entre esquecer e não se lembrar há uma grande diferença.

— Então — sobreveio Pellisson — trouxeste o óbulo, preço da parte vendida?

— Vendida? Não.

— Não vendeste o terreno? — perguntou Gourville espantado, pois conhecia o desinteresse do poeta.

— Minha mulher não quis — respondeu este último. Novas gargalhadas.

— Entretanto, não fôste a Château-Thierry por causa disso? — perguntaram-lhe.

— Fui; e a cavalo.

— Pobre João!

— Oito cavalos diferentes: fiquei arrebentado.

— Excelente amigo!... E lá não descansaste?

— Descansei? Pois sim! Lá tive muitíssimo que fazer.

— Como?

— Minha mulher andara namorando o homem a quem eu queria vender o terreno. O homem desmanchou o negócio; eu o desafiei para um duelo.

— Muito bem! — acudiu o poeta — e vós vos batestes?

— Parece que não.

— Parece? Não tens certeza?

— Não; minha mulher e os parentes dela meteram-se na história. Fiquei, durante um quarto de hora, com a espada na mão: mas não fui ferido.

— E o adversário?

— O adversário também; ele não compareceu ao encontro marcado.

— É admirável! — exclamaram de todos os lados; — ficaste, naturalmente, com muita raiva?

— Muita; eu estava resfriado; voltei para casa e minha mulher brigou comigo.

— Sério?

— Sério. Ela me atirou um pão inteiro na cabeça, um pão enorme.

— E tu?

— Eu? Eu lhe atirei com a mesa toda sobre o corpo e sobre o corpo dos seus convidados; depois, tornei a cavalgar e eis-me aqui.

Ninguém conseguiu manter-se sério ante a exposição dessa heróice cômica. Quando o furacão de risos se abrandou:

— Foi só isso que trouxeste? — perguntaram a La Fontaine.

— Oh! não, tive uma idéia excelente.

— Dize.

— Ainda não observastes que se fazem em França muitas poesias jocosas?

— Naturalmente — replicou a assembléia.

— E que — prosseguiu La Fontaine — só se imprimem pouquíssimas?

— As leis são duras, é verdade.

— Pois bem, mercadoria rara é mercadoria cara, ponderei. Por isso mesmo abalancei-me a compor um poemeto extremamente licencioso.

— Oh! oh! querido poeta.
— Extremamente atrevido.
— Oh! oh!
— Extremamente cínico.
— Diabo! diabo!
— Nele incluí — continuou friamente o poeta — todos os termos galantes que encontrei.
Todos se contorciam de riso à proporção que o bravo poeta ia fazendo a propaganda da sua mercadoria.
— E diligenciei — prosseguiu ele — ultrapassar tudo o que Bocácio, o Aretino e outros mestres fizeram no gênero.
— Santo Deus! — bradou Pellisson; — o coitado irá para o inferno!
— Achas? — perguntou ingenuamente La Fontaine — juro que não fiz isso por mim, mas tão-somente pelo Sr. Fouquet.
Essa conclusão mirífica levou ao cúmulo a satisfação dos assistentes.
— E vendi a primeira edição desse opúsculo por oitocentas libras — exclamou La Fontaine esfregando as mãos. — Os livros de religião vendem-se pela metade.
— Melhor fora — acudiu Gourville a rir — fazer dois livros religiosos.
— É muito comprido e pouco divertido — replicou tranqüilamente La Fontaine; — as minhas oitocentas libras estão neste saquinho; ei-las.
E depôs, com efeito, a oferenda nas mãos do tesoureiro dos epicúrios.
Depois foi a vez de Loret, que deu cento e cinqüenta libras; os outros esvaziaram igualmente os bolsos. Feitas as contas, encontraram-se quarenta mil libras na escarcela.
Nunca ressoaram moedas mais generosas nas balanças divinas em que a caridade pesa os bons corações e as boas intenções contra as moedas falsas dos devotos hipócritas.
Retiniam ainda os escudos quando o superintendente entrou, ou melhor, surgiu sorrateiramente na sala. Ouvira tudo.
Viu-se aquele homem, que manejara tantos milhões, aquele rico que experimentara todos os prazeres e todas as honrarias, aquele coração imenso, aquele cérebro fecundo, que devorara, como dois ávidos cadinhos, a substância material e moral do primeiro reino do mundo, viu-se Fouquet transpor a soleira com os olhos rasos de água e mergulhar os dedos alvos e finos no ouro e na prata.
— Pobre esmola — disse ele com voz terna e comovida — desaparecerás na menor das pregas de minha bolsa vazia; — mas encheste até aos bordos o que nada esgotará jamais: o meu coração! Obrigado, meus amigos, obrigado!
E como não pudesse abraçar todos os que lá se encontravam e que também choravam um pouquinho, apesar da sua filosofia, abraçou La Fontaine, dizendo-lhe:
— Pobre rapaz que apanhou da mulher e foi condenado ao inferno por minha causa!
— Isso não é nada — respondeu o poeta; — se os vossos credores esperarem dois anos, farei mais cem contos, que, com duas edições cada um, pagarão a dívida.

Capítulo XLVI - La Fontaine negociador

FOUQUET apertou a mão de La Fontaine com encantadora efusão.

— Meu caro poeta — disse-lhe ele — fazei-nos mais cem contos, não só pelas oitenta pistolas que renderá cada um, mas também para enriquecer com cem obras-primas a nossa língua.

— Oh! oh! — tornou La Fontaine empavonando-se — não se pense que eu trouxe apenas essa idéia e essas oitenta pistolas ao senhor superintendente.

— Oh! — exclamaram, à uma, os circunstantes — o Sr. de La Fontaine está rico hoje.

— Bendita seja a idéia, se me traz um ou dois milhões — disse alegremente Fouquet.

— Precisamente — replicou La Fontaine.

— Depressa, depressa! — gritou a assembléia.

— Tomai tento — sussurrou Pellisson ao ouvido de La Fontaine — foste muito bem sucedido até agora, não atires a flecha além do alvo.

— Não, Pellisson, e tu que és um homem de bom gosto serás o primeiro a aprovar-me.

— Trata-se de milhões? — perguntou Gourville.

— Tenho aqui um milhão e meio de libras, Sr. Gourville. E bateu no peito.

— Ao diabo o gascão de Château-Thierry! — gritou Loret.

— Não era o bolso que se devia tocar — acudiu Fouquet — era a cabeça.

— Ouvi, senhor superintendente — ajuntou La Fontaine — não sois um procurador-geral, sois um poeta.

— É verdade! — exclamou Loret, Conrart e todos os literatos presentes.

— Sois, repito, um poeta, um pintor, um estatuário, um amigo das artes e das ciências; mas, confessai-o, não sois um magistrado.

— Confesso que não — replicou sorrindo o Sr. Fouquet.

— Se vos oferecessem um lugar na Academia, recusá-lo-íeis, não é verdade?

— Creio que sim, embora eu não queira ofender os acadêmicos.

— Pois bem, por que, não queres fazer parte da Academia, consentis em fazer parte do Parlamento?

— Oh, oh! — sobreveio Pellisson — tratamos de política?

— Pergunto — continuou La Fontaine — se a toga se ajusta ou não ao Sr. Fouquet.

— Não é da toga que se trata — revidou Pellisson, que os risos da assembléia contrariavam.

— Pelo contrário, é da toga, sim — volveu Loret.

— Tirai a toga do procurador-geral — acudiu Conrart — e teremos o Sr. Fouquet, do que não nos queixamos; mas como não há procurador-geral sem toga, declaramos, de acordo com o Sr. de La Fontaine, que a toga é por certo um espantalho.

— *Fugiunt risus leporesque* — sentenciou Loret.

— Os risos e as graças — emendou um sábio.

— Pois eu — voltou Pellisson gravemente — não é assim que traduzo *lepores*.

— E como o traduzes? — perguntou La Fontaine.

— Da seguinte maneira: "Fogem as lebres quando vêm o Sr. Fouquet".

Generalizaram-se as gargalhadas, de que participou também o superintendente.

— Por que as lebres? — objetou Conrart irritado.

— Porque lebre será aquele que não se regozijar vendo o Sr. Fouquet revestido dos atributos de sua força parlamentar.

— Oh! oh! — murmuraram os poetas.

— *Quo non ascendam* — disse Conrart — parece-me impossível com uma toga de procurador.

— E a mim, sem a toga — volveu o obstinado Pellisson. — Que te parece, Gourville?

— Parece-me que a toga é boa — replicou o interpelado; — mas parece-me também que um milhão e meio valem mais do que a toga.

— E eu sou da opinião de Gourville — exclamou Fouquet, decidindo a discussão com o seu parecer, que devia necessariamente dominar todos os outros.

— Um milhão e meio! — resmungou Pellisson; — por Deus! Conheço uma fábula indiana...

— Conta-ma — pediu La Fontaine; — devo conhecê-la também.

— Conta! conta!

— A tartaruga tinha uma casca — disse Pellisson; — quando os inimigos a ameaçavam, refugiava-se dentro dela. Um dia, alguém lhe disse: "Deveis sentir muito calor dentro dessa casa, e nunca podeis fazer gala de vossas graças. Aí está a cobra que vos dará um milhão e meio pela vossa escama".

— Bom! — atalhou o superintendente, a rir.

— E depois? — indagou La Fontaine, mais interessado pelo apólogo do que pela moral.

— A tartaruga vendeu a casca e ficou nua. Um abutre viu-a; estava com fome; arrebentou-lhe os rins com uma bicada e devorou-a.

— *O muthos déloi?...* — disse Conrart.

— Que o Sr. Fouquet fará bem de guardar a sua toga. La Fontaine levou a sério a moral.

— Esqueceste Ésquilo — disse ao adversário.

— Como?

— Ésquilo, o Calvo.

— Que é que tem ele?

— Ésquilo, cujo crânio, visto do alto, pareceu uma pedra a um abutre, provavelmente o teu abutre, grande amador de tartarugas. Resultado: o abutre jogou sobre esse crânio uma tartaruga encolhidinha dentro da sua casca.

— Oh! meu Deus! La Fontaine tem razão — tornou Fouquet, pensativo — todo abutre, quando tem vontade de comer tartarugas, sabe muito bem como partir-lhes a casca; felicíssimas são as tartarugas que encontram uma cobra capaz de dar-lhes um milhão e meio pela sua. Tragam-me aqui uma cobra generosa como a da vossa fábula, Pellisson, que eu lhe darei a minha casca.

— *Rara avis in terris!* — declarou Conrart.

— E semelhante a um cisne negro, não é verdade? — ajuntou La Fontaine. — Pois foi precisamente um pássaro todo preto e raríssimo que encontrei.

— Achastes um comprador para o meu cargo de procurador? — exclamou Fouquet.

— Achei, sim, senhor.

— Mas o senhor superintendente nunca disse que pretendia vendê-lo — tornou Pellisson.

— Perdão; vós mesmo falastes no assunto — acudiu Conrart.

— Eu sou testemunha — sobreveio Gourville.

— Ele se aferra aos belos discursos que me faz — disse, rindo, Fouquet. — Vejamos, La Fontaine, quem é o comprador?

— Um pássaro preto, um conselheiro do Parlamento, um bom homem.

— Que se chama?...

— Vanel.
— Vanel! — exclamou Fouquet. — Vanel! o marido de?...
— Precisamente; o marido dela, sim, senhor.
— E esse querido homem — perguntou Fouquet com interesse — quer ser procurador-geral?
— ele quer ser tudo o que sois, senhor — respondeu Gourville — e fazer exatamente o que fazeis.
— Mas isso é muito divertido: contai-nos a história, La Fontaine.
— É simples. Vejo-o de vez em quando. Há pouco o encontrei: ele estava passeando na praça da Bastilha, precisamente no instante em que eu ia tomar o carro de Saint-Mandé.
— Andava, com certeza, vigiando a mulher — interrompeu Loret.
— Oh! não, não — tornou simplesmente Fouquet; — ele não é ciumento.
— O homem, portanto, aproxima-se de mim, abraça-me, conduz-me à taberna da *Image-Saint-Fiacre,* e fala-me das suas penas.
— Ele tem penas?
— Tem: a mulher fá-lo ambicioso.
— E que te disse?...
— Que lhe falaram num cargo no Parlamento; que o nome do Sr. Fouquet foi pronunciado, e, a partir de então, a Sra. Vanel só pensa em chamar-se Sra. Procuradora-Geral, e desespera-se todas as noites em que não sonha com isso.
— Diabo!
— Pobre mulher! — disse Fouquet.
— Esperai, Conrart vive a dizer-me que não sei fazer negócios: vereis como tratei deste.
— Vamos a ver.
— Sabeis — disse eu a Vanel, que um cargo como o do Sr. Fouquet é caro? — Quanto, mais ou menos? perguntou ele. — O Sr. Fouquet já rejeitou um milhão e setecentas mil libras. — Minha mulher, voltou Vanel, calculou o preço em um milhão e quatrocentas mil, mais ou menos. — À vista? indaguei. — À vista; ela vendeu uma propriedade na Guiana e já recebeu o dinheiro.”
— É uma bonita soma para receber-se de uma vez — atalhou, sentencioso, o abade Fouquet, que ainda não abrira a boca.
— Pobre Sra. Vanel! — murmurou Fouquet.
Pellisson deu de ombros.
— Um demônio? — disse baixinho ao ouvido de Fouquet.
— Precisamente!... Seria delicioso empregar o dinheiro desse demónio para reparar o mal que sofreu um anjo por minha causa.
Pellisson considerou com ar de surpresa Fouquet, cujos pensamentos, a partir desse instante, se fixavam em outro alvo.
— E então — perguntou La Fontaine — a minha negociação?
— Admirável, caro poeta.
— Sim — disse Gourville; — mas há quem se gabe de desejar possuir um cavalo e não tem sequer o suficiente para pagar as rédeas.
— O tal Vanel tiraria o corpo se o pegassem na palavra — acudiu o Abade Fouquet.
— Não creio — tornou La Fontaine.
— Por quê?
— Porque não; ignorais o fim da minha história.
— Ah! se há um fim, porque parar no caminho?
— *Semper ad adventum,* não é isso? — atalhou Fouquet com a expressão de um grande fidalgo

que se perde entre barbarismos.

Os latinistas bateram palmas.

— O meu fim — exclamou La Fontaine — é que Vanel, pássaro tenaz, sabedor de que eu vinha a Saint-Mandé, suplicou-me que o trouxesse.

— Oh! oh!

— E, se fosse possível, o apresentasse a monsenhor.

— De sorte quê?...

— De sorte que ele está lá embaixo, no gramado do Bel-Air.

— Como um escaravelho.

— Dizes isso, Gourville, por causa dos chifres. A piada é de mau gosto.

— E então, Sr. Fouquet?

— Então, não convém que o marido da Sra. Vanel se resfrie à minha porta; mandai-o chamar, La Fontaine, visto que sabeis onde ele está.

— Eu mesmo vou.

— E eu te acompanho — acudiu o Abade Fouquet; — trarei os sacos de dinheiro.

— Nada de gracejos — atalhou severamente Fouquet; — o negócio deve ser sério, se é que há nisso algum negócio. Em primeiro lugar, sejamos hospitaleiros. Apresentai as minhas desculpas, La Fontaine, a esse bom homem e dizei-lhe que estou desesperado por tê-lo feito esperar, mas eu não sabia que ele estava aqui.

Já partira La Fontaine. Felizmente, Gourville o acompanhava; pois, absorto em seus algarismos, o poeta errara o caminho e corria para Saint-Maur.

Um quarto de hora depois, o Sr. Vanel foi introduzido no gabinete do superintendente, o mesmo gabinete que descrevemos no princípio desta história. Vendo-o entrar, Fouquet chamou Pellisson e disse-lhe qualquer coisa ao ouvido.

— Lembrai-vos bem disto — disse-lhe: — toda a prataria, toda a baixela, todas as jóias devem ser colocadas no carro. Levareis os cavalos pretos; o ourives virá convosco; adiareis a ceia até à chegada da Sra. de Bellière.

— E não será preciso preveni-la também? — perguntou Pellisson.

— Não, disso me encarrego eu.

— Muito bem.

— Ide, meu amigo.

Pellisson partiu, sem adivinhar a vontade que o dirigia, mas confiando nela como todos os verdadeiros amigos. Nisso reside a força das almas de eleição. A desconfiança só foi feita para as naturezas inferiores.

Inclinou-se, portanto, Vanel diante do superintendente. Ia começar uma arenga.

— Sentai-vos, senhor — principiou cortesmente Fouquet. — Parece-me que desejais comprar o meu cargo?

— Monsenhor...

— Quanto podeis pagar?

— A vós, monsenhor, compete fixar o preço. Sei que já recebestes ofertas.

— Disseram-me que a Sra. Vanel o avalia em um milhão e quatrocentos mil libras.

— É tudo o que possuímos.

— Podeis entregar o dinheiro já?

— Não o tenho comigo — tornou ingenuamente Vanel, apatetado por aquela simplicidade, aquela grandeza onde esperava encontrar lutas, artimanhas, marchas e contramarchas.

— Quando o tereis?
— Quando vos aprouver, monsenhor.
E tremia ao pensar que Fouquet estivesse brincando com ele.
— Se não fosse o trabalho de voltar a Paris, eu diria imediatamente.
— Oh! monsenhor...
— Mas — interrompeu o superintendente — marquemos o pagamento e a assinatura para amanhã cedo.
— Seja — assentiu Vanel gelado, bestificado.
— Às seis horas — ajuntou Fouquet.
— Às seis horas — repetiu Vanel.
— Adeus, Sr. Vanel! Dizei à Sra. Vanel que lhe beijo as mãos. E Fouquet levantou-se.
Nesse momento, Vanel, que já principiava a desesperar-se e a perder a cabeça:
— Monsenhor, monsenhor — perguntou em tom sério — dais-me a vossa palavra?
Fouquet virou a cabeça.
— Naturalmente! — respondeu ele; — e vós?
Vanel hesitou, estremeceu, e acabou estendendo timidamente a destra. Fouquet abriu e estendeu nobremente a sua, que se impregnou por um segundo da umidade de uma mão hipócrita; Vanel apertou os dedos de Fouquet para convencer-se melhor.
O superintendente afastou-se com delicadeza.
— Adeus! — disse ele.
Vanel correu de costas para a porta, precipitou-se nos vestíbulos e escafedeu-se.

Capítulo XLVII - A baixela e os brilhantes da Sra. de Bellière

ASSIM que Fouquet dispensou Vanel, entrou a refletir.

— Tudo o que fizemos será pouco pela mulher que amamos — disse consigo só. — Margarida quer ser procuradora; por que não lhe daremos esse prazer? Agora que a consciência mais escrupulosa não poderia censurar-me coisa alguma, pensemos na mulher que me ama. A Sra. de Bellière deve de estar ali.

E indicou com o dedo a porta secreta.

Depois de fechar o gabinete, abriu o corredor subterrâneo e dirigiu-se, rápido, para a comunicação estabelecida entre a casa de Vincennes e a sua.

Esquecera-lhe avisar a amiga com a campainha, certo de que ela nunca faltava a um encontro marcado.

Com efeito, a marquesa chegara. Estava esperando. O ruído que fez o superintendente preveniu-a; correu para receber, por baixo da porta, o bilhete que lhe passava.

"Vinde, marquesa; sois esperada para a ceia."

Feliz e ativa, a Sra. de Bellière tomou o carro na avenida de Vincennes e foi estender a mão a Gourville, que, para melhor agradar ao amo, aguardava a sua chegada no pátio.

Ela não vira entrar, fumegantes, deitando escuma pela boca, os cavalos pretos de Fouquet, que traziam de volta a Saint-Mandé Pellisson e o próprio ourives a quem a Sra. de Bellière vendera a baixela e as jóias.

Pellisson conduziu o homem ao gabinete do amo.

O superintendente agradeceu ao ourives o obséquio de lhe haver guardado aquelas riquezas, que ele tinha o direito de vender. Relançou a vista ao total das contas, que se elevava a um milhão e trezentas mil libras.

Depois, instalando-se diante da escrivaninha, redigiu uma ordem de pagamento de um milhão e quatrocentas mil libras, pagáveis à vista em sua caixa, até ao meio-dia do dia seguinte.

— Cem mil libras de lucro! — exclamou o ourives.

— Ah! monsenhor, quanta generosidade!

— Não, não, senhor — disse Fouquet tocando-lhe no ombro — há delicadezas que nunca se pagam.

O lucro é, mais ou menos, o que teríeis alcançado; restam, porém, os juros do vosso dinheiro.

Dizendo essas palavras, arrancou da manga um botão de brilhantes que o mesmo ourives já apreçara muitas vezes em três mil pistolas.

— Guardai-o como lembrança minha — disse ele — e adeus; sois um homem honesto.

— E vós — exclamou o ourives profundamente comovido — vós, monsenhor, sois um grande fidalgo.

Fouquet fez passar o digno ourives por uma porta disfarçada; em seguida, foi receber a Sra. de Bellière, já cercada de todos os convidados.

A marquesa era sempre bela; nesse dia, porém, resplandecia.

— Não achais, senhores — perguntou Fouquet — que a Sra. de Bellière está lindíssima esta noite? Sabeis por quê?

— Porque é a mais formosa das mulheres — respondeu alguém.

— Não; mas porque é a melhor de todas.

Entretanto...

— Entretanto? — acudiu, sorrindo, a marquesa.

— Entretanto, todas as jóias que traz esta noite são falsas. Ela corou.

— Oh! oh! — exclamaram todos os convivas; — isso se pode dizer sem temor de uma mulher que possui os mais lindos brilhantes de Paris.

— E então? — perguntou baixinho Fouquet a Pellisson.

— Afinal compreendi — replicou este último — e acho que fizestes bem.

— Felizmente — tornou, a sorrir, o superintendente.

— Monsenhor está servido — anunciou, majestoso, Vatel.

A torrente de convivas precipitou-se com menos lentidão que a habitual nas festas ministeriais para a sala de jantar, onde os esperava magnífico espetáculo.

Sobre os aparadores, sobre os trinchantes, sobre a mesa, entre flores e luzes, refulgia a baixela de ouro e de prata mais rica que se poderia encontrar; era um resto das velhas magnificências que os artistas florentinos, trazidos pelos Médicis, haviam esculpido, cinzelado, lavrado para as mesas de flores, no tempo em que havia ouro em França; essas maravilhas escondidas, enterradas durante as guerras civis, haviam reaparecido timidamente nas intermitências daquela guerra de bom gosto que se chamou a Fronda, quando os fidalgos, pelejando com fidalgos, matavam-se, mas não se saqueavam uns aos outros. Em todas as peças se viam gravadas as armas da Sra. de Bellière.

— Vede! — exclamou La Fontaine — um P. e um B.

O mais curioso, todavia, era o talher da marquesa, no lugar que lhe designara Fouquet; erguia-se diante dela uma pirâmide de brilhantes, safiras, esmeraldas, camafeus antigos; a sardónica burilada pelos velhos gregos da Ásia Menor com engastes de ouro da Mísia, os curiosos mosaicos da Velha Alexandria montados em prata, os braceletes maciços do Egito de Cleópatra enchiam uma travessa, enorme de Palissy, sustentada por um tripé de bronze dourado, esculpido por Benvenuto.

Empalideceu a marquesa ao ver o que nunca mais esperava encontrar. Profundo silêncio, precursor de violentas comoções, reinava na sala entorpecida e inquieta.

Fouquet não fez sequer um sinal para afastar a chusma de lacaios apassamanados que corriam, como abelhas ativas, à volta dos vastos bufetes e das mesas de serviço.

— Senhores — disse ele — a baixela que vedes pertencia à Sra. de Bellière, que, um dia, ao ver em dificuldades um amigo, mandou todo esse ouro e toda essa prata à casa de um ourives com esse montão de jóias que se ergue diante dela.

Tão formoso gesto de uma amiga havia de ser compreendido por amigos como vós. Feliz o homem que se vê amado assim! Brindemos à saúde da Sra. de Bellière.

— Buvons, messieurs, à la santé de madame de Bellières.

Imensa aclamação cobriu-lhe as palavras e fez cair, muda e inanimada, ha cadeira, a pobre mulher, que acabava de perder os sentidos, como os pássaros da Grécia que cruzavam o céu sobre a arena em Olímpia.

— E depois — acrescentou Pellisson, que todas as virtudes comoviam, que todas as belezas encantavam — brindemos também à saúde do inspirador de tão belo gesto; pois um homem assim há de fazer jus ao amor.

Foi a vez da marquesa. Ergueu-se, pálida e sorridente, estendeu o copo com mão trêmula, roçando com os dedos frementes os dedos de Fouquet, ao passo que os olhos moribundos iam buscar ainda o amor que ardia naquele generoso coração.

Iniciada desse modo heróico, a ceia logo se converteu em festa; ninguém mais se preocupou em ter espírito e este a ninguém fez míngua.

La Fontaine esqueceu o vinho de Gorgny, e permitiu a Vatel que o reconciliasse com os vinhos do Ródano e os da Espanha. O Abade Fouquet ficou tão bonzinho, que Gourville lhe disse:

— Cuidado, senhor abade! A continuardes assim, acabareis comido pelos outros.

Dessarte se escoaram as horas, alegres, despejando rosas sobre os convivas. Contra o seu hábito, o superintendente só deixou a mesa após a última sobremesa.

Sorria para quase todos os amigos, bêbedo como alguém cujo coração se embriagasse antes da cabeça, e, pela primeira vez, consultou o relógio.

A súbitas, um carro entrou no pátio, e, por estranho que o pareça, foi ouvido apesar do barulho e das canções.

Fouquet prestou atenção e dirigiu os olhos para a antecâmara. Parecia-lhe ouvir um passo, e esse passo, em vez de pisar o pavimento, pisava-lhe o coração.

Instintivamente afastou o pé em que se apoiava o pé da Sra. de Bellière havia duas horas.

— Monsenhor d'Herblay, Bispo de Vannes — anunciou o porteiro.

E a figura sombria e pensativa de Aramis assomou ao limiar, entre os destroços de duas grinaldas, cujos laços acabava de romper a chama de uma vela.

Capítulo XLVIII - O recibo do Sr. de Mazarino

FOUQUET teria desferido um grito de alegria ao avistar um novo amigo, se a expressão de gelo e o olhar distraído de Aramis não lhe tivessem devolvido a seriedade.

— Viestes ajudar-nos a comer a sobremesa? — perguntou ele, apesar de tudo; — não vos assustará um pouco o barulho que fazem as nossas loucuras?

— Monsenhor — replicou, respeitoso, Aramis — começarei pedindo-vos desculpas por haver perturbado a vossa alegre reunião; em seguida pedirei que, terminada a ceia, me concedais uma rápida audiência para tratarmos de negócios.

Como a palavra *negócios* houvesse despertado a atenção de alguns epicúrios, Fouquet se levantou.

— Sempre os negócios, Sr. d'Herblay — disse ele; — felizes somos nós quando os negócios só chegam ao cabo de uma refeição.

E, dizendo isso, pegou na mão da Sra. de Bellière, que o considerava com certa inquietude, e conduziu-a ao salão pegado, depois de havê-la entregue aos cuidados dos mais sensatos dentre os circunstantes.

Em seguida, travando do braço de Aramis, dirigiu-se para o gabinete.

Lá chegado, esqueceu-se Aramis do respeito que lhe impunha a etiqueta. Sentou-se.

— Adivinhai — disse ele — quem encontrei esta noite.

— Meu caro cavaleiro, todas as vezes que começais dessa maneira, tenho certeza de ouvir alguma notícia desagradável.

— Pois desta feita ainda não vos tereis enganado, meu caro amigo — retrucou Aramis.

— Não me tortureis a paciência — ajuntou, fleumático, Fouquet.

— Pois bem, vi a Sra. de Chevreuse.

— A velha duquesa?

— Sim.

— Ou a sombra dela?

— Não. Uma velha loba.

— Sem dentes?

— É possível, mas não sem garras.

— Muito bem, mas por que teria ela raiva de mim? Não sou avaro com as mulheres que não se metem a puritanas. E essa é uma qualidade apreciada sempre, até pelas damas que já renunciaram ao amor.

— A Sra. de Chevreuse sabe muito bem que não sois avaro, visto que ela quer tirar-vos dinheiro.

— Bom! Com que pretexto?

— Ah! os pretextos é que nunca lhe escasseiam. Eis o dela.

— Estou ouvindo.

— Parece que a duquesa possui diversas cartas do Sr. de Mazarino.

— Isso não me espanta: o cardeal era galante.

— Sim; mas essas cartas não teriam relação alguma com os amores do cardeal. Tratam de finanças.

— O que é menos interessante.

— Não adivinhais o que vou dizer?

— Absolutamente.

— Não teríeis ouvido falar numa acusação de desvio de fundos?

— Cem vezes! Mil vezes! Depois que me meti em negócios, meu caro d'Herblay, nunca mais ouvi falar de outra coisa. É o vosso caso, bispo, quando vos censuram a impiedade; mosqueteiro, quando vos tacham de poltrão; o que se reprocha perpetuamente ao ministro das finanças é roubá-las.

— Bem; mas precisemos, desde que o Sr. de Mazarino precisa, segundo diz a duquesa.

— Vejamos o que ele precisa.

— Cerca de treze milhões, cujo emprego vós não poderíeis precisar.

— Treze milhões! — repetiu o superintendente refestelando-se na poltrona para contemplar melhor o teto. — Treze milhões! Ah! diabo!... preciso procurá-los entre todos aqueles que me acusam de haver roubado.

— Não zombeis, meu caro senhor, que o caso é grave. O certo é que a duquesa possui as cartas e elas devem ser boas, visto que as queria vender por quinhentas mil libras.

— Pode-se arrumar uma linda caluniazinha por esse preço — respondeu Fouquet. — Ah! mas agora já sei o de que se trata.

E o superintendente casquinou uma gargalhada.

— Tanto melhor! — observou Aramis, não muito tranqüilizado.

— Estou-me lembrando da história dos treze milhões. É isso mesmo! Já me recordo.

— Estimo muito. Vamos a ver.

— Imaginai, meu caro, que o *signor* Mazarino, que Deus haja, obteve, um dia, esse lucro de treze milhões numa concessão de terras em litígio na Valtelina; riscou-os do registro das receitas, mandou-mos, e fez-me devolver-lhos como verba de guerra.

— Bem. O destino então se justifica.

— Não; o cardeal registrou-os em meu nome e deu-me um recibo.

— Tendes o recibo.

— Claro! — respondeu Fouquet levantando-se plácidamente e aproximando-se das gavetas da sua vasta secretária de ébano incrustada de nácar e de ouro.

— O que admiro em vós — acudiu Aramis, encantado — é primeiro a vossa memória, depois o vosso sangue frio e, finalmente, a ordem perfeita que reina em vossa administração, embora sejais o poeta por excelência.

— Sim — conveio Fouquet — tenho ordem por espírito de preguiça, para não precisar procurar.

Dessarte, sei que o recibo de Mazarino está na terceira gaveta, letra M; abro a gaveta, e ponho imediatamente a mão no papel que estou procurando. Até de noite, sem luz, eu seria capaz de encontrá-lo.

E apalpou com mão segura o maço de papéis empilhados na gaveta aberta.

— Digo mais — continuou ele — lembro-me desse papel como se o estivesse vendo; é grosso, meio áspero, dourado nas pontas; Mazarino tinha feito um borrão de tinta nos algarismos da data. Muito bem — ajuntou — sabendo que é procurado e necessário, o papel se revolta e esconde.

E o superintendente examinou a gaveta.

Erguera-se Aramis.

— É estranho — disse Fouquet.

— A memória enganou-vos, meu caro senhor; procurai em outro maço.

Fouquet pegou nos papéis e percorreu-os de novo; depois empalideceu.

— Não vos obstineis — insistiu Aramis; — procurai em outro maço.

— É inútil, inútil; nunca cometi um erro; só eu mexo nesses papéis; ninguém mais abre esta gaveta, para a qual, como vedes, mandei fazer um segredo, que só eu conheço.

— Que concluís daí? — perguntou Aramis agitado.

— Que me roubaram o recibo de Mazarino. A Sra. de Chevreuse tinha razão, cavaleiro; desviei o dinheiro público; roubei treze milhões dos cofres do Estado; sou um ladrão, Sr. d'Herblay.

— Senhor! senhor! não vos irriteis, não vos exalteis!

— Por que não me exaltarei, cavaleiro? Motivos não faltam. Um bom processo, um bom julgamento, e vosso amigo, o senhor superintendente, acompanhará a Montfaucon o seu colega Enguerrand e Marigny e o seu predecessor Samblançay.

— Oh! — acudiu, sorrindo, Aramis — mais devagar!

— Mais devagar, como? Que imaginais que a Sra. de Chevreuse tenha feito dessas cartas? Pois vós, naturalmente, lhe recusastes o dinheiro?

— Recusei, naturalmente. Imagino que ela terá ido vendê-las ao Sr. Colbert.

— E então, estais vendo?

— Eu disse que imaginava, mas posso dizer que tenho certeza; pois mandei-a seguir, e, ao sair de minha casa, ela voltou para a dela, de onde saiu, pouco depois, por uma porta dos fundos e dirigiu-se à casa do intendente, na Rua Croix-des-Petits-Champs.

— Resultado: processo, escândalo e desonra, tudo caindo como cai um raio, cega, brutal, implacavelmente.

Acercou-se Aramis de Fouquet, que fremia na poltrona, perto das gavetas abertas; colocou-lhe a mão no ombro e disse-lhe, afetuoso:

— Nunca vos esqueça que a situação do Sr. Fouquet não pode comparar-se à de Samblançay nem à de Marigny.

— Por que, meu Deus?

— Porque o processo desses ministros se fez sem tropeços e a sentença foi executada; ao passo que, no vosso caso, isso não pode acontecer.

— Homessa! Por quê? Em todos os tempos o concussionário sempre foi criminoso.

— Os criminosos que sabem encontrar asilo nunca estão em perigo.

— Deverei fugir?

— Não estou falando nisso; esqueceis que esses processos são avocados pelo Parlamento, instruídos pelo procurador-geral, e que sois vós o procurador-geral. Como vedes, só sereis condenado se vós mesmo vos condenardes.

— Oh! — exclamou de repente Fouquet percutindo a mesa com o punho.

— Que foi? Que aconteceu?

— Aconteceu que já não sou procurador-geral.

Aramis, por seu turno, empalideceu tanto que ficou lívido; apertou os dedos, que estalaram, e, com expressão selvagem, que fulminou Fouquet:

— Já não sois procurador-geral? — perguntou, escandindo as sílabas.

— Não.

— Desde quando?

— Desde há umas quatro ou cinco horas.

— Cuidado — atalhou friamente Aramis — creio que não estais na posse de vossas faculdades, meu amigo; dominai-vos.

— Digo-vos — redarguiu Fouquet — que, há pouco, uma pessoa, da parte de meus amigos, veio oferecer-me um milhão e quatrocentas mil libras pelo meu cargo e eu vendi-o.

Aramis ficou atônito; o seu rosto inteligente e escarninho assumiu uma expressão de pavor sombrio, que impressionou muito mais o superintendente do que todos os gritos e discursos do

mundo.
— Tínheis tanta precisão de dinheiro? — inquiriu por fim.
— Tinha, para pagar uma dívida de honra.
E referiu abreviadamente a Aramis a generosidade da Sra. de Bellière e o modo por que julgara dever pagá-la.
— Eis um belo gesto — volveu Aramis. — E quanto vos custa?
— Exatamente o milhão e as quatrocentas mil libras do meu cargo.
— Que recebestes assim, de repente, sem refletir? Imprudente amigo!
— Não os recebi; devo recebê-lo amanhã.
— O negócio não está concluído?
— É preciso que o esteja, pois já dei ao ourives uma ordem de pagamento que se vence amanhã, ao meio-dia, em minha caixa, onde entrará o dinheiro do comprador entre seis e sete horas.
— Deus seja louvado! — exclamou Aramis batendo palmas — nada está concluído, visto que ainda não recebestes o dinheiro.
— E o ourives?
— Eu vos darei o milhão e quatrocentas mil libras amanhã, às onze e quarenta e cinco.
— Um momento, um momento! Amanhã cedo, às seis horas, assinarei o contrato de venda.
— Garanto que não o assinareis.
— Dei a minha palavra, cavaleiro.
— Tornareis a retirá-la.
— Que me estais dizendo? — bradou Fouquet em tom profundamente leal. — Retirar eu a palavra dada quando me chamo Fouquet!
Aramis respondeu ao olhar quase severo do ministro por um olhar colérico.
— Senhor — disse ele — creio merecer que me chamem um homem honesto, não é verdade?
Sob a farda do soldado, arrisquei cem vezes a vida; sob a sotaina do padre, prestei serviços maiores ainda a Deus, ao Estado e aos meus amigos. Uma palavra vale o que vale o homem que a dá. Sustentada, é ouro puro; retirada, é lâmina aguçada. Ele defende-se com ela como se fosse uma arma de honra, visto que, se a retira, é porque está em perigo de morte, é porque corre perigos maiores do que os benefícios que espera o seu adversário. Nesse momento, senhor, apelamos para Deus e para o nosso direito.
Fouquet abaixou a cabeça.
— Sou — disse ele — um pobre bretão cabeçudo e vulgar; o meu espírito admira e teme o vosso. Não digo que sustento a minha palavra por virtude; sustento-a, se quiserdes, por uma questão de rotina; mas, afinal, o comum dos homens é tão ingênuo que admira essa rotina; é a minha única virtude, deixai-me as honras dela.
— Assinareis, então, amanhã, a venda desse cargo, que vos defendia contra todos os inimigos?
— Assinarei.
— Entregar-vos-eis a eles de pés e punhos atados por uma falsa aparência de honra, que desdenhariam os mais escrupulosos casuístas?
Despediu Aramis um suspiro profundo e relanceou os olhos à sua volta com a impaciência de um homem que quisesse estraçalhar alguma coisa.
— Temos ainda um meio — disse ele — e espero que não vos recusareis a empregá-lo.
— Decerto que não, se o meio fôr leal... como tudo o que propondes, caro amigo.
— Não sei de nada mais leal do que uma desistência do comprador. É amigo vosso?
— É... Mas...

— M a s... se me deixardes tratar do caso, não desespero.
— Tendes inteira liberdade.
— Com quem tratastes? Que homem é esse?
— Conheceis o Parlamento?
— Quase todo. Algum presidente?
— Não; um simples conselheiro.
— Ah! ah!
— Que se chama Vanel. Aramis corou violentamente.
— Vanel! — exclamou, erguendo-se; — Vanel! O marido de Margarida Vanel?
— Precisamente.
— De vossa antiga amante?
— Sim, meu caro; ela quer ser Procuradora-Geral. Eu bem que devia esse obséquio ao pobre Vanel, e ainda saio lucrando, pois satisfaço um desejo da mulher dele.
Aramis foi diretamente aonde estava Fouquet e tomou-lhe a mão.
— Conheceis — perguntou com sangue frio — o nome do novo amante da Sra. Vanel?
— Ah! ela arranjou outro amante? Eu não sabia; não, palavra que não sei como se chama.
— Chama-se João Batista Colbert; é intendente das finanças; mora à Rua Croix-des-Petits-Champs, aonde foi esta noite a Sra. de Chevreuse levar as cartas de Mazarino, que pretendia vender.
— Meu Deus! — murmurou Fouquet, enxugando a testa empapada de suor. — Meu Deus!
— Começais a compreender, não é verdade?
— Que estou perdido, sim.
— E não achais que vale a pena sustentar um pouco menos do que Régulo a vossa palavra?
— Não — retrucou Fouquet.
— As pessoas cabeçudas — murmurou Aramis — sempre conseguem fazer que a gente as admire.
Fouquet estendeu-lhe a mão.
Nesse momento, um rico relógio de tartaruga, com números de ouro, colocado sobre um consolo diante da lareira, bateu as seis horas da manhã.
Uma porta rangeu no vestíbulo.
— O Sr. Vanel — anunciou Gourville à entrada do gabinete — está perguntando se monsenhor pode recebê-lo.
Fouquet desviou os olhos dos olhos de Aramis e respondeu:
— Fazei entrar o Sr. Vanel.

Capítulo XLIX - O minuto do Sr. Colbert

ENTRANDO a essa altura da conversação, Vanel não era mais para Fouquet e Aramis do que o ponto que remata uma frase.

Mas, para o recém-chegado Vanel, a presença de Aramis no gabinete de Fouquet devia de ter uma significação bem diversa.

Daí que o comprador, ao dar o primeiro passo, fitasse na fisionomia, tão inteligente e tão firme do Bispo de Vannes, um olhar espantado que logo se tornou perscrutador.

Quanto a Fouquet, político perfeito, isto é, senhor de si mesmo, já conseguira, pela força de sua vontade, arrancar do próprio rosto os vestígios da comoção que lhe causara a revelação de Aramis.

Já não era um homem abatido pela desgraça e reduzido a expedientes; reerguera a cabeça e estendera a mão para receber Vanel.

Era o primeiro ministro e estava em sua casa.

Aramis conhecia o superintendente. A delicadeza do seu coração e a largueza do seu espírito nada tinham que pudesse surpreendê-lo. Limitou-se, portanto, momentaneamente, enquanto esperava o ensejo de entrar na conversa, ao papel difícil do homem que olha e escuta para aprender e compreender.

Era visível a comoção de Vanel. Adiantou-se até ao centro do gabinete, cumprimentando a tudo e a todos.

— Venho... — disse ele. Fouquet fez um sinal com a cabeça.

— Sois pontual, Sr. Vanel — disse ele.

— Em negócios, monsenhor — respondeu Vanel — tenho que a pontualidade é virtude.

— Sim, senhor.

— Perdão — interrompeu Aramis, apontando o dedo para Vanel e dirigindo-se a Fouquet; — perdão, é este o senhor que veio comprar um cargo, não é?

— Sou eu — respondeu Vanel espantado pelo tom com que Aramis formulara a pergunta. — Mas como devo chamar a quem me faz a honra de...

— Chamai-me monsenhor — respondeu secamente Aramis. Inclinou-se Vanel.

— Vamos, vamos, senhores — atalhou Fouquet — deixemo-nos de cerimônias; vamos aos fatos.

— Estou esperando as vossas ordens, monsenhor — disse Vanel.

— Era eu, pelo contrário, quem estava esperando — respondeu Fouquet.

— O que, monsenhor?

— Supus que tivésseis, talvez, qualquer coisa para dizer-me.

— Oh! oh! — murmurou Vanel entre si — ele refletiu, estou perdido!

Mas, recobrando alento:

— Não, monsenhor, nada mais do que já vos disse ontem e que estou pronto para repetir.

— Vejamos, sede franco, Sr. Vanel: não será o negócio um tanto pesado para vós?

— Sem dúvida, monsenhor, um milhão e quatrocentas mil libras são uma quantia respeitável.

— Tão respeitável — continuou Fouquet — que refleti...

— Refletistes, monsenhor? — exclamou com vivacidade Vanel.

— Que talvez não estejais ainda em condições de comprar.

— Oh! monsenhor...

— Tranqüilizai-vos, Sr. Vanel, não vos censurarei se faltardes à vossa palavra, conseqüência

manifesta da insuficiência de vossos recursos.

— Censuraríeis, sim, monsenhor, e teríeis muitíssima razão — tornou Vanel; — pois só um imprudente ou um louco assume compromissos que não pode saldar; sempre considerei concluídas as coisas combinadas.

Fouquet purpureou-se. Aramis emitiu um *hum!* de impaciência.

— Cumpre, todavia, não exagerar essas idéias — voltou o superintendente; — pois o espírito humano é vário e cheio de caprichozinhos muito escusáveis e, ás vezes, até muito respeitáveis; e, não raro, o que ontem desejou, hoje se arrepende.

Sentiu Vanel um suor frio escorrer-lhe pelas faces.

— Monsenhor!... — balbuciou.

Quanto a Aramis, folgando de ver o superintendente assumir com tanta clareza a sua posição nos debates, apoiou-se ao mármore de um consolo e começou a brincar com uma faquinha de ouro com cabo de malaquita.

Fouquet não se apressou; e, após um momento de silêncio:

— Ouvi, meu caro Sr. Vanel — disse ele — vou explicar-vos a situação.

Vanel estremeceu.

— Sois um homem de bem — continuou Fouquet — e, como eu, havereis de compreender.

Vanel vacilou.

— Ontem, eu queria vender.

— Não quisestes apenas vender, monsenhor, ontem, vendestes.

— Pois bem, seja! Mas hoje vos peço o favor de restituir-me a palavra que vos dei.

— Mas essa palavra já é minha — tornou Vanel, como um eco inflexível.

— Eu sei. Por isso mesmo eu vos suplico, Sr. Vanel, entendestes? suplico-vos que ma restituais...

Deteve-se Fouquet. A expressão *eu vos suplico,* cujo efeito imediato não percebia rasgara-lhe a garganta ao passar.

Brincando sempre com a faca, fitava Aramis em Vanel um olhar que parecia querer penetrar-lhe até ao fundo da alma. Vanel inclinou-se.

— Monsenhor — disse ele — comove-me profundamente a honra que me fazeis consultando-me sobre um fato consumado; mas...

— Não digais *mas,* caro Sr. Vanel.

— Ai! monsenhor, pensai bem: eu trouxe o dinheiro, isto é, a importância.

E abriu a pasta volumosa.

— Vede, monsenhor -— disse ele — eis aqui o contrato de venda de uma propriedade de minha mulher, que acabo de realizar. A ordem de pagamento está pronta, revestida de todas as assinaturas necessárias, resgatável à vista; é dinheiro em caixa; em resumo, o negócio está feito.

— Meu caro Sr. Vanel, não há negócio neste mundo, por importante que seja, que se não possa cancelar para obsequiar...

— Naturalmente... — murmurou Vanel, sem jeito.

— Para obsequiar um homem cuja amizade assim se obtém — continuou Fouquet.

— Naturalmente, monsenhor.

— Amizade tanto mais legítima, senhor, quanto mais considerável tiver sido o serviço prestado. E então, senhor, que resolveis?

Vanel continuou em silêncio.

Durante esse tempo, resumira Aramis as suas observações.

O rosto estreito de Vanel, as órbitas encovadas, as sobrancelhas curvas como arcadas, haviam

revelado ao Bispo de Vannes um tipo de avaro e de ambicioso. Vencer uma paixão por meio de outra, tal era o método de Aramis. Viu Fouquet vencido, desmoralizado; atirou-se à luta com armas novas.

— Perdão, monsenhor — disse ele; — esquecestes, porém, de mostrar ao Sr. Vanel que os seus interesses são diametralmente opostos à desistência do negócio.

Vanel considerou o bispo com espanto; não esperava encontrar ele um auxiliar. Fouquet também se deteve para ouvi-lo.

— Assim — prosseguiu Aramis — para comprar o vosso cargo, o Sr. Vanel vendeu uma propriedade da senhora sua esposa; pois bem, isso é um negócio; ora, ninguém pode realizar uma operação dessa ordem sem sofrer perdas notáveis, sem encontrar graves dificuldades.

— É verdade — confirmou Vanel, de cujo coração arrancava Aramis a verdade com os seus olhares luminosos.

— As dificuldades — continuou Aramis — redundam em despesas, e, quando se faz uma despesa de dinheiro, esta encabeça a lista dos encargos.

— Sim, sim — disse Fouquet — que principiava a compreender as intenções de Aramis.

Vanel continuou mudo: compreendera. Aramis notou-lhe a frieza e a abstenção.

"Bom!", disse consigo só; fazes de discreto, feiúra, porque não conheces a soma; mas, não temas, vou despejar-te tamanha saraivada de escudos, que acabarás capitulando.

— Devemos oferecer imediatamente ao Sr. Vanel cem mil escudos — acudiu Fouquet, arrebatado pela sua generosidade.

Era bela a soma. Um príncipe se teria contentado com tamanho ágio. Cem mil escudos, nessa época, eram o dote da filha de um rei.

Vanel não se mexeu.

"É um sacripanta", pensou o bispo; "quer as quinhentas mil libras redondinhas". E fez um sinal a Fouquet.

— Pareceis haver gasto mais do que isso, caro Sr. Vanel — disse o superintendente. — Oh! o dinheiro não tem preço. Sim, tereis feito um sacrifício para vender a propriedade. Onde estaria eu com a cabeça? É uma ordem de quinhentas mil libras que vou assinar-vos. E ainda assim vos ficarei muitíssimo obrigado.

Não passou pelo rosto de Vanel um brilho sequer de alegria ou de desejo. A sua fisionomia continuou impassível e nem um músculo de seu rosto se mexeu.

Aramis dirigiu um olhar desesperado a Fouquet.

Em seguida, adiantando-se para Vanel, agarrou-o pela parte superior do gibão com o gesto familiar aos homens de grande importância.

— Sr. Vanel — disse ele — não é o sacrifício, não são os gastos de dinheiro, não é a venda de vossa propriedade que vos preocupam; é uma idéia mais alta. Compreendo-a. Notai bem as minhas palavras.

— Sim, monsenhor.

E o infeliz começou a tremer; o fogo dos olhos do prelado devorava-o.

— Ofereço-vos, portanto, em nome do superintendente, não ias trezentas mil libras, não apenas quinhentas mil libras, mas um milhão. Um milhão, entendestes? E sacudiu-o nervosamente.

— Um milhão! — repetiu Vanel, muito pálido.

— Um milhão, isto é, pelos tempos que correm, sessenta e seis mil libras de renda.

— Vamos, senhor — disse Fouquet — isso não se recusa. Respondei; aceitais?

— Impossível... — murmurou Vanel.

Aramis mordeu os lábios e algo como uma nuvem branca lhe passou pelo rosto.

Adivinhava-se o raio atrás da nuvem. Ele não largara Vanel.

— Comprastes o cargo por um milhão e quinhentas mil libras, não é verdade? Pois bem, recebereis o milhão e meio e o tereis ganho apenas por terdes vindo visitar o Sr. Fouquet e apertar-lhe a mão. Honra e lucro ao mesmo tempo, Sr. Vanel.

— Não posso — respondeu Vanel surdamente.

— Bem! — respondeu Aramis, apertando com tanta força o gibão que, no momento de soltá-lo, Vanel se viu atirado para trás — bem! vê-se claramente o que viestes fazer aqui.

— Sim, vê-se — repetiu Fouquet.

— Mas... — balbuciou Vanel, tentando reerguer-se diante da fraqueza daqueles dois homens de honra.

— Parece que o patife quer levantar a voz! — disse Aramis em tom de imperador.

— Patife? — repetiu Vanel.

— Era miserável que eu queria dizer — tornou Aramis, que recuperara o sangue frio. — Vamos, tirai o vosso contrato de venda; deveis tê-lo guardado em algum bolso, já preparado, como o assassino guarda a pistola ou o punhal debaixo da capa.

Vanel resmoneou qualquer coisa.

— Basta! — gritou Fouquet. — Vejamos o contrato! Vanel vasculhou, a tremer, a algibeira; dela retirou uma carteira, e da carteira caiu um papel, ao passo que Vanel oferecia o outro a Fouquet.

Precipitou-se Aramis sobre o papel, cuja letra acabava de reconhecer.

— Perdão, é o rascunho do contrato — explicou Vanel.

— Estou vendo — redarguiu Aramis com um sorriso mais cruel do que uma chicotada — e o que me admira é que esse rascunho seja do próprio punho do Sr. Colbert. Vede, monsenhor, vede.

E passou-o a Fouquet, para que este o comprovasse também. Cheio de rasuras e acrescentamentos, com as margens escuras, aquele rascunho, prova cabal da trama de Colbert, revelava tudo à vítima.

— E então? — murmurou Fouquet.

Aterrado, Vanel parecia procurar um buraco fundo em que pudesse enterrar-se.

— Então — volveu Aramis — se não vos chamásseis Fouquet e o vosso inimigo não se chamasse Colbert; se não tivésseis pela frente apenas este ladrão covarde, eu vos diria: Negai... uma prova dessas inutiliza qualquer promessa; mas essa gente seria capaz de acreditar que estais com medo e já vos temeria menos; tomai, monsenhor.

E apresentou-lhe a pena.

— Assinai — disse ele.

Fouquet apertou a mão de Aramis; mas, em vez do contrato que lhe apresentavam, pegou no rascunho.

— Não, esse não — acudiu vivamente Aramis — este; o outro é tão precioso que deveis guardá-lo.

— Oh! não — retrucou Fouquet — assinarei o próprio rascunho do Sr. Colbert e escreverei:

"Aprovo a redação".

E assinou.

— Aí está, Sr. Vanel — disse depois.

Vanel apanhou o papel, entregou o dinheiro e quis fugir.

— Um momento! — atalhou Aramis. — Tendes absoluta certeza de que o dinheiro está certo? Isto se conta, Sr. Vanel, mormente quando é dinheiro que o Sr. Colbert dá às mulheres. Mesmo porque o digno Sr. Colbert é bem menos generoso do que o Sr. Fouquet.

E, soletrando cada palavra, letra por letra, da ordem de pagamento, Aramis destilou a sua cólera e o seu desprezo sobre o miserável, que sofreu, durante um quarto de hora, o infamante suplício; em seguida, mandaram-no embora, não com palavras, mas com um gesto, como se despede um vagabundo, como se escorraça um lacaio.

Depois que Vanel partiu, o ministro e o prelado, que se entreolhavam, permaneceram um instante em silêncio.

— Pois bem — disse Aramis rompendo primeiro o silêncio — a que comparais um homem que, tendo de lutar com um inimigo encouraçado, armado, furioso, se despe, lança de si as armas e atira beijos graciosos ao adversário? A boa-fé, Sr. Fouquet, é uma arma que os celerados empregam amiúde e com êxito contra as pessoas de bem. As pessoas de bem deveriam, portanto, empregá-la também contra os velhacos. Veríeis como elas seriam fortes sem deixar de ser honestas.

— Os seus atos passariam a chamar-se velhacadas — replicou Fouquet.

— De maneira nenhuma; passariam a chamar-se garridices, probidade. Enfim, já que concluístes o negócio com o tal Vanel, já que vos recusastes a alegria de aniquilá-lo retirando-lhe a vossa palavra, já que lhe entregastes a única arma que pode perder-nos...

— Oh! meu amigo — voltou Fouquet com tristeza — pareceis o preceptor filósofo de que outro dia nos falava La Fontaine... Vendo que a criança começa a afogar-se, faz-lhe um discurso em três partes.

Aramis sorriu.

— Filósofo, sim; preceptor, sim; criança que se afoga, também; mas criança que se salvará, como vereis. Em primeiro lugar, falemos de negócios.

Considerou-o Fouquet com espanto.

— Não me falastes outro dia no projeto de dar uma festa em Vaux?

— Oh! — exclamou Fouquet — isso foi nos bons tempos!

— Uma festa, se não me engano, a que o próprio rei se havia convidado?

— Não, meu caro bispo; uma festa a que o Sr. Colbert aconselhara o rei a convidar-se.

— Ah! sim, pois seria uma festa tão cara que vos acabaria arruinando.

— Exatamente. Nos bons tempos, como eu vos dizia há pouco, eu me orgulhava de mostrar aos inimigos a fecundidade dos meus recursos; queria ter a honra de estuporá-los tirando milhões de onde eles só enxergavam possíveis bancarrotas. Hoje, porém, conto com o Estado, com o rei, comigo mesmo; hoje, vou converter-me no homem da poupança; saberei mostrar ao mundo que manipulo centavos como manipulei sacos de pistolas, e a partir de amanhã, depois de vender as minhas equipagens, de hipotecar as minhas casas, de suspender as minhas despesas...

— A partir de amanhã — interrompeu placidamente Aramis — começareis, meu caro amigo, a ocupar-vos decididamente dessa bela festa de Vaux, que deverá ser citada um dia entre as heróicas magnificências de vosso belo tempo.

— Enlouquecestes, Cavaleiro d'Herblay.

— Eu? Pelo contrário.

— Como? Sabeis, acaso, o que pode custar a festa mais simples em Vaux? De quatro a cinco milhões.

— Não estou falando da festa mais simples, meu caro superintendente.

— Mas, visto que é oferecida ao rei — tornou Fouquet, sem alcançar o pensamento de Aramis — não pode ser simples.

— Precisamente, deve de ser nababesca, magnificente!

— Nesse caso, gastarei de dez a doze milhões.

— Gastareis vinte, se preciso for — disse Aramis sem emoção.
— Onde os acharei? — bradou Fouquet.
— Isso é comigo, senhor superintendente, não vos inquieteis. O dinheiro estará à vossa disposição antes de concluirdes o projeto da festa.
— Cavaleiro! cavaleiro! — exclamou Fouquet, presa de vertigem — aonde me arrastais?
— Ao outro lado do abismo em que íeis cair — retrucou o Bispo de Vannes. — Agarrai-vos à minha capa; não temais.
— Por que não me dissestes isso antes, Aramis! Dia houve em que, com um milhão, me teríeis salvado.
— Ao passo que hoje... Ao passo que hoje, darei vinte — acudiu o prelado. — É verdade!... Mas a razão é simples, meu amigo: naquele dia eu não tinha o milhão necessário. Hoje, terei facilmente os vinte milhões de que preciso.
— Deus vos ouça e me salve!
Aramis voltou a sorrir estranhamente, como de hábito.
— Deus me ouve sempre — disse ele; — talvez porque eu reze muito alto.
— Entrego-me a vós sem reservas — murmurou Fouquet.
— Oh! não é assim que o entendo. Sou eu quem vos pertence sem reservas. Por isso mesmo, vós, que sois o espírito mais fino, mais delicado e mais engenhoso, organizareis a festa em seus mínimos pormenores. Porém...
— Porém? — atalhou Fouquet, como homem habituado a sentir o preço dos parênteses.
— Deixando a vosso cargo a invenção das minúcias, reservo para mim a superintendência da execução.
— Como assim?
— Quero dizer que fareis de mim, nesse dia, um mordomo, um intendente superior, uma espécie de factótum, que será, a um tempo, capitão de guardas e ecônomo; porei em ação as pessoas e terei as chaves das portas; vós dareis as ordens, é verdade, mas a mim as dareis; elas passarão por minha boca para chegar ao seu destino, compreendestes?
— Não, não compreendi.
— Mas aceitais?
— Naturalmente, meu amigo.
— É quanto basta. Obrigado, portanto, e fazei a lista dos convites.
— Quem convidarei?
— Toda a gente!

Capítulo L - Em que parece ao autor que já é tempo de voltar ao visconde de Bragelonne

VIRAM os leitores desenvolverem-se paralelamente nesta história as aventuras da nova geração e as das geração passada.

Para uns, o reflexo da glória de antanho, a experiência das coisas dolorosas deste mundo, mas também a paz que invade o coração e permite ao sangue adormecer em torno de cicatrizes que já foram cruéis feridas.

Para os outros, os combates do amor-próprio e do amor, penas amargas e inefáveis alegrias: a vida em lugar da memória.

Se alguma variedade feriu os olhos do leitor nos episódios desta narrativa, cumpre imputá-la aos fecundos matizes que jorram dessa dupla paleta, onde dois quadros seguem lado a lado, misturando e harmonizando tons severos e alegres.

O repouso das comoções do primeiro encontra-se no seio das comoções do segundo. Depois de haver refletido com os velhos, apraz-nos de amar e delirar com os jovens.

Daí que, se bem os fios desta história não ligassem o capítulo que estamos escrevendo ao capítulo que acabamos de escrever, isso nos faria tão pouca mossa quanto a Ruysdaèl o pintar um céu de outono depois de haver rematado uma cena de primavera.

Convidamos o leitor a fazer o mesmo e a retomar Raul de Bragelonne no sítio em que o deixou o nosso último debuxo.

Bêbedo, aterrado, desolado, ou melhor, sem razão, sem vontade, sem diretriz, ele fugiu após a cena cujo desfecho presenciara no quarto de La Vallière. O rei, Montalais, Luísa, aquela estranha exclusão, o sofrimento de Luísa, o terror de Montalais, a cólera do rei, tudo lhe pressagiava uma desgraça. Mas qual?

Chegado de Londres porque lhe haviam anunciado um perigo, encontrava de chofre a aparência desse perigo. Não bastaria isso a um apaixonado?

Bastaria, sem dúvida; mas não era o suficiente para um nobre coração, que se orgulhava de supor nos outros uma inteireza igual à sua.

Raul, todavia, não foi procurar explicações onde as vão buscar Mediatamente os apaixonados ciumentos ou menos tímidos. Não foi perguntar à dama dos seus pensamentos: "Luísa, já não me quereis? Luísa, acaso amais outra pessoa?" Cheio de coragem, cheio de amizade como era cheio de amor, religioso observador da sua palavra e confiante na palavra dos outros, disse a sós consigo: "De Guiché me escreveu para avisar-me; de Guiché deve saber alguma coisa; vou perguntar-lhe o que sabe e dizer-lhe o que vi".

Não era longo o trajeto. Transportado de Fontainebleau a Paris havia dois dias, de Guiché principiava a convalescer e dava alguns passos no quarto.

Soltou um grito de alegria ao ver entrar Raul com a sua fúria de amizade.

Raul despediu um grito de dor ao ver de Guiché tão pálido, tão magro, tão triste. Duas palavras e o gesto do ferido para afastar o braço do amigo bastaram a inteirá-lo da verdade.

— Ah! pronto! — disse Raul sentando-se ao lado do amigo — ama-se e morre-se.

— Não, não, não se morre — volveu de Guiché a sorrir — visto que estou em pé, visto que te aperto nos braços.

— Eu sei o que estou dizendo.

— E eu também sei o que estás pensando. Cuidas que sou infeliz, Raul?

— Ai de mim!
— Não. Sou o mais feliz dos homens! Sofro com o corpo, mas não com o coração, com a alma. Se soubesses!... Oh! sou o mais feliz dos homens!
— Tanto melhor! — respondeu Raul; — tanto melhor, contanto que isso dure.
— Amarei até à morte, Raul.
— De ti, não duvido; mas dela...
— Escuta, amigo: amo-a... porque... Mas tu não me ouves.
— Perdão.
— Estás preocupado?
— Claro. Com a tua saúde, primeiro...
— Não é isso.
— Meu caro, creio que tu não devias interrogar-me.
E Raul acentuou esse *tu* suficientemente para esclarecer o amigo sobre a natureza do mal e a dificuldade do remédio.
— Dizes-me isso, Raul, por causa do que te escrevi.
— Sim... Queres que falemos no meu caso quando acabares de contar-me os teus prazeres e as tuas penas?
— Caro amigo, sou teu, inteiramente teu, desde já.
— Obrigado! Tenho pressa... sinto-me arder... vim de Londres para cá na metade do tempo que levam de ordinário os correios do Estado. E então, que me querias?
— Tão-somente fazer-te voltar, meu amigo.
— Pois aqui estou.
— Muito bem.
— Mas haverá, naturalmente, outra coisa?
— Não!
— De Guiché!
— Palavra de honra!
— Não me arrancaste violentamente as esperanças, não me expusestes a um desfavor do rei por este regresso que é uma infração de suas ordens, não me amarraste, enfim, ao coração a serpente do ciúme para dizer-me: "Está bem, dorme sossegado".
— Não te digo: "Dorme sossegado", Raul; mas, procura compreender-me, não quero e não posso dizer-te outra coisa.
— Oh! meu amigo, por que me tomas?
— Como?
— Se sabes, por que me escondes? Se não sabes, por que me avisas?
— Fiz mal, é verdade. Oh! estou bem arrependido, Raul. Não é nada escrever a um amigo: "Vem!" Mas ter esse amigo diante de nós, senti-lo fremir, ofegar à espera de uma palavra que não nos atrevemos a dizer-lhe...
— Atreve-te! Eu tenho coragem, se a não tens! — bradou Raul, desesperado.
— Agora estás sendo injusto e esquece-te que falas com um pobre ferido... com a metade do teu coração... Vamos a ver! acalma-te! Eu te disse: "Vem". Vieste; não perguntes mais nada a este desgraçado de Guiché.
— Disseste-me que viesse, esperando que eu visse, não é verdade?
— Mas...
— Não hesites! Eu vi.

— Ah!... murmurou de Guiché.
— Ou, pelo menos, supus...
— Duvidas, não vês? Mas, se duvidas, meu pobre amigo, que me resta fazer?
— Vi La Vallière perturbada... Montalais assustada... o rei...
— O rei?
— Sim... viras a cabeça... O perigo está aí, aí está o mal; É o rei, não é verdade?
— Não digo nada.
— Oh! dizes mil e mil vezes mais do que pensas. Eu quero fatos, fatos, por piedade, por misericórdia! Meu amigo, meu único amigo, fala! Tenho o coração alanceado, sangrando; estou morrendo de desespero!...
— Se assim é, caro Raul — replicou de Guiché — tu me colocas à vontade, e eu falarei, certo de que só direi coisas consoladoras comparadas ao desespero em que te vejo.
— Estou ouvindo! estou ouvindo!...
— Pois bem — tornou o Conde de Guiché — posso dizer-te o que saberás da boca do primeiro que encontrares.
— Do primeiro que eu encontrar? Já se fala nisso? — bradou Raul.
— Antes de perguntar: "Já se fala nisso?" meu amigo, procura saber primeiro do que é que se pode falar. Juro-te que não se trata senão de coisa muito inocente; talvez um passeio...
— Ah! um passeio com o rei?
— Sim, com o rei; parece-me que o rei já passeou muitas vezes com outras damas sem que, por isso...
— Repito que não me terias escrito se o tal passeio fosse muito natural.
— Concordo em que, durante a tempestade, melhor teria feito o rei abrigando-se do que ficando, como ficou, em pé e descoberto diante de La Vallière; mas...
— Mas?...
— O rei é tão polido!
— Oh! de Guiché, de Guiché, tu me matas!
— Calemo-nos, então.
— Não, continua. Esse passeio foi seguido de outros?
— Não, isto é, sim; houve a aventura do carvalho. Será isso? Eu mesmo não sei.
Raul levantou-se. De Guiché procurou imitá-lo apesar da sua fraqueza.
— Não direi mais nada — declarou ele; — falei demais ou falei de menos. Outros te informarão, se o quiserem ou puderem: a mim me competia avisar-te, e foi o que fiz. De agora em diante vigia tu mesmo os teus negócios.
— Queres que eu interrogue? Ai, se me falas assim, não és meu amigo — tornou, desolado, o rapaz. — O primeiro que eu interrogar será um mau ou um tolo; mau, mentirá para atormentar-me; tolo, pior ainda. Ah! de Guiché! de Guiché! em menos de duas horas terei encontrado dez mentiras e dez duelos. Salva-me! O melhor não será a gente conhecer o seu mal?
— Mas se te digo que não sei de nada! Eu estava ferido, com febre: tinha perdido o espírito, e até hoje só tenho dele uma pálida sombra. Mas, por Deus! Estamos procurando tão longe quando temos o nosso homem tão perto. Não consideras d'Artagnan como amigo?
— Oh! é verdade! é verdade!
— Procura-o. ele saberá esclarecer-te sem te ferir os olhos.
Um lacaio entrou.
— Que foi? — perguntou de Guiché.

— O senhor conde está sendo esperado no gabinete das Porcelanas.

— Bem. Dás-me licença, Raul? Sinto-me tão orgulhoso depois que recomecei a andar!

— Eu te ofereceria o braço, de Guiché, se não adivinhasse que é uma mulher que te espera.

— Creio que sim — redarguiu de Guiché com um sorriso. E deixou Raul.

Este permaneceu imóvel, absorto, esmagado, como o mineiro sobre o qual desabasse uma abóbada; ferido, escorre-lhe o sangue, estaca-lhe o pensamento; mas procura reagir e salvar a vida com a razão. Alguns minutos lhe bastaram a dissipar os deslumbramentos daquelas duas revelações. Já retomara o fio das idéias quando, a súbitas, através da porta, julgou reconhecer a voz de Montalais no gabinete das Porcelanas.

— Ela! — exclamou. — Sim, é a voz dela. Aí está uma mulher que poderia dizer-me a verdade; mas, deverei interrogá-la aqui? Pois se até se esconde de mim; veio, sem dúvida, da parte de Madame... Vou procurá-la no quarto. Ela me explicará o seu susto, a sua fuga, a inabilidade com que me afastaram; dir-me-á tudo isso... depois que o Sr. d'Artagnan, que tudo sabe, me houver fortalecido o coração. Madame... uma casquilha... Uma casquilha, sim, mas que tem os seus momentos de amor, uma casquilha que tem, como a morte ou a vida, os seus caprichos, mas permite a de Guiché dizer-se o mais feliz dos homens. Este, pelo menos, voga sobre rosas. Vamos.

Fugiu do quarto do conde e, ao mesmo passo que se recriminava por haver falado apenas de si a de Guiché, chegou aos aposentos de d'Artagnan.

Capítulo LI - Bragelonne prossegue em suas investigações

O CAPITÃO estava de serviço; cumpria a sua semana enterrado na poltrona de couro, as esporas fincadas no assoalho, a espada entre as pernas, e lia uma série de cartas enrolando o bigode.

D'Artagnan despediu um grunhido de alegria ao avistar o filho do amigo.

— Raul, meu filho — inquiriu ele — por que cargas d'água o rei te chamou de volta?

Essas palavras soaram mal aos ouvidos do rapaz, que, sentando-se, replicou:

— Palavra que não sei. Só sei que voltei.

— Hum! — resmoneou d'Artagnan dobrando as cartas com um olhar carregado de intenções fito no interlocutor. — Que estás dizendo, rapaz? Que o rei não te chamou e que tu voltastes? Não compreendo muito bem.

Muito pálido, Raul fazia girar o chapéu entre as mãos com ar constrangido.

— Que diabo de cara trazes e que conversação mais fúnebre! — voltou o capitão. — É na Inglaterra que se aprendem esses modos? Com a breca! Já estive lá e voltei alegre como um tentilhão. Falas ou não?

— Tenho muito que dizer.

— Ah! ah! Como vai teu pai?

— Caro amigo, perdoai-me; era o que eu ia perguntar-vos. D'Artagnan redobrou a acuidade do olhar, a que nenhum segredo resistia.

— Estás sofrendo?

— Pudera! Sabei-lo muito bem, Sr. D’Artagnan.

— Eu?

— Decerto. Não simuleis espanto.

— Não estou simulando espanto, meu amigo. Meu caro capitão, sei perfeitamente que num duelo de astúcia, como num duelo de forças, serei vencido por vós. Neste momento, não passo de um néscio, de um fraco. Não tenho cérebro nem braços, não me desprezeis; ajudai-me. Em duas palavras, sou o mais desgraçado do seres vivos.

— Oh! oh! por que isso? — perguntou d'Artagnan desafivelando o cinturão e adoçando o sorriso.

— Porque a Srta. de La Vallière me engana.

D'Artagnan não mudou de fisionomia.

— Ela te engana! ela te engana! Grandes frases.

Quem te disse?

— Toda a gente.

— Ah! se toda a gente o disse, há de haver alguma verdade nisso. Eu acredito em fogo quando vejo fumaça. É ridículo, mas. é assim.

— Portanto, acreditais? — exclamou vivamente Bragelonne.

— Ah! se me pedes a opinião...

— Sem dúvida.

— Sabes muito bem que não me meto nesses negócios.

— Como! Nem por um amigo? Nem por um filho?

— Precisamente. Se fosses um estranho, eu te diria... ou melhor, não te diria coisa alguma... Como vai Porthos?

— Senhor — exclamou Raul, apertando a mão de d'Artagnan — em nome da amizade que sempre

dedicastes a meu pai!
— Ah! diabo! estás bem doente... de curiosidade.
— Não é de curiosidade, é de amor.
— Outro palavrão! Se estivesses realmente apaixonado, meu caro Raul, seria bem diferente.
— Que quereis dizer?
— Digo-te que, se sentisses um amor tão sério que me animasse a falar sempre ao teu coração... Mas é impossível.
— Repito que amo desesperadamente a Luísa.
D'Artagnan leu com os olhos o íntimo do coração de Raul.
— Digo-te que é impossível... És como todos os moços; não estás apaixonado, estás louco.
— Muito bem, e ainda que assim fosse?
— Um homem de juízo nunca se mete a desviar o cérebro de um crânio que gira. Já perdi cem vezes na vida o meu latim em casos semelhantes. Se me escutasses, não me ouvirias; se me ouvisses, não me compreenderias; se me compreendesses, não me obedecerias.
— Oh! tentai! tentai!
— Digo mais: se eu tivesse a infelicidade de saber alguma coisa e cometesse a estupidez de repeti-la... Dizes que és meu amigo?
— Oh! sim.
— Pois bem, eu brigaria contigo. Nunca me perdoarias o haver destruído a tua ilusão, como se diz na gíria dos amantes.
— Sr. D'Artagnan, sabeis tudo; deixais-me constrangido, desesperado, morto! É horrível!
— Ora! ora!
— Sabeis que nunca choro. Mas, como nem meu pai nem Deus me perdoariam se eu estourasse os miolos com um tiro de pistola, obrigarei o primeiro sujeito que aparecer a dizer-me o que não me quereis contar; depois lhe direi que está mentindo...
— E o matarás? Belo negócio! Tanto melhor! Que é que eu tenho com isso? Mata, rapaz, mata, se isso te apraz. É o que eu faço com as pessoas que se queixam de dor de dentes; dizem-me elas: "Oh! como estou sofrendo! Eu seria capaz de morder um pedaço de ferro!" E eu respondo: "Mordei, meus amigos, mordei! que o ferro acabará com o dente".
— Não matarei, senhor — voltou Raul em tom sombrio.
— Sim, sim, esses ares estão na moda hoje em dia. Deixarás que te matem, não é verdade? Que lindo! E como sentirei saudades tuas! Passarei o dia inteiro dizendo: "Era um grandíssimo idiota o tal Bragelonne! um cretino de marca! Levei a vida inteira a ensiná-lo a manejar a espada, e o tonto foi deixar-se espetar como um passarinho!" Vai, Raul, vai fazer que te matem, meu amigo. Não sei quem te deu lições de lógica; mas, Deus me dane! como dizem os ingleses, esse cavalheiro roubou o dinheiro de teu pai.
Silencioso, Raul enfiou a cabeça entre as mãos e murmurou:
— Não temos amigos, não!
— Ora, bolas!
— Só encontramos motejadores e indiferentes.
— Tolices! Não sou nenhum motejador, apesar de gascão. E se fosse indiferente, há um quarto de hora que te teria mandado passear; pois tu deixarias triste um homem louco de alegria, e morto um homem triste. Como queres, rapaz, que eu te desgoste da namorada e te ensine a execrar as mulheres, que são a honra e a felicidade do gênero humano?
— Dizei, dizei, senhor, que eu vos bendirei!

— Ora, meu caro, cuidais, acaso, que guardei na cabeça todas as histórias do marceneiro e do pintor, da escada e do retrato, e cem mil outras patranhas sem pés nem cabeça?
— Um marceneiro? Que significa o tal marceneiro?
— Sei lá! Disseram-me que houve um marceneiro que furou um assoalho.
— No quarto de La Vallière?
— Não sei onde.
— No quarto do rei?
— Bom! Crês que eu to diria, se fosse no quarto do rei?
— Então, onde foi?
— Mas se faz uma hora que me mato de repetir-te que não sei!
— E o pintor, então? O retrato?...
— Parece que o rei mandou fazer o retrato de uma dama da corte.
— De La Vallière?
— E ele a dar-lhe ! Só tens esse nome na boca? Quem falou em La Vallière?
— Mas, então, se não é dela, que quereis que isso me faça?
— Eu não quero coisíssima nenhuma. Tu me perguntas e eu te respondo. Queres conhecer a crônica escandalosa; estou-te contando o que sei. Diverte-te com ela.
Raul golpeou a testa com desespero.
— Isso é de matar! — disse ele.
— Já o disseste.
— Sim, tendes razão. E deu um passo para afastar-se.
— Aonde vais? — perguntou d'Artagnan.
— Vou procurar alguém que me diga a verdade.
— Quem?
— Uma mulher.
— A própria Srta. de La Vallière, não é? — tornou d'Artagnan com um sorriso. — Ah! tiveste uma idéia luminosa; querias ser consolado, sê-lo-ás imediatamente. Garanto que ela não falará mal de si mesma.
— Enganai-vos, senhor — replicou Raul; — a mulher que vou procurar falará muito mal.
— Aposto que é Montalais.
— Sim, é Montalais.
— Ah! a amiga dela? Uma mulher que, nessas condições, só poderá exagerar o bem ou o mal. Não fales com Montalais, meu bom Raul.
— Não é a razão que vos impele a afastar-me de Montalais.
— Pois bem, confesso que não... De resto, por que haveria eu de brincar contigo como o gato com o pobre ratinho? Sinto pena de ti, é verdade. E se desejo que não fales com Montalais neste momento, é porque lhe dirás o teu segredo e abusarão dele. Espera, se puderes.
— Não posso.
— Paciência! Vê, Raul, se eu tivesse uma idéia... Mas não tenho.
— Prometei, meu amigo, lastimar-me; isso me basta; e deixai que eu me arranje sozinho.
— Ah! sim, para que te metas numa enrascada! Não faltava mais nada! Senta-te aqui, a esta mesa, e pega da pena.
— Para quê?
— Para escrever à Montalais e pedir-lhe uma entrevista.
— Ah! — exclamou Raul, atirando-se à pena que lhe oferecia o capitão.

De súbito, a porta se abriu, e um mosqueteiro, aproximando-se de d'Artagnan:
— Meu capitão — anunciou ele — está aí fora a Srta. de Montalais querendo falar convosco.
— Comigo? — murmurou d'Artagnan. — Ela que entre, e verei se é comigo que ela quer falar.
O astuto capitão farejara a verdade.
Ao entrar, Montalais viu Raul, e exclamou:
— Senhor! Senhor!... Perdão, Sr. D'Artagnan.
— Estais perdoada, senhorita — respondeu d'Artagnan; — sei que, na minha idade, os que me procuram precisam muito de mim.
— Eu estava procurando o Sr. de Bragelonne — respondeu Montalais.
— Que coincidência! Eu estava também à vossa procura.
— Não queres ir com ela, Raul?
— Com o máximo prazer.
— Vai, então.
E empurrou-o suavemente para fora do gabinete; depois, pegando na mão de Montalais:
— Sede boazinha — disse ele em voz baixa; — poupai-o e poupai-a.
— Ah! — tornou ela no mesmo tom; — não sou eu quem vai falar-lhe.
— Como assim?
— Foi Madame que o mandou buscar.
— Ah! bom! — exclamou d'Artagnan — foi Madame! Daqui a uma hora o pobre rapaz estará curado.
— Ou morto! — acudiu Montalais, compassiva.
— Adeus, Sr. D'Artagnan.
E correu para juntar-se a Raul, que a esperava longe da porta, intrigado e inquieto por aquele diálogo, que nada prometia de bom.

Capítulo LII - Dois ciúmes

OS amantes são ternos para tudo o que toca a sua amada; tanto que se viu a sós com Montalais, Raul beijou-lhe a mão com ardor.

— Ora, ora — disse tristemente a rapariga. — Estais gastando inutilmente os vossos beijos, meu caro Sr. Raul; posso até garantir-vos que eles não vos renderão juros.

— Como?... por quê?... Explicai-vos, minha querida Aura...

— É Madame quem vos explicará tudo isso. Estou-vos levando aos aposentos dela.

— Quê!...

— Silêncio! e deixai esses olhares assustados. As janelas aqui têm olhos, e os muros têm ouvidos. Por favor, não torneis a olhar para mim; falai-me, sim, em voz bem alta, da chuva, do bom tempo e dos encantos de Inglaterra.

— Mas, afinal...

— Ah!... sabei que em algum lugar, não sei onde, mas em algum lugar, Madame deve de ter os olhos bem abertos e os ouvidos à espreita. Compreendereis que não tenho vontade nenhuma de ser escorraçada nem embastilhada. Falemos, pois, ou melhor, não falemos.

Raul apertou os punhos, estugou o passo e assumiu a expressão de um homem corajoso, é verdade, mas de um homem corajoso que se dirige ao suplício. De olho vivo, passo lesto, atenta a tudo, Montalais o precedia. Raul foi imediatamente introduzido no gabinete de Madame.

— Vamos — pensou ele — o dia se passará sem que eu saiba de coisa alguma. De Guiché ficou com muita pena de mim; deve ter-se entendido com Madame, e ambos, por um conluio amistoso, procuram afastar a solução do problema. Por que não tenho aqui um bom inimigo!... a serpente do de Wardes, por exemplo; ele morderia, é verdade, mas eu deixaria de hesitar... Hesitar... duvidar... fora melhor morrer!

Viu-se Raul diante de Madame.

Mais encantadora do que nunca, achava-se Henriqueta meio estendida numa poltrona, com os pezinhos mimosos apoiados num coxim de veludo bordado; brincava com um gatinho peludo, que lhe mordia os dedos e pendurava-se às rendas que lhe guarneciam o colo.

Madame refletia; refletia profundamente; foram-lhe precisas as vozes de Montalais e de Raul para arrancá-la às reflexões.

— Vossa Alteza mandou-me chamar? — repetiu Raul. Madame sacudiu a cabeça como se despertasse.

— Bom dia, Sr. de Bragelonne — disse ela; — sim, mandei chamar-vos. Voltastes, pois, de Inglaterra?

— A serviço de Vossa Alteza Real.

— Obrigada! Deixai-nos, Montalais. Montalais saiu.

— Podeis conceder-me alguns minutos, não é verdade, Sr. de Bragelonne?

— Toda a minha vida pertence a Vossa Alteza Real — replicou, respeitoso, Raul, que adivinhara algo de sombrio sob as gentilezas de Madame, embora não se sentisse desgostoso, pois estava persuadido de que havia alguma afinidade entre os sentimentos de Madame e os seus. Com efeito, todas as pessoas inteligentes da corte conheciam a vontade caprichosa, o fantástico despotismo e o caráter estranho da princesa.

Sentira-se Madame sobremodo lisonjeada pelas homenagens do rei; conseguira que falassem dela

e inspirara à rainha certo ciúme mortal, verme distribuidor de todas as venturas femininas; numa palavra, para curar um orgulho ferido, conquistara um coração apaixonado.

Sabemos o que fizera Madame para chamar de volta Raul, afastado por Luís XIV. Raul não conhecia a carta a Carlos II; mas d'Artagnan a adivinhara.

Quem jamais explicará esse misto inexplicável de amor e de vaidades, essas ternuras extremas, essas enormes perfídias? Ninguém, nem sequer o anjo mau que acende a garridice no coração das mulheres.

— Sr. de Bragelonne — perguntou a princesa após um silêncio — voltastes contente?

Bragelonne esguardou a Sra. Henriqueta e, vendo-a pálida em razão do que ela escondia, do que ela guardava e do que ela morria por contar:

— Como? — tornou ele; — de que quer Vossa Alteza que eu esteja contente ou descontente?

— Mas de que pode estar contente ou descontente um homem na vossa idade e com a vossa fisionomia?

"Como ela anda depressa!" pensou Raul, assustado; "que pretenderá incutir-me no coração?"

Logo, aterrado do que ia saber e querendo afastar o momento tão desejado, mas tão terrível, em que saberia de tudo:

— Senhora — disse ele — deixei um amigo muito querido gozando saúde e encontrei-o doente.

— Quereis referir-vos ao Sr. de Guiché? — perguntou a Sra. Henriqueta com imperturbável tranqüilidade; — dizem que é grande amigo vosso?

— Amicíssimo, senhora.

— Pois é verdade, foi ferido; mas está passando melhor. Oh! o Sr. de Guiché não tem porque ser lastimado — ajuntou depressa.

E, reportando-se:

— Terá motivos para ser lastimado? Acaso se lastimou? Guardará, porventura, uma pena qualquer que não lhe conhecemos?

— Refiro-me apenas ao seu ferimento, Madame.

— Ainda bem; pois, em quanto ao resto, o Sr. de Guiché parece muito feliz: vive de bom humor. E eu tenho certeza, Sr. de Bragelonne, de que antes quiséreis estar ferido como ele, no corpo!... Que é, afinal, um ferimento físico?

Raul estremeceu. "Ela está voltando à carga", pensou. E continuou em silêncio.

— Como? — perguntou ela.

— Eu não disse nada, Alteza.

— Não dissestes nada! Desaprovais-me, então? Estais satisfeito? Voltou Raul a aproximar-se.

— Senhora — tornou — Vossa Alteza Real quer dizer-me qualquer coisa, mas a sua generosidade natural leva-a a poupar-me. Não me poupe, Alteza. Sou forte e estou pronto para ouvir.

— Ah! — replicou Henriqueta — que compreendestes, agora?

— O que Vossa Alteza queria fazer-me compreender.

E Raul fremiu, malgrado seu, ao pronunciar essas palavras.

— Com efeito — murmurou a princesa. — É cruel; mas, já que comecei...

— Sim, Madame, já que Vossa Alteza se dignou começar, digne-se terminar...

Ergueu-se precipitadamente Henriqueta e deu alguns passos no quarto.

— Que vos disse o Sr. de Guiché? — perguntou, de chofre.

— Nada, Alteza.

— Nada! Ele não vos disse nada? Oh! bem o reconheço!

— Quis poupar-me, sem dúvida.

— E é a isso que os amigos chamam amizade!
Mas o Sr. d'Artagnan, que acabais de deixar, deve ter-vos falado.
— Tanto quanto de Guiché, Madame. Henriqueta fez um gesto de impaciência.
— Pelo menos — tornou ela — sabeis tudo o que disse a corte.
— Não sei de nada, senhora.
— Nem a cena da tempestade?
— Nem a cena da tempestade!...
— Nem os encontros na floresta?
— Nem os encontros na floresta!...
— Nem a fuga para Chaillot?
Raul, que se inclinava como a flor cortada pela foice, fez esforços sobre-humanos para sorrir, e respondeu com admirável doçura:
— Tive a honra de dizer a Vossa Alteza Real que não sei absolutamente nada. Sou um pobre esquecido que acaba de chegar de Inglaterra; entre mim e a gente daqui havia tantas vagas retumbantes que o ruído de todas as coisas de que me fala Vossa Alteza não pôde chegar aos meus ouvidos.
Henriqueta sentiu-se tocada daquela palidez, daquela mansuetude, daquela coragem. Naquele momento, o sentimento que lhe predominava no coração era o desejo ardente de apagar no pobre apaixonado a lembrança de quem tanto o fazia sofrer.
— Sr. de Bragelonne — disse ela — o que os vossos amigos não quiseram fazer, eu o farei por vós, que estimo e que amo. Serei vossa amiga.
Andais aqui de cabeça erguida como um homem de bem e não quero que a curveis sob o peso do ridículo; e, dentro em oito dias, poder-se-ia dizer do desprezo.
— Ah! — bradou Raul, lívido — as coisas já chegaram a esse ponto?
— Se não sabeis — prosseguiu a princesa — vejo que adivinhais; éreis noivo da Srta. de La Vallière, não é verdade?
— Era, sim, senhora.
— Assim sendo, eu vos devo um aviso; como, qualquer dia destes, expulsarei de minha casa a Srta. de La Vallière...
— Vossa Alteza expulsará La Vallière! — exclamou Bragelonne.
— Naturalmente. Cuidais que terei sempre consideração pelas lágrimas e jeremiadas do rei?
Não, não, minha casa não continuará servindo por muito tempo para esses usos; mas vacilais!...
— Não, Madame, perdão — volveu Bragelonne fazendo um esforço; — tive a impressão de que ia morrer, mas já passou. Vossa Alteza fazia-me a honra de dizer que o rei chorou, suplicou.
— Sim, mas em vão.
E ela contou a Raul a cena de Chaillot e o desespero do rei ao voltar; referiu a sua indulgência dela, e a palavra terrível com que a princesa ultrajada, a casquilha humilhada, vencera a cólera real.
Raul abaixou a cabeça.
— Que pensais de tudo isso? — indagou.
— Que o rei a ama! — tornou ele.
— Mas pareceis insinuar que ela não o ama.
— Ai de mim! penso ainda no tempo em que ela me amou, Madame.
Henriqueta teve um momento de admiração por tão sublime incredulidade; logo, dando de ombros:
— Não me acreditais? — continuou. — Oh! como vós a amais! E duvidais de que ela ame o rei?
— Até prova em contrário. Perdão, mas a Srta. de La Vallière me deu a sua palavra, e ela é nobre.

— A prova?... Pois bem, seja; vinde comigo!

Capítulo LIII - Visita domiciliar

PRECEDENDO Raul, a princesa conduziu-o, através do pátio, ao corpo do edifício em que habitava La Vallière, e, subindo a escada que subira Raul na manhã daquele mesmo dia, deteve-se à porta do quarto em que o rapaz, por seu turno, fora tão estranhamente recebido por Montalais.

O momento havia sido bem escolhido para a realização do projeto da Sra. Henriqueta: no castelo não havia ninguém; o rei, os cortesãos e as damas tinham partido para Saint-Germain; só a princesa, informada do regresso de Bragelonne e pensando no proveito que poderia sacar daquele regresso, pretextara uma indisposição e ficara.

Por conseguinte, Madame tinha certeza de encontrar vazios o quarto de La Vallière e o apartamento de Saint-Aignan. Tirou uma chave do bolso e abriu a porta da câmara de sua dama de honor.

O olhar de Bragelonne mergulhou naquele quarto, reconhecendo-o, e a impressão que lhe causou a vista dele foi um dos primeiros suplícios que o esperavam.

Considerou-o a princesa e o seu olhar experimentado leu o que se passava no coração do mancebo.

— Pedistes-me provas — disse ela; — não vos espanteis, portanto, se eu vo-las der. Todavia, se julgardes que não tereis coragem de suportá-las, ainda há tempo, retiremo-nos.

— Obrigado, Madame — respondeu Bragelonne; — mas vim para convencer-me. Vossa Alteza prometeu fazê-lo: convença-me.

— Entrai, pois — disse Madame — e fechai novamente a porta. Bragelonne obedeceu e voltou-se para a princesa, interrogando-a com o olhar.

— Sabeis onde estais? — perguntou a Sra. Henriqueta.

— Tudo me leva a crer, senhora, que estou no quarto da Srta. de La Vallière.

— Exatamente.

— Observarei, porém, a Vossa Alteza que este quarto é um quarto, não é uma prova.

— Esperai.

Endereçou-se a princesa aos pés da cama, dobrou o paravento, e abaixando-se para o soalho:

— Agora — disse ela — abaixai-vos também e erguei este alçapão.

— Este alçapão? — bradou Raul, surpreso; pois as palavras de d'Artagnan principiavam a voltar-lhe à memória e ele se lembrou de que o mosqueteiro pronunciara vagamente essa palavra.

Raul procurou com a vista, mas inutilmente, uma fenda que indicasse uma abertura ou uma argola que o ajudasse a erguer uma porção qualquer do soalho.

— Ah, é verdade! — tornou, rindo, a Sra. Henriqueta — esqueci a mola oculta: a quarta tábua do soalho; é preciso apertar o lugar em que a madeira faz um nó. São essas as instruções. Apertai vós mesmo, visconde, é aqui.

Pálido como um morto, Raul premiu com o polegar o sítio indicado, e, com efeito, no mesmo instante, a mola funcionou e o alçapão se ergueu sozinho.

A l'instant même le ressort joua, et la trappe se souleva d'elle-même. — Page 362

— Muito engenhoso — observou a princesa — e vê-se que o arquiteto previu a fragilidade da mão que teria de utilizar essa Biola; vistes como o alçapão se abre sozinho?

— Uma escada! — exclamou Raul.

— Sim, e até muito elegante — continuou a Sra. Henriqueta. — Observai, visconde, a escada tem um corrimão destinado a impedir a queda das pessoas delicadas que se aventuram a descê-la, o que me leva a arriscar-me. Vamos, segui-me, visconde, segui-me.

— Mas, antes de segui-la, senhora, aonde leva esta escada?

— Ah! é verdade, eu ia-me esquecendo.

— Estou ouvindo, Madame — disse Raul, que mal respirava.

— Sabeis, talvez, que o Sr. de Saint-Aignan tinha outrora um quarto quase pegado ao do rei?

— Sei, sim, senhora; assim era quando parti. E, mais de uma vez, tive a honra de visitá-lo em seus antigos aposentos.

— Pois muito bem, ele obteve do rei permissão para trocar aquele cômodo e lindo apartamento que conhecestes pelos dois quartinhos em que desemboca esta escada, e que formam um alojamento duas vezes menor e dez vezes mais distante dos aposentos reais, cuja vizinhança, entretanto, não costuma ser desprezada pelos senhores do paço.

— Muito bem, Madame — tornou Raul; — mas continue Vossa Alteza, por favor, pois ainda não compreendo.

— Ora, verificou-se, por acaso — continuou a princesa — que &te alojamento do Sr. de Saint-

Aignan está situado debaixo dos quartos de minhas damas e, particularmente, do quarto de La Vallière.

— Mas qual é a finalidade do alçapão e da escada?

— Não sei. Não quereis descer aos aposentos do Sr. de Saint-Aignan? Talvez já encontremos a explicação do enigma. E Madame deu o exemplo descendo primeiro. Raul seguiu-a, suspirando.

Cada degrau que estalava sob os pés de Bragelonne o aproximava um pouco mais daquele apartamento misterioso, que encerrava ainda os suspiros de La Vallière e os mais suaves perfumes do seu corpo.

Conheceu Bragelonne, aspirando o ar entre ofegos, que a jovem passara por lá.

A seguir, depois dessas emanações, provas invisíveis, mas certas, vieram as flores que ela amava, os livros que escolhera. Ainda que Raul conservasse um resquício de dúvida, este se dissiparia ante a secreta harmonia dos gostos e a aliança do espírito com a seleção dos objetos que acompanham a existência. Para Bragelonne, era viva a presença de La Vallière nos móveis, na escolha dos tecidos, nos próprios reflexos do soalho.

Mudo e esmagado, nada mais lhe restava saber, e ele seguia a implacável condutora como a vítima acompanha o carrasco.

Cruel como uma mulher delicada e nervosa, Madame não lhe poupava minúcia alguma.

Mas, cumpre dizê-lo, a despeito da apatia em que ele caíra, nenhuma dessas minúcias lhe teria escapado, mesmo que estivesse sozinho. A felicidade da mulher amada, quando essa felicidade lhe provém de um rival, é uma tortura para o homem ciumento. Mas para um ciumento como Raul, para aquele coração que, pela vez primeira, se impregnava de fel, a felicidade de Luísa era uma morte ignominiosa, a morte do corpo e da alma.

Adivinhou tudo: as mãos entrelaçadas, os rostos casados diante dos espelhos, dulcíssimo juramento para os amantes que se vêem duas vezes a fim de melhor gravarem o quadro na memória.

Adivinhou o beijo invisível sob os espessos reposteiros, libertados dos abraços deles. Traduziu em dores febris a eloqüência dos divãs, disfarçados pela sombra.

Aquele luxo, aqueles requintes embriagadores, o meticuloso cuidado em poupar qualquer dissabor ao objeto amado ou em proporcionar-lhe uma graciosa surpresa; a força do amor multiplicada pelo poder real, atingiu Raul como um golpe mortal. Oh! se há uma atenuação para as dores pungentes do ciúme, é a inferioridade do homem preferido: ao passo que, pelo contrário, se há um inferno no inferno, tortura intraduzível, é o poder absoluto de um deus colocado à disposição de um rival, aliado ainda à beleza, à mocidade e à graça.

Nesses momentos, o próprio Senhor parece erguer-se contra o amante desdenhado.

Uma última pena estava reservada ao pobre Raul; Madame ergueu uma cortina de seda e, atrás dela, o moço avistou o retrato de La Vallière.

Não somente o retrato de La Vallière, mas de La Vallière jovem, bela, feliz, aspirando a vida por todos os poros, porque, aos dezoito anos, a vida é o amor.

— Luísa! — murmurou Bragelonne — Luísa! Então é verdade? Oh! nunca me amaste, pois nunca me olhaste assim!

E pareceu-lhe sentir o coração retorcer-se-lhe dentro do peito.

A princesa olhava para ele, quase invejosa daquela dor, embora soubesse muito bem que não tinha o que invejar, e que era amada de de Guiché como La Vallière era amada de Bragelonne.

Raul surpreendeu o olhar de Henriqueta.

— Oh! perdão, perdão — disse ele; — sei que eu devia ser mais senhor de mim em presença de Vossa Alteza. Mas nunca se lembre o Senhor, Deus do céu e da terra, de atingi-la com o golpe que

me atinge neste momento! Pois Vossa Alteza é mulher e, sem dúvida, seria incapaz de suportar tamanho sofrimento. Perdoai-me, sou apenas um pobre fidalgo, ao passo que Vossa Alteza pertence à raça dos felizes, dos todo-poderosos, dos eleitos...

— Sr. de Bragelonne — replicou Henriqueta — um coração como o vosso merece os cuidados e as atenções de um coração de rainha. Sou vossa amiga; por isso mesmo não quis que a vossa existência fosse empeçonhada pela perfídia e enodoada pelo ridículo. Fui eu quem, mais corajosa do que todos os pretensos amigos, exceto o Sr. de Guiché, obteve que voltásseis de Londres; fui eu quem vos forneceu as provas dolorosas, mas necessárias, que serão a vossa cura, se fordes um homem corajoso e não um Amadis choramingas. Não me agradeçais: lastimai-me e continuai a bem servir ao rei.

Raul sorriu com amargura.

— Ah! é verdade — disse ele — eu me esquecia: o rei é meu amo.

— Disso depende a vossa liberdade! Disso depende a vossa vida!

Um olhar claro e penetrante de Raul mostrou à Sra. Henriqueta que ela se enganava, e que o seu último argumento não era dos que pudessem comovê-lo.

— Tomai cuidado, Sr. de Bragelonne — disse ela; — se não pesardes todos os vossos atos, provocareis a cólera de um príncipe disposto a ultrapassar os limites da razão; faríeis sofrerem os vossos amigos e a vossa família; inclinai-vos, submetei-vos, curai-vos.

— Obrigado, Madame — disse ele. — Aprecio o conselho que Vossa Alteza me dá e tentarei segui-lo; mas, uma última palavra, Por favor.

— Dizei.

— Será indiscrição perguntar-lhe o segredo desta escada, deste alçapão, deste retrato, segredo que Vossa Alteza descobriu?

— Oh! nada mais simples: para poder vigiá-las, possuo duplicata das chaves de minhas damas; pareceu-me estranho que La Vallière se fechasse no quarto por tanto tempo; pareceu-me estranho que o Sr. de Saint-Aignan mudasse de alojamento; pareceu-me estranho que o rei visitasse com tamanha assiduidade o Sr. de Saint-Aignan, por mais que o favorecesse com a sua amizade; enfim, pareceu-me estranho que tantas coisas se fizessem, depois da vossa partida, que chegaram a modificar os hábitos da corte. Não quero ser enganada pelo rei, não quero servir de capa dos seus amores; mesmo porque, depois de La Vallière que chora, virá Montalais que ri, Tonnay-Charente que canta; não é um papel digno de mim. Afastei os escrúpulos de minha amizade, desvendei o segredo... Sei que vos magôo; torno a pedir-vos que me escuseis, mas eu tinha um dever para cumprir; agora, estais avisado; a tempestade não tarda, preparai-vos.

— Vossa Alteza, entretanto, conclui qualquer coisa — respondeu Bragelonne com firmeza; — pois não há de supor que aceitarei sem reagir a vergonha que estou padecendo e a traição que me fizeram.

— Tomareis a esse respeito a decisão que vos convier, Sr. Raul. Basta que não reveleis a fonte em que hauristes a verdade; é quanto vos peço, é o único serviço que exijo pelo serviço que vos prestei.

— Nada receie Vossa Alteza — prometeu Bragelonne com um sorriso amargo.

— Peitei o serralheiro que os amantes haviam conquistado para os seus interesses. Poderíeis muito bem ter feito o mesmo, não é verdade?

— Sim, Madame. Vossa Alteza Real não me dá nenhum conselho nem me impõe outra condição que a de não a comprometer?

— Nenhuma.

— Suplicarei então a Vossa Alteza Real que me conceda um minuto de permanência aqui.

— Sem mim?

— Oh! não, Madame. Pouco importa; o que preciso fazer posso fazê-lo diante de si. Peço-lhe um minuto para escrever uma palavrinha a uma pessoa.

— É arriscado, Sr. de Bragelonne. Cuidado!

— Ninguém poderá saber que Vossa Alteza me fez a honra de trazer-me aqui. Aliás, assinarei a carta.

— Muito bem.

Raul já sacara do canhenho e rabiscara vertiginosamente estas palavras numa folha em branco:

> *"Senhor conde,*
> *"Não vos espanteis por encontrar aqui este papel assinado por mim, antes que um de meus amigos, que logo mandarei à vossa presença, tenha tido a honra de explicar-vos o objeto de minha visita.*
> *"VISCONDE RAUL DE BRAGELONNE".*

Dobrou a folha, enfiou-a na fechadura da porta que abria para o quarto dos dois amantes, e, certificando-se de que o papel era tão visível que de Saint-Aignan não poderia deixar de vê-lo ao entrar, alcançou a princesa, já no topo da escada.

No patamar, separaram-se: Raul, simulando agradecer à Sua Alteza, Henriqueta lastimando ou fingindo lastimar de todo o coração o infeliz que ela acabava de condenar a tão horrível suplício.

— Oh! — disse ela de si para consigo ao vê-lo afastar-se pálido, com os olhos injetados de sangue; — se eu soubesse, teria escondido a verdade a esse pobre rapaz.

Capítulo LIV - O método de Porthos

A MULTIPLICIDADE dos personagens que introduzimos nesta longa história faz que cada qual seja obrigado a aparecer apenas por seu turno e consoante as exigências da narrativa. Daí resulta que os nossos leitores ainda não tiveram ocasião de encontrar-se novamente com Porthos depois do seu regresso de Fontainebleau.

As honras que lhe prodigalizara el-rei não modificaram o caráter plácido e afetuoso do respeitável fidalgo; só erguia a cabeça com mais freqüência que de costume e algo de majestoso se lhe revelava no porte, depois que obtivera o insigne favor de cear à mesa do rei. A sala de jantar de Sua Majestade produzira certo efeito em Porthos. Folgava de recordar o Sr. de Bracieux e de Pierrefonds que, durante aquele jantar memorável, grande número de servidores e de oficiais, postados atrás dos convivas, emprestavam um ar solene à refeição e enchiam a sala.

Determinou-se de conferir ao Sr. Mouston uma dignidade qualquer, impor uma hierarquia ao resto do seu pessoal e criar para si uma casa militar; o que não era insólito entre os grandes capitães, visto que, no século anterior, se observara esse luxo entre os Srs. de Tréville, de Schömberg, de La Vieuville, sem falar dos Srs. de Richelieu, de Conde e de Bouillon-Turenne.

Por que não gozaria ele, Porthos, amigo do rei e do Sr. Fouquet, de todas as regalias que acompanham as grandes posses e os grandes méritos?

Um tanto abandonado por Aramis, que, sabemo-lo, se ocupava muito do Sr. Fouquet; um tanto esquecido por d'Artagnan, em razão do serviço; desenganado de Trüchen e de Planchet, Porthos surpreendeu-se um belo dia a cismar sem saber direito porquê; mas a quem lhe houvesse perguntado: "Falta-te alguma coisa, Porthos?" Ele teria seguramente respondido: "Sim".

Após um desses jantares durante os quais Porthos tentava recordar-se de todos os pormenores do jantar real, meio alegrote, graças ao bom vinho, meio tristonho, mercê das idéias ambiciosas, já se dispunha a cochilar, quando o criado grave foi dizer-lhe que o Sr. de Bragelonne queria falar com ele.

Porthos passou à sala vizinha, onde encontrou o jovem amigo nas disposições que lhe conhecemos.

Raul apertou a mão de Porthos, que, surpreendido pela sua gravidade, lhe ofereceu uma cadeira.

— Meu caro Sr. du Vallon — principiou Raul — quero pedir-vos um serviço.

— Isso vem a calhar, meu jovem amigo — replicou Porthos. — Hoje cedo me mandaram oito mil libras de Pierrefonds, e se é de dinheiro que precisais...

— Não, não é de dinheiro; obrigado, meu excelente amigo.

— Paciência! Sempre ouvi dizer que esse é o mais raro dos serviços, mas o mais fácil de prestar-se. A frase me impressionou; e eu gosto de citar as frases que me impressionam.

— Tendes o coração tão bom quanto o espírito sadio.

— Bondade vossa. Não quereis jantar?

— Oh! não, não tenho fome.

— Que país horrível a tal Inglaterra, hein?

— Nem tanto; mas...

— Não fosse o peixe excelente e a bela carne que lá existem, e o lugar não seria suportável.

— Sim... Eu vinha...

— Sou todo ouvidos. Permiti apenas que eu me refresque. A comida em Paris é muito salgada.

E Porthos mandou que lhe trouxessem uma garrafa de vinho da Champanha.

Tendo enchido antes do seu o copo de Raul, bebeu um gole respeitável, e, satisfeito, prosseguiu:

— Eu estava precisando disso para ouvir-vos sem me distrair. Agora sou todo vosso. Que pedis, meu caro Raul? Que desejais?

— Dai-me a vossa opinião sobre as rixas, meu caro amigo.

— A minha opinião?... Vamos a ver, desenvolvei um pouco a vossa idéia — respondeu Porthos coçando a testa.

— Quero dizer: conservais o bom humor quando surge uma disputa entre vossos amigos e pessoas estranhas?

— Oh! Um humor excelente, como sempre.

— Muito bem; e que fazeis nesse caso?

— Quando os meus amigos têm disputas, eu tenho um princípio.

— Qual?

— O de que o tempo perdido é irreparável e que só liquidamos bem um negócio quando ainda estamos no calor da contenda.

— Ah! é esse, então, o vosso princípio?

— Exatamente. Por isso mesmo, desde que principia a briga, aproxime as duas partes.

— Ah! sim?...

— Compreendeis que, dessa maneira, é impossível que o negócio não se arranje.

— Eu supunha — tornou Raul, espantado — que, nessas condições, o negócio, ao contrário...

— De maneira nenhuma. Imaginai que já tive, em minha vida, uns cento e oitenta ou cento e noventa duelos em regra, sem contar as estocadas fortuitas e os encontros inesperados.

— Uma bela soma — observou Raul sorrindo malgrado seu.

— Isso não é nada; sou tão pacífico!... D'Artagnan conta os seus duelos às centenas. É verdade que ele é duro e mordaz, como já lhe tenho dito muitas vezes.

— Portanto — volveu Raul — costumais arranjar os negócios que vos confiam os amigos?

— Não me lembra nenhum caso em que eu tenha deixado de fazê-lo — afirmou Porthos, muito manso, com uma confiança que impressionou profundamente o interlocutor.

— Mas — disse ele — os arranjos, pelo menos, são honrosos?

— Oh! isso eu garanto; e, a esse respeito, vou explicar-vos o meu segundo princípio. Depois que um amigo me confia a sua desavença, eis o que faço: vou procurar imediatamente o adversário, armado de uma polidez e de um sangue frio absolutamente indispensáveis em tais circunstâncias.

— E a isso — voltou Raul com azedume — deveis o bom êxito das negociações?

— Creio que sim. Vou, portanto, procurar o adversário e digo-lhe: "Senhor, é impossível que não compreendais o quanto ultrajastes o meu amigo".

Raul franziu o cenho.

— Às vezes, muitas vezes até — prosseguiu Porthos — o meu amigo nem foi ofendido; foi ele quem ofendeu o outro: mas vede por aí como é hábil o meu discurso.

E Porthos caiu na gargalhada.

"Decididamente, dizia entre si Raul enquanto ecoava o formidável trovão daquela hilaridade — decididamente estou de azar. De Guiché me recebe mal, d'Artagnan zomba de mim, Porthos é mole; ninguém quer *arrumar* esse negócio à minha moda. E eu que me havia dirigido a Porthos esperando achar uma espada em vez de uma reflexão!... Ah! que falta de sorte!”

Porthos parou de rir, e continuou:

— Assim, com uma palavrinha, já deixo o adversário em má posição.

— Às vezes — acudiu Raul, distraído.

— Não, sempre. Deixo-o em má posição; e é nesse momento que emprego toda a minha cortesia, para chegar à conclusão feliz do meu projeto. Adianto-me, portanto, com expressão afável, e, pegando na mão do adversário...

— Oh! — exclamou Raul com impaciência.

— "Senhor, digo-lhe, agora que estais convencido do ultraje, estamos seguros da reparação. A partir deste momento, entre meu amigo e vós, não haverá senão uma troca de graciosos procedimentos. Por conseguinte, estou encarregado de mostrar-vos o comprimento da espada do meu amigo."

— Hein? — atalhou Raul.

— Esperai!... "O comprimento da espada do meu amigo. Tenho um cavalo lá embaixo; o meu amigo está em tal lugar e espera, impaciente, a vossa amável presença; irei convosco; apanharemos o vosso padrinho ao passar e assim se arranja o negócio."

— E assim — tornou Raul despeitadíssimo — reconciliais os dois adversários no campo da luta?

— Como? — atalhou Porthos. — Reconciliar? Para quê?

— Dizeis que o negócio se arranja...

— Naturalmente, visto que o meu amigo está esperando.

— Por isso mesmo! Se ele está esperando...

— Se ele está esperando é para desenlear as pernas. O adversário, pelo contrário, está com os músculos duros por causa do cavalo; ambos tomam posição e o meu amigo mata o adversário. Pronto.

— Ah! mata? — bradou Raul.

— Homessa! — voltou Porthos — acaso tenho por amigos pessoas que se deixam matar? Tenho cento e um amigos, à cuja frente se encontram o senhor vosso pai, Aramis e d'Artagnan; e todos estão mais do que vivos, creio eu!

— Oh! meu caro barão — exclamou Raul no auge da alegria. E beijou Porthos.

— Aprovais, então, o meu método? — perguntou o gigante.

— Tanto o aprovo que me socorro dele, hoje, agora, neste instante. Sois o homem que eu estava procurando.

— Bom! eis-me aqui; quereis bater-vos?

— Quero.

— É muito natural... Com quem?

— Com o Sr. de Saint-Aignan.

— Conheço-o... um rapaz encantador, que foi muito atencioso comigo no dia em que tive a honra de jantar à mesa do rei. Retribuir-lhe-ei as atenções, naturalmente, ainda que não fosse meu hábito. Com que, então, ele vos ofendeu?

— Mortalmente.

— Diabo! Poderei dizer mortalmente?

— Mais ainda, se quiserdes.

— Assim é fácil.

— O negócio, portanto, está arrumado, não está? — acudiu Raul, sorrindo.

— Que dúvida!... Onde o esperareis?

— Ah! perdão, o caso é delicado. O Sr. de Saint-Aignan é muito amigo do rei.

— Já ouvi isso.

— E se eu o matar?

— Está claro que o matareis. Basta que tomeis as devidas precauções; mas, agora, essas coisas

não oferecem dificuldades. Se tivésseis vivido em nosso tempo, outro galo cantaria!

— Não me compreendestes, meu caro amigo. Quero dizer que, sendo o Sr. de Saint-Aignan amigo do rei, o negócio talvez seja mais difícil de realizar-se, visto que o rei pode ficar sabendo antes...

— Isso é que não! Lembrai-vos do meu método: "Senhor, ofendestes meu amigo, e... “

— Sim, eu sei.

— E depois: "Senhor, o cavalo está aí embaixo". E eu levo-o comigo, antes que ele tenha tempo de falar como quem quer que seja.

— E ele se deixará levar?

— Pudera! Nem se discute! Seria o primeiro. É verdade que os moços de hoje... Mas isso não importa! Raptá-lo-ei, se for preciso.

E, juntando o gesto à palavra, Porthos ergueu Raul da cadeira.

— Muito bem — conveio o rapaz, a rir. — Só nos resta agora apresentar a questão ao Sr. de Saint-Aignan.

— Que questão?

— A da ofensa.

— Bem, mas parece-me que esta já está decidida.

— Não, meu caro Sr. du Vallon, o hábito entre nós, moços de hoje, como dizeis, exige que se expliquem as causas da ofensa.

— Pelo novo método, sim. Pois bem, contai-me então o vosso caso...

— É que...

— Ah! diabo! Aí é que está a encrenca!

Antigamente, nunca precisávamos contar. A gente se batia porque se batia. Não conheço razão melhor.

— É verdade, meu amigo.

— Estou à espera dos vossos motivos.

— Seria demasiado longo. Entretanto, como é necessário precisar...

— Sim, sim, diabo! Com o novo método.

— Como é necessário, repito, precisar; como, de outro lado, o negócio é cheio de dificuldades e exige absoluto segredo...

— Oh! oh!

— Far-me-eis o favor de dizer apenas ao Sr. de Saint-Aignan, e ele o compreenderá, que me ofendeu: primeiro, mudando de quarto.

— Mudando de quarto?... Bem — disse Porthos que se pôs a recapitular nos dedos. — E depois?

— Depois, mandando construir um alçapão no novo apartamento.

— Compreendo — disse Porthos; — um alçapão. Peste! isso é grave! Compreendo perfeitamente que vos tenhais enfurecido! E por que haveria o patife de mandar fazer alçapões sem vos ter consultado? Alçapões!... Com a breca!... Nem eu os tenho, a não ser a minha armadilha de Bracieux!

— Ajuntareis — disse Raul — que o meu último motivo para julgar-me ultrajado, é o quadro que o Sr. de Saint-Aignan conhece muito bem.

— Homessa! ainda por cima um quadro?... Como! uma mudança, um alçapão e um quadro? Mas, meu amigo — disse Porthos — bastava um desses agravos para explicar a degola de toda a nobreza de França e de Espanha ao mesmo tempo!

— Então, meu caro, estais suficientemente informado?

— Levarei dois cavalos. Escolhei o lugar do encontro, e, enquanto esperardes, fazei flexões e extensões musculares, que isso nos dá uma elasticidade extraordinária.

— Obrigado! Esperarei no bosque de Vincennes, perto do convento dos frades.
— Muito bem... Onde poderá ser encontrado o tal Sr. de Saint-Aignan?
— No Palais-Royal.
Porthos agitou uma enorme campainha. O lacaio apareceu.
— Meus trajes de cerimônia — disse ele; — o meu cavalo e outro para levar pela rédea.
Inclinou-se o lacaio e saiu.
— Vosso pai sabe disso? — perguntou Porthos.
— Não; vou escrever-lhe.
— E d'Artagnan?
— d'Artagnan também não. Ele é prudente e me teria despersuadido.
— D'Artagnan, no entanto, é homem de bom conselho — disse Porthos espantado, na sua modéstia leal, de que houvessem pensado nele quando havia um d'Artagnan no mundo.
— Meu caro Sr. du Vallon — replicou Raul — não continueis a interrogar-me, por favor. Eu já disse tudo o que tinha para dizer. Agora é ação que eu estou esperando; espero-a rude e decisiva, como sabeis prepará-la. Eis porque vos escolhi.
— Ficareis satisfeito comigo — redarguiu Porthos.
— E lembrai-vos, meu amigo, que, fora nós, o resto do mundo deve ignorar o encontro.
— Os outros acabam sempre desconfiando dessas coisas — tornou Porthos — quando descobrem um cadáver no bosque. Ah! caro amigo, prometo-vos tudo, exceto esconder o cadáver. Ele está lá, todos o vêem, é inevitável. Tenho por princípio não enterrar ninguém. Isso cheira a assassínio.
Corram-se os riscos do risco, como diz o normando.
— Bravo e caro amigo! mãos à obra!
— Fiai-vos de mim — voltou o gigante esvaziando a garrafa, enquanto o lacaio estendia sobre um móvel as rendas e os trajos suntuosíssimos.
Quanto a Raul, saiu dizendo com secreta alegria:
— Oh! rei pérfido! rei traidor! Não posso alcançar-te! não o quero! os reis são pessoas sagradas; mas o teu cúmplice, o teu alcoviteiro, o covarde que te representa, pagará pelo teu crime! Matá-lo-ei em teu nome e, depois, pensaremos em Luísa!

Capítulo LV - A mudança, o alçapão e o quadro

ENCARREGADO, para seu grande júbilo, dessa missão que o rejuvenescia, Porthos economizou meia hora do tempo que habitualmente empregava no amanhar-se para as grandes ocasiões.

Conhecedor dos usos da alta sociedade, começara mandando o lacaio saber se o Sr. de Saint-Aignan estava em casa.

Responderam-lhe que o Sr. Conde de Saint-Aignan tivera a honra de acompanhar o rei a Saint-Germain, como toda a corte, mas que acabava de chegar naquele instante.

Ouvindo a resposta, Porthos concluiu à pressa os preparativos e chegou ao apartamento de de Saint-Aignan no momento em que este mandava que lhe tirassem as botas.

Fora soberbo o passeio. O rei, cada vez mais apaixonado e cada vez mais feliz, a todos se mostrava encantador; tinha delicadezas indizíveis, como diziam os poetas do tempo.

Há de lembrar-se o leitor de que o Sr. de Saint-Aignan era poeta, e pensava tê-lo demonstrado em tão diversas e memoráveis circunstâncias que ninguém poderia contestar-lhe esse título.

Infatigável rimador, polvilhara primeiro o rei, depois La Vallière, de quadrinhas, sextilhas e madrigais durante o trajeto.

O rei, que estava de maré, fizera um dístico.

La Vallière, como as mulheres apaixonadas, dois sonetos.

Por aí se vê que o dia não fora mau para Apolo.

Assim, de volta a Paris, sabendo de antemão que os seus versos seriam repetidos nas *ruelles,* ocupou-se de Saint-Aignan, com mais carinhos que durante o passeio, da composição e da idéia.

Em conseqüência, à imitação de um pai extremoso que está a pique de apresentar os filhos à sociedade, perguntava a si mesmo se o público acharia bons, corretos e graciosos aqueles filhos da sua imaginação. Daí que, para dissipar as dúvidas, o Sr. de Saint-Aignan lesse em voz alta o seguinte madrigal, que recitara de cor para o rei e lhe prometera entregar por escrito quando voltasse:

Iris, vos yeux malins ne disent pas toujours
Ce que votre pensée à votre coeur confie;
Iris, pourquoi faut-il que je passe ma vie
A plus aimer vos yeux qui m'ont joué ces torurs.

A despeito de toda a sua graça, o madrigal não parecia perfeito a de Saint-Aignan ao passar da tradição oral à poesia manuscrita. Várias pessoas tinham-no achado encantador, a começar pelo autor; mas, à segunda leitura, parte do encanto se desvanecia. Eis por que de Saint-Aignan, diante da mesa, com as pernas cruzadas, coçando a testa, repetia:

— *Iris, vos yeux malins ne disent pas toujours...* Oh! quanto a este — murmurou de Saint-Aignan — nada se lhe pode reprochar. Pode até dizer-se que tem o que quer que seja de Ronsard ou de Malherbe, que me satisfaz. Infelizmente, porém, já não se dá o mesmo com o segundo. Tinha muita razão quem disse que o verso mais fácil é o primeiro.

E continuou:

— *Ce que votre pensée à notre coeur confie...* Ah! o pensamento confia ao coração! Por que não haveria o coração de confiar também ao pensamento? Pelo que me toca, não vejo nisso obstáculo

nenhum. Onde diabo fui eu juntar esses dois hemistíquios? Já o terceiro é melhor.

— *Iris, pourquoi faut'il que je passe ma vie...* embora a rima não seja muito rica... *vie* e *confie...* Mas, afinal, o Abade Boyer, que é grande poeta, rimou como eu *vie* e *confie* na tragédia de *Oropusto, ou o Falso Tonaxara,* sem contar que o Sr. Corneille não teve muito escrúpulo em fazer o mesmo na sua tragédia de *Sofonisba.* Vá lá a rima. Sim, mas o verso é impertinente. Lembro-me de que o rei mordeu as unhas nesse momento. Com efeito, ele dava a impressão de estar dizendo à La Vallière: "De onde vem que eu esteja enfeitiçado de vós?"

Creio que seria melhor dizer:

— *Que bénis soient les dieux qui condamnent ma vie.*

— *Condenam!* Ah! pois sim! Outra gentileza! O rei condenado à La Vallière... Não!

E repetiu:

— *Mais bénis soient les dieux qui... destinent ma vie.* Melhor; embora *destínente ma vie* não seja grande coisa; mas, afinal de contas, nem tudo pode ser perfeito numa quadra. *À plus aimer vos yeux...* Mais amar a quem? o quê? Obscuridade... A obscuridade é nada; se La Vallière e o rei me compreenderam, toda a gente me compreenderá. Sim, mas agora é que vem a coisa!... o segundo hemistíquio: *Qui m'ont joué ces tours.* O plural forçado pela rima! E além disso, chamar feitiço ao pudor de La Vallière! Não é muito feliz a idéia. Serei alvo da língua de todos os escrevinhadores meus confrades. Chamarão às minhas poesias versos de fidalgo; e, se el-rei ouvir dizer que sou mau poeta, será capaz de querer acreditar.

E, enquanto confiava essas palavras ao coração, e o coração ao pensamento, despia-se o conde mais completamente. Acabava de tirar o fato para vestir o roupão, quando lhe anunciaram a visita do Sr. Barão du Vallon de Bracieux de Pierrefonds.

— Ora, essa! De quem é esse cacho de nomes? Não o conheço.

— É um fidalgo — respondeu o lacaio — que teve a honra de jantar com o senhor conde, à mesa do rei, durante a estada de Sua Majestade em Fontainebleau.

— À mesa do rei, em Fontainebleau? — exclamou de Saint-Aignan.

— Depressa, depressa, fá-lo entrar.

O lacaio apressou-se em obedecer. Porthos entrou.

O Sr. de Saint-Aignan tinha a memória dos cortesãos: à primeira vista, reconheceu o fidalgo de província, de estranha reputação, que el-rei tão bem recebera em Fontainebleau, apesar de alguns sorrisos dos oficiais presentes.

Aproximou-se, pois, de Porthos com todas as demonstrações de uma afabilidade que o outro achou naturalíssima, de vez que também costumava hastear, em casa do adversário, a bandeira da mais requintada polidez.

De Saint-Aignan ordenou ao criado que oferecesse uma cadeira a Porthos. O recém-chegado, que não via exagero algum, naquelas cortesias, sentou-se e tossiu. Trocaram-se entre ambos as delicadezas de uso; logo, sendo o conde o visitado:

— Senhor barão — disse ele — a que feliz acaso devo a mercê da vossa visita?

— É precisamente o que terei a honra de explicar-vos, senhor conde — replicou Porthos; — mas, perdão...

— Que há, senhor? — perguntou de Saint-Aignan.

— Vejo que estou quebrando a vossa cadeira.

— De maneira alguma, senhor, de maneira alguma — respondeu de Saint-Aignan.

— Como não, senhor conde, como não! Estou-a quebrando, sim; e tão bem que, se me demorar um pouco, acabarei indo ao chão, posição assaz inconveniente para o papel grave que vim desempenhar.

Porthos levantou-se, oportunamente: a cadeira já dera de si algumas polegadas. De Saint-Aignan procurou com a vista um recipiente mais sólido para o hóspede.

— Os móveis modernos — observou Porthos, ao passo que o conde se absorvia nessa busca — os móveis modernos tornaram-se de uma fragilidade ridícula. Na minha mocidade, quando eu me assentava com energia muito maior que a de hoje, nunca me lembro de ter quebrado uma cadeira, a não ser com os braços, nas estalagens.

De Saint-Aignan recebeu com um sorriso afável a facécia.

— Mas — disse Porthos, instalando-se num divã, que gemeu, mas resistiu — não é disso que se trata, infelizmente.

— Como, infelizmente? Seríeis, acaso, portador de uma mensagem de mau augúrio, senhor barão?

— De mau augúrio para um fidalgo? Oh! não, senhor conde — replicou nobremente Porthos. — Venho apenas anunciar-vos que ofendestes muito cruelmente um amigo meu.

— Eu, senhor! — exclamou de Saint-Aignan; — eu ofendi um amigo vosso? Quem, por favor?

— O Sr. Raul de Bragelonne.

— Eu ofendi o Sr. de Bragelonne? — bradou de Saint-Aignan. — Mas isso não é possível! O Sr. de Bragelonne, que mal conheço, digo até que nem conheço, está na Inglaterra; e como faz muito tempo que o não vejo, não poderei tê-lo ofendido.

— O Sr. de Bragelonne está em Paris, senhor conde — voltou Porthos, impassível; — e, quanto a tê-lo ofendido, respondo que é verdade, pois ele próprio mo declarou. Sim, senhor conde, ofendeste-lo cruel, mortalmente, repito.

— Mas é impossível, senhor barão! Juro que é impossível!

— Aliás — acrescentou Porthos — não podeis ignorar essa circunstância, visto que o Sr. de Bragelonne me declarou ter-vos avisado por um bilhete.

— Não recebi bilhete algum, senhor, dou-vos a minha palavra.

— Isso é que é extraordinário! — respondeu Porthos; — e o que diz Raul...

— Vou convencer-vos de que nada recebi — tornou de Saint-Aignan.

E tocou a campainha.

— Basco — perguntou ele — quantas cartas ou bilhetes chegaram em minha ausência?

— Três, senhor conde.

— Que são?...

— O bilhete do Sr. de Fiesque, o da Sra. de La Ferté e a carta do Sr. de Las Fuentes.

— Só?

— Só, senhor conde.

— Dize a verdade diante deste senhor, a verdade, entendes? Respondo por ti.

— Senhor, havia ainda o bilhete de...

— De?... Dize depressa, vamos.

— Da Srta. de La Val...

— Isso basta — sobreveio discretamente Porthos. — Muito bem, acredito em vós, senhor conde.

De Saint-Aignan dispensou o lacaio e foi fechar pessoalmente a porta; mas, ao voltar, olhando casualmente à sua frente, viu sair da fechadura do quarto vizinho o famoso pedaço de papel que Bragelonne lá enfiara ao sair.

— Que é isso? — perguntou.

Porthos, que estava de costas para o quarto, voltou-se.

— Oh! oh! — exclamou o gigante.

— Um bilhete na fechadura! — bradou de Saint-Aignan.

— Bem poderia ser o nosso, senhor conde — volveu Porthos. — Lede.
De Saint-Aignan pegou no papel.
— Um bilhete do Sr. de Bragelonne! — rebradou.
— Como vedes, eu tinha razão. Quando digo uma coisa...
— Trazido aqui pelo próprio Sr. de Bragelonne — murmurou o conde empalidecendo. — Mas isso é indigno! Como terá ele penetrado aqui?
De Saint-Aignan tornou a tocar a campainha.
Basco reapareceu.
— Quem veio aqui, enquanto eu estava passeando com o rei?
— Ninguém, senhor.
— Impossível! Alguém deve ter vindo!
— Mas, senhor, ninguém pode ter entrado, visto que as chaves estavam comigo!
— Entretanto, o bilhete estava na fechadura.
Alguém o colocou aí; papel não anda sozinho.
Basco abriu os braços em sinal de absoluta ignorância.
— Não teria sido o próprio Sr. de Bragelonne? — sugeriu Porthos.
— Nesse caso, ele entrou neste quarto?
— Sem dúvida, senhor.
— Mas, enfim, se eu tinha a chave no bolso... — insistiu Basco. De Saint-Aignan amarfanhou o pedaço de papel depois de lê-lo.
— Nisso há dente de coelho — murmurou, absorto.
Porthos deixou-o momentaneamente entregue às suas reflexões. Depois tornou ao motivo da visita.
— Voltemos ao nosso negócio? — propôs, quando o lacaio se afastou.
— Creio compreendê-lo através deste bilhete, que apareceu de modo tão estranho. O Sr. de Bragelonne me anuncia um amigo...
— O amigo sou eu; é a mim, portanto, que ele anuncia.
— Para provocar-me?
— Precisamente.
— E queixa-se de que eu o ofendi?
— Cruelmente, mortalmente!
— De que maneira, por favor? Pois o seu procedimento é tão estranho que preciso, pelo menos, encontrar-lhe um sentido.
— Senhor — respondeu Porthos — o meu amigo deve ter razão, e quanto ao seu procedimento, se é misterioso como o dizeis, a culpa é vossa.
Porthos pronunciou as últimas palavras com uma confiança que, para um homem pouco avezado aos seus modos, devia sugerir uma infinidade de sentidos.
— Mistério, seja! Vejamos o mistério — disse de Saint-Aignan. Porthos, entretanto, inclinou-se.
— Concordareis, senhor, em que eu não o esmiúce — disse ele — e por excelentes razões.
— Que compreendo perfeitamente. Sim, senhor, toquemo-lo ao de leve. Sou todo ouvidos.
— Em primeiro lugar — tornou Porthos — é verdade que mudastes de quarto?
— E verdade, sim, senhor — confessou de Saint-Aignan.
— Confessai-lo? — insistiu Porthos com visível satisfação.
— Se o confesso? Claro que sim. Por que haveríeis de querer que eu não o confessasse?
— Confessastes. Bem — observou Porthos erguendo o primeiro dedo no ar.
— Ora, essa! E de que maneira pode ter a minha mudança prejudicado o Sr. de Bragelonne?

Respondei, vamos. Pois não compreendo patavina do que me dizeis.

Deteve-o Porthos.

— Senhor — disse gravemente — esse é o primeiro agravo que o Sr. de Bragelonne articula contra vós. Se o articula, é porque se sentiu ferido.

De Saint-Aignan bateu o pé no chão com impaciência.

— Isso está-me cheirando — disse ele — a uma briga sem motivo.

— Uma briga sem motivo seria impossível com um homem tão honrado quanto o Visconde de Bragelonne — tornou Porthos; — mas, enfim, não tendes mais nada que acrescentar sobre a mudança, não é assim?

— Nada. E depois?

— Ah! depois? Observai, primeiro, que este já é um agravo abominável ao qual não respondeis, ou melhor, ao qual respondeis muito mal. Então, mudais de quarto, ofendeis o Sr. de Bragelonne, e não vos desculpais? Muito bem!

— Como! — exclamou de Saint-Aignan, irritado com a fleuma daquele personagem; — como!

Preciso então consultar o Sr. de Bragelonne a respeito de minhas mudanças? Ora, bolas!

— É obrigatório, senhor, obrigatório. Todavia, confessareis que isso é nada diante do segundo agravo.

Porthos assumiu um ar grave.

— E o alçapão, senhor — disse ele — e o alçapão?

De Saint-Aignan tornou-se excessivamente pálido. Recuou tão rapidamente a cadeira, que Porthos, a despeito de toda a sua ingenuidade, conheceu que o golpe atingira o alvo.

— O alçapão — murmurou de Saint-Aignan.

— Sim, senhor, explicai-o se puderdes — continuou Porthos sacudindo a cabeça.

De Saint-Aignan abaixou a fronte.

— Oh! fui traído — murmurou; — sabe-se tudo!

— Sempre se sabe tudo — replicou Porthos, que não sabia nada.

— Vêdes-me arrasado — prosseguiu de Saint-Aignan — tão arrasado que sou capaz de perder a cabeça!

— Consciência culpada, senhor. Oh! a vossa causa não é boa.

— Senhor!

— E quando o público souber, e julgar...

— Oh! senhor — exclamou vivamente o conde — um segredo desses deve ser ignorado, até do confessor!

— Dar-se-á um jeito — volveu Porthos — e o segredo, de fato, não irá longe.

— Mas, senhor — tornou de Saint-Aignan — penetrando-o, saberá o Sr. de Bragelonne o perigo que corre e o que faz correr?

— O Sr. de Bragelonne não corre perigo nenhum, senhor, nem tome coisa alguma, e logo o verificareis, com a ajuda de Deus.

"Esse homem é doido varrido", pensou de Saint-Aignan. "Que me quer ele?”

E, logo em voz alta:

— Vejamos, senhor, abafemos o negócio.

— Esqueceis o retrato? — bramiu Porthos com voz de trovão, que gelou o sangue do conde.

Como o retrato era o de La Vallière, e não havia aí engano possível, sentiu de Saint-Aignan que os olhos se lhe abriam completamente.

— Ah! exclamou — ah! senhor, agora me lembro de que o Sr. de Bragelonne era noivo dela.

Porthos assumiu um ar imponente: a majestade da ignorância.

— Não tem a mínima importância para mim, nem para vós também — disse ele — que o meu amigo seja noivo ou não de quem dizeis. Até me surpreende que tenhais cometido essa indiscrição. Ela poderá prejudicar-vos ainda mais.

— Senhor, sois a inteligência, a delicadeza e a lealdade personificadas numa só pessoa. Agora já sei o que é.

— Tanto melhor! — disse Porthos.

— E vós — prosseguiu de Saint-Aignan — destemos a entender da maneira mais engenhosa e mais admirável. Obrigado, senhor, obrigado!

Empertigou-se Porthos.

— Entretanto, agora que sei de tudo, permiti que eu vos explique...

Porthos sacudiu a cabeça como quem não quer ouvir; mas de Saint-Aignan continuou:

— Sinto-me desesperado por tudo o que está acontecendo; que teríeis feito em meu lugar?

Vejamos, de homem para homem, dizei-me: que teríeis feito?

Porthos ergueu a cabeça.

— Aqui não se trata do que eu teria feito, rapaz; confessastes que já tendes ciência dos três agravos, não é verdade?

— Quanto ao primeiro, a mudança, e agora me dirijo ao homem inteligente e honrado, se uma vontade augusta me incitava a mudar, deveria, poderia eu, desobedecer?

Porthos fez um gesto que de Saint-Aignan não lhe permitiu concluir.

— Ah! a minha franqueza vos toca — disse ele, interpretando a seu modo o gesto. — Sentis que tenho razão.

Porthos não disse nada.

— Passemos ao desgraçado alçapão — prosseguiu o conde apoiando a mão no braço de Porthos; — o alçapão, causa do mal, meio do mal; o alçapão, construído para o que sabeis.

Pois bem, de boa-fé, cuidareis que fui eu quem, por iniciativa minha, num lugar como este, tenha mandado abrir um alçapão destinado a... Oh! não, não podeis crê-lo, e aqui também sentis, adivinhais, compreendeis, uma vontade superior à minha. Compreendeis o arrebatamento, já não falo de amor, a loucura irresistível... Meu Deus!... felizmente estou tratando com um homem inteligente e sensível; pois, a não ser assim, quanta desgraça e quanto escândalo para ela, pobre menina!... e para ele... que não quero nomear!

Aturdido, atarantado pela eloqüência e pelos gestos de de Saint-Aignan, Porthos fazia esforços inauditos para receber aquela torrente de palavras, que não entendia, empertigado e imóvel na cadeira; afinal, conseguiu-o.

Arrebatado pela própria peroração, de Saint-Aignan continuou, dando à voz um tom novo, uma crescente veemência aos gestos.

— Quanto ao retrato, pois compreendo que o retrato é o agravo principal; quanto ao retrato, vejamos, serei culpado? Quem desejou ter o retrato dela? Eu? Quem a ama? Eu? Quem a quer? Eu?... Quem a conquistou? Eu? Não! mil vezes não! Sei que o Sr. de Bragelonne deve estar desesperado, sei que essas penas são cruéis. Vede, também estou sofrendo. Mas não há resistência possível. Se ele reagir, será escarnecido. Se se obstinar, estará perdido. Dir-me-eis que o desespero é uma loucura; mas sois sensato, já me compreendestes. Percebo pelo vosso ar grave, refletido, até constrangido,

que a importância da situação vos impressionou. Voltai, portanto, ao Sr. de Bragelonne; agradecei a ele, como eu mesmo lhe agradeço, o haver escolhido por intermediário um homem com os vossos méritos. Crede que, de minha parte, votarei eterna gratidão a quem tão engenhosa e inteligentemente pacificou a nossa discórdia. E já que os maus fados quiseram que o segredo pertencesse a quatro em vez de pertencer a três, esse segredo, que pode fazer a fortuna do mais ambicioso dos homens, folgo muitíssimo em comparti-lo convosco, folgo de todo o coração, senhor. Por conseguinte, a partir deste momento, disponde de mim, que me coloco à vossa disposição. Que é preciso que eu faça por vós. Que devo pedir, que devo exigir? Dizei, senhor, dizei.

E, de acordo com o hábito familiarmente amistoso dos cortesãos da época, de Saint-Aignan foi abraçar Porthos e apertá-lo ternamente nos braços.

Porthos esperou que ele terminasse com uma fleuma incrível.

— Dizei, senhor — repetiu de Saint-Aignan; — que desejais?

— Senhor — respondeu Porthos — tenho um cavalo aqui embaixo; fazei-me o obséquio de montá-lo; é um animal excelente, que não vos dará aborrecimentos.

— Montar a cavalo! para quê? — perguntou de Saint-Aignan, curioso.

— Para irmos aonde nos espera o Sr. de Bragelonne.

— Ah, ele quer falar comigo, compreendo: saber dos pormenores. Ai de mim! é uma questão delicadíssima. Neste momento, porém, não posso, porque o rei está à minha espera.

— O rei esperará mais um pouco — tornou Porthos.

— Mas onde está o Sr. de Bragelonne?

— No convento dos frades, em Vincennes.

— Que brincadeira é essa?

— Não é brincadeira nenhuma; eu, pelo menos, não estou brincando.

E Porthos deu ao rosto a rigidez de suas linhas mais severas.

— Mas, no convento, só pode ser um duelo!

— E que quereis que seja?

Porthos desembainhou lentamente a espada.

— Aqui está a medida da espada do meu amigo — declarou.

— Irra! Esse homem é louco! — bradou de Saint-Aignan. Porthos corou até à raiz dos cabelos.

— Senhor — disse ele — se eu não tivesse a honra de estar em vossa casa e de servir aos interesses do Sr. de Bragelonne, atirar-vos-ia pela janela! Mas teremos de adiar essa parte, e não perdereis por esperar. Ireis ao convento?

— Eh!...

— Ireis de boa vontade?

— Mas...

— Se não fordes, levar-vos-ei à força! Cuidado!

— Basco! — gritou de Saint-Aignan. Basco entrou.

— O rei está chamando o senhor conde — anunciou Basco.

— Isso é outra coisa — disse Porthos; — o serviço do rei primeiro que tudo. Lá esperaremos até à noite, senhor.

E, cumprimentando de Saint-Aignan com a cortesia habitual, Porthos saiu, encantado por haver arranjado mais um negócio.

De Saint-Aignan viu-o sair; depois, tornando a vestir-se à pressa, disparou, enquanto arrumava a desordem dos trajos e dizia entre si:

— No convento... no convento... Veremos como o rei receberá esse desafio, que, afinal de contas,

é dirigido a ele, diabo!

Capítulo LVI - Rivais políticos

DEPOIS do passeio tão fértil para Apolo, e no qual todos haviam pago o seu tributo às Musas, como diziam os poetas do tempo, el-rei encontrou no gabinete o Sr. Fouquet, que estava à sua espera.

Atrás do rei vinha o Sr. Colbert, que se juntara a ele num corredor, como se o estivesse atocaiando, e que o seguia qual sombra ciumenta e vigilante; o Sr. Colbert, com a cabeça quadrada, o luxo grosseiro dos trajos desataviados, que lhe dava o aspecto de um fidalgo flamengo depois da cerveja.

À vista do inimigo, o Sr. Fouquet permaneceu calmo e forcejou, durante toda a cena que vai seguir-se, por manter a atitude, tão difícil, do homem superior cujo coração transborda de desprezo, mas que não quer demonstrá-lo, receoso de ainda assim honrar em demasia o adversário.

Colbert não disfarçava uma alegria insultuosa.

Para ele, pertencente à escola dos homens políticos que só admitem a habilidade e só estimam o triunfo, o Sr. Fouquet desempenhava mal uma parte irremediavelmente perdida, se bem ainda não estivesse terminada.

De mais a mais, Colbert não era apenas um homem invejoso e ciumento: levando a peito todos os interesses do rei, porque era intimamente dotado da suprema probidade do algarismo, persuadia-se do argumento, tão feliz quando odiamos, de que, odiando e arruinando o Sr. Fouquet, trabalhava pelo bem do Estado e da dignidade real.

Nenhum desses pormenores escapou a Fouquet.

Através das sobrancelhas grossas do inimigo, e a despeito do incessante mover-se das pálpebras, leu, pelos olhos, o coração de Colbert; e viu tudo o que havia naquele coração: ódio e triunfo.

Como, porém, apesar de penetrante, quisesse permanecer impenetrável, devolveu a serenidade ao rosto, afivelou-lhe o sorriso encantador que era apanágio seu e, imprimindo à sua reverência a elasticidade mais nobre e mais ágil, ao mesmo tempo:

— Sire — disse ele — vejo, pelo seu semblante prazenteiro, que Vossa Majestade deu um bom passeio.

— Encantador, de fato, senhor superintendente, encantador! Fizestes mal em não aceitar o meu convite para acompanhar-nos.

— Eu estava trabalhando, Sire — respondeu o superintendente. Fouquet nem precisou virar a cabeça; não estava olhando para o lado do Sr. Colbert.

— Ah! o campo, Sr. Fouquet! — exclamou o rei. — Meu Deus, como eu gostaria de poder viver sempre no campo, em pleno ar, debaixo das árvores!

— Espero que Vossa Majestade não se tenha ainda cansado do trono! — redarguiu Fouquet.

— Não; mas os tronos de verdura são bem macios.

— Em verdade, Sire, Vossa Majestade satisfaz todos os meus anseios falando assim. Eu tinha precisamente um requerimento para apresentar-lhe.

— Da parte de quem senhor superintendente?

— Da parte das ninfas de Vaux.

— Ah! ah! — exclamou Luís XIV.

— O rei dignou-se de fazer-me uma promessa.

— Sim, lembro-me dela.

— A festa de Vaux, a famosa festa, não é verdade, Sire? — acudiu Colbert, que tentava assoalhar o seu valimento intrometendo-se na conversa.

Com profundo desprezo, Fouquet nem sequer respondeu. Dir-se-ia que, para ele, Colbert não pensara nem falara.

— Sabe Vossa Majestade — disse ele — que destino a minha propriedade de Vaux a receber o mais amável dos príncipes, o mais poderoso dos reis.

— Prometi, senhor — respondeu, sorrindo, Luís XIV — e um rei não tem mais que a sua palavra.

— E eu, Sire, venho dizer a Vossa Majestade que estou inteiramente às suas ordens.

— Prometeis-me muitas maravilhas, senhor superintendente? E Luís XIV olhou para Colbert.

— Maravilhas? Oh! não, Sire; a tanto não me comprometo; espero poder prometer algum prazer, talvez até um pouco de esquecimento ao rei.

— Não, não, Sr. Fouquet — volveu o rei. — Insisto no termo maravilha. Oh! sois um feiticeiro, conhecemos o vosso poder, sabemos que tirais ouro até de onde ele não existe. Daí que o povo diga que o fabricais.

Fouquet sentiu que o golpe partia de um duplo carcás, e que o rei atirava, ao mesmo tempo, uma flecha do seu arco e outra de Colbert. Pôs-se a rir.

— Oh! — retorquiu — o povo sabe muito bem de que mina arranco esse ouro. Sabe-o bem demais, até; e, de resto — ajuntou com altivez — posso afiançar a Vossa Majestade que o ouro destinado a pagar a festa de Vaux não fará correr sangue nem lágrimas. Suores, talvez. Mas estes serão pagos.

Luís quedou espantado. Quis olhar para Colbert, que também quis replicar; mas um olhar de águia, um olhar leal, real até, lançado por Fouquet, deteve-lhe a palavra nos lábios.

Durante esse tempo, o rei recobrara o domínio de si mesmo. Voltou-se para o superintendente e disse-lhe:

— Formulais, então, o vosso convite?

— Formulo, Sire, se isso apraz a Vossa Majestade.

— Para que dia?

— Para o dia que convier a Vossa Majestade.

— Isso é falar como feiticeiro que improvisa, Sr. Fouquet. Eu não seria capaz de dizer o mesmo.

— Vossa Majestade fará, quando quiser, tudo o que um rei pode e deve fazer. O rei de França tem servidores capazes de tudo para o seu serviço e para os seus prazeres.

Colbert tentou olhar para o superintendente a fim de ver se aquela frase anunciava um retorno a sentimentos menos hostis; Fouquet nem sequer considerou o inimigo. Para ele, Colbert não existia.

— Daqui a oito dias, está bem? — perguntou o rei.

— Daqui a oito dias, Sire.

— Hoje é terça-feira; não quereis um prazo até o outro domingo?

— O adiamento que Vossa Majestade me concede será um vigoroso ajutório para os trabalhos que empreenderão os meus arquitetos a fim de proporcionar divertimento ao rei e a seus amigos.

— E, falando nesses amigos — tornou o rei — como os tratareis?

— O rei é senhor em toda a parte, Sire; o rei faz a sua lista e dá as suas ordens. Todos os seus convidados serão hóspedes muito respeitados por mim.

— Obrigado! — tornou o rei, comovido pelo nobre pensamento expresso com nobre acento.

Fouquet despediu-se de Luís XIV, depois de haver discorrido brevemente sobre alguns negócios.

Fouquet prit alors congé de Louis XIV.

Percebeu que Colbert ficaria com o rei, que falariam dele, que ambos o atacariam.

A satisfação de dar o derradeiro golpe, um golpe terrível ao inimigo, pareceu-lhe uma compensação de tudo o que o fariam sofrer.

Voltou-se, portanto, prontamente, quando já se preparava para transpor o limiar, e, dirigindo-se ao rei; — Perdão, Sire — disse ele — perdão!

— Perdão de que, senhor? — tornou o príncipe com amenidade.

— De uma falta grave, que eu estava cometendo sem o perceber.

— Uma falta, vós? Ah! Sr. Fouquet, podeis estar certo de que sereis perdoado. Contra o que pecastes, ou contra quem?

— Contra todas as conveniências, Sire. Esqueceu-me participar a Vossa Majestade uma circunstância importantíssima.

— Qual?

Colbert sentiu um arrepio. O seu procedimento fora desmascarado. Uma palavra de Fouquet, uma prova articulada, e, diante da lealdade juvenil de Luís XIV, todo o favor de Colbert se apagava. Teve medo, portanto, de um golpe atrevido, que lhe derrubasse o edifício tão laboriosamente construído; e, de fato, era tão bonito o golpe que Aramis, o bom jogador, não teria deixado de aplicá-lo.

— Sire — disse Fouquet com desembaraço — já que Vossa Majestade teve a bondade de perdoar-me, faço com leveza a minha confissão: hoje cedo, vendi um de meus cargos.

— Um de vossos cargos? — bradou o rei; — qual?

Colbert tornou-se lívido.

— O que me emprestava, Sire, uma toga enorme e um ar severo: o cargo de procurador-geral.

Desferiu el-rei um grito involuntário e olhou para Colbert. Este, com a testa lavada em suor, parecia a pique de perder os sentidos.

— A quem vendestes o cargo, Sr. Fouquet? — perguntou o rei. Apoiou-se Colbert à ombreira da chaminé.

— A qui vendîtes-vous cette charge, monsieur Fouquet?

— A um conselheiro do Parlamento, Sire, chamado Vanel.

— Vanel?

— Um amigo do Sr. Intendente Colbert — ajuntou Fouquet deixando cair essas palavras com inimitável displiscência, com uma expressão de esquecimento e de ignorância que o pintor, o ator e o poeta renunciariam a reproduzir com o pincel, o gesto ou a pena.

Por fim, tendo esmagado Colbert sob o peso de tamanha superioridade, o superintendente voltou a cumprimentar ao rei, e retirou-se, quase vingado pela estupefação do príncipe e pela humilhação do favorito.

— Será possível? — perguntou o rei depois que Fouquet desapareceu. — ele vendeu o cargo?

— Vendeu, Sire — responde Colbert com intenção.

— O homem está doido!

Dessa feita, Colbert não retrucou; entrevira o pensamento do amo. E esse pensamento vingava-o também. Ao seu ódio vinha juntar-se a inveja; ao seu plano de ruína vinha aliar-se uma ameaça.

Percebeu que, a partir de então, entre Luís XIV e ele, as idéias hostis já não encontrariam obstáculos, e o primeiro passo em falso de Fouquet precederia de pouco a punição.

Fouquet deixara cair a sua arma. O ódio e a inveja acabavam de apanhá-la.

Colbert foi convidado pelo rei à festa de Vaux; agradeceu como um homem seguro de si, aceitou como quem faz um favor.

O rei chegara ao nome de Saint-Aignan na lista dos convidados, quando o contínuo anunciou o Conde de Saint-Aignan.

Retirou-se discretamente Colbert à chegada do Mercúrio real.

Capítulo LVII - Rivais no amor

FAZIA apenas duas horas que de Saint-Aignan deixara Luís IV; mas, nessa primeira efervescência do amor, quando Luís XIV não via La Vallière queria que lhe falassem dela. Ora, a única pessoa com que podia falar à vontade era de Saint-Aignan; de Saint-Aignan, portanto, tornava-se-lhe indispensável.

— Ah! és tu, conde? — exclamou ele ao avistá-lo, duplamente alegre por vê-lo chegar e por ver afastar-se o rosto carrancudo de Colbert, que sempre o entristecia. — Tanto melhor! folgo de ver-te; irás conosco, não é verdade?

— Aonde, Sire? — perguntou de Saint-Aignan.

— À festa que nos oferece o senhor superintendente em Vaux. Ah! de Saint-Aignan, verás finalmente uma festa perto da qual os nossos divertimentos de Fontainebleau não passam de brincadeiras de crianças.

— Em Vaux? O superintendente oferece a Vossa Majestade uma festa em Vaux? Só isso?

— Só isso! É delicioso o teu desdém. Sabes, desdenhoso, que, quando correr a notícia de que o Sr. Fouquet me receberá em Vaux de domingo a oito dias, muita gente será capaz de degolar o vizinho para obter um convite? Repito, portanto, de Saint-Aignan, que irás à festa.

— Sim, se até lá eu não tiver feito uma viagem mais comprida e menos agradável.

— Qual?

— A do Estige, Sire.

— Ora! — exclamou Luís XIV, pondo-se a rir.

— Falo sério, Sire — replicou de Saint-Aignan. — Já fui convidado para fazê-la, e de tal modo que não sei como poderei recusar-me.

— Não te compreendo, meu caro. Sei que estás de veia para a poesia; mas cuidado para não descambares de Apolo em Febo.

— Se Vossa Majestade fôr servido ouvir-me, não lhe torturarei por mais tempo o espírito.

— Fala.

— Vossa Majestade não conhece o Sr. Barão du Vallon?

— Como não! Um bom servidor do rei meu pai e um belo conviva, sem dúvida nenhuma! Não é aquele que jantou conosco em Fontainebleau?

— Precisamente. Mas Vossa Majestade esqueceu-se de ajuntar às suas qualidades: um amável matador de gente.

— Como! O Sr. du Vallon quer matar-te?

— Ou fazer que me matem, o que vem a dar no mesmo.

— Ora, sim, senhor!

— Não caçoe Vossa Majestade: tudo o que digo é a expressão da verdade.

— E dizes que ele quer fazer que te matem?

— Neste momento, tal é a idéia do digno fidalgo.

— Descansa, que eu te defenderei, se ele não tiver razão.

— Ah! há um *se*.

— Sem dúvida. Vejamos, responde como se se tratasse de um terceiro, meu pobre de Saint-Aignan; ele tem ou não tem razão?

— Vossa Majestade julgará.

— Que lhe fizeste?
— A ele, nada; mas parece que ofendi um de seus amigos.
— É o mesmo; e esse é um dos quatro famosos?
— Não, é o filho de um deles.
— Que fizeste ao filho? Vejamos.
— Ajudei alguém a tirar-lhe a namorada.
— E confessá-lo?
— Tenho de confessá-lo, visto que é verdade.
— Nesse caso, andaste mal.
— Ah! andei mal?
— Sim, e se ele te matar...
— Que é que tem?
— Terá razão.
— Ah! então é assim que julga Vossa Majestade?
— Achas mau o método?
— Acho-o expedito.
— Justiça boa e pronta, dizia meu avô Henrique IV.
— Nesse caso, digne-se Vossa Majestade de assinar depressa o perdão do meu adversário, que me espera em Vincennes para matar-me.
— O nome dele é um pergaminho.
— Sire, há um pergaminho sobre a mesa de Vossa Majestade, e, quanto ao nome dele...
— Quanto ao nome dele?
— É o Visconde de Bragelonne, Sire.
— O Visconde de Bragelonne? — exclamou o rei, passando do riso ao estupor mais profundo.
Logo, volvido um momento de silêncio, durante o qual enxugou o suor que lhe escorria pela testa:
— Bragelonne! — murmurou.
— Exatamente, Sire — confirmou de Saint-Aignan.
— Bragelonne, o noivo de?...
— Oh! meu Deus, sim! Bragelonne, o noivo de...
— Mas ele estava em Londres!
— Entretanto, posso responder a Vossa Majestade que já não está.
— Em Paris?
— Está em Vincennes, ao pé do convento dos frades, à minha espera, como já tive a honra de dizer a Vossa Majestade.
— Ciente de tudo?
— E de muitas outras coisas ainda! Se Vossa Majestade quiser ver o bilhete que ele me deixou...
E de Saint-Aignan tirou da algibeira o pedacinho de papel que já conhecemos.
— Depois que Vossa Majestade o tiver lido, terei a honra de dizer-lhe como o recebi.
O rei leu-o agitado e, incontinente:
— E então? — perguntou.
— Então, Vossa Majestade conhece certa fechadura cinzelada, que fecha certa porta de ébano, que separa certo quarto de certo santuário azul e branco?
— Naturalmente, o toucador de Luísa.
— Isso mesmo, Sire. Pois bem, foi no buraco dessa fechadura que encontrei o bilhete. Quem o colocou lá? O Sr. de Bragelonne ou o diabo? Mas, como o bilhete rescende a âmbar e não a enxofre,

cheguei à conclusão de que deve ter sido, não o diabo, mas o Sr. de Bragelonne.

Luís inclinou a cabeça e pareceu tristemente absorto. Talvez, naquele momento, algo como um remorso lhe pungisse o coração.

— Oh! — murmurou — o segredo foi descoberto!

— Sire, farei o impossível para que ele morra no peito que o abrigar — prometeu de Saint-Aignan em tom de bravura perfeitamente espanhola.

E fez menção de afastar-se; com um gesto, porém, el-rei o deteve.

— Aonde vais? — perguntou.

— Aonde me esperam, Sire.

— Fazer o quê?

— Bater-me, provavelmente.

— Bater-vos? — bradou o rei. — Um momento, por favor, senhor conde!

— Vous battre! s'écria le roi. Un moment, s'il vous plaît, monsieur le comte. — Page 370.

De Saint-Aignan sacudiu a cabeça como criança que se rebela quando querem impedi-la de atirar-se num poço ou de brincar com uma faca.

— Mas, no entanto, Sire... — disse ele.

— Em primeiro lugar — recalcitrou o rei — ainda não estou suficientemente esclarecido.

— Oh! nesse ponto, Sire, sirva-se Vossa Majestade de interrogar-me que eu o esclarecerei.

— Quem te disse que o Sr. de Bragelonne penetrou no tal quarto?

— Este bilhete que encontrei na fechadura, como já tive a honra de informar a Vossa Majestade.

— Quem te disse que foi ele que o colocou ali?
— Quem mais se arriscaria fazê-lo?
— Tens razão. Como terá ele entrado no quarto?
— Ah! isso é gravíssimo, visto que todas as portas estavam fechadas, e o meu lacaio, Basco, tinha as chaves no bolso.
— Pois o teu lacaio foi comprado.
— Impossível, Sire.
— Impossível, por quê?
— Porque, se alguém o tivesse comprado, não o teria perdido, mostrando claramente que se utilizou dele, o que não lhe permitiria tornar a aproveitá-lo.
— É justo. Agora, só resta uma hipótese.
— Vamos a ver se é a hipótese que se apresentou ao meu espírito.
— Ele deve ter entrado pela escada.
— É o que me parece mais provável, Sire.
— Mas, nesse caso, alguém lhe deve ter vendido o segredo do alçapão.
— Vendido ou dado.
— Por que a distinção?
— Porque, estando acima do preço de uma traição, Sire, certas pessoas dão e não vendem.
— Que queres dizer?
— Oh! Sire, Vossa Majestade tem o espírito tão sutil que me poupará, adivinhando, o embaraço de citar nomes.
— Tens razão: Madame!
— Ah! — exclamou de Saint-Aignan.
— Madame, que se mostrou preocupada com a tua mudança.
— Madame, que tem as chaves dos quartos de suas damas, e que é suficientemente poderosa para descobrir o que ninguém, a não ser Vossa Majestade, poderia descobrir.
— E crês que minha irmã se tenha aliado a Bragelonne?
— Eh! eh! Sire...
— A ponto de inteirá-lo de todos esses pormenores?
— Talvez mais ainda.
— Mais!... Acaba.
— Talvez a ponto de acompanhá-lo.
— Aonde? Ao teu quarto?
— Parece-lhe impossível, Sire?
— Oh!
— Ouça. Sabe Vossa Majestade que Madame aprecia os perfumes?
— Sei, é um hábito que ela adquiriu de minha mãe.
— Principalmente a verbena?
— É o seu perfume predileto.
— Pois bem, o meu apartamento rescende a verbena. Quedou el-rei pensativo.
— Mas — tornou, após um momento de silêncio — por que teria Madame tomado o partido de Bragelonne contra mim?
Ao dizer essas palavras, a que de Saint-Aignan teria facilmente respondido por estoutras: "Ciúme de mulher!" sondava o rei o coração do amigo para ver se ele penetrara o segredo de seus amores com a cunhada. De Saint-Aignan, porém, não era um cortesão medíocre; não se arriscava

levianamente a descobrir segredos de família; amicíssimo das Musas, não podia menos de lembrar-se com freqüência do pobre Ovídio Naso, cujos olhos derramaram tantas lágrimas para expiar o crime de ter visto não se sabe o que em casa de Augusto. Contornou, portanto, habilmente, o segredo de Madame. Todavia, como dera provas de sagacidade ao sugerir que Madame estivera em seu quarto em companhia de Bragelonne, cumpria-lhe pagar a usura desse amor-próprio e responder claramente à pergunta:

"Por que teria Madame tomado o partido de Bragelonne contra mim?”

— Por quê? — tornou de Saint-Aignan. — Esquece-se, acaso, Vossa Majestade de que o Sr. Conde de Guiché é o amigo íntimo do Visconde de Bragelonne?

— Não vejo relação alguma — respondeu o rei.

— Ah! perdão, Sire; mas eu cria que o Sr. Conde de Guiché fosse grande amigo de Madame.

— De fato — acudiu o rei; — já não é preciso procurar, o golpe partiu desse lado.

— E, para apará-lo, não entende Vossa Majestade que é preciso desferir outro?

— Sim; mas não do gênero daqueles que se desferem no bosque de Vincennes.

— Olvida-se Vossa Majestade — voltou de Saint-Aignan — de que sou fidalgo e fui provocado.

— Não é a ti que isso diz respeito.

— Mas é a mim que esperam em Vincennes, Sire, há mais de uma hora; e eu, que sou a causa, ficarei desonrado se não for aonde me esperam.

— O primeiro dever de um fidalgo é a obediência ao rei.

— Sire...

— Ordeno que fiques! — Sire...

— Obedece.

— Como aprouver a Vossa Majestade.

— De mais a mais, quero esclarecer essa história toda; quero saber como zombaram de mim com tal audácia que invadiram o santuário de minhas predileções. Os que fizeram isso, de Saint-Aignan, não devem ser punidos por ti, pois não foi a tua honra que atacaram, senão a minha.

— Suplico a Vossa Majestade que não oprima com a sua cólera o Sr. de Bragelonne, que, nesse caso, pode ter procedido sem prudência, mas não sem lealdade.

— Bastai Saberei distinguir o justo do injusto, até no auge de minha cólera. Mas, sobretudo, nem uma palavrinha, a Madame.

— Que farei em relação ao Sr. de Bragelonne, Sire? Ele virá procurar-me, e...

— Falarei com ele ou mandarei que falem até hoje à noite.

— Ainda uma vez, Sire, rogo indulgência a Vossa Majestade.

— Fui indulgente por muito tempo, conde — atalhou Luís XIV carregando o cenho; — agora preciso mostrar a certas pessoas que sou eu quem manda em minha casa.

Mal pronunciara o rei estas palavras, demonstrativas de que ao novo ressentimento se juntava a lembrança de um antigo, quando o contínuo assomou à porta do gabinete.

— Que há de novo? — perguntou o rei — e por que me aparecem sem que eu chame?

— Sire — redarguiu o contínuo — Vossa Majestade me ordenou, uma vez por todas, que deixasse passar o Sr. Conde de La Fère sempre que ele quisesse falar com Vossa Majestade.

— E daí?

— O Sr. Conde de La Fère está esperando.

O rei e de Saint-Aignan trocaram, a essas palavras, um olhar em que havia mais inquietude que surpresa. Luís hesitou um instante. Mas, quase imediatamente, decidindo-se:

— Vai — disse ele a de Saint-Aignan — vai à procura de Luísa e informa-a do que se trama

contra nós; conta-lhe que Madame reencetou as suas perseguições e pôs em atividade pessoas que teriam feito muito melhor se se tivessem conservado neutras.

— Sire...

— Se Luísa se assustar — continuou o rei — tranqüiliza-a; dize-lhe que o amor do rei é um escudo impenetrável. Se, e prefiro não o crer, ela já sabe de tudo, ou se, de seu lado, ela já sofreu algum ataque, dize-lhe, de Saint-Aignan — ajuntou o rei, que tremia de cólera e de febre — dize-lhe que, desta vez, em lugar de defendê-la, eu a vingarei, e tão severamente, que ninguém doravante ousará erguer os olhos para ela!

— É só, Sire?

— É só. Vai depressa, e sê-me fiel, tu que vives no meio deste inferno sem ter, como eu, a esperança do paraíso.

Desmanchou-se de Saint-Aignan em protestos de devotamento: pegando na mão do rei, beijou-a e saiu radiante.

Capítulo LVIII - Rei e nobreza

REPORTOU-SE o rei imediatamente para receber o Sr. de la Fère. Previa que o conde não viera por acaso. Sentia vagamente a importância da visita; mas para um homem como Athos, para um espírito tão fino, a primeira impressão que recebesse não devia de ser desagradável.

Quando o jovem rei teve a certeza de estar aparentemente calmo, ordenou aos contínuos que introduzissem o conde.

Minutos depois, em trajos de cerimônia, revestido das ordens que só ele tinha o direito de usar na corte de França, apresentou-se Athos com ar tão grave e tão solene, que o rei percebeu, ao primeiro relance de olhos, que não se enganara em seus pressentimentos.

O monarca deu um passo para o conde e estendeu-lhe com um sorriso a mão, sobre a qual Athos se inclinou cheio de respeito.

— Sr. Conde de la Fère — disse rapidamente o rei — vindes tão raramente à minha casa, que me sinto mui ditoso ao ver-vos.

Inclinou-se Athos e respondeu:

— Eu quisera ter a felicidade de estar sempre ao lado de Vossa Majestade.

Feita nesse tom, a resposta significava, manifestamente: "Eu quisera ser um dos conselheiros do rei para impedi-lo de errar".

O soberano o percebeu e, determinado a conservar, diante daquele homem, a vantagem da calma com a vantagem da posição:

— Vejo que tendes alguma coisa para dizer-me — continuou.

— Eu não teria ousado, sem isso, entrar à presença de Vossa Majestade.

— Dizei logo, senhor, que anseio por satisfazer-vos. Sentou-se el-rei.

— Estou persuadido — replicou Athos em tom levemente comovido — que Vossa Majestade me dará todas as satisfações.

— Ah! — voltou o rei com certo entono — é uma queixa que viestes formular?

— Seria uma queixa — tornou Athos — se Vossa Majestade... Mas, queira desculpar-me, Sire, começarei pelo princípio.

— Estou esperando.

— Há de lembrar a Vossa Majestade que, por ocasião da partida do Sr. de Buckingham, tive a honra de falar-lhe.

— Nessa ocasião, mais ou menos... Sim, já me lembro; só me esqueceu... o assunto da entrevista.

Athos estremeceu.

— Terei a honra de recordá-lo a Vossa Majestade — disse ele. — Tratava-se de um pedido que dirigi a Vossa Majestade relativo ao casamento que o Sr. de Bragelonne desejava contrair com a Srta. de la Vallière.

"Chegamos ao ponto", pensou o rei. E, em voz alta: — Já me lembro.

— Nessa ocasião — prosseguiu Athos — o rei foi tão bom e tão generoso comigo e com o Sr. de Bragelonne, que nenhuma das palavras pronunciadas por Vossa Majestade me saiu da memória.

— E ?... — disse o rei.

— E Vossa Majestade, a quem eu pedia a Srta. de La Vallière para o Sr. de Bragelonne, recusou-ma.

— É verdade — confirmou secamente Luís.
— Alegando — apressou-se em acrescentar Athos — que a noiva carecia de posição.
— Luís dominou-se para ouvir com paciência.
— Que... — ajuntou Athos — não tinha bens.
Enterrou-se el-rei na poltrona.
— Nem grande nobreza. Nova impaciência do rei.
— Nem muita beleza — insistiu, implacável, Athos.
O último dardo, que atingira o coração do amante, fê-lo dar um salto.
— Senhor — exclamou — tendes uma memória privilegiada!
— É o que sempre me acontece quando me concedem a grandíssima honra de falar ao rei — tornou o conde sem se perturbar.
— Eu disse tudo isso, seja tudo isso, seja!
— E eu agradeci extremamente a Vossa Majestade, porque essas palavras demonstravam um interesse muito honroso ao Sr. de Bragelonne.
— E não vos lembrais também — acudiu o rei acentuando cada palavra — de que tínheis muita repugnância por esse casamento?
— É verdade, Sire.
— E que fizestes o pedido a contragosto?
— Sim, Majestade.
— Enfim, lembro-me também, pois tenho a memória quase tão boa quanto a vossa, lembro-me também de que dissestes: "Não acredito no amor da Srta. de La Vallière ao Sr. de Bragelonne". Não é verdade?
Athos sentiu o golpe, mas não recuou.
— Sire — respondeu — já pedi perdão a Vossa Majestade, mas há certos pormenores daquela entrevista que só serão inteligíveis no fim.
— Nesse caso, vamos ao fim.
— Ei-lo. Vossa Majestade afirmou que adiava o casamento por bem do Sr. de Bragelonne.
Calou-se el-rei.
— Hoje, o Sr. de Bragelonne se sente tão infeliz que não pode esperar por mais tempo a decisão de Vossa Majestade.
O rei empalideceu.
Athos considerou-o fixamente.
— E que... pede... o Sr. de Bragelonne? — perguntou o rei, hesitando.
— Exatamente o que vim pedir na última entrevista: o consentimento de Vossa Majestade ao casamento dele.
O rei não respondeu.
— As questões relativas aos obstáculos estão afastadas para nós — continuou Athos. — Sem bens, sem nobreza e sem beleza, a Srta. de La Vallière continua sendo, apesar disso, o único bom partido no mundo para o Sr. de Bragelonne, pois ele está apaixonado por ela.
O rei apertou as mãos.
— Vossa Majestade hesita? — perguntou o conde sem nada perder da firmeza nem da polidez.
— Não hesito... recuso — replicou o rei.
Recolheu-se Athos por um momento.
— Tive a honra — tornou ele com a voz suave — de observar a Vossa Majestade que nenhum obstáculo empecia as afeições do Sr. de Bragelonne e que a sua determinação parecia invariável.

— Há a minha vontade; não é um obstáculo?
— É o mais sério de todos — retrucou Athos.
— Ah!
— Agora, seja-nos permitido perguntar a Vossa Majestade, humildemente, a razão dessa recusa.
— A razão?... Uma pergunta? — bradou o rei.
— Um pedido, Sire.
E o monarca, apoiando-se com os punhos sobre a mesa:
— Esquecestes os usos da corte, Sr. de la Fère — disse com voz concentrada. — Na corte, não se interroga o rei.
— É verdade, Sire; mas se não se interroga, imagina-se.
— Imagina-se! Que significa isso?
— Quase sempre a imaginação do súdito supre a franqueza do soberano...
— Senhor!
— E trai a falta de confiança do súdito — prosseguiu, impávido, Athos.
— Parece-me que vos equivocais — tornou o soberano arrebatado, e malgrado seu, pela cólera.
— Sire, sou forçado a buscar alhures o que eu cuidava encontrar em Vossa Majestade. Em vez de obter uma resposta de Vossa Majestade, sou obrigado a responder a mim mesmo.
Ergueu-se o rei.
— Senhor conde — disse ele — já vos concedi todo o tempo de que dispunha.
Era uma despedida.
— Sire — respondeu o conde — ainda não pude dizer a Vossa Majestade tudo o que vim dizer-lhe, e como vejo tão raramente o rei, preciso aproveitar a ocasião.
— Havíeis chegado às imaginações; agora passareis às ofensas.
— Oh! Sire, ofender o rei, eu? Nunca! Passei a vida inteira sustentando que os reis estão acima dos outros homens, não só pela posição e pelo poder, mas também pela nobreza do coração e pelo valor do espírito. Nunca poderei acreditar que o meu rei, ao dizer-me qualquer coisa, ocultasse com isso uma segunda intenção.
— Que segunda intenção?
— Explico-me — tornou friamente Athos. — Suponhamos que, recusando a mão da Srta. de La Vallière ao Sr. de Bragelonne, tivesse Vossa Majestade outro intuito que o da felicidade e da fortuna do visconde.
— Bem vedes, senhor, que me ofendeis.
— Se, ao impor um prazo ao visconde, Vossa Majestade tencionasse apenas afastar o noivo da Srta. de La Vallière...
— Senhor! senhor!
— É o que ouço dizer em toda a parte, Sire. Em toda a parte se fala do amor de Vossa Majestade à Srta. de La Vallière.
El-rei fez pedaços as luvas que, por compostura, mordiscara durante alguns minutos.
— Ai daqueles — exclamou — que se metem em meus negócios! Já tomei uma decisão: romperei todos os obstáculos.
— Que obstáculos? — perguntou Athos.
Conteve-se de golpe o rei, como um cavalo em disparada cuja boca morde o freio que o detém.
— Amo a Srta. de La Vallière — declarou, a súbitas, com nobreza e arrebatamento.
— Mas isso — interrompeu Athos — não tolhe Vossa Majestade de casar o Sr. de Bragelonne com a Srta. de La Vallière. O sacrifício é digno de um rei; faz jus a ele o Sr. de Bragelonne, que já

prestou serviços e pode ser considerado um homem de bem, por conseguinte, renunciando ao seu amor, o rei dá provas, ao mesmo tempo, de generosidade, gratidão e boa política.

— A Srta. de La Vallière — voltou surdamente o monarca — não ama o Sr. de Bragelonne.

— Vossa Majestade tem certeza? — perguntou Athos com um olhar profundo.

— Tenho.

— Tem-na, então, faz pouco tempo; pois se a tivesse quando fiz o meu primeiro pedido, ter-se-ia dado ao trabalho de dizer-mo.

— Faz pouco tempo.

Manteve-se Athos em silêncio por um momento.

— Nesse caso não compreendo — prosseguiu — que el-rei tenha enviado o Sr. de Bragelonne a Londres. Esse exílio surpreende com razão os que amam a honra do rei.

— Quem fala da honra do rei, Sr. de la Fère?

— A honra do rei, Sire, é feita da honra de toda a sua nobreza. Quando o rei ofende um fidalgo, isto é, quando lhe tira um pouco da sua honra, é o próprio rei quem a perde.

— Sr. de la Fère!

— Sire, Vossa Majestade mandou a Londres o Visconde de Bragelonne antes de tornar-se amante da Srta. de La Vallière ou depois que se tornou amante dela?

Irritado, sobretudo porque se sentia dominado, el-rei quis dispensar Athos com um gesto.

— Sire, direi tudo a Vossa Majestade — redarguiu o conde; — só sairei daqui satisfeito por Vossa Majestade ou por mim mesmo.

Satisfeito se Vossa Majestade me provar que tem razão; satisfeito se eu lhe provar que Vossa Majestade não a tem. Oh! Vossa Majestade me ouvirá, sim. Estou velho, e amo tudo o que há de realmente grande e forte neste reino. Derramei o meu sangue pelo pai de Vossa Majestade e por Vossa Majestade, sem nunca haver pedido o que quer que fosse a nenhum dos dois. Nunca fiz mal a ninguém neste mundo e tenho obsequiado reis! Vossa Majestade me ouvirá! Venho pedir-lhe contas da honra de um de seus servidores, que Vossa Majestade iludiu com uma mentira ou traiu por uma fraqueza. Sei que essas palavras o irritam, Sire; mas, a nós, os fatos nos matam; sei que Vossa Majestade está pensando no castigo que infligirá à minha franqueza; mas sei também o castigo que pedirei a Deus para Vossa Majestade, quando eu lhe contar o perjúrio do rei e a desgraça de meu filho.

O rei andava de um lado para outro com passos largos, a mão no peito, a cabeça rígida, o olhar fuzilante.

— Senhor — exclamou de repente — se eu fosse para vós o rei, estaríeis castigado; mas sou apenas um homem, e tenho o direito amar na terra àqueles que me amam, felicidade raríssima!

— Esse direito, Sire, lhe pertence tanto como homem quanto como rei; mas, se Vossa Majestade quisesse usá-lo lealmente, deveria ter avisado o Sr. de Bragelonne em vez de exilá-lo.

— Até parece que estou discutindo! — atalhou Luís XIV com a majestade que só ele sabia imprimir de maneira tão notável ao olhar e à voz.

— Eu esperava que Vossa Majestade me respondesse — disse o conde.

— Logo conhecereis minha resposta, senhor.

— Vossa Majestade conhece o meu pensamento — replicou o Sr. de la Fère.

— Esqueceis que vos dirigis ao rei, senhor; é um crime!

— Vossa Majestade esqueceu que está aniquilando a vida de dois homens; é um pecado mortal, Sire!

— Agora, ide-vos!

— Não sem dizer: Filho de Luís XIII, Vossa Majestade começa mal o seu reinado, pois começa-o pelo rapto e pela deslealdade! A minha raça e eu nos desoneramos, perante Vossa Majestade, de toda a afeição e de todo o respeito que obriguei meu filho a jurar nas catacumbas de Saint-Denis, diante dos restos dos seus nobres antepassados. O rei se tornou inimigo nosso e, doravante, só renderemos preito a Deus, nosso único amo. Cuidado, Sire!

— Estais ameaçando?

— Oh! não — respondeu tristemente Athos — em minha alma trago menos empáfia do que medo, que não tenho. Deus, de que estou falando, Sire, está-me ouvindo falar; ele sabe que, pela integridade, pela honra da coroa de Vossa Majestade eu ainda seria capaz de derramar o que me deixaram de sangue vinte anos de lutas civis e estrangeiras. Posso, portanto, assegurar-lhe que não ameaço mais o rei do que ameaço o homem; mas digo-lhe, Sire:

Vossa Majestade perde dois servidores por haver matado a fé no coração do pai e o amor no coração do filho. Um já não acredita na palavra real, o outro já não crê na lealdade dos homens nem na pureza das mulheres. O primeiro está morto para o respeito, o segundo, para a obediência. Adeus!

Dito isso, Athos quebrou a espada sobre o joelho, depôs lentamente os dois pedaços sobre o soalho e, cumprimentando o rei, que sufocava de raiva e de vergonha, deixou o gabinete.

Caído sobre a mesa, levou Luís alguns minutos para recompor-se; depois, erguendo-se de golpe, tocou violentamente a campainha.

— Chamai o Sr. D'Artagnan! — berrou aos contínuos espavoridos.

Capítulo LIX - Continua a tempestade

OS nossos leitores já perguntaram sem dúvida a si mesmos de que maneira surgia Athos tão a propósito em presença do rei, o mesmo Athos de quem havia tanto tempo não ouvíamos falar.

Sendo a nossa pretensão, como romancista, encadear principalmente os acontecimentos uns aos outros com uma lógica quase fatal, estamos em condições de responder e responderemos à pergunta.

Fiel ao seu dever de arrumador de casos, Porthos, ao deixar o Palais-Royal, fora ter com Raul no bosque de Vincennes, ao pé do convento dos frades, e referira-lhe, circunstancialmente, a entrevista com o Sr. de Saint-Aignan; acrescentando que a mensagem do rei ao favorito redundaria, quando muito, num atraso momentâneo, e que, ao despedir-se do rei, o conde acudiria sem tardança ao desafio.

Menos crédulo, porém, do que o velho amigo, concluíra Raul da narrativa de Porthos que, se de Saint-Aignan se avistasse com o rei, contar-lhe-ia tudo, e, se o fizesse, o monarca o impediria de aceitar o repto. Em resultado dessa reflexão, deixara Porthos vigiando o lugar, para o caso, pouquíssimo provável, de aparecer de Saint-Aignan, e ainda assim apertara com ele que não se demorasse por lá mais de uma hora ou hora e meia. A isso se recusara formalmente Porthos, instalando-se, muito ao contrário, à beira do convento como se tencionasse deitar raízes naquele sítio e fazendo o rapaz prometer que, ao deixar a casa do pai, voltaria para a sua casa dele, Raul, a fim de que o lacaio de Porthos soubesse onde encontrá-lo se o Sr. de Saint-Aignan se dignasse comparecer.

Bragelonne deixara Vincennes e se endereçara diretamente à casa de Athos, que, havia dois dias, estava em Paris.

O conde já fora avisado por uma carta de d'Artagnan.

Raul chegou, portanto, oportunissimamente à casa do pai, que, depois de haver-lhe apertado a mão e de o ter beijado, lhe fez sinal para sentar-se.

— Sei que me procuras como se procura um amigo, visconde, quando se chora e quando se sofre; dize-me o que te traz aqui.

Inclinou-se o rapaz e começou a contar. Mais de uma vez, no decurso da narrativa, as lágrimas lhe cortaram a voz e um soluço estrangulado na garganta lhe suspendeu as palavras. Entretanto, acabou.

Athos, provavelmente, já se inteirara do acontecido, pois dissemos que d'Artagnan lhe tinha escrito; mas, timbrando em conservar até ao fim a calma e a serenidade que representavam o lado quase sobre-humano de seu caráter, respondeu:

— Raul, não acredito em nada do que se diz, nem acredito em nada do que temes; não que pessoas dignas de fé não me tenham já falado nessa aventura, mas porque, em minha alma e em minha consciência, julgo impossível que el-rei haja ultrajado um fidalgo. Respondo, portanto, pelo rei e vou trazer-te a prova do que estou dizendo.

Flutuando como um bêbedo entre o que vira com os próprios olhos e a fé imperturbável que lhe merecia um homem que nunca mentira, Raul inclinou-se e contentou-se de responder:

— Ide, senhor conde; ficarei esperando.

E sentou-se, com a cabeça entre as mãos. Athos vestiu-se e partiu. Em presença do rei, fez o que acabamos de contar aos leitores, que o viram entrar no gabinete de Sua Majestade e dele o viram sair.

Quando regressou a casa, Raul, pálido e triste, ainda não deixara a sua posição de desespero.

Entretanto, ao ruído das portas que se abriam, ao ruído dos passos do pai que dele se aproximava, tornou a erguer a cabeça.

Athos estava pálido, grave, sem chapéu; entregou a capa e o chapéu ao lacaio, despediu-o com um gesto e sentou-se ao pé de Raul.

— Então, senhor — perguntou o moço meneando tristemente a cabeça — estais convencido agora?

— Estou, Raul; o rei ama a Srta. de La Vallière.

— E confessa-o? — bradou Raul.

— Claramente.

— E ela?

— Não a vi.

— Mas o rei deve ter-vos falado nela; que diz ele?

— Que ela o ama.

— Oh! estais vendo? Estais vendo, senhor?

E o jovem esboçou um gesto de desesperação.

— Raul — tornou o conde — eu disse ao rei, podes crer, o que tu mesmo lhe dirias, e creio tê-lo feito em termos convenientes, mas firmes.

— E que lhe dissestes, senhor?

— Eu disse, Raul, que estava tudo acabado entre ele e nós, que tu te desligavas inteiramente do seu serviço; acrescentei que eu mesmo me manteria afastado. Só me resta agora saber uma coisa.

— Qual, senhor?

— Já decidiste o que farás?

— O que farei? Em relação a quê?

— Em relação ao amor e...

— Terminai, senhor.

— E à vingança; pois receio que estejas pensando nela.

— Oh, senhor, o amor... talvez um dia, mais tarde, eu consiga arrancá-lo do coração. Espero fazê-lo, com a ajuda de Deus e de vossas sábias exortações. Em vingança só pensei dominado por um pensamento mau, pois não era do verdadeiro culpado que eu poderia vingar-me; portanto, renunciei a ela.

— Assim, já não pensas em bater-te com o Sr. de Saint-Aignan?

— Não, senhor. Lancei o desafio; se o Sr. de Saint-Aignan o aceitar, hei de sustentá-lo; em caso contrário, estará encerrado o assunto.

— E quanto a La Vallière?

— Não tereis acreditado seriamente que eu pensasse em vingar-me de uma mulher — respondeu Raul com um sorriso tão triste, que fez surgir uma lágrima entre as pálpebras daquele homem que tantas vezes se inclinara sobre as suas dores e as dos outros.

Estendeu a mão a Raul, que a agarrou vivamente.

— Por conseguinte, senhor conde, estais convicto de que o mal não tem remédio? — perguntou o rapaz.

Athos sacudiu a cabeça por seu turno.

— Pobre criança! — murmurou.

— Cuidais que ainda tenho esperanças e lastimais-me — disse Raul. — É que me custa horrivelmente desprezar, como devo, a mulher que tanto amei. Se eu lhe tivesse feito algum mal, sentir-me-ia feliz e poderia perdoá-la.

Athos considerou com tristeza o filho. As palavras que Raul acabara de pronunciar pareciam ter-

lhe saído do próprio coração.

Naquele momento, o lacaio anunciou o Sr. d'Artagnan. O nome ressoou de maneira bem diversa aos ouvidos de Athos e de Raul.

O mosqueteiro anunciado entrou com um vago sorriso nos lábios. Raul se deteve; Athos caminhou para o amigo com uma expressão que não escapou a Bragelonne.

D'Artagnan respondeu a Athos por um simples piscar de olhos; em seguida, aproximando-se de Raul e apresentando-lhe a mão:

— Então — disse ele, dirigindo-se ao pai e ao filho simultaneamente — parece que estamos consolando o menino?

— E tu, sempre bom — respondeu Athos — vieste ajudar-me nessa tarefa difícil.

— Sim — replicou o mosqueteiro alisando o bigode com a mão que Athos lhe deixara livre — sim, eu também vim...

— Sede bem-vindo, senhor cavaleiro, não pelo consolo que me trazeis, mas por vós mesmo. Estou consolado.

E aos lábios lhe aflorou um sorriso mais triste do que todas as lágrimas que d'Artagnan já vira derramadas.

— Ainda bem! — exclamou o capitão.

— Entretanto — continuou Raul — chegastes no momento em que o senhor conde ia contar-me os pormenores de sua entrevista com o rei. Permitis, não é verdade, que ele continue?

E dir-se-ia que os olhos do rapaz quisessem ler no fundo do coração do mosqueteiro.

— A sua entrevista com o rei? — acudiu d'Artagnan em tom tão natural que não se poderia duvidar do seu espanto. — Viste o rei, Athos?

Athos sorriu.

— Sim — disse ele — vi.

— Ah! Não sabíeis que o conde tinha visto Sua Majestade? — indagou Raul mais sossegado.

— Não, não sabia.

— Sinto-me então mais tranqüilo — disse Raul.

— Tranqüilo? A propósito de quê? — sobreveio Athos.

— Senhor — voltou Raul — perdoai-me; conhecendo, porém, a amizade que me fazeis a honra de dedicar-me, eu temia que houvésseis expressado com certa veemência a Sua Majestade o meu sofrimento e a minha indignação, e que o rei, então...

— E que o rei, então? — repetiu d'Artagnan. — Vamos, acaba, Raul.

— Perdoai-me também, Sr. d'Artagnan — disse Raul. — Mas confesso que receei, por um momento, que não tivésseis vindo aqui como o Sr. d'Artagnan, mas sim como capitão de mosqueteiros.

— Estás louco, meu pobre Raul — bradou d'Artagnan com uma gargalhada que um observador exato gostaria talvez de achar um pouco mais sincera.

— Tanto melhor! — exclamou Raul.

— Louco, sim, e sabes o que te aconselho?

— Dizei, senhor; partindo de vós, o conselho há de ser bom.

— Pois bem, eu te aconselho, depois da tua viagem, depois da tua visita ao Sr. de Guiché, depois da tua visita a Madame, depois de tua visita a Porthos, depois de teu passeio a Vincennes, que repouses um pouco; deita-te, dorme doze horas, e, quando acordares, esfalfa-me um bom cavalo.

E, puxando-o para si, beijou-o como teria beijado um filho. Athos fez o mesmo; via-se, porém, manifestamente, que o beijo e o abraço do pai eram mais ternos e mais fortes que os do amigo.

Considerou novamente o moço aqueles dois homens, aplicando em penetrá-los todas as forças de sua inteligência. Embotou-se-lhe, contudo, o olhar na fisionomia risonha do mosqueteiro e no semblante calmo e doce do Conde de la Fère.

— E aonde vais, Raul? — perguntou este último, vendo que Bragelonne se dispunha a sair.

— Para casa, senhor — respondeu o jovem com voz meiga e triste.

— Lá, então, te encontrará quem quiser comunicar-se contigo?

— Sim, senhor. Imaginais, acaso, que tereis alguma coisa para dizer-me?

— Que sei eu! — murmurou Athos.

— Sim, novas consolações — acudiu d'Artagnan, empurrando mansamente Raul para a porta.

Vendo tanta serenidade nos gestos dos dois amigos, Raul deixou os aposentos do conde levando apenas consigo a preocupação de sua dor particular.

— Louvado seja Deus — disse ele — posso pensar exclusivamente em mim.

E, envolvendo-se na capa, de maneira que ocultasse dos transeuntes a tristeza do rosto, saiu em direitura ao seu alojamento, como prometera a Porthos.

Os dois amigos tinham visto afastar-se o rapaz com um idêntico sentimento de comiseração.

Cada qual, todavia, o exprimira de modo diverso.

— Pobre Raul! — dissera Athos despedindo um suspiro.

— Pobre Raul! — dissera d'Artagnan dando de ombros.

Capítulo LX - Hell! Miser!

"POBRE Raul!" dissera Athos. "Pobre Raul!" dissera d'Artagnan. Com efeito, lastimado por aqueles dois homens tão fortes, Raul devia de ser extremamente infeliz.

Daí que, vendo-se a sós consigo mesmo, ao deixar atrás de si o amigo intrépido e o pai indulgente, lembrando-se da ternura confessada pelo rei, que lhe roubava a sua adorada Luísa de La Vallière, sentisse Raul partir-se-lhe o coração, como todos nós o sentimos à primeira ilusão desfeita, ao primeiro amor traído.

— Oh! — murmurou — tudo, então, se acabou! Mais nada na vida! Nenhuma expectativa, nenhuma esperança! Guiché, meu pai, o Sr. D'Artagnan, todos o disseram! Tudo, portanto, é sonho neste mundo! Sonho é este futuro que persigo há dez anos! Sonho era a união de nossos corações! A entressonhada existência de amor e de ventura era um sonho também!

"Pobre louco fui eu devaneando assim em voz alta e publicamente, diante de amigos e inimigos, para que os amigos se entristecessem com as minhas penas e os inimigos zombassem de minhas dores!...

"A minha desventura vai tornar-se uma desgraça ruidosa, um escândalo público. E, amanhã, serei vergonhosamente apontado com o dedo!"

E, a despeito da calma prometida ao pai e a d'Artagnan, Raul articulou algumas palavras de surda ameaça.

— Entretanto — continuou — se eu me chamasse de Wardes, e tivesse ao mesmo tempo a agilidade e o vigor do Sr. D'Artagnan, riria com os lábios, persuadiria as mulheres de que aquela pérfida, que honrei com o meu amor, só me deixa um pesar, o de ter sido enganado pelas suas mostras de honestidade; alguns escarninhos bajulariam o rei à minha custa; eu ficaria à espera dos zombeteiros e castigaria alguns. Os homens passariam a temer-me, e, depois do terceiro que eu estendesse a meus pés, as mulheres a adorar-me.

"Sim, aí está o que eu poderia fazer, e nem o Conde de la Fère me desaprovaria. Não sofreu ele também, na mocidade, o que acabo de sofrer? Não trocou o amor pelo vinho? Ele próprio mo confessou tantas vezes! Por que não haverei de trocar o amor pelo prazer?

"Sofreu tanto quanto estou sofrendo, talvez mais! Todavia, será porventura a história de um homem a de todos os homens? Uma provação mais ou menos longa, mais ou menos dolorosa?

A voz da humanidade inteira será tão-somente um grito prolongado?

"Mas que importa a mágoa alheia para quem sofre? A ferida aberta em outro peito atenua, acaso, a que em nós se abriu? O sangue que corre ao nosso lado estanca o nosso sangue?

Essa angústia universal diminuiu, talvez, a aflição particular? Não, cada qual sofre por si, cada qual luta com as suas penas, cada qual chora as próprias lágrimas.

"E, de mais a mais, que foi até hoje a vida para mim? Uma arena estéril e fria, em que sempre combati pelos outros, mas nunca por mim.

"Ora por um rei, ora por uma mulher.

"O rei me traiu, a mulher desprezou-me.

"Oh! desgraçado!... As mulheres! Não poderei fazer, então, que todas expiem o crime de uma?

"Que será mister para isso?... Não ter coração ou esquecer que ele existe; ser forte, até contra a fraqueza; empurrar sempre, ainda que ameace romper-se o ponto de apoio?

"Que será mister para alcançá-lo? Ser jovem, belo, forte, corajoso," rico? Sou ou serei tudo isso.

"Mas a honra? Que é a honra? Uma teoria que cada qual interpreta à seu modo. Meu pai me dizia: "A honra é o respeito do que devemos aos outros e, sobretudo, do que devemos a nós mesmos". Mas de Guiché, Manicamp, de Saint-Aignan principalmente me diriam: "A honra consiste em servir as paixões e os prazeres de nosso rei". Essa honra é fácil e lucrativa. Com ela, posso conservar o meu cargo na corte, tornar-me gentil-homem da câmara, obter um belo e bom regimento para mim. Com essa honra, posso chegar a duque e par.

"A nódoa que acaba de imprimir-me essa mulher, a dor com que ela me espedaçou o coração, a mim, Raul, seu amigo de infância, não se refere de maneira alguma ao Sr. de Bragelonne, bom oficial, bravo capitão que se cobrirá de glórias fio primeiro combate, e galgará uma posição cem vezes superior à que tem hoje a Srta. de La Vallière, barregã do rei; pois o rei não desposará a Srta. de La Vallière, e quanto mais publicamente a declarar sua amante, tanto mais espesso tornará o véu de vergonha que lhe atira à fronte à guisa de coroa, e, à proporção que ela for desprezada como a desprezo, eu me glorificarei.

"Ai de mim! Caminhamos juntos, ela e eu, durante o primeiro, o mais belo terço de nossa vida, de mãos dadas ao longo do atalho encantador e florido da juventude, e eis-nos chegados a uma encruzilhada em que ela se separa de mim, em que vamos seguir estradas diferentes, que nos afastarão cada vez mais um do outro; e, para chegar ao fim desse caminho, Senhor, estou só, estou desesperado, estou aniquilado! "Oh! desgraçado!...”

Chegara Raul a esse ponto de sua sinistras reflexões, quando pousou maquinalmente o pé no limiar de sua casa. Chegara sem ver as ruas por que passara, sem saber como viera; empurrou a porta, continuou a andar e subiu a escada.

Como na maioria das casas desse tempo, a escada era sombria e os degraus, escuros. Raul morava no primeiro andar; deteve-se para tocar a campainha. Apareceu Olivain, tomou-lhe das mãos a espada e a capa. Raul abriu a porta que, da antecâmara, dava para uma saleta rica demais para pertencer a um rapaz e cheia de flores trazidas por Olivain, que, conhecendo os gostos do amo, se afanara em satisfazê-los sem curar de que ele se advertisse ou não dessa atenção.

Havia na sala um retrato de La Vallière que a própria La Vallière desenhara e dera a Raul.

Pendurado acima de uma camilha recoberta de damasco escuro, foi o primeiro ponto para o qual se dirigiu Raul, o primeiro objeto em que fitou os olhos. De resto, Raul cedia aos próprios hábitos; sempre que tornava a casa era aquele retrato que, primeiro que tudo, lhe chamava a atenção.

Dessa vez, como sempre, foi diretamente a ele, apoiou os joelhos na camilha e quedou-se a contemplá-lo com tristeza.

Tinha os braços cruzados sobre o peito, a cabeça docemente erguida, o olhar calmo e velado, os lábios contraídos por um sorriso amargo.

Esguardou a imagem adorada; depois, tudo o que dissera tornou a passar-lhe pelo espírito, tudo o que sofrera voltou a atenazar-lhe o coração, e, após longo silêncio:

— Oh! desgraçado! — murmurou pela terceira vez.

Assim que articulou essas palavras, ouviu atrás de si um suspiro e um gemido.

Voltou-se rapidamente e, no canto do salão, em pé, curvada, velada, avistou uma mulher que ele, ao entrar, escondera atrás da porta e ainda não vira porque ainda não se virara.

Aproximou-se dela, cumprimentando e procurando reconhecê-la ao mesmo tempo, quando, súbito, a cabeça inclinada se reergueu, o véu, afastado, descobriu o rosto e um semblante pálido e triste surgiu aos seus olhos.

Retrocedeu Raul, como se tivesse visto um fantasma.

— Luísa! — exclamou com acento de tamanho desespero, que não se poderia supor capaz a voz

humana de emitir um grito semelhante sem que se rompessem todas as fibras do coração.

Capítulo LXI - Feridas sobre feridas

A SRTA. de La Vallière, pois era ela mesma, deu um passo à frente.

— Sim, Luísa — murmurou.

Mas, nesse comenos, embora brevíssimo, Raul se reportara.

— Vós, senhorita? — perguntou.

E logo ajuntou, em tom indefinível:

— Vós aqui?

— Sim, Raul — repetiu a jovem; — eu, sim, que estava à vossa espera.

— Perdão; quando entrei, não sabia...

— Eu havia recomendado a Olivain que não vos avisasse... Ela hesitou; e como Raul não se apressasse em responder-lhe, seguiu-se breve silêncio, durante o qual teria sido possível ouvir-se o ruído daqueles dois corações que pulsavam, não mais em uníssono, porém com idêntica violência.

Era Luísa quem devia falar. A rapariga fez um esforço.

— Eu precisava conversar convosco — disse ela; — precisava ver-vos... pessoalmente... sozinha... Não recuei diante de um passo que deve ser mantido em sigilo; pois ninguém, senão vós, o compreenderia, Sr. de Bragelonne.

— Com efeito, senhorita — balbuciou Raul, atarantado, ofegante — e eu mesmo, apesar do bom conceito em que me tendes, confesso...

— Não me fareis o favor de assentar-vos e ouvir-me? — interrompeu Luísa com a voz mais meiga.

Bragelonne considerou-a por um momento; depois, meneando tristemente a cabeça, sentou-se, ou antes, deixou-se cair numa cadeira.

— Falai — disse ele.

Ela relanceou furtivamente os olhos à sua roda.

Esse olhar era uma súplica e pedia segredo com mais eloqüência do que o haviam feito, pouco antes, as suas palavras.

Tornou a erguer-se Raul e, dirigindo-se à porta, que abriu:

— Olivain — disse ele — não estou para ninguém.

Logo, voltando-se para La Vallière:

— Não era isso o que desejáveis? — perguntou.

Nada pode traduzir o efeito operado em Luísa por essa frase, que significava: "Como vedes, ainda vos compreendo".

A jovem passou o lenço pelos olhos, para enxugar uma lágrima rebelde; depois, tendo-se recolhido por um instante:

— Raul — disse ela — não desvieis de mim o vosso olhar tão franco e tão bom; não sois homem que despreze uma mulher por haver ela entregue o seu coração, ainda que esse amor vos torne desgraçado ou vos torture o orgulho.

Raul não respondeu.

— Ai de mim! — continuou La Vallière — essa é a pura verdade; a minha causa é má, e não sei por onde começar. Creio até que seria melhor contar-vos singelamente o que me aconteceu. Dizendo a verdade, encontrarei sempre o caminho reto na obscuridade, na hesitação, nos obstáculos que preciso transpor, para aliviar o coração, que transborda e quer derramar-se a vossos pés.

Raul continuou em silêncio.

La Vallière cravara nele um olhar que significava: "Animai-me! por piedade, uma palavra!”

Mas Raul permaneceu calado e ela continuou:

— Há pouco, o Sr. de Saint-Aignan foi procurar-me da parte do rei.

Luísa abaixou os olhos.

Raul afastou os seus para não ver coisa alguma.

— O Sr. de Saint-Aignan foi ter comigo da parte do rei — repetiu a jovem — e disse-me que sabíeis de tudo.

E tentou encarar com o homem que recebia mais aquele golpe depois de tantos outros; não conseguiu, porém, encontrar os olhos de Raul.

— Ele me disse que me guardais um legítimo rancor.

Desta feita, Raul olhou para a moça e um sorriso desdenhoso lhe crispou os lábios.

— Oh! — continuou ela — por piedade, não digais que sentistes mais que rancor. Esperai, Raul, que eu tenha dito tudo, que eu tenha falado até ao fim.

Resserenou-se a fronte do rapaz por obra de sua vontade; o crispar-se-lhe dos lábios desapareceu.

— Em primeiro lugar — volveu La Vallière — em primeiro lugar, de mãos postas, de cabeça baixa, peço-vos perdão como ao mais generoso, ao mais nobre dos homens. Se permiti que ignorásseis o que se passava em mim, nunca, pelo menos, eu teria consentido em iludir-vos. Oh! suplico-vos, Raul, rogo-vos de joelhos, respondei-me, nem que seja com uma injúria. Prefiro uma injúria de vossos lábios a uma suspeita de vosso coração.

— Admiro a vossa sublimidade, senhorita — acudiu Raul, fazendo um esforço sobre si mesmo para conservar a calma. — Deixarmos ignorar que enganamos, é leal; mas enganarmos, parece que seria mal, e não creio que o fizésseis.

— Durante muito tempo acreditei que eu vos amasse acima de tudo, e, enquanto acreditei no meu amor, confessei que vos amava. Em Blois, eu vos amava. O rei passou por Blois; confiei em que ainda vos amasse. Tê-lo-ia jurado diante de um altar; mas, um dia, desenganei-me.

— Pois nesse dia, senhorita, sabendo que eu continuava a querer-vos, a lealdade devia ordenar-vos que me desenganásseis.

— Nesse dia, Raul, no dia em que li no mais profundo de meu coração, e me convenci de que não éreis o senhor de todos os meus pensamentos, no dia em que vislumbrei outro futuro que o de ser vossa amiga, vossa amante, vossa esposa, nesse dia, Raul, já não estáveis ao pé de mim.

— Sabíeis onde eu estava; devíeis escrever-me.

— Não tive coragem, Raul. Fui covarde. Que quereis? Eu conhecia-vos tão bem, sabia tão bem que me amáveis, que tremi à simples idéia da dor que ia causar-vos; e isso é tão verdadeiro, Raul, que neste momento, inclinada diante de vós, com o coração traspassado, a voz carregada de suspiros, os olhos cheios de lágrimas, sem outra defesa que a minha franqueza, também não tenho outro sofrimento que o que leio em vossos olhos.

Raul tentou sorrir.

— Não — tornou a rapariga com profunda convicção — não, não me fareis a injúria de dissimular diante de mim. Vós me amáveis; tínheis certeza de amar-me; não vos enganáveis, não mentíeis ao vosso coração, ao passo que eu, eu!...

E, muito pálida, com os braços estendidos, ela deixou-se cair sobre os joelhos.

Elle se laissa tomber sur les genoux.

— Ao passo que vós — atalhou Raul — dizíeis amar-me e amáveis outro.

— Ai de mim! — rebradou a pobre criança; — sim, amo outro; e esse outro... Deus meu! deixai-me falar, pois é a minha única desculpa; esse outro, Raul, amo-o mais do que à própria vida, mais do que a Deus. Perdoai-me o erro ou castigai-me a traição. Vim aqui, não para defender-me, senão para dizer-vos: Sabeis o que é amar? Pois bem, eu amo! Amo a ponto de dar a vida, de dar a alma a quem amo! Se ele, um dia, deixar de amar-me, morrerei de dor, a menos que Deus me socorra, a menos que o Senhor se amisere de mim. Estou aqui para sujeitar-me à vossa vontade, seja ela qual fôr; para morrer se quiserdes que eu morra. Matai-me, pois, Raul, se em vosso coração entenderdes que mereço a morte.

— Tomai cuidado, senhorita — volveu Raul; — a mulher que pede a morte é aquela que não pode dar mais que o sangue ao amante traído.

— Tendes razão — disse ela.

Raul arrancou do peito profundo suspiro.

— E amais sem poder esquecer? — perguntou.

— Amo sem querer esquecer, sem desejar outro amor — respondeu La Vallière.

— Bem! — tornou Raul. — Vós me dissestes, de fato, o que tínheis para dizer-me, o que eu podia desejar saber. E agora, senhorita, sou eu que vos peço perdão, eu que fui quase um obstáculo em vossa vida, eu que errei, eu que, enganando-me, ajudei a enganar-vos.

— Oh! não vos peço tanto, Raul! — exclamou La Vallière.

— Tudo isso é culpa minha, senhorita — continuou Raul; — conhecendo melhor do que vós as dificuldades da vida, competia-me esclarecer-vos; eu não podia confiar no incerto, devia fazer falar

o vosso coração, ao passo que fiz apenas falar a vossa boca. Repito, senhorita: perdoai-me.

— É impossível! é impossível! — exclamou ela. — Zombais de mim!

— Como, impossível?

— Sim, é impossível que haja alguém tão bom, tão perfeito, tão excelente.

— Cuidado! — voltou Raul com um sorriso amargo; — pois daqui a pouco direis talvez que eu não vos amava.

— Oh! vós me amais como um irmão carinhoso; deixai-me essa esperança, Raul.

— Como um irmão carinhoso? Desenganai-vos, Luísa. Eu vos amava como um apaixonado, como um esposo, como o mais terno dos homens que vos amam.

— Raul! Raul!

— Como um irmão? Oh! Luísa, eu vos amava tanto que vos daria todo o sangue, gota por gota, toda a carne, febra por febra, toda a eternidade, hora por hora.

— Raul, Raul, por piedade!

— Eu vos amava tanto, Luísa, que o meu coração morreu, a minha fé vacila, os meus olhos se apagam; eu vos amava tanto, que não vejo mais nada, nem na terra, nem no céu.

— Raul, Raul, meu amigo, por misericórdia, poupai-me! — bradou La Vallière. — Oh! se eu tivesse sabido!...

— É muito tarde, Luísa; amais, sois feliz; vejo alegria através de vossas lágrimas; através das lágrimas que derrama a-vossa lealdade, sinto os suspiros que exala o vosso amor. Luísa, Luísa, fizestes de mim o último dos homens: retirai-vos, por favor. Adeus! adeus!

— Suplico-vos que me perdoeis!

— E não fiz mais do que isso? Não vos declarei que continuo a amar-vos?

Ela escondeu o rosto entre as mãos.

— E dizer-vos isso, Luísa, compreendei-o? dizê-lo neste momento, dizê-lo como vos digo, é dizer a minha sentença de morte. Adeus.

La Vallière quis estender as mãos para ele.

— Não devemos tornar a ver-nos neste mundo — disse ele. Ela quis gritar: ele tapou-lhe a boca com a mão. Ela beijou-lhe a mão e desfaleceu.

— Olivain — ordenou Raul — carregai esta senhora e levai-a à cadeirinha, que está esperando.

Olivain ergueu-a. Raul fez menção de precipitar-se para La Vallière, a fim de dar-lhe o primeiro e último beijo; mas, detendo-se de chofre:

— Não — disse ele — este bem não me pertence. Não sou o rei de França para roubar!

E entrou no quarto, ao passo que o lacaio transportava La Vallière desfalecida.

Capítulo LXII - O que Raul adivinhara

TENDO partido Raul, proferidas as duas exclamações que o haviam seguido, viram-se Athos e d'Artagnan, sós, um diante do outro.

Athos reassumiu a expressão solícita que lhe provocara a chegada do capitão.

— Então — disse ele — caro amigo, que vieste anunciar-me?

— Eu? — perguntou d'Artagnan.

— Tu, sim. Não te mandariam cá sem motivo.

Athos sorriu.

— Diabo! — exclamou d'Artagnan.

— Vou pôr-te à vontade, querido amigo. O rei está furioso, não está?

— Devo confessar-te que ele não está contente.

— E vieste?...

— Da parte dele, sim.

— Para prender-me, então?

— Puseste o dedo na ferida, caro amigo.

— Eu já o esperava. Vamos!

— Oh! oh! que diabo! — recalcitrou d'Artagnan — como estás apressado!

— Receio atrasar-te — volveu, sorrindo, Athos.

— Tenho tempo. Aliás, não queres saber como se passaram as coisas entre mim e o rei?

— Se quiseres contar-mo, caro amigo, escutarei com prazer.

E mostrou a d'Artagnan uma ampla poltrona, em que este se refestelou.

— Faço questão — continuou d'Artagnan — visto que a entrevista foi curiosíssima.

— Estou ouvindo.

— Pois bem, em primeiro lugar, o rei mandou-me chamar.

— Depois que eu saí?

— Estavas descendo os últimos degraus da escada, segundo me disseram os mosqueteiros. Cheguei. Meu amigo, ele não estava rubro, estava roxo. Eu ainda ignorava o que se tinha passado. Só vi no chão, sobre o assoalho, uma espada quebrada em dois pedaços.

"— Capitão d'Artagnan! — exclamou o rei ao ver-me.

— Capitaine d'Artagnan, vous allez m'écouter et m'obéir

"— Sire — respondi.

"— Despedi-me do Sr. de la Fère, que é um insolente!

"— Um insolente? — exclamei de tal maneira que o rei estacou.

"— Capitão d'Artagnan — continuou o rei com os dentes cercados — agora me ouvireis e obedecereis.

"— É o meu dever, Sire.

"— Eu quis poupar a esse fidalgo, de quem tenho algumas boas recordações, a afronta de mandá-lo prender em minha casa.

"— Ah! ah! — respondi tranqüilamente.

"— Mas — continuou ele — tomareis um carro... "Fiz um movimento.

"— Se vos repugna prendê-lo pessoalmente — continuou o rei mandai-me o capitão dos guardas.

"— Sire — repliquei — não há necessidade do capitão dos guardas, visto que estou de serviço.

"— Eu não queria desagradar-vos — disse o rei com bondade; — pois sempre me servistes bem, Sr. d'Artagnan.

"— Vossa Majestade não me desagrada, Sire — retorqui. — Estou de serviço, nada mais.

"— Mas — tornou o rei com espanto — parece-me que o conde é vosso amigo?

"— Ainda que fosse meu pai, Sire, eu estaria de serviço do mesmo jeito." O rei olhou para mim; viu-me o rosto impassível e pareceu satisfeito.

"— Prendereis então o Sr. Conde de la Fère? — perguntou.

"— Sem dúvida, Sire, se Vossa Majestade mo ordenar.

"— Pois eu vo-lo ordeno." Inclinei-me.
"— Onde está o conde, Sire?
"— Ireis procurá-lo.
"— E poderei prendê-lo onde quer que eu o encontre?
"— Sim... entretanto, fazei por encontrá-lo em casa. Se ele houver regressado para as suas terras, deixai Paris e prendei-o no caminho." Fiz uma reverência; e, como eu não me mexesse:
"— E então? — perguntou o rei.
"— Estou esperando, Sire.
"— Que estais esperando?
"— A ordem assinada." O rei pareceu contrariado.
"Com efeito, era uma nova demonstração de força que lhe cumpria dar: confirmar a arbitrariedade, se é que se trata de um ato arbitrário.
"Pegou na pena de mau humor, lentamente, e escreveu:

> *"Ordeno ao Sr. Cavaleiro d'Artagnan, capitão-tenente dos meus mosqueteiros, que prenda o Sr. Conde de la Fère onde quer que o encontre".*

"Em seguida, voltou-se para o meu lado.
"Eu estava esperando sem pestanejar. Ele deve ter cuidado ver, sem dúvida, uma fanfarronada na minha tranqüilidade, pois assinou rapidamente; em seguida, entregando-me a ordem:
"— Ide! — mandou.
"Obedeci e aqui estou".
Athos apertou a mão do amigo.
— Vamos — disse ele.
— Oh! — volveu d'Artagnan — não tens algumas coisinhas para arrumar antes de deixar assim o teu alojamento?
— Eu? Absolutamente.
— Como?...
— Não, não. Sempre fui um simples viajante sobre a terra, pronto para ir ao fim do mundo por ordem de meu rei, pronto para deixar este mundo pelo outro por ordem de meu Deus. Que falta ao homem prevenido? Uma mala ou um esquife. Estou pronto hoje como sempre, meu caro amigo. Leva-me.
— Mas Bragelonne?...
— Eduquei-o nos princípios que impus a mim mesmo e percebeste que, ao ver-te, ele adivinhou incontinenti o motivo que te trazia. Despistamo-lo por um instante; mas, sossega, Raul tem tanta certeza da minha desvalia que não ficará muito assustado. Vamos.
— Vamos — repetiu, pachorrento, d'Artagnan.
— Meu amigo — tornou o conde — como quebrei a espada no gabinete do rei e atirei-lhe os pedaços aos pés, creio que isso me dispensa de entregar-ta.
— Tens razão; de mais a mais, que diabo queres que eu faça com a tua espada?
— Vou na frente ou atrás de ti?
— Iremos de braço dado — replicou d'Artagnan.
E travou do braço do Conde de la Fère para descer a escada. Chegaram assim ao patamar.
Grimaud, que haviam encontrado na antecâmara, olhou para eles com ar inquieto. Conhecia suficientemente a vida para adivinhar que havia naquilo algo de oculto.

— Ah, és tu, meu bom Grimaud? — disse Athos. — Nós vamos...

— Dar uma volta no meu carro — atalhou d'Artagnan com um aceno amistoso da cabeça.

Grimaud agradeceu a d'Artagnan com uma careta que levava a manifesta intenção de ser um sorriso, e acompanhou os dois amigos até à porta da rua. Athos subiu primeiro; d'Artagnan imitou-o sem ter dito coisa alguma ao cocheiro. A partida, singela e sem qualquer outra demonstração, não provocou sensação alguma na vizinhança.

Quando o carro chegou ao cais:

— Levas-me à Bastilha, pelo que vejo? — perguntou Athos.

— Eu? — tornou d'Artagnan. — Levo-te aonde quiseres.

— Como assim? — volveu o conde, surpreso.

— Homessa! — disse d'Artagnan — hás de compreender, meu caro conde, que só me encarreguei desta incumbência para que pudesses fazer o que bem entendesses. Não esperas que eu te encarcere assim brutalmente, sem mais nem menos. Se eu não tivesse previsto tudo isto, teria deixado vir o senhor capitão dos guardas.

— Por conseguinte?... — perguntou Athos.

— Por conseguinte, repito, iremos aonde quiseres.

— Caro amigo — disse Athos abraçando d'Artagnan — bem te reconheço nisso.

— Homessa! parece-me que a coisa não pode ser mais simples. O cocheiro te levará à barreira do Cours-la-Reine; lá encontrarás um cavalo que mandei aperceber; com esse cavalo, percorrerás três postos de muda de uma tirada só, e eu somente voltarei à presença do rei, para dizer-lhe que partistes, no momento em que fôr impossível alcançar-te. Nesse em meio, terás chegado ao Havre, e, do Havre, à Inglaterra, onde encontrarás a linda casa que me deu o meu amigo Sr. Monck, sem falarmos na hospitalidade que o Rei Carlos não deixará de oferecer-te. E então, que dizes do projeto?

— Leva-me à Bastilha — replicou Athos sorrindo.

— Cabeçudo! — voltou d'Artagnan; — reflete um pouco.

— Em quê?

— Em que já não tens vinte anos. Acredita, amigo, falo por experiência própria. Uma prisão é mortal para as pessoas de nossa idade. Não, não, não permitirei que definhes na cadeia. Só de pensar nisso, a cabeça põe-se-me a girar!

— Amigo — retrucou Athos — Deus me fez, por felicidade, tão forte de corpo quanto de espírito. Acredita, serei forte até ao meu último suspiro.

— Mas isso não é força, meu caro, é loucura.

— Não, d'Artagnan, é uma razão suprema. Não creias de maneira alguma que me preocupe saber se tu te perderás, ou não, salvando-me. Eu teria feito o que fazes, se a fuga me conviesse.. Teria, portanto, aceito de ti o que, sem dúvida, em idênticas circunstâncias, aceitarias de mim. Não! conheço-te que farte para tocar sequer nesse assunto.

— Ah! se me deixasses agir do meu modo — disse d'Artagnan — eu faria o rei correr atrás de ti.

— Ele é o rei, caro amigo.

— Oh! isso não me apoquenta; e, por mais rei que seja, eu lhe responderia perfeitamente: "Sire, aprisione, exile, mate tudo em França e na Europa; ordene-me que prenda e apunhale quem quiser, ainda que seja Monsieur, irmão de Vossa Majestade; mas não toque nunca num dos quatro mosqueteiros, senão, com a breca!..."

— Caro amigo — respondeu Athos com calma — eu só quisera persuadir-te de uma coisa: desejo ser preso, faço questão fechada de uma detenção.

D’Artagnan deu de ombros.

— Que queres? — continuou Athos — é assim: ainda que me deixasses partir, eu voltaria espontaneamente constituir-me prisioneiro. Quero provar a esse rapaz, aturdido pelo brilho da sua coroa, que ele somente será o primeiro dos homens no dia em que for o mais generoso e o mais sábio de todos. Ele me pune, prende, tortura, não faz mal! Abusa, e eu quero ensinar-lhe o que é um remorso, enquanto espero que Deus lhe ensine o que é um castigo.

— Meu amigo — respondeu d’Artagnan — sei perfeitamente que quando dizes não, é não. Já não insisto; queres ir à Bastilha?

— Quero.

— Então, vamos!... À Bastilha! — continuou d’Artagnan dirigindo-se ao cocheiro.

E, acomodando-se no fundo do carro, entrou a mastigar o bigode com uma fúria que, para Athos, significava uma resolução tomada ou em vias de tomar-se.

Estabeleceu-se o silêncio no carro, que continuava a rodar, nem mais depressa, nem mais devagar.

Athos voltou a pegar na mão do mosqueteiro.

— Estás zangado comigo, d'Artagnan? — perguntou.

— Eu? Claro que não! O que fazes por heroísmo, eu faria, provavelmente, por pirraça.

— Mas acreditas que Deus me vingará, não é verdade?

— E eu conheço na terra algumas pessoas que ajudarão a Deus — murmurou o mosqueteiro.

Capítulo LXIII - Três convivas espantados de jantarem juntos

O CARRO chegou diante da primeira porta da Bastilha. Uma sentinela o deteve, e bastou a d'Artagnan pronunciar uma palavra para que lhe fosse franqueada a entrada. O carro entrou.

Ao passo que seguiam a ampla passagem coberta que conduzia ao pátio do governador, d'Artagnan, cujos olhos de lince viam tudo, mesmo através das paredes, exclamou de repente:

— Eh! que é que eu estou vendo?

— Bom! — volveu tranqüilamente Athos — que estás vendo, meu amigo?

— Olha lá para baixo!

— No pátio?

— É; depressa.

— Um carro.

— Bem!

— Algum pobre prisioneiro, como eu, que estão trazendo.

— Teria muita graça!

— Não te compreendo.

— Olha depressa para ver quem vai saltar do carro. Precisamente nesse momento uma segunda sentinela acabava de deter d'Artagnan.

Cumpriam-se as formalidades. Athos pôde ver, a cem passos, o homem que lhe indicara o amigo. O homem desceu, com efeito, à porta do governador.

— Então — perguntou d'Artagnan — estás vendo?

— Estou vendo um homem de trajo cinzento.

— Que te parece ele?

— Não sei dizer; é, como eu já te disse, um homem de roupa cinzenta que desceu do carro; mais nada.

— Athos, sou capaz de apostar que é ele.

— Ele, quem?

— Aramis.

— Aramis detido? Impossível!

— Não digo que esteja detido, visto que o vemos sozinho.

— Então, que estará fazendo aqui?

— É amigo de Baisemeaux, o governador — replicou o mosqueteiro em tom dissimulado. — Parece que chegamos a tempo!

— Para quê?

— Para ver.

— Pois eu lamento muito este encontro; ao dar comigo, Aramis ficará agastado, primeiro por ver-me, depois por ter sido visto.

— Bem raciocinado.

— Infelizmente não há remédio quando encontramos alguém na Bastilha; e ainda que quiséssemos recuar para evitá-lo, seria impossível.

— Eu tenho uma idéia, Athos; trata-se de poupar a Aramis o aborrecimento de que falas.

— Como?

— Vou dizer-te, ou melhor, deixa-me fazer a coisa à minha moda; não te recomendarei que mintas, pois não o farias.

— E então?

— Mentirei por dois; é facílimo, para quem tem a natureza e os hábitos do gascão!

Athos sorriu. O carro parou onde parara o que acabamos de assinalar, à porta do governador.

— Entendido? — perguntou d'Artagnan em voz baixa ao amigo. Athos respondeu com um gesto afirmativo. Subiram a escada.

Se nos espantar a facilidade com que eles entraram na Bastilha, bastar-nos-á recordar que, à entrada, isto é, onde os embargos são maiores, d'Artagnan declarara trazer consigo um prisioneiro de Estado.

À terceira porta, pelo contrário, isto é, depois de haver entrado, limitou-se a dizer à sentinela; — O Sr. de Baisemeaux.

E passaram os dois. Pouco depois viram-se na sala de jantar do governador, onde o primeiro rosto que chamou a atenção de d'Artagnan foi o de Aramis, que se assentara ao lado de Baisemeaux, à espera de uma boa refeição, cujo aroma enchia o apartamento.

Se d'Artagnan simulou surpresa, Aramis não simulou coisa alguma; estremeceu ao ver os dois amigos, e a sua comoção foi visível.

Entrementes, Athos e d'Artagnan faziam os seus cumprimentos, e Baisemeaux, espantado, estuporado pela presença dos três convivas, iniciara uma séria de evoluções à roda deles.

— Ora, sim, senhor! — disse Aramis — por que feliz acaso?...

— É o que te perguntamos — contraponteou d'Artagnan.

— Dar-se-á que sejamos todos prisioneiros? — exclamou Aramis, afetando hilaridade.

— Eh! eh! — volveu d'Artagnan — é verdade que estas paredes cheiram tremendamente a cadeia. Sr. de Baisemeaux, sabeis que me convidastes outro dia para jantar?

— Eu — bradou Baisemeaux.

— Homessa! Pareceis cair das nuvens. Não vos recordais? Baisemeaux empalideceu, corou, considerou Aramis, que o observava, e acabou balbuciando:

— Naturalmente... encantado... mas... palavra de honra... eu não... Ah! desgraçada memória!

— Mas andei muito mal — acudiu d'Artagnan em tom de enfado.

— Mal, como?

— Lembrando-me do convite, segundo parece.

Baisemeaux precipitou-se para ele.

— Não vos formalizeis, meu caro capitão — exclamou; — tenho a cabeça mais fraca de todo o reino. Tirai-me de ao pé das minhas pombas e do meu pombal, e não valho um recruta de seis semanas.

— Agora, finalmente, vos lembrais — disse d'Artagnan com desempenho.

— Sim, sim — tornou o governador hesitando — agora me lembro.

— Foi em palácio; dizíeis-me já não me lembra o que sobre as vossas contas com os Srs. de Louvières e Tremblay.

— Ah! sim, perfeitamente!

— E sobre as bondades do Sr. d'Herblay para convosco.

— Ah! — bradou Aramis, encarando fixamente no infeliz governador — e dizíeis que não tínheis memória, Sr. Baisemeaux!

Este interrompeu o mosqueteiro.

— Naturalmente! é isso mesmo; tendes razão.

Lembro-me agora perfeitissimamente. Mil e mil perdões! Mas, notai bem, meu caro Sr. D'Artagnan, a esta hora como em qualquer outra, convidado ou não convidado, estais em vossa casa, vós e o vosso amigo, o Sr. d'Herblay — ajuntou, voltando-se para Aramis — e este senhor também — continuou, cumprimentando Athos.

— Pensei em tudo isso — respondeu d'Artagnan.

— E eis porque vim: não tinha nada que fazer esta noite no Palais-Royal; lembrei-me de experimentar a vossa cozinha, quando, já a caminho daqui, encontrei o senhor conde.

Athos cumprimentou.

— O senhor conde, que estivera com Sua Majestade, entregou-me uma ordem que exige pronta execução. Estávamos aqui perto; eu quis continuar, nem que fosse para apertar-vos a mão e apresentar-vos este senhor, de quem fizestes tão boas ausências em palácio, na mesma noite em que...

— Muito bem! muito bem! É o Sr. Conde de la Fère, não é?

— Exatamente.

— O senhor conde é bem-vindo.

— E jantará convosco, não é assim? ao passo que eu, pobre sabujo, preciso correr para o meu serviço. Felizes mortais sois vós! — acrescentou com um suspiro digno de Porthos.

— Então, partis? — perguntaram Aramis e Baisemeaux, unidos no mesmo sentimento de alegre surpresa.

D'Artagnan percebeu a nuança.

— Deixo-vos em meu lugar um nobre e bom conviva — disse ele.

E bateu levemente no ombro de Athos, que também se sentia espantado e não podia menos de demonstrá-lo; nuança que foi surpreendida apenas por Aramis, pois o Sr. de Baisemeaux não tinha o acume dos três amigos.

— Como! vamos perder-vos? — tornou o bom governador.

— Peço-vos apenas uma hora ou hora e meia. Voltarei para a sobremesa.

— Oh! esperaremos — prometeu Baisemeaux.

— Eu me sentiria constrangido.

— Voltarás? — inquiriu Athos com ar de dúvida.

— Decerto — afirmou d'Artagnan, apertanto-lhe confidencialmente a mão.

E ajuntou, em voz baixa:

— Espera-me, Athos; mostra-te alegre e, sobretudo, não me fales em negócios, pelo amor de Deus!

Nova pressão de mão confirmou o conde na obrigação de manter-se discreto e impenetrável.

Baisemeaux reconduziu d'Artagnan até à porta.

Com uma infinidade de carícias, Aramis apoderou-se de Athos, decidido a fazê-lo falar; mas Athos possuía todas as virtudes no mais alto grau. Em caso de necessidade, teria sido o primeiro orador do mundo; mas, se fosse preciso, preferiria morrer a articular uma sílaba sequer.

Colocaram-se, portanto, os três senhores, dez minutos após a partida de d'Artagnan, diante de uma boa mesa disposta com o mais substancial dos luxos gastronômicos. Pratos suculentos, conservas, variadíssimos vinhos, surgiram sucessivamente sobre a mesa, servida às expensas do rei, e de cuja despesa o Sr. Colbert encontraria facilmente jeito de economizar dois terços, sem emagrecer ninguém na Bastilha.

Baisemeaux foi o único que comeu e bebeu resolutamente. Aramis não recusou nada e lambiscou tudo; depois da sopa e das três entradas, Athos não tocou em mais nada.

O prelado não cessava de perguntar a si mesmo por que cargas d'água Athos se encontrava em casa de Baisemeaux quando d'Artagnan já lá não estava, e porque d'Artagnan não estava mais lá quando o

próprio Athos ficara. Athos escafandrou toda a profundeza do espírito de Aramis, que vivia de subterfúgios e de intrigas; considerou profundamente o objeto de seu exame e adivinhou-o ocupado em algum projeto importante. Em seguida, concentrou-se nos próprios interesses, procurando intimamente uma razão para a partida estranha e súbita de d'Artagnan depois de deixar na Bastilha um prisioneiro tão mal introduzido e tão mal preso.

Não se deterá, contudo, nesses personagens o nosso exame. Deixá-los-emos entregues a si mesmos, diante dos destroços dos capões, das perdizes e dos peixes mutilados pela faca generosa de Baisemeaux.

Iremos, ao contrário, empós de d'Artagnan, que, tornando ao carro que o trouxera, gritou ao ouvido do cocheiro: — Ao palácio, a toda!

Capítulo LXIV - O que se passava no Louvre durante o jantar da Bastilha

O SR. de Saint-Aignan desincumbira-se do seu encargo junto de La Vallière, como vimos num dos capítulos precedentes; mas, a despeito de toda a sua eloqüência, não logrou persuadir a rapariga de que o rei era um protetor assaz considerável e de que não precisava de mais ninguém no mundo quando tinha o rei por si.

Com efeito, à primeira palavra que pronunciou o confidente sobre o descobrimento do célebre segredo, Luísa, em prantos, entrou a lamuriar-se em altos brados e entregou-se completamente a uma dor que ao rei não teria parecido lisonjeira se, de um canto do quarto, tivesse podido presenciá-la. De Saint-Aignan, embaixador, formalizou-se como o teria feito o próprio amo, e voltou à presença do rei a fim de anunciar-lhe o que vira e ouvira. É lá que tornamos a encontrá-lo, agitadíssimo, diante de Luís, mais agitado ainda.

— Mas — perguntou o monarca ao valido, quando este concluiu a narrativa — que disse ela afinal? Vê-la-ei ao menos daqui a pouco, antes do jantar? Virá até aqui ou terei de procurá-la?

— Creio, Sire, que, se Vossa Majestade deseja vê-la, precisará não somente dar os primeiros passos, senão percorrer todo o caminho.

— Nada para mim! Ela quer tanto assim ao tal Bragelonne? — murmurou Luís com os dentes cerrados.

— Oh! Sire, isso não é possível, pois é a Vossa Majestade que ama a Srta. de La Vallière, de todo o coração. Mas o caso é que o Sr. de Bragelonne pertence à raça severa que desempenha o papel dos heróis de romance.

Sorriu o rei fracamente. Sabia muito bem o que era aquilo. Athos acabava de deixá-lo.

— Quanto à Srta. de La Vallière — continuou de Saint-Aignan — foi educada em casa de Madame viúva, isto é, no isolamento e na austeridade. Esses dois noivos andaram fazendo umas jurazinhas frias diante da lua e das estrelas, e hoje, para acabar com isso, Sire, é o diabo!

De Saint-Aignan cria alegrar o rei; mas, pelo contrário, do simples sorriso passou Luís à mais completa seriedade. Já sentia o que o conde prometera infligir-lhe: remorsos. Pensava em que aqueles dois jovens se haviam amado e jurado pertencer-se; que um dos dois cumprira a palavra e o outro, honesto, não podia menos de gemer por ter faltado à sua.

E, com o remorso, o ciúme, violento, aguilhoava o coração do rei. Não disse mais nada e, em vez de ir ter com a mãe, ou com a rainha, ou com Madame para distrair-se um pouco e fazer rirem as damas, como ele mesmo dizia, mergulhou na enorme poltrona em que Luís XIII, seu augusto pai, se entediara tanto com Baradas e Cinq-Mars durante tantos dias e tantos anos.

De Saint-Aignan compreendeu que não lograria divertir o rei naquele momento. Arriscou o último recurso e pronunciou o nome de Luísa. O rei ergueu a cabeça.

— Que fará esta noite Vossa Majestade? Devo prevenir a Srta. de La Vallière?

— Homessa! Parece-me que ela está prevenida — disse o rei.

— Dar-se-á um passeio?

— Acabamos de passear — respondeu o rei.

— E então, Sire?

— Então, sonhemos, de Saint-Aignan, sonhemos cada qual de um lado; quando a Srta. de La Vallière tiver acabado de lastimar o que está lastimando (o remorso já surtia os seus efeitos), talvez se digne dar-nos notícias suas!

— Ah! Sire, como desconhece Vossa Majestade aquele coração dedicado!

Ergueu-se o rei despeitadíssimo; o ciúme roía-o.

De Saint-Aignan começava a achar difícil a sua posição, quando se ergueu o reposteiro. O rei fez um brusco movimento; imaginou que viessem trazer-lhe um bilhete de La Vallière; em lugar, porém, do mensageiro do amor, viu apenas o capitão de mosqueteiros, empertigado e mudo, à soleira da porta.

— Sr. D'Artagnan! — exclamou. — Ah!... E então?

D'Artagnan olhou para de Saint-Aignan. Os olhos do rei tomaram a mesma direção. Esses olhares seriam claros para qualquer um e, com muito mais razão, o foram para de Saint-Aignan. O cortesão cumprimentou e saiu. Viram-se a sós o rei e o mosqueteiro.

— Está feito? — perguntou o rei.

— Está, Sire — respondeu o capitão dos mosqueteiros com voz grave — está feito.

O rei não achou o que dizer. O orgulho, todavia, ordenava-lhe prosseguir. Quando um rei toma uma decisão, injusta embora, precisava provar aos que o viram tomá-la, e precisa, sobretudo prová-lo a si mesmo, que tinha razões para fazê-lo. Há um meio para isso, um meio quase infalível: descobrir faltas na vítima.

Educado por Mazarino e Ana d'Áustria, Luís conhecia melhor do que todos os príncipes da terra o seu mister de rei. Daí que tentasse demonstrá-lo nessa ocasião. Após um momento de silêncio, durante o qual fizera mentalmente as reflexões que registramos:

— Que disse o conde? — perguntou com negligência.

— Nada, Sire.

— Mas ele não pode ter-se deixado prender sem dizer nada!

— Disse que estava esperando ser preso, Sire.

O rei ergueu a cabeça com sobranceria. E exclamou:

— Presumo que o Sr. Conde de la Fère não tenha continuado a desempenhar o papel de rebelde!

— Em primeiro lugar, Sire, que é o que Vossa Majestade chama de rebelde? — perguntou plácidamente o mosqueteiro. — Será rebelde aos seus olhos o homem que, não somente se deixa encafuar na Bastilha, mas ainda resiste aos que não querem levá-lo para lá?

— Que não querem levá-lo para lá? — bradou o rei. — Que ouço, capitão? Enlouquecestes?

— Não creio, Sire.

— Falastes em pessoas que não queriam prender o Sr. de la Fère?...

— Falei, Sire.

— E que pessoas são essas?

— As que Vossa Majestade encarregou de fazê-lo, aparentemente — volveu o mosqueteiro.

— Fostes vós o encarregado! — rebradou o rei.

— Exatamente, Sire, fui eu.

— E dizeis que, apesar da minha ordem, tencionáveis não prender o homem que me havia insultado?

— Era precisamente essa a minha intenção, Sire.

— Oh!

— Cheguei a oferecer-lhe um cavalo que eu mandara aparelhar na barreira da Conferência.

— E com que intuito havíeis mandado aparelhar esse cavalo?

— Com o intuito de fazer, Sire, que o Sr. Conde de la Fère chegasse ao Havre e, de lá, à Inglaterra.

— Pretendíeis trair-me, senhor? — gritou o rei, fuzilante de selvagem altivez.

— Perfeitamente.

Não havia o que responder a articulações feitas naquele tom. Sentiu o rei tão forte resistência, que se espantou.

— Tínheis pelo menos uma razão, Sr. D'Artagnan, para proceder assim? — interrogou, majestoso.

— Sempre tenho uma razão, Sire.

— Mas não seria a da amizade, a única que poderíeis alegar, a única que pode exculpar-vos, pois eu vos havia dado inteira liberdade nesse sentido.

— A mim, Sire?

— Não vos dei liberdade para prender ou não prender o Sr. Conde de la Fère?

— Deu, Sire; mas...

— Mas o quê? — atalhou o rei, impaciente.

— Avisando-me de que, se eu o não prendesse, prendê-lo-ia o capitão dos guardas de Vossa Majestade.

— Não fui generoso, desobrigando-vos da incumbência?

— Comigo, foi, Sire; mas com o meu amigo, não.

— Não?

— Claro que não, pois fosse por mim, fosse pelo capitão dos guardas, o meu amigo seria preso de qualquer maneira.

— E é esse o vosso devotamento, senhor? Um devotamento que raciocina, que escolhe? Não sois soldado, senhor! — Estou esperando que Vossa Majestade me diga o que sou.

— Pois bem, sois um frondista!

— Desde que a Fronda acabou, Sire...

— Mas, se o que dizeis é verdade...

— O que digo é sempre verdade, Sire.

— Que viestes fazer aqui? Vejamos.

— Venho aqui dizer a Vossa Majestade: Sire, o Sr. de la Fère está na Bastilha...

— Não por culpa vossa, pelo que parece.

— É verdade, Sire; mas o fato é que ele está lá, e já que está, convém que o saiba Vossa Majestade.

— Ah! Sr. d'Artagnan, enfrentais o vosso rei!

— Sire...

— Sr. d'Artagnan, previno-vos de que estais abusando da minha paciência.

— Pelo contrário, Sire.

— Pelo contrário, como?

— Venho fazer que me prendam também.

— Viestes fazer-vos prender?

— Vim. O meu amigo vai entediar-se na cadeia, e eu venho propor a Vossa Majestade que me permita fazer-lhe companhia; diga Vossa Majestade uma palavrinha, apenas, e eu mesmo me prendo; e garanto-lhe que não preciso, para isso, do capitão dos guardas.

Precipitou-se o rei para a mesa e pegou numa pena para redigir a ordem de prisão de d'Artagnan.

— Cuidado que será para sempre, senhor! — bradou ele em tom de ameaça.

— É o que eu espero — tornou o mosqueteiro; — porque depois de ter dado esse lindo golpe, Vossa Majestade já não terá coragem de olhar para a minha cara.

O rei lançou de si a pena com violência.

— Ide-vos! — disse ele.

— Não vou, Sire, com o perdão de Vossa Majestade.

— Como, não?

— Eu vim para falar brandamente a Vossa Majestade; Vossa Majestade encolerizou-se, é uma desgraça, mas nem por isso deixarei de dizer-lhe o que preciso dizer.

— Vossa demissão, senhor — exclamou o rei — vossa demissão.

— Sire, Vossa Majestade sabe que a minha demissão não me faz muita mossa, visto que em Blois, no dia em que Vossa Majestade recusou ao Rei Carlos o milhão que lhe deu meu amigo, o Conde de la Fère, eu lhe ofereci a minha demissão.

— Pois bem, então, falai depressa.

— Não, Sire; pois não é de minha demissão que se trata aqui; Vossa Majestade tomou da pena para mandar-me à Bastilha; por que mudou de idéia?

— D'Artagnan! cabeça de gascão! quem é o rei entre nós dois? Vejamos.

— É Vossa Majestade, infelizmente — Como, infelizmente?

— Sim, Sire; pois, se fosse eu...

— Se fôsseis vós, aprovaríeis a rebelião do Sr. d'Artagnan, não é verdade?

— Decerto!

— Não faltava mais nada!

E o rei encolheu os ombros.

— E eu diria ao meu capitão de mosqueteiros — continuou d'Artagnan — eu lhe diria, fitando nele dois olhos humanos e não dois carvões acesos: "Sr. d'Artagnan, esqueci-me de que sou o rei. Desci do meu trono para ultrajar um gentil-homem".

— Senhor — acudiu Luís — cuidais desculpar o vosso amigo sobrelevando-lhe a insolência?

— Oh! Sire, irei bem mais longe do que ele — disse d'Artagnan — e a culpa será de Vossa Majestade. Eu lhe direi o que ele, que possui todas as delicadezas, não lhe disse, Sire; eu lhe direi: Vossa Majestade sacrificou-lhe o filho e ele defendia o filho; Vossa Majestade sacrificou-o a ele também; ele falou-lhe em nome da honra, da religião, e da virtude, e Vossa Majestade afastou-o, expulsou-o, prendeu-o. Serei mais duro do que ele, Sire, e eu lhe direi; Sire, escolha! Vossa Majestade quer amigos ou quer lacaios? soldados ou mestres de cerimônias? grandes homens ou polichinelos? Quer ser servido ou quer que os outros se dobrem? Quer ser amado ou quer que os outros o temam? Se Vossa Majestade prefere a baixeza, a intriga, a covardia, oh! diga uma palavra, Sire; e partiremos, nós, os únicos restos, digo mais, os últimos modelos da valentia de antanho; nós que servimos e ultrapassamos talvez, em coragem e em mérito; homens já grandes na posteridade. Escolha, Sire, e apresse-se. Os grandes senhores que lhe sobram, guarde-os; Vossa Majestade sempre terá cortesãos suficientes. Apresse-se e mande-me para a Bastilha com o meu amigo; pois, se Vossa Majestade não soube ouvir o Conde de la Fère, isto é, a voz mais meiga e mais nobre da honra; se não sabe ouvir d'Artagnan, isto é, a voz mais franca e mais rude da sinceridade, Vossa Majestade é um mau rei, e, amanhã, será um pobre rei. Ora, os maus reis são aborrecidos e os pobres reis são banidos. Eis o que eu tinha para dizer-lhe, Sire; Vossa Majestade fez mal em levar-me a este extremo.

Lívido e frio, o rei tornou a cair na poltrona: era evidente que um raio, fuzilando-lhe aos pés, não o teria espantado mais; dir-se-ia que lhe faltasse o ar e que ele estivesse prestes a expirar. A rude voz da sinceridade, como lhe chamara d'Artagnan, atravessara-lhe o coração, à semelhança de uma lâmina.

D'Artagnan dissera tudo o que tinha para dizer.

Compreendendo a cólera do rei, puxou da espada e, acercando-se respeitosamente de Luís XIV,

depô-la sobre a mesa.

Mas o rei, com gesto furioso, empurrou a espada, que caiu no chão e, rolando, foi parar nos pés de d'Artagnan.

Por mais senhor de si que fosse o mosqueteiro, ele também empalideceu e, fremente de indignação:

— Um rei — disse ele — pode desgraçar um soldado; pode exilá-lo, pode condená-lo à morte; mas, ainda que fosse cem vezes rei, não tem o direito de insultá-lo desonrando-lhe a espada. Sire, um rei de França nunca afastou com desprezo a espada de um homem como eu. Esta lâmina enodoada, pense bem, Sire, doravante só poderá ter por bainha o meu coração ou o coração de Vossa Majestade. Escolho o meu, Sire, e por isso agradeça a Deus e à minha paciência.

Cette épée souillée n'a plus désormais d'autre fourreau que mon cœur ou le vôtre! (Page 381.)

Logo, precipitando-se sobre a espada:

— Recaia o meu sangue sobre a cabeça de Vossa Majestade! — bradou.

E, com gesto rápido, apoiando o punho da espada no chão, dirigiu-lhe a ponta contra o próprio peito.

Atirou-se o rei com um movimento mais rápido ainda que o de d'Artagnan, lançou o braço direito ao pescoço do mosqueteiro, e, com a mão esquerda, segurando pelo meio a lâmina da espada, recolocou-a silenciosamente na bainha.

Rígido, pálido e trêmulo ainda, deixou d'Artagnan, sem um gesto, que o rei fizesse tudo.

Enternecido, Luís voltou à mesa, pegou na pena, escreveu algumas linhas e estendeu a mão para d'Artagnan.

— Que papel é esse? — perguntou o capitão.

— A ordem dada ao Sr. d'Artagnan para soltar incontinenti o Sr. Conde de la Fère.

D'Artagnan empolgou a mão do rei e beijou-a; em seguida, dobrou a ordem, enfiou-a sob o gibão e saiu.

Nem o rei nem o capitão haviam articulado uma sílaba sequer.

— Ó coração humano! bússola dos reis! — murmurou Luís ficando só — quando aprenderei a ler nas tuas dobras como nas folhas de um livro? Não, não sou um mau rei; não, não sou um pobre rei; mas ainda sou uma criança.

Capítulo LXV - Rivais políticos

D'ARTAGNAN prometera ao Sr. de Baisemeaux que estaria de volta à sobremesa e cumpriu o prometido. Os convivas tinham chegado aos vinhos finos e aos licores, de que a adega do governador tinha a reputação de estar admiravelmente provida, quando soaram no corredor as esporas do capitão e ele mesmo despontou no limiar da porta.

Athos e Aramis haviam esgrimido com suma cautela. Por isso mesmo, nenhum deles atingira o outro. Tinham jantado, conversado muito sobre a Bastilha, a última viagem de Fontainebleau, a próxima festa do Sr. Fouquet, em Vaux. Tinham falado muito em coisas vagas e indiferentes e ninguém, a não ser Baisemeaux, tocara em assuntos particulares.

D'Artagnan caiu no meio da conversação, pálido e comovido ainda pela conversação com o rei.

Apressou-se de Baisemeaux em aproximar uma cadeira. D'Artagnan aceitou um copo cheio e emborcou-o. Athos e Aramis observaram a comoção de d'Artagnan. Quanto a Baisemeaux não viu senão o capitão dos mosqueteiros de Sua Majestade, e apressou-se em festejá-lo.

Aproximar-se do rei era ter todos os direitos às atenções do Sr. de Baisemeaux. Entretanto, se bem Aramis tivesse notado a comoção, não podia adivinhar-lhe a causa. Somente Athos cria havê-la compreendido. Para ele, o regresso de d'Artagnan e, principalmente, a perturbação do homem impassível, significava: "Acabo de pedir ao rei uma coisa que o rei me recusou", persuadido de que atinara com a verdade. Athos sorriu, levantou-se da mesa e fez sinal a d'Artagnan, como para lembrar-lhe que tinham outra coisa que fazer além de jantar juntos.

D'Artagnan compreendeu e respondeu por outro sinal. Vendo esse diálogo mudo, Aramis e Baisemeaux interrogaram-nos com o olhar.

Entendeu Athos que lhe competia explicar tudo o que estava acontecendo.

— A verdade, meus amigos — disse o Conde de la Fère com um sorriso — é que tu, Aramis, acabas de jantar com um criminoso político, e vós, Sr. de Baisemeaux, com vosso prisioneiro.

Baisemeaux soltou uma exclamação de surpresa e quase de alegria. O querido Sr. de Baisemeaux tinha orgulho da sua fortaleza. À parte o lucro, quanto mais prisioneiros recebia, tanto mais feliz se sentia; e quanto mais importantes fossem os seus presos, tanto maior era o seu orgulho.

Aramis, porém, tomou um ar de circunstância:

— Oh! querido Athos — disse ele — perdoa-me: quase adivinhei o que está acontecendo. Alguma extravagância de Raul ou de La Vallière, não é verdade?

— Ai de mim! — exclamou Baisemeaux.

— E — continuou Aramis — como grande fidalgo que és, esquecido de que hoje só há cortesãos, foste à procura do rei e disseste-lhe o que pensavas?

— Adivinhaste, meu amigo.

— Isso quer dizer — acudiu Baisemeaux, tremendo por haver jantado tão familiarmente com um homem que incorrera no desfavor de Sua Majestade; — isso quer dizer senhor conde?...

— Isso quer dizer, meu caro governador — respondeu Athos — que o meu amigo d'Artagnan vai mostrar-vos o papel que se vê pela abertura do seu gibão, e que outra coisa não é, decerto, que a minha ordem de prisão.

De Baisemeaux estendeu a mão com a costumeira agilidade.

D’Artagnan tirou, de fato, dois papéis do peito, e apresentou um deles ao governador. Baisemeaux desdobrou-o e leu a meia voz, ao mesmo passo que olhava para Athos por cima do papel,

interrompendo-se:

— "Ordeno que se encarcere no meu castelo da Bastilha..." Muito bem... "No meu castelo da Bastilha... o Sr. Conde de la Fère". Oh! senhor, é para mim dolorosa honra ter-vos em meu poder!

— Tereis um prisioneiro paciente — prometeu Athos com a sua voz suave e calma.

— E que não ficará nem um mês convosco, meu caro governador — emendou Aramis, enquanto Baisemeaux, com a ordem na mão, transcrevia no livro de registro a vontade real.

— Nem um dia, ou melhor, nem uma noite — acudiu d'Artagnan exibindo a segunda ordem do rei; — pois agora, meu caro Sr. de Baisemeaux, transcrevereis também esta ordem de soltura imediata.

— Ah! — exclamou Aramis — poupas-me um bom trabalho, d'Artagnan.

E apertou de maneira significativa a mão do mosqueteiro ao mesmo passo que apertava a de Athos.

— Como! — bradou este último espantado — el-rei dá-me liberdade?

— Lê, caro amigo — respondeu d'Artagnan.

Athos pegou na ordem e leu-a.

— É verdade — disse ele.

— Ficaste zangado por causa disso? — perguntou d'Artagnan.

— Oh! não, pelo contrário. Não quero mal ao rei, e o maior mal que se pode desejar aos reis é desejá-los injustos. Mas tiveste um trabalhão, não é verdade? Confessa-o, meu amigo.

— Eu? Trabalho nenhum! — volveu, a rir, o mosqueteiro. — O rei faz tudo o que quero.

Aramis considerou d'Artagnan e percebeu a mentira. Mas Baisemeaux olhou apenas para d'Artagnan, tamanha e tão profunda era a sua admiração àquele homem que obtinha do rei o que quisesse.

— E o rei exila Athos? — inquiriu Aramis.

— Não; nem falou nisso — tornou d’Artagnan; — mas creio que o conde não tem coisa melhor que fazer, a não ser que deseje agradecer a Sua Majestade...

— Não, não — respondeu, sorrindo, Athos.

— Pois bem, creio que o conde não tem coisa melhor que fazer — voltou d’Artagnan — senão retirar-se para o seu castelo. De resto, meu caro Athos, fala, pede; se preferes outra residência, comprometo-me a consegui-la para ti.

— Não, obrigado — replicou Athos; — nada me pode ser mais agradável, caro amigo, do que regressar à minha solidão, debaixo de minhas grandes árvores, à beira do Loire. Se Deus é o médico supremo dos males da alma, a natureza é soberano remédio deles. Portanto, senhor — continuou Athos voltando-se para Baisemeaux — estou livre?

— Está, senhor conde; pelo menos assim o creio e espero — respondeu o governador virando e revirando os dois papéis — a não ser que o Sr. d'Artagnan traga uma terceira ordem.

— Não, meu caro Sr. de Baisemeaux — acudiu o mosqueteiro — tereis de contentar-vos com a segunda.

— Ah! senhor conde — exclamou Baisemeaux dirigindo-se a Athos — não sabeis o que perdeis!

Eu vos teria proporcionado um passadio de trinta libras, como o dos generais; que digo! um de cinqüenta, como o dos príncipes, e jantaríeis todas as noites como jantastes hoje.

— Permiti, senhor — volveu Athos — que eu prefira a minha mediocridade.

Logo, voltando-se para d’Artagnan:

— Partamos, meu amigo.

— Partamos — conveio o mosqueteiro.

— Terei, acaso, a alegria — perguntou Athos — de ter-te por companheiro?

— Só até à porta, meu caro — respondeu d'Artagnan; — depois eu te direi o que disse ao rei:

"Estou de serviço".

— E tu, querido Aramis — perguntou Athos com um sorriso — não me acompanhas? La Fère é caminho de Vannes.

— Eu, meu amigo — retrucou o prelado — tenho esta noite um encontro em Paris, e não poderia afastar-me sem prejuízo de graves interesses.

— Então, meu caro — disse Athos — deixa-me abraçar-te e partir. Meu caro Sr. de Baisemeaux, muito obrigado pela boa vontade e, principalmente, pela amostra que me destes do passadio da Bastilha.

E, depois de haver abraçado Aramis e apertado a mão do Sr. de Baisemeaux; depois de haver recebido de ambos votos de boa viagem, Athos partiu com d'Artagnan.

Ao mesmo passo que o desfecho da cena do Palais-Royal se verificava na Bastilha, contemos o que se passava em casa de Athos e em casa de Bragelonne.

Grimaud, como já vimos, acompanhara o amo a Paris; assistira à saída de Athos; vira d'Artagnan morder os bigodes; vira o amo entrar no carro; interrogara as duas fisionomias, e tanto tempo havia que se familiarizara com elas que compreendeu através da sua máscara impassível, que ocorriam gravíssimos sucessos.

Depois que Athos partiu, entrou a reflexionar.

Lembrou-se da estranha maneira por que Athos se despedira, o enleio, imperceptível para qualquer outro, manifestado pelo amo, homem de idéias tão claras e de vontade tão reta. Sabia que Athos não levara senão o que trazia habitualmente consigo, e, sem embargo disso, tinha a impressão de que Athos não partira apenas por uma hora, nem por um dia. Adivinhava-se uma grande ausência no modo por que Athos, ao deixar Grimaud, pronunciara a palavra adeus.

Tudo isso lhe voltava ao espírito com todos os seus sentimentos de profunda afeição a Athos, com esse horror do vazio e da solidão que sempre domina a imaginação das pessoas que amam; o que tornava o honrado Grimaud muito triste e, sobretudo, muito inquieto.

Sem dar tino do que fazia depois da partida do amo, vagava pelo apartamento, buscando, para assim dizer, traços dele, semelhante, nisso, pois tudo o que é bom se assemelha, ao cão, que não se inquieta com o amo ausente, mas se aborrece.

Entretanto, como ao instinto do animal juntasse Grimaud a razão do homem, aborrecia-se e inquietava-se ao mesmo tempo.

Não tendo descoberto indício nenhum que pudesse guiá-lo, não tendo visto nem descoberto nada que lhe fixasse as dúvidas, pôs-se a *imaginar* o que poderia ter acontecido. Ora, a imaginação é o recurso, ou melhor, o suplício dos bons corações. De fato, nunca sucede que um bom coração figure o amigo feliz ou alegre. A pomba que viaja só inspira terror à que ficou em casa.

Passou, portanto, Grimaud da inquietação ao terror. Recapitulou o que havia acontecido: a carta de d'Artagnan a Athos, em conseqüência da qual Athos parecera tão triste; depois, a visita de Raul a Athos, em resultado da qual Athos lhe ordenara que preparasse as suas ordens e o seu trajo de cerimônia; depois, a entrevista com o rei, em virtude da qual Athos voltara tão sombrio; depois, a explicação entre pai e filho, em razão da qual Athos beijara com tamanha tristeza Raul, ao passo que Raul voltava tão tristemente para casa; finalmente, a chegada de d'Artagnan mordendo o bigode, por efeito da qual o Sr. Conde de la Fère subira no carro com d'Artagnan. Tudo aquilo compunha um drama claríssimo de cinco atos, mormente para um vigoroso analista como Grimaud.

Em primeiro lugar, recorreu Grimaud aos grandes meios; foi buscar no gibão deixado pelo amo a carta do Sr. D'Artagnan. A carta lá estava ainda, e eis o que continha:

"Caro amigo, Raul veio pedir-me informações sobre o procedimento da Srta. de La Vallière durante a estada do nosso jovem amigo em Londres. Sou um pobre capitão de mosqueteiros em cujos ouvidos zunem o dia inteiro mexericos de caserna e de alcova. Se eu lhe tivesse repetido o que supunha saber, o pobre rapaz teria morrido; mas eu, que estou a serviço do rei, não posso andar propalando os negócios do rei. Se o coração lo ordena, marcha! O caso te diz mais respeito a ti do que a mim e quase tanto quanto a Raul".

Grimaud arrancou uma dezena de fios de cabelo.

Teria arrancado mais se tivesse a cabeleira mais abundante.

— Aí está — disse ele — o x do problema. A rapariga andou fazendo das suas. O que dizem dela e do rei é verdade. O nosso jovem amo foi enganado. ele deve sabê-lo. O senhor conde foi procurar o rei e disse-lhe umas verdades. Depois o rei mandou o Sr. D'Artagnan para arrumar o negócio. Ah! meu Deus — continuou Grimaud — o senhor conde regressou sem a espada.

Esse descobrimento fez brotar o suor na fronte do bravo homem, que não se deteve muito tempo a conjeturar: enfiou o chapéu na cabeça e correu ao alojamento de Raul.

Após a partida de Luísa, Raul dominara o sofrimento, se não o amor, e, obrigado a enfrentar a perigosa estrada a que o arrastavam a loucura e a rebeldia, vira, ao primeiro relance, o pai exposto à resistência real, visto que se oferecera primeiro a essa resistência.

Nesse instante de simpática lucidez, o desgraçado moço memorou precisamente os sinais misteriosos de Athos, a inesperada visita de d'Artagnan, e o resultado do conflito entre um príncipe e um súdito lhe surgiu aos olhos espavoridos.

Estando de serviço, isto é, pregado ao seu posto, d'Artagnan não fora, certo, à casa de Athos pelo prazer de vê-lo. Fora dizer-lhe qualquer coisa. Essa qualquer coisa, em circunstâncias tão penosas, era uma desgraça ou um perigo. Raul se maldisse por ter sido egoísta, por ter esquecido o pai pelo amor, por ter, numa palavra, procurado o devanear ou o saborear do desespero, quando se tratava talvez de repelir o ataque iminente dirigido contra Athos.

Esse sentimento fê-lo saltar. Cingiu a espada e correu primeiro ao apartamento do pai. No caminho, topou com Grimaud, que, tendo partido do pólo oposto, se atirava com idêntico ardor à procura da verdade. Abraçaram-se os dois; estavam ambos no mesmo ponto da parábola descrita pelas respectivas imaginações.

— Grimaud! — exclamou Raul.

— Sr. Raul! — exclamou Grimaud.

— O senhor conde vai bem?

— Não o vistes?

— Não; onde é que ele está?

— Estou-o procurando.

— E o Sr. d'Artagnan?

— Saiu com ele.

— Quando?

— Dez minutos após a vossa partida.

— Como saíram?

— De carro.

— Aonde foram?

— Não sei.

— Meu pai levou dinheiro?

— Não.
— A espada?
— Não.
— Grimaud!
— Sr. Raul!
— Qualquer coisa me diz que o Sr. d'Artagnan veio para...
— Para prender o senhor conde, não é verdade?
— Sim, Grimaud.
— Eu seria capaz de jurá-lo!
— Que caminho tomaram?
— O caminho do cais.
— A Bastilha?
— Ah! meu Deus, sim.
— Depressa, corramos!
— Corramos!
— Mas para onde? — perguntou Raul, de repente, acabrunhado.
— Passemos por casa do Sr. d'Artagnan; saberemos talvez alguma coisa.
— Não; se se esconderam de mim em casa de meu pai, esconder-se-ão em toda a parte. Vamos a... Oh! meu Deus! mas eu hoje estou louco, meu bom Grimaud.
— Que foi?
— Esqueci o Sr. du Vallon.
— O Sr. Porthos?
— Que ainda está à minha espera! Ai de mim! bem te dizia eu que estou ficando louco.
— Que está à vossa espera, onde?
— Em Vincennes, ao pé dos frades.
— Ah! meu Deus!... Felizmente, é do lado da Bastilha!
— Vamos, depressa!
— Vou mandar selar os cavalos.
— Vai, meu amigo, vai.

Capítulo LXVI - Em que Porthos se persuade sem ter compreendido

FIEL a todas as leis da cavalaria antiga, o digno Porthos decidira-se a esperar o Sr. de Saint-Aignan até ao pôr do sol.

E, como de Saint-Aignan não devesse aparecer, como Raul se esquecera de avisar o padrinho, como a guarda principiava a tornar-se das mais longas e mais penosas, Porthos mandara buscar pelo guarda de uma porta algumas garrafas de bom vinho e um bom pedaço de carne, a fim de ter pelo menos a distração de beber um pouco e de comer outro pouco. Já chegara às últimas extremidades, isto é, às últimas migalhas, quando surgiram, à desfilada, Raul e Grimaud.

Ao ver despontarem aqueles dois cavaleiros tão apressados, não duvidou Porthos que fossem os seus homens, e, erguendo-se incontinenti da grama em que se assentara, começou a desentorpecer os joelhos e os punhos, dizendo:

— Vejam só o que é ter a gente bons hábitos! O patife acabou vindo. Se eu me houvesse retirado, ele não encontraria ninguém e ficaria contando vantagem.

Em seguida, apoiando o peso do corpo sobre uma das pernas, em marcial postura, ressaltou a curvatura de sua gigantesca estatura. Mas, em vez de Saint-Aignan, viu apenas Raul, que, com gestos desesperados, se aproximou gritando:

— Ah! meu caro amigo! Perdão! Como sou infeliz!

— Raul! — exclamou Porthos, surpreendido.

— Ficastes agastado comigo? — perguntou Raul indo abraçar Porthos.

— Eu? Por quê?

— Por eu vos haver esquecido assim. Mas perdi a cabeça!

— Ora!

— Se soubésseis, meu amigo!

— Mataste-o?

— Quem?

— De Saint-Aignan.

— Ai de mim! Já não se trata de Saint-Aignan.

— Que aconteceu, então?

— Aconteceu que o Sr. Conde de la Fère a estas horas deve estar preso.

Porthos fez um movimento que teria derrubado um muro.

— Preso!... Por quem?

— Por d'Artagnan!

— É impossível! — disse Porthos.

— Mas é verdade — replicou Raul.

Voltou-se Porthos para o lado de Grimaud, como quem precisa de segunda confirmação. Grimaud fez um sinal com a cabeça.

— E aonde o levaram? — perguntou Porthos.

— Provavelmente à Bastilha.

— Que é o que te leva a supô-lo?

— No caminho interrogamos algumas pessoas que viram passar o carro, e outras que o viram entrar na Bastilha.

— Oh! oh! — murmurou Porthos. E deu dois passos.

— Que decidis? — perguntou Raul.
— Eu? Nada. Mas não quero que Athos fique na Bastilha. Acercou-se Raul do digno Porthos.
— Sabeis que foi por ordem do rei que se verificou a prisão?
Porthos considerou o rapaz como quem diz: "Que me importa?" Essa linguagem muda pareceu-lhe tão eloqüente, que o rapaz não perguntou mais nada. Tornou a montar. Porthos, ajudado de Grimaud, já fizera o mesmo.
— Tracemos o nosso plano — disse Raul.
— Sim — retrucou Porthos; — isso mesmo, tracemo-lo. Bragelonne exalou um grande suspiro e, súbito, estacou.
— Que tens? — perguntou Porthos; — alguma fraqueza?
— Não, impotência! Temos, acaso, a pretensão, nós três, de tomar a Bastilha?
— Ah! se d'Artagnan estivesse aqui — respondeu Porthos — não digo que não.
Sentiu-se Raul tomado de admiração à vista daquela confiança heróica, de tão ingênua. Eram realmente aqueles os homens célebres que, em grupos de três ou de quatro, fustigavam exércitos ou atacavam castelos? Os homens que haviam espavorido a morte e que, sobrevivendo a um século em ruínas, eram mais fortes ainda que os mais robustos dentre os jovens.
— Senhor — disse ele a Porthos — vós me destes uma idéia: precisamos ver o Sr. d'Artagnan.
— Sem dúvida.
— Ele deve ter voltado para casa, depois de haver conduzido meu pai à Bastilha.
— Informe-nos primeiro na Bastilha — disse Grimaud, que falava pouco, mas bem.
Com efeito, logo chegaram à fortaleza. Num desses acasos, que Deus propicia às pessoas de muita vontade, Grimaud avistou, de repente, o carro que passava pela porta principal da ponte levadiça. Era, como vimos, d'Artagnan que voltava do Louvre.
Debalde esporeou Raul o cavalo para aproximar-se do carro e ver as pessoas que iam nele. Os cavalos já tinham parado do outro lado da porta, que tornou a fechar-se, ao passo que uma sentinela espetava o mosquete no focinho do cavalo de Raul.
Este deu meia volta, já muito satisfeito por haver localizado o carro que lhe conduzira o pai.
— Encontramo-lo — disse Grimaud.
— Se esperarmos um pouco, ele terá de sair, não é verdade, meu amigo?
— A menos que d'Artagnan também esteja preso — replicou Porthos; — nesse caso, está tudo perdido.
Raul não respondeu. Tudo era admissível.
Aconselhou Grimaud a levar os cavalos para a ruazinha de Jean-Beausire, a fim de despertar menos suspeitas, e ele próprio, com a vista penetrante, ficou esperando a saída de d'Artagnan ou a do carro.
Era a melhor solução. Com efeito, vinte minutos não se haviam escoado, quando a porta voltou a abrir-se e o carro reapareceu. Uma ofuscação impediu Raul de distinguir as figuras que o ocupavam. Grimaud jurou que vira duas pessoas e que o amo era uma delas. Porthos alternava os olhos entre Raul e Grimaud, esperando compreender-lhes o pensamento.
— É evidente — afirmou Grimaud — que se o senhor conde está no carro, ou foi posto em liberdade ou está sendo conduzido a outra prisão.
— Sabê-lo-emos pelo caminho que tomar — disse Porthos.
— Se foi posto em liberdade — continuou Grimaud — será levado para a casa dele.
— É verdade — admitiu Porthos.
— Mas o carro vai por outro caminho — acudiu Raul.

E, com efeito, os cavalos acabavam de enveredar pelo bairro de Santo Antônio.
— Corramos — propôs Porthos; — atacaremos o carro no caminho e diremos a Athos que fuja.
— Rebelião! — murmurou Raul.
Porthos lançou a Raul um segundo olhar, digna réplica do primeiro. Raul respondeu-lhe apenas picando de esporas o cavalo.
Poucos instantes depois, os três cavaleiros tinham alcançado o carro e seguiam-no tão de perto, que o bafo dos cavalos umedecia a caixa da sege.
D'Artagnan, sempre alerta, ouviu o estrupido no momento em que Raul sugeria a Porthos passasse adiante do carro para ver quem era o acompanhante de Athos. Porthos obedeceu, mas não viu coisa alguma; as cortinas estavam descidas.
A cólera e a impaciência dominavam Raul.
Acabava de notar o mistério de que se cercavam os companheiros de Athos, e decidiu-se a tudo.
Por outro lado, d'Artagnan reconhecera perfeitamente Porthos; reconhecera também, por sob o couro das cortinas, a figura de Raul, e comunicara ao conde o resultado de suas observações. Dispuseram-se os dois a esperar para ver no que davam as coisas.
Segundos depois, de pistola em punho, precipitou-se Raul sobre o primeiro cavalo do carro e ordenou ao cocheiro que parasse.
Porthos agarrou o cocheiro e arrancou-o da boléia.
Grimaud apoderou-se da portinhola do carro.
Raul abriu os braços gritando:
— Senhor conde! senhor conde!
— És tu, Raul? — bradou Athos, bêbedo de alegria.
— Nada mau! — acrescentou d'Artagnan com uma gargalhada. E ambos abraçaram o rapaz e Porthos, que se haviam aproximado.
— Meu bravo Porthos, excelente amigo! — exclamou Athos; — sempre tu!
— Ele ainda tem vinte anos — acudiu d'Artagnan.
— Bravo, Porthos!
— Diabo! — retrucou Porthos um tanto confuso — cuidamos que te houvessem prendido.
— Ao passo que eu — volveu Athos — estava dando apenas um passeio no carro do Sr. D'Artagnan.
— Estamos no vosso encalço desde a Bastilha — replicou Raul em tom de suspeita e de censura.
— Onde fomos jantar com aquele bom Sr. de Baisemeaux. Não te lembras de Baisemeaux, Porthos?
— Se me lembro! Muito bem.
— E onde encontramos Aramis.
— Na Bastilha?
— Jantando.
— Ah! — exclamou Porthos, respirando.
— Ele te mandou muitíssimas lembranças.
— Obrigado.
— Aonde vai o senhor conde? — perguntou Grimaud, que o amo já recompensara com um sorriso.
— Vamos a Blois, para casa.
— Como? Assim?... diretamente?...
— Diretamente.
— Sem bagagens?

— Oh! meu Deus! Raul ficará encarregado de remeter-mas ou de levar-mas ao voltar para casa, se voltar um dia.

— Se nada mais o retém em Paris — disse d'Artagnan com olhar firme, cortante e doloroso como o aço, pois reabriu as ferida? do pobre rapaz — ele fará bem de seguir-te, Athos.

— Nada mais me retém em Paris — declarou Raul.

— Partamos, então — replicou imediatamente Athos.

— E o Sr. d'Artagnan?

— Acompanharei Athos até à barreira e voltarei com Porthos.

— Muito bem — assentiu este último.

— Vem, meu filho — ajuntou o conde, passando meigamente o braço pelo pescoço de Raul, a fim de puxá-lo para dentro do carro e abraçá-lo de novo. — Grimaud — prosseguiu — voltarás devagarinho a Paris com o teu cavalo e o do Sr. du Vallon; pois Raul e eu vamos montar e deixar o carro a estes dois senhores para regressarem à cidade; depois, quando chegares a casa, arrumarás meus trapos, minhas cartas e despacharás tudo para Blois.

— Mas, quando voltardes a Paris — sobreveio Raul, que queria fazer falar o conde — não encontrareis roupas nem nada; será muito incômodo.

— Creio que por muito e muito tempo, Raul, não voltarei a Paris. A nossa última viagem não me animou a fazer outras.

Raul abaixou a cabeça e não disse mais nada.

Athos desceu do carro e montou no cavalo de Porthos, que pareceu satisfeitíssimo com a troca.

Todos se haviam abraçado, apertado as mãos, feito mil protestos de eterna amizade. Porthos prometeu passar um mês em casa de Athos na primeira folga que tivesse. D'Artagnan prometeu fazer o mesmo na primeira licença; depois, tendo abraçado Raul pela última vez:

— Meu filho — disse ele — eu te escreverei.

Havia tudo nessas palavras de d'Artagnan, que nunca escrevia. Raul sentiu-se profundamente tocado. Arrancou-se dos braços do mosqueteiro e partiu.

D'Artagnan reuniu-se a Porthos no carro.

— Que dia cheio, caro amigo! — disse ele.

— De fato — replicou Porthos.

— Deves estar extenuado.

— Nem tanto. Mas quero deitar-me cedo, a fim de estar pronto para amanhã.

— Por quê?

— Homessa! para acabar o que comecei.

— Fazes-me tremer, meu amigo; vejo-te todo perturbado. Que diabo começaste que não esteja acabado?

— Escuta, Raul não se bateu. Eu preciso bater-me!

— Com quem?... Com o rei?

— Com o rei, como! — perguntou Porthos estupefato.

— Pois é claro, criação, com o rei! Asseguro-te que pretendo bater-me com o Sr. de Saint-Aignan.

— Pois era o que eu queria dizer-te. Se te bates com esse fidalgo, é contra o rei que puxas da espada!

— Ah! — exclamou Porthos, arregalando os olhos — tens certeza?

— Absoluta!

— Como, então, arranjaremos isso?

— Em primeiro lugar, Porthos, jantaremos bem. A mesa do capitão dos mosqueteiros é agradável. Lá encontrarás o belo de Saint-Aignan e beberás à saúde dele.

— Eu? — recalcitrou Porthos, horrorizado.

— Como! — acudiu d'Artagnan — recusas beber à saúde do rei?

— Mas, com a breca! não estou falando do rei; estou falando do Sr. de Saint-Aignan.

— Pois se eu já te disse que é a mesma coisa!

— Ah!... então, está bem — conveio Porthos, vencido.
— Compreendeste, não é verdade?
— Não — redarguiu Porthos; — mas dá no mesmo.
— Sim, dá no mesmo — tornou d'Artagnan; — vamos jantar, Porthos.

Capítulo LXVII - A sociedade do Sr. de Baisemeaux

NÃO terá esquecido o leitor que, ao saírem da Bastilha, d'Artagnan e o Conde de la Fère lá haviam deixado Aramis mão por mão com Baisemeaux.

Baisemeaux não se advertiu de que, depois de saírem os dois convivas, a conversação se entibiou. Cria que o vinho de sobremesa, e o da Bastilha, era excelente, fosse um estimulante à loquacidade. Mal conhecia Sua Grandeza, que nunca era mais impenetrável do que no fim de uma refeição. Sua Grandeza, contudo, conhecia admiravelmente o Sr. de Baisemeaux, e confiava, para tirar pela língua ao governador, no meio que este reputava eficaz.

Sem arrefecer na aparência, a conversação, em realidade, arrefecia; pois Baisemeaux não somente falava quase sozinho, mas também só falava no singular sucesso da prisão de Athos, tão rapidamente seguida da ordem de soltura.

Baisemeaux, de resto, não deixara de observar que as duas ordens, a de prisão e a de soltura, eram do próprio punho do rei. Ora, o rei só se dava ao trabalho de escrever tais ordens em circunstâncias muito especiais. Tudo aquilo se afigurava interessantíssimo e, sobretudo, obscuríssimo a Baisemeaux; como fosse, porém, extremamente claro para Aramis, este não atribuía ao acontecido a mesma importância que lhe emprestava o bom governador.

De mais a mais, Aramis raro saía sem motivo de seus cômodos, e ele ainda não dissera ao Sr. de Baisemeaux porque o fizera naquela noite.

Daí que, no momento em que Baisemeaux chegou ao ponto crucial de sua dissertação, Aramis o interrompesse de chofre.

— Dizei-me, caro Sr. de Baisemeaux — perguntou ele — não tendes acaso na Bastilha outras distrações além das que presenciei nas duas os três visitas que tive a honra de fazer-vos?

Tão inesperada era a pergunta, que o governador, como um catavento que recebe, de repente, um impulso contrário ao do vento, quedou atônito.

— Distrações? — repetiu.

— Tenho-as continuamente, monsenhor!

— Ainda bem! E como são elas?

— De todo o gênero.

— Visitas, sem dúvida?

— Visitas? Não. Não são comuns na Bastilha.

— São raras?

— Raríssimas.

— Até da parte de vossa sociedade?

— Que é o que chamais de minha sociedade?... Os meus oneiros?

— Não. Vossos prisioneiros!... Sei que vós os visitais, mas que eles não vos visitam. Entendo por vossa sociedade, Sr. de Baisemeaux, a sociedade a que pertenceis.

Baisemeaux considerou fixamente Aramis; logo, como se a primeira suposição que lhe acudira fosse impossível:

— Oh! — respondeu — tenho muito pouca sociedade hoje em dia. Devo confessar-vos, meu caro Sr. d'Herblay, que, em geral, a estada na Bastilha parece selvagem e fastidiosa à maior parte dos homens. Quanto às damas, é sempre com certo terror, que me custa um trabalhão para acalmar, que elas chegam até mim. De fato, como não haveriam de tremer, pobres mulheres, vendo estas tristes

masmorras e figurando-as habitadas por pobres prisioneiros que...

E, à proporção que os olhos de Baisemeaux se fitavam no rosto de Aramis, pegava-se a língua ao pobre governador cada vez mais, de tal sorte que acabou inteiramente paralisada.

— Não, não me compreendestes, meu caro Sr. de Baisemeaux — disse Aramis — não me compreendestes... Não me refiro à sociedade em geral, mas a uma sociedade particular, a sociedade a que estais afiliado, enfim.

Baisemeaux quase deixou cair o copo de vinho moscatel que ia levar aos lábios.

— Afiliado? — repetiu. — Afiliado?

— Sem dúvida, afiliado — prosseguiu Aramis com o maior sangue frio. — Então não sois membro de uma sociedade secreta, meu caro Sr. de Baisemeaux?

— Secreta?

— Secreta ou misteriosa.

— Oh! Sr. d'Herblay...

— Vamos, vamos, não o negueis.

— Mas crede...

— Creio no que sei.

— Juro!...

— Ouvi-me, caro Sr. de Baisemeaux, eu digo que sim, vós dizeis que não; um de nós está necessariamente com a verdade, e o outro inevitavelmente com a mentira.

— E então?

— Então, vamos tirar tudo imediatamente a limpo.

— Vejamos — disse Baisemeaux — vejamos.

— Bebei o vosso moscatel, meu caro Sr. de Baisemeaux — tornou Aramis. — Que diabo! tendes um ar tão assustado!

— Não, não, absolutamente não.

— Então, bebei.

Baisemeaux bebeu, mas engoliu com dificuldade.

— Pois bem — volveu Aramis — se, como eu dizia, não pertenceis a uma sociedade secreta, misteriosa, como quiserdes, o epíteto não interessa; se, repito, não pertenceis a uma sociedade como a que desejo designar, não compreendereis patavina do que eu vou dizer.

— Oh! podeis estar certo de que não compreenderei coisa alguma.

— Ótimo.

— Tentai, vamos a ver.

— É o que farei. Se, pelo contrário, pertencerdes a essa sociedade, responder-me-eis imediatamente sim ou não.

— Perguntai — disse Baisemeaux, a tremer.

— Pois convireis, meu caro Sr. Baisemeaux — continuou Aramis com a mesma impassibilidade — em que, evidentemente, ninguém pode pertencer a uma sociedade, gozar das vantagens que essa sociedade proporciona aos afiliados, sem se sujeitar a certas servidõezinhas.

— Com efeito — balbuciou Baisemeaux — isso seria concebível se...

— Muito bem — voltou Aramis — há na sociedade a que eu me referia, e à qual, segundo parece, não pertenceis...

— Com licença — acudiu Baisemeaux — eu, entretanto, não quis dizer absolutamente...

— Há um compromisso assumido por todos os governadores e capitães de fortalezas afiliados à ordem.

Baisemeaux empalideceu.

— Esse compromisso — continuou Aramis com voz firme — aqui está.

Levantou-se Baisemeaux, presa de indizível emoção.

— Vejamos, meu caro Sr. d'Herblay — disse ele — vejamos.

"O dito capitão ou governador de fortaleza deixará entrar, quando preciso for, e a pedido do prisioneiro, um confessor afiliado à ordem".

Interrompeu-se. Baisemeaux dava pena de ver-se, tão pálido e trêmulo estava.

— É esse mesmo o texto do compromisso? — perguntou Aramis tranqüilamente.

— Monsenhor!... — exclamou Baisemeaux.

— Ah! muito bem, começais a compreender, pelo que vejo?

— Ah! bien vous commencez à comprendre, je crois.

— Monsenhor — tornou Baisemeaux — não brinqueis assim com o meu pobre espírito; não serei nada ao pé de vós se tiverdes o maldoso desejo de arrancar-me os segredinhos da administração.

— Desenganai-vos, meu caro Sr. de Baisemeaux; não é aos segredinhos da vossa administração que viso, senão aos de vossa consciência.

— Pois bem, seja, de minha consciência, caro Sr. d'Herblay. Tende, porém, alguma condescendência com a minha situação, que não é comum.

— Não será comum, meu caro senhor — prosseguiu o inflexível Aramis — se pertencerdes a essa sociedade; mas será naturalíssima se, livre de todo e qualquer compromisso, só tiverdes de prestar contas ao rei.

— Pois bem, senhor! Obedeço apenas ao rei. A quem, então, santo Deus! quereis que obedeça um fidalgo francês, se não ao rei?

Aramis não se mexeu; mas, com voz suavíssima:

— É muito agradável — disse ele — para um fidalgo francês, para um prelado de França, ouvir expressar-se com tanta lealdade um homem com o vosso merecimento, meu caro Sr. de Baisemeaux, e, tendo-vos ouvido, acreditar apenas em vós.

— Duvidastes?

— Eu? Não!

— Portanto, já não duvidais?

— Já não duvido que um homem como vós, senhor — tornou seriamente Aramis sirva fielmente aos amos a que voluntariamente se entregou.

— Os amos? — bradou Baisemeaux.

— Os amos.

— Sr. d'Herblay, ainda estais brincando, não é verdade?

— Compreendo: é muito mais difícil ter vários amos do que ter um só; mas esse embaraço provém apenas de vós, caro Sr. de Baisemeaux, e eu não sou responsável por ele.

— Está visto que não — respondeu o pobre governador mais enleado que nunca. — Mas, que estais fazendo? Já vos levantais?

— Sim, senhor.

— Partis?

— Parto, sim.

— Mas como sois estranho comigo, monsenhor!

— Estranho, eu? Em que vedes isso?

— Jurastes, acaso, supliciar-me?

— Não, só a pensá-lo me desesperaria.

— Ficai, então.

— Não posso.

— Por quê?

— Porque já não tenho o que fazer aqui e lá fora, pelo contrário, tenho muito que fazer.

— Tendes que fazer, a esta hora?

— Compreendei, meu caro Sr. de Baisemeaux. Lá, de onde vim, me disseram: "O dito governador ou capitão deixará penetrar, quando preciso fôr, a pedido do prisioneiro, um confessor afiliado à ordem". Eu vim; não sabeis o que eu quero dizer; preciso voltar para dizer aos que me mandaram que eles se enganaram e que devem mandar-me a outro lugar.

— Como! vós sois?... — bradou Baisemeaux considerando Aramis quase com terror.

— O confessor afiliado à ordem — disse Aramis sem mudar de voz.

Mas, por suaves que fossem essas palavras, produziram no pobre governador o efeito de um trovão. Baisemeaux tornou-se lívido; afigurou-se-lhe que os belos olhos de Aramis eram duas lâminas de fogo, que mergulhavam até ao fundo do seu coração.

— O confessor! — murmurou ele; — vós, monsenhor, o confessor da ordem?

— Sim, eu; mas não temos nada em comum, visto que não sois afiliado.

— Monsenhor...

— E compreendo que, não sendo afiliado, recuseis seguir as ordens.

— Monsenhor, por misericórdia — tornou Baisemeaux — dignai-vos de ouvir-me.

— Por quê?

— Não digo que eu não pertença à ordem...
— Ah! ah!
— Não digo que eu me recuse a obedecer.
— Mas o que acaba de passar-se cheira a resistência, Sr. de Baisemeaux.
— Não, monsenhor, não; eu queria apenas certificar-me...
— Certificar-vos de quê? — perguntou Aramis com ar de supremo desdém.
— De nada, monsenhor.
Baisemeaux abaixou a voz e inclinou-se diante do prelado.
— Estou, a qualquer momento, em qualquer lugar, à disposição de meus amos — disse ele; — mas...
— Muito bem; antes vos quero assim.
Aramis tornou a sentar-se e estendeu o copo a Baisemeaux, que não pôde enchê-lo, tanto lhe tremiam as mãos.
— Dissestes: *mas* — volveu Aramis.
— Mas — voltou o pobre homem — não tendo sido avisado, eu estava longe de esperar...
— Já não diz o Evangelho: "Velai, que o momento só é conhecido de Deus?" E não dizem as prescrições da ordem: "Velai, pois o que eu quero deveis querer sempre?" E com que pretexto não esperáveis o confessor, Sr. de Baisemeaux?
— Porque não há neste momento nenhum prisioneiro doente na Bastilha, monsenhor.
Aramis deu de ombros.
— Como o sabeis? — perguntou.
— Mas parece-me...
— Sr. de Baisemeaux — disse Aramis refestelando-se na poltrona — aí está o vosso lacaio que quer falar-vos.
Nesse momento, de feito, assomou à soleira da porta o lacaio de Baisemeaux.
— Que foi? — perguntou rispidamente o governador.
— Senhor governador — respondeu o lacaio — é o relatório do médico da casa que vos trazem.
Aramis fitou ao Sr. de Baisemeaux o olhar claro e confiante.
— Fazei entrar o mensageiro — disse ele.
O mensageiro entrou, cumprimentou e entregou o relatório. Baisemeaux passou-os pelos olhos e, erguendo a cabeça:
— O segundo Bertaudière está doente! — murmurou, surpreso.
— Como dizíeis, então, meu caro Sr. de Baisemeaux, que estavam todos passando bem na vossa hospedaria? — perguntou com negligência Aramis.
E bebeu um gole de vinho moscatel sem deixar de olhar para Baisemeaux. Mas o governador, que fizera com a cabeça um sinal ao mensageiro, depois que este saiu:
— Creio — disse ele, sempre trêmulo — que há no texto uma ressalva: "A pedido do prisioneiro".
— Há realmente — respondeu Aramis; — mas vede agora porque vos procuram, meu caro Sr. de Baisemeaux.
Com efeito, um sargento enfiara a cabeça pela porta entreaberta.
— Que é que há? — gritou Baisemeaux. — Não podem deixar-me sossegado dez minutos?
— Senhor governador — respondeu o sargento — o doente da segunda Bertaudière encarregou o carcereiro de pedir-vos um confessor.
Baisemeaux quase caiu de costas.
Aramis não se dignou tranqüilizá-lo, como não se dignara apavorá-lo.

— Que devo responder? — perguntou Baisemeaux.

— O que quiserdes — respondeu Aramis apertando os lábios; — isso é convosco; eu não sou governador da Bastilha.

— Dizei — exclamou de repente Baisemeaux — dizei ao prisioneiro que o seu pedido será satisfeito.

O sargento saiu.

— Oh! Monsenhor, monsenhor! — murmurou Baisemeaux — como poderia eu adivinhar?... como poderia prever?

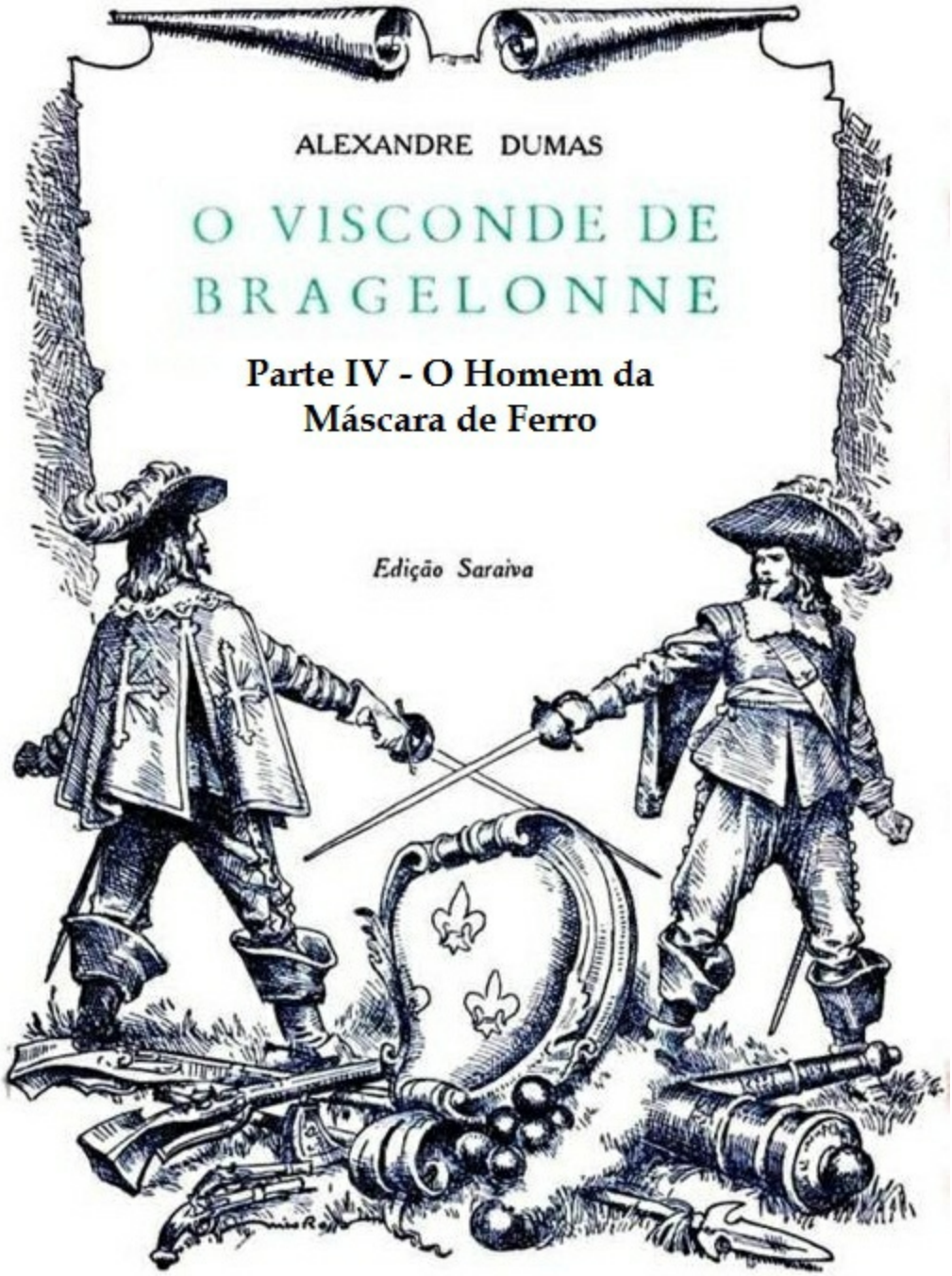
— Quem vos disse para adivinhar? Quem vos disse para prever? — redarguiu, desdenhoso, Aramis. — A ordem adivinha, a ordem sabe, a ordem prevê: não basta?

— Que ordenais? — ajuntou Baisemeaux.

— Eu? Nada. Sou apenas um pobre sacerdote, um simples confessor. Ordenais-me que visite o doente?

— Oh! monsenhor, eu não ordeno, suplico-vos que vades.

— Está bem. Conduzi-me.


ALEXANDRE DUMAS
O VISCONDE DE BRAGELONNE
Parte IV - O Homem da Máscara de Ferro
Edição Saraiva

Capítulo I - Preso

DEPOIS da estranha metamorfose de Aramis em confessor da ordem, Baisemeaux já não era o mesmo homem.

Até então, havia sido o prelado para o digno governador um sacerdote a quem devia respeito, um amigo a quem devia reconhecimento; mas, a partir da revelação, que lhe transtornara as idéias, era ele o inferior e Aramis, o chefe.

Acendeu um lampião, chamou um carcereiro e, voltando-se para o bispo:

— Às vossas ordens, monsenhor — disse ele.

Contentou-se Aramis de fazer um sinal com a cabeça, que significava: "Está bem!" e um sinal com a mão, que queria dizer: "Precedei-me!”

Baisemeaux pôs-se a caminho. Aramis seguiu-o.

A noite era linda e estrelada; os passos dos três homens retiniam sobre o pavimento dos terraços, e o tilintar das chaves penduradas no cinto do chaveiro subia às torres, como a lembrar aos prisioneiros que a liberdade não estava ao seu alcance.

Dir-se-ia que a mudança operada em Baisemeaux se estendera aos funcionários. O carcereiro, o mesmo que, na primeira visita de Aramis, se mostrara tão curioso e inquisitivo, não somente emudecera mas até se impassibilizara. Cabisbaixo, parecia temer fitar os ouvidos.

Assim chegaram ao pé da Bertaudière, cujos dois andares foram galgados silenciosamente e com certa lentidão; pois Baisemeaux, se bem obedecesse, estava longe de fazê-lo com muita solicitude.

Enfim, chegaram à porta; o carcereiro não precisou procurar a chave: tinha-a preparada. A porta se abriu.

Dispunha-se Baisemeaux a entrar na cela do prisioneiro; mas, detendo-o no limiar:

— Não está escrito — disse Aramis — que o governador assistirá à confissão.

Inclinou-se Baisemeaux e deixou passar Aramis, que tirou o lampião do carcereiro e entrou; em seguida, com um gesto, ordenou que fechassem a porta.

Durante um momento se manteve em pé, de ouvidos fitos, procurando verificar se Baisemeaux e o porta-chaves se afastavam; certificando-se, porém, pelo afastar-se do ruído, de que eles haviam saído da torre, colocou o lampião sobre a mesa e olhou à sua volta.

Sobre um leito de sarja verde, em tudo semelhante aos outros leitos da Bastilha, com a única diferença de ser mais novo, debaixo de amplas cortinas semicerradas, repousava o rapaz à cuja beira, uma vez, já o introduzimos.

Segundo o costume da prisão, o cativo estava sem luz. Ao toque de recolher, tivera de apagar a vela.

Por aí se vê o quanto era favorecido o prisioneiro, a quem se concedia o raro privilégio de conservar a luz até esse momento.

Perto do leito, sobre uma grande poltrona de couro, de pés esculpidos, via-se um fato elegante e novo. Uma mesinha, sem penas, sem livros, sem papéis, sem tinta, fora tristemente abandonada ao pé da janela. Vários pratos, ainda cheios, atestavam que o detento mal tocara na última refeição.

No leito, viu Aramis o rapaz estendido, com o rosto semi-escondido sob os dois braços.

Aramis vit sur le lit le jeune homme étendu.

A chegada do visitante não lhe alterou a posição; ele estava esperando ou dormindo. O bispo acendeu a vela com o auxílio do lampião, afastou brandamente a poltrona e aproximou-se da cama com um misto visível de interesse e de respeito.

O rapaz ergueu a cabeça.

— Que me querem? — perguntou.

— Não pedistes um confessor?

— Pedi.

— Porque estais doente?

— Sim.

— Bem doente?

O rapaz fitou em Aramis os olhos penetrantes, e disse:

— Muito obrigado.

Logo, após um momento de silêncio:

— Já vos conheço — continuou.

Aramis inclinou-se. O exame que o prisioneiro acabava de fazer e que lhe revelava o caráter frio, astuto e dominador, impresso na fisionomia do Bispo de Vannes, era sem dúvida, pouco tranqüilizador na situação do jovem; pois ele acrescentou:

— Estou melhor.

— E então? — perguntou Aramis.

— Estando melhor, parece-me que já não tenho a mesma precisão de confessor.

— Nem sequer do cilício anunciado pelo bilhete que encontraste dentro do pão?

O rapaz estremeceu; mas, antes que houvesse respondido ou negado:

— Nem sequer do eclesiástico — prosseguiu Aramis — de cuja boca esperais uma importante revelação?

— Isso — disse o moço recaindo sobre o travesseiro — é diferente; estou ouvindo.

Aramis considerou-o mais atentamente e admirou-se do ar de simples e desembaraçada majestade que só possuímos quando Deus no-lo coloca no sangue ou no coração.

— Sentai-vos, senhor — continuou o prisioneiro.

Aramis obedeceu inclinando-se.

— Como estais passando na Bastilha? — perguntou o bispo.

— Muito bem.

— Não sofreis?

— Não.

— Não tendes saudade de nada?

— Não.

— Nem mesmo da liberdade?

— A que chamais liberdade, senhor? — perguntou o prisioneiro no tom de um homem que se prepara para a luta.

— Chamo liberdade às flores, ao ar, ao dia, às estrelas, à ventura de correr aonde vos levarem as vossas pernas vigorosas de vinte anos.

Sorriu o moço. Fora difícil estremar no sorriso, a resignação do desdém.

— Olhai — disse ele — tenho naquele vaso do Japão duas rosas, duas lindas rosas, colhidas ontem à noite, ainda botões, no jardim do governador; desabrocharam hoje cedo e abriram sob os meus olhos os cálices vermelhos; em cada dobra das folhas encerravam o tesouro do seu perfume; o meu quarto ficou todo perfumado por elas. Essas duas rosas, vede, são belíssimas; e as rosas são as mais belas dentre as flores. Por que quereis que eu deseje outras, se possuo as mais formosas de todas?

Aramis considerou o rapaz com surpresa.

— Se as flores são a liberdade — prosseguiu, melancólico, o detento — tenho liberdade, porque tenho flores.

— Oh! mas o ar! — exclamou Aramis; — o ar, tão necessário à vida?

— Pois bem, senhor, aproximai-vos da janela — continuou o prisioneiro; — está aberta. Entre o céu e a terra, o vento rola turbilhões de gelo, de fogo, de mornos vapores e de brisas suavíssimas. O ar que vem de lá me acaricia o rosto, quando, em pé sobre a poltrona, ou sentado no espaldar, cingindo com o braço a barra de ferro que me sustenta, figura-me boiando no vácuo.

Carregava-se a fronte de Aramis à proporção que falava o rapaz.

— O dia? — continuou ele. — Tenho mais do que o dia, tenho o sol, um amigo que vem visitar-me todos os dias sem a permissão do governador, sem a companhia do carcereiro. Entra pela janela, desenha-me no quarto um quadrado enorme, que começa na própria janela e vai morder as franjas das cobertas de minha cama.

Esse quadrado luminoso aumenta das dez horas ao meio-dia, e decresce de uma às três, lentamente, como se, tendo-se apressado em chegar, lamentasse deixar-me. Quando o seu último raio desaparece, gozei durante cinco horas a sua presença. Não basta isso? Contaram-me que existem desgraçados que cavam pedreiras, operários que trabalham em minas, e que nunca o vêem. Aramis enxugou a fronte.

— Quanto às estrelas, doces de se verem — continuou o jovem — são todas parecidas, à parte o brilho e a grandeza. Pois eu sou favorecido: se não houvésseis acendido essa vela, teríeis podido ver a formosa estrela que eu estava contemplando daqui antes da vossa chegada e cujos reflexos me afagavam os olhos.

Aramis abaixou a cabeça: sentia-se submerso sob a torrente amarga daquela sinistra filosofia, que é a religião do cativeiro.

— Isso no que toca às flores, ao ar, ao dia e às estrelas — prosseguiu o mancebo com a mesma placidez. — Resta o passeio. Acaso não divago, o dia inteiro, no jardim do governador, quando o tempo está bom, aqui quando chove, no fresco quando faz calor, no quente quando faz frio, graças à minha chaminé durante o inverno? Ah! crede-me, senhor — acrescentou o prisioneiro com uma expressão que não era isenta de certo azedume — os homens fizeram por mim tudo o que pode esperar, tudo o que pode desejar uma criatura humana.

— Os homens, sim! — disse Aramis erguendo a cabeça; — mas parece-me que vos esqueceis de Deus.

— Esqueci-me, com efeito, de Deus — respondeu o prisioneiro sem se comover; — mas por que mo recordais? De que serve falar de Deus a prisioneiros?

Aramis fitou a vista naquela criatura singular, que tinha a resignação de um mártir e o sorriso de um ateu.

— Não está Deus em todas as coisas? — murmurou, em tom de reproche.

— Dizei: no fim de todas as coisas — respondeu o prisioneiro com firmeza.

— Seja! — volveu Aramis; — mas tornemos ao ponto de partida.

— Não quero outra coisa — conveio o moço.

— Sou vosso confessor.

— Sim.

— Pois bem, como meu penitente, deveis-me a verdade.

— Estou pronto para dizê-la.

— Todo prisioneiro cometeu o crime que o levou à cadeia. Qual foi o vosso?

— Já mo perguntastes, na primeira vez que me vistes — disse o preso.

— E evitastes responder-me, então como hoje.

— E por que cuidais que hoje vos responda?

— Porque hoje sou vosso confessor.

— Se quiserdes que eu conte o crime que cometi, explicai-me o que é um crime. Como nada me censura intimamente, tenho que não sou criminoso.

— Somos, às vezes, criminosos aos olhos dos grandes da terra, não só por termos cometido crimes, mas também por sabermos que certos crimes foram cometidos.

O prisioneiro prestava extrema atenção.

— Sim — disse ele após um momento de silêncio — compreendo; sim, tendes razão; pode ser que, desse modo, eu seja criminoso aos olhos dos grandes.

— Ah! sabeis então de alguma coisa? — indagou Aramis, que supôs entrever, não o defeito, mas a articulação da couraça.

— Não, não sei de nada — replicou o rapaz; — mas penso às vezes e digo entre mim, nesses momentos...

— Que dizeis entre vós?

— Que, se eu quisesse continuar pensando, ou ficaria louco, ou adivinharia muitas coisas.

— E então? — perguntou Aramis com impaciência.

— Então, deixo de pensar.

— Deixais de pensar?

— Sim, a minha cabeça fica pesada, as minhas idéias tristes, sinto que o tédio me domina; desejo...

— O quê?

— Nem sei; pois não quero ser presa do desejo das coisas que não tenho, eu que estou tão contente com o que tenho.

— Temeis a morte? — perguntou Aramis com leve inquietude.

— Temo — disse o rapaz a sorrir.

Sentiu Aramis o frio daquele sorriso e estremeceu.

— Se temeis a morte, deveis saber mais do que dizeis — exclamou.

— Mas vós — respondeu o prisioneiro — vós que me dizeis para mandar-vos chamar; vós que, depois de chamado, entrais aqui prometendo-me um mundo de revelações, por que vos calais e me fazeis falar? Se ambos trazemos máscara, conservemo-la ou deponhamo-la ambos.

Aramis sentiu a força e a justeza daquele raciocínio.

"Não estou tratando com um homem comum", pensou. — Vamos a ver, tendes ambição? — perguntou em voz alta, sem preparar o prisioneiro para a transição.

— Que é a ambição? — perguntou o jovem.

— É — respondeu Aramis — um sentimento que impele o homem a desejar mais do que tem.

— Eu disse que estava satisfeito; entretanto, é possível que me engane. Ignoro o que seja a ambição; mas pode ser que eu a tenha.

Vejamos, abri-me o espírito.

— Ambicioso — disse Aramis — é aquele que aspira a uma situação melhor do que a sua.

— Não aspiro a nenhuma situação melhor do que a minha — retrucou o rapaz com uma firmeza que fez estremecer de novo o Bispo de Vannes.

Calou-se. Mas quem visse os olhos ardentes, a testa enrugada, a postura reflexiva do cativo, sentiria perfeitamente que ele esperava outra coisa que o silêncio. Esse silêncio, quebrou-o Aramis.

— Mentistes a primeira vez em que vos vi — disse ele.

— Menti? — exclamou o rapaz, erguendo-se na cama com tal acento na voz e tamanho brilho nos olhos que Aramis recuou, malgrado seu.

— Quero dizer — tornou Aramis inclinando-se — que me ocultastes o que sabeis de vossa infância.

— Os segredos de um homem pertencem a ele, senhor! — disse o preso — e não ao primeiro que aparece.

— É verdade — concordou Aramis, inclinando-se ainda mais do que a primeira vez — é verdade, perdão; mas, hoje, sou ainda o primeiro que aparece? Suplico-vos, respondei, *Monsenhor!*

O título produziu leve perturbação no prisioneiro, embora não parecesse admirado de que lho concedessem.

— Não vos conheço — redarguiu.

— Oh! se eu me atrevesse, pegaria na vossa mão e a beijaria. O moço fez menção de estender a mão a Aramis; mas a chispa que lhe despediram os olhos extinguiu-se-lhe à beira das pálpebras, e a mão se retirou, desconfiada e fria.

— Beijar a mão de um prisioneiro? — tornou, sacudindo a cabeça; — por quê?

— Por que me dissestes — perguntou Aramis — que estáveis bem aqui? Por que me dissestes que não almejáveis coisa alguma? Por que, enfim, falando desse modo, não me deixastes ser franco também?

O mesmo fulgor ressurgiu pela terceira vez nos olhos do mancebo; mas, como das duas primeiras, extinguiu-se inutilmente.

— Desconfiais de mim? — inquiriu Aramis.

— Por quê?

— Por uma razão muito simples: se sabeis o que deveis saber, por certo desconfiais de toda a gente.

— Então, não vos espante que eu desconfie, pois suspeitais de que eu saiba o que não sei.

Sentiu-se Aramis tocado de admiração por aquela enérgica resistência.

— Desesperais-me, monsenhor! — exclamou, batendo com o punho na poltrona.

— E eu não vos compreendo.

— Procurai compreender-me.

O prisioneiro considerou fixamente Aramis.

— Parece-me, às vezes — continuou o prelado — que tenho diante dos olhos o homem que estou procurando... e logo...

— E logo... esse homem desaparece, não é? — tornou a sorrir o prisioneiro. — Tanto melhor!

Levantou-se Aramis.

— Decididamente — volveu ele — não tenho o que dizer a quem suspeita tanto de mim quanto suspeitais.

— E eu — respondeu no mesmo tom — não tenho o que dizer a quem não quer compreender que um prisioneiro deve desconfiar de tudo.

— Até dos velhos amigos? — acudiu Aramis. — Isso já é prudência em demasia, monsenhor!

— Dos velhos amigos? Sois, acaso, um de meus velhos amigos?

— Vamos a ver — tornou Aramis — não vos lembrais de ter visto outrora, na aldeia em que se passou a vossa primeira infância?...

— Sabeis o nome dessa aldeia? — atalhou o prisioneiro.

— Noisy-le-Sec, monsenhor — replicou com firmeza Aramis.

— Continuai — disse o rapaz, impenetrável.

— Ora, monsenhor — volveu Aramis — se fazeis timbre de continuar com esse jogo, fiquemos nisso. Venho para dizer-vos uma infinidade de coisas, é verdade; cumpre, porém, que eu veja, em vós, o desejo de conhecê-las. Antes de falar, de revelar as coisas tão importantes que guardo comigo, convinde em que preciso de um pouco de ajuda senão de franqueza, de um pouco de simpatia senão de confiança. Vós vos encerrais numa pretensa ignorância, que me paralisa... oh! não pelo que estais imaginando; pois, por menos que o saibais ou desejais, não deixareis de ser o que sois, monsenhor, e nada, nada, estais ouvindo? fará que o não sejais.

— Prometo — retorquiu o prisioneiro — escutar-vos sem impaciência. Não obstante, quero crer que eu tenha o direito de repetir a pergunta que já fiz: Quem sois?

— Não vos lembrais, há quinze ou dezoito anos, de ter visto em Noisy-le-Sec um cavaleiro que acompanhava uma dama, comumente vestida de seda preta, com fitas côr de fogo nos cabelos?

— Sim — disse o rapaz: — perguntei uma vez o nome desse cavaleiro, e disseram-me que era o Pe. d'Herblay. Admirei-me do ar belicoso do sacerdote e responderam-me que não havia nisso nada de espantoso, pois era um antigo mosqueteiro do Rei Luís XIII.

— Esse mosqueteiro de outrora, esse padre de então, depois Bispo de Vannes, é o vosso confessor de hoje, sou eu.

— Eu sei. Já vos havia reconhecido.

— Pois bem, monsenhor, se o sabeis, preciso acrescentar uma coisa que ignorais: se a presença aqui desse mosqueteiro, desse padre, desse bispo, desse confessor, chegasse ao conhecimento do rei, hoje, amanhã, o homem que tudo arriscou para vir ter convosco, veria reluzir o cutelo do verdugo num calabouço mais escuro e mais distante do que o vosso.

Ouvindo essas palavras acentuadas com firmeza, soerguera-se o rapaz sobre o leito, e fitara os olhos cada vez mais ávidos nos olhos de Aramis.

Em resultado desse exame, o prisioneiro pareceu mais confiante.

— Sim — murmurou; — lembro-me perfeitamente. A mulher de que falais foi uma vez convosco e duas vezes com a mulher...

Interrompeu-se.

— Com a mulher que ia ver-vos todos os meses, não é verdade, monsenhor?

— É.

— Sabeis quem era essa dama?

Dir-se-ia que uma chispa estivesse prestes a saltar dos olhos do prisioneiro.

— Sei que era uma dama da corte — disse ele.

— Recordai-la?
— As minhas lembranças não podem estar muito confusas nesse sentido — disse o jovem prisioneiro: vi uma vez essa senhora com um homem de quarenta e cinco anos, mais ou menos; vi-a outra vez convosco e com a dama de vestido preto e fitas cor de fogo; vi-a mais duas vezes com a mesma pessoa. Essas quatro criaturas, além do meu preceptor e da velha Perronnette, do carcereiro e do governador da prisão, são as únicas pessoas com quem falei e, na verdade, quase as únicas que encontrei em minha vida.
— Mas, então, estáveis preso?
— Se estou preso aqui, estava relativamente livre lá, embora a minha liberdade fosse muito restrita; uma casa de onde não me era permitido sair e um grande jardim cercado de muros que eu não podia transpor eram a minha residência; conhecei-la, porque lá estivestes. De resto, habituado a viver entre os limites desses muros e dessa casa, nunca desejei transpô-los. Não tendo visto nada deste mundo, nada posso desejar, e se quiserdes contar-me alguma coisa, sereis obrigado a explicar-me tudo.
— É o que farei, monsenhor — acudiu Aramis, inclinando-se; — pois é o meu dever.
— Muito bem, começai dizendo então quem era o meu preceptor.
— Um bom fidalgo, monsenhor, um honrado fidalgo, sobretudo, um preceptor ao mesmo tempo para o vosso corpo e para a vossa alma. Tivestes acaso alguma queixa dele?
— Não, senhor, pelo contrário; mas esse fidalgo muitas vezes me disse que meu pai e minha mãe tinham morrido; estaria mentindo ou dizendo a verdade?
— Era obrigado a obedecer às ordens que recebera.
— Então estava mentindo?
— Num ponto. Vosso pai tinha morrido.
— E minha mãe?
— Morrera para vós.
— Mas para os outros ainda está viva, não está?
— Está.
— E eu (o rapaz encarou com Aramis), eu, estou condenado a viver na obscuridade de uma prisão?
— Ai de mim! creio que sim.
— E isso — prosseguiu o jovem — porque a minha presença desvendaria um grande segredo?
— Um grande segredo.
— Para mandar prender na Bastilha uma criança como eu, era preciso que o meu inimigo fosse poderosíssimo.
— De fato.
— Mais poderoso do que minha mãe?
— Por quê?
— Porque minha mãe me teria defendido.
Hesitou Aramis.
— Mais poderoso do que vossa mãe, monsenhor.
— Para que a minha ama e o meu preceptor fossem raptados e para que assim me tivessem apartado deles, eu ou eles deveríamos constituir um perigo muito grande para o meu inimigo?
— Sim, um perigo de que se livrou o vosso inimigo fazendo desaparecer o preceptor e a ama — respondeu tranqüilamente Aramis.
— Desaparecer? — repetiu o prisioneiro. — Mas de que maneira desapareceram eles?

— Da maneira mais segura — respondeu Aramis: — morreram. Empalideceu levemente o rapaz e passou a mão trêmula pelo rosto.

— Envenenados?

— Envenenados.

O prisioneiro refletiu um instante.

— Para que essas duas inocentes criaturas — tornou ele — meu único amparo, tenham sido assassinadas no mesmo dia, era mister que o meu inimigo fosse muito cruel, ou se visse premido pela necessidade; pois o digno fidalgo e a pobre mulher nunca tinham feito mal a ninguém.

— A necessidade é dura em vossa casa, monsenhor. E foi também uma necessidade que me levou a dizer-vos, a meu grande pesar, que esse fidalgo e essa ama foram assassinados.

— Não me contais nada de novo — disse o prisioneiro franzindo o cenho.

— Como assim?

— Eu já estava desconfiado.

— Por quê?

— Vou dizer-vos.

Nesse momento, apoiado sobre os dois cotovelos, aproximou-se o mancebo do rosto de Aramis com tal expressão de dignidade, de abnegação, e até de desafio, que o bispo sentiu a eletricidade do entusiasmo subir-lhe em chispas devoradoras do coração ressequido ao crânio duro como aço.

— Falai, monsenhor. Eu já vos disse que exponho a vida praticando convosco. E por pouco que valha a minha vida, suplico-vos que a aceiteis como resgate da vossa.

— Pois bem — volveu o moço — vou contar-vos porque suspeitei de que me haviam matado a ama e o preceptor.

— A quem chamáveis vosso pai.

— A quem eu chamava meu pai, embora soubesse muito bem que não era filho dele.

— E como o soubestes?

— Assim como sois demasiado respeitoso como amigo, assim era ele demasiado respeitoso *como* pai.

— Eu — volveu Aramis — não tenciono passar pelo que não sou.

Fez o jovem um sinal com a cabeça e continuou:

— O meu destino, sem dúvida, não era ficar eternamente encarcerado; acredito nisso, principalmente agora, por causa do empenho com que procuravam dar-me a educação mais completa possível. O fidalgo que vivia ao pé de mim já me ensinara quanto sabia: matemáticas, um pouco de geometria, astronomia, esgrima, equitação. Todas as manhãs eu jogava as armas numa sala baixa e montava a cavalo no jardim.

Certa manhã, durante o verão, pois o calor era muito grande, adormeci na sala. Nada, até então, exceto o respeito do meu preceptor, me incutira suspeitas. Eu vivia como as crianças, como os passarinhos, como as plantas, de ar e de sol; acabara de completar quinze anos.

— Faz isso, então, oito anos?

— Mais ou menos; perdi a conta do tempo.

— Perdão, mas que vos dizia o preceptor para animar-vos ao trabalho?

— Que o homem deve procurar obter por suas próprias mãos a fortuna que Deus lhe recusou ao nascer; pobre, órfão, obscuro, eu só poderia contar comigo mesmo, e ninguém se interessava nem viria a interessar-se por mim. Eu estava, portanto, na sala, onde, fatigado pela lição de esgrima, adormecera. O meu preceptor estava no quarto, no primeiro andar, logo acima de mim. De repente ouvi um como grito desferido por ele e ouvi-o chamar: "Perronnette! Perronnette!" Perronnette era a

minha ama.

— Sim, eu sei — disse Aramis; — continuai, monsenhor.

— Ela devia de estar no jardim, pois o meu preceptor desceu a escada vertiginosamente. Levantei-me, inquieto. Ele abriu a porta que, do vestíbulo dava para o jardim, gritando sempre "Perronnette! Perronnette!" As janelas da sala abriam-se para o jardim, mas tinham os postigos fechados; por uma frincha, porém, vi-o abeirar-se de um poço muito grande, quase debaixo das janelas do seu gabinete de trabalho. Debruçou-se sobre o local, olhou para o interior do poço e soltou novo grito, fazendo muitos gestos de susto. Do lugar em que me achava, eu podia ver e ouvir. Por conseguinte, vi e ouvi.

— Continuai, por favor — pediu Aramis.

— A Sra. Perronnette acudiu aos gritos do meu preceptor. ele correu para ela, travou-lhe do braço e conduziu-a rapidamente para o bocal; em seguida debruçando-se com ela, disse-lhe:

"— Vede, vede, que desgraça!

"— Vamos, acalmai-vos — dizia-lhe a Sra. Perronnette; — que aconteceu?

"— Aquela carta — gritou o meu preceptor — não estais vendo aquela carta?

E estendia a mão para o fundo do poço. "— Que carta? — perguntou a ama.

"— A carta que estais vendo lá embaixo, a última carta da rainha!

"A essas palavras, estremeci. O meu preceptor, o homem que passava por ser meu pai, que não se cansava de recomendar-me modéstia e humildade, correspondia-se com a rainha!

"— A última carta da rainha? — exclamou a Sra. Perronnette, sem parecer admirada senão por vê-la no fundo do poço. — E como *é* que ela foi parar lá?

"— Por um acaso, Sra. Perronnette, por um estranho acaso! Eu estava recolhendo ao meu quarto; ao entrar, abro a porta, sem me lembrar de qual janela está aberta; estabelece-se uma corrente de ar; vejo uma folha de papel que voa; reconheço-a: a carta da rainha! Corro para a janela soltando um grito; o papel flutua um instante no ar e cai dentro do poço.

"— Pois bem — disse a Sra. Perronnette — se a carta caiu no fundo do poço, é como se ela tivesse sido queimada, e como a própria rainha queima as suas cartas, todas as vezes que vem aqui...”

— Todas as vezes que vem aqui! Então aquela mulher que vinha todos os meses, era a rainha? — atalhou o prisioneiro.

— Era — assentiu com a cabeça Aramis.

"— Sem dúvida, sem dúvida — continuou o velho fidalgo — mas essa carta continha instruções.

Como farei para segui-las?

"— Escrevei depressa à rainha, contai-lhe como se passaram as coisas, e ela vos escreverá outra carta.

"— A rainha não acreditará no acidente — volveu o preceptor meneando a cabeça; — pensará que eu quis guardar a carta, em vez de devolver-lha, como as outras, para ter uma arma contra ela. É tão desconfiada e o Sr. de Mazarino é tão... Esse diabo de italiano não hesitará em mandar-nos envenenar à primeira suspeita!

Sorriu Aramis imperceptivelmente.

"— Sabeis, Sra. Perronnette, que os dois são desconfiadíssimos de tudo o que se refere a Filipe!”

— Filipe era o nome que me davam — esclareceu o prisioneiro. "— Então não se pode hesitar — acudiu a Sra. Perronnette — é preciso mandar descer alguém ao fundo do poço.

"— Sim, e quem fôr buscar o papel poderá lê-lo ao subir.

"— Procuraremos na aldeia alguém que não saiba ler; assim ficareis tranqüilo.

"— E quem descer ao fundo do poço não adivinhará a importância de um pedaço de papel pelo

qual se arrisca uma vida? Entretanto, destes-me uma idéia, Sra. Perronnette; sim, alguém descerá ao fundo do poço, e esse alguém serei eu.

"Ouvindo, porém, essa proposta, de tal sorte chorou e gritou a Sra. Perronnette; e tanto suplicou, banhada em lágrimas, ao velho fidalgo, que este lhe prometeu sair à procura de uma escada bem comprida pela qual se pudesse descer ao fundo do poço, ao passo que ela iria à quinta em busca de um rapaz destemido, ao qual se diria que havia caído uma jóia no poço, embrulhada num pedaço de papel, e como o papel se abre dentro d'água, não seria de espantar que só se encontrasse a carta desdobrada.

"— A tinta talvez já se tenha apagado — acudiu a Sra. Perronnete.

"— Pouco importa, contanto que recuperemos a carta. Ao recebê-la, verá a rainha que não a traímos, e, não despertando as suspeitas do Sr. de Mazarino, nada teremos que temer da parte dele.

"Tomada essa decisão, separaram-se. Fechei de novo o postigo e, vendo que o meu preceptor se dispunha a voltar para casa, atirei-me sobre os travesseiros com um zumbido na cabeça provocado por tudo o que acabara de ouvir.

"O meu preceptor entreabriu a porta alguns segundos depois, e, supondo-me adormecido, tornou a fechá-la devagarinho.

"Assim que ele saiu, levantei-me e, prestando atenção, ouvi o ruído de passos que se alongavam. Revoltei ao postigo e vi partir o preceptor e a Sra. Perronnette.

"Eu ficara sozinho em casa.

"Tanto que fecharam a porta, sem me dar ao trabalho de atravessar o vestíbulo, saltei pela janela e corri para o poço.

"E como se debruçava o meu preceptor, eu também me debrucei.

"Qualquer coisa esbranquiçada e luminosa tremia nos círculos frementes da água esverdinhada. Aquele disco brilhante me fascinava e atraía; eu tinha os olhos fitos, a respiração ofegante; o poço me aspirava com a boca hiante e o hálito gelado; figurei ler no fundo da água letras de fogo traçadas sobre o papel que tocara a rainha.

"Então, sem saber o que estava fazendo, animado por um desses movimentos instintivos que nos atiram por ladeiras fatais, enrolei uma extremidade da corda na roldana do poço; deixei cair o balde até a uns três pés abaixo da superfície da água, com infinitos cuidados para não tocar no precioso papel, que começava a passar, de esbranquiçado, a esverdeado, prova de que principiava a afundar-se; depois, com um trapo molhado na mão, deixei-me escorregar abismo abaixo.

"Quando me vi suspenso sobre aquela massa de água escura, quando vi o céu diminuir acima de minha cabeça, o frio apoderou-se de mim, dominou-me a vertigem e os meus cabelos se eriçaram; a minha vontade, porém, a tudo venceu, terror e mal-estar. Cheguei à superfície líquida e nela mergulhei de golpe, seguro por uma das mãos, ao passo que estendia a outra e com ela segurava o precioso papel, que se rasgou em dois pedaços entre os meu dedos.

"Escondi os dois pedaços no gibão, e, apoiando os pés na parede do poço, erguendo-me com as mãos, vigoroso, ágil, e principalmente apressado, voltei ao bocal, que inundei, ao tocá-lo, com a água que me escorria de toda a parte inferior do corpo.

"Saindo do poço com a minha presa, pus-me a correr ao sol, e cheguei ao fundo do jardim, onde havia uma espécie de bosquete. Lá tencionava refugiar-me.

"Quando pus o pé no meu esconderijo, ouvi a sineta que tocava ao abrir-se a porta. Era o preceptor que voltava.

"Calculei que ainda me restavam dez minutos antes que ele me alcançasse, se, atinando com o meu paradeiro, fosse ao meu encontro; vinte, se precisasse procurar-me.

"Era o suficiente para ler a preciosa carta, cujos fragmentos me dei pressa em ajuntar. As letras principiavam a apagar-se.

"Apesar de tudo, porém, consegui decifrá-la."

— E que lestes, monsenhor? — perguntou, interessadíssimo, Aramis.

— O bastante para acreditar, senhor, que o preceptor era um fidalgo, e que Perronnette, se bem não fosse uma grande dama, era mais que uma criada; enfim, que eu mesmo devia de ter uma origem mais ou menos elevada, visto que a Rainha Ana d'Áustria e o Ministro Mazarino me recomendavam com tanto empenho.

Interrompeu-se o moço, comovidíssimo.

— E que aconteceu? — perguntou Aramis.

— Aconteceu, senhor — respondeu o jovem — que o operário chamado pelo preceptor não encontrou coisa alguma no poço, depois de tê-lo vasculhado em todos os sentidos; aconteceu que o preceptor notou que o bocal estava encharcado de água; aconteceu que eu não me havia enxugado tão bem ao sol, que a Sra. Perronnette não notasse a umidade das minhas roupas; aconteceu, enfim, que fui atacado por violenta febre, seguida de delírio, durante o qual tudo revelei; de sorte que, orientado por minha própria confissão, o preceptor encontrou debaixo do meu travesseiro os dois fragmentos da carta escrita pela rainha.

— Ah! — atalhou Aramis — agora compreendo.

— A partir desse momento, tudo são conjeturas. Com certeza, não ousando guardar segredo do que acabara de acontecer, o pobre fidalgo e a pobre mulher escreveram à rainha e devolveram-lhe a carta rasgada.

— Depois disso — voltou Aramis — fôstes preso e conduzido à Bastilha?

— Como o estais vendo.

— E, em seguida, os vossos dois servidores desapareceram?

— Desgraçadamente.

— Não nos ocupemos dos mortos — prosseguiu Aramis — e vejamos o que se pode fazer com o vivo. Dissestes-me que estáveis resignado?

— E torno a repeti-lo.

— Sem desejos de liberdade?

— Foi o que eu disse.

— Sem ambição, sem saudade, sem pensamento?

O moço não respondeu.

— Não respondeis?

— Creio que já falei bastante — tornou o prisioneiro — e agora é a vossa vez. Estou cansado.

— Obedeço — declarou o prelado.

Recolheu-se Aramis e uma expressão solene estampou-se-lhe no rosto. Percebia-se que chegara à parte importante do papel que pretendia desempenhar na prisão.

— Uma primeira pergunta — disse ele.

— Falai.

— Na casa que habitáveis, não havia cristais nem espelhos, não é verdade?

— Que palavras são essas, e que significam? — perguntou o jovem. — Não as conheço.

— Chama-se espelho ou cristal a um móvel que reflete os objetos; que nos permite, por exemplo, ver os traços de nosso próprio rosto num vidro preparado, como estais vendo os meus a olho nu.

— Não, não havia em casa espelho nem cristal — replicou o rapaz.

Aramis relanceou a vista à volta de si.

— Nem aqui — disse ele; — as mesmas precauções foram tomadas em toda a parte.
— Com que fim?
— Sabê-lo-eis dentro em pouco. Agora, perdoai-me: dissestes que vos ensinaram matemáticas, astronomia, esgrima, equitação; não me falastes em história.
— Às vezes, o meu preceptor referia as façanhas do Rei São Luís, de Francisco I, do Rei Henrique IV.
— Só?
— Só.
— Pelo que vejo, isso também é cálculo; assim como vos tiraram os espelhos, que refletem o presente, assim vos negaram a história, que reflete o passado. Desde o vosso encarceramento, os livros vos foram proibidos; de sorte que desconheceis muitos fatos, que poderiam ajudar-vos a reconstruir o edifício demolido de vossas lembranças ou de vossos interesses.
— É verdade — assentiu o rapaz.
— Escutai; pretendo, em poucas palavras, contar-vos o que se passou em França de vinte e três ou vinte e quatro anos a esta parte, isto é, desde a data provável do vosso nascimento, ou seja, desde o momento que vos interessa.
— Contai.
E o prisioneiro reassumiu a sua atitude grave e recolhida.
— Sabeis quem foi o filho do Rei Henrique IV?
— Sei pelo menos quem foi o seu sucessor.
— Como?
— Por meio de duas moedas: uma, datada de 1610, que representava o Rei Henrique IV; e outra, datada de 1612, que representava o Rei Luís XIII. Imaginei, visto que havia apenas o espaço de dois anos entre ambas, que Luís XIII devia de ser o sucessor de Henrique IV.
— Então — volveu Aramis — sabeis que o último rei a reinar foi Luís XIII.
— Sei — declarou o jovem, levemente purpureado.
— Pois bem, foi um príncipe cheio de boas idéias, de grandes projetos, sempre postergados pela infelicidade do tempo e pelas lutas que precisou sustentar contra a nobreza de França o seu Ministro Richelieu. ele, pessoalmente (refiro-me ao Rei Luís XIII), tinha um caráter fraco. Morreu jovem ainda e tristemente.
— Eu sei.
— Durante muito tempo, preocupou-se com a sua descendência. É uma preocupação dolorosa para os príncipes, que precisam deixar sobre a terra mais do que uma lembrança, a fim de que prossiga o seu pensamento e a sua obra continue.
— E o Rei Luís XIII morreu sem descendentes? — perguntou sorrindo o prisioneiro.
— Não, mas viu-se privado por muito tempo da ventura de tê-los; por muito tempo acreditou que morreria sem eles.
E esse pensamento desesperava-o quando, inesperadamente sua mulher, Ana d'Áustria...
O prisioneiro estremeceu.
— Sabíeis — continuou Aramis — que a mulher de Luís XIII se chamava Ana d'Áustria?
— Continuai — disse o rapaz sem responder.
— Quando, inesperadamente — repetiu Aramis — a Rainha Ana d'Áustria anunciou que estava grávida. Grande foi a alegria despertada pela notícia, e todos os votos se formularam por um bom sucesso. Afinal, no dia 5 de setembro de 1638, ela deu à luz um filho.
A essa altura, Aramis considerou o interlocutor e julgou notar que ele empalidecia.

— Ouvireis — disse Aramis — uma narrativa que pouquíssima gente pode fazer neste momento; pois é um segredo que se supõe morto com os mortos ou sepultado no abismo da confissão.

— E pretendes contar-mo? — perguntou o rapaz.

— Oh! — voltou Aramis num tom que não dava margem a dúvidas — não creio que haja risco em revelá-lo a um prisioneiro que não deseja sair da Bastilha.

— Estou ouvindo, senhor.

— A rainha deu, portanto, à luz um filho. Mas, depois que a corte já havia soltado gritos de júbilo ao saber da notícia; depois que o rei havia mostrado o recém-nascido ao seu povo e à sua nobreza; depois que se pôs alegremente à mesa para festejar *o* ditoso acontecimento, a rainha, que ficara sozinha no quarto, sentiu, pela segunda vez, as dores do parto, e deu à luz outro filho.

— Oh! — exclamou o prisioneiro traindo conhecimentos maiores do que os que ele mesmo confessara — eu supunha que Monsieur só nascera em...

Aramis ergueu o dedo.

— Esperai que eu continue — atalhou.

O prisioneiro exalou um suspiro de impaciência, e esperou.

— Sim — disse Aramis — a rainha teve um segundo filho, um segundo filho que a Sra. Perronnette, a parteira, recebeu nos braços.

— A Sra. Perronnette! — murmurou o mancebo.

— Correram imediatamente à sala em que jantava el-rei; avisaram-no em voz baixa do acontecido; ele ergueu-se e disparou para o quarto. Dessa vez, porém, já não era júbilo que lhe exprimia o rosto, senão um sentimento semelhante ao terror. Dois filhos gêmeos trocavam em amargura a alegria que lhe causara o nascimento de um só, visto que (e o que vou dizer-vos com certeza o ignorais), visto que em França é o mais velho dos filhos que reina por morte do pai...

— Eu sei.

— ... e que os médicos e jurisconsultos pretendem não ser possível assegurar, sem sombra de dúvida, que o filho, que sai primeiro do ventre materno, é o mais velho segundo a lei de Deus e da natureza.

O prisioneiro despediu um grito abafado e tornou-se mais branco do que o lençol sob o qual se escondia.

— Agora, portanto, haveis de compreender — prosseguiu Aramis — que o rei, que com tanta alegria se vira continuado na pessoa de um herdeiro, se sentisse desesperado ao pensar em que os herdeiros eram dois e que, talvez, o que acabava de nascer e era desconhecido, contestasse o direito de primogenitura ao outro, nascido duas horas antes, e, duas horas antes, reconhecido. Por conseguinte, armado pelos interesses ou pelos caprichos de um partido, o segundo filho poderia, mais cedo ou mais tarde, semear no reino a discórdia e a guerra, e destruir, por isso mesmo, a dinastia que lhe competiria consolidar.

— Compreendo, compreendo!... — murmurou o rapaz.

— Pois bem — continuou Aramis — eis o que se conta, eis o que se afirma, eis por que um dos dois filhos de Ana d'Áustria, indignamente separado do irmão, indignamente seqüestrado, reduzido à mais completa obscuridade, desapareceu, e tão bem, que ninguém sabe hoje em França que ele existe, exceto sua mãe.

— Sim, a mãe, que o desamparou! — exclamou o prisioneiro com desesperação.

— Exceto — prosseguiu Aramis — a dama de vestido preto e fitas côr de fogo, e exceto...

— Exceto vós, não é verdade? Vós, que me contastes tudo isso, que espertastes em minha alma a curiosidade, o ódio, a ambição, e talvez, quem sabe? a sede de vingança; exceto vós, senhor, que, se

fordes o homem que estou esperando, o homem que me promete o bilhete, o homem, enfim, que Deus há de mandar-me, deveis ter convosco...

— O quê? — perguntou Aramis.

— Um retrato do Rei Luís XIV, que hoje ocupa o trono de França.

— Eis aqui o retrato — redarguiu o bispo, entregando ao prisioneiro um esmalte formosíssimo, em que Luís XIV aparecia belo, sobranceiro e, por assim dizer, vivo.

O prisioneiro apoderou-se dele com avidez e considerou-o como se quisesse devorá-lo.

— E agora, monsenhor — disse Aramis — aqui está um espelho. Aramis deixou que o prisioneiro se reportasse.

— Tão alto! tão alto! — murmurou o mancebo devorando com os olhos o retrato de Luís XIV e a própria imagem refletida no cristal.

— Que pensais de tudo isto? — perguntou o prelado.

— Que estou perdido — retrucou o cativo — que el-rei nunca me perdoará.

— E eu pergunto a mim mesmo — acrescentou o bispo cravando no prisioneiro um olhar brilhante e significativo — pergunto a mim mesmo qual dos dois é o rei, se o que representa o retrato, se o que reflete o espelho.

— O rei, senhor, é o que está no trono — replicou tristemente o moço; — é o que não está na prisão, é o que, pelo contrário, nela manda encafuar os outros. A realeza é o poder e, como vedes, eu sou impotente.

— Monsenhor — retrucou Aramis com um respeito que ainda não demonstrara — o rei, prestai bem atenção, será, se quiserdes, o que, saindo da prisão, souber manter-se no trono em que o colocarem os amigos.

— Senhor, não me tenteis — tornou o rapaz com azedume.

— Monsenhor, não fraquejeis — persistiu Aramis com vigor. — Eu trouxe todas as provas do vosso nascimento; consultai-as, persuadi-vos de que sois filho de rei e, depois, agiremos.

— Não, não, é impossível.

— A menos — tornou ironicamente o bispo — que esteja no destino de vossa raça que os irmãos excluídos do trono sejam todos príncipes sem valor e sem honra, como o Sr. Gastão de Orléans, vosso tio, que, por dez vezes, conspirou contra o Rei Luís XIII, seu irmão.

— Meu tio Gastão de Orléans conspirou contra o irmão? — exclamou o príncipe espavorido; — conspirou para destroná-lo?

— Exatamente, monsenhor; não foi para outra coisa.

— Que me estais dizendo?

— A verdade.

— E teve amigos... dedicados?

— Como eu a vós.

— Muito bem, e que fez ele? Foi mal sucedido?

— Foi, mas sempre por culpa sua; e, para resgatar, não a vida, pois a vida do irmão do rei é sagrada, inviolável, senão a liberdade, vosso tio sacrificou a vida de todos os amigos, um depois do outro. Por isso é ele hoje a vergonha da história, execrado por cem nobres famílias deste reino.

— Compreendo, senhor — volveu o príncipe; — e foi por fraqueza ou traição que meu tio matou os amigos?

— Por fraqueza: o que é sempre uma traição nos príncipes.

— Não se pode também ser mal sucedido por ignorância, por incapacidade? Acreditais, porventura, que seja possível a um pobre cativo como eu, educado não somente longe da corte, mas

também longe dos homens, ajudar os amigos que tentassem servi-lo?

E, como Aramis fizesse menção de responder, exclamou, súbito, o rapaz com uma violência em que se traía a força do sangue:

— Estamos aqui falando em amigos, mas por que acaso terei amigos, eu, completamente desconhecido, e sem liberdade, sem dinheiro e sem poder para angariá-los?

— Parece-me que já tive a honra de oferecer-me a Vossa Alteza Real.

— Não me chameis assim, senhor; é um escárnio ou uma crueldade. Não me façais pensar em outra coisa que nos muros da prisão que me encerra; deixai-me ainda amar ou, pelo menos, sofrer a escravidão e a obscuridade.

— Monsenhor! Monsenhor! se repetirdes essas palavras desanimadas; se, depois de terdes a prova de vosso nascimento, continuardes sem ânimo, sem alento e sem vontade, acatarei o vosso pedido, desaparecerei, renunciarei a servir a quem, tão ardentemente, vim dedicar minha vida e minhas forças.

— Senhor — bradou o príncipe — antes de me dizer tudo isso, não fora melhor refletir que me partistes para sempre o coração?

— Foi o que pretendi fazer, monsenhor.

— Para falar-me em grandeza, em poder, em realeza até, deveríeis porventura escolher uma prisão? Quereis fazer-me acreditar no esplendor, e para isso procuramos as trevas? Gabais-me a glória, e abafamos as palavras sob as cortinas desta enxerga? Fazeis-me entrever o poder supremo, e ouço os passos do carcereiro neste corredor, os passos que vos fazem tremer mais do que a mim? Para tornar-me um pouco menos incrédulo, tirai-me primeiro da Bastilha; dai-me ar aos pulmões, esporas ao pé e uma espada ao braço; depois começaremos a entender-nos.

— É precisamente minha intenção dar-vos tudo isso, e mais do que isso, monsenhor. Mas querei-lo?

— Ouvi ainda, senhor — atalhou o príncipe. — Sei que há guardas em todas as galerias, ferrolhos em todas as portas, canhões e soldados em todas as barreiras. Como vencereis os guardas e encravareis os canhões? Com que partireis os ferrolhos e rompereis as barreiras?

— Monsenhor, de que maneira vos chegou às mãos o bilhete que lestes e que anunciava a minha vinda?

— Pode-se corromper um carcereiro para introduzir um bilhete.

— Corrompendo um, corrompe-se dez.

— Pois bem, admito que seja possível arrancar um pobre cativo da Bastilha; escondê-lo tão bem que a gente do rei não consiga recapturá-lo; e ainda alimentar o infeliz num asilo ignorado.

— Monsenhor! — tornou, sorrindo, Aramis.

— Admito que quem fizesse tudo isso por mim já seria mais do que um homem; mas, visto que dizeis que sou um príncipe, irmão do rei, como me devolvereis a posição e a força que me tiraram minha mãe e meu irmão? E já que devo passar uma existência de combates e de ódios, como fareis que eu vença esses combates e me tornareis invulnerável aos inimigos? Ah! senhor, pensai nisso; precipitai-me amanhã em alguma negra caverna, no fundo de uma montanha; proporcionai-me a alegria de ouvir em liberdade os rumores do rio e da planície, de ver em liberdade o sol no firmamento ou o céu tempestuoso; isso já me basta. Não me prometais outra coisa, que, em verdade, não me podeis dar; e seria um crime enganar-me, visto que vos dizeis meu amigo.

Aramis continuou a ouvir em silêncio.

— Monsenhor — voltou ele, depois de haver refletido um momento — admiro a compreensão reta e firme que dita as vossas palavras; folgo de haver encontrado o meu rei.

— Ainda! ainda!... Ah! por piedade — rebradou o príncipe comprimindo com as mãos geladas a testa coberta de um suor gelado — não abuseis de mim; não preciso ser rei, senhor, para ser o mais feliz dos homens.

— E eu, monsenhor, preciso de que sejais rei para a felicidade do gênero humano.

— Ah! — acudiu o príncipe com nova desconfiança inspirada por essa palavra — ah! que tem o gênero humano que censurar a meu irmão?

— Esquecia-me dizer-vos, monsenhor, que, se fôsseis servido deixar-vos guiar por mim, e se consentísseis em tornar-vos o mais poderoso príncipe da terra, serviríeis aos interesses de todos os amigos que consagro ao bom êxito de nossa causa, e esses amigos são numerosos.

— Numerosos?

— Menos numerosos que poderosos, monsenhor.

— Explicai-vos.

— Impossível! Juro diante de Deus, que me ouve, que me explicarei no dia em que vos vir sentado no trono de França.

— E meu irmão?

— Disporeis do seu destino. Acaso o compadeceis?

— Ele, que me deixa morrer num calabouço? Não, não o compadeço!

— Ainda bem!

— Ele poderia ter vindo a esta prisão, tomar-me da mão e dizer-me: "Meu irmão, Deus nos criou para que nos amemos, não para que nos combatamos. Venho ter convosco. Um preconceito selvagem vos condenava a perecer *obscuramente longe* dos homens, privado de todas as alegrias. Quero fazer-vos sentar ao pé de mim; quero cingir-vos à cinta a espada de nosso pai. Aproveitaríeis essa aproximação para me esmagar ou constranger? Empregaríeis essa espada em derramar o meu sangue?... — Oh! não, ter-lhe-ia eu respondido; considero-vos meu salvador e hei de respeitar-vos como amo. Vós me dais muito mais do que Deus já me deu. Por vós, tenho a liberdade; por vós, tenho o direito de amar e de ser amado neste mundo".

— E teríeis cumprido a palavra, monsenhor?

— Oh! pela minha vida!

— Ao passo que agora?...

— Ao passo que agora sinto que tenho culpados para punir...

— De que maneira, monsenhor?

— Que dizeis da parecença que Deus me havia dado com meu irmão?

— Digo que havia nessa parecença uma lição providencial que o rei não devera ter desprezado; digo que vossa mãe cometeu um crime estremando pela ventura e pela fortuna os que a natureza criara tão semelhantes em seu seio, e concluo que a punição deve resumir-se no restabelecimento do equilíbrio.

— O que quer dizer?...

— Que, se eu vos der um lugar no trono de vosso irmão, ele tomará o vosso na prisão?

— Ai de mim, sei quanto se sofre numa prisão, mormente depois de beber tão copiosamente na taça da vida!

— Vossa Alteza Real poderá sempre fazer o que quiser; perdoará, se assim o entender, depois de haver punido.

— Muito bem. E agora, sabeis uma coisa?

— Diga-a, meu príncipe.

— Não ouvirei mais nada senão fora da Bastilha.

— Eu ia dizer a Vossa Alteza Real que só terei a honra de vê-lo mais uma vez.
— Quando?
— No dia em que o meu príncipe deixar estas negras paredes.
— Deus vos ouça! Como me avisareis?
— Virei procurá-lo.
— Pessoalmente?
— Meu príncipe, não saia deste quarto senão comigo; e se alguém quiser forçá-lo a isso durante a minha ausência, lembre-se de que não virá de minha parte.
— Portanto, nem uma palavra a quem quer que seja, senão a vós?
— Nem uma palavra.
Inclinou-se Aramis profundamente. O príncipe estendeu-lhe a mão.
— Senhor — disse ele em tom saído do coração — tenho mais uma coisa para dizer-vos. Se me procurastes para perder-me, se fostes apenas um instrumento nas mãos de meus inimigos, se de nossa conferência, em que me sondastes o coração, resultar para mim algo de pior que o cativeiro, isto é, a morte, ainda assim vos bendigo, pois tereis dado fim às minhas penas e substituído pela calma as torturas febris que há oito anos me devoram.
— Monsenhor, espere para julgar-me — disse Aramis.
— Eu disse que vos abençoava e perdoava. Se, pelo contrário, viestes para devolver-me o lugar que Deus me havia destinado ao sol da fortuna e da glória, se, graças a vós, eu puder viver na memória dos homens e honrar a minha raça por façanhas ilustres ou serviços prestados aos meus povos; se, do último posto em que estou morrendo, eu me elevar ao fastígio das honras, sustentado pela vossa mão generosa, pois bem, a vós, que bendigo e agradeço, a vós ofereço a metade do meu poder e da minha glória, e nem assim conseguirei pagar o que vos devo; e a vossa paga será sempre incompleta, pois nunca lograrei repartir convosco toda a felicidade que me tereis proporcionado.
— Monsenhor — disse Aramis comovido pelo ímpeto e pela palidez do moço — a nobreza do coração de Vossa Alteza penetra-me de alegria e de admiração. Não caberá a Vossa Alteza agradecer-me, senão aos povos que Vossa Alteza tornará felizes, aos descendentes que Vossa Alteza tornará ilustres. Sim, eu lhe darei mais do que a vida, eu lhe darei a imortalidade.
O mancebo estendeu a mão a Aramis; este beijou-a, genuflexo.
— Oh! — exclamou o príncipe, com encantadora modéstia.
— É a primeira homenagem prestada ao nosso futuro rei — disse Aramis. — Quando eu tornar a vê-lo, direi: "Bom dia, Sire!”
— Até então — exclamou o rapaz apoiando os dedos brancos e magros sobre o coração — até então, nada de sonhos, nada de choques; a minha vida se romperia. Oh, senhor, como é pequena esta prisão, como é baixa aquela janela, como são estreitas estas portas! Como puderam passar por elas e encerrar-se aqui tanto orgulho, tanto esplendor e tanta felicidade!
— Vossa Alteza Real enche-me de orgulho — disse Aramis — pois pretende ter sido eu o portador de tudo isso.
E bateu imediatamente à porta.
O carcereiro veio abrir com Baisemeaux, que, devorado de inquietação e de medo, principiara, malgrado seu, a escutar à porta.
Felizmente, porém, nenhum dos dois interlocutores se esquecera de abafar a voz, até nos mais arrojados transportes de paixão.
— Que confissão! — disse o governador tentando rir; — quem seria capaz de imaginar que um recluso, um homem quase morto, tenha cometido pecados tão numerosos e tão compridos?

Calou-se Aramis. Ardia por sair da Bastilha, onde o segredo que o oprimia duplicava o peso dos muros.

Quando chegaram aos aposentos de Baisemeaux:

— Falemos em negócios, meu caro governador — propôs o prelado.

— Ai! — replicou Baisemeaux.

— Eu vos devo um recibo de cento e cinqüenta mil libras, não é?

— E eu vos devo o primeiro terço da soma — acrescentou, suspirando, o pobre governador, que deu três passos na direção de um armário de ferro.

— Eis aqui o recibo — disse Aramis.

— E eis aqui o dinheiro — tornou com um triplo suspiro o Sr. de Baisemeaux.

— A ordem recomendou-me apenas que vos desse um recibo de cento e cinqüenta mil libras — volveu Aramis; — não me recomendou que recebesse o dinheiro. Adeus, senhor governador.

E partiu, deixando Baisemeaux mais do que sufocado pela surpresa e pela alegria, à vista do régio presente que lhe dera o confessor extraordinário da Bastilha.

Capítulo II - De como engordara Mouston sem avisar Porthos e dos dissabores que disso resultaram para o digno fidalgo

DESDE a partida de Athos para Blois, Porthos e d'Artagnan poucas vezes se tinham visto juntos. Um deles fizera um serviço fatigante para o rei, o outro, muitas compras de móveis, que pretendia levar para as suas terras, e com as quais almejava instituir, em suas diversas residências, um pouco do luxo cortesão cuja deslumbrante claridade entrevira em companhia de Sua Majestade.

Sempre fiel, certa manhã em que o serviço lhe permitiu uma folga, d'Artagnan lembrou-se de Porthos, e, preocupado com a falta de notícias dele havia mais de quinze dias, foi ao seu hotel, onde o surpreendeu saltando da cama.

O digno barão parecia pensativo: mais do que pensativo, melancólico. Estava sentado na cama, seminu, com as pernas pendentes, contemplando uma pilha de fatos, que juncavam o soalho com as suas franjas, os seus galões, os seus bordados, e a sua crepitação de cores desarmoniosas.

Triste e sonhador como a lebre de La Fontaine, Porthos não viu entrar d'Artagnan, escondido, aliás, nesse momento pelo Sr. Mouston, cuja corpulência pessoal, mais do que suficiente para esconder um homem de outro homem, fora momentaneamente duplicada pelo desdobramento de um trajo escarlate que o intendente exibia ao amo segurando-o pelas mangas, a fim de mostrá-lo melhor por todos os lados.

D'Artagnan deteve-se no limiar e examinou Porthos em silêncio; depois, como a vista das inumeráveis andainas que juncavam o chão arrancava suspiros profundíssimos do peito do digno fidalgo, cuidou que já era tempo de arrancá-lo àquela dolorosa contemplação, e tossiu para anunciar-se.

— Ah! — exclamou Porthos, cujo rosto se iluminou de alegria — ah! ah! eis aqui d'Artagnan! Afinal vou ter uma idéia!

Ouvindo essas palavras, e desconfiando do que se passava atrás de si, Mouston se afastou, sorrindo ternamente para o amigo do amo, que assim se viu livre do obstáculo material que o impedia de chegar aonde estava d'Artagnan.

Porthos fez estalarem os joelhos robustos ao erguer-se e, atravessando o quarto com duas pernadas, viu-se diante de d'Artagnan, que aconchegou de si com uma afeição que parecia redobrar a cada dia que passava.

— Ah! — disse ele — és sempre bem-vindo, caro amigo; mas, hoje, és mais bem-vindo do que nunca.

— Vamos, vamos, andamos triste em tua casa? — perguntou d’Artagnan.

Porthos respondeu por um olhar em que transluzia o seu abatimento.

— Pois bem, conta-me isso, Porthos, a menos que seja um segredo.

— Em primeiro lugar, meu amigo — disse Porthos — sabes que não tenho segredos para ti. Eis, portanto, o que me entristece.

— Espera, Porthos, deixa-me primeiro safar-me desta confusão de panos, cetins e veludos.

— Oh! passa por cima, por cima — volveu lastimosamente Porthos: — é tudo alcaide.

— Peste! Alcaide, um pano de vinte libras a vara! Um cetim magnífico, um veludo real!

— Achas, então, que essas roupas?...

— Esplêndidas, Porthos, esplêndidas! Aposto que ninguém mais em França possui tantas, e ainda

que não mandes fazer outras, e vivas cem anos, o que não me espantaria, vestirás roupas novas no dia da tua morte, sem veres o nariz de um único alfaiate.

Porthos bamboou a cabeça.

— Vejamos, meu amigo — voltou d'Artagnan — essa melancolia, que não é do teu caráter, assusta-me. Vamos esquecê-la, meu caro Porthos; e quanto antes, melhor.

— Sim, vamos, meu amigo — anuiu Porthos — se for possível.

— Terás, acaso, recebido más notícias de Bracieux, meu amigo?

— Não; a madeira, cortada, deu um terço a mais do que se esperava.

— Terá surgido alguma brecha nas lagoas de Pierrefonds?

— Não, meu amigo; depois da última pescaria, o que sobrou da venda bastaria a encher de peixes todas as lagoas dos arredores.

— Teria, porventura, desmoronado o Vallon em conseqüência de algum terremoto?

— Não, meu amigo, pelo contrário; um raio caiu a cem passos do castelo e fez jorrar uma fonte num sítio em que não havia uma gota d'água.

— Mas, então, que é que há?

— Há que recebi um convite para a festa de Vaux — retrucou Porthos em tom lúgubre.

— E por isso te queixas? O rei provocou entre as famílias da corte mais de cem quizílias mortais recusando convites. Ah! meu amigo, fazes parte da comitiva? Muito bem, muito bem, muito bem!

— Faço.

— Assistirás a um espetáculo magnífico, meu caro.

— Ai de mim! não duvido.

— Tudo o que há de grande em França lá estará reunido.

— Ah! — bradou Porthos, arrancando com desespero um punhado de cabelos.

— Ora, essa! — exclamou d'Artagnan — estás doente?

— Estou tão sadio quanto o Pont Neuf, com os diabos! Não é isso.

— Então que é?

— Não tenho roupas. D'Artagnan ficou petrificado.

— Não tens roupas, Porthos! não tens roupas! — exclamou. — Pois se vejo mais de cinqüenta no chão!

— Cinqüenta, sim, mais nenhuma que me sirva!

— Como, nenhuma que te sirva? Mas, então, não te tomam as medidas quando te vestem?

— Tomam! — sobreveio Mouston; — mas, infelizmente, engordei.

— Como! engordastes?

— Tanto, que fiquei mais gordo, muito mais gordo que o senhor barão. Não o acreditais?

— Pudera! parece-me que isso é manifesto.

— Estás ouvindo, imbecil? — disse Porthos. — Isso é manifesto.

— Mas, enfim, meu caro Porthos — continuou d'Artagnan com certa impaciência — não compreendo por que não te servem as tuas roupas pelo fato de Mouston haver engordado.

— Vou explicar-te, meu amigo — disse Porthos. — Não te lembras de me haveres contado a história de um general romano, Antônio, que tinha sempre sete javalis no espeto e em vários pontos de cozimento a fim de poder jantar a qualquer hora do dia em que lhe desse na telha? Pois bem: como eu, de um momento para outro, poderia ser chamado ao paço e lá ficar uma semana, resolvi ter sempre sete fatos completos para essa ocasião.

— Vigorosamente raciocinado, Porthos. Entretanto, é preciso ter muito dinheiro para satisfazer essas fantasias. Sem contar o tempo que se perde tomando medidas! As modas mudam tanto!

— Pois era justamente a esse respeito — volveu Porthos — que eu me gabava de ter encontrado uma solução engenhosíssima.

— Vamos, conta-me isso. Com a breca! Nunca duvidei do teu gênio.

— Não te lembras de que Mouston já foi magro?

— Sim, no tempo em que se chamava Mousqueton.

— Mas não te lembras também da época em que principiou a engordar?

— Precisamente, não. Perdoai-me, querido Mouston.

— Oh! a culpa não foi vossa — acudiu Mouston com ar amável; — estáveis em Paris e nós, em Pierrefonds.

— Enfim, meu caro Porthos, houve um momento em que Mouston principiou a engordar. É isso o que queres dizer, não é?

— Sim, meu amigo. E o fato, naquela época, encheu-me de alegria.

— Peste! acredito — observou d'Artagnan.

— Não compreendes — continuou Porthos — que isso me poupava trabalho?

— Não, meu caro amigo, ainda não compreendo; mas, à força de explicações...

— Eu explico. Em primeiro lugar, como disseste, a gente perde tempo tomando medidas, nem que seja de quinze em quinze dias. Em segundo lugar, pode estar viajando, e quando quer ter sempre sete fatos prontos... Enfim, meu amigo, tenho horror a ser medido por quem quer que seja. Ou somos fidalgos, ou não somos, que diabo! Isso de se deixar medir por um salafrário, tantos pés aqui, tantas polegadas ali, tantas linhas acolá, é humilhante. Essa gente nos acha sempre muito vazio de um lado, muito cheio do outro; conhece o nosso forte e o nosso fraco. Quando saímos das mãos de um alfaiate, parecemos uma fortaleza depois de observada em todos os ângulos e espessuras por algum espião.

— Em verdade, meu caro Porthos, as tuas idéias são únicas!

— Ah! compreendes, quando somos engenheiro...

— E fortificamos Belle-Isle... É justo, meu amigo.

— Tive, pois, uma idéia, que teria sido sem dúvida muito boa, não fosse a negligência do Sr. Mouston.

D'Artagnan dirigiu um olhar a Mouston, que respondeu a esse olhar com um leve mover do corpo, que dizia: "Vereis se tenho alguma culpa em tudo isso".

— Folguei, portanto — prosseguiu Porthos — de ver Mouston engordar e até o ajudei, com todas as minhas forças, a tomar carnes, com o auxílio de uma alimentação substancial, esperando sempre que ele chegasse a igualar-me em circunferência e pudesse tomar medidas em meu lugar.

— Ah! com a fortuna! — exclamou d'Artagnan — já compreendo... Isso te poupava o tempo e a humilhação.

— Claro! Imagina, pois, a minha grande alegria, quando, depois de um ano e meio de alimentação bem dosada, pois eu me dava ao trabalho de alimentá-lo pessoalmente, esses beldroegas...

— Mas eu também fiz força, senhor — atalhou, modesto, Mouston.

— De fato. Imagina, pois, a minha satisfação, quando notei, um belo dia, que, Mouston era obrigado a encolher-se, como eu, para passar pela portinha secreta que aqueles diabos de arquitetos moram no quarto da finada Sra. du Vallon, no castelo de Pierrefonds. Aliás, a propósito, meu amigo, quero perguntar-te, a ti que tudo sabes, por que cargas d'água as bestas desses arquitetos, que deviam de ter, por ofício, um compasso nos olhos, fazem portas assim, pelas quais só podem passar os magros?

— Essas portas — retrucou d'Artagnan — destinam-se aos amantes; ora, os amantes, por via de regra, são magros e esbeltos.

— A Sra. du Vallon não tinha amantes — interrompeu Porthos com majestade.

— Perfeitamente, meu amigo — respondeu d'Artagnan: — mas os arquitetos previram a hipótese de que te casasses de novo.

— É possível — conveio Porthos. — E, agora, que me foi dada a explicação das portas estreitas, voltemos ao engordamento de Mouston. Mas observa como as coisas se tocam, meu amigo. Sempre notei que as idéias se emparelham. Admira o fenômeno, d'Artagnan: eu te falava de Mouston, que era gordo, e acabamos falando na Sra. du Vallon...

— Que era magra.

— Hum! Não é prodigioso?

— Meu caro, um sábio amigo meu, o Sr. Costar, fez a mesmíssima observação, e dá a isso um nome grego, de que já não me recordo.

— Ah! a minha observação não é nova? — exclamou Porthos, estupefato. — Eu supunha tê-la inventado.

— Meu amigo, era um fato conhecido antes de Aristóteles, isto é, há uns dois mil anos, mais ou menos.

— Bem, mas nem por isso deixa de ser justa — disse Porthos — encantado por ver-se em companhia dos sábios da antigüidade.

— Exatamente. Mas voltemos a Mouston. Deixamo-lo engordando a olhos vistos, se não me falha a memória.

— Sim, senhor — confirmou Mouston.

— Voltemos — assentiu Porthos. — Mouston engordou tanto, que me realizou todas as esperanças ao atingir as minhas medidas; disso pude convencer-me um dia, ao ver no corpo do patife uma de minhas vestias, que ele convertera num trajo para si; uma vestia que valia cem pistolas, só de bordados!

— Era para experimentá-lo, senhor — disse Mouston.

— A partir desse momento — continuou Porthos — decidi que Mouston entraria em comunicação com os meus alfaiates, e tomaria medidas em meu lugar.

— Vigorosamente imaginado, Porthos; Mouston, porém, tem um pé e meio menos do que tu.

— Justamente. Tomavam-lhe as medidas até ao chão e a extremidade do fato me chegava precisamente acima do joelho.

— Quanta sorte tens, Porthos! Só a ti acontecem essas coisas!

— Pois sim, tens muita razão para cumprimentar-me! Foi precisamente nessa ocasião, isto é, há uns dois anos e meio, que parti para Belle-Isle recomendando a Mouston, para ter sempre um modelo de todas as modas, que mandasse fazer um trajo por mês.

— E Mouston se teria, acaso, esquecido de obedecer à tua recomendação? Isso seria muito malfeito, Mouston!

— Pelo contrário, senhor, pelo contrário!

— Não, não se esqueceu de mandar fazer as roupas, mas não se lembrou de avisar-me que estava engordando.

— Não tenho culpa, senhor! O alfaiate não me disse nada!

— De sorte que o patife — continuou Porthos — de dois anos para cá, arranjou dezoito polegadas de circunferência, e os meus doze últimos fatos são todos progressivamente mais largos.

— Mas os outros, feitos no tempo em que o tamanho de ambos era o mesmo?

— Já não estão na moda, meu caro amigo, e, se eu os vestisse, daria a impressão de estar chegando do Sião e de andar longe da corte há dois anos.

— Compreendo a tua dificuldade. Quantos trajos novos tens? Trinta e seis? E nenhum te serve! Pois bem, terás de mandar fazer o trigésimo sétimo; os outros trinta e seis ficarão para Mouston.

— Ah! senhor! — acudiu Mouston com ar satisfeito — o fato e que o senhor barão sempre foi muito bom para mim.

— Homessa! Acreditas que eu não tenha tido essa idéia ou que me assustasse a despesa? Mas faltam apenas dois dias para a festa de Vaux; recebi o convite ontem e mandei vir Mouston pela posta com o meu guarda-roupa; só hoje cedo dei tento da desgraça que me sucedia e, de hoje a depois de amanhã, não há um único alfaiate que se encarregue de me fazer a fatiota.

— Isto é, uma fatiota coberta de ouro?

— Quero ouro em tudo!

— Daremos um jeito nisso. Só partirás daqui a três dias. Os convites são para quarta-feira, e nós estamos no domingo cedo.

— É verdade; mas Aramis me recomendou muitíssimo que estivesse em Vaux com vinte e quatro horas de antecedência.

— Como, Aramis?

— Sim, foi Aramis quem me trouxe o convite.

— Ah! Compreendo. Fôste convidado pelo Sr. Fouquet.

— Não, não! pelo rei, caro amigo. Está no bilhete, com todas as letras:

> *"Fica avisado o Sr. Barão du Vallon de que el-rei foi servido incluir-lhe o nome na lista de seus convidados... "*

— Muito bem; mas é com o Sr. Fouquet que partes.

— E quando penso — bradou Porthos, dando um pontapé no soalho — quando penso que não terei roupas! Estouro de raiva! Eu gostaria de poder esganar alguém ou rasgar alguma coisa.

— Não esganes ninguém nem rasgues nada, Porthos; arranjarei tudo isso; veste um dos teus trinta e seis fatos e vem comigo a um alfaiate.

— Qual! o meu criado já visitou todos eles hoje cedo.

— Até o Sr. Percerin?

— Quem é o Sr. Percerin?

— O alfaiate do rei, ora essa!

— Ah! sim, sim — disse Porthos, querendo dar a impressão de conhecer o alfaiate do rei mas que ouvia pronunciar-lhe o nome pela primeira vez; — iremos à casa do Sr. Percerin, o alfaiate do rei!

Pensei apenas que ele estaria ocupadíssimo.

— Estará, decerto; mas tranqüiliza-te, Porthos, que ele fará por mim o que não faria por mais ninguém. Mas precisarás deixar que te tomem as medidas, meu amigo.

— Ah! — exclamou Porthos com um suspiro — é o diabo! Mas, enfim, que queres?

— Ora, essa! farás como toda a gente, meu amigo; farás como o rei.

— Como! Tomam também as medidas do rei? E ele consente?

— O rei é taful, meu caro, e tu também o és, embora digas que não.

Sorriu Porthos com ar triunfador.

— Vamos ao alfaiate do rei! — exclamou; — e, visto que ele toma as medidas do rei, parece-me que também posso deixá-lo tomar as minhas.

Capítulo III - Quem era mestre João Percerin

O ALFAIATE do rei, Mestre João Percerin, ocupava uma casa muito grande à Rua Saint-Honoré, perto da Rua de 1'Arbre-Sec. Era um homem que apreciava os belos panos, os belos bordados, os belos veludos, pois herdara do pai o ofício de alfaiate real. A sucessão remontava ao tempo de Carlos IX, ao qual, como se sabe, remontavam também as fantasias de *bravura,* tão dificilmente realizadas.

O Percerin daquele tempo era um huguenote como Ambrósio Paré, e fora poupado pela Rainha de Navarra, a bela Margot, como então se escrevia e dizia, pois só ele tivera traça para fazer-lhe aqueles magníficos vestidos de montaria que ela gostava de usar, porque serviam de esconder certos defeitos anatômicos que a rainha dissimulava com muito cuidado.

Salvo e reconhecido, Percerin fizera lindos justilhos pretos, muito econômicos, para a Rainha Catarina, que se acabou congratulando pela conservação do huguenote, a quem por muito tempo perseguira. Mas Percerin era um homem prudente: ouvindo dizer que não havia nada mais perigoso para um huguenote do que os sorrisos da Rainha Catarina e, tendo observado que ela lhe sorria muito amiúde, apressou-se em catolizar-se com a família inteira, e, tornando-se irreprochável por via da conversão, chegou à alta posição de alfaiate-mor da coroa de França.

No tempo de Henrique III, rei taful como o que mais o fosse, essa posição atingiu a altura de um dos mais sublimes picos das Cordilheiras. Percerin havia sido hábil toda a vida e, para conservar a reputação além do túmulo, não fez feio para morrer; faleceu, portanto, muito destramente na hora exata em que a sua imaginação principiava a declinar.

Deixava um filho e uma filha, ambos dignos do nome que herdavam: ele, cortador intrépido e preciso como um esquadro; ela, bordadora e desenhista de ornamentos.

As bodas de Henrique IV e de Maria de Médicis, os lutos tão belos da dita rainha, consolidaram, com algumas palavras proferi das pelo Sr. de Bassompièrre, o rei dos elegantes do tempo, o triunfo da segunda geração dos Percerins.

O Sr. Concino Concini e sua mulher Galigai, que ao depois brilharam na corte de França, pretenderam italianizar os trajos e mandaram vir alfaiates de Florença; mas, ferido no patriotismo e no amor-próprio, Percerin reduziu a zero os estrangeiros pelos seus desenhos de brocatéis aplicados e os seus inimitáveis bordados; de tal sorte que foi Concino o primeiro a renunciar aos seus compatriotas e fazer tão grande estimação do alfaiate francês, que não quis ser vestido senão por ele; de modo que trajava um gibão cortado por mestre Percerin no dia em que Vitry lhe estourou os miolos com um tiro de pistola na pontezinha do Louvre.

Foi esse gibão, saído das oficinas do grande alfaiate, que os parisienses tiveram a satisfação de fazer pedacinhos, com a carne humana que ele continha.

Apesar do valimento de Percerin junto de Concino, o Rei Luís XIII teve a generosidade de não lhe guardar rancor e conservou-o à seu serviço. No momento em que Luís, o Justo, dava esse grande exemplo de eqüidade, Percerin tinha educado dois filhos, um dos quais se estreou por ocasião das núpcias de Ana d'Áustria, inventou para o Cardeal de Richelieu o formoso trajo espanhol com que ele dançou uma sarabanda, fez os vestuários para a tragédia de *Mirame,* e costurou na capa de Buckingham as famosas pérolas que um dia se haviam de esparramar nos pavimentos do Louvre.

Torna-se facilmente ilustre alguém depois de haver vestido o Sr. de Buckingham, o Sr. de Cinq-Mars, a Srta. Ninon, o Sr. de Beaufort e Marion de Lorme. Daí que Percerin III houvesse atingido o

apogeu da glória quando lhe morreu o pai.

Esse mesmo Percerin III, velho, glorioso e rico, ainda vestia Luís XIV, e, não tendo filhos, o que lhe causava enorme desgosto, visto que assim se lhe acabava a dinastia, instruíra diversos alunos, em que depositava muitas esperanças. Possuía uma carruagem, uma propriedade, lacaios, os mais altos de Paris, e, por autorização especial de Luís XIV, uma matilha de cães. Vestia os Srs. de Lyonne e Letellier com certa condescendência; mas, político, alimentado nos segredos de Estado, jamais conseguira fazer um trajo que assentasse bem ao Sr. Colbert. Isso não se explica, adivinha-se. Os grandes espíritos, em todos os gêneros, vivem de percepções invisíveis, imperceptíveis; fazem as coisas sem mesmo saber porquê. O grande Percerin (pois, ao contrário do hábito das dinastias, era principalmente o último dos Percerins que merecera o apelido de Grande), o grande Percerin, dissemos nós, cortava, inspiradíssimo, uma saia para a rainha e uns calções para o rei; inventava uma capa para Monsieur, um quadrado de meia para Madame; mas, apesar do seu gênio supremo, não conseguia tomar as medidas do Sr. Colbert.

— Esse homem — dizia ele com freqüência — está fora do meu talento, e não consigo vê-lo no desenho de minhas agulhas.

Fora ocioso dizer que Percerin era o alfaiate do Sr. Fouquet, o que o senhor superintendente o apreciava muitíssimo.

Embora já pendesse dos oitenta anos, era ainda o Sr. Percerin tão seco e tão duro, que se tornara quebradiço, no dizer dos cortesãos. Eram tão grandes a sua fama e a sua fortuna que o senhor príncipe, o rei dos petimetres, lhe dava o braço ao praticar com ele sobre modas, e os menos apressados no pagar nunca se atreviam a deixar muito arrasadas as suas contas; pois mestre Percerin fiava o primeiro trajo, mas nunca fiava o segundo sem que lhe pagassem o primeiro.

Concebe-se que um alfaiate nessas condições, em vez de correr atrás de fregueses, só com muita dificuldade aceitasse novos. Daí a sua recusa de vestir burgueses ou recém-afidalgados. Dizia-se até à boca pequena que o Sr. de Mazarino, ao receber graciosamente um trajo completo de cardeal, lhe escorropichara umas cartas de nobreza.

Percerin era inteligente e astuto. Diziam-no espertíssimo. Aos oitenta anos tomava ainda, com mão firme, as medidas dos peitilhos de senhora.

Foi à casa desse artista fidalgo que d'Artagnan conduziu o desolado Porthos.

Este, ao caminhar, dizia ao amigo:

— Cuidado, meu caro d'Artagnan, cuidado para não comprometeres a dignidade de um homem como eu ante a arrogância desse Percerin, que deve ser muito incivil; pois eu te previno, caro amigo, que, se ele me faltar ao respeito, dar-lhe-ei uma lição.

— Apresentado por mim — respondeu d'Artagnan — não tens nada que temer, caro amigo, ainda que fosses... o que não és.

— Ah! é que...

— O quê? Terias alguma coisa contra Percerin? Ora, Porthos!

— Creio que, em outro tempo...

— Que aconteceu em outro tempo?

— Mandei Mousqueton à casa de um patife com esse nome.

— E daí?

— O patife não quis servir-me.

— Algum mal-entendido, por certo, que urge desfazer; Mouston deve ter-se confundido.

— Talvez.

— Terá tomado um nome pelo outro.

— É possível. O energúmeno de Mouston nunca se lembra dos nomes.
— Eu me encarrego de tudo isso.
— Muito bem.
— Manda parar o carro, Porthos; é aqui.
— Aqui?
— É.
— Como, aqui? Estamos no Mercado, e tu me disseste que a casa ficava na esquina da Rua de l'Arbre-Sec.
— É verdade; mas olha.
— Pois bem, estou olhando, e estou vendo...
— O quê?
— Que estamos no Mercado, homessa!
— Não hás de querer, sem dúvida, que o nosso carro suba no carro que está na frente?
— Não.
— Nem que o carro que está na frente suba no outro, que o precede.
— Menos ainda.
— Nem que o segundo carro passe por cima de trinta ou quarenta outros que chegaram antes de nós?
— Ah! por minha fé! tens razão.
— Ah!
— Quanta gente, meu caro, quanta gente!
— Hein?
— E que estará fazendo aí toda essa gente?
— É muito simples: esperando a vez.
— Ora! Os comediantes do palácio de Borgonha ter-se-iam mudado?
— Não, a vez para entrar em casa do Sr. Percerin.
— Mas, então, nós também teremos de esperar.
— Seremos mais engenhosos e menos soberbos do que os outros.
— Que é que vamos fazer?
— Descer, passar por entre pajens e lacaios, e entrar em casa do alfaiate; isso garanto eu, sobretudo se caminhares na frente.
— Vamos — disse Porthos.
E, havendo descido, encaminharam-se ambos a pé para a casa.
Devia-se toda aquela confusão a estar fechada a porta do Sr. Percerin, junto da qual, em pé, um lacaio explicava aos ilustres fregueses do ilustre alfaiate que, naquele momento, o Sr. Percerin não podia receber ninguém. E diziam os de fora, sempre de acordo com o que dissera o grande lacaio a um grande fidalgo pelo qual sentia as suas simpatias, que o Sr. Percerin estava ocupado em cortar cinco fatos para o rei, e que, em face da premência do tempo, estudava em seu gabinete os enfeites, a cor e o talho dos cinco fatos.
Satisfeitos com essa razão, muitos se voltavam felizes por transmiti-la aos outros; outros muitos, porém, mais tenazes, insistiam em que se lhes abrisse a porta, e, entre eles, três portadores da fita azul, designados para um bailado, que fatalmente se baldaria se não tivessem as farpelas cortadas pela mesma mão do grande Percerin.
Empurrando Porthos, que rompeu os grupos, chegou d'Artagnan aos balcões, atrás dos quais se empenhavam os oficiais de alfaiate em responder aos fregueses da melhor maneira possível.

Esquecia-nos dizer que, à porta, haviam querido barrar a entrada de Porthos como a dos outros; mas d'Artagnan pronunciara apenas estas palavras:

— Ordem do rei.

E fora introduzido com o amigo.

Os pobres diabos tinham muito que fazer e faziam o possível para atender às exigências dos clientes na ausência do patrão, erguendo a agulha para alinhavar uma resposta; e, quando o orgulho ferido ou a expectativa malograda recalcitravam com muita severidade, o repreendido mergulhava e desaparecia debaixo do balcão.

A procisão dos fidalgos descontentes formaria um quadro cheio de curiosos pormenores.

O nosso capitão dos mosqueteiros, de vista rápida e segura, abarcou-o ao primeiro relance de olhos.

Mas, depois de haver percorrido os grupos, entrou a considerar um homem postado diante dele.

Sentado num escabelo, mal ultrapassava com a cabeça o balcão que o abrigava. Tinha os seus quarenta anos, a fisionomia melancólica, o rosto pálido, os olhos doces e luminosos. Considerava d'Artagnan e os outros com a mão debaixo do queixo, como assistente curioso e pachorrento.

Entretanto, ao avistar e reconhecer, sem dúvida, o capitão, enterrou o chapéu na cabeça.

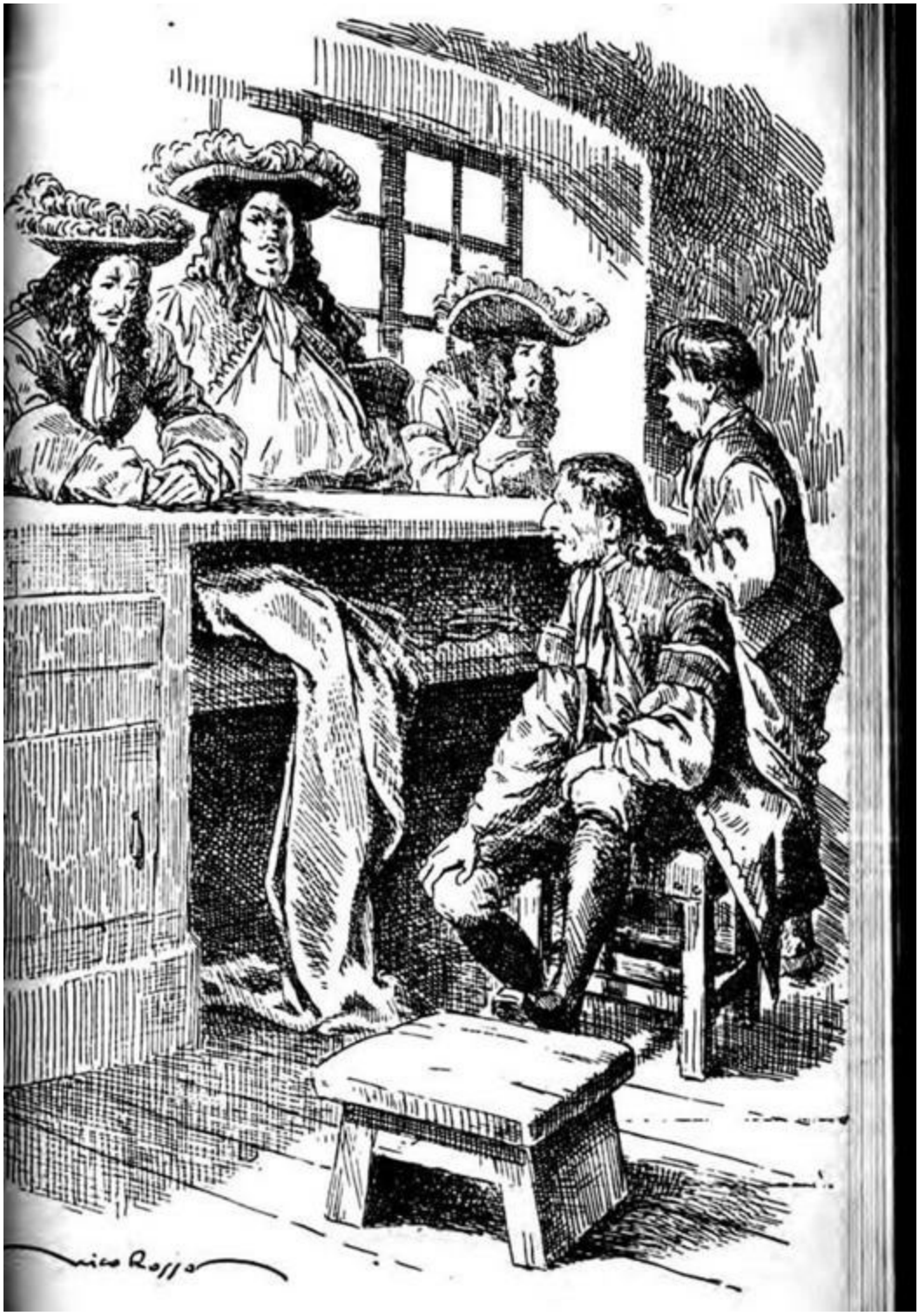
Foi talvez esse gesto que atraiu a atenção de d'Artagnan. E, a ser assim, o homem de chapéu enterrado na cabeça lograra um objetivo inteiramente diverso do que se propusera.

De resto, a sua indumentária era singela, e os cabelos tinham sido penteados de tal maneira que os clientes pouco observadores poderiam tomá-lo por um simples aprendiz de alfaiate acocorado atrás do balcão, a costurar, com proficiência, a lã ou o veludo.

O homem, todavia, levantava tantas vezes a cabeça que os seus dedos não poderiam render muita coisa.

D'Artagnan, porém, não se iludiu e viu perfeitamente que, se o homem estava trabalhando, não o fazia por certo, com tecidos.

— Hei — exclamou, dirigindo-se a ele — eis-vos, então, convertido em aprendiz de alfaiate, Sr. Molière?



— Psiu! Sr. d'Artagnan — respondeu em voz baixa o homem; — psiu! pelo amor de Deus! ainda fareis que me reconheçam.

— E que mal há nisso?

— Não há mal nenhum; mas...

— Mas também não há benefício algum, não é isso?

— Infelizmente, não; pois eu estava entretido em contemplar umas caras interessantíssimas.

— Contemplai, contemplai, Sr. Molière. Compreendo o interesse que vos desperta a contemplação, e... não serei eu quem vos perturbe os estudos.

— Obrigado!

— Mas com uma condição: dir-me-eis onde está realmente o Sr. Percerin.

— Oh! com muito prazer: está no gabinete. Entretanto...

— Não se pode entrar?
— O homem tornou-se invisível!
— Para toda a gente?
— Para toda a gente. Deixou-me entrar, a fim de que eu pudesse fazer à vontade as minhas observações, e foi-se embora.
— Pois bem, meu caro Sr. Molière, ireis avisá-lo de que estou aqui, não é verdade?
— Eu? — exclamou Molière no tom do cachorro a que se arrebata o osso legitimamente ganho; — eu, sair daqui? Ah! Sr. d'Artagnan, como me maltratais!
— Se não fordes avisar imediatamente o Sr. Percerin, meu caro Sr. Molière — retorquiu d'Artagnan em voz baixa — previno-vos de uma coisa: não vos deixarei ver o amigo que está comigo.
Molière designou Porthos com gesto imperceptível.
— Esse aí? — perguntou.
— É.
Molière cravou em Porthos um desses olhares que vasculham cérebros e corações. O exame lhe pareceu, sem dúvida, cheio de promessas, pois imediatamente se ergueu e passou à sala contígua.

Capítulo IV - As amostras

ENTREMENTES, a multidão se escoava devagar, deixando em cada ângulo do balcão um murmúrio ou uma ameaça, como, nos bancos de areia do oceano, as vagas deixam um pouco de espuma ou de algas pisadas, quando vasa a maré.

Ao cabo de dez minutos, reapareceu Molière, fazendo sob a cortina um sinal a d'Artagnan. Este precipitou-se, arrastando Porthos, e, através de corredores complicadíssimos, conduziu-o ao gabinete de Percerin. De mangas arregaçadas, mexia o velho numa peça de brocado de grandes flores de ouro, à procura dos melhores reflexos. Ao avistar d'Artagnan, largou o tecido e dirigiu-se a ele, não radioso, não cortês, mas, em suma, civil.

— Senhor capitão dos guardas — exclamou — tereis de escusar-me, porque estou ocupadíssimo.

— Com as roupas do rei? Sei disso, meu caro Sr. Percerin. Estais fazendo três, segundo me disseram?

— Cinco, meu caro senhor, cinco!

— Três ou cinco, pouco importa, mestre Percerin, pois tenho certeza de que o fareis lindíssimos.

— Eu sei. Depois de feitos, serão lindíssimos, não digo que não; mas, para que sejam lindíssimos, é preciso primeiro que sejam, e, para isso, senhor capitão, preciso de tempo.

— Ora! Tendes dois dias ainda, é mais do que o necessário, Sr. Percerin — volveu d'Artagnan com a máxima pachorra.

Percerin ergueu a cabeça como homem pouco habituado a ser contrariado, até em seus caprichos; d'Artagnan, porém, não se intimidou com o ar que o ilustre cortador de brocados principiava a assumir.

— Meu caro Sr. Percerin — continuou ele — traga-vos um freguês.

— Ah! ah! — exclamou Percerin carranqueando.

— O Sr. Barão du Vallon de Bracieux de Pierrefonds — prosseguiu d'Artagnan.

Percerin tentou um cumprimento que despertou pouquíssimas simpatias no terrível Porthos, o qual, desde que entrara no gabinete, olhava atravessado para o alfaiate.

— Grande amigo meu — concluiu d'Artagnan.

— Hei de servi-lo — prometeu Percerin — porém mais tarde.

— Mais tarde? Quando?

— Quando tiver tempo.

— Já dissestes a mesma coisa ao meu lacaio — acudiu Porthos, descontente.

— É possível — redarguiu Percerin — ando quase sempre com pressa.

— Meu amigo — sentenciou Porthos — sempre temos o tempo que queremos.

Corou Percerin, o que, nos velhos encanecidos pela idade, é mau sintoma.

— Senhor — disse ele — não vos retenho: podeis procurar o alfaiate que quiserdes.

— Vamos, vamos, Percerin — sobreveio d'Artagnan — não estais amável hoje. Vou dizer-vos uma coisa que vos porá de joelhos a nossos pés. Este senhor não é somente meu amigo, mas amigo também do Sr. Fouquet.

— Ah! ah! — atalhou o alfaiate — isso é diferente!

— Logo, voltando-se para Porthos: — O senhor barão pertence ao senhor superintendente? — perguntou.

— Pertenço a mim mesmo — explodiu Porthos, no momento em que se erguia o reposteiro para

dar passagem a um novo personagem.

Molière observava. D'Artagnan ria-se. Porthos vociferava.

— Meu caro Percerin — tornou d'Artagnan — fareis um trajo para o senhor barão; sou eu quem está pedindo.

— Por vós, não digo que não, senhor capitão.

— Mas isso não é tudo: fá-lo-eis imediatamente.

— Só daqui a oito dias.

— Assim, o mesmo é prometer que recusar, porque o trajo se destina às festas de Vaux.

— Repito que é impossível — revoltou o obstinado velho.

— Não é, meu caro Sr. Percerin, sobretudo se eu vo-lo pedir, — atalhou uma voz meiga à porta, de timbre metálico, chamando a atenção de d'Artagnan. Era a voz de Aramis.

— Sr. d'Herblay! — exclamou o alfaiate.

— Aramis! — murmurou d'Artagnan.

— O nosso bispo! — acudiu Porthos.

— Bom dia, d'Artagnan! Bom dia, Porthos! Bom dia, caros amigos! — prosseguiu Aramis. — Vamos, vamos, meu querido Sr. Percerin, fazei a roupa deste senhor e eu vos afianço que, fazendo-a, agradareis imensamente ao Sr. Fouquet.

E acompanhou essas palavras de um sinal que significava: "Consenti e dispensai os outros".

Parece que Aramis possuía sobre mestre Percerin mais influência que o próprio d'Artagnan, pois o alfaiate se inclinou em sinal de assentimento, e, voltando-se para Porthos:

— Tomai as medidas na outra sala — disse-lhe, áspero. Porthos enrubesceu formidavelmente.

D'Artagnan percebeu a aproximação da tempestade, e, interpelando Molière:

— Meu caro senhor — disse ele a meia voz — o homem que vedes julga-se desonrado quando se medem a carne e os ossos que Deus lhe destinou; estudai-me esse tipo, mestre Aristófanes, e bom proveito!

Molière não precisava de estímulos; já estava devorando com os olhos o Barão Porthos.

— Senhor — acudiu ele — se me fizerdes o favor de acompanhar-me, farei que vos tomem as medidas sem que ninguém vos toque.

— Oh! — exclamou Porthos — como será isso, meu amigo?

— Digo que não vos tocarão de maneira-alguma. É um processo novo, que imaginamos, para tomar as medidas das pessoas de qualidade, a cuja suscetibilidade repugna deixarem-se tocar por bisbórrias. Há naturezas suscetíveis, que não toleram medições, pois estas, no meu entender, ferem a majestade natural do homem; e se, por acaso, pertenceis a esse número...

— Com a breca! Está claro que pertenço!

— Pois isso vem a talho de foice, senhor barão, e vós estreareis a nossa invenção. Mais que diabo de processo é esse? — perguntou Porthos, entusiasmado.

— Senhor — disse Molière inclinando-se — se tiverdes a bondade de seguir-me, logo o vereis.

Aramis comtemplava a cena com olhos arregalados. Talvez imaginasse, pela animação de d'Artagnan, que este partiria com Porthos, para não perder o fim de uma cena tão bem iniciada.

Mas, apesar de toda a sua perspicácia, enganava-se. Porthos e Molière partiram sós. D'Artagnan ficou. Por quê? Curiosidade, apenas; com a intenção, talvez, de saborear mais um pouco a presença do seu grande amigo Aramis. Tendo desaparecido Molière e Porthos, voltou a aproximar-se do Bispo de Vannes, que pareceu muitíssimo contrariado.

— Um trajo para ti também, não é verdade, caro amigo? Sorriu-se Aramis.

— Não — respondeu.

— Entretanto, vais a Vaux, não vais?

— Vou, mas sem roupa nova. Esqueces-te, meu caro d'Artagnan, de que um pobre Bispo de Vannes não pode mandar fazer um trajo para cada festa.

— Ora! — tornou, rindo, o mosqueteiro — e os poemas? Já os não compomos?

— Oh! d'Artagnan — volveu Aramis — faz muito tempo que deixei de pensar nessas futilidades.

— Está certo — retrucou d'Artagnan, não muito convencido. Quanto a Percerin, remergulhara na contemplação dos seus brocados.

— Não observas — acudiu Aramis com um sorriso — que estamos incomodando este pobre homem, meu caro d'Artagnan?

"Ah! ah!", murmurou o mosqueteiro, "queres dizer que eu te incomodo, caro amigo". Logo, em voz alta:

— Pois, então, partamos; já não tenho o que fazer aqui, e, se estás livre como eu, querido Aramis...

— Não; eu queria...

— Ah! queres falar em particular com Percerin? Por que não me avisaste?

— Em particular, sim — assentiu Aramis — mas não faz mal, d'Artagnan. Acredita que eu nunca teria um segredo que um amigo como tu não pudesse ouvir.

— Oh! não, não, eu me retiro — insistiu d'Artagnan, embora imprimisse à voz um tom sensível de curiosidade; pois o constrangimento de Aramis, posto que muito bem dissimulado, não lhe escapara, e ele sabia que, naquela alma impenetrável, até as coisas mais fúteis na aparência tinham de ordinário uma finalidade; finalidade ignorada, mas que ele, conhecendo o caráter do amigo, adivinhava ser importante.

De seu lado, percebendo a desconfiança de d'Artagnan, Aramis insistiu:

— Fica, por favor, que o caso é simples. Em seguida, voltando-se para o alfaiate:

— Meu caro Percerin... — principiou. — Até folgo muito em que estejas aqui — d'Artagnan.

— Ah! sim? — tornou, pela terceira vez o gascão, ainda menos iludido que das outras vezes.

Percerin não se mexia. Aramis despertou-o violentamente, arrancando-lhe das mãos o tecido, objeto de sua meditação.

— Meu caro Percerin — disse-lhe — eu trouxe comigo o Sr. Le Brun, um dos pintores do Sr. Fouquet.

"Ah! muito bem", pensou d'Artagnan; "mas por que Le Brun?" Aramis examinou d'Artagnan, que parecia examinar umas gravuras de Marco Antônio.

— E quereis mandar fazer-lhe um trajo igual ao dos epicúrios? — indagou Percerin.

E, enquanto dizia isso de modo distraído, o digno alfaiate procurava reaver a sua peça de brocado.

— Um trajo de epicúrio? — perguntou d'Artagnan em tom interrogativo.

— Enfim — atalhou Aramis com o seu sorriso mais encantador — está escrito que o querido d'Artagnan saberá todos os nossos segredos esta noite; sim, meu amigo, sim. Já deves ter ouvido falar nos epicúrios do Sr. Fouquet, não é verdade?

— Sem dúvida. Não é uma espécie de sociedade de poetas a que pertencem La Fontaine, Loret, Pélisson, Molière, que sei eu? e que mantém a sua academia em Saint-Mandé?

— Precisamente. Pois bem, fornecemos um uniforme aos nossos poetas e arregimentamo-los para o serviço de el-rei.

— Muito bem, adivinhei: o Sr. Fouquet pretende fazer uma surpresa ao rei. Oh! sossega, se é esse o segredo do Sr. Le Brun, não o divulgarei.

— Sempre encantador, meu amigo. Não, o Sr. Le Brun não tem nada com isso; o segredo que lhe diz respeito é muito mais importante do que o outro!

— Se é tão importante assim, prefiro ignorá-lo — declarou d'Artagnan fazendo menção de sair.
— Entrai, Sr. Le Brun, entrai — disse Aramis abrindo com a mão direita uma porta lateral e, com a esquerda, segurando d'Artagnan.
— Palavra que não compreendo patavina — afirmou Percerin.
— Meu caro Sr. Percerin — disse Aramis, imperturbável — estais fazendo cinco fatos para o rei, não é verdade? Um de brocado, um de lã, um de veludo, um de cetim e um de pano de Florença.
— Sim, mas como sabeis tudo isso, monsenhor? — perguntou Percerin estupefato.
— É muito simples, meu caro; haverá caçadas, festins, concertos, passeios e recepções; as cinco fazendas são protocolares.
— Sabeis tudo, monsenhor!
— E muitas outras coisas ainda — murmurou d'Artagnan.
— Mas — exclamou o alfaiate em tom de triunfo — o que não sabeis, monsenhor, embora príncipe da Igreja, o que ninguém saberá, e só o rei, a Srta. de La Vallière e eu sabemos, é a cor das fazendas e o gênero dos ornatos; é o corte, o conjunto, o talho de tudo isso!
— Pois aí está justamente o que desejo que me mostreis, meu caro Sr. Percerin — anunciou Aramis.
— Ora, essa — bradou o alfaiate espavorido, se bem o bispo tivesse falado com a sua voz mais doce e melíflua.
A pretensão pareceu tão exagerada, tão ridícula, tão enorme ao Sr. Percerin, que ele começou sorrindo, depois riu, e acabou rinchavelhando.
D'Artagnan imitou-o, não por achar a coisa muito engraçada, mas para não destoar. O bispo deixou que rissem ambos à sua vontade; afinal, quando se acalmaram:
— À primeira vista — disse ele — dou a impressão de estar disparatando, não é verdade? Mas d'Artagnan, que é a sabedoria personificada, vai dizer-vos que eu não poderia menos de fazer esse pedido.
— Vamos a ver — acudiu o mosqueteiro, atento, sentindo com o faro maravilhoso que, depois das escaramuças iniciais, o instante da batalha estava chegando.
— Vamos a ver — repetiu, incrédulo, Percerin.
— Por que — continuou Aramis — dá o Sr. Fouquet uma festa a el-rei? Não é para agradá-lo?...
— Seguramente — anuiu Percerin. D'Artagnan aprovou com a cabeça.
— ... Com alguma galanteria? Com uma boa idéia? Com uma série de surpresas como a de que há pouco falávamos a propósito dos nossos epicúrios?
— Ótimo!
— Pois bem, eis a surpresa, meu bom amigo: o Sr. Le Brun, que aqui está, é um homem que desenha com perfeição.
— Sim — disse Percerin — já vi uns trabalhos dele e notei que os trajos estavam muito bem pintados. Eis porque aceitei imediatamente o encargo de fazer-lhe uma roupa, igual, à dos senhores epicúrios, ou qualquer outra.
— Meu caro senhor, não recusamos o oferecimento; mais tarde, recorreremos a ele; de momento, porém, o Sr. Le Brun precisa, não das roupas que lhe fareis, senão das que estais fazendo para el-rei.
Percerin deu um salto para trás que d'Artagnan, o homem calmo, o perfeito observador, não achou muito exagerado, tão estranhos e horripilantes aspectos encerrava a proposta arriscada pelo bispo.
— As roupas do rei! Dar a quem quer que seja no mundo as roupas do rei?... Oh! senhor bispo, francamente! Vossa Grandeza enlouqueceu! — exclamou, sem poder conter-se, o pobre alfaiate.
— Ajuda-me, d'Artagnan — pediu Aramis cada vez mais calmo e sorridente — ajuda-me a

persuadir este senhor; pois tu compreendes, não é verdade?

— Eh! eh! Confesso que não compreendo muito bem.

— Como! meu amigo, não compreendes que o Sr. Fouquet deseja fazer ao rei a surpresa de encontrar o seu retrato ao chegar a Vaux? Que o retrato, cuja semelhança será impressionante, deverá estar vestido exatamente como estiver el-rei nesse dia?

— Ah! sim, sim — exclamou o mosqueteiro quase persuadido, tão plausível era o motivo; — sim, meu caro Aramis, tens razão; a idéia é feliz. Garanto que é tua!

— Não sei — respondeu negligentemente o prelado; — minha ou do Sr. Fouquet...

Em seguida, interrogando o rosto de Percerin depois de notar a indecisão de d'Artagnan:

— Então, Sr. Percerin — perguntou — que dizeis? Vejamos.

— Digo que...

— Que tendes o direito de recusar, sem dúvida, e eu não pretendo obrigar-vos de maneira alguma, meu caro senhor; digo mais, compreendo a vossa delicadeza em não querer aderir à idéia do Sr. Fouquet: receais dar a impressão de estar bajulando o rei. Nobreza de coração, Sr. Percerin, nobreza de coração!

O alfaiate balbuciou qualquer coisa.

— Seria, com efeito, uma linda lisonja feita ao jovem príncipe — continuou Aramis. "Mas, disse-me o senhor superintendente, se Percerin recusar, assegurai-lhe que não farei por isso menor conceito dele e continuarei a estimá-lo. Só que...”

— Só que?... — repetiu Percerin, inquieto.

— "Só que, prosseguiu Aramis, serei obrigado a dizer ao rei (compreendeis, meu caro Sr. Percerin, é o Sr. Fouquet quem está falando); serei obrigado a dizer ao rei: "Sire, eu tencionava oferecer a Vossa Majestade a sua imagem; mas, por um sentimento de delicadeza, exagerado talvez, embora respeitável, o Sr. Percerin se opôs à idéia.”

— Eu me opus! — bradou o alfaiate, aterrado pela responsabilidade que lhe pesaria sobre os ombros; — eu, opor-me ao que deseja, ao que quer o Sr. Fouquet, quando se trata de agradar a el-rei? Oh! que horrível palavra pronunciastes, senhor bispo! Opor-me, eu! Não, não fui eu quem a pronunciou, mercê de Deus, e disso é testemunha o senhor capitão dos mosqueteiros. Não é verdade, Sr. d'Artagnan, que não me oponho a coisa alguma?

D'Artagnan fez um sinal de pouco caso, indicando que desejava permanecer neutro; sentia que se armava debaixo de tudo aquilo uma intriga, comédia ou tragédia; desesperava-se por não poder adivinhá-la, mas, enquanto esperava, não queria intrometer-se.

Atenazado, porém, pela idéia de que poderiam dizer ao rei que ele se opusera à surpresa,' chegara Percerin uma cadeira para junto de Le Brun, e, tirando de um armário quatro fatos deslumbrantes, pois o quinto se encontrava ainda nas mãos dos oficiais, colocou sucessivamente as ditas obras-primas sobre outros tantos manequins de Bérgamo, que, vindos à França no tempo de Concini, haviam sido dados a Percerin II pelo Marechal d’Ancre, após a derrota dos alfaiates italianos.

O pintor começou a desenhar e, depois, a pintar os trajos.

Mas Aramis, que seguia com os olhos todas as fases do trabalho, e que o vigiava de perto, de repente o deteve.

— Creio que não atinastes com o tom, meu caro Sr. Le Brun — disse ele; — as cores vos enganarão, e na tela se perderá a perfeita semelhança, absolutamente necessária; seria mister mais tempo para a atenta observação dos matizes.

— É verdade — assentiu Percerin; — mas o tempo nos falta e convireis comigo, senhor bispo, em que a esse respeito não posso fazer nada.

— A idéia, então, se baldará — declarou tranqüilamente Aramis — por falta de autenticidade nas cores.

Entretanto, Le Brun copiava as fazendas e ornamentos fidelissimamente, observado por Aramis com mal dissimulada impaciência.

"Vejamos, vejamos, que diabo de "imbróglio" se andará tramando por aqui?", continuava a perguntar entre si o mosqueteiro.

— Decididamente, não dará certo — disse Aramis; — Sr. Le Brun, fechai as caixas e enrolai as telas.

— Mas a luz também, senhor, é detestável aqui dentro — exclamou o pintor despeitado.

— Uma idéia, Sr. Le Brun, uma idéia! Se levássemos uma amostra das fazendas, por exemplo, e com o tempo e luz melhor...

— Oh! nesse caso — exclamou Le Brun — eu responderia por tudo.

"Bom", disse d'Artagnan consigo só, "aí é que deve estar o X da questão; eles querem uma amostra de cada tecido. Com seiscentos diabos! Será capaz de dá-las este Percerin?”

Encurralado em suas últimas trincheiras, iludido, aliás, pela fingida bonomia de Aramis, Percerin cortou *cinco* amostras, que pôs nas mãos do Bispo de Vannes.

— Prefiro isto. Não é também o teu parecer? — perguntou Aramis a d’Artagnan.

— O meu parecer, querido Aramis — respondeu d'Artagnan — é que és sempre o mesmo.

— E, por conseguinte, sempre teu amigo — tornou o bispo em tom de voz encantador.

— Sim, sim — assentiu em voz alta o mosqueteiro.

Logo, entre si: "Se me enganas, duplo jesuíta, pelo menos não quero ser teu cúmplice, e, para não ser teu cúmplice, preciso sair daqui". Adeus, Aramis — acrescentou; — adeus, vou buscar Porthos.

— Então, espera-me — replicou Aramis enfiando as amostras na algibeira — já terminei e gostaria de abraçar outra vez o nosso amigo.

Le Brun guardou os seus trens, Percerin devolveu os fatos ao armário, Aramis apertou o bolso com a mão para certificar-se de que lá estavam as amostras, e todos saíram do gabinete.

Capítulo V - Em que Molière teve, talvez, a sua primeira idéia do "burguês gentil-homem”

D‘ARTAGNAN encontrou Porthos na sala contígua; não mais o Porthos irritado, o Porthos desapontado, mas um Porthos satisfeito, radiante, encantador, conversando com Molière, que o considerava com uma espécie de idolatria, e como um homem que, não só nunca viu coisa melhor, mas também nunca viu coisa igual.

Aramis foi direito a Porthos, apresentou-lhe a mão fina e alva, que se perdeu na mão gigantesca do velho amigo, operação que o prelado nunca arriscava sem alguma inquietação. Mas, tendo-se efetuado a pressão amistosa sem muito sofrimento, voltou-se o Bispo de Vannes para Molière.

— Então, senhor — perguntou-lhe — ireis comigo a Saint-Mandé?

— Irei aonde quiserdes, monsenhor — respondeu Molière.

— A Saint-Mandé! — exclamou Porthos, admirado de ver assim o altivo Bispo de Vannes em tratos familiares com um oficial de alfaiate. — Como! Aramis, levarás este senhor a Saint-Mandé?

— Sim — replicou Aramis sorrindo — o tempo urge.

— De mais a mais, meu caro Porthos — continuou d'Artagnan — o Sr. Molière não é exatamente o que parece ser.

— Como? — perguntou Porthos.

— Sim, este senhor é um dos primeiros caixeiros do Sr. Percerin; está sendo esperado em Saint-Mandé para experimentar nos epicúrios as roupas de festa encomendadas pelo Sr. Fouquet.

— Precisamente — anuiu Molière. — Isso mesmo.

— Vinde, então, meu caro Sr. Molière — disse Aramis — se já despachastes o Sr. du Vallon.

— Já estou despachado — replicou Porthos.

— E estás satisfeito? — perguntou d'Artagnan.

— Inteiramente — respondeu Porthos.

Molière despediu-se de Porthos com muitos cumprimentos e apertou a mão que lhe estendia furtivamente o capitão dos mosqueteiros.

— Senhor — concluiu Porthos derretendo-se em amabilidades — sede exato, sobretudo.

— Amanhã tereis o vosso fato, senhor barão — respondeu Molière. E saiu com Aramis.

Então d’Artagnan, travando do braço de Porthos:

— Que te fez esse alfaiate, meu caro Porthos — perguntou — para que tenhas ficado tão satisfeito com ele?

— O que ele me fez, meu amigo! O que ele me fez! — exclamou Porthos com entusiasmo.

— Sim, perguntei o que ele te fez.

— Meu amigo, ele fez o que não fez alfaiate nenhum até hoje: tomou-me as medidas sem me tocar.

— Conta-me como foi isso!

— Primeiro, foram buscar não sei onde uma série de manequins de todos os tamanhos, na esperança de encontrar algum com o meu; mas o maior, o do tambor-mor dos suíços, era duas polegadas mais curto e meio pé mais estreito.

— Ah! sim?

— É como tenho a honra de dizer-te, meu caro d’Artagnan. Mas é um grande homem ou pelo menos um grande alfaiate esse tal Sr. Molière; isso não lhe causou o mais mínimo embaraço.

— Que foi o que ele fez?

— Uma coisa simplíssima. Palavra que é inaudito!

Como se explica que os alfaiates, até hoje, tenham sido tão cretinos que não deram com esse processo? Quanta humilhação e quanto sofrimento poupado!

— Sem contar as roupas, meu caro Porthos.

— Sim, trinta roupas.

— Bem, meu amigo, vamos a ver, qual é o método do Sr. Molière?

— Molière? É assim que lhe chamas, não é? Faço questão de lembrar-me do nome.

— Ou Poquelin, se o preferes.

— Prefiro Molière. Quando quiser lembrar-me do nome dele, pensarei em *volière*, e, como tenho um em Pierrefonds...

— Esplêndido, meu amigo. Mas qual é o método do Sr. Molière?

— Ei-lo. Em vez de me desmembrar, como fazem todos esses bigorrilhas, entortar-me os rins, torcer-me as articulações, exercícios desonrosos e baixos...

D'Artagnan fez um sinal aprovativo com a cabeça.

"— Senhor — disse-me ele — um fidalgo deve medir-se a si mesmo. Fazei-me o obséquio de aproximar-vos deste espelho." Aproximei-me do espelho. Devo confessar que eu não estava compreendendo perfeitamente o que queria de mim o digno Sr. Volière.

— Molière.

— Ah! sim, Molière. Molière. E, como não me largasse o medo de ser medido, eu lhe disse:

"Cuidado com o que ides fazer; sou muito coceguento". Mas ele, com voz suave (pois cumpre confessar que é um rapaz cortês, meu amigo), respondeu: "Senhor, para que o trajo assente bem precisa ser feito à vossa imagem. A vossa imagem é exatamente refletida pelo espelho. Tomaremos as medidas pela imagem".

— Com efeito — disse d'Artagnan — vias-te ao espelho; mas onde diabo foram buscar um espelho em que te pudesses ver de corpo inteiro?

— Meu caro, era o próprio espelho em que o rei se mira.

— Sim; mas o rei tem um pé e meio menos do que tu.

— Não sei como isso se faz, será talvez um meio de lisonjear o rei, mas o fato é que o espelho era até grande para mim. É verdade que a altura se compunha de três cristais de Veneza superpostos e a largura dos mesmos cristais justapostos.

— Oh! meu amigo, que admiráveis palavras empregas! Onde as achaste?

— Em Bélle-Isle. Aramis explicava-as ao arquiteto.

— Ah! muito bem! Voltemos ao espelho, caro amigo.

— Então, o digno Sr. Volière...

— Molière.

— Molière, é verdade. Verás, meu caro, que agora me lembrarei muito bem desse nome. O digno Sr. Molière pôs-se a traçar com um pouco de cal umas linhas no espelho, seguindo-me o desenho dos braços e dos ombros, enquanto proferia esta máxima, que achei admirável: "É preciso que a casaca não incomode o portador".

— De fato — acudiu d'Artagnan — uma bela máxima, mas nem sempre posta em prática.

— Foi por isso que me pareceu tão espantosa, mormente depois que ele a desenvolveu.

— Ah! ele desenvolveu a máxima?

— Como não!

— Vejamos o desenvolvimento.

"— Visto que podemos — disse ele — numa circunstância difícil, ou numa situação embaraçosa, ter a casaca no corpo e não querer tirá-la."

— É verdade — conveio d'Artagnan.
"— Assim — continuou o Sr. Volière... “
— Molière!
— Molière. "Assim, continuou o Sr. Molière, suponhamos que preciseis puxar da espada e tenhais a casaca vestida. Como fareis?
"— Tiro a casaca — respondi.
"— Não, senhor — respondeu ele por sua vez.
"— Como, não?
"— É preciso que a casaca, bem feita, não vos incomode, nem para puxar da espada. "- Ah! ah!
"— Ponde-vos em guarda" — prosseguiu ele. Pus-me em guarda com tão maravilhoso aprumo, que saltaram os dois vidros da janela. "Não foi nada, não foi nada, disse ele, continuai." Ergui o braço direito no ar, tendo o antebraço graciosamente dobrado, os punhos caídos, o pulso circunflexo, ao passo que o braço direito, meio estendido, garantia a cintura com o cotovelo e o peito com o punho.
— Sim — conveio d'Artagnan — a verdadeira guarda, a guarda acadêmica.
— Dissestes o termo exato, caro amigo. Durante esse tempo, Volière...
— Molière!
— Decididamente, meu caro amigo, prefiro chamá-lo... como é o outro nome dele?
— Poquelin.
— Prefiro chamá-lo Poquelin.
— Achas melhor esse nome do que o outro?
— Muito... ele se chama Poquelin, não se chama?
— Chama-se.
— Lembrar-me-ei da Sra. Coquenard.
— Bom.
— Trocarei *Coque* em *Foque, nard* em *lin,* e, em vez de Coquenard, terei Poquelin.
— Maravilhoso! — exclamou d'Artagnan estuporado... — Continua, meu amigo, que me derrubas o queixo.
— Esse Coquelin, portanto, desenhou o meu braço no espelho.
— Poquelin. Perdão.
— Como foi que eu disse?
— Disseste Coquelin.
— Ah! tens razão. Esse Poquelin, portanto, desenhou-me o braço no espelho; mas levou tempo; olhava muito para mim; eu estava muito bonito. "Estais cansado?" perguntou. "Um pouco", respondi, dobrando as pernas; "mas ainda posso agüentar uma hora". "Não, não, não o permitirei! Temos aqui oficiais prestimosos que terão imenso prazer em segurar-vos os braços, como se seguravam outrora os braços dos profetas que invocavam o Senhor." "Muito bem", respondi. "Não vos sentireis humilhado?" "Meu amigo", tornei, "há, creio eu, muita diferença entre ser sustentado e ser medido".
— A distinção é razoada — assentiu d'Artagnan.
— Então — continuou Porthos — ele fez um sinal; dois rapazes se aproximaram; um deles me segurou o braço esquerdo, ao passo que o outro, com infinita habilidade, me segurou o direito.
"— Mais um! — chamou ele. "Um terceiro rapaz aproximou-se. "— Segurai os rins deste senhor. "O rapaz segurou-me os rins.”
— De sorte que ficaste seguro? — perguntou d'Artagnan.
— Perfeitamente, e Poquenard pôs-se a desenhar-me no espelho.
— Poquelin, meu amigo.

— Poquelin, tens razão. Mas, decididamente, prefiro ainda chamar-lhe Volière.
— Pois chama, mas acabemos com isto, sim?
— Durante esse tempo, Volière me desenhava no espelho.
— Muito galante.
— Gosto muito desse método: é respeitoso e cada qual se mantém em seu lugar.
— E isso acabou?...
— Sem que ninguém me tocasse, meu amigo.
— Exceto os três rapazes que te seguravam?
— Sim, mas creio que já te expliquei a diferença entre ser segurado e ser medido.
— É verdade — respondeu d'Artagnan, que disse, logo, entre si: — Ou muito me engano ou proporcionei um bom achado ao patife do Molière; logo veremos a cena repetida em alguma comédia.
Porthos sorria-se.
— Que é o que te faz rir? — perguntou-lhe d'Artagnan.
— Queres que eu te confesse? Rio-me da sorte que tenho.
— Oh! isso é verdade; nunca vi sujeito mais feliz do que tu. Mas qual foi a tua última sorte?
— Meu caro, felicita-me.
— Não desejo outra coisa.
— Parece que sou o primeiro cujas medidas se tomaram dessa maneira.
— Tens certeza?
— Quase. Certos sinais de inteligência trocados entre Volière e os outros me persuadiram.
— Pois isso, meu caro, não me surpreende da parte de Molière — Volière, meu amigo.
— Ah! isso é que não! Chama-lhe, se quiseres, Volière; mas eu continuarei a chamar-lhe Molière. Como eu ia dizendo, isso não me espanta da parte de Molière, que é um rapaz engenhoso, e a quem inspiraste essa bela idéia.
— Que mais tarde lhe aproveitará, tenho certeza.
— Está visto que sim! E como! Vê tu, meu amigo, de todos os alfaiates conhecidos, Molière é o que veste melhor os barões, condes e marqueses... por medida.
Depois dessa frase, cuja oportunidade e profundeza não discutiremos, saíram d'Artagnan e Porthos da casa de mestre Percerin e voltaram ao carro. Lá os deixaremos, com o consentimento do leitor, a fim de voltarmos para junto de Molière e Aramis em Saint-Mandé.

Capítulo VI - A colméia, as abelhas e o mel

ABORRECIDÍSSIMO por haver encontrado d'Artagnan em casa de mestre Percerin, voltou o Bispo de Vannes muito mal-humorado a Saint-Mandé.

Molière, pelo contrário, encantado por haver topado com um modelo tão bom para um esboço e por saber onde acharia o original quando quisesse substituir o esboço pelo quadro, lá chegou satisfeitíssimo.

Todo o primeiro pavimento, do lado esquerdo, era ocupado pelos epicúrios mais célebres de Paris e outros apaniguados, que se empenhavam, cada qual em seu setor, como abelhas nos alvéolos, em produzir um mel destinado ao bolo real que o Sr. Fouquet tencionava servir a Sua Majestade Luís XIV durante a festa de Vaux.

Com a cabeça entre as mãos, cavava Pellisson os alicerces do prólogo dos *Chatos,* comédia em três atos, que seria representada por Poquelin de Molière, como dizia d'Artagnan, ou Coquelin de Volière, como dizia Porthos.

Com a ingenuidade peculiar ao seu ofício de gazeteiro, pois os gazeteiros de todos os tempos foram ingênuos, Loret descrevia as festas de Vaux antes da sua realização.

La Fontaine vagava entre uns e outros, sombra perdida, distraída, incômoda, insuportável, que zumbia e sussurrava ao ouvido de cada um mil inépcias poéticas. E tantas vezes importunou Pellisson, que este, irritado, erguendo a cabeça:

— Pelo menos, La Fontaine — protestou — colhe-me uma rima, visto que dizes passear nos jardins do Parnaso.

— Que rima desejas? — perguntou o fabulista, como lhe chamava a Sra. de Sévigné.

— Desejo uma rima para *lumière.*

— *Ornière* — respondeu La Fontaine.

— Eh! meu caro amigo, não é possível falar em ramerrão quando se gabam as delícias de Vaux — acudiu Loret.

— De mais a mais, isso não rima — tornou Pellisson.

— Como! Não rima? — exclamou La Fontaine, surpreso.

— Sim, tens um hábito detestável, meu caro; um hábito que nunca te deixará ser um poeta de primeira ordem. Rimas muito mal!

— Oh! oh! Achas, Pellisson?

— Acho, meu caro. Lembra-te: uma rima nunca é boa enquanto se pode encontrar outra melhor.

— Então, de agora em diante, só escreverei em prosa — disse La Fontaine, que levara a sério a censura de Pellisson. — Ah! muitas vezes cheguei a desconfiar de que sou um poeta chinfrim! É a pura verdade!

— Não digas isso, meu caro! Estás ficando extremado; as tuas fábulas têm muita coisa boa.

— E, para começar — prosseguiu La Fontaine seguindo a mesma idéia — vou queimar uma centena de versos que acabei de fazer.

— Onde estão?

— Na minha cabeça.

— Homessa! Se estão na tua cabeça, não podes queimá-los!

— É verdade — assentiu La Fontaine. — Mas se eu não os queimar...

— Que acontecerá?

— Ficar-me-ão no espírito e nunca mais poderei esquecê-los.
— Diabo! — acudiu Loret — isso é perigoso; és capaz de enlouquecer.
— Diabo, diabo, diabo! Que fazer? — repetiu La Fontaine.
— Encontrei um meio — sobreveio Molière, que ouvira, ao entrar, as últimas palavras.
— Qual?
— Escreve primeiro os teus versos e queima-os depois.
— Como é simples! Pois eu nunca teria atinado com uma coisa dessas. Como tem espírito o diabo do Molière! — exclamou La Fontaine.
Logo, dando uma palmada na testa:
— Nunca passarás de um burro, João de La Fontaine — acrescentou.
— Que estás dizendo, meu amigo? — interrompeu Molière, aproximando-se do poeta, cujo aparte ouvira.
— Digo que nunca passarei de um burro, meu caro confrade — respondeu La Fontaine com profundo suspiro e os olhos inchados de tristeza.
— Sim, meu amigo — continuou, cada vez mais triste — parece que as minhas rimas são muito ruins.
— É um mal.
— Estás vendo? Sou um beldroegas.
— Quem disse isso?
— Quem disse? Foi Pellisson. Não é verdade, Pellisson? Pellisson, que mergulhara na sua composição, guardou-se de responder.
— Mas, se Pellisson disse que eras um beldroegas — bradou Molière — ofendeu-te gravemente.
— Parece-te?
— Ah! meu caro, visto que és fidalgo, entendo que não deves deixar passar impune tamanha injúria.
— Hein? — voltou La Fontaine.
— Nunca te bateste?
— Uma vez, meu amigo, com um tenente de cavalaria ligeira.
— Que foi que ele te fez?
— Parece que me seduziu a mulher.
— Ah! ah! — disse Molière, empalidecendo um pouco.
Mas como, ouvindo a confissão de La Fontaine, os outros se tivessem voltado, Molière conservou nos lábios o sorriso irônico que deles quase se apagara, e continuou a dar trela a La Fontaine.
— E qual foi o resultado do duelo?
— Foi que, no campo da luta, o meu adversário me desarmou, depois me pediu desculpas e prometeu nunca mais pôr os pés em minha casa.
— E tu te deste por satisfeito? — perguntou Molière.
— Não, não, pelo contrário! Apanhei a espada e disse-lhe: "Perdão, senhor, não me bati convosco porque fosseis amante de minha mulher, senão porque me disseram que devia bater-me. Ora, como só comecei a ser feliz depois que passastes a freqüentar minha casa, fazei-me a fineza de continuar a freqüentá-la, como antigamente, ou, com os diabos! recomecemos o duelo". De sorte que ele foi obrigado — continuou La Fontaine — a continuar a ser amante de minha mulher e eu continuo a ser o marido mais feliz da terra.
Todos caíram na gargalhada. Somente Molière passou a mão pelos olhos. Por quê? Para enxugar, talvez, uma lágrima, talvez para abafar um suspiro. Sabe-se que Molière, se bem moralista, não era

filósofo.
— Não importa — disse ele, remontando à origem da discussão. — Pellisson te ofendeu.
— É verdade, eu já me havia esquecido.
— Vou chamá-lo de tua parte.
— Vai, se te parece indispensável.
— Parece-me indispensável, e eu vou.
— Espera — acudiu La Fontaine. — Quero saber a tua opinião.
— Sobre o quê?... Sobre a ofensa?
— Não, diz-me se, efetivamente, *lumière* não rima com *ornière.*
— Eu não teria dúvida em rimá-los.
— Eu sabia!
— Já fiz cem mil versos como esses.
— Cem mil? — exclamou La Fontaine. — Quatro vezes mais que a *Pucela* que medita o Sr. Chapelain! Foi sobre o mesmo tema que fizeste cem mil versos, caro amigo?
— Ouve-me, eterno distraído! — disse Molière.
— É certo — continuou La Fontaine — que *legume,* por exemplo, rima com *posthume.*
— Sobretudo no plural.
— Sim, sobretudo no plural; visto que, nesse caso, passa a rimar não mais por três letras, mas por quatro; é como *ornière* com *lumière.* Põe *ornières* e *lumières* no plural, meu caro Pellisson — continuou La Fontaine batendo no ombro do confrade, cujo agravo esquecera completamente — que dará certo.
— Hein? — exclamou Pellisson.
— Foi Molière quem disse, e Molière entende do riscado; ele mesmo confessa que já fez cem mil versos.
— Pronto — acudiu Molière a rir — ei-lo que desembesta!
— É como *rivage,* que rima admiravelmente com *herbage;* dou a cabeça a cortar se não rimar.
— Mas... — atalhou Molière.
— Digo-te isso — continuou La Fontaine — porque estás fazendo um intermédio para Sceaux, não é?
— Estou, *os Chatos.*
— Ah! *Os Chatos,* é isso mesmo! Sim, agora me lembra. Pois estive pensando que um prólogo seria utilíssimo para o teu intermédio.
— Sem dúvida, seria maravilhoso.
— Pensas como eu?
— Tanto penso, que te pedi que me escrevesses o prólogo.
— Tu me pediste que o escrevesse?
— Pedi; e, diante da tua recusa, pedi que o encomendasses a Pellisson, que o está escrevendo nesse momento.
— Ah! então é isso que está fazendo Pellisson? Palavra, meu caro Molière, é bem possível que tenhas razão de vez em quando.
— Como assim?
— Quando dizes que sou distraído. Maldito defeito! Mas prometo corrigir-me, e vou escrever o teu prólogo.
— Mas Pellisson já o está escrevendo!
— É verdade! Como sou estúpido! Loret não se enganara ao chamar-me de beldroegas.

— Não foi Loret quem chamou, meu amigo.
— Pois fosse quem fosse, pouco importa! O teu intermédio, portanto, chama-se *os Chatos (les Fâcheux)*. Pois bem, não farias rimar *heureux* com *fâcheux*.
— A rigor, sim.
— E até com *capricieux?*
— Oh! não! Isso, não!
— Seria arriscado, não é verdade? Mas, afinal, por que seria arriscado?
— Porque a desinência é muito diferente.
— Eu supunha — disse La Fontaine deixando Molière e aproximando-se de Loret — eu supunha...
— Que supunhas? — perguntou Loret no meio de uma frase. — Vamos, dize depressa.
— És tu que estás escrevendo o prólogo dos *Chatos?*
— Não, com seiscentos diabos! É Pellisson!
— É Pellisson! — exclamou La Fontaine, que se dirigiu a Pellisson. — Eu supunha — continuou — que a ninfa de Vaux...
— Ah! lindo! — exclamou Loret. — A ninfa de Vaux! Obrigado, La Fontaine; acabas de dar-me os dois últimos versos da minha gazeta:

Et l'on vit la nymphe de Vaux Donner le prix à leurs travau.

— Bravo! Isso, sim, está rimado — aprovou Pellisson: — se rimasses assim, La Fontaine, estarias de parabéns!
— Parece que rimo, pois Loret confessa que fui eu quem lhe deu esses dois versos.
— Se rimas assim, vamos a ver: de que modo começadas o meu prólogo?
— Eu diria, por exemplo: *O nymphe... qui...* Depois de *qui,* poria um verbo na segunda pessoa do plural do presente do indicativo, e continuaria assim: *cette grotte profonde.*
— E o verbo, o verbo? — perguntou Pellisson.
— *Pour venir admirer le plus grand roi du monde* — continuou La Fontaine.
— Mas o verbo, o verbo? — insistiu, obstinado, Pellisson. — A tal segunda pessoa do plural do presente do indicativo?
— Muito bem: *quittez*. O nymphe qui quittez cette grotte profonde Pour venir admirer le plus grande roi du monde.
— Porias: *qui quittez?*
— Por que não?
— *Qui... qui.*
— Ah, meu caro — volveu La Fontaine — és horrivelmente pedante!
— Sem contar — sobreveio Molière — que, no segundo verso, *venir admirer* é fraco, meu caro La Fontaine.
— Estás vendo que sou um bigorrilhas, um beldroegas, como dizias.
— Eu nunca disse isso.
— Como dizia Loret, então.
— Também não foi Loret quem disse: foi Pellisson.
— Pellisson tinha cem vezes razão. Mas o que mais me apoquenta, meu caro Molière, é que, segundo parece, não teremos os nossos trajos de epicúrios.
— Contavas com o teu para a festa?
— Para a festa e para depois da festa. A minha ama avisou-me de que o meu está meio estragado.

— Diabo! a tua ama tem razão: ele está mais do que estragado!

— Sabes o que aconteceu? — tornou La Fontaine; — esqueci-o no chão do gabinete, e a minha gata...

— Que é que tem a tua gata?

— A minha gata lembrou-se de ter gatinhos em cima dele, e o coitado ficou meio estragadinho.

Molière caiu na gargalhada. Pellisson e Loret seguiram-lhe o exemplo.

Nesse momento, surgiu o Bispo de Vannes sobraçando um rolo de planos e pergaminhos.

Como se o anjo da morte houvesse gelado as doidas e risonhas imaginações, como se aquele rosto pálido houvesse afugentado as graças a que sacrificava Xenocrates, desceu incontinente o silêncio sobre a sala e cada qual retomou o sangue frio e a pena.

Aramis distribuiu os convites entre os circunstantes e transmitiu-lhes os agradecimentos do Sr. Fouquet. Preso em seu gabinete pelo trabalho, disse ele, o superintendente não podia vir vê-los, mas pedia-lhes que mandassem um pouco do seu trabalho diurno deles para fazê-lo esquecer a fadiga do trabalho noturno dele.

A essas palavras, abaixaram-se todas as cabeças.

O próprio La Fontaine pôs-se à mesa e fez correr sobre o pergaminho uma pena rápida; Pellisson passou o prólogo a limpo; Molière entregou cinqüenta versos que acabara de fazer, inspirados pela visita à casa de Percerin; Loret, o artigo sobre as festas maravilhosas que ele profetava, e Aramis, carregado de despojos como o rei das abelhas, moscardo enfeitado de púrpura e ouro, recolheu ao seu apartamento, silencioso e atarefado. Mas, antes de sair:

— Não vos esqueçais — disse ele — de que partiremos todos amanhã à noite.

— Nesse caso, preciso avisar em casa — disse Molière.

— Ah! sim, pobre Molière! — acudiu Loret a sorrir — *ele ama alguém* em casa.

— *Ele ama,* sim — replicou Molière com o seu sorriso doce e triste; — *ama alguém,* o que não quer dizer que *alguém o ame.*

— Pois eu — acudiu La Fontaine — tenho certeza de que me amam em Château-Thierry.

Nesse instante, ressurgiu Aramis, que saíra pouco antes.

— Alguém quer vir comigo? — perguntou. — Passarei por Paris depois de conversar quinze minutos com o Sr. Fouquet. Ofereço o meu carro.

— Aceito — replicou Molière; — estou com pressa.

— Pois eu jantarei aqui — disse Loret. — O Sr. de Gourville me prometeu caranguejos.

— Il m'a promis des écrevisses... Procura a rima, La Fontaine.

Aramis saiu rindo como sabia rir. Seguiu-o Molière.

Já estavam embaixo da escada quando La Fontaine entreabriu a porta e gritou:

Moyennant que tu l'écrivisses. Il t'a promis des écrevisses.

Redobraram as gargalhadas dos epicúrios, que chegaram aos ouvidos de Fouquet, no momento em que Aramis abriu a porta do gabinete.

Molière encarregara-se de mandar aprestar os cavalos, enquanto Aramis conversava com o superintendente.

— Como estão rindo lá em cima! — disse Fouquet com um suspiro.

— Não rides, monsenhor?

— Não rio mais, Sr. d'Herblay.

— A festa se aproxima.

— E o dinheiro se afasta.

— Já não afirmei que isso é comigo?

— Prometestes milhões.
— Tê-los-eis no dia seguinte à entrada do rei em Vaux.
Fouquet pasmou os olhos em Aramis e passou a mão gelada pela testa úmida.
Aramis compreendeu que o superintendente duvidava dele ou não o julgava capaz de conseguir o dinheiro. Como poderia supor Fouquet que um pobre bispo, ex-padre, ex-mosqueteiro, o conseguisse?
— Por que duvidar? — perguntou Aramis. Fouquet sorriu e sacudiu a cabeça.
— Homem de pouca fé! — ajuntou o bispo.
— Meu caro Sr. d'Herblay — respondeu Fouquet — se eu cair...
— Se cairdes?...
— Cairei pelo menos de tão alto que me espatifarei na queda. Em seguida, sacudindo a cabeça como se quisesse fugir de si mesmo:
— De onde vindes, caro amigo? — perguntou.
— De Paris.
— De Paris? Ah!
— Sim, da casa de Percerin.
— E que fostes fazer em casa de Percerin? Pois não creio que empresteis tamanha importância às roupas dos nossos poetas...
— Fui encomendar uma surpresa.
— Uma surpresa?
— Sim, que fareis a el-rei.
— Cara?
— Cem pistolas, que dareis a Le Brun.
— Um quadro? Ah! tanto melhor! E que representará o quadro?
— Depois o direi; mas aproveitei a viagem e, apesar do que dissestes, examinei os trajos dos nossos poetas.
— E que tal? Serão elegantes, ricos?
— Soberbos! Poucos fidalgos terão *iguais*. Ver-se-á a diferença que existe entre os cortesãos da riqueza e os da amizade.
— Sempre espirituoso e generoso, meu caro prelado!
— Sou apenas um discípulo vosso. Fouquet apertou-lhe a mão.
— E aonde ides? — perguntou.
— A Paris, depois que me tiverdes dado uma carta.
— Para quem?
— Para o Sr. de Lyonne.
— E que lhe quereis?
— Pedir-lhe que assine uma carta régia.
— Uma carta régia! Tencionais embastilhar alguém?
— Pelo contrário, tenciono tirar alguém da Bastilha.
— Ah! Quem é?
— Um pobre diabo, um rapaz, uma criança, que está preso há quase dez anos por ter escrito dois versos latinos contra os jesuítas.
— Dois versos latinos! E, por causa disso, o desgraçado está preso há dez anos?
— Está.
— E não cometeu outro crime?

— À parte os dois versos, é tão inocente quanto vós ou eu.
— Palavra?
— De honra!
— Como se chama?
— *Séldon.*
— Mas isso é o cúmulo! E, sabendo uma coisa dessas, não me contastes?
— Só ontem fui procurado pela mãe dele, monsenhor.
— E é pobre a mulher?
— Está na mais profunda miséria.
— Meu Deus! — disse Fouquet — permitis, às vezes, tamanhas injustiças, que não admira haja infelizes que duvidem de vós! Aqui tendes, Sr. d'Herblay.
E, tomando da pena, escreveu rapidamente algumas linhas ao seu colega Lyonne.
Aramis pegou na carta e fez menção de sair.
— Esperai — disse Fouquet.
Abriu a gaveta e entregou-lhe dez notas que lá se encontravam. Cada nota era de mil libras.
— Pronto — exclamou — libertai o filho, e dai o dinheiro à mãe; mas não lhe digais...
— O que, monsenhor?
— Que ela possui dez mil libras mais do que eu, pois diria que sou um triste superintendente. Ide, e espero que Deus abençoe os que pensam em seus pobres.
— É o que eu também espero — replicou Aramis beijando a mão de Fouquet.
E saiu rapidamente, levando consigo a carta para Lyonne, as notas de banco para a mãe de Séldon e Molière, que principiava a impacientar-se.

Capítulo VII - Mais um jantar na Bastilha

SETE horas da noite acabavam de dar no grande relógio da Bastilha, famoso relógio que, à semelhança de todos os acessórios da prisão do Estado, cujo emprego é uma tortura, lembrava aos prisioneiros o destino de cada minuto de seu suplício. Enfeitado de figuras como quase todos os relógios do tempo, o da Bastilha representava São Pedro encarcerado.

Era a hora da ceia dos detentos. Rangendo sobre gonzos enormes, as portas abriam-se e davam passagem a bandejas e cestas de comida, cujo apuro, segundo informação do próprio Sr. de Baisemeaux, se apropriava à condição de cada prisioneiro.

Já conhecemos nesse sentido as teorias do Sr. de Baisemeaux, soberano partidor das delícias gastronômicas, cozinheiro-chefe da real fortaleza; os seus tabuleiros, repletos, subiam as íngremes escadas, levando alguma consolação aos presos no fundo de garrafas conscienciosamente cheias.

Era essa também a hora da ceia do senhor governador. Como tivesse um conviva nesse dia, o espeto girava mais pesado que de costume.

Perdizes assadas, cercadas de codornizes, e cercando uma lebre lardeada; frangos no molho, presunto frito, regado de vinho branco, cardos de Guipuzcoa e creme de lagostas; eis aí, além das sopas e acepipes, a lista de pratos do senhor governador.

Amesendado, Baisemeaux esfregava as mãos olhando para o Sr. Bispo de Vannes, que, vestido de cinzento, trazia botas e espada à cinta, como um cavaleiro, e não cessava de falar de sua fome, demonstrando vivíssima impaciência.

O Sr. de Baisemeaux de Montlezun não estava habituado às familiaridades de Sua Grandeza Monsenhor de Vannes, que, nessa noite, muito alegre, lhe fazia confidência sobre confidências. O prelado voltara a ser mosqueteiro. O bispo roçava pela facécia. E o Sr. de Baisemeaux, com a facilidade das pessoas vulgares, sem reservas se entregava à desenvoltura do comensal.

— Senhor... — disse ele; — perdão, mas esta noite não me atrevo a chamar-vos monsenhor...

— Não, não — conveio Aramis — chamai-me senhor, que hoje estou de botas.

— Pois bem, senhor, sabeis quem me lembrais esta noite?

— Palavra que não — disse Aramis servindo-se de vinho — mas espero que seja um bom conviva.

— São dois. Sr. Francisco, fechai-me esta janela: o vento poderia incomodar Sua Grandeza.

— E ele pode sair — ajuntou Aramis. — A ceia já está servida comê-la-emos sem lacaio. Gosto muito, quando me acho entre amigos...

Inclinou-se respeitosamente Baisemeaux.

— Gosto muito — continuou Aramis — de me servir sozinho.

— Francisco, sai! — gritou Baisemeaux. — Eu dizia, portanto, que me lembrais duas pessoas: uma bem ilustre, o finado senhor cardeal, o grande cardeal, o da Rochela, que calçava botas como vós. É verdade?

— É verdade, sim — respondeu Aramis. — E o outro?

— O outro é certo mosqueteiro, muito bem apessoado, muito corajoso, muito atrevido, muito feliz, que, de padre, se fez mosqueteiro, e, de mosqueteiro, padre.

Aramis condescendeu em sorrir.

— De padre — prosseguiu Baisemeaux animado pelo sorriso de Sua Grandeza — de padre, bispo, e, de bispo...

— Ah! fiquemos por aqui, por favor! — atalhou Aramis.
— Digo-vos, senhor, que me pareceis um cardeal.
— Basta, meu caro Sr. de Baisemeaux. Trago botas de cavaleiro, é verdade, mas não quero, apesar disso, indispor-me com a Igreja.
— Entretanto, estais com más intenções, monsenhor.
— Não o nego: más como tudo o que é mundano.
— Percorreis a cidade e as alcovas mascarado?
— Exatamente: mascarado.
— E continuais a bater-vos em duelo?
— Creio que sim, mas só quando me vejo obrigado. Fazei-me o favor de chamar o Francisco.
— Tendes vinho aí.
— Não é por causa do vinho, é porque está fazendo calor e fecharam a janela.
— Fecho as janelas ao cear para não ouvir as rondas nem a chegada dos correios.
— Ah! sim... Ouvem-se quando está aberta?
— Bem demais até, e isso incomoda.
— Mas a gente aqui sufoca. Francisco! Francisco entrou.
— Abri a janela, por favor, mestre Francisco — pediu Aramis.
— Permitis, caro Sr. de Baisemeaux?
— Estais em vossa casa, monsenhor — respondeu o governador.
Abriu-se a janela.
— Haveis de sentir-vos muito só — observou o Sr. de Baisemeaux — depois que o Sr. de La Fère tornou aos seus penates de Blois. É um amigo de muitos anos não é?
— Sabei-lo tão bem quanto eu, Baisemeaux, visto que servistes conosco nos mosqueteiros.
— Oral com os amigos não conto garrafas nem anos.
— E tendes razão. Mas eu não gosto apenas do Sr. de La Fère, meu caro Sr. Baisemeaux. Venero-o.
— Pois eu, por estranho que o pareça — afirmou o governador — prefiro a ele o Sr. d'Artagnan. Eis aí um homem que sabe beber. Essa gente, pelo menos, mostra o que está pensando.
— Baisemeaux, embebedai-me esta noite, façamos uma orgia como outrora; e, se me sobrar alguma pena no coração, prometo que a vereis como veríeis um brilhante no fundo do copo.
— Bravo! — exclamou Baisemeaux.
E encheu um copázio de vinho, que emborcou fremente de alegria por compartir de um pecado mortal com um arcebispo.
Enquanto bebia, não se advertiu da atenção com que Aramis observava os ruídos no pátio principal.
Entrou um correio cerca das oito horas, depois da quinta garrafa trazida por Francisco, e, embora fizesse grande estrépito, Baisemeaux não ouviu coisa alguma.
— O diabo o carregue! — bradou Aramis.
— Que foi? que foi? — perguntou Baisemeaux. — Espero que não seja o vinho que bebeis nem o homem que vos faz beber.
— Não; é um cavalo que provoca, no pátio, mais estardalhaço que um esquadrão inteiro.
— Algum correio, com certeza — redarguiu o governador, continuando a beber cada vez mais.
— O diabo o carregue! E tão depressa não tornemos a ouvi-lo. Hurrah! Hurrah!
— Esqueceis-me, Baisemeaux! O meu copo está vazio — acudiu Aramis mostrando um cristal deslumbrante.

— Palavra que me encantais... Francisco, vinho!
Entrou Francisco.
— Vinho, patife, e do melhor!
— Sim, senhor; mas... chegou um correio.
— Vá para o diabo, eu já disse.
— Entretanto, senhor...
— Deixe a correspondência na portaria; veremos amanhã. Amanhã, haverá tempo; amanhã, haverá luz — tornou Baisemeaux cantarolando as duas últimas frases.
— Senhor — resmoneou o soldado Francisco, muito a pesar seu — senhor...
— Cuidado — sobreveio Aramis — cuidado!
— Com o que, Sr. d'Herblay? — perguntou Baisemeaux, meio borracho.
— A carta enviada por correio aos governadores de fortalezas é, às vezes, uma ordem.
— Quase sempre.
— As ordens não provêm dos ministros?
— Sim, não há dúvida; mas...
— E os ministros não se limitam a referendar o que assina el-rei?
— Tendes razão. Entretanto, é muito cacete, quando estamos a uma boa mesa, conversando com um amigo!... Ah! perdão, esquece-me que sou eu quem vos oferece a ceia e que estou falando com um futuro cardeal.
— Deixemos tudo isso, caro Baisemeaux, e voltemos a Francisco.
— Muito bem, que foi o que ele fez?
— Resmungou.
— Fez mal.
— Todavia, procurai compreender: se ele resmungou, é que está acontecendo algo de extraordinário. Pode dar-se perfeitamente que não seja Francisco quem procedeu mal resmungando, mas sim vós, deixando de ouvi-lo.
— Mal? Eu? Eu procedi mal diante de Francisco? Isso me parece duro, - Uma simples irregularidade. Perdão! mas julguei dever observar-vos uma coisa que me parece importante.
— Tendes razão, talvez — tartamudeou Baisemeaux. — Uma ordem do rei é sagrada! Mas as ordens que chegam quando a gente está ceando, repito-o, leve-as o diabo...
— Se houvésseis feito isso ao grande cardeal, meu caro Baisemeaux, e a ordem tivesse alguma importância...
— Estou-o fazendo para não incomodar um bispo. Não é desculpa suficiente?
— Não vos esqueçais, Baisemeaux, de que já vesti farda, e tenho o hábito de ver ordens em toda a parte.
— Quereis então?...
— Que cumprais o vosso dever, meu amigo. Por favor, ao menos diante deste soldado.
— É matemático — disse Baisemeaux. Francisco continuava esperando.
— Mostrem-me essa ordem do rei — disse Baisemeaux, empertigando-se. E ajuntou, baixinho: — Sabeis o que é? Vou dizer-vos; será qualquer coisa interessante como isto: "Cuidado com fogo nas proximidades do paiol"; ou então:
"Vigiai Fulano, que é um emérito fujão". Ah! se soubésseis, monsenhor, quantas vezes me acordaram de sobressalto durante o sono mais suave e mais profundo, ordenanças que chegavam a galope para dizer-me, ou melhor, para trazer-me um bilhete que apenas continham estas palavras:

"Sr. de Baisemeaux, que há de novo?"

— Bem se vê que os que perdem tempo escrevendo tais ordens nunca dormiram na Bastilha. Conheceriam melhor a espessura de minhas paredes, a vigilância de meus oficiais, a multiplicidade de minhas rondas.

— Enfim, que quereis monsenhor? o ofício deles é escrever para atormentar-me quando estou sossegado; para perturbar-me quando estou feliz — acrescentou, inclinando-se diante de Aramis. — Deixemo-los, pois, fazerem o seu ofício.

— E fazei o vosso — acudiu sorrindo o bispo, com olhar imperioso, embora afável.

Francisco tornou a entrar. Baisemeaux pegou na ordem enviada pelo ministério. Abriu lentamente o invólucro e leu com a mesma lentidão o conteúdo.

Aramis fingiu beber para observar o hospedeiro através do cristal. Logo, após a leitura:

— Eu não vos dizia? — exclamou o governador.

— O quê? — perguntou o bispo.

— Um mandado de soltura. Francamente! Bela notícia para uma hora destas!

— Convireis, pelo menos, meu caro governador, em que a notícia é bela para o interessado.

— Às oito da noite!

— É uma caridade.

— Uma caridade, sim; mas para aquele patife, que se aborrece, e não para mim, que me divirto! — contraponteou Baisemeaux exasperado.

— E é grande a vossa perda? O prisioneiro que vos levam era importante?

— Pois sim! Um vagabundo, um rato de cinco francos!

— Deixai-me ver — pediu o Sr. d'Herblay — se não for indiscrição.

— Não é; lede.

— Aqui está escrito *urgente.* Já vistes?

— É admirável! *Urgente!...* um homem que está preso há dez anos! Têm urgência de botá-lo para fora, hoje, esta noite, às oito horas!

E, encolhendo os ombros com ar de supremo desdém, Baisemeaux atirou a ordem sobre a mesa e recomeçou a comer.

— Eles têm dessas coisas — continuou, com a boca cheia; — um belo dia prendem um homem, alimentam-no durante dez anos e mandam dizer: *Vigiai bem o patife!* ou então: *Guardai-o rigorosamente!* Depois, quando a gente se acostuma a considerar o detento como um homem perigoso, de repente, sem motivo, sem aviso prévio, à toa, ordenam: *Soltai-o.* E acrescentam à ordem: *Urgente!* Confessareis, monsenhor, que essa é de cabo de esquadrai — Que quereis? A gente grita — retorquiu Aramis — mas cumpre a ordem.

— Bom! bom!... cumpre-se!... Paciência!... não imaginareis, porém, que sou um escravo.

— Meu Deus, caríssimo Sr. de Baisemeaux, quem vos disse isso? Todos vos conhecem a independência.

— Graças a Deus!

— Mas conhecem-vos também o bom coração.

— Isso é outra coisa.

— E o espírito de obediência aos vossos superiores. Quem já foi soldado, como vós, Baisemeaux, continua a sê-lo para o resto da vida.

— Por isso mesmo, obedecerei estritamente, e amanhã cedo, ao romper do dia, o preso será posto em liberdade.

— Amanhã?
— Ao despontar do dia.
— Por que não esta noite, se a carta, por dentro e por fora, traz a recomendação: *Urgente?*
— Porque esta noite estamos jantando e também estamos com pressa.
— Meu caro Baisemeaux, apesar das minhas botas, sinto-me padre, e a caridade é para mim um dever mais imperioso do que a fome e a sede. Esse desgraçado já sofreu muito tempo, pois dissestes que é vosso pensionista há dez anos. Abreviai-lhe o sofrimento. Um bom minuto o espera, dai-lho depressa. Deus vo-lo trocará no paraíso em anos de felicidade.
— Querei-lo?
— É um favor que me fazeis, — Assim, no meio da refeição?
— Por misericórdia! Essa boa ação valerá dez *Benedicites.*
— Seja feita a vossa vontade. Mas a comida esfriará.
— Não faz mal!
Baisemeaux inclinou-se para trás a fim de chamar Francisco e, naturalmente, voltou-se na direção da porta.
Ficara a ordem sobre a mesa. Aramis aproveitou o momento em que Baisemeaux não estava olhando para trocar o papel por outro, dobrado da mesma maneira, que ele tirou do bolso.
— Francisco — ordenou o governador — chamai o senhor major e os carcereiros da Bertaudière.
Francisco saiu, inclinando-se, e os dois convivas se viram novamente sós.

Capítulo VIII - O geral da ordem

SEGUIU-SE, entre ambos, um instante de silêncio, durante o qual Aramis não desfitou os olhos do governador. Este parecia decidido a não se incomodar em plena ceia e procurava, manifestamente, um pretexto qualquer, bom ou mau, para esperar ao menos a sobremesa. De repente, encontrou-o.

— Eh! mas é impossível! — exclamou.
— Impossível? — repetiu Aramis. — Vamos a ver, caro amigo, o que é impossível.
— É impossível pôr em liberdade o prisioneiro a uma hora destas. Aonde irá ele, se não conhece Paris?
— Aonde puder.
— Bem vedes que o mesmo seria soltar um cego.
— Tenho um carro e poderei conduzi-lo a qualquer lugar.
— Tendes resposta para tudo... Francisco, dizei ao senhor major que abra a cela do Sr. Séldon, n.° 3, Bertaudière.
— Séldon? — atalhou Aramis muito simplesmente.
— Dissestes Séldon?
— Disse. É o nome do preso que será solto.
— Quereis dizer Marchiali — tornou Aramis.
— Marchiali? Pois sim! Nada disso, é Séldon mesmo.
— Creio que estais enganado, Sr. de Baisemeaux.
— Eu li a ordem.
— Eu também.
— E vi o nome de Séldon em letras deste tamanho. E o Sr. de Baisemeaux mostrava o dedo.
— Pois eu li o nome de Marchiali em letras deste tamanho. E Aramis mostrava dois dedos.
— Muito bem, esclareçamos o caso — volveu Baisemeaux, seguro de si. — O papel está aí; basta lê-lo.
— Estou lendo "Marchiali" — insistiu Aramis desdobrando o papel. — Vede!
Baisemeaux olhou e deixou penderem os braços.
— Sim, sim — disse, aterrado — é Marchiali! Está escrito Marchiali! É a pura verdade!
— Ah!
— O homem de que falamos tanto! O homem que todos os dias tanto me recomendam!
— Está escrito Marchiali — repetiu o inflexível Aramis.
— Confesso, monsenhor, que não entendo mais nada.
— Mas devemos acreditar em nossos próprios olhos.
— Francamente! Dizer-se que está escrito Marchiali!
— E até com muito boa letra.
— É fenomenal. Juro que vi nesta ordem o nome de Séldon, irlandês. Ainda o estou vendo. Ah! e até me lembro de que, debaixo do nome, havia um borrão de tinta.
— Não, senhor: não há tinta nem borrão.
— Havia, sim, senhor. E tanto havia que esfreguei o pó que estava sobre o borrão.
— Enfim, seja como for, meu caro Sr. de Baisemeaux — disse Aramis — e apesar do que imaginais ter visto, a ordem vos ordena que liberteis Marchiali, com ou sem borrão.

— A ordem me ordena que liberte Marchiali — repetiu maquinalmente Baisemeaux, tentando reaver a posse de suas faculdades mentais.

— E libertareis o prisioneiro. Se o coração vos manda libertar Séldon também, declaro que não farei a menor objeção.

Aramis acentuou a frase com um sorriso cuja ironia acabou de desemborrachar o governador e lhe deu coragem.

— Monsenhor — disse ele — esse Marchiali é o mesmo prisioneiro que, no outro dia, um padre, confessor de *nossa ordem,* veio visitar tão imperiosa e secretamente.

— Isso eu não sei — replicou o bispo.

— Não faz tanto tempo assim, meu caro Sr. d'Herblay.

— De fato; mas entre nós, senhor, bem é que o homem de hoje não saiba o que fez o homem de ontem.

— Em todo o caso, a visita do confessor jesuíta terá trazido sorte ao preso.

Aramis não replicou e recomeçou a comer e a beber.

Baisemeaux, que já não tocava em nada, pegou de novo na ordem e examinou-a em todos os sentidos.

Em circunstâncias comuns, essa inquisição teria purpurejado as orelhas do impaciente Aramis; mas o Bispo de Vannes não se enraivava por tão pouco, sobretudo persuadido de que seria perigoso enraivar-se.

— Soltareis Marchiali? — perguntou. — Oh! como é doce e perfumado este xerez, meu caro governador.

— Monsenhor — respondeu Baisemeaux — libertarei o prisioneiro Marchiali depois de haver chamado o correio que trouxe a ordem, e depois de me haver cientificado...

— As ordens são seladas e o correio não lhes conhece o conteúdo. De que vos cientificareis, por favor?

— Seja, monsenhor; mandarei, então, alguém ao ministério e lá o Sr. de Lyonne retificará ou ratificará a ordem.

— Para quê? — perguntou Aramis friamente.

— Para quê?

— Sim, de que serve tudo isso?

— Serve de que a gente não se engane, monsenhor, de que nunca falte ao respeito que todo subalterno deve aos superiores, de que nunca infrinja os deveres do serviço que protestou prestar.

— Muito bem, falastes com uma eloqüência que me impressionou. É verdade, um subalterno deve respeito aos superiores; é culpado quando se engana, e punido será se infringir os deveres ou as leis do serviço.

Baisemeaux olhou espantado para o bispo.

— Daí resulta — prosseguiu Aramis — que fareis a consulta por descargo de consciência?

— Sim, monsenhor.

— E, se um superior vo-lo ordenar, obedecereis?

— Sem dúvida, monsenhor.

— Conheceis bem a assinatura do rei, Sr. de Baisemeaux?

— Conheço, monsenhor.

— E ela não está nesta ordem de soltura?

— Está; mas pode ter sido...

— Falsificada, não é verdade?

— Não seria a primeira vez, monsenhor.

— Tendes razão. E a do Sr. de Lyonne?

— Vejo-a também; mas, assim como se pode contrafazer a chancela do rei, não se poderá, com muito maior facilidade, contrafazer a do Sr. de Lyonne?

— Caminhais pela lógica a passos de gigante, Sr. de Baisemeaux — disse Aramis — e a vossa argumentação é invencível. Mas em que fundais a crença de que as assinaturas tenham sido forjadas?

— Na ausência dos signatários. Ninguém reconhece a assinatura de Sua Majestade, e o Sr. de Lyonne não está aqui para dizer-me que assinou.

— Pois bem, Sr. de Baisemeaux — disse Aramis cravando no governador o olhar de águia — adoto tão francamente as vossas dúvidas e a vossa maneira de esclarecê-las, que pegarei numa pena se ma derdes.

Baisemeaux deu-lhe a pena.

— Uma folha de papel. Baisemeaux deu-lhe papel.

— E, agora, eu, que estou presente, que sou incontestável, não é verdade? escreverei uma ordem, à qual tenho certeza de que dareis crédito, por incrédulo que sejais.

Empalideceu Baisemeaux diante daquela confiança glacial. Afigurou-se-lhe que a voz de Aramis, havia pouco tão sorridente e tão alegre, se tornara fúnebre e sinistra, que a cera das velas se trocava em círios de capela ardente, e que os copos de vinho se mudavam em cálices de sangue.

Aramis tomou da pena e escreveu. Aterrado, Baisemeaux lia-lhe por trás do ombro:

"A.M.D.G."

escreveu o bispo, e desenhou uma cruz debaixo dessas quatro letras, que significam *ad majorem Dei gloriam.* Depois continuou:

"É de vossa vontade que a ordem trazida ao Sr. de Baisemeaux de Montlezun, governador, em nome do rei, do castelo da Bastilha, seja por ele reputada válida e boa, e posta incontinenti em execução.

"Assinado: D'HERBLAY "geral da ordem pela graça de Deus".

Baisemeaux ficou tão profundamente impressionado, que os seus traços permaneceram contraídos, os lábios entreabertos, os olhos fixos.

Não fez um movimento, não emitiu um som.

Só se ouvia na sala, muito grande, o zumbido de uma moscazinha voejando à roda dos candelabros.

Dedignando-se de olhar sequer para o homem que ele reduzia a tão lastimável estado, Aramis tirou do bolso um estojinho que continha cera preta; fechou a carta, imprimiu nela um selo que trazia pendente do pescoço, atrás do gibão, e apresentou, sempre em silêncio, a missiva a Baisemeaux.

Este, cujas mãos tremiam de fazer dó, parou o olhar baço e louco no selo. Um derradeiro lampejo

de emoção manifestou-se-lhe nos traços, e ele caiu como fulminado numa cadeira.

— Vamos, vamos — disse Aramis após longo silêncio, durante o qual o governador da Bastilha a pouco e pouco tornara em si — não me façais acreditar, meu caro Baisemeaux, que a presença do geral da ordem é terrível como a de Deus, que mata quem o vê. Coragem! Levantai-vos, dai-me a vossa mão e obedecei.

Tranqüilizado, se não satisfeito, Baisemeaux obedeceu, beijou a mão de Aramis e levantou-se.

— Já? — murmurou.

— Oh! nada de exagerações, meu caro; retomai o vosso lugar e honremos esta bela sobremesa.

— Monsenhor, nunca mais me recuperarei deste golpe; eu, que ri, que brinquei convosco! Eu, que me atrevi a tratar-vos como a um igual!

— Cala-te, velho camarada — replicou o bispo, percebendo quão tensa estava a corda e quão perigoso seria rompê-la — cala-te. Vivamos cada qual a nossa vida: a ti, minha proteção e minha amizade; a mim, tua obediência. Rigorosamente pagos esses dois tributos, continuemos alegres.

Baisemeaux refletiu: não tardou em perceber as conseqüências daquela extorsão de um prisioneiro com o auxílio de uma ordem falsa, e, pondo em paralelo com elas a garantia que lhe assegurava a ordem do geral, não lhe sentiu peso.

Adivinhou-o Aramis.

— Meu caro Baisemeaux — disse ele — sois um néscio. Perdei o hábito de refletir quando me dou ao trabalho de pensar por vós.

E, a um novo gesto dele, Baisemeaux tornou a inclinar-se.

—Como farei? — perguntou.

— Como fazeis para libertar um prisioneiro?

— Tenho o regulamento.

— Pois, então, segui o regulamento, meu caro.

— Quando se trata de um personagem importante vou com o meu major ao quarto do prisioneiro e trago-o pessoalmente.

— Esse Marchiali é um personagem importante? — perguntou, negligente, Aramis.

— Não sei — retrucou o governador. Como se quisesse dizer: "Vós é que podeis dizer-mo".

— Se o não sabeis, é que tenho razão; fazei, pois, com o tal Marchiali o que fazeis com os pequenos.

— Muito bem. Está no regulamento.

— Ah!

— O regulamento estabelece que o carcereiro ou um dos oficiais subalternos trará o prisioneiro ao governador, na sala da diretoria.

— Muito bem pensado; e depois?

— Depois, devolvem-se ao prisioneiro os objetos de valor que trazia consigo ao ser encarcerado, as roupas, os papéis, a menos que a ordem do ministro determine outra coisa.

— E que diz a ordem do ministro a propósito desse Marchiali?

— Nada; pois o desgraçado chegou aqui sem jóias, sem papéis e quase sem roupas.

— Vede como é simples! Em verdade, Baisemeaux, fazeis de tudo um cavalo de batalha.

Ficai aqui, e ordenai que tragam o prisioneiro à sala da diretoria.

Baisemeaux obedeceu. Chamou o imediato e deu-lhe uma ordem, que este transmitiu, sem se comover, a quem de direito.

Meia hora depois, ouviu-se ranger urna porta no pátio: era a porta do forte que acabava de devolver a sua presa ao ar livre.

Aramis apagou todas as velas que alumiavam a sala. Deixou acesa apenas uma, atrás da porta. A luz bruxuleante não permitia à vista que se fixasse nos objetos, decuplicando-lhes os aspectos e os matizes pela incerteza e pela mobilidade.

Aproximaram-se os passos.

— Ide receber os vossos homens — disse Aramis a Baisemeaux. O governador obedeceu.

O sargento e o carcereiro desapareceram.

Entrou Baisemeaux, seguido de um prisioneiro.

Aramis colocara-se na sombra; via sem ser visto.

Com voz comovida, Baisemeaux deu a conhecer ao rapaz a ordem que o libertava.

O prisioneiro ouviu sem fazer um gesto e sem pronunciar uma palavra.

— Jurareis — ajuntou o governador — pois o regulamento o exige, que nunca revelareis o que vistes ou ouvistes na Bastilha?

O prisioneiro avistou um Cristo; estendeu a mão e jurou.

— Agora, senhor, estais livre; aonde pretendeis ir?

O prisioneiro virou a cabeça, como se buscasse atrás de si uma proteção, que esperava.

Nesse momento, Aramis destacou-se da sombra.

— Eis-me aqui — disse ele — para prestar a este senhor o serviço que ele se dignar pedir-me.

Corou levemente o prisioneiro, e, sem hesitar, pegou no braço que Aramis lhe oferecia.

— Deus vos tenha em sua santa guarda! — disse com voz firme, que fez estremecer o governador, tanto quanto o espantara a fórmula empregada.

Apertando as mãos de Baisemeaux, perguntou-lhe Aramis:

— A minha ordem vos incomoda? Receais que a encontrem em vosso poder se aqui vierem dar uma busca?

— Desejo guardá-la, monsenhor — replicou Baisemeaux. — Se a encontrassem em meu poder, eu estaria irremediavelmente perdido, e, nesse caso, seríeis para mim um poderoso e último auxiliar.

— Como vosso cúmplice, quereis dizer? — respondeu Aramis encolhendo os ombros. — Adeus, Baisemeaux!

Os cavalos estavam esperando e sacudiam o carro, impacientes. Baisemeaux conduziu o bispo até o último degrau da escada. Aramis fez subir o companheiro e subiu atrás dele, dando ao cocheiro apenas esta ordem:

— Vamos!

Rodou ruidosamente o carro sobre o pavimento dos pátios. Carregando um facho, um oficial seguia à frente dos cavalos, e dava a cada corpo da guarda a ordem para deixar passar.

Durante o tempo empregado em abrir todas as barreiras, Aramis não respirou, e ter-se-ia podido ouvir-lhe o coração batendo contra as paredes do peito.

Mergulhado num ângulo do carro, o prisioneiro também não dava sinal de si.

Afinal, um sobressalto, mais forte do que os outros, anunciou que o último fosso fora transposto. Fechou-se atrás do carro a derradeira porta, a da Rua Saint-Antoine. Já não se viam muros à direita nem à esquerda; em toda a parte o céu, a liberdade, a vida. Sofreados por mão vigorosa, os cavalos chegaram devagar ao meio do arrabalde. Aí, puseram-se a trotar.

A pouco e pouco, ou porque se animassem, ou porque fossem instigados, apressaram a marcha, e, em Bercy, o carro já parecia voar, tamanho era o ardor dos animais. Correram assim até Villeneuve-Saint-Georges, onde estavam preparadas as mudas. A essa altura, quatro cavalos, em vez de dois, arrastaram a sege na direção de Melun e pararam um momento no meio da floresta de Sénart. A ordem, sem dúvida, fora dada com antecedência ao cocheiro, pois Aramis não lhe fez sequer um

sinal.

— Que aconteceu? — perguntou o prisioneiro como se despertasse de longo sonho.

— Aconteceu, monsenhor — respondeu Aramis — que, antes de continuar, precisamos conversar, Vossa Alteza Real e eu.

— Esperarei a ocasião, senhor — respondeu o jovem príncipe.

— Não poderia haver ocasião melhor do que esta, monsenhor: estamos aqui no meio de um bosque, onde ninguém pode ouvir-nos.

— E o cocheiro?

— O cocheiro desta muda é surdo e mudo, monsenhor.

— Estou às vossas ordens, Sr. d'Herblay.

— Vossa Alteza quer ficar no carro?

— Quero; estamos bem instalados e eu gosto deste carro; foi ele que me devolveu a liberdade.

— Espere, monsenhor... Ainda nos cumpre tomar uma precaução.

— Qual?

— Estamos aqui na estrada; podem passar cavaleiros ou carros que viajam como nós, e, vendo-nos parados, nos julguem em dificuldades. Evitemos oferecimentos de serviços, que nos incomodariam.

— Ordenai ao cocheiro que esconda o carro numa alameda lateral.

— Era precisamente o que eu pretendia fazer, monsenhor. fez Aramis sinal ao mudo, tocando-lhe no braço. Este saltou da boléia, pegou os dois primeiros cavalos pelas rédeas e guiou-os por entre moitas aveludadas, sobre a relva musgosa de tortuoso atalho, em cujo extremo na noite sem luar, as nuvens formavam uma cortina mais negra que manchas de tinta.

Feito isso, estendeu-se o homem no chão, ao pé dos cavalos, que pasciam.

— Sou todo ouvidos — disse o jovem príncipe a Aramis; — mas que estais fazendo?

— Estou descarregando as pistolas de que já não precisamos, monsenhor.

Capítulo IX - O tentador

— MEU PRINCÍPE — continuou Aramis voltando-se, no carro, para o companheiro — por ínfima criatura que eu seja, medíocre de espírito e sem valor na ordem dos seres pensantes, nunca me sucedeu discorrer com um homem cujo pensamento eu não penetrasse através da máscara viva atirada sobre a nossa inteligência, a fim de resguardar-lhe as manifestações. Esta noite, porém, na sombra em que estamos, na reserva em que o vejo, nada poderei ler nos traços de Vossa Alteza, e qualquer coisa me diz que dificilmente lhe arrancarei uma palavra sincera. Suplico-lhe, portanto, não por amor de mim, pois os súditos não devem pesar na balança que sustém os príncipes, senão por amor de Vossa Alteza Real, que retenha cada uma de minhas sílabas, cada uma de minhas inflexões, as quais, nas graves circunstâncias em que nos encontramos, terão cada qual o seu sentido e o seu valor, tão importantes quanto as mais importantes que já se pronunciaram neste mundo.

— Estou ouvindo — repetiu o jovem príncipe com decisão — sem nada ambicionar, sem nada recear do que me direis.

Negra, ampla e opaca, descia a sombra do cimo das árvores entrelaçadas. O carro, fechado, não teria recebido a menor parcela de luz ainda que um átomo luminoso se houvesse esgueirado entre as colunas de névoa estendidas pelo bosque.

— Monsenhor — prosseguiu Aramis — Vossa Alteza Real conhece a história do governo que hoje dirige a França. O rei saiu de uma infância cativa, obscura e estreita como foi a de Vossa Alteza, com uma diferença apenas: em vez de sofrer, como Vossa Alteza, a escravidão do cárcere, a obscuridade da solidão e a estreiteza da vida oculta, padeceu todas as misérias, todas as humilhações, todos os estorvos em pleno dia, ao sol implacável da realeza; sítio inundado de luz, em que toda mancha parece imundície, em que toda glória parece mancha. O rei sofreu, tem ódio, há de vingar-se. Será um mau rei. Não digo que derrame sangue, como Luís XI ou Carlos IX, pois não tem injúrias mortais que vingar; mas devorará o dinheiro e a subsistência dos súditos, porque sofreu agravos de interesse e de dinheiro.

Primeiro que tudo, portanto, ressalvo a consciência quando me ponho a considerar os méritos e defeitos desse príncipe, e, se o condeno, a minha consciência me absolve.

Aramis fez uma pausa. Não para verificar se o silêncio do bosque era sempre o mesmo, senão para retomar o fio do pensamento e dar-lhe tempo suficiente para incrustar-se no espírito do interlocutor.

— Deus faz bem tudo o que faz — continuou o Bispo de Vannes; — e disso estou tão persuadido, que de há muito me aplaudo por ter sido escolhido por ele como depositário do segredo que ajudei Vossa Alteza a descobrir. Faltava ao Deus justo e previdente um instrumento agudo, perseverante, convicto, para realizar uma grande obra. Esse instrumento, sou eu. Possuo a acuidade, a perseverança, a convicção; governo um povo misterioso que tem por divisa a divisa de Deus: *Patiens quia aeternus!*

O príncipe fez um movimento.

— Adivinho, monsenhor — continuou Aramis — que Vossa Alteza ergue a cabeça e que esse povo governado por mim o espanta. Não sabia Vossa Alteza que tratava com um rei. Oh! monsenhor, rei de um povo bem humilde, rei de um povo desertado: humilde, porque só tem forças rojando; deserdado, porque nunca, ou quase nunca, neste mundo, colhe as safras que semeia e come o fruto que cultiva. Trabalha por uma abstração, congrega todas as moléculas de poder para formar um homem, e, para

ele, com o produto de suas gotas de suor, compõe uma nuvem com que o gênio desse homem fará, por seu turno, uma auréola, dourada aos raios de todas as coroas da cristandade. Eis o homem que Vossa Alteza tem a seu lado. Arrancou-o do abismo para um grande desígnio, e quer, nesse desígnio magnífico, elevá-lo acima dos poderes da terra, acima de si mesmo.

Tocou o príncipe levemente no braço de Aramis.

— Falais-me — disse ele — da ordem religiosa de que sois chefe. De vossas palavras resulta, para mim, que, no dia em que quiserdes precipitar aquele que tiverdes elevado, podereis fazê-lo e tereis nas mãos a criatura da véspera.

— Desengane-se, monsenhor — replicou o bispo; — eu não me daria ao trabalho de travar esse jogo terrível com Vossa Alteza Real, se não me incitasse um duplo interesse a ganhar a parada. No dia em que Vossa Alteza fôr elevado, sê-lo-á para sempre; e bastar-lhe-á, ao subir, derrubar o degrau: este irá parar tão longe, que a vista dele nunca lhe recordará sequer o seu direito ao reconhecimento de Vossa Alteza.

— Oh! senhor!

— O seu movimento, meu príncipe, vem de um excelente natural. Obrigado! Acredite que eu aspiro a mais do que ao reconhecimento; tenho certeza de que, chegado ao fastígio, Vossa Alteza me julgará mais digno ainda de ser seu amigo, e nós dois, monsenhor, faremos tão grandes coisas, que por muito tempo delas se falará pelos séculos afora.

— Dizei-me, senhor, dizei-me sem rebuços, o que sou hoje e o que pretendeis que eu seja amanhã.

— Vossa Alteza é filho do Rei Luís XIII, irmão do Rei Luís XIV, herdeiro natural e legítimo do trono de França. Guardando-o ao pé de si, como guardou Monsieur, irmão mais moço de Vossa Alteza, reservar-se-ia el-rei o direito de ser soberano legítimo. Só os médicos e Deus lhe poderiam contestar a legitimidade. Os médicos preferem sempre o rei que é ao rei que não é. Deus procederia mal se prejudicasse um príncipe honrado. Mas quis Deus que perseguissem Vossa Alteza, e essa perseguição sagra-o hoje rei de França. Vossa Alteza tem, portanto, o direito de reinar, visto que lho impregnam; tem também o direito de ser reconhecido, visto que o seqüestram; e tem sangue divino, visto que não ousaram derramá-lo como o dos seus servidores. Agora, veja o que fez por Vossa Alteza o mesmo Deus que Vossa Alteza tantas vezes acusou de ter feito tudo contra si. Deu-lhe os traços, o porte, a idade e a voz de seu irmão, e todas as causas de sua perseguição vão transformar-se nas causas de sua ressurreição triunfal. Amanhã, depois de amanhã, ao primeiro momento, fantasma real, sombra viva de Luís XIV, Vossa Alteza se assentará no trono dele, de onde a vontade de Deus, confiada à execução de um braço de homem, o terá irremediavelmente precipitado.

— Compreendo — disse o príncipe: — não será derramado o sangue de meu irmão.

— Vossa Alteza decidirá do destino dele.

— O segredo de que se utilizaram contra mim...

— Vossa Alteza empregará contra ele. Que fez Luís XIV para escondê-lo? Escondeu Vossa Alteza. Viva imagem de Luís, Vossa Alteza trairia a maquinação de Mazarino e de Ana d'Áustria. E, assim, meu príncipe, terá Vossa Alteza idêntico interesse em esconder aquele que, preso, será parecido consigo, como Vossa Alteza, rei, se parecerá com ele.

— Volto ao que eu vos dizia. Quem o guardará?

— Quem guardava Vossa Alteza.

— Conheceis o segredo, que empregastes em meu benefício. Quem mais o conhece?

— A rainha-mãe e a Sra. de Chevreuse.

— Que farão elas?

— Nada, se o não quiser Vossa Alteza.

— Como assim?
— Como quer Vossa Alteza que elas o reconheçam, se Vossa Alteza proceder de forma que ninguém o reconheça?
— É verdade. Há dificuldades mais graves.
— Diga, monsenhor.
— Meu irmão está casado. Não posso tomar a mulher de meu irmão.
— Farei que a Espanha consinta num repúdio; é o interesse da política nova de Vossa Alteza, é a moral humana. Tudo o que há de verdadeiramente nobre e útil neste mundo terá de adaptar-se a ela.
— Seqüestrado, el-rei falará.
— Com quem? Com as paredes?
— Chamais paredes aos homens em quem depositais confiança?
— Se fôr preciso, monsenhor. Aliás...
— Aliás?...
— Eu queria dizer que os desígnios de Deus não se detêm em tão formoso caminho. Os planos dessa envergadura são completados pelos resultados, como cálculos geométricos. Seqüestrado, o rei não será para Vossa Alteza o estorvo que foi Vossa Alteza para o soberano reinante. Deus lhe deu uma alma orgulhosa e impaciente, amolecida e desarmada pelo hábito das honras e do poder supremo. Prevendo que o fim do cálculo geométrico de que tive a honra de falar-lhe seria a ascensão de Vossa Alteza ao trono e a destruição do que lhe é contrário, decidiu o Senhor que os padecimentos do vencido terminarão com os de Vossa Alteza, e preparou-lhe a alma e o corpo para uma curta agonia. Encarcerado, seqüestrado, privado de tudo, Vossa Alteza resistiu. Mas seu irmão, cativo, esquecido, limitado, sucumbirá à injúria, e Deus não tardará em receber-lhe a alma.
A essa altura da sombria análise de Aramis, um pássaro noturno desferiu do fundo dos bosques o grito plangente e prolongado, que faz estremecer os seres vivos.
— Exilarei o rei deposto — declarou Filipe fremindo; — será mais humano.
— A vontade do rei decidirá a questão — respondeu Aramis. — E, agora, uma pergunta: expus devidamente o problema? Deduzi-lhe a solução segundo os desejos ou as previsões de Vossa Alteza Real?
— Sim, senhor; nada esquecestes, salvo duas coisas.
— A primeira?
— Falemos nela com a mesma franqueza que até agora empregamos em nossa conversação; examinemos os motivos que podem acarretar a dissolução das nossas esperanças; esmiuçemos os perigos que nos cercam.
— Seriam imensos, infinitos, apavorantes, insuperáveis, se, como eu disse a Vossa Alteza, não concorresse tudo para anulá-los. Não haverá perigos para nós, se a constância e a intrepidez de Vossa Alteza Real igualarem a perfeição da semelhança que lhe concedeu a natureza com el-rei. Não há perigos, repito-o, há tão-somente obstáculos. E essa palavra, que encontro em todas as línguas, nunca a pude compreender; se eu fosse rei, mandá-la-ia abolir por absurda e inútil.
— Há, senhor, um obstáculo muito sério, um perigo insuperável que vos esquece.
— Ah! — exclamou Aramis.
— A consciência que grita, o remorso que punge.
— É verdade — condescendeu o bispo; — recorda-me Vossa Alteza a fraqueza do coração. Tem razão, é um obstáculo imenso, com efeito. O cavalo que teme o fosso cai dentro dele e mata-se! O homem que cruza a espada, timorato, deixa à lâmina adversária brechas pelas quais desliza a morte. É verdade! É verdade!

— Tendes irmão? — perguntou o rapaz a Aramis.

— Sou sozinho no mundo — replicou este último com voz seca e nervosa como detonação de pistola.

— Não amais ninguém na terra? — ajuntou Filipe.

— Ninguém! Minto, amo a Vossa Alteza.

Mergulhou o moço em tão profundo silêncio, que o rumor da própria respiração tornou-se tumultuoso para Aramis.

— Monsenhor — volveu ele — eu não disse tudo o que tinha que dizer a Vossa Alteza Real: não lhe expus todo o meu sortimento de conselhos salutares e úteis recursos. Não se pode fazer brilhar um relâmpago aos olhos de quem ama a sombra; seria inútil soarem as magnificências do canhão aos ouvidos do homem pacífico que anela o repouso e os campos. Monsenhor, tenho a sua felicidade esboçada no pensamento; vou deixá-la cair de meus lábios, erga-a preciosamente Vossa Alteza, que tanto amou o céu, os prados virentes, o ar puro. Conheço uma região deliciosa, um paraíso ignorado, um canto do mundo em que, só, livre, desconhecido, nos bosques, nas flores, nas águas-vivas, Vossa Alteza olvidará quanto a loucura humana, tentadora de Deus, acaba de falar-lhe sobre misérias. Ouça-me, príncipe, que não estou zombando. Tenho uma alma e adivinho o abismo da sua. Não o quero hesitante para atirá-lo no cadinho de minha vontade, do meu capricho ou da minha ambição. Ou tudo ou nada. Vossa Alteza está ferido, doente, quase aniquilado pelo muito fôlego de que precisou quando se viu em liberdade. Isso me convence de que Vossa Alteza não deseja continuar respirando larga e longamente. Atenhamo-nos, portanto, a uma vida mais humilde, mais adequada às nossas forças. Deus é testemunha de que só desejo que, desta provação a que o sujeitei, resulte a sua felicidade.

— Falai! falai! — acudiu o príncipe com um ardor que fez refletir Aramis.

— Conheço — disse o prelado — no Baixo Poitou, um cantão de cuja existência ninguém suspeita em França. Vinte léguas de extensão. Vinte léguas, monsenhor, cobertas de água, de ervas e de juncos, entremeadas de ilhas forradas de bosques. Esses pântanos extensos, vestidos de caniços, como de espessa capa, dormem silenciosos e profundos ao sorrir do sol. Algumas famílias de pescadores percorrem-nos pachorrentamente com grandes jangadas feitas de choupos, cuja superfície é entretecida de molhos de canas e cujos tetos são compostos de juncos sólidos. Essas barcas, essas casas flutuantes, andam à mercê do vento. Quando abicam na costa, por exemplo, é por acaso, e tão suavemente, que o abalo nem sequer desperta o pescador adormecido. Se quis abicar, foi porque viu longos bandos de ralos ou pavoncinhos, de patos ou tarambolas, de cercetas ou narcejas, que apresa com a boiz ou com o chumbo do mosquete. Argentinos sáveis, enguias monstruosas, lúcios nervosos, percas cor-de-rosa e côr de cinza, caem-lhe aos cardumes nas redes. Basta-lhe escolher as maiores e deixar escapar o resto. Nunca um citadino, um soldado, ninguém, penetrou essa região, em que é brando o sol. Certas manchas de terra produzem vinhedos e nutrem-lhes com um suco generoso as belas uvas pretas e brancas. Uma vez por semana, uma barca vai buscar, ao forno comum, o pão quente e flavo cujo aroma atrai e acaricia de longe. Lá viverá Vossa Alteza como um homem de outro tempo. Poderoso senhor de seus cães-de-água, de suas linhas, de suas espingardas e de sua bela casa de caniços, lá viverá na opulência da caça, na plenitude da segurança; e assim passará anos a fio até que, irreconhecível, transfigurado, o Senhor se veja obrigado a traçar-lhe novo destino. Há mil pistolas neste saco, monsenhor; é dinheiro que farte para comprar toda a região de que lhe falei; é dinheiro que farte para viver tantos anos quantos dias lhe restam de vida; é dinheiro que farte para ser o mais rico, o mais livre e o mais feliz dos habitantes da região. Aceite como eu lhe ofereço, sincera, alegremente. Deste carro apartaremos dois cavalos; o mudo, meu servidor, o conduzirá,

caminhando de noite e dormindo de dia, ao lugar de que falei, e terei pelo menos a satisfação de dizer entre mim que prestei a meu príncipe o serviço que ele quis. Terei feito um homem feliz e comprazido mais a Deus do que se tivesse feito um homem poderoso, o que, aliás, é bem mais difícil! E então? Que responde, monsenhor? Aqui está o dinheiro. Não hesite. No Poitou, Vossa Alteza não arrisca nada, senão apanhar' febres. Mas os feiticeiros da região poderão curá-lo a troco de suas pistolas. Jogando o outro jogo, arrisca-se Vossa Alteza a ser assassinado sobre um trono ou esganado numa prisão. Juro por minha alma! juro por minha vida! que, depois de pesar as duas perspectivas, eu mesmo hesitaria.

— Senhor — replicou o jovem príncipe — antes que eu me decida, deixai-me descer do carro, palmilhar a terra e consultar a voz de Deus na natureza livre. Daqui a dez minutos tereis a resposta.

— Como lhe aprouver, monsenhor — disse Aramis, inclinando-se com respeito, tão solene e augusta era a voz que assim se expressara.

Capítulo X - Coroa e tiara

ARAMIS desceu primeiro e ficou segurando a portinhola do carro para o rapaz. Viu-o pousar o pé sobre o musgo com um frêmito de todo o corpo, e dar à roda da sege alguns passos dificultosos, quase cambaleantes. Dir-se-ia que o pobre preso tivesse perdido o costume de caminhar sobre a terra dos homens.

Era o dia 15 de agosto, pelas onze horas da noite; grossas nuvens, presságios de borrasca, tinham invadido o céu e escondiam, sob suas dobras, a luz e a perspectiva. Mal se destacavam dos grupos de árvores as extremidades das alamedas por uma penumbra de um cinzento opaco, que, depois de certo tempo de exame, se tornava perceptível no meio da completa obscuridade. Mas os perfumes que sobem da relva, os mais frescos e penetrantes aromas que exala a essência dos carvalhos, a atmosfera morna e untuosa que o envolvia pela primeira vez depois de tantos anos, o inefável sabor de liberdade em pleno campo, falavam ao príncipe uma linguagem tão sedutora, que, apesar da sua reserva, diríamos quase da sua dissimulação, ele se deixou surpreender pela emoção e soltou um suspiro de alegria.

Em seguida, a pouco e pouco, ergueu a cabeça pesada, e aspirou as diferentes camadas de ar, à proporção que elas se lhe ofereciam carregadas de aromas ao rosto desafogado. Cruzando os braços sobre o peito, como se quisesse impedi-lo de estourar à invasão daquela nova felicidade, aspirou deliciosamente o ar desconhecido que corre, à noite, sob a cúpula das altas florestas. O céu que contemplava, as águas murmuras que ouvia, as criaturas que via agitarem-se, não eram a realidade? Não seria doido Aramis em acreditar que houvesse neste mundo outra coisa digna de ser sonhada?

Aqueles quadros embriagadores da vida no campo, isenta de cuidados, receios e constrangimentos, aquele oceano de dias felizes que cintila sem cessar diante de toda imaginação nova, eis a verdadeira isca com que se poderá prender um infeliz cativo, gasto pela pedra da masmorra, estiolado pelo ar tão raro da Bastilha.

Há de lembrar-se o leitor de que fora essa a isca jogada pelo bispo quando lhe oferecera as mil pistolas contidas no carro e o éden encantado que escondiam aos olhos do mundo os desertos do Baixo Poitou.

Tais eram as reflexões de Aramis enquanto acompanhava, com indescritível ansiedade, a marcha silenciosa das alegrias de Filipe, mergulhado cada vez mais nas profundezas da meditação.

Com efeito, o jovem príncipe, absorto, só tocava a terra com os pés, e sua alma, que voara para os pés de Deus, lhe suplicava um raio de luz para aquela hesitação de que resultaria a sua morte ou a sua vida.

Foi terrível esse momento para o Bispo de Vannes.

Nunca se vira em presença de uma desgraça tão grande. Habituada a transpor na vida obstáculos inconsistentes, nunca inferiorizada e nunca vencida, veria acaso a sua alma de aço malograr-se um plano tão vasto por não ter previsto a influência que exercem sobre um corpo humano algumas folhas de árvore regadas de alguns litros de ar?

Imobilizado pela angústia da dúvida, contemplou Aramis a dolorosa agonia de Filipe, que sustentava a luta contra os dois anjos misteriosos. Durou o suplício os dez minutos requeridos pelo rapaz.

Durante essa eternidade, Filipe não cessou de considerar o céu com um olhar súplice, triste e úmido, e Aramis não deixou de considerá-lo com um olhar ardente, inflamado, devorador.

De repente, a cabeça do rapaz se inclinou. O pensamento desceu-lhe novamente à terra.

Endureceu-se-lhe o olhar, enrugou-se-lhe a fronte, a boca se lhe armou de uma coragem feroz; depois, a vista tornou a fixar-se: dessa feita, porém, refletia a chama dos esplendores mundanos, semelhante ao olhar de Satanás na montanha, quando passou revista aos reinos e potências da terra, para com eles seduzir Jesus.

O olhar de Aramis voltou a suavizar-se. E Filipe, segurando-lhe a mão com movimento rápido e nervoso:

— Vamos — disse ele — vamos aonde está a coroa de Fiança!

— É esta a sua decisão, meu príncipe? — acudiu Aramis.

— É esta a minha decisão.

— Irrevogável?

— Allons, dit il, allons où l'on trouve la couronne de France.

Filipe dedignou-se de responder. Fitou no bispo os olhos resolutos, como a perguntar-lhe se era possível que um homem se desdissesse.

— Esses olhares são traços de fogo que pintam os caracteres — murmurou Aramis inclinando-se sobre a mão de Filipe. — Vossa Alteza será grande, monsenhor.

— Retomemos, por favor, a conversação no ponto em que a deixamos. Creio ter-vos dito que eu *queria* entender-me convosco sobre dois pontos: primeiro, os perigos e obstáculos. Esse está

decidido. Segundo, as condições que me imporeis. É a vossa vez de falar, Sr. d'Herblay.

— As condições, meu príncipe?

— Sem dúvida. Não me detereis no caminho por semelhante bagatela, nem me fareis a injúria de supor que eu vos julgue desinteressado. Por conseguinte, sem receio e sem ambages, revelai-me os vossos pensamentos mais profundos.

— Falarei, monsenhor. Quando Vossa Alteza for rei...

— Quando será isso?

— Amanhã à noite.

— Explicai-me como.

— Depois que eu tiver feito uma pergunta a Vossa Alteza Real.

— Fazei-a.

— Mandei a Vossa Alteza um homem de minha confiança, encarregado de entregar-lhe um caderno de notas escritas com finura e redigidas com segurança, que lhe permitem conhecer a fundo todas as pessoas que compõem e comporão a sua corte.

— Li todas elas.

— Atentamente?

— Sei-as de cor.

— E compreendeu-as? Perdão, mas a pergunta é dirigida ao pobre desamparado da Bastilha. Fora ocioso dizer que, dentro em oito dias, já não terei o que perguntar a um espírito como o de Vossa Alteza, livre e todo-poderoso.

— Interrogai-me; quero ser o aluno de quem o sábio mestre toma a lição marcada.

— Primeiro, monsenhor, a família de Vossa Alteza.

— Minha mãe Ana d'Áustria? As suas tristezas, a sua terrível enfermidade? Conheço-a, conheço-a!

— O segundo irmão de Vossa Alteza? — tornou Aramis, inclinando-se.

— Ajuntastes às notas retratos tão maravilhosamente desenhados e pintados, que eu, por eles, reconheci as pessoas de cujo caráter, costumes e história me davam notícia as vossas observações. Monsieur, meu irmão, é um rapaz trigueiro, pálido e belo; não gosta da esposa, Henriqueta, de que eu, Luís XIV, já gostei um pouquinho, e ainda gosto com garridice, apesar do quanto me fez chorar no dia em que pretendeu expulsar a Srta. de La Vallière.

— Vossa Alteza deverá tomar cuidado com os olhos desta última — disse Aramis. — Ela ama sinceramente o rei atual, e não se enganam os olhos de uma mulher que ama.

— É loira, tem olhos azuis cuja ternura ma identificará. Manca um pouco, escreve todos os dias uma carta à qual faço responder o Sr. de Saint-Aignan.

— E este, conhece-o Vossa Alteza?

— Como se o estivesse vendo, e sei os últimos versos que me fez, como sei os que compus em resposta aos seus.

— Muito bem. E conhece também os seus ministros?

— Colbert, um rosto sombrio e feio, mas inteligente; cabelos caídos sobre a testa, cabeça grande, pesada, cheia; inimigo mortal do Sr. Fouquet.

— Quanto a ele, não nos inquietemos.

— Não, porque, necessariamente, me pedireis que o exile, não é verdade?

Penetrado de admiração, Aramis contentou-se de dizer:

— Vossa Alteza será muito grande, monsenhor.

— Como vedes — ajuntou o príncipe — sei admiravelmente a lição, e, com a ajuda de Deus e a vossa, nunca me enganarei.

— Vossa Alteza tem ainda um par de olhos muito incômodos...
— Já sei, o capitão dos mosqueteiros, o Sr. D'Artagnan, vosso amigo.
— Meu amigo.
— O homem que escoltou La Vallière a Chaillot, que entregou Monck num cofre ao Rei Carlos II, que serviu tão bem minha mãe e a quem a coroa de França deve tanto que lhe deve tudo. Pedir-me-eis também que o exile?
— Nunca, Sire. d'Artagnan é um homem a quem, no momento azado, eu me encarrego de contar tudo; mas cautela com ele, pois se desconfiar de nós antes da revelação, seremos presos ou mortos. É um homem de pulso.
— Tomarei cuidado. Falai-me do Sr. Fouquet. Que pretendeis dizer com ele?
— Um momento ainda, monsenhor. Perdão, se pareço faltar ao respeito interrogando-o sempre.
— Tendes não só o direito mas a obrigação de fazê-lo.
— Antes de passar ao Sr. Fouquet, eu quisera não esquecer outro amigo meu.
— O Sr. du Vallon, o Hércules de França. A sua fortuna está assegurada.
— Não, não é dele que eu queria falar.
— Do Conde de la Fère, então?
— Do conde e do filho, filho de nós quatro.
— O rapaz que está morrendo de amores pela La Vallière, que meu irmão lhe tomou deslealmente! Tranqüilizai-vos, saberei fazer que ele a recupere. Dizei-me uma coisa, Sr. d'Herblay: esquecemos as injúrias quando amamos? Perdoamos à mulher que nos traiu? Será esse um dos hábitos do espírito francês? Será uma lei do coração humano?
— Um homem que ama profundamente, como Raul de Bragelonne, acaba esquecendo o crime de sua amada; mas não sei se Raul esquecerá.
— Tratarei disso. É tudo o que queríeis dizer-me sobre o vosso amigo?
— É tudo.
— Vamos, então, ao Sr. Fouquet. Que esperais que eu faça dele?
— Superintendente, como antes, por favor.
— Seja! mas ele é hoje primeiro ministro.
— Não de todo.
— Será necessário um primeiro ministro a um rei ignorante e embaraçado, como eu.
— Vossa Majestade precisará de um amigo.
— Só tenho um, que sois vós.
— Terá outros mais tarde; mas nenhum tão dedicado, nenhum tão zeloso da sua glória.
— Sereis meu primeiro ministro.
— Já, não, monsenhor. Isso causaria muito despeito e muito assombro.
— O Sr. de Richelieu, primeiro ministro de minha avó, Maria de Médicis, era apenas Bispo de Luçon, como sois Bispo de Vannes.
— Creio que Vossa Alteza aproveitou bem as minhas notas. Essa milagrosa perspicácia me rejubila.
— Sei muito bem que o Sr. de Richelieu, pela proteção da rainha, logo se tornou cardeal.
— Melhor fora — disse Aramis inclinando-se — que eu só fosse primeiro ministro depois que Vossa Alteza Real tivesse obtido para mim o chapéu de cardeal.
— Sê-lo-eis em menos de dois meses, Sr. d'Herblay. Mas é muito pouco. Não me ofenderíeis se me pedísseis mais, e afligir-me-íeis se ficásseis nisto.
— Por isso mesmo espero mais alguma coisa, monsenhor.

— Dizei, dizei!

— O Sr. Fouquet não regerá sempre os negócios, pois envelhecerá depressa. Ama o prazer, hoje compatível com o seu trabalho, graças ao resto de mocidade que ainda possui; mas essa mocidade acabará com o primeiro desgosto ou a primeira doença. Poupar-lhe-emos o desgosto, porque é um homem de bem e um nobre coração. Mas não poderemos evitar a doença. Portanto, está decidido. Depois que Vossa Alteza Real houver pago as dívidas do Sr. Fouquet e reorganizado as finanças, o Sr. Fouquet poderá continuar governando a sua corte de poetas e pintores; tê-lo-emos enriquecido. Nesse momento, como primeiro ministro de Vossa Alteza Real, poderei pensar nos meus interesses e nos seus.

O rapaz considerou o interlocutor.

— O Sr. de Richelieu, de que falávamos — disse Aramis — cometeu o erro muito grande de encarregar-se apenas do governo de França. Deixou dois reis, o Rei Luís XIII e ele, sentados no mesmo trono, quando poderia instalá-los melhor em dois tronos diferentes.

— Em dois tronos? — repetiu o mancebo, reflexivo.

— Sem dúvida — prosseguiu Aramis tranqüilamente: — um cardeal primeiro ministro de França, ajudado do favor e do apoio do rei cristianíssimo; um cardeal a quem el-rei seu amo empresta os seus tesouros, o seu exército, o seu conselho, empregaria muito mal os recursos de que dispõe se os aplicasse tão-somente à França. Vossa Alteza, aliás — acrescentou Aramis fitando a vista nos olhos de Filipe — não será um rei como el-rei seu pai, delicado, lento e cansado de tudo; será um rei de pensamento e de ação; jamais o cansarão os negócios de Estado: e eu seria apenas um estorvo. Ora, a nossa amizade nunca deverá ser, já não digo alterada, mas roçada sequer por uma idéia secreta. Eu lhe terei dado o trono de França, Vossa Alteza me dará o trono de São Pedro. Quando a mão leal, firme e armada de Vossa Alteza tiver por irmã a mão de um papa como eu, nem Carlos Quinto, que possui os dois terços do mundo, nem Carlos Magno, que o possuiu inteiro, chegarão sequer à cintura de Vossa Alteza. Não tenho alianças, não tenho preconceitos, não o arrastarei à perseguição dos hereges, não lhe aconselharei guerras de família; direi: "Para nós dois o universo; para mim, as almas; para Vossa Alteza, os corpos". E como morrerei primeiro, Vossa Alteza terá a minha herança. Que tal o meu plano, monsenhor?

— Sinto-me orgulhoso e feliz só por vos haver compreendido, Sr. d'Herblay. Sereis cardeal; cardeal, sereis meu primeiro ministro. E depois me indicareis o que será preciso fazer para que vos elejam papa; eu o farei. Pedi-me garantias.

— É inútil. Nunca farei o que quer que seja sem proporcionar alguma vantagem a Vossa Alteza Real; nunca subirei sem o haver guindado ao degrau superior; conservar-me-ei sempre suficientemente longe para fugir-lhe ao ciúme, e suficientemente perto para garantir-lhe o proveito e vigiar-lhe a amizade. Todos os contratos deste mundo se rompem porque as conveniências tendem a inclinar-se para um lado só. Isso, entre nós, jamais sucederá; prescindo de garantias.

— Portanto... meu irmão... desaparecerá?...

— Simplesmente. Tirá-lo-emos da cama por meio de um assoalho que se afunda à pressão de um dedo. Adormecendo coroado, acordará cativo. Vossa Alteza reinará sozinho a partir desse momento e o seu maior interesse será o de conservar-me ao pé de si.

— É verdade! Eis aqui a minha mão, Sr. d'HerbIay.

— Permita que eu me ajoelhe respeitosamente diante de Vossa Alteza. Abraçar-nos-emos no dia em que tivermos ambos na fronte, Vossa Alteza a coroa, eu a tiara.

— Abraçai-me hoje mesmo e sede mais do que grande, mais do que hábil, mais do que sublime e genial: sede bom para mim, sede meu pai.

Quase se enterneceu Aramis. Acreditou sentir no coração um movimento até então desconhecido; mas a impressão logo se apagou.

"Seu pai!", pensou ele. "Sim, santo padre!”

E voltaram a instalar-se no carro, que correu, célere, pela estrada de Vaux-le-Vicomte.

Capítulo XI - O castelo de Vaux-le-Vicomte

SITUADO a uma légua de Melun, o castelo de Vaux-le-Vicomte fora construído por Fouquet em 1653. Havia então pouco dinheiro em França.

Mazarino rapara tudo e Fouquet se empenhava em dilapidar o resto. Entretanto, como certos homens têm defeitos fecundos e vícios úteis, semeando milhões nesse palácio, Fouquet achara meio de colher três homens ilustres: Levau, o arquiteto do edifício; Le Nôtre, o projetista dos jardins, e Le Brun, o decorador dos interiores.

Se o castelo de Vaux tinha um defeito que se lhe pudesse reprochar, era a grandiosidade e a magnificência. Ainda hoje é proverbial o enumerar-lhe as jeiras do telhado, cuja reparação acarreta a ruína de fortunas atuais, restritas como a própria época.

Transposto o imenso portal, sustentado por cariátides, surge o corpo principal do edifício no vasto pátio de honra, cercado de fossos profundos e guarnecido de uma linda balaustrada de pedra.

Nobilíssima é a sacada do meio, sobre uma escadaria como um rei sobre o trono, rodeada de quatro pavilhões, que formam os ângulos, e cujas imensas colunas jônicas acompanham, majestosas, a altura do edifício. Os frisos ornados de arabescos, as guarnições das pilastras a tudo emprestam riqueza e graça. E, a cavaleiro da construção, as cúpulas emprestam ao conjunto amplidão e majestade.

Edificada por um vassalo, essa casa se parece muito mais com um palácio real do que as reais residências que Wolsey se julgava na obrigação de dar de presente ao amo com receio de espertar-lhe a inveja.

Mas, se a magnificência e o bom gosto excelem em determinada parte do palácio, se alguma coisa pode preferir-se à esplêndida disposição dos interiores, ao luxo das douraduras, à profusão de quadros e estátuas, é o parque, são os jardins de Vaux. Os repuxos, maravilhosos em 1653, são ainda surpreendentes hoje; as cascatas eram objeto da admiração de todos os reis e de todos os príncipes; e, quanto à famosa gruta, tema de tantos versos famosos, residência da ilustre ninfa de Vaux que Pellisson fez dialogar com La Fontaine, o leitor nos dispensará de descrever-lhe as belezas; pois não quiséramos despertar contra nós estas críticas que então meditava Boileau:

Tudo são festões, tudo são astrágalos. E a custo escápulo através do jardim.

Faremos como Despréaux: entraremos no parque, cuja idade mal chegara aos oito anos, e cujos cimos, já soberbos, estendem-se, purpureados, aos primeiros raios do sol. Le Nôtre se adiantara ao prazer de Mecenas; todas as mudas se haviam convertido em árvores, duplicadas pelo trato e pelos adubos ativos. Todas as árvores da vizinhança, que proporcionavam alguma esperança, tinham sido arrancadas com as raízes e transplantadas. Fouquet bem poderia comprar algumas para enfeitar o seu parque, visto que comprara três aldeias para acrescentá-lo.

Diz desse palácio o Sr. de Scudéry que, para regá-lo, dividira o Sr. Fouquet um rio em mil fontes e reunira mil fontes em torrentes. Este Sr. de Scudéry diz muitas outras coisas na *Clélia* sobre o palácio de Valterre, cujos encantos descreve circunstanciadamente. Mais prudente será remetermos o leitor curioso a Vaux do que remetê-lo à *Clélia,* embora haja tantas léguas de Paris a Vaux quantos volumes à *Clélia.*

A esplêndida casa estava pronta para receber *o maior rei do mundo.* Os amigos do Sr. Fouquet tinham carreado para lá, uns, atores e cenários, outros, equipagens de estatuários e pintores, outros ainda, penas aparadíssimas. Tencionava-se arriscar uma série de improvisos.

Poucos dóceis, apesar de ninfas, transbordavam as cascatas de uma água mais brilhante que o cristal e espargiam sobre tritões e nereidas de bronze ondas escumosas que se irisavam aos clarões do sol.

Uma multidão de servidores corria em esquadrões pelos pátios e vastos corredores, ao passo que Fouquet, chegado naquela manhã, passeava, calmo e previdente, dando as últimas ordens, após a revista passada pelos intendentes.

Estávamos, como já ficou dito, no dia 15 de agosto. O sol caía a prumo sobre os ombros dos deuses de mármore e de bronze; aquecia a água das conchas e amadurecia nos pomares os pêssegos magníficos de que o rei sentiria saudades cinqüenta anos depois, quando, em Marly, faltando boas espécies nos seus jardins que haviam custado à França o dobro do que lhe custara Vaux, o *grande* rei dizia a alguém:

— Sois muito jovem para haver provado os pêssegos do Sr. Fouquet. Ó memória! Ó trombetas da fama! Ó glória deste mundo! O exímio conhecedor dos méritos alheios; o herdeiro de Nicolau Fouquet; o rei que lhe tomara Le Nôtre e Le Brun e o atirara, para o resto da vida, numa prisão de Estado, lembrava-se tão-somente dos pêssegos do inimigo vencido, sufocado, esquecido! Debalde lançara Fouquet trinta milhões nos seus tanques, nos cadinhos de seus estatuários, nos escritos de seus poetas, na carteira dos seus pintores; em vão acreditou que se lembrariam dele. Um pêssego maduro, vermelho e carnudo, entre os losangos de uma caniçada, sob as línguas virentes das folhas pontiagudas, uma pouca de matéria vegetal que um rato roía sem querer, bastava ao grande rei para ressuscitar na memória a sombra lamentável do último superintendente de França!

Certo de que Aramis organizara o exército de flâmulas e serviçais, mandara guardar as portas e preparar os alojamentos, Fouquet se ocupava apenas do conjunto. Aqui, mostrava-lhe Gourville a disposição dos fogos de artifício; lá, Molière o conduzia ao teatro; e, afinal, depois de ter visitado a capela, os salões, as galerias, Fouquet tornava a descer, exausto, quando viu Aramis na escada. O prelado fez-lhe um sinal.

O superintendente foi reunir-se ao amigo, que o deteve diante de um grande quadro mal terminado. Coberto de suor, manchado de tinta, pálido de cansaço e de inspiração, o pintor Le Brun dava-lhe os últimos e rápidos retoques. Era o retrato do rei tão esperado, com o trajo de cerimônia que Percerin se dignara mostrar ao Bispo de Vannes.

Colocou-se Fouquet diante do quadro, que vivia, para assim dizer, em sua carne fresca e em seu úmido calor. Examinou a figura, calculou o trabalho, admirou, e, não atinando com uma recompensa digna daquele trabalho de Hércules, atirou os braços em torno do pescoço do pintor e beijou-o. O senhor superintendente acabava de estragar um fato de mil pistolas, mas tranqüilizara Le Brun.

Foi um belo momento para o artista e uni doloroso momento para o Sr. Percerin, que também caminhava atrás de Fouquet e admirava, no quadro do Le Brun, o trajo que fizera para Sua Majestade, objeto de arte, dizia ele, só igualado por itens do guarda-roupa do senhor superintendente.

A sua dor e os seus gritos foram interrompidos pelo sinal dado no mirante da casa. Além de Melun, na planície já nua, as sentinelas de Vaux tinham avistado o cortejo do rei e das rainhas: Sua Majestade estava entrando em Melun com uma longa fila de carros e de cavaleiros.

— Daqui a uma hora — disse Aramis a Fouquet.

— Daqui a uma hora! — repetiu o outro, suspirando.

— E esse povo a perguntar de que servem as festas reais! — continuou o Bispo de Vannes casquinando o seu risinho falso.

— Não pertenço ao povo, mas faço a mesma pergunta.

— Responder-vos-ei daqui a vinte e quatro horas, monsenhor. Mostrai boa cara, que o dia é de

júbilo.

— Crede-me, se quiserdes, d'Herblay — acudiu o superintendente, expansivo, designando com o dedo o cortejo de Luís no horizonte — ele não gosta de mim, eu pouco gosto dele, mas, não sei porque, assim que ele se aproxima de minha casa...

— Que acontece?

— Acontece que ele se torna para mim mais sagrado, mais rei, quase mais caro.

— Caro, sim — retrocou Aramis fazendo o mesmo jogo de palavras que faria, mais tarde, o Abade Terray com Luís XV.

— Não zombeis, d'Herblay; sinto que, se ele o quisesse, eu chegaria a gostar desse rapaz.

— Não é a mim que precisais dizer isso — volveu Aramis — é ao Sr. Colbert.

— Ao Sr. Colbert! — exclamou Fouquet. — Por quê?

— Porque ele vos dará uma pensão, do dinheiro do rei, quando fôr superintendente.

Desferida a seta, Aramis cumprimentou.

— Aonde ides? — perguntou Fouquet, ensombrecido.

— Ao meu quarto, para trocar-me.

— Onde estais alojado, d'Herblay?

— No quarto azul do segundo andar.

— O que fica logo acima do quarto de el-rei?

— Precisamente.

— Que idéia! Ficareis condenado à imobilidade!

— Durmo a noite toda, monsenhor; e, quando não durmo, leio na cama.

— E o vosso pessoal?

— Só tenho comigo uma pessoa.

— Só?

— E basta-me. Adeus, monsenhor; não vos canseis em demasia. Conservai-vos repousado para a chegada de el-rei.

— Tornaremos a ver-vos? Veremos o vosso amigo du Vallon?

— Aboletei-o perto de mim. Ele está-se vestindo.

E Fouquet, com um aceno de cabeça e um sorriso, passou como um general que visita os postos avançados depois de avistar o inimigo.

Capítulo XII - O vinho de Melun

EL-REI entrara efetivamente em Melun com a única intenção de atravessar a cidade. O jovem monarca ia sequioso de prazeres. Durante toda a viagem lobrigara apenas duas vezes La Vallière, e, adivinhando que só poderia falar-lhe à noite nos jardins, após a cerimônia, ansiava por instalar-se em Vaux. Mas não contava com o seu capitão de mosqueteiros nem com o Sr. Colbert.

À semelhança de Calipso, inconsolável com a partida de Ulisses, não se consolava o nosso gascão por não ter adivinhado as razões de Aramis ao pedir a Percerin que lhe mostrasse os trajos novos do rei.

— O fato — dizia consigo só aquele espírito flexível na sua lógica — é que o Bispo de Vannes, meu amigo, fez isso com uma intenção qualquer.

E punha-se a puxar inutilmente do bestunto.

Avezado às intrigas da corte, conhecendo a situação de Fouquet melhor do que o próprio Fouquet, sentira d'Artagnan despertarem-se-lhe as mais estranhas suspeitas ao saber daquela festa, que teria arruinado um homem rico, e seria um cometimento impossível, insensato, para um homem arruinado. De mais a mais, a presença de Aramis, que voltara de Belle-Isle e fora nomeado supervisor-mor pelo Sr. Fouquet, a sua intromissão perseverante em todos os negócios do superintendente, as visitas do Sr. de Vannes a Baisemeaux, toda aquela série de gestos ambíguos intrigara profundamente d'Artagnan nas últimas semanas.

— Homens da têmpera de Aramis — dizia ele entre si — só se enfrentam com a espada na mão. Enquanto foi homem de guerra, era possível derrotá-lo; mas depois que vestiu, sobre a couraça, uma estola, estamos perdidos. Que diabo quer ele?

E d'Artagnan sobrepensava.

— Que me importa! Afinal de contas, se pretende apenas derrubar o Sr. Colbert!... Que mais poderá querer?

D'Artagnan coçava a cabeça, solo fértil de onde o arado de suas unhas arrancara tantas e tão boas idéias.

Ocorreu-lhe conversar com o Sr. Colbert; mas a sua amizade, o seu juramento de outrora, ligavam-no demasiado a Aramis. Recuou. Aliás, detestava o financista.

Quis abrir-se com o rei. Mas o rei não lhe compreenderia as suspeitas, que não tinham sequer a realidade da sombra.

Decidiu dirigir-se diretamente ao bispo, assim que o encontrasse.

— Apanhá-lo-ei de sopetão, direta, inesperadamente — refletiu o mosqueteiro: — pôr-lhe-ei a mão no coração, e ele me dirá... Que me dirá ele? Sim, dir-me-á qualquer coisa, pois, com seiscentos diabos! há qualquer coisa em tudo isso!

Mais sossegado, fez os seus aprestos de viagem, e empenhou-se em que a casa militar de el-rei, ainda incipiente, fosse bem comandada e organizada em suas medíocres proporções. Da perplexidade do capitão, resultou que el-rei se pôs à frente dos mosqueteiros, dos suíços e de um piquete de guardas-franceses, diante de Melun.

Dir-se-ia um exercitozinho. O Sr. Colbert considerava aqueles homens armados com muita alegria. Queria aumentá-lo ainda.

— Para quê? — perguntava o rei.

— Para mais honrar o Sr. Fouquet — redarguia Colbert. "Para arruiná-lo mais depressa", pensava d'Artagnan. Surgiu a tropa diante de Melun, cujos notáveis trouxeram ao rei as chaves da cidade e convidaram-no a entrar na casa da câmara a fim de tomar o vinho protocolar.

O rei, que esperava continuar para chegar a Vaux sem demora, ficou despeitadíssimo.

— Quem foi o idiota que me preparou esta detença? — resmungou entredentes, enquanto o almotacé perorava.

— Não fui eu — replicou d'Artagnan; — mas creio que foi o Sr. Colbert.

Colbert ouviu o próprio nome.

— Que deseja o Sr. d'Artagnan? — perguntou.

— Desejo saber se fostes vós quem propiciou a Sua Majestade o vinho de Brie.

— Fui eu, sim, senhor.

— Fostes vós, então, que el-rei mimoseou com um nome.

— Qual, senhor?

— Não me lembro direito... Esperai... imbecil... não, não... idiota, idiota, estúpido, eis como chamou Sua Majestade a quem lhe impingiu o vinho de Melun.

Dito isso, d'Artagnan afagou tranqüilamente o cavalo. A cabeçorra do Sr. Colbert inchou como um alqueire.

Vendo-o tão feio de raiva, d'Artagnan continuou. O orador não parava; el-rei se afogueava a olhos vistos.

— Com a fortuna! — disse fleumaticamente o mosqueteiro — o rei está ficando apoplético. Como diabo vos ocorreu essa idéia, Sr. Colbert? Foi o cúmulo do azar.

— Senhor — tornou a financista empertigando-se — inspirou-ma o zelo do serviço de el-rei.

— Cebolório!

— Melun, senhor, é uma cidade, uma boa cidade que paga bem os seus impostos, e que seria inútil melindrar.

— Ora, vejam só! Eu, que não sou financista, vi apenas uma intenção na vossa idéia.

— Qual?

— A de irritar um pouco o senhor superintendente, que se impacienta, lá embaixo, à nossa espera.

O golpe, duro e justo, desmontou Colbert, que se afastou de orelha murcha. Mas o discurso, felizmente, terminara. El-rei bebeu; em seguida, recomeçou a marcha através da cidade. O soberano roía as unhas, pois a noite, próxima, afugentava toda e qualquer esperança de passeio com La Vallière.

Para introduzir em Vaux a casa do rei, seriam precisas pelo menos quatro horas, segundo o protocolo. Daí que o árdego monarca apressasse as rainhas, a fim de chegar antes da noite; mas, no momento de reiniciar a marcha, novas dificuldades.

— El-rei não vai passar a noite em Melun? — perguntou o Sr. Colbert em voz baixa a d'Artagnan.

Estava muito mal inspirado o Sr. Colbert para fazer essa pergunta ao chefe dos mosqueteiros. Este último adivinhara que el-rei morria de impaciência, mas não queria deixá-lo entrar em Vaux senão bem acompanhado: desejava, portanto, que Sua Majestade chegasse com toda a escolta. Por outro lado, sentia que as delongas lhe irritariam a natural impaciência. Como conciliar as duas dificuldades? D'Artagnan transmitiu ao rei a pergunta de Colbert.

— Sire — disse ele — o Sr. Colbert está perguntando se Vossa Majestade pernoitará em Melun.

— Pernoitar em Melun! Para quê? — bradou Luís XIV. — Pernoitar em Melun! Quem seria capaz de sugerir uma coisa dessas quando o Sr. Fouquet nos espera esta noite?

— Foi o receio — acudiu vivamente Colbert — de retardar Vossa Majestade, que, segundo a

etiqueta, não pode entrar em parte alguma, senão em sua casa, antes que os alojamentos tenham sido marcados pelo seu mordomo-mor, e a guarnição distribuída.

D'Artagnan escutava mastigando o bigode.

As rainhas escutavam também. Cansadas, teriam preferido dormir e, sobretudo, impedir que el-rei passeasse, à noite, com o Sr. de Saint-Aignan e as damas; porque, se o protocolo impunha às princesas que permanecessem em seus quartos, as damas, terminado o serviço, podiam passear à vontade.

Como se vê, reunindo-se em vapores, tantos interesses contrários acabariam produzindo nuvens, e as nuvens, uma tempestade. El-rei não tinha bigode para mastigar: mastigava com avidez o cabo do chicote. Como sair daquilo? D'Artagnan requebrava os olhos e Colbert agarrara-se à etiqueta. A quem morderia?

— Consultaremos, sobre isso, a rainha — decidiu Luís XIV cumprimentando as damas.

Essa delicadeza dele penetrou o coração de Maria Teresa, que era boa e generosa, e, precisando decidir, replicou respeitosamente:

— Farei com prazer a vontade do rei.

— Quanto tempo falta para chegar a Vaux? — perguntou Ana d'Áustria, arrastando cada sílaba e apoiando a mão sobre o seio dolorido.

— Uma hora para os carros de Suas Majestades — disse d'Artagnan — se a estrada estiver boa.

O rei considerou-o.

— Um quarto de hora para o rei — apressou-se em acrescentar o capitão.

— Ainda chegaremos com dia — observou Luís XIV.

— Mas os alojamentos da casa militar — objetou mansamente Colbert —. anularão toda a pressa da viagem, por mais rápido que seja el-rei.

"Refinado cretino!", pensou d'Artagnan, "se me interessasse demolir-te o crédito, poderia fazê-lo em dez minutos". — Se eu fosse o rei — acrescentou em voz alta — visitando o Sr. Fouquet, que é um homem de bem, deixaria para trás a minha casa e iria como amigo; entraria sozinho com o meu capitão dos guardas; e isso me faria ainda maior e mais sagrado.

A alegria cintilou nos olhos do monarca.

— Eis um bom conselho, senhoras — disse ele; — vamos, como amigo, à casa de um amigo. Caminhai devagarinho, senhores das equipagens; e nós outros, para a frente!

E arrastou após si todos os cavaleiros.

Colbert escondeu a carranca atrás do pescoço do cavalo.

— Ficarei livre — pensou d’Artagnan enquanto galopava — para conversar, desde hoje, com Aramis. Dê mais a mais, o Sr. Fouquet é um homem de bem, que diabo! Afirmei-o, é preciso que me acreditem.

Eis como, cerca das sete horas da tarde, sem trombetas e sem guardas avançados, sem batedores nem mosqueteiros, apresentou-se o rei diante do portão de Vaux, onde Fouquet, prevenido, estava esperando, havia meia hora, de cabeça descoberta, entre os familiares e amigos.

Capítulo XIII - Néctar e ambrósia

O SR. Fouquet segurou o estribo do rei, que, tendo saltado em terra, voltou a erguer-se graciosamente, e, mais graciosamente ainda, lhe estendeu a mão, que o ministro, apesar da leve resistência do soberano, levou respeitosamente aos lábios.

O rei queria esperar, nas primeiras salas, a chegada dos carros. Não esperou muito tempo. Os caminhos tinham sido arrumados por ordem do superintendente. Fora impossível encontrar, de Melun a Vaux, uma pedra sequer do tamanho de um ovo. Daí que os carros, como se rodassem num tapete, chegassem com as damas, sem solavancos nem fadiga, às oito horas. Foram elas recebidas pela senhora superintendenta, e, no momento em que apareceram, uma luz vivíssima, como a luz do dia, jorrou de todas as árvores, de todos os vasos, de todos os mármores. Esse encantamento durou até que Suas Majestades se perderam no interior do palácio.

Todas as maravilhas, que o cronista reuniu, ou melhor, conservou em sua narrativa, com o risco de rivalizar com o romancista, os esplendores da noite vencida, da natureza corrigida, de todos os prazeres, de todos os luxos combinados para a satisfação dos sentidos e do espírito, ofereceu-os Fouquet realmente ao seu rei, naquele retiro encantado, cujo equivalente nenhum soberano da Europa poderia então gabar-se de possuir.

Não falaremos do grande festim que reuniu Suas Majestades, nem dos concertos, nem das mágicas metamorfoses; contentar-nos-emos de pintar o rosto do rei, que, de alegre, franco e feliz, como ao princípio estava, logo se tornou sombrio, constrangido, irritado. Lembrava-se ele de sua casa e do seu pobre luxo, simples instrumento da realeza e nunca propriedade de homem-rei. Os grandes vasos do Louvre, os velhos móveis e a baixela de Henrique II, de Francisco I, de Luís XI, não passavam de monumentos históricos. Eram apenas objetos de arte, espólio do ofício real. Em casa de Fouquet, o valor residia assim no trabalho como na matéria. Fouquet comia em pratos de ouro fundidos e cinzelados para ele por mãos de artistas. Fouquet bebia vinhos cujo nome ignorava o rei de França; bebia-os em taças mais preciosas do que toda a baixela real.

Que dizer das salas, das pinturas, dos quadros, dos servidores, dos oficiais de toda casta? Que dizer do serviço em que, substituída a etiqueta pela ordem e as senhas pelo bem-estar, o prazer e a satisfação do conviva se tornavam a lei suprema de quanto obedecia ao dono da casa?

O enxame de gente apressada e silenciosa, a multidão de convivas, menos numerosos do que os criados, as milhentas iguarias, os vasos de ouro e prata; as catadupas de luz, as carradas de flores, de que se haviam despojado as estufas como de uma sobrecarga, pois continuavam redundantes de beleza, o conjunto harmonioso, mero prelúdio da festa prometida, embeveceram os assistentes, que manifestaram a sua admiração por diversas vezes, não pela voz nem pelo gesto, mas pelo silêncio e pela atenção, os dois idiomas do cortesão que não sente o freio do amo.

Quanto a el-rei, os seus olhos incharam; já nem se atrevia a olhar para a rainha. Sempre superior em orgulho a todas as criaturas, Ana d'Áustria esmagou o hospedeiro com o desdém que manifestava por tudo o que lhe serviam.

Boa e curiosa da vida, a jovem rainha louvou Fouquet, comeu com apetite, e perguntou o nome de várias frutas que se viam sobre a mesa.

Respondeu Fouquet que lhes ignorava os nomes.

No entanto aquelas frutas haviam saído de suas estufas e ele mesmo as cultivara muitas vezes, pois conhecia a fundo a agronomia exótica.

Percebeu el-rei a delicadeza, e sentiu-se mais humilhado ainda. Achava a rainha um tanto vulgar, e Ana d'Áustria meio parecida com Juno.

Todo o seu empenho consistia em manter-se frio nos limites do extremo desdém ou da simples admiração.

Mas Fouquet previra tudo isso: era um desses homens que prevêm tudo.

El-rei declarara expressamente que, enquanto estivesse em casa do Sr. Fouquet, não desejava submeter as suas refeições à etiqueta, e pretendia jantar com todos os comensais; mas, graças aos cuidados do superintendente, o jantar do rei foi servido à parte, se se assim pode dizer, no meio da mesa geral. Maravilhoso pela composição, esse jantar compreendia tudo o que o rei apreciava, tudo o que costumava escolher. E, tendo ele o primeiro apetite do reino, não poderia alegar que estava sem fome.

Fez mais ainda o Sr. Fouquet: amesendara-se para obedecer à ordem do rei; mas, tanto que se provaram as sopas, levantou-se da mesa e começou a servir pessoalmente o monarca, ao passo que a senhora superintendenta se mantinha atrás da poltrona da rainha-mãe. O desdém de Juno e a carranca de Júpiter não resistiram a tamanha delicadeza. A rainha-mãe comeu um biscoito molhado em vinho de San-Lucar, e el-rei comeu de tudo dizendo ao Sr. Fouquet:

— É impossível, senhor superintendente, comer melhor.

A essas palavras, toda a corte se pôs a devorar com tão grande entusiasmo, que se diriam nuvens de gafanhotos do Egito dando sobre um campo de centeio.

Isso, porém, não impediu que, saciada a fome, voltasse el-rei a entristecer-se; uma tristeza diretamente proporcional ao bom humor que julgava dever manifestar, provocada sobretudo pela afabilidade com que os seus cortesãos tratavam Fouquet.

D'Artagnan, que comia muito e bebia ainda mais, porém sem alarde, não perdeu uma dentada, mas fez uma série de observações proveitosas.

Terminado o jantar, o rei não quis perder o passeio. O parque estava iluminado. Aliás, como se se houvesse colocado às ordens do senhor de Vaux, a lua prateava as árvores e os lagos com os seus diamantes e o fósforo. À temperatura amena, as alamedas umbrosas e ensaibradas eram uma delícia para os pés. A festa foi completa. Pois, havendo encontrado La Vallière à entrada de um bosque, pôde el-rei apertar-lhe a mão e dizer: "Eu vos amo", sem que ninguém o ouvisse, a não ser o Sr. d'Artagnan, que o seguia, e o Sr. Fouquet, que o precedia.

A noite de encantamentos adiantava-se. O rei perguntou pelo seu quarto e tudo se pôs em movimento. Recolheram-se as rainhas ao som de tiorbas e flautas. O rei encontrou, ao subir, os seus mosqueteiros, que o Sr. Fouquet mandara vir de Melun e convidara para cear.

Desvaneceram-se todas as desconfianças de d'Artagnan. Estava cansado, comera muito bem, e queria, uma vez na vida, gozar de uma festa em casa de um verdadeiro rei.

— O Sr. Fouquet — dizia ele — é o meu homem.

El-rei foi conduzido, com grande aparato, ao quarto de Morfeu, do qual devemos aos leitores uma breve descrição. Era o quarto maior e mais belo do palácio. Le Brun pintara, na cúpula, os sonhos felizes e os sonhos tristes que Morfeu envia assim aos homens como aos reis. Tudo o que o sono gera de gracioso, tudo o que verte de mel e de perfumes, de flores e de néctar, de volúpia ou de repouso nos sentidos, enriqueciam os frescos por obra do pintor. Mas era a composição tão suave numa parte quão sinistra e terrível na outra. As taças que destilam venenos, o ferro que brilha sobre a cabeça adormecida, os feiticeiros e fantasmas de máscaras horrendas, os crepúsculos, mais apavorantes do que a chama ou a noite profunda, eis o contraste dos seus graciosos quadros.

Entrando no quarto magnífico, o rei teve um estremecimento. Fouquet perguntou-lhe o motivo.

— Estou com sono — replicou Luís, muito pálido.
— Vossa Majestade quer o seu serviço imediatamente?
— Não, preciso conversar com algumas pessoas — replicou el-rei. — Chamai o Sr. Colbert.
Inclinou-se Fouquet e saiu.

Capítulo XIV - Para gascão, gascão e meio

D'ARTAGNAN, como de hábito, não perdera tempo. Depois de haver perguntado por Aramis, correra-lhe ao encontro. Ora, após a entrada do rei em Vaux, Aramis recolhera ao seu quarto, meditando sem dúvida mais alguma galanteria para os prazeres de Sua Majestade.

Mandou d'Artagnan que o anunciassem e encontrou no segundo andar, num formoso quarto, a que chamavam quarto azul, por causa das pinturas, o Bispo de Vannes em companhia de Porthos e vários epicúrios modernos.

Adiantou-se Aramis para abraçar o amigo e ofereceu-lhe a melhor poltrona; percebendo que o mosqueteiro tencionava conversar reservadamente com Aramis, os epicúrios despediram-se.

Porthos não se mexeu. É verdade que, tendo jantado muito, estava dormindo na poltrona, e não perturbou a entrevista. Roncava harmoniosamente e podia-se falar com aquele acompanhamento de baixo como se fora uma antiga melopéia.

Conheceu d'Artagnan que lhe competia encetar a conversação. O assunto era difícil; daí que o atacasse diretamente.

— Muito bem, eis-nos portanto em Vaux? — exclamou.

— De fato, d'Artagnan. Gostas daqui?

— Muito, e gosto também do Sr. Fouquet.

— Não é encantador?

— Extremamente.

— Dizem que o rei, a princípio, lhe fez má cara, mas depois se brandou.

— Dizem? Então, não viste o que se passou?

— Não; eu estava tratando, com estes senhores que acabam de sair, da representação e das cavalhadas de amanhã.

— Ah! és tu o organizador das festas?

— Sou, como sabes, amigo dos prazeres da imaginação; sempre fui meio poeta.

— Lembram-me os teus versos. Eram deliciosos.

— Pois eu os esqueci; mas gosto de ouvir os alheios, quando os outros se chamam Molière, Pellisson, La Fontaine, etc.

— Sabes a idéia que me ocorreu esta noite ao jantar, Aramis?

— Não. Dize-ma; sem isso, não poderei adivinhá-la; tens tantas!

— Pois bem, ocorreu-me que o verdadeiro rei de França não é Luís XIV.

— Hein? — acudiu Aramis, fitando involuntariamente os olhos nos do mosqueteiro.

— Não, é o Sr. Fouquet. Aramis respirou e sorriu.

— Estás como os outros: enciumado! — disse ele.

— Aposto que foi o Sr. Colbert quem te soprou isso?

Para agradar o amigo, contou-lhe d'Artagnan as desventuras de Colbert a propósito do vinho de Melun.

— É muito ordinário esse tal Colbert! — observou Aramis.

— Tens razão.

— E pensar — continuou o bispo — que esse salafrário será teu ministro daqui a quatro meses.

— Ora!

— E que tu o servirás como serviste Richelieu, como serviste Mazarino.
— Como serves Fouquet — emendou d'Artagnan.
— Com uma diferença, caro amigo: o Sr. Fouquet não é o Sr. Colbert.
— De fato.
E d'Artagnan fingiu entristecer-se.
— Mas — ajuntou um momento depois — por que me dizias que o Sr. Colbert será ministro daqui a quatro meses?
— Porque o Sr. Fouquet deixará de sê-lo — redarguiu Aramis.
— Estará arruinado?
— Completamente.
— Por que dá festas, então? — sobreveio o mosqueteiro num tom de benevolência tão natural que o bispo se deixou momentaneamente iludir. — Não conseguiste dissuadi-lo?
A última parte da frase era um excesso. Aramis voltou à desconfiança.
— Trata-se — disse ele — de agradar o rei.
— Arruinando-se?
— Arruinando-se por ele, sim.
— Cálculo singular!
— É a necessidade.
— Não a vejo, caro Aramis.
— Como não? Deves ter observado o antagonismo crescente do Sr. Colbert.
— E o trabalhinho do Sr. Colbert junto ao rei para desfazer-se do superintendente.
— Isso salta aos olhos.
— E a trama que se urde contra o Sr. Fouquet.
— O que é sabido e ressabido.
— E a provável união do rei com os inimigos do homem que se arruinou para agradar-lhe.
— É verdade — conveio lentamente Aramis, pouco convencido, mas curioso de examinar o assunto por outro prisma.
— Há loucuras e loucuras — volveu d'Artagnan. — Não gosto de todas as que fazes.
— Quais?
— O jantar, o baile, o concerto, a comédia, as cavalhadas, as cascatas, os fogos de artifício e os presentes, ainda passam, vá lá! Mas não bastariam essas despesas? Seria preciso...?
— O quê?
— Vestir de novo uma casa inteira, por exemplo?
— Oh! é verdade! Eu disse a mesma coisa ao Sr. Fouquet; respondeu-me ele que, se fosse suficientemente rico, ofereceria ao rei um castelo novo, dos cataventos ao porão; novo como tudo o que contivesse; e, após a partida de Sua Majestade, reduziria tudo a cinzas para que nada pudesse aproveitar a outros.
— Isso é espanholice pura!
— Foi o que observei. Mas ele ajuntou: "Será meu inimigo quem quer que me aconselhe a poupar".
— Isso é demência, como o tal retrato!
— Que retrato? — perguntou Aramis.
— O do rei, a tal surpresa...
— A surpresa?
— Sim, para a qual fôste buscar as amostras em casa de Percerin.
D'Artagnan se deteve. Despedira a flecha. Só lhe restava agora medir-lhe o alcance.

— É uma fineza — retorquiu Aramis.
D'Artagnan aproximou-se do amigo, tomou-lhe as mãos e, cravando-lhe os olhos nele:
— Aramis — perguntou — ainda gostas um pouco de mim?
— Se eu gosto de ti!
— Bom! Faze-me então um favor. Por que fôste buscar as amostras em casa de Percerin?
— Vem perguntá-lo comigo ao pobre Le Brun, que trabalhou nisso dois dias e duas noites.
— Aramis, essa é a verdade para toda a gente; mas para mim...
— Francamente, d'Artagnan, tu me surpreendes!
— Sê bom. Não mintas; gostarias de que me sucedesse alguma desgraça?
— Caro amigo, estás incompreensível. Que diabo de suspeita te aflige?
— Crês nos meus instintos? Outrora acreditavas. Pois bem, um instinto me diz que tens um projeto oculto.
— Eu, um projeto?
— Não tenho certeza.
— Ainda bem!
— Não tenho certeza, mas seria capaz de jurá-lo.
— d'Artagnan, tu me consternas. Com efeito, se tenho um projeto que devo esconder-te, preciso escondê-lo, não é verdade? E se tivesse um projeto que devia revelar-te, já o teria feito.
— Não, Aramis, não; há projetos que só se revelam no momento favorável.
— Então, meu bom amigo — volveu, rindo-se, o bispo — é que o momento favorável ainda não chegou.
D'Artagnan sacudiu a cabeça com melancolia.
— Amizade! amizade! — exclamou — vã palavra!
Eis aqui um homem que, a meu pedido, se deixaria cortar por mim em pedacinhos.
— É verdade — confirmou nobremente Aramis.
— E esse homem, que me daria todo o sangue das veias, não me abrirá sequer um cantinho do coração. Amizade, repito-o, não passas de uma sombra e de um engodo, como tudo o que brilha neste mundo!
— Não fales assim de nossa amizade — respondeu o bispo em tom firme e convencido. — Ela não pertence ao gênero a que te referes.
— Olha para nós, Aramis. Dos quatro, aqui estamos três. Tu me enganas, eu suspeito de ti, e Porthos está dormindo. Belo trio de amigos, não é verdade? Belo resto!
— Só posso dizer-te uma coisa, d'Artagnan, e essa, juro-a pelo Evangelho. Sou teu amigo como outrora. Se alguma vez desconfio de ti, é por causa dos outros, não por minha nem por tua causa. Em tudo o que eu fizer e for bem sucedido, terás a tua parte. Vamos, promete-me idêntico favor.
— Se não me engano, Aramis, essas palavras, neste momento, são muito generosas.
— É possível.
— Conspiras contra o Sr. Colbert. Se for apenas isso, com todos os demônios! dize-mo: tenho a ferramenta, arrancarei o dente.
Aramis não pôde conter um sorriso de desdém, que lhe contraiu o rosto nobre.
— E se eu conspirasse contra o Sr. Colbert, onde estaria o mal?
— Isso é pouco demais para ti, e não foi para derrubar Colbert que pediste amostras a Percerin. Oh! Aramis, não somos inimigos, somos irmãos. Dize-me o que queres empreender, e, à fé de d'Artagnan, se eu não puder ajudar-te, juro ficar neutro.
— Não quero empreender coisa alguma — declarou Aramis.

— Aramis, uma voz me fala e me ilumina; essa voz nunca me enganou. Conspiras contra o rei!
— Contra o rei? — exclamou o bispo afetando descontentamento.
— A tua fisionomia não me convence. Repito: contra o rei.
— E tu me ajudarás? — perguntou Aramis, sempre irônico.
— Aramis, farei mais do que ajudar-te, farei mais do que ficar neutro: eu te salvarei.
— Estás louco, d'Artagnan.
— Sou o mais ajuizado dos dois.
— Tu, suspeitar de que eu queria assassinar o rei!
— Quem foi que disse isso? — perguntou o mosqueteiro.
— Entendamos-nos; que é o que se pode fazer contra um rei legítimo como o nosso, se não assassiná-lo?
D'Artagnan não replicou.
— Tens aqui, aliás, os teus guardas e os teus mosqueteiros.
— É verdade.
— Não estás em casa do Sr. Fouquet, estás em tua casa.
— É verdade.
— Tens, neste momento, o Sr. Colbert, que está aconselhando ao rei contra o Sr. Fouquet tudo o que tu mesmo talvez lhe aconselharias se não me quisesses bem.
— Aramis! Aramis! por favor, uma palavra de amigo!
— A palavra dos amigos é a verdade. Quero que me fulmine um raio se penso tocar sequer com um dedo no filho de Ana d'Áustria, o verdadeiro rei deste país de França; se não tenho a mais firme intenção de prosternar-me diante do seu trono; se, no meu entender, aqui em Vaux, o dia de amanhã não fôr para ele o mais glorioso de sua vida!
Aramis pronunciara essas palavras com o rosto voltado para a alcova do seu quarto, onde d'Artagnan, de costa para ela, não poderia desconfiar que estivesse escondido alguém. A unção dessas palavras, a sua estudada lentidão, a solenidade do juramento, deram ao mosqueteiro a mais completa satisfação. ele travou das mãos de Aramis e apertou-as cordialmente.
Aramis suportara as censuras sem empalidecer, mas enrubesceu ante os louvores. Enganado, d'Artagnan lhe fazia honra; confiante, dava-lhe vergonha.
— Já te retiras? — perguntou, abraçando-o para ocultar o afogueado do rosto.
— Sim, o serviço me chama. Preciso indagar da senha desta noite.
— Onde dormirás?
— Na antecâmara do rei, segundo parece. E Porthos?
— Leva-o; pois ronca como um canhão.
— Ah!... ele não está aqui contigo? — perguntou d'Artagnan.
— De maneira nenhuma. Tem o seu apartamento não sei onde.
— Muito bem! — volveu o mosqueteiro, que perdia, com a separação dos dois associados, as últimas suspeitas.
E tocou rudemente no ombro de Porthos. Este respondeu com um rugido.
— Vem! — disse d'Artagnan.
— Ué! d'Artagnan, querido amigo! Por que cargas d'água?... Ah! é verdade, estou na festa de Vaux.
— Com a tua roupa nova.
— Foi muito gentil da parte do Sr. Coquelin de Volière, não foi?
— Psiu! — sobreveio Aramis. — Andas como se quisesses afundar o soalho.
— É verdade — confirmou o capitão. — Este quarto fica acima da cúpula.

— E não o escolhi para sala de armas — ajuntou o bispo. — O quarto do rei tem por teto as doçuras do sono. Não te esqueças de que o meu soalho é a parte superior desse teto. Boa-noite, meus amigos, daqui a dez minutos estarei dormindo.

E Aramis conduziu-os até à porta, a sorrir. Depois que saíram, correu rapidamente os ferrolhos e, calafetando as janelas, chamou:

— Monsenhor! Monsenhor!

Filipe saiu da alcova empurrando uma porta corrediça que havia atrás da cama.

— Como é desconfiado o Sr. D'Artagnan! — observou.

— Vossa Alteza reconheceu-o?

— Antes que lhe pronunciásseis o nome.

— É o seu capitão de mosqueteiros.

— Ele *me é* bem dedicado — replicou Filipe acentuando o pronome pessoal.

— Fiel como um cão, que morde algumas vezes.

Se d'Artagnan não o reconhecer antes que *o outro* tenha desaparecido, fie-se dele Vossa Alteza por toda a eternidade; pois então, se não viu nada, ser-lhe-á eternamente fiel; se viu demais, como bom gascão, jamais confessará que se enganou.

— Era o que eu estava pensando. Que faremos agora?

— Vossa Alteza vai colocar-se no observatório para assistir ao deitar do rei e saber como se deita Vossa Alteza em dias de pouca cerimônia.

— Muito bem. Onde ficarei?

— Sente-se aqui. Farei deslizar o soalho. Vossa Alteza olhará por esta abertura, que corresponde às janelas falsas, feitas na cúpula do quarto do rei. Está vendo?

Voyez-vous? dit Aramis. (Page 402).

— Estou vendo o rei.

E Filipe estremeceu como se tivesse visto um inimigo.

— Que é que ele está fazendo?

— Convidando um homem para assentar-se a seu lado.

— O Sr. Fouquet.

— Não, não; esperai...

— As notas, meu príncipe, os retratos! — O homem que o rei convidou para assentar-se é o Sr. Colbert.

— Colbert ao lado do rei? — exclamou Aramis. — Impossível!

— Olhai, Aramis mergulhou o olhar pela frincha do soalho.

— Sim — disse ele — é Colbert, realmente. Oh! monsenhor, que é o que vamos ouvir, e que resultará dessa intimidade?

— Nada de bom para o Sr. Fouquet, sem dúvida alguma.

Não se enganava o príncipe. Vimos que Luís XIV mandara chamar Colbert, e que este chegara.

Iniciou-se entre eles a conversação por um desses altos favores que o monarca rarissimamente concedia. É verdade que o rei estava só com o súdito.

— Sentai-vos, Colbert.

No auge do contentamento, o intendente, que temia ser despedido, recusou a honra insigne.

— Ele aceitou?

— Não, continua em pé.

— Ouçamos, meu príncipe.

E o futuro rei e o futuro papa entraram a escutar avidamente os simples mortais que tinham sob os pés, prontos para esmagá-los, quando bem o entendessem.

— Colbert — disse o rei — hoje me contrariastes muitíssimo.

— Sire... eu sabia.

— Muito bem! Gosto dessa resposta. Sim, vós o sabíeis. Foi mister coragem para fazê-lo.

— Arrisquei-me a descontentar Vossa Majestade; mas arriscava-me também a esconder-lhe o seu verdadeiro interesse.

— Como! Temíeis alguma coisa por mim?

— Nem que fosse uma indigestão, Sire — respondeu Colbert; — pois não se oferecem ao rei banquetes semelhantes senão para sufocá-lo sob o peso do bom passadio.

E, lançada a graçola, Colbert, muito ancho, esperou-lhe o efeito. Luís XIV, que era o homem mais vaidoso e mais dedicado do reino, perdoou-lhe a nova chocarrice.

— É verdade — disse ele — o Sr. Fouquet proporcionou-me um belíssimo jantar. De onde tira ele a verba necessária para acudir a tamanhas despesas? Sabei-o?

— Sei-o, Sire.

— Dizei-me, então.

— Tintim por tintim.

— Sabeis contar.

— É a primeira qualidade que se pode exigir de um intendente das finanças.

— Nem todos a possuem.

— Agradeço a Vossa Majestade um elogio tão lisonjeiro em sua boca.

— Portanto, o Sr. Fouquet é rico, riquíssimo, e toda a gente sabe disso.

— Toda a gente: vivos e mortos.

— Como assim, Sr. Colbert?

— Os vivos vêem a riqueza do Sr. Fouquet; admiram um resultado, e aplaudem-no; mas os mortos, mais sábios do que nós, conhecem-lhe as causas, e acusam-no.

— Muito bem: a que causas deve o Sr. Fouquet a sua riqueza?

— O mister de intendente favorece os que o exercem.

— Sede mais explícito; não temais, estamos inteiramente sós.

— Não temo coisa alguma, amparado pela minha consciência e protegido pelo meu rei, Sire.

E Colbert se inclinou.

— Por conseguinte, os mortos, se falassem?...

— Falam, às vezes, Sire. Leia.

— Ah! — murmurou Aramis ao ouvido do príncipe, que, de seu lado, escutava sem perder uma sílaba — já que Vossa Alteza aqui está colocado para aprender o ofício de rei, ouça uma infâmia bem real. Vossa Alteza vai assistir a uma cena como as que só Deus, ou melhor, só o diabo poderia conceber e executar. Ouça bem, que ela lhe aproveitará.

O príncipe redobrou de atenção e viu Luís XIV tomar das mãos de Colbert uma carta que este lhe estendia.

— A letra do finado cardeal! — disse o rei.

— Vossa Majestade tem boa memória — replicou Colbert inclinando-se — e é, para um rei destinado ao trabalho, maravilhoso dom reconhecer escritas à primeira vista.

El-rei leu uma carta de Mazarino, que, já conhecida do leitor, após o desentendimento entre a Sra. de Chevreuse e Aramis, não nos diria nada de novo se a transcrevêssemos.

— Não compreendo bem — disse o rei vivamente interessado.

— Vossa Majestade ainda não tem a prática dos funcionários da intendência.
— Vejo que se trata de dinheiro dado ao Sr. Fouquet.
— Treze milhões. Uma linda soma!
— Pois sim... Mas esses treze milhões estão faltando? Eis o que não compreendo direito. Como e por que seria possível o déficit?
— Possível, não digo que fosse; mas que é real, não há dúvida.
— Dizeis que faltam treze milhões?
— Não sou eu quem o diz, é o registro.
— E esta carta do Sr. de Mazarino indica o emprego do dinheiro e o nome do depositário?
— Como Vossa Majestade pode ver.
— Com efeito: daí resulta que o Sr. Fouquet ainda não teria devolvido os treze milhões.
— É, de fato, o que se colhe das contas, Sire.
— Muito bem, e então?...
— Então, Sire, visto que o Sr. Fouquet não devolveu os treze milhões, guardou-os, e, com treze milhões, dá-se uma festa quatro vezes e tanto mais cara e mais bonita que a que Vossa Majestade pôde dar em Fontainebleau, onde não gastamos ao todo mais de três milhões.
Para um desastrado, era uma habilíssima perfídia a lembrança da festa em que el-rei, graças a uma frase de Fouquet, reconhecera pela primeira vez a sua inferioridade. Colbert recebia em Vaux o que lhe fizera Fouquet em Fontainebleau, e, como bom financista, devolvia-o com juros altíssimos. Tendo, assim, disposto o espírito do rei, já não lhe restava muito que fazer.
Percebeu-o; Luís se ensombrecerá. Colbert esperou a primeira palavra do rei com a mesma impaciência com que a esperavam Filipe e Aramis do alto do seu observatório.
— Sabeis o que resulta de tudo isto, Sr. Colbert? — perguntou el-rei depois de uma reflexão.
— Não, Sire, não sei.
— Comprovada a apropriação dos treze milhões...
— Mas ela já o foi.
— Quero dizer: publicada, Sr. Colbert.
— Sê-lo-á a partir de amanhã, se Vossa Majestade...
— Não estivesse em casa do Sr. Fouquet — emendou o rei com dignidade.
— El-rei, em toda a parte, está em sua casa, Sire; sobretudo nas casas pagas com o seu dinheiro.
— Parece-me — disse Filipe baixinho a Aramis — que o arquiteto que construiu esta cúpula deveria, prevendo o uso que dela se poderia fazer, dispô-la de modo que se pudesse derrubá-la na cabeça dos patifes com um caráter tão negro como esse Sr. Colbert.
— Era o que eu estava pensando — respondeu Aramis; — mas o Sr. Colbert está tão perto do rei neste momento!
— É verdade, isso abriria uma sucessão.
— Cujos frutos seriam recolhidos pelo irmão mais moço de Vossa Alteza. Calemo-nos, monsenhor, e continuemos a escutar.
— Não escutaremos por muito tempo — disse o jovem príncipe.
— Por quê?
— Porque, se eu fosse o rei, não responderia mais nada.
— E que faria Vossa Alteza?
— Esperaria até amanhã para refletir.
Luís XIV ergueu finalmente os olhos e, encontrando Colbert atento à sua primeira palavra:
— Sr. Colbert — disse ele mudando de súbito o rumo da conversação — vejo que é tarde e vou

deitar-me.

— Ah! — exclamou Colbert — eu teria...

— Boa-noite. Amanhã cedo tomarei uma determinação.

— Muito bem, Sire — volveu Colbert, exasperado, embora se contivesse em presença do rei.

O soberano fez um gesto, e o intendente se dirigiu para a porta às arrecuas.

— O meu serviço! — gritou Sua Majestade. Entrou no apartamento o serviço do rei. Filipe ia deixar o posto de observação.

— Um momento — disse-lhe Aramis com a doçura habitual; — o que acaba de passar-se é tão-somente um pormenor, e amanhã já nem pensaremos nisso; mas o serviço da noite, a etiqueta do deitar-se é importantíssima! Aprenda, aprenda como Vossa Alteza se mete na cama.

Olhe, olhe!

Capítulo XV - Colbert

A HISTÓRIA nos dirá, ou antes, a história nos disse quais foram os sucessos do dia seguinte, as festas esplêndidas oferecidas pelo superintendente ao rei. Dois grandes escritores deixaram registrada a renhidíssima disputa que se verificou entre *a Cascata* e *o Chafariz,* a luta que se travou entre *a Fonte da Coroa* e *os Animais,* para saber quem mais agradaria. Houve, pois, divertimentos e alegria; houve passeios, banquetes, comédia; comédia em que, para sua grande surpresa, Porthos reconheceu o Sr. Coquelin de Volière, representando na *farsa dos Chatos.* Era assim que chamava àquele intermédio o Sr. Bracieux de Pierrefonds.

La Fontaine, sem dúvida, já não pensaria o mesmo, pois escreveu ao amigo, o Sr. Maucrou:

C'est un ouvrage de Molière.
Cet écrivain, par sa manière, Charme à présent toute la cour.
De la façon que son nom court, Il doit être par delà Rome.
J'en suis ravi, car c'est un homme.

Vê-se que La Fontaine aproveitara o conselho de Pellisson: esmerara-se nas rimas.

De resto, Porthos era da opinião de La Fontaine, e teria dito *como* ele: "Por Deus! esse Molière é um homem! mas só no tocante às roupas". No que toca ao teatro, como já dissemos, para o Sr. Bracieux de Pierrefonds, Molière não passava de um *farsante.*

Preocupado, porém, pela cena da véspera, cozinhando o veneno que destilara Colbert, o monarca, durante esse dia tão brilhante, tão acidentado, tão imprevisto, em que as maravilhas das *Mil e uma Noites* pareciam nascer-lhe de sob os passos, mostrou-se frio, reservado, taciturno.

Nada logrou distraí-lo; percebia-se que um ressentimento profundo, vindo de longe, acrescentado a pouco e pouco à semelhança da fonte que se muda em rio, graças aos mil riachinhos que a alimentam, lhe atenazava a alma.

Só lá pelo meio-dia readquiriu alguma serenidade.

A sua decisão, sem dúvida, estava tomada.

Aramis, que o seguia passo a passo, não só na marcha mas também no pensamento, concluiu que o sucesso previsto e esperado não tardaria em verificar-se.

Dessa vez, Colbert parecia caminhar de acordo com o Bispo de Vannes, e, ainda que recebesse uma ordem de Aramis para cada alfinetada que desferia no coração do rei, não o faria melhor.

Durante todo esse dia, Sua Majestade, que precisava, sem dúvida, afastar um pensamento sombrio, pareceu buscar com tanto empenho a sociedade de La Vallière quanto se empenhou em fugir à do Sr. Colbert ou à do Sr. Fouquet.

A noite desceu. O rei manifestara o desejo de passear somente depois do jogo. Entre o jantar e o passeio, portanto, jogou. E, tendo ganho e embolsado mil pistolas, levantou-se dizendo:

— Vamos, senhores, ao parque.

Lá encontrou as damas. Dissemos que o rei ganhara e embolsara mil pistolas. Mas o Sr. Fouquet soubera perder dez mil; de sorte que, entre os cortesãos, havia ainda cento e noventa mil libras de benefício, circunstância que fazia dos rostos dos palacianos e dos oficiais da casa real os mais alegres da terra.

Já não se poderia dizer o mesmo da fisionomia do rei, na qual, apesar do lucro a que não era

insensível, continuava a pairar uma nuvenzinha.

Na extremidade de uma alameda, esperava-o Colbert. O intendente, sem dúvida, lá marcara um encontro, pois Luís XIV, que o evitara, fez-lhe sinal e com ele se entranhou no parque.

Mas La Vallière também vira a fronte carregada e o olhar cintilante do rei; e, como nada do que se ocultava naquela alma fosse impenetrável ao seu amor, compreendera que a cólera comprimida ameaçava alguém. Surgia ela no caminho da vingança como o anjo da misericórdia.

Triste, confusa, desesperada por estar havia tanto tempo separada do amante, preocupada com a comoção interior que adivinhara, mostrou-se, a princípio, presa de um enleio, que o espírito irritado de Sua Majestade interpretou desfavoravelmente.

Como se estivessem sós ou quase sós, pois Colbert, avistando a rapariga, se detivera respeitosamente a dez passos de distância, aproximou-se o rei de La Vallière e tomou-lhe a mão.

— Senhorita — perguntou-lhe — posso, sem indiscrição, perguntar-vos o que tendes? O vosso colo arqueja, os vossos olhos estão úmidos.

— Oh! Sire, se me arqueja o colo, se os meus olhos estão úmidos, se, enfim, pareço triste, a causa é a tristeza de Vossa Majestade.

— Minha tristeza? Estais vendo mal, senhorita. Não, não é tristeza o que sinto.

— Que é então, Sire?

— Humilhação.

— Humilhação? Que diz Vossa Majestade?

— Digo que, onde estou, o único amo deveria ser eu. Pois bem, olhai: vede se não me eclipso, eu, o rei de França, diante do rei destes domínios. Oh! — continuou, apertando os dentes e os punhos — oh!... quando penso que esse rei...

— Sim? — tornou La Vallière, assustada.

— É um servidor infiel, que se engalana com o que me roubou! Por isso mesmo decidi trocar a festa desse ministro impudente num luto de que a ninfa de Vaux, como dizem os seus poetas, se lembrará por muito tempo.

— Oh! Majestade...

— Dar-se-á, acaso, senhorita, que tomeis o partido do Sr. Fouquet? — perguntou Luís XIV, impaciente.

— Não, Sire, pergunto apenas se Vossa Majestade está bem informado. Vossa Majestade já pesou mais de uma vez, o verdadeiro valor das acusações da corte.

Luís XIV fez sinal a Colbert que se aproximasse.

— Falai, Sr. Colbert — intimou o jovem príncipe; — pois creio que a Srta. de La Vallière, aqui presente, necessita da vossa palavra para acreditar na palavra do rei. Dizei-lhe o que fez o Sr. Fouquet. E vós, senhorita, tende a bondade de, escutar, que não levará muito tempo.

Por que insistia assim o monarca? Por uma razão muito simples: o seu coração não estava tranqüilo, o seu espírito não estava inteiramente convencido; adivinhava algum manejo sombrio, obscuro, tortuoso, na história dos treze milhões, e quisera que o coração puro de La Vallière, revoltado pela idéia de um roubo, aprovasse, com uma palavra, a resolução que ele tomara, e que, não obstante, hesitava em pôr em obra.

— Falai, senhor — disse La Vallière a Colbert, que se adiantara; — falai, visto que el-rei deseja que eu vos ouça. Vejamos, qual é o crime do Sr. Fouquet?

— Oh! nada de muito grave, senhorita — volveu o negro personagem; — um simples abuso de confiança...

— Dizei, dizei, Colbert, e depois que tiverdes dito, deixai-nos; e avisai o Sr. d'Artagnan que tenho

ordens para dar-lhe.

— O Sr. d'Artagnan! — bradou La Vallière; — e por que avisar o Sr. d'Artagnan, Sire? Suplico-lhe que mo diga.

— Ora, essa! Para prender esse titã orgulhoso, fiel à sua divisa, que ameaça escalar-me o céu.

— Prender o Sr. Fouquet?

— Isso vos espanta?

— Em casa dele?

— Por que não? Se é culpado, é culpado aqui como em toda a parte.

— O Sr. Fouquet, que está-se arruinando neste momento para homenagear o seu rei?

— Parece-me que defendeis o traidor, senhorita.

Colbert pôs-se a rir baixinho. Voltou-se el-rei ao silvo daquele riso.

— Sire — disse La Vallière — não é o Sr. Fouquet que eu defendo, é Vossa Majestade.

— Eu?... Vós me defendeis?

— Sire, não se desonre Vossa Majestade dando uma ordem semelhante!

— Desonrar-me? — murmurou o rei empalidecendo de cólera. — Em verdade, senhorita, pondes no que dizeis uma estranha paixão.

— Ponho paixão, não no que digo, Sire, senão em servir a Vossa Majestade — respondeu a nobre rapariga. — Poria nisso, a ser preciso, a própria vida, e com a mesma paixão, Sire.

Colbert quis resmungar. Mas La Vallière, o meigo cordeiro, voltou-se contra ele, e, com o olhar inflamado, impôs-lhe silêncio.

— Senhor — disse ela — quando el-rei procede bem, embora me prejudique, a mim ou aos meus, calo-me; quando, porém, procede mal, embora me sirva, a mim ou às pessoas que amo, digo-lho.

— Mas creio, senhorita — arriscou Colbert — que eu também amo el-rei.

— Sim, senhor, ambos o amamos, cada qual a seu modo — replicou La Vallière com tal acento que penetrou o coração do jovem monarca. — Mas eu o amo tanto que toda gente o sabe; tão puramente, que nem ele duvida do meu amor. Ele é o meu rei e o meu amo, eu sou a sua humilde serva; mas quem quer que lhe toque na honra toca em minha vida. Ora, desonram Sua Majestade os que o aconselham a mandar prender o Sr. Fouquet em sua casa.

Sentindo-se desamparado, Colbert abaixou a cabeça. Ao abaixá-la, todavia, murmurou:

— Senhorita, eu quisera apenas dizer uma palavrinha.

— Não a digais, senhor, que eu não a ouviria.

Aliás, que me diríeis? Que o Sr. Fouquet cometeu crimes? Já sei, porque o disse el-rei; e depois de Sua Majestade haver declarado: "Eu creio", não preciso que outra boca me diga: "Eu afirmo". Mas ainda que o Sr. Fouquet fosse o último dos homens, digo-o alto e bom som, ele seria sagrado para o rei, porque o rei é seu hóspede. Ainda que a sua casa fosse uma espelunca, ainda que fosse Vaux uma caverna de moedeiros falsos e de bandidos, a sua casa seria santa, o seu castelo seria inviolável, pois nele habita sua esposa, e é um asilo que nem carrascos violariam.

Calou-se La Vallière. Malgrado seu, vencido pelo calor da voz, pela nobreza da causa, el-rei admirou-a. Esmagado pela desigualdade da luta, Colbert se curvou. Por fim, o soberano sacudiu a cabeça, com um suspiro, e estendeu a mão a La Vallière.

— Senhorita — disse com doçura — por que falais contra mim? Sabeis o que fará esse miserável se eu lhe permitir que respire?

— Oh! Sire, não é uma presa que estará sempre ao seu alcance?

— E se escapar, se fugir? — insistiu Colbert.

— Nesse caso, senhor, será eterna a glória do rei por tê-lo deixado fugir; e quanto mais culpado

fôr ele, tanto maior será ela, comparada à miséria, à vergonha de uma detenção.

Luís beijou a mão de La Vallière, caindo-lhe aos pés.

— Estou perdido — pensou Colbert. Súbito, porém, iluminou-se-lhe o rosto.

— Oh! não, não, ainda não! — disse entre si.

E, ao passo que o rei, protegido pela espessura de enorme tília, abraçava La Vallière com a veemência de um amor inefável, Colbert examinou tranqüilamente a sua carteira, de onde sacou um pedaço de papel dobrado em forma de carta, um tanto amarelado talvez, mas que devia de ser bem precioso, pois o intendente sorriu ao contemplá-lo. Logo, dirigiu o olhar rancoroso para o grupo encantador que formavam na sombra a rapariga e o rei, tibiamente iluminado por fachos que se avizinhavam.

Luís viu a claridade deles refletir-se no vestido branco de La Vallière.

— Parte, Luísa — disse-lhe — que os outros se aproximam.

— Senhorita, senhorita, vem vindo gente — instou Colbert, apressando a partida da jovem.

Luísa desapareceu num rufo entre as árvores. E como o rei, que se pusera de joelhos diante dela, tornasse a levantar-se:

— A Srta. de La Vallière deixou cair alguma coisa — disse Colbert.

— O quê? — perguntou o rei.

— Um papel, uma carta, uma coisa branca; ei-la, Sire.

O rei abaixou-se depressa e apanhou a carta, amarfanhando-a. Nesse momento chegaram os fachos, inundando de luz a cena escura.

Capítulo XVI - Ciúme

ESSA luz verdadeira, o afã de todos, a nova homenagem prestada ao rei por Fouquet, vieram suspender o efeito de uma resolução que La Vallière já abalara no coração de Luís XIV.

O soberano considerou o hospedeiro com uma espécie de gratidão, por haver dado a La Vallière azo de mostrar-se tão generosa, tão poderosa sobre o seu coração.

Era o instante das últimas maravilhas. Assim que Fouquet conduziu o rei para o castelo, uma massa de fogo, escapando com majestoso estrondo de zimbório de Vaux, deslumbrante aurora, iluminou até os escaninhos da escadaria.

Os fogos de artifícios principiavam. A vinte passos do rei, cercado e festejado pelos senhores de Vaux, Colbert procurava, pela obstinação de seu pensamento funesto, reconduzir a atenção de Luís a idéias que a magnificência do espetáculo já afastara de todo.

De repente, no momento de estendê-la a Fouquet, sentiu o rei na mão o papel que, aparentemente, La Vallière deixara cair a seus pés ao fugir.

O ímã poderoso do amor retrazia ao jovem príncipe a lembrança da amada.

Aos clarões dos fogos, cada vez mais belos, que arrancavam gritos de admiração dos aldeões vizinhos, o rei leu o bilhete, supondo fosse uma carta escrita a ele por ela.

À proporção que lia, a palidez subia-lhe ao rosto, e a sua cólera surda, iluminada pelos fogos multicoloridos, era um espetáculo terrível, que teria amedrontado toda a gente, se toda a gente pudesse ler-lhe no coração devastado pelas mais sinistras paixões. Para ele, já não lhe davam tréguas o ciúme nem a raiva. A partir do momento em que descobriu a sombria verdade, tudo desapareceu, piedade, doçura, a própria religião da hospitalidade.

Pouco faltou para que, na dor aguda que lhe contraía o coração, ainda muito fraco para dissimular o sofrimento, desse um grito de alarma e convocasse os seus guardas.

Já deve ter adivinhado o leitor que a carta atirada no caminho do rei por Colbert era a mesma que desaparecera com o criado Tobias em Fontainebleau, após o assalto tentado por Fouquet ao coração de La Vallière.

Fouquet viu a palidez e não adivinhou o mal; Colbert viu a cólera e rejubilou-se com a aproximação da tempestade.

A voz do superintendente arrancou o jovem príncipe à sua feroz meditação.

— Que tem Vossa Majestade? — perguntou graciosamente o ministro.

Luís fez um esforço sobre si mesmo, um esforço violento.

— Nada — respondeu.

— Receio que Vossa Majestade esteja sofrendo.

— Estou sofrendo, de fato; mas não é nada.

E, sem esperar o fim dos fogos de artifício, dirigiu-se para o castelo.

Fouquet acompanhou-o. Toda a gente os seguiu.

As últimas peças arderam tristemente sós.

O superintendente ainda tentou interrogar Luís XIV, mas não obteve resposta. Supôs que tivesse surgido um arrufo entre Luís e La Vallière; que disso resultara uma rusga: que o rei, de seu natural pouco melancólico, mas inteiramente absorto na sua raiva de amor, passara a odiar o mundo inteiro desde que a amada se agastara.

Bastou essa idéia para tranqüilizá-lo; chegou a dirigir um sorriso amistoso e consolador ao jovem rei, quando este lhe desejou boas-noites.

O martírio do soberano, contido, ainda não terminara. Competia-lhe suportar o cerimonial do deitar-se, que devia de fazer-se com grande etiqueta. O dia seguinte era o da partida. Cumpria que os hóspedes agradecessem ao dono da casa e se mostrassem amáveis a ele em troca dos seus doze milhões.

A única amabilidade que Luís encontrou para dizer a Fouquet ao despedi-lo foram estas palavras:

— Sr. Fouquet, tereis notícias minhas; mandai-me, por obséquio, o Sr. d'Artagnan.

E sentia ferver-lhe nas veias o sangue de Luís XIII, que tanto dissimulara, pronto para mandar ataganhar Fouquet, como o seu predecessor mandara assassinar o Marechal d'Ancre. Disfarçou, porém, a medonha resolução com um desses sorrisos reais, que são os relâmpagos dos golpes de Estado.

Fouquet pegou na mão do rei e beijou-a. Um estremecimento sacudiu o corpo de Luís, mas ele deixou que os lábios de Fouquet lhe roçassem a mão.

Cinco minutos depois, d'Artagnan, ao qual fora transmitida a ordem real, entrava no quarto do rei.

Aramis e Filipe estavam no deles, sempre atentos, sempre à escuta.

O monarca não deu tempo ao capitão para chegar à sua poltrona.

Correu-lhe ao encontro.

— Fazei — exclamou — que ninguém entre aqui.

— Bem, Sire — replicou o soldado, cujo olhar, havia muito, analisara as devastações daquela fisionomia.

E transmitiu a ordem aos que guardavam a porta; logo, reaproximando-se do rei:

— Alguma novidade, Sire? — perguntou.

— Quantos homens tendes aqui? — indagou o soberano sem responder à pergunta.

— Para que, Sire?

— Quantos homens tendes? — repetiu el-rei batendo com o pé no chão.

— Tenho os mosqueteiros.

— Que mais?

— Vinte guardas e treze suíços.

— Quantas pessoas são necessárias para...

— Para?... — repetiu inquisitivamente o mosqueteiro com os seus grandes olhos calmos.

— Para prender o Sr. Fouquet. D'Artagnan recuou um passo.

— Prender o Sr. Fouquet! — exclamou.

— Direis também que é impossível? — bradou el-rei com raiva concentrada e fria.

— Nunca digo que uma coisa é impossível — replicou d'Artagnan, melindrado.

— Pois bem, fazei-o!

D'Artagnan girou sobre os calcanhares sem-cerimônia e dirigiu-se para a porta.

O espaço que tinha de percorrer era curto; transpô-lo em seis passos. Logo, detendo-se:

— Perdão, Sire — disse ele.

— Que foi? — perguntou o rei.

— Para efetuar essa prisão, eu quisera uma ordem escrita.

— Para quê? Desde quando não vos basta a palavra do rei?

— Uma palavra de rei, nascida de um sentimento de cólera, pode mudar quando muda o sentimento.

— Nada de frases, senhor! Estais pensando outra coisa.

— Oh! vivo pensando, e tenho pensamentos que os outros infelizmente não têm — replicou, impertinente, d'Artagnan.

No ardor do seu arrebatamento, dobrou-se o rei diante daquele homem, como o cavalo dobra os jarretes sob a mão robusta do domador.

— Qual é vosso pensamento? — exclamou.

— Ei-lo, Sire — respondeu d'Artagnan. — Manda Vossa Majestade prender um homem quando ainda se encontra em casa dele: isso é cólera.

Passada a cólera, Vossa Majestade se arrependerá. Nesse momento, quero poder mostrar-lhe a sua assinatura. E ainda que ela não possa corrigir coisa alguma, provará pelo menos que o rei não devia encolerizar-se.

— Não devia encolerizar-se! — rebradou o rei, frenético. — Então el-rei meu pai e el-rei meu avô não se encolerizavam, com a breca?

— O pai e o avô de Vossa Majestade só se encolerizavam em casa deles.

— O rei é soberano onde quer que esteja.

— Isso é frase de algum bajulador, e deve provir do Sr. Colbert: mas não é verdade. O rei só manda nas outras casas depois de haver expulsado os respectivos donos.

Luís mordeu os lábios.

— Eis aí um homem que se arruína para agradar-lhe — volveu d'Artagnan — e Vossa Majestade quer mandá-lo prender? Com seiscentos diabos! Sire, se me fizessem isso e eu me chamasse Fouquet, engoliria de uma vez dez foguetes e poria fogo neles para voar pelos ares e dar cabo de mim e do resto. Mas não faz mal: Vossa Majestade manda, eu vou.

— Ide! — voltou o rei. — Mas tendes gente suficiente?

— Acredita Vossa Majestade que levarei um anspeçada? É tão fácil prender o Sr. Fouquet, que uma criança poderia fazê-lo. Prender o Sr. Fouquet é tomar um copo de absinto. A gente faz uma careta, e pronto.

— E se ele se defender?...

— Ele? Defender-se quando uma medida como esta lhe confere a realeza do martírio? Se ainda lhe sobrasse um milhão, do que duvido muito, aposto que o daria para ter esse fim. Lá vou eu, Sire.

— Esperai! — ordenou o rei.

— Que foi?

— Não lhe torneis pública a prisão.

— Isso já é mais difícil.

— Por quê?

— Porque não há nada mais simples do que ir, no meio das mil pessoas entusiastas que o cercam, dizer ao Sr. Fouquet: "Em nome do rei, senhor, estais preso!" Mas procurá-lo, virá-lo, revirá-lo, encurralá-lo num canto, de modo que ele não possa fugir; roubá-lo de todos os convivas e mantê-lo preso, sem que nenhum de seus *ais!* seja ouvido, eis uma dificuldade real, verdadeira, suprema, que nem os mais hábeis lograrão remover.

— Tornai a dizer: "É impossível!" e acabareis mais depressa. Ah! meu Deus, meu Deus! por que estarei sempre cercado de gente que me impede de fazer o que quero?

— Não o impeço de fazer coisa alguma. Posso ir?

— Guardai-me o Sr. Fouquet até amanhã, quando eu tiver tomado uma resolução.

— Perfeitamente, Sire.

— E voltai à hora do meu levantar para receber novas ordens.

— Voltarei.

— Agora, deixai-me sozinho.

— Vossa Majestade não precisa nem do Sr. Colbert? — perguntou o mosqueteiro desferindo a última seta no momento de partir.

O rei estremeceu. Absorto pela vingança, esquecera o corpo de delito.

— Não, ninguém — disse ele — ninguém aqui! Deixai-me!

D'Artagnan partiu. O próprio rei fechou a porta e começou a percorrer furiosamente o quarto, como o touro ferido que arrasta consigo bandeirolas e farpas. Afinal, começou a desabafar-se em gritos.

— Ah! miserável! não só me rouba as finanças mas ainda, com esse ouro, me corrompe secretários, amigos, generais, artistas, e até me furta a amante! Eis porque aquela pérfida o defendeu com tanta coragem!... Era gratidão!... Quem sabe?... talvez amor.

Abismou-se por um instante nessas reflexões dolorosas.

— Um sátiro! — continuou, com o ódio profundo consagrado pela mocidade aos homens maduros que ainda pensam em amor; — um fauno galante que jamais conheceu resistências! um mulherengo, que dá florzinhas de ouro e de brilhantes e tem pintores para pintarem o retrato de suas mulheres vestidas de deusas.

O rei fremiu de desespero.

— Ele me suja tudo! — prosseguiu. — Arruína-me tudo! Acabar-me-á matando! Esse homem é demais para mim! É meu inimigo mortal! Há de cair! Eu o odeio!... odeio!... odeio!...

E, pronunciando essas palavras, golpeava com fúria o braço da poltrona em que se assentava e da qual se levantava, como um epilético.

— Amanhã! amanhã!... Que belo dia! — murmurou; — quando o sol despontar, tendo somente a mim como rival, esse homem cairá tão baixo, que, diante das ruínas produzidas pela minha cólera, todos confessarão afinal que sou maior do que ele!

Incapaz de se dominar por mais tempo, derrubou com um murro a mesinha colocada ao pé da cama, e, quase chorando de dor, abafado, atirou-se entre os lençóis, inteiramente vestido, para mordê-los e neles encontrar o repouso do corpo.

A cama gemeu sob o seu peso e, à parte alguns suspiros arrancados ao peito ofegante do rei, nada mais se ouviu no quarto de Morfeu.

Capítulo XVII - Lesa-majestade (alta traição)

O EXALTADO furor que senhoreara o monarca à vista e à leitura da carta de Fouquet a La Vallière gradativamente se dissolveu em dolorosa fadiga.

Cheia de vida e saúde, precisando recuperar imediatamente o que perde, a mocidade não conhece as vigílias sem fim que representam para o desgraçado a fábula do fígado sempre novo de Prometeu. Onde o homem maduro e o velho esgotado encontram uma contínua alimentação da dor, o moço, surpreendido pela súbita revelação do mal, enerva-se em gritos, em lutas diretas, e deixa-se vencer mais depressa pelo inflexível inimigo que ele combate. Vencido, já não sofre.

Luís foi dominado em quinze minutos; depois cessou de crispar os punhos e de queimar com os olhos os invencíveis objetos de seu ódio; deixou de apostrofar o Sr. Fouquet e La Vallière; passou do furor ao desespero e do desespero à prostração.

Após haver-se retraído e contorcido durante alguns instantes na cama, os braços inertes lhe caíram ao longo do corpo. A cabeça pendeu-lhe sobre o travesseiro de rendas, os membros extenuados estremeceram, agitados de leves contrações musculares, do peito só lhe saíram uns leves suspiros.

O deus Morfeu, que imperava naquele quarto a que fora dado o seu nome, e para o qual volvia Luís os olhos apesentados pela cólera e entumescidos pelas lágrimas, vertia sobre ele papoulas a mancheias, de sorte que o príncipe cerrou mansamente os olhos e adormeceu.

Pareceu-lhe então, como ocorre amiúdo no primeiro sono, tão doce e tão leve, que ergue o corpo acima da cama e a alma acima da terra, que o deus Morfeu, pintado no teto, o contemplava com olhos humanos; que qualquer coisa brilhava e se agitava na cúpula; que as multidões de sonhos sinistros, momentaneamente deslocados, descobriam um rosto de homem, com a mão apoiada na boca em contemplativa meditação. E, coisa estranha, esse homem de tal forma se parecia com ele, que Luís cuidou ver o próprio rosto refletido num espelho. Mas um rosto entristecido por uma expressão de profunda piedade.

Depois, a pouco e *pouco,* afigurou-se-lhe que a cúpula fugia, escapava-lhe da vista, e que as figuras e atributos, pintados por Le Brun, se obscureciam num apartamento progressivo. Um movimento suave, igual, cadenciado como o de um navio que singra as ondas, sucedera à imobilidade do leito. Estava sonhando, com certeza, e, no sonho, a coroa de ouro que prendia as cortinas afastava-se como a cúpula de que estava suspensa, de sorte que o gênio alado que a retinha com ambas as mãos parecia chamar debalde o rei, que se distanciava.

A cama afundava cada vez mais. Com os olhos abertos, Luís deixava-se iludir pela penosa alucinação. Afinal, à medida que a luz do quarto real ia diminuindo, algo de frio, escuro, inexplicável, tomava conta do ar. Os quadros, o ouro, as cortinas de veludo, eram substituídos por muros cinzentos, cuja sombra se fazia cada vez mais espessa. E, não obstante, o leito continuava a descer, e, volvido um minuto, que lhe pareceu um século, atingiu uma camada de ar negro e gelado.

Lá parou.

O rei já não via a luz do quarto como, do fundo de um poço, não se vê a luz do dia.

— Que sonho horrível! — pensou. — Já é tempo de acordar. Vamos, acordemos!

Toda a gente já experimentou o que acabamos de dizer; não há quem, no meio de um pesadelo sufocante, não tenha dito, com a ajuda da lâmpada acesa no fundo do cérebro depois que se apagam todas as luzes humanas: "Isso não é nada, estou sonhando!”

Era o que acabava de dizer entre si Luís XIV; mas à palavra: "Acordemos!" percebeu que não só

se achava acordado como também tinha os olhos abertos. Atirou-os, então, à sua roda.

À direita e à esquerda estavam dois homens armados, embuçados e mascarados.

Um deles carregava uma lâmpadazinha cuja claridade vermelha alumiava o quadro mais triste que um rei poderia contemplar.

Cuidou Luís que o sonho continuasse, e, para fazê-lo cessar, lhe bastaria agitar os braços ou emitir a voz. Saltou da cama e percebeu que os pés tocavam um solo úmido. Logo, dirigindo-se ao homem que segurava a lâmpada:

— Que é isto, senhor? — perguntou. — Que brincadeira é esta?

Louis se dit que son rêve continuait. (Page 410).

— Não é brincadeira — respondeu com voz surda o mascarado.

— Pertenceis ao Sr. Fouquet? — perguntou o rei um tanto confuso.

— Pouco importa a quem pertencemos! — tornou o fantasma. — Somos os vossos amos, mais nada.

Mais impaciente do que intimidado, voltou-se o monarca para o segundo embuçado.

— Se é uma comédia — disse ele — direis ao Sr. Fouquet que me parece fora de propósito e ordeno que cesse.

O segundo mascarado, a quem se dirigia el-rei, era um homem de altura considerável e vasta circunferência. Mantinha-se teso e imóvel como um bloco de mármore.

— E então — ajuntou o príncipe batendo o pé no chão — não me respondeis?

— Não vos respondemos, meu senhorzinho — replicou o gigante com voz estentórea — porque

não há o que responder, senão que sois o primeiro dos *chatos,* e o Sr. Coquelin de Volière esqueceu-se de incluir-vos entre os dele.

— Mas, afinal, que me querem? — exclamou Luís cruzando os braços, colérico.

— Sabê-lo-eis mais tarde — respondeu o da lanterna.

— Enquanto isso, onde estou?

— Olhai.

Luís olhou, efetivamente; mas, à luz da lâmpada erguida pelo mascarado, só divisou muros úmidos, nos quais brilhava, aqui e ali, a esteira prateada das lesmas.

— Um calabouço? — perguntou o rei.

— Um subterrâneo.

— Que leva?...

— Tende a bondade de seguir-nos.

— Não sairei daqui — declarou o rei.

— Se vos rebelardes, meu jovem amigo — respondeu o mais robusto dos dois — serei obrigado a erguer-vos e embrulhar-vos numa capa e, se dentro dela sufocardes, tanto pior para vós.

E, dizendo essas palavras, tirou de baixo da capa com que ameaçara o rei, uma manopla que Mílon de Crótona teria gostado de possuir no dia em que lhe ocorreu a mal-aventurada idéia de rachar o último carvalho.

A idéia de uma violência aterrou o soberano; pois compreendia que os dois homens, em cujo poder se encontrava, não haviam chegado àquele ponto para depois recuarem; por conseguinte, levariam a coisa, até ao fim. Sacudiu a cabeça.

— Parece-me que caí nas mãos de dois assassinos — disse ele; — vamos!

Nenhum dos homens respondeu a essas palavras.

O que segurava a lâmpada caminhou na frente; o rei seguiu-o; o outro embuçado seguiu o rei.

Atravessaram assim longa e sinuosa galeria, cortada de tantas escadas quantas se encontram nos misteriosos e sombrios palácios de Anne Radcliff. Todas aquelas voltas, durante as quais distinguiu Luís por diversas vezes rumor de água acima da cabeça, deram afinal em longo corredor fechado por uma porta de ferro.

O homem da lâmpada abriu a porta com as chaves que trazia à cintura, onde, durante toda a caminhada, o rei as ouvira tinirem.

Quando a porta se abriu, dando passagem ao ar, Luís reconheceu os aromas que exalam as árvores depois de um dia quente de verão. Por um instante se deteve, hesitante; mas o robusto guarda que o seguia empurrou-o para fora do subterrâneo.

— Pela última vez — disse o rei voltando-se para o que tivera a audácia de tocar em seu soberano — que pretendeis fazer do rei de França?

— Procurai esquecer essa palavra — respondeu o homem da lâmpada, no tom irreplicável em que se proferiam os famosos decretos de Minos.

— Devíeis ser esquartejado pelo que dissestes — acrescentou o gigante, apagando a luz que lhe passava o companheiro; — mas o rei é demasiado humano.

A essa ameaça, o monarca fez um movimento repentino, como se quisesse fugir; mas a mão do gigante abateu-se-lhe sobre o ombro e imobilizou-o.

— Aonde vamos, afinal? — perguntou o rei.

— Vinde — respondeu o primeiro dos dois homens com uma espécie de respeito; e conduziu o prisioneiro a um carro que parecia esperá-los.

O carro ficara inteiramente escondido no meio da folhagem. Dois cavalos, com peias nas pernas, estavam amarrados por uma corda aos ramos mais baixos de enorme carvalho.

— Subi — disse o mesmo homem abrindo a portinhola do carro, e abaixando o estribo.

O rei obedeceu e sentou-se no fundo do carro, cuja portinhola almofadada se fechou, deixando-o preso com o condutor. O gigante cortou as peias e as cordas dos cavalos, atrelou-os ao carro e subiu na boléia, que não estava ocupada.

A sege abalou a trote ligeiro, atingiu a estrada de Paris, e, na floresta de Sénart, encontrou uma muda presa às árvores como os primeiros cavalos. O homem da boléia trocou a parelha e continuou, célere, a caminho de Paris, onde chegou cerca das três horas da madrugada. O carro atravessou o bairro de Saint-Antoine, e, depois de gritar à sentinela; "Ordem do rei!" o cocheiro fez penetrar os cavalos na Bastilha, até chegar ao pátio do governo. Lá se detiveram os animais escumantes, ao pé da escada. Um sargento da guarda acudiu.

— Despertem o senhor governador — estrondeou o cocheiro.

À parte essa voz, que se poderia ter ouvido na entrada do bairro, tudo continuou calmo no carro como no castelo. Dez minutos depois surgiu o Sr. de Baisemeaux, de roupão, na soleira da porta.

— Que aconteceu — perguntou — e que me trazeis aí?

O homem da lanterna abriu a portinhola do carro e disse duas palavras ao cocheiro. Este desceu da boléia, tomou de um mosquetão que conservara debaixo dos pés e apoiou o cano da arma no peito do prisioneiro.

— E faze fogo, se ele der um pio! — ajuntou em voz alta o homem que estava descendo do carro.

— Bem! — replicou o outro.

Feita a recomendação, o condutor do rei subiu a escada, em cujo patamar o esperava o governador.

— Sr. d'Herblay!

— Psiu! — disse Aramis. — Entremos na sala.

— Oh! meu Deus! E que vos traz a estas horas?

— Um engano, meu caro Sr. de Baisemeaux — respondeu tranqüilamente Aramis. — Parece que, no outro dia, a razão estava convosco.

— A propósito de quê? — perguntou o governador.

— A propósito daquela ordem de soltura, caro amigo.

— Explicai-me isso, senhor... não, monsenhor — tornou o governador, sufocado, a um tempo, pela surpresa e pelo terror.

— É muito simples: não vos lembrais, meu caro Sr. de Baisemeaux, que vos enviaram um mandado de soltura?

— Sim, para Marchiali.

— Todos nós acreditamos que fosse para Marchiali, não é verdade?

— Entretanto, como deveis recordar-vos, eu tinha as minhas dúvidas; não queria soltá-lo; e vós me obrigastes a fazê-lo.

— Que termo empregais, querido Baisemeaux!... não obriguei, apenas persuadi.

— Pois sim, vós me persuadistes a entregar-vos o preso e levaste-o.

— Muito bem, meu caro Sr. de Baisemeaux, foi um engano. Reconhecendo-o, o ministério mandou-vos uma ordem do rei para soltar... Séldon, o pobre diabo escocês.
— Séldon? Tendes certeza, desta vez?
— Homessa! Lede-a vós mesmo — ajuntou Aramis entregando-lhe a ordem.
— Mas essa ordem já me passou pelas mãos!
— Deveras?
— É a mesma que afirmei ter visto aquela noite. Reconheço-a perfeitamente pelo borrão de tinta.
— Não sei se é a mesma; sei apenas que está aqui.
— E o outro?
— Que outro?
— Marchiali.
— Veio comigo.
— Mas não basta. Preciso, para aceitá-lo de novo, nova ordem.
— Isso é tolice, meu caro Baisemeaux; falais como criança! Onde está a ordem que recebestes para soltar Marchiali?
Baisemeaux correu ao cofre e trouxe-a. Aramis apoderou-se dela, rasgou-a friamente em quatro pedaços, aproximou-os da lâmpada e queimou-os.
— Que estais fazendo? — gritou Baisemeaux, apavorado.
— Considerai um pouco a situação, meu caro governador — redarguiu Aramis com imperturbável tranqüilidade — e vereis como é simples. Já não tendes ordem alguma que justifique a saída de Marchiali.
— Oh! meu Deus, não! Sou um homem perdido!
— De maneira nenhuma, visto que vos trago de volta o prisioneiro. E já que ele está aqui, é como se nunca tivesse saído.
— Ah! — murmurou o governador, apatetado.
— Sem dúvida. Basta apreciá-lo outra vez.
— Que dúvida!
— E dar-me-eis Séldon, libertado pela nova ordem. Dessa maneira, regulariza-se a vossa contabilidade. Compreendestes?
— Eu... eu...
— Já compreendestes — declarou Aramis. — Muito bem.
Baisemeaux juntou as mãos.
— Mas, afinal, por que, depois de me haverdes tirado Marchiali, mo devolveis? — exclamou o malfadado governador num paroxismo de dor e de enternecimento.
— Para um amigo como vós — disse Aramis — para um servidor como vós, não tenho segredos.
E aproximou a boca do ouvido de Baisemeaux.
— Sabeis — continuou em voz baixa — a semelhança que existe entre esse desgraçado e... ?
— E o rei; sei.
— Pois bem, o primeiro emprego que fez Marchiali de sua liberdade foi sustentar... adivinhai o quê?
— Como quereis que eu adivinhe?
— Sustentar que era o rei de França.
— Oh! desgraçado! — bradou Baisemeaux.
— Envergou roupas semelhantes às do rei e apresentou-se como usurpador.
— Misericórdia!

— Eis porque vo-lo trago, caro amigo. O homem está louco e dizia sua loucura a toda a gente.

— Que fazer, então?

— Muito simples: não o deixeis comunicar-se com ninguém. Ao saber dessa loucura, el-rei, que se apiedara da desgraça dele, e viu recompensada a sua bondade por tão negra ingratidão, ficou furioso. De sorte que, hoje, guardai-me bem isto, meu caro Sr. de Baisemeaux, pois é assunto que vos diz respeito, há pena de morte contra o que lhe permitirem comunicar-se com quem quer que seja, se não comigo ou com o próprio rei. Entendestes, Baisemeaux? Pena de morte!

— Se entendi!

— Pois, então, descei e reconduzi o pobre diabo ao calabouço, a menos de preferirdes chamá-lo aqui.

— Para quê?

— É melhor trancafiá-lo de uma vez, não é verdade?

— Naturalmente!

— Muito bem; vamos.

Baisemeaux mandou tocar o tambor e repicar o sino, intimando a todos que se recolhessem, a fim de evitar o encontro com um prisioneiro misterioso. Depois, quando se desimpediram os corredores, foi buscar no carro o prisioneiro, que Porthos, fiel à ordem recebida, mantinha sob a mira do mosquete.

— Ah! estais aí, desgraçado! — exclamou Baisemeaux avistando o rei. — Ainda bem! ainda bem!

E imediatamente, fazendo-o descer do carro, conduziu-o, sempre acompanhado de Porthos, que não tirara a máscara, e de Aramis, que recolocara a sua, à segunda Bertaudière, onde lhe abriu a porta do quarto em que, durante seis anos, gemera Filipe.

Il le conduisit dans la deuxième Berlaudière. (Page 444).

O rei entrou na cela sem pronunciar uma palavra. Estava pálido e espantado.

Baisemeaux fechou a porta, deu duas voltas à chave, e, reaproximando-se de Aramis:

— É verdade — disse baixinho — que ele se parece com o rei; menos, porém, do que o dizeis.

— Não vos deixaríeis iludir por uma substituição? — tornou Aramis.

— Pois sim!

— Sois um homem precioso, meu caro Baisemeaux. Agora, soltai Séldon.

— É justo; havia-me esquecido... Vou dar a ordem.

— Amanhã tereis tempo!

— Amanhã? Não, não, já. Deus me livre de esperar um segundo!

— Ide, ide aos vossos negócios, que eu vou aos meus. Então, está estendido, não está?

— Que é que está entendido?

— Que ninguém entrará na cela do prisioneiro senão com uma ordem do rei, trazida por mim?

— Está entendido. Adeus monsenhor. Voltou Aramis para junto do companheiro.

— Vamos, vamos, amigo Porthos, para Vaux. E depressa!

— A gente se sente leve depois de haver fielmente servido o seu rei e, servindo-o, salvo o seu país — confidenciou Porthos. — Os cavalos não terão muita força que fazer. Partamos.

E, libertado de um prisioneiro que, de fato, poderia parecer bem pesado a Aramis, transpôs o carro a ponte levadiça da Bastilha, que tornou a erguer-se atrás dele.

Capítulo XVIII - Uma noite na Bastilha

O SOFRIMENTO nesta vida é proporcional às energias. Não pretendemos dizer que Deus apropria sempre às forças da criatura a angústia que lhe impõe: não seria exato, pois Deus permite a morte, único refúgio, às vezes, de almas muito confrangidas nos corpos. O sofrimento é proporcional às energias, isto é, sendo os padecimentos iguais, padece o fraco mais do que o forte. Ora, de que elementos se compõe a força humana? Do exercício, do hábito, da experiência. Não nos daremos sequer ao trabalho de demonstrá-lo, pois o axioma é válido assim para o moral como para o físico.

Quando o jovem rei, apalermado, moído, se viu trancafiado num calabouço da Bastilha, figurou a princípio que a morte é como um sono, com os seus sonhos, que o leito afundara no assoalho de Vaux, que disso se seguira a morte, e que, continuando o seu pesadelo de rei, Luís XIV, defunto, sonhava um daqueles horrores, impossíveis na vida, que se chama a destronização, o encarceramento e o insulto de um monarca outrora todo-poderoso.

Assistir, fantasma palpável, à sua paixão dolorosa; flutuar num mistério incompreensível entre a verossimilhança e a realidade; ver tudo, ouvir tudo, sem perder um detalhe sequer da agonia, não seria, cuidava entre si o rei, um suplício tanto mais apavorante quanto poderia ser eterno?

— Será a isso que chamam a eternidade, o inferno? — murmurou Luís XIV no momento em que se fechou a porta, pela mão do próprio Baisemeaux.

Nem olhou à sua volta, e, no quarto, encostado a uma parede qualquer, deixou-se levar pela terrível suposição da sua morte, fechando os olhos para não ver coisa ainda pior.

— Como morri? — prosseguiu, alucinado. — Não terão feito descer aquela cama por algum artifício? Mas não me lembro de nenhuma contusão, de nenhum choque... Não me terão, porventura, empeçonhado ao jantar, ou com fumaça de vela, como Joana d'Albret, minha bisavó?

De repente, o frio do quarto caiu como uma capa sobre os ombros de Luís.

— Eu vi — disse ele — o cadáver de meu pai exposto em seu leito, com trajos reais. Aquele rosto pálido, tão calmo e tão prostrado; aquelas mãos tão destras insensibilizadas; aquelas pernas tesas; nada disso anunciava um sonho povoado de sonhos. E, contudo, quantos sonhos não mandaria Deus àquele morto!... ao morto que tantos outros haviam precedido, precipitados por ele na morte eterna!... Não, aquele rei era ainda o rei; imperava ainda sobre o leito fúnebre, como sobre a poltrona de veludo.

Nada abdicara de sua majestade. Deus, que o não castigou, não pode castigar-me, a mim, que não fiz nada.

Um ruído estranho chamou-lhe a atenção. Olhou e viu sobre a chaminé, debaixo de enorme crucifixo grosseiramente pintado, um rato monstruoso, ocupado em roer um resto de pão duro, ao passo que fitava no novo hóspede da cela o olhar inteligente e curioso.

Teve medo; sentiu náuseas; recuou para a porta, soltando um grito. E, como se fosse preciso aquele grito, arrancado de seu peito, para que se reconhecesse a si mesmo, compreendeu que estava vivo, lúcido e senhor de sua consciência natural.

— Prisioneiro! — exclamou; — eu, eu, prisioneiro! Procurou com os olhos uma campainha.

— Não há campainhas na Bastilha — continuou — e é na Bastilha que estou preso. Mas como foi que me prenderam? Isso há de ser, necessariamente, uma conspiração do Sr. Fouquet. Fui atraído a Vaux para cair numa cilada. O Sr. Fouquet não pode estar só nesse negócio. O seu agente... aquela

voz... era o Sr. d'Herblay; reconheci-o. Colbert tinha razão. Mas que me quer Fouquet? Reinar em meu lugar? Impossível! Quem sabe?... —, pensou o rei, ensombrecendo-se. — Meu irmão, o Duque de Orléans, está fazendo talvez contra mim o que sempre quis fazer meu tio contra meu pai. E a rainha? E minha mãe? E La Vallière? Oh! La Vallière! Esta seria entregue a Madame. Pobre criança! Sim, é isso, tê-la-ão encarcerado também, como me encarceraram. Estamos separados para sempre!

E à simples idéia da separação, o apaixonado rompeu em suspiros, soluços e gritos.

— Há um governador aqui — tornou o rei com furor. — Falarei com ele. Chamemos.

Chamou. Nenhuma voz respondeu à sua.

Tomou da cadeira e bateu com ela à porta maciça de carvalho. Soou a madeira sobre a madeira, despertando ecos lúgubres nas profundezas da escada; mas nenhuma criatura lhe respondeu.

Aquilo era mais uma prova de desconsideração.

Quando passou o primeiro acesso de cólera, tendo observado uma janela gradeada por onde se coava um losango dourado que devia de ser a alva luminosa, pôs-se a gritar, a princípio baixinho, depois com força. Debalde.

Vinte outras tentativas sucessivas não foram melhor sucedidas.

O sangue principiava a revoltar-se e a subir à cabeça do príncipe. Habituada ao mando, a sua natureza fremia diante de uma desobediência.

Gradativamente, a cólera cresceu. O prisioneiro quebrou a cadeira, pesada demais para as suas mãos, e dela se serviu como de um aríete para bater na porta. Bateu com tanta força e tantas vezes, que o suor principiou a escorrer-lhe do rosto. O ruído se tornou imenso e contínuo.

Alguns gritos abafados lhe respondiam, aqui e ali.

Esse ruído produziu no rei estranho efeito.

Deteve-se para escutá-lo. Eram as vozes dos presos, outrora suas vítimas, hoje seus companheiros. Subiam como vapores através dos tetos espessos, das paredes opacas e acusavam ainda o autor desse ruído, como, sem dúvida, os suspiros e as lágrimas haviam acusado baixinho o autor do seu cativeiro.

Depois de haver tirado a liberdade a tanta gente, o rei ainda lhe tirava o sono.

Essa idéia deixou-o quase louco. Duplicou-lhe as forças, ou melhor, a vontade, ansiosa por obter uma informação ou uma solução. O pedaço de cadeira recomeçou o seu ofício. Ao cabo de uma hora, ouviu qualquer coisa no corredor, atrás da porta, e um golpe violento, desferido nessa mesma porta, fez cessar os dele.

— Ora, essa! Estais louco? — perguntou uma voz rude e grosseira. — Que vos sucedeu hoje cedo?

— Hoje cedo? — pensou o rei surpreso. Logo, polidamente:

— Senhor — perguntou — sois o governador da Bastilha?

— Meu caro — replicou a voz — tendes o cérebro desarranjado, mas isso não é motivo para fazerdes tanto barulho. Calai-vos, com seiscentos diabos!

— Sois o governador? — reperguntou el-rei.

Fechou-se uma porta. O carcereiro acabava de partir, sem se dignar responder-lhe.

Quando teve certeza da partida, o seu furor não conheceu limites. Ágil como um tigre, saltou da mesa à janela, sacudindo-lhe as grades. Quebrou um vidro, cujos estilhaços caíram nos pátios com mil tinidos harmoniosos. Chamou, enrouquecido:

"O governador! o governador!" O acesso durou uma hora, que foi um período de febre alta.

Os cabelos em desordem, colados na testa, as vestes rasgadas, sujas, a camisa em tiras, só descansou quando se viu sem forças, e só então avaliou a espessura implacável das paredes, o impenetrável do cimento, invencível a qualquer outra tentativa que a do tempo secundado pelo

desespero.

Encostou a cabeça à porta e deixou que se lhe acalmasse mole-mole o coração; um palpitar mais forte tê-lo-ia rebentado.

— Momento virá — disse ele — em que me trarão a comida que se dá a todos os prisioneiros. Verei alguém, falarei, obterei uma resposta.

E procurou lembrar-se da hora em que se fornecia a primeira alimentação aos presos da Bastilha. Até esse pormenor ignorava. Foi-lhe surda e cruel punhalada o remorso de ter vivido vinte e cinco anos, rei e feliz, sem pensar em tudo o que sofre um infeliz injustamente despojado da liberdade. Purpureou-se de vergonha. Sentia que Deus, permitindo-lhe essa terrível humilhação, outra coisa não fazia que devolver a um homem a tortura infligida por ele a tantos outros.

Nada poderia reconduzir com mais eficácia à religião aquela alma aterrada pelo sofrimento.

Mas Luís não se atreveu sequer a ajoelhar-se para rezar, para pedir ao Senhor o fim da provação.

— Deus faz bem — disse ele — Deus tem razão. Seria covardia minha pedir-lhe o que tantas vezes recusei a meus semelhantes.

Estava nesse ponto de suas reflexões, isto é, de sua agonia, quando se ouviu o mesmo ruído atrás da porta, seguido desta feita do ranger de chaves e do correr de ferrolhos.

Deu um salto para aproximar-se da pessoa que ia entrar; mas, de repente, entendendo que seria um movimento indigno de um soberano, deteve-se, assumiu uma postura nobre e calma, e ficou esperando, com as costas voltadas para a janela, tentando dissimular um pouco a agitação em presença do recém-chegado.

Era apenas o carcereiro que trazia uma cesta cheia de comida.

O rei considerou o homem com inquietude; esperou que ele falasse.

— Ah! — disse o outro — quebrastes a cadeira! Eu bem o dizia! Enlouquecestes!

— Senhor — respondeu o rei — cuidado com as vossas palavras, que elas poderão comprometer-vos!

O carcereiro depôs a cesta sobre a mesa e, considerando o interlocutor:

— Hein? — volveu, surpreendido.

— Mandai-me aqui o governador — ajuntou nobremente o monarca.

— Vejamos, meu filho — tornou o carcereiro — sempre fostes ajuizado; mas a loucura torna a gente má, e nós queremos prevenir-vos: quebrastes a cadeira e fizestes barulho; é um delito que se pune com a enxovia. Prometei-me não recomeçar, e nada direi ao governador.

— Quero ver o governador — replicou o rei sem pestanejar.

— Cautela! Sereis encafuado!

— Eu quero! Ouvistes?

— Os vossos olhos já estão ficando esgazeados. Vou tirar-vos a faca.

E o carcereiro cumpriu o prometido, fechou a porta e partiu, deixando o rei mais espantado, mais infeliz e mais só do que nunca.

Em vão recomeçou a bater com o pedaço de cadeira; em vão atirou pela janela pratos e travessas: ninguém apareceu.

Duas horas depois, já não era um rei, um fidalgo, um homem, um cérebro; era um louco que enterrava as unhas na porta, tentava arrancar o soalho do quarto e soltava gritos tão apavorantes, que a velha Bastilha parecia tremer nos próprios alicerces por haver ousado revoltar-se contra o amo.

O governador, todavia, nem sequer se alterara.

O carcereiro e as sentinelas tinham apresentado o seu relatório; mas para quê? Não eram loucos comuns na fortaleza, e não eram os muros mais fortes do que os loucos?

Compenetrado de quanto lhe dissera Aramis, e perfeitamente tranqüilo no tocante à ordem do rei, o Sr. de Baisemeaux só pedia uma coisa: que a loucura de Marchiali fosse suficiente para enforcá-lo um pouquinho no seu baldaquino ou numa de suas grades.

Com efeito, o prisioneiro rendia pouco e se tornava cada vez mais incômodo.

As complicações de Séldon e Marchiali, de libertação e reencarceramento, de loucura e semelhança, teriam assim o mais conveniente dos desfechos. Cria mesmo Baisemeaux que a solução não desagradaria muito ao Sr. d'Herblay.

— De mais a mais — dizia ao seu major — um prisioneiro comum já é bem infeliz pelo simples fato de ser prisioneiro; sofre tanto que se pode, caritativamente, desejar-lhe a morte. Com muito mais razão, quando fica louco, e pode morder e causar transtornos na Bastilha; então, à minha fél já nem é caridade desejar-lhe a morte; seria uma boa ação suprimi-lo pouco a pouco, mansamente.

E o bom governador atacou, nesse ponto, o segundo almoço.

Capítulo XIX - A sombra do Sr. Fouquet

ESPARVADO ainda pela entrevista com el-rei, perguntava a si mesmo d'Artagnan se continuava na posse de suas faculdades mentais; se a cena se passara realmente em Vaux; se ele, d'Artagnan, era de fato o capitão dos mosqueteiros, e o Sr. Fouquet proprietário do castelo em que Luís XIV se hospedara. Essas reflexões não as fazia um bêbedo. Sem embargo, todos se haviam lautamente banqueteado em Vaux. Sem embargo, os vinhos do senhor superintendente haviam contribuído generosamente para a festa. Mas o gascão era um homem de sangue frio; sabia, ao tocar o aço da espada, adotar o frio desse aço para as grandes ocasiões.

— Vamos — murmurou, deixando o apartamento real — eis-me historicamente jogado entre os destinos do rei e do ministro; será escrito que o Sr. d'Artagnan, caçula da Gasconha, levou a mão ao colarinho do Sr. Nicolau Fouquet, superintendente das finanças de França. Os meus descendentes, se eu tiver algum, ficarão famosos com essa detenção, como os Srs. de Luynes ficaram com os despojos daquele pobre Marechal d'Ancre. Trata-se de executar com propriedade a vontade do rei. Qualquer um saberá dizer ao Sr. Fouquet: "Dai-me a vossa espada, senhor!" Mas poucos saberão guardar o Sr. Fouquet sem provocar estardalhaço. Que fazer, então, para que o senhor superintendente passe do favor extremo à última desgraça, troque Vaux por uma masmorra, e, depois de haver provado o incenso de Assuero, se veja na forca de Amã, isto é, de Enguerrand de Marigny?[1]

Neste ponto, a fronte de d'Artagnan ensombreceu-se a ponto de fazer dó. O mosqueteiro tinha escrúpulos. Entregar assim à morte (pois Luís XIV odiava, sem dúvida, o Sr. Fouquet), entregar, dizíamos, à morte um homem que, a seus olhos, obtivera o diploma de homem de bem, era um verdadeiro caso de consciência para ele.

— Parece-me — disse entre si d'Artagnan — que, se eu não for miserável, contarei ao Sr. Fouquet as intenções do rei a seu respeito. Mas, se eu trair o segredo de meu amo, serei um pérfido e um traidor, crime perfeitamente previsto pelas leis militares; tanto assim que já vi vinte vezes, nos campos de batalha, enforcados infelizes que tinham feito em ponto pequeno o que os meus escrúpulos me aconselham a fazer em ponto grande. Um homem inteligente deve safar-se desta enrascada com muito maior habilidade.

Isso, bem entendido, se eu ainda tiver inteligência, pois já gastei tanta nos últimos quarenta anos que me darei por muito feliz se me sobrar um restinho dela.

Enterrou a cabeça entre as mãos, arrancou, malgrado seu, alguns pêlos do bigode e ajuntou:

— Por que motivo se teria desgraçado o Sr. Fouquet? Por três motivos: primeiro, porque não é querido pelo Sr. Colbert; segundo, porque pretendeu amar a Srta. de La Vallière; terceiro, porque o rei gosta do Sr. Colbert e da Srta. de La Vallière. Está perdido! Mas hei de eu, um homem, pisar-lhe a cabeça com o pé quando ele sucumbe sob as intrigas de mulheres e de caixeiros viajantes? Que vergonha! Se fôr perigoso, abatê-lo-ei; se fôr apenas perseguido, veremos! Cheguei a tal ponto que ninguém, nem homem nem rei, prevalecerá sobre a minha opinião. Athos aqui, faria como eu. Por isso mesmo, em vez de interpelar brutalmente o Sr. Fouquet, agarrá-lo e encarcerá-lo, procederei como um homem de boas maneiras. Falarão de mim, concordo; mas falarão bem.

E, ajustando com um gesto peculiar o boldrié sobre o ombro, saiu diretamente à procura do ministro, que, depois de se haver despedido das damas, já se preparava para dormir tranqüilamente sobre os triunfos do dia.

Estava ainda o ar perfumado ou infetado, como quiserem, pelo cheiro dos fogos de artifício. As

velas despediam as últimas claridades, caíam as flores, destacadas das grinaldas, os grupos de dançarinos e cortesãos dispersavam-se pelos salões.

No meio dos amigos, que o cumprimentavam e recebiam os seus cumprimentos, o superintendente entrecerrava os olhos fatigados.

Aspirava ao repouso, prestes a cair sobre o leito de louros reunidos depois de tantos dias. Dir-se-ia que curvasse a cabeça sob o peso das novas dívidas contraídas para oferecer aquela festa.

Acabava de recolher-se ao quarto, sorridente e meio morto. Já não escutava, já não enxergava coisa alguma; a cama fascinava-o. Morfeu, que dominava a cúpula, pintado por Le Brun, estendera o seu poder aos cômodos vizinhos e vertera as suas papoulas mais eficazes no quarto do dono da casa.

Quase só, já se encontrava o Sr. Fouquet entre as mãos do criado de quarto, quando o Sr. d'Artagnan despontou na soleira da porta.

D'Artagnan não conseguira jamais vulgarizar-se na corte: debalde era visto sempre e em toda a parte, pois sempre e em toda a parte produzia efeito. É o privilégio de certas naturezas, que nisso semelham os relâmpagos ou o trovão.

Todos os conhecemos; a sua aparição, contudo, espanta e, quando os vemos, a última impressão é sempre a que nos parece mais forte.

— Ora essa! O Sr. d'Artagnan? — exclamou Fouquet, já desvencilhado da manga direita.

— Para servir-vos — replicou o mosqueteiro.

— Entrai, entrai, meu caro Sr. d'Artagnan.

— Obrigado!

— Viestes fazer-me alguma crítica sobre a festa?

— Não, não!

— Está sendo perturbado o vosso serviço?

— De nenhuma maneira.

— Estareis, talvez, mal instalado?

— Maravilhosamente.

— Pois bem, agradeço-vos a amabilidade e confesso-me desvanecido por tudo o que me dizeis de lisonjeiro.

Essas palavras significavam, evidentemente: "Meu caro d'Artagnan, recolhei-vos, pois tendes uma cama, e deixai-me fazer o mesmo".

D'Artagnan não pareceu ter compreendido.

— Já pretendeis deitar-vos? — perguntou ao superintendente.

— Sim. Quereis comunicar-me alguma coisa?

— Nada, senhor, nada. É aqui que vos deitais?

— Como estais vendo.

— Destes uma linda festa a el-rei.

— Parece-vos?

— Soberba.

— El-rei está satisfeito?

— Encantado.

— Acaso vos pediu que mo disséssеis?

— Ele não escolheria tão indigno mensageiro, monsenhor.

— Estais sendo injusto convosco, Sr. d'Artagnan.

— Esta é a vossa cama?

— É. Por quê? Não estais contente com a vossa?

— Posso falar-vos com franqueza?
— Naturalmente.
— Pois não falarei. Fouquet estremeceu.
— Sr. d'Artagnan — exclamou — tomai o meu quarto.
— E ficareis sem ele, monsenhor? Nunca!
— Que posso fazer, então?
— Permitir que o partilhemos.
O Sr. Fouquet olhou fixamente para o mosqueteiro.
— Ah! ah! — disse ele — estivestes com el-rei?
— Estive, monsenhor.
— E el-rei queria que dormísseis em meu quarto?
— Monsenhor...
— Muito bem, Sr. d'Artagnan, muito bem. A casa é vossa.
— Asseguro-vos que não quero abusar...
Dirigindo-se ao criado de quarto, ordenou Fouquet:
— Deixai-nos. O criado saiu.
— Tendes alguma coisa para dizer-me? — prosseguiu Fouquet, dirigindo-se a d'Artagnan.
— Eu?
— Um homem como vós não vem conversar com um homem como eu, a estas horas, sem um motivo grave.
— Não me interrogueis.
— Pelo contrário: que quereis de mim?
— Apenas a vossa companhia.
— Vamos para o jardim — propôs de súbito o superintendente — para o parque?
— Não — respondeu vivamente o mosqueteiro — não.
— Por quê?
— O sereno...
— Confessai que viestes prender-me — disse o superintendente ao capitão.
— Nunca! — redarguiu o outro.
— Vigiar-me?
— Como guarda de honra, monsenhor.
— Como guarda de honra?... Francamente! Prender-me em minha casa!
— Não direis uma coisa dessas!
— Pelo contrário, hei de gritá-la!
— Se a gritardes, serei obrigado a silenciar-vos.
— Muito bem! Violência ainda por cima? Em minha casa!
— Não nos estamos compreendendo. Vede, aqui está um tabuleiro de xadrez; joguemos, por favor.
— Sr. d'Artagnan, el-rei já não me estima?
— Absolutamente; mas...
— Mas não podeis perder-me de vista?
— Não compreendo patavina do que me dizeis, monsenhor; e, se quiserdes que eu me retire, dizei-mo.
— Meu caro Sr. d'Artagnan, a vossa atitude me enlouquece. Eu estava caindo de sono, vós me despertastes.
— Isso é coisa que nunca me perdoarei, e, se quiserdes reconciliar-me comigo mesmo...

— Que hei de fazer?
— Dormi aí, diante de mim; ficarei encantado.
— Vigilância?...
— Nesse caso, vou-me embora.
— Já não vos compreendo.
— Boa-noite, monsenhor.
E d'Artagnan fez menção de retirar-se. O Sr. Fouquet pôs-se a correr atrás dele.
— Não me deitarei — disse. — E visto que vos recusais a tratar-me como a um homem e procurais embair-me, vou acuar-vos, como se acua um javali.
— Ora! — exclamou d'Artagnan, fingindo sorrir.
— Mando arrear os meus cavalos e parto para Paris — continuou o Sr. Fouquet, sondando o coração do capitão de mosqueteiros.
— Ah! se é assim, monsenhor, é diferente.
— Prendeis-me?
— Não; mas parto convosco.
— Basta, Sr. D'Artagnan — tornou Fouquet em tom frio. — Não é à toa que tendes reputação de homem inteligente e cheio de recursos; comigo, porém, tudo isso é supérfluo. Vamos direito ao fim: fazei-me um favor. Por que me prendeis?
Que foi o que eu fiz?
— Não sei o que fizestes; e não vou prender-vos... esta noite.
— Esta noite! — bradou Fouquet, empalidecendo; — mas, amanhã?...
— O amanhã ainda não chegou, monsenhor. Quem pode responder pelo amanhã?
— Depressa! depressa! capitão, deixai-me falar com o Sr. d'Herblay.
— Ai de mim! aí está uma coisa impossível, monsenhor. Tenho ordens para impedir que vos comuniqueis com quem quer que seja.
— Nem com o Sr. d'Herblay, com o vosso amigo?
— Monsenhor, não será, porventura, o Sr. d'Herblay, meu amigo, a única pessoa com a qual devo impedir que vos comuniqueis?
Ruborizou-se Fouquet e, assumindo uma expressão resignada:
— Senhor — disse ele — tendes razão; estou recebendo uma lição que não deveria ter provocado. O homem que caiu não tem direito a nada, nem mesmo da parte daqueles cuja fortuna fez; quanto mais daqueles a quem nunca teve a ventura de prestar um serviço.
— Monsenhor!
— É verdade, Sr. d'Artagnan sempre vos colocastes perante mim em boa situação, na situação que convém ao homem destinado a prender-me. Nunca me pedistes o que quer que fosse!
— Monsenhor — respondeu o gascão tocado por aquela dor eloqüente e nobre — não quereis dar-me, por favor, a vossa palavra de homem de bem de que não saireis deste quarto?
— Para que, meu caro Sr. d'Artagnan, se aqui me guardais? Receais que eu me ponha a lutar contra a espada mais valente do reino?
— Não é isso, monsenhor; vou procurar o Sr. d'Herblay e, portanto, deixar-vos sozinho.
Fouquet desferiu um grito de alegria e de surpresa.
— Procurar o Sr. d'Herblay! deixar-me sozinho! — bradou, juntando as mãos.
— Onde está hospedado o Sr. d'Herblay? no quarto azul?
— Sim, meu amigo, sim.
— Vosso amigo! obrigado pela expressão, monsenhor.

— Ah! salvais-me!

— Levarei, pelo menos, dez minutos para ir daqui ao quarto azul e voltar, não é verdade?

— Aproximadamente.

— E para acordar Aramis, que dorme bem quando dorme, mais cinco: total, um quarto de hora de ausência. Dai-me a palavra de que não tentareis fugir de maneira alguma e, ao regressar, tornarei a encontrar-vos aqui.

— Dou-a, senhor — respondeu Fouquet apertando a mão do mosqueteiro com afetuoso reconhecimento.

D'Artagnan desapareceu.

Fouquet viu-o afastar-se, esperou com visível impaciência que a porta se fechasse e, quando ela se fechou, correu para as suas chaves, abriu algumas gavetas com segredo escondidas nos móveis, procurou em vão alguns papéis, que tinham ficado sem dúvida em Saint-Mandé, o que pareceu contrariá-lo; mas, reunindo à pressa cartas, contratos, escritos, empilhou-os e queimou-os sem demora na placa de mármore do fogão, não se dando sequer ao trabalho de retirar-lhe do interior os potes de flores de que estava cheio.

Concluída a operação, como um homem que acaba de escapar a um perigo imenso, e que as forças desamparam assim que desaparece o perigo, deixou-se cair aniquilado na poltrona.

Voltou d'Artagnan e encontrou Fouquet na mesma posição. Não ocorrerá sequer ao digno mosqueteiro que, tendo dado a sua palavra, pudesse Fouquet faltar a ela; mas adivinhara que ele aproveitaria a sua ausência para livrar-se de todos os papéis, notas e contratos capazes de tornar mais perigosa a gravíssima posição em que se encontrava. Erguendo a cabeça como um cachorro que interroga o vento, sentiu o cheiro de fumaça que esperava descobrir na atmosfera, e, tendo-o descoberto, fez um gesto em sinal de satisfação.

Ao entrar d'Artagnan, Fouquet também levantara a cabeça, e nenhum dos movimentos do mosqueteiro lhe passou despercebido.

Depois, os olhos dos dois homens tornaram a encontrar-se; viram ambos que se tinham compreendido sem haver trocado uma palavra.

— E então? — perguntou primeiro Fouquet — que é do Sr. d'Herblay?

— Palavra! senhor — respondeu d'Artagnan — que o Sr. d'Herblay deve apreciar os passeios noturnos e estar, no parque de Vaux, ao luar, versejando com alguns de vossos poetas; pois não está no quarto.

— Não está no quarto! — exclamou Fouquet, vendo fugir a última esperança; pois, se bem não atinasse com o modo porque o Bispo de Vannes poderia socorrê-lo, compreendia que, em realidade, só dele podia esperar socorro.

— Ou então — continuou d'Artagnan — se está no quarto, deve ter tido razões para não responder.

— Mas não chamastes de maneira que ele pudesse ouvir-vos?

— Não imaginareis, monsenhor, que, além de transgredir as minhas ordens, que me vedavam deixar-vos um instante que fosse, eu cometesse a loucura de acordar a casa inteira e me deixasse ver no corredor do Bispo de Vannes, mostrando assim ao Sr. Colbert que vos havia dado tempo suficiente para queimar vossos papéis?

— Os meus papéis?

— Sem dúvida; era isso, pelo menos, o que eu teria feito em vosso lugar. Quando me abrem uma porta, aproveito.

— De fato, obrigado; também aproveitei.

— E fizestes muito bem, com todos os diabos!

Cada qual tem os seus segredinhos, que não são da conta de ninguém. Mas voltemos a Aramis, monsenhor.

— Chamaste-o muito baixo e ele não ouviu.

— Por mais baixo que o chamem, senhor, Aramis ouve sempre quando quer ouvir. Repito, portanto: Aramis não estava no quarto, monsenhor, ou teve, para não reconhecer a minha voz, motivos que ignoro e que talvez ignoreis vós mesmo, por mais ligado que vos seja Sua Grandeza, Monsenhor Bispo de Vannes.

Fouquet exalou um suspiro, levantou-se, deu três ou quatro voltas pelo quarto, e acabou indo sentar-se, com expressão de profundo abatimento, no magnífico leito de veludo, guarnecido de esplêndidas rendas.

D'Artagnan considerou-o cora um sentimento de profunda piedade.

— Já vi prenderem-se muitas pessoas em minha vida — disse o mosqueteiro com melancolia; — assisti à prisão do Sr. de Cinq-Mars e à do Sr. de Chalais. Eu era muito moço. Assisti à prisão do Sr. de Conde com os príncipes, à do Sr. de Retz, à cio Sr. Broussel. Ora pois, monsenhor, é desagradável dizer-se, mas de todos eles o que mais semelhais neste momento é o velho Broussel. Pouco falta para que enfieis, como ele, o guardanapo na carteira e limpeis a boca com papéis. Com a fortuna! Sr. Fouquet, um homem como vós não se deixa abater desse jeito. Se vos vissem os amigos!...

— Sr. d'Artagnan — tornou o superintendente com um sorriso cheio de tristeza — não compreendeis: é justamente porque os meus amigos não me vêem que estou assim como vedes. Não vivo sozinho! Sozinho não sou nada. Empreguei a existência na conquista de amigos que esperava converter em arrimos para mim. Na prosperidade, todas as vozes felizes, felizes por minha causa, entoavam-me um concerto de louvores e ações de graças. Ao menor desfavor, as mais humildes acompanhavam harmoniosamente os murmúrios de minha alma. Jamais conheci a solidão. A pobreza, fantasma que por vezes entrevi com os seus andrajos no termo do meu caminho, é o espectro que cantam os meus amigos há tantos anos, que poetizam, acarinham e me fazem amar! Pois eu aceito a pobreza, reconheço-a, acolho-a como irmã deserdada porque a pobreza não é a solidão, não é o exílio, não é a prisão! Serei pobre, acaso, tendo amigos como Pellisson, La Fontaine, Molière? tendo uma mulher como...? Oh! mas a solidão, para mim, habituado ao ruído, afeito aos prazeres, a mim, que tão-somente sou porque os outros são!... Se soubésseis como estou sozinho neste momento! e como vós, que me separais de tudo o que eu amava, me pareceis a imagem da solidão, do nada e da morte!

— Mas eu já vos disse, Sr. Fouquet — retorquiu d'Artagnan profundamente tocado — eu já vos disse que exagerais as coisas. El-rei gosta de vós.

— Não — disse Fouquet, sacudindo a cabeça — não!

— O Sr. Colbert, sim, vos odeia.

— O Sr. Colbert? Que me importa?

— Há de arruinar-vos.

— Pois eu o desafio a fazê-lo: já estou arruinado.

À estranha confissão do superintendente, d'Artagnan relanceou um olhar expressivo à sua roda. E posto não abrisse a boca, Fouquet o compreendeu tão bem, que acrescentou:

— Que fazer das magnificências quando já não somos magníficos? Sabeis de que nos serve a maioria de nossas posses, a nós, os ricos? De enfastiar-nos, pelo próprio esplendor, de tudo o que não lhes iguala o esplendor. Vaux! dir-me-eis, as maravilhas de Vaux, não é verdade? Pois bem, que é que tem isso? Que fazer dessa maravilha? Se estou arruinado, com que verterei água nas urnas de

minhas náiades, fogo nas entranhas de minhas salamandras, ar no peito de meus tritões? Para ser suficientemente rico, Sr. d'Artagnan, é preciso ser rico demais.

D'Artagnan sacudiu a cabeça.

— Sei perfeitamente o que estais pensando — replicou vivamente Fouquet. — Se tivésseis Vaux, venderíeis tudo e compraríeis uma propriedade na província. Essa propriedade teria bosques, vergéis e campos; essa propriedade alimentaria o proprietário. De quarenta milhões, faríeis...

— Dez milhões — interrompeu d'Artagnan.

— Nem um milhão, meu caro capitão. Ninguém, em França, tem dinheiro suficiente para comprar Vaux por dois milhões e sustentá-lo como está; ninguém poderia nem saberia fazê-lo.

— Homessa! — volveu d'Artagnan — em todo o caso, um milhão...

— Que é que tem?

— Não é a miséria.

— É pouco menos do que isso, meu caro senhor.

— Como?

— Não me compreendeis. Não, não quero vender a minha casa de Vaux. Dou-vo-la, se quiserdes.

E Fouquet acompanhou essas palavras com um movimento inexprimível de ombros.

— Dai-a a el-rei, que fareis melhor negócio.

— El-rei não precisa de que eu lha dê — tornou Fouquet; — ele ma tomará, com a maior facilidade, se assim o entender; eis porque prefiro que ela pereça. Se o rei, Sr. D'Artagnan, não estivesse abrigado debaixo do meu teto, eu tomaria desta vela, poria fogo, debaixo da cúpula, a duas caixas de foguetes e fogos de artifício que lá se encontram e reduziria a cinzas o meu palácio.

— Ora! — acudiu negligentemente, o mosqueteiro. — Em todo o caso, não queimaríeis os jardins. São o que há de melhor em vossa casa.

— De mais a mais — voltou surdamente Fouquet — que foi o que eu disse, meu Deus? Queimar Vaux! destruir o meu palácio! Mas Vaux não me pertence! Estas riquezas, estas maravilhas, pertencem, enquanto prazer, a quem as pagou, é verdade, mas, enquanto arte duradoura, a quem as criou. Vaux é de Le Brun; Vaux é de Le Nôtre; Vaux é de Pellisson, de Levau, de La Fontaine, Vaux é de Molière, que aqui representou *os Chatos,* Vaux pertence à posteridade, enfim. Como vedes, Sr. d'Artagnan, a minha casa já não é minha.

— Ainda bem — replicou o mosqueteiro — aí está uma idéia que me agrada, e nela reconheço o Sr. Fouquet. Essa idéia me afasta do velho Broussel, e nela já não vejo as choradeiras do antigo frondista. Se estais arruinado, monsenhor, aceitai como convém as coisas; vós também, com a breca! pertenceis à posteridade e não tendes o direito de apequenar-vos. Olhai para mim, que vos pareço superior, porque venho prender-vos; o destino, que distribui os papéis aos comediantes deste mundo, reservou-me um menos bonito e menos agradável de representar do que o vosso: sou daqueles que pensam que os papéis de reis ou poderosos valem mais do que os de mendigos ou lacaios. Mais vale, até no palco, em outro teatro que o deste mundo, vestir e falar com elegância do que esfregar o soalho com um par de sapatos velhos ou deixar que nos afaguem a espinha com pedaços de pau forrados de estopa. Numa palavra, abusastes do ouro, mandastes, gozastes. Eu trabalhei como um burro; obedeci; penei. Pois bem, por menos que eu valha ao pé de vós, monsenhor, declaro-vos: a lembrança do que já fiz me serve de aguilhão que não me deixa curvar muito depressa a velha cabeçorra. Serei até ao fim um bom cavalo de esquadrão, e cairei teso, inteiro, vivo, depois de haver escolhido direitinho o meu lugar. Fazei como eu, Sr. Fouquet; não vos dareis mal com isso. Essas coisas só acontecem uma vez a homens como vós. O importante é saber o que fazer quando chega o momento. Há um provérbio latino cujas palavras esqueci, mas de cujo sentido me lembro, pois mais de uma vez refleti sobre ele:

"O fim coroa a obra".

Fouquet levantou-se, passou o braço à volta do pescoço de d'Artagnan e abraçou-o, ao mesmo passo que, com a outra mão, lhe apertava a destra.

— Eis aí um belo sermão — disse, após uma pausa.

— Sermão de mosqueteiro, monsenhor.

— Deveis gostar de mim para me dizerdes tudo isso.

— Talvez.

Fouquet remergulhou em seus cismares; logo, volvido um instante:

— Mas onde andará o Sr. d'Herblay? — perguntou.

— Quem sabe?

— Não me atrevo a pedir-vos que o mandeis procurar.

— E ainda que mo pedísseis eu não o faria, Sr. Fouquet. Seria imprudente. Todos ficariam sabendo e Aramis, que não tem nada com isto, se veria comprometido e envolvido na vossa desgraça.

— Esperarei o dia — declarou Fouquet.

— É o melhor.

— Que faremos, quando despontar a aurora?

— Que sei eu, monsenhor?

— Prestai-me um favor, Sr. d'Artagnan.

— Com muito prazer.

— Guardais-me, eu fico; estais no pleno cumprimento de vossas ordens, não é verdade?

— É verdade.

— Pois bem, sede a minha sombra. Prefiro essa a qualquer outra.

Inclinou-se d'Artagnan.

— Não esquecei que sois o Sr. d'Artagnan, capitão dos mosqueteiros; esquecei que sou o Sr. Fouquet, superintendente das finanças, e conversemos sobre negócios.

— Diabo! isso é meio espinhoso.

— Deveras?

— É; mas, por vós, Sr. Fouquet, eu faria o impossível.

— Obrigado. Que vos disse o rei?

— Nada.

— Ah! Assim conversais?

— Hora essa!

— Que pensais da minha situação?

— Nada.

— Entretanto, a menos que haja má vontade...

— A vossa situação é difícil.

— Por quê?

— Porque estais em vossa casa.

— Por difícil que seja, compreendo-a muito bem.

— Acaso imaginais que eu teria empregado, com qualquer um, tamanha franqueza?

— Tamanha franqueza? Fostes franco comigo? Não me dissestes coisíssima nenhuma!

— Muito bem. Falarei.

— Ainda bem!

— Ouvi, monsenhor, como eu teria procedido, se se tratasse de outra pessoa: chegaria à vossa porta, depois que todos tivessem saído, ou, se ainda não tivessem saído, esperá-los-ia à saída e os

apanharia um por um, como se apanham coelhos ao deixarem a toca; em seguida, prendê-los-ia sem bulha, estender-me-ia sobre o tapete do vosso corredor, e, com uma das mãos sobre vós, sem que o suspeitásseis sequer, guardar-vos-ia para o almoço do amo. Nenhum escândalo, nenhuma defesa, nenhum barulho; mas também nenhuma advertência ao Sr. Fouquet, nenhuma reserva, nenhuma dessas concessões delicadas que se fazem no momento decisivo entre pessoas corteses. Gostaríeis do plano?

— Só de pensar nele estremeço.

— Não é mesmo? Seria muito triste aparecer eu amanhã, de sopetão, e pedir-vos a espada.

— Eu teria morrido de vergonha e de cólera!

— O vosso reconhecimento se expressa com demasiada eloqüência; nada fiz por merecê-lo.

— Asseguro-vos, senhor, que jamais confessarei uma coisa dessas.

— Pois agora, monsenhor, se estais satisfeito comigo, se já vos recobrastes do abalo que atenuei quanto pude, deixemos que o tempo bata as asas; estais moído, precisais pensar; conjuro-vos, dormi ou simulai dormir, em vossa cama ou sobre ela. Dormirei nesta poltrona e, quando durmo, é tão pesado o meu sono que nem um tiro de canhão lograria despertar-me.

Fouquet sorriu.

— Excetuo, porém — continuou o mosqueteiro — o caso de abrir-se uma porta, secreta ou visível, de saída ou de entrada. Nessas ocasiões, o meu ouvido é vulnerabilíssimo. Um estalo faz-me estremecer. É uma questão de antipatia natural.

Por conseguinte, passeai pelo quarto, escrevei, apagai, rasgai, queimai; mas não toqueis na chave da porta; não toqueis sequer na maçaneta, pois me acordaríeis em sobressalto, e isso me irrita sobremodo os nervos.

— Decididamente, Sr. d'Artagnan — disse Fouquet — sois o homem mais espirituoso e mais cortês que conheço, e só lamentarei uma coisa: o haver-vos conhecido muito tarde.

D’Artagnan exalou um suspiro que queria dizer:

— Ai de mim! talvez me tenhais conhecido muito cedo!

Em seguida, refestelou-se na poltrona, ao passo que Fouquet, semideitado na cama e apoiado sobre o cotovelo, meditava em sua aventura.

Et quand Fouquet soupirait trop haut, d'Artagnan ronflait plus fort.

E ambos, deixando queimar as velas, esperaram assim o despontar do dia; quando Fouquet suspirava muito alto, d'Artagnan roncava mais forte.

Nenhuma visita, nem a de Aramis, perturbou-lhes o sossego; nenhum ruído se ouviu na casa imensa.

Fora, as rondas de honra e as patrulhas de mosqueteiros faziam gemer o saibro sob os seus pés; era uma tranqüilidade a mais para os que dormiam. Ajunte-se a isso o ruído do vento e das fontes que fazem o seu eterno ofício sem se preocupar com os barulhinhos e coisinhas de que se compõem a vida e a morte do homem.

---

[1] Primeiro ministro de Filipe, o Belo, gozou Enguerrand de Marigny, durante todo o reinado desse monarca, de um poder absoluto. Sucessivamente nomeado gentil-homem da câmara real, Conde de Longueville, governador do Louvre, superintendente das finanças, primeiro ministro e, afinal, coadijutor do rei no governo do reino, a sua boa fortuna excitou muitas invejas, sobretudo a do Conde de Valois, irmão do rei. Assim que Filipe morreu, os inimigos acusaram-no ao filho, Luis, o Teimoso, de haver sobrecarregado o povo de impostos e dilapidado as finanças. Marigny foi condenado sem ser ouvido e morreu, em 1315, na forca de Montfaucon. (N. do T.)

Capítulo XX - De manhã

O pé do destino lúgubre do rei encerrado na Bastilha e roendo com desespero grades e fechaduras, a retórica dos cronistas antigos não deixaria de colocar a antítese de Filipe dormindo sob o pátio real. Não que a retórica seja sempre má e sempre mal semeie as flores com que pretende afeitar a história; escusamo-nos, porém, de polir a antítese para desenhar outro quadro, destinado a servir de contraste ao primeiro.

Desceu o jovem príncipe do quarto de Aramis como descera el-rei do quarto de Morfeu. Abaixou-se lentamente a abóbada premida pelo Sr. d'Herblay, e Filipe se viu diante do leito real, que tornara a subir depois de haver deposto o prisioneiro nas profundas dos subterrâneos.

Só em presença daquele luxo, só diante de todo o seu poder, só em face do papel que lhe cumpria representar, Filipe sentiu pela primeira vez abrir-se-lhe a alma às mil comoções que são as batidas vitais de um coração de rei.

Empalideceu, porém, ao considerar o leito vazio, amarfanhado ainda pelo corpo do irmão.

O cúmplice mudo voltara depois de haver servido à consumação da obra. Voltara com os vestígios do crime, falando a linguagem franca e brutal que o cúmplice nunca se arreceia de empregar com o cúmplice. Dizia a verdade.

Abaixando-se para enxergar melhor, avistou Filipe o lenço ainda molhado pelo suor frio que escorrera da fronte de Luís XIV. Aquele suor espavoriu-o, como o sangue de Abel estarreceu Caim.

— Eis-me face a face com o meu destino — murmurou, olhar em brasa, rosto lívido. — Será ele mais apavorante do que foi doloroso o meu cativeiro? Obrigado a seguir a cada instante as usurpações do pensamento, lembrar-me-ei de ouvir os escrúpulos do coração?... O rei descansou nesta cama; foi a cabeça dele que fez este vinco no travesseiro, foi a amargura de suas lágrimas que umedeceu este lenço, e eu hesito em deitar-me nesta cama, em apertar nas mãos este lenço bordado com as armas e a inicial do rei. Vamos, imitemos o Sr. d'Herblay, segundo o qual a ação há de estar sempre um furo acima do pensamento; imitemos o Sr. D'Herblay, que não pensa senão em si e se diz homem de bem por haver descontentado ou traído apenas os inimigos. Eu teria ocupado esta cama se Luís XIV não me tivesse defraudado dela pelo crime de nossa mãe. Seria meu este lenço bordado com as armas de França, se, como o observou o Sr. d'Herblay, me tivessem deixado no berço real.

Filipe, filho de França, retorna ao teu leito! Filipe, único rei de França, retoma o teu brasão! Filipe, único herdeiro presuntivo de Luís XIII, teu pai, não te amiseres do usurpador, que nem sequer neste momento sente o remorso de tudo o que sofreste!!!

Dito isto, apesar da instintiva repugnância do corpo, a despeito dos arrepios e do terror dominados pela vontade, estendeu-se na cama real, e obrigou os músculos a premirem o colchão quente ainda de Luís XIV, ao passo que apoiava sobre a testa o lenço molhado de suor.

Quando a cabeça lhe caiu para trás e ajeitou-se no macio travesseiro, avistou Filipe acima da fronte a coroa de França, sustentada, como dissemos, pelo anjo com asas de ouro.

Represente-se agora o intruso real de olhar sombrio e corpo fremente. Semelha o tigre extraviado em noite tempestuosa, que, depois de atravessar barrocas e juncais desconhecidos, vai deitar-se na caverna do leão ausente, atraído pelo odor felino, pelo morno vapor da habitação cotidiana. Encontra uma cama de ervas secas, ossos esmigalhados e pastosos como o tutano; chega, perscruta a sombra com olhos que flamejam e que vêem; sacode os membros encharcados, o pelame sujo de lama, e pesadamente se deita, com o focinho sobre as patas enormes, pronto para o sono, mas pronto também

para a luta. De tempos a tempos, o relâmpago que fulge e faísca nas gretas do antro, o estardalhaço dos galhos que se entrechocam, das pedras que gritam ao cair, a vaga apreensão do perigo, arrancam-no à letargia causada pela fadiga.

Pode-se querer deitar na cama do leão, mas não se pode esperar nela um dormir tranqüilo.

Filipe fitou o ouvido a todos os ruídos, deixou oscilar o coração ao sopro de todos os pavores; confiante, porém, na sua força, duplicada pela exageração de sua decisão suprema, esperou, sem fraqueza, que uma circunstância decisiva lhe permitisse ajuizar de si mesmo. Esperou que um grande perigo surgisse para ele, como fosforescências de tempestade, que mostram aos navegadores a altura das vagas contra as quais têm de lutar.

Mas nada aconteceu. Inimigo mortal dos corações inquietos, inimigo mortal dos ambiciosos, o silêncio envolveu durante toda a noite, em seu vapor espesso, o futuro rei de França, abrigado sob a coroa roubada.

Ao amanhecer, um corpo, ou melhor, uma sombra esgueirou-se no quarto real; Filipe, que a esperava, não se espantou.

— Então, Sr. D'Herblay? — perguntou.

— Está tudo liquidado, Sire.

— Como?

— Como prevíramos.

— Resistência?

— Encarniçada: choros, gritos.

— E depois?

— Depois, o estupor.

— Portanto?

— Vitória completa e silêncio absoluto.

— O governador da Bastilha não desconfia?...

— De nada.

— E a semelhança?

— É a causa do triunfo.

— Mas lembrai-vos de que o prisioneiro não pode deixar de explicar-se. Eu mesmo pude fazê-lo, e lutava contra um poder bem mais sólido que o meu.

— Já providenciei tudo. Daqui a alguns dias, antes talvez, se for preciso, tiraremos o cativo da prisão e mandá-lo-emos para um exílio tão distante...

— Muitos voltam do exílio, Sr. d'HerbIay.

— Tão distante, dizia eu, que as forças materiais do homem e a duração da sua existência não bastariam ao regresso.

O olhar do jovem rei e o de Aramis tornaram a cruzar-se com fria inteligência.

— E o Sr. du Vallon? — perguntou Filipe, mudando de assunto.

— Ser-lhe-á apresentado hoje e, confidencialmente, felicitará Vossa Majestade por se haver safado do perigo que representava o usurpador.

— Que se fará dele?

— Do Sr. du Vallon?

— Um duque, não é verdade?

— Sim, um duque — anuiu Aramis com singular sorriso.

— De que estais rindo, Sr. d'Herblay?

— Rio-me da idéia previdente de Vossa Majestade.

— Previdente? Como assim?
— Teme, sem dúvida, Vossa Majestade que o pobre Porthos se converta numa testemunha incômoda, e quer desfazer-se dele.
— Fazendo-o duque?
— Claro. Vossa Majestade mata-o. Ele morrerá de alegria, e o segredo morrerá com ele.
— Ah! meu Deus!
— E eu — observou, fleumático, Aramis — perderei um bom amigo.
Nesse momento, entre as frívolas conversações sob as quais ocultavam os dois conspiradores a alegria e o orgulho do triunfo, Aramis ouviu qualquer coisa que lhe despertou a atenção.
— Que foi? — perguntou Filipe.
— O dia, Sire.
— Que é que tem isso?
— Tem que Vossa Majestade, nesta cama, ontem, ao deitar-se, decidiu provavelmente fazer qualquer coisa hoje cedo.
— Eu disse ao meu capitão de mosqueteiros que o esperaria — respondeu rapidamente o rapaz.
— Se Vossa Majestade lhe disse isso, virá seguramente; é um homem pontual.
— Estou ouvindo passos no vestíbulo.
— São dele.
— Comecemos o ataque — exclamou, resoluto, o jovem rei.
— Cuidado — acudiu Aramis — começar o ataque por d'Artagnan seria loucura. D'Artagnan não sabe nada, d'Artagnan não viu nada, d'Artagnan está a cem léguas de suspeitar do nosso mistério; mas se for o primeiro a entrar aqui hoje cedo, acabará desconfiando de que sucedeu alguma coisa. Antes de deixá-lo entrar, Sire, precisamos arejar muito bem o quarto, ou introduzir nele tanta gente que o podengo mais hábil do reino se veja despistado por vinte rastros diferentes.
— Mas como dispensá-lo, se o convoquei? — observou o príncipe, ardendo por medir-se com tão formidável adversário.
— Eu me encarrego disso — respondeu o bispo; — e, para começar, darei um golpe que tonteará o nosso homem.
— Ele também está dando um — observou vivamente o príncipe.
Com efeito, ouviu-se uma batida à porta.
Não se enganara o prelado; era, de fato, d'Artagnan que assim se anunciava.
Vimo-lo passar a noite filosofando com o Sr. Fouquet; mas o mosqueteiro estava cansado, até de fingir que dormia; e assim que a aurora aclarou com a sua auréola azulada as suntuosas cornijas do quarto do superintendente, ergueu-se da poltrona, cingiu a espada, alisou a roupa com a manga da casaca e escovou o chapéu como um soldado da guarda que se apronta para o exame do anspeçada.
— Ides, sair? — perguntou o Sr. Fouquet.
— Vou, monsenhor; e vós?
— Ficarei.
— Dais-me a vossa palavra?
— Dou-vos a minha palavra, — Bem. De resto, só sairei para ir saber da resposta.
— Ou melhor, da sentença.
— Sou meio parecido com os romanos antigos. Hoje cedo, ao levantar-me, observei que a minha espada não ficou presa em nenhum atacador, e que o boldrié não demorou em assentar. É sinal infalível.
— De prosperidade?

— É. Cada vez que o diabo dessa correia ficava presa nas minhas costas, lá vinha um castigo do Sr. de Tréville ou uma recusa de dinheiro do Sr. de Mazarino. Cada vez que a espada se enroscava no talim, surgia uma incumbência desagradável, como tantas que recebi na vida. Cada vez que a espada dançava na bainha, eu tratava um duelo feliz. Cada vez que ela me batia na barriga da perna, recebia um ferimento leve. Cada vez que me saía inteira da bainha, eu ficava no campo da luta, com dois ou três meses de cirurgias e compressas.

— Ah! eu não vos sabia tão bem informado pela vossa espada — disse Fouquet com um pálido sorriso, que era a luta contra as suas próprias fraquezas. — A vossa lâmina é feiticeira ou encantada?

— A minha espada é um membro do meu corpo. Ouvi dizer que certos homens são avisados pela perna ou por uma pulsação da têmpora. Eu sou-o pela espada. Pois bem, ela não me disse nada hoje cedo. Ah! sim! como não!... ei-la que acaba de cair sozinha no último ponto do talabarte. Sabeis o que isso me pressagia?

— Não.

— Uma detenção para hoje.

— Mas então — acudiu o superintendente mais espantado que zangado por aquela franqueza — se nada de triste vos prediz a espada, não é triste para vós prender-me?

— Prender-vos? A vós?

— Sem dúvida... o presságio...

— Não vos diz respeito, visto que estais preso desde ontem. Não sois vós, portanto, o futuro preso. Eis porque me alegro, eis porque estou dizendo que o meu dia será feliz.

E, pronunciadas essas palavras com afetuosa elegância, o capitão despediu-se do Sr. Fouquet para ir ter com o rei.

Ia transpor o limiar, quando lhe pediu o superintendente:

— Uma última prova de benevolência.

— Seja, monsenhor.

— Deixai-me ver o Sr. d'Herblay.

— Farei o possível para trazê-lo.

D'Artagnan não imaginou que tivesse dito tanta coisa certa. Mas estava escrito que as horas se passariam para ele realizando as predições matinais.

Foi bater, como já dissemos, à porta do rei. A porta se abriu. Supôs o capitão que o rei tivesse vindo abri-la pessoalmente. A suposição não era inadmissível depois da intranqüilidade em que o mosqueteiro, na véspera," deixara Luís XIV. Mas, em vez do rosto real, que já se dispunha a saudar respeitosamente, deu com o rosto comprido e impassível de Aramis. Pouco faltou para que soltasse um grito, tão violenta foi a sua surpresa.

— Aramis! — disse ele.

— Bom dia, meu caro d'Artagnan — respondeu friamente o prelado.

— Aqui? — balbuciou o mosqueteiro.

— Pede-vos Sua Majestade — respondeu o bispo — o favor de anunciardes que ele está descansando, depois de haver passado mal a noite.

— Ah! — exclamou d’Artagnan, que não podia compreender como o Bispo de Vannes, tão medíocre favorito na véspera, se visse transformado, seis horas depois, no mais prestigioso valido que já florescera numa alcova real.

Com efeito, para transmitir à porta do quarto do monarca as vontades do rei, para servir de intermediário de Luís XIV, para mandar em seu nome, a dois passos dele, cumpria-lhe ser muito mais do que fora o próprio Richelieu em relação a Luís XIII.

O olhar expressivo de d'Artagnan, a sua boca dilatada, o seu bigode eriçado, disseram tudo isso na mais vibrante das linguagens ao soberbo favorito, que não se comoveu.

— De mais a mais — continuou o bispo — fareis o obséquio, senhor capitão dos mosqueteiros, de só permitir a entrada a pessoas gradas hoje cedo.

Sua Majestade ainda quer dormir um pouco.

— Mas — objetou d'Artagnan, pronto para revoltar-se e, sobretudo, para deixar explodir as suspeitas que lhe inspirava o silêncio do rei; — mas, senhor bispo, Sua Majestade ordenou-me que me apresentasse hoje cedo.

— Adiemos a entrevista — disse do fundo da alcova a voz do rei, que fez correr um frêmito nas veias do mosqueteiro.

Este se inclinou, pasmado, estupefato, bestificado pelo sorriso com que o esmagou Aramis, depois dessas palavras.

— Além disso — continuou o bispo — para responder ao que vínheis perguntar a el-rei, meu caro Sr. D'Artagnan, eis aqui uma ordem da qual tomareis conhecimento imediato, e que se refere ao Sr. Fouquet.

D'Artagnan pegou na ordem que lhe estendiam.

— Um mandado de soltura? — murmurou. — Ah!

E soltou um segundo *ah!* mais inteligente que o primeiro.

A ordem explicava-lhe a presença de Aramis no quarto do rei; para ter obtido o perdão do Sr. Fouquet, devia Aramis de gozar de todo o favor real; e esse favor explicava, por sua vez, o incrível entono com que o Sr. d'Herblay transmitia as ordens de Sua Majestade.

Bastava a d'Artagnan compreender alguma coisa para compreender tudo. Cumprimentou e deu dois passos para afastar-se.

— Eu vos acompanho — anunciou o bispo.

— Aonde?

— Ao quarto do Sr. Fouquet; desejo compartir-lhe da alegria.

— Ah! Aramis, tu me intrigastes há pouco — disse ainda d'Artagnan.

— Mas agora, compreendes?

— Claro! — respondeu em voz alta. Logo, baixinho, entredentes:

— Pois bem, não! Não compreendo. Mas não faz mal, é uma ordem.

E acrescentou:

— Passai, monsenhor.

D'Artagnan conduziu Aramis ao quarto de Fouquet.

Capítulo XXI - O amigo do rei

FOUQUET estava esperando com ansiedade; já dispensara vários servidores e amigos que, adiantando-se à hora de suas recepções habituais, tinham vindo bater-lhe à porta. A cada um deles, calando o perigo suspenso sobre a sua cabeça, perguntava apenas onde andaria Aramis.

Quando viu voltar d'Artagnan, quando avistou atrás dele o Bispo de Vannes, a sua alegria não conheceu limites; igualou-se-lhe à própria inquietação. Ver o prelado representava para o superintendente uma compensação à desgraça de ter sido preso.

Estava o bispo silencioso e grave; d'Artagnan parecia transformado pelo acúmulo de sucessos incríveis.

— Então, capitão, trazeis-me o Sr. d'Herblay? — E algo de melhor ainda, monsenhor.

— O quê?

— A liberdade.

— Estou livre?

— Estais livre. Ordem do rei.

Fouquet recuperou a serenidade para interrogar o bispo com o olhar.

— Oh! sim, podeis agradecer ao Sr. Bispo de Vannes — prosseguiu d'Artagnan; — pois é realmente a ele que deveis a mudança do rei.

— Oh! — exclamou o Sr. Fouquet, mais humilhado pelo serviço que reconhecido pelo sucesso.

— Mas tu — continuou d'Artagnan dirigindo-se a Aramis — tu que proteges o Sr. Fouquet, não farás alguma coisa por mim?

— O que quiseres, meu amigo — replicou o bispo com a voz calma.

— Uma coisa apenas, e declaro-me satisfeito: como te fizeste favorito do rei se não lhe falaste mais que duas vezes na vida?

— De um amigo como tu — replicou Aramis com finura — não se esconde nada.

— Ainda bem. Fala.

— Cuidas que vi o rei apenas duas vezes, mas a verdade é que o vi mais de cem. Às escondidas.

E sem se dar ao trabalho de extinguir o novo rubor que a revelação fez subir ao rosto de d'Artagnan, voltou-se para o Sr. Fouquet, tão surpreendido quanto o mosqueteiro.

— Monsenhor — anunciou — el-rei me encarrega de dizer-vos que é mais vosso amigo do que nunca, e que a vossa festa, tão linda, tão generosamente oferecida, lhe tocou o coração.

Dito isso, saudou o Sr. Fouquet com tamanha reverência, que este, incapaz de compreender uma diplomacia daquela força, ficou sem voz, sem idéias e sem movimento.

D'Artagnan julgou compreender que os dois homens queriam conversar, e ia obedecer ao instinto de polidez que precipita para a porta, em casos semelhantes, o terceiro cuja presença incomoda, quando a curiosidade, ardente, estimulada por tantos mistérios, induziu-o a ficar.

Mas Aramis, voltando-se docemente para ele:

— Meu amigo — disse-lhe — não te esqueceram as ordens do rei tocantes ao seu levantar, não é verdade?

As palavras eram claríssimas. Compreendeu-as o mosqueteiro; cumprimentou, portanto, o Sr. Fouquet, depois Aramis com uns laivos de respeito irônico, e desapareceu.

Nesse momento, o superintendente, que mal dominava a impaciência, correu para a porta, fechou-

a, e, reaproximando-se do bispo:

— Meu caro d'Herblay — disse ele — creio que já podeis explicar-me o que se passa. Em realidade, não compreendo mais nada.

— Vamos explicar-vos tudo isso — redarguiu Aramis sentando-se e fazendo assentar-se o Sr. Fouquet. — Por onde devo começar?

— Por isto: por que cargas d'água manda-me el-rei pôr em liberdade?

— Devíeis perguntar primeiro porque vos mandou prender.

— Desde a minha detenção, tive tempo para pensar nisso, e creio que se trata de um pouco de ciúme. Minha festa contrariou o Sr. Colbert, e o Sr. Colbert descobriu qualquer coisa contra mim, o plano de Belle-Isle, por exemplo.

— Não, ainda não se trata de Belle-Isle.

— De que, então?

— Não vos recordais dos recibos de treze milhões que o Sr. de Mazarino vos roubou?

— Muito bem. Que é que tem isso?

— Tem que agora sois tido por ladrão.

— Santo Deus!

— E não é tudo. Não vos recordais da carta que escrevestes a La Vallière?

— Ai de mim! É verdade.

— Agora sois tido por traidor e subornador.

— Mas, então, por que me perdoou ele?

— Ainda não chegamos a esse ponto. Desejo ver-vos bem esclarecido sobre o assunto. Observai o seguinte: o rei vos supõe culpado de desvios de fundos. Oh! sei perfeitamente que não desviastes coisa alguma; o caso, porém, é que o rei não viu os recibos e, portanto, não pode deixar de considerar-vos criminoso.

— Perdão, não vejo...

— Vê-lo-eis. De mais disso, tendo lido a vossa cartinha de amor e os oferecimentos que fizestes à La Vallière, não pode ter dúvidas quanto às vossas intenções sobre aquela beldade.

— Naturalmente. Mas terminai.

— Lá chegarei. Por conseguinte, el-rei é vosso inimigo capital, implacável, eterno.

— De acordo. Mas serei, porventura, tão poderoso, que ele não se atreva a perder-me, a despeito desse ódio, com todos os recursos que a minha fraqueza ou a minha desgraça lhe proporcionam contra mim?

— É manifesto — volveu friamente Aramis — que el-rei está irreconciliavelmente indisposto convosco.

— Mas absolve-me.

— Acreditai-o? — inquiriu o bispo com olhar perscrutador.

— Sem acreditar na sinceridade do coração, acredito na verdade dos fatos.

Aramis deu levemente de ombros.

— Por que, então, vos teria encarregado Luís XIV de dizer-me o que me dissestes? — perguntou Fouquet.

— O rei não me encarregou de dizer-vos coisa alguma.

— Coisa alguma!... — tornou o superintendente, estupefato. — Mas, então, essa ordem?...

— Ah! sim, há uma ordem, é verdade.

E Aramis pronunciou essas palavras com tão estranho acento, que Fouquet não pôde menos de estremecer.

— Estou vendo — disse ele — que me escondeis qualquer coisa. Aramis afagou o queixo com os dedos alvíssimos.
— El-rei me exila?
— Não façais como naquele jogo em que as crianças adivinham a presença de um objeto escondido pelo modo por que soa uma campainha quando se aproximam ou afastam dele.
— Falai, então!
— Adivinhai.
— Amedrontais-me.
— Ora!... Isso quer dizer que não adivinhastes.
— Que vos disse o rei? Em nome da nossa amizade, não o dissimuleis.
— O rei não me disse nada.
— Matar-me-eis de impaciência, d'Herblay. Ainda sou superintendente?
— Sê-lo-eis enquanto o quiserdes.
— Mas que singular império obtivestes de repente sobre o espírito de Sua Majestade?
— Ah, aí é que está!
— Governai-o a vosso bel-prazer.
— Creio que sim.
— É inverossímil.
— Veremos.
— D'Herblay, por nossa aliança, por nossa amizade, por tudo o que tendes de mais caro no mundo, falai, suplico-vos! A que deveis o haver penetrado assim a intimidade de Luís XIV? Sei que ele não gostava de nós.
— Mas gostará agora — replicou Aramis acentuando a última palavra.
— Tivestes com ele algo de particular?
— Tive.
— Um segredo, talvez?
— Sim, um segredo.
— Um segredo capaz de modificar os interesses de Sua Majestade?
— Sois um homem realmente superior, monsenhor. Adivinhastes. Efetivamente, descobri um segredo capaz de modificar os interesses do rei de França.
— Ah! — exclamou Fouquet com a reserva de um cavalheiro que não quer insistir.
— E vós o julgareis — prosseguiu Aramis; — dir-me-eis se me engano sobre a sua importância.
— Estou ouvindo, visto que tendes a bondade de abrir-vos comigo. Todavia, meu amigo, observai que não solicitei indiscrição alguma.
Recolheu-se Aramis por um momento.
— Não faleis — bradou Fouquet. — Ainda é tempo.
— Lembra-vos — perguntou o bispo com os olhos no chão — o nascimento de Luís XIV?
— Como se fosse hoje.
— Não ouvistes dizer nada de particular sobre esse nascimento?
— Nada, senão que o rei não era verdadeiramente filho de Luís XIII.
— Isso não afeta os nossos interesses nem os do reino. É filho de seu pai, diz a lei francesa, quem tem pai reconhecido por lei.
— É verdade; mas o caso é grave quando entra em cena a importância das raças.
— Questão secundária. Portanto, não conheceis nenhuma particularidade?
— Nenhuma.

— Eis onde começa o meu segredo.
— Ah!
— Em vez de ter um filho, a rainha teve dois.
Fouquet levantou a cabeça.
— E o segundo morreu? — perguntou.
— É o que vereis. Os gêmeos deviam ser o orgulho da mãe e a esperança da França; mas a fraqueza do rei, a sua superstição, fizeram-no temer conflitos entre duas crianças com direitos iguais; suprimiu uma delas.
— Dizeis que a suprimiu?
— Esperai... Os dois meninos cresceram; um, sobre o trono; outro, na sombra e na solidão...
— E esse?
— É meu amigo.
— Meu Deus! que me dizes, Sr. d'Herblay! E que faz o pobre príncipe?
— Perguntai-me primeiro o que fizeram com ele.
— Sim, sim.
— Foi criado na província e depois encafuado numa fortaleza chamada Bastilha.
— Não é possível! — exclamou o superintendente juntando as mãos.
— Um, era o mais afortunado dos mortais; outro, o mais infeliz dos miseráveis.
— E a mãe ignora?
— Ana d'Áustria sabe tudo.
— E o rei?
— O rei não sabe nada.
— Tanto melhor! — bradou Fouquet.
A exclamação pareceu impressionar profundamente Aramis, que considerou com ar preocupado o interlocutor.
— Perdão, que vos interrompi — acudiu Fouquet.
— Eu dizia, portanto — prosseguiu Aramis — que o pobre príncipe era o mais desgraçado dos homens, quando Deus, que vela por todas as suas criaturas, decidiu socorrê-lo.
— Como assim?
— É o que vereis. O rei reinante... Digo o rei reinante, e adivinhais porquê.
— Não... Por quê?
— Porque os dois, legitimamente beneficiados pelo nascimento, deviam ter sido reis. Não é esse o vosso parecer?
— É o meu parecer.
— Positivo?
— Positivo. Os gêmeos são um em dois corpos.
— Folgo em que um jurisconsulto da vossa estatura e autoridade seja dessa opinião. Fica, portanto, entendido para nós que ambos tinham os mesmos direitos, não é verdade?
— Fica entendido... Mas, meu Deus! que aventura!
— Ainda não chegastes ao fim. Paciência!
— Hei de tê-la.
— Deus quis dar ao oprimido um vingador, um arrimo, se o preferis. Aconteceu que o rei reinante, o usurpador... Partilhais da minha opinião, não é verdade? Constitui usurpação o gozo tranqüilo e egoísta de uma herança da qual o herdeiro só tem direito à metade.
— Usurpação é o termo.

— Prossigo. Quis Deus que o usurpador tivesse por primeiro ministro um homem talentoso, honrado e, além disso, inteligentíssimo.

— Está bem, está bem — atalhou Fouquet. — Compreendo: contastes comigo para ajudar-vos a reparar o mal causado ao pobre irmão de Luís XIV? Pensastes bem: hei de ajudar-vos. Obrigado, d'Herblay, obrigado!

— Não é nada disso. Deixai-me terminar — contradisse Aramis, impassível.

— Terminai.

— Sendo ministro do rei reinante, dizia eu, incorreu o Sr. Fouquet no desagrado de Sua Majestade e viu perigosamente ameaçada a sua fortuna, a sua liberdade, e talvez a própria vida, pela intriga e pelo ódio, que o monarca atende com muita facilidade. Mas, sempre pelo bem do príncipe sacrificado, permitiu o Onipotente, que o Sr. Fouquet tivesse por sua vez um amigo dedicado, que partilhava do segredo de Estado e teve forças suficientes para revelá-lo depois de as ter tido para guardá-lo vinte anos no coração.

— Não continueis — acudiu Fouquet, em cuja mente fervilhavam idéias generosas; — compreendo e adivinho tudo. Fostes à presença do rei quando soubestes da minha detenção; suplicastes, e ele também se recusou a ouvir-vos; ameaçastes revelar o segredo, e Luís XIV, estarrecido, teve de conceder ao terror de vossa indiscrição o que recusara à vossa generosa intercessão. Compreendo, compreendo! Tendes el-rei à vossa mercê. Compreendo!

— Não compreendeis coisa alguma — reconveio Aramis — e tornastes a interromper-me, meu amigo. Pois bem, permiti que eu vo-lo diga: descurais muitíssimo da lógica e não utilizais bastante a memória.

— Como?

— Já esquecestes o que acentuei no princípio de nossa conversação?

— Perfeitamente: o ódio que me tem Sua Majestade, ódio invencível; mas que ódio resistiria à ameaça de tal revelação?

— De tal revelação? Pois aí é que vos falece a lógica. Admitis, acaso, que, se eu tivesse feito ao rei tamanha revelação, estaria vivo a estas horas?

— Não faz dez minutos que falastes com o rei.

— Seja! ele não teria tido tempo de mandar-me matar; mas teria tido tempo de mandar-me amordaçar e atirar num calabouço. Vamos, firmeza no raciocínio, com seiscentos diabos!

E, por essa expressão bem mosqueteira, descuido de um homem que nunca se descuidava, avaliou Fouquet o grau de exaltação a que chegara o calmo, o impenetrável Bispo de Vannes. Fremiu.

— De mais a mais — prosseguiu este último depois de haver-se dominado — seria eu o homem que sou? Seria eu amigo de verdade se vos expusesse, a vós que o rei já execra, a um sentimento ainda mais terrível do jovem monarca? Tê-lo roubado, não é nada; ter-lhe cortejado a amante, é pouco mas conservar em vossas mãos a coroa e a honra dele! Francamente! Luís XIV vos arrancaria o coração com as próprias mãos!

— Não lhe falastes no segredo?

— Eu teria preferido engolir todos os venenos que Mitridates bebeu em vinte anos para tentar não morrer.

— Que fizestes, então?

— Ah! eis-nos chegados ao ponto, monsenhor. Creio que vou despertar-vos algum interesse. Continuais a ouvir-me, não é assim?

— Se continuo! Falai.

Aramis deu uma volta pelo quarto, certificou-se da solidão, do silêncio, e reacercou-se da

poltrona em que Fouquet lhe aguardava as revelações com profunda ansiedade.

— Esqueceu-me contar-vos — recomeçou Aramis dirigindo-se ao amigo, que o ouvia com suma atenção — uma particularidade notável relativa aos gêmeos: fê-lo Deus tão semelhantes um ao outro, que só ele, chamando-os ao seu tribunal, saberia estremá-los. Nem a mãe deles poderia fazê-lo.

— Será possível? — bradou Fouquet.

— A mesma nobreza dos traços, o mesmo andar, o mesmo porte, a mesma voz.

— E o pensamento? A inteligência? A ciência da vida?

— Oh! nisso há desigualdade, monsenhor, pois o prisioneiro da Bastilha é incontestavelmente superior ao irmão; e se, dos ferros, a pobre vítima passasse ao trono, a França talvez não encontrasse, desde a sua origem, soberano maior pelo gênio e pela nobreza de caráter.

Fouquet deixou cair entre as mãos a cabeça apesentada pelo segredo imenso. Aproximou-se dele Aramis:

— Há também desigualdade — continuou, prosseguindo em sua obra de tentação — para vós, monsenhor, entre os dois filhos gêmeos de Luís XIII: o último não conhece o Sr. Colbert.

Reergueu-se imediatamente Fouquet, traços pálidos e alterados. O golpe atingira o alvo, não em pleno coração, mas em pleno espírito.

— Compreendo — disse ele a Aramis — vós me propondes uma conspiração.

— Mais ou menos.

— Uma dessas tentativas, como dissestes no início de nossa entrevista, que modificam a sorte dos impérios.

— E dos superintendentes também.

— Numa palavra, propondes-me operar uma substituição do filho de Luís XIII, que hoje está preso, pelo filho de Luís XIII, que, neste momento, está dormindo no quarto de Morfeu.

Sorriu Aramis com o brilho sinistro do seu sinistro pensamento.

— Seja! — disse ele.

— Mas — volveu Fouquet depois de penoso silêncio — não refletistes que essa obra política transtornará todo o reino, e que, depois de arrancada a árvore de raízes infinitas que se chama um rei, para substituí-la por outra, a terra nunca mais terá bastante consistência para que o novo rei se veja garantido contra o vento que sobrar da antiga tempestade e contra as oscilações da própria massa.

Aramis continuou a sorrir.

— Pensai — continuou o Sr. Fouquet inflamando-se com a força de talento que esmiúça um projeto e o desenvolve em poucos segundos, e a amplitude de vistas que lhe prevê todas as conseqüências e lhe abarca todos os resultados — pensai em que nos será preciso reunir a nobreza, o clero, o povo; depor o príncipe reinante, perturbar com um escândalo medonho o túmulo de Luís XIII, perder a vida e a honra de uma mulher, Ana d'Áustria, a vida e a paz de outra mulher, Maria Teresa, e, tudo isso terminado, se conseguirmos terminá-lo...

— Não vos compreendo — voltou friamente Aramis. — Não há uma única palavra útil em tudo o que dissestes.

— Como! — redarguiu o superintendente surpreso — um homem como vós não discute a parte prática do caso? Limita-se às alegrias infantis de uma ilusão política e descura das possibilidades de execução, isto é, da realidade? Será possível?

— Meu amigo — volveu Aramis acentuando a palavra com uma espécie de familiaridade desdenhosa — como faz Deus para substituir um rei por outro?

— Deus! — bradou Fouquet — Deus dá uma ordem ao seu agente, que se apodera do condenado, leva-o consigo e faz sentar-se o triunfador no trono vazio. Mas esse agente chama-se morte. Oh! meu

Deus! Sr. d'Herblay, teríeis acaso a idéia...?

— Não se trata disso, monsenhor. Na verdade, passastes muito além do ponto de mira. Quem falou em matar o Rei Luís XIV? Quem falou em seguir o exemplo de Deus na prática estrita de suas obras? Não. Eu queria dizer-vos que Deus faz as coisas sem confusão, sem escândalo, sem esforço, e os homens inspirados por Deus são bem sucedidos como ele no que empreendem, no que tentam, no que fazem.

— Que quereis dizer?

— Eu queria dizer, meu amigo — respondeu Aramis com a mesma entoação que dera à palavra ao pronunciá-la pela primeira vez; — eu queria dizer que vos repto a provar-me que houve confusão, escândalo e até esforço na substituição do prisioneiro pelo rei.

— Como? — bradou Fouquet, mais branco do que o lenço com que enxugava as têmporas — dissestes?...

— Ide ao quarto do rei — continuou tranqüilamente Aramis — e duvido que vós, que conheceis o mistério, percebais que o prisioneiro da Bastilha está deitado na cama do irmão.

— E o rei? — balbuciou Fouquet, horrorizado.

— Que rei? — perguntou Aramis com a sua voz mais doce — o que vos odeia ou o que vos ama?

— O rei... de ontem?...

— O rei de ontem? Tranqüilizai-vos; foi tomar, na Bastilha, o lugar que a sua vítima ocupou durante muito tempo.

— Céus! E quem o levou para lá?

— Eu.

— Vós?

— Sim, e da maneira mais simples. Raptei-o esta noite, e enquanto ele descia para a sombra o outro subia para a luz. Não creio que isso tenha provocado barulho. Um raio sem trovão não acorda ninguém.

Despediu Fouquet um grito surdo, como se atingido por um golpe invisível e, segurando a cabeça com as duas mãos crispadas:

— Fizestes isso? — murmurou.

— Muito habilmente. Que tal?

— Destronastes o rei? Aprisionaste-o?

— Sim.

— E a ação realizou-se aqui, em Vaux?

— Aqui, em Vaux, no quarto de Morfeu. Não parece até que o construíram prevendo uma coisa destas?

— E isso aconteceu?

— Esta noite.

— Esta noite?

— Entre meia-noite e uma hora.

Fouquet fez um movimento como se quisesse atirar-se sobre Aramis; reportou-se.

— Em Vaux! em minha casa!... — disse com voz sufocada.

— Parece-me que sim. A casa vos pertence mais do que nunca, visto que o Sr. Colbert já não pode persuadir ninguém a roubá-la.

— Foi em minha casa que se consumou o crime.

— O crime! — recalcitrou Aramis, estupefato.

— O crime abominável! — prosseguiu Fouquet exaltando-se cada vez mais; — mais odioso que

um assassínio! O crime que me desonra para sempre o nome e vota-me ao horror da posteridade.

— Homessa! estais delirando, senhor — respondeu Aramis com voz insegura; — estais falando muito alto: cuidado!

— Gritarei tão alto, que o universo inteiro me ouvirá.

— Sr. Fouquet, cuidado!

Voltou-se Fouquet para o prelado e encarou com ele.

— Sim — continuou — vós me desonrastes cometendo essa traição, essa monstruosidade, contra o meu hóspede, contra um homem que descansava plácidamente sob o meu teto! Oh! desgraçado de mim!

— Desgraçado de quem meditava, debaixo de vosso teto, a ruína de vossa fortuna, de vossa vida! Já vos esquecestes?

— Era meu hóspede, era meu rei!

Levantou-se Aramis com os olhos injetados de sangue, a boca convulsiva.

— Estarei tratando com um insensato? — perguntou.

— Estais tratando com um homem de bem.

— Louco!

— Um homem que vos impedirá a consumação do crime.

— Louco!

— Um homem que prefere morrer, que prefere matar-vos a deixar que se ultime a sua desonra.

E precipitando-se para a espada, recolocada por d'Artagnan à cabeceira da cama, agitou resolutamente com as mãos a cintilante lâmina de aço.

Aramis franziu o cenho e levou uma das mãos ao seio, como se nele buscasse uma arma. Esse movimento não escapou a Fouquet. Nobre e soberbo em sua magnanimidade, o superintendente lançou de si o ferro, que foi cair ao pé do leito, e, aproximando-se do bispo, de modo que pudesse tocar-lhe o ombro com a mão desarmada:

— Senhor — disse ele — ser-me-ia doce morrer aqui, para não sobreviver ao meu opróbrio. Se ainda tendes por mim alguma amizade, suplico-vos: matai-me!

Aramis continuou silencioso e imóvel.

— Não respondeis?

O prelado reergueu mansamente a cabeça e o brilho da esperança luziu-lhe de novo nos olhos.

— Refleti, monsenhor — rogou — em tudo o que nos espera. Fez-se justiça, o rei ainda está vivo, e a sua prisão vos redime.

— Sim — redarguiu Fouquet — agistes talvez em meu interesse, mas não aceito o serviço.

Entretanto, não quero perder-vos. Saireis desta casa.

Aramis sufocou a centelha que lhe despedia o coração confrangido.

— Sou hospitaleiro para todos — continuou o superintendente com inexprimível majestade; — não sereis sacrificado, como o não será aquele cuja perda meditastes.

— Sê-lo-eis vós — tornou Aramis com voz surda e profética; — sê-lo-eis vós, sê-lo-eis vós!

— Aceito o augúrio, Sr. d'Herblay; mas nada me deterá. Saireis de Vaux, saireis de França; tendes quatro horas para fugir.

— Quatro horas? — tornou Aramis, incrédulo e escarninho.

— Palavra de Fouquet! Ninguém vos seguirá antes disso. Levareis, portanto, quatro horas de vantagem sobre todos os que o rei enviar contra vós.

— Quatro horas! — repetiu Aramis, enrubescendo.

— É mais do que suficiente para embarcar-vos e chegar a Belle-Isle, que vos cedo como refúgio.

— Ah! — murmurou Aramis.

— Belle-Isle é minha para vós como Vaux é meu para o rei. Ide, d'Herblay, ide; enquanto eu viver, não cairá um fio de cabelo vosso.

— Obrigado! — disse Aramis com triste ironia.

— Parti! Dai-me a mão e corramos ambos: vós, para salvar a vida; eu, para salvar a honra.

Aramis retirou do seio a mão que nele escondera.

Estava tinta de sangue; rasgara-lhe o peito com as unhas, como se houvesse querido punir a carne por haver engendrado tantos projetos mais vãos, mais loucos, mais transitórios do que a vida do homem. Fouquet sentiu horror, sentiu piedade: abriu os braços.

— Eu não estava armado — murmurou Aramis, selvagem e terrível como a sombra de Dido.

Em seguida, sem tocar na mão de Fouquet, virou o rosto e deu dois passos para trás. Sua última palavra foi uma imprecação; seu último gesto foi o anátema desenhado pela mão vermelha, que manchou o rosto de Fouquet com algumas gotas de sangue.

E saíram ambos do quarto, precipitando-se pela escada secreta, que desembocava nos pátios internos.

Fouquet mandou aprestar os seus melhores cavalos, e Aramis se deteve embaixo da escada que conduzia ao quarto de Porthos. Refletiu longamente, enquanto o carro de Fouquet percutia, à desfilada, o pavimento do pátio principal.

— Partir sozinho?... — disse entre si; — avisar o príncipe?... Oh! furor!... Avisar o príncipe, e depois?... Partir com ele?... Arrastar por toda a parte a testemunha acusadora?... A guerra?... A guerra civil, implacável?... Sem recursos...

Impossível!... Que fará ele sem mim?... Sem mim, cairá como eu... Quem sabe?... Cumpra-se o destino!... Ele estava condenado, continue condenado!... Deus!... Demônio!... Escarninho e sombrio poder a que chamam o gênio do homem, és apenas um sopro mais incerto, mais inútil que o vento na montanha; chamas-te acaso, és nada; tudo abarcas com o teu hálito, ergues blocos de rocha, ergues a própria montanha, e, súbito, te rompes diante da cruz de madeira seca, atrás da qual vive outro poder invisível... que talvez negavas, e que se vinga de ti, e que te esmaga sem te dar sequer a honra de nomear-se!... Perdido!...

Estou perdido!... Que fazer?... I r a Belle-Isle?...

Sim. E Porthos ficará aqui, e falará, e contará tudo a todos! Porthos, que talvez venha a sofrer!... Não quero que ele sofra. É um de meus membros: sua dor é minha. Porthos partirá comigo, seguirá o meu destino. É preciso.

E, temendo encontrar alguém que lhe estranhasse a precipitação, subiu a escada sem ser visto.

Mal chegado de Paris, Porthos já estava dormindo o sono do justo. O corpanzil esquecia o cansaço, como o espírito esquecia o pensamento.

Leve como sombra, entrou Aramis e colocou a mão nervosa sobre o ombro do gigante.

— Vamos — gritou — vamos, Porthos, vamos!

Porthos obedeceu, levantou-se, abriu os olhos antes de abrir a inteligência.

— Vamos embora — continuou Aramis.

— Ah! — disse Porthos.

— A cavalo, mais depressa do que nunca.

— Ah! — repetiu Porthos.

— Veste-te, amigo.

Ajudou o gigante a vestir-se e pôs-lhe nas algibeiras o seu ouro e os seus brilhantes.

Enquanto se entregava a essa operação, um barulhinho chamou-lhe a atenção.

D'Artagnan estava olhando pelo vão da porta.
Aramis estremeceu.
— Que diabo fazes aí tão agitado? — perguntou o mosqueteiro.
— Psiu! — fez Porthos.
— Partimos em missão — ajuntou o bispo.
— Tendes muita sorte! — observou o mosqueteiro.
— Não sei porquê! — acudiu Porthos; — sinto-me cansado; eu preferiria dormir; mas o serviço do rei!...
— Viste o Sr. Fouquet? — perguntou Aramis a d'Artagnan.
— Vi, de carro, neste instante.
— E que te disse ele?
— Disse-me adeus.
— Só?
— Que mais querias que me dissesse? Já não passo de um zero à esquerda depois que todos virastes favoritos?
— Escuta — exclamou Aramis abraçando o mosqueteiro — os teus bons tempos voltaram; não precisarás mais ter ciúme de ninguém.
— Ora, bolas!
— Predigo para hoje um acontecimento que duplicará a importância da tua posição.
— Deveras!
— Sabes que ando bem informado?
— Sei.
— Vamos, Porthos; estás pronto? Partamos!
— Partamos!
— E abracemos d'Artagnan.
— Pudera!
— Os cavalos?
— Aqui não faltam. Queres o meu?
— Não, Porthos tem a sua cavalariça. Adeus! adeus!
Cavalgaram os dois fugitivos sob as vistas do capitão de mosqueteiros, que segurou o estribo para Porthos e seguiu os amigos com o olhar até que os viu desaparecer.
"Em qualquer outra circunstância", pensou o gascão, "eu diria que essa gente está fugindo; mas, hoje, a política é tão diferente, que isso se chama sair em comissão. Muito bem. Tratemos da nossa vida".
E recolheu, filosoficamente aos seus aposentos.

Capítulo XXII - De como as ordens eram respeitadas na Bastilha

FOUQUET saiu de rota batida Durante o percurso, fremia de horror ao pensar no que ficara sabendo.

"Que terá sido, então", matutava, "a mocidade desses homens prodigiosos, que, na idade em que estão, são capazes de traçar planos como este e executá-los sem pestanejar?”

A reveses, perguntava a si mesmo se o que lhe contara o bispo não era um sonho, se aquela história toda não seria uma cilada, e, chegando à Bastilha, ele, Fouquet, não encontraria uma ordem de prisão que o fizesse companheiro do rei destronado.

Pensando nisso, deu algumas ordens lacradas quando o carro parou na primeira muda. Essas ordens eram dirigidas ao Sr. d'Artagnan e a todos os chefes de corpos de fidelidade insuspeitável.

"Dessa maneira" disse consigo só, "prisioneiro ou não, terei prestado o serviço que devo à causa da honra. As ordens só chegarão depois de mim se eu voltar livre, e portanto, não terão sido abertas.

Poderei guardá-las. Se eu me atrasar, é que me terá sucedido alguma desgraça. Nesse caso, terei providenciado socorros para mim e para o rei.”

Assim preparado, chegou diante da Bastilha. O superintendente percorrera cinco léguas e meia por hora.

O que nunca sucedera ao Bispo de Vannes sucedeu na Bastilha ao Sr. Fouquet. Por mais que se nomeasse, por mais que se desse a conhecer, não conseguiu entrar.

À força de solicitar, ameaçar, ordenar, persuadiu uma sentinela a avisar um oficial subalterno, que avisou o major. Quanto ao governador, ninguém teria a coragem de perturbá-lo por tão pouco.

No carro, à porta da fortaleza, roía-se Fouquet de impaciência esperando o regresso do oficial subalterno, que, afinal, voltou com ar de poucos amigos.

— E então — perguntou Fouquet, impaciente — que disse o major?

— Então, *senhor* — replicou o soldado — o senhor major riu-me na cara. Disse-me que o Sr. Fouquet está em Vaux, e que, embora estivesse em Paris, não se levantaria a uma hora destas.

— Com a breca! Sois uma choldra de canalhas — gritou o ministro descendo do carro.

E, antes que o oficial subalterno tivesse tempo de fechar a porta, esgueirou-se pela aberta, e pôs-se a correr, apesar dos gritos do soldado, que chamava por socorro.

Fouquet prosseguiu na carreira, sem se importar com os berros do homem; mas este, tendo-o finalmente alcançado, gritou para a sentinela da segunda porta:

— A ele, sentinela, a ele!

A sentinela enristou a lança contra Fouquet; o ministro, porém, robusto e ágil, arrebatado pela cólera, arrancou a lança das mãos do soldado e com ela acariciou-lhe rudemente os ombros. O oficial subalterno, que se aproximara demais, recebeu também a sua parte na distribuição de carícias; ambos soltaram gritos furiosos, que alvorotaram todo o primeiro corpo da guarda.

Entre os últimos soldados, um que reconheceu o superintendente gritou:

— Monsenhor!... Ah! monsenhor!... Parai, camaradas!

E, com efeito, deteve os guardas, que se dispunham a vingar os companheiros.

Ordenou Fouquet que lhe abrissem o portão; opuseram-se os soldados, alegando ordens recebidas.

Ordenou então que avisassem o governador; mas este já se inteirara da confusão verificada à porta; à frente de um piquete de vinte homens, acorria, seguido do major, persuadido de que a Bastilha estava sendo atacada.

Baisemeaux também reconheceu Fouquet, e deixou cair a espada.

— Ah! monsenhor — balbuciou — mil perdões!...

— Senhor — respondeu o superintendente afogueado e molhado de suor — meus cumprimentos: o vosso serviço é perfeito.

Baisemeaux empalideceu, cuidando que aquelas palavras fossem apenas irônicas, presságio de alguma cólera furiosa. Mas Fouquet retomara fôlego e chamou com um gesto a sentinela e o suboficial, que esfregavam os ombros.

— Vinte pistolas para a sentinela — disse ele — e cinqüenta para o oficial. Meus parabéns, senhores; el-rei saberá o que fizestes. E agora nós, Sr. de Baisemeaux.

E, no meio de um murmúrio de satisfação geral, seguiu o governador à sala da diretoria.

Baisemeaux tremia de vergonha e inquietação.

Receava que a visita matinal de Aramis principiasse a ter conseqüências perfeitamente capazes de estarrecer um funcionário.

E os seus temores redobraram quando Fouquet lhe perguntou, com voz breve e olhar imperioso:

— Senhor, vistes hoje cedo o Sr. d'Herblay?

— Vi, monsenhor.

— E não vos horroriza o crime de que fostes cúmplice? "É agora!", pensou Baisemeaux.

E, em voz alta:

— Que crime, monsenhor?

— Um crime pelo qual podereis ser esquartejado, senhor! Mas não é este o momento para irritações. Levai-me incontinente à presença do prisioneiro.

— Que prisioneiro? — tornou, fremente, Baisemeaux.

— Simulais ignorância, muito bem! É o melhor que podereis fazer. Com efeito, se confessásseis tão pavorosa cumplicidade, estaríeis perdido.

Quero, portanto, fingir acreditar na vossa ignorância.

— Suplico-vos, monsenhor...
— Está bem. Conduzi-me ao prisioneiro.
— Marchiali?
— Que Marchiali?
— O detento trazido hoje cedo pelo Sr. d'Herblay.
— Chamam-lhe Marchiali? — volveu o superintendente, perturbado em suas convicções pelo ingênuo desembaraço de Baisemeaux.
— Sim, monsenhor, é com esse nome que está registrado aqui.
O olhar de Fouquet chegou ao fundo do coração de Baisemeaux. Nele leu, com o hábito que aos homens empresta o poder, absoluta sinceridade.
Aliás, bastava-lhe observar um minuto a fisionomia do governador para duvidar que Aramis houvesse tomado por confidente aquele homem.
— É o preso que o Sr. d'Herblay levou anteontem?
— É, monsenhor.
— E que trouxe de volta hoje cedo? — ajuntou vivamente Fouquet, compreendendo o mecanismo do plano de Aramis.
— O mesmo, monsenhor.
— E chama-se Marchiali?
— Marchiali. Se viestes buscá-lo, monsenhor, tanto melhor; pois eu já me dispunha a escrever-vos a respeito dele.
— Que aconteceu?
— O homem anda louco furioso; tem acessos tamanhos de raiva que parece capaz de demolir a Bastilha.
— Pois vim, de fato, libertar-vos dele — disse Fouquet.
— Ah! ainda bem!
— Levai-me à sua prisão.
— A ordem, monsenhor...
— Que ordem?
— A ordem do rei.
— Esperai, que vos assino uma.
— Isso não bastaria, monsenhor; preciso da ordem assinada pelo rei.
Fouquet assumiu o seu ar irritado.
— Vós que sois tão escrupuloso — disse ele — em deixar sair os prisioneiros, mostrai-me a ordem com que este foi solto.
Baisemeaux apresentou-lhe o mandado de soltura de Séldon.
— Muito bem — disse Fouquet — mas Séldon não é Marchiali.
— Marchiali não está solto, monsenhor; está aqui.
— Vós mesmo dissestes que o Sr. d'Herblay o levou e trouxe de volta.
— Eu não disse isso.
— Disseste-o tão bem que ainda parece ouvir-vos, — Foi engano meu.
— Sr. de. Baisemeaux, tomai cuidado!
— Não tenho nada que temer, monsenhor, está tudo em ordem.
— Tendes coragem de dizê-lo?
— Di-lo-ei diante de um apóstolo. O Sr. d'Herblay trouxe-me a ordem para soltar Séldon, e Séldon foi solto.

— Pois eu vos digo que Marchiali saiu da Bastilha.
— Será preciso prová-lo, monsenhor.
— Posso vê-lo?
— Vós que governais este reino, monsenhor, sabeis muito bem que ninguém pode comunicar-se com os prisioneiros sem ordem expressa do rei.
— Mas o Sr. d'Herblay comunicou-se.
— Seria preciso prová-lo, monsenhor.
— Sr. de Baisemeaux, mais uma vez; atentai para as vossas palavras!
— Os atos estão aí.
— O Sr. d'Herblay caiu.
— Caiu o Sr. d'Herblay. Impossível.
— Vê-se que ele influiu em vosso espírito.
— O que influi no meu espírito, monsenhor, é o serviço do rei; cumpro o meu dever; dai-me uma ordem de Sua Majestade e podereis ver o preso.
— Ouvi, senhor governador: se me deixardes entrar à presença do recluso, dar-vos-ei imediatamente uma ordem do rei.
— Dai-me agora, monsenhor.
— E, se mo recusardes, mandar-vos-ei prender com todos os vossos oficiais.
— Antes de cometer essa violência, monsenhor — disse Baisemeaux muito pálido — deveis refletir que só obedeceremos a uma ordem do rei, e não vos será mais difícil obter uma autorização para ver o Sr. Marchiali do que para fazer-me tanto mal, a mim que estou inocente.
— É verdade! — exclamou Fouquet furioso — é verdade! Pois bem, Sr. Baisemeaux — ajuntou com voz sonora, puxando para si o desgraçado — sabeis por que desejo tanto falar com esse encarcerado?
— Não, monsenhor, mas observai o terror que me inspirais; estou tremendo, vou desmaiar.
— Desmaiareis muito mais daqui a pouco, Sr. Baisemeaux, quando eu voltar com dez mil homens e trinta peças de canhão.
— Misericórdia! Enlouquecestes, monsenhor!
— Quando eu amotinar contra vós e as vossas torres malditas o povo de Paris, forçar as vossas portas e mandar-vos enforcar nas ameias da torre do Canto!
— Monsenhor, monsenhor, por piedade!
— Tendes dez minutos para resolver — acrescentou o ministro com voz calma; — vou sentar-me aqui, nesta poltrona, e esperar. Se, dentro em dez minutos, ainda persistirdes, sairei, e podereis julgar-me louco quanto quiserdes; mas havereis de ver!
Baisemeaux bateu com o pé no chão, como um homem desesperado, mas não respondeu.
Vendo-o, Fouquet pegou numa pena e num tinteiro, e escreveu:

> *"Ordeno ao senhor preboste dos mercadores que reúna a guarda burguesa e marche sobre a Bastilha para o serviço do rei".*

Baisemeaux encolheu os ombros. Fouquet escreveu:

> *"Ordeno ao Sr. Duque de Bouillon e ao Sr. Príncipe de Conde que assumam o comando dos suíços e dos guardas e marchem sobre a Bastilha, para o serviço de Sua Majestade..."*

Baisemeaux refletiu. Fouquet escreveu:

> *"Ordeno a todo soldado, burguês ou fidalgo, que detenha e prenda, onde quer que os encontre, o Cavaleiro d'Herblay, Bispo de Vannes, e seus cúmplices, que são: 1.° o Sr. de Baisemeaux, governador da Bastilha, suspeito dos crimes de traição, rebelião e lesa-majestade... "*

— Basta, monsenhor — exclamou Baisemeaux; — não compreendo patavina; mas tamanhas desgraças, embora provocadas pela própria loucura, poderão suceder daqui a duas horas, que o rei, meu juiz, decidirá se procedi bem ou mal transgredindo-lhe as ordens diante de tantas catástrofes iminentes. Vamos ao torreão, monsenhor; vereis Marchiali.

Atirou-se Fouquet para fora da sala, e Baisemeaux seguiu-o, enxugando o suor frio que lhe escorria do rosto.

— Que manhã pavorosa! — dizia ele; — que desgraça!

— Depressa! — respondia Fouquet.

Baisemeaux fez sinal ao carcereiro que os precedesse. Tinha medo do companheiro. Este percebeu-o.

— Chega de infantilidades! — disse rudemente. — Deixai aí esse homem; levai as chaves e mostrai-me o caminho. Ninguém, entendestes? ninguém poderá ouvir o que vai passar-se aqui.

— Ah! — disse Baisemeaux, indeciso.

— Outra vez! — bradou Fouquet. — Dizei logo que não e sairei da Bastilha para transmitir pessoalmente as minhas ordens.

Baisemeaux abaixou a cabeça, pegou nas chaves e subiu sozinho com o ministro a escada da torre.

À proporção que galgavam a espiral rodopiante, certos murmúrios abafados se convertiam em gritos distintos e medonhas imprecações.

— Que é isso? — perguntou Fouquet.

— É o vosso Marchiali — respondeu o governador; — assim bramem os loucos!

E acompanhou a resposta com um olhar em que havia menos respeito que ferinas alusões a Fouquet.

Este estremeceu. Acabara de reconhecer, num grito mais terrível, a voz do rei.

Deteve-se no patamar, tirou o molho das mãos de Baisemeaux. O governador acreditou que o novo louco ia quebrar-lhe o crânio com uma das chaves.

— Ah! — exclamou — o Sr. d'Herblay não me havia falado nisso.

— As chaves! — disse Fouquet arrancando-lhas. — Onde está a da porta que quero abrir?

— Aqui.

Um grito apavorante, seguido de uma pancada terrível na porta, ecoou na escada.

— Retirai-vos! — ordenou Fouquet a Baisemeaux com voz ameaçadora.

— Nem quero outra coisa — murmurou o governador. — Aí estão dois loucos varridos que vão encontrar-se. Um comerá o outro. Tenho certeza.

— Ide-vos — continuou Fouquet. — Se puserdes o pé nesta escada antes que eu vos chame, tomareis o lugar do mais miserável dos prisioneiros da Bastilha.

— Isso me acabará matando, sem dúvida! — resmoneou Baisemeaux, alongando-se com passo vacilante.

Os gritos do prisioneiro se ouviam sempre mais formidáveis. Certificou-se Fouquet de que Baisemeaux acabara de descer a escada. Enfiou a chave na primeira fechadura.

Ouviu então, claramente, a voz estrangulada do rei, que urrava:

— Socorro! Sou o rei! Socorro!

A chave da segunda porta não era a mesma da primeira. Fouquet foi obrigado a procurá-la no molho.

Entrementes, bêbedo, louco, fora de si, berrava o soberano:

— Foi o Sr. Fouquet quem me trouxe aqui!

Socorro contra o Sr. Fouquet! Eu sou o rei! Socorro para o rei contra o Sr. Fouquet!

Essas vociferações traspassavam o coração do ministro. Eram seguidas de golpes aterradores, desferidos na porta com a cadeira de que o monarca se servia como de um aríete. O superintendente, afinal, encontrou a chave. O rei chegara ao termo de suas forças: já não conseguia articular: rugia.

— Morra Fouquet! — ululava. — Morra o bandido Fouquet! Abriu-se a porta.

Capítulo XXIII - O reconhecimento do rei

OS dois homens iam precipitar-se um sobre o outro; detiveram-se de chofre quando se avistaram e despediram um grito de horror.

— Viestes para assassinar-me, senhor? — perguntou o rei reconhecendo Fouquet.

— O rei neste estado! — murmurou o ministro.

Nada mais terrificante, com efeito, que o aspecto do jovem príncipe no momento em que o surpreendeu Fouquet. As vestes, em tiras; aberta e rasgada, a camisa bebia a um tempo o suor e o sangue que lhe escorriam do peito e dos braços escoriados.

Desvairado, pálido, escumante, cabelos em pé, Luís XIV era a imagem autêntica do desespero, da fome e do medo reunidos numa estátua só.

Sentiu-se Fouquet tão comovido, tão perturbado, que correu para o rei com braços abertos e lágrimas nos olhos.

Luís ergueu contra ele o pedaço de pau que manejara com tanta sanha.

— Então — perguntou Fouquet com voz trêmula — Vossa Majestade não reconhece o mais fiel de seus amigos?

— Um amigo, vós? — repetiu Luís com um ranger de dentes em que soavam a ira e a sede de pronta vingança.

— Um servidor respeitoso — acrescentou Fouquet, caindo de joelhos.

O rei deixou pender a arma. Aproximando-se, Fouquet beijou-lhe os joelhos e abraçou-o com ternura.

— Meu rei, meu filho — disse ele — como deve ter sofrido! Tornando em si pela mudança da situação, Luís examinou-se e, corrido da sua desordem, corrido da sua loucura, corrido da proteção que recebia, recuou.

Fouquet não lhe compreendeu o movimento. Não percebeu que o orgulho do rei jamais lhe perdoaria o haver testemunhado tanta fraqueza.

— Venha, Sire, Vossa Majestade está livre — disse ele.

— Livre? — repetiu o rei. — Oh! dais-me a liberdade depois de ousardes levantar a mão contra mim?

— Vossa Majestade não pode acreditar numa coisa dessas! — bradou Fouquet indignado; — não pode acreditar que eu seja culpado nesta circunstância!

E, rapidamente, calorosamente até, referiu-lhe a intriga cujas miudezas se conhecem.

Enquanto durou a narrativa, experimentou Luís as mais horríveis angústias, e, quando ela terminou, a gravidade do perigo que correra impressionou-o muito mais do que a importância do segredo relativo ao irmão gêmeo.

— Senhor — disse ele, de repente, a Fouquet — esse duplo nascimento é uma mentira; é impossível que vos tenhais deixado iludir por ele.

— Sire!

— É impossível, digo eu, que se suspeite da honra e da virtude de minha mãe. E o meu primeiro ministro ainda não justiçou os criminosos?

— Reflita, Sire, antes de encolerizar-se — respondeu Fouquet.

— O nascimento de seu irmão...

— Só tenho um irmão: é Monsieur. Conhecei-o tão bem quanto eu. Tudo isso é uma conspiração,

afirmo eu, que comera pelo governador da Bastilha.
— Cuidado, Sire; o homem foi enganado, como toda a gente, pela semelhança do príncipe.
— A semelhança? Bolas!
— Mas é preciso que esse Marchiali seja muito parecido com Vossa Majestade para que todos os olhos se tenham deixado iludir — insistiu Fouquet.
— Loucura!
— Não diga isso, Sire; as pessoas que se dispõem a afrontar o olhar dos ministros, da mãe, dos oficiais, da família de Vossa Majestade, devem estar muito seguras da semelhança.
— De fato — murmurou o rei; — e essas pessoas, onde estão?
— Em Vaux.
— Em Vaux! E permitis que continuem lá?
— Quero crer que o mais urgente era libertar Vossa Majestade. Cumpri esse dever. Façamos agora o que ordenar el-rei. Estou às suas ordens.
Luís refletiu por um momento.
— Reunamos tropas em Paris — disse ele.
— Já se expediram ordens nesse sentido — replicou Fouquet.
— Expedistes as ordens? — bradou o rei.
— Para isso, sim, Sire. Vossa Majestade estará à frente de dez mil homens daqui a uma hora.
Por única resposta, o rei empolgou a mão de Fouquet com tanto calor, que se tornou manifesta a desconfiança conservada por ele contra o ministro, apesar da intervenção deste último.
— E com essas tropas — prosseguiu o rei — cercaremos, em vossa casa, os rebeldes, que lá se devem ter estabelecido ou entrincheirado.
— Isso muito me espantaria — replicou Fouquet.
— Por quê?
— Porque tendo sido desmascarado por mim o chefe deles, a alma da empresa, todo o plano se malogrou.
— Desmascarastes o falso príncipe?
— Não, nem o vi.
— Então, quem?
— O chefe da empresa não é esse infeliz: esse, pelo que vejo, é apenas um instrumento votado à desgraça por toda a vida.
— Perfeitamente.
— É o Sr. Padre d'Herblay, Bispo de Vannes.
— Vosso amigo?
— Meu antigo amigo, Sire — replicou nobremente Fouquet.
— Amizade que não vos recomenda — disse o rei em tom menos generoso.
— Ela não poderia desonrar-me enquanto eu ignorasse o crime, Sire.
— Era preciso prevê-lo.
— Se sou culpado, entrego-me às mãos de Vossa Majestade.
— Ah! Sr. Fouquet, não é isso o que eu quero dizer — tornou o rei, aborrecido por haver manifestado o azedume do seu pensamento. — Pois eu vos declaro que, apesar da máscara com que o miserável cobria o rosto, tive uma vaga idéia da sua identidade. Mas, com o tal chefe da empresa, havia um homem de ação. Quem foi que procurou intimidar-me com a sua força hercúlea?
— Seria o amigo dele, o Barão du Vallon, o antigo mosqueteiro.
— O amigo de d'Artagnan? O amigo do Conde de la Fère? Ah! — bradou o rei ao pronunciar o

último nome — não esqueçamos essa relação entre os conspiradores e o Sr. de Bragelonne.
— Sire, Sire, não se adiante muito. O Sr. de la Fère é o homem mais honrado de França.
Contente-se com o que lhe entrego.
— Com o que me entregais? Bem! Entregais-me os culpados, não é assim?
— Como o entende Vossa Majestade? — perguntou Fouquet.
— Entendo — respondeu o rei — que chegaremos com forças a Vaux, arrasaremos o ninho de víboras e dele nada escapará; nada!
— Vossa Majestade mandará matar aqueles homens?
— Até o último!
— Oh! Sire!
— Entendamos-nos, Sr. Fouquet — tornou o rei com altivez. — Já não vivo num tempo em que o assassínio é a única, a última razão dos reis. Não, graças a Deus! Tenho parlamentos, que julgam em meu nome, e patíbulos, em que se executam as minhas vontades supremas.
Fouquet empalideceu. E disse:
— Tomarei a liberdade de observar a Vossa Majestade que qualquer processo nesse sentido será um escândalo mortal para a dignidade do trono. Não se pode permitir que o nome augusto de Ana d'Áustria aflore aos lábios do povo, entreabertos num sorriso.
— Cumpre que se faça justiça, senhor.
— Bem, Sire; mas o sangue real não pode correr num patíbulo!
— O sangue real! Acreditai-o? — gritou el-rei furioso, batendo com o pé no chão. — Esse duplo nascimento é uma fábula. E é, sobretudo, nessa fábula que vejo o crime do Sr. d'Herblay, crime que eu quero punir, muito mais que a violência e o insulto.
— Punir com a morte?
— Com a morte, sim, senhor.
— Sire — acudiu com firmeza o superintendente, cuja fronte, por muito tempo inclinada, se reergueu, soberba — Vossa Majestade mandará cortar a cabeça, se quiser, de Filipe de França, seu irmão; isso é consigo e, sobre o assunto, consultará Ana d'Áustria, sua mãe. O que ela ordenar estará bem ordenado. Não quero meter-me no caso, nem mesmo para defender a honra da coroa de Vossa Majestade; mas preciso fazer-lhe um pedido.
— Falai — disse o rei perturbadíssimo pelas últimas palavras do ministro. — Que quereis?
— O perdão dos Srs. d'Herblay e du Vallon.
— Meus assassinos?
— Dois rebeldes, Sire, nada mais.
— Oh! compreendo que intercedais pelos vossos amigos.
— Meus amigos! — tornou Fouquet, profundamente magoado.
— Vossos amigos, sim; mas a segurança de meu Estado exige uma punição exemplar dos culpados.
— Não lembrarei a Vossa Majestade que acabo de restituir-lhe a liberdade e salvar-lhe a vida.
— Senhor!
— Não lhe observarei que, se tivesse querido desempenhar o seu papel de assassino, o Sr. d'Herblay poderia ter assassinado sumariamente Vossa Majestade, hoje cedo, na floresta de Sénart, e estaria tudo acabado.
O rei estremeceu.
— Um tiro de pistola na cabeça — prosseguiu Fouquet — e o rosto de Luís XIV, irreconhecível, absolveria para todo o sempre o Bispo de Vannes.
O rei empalideceu de pavor à idéia do perigo evitado.

— Se fosse um assassino — prosseguiu Fouquet — o Sr. d'Herblay não precisaria revelar-me o seu plano para ser bem sucedido. Desfazendo-se do rei verdadeiro, tornaria o falso rei impossível de identificar-se. O usurpador seria reconhecido por Ana d'Áustria, pois, afinal de contas, é também seu filho. Para a consciência do Sr. d'Herblay, ele não deixaria de ser um rei da estirpe de Luís XIII.

De mais a mais, o conspirador obteria, assim, o segredo e a impunidade. Um tiro de pistola dar-lhe-ia tudo isso. Perdão, por ele, Sire, em nome da salvação de Vossa Majestade!

Em vez de sentir-se tocado por essa exposição tão verdadeira da generosidade de Aramis, sentiu-se el-rei cruelmente humilhado. O seu orgulho indomável não podia habituar-se à idéia de que um homem tivera, suspenso na ponta do dedo, o fio de uma existência real. Cada uma das palavras que Fouquet supunha eficazes para lograr o perdão dos amigos, vertia mais uma gota de veneno no coração já ulcerado de Luís XIV. Nada pôde abrandá-lo; e, dirigindo-se, impetuoso, a Fouquet:

— Em realidade não sei — disse ele — porque me pedis o perdão dessa gente. Para que pedir se se pode obter sem solicitar?

— Não compreendo, Sire.

— Pois é facílimo. Onde estou?

— Na Bastilha.

— Num calabouço, onde todos me consideram louco, não é verdade?

— É verdade, Sire.

— E onde todos me conhecem por Marchiali, não é assim?

— Exatamente.

— Pois bem, não modifiqueis a situação. Deixai o louco apodrecer na enxovia, e os Srs. d'Herblay e du Vallon prescindirão do meu perdão, absolvidos pelo seu novo rei.

— Vossa Majestade me injuria, Sire, e não tem razão — replicou secamente Fouquet. — Não sou tão criança e o Sr. d'Herblay não é tão inepto que nos tenhamos esquecido de pensar em tudo isso, e, se eu tivesse querido criar um novo rei, como diz Vossa Majestade não precisaria vir forçar as portas da Bastilha para arrancá-lo daqui. Isso é claro como água. Vossa Majestade tem o espírito conturbado pela cólera. A não ser assim, não ofenderia, sem motivo, um servidor que lhe prestou o mais relevante dos serviços.

Percebeu Luís que se demasiara, que as portas da Bastilha ainda estavam trancadas para ele, ao mesmo passo que se abriam, gradativamente, os diques com que o generoso Fouquet reprimia a sua cólera.

— Eu não disse isso para humilhar-vos. De maneira nenhuma! — replicou ele. — Mas vós me pedis uma graça e eu vos respondo segundo o que me dita a consciência; ora, diz-me a consciência que os culpados não são dignos de graça nem perdão.

Fouquet não respondeu.

— O que estou fazendo — prosseguiu o monarca — é generoso como o que fizestes; pois estou em vossas mãos. Direi até que é mais generoso, visto que me impondes condições de que podem depender a minha liberdade e a minha vida; o mesmo é recusar-me que sacrificá-las.

— Fiz mal, com efeito — retrucou Fouquet. — Sim, dei a impressão de estar extorquindo uma mercê; arrependo-me, e peço perdão a Vossa Majestade.

— E eu vos perdôo, meu caro Sr. Fouquet — declarou o rei com um sorriso que acabou de restituir-lhe a serenidade ao rosto, alterado por tantos sucessos desde a véspera.

— Tenho o meu perdão — obstinou-se o ministro; — e os Srs. d'Herblay e du Vallon?

— Nunca terão o deles, enquanto eu viver — redarguiu o príncipe, inflexível. — Fazei-me o favor de não voltar ao assunto.

— Vossa Majestade será obedecido.
— E não me guardareis rancor?
— Oh! não, Sire; pois eu previra a hipótese.
— Prevísteis que eu recusaria o perdão desses senhores?
— Naturalmente, e tomei todas as cautelas correspondentes.
— Que quereis dizer? — bradou o rei, surpreso.
— O Sr. d'Herblay acabava de colocar-se em minhas mãos, e propiciava-me a ventura de salvar o meu rei e o meu país. Eu não podia condená-lo à morte, como também não podia expô-lo à cólera muito legítima de Vossa Majestade. O mesmo seria matá-lo.
— Muito bem; e que fizestes?
— Sire, dei ao Sr. d'Herblay os meus melhores cavalos, que levam quatro horas de vantagem sobre quantos possa Vossa Majestade mandar-lhes no encalço.
— Seja! — murmurou o rei; — mas o mundo é tão grande que os meus corredores acabarão recuperando as quatro horas de vantagem que concedestes ao Sr. d'Herblay.
— Ao concedê-las, Sire, eu sabia que lhe concedia a vida. Ele viverá.
— Como assim?
— Depois de ter corrido bastante, sempre com quatro horas de vantagem sobre os mosqueteiros de Vossa Majestade, chegará ao meu castelo de Belle-Isle, onde lhe prometi asilo.
— Muito bem! Esquece-vos, porém, que me destes Belle-Isle.
— Mas não para mandar prender os meus amigos.
— Tomais-me o presente?
— Para isso, tomo-o, Sire.
— Os meus mosqueteiros saberão retomá-lo.
— Nem os mosqueteiros nem o exército de Vossa Majestade — refutou friamente Fouquet. — Belle-Isle é inexpugnável.
El-rei ficou lívido e os seus olhos despediram chispas. O ministro sentiu-se perdido; mas não fugia às injunções da honra. Sustentou o olhar empeçonhado do monarca. Este devorou a sua raiva e, após um momento de silêncio:
— Vamos a Vaux? — propôs.
— Estou às ordens de Vossa Majestade — respondeu Fouquet inclinando-se profundamente; — mas creio que Vossa Majestade precisa mudar de roupa antes de apresentar-se diante da sua corte.
— Passaremos pelo Louvre — disse o rei. — Vamos.
E passaram ao pé de Baisemeaux sarapantado, que, pela segunda vez, via sair Marchiali e arrancou os poucos fios de cabelos que lhe restavam.
É verdade que Fouquet lhe entregou o mandado de soltura do prisioneiro, e que o rei escreveu por baixo:

Visto e aprovado: LUÍS;

loucura que Baisemeaux, incapaz de reunir duas idéias, acolheu com um murro heróico desferido nas próprias fuças.

Capítulo XXIV - O falso rei

EM Vaux, todavia, a realeza usurpadora continuava corajosamente a executar o seu papel.

Ordenou Filipe que só se admitissem na primeira recepção do dia os grandes personagens da corte, já preparados para cumprimentar o rei. Decidiu dar essa ordem apesar da ausência do Sr. d'Herblay, que não voltava, e os nossos leitores sabem porquê. Mas não crendo que a ausência pudesse prolongar-se, queria, como todos os espíritos temerários, experimentar o seu valor e fortuna longe do conselho e proteção alheios.

Outra razão o movia. Ana d'Áustria estaria presente; ver-se-ia a mãe culpada em presença do filho sacrificado. E Filipe não queria, num possível momento de fraqueza, ser visto pelo homem diante do qual lhe seria preciso, de então por diante, mostrar tanta fortaleza.

Abriu as duas folhas da porta, e várias pessoas entraram silenciosamente. Filipe não se mexeu enquanto os criados o vestiram. Familiarizara-se, na véspera, com os hábitos do irmão. Portou-se como o rei, de modo que não despertou suspeita alguma.

Foi, por conseguinte, envergando trajos de caça, que recebeu os visitantes. A memória e as notas de Aramis lhe anunciaram primeiro Ana d'Áustria, que entrou pela mão de Monsieur, e depois Madame com o Sr. de Saint-Aignan.

Sorriu ao ver-lhes os rostos e estremeceu ao reconhecer a mãe.

Aquele semblante nobre e imponente, devastado pela dor, foi advogar-lhe no coração a causa da rainha famosa, que imolara um filho às razões de Estado. A mãe pareceu-lhe formosa. Sabia que Luís XIV a amava e prometeu Intimamente amá-la também, e não ser para a velhice dela um castigo cruel.

Considerou o irmão com ternura fácil de compreender-se. Este não usurpara coisa alguma, não lhe arruinara a vida. Ramo afastado, deixara crescer o tronco, sem se preocupar com a elevação e a majestade da própria existência.

Filipe decidiu ser bom irmão para aquele príncipe, que se contentava com o ouro, com que se compram os prazeres.

Cumprimentou com um ar afetuoso Saint-Aignan, que se desmanchava em sorrisos e reverências, e estendeu a mão, a tremer, a Henriqueta, sua cunhada, cuja beleza o impressionou. Mas viu nos olhos dela uns restos de frieza, que lhe agradaram, pois facilitariam as suas relações futuras.

"Quão mais fácil me será", pensou ele, "ser irmão do que ser amante desta mulher, se ela tratar com uma frieza que meu irmão não podia manifestar-lhe, mas que me é imposto como um dever".

A única visita que receava naquele momento era a da rainha; o seu coração e o seu espírito acabavam de ser abalados por tão violenta provação, que, a despeito da solidez de sua têmpera, não suportaria talvez novo choque.

Felizmente, a rainha não apareceu.

Começou então, da parte de Ana d'Áustria, uma dissertação política sobre a acolhida que o Sr. Fouquet dispensara à casa de França, em que ela intercalou, entre hostilidades, cumprimentos à habilidade do rei, perguntas sobre a sua saúde — atenções maternas e astúcias diplomáticas.

— Então, meu filho — perguntou — mudastes de opinião a respeito do Sr. Fouquet?

— Saint-Aignan — disse Filipe — fazei-me o favor de pedir notícias da rainha.

A essas palavras, as primeiras que Filipe pronunciara em voz alta, os ouvidos maternos, sensibilíssimos, perceberam a leve diferença que havia entre a sua voz e a de Luís XIV; Ana d'Áustria encarou com o filho.

De Saint-Aignan saiu. Filipe continuou.

— Senhora, sabeis que não gosto de que me falem mal do Sr. Fouquet; vós mesma já me falastes bem dele.

— É verdade; por isso mesmo só indaguei dos vossos sentimentos a seu respeito.

— Sire — acudiu Henriqueta — sempre gostei do Sr. Fouquet. É um homem de bem e de bom gosto.

— Um superintendente, que não ratinha e paga em ouro os vales que lhe apresento — ajuntou Monsieur.

— Cada qual pensa em si — tornou a rainha-mãe — mas ninguém pensa no Estado. O fato é que o Sr. Fouquet está arruinando o Estado.

— Ora, minha mãe — volveu Filipe em voz mais baixa — dar-se-á que também defendais o Sr. Colbert?

— Como assim? — perguntou a velha rainha surpreendida.

— Falais como falaria a vossa velha amiga, a Sra. de Chevreuse. A esse nome, Ana d'Áustria empalideceu e mordeu os lábios.

Filipe irritara a leoa.

— Por que vos lembrastes da Sra. de Chevreuse — voltou ela — e que tendes hoje contra mim?

Filipe continuou:

— Não é exato que a Sra. de Chevreuse tem sempre uma trama qualquer para urdir contra alguém? E não é verdade que ela foi visitar-vos, minha mãe?

— Falais-me de tal maneira — redarguiu a rainha — que me parece ouvir el-rei vosso pai.

— Meu pai não gostava da Sra. de Chevreuse e tinha razão — replicou o príncipe. — Também não gosto, e se ela ousar aparecer, como outrora, para semear discórdias e ódios a pretexto de mendigar dinheiro, eu...

— Sim? — sobreveio, altiva, Ana d'Áustria, provocando a tempestade.

— Eu — repetiu, resoluto, o rapaz — expulsarei do reino a Sra. de Chevreuse e, com ela, todos os artífices de segredos e mistérios.

Ele não calculara o alcance da palavra terrível, ou talvez tivesse querido avaliar-lhe o efeito, como os que, sofrendo de uma dor crônica e procurando romper a monotonia do sofrimento, apertam a ferida para provocar uma dor aguda.

Ana d'Áustria quase desmaiou; os olhos abertos, mas átonos, deixaram de ver por um momento; estendeu o braço ao outro filho, que o beijou incontinente, sem temor de irritar o rei.

— Sire — murmurou ela — tratais Cruelmente vossa mãe.

— Mas como, senhora? — retrucou ele. — Estou falando apenas da Sra. de Chevreuse, e minha mãe prefere a Sra. de Chevreuse à segurança do meu Estado e à segurança de minha pessoa? Pois eu vos afianço que a Sra. de Chevreuse veio à França em busca de dinheiro e procurou o Sr. Fouquet para vender-lhe certo segredo.

— Certo segredo? — bradou Ana d'Áustria.

— A respeito de pretensos roubos que o senhor superintendente teria cometido; o que é falso — ajuntou Filipe. — Indignado, o Sr. Fouquet mandou expulsá-la, preferindo a estima do rei a qualquer cumplicidade com intrigantes. A Sra. de Chevreuse vendeu o segredo ao Sr. Colbert, e, como é insaciável, e não lhe basta haver extorquido cem mil escudos a esse amanuense, ergueu os olhos, a procura de fontes mais amplas... Não é verdade, senhora?

— Sabeis tudo, Sire — disse a rainha mais inquieta que agitada.

— Ora — prosseguiu Filipe — tenho o direito de aborrecer essa júria que vem tramar em minha

corte a desonra de uns e a ruína dos outros. Se Deus permitiu que certos crimes se cometessem e escondeu-os na sombra de sua clemência, não admito que a Sra. de Chevreuse tenha poder de embaraçar os desígnios de Deus.

A última parte do discurso de Filipe perturbara de tal sorte a rainha-mãe, que o filho lhe teve pena.

Tomou-lhe a mão e beijou-a com ternura; ela não sentiu que, nesse beijo dado apesar das revoltas e rancores do coração, havia um perdão de oito anos de horríveis padecimentos.

Deixou Filipe um instante de silêncio absorver as comoções que se acabavam de produzir; logo, com uma espécie de alegria:

— Ainda não partiremos hoje — anunciou; — tenho um plano.

E voltou-se para a porta, onde esperava encontrar Aramis, cuja ausência começava a preocupá-lo. A rainha-mãe quis despedir-se.

— Ficai, minha mãe — disse ele; — quero fazer as vossas pazes com o Sr. Fouquet.

— Mas eu não quero mal ao Sr. Fouquet; só me arreceio das suas larguezas.

— Poremos ordem nisso, e aproveitaremos do superintendente apenas as boas qualidades.

— Que está procurando Vossa Majestade? — perguntou Henriqueta vendo os olhos do rei fitos na porta, e desejando arremessar-lhe uma flecha ao coração; pois supunha que ele estivesse esperando La Vallière ou uma carta dela.

— Minha irmã — disse o rapaz, que acabava de adivinhar-lhe a intenção, graças à maravilhosa perspicácia cujo exercício lhe permitiria a fortuna dali por diante — minha irmã, estou esperando um homem extremamente ilustre, habilíssimo conselheiro, que desejo apresentar a todos vós, recomendando-o à vossa benevolência. Ah! entrai, d'Artagnan.

D'Artagnan apareceu.

— Que deseja Vossa Majestade?

— Dizei-me, onde está o Bispo de Vannes, nosso amigo?

— Mas, Sire...

— Estou à espera dele e não o vejo. Buscai-mo.

D'Artagnan ficou estupefato; refletindo, porém, que Aramis saíra de Vaux secretamente em missão do rei, concluiu que o soberano queria guardar segredo.

— Sire — replicou ele — quer absolutamente Vossa Majestade que lhe tragam o Sr. d'Herblay?

— Absolutamente não é bem o termo — redarguiu Filipe; — não tenho assim tamanha necessidade dele; mas se mo encontrassem...

"Adivinhei", pensou d'Artagnan.

— Esse Sr. d'Herblay — perguntou Ana d'Áustria — é o Bispo de Vannes?

— É, sim, senhora.

— Amigo do Sr. Fouquet?

— Exatamente; antigo mosqueteiro. Ana d'Áustria corou.

— Um dos quatro bravos que, em outro tempo, operaram tantas maravilhas.

Arrependeu-se a velha rainha de ter pretendido morder; e mudou de assunto para conservar os dentes que lhe restavam.

— Seja qual for a vossa escolha, Sire — disse ela — tenho-a por excelente.

Todos se inclinaram.

— Vereis — continuou Filipe — a profundeza do Sr. de Richelieu sem a avareza do Sr. de Mazarino.

— Um primeiro ministro, Sire? — perguntou Monsieur, assustado.

— Ainda falaremos, meu irmão; mas é estranho que o Sr. d'Herblay não esteja aqui.

E chamou:

— Avisai o Sr. Fouquet — disse ele — de que preciso falar-lhe... Oh! diante de vós, diante de vós; não vos retireis.

O Sr. de Saint-Aignan voltou, trazendo notícias satisfatórias sobre a rainha, que continuara deitada por precaução, para poupar as forças que lhe permitissem obedecer aos desejos do rei.

Ao passo que se procuravam o Sr. Fouquet e Aramis, continuava o novo rei sossegadamente as suas experiências, e toda a gente, família, oficiais, criados, reconhecia-o pelos gestos, pela voz, pelos hábitos.

De seu lado, aplicando aos rostos que se lhe deparavam as notas e os desenhos fiéis fornecidos pelo cúmplice, Aramis, conduzia-se Filipe de maneira que não despertava a mínima suspeita no espírito dos que o rodeavam.

Nada mais poderia inquietá-lo. Com que estranha facilidade derrubara a Providência a mais alta fortuna do mundo, substituindo-a pela mais humilde!

Filipe admirava a bondade de Deus para com ele e secundava-a com todos os recursos de sua admirável natureza. Mas sentia, às vezes, uma como sombra esgueirar-se por entre os raios de sua nova glória. Aramis não aparecia.

Elanguescera a conversação entre os membros da família real. Preocupado, esquecera-se Filipe de dispensar o irmão e a Sra. Henriqueta. Estes, espantados, impacientavam-se. Ana d'Áustria inclinou-se para o filho e disse-lhe algumas palavras em castelhano.

Filipe ignorava completamente essa língua; empalideceu diante do obstáculo inesperado. Mas, como se o espírito do imperturbável Aramis lhe tivesse emprestado a sua infalibilidade, em vez de desconcertar-se, levantou-se.

— E então? Respondei — insistiu Ana d'Áustria.

— Que barulho é esse? — perguntou Filipe voltando-se para a porta da escada secreta.

— A voz do Sr. Fouquet! — disse d'Artagnan, que se colocara ao pé da rainha-mãe.

— O Sr. d'Herblay não deve estar longe — acrescentou Filipe. Mas viu o que nunca esperaria ver tão perto de si.

Todos os olhos se haviam voltado para a porta pela qual ia entrar o Sr. Fouquet; mas não foi ele quem entrou.

Um grito terrível e doloroso partiu de todos os cantos do quarto, despedido pelo rei e pelos assistentes.

Não é dado a homens, nem mesmo àqueles cujo destino encerra o maior número de sucessos estranhos e acidentes maravilhosos, contemplar um espetáculo como o que oferecia o quarto real naquele momento.

Semicerrados, os postigos deixavam entrar apenas uma luz incerta, coada por grandes cortinas de veludo, forradas de seda espessa.

Na penumbra fofa se haviam paulatinamente dilatado os olhos e cada um dos circunstantes via os outros menos com a vista que com a memória confiante. Nessas ocasiões, contudo, vezes há em que não nos escapa nenhum dos pormenores circundantes e o novo objeto que se apresenta surge-nos luminoso como se aclarado pelo sol.

Foi o que sucedeu a Luís XIV, quando assomou, carrancudo e pálido, à porta da escada secreta.

Fouquet mostrava, atrás do rei, um rosto severo e triste.

A rainha-mãe, que avistou Luís XIV e tinha nas suas a mão de Filipe, soltou o grito que referimos, como se tivesse visto um fantasma.

Monsieur teve um gesto de ofuscação e virou a cabeça, do rei que tinha diante de si, para o rei que

estava ao seu lado.

Madame deu um passo à frente, crendo ver refletida num espelho a imagem do cunhado.

E, de feito, a ilusão era possível.

Desfigurados e trêmulos, pois renunciamos a pintar a pavorosa comoção de Filipe, crispando mãos convulsas, mediam-se os dois príncipes com o olhar e mergulhavam os olhos como punhais na alma um do outro. Mudos, ofegantes, curvados, pareciam prestes a enviar-se ao inimigo.

A inaudita semelhança do rosto, do gesto, do porte, de tudo, até a semelhança de trajos determinada pelo acaso, pois Luís XIV fora buscar no Louvre um fato de veludo roxo, a perfeita parecença de ambos acabou de subverter o coração de Ana d'Áustria.

Entretanto, ela ainda não atinara com a verdade.

Desgraças há que ninguém concorda em aceitar na vida. Prefere acreditar no sobrenatural, no impossível.

Luís não contara com esses obstáculos. Esperava, à sua entrada, ser imediatamente reconhecido.

Sol vivo, não admitia a suspeita de uma paridade com quem quer que fosse. Não concebia que facho algum deixasse de converter-se em trevas no momento em que ele desferisse os seus raios triunfais.

Daí que, ao aspecto de Filipe, ficasse mais estarrecido talvez que qualquer outro, e o seu silêncio, a sua imobilidade, representaram a fase de recolhimento e calma que precede as violentas explosões da cólera.

Mas quem poderia descrever a comoção e o estupor de Fouquet em presença daquele retrato vivo do amo? Fouquet pensou que Aramis tinha razão, que aquele recém-chegado era um rei de raça tão pura quanto o outro, e só um louco entusiasta, indigno de compartir de uma obra política, repudiaria toda e qualquer participação no golpe de Estado tão habilmente executado pelo geral dos jesuítas.

De mais disso, era o sangue de Luís XIII que Fouquet sacrificava ao sangue de Luís XIII; a uma ambição egoísta sacrificava uma nobre ambição; ao direito de conservar sacrificava o direito de ter.

O simples aspecto do pretendente revelou-lhe toda a extensão do seu erro.

Os assistentes, porém, nada perceberam do que se passou em seu espírito. E cinco minutos depois, lograva concentrar as idéias sobre esse ponto do caso de consciência; cinco minutos, isto é, cinco séculos, durante os quais os dois reis e sua família mal tiveram tempo para recobrar-se do terrível abalo.

Encostado à parede, diante de Fouquet, com o punho na testa, o olhar fixo, perguntava a si mesmo d'Artagnan a razão de tão maravilhoso prodígio. Não teria podido dizer imediatamente por que duvidava; mas sabia, com certeza, que tivera motivos para duvidar, e, naquele encontro dos dois monarcas, residia toda a dificuldade que, nos últimos dias, tornara tão suspeito ao mosqueteiro o procedimento de Aramis.

Entretanto, envolvia-lhe as idéias um véu espesso.

Os atores da cena pareciam flutuar entre os vapores de penoso despertar.

Súbito, Luís XIV, mais impaciente e mais habituado a comandar, correu a um dos postigos e abriu-o, rasgando as cortinas. Vivíssimo jorro de luz catadupejou no quarto e fez recuar Filipe até à alcova.

Luís aproveitou-se rapidamente desse gesto e, dirigindo-se à rainha:

— Minha mãe — perguntou — não reconheceis vosso filho, visto que ninguém aqui reconhece o seu rei?

Ana d'Áustria estremeceu e levantou os braços para o céu sem poder articular uma palavra.

— Minha mãe — perguntou Filipe com voz calma — não reconheceis vosso filho?

E, dessa feita, Luís também recuou.

Ferida na cabeça e no coração pelo remorso, Ana d'Áustria perdeu o equilíbrio. E como ninguém a ajudasse, pois estavam todos petrificados, caiu na poltrona exalando débil suspiro.

Luís não pôde suportar o espetáculo e a afronta.

Arremessou-se a d'Artagnan, que a vertigem principiava a senhorear e cambaleava, roçando a porta, seu ponto de apoio.

— A mim, mosqueteiro! — gritou. — Olha para os dois e vê qual de nós está mais pálido.

— Regardez-nous au visage, et voyez lequel de lui ou de moi est le plus pâle. — Page 427.

O grito despertou d'Artagnan e foi agitar-lhe no coração a fibra da obediência. Sacudiu a testa e, sem hesitar, dirigiu-se a Filipe, em cujo ombro apoiou a mão dizendo:

— Senhor, sois meu prisioneiro!

Filipe não ergueu os olhos para o céu, não se mexeu do lugar em que parecia pregado, com os olhos cravados no rei seu irmão. Recriminava-lhe, em seu silêncio sublime, todas as desgraças passadas, todos os martírios futuros. Contra aquela linguagem da alma, o rei sentiu-se fraco; abaixou a vista, arrastou consigo, precipitadamente, o irmão e a cunhada, esquecendo a mãe imóvel a três passos do filho que ela deixava, pela segunda vez, condenar à morte. Filipe aproximou-se de Ana d'Áustria e disse-lhe com voz meiga e nobremente comovida:

— Se não fosse vosso filho, eu vos maldiria, minha mãe, por me haverdes feito tão desgraçado.

D'Artagnan sentiu um frêmito percorrer-lhe a medula dos ossos.

Cumprimentou respeitosamente o jovem príncipe e disse-lhe, inclinado:

— Perdoai-me Vossa Alteza: sou apenas um soldado, e os meus votos pertencem àquele que acaba de sair deste quarto.

— Obrigado, Sr. d'Artagnan. Mas que foi feito do Sr. d'Herblay?

— O Sr. d'Herblay está seguro, monsenhor — respondeu uma voz atrás deles — e ninguém, enquanto eu for vivo e livre, fará cair um fio de cabelo de sua cabeça.

— Sr. Fouquet! — exclamou o príncipe com um sorriso triste.

— Perdoai-me, monsenhor — disse Fouquet caindo de joelhos; — mas aquele que acaba de sair era meu hóspede.

— Aí estão — murmurou Filipe com um suspiro — dois bravos amigos e dois bons corações. Fazem-me sentir saudades deste mundo. Caminhai, Sr. d'Artagnan, que vos acompanho.

No momento em que o capitão dos mosqueteiros ia sair, surgiu Colbert, entregou a d'Artagnan uma ordem do rei e retirou-se. Leu-a d'Artagnan e amarrotou o papel, colérico.

— Que foi? — perguntou o príncipe.

— Leia, monsenhor — replicou o mosqueteiro.

Filipe leu estas palavras traçadas à pressa pela mão de Luís XIV:

"O Sr. d'Artagnan conduzirá o prisioneiro às ilhas de Santa Margarida. Cobrir-lhe-á o rosto com uma viseira de ferro, que o prisioneiro não poderá retirar sob pena de morte".

— É justo — disse Filipe, resignado. — Estou pronto.

— Aramis tinha razão — murmurou Fouquet, baixinho, ao mosqueteiro: — este é tão rei quanto o outro.

— Mais do que o outro! — replicou d'Artagnan. — Só lhe faltamos nós.

Capítulo XXV - Em que Porthos julgava correr após um ducado

APROVEITANDO-SE do tempo concedido por Fouquet, Aramis e Porthos, pela rapidez, faziam honra à cavalaria francesa.

Porthos não compreendia muito bem por que raio de missão o obrigavam a correr daquele jeito; mas, vendo Aramis esporear com raiva a montaria, butucava com fúria o seu cavalo.

Dessarte, em pouco tempo se viram a doze léguas de Vaux; depois foi preciso trocar de cavalos e organizar uma espécie de serviço de posta. Numa das mudas, arriscou-se discretamente Porthos a interrogar Aramis.

— Psiu! — replicou o interpelado. — Basta saberes que a nossa fortuna depende da nossa velocidade.

Como se ainda fosse o mosqueteiro sem eira nem beira de 1626, Porthos continuou a correr. A palavra mágica *fortuna* sempre significa qualquer coisa para o ouvido humano. Quer dizer *muito,* para os que não têm nada; quer dizer *demais* para os que já têm muito.

— Far-me-ão duque — disse em voz alta. Falava consigo mesmo.

— É possível — replicou sorrindo a seu modo Aramis, ultrapassado pelo cavalo de Porthos.

Entretanto, a cabeça de Aramis estava em fogo; a atividade do corpo ainda não vingara sopear a do espírito. Tudo o que há de cóleras bramantes, de dores lancinantes, de ameaças mortais, se retorcia, mordia e rosnava na cabeça do prelado vencido.

A sua fisionomia revelava traços marcantes do violento combate. Em plena estrada, podendo entregar-se ao menos às impressões do momento, não se furtava Aramis de blasfemar a cada pinote do cavalo, a cada acidente do terreno. Pálido, inundado às vezes de suores ardentes, às vezes gelado e seco, chicoteava a montada e lhe arrancava sangue dos flancos.

Embora o seu principal defeito não fosse a sensibilidade, Porthos gemia vendo aquilo. Assim correram oito horas seguidas e assim chegaram a Orléans.

Eram quatro da tarde. Interrogando as suas lembranças, concluiu Aramis que não havia indícios de uma possível perseguição.

Fora inverossímil que uma tropa capaz de prendê-los, a Porthos e a ele, encontrasse mudas suficientes para percorrer quarenta léguas em oito horas. E, embora admitissem a hipótese da perseguição, pouco provável, tinham os fugitivos cinco horas de vantagem sobre os perseguidores.

Calculou Aramis que o repouso não seria uma imprudência, mas que o prosseguimento da carreira seria um golpe de mestre. Com efeito, se percorressem mais vinte léguas com aquela rapidez, ninguém, nem sequer d'Artagnan, lograria alcançar os inimigos do rei.

Por conseguinte, Aramis deu a Porthos o desgosto de cavalgar outra vez. Correram até às sete horas da noite; só lhes faltava uma muda para chegarem a Blois.

A essa altura, porém, um contratempo diabólico alarmou-os. Não havia cavalos na posta.

Perguntou a si mesmo o prelado por que maquinação infernal haviam conseguido os seus inimigos tirar-lhe os meios para continuar, a ele, para quem o acaso não era um deus, e para quem todo efeito tinha a sua causa; preferia acreditar que a recusa do dono da posta, àquela hora, naquele lugar, fosse conseqüência de uma ordem superior, a fim de empecer a fuga do criador de majestades.

Mas quando ia zangar-se para obter, quer uma explicação, quer um cavalo, acudiu-lhe uma idéia.

Lembrou-se de que o Conde de la Fère morava nos arredores.

— Não estou viajando e não vou percorrer uma tirada completa. Dai-me dois cavalos para visitar

um senhor amigo meu, que mora por aqui.

— Quem? — perguntou o dono da posta, — O Sr. Conde de la Fère.

— Oh! — respondeu o homem, descobrindo-se com respeito — um digno senhor. Mas por maior que seja o meu desejo de agradado, não posso dar-vos dois cavalos; todos os animais de minha posta foram requisitados pelo Sr. Duque de Beaufort.

— Ah! — exclamou Aramis, desapontado.

— Entretanto — continuou o alugador de cavalos — se quiserdes subir numa carroça que tenho, poderei atrelar-lhe um velho cavalo cego, que hoje só tem pernas, e assim chegareis à casa do Sr. Conde de la Fère.

— Isso vale um luís — disse o Bispo de Vannes.

— Não, senhor, sempre valeu um escudo; é o preço que me paga o Sr. Grimaud, intendente do conde, sempre que se serve da minha carroça, e não quero que o senhor conde possa censurar-me por haver explorado um amigo.

— Será como quiserdes — redarguiu Aramis — e, sobretudo, como quiser o Sr. Conde de la Fère, que não quero desgostar por nada deste mundo. Recebereis o vosso escudo; entretanto, creio ter o direito de dar-vos um luís pela idéia.

— Sem dúvida — replicou o outro, muito satisfeito. Ele mesmo atrelou o cavalo velho à carroça.

Durante esse tempo, era curioso o aspecto de Porthos. Imaginando ter descoberto o segredo, não cabia em si de contente: primeiro, porque a visita a Athos lhe era particularmente agradável; depois, porque acalentava a esperança de encontrar, ao mesmo tempo, uma boa cama e um bom jantar.

Tendo acabado de atrelar o cavalo, o dono da posta ofereceu um criado para conduzir os estranhos a La Fère.

Porthos acomodou-se no fundo da carroça com Aramis e disse-lhe ao ouvido:

— Compreendo.

— Ah! ah! — tornou Aramis; — que é o que compreendes, meu caro amigo?

— Vamos, da parte do rei, fazer uma grande proposta a Athos.

— Ora! — volveu Aramis.

— Não me digas nada — ajuntou o bom Porthos tentando instalar-se com a maior solidez possível para evitar os solavancos; — não me digas nada, que adivinharei.

— Isso, meu caro; adivinha, adivinha.

Chegaram cerca das nove horas da noite à casa de Athos, sob um luar magnífico.

A admirável claridade alegrava extraordinariamente Porthos; mas Aramis se mostrou quase igualmente aborrecido. A esse respeito, disse qualquer coisa a Porthos, que lhe respondeu:

— Bem! Continuo a adivinhar: a missão é secreta. Foram as últimas palavras que pronunciou na carroça. O condutor interrompeu-os:

— Chegastes, senhores.

Porthos e o companheiro desceram diante da porta do pequeno castelo, onde tornaremos a encontrar Athos e Bragelonne, desaparecidos após o descobrimento da infidelidade de La Vallière.

Se há uma frase verdadeira, é esta: as grandes dores encerram em si mesmas os germes de sua consolação.

Com efeito, o doloroso golpe que atingira Raul reaproximara dele o pai, e só Deus sabe como eram doces os consolos que vertiam a boca eloqüente e o coração generoso de Athos.

A ferida não cicatrizara; mas, à força de conversar com o filho, de misturar um pouco de sua vida à vida do rapaz, acabara Athos por fazê-lo compreender que a dor da primeira infidelidade é necessária a toda existência humana, e não houve quem amasse sem a conhecer.

Raul escutava, mas não entendia. Nada substitui, no coração realmente apaixonado, a lembrança e o pensamento do objeto amado. Ao pai, então, respondia:

— Senhor, tudo o que me dizeis é verdade; creio que ninguém sofreu tanto pelo coração quanto vós; mas sois tão grande pela inteligência, tão experimentado pelos infortúnios, que não compreendeis a fraqueza do soldado que sofre pela primeira vez. Estou pagando um tributo que não pagarei duas vezes; permiti que eu mergulhe no sofrimento, para nele encontrar o esquecimento de mim mesmo e afogar a minha própria razão.

— Raul! Raul!

— Atendei, senhor; nunca me habituarei à idéia de que Luísa, a mais casta e ingênua das mulheres, tenha podido enganar covardemente um homem tão honrado e apaixonado quanto eu; nunca me conformarei em ver-lhe o semblante meigo e bom converter-se num rosto hipócrita e lascivo. Luísa perdida! Luísa infamada! Ah! senhor, isso me é bem mais cruel do que Raul abandonado e desgraçado.

Athos empregava então o remédio heróico.

Defendia Luísa contra Raul e desculpava-lhe a perfídia com o amor.

— Uma mulher que tivesse cedido ao rei por ser o rei — dizia ele — mereceria o nome de infame; Luísa, porém, ama Luís. Jovens ambos, esqueceram-se, ele da sua posição, ela dos seus juramentos. O amor absolve tudo, Raul. Os dois se querem deveras.

E, depois de haver desferido essa punhalada, via, suspirando, o filho estremecer sob o golpe cruel e fugir para o recanto mais espesso do bosque ou recolher ao quarto, de onde saía, uma hora depois, pálido e trêmulo, mas senhor de si.

Reaproximando-se de Athos com um sorriso, beijava-lhe a mão, como o cão espancado afaga o amo para resgatar a sua falta. Raul, contudo, só ouvia a própria fraqueza e só confessava a própria dor.

Assim se passaram os dias seguintes à cena em que Athos sacudira com tanta violência o orgulho indomável do rei. Jamais, em conversa com o filho, aludiu a ela; jamais lhe forneceu os pormenores da sua vigorosa recriminação, que teria quiçá consolado o rapaz mostrando-lhe o rival humilhado. Não queria Athos que o amante ofendido esquecesse o respeito que o súdito devia ao soberano.

E quando, ardente, furioso, sombrio, falava Bragelonne com desdém nas palavras reais, na dúbia fé que depositam os insensatos nas promessas caídas do trono; quando, saltando dois séculos com a rapidez de um pássaro que atravessa um estreito para ir de um mundo a outro, profetava o advento de uma quadra em que os reis pareceriam menores do que os homens, Athos lhe dizia com voz pausada e persuasiva:

— Tens razão, Raul; tudo o que dizes acontecerá: os reis perderão prestígio, como perdem claridade as estrelas que se apagam. Mas, quando chegar esse momento, estaremos mortos; e lembra-te bem do que digo: neste mundo, todos, homens, mulheres e reis, temos de viver o presente; só para Deus devemos viver consoante o futuro.

Eis as práticas que travavam, como sempre, Athos e Raul, percorrendo a longa alameda de tílias no parque, quando soou, de sobressalto, a campainha que servia de anunciar ao conde, as horas das refeições ou alguma visita.

Maquinalmente, sem lhe dar importância, retrocedeu com o filho e ambos se viram, na extremidade da aléia, em presença de Porthos e Aramis.

Capítulo XXVI - Os últimos adeuses

RAUL desferiu um grito de alegria e estreitou Porthos com ternura nos braços. Aramis e Athos abraçaram-se como velhos. O mesmo abraço era uma pergunta feita a Aramis, que, imediatamente:

— Amigo — disse ele — não ficaremos muito tempo contigo.

— Ah! — exclamou o conde.

— Apenas o suficiente para contar-te a minha ventura — ajuntou Porthos.

— Ah! — exclamou Raul.

Athos considerou em silêncio Aramis, cujo ar sombrio lhe parecia em desacordo com as boas notícias do companheiro.

— Qual é a ventura que vos sucede? Vamos a ver — acudiu Raul com um sorriso.

— O rei faz-me duque — anunciou, misterioso, o bom gigante, inclinando-se ao ouvido do rapaz; — duque!

Mas os apartes de Porthos eram sempre tão vigorosos que ninguém podia menos de ouvi-los; os seus murmúrios equivaliam a um rugido comum.

Ouvindo-o, desferiu Athos uma exclamação que sobressaltou Aramis.

Este pegou no braço do conde, e, depois de haver pedido licença a Porthos para falar alguns instantes em particular:

— Meu caro Athos — disse ele — vês-me profundamente pesaroso.

— Pesaroso? Ah! caro amigo!

— Eis o que se passou, em duas palavras: fiz, contra o rei, uma conspiração; a conspiração baldou-se e, a estas horas, devo estar sendo procurado.

— Procurado!... uma conspiração!... Oh! meu amigo, que me estás dizendo?

— A mofina verdade. Estou irremediavelmente perdido.

— Mas Porthos... o título de duque... que significa tudo isso?

— Eis o motivo de minha maior aflição; eis a ferida que mais me dói. Acreditando numa vitória infalível, arrastei Porthos para a minha conjura, ele empregou nela, como é do seu feitio, todas as energias, sem saber de nada, e, hoje, ei-lo tão comprometido quanto eu, perdido como eu.

— Meu Deus!

E Athos voltou-se para o barão, que lhe sorriu amavelmente.

— Precisas saber de tudo. Ouve — continuou Aramis. E contou-lhe a história que conhecemos.

Athos sentiu por várias vezes, durante a narrativa, molhar-se-lhe a fronte de suor.

— Grande idéia — disse ele; — mas grande erro.

— Pelo qual estou sendo castigado, Athos.

— Por isso mesmo não te direi tudo o que penso.

— Dize.

— É um crime.

— Capital, eu sei. De lesa-majestade!

— Porthos! Pobre Porthos!

— Que queres que eu faça? O triunfo era líquido.

— O Sr. Fouquet é um homem de bem.

— E eu sou um néscio, por havê-lo tão mal julgado. Oh, a sabedoria dos homens! Mó imensa que

mói um mundo mas que, um dia, é detida pelo grão de areia que lhe cai, não se sabe como, entre as rodas.

— Dize antes por um diamante, Aramis. Enfim, o mal está feito. Que pretendes agora?

— Levarei Porthos. O rei jamais acreditará que o nosso amigo se houve sem malícia; jamais acreditará que Porthos, procedendo como procedeu, cria estar servindo Sua Majestade. A cabeça dele pagaria pelo meu erro. E isso eu não quero.

— Aonde o levarás?

— Primeiro, a Belle-Isle. É um refúgio inexpugnável. Lá terei o mar e um navio que me deixará na Inglaterra, onde tenho muitas relações...

— Tu? Na Inglaterra?

— Sim. Ou à Espanha, onde elas são mais numerosas ainda...

— Exilando Porthos, só poderás arruiná-lo, pois o rei lhe confiscará os bens.

— Está tudo previsto. Chegado à Espanha, saberei reconciliar-me com Luís XIV e restituir a Porthos a valia real.

— Tens crédito, pelo que vejo, Aramis! — disse Athos com ar discreto.

— Muito, e às ordens dos amigos, amigo Athos.

Essas palavras foram acompanhadas de um sincero aperto de mão.

— Obrigado — replicou o conde.

— E, já que estamos falando nisso — continuou o Bispo de Vannes — és outro descontente; tu, também, Raul, tens motivos de queixa contra o rei. Imitai o nosso exemplo. Vamos a Belle-Isle.

Depois veremos... Dou-vos a minha palavra de honra de que, dentro de um mês, rebentará uma guerra entre a França e a Espanha, por causa desse filho de Luís XIII, infante também, que a França traz encarcerado desumanamente. Ora, como Luís XIV não há de querer uma guerra por esse motivo, prometo-te um acordo que nos fará grandes, a Porthos e a mim, e te dará um ducado em França, a ti, que já és grande de Espanha.

Aceitas?

— Não; prefiro ter o que censurar a Luís XIV; é natural à minha raça o orgulho desejo de sobrelevar as raças reais. Fazendo o que me propões, eu me apoucaria perante o rei; veria, sem dúvida, acrescentados os meus haveres, mas diminuída a minha consciência. Obrigado.

— Então, dá-me duas coisas, Athos: a tua absolvição...

— Dou-ta, se realmente pretendes-te vingar o fraco e oprimido contra o opressor.

— Isso basta-me — respondeu Aramis, com um rubor que se perdeu nas sombras da noite. — E, agora, os teus dois cavalos mais rápidos para chegar à segunda posta, visto que mos recusaram alegando uma viagem que o Sr. de Beaufort estaria fazendo nestas paragens.

— Terás os meus dois melhores cavalos, Aramis — e eu te recomendo Porthos.

— Não temas. Outra coisa: achas que estou fazendo com ele o que devo fazer?

— Estando feito o mal, sim; pois o rei não lhe perdoaria; de mais a mais, apesar de todos os pesares, terás sempre o apoio do Sr. Fouquet, que não poderá abandonar-te, pois também está muito comprometido, a despeito do seu gesto heróico.

— Tens razão. Eis porque, em vez de lançar-me incontinente ao mar, o que seria uma demonstração de medo e uma confissão de culpa, fico em solo francês. Mas Belle-Isle será, para mim, o solo que eu quiser: inglês, espanhol ou romano, conforme o pavilhão que eu arvorar.

— Como assim?

— Fui eu quem fortificou Belle-Isle, e ninguém a tomará enquanto eu puder defendê-la. Além disso, como há *pouco* disseste, o Sr. Fouquet está aí. Ninguém a atacará sem a sua anuência.

— É justo. Contudo, sê prudente. O rei é astuto e forte. Aramis sorriu.
— Recomendo-te Porthos — repetiu o conde com uma espécie de fria insistência.
— O que for feito de mim, conde — replicou Aramis no mesmo tom — será feito de Porthos.
Athos inclinou-se, apertando a mão de Aramis, e foi abraçar Porthos com efusão.
— Nasci afortunado, não nasci? — murmurou este, transportado, envolvendo-se na capa.
— Vem, caríssimo — disse Aramis.
Raul já se adiantara para dar as ordens e mandar selar os cavalos.
Dividira-se o grupo. Athos contemplou os dois amigos que se dispunham a partir; algo como uma névoa lhe passou pelos olhos e pesou-lhe no coração.
— É estranho! — pensou. — De onde me vem essa vontade que sinto de abraçar Porthos outra vez?
Precisamente nesse instante o barão se voltara e aproximava-se do velho amigo com os braços abertos.
O último amplexo foi terno como na mocidade, quando o coração era quente, e a vida ditosa.
Em seguida, Porthos montou a cavalo. Aramis também voltou para enlaçar o pescoço de Athos.
Este último viu-os alongar-se na sombra da estrada com as capas brancas. Como dois fantasmas, cresciam à proporção que se distanciavam, e não foi na bruma nem no declive do terreno que se perderam: chegados à linha do horizonte, dir-se-ia que ambos houvessem dado um salto e sumiram, evaporaram-se nas nuvens.
Com o coração apertado, Athos voltou para casa confidenciando a Bragelonne:
— Raul, algo me segreda que vi esses homens pela última vez.
— Não me espanta, senhor, o vosso pressentimento — respondeu o rapaz — pois senti a mesma coisa e creio também que nunca tornarei a ver os Srs. du Vallon e d'Herblay.
— Oh! tu — volveu o conde — falas como um homem entristecido por outra causa, e tudo se te afigura negro; entretanto, és moço; e se, porventura, não revires esses velhos amigos, será porque eles terão deixado de pertencer ao mundo em que ainda viverás muitos anos. Mas, eu...
Raul sacudiu mansamente a cabeça, e apoiou-se ao ombro do conde, sem que nem um nem outro encontrasse uma palavra sequer no coração, prestes a transbordar.
Súbito, um rumor de cavalos e vozes, na extremidade da estrada de Blois, atraiu-lhes a atenção para esse' lado.
Portadores de archotes a cavalo agitavam alegremente os brandões sobre as árvores da estrada e, de tempos a tempos, voltavam-se para não se distanciarem dos cavaleiros que os seguiam.
As chamas, o ruído, a poeira de uma dúzia de cavalos ricamente ajaezados, contrastavam estranhamente, dentro da noite, com a surda e fúnebre desaparição das sombras de Porthos e Aramis.
Athos recolheu-se à casa.
Mas ainda não chegara ao jardim quando o portão de entrada pareceu inflamar-se; todos os fachos se detiveram e abrasaram a estrada. Um grito soou: "O Sr. Duque de Beaufort!”
E Athos revoltou ao portão.
O duque já descera do cavalo e relanceava os olhos em torno.
— Eis-me aqui, monsenhor — disse Athos.
— Eh! boa-noite, meu caro conde — replicou o príncipe com a franca cordialidade que lhe granjeava todas as simpatias. — Será, porventura, demasiado tarde para um amigo?
— Ah! meu príncipe, entre — convidou o conde.
E, firmando-se no braço de Athos, entrou com ele o Sr. de Beaufort, seguido de Raul, que se juntara, respeitoso e modesto, aos oficiais do príncipe, entre os quais encontrara diversos amigos.

Capítulo XXVII - O Sr. de Beaufort

VOLTOU-SE o príncipe no momento em que Raul, para deixá-lo a sós com Athos, fechava a porta e se dispunha a reunir-se aos oficiais na sala vizinha.

— É esse o rapaz que o senhor príncipe tanto me elogiou? — perguntou o Sr. de Beaufort.

— Exatamente, monsenhor.

— É um soldado! Não nos atrapalha, conde.

Deixai-o ficar.

— Fica, Raul, visto que monsenhor o permite.

— Está grande e bonito, sim, senhor! — continuou o príncipe. — Não mo daríeis, se eu vo-lo pedisse?

— Que quer dizer com isso Vossa Alteza? — perguntou Athos.

— Vim aqui fazer minhas despedidas.

— Suas despedidas, monsenhor?

— Não tendes idéia do que vai ser de mim?

— Vossa Alteza será o que sempre foi, monsenhor, príncipe valoroso e excelente fidalgo.

— Serei um príncipe africano, um fidalgo beduíno. Manda-me o rei conquistar os árabes.

— Que está dizendo Vossa Alteza?

— É estranho, não é? Eu, o parisiense por excelência, que imperei nos subúrbios e a quem chamavam o rei do mercado, passarei da praça de Maubert aos minaretes de Djidgelli; serei frondista aventureiro!

— Oh! monsenhor, se não mo dissesse Vossa Alteza...

— Não seria crível, eu sei. Acreditai-me, porém, e digamos-nos adeus. Eis no que dá voltar às boas graças do rei.

— Às boas graças?

— Sorrides? Ah! Meu caro conde, sabeis por que aceitei? Sabei-lo bem?

— Porque Vossa Alteza ama a glória acima de tudo.

— Não, não há glória nenhuma em atirar contra selvagens. Não é assim que entendo a glória e o mais provável é que eu nisso encontre coisa diversa... Mas quis e quero, meu caro conde, acrescentar à minha vida essa última experiência depois de todas as estranhas peripécias que há cinqüenta anos me têm sucedido. Pois afinal, confessareis que é muito singular ter nascido filho de rei, ter combatido reis, ter sido considerado uma das potências do século, ter sabido representar o seu papel, sentir-se herdeiro de Henrique IV, ser grande-almirante de França, e ir deixar-se matar em Djidgelli, entre turcos, sarracenos e mouros.

— Monsenhor, Vossa Alteza insiste muito nesse assunto — acudiu Athos, perturbado. — Como lhe é possível supor que um destino tão brilhante se extinga debaixo de tão miserável apagador?

— Acreditais, acaso, homem justo e simples, que, se vou para a África por esse ridículo motivo, não tentarei safar-me sem ridículo? Acaso não farei que falem de mim? E acaso, para que hoje falem de mim, quando existem o senhor príncipe, o Sr. de Turenne e outros contemporâneos meus, eu, o almirante de França, filho de Henrique IV, rei de Paris, poderei fazer outra coisa se não deixar-me matar? Com a breca! Hão de falar, digo eu; serei morto em que pese a quem quer que seja. E se não fôr lá, será alhures.

— Ora, monsenhor — atalhou Athos — isso é exageração, e Vossa Alteza nunca se mostrou exagerado senão na bravura.

— Peste! caro amigo, é bravura, realmente, sair daqui para arrostar o escorbuto, as disenterias, os gafanhotos, as flechas envenenadas, como o meu antepassado São Luís. Sabeis que ainda usam flechas envenenadas aqueles patifes? De mais a mais, vós me conheceis, estou pensando nisso há muito tempo, e, quando quero alguma coisa, sei querê-la.

— Vossa Alteza quis sair de Vincennes.

— E nisso me ajudastes, meu mestre; a propósito, por mais que me procure, não vejo o meu velho amigo, o Sr. Vaugrimaud. Como vai ele?

— O Sr. Vaugrimaud continua a ser o mui respeitoso criado de Vossa Alteza — retrucou, sorrindo, Athos.

— Tenho aqui cem pistolas que lhe trouxe como legado. Fiz o meu testamento, conde.

— Ah! Monsenhor! Monsenhor!

— E haveis de compreender que, se o vissem na relação de herdeiros...

O duque pôs-se a rir; logo, dirigindo-se a Raul, que, desde o início da conversação, se abismara em profundo cismar.

— Rapaz — disse ele — sei que existe aqui certo vinho de Vouvray, se não me engano...

Raul apressou-se em sair para mandar servir o duque. Entrementes, o Sr. de Beaufort pegou na mão de Athos.

— Que pretendeis fazer dele? — perguntou.

— Por enquanto, nada, monsenhor.

— Ah! sim, já sei; depois da paixão do rei pela... La Vallière.

— Sim, monsenhor.

— É então verdade tudo isso?... Creio que conheci a pequena Vallière. E não me pareceu bonita...

— Não, monsenhor.

— Sabeis quem me recorda essa moça?

— Ela recorda alguém a Vossa Alteza?

— Uma rapariga muito agradável, cuja mãe morava no mercado.

— Ah! ah! — murmurou Athos, sorrindo.

— Bons tempos! — acrescentou o Sr. de Beaufort.

— Sim, a Vallière recorda-me essa menina.

— Que teve um filho, não teve?

— Creio que teve — redarguiu o duque com descuidosa ingenuidade e complacente esquecimento, cujo tom e cujo valor vocal seriam intraduzíveis. — Ora, aí está o pobre Raul, que é realmente vosso filho, hein?

— É meu filho, sim, monsenhor.

— Então o pobre rapaz foi preterido em favor do rei e ficou amuado.

— Mais do que isso, monsenhor: ficou abstinente.

— E deixareis que se estagne? É um erro. Vamos, dai-mo.

— Quero conservá-lo comigo, monsenhor. Não tenho mais ninguém no mundo, e enquanto ele quiser ficar...

— Bem, bem — tornou o duque. — Entretanto, eu vo-lo teria consertado em pouco tempo. O menino tem o estofo de que se fazem os marechais de França, e mais de um já vi sair do mesmo pano.

— Pode ser, monsenhor, mas é o rei quem faz os marechais de França, e Raul nunca aceitará coisa alguma de Sua Majestade.

Bragelonne interrompeu o colóquio com o seu regresso. Vinha precedendo Grimaud, cujas mãos, ainda firmes, seguravam uma bandeja em que se via um copo e uma garrafa do vinho favorito do senhor duque.

Ao ver o velho protegido, despediu o príncipe uma exclamação de prazer.

— Grimaud! Boa-noite, Grimaud — disse ele; — como vamos? Inclinou-se profundamente o criado, tão feliz quanto o nobre interlocutor.

— Dois amigos! — disse o duque sacudindo com vigor o ombro do honrado Grimaud.

Outra reverência, mais profunda e mais jubilosa, de Grimaud.

— Que vejo, conde? Um copo só?

— Somente beberei com Vossa Alteza se Vossa Alteza me convidar — respondeu Athos com nobre humildade.

— Com a breca! Fizestes bem mandando trazer um copo; nele beberemos ambos como dois irmãos de arma. Primeiro vós, conde.

— Faça-me então a mercê completa, monsenhor — disse Athos empurrando suavemente o copo.

— Sois um amigo encantador — replicou o Duque de Beaufort, que bebeu e passou o copo de ouro ao companheiro. — Mas isso não é tudo — continuou: — ainda estou com sede e quero fazer honra a esse rapagão que está lá em pé. Trago sorte, visconde — disse a Raul; — desejai qualquer coisa ao beber no meu copo e um raio me parta se o vosso desejo não se realizar.

Estendeu o copo a Raul, que nele molhou precipitadamente os lábios e disse com idêntica presteza:

— Já formulei um desejo, monsenhor.

Brilhava-lhe nos olhos um fogo sombrio, o sangue subira-lhe às faces; e o seu sorriso impressionou Athos.

— E qual foi? — perguntou o duque, refestelando-se na poltrona, ao passo que estendia a garrafa e uma bolsa a Grimaud.

— Monsenhor, promete Vossa Alteza conceder-mo?

— Claro! Está prometido.

— Desejei, senhor duque, ir consigo a Djidgelli.

Athos empalideceu e não conseguiu dissimular a sua perturbação.

O duque olhou para o amigo, como se quisesse ajudá-lo a parar o golpe inesperado.

— É difícil, meu caro visconde, muito difícil — acrescentou, em voz mais baixa.

— Perdão, monsenhor, se fui indiscreto — tornou Raul, pertinaz; — mas como Vossa Alteza me induziu a desejar...

— A desejar deixar-me — concluiu Athos.

— Oh! senhor... seríeis capaz de acreditá-lo?

— Pois, com seiscentos diabos! — bradou o duque — tem razão o viscondezinho. Que fará ele aqui? Apodrecerá de tristeza.

Raul corou; o príncipe, arrebatado, continuou:

— A guerra é uma destruição: nela tudo se ganha e só se perde uma coisa: a vida. Nesse caso, tanto pior!

— Isto é, a memória — emendou Raul; — e, nesse caso, tanto melhor!

Arrependeu-se de haver falado tão depressa ao ver Athos levantar-se e abrir a janela.

Aquele gesto escondia, sem dúvida, uma emoção.

Precipitou-se para o conde. Mas Athos já devorara a sua mágoa, e tornou a voltar-se com a fisionomia serena e impassível.

— E então? — acudiu o duque. — Vamos a ver: parte ou não parte o menino? Se partir, conde, será meu ajudante de campo, meu filho.

— Monsenhor! — bradou Raul vergando os joelhos.

— Monsenhor! — bradou Athos pegando na mão do duque — Raul fará o que quiser.

— Oh! não, senhor, o que vós quiserdes — interrompeu o rapaz.

— Com mil demônios! — bradou o príncipe por seu turno — nem um nem outro farão o que quiserem; eu é que farei minha vontade. Levo-o comigo. A marinha é um soberbo futuro, meu amigo.

Raul tornou a sorrir, mas com tamanha tristeza que, dessa feita, Athos sentiu apertar-se-lhe o coração e respondeu-lhe com um olhar severo.

Raul compreendia tudo; readquiriu a calma e entrou a observar-se melhor.

Levantou-se o duque, ao ver o adiantado da hora.

— Estou com pressa; mas, se me disserem que perdi meu tempo conversando com um amigo, responderei que consegui um bom recruta — exclamou.

— Perdão, senhor duque, mas não diga isso ao rei — atalhou Raul — pois não é a ele que pretendo servir.

— Ora, meu amigo, a quem servirás então? Já não estamos no tempo em que poderias dizer: "Eu pertenço ao Sr. de Beaufort". Hoje pertencemos todos ao rei, grandes e pequenos. Eis porque, se servires nos meus navios, nada de equívocos, meu caro visconde, estarás servindo a Sua Majestade.

Athos esperava, com uma espécie de alegria impaciente, a resposta que daria, àquela afirmação embaraçosa, Raul, o intratável inimigo do rei, seu rival. Esperava o pai que o obstáculo destruísse o desejo. Estava prestes a agradecer ao Sr. de Beaufort, cuja leviandade ou cuja reflexão generosa empecilhara a partida do filho, sua única alegria.

Mas Raul, sempre firme e tranqüilo:

— Senhor duque — replicou — a objeção que me faz Vossa Alteza, já a tenho resolvida no espírito. Servirei nos seus navios, visto que Vossa Alteza faz-me o favor de levar-me; mas neles servirei um senhor ainda mais poderoso do que o rei, servirei a Deus.

— J'y servirai un maître plus puissant que le roi, j'y servirai Dieu. — Page 131.

— Deus! como assim? — perguntaram, a um tempo, Athos e o príncipe.

— Tenciono professar e tornar-me cavaleiro de Malta — ajuntou Bragelonne, que deixou cair uma a uma essas palavras, mais geladas que as gotas vertidas pelas árvores negras depois das tempestades de inverno.

— Diante do último golpe, Athos cambaleou e até o príncipe se sentiu comovido.

Grimaud exalou um rouco suspiro e deixou cair a garrafa, que se partiu sobre o tapete, sem que ninguém o notasse.

O Sr. de Beaufort encarou com o rapaz e leu-lhe nos traços, embora não lhe visse os olhos, postos no chão, o calor de uma resolução inabalável.

Athos conhecia-lhe a alma terna e inflexível; não havia desviada do caminho fatal que ela acabara de escolher. Apertou a mão que lhe estendeu o duque.

— Conde, partirei daqui a dois dias para Toulon — disse o Sr. de Beaufort. — Ireis a Paris para inteirar-me da vossa decisão?

— Terei a honra de ir agradecer-lhe todas as suas bondades, meu príncipe — replicou o conde.

— E levai-me sempre o visconde, quer vá, quer não vá comigo — ajuntou o duque; — dei-lhe a minha palavra e só lhe peço a vossa.

Tendo assim vertido um pouco de bálsamo na ferida daquele coração de pai, o duque puxou as orelhas do velho Grimaud, que piscava com frenesi, e reuniu-se à escolta no jardim.

Repousados e retemperados pela noite fresca e bela, os cavalos não tardaram em distanciar o amo do castelo. Athos e Bragelonne viram-se de novo a sós, face a face.

Onze horas soavam.

Pai e filho mantiveram um silêncio obstinado, que qualquer observador perspicaz, adivinharia cheio de gritos e soluços.

Mas tal era a têmpera daqueles dois homens que toda e qualquer emoção se abafava e perdia para sempre quando se determinavam a esmagá-la no coração.

Passaram, portanto, silenciosos e quase ofegantes a hora que precede a meia noite. Só o relógio, ao soar, lhes revelou quantos minutos durara a viagem dolorosa, empreendida pelas suas almas, à imensidade das lembranças do passado e aos temores do futuro.

Foi Athos o primeiro a levantar-se, dizendo:

— É tarde... Até amanhã, Raul!

Raul ergueu-se também e beijou o pai.

Este aconchegou-o do peito e disse-lhe com voz alterada:

— Daqui a dois dias, tu me terás deixado, deixado para sempre, Raul?

— Senhor — replicou o moço — eu tencionava traspassar o coração com a espada, mas vós me tacharíeis de covarde; renunciei ao projeto, mesmo porque teríamos de separar-nos.

— Separar-nos-emos quando partires, Raul.

— Ouvi-me ainda uma vez, senhor, por misericórdia. Se eu não partir, morrerei de sofrimento e de amor. Sei quanto tempo ainda poderei viver aqui. Mandai-me embora depressa, pois do contrário me vereis expirar covardemente, sob os vossos olhos, em vossa casa; isto pode mais que a minha vontade, pode mais que as minhas forças, pois, neste mês, vivi trinta anos, e cheguei ao fim da minha existência.

— Então — volveu Athos friamente — partes com a intenção de fazer que te matem na África? Oh! fala... não mintas.

Raul empalideceu e calou durante dois segundos, que foram para o pai duas horas de agonia. Mas, súbito:

— Senhor — disse ele — prometi votar-me a Deus. Em troca do sacrifício de minha juventude e de minha liberdade, só lhe pedirei uma coisa: conservar-me para vós, porque sois o único liame que ainda me prende a este mundo. Só Deus me pode dar forças para não esquecer que tudo vos devo e que, para mim, estais acima de tudo.

Athos beijou ternamente o filho e disse-lhe:

— Acabas de responder-me como um homem de bem; daqui a dois dias estaremos em casa do Sr. de Beaufort, em Paris: e então farás o que te convier. És livre, Raul. Adeus!

E dirigiu-se lentamente para o quarto de dormir.

Raul desceu ao jardim, onde passou a noite na alameda das tílias.

Capítulo XXVIII - Preparativos para a partida

ATHOS não perdeu mais tempo combatendo aquela resolução imutável. Empregou todos os cuidados em mandar preparar, nos dois dias que lhe concedera o duque, a equipagem de Raul.

Esse trabalho competia ao bom Grimaud, que a ele se entregou incontinenti com o coração e a inteligência que lhe conhecemos.

Athos ordenou ao digno servidor que partisse caminho de Paris quando as equipagens estivessem prontas, e, para não fazer esperar o duque ou, pelo menos, não atrasar Raul se o duque desse pela sua falta, saiu com o filho rumo à capital no dia seguinte à visita do Sr. de Beaufort.

Constituiu para o pobre moço um motivo de turbação muito fácil de compreender-se o regresso a Paris, ao meio de toda aquela gente que o conhecera e apreciara.

Cada rosto lembrava àquele que tanto sofrera, um sofrimento, àquele que tanto amara, uma circunstância do seu amor. Reaproximando-se de Paris, Raul sentia-se morrer. Em Paris, deixou realmente de existir. Quando bateu à porta de de Guiché, explicaram-lhe que o Sr. de Guiché estava em casa de Monsieur.

Tomou o caminho de Luxemburgo, e, ao chegar, sem se lembrar de que estava num sítio em que vivera La Vallière, ouviu tanta música e respirou tantos perfumes, ouviu tantos risos alegres e viu tantas sombras dançarinas, que, não fosse uma mulher caridosa que deu com ele, triste e pálido, debaixo de um reposteiro, teria ficado lá alguns momentos, para depois sair e nunca mais voltar.

Mas, como dissemos, nas primeiras antecâmaras detivera o passo a fim de não se misturar às existências felizes que se agitavam nas salas vizinhas.

E como, reconhecendo-o, um criado de Monsieur lhe perguntara se queria ver Monsieur ou Madame, Raul mal lhe respondera, caindo num banco ao pé de reposteiro de veludo, com os olhos fitos num relógio, parado havia uma hora.

Passara o criado; outro chegara depois e, melhor informado, perguntara a Raul se não queria que avisassem o Sr. de Guiché.

O nome do amigo não despertara a atenção do pobre rapaz.

Insistindo, contava o criado que de Guiche acabara de inventar um novo jogo de loteria e que o estava ensinando às senhoras.

Arregalando os olhos como o distraído de Teofrasto, Raul não respondera; más a sua tristeza aumentara dois graus.

Cabeça para trás, pernas moles, boca entreaberta para deixar passar os suspiros, deixara-se ficar esquecido na antecâmara, quando, de repente, um vestido passou roçando as portas de um salão lateral que dava para aquela galeria.

Bonita e risonha, às turras com um oficial de serviço, chegava por lá uma jovem, que se exprimia com extraordinária vivacidade.

O oficial respondia com frases calmas, porém firmes; era antes uma discussão de amantes que uma contestação de palacianos, e acabou com um beijo nos dedos da moça.

Súbito, avistando Raul, a dama se calou e, afastando o oficial:

— Foge, Malicorne — disse ela; — não imaginei que estivesse alguém aqui. Maldigo-te se fomos ouvidos ou vistos.

Malicorne, de fato, fugiu; a jovem aproximou-se de Raul por trás e, fazendo um muxoxo:

— Sois um homem de bem, naturalmente — disse ela — e... Interrompeu-se para soltar um grito.
— Raul! — exclamou, enrubescendo.
— Srta. de Montalais! — murmurou Raul, mais pálido que a morte.
Levantou-se cambaleante e quis correr sobre o mosaico escorregadio; mas ela compreendera-lhe a dor selvagem e cruel e sentira que a fuga de Raul encerrava uma acusação ou, pelo menos, uma suspeita. Sempre vigilante, entendeu que não lhe convinha perder o ensejo de justificar-se; mas Raul, detido por ela no meio da galeria, não parecia disposto a ceder sem luta.
Acolheu-a com frieza e enleio tamanhos que, se alguém os surpreendesse naquela situação, não teria dúvida nenhuma sobre as intenções da Srta. de Montalais.
— Ah! senhor — disse ela com desdém — é pouco digno de um gentil-homem o que estais fazendo. O coração incita-me a falar-vos; comprometeis-me por uma acolhida quase incivil; fazeis mal, senhor, e confundis os amigos com os inimigos. Adeus!
Raul jurara a si mesmo nunca mais falar em Luísa, nunca mais olhar para aqueles que a poderiam ter visto; mudava-se para outro mundo a fim de jamais encontrar o que quer que Luísa tivesse olhado ou tocado. Mas, após o primeiro choque do seu orgulho, depois de encontrar Montalais, companheira de Luísa, que lhe recordava a torrezinha de Blois e as alegrias de sua juventude, todos os seus propósitos se desvaneceram.
— Perdoai-me, senhorita; não cabe, não pode caber-me no espírito a idéia de ser incivil convosco.
— Quereis falar comigo? — perguntou ela com o sorriso de outrora. — Vamos, então, a outro sítio; aqui, poderíamos se surpreendidos.
— Aonde?
Ela examinou o relógio com indecisão; mas, tendo refletido um pouco:
— Ao meu quarto — decidiu; — temos uma hora para conversar. E afastando-se, mais célere que uma fada, subiu ao quarto, acompanhada de Raul.
Lá, fechando a porta, e entregando à camareira o manto que até então sobraçara:
— Estais procurando o Sr. de Guiché? — perguntou a Raul.
— Estou, senhorita.
— Pedir-lhe-ei que venha cá, daqui a pouco, depois que tivermos conversado.
— Será um favor, senhorita.
— Estais zangado comigo?
Raul considerou-a por um momento; em seguida, abatendo os olhos:
— Estou — respondeu.
— Acreditais que eu tenha participado do vosso rompimento?
— Rompimento! — repetiu ele com azedume. — Oh! senhorita, não há rompimento onde nunca houve amor.
— Engano vosso — replicou Montalais; — Luísa vos amava. Raul estremeceu.
— Não estava apaixonada, eu sei; mas tinha-vos amor, e devíeis tê-la desposado antes de partir para Londres.
Raul soltou uma gargalhada sinistra, que fez estremecer Montalais.
— Discorreis com muito sangue frio, senhorita!...
Acaso desposamos a mulher que queremos?
Esquece-vos que o rei já guardava a amante para si?
— Escutai — redarguiu a rapariga apertando nas suas as mãos frias de Raul — fostes o culpado de tudo; um homem da vossa idade não deixa sozinha uma mulher da idade dela.
— Então já não existe fidelidade no mundo.

— Não existe, visconde — replicou tranqüilamente Montalais. — Entretanto, devo dizer-vos que, se em vez de amar fria e filosoficamente Luísa, a tivésseis despertado para o amor...

— Basta, por favor, senhorita! — acudiu Raul. — Sinto que pertenceis todas e todos a um século diferente do meu. Sabeis rir e escarneceis agradavelmente. Eu amava a Srta. de...

Não pôde pronunciar-lhe o nome.

— Amava-a; acreditava nela; hoje, sofri o bastante para deixar de amá-la.

— Oh! visconde! — exclamou Montalais mostrando-lhe um espelho.

— Sei o que quereis dizer, senhorita; estou muito mudado, não é verdade? Pois bem, sabeis por quê? Porque o rosto é o espelho do coração: o interior mudou como o exterior.

— Estais consolado? — perguntou com azedume Montalais.

— Não, nunca poderei consolar-me.

— Não sereis compreendido, Sr. de Bragelonne.

— Pouco me importa. Compreendo-me perfeitamente.

— Não tentastes sequer falar com Luísa?

— Eu! — exclamou o rapaz com olhos fuzilantes — eu! Em verdade, por que não me aconselhais a desposá-la? Talvez o rei consentisse agora!

E levantou-se, cheio de cólera.

— Vejo que não estais curado e que Luísa tem mais um inimigo — observou Montalais.

— Mais um inimigo?

— Sim, as favoritas não são benquistas na corte de França.

— Oh! enquanto lhe restar o amante para defendê-la, não terá o suficiente? Ela escolheu-o tal que os inimigos não prevalecerão contra ele.

Mas, detendo-se de chofre:

— De mais disso, tem-vos por amiga — ajuntou, com ironia quase imperceptível.

— Eu? Oh! não: já não pertenço ao número das que merecem a honra de um olhar da Srta. de La Vallière; mas...

Esse *mas,* tão prenhe de ameaças e tempestades; esse *mas,* que fez pulsar o coração de Raul, tantas dores pressagiava para a mulher que ele adorara; esse terrível *mas,* tão significativo numa criatura como Montalais, foi interrompido por um ruído forte, que os dois interlocutores ouviram na alcova.

Montalais fitou os ouvidos e Raul já se levantava, quando uma mulher entrou, plácidamente, pela

porta secreta, que fechou.

— Madame! — exclamou Raul, reconhecendo a cunhada do rei.

— Oh! desgraçada! — murmurou Montalais, precipitando-se, mas demasiado tarde, à frente da princesa. — Enganei-me por uma hora!

Teve tempo, contudo, para avisar Henriqueta, que se dirigia a Raul.

— O Sr. de Bragelonne, Madame.

A essas palavras, a princesa recuou, soltando um grito também.

— Vossa Alteza Real — disse Montalais com volubilidade — teve, então, a bondade de pensar na loteria, e...

A princesa começava a perder o domínio de si.

Raul já se dispunha a sair, sem ter adivinhado tudo ainda, embora sentisse que estava incomodando.

Madame preparava uma palavra de transição para recobrar-se, quando se abriu um armário diante da alcova e do armário saiu, radiante, o Sr. de Guiché. O mais pálido dos quatro, cumpre dizê-lo, ainda era Raul. Entretanto, a princesa estava prestes a desmaiar e arrimou-se ao pé da cama.

Ninguém ousou ampará-la. Passaram-se alguns minutos em terrível silêncio.

Quebrou-o Raul; endereçou-se ao conde, cuja comoção inexprimível lhe sacudia os joelhos e, pegando-lhe na mão:

— Caro conde — disse ele — dize a Madame que sou tão infeliz que lhe mereço o perdão; dize-lhe também que já amei e que o horror da traição que sofri me tornou inexorável para com todas as traições praticadas à minha volta. Eis porque, senhorita — ajuntou, sorrindo, para Montalais — jamais divulgarei o segredo das visitas de meu amigo ao vosso quarto. Obtende de Madame, que é tão clemente e tão generosa, que vos perdoe também, ela que há pouco, vos surpreendeu. Sois ambos livres, amai-vos, sede felizes!

A princesa fez um gesto de desespero que não se pode traduzir; repugnava-lhe, apesar da extraordinária delicadeza de Raul, sentir-se à mercê de uma indiscrição.

Repugnava-lhe também aceitar a escapatória oferecida pelo delicado embuste. Viva, nervosa, debatia-se contra a dupla dor das duas aflições.

Raul compreendeu-a e mais uma vez lhe acudiu.

Dobrando o joelho diante dela:

— Madame — disse-lhe, baixinho — daqui a dois dias estarei longe de Paris; daqui a quinze, estarei longe de França, e nunca mais tornarão a ver-me.

— Partis? — perguntou ela, contente.

— Com o Sr. de Beaufort.

— Para a África! — bradou de Guiché por seu turno. — Tu, Raul? Oh! meu amigo, para a África, para morrer!

E, esquecido de tudo, esquecido de que o seu esquecimento comprometia ainda mais a princesa do que a sua presença:

— Ingrato — disse ele — nem sequer me consultaste! E abraçou-o.

Nesse em meio, Montalais fizera desaparecer Madame, e desaparecera também.

Raul passou a mão pela testa e disse, com um sorriso:

— Tive um sonho!

Em seguida, veemente, a de Guiché, que a pouco e pouco o absorvia:

— Amigo — disse ele — não me escondo de ti, que és o eleito de meu coração: morrerei por lá e o teu segredo não passará deste ano.

— Oh! Raul! um homem!

— Sabes o que estou pensando, de Guiché? É o seguinte: viverei mais, deitado embaixo da terra, do que vivi neste último mês. Sou cristão, meu amigo, e a continuar o meu sofrimento, eu não responderia pela minha alma.

De Guiché preparou-se para objetar.

— Nem mais uma palavra sobre mim — disse Raul; — um conselho para ti, caro amigo; e é de capital importância o que vou dizer-te.

— Como assim?

— Arriscas, sem dúvida, muito mais do que eu, visto que te amam.

— Oh!...

— E é para mim uma alegria tão doce poder falar-te assim! Pois bem, de Guiché, desconfia de Montalais.

— É uma boa amiga.

— Era amiga de... daquela que sabes... e perdeu-a pelo orgulho.

— Enganas-te.

— E, hoje que a perdeu, quer roubar-lhe a única coisa que a torna desculpável a meus olhos.

— O quê?

— O seu amor.

— Que queres dizer?

— Quero dizer que há uma trama urdida contra a amante do rei, urdida na própria casa de Madame.

— Não podes acreditar numa coisa dessas.

— Tenho certeza.

— Por Montalais?

— Será talvez a menos perigosa das inimigas que temo por... pela outra!

— Explica-te bem, meu amigo, e, se eu não puder compreender-te...

— Em duas palavras: Madame teve ciúme do rei.

— Eu sei...

— Oh! não temas nada, és amado, és amado, de Guiché; percebes todo o valor dessas palavras? Significam que podes levantar a cabeça, dormir tranqüilo, agradecer a Deus cada minuto de tua vida! És amado, e por isso mesmo podes ouvir tudo, até o conselho de um amigo, que não quer expor a tua felicidade. És amado, de Guiché, és amado! Não passarás as noites atrozes, as noites sem fim que passam, de olhos enxutos e coração abrasado, os outros, destinados a morrerem. Viverás muito tempo, se fizeres como o avarento que, pouco a pouco, migalha por migalha, acarinha e amontoa brilhantes e ouro. És amado! Permite-me dizer-te o que deves fazer para que te amem sempre.

De Guiché considerou por algum tempo o infeliz rapaz, quase louco de desespero, e passou-lhe pela alma um como remorso da própria felicidade.

Raul acabou dominando a exaltação febril que o arrebatara e assumiu a voz e a fisionomia de um homem impassível.

— Farão sofrer — disse ele — a mulher cujo nome eu ainda quisera poder pronunciar. Jura-me, não só que não influirás nisso, mas também que a defenderás, quando puderes, como eu mesmo o teria feito.

— Juro-o! — replicou de Guiché.

— E um dia — continuou Raul — em que lhe tiveres prestado algum serviço importante, um dia em que ela te agradecer, promete-me dizer-lhe estas palavras: "Eu vos fiz esse bem, senhora, a

pedido do Sr. de Bragelonne, a quem fizestes tanto mal".

— Juro-o! — murmurou de Guiché, enternecido.

— É só. Adeus! Partirei amanhã ou depois para Toulon. Se tens algumas horas, dá-mas.

— Tudo! tudo! — bradou o rapaz.

— Obrigado!

— E que vais fazer agora?

— Vou ter com o senhor conde em casa de Planchet, onde esperamos encontrar o Sr. d'Artagnan.

— O Sr. d'Artagnan?

— Quero abraçá-lo antes de partir. É um bravo homem, que gostava de mim. Adeus, caro amigo; estão, sem dúvida, à tua espera e tu me encontrarás, quando quiseres, na estalagem do conde. Adeus!

Abraçaram-se os dois rapazes. Quem os tivesse visto nesse momento diria indicando Raul:

— Aquele é o homem feliz.

Capítulo XXIX - O inventário de Planchet

DURANTE a visita de Raul ao Luxemburgo, fora Athos, com efeito, à casa de Planchet para saber notícias de d'Artagnan.

Chegando à Rua des Lombards, encontrou o fidalgo a mercearia atravancada; mas não era o atravancamento de um bom negócio ou de uma entrega de mercadorias.

Planchet não se pavoneava, como de hábito, entre sacos e barris. Um caixeiro com a pena atrás da orelha e outro com um caderno na mão escreviam uma quantidade de algarismos, ao passo que um terceiro contava e pesava.

Procedia-se a um inventário. Athos, que não era comerciante, sentiu-se atrapalhado pelos obstáculos materiais e pela imponência dos uchões.

Viu-os dispensarem-se os fregueses e perguntou a si mesmo, que não fora comprar coisa alguma, se não seria, com mais razão, mais importuno do que os outros.

Por isso perguntou muito polidamente como poderia falar com o Sr. Planchet.

Responderam-lhe com suma indiferença que o Sr. Planchet estava acabando de fazer as malas.

Essas palavras despertaram-lhe a atenção.

— As malas, como? — insistiu. — O Sr. Planchet vai viajar?

— Vai, sim, senhor, daqui a pouco.

— Então, senhores, fazei-me o obséquio de avisá-lo de que o Sr. Conde de la Fère deseja falar-lhe por um instante.

Ao nome do Conde de la Fère, um dos rapazes, acostumado sem dúvida a ouvi-lo pronunciado com respeito, foi avisar Planchet.

Nesse momento, finalmente livre, depois da cena cruel com Montalais, chegava Raul à mercearia.

Prevenido pelo empregado, Planchet deixou o que estava fazendo e acorreu.

— Ah! senhor conde — disse ele — quanta alegria! Que boa estréia vos traz aqui?

— Meu caro Planchet — disse Athos apertando as mãos do filho, cujo ar contristado observava às escondidas — viemos saber de vós... Mas em que atrapalhação vos encontro! Estais branco como um moleiro! Onde vos metestes?

— Ah! diabo! tomai cuidado, senhor, e não vos aproximeis sem que eu me tenha sacudido bem.

— Por quê? Farinha ou pó não fazem mais que branquear...

— Não, não! O que estais vendo, nos meus braços, é arsênico.

— Arsênico?

— Sim. Estou fazendo provisões para os ratos.

— Oh! num estabelecimento como este, os ratos desempenham um grande papel.

— Não é do estabelecimento que me ocupo, senhor conde: os ratos já me comeram nele mais do que poderão comer-me.

— Que quereis dizer?

— Como vistes, senhor conde, estão fazendo o meu inventário.

— Deixareis o comércio?

— Oh! sim; estou passando a mercearia a um dos meus caixeiros.

— Muito bem! Com que, então, enriquecestes?

— Senhor, enjoei da cidade; não sei se é a velhice, e, como disse um dia o Sr. d'Artagnan, a gente, quando envelhece, volta a pensar com mais freqüência nas coisas da mocidade; mas o fato é que de

algum tempo a esta parte, sinto-me arrastado para o campo e para a jardinagem: fui camponês, outrora.

E Planchet acentuou a confissão com um risinho um tanto pretensioso para um homem que fizera profissão de humildade. Athos aprovou com o gesto.

— Estais comprando propriedades? — perguntou em seguida.

— Já comprei, senhor.

— Ah! tanto melhor.

— Uma casinha em Fontainebleau e umas vinte jeiras de terra.

— Muito bem, Planchet, meus parabéns.

— Mas, senhor, estamos aqui muito mal; esta maldita poeira vos fez tossir. Irra! não quero, de maneira alguma, envenenar o mais digno gentil-homem deste reino.

Athos não sorriu ao gracejo, que lhe atirara Planchet para adestrar-se nas facécies de bom tom.

— Sim — disse ele — conversemos à parte; em vossa casa, por exemplo. Tendes casa, não tendes?

— Naturalmente, senhor conde.

— Lá em cima, talvez?

E, vendo Planchet enleado, quis desenleá-lo passando na frente.

— É que... — hesitou Planchet.

Athos interpretou mal o sentido da hesitação e, inferindo-a do receio que teria o merceeiro de oferecer uma hospitalidade medíocre:

— Não importa, não importa! — declarou, continuando a subir — o alojamento de um mercador, neste bairro, tem o direito de não ser um palácio. Vamos.

Raul precedeu-o, lesto, e entrou.

Dois gritos se ouviram simultaneamente; ou melhor, três. Um deles dominou os outros: fora soltado por uma mulher. O outro saíra da boca de Raul. Era uma exclamação de surpresa. E tanto que a desferiu, o rapaz fechou rapidamente a porta. O terceiro fora de susto.

Dera-o Planchet.

— Perdão — explicou ele — mas é que a senhora está-se vestindo.

Raul verificara, sem dúvida, que Planchet dizia verdade, pois fez menção de descer.

— A senhora?... — acudiu Athos. — Ah! perdão, meu caro, eu não sabia que tivésseis lá em cima...

— É Trüchen — esclareceu Planchet, meio vermelho.

— Será o que quiserdes, meu bom Planchet; perdoai-nos a indiscrição.

— Não, não; agora podeis subir.

— Não subiremos — contraveio Athos.

— Estando prevenida, a senhora terá tido tempo para...

— Não, Planchet. Adeus!

— Oh! senhores, não me ofendereis assim, ficando em pé na escada, ou saindo de minha casa sem haverdes sentado um pouco!

— Se tivéssemos sabido que tínheis uma dama lá em cima — respondeu Athos com o habitual sangue frio — teríamos pedido permissão para cumprimentá-la.

Planchet ficou tão atarantado por aquela admirável impertinência, que forçou a passagem e foi abrir a porta para introduzir o conde e o filho.

Trüchen vestia-se completamente: roupa de comerciante próspera e casquilha; olhos alemães em luta com olhos franceses. Fez duas mesuras e desceu à loja.

Antes, porém, aplicou o ouvido à porta para saber o que diriam dela a Planchet os fidalgos que o visitavam.

Desconfiando disso, desviou Athos a conversação para outro assunto, embora Planchet morresse por dar explicações, das quais fugia o conde sistematicamente.

Mas, como certas tenacidades são mais fortes do que as outras, viu-se obrigado a ouvir o merceeiro contar os seus idílios de felicidade, traduzidos em linguagem mais casta que a de Longo.

Dessarte, narrou-lhe Planchet de como Trüchen encantara a sua idade madura e trouxera sorte aos seus negócios, como Rute a Booz.

— Só vos faltam agora herdeiros da prosperidade — disse Athos.

— Se eu tivesse algum, seria dono de trezentas mil libras — replicou Planchet.

— É preciso tê-lo — disse fleumaticamente Athos — nem que seja para que se não perca a vossa fortunazinha.

A palavra *fortunazinha* teve o condão de recolocar Planchet em sua posição como sucedia outrora à voz do sargento quando Planchet era apenas soldado raso no regimento de Piemonte, para onde o levara Rochefort.

Compreendeu Athos que o merceeiro desposaria Trüchen e, por fas ou por nefas, teria um descendente.

Isso lhe pareceu ainda mais manifesto quando soube que o caixeiro a quem Planchet vendera o fundo de comércio era primo de Trüchen.

Lembrou-se do rapaz, vermelho como um goivo, crespo de cabelos e largo de ombros.

Sabia tudo o que se pode, tudo o que se deve saber sobre o destino de um merceeiro. Os belos vestidos de Trüchen não bastariam a pagar-lhe o tédio das tarefas do campo e do jardim ao lado de um marido que principiava a agrisalhar-se.

Tendo-o compreendido, inquiriu, sem transição:

— Que está fazendo o Sr. D'Artagnan? Não foi encontrado no Louvre.

— Ah! senhor conde, o Sr. D'Artagnan desapareceu.

— Desapareceu? — tornou Athos com surpresa.

— Oh! nós sabemos o que isso significa.

— Mas eu não sei.

— Quando o Sr. D'Artagnan desaparece, é porque saiu em missão ou a negócio.

— Ele não vos teria avisado?

— Nunca.

— Entretanto soubestes, em certa ocasião, da sua partida para a Inglaterra.

— Por causa da especulação — respondeu irrefletidamente Planchet.

— Da especulação?

— Quero dizer... — atalhou Planchet, enleado.

— Bem, bem, não viemos discutir os vossos negócios nem os do nosso amigo; apenas o interesse que ele nos inspira levou-nos a indagar. Visto, porém, que o capitão dos mosqueteiros não está aqui e não podemos obter de vós nenhuma informação sobre o seu possível paradeiro, vamos despedir-nos. Até à vista, Planchet! até à vista! Partamos, Raul.

— Senhor conde, eu quisera poder dizer-vos...

— Absolutamente, absolutamente; não serei eu quem censure a discrição de um servidor.

A palavra *servidor* feriu rudemente o semi-milionário Planchet; mas o seu respeito e bonomia naturais prevaleceram-lhe sobre o orgulho.

— Não há indiscrição nenhuma em dizer-vos, senhor conde, Sr. d'Artagnan esteve aqui outro dia.

Ah! ah!

— E ficou várias horas consultando uma carta geográfica.

— Tendes razão, meu amigo, não digais mais nada.

— E a carta, ei-la como prova — acrescentou Planchet, retirando-a da parede vizinha, onde estava suspensa por um cordão.

Viu, com efeito, o Conde de la Fère, um mapa de França, em que os seus olhos exercitados descobriram um itinerário marcado com alfinetes; onde faltava o alfinete, o buraco fazia fé.

Seguindo com o olhar os alfinetes e os buracos, compreendeu Athos que d'Artagnan tomara a direção do sul para atingir o Mediterrâneo, dos lados de Toulon. Nas proximidades de Cannes detinham-se as marcas e lugares pontilhados.

O Conde de la Fère procurou, durante alguns instantes, adivinhar o que faria em Cannes o mosqueteiro, e que motivos o levariam a palmilhar as margens do Var.

Essas reflexões não lhe sugeriram coisa alguma.

A sua habitual perspicácia ficou sem efeito. E Raul não adivinhou mais do que o pai.

— Não importa! — disse o rapaz ao conde, que, silenciosamente, com o dedo, lhe indicara a marcha do capitão — pode dizer-se que há uma providência sempre ocupada em aproximar o nosso destino do destino do Sr. d'Artagnan. Ei-lo em Cannes, e vós, senhor, me conduzireis pelo menos a Toulon. Garanto que o encontraremos muito mais facilmente no caminho do que nesta carta.

Em seguida, despedindo-se de Planchet, que improperava os caixeiros, e até o primo de Trüchen, seu sucessor, saíram os fidalgos a visitar o Sr. Duque de Beaufort. À porta da mercearia, viram uma caleça, futura depositária dos encantos da Srta. Trüchen e dos sacos de escudos do Sr. Planchet. — Cada qual procura a felicidade pelo caminho que quer — observou tristemente Raul.

Capítulo XXX - O inventário do Sr. de Beaufort

TEREM falado de d'Artagnan com Planchet, o terem visto o merceeiro deixar Paris a fim de sepultar-se no campo, constituíram para Athos e para o filho como que um derradeiro adeus a todo o ruído da capital, à sua vida de outrora.

Que deixavam, realmente, atrás de si aqueles dois homens, um dos quais esgotaria com a glória todo o século anterior e o outro toda a nova era com a desventura? Evidentemente, nenhum deles tinha o que pedir aos contemporâneos.

Só lhes faltava visitar o Sr. de Beaufort e consertar as miudezas da partida.

Estava o duque magnificamente alojado em Paris. Levava a existência permitida pelos grandes cabedais que certos velhos se lembravam de ter visto florescer na quadra liberal de Henrique III.

Naquela época, efetivamente, alguns fidalgos eram mais ricos do que o rei. Sabiam-no, faziam praça disso e não se privavam do prazer de humilhar um pouco Sua Majestade Real. Fora essa aristocracia egoísta que Richelieu obrigara a contribuir com o sangue, com a bolsa e com reverencias para o que desde então se chamou o serviço do rei.

Desde Luís XI, o terrível ceifeiro dos grandes, até Richelieu, quantas famílias haviam reerguido a cabeça! Quantas, desde Richelieu até Luís XIV, a haviam curvado, sem nunca mais poder levantá-la! O Sr. de Beaufort, todavia, nascera príncipe e de um sangue que não corre no cadafalso, senão pelo voto dos povos.

Esse príncipe conservara, portanto, os hábitos de uma vida principesca. Como pagava seus cavalos, seus criados e sua mesa? Ninguém o sabia, e ele menos ainda do que os outros.

Acontece, porém, que os filhos de reis tinham naquele tempo o privilegio do crédito, que ninguém lhes recusava, já por deferência, já por devotamento, já porque os credores esperavam ser pagos um dia.

Athos e Raul acharam a casa do príncipe tão atravancada como a de Planchet.

O duque estava também fazendo o seu inventário, isto é, distribuindo aos amigos, todos credores, o que quer que valesse alguma coisa em sua casa.

Devendo cerca de dois milhões, passivo enorme naquele tempo, calculara o Sr. de Beaufort que não poderia partir para a África sem uma bela soma, e, para encontrá-la, distribuía entre os velhos credores baixelas, armas, jóias e móveis, em dádivas generosas e lucrativas.

Com efeito, como recusaria um homem a quem se devem dez mil libras aceitar um presente no valor de seis mil, realçado pelo mérito de haver pertencido a um descendente de Henrique IV, e como poderia esse mesmo homem recusar outras dez mil ao magnânimo fidalgo?

Foi isso, portanto, o que aconteceu. O príncipe já não tinha casa, traste inútil para um almirante instalado numa nau; já não tinha armas supérfluas, pois viveria entre canhões; já não tinha jóias, que o mar poderia tragar; mas levava trezentos ou quatrocentos mil escudos no cofre.

E em todos os cantos da casa se notava o alegre vaivém dos que supunham estar saqueando Sua Alteza.

Possuía o príncipe em grau elevadíssimo a arte de felicitar os credores mais dignos de lástima.

Todo homem apressado, toda bolsa vazia encontravam nele paciência e compreensão.

A uns dizia:

— Eu gostaria muito de ter o que tendes; pois eu vo-lo daria. E a outros:

— Só possuo este jarro de prata; vale, no mínimo, quinhentas libras; levai-o.

E tão corrente é a moeda da afabilidade que, depois disso, nunca faltavam ao príncipe novos credores.

Desta feita, abrira mão de cerimônias; dir-se-ia um saque; o Duque de Beaufort dava tudo.

A fábula oriental do pobre árabe que leva da pilhagem de um palácio uma marmita, em cujo interior vai escondido um saco de ouro, e que toda a gente deixa passar livremente e sem cobiça, convertera-se, em casa do príncipe, numa verdade. Muitos fornecedores forravam-se na despensa do duque.

Assim, os merceeiros que pilhavam os guarda-roupas e casas de arreios, davam pouco valor aos nadas muitíssimo apreciados por seleiros e alfaiates.

Desejosos de levarem às esposas os doces oferecidos por monsenhor, saltavam, alegres, sob o peso das terrinas e dos frascos gloriosamente gravados com as armas do príncipe.

O Sr. de Beaufort acabou dando os cavalos e o feno dos palheiros. Felicitou mais de trinta criaturas com as suas baterias de cozinha, e trezentas com a sua adega.

De mais a mais, aquela gente saía convicta de que o Sr. de Beaufort assim procedia na certeza de encontrar outra fortuna escondida sob as tendas árabes.

Repetia, enquanto lhe assolava o palácio, que el-rei o mandava a Djidgelli para reconstituir a sua riqueza perdida; que os tesouros africanos seriam fraternalmente repartidos entre o almirante e o rei de França; que esses tesouros constituíam em minas de diamantes e outras pedras fabulosas; as minas de prata e ouro do Atlas não obtinham sequer a honra de uma menção.

Além das minas que seriam exploradas, o que só se verificaria após a campanha, haveria os despojos tomados pelo exército.

O Sr. de Beaufort se apossaria de tudo o que os ricos corsários haviam roubado à Cristandade desde a batalha de Lepanto. Já nem se contava o número dos milhões.

Ora, por que pouparia os pobres utensílios de sua vida passada, o homem que ia em busca dos tesouros mais raros? E, reciprocamente, como se poupariam os bens de um homem que tão pouco se poupava?

Eis aí a situação. Com o seu olhar penetrante, percebeu-a Athos à primeira vista.

Achou o almirante de França um tanto atordoado, pois estava saindo da mesa, uma mesa de cinqüenta talheres, onde haviam longamente brindado à prosperidade da expedição; onde, à sobremesa, se tinham abandonado os restos aos criados e os pratos vazios aos curiosos.

Embebedara-se o príncipe de sua ruína e de sua popularidade ao mesmo tempo. Bebera o vinho antigo à saúde do vinho futuro. Quando viu Athos em companhia de Raul:

— Eis aí — bradou — o meu ajudante de campo. Por aqui, conde; vinde, visconde.

Athos procurava uma passagem entre as roupas e baixelas esparramadas pelo chão.

— Pulai por cima — sugeriu o duque. E ofereceu um copo cheio a Athos.

Este aceitou-o; Raul apenas molhou os lábios.

— Aqui está a vossa comissão — declarou o príncipe a Raul. — Preparei-a contando convosco. Correreis na minha frente até Antibes.

— Sim, monsenhor.

— Eis a ordem.

E o Sr. de Beaufort deu a ordem a Bragelonne.

— Conheceis o mar? — perguntou.

— Conheço, monsenhor; já viajei com o senhor príncipe.

— Todos os lanchões, todas as barcaças me esperarão para escoltar-me e transportar as minhas provisões. É preciso que o exército possa embarcar dentro em quinze dias, o mais tardar.

— Muito bem, monsenhor.
— Esta ordem vos dá o direito de visita e busca em todas as ilhas próximas da costa; nelas fareis os alistamentos e requisições que quiserdes.
— Sim, senhor duque.
— E como sois um homem ativo e tereis muito que fazer, gastareis muito dinheiro.
— Espero que não, monsenhor.
— Espero que sim. O meu intendente preparou vales de mil libras resgatáveis nas cidades do Sul. Recebereis cem. Ide, caro visconde.
Athos interrompeu o príncipe:
— Guarde o seu dinheiro, monsenhor; a guerra entre os árabes se faz menos com ouro que com chumbo.
— Quero experimentar o contrário — tornou o duque; — de mais a mais, sabeis o que penso da minha expedição: muito barulho, muito fogo, e eu desaparecerei, se preciso for, no meio da fumaça.
Dito isso, o Sr. de Beaufort quis tornar a rir-se; mas Athos e Raul não o animaram. Percebeu-o imediatamente o príncipe.
— Ah! — disse ele com o egoísmo cortês da posição e da idade — pobre daquele que topa convosco depois do jantar, frios, rígidos, secos!
Logo eu, que ardo em fogo, em movimento, em vinho! Não, raios me partam! visconde, mas hei de receber-vos sempre em jejum; e vós, conde, se continuardes, não tornarei a ver-vos.
O Sr. de Beaufort dizia isso apertando a mão de Athos, que lhe respondeu sorrindo:
— Monsenhor, não faça tanto barulho porque tem muito dinheiro. Predigo-lhe que, em menos de um mês, Vossa Alteza estará seco, rígido e frio diante do seu cofre, e, tendo Raul a seu lado, ficará surpreso ao vê-lo vivo, alegre e generoso, por ter escudos novos para oferecer-lhe.
— Deus vos ouça! — exclamou o duque encantado. — Ficareis comigo, conde.
— Não, partirei com Raul; a missão que lhe cometeu Vossa Alteza é penosa e difícil. Sozinho, ser-lhe-ia dificílimo executá-la. Vossa Alteza não parece lembrar-se de que lhe deu um comando de primeira ordem.
— Ora!
— E na marinha!
— É verdade. Mas não fazemos tudo o que queremos quando somos como ele?
— Monsenhor, Vossa Alteza não encontrará em parte alguma tanto zelo, tanta inteligência e tanta bravura; mas se Raul viesse a prejudicar-lhe o embarque, Vossa Alteza estaria apenas colhendo o que semeou.
— Ei-lo agora a ralhar comigo!
— Monsenhor, para abastecer uma frota, reunir uma flotilha, alistar a sua marinhagem, um almirante levaria um ano. Raul é capitão de cavalaria, e Vossa Alteza lhe dá quinze dias!
— Pois eu vos digo que ele será bem sucedido.
— Não duvido; mas tenho que ajudá-lo.
— Sempre contei convosco e espero também que, em Toulon, não o deixareis partir sozinho.
— Oh! — replicou Athos sacudindo a cabeça.
— Paciência! paciência!
— Monsenhor, permita que nos retiremos.
— Ide, e a minha fortuna vos ajude.
— Adeus, monsenhor, e a fortuna de Vossa Alteza ajude-o também!
— Eis uma expedição bem começada — murmurou Athos ao filho. — Sem víveres, sem reservas,

sem flotilha de carga; que se há de fazer assim?

— Bom! — murmurou Raul — se todos vão fazer nela o que pretendo fazer, haverá víveres de sobra.

— Senhor — replicou severamente Athos — não sejais injusto e louco no vosso egoísmo ou na vossa dor. Se partis para essa guerra com a intenção de nela buscar a morte, não necessitais de ninguém, e não valia a pena recomendar-vos ao Sr. de Beaufort. Desde que vos aproximais do príncipe comandante e aceitais a responsabilidade de um cargo no exército, já não se trata de vós, trata-se de todos os pobres soldados que, como vós, têm um coração e um corpo, que chorarão a pátria e padecerão todas as necessidades da condição humana. O oficial, Raul, é um ministro tão útil quanto o padre, e deve ser mais caridoso do que um padre.

— Senhor, sempre agi dessa maneira e continuaria agindo... mas...

— Esqueces também que pertences a um país cioso de sua glória militar; vai morrer, se quiseres, mas não morras sem honra e sem proveito para a França. Vamos, Raul, não te entristeças com as minhas palavras; quero-te muito e desejaria que fosses perfeito.

— Aprecio as vossas censuras, senhor — tornou suavemente o rapaz; — elas me consolam e provam que alguém ainda gosta de mim.

— E agora, partamos, Raul; o tempo está tão bonito e o céu tão puro! Esse mesmo céu que sempre encontraremos sobre nossas cabeças, que tornarás a ver, mais puro ainda, em Djidgelli, e que lá te falará de mim, como aqui me fala de Deus.

Depois de se haverem posto de acordo sobre esse ponto, entraram os dois fidalgos a comentar os modos aloucados do duque, convieram em que o país seria incompletamente servido no espírito e na prática da expedição, e, tendo resumido essa política com a palavra vaidade, puseram-se em marcha, mais para obedecer às suas vontades que ao destino.

Estava consumado o sacrifício.

Capítulo XXXI - O prato de prata

AMENA foi a viagem. Athos e o filho atravessaram toda a França percorrendo quinze léguas por dia, às vezes mais, quando aumentava de intensidade o sofrimento de Raul.

Levaram quinze dias para chegar a Toulon e perderam completamente o rasto de d'Artagnan em Antibes.

É de crer-se que o capitão de mosqueteiros tivesse querido permanecer incógnito naquelas paragens; pois Athos deduziu das informações colhidas a certeza de que o cavaleiro por ele descrito fora visto em Avinhão trocando os seus cavalos por um carro bem fechado.

Desesperava-se Raul por não encontrar d'Artagnan. Faltava-lhe ao coração terno o adeus e o consolo daquele coração de aço.

Mas Athos sabia por experiência que d'Artagnan se tornava impenetrável quando empenhado num negócio sério, já por sua conta, já a serviço do rei. Temeu-se até de ofender o amigo ou prejudicá-lo colhendo demasiadas informações. Entretanto, quando Raul começou o seu trabalho de classificação para a flotilha, e reuniu os lanchões e barcaças para mandá-los a Toulon, um dos pescadores contou ao conde que o seu barco estava sendo consertado desde uma viagem que fizera por conta de um fidalgo muito apressado no embarcar-se.

Cuidando que o homem estivesse mentindo para ficar livre e ganhar mais dinheiro na pesca depois que os companheiros houvessem partido, Athos interrogou-o melhor.

Contou-lhe o pescador que, uns seis dias antes, um estranho procurara-o para alugar-lhe o barco durante a noite a fim de fazer uma visita à ilha de Santo Honorato. Convencionara-se o preço; mas o fidalgo chegara com uma grande caixa de carro e teimara embarcá-la apesar de todas as dificuldades que apresentava a operação. O pescador quisera dar o dito pelo não dito.

Ameaçara e as suas ameaças só lograram proporcionar-lhe uma chuva de bengaladas violentamente aplicadas pelo fidalgo, que batia forte e longamente. Praguejando, recorrera o pescador ao síndico de seus confrades de Antibes, que distribuem justiça entre si e se protegem; o gentil-homem, porém, exibira certo papel à vista do qual o síndico, depois de profundíssima reverência, obrigara o pescador a obedecer, repreendendo-o por se haver mostrado recalcitrante. Em resultado disso, haviam partido com a carga.

— Mas nada disso nos diz como encalhastes — observou Athos.

— Foi assim. Eu ia na direção de Santo Honorato, como ordenara o fidalgo; mas ele mudou de idéia de repente e entendeu que eu não poderia passar ao sul da abadia.

— Por quê?

— Porque há, diante da torre quadrada dos beneditinos, mais para o sul, o banco dos *Monges*.

— Um escolho? — tornou Athos.

— À flor d'água e debaixo d'água, uma passagem perigosa, mas que já transpus mil vezes; o fidalgo pediu-me que o deixasse em Santa Margarida.

— E então?

— Então, senhor — exclamou o pescador com o seu sotaque provençal — a gente é marinheiro ou não é, sabe o que faz ou não sai de casa.

Obstinei-me em querer passar. O fidalgo me agarrou pelo pescoço e anunciou tranqüilamente que ia esganar-me. O meu imediato armou-se de um machado e eu também. Ainda precisávamos vingar a afronta da véspera. Mas o fidalgo sacou da espada e brandiu-a com movimentos tão vivos, que não

pudemos aproximar-nos, nem um nem outro. Eu ia atirar-lhe o machado na cabeça, e estava no meu direito, não estava?

Pois um marinheiro (em seu navio é o amo, como um burguês em seu quarto; eu ia, portanto, para defender-me, cortar pelo meio o gentil-homem, quando, de repente, acreditareis se quiserdes! a caixa do carro se abriu não sei como e dela saiu uma espécie de fantasma, com a cabeça coberta por um capacete preto, coisa pavorosa de ver-se, que nos ameaçou com o punho.

— Era? — perguntou Athos.

— Era o diabo, senhor! Pois o fidalgo, ao vê-lo, gritou muito alegre: "Obrigado, monsenhor!”

— Que coisa estranha! — murmurou o conde olhando para Raul.

— E que fizestes? — perguntou o rapaz ao pescador.

— Compreendereis, senhor, que dois pobres homens como nós já éramos muito pouco para dois fidalgos; mas para o diabo! pois sim! O meu companheiro e eu não titubeamos: demos um pulo e caímos no mar: estávamos a uns setecentos ou oitocentos pés da costa.

— E então?

— Então, senhor, como soprasse um ventinho de sudoeste, o barco continuou vogando e foi abicar nas areias de Santa Margarida.

— Oh!... e os dois viajantes?

— Não vos inquieteis com eles! Aí é que está a prova de que um era o diabo e protegia o outro; pois, quando tornamos a alcançar o barco a nado, em vez de encontrar as duas criaturas despedaçadas pelo choque, não encontramos mais nada, nem sequer o carro.

— É estranho! é estranho! — repetiu o conde. — Mas, depois, meu amigo, que fizestes?

— Fui dar queixa ao governador, que me pôs o dedo debaixo do nariz, declarando que, se eu tentasse contar-lhe balelas semelhantes, mandaria azorragar-me.

— O governador?

— Sim, senhor; no entanto, o meu barco estava arrebentado, bem arrebentado, pois a proa ficou na ponta de Santa Margarida e o carpinteiro me pede cento e vinte libras pelo conserto.

— Está bem — replicou Raul — sereis isentado do serviço. Ide.

— Vamos a Santa Margarida, não queres? — propôs Athos a Bragelonne.

— Vamos, sim, senhor; pois há nisso qualquer coisa que precisa ser esclarecida e esse homem não me parece ter dito a verdade.

— Nem a mim, Raul. Tenho, que a história do fidalgo mascarado e do carro desaparecido é um modo de esconder a violência que esse patife deve ter cometido em pleno mar contra o passageiro, para punir-lhe a insistência em embarcar.

— Foi o que imaginei, e o mais provável é que o carro contivesse valores e não outro homem.

— Haveremos de verificá-lo. O tal fidalgo, sem dúvida alguma, parece-se muito com d’Artagnan; reconheço-lhe as maneiras. Infelizmente já não somos os jovens invencíveis de outrora. Quem sabe se o machado ou a cana do leme desse biltre não conseguiram o que em vão tentaram fazer, de quarenta anos a esta parte, as melhores espadas da Europa, os mosquetes e os canhões.

Nesse mesmo dia, partiram para Santa Margarida, a bordo de um naviozinho costeiro vindo expressamente de Toulon.

A impressão que sentiram ao chegar foi a de um bem-estar singular. A ilha transbordava de flores e de frutos; servia de jardim para o governador em sua parte cultivada. Laranjeiras, romãzeiras, figueiras, curvavam-se ao peso dos frutos dourados e azuis. À volta do jardim, na parte não cultivada, perdizes vermelhas corriam em bandos entre sarças e tufos de zimbros, e, a cada passo que davam Raul e o conde, uma lebre assustada deixava as manjeronas e urzes para voltar à sua toca.

De feito, a ilha bem-aventurada não tinha habitantes. Inteiramente plana, oferecia apenas uma angra para a chegada das embarcações; e, protegidos pelo governador, que com eles compartia dos seus despojos, dela se serviam os contrabandistas como de um depósito provisório, com a condição de não matarem a caça nem estragarem o jardim. Em face desse compromisso, contentava-se o governador com uma guarnição de oito homens para guardar a fortaleza, na qual se emboloravam doze canhões. Era, portanto, o governador um feliz rendeiro, que recolhia vinhos, figos, azeite e laranja, e fazia doces de limão e cidra ao sol de suas casamatas.

Cercado de profundo fosso, seu único resguardo, erguia a fortaleza, como três cabeças, três torrezinhas ligadas entre si por terraços cobertos de musgo.

Athos e Raul costearam durante algum tempo os muros do jardim, sem encontrar ninguém que os conduzisse à presença do governador. Acabaram entrando. Era o momento mais quente do dia.

Nesse instante tudo se esconde debaixo da relva e da pedra. O céu estende os seus véus de fogo como que para abafar todos os ruídos e envolver todas as existências. As perdizes debaixo das giestas, a mosca debaixo da folha, adormecem como a onda debaixo do céu.

Só no terraço, entre o segundo e o terceiro pátio, lobrigou Athos um soldado que parecia carregar uma cesta de provisões na cabeça. O homem voltou logo depois sem a cesta e desapareceu na sombra da guarita.

Athos compreendeu que ele levara o jantar a alguém e, feito o serviço, fora jantar por seu turno.

Súbito, ouviu um chamado e, erguendo a cabeça, avistou entre as grades de uma janela qualquer coisa branca, como uma mão que se agitava, algo cintilante, como uma arma refletindo os raios do sol.

E antes que desse tento do que acabara de ver, um rasto luminoso, acompanhado de um silvo no ar, divertiu-lhe a atenção da torre para a terra.

Segundo ruído, menos distinto, se ouviu no fosso, e Raul saiu correndo para pegar prato de prata que acabava de rolar na areia ressequida.

Et Raoul courut ramasser un plat d'argent qui venait de rouler jusque dans les sables desséchés. — Page 436.

A mão que atirara o prato fez sinal aos dois fidalgos e depois sumiu.

Aproximando-se um do outro, Raul e Athos puseram-se a examinar atentamente o prato empoeirado e descobriram-lhe no fundo, traçadas com a ponta de uma faca, as seguintes palavras:

> *"Sou, dizia a inscrição, irmão do rei de França, hoje prisioneiro, amanhã doido varrido. Fidalgos franceses e cristãos, rogai a Deus pela alma e pela razão do filho de vossos amos!"*

O prato caiu das mãos de Athos, enquanto Raul buscava peneirar o sentido misterioso daquelas palavras lúgubres.

No mesmo instante, um grito se ouviu no alto do torreão. Rápido como o raio, Raul curvou a cabeça e forçou o pai a curvar-se também. Um cano de mosquete acabava de reluzir no tope do muro. Uma fumaça branca desprendeu-se como um penacho do orifício do mosquete e uma bala veio achatar-se contra uma pedra, a seis polegadas dos dois fidalgos. Outro mosquete surgiu e abaixou-se.

— Com a breca! — bradou Athos — aqui se assassinam as pessoas? Descei, covardes!

— Sim, descei! — repetiu Raul, furioso, brandindo o punho na direção do castelo.

Um dos assaltantes, o que ainda não atirara, respondeu a esses gritos por uma exclamação de surpresa, e, como o companheiro quisesse continuar o ataque e apontasse o mosquete rearmado, ergueu-lhe a arma, e o tiro partiu para cima.

Vendo que os dois haviam deixado a plataforma, Athos e Raul imaginaram que eles viriam ao seu

encontro, e esperaram.

Cinco minutos não se haviam passado quando um rufar de tambor conclamou os oito soldados da guarnição, que surgiram no bordo oposto do fosso com armas na mão. À frente desses homens via-se um oficial em que o Visconde de Bragelonne reconheceu o que dera o primeiro tiro de mosquete.

O homem ordenou aos soldados que preparassem armas.

— Vamos ser fuzilados! — bradou Raul. — Arranquemos da espada, pelo menos, e saltemos o fosso! Cada um de nós matará pelo menos um desses patifes quando os mosquetes estiverem descarregados.

E, unindo o movimento às palavras, já se precipitava Raul, seguido de Athos, quando uma voz conhecidíssima soou atrás deles.

— Athos! Raul! — gritava essa voz.

— D'Artagnan! — responderam os dois fidalgos.

— Abaixar armas, com seiscentos diabos! — gritou o capitão para os soldados. — Eu tinha certeza do que estava dizendo!

Os soldados tornaram a erguer os mosquetes.

— Que é que nos está acontecendo? — perguntou Athos. — Querem fuzilar-nos sem nos avisar?

— Era eu quem ia fuzilar-vos — replicou d'Artagnan; — e se o governador vos errou, eu não teria errado, meus queridos amigos. Ainda bem que costumo dormir na pontaria, em vez de atirar por instinto! Cuidei reconhecer-vos. Ah! meus caros amigos, que felicidade!

E d'Artagnan enxugava a testa, pois correra muito, e a sua comoção não era simulada.

— Como! — volveu o conde — aquele senhor que atirou em nós é o governador da fortaleza?

— Em pessoa.

— E por que atirou? Que lhe fizemos nós?

— Homessa! Recolhestes o que o prisioneiro vos jogou.

— É verdade!

— Este prato... o prisioneiro escreveu qualquer coisa nele, não escreveu?

— Escreveu.

— Bem que desconfiei. Ah! meu Deus!

E d'Artagnan, com todos os indícios de uma inquietação mortal, pegou no prato para ver a inscrição. Ao lê-la, a palidez cobriu-lhe o rosto.

— Oh! meu Deus! — repetiu. E, logo. — Silêncio! O governador vem vindo...

— Que nos fará ele? Será culpa nossa?

— Então é verdade? — perguntou Athos a meia voz. — Então *é* verdade?

— Silêncio! silêncio! Se acreditarem que sabeis ler, se imaginarem que compreendestes, quero-vos muito, meus amigos, deixar-me-ia matar por vós... mas...

— Mas...? — repetiram, à uma, Athos e Raul.

— Eu não vos salvaria da prisão perpétua se vos salvasse da morte! Silêncio, silêncio!

Aproximava-se o governador, depois de transpor o fosso sobre uma pontezinha de tábuas.

— Sois espanhóis, não compreendeis uma palavra de francês — tornou vivamente o capitão aos amigos, em voz baixa. — Pois bem — continuou, dirigindo-se ao governador — eu tinha razão, esses senhores são dois capitães espanhóis que conheci em Ypres, no ano passado... Não sabem uma palavra de francês.

— Ah! — exclamou, atento, o governador. E procurou ler a inscrição do prato.

D'Artagnan arrancou-lho das mãos, derriscando as letras com a ponta da espada.

— Como! — exclamou o governador — que estais fazendo? Não posso ler?

— Segredo de Estado — replicou francamente d’Artagnan — e já que sabeis, consoante ordens do rei, que há pena de morte para quem quer que o descubra, podereis ler, se quiserdes, mas sereis imediatamente fuzilado.

Durante essa apóstrofe, entre séria e irônica, Athos e Raul mantiveram um silêncio cheio de sangue frio.

— Mas é impossível — insistiu o governador — que estes senhores não compreendem pelo menos algumas palavras.

— Isso não tem importância! Ainda que compreendessem o que se diz, não saberiam ler o que se escreve. Não o leriam sequer em castelhano. O nobre espanhol não sabe ler.

Foi preciso que o governador se contentasse com essas explicações; mas era um homem capaz.

— Convidai esses senhores a visitarem o forte — sugeriu.

— Não desejo outra coisa e eu mesmo ia propô-lo — redarguiu d'Artagnan.

O capitão, em verdade, desejava outra coisa e queria ver os amigos a cem léguas de distância.

Mas foi-lhe mister concordar.

Formulou em castelhano o convite, que os dois fidalgos aceitaram.

Encaminharam-se todos para a entrada do forte, e, encerrado o incidente, os oito soldados voltaram aos seus ócios, momentaneamente perturbados pela inaudita aventura.

Capítulo XXXII - Cativo e carcereiros

ENTRADOS no forte, ao passo que o governador ordenava os preparativos para receber os hóspedes: — Vejamos — disse Athos — uma palavra de explicação, enquanto estamos sós.

— Ei-la simplesmente — respondeu o mosqueteiro. — Eu trouxe à ilha um prisioneiro que o rei não quer que se veja; chegastes, ele atirou-vos qualquer coisa pela janela; eu estava jantando com o governador, vi quando foi atirado o objeto e vi Raul apanhá-lo. Não preciso muito tempo para compreender; compreendi e imaginei que estivésseis conluiados com o prisioneiro. Então...

— Então mandaste fuzilar-nos.

— Confesso que sim; mas, se fui o primeiro a saltar sobre o mosquete, felizmente fui o último a fazer pontaria.

— Se me tivesses matado, d'Artagnan, eu teria tido a ventura de morrer pela casa real de França; e seria uma honra morrer pela tua mão, visto que és o seu mais nobre e leal defensor.

— Ora, Athos, que me estás contando sobre a casa real? — balbuciou d'Artagnan. — Como! tu, conde, homem sensato e avisado, acreditas nas loucuras escritas por um insensato?

— Acredito.

— Tanto mais, meu caro cavaleiro, que tendes ordem para matar os que acreditam nelas — ajuntou Raul.

— Porque a calúnia — replicou o capitão de mosqueteiros — quanto mais absurda, tanto mais facilmente se populariza.

— Não, d'Artagnan — tornou em voz baixa Athos — porque o rei não quer que o segredo de sua família transpire entre o povo e cubra de infâmia os algozes do filho de Luís XIII.

— Vamos, vamos, não digas tolices, Athos, ou nunca mais repetirei que és sensato. De resto, como teria Luís XIII um filho nas ilhas de Santa Margarida?

— Um filho que trouxeste aqui, mascarado, num barco de pescador — respondeu Athos. — Por que não?

Deteve-se d'Artagnan.

— Ah! ah! — disse ele — onde soubeste que um barco de pescador?...

— Trouxe-te a Santa Margarida com o carro que encerrava o prisioneiro; com o prisioneiro a quem chamas monsenhor? Oh! eu sei — tornou o conde.

D'Artagnan mordeu o bigode.

— Ainda que fosse verdade — condescendeu ele — que eu trouxe para cá, num barco e num carro, um prisioneiro mascarado, nada demonstra que esse prisioneiro seja um príncipe... um príncipe da casa de França.

— Oh! fala então com Aramis — respondeu friamente Athos.

— Com Aramis? — repetiu o mosqueteiro, vendido. — Viste Aramis?

— Depois de sua desgraça em Vaux; vi Aramis fugitivo, perseguido, perdido, que me contou o suficiente para eu acreditar nas queixas que aquele infortunado gravou no prato de prata.

D'Artagnan deixou pender a cabeça com abatimento.

— Eis aí — disse ele — como Deus se diverte com a chamada sabedoria dos homens! Belo segredo este, cujos farrapos retêm, neste momento, doze ou quinze pessoas!... Athos, maldito seja o acaso que te colocou diante de mim neste negócio! pois agora...

— Mas, então — volveu Athos com severa doçura — estará perdido o teu segredo porque o conheço? Não guardei outros, tão pesados quanto este, em minha vida? Perdeste a memória, meu caro?

— Nunca os guardaste tão perigosos — voltou d'Artagnan com tristeza. — Tenho como que o sinistro pressentimento de que todos aqueles que o conhecem morrerão, e morrerão mal.

— Faça-se a vontade de Deus, d'Artagnan. Mas aí vem o teu governador.

D'Artagnan e os amigos reassumiram incontinente os seus papéis.

Suspeitoso e duro, o governador tratava o capitão com uma polidez que atingia as raias da obsequiosidade. Contentou-se de servir aos viajantes uma boa refeição e observá-los atentamente.

Athos e Raul notaram que ele procurava amiúde embaraçá-los com ataques súbitos, ou apanhá-los desprevenidos; mas nenhum dos dois se desconcertou. O que dissera d'Artagnan pôde parecer verossímil, se o governador não o acreditou verdadeiro.

Levantaram-se da mesa para ir descansar.

— Como se chama esse homem? É mal-encarado — perguntou Athos em castelhano a d'Artagnan.

— De Saint-Mars — replicou o capitão.

— Será ele, então, o carcereiro do jovem príncipe?

— Que sei eu? Eis-me talvez em Santa Margarida para o resto da vida.

— Homessa! tu?

— Meu amigo, estou na situação de um homem que encontra um tesouro no meio do deserto. Quisera levá-lo, mas não pode; quisera deixá-lo, mas não ousa. O rei não me mandará voltar, receando que outros não o vigiem tão bem quanto eu; lamenta não me ter mais a seu lado, sentindo que ninguém o servirá com tanto zelo quanto eu. Aliás, acontecerá o que Deus quiser.

— Mas — observou Raul — por isso mesmo que não tendes nada de certo, a vossa permanência aqui é provisória, e voltareis a Paris.

— Perguntai a estes senhores — acudiu Saint-Mars — o que vieram fazer a Santa Margarida?

— Vieram por saber que havia um convento de beneditinos em Santo Honorato, curioso de ver-se, e boa caça em Santa Margarida.

— À disposição deles — replicou Saint-Mars — como à vossa. d'Artagnan agradeceu.

— Quando partem?

— Amanhã — respondeu d'Artagnan.

O Sr. de Saint-Mars foi fazer a sua ronda e deixou d'Artagnan sozinho com os pretensos espanhóis.

— Oh! — exclamou o mosqueteiro — eis uma vida e uma sociedade que me convêm pouco. Esse homem é meu subordinado, mas estorva-me, com seiscentos diabos!... Uma idéia: vamos caçar umas lebres? O passeio é bonito e pouco fatigante. A ilha tem apenas légua e meia de comprimento e meia de largura; um verdadeiro parque. Vamos divertir-nos.

— Vamos aonde quiseres, d'Artagnan, não para divertir-nos, mas para conversar livremente.

D'Artagnan fez sinal a um soldado, que trouxe espingardas de caça para os fidalgos e tornou ao forte.

— E, agora — principiou o mosqueteiro — responde à pergunta que fez aquele negro Saint-Mars: que viestes fazer nas ilhas Lerens?

— Dizer-te adeus.

— Dizer-me adeus? Como assim? Raul vai partir?

— Vai.

— Com o Sr. de Beaufort, naturalmente?

— Com o Sr. de Beaufort. Oh! adivinhas sempre, caro amigo.

— É o hábito...

Enquanto os dois amigos praticavam, Raul, com a cabeça pesada e o coração confrangido, sentara-se nuns rochedos musgosos, colocara o mosquete sobre os joelhos e, contemplando o mar, observando o céu, ouvindo a voz da própria alma, deixava que dele se afastassem, a pouco e pouco, os caçadores.

D'Artagnan notou-lhe a ausência.

— Ele ainda está muito ferido, não está? — perguntou a Athos.

— Mortalmente.

— Creio que exageras. Raul é de boa têmpera.

Em todos os corações nobres como o dele há um segundo invólucro, que serve de couraça. O primeiro sangra, o segundo resiste.

— Não — respondeu Athos — isso acabará por matá-lo.

— Com seiscentos diabos! — bradou, sombrio, d'Artagnan.

E não ajuntou mais nada à exclamação. Logo, volvido um momento:

— Por que lhe permitis partir?

— Porque ele quer.

— E por que não o acompanhas?

— Porque não quero vê-lo morrer. D'Artagnan encarou com o amigo.

— Sabes que em minha vida — continuou o conde firmando-se no braço do capitão — tive medo de muito pouca coisa. Pois hoje tenho um medo incessante, devorador, insuperável; medo do dia em que tiver de segurar nos braços o cadáver desse menino.

— Oh! — respondeu d'Artagnan — oh!

— Ele morrerá, eu sei, tenho certeza, e não quero vê-lo morrer.

— Colocas-te em presença do homem mais corajoso que dizes ter conhecido, do teu d'Artagnan, desse homem sem igual, como lhe chamavas outrora, e dizes-lhe, Athos, cruzando os braços, que tens medo de ver teu filho morto, tu que viste quanto se pode ver neste mundo? Por que tens medo disso, Athos? O homem, nesta terra, deve esperar tudo, afrontar tudo.

— Escuta, meu amigo: depois de me haver consumido nesta terra de que estás falando, só conservei duas religiões: a da vida, minhas amizades, meu dever de pai; e a da eternidade, o amor e o respeito de Deus. Pois bem, estou intimamente convencido de que, se Deus permitisse que em minha presença meu amigo ou meu filho exalassem o último suspiro... Oh! não, nem quero dizer-te isso, d'Artagnan.

— Dize! dize!

— Sou forte contra tudo, exceto contra a morte dos entes queridos. Só para isso não há remédio. Quem morre ganha, quem vê morrer perde. Não! Saber que nunca, nunca mais encontrarei sobre a terra o ser que eu via nela com alegria; saber que deixou de existir para sempre d'Artagnan, deixou de existir Raul, oh!... estou velho, vê tu, já não tenho coragem; peço a Deus que poupe a minha fraqueza; mas se ele me ferisse assim, em pleno rosto, eu o maldiria. Um fidalgo cristão não deve amaldiçoar o seu Deus, d'Artagnan; já é bastante ter amaldiçoado um rei!

— Hum!... — exclamou d'Artagnan, meio transtornado por aquela violenta tempestade de dores.

— D'Artagnan, meu amigo, tu que gostas de Raul, contempla-o, acrescentou ele mostrando o filho; — contempla essa tristeza que nunca o desampara. Conheces alguma coisa mais horrível do que assistir, minuto por minuto, à incessante agonia daquele pobre coração?

— Deixa-me falar-lhe, Athos. Quem sabe?

— Experimenta; mas não serás bem sucedido.

— Não lhe oferecerei consolos, vou servi-lo.
— Tu?
— Sem dúvida. Será, acaso, a primeira vez que uma mulher renuncia à infidelidade? Vou ter com ele.
Athos sacudiu a cabeça e continuou sozinho o passeio. Cortando caminho através das sarças, d'Artagnan voltou para ao pé de Raul e estendeu-lhe a mão.
— E então — perguntou — queres falar comigo?
— Quero pedir-vos um favor — respondeu Bragelonne.
— Pede.
— Voltareis algum dia à França?
— Espero que sim.
— Devo escrever à Srta. de La Vallière?
— Não, não deves.
— Tenho tanta coisa para dizer-lhe !
— Vai dizer-lhe, então.
— Nunca!
— Muito bem, que virtude atribuís a uma carta que a tua palavra não tenha?
— É verdade.
— Ela ama o rei — disse brutalmente d'Artagnan; — é uma rapariga direita.
Raul estremeceu.
— E a ti, a ti, que ela abandona, ama-te ainda mais talvez do que ao rei, mas de outro modo.
— D'Artagnan, acreditais realmente que ela ame o rei?
— Idolatra-o. É um coração inacessível a qualquer outro sentimento. Se continuasses a viver ao lado dela, serias o seu melhor amigo.
— Ah! — exclamou Raul com paixão ao vislumbrar essa dolorosa esperança.
— Queres?
— Seria uma covardia.
— Eis aí uma palavra absurda, que me faria desprezar o teu espírito. Nunca é covardia, Raul, estás ouvindo? fazermos o que nos impõe uma força maior. Se te diz o coração: "Vai lá, ou morre", vai, Raul. Foi ela covarde ou corajosa, ela, que te amava, preferindo a ti o rei, que o coração lhe ordenava imperiosamente preferir? Foi a mais corajosa das mulheres. Faze, pois, como ela, obedece a ti mesmo. Sabes uma coisa, Raul?
— O quê?
— Ao vê-la de perto, com os olhos do ciúme...
— Que é que tem?
— Que é que tem? Deixarás de amá-la.
— Vós me decidis, meu caro d'Artagnan.
— A partir para revê-la?
— Não, a partir para nunca mais a ver. Quero amá-la sempre.
— Francamente — tornou o mosqueteiro — eis aí uma conclusão que eu estava muito longe de esperar.
— Pronto, meu amigo, quando tornardes a vê-la, e se o julgar desconveniente, dai-lhe esta carta, que lhe explicará o que se passa em meu coração. Lede-a, preparei-a esta noite. Qualquer coisa me dizia que eu hoje vos veria.
E estendeu a carta a d'Artagnan, que leu:

"Senhorita, não tendes culpa a meus olhos por não me amardes. Sois culpada apenas de uma coisa, ter-me deixado acreditar que me amáveis.
"Esse erro me custará a vida. Eu vo-lo perdôo, mas não mo perdôo. Diz-se que os amantes felizes são surdos às queixas dos amantes desdenhados. Isso não se dará convosco, que não me amáveis, senão com amizade. Tenho certeza de que, se eu tivesse insistido convosco para trocar essa amizade em amor, teríeis cedido pelo receio de me ver morrer ou de abalar a estima que eu vos consagrava. É-me doce morrer sabendo-vos livre e satisfeita.
"Por isso mesmo, muito me amareis quando já não temerdes o meu olhar ou a minha censura!
"Amar-me-eis, porque, por encantador que vos pareça um novo amor, Deus não me fez em nada inferior àquele que escolhestes, e o meu devotamente o meu sacrifício, o meu fim doloroso, asseguram-me a vossos olhos uma superioridade certa sobre ele. Deixei escapar, na ingênua credulidade do meu coração, o tesouro que eu possuía. Muita gente afirma que me quisestes o suficiente para que viésseis a amar-me deveras. Essa idéia tira-me todo o azedume e leva-me a ver em mim mesmo meu único inimigo.
"Aceitareis este último adeus, e abençoar-me-eis por me haver eu refugiado no asilo inviolável em que se extinguem todos os ódios, em que duram todos os amores.
"Adeus, senhorita. Se fosse preciso comprar com o meu sangue a vossa felicidade, eu daria todo o meu sangue, visto que não hesito em sacrificá-lo à minha miséria!
"RAUL, VISCONDE DE BRAGELONNE."

— A carta está bem — disse o capitão. — Só lhe reprocho uma coisa.
— Qual? — perguntou Raul.
— Ela diz tudo, menos a que se exala como veneno mortal de vossos olhos, de vosso coração; menos o amor insensato que ainda vos abrasa.
Raul empalideceu e calou-se — Por que não escrevestes apenas estas palavras: *"Senhorita, "Em vez de maldizer-vos, amo-vos e morro"*.
— É verdade — exclamou Raul com sinistra alegria. E, rasgando a carta que tornara a pegar, escreveu estas palavras numa folha do caderninho:

"Para ter a ventura de dizer ainda que vos amo, cometo a covardia de escrever-vos, e, para punir-me dessa covardia, morro".

E assinou.

— Entregar-lhe-eis este canhenho, capitão? — perguntou a d'Artagnan.
— Quando? — tornou este último.
— No dia — respondeu Bragelonne indicando a última frase — em que escreverdes uma data debaixo destas palavras.
E, fugindo de repente, correu para Athos, que voltava a passos lentos.
No momento em que recolhiam à fortaleza, o mar principiou a agitar-se, e, com a veemência rápida das rajadas de vento que perturbam o Mediterrâneo, o mau humor do elemento converteu-se em borrasca.
Qualquer coisa informe e atormentada surgiu-lhes aos olhos à beira-mar.

— Que é aquilo? — perguntou Athos. — Um barco espedaçado?

— Não é um barco — replicou d'Artagnan.

— Perdão — acudiu Raul — é um barco que se aproxima, célere, do porto.

— Há, com efeito, uma embarcação na angra, e que faz bem de abrigar-se aqui. Mas o que estou mostrando a Athos, na areia... encalhado...

— Sim, sim, estou vendo.

— É o carro que atirei ao mar quando cheguei com o prisioneiro.

— Pois bem — sobreveio Athos — se queres um conselho, d'Artagnan, queima o carro, a fim de que dele não fiquem vestígios; em caso contrário, os pescadores de Antibes, que figuraram ter visto o diabo, tentarão provar que o vosso prisioneiro não passava de um homem.

— Louvo-te o conselho, Athos, e hoje mesmo o farei executar, ou melhor, eu mesmo o executarei. Mas entremos, que a chuva não tarda e os relâmpagos são apavorantes.

Ao passarem por uma galeria cuja chave se encontrava em poder de d'Artagnan, viram o Sr. de Saint-Mars dirigir-se ao quarto do prisioneiro.

Esconderam-se no ângulo da escada a um sinal do capitão.

— Que aconteceu? — perguntou Athos.

— Já o saberás. Olhai O prisioneiro vem vindo da capela. E viu-se, ao clarão dos raios escarlates, na bruma roxa que o vento esfumava no extremo do céu, a seis passos do governador, passar gravemente um homem vestido de preto com o rosto oculto por uma viseira de aço polido, soldado a um capacete do mesmo material, que lhe envolvia toda a cabeça. O fogo do céu punha fulvos reflexos na superfície brunida, e os seus revérberos voluteavam caprichosos, como olhares irados que lançasse o desgraçado em vez de imprecações.

No meio da galeria, deteve-se por um instante o prisioneiro para contemplar o horizonte infinito, respirar os perfumes sulfurosos da tempestade, beber com avidez a chuva quente e soltar um suspiro semelhante a um rugido.

— Vinde, senhor — disse intempestivamente Saint-Mars, inquieto ao vê-lo fitar demoradamente os olhos no espaço além das muralhas. — Senhor, vinde! — Chamai-lhe monsenhor — gritou de seu canto Athos com voz tão solene e terrível, que o governador estremeceu dos pés à cabeça.

O Conde de la Fère exigia sempre respeito pela majestade caída.

Voltou-se o prisioneiro.

— Quem falou? — perguntou Saint-Mars.

— Eu — replicou d'Artagnan, que se apresentou incontinente. — Sabeis perfeitamente que a ordem é essa.

— Não me chameis senhor nem monsenhor — disse por seu turno o prisioneiro com voz que comoveu Raul até ao fundo das entranhas; — chamai-me MALDITO!

E passou.

— A porta de ferro gritou atrás dele.

— Eis um homem desgraçado! — murmurou surdamente o mosqueteiro, mostrando a Raul o quarto habitado pelo príncipe.

Capítulo XXXIII - As promessas

TANTO que d'Artagnan voltou ao seu apartamento com os amigos, um dos soldados do forte foi avisá-lo de que o governador estava à sua procura.

O barco que Raul avistara no mar e que parecia ter tanta pressa de chegar ao porto, viera a Santa Margarida com um despacho importante para o capitão dos mosqueteiros.

Ao abri-lo, reconheceu d'Artagnan a letra do rei.

"Creio, dizia Luís XIV, que já deveis ter executado as minhas ordens, Sr. d'Artagnan; regressai, portanto, imediatamente a Paris e vinde procurar-me no meu Louvre."

— Eis o fim do exílio! — exclamou com alegria o mosqueteiro; — Deus seja louvado, deixo de ser carcereiro!

E mostrou a carta a Athos.

— Portanto, vais deixar-nos? — replicou este último com tristeza.

— Para tornar a ver-te, caro amigo, visto que Raul é um rapagão que partirá só com o Sr. de Beaufort, e preferirá deixar voltar o pai em companhia do Sr. d'Artagnan a obrigá-lo a percorrer sozinho duzentas léguas para regressar a La Fère; não é verdade, Raul?

— Naturalmente — balbuciou o interpelado com uma expressão de terno pesar.

— Não, meu amigo — atalhou Athos — só deixarei Raul no dia em que o seu barco houver desaparecido na linha do horizonte. Enquanto estiver em França, não se separará de mim.

— Como quiseres, meu caro; mas, pelo menos, deixaremos juntos Santa Margarida; aproveita a canoa que vai reconduzir-me a Antibes.

— Com muito prazer; não vejo a hora de alongar-me deste forte e do espetáculo que há pouco nos contristou.

Os três amigos afastaram-se, portanto, da ilhota, depois de se despedirem do governador, e, entre os derradeiros clarões da tormenta que se distanciava, lobrigaram, pela última vez, as brancas muralhas da fortaleza.

D'Artagnan disse adeus aos amigos nessa mesma noite, depois de ter visto nas costas de Santa Margarida o fogo do carro incendiado por determinação sua.

Antes de montar a cavalo, e assim que se desvencilhou dos braços de Athos:

— Amigos — disse ele — estais muito parecidos com dois soldados que desertam o posto.

Qualquer coisa me diz, Athos, que Raul precisará do teu apoio. Queres que eu peça licença para desembarcar na África com cem bons mosqueteiros? O rei não ma recusará, e eu te levarei comigo.

— Sr. d'Artagnan — replicou Raul apertando-lhe efusivamente a mão — obrigado pelo oferecimento, que excederia os nossos desejos. Eu, que sou moço, preciso de uma ocupação para o espírito e de um exercício para o corpo; o senhor conde necessita do mais profundo repouso. Sois o melhor amigo dele: recomendo-o aos vossos cuidados. Velando por ele, tereis nas mãos as nossas almas.

— Preciso partir; o meu cavalo está impaciente — atalhou d'Artagnan, em quem o sinal mais evidente de uma comoção profunda era a mudança de assunto numa conversa; — vejamos, conde, quantos dias ainda ficará Raul por aqui?

— Três, no máximo.

— E quanto tempo levarás para regressar?

— Oh! muito tempo — replicou Athos. — Não quero separar-me logo de Raul. O tempo se

encarregará de afastá-lo bem depressa, e eu não quero ajudá-lo. Farei apenas meias jornadas.

— Por que, meu amigo? Viagens lentas entristecem a gente e a vida das estalagens já não serve para um homem como tu.

— Meu caro, vim em cavalos de posta, mas quero comprar dois bons animais. Ora, para levá-los sem fadiga, não seria prudente obrigá-los a percorrerem mais de seis a oito léguas por dia.

— Onde está Grimaud?

— Chegou com as equipagens de Raul, ontem cedo, e eu o deixei dormir.

— Assim nunca mais chegarás — deixou escapar d'Artagnan. — Até à vista, pois, querido Athos, e, se te apressares, poderei abraçar-te mais cedo.

Dito isto, pôs o pé no estribo, que Raul veio segurar para ele.

— Adeus! — disse o rapaz, beijando-o.

— Adeus! — repetiu d'Artagnan, que montou.

O cavalo fez um movimento, separando o cavaleiro dos amigos.

Desenrolara-se a cena à porta da casa escolhida por Athos nos arredores de Antibes, e aonde d'Artagnan, após o jantar, ordenara que lhe levassem os cavalos.

A estrada principiava naquele ponto e estendia-se, ondulosa e branca, entre os vapores noturnos. O cavalo respirava com força o acre perfume salino que exalam os aguaçais.

D'Artagnan começou a trotar e Athos a desandar tristemente com Raul.

Súbito, ouviram reaproximar-se o tropel do cavalo e, a princípio, cuidaram que fosse uma dessas repercussões singulares que enganam o ouvido a cada volta do caminho.

Mas era, de fato, o cavaleiro que voltava. A galope, tornava d'Artagnan a reunir-se aos amigos. Estes soltaram um grito de alegre surpresa, e o capitão, saltando do animal como um rapaz, foi tomar entre os braços as duas cabeças queridas de Athos e Raul.

Conservou-os abraçados longo tempo, sem pronunciar uma palavra, sem deixar fugir o suspiro que lhe arrebentava o peito. Afinal, tão lesto quanto chegara, tornou a partir, enterrando as duas esporas nos flancos do cavalo furioso.

— Ai de mim! — disse o conde baixinho — ai de mim!

— Mau sinal! — dizia, de seu lado, d'Artagnan, recuperando o tempo perdido. — Não pude sorrir-lhes. Mau sinal!

No dia seguinte, Grimaud se levantou, novo em folha. O serviço ordenado pelo Sr. de Beaufort executava-se felizmente. Dirigida para Toulon pelos cuidados de Raul, a flotilha partira, levando em sua esteira, em botinhos quase invisíveis, mulheres e amigos dos pescadores e contrabandistas, requisitados para o serviço da frota.

O tempo tão curto que ainda tinham pai e filho para estar juntos, parecia voar com redobrada rapidez, como aumenta de velocidade tudo o que tende a cair no abismo da eternidade.

Athos e Raul voltaram a Toulon, cheia do ruído dos carros, do ruído das armas, do ruído dos cavalos que nitriam.

As trombetas trombeteavam marchas, os tambores rufiavam com vigor, regurgitavam as ruas de soldados, criados e mercadores.

O Duque de Beaufort estava em toda a parte, ativando o embarque com o zelo e o interesse do bom capitão. Agradava os companheiros, até os mais humildes; repreendia os imediatos, até os mais importantes.

Artilharia, provisões, bagagens, queria verificar tudo pessoalmente; examinou o equipamento de cada soldado, certificou-se da saúde de cada cavalo. Percebia-se que, leviano, gabolas, egoísta no seu palácio, o gentil-homem tornava a ser soldado, o grande fidalgo, capitão, em face da

responsabilidade que aceitara.

Entretanto, cumpre dizê-lo, por maior que fosse o cuidado com que presidiu aos aprestos da partida, nele se reconhecia a negligente precipitação e a ausência de toda e qualquer cautela, que fazem do soldado francês o primeiro soldado do mundo, porque o deixam exclusivamente entregue aos próprios recursos, físicos e morais.

Parecendo satisfeito de tudo, o almirante cumprimentou Raul e deu as últimas ordens para a partida, que foi marcada para o romper do dia seguinte.

Convidou o conde e o filho para jantarem com ele.

Estes pretextaram necessidades de serviço e declinaram do convite. Regressaram à estalagem, situada sob as árvores da praça principal, comeram à pressa, e Athos conduziu Raul aos rochedos que dominam a cidade, vastas montanhas cor de cinza de onde a vista é infinita e abrange um horizonte líquido, que parece, em razão da enorme distância, estar ao nível dos próprios rochedos.

A noite era bonita como sempre naqueles climas felizes. Erguendo-se atrás das fragas, a lua parecia estender uma toalha prateada sobre o tapete azul do mar. Na baía, manobravam silenciosamente os navios, tomando posição pata facilitar o embarque.

Carregado de fósforo, abria-se o mar sob as quilhas dos barcos que transportavam para bordo bagagens e munições; cada sacudidela de proa vasculhava o abismo de chamas brancas, e de cada remo gotejavam diamantes líquidos.

Ouviam-se os marinheiros, satisfeitos com as liberalidades do almirante, cantarolando canções lentas e ingênuas. De quando em quando, o ranger de correntes se misturava ao surdo rumor das balas de artilharia caindo no porão. Esse espetáculo e essas harmonias apertavam o coração como o medo, e dilatavam-no como a esperança. Toda aquela vida sabia à morte.

Sentou-se Athos com o filho sobre os musgos e as urzes do promontório. À volta de suas cabeças passavam e repassavam morcegos enormes, arrebatados pelo apavorante turbilhão da caça cega. Os pés de Raul ultrapassavam a crista da penedia e pairavam no vácuo que povoa a vertigem e que provoca ao nada.

Quando a lua acabou de aparecer, acariciando com a sua claridade os picos vizinhos; quando o espelho da água se iluminou em toda a extensão, e os pequeninos fogos vermelhos abriram brechas nas massas negras de cada navio, reunindo todas as idéias e toda a coragem, disse Athos ao filho:

— Deus fez tudo isto que estamos vendo, Raul; fez-nos também a nós, pobres átomos perdidos no grande universo; brilhamos como estes fogos e estas estrelas, suspiramos como estas ondas, sofremos como estas grandes naus que se gastam sulcando as águas, obedecendo ao vento que as empurra para um fim, como o sopro de Deus nos empurra para um porto. Tudo ama a vida, Raul, e tudo é belo nas coisas vivas.

— Senhor — replicou o rapaz — temos aqui, realmente, um formoso espetáculo.

— Como d'Artagnan é bom! — interrompeu imediatamente Athos — e que extraordinária ventura tive eu podendo apoiar-me a vida inteira num amigo como ele! Eis o que te faltou, Raul.

— Um amigo? — bradou o moço; — a mim faltou-me um amigo?

— O Sr. de Guiché é um companheiro encantador — tornou friamente o conde; — mas creio que hoje os homens se preocupam mais com seus negócios e os seus prazeres do que no meu tempo. Procuraste a solidão; é uma felicidade; mas nela perdeste a força. Mais ou menos privados dessas delicadezas que representam a alegria dos moços de hoje, nós quatro encontrávamos maior resistência quando surgia a desgraça.

— Não vos interrompi, senhor, para dizer que eu tinha um amigo e que esse amigo é o Sr. de Guiché. Ele é bom e generoso, sem dúvida, e gosta de mim. Vivi sob a tutela de outra amizade, tão

preciosa e tão forte como a de que falastes: a vossa.

— Não fui teu amigo, Raul — disse Athos.

— Por que, senhor?

— Porque te levei a crer que a vida só tem uma face, e porque, triste e severo, sempre decepei, sem querer, é verdade, os alegres renovos que brotavam para ti da árvore da juventude; numa palavra, porque, no momento em que estamos, arrependo-me de não ter feito de ti um homem expansivo, dissipado, ruidoso.

— Sei porque me dizeis isso, senhor. Não, não tendes razão, não fostes vós quem me fez o que sou; foi este amor, que me surpreendeu no momento em que as crianças têm apenas inclinações, foi a constância peculiar ao meu caráter, que, nas outras criaturas, é apenas um hábito. Cuidei que eu seria sempre como era; supus que Deus me havia atirado numa estrada lisa, reta, cercada de frutos e flores. Eu tinha acima de mim a vossa vigilância e a vossa força. Imaginei-me vigilante e forte. Nada me preparou: caí uma vez e essa me tirou a coragem para o resto da vida. Posso dizer que a queda deu cabo de mim. Oh! não, senhor, a vossa influência em meu passado só me trouxe felicidade: a vossa influência em meu futuro é uma esperança. Não, não tenho nada que censurar à vida que me proporcionastes; eu vos abençoo e amo ternamente.

— Meu querido Raul, as tuas palavras me fazem bem. Provam que agirás, de futuro, um pouco por mim.

— Agirei apenas por vós, senhor.

— Raul, o que nunca fiz por ti, fá-lo-ei doravante.

Serei teu amigo, não mais teu pai. Viveremos livremente, em vez de vivermos como prisioneiros, quando voltares. Será logo, não é verdade?

— Sem dúvida, senhor, pois uma expedição como esta não pode ser longa.

— Logo, então, Raul, logo, em vez de viver modicamente de minhas rendas, eu te darei o capital de minhas terras. Será suficiente para que te inicies e vivas como te convém até à minha morte; e, antes disso, espero que me darás o consolo de não permitir que se extinga a minha raça.

— Farei tudo o que me ordenardes — tornou Raul, agitadíssimo.

— Seria preciso, Raul, que o teu serviço de ajudante de campo não te induzisse a empresas muito temerárias. Já fizeste as tuas provas, todos conhecem o teu valor na luta. Lembra-te que a guerra dos árabes é uma guerra de tocaias, emboscadas e assassínios.

— É o que dizem, realmente, senhor.

— Há pequena glória em cair numa cilada. É uma espécie de morte que revela sempre temeridade ou imprevidência. Muitas vezes nem sequer se lamenta o que sucumbe. E os que não se lamentam, Raul, são os mortos inúteis. De mais disso, ri-se o vencedor, e não devemos permitir que aqueles infiéis estúpidos triunfem de nossos erros. Compreendes bem o que quero dizer, Raul? Não creias que eu te exorte a fugires aos encontros!

— Sou naturalmente prudente, senhor, e tenho muita sorte — volveu Raul com um sorriso que gelou o coração do pobre pai; — pois — apressou-se em ajuntar o rapaz — dos vinte combates em que me empenhei só saí até agora com um arranhão.

— Além disso — continuou Athos — há o clima que é mister temer: feio fim é o da febre. O Rei São Luís pedia a Deus que lhe enviasse uma flecha ou a peste antes da febre.

— Oh! senhor, com sobriedade, com um exercício razoável...

— Já me prometeu o Sr. de Beaufort enviar despachos quinzenais à França — atalhou Athos.

— Tu, como ajudante de campo, serás o encarregado de remetê-los; não te esquecerás de mim?

— Não, senhor — respondeu Raul com voz sufocada.

— Enfim, Raul, como és bom cristão e eu também, devemos confiar numa proteção mais especial de Deus ou de nossos anjos da guarda. Promete-me que, se te suceder alguma desgraça, pensarás primeiro em mim.

— Primeiro que tudo!

— E que me chamarás.

— Imediatamente!

— Sonhas comigo de vez em quando, Raul?

— Todas as noites, senhor. Em minha primeira mocidade, eu vos via em sonhos, calmo e doce, com a mão estendida sobre a minha cabeça, e eis porque dormia tão bem... *antigamente!*

— Nós nos queremos tanto — disse o conde — que, a partir do momento em que nos separarmos, uma parte de nossas almas viajará conosco e habitará onde habitarmos. Quando ficares triste, Raul, o meu coração se afogará na tristeza, e, quando quiseres sorrir pensando em mim, lembra que de lá me mandarás um raio de tua alegria.

— Não vos prometo ser alegre — respondeu o moço; — mas tendes certeza de que não se passará uma hora sem que eu pense em vós; a não ser que eu esteja morto.

Athos não pôde conter-se por mais tempo; envolveu com os braços o pescoço do filho e manteve-o enlaçado com todas as forças do coração.

A lua dera lugar ao crepúsculo; uma faixa de ouro subia no horizonte, anunciando o raiar do dia.

Athos atirou a capa sobre os ombros de Raul e conduziu-o à cidade, onde, cargas e carregadores já se agitavam como em vasto formigueiro.

No extremo do platô que haviam deixado, Athos e Bragelonne distinguiram uma sombra negra que oscilava indecisa e como que vexada de ser vista.

Era Grimaud, que seguira, inquieto, os passos dos amos e estava à espera deles.

— Oh! bom Grimaud — bradou Raul — que queres? Vieste dizer-nos que é preciso partir, não é?

— Sozinho? — exclamou Grimaud indicando Raul a Athos num tom de censura que patenteava a turbação do pobre velho.

— Oh! tens razão! — disse o conde. — Não, Raul, não partirás sozinho; não te verás em terra estranha sem um amigo que te conforte e recorde tudo o que amas.

— Eu? — perguntou Grimaud.

— Tu? Sim! sim! — bradou Raul, profundamente comovido.

— Ai de mim! — sobreveio Athos; — estás bem velhinho, meu bom Grimaud!

— Tanto melhor — retrucou o criado, com inexprimível profundeza de inteligência e sentimento.

— Mas o embarque já começou — obstou Raul — e não estás preparado.

— Estou! — disse Grimaud, mostrando as chaves de seus cofres misturadas às do jovem amo.

— Mas — contradisse ainda Raul — não podes deixar o senhor conde sozinho; o senhor conde, que nunca deixaste?

Grimaud voltou o olhar enublado para Athos, como a medir a força de um e de outro. O conde não respondeu.

— O senhor conde prefere assim — disse Grimaud.

— Sim — confirmou Athos com a cabeça.

Nesse momento, soaram todos os tambores ao mesmo tempo e os clarins encheram o ar de alegres clarinadas.

Viram-se despontar na cidade os regimentos que tomariam parte na expedição.

Adiantavam-se em número de cinco, cada qual composto de quatro companhias. O regimento real marchava na frente, identificado pelo uniforme branco com enfeites azuis. As bandeiras dos

ordenanças esquarteladas em cruz roxa e cor de folhas secas, com um ramo de flores-de-lis de ouro, cercavam o majestoso estandarte branco do coronel com a cruz flor-de-lisada.

Mosqueteiros de chapelão desabado, de bordão bifurcado na mão e mosquete ao ombro; piqueiros no centro, com lanças de catorze pés, marchavam alegremente para as barcaças, que os levavam, em grupos, aos navios.

Os regimentos de Picardia, Navarra, Normandia, e da Marinha Real vinham em seguida.

Soubera escolher o Sr. de Beaufort. Ele próprio se via ao longe, encerrando a marcha com o seu estado-maior.

Antes que chegasse à praia, uma boa hora ainda se escoaria.

Raul dirigiu-se lentamente com Athos para o cais, a fim de tomar o seu lugar à passagem do príncipe.

Refervendo com ardor de moço, Grimaud superintendia o transporte para a nau capitânea das bagagens do visconde.

De braço dado com o filho que ia perder, absorvia-se Athos na mais dolorosa meditação, aturdindo-se com o ruído e o movimento.

Súbito, um oficial do Sr. de Beaufort aproximou-se deles para significar-lhes que o duque desejava ter Raul ao seu lado.

— Tende a bondade de dizer ao príncipe, senhor — bradou o rapaz — que lhe peço mais esta hora para ficar em companhia do senhor conde.

— Não, não — atalhou Athos — um ajudante de campo não pode deixar assim o seu general. Dizei ao príncipe, senhor, por fineza, que o visconde irá ter com ele.

O oficial partiu a galope.

— Separar-nos aqui, ou separar-nos lá em baixo — acrescentou — é o mesmo.

Limpou cuidadosamente o uniforme do filho e passou-lhe a mão pelos cabelos enquanto caminhava.

— Escuta, Raul — disse ele — precisas de dinheiro; o Sr. de Beaufort não perde tempo, e gostarás de comprar cavalos e armas por lá, onde são coisas preciosas. Ora, como não servirás o rei nem o Sr. de Beaufort e dependerás apenas do teu livre arbítrio, não poderás contar com o soldo nem com liberalidades. E como quero que nada te falte em Djidgelli, eis aqui duzentas pistolas.

Gasta-as, Raul, se desejas agradar-me.

Raul apertou a mão do pai e, ao virarem uma esquina, viram o Sr. de Beaufort num magnífico ginete branco, que respondia com airosos saracotes aos aplausos das mulheres da cidade.

O duque chamou Raul e estendeu a mão ao conde. Falou-lhe durante tanto tempo e com expressões tão doces, que o coração do pobre pai se sentiu mais reconfortado.

Pai e filho, porém, tinham a impressão de que a sua marcha os levava ao suplício. Houve um momento terrível, em que, ao deixarem a praia, soldados e marinheiros trocaram com as famílias e amigos os últimos beijos: momento supremo, no qual, a despeito da pureza do céu, do calor do sol, dos perfumes do ar e da doce vida que circula nas veias, tudo parece negro, tudo parece amargo, tudo leva a duvidar de Deus, embora fale pela própria boca de Deus.

Habitualmente, o almirante embarcava por último com sua comitiva; esperava o canhão, para lançar a voz formidável, que o chefe tivesse posto o pé no tombadilho do navio.

Esquecido do príncipe, e da frota, e da própria dignidade de homem forte, Athos abriu os braços para o filho e conchegou-o convulsivamente de si.

— Acompanhai-nos a bordo — convidou Sua Alteza, comovido; — ainda ganhareis meia hora.

— Não — replicou Athos — não, o meu adeus está dito. Não quero repeti-lo.

— Então, visconde, embarcai, embarcai depressa! — ajuntou o príncipe, desejoso de poupar lágrimas àqueles dois homens cujo coração ameaçava transbordar.

E, paternalmente, ternamente, forte como o teria sido Porthos, ergueu Raul nos braços e depô-lo na chalupa, cujos remos principiaram imediatamente a mover-se, a um sinal seu.

Ele mesmo, esquecendo a etiqueta, saltou na canoa e empurrou-a, com um pé vigoroso, para o mar.

— Adeus! — gritou Raul.

Athos respondeu apenas por um sinal; mas sentiu qualquer coisa queimar-lhe a mão: era o beijo respeitoso de Grimaud, o último adeus do cão fiel.

Dado esse beijo, atirou-se Grimaud do molhe à proa de uma iole de dois remos, que partiu a reboque de um lanchão.

Sentou-se Athos sobre o molhe, desvairado, surdo, só.

Cada segundo lhe roubava um traço, um matiz da tez pálida do filho. Braços pendentes, olhar fixo, lábios entreabertos, quedou confundido com Raul no mesmo olhar, no mesmo pensamento, no mesmo estupor.

O mar afastou, pouco a pouco, chalupas e rostos até à distância em que os homens se convertem em pontos e os amores em recordações.

Athos viu o filho subir a escada da nau capitânea e inclinar-se à amurada, colocando-se de modo que fosse sempre um ponto de mira para os olhos do pai. Em vão tonitroou o canhão, em vão se despediu dos barcos um longo rumor provocando na terra aclamações imensas, em vão tentou o ruído aturdir os ouvidos do pai, e a fumaça envolver o alvo querido de todas as suas aspirações: Raul apareceu-lhe até o último instante, e o átomo imperceptível, passando do preto ao pálido, do pálido ao branco, e do branco ao nada, sumiu para Athos, muito tempo depois que, para os olhos dos outros assistentes, haviam já sumido as poderosas naus de velas pandas.

Cerca do meio-dia, quando o sol já devorava o espaço e a extremidade dos mastros mal se destacava da linha incandescente do mar, viu elevar-se Athos uma sombra doce, aérea, que logo se dissipou: era a fumaça de um tiro de canhão com que o Sr. de Beaufort saudara, pela última vez, as costas de França.

A ponta mergulhou por seu turno debaixo do céu e Athos recolheu penosamente à estalagem.

Capítulo XXXIV - Entre mulheres

D'ARTAGNAN não pudera esconder-se dos amigos quanto o desejara. Vencido pelo temor e pelos pressentimentos, o soldado estóico, o impassível cabo de guerra concedera alguns minutos à fraqueza humana.

Dessarte, quando logrou serenar o coração e dominar o frêmito que lhe agitava os músculos, voltando-se para o lacaio, silencioso servidor sempre à escuta para obedecer mais depressa:

— Rabaud — disse ele — saberás que devo percorrer trinta léguas por dia.

— Muito bem, meu capitão — respondeu Rabaud.

E, a partir desse momento, ajustando-se à marcha do cavalo, como verdadeiro centauro, d'Artagnan não se ocupou de mais nada, o que vale dizer que se ocupou de tudo.

Perguntou a si mesmo por que tornara a chamá-lo el-rei? Por que o Máscara de Ferro atirara um prato de prata aos pés de Raul?

Quanto à primeira pergunta, a resposta foi negativa; sabia perfeitamente que, se o chamara, o rei precisava dele; sabia também que Luís XIV devia sentir a imperiosa necessidade de uma entrevista com o homem que um segredo tão grande colocava em pé de igualdade com as mais altas potências do reino. Mas, quanto a particularizar o desejo do rei, sentia-se incapaz de fazê-lo.

Também não duvidava da razão que levara o infortunado Filipe a revelar a sua condição e a sua origem. Sepultado para sempre sob a máscara de ferro, exilado num sítio onde os homens pareciam servir os elementos, privado até da sociedade de d'Artagnan, que o cumulara de honrarias e delicadezas, Filipe só teria diante de si, a partir daquele momento, espectros e sofrimentos, e, começando a sentir o dente do desespero, desabafava-se em queixas, na crença de que as revelações lhe suscitariam um vingador.

O modo por que o mosqueteiro quase matara os dois amigos, o destino que levara tão estranhamente Athos a compartir do segredo de Estado, o adeus de Raul, a obscuridade daquele futuro votado a uma triste morte; tudo isso reconduzia incessantemente d'Artagnan a previsões lamentáveis, que a rapidez da carreira já não dissipava como outrora.

Passava dessas considerações à lembrança de Porthos e Aramis proscritos. Via-os fugitivos, acuados, arruinados, laboriosos arquitetos de uma fortuna que teriam de perder; e como o rei chamara o seu homem de ação num momento de vingança e rancor, tremia d'Artagnan de receber alguma incumbência que lhe partisse o coração.

A reveses, subindo uma encosta, quando o cavalo ofegante dilatava as narinas e desenvolvia os flancos, o capitão, podendo meditar com maior liberdade, pensava no gênio prodigioso de Aramis, gênio de astúcia e de intriga, como outros dois que haviam produzido a Fronda e a guerra civil.

Soldado, padre e diplomata; galante, ávido e astuto, Aramis nunca aceitara as coisas boas da vida senão como degraus de onde se elevasse às más. Espirito generoso, coração de escol, nunca praticara o mal senão para brilhar um pouco mais.

Ao termo de sua carreira, no momento de atingir o alvo, fizera como o prático Fiesque, dera um passo em falso numa tábua e caíra ao mar.

Mas Porthos, o bom e ingênuo Porthos! Ver Porthos esfaimado, ver Mousqueton sem douraduras, preso talvez; ver Pierrefonds, Bracieux, com suas pedras arrasadas, suas matas desonradas, eram outras tantas dores pungentes para d'Artagnan, e cada vez que uma delas o feria, saltava como o cavalo mordido pelo moscardo sob as abóbadas de folhagem.

Nenhum homem de espírito se entedia quando tem o corpo vencido pela fadiga; nenhum homem são de corpo acha a vida pesada quando alguma coisa lhe cativa o espírito. Sempre correndo, sempre pensando, d'Artagnan apeou em Paris, revigorado, como o atleta preparado para o ginásio.

Como não o esperasse tão cedo, acabara el-rei de partir para a caça nos arredores de Meudon. Em vez de correr atrás do rei, como o teria feito em outro tempo, d'Artagnan descalçou as botas, meteu-se no banho e esperou que Sua Majestade voltasse, poento e lasso. Ocupou as cinco horas de intervalo a tomar, como se diz, os ares da casa e a encouraçar-se contra todos os azares.

Soube que o rei, havia quinze dias, andava sorumbático; que a rainha-mãe estava doente e muito acabada; que Monsieur, irmão do rei, fizera-se piedoso; que Madame tinha flatos e o Sr. de Guiché partira para uma de suas propriedades.

Soube que o Sr. Colbert não cabia em si de contente, que o Sr. Fouquet consultava todos os dias um médico novo, que o não curava, e que a sua doença principal não pertencia ao gênero das que curam os médicos, senão os médicos políticos.

O rei, disseram a d'Artagnan, mostrava ao Sr. Fouquet a melhor sombra do mundo, e nunca o deixava; mas, ferido no cerne como as belas árvores picadas por um verme, o superintendente definhava apesar do sorriso real, sol das árvores cortesãs.

Soube d'Artagnan que a Srta. de La Vallière se tornara indispensável ao rei; que o príncipe, em suas caçadas, quando a não levava consigo, escrevia-lhe diversas vezes, não em verso, mas, o que era muito pior, em prosa, e prosa interminável.

Por isso se via o *primeiro rei do mundo,* como dizia a plêiade poética de então, descer do cavalo *com um ardor sem igual,* e, na copa do chapéu, desenhar umas frases que de Saint-Aignan, ajudante de campo perpétuo, levava a La Vallière, com o risco de matar os seus cavalos.

Durante esse tempo, os gamos e faisões se divertiam, caçados com tanta moleza, que, dizia-se, a arte de caçar corria sério risco de degenerar na corte de França.

D'Artagnan pensou então nas recomendações do pobre Raul, na carta desesperada escrita a uma mulher que passava a existência esperando e, como gostasse de filosofar, decidiu aproveitar a ausência do rei para conversar um pouquinho com a Srta. de La Vallière.

Não era difícil: durante as caçadas reais, Luísa passeava com algumas damas numa galeria do Palais-Royal, onde, por coincidência, precisava o capitão de mosqueteiros realizar uma inspeção.

Não duvidava que, se pudesse conversar sobre Raul, Luísa lhe forneceria assunto para uma boa carta ao pobre exilado; ora, uma esperança ou pelo menos um consolo, no estado de espírito que lhe vimos, representava para Raul o sol, era a vida de dois homens muito queridos do nosso capitão.

Endereçou-se, portanto, ao sítio em que tinha certeza de encontrar a Srta. de La Vallière.

Encontrou-a rodeada de muita gente. Em sua aparente solidão, recebia a favorita do rei, como rainha, mais talvez do que a própria rainha, as homenagens de que Madame tanto se orgulhara quando todos os olhares do rei eram seus e faziam convergir para ela os olhares de todos os cortesãos.

Se bem não fosse um peralvilho, d'Artagnan só recebia atenções e gentilezas das damas; polido como um bravo, a sua terrível reputação lhe conciliara assim a amizade dos homens como a admiração das mulheres.

Dessarte, ao vê-lo entrar, as damas de honor lhe dirigiam a palavra. Começaram a interrogá-lo.

Onde estivera? Que fora feito dele? Por que não o tinham visto executar, com o seu formoso cavalo, todas aquelas formosas piruetas que maravilhavam os curiosos no balcão do rei?

Respondeu ele que acabava de chegar do país das laranjas.

As senhoritas desataram a rir. Era o tempo em que toda a gente viajava, e em que, portanto, uma viagem de cem léguas constituía um problema freqüentemente resolvido pela morte.

— Do país das laranjas? — exclamou a Srta. de Tonnay-Charente; — da Espanha?
— Eh! eh! — tornou o mosqueteiro.
— De Malta? — acudiu Montalais.
— Está esquentando, senhorita.
— De alguma ilha? — sobreveio La Vallière.
— Senhorita — replicou d'Artagnan — não quero obrigar-vos a procurar; vim do sítio em que o Sr. de Beaufort está-se embarcando, neste momento, com destino à Argélia.
— Vistes o exército? — perguntaram diversas belicosas.
— Como vos estou vendo — retrucou d'Artagnan.
— E a frota?
— Vi tudo.
Temos amigas por lá? — inquiriu a Srta. de Tonnay-Charente. friamente, mas de maneira que chamou a atenção para aquela palavra, de calculado alcance.
— Temos — tornou d'Artagnan — o Sr. de La Guillotière, o Sr. de Mouchy, o Sr. de Bragelonne...
La Vallière empalideceu.
— O Sr. de Bragelonne? — bradou a pérfida Athenais. — Como! Ele partiu para a guerra?... Ele?
Montalais pisava-lhe nos pés, mas em vão.
— Sabeis o que estou pensando? — continuou, sem misericórdia, dirigindo-se a d'Artagnan.
— Não, senhorita, mas gostaria muito de saber.
— Estou pensando que todos os homens que partem para essa guerra são desesperados que o amor maltratou e se vão em busca de negras menos cruéis do que as brancas.
Algumas damas puseram-se a rir; La Vallière começava a perturbar-se; Montalais tossia tanto que seria capaz de acordar um morto.
— Senhorita — volveu d'Artagnan — não tendes razão ao falar das negras de Djidgelli; as mulheres, lá, não são pretas; é verdade que também não são brancas: são amarelas.
— Amarelas!
— E não as critiqueis; nunca vi côr mais bonita para combinar-se com dois olhos escuros e uma boca de coral.
— Tanto melhor para o Sr. de Bragelonne! — insistiu a Srta. de Tonnay-Charente — ele poderá desforrar-se, o pobre.
A essas palavras seguiu-se profundo silêncio.
D'Artagnan teve tempo para refletir que as mulheres, pombas dulcíssimas, tratam-se entre elas com mais crueldade que tigres e ursos.
Mas não bastava a Athenais ter feito empalidecer La Vallière: quis fazê-la corar.
Reatando a conversação, sem mais aquela:
— Sabeis, Luísa — perguntou — que tendes agora um pecado enorme na consciência?
— Que pecado, senhorita? — balbuciou a infeliz, buscando, à sua volta, um apoio que não encontrou.
— Homessa! — prosseguiu Athenais — o rapaz era vosso noivo. Estava apaixonado. Repeliste-o.
— É um direito que assiste a toda mulher direita — acudiu Montalais com ar precioso. — Quando sabe que não pode fazer a felicidade de um homem, deve repeli-lo.
Luísa não compreendeu se devia uma censura ou um agradecimento à sua defensora.
— Repelir! repelir! está muito bom — disse Athenais — mas não é esse o pecado que teria de purgar a Srta. de La Vallière. O verdadeiro pecado foi mandar o pobre Bragelonne para a guerra; para a guerra, onde a morte é quase certa.

Luísa passou a mão pela fronte gelada.
— E se ele morrer — continuou a implacável — vós o tereis matado: esse é o pecado.
Semimorta, cambaleante, Luísa amparou-se ao braço do capitão dos mosqueteiros, cujo rosto traía uma comoção inusitada.
— Queríeis falar comigo, Sr. d'Artagnan — disse ela com voz alterada pela cólera e pela dor. — Que me queríeis dizer?
D'Artagnan deu vários passos pela galeria, segurando Luísa pelo braço; logo, quando se viram bem longe das outras:
— O que eu queria dizer-vos, senhorita — replicou ele — a Srta. de Tonnay-Charente acaba de expressá-lo, brutal mas integralmente.
Ela deu um grito, e, torturada por mais esse golpe, saiu correndo como os pobres pássaros mortalmente atingidos, que buscam a sombra da balsa para morrer.
Desapareceu por uma porta no momento em que el-rei entrava por outra.
O primeiro olhar do príncipe foi dirigido à cadeira vazia da amante; não vendo La Vallière, carregou o cenho; mas viu imediatamente d'Artagnan, que o saudava.
— Ah! senhor — disse ele — viestes depressa; estou satisfeito convosco.
Era a expressão superlativa da satisfação real.
Muitos homens precisavam deixar matar-se para ouvir essa frase do rei.
As damas de honor e os cortesãos, que tinham formado um círculo respeitoso em torno do monarca à sua entrada, afastaram-se ao ver que ele procurava insular-se com o capitão de mosqueteiros.
Saiu el-rei na frente e levou d'Artagnan para fora da sala, depois de haver mais uma vez procurado com os olhos La Vallière, cuja ausência não compreendia.
Longe do alcance de ouvidos curiosos:
— Então, Sr. D’Artagnan — perguntou ele — e o prisioneiro? — Em sua prisão, Sire.
— Que disse ele durante o trajeto?
— Nada, Sire.
— Que fez ele?
— Houve um momento em que o pescador, a bordo de cujo barco eu me dirigia a Santa Margarida, se revoltou, e quis matar-me. Em vez de fugir, o... o prisioneiro defendeu-me.
O rei empalideceu.
— Basta — exclamou. Inclinou-se d’Artagnan.
Luís entrou a passear de um lado para outro no gabinete.
— Estáveis em Antibes — inquiriu — quando o Sr. de Beaufort lá chegou?
— Não, Sire, eu já estava de volta quando chegou o duque.
— Ah!
Novo silêncio.
— Que vistes por lá?
— Muita gente — replicou d’Artagnan com frieza. Percebeu o soberano que d’Artagnan não queria falar.
— Ordenei que regressásseis, senhor capitão, para mandar-vos preparar os meus alojamentos em Nantes.
— Em Nantes? — bradou d’Artagnan.
— Na Bretanha.
— Sei que é na Bretanha, Sire. Vossa Majestade vai fazer essa viagem tão comprida?
— Lá se reúnem os Estados — redarguiu o rei. — Preciso pedir-lhes duas coisas; quero estar

presente.
— Quando partirei? — perguntou o capitão.
— Esta noite... amanhã... amanhã de noite, pois necessitais de repouso.
— Estou repousado, Sire.
— Ótimo... Então, entre esta noite e amanhã, quando quiserdes.
D'Artagnan cumprimentou, como se fosse despedir-se; mas, vendo o rei constrangido:
— Vossa Majestade — perguntou, dando dois passos para a frente — vai levar a corte?
— Naturalmente.
— Nesse caso, precisará dos mosqueteiros?
E o olhar penetrante do capitão fez abaixar-se o olhar do rei.
— Levai uma brigada — replicou Luís.
— Só isso?... Vossa Majestade não tem outras ordens para dar-me?
— Não... Ah!... Sim, tenho.
— Muito bem.
— No castelo de Nantes, que é muito mal dividido, segundo dizem, colocareis mosqueteiros à porta de cada um dos principais dignitários que me acompanharem.
— Dos principais?
— Sim.
— Como, por exemplo, do Sr. de Lyonne?
— Sim.
— Do Sr. Letellier?
— Sim.
— Do Sr. de Brienne?
— Sim.
— E do senhor superintendente?
— Sem dúvida.
— Perfeitamente, Sire. Partirei amanhã.
— Oh! mais uma palavrinha, Sr. D'Artagnan. Encontrareis em Nantes o Sr. Duque de Gesvres, capitão dos guardas. Colocai os mosqueteiros antes que cheguem os guardas. O lugar pertence a quem chegar primeiro.
— Sim, Sire.
— E se o Sr. de Gesvres vos interpelar?
— Ora, Sire! Acaso me interpelará o Sr. de Gesvres? E, bruscamente, deu meia volta e saiu.
— Em Nantes! — cuidou entre si, descendo os degraus. — Por que não disse logo em Belle-Isle?
No momento em que chegava à porta principal, um auxiliar do Sr. de Brienne lhe correu ao encontro.
— Sr. D'Artagnan! — disse ele — perdão...
— Que foi, Sr. Aristeu?
— Um vale que o rei me encarregou de entregar-vos.
— Contra a vossa caixa? — perguntou o mosqueteiro.
— Não, senhor, contra a caixa do Sr. Fouquet.
Surpreendido, d'Artagnan examinou o vale, de duzentas pistolas, do próprio punho do rei.
— Como! — pensou, depois de haver agradecido ao funcionário do Sr. de Brienne — é o Sr. Fouquet quem vai pagar-me essa viagem! Com seiscentos diabos! isso é Luís XI puro. Por que não me fizeram o vale contra a caixa do Sr. Colbert? Ele mo pagaria com tanta satisfação!

E, fiel ao seu princípio de nunca deixar esfriar um vale pagável à vista, encaminhou-se para a casa do Sr. Fouquet, a fim de receber as duzentas pistolas.

Capítulo XXXV - A ceia

O SUPERINTENDENTE, sem dúvida, soubera da próxima partida para Nantes, pois oferecia aos amigos um jantar de despedida.

De alto a baixo da casa, o açodamento dos lacaios que carregavam pratos e a atividade dos registros eram indícios de próxima subversão da caixa e da cozinha.

Com o vale na mão, apresentou-se d'Artagnan no escritório, onde lhe responderam que era tarde demais para receber, pois a caixa estava fechada.

O mosqueteiro replicou apenas com esta frase:

— Serviço do rei.

Um tanto atrapalhado, tão grave era a fisionomia do capitão, retrucou o amanuense que a razão era respeitável, mas os hábitos da casa também; e, em conseqüência disso, rogava ao portador que voltasse no dia seguinte.

D'Artagnan pediu para falar com o Sr. Fouquet.

O amanuense respondeu que o senhor superintendente não se metia nesses pormenores, e, inopinadamente fechou a porta no nariz de d'Artagnan.

Mas este previra o golpe e enfiou a bota entre a porta e o alisar, de sorte que o outro não pôde fechá-la e viu-se ainda uma vez frente a frente com o interlocutor. Por isso mesmo mudou de assunto para dizer a d'Artagnan, com assustada polidez:

— Se quiserdes falar com o senhor superintendente, ide às antecâmaras; aqui são os escritórios, onde monsenhor nunca aparece.

— Ainda bem! Por que não o dissestes antes? — redarguiu d'Artagnan.

— Do outro lado do pátio — explicou o amanuense, encantado por encerrar o incidente.

D'Artagnan atravessou o pátio e caiu entre os lacaios.

— Monsenhor não recebe a esta hora — respondeu-lhe um biltre que levava, num prato de prata dourada, três faisões e doze codornizes.

— Dizei-lhe — tornou o capitão, segurando o lacaio pela ponta do prato — que sou o Sr. d'Artagnan, tenente-capitão dos mosqueteiros de Sua Majestade.

O lacaio desferiu um grito de surpresa e sumiu.

Seguiu-o d'Artagnan a passos lentos. Chegou precisamente a tempo de encontrar na antecâmara o Sr. Pellisson, que, depois de ter sido avisado, deixava, meio pálido, a sala de jantar.

D’Artagnan sorriu.

— Não é nada de mais, Sr. Pellisson, apenas um valezinho para receber.

— Ah! — exclamou, respirando, o amigo do Sr. Fouquet.

E, tomando o capitão pela mão, arrastou-o após si e fê-lo entrar na sala, onde grande número de amigos íntimos cercava o superintendente, mergulhado numa poltrona.

Lá se encontravam reunidos todos os epicúrios, que, em Vaux, antigamente, faziam as honras da casa, do espírito e do dinheiro do Sr. Fouquet.

Amigos alegres, quase todos afetuosos, não tinham desertado o protetor à aproximação da tempestade, e, a despeito das ameaças do céu, apesar dos tremores da terra, lá se achavam, sorridentes, atenciosos, dedicados no infortúnio como na prosperidade.

À esquerda do superintendente, a Sra. de Bellière; à direita, a Sra. Fouquet: como se, desafiando as leis da sociedade e silenciando os argumentos das conveniências vulgares, os dois anjos

protetores daquele homem se reunissem para dar-lhe, no momento da crise, o apoio de seus braços entrelaçados.

Pálida e trêmula, a Sra. de Bellière desfazia-se em respeitosas atenções para com a senhora superintendenta, que, apoiando a mão na mão do marido, considerava ansiosamente a porta pela qual entraria d'Artagnan.

O capitão aproximou-se, cortês a princípio, depois admirado, quando, com o olhar infalível, adivinhou e abrangeu a expressão de todas as fisionomias.

E Fouquet, soerguendo-se na poltrona:

— Perdoai-me, Sr. D'Artagnan, se não fui receber-vos como enviado do rei.

E acentuou as últimas palavras com uma espécie de triste firmeza que penetrou de medo o coração dos seus amigos.

— Monsenhor — replicou d'Artagnan — não vim aqui como enviado do rei, mas tão-somente para solicitar o pagamento de um vale de duzentas pistolas.

Todas as frontes se desenrugaram; só a de Fouquet permaneceu carregada.

— Ah! — disse ele — partis também para Nantes?

— Não sei para onde parto, monsenhor.

— Mas — acudiu a Sra. Fouquet tranqüilizada — não partireis tão depressa, senhor capitão, que não possais dar-nos a honra de vossa companhia.

— Senhora, seria uma grandíssima honra para mim; todavia, tenho ainda tanto que fazer que me atrevi, como vedes, a interromper a vossa refeição para cobrar o meu vale.

— O qual será pago em ouro — disse Fouquet fazendo um sinal ao intendente, que partiu incontinente com o vale de d'Artagnan.

— Oh! — tornou este último — o pagamento não me preocupava: a casa é boa.

Doloroso sorriso desenhou-se nos traços emaciados de Fouquet.

— Estais sofrendo? — perguntou a Sra. de Bellière.

— O vosso acesso? — perguntou a Sra. Fouquet.

— Nada, obrigado! — replicou o superintendente.

— O vosso acesso? — perguntou por seu turno d'Artagnan. — Estais doente, monsenhor?

— Uma febre terçã que me atacou após a festa de Vaux.

— O sereno apanhado nas grutas, à noite?

— Não, não; uma comoção, apenas.

— A exagerada solicitude com que recebestes el-rei — disse tranqüilamente La Fontaine, sem suspeitar que proferia um sacrilégio.

— Nunca é exagerada a solicitude com que recebemos o rei — obstou suavemente Fouquet ao seu poeta.

— Ele quis dizer o demasiado ardor — interrompeu d'Artagnan com franqueza perfeita e muita amenidade. — O fato, monsenhor, é que nunca vi praticada a hospitalidade como em Vaux.

O rosto da Sra. Fouquet exprimiu claramente que, se Fouquet se conduzira bem em relação ao rei, este não pagara com a mesma moeda ao ministro.

Mas d'Artagnan sabia o terrível segredo. Só ele e Fouquet o sabiam; e os dois homens não tinham, o primeiro a coragem de lastimar, o segundo o direito de acusar o outro.

Depois de embolsar as duzentas pistolas, que lhe trouxeram, ia despedir-se o capitão, quando Fouquet, levantando-se, pegou num copo e mandou que dessem outro a d'Artagnan.

— Senhor — disse ele — à saúde do rei, *aconteça o que acontecer!*

— E à vossa saúde, monsenhor, *acontece o que acontecer!* — respondeu, bebendo, d'Artagnan.

Com essas palavras de mau presságio, cumprimentou os circunstantes, que se ergueram assim que ele os saudou, e ouviu-se-lhe o tilintar das esporas e o ranger das botas até nas profundezas da escada.

— Cuidei que ele me quisesse a mim e não ao meu dinheiro — murmurou Fouquet, tentando rir.

— A vós! — exclamaram os amigos — e por que, meu Deus?

— Oh! — tornou o superintendente — não nos iludamos, meus caros irmãos em Epicuro; não quero estabelecer comparação entre o mais humilde pecador da terra e o Deus que todos adoramos, mas ele ofereceu um dia aos amigos um repasto a que chamam a Ceia, e era um jantar de despedida como este.

Um grito de dolorosa contestação partiu de todos os cantos da mesa.

— Fechai as portas — ordenou Fouquet. Os lacaios desapareceram.

— Meus amigos — continuou o ministro abaixando a voz — que era eu outrora? Que sou hoje? Consultai-vos e respondei-me. Um homem como eu cai por isso mesmo que não torna a erguer-se; que se dirá quando cai realmente? Já não tenho dinheiro, já não tenho crédito, só tenho inimigos poderosos e amigos sem poder.

— Depressa! — bradou Pellisson levantando-se — já que vos explicais com tanta franqueza, devemos ser francos também. Sim, estais perdido; estais correndo para a vossa ruína, detendo-vos! A propósito, quanto dinheiro nos resta?

— Setecentas mil libras — disse o intendente.

— Pão — murmurou a Sra. Fouquet.

— Cavalos — tornou Pellisson — cavalos; fugi.

— Para onde?

— Para a Suíça, para a Savóia, mas fugi.

— Se monsenhor fugir — acudiu a Sra. de Bellière — dir-se-á que era culpado e teve medo.

— Dir-se-á que carreguei comigo vinte milhões.

— Escreveremos memórias para justificar-vos — prometeu La Fontaine; — fugi.

— Ficarei — declarou Fouquet; — de mais a mais, tudo me favorece.

— Tendes Belle-Isle! — gritou o Abade Fouquet.

— E vou naturalmente para lá, indo a Nantes — respondeu o superintendente; — paciência, portanto, paciência!

— Antes de Nantes, quanta coisa pode acontecer! — observou a esposa.

— Sim — volveu Fouquet; — mas que fazer? El-rei me chama à reunião dos Estados. Sei perfeitamente que o faz para perder-me; mas, recusar-me a partir é demonstrar inquietação.

— Pois bem, encontrei o meio de conciliar tudo — bradou Pellisson. — Partireis para Nantes.

Surpreso, encarou com ele o superintendente.

— Mas rodeado de amigos, em vosso carro até Orléans e em vossa gabarra até Nantes; pronto para defender-vos se fordes atacado, para escapar se fordes ameaçado; numa palavra, levareis o dinheiro para o que der e vier, e, fugindo, não fareis senão obedecer ao rei; depois, entrando mar adentro quando quiserdes, embarcareis para Belle-Isle, e, de Belle-Isle ireis aonde entenderdes, semelhante à águia que sai e libra-se ao espaço depois de expulsa do ninho.

Um assentimento unânime coroou as palavras de Pellisson.

— Sim, isso mesmo — disse a Sra. Fouquet ao marido.

— Isso mesmo — repetiu a Sra. de Bellière.

— Isso! isso! — rebradaram os amigos.

— É o que farei — declarou Fouquet.

— Hoje mesmo.
— Daqui a uma hora.
— Já?
— Com setecentas mil libras recomeçareis outra fortuna — acudiu o Abade Fouquet. — Quem vos impedirá de armar corsários em Belle-Isle?
— E, se for preciso, descobriremos um novo mundo — ajuntou La Fontaine, embriagado de projetos e de entusiasmo.
Uma pancada à porta interrompeu o renascer da alegria e da esperança.
— Um correio do rei! — gritou o mestre de cerimônias. Fez-se profundo silêncio, como se a mensagem do correio fosse a resposta a todos os projetos engendrados um minuto antes.
Cada qual ficou à espera do que faria o amo, cuja fronte se inundara de suor, e que lutava, de fato, naquele momento, contra um acesso de febre.
Fouquet dirigiu-se ao gabinete para receber a mensagem de Sua Majestade.
Tamanho era o silêncio, como dissemos, nas salas e suas dependências, que se ouviu a voz do ministro, respondendo:
— Está bem, senhor.
A voz, entretanto, soara-lhe alquebrada pela fadiga e alterada pela comoção.
Um instante depois, Fouquet chamou Gourville, que atravessou a galeria no meio da expectativa geral.
Afinal, tornou o superintendente à presença dos convivas; já não trazia, porém, o mesmo rosto, pálido e desfigurado, que lhe tinham visto ao sair; de pálido se tornara lívido, e de desfigurado, descomposto.
Espectro vivo, adiantava-se com os braços estendidos, a boca seca, como a sombra que vem saudar os amigos de outro tempo.
A essa vista, cada qual se levantou, gritou e correu para Fouquet.
Este, com os olhos fitos em Pellisson, arrimou-se ao braço da superintendenta e apertou a mão gelada da Marquesa de Bellière.
— E então? — perguntou com voz que pouco tinha de humana.
— Que aconteceu, santo Deus? — perguntaram-lhe. Fouquet abriu a mão direita, crispada, úmida; nela se viu um pedaço de papel, sobre o qual se arrojou Pellisson, espavorido. E leu estas linhas, do próprio punho do rei:

> *"Querido e amado Sr. Fouquet, entregai-nos, do nosso que ainda guardais, setecentas mil libras de que precisamos hoje para a viagem.*
> *"E como sabemos que a vossa saúde não anda boa, rogamos a Deus que vos restabeleça e tenha em sua santa e digna guarda.*
> *"Luís."*
> *"Esta carta vale como recibo."*

Um murmúrio de pavor circulou pela sala.
— E então — bradou Pellisson por sua vez — tendes a carta?
— Tenho o recibo, sim.
— Que fareis?
— Nada, visto que tenho o recibo.
— Mas...

— Se o recibo está comigo, Pellisson, é que paguei — declarou o superintendente com uma singeleza que apertou o coração dos circunstantes.

— Pagastes? — exclamou a Sra. Fouquet, desesperada. — Então, estamos perdidos!

— Vamos, vamos, nada de palavras inúteis — sobreveio Pellisson. — Depois do dinheiro, a vida! Monsenhor, a cavalo, a cavalo!

— Deixar-nos! — soluçaram ao mesmo tempo as duas mulheres, transidas de dor.

— Oh! monsenhor, salvando-vos, salvais-nos a todos. A cavalo!

— Mas ele nem pode consigo! Vede.

— Oh! se hesitarmos... — acudiu o intrépido Pellisson.

— Tem razão — murmurou Fouquet.

— Monsenhor! Monsenhor! — gritou Gourville subindo a escada de quatro em quatro degraus; — monsenhor!

— Que foi?

— Eu estava escoltando, como sabeis, o correio do rei com o dinheiro.

— Sei.

— Pois bem, chegado ao Palais-Royal, vi...

— Respira um pouco, meu pobre amigo, estás sufocando.

— Que vistes? — gritaram os amigos impacientes.

— Vi os mosqueteiros montando a cavalo — respondeu Gourville.

— Aí está! — gritaram todos. — Aí está! Não se pode perder um segundo.

A Sra. Fouquet precipitou-se pelas escadas gritando que lhe atrelassem os cavalos.

A Sra. de Bellière atirou-se-lhe no encalço, segurou-a e disse:

— Senhora, pela salvação dele, não demonstreis nada, não manifesteis receio algum.

Pellisson correu para mandar aparelhar os carros.

E, durante esse tempo, Gourville recolheu no chapéu o que os amigos lacrimosos e atarantados puderam atirar-lhe em ouro e dinheiro, última oferenda, piedosa esmola dada à desgraça pela pobreza.

Arrastado por uns, carregado por outros, o superintendente foi transportado e fechado em seu carro. Gourville subiu à boléia e tomou as rédeas; Pellisson encarregou-se da Sra. Fouquet, que desmaiara.

A Sra. de Bellière teve mais energia e foi recompensada: recolheu o último beijo de Fouquet.

Pellisson explicou facilmente a partida precipitada por uma ordem do rei que chamava os ministros a Nantes.

Capítulo XXXVI - No carro do Sr. Colbert

COMO vira Gourville, os mosqueteiros do rei montaram a cavalo e seguiram o capitão.

Este, que não se queria ver peado nos movimentos, deixou a brigada às ordens de um tenente, e partiu sozinho, em cavalos de posta, recomendando aos seus homens a máxima urgência. Por mais que corressem, não poderiam chegar antes dele. Ao passar pela Rua Croix-des-Petits-Champs, teve tempo de ver uma coisa que lhe deu muito que pensar. Viu o Sr. Colbert saindo de casa para tomar um carro estacionado à porta.

No carro, vislumbrou toucas femininas e, como era curioso, quis saber o nome das mulheres escondidas pelas toucas.

Para identificá-las, pois elas procuravam ocultar-se, passou com o cavalo tão perto do carro, que a bota lhe bateu na capota e sacudiu tudo, continente e conteúdo.

Assustadas, as damas soltaram, uma um gritinho, pelo qual d'Artagnan reconheceu uma mulher moça, outra uma imprecação, pela qual reconheceu o vigor e o aprumo que só adquirem em meio século de existência.

As toucas se afastaram: uma das mulheres era a Sra. Vanel; a outra, a Duquesa de Chevreuse.

D'Artagnan viu mais depressa do que as damas.

Reconheceu-as sem que o reconhecessem; e, como elas abrissem a rir do próprio susto e apertassem afetuosamente as mãos uma da outra:

— Bom! — disse entre si o mosqueteiro — a velha duquesa já não escolhe tanto como outrora as amizades; corteja a amante do Sr. Colbert! Pobre Sr. Fouquet! Isso não lhe pressagia nada de bom.

E afastou-se. Colbert tomou assento na sege, e o nobre trio iniciou, uma lenta peregrinação no sentido do bosque de Vincennes.

De caminho, a Sra. de Chevreuse deixou a Sra. Vanel em casa do marido, e, ficando só com o intendente, continuou o passeio conversando sobre negócios. Possuía uma provisão inexaurível de assuntos a querida duquesa, e, como falava sempre em detrimento de alguém, e sempre em benefício próprio, a sua conversação divertia o interlocutor e era lucrativa para ela.

Contou a Colbert, que o ignorava, que ele era um grande ministro, e que Fouquet, dentro em pouco, seria reduzido à expressão mais simples.

Prometeu-lhe, para quando fosse superintendente, o apoio da velha nobreza do reino, e perguntou-lhe a opinião sobre a influência que se deveria permitir à La Vallière.

Louvou-o, censurou-o, aturdiu-o. Mostrou-lhe o segredo de tantos segredos, que Colbert receou, por um momento, estar praticando com o diabo.

Provou-lhe que tinha nas mãos o Colbert de hoje, como tivera o Fouquet de ontem.

E como ele lhe perguntasse, ingênuo, a razão do ódio que ela votava ao superintendente:

— Por que o odiais também? — tornou ela.

— Em política, senhora — replicou o ministro — diferenças de sistema podem acarretar discórdias entre os homens. O Sr. Fouquet pareceu-me adotar um sistema oposto aos verdadeiros interesses do rei.

Ela interrompeu-o.

— Não tornarei a falar-vos do Sr. Fouquet. A viagem que o rei está fazendo a Nantes provará que tenho razão. O Sr. Fouquet, para mim, é um homem liquidado. Para vós também.

Colbert não respondeu.

— Ao regressar de Nantes — continuou ela — o rei, que está procurando apenas um pretexto, entenderá que os Estados se conduziram mal, não se sacrificaram bastante. Dirão os Estados que os impostos são pesados demais e que a superintendência os arruinou. O rei inculpará o Sr. Fouquet, e então...

— E então?

— O Sr. Fouquet perderá o valimento. Não vos parece também?

Colbert dirigiu à duquesa um olhar que significava: "Se o Sr. Fouquet perder apenas o valimento, não sereis vós a causa".

— É mister — apressou-se em dizer a Sra. de Chevreuse — que o vosso lugar já esteja designado, Sr. Colbert. Vedes alguém entre el-rei e vós, quando cair o Sr. Fouquet?

— Não compreendo.

— Compreendereis. A que tendem as vossas ambições?

— Não as tenho.

— Era inútil, então, derrubar o superintendente, Sr. Colbert. Ocioso.

— Tenho a honra de dizer-vos, senhora...

— Sim, sim, o interesse do rei, já sei; mas, enfim, falemos do vosso.

— O meu é zelar pelos de Sua Majestade.

— Mas, afinal, quereis ou não quereis perder o Sr. Fouquet?

— Não quero perder ninguém, senhora.

— Então não sei porque pagastes tão caro as cartas do Sr. Mazarino sobre o Sr. Fouquet. E também não entendo porque as colocastes sob os olhos do rei.

Estupefato, Colbert esguardava a duquesa; e, com ar constrangido:

— Senhora — disse ele — entendo ainda menos a vossa censura depois de receberdes o dinheiro.

— É que a gente — tornou a velha duquesa — precisa querer o que quer, a menos que o não possa.

— Exatamente — anuiu Colbert, desmontado pela lógica brutal.

— Não podeis? Hein? Dizei.

— Confesso que não posso destruir, junto do rei, certas influências.

— Favoráveis ao Sr. Fouquet? Quais? Esperai, que vos ajudo.

— Ajudai-me, senhora.

— La Vallière?

— Oh! pouca influência, nenhum conhecimento dos negócios e nenhuma energia. O Sr. Fouquet requestou-a.

— Defendê-lo, seria acusar-se a si mesma, não é verdade?

— Creio que sim.

— Mas há ainda outra influência, não há?

— Considerável.

— A rainha-mãe, talvez? Sua Majestade a rainha-mãe tem pelo Sr. Fouquet uma simpatia muito prejudicial ao filho.

— Não o acrediteis — tornou a velha, sorrindo.

— Oh! — volveu Colbert, incrédulo — já o comprovei diversas vezes!

— Antigamente?

— Ainda há pouco, em Vaux, senhora. Foi ela quem impediu o rei de mandar prender o Sr. Fouquet.

— Nem todos os dias somos da mesma opinião, meu caro. O que a rainha pode ter querido recentemente, talvez já não queira hoje.

— Por quê? — perguntou Colbert, espantado.
— Pouco importa a razão.
— Importa muito, pelo contrário; pois se eu tivesse certeza de não desagradar a Sua Majestade a rainha-mãe, todos os meus escrúpulos desapareceriam.
— Bem... ainda não ouvistes falar em certo segredo?
— Um segredo?
— Chamai-lhe como quiserdes. Em suma, a rainha-mãe abomina hoje todos os que participaram, de uma forma ou de outra, do seu descobrimento, e creio que o Sr. Fouquet é um deles.
— Então — exclamou Colbert — poderíamos ter certeza do assentimento dela?
— Acabo de ouvir-lhe a confirmação dos próprios lábios.
— Muito bem, senhora.
— Há mais: conheceis talvez um homem que foi amigo íntimo do Sr. Fouquet, o Sr. d'Herblay, um bispo, se não me engano?
— Bispo de Vannes.
— Esse Sr. d'Herblay, que também conhecia o segredo, está sofrendo uma perseguição encarniçada por determinação da rainha-mãe.
— Deveras?
— Tão encarniçada que, embora o matassem, ela exigiria que lhe entregassem a cabeça dele para certificar-se de que não tornará a falar.
— É o desejo da rainha-mãe?
— É uma ordem.
— Será procurado o Sr. d'Herblay, senhora?
— Sabemos muito bem onde está. Colbert olhou para a duquesa.
— Onde?
— Em Belle-Isle-en-Mer.
— Em casa do Sr. Fouquet?
— Em casa do Sr. Fouquet.
— Será apanhado!
Sorriu a duquesa por seu turno.
— Não o acrediteis tão facilmente — disse ela — e não o prometais com tanta leviandade.
— Por que não?
— Porque o Sr. d'Herblay não é homem que se prenda quando se quer.
— Um rebelde, então?
— Nós outros, Sr. Colbert, passamos a vida inteira a rebelar-nos e, no entanto em vez de sermos presos, prendemos os outros, como vedes.
Colbert fitou na velha duquesa um desses olhares ferozes, de expressão intraduzível, com uma segurança a que não faltava certa grandeza:
— Já se foi o tempo — disse ele — em que os súditos ganhavam ducados combatendo o rei de França. Se conspirar, o Sr. d'Herblay morrerá no cadafalso. E quanto a isso agradar ou não aos seus inimigos, pouco nos importa.
E esse *nos,* estranho na boca de Colbert, fez refletir a duquesa. Ela surpreendeu-se a confiar intimamente naquele homem. Colbert recolocara-se em vantagem diante da interlocutora.
— Pedis-me, senhora — disse ele — que eu mande prender o Sr. d'Herblay?
— Eu? Eu não vos peço nada.
— Cuidei que mo tivésseis pedido; mas, visto que me enganei, deixemos o barco correr. O rei

ainda não se manifestou sobre o assunto.

A duquesa mordeu as unhas.

— De resto — continuou Colbert — pobre presa seria o bispo! Caça de rei, um bispo! Não, não! Nem me ocuparei do caso.

O ódio da duquesa fez-se visível.

— Caça de mulher — disse ela — e a rainha é mulher. Se ela quer que se prenda o Sr. d'Herblay, terá as suas razões. De resto, o Sr. d'Herblay não é amigo do homem que vai cair no desagrado real?

— Não seja por isso! — tornou Colbert. — Será poupado se não for inimigo do rei. Não estais satisfeita?

— Não digo nada.

— Sim... gostaríeis de vê-lo na prisão, na Bastilha, por exemplo?

— Acredito que um segredo esteja mais bem escondido atrás dos muros da Bastilha que atrás das muralhas de Belle-Isle.

— Falarei nisso ao rei, que esclarecerá o caso.

— Entrementes, o Bispo de Vannes terá fugido. Eu faria o mesmo.

— Fugido! Ele! E para onde fugiria? A Europa é nossa, de vontade, se não de fato.

— Asilos não lhe faltam. Bem se vê que não sabeis com quem estais lidando. Não conheceis o Sr. d'Herblay, não conhecestes Aramis. Era um dos quatro mosqueteiros que, no tempo do finado rei, fizeram tremer o Cardeal de Richelieu e, durante a Regência, atribularam Monsenhor de Mazarino.

— Mas, senhora, que fará ele, a menos que possua um reino?

— Pois ele o possui.

— O Sr. d'Herblay possui um reino?

— Repito, senhor, que, se ele precisar de um reino, haverá de possuí-lo, se já não o possui.

— Diante do vosso empenho em que ele não escape, senhora, garanto que esse rebelde não escapará.

— Belle-Isle foi fortificada, Sr. Colbert, e fortificada por ele.

— Ainda que fosse defendida por ele, Belle-Isle não é inexpugnável, e se o Sr. Bispo de Vannes está acoitado na ilha, far-se-lhe-á o cerco e ele será preso.

— Posso afiançar-vos, senhor, que o vosso desvelo para com os interesses da rainha-mãe tocará profundamente Sua Majestade, e sereis magnificamente recompensado; mas que lhe direi dos vossos projetos sobre esse homem?

— Dizei-lhe que, depois de preso, ele será atirado numa fortaleza, onde morrerá o seu segredo.

— Muito bem, Sr. Colbert, sela-se entre nós, a partir deste instante, uma sólida aliança, e eu me coloco inteiramente ao vosso serviço.

— Sou eu, senhora, quem se coloca às vossas ordens. Esse Cavaleiro d'Herblay é um espião de Espanha, não é?

— Mais do que isso.

— Embaixador secreto?

— Subi.

— Esperai... o Rei Filipe III é devoto... Confessor de Filipe III?

— Mais alto ainda.

— *Apre!* — exclamou Colbert, que se descomediu a ponto de praguejar em presença da grande dama, da velha amiga da rainha-mãe, da Duquesa de Chevreuse, enfim. — Será, porventura, o geral dos jesuítas?

— Creio que adivinhastes — respondeu a duquesa.

— Ah! senhora, esse homem nos perderá a todos se o não perdermos! Temos de agir depressa!

— Era a minha opinião, senhor; mas não me atrevi a formulá-la.

— Por felicidade nossa, ele ergueu a vista para o trono, e não para nós.

— Mas notai bem o seguinte, Sr. Colbert: o Sr. d'Herblay nunca desanima, e, se foi mal sucedido agora, recomeçará mais adiante. Se deixou escapar a ocasião de criar um rei para si, mais cedo ou mais tarde acabará criando outro, cujo primeiro ministro, por certo, não sereis vós.

Colbert franziu o cenho com expressão ameaçadora.

— Confio em que a prisão resolva esse caso de maneira satisfatória para ambos, senhora.

Sorriu-se a duquesa.

— Se soubésseis — disse ela — quantas vezes Aramis fugiu da prisão!

— Oh! — tornou Colbert — faremos que não fuja desta vez.

— Mas não ouvistes o que há pouco vos contei? Esquecestes que Aramis foi um dos quatro invencíveis temidos de Richelieu? E, nessa época, os quatro mosqueteiros ainda não tinham o que têm hoje: dinheiro e experiência.

Colbert mordeu os lábios.

— Renunciaremos à prisão — disse em tom mais baixo. — Encontraremos um retiro de onde o invencível não possa fugir.

— Agora sim, aliado! — respondeu a duquesa. — Mas está ficando tarde; voltamos?

— Com o máximo prazer, senhora, tanto mais que preciso aperceber-me para partir com o rei.

— A Paris! — gritou a duquesa ao cocheiro.

E o carro voltou ao bairro de Santo Antônio, após a conclusão do tratado que entregava à morte o último amigo do Sr. Fouquet, último defensor de Belle-Isle, o velho amigo de Maria Michon, novo inimigo da duquesa.

Capítulo XXXVII - As duas gabarras

D'ARTAGNAN partira; partira também Fouquet, com rapidez redobrada pelo afetuoso interesse dos amigos. Os primeiros momentos da viagem, ou, para melhor dizer, da fuga, foram perturbados pelo incessante temor de todos os cavalos, de todos os carros que se avistavam atrás do fugitivo.

Não era natural, com efeito, que Luís XIV, ambicionando a presa, a deixasse fugir; o jovem leão já conhecia a arte da caça e tinha sabujos tão ardentes que podia confiar-se deles.

Insensivelmente, porém, todos os temores se dissiparam: à força de correr, pôs o superintendente tamanha distância entre si e os perseguidores, que ninguém, razoadamente, lograria alcançá-lo. Quanto ao pretexto, os amigos haviam arranjado um excelente: não viajava ele para encontrar-se com o rei em Nantes, e a sua própria celeridade não era a maior prova do seu zelo?

Chegou cansado, mas tranqüilo, a Orléans, onde achou, graças aos cuidados de um correio que o precedera, uma bela gabarra de oito remos.

Essas gabarras, que semelhavam gôndolas, grandes e pesadas, continham um cômodozinho coberto em forma de convés e uma câmara de popa formada por uma tenda; percorriam o trajeto de Orléans a Nantes pelo Loire, percurso que hoje nos parece longo, mas que era então considerado mais suave e mais cômodo que a estrada real com os seus cavalicoques de posta e os seus péssimos carros. Embarcou Fouquet, portanto, na gabarra, que partiu incontinente.

Sabendo que tinham a honra de transportar o superintendente das finanças, os remeiros trabalhavam com afinco, e a palavra mágica *finanças* prometia-lhes uma pingue remuneração, que desejavam merecer.

Voou a gabarra sobre as ondas do Loire. Um tempo magnífico, um dealbar que purpureava as paisagens, deixavam ao rio a sua límpida serenidade. A corrente e os remadores levaram o ministro como as asas levam o pássaro; e passou por Beaugency sem que nenhum acidente assinalasse a viagem.

O superintendente esperava chegar primeiro que todos a Nantes; lá, veria os notáveis e procuraria obter o apoio dos principais membros dos Estados; far-se-ia necessário aos outros, o que era fácil para um homem com os seus méritos, e retardaria a catástrofe, se não conseguisse evitá-la de todo.

— De mais disso — dizia-lhe Gourville — em Nantes adivinhareis ou adivinharemos as intenções de vossos inimigos; teremos prontos os cavalos para chegar ao inextricável Poitou, um barco para alcançar o mar, e, depois, Belle-Isle será porto inviolável. Aliás, como vedes, ninguém vos espia e ninguém vos segue.

Mal acabara de falar quando viu, de longe, atrás de um cotovelo formado pelo rio, a mastreação de outra gabarra, que também vinha descendo.

Os remeiros do barco de Fouquet soltaram um grito de surpresa.

— Que aconteceu? — perguntou Fouquet.

— Aconteceu, monsenhor — respondeu o patrão — que é uma coisa realmente extraordinária, e aquela gabarra anda como um furacão.

Gourville estremeceu e subiu ao convés para enxergar melhor. Fouquet não o acompanhou; mas disse-lhe com mal disfarçada inquietação:

— Vede o que é, meu caro.

Acabava a gabarra de transpor o cotovelo do rio.

Deslizava tão rápida que, atrás dela, via-se fremir o rasto branco da sua esteira, iluminado pela claridade do dia.

— Como vão depressa! — repetiu o patrão — como vão depressa! A paga deve ser boa. Eu não acreditava — ajuntou — que outros remos de madeira pudessem trabalhar melhor do que os nossos; mas lá em baixo vêm alguns que me provam o contrário.

— Pudera! — bradou um dos remadores; — eles são doze e nós somos oito.

— Doze! — acudiu Gourville — doze remeiros? Impossível! O número de oito remeiros, numa gabarra, nunca fora ultrapassada, nem sequer ao conduzir o rei.

A honra dos oito remos feita ao senhor superintendente devia-se muito mais à pressa que ao respeito.

— Que significa aquilo? — perguntou Gourville procurando distinguir, debaixo da tenda, já visível, os viajantes, que o olhar mais sutil ainda não poderia reconhecer.

— É preciso que estejam com muita pressa! Pois não é o rei — disse o patrão.

Fouquet estremeceu.

— Como sabeis que não é o rei? — perguntou Gourville.

— Primeiro, porque não se enxerga o pavilhão branco, flor-de-lisado da gabarra de Sua Majestade.

— E depois — ajuntou o Sr. Fouquet — porque é impossível que seja o rei, Gourville, visto que ainda ontem ele estava em Paris.

Gourville respondeu ao superintendente por um olhar que significava: "Vós também estáveis".

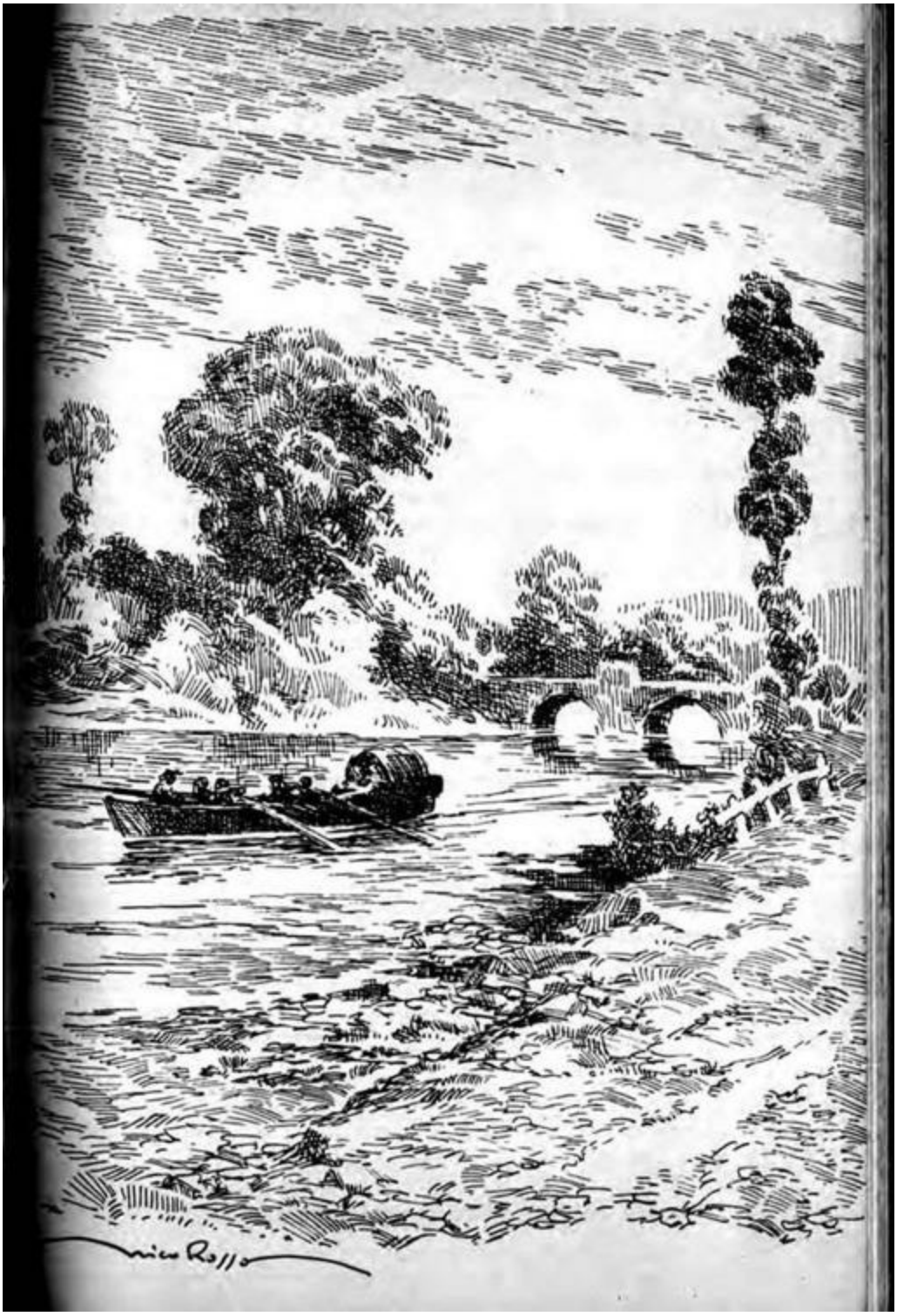
— E por onde se vê que estão com pressa? — acrescentou, para ganhar tempo.

— Porque eles, senhor — retrucou o patrão — devem ter saído muito tempo depois de nós e já nos alcançaram, ou quase.

— Ora! — tornou Gourville — quem vos afiança que não partiram de Beaugency ou mesmo de Niort?

— Não vimos gabarra nenhuma desse tamanho, a não ser em Orléans. Eles vêm de Orléans, senhor, e vêm com pressa.

O Sr. Fouquet e Gourville entreolharam-se. O patrão notou-lhes o desassossego. E Gourville, imediatamente, para despistá-lo:



— Algum amigo — disse ele — que apostou alcançar-nos; ganhemos a aposta e não nos deixemos alcançar.

O patrão ia abrir a boca para responder que era impossível, quando o Sr. Fouquet, com altivez:

— Se é alguém que quer aproximar-se — disse ele — deixá-lo vir.

— Podemos tentar, monsenhor — acudiu timidamente o patrão. — Vamos, cambada! Força! força!

— Não — objetou o Sr. Fouquet — pelo contrário: parai.

— Monsenhor! que loucura! — atalhou Gourville inclinando-se-lhe ao ouvido.

— Parai! — repetiu Fouquet. Os oito remos imobilizaram-se e, resistindo à corrente, imprimiram um movimento retrógrado à barca.

Esta parara.

A princípio, os doze remeiros da outra gabarra não deram pela manobra, pois continuaram a remar

com tanto vigor, que ela chegou ao alcance de um tiro de mosquete. O Sr. Fouquet tinha a vista má; Gourville não podia enxergar direito, por causa do sol que lhe batia nos olhos; só o patrão, com o hábito e a nitidez que proporciona a luta contra os elementos, avistou distintamente os viajantes da gabarra vizinha.

— Estou-os vendo! — exclamou — são dois.

— Pois eu não vejo nada — sobreveio Gourville.

— Não tardareis em distingui-los; com algumas remadas estarão a vinte passos de nós.

Mas o prognóstico do patrão não se realizou; a gabarra imitou o movimento ordenado pelo Sr. Fouquet, e, em vez de juntar-se aos pretensos amigos, parou de repente no meio do rio.

— Não compreendo — disse o patrão.

— Nem eu — disse Gourville.

— Vós, que vedes tão bem os ocupantes da gabarra — tornou o Sr. Fouquet — procurai descrevê-los, antes que nos tenhamos distanciado muito.

— Eu supunha ter visto dois, mas agora só vejo um debaixo da tenda — respondeu o marinheiro.

— Como é ele?

— Moreno, atarracado, pescoço curto.

Uma nuvenzinha passou pelo azul do céu e, nesse momento, ocultou o sol.

Gourville, que continuava a olhar, protegendo a vista com a mão, pôde ver o que estava procurando, e, de improviso, saltando do convés à câmara:

— Colbert! — murmurou, com voz alterada pela emoção.

— Colbert? — repetiu Fouquet. — Que coisa estranha! Não, não é possível!

— Pois se estou dizendo que o reconheço! E ele também me reconheceu, porque entrou na câmara de popa. Talvez o rei o tenha mandado para deter-nos.

— Nesse caso, ele se chegaria em vez de ficar parado. Que está fazendo lá?

— Vigiando-nos, sem dúvida, monsenhor.

— Não gosto de incertezas — bradou Fouquet; — marchemos diretamente ao encontro dele.

— Oh! monsenhor, não! A gabarra está cheia de gente armada.

— E ele seria capaz de prender-me, Gourville?

Então, por que não se aproxima?

— Monsenhor, não quadra à vossa dignidade ir ao encontro da própria ruína.

— Mas hei de permitir que me vigiem como a um malfeitor?

— Nada nos diz que vos estão vigiando; sede paciente.

— Que fazer, então?

— Não vos detendes; corríeis apenas para dar a impressão de atender com zelo às ordens do rei. Redobrai de velocidade. Veremos o que acontece!

— É justo. Vamos! — exclamou Fouquet; — visto que eles não se mexem, continuemos.

O patrão deu o sinal, e os remeiros de Fouquet reiniciaram o exercício com o bom êxito que se poderia esperar de homens repousados.

Tanto que a gabarra se distanciou cem braças, a outra reiniciou igualmente a marcha.

Durou a corrida o dia inteiro, sem que a distância aumentasse ou diminuísse entre as duas equipagens.

Sobretarde, decidiu Fouquet experimentar as intenções do perseguidor. Ordenou aos remeiros que se abeirassem da margem, como se fossem desembarcar.

A gabarra de Colbert imitou a manobra e dirigiu-se obliquamente para a praia.

Pelo maior dos acasos, no sítio em que Fouquet fingira saltar em terra, um cavalariço do castelo de

Langeais acompanhava a margem florida conduzindo três cavalos por uma corda. Os ocupantes da gabarra de doze remeiros imaginaram sem dúvida que Fouquet pretendia alcançar os cavalos, preparados para a sua fuga; pois viram-se quatro ou cinco homens, armados de mosquetes, pular da gabarra e caminhar pela ínsula, como se quisessem impedir que o fugitivo se avizinhasse dos animais.

Satisfeito por haver obrigado o inimigo a uma demonstração, convenceu-se Fouquet e ordenou que o barco recomeçasse a marcha.

Os homens de Colbert tornaram a embarcar-se incontinenti e a corrida entre as duas equipagens recomeçou com nova perseverança.

Vendo-o, sentiu-se Fouquet ameaçado de perto e, com voz profética:

— Que dizia eu, Gourville — perguntou baixinho — em nossa última refeição, em casa? Vou ou não vou ao encontro de minha ruína?

— Oh! monsenhor.

— Esses dois barcos que se seguem com tanta emulação, como se estivéssemos disputando, o Sr. Colbert e eu, um prêmio de velocidade no Loire, não representam perfeitamente as nossas fortunas, e não acreditas, Gourville, que um dos dois naufragará em Nantes?

— Pelo menos — objetou Gourville — ainda há incerteza; apresentar-vos-eis diante dos Estados, mostrareis o homem que sois; a vossa eloqüência e o vosso gênio nos negócios são o escudo e a espada com que podereis defender-vos, se não vencer. Os bretões não vos conhecem e, quando vos conhecerem, a vossa causa estará ganha. Oh! não creia o Sr. Colbert que não precisa de cautela, pois a sua gabarra não está mais segura do que a nossa. As duas vão depressa, aquela mais do que está, é verdade; mas veremos qual chegara primeiro ao naufrágio.

Fouquet, empolgando a mão de Gourville:

— Amigo — disse ele — tudo está julgado; não te esqueças do provérbio: *Os primeiros não na frente.* Ora, Colbert não tenciona passar-me! É um homem prudente.

E tinha razão; vogaram as duas gabarras até Nantes, vigiando-se mutuamente; quando o superintendente chegou, supôs Gourville que ele pudesse procurar imediatamente o seu refúgio e mandar apostar as mudas.

Ao desembarcar, porém, a segunda gabarra juntou-se à primeira, e Colbert, aproximando-se de Fouquet, cumprimentou-o com sinais de profundíssimo respeito.

Sinais tão expressivos, tão ruidosos, que verdadeira multidão acudiu à Fosse.

Fouquet dominava-se perfeitamente; sentia que, em seus últimos momentos de grandeza, tinha obrigações para consigo mesmo.

Queria cair de tão alto, que em sua queda esmagasse algum inimigo.

Colbert lá estava; tanto pior para Colbert.

E o superintendente, aproximando-se dele, respondeu-lhe com o piscar de olhos arrogante que lhe era peculiar:

— Como! sois vós, Sr. Colbert?

— Para render-vos as minhas homenagens, monsenhor — disse o outro.

— Estáveis naquela gabarra?

E mostrou a famosa barca de doze remeiros.

— Estava, sim, monsenhor.

— Com doze remadores? — continuou Fouquet.

— Quanto luxo, Sr. Colbert! Por um instante supus que fosse a rainha-mãe ou o rei.

— Monsenhor... E Colbert corou.

— Eis uma viagem que custará caro aos que a pagam, senhor intendente — atalhou Fouquet. — Mas, enfim, chegastes. Observai, todavia — ajuntou, volvido um momento — que eu, com oito remadores só, cheguei antes de vós.

E voltou-lhe as costas, deixando-o sem saber realmente se as tergiversações da segunda gabarra haviam escapado à observação da primeira.

Pelo menos não lhe dava o prazer de mostrar que tivera medo. Tão deploravelmente sacudido, Colbert não descoroçoou; respondeu:

— Não cheguei antes, monsenhor, porque parei todas as vezes que parastes.

— E por que, Sr. Colbert? — bradou Fouquet irritado por aquela baixa audácia; — por que, se tínheis uma equipagem maior do que a minha, não me alcançastes nem me passastes?

— Por deferência — replicou o intendente, inclinando-se até ao chão.

Fouquet tomou o carro que a cidade lhe mandara, não se sabe como nem porque, e dirigiu-se à Casa da Câmara de Nantes, escoltado por uma multidão, que, havia vários dias, se excitava na expectativa de uma convocação dos Estados.

Assim que ele se instalou, saiu Gourville para mandar preparar os cavalos na estrada de Poitiers e de Vannes e um barco em Paimboeuf.

Executou com tanto mistério, tamanha atividade, e tão grande aia essas diferentes operações, que Fouquet, vítima de novo acesso de febre, nunca se viu tão próximo da salvação, não fora a cooperação desse agitador imenso dos projetos humanos: o acaso.

Espalharam-se pela cidade, nessa noite, rumores de que el-rei viajava com muita pressa em cavalos de posta, e chegaria dentro de dez ou doze horas.

Enquanto esperava o rei, gozava-se o povo de ver os mosqueteiros, capitaneados pelo Sr. d'Artagnan e aboletados no castelo, cujos postos ocupavam como guarda de honra.

Muito polido, o Sr. d'Artagnan apresentou-se cerca das dez horas em casa do superintendente, para apresentar-lhe as suas respeitosas homenagens, e, embora estivesse com febre, padecendo e suando em bicas, o ministro fez questão de receber o capitão, que se mostrou encantado por essa honra, como veremos pela conversa que travaram.

Capítulo XXXVIII - Conselhos de amigo

COMO homem que ama a vida e economiza quanto possível o frágil tecido da existência, cuja irreparável tenuidade tão rapidamente puem os choques e arestas deste mundo, Fouquet se deitara.

Surgiu d'Artagnan na soleira da porta e foi saudado pelo superintendente com um bom-dia afabilíssimo.

— Bom-dia, monsenhor — respondeu o mosqueteiro; — como fostes de viagem?

— Muito bem. Obrigado.

— E da febre?

— Muito mal. Estou bebendo, como vedes. Assim que cheguei, impus a Nantes uma contribuição de tisanas.

— Devíeis dormir primeiro, monsenhor.

— Ora, meu caro Sr. d'Artagnan, eu dormiria com muito gosto...

— E quem vos impede de fazê-lo?

— Homessa! Em primeiro lugar, vós mesmo.

— Eu? Ah! monsenhor!...

— Sem dúvida. Dar-se-á que em Nantes, como em Paris, não vindes em nome do rei?

— Por Deus! Monsenhor — replicou o capitão — deixai o rei sossegado! No dia em que eu vier da parte do rei para o que estais pensando, prometo que não vos farei esperar. Ver-me-eis sacar da espada, segundo determina a lei, e ouvir-me-eis dizer, com a minha voz de cerimônia: "Monsenhor, em nome do rei, estais preso!”

Fouquet estremeceu malgrado seu, tão natural e vigoroso havia sido o tom do gascão espirituoso.

A representação do fato fora quase tão apavorante quanto o fato propriamente dito.

— Prometeis-me essa franqueza? — perguntou o superintendente.

— Palavra de honra! Mas, crede-me, ainda não chegamos a esse ponto.

— Que vos leva a pensar assim, Sr. d'Artagnan?

Eu creio exatamente o contrário.

— Não ouvi falar de coisíssima nenhuma — replicou d'Artagnan.

— Eh! eh! — exclamou Fouquet.

— Não, não, sois um homem agradável, a despeito da febre. O rei não pode, não deve deixar de querer-vos bem intimamente.

Fouquet fez uma careta.

— E o Sr. Colbert? — perguntou. — O Sr. Colbert também me quer bem?

— Não estou falando do Sr. Colbert — volveu d'Artagnan. — É um homem excepcional. Pode ser que ele não goste de vós; mas, com seiscentos diabos! o esquilo pode acautelar-se da cobra; basta querê-lo!

— Falais-me como amigo — replicou Fouquet — e confesso que, em toda a minha vida, nunca topei com um homem tão corajoso e tão bom.

— E esperastes o dia de hoje para fazer-me um cumprimento destes? — acudiu d'Artagnan.

— Como somos cegos! — murmurou Fouquet.

— Estais enrouquecendo — observou d'Artagnan. — Bebei, monsenhor, bebei.

E ofereceu-lhe uma xícara de tisana com a mais cordial amizade; Fouquet aceitou-a e agradeceu.

— Só a mim me acontecem essas coisas — continuou o mosqueteiro. — Vivi dez anos diante do vosso nariz quando mexíeis com toneladas de ouro; distribuíeis quatro milhões em pensões por ano e nunca notastes a minha existência; e eis que dais por ela no momento em que...

— Em que vou cair — atalhou Fouquet. — É verdade, meu caro Sr. d'Artagnan.

— Não estou dizendo isso.

— Mas estais pensando, e basta. Pois bem, se eu cair, acreditai-o, não se passará um dia sem que eu diga a mim mesmo, batendo na cabeça: "Louco! louco! estúpido mortal! Tinha nas mãos o Sr. d'Artagnan e não o aproveitaste! e não o enriqueceste!"

— Penhorais-me! — disse o capitão; — adoro-vos.

— Mas um homem que não pensa como o Sr. Colbert — tornou o superintendente.

— Como vos obceca esse Colbert! É pior do que a febre.

— Tenho as minhas razões — disse Fouquet. — Julgai-as.

E referiu-lhe os pormenores da corrida das gabarras e a hipócrita perseguição de Colbert.

— Não será esse o melhor sinal de minha ruína?

D'Artagnan ficou sério.

— De fato — concordou — isso cheira mal, como dizia o Sr. de Tréville.

E fitou em Fouquet o olhar inteligente e expressivo.

— Não é verdade, capitão, que estou bem arranjado? Não é verdade que o rei me traz a Nantes para afastar-me de Paris, onde tenho tantos amigos, e assenhorear-se de Belle-Isle?

— Onde está o Sr. d'Herblay — acrescentou d'Artagnan. Fouquet ergueu a cabeça.

— Quanto a mim, monsenhor — prosseguiu d'Artagnan — posso assegurar-vos que o rei não me disse nada contra vós.

— Deveras?

— Ordenou-me que partisse para Nantes, é verdade; que não dissesse nada ao Sr. de Gesvres.

— Meu amigo.

— Ao Sr. de Gesvres, sim — continuou o mosqueteiro, cujos olhos não cessavam de falar uma linguagem oposta à dos lábios. — Ordenou-me também que trouxesse uma brigada de mosqueteiros, o que é aparentemente supérfluo, visto que o país está calmo.

— Uma brigada? — repetiu Fouquet, soerguendo-se.

— Noventa e seis cavaleiros, monsenhor, o mesmo número com que se prenderam os Srs. de Chalais, de Cinq-Mars e Montmorency.

Fouquet fitou os ouvidos a essas palavras, pronunciadas sem valor aparente.

— E depois? — perguntou.

— Depois, outras ordens insignificantes, tais como: "Guardar o castelo; guardar cada habitação; não deixar que fique de sentinela nenhum guarda do Sr. de Gesvres". Do Sr. de Gesvres, vosso amigo.

— E quanto a mim — bradou Fouquet — quais foram as ordens?

— Quanto a vós, monsenhor, nem uma palavrinha.

— Sr. D'Artagnan, trata-se de salvar-me a honra e talvez a vida! Não me estareis enganando?

— Eu?... e com que fim? Fostes ameaçado? É verdade que há uma ordem, relativa aos carros e barcos...

— Uma ordem?

— Sim; mas que não poderia interessar-vos. Simples medida policial.

— Qual, capitão? qual?

— Impedir que saia de Nantes qualquer cavalo ou qualquer barco sem um salvo-conduto assinado

pelo rei.
— Santo Deus! mas... d'Artagnan pôs-se a rir.
— Isso só será posto em prática após a chegada do rei a Nantes; como vedes, monsenhor, a ordem não vos diz respeito.
Fouquet tornou-se pensativo e d'Artagnan fingiu não lhe notar a preocupação.
— Se vos confio o teor das ordens que me deram, é porque sou vosso amigo e timbro em demonstrar-vos que nenhuma delas se relaciona convosco.
— Sem dúvida — condescendeu Fouquet, distraído.
— Recapitulemos — tornou o capitão com o olhar insistente: — guarda especial e severa do castelo em que vos acomodareis. Conheceis o castelo?... Ah! monsenhor, uma verdadeira prisão! Ausência total do Sr. de Gesvres, que tem a honra de ser vosso amigo... Fechamento das portas da cidade e do rio, a não ser para os que tiverem passe, mas só depois que chegar el-rei... Sabeis, Sr. Fouquet, que, em vez de falar convosco, um dos primeiros personagens do reino, eu estivesse falando com uma consciência perturbada, inquieta, estaria comprometido para sempre? Bela ocasião para alguém que quisesse escapulir-se! Nem polícia, nem guardas, nem ordens; a água livre, a estrada aberta, o Sr. D'Artagnan obrigado a emprestar os seus cavalos se lhos pedissem! Tudo isso deve tranqüilizar-vos, Sr. Fouquet; pois o rei não me teria permitido tanta independência se tivesse más intenções. Em verdade, Sr. Fouquet, pedi-me o que quer que possa ser-vos agradável: estou à vossa disposição; e só vos peço, se não fôr incômodo, que me façais um favor; dar bom-dia a Aramis e a Porthos, no caso de embarcardes para Belle-Isle, como tendes o direito de fazê-lo, já, de roupão, como estais.
Ditas essas palavras, e depois de profunda reverência, o mosqueteiro, cujo olhar não perdera a inteligente benevolência, saiu do apartamento e desapareceu.
Não havia chegado à escada, quando Fouquet, fora de si, pendurou-se à campainha e gritou:
— Meus cavalos! minha gabarra! Ninguém lhe respondeu.
O superintendente vestiu-se sozinho com o que achou à mão.
— Gourville!... Gourville!... — barregou, enfiando o relógio na algibeira.
E a campainha tornou a tocar, ao passo que Fouquet repetia:
— Gourville!...
Gourville!... Gourville despontou, ofegante, pálido.
— Partamos! partamos! — bradou o superintendente assim que o viu.
— É muito tarde! — exclamou o amigo do pobre Fouquet.
— Muito tarde! por quê?
— Escutai.
Ouviram-se trombetas e tambores diante do castelo.
— Que foi, Gourville?
— É o rei, monsenhor.
— O rei?
— O rei, sim, que veio até aqui numa estirada só; o rei, que rebentou os seus cavalos e está chegando oito horas antes do vosso cálculo.
— Estamos perdidos! — murmurou Fouquet. — Bravo d'Artagnan! tu me falaste tarde demais!
El-rei, com efeito, chegara à cidade; ouviram-se, logo depois, o canhão da fortaleza e o de um navio, respondendo do rio.
Fouquet franziu o cenho, chamou os criados e envergou os trajos de gala.
De sua janela, por trás das cortinas, via o vaivém do povo e os movimentos de uma grande tropa

que seguira o monarca sem que se pudesse adivinhar como.

O soberano foi conduzido ao castelo com grande pompa, e Fouquet viu-o apear diante da grade e falar ao ouvido de d'Artagnan, que lhe segurava o estribo.

Havendo entrado o rei, dirigiu-se d'Artagnan para a casa de Fouquet, mas tão lentamente, tão lentamente, parando tantas vezes para falar com os mosqueteiros, postados na rua, que parecia contar os segundos ou os passos antes de executar a sua incumbência.

Fouquet abriu a janela para falar-lhe no pátio.

— Ah! — exclamou d'Artagnan ao avisá-lo — ainda estais aqui, monsenhor! E esse *ainda* foi o suficiente para mostrar ao Sr. Fouquet quantos ensinamentos e conselhos úteis encerrava a primeira visita do capitão.

O superintendente contentou-se de suspirar.

— Sim, senhor — respondeu ele; — a chegada do rei interrompeu a execução dos meus projetos.

— Ah! sabeis que o rei acaba de chegar?

— Eu o vi; e, desta feita, vindes da parte dele?...

— Para saber notícias vossas, monsenhor, e, se a saúde vos permitir, rogar-vos a fineza de ir ao castelo.

— Agora mesmo, Sr. d'Artagnan, agora mesmo.

— Ah! diabo! — disse o capitão — agora que o rei está aqui, já não há passeios para ninguém, já não há livre arbítrio; as ordens nos governam, a vós como a mim, a mim como a vós.

Suspirou Fouquet pela última vez, tomou o carro, tão fraco se achava, e dirigiu-se ao castelo, escoltado por d'Artagnan, cuja polidez não era menos assustadora desta feita quanto fora, anteriormente, consoladora e alegre.

Capítulo XXXIX - De como el-rei Luís XIV desempenhou o seu papelzinho

QUANDO Fouquet descia do carro para entrar no castelo de Nantes, um homem do povo aproximou-se dele com todas as mostras de respeito e entregou-lhe uma carta.

D'Artagnan quis impedi-lo de conversar com Fouquet, e afastou-o, mas o recado já fora entregue ao superintendente. Este abriu a carta e leu-a; nesse momento, uma vago terror, que d'Artagnan percebeu facilmente, desenhou-se-lhe nos traços.

O Sr. Fouquet enfiou o papel na pasta que sobraçava e continuou a dirigir-se para os aposentos do rei.

Pelas janelinhas abertas em cada andar do torreão, viu d'Artagnan, que subia atrás de Fouquet, o homem da carta olhar em torno de si e fazer sinais a diversas pessoas que desapareceram nas ruas adjacentes, depois de lhe haverem repetido os sinais.

Fouquet recebeu ordens para esperar no terraço, que desembocava num corredorzinho, em cuja extremidade se instalara o gabinete do rei.

D'Artagnan passou à frente do ministro, que, até então, escoltara com deferência e entrou no gabinete real.

— E então? — perguntou Luís XIV, atirando sobre a mesa coberta de papéis uma grande tela verde.

— Executou-se a ordem, Sire.

— E Fouquet?

— O senhor superintendente veio comigo — replicou d'Artagnan.

— Quero vê-lo daqui a dez minutos — disse o rei, dispensando o mosqueteiro com um gesto.

Este saiu, e, mal chegado ao terraço onde ficara Fouquet à sua espera, foi novamente chamado pela campainha do rei.

— Ele não pareceu espantado? — perguntou o soberano.

— Quem, Sire?

— *Fouquet* — repetiu o rei, omitindo o Sr., particularidade que confirmou as suspeitas do capitão dos mosqueteiros.

— Não, Sire.

— Bem.

E, pela segunda vez, dispensou d'Artagnan.

Fouquet não saíra do terraço em que fora deixado; e releu o bilhete, que rezava:

> *"Trama-se qualquer coisa contra vós. Talvez não se atrevam a executá-la no castelo; fá-lo-ão quando voltardes para casa, que já está cercada de mosqueteiros. Não entreis; um cavalo branco vos espera atrás da esplanada".*

O Sr. Fouquet reconhecera a letra e o zelo de Gourville. Não querendo que aquele papel, se lhe sucedesse alguma desgraça, pudesse comprometer um fiel amigo, rasgou-o em mil pedacinhos e espalhou-os ao vento sobre o balaústre do terraço.

Surpreendeu-o d'Artagnan observando os volteios dos últimos fragmentos no espaço.

— Senhor — disse ele — o rei quer falar convosco. Caminhou Fouquet com passo deliberado pelo corredorzinho em que trabalhavam os Srs. de Brienne e Rose, ao passo que o Duque de Saint-

Aignan, sentado num tamborete, também no corredor, parecia estar esperando ordens e bocejava com impaciência febril, segurando a espada entre as pernas.

Estranhou Fouquet que os Srs. de Brienne, Rose e de Saint-Aignan, de ordinário tão atentos e obsequiosos, mal se incomodassem à sua passagem. Mas como teria encontrado procedimento diverso entre palacianos o homem a quem o rei chamava simplesmente Fouquet?

Ergueu a cabeça e, decidido a enfrentar o que desse e viesse, entrou nos aposentos do rei depois que uma campainha, que já conhecemos, lhe anunciou a presença ao monarca.

Sem se levantar, fez-lhe o rei sinal com a cabeça e perguntou, interessado:

— Como estais passando, Sr. Fouquet?

— Com um pouco de febre — replicou o superintendente — mas sempre à disposição de Vossa Majestade.

— Os Estados reúnem-se amanhã: tendes algum discurso pronto? Fouquet olhou para o rei com espanto.

— Não tenho, Sire — disse ele; — mas poderei improvisá-lo. Conheço suficientemente os negócios para não me atrapalhar. Só tenho uma pergunta que fazer: permite-ma Vossa Majestade?

— Fazei-a.

— Por que não deu Vossa Majestade ao seu primeiro ministro a honra de avisá-lo em Paris?

— Porque estáveis doente e eu não queria fatigar-vos.

— Um trabalho ou uma explicação nunca me fatigam, Sire, e visto que chegou para mim o momento de pedir um esclarecimento ao meu rei...

— Oh! Sr. Fouquet! Um esclarecimento a propósito de quê?

— Das intenções de Vossa Majestade a meu respeito.

O rei corou.

— Fui caluniado — continuou, veemente, Fouquet — e devo apelar para a justiça do rei nas investigações.

— Tudo isso é inútil, Sr. Fouquet; eu sei o que sei.

— Vossa Majestade só pode saber o que lhe disseram, e eu não disse nada, ao passo que outros falaram muitas e muitas vezes a...

— Que pretendeis insinuar? — indagou o rei, impaciente por encerrar a conversação embaraçosa.

— Vou diretamente aos fatos, Sire, e acuso um homem de prejudicar-me junto de Vossa Majestade.

— Ninguém vos está prejudicando, Sr. Fouquet.

— A sua resposta, Sire, prova que eu tinha razão.

— Sr. Fouquet, não gosto de acusações.

— Nem quando sou acusado?

— Já falamos bastante sobre este negócio.

— Vossa Majestade não quer que eu me justifique?

— Repito que não vos estou acusando.

Fouquet deu um passo para trás e, enquanto se inclinava: "O certo", pensou, "é que ele já tomou uma decisão. Só quem não pode recuar se obstina dessa maneira. Não ver o perigo neste momento, seria cegueira; não o evitar, seria estupidez". E tornou, em voz alta:

— Vossa Majestade mandou-me chamar para algum serviço?

— Não, Sr. Fouquet, para dar-vos um conselho.

— Aguardo-o respeitosamente, Sire.

— Descansai, Sr. Fouquet; não malbarateis as forças: o período de reuniões será curto, e, depois que os meus secretários o tiverem encerrado, não quero que se fale em negócios durante quinze dias

em França.
— Vossa Majestade não tem nada para dizer-me a respeito da convocação dos Estados?
— Não, Sr. Fouquet.
— A mim, superintendente das finanças?
— Descansai, por favor; é tudo o que tenho para dizer-vos. Fouquet mordeu os lábios e abaixou a cabeça. Seguia, evidentemente, algum pensamento inquieto.
A inquietação contaminou o rei.
— Ficastes agastado porque precisais repousar, Sr. Fouquet? — perguntou.
— Fiquei, Sire; não tenho o hábito do repouso.
— Mas estais doente; deveis tratar-vos.
— Vossa Majestade não me falou num discurso que eu deveria pronunciar amanhã?
O rei não respondeu. O inopinado da pergunta enleara-o.
Fouquet sentiu o peso da hesitação. Acreditou ler nos olhos do jovem príncipe um perigo que lhe precipitaria a desconfiança.
"Se dou a impressão de estar com medo, estou perdido."
De seu lado, el-rei só se inquietava com a desconfiança de Fouquet.
— Terá descoberto qualquer coisa? — murmurou.
"Se a sua primeira palavra for dura", pensou ainda Fouquet, "se ele se irritar ou fingir irritar-se para ter um pretexto qualquer, como me sairei da enrascada? Atenuemos a ladeira. Gourville tinha razão".
— Sire — exclamou, de improviso — visto que a bondade de Vossa Majestade vela por minha saúde a ponto de dispensar-me de todo e qualquer trabalho, poderei faltar ao conselho amanhã? Eu aproveitaria para ficar de cama o dia inteiro e pediria a Vossa Majestade que me cedesse o seu médico para tentar algum remédio contra estas malditas febres.
— Faça-se como o desejais, Sr. Fouquet. Tereis dispensa amanhã, tereis médico, tereis saúde.
— Obrigado — agradeceu Fouquet, inclinando-se. Logo, resoluto:
— E não terei — perguntou — a felicidade de levar Vossa Majestade a minha casa, em Belle-Isle?
E encarou com o monarca para julgar o efeito da proposta. Tornou o rei a purpurear-se.
— Sabeis — replicou ele, tentando sorrir — que dissestes: *a minha casa, em Belle-Isle?*
— É verdade, Sire.
— Não vos lembrais, então — continuou o soberano com o mesmo tom jovial — de que me destes Belle-Isle?
— Também é verdade, Sire. Entretanto, como Vossa Majestade ainda não ma tomou, irá até lá a fim de recebê-la.
— Com muito gosto.
— Era essa, aliás, a intenção de Vossa Majestade, tanto quanto a minha, e eu não saberia expressar-lhe o orgulho e o júbilo que sinto ao ver toda a casa militar do rei vir de Paris para essa tomada de posse.
O rei balbuciou que não trouxera os mosqueteiros apenas para isso.
— Imagino que não — tornou vivamente Fouquet; — sabe perfeitamente Vossa Majestade que lhe basta vir sozinho, com uma varinha na mão, para aluir as fortificações de Belle-Isle.
— Peste! — exclamou o rei — não quero que aluam essas belas fortificações que tanto custaram para erguer-se. Não! Fiquem elas contra os holandeses e os ingleses. Não seríeis capaz de adivinhar, Sr. Fouquet, o que desejo ver em Belle-Isle: as belas camponesas, raparigas e mulheres, do interior ou do litoral, que dançam tão bem e são tão encantadoras com as suas saias de escarlate! Já me

gabaram muito as vossas vassalas, senhor superintendente. Mostrai-mas.

— Quando quiser Vossa Majestade.

— Tendes algum meio de transporte? Poderia ser amanhã. O superintendente sentiu o golpe, que não fora hábil, e respondeu:

— Não, Sire; eu ignorava o desejo de Vossa Majestade e, sobretudo, a sua pressa de ver Belle-Isle, e não me precavi.

— Entretanto, tendes um navio.

— Tenho cinco; mas estão todos, seja no Porto, seja em Paimboeuf, e, para avisá-los e mandá-los vir, seriam precisas pelo menos vinte e quatro horas. Expeço um correio?

— Esperai mais um pouco; deixai que amaine a febre; esperai até amanhã.

— É verdade... Quem sabe se amanhã não teremos mil outras idéias? — replicou, muito pálido, Fouquet, cujas dúvidas se haviam inteiramente dissipado.

O rei estremeceu e estendeu a mão para a campainha; mas Fouquet preveniu-o:

— Sire — disse ele — estou com febre; estou tremendo de frio. Se ficar mais um instante, sou capaz de desmaiar. Peço permissão a Vossa Majestade para esconder-me debaixo dos meus cobertores.

— Com efeito, estais tremendo; é aflitivo de ver-se. Ide, Sr. Fouquet, ide. Mandarei saber de vós.

— Vossa Majestade me penhora. Daqui a pouco estarei muito melhor.

— Quero que alguém vos reconduza.

— Como o desejar Vossa Majestade; irei, com prazer, pelo braço de alguém.

— Sr. d'Artagnan! — gritou o rei tocando a campainha.

— Oh! Sire — atalhou Fouquet com um riso que fez mal ao príncipe — dais-me um capitão de mosqueteiros para levar-me a casa? Honra muito equívoca, Sire! Um simples lacaio, por favor.

— E por que, Sr. Fouquet? O Sr. d'Artagnan já me conduziu muitas vezes.

— Sim; mas quando ele conduz Vossa Majestade, Sire, fá-lo para obedecer-lhe, ao passo que eu...

— Que é que tem?

— Eu, se me virem recolher com o capitão dos mosqueteiros de Vossa Majestade, dirão que Vossa Majestade me mandou prender.

— Prender? — repetiu o rei, mais pálido que o próprio Fouquet — prender? Oh!...

— Que é que se não diz! — prosseguiu Fouquet, sempre risonho; — e aposto que haveria gente tão má que seria capaz de rir-se.

O dito desconcertou o monarca. Fouquet teve a habilidade ou a boa sorte de obrigar Luís XIV a recuar diante do ato que estava meditando.

Quando apareceu, o Sr. d'Artagnan foi encarregado de designar um mosqueteiro que acompanhasse o superintendente.

— Inútil — disse então o ministro: — espada por espada, prefiro Gourville, que me está esperando lá em baixo. Mas isso não me impedirá de gozar da companhia do Sr. d'Artagnan. Folgo muito em que conheça Belle-Isle, ele que é tão entendido em fortificações.

D'Artagnan inclinou-se, sem compreender coisa alguma. Fouquet tornou a cumprimentar, e saiu afetando a morosidade de um homem que sai a passeio.

Assim que se viu fora do castelo:

— Estou salvo! — disse ele. — Oh! sim, verás Belle-Isle, rei desleal, mas quando eu não estiver mais lá.

E desapareceu.

D'Artagnan ficara no gabinete do rei.

— Capitão — disse-lhe Sua Majestade — seguireis o Sr. Fouquet a cem passos de distância.
— Perfeitamente, Sire.
— Ele vai para casa. Ireis à casa dele.
— Sim, Sire.
— Detê-lo-eis em meu nome e fechá-lo-eis num carro.
— Num carro? Bem.
— De tal sorte que ele não possa, durante o trajeto, conversar com ninguém nem atirar bilhetes às pessoas que encontrar.
— Isso já é mais difícil, Sire.
— Não é.
— Perdão, Sire; não posso abafar o Sr. Fouquet, e, se ele pedir para respirar, não irei impedi-lo, fechando vidros e capota. E ele atirará pela portinhola todos os gritos e bilhetes possíveis.
— A hipótese foi prevista, Sr. d'Artagnan; um carro com grades obviará aos dois inconvenientes que apontastes.
— Um carro com grades de ferro? — bradou d'Artagnan. — Mas não se faz uma grade de ferro para um carro em meia hora, e Vossa Majestade me ordena que vá imediatamente à casa do Sr. Fouquet!
— Por isso mesmo o carro já está pronto.
— Ah! isso é outra coisa. Se o carro está pronto, só nos resta mandar aprestá-lo.
— Já está atrelado.
— Ah!
— E o cocheiro, com os piqueiros, está esperando no pátio traseiro do castelo.
Inclinou-se d'Artagnan.
— Só me resta — disse ele — perguntar a Vossa Majestade aonde se conduzirá o Sr. Fouquet.
— Primeiro, ao castelo de Angers.
— Muito bem.
— Depois veremos.
— Sim, Sire.
— Uma última palavra, Sr. d'Artagnan: observastes que, para a detenção de Fouquet, não estou empregando os meus guardas, o que deixará furioso o Sr. de Gesvres.
— Vossa Majestade não está empregando os seus guardas — tornou o capitão um tanto humilhado — porque não se fia do Sr. de Gesvres. Mais nada!
— O mesmo é dizer, senhor, que me fio de vós.
— Bem o sei, Sire! É inútil acentuá-lo.
— Fi-lo apenas para chegar ao seguinte: a partir deste momento, se acontecer, por um acaso, um acaso qualquer, que o Sr. Fouquet logre evadir-se... já se viram acasos como esses, senhor...
— Muitas vezes, Sire; mas para os outros, não para mim.
— Por que não para vós?
— Porque houve um instante, Sire, em que desejei salvar o Sr. Fouquet.
O rei estremeceu.
— Porque — continuou o capitão — eu tinha o direito de fazê-lo, visto que adivinhara o plano de Vossa Majestade e achava o Sr. Fouquet muito simpático. Ora, eu podia testemunhar então a minha simpatia por esse homem.
— Em verdade, senhor, não me tranqüilizam os vossos serviços!
— Se eu o tivesse salvado nessa ocasião, estaria perfeitamente inocente: digo mais, teria feito

bem, porque o Sr. Fouquet não é um homem mau. Mas ele não quis; o destino arrastou-o: ele deixou fugir a hora da liberdade. Tanto pior! Agora tenho ordens, obedecerei a elas, e Vossa Majestade pode considerar o Sr. Fouquet como um homem preso. O Sr. Fouquet, praticamente, já está no castelo de Angers.

— Ainda não lhe deitastes a mão, mosqueteiro!

— Isso é comigo; cada qual com o seu ofício.

Mas, pela última vez, reflita, Sire: ordena-me seriamente que prenda o Sr. Fouquet?

— Sim, mil vezes sim!

— Escreva-o, então.

— Aqui está a carta.

D'Artagnan leu-a, cumprimentou o rei e saiu. Do alto do terraço, avistou Gourville, que passava com cara alegre e se encaminhava para a casa do Sr. Fouquet.

Capítulo XL - O cavalo branco e o cavalo preto

É SURPREENDENTE — murmurou o capitão: — Gourville, todo alegre, correndo pelas ruas, quando é quase certo que o Sr. Fouquet está em perigo; quando é quase certo que foi Gourville quem preveniu o Sr. Fouquet pelo bilhete de há pouco, o bilhete rasgado em mil pedacinhos no terraço e entregue aos ventos pelo senhor superintendente.

"Gourville está esfregando as mãos; isso quer dizer que ele acaba de fazer uma das suas. De onde vem Gourville?

"Gourville vem vindo da Rua aux Herbes. Aonde vai a Rua aux Herbes?”

E d'Artagnan seguiu, sobre o telhado das casas de Nantes dominadas pelo castelo, a linha traçada pelas ruas, como o teria feito sobre um plano topográfico; só que, à diferença do papel morto e chato, vazio e deserto, a carta viva se erguia em relevo com os movimentos, os gritos e as sombras dos homens e das coisas.

Além dos muros da cidade, estendiam-se as grandes planícies verdejantes acompanhando o curso do Loire, e pareciam correr para o horizonte purpureado, riscado pelo azul das águas e pelo verde quase negro dos brejais.

Às portas de Nantes, dois caminhos brancos subiam, divergentes, como os dedos afastados de mão gigantesca.

D'Artagnan, que abarcara todo o panorama com o olhar, foi conduzido pela linha da Rua aux Herbes à embocadura de um dos caminhos que nasciam à entrada de Nantes.

Mais um passo, e já se dispunha a descer a escada do terraço para tornar ao torreão, chamar o carro gradeado e dirigir-se à casa de Fouquet.

Quis o acaso, porém, que, no momento em que ia pôr o pé na escada, a sua atenção fosse atraída por um ponto móvel, que corria estrada fora.

— Que será isso? — perguntou a si mesmo. — Um cavalo correndo, um cavalo que fugiu, sem dúvida; como dispara!

O ponto móvel destacou-se da estrada e embrenhou-se nas luzerneiras.

— Um cavalo branco — continuou o capitão, que acabava de ver a cor sobrepor-se, luminosa, ao fundo sombrio, e vai montado; há de ser alguma criança que está levando o cavalo ao bebedouro.

Essas reflexões, rápidas como o raio, simultâneas com a percepção visual, já as esquecera d'Artagnan ao descer a escada.

Alguns pedacinhos de papel juncavam os degraus, e brilhavam sobre a pedra enegrecida.

— Eh! eh! — disse entre si o capitão — eis alguns fragmentos do bilhete rasgado pelo Sr. Fouquet. Coitado! Entregou o seu segredo ao vento, mas o vento não o quer e devolve-o ao rei. Decididamente, pobre Fouquet, estás sem sorte! as forças são desiguais; a fortuna se volta contra ti. A estrela de Luís XIV obscurece a tua; a cobra é mais forte ou mais hábil que o esquilo.

D'Artagnan apanhou um dos pedacinhos de papel enquanto descia.

— Letrinha de Gourville! — exclamou, examinando-o — eu não me havia enganado.

E leu a palavra *cavalo.*

— Ué!

E examinou outro, que estava em branco. Num terceiro, leu a palavra *branco.*

— *Cavalo branco* — repetiu, como a criança que soletra. — Ah! meu Deus! — bradou o desconfiado — cavalo branco!

E, como grão de pólvora que, ao arder, se dilata e adquire um volume cem vezes maior, cheio de idéias e suspeitas, d'Artagnan subiu, rápido, ao terraço.

O cavalo branco estava correndo, correndo sempre na direção do Loire, em cuja extremidade, perdida entre os vapores da água bispava-se uma velazinha, oscilante como um átomo.

— Oh! oh! — gritou o mosqueteiro — só um homem fugindo corre tanto por terras aradas. Só um Fouquet, um financista, seria capaz de chispar assim, em pleno dia, num cavalo branco... Só o senhor de Belle-Isle fugiria para o mar, quando há florestas tão espessas na terra... E só há um d'Artagnan no mundo capaz de alcançar o Sr. Fouquet, que leva meia hora de vantagem, e atingirá o seu barco em menos de uma hora.

Dito isso, ordenou que se conduzisse o carro gradeado a um bosquete, fora da cidade.

Escolheu o melhor cavalo, montou-o, e desembestou pela Rua aux Herbes, tomando, não o caminho tomado por Fouquet, mas a própria margem do Loire, certo de ganhar dez minutos sobre o total do percurso, e alcançar, na intersecção das duas vias, o fugitivo, que não suspeitaria de uma perseguição por esse lado.

Na rapidez da carreira, sôfrego perseguidor, que se excita na caça e na guerra, d'Artagnan, tão meigo, tão bom para Fouquet, espantou-se ao verificar que se sentia feroz e quase sangüinário.

Durante muito tempo, correu sem avistar o cavalo branco; a sua fúria assumia tons de raiva; duvidava de si mesmo, figurava que Fouquet se precipitara num caminho subterrâneo, ou trocara o cavalo branco por um dos famosos cavalos pretos, rápidos como o vento, cuja vigorosa ligeireza tantas vezes admirara em Saint-Mandé.

Nesses momentos, quando o vento lhe cortava os olhos e lhes tirava lágrimas, quando a sela queimava, quando o cavalo, cortado na carne viva, rugia de dor e projetava com as patas traseiras uma chuva de areia fina e cascalho, d'Artagnan, erguido sobre os estribos, e não vendo nada sobre a água, nada sob as árvores, interrogava o ar como um demente. Sentia-se enlouquecer. No paroxismo do desespero, sonhava com caminhos aéreos, descobrimento do século seguinte; lembrava-se de Dédalo e suas vastas asas, que o haviam livrado das prisões de Creta.

Rouco suspiro exalou-se-lhe dos lábios. Repetia, devorado pelo terror do ridículo:

— Eu! eu! enganado por um Gourville, eu!...

Dirão que estou envelhecendo, dirão que recebi um milhão para deixá-lo fugir!

E enfiava as esporas no ventre do cavalo; acabava de percorrer uma légua em dois minutos. Súbito, na extremidade de um pasto, atrás das sebes, lobrigou uma forma branca que surgiu, sumiu e, afinal, reapareceu num espigão.

Estremeceu de alegria; serenou-se-lhe imediatamente o espírito. Enxugou o suor que lhe escorria da fronte, relaxou os joelhos, livre dos quais o cavalo respirou melhor, e, encurtando as rédeas, moderou a marcha do vigoroso animal, seu cúmplice naquela caça ao homem. Pôde então estudar a disposição da estrada e a sua situação no tocante a Fouquet.

O superintendente deixara o cavalo sem fôlego atravessando marnoceiros. Sentia a necessidade de fazê-lo pisar terra firme, e frechou para a estrada pela secante mais curta.

Bastava a d'Artagnan continuar em linha reta sob a rampa de uma penedia que o ocultava aos olhos do inimigo, para encontrá-lo quando chegasse à estrada. Lá começaria a verdadeira corrida; lá se estabeleceria a luta.

Obrigou o cavalo a respirar a plenos pulmões.

Observou que o superintendente se pusera a trotar, isto é, poupava o animal.

Mas estavam ambos apressados demais para continuarem nessa marcha. O cavalo branco partiu como flecha ao topar um terreno mais resistente.

D'Artagnan abaixou a mão e o cavalo preto pôs-se a galopar. Os dois seguiam a mesma estrada; os quádruplos ecos da carreira confundiam-se; Fouquet ainda não dera pela presença do capitão.

Mas ao termo da rampa um eco só feriu o ar, o dos passos do cavalo do gascão, que estrondejava.

Voltou-se Fouquet; viu a cem passos o inimigo, inclinado sobre o seu corcel. Já não havia duvidar: o talim cintilante, o uniforme vermelho, era um mosqueteiro; abaixou a mão também e o cavalo branco ajuntou vinte pés à distância que o separava do adversário.

— Oh! — pensou d'Artagnan, inquieto — o cavalo de Fouquet não é um cavalo qualquer!

E, atento, examinou com o olhar infalível a marcha e os caracteres do ginete.

Garupa redonda, cauda fina e esticada, pernas magras e secas como fios de aço, cascos mais duros que o mármore.

Picou de esporas o seu, mas a distância continuou a mesma.

Escutou atentamente: não ouviu um ofego sequer do cavalo, que, entretanto, fendia o ar.

O cavalo preto, pelo contrário, principiava a estertorar, como que sacudido por uma tosse convulsa.

— Terei de arrebentar o meu, mas preciso chegar — pensou o mosqueteiro.

E entrou a serrar a boca do pobre animal, ao passo que lhe talhava a carne ensangüentada com as esporas.

Desesperado, o cavalo saltou vinte toesas e chegou a um tiro de pistola de Fouquet.

— Coragem! — disse entre si o mosqueteiro — coragem! o branco talvez se canse; e, se o cavalo não cair, acabará caindo o cavaleiro.

Mas cavalo e cavaleiro permaneceram retos, unidos, aumentando de novo, a pouco e pouco, a distância.

D'Artagnan soltou um grito selvagem, que fez voltar-se Fouquet, cuja montaria tornava a animar-se.

— Extraordinário cavalo! Cavaleiro temerário! — urrou o capitão. — Olá! Com seiscentos diabos, Sr. Fouquet! Olá! em nome do rei!

Fouquet não respondeu.

— Estais ouvindo? — urrou d'Artagnan.

O cavalo acabava de dar um passo em falso.

— Pudera — replicou laconicamente Fouquet. E continuou disparado.

D'Artagnan quase ficou louco; o sangue lhe afluiu, férvido, às têmporas, aos olhos.

— Em nome do rei! — berrou ainda — parai, que vos derrubo com um tiro de pistola.

— Derrubai — respondeu o Sr. Fouquet, voando sempre. D'Artagnan pegou numa pistola e armou-a, esperando que o ruído do fecho detivesse o inimigo.

— Tendes pistolas também — disse ele — defendei-vos. Fouquet voltou-se efetivamente; e, encarando com d'Artagnan, abriu, com a mão direita, a casaca que lhe envolvia o corpo; mas não tocou nos coldres.

Havia entre eles uma distância de vinte passos.

— Com os demónios! — bradou d'Artagnan — não vos assassinarei; se não quiserdes atirar-me, rendei-vos! Que é a prisão?

— Prefiro morrer — respondeu Fouquet; — sofrerei menos. Bêbedo de desespero, d'Artagnan atirou a pistola na estrada.

— Hei de pegar-vos vivo — barregou.

E, por um prodígio de que só esse cavaleiro incomparável era capaz, ganhou dez passos de distância sobre o cavalo branco; já estendia a mão para agarrar a presa.

— Vamos, matai-me! É mais humano — pediu Fouquet.

— Não! vivo! vivo! — grunhiu o capitão.

O seu cavalo deu mais um passo em falso; o de Fouquet adiantou-se.

Era um espetáculo inaudito aquela corrida de dois corcéis, que só viviam pela vontade dos cavaleiros.

Ao galope furioso sucedera o trote largo, depois o trote simples.

Mas a carreira parecia igualmente acirrada aos dois atletas exaustos. Fora de si, d'Artagnan pegou na segunda pistola e apontou ao cavalo branco.

D'Artagnan ajusta le cheval blanc.

— Ao cavalo! não a vós! — gritou para Fouquet.

E atirou. Atingido na garupa, o animal deu um salto furioso e empinou-se.

A montada de d'Artagnan caiu sem vida.

— Estou desonrado — pensou o mosqueteiro — sou um miserável; por piedade, Sr. Fouquet, uma pistola, para que eu estoure os miolos!

Fouquet recomeçou a correr.

— Por piedade! por piedade! — bradou d'Artagnan — o que não quereis que eu faça neste momento, farei daqui a uma hora; mas aqui, nesta estrada, morro corajosamente, morro estimado; prestai-me esse serviço, Sr. Fouquet!

O outro não respondeu e continuou a trotar.

D'Artagnan largou a correr atrás do inimigo.

Sucessivamente lançou de si o chapéu, a casaca, que o incomodavam, depois a bainha da espada, que lhe batia entre as pernas.

A espada na mão tornou-se-lhe pesada demais; atirou-a empós da bainha.

O cavalo branco estertorava; d'Artagnan conseguiu aproximar-se.

Do trote, o animal estafado passara ao passo, presa de vertigens, que lhe agitavam a cabeça; o sangue lhe acudia à boca com a escuma.

D'Artagnan fez um esforço desesperado, saltou sobre Fouquet, e agarrou-o pela perna dizendo com voz entrecortada, ofegante:

— Estais preso em nome do rei: rachai-me a cabeça, teremos ambos cumprido o nosso dever.

Fouquet atirou de si, dentro do rio, as pistolas que d'Artagnan poderia tomar-lhe e, apeando:

— Sou vosso prisioneiro, senhor — declarou. — Não quereis amparar-vos ao meu braço? Estais prestes a desmaiar.

— Obrigado — murmurou d'Artagnan, que, efetivamente, sentiu a terra faltar-lhe sob os pés e o céu cair-lhe na cabeça.

E rolou sobre a areia, sem fôlego e sem forças.

Fouquet desceu a riba, recolheu uma pouca de água do rio no chapéu, e voltou para refrescar as têmporas do mosqueteiro e verter-lhe umas gotas entre os lábios.

D'Artagnan tornou a levantar-se, olhando à sua volta com olhos esgazeados.

Viu Fouquet ajoelhado, o chapéu úmido na mão, sorrindo com inefável doçura.

— Não fugistes! — gritou. — Oh! senhor, o verdadeiro rei pela lealdade, pela coragem, pela alma, não é Luís do Louvre, não é Filipe de Santa Margarida, sois vós, o proscrito, o condenado!

— Eu, que me vejo perdido hoje por um erro só, Sr. d'Artagnan.

— Qual, santo Deus?

— Devera ter-vos por amigo. Mas como faremos para voltar a Nantes? Estamos bem longe...

— É verdade — conveio d'Artagnan, sombrio e pensativo.

— O cavalo branco talvez se reanime, era um cavalo tão bom! Montai-o, Sr. d'Artagnan; irei a pé até que vos tenhais repousado.

— Pobre animal! ferido! — disse o mosqueteiro.

— Ele irá, repito; conheço-o de sobra; façamos melhor, montemos os dois.

— Experimentemos — anuiu o capitão.

Mas assim que carregaram o animal com o peso duplo, este vacilou, tentou dar alguns passos, tornou a vacilar e foi cair ao pé do cavalo preto, de que se aproximara.

— Iremos a pé; o destino o quer; o passeio será soberbo — tornou Fouquet dando o braço a d'Artagnan.

— Com seiscentos diabos! — exclamou o capitão, com os olhos fixos, o cenho franzido, o coração

oprimido. — Que dia detestável!

Percorreram lentamente as quatro léguas que os separavam do bosque, atrás do qual estava o carro com uma escolta.

Quando Fouquet avistou o veículo sinistro, disse a d'Artagnan, que abaixou os olhos, como se se envergonhasse por Luís XIV:

— Eis aí uma idéia que não pode ter tido um homem de bem, Capitão d'Artagnan. Garanto que não é vossa. Por que essas grades? — perguntou.

— Para impedir-vos de atirar bilhetes pela portinhola.

— Engenhoso!

— Mas podereis falar se não puderdes escrever.

— Falar convosco!

— Bem... se quiserdes.

Fouquet pensou por um instante; logo, encarando com o mosqueteiro:

— Uma palavrinha só — disse ele; — sereis capaz de guardá-la?

— Sou.

— E sereis capaz de repeti-la a quem eu indicar?

— Sou.

— Saint-Mandé! — articulou, baixinho, Fouquet.

— Bem. Para quem?

— Para a Sra. de Bellière ou Pellisson.

— Feito.

O carro atravessou Nantes e tomou a estrada de Angers.

Capítulo XLI - Em que o esquilo cai, ou a cobra voa

ERAM duas horas da tarde. Cheio de impaciência, ia o rei do gabinete ao terraço, e, de vez em quando, abria a porta do corredor para ver o que estavam fazendo os secretários.

Sentado no mesmo lugar em que o Sr. de Saint-Aignan quedara tanto tempo durante a manhã, o Sr. Colbert conversava baixinho com o Sr. de Brienne.

El-rei abriu repentinamente a porta e, dirigindo-se a eles:

— Que estais dizendo? — perguntou.

— Estamos falando da primeira sessão dos Estados — respondeu o Sr. de Brienne, levantando-se.

— Muito bem! — tornou o rei. E entrou de novo.

Cinco minutos depois, o tinir da campainha chamou Rose, que estava de serviço.

— Concluístes as cópias? — perguntou o monarca.

— Ainda não, Sire.

— Ide saber se o Sr. d'Artagnan já voltou.

— Ainda não, Sire.

— É estranho! — murmurou o rei. — Chamai o Sr. Colbert. Colbert entrou; estava à espera daquele momento desde cedo.

— Sr. Colbert — declarou o rei com energia — é preciso saber o que foi feito do Sr. d'Artagnan.

E Colbert com a sua voz calma:

— Onde quer Vossa Majestade que eu mande procurá-lo?

— Ora, senhor! Então não sabeis ao que foi? — volveu, irritado, Luís.

— Vossa Majestade não mo revelou.

— Mas há coisas que se adivinham, e vós sabeis adivinhá-las.

— Posso ter imaginado, Sire; mas não me atreveria a adivinhar completamente.

Mal proferira Colbert essas palavras, quando uma voz bem mais rude que a do soberano interrompeu a conversação entre Sua Majestade e o amanuense.

— D'Artagnan: — gritou o rei, alegremente.

Pálido e furioso, d'Artagnan perguntou ao soberano:

— Foi Vossa Majestade quem deu ordens aos meus mosqueteiros?

— Que ordens? — inquiriu o monarca.

— Relativas à casa do Sr. Fouquet?

— Não.

— Ah! ah! — exclamou d'Artagnan mordendo o bigode. — Eu não me enganara: foi este senhor.

E apontou para Colbert.

— Que ordens? Vejamos — insistiu o rei.

— Ordens de botar de pernas para o ar uma casa inteira, surrar criados e auxiliares do Sr. Fouquet, forçar gavetas, saquear uma residência tranqüila; com os demônios! ordens de selvagem!

— Senhor! — acudiu Colbert, muito pálido.

— Senhor — prosseguiu d'Artagnan — só o rei, entendestes? só o rei tem o direito de dar ordens aos meus mosqueteiros; quanto a vós, estais proibido de fazê-lo, e declaro-o diante de Sua Majestade; os fidalgos que trazem espada não são biltres de pena atrás da orelha.

— D'Artagnan! d'Artagnan! — murmurou o rei.

— É humilhante — prosseguiu o mosqueteiro; — os meus soldados estão desonrados! Não

comando raposas nem amanuenses da intendência, com seiscentos demônios!

— Mas que aconteceu? Vamos a ver! — sobreveio o rei, autoritário.

— Aconteceu, Sire, que este senhor, este senhor, que não pôde adivinhar as ordens de Vossa Majestade, e, por conseguinte, não sabia que fui prender o Sr. Fouquet; este senhor, que mandou confeccionar a gaiola de ferro para o amo da véspera, ordenou ao Sr. de Roncherat que desse uma busca em casa do Sr. Fouquet, e, para tirarem os papéis do superintendente, tiraram-lhe todos os móveis. Os meus mosqueteiros estavam cercando a casa desde cedo. Por que se tomou a liberdade de mandá-los entrar? Por que, obrigando-os a assistir ao saque, transformá-los em cúmplices também? Com seiscentos diabos! Servimos o rei, mas não servimos o Sr. Colbert!

— Sr. d'Artagnan — atalhou o monarca, severo — não é em minha presença que tais explicações, nesse tom, devem pedir-se.

— Agi para o bem do rei — acudiu Colbert com voz alterada; — é muito duro para mim ser tratado dessa maneira por um oficial de Sua Majestade e não poder responder à altura, pelo respeito que devo ao rei.

— O respeito que deveis ao rei! — bradou d'Artagnan com olhos fuzilantes — consiste, primeiro, em fazer que seja respeitada a sua autoridade e querida a sua pessoa. Todo agente de um poder discricionário representa esse poder, e quando os povos amaldiçoam a mão que os fere, é a mão real que Deus argúi, entendestes? Será preciso que um soldado endurecido há quarenta anos em chagas e em sangue vos dê essa lição? Será preciso que a misericórdia esteja do meu lado e a ferocidade do vosso? Mandastes deter, amordaçar, aprisionar inocentes!

— Cúmplices, talvez, do Sr. Fouquet — emendou Colbert.

— Quem vos diz que o Sr. Fouquet tem cúmplices, ou mesmo que seja culpado? Só el-rei o sabe, e a sua justiça não é cega. Quando ele disser: "Detende e prendei tais e tais pessoas", será obedecido. Não torneis a falar-me do respeito que votais ao rei, e cuidado com as vossas palavras, se, por acaso, ameaçarem, pois o rei não permite sejam ameaçados os que o servem bem pelos que o desservem; e se porventura eu tivesse, não o queira Deus! um amo tão ingrato, eu mesmo me faria respeitar.

Dito isso, postou-se d'Artagnan altivamente no gabinete real, olhar aceso, mão na espada, lábio fremente, simulando uma cólera muito maior do que a que sentia.

Humilhado, devorado de raiva, Colbert cumprimentou o rei, como a pedir-lhe permissão para retirar-se.

Contrariado no orgulho e na curiosidade, não sabia o príncipe que decisão tomar. D'Artagnan viu-o hesitar. Ficar por mais tempo seria um erro; cumpria-lhe triunfar sobre Colbert, e o único meio era irritar tão profundamente o soberano, que este se visse na contingência de optar por um dos dois antagonistas.

D'Artagnan, portanto, inclinou-se como Colbert; mas o rei, que fazia questão de saber, primeiro que tudo, notícias exatas e circunstanciadas da prisão do superintendente das finanças, do homem que o fizera tremer por um momento, compreendendo que o amuo de d'Artagnan o obrigaria a adiar por um quarto de hora pelo menos os pormenores que morria por conhecer, esqueceu-se de Colbert, que não tinha novidades para contar, e chamou o capitão de mosqueteiros.

— Vamos, senhor — disse ele — desempenhai primeiro a vossa incumbência e depois repousareis.

D'Artagnan, que ia transpor a soleira da porta, deteve-se à voz do rei, retomou o seu lugar, e Colbert viu-se obrigado a sair. O seu rosto adquiriu uma tonalidade purpurina; os seus olhos negros e maus brilharam com um fogo sombrio debaixo das sobrancelhas espessas; esticou o passo, inclinou-

se diante do monarca, reergueu-se a meio ao passar por d'Artagnan e saiu com a morte no coração.

Ficando só com o rei, acalmou-se incontinente o mosqueteiro e, compondo a fisionomia:

— Sire — disse ele — Vossa Majestade é um rei jovem. É ao romper do dia que o homem adivinha se a jornada será bela ou triste. Como, Sire, augurarão o reinado de Vossa Majestade os povos que a mão de Deus colocou debaixo de suas mãos se, entre Vossa Majestade e eles agirem ministros de cólera e violência? Mas falemos de mim, Sire; deixemos uma discussão que lhe há de parecer ociosa, talvez inconveniente. Falemos de mim. Prendi o Sr. Fouquet.

— Levastes muito tempo — observou o rei com acrimônia. D'Artagnan considerou-o.

— Vejo que me expressei mal — disse ele. — Anunciei a Vossa Majestade que prendi o Sr. Fouquet?

— Sim, senhor; que é que tem?

— Pois eu devera ter dito que o Sr. Fouquet me prendeu; assim teria sido mais exato. Restabeleçamos, portanto, a verdade: fui preso pelo Sr. Fouquet.

Foi a vez de Luís XIV ficar espantado. Com o seu relancear tão rápido de olhos, apreciou d'Artagnan o que se passava no espírito do amo.

Não lhe deu tempo de interrogar. Referiu, com a poesia, com o pitoresco que só ele possuía talvez naquela época, a evasão do Sr. Fouquet, a perseguição, a corrida encarniçada, e, afinal, a inimitável generosidade do superintendente, que poderia ter fugido dez vezes, que poderia ter matado vinte vezes o adversário, e preferira a prisão, e quiçá coisa pior, à humilhação do homem que se empenhava em roubar-lhe a liberdade.

À proporção que falava o capitão dos mosqueteiros, o rei se agitava, devorando-lhe as palavras, e fazendo estalar a extremidade das unhas umas contra as outras.

— Daí resulta, Sire, pelo menos para mim, que um homem que assim procede é um homem de bem e não pode ser inimigo do rei. Eis a minha opinião. Sei que Vossa Majestade vai dizer-me, e eu me inclino diante de suas palavras: "Razões de Estado". Seja! São razões, para mim, respeitabilíssimas. Mas sou soldado, recebi uma ordem; esta foi executada, malgrado meu é verdade, mas foi. E eu calo-me.

— Onde está o Sr. Fouquet neste momento? — perguntou Luís após um instante de silêncio.

— O Sr. Fouquet, Sire — retrucou d'Artagnan — está na gaiola de ferro que o Sr. Colbert lhe preparou, e roda, ao galope de quatro vigorosos cavalos, pela estrada de Angers.

— Por que o deixastes no caminho?

— Porque ninguém me disse que fosse a Angers. A prova, a melhor prova disso é que Vossa Majestade estava ainda há pouco à minha procura... De mais a mais, eu tinha outra razão.

— Qual?

— Se eu estivesse lá, o pobre Sr. Fouquet nunca tentaria evadir-se.

— Como? — bradou o rei estupefato.

— Vossa Majestade deve compreender perfeitamente que o meu maior desejo é sabê-lo em liberdade. Entreguei-o a um dos meus brigadeiros, o mais desastrado que pude encontrar, a fim de que o prisioneiro escape.

— Enlouquecestes, Sr. d'Artagnan? — gritou o rei cruzando os braços sobre o peito; — há quem diga tais enormidades quando tem a desgraça de pensá-las?

— Ah! Sire, Vossa Majestade, sem dúvida, não espera tornar-me inimigo do Sr. Fouquet depois do que ele acaba de fazer por mim e por Vossa Majestade! Nem o entregue jamais à minha guarda se quer que ele permaneça debaixo de chave; pois apesar de todas as grades da gaiola, o pássaro acabaria fugindo.

— Muito me surpreende — voltou o soberano com voz sombria — que não tenhais seguido imediatamente a fortuna daquele que o Sr. Fouquet pretendia colocar no meu trono. Tínheis nele quanto precisais: afeição e reconhecimento. No meu serviço, senhor, encontra-se um amo.

— Se o Sr. Fouquet não tivesse ido procurar Vossa Majestade na Bastilha, Sire — replicou d'Artagnan com voz acentuada — só um homem o teria feito, e esse homem sou eu; Vossa Majestade sabe-o muito bem.

Deteve-se o monarca. Diante daquelas palavras tão francas, tão verdadeiras, do seu capitão de mosqueteiros, não tinha o que objetar. Ouvindo-o, lembrou-se do d'Artagnan de outrora, daquele que, no Palais-Royal, se escondera atrás das cortinas de sua cama, quando o povo de Paris, conduzido pelo Cardeal de Retz, fora certificar-se da presença do rei; do d'Artagnan, que ele cumprimentava com a mão à portinhola de seu carro, quando se dirigia a Notre-Dame, de regresso a Paris; do soldado que o deixara em Blois; do tenente que ele tornara a chamar para ao pé de si, quando a morte de Mazarino lhe devolvera o poder; do homem que sempre lhe fora leal, corajoso e dedicado.

Luís aproximou-se da porta e chamou Colbert.

Este não se afastara do corredor em que estavam trabalhando os secretários.

— Colbert, fizestes uma busca em casa do Sr. Fouquet?

— Fiz, Sire.

— Quais foram os resultados?

— O Sr. de Roncherat, enviado com os mosqueteiros de Vossa Majestade, entregou-me documentos.

— Examiná-los-ei depois... Dai-me a vossa mão.

— Minha mão, Sire?

— Sim, para que eu a coloque na mão do Sr. d'Artagnan. Com efeito, d'Artagnan — ajuntou com um sorriso para o soldado, que, à vista do amanuense, reassumira a atitude insolente — não conheceis este homem. E quero que ambos se conheçam. E mostrou-lhe Colbert.

— É um medíocre servidor nas posições subalternas, mas será um grande homem se eu o elevar ao primeiro posto.

— Sire! — balbuciou Colbert, desvairado de alegria e de medo.

— Já compreendi — murmurou d'Artagnan ao ouvido do rei: — ele estava com ciúme?

— Precisamente, e o ciúme lhe atava as asas.

— Será doravante uma serpente alada — resmungou o mosqueteiro com um resto de ódio contra o adversário de havia pouco.

Mas, aproximando-se dele, ofereceu Colbert à sua vista uma fisionomia tão diversa da que lhe conhecia d'Artagnan; pareceu-lhe tão bom, tão doce, tão acessível; assumiram-lhe os olhos uma expressão de tão nobre inteligência, que o mosqueteiro, perito em fisionomias, se sentiu comovido e quase transtornado em suas convicções.

Colbert apertava-lhe a mão.

— O que vos disse el-rei, senhor, prova quanto Sua Majestade conhece os homens. A encarniçada oposição que ofereci, até hoje, contra abusos, não contra homens, demonstra que eu tencionava preparar para o meu rei um grande reinado; para o meu país, um grande bem-estar. Tenho muitas idéias, Sr. d'Artagnan; vê-las-eis brotar ao sol da paz pública; e se não tenho a certeza e a felicidade de conquistar a amizade dos homens de bem, estou pelo menos certo de granjear-lhes a estima. Para obter-lhes a admiração, eu daria a vida.

A mudança, a inopinada elevação, a aprovação tácita do rei, deram muito que pensar a d'Artagnan. Cumprimentou cortesmente Colbert, que o não perdia de vista.

Vendo-os reconciliados, el-rei os dispensou, e eles saíram juntos.

Fora do gabinete, detendo o capitão, disse-lhe o novo ministro:

— Será possível, Sr. d'Artagnan, que, possuindo uma vista como a vossa, não tenhais, ao primeiro relancear de olhos, à primeira inspecção, reconhecido quem sou?

— Sr. Colbert — redarguiu o mosqueteiro — o raio de sol que temos nos olhos impede-nos de ver os mais ardentes braseiros. O homem que detém o poder resplandece, sabei-o muito bem, e, já que chegamos a este ponto, por que continuais a perseguir o homem que acaba de perder o valimento e caiu de tão alto?

— Eu, senhor? — tornou Colbert. — Nunca o perseguirei. Eu queria administrar as finanças e administrá-las sozinho, porque sou ambicioso e, sobretudo, porque tenho a mais absoluta confiança na minha capacidade; porque sei que todo o ouro deste país vai-me cair sob os olhos e eu gosto de ver o ouro do rei; porque, se eu viver trinta anos, em trinta anos nem um ceitil me ficará nas mãos; com esse ouro, construirei celeiros, edifícios, cidades; erguerei portos; formarei uma armada, equiparei navios, que irão levar o nome da França aos pontos mais distantes; criarei bibliotecas, academias; farei da França o primeiro país do mundo e o mais rico.

Eis os motivos de minha animosidade contra o Sr. Fouquet, que me impedia de agir. Depois, quando eu for grande e forte, quando a França for grande e forte, eu também, por meu turno, gritarei: "Misericórdia!”

— Dissestes misericórdia? Peçamos então ao rei a liberdade dele. O rei só o oprime hoje por vossa causa.

Tornou Colbert a erguer a cabeça.

— Senhor — respondeu — sabeis perfeitamente que isso não é verdade, e que Sua Majestade tem motivos pessoais para querer mal ao Sr. Fouquet; sabei-o tão bem quanto eu.

— O rei se cansará, esquecerá.

— O rei não esquece, Sr. d'Artagnan... Ouviu, ele está chamando e vai dar uma ordem; não tive nisso a menor influência, não é verdade? Prestai atenção.

O rei estava chamando, de fato, os secretários.

— Sr. d'Artagnan?

— Eis-me aqui, Sire.

— Dai vinte mosqueteiros ao Sr. de Saint-Aignan para guardarem o Sr. Fouquet.

D’Artagnan e Colbert entreolharam-se.

— E de Angers — continuou o rei — o prisioneiro será conduzido à Bastilha de Paris.

— Tínheis razão — disse o capitão ao ministro.

— Saint-Aignan — continuou o rei — fareis passar pelas armas quem quer que fale baixo, durante o percurso, com o Sr. Fouquet.

— E eu, Sire?

— Só falareis em presença dos mosqueteiros.

Inclinou-se o duque e saiu para executar a ordem. D’Artagnan ia retirar-se também; o rei o deteve.

— Senhor — ordenou — ireis imediatamente tomar posse da ilha e do feudo de Belle-Isle.

— Perfeitamente, Sire. Sozinho?

— Levareis as tropas necessárias para evitar um revés, se a praça resistir.

Um murmúrio de incredulidade aduladora ergueu-se do grupo de cortesãos.

— Não seria a primeira vez — observou d’Artagnan.

— Isso já aconteceu na minha infância — tornou o rei — e não quero que se repita. Ouvistes? Ide, senhor, e só voltai com as chaves da praça.

Colbert avizinhou-se de d'Artagnan.

— Bem executada, essa comissão vos polirá o bastão de marechal.

— Por que dizeis: *bem executada?*

— Porque é difícil.

— Como assim?

— Tendes amigos em Belle-Isle, Sr. d'Artagnan, e gente como vós não marcha sobre o corpo de um amigo para subir.

D'Artagnan abaixou a cabeça, ao passo que Colbert voltava para ao pé do rei.

Um quarto de hora depois, o capitão recebeu a ordem escrita de arrasar Belle-Isle em caso de resistência, e o direito de justiçar-lhe os habitantes ou *refugiados,* com recomendação para não deixar fugir ninguém.

"Colbert tinha razão", pensou d'Artagnan; "o meu bastão de marechal custaria a vida aos meus amigos. Todos se esquecem, porém, de que eles não são mais estúpidos que os passarinhos, e não esperam a mão do passarinheiro para bater as asas. Essa mão, hei de mostrá-la tão bem, que eles terão tempo de vê-la. Pobre Porthos! pobre Aramis! Não, minha fortuna não vos custará sequer uma penugem do corpo".

Tendo chegado a essa conclusão, d'Artagnan reuniu o exército real, embarcou-o em Paimboeuf e fez-se ao mar sem perder um momento.

Capítulo XLII - Belle-isle-en-mer

NA extremidade do molhe, sobre o passeio batido pelo mar que a enchente da noite enfuriara, de braço dado, conversavam em tom animado e expansivo dois homens, sem que nenhum ser humano lhes pudesse ouvir as palavras, arrebatadas como eram, uma a uma, pelas rajadas do vento, como a branca espuma arrancada à crista das ondas.

O sol acabava de deitar-se na grande toalha do oceano, rubro como um crisol gigantesco.

De quando em quando, um dos homens se voltava para o nascente e perscrutava o mar com sombria inquietude.

Interrogando os traços do companheiro, o outro parecia querer decifrar-lhe os olhares. Em seguida, mudos, agitando ambos sombrios pensamentos, reencetavam o passeio.

Aqueles homens, que toda a gente já deve ter reconhecido, eram os nossos proscritos, Porthos e Aramis, refugiados em Belle-Isle após a derrocada de suas esperanças, após o descalabro do vasto plano engenhado pelo Sr. d'Herblay.

— Por mais que o negues, meu caro Aramis — repetia Porthos aspirando vigorosamente o ar salino com que enchia o peito possante; — por mais que o negues, Aramis, não é coisa natural esse desaparecimento, há dois dias, de todos os barcos de pesca que partiram. Não houve borrascas no mar. O tempo permaneceu calmo, sem a mais mínima tormenta, e, ainda que tivesse havido tempestade, nem todas as barcas teriam sossobrado. Repito que é estranho.

— É verdade — murmurou Aramis; — tens razão, amigo Porthos. Há qualquer coisa de singular em tudo isso.

— E, de mais a mais — ajuntou Porthos — cujas idéias pareciam ampliadas pelo assentimento do Bispo de Vannes — de mais a mais, observaste que, se as barcas afundaram, não veio dar nenhum destroço à praia?

— Observei-o também.

— Observaste, além disso, que as duas únicas barcas que haviam ficado na ilha, e que mandei à procura das outras... ?

A essa altura, Aramis interrompeu o companheiro com um grito e um movimento tão repentino, que Porthos se deteve, estupefato.

— Que estás dizendo, Porthos? Mandaste as duas barcas...

— À procura das outras; naturalmente — respondeu com singeleza o gigante.

— Desgraçado! Que fizeste? Então, estamos perdidos! — bradou o bispo.

— Perdidos?... Como? — inquiriu Porthos, atarantado. — Perdidos por que, Aramis? Por que estamos perdidos?

Aramis mordeu os lábios.

— Nada, nada. Perdão, eu queria dizer...

— Sim?...

— Que, se quiséssemos, se nos desse na telha, dar um passeio por mar, não poderíamos fazê-lo.

— Bom! É isso o que te atormenta? Belo prazer, pois sim! Quanto a mim, não lhe sinto a falta. O que me faz falta, não é, decerto, a maior ou menor satisfação que me pode proporcionar Belle-Isle; sinto falta, Aramis, de Pierrefonds, de Bracieux, do Vallon, de minha bela França; aqui, não estamos em França, meu caro; estamos não sei onde. Posso dizer-to com toda a sinceridade de minha alma, e a tua afeição me revelará a franqueza; mas não me sinto feliz em Belle-Isle; não, a falar verdade, não

me sinto feliz!

Aramis suspirou baixinho.

— Caro amigo — respondeu ele — eis porque é tão lamentável que tenhas mandado as barcas que nos restavam à procura das barcas desaparecidas desde anteontem. Se o não tivesses feito, partiríamos.

— Partiríamos? E a ordem, Aramis?

— Que ordem?

— Homessa! A ordem que repetes sempre e a propósito de tudo: guardamos Belle-Isle contra o usurpador; sabes tão bem quanto eu.

— É verdade — murmurou ainda Aramis.

— Vês muito bem, meu caro, que não podemos partir, e que o envio das barcas à procura das outras em nada nos prejudica.

Aramis calou-se, e o seu olhar vago, luminoso como o de uma gaivota, pairou longamente sobre o mar, interrogando o espaço e buscando penetrar o horizonte.

— Com tudo isso, Aramis — continuou Porthos, aferrado à sua idéia, mormente depois que o bispo concordara com ela — com tudo isso, não me explicas o que pode ter sucedido aos infelizes barcos. Aonde quer que eu vá, assaltam-me gritos e queixas; choram as crianças vendo a desolação das mulheres, como se eu pudesse devolver-lhes os pais e maridos ausentes. Que supões tu, meu amigo, e que devo responder-lhes?

— Suponhamos tudo, meu bom Porthos, e não digamos nada. A resposta não satisfez o barão, que se voltou, resmoneando algumas palavras mal-humoradas.

Deteve Aramis o valente soldado.

— Lembras-te — perguntou com melancolia, apertando cordial e afetuosamente as mãos do gigante — lembras-te, meu amigo, de que, nos belos dias de nossa mocidade, quando éramos fortes e valentes, os outros dois e nós, se nos acudisse o desejo de volver à França, essa toalha de água salgada não nos teria detido?

— Oh! — exclamou Porthos — seis léguas!

— Se me visses subir numa prancha, ficarias em terra, Porthos?

— Não, por Deus, Aramis! Mas, hoje, de que prancha não precisaríamos, caro amigo, sobretudo eu! E o Sr. de Bracieux considerou, rindo-se de orgulho, a sua colossal rotundidade.

— E tu, dize com franqueza, também não te entedias em Belle-Isle? Não preferirias as doçuras de tua residência, de teu palácio episcopal em Vannes? Confessa-o.

— Não — retrucou Aramis, sem se atrever a olhar para Porthos.

— Fiquemos, então — concluiu o amigo com um suspiro que, apesar dos seus esforços para contê-lo, lhe escapou, ruidoso, do peito. — Fiquemos, fiquemos! E, no entanto, — ajuntou — no entanto, se quiséssemos, se quiséssemos de verdade, isto é, se tivéssemos a idéia fixa de regressar à França, e não possuíssemos embarcações...

— Observaste outra coisa, meu amigo? Depois que desapareceram as nossas barcas, depois dos dois dias em que estão ausentes os nossos pescadores, não abicou na ilha uma canoa sequer?

— De fato, tens razão. Também o observei, e a observação era fácil de fazer-se; pois, antes desses dois dias funestos, víamos chegar aqui barcas e chalupas às dúzias.

— Precisamos informar-nos — disse de repente Aramis com atenção. — Creio que deveria mandar construir uma jangada...

— Mas há canoas, caro amigo; não queres que eu prepare uma?

— Uma canoa... uma canoa!... Que idéia, Porthos! Uma canoa para virar? Não, não — replicou o

Bispo de Vannes — não é nosso ofício dançar sobre as ondas. Esperemos, esperemos.

E continuou a passear com todos os sinais de crescente agitação.

Porthos, que se cansava de seguir os movimentos febris do amigo; Porthos, que, na sua calma e na sua fé, não lhe compreendia a exasperação, traída por contínuos sobressaltos; Porthos o deteve.

— Sentemo-nos neste rochedo — propôs; — coloca-te aí, perto de mim, Aramis, e eu te conjuro pela última vez, explica-me, de modo que eu possa compreendê-lo direito, explica-me o que estamos fazendo aqui.

— Porthos... — principiou Aramis, enleado.

— Sei que o falso rei quis destronar o verdadeiro. Está dito, está compreendido.

— Sim — tornou Aramis.

— Sei que o falso rei projetou vender Belle-Isle aos ingleses. Também está compreendido.

— Sim.

— Sei que nós, engenheiros e capitães, viemos a Belle-Isle assumir a direção dos trabalhos e o comando das dez companhias recrutadas e pagas pelo Sr. Fouquet, ou melhor, as dez companhias do genro dele. Tudo isso também está compreendido.

Ergueu-se Aramis, impaciente. Dir-se-ia um leão importunado por uma mosca.

Porthos reteve-o pelo braço.

— Mas o que não compreendo, o que, apesar dos meus esforços de inteligência, de todas as minhas reflexões, não posso compreender, e jamais compreenderei, é que, em lugar de nos enviarem tropas, em lugar de nos enviarem, reforços de homens, munições e víveres, nos deixem sem barcos, sem recursos e sem socorro; em vez de estabelecerem correspondência conosco, seja por meio de sinais, seja por avisos escritos ou verbais, interceptem todas as nossas comunicações.

Vamos, Aramis, responde-me; ou melhor, não: antes de responderes, queres que eu diga o que pensei? Queres saber qual foi a minha idéia, que fantasia me acudiu?

O bispo ergueu a cabeça.

— Pois bem, Aramis — continuou Porthos — pensei que deve ter acontecido qualquer coisa em França. Sonhei com o Sr. Fouquet a noite inteira, sonhei com peixes mortos, ovos quebrados, salas mal-arrumadas, pobremente mobiliadas. Maus sonhos, meu caro d'Herblay! Maus presságios!

— Porthos, que é aquilo lá embaixo? — interrompeu Aramis erguendo-se repentinamente e mostrando ao amigo um ponto negro sobre a linha purpúrea do horizonte.

— Um barco! — disse Porthos; — é, sim, um barco. Ah! finalmente teremos notícias.

— Dois! — exclamou o bispo avistando nova mastreação — dois; três! quatro!

— Cinco! — disse Porthos por seu turno. — Seis! Sete! Ah! meu Deus! é uma frota!

— São provavelmente os nossos navios que estão voltando — tornou Aramis, inquieto apesar da segurança que afetava.

— São muito grandes para serem barcos de pescadores — volveu Porthos; — além disso, não observas, caro amigo, que vêm do Loire?

— Vem do Loire... sim.

— E vê: toda a gente os viu como eu; as mulheres e crianças começam a escalar os paredões.

Um velho pescador passou.

— São as nossas barcas? — perguntou-lhe Aramis. O velho interrogou as profundezas do horizonte.

— Não, monsenhor — respondeu; — são lanchões do serviço real.

— Lanchões do serviço real! — repetiu o prelado estremecendo. — Como podeis reconhecê-los?

— Pelo pavilhão.

— Mas — sobreveio Porthos — o barco é apenas visível; como diabo, meu caro, distingues o pavilhão?

— Vejo que há um — replicou o velho; — os barcos de pescadores e de comércio não trazem nenhum. Essas chalupas que vêm vindo, senhor, servem, de ordinário, ao transporte de tropas.

— Ah! — murmurou Aramis.

— Viva! — bradou Porthos. — Estão-nos mandando reforços, não é verdade, Aramis?

— É provável.

— A menos que estejam chegando os ingleses.

— Pelo Loire? Seria muita falta de sorte, Porthos; teriam, então, passado por Paris?

— Tens razão; são reforços ou víveres, não há dúvida. Aramis apoiou a cabeça nas mãos e não respondeu. Logo, de súbito:

— Porthos — disse ele — manda soar o alarma.

— O alarma?... estás falando sério?

— Estou; subam os canhoneiros às baterias; fiquem os serventes ao pé das peças; e estejam principalmente alerta as baterias de costa.

Porthos arregalou os olhos. Considerou atentamente o amigo, como se quisesse certificar-se de que ele continuava na posse de suas faculdades mentais.

— Eu irei, meu bom Porthos — continuou Aramis com a sua voz mais suave; — mandarei executar as ordens, se o não fizeres.

— Vou imediatamente! — prontificou-se Porthos, que foi transmitir a ordem, embora olhasse constantemente para trás a fim de verificar se o Bispo de Vannes não se enganara e, voltando a idéias mais sãs, não tornava a chamá-lo.

Foi dado o alarme; soaram clarins e tambores, o sino grande da torre bimbalhou.

Incontinente, os molhes e diques se encheram de curiosos, de soldados; brilharam as mechas entre as mãos dos artilheiros, colocados atrás dos grandes canhões deitados sobre suportes de pedra. Quando cada qual assumiu o seu posto, quando se completaram os preparativos de defesa:

— Permites-me, Aramis, que eu comece a compreender? — murmurou timidamente Porthos ao ouvido do bispo.

— Ora, meu caro, sempre será demasiado cedo para compreenderes — respondeu no mesmo tom o Sr. d'Herblay.

— A frota que vem vindo lá em baixo, de velas desfraldadas, aproando ao porto de Belle-Isle, é uma frota real, não é verdade?

— Mas se há dois reis em França, Porthos, a qual deles pertence a frota?

— Ah! tu me abres os olhos — redarguiu o gigante, desarmado pelo argumento.

E Porthos, cujos olhos acabavam de abrir-se, ou melhor, cuja venda se tornara ainda mais espessa, encaminhou-se à pressa para as baterias a fim de vigiar a sua gente e exortá-la a cumprir o dever.

Entretanto, com os olhos pregados no horizonte, via Aramis aproximarem-se os navios. Trepados nos cimos e nas anfractuosidades dos rochedos, a multidão e os soldados puderam distinguir a mastreação, depois as velas baixas, finalmente o casco dos lanchões, que traziam na carangueja o pavilhão real.

Já era noite fechada quando uma das chalupas, cuja presença alvorotara tanto a população de Belle-Isle se deteve à distância de um tiro de canhão.

Logo se viu, apesar da obscuridade, uma espécie de agitação reinar a bordo do barco, do qual se destacou um escaler, cujos três remeiros, curvados sobre os remos, tomaram a direção do porto, e, poucos instantes depois, acostaram ao forte.

O patrão do escaler saltou sobre o molhe. Trazia uma carta na mão, agitava-a no ar e parecia querer falar com alguém.

O homem foi logo reconhecido por vários soldados como um dos pilotos da ilha. Era o patrão de uma das barcas conservadas por Aramis, e que Porthos, inquieto pela sorte dos pescadores, desaparecidos havia dois dias, mandara em busca dos botes perdidos.

Pediu para ser conduzido à presença do Sr. d'Herblay.

Ao sinal de um sargento, dois soldados o levaram.

Aramis estava no cais. O enviado apresentou-se ao Bispo de Vannes. A escuridão era quase completa, apesar dos archotes seguros, a certa distância, pelos soldados que escoltavam o prelado.

— Homessa! Jonatas, de que parte vens?

— Da parte dos que me prenderam, monsenhor.

— Quem te prendeu?

— Sabeis, monsenhor, que partimos à procura de nossos camaradas.

— Sei. E depois?

— Pois bem, monsenhor, a uma légua daqui fomos capturados por um galeão do rei.

— De que rei? — perguntou Porthos.

Jonatas arregalou os olhos.

— Fala — continuou o bispo.

— Fomos, portanto, capturados, monsenhor, e reunidos aos que tinham sido presos ontem cedo.

— Mas que mania é essa agora de prender todo o mundo? — atalhou Porthos.

— Para impedir, senhor, que nos comunicássemos convosco — replicou Jonatas.

Porthos, por sua vez, não compreendeu.

— E hoje te soltaram?

— Para eu poder comunicar-vos que fomos presos.

— Cada vez mais complicado — pensou o honrado Porthos. Durante esse tempo, Aramis refletia.

— Vejamos — disse ele — uma frota real, por conseguinte, está bloqueando as costas?

— Está, monsenhor.

— Comandado por quem?

— Pelo capitão dos mosqueteiros do rei.

— D'Artagnan?

— D'Artagnan! — repetiu Porthos.

— Creio que *é* esse mesmo o nome.

— E foi ele quem te entregou a carta?

— Foi, monsenhor.

— Aproximai os brandões.

— É a letra dele — disse Porthos.

Aramis leu rapidamente as linhas seguintes:

> *"Ordem do rei para tomar Belle-Isle;*
> *"Ordem para passar a fio de espada a guarnição, se resistir;*
> *"Ordem para prender todos os homens da guarnição;*
> *"(a.) D'ARTAGNAN, que, anteontem, prendeu o Sr. Fouquet para mandá-lo à Bastilha".*

Aramis empalideceu e amarrotou o papel com as mãos.

— Que aconteceu? — perguntou Porthos.

— Nada, meu amigo, nada!
— Dize-me, Jonatas?
— Monsenhor!
— Falaste com o Sr. D'Artagnan?
— Falei, monsenhor.
— Que te disse ele?
— Que, para informações mais amplas, conversaria convosco.
— Onde?
— A bordo do seu navio.
— A bordo do seu navio? Porthos repetiu:
— A bordo do seu navio?
— O senhor mosqueteiro — continuou Jonatas — disse-me que vos levasse, a vós e ao senhor engenheiro, em meu escaler, à sua presença.
— Vamos — disse Porthos. — Querido d'Artagnan! Reteve-o Aramis.
— Estás louco? — exclamou. — Quem te diz que isso não é uma cilada?
— Do outro rei? — tornou Porthos, misterioso.
— Uma cilada, enfim! Não é preciso dizer mais nada.
— É possível; mas, então, que fazer? Se, afinal de contas, d'Artagnan nos chama...
— Quem te diz que é d'Artagnan?
— Ah! então... Mas a letra é dele...
— Pode-se imitar uma letra. Esta foi imitada, está tremida.
— Sempre tens razão; mas, enquanto isso, não sabemos nada. Calou-se Aramis.
— É verdade — continuou o bom Porthos — que não precisamos saber.
— Que devo fazer? — perguntou Jonatas.
— Voltarás à presença do capitão.
— Sim, monsenhor.
— E dir-lhe-ás que lhe pedimos para vir pessoalmente à ilha.
— Compreendo! — exclamou Porthos.
— Sim, monsenhor — respondeu Jonatas; — e se o capitão não quiser vir a Belle-Isle?...
— Se ele não quiser, temos canhões: atiraremos.
— Contra d'Artagnan?
— Se for d'Artagnan, Porthos, ele virá. Parte, Jonatas, parte.
— Palavra que agora não compreendo mais nada — murmurou Porthos.
— Vou explicar-te tudo, caro amigo, pois é chegado o momento. Senta-te nesta carreta, fita os ouvidos e escuta.
— Oh! estou escutando! não tenhas dúvida.
— Posso partir, monsenhor? — gritou Jonatas.
— Podes, e volta com a resposta. — E, para os soldados: — Deixai passar o escaler!
Partiu o bote na direção do navio.
Aramis segurou na mão de Porthos e encetou as explicações.

Capítulo XLIII - As explicações de Aramis

O QUE vou dizer-te, amigo Porthos, talvez te surpreenda, mas também te instruirá.

— Gosto de ser surpreendido — respondeu Porthos com benevolência; — peço-te, portanto, que não me poupes. Em se tratando de emoções, sou uma pedra; não receies, fala.

— É difícil, Porthos, é... difícil; pois repito-o, tenho coisas muito estranhas, muito extraordinárias para dizer-te.

— Falas tão bem, querido amigo, que eu seria capaz de escutar-te dias a fio. Fala, portanto, por favor, e... olha, tenho uma idéia: para facilitar-te a tarefa, para ajudar-te a dizer-me essas coisas estranhas, vou interrogar-te.

— Com muito gosto.

— Por que vamos combater, querido Aramis?

— Se me fizeres muitas perguntas como esta, se assim pretendes facilitar-me a tarefa, a minha necessidade de revelação, não me facilitarás coisa alguma. Pelo contrário. É aí, precisamente, que está o nó górdio. Ouve, amigo: diante de um homem bom, generoso e dedicado com tu, devemos, por ele e por nós, iniciar corajosamente a confissão. Enganei-te, meu digno amigo.

— Enganaste-me?

— Enganei.

— Para o meu bem, Aramis?

— Acreditei que sim, Porthos; acreditei-o sinceramente.

— Nesse caso — tornou o honrado senhor de Bracieux — prestaste-me um serviço, e eu te agradeço; pois, se não o tivesses feito, eu mesmo teria podido enganar-me. Mas, vejamos: como me enganaste? Dize.

— Eu estava a serviço do usurpador, contra o qual Luís XIV dirige agora todos os seus esforços.

— O usurpador — volveu Porthos, coçando a cabeça — é... Não compreendo direito.

— É um dos reis que disputam a coroa de França.

— Muito bem!... Estavas, então, a serviço daquele que não é Luís XIV?

— Precisamente; acertaste.

— Daí resulta que...

— Daí resulta que somos todos rebeldes, meu pobre amigo.

— Diabo! Diabo!... — exclamou Porthos, desapontado.

— Sim, meu caro Porthos, mas não te agites, que ainda encontraremos meio de salvar-nos, podes crer.

— Não é isso que me inquieta — respondeu Porthos; — o que me preocupa é essa palavra tão feia: rebeldes.

— Ah!...

— E, dessarte, o ducado prometido...

— Era promessa do usurpador.

— Não é a mesma coisa, Aramis — sentenciou Porthos com majestade.

— Amigo, se dependesse apenas de mim, hoje serias príncipe. Porthos entrou a roer as unhas, melancólico.

— Aí está — continuou — porque fizeste mal de enganar-me; eu confiava nesse ducado prometido.

Confiava seriamente, pois te sabia homem de palavra, meu caro.

— Pobre Porthos! Suplico-te que me perdoes!

— Nessas condições — continuou Porthos, sem responder à súplica do Bispo de Vannes — nessas condições, estou muito mal com o Rei Luís XIV?

— Darei um jeito nisso, meu bom amigo, darei um jeito nisso. Assumo toda a responsabilidade.

— Aramis!

— Não, não, Porthos, conjuro-te, deixa-me agir. Nada de falsas generosidades! Nada de dedicações inoportunas! Ignoravas os meus projetos. Não tomaste iniciativa alguma. Comigo foi diferente. Sou o único autor da trama. Precisando do meu inseparável companheiro, chamei-te e acorreste, lembrado de nossa antiga divisa: "Todos por um, um por todos". O meu crime, Porthos, foi ter sido egoísta.

— Aí está uma declaração que me agrada — confessou Porthos; — e visto que agiste unicamente por ti, não posso querer-te mal por isso. É tão natural!

E ao pronunciar essa frase sublime, Porthos apertou cordialmente a mão do amigo.

Em presença daquela ingênua grandeza de alma, Aramis sentiu-se pequeno. Era a segunda vez que se via constrangido a curvar-se ante a verdadeira superioridade do coração, muito maior que o esplendor da inteligência.

Respondeu por uma enérgica e muda pressão à generosa carícia do amigo.

— Agora — disse Porthos — que trocamos todas as explicações necessárias; agora que estou perfeitamente a par de nossa situação perante o Rei Luís, creio, caro amigo, que já é tempo de me explicares a intriga política de que somos vítimas; pois vejo muito bem que há em tudo isso uma intriga política.

— D'Artagnan, meu bom Porthos, d'Artagnan não deve demorar, e poderá esmiuçar-lhe todos os pormenores; mas, perdoa-me: sinto-me profundamente angustiado, acabrunhado pelo sofrimento, e preciso de toda a minha presença de espírito, de toda a minha capacidade de reflexão, para safar-te da entaladela em que te meti. Creio, entretanto, que já não há nada mais claro nem mais exato que a minha posição. O Rei Luís XIV tem hoje um inimigo só: esse inimigo sou eu, apenas eu. Eu te prendi, tu me seguiste, hoje te liberto, voltas para o teu príncipe. Como vês, Porthos, não há a menor dificuldade em tudo isto.

— Acreditas? — indagou Porthos.

— Tenho certeza.

— Então por que — objetou o admirável bom senso de Porthos — se estamos numa situação tão fácil assim, por que, meu bom amigo, preparamos canhões, mosquetes e engenhos de toda sorte? Parece-me que seria muito mais simples dizermos ao Capitão d'Artagnan: "Caro amigo, nós nos enganamos, voltamos atrás; abre-nos a porta, deixa-nos passar, e bom dia!"

— Ah! aí é que está! — disse Aramis sacudindo a cabeça.

— Aí é que está o quê? Não aprovas o plano?

— Vejo nele uma dificuldade.

— Qual?

— A hipótese de trazer d'Artagnan tais ordens, que sejamos obrigados a defender-nos.

— Homessa! defender-nos contra d'Artagnan? Loucura! O bom d'Artagnan!...

Aramis voltou a sacudir a cabeça.

— Porthos — disse ele — se mandei acender as mechas e apontar os canhões, se mandei dar o sinal de alarma, se conclamei toda a gente a seus postos nas muralhas, nessas boas muralhas de Belle-Isle que tão bem fortificaste, foi por alguma coisa. Espera para julgar, ou melhor, não, não

esperes...

— Que farei, afinal?

— Se eu soubesse, amigo, já o teria dito.

— Mas há uma coisa muito mais simples que a defesa: um barco e a fuga para a França, onde...

— Caro amigo — retrucou Aramis sorrindo com certa tristeza — não raciocinemos como crianças; sejamos homens pelo conselho e pela execução. Olha, do porto estão chamando à fala uma embarcação qualquer. Atenção, Porthos, muita atenção!

— Deve ser d'Artagnan — trovejou Porthos, chegando-se ao parapeito.

— Sim, sou eu — respondeu o capitão dos mosqueteiros galgando, rápido, os degraus do molhe.

E subiu céleremente à esplanadazinha em que se achavam os dois amigos.

Durante a subida, Porthos e Aramis avistaram um oficial que o seguia muito de perto.

Estacou o capitão num dos degraus, a meio do caminho. O companheiro imitou-o.

— Mandai retirar a vossa gente — gritou d'Artagnan a Porthos e Aramis; — mandai que fique fora do alcance de nossas vozes.

Repetida por Porthos, a ordem foi prontamente executada. E d'Artagnan, voltando-se para o homem que o seguia:

— Senhor — disse ele — já não estamos no galeão do rei, onde, em virtude de vossas ordens, me falastes com tanta arrogância ainda há pouco.

— Não vos falei com arrogância — contestou o oficial; — eu estava apenas obedecendo, rigorosamente, ao que me foi ordenado. Disseram-me que vos seguisse, estou-vos seguindo; que não vos deixasse parlamentar com ninguém sem tomar conhecimento do que disséssеis; eis porque me intrometo em vossas conversações.

D'Artagnan fremiu de cólera, e Porthos e Aramis, que ouviram o diálogo, fremiram também, mas de inquietude e receio.

Mastigando o bigode com o vigor que revelava nele um exaspero muito próximo da explosão, d'Artagnan reaproximou-se do oficial.

— Senhor — disse ele, em voz mais baixa, e tanto mais nítida quanto afetava a calma profunda, precursora de tempestades — quando mandei aqui um escaler, quisestes saber o que eu escrevera aos defensores de Belle-Isle. Mostrastes-me uma ordem; nessa ocasião, por seu turno, mostrei-vos o bilhete. Quando o patrão da canoa enviada por mim regressou, quando recebi a resposta destes dois senhores (e indicou Aramis e Porthos), ouvistes até ao fim o discurso do mensageiro. Tudo isso estava perfeitamente de acordo com as vossas ordens; foi tudo muito bem seguido e bem executado, não foi?

— Foi, sim, senhor — balbuciou o oficial; — foi, sem dúvida... mas...

— Senhor — continuou d'Artagnan acalorando-se — quando manifestei a intenção de deixar o meu navio para vir a Belle-Isle, impusestes-me a vossa companhia; não hesitei: trouxe-vos comigo. Estais em Belle-Isle, não estais?

— Estou, sim, senhor; mas...

— Mas... agora já não se trata do Sr. Colbert, que vos deu as ordens, ou de quem quer que seja; trata-se de um homem que está incomodando o Sr. d'Artagnan, e que se encontra com o Sr. D'Artagnan, sozinho, no meio de uma escada, banhada por trinta pés de água salgada; em péssima posição, portanto, péssima posição! Estou-vos prevenindo.

— Mas, senhor, se vos incomodo — sobreveio, tímido e quase medroso, o oficial — é o meu serviço que...

— Senhor, tivestes a infelicidade, vós ou aqueles que vos mandaram, de insultar-me. Fui insultado.

Não posso vingar-me dos vossos superiores; não os conheço; de mais a mais, estão muito longe. Mas vós vos achais em minhas mãos, e juro por Deus que, se derdes mais um passo atrás de mim, quando eu erguer o pé para chegar àqueles senhores... juro pelo meu nome que vos racharei a cabeça com a espada e vos atirarei ao mar. Aconteça o que acontecer! Até hoje só me encolerizei seis vezes na vida, e, em cada uma das cinco vezes anteriores a esta, matei um homem.

O oficial não se mexeu; empalideceu à terrível ameaça, mas respondeu com singeleza:

— Não devíeis, senhor, contrariar as minhas ordens.

Mudos e frementes no alto do parapeito, Porthos e Aramis gritaram para o mosqueteiro:

— Cuidado, d'Artagnan!

D'Artagnan silenciou-os com o gesto, ergueu o pé, terrivelmente calmo, para galgar um degrau, e voltou-se, com a espada na mão, a fim de verificar se fora seguido.

O oficial persignou-se e deu um passo à frente.

Porthos e Aramis, que conheciam d'Artagnan, soltaram um grito e precipitaram-se para aparar o golpe, que já criam estar ouvindo.

Mas d'Artagnan, passando a espada para a outra mão:

— Senhor — disse ele ao oficial com voz comovida — sois um homem de coragem. Deveis compreender melhor o que vou dizer agora do que o que eu disse há pouco.

— Falai, Sr. D'Artagnan, falai — respondeu o corajoso oficial.

— Estes senhores que viemos ver, e aos quais se referem as vossas ordens, são amigos meus.

— Eu sei.

— Compreendereis que não posso tratá-los como o determinam as instruções que recebestes.

— Compreendo as vossas reservas.

— Pois bem, permiti que eu lhes fale sem testemunhas.

— Sr. D'Artagnan, se eu acedesse ao vosso pedido, se fizesse o que me requereis, faltaria à minha palavra; mas, se o não fizer, incorrerei no vosso desagrado. Prefiro uma coisa à outra. Conversai com os vossos amigos e não me desprezeis por eu fazer por vós, que estimo e honro, e só por vós, o que não devo.

Comovido, passou d'Artagnan rapidamente os braços pelo pescoço do oficial e foi ter com os amigos.

Envolto na sua capa, o rapaz sentou-se num dos degraus, coberto de algas úmidas.

— Muito bem — disse o mosqueteiro aos outros dois — conheceis a situação; julgai-a.

Abraçaram-se os três, e mantiveram-se abraçados como nos belos tempos da mocidade.

— Que significam tantos rigores? — perguntou Porthos.

— Devias suspeitar de alguma coisa, amigo — replicou d'Artagnan.

— Não muito, meu caro capitão; pois, afinal, não fiz nada; nem Aramis — apressou-se em acrescentar o excelente homem.

D'Artagnan dirigiu ao prelado um olhar de censura, que penetrou o endurecido coração de Aramis.

— Querido Porthos! — exclamou o Bispo de Vannes.

— Vistes o que foi feito — disse d'Artagnan: — intercepção de tudo o que sai daqui e de tudo o que vem para cá. Os vossos barcos foram apresados. Se houvésseis tentado fugir, cairíeis nas mãos dos cruzadores que sulcam o mar e estão à vossa espera. O rei vos quer e vos terá.

E arrancou, furioso, alguns pêlos do bigode grisalho. Aramis ensombreceu-se. Porthos enraivou-se.

— A minha idéia era esta — continuou d'Artagnan: — levar-vos para o meu navio, ter-vos ao pé de mim e depois libertar-vos. Mas, agora, quem me diz que, ao voltar a bordo, não encontrarei um

superior, não encontrarei ordens secretas que me tirarão o comando para dá-lo a outrem e disporão de vós e de mim sem nenhuma esperança de socorro?

— Prefiro ficar em Belle-Isle — disse resolutamente Aramis — e asseguro-te que não me renderei senão depois de saber o que vai acontecer-me.

Porthos não disse nada. D'Artagnan observou-lhe o silêncio.

— Ainda posso experimentar aquele oficial, o bravo que me acompanha, e cuja corajosa resistência me alegra, pois revela um homem de bem, que, embora inimigo nosso, vale mil vezes mais do que um covarde complacente.

Procuremos saber o que ele tem o direito de fazer, o que as suas ordens lhe permitem ou vedam.

— Procuremos — concordou Aramis.

D'Artagnan achegou-se ao parapeito, inclinou-se para os degraus do molhe, e chamou o oficial, que subiu incontinente.

— Senhor — inquiriu d'Artagnan, após a troca de cordialíssimas cortesias, naturais entre gentis-homens que se conhecem e apreciam dignamente; — que faríeis se eu quisesse levar daqui estes senhores?

— Eu não me oporia, senhor; mas, como recebi' ordens diretas, formais, para mantê-los sob minha custódia, eu os guardaria.

— Ah! — exclamou d'Artagnan.

— Está tudo acabado! — disse Aramis surdamente. Porthos não se mexeu.

— Leva sempre Porthos — sugeriu o Bispo de Vannes; — ele saberá provar ao rei, e nisso o ajudaremos, que não tem absolutamente nada com a história.

— Hum! — tornou d'Artagnan. — Queres vir? Queres seguir-me, Porthos? O rei é magnânimo.

— Peço prazo para refletir — respondeu Porthos nobremente.

— Ficas aqui?

— Até nova ordem! — exclamou Aramis com vivacidade.

— Até que tenhamos uma idéia — tornou d'Artagnan — e creio que isso não demorará, pois já me ocorreu uma.

— Despeçamo-nos, então — volveu Aramis; — mas, em verdade, meu caro Porthos, devias partir.

— Não! — declarou laconicamente o barão.

— Como quiseres — tornou Aramis, um tanto magoado em sua suscetibilidade nervosa, pelo tom melancólico do companheiro. — O que me tranqüiliza, porém, é a promessa de uma idéia de d'Artagnan; idéia, aliás, que julgo ter adivinhado.

— Vejamos — volveu o mosqueteiro, aproximando o ouvido da boca do prelado.

Este murmurou algumas palavras rápidas, às quais respondeu o capitão:

— É precisamente isso.

— Então não pode falhar — exclamou Aramis, jubiloso.

— Durante o primeiro alvoroto que causar a minha decisão, arranja-te, Aramis.

— Oh! não tenhas medo.

— Agora, senhor — disse d'Artagnan ao oficial — mil vezes obrigado! Acabais de conquistar três amigos para o resto da vida.

— De fato — confirmou o Sr. d'Herblay.

Só Porthos não disse nada e aquiesceu com a cabeça.

Tendo abraçado com ternura os dois amigos, d'Artagnan deixou Belle-Isle em companhia do inseparável companheiro que lhe dera o Sr. Colbert.

Assim, à parte a explicação com que o digno Porthos houvera por bem contentar-se, nada se

alterara, aparentemente, na sorte de uns e de outros.

— Só que, agora, há a idéia de d'Artagnan — disse Aramis. D'Artagnan não tornou a bordo do seu navio sem primeiro examinar em todos os sentidos a idéia que acabara de ter.

E, quando examinava, d'Artagnan chegava, de hábito, ao outro lado da questão.

Voltando à primitiva mudez, o oficial permitiu-lhe respeitosamente que meditasse.

Daí que, ao pôr o pé no navio, atracado a um tiro de canhão de Belle-Isle, o capitão dos mosqueteiros já tivesse esboçado todos os meios ofensivos e defensivos.

Reuniu imediatamente o seu conselho.

Esse conselho compunha-se de oficiais que serviam sob as suas ordens.

Eram em número de oito:

Um chefe das forças marítimas, Um major, encarregado da artilharia, Um engenheiro, O oficial que conhecemos, E quatro tenentes.

Tendo-os, portanto, reunido na câmara de popa, d'Artagnan levantou-se, tirou o chapéu e começou nestes termos:

— Senhores, procedi ao reconhecimento de Belle-Isle-en-Mer, e nela encontrei uma boa e sólida guarnição, e, o que é mais, disposta a uma defesa que pode tornar-se incômoda. Tenho, pois, a intenção de mandar buscar dois dos principais oficiais da praça a fim de parlamentar com eles.

Separados de suas tropas e de seus canhões, serão persuadidos com maior facilidade, sobretudo com bons argumentos. Não é essa a vossa opinião?

O major de artilharia levantou-se.

— Senhor — objetou com respeito, mas com firmeza — dissestes que a praça está disposta a uma defesa incômoda. Sabeis, então, que os seus ocupantes se decidiram pela rebelião?

D'Artagnan sentiu-se visivelmente agastado com a resposta; mas não era homem que se deixasse abater por tão pouco, e retomou a palavra:

— Senhor — disse ele — a vossa observação é justa. Não ignorais, porém, que Belle-Isle-en-Mer é um feudo do Sr. Fouquet e os antigos reis deram aos senhores de Belle-Isle o direito de se armarem.

O major fez um movimento.

— Oh! não me interrompais — continuou d'Artagnan. — Dir-me-eis que esse direito de se armarem contra os ingleses não é o direito de se armarem contra o seu rei. Mas, suponho eu, não é o Sr. Fouquet que está, neste momento, na posse de Belle-Isle, visto que, anteontem, o prendi. Ora, os habitantes e defensores de Belle-Isle ignoram-lhe a prisão. Em vão a anunciareis. É uma coisa tão inaudita, tão extraordinária, tão inesperada, que eles não acreditariam. Um bretão serve o seu amo e não os seus amos; serve o seu amo até vê-lo morto. Ora, os bretões, que eu saiba, não viram o cadáver do Sr. Fouquet. Não é, pois, de surpreender que resistam a tudo o que não seja o Sr. Fouquet ou a sua assinatura.

Inclinou-se o major em sinal de assentimento.

— Eis porque — prosseguiu d'Artagnan — me proponho trazer aqui, a bordo deste navio, dois dos principais oficiais da guarnição. Eles vos verão; verão as forças de que dispomos; saberão, por conseguinte, qual a sorte que os espera em caso de rebelião. Dar-lhes-emos a nossa palavra de honra de que o Sr. Fouquet está preso, e que toda e qualquer resistência só lhes seria prejudicial. Dir-lhes-emos que, ao primeiro tiro de canhão, já não poderão esperar misericórdia alguma do rei. Então, segundo espero, não continuarão a resistir. Entregar-se-ão sem luta, e teremos por bem uma praça que poderia custar-nos muitíssimo.

O oficial que seguira d'Artagnan a Belle-Isle já se dispunha a falar, mas d'Artagnan o interrompeu.

— Sei o que me direis, senhor; sei que há ordens do rei no sentido de impedir qualquer comunicação secreta com os defensores de Belle-Isle, e eis precisamente porque me resigno a comunicar-me com eles em presença do meu estado-maior.

E d'Artagnan fez aos oficiais um aceno que tinha por objeto ressaltar-lhe a condescendência.

Entreolharam-se os ouvintes como se quisessem decifrar as opiniões uns dos outros, com a intenção evidente de fazer, depois que se tivessem posto de acordo, o que desejava d'Artagnan. E este já antevia com prazer o momento em que mandaria uma barca a Porthos e a Aramis, quando o oficial do rei tirou do peito uma carta lacrada, que entregou a d'Artagnan.

Via-se-lhe no sobrescrito o número 1.

— Mais alguma coisa? — murmurou o capitão surpreso.

— Lede, senhor — disse o oficial com uma cortesia em que se notava certa tristeza.

Desconfiado, d'Artagnan rasgou o lacre e leu estas palavras:

> *"Fica proibido o Sr. d'Artagnan de reunir todo e qualquer conselho ou deliberar o que quer que seja antes que Belle-Isle se haja rendido e os prisioneiros tenham sido fuzilados. "(a) Luís".*

Reprimiu d'Artagnan o movimento de impaciência que lhe percorria o corpo todo; e, com um sorriso gracioso:

— Está bem, senhor — disse ele — conformar-nos-emos com as ordens de Sua Majestade.

Capítulo XLIV - Continuação das idéias do rei e das idéias de d'Artagnan

O GOLPE era direto, rude, mortal. Furioso por ver-se antecipado pela previsão do rei, d'Artagnan, porém, não desanimou e, pensando na idéia que trouxera de Belle-Isle, entendeu que ela propiciaria novo meio de salvação aos amigos.

— Senhores — disse ele, subitamente — visto que o rei encarregou outra pessoa de ordens secretas, já não lhe mereço a confiança, e eu seria realmente indigno de um comando se teimasse em conservá-lo depois de me ver sujeito a tantas suspeitas injuriosas; vou levar-lhe imediatamente, portanto, o meu pedido de demissão. Demito-me diante de vós e ordeno que volteis comigo às costas de França, de modo que em nada se comprometam as forças que me confiou Sua Majestade. Por conseguinte, voltai aos vossos postos e preparai o regresso; daqui a uma hora teremos maré. Aos vossos postos, senhores! Suponho — acrescentou ao ver que todos obedeciam, exceto o oficial vigilante — que não tereis ordens com que objetar desta vez?

E d'Artagnan assumiu um ar quase triunfante ao dizer essas palavras. Aquele plano era a salvação dos seus amigos. Levantado o bloqueio, poderiam embarcar-se imediatamente e rumar para a Inglaterra ou para a Espanha, sem receio de serem inquietados. Enquanto fugissem, chegaria d'Artagnan à presença do rei, justificaria o seu regresso com a indignação que as suspeitas de Colbert haviam despertado nele; seria mandado de volta com plenos poderes, e tomaria Belle-Isle, isto é, a gaiola, mas sem os passarinhos.

A esse plano, todavia, opôs o oficial segunda ordem do rei, redigida nestes termos:

"Desde o momento em que o Sr. d'Artagnan tenha manifestado o desejo de demitir-se, deixará de ser considerado como chefe da expedição, e todo oficial sob as suas ordens deixará de obedecer-lhe. De mais disso, tendo perdido o cargo de comandante do exército enviado contra Belle-Isle, o dito Sr. d'Artagnan partirá imediatamente para a França, em companhia do oficial que lhe tiver entregue esta mensagem, e que o considerará como prisioneiro pelo qual será responsável".

D'Artagnan empalideceu. Tudo fora calculado com tamanha profundeza que lhe recordou, pela segunda vez, em trinta anos, a sólida previdência e a lógica inflexível do grande cardeal.

Apoiou a cabeça na mão, pensando, mal respirando.

— Se eu enfiasse a ordem no bolso — refletiu — quem ficaria sabendo ou quem me impediria de fazê-lo? Antes que o rei fosse informado, eu salvaria aquela pobre gente. Um pouco de audácia, vamos! A minha cabeça não foi feita para ser decepada por desobediência. Desobedeçamos!

No momento, porém, em que tomava essa decisão, viu os oficiais lendo ordens semelhantes, distribuídas pelo infernal agente do pensamento de Colbert.

O caso de desobediência fora previsto como os outros.

— Senhor — disse-lhe o oficial — estou esperando que decidais partir.

— Estou pronto, senhor — replicou o capitão, rangendo os dentes.

O oficial mandou preparar imediatamente um escaler. D'Artagnan quase ficou louco de raiva.

— Como farão — tartamudeou — para dirigir os diferentes corpos?

— Quando partirdes, senhor — replicou o comandante dos navios — ficarei encarregado da frota.

— Então — acudiu o homem de Colbert dirigindo-se ao novo chefe — a vós se destina a última ordem que me foi entregue. Mostrai-me os vossos poderes.

— Ei-los — disse o marinheiro exibindo uma assinatura real.

— E aqui estão as vossas instruções — replicou o oficial, entregando-lhe a carta.

E, voltando-se para o mosqueteiro:

— Vamos, senhor — disse-lhe com voz comovida, tanto desespero via naquele homem de ferro — fazei-me o favor de partir.

— Agora mesmo — articulou fracamente d'Artagnan, vencido, arrasado pela implacável impossibilidade.

E tomou a embarcaçãozinha, que aproou para a França com vento favorável, ajudada pela maré.

Os guardas do rei embarcaram com ele.

Entretanto, conservava ainda o capitão a esperança de chegar a Nantes com tempo suficiente para pleitear a causa dos amigos com tanta eloqüência que lograsse comover o rei.

Voava a canoa como uma andorinha. Via d'Artagnan distintamente a terra de França projetar-se contra as nuvens brancas da noite.

— Ah! senhor — disse em voz baixa ao oficial, a quem, havia uma hora, não dirigia a palavra — eu daria tudo para conhecer as instruções do novo comandante! São todas pacíficas, não é verdade?... e...

Não pôde terminar; um tiro de canhão distante repercutiu sobre a superfície das águas, depois outro, depois outro, mais fortes.

— Abriu-se o fogo contra Belle-Isle — respondeu o oficial. A canoa acabava de abicar em França.

Capítulo XLV - Os antepassados de Porthos

DEPOIS que d'Artagnan deixou Aramis e Porthos, estes voltaram ao forte principal para conversar com mais liberdade.

Sempre inquieto, Porthos importunava Aramis, cujo espírito nunca se vira mais livre.

— Caro Porthos — disse este último de repente — vou explicar-te a idéia de d'Artagnan.

— Que idéia, Aramis?

— Uma idéia à qual deveremos a liberdade dentro de doze horas.

— Ah! deveras? — tornou Porthos, espantado. — Vejamos!

— Observaste, pela cena que o nosso amigo teve com o oficial, que certas ordens o impedem de fazer o que quer em relação a nós?

— Observei.

— Pois bem, d'Artagnan levará a sua demissão ao rei, e, durante a confusão que resultar da sua ausência, nós nos poremos ao largo, ou melhor, tu te porás ao largo, Porthos, se houver possibilidade de fuga apenas para um.

A essa altura, Porthos sacudiu a cabeça, e respondeu:

— Salvar-nos-emos juntos, Aramis, ou ficaremos juntos aqui.

— Tens um coração generoso — disse o prelado; — mas a tua sombria inquietude me aflige.

— Não estou inquieto — respondeu Porthos.

— Estás zangado comigo?

— Não estou zangado contigo.

— Mas, então, caro amigo, por que essa cara de enterro?

— Vou dizer-te: estou fazendo o meu testamento.

E, pronunciando essas palavras, o bom Porthos considerou tristemente o companheiro.

— O teu testamento? — exclamou o bispo. — Ora, essa! Julgasse, acaso, perdido?

— Sinto-me cansado. É a primeira vez, e há uma tradição na minha família.

— Qual, meu amigo?

— Meu avô era um homem duas vezes mais forte do que eu.

— Oh! oh! — volveu Aramis. — Era Sansão, o teu avô?

— Não. Era Antônio. Tinha a minha idade, quando, partindo um dia para a caça, sentiu, pela primeira vez na vida, uma fraqueza nas pernas.

— Que significava isso, meu amigo?

— Nada de bom, como verás; pois, embora se queixasse dessa moleza nas pernas, partiu e encontrou um javali, que o enfrentou; errou o tiro de arcabuz, e foi estraçalhado pelo animal. Morreu na hora.

— Isso não é razão para ficares alarmado, querido Porthos.

— Oh! verás. Meu pai era uma vez mais forte do que eu. Rude soldado de Henrique III e de Henrique IV, não se chamava Antônio, mas Gaspar, como o Sr. de Coligny. Sempre a cavalo, nunca soubera o que fosse cansaço. Uma noite em que se levantava da mesa, faltaram-lhe as pernas.

— Jantara bem, talvez? — sugeriu Aramis; — por isso cambaleava.

— Um amigo do Sr. de Bassompierre? Nunca! O caso foi que, espantado com aquela frouxidão, ele disse a minha mãe, que o chasqueava: "Até parece que vou ver um javali, como o finado Sr. du Vallon, meu pai!"

— E então? — perguntou Aramis.

— Então, desdenhando a fraqueza, quis descer ao jardim em vez de meter-se na cama; falseou-lhe o pé no primeiro degrau; a escada era íngreme; meu pai foi cair numa quina de pedra onde havia um engonço de ferro. O engonço abriu-lhe a têmpora e ele morreu no lugar.

Aramis, erguendo os olhos para o amigo:

— Eis aí — exclamou — duas circunstâncias extraordinárias; não infiramos delas que possa ocorrer uma terceira. Não convém a um homem com a tua força mostrar-se supersticioso, meu bravo Porthos; aliás, onde é que se vêem dobradas as tuas pernas? Nunca estiveste tão teso e tão soberbo; serias capaz de carregar uma casa nos ombros.

— Neste momento — volveu Porthos — sinto-me bem disposto; mas, ainda há pouco, eu vacilava, sentia-me prostrado, e, depois, o mesmo fenômeno, como dizes, se repetiu quatro vezes. Não te direi que tive medo, mas fiquei contrariado; a vida é uma coisa agradável. Tenho dinheiro; tenho bonitas propriedades; tenho cavalos que aprecio; tenho amigos que quero bem: d'Artagnan, Athos, Raul e tu.

O admirável Porthos não se dava sequer ao trabalho de dissimular perante Aramis a posição que lhe conferia entre as suas amizades.

Aramis apertou-lhe a mão.

— Viveremos ainda muito anos — disse ele — para conservar no mundo amostras de homens raros. Fia-te em mim, caro amigo: não temos resposta de d'Artagnan, é bom sinal; ele deve ter dado ordens para que se reúna a frota e desguarneça o mar. Há pouco, mandei levar uma barca sobre rolos até à saída do grande subterrâneo de Locmaria, sabes onde é? onde tantas vezes ficamos à espera de raposas.

— Sim, que desemboca na enseadazinha por uma galeria que descobrimos no dia em que nos fugiu aquela magnífica raposa.

— Precisamente. Se as coisas forem mal, ficará escondida uma barca para nós nesse subterrâneo; ela já deve estar lá. Esperaremos o momento favorável, e, durante a noite, zás!

— Boa idéia. Mas que ganhamos com isso?

— Ganhamos que ninguém conhece a gruta, ou melhor, a sua saída, exceto nós e dois ou três caçadores da ilha; se esta for ocupada, os batedores, não vendo a barca na praia, não desconfiarão de que poderemos escapar e abrandarão a vigilância.

— Compreendo.

— Muito bem, e as pernas?

— Neste momento, excelentes.

— Como estás vendo, tudo conspira para dar-nos repouso e esperança. d'Artagnan desocupa o mar e nos deixa livres. Já não temos que temer nenhuma frota e nenhum desembarque. Viva Deus! Porthos, ainda nos resta meio século de boas aventuras, e, se eu chegar a terras de Espanha, juro-te — acrescentou o bispo com terrível energia — que o teu título de duque não está tão longe como pensas.

— Esperemos — disse Porthos um tanto reanimado pelo novo ardor do companheiro.

Inopinadamente, ouviu-se um grito:

— Às armas!

Repetido por cem vozes, esse grito foi levar, no quarto em que se achavam os dois amigos, a surpresa a um e a inquietação a outro.

Aramis abriu a janela; viu correr uma porção de gente com tochas. Fugiam as mulheres, homens armados ocupavam os seus postos.

— A frota! a frota! — gritou um soldado, reconhecendo o prelado.

— A frota? — repetiu este último.

— A meia distância de um tiro de canhão — continuou o soldado.
— Às armas! — gritou Aramis.
— Às armas! — tonitroou Porthos.
E precipitaram-se ambos para o molhe, a fim de abrigar-se atrás das baterias.
Viram aproximar-se chalupas carregadas de soldados, que tomaram três direções para desembarcar em três pontos ao mesmo tempo.
— Que se deve fazer? — perguntou um oficial da guarda.
— Detê-las; e, se continuarem, fogo! — ordenou Aramis. Cinco minutos depois, começava o canhoneio.
Eram os tiros que ouvira d'Artagnan ao chegar à França.
Mas as chalupas estavam demasiado próximas do molhe para que os canhões acertassem no alvo; abordaram; o combate começou quase corpo a corpo.
— Que tens, Porthos? — perguntou Aramis ao amigo.
— Nada... as pernas... é realmente incompreensível... ficarão boas quando carregarmos.
Com efeito, Porthos e Aramis carregaram com tanto vigor, animaram tão bem os seus homens, que os reais tornaram a embarcar precipitadamente sem ter conseguido outra coisa senão feridos, que levaram consigo.
— Eh, Porthos! — gritou Aramis — precisamos de um prisioneiro, depressa, depressa!
Porthos abaixou-se sobre a escada do molhe, agarrou pela nuca um dos oficiais do exército real que estava esperando, para embarcar-se, que todos os seus comandados entrassem na chalupa.
O braço do gigante ergueu a presa, que lhe serviu de escudo para tornar a subir sem receber um tiro.
— Aqui está um prisioneiro — disse Porthos a Aramis.
— Muito bem — gargalhou este último — calunia agora as tuas pernas.
— Não foi com as pernas que o peguei — replicou Porthos tristemente — foi com o braço.

Voici un prisonnier, dit Porthos à Aramis. — Page 428

Capítulo XLVI - O filho de Biscarrat

OS bretões da ilha estavam ufanos com a vitória.

O Sr. d'Herblay não os animou. — O que vai acontecer — disse ele a Porthos — quando toda a gente tiver voltado, é que o rei ficará enfurecido com a notícia da resistência, e esta brava gente será dizimada ou queimada quando a ilha fôr rendida; o que é inevitável.

— Daí resulta — disse Porthos — que nada fizemos de útil.

— Por enquanto, fizemos — contestou o bispo; — pois temos um prisioneiro que nos dirá o que estão preparando os inimigos.

— Sim, interroguemos o prisioneiro — conveio Porthos — e o meio de fazê-lo falar é simples: vamos jantar, convidá-lo-emos; bebendo, falará.

Foi o que fizeram. A princípio meio inquieto, o oficial acabou-se tranqüilizando ao tratar com os seus captores.

Não tendo medo de comprometer-se, forneceu todos os pormenores imagináveis sobre a demissão e a partida de d'Artagnan.

Esclareceu que, após essa partida, o novo comandante da expedição ordenara um ataque de surpresa a Belle-Isle. Nesse ponto concluiu as explicações.

Aramis e Porthos trocaram um olhar em que se patenteava o desespero de ambos.

Já não podiam contar com a valente imaginação de d'Artagnan; por conseqüência, ver-se-iam privados de todos os recursos em caso de derrota.

Prosseguindo no interrogatório, perguntou Aramis ao prisioneiro o que pretendiam fazer os reais com os chefes de Belle-Isle.

— Têm ordem — replicou o interrogado — de matá-los durante o combate e enforcá-los depois.

Aramis e Porthos entreolharam-se de novo.

Ruborizaram-se os dois.

— Sou muito leve para a forca — respondeu Aramis; — as pessoas como eu não se enforcam.

— E eu sou pesado demais — disse Porthos; — as pessoas como eu rebentam a corda.

— Tenho certeza — acudiu, galante, o prisioneiro — que vos seria concedido o favor da morte que escolhêsseis.

— Muito obrigado — redarguiu seriamente Aramis.

Porthos inclinou-se.

— Mais um gole de vinho à vossa saúde — disse ele, bebendo.

De conversa em conversa, prolongou-se o jantar; o oficial, que era um fidalgo espirituoso, deixou-se levar suavemente pelo fascínio do espírito de Aramis e pela cordial bonomia de Porthos.

— Perdoai-me, senhores — disse, a certa altura — se vos dirijo uma pergunta; mas as pessoas que já estão na sexta garrafa têm o direito de esquecer-se um pouco.

— Perguntai — anuiu Porthos — perguntai.

— Falai — animou-o Aramis.

— Não fostes ambos, senhores, mosqueteiros do finado rei?

— Sim, senhor, e dos melhores — replicou Porthos.

— É verdade: eu ajuntaria que fostes os melhores de todos os soldados se não temesse ofender a memória de meu pai.

— De vosso pai? — exclamou Aramis.
— Sabeis como me chamo?
— Não, senhor; mas vós o direis, e...
— Chamo-me Jorge de Biscarrat.
— Oh! — exclamou Porthos por sua vez — Biscarrat! Não te lembras do nome, Aramis?
— Biscarrat?... — repetiu, pensativo, o bispo. — Parece-me...
— Procurai bem, senhor — insistiu o oficial.
— Homessa! não será longo — tornou Porthos. — Quem diz Biscarrat, diz cardeal... um dos quatro que foram interromper-nos no dia em que fizemos amizade com d'Artagnan, de espada na mão.
— Precisamente, senhores.
— O único — ajuntou Aramis com vivacidade — que não conseguimos ferir.
— Uma boa espada, portanto — emendou o prisioneiro.
— É verdade, oh! é verdade! — disseram, à uma, os dois amigos. — Sr. Biscarrat, muito prazer em conhecer um fidalgo tão corajoso.
Biscarrat apertou as duas mãos que lhe estendiam os mosqueteiros.
Aramis considerou Porthos, como a dizer-lhe: "Eis aí um homem que pode ajudar-nos". E, incontinente:
— Confessai, senhor — disse ele — que vale a pena ser homem de bem.
— Era o que meu pai sempre dizia.
— Confessai também que é triste para vós encontrar pessoas destinadas ao arcabuz ou à forca e saber que são antigas amizades, velhas amizades de família.
— Oh! não estais destinados a tão medonha sorte, senhores e amigos — respondeu, com ímpeto o rapaz.
— Ora, essa! vós mesmo o dissestes.
— Eu o disse há pouco, sem vos conhecer; mas, agora que vos conheço, digo que evitareis esse funesto destino, se quiserdes.
— Como, se quisermos? — bradou Aramis, cujos olhos cintilaram, considerando alternativamente o prisioneiro e Porthos.
— Contanto — acudiu Porthos olhando também, com nobre intrepidez, para o Sr. de Biscarrat e para o bispo — contanto que não se exijam de nós aleivosias.
— Não se exigirá coisa alguma, senhores — tornou o gentil-homem da esquadra real; — que quereis que vos exijam? Se fordes encontrados, sereis mortos, não há dúvida; procurai fazer, portanto, que não vos encontrem.
— Creio não estar enganado — sobreveio Porthos com dignidade — mas parece-me que, para encontrar-nos, terão de vir procurar-nos aqui.
— E nisso tendes toda a razão, meu digno amigo — atalhou Aramis interrogando sempre com o olhar a fisionomia de Biscarrat, silencioso e constrangido. — Quereis, Sr. de Biscarrat, dizer-nos qualquer coisa, fazer-nos alguma revelação e não vos atreveis, não c verdade?
— Ah! senhores e amigos, se eu falar, trairei as ordens que recebi; mas, atenção! Estou ouvindo uma voz que domina a minha e lhe dá liberdade.
— O canhão! — disse Porthos.
— O canhão e a fuzilaria! — bradou Aramis.
Ouviram-se soar ao longe, entre os rochedos, os ruídos sinistros de um combate que não se prolongou.
— Que é isso? — perguntou Porthos.

— Homessa! — exclamou Aramis — é precisamente o que eu estava imaginando.
— O quê?
— O vosso ataque foi apenas uma diversão, não é verdade? E, enquanto as vossas companhias se deixavam repelir, operastes um desembarque no outro lado da ilha.
— Vários, senhor.
— Então, estamos perdidos — declarou plácidamente o Bispo de Vannes.
— Perdidos? É possível — respondeu o senhor de Pierrefonds; — mas ainda não estamos presos nem enforcados.
E, dizendo essas palavras, levantou-se da mesa, aproximou-se da parede, pegou friamente na espada e nas pistolas, que examinou com o cuidado do velho soldado que se apresta para a luta, e sabe que a sua vida depende, em grande parte, da eficácia e do estado de suas armas.
Ao ruído do canhão, à notícia da surpresa que poderia entregar a ilha às tropas reais, a multidão, desvairada, invadiu o forte. Vinha pedir ajuda e conselho aos chefes.
Pálido e vencido, assomou Aramis entre dois brandões à janela que dava para o pátio principal, cheio de soldados que lhe esperavam as ordens e de habitantes desatinados, que imploravam socorro.
— Meus amigos — disse d'Herblay com voz grave e sonora — o Sr. Fouquet, vosso protetor, vosso amigo, vosso pai, foi preso por ordem do rei e atirado à Bastilha.
Um grito longo de furor e ameaça ergueu-se até à janela em que se encontrava o bispo, e envolveu-o num fluido vibrante.
— Vinguemos o Sr. Fouquet! — gritaram os mais exaltados. — Morte aos reais!
— Não, meus amigos — replicou solenemente Aramis — não, meus amigos, nenhuma resistência. O rei é senhor em seu reino. O rei é o mandatário de Deus. O rei e Deus derrubaram o Sr. Fouquet. Humilhai-vos diante da mão de Deus.
Amai a Deus e ao rei, que derrubaram o Sr. Fouquet. Mas não vingueis o vosso senhor, não tenteis vingá-lo. Sacrificaríeis em vão vida, mulheres, filhos, bens e liberdade. Abaixo as armas, meus amigos! Abaixo as armas! visto que o rei o ordena, e recolhei pacificamente às vossas casas. Sou eu quem o pede, sou eu quem o roga, sou eu quem, se for preciso, o ordena em nome do Sr. Fouquet.
Longo frêmito de cólera e medo sacudiu a multidão aglomerada debaixo da janela.
— Os soldados de Luís XIV entraram na ilha — continuou Aramis. — De agora em diante, não seria mais entre vós e eles um combate, senão uma chacina. Ide, ide e esquecei; desta vez eu vo-lo ordeno em nome do Senhor.
Os amotinados retiraram-se lentamente, cabisbaixos e mudos.
— Ora, essa! mas que acabastes de dizer? — perguntou Porthos.
— Senhor — preveniu Biscarrat — salvareis assim toda essa gente, mas não vos salvareis nem salvareis o vosso amigo.
— Sr. de Biscarrat — retrucou em tom singular de nobreza e cortesia o Bispo de Vannes — Sr. de Biscarrat, tende a bondade de retomar a vossa liberdade.
— Com muito gosto, senhor; mas...
— Será um favor; pois, ao anunciar ao tenente do rei a submissão dos insulares, obtereis talvez alguma graça para nós, contando-lhe a maneira por que se operou a submissão.
— Graça! — retrucou Porthos com olhos flamejantes — graça! Que palavra é essa?
Aramis tocou rudemente o cotovelo do amigo, como usava fazer nos formosos dias de sua mocidade, quando queria avisá-lo de que meditava alguma tramóia. Porthos compreendeu e calou-se.
— Irei, senhores — respondeu Biscarrat um tanto surpreendido também pela palavra *graça* na boca do altivo mosqueteiro, cujas proezas heróicas recontara e gabara com tanto entusiasmo

momentos antes.

— Ide, pois, Sr. de Biscarrat — tornou Aramis cumprimentando-o — e, ao partir, recebei a expressão de todo o nosso reconhecimento.

— Mas vós, senhores, vós, a quem me honro de chamar amigos, visto que houvestes por bem receber esse título, que fareis nesse entremeio? — tornou o oficial comovido, despedindo-se dos dois antigos adversários do pai.

— Esperaremos aqui.

— Mas, meu Deus!... a ordem é formal!

— Sou Bispo de Vannes, Sr. de Biscarrat, e assim não se passa pelas armas um bispo como não se enforca um fidalgo.

— Ah! sim, senhor, sim, monsenhor — tornou Biscarrat; — é verdade, tendes razão, ainda vos resta essa probabilidade. Por conseguinte, vou partir, apresentar-me ao comandante da expedição, ao tenente do rei. Adeus, senhores, ou melhor, até a vista.

Com efeito, cavalgando o animal que lhe oferecera o prelado, correu o digno oficial na direção dos tiros que ouvira e que, levando a multidão para o forte, interrompera a conversação dos dois rebeldes com o prisioneiro.

Aramis viu-o partir e, ficando a sós com Porthos:

— E então? Estás compreendendo? — perguntou-lhe.

— Ainda não.

— Biscarrat não te estava incomodando?

— Não, é um bom rapaz.

— Mas será necessário que toda a gente conheça a gruta de Locmaria?

— Ah! é verdade, é verdade, agora compreendo!

Fugiremos pelo subterrâneo.

— Tem a bondade — replicou alegremente Aramis. — A caminho, amigo Porthos! O nosso barco está esperando e o rei ainda não nos pegou.

Capítulo XLVII - A gruta de Locmaria

O SUBTERRÂNEO de Locmaria ficava tão distante do molhe que os dois amigos precisavam poupar as forças antes de alcançá-lo.

De resto, a escuridão era completa; o forte anunciara meia-noite; Porthos e Aramis iam carregados de dinheiro e armas.

Caminhavam, portanto, pela charneca que separa o molhe do subterrâneo, escutando todos os ruídos e procurando fugir a todas as ciladas.

De tempos a tempos, pela estrada que haviam deixado cuidadosamente à esquerda, passavam fugitivos vindos do interior, tangidos pela notícia do desembarque das tropas reais.

Escondidos atrás de alguma anfractuosidade dos rochedos, Aramis e Porthos recolhiam as palavras balbuciadas pela pobre gente que fugia, trêmula, levando consigo os pertences mais preciosos, e tentavam deduzir-lhes das queixas alguma coisa que pudesse interessá-los.

Afinal, depois de rápida carreira, amiúde interrompida por paradas prudentes, alcançaram a gruta profunda a que o previdente Bispo de Vannes tivera o cuidado de levar, sobre rolos, uma barca sólida, capaz de afrontar o mar naquela formosa quadra.

— Meu bom amigo — disse Porthos depois de haver respirado ruidosamente — chegamos, segundo me parece; mas creio que me falaste em três homens, três servidores que deveriam acompanhar-nos. Não os vejo; onde estão?

— Por que haverias de vê-los, caro Porthos? — retrucou Aramis. — Estão certamente à nossa espera na caverna, descansando um pouco do trabalho difícil e árduo que executaram.

Aramis reteve Porthos, que já se dispunha a entrar no subterrâneo.

— Não me permites, meu bom amigo — disse ao gigante — entrar primeiro? Conheço o sinal que dei aos nossos homens, e eles, não o ouvindo, seriam muito capazes de te arcabuzar ou acutilar no escuro.

— Vai, Aramis, vai primeiro, és a personificação da sabedoria e da prudência. Mesmo porque estou sentindo de novo a moleza de que já falei.

Aramis deixou Porthos sentar-se à entrada da cripta e, inclinando a cabeça, penetrou na caverna imitando o pio da coruja.

Um arrulho lamentoso, apenas distinto, se ouviu no interior do subterrâneo.

Aramis prosseguiu na marcha prudente, e logo se viu detido pelo mesmo grito que emitira, desferido a uns dez passos de distância.

— Estás aí, Ivo? — perguntou o bispo.

— Estou, monsenhor. Goennec também. E o filho dele.

— Muito bem. Está tudo pronto?

— Tudo, monsenhor.

— Vai à entrada da gruta, meu bom Ivo, e lá encontrarás o senhor de Pierrefonds, que está descansando, fatigado da carreira. E se ele, por acaso, não puder caminhar, ergue-o e trá-lo aqui.

Os três bretões obedeceram. Mas a recomendação de Aramis aos servidores era inútil. Restaurado, Porthos já principiara a descer, e o seu passo pesado ressoava entre as cavidades formadas e sustentadas por colunas de sílica e de granito.

Assim que o senhor de Bracieux se ajuntou ao bispo, os bretões acenderam a lanterna que tinham trazido e Porthos assegurou ao amigo que tornava a sentir-se forte como sempre.

— Examinemos a canoa — disse Aramis — e vejamos primeiro o que ela contém.

— Não aproximeis demasiado a luz — recomendou o patrão Ivo; — pois, segundo as vossas ordens, monsenhor, coloquei debaixo do banco de popa, no cofre, o barril de pólvora e as cargas de mosquete que mandastes do forte.

— Muito bem — respondeu Aramis.

E, tomando da lanterna investigou minuciosamente todos os recantos da canoa, com as precauções de um homem que não teme, porém não ignora o perigo.

A canoa era comprida, leve, de quilha estreita, enfim, um desses botes sempre tão bem construídos em Belle-Isle, de bordo alto, sólido sobre a água, muito maneiro, munido de pranchas que, nos tempos incertos, formam como que uma ponte sobre a qual deslizam as vagas e que protege os remeiros.

No interior de dois cofres bem fechados, colocados sob os bancos de proa e de popa, encontrou pão, biscoito, frutas secas, um quarto de toicinho, boa provisão de água em odres, em rações suficientes para pessoas que não pretendiam afastar-se da costa e poderiam reabastecer-se quando fosse preciso.

A aurora tingia de púrpura e nácar o mar e a planície; no crepúsculo da manhã, viam-se pinheirinhos melancólicos retorcidos sobre pedras, e grandes bandos de corvos raspavam com as asas negras os magros campos de trigo mourisco.

Quinze minutos depois seria dia claro; acordados, anunciavam-no alegremente os pássaros com os seus cantos a toda a natureza.

Os ladridos que haviam detido os três pescadores prontos a transportar a barca, fazendo sair Aramis e Porthos, ecoavam numa garganta profunda, a uma légua mis ou menos da gruta.

— É uma matilha — disse Porthos; — os cães estão seguindo alguma pista.

— Que será isso? Caçada a uma hora destas? — pensou Aramis.

— E justamente aqui — continuou Porthos — onde se teme a chegada dos reais.

— O barulho se aproxima. Tens razão, Porthos, os cachorros estão seguindo uma pista.

— Homessa! — exclamou de repente Aramis. — Ivo, Ivo, vem cá!

Ivo acorreu, largando o cilindro que estava segurando e que ia colocar debaixo do bote quando a exclamação do bispo o interrompera.

— Que raio de caçada é essa, patrão? — perguntou Porthos.

— Eu, monsenhor, não compreendo — replicou o bretão. — Não é num momento destes que se meteria a caçar o senhor de Locmaria. Não; e, todavia, os cachorros...

— A não ser que tenham fugido do canil.

— Não — atalhou Goennec — não são os cachorros do senhor de Locmaria.

— Por prudência — tornou Aramis — voltemos à cafurna; as vozes, evidentemente, se aproximam e, daqui a pouco, saberemos o que está acontecendo.

Tornaram a entrar; não tinham dado, porém, cem passos no escuro, quando um ruído, semelhante ao rouco suspiro de uma criatura assustada, ressoou na caverna; e, ofegante, rápida, apavorada, uma raposa passou como um raio diante dos fugitivos, saltou por cima da barca e desapareceu, deixando após si um cheiro acre, que se conservou por alguns segundos sob as abóbadas baixas do subterrâneo.

— A raposa! — gritaram os bretões com a alegre surpresa do caçador.

— Malditos sejamos nós! — gritou o bispo — o nosso refúgio foi descoberto.

— Como assim? — perguntou Porthos; — tens medo de raposa?

— Ora, meu amigo! que me importa a raposa? Não é dela que se trata, por Deus! Mas não sabes,

Porthos, que após a raposa vêm os cães e após os cães vêm os homens?

Porthos abaixou a cabeça.

Ouviu-se, como a confirmar as palavras de Aramis, a malta ruidosa chegar com impressionante rapidez na pista do animal.

Seis cachorros despontaram de roldão na charneca, seguidos de um ruído de vozes que semelhava as fanfarras de um triunfo.

— Aí estão os cães — disse Aramis, atocaiado atrás de uma trapeira, entre dois rochedos; — quem serão os caçadores?

— Se fôr o senhor de Locmaria — respondeu o patrão — deixará os cães vasculharem a gruta; pois, como os conhece, não entrará aqui, certo de que a raposa sairá do outro lado; e lá irá esperá-la.

— Não é o senhor de Locmaria que está caçando — respondeu o bispo, empalidecendo malgrado seu.

— Quem é então? — perguntou Porthos.

— Olha.

Porthos aplicou um olho à trapeira e viu, no cimo do outeiro, uma dúzia de cavaleiros que atiravam os cavalos no encalço dos cães, gritando: *"Taïaut!"*

— Os guardas! — disse ele.

— Sim, meu amigo, os guardas do rei.

— Os guardas do rei, dissestes vós, monsenhor? — bradaram os bretões, empalidecendo também.

— E Biscarrat à frente deles, montando um cavalo cinzento — continuou Aramis.

Os cães, no mesmo instante, precipitaram-se na lapa numa avalancha, e as profundezas da caverna se encheram com seus gritos ensurdecedores.

— Ah! diabo! disse Aramis, reassumindo o sangue frio à vista do perigo certo, inevitável. — Sei que estamos perdidos; mas, pelo menos, resta-nos uma probabilidade: se os guardas, que vão seguir os cachorros, perceberem que há uma saída pelas grutas, não teremos esperanças; pois, ao entrar aqui, descobrirão a Tiarca e a nós mesmos. Os cães não podem sair do subterrâneo. E os guardas não podem entrar.

— Certo — concordou Porthos.

— Compreendei — ajuntou o bispo com a rápida precisão do comando: — aqui há seis cães, que se verão detidos ao pé da pedra grande sob a qual se esgueirou a raposa, mas que não os deixará passar. Lá terão que ficar.

Precipitaram-se os bretões de faca na mão. Alguns minutos depois, um lamentável concerto de ganidos e uivos mortais; por fim, mais nada.

— Bem — disse friamente Aramis. — Agora, aos amos!

— Que fazer?

— Esconder-nos, esperar que cheguem, e matá-los.

— Matá-los?

— São dezesseis — tornou Aramis — ao menos por enquanto.

— E bem armados — acrescentou Porthos com um sorriso de consolação.

— Não levará dez minutos — tornou Aramis. — Vamos!

E, com ar resoluto, pegou num mosquete e prendeu a faca de caça entre os dentes.

— Ivo, Goennec e o filho — continuou Aramis — nos passarão os mosquetes. Tu, Porthos, farás fogo à queima-roupa. Derrubaremos oito antes que os outros desconfiem do que está acontecendo; depois, com a faca, os cinco daremos cabo dos oito restantes.

— E o pobre Biscarrat? — indagou Porthos. Aramis refletiu por um momento.

— Biscarrat será o primeiro — replicou friamente.
— Ele conhece-nos.

Capítulo XLVIII - A gruta

APESAR da espécie de divinação que era o lado notável do caráter de Aramis, influenciado pelas probabilidades das coisas submetidas ao acaso, o acontecimento não se verificou exatamente como o previra o Bispo de Vannes.

Mais bem montado que os companheiros, Biscarrat chegou primeiro à entrada da gruta, e compreendeu que, raposa e cachorros, tudo havia desaparecido lá. Dominado, porém, pelo terror supersticioso que imprime naturalmente ao espírito do homem toda via subterrânea e escura, deteve-se no exterior da loca e esperou que os companheiros se reunissem à volta dele.

— E então? — perguntaram-lhe os rapazes, ofegantes, sem lhe compreender a imobilidade.

— Já não se ouvem os cachorros; a raposa e a matilha devem ter sumido nessa biboca.

— Eles acompanharam muito bem a pista e não podem tê-la perdido de repente. Aliás, estariam rosnando por aí. Com certeza, como diz Biscarrat, estão na furna.

— Mas, então — perguntou um dos rapazes — por que não latem mais?

— É estranho — disse outro.

— Pois entremos na gruta — propôs um quarto. — Será, porventura, proibida a entrada?

— Não — replicou Biscarrat. — Mas está escura como breu e podemos esborrachar-nos aí dentro.

— Prova disso são os cães — acudiu um guarda — que se esborracharam, segundo parece.

— Que diabo foi feito deles? — perguntaram em coro os rapazes. E cada qual chamou o seu pelo nome e assobiou, mas nenhum respondeu, nem ao chamado, nem ao assobio.

— Será, talvez, uma gruta encantada — volveu Biscarrat. — Vejamos.

E, apeando, pôs um pé dentro da lapa.

— Espera, espera, que te acompanho — gritou um guarda vendo-o desaparecer na sombra.

— Não — respondeu Biscarrat; — deve de haver aí algo extraordinário; não nos arrisquemos todos ao mesmo tempo. Se, daqui a dez minutos, não tiverdes notícias minhas, entrai, mas todos juntos.

— Seja — anuíram os outros, que, aliás, não viam grande risco na empresa; — ficaremos à tua espera.

— E, sem descavalgar, fizeram um círculo em torno da caverna.

— Biscarrat, portanto, entrou sozinho e adiantou-se nas trevas até sentir no peito o mosquete de Porthos.

— A resistência espantou-o; estendeu a mão e empolgou o cano gelado da arma.

— No mesmo instante, Ivo ergueu uma faca sobre o rapaz, e já se dispunha a vibrar o golpe com a força de um braço bretão, quando o punho de ferro de Porthos o susteve no meio do caminho.

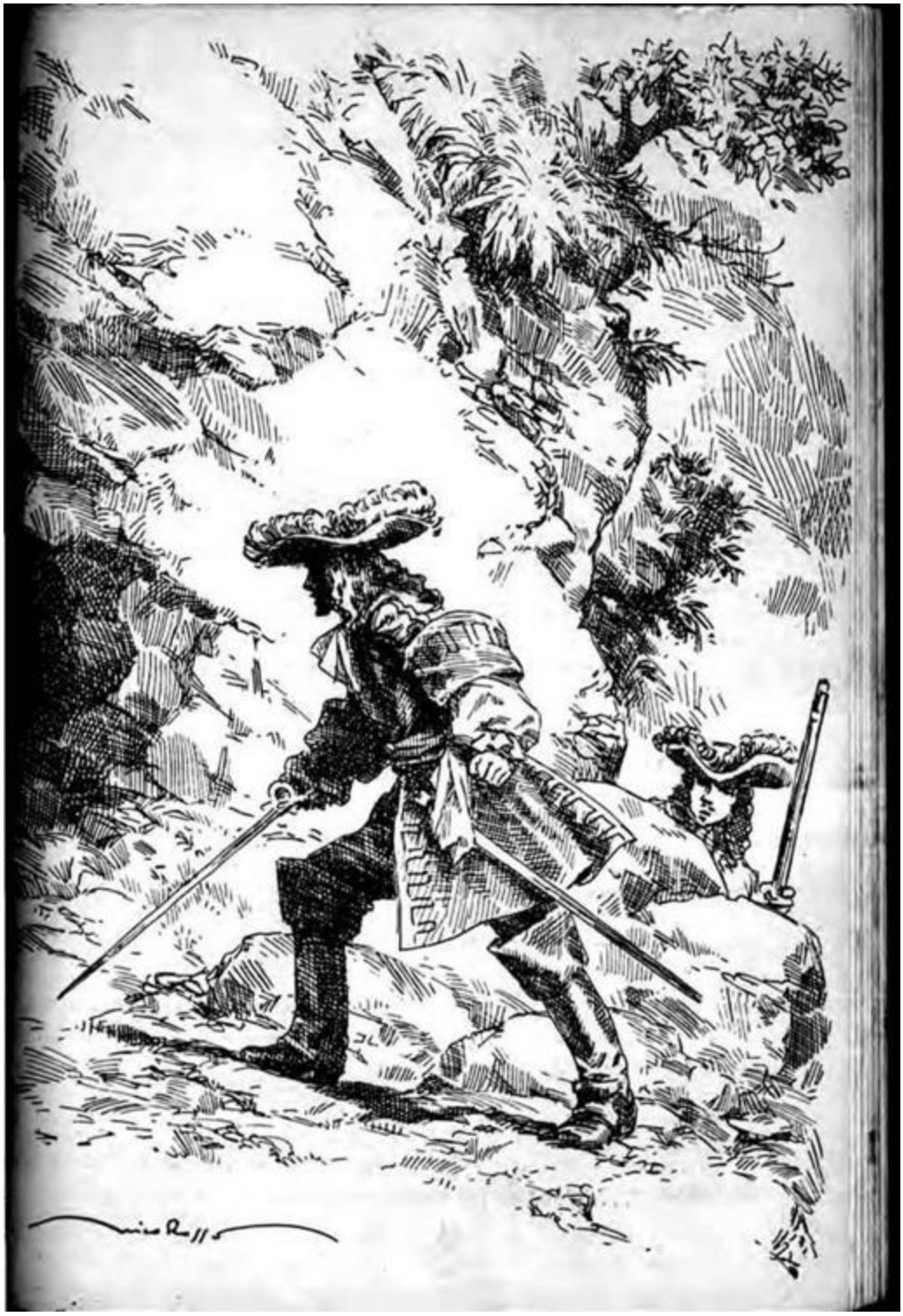
Depois, como um surdo trovejar, ouviu-se-lhe a voz no escuro:

— Não quero que o matem.

Viu-se Biscarrat entre uma proteção e uma ameaça, quase tão terríveis uma quanto a outra.

Por corajoso que fosse, deixou escapar um grito, que Aramis comprimiu incontinente, enfiando-lhe um lenço na boca.

— Sr. de Biscarrat — disse-lhe em voz baixa — não vos queremos mal, e deveis sabê-lo se nos reconhecestes; mas, à primeira palavra, ao primeiro suspiro, ao primeiro sopro, seremos obrigados a matar-vos como matamos os vossos cães.



— Sim, reconheço-vos, senhores — disse, baixinho, o rapaz. — Mas, por que estais aqui? Que estais fazendo? Desgraçados! desgraçados! eu vos supunha no forte.

— E vós, senhor, se não me engano, devíeis obter-nos condições!

— Fiz o que pude; mas...

— Mas?...

— Há ordens formais.

— De matar-nos?

Biscarrat não respondeu. Era-lhe difícil falar em corda àqueles fidalgos.

Aramis compreendeu o silêncio do prisioneiro.

— Sr. Biscarrat — disse ele — já estaríeis morto se não nos movesse a consideração à vossa mocidade e à nossa antiga amizade com vosso pai; mas podereis ainda escapar se jurardes que nada

direis aos vossos companheiros do que vistes.

— Não somente juro que não direi coisa alguma — prometeu Biscarrat — como também que farei o possível para impedi-los de pôr os pés nesta gruta.

— Biscarrat! Biscarrat! — gritaram, do lado de fora, diversas vozes, que entraram, em turbilhão, pelo subterrâneo dentro.

— Respondei — ordenou Aramis.

— Estou aqui! — bradou Biscarrat.

— Ide, fiamo-nos de vossa lealdade. E soltou o moço.

Biscarrat tornou a sair para o ar livre.

Nesse instante, projetaram-se no interior da cova as sombras de várias formas humanas.

Correu Biscarrat para deter os amigos e alcançou-os quando já se dispunham a penetrar a caverna.

Aramis e Porthos fitaram os ouvidos com a atenção das pessoas cuja vida depende de um sopro.

Biscarrat chegara à entrada do refojo, seguido dos amigos.

— Oh! oh! — disse um deles quando de novo se viram à luz do dia — como estás pálido!

— Pálido! — observou outro; — queres dizer lívido?

— Eu? — protestou o rapaz tentando recobrar o domínio de si mesmo.

— Mas, pelo amor de Deus, que te aconteceu? — inquiriram todas as vozes.

— Não tens uma gota de sangue nas veias, meu pobre amigo — exclamou outro, rindo.

— Senhores, o caso é sério — acudiu outro ainda; — ele vai sentir-se mal; trouxestes os sais?

E estouraram todos em cascalhadas.

As interpelações e motejos cruzavam-se à roda de Biscarrat, como se cruzam no meio do fogo as balas num combate.

Ele reencontrou as forças sob o dilúvio de interrogações.

— Que quereis que eu tenha visto? — perguntou.

— Sentia muito calor quando entrei na gruta e, lá dentro, está fazendo um frio terrível; mais nada.

— Mas os cães, os cães, não tornaste a vê-los? Soubeste alguma coisa? Tiveste notícias deles?

— Devem ter seguido outro caminho — disse Biscarrat.

— Senhores— tornou um dos rapazes — há, no que está acontecendo, na palidez e no silêncio do nosso amigo, um mistério que ele não quer ou, sem dúvida, não pode revelar. Entretanto, uma coisa é certa: Biscarrat viu o que quer que seja no interior da gruta. Ora, eu também quero ver o que ele viu, ainda que seja o diabo, À gruta, senhores! à gruta!

— À gruta! — repetiram todas as vozes.

E o eco do subterrâneo levava como uma ameaça a Porthos e Aramis estas palavras: "À gruta! à gruta!”

Atirou-se Biscarrat à frente dos companheiros.

— Senhores! senhores! — gritou — pelo amor de Deus, não entreis!

— Mas que é que há, afinal, de tão apavorante no subterrâneo? — perguntaram diversas vozes.

— Vamos, fala, Biscarrat.

— Decididamente, foi o diabo que ele viu — repetiu o que já aventara a hipótese.

— Pois se ele o viu — bradou outro — não seja egoísta e deixe-nos vê-lo também.

— Senhores! senhores! por favor! — insistiu Biscarrat.

— Vamos, deixa-nos passar.

— Senhores, suplico-vos, não entreis!

— Mas tu bem que entraste, não é verdade?

Nisso, um dos oficiais, que, mais idoso do que os outros, ficara para trás e ainda não dissera uma

palavra, adiantou-se:

— Senhores — declarou em tom calmo, que contrastava com a animação dos companheiros — há aí dentro alguém ou alguma coisa que não é o diabo, mas que, seja o que for, teve poder suficiente para silenciar os nossos cães. Cumpre saber quem é esse alguém ou que coisa é essa.

Tentou Biscarrat um derradeiro esforço para conter os amigos; debalde, porém. Em vão se atirou à frente dos mais temerários; em vão se agarrou aos rochedos para estorvar-lhes a passagem; o grupo de jovens irrompeu na caverna, seguindo os passos do oficial que falara por último e entrara primeiro, com a espada na mão, para enfrentar o ignoto perigo.

Repelido pelos amigos, não podendo acompanhá-los, sob pena de passar aos olhos de Porthos e Aramis por traidor e perjuro, foi Biscarrat, com os ouvidos fitos e as mãos súplices ainda, apoiar-se às paredes rugosas de um rochedo, que supunha exposto ao fogo dos mosqueteiros.

Os guardas, todavia, entravam cada vez mais, com gritos que iam enfraquecendo à proporção que se adiantavam pelo rechego.

Súbito, uma descarga de mosquetes, ribombando como um trovão, explodiu sob as abóbadas.

Duas ou três balas foram achatar-se no rochedo em que se apoiava Biscarrat.

No mesmo instante, suspiros, urros e imprecações se ergueram, e a tropazinha de fidalgos ressurgiu, alguns pálidos, outros ensangüentados, todos envoltos numa nuvem de fumo que o ar exterior parecia aspirar da caverna.

— Biscarrat! Biscarrat! — gritavam os fugitivos — sabias da emboscada na caverna, e não nos preveniste!

— Biscarrat! por tua causa morreram quatro dos nossos; desgraçado de ti, Biscarrat!

— Por tua causa estou mortalmente ferido — gemeu um dos rapazes recolhendo na mão o sangue que lhe escorria do corpo e atirando-o ao rosto de Biscarrat; — o meu sangue recaia sobre ti!

E rolou, agonizante, aos pés do companheiro.

— Mas, pelo menos, dize-nos quem está lá! — gritaram, furiosas, algumas vozes.

Biscarrat calou.

— Dize-o ou morre! — gritou o ferido soerguendo-se e estendendo para o outro o braço armado de um ferro inútil.

Biscarrat precipitou-se para ele, abrindo o peito a fim de receber o golpe; mas o ferido caiu para não tornar a erguer-se, soltando o último suspiro.

Com os cabelos eriçados, os olhos arregalados, a cabeça perdida, adiantou-se Biscarrat para o interior da caverna, dizendo:

— Tendes razão, devo morrer, pois deixei assassinar meus companheiros! Sou um covarde!

E, lançando de si a espada, pois queria morrer sem defesa, precipitou-se, cabisbaixo, no subterrâneo. Os outros imitaram-no.

Onze, que restavam dos dezesseis, mergulharam com ele no abismo.

Mas não chegaram mais longe que os primeiros: segunda descarga derrubou cinco sobre a areia gelada, e, como fosse impossível distinguir de onde partia o raio mortal, os outros recuaram com um pavor que seria mais fácil pintar que exprimir.

Longe, contudo, de fugir como os outros, Biscarrat, que continuava são e salvo, sentou-se numa roca e ficou esperando.

Restavam apenas seis fidalgos.

— Seriamente — perguntou um dos sobreviventes — será o diabo?

— Para mim é coisa muito pior — disse outro.

— Perguntemos a Biscarrat; ele deve saber.

— Onde está Biscarrat?
Os rapazes olharam à sua volta, e viram que Biscarrat faltava à chamada.
— Está morto! — disseram duas ou três vozes.
— Não, não está — respondeu outra — eu o vi, no meio da fumaça, sentar-se tranqüilamente num rochedo; está na caverna, à nossa espera.
— Deve conhecer os que se escondem lá dentro.
— E como haveria de conhecê-los?
— Foi prisioneiro dos rebeldes.
— É verdade. Pois chamemo-lo e saibamos com quem estamos lutando.
E todas as vozes gritaram:
— Biscarrat! Biscarrat!
Mas Biscarrat não respondeu.
— Bom! — disse o oficial, que já demonstrara tanto sangue frio naquele caso — já não precisamos dele; estão-nos chegando reforços.
Com efeito, uma companhia de guardas, que os oficiais, no ardor da caça, haviam deixado para trás, num total de setenta e cinco a oitenta homens, aproximava-se em boa ordem, conduzida pelo capitão e pelo primeiro tenente. Os cinco oficiais correram ao encontro dos soldados e, numa linguagem cuja eloqüência facilmente se concebe, explicaram a aventura e pediram socorro.
O capitão interrompeu-os.
— Onde estão os vossos companheiros? — perguntou.
— Mortos!
— Mas éreis dezesseis!
— Dez morreram, Biscarrat está na caverna e nós cinco estamos aqui.
— Biscarrat foi aprisionado?
— Provavelmente.
— Não, pois ei-lo que vem vindo; vede.
Com efeito, Biscarrat assomara à entrada da loca.
— Está-nos fazendo sinal — disseram os oficiais.
— Vamos!
— Vamos! — bramiu a tropa.
E adiantaram-se ao encontro do rapaz.
— Senhor — disse o capitão a Biscarrat — afiançaram-me que sabeis quem são os homens que estão nessa gruta e se defendem com tamanho desespero. Em nome do rei vos ordeno: declarai o que sabeis.
— Meu capitão — respondeu Biscarrat — já não precisais ordenar-me, visto que minha palavra me foi restituída neste instante e venho em nome desses homens.
— Dizer-me que se rendem?
— Dizer-vos que estão dispostos a defender-se até à morte se não lhes forem oferecidas boas condições.
— Quantos são?
— Dois — respondeu Biscarrat.
— São dois, e querem impor-nos condições?
— São dois, e já nos mataram dez homens — redarguiu Biscarrat.
— Mas que espécie de gente são eles? Gigantes?
— Mais do que gigantes. Não vos lembra a história do bastião de Saint-Gervais, meu capitão?

— Sim, onde quatro mosqueteiros do rei resistiram a um exército inteiro?
— Pois esses dois homens faziam parte do grupo.
— Como se chamam?...
— Naquela época, chamavam-se Porthos e Aramis. Hoje se chamam os Srs. d'Herblay e du Vallon.
— E que interesse têm em tudo isto?
— Eram eles que defendiam Belle-Isle para o Sr. Fouquet. Um murmúrio correu entre os soldados àquelas duas palavras:
"Porthos e Aramis".
— Os mosqueteiros! os mosqueteiros! — repetiam.
E em todos aqueles moços corajosos, a perspectiva de lutar com duas das mais velhas glórias do exército, provocava um frêmito, de entusiasmo e terror ao mesmo tempo.
De fato, os quatro nomes, d'Artagnan, Athos, Porthos e Aramis, eram venerados pelos homens que empunham espadas, como, na antigüidade, se veneraram os nomes de Hércules, Teseu, Castor e Pólux.
— Dois homens! — bradou o capitão — e já nos mataram dez oficiais em duas descargas. É impossível, Sr. Biscarrat.
— Eh! meu capitão — respondeu o interpelado — não digo que não estejam com eles dois ou três ilhéus, como os mosqueteiros do bastião de Saint-Gervais tinham consigo três ou quatro criados; mas, crede-me, capitão, eu vi esses homens, fui aprisionado por eles, conheço-os; bastariam os dois para destruir um corpo inteiro de exército.
— É o que vamos ver — disse o capitão — e já. Atenção, senhores!
A essa resposta, ninguém mais se mexeu e todos se prepararam para obedecer.
Só Biscarrat arriscou uma última tentativa.
— Senhor — disse em voz baixa — crede-me, continuemos nosso caminho; esses dois homens, esses dois leões que vamos atacar defender-se-ão até morrer. Já nos mataram dez homens; matarão o dobro ainda, e preferirão matar-se a render-se. Que lucraremos nós combatendo-os?
— Lucraremos, senhor, a consciência de não termos feito recuar oitenta guardas do rei diante de dois rebeldes. Se eu seguisse o vosso conselho, seria um homem desonrado, e, desonrando-me, desonraria o exército. Para a frente, todos!
E marchou à testa dos outros até à entrada da furna. Lá chegado, estacou.
A parada se destinava a permitir que Biscarrat e os companheiros lhe descrevessem o interior da gruta. Quando julgou ter um conhecimento suficiente do local, dividiu a companhia em três corpos, que deviam entrar sucessivamente, sustentando o fogo em todas as direções. Nesse ataque, sem dúvida, perder-se-iam mais cinco homens, talvez dez; os restantes, porém, acabariam prendendo os rebeldes, visto que não havia outra saída e, na pior das hipóteses, dois homens não poderiam dar cabo de oitenta.
— Meu capitão — pediu Biscarrat — rogo permissão para marchar à frente do primeiro corpo.
— Seja! — respondeu o capitão. — Mereceis o privilégio. É um presente que vos faço.
— Obrigado! — volveu o rapaz com a firmeza de sua raça.
— Empunhai a espada.
— Irei como estou, meu capitão — disse Biscarrat; — não vou para matar, senão para ser morto.
E, colocando-se à frente do primeiro pelotão, cabeça descoberta e braços cruzados:
— Marchemos, senhores! — disse ele.

Capítulo XLIX - Um canto de Homero

JÁ é tempo de passarmos ao terreno adversário e descrevermos simultaneamente, os combatentes e o campo de batalha.

Aramis e Porthos haviam-se metido na gruta de Locmaria com a intenção de lá encontrar a canoa pronta e os três auxiliares bretões, esperando, a princípio, empurrar a embarcaçãozinha pela saída estreita do subterrâneo, e ocultar, dessarte, seus trabalhos e sua fuga. A chegada das raposas e dos cães obrigara-os a ficarem escondidos.

Estendia-se a cripta, mais ou menos, pelo espaço de umas cem toesas, até um declivezinho a cavaleiro de uma enseada. Templo, outrora, de divindades pagãs, quando Belle-Isle ainda se chamava Caloneso, assistira a gruta à execução de mais de um sacrifício humano em suas misteriosas profundezas.

Penetrava-se no primeiro funil da caverna por uma vertente suave, acima da qual as rochas, agrupadas, formavam uma arcada baixa; o interior, com o chão acidentado, perigoso em razão das desigualdades da abóbada, subdividia-se em diversos compartimentos, que se comunicavam entre si, por meio de alguns degraus desiguais, quebrados, presos à direita e à esquerda a enormes pilares naturais.

No terceiro compartimento era tão baixa a abóbada, tão estreito o corredor, que a barca só poderia passar arranhando as paredes laterais; todavia, num momento de desespero, a madeira se encolhe e a pedra se ajeita ao sopro da vontade humana.

Tal era a idéia de Aramis quando, iniciado o combate, se decidiu pela fuga; fuga perigosa, pois nem todos os atacantes estavam mortos, e, dando de barato que a canoa chegasse ao mar, precisariam fugir em pleno dia, à vista dos vencidos, os quais, reconhecendo-lhes a grande inferioridade numérica, teriam o máximo interesse em perseguir os vencedores.

Quando as duas descargas mataram dez homens, habituado às voltas do subterrâneo, Aramis foi reconhecê-las uma por uma, contou-as, pois a fumaça lhe tolhia vê-las de fora, e ordenou imediatamente que a canoa fosse rolada até à pedra que bloqueava a saída libertadora.

Porthos reuniu as forças, pegou a canoa nos braços e ergueu-se, ao passo que os bretões faziam rolar os cilindros com rapidez.

Haviam descido ao terceiro compartimento, haviam chegado ao moledo que fechava a gruta.

Porthos agarrou-o pela base, encostou nele o ombro robusto, e deu um tranco, que fez estalar a parede. Uma nuvem de poeira caiu da abóbada com as cinzas de dez mil gerações de aves-marinhas, cujos ninhos se apegavam como cimento ao rochedo.

Ao terceiro choque, a lájea cedeu, oscilou um minuto. Firmando-se nos rochedos vizinhos, Porthos fez do pé um botaréu, que a arrancou dos montes de calcáreos a que estava grudada.

Caindo a pedra, surgiu o dia, brilhante, radioso, que se precipitou no subterrâneo pela aberta da rocha, e o mar azul apareceu aos olhos dos bretões maravilhados.

Entraram imediatamente a empurrar a barca por cima da barricada de destroços. Vinte toesas mais e ela estaria balouçando sobre as ondas.

Nesse ínterim chegou a companhia, organizada pelo capitão e disposta para a escalada ou para o ataque.

Aramis superintendia tudo, auxiliando o trabalho dos amigos.

Viu o reforço, contou os homens, convenceu-se ao primeiro relancear de olhos do perigo

intransponível que representaria para eles novo combate.

Fugir pelo mar no momento em que o subterrâneo ia ser invadido? Impossível!

Com efeito, o dia, que acabava de iluminar os dois últimos compartimentos, teria mostrado aos soldados a barca rolando para o mar, os rebeldes ao alcance de um tiro, e uma descarga só bastaria a furar a canoa, se não matasse os cinco navegadores.

De mais disso, na melhor das hipóteses, se a barca escapasse com os homens que a tripulavam, como evitar o alarma geral? Como evitar o aviso aos batelões reais? Como evitar que sucumbisse a pobre canoa, acuada no mar e perseguida por terra, antes do fim do dia?

Revolvendo com raiva os cabelos grisalhos, Aramis invocou a assistência de Deus e a ajuda do diabo.

Chamando Porthos, que trabalhava mais sozinho do que rolos e roladores:

— Amigo — disse baixinho — acaba de chegar um reforço para os nossos adversários.

— Ah! — replicou tranqüilamente Porthos; — que faremos, então?

— Recomeçar o combate — volveu Aramis — é arriscado.

— Sim — conveio Porthos — porque será difícil que eles não matem, pelo menos, um de nós; e, se um de nós for morto, o outro se fará matar também.

Porthos pronunciou essas palavras com o natural heróico que, nele, se originava de todas as forças da matéria.

Aramis sentiu como que uma esporada no coração.

— Não morreremos, nem um nem outro, se fizeres o que vou dizer-te, amigo Porthos.

— Dize.

— Essa gente vai entrar na gruta.

— Sei.

— Mataremos uns quinze, mas não mais.

— Quantos são ao todo? — perguntou Porthos.

— O reforço é de setenta e cinco homens.

— Setenta e cinco mais cinco, oitenta... Ah! ah! — observou Porthos.

— Se atirarem todos juntos, seremos crivados de balas.

— Claro.

— Sem contar — ajuntou Aramis — que as detonações podem ocasionar abalos na caverna.

— Ainda há pouco, de fato — respondeu Porthos — um fragmento de rochedo arranhou-me o ombro.

— Estás vendo?

— Mas não foi nada.

— Decidamos depressa. Os nossos bretões continuarão a rolar a barca para o mar.

— Muito bem.

— Nós guardaremos aqui pólvora, balas e mosquetes.

— Mas nós dois, meu caro Aramis, nunca poderemos dar três tiros de mosquete ao mesmo tempo — tornou ingenuamente Porthos; — o método da mosquetaria é mau.

— Então pensa em outro.

— Já o encontrei! — bradou, de súbito, o gigante.

— Vou emboscar-me atrás do pilar com esta barra de ferro, e, invisível, inatacável, quando entrarem de roldão, deixarei cair a barra sobre os seus crânios trinta vezes por minuto! Hein! que dizes do projeto? Não te agrada?

— Excelente, meu amigo, perfeito! Aprovo-o inteiramente; acontece, porém, que tu os espantarás,

e a metade ficará fora para vencer-nos pela fome. Precisamos, meu caro, da destruição completa da tropa; um homem que sobrasse nos poria a perder.

— Tens razão; mas, faze-me o favor de dizer: como haveremos de atraí-los?

— Ficando imóveis, meu bom Porthos.

— Fiquemos imóveis; mas, quando estiverem todos juntos?...

— Aí, deixa por minha conta; tenho uma idéia.

— Se é assim, e a tua idéia fôr boa... e há de ser boá a tua idéia... tranqüilizo-me.

— Embosca-te, Porthos, e conta os que entrarem.

— E tu, que farás?

— Não te preocupes comigo; tenho o meu serviço.

— Parece-me que estou ouvindo vocês.

— São eles. Vai para o teu lugar... Mas fica ao alcance de minha mão e de minha VOZ.

Refugiou-se Porthos no segundo compartimento, absolutamente escuro.

Aramis enfiou-se no terceiro; o gigante segurava na mão uma barra de ferro de cinqüenta libras, que servira de empurrar a barca e que ele manejava com admirável [acuidade.

Durante esse tempo, os bretões levavam a canoa até ao penhasco.

No compartimento iluminado, alapardado, escondido, entretinha-se Aramis numa tareia misteriosa.

Ouviu-se uma ordem proferida em voz alta. Era a última ordem do capitão comandante. Vinte e cinco homens saltaram das rochas superiores ao primeiro compartimento da gruta, e, lá chegados, puseram-se a atirar.

Travejaram os ecos, silvos sulcaram a abóbada, uma fumaça opaca encheu o espaço.

— À esquerda! à esquerda! — gritou Biscarrat, logo, no primeiro assalto, vira a passagem do segundo compartimento, e, excitado pelo cheiro da pólvora, pretendia guiar os soldados para esse lado.

Precipitou-se a tropa efetivamente para a esquerda; o corredor ia-se estreitando; com as mãos estendidas, votado à morte, marchava Biscarrat na frente dos mosquetes.

— Vinde! vinde! — gritava ele — estou vendo luz!

— Agora, Porthos! — gritou a voz sepulcral de Aramis. Porthos soltou um suspiro, mas obedeceu.

A barra de ferro caiu a prumo sobre a cabeça de Biscarrat, que morreu sem ter concluído o grito.

Em seguida, a formidável alavanca se ergueu e se abaixou dez vezes em dez segundos e fez dez cadáveres.

Os soldados não viam nada; ouviam gritos, suspiros; pisavam sobre corpos, mas ainda não tinham compreendido e subiam, cambaleantes, uns sobre os outros.

Caindo sempre, a barra implacável liquidou o primeiro pelotão sem que o menor barulho prevenisse o segundo, que se aproximava tranqüilamente.

O segundo pelotão, entretanto, arrancara um pinheiro que medrava na rocha, e, com os galhos resinosos, entrelaçados, o capitão fizera vim archote.

Chegada ao compartimento em que Porthos, semelhante ao anjo do extermínio, destruíra tudo o que tocara, a primeira fila recuou, estarrecida.

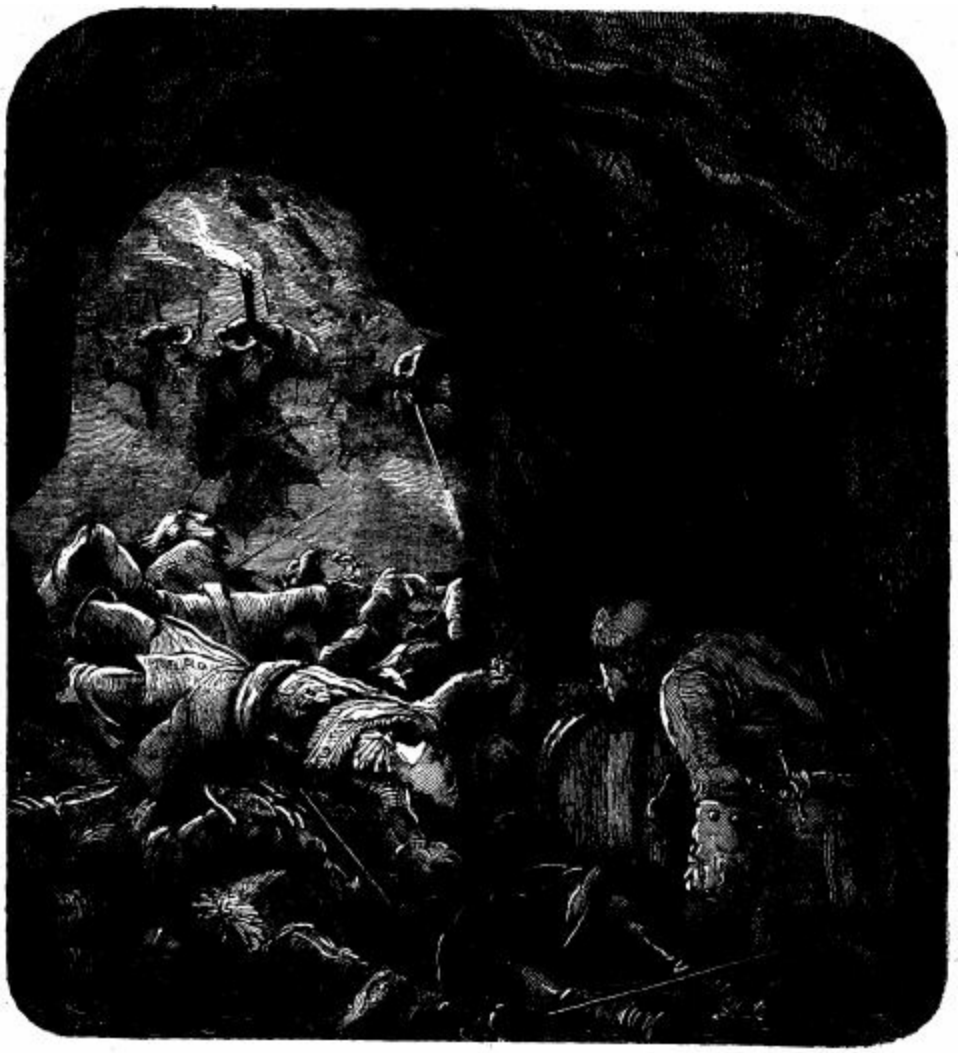
Nenhum tiro respondera à fuzilaria dos guardas e, não obstante, lá estava um montão de cadáveres e eles marchavam literalmente num charco de sangue. Porthos continuava atrás do pilar.

Alumbrado, com a trêmula claridade do pinheiro inflamado, a medonha chacina cuja causa em vão buscava adivinhar, o capitão recuou até ao pilar atrás do qual se escondera Porthos.

Nesse momento, uma mão gigantesca saiu da sombra e empolgou a garganta do capitão, que desferiu um surdo estertor; os seus braços, estendidos, agitaram-se no ar, a tocha caiu e apagou-se no

sangue.

Um segundo depois, o corpo do capitão caía ao pé da tocha extinta, e ajuntava um cadáver ao monte de cadáveres que barrava o caminho.



On heurtait un monceau de cadavres.

Tudo isso se fizera misteriosamente, como num passe de mágica. Ouvindo estertorar o capitão, voltaram-se os homens que o acompanhavam; viram-lhe os braços abertos, os olhos saltando das órbitas; depois, caindo a tocha, ficaram no escuro.

Por um movimento irrefletido, instintivo, maquinal, o tenente gritou:

— Fogo!

Imediatamente uma chuva de balas de mosquete crepitou, tonitroou, bramiu na caverna, fazendo desabar enormes pedaços da abóbada.

A fuzilaria aclarou por um instante a furna, que, logo, voltou à escuridão, ainda maior por causa da fumaça.

Seguiu-se profundo silêncio, apenas perturbado pelos passos da terceira brigada, que estava entrando no subterrâneo.

Capítulo L - A morte de um Titã

NO momento em que Porthos, mais habituado à sombra do que os que vinham da claridade, olhava à sua volta, à espera de um sinal de Aramis, sentiu que este lhe tocava levemente o braço e com voz fraca como um sopro lhe dizia baixinho ao ouvido:

— Vem.

— Oh! — respondeu Porthos.

— Caluda! — volveu Aramis, mais baixo ainda.

E, no meio do ruído da terceira brigada, que continuava a marchar, no meio das imprecações dos guardas que tinham ficado em pé, dos moribundos que exalavam o derradeiro suspiro, Aramis e Porthos esgueiraram-se despercebidos ao longo das paredes graníticas da caverna.

Aramis conduziu o companheiro ao penúltimo compartimento e mostrou-lhe, num esconso da parede, um barril de pólvora que pesava umas sessenta ou oitenta libras, ao qual acabara de ligar uma mecha.

— Amigo — disse ele a Porthos — pegarás nesse barril, cuja mecha vou acender, e atirá-lo-ás no meio de nossos inimigos: podes fazê-lo?

— Se posso! — replicou Porthos.

E ergueu o tonelzinho com uma das mãos.

— Acende.

— Espera — disse Aramis — que estejam bem juntos e, depois, meu Júpiter, lança o teu raio entre eles.

— Acende — repetiu Porthos.

— Eu — continuou Aramis — vou ter com os nossos bretões, a fim de ajudá-los a levar a canoa ao mar. Esperar-te-ei na praia; atira com força e corre.

— Acende — disse pela última vez Porthos.

— Compreendeste? — perguntou Aramis.

— Homessa! — volveu Porthos, dando uma gargalhada que nem sequer tentava dominar; — quando me explicam, compreendo; vai, e dá-me o fogo.

Aramis deu a isca de acender a Porthos, que, estando com as mãos ocupadas, entregou-lhe o braço.

Aramis apertou-o com as duas mãos e afastou-se até à entrada da caverna, onde os três remeiros estavam à sua espera.

Ficando só, Porthos aproximou corajosamente a isca da mecha.

Tênue faúlha, primeiro princípio de um incêndio imenso, brilhou a isca na treva como um pirilampo que esvoaça e logo se ligou à mecha, que inflamou, e cuja flama Porthos atiçou com um sopro.

Dissipara-se um pouco a fumaça, e, à luz da mecha crepitante, por um ou dois segundos, pôde-se distinguir os objetos.

Curto mas esplêndido espetáculo foi o daquele gigante, pálido, ensangüentado, com o rosto aceso pelo fogo da mecha que ardia na sombra.

Os soldados viram-no. Viram o barril que ele estava segurando. Compreenderam o que ia acontecer.

Então, aqueles homens, já espavoridos à vista do que sucedera, cheios de terror ao pensar no que ia suceder, desferiram, à uma, um berro de agonia.

Alguns tentaram fugir, mas encontraram a terceira brigada que lhes tolhia o caminho; outros, maquinalmente, fizeram pontaria e deram ao gatilho dos mosquetes descarregados; outros, enfim, caíram de joelhos.

Dois ou três oficiais gritaram a Porthos que lhe dariam a liberdade se ele lhes poupasse a vida.

O tenente do terceiro pelotão gritava aos soldados que atirassem; mas os guardas tinham diante de si os companheiros atarantados, que serviam de trincheira viva ao antigo mosqueteiro.

Como dissemos, a luz produzida pelo sopro de Porthos sobre a isca e a mecha durou apenas dois segundos; mas esses dois segundos bastaram a aclarar o gigante que avultava na obscuridade e, a dez passos dele, um amontoado de corpos sangrentos, amassados, moídos, no meio dos quais vivia ainda um derradeiro frêmito de agonia, que erguia a massa, como o último arquejo ergue os flancos do monstro informe que expira na caligem. Cada sopro de Porthos, reanimando a mecha, emprestava à pilha de cadáveres uma tonalidade sulfurina, tarjada de púrpura.

Além do grupo principal, espalhado na gruta, conforme os estendera o acaso da morte ou a surpresa do golpe, alguns cadáveres isolados pareciam gritar pelas feridas abertas.

Acima do solo recoberto de uma lama de sangue, tristes, rútilos, subiam os pilares reforçados da caverna, cujos matizes, bem acentuados, protraíam as partes luminosas.

E tudo isso era visto ao fogo trêmulo da mecha de um barril de pólvora, isto é, de um archote que, alumbrando a morte passada, mostrava a morte futura.

Como já ficou dito, o espetáculo durou apenas um ou dois segundos. Nesse curto espaço de tempo, um oficial da terceira brigada reuniu oito guardas armados de mosquetes, e, por uma brecha, ordenou-lhe que visassem Porthos.

Os atiradores, porém, tremiam tanto, que a descarga derrubou três soldados e as cinco balas restantes foram riscar a abóbada, sulcar a terra ou furar as paredes da furna.

Uma gargalhada respondeu ao trovão; depois, o braço do gigante descreveu um círculo, e fendeu o ar, como estrela cadente, o rastro de fogo.

Jogado a trinta passos de distância, o barril transpôs a barricada de cadáveres e foi cair num grupo de soldados que barregavam e se atiraram de borco no chão.

O oficial seguira no ar a pista cintilante; atirou-se ao barril para arrancar-lhe a mecha antes que ela atingisse a pólvora.

Inútil dedicação; o ar ativara a chama acesa no condutor; a mecha, que, em repouso, levaria cinco minutos para arder, viu-se consumida em trinta segundos, e a obra infernal explodiu.

Furiosos turbilhões, silvos do enxofre e nitro, devoradoras devastações do fogo que broca, trovão apavorante da explosão, eis o que o segundo seguinte aos dois segundos já descritos produziu naquela caverna, igual, em horrores, a um antro de demônios.

Fendiam-se rochedos como tábuas de pinho sob o machado. Um jacto de fogo, fumo e destroços ergueu-se no meio da gruta, alargando-se à medida que subia. Os grandes muros de sílica se inclinaram para deitar-se na areia, e a própria areia, instrumento de dor arrancado às suas camadas endurecidas, foi crivar os rostos com milhentos átomos cruciantes.

Gritos, urros, imprecações e existências, tudo se extinguiu num estardalhaço imenso; os três primeiros compartimentos converteram-se num abismo no qual recaíram, um a um, segundo o seu peso, os despojos vegetais, minerais e humanos.

Depois, a areia e a cinza, mais leves, caíram também estendendo-se como parda mortalha fumegante sobre o lúgubre funeral.

E, agora, procurai naquele túmulo ardente, naquele vulcão subtérreo, procurai os guardas do rei de trajos azuis agaloados de prata.

Procurai os oficiais cintilantes de ouro, procurai as armas de que se tinham confiado para defender-se, procurai as pedras que os mataram; procurai o solo que pisavam.

Um único homem fez de tudo aquilo um caos mais confuso, mais informe, mais terrível do que os caos existentes uma hora antes de Deus ter a idéia de criar o mundo.

Nada restou dos três primeiros compartimentos, nada que o mesmo Deus pudesse reconhecer como obra sua. Depois de haver atirado o barril de pólvora no meio dos inimigos, Porthos fugira, seguindo o conselho de Aramis, e chegara ao último compartimento, no qual penetravam, pela aberta, o ar, o dia e o sol.

Assim, logo que virou o ângulo que separava o terceiro do quarto compartimento, avistou, a cem passos, a barca balouçando sobre as águas; lá estavam os amigos; lá estava a liberdade; estava lá a vida após a vitória.

Mais seis das suas formidáveis passadas, e estaria fora da lapa; depois com dois ou três saltos vigorosos, alcançaria a canoa.

De repente, sentiu que lhe vergavam os joelhos: pareciam-lhe vazios, amolecendo-lhe as pernas debaixo do corpo.

— Oh! oh! — murmurou espantado — eis o cansaço que volta; já não posso caminhar. Que significa isto?

Através da abertura, Aramis seguia-o com a vista e não atinava com a causa da demora.

— Vem, Porthos! — gritava o bispo — vem! vem depressa!

— Oh! — respondeu o gigante fazendo um esforço que lhe estendeu em vão todos os músculos — não posso.

Dizendo essas palavras, caiu de joelhos; mas, com as mãos robustas, agarrou-se às rochas e reergueu-se.

— Depressa! depressa! — repetiu Aramis curvando-se para a praia, como se quisesse atraí-lo com os braços.

— Eis-me aqui — balbuciou Porthos reunindo todas as forças para dar mais um passo.

— Pelo amor de Deus, Porthos! vem, vem! o barril vai explodir!

— Vinde, monsenhor — gritaram os bretões a Porthos, que se debatia como num sonho.

Mas já não havia tempo: a explosão ribombou, a terra fendeu-se, a fumaça, que se atirou pelas amplas frestas, obscureceu o firmamento, o mar refluiu como que escorraçado pelo sopro de fogo que jorrou da gruta como das fauces de gigantesco dragão; o refluxo carregou a barca umas vinte toesas, todas as rochas estalaram em suas bases, e separaram-se como fragmentos de um bloco por força de uma cunha; viu-se subir uma parte da abóbada vertiginosamente arrebatada ao céu: o fogo róseo e verde do enxofre, a lava negra das liquefações argilosas, chocaram-se e lutaram por um instante sob uma cúpula majestosa de fumaça; em seguida, viram-se oscilar primeiro, depois inclinar-se, depois cair sucessivamente as longas arestas de rochedo que a violência da explosão não arrancara aos socos seculares; cumprimentavam-se uns aos outros como graves e lentos anciães e depois se prosternavam, deitados para sempre no túmulo poento.

O choque terrível pareceu devolver a Porthos as forças que perdera; tornou a erguer-se, gigante entre gigantes. Mas, no momento em que fugia por entre a dupla parede de fantasmas graníticos, estes últimos, que já não sustentavam os elos correspondentes, começaram a rolar com estrépito em torno do Titã que se diria precipitado do céu entre as penhas que acabava de lançar contra si.

Porthos sentiu tremer sob os pés o solo sacudido pelo prolongado rasgamento. Estendeu à direita e à esquerda as manoplas para afastar as rochas que despencavam. Um bloco gigantesco veio apoiar-se em cada uma de suas palmas estendidas; curvou a cabeça, e outra massa granítica pousou-lhe entre os

ombros.

Por um instante, vergaram-lhe os braços; o hércules, porém, reuniu todas as forças, e viram-se as duas paredes da prisão que o sepultava afastar-se lentamente e dar-lhe passagem. Por um instante, surgiu ele na moldura de granito como o anjo antigo do caos; mas, ao afastar as rochas laterais, tirou o ponto de apoio do monólito que lhe pesava nos ombros, e este, fazendo pressão com todo o seu peso, obrigou o gigante a cair sobre os joelhos. Momentaneamente afastadas, as rochas laterais tornaram a aproximar-se e foram acrescentar o seu peso delas ao peso primitivo, suficiente para esmagar dez homens.

O colosso caiu sem bradar por socorro; caiu dizendo a Aramis palavras de alento e esperança, pois houve um momento, graças ao poderoso arcobotante das mãos, em que pôde acreditar que, à semelhança de Encélado, conseguiria sacudir o triplo peso. Mas, pouco a pouco, viu o prelado cair o bloco; as mãos crispadas por um instante, os braços retesados pelo derradeiro esforço, dobraram-se, os ombros esticados se relaxaram, cobertos de sangue, e a rocha continuou a abaixar-se cada vez mais.

— Porthos! Porthos! — gritava Aramis puxando os cabelos — Porthos, onde estás? Fala!

— Aqui! aqui! — murmurou Porthos com voz que se ia extinguindo; — paciência! paciência!

Assim que acabou de pronunciar a última palavra, o impulso da queda aumentou o peso; a rocha enorme despencou, premida pelas outras, que desabaram sobre ela e engoliram Porthos num sepulcro de pedras quebradas.

Ouvindo a voz expirante do amigo, Aramis saltara em terra. Dois bretões seguiram-no com uma alavanca na mão, ficando um para guardar a barca. Os últimos estertores do estrênuo lutador guiaram-nos por entre os escombros.

Deslumbrante, soberbo, jovem como aos vinte anos, atirou-se Aramis para a tripla massa e, com as mãos delicadas, mãos de mulher, ergueu por um milagre de vigor um canto do imenso sepulcro de granito. Nesse momento entreviu, nas trevas da fossa, os olhos ainda acesos do amigo, a quem a massa momentaneamente erguida devolvera a respiração. Imediatamente os dois homens se precipitaram, agarraram-se à alavanca de ferro, reuniram as energias, não para erguê-la, mas para sustentá-la. Tudo inútil: foram cedendo os três, lentamente, com gritos de dor, e a rude voz de Porthos, vendo-os esgotar-se na luta inútil, murmurou, escarninha, estas palavras supremas, que lhe chegaram aos lábios com o derradeiro ofêgo:

— Pesado demais!

Depois, os olhos se toldaram e fecharam, o rosto tornou-se pálido, a mão embranqueceu, e o Titã se deitou, exalando o último suspiro.

Com ele acabou de cair a rocha que, até em sua agonia, continuara a segurar!

Os três homens deixaram escapar a alavanca, que rolou sobre a pedra mortuária.

Depois, ofegante, pálido, a fronte inundada de suor, Aramis ficou escutando, com o peito oprimido, o coração prestes a estalar.

Nada mais! O gigante estava dormindo o sono eterno, no sepulcro que Deus talhara para ele à sua estatura.

Capítulo LI - O epitáfio de Porthos

TUDO, gelado, tremendo como criança, Aramis ergueu-se fremente daquela pedra.

O cristão não anda sobre túmulos. Mas, embora pudesse manter-se em pé, sentia-se incapaz de caminhar. Dir-se-ia que alguma coisa de Porthos, ao morrer, morrera nele.

Os bretões cercaram-no; Aramis entregou-se aos braços deles, e os três marinheiros, erguendo-o, levaram-no para a canoa.

Tendo-o colocado sobre o banco, ao pé do leme, puseram-se a remar, preferindo afastar-se à força de remos a desfraldar a vela, que poderia denunciá-los.

Sobre a superfície arrasada da antiga furna de Locmaria, sobre a praia achatada, um só montículo atraía o olhar. Aramis não pôde destacar os olhos dele, e, de longe, à proporção que se apartava, a rocha ameaçadora e altiva parecia-lhe erguer-se, como outrora se erguia Porthos, e erguer para o céu uma cabeça risonha e invencível, como a do honrado e valente amigo, o mais forte dos quatro e, todavia, o que primeiro se fôra.

Estranho destino o desses homens de aço! O mais singelo de coração, aliado ao mais astuto; a força do corpo guiada pela sutileza do espírito; e, no momento decisivo, quando só o vigor podia salvar o espírito e o corpo, uma pedra, um moledo, um peso vil e material, triunfava do vigor, e, despencando sobre o corpo, afugentava-lhe o espírito.

Digno Porthos! nascido para ajudar os outros, sempre disposto a sacrificar-se pela salvação dos fracos, como se Deus só lhe tivesse dado forças para esse fim; morrera cuidando cumprir as condições do seu pacto com Aramis, pacto que Aramis, contudo, redigira só, e que Porthos apenas conhecera ao reclamar-lhe a terrível participação.

Nobre Porthos! De que servem castelos cheios de móveis, florestas cheias de caça, lagos cheios de peixes e porões cheios de riquezas? De que servem lacaios de librés faiscantes e, no meio deles, Mousqueton, cioso do poder delegado por ti? Nobre Porthos! inquieto acumulador de tesouros, valera a pena trabalhar tanto a fim de dourar e suavizar a tua vida para vires, numa praia deserta, entre gritos de pássaros marinhos, cair com os ossos esmigalhados por uma pedra fria? Valera a pena, enfim, nobre Porthos, juntar tanto ouro para não teres sequer o dístico de um pobre poeta no teu monumento?

Valente Porthos! Dorme ainda, sem dúvida, perdido, deslumbrado, sob a rocha que os pastores da charneca tomam pelo teto gigantesco de um dólmen.

E tanta urze friorenta, tanto musgo acariciado pelo vento amargo do oceano, tanto líquen vivaz soldou o sepulcro à terra, que o passante nunca suporia que aquele bloco de granito tivesse podido erguê-lo o ombro de um mortal.

Sempre pálido, sempre gelado, com o coração nos lábios, Aramis contemplou, até ao último raio do dia, a praia que se apagava no horizonte.

Palavra alguma exalou-se-lhe da boca, nenhum suspiro lhe saiu do peito profundo.

Supersticiosos, os bretões consideravam-no a tremer. Aquele silêncio não era de homem, senão de estátua.

Entretanto, às primeiras linhas cinzentas que desceram do céu, a canoa içara a velazinha, que, arredondando-se ao beijo da brisa, e afastando-se rapidamente da costa, bravamente se atirou, com a proa voltada para a Espanha, pelo terrível Golfo da Gasconha, tão fecundo em tempestades.

Mas, não se passara ainda meia hora depois que a vela fora içada, quando os remeiros, que se

haviam imobilizado, inclinaram-se e, protegendo a vista com a mão, mostraram uns aos outros um ponto branco no horizonte, tão imóvel quanto o é, na aparência, uma gaivota embalada pela insensível respiração das ondas.

Mas o que teria parecido imóvel a vistas comuns, progredia, célere, aos olhos exercitados do marinheiro; o que parecia estacionar sobre a vaga, mal roçava a água na carreira.

Vendo o profundo torpor em que mergulhara o amo, durante algum tempo não ousaram acordá-lo e contentaram-se de trocar conjeturas em voz baixa e inquieta. Aramis, com efeito, tão vigilante e ativo, cujo olhar, como o do lince, velava sem cessar e enxergava melhor de noite que de dia, deixara-se envolver pelo desespero de sua alma.

Assim se passou uma hora, durante a qual o dia declinou manso e manso, mas durante a qual o navio avistado se aproximou também consideravelmente do bote. Afinal, Goennec, um dos três marinheiros arriscou-se a dizer em voz alta:

— Estamos sendo perseguidos, monsenhor!

Aramis não respondeu. O navio continuava a acercar-se.

Por iniciativa própria, a uma ordem do patrão Ivo, os dois marinheiros caçaram a vela, a fim de que esse único ponto, que surdia à superfície das águas, deixasse de guiar os olhos inimigos.

Da parte do navio, pelo contrário, acelerou-se a perseguição com duas velazinhas novas, hasteadas na ponta dos mastros.

Infelizmente, eram aqueles os dias mais belos e mais longos do ano, e a lua, em toda a sua claridade, sucedia ao sol nefasto. O navio que perseguia a canoa, de vento em popa, tinha ainda meia hora de crepúsculo e uma noite inteira de semi-claridade.

— Monsenhor! Monsenhor! estamos perdidos! — disse o patrão; — olhai, eles nos estão vendo embora tenhamos ferrado a vela.

— Não é de admirar — murmurou um dos marinheiros — pois dizem que, por artes do diabo, a gente da cidade fabrica instrumentos com os quais enxerga tão bem de longe quanto de perto e de noite como de dia.

Aramis retirou do fundo da barca um óculo, regulou-o silenciosamente, e, passando-o ao marinheiro:

— Pronto — disse ele — olha! Hesitou o marinheiro.

— Tranqüiliza-te — continuou o bispo — não há pecado nisso; se houver, responsabilizo-me por ele.

O marinheiro ergueu o óculo à altura dos olhos e soltou um grito.

Imaginou que, por um milagre, o navio, a distância de um tiro de canhão, houvesse, de golpe, num salto, transposto essa distância.

Ao retirar, porém, o instrumento dos olhos, viu que, salvo o caminho que o navio pudera ter percorrido naquele curto instante, ainda se encontrava no mesmo lugar.

— Então — murmurou o marinheiro — eles nos vêem como nós os vemos?

— Eles nos vêem — disse Aramis. E recaiu na modorra anterior.

— Como! Eles nos vêem? — acudiu o patrão Ivo.

— Impossível!

— Aqui, patrão, olhai — disse o marinheiro. E passou-lhe o óculo.

— Monsenhor me assegura — perguntou o patrão — que o diabo não está metido nisto?

Aramis deu de ombros.

O patrão ergueu o óculo à altura dos olhos.

— Oh! monsenhor — disse ele — há um milagre: eles estão lá; parece-me que vou tocá-los. Vinte

e cinco homens pelo menos! Estou vendo o capitão na frente. Tem um negócio como este e está olhando para nós... Ah! voltou-se, deu uma ordem; estão arrastando um canhão para a proa; estão-no carregando, apontando... Misericórdia! vão atirar-nos!

E, por um movimento maquinal, afastou o óculo: relegados ao horizonte, os objetos lhe surgiram sob o seu verdadeiro aspecto.

O navio ainda estava a distância de uma légua, ou pouco mais ou menos; mas a manobra anunciada pelo patrão não era, por isso, menos real.

Tênue nuvem de fumo surgiu abaixo das velas, mais azul do que elas, estendendo-se como flor que desabrocha; depois, a cerca de uma milha da canoa, a bala do canhão cortou a crista de duas ou três vagas, cavou um sulco branco no mar, e desapareceu na extremidade do sulco, tão inofensivo ainda quanto a pedra com que, ao brincar, um moleque faz chapeletas.

Era ao mesmo tempo aviso e ameaça.

— Que fazer? — perguntou o patrão.

— Vão pôr-nos a pique — disse Goennec; — absolvei-nos, monsenhor.

E os marinheiros ajoelharam-se diante do bispo.

— Esqueceis que estais sendo vistos.

— É verdade — anuíram os marinheiros, corridos da sua fraqueza. — Ordenai, monsenhor, estamos prontos para morrer por vós.

— Esperemos — disse Aramis.

— Esperemos, como?

— Sim; não dissestes que, se tentarmos fugir, nos afundarão?

— Mas talvez — arriscou o patrão — talvez, na escuridão da noite, possamos escapar.

— Oh! — tornou Aramis — eles terão algum fogo grego para iluminar a sua rota e a nossa.

E, ao mesmo tempo, como se o naviozinho quisesse confirmar-lhe as palavras, segunda nuvem de fumo subiu lentamente para o céu, e, do seio dela, precipitou-se uma flecha inflamada que, descrevendo uma parábola, semelhante a um arco-íris, foi cair no mar, onde continuou a arder, iluminando um círculo de um quarto de légua de diâmetro.

Os bretões entreolharam-se espavoridos.

— Como vedes — sobreveio Aramis — é melhor esperá-los.

Os remos escaparam das mãos dos marinheiros, e a barquinha, deixando de avançar, ficou flutuando, imóvel, no tope das vagas.

Adiantava-se a noite, mas o navio continuava a progredir.

Dir-se-ia que redobrasse de velocidade na sombra.

De tempos a tempos, como o abutre de pescoço ensangüentado espicha a cabeça fora do ninho, o formidável fogo grego lhe surdia dos flancos e mergulhava no oceano a sua chama de neve incandescente.

Afinal, chegou a distância de um tiro de mosquete.

Todos os homens estavam no convés, de armas embaladas; os canhoneiros, ao pé de suas peças; as mechas ardiam.

Pareciam na iminência de abordar uma fragata e combater uma equipagem superior em número, e não apresar uma canoa tripulada por quatro homens.

— Redei-vos! — gritou o comandante do navio pelo porta-voz. Os marinheiros consideraram Aramis.

Este fez um aceno com a cabeça.

O patrão Ivo amarrou um pano branco na extremidade de um croque.

Era uma forma de arrear bandeira. O navio aproximava-se como cavalo de corrida. Atirou outro fogo grego, que foi cair a uns vinte passos da barquinha, e que a aclarou melhor do que um raio de sol ardente.

— Ao primeiro sinal de resistência — gritou o comandante do navio — fogo!

Os soldados abaixaram os mosquetes.

— Já dissemos que nos rendemos! — gritou o patrão Ivo.

— Vivos! vivos! capitão! — gritaram alguns soldados exaltados; — é preciso pegá-los vivos.

— Pois sim, vivos — confirmou o capitão. Logo, voltando-se para os bretões:

— Tendes todos a vida salva, meus amigos! — gritou ele — salvo o Sr. Cavaleiro d'Herblay.

Aramis estremeceu imperceptivelmente.

Por um instante fixou-se-lhe a vista nas profundezas do oceano, cuja superfície ainda iluminavam os últimos lampejos do fogo greguês, lampejos que lambiam os flancos das vagas, brincavam-lhes nas cristas como penachos, e tornavam mais sombrios, mais misteriosos e mais terríveis ainda os abismos cobertos por elas.

— Ouvistes, monsenhor? — perguntaram os marinheiros.

— Ouvi.

— Que ordenais?

— Aceitai.

— E vós, monsenhor?

Aramis inclinou-se mais para a frente, acarinhou com a ponta dos dedos alvos e afilados a água verdoenga do mar, para a qual sorria como se fosse uma amiga.

— Aceitai — repetiu.

— Aceitamos — tornaram os marinheiros; — mas que garantia teremos?

— A palavra de um gentil-homem — disse o oficial. — Pela minha patente e pelo meu nome, juro que, salvante o Sr. Cavaleiro d'Herblay, todos terão a vida salva. Sou tenente da fragata do rei *La Pomone,* e chamo-me Luís Constante de Pressigny.

Com gesto rápido, já inclinado para o mar, já quase fora da barca, Aramis reergueu a cabeça, empertigou-se e, com olhos ardentes, inflamados, sorrisos nos lábios:

— Atirai a escada, senhores — ordenou, como se o comando lhe pertencesse.

Obedeceram-lhe.

Empolgando a escada de cordas, Aramis subiu na frente; mas, em vez do terror que todos esperavam encontrar-lhe estampado no rosto, grande foi a surpresa dos marinheiros do navio quando o viram aproximar-se do comandante com passo firme, considerá-lo fixamente e fazer-lhe um sinal misterioso e desconhecido, à cuja vista o oficial empalideceu, tremeu e curvou a fronte.

Sem dizer uma palavra, Aramis ergueu a mão à altura dos olhos do comandante e mostrou-lhe o engaste de um anel que trazia no anular esquerdo.

E, ao fazê-lo, frio, mudo, altivo e majestoso, tinha o ar de um imperador que desse a mão a beijar.

O comandante, que reerguera a cabeça, tornou a inclinar-se com mostras de profundíssimo respeito.

Em seguida, estendendo por sua vez a destra para a popa, isto é, para o seu quarto, afastou-se, dando passagem ao prelado.

Os três bretões, que tinham subido atrás do seu bispo, entreolhavam-se, estupefatos.

Toda a equipagem permanecia em silêncio.

Cinco minutos depois, o comandante mandou chamar o imediato, que voltou incontinente, ordenando que aproassem para a Corogne.

Enquanto se executava a ordem, voltou Aramis ao convés e foi sentar-se na amurada.

A noite descera, a lua ainda não surgira, e, contudo, Aramis continuava a olhar obstinadamente para os lados de Belle-Isle. Ivo aproximou-se do comandante, que reassumira o seu posto na popa e, em voz baixa, muito humilde:

— Que rota estamos seguindo, capitão? — perguntou.

— A rota que deseja monsenhor — respondeu o oficial. Aramis passou a noite encostado à amurada. Avizinhando-se dele, observou Ivo, no dia seguinte, que a noite devera ter sido muito úmida, pois a madeira em que se apoiara a cabeça do bispo estava molhada como se fosse de orvalho. Quem sabe? Aquele orvalho eram talvez as primeiras lágrimas derramadas pelos olhos de Aramis! Que melhor epitáfio poderias querer, generoso Porthos?

Capítulo LII - A ronda do Sr. de Gesvres

D'ARTAGNAN não estava habituado a resistências como a que acabara de encontrar. Voltou a Nantes profundamente irritado.

Naquele homem vigoroso, a irritação traduzia-se por um ataque impetuoso, a que pouca gente, até então, fossem reis, fossem gigantes, lograra resistir.

Fremente, endereçou-se ao castelo e pediu para falar com o rei. Seriam umas sete horas da manhã e, desde que estava em Nantes, o rei se avezara a madrugar.

Mas, chegado ao corredorzinho que conhecemos, d'Artagnan encontrou o Sr. de Gesvres, que o deteve muito polidamente, recomendando-lhe que não falasse alto, para deixar repousar Sua Majestade.

— O rei está dormindo? — perguntou d'Artagnan.

— Deixá-lo-ei dormir, então. A que horas imaginais que se levante?

— Oh! daqui a umas duas horas, mais ou menos: el-rei velou a noite inteira.

D'Artagnan retomou o chapéu, cumprimentou o Sr. de Gesvres e desandou para casa.

Voltou às nove e meia. Disseram-lhe que el-rei estava almoçando.

— Muito bem — replicou ele — falarei com o rei enquanto almoça.

O Sr. de Brienne observou a d'Artagnan que o rei não queria receber ninguém durante as refeições.

— Mas — recalcitrou d'Artagnan considerando Brienne com o cenho carregado — talvez ignoreis, senhor secretário, que tenho autorização para entrar em toda a parte e a qualquer hora.

Pegou-lhe Brienne suavemente na mão e disse-lhe:

— Mas não em Nantes, Sr. D'Artagnan; o rei, nesta viagem, alterou todas as ordens.

Abrandado, d'Artagnan perguntou a que horas o rei acabaria de almoçar.

— Não se sabe — respondeu Brienne.

— Como, não se sabe? Que significa isto? Não se sabe quanto tempo leva o rei para comer? Uma hora, de ordinário; e, admitindo que o ar do Loire aumente o apetite, digamos hora e meia; creio que é o suficiente; esperarei, portanto, aqui.

— Oh! meu caro Sr. d'Artagnan, ninguém mais pode ficar neste corredor; estou de guarda por causa disso.

Sentiu d'Artagnan que a cólera lhe acudia pela segunda vez ao cérebro. Saiu depressa, com receio de complicar o caso num repente de mau humor.

Fora do castelo, entrou a refletir.

— O rei — disse entre si — não quer receber-me, é evidente; o moço está zangado; receia ouvir o que eu possa dizer-lhe. Sim; mas, durante esse tempo, assedia-se Belle-Isle, prendem-se ou matam-se talvez os meus amigos... Pobre Porthos! Mestre Aramis é cheio de recursos, não me preocupa... Mas, não, não, Porthos ainda não é um inválido, nem Aramis, um velho idiota. Um com os braços e outro com a imaginação, darão muito que fazer aos soldados de Sua Majestade.

Quem sabe se aqueles dois bravos não tornarão a fazer, para edificação de Sua Majestade Cristianíssima, um bastiãozinho de Saint-Gervais?... Não desespero. Eles têm canhões e guarnição.

"Entretanto, continuou d'Artagnan, sacudindo a cabeça, fora melhor interromper o combate. Por mim, eu não suportaria arrogâncias nem traições do rei; mas, pelos meus amigos, grosserias, insultos, devo sofrer tudo. E se eu fosse procurar o Sr. Colbert? Aí está um personagem que preciso habituar-me a amedrontar. Vamos ter com ele.

E pôs-se corajosamente a caminho. Informaram-no, porem, de que o Sr. Colbert estava trabalhando com o rei no castelo de Nantes.

— Bom! — exclamou — eis-me de volta aos tempos em que eu vagava entre a casa do Sr. de Tréville e a do cardeal, a casa do cardeal e os aposentos da rainha, os aposentos da rainha e os de Luís XIII. Têm razão os que dizem que os homens, envelhecendo, voltam a ser crianças. Ao castelo!

Tornou ao castelo. O Sr. de Lyonne ia saindo. Deu ambas as mãos a d'Artagnan e contou-lhe que o rei trabalharia a noite inteira e dera ordens para vedar a entrada a quem quer que fosse.

— Até ao capitão que recebe as ordens? — bradou d'Artagnan.

— Isso é demais!

— Até ao capitão.

— Se assim é — replicou d'Artagnan profundamente magoado; — se o capitão dos mosqueteiros, que sempre entrou no quarto de dormir do rei, já não lhe pode entrar no gabinete ou na sala de jantar, de duas uma: ou o rei morreu ou o seu capitão perdeu o valimento. Em qualquer dos casos, já não terá precisão de mim. Fazei-me o favor de voltar, Sr. de Lyonne, vós que ainda tendes prestígio, e dizei simplesmente ao rei que lhe mando a minha demissão.

— D'Artagnan, cuidado! — exclamou de Lyonne.

— Ide, em nome de nossa amizade.

E empurrou-o suavemente para o gabinete.

— Eu vou — prometeu o Sr. de Lyonne.

D'Artagnan esperou, percorrendo o corredor de um extremo a outro.

Lyonne voltou.

— Que disse o rei? — perguntou d'Artagnan.

— Disse que está bem — respondeu de Lyonne.

— Que está bem? — explodiu o capitão: — então, aceita? Bom! eis-me livre. Sou burguês, Sr. de Lyonne; até à vista! Adeus castelo, corredor, antecâmara! um burguês que vai, afinal, respirar, vos saúda.

E, sem esperar mais nada, saltou do terraço à escada onde encontrara os pedaços da carta de Gourville. Cinco minutos depois, recolhia à estalagem onde, segundo o hábito de todos os grandes oficiais que têm alojamento no castelo, tomara o que se chamava o seu apartamento na cidade.

Mas, lá chegado, em vez de lançar de si a espada e a capa, arrebanhou as pistolas, enfiou o dinheiro num bolsão de couro, mandou buscar os cavalos nas cavalariças do castelo, e tudo dispôs de modo que pudesse chegar a Vannes durante a noite.

As coisas se passaram conforme os seus desejos.

Às oito da noite, porém, ia pôr o pé no estribo, quando o Sr. de Gesvres surgiu à frente de doze guardas diante da estalagem.

D'Artagnan observava tudo com o canto dos olhos; viu necessariamente os treze homens e os treze cavalos; mas fingiu não ter visto coisa alguma e continuou a montar. Gesvres aproximou-se dele.

— Sr. D'Artagnan! — disse em voz alta.

— Eh! Sr. de Gesvres, boa noite!

— Pareces que estais montando a cavalo?

— Parece, não: já montei, como estais vendo.

— Ainda bem que vos encontro.

— Estáveis à minha procura?

— Estava.

— Da parte do rei, com certeza?

— Sim, senhor.
— Como eu, há dois ou três dias, estava à procura do Sr. Fouquet?
— Oh!
— Não tenteis embair-me. Seria inútil! Dizei-me logo que viestes prender-me.
— Prender-vos? Nada disso!
— Então por que me procurais com doze homens a cavalo?
— Estou fazendo uma ronda.
— Muito bem! E apanhais-me nela?
— Não vos apanho; mas topo convosco e rogo-vos que me acompanheis.
— Aonde?
— À presença do rei.
— Bom! — disse d'Artagnan com ar chocarreiro.
— O rei não tem mais nada que fazer?
— Por favor, capitão — pediu o Sr. de Gesvres em voz baixa ao mosqueteiro — não vos comprometais; esses homens podem ouvir-vos!
D'Artagnan abriu a rir e retrucou:
— Caminhai. Os presos vão entre os seis primeiros e os seis últimos guardas.
— Mas, como não vim prender-vos, ireis atrás de mim, por favor.
— Bem — tornou d'Artagnan — eis aí um belo procedimento, duque, e tendes razão; pois, se eu, algum dia, tivesse de fazer uma ronda pelos lados do vosso apartamento na cidade, seria cortês convosco, palavra de gentil-homem! Agora, mais um favor. Que quer o rei?
— O rei está furioso!
— Pois bem, se o rei se deu ao trabalho de ficar furioso, terá o trabalho de acalmar-se. Juro que não morrerei por causa disso.
— Não; mas...
— Mas serei enviado para fazer companhia ao pobre Sr. Fouquet? Com seiscentos diabos! é um verdadeiro fidalgo. Garanto que viveremos juntos muito bem.
— Chegamos — disse o duque. — Capitão, por favor! sede calmo.
— Ah! mas como sois gentil comigo, duque! — redarguiu d'Artagnan olhando para o Sr. de Gesvres. — Disseram-me que ambicionáveis reunir os vossos guardas aos meus mosqueteiros; creio que esta é uma belíssima oportunidade!
— Que não aproveitarei; Deus me livre, capitão!
— Por quê?
— Por muitas razões; entre as quais a seguinte: se eu vos sucedesse na chefia dos mosqueteiros depois de vos haver prendido...
— Ah, confessais que me estais prendendo?
— Não, não!
— Dizei, então, encontrado. Se, dizíeis, me sucedêsseis depois de me haver encontrado?...
— Os vossos mosqueteiros, no primeiro exercício de tiro, atirariam para o meu lado, por descuido.
— Ah! quanto a isso, não digo que não. Aqueles patifes me querem bem.
Gesvres fez passar d'Artagnan na frente, conduziu-o diretamente ao gabinete em que o rei estava esperando o capitão de mosqueteiros, e colocou-se atrás do seu colega na antecâmara.
Ouvia-se muito distintamente o rei falar alto com o Sr. Colbert, naquele mesmo gabinete em que o Sr. Colbert pudera ouvir, dias antes, o rei falando alto com o Sr. d'Artagnan.

Os guardas permaneceram, a cavalo, diante da porta principal, e logo se boatejou na cidade que o senhor capitão dos mosqueteiros acabava de ser preso por ordem real.

Viu-se então aqueles homens pôr-se em movimento, como nos bons tempos de Luís XIII e do Sr. de Tréville; formaram-se grupos, encheram-se as escadas; vagos murmúrios, que partiam dos pátios, subiram até aos andares superiores, semelhantes às roucas lamentações das ondas na maré.

O Sr. de Gesvres estava inquieto. Considerava os guardas, que, a princípio, interrogados pelos mosqueteiros que vinham juntar-se às suas fileiras, começavam a afastar-se deles, manifestando também certa inquietude.

Estava d'Artagnan, sem dúvida nenhuma, bem menos inquieto que o Sr. de Gesvres, capitão dos guardas. Desde que entrara, fora sentar-se no peitoril de uma janela, observava tudo com o seu olhar de águia e nem pestanejava.

Nenhum dos progressos da fermentação provocada pela notícia de sua prisão lhe escapara.

Previa o momento em que se verificaria a explosão; e sabe-se que não costumava enganar-se nas previsões.

— Seria muito engraçado — pensou ele — se, esta noite, os meus pretorianos me fizessem rei de França. Como eu daria risada!

Mas, no momento mais belo, tudo cessou.

Guardas, mosqueteiros, oficiais, soldados, murmúrios e inquietações se dispersaram, desvaneceram, apagaram; já não havia tempestade, nem ameaça, nem sedição.

Uma palavra acalmara as vagas.

El-rei acabara de gritar, por intermédio de Brienne:

— Psiu! senhores, estais incomodando o rei.

D'Artagnan suspirou.

— Está acabado — disse ele — os mosqueteiros de hoje não são os de Sua Majestade Luís XIII. Está acabado.

— O Sr. D’Artagnan à presença do rei! — gritou um contínuo.

Capítulo LIII - El rei Luís XIV

ESTAVA o rei sentado no gabinete, com as costas voltadas para a porta. Diante dele havia um espelho através do qual, sem abandonar os seus papéis, com um simples relance de olhos, podia ver as pessoas que entravam na sala.

Não se alterou com a chegada de d'Artagnan e depôs sobre as cartas e planos a grande tela de seda verde que lhe servia de esconder os segredos aos importunos.

D'Artagnan compreendeu o jogo e ficou atrás; de sorte que, ao cabo de alguns instantes, o rei, que não ouvia nada e só via com o canto dos olhos, foi obrigado a gritar:

— Já não está aqui o Sr. d'Artagnan?

— Estou — replicou o mosqueteiro, adiantando-se.

— Muito bem, senhor — disse o rei fitando nele os olhos claros — que tendes para dizer-me?

— Eu, Sire? — replicou o interpelado, à espera apenas do primeiro golpe do adversário para dar-lhe uma boa resposta; — eu? Não tenho nada que dizer a Vossa Majestade, senão que me mandou prender e aqui estou.

O rei ia responder que não mandara prendê-lo; mas a frase lhe soube a desculpa e calou.

D'Artagnan manteve um silêncio obstinado.

— Senhor — tornou o rei — que foi o que vos mandei fazer em Belle-Isle? Dizei-mo, por favor.

Pronunciando essas palavras, o monarca tinha os olhos fitos no capitão.

A essa altura, d'Artagnan sentiu-se felicíssimo; o rei lhe facilitava tanto a tarefai — Creio — replicou — que Vossa Majestade me faz a honra de perguntar-me o que fui fazer em Belle-Isle?

— Sim, senhor.

— Pois bem, Sire, não sei; não é a mim que se deve perguntar isso, é ao número infinito de oficiais de toda casta, a quem foi entregue um número infinito de ordens de todo gênero, ao passo que eu, chefe da expedição, não recebi nada de preciso.

O rei sentiu-se ferido; e demonstrou-o pela réplica.

— Senhor — volveu ele — as ordens só foram dadas a pessoas consideradas fiéis.

— Por isso mesmo me admirou, Sire — redarguiu o mosqueteiro — que um capitão como eu, que tem prerrogativas de marechal de França, se tenha visto sob o comando de cinco ou seis tenentes ou majores, bons como espias, é possível, mas imprestáveis como cabos de guerra. Eis porque eu vinha pedir explicações a Vossa Majestade, quando me impediram a entrada; e este último insulto feito a um homem de bem, levou-me a deixar o serviço de Vossa Majestade.

— Senhor — retorquiu o rei — imaginais viver ainda num século em que os reis estavam, como já vos queixastes que estiveram, sob as ordens e à mercê dos inferiores. Esquecestes que um rei só deve contas de seus atos a Deus.

— Não esqueci coisa alguma, Sire — ripostou o mosqueteiro, ferido também pela lição. — Aliás, não vejo em que pode ofender o seu rei um homem de bem quando lhe pergunta como o desserviu.

— Desservistes-me, senhor, tomando o partido de meus inimigos contra mim.

— Quais são os inimigos de Vossa Majestade?

— Aqueles que vos mandei combater.

— Dois homens! Inimigos do exército de Vossa Majestade! Não é crível, Sire.

— Não tendes o direito de julgar minhas vontades.

— Mas tenho o direito de julgar minhas amizades, Sire.

— Quem serve os amigos, não serve o amo.

— Compreendi-o tão bem, Sire, que ofereci respeitosamente minha demissão a Vossa Majestade.

— E eu aceitei-a, senhor — disse o rei. — Antes de separar-me de vós, quis demonstrar-vos que sei cumprir minha palavra.

— Vossa Majestade cumpriu mais que sua palavra; pois mandou prender-me — disse d'Artagnan com ar friamente chocarreiro; — e não mo havia prometido.

O rei desprezou a facécia e, voltando ao sério:

— Vede, senhor — disse ele — ao que me obrigou vossa desobediência.

— Minha desobediência? — repetiu d'Artagnan, rubro de cólera.

— Foi o nome mais suave que encontrei — continuou o rei. — Eu tencionava prender e punir rebeldes. Que me importava, a mim, que os rebeldes fossem vossos amigos?

— Mas a mim me importava — respondeu d'Artagnan. — Foi crueldade de Vossa Majestade mandar-me prender amigos meus para arrastá-los às forcas do rei.

— Foi, senhor, uma prova a que tentei submeter os pretensos servidores que comem do meu pão e devem defender minha pessoa. A prova gorou, Sr. D'Artagnan.

— Para um mau servidor que perde Vossa Majestade — exclamou o mosqueteiro com azedume — há dez outros, que, nesse mesmo dia, fazem suas provas. Ouça-me, Sire; não estou acostumado a esse gênero de serviços. Sou uma espada rebelde quando se trata de agir mal. Eu agiria mal perseguindo, até à morte, dois homens por cuja vida o Sr. Fouquet, salvador de Vossa Majestade, já havia intercedido. De mais disso, os dois homens eram meus amigos. Não estavam atacando Vossa Majestade; sucumbiam sob o peso de uma cólera cega. De resto, por que não os deixar fugir? Que crime haviam cometido? Admito que Vossa Majestade me conteste o direito de ajuizar do procedimento deles. Mas por que suspeitar de mim antes que eu fizesse alguma coisa? Por que cercar-me de espias? Por que desonrar-me diante do exército? Por que ser eu, em quem Vossa Majestade demonstrou até aqui a mais absoluta confiança, eu, que, há trinta anos, estou ligado à pessoa de Vossa Majestade e lhe dei mil provas de devotamento, pois devo acentuá-lo visto que hoje me acusam, por que ser eu obrigado a ver três mil soldados do rei marchar em ordem de batalha contra dois homens?

— Dir-se-ia que vos deslembrais do que me fizeram esses homens — tornou o rei com voz surda — e que não devo a eles o não estar perdido!

— Dir-se-ia que Vossa Majestade se esquece de que eu estava lá!

— Basta, Sr. D'Artagnan! Acabaram-se os interesses dominantes que vêm fazer sombra aos meus interesses. Estou fundando um Estado em que haverá apenas um amo, como outrora vos prometi; é chegado, para mim, o momento de cumprir a promessa. Quereis ter, consoante vossos gostos e vossas amizades, liberdade para entravar meus planos e salvar meus inimigos? Ou vos destruo ou vos deixo. Procurareis um amo mais cordato? Sei muito bem que outro rei não procederia como estou procedendo, e se deixaria dominar por vós, até mandar-vos, um belo dia, fazer companhia ao Sr. Fouquet e aos outros; mas tenho boa memória e os serviços prestados são, para mim, títulos sagrados ao reconhecimento, à impunidade. Como castigo da vossa indisciplina, Sr. D'Artagnan, recebereis apenas esta lição, e não imitarei os meus predecessores na cólera, como não os imitei nos favores. Além disso, outras razões me fazem proceder com brandura em relação a vós: primeiro, sois um homem inteligente, muito inteligente e sincero, e sereis bom servidor para quem vos houver domado; segundo, porque já não tereis motivos de insubordinação. Vossos amigos foram destruídos ou arruinados por mim. Os pontos de apoio sobre os quais repousava, instintivamente, vosso espírito caprichoso, fi-los desaparecer. A estas horas, meus soldados devem ter prendido ou matado os

rebeldes de Belle-Isle.

D'Artagnan empalideceu.

— Prendido ou matado? — exclamou. — Oh! se Vossa Majestade está pensando o que acaba de dizer-me, e tem certeza de me estar dizendo verdade, esquecerei tudo o que há de justo e magnânimo em suas palavras, para chamar-lhe rei bárbaro e homem desnaturado. Mas perdôo-lhe essas palavras — continuou, sorrindo com orgulho; — perdôo-as ao jovem príncipe que não sabe, que não pode saber o que são homens como o Sr. d'Herblay, como o Sr. du Vallon, como eu. Prendido ou matado? Ah! ah! Se a notícia é verdadeira, diga-me Vossa Majestade quanto lhe custou em homens e dinheiro. Veremos depois se o lucro valeu o gasto.

Ele ainda não acabara de falar quando o rei, colérico, se achegou e perguntou-lhe:

— Sr. D'Artagnan, não são de rebelde essas respostas? Fazei-me o favor de dizer quem é o rei de França? Conheceis outro, por acaso?

— Sire — replicou friamente o capitão dos mosqueteiros — ainda me lembro de que em Vaux, certa manhã, Vossa Majestade formulou a mesma pergunta a muita gente, que não soube responder-lhe, ao passo que eu respondi. Se reconheci o rei nesse dia, quando o reconhecimento era difícil, creio que seria inútil repetir a pergunta agora que Vossa Majestade está a sós comigo.

A essas palavras, Luís XIV abaixou os olhos.

Pareceu-lhe que a sombra do desgraçado Filipe acabava de passar entre d'Artagnan e ele, evocando a lembrança da terrível aventura.

Quase no mesmo instante, entrou um oficial e entregou uma mensagem ao soberano, que, por sua vez, se demudou ao lê-la.

D'Artagnan percebeu-o. Quedou o rei imóvel e silencioso. Logo, tomando de chofre uma decisão:

— Senhor — disse ele — o que estou sabendo agora sabê-lo-eis mais tarde; é melhor que o saibais pela boca do rei. Verificou-se um combate em Belle-Isle.

— Ah! ah! — tornou d'Artagnan com ar calmo, embora o coração lhe pulsasse com fúria dentro do peito. — E daí, Sire?

— Daí, senhor, perdi cento e seis homens.

Um relâmpago de orgulho e de alegria brilhou nos olhos de d'Artagnan.

— E os rebeldes? — perguntou.

— Os rebeldes escaparam — replicou o rei.

D'Artagnan soltou um grito de triunfo.

— Mas acontece — prosseguiu o rei — que a minha esquadra está bloqueando estreitamente Belle-Isle, de sorte que tenho certeza de que ninguém se evadirá.

— E se aqueles dois senhores forem presos?... — tornou o mosqueteiro voltando aos seus sombrios pensamentos.

— Serão enforcados — redarguiu o rei tranqüilamente.

— E já o sabem? — replicou d'Artagnan, que reprimiu um frêmito — Devem saber, visto que lhos haveis de ter dito c todo o país o sabe.

— Então, Sire, não serão apanhados vivos, posso garanti-lo a Vossa Majestade.

— Ah! — volveu o soberano, indiferente, tornando à carta. — Serão apanhados mortos, Sr. d'Artagnan, o que dará no mesmo, pois só quero prendê-los para mandá-los enforcar.

D'Artagnan enxugou o suor que lhe escorria da testa.

— Eu vos prometi — prosseguiu Luís XIV — que seria para vós, um dia, amo afetuoso, generoso e constante. Sois hoje o único homem de outrora digno de minha cólera ou de minha amizade. Não vos pouparei nem uma coisa nem outra, segundo o vosso procedimento. Compreenderíeis, Sr.

D’Artagnan, o que seria servir um rei que tivesse cem outros reis, seus iguais, espalhados pelo reino? Poderia eu realizar nessas condições as grandes obras que medito? Vistes alguma vez o artista criar coisas duradouras com um instrumento rebelde? Longe de nós, senhor, os velhos fermentos dos abusos feudais! A Fronda, que tencionava perder a monarquia, emancipou-a. O dono em minha casa sou eu, Capitão d’Artagnan, e terei servidores que, não tendo talvez o vosso gênio, sejam capazes de levar a dedicação e a obediência às raias do heroísmo. Que importa, pergunto eu, que Deus não tenha dado gênio a braços e a pernas? É à cabeça que o dá, e à cabeça, como sabeis, o resto obedece. Pois eu sou a cabeça!

D’Artagnan estremeceu. Luís continuou como se não tivesse visto nada, se bem notasse o estremecimento.

— Agora, concluamos o negócio que prometi realizar, um dia em que me achastes tão pequenino, em Blois. Agradecei-me, senhor, por não ter feito ninguém pagar as lágrimas de vergonha que então derramei. Olhai à vossa roda: curvaram-se as grandes cabeças. Curvai-vos com elas, ou escolhei o exílio que melhor vos convenha. Nele, talvez, refletindo, chegareis à conclusão de que este rei é um coração generoso que confia tanto em vossa lealdade que, sabendo-vos insatisfeito, consente em' afastar-vos, embora conheçais o segredo do Estado. Sois um homem de bem, eu sei. Por que me julgastes antes que expirasse o prazo do julgamento? Julgai-me a partir deste dia, d'Artagnan, e sede severo quanto quiserdes daqui por diante.

D’Artagnan permanecia aturdido, mudo, flutuando pela primeira vez na vida. Acabava de encontrar um adversário à sua altura. Já não era a astúcia, era o cálculo; já não era a violência, era a força; já não era a cólera, era a vontade; já não era a jactância, era o conselho. Aquele rapaz que derrubara Fouquet e podia prescindir de d'Artagnan, perturbava todos os cálculos mais ou menos obstinados do mosqueteiro.

— Vamos a ver, que é o que vos detém? — perguntou-lhe o rei com doçura. — Pedistes a vossa demissão; quereis que eu a recuse?

Convenho em que será difícil para um velho capitão dar o braço a torcer.

— Oh! — replicou melancolicamente d'Artagnan — não é essa minha preocupação mais grave. Hesito em reiterar o meu pedido, porque sou um velho diante de Vossa Majestade, e tenho hábitos difíceis de perder. Vossa Majestade precisará, doravante, de cortesãos que saibam diverti-lo, de loucos que se deixem matar pelo que chama as suas grandes obras. Grandes, sinto que serão; mas se a mim, por acaso, não me parecessem tais? Vi a guerra, Sire; vi a paz; servi Richelieu e Mazarino; tostei-me com o pai de Vossa Majestade ao fogo da Rochela, esburacado de balas como um crivo, mudando de pele mais de dez vezes, como as cobras. Depois das afrontas e injustiças, recebi um comando que significava alguma coisa antigamente porque me dava o direito de falar ao rei como eu queria. Mas o capitão dos mosqueteiros de Vossa Majestade será, doravante, um oficial encarregado de guardar as portas dos fundos. Realmente, Sire, se tal há de ser doravante o cargo, aproveite Vossa Majestade o estarmos juntos agora para tirar-mo. Não creia que eu lhe guarde rancor; não, Vossa Majestade domou-me, como disse; mas, cumpre confessá-lo, ao domar-me, apequenou-me; ao dobrar-me, convenceu-me da minha fraqueza. Se Vossa Majestade soubesse como é gostoso andar de cabeça erguida e como será desagradável a minha cara cheirando o pó dos seus tapetes! Oh! Sire, tenho saudades, e Vossa Majestade as terá como eu, do tempo em que o rei de França via nos seus vestíbulos todos aqueles fidalgos insolentes, magros, blasfemando sempre, intratáveis, mastins que mordiam mortalmente nos dias de batalha. São os melhores cortesãos para a mão que os alimenta; lambem-na; mas, para a mão que os fere, como sabem morder! Um pouco de ouro nos galões dessas capas, um pouco de barriga nesses calções, uns fios de prata nesses cabelos secos, e Vossa

Majestade verá os belos duques e pares, os altivos marechais de França! Mas por que dizer tudo isso? O rei é meu amo, quer que eu verseje, quer que eu bruna, com sapatos de cetim, os mosaicos de suas antecâmaras; com seiscentos diabos! É difícil, mas já fiz coisa mais difícil do que isso. Hei de fazê-la. E por quê? Por que gosto do dinheiro? Já o possuo. Por que sou ambicioso? A minha carreira tem limites. Por que amo a corte? Não. Ficarei, porque já me habituei, há trinta anos, a ir receber as ordens do rei e ouvi-lo dizer: "Bom dia, d'Artagnan", com um sorriso que nunca mendiguei: Mendigarei o sorriso. Vossa Majestade está contente?

E, d'Artagnan curvou quedo e quedo a cabeça prateada, sobre a qual o rei, sorrindo, pousou com orgulho a mão muito branca.

— Obrigado, meu velho servidor, meu fiel amigo — disse ele. — E visto que, a contar de hoje, não tenho mais inimigos, em França, só me resta mandar-te a um campo estrangeiro onde vais buscar o teu bastão de marechal. Conta comigo para descobrir o ensejo. E, enquanto esperas, come do meu melhor pão e dorme tranqüilo.

— Ainda bem! — disse d'Artagnan comovido. — Mas aquela pobre gente de Belle-Isle? Um deles, sobretudo, que é tão bom e tão corajoso?

— Pedes-me o perdão deles?

— De joelhos, Sire.

— Pois bem, vai levá-lo, se ainda for tempo. Mas ficas responsável por eles!

— Empenho nisso a minha vida!

— Vai. Parto amanhã para Paris. Volta logo; pois não quero mais que me deixes.

— Tranqüilize-se, Majestade! — bradou d'Artagnan, beijando a mão do rei.

E atirou-se, com o coração transbordante de alegria, para fora do castelo, tomando a estrada de Belle-Isle.

Capítulo LIV - Os amigos do Sr. Fouquet

VOLTARA el-rei a Paris, e, com ele, D'Artagnan, que, em vinte e quatro horas, embora tivesse colhido com o máximo cuidado todas as informações possíveis em Belle-Isle, ignorava o segredo tão bem guardado pelo rochedo de Locmaria, túmulo heróico de Porthos.

Sabia apenas o mosqueteiro o que os dois valentes, seus amigos, cuja defesa assumira tão nobremente e cuja vida buscara salvar, ajudados de três fiéis bretões, haviam realizado contra um exército inteiro. Pudera ver, atirados na landa vizinha, os destroços humanos que haviam manchado de sangue as pedras dispersas entre as urzes.

Sabia também que uma canoa fora avistada em alto-mar, e que, à semelhança de uma ave de rapina, um navio real perseguira, alcançara e devorara o pobre passarinho, que fugia, desesperado.

Mas nesse ponto cessavam as certezas de d'Artagnan e descerrava-se para ele o campo das conjeturas. Que poderia pensar? O navio não voltara. É verdade que o vento soprava com violência havia três dias; mas a corveta era um bom e sólido veleiro; não receava as ventanias, e a que conduzia Aramis, segundo os cálculos de d'Artagnan, já devera ter chegado a Brest ou entrado na embocadura do Loire.

Tais eram as notícias ambíguas, mas até certo ponto tranquilizadoras para si, que d'Artagnan transmitiu a Luís XIV, quando o rei, seguido de toda a corte, voltou a Paris.

Satisfeito com o seu bom êxito, mais brando e mais afável depois que se sentia mais poderoso, Luís não cessara, um instante, de cavalgar à portinhola da Srta. de La Vallière.

Mademoiselle de la Vallière.

Toda a gente se dera pressa a distrair as duas rainhas, para fazê-las esquecer o abandono do filho e do marido. Em tudo se respirava o futuro; o passado já não importava a ninguém, a não ser a algumas almas ternas e dedicadas, em cujos corações se instalara como dolorosa ferida. E mal acabara o rei de acomodar-se, quando disso recebeu uma prova tocante.

Luís XIV já se levantara e tomara a primeira refeição, quando o capitão de mosqueteiros entrou à sua presença. D'Artagnan estava pálido e parecia constrangido.

O rei notou, à primeira vista, a alteração do seu semblante, de ordinário tão igual.

— Que tendes, d'Artagnan? — perguntou.

— Sire, sucedeu-me uma grande desgraça.

— Meu Deus! que foi?

— Perdi um amigo, o Sr. du Vallon, no encontro de Belle-Isle, Sire.

E, pronunciando essas palavras, d'Artagnan fitava o olhar de falcão no rosto de Luís XIV para adivinhar o primeiro sentimento que nele se traduzisse.

— Eu sabia — replicou o rei.

— Vossa Majestade sabia e não me contou? — exclamou o mosqueteiro.

— Para quê? O vosso sofrimento, meu amigo, é tão respeitável! Entendi que me cumpria poupá-lo. Instruir-vos dessa desgraça que vos feria, d'Artagnan, seria triunfar dela à vossos olhos. Sim, eu sabia que o Sr. du Vallon ficou enterrado sob os rochedos de Locmaria; eu sabia que o Sr. d'Herblay me tomou um navio com a sua equipagem para chegar a Baiona. Mas quis que fôsseis diretamente

informado desses acontecimentos, a fim de convencer-vos de que os meus amigos são para mim respeitáveis e sagrados, que, em mim, o homem sempre se imolará aos homens, visto que o rei é tantas vezes obrigado a sacrificá-los à sua majestade e ao seu poder.

— Mas, Sire, como soube Vossa Majestade?...

— Como soubestes vós mesmo, d'Artagnan?

— Por uma carta, Sire, que me escreveu, de Baiona, Aramis, livre e fora de perigo.

— Vede — tornou o rei tirando de um cofrezinho, colocado sobre um móvel vizinho da cadeira em que d'Artagnan estava apoiado, uma cópia exata da missiva de Aramis — eis a mesma carta, que Colbert me entregou oito horas antes que recebêsseis a vossa... Sou bem servido, como vedes.

— Sim, Sire — murmurou o mosqueteiro — era Vossa Majestade o único homem cuja fortuna seria capaz de dominar a fortuna e a força de meus amigos. Vossa Majestade usou dela, Sire; mas não abusará, não é verdade?

— D'Artagnan — disse o rei com um sorriso benevolente — eu poderia mandar buscar o Sr. d'Herblay em terras do rei da Espanha e trazê-lo aqui, vivo, para justiçá-lo. Crede-me, não cederei a esse primeiro movimento, aliás naturalíssimo. Ele está livre, continue em liberdade.

— Oh! Sire, Vossa Majestade não poderá ser sempre tão clemente, nobre e generoso, como acaba de mostrar-se em relação a mim e ao Sr. d'Herblay; Vossa Majestade encontrará ao pé de si conselheiros que o curarão dessa fraqueza.

— Não, d'Artagnan, estais enganado quando acusais o meu conselho de induzir-me ao rigor. A sugestão de poupar o Sr. d'Herblay procede do próprio Colbert.

— Ah! Sire — exclamou d'Artagnan, estupefato.

— Quanto a vós — continuou o rei com bondade pouco comum — tenho boas notícias para dar-vos; sabê-las-eis, porém, meu caro capitão, no momento em que eu houver terminado as minhas contas. Afirmei que pretendia fazer e que faria a vossa fortuna. Essa palavra vai mudar-se em realidade.

— Mil vezes obrigado, Sire; posso esperar. Mas peço-lhe, enquanto espero, que Vossa Majestade haja por bem ocupar-se dessa pobre gente que, há muito tempo, assedia a sua antecâmara e vem humildemente depor uma súplica aos pés do rei.

— Quem são?

— Inimigos de Vossa Majestade. O rei ergueu a cabeça.

— Amigos do Sr. Fouquet — ajuntou d'Artagnan.

— Como se chamam?

— Gourville, Pellisson e um poeta, João de La Fontaine. Deteve-se o rei um momento para refletir.

— Que querem?

— Não sei.

— Como estão?

— De luto.

— Que dizem?

— Nada.

— Que fazem?

— Estão chorando.

— Mandai-os entrar — ordenou o monarca franzindo o cenho.

Girou d'Artagnan rapidamente sobre si mesmo, ergueu o reposteiro que fechava a entrada do gabinete real, e gritou para a sala vizinha:

— Fazei entrar!

Logo surgiram à porta do gabinete, onde se encontravam o rei e seu capitão, os três homens que nomeara d'Artagnan.

Profundo silêncio acompanhou-lhes a passagem. À aproximação dos amigos do infeliz superintendente das finanças, recuavam os cortesãos como se não quisessem ver-se contaminados pela desvalia e pelo infortúnio.

Com passo rápido, foi pessoalmente d'Artagnan pegar pela mão os desgraçados que hesitavam e tremiam à porta do gabinete; trouxe-os diante da poltrona do rei, que, refugiado num vão de janela, estava esperando o momento da apresentação e preparava-se para dispensar aos suplicantes uma acolhida rigorosamente diplomática.

O primeiro dos amigos de Fouquet que se adiantou foi Pellisson. Já não chorava; mas as suas lágrimas só haviam secado para que el-rei pudesse ouvir-lhe melhor a voz e a súplica.

Gourville mordia os lábios para conter as lágrimas por deferência ao rei. La Fontaine cobria o rosto com o lenço, e ninguém diria que estivesse vivo, não fosse o movimento convulsivo dos ombros levantados pelos soluços.

O rei mantinha a mais perfeita dignidade.

Impassível, conservava até a carranca que lhe contraíra a face quando d'Artagnan anunciara a presença dos inimigos. Fez um gesto que significava: "Falai", e continuou em pé, fitando um olhar profundo nos três desesperados.

Pellisson inclinou-se até o chão, e La Fontaine ajoelhou-se como se faz nas igrejas.

Esse obstinado silêncio, unicamente perturbado por suspiros e gemidos tão dolorosos, começava a provocar, não a compaixão, mas a impaciência do rei.

— Sr. Pellisson — disse com voz breve e seca — Sr. Gourville, e vós, Sr....

E não pronunciou o nome de La Fontaine.

— Eu receberia com sumo desprazer qualquer pedido em favor de um dos maiores criminosos que à minha justiça cumpre punir. Um rei só se deixa enternecer pelas lágrimas ou pelo remorso: lágrimas da inocência, remorso do culpado. Não acreditarei no remorso do Sr. Fouquet nem nas lágrimas dos seus amigos, porque um está corrompido até o coração e os outros deviam temer vir ofender-me em minha casa. Eis por que, Sr. Pellisson, Sr. Gourville, e vós, senhor... fazei-me o favor de não dizer coisa alguma que não manifeste altamente o respeito que vos merece minha vontade.

— Sire — respondeu Pellisson tremendo a essas palavras terríveis — não viemos trazer a Vossa Majestade senão a expressão mais profunda do mais sincero respeito e do mais sincero amor que devem ao rei todos os súditos. A justiça de Vossa Majestade é temível; a cada qual impende curvar-se às suas sentenças. Inclinamo-nos, deferentes, diante dela. Longe de nós o pensamento de vir defender quem teve a desgraça de ofender Vossa Majestade. O que incorreu no desfavor de Vossa Majestade pode ser um amigo para nós, mas é um inimigo do Estado. Entregamo-lo, chorando, à severidade do rei.

— De mais a mais — atalhou o monarca, serenado pela voz suplicante e pelas palavras persuasivas — o meu Parlamento julgará. Não firo sem primeiro pesar o crime. A minha justiça só empunha a espada depois de haver consultado a balança.

— Por isso mesmo confiamos inteiramente na imparcialidade do rei, e esperamos erguer nossas fracas vozes, com o assentimento de Vossa Majestade, quando a hora de defender um amigo acusado houver soado para nós.

— Então, senhores, que pedis? — perguntou o rei com o seu ar imponente.

— Sire — continuou Pellisson — o acusado deixa mulher e família. Os poucos haveres que

possuía mal bastam para pagar-lhe as dívidas, e a Sra. Fouquet, desde que o marido foi preso, viu-se desamparada de todos. A mão de Vossa Majestade fere como a mão de Deus. Quando o senhor envia a chaga da lepra ou da peste a uma família, todos fogem e se afastam da morada do leproso e do pestífero. Às vezes, porém muito raro, um médico generoso ousa aproximar-se do limiar maldito, transpõe-no com coragem e expõe a vida para combater a morte. É o último recurso do moribundo; é o instrumento da misericórdia celeste. Suplicamos a Vossa Majestade, de mãos juntas, genuflexos, como se suplica à Divindade: a Sra. Fouquet já não tem amigos nem amparo; chora em sua casa, pobre e deserta, desertada por todos os que a assediavam no momento do favor; já não tem crédito nem esperança! Por mais culpado que seja, o desgraçado sobre o qual pesa a cólera de Vossa Majestade recebe pelo menos de Vossa Majestade o pão que molham cada dia as suas lágrimas. Igualmente aflita, porém mais desprovida que o marido, a Sra. Fouquet, que já teve a honra de recebê-lo à sua mesa, Sire, a Sra. Fouquet, esposa do antigo superintendente das finanças de Vossa Majestade, já não tem pão!

A essa altura, o silêncio mortal que prendia a respiração dos dois amigos de Pellisson, foi quebrado pela explosão dos soluços, e d'Artagnan, cujo peito se confrangia ouvindo a súplica humílima, girou sobre os calcanhares, na direção do ângulo do gabinete, para morder à vontade o bigode e conter os suspiros.

El-rei conservara os olhos secos, o rosto severo; mas um rubor lhe coloria as faces e a segurança dos seus olhares diminuía sensivelmente.

— Que desejais? — perguntou, com voz comovida.

— Viemos pedir-lhe humildemente, Sire — replicou Pellisson, que a comoção dominava manso e manso — seja-nos permitido, sem incorrer no desagrado de Vossa Majestade, emprestar à Sra. Fouquet duas mil pistolas, recolhidas entre os velhos amigos do marido, para que não faltem à viúva as coisas mais necessárias à vida.

À palavra *viúva,* pronunciada por Pellisson, embora Fouquet ainda estivesse vivo, o rei empalideceu extremamente; fugiu-lhe a altivez; a piedade lhe subiu do coração aos lábios. Deixou cair um olhar enternecido sobre a gente que soluçava a seus pés.

— Deus me livre — respondeu — de confundir o inocente com o culpado! Não me conhecem os que duvidam da minha misericórdia para com os fracos. Nunca ferirei senão os arrogantes. Fazei, senhores, quanto vos aconselhar o coração para aliviar o sofrimento da Sra. Fouquet. Ide, ide.

Reergueram-se os três homens em silêncio, com olhos enxutos. As suas lágrimas haviam secado ao contato ardente das faces e das pálpebras. Não tiveram sequer a força para dirigir um agradecimento ao rei, que, aliás, lhes interrompeu as vénias solenes entrincheirando-se, rápido, atrás da poltrona.

D’Artagnan ficou a sós com o rei.

— Bem! — disse ele, aproximando-se do jovem príncipe que o interrogava com o olhar; — bem, meu amo! Se Vossa Majestade não tivesse a divisa que lhe adorna o sol, eu lhe aconselharia uma e mandá-la-ia verter para o latim pelo Sr. Conrart: "Manso com o pequeno, duro com o forte!”

Sorriu o monarca e passou à sala vizinha, depois de haver dito a d’Artagnan; — Tirai a licença que precisardes para ordenar os negócios do finado Sr. du Vallon, vosso amigo.

Capítulo LV - O testamento de Porthos

EM Pierrefonds, tudo estava de luto: pátios desertos, cavalariças fechadas, jardins abandonados. Nas fontes, os jorros de água, outrora fartos, ruidosos e brilhantes, haviam-se estancado sozinhos.

Nos caminhos, à roda do castelo, surgiam alguns personagens graves, montados em mulas ou canivetes de fazenda. Eram vizinhos, curas e bailios das terras limítrofes.

Toda aquela gente entrava silenciosamente no castelo, entregava a montaria a um palafreneiro triste, e dirigia-se, conduzido por um criado vestido de preto, ao salão, onde Mousqueton recebia os recém-chegados.

Mousqueton emagrecera tanto em dois dias que as roupas lhe dançavam no corpo, semelhantes às bainhas muito largas, em que dançam os ferros das espadas.

O rosto espinhento, vermelho e branco, como o da Madona de Van Dyck, era sulcado por dois ribeiros de prata, que cavavam o próprio leito nas faces dele, tão rechonchudas antigamente quanto flácidas agora.

A cada visita nova, encontrava Mousqueton novas lágrimas, e dava dó vê-lo apertar a garganta com a mão para não romper em soluços.

Todas as visitas lá estavam a fim de assistir à leitura do testamento de Porthos, anunciada para aquele dia, e à qual desejavam estar presentes os cobiçosos ou amigos do morto, que não deixara parentes.

Os assistentes acomodavam-se à proporção que chegavam e acabava de fechar-se o salão quando soou o meio-dia, hora marcada para a leitura.

O procurador de Porthos, que era, naturalmente, o sucessor de mestre Coquenard, começou desenrolando lentamente o vasto pergaminho, em que a mão vigorosa de Porthos tracejara as suas vontades supremas.

Rompido o lacre, colocados os óculos, abrandada a tosse preliminar, cada qual esticou o ouvido.

Mousqueton encolhera-se a um canto, para chorar melhor, para ouvir menos.

De repente, a porta de dois batentes do salão, que fora fechada, abriu-se como por um prodígio, e uma figura máscula assomou ao limiar, resplandecendo na mais viva luz do sol.

Era d'Artagnan, que, sozinho, chegara até lá, e, não encontrando ninguém que lhe segurasse o estribo, amarrara o cavalo numa aldraba e se anunciava a si próprio.

A claridade do dia invadindo a sala, o murmúrio dos assistentes, e, mais do que isso, o instinto do cão fiel, arrancaram Mousqueton às suas cismas.

Reergueu a cabeça, reconheceu o velho amigo do amo, e, urrando de dor, foi beijar-lhe os joelhos e inundar as lájeas com suas lágrimas.

Reergueu d’Artagnan o pobre intendente, abraçou-o como a um irmão, e tendo cumprimentado nobremente a assembléia, que se inclinava cochichando-lhe o nome, foi sentar-se na extremidade do salão de carvalho esculpido, segurando sempre a mão de Mousqueton que, sufocado, se deixou cair num escabelo.

Emocionado como os outros, o procurador encetou a leitura.

Após uma profissão de fé das mais cristãs, Porthos pedia perdão aos inimigos dos agravos que lhes pudesse ter feito.

À leitura desse parágrafo, um raio de inexprimível orgulho iluminou os olhos de d’Artagnan.

Lembrava-se do velho soldado. Calculava mentalmente os inimigos de Porthos, derrubados pela sua mão valente, e dizia entre si que Porthos não devera, realmente, enumerar os inimigos nem os agravos que lhes fizera; pois, em caso contrário, a tarefa teria sido demasiado árdua para o leitor.

Seguia-se, depois, esta enumeração:

"Possuo, neste momento, pela graça de Deus:
"1.° A propriedade de Pierrefonds, terras, matas, prados, aguadas, florestas, cercados de bons muros;
"2.° A propriedade de Bracieux, castelo, florestas, terras de plantio, formando três quintas;
"3.° A propriedadezinha do Val Ion, assim chamada porque está num valezinho... "
Bravo Porthos!
"4.° Cinqüenta casais arrendados na Turena, numa extensão de duzentos e cinqüenta hectares.
"5.° Três moinhos sobre o Cher, que rendem seiscentas libras cada um.
"6.° Três lagos no Berri, que rendem duzentas libras cada um.
"Quanto aos bens mobiliários, assim chamados porque não podem mover-se, como tão bem o explica o meu erudito amigo o Bispo de Vannes... "

D'Artagnan estremeceu à lembrança do nome lúgubre.

Continuou o procurador, imperturbavelmente:

"Consistem: 1.° Em móveis que eu não poderia pormenorizar aqui por falta de espaço, e que guarnecem todos os meus castelos ou casas, mas cuja lista foi organizada pelo meu intendente..."
Todos voltaram os olhos para Mousqueton, que tornou a abismar-se na dor.
"2.° Em vinte cavalos de sela e de tiro que tenho particularmente no meu castelo de Pierrefonds e que se chamam: Baiardo, Rolando, Carlos Magno, Pepino, Dunois, La Hire, Ogier, Sansão, Milão, Nemrod, Urganda, Armida, Falstrada, Dalila, Rebeca, Iolanda, Finette, Grisette, Lisette e Musette.
"3.° Em sessenta cachorros, formando seis equipagens, distribuídas da seguinte maneira: a primeira, para o cervo; a segunda, para o lobo; a terceira, para o javali; a quarta, para a lebre; e as duas outras, para caças de pena e para guarda;
"4.° Em armas de guerra e de caça, guardadas em minha sala de armas;
"5.° Meus vinhos de Anjou, escolhidos por Athos, que antigamente os apreciava; os meus vinhos de Borgonha, de Champanha, de Bordéus e de Espanha, que ocupam oito celeiros e doze adegas em minhas diversas casas.
"6.° Meus quadros e estátuas, que dizem ter grande valor e que são tantos que cansam a vista.
"7.° Minha biblioteca, composta de seis mil volumes, novos em folha, que nunca ninguém abriu;
"8.° Minha baixela de prata, que está talvez um tanto usada, mas que deve pesar de mil a mil e duzentas libras, pois eu mal lograva erguer o cofre que a encerra e só conseguia dar seis voltas pelo quarto carregando-o;
"9.° Todos esses objetos, além da roupa de mesa e de serviço, estão repartidos entre as

casas que eu mais apreciava...”

A essa altura, o leitor interrompeu-se para tomar fôlego. Todos suspiraram, tossiram e redobraram de atenção. O procurador continuou:

"Vivi sem ter filhos, e é provável que os não tenha, o que é para mim pungente sofrimento. Engano-me, porém, pois tenho um filho em comum com meus outros amigos: é o Sr. Raul Augusto Júlio de Bragelonne, filho legítimo do Sr. Conde de la Fère.
"Esse honrado fidalgo pareceu-me digno de suceder aos três valentes gentis-homens, de quem sou amigo e humilde servidor".

Nesse ponto, ouviu-se um barulhão. Era a espada de d'Artagnan, que, desprendendo-se do boldrié, caíra sobre o soalho sonoro. Todos viraram a cabeça para esse lado, e perceberam que uma lágrima grande rolara dos cílios espessos de d'Artagnan sobre o seu nariz aquilino, cuja ponta luminosa brilhava como um crescente reverberando ao sol.

"Eis por que — continuou o procurador — *deixei todos os meus bens, móveis e imóveis, compreendidos na relação supra, ao Sr. Visconde Raul Augusto Júlio de Bragelonne, filho do Sr. Conde de la Fère, para consolá-lo de um desgosto que ele parece ter, e deixá-lo em condições de usar gloriosamente o seu nome... “*

Longo murmúrio se ouviu no auditório.
O procurador continuou, sustentado pelo olhar flamejante de d’Artagnan, que, percorrendo a assembléia, restabeleceu o silêncio interrompido.

"Com a condição de que o Sr. Visconde de Bragelonne dê ao Sr. Cavaleiro d'Artagnan, capitão dos mosqueteiros do rei, o que o dito Cavaleiro d’Artagnan lhe pedir dos meus bens.
"Com a condição de que o Sr. Visconde de Bragelonne forneça uma boa pensão ao Sr. Cavaleiro d'Herblay, meu amigo, se este precisar viver no exílio.
"Com a condição de que o Sr. Visconde de Bragelonne sustente os meus servidores que estiveram dez anos em minha casa e dê quinhentas libras a cada um dos outros.
"Deixo ao meu intendente Mousqueton todos os meus trajos civis, de guerra e de caça, num total de quarenta e sete, na certeza de que ele os usará até ao fim, por amor e em lembrança minha.
"Além disso, lego ao Sr. Visconde de Bragelonne o meu velho servidor e fiel amigo Mousqueton, já citado, com a condição de que o dito Visconde de Bragelonne proceda de maneira que Mousqueton declare, ao morrer, que nunca deixou de ser feliz.”

Ouvindo essas palavras, Mousqueton cumprimentou, pálido e trêmulo; os seus ombros largos fremiam convulsivamente; o rosto, em que se via uma expressão apavorante de dor, surdiu-lhe das mãos geladas, e os assistentes viram-no oscilar, hesitar, como se, querendo sair da sala, buscasse uma direção.
— Mousqueton, meu bom amigo — disse-lhe d’Artagnan — sai daqui; vai fazer os teus preparativos. Levar-te-ei à casa de Athos, para onde irei ao deixar Pierrefonds.

Mousqueton não respondeu. Mal respirava, como se tudo, naquela sala, doravante, lhe devesse ser estranho. Abriu a porta e desapareceu lentamente.

O procurador terminou a leitura, depois da qual se dispersaram, decepcionados, mas cheios de respeito, quase todos os que tinham vindo ouvir as últimas vontades de Porthos.

Ficando só, após haver recebido a reverência cerimoniosa que lhe fizera o procurador, admirou d'Artagnan a profunda sabedoria do testador que acabava de distribuir com tanta justiça os seus haveres ao mais digno, ao mais necessitado, com delicadezas que nenhum dentre os mais finos cortesãos e os mais nobres corações encontrariam tão perfeitas.

Com efeito, Porthos ordenava a Raul de Bragelonne que desse a d'Artagnan o que este lhe pedisse. Sabia muito bem o digno Porthos que d'Artagnan não pediria coisa alguma; e, se acaso pedisse alguma coisa, ninguém, senão ele mesmo, escolheria a sua parte.

Deixava uma pensão a Aramis, que, se quisesse pedir demais, se veria obstado pelo exemplo de d'Artagnan; e a palavra *exílio,* escrita pelo testador sem intenção manifesta, não era a mais branda, a mais admirável crítica ao procedimento de Aramis, que lhe ocasionara a morte?

Enfim, não havia sequer menção de Athos no testamento do morto. Poderia supor este último, com efeito, que o filho não oferecesse a melhor parte ao pai? O espírito grosseiro de Porthos julgara todas essas causas, apanhara todas essas nuanças, melhor do que a lei, melhor do que o uso, melhor do que o bom gosto.

— Porthos era um coração — disse consigo só d'Artagnan com um suspiro.

E pareceu-lhe ouvir um gemido no teto. Pensou imediatamente no pobre Mousqueton, cujo sofrimento lhe cumpria distrair.

Saiu correndo da sala à procura do digno intendente, visto que éste não voltara.

Subiu a escada que conduzia ao primeiro andar e avistou, no quarto de Porthos, uma pilha de roupas de todos os panos e cores, sobre as quais se deitara Mousqueton, depois de havê-las arrumado.

Era o quinhão do amigo fiel. Bem lhe pertenciam aquelas roupas, muito bem dadas. Via-se a mão de Mousqueton estendida sobre as suas relíquias, que beijava com todos os lábios, com todo o rosto, e cobria com todo o corpo.

D'Artagnan aproximou-se do pobre rapaz.

— Meu Deus — exclamou; — não se mexe! Desmaiou! Enganava-se: Mousqueton estava morto.

— Morto, como o cão que, ao perder o amo, volta para morrer-lhe sobre as roupas.

Capítulo LVI - A velhice de Athos

NO passo que todos esses sucessos separavam para sempre os quatro mosqueteiros, outrora ligados de modo que parecia indissolúvel, Athos, que ficara só após a partida de Raul, começava a pagar o seu tributo à morte antecipada que se chama a ausência das pessoas queridas.

De regresso à casa de Blois, já não tendo sequer Grimaud para recolher um pobre sorriso quando ele passeava pelo jardim, sentia, dia a dia, alterar-se o vigor de uma natureza, que, havia tanto tempo, se diria infalível.

Recuada para ele pela presença do objeto querido, a idade chegava com o cortejo de padecimentos e incômodos que tanto mais aumenta quanto mais espera. Athos já não tinha lá o filho que, sem querer, o obrigava a estudar-se para caminhar erecto, erguer a cabeça, dar o bom exemplo; já não tinha os olhos brilhantes do rapaz, fornalha sempre ardente em que se regenerava a chama dos seus olhares.

De mais, releva dizê-lo, aquela natureza, admirável pela ternura e pela reserva, não encontrando mais nada que lhe detivesse os ímpetos, entregava-se à tristeza com o ardor com que se entregam à alegria as naturezas vulgares.

Jovem até aos sessenta e dois anos, o guerreiro que conservara as energias a despeito das fadigas, o frescor de espírito apesar das amarguras, a serenidade da alma e do corpo sem embargo de Milady, de Mazarino, de La Vallière, o Conde de la Fère envelhecera em oito dias, desde o momento em que perdera o apoio de sua prolongada mocidade.

Sempre belo, mas curvado; nobre, mas triste; brando e cambaleante sob os cabelos embranquecidos; buscava, desde que se vira sozinho, as clareiras pelas quais vinha o sol furar a folhagem das aléias.

Desaprendeu o rude exercício de toda a sua vida quando deixou de ver Raul ao pé de si.

Acostumados a vê-lo madrugar indefectivelmente, espantaram-se os servidores ouvindo soar sete horas no verão sem que o amo tivesse saltado da cama.

Athos permanecia deitado, com um livro à cabeceira, e não dormia nem lia. Deitado para não precisar carregar o próprio corpo, deixava que a alma ou o espírito se desprendessem do seu invólucro para voltar ao filho ou a Deus.

Assustaram-se muito os criados às vezes em que o viram, horas a fio, absorto num devaneio mudo, insensível; já não ouvia o passo medroso do lacaio que assomava ao limiar da porta para espiar o sono ou o despertar do amo. Acontecia-lhe esquecer que metade do dia já se escoara, que passara a hora das duas primeiras refeições.

Despertado pelos servidores, levantava-se, descia, procurava o abrigo de alguma escura alameda, depois voltava um pouco para o sol, a fim de compartir do seu calor por um minuto com o filho ausente. Em seguida, o passeio lúgubre, monótono, recomeçava até que ele tornava exausto, ao quarto e ao leito, domicílio predileto.

Durante vários dias não pronunciou uma palavra.

Recusou-se a receber as visitas que lhe chegavam, e, durante a noite, foi visto reacendendo a lâmpada e passando longas horas a escrever ou a folhear pergaminhos.

Athos escreveu uma dessas cartas a Vannes, outra a Fontainebleau: ficaram sem resposta.

Sabemos porquê: Aramis deixara a França; D'Artagnan viajava de Nantes a Paris, de Paris a

Pierrefonds. O criado de quarto notou que ele suprimia, cada dia, algumas voltas do passeio. A grande alameda de tílias não tardou em ficar demasiado comprida para os pés que a haviam percorrido, em outro tempo, mil vezes num dia.

Via-se o conde chegar penosamente às árvores do meio, sentar-se num banco de musgo, que cortava em forma de meia-lua uma aléia lateral, e esperar assim a volta das forças, ou melhor, a volta da noite.

Cem passos o extenuavam. Por fim, não quis mais levantar-se; recusou todo e qualquer alimento; e a sua gente, espavorida, embora ele não se queixasse, embora tivesse sempre um sorriso nos lábios, embora continuasse a falar com voz doce, foi correndo buscar em Blois o antigo médico do finado Monsieur, e trouxe-o ao Conde de la Fère, de tal modo que o facultativo pôde ver o doente sem ser visto por ele.

De feito, colocaram-no em um compartimento vizinho do quarto do enfermo, e suplicaram-no que não se mostrasse, temerosos de irritarem o amo, que não mandara chamá-lo.

O facultativo obedeceu; Athos era uma espécie de modelo para os fidalgos da região; o habitante de Blois ufanava-se de possuir aquela relíquia sagrada das velhas glórias francesas; era o grande fidalgo diante das nobrezas que o rei improvisava ao tocar com o cetro jovem e fecundo os troncos ressequidos das árvores heráldicas da província.

Athos, dizíamos, era respeitado e querido. O médico não pôde ver chorar a sua gente nem abandonarem-se os pobres do lugar, de quem era Athos vida e consolo, através de suas boas palavras e esmolas. Examinou, portanto, do fundo do seu esconderijo a marcha do mal misterioso que curvava e mordia, cada dia mais, um homem havia pouco ainda cheio de vida e vontade de viver.

Observou nas faces de Athos o rubor da febre que arde e se alimenta, febre lenta, implacável, nascida numa dobra do coração, que se abriga atrás dessa trincheira e aumenta com o próprio sofrimento que ela engendra, causa e efeito, a um tempo, de uma situação perigosa.

O conde não falava com ninguém, não falava nem consigo mesmo. O seu pensamento temia o ruído, atingia o grau de super-excitação vizinho do êxtase. Absorto dessa maneira, quando ainda não pertence a Deus, o homem já não pertence à terra.

Ficou o doutor várias horas estudando a dolorosa luta da vontade contra um poder superior.

Assustou-se ao ver-lhe os olhos sempre fixos, sempre fitos no alvo invisível; assustou-se ao ver bater com o mesmo movimento o coração cujo ritmo nunca fora alterado sequer por um suspiro; às vezes, a acuidade da dor alimenta a esperança do médico.

Metade de um dia assim se passou. Homem de bem, espírito firme, o facultativo decidiu-se: deixou repentinamente o seu refúgio e endereçou-se a Athos, que o viu sem surpresa, como se não lhe tivesse compreendido a aparição.

— Senhor conde, perdão — disse o médico achegando-se ao doente com os braços abertos — mas preciso repreender-vos; tereis de ouvir-me.

E sentou-se à cabeceira de Athos, que saiu com dificuldade da sua preocupação.

— Que há, doutor? — perguntou o doente após um instante de silêncio.

— Há que estais doente, senhor, e não vos tratais.

— Eu, doente! — volveu Athos sorrindo.

— Febre, consunção, enfraquecimento, depauperamento, senhor conde!

— Enfraquecimento! — respondeu Athos; — será possível! Eu não me levanto.

— Vamos, vamos, senhor conde, nada de subterfúgios! Sois bom cristão.

— Creio que sim — disse Athos.

— Seríeis capaz de matar-vos por vossas próprias mãos?

— Nunca, doutor.

— Pois bem, estais morrendo; continuar assim, é um suicídio; sarai, senhor conde, sarai!

— Do quê? Encontrai a doença primeiro. Nunca me senti melhor, o céu nunca me pareceu mais belo, e nunca apreciei tanto as minhas flores.

— Tendes um desgosto oculto.

— Oculto?... Não, tenho a ausência de meu filho, doutor; eis aí todo o meu mal; não o escondo.

— Senhor conde, vosso filho está vivo, forte, tem o futuro das pessoas de seu mérito e de sua raça; vivei por ele...

— Mas eu estou vivendo, doutor. Oh! tranqüilizai-vos — ajuntou, sorrindo com melancolia — enquanto Raul viver, todos o saberão; pois enquanto ele viver, eu viverei.

— Que estais dizendo?

— Uma coisa muito simples. Neste momento, doutor, deixo a vida suspensa em mim. Fora uma tarefa superior às minhas forças levar uma existência descuidada, distraída, indiferente, quando Raul não está aqui. Não se pede à lâmpada que arda sem que a faísca lhe tenha ajuntado a chama; não me peçais para viver no ruído e na claridade. Vegeto, preparo-me, espero. Não vos lembram, doutor, aqueles soldados que vimos tantas vezes juntos nos portos onde esperavam embarcar-se? Deitados, indiferentes, metade num elemento, metade noutro, não estavam no lugar a que o mar ia levá-los, nem no lugar em que a terra ia perdê-los; bagagens preparadas, espírito tenso, olhar fixo, esperavam. Repito-o: essa imagem retrata a minha vida presente. Deitado como os soldados, os ouvidos à escuta de todos esses ruídos que me chegam, quero estar pronto para partir ao primeiro chamado. Quem me chamará? A vida ou a morte? Deus, ou Raul? As minhas bagagens estão feitas, a minha alma está preparada, estou esperando o sinal... Estou esperando, doutor, estou esperando!

O doutor conhecia a têmpera daquele espírito, apreciava a solidez daquele corpo; refletiu por um momento, disse a si mesmo que palavras seriam inúteis, remédios, absurdos, e partiu exortando os servidores de Athos a vigiá-lo constantemente.

Tendo partido o médico, Athos não manifestou nem cólera nem agastamento por haver sido incomodado; não recomendou sequer que lhe levassem prontamente as cartas que chegassem; sabia perfeitamente que toda distração era uma alegria, uma esperança, que os criados procurariam obter-

lhe ao preço do próprio sangue.

O sono tornara-se raro. À força de sonhar, esquecia-se algumas horas, quando muito, num devaneio mais profundo, mais obscuro, a que outros chamariam sonho. Esse repouso momentâneo dava ao corpo o esquecimento que fatiga a alma; pois Athos vivia duplamente durante essas peregrinações da inteligência.

Uma noite, sonhou que Raul principiara a vestir-se numa tenda, para acompanhar uma expedição comandada especialmente pelo Sr. de Beaufort. O rapaz estava triste, apresilhava lentamente a couraça, cingia lentamente a espada.

— Que tens? — perguntou-lhe ternamente o pai.

— O que me aflige é a morte de Porthos, o nosso boníssimo amigo — respondeu Raul; — estou sofrendo aqui a dor que sentireis em França.

E a visão desapareceu com o sono de Athos.

Ao raiar do dia, um dos criados entrou no quarto do amo e entregou-lhe uma carta vinda da Espanha.

— A letra de Aramis — pensou o conde. E leu-a.

— Porthos morreu! — exclamou depois de ter lido as primeiras linhas. — Ó Raul, Raul, obrigado! cumpres a tua promessa, tu me avisaste!

E, inundado de um suor mortal, desmaiou na cama sem outra causa além da fraqueza.

Capítulo LVII - A visão de Athos

TORNANDO em si, quase corrido da própria fraqueza diante daquele sucesso sobrenatural, Athos levantou-se e pediu um cavalo, decidido a ir a Blois, a fim de entabular correspondências mais seguras, quer com a África, quer com d'Artagnan e Aramis.

Com efeito, a carta de Aramis inteirava o Conde de la Fère do mau sucesso da expedição de Belle-Isle. Fornecia-lhe, sobre a morte de Porthos, tantos pormenores que o terno e dedicado coração de Athos se sentiu comovido até às últimas fibras.

Decidiu fazer ao amigo Porthos uma última visita.

Para prestar essa homenagem ao antigo companheiro de armas, pretendia avisar d'Artagnan, induzi-lo a reencetar a penosa viagem de Belle-Isle, realizar em sua companhia a triste peregrinação ao túmulo do gigante que ele tanto amara, e voltar para casa, a fim de obedecer à secreta influência que o conduzia à eternidade por aqueles caminhos misteriosos.

Mas, tanto que os criados vestiram o amo, vendo-o, prazenteiros, preparar-se para uma viagem que lhe dissiparia a tristeza; tanto que o cavalo mais manso das cavalariças do conde foi selado e conduzido ao pé da escada principal, sentiu o pai de Raul embaraçar-lhe a cabeça, faltarem-lhe as pernas, e compreendeu que lhe seria totalmente impossível dar um passo a mais.

Pediu que o levassem para o sol; estenderam-no sobre um banco de musgo, onde passou mais de uma hora antes de tornar completamente em si.

Nada mais natural do que aquela atonia após a inércia dos primeiros dias. Athos tomou um caldo para recobrar as forças, molhou os lábios ressequidos num copo cheio de vinho de que mais gostava, o velho vinho de Anjou, mencionado pelo bom Porthos em seu admirável testamento.

Em seguida, reconfortado, livre de espírito, mandou que lhe trouxessem o cavalo; mas foi-lhe precisa a ajuda dos criados para montar penosamente.

O animal não deu cem passos: à primeira volta do caminho, o cavaleiro pôs-se a tremer.

— Que coisa estranha! — disse ao criado de quarto, que o acompanhava.

— Detenhamo-nos, senhor, eu vos conjuro! — respondeu o fiel servidor. — Estais empalidecendo.

— Isso não me impedirá de continuar, já que estou aqui — replicou o conde.

E deu rédeas ao animal.

Mas, de repente, a cavalgadura, em vez de obedecer ao pensamento do amo, deteve-se. Um movimento que Athos não percebera serrara-lhe o freio.

— Há qualquer coisa — disse Athos — que não quer que eu vá mais longe. Amparai-me — acrescentou, estendendo os braços — depressa, vinde! Sinto que todos os meus músculos se distendem; vou cair do cavalo.

Vira o criado o movimento feito pelo amo ao mesmo tempo que recebera a ordem. Aproximou-se rapidamente, recebeu o conde nos braços, e, como não se houvessem distanciado tanto da casa que os outros criados, postados à porta para verem sair o Sr. de la Fère, não dessem tento da desordem na marcha ordinariamente tão regular do amo, o criado de quarto chamou os companheiros com o gesto e com a voz; e todos acorreram, pressurosos.

Assim que a montaria deu alguns passos para regressar a casa, Athos sentiu-se melhor. Teve a impressão de que as forças lhe renasciam, e voltou-lhe o desejo de ir a Blois. Virou o cavalo.

Mas, ao primeiro movimento deste, recaiu na angustiada modorra.

— Decididamente — murmurou — QUEREM que eu fique em casa.

Os criados aproximaram-se; desceram-no do animal e transportaram-no correndo para casa.

Em poucos instantes prepararam-lhe o quarto e o puseram na cama.

— Não vos esqueçais — recomendou-lhes, dispondo-se a dormir — de que espero hoje cartas da Africa.

— Gostareis, sem dúvida, de saber que o filho de Blaisois saiu para encontrar-se com o correio de Blois — respondeu o criado de quarto.

— Obrigado! — volveu Athos com o seu sorriso de bondade. O conde adormeceu; o sono ansioso parecia um sofrimento.

O homem que lhe velava à cabeceira viu surgir-lhe nos traços, por diversas vezes, a expressão de uma tortura interior. Talvez Athos estivesse sonhando.

Passou-se o dia; o filho de Blaisois regressou; o correio não trouxera notícias. O conde calculava com desespero os minutos, fremia quando os minutos completavam uma hora. A idéia de que o haviam esquecido acudiu-lhe uma vez e provocou-lhe uma dor atroz no coração.

Ninguém mais, na casa, esperava que o correio chegasse, visto que a sua hora passara havia muito tempo. Por quatro vezes, o próprio enviado a Blois reiterara a viagem, e nada encontrara endereçado ao conde.

Sabia Athos que o correio só passava uma vez por semana. Cumpria-lhe, portanto, esperar mais oito dias mortais.

Começou a noite com essa dolorosa persuasão.

Todas as sombrias suposições que um homem doente e irritado pelo sofrimento pode acrescentar a probabilidades já tristes, acumulou-as durante as primeiras horas dessa vigília fatal.

A febre subiu; invadiu o peito, onde o fogo se ateou de pronto, segundo a expressão do médico que haviam trazido de Blois na última viagem do filho de Blaisois.

Pouco depois atingiu a cabeça. O médico praticou, sucessivamente, duas sangrias que a desobstruíram, mas enfraqueceram o enfermo e só lhe deixaram ativo o cérebro.

Entretanto, a febre temível cedera. Assediava com os seus últimos latejamentos as extremidades entorpecidas; e acabou remitindo completamente quando soou meia-noite.

Diante dessa melhora incontestável, voltou o médico a Blois depois de haver receitado alguns remédios e declarado que o conde estava salvo.

Começou então para Athos uma situação estranha, indefinível. Podendo pensar, o espírito voltou-se para Raul, o filho muito amado. A imaginação mostrou-lhe os campos de África, nas cercanias de Djidgelli, onde o Sr. de Beaufort devera ter desembarcado com o exército.

Eram rochas pardacentas, esverdeadas em alguns lugares pela água do mar, quando açoita a praia durante as borrascas e tempestades.

Além da praia, matizada pelas rochas que semelhavam túmulos, erguia-se em forma de anfiteatro, entre lentiscos e cactos, uma povoaçãozinha cheia de fumaça, ruídos obscuros e movimentos apressados.

De repente, do seio da fumaça desprendeu-se uma chama que conseguiu, embora rojasse, cobrir toda a superfície da povoação e, aumentando paulatinamente, englobou tudo nos rubros turbilhões; choros, gritos, braços estendidos para o céu. Foi, por um momento, uma confusão medonha de pranchões que despencavam, lâminas que se retorciam, pedras calcinadas, árvores torradas, sumidas.

Coisa estranha! No caos em que Athos distinguia braços erguidos, ouvia gritos, soluços, suspiros, não viu um único rosto humano.

O canhão atroava ao longe, a mosquetaria pipocava, mugia o mar, escapavam-se os rebanhos saltando sobre escarpas verdejantes.

Mas nem um soldado chegava a mecha às baterias dos canhões, nem um marujo auxiliava as manobras da frota, nem um pastor vigiava os rebanhos.

Após a ruína da aldeia e a destruição dos fortes que a dominavam, ruína e destruição magicamente operadas, sem a cooperação de um único ser humano, extinguiu-se a chama, a fumaça recomeçou a subir, depois diminuiu de intensidade, empalideceu e evaporou-se completamente.

Desceu então a noite sobre a paisagem; uma noite opaca na terra, brilhante no firmamento; as grandes estrelas flamejantes que cintilam no céu africano brilhavam sem iluminar o que quer que fosse, senão elas mesmas.

Seguiu-se longo silêncio, que serviu de repousar um momento a imaginação perturbada de Athos, e, como sentisse que não terminara ainda o que lhe cumpria ver, fitou mais atentamente os olhos da inteligência no espetáculo estranho que lhe reservava a imaginação.

O espetáculo não tardou em continuar.

Uma lua doce e pálida se ergueu por trás dos vertentes da costa e, ondeando a princípio as pregas ondulosas do mar, que parecia haver-se acalmado após os mugidos que desferira durante a visão, desprendeu os seus diamantes e opalas entre as silvas e sarças da colina.

As rochas cinzentas, como outros tantos fantasmas silenciosos e atentos, pareceram erguer a cabeça verdolenga para examinar também o campo de batalha à claridade da lua, e Athos notou que o campo, inteiramente vazio durante o combate, estava agora juncado de corpos abatidos.

Inexplicável frêmito de medo e de horror apoderou-se-lhe da alma, quando reconheceu o uniforme branco e azul da Picardia, os longos piques de cabo azul, e os mosquetes, que traziam gravada na coronha a flor-de-lis.

Quando viu as feridas hiantes e frias contemplar o firmamento azul, como a reclamar-lhe as almas que haviam deixado escapar.

Quando viu cavalos com o ventre rasgado, tristes, língua pendente entre os lábios, dormir no sangue gelado, que lhes sujava a gualdrapa e a crina.

Quando viu o cavalo branco do Sr. de Beaufort, estendido, com a cabeça arrebentada, na primeira fila no campo dos mortos.

Athos passou a mão fria sobre a fronte, que se admirou de não encontrar abrasada. Convenceu-se, pelo toque, de que assistia, como espectador sem febre, à continuação de uma batalha travada nas praias de Djidgelli pelo exército expedicionário, que ele vira afastar-se das costas de França e desaparecer no horizonte, e cujo último tiro de canhão, desferido pelo duque em sinal de adeus à Pátria, saudara com o pensamento e o gesto.

Quem poderá descrever a angústia mortal com que a sua alma, seguindo com um olhar vigilante o rasto dos cadáveres, foi examinar um por um, para ver se entre eles não estava dormindo Raul?

Quem poderá exprimir a alegria embriagadora, divina, com que se inclinou diante de Deus e agradeceu-lhe por não ter encontrado o corpo que procurara com tanto medo entre os mortos? Com efeito, caídos em suas fileiras, rígidos, gelados, perfeitamente reconhecíveis, todos os mortos pareciam voltar-se com respeito e complacência para o Conde de la Fère, para serem mais bem vistos durante a inspeção fúnebre.

Entretanto, espantava-se, vendo os cadáveres, de não ver os sobreviventes.

Chegara a tal ponto a ilusão, que o sonho representava para ele uma viagem real feita à África, a fim de obter informações mais precisas sobre o filho.

Assim, cansado de haver percorrido tão longamente mares e continentes, procurou repousar sob uma tenda abrigada atrás de um rochedo, em cujo cimo flutuava o pendão branco flor-de-lisado. Buscou um soldado que o conduzisse à presença do Sr. Beaufort.

E ao passo que o seu olhar perscrutava a planície, voltando-se para todos os lados, viu surgir uma forma branca atrás das murtas resinosas.

A figura trajava uniforme de oficial: trazia numa das mãos a espada quebrada; aproximou-se lentamente de Athos, que, detendo-se de repente e fitando a vista, não falou, nem se mexeu, querendo abrir os braços, porque, no oficial silencioso e pálido, acabara de reconhecer Raul.

O conde quis dar um grito, que lhe morreu na garganta. Com um gesto, erguendo um dedo à altura da boca e recuando a pouco e pouco, sem que lhe visse Athos moverem-se as pernas, Raul indicou-lhe que se calasse.

Mais pálido e mais trêmulo do que o filho, o conde seguiu-o transpondo penosamente urzes e espinhais, pedras e fossos. Raul não parecia tocar a terra, e nenhum obstáculo lhe entravava a ligeireza da marcha.

Fatigado pelos acidentes do terreno, o conde se deteve, extenuado. Raul fazia-lhe sinal que o seguisse. O terno pai, cujas forças duplicava o amor, tentou um último esforço e galgou a montanha no encalço do rapaz, que o atraía com o gesto e com o sorriso.

Afinal, atingiu o cimo da colina, e viu desenhadas em preto, no horizonte branqueado pela lua, as formas aéreas, poéticas, de Raul. Athos estendia a mão para aproximar-se do filho estremecido, sobre o planalto, e este também estendia a sua; mas de repente, como se o rapaz fosse arrastado malgrado seu, recuando sempre, deixou a terra, e Athos viu brilhar o céu entre os pés do filho e a superfície da colina.

Erguia-se Raul insensivelmente no vácuo, sempre sorrindo, sempre chamando com o gesto; afastava-se para o céu.

Athos soltou um grito de ternura assustada; olhou para baixo; via o campo destruído, e, como átomos imobilizados, os cadáveres brancos do exército real.

Em seguida, erguendo a cabeça, continuou a ver indefinidamente o filho, que o convidava a subir com ele.

Capítulo LVIII - O anjo da morte

ESTAVA Athos nesse ponto da visão maravilhosa quando o encanto foi subitamente rompido por um barulhão que partia das portas exteriores da casa.

Ouviu-se um cavalo galopar sobre a areia endurecida da grande alameda principal, e rumores de conversações ruidosas e animadas subiram ao quarto em que devaneava o conde.

Athos não se mexeu do lugar; apenas voltou a cabeça para o lado da porta a fim de perceber mais cedo a causa da bulha.

Um passo pesado galgou a escada principal; o cavalo, que, havia pouco, galopara com tanta rapidez, partiu lentamente para os lados da estrebaria. Alguns frêmitos acompanhavam os passos, que, gradativamente, se abeiravam do quarto de Athos.

Abriu-se uma porta e o conde, voltando-se um pouco para o lado de onde vinha o ruído, gritou com voz fraca:

— É um correio da África, não é?

— Não, senhor conde — respondeu uma voz que fez estremecer no leito o pai de Raul.

— Grimaud! — murmurou.

E o suor começou a deslizar-lhe pelas faces macilentas.

Grimaud assomou ao limiar. Já não era o Grimaud que conhecemos, jovem ainda pela coragem e pela dedicação, quando era o primeiro a saltar na barca que conduziria Raul de Bragelonne aos navios da frota real.

Severo e pálido ancião, de trajos empoeirados, raros cabelos embranquecidos pelos anos, tremia ao apoiar-se no alisar da porta, e quase desfaleceu ao ver de longe, à luz das lâmpadas, o rosto do amo.

Aqueles dois homens, que tanto haviam vivido juntos em comunhão de inteligência, e cujos olhos, habituados a economizar expressões, sabiam dizer um ao outro, silenciosamente, tanta coisa; aqueles dois velhos amigos, tão nobres um quanto o outro pelo coração, embora desiguais pela fortuna e pelo nascimento, ficaram desorientados quando se viram. Acabavam de ler, ao primeiro relance de olhos, no mais profundo de seus corações.

Grimaud trazia estampada no rosto uma dor já envelhecida por um hábito lúgubre. Parecia ter para seu uso uma única tradução de seus pensamentos.

Como antigamente se habituara a não falar, agora se habituara a não sorrir.

Leu Athos num relance todos esses matizes no rosto do fiel servidor, e, no mesmo tom com que teria falado a Raul em sonhos:

— Grimaud — disse ele — Raul morreu, não é verdade?

Atrás de Grimaud, os outros servidores escutavam palpitantes, olhos fitos no leito do doente.

Ouviram a pergunta terrível, seguida de um silêncio apavorante.

— Sim — respondeu o velho, arrancando o monossílabo do peito com um rouco suspiro.

Ergueram-se então vozes lamentáveis, que gemeram descompassadamente e encheram de súplicas e lamentos o quarto em que o pai agonizante buscava com os olhos o retrato do filho.

Foi isso para Athos como que a transição que o reconduziu ao sonho.

Sem soltar um grito, sem derramar uma lágrima, paciente, doce e resignado como os mártires, ergueu os olhos para o céu a fim de rever, acima da montanha de Djidgelli, a sombra querida que se alongara dele à chegada de Grimaud.

Ao olhar para o céu, retomando o sonho maravilhoso, tornou a passar, sem dúvida, pelos mesmos caminhos a que a visão, terrível e doce ao mesmo tempo, o conduzira outrora; pois, após haver fechado mansamente os olhos, reabriu-os e sorriu: acabava de ver o filho, que também sorria para ele.

Com as mãos juntas no peito, o rosto voltado para a janela, banhado pelo ar fresco da noite que levava à sua cabeceira os aromas das flores e dos bosques, Athos entrou, para sempre, a contemplar o paraíso que os vivos nunca vêem.

Deus quis sem dúvida abrir para esse eleito os tesouros da beatitude eterna, no momento em que os outros homens se temem da acolhida do Senhor, e agarram-se à vida que conhecem, no terror da outra vida, que entrevêem ao sombrio e severo bruxulear das lâmpadas da morte.

Athos era guiado pela alma pura e serena do filho, que aspirava a alma paterna. Para aquele justo, foi tudo melodia e perfume no rude caminho que tomam as almas de regresso à pátria celeste.

Após uma hora de êxtase, ergueu Athos suavemente as mãos alvas de cera; o sorriso não lhe deixou os lábios, e ele murmurou, tão baixo, tão baixo que mal se ouviram, estas palavras dirigidas a Deus ou a Raul:

— EIS-ME AQUI!

E lentamente lhe recaíram as mãos, como se ele mesmo as pousasse na cama.

A morte havia sido cômoda e acariciante para a nobre criatura. Poupara-lhe os despedaçamentos da agonia, as convulsões da partida suprema; abrira com dedo favorável as portas da eternidade para a grande alma digna de todos os respeitos.

Deus, sem dúvida, assim o ordenara, a fim de que a piedosa lembrança daquela morte tão suave permanecesse no coração dos assistentes e na memória dos outros homens, levando a desejarem a passagem desta vida à outra aqueles cuja existência nesta terra não os fez temer o último juízo.

Athos conservou até no sono eterno o sorriso plácido e sincero, ornamento que haveria de acompanhá-lo ao túmulo. A serenidade de seus traços, a calma do seu nada, levaram-lhe os servidores a duvidarem por muito tempo que ele houvesse deixado a vida.

A gente do conde quis afastar Grimaud, que, de longe, devorava o rosto céreo do amo e não se aproximava, no piedoso receio de levar-lhe o sopro da morte. Mas Grimaud, embora cansadíssimo, não quis arredar-se. Sentou-se no limiar, guardando o amo com a vigilância de uma sentinela, ambicionando recolher-lhe o primeiro olhar ao despertar, o último suspiro ao morrer.

Dissiparam-se os ruídos em toda a casa, respeitando o sono do senhor. Mas Grimaud, prestando atenção, percebeu que o conde já não respirava.

Soergueu-se, com as mãos apoiadas no solo, e, do lugar em que se achava, esperou surpreender-lhe um frêmito.

Nada! O medo senhoreou-o; ergueu-se completamente, e, no mesmo instante, ouviu passos na escada; um ruído de esporas batendo numa espada, som belicoso, familiar aos seus ouvidos, deteve-se quando ele ia aproximar-se do leito de Athos. Uma voz mais vibrante ainda que o cobre e o aço retiniu a três passos de distância:

— Athos! Athos! Meu amigo! — gritou a voz comovida até às lágrimas.

— Sr. Cavaleiro d'Artagnan! — balbuciou Grimaud.

— Onde está ele? — continuou o mosqueteiro.

Grimaud agarrou-lhe os braços com os dedos ósseos, e mostrou-lhe a cama, entre cujos lençóis já sobressaía a cor lívida do cadáver.

Uma respiração ofegante, o contrário de um grito agudo, inchou a garganta de d'Artagnan.

Adiantou-se na ponta dos pés, fremente, apavorado pelo ruído que faziam os seus passos no

assoalho, o coração espedaçado por uma angústia sem nome. Aproximou o ouvido do peito de Athos, o rosto da boca do conde. Nem ruído nem sopro. Recuou.

Grimaud, que o seguira com os olhos, e para o qual cada um de seus movimentos havia sido uma revelação, foi timidamente assentar-se ao pé do leito e colou os lábios à colcha erguida pelos pés rígidos do amo.

Viram-se então as lágrimas saltar-lhe dos olhos vermelhos.

O velho desesperado, que se carpia curvado, sem dizer uma palavra, oferecia o espetáculo mais comovente que d'Artagnan, em sua vida cheia de emoções, já encontrara.

O capitão permaneceu em pé, contemplando o morto sorridente, que parecia ter guardado o último pensamento para o seu melhor amigo, o homem que ele mais quisera depois de Raul, uma acolhida graciosa até depois de morto, e, como para responder àquela suprema delicadeza da hospitalidade, d'Artagnan depôs um beijo na fronte de Athos e, com os dedos trêmulos, fechou-lhe os olhos.

Em seguida, assentou-se à cabeceira do leito, sem medo do morto que lhe fora tão suave e tão benévolo durante trinta e cinco anos; alimentou-se avidamente das lembranças que o nobre rosto do conde lhe trazia em barda ao espírito, algumas floridas e encantadoras como aquele sorriso, outras sombrias, tristes e geladas como aquele rosto de olhos fechados para todo o sempre.

De repente, o fluxo amargo que subia de minuto em minuto lhe invadiu o coração e rasgou-lhe o peito. Incapaz de sofrear a emoção, levantou-se, e arrancando-se violentamente ao quarto, onde acabava de encontrar sem vida o homem a quem viera comunicar a morte de Porthos, rompeu em soluços tão lancinantes, que os criados, que pareciam esperar apenas uma explosão de dor, responderam-lhe com os seus clamores lúgubres, e os cães do senhor com os seus uivos lamentáveis.

Il s'assit au cl evet du lit de ce mort. (Page 372.)

Grimaud foi o único que não ergueu a voz. Nem no paroxismo da dor teria ousado profanar a morte, nem perturbar, pela primeira vez, o sono do amo.

Athos, de resto, habituara-o a não falar.

Ao despontar do dia, d'Artagnan, que errara na sala baixa mordendo os punhos para abafar os suspiros, tornou a subir a escada, e, espreitando o momento em que Grimaud se voltasse para o seu lado, fez-lhe sinal para aproximar-se, a que o fiel servidor obedeceu com o silêncio de uma sombra.

D'Artagnan tornou a descer seguido de Grimaud.

No vestíbulo, travando das mãos do velho:

— Grimaud — disse ele — vi como morreu, o pai: dize-me agora como morreu o filho.

Grimaud retirou do seio uma carta grande, em cujo invólucro se lia o endereço de Athos.

D'Artagnan reconheceu a letra do Sr. de Beaufort, rompeu o lacre, e pôs-se a ler, percorrendo de um lado para outro, aos primeiros raios do dia azulado, a sombria alameda de velhas tílias, onde eram visíveis ainda os passos do conde que acabava de finar-se.

Capítulo LIX - O boletim

O DUQUE de Beaufort escrevia a Athos. A carta destinada ao homem só chegara ao morto. Deus mudara o endereço.

"Meu caro conde

— escrevia o príncipe com os seus garranchos de aluno desajeitado —

"— uma grande desgraça nos fere no meio de um grande triunfo. El-rei perde um soldado dos mais bravos.
"Eu perco um amigo. Vós perdeis o Sr. de Bragelonne.
"Ele morreu gloriosamente, e tão gloriosamente que não tenho forças para chorar como quisera.
"Recebei os meus tristes cumprimentos, meu caro conde. O céu nos distribui as provações de acordo com a grandeza de nosso coração. Esta é imensa, mas não é superior à vossa coragem.
"Vosso bom amigo,
"DUQUE DE BEAUFORT."

Continha a carta uma narrativa escrita por um dos secretários do príncipe. Era o relatório mais tocante e mais verdadeiro do episódio lúgubre, que punha termo a duas existências.

Avezado às comoções da batalha, o coração blindado contra os enternecimentos, d'Artagnan não pôde menos estremecer ao ler o nome de Raul, daquele menino querido, transformado, como o pai, numa sombra.

"Pela manhã — dizia o secretário do príncipe — monsenhor ordenou o ataque. Normandia e Picardia haviam tomado posição nas rochas cinzentas dominadas pela escarpa da montanha, sobre cuja vertente se erguem os bastiões de Djidgelli.

"Começando a atirar, o canhão iniciou o combate; os regimentos marcharam resolutos; os piqueiros levavam o pique alto; os mosqueteiros empunhavam os mosquetes. O príncipe seguia atentamente a marcha e o movimento das tropas, pronto para sustentá-la com fortes reservas.

"Ao pé de monsenhor estavam os mais velhos capitães e seus ajudantes de campo. O Sr. Visconde de Bragelonne recebera ordem para não deixar Sua Alteza.

"Entretanto, o canhão do inimigo, que a princípio disparara indiferentemente contra as massas, regulara os disparos, e as suas balas, mais bem dirigidas, tinham vindo matar alguns homens à volta do príncipe. Formados em coluna, os regimentos que marchavam contra as muralhas foram um tanto maltratados. Hesitaram nossas tropas, vendo-se mal secundadas pela artilharia.

De fato, as baterias assentadas na véspera desferiam tiros fracos e incertos em virtude de sua posição. A direção, de baixo para cima, diminuía a precisão e o alcance dos tiros.

"Compreendendo o mau efeito dessa posição da artilharia de sítio, ordenou monsenhor às fragatas atracadas na enseadazinha que abrissem um fogo regular contra as fortificações.

"O Sr. de Bragelonne ofereceu-se para transmitir a ordem; monsenhor, porém, não aquiesceu ao pedido do visconde.

"Monsenhor tinha razão, pois apreciava o jovem fidalgo e queria protegê-lo; tinha razão, e os sucessos ulteriores encarregaram-se de justificar-lhe a previsão e a recusa; pois, assim que o sargento encarregado da mensagem solicitada pelo Sr. de Bragelonne chegou à praia, dois tiros longos de escopeta partiram das fileiras inimigas e derrubaram-no.

"Caiu o sargento sobre a areia molhada, que lhe bebeu o sangue.

"Vendo isso, o Sr. de Bragelonne sorriu para monsenhor, que lhe disse:

"— Vede, visconde, que vos salvo a vida. Contai-o mais tarde ao Sr. Conde de La Fère, para que ele, ao sabê-lo, mo agradeça.

"O jovem fidalgo sorriu tristemente e respondeu ao duque:

"— É verdade, monsenhor, que, sem a benevolência de Vossa Alteza, eu estaria morto lá embaixo, onde caiu o pobre sargento, e muito bem descansado.

"Essa resposta foi dada com tal acento, que monsenhor replicou vivamente:

"— Santo Deus! rapaz, dir-se-ia que ficastes com água na boca: mas, pela alma de Henrique IV! prometi a vosso pai levar-vos vivo, e, se Deus quiser, cumprirei minha palavra.

"Corou o Sr. de Bragelonne e, em voz baixa:

"— Monsenhor — disse ele — perdoe-me, por favor; mas sempre desejei participar ativamente dos combates, e é agradável poder a gente distinguir-se aos olhos do seu general, mormente quando esse general é o Sr. Duque de Beaufort.

"Abrandou-se um pouco monsenhor e, voltando-se para os oficiais que o cercavam, deu diversas ordens.

"Os granadeiros dos dois regimentos aproximaram-se o bastante dos fossos e trincheiras para neles atirarem granadas, que surtiram pouco efeito.

"Entretanto, o Sr. D'Estrées, que comandava a esquadra, tendo visto a tentativa do sargento para aproximar-se dos navios, compreendeu que devia atirar mesmo sem ordens e abrir fogo.

"Vendo-se atingidos pelas balas da frota e pelas ruínas e desabamentos de suas muralhas mal feitas, entraram os árabes a soltar gritos pavorosos.

"Os seus cavaleiros desceram a montanha a galope, curvados sobre as selas, e arremessaram-se a toda a brida às colunas de infantaria, que, cruzando os piques, lhes detiveram o ímpeto fogoso. Repelidos pela firme atitude do batalhão, atiraram-se em grande fúria contra o estado-maior, que não estava guardado naquele momento.

"Foi grande o perigo: monsenhor desembainhou a espada; os companheiros imitaram-no; e os oficiais do seu séquito travaram violentíssimo combate com aqueles alucinados.

"Foi então que o Sr. de Bragelonne pôde satisfazer o desejo que manifestara desde o princípio da luta. Combateu ao lado do príncipe com um vigor de romano e matou três árabes com o sabre.

"Era visível, porém, que a sua bravura não nascia de um sentimento de orgulho, natural a quantos combatem. Era impetuosa, afetada, forçada; ele buscava embriagar-se no fragor e na chacina.

"De tal maneira se inflamou, que monsenhor lhe gritou que parasse.

"O visconde deve ter ouvido a voz de Sua Alteza, visto que nós, a seu lado, a ouvimos. Entretanto, não se deteve, e continuou a correr na direção das trincheiras.

"Como o Sr. de Bragelonne fosse um oficial muito submisso, essa desobediência às ordens de monsenhor surpreendeu a todos, e o Sr. de Beaufort reiterou as suas ordens, gritando:

"— Detém-te, Bragelonne! Aonde vais? Detém-te! eu o ordeno.

"Todos nós, imitando o gesto do senhor duque, tínhamos erguido a mão. Esperávamos que o

cavaleiro voltasse atrás; mas o Sr. de Bragelonne continuava a correr para as paliçadas.

Detém-te, Bragelonne! — repetiu o príncipe com voz fortíssima; — detém-te, em nome de teu pai!

"A essas palavras, o Sr. de Bragelonne voltou-se, e o seu rosto exprimiu uma dor cruciante; todavia, não se deteve. Cuidamos, então, que não conseguisse dominar o cavalo.

"Quando o senhor duque adivinhou que o visconde já não era senhor do seu animal, e viu-o ultrapassar os primeiros granadeiros, gritou:

"— Mosqueteiros, matai-lhe o cavalo! Cem pistolas a quem lhe derrubar a montaria!

"Mas quem se arriscava a atirar ao cavalo sem atingir o cavaleiro? Ninguém. Afinal, apresentou-se um excelente atirador do regimento da Picardia, chamado la Luzerne, que apontou, atirou e acertou na garupa do animal, pois viu-se-lhe o pêlo branco tingir-se de sangue.

Mas, em vez de cair, o maldito ginete abalou, mais furioso ainda.

"Todo o regimento da Picardia, ao ver o desgraçado moço correndo para a morte, berrava:

"Saltai, senhor visconde! saltai, saltai do cavalo!”

"O Sr. de Bragelonne era um oficial muito querido em todo o exército.

"Já chegara o visconde a um tiro de pistola das muralhas; uma descarga partiu e envolveu-o numa nuvem de fogo e de fumo. Perdemo-lo de vista; dissipado o fumo, tornamos a vê-lo, a pé; o cavalo acabara de morrer.

"Ordenaram os árabes ao visconde que se rendesse; mas ele respondeu-lhes com um aceno negativo de cabeça e continuou a marchar na direção das paliçadas.

"Era uma imprudência mortal. Todo o exército, entretanto, agradeceu-lhe por não recuar, já que a desgraça o levara tão longe. Ainda deu alguns passos, e os dois regimentos lhe bateram palmas.

"Foi nesse momento que a segunda descarga tornou a sacudir as muralhas, e o Visconde de Bragelonne desapareceu outra vez no turbilhão; dessa feita, contudo, embora se dissipasse a fumaça, não tornamos a vê-lo em pé. Estava deitado, com a cabeça mais baixa do que as pernas, sobre as urzes, e os árabes fizeram menção de sair das trincheiras para cortar-lhe a cabeça ou apresar-lhe o corpo, como é costume entre infiéis.

"Mas Sua Alteza, Monsenhor Duque de Beaufort seguira toda a cena com a vista, e o triste espetáculo lhe arrancara grandes e dolorosos suspiros. Pôs-se, portanto, a gritar, ao ver que os árabes corriam como fantasmas brancos entre os lentiscos:

"— Granadeiros, piqueiros, deixareis que nos levem esse nobre corpo?

"Dizendo essas palavras e brandindo a espada, correu pessoalmente contra o inimigo.

Precipitando-se atrás dele, os regimentos carregaram também, desferindo gritos tão terríveis quanto eram selvagens os uivos dos árabes.

"Começou o combate sobre o corpo do Sr. de Bragelonne, e tão encarniçado, que cento e sessenta árabes lá ficaram, mortos, ao lado de uns cinqüenta, pelo menos, dos nossos.

"Foi um tenente do regimento da Normandia que pôs sobre os ombros o corpo do visconde e trouxe-o de volta às nossas linhas.

"Entretanto, o ataque continuava; os regimentos arrastaram consigo a reserva e as paliçadas inimigas aluíram.

"Às três horas, o fogo dos árabes cessou; o combate à arma branca durou duas horas; foi uma carnificina.

"Às cinco horas, estávamos vitoriosos em todos os pontos; o inimigo abandonara as posições, e o senhor duque mandara içar a bandeira branca no ponto culminante do morro.

"Foi então que se pôde pensar no Sr. de Bragelonne, que tinha oito ferimentos muito grandes no corpo, e cujo sangue quase todo se perdera.

"Todavia, ainda estava respirando, o que deu imensa alegria a monsenhor, que teimou em assistir ao primeiro curativo do visconde e à conferência dos cirurgiões.

"Dois deles declararam que o Sr. de Bragelonne viveria. Monsenhor saltou-lhes ao pescoço e prometeu mil luíses a cada um se o salvassem.

"Ouviu o visconde esses transportes de alegria, e, já porque estivesse desesperado, já porque as feridas o fizessem sofrer, a sua fisionomia exprimiu uma contrariedade que deu muito que pensar, sobretudo a um dos secretários, quando ouviu o que vai seguir-se.

"O terceiro cirurgião que se apresentou, Frei Silvano de São Cosme, o mais sábio dos nossos, também sondou as feridas mas não disse nada.

"O Sr. de Bragelonne arregalava os olhos e parecia interrogar cada movimento, cada pensamento do sábio cirurgião.

"Inquirido por monsenhor, este respondeu que via três feridas mortais entre as oito, mas era tão forte a constituição do ferido, tão fecunda a mocidade, e tão misericordiosa a bondade divina, que o Sr. de Bragelonne se poderia salvar, se não fizesse o mais mínimo movimento.

"Frei Silvano acrescentou, voltando-se para os ajudantes: "— É mister, sobretudo, que o não toquem sequer com um dedo.

"E saímos todos da tenda com uma pouca de esperança.

"Ao sair, o citado secretário cuidou ver um sorriso pálido e triste desenhar-se nos lábios do visconde, quando o senhor duque lhe disse com voz carinhosa:

"— Oh! visconde, nós te salvaremos!

"Mas, à tarde, quando se supunha que o doente estivesse descansado, um dos auxiliares entrou na tenda do ferido e dela saiu berrando a plenos pulmões.

"Acorremos todos em desordem, o senhor duque conosco, e o ajudante nos mostrou o corpo do Sr. Bragelonne no chão, embaixo da cama, banhado no resto de seu sangue.

"Segundo parece, verificara-se alguma nova convulsão, algum movimento febril, em resultado do qual o enfermo caíra; e a queda lhe acelerara o fim, consoante o prognóstico de Frei Silvano.

"Reergueram o visconde; estava frio e morto. E na sua mão direita, crispada sobre o coração, via-se um cacho de cabelos loiros."

Seguiam-se os pormenores da expedição e da vitória sobre os árabes.

D'Artagnan contentou-se com a narrativa da morte do pobre Raul.

— Oh! — murmurou — desgraçada criança! Suicida!

E, voltando os olhos para o quarto do castelo em que dormia Athos o sono eterno:

— Cumpriram ambos a sua palavra — disse baixinho. — Agora estão felizes: devem ter-se reunido.

E retomou, a passos lentos, o caminho do jardim.

Toda a rua, todos os arredores já se enchiam de vizinhos lacrimosos que referiam uns aos outros a dupla catástrofe e preparavam-se para o enterro.

Capítulo LX - O último canto do poema

DESDE o dia seguinte, viu-se chegar a nobreza das cercanias, de todas as partes a que os mensageiros tinham tido tempo de levar a notícia.

D'Artagnan encerrara-se num quarto e não quisera falar com ninguém. Caindo sobre o capitão, logo após a morte de Porthos, aquelas duas mortes tão pesadas lhe haviam destroçado o espírito.

Exceto Grimaud, que lhe entrou no quarto uma vez, não viu criados nem comensais.

Supôs adivinhar, pelos ruídos da casa, pelas idas e vindas, que se faziam os preparativos para o funeral do conde. Escreveu ao rei pedindo-lhe prorrogação da licença.

Grimaud, como dissemos, entrara no quarto de d'Artagnan, sentara-se num mocho, perto da porta, como um homem que medita profundamente; depois, erguendo-se, fizera sinal ao mosqueteiro que o acompanhasse.

Este obedeceu em silêncio. Grimaud desceu ao quarto de dormir do conde, mostrou com o dedo o lugar do leito vazio e ergueu eloqüentemente os olhos para o céu.

— Sim — anuiu d'Artagnan — sim, meu bom Grimaud, ao pé do filho que ele tanto amava.

Grimaud saiu do quarto e chegou ao salão, onde, segundo os usos da província, o corpo ficaria exposto antes da inhumação.

D'Artagnan pasmou de ver dois caixões abertos no salão; aproximou-se, ao convite mudo de Grimaud, e num deles viu Athos, belo até na morte, e no outro Raul, com os olhos cerrados, as faces nacaradas como a Palas de Virgílio, e um sorriso nos lábios arroxeados.

Estremeceu ao ver pai e filho, duas almas que tinham alçado vôo, representadas na terra por dois tristes cadáveres, incapazes de chegarem-se um ao outro, por mais próximos que estivessem.

— Raul aqui! — murmurou. — Oh! Grimaud, não mo tinhas dito!

Grimaud sacudiu a cabeça e não respondeu; mas, pegando na mão de d'Artagnan, conduziu-o ao pé do esquife e mostrou-lhe, debaixo do sudário fino, as negras feridas pelas quais devera ter fugido a vida.

O capitão virou o rosto e, julgando inútil interrogar Grimaud, que não lhe responderia, lembrou-se de que o secretário do Sr. de Beaufort escrevera mais do que ele, d'Artagnan, tivera coragem de ler.

Retomando a narrativa do combate que custara a vida a Raul, encontrou estas palavras, que constituíam o último parágrafo da carta:

> *"O senhor duque ordenou que o corpo do senhor visconde fosse embalsamado, como fazem os árabes quando querem que os seus corpos sejam transportados à terra natal, e mandou preparar mudas a fim de que um homem de confiança, que educara o rapaz, pudesse levar-lhe o ataúde ao Sr. Conde de la Fère".*

"Portanto", pensou d'Artagnan, "seguirei o teu féretro, minha querida criança, eu, já velho, eu, que não valho mais nada neste mundo, e deixarei cair o pó sobre a fronte que beijei há dois meses. Deus o quis. Tu mesmo o quiseste.

Já não tenho sequer o direito de chorar; escolheste a tua morte; ela te pareceu preferível à vida."

Afinal, chegou o momento em que os frios despojos dos dois fidalgos seriam devolvidos à terra.

Tamanha foi a concorrência de gente de guerra e do povo, que, até ao sítio da sepultura, uma

capela na planície, o caminho da cidade se encheu de cavaleiros e peões, em trajos de luto.

Escolhera Athos para sua derradeira morada o adro da capela, erguida por ele nas divisas de suas terras. Mandara vir as pedras, esculpidas em 1550, de um velho solar gótico situado no Berri, e que lhe abrigara a primeira mocidade.

Assim reedificada, assim transportada, ria-se a capela sob um bosquete de sicômoros e choupos. Todos os domingos lá ia celebrar missa o cura do burgo vizinho, a quem Athos destinava duzentas libras anuais, e os vassalos de seu domínio, em número de quarenta mais ou menos, lavradores e granjeiros com suas famílias, assistiam à missa quase sem sair de casa.

Atrás da capela se estendia, fechado por duas grossas sebes de aveleiras, sabugueiros e pilriteiros, rodeadas de um fosso muito fundo, o pequeno cerrado inculto, mas alegre na sua esterilidade porque os musgos eram altos, os heliotrópios selvagens e os goiveiros nele cruzavam os seus perfumes; porque, debaixo dos castanheiros, brotava uma fonte, aprisionada numa cisterna de mármore, e, sobre tomilhos, em toda a volta, se precipitavam milhares de abelhas, vindas de todas as planícies vizinhas, ao passo que tentilhões e pintarroxos cantavam doidamente sobre as flores.

Para lá se levaram os dois esquifes, no meio da multidão silenciosa e recolhida.

Celebrado o ofício dos mortos, feitas as últimas despedidas aos ilustres fidalgos, toda a assistência se dispersou, falando pelo caminho das virtudes e da suave morte do pai, das esperanças que dera o filho e do seu triste fim em praias africanas.

E, a pouco e pouco, se extinguiram os ruídos como as lâmpadas acesas na humilde nave. O padre inclinou-se pela derradeira vez ante o altar e os túmulos ainda recentes; depois, seguido do assistente, que fazia tintinar uma campainha rouca, tornou muito passo ao presbitério.

Ficando só, percebeu d'Artagnan que a noite estava descendo.

Esquecera-se da hora pensando nos mortos.

Levantou-se do banco de carvalho sobre o qual se assentara na capela, e quis, como o padre, dizer um último adeus à dupla fossa que encerrava os amigos perdidos.

Uma mulher rezava, genuflexa, sobre a terra úmida.

Deteve-se d'Artagnan à entrada da capela para a não perturbar, e também para ver quem era a amiga piedosa que fora cumprir, com tanto zelo e perseverança, o dever sagrado.

A desconhecida escondia o rosto entre as mãos, brancas como mãos de alabastro. Pela nobre simplicidade dos trajos adivinhava-se uma mulher de posição. Fora, diversos cavalos montados por lacaios e uma sege de viagem a esperavam. D'Artagnan buscava adivinhar em vão o que ela estaria fazendo lá.

A dama não cessara de orar; passava a miúdo o lenço pelo rosto. D'Artagnan compreendeu que estava chorando.

Via-a bater no peito com a implacável compunção da mulher cristã. Ouviu-a proferir diversas vezes esse grito partido de um coração ulcerado: "Perdão! perdão!"

E como parecesse entregar-se de todo à aflição, como fizesse menção de cair, quase desfalecida, no meio das queixas e das preces, d'Artagnan, tocado pelo amor dos amigos tão pranteados, deu alguns passos para o túmulo a fim de interromper o fúnebre colóquio da penitente com os mortos.

Mas tanto que o seu pé rangeu sobre o saibro, a desconhecida ergueu a cabeça e mostrou-lhe um rosto inundado de lágrimas, um rosto amigo.

Era a Srta. de La Vallière!

— Sr. D'Artagnan! — murmurou ela.

— Vós! — respondeu o capitão em tom sombrio — vós aqui! Oh! senhora, eu quisera antes ver-vos enfeitada de flores no solar do Conde de la Fère. Teríeis chorado menos, eles também e eu

também!

— Senhor! — pediu ela, soluçando.

— Pois fostes vós — acrescentou o implacável amigo dos mortos — fostes vós quem deitou no túmulo estes dois homens.

— Oh! poupai-me!

— Deus me livre, senhorita, de ofender uma mulher ou fazê-la chorar em vão; mas devo dizer que o lugar do matador não é sobre o túmulo das vítimas.

Ela quis responder.

— O que vos estou dizendo — ajuntou ele, friamente — eu o dizia ao rei.

Ela juntou as mãos.

— Sei — respondeu — que fui a causa da morte do Visconde de Bragelonne.

— Ah! sabei-lo?

— A notícia chegou ontem à corte. Esta noite, depois das duas horas, percorri quarenta léguas para vir pedir perdão ao conde, que ainda supunha vivo, e rogar a Deus, sobre o túmulo de Raul, que me envie todas as desgraças que mereço, menos uma. Agora, senhor, sei que a morte do filho matou o pai; tenho dois crimes de que me acusar; tenho dois castigos que esperar de Deus.

— Repetir-vos-ei, senhorita — disse o Sr. d'Artagnan — o que me disse de vós, em Antibes, o Sr. de Bragelonne, quando já meditava a sua morte:

"Se o orgulho e a casquilhice a arrastaram, eu a perdôo desprezando-a. Se o amor fê-la sucumbir, eu a perdôo jurando-lhe que nunca ninguém a teria amado tanto quanto eu".

— Sabeis — interrompeu Luísa — que, por meu amor, eu mesma ia sacrificar-me; sabeis quanto sofri quando me encontrastes perdida, moribunda, desamparada. Pois nunca padeci tanto quanto hoje, porque então eu esperava, desejava, e hoje não tenho mais nada para desejar; porque esta morte arrasta toda a minha alegria para o seu túmulo; porque já não ouso amar sem remorso e sinto que o homem que amo, essa é a lei! me infligirá as torturas que infligi a outros.

D'Artagnan não respondeu; compreendia perfeitamente que ela não se enganava.

— Pois bem — ajuntou Luísa — meu caro Sr. D'Artagnan, torno a suplicar-vos que não me oprimais. Sou como o ramo separado do tronco, já não estou presa a nada neste mundo, e uma corrente me arrasta não sei aonde. Amo com loucura, amo a ponto de vir dizê-lo, ímpia que sou, sobre as cinzas deste morto, sem pudor e sem remorso. Esse amor é uma religião. Como, entretanto, mais tarde, me vereis sozinha, esquecida, desdenhada, punida do que estais destinado a punir, poupai-me a efêmera ventura; deixai-ma durante alguns dias, durante alguns minutos. Ele talvez já nem exista neste momento em que estou falando. Meu Deus! o duplo assassínio talvez já esteja expiado.

Ela continuava a falar; um ruído de vozes e passos de cavalos chamou a atenção do capitão.

Um oficial do rei, o Sr. de Saint-Aignan, vinha buscar La Vallière da parte do monarca roído, dizia ele, de ciúme e de ansiedade.

De Saint-Aignan não viu o capitão, semi-oculto pela espessura de um castanheiro, que derramava sombra sobre os dois jazigos. Luísa agradeceu-lhe e dispensou-o com um gesto. Ele afastou-se.

— Como vedes — disse amargamente o mosqueteiro à rapariga — como vedes, senhora, a vossa felicidade ainda não terminou.

Reergueu-se a jovem com ar solene:

— Um dia — disse ela — arrepender-vos-eis de me haver julgado tão mal. Nesse dia, senhor, pedirei a Deus que vos revele a injustiça comigo.

Aliás, sofrerei tanto, que sereis o primeiro a compadecer os meus tormentos. Esta felicidade, Sr.

D'Artagnan, não ma reprocheis: ela me custa caro e ainda não paguei toda a minha dívida.

Dizendo isso, ajoelhou-se de novo com doçura e afeto.

— Perdão, pela última vez, meu noivo Raul — disse ela. — Rompi o nosso liame; estamos ambos destinados a morrer de dor. Partes primeiro: não temas, porém, que eu te seguirei.

Repara apenas em que não fui covarde e vim dizer-te este supremo adeus. O Senhor é testemunha, Raul, de que se eu pudesse, com a minha vida, resgatar a tua, eu a teria dado sem hesitar. Não poderia dar-te o meu amor. Ainda uma vez, perdão!

Colheu um ramo de flores e enfiou-o na terra; em seguida, enxugou os olhos cheios de lágrimas, cumprimentou d'Artagnan e sumiu.

O capitão viu partir cavalos, cavaleiros e seges e, cruzando os braços sobre o peito:

— Quando será a minha vez de partir? — perguntou a si mesmo com voz comovida. — Que resta ao homem após a mocidade, após o amor, após a glória, após a amizade, após a força, após a riqueza?... Aquele rochedo sob o qual dorme Porthos, que possuiu tudo isso; este musgo, debaixo do qual repousam Athos e Raul, que possuíram muito mais ainda!

Hesitou um momento, com o olhar vago; logo, reerguendo-se:

— Marchemos sempre — disse. — Quando for chegado o momento, Deus mo dirá, como o disse aos outros.

Tocou com a ponta dos dedos a terra molhada pelo orvalho da tarde, persignou-se *como* se fosse água-benta e retomou só, só para todo o sempre, o caminho de Paris.

Epílogo

QUATRO anos após a cena que acabamos de descrever, dois cavaleiros bem montados atravessaram Blois ao romper do dia a fim de tomar as últimas providências para a caçada que o rei queria realizar naquela planície acidentada, que corta o Loire pela metade e divisa de um lado com Meung e de outro com Amboise.

Eram o capitão dos galgos do rei e o falcoeiro-mor, personagens importantíssimos ao tempo de Luís XIII, mas um tanto negligenciados pelo seu sucessor.

Depois de haverem reconhecido o terreno, os dois cavaleiros já estavam de volta quando avistaram grupinhos de soldados esparsos que os sargentos colocavam de longe em longe nas extremidades dos cercados. Eram os mosqueteiros do rei.

Vinha atrás deles, num bom cavalo, o capitão, reconhecível pelos bordados de ouro. Tinha cabelos côr de cinza e barbas grisalhas. Parecia um pouco curvado, se bem manejasse o cavalo com desembaraço e olhasse à sua volta para inspecionar.

— O Sr. d'Artagnan não envelhece — disse o capitão dos galgos ao colega, o falcoeiro; — com dez anos mais do que nós, parece um cadete a cavalo.

— É verdade — respondeu o falcoeiro — há vinte anos que o vejo sempre na mesma.

Enganava-se o oficial: nos últimos quatro anos, d'Artagnan envelhecera doze.

A idade lhe imprimia as unhas implacáveis em cada ângulo dos olhos; a fronte encalvecia e as mãos, outrora morenas e nervosas, branqueavam como se o sangue delas começasse a enfriar.

D'Artagnan aproximou-se dos dois oficiais com o tom de afabilidade que distingue os homens superiores. Recebeu, em troca de sua cortesia, duas reverências cheias de respeito.

— Ah! que felicidade encontrar-vos aqui, Sr. d'Artagnan! — exclamou o falcoeiro.

— A felicidade foi minha, senhores — replicou o capitão — pois, hoje em dia, o rei se serve mais amiúde dos mosqueteiros que dos pássaros.

— Já não é como nos bons tempos — suspirou o falcoeiro. — Não vos lembrais, Sr. d'Artagnan, de quando o finado rei perseguia a pega nos vinhedos além de Beaugency? Ah! Naquele tempo ainda não éreis capitão dos mosqueteiros, Sr. d'Artagnan!

— E vós não passáveis de anspeçadas de terços — tornou d'Artagnan com bom humor. — Não importa, mas eram os bons tempos, visto que são sempre bons os tempos em que somos jovens... Bom dia, senhor capitão dos galgos!

— Honrais-me, senhor conde — respondeu o outro. D'Artagnan não respondeu. O título de conde não o impressionara. Havia quatro anos que d'Artagnan era conde.

— Não estareis muito cansado da longa jornada que fizestes, senhor capitão? — continuou o falcoeiro. — São duzentas léguas, se não me engano, daqui a Pignerol.

— Duzentas e sessenta para ir e outras tantas para voltar — disse tranqüilamente d'Artagnan.

— E — volveu o falcoeiro baixinho — *ele* vai bem?

— Quem? — perguntou d'Artagnan.

— O pobre Sr. Fouquet — continuou, no mesmo tom, o passarinheiro.

— Não — replicou d'Artagnan — o pobre homem se aflige seriamente; não compreende que a prisão é um favor; diz que o Parlamento o absolvera banindo-o, e que o banimento é a liberdade. Não sabe que juraram matá-lo e que salvar-lhe a pele das garras do Parlamento já não é pouco.

— Ah! sim, o pobre homem andou beirando o cadafalso — redarguiu o falcoeiro; — diz-se até que

o Sr. Colbert já havia dado ordens ao governador da Bastilha e que a execução fora ordenada.

— Enfim!... — exclamou d'Artagnan com ar pensativo, para cortar a conversação.

— Enfim! — repetiu o capitão dos galgos reaproximando-se — eis o Sr. Fouquet em Pignerol, e bem o mereceu; teve a sorte de ser conduzido por vós; já roubara que farte o rei.

D'Artagnan dirigiu-lhe um de seus maus olhares e disse-lhe:

— Senhor, se me viessem dizer que comestes as códeas de pão dos vossos galgos, eu não só não acreditaria, mas também, se por isso fôsseis condenado à prisão, teria pena de vós e não permitiria que vos detratassem. Entretanto, senhor, por mais honrado que sejais, garanto que o não sois mais do que era o pobre Sr. Fouquet.

Depois de ter ouvido a valente reprimenda, o capitão dos galgos de Sua Majestade abaixou o nariz e cedeu o lugar ao falcoeiro ao pé de d'Artagnan.

— Ele está contente — disse o outro em voz baixa ao capitão: — bem se vê que os galgos estão na moda; se fosse falcoeiro, não falaria desse jeito.

D'Artagnan sorriu melancolicamente ao ver essa grande questão política resolvida pelo descontentamento de um interesse tão humilde; pensou ainda na bela existência do superintendente, no esboroamento da sua fortuna, na morte lúgubre que o esperava, e, para concluir:

— O Sr. Fouquet — perguntou — gostava de pássaros?

— Oh! senhor, apaixonadamente — tornou o falcoeiro num suspiro amargo, que foi a oração fúnebre de Fouquet.

D'Artagnan deixou passar o mau humor de um e a tristeza do outro, e continuou a adiantar-se pela planície fora.

Viam-se ao longe os caçadores despontando nas saídas dos bosques, os penachos das amazonas passando como estrelas cadentes nas clareiras, e os cavalos brancos cortando com suas luminosas aparições os sombrios recantos das matas.

— Mas — tornou d'Artagnan — dar-nos-eis uma caçada muito longa? Eu vos pediria que nos entregásseis o pássaro logo, pois estou cansadíssimo. Será uma garça ou um cisne?

— Os dois, Sr. d'Artagnan — retrucou o falcoeiro; — mas não vos inquieteis, o rei não entende do assunto: ele não caça por prazer; quer apenas divertir as damas.

As palavras *as damas* foram acentuadas de tal sorte que despertaram a atenção de d'Artagnan.

— Ah! — disse ele, considerando o falcoeiro com ar surpreso. O capitão dos galgos sorria, sem dúvida para voltar às boas com o capitão.

— Oh! ride — acudiu d'Artagnan; — já não sei de novidade alguma; cheguei ontem, após um mês de ausência. Deixei a corte enlutada ainda pela morte da rainha-mãe. O rei não queria mais distrair-se depois de haver recolhido o último suspiro de Ana d'Áustria. Mas tudo acaba neste mundo. Se ele já não está triste, melhor!

— E tudo começa assim — disse o capitão dos galgos com um riso grosseiro.

— Ah! — exclamou pela segunda vez d'Artagnan, que ardia por saber, mas cuja dignidade lhe tolhia interrogar um inferior; — segundo parece, há qualquer coisa que está começando?

O capitão piscou significativamente. Mas d'Artagnan não queria saber daquele homem.

— Ver-se-á o rei cedo? — perguntou ao falcoeiro.

— Mandarei soltar os pássaros às sete horas.

— Quem vem com o rei? Como vai Madame? Como vai a rainha?

— Melhor.

— Ela esteve doente?

— Depois do último desgosto, senhor, Sua Majestade adoeceu.

— Que desgosto? Não receeis informar-me. Estou chegando de viagem.

— Parece que a rainha, um tanto descurada depois que. lhe morreu a sogra, queixou-se ao rei, que lhe teria respondido: "Não me deito convosco todas as noites, senhora? Que mais desejais?”

— Ah! — exclamou d’Artagnan — pobre senhora! Ela deve abominar a Srta. de La Vallière.

— Não é a Srta. de La Vallière — respondeu o falcoeiro.

— Quem é, então?

O som da trompa interrompeu o diálogo, chamando os cães e os pássaros. O falcoeiro e o capitão dos galgos saíram disparados e deixaram d’Artagnan no meio da explicação.

O rei surgia ao longe rodeado de damas e cavaleiros.

O grupo adiantava-se a passo, em boa ordem, enquanto as trompas e buzinas animavam os cães e os cavalos.

Era um movimento, um ruído, verdadeira miragem de luz de que hoje nada mais dará idéia, senão a mentirosa opulência e a fingida majestade nas peças de teatro.

Com a vista o seu tanto cansada, distinguiu d’Artagnan atrás do grupo três carros; o primeiro destinava-se à rainha. Vinha vazio.

Não vendo a Srta. de La Vallière ao lado do rei, procurou-a e bispou-a no segundo carro.

Estava sozinha com duas mulheres, que pareciam entediar-se como a própria ama.

À esquerda do rei, num cavalo fogoso, dominado por mão hábil, esplandecia uma mulher lindíssima.

O rei sorria para ela, e ela sorria para o rei.

Todos rompiam em gargalhadas quando ela falava.

"Conheço essa mulher", pensou o mosqueteiro; "quem será?”

E inclinou-se para o amigo falcoeiro, a quem dirigiu a pergunta.

Este já ia responder, quando o rei, avistando d’Artagnan:

— Ah! conde! — disse ele — estais de volta. Por que só vos vejo agora?

— Porque Vossa Majestade, que estava dormindo quando cheguei — respondeu o capitão — ainda não acordara quando entrei em serviço hoje cedo.

— Sempre o mesmo — disse em voz alta Luís, satisfeito. — Descansai, conde, eu o ordeno. Jantareis comigo hoje.

Um murmúrio de admiração envolveu d’Artagnan como uma carícia. Todos procuraram aproximar-se dele. Jantar com o rei era uma honra que Sua Majestade não prodigalizava como Henrique IV. O soberano deu alguns passos para a frente, e d’Artagnan sentiu-se detido por outro grupo, no meio do qual brilhava Colbert.

— Bom dia, Sr. d'Artagnan — disse-lhe o ministro com afável polidez; — fizestes boa viagem?

— Sim, senhor — respondeu d'Artagnan, inclinando-se sobre o pescoço do cavalo.

— Ouvi el-rei convidar-vos para jantar esta tarde — continuou o ministro; — à mesa encontrareis um velho amigo vosso.

— Um velho amigo meu? — perguntou d'Artagnan mergulhando com pesar nas vagas sombrias do passado, que haviam engolido para ele tantas amizades e tantos ódios.

— O Sr. Duque d'Alameda, que chegou hoje cedo da Espanha — tornou Colbert.

— O Duque d'Alamêda? — repetiu d'Artagnan, sem compreender.

— Eu! — acudiu um velho branco como a neve, engelhado no interior do carro, que mandara abrir para abraçar o mosqueteiro.

— Aramis! — gritou d'Artagnan, estuporado.

E não fez um movimento quando o braço emagrecido do velho fidalgo lhe enlaçou, trêmulo, o

pescoço.

Depois de haver observado por um instante em silêncio, Colbert esporeou o cavalo e deixou os dois amigos.

— Com que, então — disse o mosqueteiro travando do braço de Aramis — tu, o exilado, o rebelde, estás em França?

— E jantarei em tua companhia com el-rei — tornou, sorrindo, o Bispo de Vannes. — Sim, não é isso? Perguntas a ti mesmo de que serve neste mundo a fidelidade. Deixemos passar a sege daquela pobre La Vallière. Vê como está inquieta! como os seus olhos embaciados pelas lágrimas acompanham o rei, que corre, lá adiante, a cavalo!

— Com quem?

— Com a Srta. de Tonnay-Charente, convertida hoje na Sra. de Montespan — respondeu Aramis.

— Ela está com ciúmes; quer dizer que foi enganada?

— Ainda não, d'Artagnan, mas essa hora não tardará.

E continuaram a conversar ao mesmo tempo que acompanhavam a caçada, conduzidos com tamanha habilidade pelo cocheiro de Aramis, que chegaram no momento em que o falcão, dando sobre o pássaro, o obrigava a abater-se e caía em cima dele.

O rei apeou, a Sra. de Montespan imitou-o.

Haviam chegado diante de uma capela solitária, escondida entre árvores grandes, que os primeiros ventos de outono já principiavam a despir. Ao pé da capela havia um adro fechado por uma porta de caniços.

O falcão obrigara a presa a cair no adro, e o rei quis entrar para arrancar-lhe a primeira pena, consoante o costume.

Os outros se detiveram à altura das árvores e das sebes, pois o recinto era pequeno demais para receber tanta gente.

D'Artagnan reteve Aramis, que também queria descer, e, com voz breve:

— Sabes, Aramis — perguntou — aonde nos conduziu o acaso?

— Não — redarguiu o duque.

— Aqui repousam pessoas que conheci — disse d’Artagnan comovido por uma triste lembrança.

Sem nada adivinhar e com passo trêmulo, penetrou Aramis na capela por uma portazinha que lhe abriu d'Artagnan.

— Onde estão sepultadas? — indagou.

— Lá, no adro. Há uma cruz, estás vendo? debaixo daquele ciprestezinho, plantado sobre o túmulo delas; não vás; el-rei dirige-se para lá, pois foi onde caiu a garça real.

Aramis se deteve e escondeu-se na sombra. E viram ambos, sem ser vistos, a pálida figura de La Vallière, esquecida no carro, que assomara, a princípio, melancolicamente, à portinhola; logo, arrebatada pelo ciúme, entrara na capela, onde, encostada a um pilar, contemplava no adro el-rei, sorridente, fazendo sinal à Sra. de Montespan que se aproximasse e não tivesse medo.

A Sra. de Montespan adiantou-se; aceitou a mão que lhe ofereceu o monarca, e este, arrancando a primeira pluma da garça que o falcão acabara de esganar, colocou-a no chapéu da formosa companheira.

E ela, sorrindo por seu turno, beijou ternamente a mão que lhe dera o presente.

O soberano corou de prazer; olhou para a Sra. de Montespan com o fogo do desejo e do amor.

— Que me dareis em troca? — perguntou.

Ela partiu um raminho do cipreste e ofereceu-o ao rei, embriagado de esperança.

— O presente é triste — observou baixinho Aramis a d’Artagnan — pois o cipreste sombreja um

túmulo.

— Sim, e o túmulo é o de Raul de Bragelonne — disse d'Artagnan em voz alta; — de Raul, que dorme debaixo dessa cruz, ao lado de Athos, seu pai.

Ouviu-se um gemido atrás deles. Voltaram-se e viram uma mulher cair, desfalecida. A Srta. de La Vallière vira e ouvira tudo.

— Pobre mulher! — murmurou d'Artagnan, que ajudou as criadas a transportá-la para o carro — agora, toca-lhe sofrer.

À tarde, com efeito, sentou-se d'Artagnan à mesa do rei ao pé do Sr. Colbert e do Sr. Duque d'Alamêda.

O rei estava alegre. Dirigiu mil amabilidades à rainha e outras tantas a Madame, sentada à sua esquerda e muito triste. Dir-se-ia até que ainda corressem os tempos calmos, em que o príncipe buscava nos olhos maternos a aprovação ou desaprovação do que acabara de dizer.

De amores, no jantar, não se tratou. El-rei dirigiu duas ou três vezes a palavra a Aramis, chamando-lhe senhor embaixador, o que aumentou a surpresa de d'Artagnan ao ver o amigo rebelde tão bem tratado na corte.

Levantando-se da mesa, o rei ofereceu a mão à rainha, e fez sinal a Colbert, cujos olhos espiavam os olhos do amo.

Colbert afastou-se em companhia de d'Artagnan e de Aramis. O rei entrou a conversar com a irmã, ao passo que Monsieur, inquieto, conversava com a rainha, vigiando com o rabo dos olhos a esposa e o irmão.

A conversação entre Aramis, d'Artagnan e Colbert versou assuntos indiferentes. Falaram dos ministros precedentes. Colbert discorreu sobre Mazarino e pediu que os outros discorressem sobre Richelieu.

D'Artagnan pasmava de ver aquele homem de sobrancelhas espessas e testa curta encerrar tanta boa ciência e tanto bom humor. Aramis admirava-se da ligeireza de espírito que permitia a um homem grave retardar com vantagem o momento de uma conversação mais séria, a que ninguém aludia, embora os três interlocutores lhe sentissem a iminência.

Via-se, pelas expressões de enleio de Monsieur, o quanto o incomodava a conversação entre o rei e Madame. Madame tinha os olhos quase vermelhos; iria, acaso, queixar-se? Faria, porventura, um escandalozinho em pleno paço?

O rei apartou-se com ela e, em tom brando, que deve ter recordado à princesa os dias em que era amada:

— Minha irmã — perguntou — por que choraram estes belos olhos?

— Mas, Sire... — disse ela.

— Monsieur está enciumado, não é isso?

Ela olhou de soslaio para Monsieur, sinal infalível para avisar o príncipe de que se ocupavam dele.

— Sim... — disse ela.

— Ouvi-me — tornou o rei: — se os vossos amigos vos comprometem, a culpa não é de Monsieur.

Ele pronunciou essas palavras com tanta doçura, que Madame, animada, embora acumulasse desgostos havia tanto tempo, quase rompeu em soluços, de tal modo se lhe partia o coração.

— Vejamos, vejamos, minha querida irmã — volveu o rei — contai-nos essas tristezas; palavra de irmão! compartilho delas; palavra de rei! saberei pôr-lhes fim.

Ela reergueu os formosos olhos; e, com melancolia:

— Não são os amigos que me comprometem, pois estão ausentes ou escondidos; tanto fizeram os

outros, que eles, tão dedicados, tão bons tão leais, caíram no desagrado de Vossa Majestade.
— Dizei-lo por causa de Guiché, que exilei a pedido de Monsieur?
— E que procura, depois do exílio injusto, fazer-se matar uma vez por dia!
— Injusto, minha irmã?
— Tão injusto que, se Vossa Majestade não me merecesse o respeito e a amizade que sempre lhe consagrei...
— Sim?...
— Eu teria pedido a meu irmão Carlos, junto de quem tudo posso...
O rei estremeceu.
— O quê?
— Representasse a Vossa Majestade que Monsieur e seu favorito, o Sr. Cavaleiro de Lorena, não devem constituir-se algozes de minha honra e de minha felicidade.
— O Cavaleiro de Lorena — tornou o rei — aquela sinistra figura?
— É meu inimigo mortal. Enquanto esse homem viver em minha casa, onde Monsieur o retém e lhe dá plenos poderes, serei a última mulher deste reino.
— Portanto — disse o rei com lentidão — entendeis que vosso irmão de Inglaterra é melhor amigo do que eu?
— Os atos aí estão, Sire.
— E preferis pedir socorro a...
— Ao meu país! — atalhou ela com altivez; — prefiro, Sire.
— Sois neta de Henrique IV como eu, minha amiga. Os títulos de primo e cunhado não equivalem, acaso, ao título de irmão? — tornou o rei.
— Faça então alguma coisa, Sire.
— Façamos uma aliança.
— Comece Vossa Majestade.
— Dissestes que exilei injustamente Guiché?
— Oh! sim — confirmou ela, purpureando-se.
— Guiché voltará.
— Bem.
— E, agora, dizeis que procedo mal deixando em vossa casa o Cavaleiro de Lorena, que dá maus conselhos a Monsieur contra vós?
— Guarde bem Vossa Majestade o que vou dizer-lhe: o Cavaleiro de Lorena, um dia... Ouça, se eu vier a acabar mal, lembre-se de que, desde já, acuso o Cavaleiro de Lorena... é uma alma capaz de todos os crimes!
— O Cavaleiro de Lorena não tornará a incomodar-vos; prometo-o.
— Nesse caso, será um verdadeiro princípio de aliança, Sire; assino-o... Mas desde que Vossa Majestade faz a sua parte, qual será a minha?
— Em lugar de indispor-me com vosso irmão Carlos, melhor seria que nos fizésseis amigos mais íntimos do que nunca.
— É fácil.
— Nem tanto assim; pois, numa amizade comum, a gente se abraça e obsequeia, e isso custa apenas um abraço e uma recepção, que não custam muito; mas, numa amizade política...
— Ah! é política a amizade?
— É, minha irmã, e, nessas condições, em vez de rapapés e rega-bofes, são soldados vivos e equipados que o amigo serve ao amigo; são navios que lhe oferece, armados de canhões e

abastecidos de víveres. Daí resulta que nem sempre temos os cofres dispostos a travar amizades assim.

— Tem razão Vossa Majestade — acudiu Madame... — Os cofres do rei de Inglaterra andam meio sonoros há já algum tempo.

— Mas vós, minha irmã, que tendes tamanha influência sobre vosso irmão, obtereis talvez o que jamais obterá um embaixador.

— Seria mister que eu fosse a Londres, meu caro irmão.

— Eu já havia pensado nisso — tornou rapidamente o rei — e disse entre mim que uma viagem dessas vos proporcionaria alguma distração.

— Entretanto — interrompeu Madame — é possível que eu seja mal sucedida. O rei de Inglaterra tem conselheiros perigosos.

— Conselheiras, é o que quereis dizer.

— Precisamente. Se, porventura, Vossa Majestade tencionasse (trata-se apenas de uma hipótese) pedir a aliança de Carlos II para uma guerra...

— Para uma guerra?

— Sim. Nesse caso, as conselheiras do rei, que são em número de sete, a Srta. Stewart, a Srta. Wells, a Srta. Gwyn, a Srta. Orchay, a Srta. Zunga, a Srta. Daws e a Condessa de Castelmaine, provarão ao rei que a guerra custa muito dinheiro e será preferível dar bailes e jantares em Hampton-Court a esquipar vasos de guerra em Portsmouth ou Greenwich.

— E, nesse caso, a negociação poderá malograr-se?

— Essas senhoras fazem malograr todas as negociações feitas à sua revelia.

— Sabeis a idéia que tive, minha irmã?

— Não. Diga-a, Sire.

— Se procurásseis bem à vossa roda, encontraríeis talvez uma nova conselheira que poderíeis levar ao rei e cuja eloqüência paralisasse a má vontade das outras sete.

— É, com efeito, uma idéia, Sire, e eu vou procurar.

— Encontrá-la-eis.

— Espero que sim.

— Deve de ser bonita: mais vale um rosto agradável que um rosto disforme, não é verdade?

— Sem dúvida nenhuma.

— Um espírito vivo, jovial, audaz?

— Exatamente.

— Que pertença à nobreza... o suficiente para aproximar-se do rei sem acanhamento; e, ao mesmo tempo, tão pouco nobre que a dignidade da raça não lhe estorve os passos.

— Muito justo.

— E... que saiba um pouquinho de inglês.

— Santo Deus! alguém como a Srta. de Kéroualle, por exemplo — exclamou vivamente Madame.

— Precisamente! — conveio Luís XIV — encontrastes... encontrastes, minha irmã.

— Levá-la-ei comigo. E suponho que ela não terá razões de queixa.

— Está visto que não! Nomeio-a sedutora plenipotenciária primeiro e lhe ajuntarei arras ao título.

— Bem.

— Já vos vejo a caminho, querida irmãzinha, e consolada de todas as penas.

— Partirei com duas condições. Primeiro, saber o que vou negociar.

— O caso é este: os holandeses me insultam todos os dias através de suas gazetas e por sua atitude republicana. Não gosto de repúblicas.

— Isso concebe-se, Majestade.

— Vejo com pesar que esses reis do mar, como se apelidam, entravam o comércio da França nas índias e que os seus navios não tardarão a ocupar todos os portos da Europa; ora, essa força está muito próxima de mim, minha irmã.

— Contudo, são aliados de Vossa Majestade?

— E por isso mesmo fazem mal cunhando a medalha que sabeis, que representa a Holanda detendo o sol, como Josué, com esta legenda: *O sol parou diante de mim.* É pouco fraternal, não é?

— Eu cria que Vossa Majestade houvesse esquecido essa miséria.

— Não esqueço nada, minha irmã. E se os meus verdadeiros amigos, como vosso irmão Carlos, quiserem secundar-me...

A princesa quedou pensativa.

— Ouvi: o império dos mares terá de ser partilhado — continuou Luís XIV. — E nessa partilha imposta à Inglaterra, não seria eu tão bom sócio quanto os holandeses?

— Temos a Srta. de Kérouallе para tratar desse assunto — redarguiu Madame.

— E a vossa segunda condição para partir, minha irmã?

— O consentimento de Monsieur, meu marido.

— Tê-lo-eis.

— Nesse caso, já me embarquei, meu irmão.

Ouvindo essas palavras, voltou-se Luís XIV para o canto da sala em que se achavam Colbert e Aramis com d'Artagnan, e dirigiu ao ministro um sinal afirmativo.

Colbert interrompeu a conversação no ponto em que se encontrava e propôs a Aramis:

— Falemos de negócios, senhor embaixador?

D'Artagnan afastou-se, discretamente.

Endereçou-se à lareira, a uma distância em que pudesse ouvir o que o rei ia dizer a Monsieur, o qual, muito inquieto, se aproximava do irmão.

O rosto do monarca estava animado. Lia-se-lhe na fronte uma vontade cuja expressão formidável já não era contraditada em França e, pouco depois, não o seria na Europa também.

— Senhor — disse o rei ao irmão — não estou satisfeito com o Sr. Cavaleiro de Lorena. Vós, que lhe fazeis a honra de protegê-lo, aconselhai-o a viajar por alguns meses.

Caíram essas palavras com o estrépito de uma avalancha sobre Monsieur, que adorava o favorito e concentrava nele todas as ternuras.

Exclamou:

— Em que terá podido o cavaleiro desagradar a Vossa Majestade?

E dirigiu um olhar furioso a Madame.

— Eu vo-lo direi quando ele tiver partido — replicou o rei impassível. — E quando Madame, que aí está, houver embarcado para a Inglaterra.

— Madame na Inglaterra! — murmurou Monsieur, boquiaberto.

— Dentro em oito dias, meu irmão — continuou o rei — ao passo que nós dois iremos aonde eu vos disser.

E girou sobre os calcanhares, depois de haver sorrido para o irmão a fim de adoçar o amargor das duas notícias.

Durante esse tempo, o Sr. Colbert continuava conversando com o Sr. Duque d'Alamêda.

— Senhor — disse Colbert a Aramis — é chegado o momento de entendermo-nos. Congracei-vos com o rei, e bem o devia a um homem com os vossos méritos; mas, como por vezes me oferecestes amizade, enseja-se agora ocasião para prová-la. Sois, de resto, mais francês que espanhol. Teremos,

respondei-mo francamente, a neutralidade da Espanha se movermos guerra às Províncias Unidas?

— Senhor — replicou Aramis — o interesse da Espanha é claríssimo. A nossa política consiste em malquistar com a Europa as Províncias Unidas, contra as quais subsiste o ódio da sua liberdade conquistada; mas o rei de França é aliado das Províncias Unidas. Além disso, não ignorais o que seria uma guerra marítima, e creio que a França não está em condições de realizá-la vantajosamente.

Voltando-se nesse momento, Colbert viu d'Artagnan à procura de um interlocutor enquanto el-rei conversava em particular com Monsieur.

Chamou-o.

E, baixinho, a Aramis:

— Podemos conversar com o Sr. D'Artagnan — disse ele.

— Sem dúvida — respondeu o embaixador.

— Estávamos dizendo, o Sr. D'Alamêda e eu — explicou Colbert — que a guerra com as Províncias Unidas seria uma guerra marítima.

— É evidente — replicou o mosqueteiro.

— E que pensais dela, Sr. D'Artagnan?

— Penso que, para mover essa guerra marítima, precisaríamos de um grande exército de terra.

— Como? — acudiu Colbert, que supunha ter ouvido mal.

— Por que um exército de terra? — sobreveio Aramis.

— Porque o rei será vencido no mar se não tiver os ingleses a seu lado, e, vencido no mar, será logo invadido pelos holandeses através dos portos ou pelos espanhóis por terra.

— O espanhol neutro? — atalhou Aramis.

— Neutro enquanto o rei estiver vencendo — retrucou d'Artagnan.

Colbert admirou-lhe a sagacidade, que nunca tocava uma questão sem a iluminar completamente.

Aramis sorriu. Sabia perfeitamente que, em questões diplomáticas, d'Artagnan não conhecia rivais.

Como todos os homens orgulhosos, Colbert acariciava a sua fantasia com certeza do triunfo; e retomou a palavra:

— Quem vos diz, Sr. D'Artagnan, que o rei não tem marinha?

— Nunca me preocupei com esses pormenores — redarguiu o capitão. — Sou marinheiro de água doce. Como todas as pessoas nervosas, abomino o mar; entretanto, imaginei que, tendo navios, e sendo a França um porto de mar com duzentas cabeças, sempre teríamos marujos.

Colbert tirou do bolso um caderninho oblongo, dividido em duas colunas. Na primeira, liam-se nomes de navios; na segunda, os algarismos indicavam o número de canhões e de homens que os equipavam.

— Imaginei a mesma coisa — disse a d'Artagnan — e mandei fazer um inventário dos nossos vasos de guerra. São trinta e cinco.

— Trinta e cinco vasos de guerra! Impossível! — exclamou d'Artagnan.

— E cerca de duas mil peças de artilharia — prosseguiu Colbert. — É o que o rei possui neste momento. Com trinta e cinco navios fazem-se três esquadras; mas eu quero cinco.

— Cinco! — tornou Aramis.

— Estarão flutuando antes do fim do ano, senhores; o rei terá cinqüenta barcos de guerra.

Com isso já se pode lutar, não é verdade?

— Construir navios — sobreveio d'Artagnan — é difícil, mas é possível. O problema é armá-los. Em França não há fundições nem estaleiros militares.

— Ora! — retrucou Colbert com ar jubiloso — faz um ano e meio que instalei tudo isso. Não o

sabíeis? Não conheceis o Sr. d'Infreville?

— D'Infreville? — repetiu d'Artagnan; — não.

— É um homem que descobri. Tem uma especialidade: sabe fazer trabalhar os operários. Foi ele quem, em Toulon, mandou fundir canhões e cortar madeiras da Borgonha. E, além disso, embora talvez não acrediteis no que vou dizer-vos, senhor embaixador, tive outra idéia.

— Oh! senhor — replicou Aramis polidamente — sempre acredito em vós.

— Imaginai que, pensando no caráter dos holandeses, nossos aliados, eu disse a mim mesmo: eles são negociantes, andam amigos do rei, gostarão de vender a Sua Majestade o que fabricam para si mesmos. Portanto, quanto mais se compra... Ah! preciso ainda acrescentar o seguinte: tenho Forant... Conheceis Forant, d'Artagnan?

Colbert descomedia-se. Chamava ao capitão d'Artagnan apenas, como rei. Mas o capitão sorriu.

— Não — replicou — não o conheço.

— É outro homem que descobri, uma especialidade para comprar. Esse Forant me *comprou* 350.000 libras de ferro em balas, 200.000 libras de pólvora, doze carregamentos de madeira do Norte, mechas, granadas, breu, alcatrão, que sei eu? com uma economia de sete por cento sobre o que me custariam todas essas coisas fabricadas em França.

— É uma idéia — respondeu d'Artagnan — mandar fundir balas holandesas que voltarão para os holandeses.

— Não é? Com prejuízo.

E Colbert casquinou a sua risada seca. Estava encantado com o próprio chiste.

— De mais a mais — acrescentou — esses mesmos holandeses estão fazendo para o rei, neste momento, seis navios iguaizinhos aos melhores da sua marinha. Destouches... Ah! não conheceis Destouches, talvez?

— Não, senhor.

— É um homem que tem um golpe de vista tão seguro que, ao flutuar pela primeira vez uma embarcação, sabe precisar-lhe todos os defeitos e qualidades. É uma preciosidade! A natureza é, realmente, estranha. Pois bem, esse Destouches pareceu-me ser útil num porto, e está vigiando a construção de seis barcos de 78 que as Províncias mandaram construir para Sua Majestade. De tudo isso resulta, meu caro Sr. d'Artagnan, que o rei, se quisesse brigar com as Províncias, teria uma linda frotazinha. Ora, sabeis melhor do que ninguém se é bom ou não o exército de terra.

D'Artagnan e Aramis entreolharam-se, admirando o misterioso trabalho que aquele homem realizara em poucos anos.

Colbert compreendeu-os e sentiu-se tocado pela lisonja, a melhor de todas.

— Se o não sabíamos em França — disse d'Artagnan — hão de sabê-lo muito menos no exterior.

— Eis porque estava dizendo ao senhor embaixador — continuou Colbert — que, se a Espanha nos prometer neutralidade e a Inglaterra nos ajudar...

— Se a Inglaterra vos ajudar — atalhou Aramis — responderei pela neutralidade espanhola.

— Apertai esta mão — apressou-se a dizer Colbert, com a sua brusca bonomia. — E, a propósito da Espanha, não tendes aí o Tosão de Ouro, Sr. D'Alamêda. Ouvi dizer ao rei outro dia que gostaria de ver-vos condecorado com o grande cordão de São Miguel.

Inclinou-se Aramis.

— Oh! — pensou d'Artagnan — e Porthos que já não está aqui! Quantos metros de fitas para ele no meio de tantas liberalidades! Bom Porthos!

— Sr. D'Artagnan — tornou Colbert — agora nós.

Aposto que gostaríeis de levar os mosqueteiros à Holanda. Sabeis nadar?

E pôs-se a rir como um homem no auge do bom humor.

— Como uma enguia — replicou d'Artagnan.

— Haverá por lá duríssimas travessias de canais e pauis, Sr. D'Artagnan, onde se afogam os melhores nadadores.

— É meu ofício — respondeu o mosqueteiro — morrer por Sua Majestade. Entretanto, como é raro na guerra encontrar-se muita água sem algum fogo, declaro desde já que farei o possível para escolher o fogo. Estou ficando velho, a água gela-me; e o fogo esquenta, Sr. Colbert.

E foi tão belo o vigor e tamanha a juvenil altivez de d'Artagnan ao pronunciar essas palavras, que Colbert, por seu turno, não pôde menos de admirá-lo.

D'Artagnan percebeu o efeito que produzira.

Lembrou-se de que bom mercador é aquele que sabe apreçar a sua mercadoria quando tem valor. Preparou, portanto, de antemão o seu preço.

— Portanto — disse Colbert — vamos à Holanda?

— Vamos — respondeu d'Artagnan; — só que...

— Só quê?... — repetiu Colbert.

— Só que — repetiu d'Artagnan — há em tudo a questão do interesse e a questão do amor-próprio. São muito bons os subsídios de um capitão de mosqueteiros; mas, observai o seguinte: temos agora os guardas do rei e a casa militar do rei. Um capitão de mosqueteiros ou deve comandar tudo isso, e nesse caso absorveria cem mil libras anuais em verbas de representação e de mesa...

— Suponhamos que, por acaso, o rei chegue a um acordo convosco? — disse Colbert.

— Oh! senhor, não me compreendestes — volveu d'Artagnan, certo de haver decidido a questão do interesse: — eu vos dizia que, velho capitão, antigo chefe da guarda do rei, embora tenha precedência sobre os marechais de França, já me vi, um dia, numa trincheira, no mesmo pé de igualdade com o capitão dos guardas e o coronel dos suíços. Ora, eu não admitiria por nada deste mundo que isso se repetisse. Tenho velhos hábitos e faço timbre em conservá-los.

Colbert sentiu o golpe. Aliás, já estava preparado.

— Pensei no que me dizíeis há pouco — respondeu.

— O que, senhor?

— Falávamos dos canais e dos brejos em que os nadadores se afogam.

— E então?

— Se se afogam, é porque não têm um barco, uma prancha, um bastão.

— Um bastão, ainda que curtinho — disse d'Artagnan.

— Precisamente — tornou Colbert. — Por isso mesmo não sei de nenhum marechal de França que se tenha afogado.

D'Artagnan empalideceu de alegria, e, com voz insegura:

— Os meus conterrâneos se orgulhariam muitíssimo de mim — disse ele — se eu fosse marechal de França; mas é preciso ter tido o comando geral de uma expedição para conseguir o bastão.

— Senhor — tornou Colbert — eis aqui, neste canhenho, que examinareis, um plano de campanha para executardes com as tropas que o rei colocará sob as vossas ordens, na primavera que vem.

D'Artagnan pegou no livro a tremer, e, como os seus dedos encontrassem os de Colbert, o ministro apertou lealmente a mão do mosqueteiro.

— Senhor — disse ele — tínhamos ambos uma desforra que tirar um do outro. Eu comecei; é a vossa vez.

— Dou-vos todas as satisfações, senhor — respondeu d'Artagnan; — e dizei ao rei, por favor, que a primeira ocasião que aparecer valerá por uma vitória ou será a minha morte.

— Mandarei bordar desde já — disse Colbert — as flores-de-lis de ouro do vosso bastão de marechal.

No dia seguinte, Aramis, que partia para Madri a fim de negociar a neutralidade da Espanha, foi abraçar d'Artagnan.

— Amemo-nos por quatro — disse d'Artagnan — somos apenas dois.

— E talvez não me tornes a ver, meu caro d'Artagnan — disse Aramis; — se soubesses como fui teu amigo! Estou velho, estou apagado, estou morto.

— Meu caro — volveu d'Artagnan — viverás mais do que eu, pois a diplomacia te ordena que vivas; mas, a mim, a honra condena-me à morte.

— Os homens como nós, senhor marechal — tornou Aramis — só morrem fartos de alegria e de glória.

— Ah! — replicou d'Artagnan com um triste sorriso — hoje em dia já não tenho apetite, senhor duque.

Tornaram a abraçar-se e, duas horas depois, estavam separados.

A morte do Sr. d'Artagnan

AO contrário do que sucede sempre, quer em política, quer em moral, todos cumpriram as suas promessas e honraram as suas palavras.

O rei chamou de volta o Sr. de Guiché e expulsou o Sr. Cavaleiro de Lorena; de tal modo que Monsieur ficou doente.

Madame partiu para Londres, onde tão bem se aplicou a fazer o irmão, Carlos II, provar os conselhos políticos da Srta. de Kéroualle, que a aliança entre França e Inglaterra foi assinada, e os navios ingleses, lastrados com alguns milhões de ouro francês, moveram terrível campanha às frotas das Províncias Unidas.

Carlos II prometera à Srta. de Kéroualle algum reconhecimento pelos seus bons conselhos: fê-la Duquesa de Portsmouth.

Colbert prometera ao rei navios, munições e vitórias. Cumpriu a promessa, como se sabe.

Enfim, Aramis, cujas promessas, dentre todas, eram as que menos fé mereciam, escreveu a Colbert a seguinte carta, sobre as negociações de que se encarregara em Madri:

> *"Sr. Colbert,*
> *"Tenho a honra de enviar-vos o Rev. Pe. d'O1iva, geral interino da Sociedade de Jesus, meu sucessor provisório.*
> *"O reverendo padre vos explicará, Sr. Colbert, que conservo a direção de todos os negócios da ordem que digam respeito à França e à Espanha; não quero, porém, conservar o título de geral, que lançaria demasiada luz sobre as negociações que Sua Majestade Católica houve por bem cometer-me. Reassumirei esse título por ordem de Sua Majestade quando os trabalhos que empreendi, concertado convosco, para a maior glória de Deus e de sua Igreja, chegarem a bom termo.*
> *"O Rev. Pe. d'Oliva dar-vos-á também notícia do consentimento de Sua Majestade Católica para a assinatura de um tratado que assegura a neutralidade da Espanha, no caso de uma guerra entre a França e as Províncias Unidas.*
> *"Esse consentimento seria válido até se a Inglaterra, em vez de participar ativamente da luta, se conservasse neutra.*
> *"Quanto a Portugal, de que falamos vós e eu, senhor, posso afiançar-vos que também contribuirá com todos os seus recursos para ajudar o rei cristianíssimo em sua guerra.*
> *"Rogo-vos, Sr. Colbert, me conserveis a vossa amizade, acrediteis em meu profundo afeto, e deponhais o meu respeito aos pés de Sua Majestade Cristianíssima.*
> *"(a) DUQUE D'ALAMEDA".*

Cumpria, portanto, Aramis mais do que prometera; só nos resta saber como o rei, o Sr. Colbert e o Sr. D'Artagnan seriam fiéis uns aos outros.

Na primavera, como prognosticara Colbert, entrou em campanha o exército de terra.

Precedia o exército, em magnífica ordem, a corte de Luís XIV, que, tendo partido a cavalo, cercado de carros cheios de damas e cortesãos, levava à festa sangrenta a nata do reino.

Os oficiais do exército não tiveram, é verdade, outra música senão a artilharia dos fortes holandeses; mas foi o bastante para muitos, que nessa guerra encontraram honras, promoção, fortuna

ou morte.

Comandando um corpo de doze mil homens, entre infantes e cavalarianos, com os quais recebeu ordens para tomar as diferentes praças, que constituem os nós da rede estratégica chamada Frísia, partiu o Sr. d'Artagnan.

Nunca exército algum foi conduzido mais galantemente a uma expedição. Sabiam os oficiais que o chefe, tão prudente e astuto quanto corajoso, não sacrificaria um homem nem uma polegada de terreno sem necessidade.

Tinha ele os velhos hábitos da guerra: viver no campo de batalha, manter o soldado cantando e o inimigo chorando.

O capitão dos mosqueteiros do rei timbrava em mostrar que conhecia o ofício. Nunca se viram ocasiões tão bem escolhidas, ataques de surpresa tão bem apoiados, nem erros do assediado tão bem aproveitados. O exército de d'Artagnan tomou doze praças pequenas num mês.

Já estava na décima terceira, e esta resistira *cinco* dias. D'Artagnan mandou abrir trincheiras como se a resistência pudesse prolongar-se indefinidamente.

Eram os sapadores, no exército daquele homem, um corpo cheio de emulação, idéias e desvelo, porque ele os tratava como a soldados, sabia glorificar-lhes a tarefa e só os deixava morrer quando não podia impedi-lo.

Por isso mesmo era muito de ver-se o encarniçamento com que se revolviam as terras pantanosas da Holanda. As turfeiras e a lama fundiam-se, no dizer dos soldados, como manteiga em vastas frigideiras.

O Sr. D'Artagnan expediu um correio ao rei para dar-lhe notícia dos últimos triunfos; o que redobrou o bom humor de Sua Majestade e as suas disposições para festejar as damas.

As vitórias do Sr. D'Artagnan davam tanta majestade ao príncipe, que a Sra. de Montespan só lhe chamava Luís, o Invencível.

Daí que a Srta. de La Vallière, que só lhe chamava Luís, o Vitorioso, perdesse muito do favor de Sua Majestade. De mais a mais, os olhos dela estavam freqüentemente vermelhos, e, para um invencível, nada é mais aborrecido que uma amante choramingas, quando tudo sorri à sua volta. O astro da Srta. de La Vallière afundava-se no horizonte entre nuvens e lágrimas.

Mas a alegria da Sra. de Montespan redobrava com o bom êxito do rei e consolava-o de qualquer outra desgraça. Era a d'Artagnan que o soberano devia tudo isso.

Sua Majestade quis reconhecer-lhe os serviços; escreveu ao Sr. Colbert:

> *"Sr. Colbert, temos que cumprir a promessa ao Sr. D'Artagnan, que cumpre as suas. Sabei que já é hora de executá-la. Todas as cartas de mercê nesse sentido vos serão entregues oportunamente.*
> *"Luís".*

Em razão disso, Colbert, que conservara ao pé de si o enviado de d'Artagnan, entregou a esse oficial uma carta dele, Colbert, para d'Artagnan, e um cofrezinho de ébano incrustado de ouro, que não era muito volumoso na aparência, mas que devia ser pesadíssimo, pois foi dada ao mensageiro uma guarda de cinco homens para o ajudar a carregá-lo.

Essa gente chegou diante da praça assediada por d'Artagnan ao raiar do dia, e apresentou-se no alojamento do general.

Foi-lhes respondido que o Sr. D'Artagnan, contrariado por um ataque realizado na véspera pelo governador da praça, homem dissimulado, e no qual o inimigo desmanchara as obras, matara setenta

e sete homens e começara a reparar uma brecha, acabava de sair com uma dezena de companhias de granadeiros para reiniciar os trabalhos.

O enviado do Sr. Colbert tinha ordem de procurar o Sr. D'Artagnan onde quer que se encontrasse, a qualquer hora do dia ou da noite.

Endereçou-se, portanto, às trincheiras, seguido da escolta, todos a cavalo.

Avistaram na planície descoberta o Sr. D'Artagnan com o chapéu agaloado de ouro, a bengala comprida e os grandes canhões dourados. Estava mastigando o bigode loiro e não fazia outra coisa senão sacudir, com a mão esquerda, o pó que lhe atiravam, ao passar, as balas que afundavam no solo.

No fogo terrível que enchia o ar de silvos, viam-se oficiais manejando a pá, soldados empurrando carrinhos de mão, e vastas faxinas, carregadas ou arrastadas por dez ou vinte homens, cobrindo a frente da trincheira, novamente aberta pelo esforço furioso do general que animava os soldados.

Em três horas, tudo fora restabelecido.

D'Artagnan já principiara a falar mais brandamente. Serenou de todo quando o capitão dos sapadores foi dizer-lhe, de chapéu na mão, que a trincheira estava em ordem.

Mal acabara de falar esse homem quando uma bala lhe cortou uma perna e ele caiu nos braços do comandante.

Este reergueu o soldado e, tranqüilamente, com toda a sorte de cuidados, desceu à trincheira, entre os aplausos frenéticos dos regimentos.

A partir de então, já não foi um ardor, senão um delírio; duas companhias saíram furtivamente e correram até aos postos avançados, que tomaram no primeiro ímpeto. Quando os outros, dificilmente contidos por d'Artagnan, os viram alojados nos bastiões, precipitaram-se também, e logo se atiraram à contra-escarpa, da qual dependia a salvação da praça.

D'Artagnan percebeu que só havia um meio de deter o exército: instalá-lo na praça; lançou quanta gente pôde contra as duas brechas que os assediados se empenhavam em reparar; o choque foi terrível. Dezoito companhias participaram do ataque, e d'Artagnan foi colocar-se com o resto a meia distância de um tiro do canhão da praça, a fim de sustentar o assalto em escalão.

Ouviam-se distintamente os gritos dos holandeses apunhalados sobre as suas peças pelos granadeiros de d'Artagnan; a luta se tornava ainda mais acirrada pelo desespero do governador, que defendia palmo a palmo a posição.

Para acabar com a história e fazer cessar o fogo que não cessava, enviou d'Artagnan nova coluna, que furou como verruma as portas ainda sólidas, e logo se viu nas muralhas, no meio do fogo, a corrida alucinada dos sitiados perseguidos pelos sitiantes.

Foi nesse momento que o general, respirando e cheio de alegria, ouviu, a seu lado, uma voz que lhe dizia:

— Senhor, por obséquio, da parte do Sr. Colbert.

Ele rompeu o lacre de uma carta redigida nestes termos:

"Sr. D'Artagnan, incumbiu-me el-rei de comunicar-vos que vos nomeou marechal de França, como prêmio aos vossos bons serviços e à honra que fazeis às suas armas.
"El-rei está entusiasmado, senhor, com as vossas conquistas; e ordena-vos, principalmente, que termineis o sítio encetado com felicidade para vós e bom sucesso para ele".

D'Artagnan estava em pé, o rosto esquentado, o olhar fuzilante. Ergueu os olhos para ver os progressos das tropas nos muros ainda envoltos em turbilhões vermelhos e negros.

— Terminei — disse ao mensageiro. — A cidade se renderá dentro de quinze minutos.

E prosseguiu na leitura.

"O cofrezinho, Sr. D'Artagnan, é um presente meu. Não vos enfadareis ao ver que, enquanto vós, guerreiros, puxais da espada para defender o rei, eu animo as artes pacificas a ornar-vos as recompensas dignas de vós.
"Recomendo-me à vossa amizade, senhor marechal, e rogo-vos acrediteis na sinceridade da minha.
"COLBERT."

Bêbedo de alegria, d'Artagnan fez sinal ao mensageiro, que se aproximou, com o cofre nas mãos. Mas no momento em que ia examiná-lo, forte explosão ribombou entre as fortificações e chamou-lhe a atenção para os lados da cidade.

— É estranho — disse d'Artagnan — que ainda não se veja o pavilhão do rei sobre os muros e não se ouça tocar à chamada.

Lançou trezentos homens descansados, conduzidos por um oficial cheio de ardor, e ordenou que abrissem nova brecha.

Depois, mais tranqüilo, voltou-se para o cofre que lhe estendia o enviado de Colbert. Era seu; ganhara-o.

Esticou o braço para abrir o cofre, quando uma bala, partida da cidade, veio arrebentá-lo entre os braços do oficial, atingiu d'Artagnan em pleno peito, e atirou-o sobre um monte de terra, ao passo que o bastão flor-de-lisado, escapando-se dos flancos mutilados da caixa, veio, rolando, colocar-se debaixo da mão inerte do marechal.

Un boulet le renversa sur le talus

D'Artagnan tentou reerguer-se. Imaginaram os circunstantes, a princípio, que ele caíra sem estar ferido. Mas um grito terrível partiu do grupo dos oficiais estarrecidos: o marechal estava coberto de sangue; a palidez da morte lhe subia lentamente ao rosto nobre.

Apoiado nos braços que, de todos os lados, se estendiam para recebê-lo, pôde voltar ainda uma vez os olhos para a praça, e distinguir a bandeira branca na crista do bastião principal; os seus ouvidos, já surdos aos ruídos da vida, perceberam fracamente o rufar dos tambores que anunciavam a vitória.

Então, apertando com a mão crispada o bastão bordado de flores-de-lis de ouro, abaixou para ele os olhos que já não tinham forças para mirar o céu, e caiu murmurando estas palavras estranhas, que pareceram aos soldados surpresos outras tantas palavras cabalísticas, palavras que haviam representado outrora tantas coisas sobre a terra, e que ninguém, exceto aquele moribundo, já compreendia:

— Athos, Porthos, até logo. Aramis, adeus para sempre! Dos quatro homens valentes cuja história contamos, só restava um corpo: Deus lhes retomara as almas.

FIM